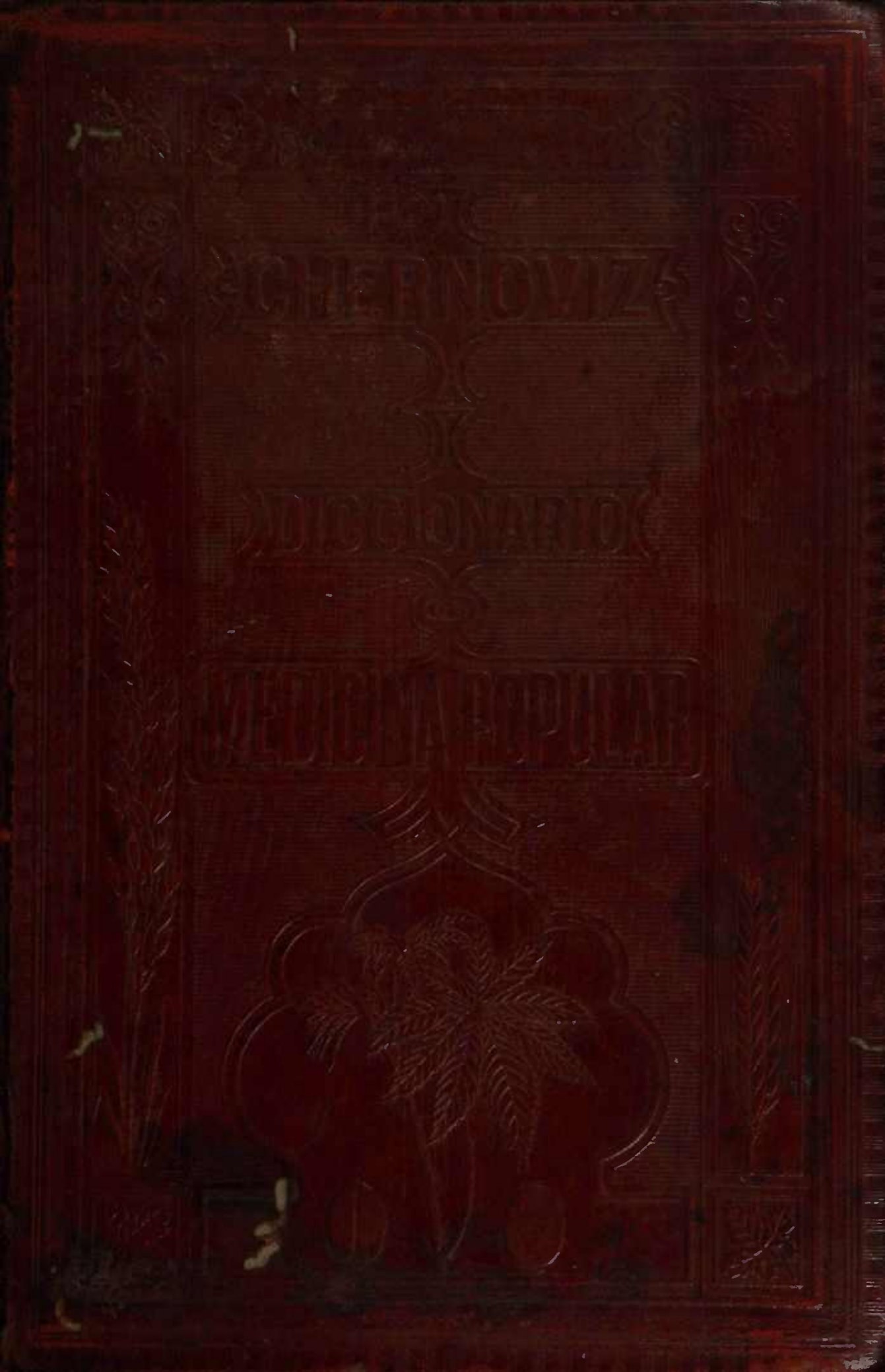


MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

DE PARIZ, LONDRES, PORTO, LYÃO, BORDÉOS, HÂVRE, BRUXELLAS E BARCELONA

Medalha de ouro na Exposição de Bruxellas. — Medalha de prata na Exposição universal de Barcelona. — Diploma de honra na Exposição de hygiene de Pariz

DIPLOMA DE MERITO EM VIENNA D'AUSTRIA

Menção honrosa na Escola de Pharmacia de Pariz

PASTILHAS de DETHAN

Chlorato de Potassa

Estas pastilhas são compostas de assucar aromatizado com balsamo de Tolu. Cada uma contem 20 centigrammas de chlorato de potassa.

Recommendadas contra as doenças da garganta, as inflammações agudas ou chronicas das amygdalas, as extincções da voz, as inflammações e as ulcerações da bocca, o máo halito, o escorbuto e tambem para evitar ou fazer parar os effeitos perniciosos do mercurio, sem interromper o tratamento de imperiosa utilidade.

Exigir no rolulo a firma Adh DETHAN

PASTILHAS E PÓS DE PATERSON

Sub-nitrato de Bismutho e Magnesia

Cada dóse de pó contem 50 centigrammas de sub-nitrato de bismutho e 50 centigrammas de magnesia.

As pastilhas contem cada uma 5 centigrammas de sub-nitrato de bismutho e 5 centigrammas de magnesia, aromatizados com hortelã, flores de laranjeira, limão, herva doce, rosa, balsamo de Tolu, baunilha, ou sem cheiro.

Recommendam-se os pós e as pastilhas de Paterson contra o **Fastio, Caimbras** e **Peso do Estomago, Azias, Arrotos, Dyspepsias, Biles, Flatulencias, Enxaquecas** e **Vomitos nervosos.**

Exigir no rotulo a firma J. FAYARD

VINHO de BELLINI

Este vinho fortificante e restaurador cura a **Anemia,** a **Chlorose,** a **Nevrose,** a **Amennorrhea,** as **Febres intermittentes,** as **Diarrheas chronicas,** e as **Affecções escrophulosas.** Convem especialmente para as **Senhoras fracas,** as **Crianças,** e as **Pessoas debilitadas** pela **Idade, por doenças** ou **Excessos.**

Exigir no rotulo a firma J. FAYARD

PYROPHOSPHATO DE FERRO CITRO-AMMONIACAL

De ROBIQUET

PILULAS, GRAGEIAS, SOLUÇÃO, XAROPE e **VINHO,** segundo o gosto do doente.

Estes preparados são recommendados contra a **Anemia,** a **Chlorose,** o **Lymphatismo,** o **Rachitismo,** a **Escrophula,** os **Engurgitamentos glandulosos,** os **Fluxos.**

Exigir no rotulo a firma de E. ROBIQUET

OLEO DE FIGADO DE BACALHAO DE BALS

Oleo extrahido dos figados frescos de bacalhão.

Muito recommendado contra a **Chlorose,** o **Engurgitamento das glandulas,** a **Escrophula,** o **Lymphatismo,** as **Molestias dos ossos,** a **Tuberculose,** os **Dartros,** as **Affecções cutaneas da infancia** e na **Convalescencia.**

OLEO NUTRIMENTIVO DETHAN

Oleo extrahido dos ossos de boi, preparado por Dethan, pharmaceutico de 1ª classe de Pariz.

Alimento de 1ª ordem, de facil digestão empregado nos mesmos casos que o oleo de figado de bacalhão, e preparado para substituil-o quando os doentes sentem repugnancia em tomar este oleo ou que o estomago não o póde digerir.

DENTIFRICIOS DE DETHAN

ELIXIR, PÓ e OPIATO de Chlorato de Potassa

Assim como as pastilhas de chlorato de potassa estes preparados contem certa quantidade d'este producto, que activa a circulação do apparelho buccal, fortifica as gengivas, evita que se forme tartaro entre os dentes e que elles se cariem.

Exigir no rotulo a firma Adh. DETHAN

Adh. DETHAN, pharmaceutico, rua Baudin, nº 23, PARIZ

E nas principaes Pharmacias de todos os paizes.

CACHETS LIMOUSIN

CACHETS LIMOUSIN

ENVOLTORIOS MEDICAMENTOSOS

Em logar-de Pilulas, Capsulas, etc.

PARIS — MEMBRO

APPARELHOS *privilegiados* EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO







do Jury

APPARELHOS *privilegiados* EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO

1as Medalhas nas Exposições universaes de Philadelphia em 1876, Sydney em 1879 e Melburne em 1880

ESTES ENVOLTORIOS são formados por duas rodellas concavas de pão azymo, soldadas por meio de um apparelho especial depois de nellas introdusidos os pós medicamentosos. O modo de servir-se desse apparelho é dos mais faceis.

(Ver o Relatorio á Academia de Medicina, sessão de 20 de maio de 1873).

ESTE PROCESSO supprime a manipulação delicada e enfadonha que consiste em dispor o medicamento sobre o pão azymo ordinario cobrindo-o de modo a subtrahil-o do contacto da mucosa da bocca.

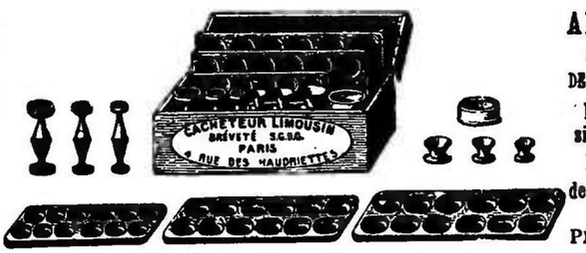
MODO DE USAR Basta botar o envoltorio em uma colher contendo um pouco de liquido para poder-se engulil-o logo que estiver sufficientemente humedecido.

APPARELHOS privilegiados LIMOUSIN

para encher os envoltorios

Nº 6 APPARELHO APERFEIÇOADO DE 3 PRANCHETAS para preparar simultaneamente 12 envoltorios de cada nº 1.2.3.

PREÇO: 12 FR.



Nº 6 APPARELHO APERFEIÇOADO DE 3 PRANCHETAS para preparar simultaneamente 12 envoltorios de cada nº 1.2.3.

PREÇO: 12 FR.

ENVOLTORIOS

Nº 1	A Caixa de 1,000	5 francos
Nº 2	—	5 —
Nº 3. 4, 5	—	4 —

N. B. — *O Nome e endereço dos Pharmaceuticos poderão ser gravados nos envoltorios mediante a despeza. feita uma vez, de 3 fr. 50 por formato e de 10 fr. por serie de 3 formatos. Nas grandes encommendas esta gravura será gratis.*

ENVOLTORIOS-COLHER LIMOUSIN

Para applicação de Oleos Medicinaes RICINO, FIGADO de BACALHAU, OPIATAS, ELECTUARIOS, etc.

		Com Apparelhos e Accessorios	Sem Apparelhos nem Accessorio
CAIXAS de 25	Envoltorios-Colher completos.....	».70	».35
— de 50	— —	1.05	».70
— de 100	— —	1.40	1.05
— de 250	— —	3 15	2.80
— de 500	— —	5.25	4.90

Para informações e pedidos, dirigir-se a LIMOUSIN & Cª, 4, rue des Haudriettes, Paris.

ESTOJOS DE METAL ENVERNIZADOS COR DE OURO PARA OS ENVOLTORIOS

Formatos sortidos aos diversos tamanhos dos envoltorios.

CACHETS LIMOUSIN

QUINA RAGOUCY

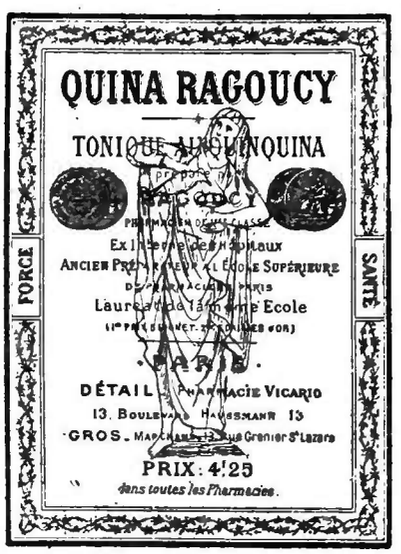
A **quina** constitue o melhor **agente tonificante** que a therapeutica possa empregar nos casos, infelizmente, cada vez mais frequentes, em que é necessario fazer recobrar as forças aos jovens anemiados pelo crescimento ou ás pessoas enfraquecidas pela idade, a fadiga ou as molestias.

Existem muitas preparações que têm a quina por base; a **QUINA RAGOUCY** não é uma imitação das preparações conhecidas. Preparando-a sobre os dados scientificos adquiridos pela arte medica, o sñr Ragoucy remediou as imperfecções que existem nos productos similares. As experiencias feitas deram os melhores resultados.

Teve elle em vista conservar n'este preparado todos os **principios uteis da quina**, de modo a ter um medicamento de merito cujo emprego possa prestar reaes serviços. Os ensaios clinicos de um eminente medico do hospital da Caridade, de Pariz, demonstraram que as propriedades tonicas da quina provêm das partes extractivas e principalmente das partes tannicas contidas n'esta casca. Eis porque a **QUINA RAGOUCY** tem por base o extracto de quina. Por meio de dissolventes apropriados, conseguio-se fazer um preparado rico em alcaloides e em principios tannicos. As alterações que poderiam soffrer esses principios activos no correr das manipulações foram supprimidas graças ao emprego de apparelhos aperfeiçoados que, durante todo o tempo das operações, pol-os ao abrigo do contacto do ar e de qualquer augmento sensivel da temperatura. A pequena quantidade de rhum, que contêm a **QUINA RAGOUCY** disfarça o amargor e a adstringencia do medicamento e facilita-lhe a acção tonica. Em razão da acção immediatamente diffusivel d'esta pequena quantidade de rhum, a **QUINA RAGOUCY** actua com mais rapidez que as outras preparações de quina.

Acontece ás vezes que o doente é obrigado a suspender com a acção de um tonico, justo no momento em que elle começa a fezer effeito. Este facto se dá quando se declara uma **prisão de ventre** pertinaz, causada pelo effeito do proprio medicamento. A **QUINA RAGOUCY não tem este grave inconveniente.** Por meio de uma preparação methodica e calculada conseguio o sñr Ragoucy aniquillar este effeito nocivo do medicamento. Pode-se pois, continuar o uso da **QUINA RAGOUCY** durante o tempo preciso para que o doente melhore e possa recuperar todas as forças necessarias á saude.

Como se póde vêr pelo exposto, forçosamente rapido das ideias que serviram de base a esta preparação e os cuidados empregados no seu modo operatorio, a **QUINA RAGOUCY** é um verdadeiro medicamento. Como todos os productos de valor e possuindo propriedades therapeuticas reaes, os seus resultados são excellentes quando se o toma contra a **FRAQUEZA** ou a **ANEMIA**, provindo de excessos ou de fadigas insolitas.



MODO DE EMPREGAR. — A **QUINA RAGOUCY** toma-se no correr ou no fim das refeições, puro ou misturado com um pouco d'agua ou de vinho, segundo o gosto do doente.

DÓSES. — Para os adultos: duas colheres **de sopa** por dia. Para as crianças: duas colheres **de sobremeza** por dia.

Nos casos graves, estas dóses podem ser muito augmentadas, segundo o aviso do Medico, que é sempre bom consultar.

Quando se tenha de dar uma preparação ferruginosa, é bom alternar, no correr do dia, os dois medicamentos.

VENDA POR ATACADO

(SÓ PARA OS PHARMACEUTICOS)

MARCHAND

Rua Grenier-Saint-Lazare, nº 13 — PARIZ

A VAREJO EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

DESINFECTANTE, ANTI-MIASMATICO, CICATRIZANTE

Adoptado nos Hospitaes da Cidade de Pariz

COALTAR SAPONINÉ LE BEUF

Suas qualidades *saneantes* e *tonicas* fal-o imcomparavel para a *Hygiene da Toilette* (lavagem do corpo, **especialmente nas crianças de peito,** asseio da bocca, dos cabellos, **que faz parar a queda,** da barba, etc.):

PARIZ, 20, place des Vosges. — BAYONNE, pharmacia LE BEUF.

É BOM DESCONFIAR DAS IMITAÇÕES

Especificar COALTAR SAPONINÉ LE BEUF

MOLESTIAS

NERVOSAS

Chloral Bromuré Dubois

XAROPE *receitado pelas summidades medicas de Pariz contra:*

Enxaquecas, Nevralgias, Hysteria, Convulsões, Tosse convulsa e nervosa, Vertigens, etc

O seu uso é precioso contra as insomnias.

Um prospecto acompanha cada Vidro.

PARIZ, 20, Place des Vosges E PHARM.

FEBRES

INTERMITTENTES

AS

GRAGEIAS DURIEZ

EVITAM MAIS AS RECAIDAS DO QUE O QUININO

Uma indicação para o modo de tomal-as acompanha cada vidro.

PARIZ

20, PLACE DES VOSGES

MOLESTIAS DO

PEITO

Cura certa, e nos casos desesperados manifesto allivio.

ELIXIR alimenticio DUCRO

Approvado pela Junta d'Hygiene do Rio-Janeiro.

Muitos doentes do peito, anemicos e chloroticos teem aproveitado muito com o uso d'este elixir, depois de terem empregado sem exito outros medicamentos.

PARIS, 20, Place des Vosges, E AS PHARM.

BOTICA DOMESTICA



Botica portatil, aberta. (O decimo do tamanho natural.) Veja-se Vol. I pag. 352.

Esta Botica portatil custa em Pariz **320 francos**

Botica portatil para as chacaras mais pequena que a precedente **75 francos.**

Em casa de A. Roger & F. Chernoviz

7, RUA DES GRANDS AUGUSTINS, PARIZ

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

OUTRAS OBRAS DO DOUTOR CHERNOVIZ :

Formulario ou **Guia medica,** contendo a descripção dos medicamentos, suas dóses, e as molestias em que são empregados : as aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; as plantas medicinaes indigenas do Brazil; os symptomas e o tratamento resumido das molestias; *todas* as formulas do novo Codigo pharmaceutico francez, assim como a escolha das melhores formulas usadas na praxe medica; a indicação dos medicamentos que devem existir em todas as pharmacias; muitas receitas usadas nas artes e na economia domestica, etc.

Decima quarta edição, reformada segundo o novo Codigo pharmaceutico francez, adoptado, por ordem do Governo, como Pharmacopea legal do Brazil.

1 volume de 1,370 paginas, com 438 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1890.

Historia natural, para meninos e meninas de sete a quinze annos, escripta de um modo recreativo; ou conversação de um pai com seus filhos ácerca de muitos animaes e plantas.

1 volume de 176 paginas, com 154 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1862.

EM HESPANHOL

Guia Medica, 2ª edição, traducção do *Formulario* portuguez

Diccionario de medecina popular, 2ª edição.

Modo de conhecer a idade do cavallo, do BURRO, das BESTAS MUARES, do BOI, do CARNEIRO, da CABRA e do PORCO.

Brochura in-8° de 32 paginas, com 52 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1866.

Todas as obras do Dr. Chernoviz acham-se á venda no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em casa dos principaes livreiros; e em Pariz, em casa dos editores.

2031-88. — Corbeil. Typ. de Creté.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

E DAS

SCIENCIAS ACCESSARIOS

PARA USO DAS FAMILIAS

CONTENDO A DESCRIPÇÃO

DAS

Causas, symptomas e tratamento das molestias;
As receitas para cada molestia;
As plantas medicinaes e as alimenticias;
As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes.
E muitos conhecimentos uteis.

SEXTA EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, POSTA A PAR DA SCIENCIA,

E ACOMPANHADA DE

913 figuras intercaladas no texto

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO,
OFFICIAL DA ORDEM DA ROSA DO BRAZIL

VOLUME PRIMEIRO

A — F

PARIZ

A. ROGER & F CHERNOVIZ

7. RUA DES GRANDS-AUGUSTINS, 7

1890

Direitos reservados. | Droits réservés.

PROLOGO

Esta nova edição do Diccionario de Medicina popular do doutor Chernoviz que apresentamos ao publico brazileiro e portuguez, não é a reproducção da edição precedente; esmeramos-nos em completal-a o mais possivel, n'ella comprehendendo tambem todas as sciencias accessorias ou auxiliares.

A parte concernente á anatomia comparada, á anatomia humana, á physiologia e á pathologia geral foi muito desenvolvida n'esta nova edição. Artigos novos e especiaes sobre medicina veterinaria e a maneira de criar os animaes domesticos dão um novo relevo a esta obra cuja utilidade se impõe.

Á medicina e á cirurgia consagramos muitos artigos novos e uteis, principalmente no que diz respeito á pratica. Não olvidamos a hygiene e a salubridade publicas, questões que a todos interessam.

O methodo e as ideias do doutor Chernoviz foram respeitados como sempre, apenas tratámos de dar a esta nova edição certo desenvolvimento mais lato e muito mais pratico, necessitado pelos progressos da sciencia, e por conseguinte tornal-a mais util. Tratámos de dar um caracter novo á obra, de modo que fosse consultada com proveito não só por todos aquelles que desejam se instruir, e, em caso de necessidade urgente poder soccorrer seo semelhante, como tambem pelos homens da sciencia, pelos medicos, que n'ella encontrarão as novidades da therapeutica e o modo de praticar as operações de pequena cirurgia.

Muitos artigos tiveram nova redacção, alguns foram completados e outros postos á par das novas descobertas da sciencia. Para tratar de factos e objectos novos intercallaram-se muitos artigos cuja omissão prejudicaria ao exito de tão importante obra.

N'este ponto podemos dizer que esta nova edição do Diccionnario de Medicina popular, contém para mais de duzentos artigos novos de pratica corrente, tratando das novas acquisições da medicina e sobretudo da therapeutica.

Para conservar ao Diccionario de medicina popular do doutor Chernoviz, a reputação tão merecida de que goza, encarregamos de sua nova redacção a dois eminentes doutores, um chefe de clinica do hospital da Salpètrière, outro addido do hospital Cochin, de Pariz, que souberam desenvolver as materias novas de que trataram, em uma linguagem facil e comprehensivel de todos, não tendo elles perdido de vista, os caracteres particulares do publico para quem escreviam.

Ha n'esta nova edição numerosos artigos novos que merecem ser citados, já pela sua utilidade, já pela especialidade que lhes são proprias; chamaremos a attenção dos leitores para os artigos sobre : *o alcoolismo*, *os absorventes*, *os antisepticos*, *a athrepsia*, *a aerotherapia*, *a dissecção*, *o hypnotismo*, *a hysteria*, *a hereditariedade*, *a raiva*, *a tenotomia*, *o delirio nervoso dos feridos*, *o diabete insipido*, *etc.*, *etc.*

Entre os artigos que foram nova e completamente redigidos citaremos : *cachexia*, *blennorrhagia*, *carbunculo*, *delirio tremente*, *esterelidade*, *cancro*, *medulla espinhal*, *etc.*, *etc.*

Intercallamos n'esta nova edição mais de quatrocentas figuras novas que fallam á vista e dão mais clareza ao texto, permittindo muitas vezes que se abreviassem as descripções, dando ao mesmo tempo uma ideia clara e recta das cousas.

Está impressa esta 6ª edição com typos novos e em papel de maior formato, o que fizemos com o fito de conservar, mais ou menos, o mesmo numero de paginas que da 5ª edição, contendo, no entanto, esta nova edição cerca de **um quarto de materia a mais** do que a edição precedente.

Esperamos do publico brazileiro e portuguez o mesmo acolhimento, para esta obra que aquelle que costumam dispensar ás obras do eminente medico doutor P.-L.-N. Chernoviz, de saudosa memoria, e consideramos-nos felizes se acertamos em apresentar-lhes esta nova edição revista corrigida e muitissima augmentada.

Os Editores.

Pariz, Junho de 1890.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

E DAS

SCIENCIAS ACCESSORIAS

A

ABACA. Especie de bananeira *musa textilus* oriunda das Ilhas Filippinas. As fibras d'esta planta se empregam no fabrico de capachos, cordas etc.

ABACACHI. Planta e fructa semelhante ao *ananaz*, de que é variedade. *Veja-se* ANANAZ.

ABACATEIRA. *Laurus persea*, L. Arvore da familia das Laurineas. É originaria da Persia, mas habita espontaneamente no Brazil, e é cultivada, por causa do seu fructo, em todos os paizes intertropicaes. As suas folhas são ovaes, longas; e as flores dispostas em paniculas. O fructo (abacate) é grande, pyriforme; contém uma polpa espessa, butyrosa, de sabor proximo ao da avelã, e é muito estimado; constitue um alimento sadio e agradavel, que se come de sobremesa preparado com assucar, limão, canella, rhum, etc. : algumas pessoas temperam o abacate com sal e pimenta, mas para isto o fructo não deve estar maduro. No centro da polpa existe um caroço, cujo succo, a principio lacteo, torna-se vermelho ao ar, e deixa na roupa nodoas indeleveis podendo, por isso, servir para marcar a roupa.

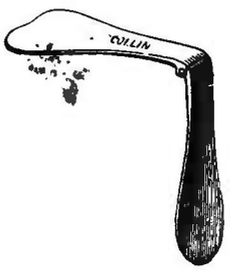


Fig. 1. — Abaixa-lingua articulado.



Fig. 2. — Abaixa-lingua fixo.

ABAIXA-LINGUA. Instrumento especial com o qual se deprime a base da lingua de modo a poder explorar o pharynge e praticar certas operações no fundo da bocca. Existem diversos systemas de abaixa-linguas, os mais usuaes são os que vão representados nas fig. 1, 2 e 3.

ABANO. Aguas mineraes quentes situadas na Veneeia, perto de Padua (Italia). Contêm chlorurêtos, acido carbonico e saes calcareos. Convêm no rheumatismo, nevralgias, periarthrites, etc., em banhos de lodo em alta temperatura.

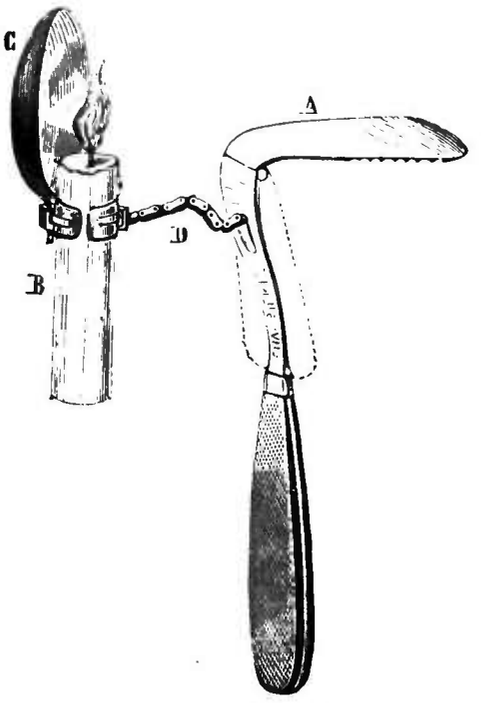


Fig. 3. — Abaixa-lingua.

ABATIMENTO. É caracterizado pela diminuição das forças, e observa-se no principio das molestias; acompanha ordinariamente os defluxos, as indigestões, as constipações, etc. É proveniente de perdas sanguineas abundantes, de suores excessivos, de diarrhea longa e abundante. Apparece tambem depois das emoções moraes mui vivas: o exercicio, as distracções, a alimentação succulenta, e os banhos frios, são os meios mais efficazes n'este caso. — O abatimento nas crianças é um symptoma que não deve ser desprezado. Cumpre então vigiar a criança, e administrar-lhe os meios que a sua saude possa reclamar.

Tanto para os adultos como para as crianças deve-se empregar para levantar as forças do doente, os preparados de quina como sejam o Quinium Labarraque, o vinho de Bellini; as preparações de ferro, como o ferro de Quevenne, as pilulas genuinas de Vallet; os preparados de glycerina de Catillon, os medicamentos peptonisados e o pó de carne de Catillon; o elixir alimenticio Ducro, preparado composto de carne, aguardente e cascas de laranjas amargas, e o vinho de Baudon de antimonio phosphatado.

ABCESSO ou POSTEMA, Assim se chama uma collecção de pus em qualquer parte do corpo. O abcesso nunca constitue molestia primitiva; mas é constantemente o resultado de uma inflammação mais ou menos intensa.

Os abcessos podem invadir todas as regiões do corpo. O seu volume é ora mui circumscripto, como em alguns abcessos subcutaneos, ora muito extenso.

Segundo o genero das dôres que os precedem, o tempo que levam em se desenvolverem, os abcessos distinguem-se em abcessos *quentes* ou *agudos* e abcessos *frios* ou *chronicos*.

§ I. — Abcessos quentes ou agudos.

Abcesso quente ou **agudo em geral.** O abcesso quente ou agudo é o que se cria em inflammação franca e viva, Seu nome provém

de um dos seus symptomas, que é constante, isto é, o calor observado no logar em que se forma.

Causas. Os abcessos quentes sobrevem muitas vezes de repente, e sem que o exame o mais attento possa descobrir causa alguma a que elles se devam attribuir. Outras vezes succedem directamente a alguma violencia externa, tal como pancada, attritos duros e repetidos, distensão, picada, introducção de ponta de agulha ou de qualquer outro corpo estranho, etc. As vezes desenvolvem-se sob a influencia de alguma molestia local vizinha : taes são os abcessos das gengivas ou do rosto occasionado por dôr de dentes ou pela carie dentaria. Ha certo numero de abcessos que se mostram durante o curso ou no fim de algumas molestias, ora sem exercerem influencia sobre ellas, ora augmentando a sua gravidade, outras vezes produzindo nos symptomas da molestia primitiva tal melhoração que parecem ser a crise ou a sua terminação; é a estes ultimos que foi dado o nome de *abcessos criticos.*

Observam-se por vezes os abcessos d'esta natureza nos sarampos nas bexigas, em algumas febres graves no momento em que se encaminham para o seu bom exito. Assemelham-se a elles os abcessos dos seios, que apparecem nas senhoras depois do parto.

Séde. Os abcessos quentes observam-se particularmente nas regiões guarnecidas de tecido cellular gorduroso : no rosto, debaixo do queixo, do sobaco, nas palmas das mãos, nas plantas dos pés, na espessura das paredes do ventre, sobre o trajecto dos membros, quer na camada que forra a pelle, quer mais profundamente, debaixo do envoltorio aponevrotico, e nos intervallos cellulares. que se acham entre os musculos, na garganta, na vizinhança do anus, na massa gordurosa que envolve os seios, etc.

Muitas outras partes do corpo, se bem que menos expostas aos abcessos quentes, não são todavia isentas d'elle; a pelle do craneo, as glandulas lymphaticas snperficiaes são ás vezes acommettidas de abcessos d'esta natureza.

Ha alguns orgãos que raras vezes apresentam abcessos; taes são : o figado, o baço, os pulmões.

É facil ver, por esta exposição, que os abcessos quentes, podendo acommetter quasi todos os nossos orgãos, acham-se mais ou menos perto da superficie do corpo, ora immediatamente debaixo da pelle, ora debaixo das aponevroses que envolvem os musculos, outras vezes no interior de qualquer cavidade, por detraz dos musculos espessos, e mesmo atraz dos ossos. Esta variedade na profundeza dos abcessos quentes, e na natureza dos tecidos que constituem suas paredes, exerce muita influencia na sua marcha, nos phenomenos que provocam, e nas suas terminações.

Todo o abcesso quente, que se desenvolve na região em que existe o tecido cellular, é precedido da inflammação d'este tecido; esta inflammação, antes do pus ser formado, chama-se *phlegmão.*

Symptomas. O logar, onde se forma o abcesso, incha; a pelle que o cobre torna-se vermelha e mais quente. As dôres, cuja intensidade va-

ria, são latejantes, isto é, acompanhadas de pancadas analogas ás do pulso. Existe agitação, sède, ás vezes insomnia. Ao cabo de quatro a seis dias, mudam os symptomas, o centro do tumor branquêa, levanta-se em ponta, póde-se-lhe applicar o dedo sem provocar dór tão viva como nos outros pontos du tumor. O doente sente um peso no tumor, que se faz molle, elastico; apoiando sobre elle com o dedo, percebe-se a fluctuação do pus.

Este liquido reune-se logo n'um só logar: a pelle adelgaça-se cada vez mais no centro do tumor, torna-se mais branca, rompe-se emfim, e deixa sahir a materia contida na postema.

Os symptomas que acabei de indicar pertencem aos abcessos superficiaes, e não são tão evidentes, quando o abcesso é situado profundamente.

A tumefacção n'este caso é pouco consideravel, não existe rubor na pelle; mas as dôres são profundas, contínuas, vivas e pungentes; o doente sente um peso na parte affectada, e experimenta calafrios nas costas e cadeiras.

De todos os symptomas, que servem para conhecer o abcesso, o mais importante é a *fluctuação*: Consiste esta n'um movimento de oscillação do pus, que apparece quando se toca o tumor alternadamente com dois dedos sobre dois pontos oppostos do tumor.

Tratamento. Para diminuir a dôr, que precede e acompanha a formação do abcesso quente, convem applicar sobre o logar affectado a cataplasma de linhaça, que se renovará duas vezes por dia, para impedir que, azedando, adquira propriedades irritantes. Em vez da cataplasma de linhaça, póde-se applicar cataplasma de fecula ou de farinha de mandioca. Formado o abcesso, cumpre cuidar na evacuação do pus. Esta póde ser abandonada unicamente aos esforços da natureza, se o abcesso é superficial, a pelle fina, e o fóco pouco vasto: d'este numero são as pequenas postemas do rosto e do pescoço, e certas postemas dos seios. O signal deixado pela abertura espontanea é menos visivel e menos disforme do que aquelle que resulta da abertura feita com a lanceta. Mas, em alguns casos, a abertura espontanea póde fazer-se n'um logar mal situado para o livre corrimento do pus; em outros, a pelle, despegada e privada dos vasos que a nutrem, destroe-se em grande extensão: do que resultam, além das difficuldades e da demora do tratamento, cicatrizes mui visiveis. Por isso, melhor é confiar a um cirurgião a abertura das postemas um pouco grandes. Este preceito deve applicar-se principalmente ás postemas profundamente situadas, que não se abririam espontaneamente senão depois de feitos grandes estragos e tomada grande extensão. A abertura artificial pratica-se com a lanceta ou com o bisturí.

Depois de aberto o abcesso, convem lavar bem a cavidade produzida pela evacuação do pus; para isso emprega-se uma solução antiseptica; cobre-se depois a abertura com um penso occlusivo feito com compressas molhadas n'essa mesma solução; fixa-se essas compressas com um grande chumaço de algodão que se aperta com uma atadura compressiva.

Quando a cavidade do abcesso é grande ou anfractuosa cumpre cuidar

na evacuação constante do pus. Convem pois collocar na bolsa suppurante um drem, tubo de cautchuc que impede a ferida de se fechar, e pelo qual se injecta os liquidos desinfectantes quando se muda o penso. Seja qual fôr o tamanho do abcesso, ainda mesmo que seja superficial, convem sempre abril-o com bisturi do que esperar pela abertura espontanea, porque n'este caso a pelle se ulcera irregularmente, se despega e se adelgaça, do que resultam cicatrizes grandes ou irregulares que podem ser evitadas com uma incisão opportuna.

Abcesso perto do anus. Uma postema póde formar-se perto do anus, e proceder da equitação, de alguma quéda, ou sobrevir sem causa conhecida. N'estes casos, inflamma-se um ponto no circuito do anus; um tumor, acompanhado de dôr, de vermelhidão e ás vezes de febre, se manifesta e se desenvolve com muita promptidão, e o menor movimento occasiona grandes soffrimentos, O repouso, a cataplasma de farinha de linhaça applicada sobre o tumor, clysteres de linhaça, e para bebida, cozimento de cevada, ou limonada de limão, diminuem a intensidade do mal, e favorecem a suppuração. Estas postemas causam frequentemente uma *fistula* (*veja-se* esta palavra). Cumpre, portanto, abrir a postema quanto antes, para impedir que tome muita extensão, e produza a enfermidade que acabei de mencionar.

Os abcessos perto do anus são mui frequentes nos individuos predispostos á tisica pulmonar. As fistulas são então a consequencia quasi inevitavel d'essa molestia, portanto devem ser tratadas com vigor. Conjunctamente com os meios cirurgicos o doente deve tomar uma alimentação restauradora e alguns tonicos.

Abcesso da axilla. Os abcessos da axilla podem ser superficiaes ou profundos. Estes e aquelles exigem a applicação das cataplasmas de linhaça, de fecula ou de mandioca. Os abcessos superficiaes devem ser abertos tres ou quatro dias depois do começo da inflammação, e logo que a fluctuação estiver evidente. A abertura de alguns abcessos mui superficiaes póde ser deixada á natureza, porque n'estes casos o pus tende a dirigir-se para o lado da pelle; a abertura faz-se espontaneamente mais cedo ou mais tarde.

Os *abcessos profundos* principiam pela inchação mal limitada do sobaco; a pelle torna-se vermelha, sobrevem a febre, e, ao apalpar, sente-se fluctuação profunda. O pus póde derramar-se nas regiões vizinhas, debaixo da omoplata, da clavicula, penetrar mesmo na cavidade do peito, o que seria mui grave. Estes abcessos devem ser abertos mui cedo, no terceiro dia da molestia; é preciso fazer tudo para impedir que o pus se esparja, Para evitar a abertura da arteria axillar, cumpre levar o bisturí como uma penna de escrever, as costas do instrumento dirigidas para o lado da face interna do braço, de maneira que a ponta seja dirigida para baixo e para dentro, como para cahir sobre a parte superior da parede do peito.

Abcesso do cerebro. Os abcessos do cerebro podem ser occasionados pela introducção de projectis ou de qualquer outro corpo estranho na substancia cerebral. Qualquer contusão, a carie dos ossos, os

derramamentos sanguineos podem produzir tambem este resultado. Os principaes symptomas são : dôres intensas e fixas, febre, delirio, vertigens e paralysias. Se bem que já se tenha observado alguns casos de cura espontanea, os abcessos do cerebro são uma affecção mui grave da qual a morte é a consequencia inevitavel.

É preciso combater a inflammação e as dôres, applicando bichas atraz das orelhas. Os purgantes alliviam bastante os doentes. Tem-se tirado bons resultados com o emprego constante de bexigas cheias de gelo na cabeça. Quando a séde do abcesso se acha exactamente determinada, faz-se então a trepanação (veja-se esta palavra). Este processo tem dado resultados inesperados, porque facilita a evacuação do pus e póde-se curar o abcesso como um abcesso superficial.

O doutor V. Horsley, cirurgião do hospital dos epilepticos de Londres, tem criado muita fama com o tratamento d'estes abcessos, que exige um conhecimento profundo das localisações cerebraes.

Abcesso do figado. *Veja-se* FIGADO.

Abcesso da fossa iliaca. Dá-se o nome de *fossa iliaca* á cavidade que se acha de cada lado do corpo, no interior do ventre, por cima e por detraz das virilhas, e que corresponde á cavidade da pequena bacia. Os abcessos formam-se ás vezes n'esta profunda região.

Causas. As contusões violentas da região iliaca, as compressões fortes, uma grande fadiga, podem produzir os abcessos na fossa iliaca. Mostram-se tambem nas senhoras depois do parto.

Symptomas. O doente queixa-se ao principio de dôr mais ou menos viva, limitada a uma das fossas iliacas, ou que se estende mais ou menos longe; esta dôr é ora viva e lancinante, ora surda, escura e profunda; augmenta pela pressão ou pela tosse, pelos movimentos de extensão do tronco; ás vezes propaga-se ás coxas. Ha ao mesmo tempo desordens digestivas, fastio, vomitos; ora diarrhea, ora prisão de ventre; ás vezes puxos dysentericos sem evacuação intestinal.

Logo depois desenvolve-se, na região iliaca, um tumor duro, algum tanto resistente, sem pancadas, acompanhado de dôres lancinantes; levemente movel, se occupa o tecido cellular subperitoneal; immovel, se existe no tecido cellular sub-aponevrotico. O volume do tumor é em geral o do ovo de gallinha. Os doentes accusam frequentemente uma sensação de entorpecimento, que póde ser attribuida á compressão dos nervos e dos vasos. Observa-se, em alguns casos, inchação dos tornozelos. Ás vezes ha febre, outras vezes o pulso é normal.

Tratamento. Consiste em cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quando o pus está formado é preciso praticar a abertura na parede abdominal. Pratica-se geralmente a incisão em cima da virilha e parallelamente a ella, porque é ordinariamente n'este logar que o abcesso vem fazer proeminencia. Depois de aberto o fóco, favorecer-se-ha a sahida do pus por meio da posição, fazendo deitar o doente sobre um dos lados ou de bruços; reformar-se-hão os curativos muitas vezes por dia; praticar-se-hão no fóco injecções d'agua tepida, e, no fim injecções com agua tepida misturada com aguardente.

Abcessos nas fossas nasaes. As fossas nasaes são duas cavidades isoladas por um septo commum, começando na base do nariz e terminando no fundo da guela. Os abcessos mostram-se sobre esse septo; são caracterizados pela dôr, calor, inchação e côr luzente do nariz. A exploração com estylete faz conhecer a fluctuação. Este tumor purulento intercepta a passagem do ar, difficulta o olfacto e a respiração. A molestia é ordinariamente pouco grave. Depois de reconhecida, é preciso praticar uma punc̃ção com lanceta ou bisturí, e fazei seringatorios dentro do nariz com agua tepida.

Abcesso na garganta. *Veja-se* ANGINA.

Abcesso no joelho. Succede á inflammação do joelho ou arthrite. Póde ser extra ou intra-capsular, isto é, desenvolver-se por fóra ou por dentro do apparelho ligamentoso que envolve a articulação do joelho. Os abcessos extra articulares são os que se formam no tecido cellular que cerca a articulação, e são muito menos graves do que os intra-capsulares. O tratamento consiste em cataplasmas de linhaça, e abertura do abcesso com bisturí que se deve fazer quanto antes.

Abcessos nas juntas. Apresentam os caracteres dos abcessos superficiaes que foram indicados nos abcessos agudos, *em geral*. Curam-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. É preciso abril-os com bisturí, logo que se sentir a fluctuação.

Abcesso na palma da mão. Ha d'elle tres variedades: abcesso *sub-epidermico*, *sub-cutaneo*, e *sub-aponevrotico*. Succede á inflammação do tecido cellular ou phlegmão.

1° *Inflammação sub-epidermica.* Desenvolve-se mais particularmente nos individuos que, por sua profissão, tem callosa a pelle das mãos. Debaixo da influencia do attrito repetido, formam-se o que se chama *callosidades*. Ellas occupam as mais das vezes a raiz dos dedos, ás vezes a palma da mão. Quando as callosidades estão irritadas, quer por uma ferida superficial, quer por attritos, resulta d'isto inflammação da derme sub-jacente e secreção de serosidade ou mesmo de pus. D'aqui vem a formação da empola de côr variavel, segundo a natureza do liquido que se accumula debaixo da epiderme. Se o doente deixa o trabalho, o liquido reunido em pequena quantidade debaixo da epiderme póde ser absorvido, ou então, se se lhe dá sahida por uma incisão, os phenomenos inflammatorios diminuem, e a cura sobrevem rapidamente. Se, pelo contrario, o individuo, como acontece as mais das vezes, não interrompe os seus rudes trabalhos, a inflammação da superficie da pelle augmenta; nova quantidade de pus ou liquido sero-purulento accumula-se debaixo da epiderme, e forma-se uma empola volumosa. Logo depois o contacto permanente do liquido com a superficie da derme altera esta membrana, e a inflammação propaga-se até ao tecido cellular sub-cutaneo.

Os doentes queixam-se então de dôres vivas; a empola abre-se espontaneamente ou é aberta quer pelo doente, quer pelo cirurgião. A superficie da derme posta assim a descoberto apresenta côr vermelha-escura ou anegrada; ás vezes apparecem perforações multiplas pelas quaes se faz sahir o pus, exercendo pressão sobre as partes vizinhas. As vezes

pedaços de tecido cellular mortificado fazem proeminencia atravez d'estas perforações. Se emfim, a affecção continua a fazer progressos, a inflammação póde invadir grande parte da mão e do antebraço; mas este modo de terminação observa-se sobretudo nas inflammações profundas da mão.

O prognostico da inflammação sub-epidermica não é grave, sobretudo quando ella é combatida mui cedo pelos meios seguintes:

Tratamento. Cessar, desde o começo da inflammação, toda a especie de trabalho manual, para não augmentar a inflammação da pelle. Logo que o pus estiver formado, abrir a empola com tesoura; banhar a mão durante meia hora com agua tepida; applicar panno untado de ceroto simples, ou melhor ainda, por pouco que a inflammação seja intensa, a cataplasma de linhaça. Ter muito asseio.

Se a inflammação se estendeo á grande parte ou á totalidade da pelle, se existe dôr, recorrer aos manuluvios prolongados d'agua tepida, ás cataplasmas de linhaça. Se emfim, se formar suppuração no tecido cellular sub-cutaneo, será necessario proceder como explicarei no paragrapho seguinte.

2° *Inflammação sub-cutanea*. Esta variedade desenvolve-se as mais das vezes debaixo da influencia das mesmas causas que a precedente, isto é, nos individuos que tem callosidades nas palmas das mãos. Estas callosidades ora são excoriadas pelo doente; ora são submettidas aos attritos repetidos; d'aqui resultam inflammações, que, a principio superficiaes, estendem-se logo debaixo da pelle. Outras vezes, são as feridas de diversas especies, com instrumentos picantes, cortantes ou contundentes. Em alguns casos, são mordeduras de animaes; ás vezes uma simples esfoladura que o doente irrita pelo attrito; emfim em outros casos é impossivel saber a causa da molestia.

O phlegmão sub-cutaneo póde occupar todos os pontos da palma da mão; as mais das vezes apparece perto da raiz dos dedos; ás vezes occupa a palma da mão propriamente dita. É caracterizado pela dôr mui viva, vermelhidão pouco intensa, inchação pouco marcada. A tumefacção propaga-se rapidamente á face dorsal da mão, aos dedos, ás vezes ao antebraço; mas esta tumefacção das partes vizinhas é antes edematosa do que inflammatoria. Os movimentos dos dedos são difficeis, mas não dolorosos. Existem ás vezes symptomas geraes: a pelle está quente, o pulso accelerado; o enfermo queixa-se de dôr de cabeça, insomnia, sêde e fastio.

A resolução é terminação rara; a suppuração póde ser considerada como a regra. O pus comporta-se differentemente segundo os casos: este liquido póde sahir atravez da perforação espontanea da pelle, ou então accumula-se entre a face profunda da pelle e a aponevrose, e, n'este caso póde acontecer, que o liquido passe sob a aponevrose mesma pelos buracos que apresenta esta membrana; o abcesso sub-cutaneo torna-se sub-aponevrotico; fallarei d'elle mais adiante.

O diagnostico do abcesso sub-cutaneo é baseado na dôr local que augmenta pela pressão, na inchação, nos symptomas geraes. Não é

sempre facil reconhecer n'elle a presença do pus, em razão da espessura da pelle que não permitte perceber distinctamente a fluctuação.

O *tratamento* é preservativo e curativo.

Já indiquei as regras que se devem seguir para prevenir a extensão, em profundidade, da inflammação da superfície da pelle. Quando a inflammação já está desenvolvida, é difficil prevenir a formação do pus, e o cirurgião não deve deixar demorar o pus debaixo da pelle. É pois urgente praticar o mais cedo possivel a abertura d'estes abcessos. Basta introduzir o bisturí no ponto do tumor que é o mais doloroso á pressão.

Quando a affecção está n'um periodo mais adiantado, quando o pus se ajuntou entre a epiderme e derme, é preciso abrir a empola e excisar com tesoura toda a porção da epiderme despegada. Procura-se depois a abertura de communicação entre a collecção superficial e a profunda; introduz-se por ella a sonda acanellada debaixo da pelle, conduz-se sobre o rego da sonda o bisturí com o qual se augmenta a via de communicação.

Os curativos consecutivos compõem-se de panno fenestrado coberto de ceroto simples, de fios para absorverem o pus, de compressas e de uma ligadura apropriada.

3° *Inflammação sub-aponevrotica.* As causas são : feridas profundas ou contusões fortes da mão. Em alguns casos a causa nos escapa : o abcesso sub-aponevrotico parece desenvolver-se espontaneamente. Citemos para memoria os phlegmões da mão que succedêm depois do panaricio ; a sua historia pertence á descripção d'esta ultima molestia.

No panaracio da bainha, frequentemente a mão, o antebraço e mesmo o braço tornam a séde de inchação consideravel, em consequencia da qual se formam collecções purulentas que communicam ou não com a dos dedos.

Qualquer que seja a causa que deo lugar ao desenvolvimento do phlegmão profundo ou sub-aponevrotico da mão, este phlegmão é caracterizado pela dôr intensa, sem que a inchação que o acompanha esteja em relação com ella; a inflammação propaga-se rapidamente á face dorsal do punho, ao antebraço e mesmo até ao braço. Os dedos estão immoveis e levemente encolhidos; os movimentos são dolorosos. Ao mesmo tempo sobrevem phonomenos geraes, taes como a febre, calor da pelle, ás vezes delirio.

Esta variedade de phlegmão termina raras vezes pela resolução. Ora a suppuração, que é a sua consequencia, fica limitada; ora occupa um espaço extenso e toma os caracteres de um phlegmão diffuso dos mais graves. Dá logar muitas vezes á mortificação do tecido cellular, põe a nú os tendões que se exfoliam, do que resulta difficuldade ou abolição dos movimentos dos dedos.

O diagnostico do phlegmão profundo chama toda a attenção do cirurgião, que não deve esquecer que esta affecção é raras vezes acompanhada de inchação proporcionada á intensidade da phlegmasia.

Esta observação é sobretudo applicavel ao phlegmão profundo da parte média da palma da mão; a presença da aponevrose palmar explica esta particularidade.

O *tratamento* compõe-se de manulnvios frequentes d'agua tepida, e de cataplasmas de linhaça ou de fecula. Logo que o pus estiver formado, é necessario praticar uma abertura sufficientemente larga para dar sahida a este liquido. O conhecimento das arterias da região, e sobretudo o da situação da arcada palmar, guiarão o cirurgião para não offender, n'estas incisões, vasos importantes. É preferivel praticar a incisão camada por camada, no caso em que a collecção purulenta occupar a parte média da palma da mão, logar em que se acha a arcada palmar. Feita a incisão, é preciso dar á mão a posição favoravel á sahida do pus. Muitas vezes, uma unica incisão é insufficiente : convem praticar um numero sufficiente de contra-aberturas, para impedir a estagnação do pus, e prevenir os accidentes de resorpção purulenta. Muitas vezes, depois da cura, ha rijeza nas articulações dos dedos, ou impossibilidade de mover estes appendices.

Abcesso na palpebra. Ás vezes desevolvem-se abcessos nas palpebras. O tratamento consiste na applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula. A abertura póde ser espontanea; mas se deve ter logar por incisão, é bom que esta seja dirigida horizontalmente, afim de que a pequena marca que deve resultar da incisão fique escondida nas rugas das palpebras.

Abcessos no pescoço. Estes abcessos são superficiaes ou profundos, agudos ou desevolvendo-se com lentidão.

Os *abcessos superficiaes* nada apresentam de particular; abrem-se facilmente com lanceta.

Os *abcessos profundos*, situados atraz da aponevrose, membrana resistente que envolve os musculos do pescoço, estendem-se do lado da cabeça e do peito. Esta affecção principia por dôr intensa de garganta, com rijeza, dôres pulsativas, vermelhidão, inchação, deviação do pescoço; ás vezes aperto dos queixos. O tumor a principio duro, apresenta ao cabo de quinze a vinte dias uma inchação sem fluctuação manifesta. A abertura d'estes abcessos deve ser feita com muita precaução, por causa dos numerosos vasos do pescoço; introduz-se o bisturí no ponto mais vermelho do tumor.

Abcesso na prostata. *Veja-se* PROSTATA.

Abcesso no pulmão. É mui raro o abcesso no pulmão; todavia manifesta-se ás vezes, em consequencia da pneumonia, da gangrena pulmonar, angina membranosa, e da infecção purulenta produzida pelas grandes operações.

Não ha symptoma que permitta conhecer os abcessos contidos no pulmão, e não se póde affirmar a sua presença senão quando se abrem nos bronchios para serem lançados pela expectoração, ou quando se esvaziam na pleura formando o empyema (*veja-se* esta palavra).

Quando um enfermo affectado de pneumonia expectora de repente certa quantidade de pus, deixando ouvir, pela auscultação sobre um ponto das paredes do peito o som de gargarejo, póde-se affirmar que existe um abcesso no pulmão aberto nos bronchios.

Quando no curso da pneumonia reapparece qualquer pontada com

os symptomas do empyema, póde dizer-se que ha um abcesso aberto na pleura. Os symptomas de empyema são : A percussão do peito fornece um som massiço no logar occupado pelo derramamento, e o ouvido applicado n'este logar não percebe o ruido respiratorio. Abalando um tanto fortemente o peito do doente, em quanto que o ouvido se conserva sobre esta cavidade, ouve-se então um ruido de liquido em fluctuação.

Os abcessos abertos nos bronchios sáram ordinariamente em algumas semanas.

Os abcessos derramados na pleura exigem a operação do empyema.

O *tratamento interno* applicavel aos abcessos do pulmão é o mesmo que o da bronchite.

Abcesso no queixo superior. Os ossos do queixo superior, o maxillar superior direito e esquerdo, contém cada um uma cavidade chamada *sinus maxillar*, que communica com as fossas nasaes. Estas cavidades podem ser séde de inflammação e de abcesso, cujas causas mais ordinarias são : a carie dentaria, as molestias dos alveolos dos dentes, a inflammação das partes molles que cobrem exteriormente o osso maxillar superior e as gengivas.

Symptomas. Dôr viva, fixa e profunda no rosto, desde a arcada alveolar até abaixo do olho, calor local, pulsações, ás vezes febre. A inflammação do *sinus maxillar* nem sempre, porém, apresenta caracteres tão distinctos. As vezes o doente não experimenta senão embaraço, e peso no interior do rosto.

O pus que se acha no *sinus* póde ter quatro fontes : 1° póde ser segregado no *sinus* mesmo pela membrana que o reveste; 2° provém de molestia da raiz do dente; 3° é nas partes molles, nas gengivas, que se forma primeiro o abcesso; o osso fica affectado consecutivamente; 4° emfim, o tecido cellular é a séde da suppuração. Nos dois ultimos casos, a ulceração do osso faz communicar o abcesso com o *sinus*, que se enche de pus.

O pus póde sahir entre as raizes dos dentes, ou sobre um ponto opposto, na vizinhança da orbita. Acontece, mas raramente, que o pus seja eliminado pela via natural; sahe então do *sinus* pela abertura que o faz communicar com as fossas nasaes, e d'ali é expulso.

Esta evacuação tem logar ordinariamente nas certas posições tomadas pelo doente, por exemplo quando se deita do lado opposto ao abcesso; tem ás vezes logar durante os esforços de expiração. As vezes é preciso tirar um dente, e furar o alveolo para dar sahida ao pus. O tratamento consiste na applicação continua de cataplasma de linhaça sobre o rosto.

Abcesso do seio. Os abcessos do seio podem desenvolver-se na areola, debaixo da pelle, ou no interior da glandula mammaria.

1° *Abcesso da areola.* Collecção purulenta que se desenvolve no circulo corado á roda do bico do peito. Os abcessos da areola sobrevem de ordinario nas amas de leite, e são precedidos, as mais das vezes, de rachas no bico do peito. São caracterizados por tumores arredondados, violaceos, fluctuantes, muitissimo dolorosos.

A mulher não deve amammentar n'esta posição. Cobrir-se-ha o bico do peito com cataplasma de linhaça ou de fecula, e logo que o abcesso estiver maduro, abrir-se-ha com lanceta.

2º *Abcesso sub-cutaneo.* Esta affecção tem por causas a predisposição geral, alguma violencia exterior, a compressão do collete, as rachas ou as diversas inflammações da pelle dos seios, e o engurgitamento lacteo.

A molestia apresenta-se com os mesmos caracteres que os abcessos nas outras regiões do corpo (*veja-se* ABCESSO EM GERAL, Vol. I, pag. 2). A doente accusa uma dôr que augmenta pela pressão; a pelle do seio torna-se rosea, e depois vermelha mais ou menos escura; a proeminencia do bico do peito diminue ou desapparece; a dôr torna-se pulsativa, continua, intensa. A inflammação concentra-se em um ponto; a pelle adelgaça-se e torna-se violacea : o abcesso está formado : abandonado a si, abre-se espontaneamente no decurso da segunda semana.

O tratamento compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula. O seio deve ser levantado e sustido por um lenço. Logo que o abcesso estiver maduro, convem abril-o com lanceta no logar mais declive. Lave-se depois a ferida com agua morna misturada com aguardente camphorada. Internamente, convem as bebidas emollientes e refrigerantes : infusão de linhaça, cozimento de cevada, limonadas de limão, de laranja, de tamarindos. — Esta molestia não exige que se cesse a amammentação, porque a glandula mammaria não participa da inflammação. A suppressão do aleitamento poderia produzir um verdadeiro engurgitamento lacteo, que complicaria a inflammação do tecido cellular sub-cutaneo.

3º *Abcesso da glandula mammaria.* É a especie mais frequente. Os abcessos da glandula mammaria apparecem nas recem-paridas, e são quasi sempre consecutivos ao engurgitamento lacteo; raras vezes são determinados por violencia exterior. Principiam muitas vezes pelas rachas do bico do peito. As mulheres que amammentam são mais frequentemente acommettidas d'estes abcessos do que as que não o fazem.

No começo, a molestia apresenta-se com os caracteres de um simples engurgitamento lacteo, que augmenta pouco a pouco em vez de diminuir. Os seios tornam-se duros, doridos. A inchação é irregular, porque a inflammação invade isoladamente cada lobulo mammario, e porque ao lado de um lobulo inflammado acha-se um lobulo são. A pelle, algum tempo depois, enrubece no ponto correspondente á inflammação profunda. No duodecimo dia, ás vezes mais tarde, a suppuração invade os tecidos inflammados; o pus, encerrado no tecido da glandula, insinua-se nos interstícios dos lobulos, e vem ter debaixo da pelle; emfim, esta perfura-se, de ordinario na vizinhança da areola, ás vezes em um só ponto; as mais das vezes existem tantas aberturas espontaneas quantos são os fócos distinctos. Em alguns casos o pus sahe pela abertura natural do bico do peito seguindo um dos ductos lactiferos.

Esta affecção distingue-se dos outros abcessos do seio pelos relevos ou tumores profundos disseminados no interior da glandula, acompa-

nhados de dôr profunda, lancinante, e pelo amollecimiento successivo das partes engurgitadas.

Tratamento. Applique-se no seio a cataplasma de linhaça ou de fecula, e administre-se um purgante : por exemplo, uma garrafa de citrato de magnesia, a infusão de sene, ou uma chicara de chá de S. Germano, 30 grammas de oleo de ricino. Logo que a pelle do seio se tornar vermelha, se os abcessos se fazem evidentes, não se dará mais de mammar á criança do lado affectado; e aspirar-se-ha o leite com uma ventosa ou mammadeira apropriada. É n'estes abcessos que se deve cessar a amammentação, porque o pus mistura-se com o leite, ao qual communica qualidades nocivas. Não se deve abrir o abcesso senão quando a fluctuação estiver evidente. Estes abcessos são de ordinario multiplices e pequenos; pelo que é necessario fazer muitas incisões sobre todos os pontos fluctuantes.

Depois de aberto o abcesso, o curativo se faz como o dos abcessos quentes. Introduz-se um drem na cavidade, fazem-se todos os dias lavagens com uma solução antiseptica e applica-se um penso que impeça o contacto da ferida com o ar exterior.

Quando a doente não deve amammentar, deve-se purgal-a logo que apparecerem os primeiros symptomas do abcesso, em caso contrario, o recemnascido poderá continuar a mammar mesmo no seio doente, comtanto que o pus não tenha penetrado nos canaes por onde corre o leite e não saía pelo bico do seio de mistura com este liquido.

Os abcessos podem tambem apparecer no correr da prenhez, na occasião em que os seios se incham, ficam doridos preparando-se á amammentação.

O tratamento d'esses abcessos prematuros deve ser o mesmo que o das suppurações que sobrevêm depois do parto.

§ II. — Abcessos frios ou chronicos.

Dá-se o nome de *abcesso frio* á collecção de pus que se forma lentamente, quasi sem dôr, sem vermelhidão da pelle a não ser senão no periodo adiantado de sua evolução. Esses tumores se observam sob a pelle, no meio do tecido cellular que constitue a membrana de envolucro no qual se ajunta o pus. Esses abcessos são sempre de naturcza tuberculosa. Distinguem-se mui facilmente ao microscopio as granulações tuberculosas que se acham dessiminadas nas paredes do abcesso.

Estes abcessos começam por pequenos tumores duros que crescem rapidamente, amollecem depois de terem adelgaçado e ulcerado a pelle, abrem-se e deixam escorrer um pus claro, seroso que differe muito do pus espesso e homogeneo dos abcessos quentes. Depois da abertura espontanea ou artificial, as paredes d'estes abcessos não apresentam nenhuma tendencia á cicatrização; a suppuração continua, interminavel atravez do trajecto fistuloso.

Emquanto a pelle estiver intacta, pode-se tratar esses abcessos, aspi-

rando o pus com um trocarte fino, injectando-se depois na bolsa uma solução phenicada a cinco por cento. O processo mais simples é abrir o abcesso e fazer sahir o pus, dissecca-se depois a propria bolsa que se extirpa como se fosse um tumor ordinario. Um penso compressivo especial servirá de curativo definitivo.

O regimen do doente deve ser abundante, vinhos generosos, exercicio moderado; e um calice de vinho de Baudon a cada refeição.

§ III. — Abcessos por congestão.

Designam-se debaixo d'este nome agglomerações purulentas que se formam perto da alteração de um osso, e que apparecem debaixo da pelle em ponto mais ou menos distante da séde do mal que o originou, depois de ter caminhado por entre os differentes orgãos que as circonscreviam.

A affecção ossea é quasi sempre a carie ou a osteite tuberculosa. Constituem um dos mais frequentes symptomas do mal de Pott. O pus é grumoso, fluido, mui parecido com o dos abcessos frios, do qual differe apenas por n'elle se encontrar pequenos fragmentos de ossos. A bolsa que contem esse pus é espessa; ás vezes apresenta o aspecto de um trajecto fistuloso.

Quando se acha adiantada em sua evolução, a bolsa fica fina ao nivel da pelle, esta se ulcera e o pus escorre. É assim que a cura pode ser espontanea, o que é bastante raro. A abertura do abcesso occasionna muitos accidentes que podem ser evitados tendo-se o cuidado de bem lavar a cavidade com soluções antisepticas.

É necessario evitar o mais possivel a abertura espontanea d'estes abcessos. Deve-se praticar punccções com uma agulha fina para que o pus escorra sem que penetre ar na cavidade. Fazem-se, depois, injecções antiputridas e combate-se a molestia principal com um tratamento geral reconstituinte, oleo de figado de bacalhao de Berthé em altas dóses, vinho de quinium Labarraque, arsenico, carnes pouco cosidas e hydrotherapia.

Abcessos nos animaes. No cavallo e nos outros animaes, o abcesso das partes carnosas, como o pescoço, a espadoa, a coxa, não deve ser aberto senão no ultimo gráo de maturação; pelo contrario, o das partes tendinosas, como os joelhos, os jarretes, deve ser inciso o mais cedo possivel, afim de que o pus não venha a extravasar-se nas partes delicadas. Conhece-se que o tumor está maduro quando se levanta em ponta, quando o pello se eriça ou cahe, ou quando a pelle se torna esbranquiçada. Corta-se então a pelle com o bisturí, na parte mais baixa, para facilitar o corrimento do pus. Feita a incisão, introduz-se dentro da ferida uma tira de panno de linho, untada com ceroto ou azeite doce, e por cima applica-se a cataplasma de linhaça ou de farinha de mandioca.

ABDOMEN. *Veja-se* Ventre.

ABDOMINAES (*Cinturas*). São cinturas especiaes para sustentar, suspender ou comprimir methodicamente as paredes abdominaes. Convem ás mulheres muito gordas após muitas prenhezes ou depois de uma hydropisia ascite cujo liquido foi evacuado e têm a barriga fofa e cahida em cima do pubis e precisa ser sustentada para não incommodar e fatigar, andando, as visceras abdominaes em geral, ou a madre.

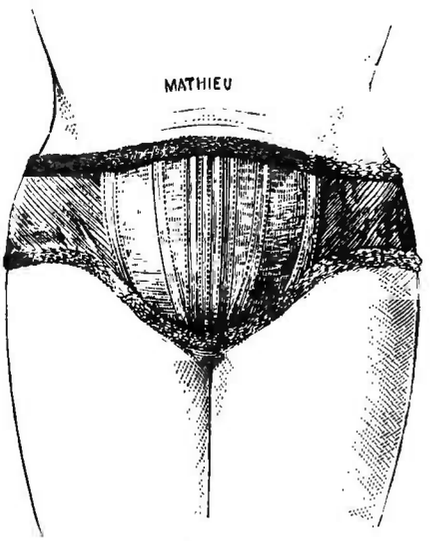


Fig. 4. — Cintura abdominal de tecido inglez elastico, vista de frente.

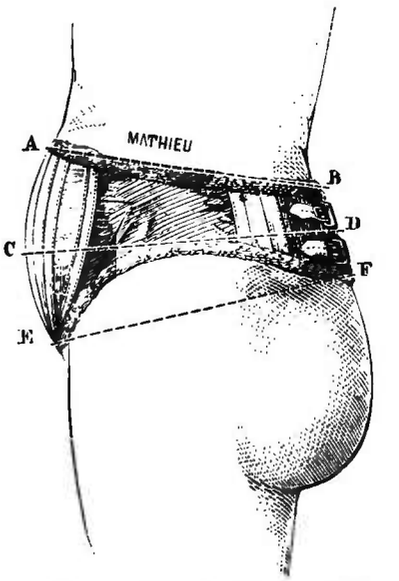


Fig. 5. — Cintura abdominal de tecido inglez elastico, vista de lado.

Estas cinturas servem tambem para o tratamento de certas affecções da madre, principalmente os desvios (fig. 4 e 5).

Quando se queira usar de uma d'essas cinturas é indispensavel dar a medida conveniente. Toma-se essa medida como está indicado na figura 5. 1° As circonferencias de A a B, de C a D e de E a F; 2° as alturas de E a A e de F a B.

ABELHA. Um dos insectos mais uteis ao homem em razão dos seus productos, a cera e o mel. As abelhas vivem em sociedades numerosas compostas de machos e femeas, e de operarias que não tem sexo. As femeas e as operarias, do genero *Abelha domestica* (*apis mellifica*, Linneo) (fig. 6), tem na parte inferior do corpo um ferrão de duas linhas de comprimento; os machos, maiores do que as operarias, não tem ferrão. O ferrão acha-se escondido no interior do ventre, é movivel, terminado por pequenas farpas em fórma de frecha, e tem no seu interior um pequeno canal, d'onde escorre uma substancia acre e acida que se acha contida n'um pequeno sacco. A fórma do ferrão é causa de que a abelha quasi sempre o deixa na ferida, e morre pouco tempo depois. Segurando com a mão uma abelha de maneira que não possa picar, vê-se-lhe logo sahir o ferrão, que apresenta na ponta uma pequena gotta de liquido transparente, que é o veneno.

A dôr, que a picada da abelha occosiona, é ordinariamente seguida do desenvolvimento de pequena inchação redonda, dura e vermelha.

Tratamento das picadas de abelhas. E necessario extrahir o ferrão, que o insecto deixa quasi sempre na ferida; mas antes de tudo deve-se cortar com tesoura a pequena vesicula que existe na base do ferrão, e que contém ainda veneno. Sem esta precaução, ao extrahir-se o ferrão, a vesicula seria comprimida, e o veneno poderia ir para dentro da ferida. Depois de extrahido o ferrão comprimam-se as carnes á roda do logar ferido, afim de expellir a gotta do veneno que se acha depositada na ferida. Lave-se depois esta com agua fria ou com agua salgada, e applique-se-lhe salsa hortense, previamente mastigada. Se sobrevier inchação, e a ferida ficar vermelha, será preciso applicar cataplasmas de farinha de linhaça, de miolo de pão ou de farinha de mandioca.



Fig. 6. — Abelha domestica.

Uma só picada é um accidente leve que sára em um ou dois dias; mas quando todo o rosto, um braço ou membro qualquer, forem cobertos de picadas, apparecem então symptomas mui serios: a parte ferida incha, sobrevem dôres, sêde e febre. Se o accidente aconteceo ha pouco tempo, é preciso mandar deitar o doente, dar-lhe a beber agua de cevada ou limonada de limão; cobrir a parte ferida com pannos molhados em agua fria, depois de ter extrahido o maior numero de ferrões que fôr possivel. Se houver passado já algum tempo que as picadas foram feitas (seis ou oito horas), mergulhe-se a parte affectada n'um banho d'agua morna, e appliquem-se depois cataplasmas de linhaça.

As picadas de *besouro*, *zangão*, *vespa* e *vespão*, produzem tambem alguma inflammação. O tratamento das picadas feitas por estes insectos é o mesmo que o das picadas de abelhas.

ABESTRUZ. Ave da ordem das Ribeirinhas, de que só se conhecem duas especies:

1° **Abestruz da Africa** (*Struthio camelus*, Linneo: Autruche, em francez) (fig. 7). É a maior de todas as aves conhecidas; póde attingir 2 metros e 1/2 de altura; habita nas regiões mais quentes da Africa e da Asia. Tem as pernas seminuas, e *dois dedos*, dos quaes o externo é mais curto do que o interno; e as azas tão pequenas que lhe não servem para voar. O bico deprimido, os grandes olhos, e a pequena cabeça, dão-lhe um ar estupido que passou em proverbio. As pennas fornecem um ornamento muito procurado, e são um importante objecto de commercio. O abestruz é herbivoro, mas tão voraz, que engole indistinctamente com os seus alimentos tudo que se apresenta, como lenha, pedras, pedaços de metaes, etc. É a unica ave que ourina. A carne, prohibida por lei aos Hebreos, era, pelo contrario, estimada pelos Romanos. Serve como alimento a muitas tribus da Africa. Os ovos pesam 1 1/2 kilo. A femea os

põe na areia, onde o calor do sol os faz brotar; todavia ella os chóca de noite e na estação fria. O abestruz não póde voar; mas a sua força e rapidez na carreira são incriveis; os melhores cavallos não podem alcançal-o senão quando está cançado, e só depois de oito ou dez horas de caça; e por isso serve de cavalgadura. Os caçadores do abestruz matam-n'o ás pauladas para não estragar-lhe as pennas. Certos povos da Africa criam numerosos bandos d'estas interessantes aves.



Fig. 7. — Abestruz da Africa.

2º **Abestruz da America** (*Struthio rhea*, Linneo; Nandou, em francez). Tem quasi a metade do tamanho do abestruz da Africa, do qual se distingue por ter tres dedos guarnecidos de unhas. Habita nas regiões frias do Brazil e das outras partes da America meridional. Uma medalha de ouro, do valor de 1,500 francos, está offerecida, pela Sociedade de acclimação de Pariz, a quem introduzir e domesticar em França o abestruz do Brazil. Este animal, apanhado ainda novo, amansa-se com muita facilidade e torna-se familiar no espaço de dois ou tres dias. Cumpre sómente ter o cuidado de não engaiolal-o; deve-se deixar livre, bastando pôr travões nas patas para o impedir de correr, mas não de andar. Nutre-se, quando novo, de carne fresca cortada em pedacinhos no sentido do comprimento das fibras, e que se deitam diante d'elle, ou que elle vem comer na mão. Passados alguns dias podem-se-lhe tirar os travões. Passeia então ao redor da habitação, e penetra mesmo no interior da casa para apanhar as moscas de que gosta muito. Á medida que cresce afasta-se mais da casa, ás vezes mesmo á distancia de meia legoa, mas volta sempre á hora da comida e ao pôr do sol. Quando adulto, o abestruz acceita toda a especie de alimentação: prefere entretanto o milho, o pão e o assucar. Não exige nenhum cuidado nem vigilancia. A constituição, muito robusta, torna-o insensivel a todas as vicissitudes atmosphericas e permittir-lhe-hia viver mesmo no norte da França. Da domesticação d'esta ave, poderiam tirar-se as vantagens seguintes: primeiro, as pennas, de que a industria faz grande consumo, e tambem os ovos, que, sem serem tão delicados como os da gallinha, são todavia bons para comer, e conservam-se frescos durante muito tempo. A carne dos abestruzes novos é assaz boa, se bem que de gosto bastante pronunciado; mas a da ave adulta é muito coriacea e de gosto desagradavel.

ABLAÇÃO. Operação cirurgica que consiste em extirpar ou cortar uma parte do corpo, um membro, um orgão, um tumor. Diz-se: ablação de um membro, do seio, de um tumor, etc.

ABLACTAÇÃO. Termo empregado para designar o facto de uma mãi ou de uma ama de leite que cessa de dar de mammar.

ABLEPHARON. Auzencia de palpebras. *Veja* PALPEBRAS.

ABLUÇÕES. As abluções são simples lavagens da pelle com agua fresca. Ordenadas aos povos orientaes pelas religiões mahometana e india, as abluções são apenas medidas hygienicas necessarias sobretudo nos paizes calidos e nas regiõs asiaticas em que o asseio do corpo nem sempre é feito com o devido cuidado. Tirando todas as parcellas epidermicas inuteis ellas amaciam a pelle e facilitam as secreções sebaceas e sudoraes ; dão logar a que a respiração cutanea se faça mais facilmente. Quando a pelle não é lavada com todo cuidado, dentro de pouco tempo, fica lustrosa e escura e transpira um cheiro fetido.

As abluções quotidianas devem ser feitas no rosto, no pescoço e nas partes superiores do peito mesmo no tempo frio. Dentro de pouco tempo o corpo se habitua com a baixa temperatura do liquido e adquire então maior resistencia para lutar com as bruscas mudanças das condições climatericas. Para estas lavagens deve-se empregar de preferencia uma esponja macia, em proveito mesmo do asseio.

Não se deve confundir as abluções, lavagem hygienica, ordenadas em certos paizes, pelas leis religiosas, com as affusões, meio therapeutico, empregado no curativo de certas molestias e nas crianças delicadas ou franzinas.

ABOBREIRA. *Curcurbita.* Genero de plantas da familia das Cucurbitaceas, espalhadas por toda a parte, e cuja cultura nos fornece um dos preciosos legumes. Existem muitas especies do seu fructo (abobora), que varía de volume, côr e fórma, e que constitue um alimento sadio bem que pouco nutriente. Come-se com carne, feijões, camarões, etc., e fazem-se d'elle doces muito saborosos. Originarias dos climas quentes da India e da Africa, as abobreiras gostam do calor e da humidade. As principaes variedades são : *abobora* propriamente dita, *abobora d'agua*, *abobora menina*, *abobora enxuta*, *moganga*, *abobora assucarada do Brazil*, etc. A casca das aboboras é amarella, alanranjada branca-amarella, verde ou branca ; a polpa de um amarello mais ou menos vivo, esverdeado, branco-roseo, ou avermelhado. A fórma é arredondada, oval, cylindrica ou deprimida.

As semente (pevides) da abobora são empregadas efficazmente contra a solitaria e as lombrigas, na dóse de 60 grammas. Eis-aqui como se procede : Na vespera, o doente não come cousa alguma, e toma 60 grammas de oleo de ricino. No dia seguinte toma 60 grammas de sementes de abobora, privadas da casca coriacea, trituradas com assucar, e misturadas com 180 grammas de leite. Duas horas depois, torna a beber 60 grammas de oleo de ricino, e o verme não tarda a ser expulso

ABOBORA DO MATTO. *Veja-se* TAYUYA.

ABORTO. Chama-se *aborto*, *movito* ou *máo successo*, a expulsão do feto que não é *viavel*, isto é, que não tem seis mezes.

O aborto póde ter logar em todas as épocas da prenhez, porém é muito mais frequente nos dois primeiros mezes.

Causas do aborto. O aborto dá-se mais frequentemente nas mulheres sanguineas, abundante e irregularmente menstruadas, hystericas, nervosas, affectadas de alguma molestia, ou que se apertam com vestidos

muito estreitos. Certas constituições atmosphericas tornam os abortos epidemicos. As mulheres que ficam pejadas antes do seu completo desenvolvimento, ou perto da idade crítica, são mais susceptiveis de abortar do que as que tem vinte a quarenta annos.

Muitas molestias, a que a criança está sujeita depois do nascimento, podem manifestar-se durante a vida intra-uterina, e produzir aborto. Quando resulta das causas precedentes, o aborto chama-se espontaneo; mas as causas accidentaes ou occasionaes são muito mais numerosas; todas as impressões vivas da alma, a alegria, o pezar, a dansa, as vigilias, a diarrhea, etc., podem produzir o aborto. Segundo a opinião dos autores mais competentes, as relações conjugaes não occasionam aborto.

As pancadas, as quédas, os passeios de trem, não são causa de aborto, senão nas mulheres predispostas : porque as aguas, em que nada o embryão, enchem completamente o utero, e as páreas não podem separar-se d'elle por simples sacudidellas. Com effeito, vêem-se todos os dias mulheres activas, e até imprudentes, que se entregam a exercicios violentos, levarem a prenhez ao termo, entretanto que uma infinidade de outras abortam apezar de minuciosas precauções. Abundam exemplos em apoio d'esta asserção. Para escapar ao incendio do seu quarto, uma mulher, pejada de sete mezes, desce do terceiro andar por uma corda ; o susto faz-lhe largar a corda, cahe sobre pedras e quebra um braço, mas a gravidez não foi perturbada.

A sangria, os emeticos e os purgantes, gozam de grande reputação como abortivos, mas felizmente é ella pouco merecida. Empregam-se na pratica diaramente, contra as molestias que o exigem, sangrias, vomitorios e os demais medicamentos activos de diversas especies, sem que a prenhez soffra a menor perturbação.

Não se deve todavia concluir d'estes factos que todos esses meios sejam inteiramente inoffensivos, mas sim que elles não produzem o aborto, no maior numero de casos, senão quando ajudados por circumstancias predisponentes.

Os *phenomenos* do aborto variam segundo a época da prenhez em que elle sobrevem. Nos dois primeiros mezes da gravidez acontece ás vezes que o embryão, ainda de um pequeno volume, é expellido inteiro, sem dôr nem hemorrhagia notavel. Porém as mais das vezes existem dôres e uma hemorrhagia acompanhada de sangue coagulado, em que o embryão póde achar-se envolvido, e escapar a um exame pouco attento. Assim as mulheres pensam ordinariamente não terem experimentado senão uma demora, seguida de volta dolorosa e abundante dos menstruos, entretanto que tiveram realmente um aborto. A medida que a gestação se adianta e o volume do feto augmenta, as dôres e a hemorrhagia que acompanham o aborto tornam-se cada vez mais consideraveis. O aborto produzido por molestias chronicas ou causas que obráram lentamente, offerece de ordinario os symptomas seguintes : horripilações e calefrios seguidos de calor, fastio, nauseas, sêde, dôres nas cadeiras, lassidões, palpitações, arrefecimento das extremidades, tris-

teza, pallidez, máo halito, sentimento de peso no baixo-ventre, flaecidez dos seios, que deixam sahir serosidade, corrimento pela vagina de um liquido sanguinolento, e depois, sangue liquido ou coagulado, dôres uterinas mais vivas e frequentes, finalmente a expulsão das aguas, do feto e das páreas. O aborto proveniente de causas energicas é seguido immediatamente de larga effusão de sangue, que continua até á expulsão do feto e das páreas. Em geral, os symptomas do aborto assemelham-se tanto mais aos do parto, quanto mais adiantado está o termo da prenhez. O mesmo é para as suas consequeneias, taes eomo o fluxo dos loechios, chamados vulgarmente *parto*, a seereção do leite e a febre lactea.

Póde considerar-se o aborto como imminente, quando se apresenta algum dos symptomas que indiquei : esta regra, todavia, não é constante. Tem-se visto manifestarem-se estes phenomenos depois de quédas graves, e não serem seguidos de aborto, e os partos, que tiveram logar muitas semanas depois, darem á luz uma criança de perfeita saude.

Tratamento preservativo. Conduz-se muitas vezes ao termo conveniente a mulher disposta ao aborto, pela situação horizontal e repouso prolongado por cinco ou seis semanas ao menos, além da épocea dos abortos anteeedentes : accrescenta-se a isto um regimen brando e o uso de banhos mornos. A mulher irritavel e de sensibilidade viva, será posta ao abrigo das eommoções moraes; habitará o eampo, e suas distrações serão numerosas, mas nunca taes que exeedam as forças. A que fôr fraca e pallida deve seguir um regimen eapaz de produzir n'ella uma vitalidade mais energica : aproveitar-lhe-hão as earnes assadas, um pouco de vinho generoso, um exereicio agradavel. Opposta prescripção convirá á mulher corada e de temperamento sanguineo. Uma dieta moderada, cozimentos frios de arroz ou de eevada, limonadas de limão ou de laranja, a posição horizontal, serão necessarias para moderar a força do pulso, e por conseguinte, para desviar o affluxo habitual do sangue para o utero.

Todos estes excellentes meios fieam sem effeito em muitos easos. Quando o aborto é possivel, mas não inevitavel, é melhor empregar o laudano de Sydenham na dóse de XX ou XXX gottas na quarta parte de um crystel; este medicamento tem dado muito bons resultados n'estes easos.

Se o clyster não fizer effeito logo, dar-se-ha um outro de igual dóse, algumas horas depois. Não deve haver reeeio de envenenamento, pois as mulheres pejadas toleram muito bem o laudano em altas dóses, e a eriança nada soffre com isso.

Tratamento palliativo. Não sendo possivel evitar o aborto, será preciso esperal-o sem atormentar a paciente eom remedios inuteis.

Durante o trabalho da parturição póde declarar-se uma hemorrhagia : sua abundaneia assusta; o medico está longe, o que se ha de fazer? Se o feto já tiver sahido e o cordão fôr aceessivel, pegar-se-ha n'elle eom um lenço, e extrahir-se-hão as páreas. Far-se-hão applicações de pannos molhados em agua fria e vinagre sobre o baixo-ventre e eoxas. Se as páreas não puderem ser extrahidas, e o sangue eorrer eom força, eonti-

nuar-se-hão as applicações refrigerantes, e introduzir-se-ha no interior das partes genitaes um lenço, que se encherá com bolas de fios de linho, afim de obstar á hemorrhagia.

As consequencias do movito são as mesmas que as do parto ordinario, e reclamam os mesmos cuidados.

Antes de acabar este artigo cumpre dizer o que se deve pensar do aborto provocado com tenção criminosa. Não ha meios abortivos na accepção rigorosa d'esta palavra, isto é, não existe medicamento que possa decidir o aborto, e nada mais do que o aborto, de uma maneira directa e especifica. A natureza encheo de obstaculos, de perigos e de incerteza toda a tentativa de destruir ou de expulsar o ente interessante que encerra o seio materno. Tem-se visto mulheres estragarem-se e perecerem pelo abuso dos medicamentos presumidos abortivos, sem poderem conseguir o seu culpado intento. Desgraçada da mulher que se expõe a semelhante experiencia! Não só a sua vida corre grandes perigos, mas a sua saude experimentará constantemente um golpe cuja impressão será difficil apagar.

Para o complemento d'este artigo *veja-se* FETO, PARTO, e GRAVIDEZ.

ABRO. Planta da familia das leguminosas. As sementes são ovoides, muito vermelhas com uma pinta preta no cume. Os Indios e os Egypcios, comem-n'as cosidas e temperadas como feijões. As folhas são consideradas muito efficazes contra as anginas e a tosse. Das raizes fazem-se um extracto, na America e na Africa, que empregam para os mesmos fins que a raiz de alcaçus.

ABROTANO. HERVA LOMBRIGUEIRA. *Artemisia abrotanum*. L. Synanthereas senecionideas. Sub-arbusto da Flora portugueza, habita nas fraldas da serra d'Estrella, e outras partes; cultiva-se nos jardins. Caules da altura de 60 a 100 centimetros, ramificados em cima; folhas divididas em segmentos lineares, acinzentadas ou esbranquiçadas, de cheiro citrino e camphoraceo, de sabor amargo e acre. — Estimulante e vermifugo; emprega-se em infusão na dóse de 1 gramma de folhas para 180 grammas d'agua fervendo.

ABSAC. França. Aguas mineraes chloruretadas sodicas frias. — Usam-se em banhos e em bebida. As aguas de Absac empregam-se nas molestias seguintes : atonia, febres intermittentes, engurgitamentos diversos, coxalgia. Contem por litro cerca de 3 grammas 90 de saes que são : chloruretos de sodio, de calcio e de magnesio ; e vestigios de oxydo de ferro.

Trajecto 2 horas de Bordéos a Absac.

ABSINTHIO ou LOSNA. *Artemisia absinthium*. L. Synanthereas senecioides, L (fig. 8). Esta planta encontra-se nas partes montanhosas de toda a Europa; em Portugal habita nas ribanceiras do Douro, e outros logares ; no Brazil é cultivada nas hortas. Tem 60 centimetros e mais de altura, folhas esbranquiçadas de ambos os lados, e flores amarelladas. As folhas d'esta planta são muito amargas. Deixando-se infundir 4 grammas d'estas folhas em 180 grammas d'agua fervendo, obtem-se um chá tonico, que convem nas digestões difficeis, e que póde ser admi-

nistrado como vermifugo, ou para provocar os menstruos, quando a sua falta depende da fraqueza de constituição. Introduzem-se ás vezes na cerveja, em logar de lupulo, as summidades de absinthio; a cerveja toma-lhe o amargor, conserva-se melhor, mais embriagante.



Fig. 8. — Absinthio.

O licor conhecido debaixo do nome de *absinthio*, é a preparação que resulta da distillação do alcool com diversas especies de absinthio que habitam na Suissa. Toma-se antes do jantar diluido em grande quantitade d'agua; constitue uma bebida estomachica, que excita o appetite. Tomado em alta dóse, o licor de absinthio, tal qual é preparado no commercio, determina mui graves accidentes. Ora, este licor de absinthio contem duas substancias toxicas, o alcool e o proprio absinthio. Quando se administra em animaes a essencia de absinthio, ella produz estupidez, estupor e convulsões. Este producto possue, pois, uma acção que lhe é particular e que se junta á influencia tão perniciosa do alcool com o qual se acha misturado. D'isto resulta que o envenenamento com absinthio é mais rapido do que o alcoolismo simples. Os individuos envenenados teem mais predisposições para os desarranjos cerebraes e a paralysia geral do que os simples alcoolicos.

ABSOLUTO. Qualificativo dado ao alcool puro que não contem agua.

ABSORPÇÃO. Função que consiste em tomar por meio dos vasos absorventes, para a massa dos liquidos circulantes, substancias liquidas ou solidas extremamente divididas. O verbo que lhe corresponde é *absorver;* o epitheto da acção e do agente é *absorvente*. Diz-se : o sangue da ecchymose, o liquido do pleuriz *absorveo-se,* quando decrescem em quantidade ou desapparecem dos logares onde concorriam para a doença respectiva; a induração do figado *absorveo-se*, quando seu volume diminue ou se extingue.

ABSORVENTES. São medicamentos que servem para neutralizar a acção dos gazes e dos liquidos cujo contacto poderia ser nocivo. Assim é que para combater a distincção do estomago nos dyspepticos, prescreve-se pós inertes que se combinam com os gazes e fal-os desapparecer.

Os corpos porosos absorvem facilmente os liquidos e os gazes, os que se empregam mais facilmente são os pós de amido e de lycopodio. Os outros absorventes actuam unindo-se ás substancias pathogeneas cujos effeitos elles neutralisam chimicamente. Grande é o numero d'estes medicamentos, os principaes são : os saes de potassa, de soda, os carbonatos calcareos, a magnesia e seos derivados, os nitratos e salicylatos de bismutho.

ABSTINENCIA. Esta palavra, na sua maior extensão, applica-se a qualquer especie de privações. Mas, na linguagem medica, serve para designar quasi exclusivamente a privação dos alimentos e das bebidas.

Os effeitos da abstinencia differem segundo o estado de saude ou de molestia; segundo a idade, sexo, constituição, e regimen habitual; e segundo que a abstinencia fôr completa, isto é, se comprehender todos os alimentos solidos e liquidos, ou se fôr só parcial ou incompleta.

É impossivel fixar o termo a que, sem succumbir, póde attingir um homem adulto submettido a uma abstinencia completa. Os Arabes passam, segundo affirmam alguns viajantes, cinco dias sem comer nem beber. O Dr Chaussier refere que, debaixo de desabamentos, varios obreiros viveram privados de comida e bebida quatorze dias; que no fim d'esse tempo foram tirados com pulso frequente, calor quasi extincto, e com um fraco sopro de vida que ainda pôde reanimar-se.

Segundo as experiencias de Collard de Martigny, feitas nos cães, estes animaes podem viver na abstinencia completa tres, quatro, cinco semanas e mais. Gallinhas, que Redi sujeitou á abstinencia absoluta, não viveram além do nono dia. Uma d'estas aves, á qual deo agua, viveo até ao vigesimo dia.

Os primeiros *effeitos da abstinencia completa*, quando esta apenas dura vinte e quatro horas, consistem em produzir a sensação da fome. O individuo experimenta na bocca do estomago uma sensação incommoda; ao mesmo tempo o seu rosto torna-se pallido, denota pena, descontentamento; está triste, de máo humor e abatido. Á medida que a abstinencia se prolonga, estes symptomas augmentam de intensidade; ajunta-se á fraqueza dos sentidos, a diminuição das faculdades intellectuaes. Se se prolonga ainda, manifesta-se a magreza geral; encovam-se os olhos; um abatimento physico e moral apodera-se do infeliz que permanece deitado, sem executar movimento algum, ou cahe em delirio furioso; desconhece os amigos, os parentes, e quer destruil-os. Apparece depois o marasmo, insupportavel máo cheiro, pequenez do pulso, lentidão da respiração, arrefecimento do corpo, e a morte. O naufragio da *Méduse* deo logar a observarem-se os tristes resultados da abstinencia prolongada.

Na sessão da Academia de medicina de Pariz, de 30 de Agosto de 1831, foi apresentada uma observação de suicidio por inanição. O individuo objecto d'esta observação, não tomou, durante sessenta dias, época em que lhe sobreveio a morte, senão uma pouca d'agua com xarope de orchata.

A observação quotidiana prova que a abstinencia é supportada com maior facilidade durante o estado de molestia do que durante o estado de saude. Dir-se-hia que a natureza fez da abstinencia uma das condições da cura das molestias. O fastio assignala o principio de quasi todas as molestias agudas, e obriga os doentes a guardar abstinencia. N'estes casos, a abstinencia dirige-se principalmente sobre os alimentos solidos, e não é raro vêr doentes que não comem nada até ao vigesimo ou tri-

gesimo dia de uma molestia aguda, e ás vezes até muito mais tarde. Existem casos de molestias em que os doentes não quizeram nem beber agua. Mas a privação absoluta de toda a substancia solida ou liquida não póde ser continuada, mesmo no estado de molestia aguda, além de duas semanas. Não existem factos bem averiguados de uma prolongação mais consideraval. Quando os doentes fazem uso de bebidas, por pouco nutritivas que sejam, a abstinencia póde ser prolongada muito mais tempo.

As affecções vivas da alma podem tambem fazer supportar longa abstinencia. Os estudos porfiosos, os projectos proseguidos com excessivo ardor, o amor, a ambição, uma devoção exaltada, emfim, tudo o que produz uma forte contensão do espirito faz esquecer a necessidade da restauração das forças.

Hippocrates observou que a fome é tanto mais irresistivel quanto a pessoa é mais joven; e as experiencias de Collard de Martigny demonstráram que os animaes succumbem tanto mais depressa pela abstinencia quanto mais novos.

Da abstinencia considerada como o meio curativo das molestias. Todos os medicos concordam em reconhecer a utilidade da abstinencia no tratamento das molestias, mórmente no das molestias agudas. Muitas molestias graves, que tinham resistido aos medicamentos, foram curadas pela dieta unicamente, e póde-se facilmente explicar a acção ou modo de proceder d'este poderoso meio; porque a abstinencia impede que novos elementos de congestão, de irritação sejam levados ao orgão doente por meio da alimentação.

A abstinencia deve ser tanta mais severa, quanto mais recente e mais aguda fôr a molestia. No principio das molestias acompanhadas de febre, a abstinencia das comidas solidas deve ser completa, mas póde-se conceder ao doente o uso da agua, para acalmar a sêde. N'estes casos a infracção do regimen póde ser mortal; e ha exemplos nas molestias chamadas eruptivas, taes como bexigas, sarampos, escarlatina, erysipela, etc., em que a menor infracção no regimen tem sido seguida da suppressão repentina da erupção e do apparecimiento de alguma molestia interna. Nos pleurizes, nas inflammações do estomago ou dos intestinos, etc., a alimentação prematnra é muitas vezes acompanhada de recahida.

A abstinencia dos alimentos solidos não é menos indispensavel nos dois primeiros dias que seguem o parto, e durante a febre de leite.

Na força da idade a abstinencia ou a reducção de alguns alimentos é melhor meio de diminuir a superabundancia dos succos nutritivos, e de curar as palpitações, tonturas, dôres de cabeça e hemorrhagias, tão communs n'essa epoca da vida.

Nas molestias da primeira idade a abstinencia das comidas solidas é, em muitos casos, o unico meio de tratamento que se póde empregar. E sobretudo indispensavel para curar as nauseas, os vomitos e as diarrheas.

Mas não se deve abusar da dieta nos primeiros annos da vida, nem tambem em muitas outras circumstancias.

Nas molestias ehronieas, isto é, nas que duram muito tempo, a abstinencia não deve ser completa nem prolongada; ha mesmo molestias chronieas em que é necessario sustentar o doente pela alimentação nutriente.

As pessoas idosas, os individuos enfraquecidos antes da idade por qualquer especie de excessos, não devem tambem observar, nas molestias, uma dieta tão severa. Sustentar as forças do doente por uma alimentação apropriada á sua idade, á natureza e á duração do mal, é o unico meio de cural-o.

Nas affecções escrophulosas seria perigoso submetter os docntes á abstinencia severa. Uma boa alimentação, com o exercicio e ar salubre, são n'estes casos um dos melhores meios curativos.

Nas molestias da infancia deve-se attentamente observar o pequeno doente, e dar-lhe alguns alimentos, logo que a febre diminuir um pouco; pois todos sabem com que diffieuldade as crianças supportam a abstineneia prolongada.

Se pelo effeito de uma alimentação insuffieiente prolongada por muito tempo, o estomago tiver perdido, de alguma sorte, o costume de suas funcções, dever-se-ha, para evitar indigestões, não proceder á administração dos alimentos senão gradualmente.

ABUTUA BUTUA OU PARREIRA BRAVA *Cocculus platyphylla*, St-Hilaire. Menispermaeeas. Planta trepadeira do Brazil. O seu caule, trepando á roda das arvores vizinhas, attinge-lhes o cume, por elevado que seja. Folhas ovaes-orbiculares; flores masculinas dispostas em paniculas, femininas em espigas alongadas; fructo, drupa em fórma de baga, contendo uma unica semente; raiz lenhosa, tortuosa, dura, roxa por fóra, amarella e cinzenta por dentro; cortada transversalmente apresenta circulos concentricos irregulares; de cheiro pouco sensivel sendo antiga, mas algum tanto penetrante, quando nova; de sabor amargo. Esta raiz foi trazida do Brazil para a Europa em 1688; hoje ainda é receitada pelos medieos como diuretica, nas areias e hydropisias. Usa-se em infusão, que se prepara com 8 grammas da raiz, e 360 grammas d'agua fervendo. Emprega-se tambem o caule da mesma forma.



Fig. 9. — Açafrão.

AÇAFRÃO. *Crocus sativus*. Linneo. Irideas (fig. 9). Pequena planta, originaria do Oriente, cultivada na Europa, principalmente na Hespanha e França. As flores são roxas, mareadas de veias purpureas. Empregam-se os estigmas e a parte superior do estylete, que se apresentam no eommereio debaixo da fórma de filamentos eompridos,

enrolados, flexiveis, de côr amarella-alaranjada tirante ao escuro, sabor picante e amargo, corando a saliva de amarello; cheiro especial e forte; falsifica-se com a açafrôa (*Carthamus tinctorius*), da qual se distingue facilmente, porque esta é um tubo avermelhado, dividido superiormente em cinco lacinias, dentro do qual estão o pistillo e o estames; não tem o mesmo cheiro, nem córa tanto a saliva. A luz priva o açafrão de sua côr, e torna-o quasi inerte, pelo que deve ser conservado em vasos bem opacos e fechados.

Os estigmas d'esta planta, além do seu uso nas artes e nas preparações culinarias, são empregados na medicina; gozam da propriedade de provocar os mentruos, e convem principalmente ás jovens affectadas da molestia chamada *chlorose*. Administram-se debaixo da fórma de *pó*, na dóse de 1 a 2 grammas por dia.

AÇAFRÔA ou Carthamo dos tintureiros. *Carthamus tinctorius* L. Synanthereas. Planta cultivada no Brazil e em Portugal, por causa de sua flor que é empregada na tinturaria. O caule é simples em baixo, ramoso em cima, guarnecido de folhas ovaes-lanceoladas, denteadas, terminado pela reunião das flores de côr vermelha-alaranjada. Estas flores são compostas de um tubo vermelho, dividido em cinco lacinias; seu cheiro é bastante sensivel e não desagradavel. As flores contém dois principios: um é amarello, soluvel em agua, separa-se e rejeita-se depois como inutil; o outro é vermelho, não se dissolve senão por meio de um alcali, e é utilizado para tingir a seda; entra tambem na composição do arrebique ou côr que se põe na cara. A flor de açafrôa usa-se para dar côr a muitas comidas. As sementes d'esta planta contém um oleo que póde servir na economia domestica. As folhas frescas fornecem um alimento, que se prepara em salada ou em guisado; tem, além d'isto, a propriedade de coagular o leite, pelo que empregam-se no Egypto na preparação dos queijos. Em Portugal esta planta cultiva-se sobretudo no Algarve, aonde se faz d'ella grande uso para tingir pita, e dar côr a muitas comidas; chama-se-lhe ali *açaflor*.

AÇAFROEIRA DE PERNAMBUCO. *Melasanthus tinctorius*, Verbenaceas. Arbusto exotico, cultivado no Brazil. Tronco esbranquiçado, ramoso e quadrangular nas partes superiores; folhas ovaes, pequenas, oppostas, asperas: flores brancas, aromaticas; fructo, capsula com duas sementes chatas.

Seccam-se os tubos das corollas, e depois de reduzidos a pó serve este para dar côr amarella aos guisados.

ACARIÇOBA. *Veja-se* Herva capitão.

ACATAYA. *Veja-se* Herva do bicho.

ACCESSO. Assim se chama em medicina a rennião de symptomas de qualquer molestia, que apparecem e desapparecem para tornarem a voltar. Nas febres intermittentes o accesso tem tres *periodos:* um de frio, um de calor e um de suor, que se succedem e constituem um accesso. O tempo que separa um accesso do outro póde variar desde algumas horas até um, dois e mais dias; este intervallo chama-se *apyrexia* ou *intermissão*.

ACCIDENTE. Na linguagem vulgar chama-se accidente a qualquer acontecimento subito, triste e imprevisto; em medicina entende-se por este nome qualquer symptoma que sobrevem n'uma molestia, sem ser consequencia necessaria d'ella; assim a hemorrhagia que se declara depois de uma operação ou depois de um parto, é um accidente. Chama-se tambem accidente o ataque subito de uma molestia que priva do uso dos sentidos, como o accidente epileptico, ou ataque de gota coral, e o ataque apoplectico. *Veja-se* GOTA CORAL e APOPLEXIA.

ACCLIMAÇÃO. As maiores ou menores modificações que experimenta o homem pela mudança de patria ou de localidade, as precauções sanitarias que convem tomar para prevenir ou diminuir os effeitos nocivos d'esta mudança, tal é o objeto do presente artigo.

Emquanto os vegetaes e muitos animaes são obrigados a permanecer, sob pena de morte, em certas zonas do globo terrestre, não se vê sem espanto a especie humana espalhada desde o equador até além dos circulos polares, e poder o mesmo homem conservar a sua existencia no calor dos tropicos e nos gelos do norte. Comtudo não se deve julgar que o homem possa zombar das influencias climatericas. Elle frequentemente paga com a saude ou com a vida, quando se subtrahe ás leis poderosas do habito, fugindo do paiz onde viveo por longos annos.

O perigo da acclimação é tanto maior, quanto mais notavel é a differença entre o clima que se deixa e aquelle que se vai habitar. D'aqui resulta que as apprehensões devem ser menores, quando não se faz senão mudar de provincia, ou quando alguem se transporta para uma nação vizinha. Todavia, por ser menos difficil, não se deve considerar como insignificante o perigo d'estas acclimações tão communs. Basta ás vezes, para alterar a saude, deixar um logar baixo pela montanha, o campo pela cidade, as ilhas pelos continentes.

Quem muda de clima, e principalmente quem vai habitar um paiz longinquo, deve, antes de emprehender a viagem, indagar qual é n'elle a estação mais sadia para os estrangeiros e para os indigenas, e fazer toda a diligencia para chegar em tempo favoravel. Esta noção preliminar é essencial para quem quer transportar-se ás regiões sujeitas a miasmas, a contagios e a epidemias. Se receiar o constraste das temperaturas, procure chegar durante o verão aos paizes frios, e durante o inverno aos paizes quentes. Havendo estas precauções a organização não fica subitamente abalada, e póde com maior efficacia reagir contra influencias, ás vezes terriveis.

O tempo ordinario para a acclimação varia segundo os paizes e temperamento da pessoa. Umas vezes a constituição é subitamente modificada por alguma molestia grave; outras, a mudança opera-se pouco a pouco, e ordinariamente são necessarios dois annos para acclimar-se. Passado este tempo entra-se quasi na lei commum dos indigenas.

As causas mais geraes da salubridade ou da insalubridade de um clima provém da temperatura, da seccura ou da humidade, da leveza ou do peso do ar, da tranquilidade ou das agitações mais ou menos violentas d'este fluido, da sua pureza ou das emanações de que pode achar-se carregado.

As molestias a que estão expostos os individuos que vão para o clima mais frio e mais humido do que aquelle que deixáram, são, em primeiro logar, as affecções dos orgãos da respiração, as molestias catarrhaes de toda a especie, e os rheumatismos. Para obviar esta inclemencia do ar, deve o estrangeiro pôr em uso os meios que a industria tem inventado para se obter um clima artificial. Deve abafar-se quando se expõe ao ar. A alimentação será mui nutriente; poderá usar, mas sem excesso, de temperos, vinho, licores, etc. Este regimen tende a manter a constituição no grao de reacção conveniente contra o rigor do frio e humidade do clima; mas se, apezar d'estas precauções, algum orgão, e principalmente os pulmões, vierem a ser affectados, convirá então evitar o ar vivo. Emfim, se a affecção se mostrar rebelde, melhor será voltar ao paiz natal.

A acclimação do Europeo nos paizes entretropicaes merece grande attenção. Independentemente das epidemias, tem-se notado como mais frequentes para os estrangeiros, nos climas quentes, as affecções do estomago e dos intestinos, a dysenteria, as hemorrhagias e as molestia de pelle.

O Europeo póde até certo ponto evitar todas estas molestias e acclimar-se sem perigo, submettendo-se a algumas regras de hygiene.

Durante a viagem de mar é muito importante observar grande temperança nos alimentos e bebidas. Chegado ao logar, evitará ainda com maior cuidado o excesso no comer. A alimentação será branda e leve, mas sufficiente e composta principalmente de vegetaes. O uso moderado das fructas será mui salutar. Para bebida durante as comidas, usará de vinho com agua, ou um pouco de vinho puro, se a elle estiver acostumado; nos intervallos agua pura, adoçada ou acidulada. Abster-se-ha de licores espirituosos, principalmente nos primeiros mezes de sua chegada.

O fato nos climas quentes será tambem conforme á temperatura, e será bom que não diffira elle quanto ao feitio e fazenda, do que trajam os indigenas. A sua roupa deve ser por conseguinte leve; deixará o uso do linho para tomar a do algodão; pois que este não é tão bom conductor do calorico, e como tal, de uma parte, transmitte menos ao corpo o calor exterior, e da outra, nos casos de abaixamento subito de temperatura da atmosphera, conserva melhor o calor do corpo : A demasiada actividade dos Europeos nos paizes quentes é-lhes muitas vezes nociva. Na longa estação do calor será salutar não se expôr ao sol nas horas em que elle está mui elevado sobre o horizonte. Os banhos frios são muito uteis. A insomnia fatiga frequentemente os estrangeiros; conciliarão o somno, tomando um banho morno, comendo pouco á ceia, e dormindo em cama pouco macia e preservada de insectos por mosquiteiro.

Os climas de alta temperatura offerecem algumas compensações dos perigos a que expõem. As pessoas de peito delicado, as que padecerem de rheumatismo ou gota, dar-se-hão melhor com um ar mais quente do que o ar patrio.

Quando, depois de passarem alguns annos nos paizes equatoriaes, os

Europeos quizerem voltar ao seu paiz natal, esta volta não será para elles sem perigo, e terão que soffrer uma nova acclimação. As molestias do peito são as que devem recear-se mais; ellas se aggravam, se existiam, ou se desenvolvem rapidamente nos individuos que ainda não tinham apresentado signal d'ellas.

Em geral, o homem experimenta vantagens passando de um clima quente para outro mais temperado; e o mesmo se observa com alguns animaes, por exemplo os cavallos.

Ha ainda outro genero de acclimação, que vem a ser a da mudança dos valles ou planicies para altas montanhas, onde a columna do ar pesa muito menos, e onde elle é mais frio e mais agitado.

Geralmente só as molestias dos pulmões e do coração, e as disposições ás hemorragias é que podem receber influencias nocivas pelo ar rarefeito, vivo e movediço das altas montanhas.

Os individuos que são obrigados a ir habitar paizes pantanosos, tem tambem de passar por uma acclimação. As emanações lodosas são causa de muitas molestias, e principalmente nos paizes quentes. Pantanos sem influencia sobre a população indigena, fazem quasi sempre adoecer os estrangeiros; outros pantanos, que só produzem nos indigenas febres intermittentes benignas, occasionam nos estrangeiros febres intermittentes muito mais graves, e as vezes febres perniciosas.

Evitar o expôr-se aos effluvios pantanosos á noite, não se deitar sobretudo perto dos pantanos, não receber o embate dos ventos que soprarem d'esse lado, escolher para habitação os logares mais elevados, ou os que forem abrigados por um monte ou por arvores, não abrir as janellas do quarto que derem para o lado do pantano, preservar-se cuidadosamente de toda a humidade, nutrir-se de alimentos substanciaes, beber, se fôr possivel, agua que não seja do pantano, ou, se não houver outra, bebêla só depois de purificada, e evitar todas as especies de excessos, taes são os meios simples, que o estrangeiro obrigado a habitar um logar pantanoso, deve sempre ter em vista.

Em muitas occasiões a mudança de clima é favoravel. Acontece frequentemente que um habitante de paiz quente e agradavel, enfraquecido por uma molestia nervosa, volta á saude, debaixo do céo do norte, ao passo que um homem do norte sára da mesma molestia n'um paiz quente.

ACEDIA. Especie de melancolia que acommette os frades moços nos conventos, occasionada pela tristeza da solidão, pelas leituras muito assiduas, os jejuns, etc.

ACELGA. *Beta cicla*, Linneo. Chenopodiaceas. Planta cultivada nas hortas por causa das folhas que se comem cozidas, sós ou misturadas com azedas. Raiz fusiforme, branca, da grossura de 30 centimetros e muito mais; caules muitos de uma só raiz, de 60 a 90 centimetros, levantados, flaccidos; folhas carnosas, succulentas. Estas folhas servem tambem para o curativo dos causticos, e são mui proprias para este uso, por serem de consisteucia molle, de superficie macia e fresca. Mas é necessario cortar a ponta aguçada da folha, e achatar, com o

dedo ou com o cabo de uma faca, as nervuras salientes. As folhas de acelga fervidas, e reduzidas a polpa, podem tambem ser empregadas como cataplasma emoliente.

ACEPHALOCYSTO. *Veja-se* HYDATIDA.

ACETANALIDE ou *antifebrina.* Substancia azotada que se apresenta debaixo do aspecto de laminazinhas crystallinas de um brilho claro; é inodora e tem um gosto acre. Se bem seja soluvel em agua e no alcool, emprega-se-a sobretudo em obreias medicamentosas, na dose de 50 centigrammas ou 1 gramma. Deve ser empregada com muita cautella porque já tem havido casos serios de intoxicações, com o seu emprego. A propriedade da acetanalide consiste em calmar as dôres nevralgicas ou rheumamatismaes, e fazer baixar a temperatura dos febricitantes.

É de grande efficacidade no tratamento das crises dolorosas da ataxia locomotriz.

ACETATO (do latim *acetum,* vinagre). Designam-se debaixo do nome de acetatos os saes formados pelo acido acetico com qualquer base. Os acetatos empregam-se em medicina e nas artes. Os que se empregam em medicina são : os acetatos de ammoniaco, de chumbo, de morphina, de potassa, de soda, etc. (Vejam-se estas palavras.)

ACETONO, ETHER OU ESPIRITO PYRO-ACETICO, ESPIRITO PYROLIGNEO ALCOOL MESITICO, METHYLACETYLO. Liquido inflammavel, incolor, limpido, de sabor acre e ardente, de gosto mordicante, e cuja densidade é igual, a 0,792 na temperatura de + 18° centigrados. Obtem-se distillando os acetatos de cal, de baryta, e outros. N'esta operação, o acido acetico transforma-se em parte em acido carbonico, que fica unido á base, e em *acetono,* que se volatiliza. Respirado, produz a anesthesia; a acção é mais prompta, porém menos duravel do que a do chloroformio. O acetono tem um cheiro muito especial, penetrante, que se encontra mui pronunciado, no halito dos individuos accommettidos de diabetes. Internamente foi aconselhado na tisica, gota e rheumatismo; na dose de 15 a 30 gottas, tres vezes por dia.

ACIDEZ. *Veja-se* AZIA.

ACIDOS. Entende-se por acido uma substancia que tem gosto acerbo ou acre, e possue a propriedade de avermelhar a côr azul do turnesol.

Os acidos dividem-se em *vegetaes* e *mineraes.* Entre estes contam-se os acidos nitrico, sulfurico, chlorhydrico; e entre os vegetaes o acido acetico e os que se encontram na laranja, limão, marmelo, cajú, araçá, grumichama, goiaba e outras fructas acidulas.

Todos os acidos, e particularmente os acidos vegetaes, bastante diluidos, acalmam a sêde, moderam o calor febril e augmentam a secreção das ourinas. Os acidos fracos são, por conseguinte, refrigerantes e diureticos; os acidos fortes, pelo contrario, produzem instantaneamente a inflammação, a queimadura, e mesmo destroem as partes do corpo sobre que se applicam.

Indico aqui os acidos mais geralmente empregados.

Acido acetico, ou *vinagre radical.* Este acido é liquido, sem côr,

de sabor caustico, é volatil e tem um cheiro mui penetrante e agradavel. Emprega-se nos desmaios, e para corrigir o ar viciado pelas emanações ou respiração. Os frascos de sal de vinagre devem a este acido as suas propriedades. O acido acetico diluido em agua constitue o vinagre commun.

Acido arsenioso. *Veja-se* ARSENICO.

Acido azotico, *acido nitrico* ou *espirito de nitro.* Liquido sem côr, de cheiro desagradavel, espalha vapores brancos e adquire a côr amarellada pela luz, quando concentrado (35 gráos e mais); não espalha vapores, nem é alteravel pela luz quando diluido em agua: n'este caso chama-se *agua forte*, e marca 26 gráos. Tinge de amarello as substancias organicas. Puro, é um dos mais violentos causticos, e empregado como tal para destruír as verrugas.

Acido benzoico, ou *flores de benjoim.* Este acido assim chamado porque se extrahe especialmente do benjoim, existe em todos os balsamos. Obtem-se aquecendo o benjoim em apparelho proprio, e tirando o producto sublimado que é o acido benzoico. Apresenta-se em agulhas sedosas ou nacaradas; é pouco soluvel no alcool. Tem sabor fracamente acidulo, seguido da sensação particular de acrimonia; o seu cheiro é quasi sempre aromatico e agradavel. Usa-se contra a gota e areias, na dóse de 1 a 2 grammas e mais, em pó ou pilulas.

Acido borico. Apresenta-se sob a forma de escamas nacaradas, unctuosas, sem cheiro, de sabor acido pouco pronunciado; mui pouco soluvel em agua, porém mui soluvel no alcool ao qual communica a propriedade de arder com chamma verde caracteristica. Vem de Lagoni, especie de volcões lodosos da Toscana. Obtem-se, pela purificação com albumina, do acido bruto de Lagoni, ou por decomposição, do borato de soda e cal, ou tinkalzite, descoberto ha poucos annos na Republica do Equador.

O acido borico é empregado em solução aquosa assim formulada:

Acido borico.....	6	grammas.
Agua.....	200	—

Serve sobretudo á fazer lavagens nas affecções chronias da bexiga e nas inflammações dos olhos. Alguns medicos o tem administrado internamente, para desinfectar os intestinos. Nestes casos dá-se-o em pó até a dóse de 12 grammas por dia.

Acido carbolico. *Veja-se* ACIDO PHENICO.

Acido carbonico. O acido carbonico é um corpo gazoso. Existe em pequena proporção no ar atmospherico; acha-se em maiores proporções em certas localidades, e, entre outras, na gruta do Cão na vizinhança de Napoles: existe tambem em certas aguas mineraes; desenvolve-se das materias vegetaes em fermentação ou em combustão. Este gaz é incolor, transparente, de cheiro picante e de sabor um tanto acidulo, que se pode apreciar bebendo agua de Seltz: é elle que faz espumar o vinho de Champanha e a cerveja, qnando se destampam as garrafas. Este gaz é improprio para a combustão e para a vida; apaga-

as velas accesas que n'elle se introduzem, e o homem que se acha na atmosphera que contém grande quantidade d'este gaz morre asphyxiado. E por isso cumpre evitar os logares onde elle se desenvolve; taes como as dornas em que fermenta o vinho, os fornos de cal, os quartos em que se acham brazeiros; pelo menos é preciso deixar abertas as portas e janellas de semelhantes logares. (*Veja-se* ASPHYXIA.)

É mais pesado que o ar atmospherico, pelo que occupa sempre a parte inferior do logar onde se acha.

O gaz acido carbonico misturado com agua, por meio de apparelhos convenientes constitue a *agua de Seltz*, empregada como bebida. Esta agua favorece a digestão.

Acido chlorhydrico, ou *acido hydrochlorico*, *muriatico*, *marinho*, ou *espirito de sal marinho*. Este acido, tal como se encontra no commercio, é um liquido sem côr ou um pouco amarello, de sabor acido, de cheiro suffocante e especial; produz fumaça branca no ar. Emprega-se nas artes e em medicina. É um liquido corrosivo.

Acido chromico. Crystaes em forma de agulhas, de carmesim escuro, soluveis em agua e no alcool, deliquescentes. Dissolvido em agua, é um caustico cuja acção é instantanea. Tem-se applicado com vantagem nas ulceras de diversa natureza com vegetações.

Acido chrysophanico. De *chrysos*, ouro, *phainien*, brilhar. Apresenta-se sob a forma de agulhas brilhantes, de côr amarella, grupadas em estrellas. É pouco soluvel em agua fria, mais soluvel na agua quente, soluvel, sobretudo a quente, no alcool, no ether, na banha e na vaselina. Acha-se no musgo das muralhas (*Lichen parietinus*), na raiz de rhuibarbo, de que constitue a materia amarella. Seu effeito local é irritante. Sob a forma de pomada usa-se na Inglaterra contra as molestias cutaneas. Obtido da araroba, já tem sido vantajosamente empregado nas molestias de pelle, por muitos medicos do Brazil.

Acido citrico. Existe no limão, laranja e muitas fructas acidulas. É branco, crystalliza em prismas rhomboidaes, inalteraveis ao ar, inodoro e de sabor acido mui forte. Emprega-se para preparar limonadas.

Acido gallico. Acha-se todo formado nas sementes da manga, e produz-se pela decomposição do tannino que existe na noz de galha. Apresenta-se sob a forma de longas agulhas sedosas, incolores, inodoras; soluvel em 100 partes d'agua fria, e 3 partes d'agua fervendo, mui soluvel no alcool. Contrariamente ao tannino, não precipita nem a gelatina, nem os saes organicos, nem os protosaes de ferro. Tinge de azul-escuro os persaes de ferro.

Adstringente; na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas; foi preconizado contra a albuminuria.

Aquecido a + 215° o acido gallico divide-se em acido carbonico e em acido *pyrogallico*, que se sublima em agulhas crystallinas. Este ultimo acido serve na photographia, entra nas composições que se usam para tingir o cabello, e é empregado na chimica para decompôr o ar.

Acido iodico. Crystaes brancos, soluveis no alcool, mui soluveis na agua. Pouco usado.

Acido lactico. Existe no leite, no succo gastrico e em muitos dos nossos humores, na gemma de ovo, e em muitos liquidos fermentados. Obtem-se decompondo pelo acido sulfurico o lactato de cal, ou directamente, fazendo evaporar o soro de leite azedo. Póde tambem extrahir-se da agua de arroz, e de mais outras substancias. É um liquido da consistencia de xarope, incolor, inodoro, incrystallizavel, deliquescente ao ar, de sabor acido mordicante; mui soluvel na agua, alcool e no ether. Puro, não é usado em medicina; serve para preparar o lactato de ferro e mais outras composições que se empregam.

Acido nitrico. *Veja-se* Acido azotico.

Acido oxalico. Crystaes sem côr, transparentes, muito acidos, sem cheiro. Quando se dissolve em agua fria produz um ruído assaz forte, que póde servir para fazêl-o reconhecer. Nas boticas tem sido ás vezes tomado pelo sal d'Epsom. Meia onça d'este acido póde occasionar a morte dentro de alguns minutos. É empregado para tirar as nodoas da tinta de escrever. A preparação para tirar estas nodoas, que se vende nas lojas sob o nome francez de *encrivore,* é composta de 15 grammas d'agua e de 4 grammas de acido oxalico.

Acido phenico, *phenol* ou *acido carbolico.* Foi descoberto em 1834 no breu do carvão de pedra; é o principio activo e desinfectante de todas as preparações que tem por base os alcatrões. O acido phenico recentemente preparado é solido, em crystaes brancos; derrete-se ao 35° centigrado, e apresenta-se então sob a fórma de liquido incolor, quasi oleoginoso que pela influencia da luz adquire côr arroxeada; é pouco soluvel em agua; mas dissolve-se em toda a proporção no alcool e no ether; é inflammavel, arde com chamma fuliginosa; coagula a albumina, destroe as membranas mucosas, tira o cheiro fetido ás carnes corruptas; impede a putrefacção; tem o cheiro repugnante do creosote. Apezar da sua pouca solubilidade na agua, o acido phenico crystallizado torna-se liquido ao contacto da humidade atmospherica. É um dos causticos e desinfectantes hoje bastante empregados. Dissolve-se na glycerina, nos oleos graxos e volateis; parece mesmo formar verdadeira combinação com os corpos gordos, porque perde então a faculdade rubificante que possue. Emprega-se sob a fórma de *acido phenico liquido*, que é a mistura de 9 partes de acido phenico crystallizado e de 1 parte de alcool. A sua solução na glycerina, em differentes gráos de concentração, tem sido empregada com bom exito no tratamento externo de varias molestias de pelle, como o lupo, eczema, lepra, tinha, etc. A proporção ordinaria é de 1 parte de acido phenico e 100 partes de glycerina. Contra a peste bovina costumam espalhar nos curraes, na Inglaterra, serradura de madeira molhada com agua phenica.

Em pharmacia, chama-se *acido phenico liquido* a dissolução de 9 partes de acido phenico crystallizado e 1 parte de alcool a 90°

Agua phenica. Agua commum 1,000 grammas, acido phenico 1 gramma. Em lavatorios como desinfectante, e para curar as feridas de máo caracter. A dóse do acido póde ser augmentada a 5 partes d'este para 1,000 d'agua.

Vinagre phenico. Vinagre ordinario 100 grammas, acido phenico 1 gramma. — Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca no máo halito.

O acido phenico liquido emprega-se internamente; é aconselhado sobretudo na raiva, nas mordeduras por cobras venenosas, e nas bexigas confluentes, na dóse de 1 a 10 gottas até 1 gramma em poção. Em forte dóse é veneno, 50 centigrammas de acido phenico liquido matam um coelho. (*Veja-se* PHENOL.)

ENVENENAMENTO PELO ACIDO PHENICO. Estes envenenamentos podem ter logar ora por ingestão no canal digestivo, ora por absorpção cutanea, Ordinariamente são o resultado de um erro, nunca o de um crime, por causa do gosto e cheiro desagradavel do acido phenico. Tornam-se de mais em mais frequentes, desde que o acido é empregado como desinfectante.

1ª *Observação.* Um homem de 32 annos empregado em Pariz, na limpeza das ruas, bebeo uma solução de acido phenico que julgou ser vinho: immediatamente experimentou nauseas, suores frios, estupor, e perdeo conhecimento. Um pharmaceutico vizinho administra-lhe magnesia calcinada. Transportado ao hospital, morre nove horas depois da ingestão do acido phenico.

2ª *Observação.* Um homem de 65 annos tomou para suicidar-se 15 a 30 grammas de acido phenico liquido do commercio : a morte sobreveio em cincoenta minutos. Notáram-se os symptomas seguintes : respiração estertorosa, perda de conhecimento, pupillas contrahidas, pulso lento (40 a 50 pulsações por minuto), bocca cheia de saliva grossa, e, na barba, estrias devidas á acção corrosiva do veneno.

3ª *Observação.* Um soldado inglez engolio 30 a 60 grammas de acido phenico, de côr roxa, que julgou ser bitter : logo sobreveio a perda de conhecimento e de locomoção; depois um estado apoplectico, respiração estertorosa, forte contracção da pupilla. Administraram-lhe um vomitorio e azeite doce; ficou sem movimento. No fim de tres horas, principiou a mexer-se, as pupillas dilatáram-se; no fim de cinco horas e meia, o paciente recobrou o conhecimento e pedio agua; sobreveio então dyspnea e expectoração difficil e purulenta; o pulso tornou-se frequente, a pelle fria e humida; ao cabo de dez horas, o doente soltou ourinas de côr carregada, de cheiro de acido phenico; morreo treze horas depois da ingestão do veneno.

4ª *Observação.* Para se curarem da sarna tres inglezas friccionaram toda a superficie do corpo com cerca de 60 grammas de acido phenico quente. Duas morrêram, a terceira escapou á morte. Estas tres mulheres perdêram conhecimento; nenhuma d'ellas teve vomitos. A superficie da pelle era aspera, secca, enrugada, mas sem vesicação. Lavatorios com agua e sabão, administração interior de aguardente, ammoniaco, e de ether sulfurico, bem que feita vinte e cinco minutos depois das fricções, não teve outro resultado do que salvar uma das pacientes.

Alguns envenenamentos foram tambem produzidos pelo emprego das soluções de acido phenico como antiputrido na cirurgia. Estes casos deram-se sobretudo na Inglaterra, onde este acido é usado em dóses mui con-

centradas. Para os curativos das feridas não se devem empregar soluções aquosas ou alcoolicas que contenham mais de 1 por cento de acido. Ora, os inglezes fazem habitualmente uso de soluções muito mais concentradas : a solução de 2 partes de acido phenico para 100 partes d'agua é empregada em lavatorios e injecções. Fazem tambem uso frequente da solução de acido phenico em 10 e mesmo em 8 vezes o seu peso de azeite doce ; esta solução mui caustica presta-se facilmente á absorpção rapida, e póde occasionar accidentes graves, quando applicada sobre largas superficies.

Os cirurgiões empregam duas soluções phenicadas no tratamento das feridas, uma muito forte feita com um gramma de acido phenico e vinte grammas d'agua; outra feita com um gramma de acido phenico e quarenta grammas d'agua. Estas soluções são de um emprego usual por toda parte e no entanto pouco teem sido os accidentes. Os envenenamentos pelo acido phenico já não são tão frequentes nas condições ordinarias das feridas. Elles se dão em individuos debeis acommettidos de feridas grandes e em quem se fizeram lavagens exageradas com este medicamento. Evita-se qualquer accidente supprimindo o emprego do acido phenico, logo que as ourinas do doente sahem muito carregadas.

Os *symptomas* de envenenamento produzido pelas fricções, injecções ou curativos, feitos com soluções demasiadamente concentradas de acido phenico no alcool, agua, azeite au glycerina, são : calafrios, vomitos, prostração geral, pulso fraco, abaixamento de temperatura; as ourinas exhalam cheiro de acido phenico. De ordinario os doentes saram pelo emprego das bebidas estimulantes, taes como chá da India com rhum, ou poção com ether,

Contra-veneno do acido phenico. Foram propostos como contra-venenos o oleo de ricino, o azeite doce e a glycerina. É preciso engulir grandes quantidades d'estas substancias. Remedios duvidosos.

Depois de diversos ensaios, o *saccharato de cal* parece prestar serviços no envenenamento pelo acido phenico. Prepara-se dissolvendo 16 partes de assucar em 40 partes d'agua; ajuntam-se 5 partes de cal caustica extincta separadamente; deixa-se tudo em repouso durante tres dias, filtra-se e deixa-se seccar. Esta preparação dissolve-se em agua ; n'um caso de envenenamento salvou o paciente.

O saccharato de cal acha-se em algumas boticas ; se não se achar póde ser substituido pela agua de cal misturada com assucar.

No caso em que o envenenamento tenha tido logar pela pelle, será preciso fazer lavatorios com agua morna simples ou misturada com farinha de mostarda ; e dar a beber chá da India com rhum, e a poção seguinte ás colheres :

Agua de hortelã.....	120 grammas.
Xarope simples.....	30 —
Ether sulfurico.....	30 gottas.

As dóses de acido phenico que se devem empregar são as seguintes :
Em *gargarejos*, 20 centigrammas para 33 grammas d'agua.

Em *injecções*, 7 centigrammas para 125 grammas d'agua.
Em *lavatorios*, 1 gramma para 30 grammas d'agua.
Em *pomada*, 1 1/2 gramma para 30 grammas de banha.
Em *linimento*, 1 1/2 gramma para 20 grammas de azeite doce.
Em *emplasto*, 1 1/2 gramma para 20 grammas de massa.
Como *caustico*, applica-se o acido puro crystallizado.

Desinfecção dos estabulos. Collocar pratos fundos contendo o acido phenico puro. — Espargir no chão serradura de madeira molhada com agua phenica.

Desinfecção geral. Regar o chão com a mistura de 500 grammas de acido phenico e 20 litros d'agua a ferver.

Desinfecção de uma valla. 1 kilogramma de acido e 20 litros d'agua a ferver.

Dôr de dentes. 1 gotta de carbolato de glycerina sobre algodão.

Diarrhea. 2 gottas de carbolato de glycerina n'um copo d'agua, que se bebe por uma vez.

Vermes intestinaes. 10 gottas de carbolato de glycerina n'um copo d'agua, pela manhã,

Acido phenico liquido ou *acido phenico alcoolizado.* Mistura de 9 partes de acido phenico crystallizado e 1 parte de alcool a 90° centesimaes. E sob esta fórma liquida e concentrada, que evita a obrigação de o derreter pelo calor, que se deve empregar o acido phenico para diversos usos, como caustico, desinfectante, anti-putrido, e em poção.

Acido phosphorico. Existe no estado de combinação nos tres reinos da natureza, mas principalmente nos ossos dos mammiferos. O acido phosphorico das pharmacias não é acido puro, porém sim acido trihydratado dos chimicos; é um liquido de consistencia de xarope de densidade 1,45, marcando 45° no areometro Baumé. Obtem-se dissolvendo a quente 10 partes de phosphoro em 60 partes de acido azotico officinal a 1,42, diluido em 30 partes d'agua distillada, e fazendo evaporar em capsula de platina até á consistencia de xarope. Pelo esfriamento crystalliza em prismas limpidos. Diluido com 6 a 8 partes d'agua, o acido phosphorico foi aconselhado externamente em compressas, e no interior em granulos impressos de L. Frère, na dóse de 1 a 8 grammas em poção contra a carie dos ossos e areias; mas é pouco empregado.

Acido picrico, *acido carbazotico* ou *acido amargo* (da palavra grega *pikros*, amargo). Acido que provém da acção do acido azotico sobre grande numero de substancias organicas; entre as quaes citarei a seda, a lã, o anil, o benjoim, o balsamo de Perú, o oleo de carvão de pedra; este ultimo fornece a mais forte proporção d'elle. É um corpo solido, crystallyzado de maneira muito irregular; de sabor amargo, de côr amarella. E soluvel na agua, no alcool e no ether. Aquecido com precaução, derrete-se volatiliza-se; se a temperatura se torna subitamente mui elevada, seus elementos separam-se produzindo detonação. Tinge de amarello a lã e a seda sem o intermedio de nenhum mordente; pelo que se emprega hoje em notavel proporção na industria da tinturaria.

Os seus saes (os picratos) são todos de côr amarellada; derretem-se e

alguns detonam quando aquecidos subitamente, ou por um choque violento; porém quando estão misturados com um corpo oxydante, como o chlorato de potassa, detonam violentamente por um choque ou na temperatura pouco elevada: pelo que os picratos são utilizados na pyrotechnia. Os *picratos de mercurio* e *de prata,* ardem derramando luz viva; o *picrato de chumbo* póde detonar pelo choque; os picratos de chumbo e de mercurio entram na composição de alguns pós fulminantes.

O *picrato de ferro* serve na pyrotechnia; crystalliza em palhetas verdes, mui soluveis. Emprega-se tambem em medicina; foi recommendado contra a chlorose, na dóse de 5 a 10 centigrammas por dia.

O *picrato de ammoniaco* recebeo applicações baseadas na lentidão de sua combustão e nas bellas côres de chammas que dá ardendo com o azotato de stronciana ou de baryta.

O *picrato de potassa* crystalliza em pequenas agulhas prismaticas, amarellas, mui brilhantes, semi-transparentes, quasi insoluveis no alcool, mui pouco soluveis na agua. Ao contacto dos corpos em ignição, ou aquecidos subitamente a 310 gráos, o picrato de potassa detona com violencia; não detona pelo simples choque. Levado gradualmente á temperatura de 300 gráos, póde supportar a acção d'este calor durante mais de quarenta e oito horas sem detonar.

O picrato de potassa, misturado em porções iguaes com salitre, forma a polvora quebrante, que além do seu emprego na grossa artitheria de terra e de mar, serve para carregar os terriveis apparelhos de guerra conhecidos debaixo do nome de torpedos, que se collocam na entrada dos portos, e que são destinados a fazer saltar os navios inimigos. O fio metallico de uma pilha electrica, estabelecida sobre a praia ou a bordo de um navio em estação no porto, permitte communicar instantaneamente o fogo á quantidade mais ou menos consideravel de polvora quebrante, contida n'uma enorme bola ôca de ferro, de paredes mui espessas. As propriedades quebrantes da polvora de picrato de potassa, que se receiam, com razão, nas armas de fogo de pequeno calibre, são, pelo contrario procuradas n'este novo caso. O que com effeito se espera do agente explosivel, é que reduza em parcellas não sómente as paredes metallicas da bomba que encerra a composição fulminante, mas ainda tudo que se encontra sobre a sua passagem, tudo que põe obstaculo á expansão dos gazes instantaneamente formados n'este volcão em miniatura. Os navios encouraçados não tem mais terrivel inimigo do que esta mina escondida dentro da agua, e que no momento desejado, a um signal dado, rompe em uma torrente de fogo e de gaz, despedaça tudo que encontra no vasto raio de sua actividade.

O picrato de potassa é, pois, um agente explosivel de primeira força; seu manejo é mui perigoso, e para precaver o leitor contra o damno que póde occasionar, quando se lhe approxima uma vela ou charuto acceso, vou relatar aqui o desgraçado caso que aconteceo em Pariz ha poucos annos.

No dia 16 de Março de 1869, ás quatro horas da tarde, uma explosão formidavel fazia tremer o solo do bairro latino, em Pariz; sacudia as

casas, derribava as pessoas que passavam, e quebrava mais de cinco mil vidraças, no largo da Sorbonne e nas ruas adjaccntes. Podia julgar-se que era um tremor de terra. Era o armazem de produetos chimicos do Sr. Fontaine, situado na esquina da rua e do largo da Sorbonne, que voava pelos ares. Seria impossivel deserever os effeitos immediatos, o estrondo horrivel que se produzio, o painel que apresentou então o quarteirão.

Todas as janellas estavam espedaçadas, as portas abertas, as pessoas que passavam, derribadas por terra, feridas pelos fragmentos dos vidros quebrados. Em um instante o largo da Sorbonne transformou-se em uma ambulancia, d'onde se transportavam ás suas casas ou ás botieas vizinhas as pessoas que só foram feridas. Havia scenas horrendas. O proprietario do laboratorio, o Sr. Fontaine, ferido elle mesmo, felizmente sem gravidade, procurava em vão o seu filho, cujo eadaver foi achado mais tarde todo carbonizado no meio das ruinas do armazem. Alguns segundos depois da explosão, um espesso fumo, misturado com chammas azuladas, sahia do armazem. Os bombeiros da secção vizinha chegaram promptamente e apagaram o ineendio. Houve em tudo doze pessoas feridas mais ou menos gravemente pelos projeetis ou destroços de differente especie, e seis mortas, entre as quaes tres empregados da easa. O armazem durante muitos dias apresentava um montão de destroços; os andares superiores da casa soffrêram poueo.

Depois de deserever esta triste catastrophe, resta indiear a causa da deflagração. Foi durante o tempo que os empregados do laboratorio transportavam no interior uma quantidade eonsideravel, mais de 20 kilogrammas, de picrato de potassa, que sobreveio a terrivel detonação. Admitte-se geralmente que certa quantidade d'este sal detonante foi posta accidentalmente em contaeto com o fogo, com uma vela aecesa, um pavio de lume prompto, ou um charuto. Com effeito, a simples pressão do pé sobre algumas parcellas de picrato de potassa não teria podido inflammar este sal, que não detona pelo simples choque. Infelizmente, nenhuma das victimas, unicas testemunhas da eausa do aecidente, poude sobreviver para dar informações exaetas.

Acido prussico, *acido cyanhydrico* ou *hydrocyanico.* Este acido extrahia-se primeiramente do azul de Prusia, substancia que se prepara com sangue de boi, carbonato de potassa e sulfato de ferro; hoje obtem-se do cyanureto de mercurio. Este acido produz-se na aeção do acido azotico sobre as substancias organicas, e, em geral, todas as vezes que o carvão e o ammoniaco reagem na temperatura elevada.

O acido prussico das pharmacias não é o acido puro ou concentrado dos ehimieos, mas sim o acido diluido que se chama *acido prussico medicinal.* É um ponto importante que deve ser bem determinado. O codigo pharmaceutico faz preparar o acido medicinal pela fórma seguinte :

Cyanureto de mercurio.....	100	grammas.
Chlorhydrato de ammoniaco.....	45	—
Acido chlorhydrico a 1,17.....	90	—

Introduzem-se as duas primeiras substancis, previamente pulverizadas, em uma retorta de vidro tubulado, adapta-se ao collo da retorta um tubo de 50 centimetros de comprimento sobre 15 millimetros de diametro; enche-se o primeiro terço d'este tubo com fragmentos de marmore branco, e os dois outros terços com chlorureto de calcio secco e derretido. A este primeiro tubo disposto horizontalmente, ajunta-se um segundo de diametro mais pequeno, curvado a angulo recto, e mergulhando pelo ramo vertical em pequeno matraz de longo collo destinado a servir de recipiente. Este matraz deve estar cercado da mistura de sal marinho e gelo pilado. Luta-se o apparelho, deita-se o acido sobre o cyanureto e chlorhydrato pela tubuladura da retorta, aquece-se gradualmente afim de que a reacção seja lenta e successiva. O acido prussico não tarda a desenvolver-se e a condensar-se no tubo horizontal. Approxima-se ao tubo um carvão acceso, afim de expulsar o acido e obrigal-o a passar no matraz. Cessa-se a operação quando, estando o liquido da retorta sempre em plena ebullição, já não se observa o menor vestigio do vapor condensar-se na parte posterior do tubo horizontal. Cumpre ter o cuidado de não se expôr aos vapores prussicos.

O acido assim obtido é anhydro, isto é, sem agua, mui volatil; é liquido, podendo solidificar-se na temperatura de 15 gráos abaixo de zero. Para ter o acido medicinal, ajunta-se-lhe nove vezes o seu peso d'agua distillada, e agita-se. È esta mistura que constitue o acido prussico *ao decimo*, ou acido prussico medicinal. Pela mistura com agua, o acido prussico produz ao mesmo tempo abaixamento notavel de temperatura, e uma contracção de volume consideravel.

O *acido prussico medicinal* é um liquido mui fluido, incolor, de cheiro de amendoas amargas, soluvel, em fortes proporções, na agua e no alcool. Deve ser guardado ao abrigo da luz, em frascos tapados com rolha esmerilhada, pretos ou amarellos. Como, apezar d'estas precauções altera-se assaz promptamente, é preciso reformal-o de tempo em tempo. Alterando-se toma côr roxa, cada vez mais escura, e grande quantidade de materia negra. Ao cabo de um tempo, que não é longo, não se encontra mais acido quer livre quer combinado.

O cheiro do acido prussico, espalhado em grande quantidade de ar, é o mesmo que o das amendoas amargas, sendo porém tão forte, que produz vertigens e dôres de cabeça.

O acido prussico existe na natureza n'um estado de extrema divisão; toma nascimento em grande numero de reacções chimicas, e acha-se todo formado em certas plantas. Foi reconhecida sua presença nas folhas, flores e amendoas do pecegueiro, nas amendoas e caroços de algumas fructas, nas pevides da laranja, do limão, maçã, cerejas, nas amendoas amargas, e mais particularmente nas folhas do louro-cereja: entra tambem na composição de varias substancias domesticas, como por exemplo no doce chamado *maçapão*, e nos licores de mesa, taes como kirschenwasser, ratafia de cerejas, etc., que lhe devem em parte o aroma, e o sabor de amendoas amargas, que agrada a muitas pessoas. O acido prussico existe em tal quantidade nas folhas do louro-cereja.

quo o uso d'ellas é sempre perigoso. Convem não introduzir nos alimentos, senão em mui pequena quantidade, todas as substancias que contém o acido prussico.

O acido prussico puro é tão venenoso, que basta deitar uma gotta sobre a lingua ou n'um olho de um cão grande para fazêl-o perecer depois de uma ou duas respirações. Se o acido está diluido em agua, os symptomas desenvolvem-se mais lentamente ao cabo de alguns minutos; consistem em vertigens, difficuldade de respirar, augmento das pancadas do coração, convulsões e insensibilidade geral. Este acido, derramado em certa quantidade sobre a pelle, póde só pelo seu contacto occasionar graves accidentes, e até a morte, como aconteceo a um chimico de Vienna, Scharinger, que succumbio em poucas horas por haver derramado accidentalmente acido prussico n'um braço. Simplesmente respirado póde occasionnar symptomas mui graves. O chimico Scheele, que descobrio este acido em 1782, e que morreo subitamente no meio das suas pesquizas, passa por ter sido uma das suas primeiras victimas.

O *acido prussico medicinal*, isto é, o acido anhydro diluido em 9 partes d'agua, foi aconselhado contra as tosses nervosas, gota coral, asthma e tisica, mas é medicamento infiel. Pode ser dado na dóse de 6 até 15 gottas progressivamente, em 120 grammas d'agua distillada, não adoçada. Esta dóse administra-se em 24 horas, ás colheres *de sopa;* uma colher de hora em hora. Esta mistura deve estar n'um vidró coberto de papel preto, e o doente deve mexêl-a sempre que quizer tomar a dóse, para evitar a accumulação do acido, o qual, por ser mais leve do que a agua, sobrenada na superficie,

O modo mais prudente de administrar o acido prussico medicinal é em agua distillada simples. Existem nos diversos formularios receitas de xapores d'acido prussico cujas forças em acido variam muito. Importa indicar exactamente a formula que se deseja empregar; e como o xarope de acido prussico não se conserva, o medico deverá sempre fazer a formula para evitar qualquer equivoco e todo o accidente. Devo a este respeito citar aqui um triste caso que aconteceo n'um hospital de Pariz, em Bicêtre, no mez de Junho de 1822.

Tendo um medico d'aquelle hospital obtido em alguns doentes, que tratava fóra do hospital, resultados vantajosos do emprego do xarope de acido prussico de Magendie, na dóse de 15 grammas, contendo 1/129 parte d'acido, receitou 8 grammas d'este xarope, no hospital, para cada um de sete doentes epilepticos. Mas, em logar do xarope de acido prussico de Magendie, o pharmaceutico do hospital deo um xarope preparado segundo a receita do hospital, o qual xarope continha 1/10 parte de acido, e foi por conseguinte 13 vezes mais forte do que o primeiro, Os sete doentes que tomáram essa dóse morrêram em pouco tempo; aquelle que resistio mais succumbio no fim de tres quartos de hora; outros no fim de quinze, vinte ou trinta minutos. Em todos se observaram os mesmos symptomas: perda de sentidos, convulsões, respiração agitada, espuma na bocca, corpo coberto de suor, pulso frequente;

logo depois de uma excitação succedeo um abatimento gradual que se terminou pela morte.

O acido prussico é por conseguinte um dos mais violentos venenos que se conhecem. O acido obtido pelo processo de Gay-Lussac, tomado na dóse de 1 gotta, mata instantaneamente; o que se obtem pelo processo de Scheele, bem que menos energico, envenena sem que se possa remediar o mal, mesmo em pequena dóse. O tratamento dos accidentes produzidos pelo acido prussico mui diluido, e pelo que se encontra nas folhas do louro-cereja e outras substancias acima indicadas, acha-se descripto no artigo ENVENENAMENTO.

Acido pyrogallico. *Veja-se* ACIDO GALLICO.

Acido salicylico. Apresenta-se debaixo da fórma de pós brancos ou amarellados, de aspecto crystallino; é sem cheiro, sem sabor sensivel, soluvel em 300 partes d'agua fria, isto é, cerca de 3 grammas por litro; mais soluvel na agua quente, soluvel em 4 partes de alcool, em 50 partes de azeite ou de glycerina, soluvel no ether. Aquecido rapidamente, transforma-se em acido carbonico e phenico : aquecido moderamente, sublima-se sem decomposição. — O acido salicylico do commercio é as vezes de côr avermelhada.

O acido salicylico possue propriedades antiputridas e desinfectantes tão pronunciadas como o acido phenico; e apresenta a vantagem de ser completamente privado de cheiro, não ter sabor desagradavel, e não ser tão venenoso. Impede, em pequena dóse, a fermentação, destroe o máo cheiro, e oppõe-se á putrefacção das materias animaes e vegetaes. Desinfectam-se as ulceras polvilhando-as com pó de arroz misturado com acido salicylico. As vasilhas, as rolhas que contrahiram máo cheiro purificam-se com a solução do mesmo acido. Internamente é aconselhado no rheumatismo agudo, na angina diphtherica, no crup, nas febres palustres, typhoides, na escarlatina, em uma palavra, em todas as molestias infectuosas, em todas as epidemias. Porém, as propriedades irritantes, e a fraca solubilidade do acido salicylico, fazem-lhe preferir, sobretudo no rheumatismo agudo, o salicylato de soda (veja-se esta palavra) sal muito soluvel na agua.

Dóse : 1 gramma a 1 gramma 1/2, e progressivamente até 5 grammas por dia. Deve ser administrado em loock ou poção gommosa, porque, posto em contacto directo com as membranas mucosas, quer da bocca quer do apparelho digestivo, produz n'ellas um effeito irritante. — Os effeitos que produz, devem ser vigiados. Logo que se chegue a 4 ou 5 grammas deve-se observar o pulso e a temperatura. A intermittencia do pulso, a irregularidade da respiração, o abaixamento da temperatura, suores profusos, zumbidos de ouvidos, um certo gráo de surdez, são os primeiros signaes que exigem a cessação do medicamento. O collapso cede ao café e ao vinho.

Admininistra-se'o sob a forma de granulos impressos, de L. Frère, de 10 centigrammas.

Acido sulfhydrico, *acido hydrosulfurico*, *acido hydrothionico*, *gaz hydrogeneo sulfurado*, *gaz hepatico* ou *gaz fetido*. Gaz incolor, de

cheiro desagradavel de ovos choeos. Mui espalhado na natureza, acha-se no estado livre e no de combinação. É um dos resultados da digestão e da decomposição de grande numero de substancias que contém enxofre ou sulfatos. Dissolvido em certas aguas constitue as aguas chamadas sulfurosas, e n'ellas se encontra no estado livre ou salino; taes são as aguas mineraes da villa de Caldas na provincia de Minas, no Brazil, das Caldas da Rainha em Portugal; de Bareges na França, etc. Este gaz é a causa mais ordinaria da asphyxia produzida pelas exhalações das latrinas e dos canos de despejo.

Acido sulfurico ou *oleo de vitriolo*. O acido sulfurico ordinario é um liquido branco, inodoro, de consistencia oleaginosa, marca 66 gráos no areometro; toma côr amarella, roxa e mesmo preta, pelo contacto das menores parcellas organicas, que elle ataca e destroe subitamente. Exposto ao ar, attrahe a humidade d'este e perde por conseguinte a força. Puro, é um caustico dos mais energicos, e emprega-se para cauterizar as mordeduras dos animaes damnados e das cobras peçonhentas; diluido, administra-se internamente como adstringente, tonico e temperante. A dóse do acido é de 10 a 30 gottas para 1 litro d'agua, ou quanto baste para acidular agradavelmente este liquido; pois que a dóse de acido, que se deve deitar em cada litro d'agua, não póde ser determinada exactamente : depende do seu gráo de concentração e de pureza. O paladar é o melhor guia n'esta circumstancia. A agua assim acidulada, e adoçada com assucar, chama-se *limonada sulfurica*; administra-se nas febres.

Acido sulfuroso. Este acido é o gaz que se forma quando se queima o enxofre ao ar. Existe na natureza nas vizinhanças dos voleões. É incolor, de cheiro suffocante, mui soluvel na agua. No estado gazoso, emprega-se para branquear a seda, para tirar da roupa as nodoas de fructas; e administra-se com vantagem em fumigações, contra as molestias cutaneas.

O acido sulfuroso é de grande utilidade na desinfecção das prisões, dos quarteis, etc. Sua efficacidade contra os organismos inferiores deo ideia a alguns observadores a empregal-o em fumigações no tratamento da tisica pulmonar. Ultimamente, preconisaram, com o mesmo fim, o emprego em inhalações de um outro acido muito energico, o acido fluorhydrico, muito empregado pelos gravadores de metaes e de vidros.

Acido tannico. *Veja-se* TANNINO.

Acido tartrico ou **tartarico.** Não se acha na natureza, senão no estado de sal, e unido á potassa ou cal. Crystalliza em laminas largas ou prismas achatados, inalteraveis ao ar, sem côr nem cheiro, e de sabor mui acido. É usado como refrigerante debaixo da fórma de limonada, nas molestias febris. Dóse : 2 a 4 gram. para 500 grammas d'agua adoçada. Em alta dóse, obra como irritante, e poderia tornar-se perigoso.

Acido valerianico ou **valerico.** Liquido oleaginoso, incolor, de cheiro particular, desagradavel; soluvel em agua, no alcool e no ether. Obtem-se distillando a agua com a raiz de valeriana. Forma com

as bases saes que são soluveis quasi todos, e não se emprega em medicina, senão debaixo da fórma d'estes saes, que são : o velerianato de ferro, de zinco, de quinina, de ammoniaco.

ACIRCALE. Sicilia. Aguas sulfurosas chloruretadas sodicas; 18° e 22°; aproveita no arthritismo, catarrhos, no começo da tisica pulmonar, catarrhos chronicos dos bronchios, emphysema, anemia, chlorose, escrophula. Estabelecimento de banhos e hydrotherapia.

ACNE. Os medicos dão este nome a uns botões ou pustulas que apparecem pelo rosto e ás vezes pelo tronco, e a que vulgarmente chamam *espinhas*. Ha muitas especies de acne; as principaes são :

1° *Acne simples;* consiste em pustulas, isoladas, acuminadas, cercadas de areola vermelha, espalhadas pela face, espadoas, peito; seguidas, depois de seccas, de manchas violaceas, de iuduraçõe tuberculosas ou de pequenas cicatrizes.

2° *Acne endurecida;* sarabulhos, como os da primeira especie, maiores, mais numerosos, mais duros e mais dolorosos.

3° *Acne pontuada;* ductos das glandulas sebaceas intumecidos, cheios de materia sebacea, concreta em fórma linear ou vermiforme, preta na extremidade do ducto, e ás vezes sobresahida; situação no rosto. (*Veja-se* ESPINHA CARNAL.)

4° *Acne rosacea, caparrosa do rosto* ou *gota rosada*. Principia pelo nariz; depois de um excesso de regimen, ás vezes depois de uma simples comida; a ponta d'este orgão toma côr vermelha violacea. Esta vermelhidão torna-se logo habitual, e dá á physionomia um caracter particular. De tempo em tempo apparecem algumas *pustulas*, que ordinariamente não suppuram; a vermelhidão estende-se e augmenta de intensidade. Estas congestões renovadas dão ao nariz um volume mais consideravel, e uma fórma differente da que tinha. Sua superficie cobre-se de linhas azuladas varicosas; em certos casos estende-se ás faces, testa, barba, e a todo o rosto.

Tratamento. Consiste elle em lavar as partes doentes com phenol Bobœuf misturado com agua, em partes iguaes. (*Veja-se* GOTA ROSADA.)

ACONITINA. Principio activo do aconito. Apresenta-se sob a fórma de pó branco, inodoro, excessivamente acre e amargo, mui soluvel no alcool e no ether, apenas soluvel na agua fria, mas soluvel em 50 vezes o seu peso d'agua fervendo. É um veneno narcotico acre. Emprega-se comtudo na medicina, mas em dóse mui pequena, internamente, na dóse de meio a 1 milligramma por dia, nas nevralgias e rheumatismos.

Existem granulos diversos de aconitina, entre os quaes citaremos os granulos impressos de L. Frère, de Pariz, de aconitina crystallisada de 1/4 de milligramma, de 1/2 milligramma e de 1 milligramma de principio activo.

ACONITO. *Aconitum napellus*, Linneo. Ranunculaceas. Planta que habita nas montanhas da Europa, e é cultivada no Brazil (fig. 10). A haste, de 1 metro a 1 metro 50 centimetros de altura, é direita; as folhas são divididas em cinco ou sete lobulos; flores azues dispostas em espiga; a

raiz como a de um pequeno nabo, denegrida por fóra e branca por dentro; o cheiro de toda a planta é fraco, mas nauseoso, sabor amargo e acre. As folhas e a raiz d'esta planta empregam-se na asthma, hydropisia, rheumatismo, na dóse de 10 a 120 centigrammas por dia. *Extracto* na dóse de 5 a 30 centigrammas. *Alcoolatura* (tintura da planta recente) na dóse de 10 a 20 gottas. Em alta dóse (3 a 7 grammas), o aconito póde envenenar. A raiz, que se parece com um pequeno nabo, como disse, tem produzido funestos enganos, porque n'ella reside toda a energia da planta. Seus renovos podem ser tomados pelo aipo, mas resulta d'isso pouco damno, por não ter ainda esta parte da planta todos os succos venenosos que adquire mais tarde.



Fig. 10. — Aconito.

A planta cultivada nas hortas é muito menos energica em seus effeitos venenosos do que a agreste. Eis-aqui os symptomas do envenenamento pelo aconito : suores por todo o corpo, pallidez do rosto, difficuldade de engulir, dilatação das pupillas, dôr de cabeça, vertigens, perda da memoria, salivação, frio nas costas, escurecimento da vista, nauseas, vomitos biliosos, evacuações alvinas liquidas e involuntarias, cansaço geral, desmaios, fraqueza extrema, pulso mui fraco, vacillação dos joelhos, convulsões, paralysia nos braços, somnolencia, suores frios na testa, intelligencia e falla livres, ás vezes delirio, labios violaceos, emfim a morte, Para o *tratamento*, *veja-se* o artigo ENVENENAMENTO PELO ACONITO.

AÇO. Substancia metallica formada de ferro puro e de pequena quantidade de carbone, variando este de 1 a 2 centesimos. Debaixo d'esta fórma o ferro adquire propriedades novas. Se, depois de aquecido até ao rubro, esfria subitamente mergulhando-o na agua, o aço torna-se muito elastico, menos denso, menos ductil, mais duro e mais quebradiço do que o ferro : n'este estado chama-se *aço temperado*. O aço arrefecido pouco a pouco não é mais duro do que o ferro ordinario, e conserva as mesmas propriedades que antes tinha.

O aço é susceptivel de receber, pelo polimento, um grande brilho. As industrias modificam as propriedades d'este metal, segundo suas conveniencias respectivas. Os burís, tesouras, e todos os instrumentos que servem para trabalhar na pedra, no ferro ou no aço, devem ter uma tempera mais forte que as facas e ferramentas dos operarios que trabalham em madeira. Obtem-se estes resultados de dois modos : fazendo variar a temperatura e o gráo de conductibilidade do meio refrigerante, ou mudando o gráo do aquecimento do metal.

Póde-se distinguir o aço do ferro deitando na superficie do metal polido uma gotta de acido sulfurico enfraquecido; se o metal é aço, pro-

duz-se uma mancha preta devida ao carvão posto a nú, entretanto que não apparece no ferro senão uma mancha esverdeada que desapparece facilmente lavando-a com agua.

AÇOFEIFA. *Veja-se* JUJUBA.

ACQUI, Italia. Banhos de lodo, sulfurosos quentes. Acqui é uma pequena cidade, distante 6 legoas da Alexandria, e 10 de Genova. Possue muitas fontes sulfurosas quentes de 46° a 75°; e uma fonte fria. Bem que se administrem estas aguas em banhos, o emprego do lodo, que depõem, constitue o tratamento especifico d'Acqui. Este lodo contém enxofre, saes de cal e de magnesia, silica, iodo e uma substancia bituminosa. O modo de proceder é o seguinte: O paciente, completamente despido, deita-se sobre uma esteira previamente coberta de lodo, que conserva ainda o calor natural: depois os *fangarolli* cobrem-lhe todo o corpo, menos o rosto, com o lodo que malaxam entre as mãos, e de que applicam uma camada de 4 a 5 centimetros de espessura. Meia hora ou tres quartos de hora depois, tira-se este lodo, que se separa com facilidade, porque pela evaporação, que se operou na sua superficie, tornou-se duro e rachou-se em muitos logares. Um banho d'agua mineral limpa a pelle, e termina a operação. Não é sempre necessario cobrir todo o corpo de lodo. Estando a affecção limitada, quando, por exemplo, occupa só o braço ou uma articulação, convem limitar-se á applicação local. Estas applicações de lodo mineral, empregam-se nas retracções musculares, engurgitamentos das juntas proveniente da gota ou rheumatismo, e nas paralysias. Existe em Acqni um estabelecimento thermal, aonde vão habitar todos os doentes.

ACRE. Qualificativo dado a materias animaes, vegetaes e mineraes que irritam os olhos e as ventas, quando são volateis, e exercendo sobre o paladar uma impressão de calor, irritante e até ardente, que se sente sobretudo na garganta, conservando-se ahi essa sensação por mais ou menos tempo.

Muitas substancias acres são empregadas no tratamento das molestias. O alho, a arnica, a cochlearia, o agrião, o pyrethro, a scilla, etc, são substancias acres.

ACUPUNCTURA. Pequena operação que consiste em introduzir nos tecidos ou nos orgãos, agulhas finas quasi capillares, e deixal-as ali algum tempo com o fim de curar as molestias. Empregada desde muito tempo, e do uso vulgar entre os Chins e os Japonezes, a acupunctura foi introduzida na pratica europea no fim do decimo setimo seculo; usa-se, pórem, raras vezes. Pratica-se fazendo penetrar branda e gradualmente, agulhas nas regiões doentes, na profundidade de 4 a 6 centimetros, tendo o cuidado de estirar a pelle para facilitar a introducção. Todos os tecidos: musculos, nervos, arterias, veias, coração, paredes do estomago, pelle, etc., foram perforados sem inconveniente pela acupunctura. As molestias contra as quaes esta operação foi empregada são: as dôres rheumaticas e nevralgicas, a sciatica, tico doloroso da face, o soluço renitente, a gastralgia, o lumbago, a epilepsia que parte de um ponto fixo, o trismo, as febres intermittentes, a gota, a coqueluche, etc.

AÇUCENA. *Lilium*. Genero da familia das Liliaceas, contém plantas herbaceas que brotam de um bolbo composto de escamas carnosas e imbricadas; caule simples, levantado, guarnecido de folhas sesseis, estreitas, verticilladas ou dispersas; flores campaniformes ou reviradas, dispostas em racimo ou panicula terminal, sem calice, e tendo um unico envoltorio corado, de seis segmentos. Este genero comprehende mais de cincoenta especies, todas notaveis pela elegancia das flores. A especie principal é a *Açucena branca commum* (*Lilium candidum*), originaria da Syria, mas espalhada hoje por todo o globo; todos conhecem as suas grandes flores, de um branco puro, mui cheirosas, em fórma de campainha, e com bordos revirados. Não se devem conservar estas flores nos quartos fechados, porque podem produzir dôres de cabeça, vertigens e mesmo syncopes. A açucena está exposta aos estragos de um insecto vermelho, que destroe as flores em pouco tempo. O unico meio de desembaraçar-se d'elle consiste em ir tirando as suas larvas á medida que ellas apparecem. O cheiro da açucena branca emprega-se para perfumar as pomadas, essencias, oleos, etc. O bolbo, cozido no borralho, usa-se ás vezes como cataplasma contra os frunchos.

ACYANOBLEPSIA. Dá-se este nome a uma alteração da vista caracterizada pela impossibilidade dos olhos em distinguir a côr azul.

ADENITE. Inflammação de uma glandula lymphatica. *Veja-se* GLANDULA.

ADENOLOGIA. Nome dado á parte da anatomia que trata das glandulas.

ADOLESCENCIA. A adolescencia é aquelle periodo da vida comprehendido entre os primeiros signaes de puberdade e a época em que o corpo já tem adquirido todo o seu desenvolvimento. Para as considerações hygienicas *veja-se* IDADE.

ADONIDINA. A adonidina é o principio activo da *adonis vernalis*, a qual produz um liquido alcoolico proveniente da maceração da planta previamente cortada em pedaços e precipitada com o acetato basico de chumbo, filtrado e condensado. Separa-se então a adonidina por meio do tannino e algumas gottas de ammoniaco. O tannato d'adonidina lavado em agua commum se decompõe por meio de oxydo de zinco e de alcool, obtem-se a adoninina em estado impuro que se purifica por diversas cristallizações em ether alcoolisado. Obtem-se d'este modo uma preparação sem côr e sem cheiro, muito amarga, pouco soluvel no ether e n'agua, mas muito soluvel no alcool.

A adonidina exerce uma acção energica sobre o coração. O professor Cervelle estudou minuciosamente este producto, e tendo injectado nas bolsas lymphaticas de uma rã, 15 milligrammas d'adonidina vio se declarar inmediatamente a fraqueza e a arythemia dos movimentos cardiacos e finalmente a suspensão d'elles. Os musculos perdem quasi a metade de sua força. A pressão sanguinea augmenta nos coelhos e nos cães do mesmo modo como com o emprego das glycosides da digital.

ADONIS VERNALIS. Planta da familia das renonculaceas; pe-

quena altura, carregada de folhas divididas em forma de lóros; flores amarellas claras que não são empregadas em medicina.

Dos ramos e das folhas extrahe-se dous principios, o acido aconitico e a adonidina que actuam sobre o coração, moderando-lhe a acção, como faz a digital. Empregados em altas dóses esses medicamentos toxicos occasionam a morte rapidamente.

ADSTRINGENTES (Medicamentos). Os medicamentos adstringentes são aquelles que, postos em contacto com os tecidos vivos, produzem n'elles uma especie de aperto. Em consequencia d'esta propriedade, estes medicamentos applicados sobre a superficie de uma ferida, etc, apertam as paredes dos vasos e podem por conseguinte fazer parar uma hemorrhagia ou fazer diminuir a vermelhidão e a congestão de um orgão inflammado. Applicados sobre a lingua, essas substancias produzem uma sensação especial de securra e de entorpecimento que é conhecido de todos.

Para uso externo são empregados no tratamento das feridas, das ulceras, das inflammações chronicas das mucosas e da pelle. Internamente empregam-se principalmente contra as hemorrhagias e os catarrhos intestinaes.

Os medicamentos d'este genero mais empregados são da classe mineral : o sulfato de zinco, a pedra hume, o acetato de chumbo, o sulfato de ferro, etc. Os adstringentes vegetaes são : tannino ou acido tannico, noz de galha, casca de carvalho e de romeira, consolida, ratanhia, folhas de nogueira, sangue-drago, creosote, casca de barbatimão, de jiquitibá, o summo de canna do brejo. (Veja-se cada uma d'estas palavras.)

ADUBOS. *Veja-se* TEMPEROS.

ADYNAMIA. Reunião de certos symptomas que apparecem nas molestias graves. Estes symptomas são : abatimento da physionomia, difficuldade ou impossibilidade de mover-se, diminuição da intelligencia, fraqueza do pulso, paralysia da bexiga, máo cheiro das evacuações, etc. Combate-se o estado adynamico, no seu principio, com as limonadas de limão, de laranja; outras vezes, com um purgante. No segundo periodo empregam-se os medicamentos tonicos e estimulantes, o vinho de quina, o Quinium Labarraque, a camphora, o almiscar, a serpentaria de Virginia, a valeriana, a noz moscada, etc.

AEROPHOBIA. Nome dado a um symptoma caracterizado pelo medo do ar, que se observa em certas molestias, principalmente na hysteria e na raiva.

AEROTHERAPIA. Debaixo do nome de aerotherapia designa-se o emprego do ar comprimido como meio de se curar diversas molestias. Ha já mais de cincoenta annos que se notou que o augmento da pressão atmospherica dava resultados muito satisfactorios. Tem havido exemplos de obreiros que trabalhavam debaixo de campanulas de mergulhador, ficarem curados de molestias pulmonares antigas. Em baixo d'estes apparelhos a respiração é mais livre, mais facil, menos frequente; no fim de alguns dias, o appetite é maior e o peso da pessoa augmenta.

A vista d'estes resultados; tem-se construido ultimamente diversos

apparelhos especiaes, para que os doentes possam facilmente seguirem o tratamento por meio do ar comprimido.

São campanulas ou quartos, com paredes de metal muito fortes, que podem conter uma ou mais pessoas, com alguns moveis. Um manometro collocado do lado de fóra indica a pressão que existe no interior. Introduz-se o ar por meio de tubos especiaes, accumulado de maneira a elevar a pressão de um a dous quintos de atmosphera.

Esses banhos tomam-se todos os dias, ou de dois em dois dias, e duram duas horas; não apresentam nenhum inconveniente. São receitados principalmente no tratamento da emphysema, da asthma, da bronchite chronica e da tisica pulmonar. A oppressão, a tosse, a expectoração diminuem; o estado geral melhora; e se, na tuberculose como na emphysema, não se consegue curar de todo os doentes, ao menos ficam bastante aliviados e prolonga-se-lhes a vida por muito tempo.

Já se fabricam campanulas que dão aos doentes a possibilidade de inspirar ar comprimido e de expirar este ar em atmosphera rareficada, Eum meio de ajudar os pulmões a se desembaraçar do ar inutil, desprovido d'oxygeneo e de activar os phenomenos chimicos da respiração

Este methodo se applica em todos os casos acima citados; mas são principalmente os emphysematosos que podem tirar d'elle resultados satisfactorios.

AFFECÇÃO. E synonymo de doença ou molestia, e diz-se affecção cutanea, escrophulosa, escorbutica, etc.

AFFIUM. Dá-se este nome ao opio extrahido em França das dormideiras purpureas. Contém 10 por 100 de morphina.

AFFRONTAÇÃO. Sensação de calor que sobe do ventre á cabeça, com coloração da face, difficuldade de respirar, afflicções e tonturas. Muitas molestias podem produzir este symptoma, que merece maior ou menor consideração, segundo fôr *habitual* ou só *accidental* e passageiro. No primeiro caso, depende de asthma ou de alguma affecção do coração, pulmão, figado ou outra; no segundo, póde ser um mero phenomeno nervoso sem gravidade, e mais incommodo do que perigoso. Durante a affrontação, qualquer que seja a sua causa, cumpre desapertar os vestidos e tirar todos os atilhos que possam difficultar a circulação, ou respiração, assentar o doente n'uma cadeira de braços ou sobre a cama, sustentando-lhe o corpo com almofadas, abrir as janellas ou portas do quarto, para que o ar possa circular livremente, mergulhar os pés e as mãos do enfermo em agua quente, dar-lhe a beber algumas colheres d'agua fria com assucar e agua de flores de laranjeira, e applicar sinapismos na barriga das pernas. Algumas gottas de ether sulfurico n'uma colher de agua com assucar, a inspiração da agua de Colonia ou de vinagre podem tambem alliviar a affrontação. Nas mulheres nervosas, convem lançar-lhes no rosto, reitiradas vezes, algumas gottas de agua fria.

A affrontação pode ser simplesmente o resultado de uma obesidade extrema. As pessoas que se acharem em tal caso devem morar em aposento espaçoso, n'um logar arejado e elevado, evitar carreiras e todos

os exercicios violentos, comer mais vegetaes do que carne, e tomar de vez em quando um purgante.

AFFUSÃO. Processo therapeutico que consiste em deitar sobre o corpo uma quantidade determinada d'agua fría, o que differe da ducha porque a agua não cahindo de muito alto sobre a pelle a sua acção é somente thermica e não actua mecanicamente pela pressão.

A agua que se emprega deve ter a temperatura tanto mais fria quanto o corpo do doente estiver mais quente. A affusão não deve durar por muito tempo, para que a reacção se faça mais rapidamente; o resultado é a excitação da circulação do sangue e a estimulação das funcções vegetativas.

As affusões frias são preconisadas no tratamento do lymphatismo, da anemía, das nevroses e principalmente das molestias em que a temperatura do corpo se eleva muito acima do calor physiologico.

AFITO. *Veja-se* INDIGESTÃO.

AFOGADOS. Chamam-se assim a todos os individuos que, cahidos n'agua, são tirados d'ella mortos ou sómente privados dos sentidos.

E um erro popular, e summamente nocivo, crêr que os afogados succumbem por terem engulido grande quantidade d'agua : os afogados morrem de asphyxia, isto é, da privação do ar atmospherico, que elles não podem respirar, por terem a cabeça debaixo da agua.

Quando um individuo se afoga, debate-se com violencia, e vem algumas vezes á tona d'agua, onde respira; torna a ir ao fundo, agarra-se a todos os corpos que encontra, raspa até com a mão o fundo da agua : mas pouco a pouco suas forças diminuem, e sobrevem os symptomas da asphyxia. Em geral esta tem logar de uma maneira lenta, e as ancias do afogado podem prolongar-se bastante tempo; outras vezes o individuo perde os sentidos ao cahir n'agua, quer por causa do susto, quer pela impressão da agua fria, ou por ser acommettido de um ataque apoplético : a morte é então muito prompta.

Soccorros que se devem dar aos afogados. Está indubitavelmente provado que uma pessoa póde ficar por muito tempo debaixo d'agua sem morrer, e por isso cumpre prestar-lhe os necessarios soccorros, mesmo quando se julgue o seu estado irremediavel. Só os signaes da morte, é que podem tornar inuteis os soccorros. Estes signaes são : ausencia da respiração, falta do pulso e das pancadas do coração, frio glacial, insensibilidade ás incisões e ás cauterizações, rijeza cadaverica, e, mais tarde, a putrefacção. Os soccorres devem por conseguinte ser ministrados a todo o individuo que, tirado da agua, não apresentar estes signaes.

Não se deve perder um só instante : o afogado deve ser transportado, sem a menor demora, para um local disposto de maneira que os soccorros possam ser-lhe dados facilmente. A primeira precaução consiste em deital-o horizontalmente, sobre o lado direito, com a cabeça descoberta e mais alta que o peito, e este mais alto que as pernas. Collocar-se-ha a cama no meio do quarto, para que as pessoas que ministram os soccorros passam mover-se facilmente ao redor d'ella. Cinco a seis pes-

soas são sufficientes para dar os soccorros; maior numero poderia causar estorvo. Muita gente ainda crê que a morte dos afogados procede da entrada de agua no estomago e no peito, e por isso cuida que é necessario pendurar o afogado pelos pés, com a cabeça para baixo. Semelhante pratica deve ser totalmente abandonada, porquanto está hoje sabido que ella tem sido funesta, pois favorece a congestão cerebral, que é uma das causas frequentes da morte dos afogados. É bom sómente, depois de deitar o corpo sobre o lado direito, abaixar uma ou duas vezes a cabeça, segurando-a com a mão.

Esta operação deve durar só meio minuto de cada vez, e é inutil repetil-a se não sahir agua. Depois d'isto, deve-se collocar a cabeça mais elevada do que o resto do corpo.

É urgente despir immediatamente o afogado, e para não perder tempo, cortem-se ou rasguem-se os vestidos.

Enxugue-se a superficie do corpo, e embrulhe-se o afogado n'um cobertor de lã. Depois, esfreguem-lhe ao mesmo tempo o peito, ventre, coxas, pernas, pés e braços, com escova secca, com um pedaço de baeta quente, ou mesmo com o cobertor em que estiver embrulhado. Estas fricções tem por fim aquecer o corpo.

Approxime-se-lhe ás ventas um lenço molhado em vinagre ou em agua de Colonia.

Ao mesmo tempo que se praticam as fricções pelo corpo, deve-se procurar restabelecer a respiração, fazendo-se contrahir artificialmente o peito. Para este fim emprega-se o methodo indicado ultimamente por Henrique Sylvester. Os movimentos imprimidos aos braços são a base d'este methodo. Consiste elle na imitação de uma profunda respiração natural, e obtem-se fazendo jogar os mesmos musculos que a natureza emprega para esta funcção. N'uma inspiração ordinaria larga, levantamos as costellas por meio dos musculos que vão do peito aos hombros; d'esta maneira produz-se o vacuo que permitte ao ar introduzir-se nos pulmões. Podem-se levantar artificialmente as costellas, estendendo vigorosamente os braços do afogado até aos dois lados da cabeça; este movimento alarga a cavidade do peito, produz-se então um vacuo, e uma corrente de ar afflue immediatamente para os pulmões. A expiração é produzida pela simples compressão dos lados do peito por meio dos braços do paciente.

Eis-aqui como se deve proceder:

Deitar o paciente de costas, com os hombros levantados e sustidos por um vestido dobrado, e com os pés apoiados.

Levantar os braços de ambos os lados da cabeça, e segural-os brandamente, mas com firmeza, assim levantados durante dois segundos. Este movimento, levantando as costellas, alarga a capacidade do peito, e produz uma inspiração (fig. 11).

Abaixar depois os braços, e comprimil-os brandamente, mas com firmeza, durante dois segundos contra os lados do peito. Este movimento, comprimindo as costellas, diminue a capacidade do peito, e produz uma expiração forçada (fig. 12).

Repetir estes movimentos alternadamente, e com perseverança quinze vezes por minuto.

O methodo de Sylvester, para restabelecer a respiração no caso de morte apparente, em consequencia de submersão, offerece a immensa



Fig. 11. — Movimento de inspiração.

vantagem de ser mui simples e mui pratico, de não exigir nenhum instrumento particular, e de poder ser executado immediatamente por qualquer pessoa.

Administrar um clyster preparado com um copo d'agua morna e qua-



Fig. 12. — Movimento de expiração.

tro colheres *de sopa* de sal de cozinha. Applicar sinapismos nas pernas, introduzir rapé no nariz, e sal na bocca.

Quando o afogado principiar a dar signaes de vida, dêm-se-lhe algumas colheres de vinho ou de aguardente com assucar; note-se porém, que o emprego de qualquer liquido, antes de poder ser engulido, seria

funesto, pois que, em logar de ir para o estomago poderia penetrar nas vias respiratorias. — Se o doente adormecer e tiver um somno largo, convem não acordal-o.

Não se póde ter a pretenção de reanimar um afogado logo nos primeiros minutos ; esteja-se pois bem persuadido que muitas vezes é necessario continuar os cuidados *duas horas e mais ;* e por isso os soccorros devem ser prestados por muito tempo, *sem descorçoar.*

Maneira de soccorrer uma pessoa que se afoga. Se desejais salvar da morte a alguma pessoa que se afoga, tende o cuidado de não vos approximardes d'ella de maneira que vos possa agarrar uma perna, braço ou corpo ; porque não vos largaria, e por mais destro e vigoroso que sejais, terieis de succumbir com ella. Sobretudo, escondei-vos á sua vista, quanto vos fôr possivel. Antes de agarral-a, examinai-lhe os movimentos; collocai-vos atraz d'ella, aproveitai-vos do momento em que puderdes agarral-a com as mãos por debaixo dos braços ; e nadando vigorosamente com os pés, levai-a por cima da agua. Se tiver perdido os sentidos, podereis então sem perigo agarral-a pelos cabellos, e puxal-a d'essa maneira até á margem do mar ou do rio.

Alguns preceitos sobre a natação, no artigo NADAR, podem servir de complemento ao presente artigo.

AGARICINA. A agaricina é o principio activo que se extrahe de *potyporus officinalis* (agarico). Esta substancia que cristalliza em agulhas compridas, tem sido estudada e empregada contra os suores profusos dos tisicos. Os resultados obtidos teem sido excellentes. O melhor meio de administrar a agaricina é em pilulas ; eis a formula :

Agaricina.....	50 centigrammas.		Pó de althea.....	3 grammes.	
Pó de Dower....	7gr,50	—	Mussilagem.....	4	—

Para 100 pilulas. Cada pilula contem 5 milligrammas d'agaricina. — D. 1 ou 2 por dia. Este producto só produz effeito 5 ou 6 horas depois de ter sido tomado ; o medico deve pois se informar da hora em que os suores são mais abundantes, para obter uma acção mais efficaz. — Este medicamento não produz diarrhea e nota-se que na noite em que se toma a agaricina a tosse é menos frequente e o somno mais tranquillo. Emprega-se a agaricina em injecções hypodermicas.

Agaricina.....	5 centigrammas.	
Alcool absoluto.....	4gr,50	—
Glycerina.....	5gr,50	—

Uma solução a 1/2 por cento. Uma seringa d'ella cinco horas antes da hora do costume.

Pelas recentes experiencias feitas com a agaricina se chegou ás seguintes conclusões :

1ª Com a *agaricina* consegue-se quasi sempre supprimir os suores profusos dos tisicos ;

2ª No estado physiologico mantem-se a transpiração em um nivel constante ;

3ª No caso da suppressão dos suores profusos pela *agaricina*, as secreções pulmonares e cutaneas não soffrem mudança;

4ª Os orgãos urinarios eliminam o liquido em excesso, o como a sêde diminue e por consequencia a ingestão dos liquidos, o equilibrio hydrostatico restabelece-se :

5ª 10 milligrammas bastam para combater uma transpiração moderada, mas para supprimir suores profusos são preciso doses repetidas e crescentes;

6ª A acção physiologica do medicamento manifesta-se 5 horas depois da sua ingestão;

7ª Não produz effeitos retroactivos;

8ª Determina uma melhora no estado dos tisicos, sem modificar as alterações pathologicas dos tecidos.

AGARICO DO CARVALHO OU BOLETO DA ISCA DE COURO, OU DA ISCA DE SOLA, AGÁRICO DOS CIRURGIÕES, AGÁRICO OU ISCA SEM SALITRE. *Boletus igniarius*, Linneo. Vegetal da familia dos Cogumelos, que habita sobre o tronco das arvores velhas, como o carvalho, a faia, etc É sessil, orbicular, achatado, molle por dentro, coberto de uma camada denegrida e coriacea, branco pela face inferior, de cheiro bolorento. Tira-se-lhe a casca, põe-se a seccar, corta-se em pedaços, que se batem com maços de páo para ficarem macios e flexiveis. Assim preparado é o *agarico dos cirurgiões*, que se emprega para vedar as hemorrhagias das cisuras das bichas e outras hemorrhagias pequenas : obra mecanicamente, adaptando-se exactamente ao orificio dos vasos. Impregnado da solução de perchlorureto de ferro a 30 gráos, constitue a *isca hemostatica*, que atalha o corrimento sanguineo com promptidão: basta applical-a com o dedo sobre a abertura sangrenta, comprimir por dez a quinze minutos, e mantêl-a com atadura. A *isca para accender fogo*, é o agárico do carvalho, macerado em agua carregada de azotato ou de chlorato de potassa, e depois secco ao ar.

AGATA. Pedra fina assim chamada do nome de um rio da Sicilia, em cujas margens foram achadas as primeiras agatas. Variedade de quartzo, contendo todas as pedras que não tem o aspecto vitreo. As agatas reconhecem-se pelas suas côres vivas e variadas, ordinariamente misturadas de fitas ondeadas e concentricas; sua fractura é semelhante á da cera. Quando as fitas de côr são pouco numerosas, e suas côres muito differentes, preto e branco por exemplo, a agata chama-se *onyx*. As agatas são empregadas para camafeos e na gravura sobre pedra. Usam-se tambem, por causa da sua dureza, para a confeição dos almofarizes, das moletas, etc. No Brazil ha jazidas de agata na provincia do Rio Grande do Sul. Fazem-se hoje agatas artificias que imitam perfeitamente as da natureza.

AGENESIA. Esta palavra significa a impossibilidade de gerar. (Veja IMPOTENCIA.)

AGEUSTIA. Emfraquecimento da faculdade de sentir os sabores podendo chegar até a paralysia. Estes phenomenos se declaram em todas as molestias em que a lingua fica coberta de uma camada de saburro

mais ou menos espessa, como no embaraço gastro-intestinal, a erysipela, o diabetes, etc. Alguns medicamentos tambem paralysam o paladar; o aconito, a belladona, o opio e o bromureto de potassio são os principaes; este ultimo producto tem a sua acção mais pronunciada sobre a sensibilidade do véo palatino.

AGGLUTINATIVO. Que serve para agglutinar, apegar, unir as bordas da ferida. Dá-se o nome de *agglutinativos* ás substancias emplasticas, que adherem fortemente á pelle; taes são: o diachylão gommado, o tafetá ou encerado inglez, etc.

AGONIA. Ultimo combate do doente contra a morte. Este estado só tem logar quando a vida desapparece gradualmente. Em diversas affecções a agonia não existe. Ella é caracterizada pela alteração profunda da physionomia, pela fraqueza extrema dos movimentos e da voz, abolição progressiva dos sentidos, respiração desigual e estertorosa, diminuição successiva do calor, que se extingue pouco a pouco das extremidades até ao tronco. Este estado póde durar poucas horas sómente, ou prolongar-se por muitos dias; ás vezes persiste muitas semanas: sua duração ordinaria é de doze a vinte e quatro horas.

A morte nem sempre é o fim inevitavel d'este ultimo esforço da organização. Existem casos, infelizmente raros, em que a arte conseguio arrancar das bordas do sepulcro o moribundo que parecia estar a ponto de descer a elle. É preciso por conseguinte, até ao ultimo momento, prodigalizar ao agonizante os cuidados da amizade e os soccorros da medicina. É bom saber-se tambem, que muitas pessoas chegadas a este estado extremo, conservam a faculdade de ouvir e de entender, e que por conseguinte, devem-se não só evitar quaesquer palavras indiscretas, mas póde-se esperar que sintam as ultimas consolações que se lhes dão.

Os remedios devem cessar, quando o doente chega ao estado de agonia; algumas colheres de vinho doce podem ser-lhe administradas com vantagem.

AGORAPHOBIA. Sorte de loucura no qual o doente tem medo de se achar só em grandes espaços, como largos, praças, pontes, etc.

AGRIÃO ou **AGRIÕES.** *Sysimbrium nasturtium.* Linneo. Cruciferas. Esta planta é mui commum na Europa; acha-se nos ribeiros, fontes e prados humidos; é cultivada no Brazil. O caule, do comprimento de 30 centimetros, é reptante; folhas quasi cordiformes (em fórma de coração); flores brancas: sabor picante, um tanto amargo; cheiro quasi nullo (fig. 13). É um alimento de que se faz uso frequente com carnes assadas. O sumo de agriões, na dóse de 60 grammas por dia, puro ou misturado com o de almeirão, emprega-se com vantagem nas pessoas affectadas de molestias de pelle, e nas que são predispostas ás escrophulas; mas as suas virtudes são efficazes no escorbuto.

Agrião do Pará, JAMBÚ, JANBÚAÇÚ, JAMBU-RAMA, *Spilanthes oleracea*, Linneo. Planta da familia das synanthereas-senecioides, que habita no Pará e outras partes do Brazil. O caule, da altura de 33 centimetros, é molle, succulento, guarnecido de folhas subcordiformes, ovaes, denteadas;

flores dispotas em capitulos espherícos um pouco cónicos ; florões amarellos; sabor acre (fig. 14). No Pará emprega-se como alimento, cozido e mesmo crú. Em medicina usa-se como excitante e antiscorbutico, sob



Fig. 13. — Agriao ordinario.



Fig. 14. — Agriao do Para.

a fórma de xarope, que se administra na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

AGRIMONIA. *Agrimonia eupatoria.* Rosaceas sanguisorbeas. Planta herbacea da Europea, que em Portugal habita nos montes, caminhos, nos arredores de Coimbra, e outras partes do Reino. Folhas alternas, pinnuladas com impar, molles, empubescidas ; os foliolos são denteados, alternativamente grandes e mui pequenos, e vão augmentando de tamanho até ao apice ; flores amarellas, dispostas em espigas terminaes ; fructo, capsula estriada angulada. As folhas de agrimonia são levemente adstringentes ; a infusão d'ellas emprega-se em gargarejos contra as esquinencias ; prepara-se com 20 grammas da planta e 1 000 grammas d'agua fervendo.

AGUA. A agua pura, ou misturada com substancias que alteram pouco as suas propriedades, é a bedida cujo uso habitual é o mais proprio para entreter o livre exercicio das funcções. A agua, para ser boa, deve ser fresca, limpida, sem côr, nem cheiro, sem sabor desagradavel, salgado ou adocicado. Deve ser arejada, dissolver o sabão sem formar grumos, e cozer os legumes seccos, como, por exemplo, os feijões. A agua deve o seu sabor á presença do ar ; e por isso quando pela ebullição ou distillição se faz desapparecer este gaz, torna-se a agua insipida e pesada ao estomago. A agua pura molha mais facilmente do que as aguas impregnadas de saes metallicos e terreos, chamadas *aguas pesa-*

das, achando-se por isso mais asperas quando se lhes quer pegar.

A agua de chuva é a mais pura que se póde encontrar na natureza; assemelha-se muito com a agua distillada, por ser o resultado da evaporação. Nos logares em que não existem fontes nem rios, conserva-se a agua de chuva em tonneis, cujo fundo deve estar guarnecido de carvão em pó, e não se deve guardar a primeira que cahe, pois que esta contém insectos e outros corpusculos que a corrompem. Antes de fazer uso d'ella, é preciso filtral-a, e para a tornar arejada, cumpre agital-a por algum tempo ao ar livre.

A agua que provém do derretimento da neve e do gelo não tem outro inconveniente senão o de não conter ar, e acabei de indicar o meio de remedial-o.

A agua de fonte não é outra cousa senão a agua de chuva, que tem atravessado differentes terrenos, e que se tem reunido á superficie de certas camadas impenetraveis aos liquidos, depois de dissolver algumas substancias que compõem esses terrenos; d'onde resulta que se approxima muito pela sua composição á agua da chuva, quando não tem estado em contacto senão com reehedos de silica, sobre os quaes não tem acção alguma; entretanto que póde ter em dissolução grande numero de gazes, saes e substancias organicas, quando tem atravessado terrenos de natureza differente. N'este ultimo caso não dissolve o sabão, nem póde cozer legumes. A agua das fontes que bebemos contém geralmente um pouco de sal de cozinha, carbonato de cal e de sulfato de potassa, mas não em dóse tão alta que a torne impropia para os usos culinarios. Toma-se na nascente, ou depois de percorrer alguma distancia, maior ou menor, exposta ao ar.

A agua de poços contém ordinariamente grande quantidade de saes, pelo que não amollece os feijões que se fazem ferver n'ella, e decompõe o sabão transformando-o em grumos. Nas grandes cidades esta agua contém muitas materias organicas em dissolução; todavia a agua de alguns poços é muito boa para beber.

A agua de rio contém alguns saes, porém menos do que a precedente. A mais isenta de materias salinas é a que corre por leito arcento ou pedregoso. Contém ás vezes immundicias e materias terreas. Póde ser privada d'estas substancias, filtrando-a ou fazendo-a passar por uma camada de areia ou de pedra porosa, como se faz com a agua do Sena em Pariz.

A agua das lagoas, tanques e pantanos contém, mais ou menos, substancias vegetaes e animaes. Se se fôr obrigado a usar d'estas aguas, será preciso fervêl-as primeiro. Os gazes nocivos desprendem-se, as materias cozem-se; coa-se depois esta agua fervida a travéz de areia, ou, melhor ainda, a travéz de carvão em pó, e dá-se-lhe, agitando-a, o ar de que foi privada pela cozedura. Do mesmo modo procederá quem beber as aguas dos lamaçaes.

A agua do mar tem um cheiro nauseativo, um sabor desagradavel, amargo, mais ou menos salgado. Contém acido carbonico e muitos saes, taes como o chlorureto de sodio, de potassio, de magnesio; os iodu-

retos e bromuretos dos mesmos metaes ; os sulfatos de soda e magnesia. Administrada internamente é purgativa na dóse de duas a quatro chicaras. Fazendo-a ferver em vasos analogos aos alambiques, a agua passa ao recipiente com carbonato de ammoniaco, que lhe communica cheiro e sabor desagradaveis ; mas expondo-a por alguns dias ao ar, e agitando-a, perde suas más qualidades e torna-se potavel. Assim é que se purifica a agua do mar para se beber durante as viagens.

Agua potavel, microorganismo da agua. A agua absolutamente pura, tal qual se a obtem pela distillação, não é o que se chama uma boa agua de beber ; porque tendo sido evaporada perdeu os gazes que continha, que são não só agradavel ao paladar como tambem util á nutrição. É util que a agua contenha alguns saes mineraes, oxygeneo e um pouco de silica. Deve ser pura de materias organicas que são sempre nocivas. As aguas pesadas, carregadas de saes calcarios nunca devem ser empregadas, sobretudo na alimentação.

Examinando-se a agua no microscopio descobre-se facilmente fragmentos de animaes e de vegetaes. N'ella se encomtram parcellas mineraes, argila, giz e areia, debaixo de seus aspectos ordinarios. Juntamente com estas varias substancias, tambem se descodre alguns infusorios, animaesinhos que se encontram em grande quantidade nas aguas estagnadas, nos logares em que se ajuntam hervas e folhas isto é, nos lagos, lagôas e estanques. As aguas dos esgotos e as dos rios nas margens dos quaes acham-se estabelecidas certas industrias, conteem grande quantidade de microbios e muitas variedades de bacteries. Essas aguas são muito perigosas para as pessoas que as bebem mesmo em quantidade diminuta ; ellas podem determinar certas epidemias como sejam a dysenteria, a febre typhoide, diarrheas rebeldes, etc. Grande parte d'esses microbios são tão pequenos que atravessam os melhores filtros e mesmo a distillação não os destroça. Miquel, o celebre chimico, provou com dados positivos que a agua do Sena, que corre antes de passar por Pariz, contem 4.800.000 microbios por cada litro e que examinada depois de atrevessar esta cidade chega a ter mais de 12.0000.000 de microbios.

Conservação da agua. Para ter a agua fresca na estação quente, costuma-se conserval-a em vasos de barro mui poroso. Certa quantidade de liquido transuda pelas porosidades que apresentam esses vasos, e experimenta uma evaporação, cujo effeito é a diminuição da massa do calorico na porção que fica. Para conservar a agua sem alteração, quando não se póde renovar frequentemente, como por exemplo nas viagens de mar, é preciso carbonizar as paredes internas das pipas antes de enchêl-as.

Purificação da agua. Diversos meios se empregam para corrigir as alterações da agua, taes são : o filtro para clarifical-a, o carvão para desinfectal-a, a agitação para arejal-a, a evaporação e a condensação para separar d'ella as substancias mineraes. Todos estes meios foram indicados no curso d'este artigo.

Agua alimenticia. O Snr Rouby inventou ultimamente um meio de ter, em qualquer logar que se deseje, agua alimenticia natural ou mi-

neralizada como se queira. O seu processo é muito simples. Escolhe-se um terreno cuja superficie esteja em relação com a quantidade de agua que se queira recolher annualmente. Cava-se esse terreno não muito profundo, e dá-se á excavação a forma de um valle bem alargado em cima, tendo um declive geral para um ponto determinado. Sobre toda a superficie cavada estende-se uma camada fina de argilla escolhida. bem amassada, e torna-se a encher a excavação com calhaus e areia. Tem-se pois a superposição de um terreno *permeavel* a um terreno *impermeavel* em declive, isto é, a disposição constitutiva de um apparelho de manancial. Está claro que elle ha de funccionar como um apparelho de fontes naturaes; que elle ha de absorver e restituir a agua que cahir em sua superficie. — Para dar a esta agua as qualidades que lhe faltam, o inventor imaginou as seguintes disposições: Abaixo do apparelho absorvente e collector, installa-se, em uma excavação de certa profundidade, um chafariz de pedra e cal dividido em dous compartimentos, um pequeno e outro maior, o compartimento pequeno acima do maior. O compartimento menor serve de laboratorio, n'elle se põe as substancias soluveis para qualificar a agua, elle communica com o grande por meio de pequenos orificios que o liquido atravessa, mas onde não podem passar nem minhocas nem nenhum outro verme, por causa da camada de cascalho que cobre esses orificios. Do fundo do deposito sahe um tubo que vai ter em declive a uma torneira por onde sahe então a agua alimenticia ou mineralisada. — Feito isto, põe-se no laboratorio as substancias de que se quer que se componha a agua e cobre-se com areia até ao nivel do solo ambiente. A agua das chuvas se introduz pela areia que constitue a superficie absorvente; a camada d'argila impede que ella continue a entrar pela terra a dentro e a obriga a passar para o laboratorio, d'ahi então ella escorre para o deposito de onde se a tira á vontade. Esta agua é muitissimo limpida em consequencia de sua longa filtração e tambem muitissimo fresca porque se acha em deposito subterraneo. Está provado que cahindo na superficie da areia dous centimetros cubicos d'agua será necessario dous mezes para que ella chegue ao deposito. Se, por exemplo, as chuvas cessarem no mez de fevereiro e se não chover nos mezes de março e abril, as ultimas chuvas do mez de fevereiro só chegarão ao deposito no mez de maio. Está calculado que para uma superficie de 120 metros, o apparelho fornece sessenta mil litros d'agua e a provisão pode durar 120 dias sem que seja preciso renoval-a.

Existem já alguns d'estes apparelhos que funccionam em Pariz um d'elles no jardim d'acclimação do Bosque de Bolonha e o ministerio da guerra já mandou construir um em cada fortaleza da França.

Agua na barriga. *Veja-se* HYDROPISIA DO VENTRE.

Agua branca. *Veja-se* AGUA VEGETO-MINERAL.

Agua na cabeça. *Veja-se* HYDROPISIA DA CABEÇA.

Agua de cal. *Veja-se* CAL.

Agua de Colonia. Liquido aromatico e espirituoso, assim chamado porque foi primeiramente preparado na cidade de Colonia em 1727, por J. P Feminis, que cedeo o seu privilegio a João Maria Farina. E

uma dissolução de diversos oleos essenciaes no espirito de vinho. Emprega-se geralmente como cosmetico; goza de propriedades tonicas e estimulantes. Misturada com agua, na proporção de algumas gottas para meio copo d'agua, usa-se para lavar a bocca : fortifica as gengivas. A sua composição varía infinitamente. Prepara-se por dois modos : por distillação, ou por dissolução. O segundo modo é muito simples, não exige utensilios nem conhecimentos especiaes, e pode ser executado por qualquer pessoa. Consiste em misturar as substancias seguintes :

Alcool a 85° centesimaes..	1,750 gram.	Essencia de bergamota.....	24 gram.
Essencia de limão.....	30 —	Essencia de alfazema.....	6 —
Essencia de cidra.....	12 —	Tintura de benjoim.....	45 —

Misture e filtre depois de algumas horas de contacto.

Ha mais outras receitas, mas esta dá um bom producto.

A receita de José Maria Farina é muito mais complicada; ei-la :

Espirito de vinho	120 litros.	Alfazema.....	60 gram.
Salva	23 gram.	Flores de laranjeira.....	15 —
Tomilho	23 —	Absinthio.....	30 —
Melissa.....	375 —	Moscadas.....	15 —
Hortelã.....	375 —	Cravos da India.....	15 —
Calamo aromatico.....	15 —	Canella do Malabar (*cassia lignea*).....	15 —
Raiz de angelica.....	8 —	Macis.....	15 —
Camphora	4 —	Limões..... nº	22
Violetas	125 —	Laranjas..... nº	2
Rosas	125 —		

Distille a banho-maria para obter 80 litros de producto, e ajunte ao alcoolato assim obtido :

Oleo essencial de limão.....	45 gram.	Oleo essencial de alecrim...	15 gram.
— — de cidra	45 —	— — de neroli.....	15 —
— — de melissa ...	45 —	— — de jasmim ...	30 —
— — de alfazema ..	45 —	— — de bergamota.	375 —

Hoje em dia todos os perfumistas fabricam agua de colonia, cada qual a seu modo. Como a agua de colonia é um producto que se emprega a cada instante, é bom tel-a de boa qualidade; por isso recommendamos a agua de Colonia velha, da casa Ed. Pinaud, perfumista em Pariz.

Agua no coração. *Veja-se* HYDROPISIA DO CORAÇÃO.

Agua dentifricia. Agua para entreter a limpeza dos dentes. Eis-aqui duas receitas, cuja superioridade foi verificada pela experiencia :

1ª Infundem-se durante doze dias em 500 grammas de aguardente de vinho, 20 grammas de herva doce, 5 grammas de cravos da India, 5 grammas de canella, 1 gramma de essencia de hortelã. Depois de decantado e filtrado o liquido, ajuntam-se-lhe 2 grammas de tintura de ambar cinzento.

2ª Maceram-se durante um mez, em 1 litro de espirito de vinho, 15 grammas de herva doce, 7 gram. de cravos da India, 7 gram. de gen-

gibre, 10 grammas de canella, e 10 grammas de raiz de pyrethro. Depois de decantado e filtrado o liquido, ajuntam-se-lhe 6 grammas de essencia de hortelã.

Para fazer uso d'estes liquidos, deitam-se algumas gottas d'elles em meio copo d'agua, e lava-se a bocca com a mistura.

Existem algumas aguas dentrificias que merecem ser recommendadas, entre ellas principalmente o elixir dentrifricio odontalgico, fabricado pela casa Ed. Pinaud, perfumista em Pariz. *Veja-se* DENTE e DENTIFRICIO.

Agua distillada ou AGUA PURA. A agua commum das fontes e mesmo dos regatos não é pura, porque traz em dissolução saes de cal, magnesia, soda; além d'isso ar e acido carbonico. Para obter a agua *pura* é preciso submettêl-a á distillação : chama-se então agua *distillada*, e serve para os usos pharmaceuticos. Para este fim aquece-se a agua de rio ou de fonte no alambique de cobre; e, reduzida a vapor, vem condensar-se na serpentina, e cahe nos vasos dispostos para recebêl-a. Esta agua é perfeitamente limpida, sem gosto nem cheiro, sem acção sobre as côres azues vegetaes, nem mesmo sobre os outros reagentes chimicos. Conhece-se que a agua distillada é pura, quando não se turva, nem pelo azotato de prata, nem pelo azotato de baryta, nem pelo oxalato de ammoniaco, nem pelo sublimado corrosivo, nem pelas aguas de cal ou de baryta.

Chamam-se tambem *aguas distilladas*, os productos da distillação da agua com uma ou mais plantas, obtidos pelo alambique ordinario, que comtém, por conseguinte, todas as partes volateis e odoriferas d'essas plantas. As aguas distilladas são medicamentos que se empregam interna e externamente, como : a agua distillada de alface, de louro-cereja, de melissa, de flor de laranjeira, de rosas, de tilia, de hortelã-pimenta, de canella, etc.

Agua no escroto ou HYDROCELE. *Veja-se* HYDROCELE.

Aguas espirituosas. *Veja-se* ESPIRITOS.

Agua de flores de larangeira. Prepara-se distillando com 10 kilogrammas de flores de laranjeira, recem-colhidas, quantidade sufficiente d'agua para obter 20 kilogrammas de producto. A agua de flores de laranjeira serve para grande numero de usos domesticos, e emprega-se em medicina como antispasmodico e calmante.

Agua forte. *Veja-se* ACIDO AZOTICO.

Agua de gomma. Gomma arabica 8 grammas, agua fria 375 grammas. Lave-se a gomma em agua fria, rejeite-se esta, dissolva-se na quantidade indicada de outra agua fria, e côe-se por peneira. Ajunta-se ordinariamente quanto se queira de assucar. Bebida emolliente, empregada na inflammação do estomago, e nas outras inflammações.

Agua de Inglaterra. Preparação secreta de quina, e que parece ser um vinho quinado. Empregava-se contra as febres intermitentes na dose de 30 a 120 grammas por dia, pura ou misturada com agua; cahio em desuso depois da descoberta do sulfato de quinina.

Agua de Javel. Chlorito de potassa. Liquido amarellado ou rosado, que se obtem dissolvendo o chloro em agua que tenha em dis-

solução um terço do seu peso de carbonato de potassa. Emprega-se para branquear a roupa.

Agua ou **Licor de Labarraque.** Prepara-se esta agua dissolvendo em uma solução de carbonato de soda o gaz chloro até perfeita saturação; é um *chlorureto d'oxido de sodio.* Deve as suas propriedades ao chloro; é empregada com vantagem no curativo das chagas, e como desinfectante. Deitada no chão, de vez em quando, purifica o ar nas enfermarias, quartos dos doentes e outros logares infectos. As pessoas expostas a emanações paludosas ou de substancias em putrefação, farão bem em lavar, de vez em quando, as mãos eom agua de Labarraque; o gaz chloro, que se acha n'ella, fixa-se na pelle por algum tempo, e neutraliza as emanações nocivas.

Deve-se exigir, para ter o licor de Labarraque genuino, que nos rotulos se ache impresso o nome e o endereço de : L. Frère, rue Jacob, 19 à Paris.

Agua do mar. *Veja-se* pag. 56.

Agua de melissa. Medicamento popular que se emprega internamente na dóse de 4 grammas em meio copo d'agua com assucar, depois das quédas; e externamente em fricções nas contusões. É um alcoolato de melissa composto, cuja receita é :

Melissa recente florida....	900 gram.	Moscadas.....	80 gram.
Casca exterior de limão....	150 —	Coentros.....	80 —
Canella de Ceylão.....	80 —	Raiz de angelica.....	40 —
Cravos da India.....	80 —	Alcool a 80° centigrados...	5000 —

Corte a melissa e as cascas de limão, contunda as outras substancias, deixe tudo em maceração por quatro dias, e distille em banho-maria até extrahir toda a parte espirituosa.

Obtem-se a *agua de melissa amarella* ajuntando a 1000 grammas de alcoolato de melissa, 5 grammas de tintura de açafrão.

Agua oxygenada. Os estudos e as experiencias dos Snrs Paul Bert e Regnard sobre os effeitos da agua oxygenada, fizeram com que os doutores Pean e Baldy fizessem no hospital S. Luiz, numerosos ensaios para determinar os successos e vantagens que se poderia tirar do emprego d'este agente em cirurgia.

Se bem que estas pesquizas e ensaios devessem ser ainda proseguidos afim de poder responder a todas as duvidas e questões que podessem suggerir, comtudo esses cirurgiões resolveram dar publicidade ao que elles já tinham obtido com o emprego da agua oxygenada.

A agua oxygenada que servio para todas estas experiencias, foi préparada por Baldy, de maneira que ella era absolutamente neutra. Segundo a necessidade dos casos a empregar essa agua, ella contem de doze, duas vezes o seu volume de oxygeneo.

Ao começo ella foi applicada como curativo dos grandes traumatismos e ulcerações de diversas naturezas. Foi igualmente experimentada para o uso interno em certas molestias como : a anemia, o diabetes, a tuberculose e mais especialmente nos operados tuberculosos.

Externamente, a agua oxygenada foi empregada, embebida em compressas de tarlatana, cobertas de uma folha de *baudruche* muito fina, para impedir a sua evaporação e as compressas mantidas fixas pelas bandas. Quando era necessario exercer simultaneamente uma compressão e obter-se a immobilisação, collocava-se por cima das tiras circulares, differentes camadas de algodão de certa espessura. Estas applicações eram renovadas, uma a duas vezes por dia, segundo as indicações. Alem d'isto, todas as vezes que havia um decollamento de tecidos, necessitando a applicação de um tubo de drenagem, as injecções de agua oxygenada eram sempre feitas pelo orificio dos tubos durante os curativos, até que o liquido sahisse completamente claro e espumoso.

Os effeitos até hoje obtidos são muito satisfactorios e animadores. Basta dizer que têm sido tão favoraveis, não somente para as pequenas amputações e resecções que se praticam no importante servico cirurgico do Dr Pean, no hospital Saint-Louis; como tambem para as grandes operações dos membros (coxa, perna, braco e antebraço).

A agua oxygenada foi igualmente applicada depois das grandes operações necessitando a ablação de tumores tanto dos tecidos molles como sobre as partes duras dos membros e do tronco; incizões de trajectos fistulosos longos, multiplices e profundos de grandes e graves feridas accidentaes com grandes perdas de substancia, etc., etc. Durante todo o tempo dos curativos, a atmosphera das feridas era modificada pelos vapores de agua oxygenada.

Sob a influencia d'essas applicações; as feridas, tanto as recentes feitas com o bisturi ou thermo-cauterio, como as antigas cobertas de partes esphaceladas que tinham já determinado um certo grao de lymphangite ou de erysipela; todas estas feridas não tardaram a tomar um aspecto totalmente differente do que tinham; cobriram-se de botões carnosos vermelhos que forneciam uma quantidade abundante de pús, mas que era sem cheiro e de consistencia de creme. Uma tendencia á reunião por primeira intenção rapida das amputações, foi sempre observado e bem assim uma cicatrização rapida das feridas antigas e das ulcerações chronicas.

Entretanto, em certos doentes que tinham sido tratados pelos outros meios e que estavam ameaçados de um pouco de septicemie no momento em que este curativo foi começado, a agua oxygenada foi prescripta tanto interna como externamente.

Os effeitos foram dos mais satisfactorios, não só quanto ao estado local mas tambem quanto ao estado geral. A febre que geralmente se declara depois dos grandes traumatismos era muito moderada, as mais das vezes no fim de 3 ou 4 dias, ella cessava completamente, e era sempre admiravel a pouca elevação da temperatura, e o bom estado do pulso.

Estes resultados nos pareciam não menos e porem mais vantajosos do que aquelles que se podiam retirar do emprego do alcool camphorado, do acido phenico e do alcool puro.

Debaixo d'este ponto de vista, não deveriamos pois preferir a agua oxygenada ao acido phenico, que além de toxico, tem máo cheiro?

Ao mesmo tempo que estas experiencias eram feitas nos doentes do hospital, na clinica civil a agua oxygenada era igualmente ensaiada.

O que diz respeito as ulcerações tuberculosas ellas eram muitissimo modificadas. Quanto ás de natureza epithelial ou sarcomatosa este modo de curativo não foi sufficientemente empregado para que sobre elle se possa dar um juizo provavel.

As pulverisações de agua phenicada, eram substituidas, nas grandes operações, como na gastrotomia, pelas pulverisações feitas com agua oxygenada.

Em apoio d'estas considerações; citaremos alguns exemplos de casos colhidos d'entre os mais importantes em que se empregou com feliz exito a agua oxygenada :

1° Arthrite suppurada do joelho direito, amputação da coxa.

2° Tuberculose ossea do carpo e do metacarpo, amputação do antebraço direito.

3° Tendão da região de cotovello; lymphangite.

4° Ulcera varicosa da perna esquerda.

5° Ulcerações tuberculosas do anus.

6° Panariço, nevrose da 3ª phalange do index. Ablação.

7° Sarcoma da perna esquerda. Amputação da coxa.

8° Fistulas multiplices do anus.

9° Osteo-chondroma da coxa esquerda. Ablação.

10° Lipoma diffuso da perna esquerda. Ablação por partes.

11° Enorme tumor do seio, vasta perda de substancia, ablação pelo thermo-cauterio, ablação dos ganglios axillares, e do grande dos musculos peitoraes. Ferida de 30 centimetros sobre 20 de largura.

12° Phlegmão diffuso da mão, resultante de uma picada, Largas e varias incisões.

13° Kysto hydatico sub-muscular da parte inferior do braço. Ablação, drenagem, curativo com a agua oxygenada.

14° Fractura antiga do condylo interno com deslocamento do fragmento para dentro, luxação da perna e da rotula para fóra. Resecção do joelho.

15° Cystite purulenta muito intensa, datando de muitos annos. Injecções d'agua oxygenada na bexiga. Diminuição sensivel da suppuração. A micção que era impossivel tornou-se regular.

Agua panada. Prepara-se da maneira seguinte : corta-se pão em fatias, torra-se e põe-se n'um vaso; deita-se por cima do pão sufficiente quantidade d'agua fervendo, e deixa-se esfriar. Algumas pessoas deitam no vaso com o pão torrado rodas de limão azedo, para tornar a agua panada mais agradavel. A agua panada é bebida emolliente e refrigerante; dá-se fria como bebida ordinaria, e vantajosamente em muitas molestias acompanhadas de febre. Pode-se sem inconveniente tomar nos sarampos, bexigas e escarlatina.

Agua no peito. *Veja-se* HYDROPISIA DO PEITO.

Agua phenica. *Veja-se* ACIDO PHENICO.

Agua quente em cirurgia. E'muito empregada actualmente

a agua quente em cirurgica. Nas molestias dos olhos essas applicações já são classicas. Nas ulceras da cornea, na infiltrações diffusas ou circunscritas, nas heratites agudas ou chronicas com ou sem pasmos, em certas conjunctivites, em algumas variedades d'iritis, os vapores, as duchas ou compressas d'agua quente teem dado muito bons resultados.

Nas affecções uterinas, nas congestões passivas da pequena bacia e nas metorrhagias, tambem tem-se obtido bons resultados com as applicaçõcs d'agua quente na região lombar.

As injecções d'agua quente são tambem empregadas, com feliz exito, nos corrimentos sanguineos symptomaticos de lesões organicas; os clysteres d'agua quente tornam-se um complemento d'essas injecções.

Tambem se a emprega em injecções, em applicações perincas ou em clysteres, contra as blennorrhagias, os engurgitamentos ou as inflammações da protasta.

Nas fleummas dos dedos, da mão, do antebraço, ou do braço, os banhos locaes com agua a 40° levada pouco a pouco até 55°, não só alliviam muito o doente, como limitam a doença, tanto mais se ella é recente. A agua quente tambem é muito util contra as ulceras antigas, um banho local duas vezes por dia, ou fazer loções quentes pela manhã e enrolar a perna e o pé até por cima da ulcera com uma banda elastica, e nas torceduras, como tambem contra toda a sorte de dôres, se a situação local permitte que se a possa applicar.

Agua de Rabel. Mistura de 3 partes de alcool e de 1 parte de acido sulfurico. Administra-se como excitante, tonico e adstringente na dóse de algumas gottas até 2 grammas, em alguma poção.

Agua-raz. *Veja-se* Essencia de terebinthina.

Agua regia. Mistura de 1 parte de acido nitrico com 3 de acido chlorhydrico. Goza esta agua da propriedade de dissolver o ouro e a platina. E um liquido amarellado, excessivamente caustico, empregado nas artes. Tomada internamente, é veneno violento, contra cujos accidentes deleterios, *veja-se* Envenenamentos pelos acidos concentrados.

Agua sedativa. Emprega-se nas enxaquecas. Para este fim, molha-se n'este liquido um panno de linho ou de algodão, e applica-se na testa, tendo o cuidado de cobrir primeiramente os olhos, para evitar que lhe caiam dentro algumas gottas.

Eis-aqui a receita da

Agua sedativa.

Ammoniaco liquido.....	60 gram.	Sal de cozinha.....	60 gram.
Alcool comphorado.....	10 —	Agua commum.....	1000 —

Dissolva o sal na agua, filtre; ajunte o alcool, e depois o ammoniaco.

Agua de Sedlitz. A *agua de Sedlitz natural* é a agua salina purgativa que existe n'uma pequena aldêa da Bohemia, sobre o caminho de Toeplitz a Carsaal. Provém, assim como as aguas vizinhas de Pullna e Seidschutz, de muitos poços espalhados nas pobres aldêas, onde os estrangeiros não poderiam achar casa para se alojarem; pelo que esta agua não se bebe senão transportada. Estes poços não são naturaes;

são cavados pelos componezes que, para os seus usos domesticos, não bebem outra agua, não tendo esta, nos primeiros dias, nem amargor, nem propriedade purgativa. Mas, depois de alguns dias de demora nos poços, esta agua dissolve em maior ou menor quantidade os principios salinos contidos no solo vizinho, e só então adquire as virtudes especiaes que fizeram a celebridade das aguas amargas (bitterwasser) da Bohemia. Estas aguas conservam-se bem, e constituem um brando purgante.

Agua de Sedlitz artificial. Quando os medicos receitam agua de Sedlitz, é a *agua de Sedlitz artificial* que se emprega; goza das mesmas propriedades que a agua natural; o seu effeito é mesmo mais certo do que o da natural. Eis-aqui a receita:

Agua de Sedlitz artificial.

Sulfato de magnesia	30 grammas.
Agua gazosa simples.....	650 —

Dissolva o sulfato em pequena quantidade d'agua simples; filtre a solução; lance-a n'uma garrafa, e encha esta com agua gazosa.

A agua de Sedlitz artificial póde preparar-se tambem do modo seguinte;

Sulfato de magnesia.....	30 gram.	Acido tartrico em crystaes...	4 gram.
Bicarbonato de soda.....	4 —	Agua pura.....	650 —

Dissolva na agua o sulfato de magnesia e o bicarbonato de soda; filtre a solução; lance-a na garrafa, e ajunte o acido tartrico; tape a garrafa promptamente com rolha, e segure esta por meio de um barbante em cruz.

Bebe-se um copo de quarto em quarto de hora.

Agua segunda. Dá-se este nome a dois liquidos differentes:

1° *Agua segunda dos pintores.* Agua 1500 grammas, potassa 375 grammas, cinzas gravelladas 125 grammas. Dissolva. Esta agua emprega-se para limpar as pinturas a oleo, e applica-se por meio de uma esponja ou de um grosso pincel. A agua segunda destruiria toda a pintura se se deixasse por muito tempo applicada sobre ella; por conseguinte deve-se lavar immediatamente com muita agua, e esta lavagem tira ao mesmo tempo a agua segunda e as impurezas. Não se deve empregar a agua segunda para limpar as pinturas envernizadas: limpam-se estas com agua e sabão. A agua segunda póde tambem servir para limpar as pinturas a colla; mas deve estar muito diluida em agua, e cumpre immediatamente depois fazer outra lavagem com agua pura.

2° *Agua segunda dos ourives e dos outros artifices.* Agua forte (acido azotico) diluida em maior ou menor porção d'agua. Emprega-se para limpar o ouro.

Agua de Seltz. *Veja-se* AGUAS MINERAES.

Agua de toucador. Este cosmetico, que se usa principalmente para aromatizar a agua com que se lava o rosto, póde ser preparado de diversas maneiras. Eis-aqui uma das melhores receitas, e de facil pre-

paração. Infundem-se, durante dez a doze dias em 800 grammas de alcool de 22° areometro Cartier, as substancias seguintes : benjoim, incenso, gomma arabica, 40 gramnas de cada uma; cravo da India, noz moscada, 5 grammas de cada uma; amendoas doces, lirio florentino, 15 grammas de cada uma; essencia de rosas, de bergamota, de limão, de Portugal, 10 gottas tambem de cada uma. Decanta-se a mistura; côa-se o resto do liquido espremendo-o ; filtra-se todo o liquido, e conserva-se em frascos bem arrolhados.

Agua de toucador com Phenol Bobœuf. Esta agua muito agradavel, se recommenda para a lavagem quotidiana do rosto e das mãos. Um vidro de *Agua Bobœuf*, derramado dentro de um banho, communica-lhe suas qualidades essencialmente tonicas e fortificantes. (V PHENOL.)

Agua de toucador de Ixora. E feita com o succo das flores da India, o seu perfume é muito agradavel, é empregada com vantagem para tirar o ardor que deixa a navalha. Esta agua é preparada com esmero pela casa Ed. Pinaud, perfumista em Pariz.

Agua vegeto-mineral. *Agua branca, agua de Saturno, agua de Goulard.* Prepara-se misturando 900 grammas d'agua commum, com 20 grammas de acetato de chumbo liquido, e 80 grammas de alcoolato vulnerario. Applicada externamente, esta agua é resolvente ; e serve para prevenir a inflammação dos logares contusos, ou ajudar a resolução das ecchymoses. Emprega-se contra as pancadas, pisaduras, torceduras, deslocações, A agua branca applica-se fria em todos estes casos, sobre os logares offendidos, por meio de chumaços ou de ataduras, molhados mais ou menos frequentemente.

Agua no ventre. *Veja-se* HYDROPISIA DO VENTRE.

AGUAS MINERAES. Dá-se o nome de *aguas mineraes* ás aguas naturaes que sahem do seio da terra carregadas dos principios que ali existem, e dotadas de propriedades medicinaes.

A temperatura das aguas mineraes é muito variavel : umas são frias, isto é, de temperatura inferior á do ar ambiente ; outras mornas; outras quentes ou thermaes, e a estas dá-se o nome de *caldas* (corrupção de *calidas*). Chamam-se thermaes as aguas cuja temperatura excede a de 20° centigrados; algumas chegam até ao gráo de agua fervendo; temperatura esta, cuja causa se ignora, e foi attribuida ora a circumstancias electro-chimicas, ora ás decomposições subterraneas, ora á acção do fogo que se suppõe existir no centro do globo.

Das propriedades das aguas mineraes. As aguas mineraes foram consideradas por muito tempo atravéz do prisma da prevenção, e cercadas de alguma cousa de maravilhosa. Os Gregos tinham-n'as em tanta honra como se fossem um mimo da divindade, e as dedicaram a Hercules, em testemunho do muito que ellas aproveitam á saude. Sem duvida as aguas mineraes gozam de propriedades mui activas; os saes e as substancias metallicas que ellas contém, os gazes que d'ellas se desenvolvem, o calorico que as aquece, são agentes de grande energia. Mas nos resultados obtidos é preciso tambem ter em conta a viagem, a distracção, o exer-

cicio, o clima, a temperatura, a mudança na maneira de viver, os costumes e o moral dos individuos que se transportam á fonte.

A influencia hygienica das aguas mineraes é principalmente notavel para o habitante das grandes cidades, acostumado á molleza, e entregue ás occupações sedentarias. Não se observam todos os dias effeitos pasmosos de um ar puro e salubre, de um clima brando e secco, sobre as pessoas fracas ou convalescentes ? Quantas affecções chronicas não melhoram, e chegam até a curar-se completamente, pelo simples effeito da mudança de clima ? Quem ignora quanto póde o repouso do espirito e a cessação dos trabalhos do gabinete, nos homens constantemente atormentados por grandes interesses que podem comprometter a cada instante a sua fortuna e a sua honra ? Quanto não influe tambem a esperança da saude no desgraçado melancolico, desgostoso dos medicos e da medicina !

Comtudo, apezar da influencia inquestionavel das causas hygenicas, que coincidem com a acção medicamentosa das aguas mineraes bebidas á fonte, é impossivel negar-lhes as propriedades therapeuticas. Os medicos que não concedem ás aguas mineraes senão um effeito hygienico, dependente de circumstancias accessorias, taes como a distracção da viagem, a mudança de ar e sobretudo o effeito moral, cahem em erro grave. Os numerosos garanhões da caudelaria de Tarbes em Franca, que cada anno vão ás caldas de Cauterets curar-se da affecção conhecida pelo nome de pulmoeira, são d'isto uma prova irrecusavel, porquanto para elles não existe o effeito das circumstancias accessorias.

Todas as aguas mineraes são tonicas ou excitantes; possuem, além d'isso, propriedades particulares, que dependem das substancias que entram na sua composição, e segundo as quaes as aguas mineraes foram divididas em *acidulas gazosas*, *salinas*, *alcalinas*, *ferreas*, e *sulfurosas*. Esta classificação não póde ser considerada como rigorosa e absoluta; tal agua mineral, com effeito, póde ser ao mesmo tempo salina e acidula, sulfurosa e ferrea, etc., mas não perde o caracter essencial do principio ou base que n'ella predomina. Será difficil, no estado actual dos nossos conhecimentos, inventar qualquer outra divisão. Passo a indicar as propriedades das aguas de cada uma das classes :

§ I. — Aguas acidulas gazosas.

Estas aguas contém grande quantidade de gaz acido carbonico livre, independente dos saes que se podem achar n'ellas. Quando estão fechadas em garrafas bem tapadas, espumam e effervescem como o vinho de Champanha, ao abrir a garrafa. Seu sabor vivo e picante, desapparece á medida que o gaz se evapora. Expostas ao ar livre, ou a um calor brando, perdem o gaz, principio activo que as caracteriza. Sua temperatura natural é fria ou quente. Avermelham a tintura de turnesol, e formam um precipitado branco na agua de cal.

As principaes *aguas gazosas do Brazil* são :

1ª Aguas de **Lambary,** provincia de Minas Geraes a 20 kilometros da cidade de Campanha.

2ª Aguas de **Caxambú,** no municipio de **Baependy,** provincia de Minas Geraes, a cerca de 6 kilometros e meio da cidade de Baependy.

3ª Aguas de **Cambuquira,** na provincia de Minas Geraes. São frequentadas principalmente pelos habitantes de certas partes da provincia.

4ª Aguas da fazenda de **Contendas,** na provincia de Minas Geraes, perto da estrada que conduz de Lambary á aldêa de Caxambú.

5ª Existem tambem na provincia de Pernambuco algumas fontes de aguas gazosas em **Pajehú das Flores.**

As *aguas acidulas gazosas* mais importantes da Europa são : as de *Seltz* ou *Seltzers* na Allemanha; *Apollinari Soultzmal* (Prussia); *St-Galmier*, *Pougues*, *Condillac*, em França. As aguas de Seltz são geralmente usadas e gozam de maior reputação.

A *agua de Seltz artificial*, de que se faz um uso tão frequente, não é senão a *agua gazosa simples*, que se prepara misturando a agua commum com gaz acido carbonico, por meio de apparelhos particulares, e distribuindo o producto em garrafas que se tapam exactamente. É bebida agradavel, e emprega-se como medicamento nas affeções do estomago.

A agual artificial de Seltz póde tambem preparar-se por meio de duas substancias em pó, que são o acido tartrico e o bicarbonato de soda. Estes pós vendem-se em dois papeis distinctos em todas as pharmacias, e em proporções que se acham em relação com a quantidade d'agua que se quer empregar. A maneira mais simples consiste em deitar n'uma garrafa quasi cheia d'agua um papel de cada um d'estes pós, e rolhar immediatamente a garrafa. Pela ação do acido tartrico sobre o bicarbonato de soda desprende-se o gaz acido carbonico, e em alguns minutos fica prompta a agua de Seltz. Este modo não é o melhor. Os pós, dissolvendo-se n'agua, formam o tartrato de soda que se dissolve na mesma agua, a qual elle torna levemente purgativa. Por isso adoptaram-se geralmente diversos apparelhos mediante os quaes se obtem o gaz acido carbonico pela mistura dos pós acima indicados.

Os apparelhos mais usados para este fim são os seguintes :

Apparelho gazogeneo. Vendem-se hoje, com o nome de *gazogeneos*, pequenos apparelhos que servem para preparar agua gazosa para uso domestico. Existem no commercio varios apparelhos d'este genero; por meio d'elles póde-se obter instantaneamente um liquido saturado unicamente de gaz acido carbonico. Todos estes pequenos apparelhos podem servir para as casas de familia e para os pharmaceuticos, quando estes precisam aviar promptamente alguma das preparações gazosas empregadas hoje. Em todos a agua satura-se de gaz acido carbonico, que se desenvolve pela acção do acido tartrico sobre o bicarbonato de soda. Eis-aqui a descripção dos apparelhos mais importantes :

Apparelho gazogeneo. A fig. 15 e a explicação seguinte farão comprehender o seu mecanismo :

1° Enche-se inteiramente d'agua a bola n° 1;

2° Com o funil introduz-se na bola n° 2 (no apparelho de 1 garrafa) 10 grammas de bicarbonato de soda e 9 grammas de acido tartrico;

3° Introduz-se, e aperta-se solidamente o tubo n° 3 no gargalo da bola n° 2;

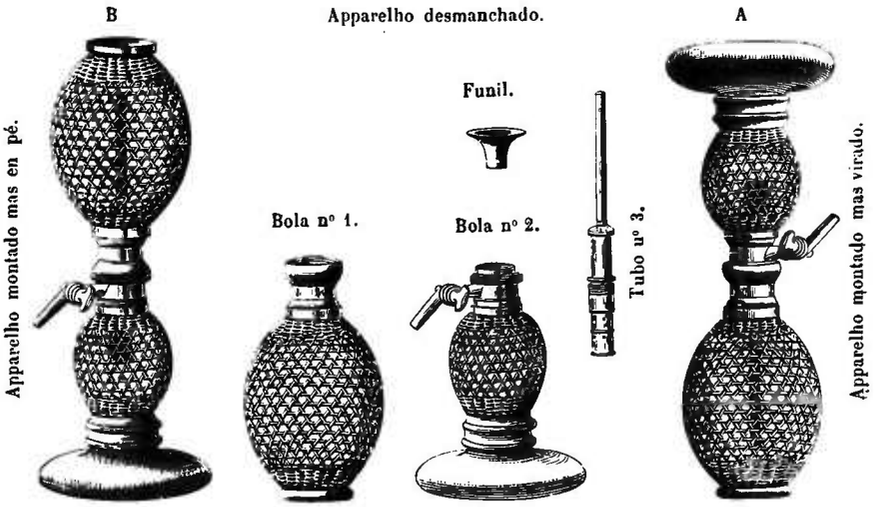


Fig. 15. — Apparelho gazogeneo para preparar agua gazosa.

4° Atarracha-se com força sobre a bola 1 a bola 2 armada do tubo, de maneira que o apparelho fique montado como mostra a fig. A;

5° Fecha-se a torneira; e põe-se o apparelho sobre o seu pé, segundo a fig. B.

Posto em pé, o apparelho funcciona só. A agua da bola 1 corre sobre os saes que se acham na bola n° 2, até que a sua superficie se ache nivelada com a extremidade do tubo; os saes dissolvem-se, e a sua reacção desprende o gaz acido carbonico, que vai misturar-se com a agua da bola 1, sob a influencia da pressão que elle mesmo exerce. Deixa-se funccionar o apparelho durante 15 minutos, e mais, se se quizer ter um liquido mais carregado. Agita-se levemente o apparelho, para facilitar a dissolução do gaz na agua. Este apparelho póde dar agua carregada de 5 volumes de gaz; e póde-se, por meio da torneira, fazel-o esguichar á vontade.

Depois de cada operação, despeja-se a bola n° 2 e enxuga-se; alimpa-se tambem o tubo.

Além da agua gazosa, póde-se tambem preparar com este apparelho:

Vinho espumoso, substituindo agua por vinho, no qual se faz dissolver um pouco de assucar candi.

Limonada gazosa, deitando agua gazosa n'um copo contendo a quantidade de xarope que se quer.

Apparelho seltzogeneo (fig. 16). Este apparelho compõe-se de: 1° uma garrafa de vidro de duas bolas juntas; 2° uma cabeça de metal que se atarracha e desatarracha sobre a garrafa, guarnecida de um tubo de ascensão, e provida de um mecanismo de abrir e fechar para a sahida

d'agua gazosa; 3° um funil grande; 4° um funil pequeno; 5° uma rolha de borracha.

Modo de empregar. 1° Desatarrachar a cabeça; introduzir o funil grande no tubo interior da garrafa; por meio d'este funil encher d'agua completamente a bola inferior; tirar o funil e tapar o tubo com a rolha guarnecida da hastea.

2° Collocar o funil pequeno por cima da rolha.

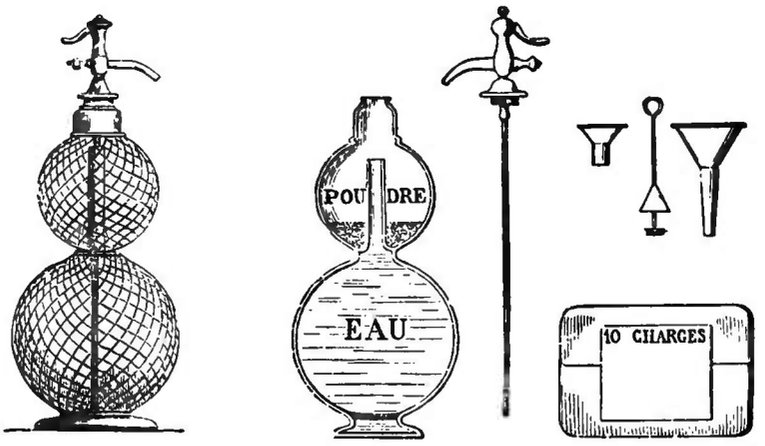


Fig. 16. — Apparelho seltzogeneo.

3° Por meio d'este funil introduzir na bola superior dois pós, um pó contido no papel branco, e outro contido no papel azul. O papel branco contém acido tartrico, o papel azul contém bicarbonato de soda.

4° Tornar a pôr a cabeça no seu logar, e atarrachal-a com força.

5° Inclinar o apparelho afim de encher, da agua contida na bola inferior, cerca de um terço da bola superior; e pôr depois, o apparelho em pé. A agua dissolverá os pós, e produzirá o desenvolvimento do gaz acido carbonico.

6° Apertar a pedale da cabeça para fazer sahir a agua gazosa, que esguicha em virtude da compressão operada pelo gaz acido carbonico.

A agua satura-se de gaz tanto mais, quanto mais fresca. È bom preparal-a pelo menos tres horas antes de a beber.

Sendo o apparelho de vidro, a agua póde demorar-se n'elle indefinidamente.

Este apparelho serve para fazer a agua de Seltz, as limonadas gazosas, e os vinhos espumosos.

Apparelho para aguas gazosas (fig. 17). Tirar da garrafa a tampa de estanho (cabeça) e o tubo de ascensão; introduzir por meio do funil os pós (um papel branco e um papel azul) no recipiente de vidro que existe no interior do apparelho; tirar o funil do recipiente e introduzil-o no interior da garrafa ao lado do recipiente; deitar por meio d'este funil agua fria na garrafa até cerca de um centimetro abaixo da extremidade superior do recipiente, e ter cuidado de que a agua não entre no recipiente antes de tapar a garrafa com a tampa de estanho; introduzir o

tubo de ascensão na garrafa ao lado e por fóra do recipiente; atarrachar moderadamente a tampa sobre a abertura da garrafa; agitar o apparelho cinco ou seis vezes pelo movimento de diante para traz, que faz entrar cerca de meio copo d'agua no recipiente.

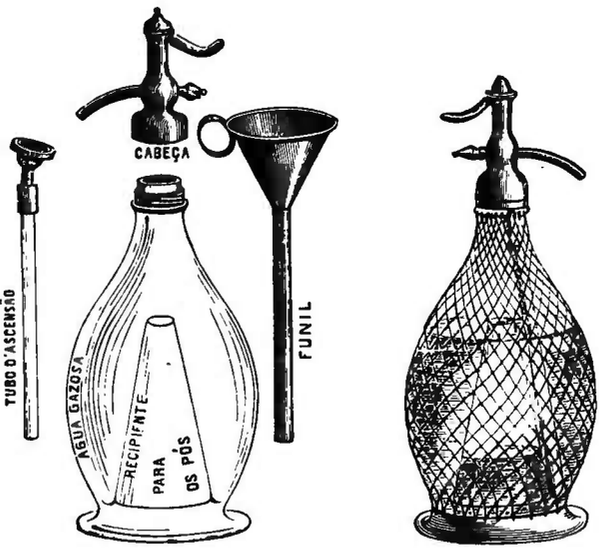


Fig. 17. — Apparelho para aguas gazosas.

Esta agua dissolve os pós e produz o desenvolvimento do gaz acido carbonico, que satura a agua da garrafa ao cabo de cinco minutos.

Deixando a garrafa em repouso durante algumas horas, a agua saturar-se-ha mui fortemente.

A quantidade dos pós para uma garrafa é de 9 grammas de acido tartrico (papel branco) e 10 grammas de bicarbonato de soda (papel azul).

Apparelho siphoïde (fig. 18). *Instrucção :* 1° Desatarrachar a tampa,

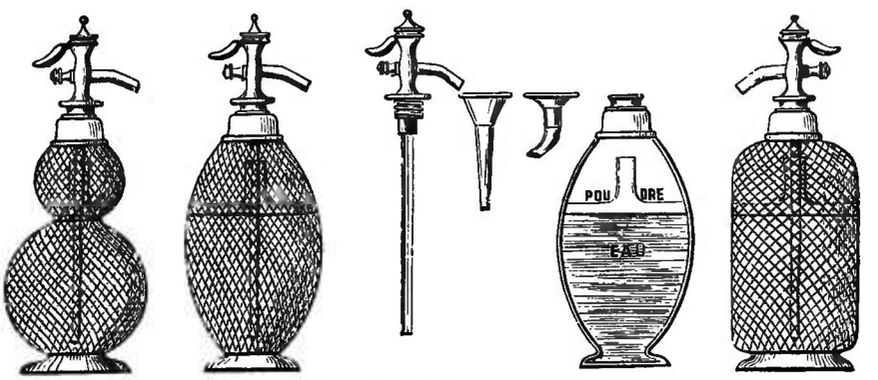


Fig. 18. — Apparelho siphoïde para fazer agua gazosa de tres formas differentes.

introduzir no gargalo o funil directo e encher com agua a parte inferior do apparelho.

2° Por meio do funil curvo, introduzir na parte superior dois pós : um

pó contido no papel branco, e outro contido no papel azul. O papel branco contém o acido tartrico, e o papel azul contém o bicarbonato de soda.

Tornar a pôr a tampa no seo logar, e atarrachal-a sufficientemente.

3° Inclinar o apparelho afim de encher cêrca de um terço da parte superior com a agua contida no parte inferior, e dissolver os pós.

4° Sacudir o apparelho circularmente, mantendo-o na posição vertical, de modo que o gaz acido carbonico se misture bem com a agua.



Fig. 19. — Apparelho de Lhote para fazer agua gazosa.

Este apparelho serve para fazer a agua de Seltz, os vinhos espumozos, e as limonadas gazosas.

Apparelho de Lhote (fig. 19). Consiste em um pote de porcelana, dividido interiormente em dois compartimentos por um septo vertical; tem por diante duas bicas juxtapostas, e por detraz dois gargalos. Eis-aqui a maneira de empregar este apparelho :

Encher o pote com agua pelos gargalos até transbordar; deitar fóra de vagar pelas bicas meio copo d'agua, pouco mais ou menos, afim de igualar o liquido e ter o vacuo necessario para mexer e facilitar a dissolução dos pós.

Introduzir n'um dos gargalos, por meio de funil, o bicarbonato de soda; introduzir no outro gargalo o acido tartrico. Favorecer a dissolução dos pós mexendo cada liquido com espatula propria.

Vertendo então simultaneamente n'um copo as duas dissoluções pelas bicas, obtem-se agua gazosa, que contém pequena quantidade de tartrato de potassa o qual não altera sensivelmente o gosto da agua.

Todas as aguas acidulas gazosas convem nas digestões lentas e laboriosas. São uteis aos hyponcondriacos, porque estimulam os orgãos digestivos e o systema nervoso. Administram-se ordinariamente em simples bebida; e dão-se tambem misturadas com vinho durante as comidas. A dóse é de meio litro por dia.

Grandes precauções são indispensaveis para a conservação das aguas gazosas que se exportam. Devem ser engarrafadas de manhã, antes do nascer do sol. Perdem mais ou menos das suas qualidades, proporcionalmente á distancia dos logares d'onde se tiram e ao tempo que se conservam guardadas. Em geral, a agua acidula engarrafada, que não salta ao desarrolhar-se, não merece confiança alguma. A garrafa uma vez aberta estraga-se, e não serve mais.

§ II. — Aguas alcalinas.

As aguas alcalinas são as que offerecem á analyse chimica grande quantidade de carbonato de soda; tem sabor amargo, urinoso; espumam algum tanto, por conterem um pouco de gaz acido carbonico; esverdinham a tintura de violas; precipitam em branco os saes calcareos, e, além d'isso, effervescem quando se lhes ajunta algum acido. As aguas alcalinas modificam a economia de maneira poderosa; a saliva, a ourina e outras secreções acidas tornam-se alcalinas. São recommendadas para

dissolver as pedras da bexiga, e a sua utilidade é incontestavel na gota, nas areias, azías, dôres do estomago, etc.

As **aguas alcalinas do Brazil** são as de *Caxambú*, em Minas Geraes (fontes D. Pedro, Duque de Saxe e D. Leopoldina); e as de *Caldas novas*, na provincia de Goyaz. (Vejam-se estas palavras.)

As **aguas alcalinas de Portugal** são :

Castello de Vide.
Chaves.
Luso.
Moura.
Pedras Salgadas.
Vidago.
Villarelho da Raia.

As **aguas alcalinas dos outros paizes da Europa** são :

Contrexeville (França).
Ems (Prussia).
Evian (França).
Gastein (Austria).
Luxeuil (França).
Mont-Dore (França).
Neris (França).
Pfeffers (Suissa).
Plombières (França).
Pougues (França).
Royat (França).
Tœplitz (Bohemia).
Vals (França),
Vichy (França).
Vittel (França).
Wildbad (Allemanha).

Agua alcalina gazosa artificial (Cod. fr.).

Bicarbonato de soda.....	3,12 centigr.	Clorureto de sodio.....	0,08 centigr.
— de potassa....	0,23 —	Agua gazosa simples...	650 grammes.
Sulfato de magnesia.....	0,35 —		

Dissolva os saes n'uma pequena quantidade d'agua, introduza a solução n'uma garrafa de cerca de 65 centilitros, acabe de encher a garrafa com agua gozosa simples. Rolhe, segure a rolha com barbante e guarde em logar fresco. Esta agua alcalina gazosa póde ser empregada nos casos em que se prescreve a *agua* de Vichy. Dóse : 180 a 500 grammas por dia.

Banho artificial de Vichy (Cod. fr.). Bicarbonato de soda 500 grammas para um banho.

§ III. — Aguas ferreas.

As aguas *ferreas*, *marciaes* ou *chalybeadas*, são as que contém sufficiente quantidade de ferro, para que este metal seja sensivel ao gosto e apreciavel á analyse. Ao sahirem da fonte, são pela maior parte limpidas, inodoras, de sabor stypico um pouco semelhante ao da tinta de escrever. Expostas ao contacto do ar, apresentam na superficie uma pellicula ferruginea avermelhada, ou iriada, e depõem, debaixo da fórma de froco amarellados, certa quantidade de protoxydo de ferro : fazem-se negras quando se lhes ajunta a infusão de noz de galha, ou mesmo o chá da India; são mineralizadas pelo subcarbonato ou sulfato de ferro; e contém, além d'este metal, saes de soda, de cal, de magnesia, de manganez, etc., e gaz acido carbonico combinado ou livre. São frias ou quentes; gozam de propriedades tonicas, e convem em todas as

molestias caracterizadas pela debilidade, como a chlorose, leucorrhea, amenorrhea, tremor dos membros, escrophulas, convalescenças, etc.

Internamente. Costumam tomar-se pela manhã em jejum, na dóse de 1 a 3 copos de 150 grammas cada um.

Externamente. Administram-se em banhos.

As **aguas ferreas do Brazil** mais conhecidas são :

No municipio da capital : Tijuca; Andarahy, chacara do *Amorim* (arrabalde do Rio de Janeiro).

Lagoa de Rodrigo de Freitas (arrabalde do Rio de Janeiro).

Laranjeiras (arrabalde do Rio de Janeiro).

Riachuêlo, antiga de *Matacavallos* (cidade do Rio de Janeiro).

Silva Manoel (cidade do Rio de Janeiro).

Na provincia do Rio de Janeiro numerosas fontes de aguas ferreas sitas nos seguintes logares : *Nictheroy*, morro de S. Lourenço. — Freguezia de *S. Gonçalo*. — Circumvizinhanças da cidade de *Rezende*. Circumvizinhanças da villa de *Iguassú*. — Serra de Santa Anna, fazenda denominada *Piedade*. — Freguezia do *Paty do Alferes*. — Cume da Serra denominada *Botaes*. — Parahyba do Sul, fazenda intitulada *Boa Vista*. — Fazenda da *Boa Liga* na freguezia das Dôres, do Municipio do Pirahy. — Estação do *Rodeio*, da estrada de ferro D. Pedro Segundo.

Na provincia de Minas Geraes : — 1 kilometro da cidade *de Ouro Preto*, onde existe uma fonte publica. — *Morro de Santa Anna*, 1 $^1/_2$ kilometro da cidade de Marianna. — *Pitangui*. — *Serro da Boa Morte*, 18 kilometros distante de Congonhas do Campo. — *Rio Verde*, junto á sua margem. — *Serro de Caraça*. — Cidade *Diamantina do Serro*. — Agua ferrea gazosa de *Caxambú;* fontes de D. Thereza, Conde d'Eu e Dona Isabel.

Na provincia de Pernambuco cinco fontes : tres nas circumvizinhanças da cidade de *Olinda;* — uma em *Epipucas;* — e uma em *Morteiros*, logares proximos á cidade do Recife.

No Maranhão : varias fontes nas circumvizinhanças da cidade, nos logares denominados *Ilha da Capita* e *Gamboa*.

Na provincia do Piauhy : municipios Principe Imperial e Parnaguá.

Na provincia do Espirito Santo, varias fontes.

Na provincia de S. Paulo, ao sul da cidade de Santos, na base do monte denominado Monserrate.

Nos confins das provincias de Minas e de S. Paulo, a dois dias de viagem de *Mogymirim*.

Na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. — S. Gabriel.

As **aguas ferreas de Portugal** mais conhecidas são :

Cabeça de Mont'achique.
Caldellas de Rendufe.
Camara.
Carlão.
Cota.
Furnas (Ilha de S. Miguel).
Monsão.

As principaes **aguas ferreas das outras partes da Europa** são :

Bourbon-l'Archambault (França).
Bussang (França).
Forges (França).
Luxeuil (França).
Marcols (França).
Orreza (Ilha de Corsega).
Passy (Cidade de Pariz).
Pyrmont (Allemanha).
Schwalbaeh (Allemanha).
Spa (Belgica).

§ IV. — Aguas salinas.

Assim se chamam as aguas mineraes que, não sendo sulfurosas, nem ferreas, accidulas ou alcalinas, tem por principios predominantes alguns saes. O seu sabor é fresco, amargo ou picante: a sua temperatura fria ou quente. Contém chloruretos de sodio, calcio e magnesio; sulfato de soda, carbonatos alcalinos, silica, vestigios de ferro, sulfato de alumina, ioduretos, bromuretos, acido carbonico, e ás vezes sulfhydrico. Muitas são purgativas, d'aquellas que contém saes em bastante proporção; as outras são diureticas. Em bebida são uteis na ictericia, nos calculos biliares, catarrho vesical, suppressão dos menstruos, molestias escrophulosas, leucorrheas, affecções nervosas, gastrites chronicas. Em banhos são recommendadas nas paralysias, mesmo n'aquellas que são consecutivas á apoplexia, nos dartros, nas contracções musculares, nos rheumatismos chronicos, e em muitas molestias caracterizadas pela debilidade geral.

Internamente. Como *purgativas* 120 a 1000 grammas conforme a proporção dos saes que a agua contém. Como *alterantes* 60 a 180 grammas por dia.

Externamente, em banhos, emborcações, etc.

A agua mineral salina por excellencia é a *agua do mar*.

As **aguas mineraes salinas do Brazil** que são mais conhecidas, são as da comarca de *Itapicurú* na provincia da Bahia, e as de *S. Domingos do Araxá*, na provincia de Minas Geraes.

As **aguas salinas de Portugal** são :

Aljustrel (Salinas e arsenicaes).
Almofala.
Brancas.
Cascaes ou *Estoril.*
Maiorca.
Monsão.
Pinhel.
Tavira.
Torres Vedras.
Vimeiro.

As **aguas salinas principaes nas outras partes da Europa** são :

Arteijo (Hespanha, provincia de Coruña).
Baden-Baden (Allemanha).
Balaruc (França).
Bourboule (França). Salinas e arsenicaes.
Brides (França).
Carlsbad (Bohemia).
Homburg (Allemanha).
Hunyadi-Janos (Hungria).
Ischl (Austria).
Kissingen (Baviera).
Kreusnach (Prussia).
Loëche (Suissa).
Lucca (Italia).
Luxeuil (França).
Mariembad (Bohemia).
Monte-Catini (Italia).
Nauheim (Allemanha).
Niederbronn (Prussia).
Pulna (Bohemia).
Roucas-Blanc (França).
Rubinat (Espanha).
Salies-Béarn (França).
Salins (França).
Salins-Moutiers (França).
Sedlitz (Bohemia).
Seidschutz (Bohemia).
Wiesbaden (Allemanha).

§ V — Aguas sulfurosas.

As aguas sulfurosas, chamadas tambem *hepaticas,* tem o cheiro de ovos chocos; são limpidas, macias, e unctuosas ao tacto, de sabor salgado mui desagradavel; a sua temperatura é fria, ou quente, de 21° a 75° cent., porém mais ordinariamente quente, e os seus principios mineralizadores são o gaz acido sulfhydrico, os sulfuretos, os hydrosulfatos, etc. : dão um precipitado negro com as soluções de chumbo, de prata, e um precipitado amarello com a solução de tartaro emetico. — As aguas sulfurosas exercem uma acção particular sobre o systema cutaneo e lymphatico; são empregadas, tanto interna como externamente, nas molestias de pelle, nos catarrhos pulmonares e vesicaes, na asthma, nas escrophulas, nos engurgitamentos das glandulas lymphaticas, nos rheumatismos chronicos, na gota, na paralysia, na ankylose, etc.

Internamente, 125 a 250 grammas por dia.

Externamente. Em banhos, lavatorios, duchas, aspirações.

As **aguas sulfurosas brazileiras** mais conhecidas são :

1° Na provincia de Minas Geraes as fontes quentes, distantes trinta e seis kilometros da villa de *Caldas.*

2° Na provincia de S. Paulo : *S. João da Boa Vista, Monte Sião, Serrito, Itapetininga.*

3° Na provincia do Pará. Perto da villa de *Monte-Alegre,* comarca de Santarem : 35° de temperatura.

4° Agua sulfurosa da colonia Thereza, na provincia do Paraná.

5° No Rio Grande do Norte, a fonte *Appody;* e outra a poucos kilometros da villa do *Principe.*

As **aguas sulfurosas de Portugal** são numerosas. Eil-as :

Alcafache
Alhandra.
Almeida.
Alprenda.
Arégos.
Arez.
Cabeço de Vide.
Caldas da Rainha.
Canavezes.
Carlão.
Carvalhal.
Entre-os-Rios.
Felgueiras
Freixialinho.
Furnas (Ilha S. Miguel
Gavião.
Gaveiras.
Lijó.
Linhares.
Lisboa (Arsenal da marinha.
Manteigas.
Maria Viegas.
Meledo.
Monchique.
Monte de Pedra.
Monte Real.
Obidos.
Padreiro.
Penamacor.
Pombal de Anciães.
Pranto.
Ranhados.
Rapoila de Côa.
Rio Real.
Santa-Comba-Dão.
S. Gemil.
S. Jorge.
S. Mamede.
S. Pedro do Sul.
Taipas.
Unhaes da Serra.
Vizella.
Zebras.

As principaes **aguas sulfurosas dos outros paizes da Europa** são :

Aix-en-Savoie (França).
Allevard (França).
Amélie-les-Bains França)
Baden (Austria).
Barèges (França).
Cauterets (França).

Eaux-Bonnes (França).
Enghien (França).
Marlioz (França).
Pierrefonds (França).
Porretta (Italia).
Saint-Amand (França).
Saint-Honoré (França).
Saint-Sauveur (França).
Uriage (França).
Vernet (França).

Agua sulfurosa artificial para uso interno (Cod. fr.).

Monosulfureto de sodio crystallisado	13 cent.	Agua privada de ar pela ebullição	650 gram.
Chlorureto de sodio	13 —		

Dissolva e conserve em garrafas bem tapadas. Esta agua é destinada a substituir as aguas mineraes que contém sulfureto de sodio, e ordinariamente as aguas sulfurosas dos Pyreneos, das quaes, entretanto, não é ella mais que uma imitação imperfeita. — 60 a 120 grammas por dia como bebida.

Banho de Barèges artificial (Cod. fr.).

Monosulfureto de sodio crystallisado	60 gram.	Chlor. de sodio purificado	60 gram.
		Carbonato de soda secco	30 —

Misture e guarde n'um frasco. Esta dóse é para um banho.

Ás cinco classes de aguas mineraes que acabei de enumerar poderiam ajuntar-se as denominadas *hydriodicas* e *bromicas*, mas ainda não estão bem examinadas, e confundem-se com as precedentes.

§ VI. — Aguas simplesmente thermaes.

No Brazil, na provincia de Santa Catharina, existem caldas simplesmente thermaes, isto é, quentes, que não tem nada de sulfurosas, e, quando frias, são até muito agradaveis. Seu uso tem sido efficaz em muitas paralysias, rheumatismos chronicos, e molestias de pelle. São conhecidas com os nomes de *Caldas de Bittancourt*, temperatura de 35 1/2 gráos : *Caldas do Monte do Cubatão*, de 36°; *Caldas do sul do Cubatão*, de 45°, e *Caldas do Tubarão*.

Para aproveitamento de algumas fontes d'estas aguas, ha perto da capital da provincia, adiante da cidade de S. José, um estabelecimento denominado *Hospital das Caldas da Imperatriz*, com accommodações para enfermos, e banheiras em quartos fechados. Está situado em logar muito ameno e saudavel, proximo de um ribeirão de excellente agua, e coberto de mato virgem em grande extensão.

Além d'estas, ha fontes thermaes em outras provincias do Brazil, que ainda não estão bem examinadas, como sejam as do sertão de *Seridó* na provincia do Rio Grande do Norte, cerca de trinta e seis kilometros da Villa do Principe. Suas aguas são salobras e sempre tepidas. — Estão no mesmo caso as da *Lagoa Santa* em Minas Geraes, e cujas aguas na extensão de quasi tres kilometros, e largura de um e meio kilometro, conservam-se sempre tepidas.

As outras aguas mineraes do Brazil, que, por faltar a analyse, *não podem ainda ser classificadas*, são :

Lage dos Santos, que brota de uma lage situada no meio do Oceano, 21 milhas ao largo do porto de Santos, provincia de S. Paulo.

Mossoró e *Seridó*, provincia do Rio Grande do Norte.

Pagé, *Crato*, *Tamboril* e *Santa Quiteria*, provincia do Ceará.

Guarapuava, provincia do Paraná.

Benevente, provincia do Espirito-Santo.

Frade, *Palmeiras*, provincia de Matto-Grosso.

Aguas proximas das villas da *Chapada* e da *Carolina*, provincia do Maranhão.

Precauções que exige o uso das aguas mineraes :

1° Buscar um ar puro, e não se expôr ao calor nem a sereno, que, em geral, é nocivo perto das fontes.

2° Regular as comidas de maneira que seja mui ligeiro o alimento tomado de manhã, depois de beber a agua; se se costuma cêar, deve-se comer mui pouco á noite; as aguas obram melhor quando o estomago se acha vasio.

3° O exercicio é mui favoravel á cura das molestias chronicas, e por isso os passeios devem merecer grande consideração; mas devem ser moderados e nunca excessivos. É tambem vantajoso o deitar-se e levantar-se cedo.

4° As paixões tem grande influencia na saude, e os doentes que recorrem ao tratamento das caldas, devem persuadir-se que não apressam a cura occupando-se inteiramente da sua molestia, e no modo de a combater; devem, pelo contrario, conservar quanto possivel seja, a tranquillidade da alma; e para isso deixar os negocios, os estudos, esquecer os pezares, para passar vida tranquilla, durante o uso das aguas.

Sobrevindo algum incommodo, calor da pelle, diminuição do appetite e das forças, será preciso cessar o uso da bebida mineral. É mui frequente ver pessoas a que, por excesso no uso das aguas, se irrita o estomago; sentem então dôres e um incommodo geral; a bocca torna-se amarga e a pelle quente; á primeira apparição de taes symptomas os doentes devem pôr-se a dieta, tomar bebidas refrigerantes, como limonada, laranjada, orchata, etc. O augmento das dôres existentes, assim como uma pequena febre, não são, porém, um signal perigoso. A maior parte das aguas determinam esse effeito, que não é senão uma manifestação da excitação geral, que cederá facilmente ao uso dos diluentes,

O tempo da residencia nas *caldas* não póde ser indicado de maneira absoluta. A idade, o sexo, o temperamento, a molestia, a acção mais ou menos prompta de certas aguas em alguns individuos, são os elementos que servem para formar um juizo sobre a sua duração. Em geral os doentes não devem retirar-se senão depois de terem obtido o effeito desejado, ou depois de estarem convencidos pela longa persistencia, da inutilidade d'este meio. Muitas pessoas, porém, não recobram a saude senão tomando as aguas por espaço de dois mesmo tres mezes a fio.

Aguas mineraes artificiaes. Designam por este nome as aguas que se obtem fazendo-se dissolver n'agua differentes substancias acidas, salinas, ou gazosas, com o fim de imitar certas aguas mineraes

naturaes. A arte está longe de poder contrafazer perfeitamente a natureza. As aguas mineraes, que se preparam nos estabeleeimentos especiaes, tem propriedades physicas e chimieas muito differentes das aguas naturaes; não se póde, portanto, crer que umas possam substituir as outras. As aguas mineraes artifieiaes são apezar d'isso medieamentos muito uteis, e mais preeiosas ainda por se poderem achar faeilmente. São preferiveis a algumas aguas naturaes transportadas para longe das fontes, que soffrem alterações; mas não podem substituir as aguas mineraes tomadas á fonte, pois não são auxiliadas pelos resultados da viagem, do exercicio a pé ou a eavallo, da tranquillidade do espirito e da distracção; condições a que, eomo já deixei dito, é devida grande parte das vantagens que se attribuem ás aguas mineraes.

AGUARÁ-CIUNHA-AÇU ou JACUÁ-ACANGA. *Tiaridium indicum*, Lehm. Planta da Flora brazileira, da familia das Borragineas; eommum na provineia de S. Paulo. Folhas ovaes, asperas e deeurrentes sobre o peeiolo; flores de eôr roxa desmaiada, dispostas em espigas unilateares e terminaes; eheiro desagradavel. As folhas empregam-se eom vantagem no eurativo das ulceras e das queimaduras.

AGUARDENTE. Liquido espirituoso que se obtem pela distillação de muitas substaneias vegetaes fermentadas. Marea 18 a 22 gráos no areometro de Cartier (45 a 60 eentesimaes). A aguardente é formada de aleool, de muita agua, e de um oleo volatil, que differe segundo o vegetal, cujo sueco fermentado produzio o liquido espirituoso. Chama-se *rhum*, *aguardente de canna* ou simplesmente *cachaça* quando provém da eanna de assuear; *arack*, quando é produzida pelo arroz fermentado; *aguardente de vinho*, ou *aguardente de França*, quando é extradida de vinho. A *aguardente de trigo*, de *batatas*, não é outra eousa senão o liquido espirituoso obtido distillando no alambique estas substaneias. A aguardente de eerejas chama-se *kirschenwasser*. As bagas de zimbro fermentadas e distilladas dão um lieor ehamado *genebra*, que se prepara tambem distillando no alambique aguardente de trigo ou de eanna eom bagas de zimbro. O eheiro e o sabor da aguardente variam segundo a natureza do oleo volatil que entra na sua composição. Sem eôr, quando acaba de ser preparada, a aguardente torna-se amarella algum tempo depois de estar nas pipas; porque a madeira lhe eede a materia eorante. Mas os fabricantes dão-lhe eôr, ajuntando um poueo de assucar queimado. O areometro, como já disse, serve para lhe determinar a força, mas póde-se ainda eonheeer a quantidade do aleool que eontém, inflammando-a: aprecia-se a quantidade do aleool, pela agua que fica quando o liquido deixa de arder. Conheee-se faeilmente quando a aguardente é alterada por pimenta, ou alguma outra planta aere, evaporando-a até seecar por ser excessivamente amargo o residuo que fica então.

Se o uso moderado e poueo frequente da aguardente é salutar para excitar as forças, o seu excesso occasiona tremores, dôres de cabçea, apoplexia, estupidez, paralysias, e até a morte. Os effeitos da aguardente na eeonomia são os mesmos que os do aleool fraeo. *Veja-se* EMBRIAGUEZ.

Aguardente camphorada. Prepara-se dissolvendo 30 grammas

de camphora em 1170 grammas d'aguardente a 60° centesimaes, e filtrando o liquido. Usa-se em fricções nos rheumatismos e torceduras. Aproveita tambem no curativo das feridas, e contra as dôres de dentes.

AGUAXIMA. *Veja-se* PERIPAROBA.

AGUDAS (MOLESTIAS). Chamam-se molestias agudas as que apresentam certa gravidade, e percorrem rapidamente os seus periodos; taes são ordinariamente as febres e inflammações. Quando uma molestia se prolonga além de certo tempo, diz-se então que passa ao estado *chronico*. Não ha nada de certo sobre a época em que a molestia aguda toma o caracter chronico; mas ordinariamente dá-se o nome de *chronicas* ás molestias que se prolongam além de quarenta dias.

AGULHA. *(Perigo que resulta das agulhas e alfinetes engulidos.) Veja-se* ALFINETE.

AHOUAI. *Cerbera Ahouai.* Linneo. Apocynaceas. Arvore do Brazil, de folhas leitosas, fructos redondos ou trigonos. As nozes servem de ornar os cinturões dos Indios, e agitadas fazem grande ruido. O succo leitoso d'esta planta é um forte veneno, como tambem o de sua congenera *Cerbera Thevetia*, Linneo. Em dóse pequena produz vomitos; deitando-se no rio envenena os peixes.

AINHUM. Degeneração lenta e progressiva dos *dedos minimos dos pés*, produzindo a sua quéda em um periodo de tempo mais ou menos longo. Molestia peculiar á raça negra; frequente na costa d'Africa; existe, porém, no Indostão em individuos da raça India (ramo tamul).

Foi observada no Brazil na cidade da Bahia pelo Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, que publicou d'ella uma excellente descripção em 1867 na *Gazeta medica da Bahia*, vol. I, pag. 146, d'onde extrahi pela maior parte, o presente artigo.

As *causas* do ainhum são inteiramente desconhecidas. Mostra-se não sómente nos pretos que andam descalços, como tambem nos que usam de calçado. As pretas são menos sujeitas do que os pretos a esta affecção, os creoulos menos que os africanos.

Symptomas. « O ainhum, diz o Sr. Dr. Silva Lima, começa por uma ligeira depressão um pouco menos que semi-circular, occupando as faces interna e inferior da raiz do dedo, coincidindo exactamente com a dobra digito-plantar, sem dôr intensa, nem phenomeno algum inflammatorio, e a que o doente não dá a minima attenção. O dedo vai-se pouco a pouco apartando do seu vizinho, ao menos apparentemente, na sua raiz, mas a extremidade livre, pelo contrario, approxima-se algumas vezes do quarto dedo, parecendo formar um angulo ao nivel d'aquella depressão ou sulco.

« Gradualmente o orgão vai augmentando de volume á proporção que aquelle sulco se vai estendendo á face superior, e, mais tarde, á externa, de sorte que, para o fim, a cabeça do dedo tem adquirido duas ou tres vezes o seu volume ordinario, e o rego torna-se circular, profundo, a ponto de não ser visivel o pediculo delgado que prende aquelle orgão ao pé, sem se lhe imprimirem movimentos lateraes que afastem as mar-

gens oppostas do sulco. Rara vez se conserva até o fim uma tira estreita de tegumento da face externa.

« A epiderme torna-se, de ordinario, aspera e escabrosa como lixa; e a fórma do dedo arredonda-se irregularmente, e dá-lhe o aspecto de uma pequena batata. A unha conserva-se perfeita, mas pela rotação parcial do dedo, volta-se para fóra. O rego, ou linha divisoria entre o pé e o dedo affectado, ulcera-se algumas vezes; mas, de ordinario, cobre-se apenas de algumas escamas epidermicas que se ronovam constantemente; quando existe ulceração a superficie do sulco está humedecida por diminuta quantidade de liquido ichoroso e fetido. Quando o sulco é circular e muito profundo, o dedo adquire grande mobilidade, podendo-se inclinal-o em qualquer sentido, e mesmo imprimir-lhe, até certo ponto, um movimento de rotação.

« N'este periodo da molestia a primeira phalange tem desapparecido completamente ao nivel do rego circular, e o dedo, inclinando-se para baixo, embaraça a marcha, por estar sujeito á topadas extremamente dolorosas; e é então que os doentes reclamam a amputação como unico allivio.

« A marcha da molestia é sempre lenta, gradual, e prolongada, de sorte que entre a manifestação do symptoma inicial, isto é, o pequeno sulco da face interna do dedo, e a sua grande mobilidade pela profundeza do rego circular, e destruição da phalange, medeia um espaço de tempo que varía de um a dez annos. Para o fim o dedo fica pendente por um pedículo muito delgado, que, ou se rompe com qualquer topada, ou cahe em gangrena, por destruição dos ultimos vasos, e filetes nervosos que entretinham a vida n'aquella pequena massa quasi separada do corpo. Os doentes apressam, de ordinario, a quéda do dedo, estrangulando-o com um fio, ou recorrendo ao instrumento cortante. »

A molestia ataca ordinariamente o dedo minimo de um só pé; ás vezes, o que é raro, os dedos minimos de ambos os pés. O Dr. Silva Lima não a vio senão nos dedos minimos; nunca em outros. O Dr. Collas, medico da marinha franceza, tambem não tem observado o ainhum na India senão no dedo pequeno do pé; nunca vio o ainhum duplo no mesmo pé.

Tratamento. Varios unguentos tem sido empregados, sem nunca sustar a marcha da molestia nem evitar a perda do dedo. O Sr. Dr. Silva Lima aconselha praticar incisões perpendiculares ao sulco inicial, logo que começar a manifestar-se a constricção circular da pelle. Por meio d'esta pequena operação, o Dr. Silva Lima obteve algumas vantagens.

Na época adiantada da molestia, o unico meio que se pode empregar é a excisão do dedo. Pratica-se com tesoura. Depois da operação ha pequena hemorrhagia; uma arteria jarra longe o sangue. Para sostêl-a convem applicar panno molhado em agua fria misturada com vinagre, ou embebido da solução de perchlorureto de ferro, e comprimir com atadura. No dia seguinte tira-se o apparelho, e cura-se a ferida com fios untados de ceroto simples, ou applica-se simplesmente algodão em rama, que se deixa até cicatrizar-se a ferida.

AIPIM (Rio), **MACAJERA** ou MACAXERA (Provincias do Norte do Brazil). *Manihot aypi*, Pohl. Planta do Brazil, da familia das Euphorbiaceas, euja raiz é eomestivel. E uma especie de mandioca que não tem suceo venenoso como esta. Esta raiz eome-se assada ou cozida, é um alimento sadio e nutriente.

AIPO CULTIVADO. *Apium graveolens sativum* ou *Apium dulce*, Miller. (*Céléri*, em francez). Chama-se assim a uma planta pertencente á familia das Umbelliferas, variedade do *Aipo silvestre* transformado em planta eulinar pela eultura, que lhe faz perder o sabor desagradavel e o cheiro forte, que tem no estado agreste. Dá-se-lhe o nome de *celeri*. Come-se em salada e eozido. O *aipo cultivado* ou *celeri* é uma planta sadia, agradavel, aromatica, alimentieia: eome-se-lhe a base dos peciolos e dos talos tenros; é estimulante e passa por aphrodisiaco. A cultura do aipo tem por fim branqueal-o desde a base até á maior altura possivel; pelo que plantam-n'o nos fossos, e enterram-n'o repetidas vezes, para o subtrahirem á acção da luz.

AIPO INCULTO, SILVESTRE ou **BRAVO.** *Apium graveolens* L. (*Ache* em francez). Umbelliferas. Esta planta habita em Portugal pelos rios e nos sitios humidos. Caules muitos de uma só raiz, um tanto levantados, glabros, articulados; folhas alternas nas artieulações, pecioladas, ternadas; lobulos euneiformes, reeortados, glabros de uma e outra parte, e luizidios; flores de um braneo esverdeado, dispostas em umbellas axillares ou terminaes; frueto arroxeado, mui pequeno, globoso; raiz einzenta por fóra, branea por dentro, fusiforme, ramosa, de cheiro forte, sabor aromatieo, amargo e acre. Em medieina, esta raiz constitue uma das *cinco raizes aperientes*, e faz parte do xarope d'este nome. O aipo bravo *recente* é perigoso tanto para o homem eomo para os animaes. A raiz *secca* ou *cozida* perde as suas propriedades deléterias.

AIX. França. Aguas bicarbonatadas quentes. Ha duas fontes, euja temperatura varia de 20° a 21° e de 34°16 a 36°80; contem por litro, carbonatos de cal e de magnesia; sulfato de soda; ehlorureto de magnesio; oxydo de ferro; mineralisação total: 0,224. Estabelecimento de banhos, piscina de 98 metros quadrados. As aguas d'Aix usam-se nas nevroses, rheumatismos nervosos, eezema, prurigo, psoriase, affecções uterinas.

Trajeeto de Pariz a Aix, 20 horas.

AIX-LA-CHAPELLE. (Aguas sulfurosas chlorureto-sodieas quentes.) De Pariz pela estrada de ferro vai-se directamente a Aix-la-Chapelle em dez horas e meia: este trajeeto custa 50 francos.

Aix-la-Chapelle, eidade da Prussia rhenana, tem 62,500 habitantes. As fontes mineraes brotam no interior da cidade. São sobretudo aguas sulfurosas, em numero de seis principaes, que foram divididas, segundo a sua posição, em superiores e inferiores. As superiores são: a fonte do *Imperador*, a fonte *Buchel*, e a fonte de *S. Quirino*. As inferiores: a fonte do *Banho da Rosa;* a fonte de *S. Cornelio*, e a antiga fonte dos *Bebedores*. A temperatura d'estas fontes varia de 44° a 55°. Deixam de-

senvolver um forte cheiro de gaz hydrogeneo sulfureo. Mil grammas d'agua da fonte do *Imperador* contém, segundo Liebig.

	grammas.		grammas.
Chlorureto de sodio.....	2,63940	Carbonato de stronciana.....	0,00022
Bromureto de sodio.....	0,00360	Sulfato de potassa.....	0,15445
Iodureto de sodio.....	0,00051	— de soda.....	0,28272
Sulfureto de sodio.....	0,00950	Silica.....	0,06611
Carbonato de soda	0,65040	Substancias organicas.....	0,07517
— de cal.....	0,15851	Phosphato de alumina. }	
— de magnesia.....	0,05147	Fluorureto de calcio.. }	Vestigios.
— de ferro.....	0,00955	Ammoniaco..... }	
— de manganez, vestigios.			
— de lithina.....	0,00029	Total das substancias fixas....	4,10190

100 volumes de gaz livre dão:

Gaz azoto.....	66,98	Gaz hydrogeneo carbonatado.....	1,82
— acido carbonico.....	30,89	— — sulfurado.....	0,31

As aguas d'Aix-la-Chapelle empregam-se como bebida, e em banhos, duchas e banhos de vapor. Como bebida, usam-se em jejum, tres copos por dia ou mais, um copo de quarto em quarto de hora. É preciso vigiar attentamente a influencia que exercem sobre a circulação sanguinea, e parar aos primeiros symptomas de uma excitação exagerada.

As duchas são seguidas ordinariamente de fricções seccas ou ma çadura.

As aguas d'Aix-la-Chapelle empregam-se sobretudo contra as affecções chronicas da pelle, ulceras, feridas por armas de fogo, trajectos fistulosos, tumores brancos, caries, necroses, rheumatismos e paralysias. A estação principia no 1° de Maio, e acaba no 1° de Outubro. Duração da cura: vinte a vinte e cinco dias.

AIX-EN-SAVOIE (Aguas sulfureas quentes) (fig. 20). Aix, lindissima cidade da França, tem 4,400 habitantes. Pela estrada de ferro faz-se a viagem de Pariz a Aix em treze horas, e este trajecto custa 73 francos. As aguas mineraes d'esta localidade foram conhecidas pelos Romanos, e attribue-se ao Imperador Graciano, que viveo no seculo IV, a fundação do seu primeiro estabelecimiento. A julgar pelos monumentos que restam, estes banhos tiveram sob a dominação romana grande importancia, e depois de numerosas vicissitudes, recuperaram-n'a hoje.

Esta localidade acha-se em boas condições de hygiene, e possue um serviço medico perfeitamente organizado.

As aguas d'Aix são quentes e sulfurosas. Provém de duas fontes que sahem de um rochedo calcareo. A agua é transparente, um pouco unctuosa, de cheiro de ovos chocos, que desapparece depois da exposição ao ar, o sabor é adocicado e terreo, a temperatura quente de 43° a 44° centigrados. Bem que as qualidades e as propriedades das duas fontes sejam quasi as mesmas, deram-lhes nomes que poderiam fazer crêr que a sua composição é mui differente; uma foi chamada fonte de

enxofre, a outra fonte de *alumen:* a differença consiste em ter esta um cheiro menos sulfureo do que a fonte de enxofre.

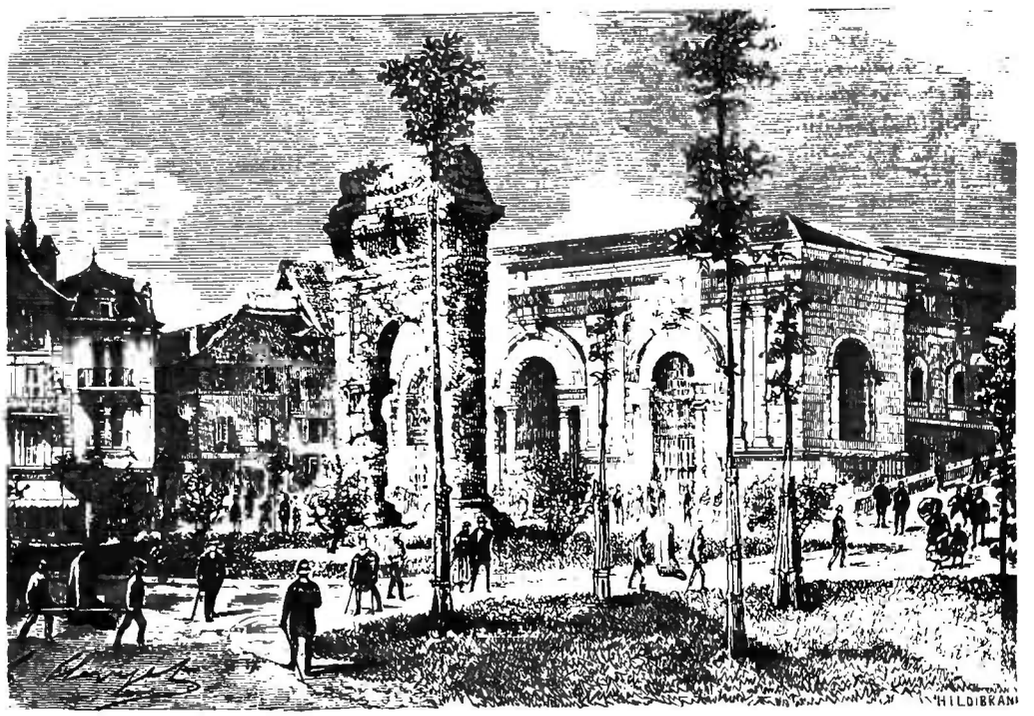


Fig. 20. — Estabelecimento de banhos em Aix-en-Savoie.

Eis-aqui a composição d'estas aguas, segundo o Sr. José Bonjean, chimico de Chambery :

Mil grammas d'estas aguas contém :

Fonte d'enxofre.		*Fonte de alumen.*	
Acido silicico	0,00500	Acido silicico	0,00430
Phosphato de alumina, — de cal, Fluorureto de calcio	0,00249	Phosphato de alumina, — de cal, Fluorureto de calcio	0,00249
Carbonato de cal	0,14850	Carbonato de cal	0,18100
— de magnesia	0,02587	— de magnesia	0,01980
— de ferro	0,00886	— de ferro	0,09936
— de stronciana... vestigios.		— de stronciana... vestigios.	
Sulfato de soda	0,09682	Sulfato de soda	0,04240
— de cal	0,01600	— de cal	0,01500
— de magnesia	0,03527	— de magnesia	0,03100
— de alumina	0,05480	— de alumina	0,06200
— de ferro.... vestigios.		— de ferro... vestigios.	
Chlorureto de sodio	0,00792	Chlorureto de sodio	0,01400
— de magnesio	0,01721	— de magnesio	0,02200
Iodureto alcalino... vestigios.			
Glairina.... quant. indeterm.		Glairina.... quant. indeterm.	
Perda	0,01200	Perda	0,00724
Total das substancias fixas.	0,42994	Total das substancias fixas.	0,41039

	Litro.		Litro.
Gaz azoto	0,03204	Gaz azoto	0,08010
— carbonico	0,02578	— carbonico	0,01334
— acido sulfhydrico livre	0,04140	— acido sulfhydrico livre	0,02600
		— oxygeneo	0,01840
Total dos gazes	0,09922	Total dos gazes	0,15784

O estabelecimento thermal d'Aix é propriedade do Estado. Contam-se ali seis piscinas de natação, trinta e dois quartos para banhos em separado, salões de inhalação, e seis estufas com todos os apparelhos de duchas. A cidade d'Aix fazia outr'ora parte da Italia; tendo sido annexada á França, no anno de 1860, os favores do novo governo tem chovido sobre o establecimento thermal, que se acha consideravelmente augmentado e melhorado. O seu cassino pode rivalizar com os mais bellos d'este genero.

As aguas thermaes d'Aix empregam-se eomo bebida, mas sobretudo em banhos. Para bebida, misturam-se ordinariamente com leite de vacca, de cabra ou de burra; convém, sob esta forma, nas affecções do peito, na asthma, na bronchite chronica, na tisica incipiente. Em banhos são uteis nas paralysias, rheumatismos, affecções cutaneas, syphilis inveterada, ulceras antigas, ankyloses. A época do anno em que se tomam é desde o 1° de Maio até 14 de Setembro. É na fonte que se devem tomar, porque perdem muito das suas propriedades depois de frias.

Os banhos de natação nas piscinas, em agua tão estimulaute como é esta agua sulfurea, augmentam as forças musculares, favorecem o desenvolvimento da cavidade do peito, e podem prevenir a formação dos tuberculos. A cidade d'Aix, por causa da sua posição geographica e estradas de ferro, é visitada por quasi todas as pessoas que vão á Suissa ou Italia. As antiguidades romanas, que a cidade contém, dão-lhe bastante importancia. Está situada a 258 metros acima do nivel do mar, a temperatura média do ar durante a estação dos banhos é de 21° centigrados.

AJUDA. *Veja-se* CLYSTER.

AJUNTAR. Em medicina, diz-se que o *pus se ajunta* em algum tumor, quando existem dôres latejantes, como picadas de agulhas, acompanhadas de um sentimento de peso. O tumor amollece e torna-se mais vermelho; e, para favorecer a sua abertura é preciso applicar cataplasma de linhaça, de fecula, de farinha de mandioca, ou uma banana assada. As mais das vezes cumpre abrir o tumor com lanceta. *Veja-se* ABCESSO.

ALABASTRO. Nome dado a duas sortes de pedras naturaes de composição differente, que se empregam nas artes: 1° *Alabastro gypsoso*, que é o sulfato de cal hydratado; é notavel por sua alvura proverbial; mas é muito molle; com o menor choque pode fazer-se em pedaços. Serve na esculptura, e fazem-se com elle objectos de ornamento, vasos, pendulas, estatuas pequenas, etc. Existem d'elle vastas pedreiras em Volterra, na Italia. 2° *Alabastro calcareo*, variedade de cal carbonatada: é muito mais duro do que o precedente, e pode até riscar o marmore: é de um branco de leite, ou de côr amarella com veios e pintas di-

versas. E susceptivel de grande polimento; serve para fazer obras finas, vasos, camafeos e mesmo grandes estatuas. Tira-se do Egypto e da Lydia.

No Brazil existem jazidas de alabastro na provincia do Maranhão, districto da Chapada, na margens do Grajahú.

Modo de limpar os objetos de alabastro. Os objectos de alabastro fazem-se amarellos com a fumaça ou poeira. Limpam-se lavando-os com sabão e agua, e depois com agua pura; feito isto esfregam-se com pelliea. Tiram-se-lhes as nodoas de gordura, esfregando-as com talco em pó ou com essencia de terebinthina.

Para concertar os objectos de alabastro quebrados, empregam-se diversos betumes. *Veja-se* BETUME, no nosso *Formulario,* 13ª edição, de 1888, pag. 742.

ALAMBIQUE. Apparelho empregado nas artes para distillar, isto é, para separar pela acção do calor o liquido volatil das subtancias fixas ou menos volateis do que elle.

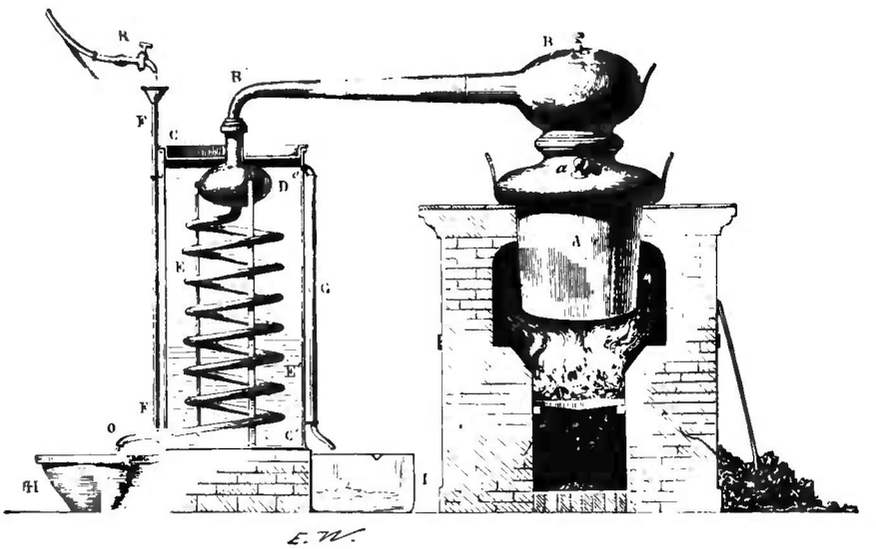


Fig. 21. — Alambique para distillar agua.

O alambique ordinario (fig. 21) é formado de tres partes distinctas: a *cucurbita* A; o *capitel* B; e o *resfriador* D. Sua fórma varía muito conforme a natureza do producto que se deseja obter.

Querendo-se distillar plantas para extrahir-lhes as essencias, em vez de introduzil-as directamente na cucurbita, o que as exporia á acção muito forte do calor, colloeam-se n'um vaso mais estreito, que mergulha na agua da cucurbita, e se chama *banho-maria.* Diz-se então que a distilllação se faz a *banho-maria.*

Eis-aqui a descripção das differentes partes do alambique, destinado para distillar agua e obter o que se chama *agua distillada.*

A *cucurbita* A é um vaso no qual se deita a agua de rio para distillar: é de metal, as mais das vezes de cobre estanhado, de fórma cylindrica,

bojudo na parte superior. Este bojo tem uma abertura por cima da qual se acha um tubo que se tapa com a rolha *a*. É por este tubo que, mediante um funil, se introduz a agua destinada a substituir aquella que se evapora. A extremidade inferior da cucurbita, ou o fundo, descansa sobre o fogo; uma abertura de forno cylindrico deve ser disposta para recebêl-a. O *capitel* B, de ordinario feito do mesmo metal que o resto do apparelho, remata a parte superior do alambique. É de fórma conica; sua base adapta-se exactamente no entalhe que a cucurhita tem na parte superîor, vem a ser, que a abertura inferior do capitel é da mesma dimensão que a abertura superior da cucurbita. É guarnecido de um largo tubo recurvado BB′, destinado a conduzir os vapores para o resfriador. Este compõe-se de um tubo espiral de estanho EE′, chamado *serpentina*, contido n'um vaso de cobre CC′ ou de madeira, chêio d'agua fria. É na serpentina que tem logar a condensação dos vapores, e sua volta ao estado liquido. Sua extremidade superior, um tanto alargada, é destinada a adaptar-se ao bico do capitel; a sua extremidade inferior O desemboca n'um vaso H, chamado *recipiente*, para onde ella conduz o producto da distillação. Para melhor condensar o vapor que percorre a serpentina, renova-se constantemente a agua que a rodeia, por meio de uma corrente d'agua que cahe de um reservatorio superior de que se vê a torneira R. Esta agua fria é conduzida pelo tubo FF′ no fundo do reservatorio, ao passo que a agua aquecida, corre para o vaso I, por meio do tubo G, que communica com a parte superior do resfriador.

ALAMBRE. *Veja-se* AMBAR AMARELLO.

ALANGE. Hespanha, provincia de Badajoz. Aguas acidulas gazosas, quentes, transparentes, de sabor acre e picante. Temperatura de 18° a 30°; contem muito acido carbonico livre e 8 grammas por litro de substancias fixas que são : chloruretos de sodio e de magnesio; sulfatos de cal e de magnesia; carbonato de cal e vestigios de ferro. Estas aguas usam-se em banhos e em bebidas; e empregam-se nas gastralgias, dyspepsias, engurgitamentos do figado, catarrhos da bexiga, molestias da pelle e rheumatismo.

Estação thermal de 24 de junho a 30 de setembro.

ALBARA. *Veja-se* IMBIRI.

ALBARDÃO. Republica Argentina, provincia de S. João. Banhos salgados. Temperatura 38°. Sua composição chimica é : sulfatos de soda, de magnesia, de cal, de potassa; chlorureto de sodio; acido silico; bicarbonatos de soda e de ferro, e sulfureto de sodio. Estes banhos são muito frequentados.

ALBINO. Designam-se por este nome os individuos que tem a pelle branca como leite ou papel; os cabellos brancos e de molleza particular; o iris de côr rosea pallida, e a menina dos olhos do coelho branco ; a vista, toda a constituição physica e as faculdades intellectuaes são extremamente fracas. Esta particularidade de organização foi primeiramente observada nos negros, e julgava-se que sómente essa raça de homens era sujeita a ella, d'onde veio o nome de *negro branco*, *negro assa*, *aetiops albus*, empregado como synonymos de albino. Mais tarde,

porém, os albinos foram observados nas differentes nações da Europa. Além da albinia geral, existe ainda a albinia parcial, que invade esta ou aquella parte do corpo. Parece certo que esta descoloração geral ou parcial depende da falta da secreção do pigmento, que dá côr á pelle. Suas causas são inteiramente ignoradas. A accommodação da vista nos albinos é constrangida, porque os objectos alumiados deslumbram-lhes os olhos. O iris então contrahe-se, assim como o musculo ciliar, e a accommodação se produz ordinariamente nas condições da myopia, mas sob a condição de approximar muito as palpebras.

Com a idade o albinismo minora. Previne-se o deslumbramento da vista pelo emprego dos oculos com vidros azues ou dos oculos stenopeicos. Assim se chamam os oculos ordinarios, cujos vidros são substituidos por laminas metallicas, tendo no seu centro uma pequena abertura circular. Estas laminas, formando septo entre os objetos alumiados e a retina, substituem a membrana iris que se contrahio.

ALBUGEM ALBUGO. *Veja-se* BELIDA.

ALBUMINA. Assim se chama um principio que existe nos animaes, no estado liquido ou concreto; é elle que constitue a maior parte da clara de ovo. A albumina existe em quasi todos os liquidos animaes e vegetaes; mas sobretudo no sangue. Em certas molestias augmenta a secreção da albumina, e este humor coagula-se para formar falsas membranas; o que tem logar no pleuriz, peritonite, garrotilho, etc.

A albumina liquida é incolor, transparente, sem cheiro, susceptivel de espumar pela agitação; emfim possue todos os caracteres da clara de ovo, que é, como já disse, albumina quasi pura. A albumina coalha pelo calor, alcool e acido acetico: e, quando coalhada, torna-se insoluvel em agua. A clara de ovo cozida offerece todos os caracteres da albumina coalhada. Esta substancia goza de uma propriedade chimica que a torna mui preciosa na medicina, e vem a ser que os saes de cobre e de mercurio formam com ella um precipitado insoluvel, e por isso emprega-se com vantagem nos envenenamentos occasionados por esses corpos. A albumina, decompondo no estomago as preparações de cobre e de mercurio, que produziram o envenenamento, forma com ellas uma substancia nova, que não tem acção sobre as membranas do estomago. Os venenos, que a albumina póde decompôr, e que se encontram as mais das vezes, são: o verdete, o vitriolo azul e o sublimado corrosivo. Para administrar este contra-veneno, diluem-se muitas claras de ovo em duas vezes o seu peso d'agua, misturam-se agitando, e dão-se a beber ás pequenas porções. O contra-veneno obra tanto mais efficazmente, quanto menos se tardar a administral-o.

A albumina tambem é um alimento util em muitas occasiões. Coagulada pelo calor é de muito mais difficil digestão do que em estado liquido; misturada, n'este estado, com caldo, leite ou vinho é administrada contra a dysenteria, o enfraquecimento senil e todas as vezes em que o organismo achando-se enfraquecido por perdas sanguineas ou por molestias prolongadas, supporta com difficuldade qualquer nutrição substancial.

A albumina entra na composição da *Osteina Mouriés* producto honrado com o premio Montyon, do Instituto de França, e que é um alimento precioso para as crianças, as amas de leite e as pessoas fracas.

ALBUMINURIA. Nomc dado á molestia, que apresenta como principal symptoma a presença da albumina nas ourinas. Esta molestia chama-se tambem *molestia de Bright*, do nome do doutor que primeiro a descreveo, no anno de 1827; foi-lhe dado tambem o nome de *nephrite albuminosa*, porque os rins (*nephros* em grego) acham-se affectados n'esta molestia.

A albuminuria ataca em todas as épocas da vida, c observa-se nas crianças de tenra idadc; porém é mais commum na idade adulta. Mostra-se nos climas frios e humidos, como certas localidades de Inglaterra, Hollanda, Suecia : é mui rara no Rio de Janeiro.

Os *symptomas* dividem-se em duas fórmas : fórma *aguda* e fórma *chronica*.

O estado *agudo* principia da mesma maneira que todas as molestias inflammatorias, por um calefrio seguido de calor da pellc, sêde, frequencia do pulso; ao mesmo tempo as ourinas são menos abundantes que de costumc, mais escuras, e ás vezes um pouco sanguinolentas. No fim dc alguns dias tomam côr citrina; contém já então albumina, que as torna mais espumosas; conjunctamente o doente soffre nas cadeiras uma dôr pouco intensa ou um sentimento dc peso. O rosto e os pés incham. Chegada a este ponto, a molestia póde findar : 1° pela resolução, então os symptomas diminuem pouco a pouco, e acabam por desapparecer em duas, tres ou quatro semanas; 2° pela passagem ao cstado chronico.

A fórma *chronica* succede por conseguinte á fórma precedente, ou então, o que é mais ordinario, começa assim desdc o principio. Os primeiros symptomas são a presença da albumina nas ourinas, e uma dôr surda e profunda, mas pouco intcnsa nas cadciras. As ourinas são mais espumosas quc dc costume; sua quantidade é diminuida quasi de um terço, sua côr é amarella-pallida e um pouco turva, emfim contém *albumina*, quc se reconhece submcttendo-as á acção do calor; forma-se cntão um coalho mais ou menos espesso; o acido nitrico ajuntado gotta a gotta produz o mesmo effeito. Ao mesmo tempo que a albumina se acha cm maior quantidadc, a proporção dos sacs, mas sobretudo da urea, diminue de um modo mui sensivel. O sangue torna-sc mais fluido, e contém tanto menos albumina quanto mais ella abunda nas ourinas.

Sobrevem a inchação do rosto, das pernas, dos pés, e depois a hydropisia do ventre, do peito ou do coração. Entre os outros symptomas mais constantes nota-se a suppressão quasi completa da transpiraração cutanea, a difficuldadc de respirar, tosse, vomitos, diarrhea, emfim, ás vezes, accidentes cercbraes graves.

A *duração* da fórma chronica é mui variavel. Umas vezes a hydropisia mostra-se pouco tempo depois de haver sido verificada a presença da albumina nas ourinas; outras vezes passam-se muitos mezes, antes que appareça. Uma vez declarada póde cessar pelo tratamento, ou offerecer intervalos de remissão.

Tratamento. No *periodo agudo* da molestia convem administrar a infusão de grama para bebida; caldos de gallinha, leite de vacca para todo o alimento, e a poção seguinte :

Folhas de digital.....	60 centigrammas.
Agua fervendo.....	150 grammas.

Infunda, cõe e ajunte :

Xarope de gomma.....	30 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, de duas em duas horas.

Dois dias depois, usar da bebida seguinte :

Infusão de bagas de zimbro.....	150 grammas.
Bicarbonato de soda.....	2 —
Assucar.....	4 —

Para tomar toda esta bebida de manhã, e repetir a mesma pela noite.

Na fórma chronica, usar de boa alimentação, do leite, do vinho puro, e empregar uma das preparações seguintes :

Cremor de tartaro.....	30 grammas.

Divida em 8 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, em meio copo d'agua com assucar.

Ferro reduzido.....	15 grammas.

Divida em 15 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

Tintura de Marte tartarizada.....	30 grammas.

Para tomar 20 gottas, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

Tannino.....	4 grammas.
Conserva de rosas.....	4 —

Faça 36 pilulas; para tomar duas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Muito aproveitam tambem as obreias medicamentosas de naphthol e salicylato de bismutho de Trouette, que se tomam na dóse de 1 ou 2 obreias, de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas, tanto durante as refeições como nos intervallos d'ellas.

Os banhos geraes d'agua quente são tambem mui uteis.

Tanto na forma aguda como na forma chronica é muito util o emprego do regimen lacteo. Deve-se supprimir completamente os alimentos que são de difficil digestão porque cahindo no estomago aggravariam os accidentes que acommettem este orgão.

ALCAÇARIAS. Aguas mineraes sulfurosas. Portugal. Em Lisboa, na fralda do monte onde está situado o castello de S. Jorge. Distinguem-se 1° em *Banhos do Doutor*, temperatura 26 graos 1/2 centigrados; 2° *Banhos do Duque :* 34°; 3° *Banhos de D. Clara :* 33°. Quando se entra na casa de qualquer d'estes banhos, sente-se um levissimo cheiro de gaz hydrogeneo sulfurado. As aguas, porém, d'estes banhos são crystallinas,

quando tiradas da nascente, e assim se conservam sem deposito e alteração, ainda que guardadas por longo tempo. Pelo sabor e cheiro fazem pequena differença da agua commum; differem só pela temperatura tepida, e pelo peso especifico maior que o da agua commun, provando assim que n'ellas se acham dissolvidos alguns saes e terras. Com effeito, contém algum sulfato de cal, chlorureto de sodio, e sulfato de magnesia, quantidades mui pequenas, para produzirem effeito. Com as dissoluções de chumbo não dão precipitado negro, o que infallivelmente aconteceria, se n'ellas houvesse a mais leve porção de hydrogeneo sulfurado.

ALCACHOFRA. *Cynara scolymus*, Linneo. Synanthereas-cynarias. Planta alimenticia cultivada no Brazil e em Portugal. (fig. 22.) Poucas pessoas sabem o que comem, quando desfolham a cabeça de uma alcachofra: verdade é que muitas não se importam com isso. O que é, a alcachofra? Será uma fructa? uma reunião de folhas que a cultura obrigou a conchegarem-se umas ás outras como no repôlho? É uma flor, emfim? Nada de tudo isso. *A alcachofa é o envoltorio ou o calice da flor que apenas acaba de brotar.* Tiradas as braeteas, cuja base se come, fica o fundo da alcachofra e a massa filamentosa; o fundo é um *receptaculo*, isto é, um disco onde se acha pegada a tenra flor, e a massa filamentosa, vulgo *feno*, que se rejeita, é a flor ainda não desenvolvida.



Fig. 22. — Alcachofra.

A cultura influe muito no sabor e no valor nutritivo da alcachofra; dá-lhe um volume consideravel, e faz predominar a parte carnosa e succulenta das bracteas ou escamas do calice.

As cabeças novas da alcachofra, comidas cruas com pimenta, sal e vinagre, são um pouco indigestas. Bem maduras cozidas em agua, e adubadas com môlho em que entra manteiga, sal, gema de ovo, ou vinagre e pimenta, constituem um alimento agradavel, salubre e de facil digestão. Convem aos convalescentes, ás pessoas predispostas ás areias e á gota. Come-se a base das braeteas e o receptaculo.

ALCAÇUZ. *Glycyrrhiza glabra.* Linneo. Leguminosas-papilionaceas. Arbusto da Europa meridional, que em Portugal, habita nos sitios um tanto humidos, nos arredores de Torres Vedras, nos marechões

humidos dos campos em Vallada e Castanheira, e outras partes na Estremadura e Alemtejo, e tambem pelo norte da Beira (fig. 23.) Seu tronco subterraneo, vulgo *raiz*, emprega-se em medicina. Esta raiz é comprida, da grossura de um dedo, roxa por fóra, amarella por dentro, de fraco cheiro, e sabor adocicado, percebendo-se depois alguma acrimonia.



Fig. 23. — Alcaçuz.

Usa-se em infusão, como bebida peitoral, na dóse de 4 grammas da raiz para 360 grammas d'agua fervendo. O extracto, ou succo do alcaçuz, que apparece no commercio em fórma de páos pretos de 10 a 20 centimetros de comprimento, serve para a composição das massas peitoraes e de outras preparações pharmaceuticas.

Durante a primeira dentição, é mui vantajoso dar a chupar ás crianças a raiz de alcaçuz. A maior parte do alcaçuz, que se acha no commercio, vem da Hespanha, onde elle é mais adocicado.

Alcaçuz do Brazil. *Periandra dulcis*. Martius. Leguminosas. A raiz d'este vegetal, que habita nas provincias de Minas e S. Paulo, é de sabor adocicado, e tem os mesmos usos que a do alcaçuz europeo. Esta raiz figurou na exposição universal de Pariz, em 1867, remettida pelo Sr. Theodoro Peckolt, pharmaceutico do Rio de Janeiro, que a obteve de Congonha de Sabará. O alcaçuz do Brazil é muito menos doce que o da Europa.

ALCAFACHE. Portugal; Beira-Alta. Aguas sulfureas quentes. Ha tres nascentes. O calor de duas é de 49°; porém na terceira, que brota da fenda de uma rocha no alveo do rio Dão, o calor é muito mais forte, e custa a supportar mettendo a mão na agua.

ALCALINO. Chamam-se alcalinos os medicamentos compostos de uma substancia principal junta a um acido fraco, como por exemplo, o citrato de magnesia, o tartrato de potassa, o bicarbonato de soda.

Em dóses moderadas, os alcalinos são uteis no tratamento das affecções hepaticas, rheumatismaes e gotosas. A agua de Vichy é uma das aguas alcalinas que mais extracção tem. O abuso d'esta agua torna-se muito perigoso. Os doentes, mal aconselhados, que abusam dos saes alcalinos, depressa se enfraquecem, emmagrecem e perdem toda energia. O emprego, pois, dos medicamentos alcalinos deve ser feito com o maior cuidado e com muita prudencia.

ALCALI VOLATIL. *Veja-se* Ammoniaco.

ALCALOIDES. Os alcaloiües naturaes são compostos extrahidos de diversos vegetaes, que teem a propriedade de se unir aos acidos para formar saes. Ha plantas que dão grande quantidade de alcaloide, por

exemplo a dormideira da qual se tira a morphina, a codeina, a narcotina a narceina e outras. Os alcaloides mais conhecidos são : a quinina, a aconitina, a cafeina, a atropina, a nicotina, a strychnina, a hyossiamina e a cocaina.

Quasi todas essas substancias são mui frequentemente empregadas em medicina e a descoberta d'ellas tem sido fecunda no ponto de vista therapeutico. Em geral, os alcaloides são venenos muito fortes, mesmo em fracas dóses; a sua acção pois deve ser cuidadosamente vigiada.

ALCAMPHOREIRA. *Veja-se* HERVA MULAR.

ALCANFOR. *Veja-se* CAMPHORA.

ALCAPARRA. Alcaparras são botões de flores postos em conserva de vinagre, e que provém da alcaparreira, arbusto da familia das Cruciferas, proprio do sul da Europa, chamado por Linneo *Capparis spinosa*. Servem como tempero para excitar o appetite. Cultiva-se em Portugal, em cujas hortas dá tambem espontaneamente.

ALCARAVIA ou ALCAROVIA. *Carum carvi*, Linneo. Umbelliferas. Planta cultivada nas hortas. Sua semente, uma das quatro sementes chamadas nas pharmacias *sementes quentes maiores*, é excitante e emprega-se nas collicas flatulentas, em infusão, que se prepara com 4 grammas de alcaravia em uma chicara d'agua fervendo. Emprega-se tambem como tempero.

ALCATRÃO. Dá-se este nome ao producto da combustão e da distillação dos ramos e tronco do pinheiro. O alcatrão tem a consistencia de xarope, é de côr negra, cheiro penetrante e sabor acre. Solidificado pela evaporação, constitue o *pez negro*. Emprega-se, debaixo da fórma de *agua de alcatrão*, nos catarrhos chronicos, e sobretudo no catarrho da bexiga. Eis-aqui a mancira de preparar a agua de alcatrão. Introduzem-se 30 grammas de alcatrão em 300 grammas d'agua; deixa-se macerar por dez minutos, mexendo de vez em quando com espatula de páo e côa-se. Toma-se um a dois copos por dia d'esta agua, pura, ou misturada com leite, com agua gommosa ou infusão de althéa.

Existem preparados pharmaceuticos de alcatrão que substituem com vantagem a agua de alcatrão. Alguns gosam de merecida voga, entre elles citaremos o licor concentrado e dosado rigorosamente de alcatrão de Guyot. Este licor toma-se na hora das refeições na dóse de : uma colher de chá para um copo d'agua, ou 2 colheres de sopa para uma garrafa d'agua.

O seu gosto é assaz agradavel e os seus effeitos são os melhores que se podem desejar de um producto cuja reputação está consolidada.

Para as pessoas a quem repugna o cheiro ou o gosto do alcatrão o sñr Guyot fabrica capsulas do mesmo producto que se tomam na dose de 2 a 4 capsulas por dia na hora das refeições.

Este producto verdadeiro se vende em vidros em que se acha o endereço, 19, rue Jacob, Paris.

Tambem vem a propostio consagrarmos algumas linhas ao Alcatrão Le Beuf, licor concentrado de grande valor.

Este producto se apresenta debaixo da forma de emulsão de alcatrão vegetal, cuja formula se acha inscripta no Codigo pharmaceutico francez.

Emprega-se vantajosamente nas bronchites, e laryngites chronicas, na asthma, nos catarrhos pulmonares e nos da bexiga, nas gonorrheas chronicas, etc.; em certas formas de molestias cutaneas e principalmente nas affecções furunculares.

Administra-se internamente na dóse de 1 a 2 colheres, de chá, 2 ou 3 vezes por dia, em agua com assucar, leite, ou qualquer cosimento. Tambem pode se tomar esta emulsão na hora da comida misturando uma colher de sopa de emulsão com um litro d'agua.

Misturando 1 a 3 colheres de sopa d'esta emulsão em meio litro d'agua, emprega-se externamente em injecções na leucorrhea e em algumas affecções cutaneas como o prurigo, a tinha, a pityriases do couro cabelludo, a herpes, a eczema, a psoriases, etc.

ALCHIMIA. Assim chamáram á pretendida arte de converter os metaes em ouro, e á descoberta de um remedio universal. Esta louca esperança occupou o espirito humano durante perto de mil annos, desde o setimo até ao decimo-sexto seculo. Não se deve confundir a *alchimia* com a *chimica :* esta ultima sciencia ensina a conhecer a composição de todos os corpos da natureza, e explica a acção reciproca que elles exercem uns nos outros. Desde que a chimica ficou baseada em observações rigorosas, foi julgada ridicula a pretenção de fazer ouro com substancias que não contém este precioso metal; apezar do que, foi este erro compartido de boa fé por muitos homens recommendaveis, animados sobretudo pelo desejo de serem uteis á humanidade.

A alchimia teve seus dias de gloria e de esplendor, e isso repetidas vezes, com longos intervallos e entre diversas nações. Mas quaes são as condições necessarias para que qualquer opinião possa propagar-se e determinar uma convicção quasi universal? Enthusiasmo nos seus apostolos, alguma cousa de mysteriosa e magnificas promessas. Accrescentemos a isto uma linguagem symbolica, palavras inintelligiveis, caracteres hieroglyphicos, e não nos admiraremos de que os alchimistas tenham tido muitos partidarios. Não se vê hoje muita gente acreditar na homeopathia, medicina a mais absurda de quantas jamais foram inventadas? Conta-se, entre os mais celebres alchimistas, um papa, João XXII, um cardeal, Nicoláo Cusa, tres bispos, e muitos monges, entre os quaes figuram sobretudo Rogerio Bacon e Alberto Magno.

Actualmente está a alchimia sepultada no esquecimento. No fim do seculo passado alguns espiritos mal organizados acreditavam ainda na possibilidade dos seus milagres; mas tantas pessoas se arruináram querendo fazer ouro, que semelhante mania deixou de ser contagiosa.

Emfim, os alchimistas tiveram um sonho impossivel de realizar. Não merecem todavia o grande desprezo com que tem sido tratados. Não conseguíram fazer ouro, nem compuzeram um remedio universal; mas estudando e atormentando differentes substancias, encontráram novas combinações, dotadas de propriedades particulares e uteis á medicina e ás artes. A elles se deve o tartaro emetico, a tintura de escarlate, a distillação, o alcool e muitas outras descobertas proveitosas.

ALCOOL. Producto volatil dos licores fermentados, mais geralmente

conhecido com o nome de *espirito de vinho*. Extrahe-se do vinho, da cerveja, dos fructos, das sementes e das raizes que contém assucar, e que são susceptiveis de fermentação. O alcool do commercio marca de 34 a 36 gráos no areometro Cartier. Rectifica-se pela distillação, e póde, em um estado de maior concentração, marcar 42 ou 44 gráos. Da-se-lhe então o nome de *alcool absoluto*.

O alcool é transparente, sem côr, de cheiro penetrante e suave, de sabor forte e quente; inflamma-se com extrema facilidade, e por isso não deve ser approximado aos corpos em combustão. Dissolve as essencias, as resinas, os oleos graxos. Serve na pharmacia para preparar tinturas e alcoolatos. É empregado nas artes para a preparação dos vernizes seccantes, dos liquidos aromaticos, dos espiritos de cheiro, etc. O alcool puro nunca se administra internamente, porque poderia produzir inflammação do estomago, excitação cerebral das mais graves, e a morte.

O alcool fraco chama-se *aguardente;* marca 18 a 20 gráos no areometro. *Veja-se* AGUARDENTE.

ALCOOLATO. Preparação pharmaceutica que resulta da distillação do alcool com substancias medicamentosas. Assim existem os alcoolatos de alfazema, de alecrim, etc., que se empregam em fricções, como medicamentos tonicos e estimulantes.

ALCOOLATURA. Medicamento liquido que se obtem macerando em alcool qualquer planta fresca, *v. g.* aconito, belladona, cicuta, etc. Quando se maceram em alcool as plantas seccas; o producto chama-se *tintura*.

ALCOOLEO. *Veja-se* TINTURA.

ALCOOLISMO. Debaixo d'este nome designa-se uma classe de molestias especiaes assaz grande, causadas pelo abuso prolongado dos licores alcoolicos. Esses accidentes são da maior gravidade e mui differentes dos accidentes da embriaguez (*Veja-se* EMBRIAGUEZ).

Os alcoolicos apresentam todos os symptomas de uma inflammação chronica do estomago, que se declara pela perda do appetite, pela dyspepsia e vomitos que sobrevem pela manhã ao despertar e são conhecidos pelo nome de pituita. O figado e os rins podem ser acommettidos de degenerescencia gordurosa, as mais das vezes, porem, ficam pequenos, duros e atrophiados. Os vasos sanguineos perdem de sua elasticidade normal e adquirem uma grande friabilidade. A pelle torna-se, as vezes, mais sensivel, quasi sempre esta sensibilidade diminue localmente ou então geralmente.

Os desarranjos mais assustadores são os que atacam o systema nervoso. Muitos casos de loucura, de demencia e de epilepsia tem por causa immediata o alcoolismo. Os individuos acommettidos de delirio proveniente d'este envenenamento são perigosos tanto para elles proprios como para as pessoas que vivem com elles. Com o corpo todo tremulo, agitados, os olhos arregalados, elles ameaçam, esbordoam e commettem crimes sem terem consciencia do que fazem.

Muitas e muitas vezes nos alcoolicos, principalmente nas mulheres

que abusam dos licores espirituosos, apparecem paralysias nos quatro membros que se não são tratadas a tempo, tornam-se incuraveis.

Não é raro vêr-se esta molestia, assim constituida, transmittir-se, modificando-se, dos parentes aos filhos. O alcoolico engendra epilepticos, tuberculosos ou degenerados.

ALCOVA. As alcôvas tem grandes vantagens e grandes inconvenientes. Servem para o asseio, separando a cama da sala. Mas o ar renova-se n'ellas com difficuldade : os miasmas que se exhalam das camas, mesmo das pessoas mais sadias e mais asseadas, contribuem para viciar o ar; as pulgas e os persevejos desenvolvem-se e multiplicam-se. Quasi todas as casas do Rio de Janeiro tem alcôvas : não pretendemos poder destruir esta moda na construcção das habitações; diremos sómente que no interesse da saude devem as portas das alcôvas estar abertas o mais tempo possivel, de dia e de noite, para que o ar possa renovar-se facilmente.

ALDEHYDO ou **HYDRURETO D'ACETYLE.** É um alcool deshydrogenado, descoberto em 1821 por Dœbereiner. Obtem-se por dous processos classicos. O de Liebig, que consiste em distillar em uma grande retorta uma mistura de 2 partes de alcool, 2 partes de agua, 3 partes de bioxydio de manganese e 3 partes d'acido sulfurico. O recipiente deve ser rodeado de gelo. Rectifica-se o liquido condensado, distillando-o sobre chlorureto de calcio e recolhendo somente o que passe abaixo de 60 gráos. O producto condensado é misturado depois com o dobro do seu volume d'ether e em seguida saturado de gaz ammoniaco. Obtem-se assim cristaes d'aldehydato d'ammoniaco que se põe em um apparelho de distillação e que se decompõe pelo acido sulfurico misturado com agua. Depois de dessicação, os vapores d'aldehydo são condensados em um matraz que se conserva dentro de uma mistura refrigerante, O outro processo, o de Stœdeler, é muito mais vantajoso. Consiste elle em tratar 100 partes d'alcool por 200 partes d'acido sulfurico misturado com agua e 150 partes de bichromato de potassa. Faz se, como no processo de Liebig, aldehydato d'ammoniaco que depois se decompõe. O aldehydo é um liquido sem côr, com um cheiro activo e penetrante, parecendo com o cheiro de maçã; ferve a 21 ou 22 gráos. É inflammavel e arde com uma chamma pallida. Mistura-se em todas as proporções com agua, alcool e ether. Absorve facilmente o oxygeneo para se converter em acido acetico; se altera ao ar e apresenta quasi sempre uma reacção acida. Combina-se facilmente com o ammoniaco para formar aldehydato d'ammoniaco ou acetylureto d'ammonio. O aldehydo é notavel pela facilidade com que se presta ás transformações moleculares : elle se condensa para formar o paraldehydo que é o resultado da condensação das tres moleculas d'aldehydo. Muitos são os corpos que teem a propriedade de condensar o aldehydo e transformal-o em paraldehydo, a transformação é facil; é difficil, porem, isolar o paraldehydo formado, é preciso empregar a congelação que é o meio mais facil. Veja *Paraldehydo*.

ALECRIM. *Rosmarinus officinalis*, Linneo. Arbusto da familia das

Labiadas, cultivado nos jardins; floresce todo o anno (fig. 24). Tem 66 centimetros de altura; folhas duras, estreitas, muito aromaticas : flores de côr azul claro. As folhas e summidades floridas d'este arbusto empregam-se na preparação dos banbos aromaticos, mui uteis na inchação das pernas, e para fortificar as crianças fracas, na dóse de 1 kilogramma para um banho d'agua quente.



Fig. 24. — Alecrim.

Alecrim bravo. *Hypericum laxiusculum*, St.-Hilaire. Planta do Brazil, da familia das Hyperecineas; habita em Minas e S. Paulo. Tem folhas sesseis, distantes, obtusas; flores amarellas. É aconselhada em cozimento contra as mordeduras das cobras; mas não tem utilidade alguma n'este caso; a planta póde servir para a preparação dos banhos aromaticos, como a precedente.

Alecrim do campo. *Lantana mycrophylla.* Martius. Planta do Brazil, da familia das Verbenaceas; habita principalmente na provincia da Bahia. É de cheiro aromatico, e póde servir para os banhos aromaticos.

Alecrim do mato. *Baccharis sylvestris.* Synanthereas. Arbusto do Brazil (Rio). Seu caule divide-se em ramos delgados, de côr cinzenta, guarnecidos de folhas numerosas, estreitas, lineares e agudas : algumas d'estas folhas são oppostas, outras espalhadas irregularmente; flores brancas amarelladas, oppostas, quasi verticilladas na extremidade dos ramos : cheiro aromatico. As folhas e flores d'este arbusto empregam-se em banhos nos mesmos casos que o alecrim das boticas.

ALEITAMENTO. *Veja-se* AMAMENTAÇÃO.

ALET. França. Aguas bicarbonatadas calcicas. Ha duas fontes cuja temperatura varia de 20° a 28°; a mineralização total das fontes bicarbonatadas é de 0,576 e 0,516; contem acido carbonico, bicarbonatos de cal e de magnesia, chlorureto de sodio, lithia e arsenico. A mineralização da fonte ferruginosa é de 0,210. As aguas de Alet usam-se em banhos nas affecções das visceras abdominaes e dos orgãos genito-urinarios, e nas affecções do systema lymphatico; em bebida, nas dyspepsias, enxaqueca, chlorose, vomitos, e na dysenteria. Estabelecimento de banhos. Hydrotherapia.

Trajecto de Pariz a Alet, 21 horas.

ALETRIA. Pasta em fórma de pequenos canudos delgados, feita com a flor de farinha de trigo e agua. A aletria a mais afamada faz-se na Italia sobretudo em Napoles e em Genova; mas fabrica-se tambem em França muito boa. No Rio de Janeiro está muito adiantada a industria de massas almenticias e já se faz muito boa aletria que pode rivalisar com a que se faz na Italia. A aletria é uma das melhores massas que se póde empregar para as sopas gordas ou magras.

ALFACE (*Lactuca*). Genero de vegetaes da familia das Synanthe-

reas-chicoraceas; contém plantas herbaceas, lactescentes, de folhas glabras, flores amarellas, azues ou purpureas. A especie principal, a *alface cultivada* (*lactuca sativa*, Linneo) fornece perto de duzentas variedades, que parecem provir de tres especies principaes : 1ª *Alface repolhuda*, de folhas concavas; 2ª *Alface crespa*, de folhas encrespadas, recortadas e denteadas; 3ª *Alface romana* ou *orelha de mula*, de folhas alongadas e mais estreitas na base : esta é assim chamada porque era muito estimada entre os Romanos. As alfaces cultivadas comem-se cruas, em salada, ou cozidas; constituem alimento são e agradavel, posto que pouco nutriente. São refrigerantes, temperam a sêde, facilitam o corrimento das ourinas, impedem a prisão de ventre, e favorecem o somno. As sementes contém uma emulsão, refrigerante e calmante; extrahe-se d'ellas por espressão, um bom azeite para comer de que os Egypcios fazem grande uso nas suas comidas. Os pharmaceuticos preparam uma agua distillada de alface, que entra na composição de grande numero de poções calmantes. Da haste da alface cultivada que se deixou crescer, *alface gigantesca* extrahe-se um succo branco, de sabor amargo, cheiro viroso, chamado *lactucario,* que se emprega em medicina como calmante, na dóse de 10 a 50 centigrammas e mais.

A *alface brava* (*lactuca virosa*, Linneo), contém um succo mais amargo, e mais narcotico; esta não é empregada.

ALFARROBEIRA. *Ceratonia Siliqua*, Linneo. Leguminosas. Arvore de mediano tamanho, que habita no Levante, na Africa e na Europa meridional; em Portugal habita no Algarve, na serra da Arrabida, e outras partes, na Estremadura e Beira. Tem 7 a 10 metros de altura; tronco direito, formado de um alburno abundante e de um amago rubro-escuro, duro com veios, proprio ás obras de marcenaria fina. A casca serve para o cortume dos couros. O fructo (alfarroba) é uma vagem indehiscente, chata, um pouco arqueada, cercada de duas suturas e de dois sulcos; tem 11 a 14 centimetros de comprimento, e 27 millimetros de largo, é luzidia, de côr cinzenta roxa, dividida interiormente em muitos loculamentos, de que cada um contém uma semente.

O espaço comprehendido entre o epicarpo e os loculamentos é cheio de polpa, de gosto adocicado, serve de alimento, e as crianças comem-n'a com prazer. No Egypto, extrahem da alfarroba um xarope, ou assucar liquido, que serve para confeitar os tamarindos e os myrobolanos.

ALFAVACA. *Ocimum basilicum*, Linneo. Planta da familia das Labiadas, cultivada nas hortas. Compõe-se de talo um tanto velloso, folhas ovaes, denteadas, flores roseas, cheiro aromatico. O chá de alfavaca é sudorifico; prepara-se com duas ou tres folhas da planta e uma chicara d'agua fervendo. Emprega-se sobretudo nas constipações.

Alfavaca do campo, SEGURELHA, REMEDIO DO VAQUEIRO. *Ocimum incanescens,* Martius. Labiadas. Planta do Brazil (fig. 25). Tem ramos quadrangulares, folhas oppostas, ovaes, agudas, denteadas, cheiro aromatico, flôr em espiga. Emprega-se internamente em infusão, como sudorifico. Prepara-se esta com duas a tres folhas da planta, e uma chicara d'agua fervendo.

Alfavaca de cheiro. *Ocimum incanum, Ocimum fluminense,* Velloso. Labiadas. Esta planta é conhecida em Pernambuco por este nome, e na Bahia por *Santa Maria*. A sua altura regula de 60 a 80 centimetros; folhas oppostas, ovaes, serreadas; flores em espigas densas, pequenas, brancas, tocadas de roxo; fructo, pequena capsula preta. É aromatica, emprega-se em banhos nos rheumatismos.

Alfavaca de cobra. Em Portugal este nome dá-se á PARIETARIA (*Parietaria officinalis*, L.), planta da familia das Urticeas; *veja-se* PARIETARIA.

No Brazil, na provincia de Pernambuco, chama-se **Alfavaca de cobra** á *Monnieria trifolia*, Aublet, planta da familia das Rutaceas, a qual, em outras partes do Imperio é conhecida pelo nome de *Jaborandi*. É uma pequena herva ramosa, com folhas trifoliadas, flores miudas, brancas, aromaticas. A raiz, igualmente aromatica, é reputada sudorifica e expectorante; emprega-se em infusão.



Fig. 25. — Alfavaca do campo.

ALFAZEMA. *Lavandula vera*, De Candolle. Planta da familia das Labiadas, cultivada nos jardins (fig. 26). Tem talo esbranquiçado, folhas agudas, flores azuladas, dispostas em espigas terminaes; cheiro aromatico. Estimulante. Emprega-se principalmente para os banhos aromaticos: na dóse de 500 a 1,000 grammas da planta para um banho d'agua quente. Contém um oleo essencial que serve para a preparação da agua de Colonia. Muitas pessoas costumam queimar alfazema nos quartos dos doentes, com o que não fazem senão encobrir incompletamente o máo cheiro, mas não destroem os miasmas; é melhor abrir as portas e janellas para renovar o ar, ou espalhar licor de Labarraque, que ataca e destroe as emanações nocivas á saude. *Veja-se* DESINFECÇÃO.



Fig. 26. — Alfazema.

Colhida em plena florescencia, reunida em pequenos mólhos que se fazem seccar á sombra, a alfazema espalha, nos armarios que contém roupa ou vestidos, um cheiro agradavel, tendo além d'isto a propriedade de afugentar os bichos que atacam sobretudo as fazendas de lã.

ALFINETE (*Perigo que resulta das agulhas e alfinetes engulidos*). É mui commum vêr crianças, e até pessoas adultas, engulirem alfinetes ou agulhas, que por imprudencia mettem na bocca. Bem que este accidente não tenha sempre consequencias funestas, não se deve comtudo deixar de recommendar aos pais toda a vigilancia a esse respeito. O menor susto, o menor movimento para fallar, engulir a saliva, respi-

rar, etc., póde occasionar a aspiração e ingestão de um corpo estranho que se tenha na bocca. Alguns armadores tem o máo costume de trazer muitos pregos na bocca, para se servirem d'elles quando necessitam; semelhante imprudencia póde vir a ser funesta.

Mas a natureza, esta mãi vigilante, multiplicou os recursos contra o perigo que poderia resultar da demora d'esses corpos agudos em nossos tecidos. Frequentemente os alfinetes engulidos descem ao estomago com a cabeça para baixo, correm assim todo o intestino, e sahem com os excrementos, sem determinar nenhum accidente. Outras vezes pregam-se na garganta, e extrahem-se facilmente com uma pinça; ou são lançados fóra com a materia da suppuração que se forma á roda d'elles. Mais frequentemente ainda, furam os tecidos, caminham por debaixo da pelle, e vem formar proeminencias ora no pescoço, ora em outro ponto da superficie do corpo, d'onde podem ser extrahidos por meio de pequena incisão, quando não são expellidos naturalmente pela formação de um pequeno tumor que vem a furo exteriormente.

Infelizmente, nem sempre o exito é tão favoravel. Tem-se visto colicas violentas, vomitos de sangue, dysenterias, syncopes, convulsões, marasmos, e até a morte, sobrevirem em semelhantes casos.

Um dos exemplos mais curiosos, e mais tristes que se podem citar d'esta terminação funesta é o citado pelo Dr. Richerand na sua *Nosographia cirurgica.*

Uma joven chlorotica mostrou aos quatorze annos um dos mais estranhos appetites. Desejava vivamente engulir alfinetes e agulhas, e fazia-o com grande avidez. Tinha já introduzido muitas centenas no estomago, quando uma violenta picada se fez sentir n'esse orgão. Um cirurgião praticou uma incisão, e extrahio um alfinete comprido. Algum tempo depois, as agulhas apontáram nos braços e antebraços, d'onde foram extrahidas por incisões multiplicadas. Ellas se dirigiam depois á vagina; tiraram-se vinte e duas d'esse canal; mas todos os dias appareciam outras, ora nas covas, ora nas pernas, porque a doente, sempre entregue ao seu gosto depravado, não cessava de as engulir. Emfim, morreo na idade de 37 annos, reduzida ao marasmo mais horroroso. Fez-se a autopsia do cadaver, e encontráram-se ainda muitos alfinetes e agulhas nas visceras thoracicas e abdominaes, principalmente nas coxas. Os musculos d'este logar estavam guarnecidos d'elles, como se fossem almofadinhas.

Se alguem engulir alfinete, convem se limite a algumas bebidas emollientes, como leite, agua com assucar, ou caldo. Se o corpo estranho se tiver pregado na garganta, cumpre então extrahil-o com os dedos ou com uma pinça, empregando o cabo de uma colher para abaixar a lingua, e para tornar visivel o fundo da bocca.

Emquanto não se manifestar algum accidente, nada ha a fazer, e mesmo nada se póde receiar; mas quando sobrevier alguma dôr ou desarranjo das funcções, é mister recorrer ao medico, para que elle aprecie a natureza do caso. De uma parte, com effeito, a alteração da saude não sobrevem senão muitas semanas, ou mesmo muitos mezes

depois da introdução do alfinete, e então o doente póde ignorar a causa verdadeira do seu mal; de outra parte, um espirito preoccupado do accidente attribue ás vezes á presença do corpo estranho incommodos, sobre os quaes elle não exerce a minima influencia.

Quando algumas colicas, picadas no ventre ou no anus deixarem crer que o instrumento parece querer sahir com os excrementos, favorecer-se-ha esta tendencia com banhos, clysteres e cataplasmas de linhaça no ventre.

ALGA. *Fucus.* Genero de plantas marinhas, da classe das Cryptogamicas amphigeneas, caracterizadas pela ausencia de orgãos sexuaes e por consequencia de flores propriamente ditas. Seus ramos são alados e divididos por uma nervura; as fructificações que as terminam apresentam-se sob a fórma de tuberculos, côr de azeitona, que variam de tamanho, segundo a idade. Sua dimensão não passa de 1 metro. Estas plantas são muito abundantes nas costas do Oceano; vivem principalmente nos mares onde se faz sentir o fluxo e o refluxo do mar. Uma especie das mais communs é a *alga vesiculosa*, chamada tambem *sargaço vesiculoso*, *botilhão vesiculoso*, ou *carvalhinho do mor* (*Fucus, vsciculosus*, L.) (fig. 27). Fronde plana, forquilhosa com nervura dorsal; vesiculas axillares duas a duas, as terminaes tuberculadas. Habita nos rochedos, nas praias do mar. Os antigos empregavam-n'a para tingir a lã, e como remedio contra a gota. N'estes ultimos annos esta alga foi aconselhada contra a obesidade, em pó, na dóse de 8 grammas por dia; e o seu extracto alcoolico em pilulas, na dóse de 4 grammas por dia. Emprega-se em certas localidades como forragem para os animaes, ou então utiliza-se para estrumar as terras. Pela incineração fornece potassa e soda com abundancia. Extrahe-se tambem d'ella o iodo, subtancia empregada em medicina contra as escrophulas e outras molestias.

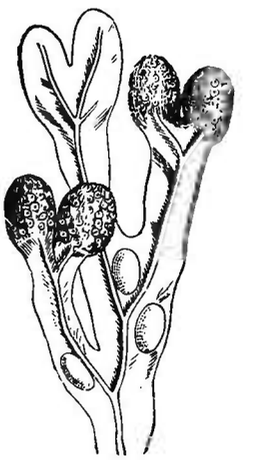


Fig. 27. — Alga vesiculosa.

ALGALIA. Sonda destinada a evacuar a ourina da bexiga. A maneira de introduzir a algalia na bexiga acha-se descripta no artigo CATHETERISMO.

ALGALIA ou CIVETA. Substancia cheirosa que se extrahe do gato de algalia. *Veja-se* GATO DE ALGALIA.

ALGODÃO. Chama-se assim uma especie de felpa que envolve as sementes do algodoeiro, arbusto da familia das Malvaceas, do genero *Gossypium*, de que existem muitas variedades que habitam na India, Persia, Turquia, Italia, Hespanha, Brazil, nas provincias meridionaes da America do Norte, etc. A fig. 28 representa o *Gossypium indicum*, Linneo.

Usa-se o algodão, transformado em tecido, ou simplesmente cardado.

Como tecido, é empregado ordinariamente nos vestidos; comtudo muitas pessoas não querem servir-se do panno de algodão, sobretudo para

camisas e outros vestidos que tocam a pelle. É um erro que cumpre seja desarraigado, por quanto os tecidos de algodão são muitas vezes preferiveis aos de linho. Nos paizes quentes, onde a transpiração é mui abundante, tem-se reconhecido ser preferivel o uso de camisas de algodão. Estas tem a vantagem de absorver muito melhor o suor, e de não esfriarem facilmente ao contacto do ar, como acontece com o panno de linho. Demais, ellas oppõem-se á transpiração excessiva, que enfraquece o corpo tão facilmente nas regiões intertropicaes. O vulgo rejeita geralmente os pannos de algodão do curativo das feridas, pretextando terem elles propriedades nocivas. Esta idéa é inteiramente erronea. O algodão em rama goza, pelo contrario, da propriedade de acalmar a dôr nas queimaduras : é a melhor substancia que se póde applicar sobre estas lesões.



Fig. 28. — Algodoeiro.

Preparam-se com algodão fios felpudos, que se empregam com vantagem no curativo das feridas. É pois sem razão que muitas pessoas accusam o algodão de irritar a pelle.

As folhas, flores e sementes do algodeiro são emollientes e usam-se no Brazil em infusão, que se prepara com 4 grammas de folhas ou flores, e 360 grammas d'agua fervendo, nas irritações pulmonares e na dysenteria. Em Pernambuco empregam a infusão dos caroços do algodoeiro nas menstruações difficeis. A raiz é diuretica.

Algodão-polvora ou *algodão fulminante*. Substancia explosiva que provém da acção do acido nitrico, só ou misturado com acido sulfurico, sobre o algodão. É um tanto amarellada, e á vista apenas se distingue do algodão cardado ordinario; faz explosão, como a polvora, pelo contacto de uma faisca, e mesmo só pelo choque. Basta, para preparal-o, conservar durante quinze ou vinte minutos o algodão n'uma mistura de acido nitrico e de acido sulfurico concentrados; lava-se depois o producto em muita agua, e deixa-se seccar : esta ultima operação exige muitas precauções quando se opera sobre grandes massas. O algodão-polvora foi proposto para substituir a polvora nas armas de fogo e nas minas; mas além de ser seis vezes mais caro, tem o inconveniente de deteriorar as armas, quando não é bem preparado, e de enchel-as sempre de humidade. As experiencias feitas nas minas, para fazer arrebentar os rochedos, mostráram que a força explosiva do algodão-polvora é quasi quatro vezes maior do que a da polvora das minas.

ALHANDRA. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas frias.

ALHAMA DE ARAGÃO (fig. 29). Hespanha. Aguas acidulas, gasosas, quentes, transparentes sem côr e sem cheiro. Temperatura 33°.

a 35°; contem gaz acido carbonico, azoto, carbonatos de cal, de magnesia e de ferro; phosphato de alumina; sulfatos de cal e soda, chlorureto de magnesio, acido salicico, lithia. Empregam-se em banhos, bebidas e

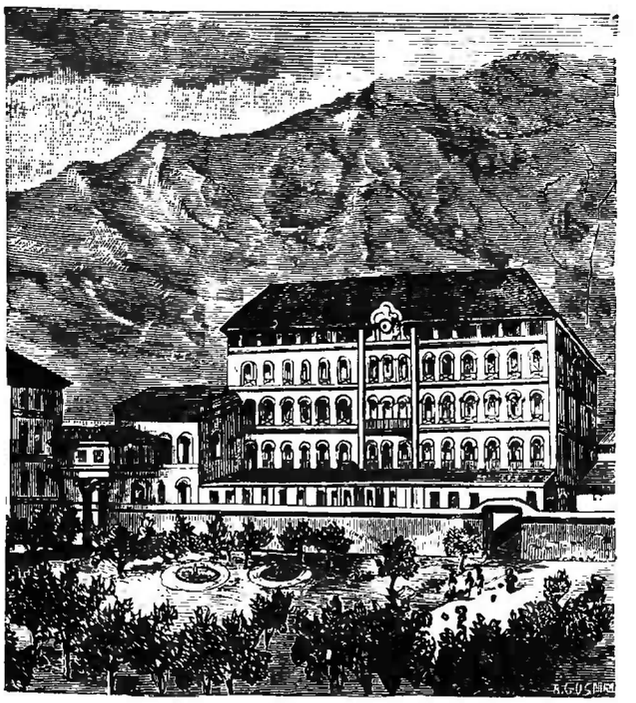


Fig. 29. — Thermos de Matheu, em Alhama de Aragão (Hespanha).

duchas, nos rheumatismos, catarrho vesical, hysterismo, gastralgias, dyspepsia, engurgitamentos do figado e do baço e em varias erupções cutaneas.

ALHAMA DE GRANADA. Hespanha. Aguas salinas quentes, limpidas, inodoras, insipidas; temperatura 44°. Contem por litro, 43 centigrammas de substancias fixas que são : chloruretos de magnesio e de calcio; sulfatos e magnesia de cal; carbonato de cal; silicia; gazes acido carbonico e azoto. Empregam-se nas paralysias, rheumatismos, debilidade geral, enfartes do figado e do baço, e nas molestias da pelle. Estabelecimento novo, banhos em quartos reservados, piscinas, duchas e estufas.

ALHAMA DE MURCIA. Hespanha. — Aguas salinas quentes; 32°, 35° e 44° segundo as fontes. Rheumatismo, paralysias, engurgitamentos articulares, escrofulas, ulceras, nevralgias, anemia, leucorrhea e certas enfermidades da pelle.

ALHO. Alho ordinario das hortas. *Allium sativum*, Linneo. Liliaceas. Bolbo quasi redondo, com tunica inteira, secca, branca, composto de cinco ou seis bolbilhos iguaes, parallelos, oblongos, curvados para dentro, agudos, cada um coberto de uma tunica de duas laminas. Cheiro forte penetrante, especifico; sabor acre, um tanto doce. Tempero muito empregado.

Os bolbilhos d'esta planta (vulgarmente dentes) são um estimulante para o estomago. Tomados com excesso produzem uma especie de embriaguez e uma extrema sensibilidade da vista; seu cheiro communica-se rapidamente ás differentes exhalações do corpo, ao halito, ao suor, á ourina, etc. Este cheiro é muito desagradavel, e persiste por muito tempo. Dois a tres dentes de alho, cozidos ou infusos no leite, misturados com pão e manteiga, ou mesmo crús, são um excellente vermifugo para as crianças, e mesmo para os adultos. Póde-se dar tambem em clyster, e administrado d'este modo produz uma febre passageira.

Alho grosso de Hespanha. *Allium scorodoprasum*, Linneo. Liliaceas. Caule espiral no cimo, da altura de 1 metro; folhas crenuladas; bolbo radical quasi globoso, bolbilhos grossos. O mesmo uso do precedente, e as mesmas partes.

Alho porro. *Allium porrum*, Linneo. Liliaceas. Bolbo radical alongado e quasi cylindrico; hastea do comprimento de 1 metro 30 centimetros, guarnecida de folhas chatas. Esta planta é cultivada nas hortas. O seu uso é inteiramente culinar, principalmente no caldo de carne Empregam-se as folhas e a raiz; é um estimulante e digestivo.

ALIENAÇÃO MENTAL. *Veja-se* LOUCURA.

ALIMENTOS. Occupar-nos-hemos n'este artigo da natureza dos alimentos do homem, dos seus effeitos considerados de uma maneira geral, da sua composição e preparação, de suas propriedades nutrientes, de suas alterações, dos meios de reconhecer sua falsificação, e emfim do emprego que se deve fazer das diversas substancias alimenticias, segundo as constituições, sexos, idades, climas, estações, logares, profissões; nas convalescenças das molestias agudas, e durante o tratamento das molestias chronicas.

Resulta de muitas experiencias feitas nos animaes que se approximam mais do homem, que é difficil entreter a vida com uma só especie de alimento tomado exclusivamente. A diversidade e a multiplicidade dos alimentos é por conseguinte um ponto de hygiene muito importante, que, além d'isso, nos é indicado pelo nosso instincto.

Existe grande differença entre os alimentos a respeito da influencia que elles exercem na economia animal. Não ha quem ignore que o regimen puramente vegetal produz effeitos mui differentes dos do regimen animal. Quem ignora que a dieta vegetal retarda a circulação, produz pouco calor animal, acobarda o animo, destroe as paixões, enfraquece a actividade do espirito, enerva os orgãos reproductores, e acaba por dar ao corpo uma constituição molle, predispondo-o ás escrophulas? Todos sabem que a dieta animal fortifica os orgãos, vivifica todas as funcções, excita a digestão, accelera a circulação, produz um calor abundante, anima as faculdades da intelligencia e as da geração, desenvolve o temperamento sanguineo, e predispõe ás molestias agudas de todas as especies? Quanto á mistura dos alimentos, claro fica que os effeitos mixtos devem resultar da ingestão de alimentos oppostos por suas propriedades.

Para estudar os effeitos dos alimentos é preciso admittir certas divi-

sões. A melhor maneira de os dividir é classifical-os segundo os principios que n'elles predominam. Tal é a ordem que adoptei no seguinte exame.

I. **Effeitos dos alimentos fibrinosos.** A base que dá o nome a esta clase de alimentos é a *fibrina;* isto é, uma substancia solida, rubra no estado ordinario, branca quando purificada, que forma o sangue coalhado, e a porção solida das carnes. Acha-se principalmente na carne dos animaes adultos, junta com outros principios, gelatina, osmazoma, etc. Devemos, por conseguinte, estudar os effeitos da carne muscular.

O alimento em que a fibrina predomina sobre todos os outros principios dá a todos os orgãos uma grande força. O excesso de semelhante alimentação pode tonar-se pernicioso, occasionar hemorrhagias, gota e toda a sorte de irritações. A privação da alimentação fibrinosa diminue, pelo contrario, a energia de todas as funcções. As carnes são tanto mais estimulantes e reparadoras, quanto mais vermelha é a sua côr. Estes alimentos convem ás constituições fracas, lymphaticas, ás profissões que exigem um violento exercicio muscular, aos habitantes dos climas frios, etc.

Todas as preparações de carne são tanto mais nutritivas, quanto mais partes soluveis contém, de sorte que as propriedades reparadoras e estimulantes acham-se mais nas carnes assadas do que nas cozidas.

O *estufado* ou o guizado é uma maneira mui vantajosa de preparar a carne, porque então conserva todas as partes nutritivas. Torna-se, além d'isso, molle e facil de digerir.

A *carne assada,* como já disse, conserva todos os seus principios nutritivos, por meio da crosta que se forma na sua superficie pela acção moderada e contínua do fogo.

A *carne cozida* é em geral de digestão mais difficil, e nutre menos que a carne assada.

A *fritura* goza, como o estufado, da propriedade de amollecer as carnes sem lhes tirar o succo, mas tem o inconviniente de communicar aos alimentos, que foram submettidos a esta especie de preparação, propriedades acres, que dependem do principio empyreumatico que se desenvolve pela cocção na gordura ou no azeite, e que é nocivo aos estomagos delicados e irritaveis. O môlho acerejado tem inconvenientes analogos.

Ha carnes a que se deixa adquirir um cheiro forte antes de comêl-as; taes são as do faisão, veado, pomba rôla, e de outras caças. Podem agradar ao paladar das pessoas appetitosas, mas o seu uso não deixa de ser insalubre.

Caldo. Esta decocção das carnes contém todos os seus principios nutrientes e estimulantes. O caldo é formado d'agua, de gelatina, de osmazoma, de gordura e de differentes saes : a albumina foi tirada debaixo da fórma de espuma. O caldo é eminentemente restaurador. Quanto ás suas propriedades excitantes, variam segundo a especie da carne. As carnes mais excitantes são as de vacca e de porco, e em certos paizes a

de carneiro. Nas molestias agudas devem-se evitar estes caldos, e devem-se preferir os caldos de carne branca, como o de gallinha ou vitella.

As propriedades restaurativas do caldo resultam principalmente da presença da *osmazoma*. E um extracto escuro, avermelhado, aromatico; purifica-se difficilmente. Dá ao caldo seu sabor e côr, e torna-o mui nutriente. A carne dos animaes novos é privada d'este principio; á sua falta é que se deve attribuir a sua qualidade menos tonica, menos restaurativa; só na idade adulta é que a sua carne se penetra da osmazoma. A vacca, o carneiro, o veado, entre os quadrupedes; a pomba, a perdiz, o faisão, o pato, o ganso, e geralmente todos os animaes de carne escura, contém este principio em grande abundancia.

Conservação da carne. Conserva-se a carne de muitos animaes, mas principalmente a do porco, cobrindo-a simplesmente com sal, ou cobrindo-a com sal e expondo-a depois á acção do fumo; emfim, accumulando-a salgada e cheia de especiarias nos intestinos preparados do porco ou da vacca. Com estas preparações as carnes perdem as qualidades que tinham quando frescas, e adquirem propriedades extremamente estimulantes; pelo que deve-se usar d'ellas com moderação.

Um modo de conservar os alimentos, melhor que os precedentes, é o de Appert. Consiste em encerrar ao abrigo do contacto do ar, em latas ou em vasos de vidro exactamente tapados, os alimentos preparados como para se servirem á mesa.

II. **Effeitos dos alimentos gelatinosos.** A base que dá o nome a esta classe de alimentos é a *gelatina*, materia molle, meio transparente, viscosa, sem cheiro nem sabor, que se encontra na carne muscular, e principalmente na pelle, ligamentos, tendões, ossos, articulações, intestinos, etc. Esta materia existe na colla de Flandres, e em todas as geléas animaes. A gelatina acha-se em todas as carnes, mas não constitue o seu principio predominante, senão quando são muito novas. Entre os alimentos d'esta classe acham-se as carnes de leitão, vitella, cordeiro, cabrito novo; certas partes, taes como as que designam pelo nome de mocotó, pés, tripas, e a pelle de certos peixes, taes como a do bacalhão.

Esta classe de alimentos distingue-se pela sua pouca cohesão; nutrem pouco, e o seu uso continuado por muito tempo produz uma compleição molle. Convem portanto aos temperamentos biliosos, seccos, aos homens que não fazem exercicios violentos; são nocivos pelo contrario ás pessoas lymphaticas e aos individuos affectados de escrophulas.

III. **Effeitos dos alimentos albuminosos.** A albumina é a base que dá o nome a esta classe de alimentos. No estado liquido é uma substancia transparente, sem côr nem cheiro; constitue a maior parte da *clara de ovo*. Os alimentos em que predomina, e de que fazemos mais uso, são os ovos, ostras, mariscos, caracóes, miolos, figado, chouriço de sangue, etc.

Os alimentos albuminosos, administrados sem nenhuma preparação estimulante, como os ovos, os miolos, convem aos convalescentes que

precisam de restaurar-se, ás pessoas idosas, ás mulheres e aos litteratos.

Os *mariscos* podem ás vezes produzir accidentes graves, erupção na pelle e até uma especie de envenenamento. Estes inconvenientes são devidos, ou á alteração d'estes animaes proveniente de alguma molestia que nos é desconhecida, ou á alguma substancia acre que elles possam conter sem estarem doentes. A observação tem mostrado que são mais nocivos pelo verão; seria pois prudente abster-se d'elles n'esse tempo. ou então não os comer n'essa época; senão depois de lavados e macerados em agua simples, renovada duas ou tres vezes.

As *ostras* comem-se cruas e frescas, cozidas ou de escabeche. A pouca cohesão da albumina, quando são cruas e frescas, a agua salgada que contém então, fazem d'ellas um alimento mui delicado e de facil digestão. A cocção torna-as duras e de mui difficil digestão; são então sobremaneira indigestas, e não podem ser comidas em grande quantidade. As de escabeche não são tão duras, mas digerem-se sempre com difficuldade.

As ostras estão frequentemente doentes durante a estação quente; são então molles, sua agua é leitosa e insipida, em vez de ser clara e salgada. É n'este tempo que ellas desovam e são insalubres. As ostras alteram-se promptamente, e causam então accidentes graves. Outro tanto acontece com os chouriços de sangue e outros alimentos albuminosos.

IV. **Effeitos de uma classe de alimentos** *nos quaes as bases precedentes, como a fibrina, a gelatina e a albumina, se acham pouco mais ou menos em quantidades iguaes.* Estes alimentos são os *peixes*, que differem dos mammaes e das aves pela falta da osmazoma, principio saboroso, excitante, que dá côr ás carnes assadas.

Os peixes nutrem sem excitar. Convem aos temperamentos biliosos, ás pessoas que tem precisão de restaurar-se sem ser estimuladas.

Ha dois modos de preparar o peixe; um consiste em conservar-lhe suas qualidades e seu gosto, outro em modificar uma e outra cousa. O primeiro póde ser dado na convalescença das molestias como um alimento brando e de facil digestão; o segundo, para a preparação do qual se empregam ordinariamente os temperos, não convem senão aos estomagos pouco irritaveis. Todos os peixes devem ser comidos frescquissimos; o bacalháo, que é mui coriaceo, constitue a excepção d'esta regra.

O Brazil é muito provido d'esta especie de alimentação; o alto mar, toda a costa e rios interiores são abundantissimos de excellente peixe, como o mero, o bijupirá, a garoupa, o badejo, o robalo, a tainha, a cavalla e outros muitos, entre os que habitam o mar; o suruby, o dourado, o pirarucú, o tamboqui, o tucunaré, o pacú e outros que se encontram nos rios, além de cetaceos proprios para fabrico de azcite, como a balêa e a toninha.

V. **Effeitos dos alimentos feculentos.** A base que dá o nome a esta classe de alimentos é a *fecula amylacea.* Assim se chama um polme branco, sem cheiro nem sabor, conhecido com o nome de

polvilho. Encontra-se nas sementes de todas as gramineas e leguminosas, nas palmeiras, castanhas, batatas, nas raizes de mandioca, de aipim, na fructa de pão, etc. A esta classe de alimentos pertencem as seguintes feculas : farinha de trigo, centeio, cevada, aveia, arroz, milho, batatas, castanhas, sagú, salepo, feijão, ervilhas, favas, lentilhas, e muitas outras preparações, conhecidas com os nomes de aletria, macarrão, tapioca, araruta, carimã, etc.

O arroz e a cevada são as sementes em que a fecula parece estar mais pura. Outro tanto direi do sagú, da tapioca e araruta. O milho é, depois d'estas substancias, a que menos materias estranhas contém. Estas farinhas formam um alimento mui brando, de facil digestão, e que nutre promptamente.

As sopas de arroz, tapioca, araruta e sagú são recommendadas como analepticas e emollientes nas convalescenças das molestias longas.

O feijão, as favas e as ervilhas, além da fecula, contém ainda um principio saccharino. São tambem mui nutrientes, mas de difficil digestão, e produzem flatulencias devidas á fermentação d'este principio saccharino.

Em nenhuma das substancias farinaceas é tão abundante este principio como na castanha. O seu assucar é perfeitamente identico ao da canna.

O centeio serve em muitos logares para fazer pão; seu gosto é assaz agradavel. É menos nutriente do que o pão de trigo, e considera-se como refrigerante.

A fecula communica tambem suas propriedades nutrientes a grande numero de sementes, como as amendoas doces, nozes, avelãs, cacáo, etc. Estas substancias, além da fecula, contém ainda um oleo que accelera a digestão da fecula. Com o cacáo se prepara o *chocolate*, alimento assaz nutriente, que convem aos estomagos irritaveis e aos temperamentos nervosos.

A batata é um dos alimentos de que mais frequentemente se usa; ha poucas pessoas a quem não agrada; constitue uma alimentação dotada de propriedades nutritivas e de facil digestão.

Na mandioca a fecula acha-se unida a um principio venenoso, de que é facil prival-a pela lavagem e torrefacção.

O trigo é o unico alimento em que a fecula se acha unida ao *gluten*, substancia de côr branca-escura, molle, viscosa e elastica. Esta substancia dá-lhe a propriedade de levedar facilmente; por isso o pão que se faz com esta farinha é mais leve e mais facil de digerir.

O pão é o alimento que melhor convem a todas as constituições. Comido ao sahir do forno e quente, torna-se pesado ao estomago e indigesto.

A fecula, como se vê, é uma das substancias alimenticias mais abundantes da natureza. Nutre completamente, e sendo pura, não deixa senão mui pequena quantidade de materia excrementicia. Poderia por si só bastar para todas as nossas necessidades, como o prova o exemplo de muitos povos, que fazem d'ella o seu principal e quasi unico sustento. Restaura as forças do individuo, sem desenvolver muito calor animal,

nem accelerar a circulação, e communica pouca actividade aos orgãos. E por isso faz dominar a constituição molle e lymphatica, e torna os homens, que d'ella usam exclusivamente, flaccidos, pesados e sem vigor. Convem principalmente aos temperamentos activos, ás pessoas naturalmente irritaveis, magras, cujas paixões são mui violentas, e no primeiro periodo de convalescença das molestias agudas. Deve-se, pelo contrario, prohibir aos escrophulosos e aos individuos que fazem exercicios musculares mui violentos.

Alteração dos alimentos feculentos. Alteração da farinha de trigo. Para reconhecer as suas alterações é preciso primeiramente que se saiba a sua composição. Esta farinha deseccada compõe-se de gluten, de assucar gommoso, de albumina, de phosphato de cal, e de certa quantidade de farelo.

1° *Alteração pela humidade.* A farinha attrahe rapidamente a humidade do ar, ennovella-se e altera-se no espaço de alguns dias ; contém então menos gluten.

2° *Alteração pelos insectos.* Esta alteração consiste na destruição feita pelos insectos do gluten da farinha. Reconhece-se a presença d'elles, ou a de suas larvas, pela simples vista, ou mediante o microscopio.

3° *Alteração pela areia que provém de mós muito friaveis.* Reconhece-se esta alteração diluindo a farinha em agua fria ; a areia precipita-se no fundo da vasilha, com todos os caracteres proprios para reconhecêl-a.

4° *Alteração pelas farinhas de feijão e de ervilhaca.* A farinha de trigo misturada com farinha de feijão dá um pão compacto, de que se póde comtudo usar sem inconveniente. A mesma farinha misturada com a de ervilhaca dá um pão compacto de cheiro e sabor desagradaveis.

Alteração do pão. Se o fermento mui acido está conservado em vasilhas de cobre ou de chumbo, oxyda-se e dissolve algumas partes d'esses metaes; empregado então para fazer levedar o pão, póde produzir accidentes graves. Reconhece-se esta alteração da maneira seguinte : mistura-se o pão com tres partes do seu peso da mistura d'agua e de vinagre distillado ; côa-se a solução ao cabo de uma hora; ajuntando então a este liquido uma solução de potassa, obtem-se um precipitado de deutoxydo azul de cobre, caso elle exista; mas se o liquido contém oxydo de chumbo, ajuntando-se-lhe a solução de subcarbonato de potassa, produz-se um precipitado branco de subcarbonato de chumbo.

Pão alterado pelo centeio espigado. Produz um envenenamento caracterizado por accidentes cerebraes e gangrena dos membros. Reconhece-se a massa e o pão que contém centeio espigado, pelas nodoas violaceas que apresentam. O centeio espigado é uma semente curva, alongada, roxa, com algumas nodoas brancas, e quebra-se como amendoa secca; desenvolve-se nos annos chuvosos, e destroe o grão ainda fresco, vegetando em logar d'elle.

VI. **Effeitos dos alimentos gommosos** ou **mucilaginosos.** Estes alimentos tem por base a gomma unida á agua, com a qual a gomma forma *mucilagem.* A gomma póde estar combinada com diversos principios que predominam em tal ou tal substancia; assim póde estar

associada a uma materia saccharina, a um principio acido, e a diversos outros principios pouco conhecidos. Para estudar esta classe de alimentos, estabeleceremos, por conseguinte, tres subdivisões; na primeira serão examinados os alimentos em que a mucilagem está unida a um principio saccharino predominante; na segunda, aquelles em que o sabor acido é a sua propriedade mais distincta; emfim, na terceira, os em que a mucilagem se acha associada a diversos principios, acres, aromaticos, volateis, etc.

a. Os alimentos mucilaginosos e saccharinos são certas fructas, como as tamaras, figos, uvas, pecegos, melões, ameixas, peras, maçãs, melancias, etc., e entre os fructos proprios dos climas intertropicaes, o maracujá, a banana, a fructa do conde, o cambucá, a jaca, o côco da Bahia, o abacate, o jambo, a sapucaia, o mamão, etc.

Todas estas fructas contém principios nutrientes mais ou menos abundantes. As que os contém em maior proporção são aquellas cuja mucilagem se acha diluida em menor quantidade d'agua.

b. A segunda secção contém as fructas acido-mucosas; isto é, aquellas em que a mucilagem está unida a um principio acido; taes são o limão, a laranja, a romã, a groselha, a cereja, o marmelo, o cajú, o araçá, a goiaba, a jaboticaba, a grumichama, os tamarindos, o bacury do Maranhão, a pitanga, o cajá, o ananaz, a manga, etc. Todas estas fructas contém um succo mui acido, que lhes dá propriedades refrigerantes e adstringentes; servem para a preparação das bebidas proprias para acalmarem a sêde.

As fructas, sobretudo as que são muito acidas, excitam o appetite, e favorecem a digestão dos outros alimentos. Tem tambem por effeito retardar os movimentos do coração, diminuir o calor animal, e produzir um sentimento de socego e de frescura; o augmento dos suores e das ourinas é tambem um effeito da sua acção sobre a economia animal. O emprego das fructas, sobretudo das acidulas, é muito vantajoso ás pessoas irritaveis, melancolicas e sanguineas; pelo contrario, não convem ás que são de constituição molle e escrophulosa. Comidas em grande abundancia, e principalmente sem estarem perfeitamente maduras, tem produzido diarrhéas e dysenterias epidemicas.

c. Alimentos mucilaginosos, nos quaes a mucilagem está unida a um principio amargo, acre, acido, etc. Estes são o espinafre, a alface, o almeirão, o pepino, o espargo, a alcachofra, a escorcioneira, a betarraba, a cenoura, o nabo, o rábão, a couve-flor, os agriões, as cebolas, o alho, etc.

Quasi todas estas plantas são dotadas de virtudes tonicas e estimulantes. São pouco nutrientes, mas excitam o estomago e activam a digestão.

Finalmente, a classe dos mucilaginosos encerra alimentos pouco nutrientes, que gozam de propriedades adoçantes e refrigerantes, as quaes são em alguns d'esta classe corrigidas pela addição de um principio adstringente e tonico.

Estes alimentos desenvolvem pouco calor, produzem a relaxação de

todos os tecidos, e diminuem a energia de todas as funcções. Convem ás pessoas plethoricas, irritaveis, etc., associados aos feculentos, são proprios para os individuos nervosos e biliosos. Não servem pelo contrario aos de temperamento lymphatico, e ás pessoas cujos trabalhos exigem o emprego das forças musculares.

VII. **Effeitos dos alimentos oleosos.** N'esta classe entram os oleos fluidos dos diversos peixes, o de azeitonas, nozes, amendoas, gergelim e de côco de dendê, a manteiga de leite e as gorduras animaes.

Todos os oleos servem poucas vezes de alimento, mas são frequentemente empregados como tempero. Quanto ás gorduras animaes, só se comem ordinariamente misturadas com as carnes de que fazem parte, e sendo em grande quantidade, tornam a digestão mui difficil.

Os oleos são nutrientes, mas tomados sós e em grande quantidade produzem uma sensação de peso sobre o estomago, ás vezes evacuações abundantes e até vomitos.

Esta alimentação relaxa os tecidos, diminue a energia do estomago, retarda a circulação e augmenta a gordura. A sensibilidade e a intelligencia enfraquecem-se; toda a constituição adquire uma molleza e um estado de inercia. Pelo contrario, uma demasiada abundancia de sangue, uma excitação geral, necessitam d'esta especie de alimentação.

VIII. **Effeitos dos alimentos caseosos.** Estes alimentos comprehendem o leite e suas preparações. O leite de ama é o primeiro alimento do homem; mas tomado só torna-se insufficiente depois da sahida dos dentes da criança. Varía na sua composição segundo o tempo que tiver decorrido depois do parto, sendo muito mais seroso nos primeiros mezes; vai porém adquirindo consistencia á proporção que se faz mais antigo e que a criança cresce. Este phenomeno deixa perceber o fim da natureza e indica quanto é irracional dar-se a um recem-nascido um leite já velho, que só difficilmente póde ser digerido pelos orgãos delicados da cria.

O leite convem ás pessoas nervosas. É sobretudo bom para dar aos orgãos a frescura, o colorido, a ligeira gordura, a mocidade que fazem perder os estimulantes de toda a especie, dos quaes se abusa nas grandes cidades. O leite deve-se tomar no campo, a querer-se que elle produza todas as vantagens indicadas; porque o leite das grandes cidades é quasi sempre adulterado. O leite é eminentemente contrario aos temperamentos lymphaticos : ás pessoas que vivem nos logares baixos, humidos, e mal arejados, e que estão affectadas de fluxos chronicos. O leite de burra, que se approxima mais ao da mulher, é o de melhor digestão, Contém mais assucar e soro, e menos manteiga e caseo do que os outros. Por conseguinte, esta especie de leite deve empregar-se nas convalescenças das inflammações dos intestinos : na falta do leite de mulher, póde aquelle ser administrado ás crianças nos primeiros mezes da vida. O leite de cabra contém menos propriedades adoçantes; este leite não convem ás crianças senão dois ou tres mezes depois do nascimento. Quando não se póde achar outro, é preciso, para tornal-o mais semelhante ao da mulher, mistural-o com agua.

O leite abandonado a si separa-se em tres partes, a saber : nata, caseo, que se chama vulgarmente leite coalhado, e soro.

A *nata*, que se acha na parte superior, é formada de muita manteiga, de certa quantidade de caseo e de soro : comida com pão forma um alimento assaz nutriente e brando.

O *caseo* é pouco nutriente, mas mui refrigerante.

O *soro* é empregado como diluente nas molestias agudas.

Manteiga. A manteiga fresca com pão constitue um alimento brando, emolliente e nutriente; a manteiga salgada, não estando rançosa, é mais facilmente digerida, e é dotada de propriedades menos emollientes do que a manteiga fresca.

Queijos. Os diversos queijos são formados de nata e caseo. Preparam-se de mil maneiras differentes, mas todas ellas podem ser comprehendidas nas tres divisões seguintes :

Queijo fresco e sem sal. É tanto mais nutritivo quanto maior é a quantidade de nata que contém. É alimento mui brando.

Queijo fresco e salgado. E nutritivo como o precedente, mas menos adoçante; digere-se mais facilmente, porque o sal lhe communica uma propriedade excitante.

Queijo fermentado e alcalescente. Os effeitos dos queijos contidos n'esta classe variam desde uma ligeira estimulação até á irritação do estomago. Os menos estimulantes são os de Gruyere, de Hollanda, de Chester : os mais estimulantes são os de Roquefort.

Falsificação do leite. Quando o leite está adulterado com mui grande quantidade d'agua, offerece uma côr azulada e um sabor aquoso. Se está falsificado com farinha ou polvilho, para que pareça mais espesso, reconhece-se a fraude triturando o leite com pequena quantidade de tintura de iodo, que lhe communica logo côr azul, emquanto que o leite puro triturado com a mesma substancia adquire a côr do tabaco. Esta falsificação não é prejudicial á saude.

Se se deitou subcarbonato de potassa no leite, para impedir que coalhe, reconhece-se a fraude molhando n'este leite o papel de tournesol, previamente corado por um acido; este papel então recobra a sua côr azul.

Falsificação do queijo. Quando o queijo tiver permanecido por algum tempo em vasilhas de cobre para adquirir côr verde-azulada, reconhece-se que contém algumas partes do oxydo d'este metal, que podem produzir accidentes graves, deixando-se um pouco d'este queijo por vinte e quatro horas no ammoniaco; ao cabo d'este tempo, se elle contém oxydo de cobre, a mistura apresenta a côr azul.

Falsificação da manteiga. Misturam ás vezes a manteiga com massa de batatas para lhe augmentar o peso. Esta mistura torna-se azul, triturando-a com pequena quantidade de iodo. Quando está adulterada com sebo, conhece-se facilmente pelo sabor.

As reflexões expendidas n'este artigo levam-nos a admittir quatro classes de alimentação, segundo os seus effeitos no organismo.

I. A *alimentação refrigerante* obra aealmando a sêde, temperando o

calor animal augmentando os suores e as ourinas. diminuindo emfim a actividade da nutrição e das paixões. A esta classe pertencem as fructas doces ou acidas, a hortaliça, as saladas, etc.; convem sobretudo ás pessoas sanguineas, plethoricas, sujeitas ás hemorrhagias, etc.

II. A *alimentação adoçante, relaxante*, constituida pelas materias mucilaginosas, oleosas, gordas, gelatinosas e o leite, nutre moderamente, diminue a energia das forças digestivas e de todas as funcções, retarda a circulação, relaxa os tecidos, e faz predominar a constituição molle, gordurosa e lymphatica. Goza de algumas propriedades laxativas, convem aos mesmos individuos que ficam indicados na classe precedente.

III. *Alimentação média; isto é, mais ou menos reparadora.* A fecula restauradora, tão liberalmente derramada na natureza, a albumina e os vegetaes que contém um principio acre e amargo, taes como o repôlho, os agriões, almeirão, etc., constituem um genero de alimentação, que é nutritiva, de digestão mais ou menos difficil, desenvolve pouco calor animal e sustenta as forças, sem augmental-as sensivelmente.

IV. *Alimentação restauradora e mui tonica.* Encontra-se no regimen animal, mas sobretudo nas carnes de vacca, carneiro, pomba, ganso, ádem, veado, pomba-rôla, gambá e em outras carnes de caça. Esta alimentação restaura promptamente as perdas do organismo. Debaixo da sua influencia o sangue torna-se mais rico, as forças augmentam de uma maneira consideravel. Convem perfeitamente ás pessoas debilitadas por longas molestias, aos individuos escrophulosos, rachiticos ou que fazem grandes esforços musculares.

Mas os effeitos produzidos por estas diversas especies de alimentação differem muito segundo a qualidade dos temperos : tal alimento, pouco excitante e ainda adoçante, poderá adquirir essa primeira qualidade pelas substancias com que fôr misturado. A susceptibilidade do individuo, o habito, poderão tambem produzir grandes modificações nos seus effeitos.

Terminarei este artigo com algumas reflexões sobre a quantidade dos alimentos.

A economia soffre perdas contínuas occasionadas pela respiração cutanea e pulmonar, pela excreção das ourinas, das materias fecaes e outras. Quando se tomam, por conseguinte, poucos alimentos e em quantidade insufficiente, o resultado final é sempre pernicioso.

Mas uma alimentação mediocre póde ter grandes vantagens; modera as forças digestivas, descansa o estomago, dá maior energia, maior facilidade a todas as nossas funcções e maior actividade ás faculdades intellectuaes. A historia nos ensina que Newton tomava por unico alimento, emquanto compunha o seu Tratado de Optica, um pouco de vinho, pão e agua. Os moralistas e os philosophos de todos os tempos tem aconselhado a temperança.

A alimentação mui abundante dá frequentemente logar a accidentes bastante graves. As pessoas que se acham n'este caso, além de serem frequentemente affectadas de indigestão, adquirem uma gordura dis-

forme; tornam-se pesadas, preguiçosas, dispostas á apoplexia e ás inflammações. A gota, a pedra na bexiga, as areias são muitas vezes produzidas pela alimentação demasiada, e ao mesmo tempo mui succulenta. O Dr. Magendie refere o exemplo de um negociante de Hamburgo, que tres vezes se vio opulento, e tres vezes ficou arruinado. Logo que seus negocios iam florescendo, era affectado de areias; mas apenas cahia na miseria, as areias desappareciam para tornarem a voltar com a fortuna.

Outros effeitos não menos perniciosos podem ser observados, quando se tem o costume de ingerir grande quantidade de substancias. As digestões fazem-se então incompletamente; o estomago e os intestinos não são sufficientes para conservar todas as partes nutritivas; grande porção de alimentos, carregados de succos nutritivos, sahem com os excrementos, e então a restauração não é tão completa como no estado natural. E por isso o individuo emmagrece; a irritação constante, produzida sobre o tubo intestinal pela passagem dos alimentos, dá logar a diarrheas abundantes. Convem, por conseguinte, moderar o appetite, regulal-o conforme o gráo de energia do estomago e das perdas que a economia soffre. Tenhamos sempre presente esta grande verdade: « Não é o que se come que nutre, mas sim o que se digere. »

Não ha cousa mais variavel nas differentes nações do que a hora, o numero das comidas e o intervallo que as separa. Qualquer que seja o tempo que se adopte, os orgãos habituam-se promptamente á regularidade. A sensação da fome volta ás horas do costume, e isto dispõe de tal maneira o estomago, que a fome póde passar com a hora da comida, sem que comtudo se tenha tomado alimento algum. Esta disposição é mui favoravel á elaboração dos alimentos; porque, se comessemos fóra das horas habituaes, o appetite não seria tão bom, nem a digestão se faria tão completamente. Se os jovens podem impunemente comer a todas as horas, as pessoas debeis ou idosas não podem fazêl-o sem perigo.

Cumpre ter o cuidado de não comer em occasiões de grande agitação do corpo e do espirito; nada é mais favoravel a uma boa digestão do que a tranquillidade da alma, a satisfacção e alegria; eis porque é melhor comer em companhia do que comer só. A hora mais conveniente para fazer uma comida copiosa é a do fim do dia, quando se tem acabado os negocios. O cêar é em geral um costume muito máo: a digestão faz-se mal durante o somno: o fastio, que se experimenta no dia seguinte, indica bem que esta comida era superflua. Devem decorrer cerca de tres horas entre o acordar e a primeira comida do dia; então não fica nenhum alimento no estomago, e este orgão acha-se mui bem disposto para supportar uma comida assaz resistente. Regra geral: não se devem introduzir alimentos no estomago senão quando estiverem já digeridos os que este continha. Ora, como são precisas perto de seis horas para digerir uma comida ordinaria (o que varia entretanto muito, tanto pela natureza dos alimentos como por sua quantidade e por mil circumstancias particulares), é prudente que haja este intervallo entre uma comida e a comida seguinte.

Bastam duas comidas por dia a um homem adulto que goza de boa saude. Ha comtudo paizes em que se fazem quatro e até cinco comidas, mas só duas são copiosas, as outras tres compõem-se de chá da India, uma pequena porção de pão ou alguns doces. Seria um costume muito máo o de tomar uma só comida por dia. Este estado seria insupportavel para as pessoas carregadas de trabalhos fatigantes, que não poderiam mais executal-os, e para os individuos debeis, que não poderiam em uma só vez digerir a quantidade de alimentos necessaria para sustental-os um dia inteiro. Não se deve, portanto, dar um intervallo mui longo entre as comidas. A longa abstinencia dispõe a comer com voracidade grande quantidade de alimentos ; isto occasiona digestão laboriosa, d'onde nascem succos mal elaborados, e por conseguinte alimentação de má natureza. Assim duas, ou quando muito tres comidas por dia, das quaes a mais forte deve fazer-se quasi no fim do dia, serão sufficientes.

Eis tudo o que se póde dizer sobre o numero das comidas. É tão difficil estabelecer regras convenientes a todos os individuos, que melhor é ater-se a este respeito á experiencia pessoal de cada um. Finalmente, uma vida sóbria e moderada, igualmente afastada dos dois extremos, é o meio mais infallivel de manter a saude e prevenir as molestias.

ALIMENTOS DE ECONOMIA. Debaixo d'este nome estão classificados algumas substancias alimenticias de mui diversas naturezas cujas propriedades consistem em diminuir os gastos do organismo.

O alcool é a mais notavel d'estas substancias, porque é um alimento que introduzido na economia, modifica-se rapidamente e transforma-se em acetatos alcalinos e em carbonatos. Elle diminue as combustões chimicas, subtrahe uma parte do oxygeneo fixado sobre os globulos do sangue, e, por conseguinte, faz baixar a temperatura do corpo.

Ainda não ha muito tempo que se classificava o café e a coca do Perú, no rol dos alimentos de economia; hoje em dia, porem, sabe-se que o café, em logar de fazer diminuir a nutrição, possue, ao contrario, propriedades tonicas e excitantes bem determinadas; portanto não pode occupar logar ao lado do alcool na nomenclatura dos alimentos. Quanto á coca, tambem não pode occupar nenhum logar ao lado do alcool, porque ella só actua no estomago como anesthesico. Ella supprime a sensação da fome, mas não a satisfaz (Veja-se o artigo COCA).

ALJUSTREL. *Veja-se* S. JOÃO DO DESERTO.

ALLAMANDA. *Allamanda Aubletii*, Pohl, Apocynaceas. Vegetal do Brazil. A casca e folhas cozidas são catharticas; em dóse elevada promovem vomitos. O Dr. Nicoláo Moreira considera este vegetal suspeito.

ALLEVARD. Aguas sulfurosas frias. Itinerario de Pariz a Allevard : estrada de ferro até Goncelin, 15 horas e 20 minutos. Omnibus de Goncelin a Allevard, quarenta minutos; despeza 76 francos.

A pequena cidade de Allevard, de 3,000 habitantes, está situada em França, no departamento de Isère, no meio das montanhas; possue uma fonte de agua sulfurosa fria, de 16 gráos centigrados. Analysada

por Dupasquier, esta agua apresentou, n'um litro, 24 centimetros cubicos de gaz sulfhydrico, 41 de azoto, e 96 de acido carbonico. É, por conseguinte, uma agua mui gazosa. Agitada no copo, levanta umas pequenas bolhas como o vinho de Champanha.

Existe em Allevard um bello estabelecimiento thermal, situado no meio de um parque notavel pelos pinheiros que o ornam. N'este estabelecimento ha uma bica onde se póde beber agua, assim como se póde beber na fonte.

Posto que a agua de Allevard seja administrada sob todas as fórmas, usa-se sobretudo sob a fórma de *inhalações*. Ha ali, para este fim, um edificio especial, com sete salas de inhalações, perfeitamente organizadas. Os doentes respiram os gazes que se desenvolvem da agua mineral, durante um tempo que varía de alguns minutos a uma hora. Estas inspirações empregam-se nas molestias do pharynge, do larynge, dos bronchios e na tisica.

O estabelecimento de banhos contém trinta e cinco gabinetes de banhos geraes, quinze gabinetes para banhos de pés, e duas salas para banhos de vapor. Emfim, em outra casa, acham-se dez quartos providos de todos os apparelhos para duchas, com maçadura e com diversas applicações hydrotherapicas.

A maior parte dos doentes moram no *Grand hotel des Bains*, vasto edificio situado defronte do estabelecimento thermal. Ha, além d'isto, no interior da cidade, outros hoteis, e casas particulares que recebem os banhistas.

ALLIARIA. Planta annual da familia das cruciferas, flores brancas dispostas em cachos terminaes, fructo comprido e fino. Cresce em França, nos mattos, nas cercas e nos logares sombrios e escuros. As folhas exhalam um cheiro mui pronunciado de alho. A alliaria era empregada outr'ora como o alho actualmente. Em medicina empregam-se as folhas, as flores e as sementes, quando ainda frescas, depois de seccas perdem as suas propriedades.

A alliaria é um diuretico e um vermifugo na dóse de 30 a 60 grammas de folhas em infusão. Os camponezes empregam as sementes frescas em farinha para sinapismo, como mostarda.

ALMECEGA ou Mastique. Resina tirada pela incisão da casca da *Pistacia lentiscus*, Linneo, arvore da familia das Terebinthaceas anacardeas, que habita em Portugal nos arredores de Coimbra, Lisboa e outras partes do Reino. Mas a almecega, de que se faz uso nas pharmacias, vem toda de Chio, ilha do archipelago da Grecia, e obtem-se da arvore ali cultivada com muito cuidado. Ha d'ella duas especies commerciaes: 1ª a commum, que se apresenta em massas; 2ª em lagrimas, que apparece debaixo da fórma de pequenos bocados, irregularmente arredondados, côr de alambre, cobertos de uma especie de poeira esbranquiçada; cheiro suave, sabor adstringente, acre e aromatico. É soluvel em parte no alcool e inteiramente no ether e na essencia de terebinthina.

No Oriente costumam mascar esta substancia para perfumar a bocca e fortificar as gengivas. Sua dissolução no ether, ou *tintura etherea,* em-

prega-se para obturar as cavidades dos dentes cariados. Para este fim. molha-se um pouco de algodão n'esta tintura, e introduz-se na cavidade do dente; o ether, vaporizando-se, deixa massa firme. Nas artes, o mastique serve para fazer vernizes.

No Brazil chamam vulgarmente *almecegas* ás resinas que se extrahem das differentes arvores do genero *Icica*, da familia das Terebinthaceas-anacardeas, que habitam sobretudo nas provincias do norte do Imperio, onde são conhecidas debaixo do nome de *almecegueiras*. Estas arvores são : *Icica icicariba*, De Candolle; *Icica heptaphylla*, Aublet; *Icica guyanensis*, Aublet; *Icica altissima*, Aublet. Esta resina mana da arvore fazendo-se-lhe incisões na casca. A melhor é de consistencia molle, de côr branca-alourada, de cheiro muito semelhante ao do funcho. Na pharmacia dá-se-lhe o nome de *elemi;* entra na composição de alguns unguentos. Ha tambem *almecega* secca e friavel, de côr esbranquiçada, com pontos esverdeados; tem o cheiro de funcho, porém menos forte do que a especie precedente; é menos pura. Chamam-lhe vulgarmente *breo branco* ou *breo aromatico;* utiliza-se no calafeto dos navios. Exhala um cheiro aromatico quando se queima.

Tambem no Brazil se chama **Almeceguelro** (*Hedvigea balsamifera*, Swartz, ou *Bursera gumifera*, Linneo), grande arvore da familia das Terebinthaceas. Esta arvore tem 10 a 14 metros de altura; habita no interior das provincias de Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Pará e Amazonas. Pelas incisões, que se praticam na casca, deixa manar uma substancia resinosa, liquida, transparente, acre, a qual, quando se expõe ao ar, solidifica-se sob a fórma de stalactites, de côr branco-amarellada, a que dão o nome de *incenso brazileiro*. Emprega-se nas igrejas. Tambem nas pharmacias costumam servir-se d'ella na preparação de emplastos.

ALMEIDA. Portugal; Beira-Baixa. Aguas sulfurosas frias.

ALMEIRÃO ou Chicorea. *Chicorium*. Planta cultivada nas hortas, da familia das Synanthereas-chicoraceas; existem d'ella algumas especies, que são mais ou menos amargas, e de uso frequente na economia domestica e em medicina. As folhas da chicoria cultivada, *escarolla* ou *endivia* (*cichorium endivia*, L.), comem-se cozidas ou em salada. É um alimento são. Em medicina emprega-se como tonico a variedade chamada *almeirão selvagem*, (*cichorium intybus*, Linneo) (fig. 30), que é commum em Portugal; habita pelos caminhos, ás beiras dos campos, entre as searas e vinhas em todo o Reino. A infusão das folhas constitue uma bebida amarga e tonica; convem ás pessoas affectadas de molestias



Fig. 30. — Almeirão selvagem.

de pelle; prepara-se com 4 grammas de folhas de almeirão e 360 grammas d'agua fervendo. A raiz de almeirão entra na preparação do *xarope de chicoria composto*, que se administra ás crianças como purgativo. Esta raiz, torrada e reduzida a pó, costuma, em muitas partes da Europa, misturar-se com o café. Esta mistura não tem outro inconveniente senão o de diminuir o aroma agradavel do café, assim como as suas propriedades excitantes, mas não póde ser considerada como nociva á saude. A raiz de almeirão, torrada, forma por si só uma bebida desagradavel.

ALMISCAR. O almiscar é a substancia que se acha na bolsa situada entre o embigo e as partes genitaes de uma especie de cabrito chamado Moscho (*Moschus moschiferus*), que habita nas montanhas da China e do Thibet. Esta substancia só é particular ao macho da especie. A fig. 31 representa este cabrito.

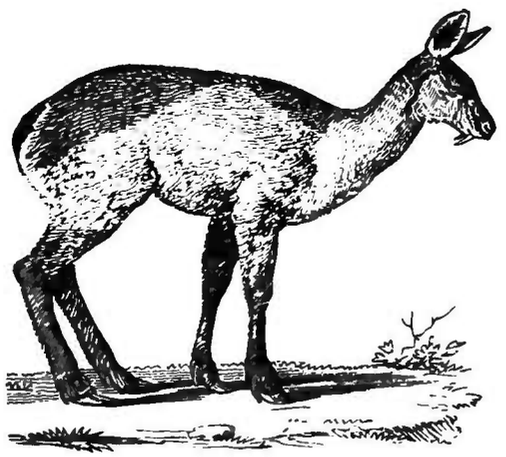


Fig. 31. — Moscho.

O almiscar, no animal vivo, tem consistencia semi-fluida, mas torna-se duro depois que elle morre; vem frequentemente ao mercado dentro do mesmo reservatorio em que foi produzido; é de côr escura, sabor amargo, cheiro particular, muito activo, desagradavel em massa, e agradavel para algumas pessoas, quando em porção moderada.

O almiscar é considerado como um poderoso antispasmodico, e como tal empregado nas affecções nervosas, epilepsia, espasmos, hysterismo, etc. A dóse é de 10, 15 até 180 centigrammas por dia.

Os perfumistas fazem d'elle grande uso, e misturam-n'o, em pequena quantidade, com muitas outras substancias aromaticas, para fixar-lhes o aroma, ou dar-lhes corpo.

ALMOFALA. Portugal; Beira. Aguas salinas frias. — A duas legoas da cidade de Pinhel, no logar de Almofala, ha uma fonte crystallina, fria, d'agua mui solobra, que contém copia de saes de diversas bases, taes como carbonato e chlorhydrato de soda, sulfato de magnesia, com alguma porção ferruginosa ainda que leve.

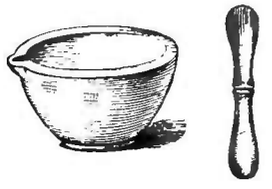


Fig. 32. — Almofariz e o seu pistillo ou mão.

ALMOFARIZ ou GRAL. Vaso de ferro, marmore, porcellana, vidro ou de qualquer outra substancia, bastante profundo, hemispherico no fundo, ordinariamente alargado na sua parte superior, em que os pharmaceuticos pisão as substancias solidas, que se pulverizam depois, ou trituram as substancias molles para fazerem a sua mistura mais intima. Emprega-se o almofariz de ferro e o pistillo do mesmo metal para pulverizar os lenhos, cascas, raizes, e geralmente as substancias duras que não podem atacar o ferro nem tomar

a côr d'este metal. Faz-se uso do almofariz de marmore para as substancias brancas, faceis de serem reduzidas a pó (o assucar, o nitro, etc.); o pistillo deve então ser de páo. Emprega-se o almofariz de vidro ou de porcellana para o sublimado e outras substancias analogas; o almofariz de agata para os corpos muito duros.

ALMORREIMAS. *Veja-se* HEMORRHOIDAS.

ALOES ou **AZEBRE.** Planta monocotyledonea da familia das Liliaceas, que habita quasi exclusivamente nos paizes quentes; no Brazil, na Jamaica, na Africa tropical e na Asia.

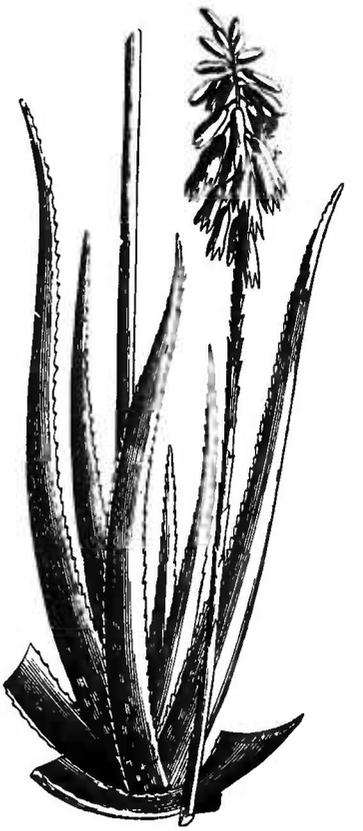


Fig. 33. — Aloes socotorino.

Quando se corta uma hastea ou folha de aloes, escorre um liquido, em fios, pegajoso, de côr escura, sabor muito amargo, o qual é composto de duas partes : uma aquosa, sem côr, outra escura e acre ao paladar. Este succo solidificado pela evaporação é muito empregado em medicina. O mais estimado d'este succo, é extrahido dos aloes que crescem nas margens do mar Vermelho perto do mar das Indias e principalmente na ilha Socotorá, d'onde lhe vem a nome de *aloes socotorino* (fig. 33).

Muitos medicamentos compostos contêm aloes, os principaes são : o elixir de garus, as pilulas escossezas, os grãos de saude do Dr. Frank, as pilulas angelicas e as pilulas gulosas ou grãos da vida.

Tomado em pequenas dóses frequentes vezes repetidas, o aloes excita o appetite, tonifica o tubo digestivo e activa a seccreção do figado. Provoca energicamente os fluxos hemorrhoidarios. Na dóse de cincoenta centigrammas a um gramma, o aloes é um bom purgante que se emprega frequentemente. Outr'ora o aloes era preconizado contra os vermes; na realidade não tem nenhum valor anthelmintico. São só os oxyurios vermiculares que o aloes destroe, para se obter este resultado, o aloes deve ser empregado em suppositorios ou em clysteres.

A casa L. Frère de Pariz fabrica granulos impressos de aloes a 10 centigrammas que presta grandes serviços na administração d'este medicamento.

ALOPECIA ou **CALVICIE.** Dá-se este nome á quéda do cabello. *Veja-se* CALVICIE.

ALPORCAS. *Veja-se* ESCROPHULAS.

ALPREADA. Portugal, Beira-Baixa. Aguas sulfurosas frias.

ALQUEQUENGE. *Physalis Alkekenge*, Linneo. Solanacceas. Planta europea, habita em Portugal quasi espontanea. Caule herbaceo,

inferiormente nú : folhas integerrimas, duas a duas; fructo, baga quasi redonda, coberta com o calice, rubra, polposa. As bagas frescas parecem-se com as cerejas; seccas, com as jujubas, são diureticas e laxativas; entram na preparação do xarope de chicoria composto.

ALTERANTES. Dá-se o nome de *alterantes* aos medicamentos que, sem produzirem effeitos immediatos sensiveis, modificam de maneira persistente a natureza do sangue e dos humores diversos. Os alterantes são em geral considerados como *especificos* : curam neutralizando o virus introduzido na economia. São aconselhados nas diversas fórmas da infecção syphilitica. As escrophulas, e as molestias cutaneas acham nos alterantes poderosos remedios. Os remedios alterantes são : mercurio, proto-chlorureto de mercurio, deuto-chlorureto de mercurio, iodo, iodureto de ferro, iodureto de enxofre, proto-iodureto de mercurio, deuto-iodureto de mercurio, iodureto de potassio, oleo de figado de bacalháo, ouro, oxydo de ouro, chlorureto de ouro, chlorureto de ouro e sodio, acido arsenioso, arseniato de ferro, arsenito de ammoniaco, arseniato de soda, arsenito de potassa.

ALTHEA. *Althea officinalis*, Linneo. Planta da familia das Malvaceas, mui commum em Portugal; habita junto aos regatos, nos sitios algum tanto humidos; é frequentemente empregada na medicina como emolliente. Tem caule herbaceo de 60 a 90 centimetros de alto, folhas cordatas-ovadas, quasi lobadas, molles; flores brancas, tirantes a côr de rosa (fig. 34). É usada toda a planta, mas principalmente a raiz. Esta raiz secca, como apparece no commercio, é muito branca, inodora e de sabor mucilaginoso. A infusão da raiz constitue uma bebida emolliente e peitoral. É preciso preparal-a com a quantidade conveniente da planta; isto é, não empregar mais de 4 grammas da raiz, para 360 grammas d'agua a ferver, porque estando a infusão muito carregada, torna-se desagradavel e nauseabunda. Esta infusão adoça-se com assucar, xarope de gomma ou mel de abelhas.



Fig. 34. — Althea.

Para os *clysteres, collyrios, gargarejos* ou *lavatorios* usa-se a *decocção*, que se prepara com 8 grammas da raiz de althea, e 360 grammas d'agua.

A althea não vegeta nas regiões quentes do Brazil, mas existem ali differentes especies de *malva*, que servem para as preparações emollientes, gozando das mesmas propriedades que as da althea.

ALTITUDE. Elevação de um ponto qualquer do globo acima do nivel do mar. A temperatura das grandes alturas é sempre muito fria; o ar, já rarefeito, é mais puro, mais vivo do que nos vales e nas planicies; é sobretudo mais secco e as variações da temperatura são menos frequentes. A firmeza da temperatura induzio os medicos a mandar os tisicos passar alguns mezes cada anno nas chapadas das montanhas. Obriga-se assim os doentes a estacionarem em alturas que variam de 1 500 a 2 200 metros. Os resultados que se tem obtido são dos mais animadores. A Suissa é o paiz mais propicio para este genero de tratamento, por causa de suas numerosas estações montanhosas e dos hoteis confortaveis que ali se tem construido para esse fim.

Muitas pessoas que não têm a habito de subir montanhas, sentem um máo estar especial quando chegam a certas alturas; nauseas, cephalalgia, palpitações de coração, tonteiras, tendencia para a syncope, que as obriga a descançar ou a parar com a ascensão. Estes accidentes provêm da extrema fatiga em um ar rarefeito. Quando se adquire o habito de subir, não se está sujeito a esses symptomas a que deram o nome de enjôo das montanhas.

Em compensação, ninguem está isempto dos accidentes serios que se dão quando se quer ir alem das regiões com sufficiencia de ar respiravel, para penetrar nas alturas onde a atmosphera é muito rarefeita. Quando os aeronautas sobem, por meio de balões, a mais de 600 ou 700 metros, elles sentem perturbações analogas ás que acabamos de assignalar, porem muito mais intensas; a respiração diminue, as bateduras do coração tornam-se irregulares e da asphyxia progressiva resulta o resfriamento e a morte.

Para resistir a essas alterações das funcções respiratorias é necessario ter comsigo certa provisão de oxygeneo que se respira pouco a pouco durante todo o tempo que se fica nos logares elevados. No entanto, o entorpecimento que resulta da asphyxía pode impedir aos experimentadores de se servir dos apparelhos e occasionar-lhes portanto a morte.

ALUMEN. *Veja-se* PEDRA HUME.

ALVAIADE. *Veja-se* CHUMBO.

ALVELOZ. *Veja-se* AVELLOS.

ALVEOLO. Compartimento dos favos em que as abelhas põem o mel. Por analogia chamam-se *alveolos*, as cavidades em que se acham engastadas as raizes dos dentes. O seu tamanho e figura são conformes aos dentes que contém. São furados, no fundo, e por estas aberturas passam os vasos e os nervos dentarios; são alcatifados interiormente por um prolongamento da gengiva. Quando um segundo dente cahe ou se arranca, a cavidade alveolar oblitera-se em pouco tempo; pelo que os alveolos desapparecem completamente nas pessoas velhas privadas de dentes, e os queixos apresentam uma margem aguda formada pela approximação das laminas osseas que, por diante e por de traz, constituem as paredes dos alveolos. Acontece muitas vezes, ao arrancar-se um dente, sem que se possa accusar o dentista de inhabilidade, que um pe-

queno fragmento do alveolo fica adherente ao dente arrancado; este accidente é sem perigo, e não impede, de nenhum modo, a cicatrização da pequena ferida que resulta da operação.

AMA DE LEITE. Chama-se *ama de leite* á mulher que dá de mammar a uma criança. Os motivos que obrigam a mãi a confiar seu filho aos cuidados da ama vão descriptos no artigo AMAMMENTAÇÃO : exporei aqui sómente as qualidades de uma boa ama, os cuidados que exige o seu estado, e as molestias que podem acommettêl-a.

§ 1. **Qualidades de uma boa ama de leite.** A mulher, na idade de 20 a 25 annos, é preferivel como ama de leite á outra que seja muito nova ou de idade já provecta. Será conveniente que seja parida de poucas semanas, que seja robusta sem ser obesa, isenta de todo o vestigio syphilitico, boubatico, escrophuloso, dartroso, de flores brancas, de gota coral e de qualquer outra molestia, como por exemplo a inchação consequente ás erysipelas. Exige-se ainda que tenha os dentes sãos, os peitos medianos, tesos, e de que se possa fazer facilmente esguichar um leite branco, algum tanto azulado e transparente, de consistencia mediocre (muito inferior á do leite de vacca) e de sabor adocicado. Attender-se-ha tambem, e com razão, á brandura de seu genio e á pureza dos seus costumes. Deverá ser rejeitada a mais bella ama, sendo ella colerica, acostumada a embrigar-se, triste, não asseada, ou pouco attenta ás necessidades da criança.

A criança quando mamma abundantemente, toma cada vez 60 a 80 grammas de leite, se é forte e vigorosa, e se não toma esta quantidade, é signal que a ama não é boa. Para assegurar-se da quantidade de leite, póde-se pesar a criança n'um pesa-crianças (Veja-se esta palavra) antes e depois de mammar. Deve pesar 60 a 80 grammas de mais nos primeiros mezes de sua existencia. Mais tarde, no quarto ou quinto mez, tomará até 40 grammas cada vez, e poderá absorver até litro e meio em vinte e quatro horas.

§ 2. **Cuidados que exige o estado de ama de leite.** A ama deve fazer uso de alimentos substanciaes, e de facil digestão. A mistura de alimentos animaes e vegetaes, de carne e de legumes, de caldos com pão ou farinha, de Osteina-Mouriès, eis o que mais lhe convem. Deve, em geral, abster-se de bebidas alcoolicas, e usar moderadamente de acidos e de vegetaes crús, como saladas, e fructos acidulos, que tem a propriedade de diminuir a secreção do leite; evitar as paixões tristes ou violentas, que dão ás vezes ao leite qualidades nocivas, e, quando soffrer alguma emoção forte, convem que deixe passar uma ou mais horas sem dar de mammar. Quanto ás relações conjugaes, estas só são nocivas quando podem occasionar uma nova gravidez, e, como consequencia d'este estado, a diminuição do leite; e isto é sufficiente para que sejam evitadas tanto quanto seja possivel, apezar de estarem então as mulheres muito menos sujeitas a ficarem gravidas, do que nas outras épocas de sua vida, mórmente quando durante a amammentação não costumam ser menstruadas. A superveniencia da menstruação, o que é raro, exige que a ama faça uso de algumas bebidas diluentes, como, por exemplo, cozi-

mento de cevada. N'este caso muito aproveita o uso do vinho de Baudon de antimonio phosphatado, e tambem que a ama tome todos os dias a phosphatina Falières com o fim de fortificar o seu leite e contrabalançar o phosphato natural perdido com a alimentação da criança. As mesmas bebidas são uteis quando a criança apresenta alguns signaes de irritação, vermelhidões no rosto, etc.

Muitos medicos pensam que a amammentação continuada durante a gravidez é causa de grandes accidentes. Com effeito, quando o utero se acha occupado pelo producto da concepção, attrahe a si os movimentos vitaes em totalidade, ou em grande parte pelo menos, e impede que as outras funcções se executem com inteira perfeição; a amammentação n'este caso exhaure as forças da mãi ou ama, e não dá á criança senão um leite mal elaborado. Entretanto, certas mulheres, que tem uma rica constituição, podem excepcionalmente offerecer á criança um leite proveitoso e bastante nutritivo até ao fim da gestação.

Chegada a época da desmammação, é preciso passar por diminuições successivas á suspensão completa. O regimen da ama será menos nutriente. Ao mesmo tempo tomará um ou dois purgantes brandos. D'este numero são: o oleo de ricino na dóse de 30 grammas por cada vez, o sulfato de magnesia ou o sulfato de soda na dóse de 15 grammas. Se, apezar d'estas precauções apparecer febre, convem observar dieta absoluta, repouso completo; favorecer-se-ha a transpiração com chá de violetas ou de sabugueiro; e se os seios se acharem doridos, cubram-se com algodão em rama. As fomentações com oleo camphorado sobre os seios podem tambem ser empregadas com vantagem.

§ 3. **Molestias das amas de leite.** As amas de leite estão sujeitas *á escassez* ou *á demasiada abundancia de leite*, ás *fendas* ou *gretas no bico do peito*, e á *inflammação dos seios*.

A *falta de leite* é de ordinario consequencia de alguma molestia mais ou menos grave; e se a molestia foi longa, raro é que a falta do leite não persista. O estado de gravidez póde tambem produzir a escassez de leite, mas nem sempre. Póde ser ainda occasionada pela magreza extrema, pela alimentação insufficiente, má digestão, hemorrhagias, flores brancas, pelas paixões tristes e pela tisica. Os menstruos, que sobrevem ás vezes durante a amammentação, diminuem a quantidade do leite, mas só temporariamente.

Nem sempre é possivel restabelecer a secreção do leite. Recommenda-se geralmente ás amas, cujo leite começa a diminuir, o uso de alimentos substanciaes, compostos de reino vegetal e animal, e que se abstenham de acidos e de medicações purgativas. Tem-se visto ás vezes a cangica, o feijão branco e preto augmentarem a secreção do leite. Se todos estes meios forem infructuosos, será preciso desmammar, mudar de ama ou recorrer a outra sorte de amammentação.

As amas occultam ás vezes a falta de leite. O emmagrecimento da criança, a avidez com que chupa qualquer outro objecto, os gritos que dá, largando o peito pouco depois de o ter tomado, os sapinhos que se lhe encontram no interior da bocca, são os primeiros indicios da falta

de leite ; estes indicios tornam-se em certeza quando os seios estão flaccidos, e quando apenas deixam sahir pela pressão algumas gottas de leite branco e grosso.

A *grande abundancia de leite* é commum em muitas mulheres nos primeiros dois ou tres mezes da lactação : o leite dilata os seios e corre copiosamente. Applicam-se então lenços aos seios para embeberem o leite excessivo, e pouco a pouco a secreção torna-se normal. Se isto não basta, prescreve-se um regimen vegetal e bebidas sudorificas ou diureticas; taes como chá da India, ou de flores de sabugueiro, repouso do corpo, e sobretudo dos braços. A amammentação póde ser continuada se as forças da ama se sustentam; mas se ella emmagrece, e se debilita, se lhe sobrevem dôres nas costas e uma tosse secca, cumpre cessar a lactação.

Quanto ás molestias de que a ama de leite, como qualquer outra pessoa, póde ser affectada, o tratamento é o mesmo que nas outras circumstancias. Direi sómente que nas amas de leite é preciso evitar, quanto seja possivel, toda a debilitação, e não empregar, senão em casos de absoluta necessidade, as sangrias e os purgantes. O abuso de taes meios poderia, como a propria molestia, occasionar uma diminuição ou uma suppressão completa do leite.

Aproveita muito ás mulheres que amammentam o uso do ferro hematico L. J. Michel, na dóse de uma colher-medida a cada refeição. *Veja-se* PHOSPHATO DE FERRO.

As inflammações do seio e as outras molestias acompanhadas de febre, de que as amas podem ser affectadas, são susceptiveis de alterar e corromper o leite, cujo uso se torna então nocivo á criança; n'este caso cumpre suspender a amammentação, e durante o tempo necessario para o restabelecimento da ama, ou pôr-se-ha a criança no uso de leite de vacca ou de cabra, ou dar-se-lhe-ha outra ama.

Rachas ou *fendas no bico do peito. Veja-se* BICO DO PEITO.

Inflammação de seio. Veja-se ABCESSO DO SEIO.

AMAMMENTAÇÃO. Acção de nutrir a criança com leite. A amammentação distingue-se em *amammentação materna,* em *amammentação por ama de leite estranha*, e em *amammentação artificial.*

§ 1. **Amammentação materna.** A criança deve ser apresentada ao seio de sua mãi, logo que esta repousar das fadigas do parto, o que é mais ou menos longo segundo a duração do trabalho. Quatro ou cinco horas, e até dez a doze, podem passar sem inconveniente. Algumas mulheres, e principalmente as primiparas, não tem leite senão vinte e quatro horas, ou mais tarde, depois do parto : durante este tempo, dá-se á criança agua com assucar, e isso basta.

A criança recusa ás vezes, mesmo passado este tempo, o peito, ou larga-o logo depois de o ter tomado. Diversas causas podem produzir este effeito. Do lado da mãi póde acontecer que a extrema inchação do seio faça desapparecer o bico do peito. Outras vezes o bico é achatado, disforme e não se póde alongar. Do lado da criança, sua fraqueza extrema pode obstar a que aperte sufficientemente o bico do peito.

O entupimento das fossas nasaes, produzido pelas mucosidades, fórça ás vezes a criança a deixar o seio para respirar pela bocca. Conhece-se esta circumstancia pela difficuldade que experimenta a criança em conservar a bocca fechada. Não é difficil tambem saber se alguma aphta nos beiços impede apertar sufficientemente o bico do peito. Uma ultima circumstancia, á qual se attribue o obstaculo que nos occupa, é a prolongação do freio da lingua até á ponta, e a difficuldade que d'ahi resulta nos movimentos d'esse orgão. Em tal caso a criança não póde apertar nem chupar o dedo; e, examinando a lingua, reconhece-se que este orgão se acha fixado ao soalho da bocca; e que mesmo, em certos casos, a ponta da lingua durante os gritos da criança parece estar dividida pelo meio.

A tensão do seio cheio de leite dis-



Fig. 35. — Tira leite americano.



Fig. 36. — Bomba para tirar leite.

sipa-se facilmente pela sucção operada por um cachorrinho recem-nascido, ou mediante um instrumento chamado *tira-leite* (fig. 35 e 36).

Quando o bico do peito é pouco saliente, póde-se alongar da maneira seguinte: — Aquece-se uma garrafinha enchendo-a com agua



Fig. 37. — Bico de seio de borracha.



Fig. 38. — Bico de seio de crystal com ponta de borracha.



Fig. 39. — Bico de seio de crystal com tubo de borracha.

quente, vasa-se depois a agua, e applica-se o gargalo sobre o bico. Resfriando a garrafinha pela applicação de um panno frio, o bico fica attrahido ao seu interior; alonga-se, e toma as dimensões convenientes; ou então empregam-se os bicos de seio artificiaes com os quaes a criança chupando forma ella mesma o bico do seio (fig. 37, 38 e 39).

Quando a fraqueza impede á criança o mammar, é ella nutrida com o leite de sua mãi, mungido em uma colher, ou outro qualquer vaso, até

que tenha adquirido a força sufficiente para buscar e tomar ella propria o seu alimento. Se a impossibilidade de mammar depende de ser o *freio da lingua* demasiado curto, cumpre cortar esta membrana com tesoura.

E difficil dizer *quantas vezes por dia deve a criança ser alimentada:* depende isso da força da mesma e de quem a cria, da abundancia do leite, etc. Entretanto póde-se dar como termo approximado, o intervallo de duas horas entre cada alimentação, e de tres horas em uma época mais adiantada: e estes intervallos podem prolongar-se mais de noite que de dia. Quanto á quantidade de leite que se deve dar de cada vez, é preciso deixal-a ao arbitrio da criança. Se exceder a quantidade conveniente, o estomago se desembaraçará facilmente do superfluo, o que se não deverá confundir com vomitos effectivos e morbidos. Estas regurgitações bem como o soluço que acompanha a digestão dos recem-nascidos, não devem causar o menor cuidado. Uma pouca d'agua com assucar, aromatizada com agua de flores de laranjeira, acalmará este ultimo incommodo, caso se torne mui fatigante.

No quarto mez é util ajuntar alguns alimentos ao leite materno: todavia esta regra é mui variavel; a fadiga que a ama experimenta, e as necessidades que a criança parece sentir devem servir de guia a este respeito. Papas feitas com pão torrado, agua com assucar, leite, caldo de gallinha ou de vacca, são os alimentos mais convenientes. Augmentando-se gradualmente os alimentos, chega-se á desmammação espontanea. Não se póde determinar rigorosamente a época em que deve cessar a amammentação. Algumas pessoas esperam pelo apparecimento dos vinte primeiros dentes; outras, mais razoaveis, não exigem senão o das presas. Tudo isto não é absolutamente necessario, pois não ha criança que não possa ser desmammada aos dezoito mezes.

O leite materno é inquestionavelmente o melhor alimento da criança. O leite recentemente segregado nos seios maternos, convem melhor aos seus orgãos delicados, do que o leite já antigo de uma ama estranha. Assim observa-se frequentemente, que as crianças confiadas ás amas emmagrecem; entretanto que os filhos das mesmas amas, criados ao mesmo tempo e sem serem mais bem tratados nem nos cuidados nem na quantidade do alimento, adquirem vigor e gordura; effeito este tanto mais sensivel quanto mais antigo fôr o leite.

Mas nem sempre é possivel á recem-parida preencher o dever a que a maior parte das mulheres são naturalmente inclinadas: graves inconvenientes poderiam resultar para ella ou para a criança, se isto lhe fosse permittido. A falta de leite, a fraqueza da mãi, a sua predisposição á tisica, são outras tantas contra-indicações formaes. A estes impedimentos devem ajuntar-se os que dependem dos vicios hereditarios e contagiosos, taes como as escrophulas, o escorbuto, o rachitismo, o mal venereo, etc., que existam na mãi, e cuja transmissão á criança póde ser confirmada pela amammentação materna, entretanto que os seus effeitos podem ser diminuidos e até nullificados pelo leite de ama sã e vigorosa. Casos ha em que a amammentação ministrada por uma ama é de absoluta necessi-

dade, ao menos por algum tempo, quando a mãi tiver os seios gretados, ou inflammados de qualquer outro modo, ou se lhe sobreveio molestia febril.

Quanto á dieta, e ás precauções particulares das mulheres durante a amammentação e depois d'ella, veja-se o artigo AMA DE LEITE.

§ 2. **Amammentação por ama de leite.** Consulte o leitor o artigo AMA DE LEITE, para as condições que n'ella se devem exigir. Quanto mais novo é o leite, tanto melhor é para a criança.

§ 3. **Amammentação artificial.** As circumstancias obrigam ás vezes a renunciar ás vantagens da amammentação natural; nutre-se então a criança com leite de vacca morno, ao qual se ajunta a principio uma quantidade igual de cozimento de cevada ou de aveia descascada, que se vai diminuindo á medida que a criança se torna mais forte, e ajuntam se ao leite, como na amammentação materna, alguns alimentos solidos. A *Osteina-Mouriés* pelo principio proteino-phosphato-calcico unido á materia vegetal e animal que contem preenche bem esta indicação. É um pó que nem precisa ir ao fogo, basta mistural-o com qualquer alimento fraco. É um producto que convem em todas as idades das crianças, quando ainda mammam, na occasião de desmammar e depois de desmammadas. O leite de burra, por sua composição, approxima-se mais ao leite da mulher, do que o de vacca ou cabra; poderia, por conseguinte, dar-se com maior vantagem, se não houvesse mais difficuldade em obtêl-o.

Os inconvenientes da amammentacão são menores dando-se duas vezes por dia á criança, a partir da idade de 3 a 4 mezes, uma colher de chá de phosphatina Falières fervida em uma chicara de leite puro ou misturado com agua de farinha de aveia.

Administra-se o leite por meio de uma garrafinha cheia d'este liquido. Muitos apparelhos foram inventados para este fin; chamam-lhes *mammadeiras*. Compõem-se estas de uma garrafa e de um pequeno apparelho mediante o qual a criança sorve o leite. Esta ultima parte consiste geralmente n'uma rolha de cortiça, de madeira ou de metal terminada em ponta com a fórma de bico de peito, que é ora de ubre de vacca preparado, outras vezes é uma pequena esponja coberta com panno de linho, segura com linha, ao redor do gargalo. A fig. 40 mostra um d'estes apparelhos, ao qual não se deve recorrer senão em ultimo caso, e quando não se possa amammentar a criança de outro modo.



Fig. 40. — Mammadeira.

Amammentação por meio de cabra. Quando não se póde fazer de outra maneira, põe-se a criança ao ubre da cabra, que é um dos animaes que mais facilmente se acostuma a dar de mammar, e que é susceptivel mesmo de tomar affeição á criança. Mas este methodo exige certas commodidades de habitação, que tornam o seu emprego bastante raro.

Amammentação dos animaes. A duração da amammentação varía nos animaes, conforme as especies. Assim nos animaes cavallares

e bovinos, prolonga-se ordinariamente durante seis mezes; nos ovinos, quatro ou cinco mezes; e nos suinos dura só quarenta dias.

Se a saude da egua permitte, e se o potro aproveita, póde prolongar-se a amammentação além dos seis mezes, mas n'este caso a egua deve ser bem alimentada, mórmente se ella trabalha : receberá supplemento de alimentação em farinha. Se por qualquer causa a amammentação não é possivel, ou se deve ser suspensa, póde-se facilmente desmammar o potro, dando-lhe a chupar um panno embebido em leite assucarado; não tarda a aprender a beber leite.

Na especie bovina, a cria não consome, nos primeiros tempos, todo o leite que a vacca produz, então, logo que a cria acaba de mammar, deve ordenhar-se o resto do leite. Quando se precisar de muito leite, recorrer-se-ha á amammentação artificial; e, na porção de leite reservada aos vitellos, ajuntam-se substancias mais nutrientes, taes como farinha, cenouras, etc. Quando se tratar de animaes de escolha destinados á reproducção, cumprirá deixar mammar os vitellos durante alguns mezes, dando-lhes ao mesmo tempo, como supplemento de alimentação, agua com farinha, caldo de castanhas piladas, etc.

Logo depois do nascimento de um cordeiro é preciso, se é fraco, facilitar-lhe a sucção, segurando-o perto do ubre, para lhe fazer correr o leite na bocca. A amammentação artificial pratica-se fazendo beber ao cordeiro, quer por meio de uma garrafa, quer n'um vaso.

Apenas sahidos do seio materno, os leitões procuram a teta que os deve amammentar. O leite materno é sufficiente ordinariamente para as necessidades dos leitões. Acontecendo o contrario, será necessario dar supplemento de alimentação á porca. Se o numero dos leitões fôr muito grande, convem sacrificar os mais fracos, ou então recorrer á amammentação artificial. Logo que chegam á idade de doze a quinze dias, dá-se-lhes leite morno com farinha; augmenta-se gradualmente a ração, e separam-se pouco a pouco da mãi, afim de poderem ser desmammados aos quarenta dias.

AMAPÁ. Arvore do Brazil; habita no Pará. O succo, vulgo *leite*, extrahido d'esta arvore, applica-se no tratamento externo dos golpes, feridas, ulceras.

AMARGOR DE BOCCA. A sensação do amargor da bocca é ás vezes espontanea, e faz-se sentir sobretudo pela manhã em jejum. Contra este incommodo, cumpre empregar a dieta ou um regimen brando, uma chicara de chá de macella em jejum; clysteres de cozimento de linhaça. Havendo prisão de ventre, póde-se recorrer a purgantes brandos : como 8 grammas de magnesia calcinada, diluida n'uma chicara d'agua fria com assucar. Indico aqui *os pós contra o amargor de bocca*, para o caso em que os meios precedentes não produzam effeito :

Rhuibarbo em pó.....	4 grammas.
Canella em pó.....	4 —

Misture e divida em 6 papeis.

Toma-se um papel de manhã, outro ao meio dia, em meia chicara d'agua fria, uma ou duas horas antes da comida.

AMARGOS. Existem na natureza muitas substancias do reino mineral, vegetal ou animal, que por causa do sabor se chamam substancias amargas ou simplesmente *amargos*.

Os amargos estão longe de possuirem todos as mesmas propriedades, e muitas vezes o amargor não é mais que um caracter accessorio de principios, cujas propriedades são inteiramente oppostas. Assim, o sulfato de soda ou sal cathartico amargo é purgante; a coloquintida e o aloes, drasticos; a noz vomica, venenosa no mais alto gráo; a quina, tonica. E por isso não se devem considerar todos os amargos como tonicos, como muitas pessoas julgam, e póde-se dizer, quando muito, que o amargo de todas estas substancias é tonico; mas que ellas tem frequentemente outras propriedades, que alteram ou modificam a virtude tonica.

É o reino vegetal que offerece maior numero de amargos empregados como alimentos ou como medicamentos; e o amargor offerece mil gráos desde o da casca de laranja até ao da noz vomica. Uma substancia dotada de amargor fraco poderá servir de alimento, tal é a chicoria; aquellas, porém, cujo amargor é grande, entram sómente na classe dos medicamentos.

Amargos francos. Dá-se este nome a substancias quasi todas vegetaes, que deixam na lingua qualquer sensação de amargor sem mistura de outro sabor; são tonicas, isto é, que tem a propriedade de restaurar as forças digestivas nas pessoas que as tem enfraquecidas, ou de tornal-as ainda mais energicas n'aquellas em que as ditas forças se acham conservadas no estado normal. A esta classe pertencem a raiz de genciana, a centaurea menor, a fumaria, a inula campana, a raiz e o lenho da quassia, a simaruba, a raiz de chicoria e o taraxaco. Preparam-se com estas plantas infusões e cozimentos tonicos, que se empregam nas molestias escrophulosas, nas convalescenças de muitas outras, nos catarrhos chronicos, flores brancas, escorbuto, hydropisias, opilação, ictericia, amenorrhea, feridas antigas, etc. Quando em medicina se diz *amargos* entende-se geralmente esta classe de medicamentos.

Amargos adstringentes, em que o amargor está associado ao gosto adstringente. A estes pertencem a casca de quina, a raiz de bistorta, de labaça. Os cozimentos d'estas plantas empregam-se sobretudo nas diarrheas e dysenterias chronicas. A quina em pó e o seu cozimento empregam-se como tonico em muitas molestias, e como anti-febril nas sezões.

Amargos aromaticos, em que o amargor está associado ao principio aromatico; taes são; a macella gallega, losna, salva, hortelã. O chá d'estas plantas é tonico, e emprega-se nas indigestões.

Amargos acres. A estes pertence o mais terrivel de todos os venenos vegetaes, a noz vomica, semente contida no fructo da *strychnos nux vomica*, arvore da India. Nada póde dar uma ideia d'este amargor seguido de um resaibo metallico, que persiste por muitas horas. Porém não é do amargor que provém as propriedades venenosas d'esta semente, mas sim de um principio cuja acção deleteria se exerce sobre o systema nervoso: com esta substancia se preparam os venenos para a destruição dos ratos e de outros animaes damninhos.

Amargos purgativos, em que o amargor é inseparavel do principio laxante, são : as coloquintidas, rhuibarbo, aloes, etc.

Taes são as principaes substancias amargas. Para maiores informações a este respeito, consulte o leitor cada um dos artigos especiaes, em que ellas se acham descriptas.

AMAUROSE ou GOTA SERENA. Assim se chama a perda completa, ou quasi completa da vista, sem mudança apparente do olho. É o enfraquecimento, ou a perda total da vista sobrevinda sem haver obstaculo algum ao accesso dos raios de luz ao fundo do olho; que provenha este enfraquecimento ou perda de vista unicamente de uma lesão da retina, membrana nervosa que recebe a impressão da luz; quer resulte sómente da alteração do nervo optico, ou da parte do cerebro encarregada de receber as percepções luminosas; ou mesmo dependa da lesão de orgãos totalmente estranhos ao apparelho da visão (*amaurose sympathica*). Os signaes mais ordinarios da amaurose são diversas perturbações na visão e a immobilidade quasi constante do iris, ficando a pupilla ordinariamente negra e por conseguinte conservando o olho a sua transparencia normal.

Causas. A gota serena observa-se principalmente nas pessoas cujos olhos foram fatigados pela luz mui viva, pelo calor ardente do fogo, pela reflexão dos raios solares nos paizes arenosos, por estudos assiduos com microscopio, por vigilias prolongadas, e por vapores acres. Os excessos de diverso genero, os pezares prolongados, o susto, o uso de máos alimentos e a habitação em logares humidos, frios e escuros, produzem ás vezes esta molestia. A commoção causada por um raio, a explosão de uma arma de fogo tambem podem occasional-a. Um pobre moço recebeo um abalo tão forte com a explosão de uma pistola carregada de polvora, no momento em que virava a cabeça, para responder a seu camarada que o chamava na occasião que descarregava essa arma, que a impressão que sentio causou-lhe amaurose subita. Admittem-se tambem gotas serenas sympathicas; taes são as que dependem da presença dos vermes nos intestinos, da irritação do estomago e do hysterismo. A lesão dos differentes nervos que, por suas connexões com o olho, exercem uma influencia mais ou menos directa sobre o apparelho da visão, é a causa muito especial d'esta molestia : as feridas, as pansadas sobre as sobrancelhas, o olho e palpebras tem determinado muitas vezes d'esta maneira a cegueira amaurosica. Conheci, no Rio de Janeiro, uma linda menina de dezesete annos, que na sua infancia perdeo a vista de um dos olhos por lhe ter uma gallinha picado na testa, por cima da sobrancelha, no logar por onde passa o nervo supra-orbitario. O olho não apresentava nodoa alguma ; parecia perfeito, mas estava paralyzado. Emfim, as molestias organicas graves do cerebro, do nervo optico, tem determinado amauroses que resistem aos recursos da arte.

Symptomas. A invasão da gota serena é ás vezes subita; mas de ordinario esta molestia desenvolve-se lentamente. Começa por um só olho, e ás vezes ataca ambos ao mesmo tempo. Quando a invasão da gota serena é subita, a vista perde-se instantaneamente, e a menina do olho

torna-se immovel. Quando, pelo contrario, a molestia se forma gradualmente, a vista enfraquece-se pouco a pouco, a visão dos corpos afastados principia a ser menos distincta, os doentes julgam ver gyrar insectos : depois, os objectos appparecem-lhes como se estivessem cobertos de nevoeiro ou de manchas escuras. A menina dos olhos conserva ordinariamente a sua fórma, mas em alguns casos acha-se deformada : umas vezes fica contrahida, outras vezes a sua dilatação é extrema. Quando a gota serena é completa, os olhos perdem toda a expressão, e as palpebras ficam immoveis diante dos corpos estranhos.

Verifica-se a immobilidade da pupilla do modo seguinte. Se um só olho está doente, cobre-se o olho são com um lenço, expõe-se o olho doente á luz, depois fecha-se, applica-se durante alguns instantes o dedo pollegar sobre a palpebra superior, que se levanta depois rapidamente. Se o olho está affectado de amurose, a pupilla fica immovel. Repetindo esta experiencia sobre o olho são, vê-se facilmente que a pupilla se dilata ao escuro, e se contrahe sensivelmente quando exposta á luz viva.

Tratamento. Principia-se o tratamento por um purgante, tal como 60 grammas de sal de Sedlitz ou de Glauber, ou uma garrafa de limonada de citrato de magnesia. Applica-se depois um caustico na nuca. Ao mesmo tempo dirigem-se os vapores estimulantes aos olhos. Para este fim derramam-se algumas gottas de balsamo de Fioravanti na palma da mão, e approxima-se esta ao olho affectado; ou então chega-se ao mesmo olho uma rolha molhada em ammoniaco liquido. O uso do rapé aproveita n'esta molestia, porque estimula a membrana das fossas nasaes. Lavem-se quotidianamente os olhos com agua misturada com algumas gottas d'agua de Colonia ou de aguardente camphorada. Foi tambem recommendado o collyrio seguinte, com que se lavam os olhos duas vezes por dia :

Sulfato de zinco	5 centigrammas.
Agua distillada	60 grammas.

Mas não basta a medicação local ou directa. Cumpre empregar os meios indirectos para actuar sobre a constituição ao mesmo tempo que se procura modificar a vitalidade da retina. Se a gota serena é acompanhada da fraqueza de constituição natural, ou occasionada pela idade ou pelas molestias, empregar-se-hão os tonicos, a infusão de lupulo, na dóse de 180 grammas por dia; xarope de genciana, na dóse de 30 a 60 grammas por dia : o ferro Quevenne, na dóse de 1 gramma por dia.

AMBAR AMARELLO ou ALAMBRE SUCCINO. Dão-se estes nomes a uma substancia bituminosa ou resinosa, dura, de côr amarella, branco-amarellada, verde ou roxa, que se encontra á beira do mar, e principalmente do Mar Baltico. Emprega-se nas artes; fabricam-se com elle objectos de ornamento, bicos para cachimbos, para fumar charutos, etc. Em medicina seus usos são hoje mui limitados. Prepara-se com elle uma tintura e um oleo que entram na composição de alguns medicamentos adstringentes, diureticos e aphrodisiacos, hoje pouco empregados.

Modo de soldar dois pedaços de ambar amarello. Humedecer com a solução de potassa caustica as superficies que se querem unir, e comprimil-as uma com a outra a calor brando.

AMBAR CINZENTO. Substancia que se acha nas aguas do mar, no littoral do Japão, das illas Molucas, de Madagascar e do Brazil, e que se forma nos intestinos do cachalote (*physeter macrocephalus*, Linneo), animal cetaceo, representado na figura que se acha no artigo CACHALOTE.

Consistencia pouco maior que a da cera; insoluvel em agua, mas soluvel no alcool quente, ether, oleos; cheiro forte e agradavel; côr cinzenta-denegrida com veios brancos, amarellados. É um estimulante energico; póde ser util nas molestias nervosas e febres adynamicas; mas hoje é mais empregado pelos perfumistas do que pelos medicos. Em medicina usa-se na dóse de 30 a 120 centigrammas por dia, em pilulas ou poção.

AMBAYBA, AMBAUBA, IMBAYBA, UMBAUBA OU ARVORE DA PREGUIÇA. *Cecropia palmata.* Willd. Urticeas. Arvore que habita no Brazil, em S. Domingos, Jamaica, Guyanas, etc. A preguiça vive n'esta arvore, cujos grelos constituem o seu alimento. Arvore bastante alta, dioica e não lactescente, raizes ramosas e fibrosas; tronco erecto e fistuloso; sua madeira é esbranquiçada, secca e leve; ramos alternos, arredondados, nodosos e fistulosos, offerecendo no seu interior septos, e contendo massa molle, escura, côr de chocalate, que se encontra igualmente no tronco, e que contém ordinariamente muitas formigas; folhas alternas, pecioladas, palmato-labadas, verdes e asperas na face superior, e na inferior cobertas de um tomento esbranquiçado, apresentando as suas nervuras côr avermelhada e ferruginosa. As folhas novas, e que se acham contidas ainda na spatha, estão ali dobradas com muita elegancia, e tem côr sanguinea, n'uma especie, n'outra são brancas, e depois tornam-se verdes na parte superior, e de côr esbranquiçada na inferior : o vulgo dá o nome de *ambayba roxa* á primeira especie, e de *ambayba branca* á segunda especie; flores dioicas em fasciculos.

A massa que se acha no interior dos troncos da ambayba, estendida em panno, applica-se no Brazil sobre as feridas cancerosas e outras. Com as folhas (pontas) de ambayba prepara-se um xarope que se emprega contra a tosse. O succo extrahido dos grelos, e misturado com leite ou cozimento de cevada assucarado, emprega-se ás colheres nas flores brancas, gonnorrhea e diarrhea.

AMBRETA. Semente de *Quigombó de cheiro* (*Hibiscus abelmoschus*, L.), planta da India, cultivada no Brazil. Esta semente é reniforme, de cheiro almiscarado; emprega-se na perfumaria. No Levante serve para preparar os pós, chamados *pós de Chypre,* que se usam como perfume.

AMBULANCIA. Estabelecimento hospitalar movel e de facil transporte com o qual se soccorre os doentes e feridos nas guerras ou nas grandes agglomerações de povo. Nos exercitos, cada corpo de exercito e cada fracção de tropa importante são sempre acompanhados, por me-

dicos e por enfermeiros que carregam os feridos e ajudam a tratar d'elles; e emfim por carros e tendas especiaes nos quaes os feridos encontram abrigo, todos os apparelhos para pensos e os medicamentos necessarios. Os que estão feridos levemente depois de curados voltam para seus postos; os feridos gravemente, são mandados para os hospitaes, depois de um primeiro curativo.

Ha alguns annos, algumas grandes cidades têm estabelecido ambulancias especiaes para soccorrer as pessoas que ficam doentes ou feridas na rua, ou que desejam ser levadas do logar do accidente para um hospital. Por meio do telephone chama-se o medico de serviço que vem n'um carro preparado para levar o ferido. A base essencial d'este serviço está na rapidez por que elle é feito quando haja, por exemplo, de estancar uma hemorrhagia, ou de applicar sem demora um penso especial em uma ferida penetrante do abdomen ou de uma articulação.

AMEIXA. Fructo da ameixieira domestica (*Prunus domestica*, Linneo), arvore cultivada nos climas temperados, e que no Brazil dá-se bem na provincia do Rio Grande do Sul (fig. 41). E uma drupa carnosa, contendo o caroço que tem a fórma do fructo, e que encerra uma amendoa branca, mais ou menos amarga, segundo as especies. As melhores qualidades são originarias da Grecia e da Asia. A cultura multiplicou singularmente as variedades da ameixieira. As ameixas são em geral de gosto adocicado e acidulo, quando maduras; são nutrientes, frescas ou seccas, e podem usar-se em todas as molestias. Aproveitam sobretudo contro as areias.



Fig. 41. — Ameixa.

Ameixas seccas. A decoeção de ameixas seccas, na dóse de 30 grammas da polpa d'este fructo para 250 grammas d'agua, é um brando laxante, que convem principalmente ás crianças, por não ter gosto desagradavel.

AMÉLIE-LES-BAINS. Aguas sulforosas quentes, na França meridional (fig. 42).

Itinerario de Pariz a Amélie-les-Bains : Estrada de ferro de Pariz por Bordeos a Perpignan : vinte e tres horas. Carro de Perpignan a Amélie-les-Bains, tres horas. Despeza 122 francos.

Amélie-les-Bains é uma aldeia de 700 habitantes, que deve ás suas aguas e ao clima o privilegio de ser estação thermal, e morada de inverno para as pessoas doentes do peito.

As aguas de todas as fontes são quentes, limpidas e incolores, de cheiro de ovos choeos, pouco sensivel nas fontes quentes, mais notavel depois de agua fria; temperatura varía de 30° a 64°.

A agua de Amélie administra-se debaixo de todas as fórmas, em bebida, banhos, duchas, piscinas. Existe tambem uma sala de inhalação quente, onde os enfermos respiram vapores d'agua mineral misturados com gaz. — As differentes fontes estão repartidas entre dois estabelecimentos, que pertencem aos particulares (*Pujade*, *Hermabessiere*), e um hospital militar.

Estabelecimento Pujade. É o mais frequentado dos dois e o mais completamente organizado. O seu principal merecimento consiste nas aberturas que communicam com as nascentes, e obram como duchas de vapor; o gaz sulfureo mistura-se com a atmosphera de diversos aposentos que habitam ou frequentam os enfermos. O ar tepido, que ali se respira, como n'uma estufa, acha-se misturado com os effluvios das fontes.

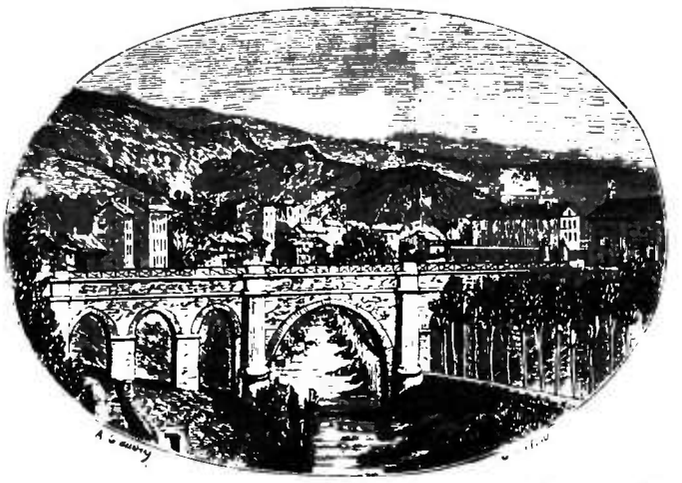


Fig. 42. — Vista de Amélie-les-Bains, e do Estabelecimento militar.

A *piscina* constitue um dos meios mais importantes do tratamento nas caldas de Amélie. Está cavada na base do rochedo. As dimensões são: 2 metros de profundidade, 6 metros de comprimento, e 6 metros de largura. Uma escada de onze degráus desce na piscina, cujo fundo está lageado. Cordas são dispostas para movimentos gymnasticos. Os nadadores podem facilmente fazer exercicio; as outras pessoas assentam-se nos degráus (fig. 43).

A piscina é alimentada por oito fontes que emergem do fundo e das paredes lateraes. D'esta maneira a agua renova-se continuamente. Cada tarde limpa-se a piscina e esvazia-se completamente. Duas grandes duchas, tendo 6 metros de pressão, são installadas nos lados da abobada e podem, em certos casos, combinar a sua acção com a do banho de natação. Horas especiaes são reservadas para as senhoras. Vinte e quatro gabinetes de banho se abrem sobre duas galerias. Todos são munidos de duchas ascendentes, mas sete sómente possuem o systema de duchas descendentes. As banheiras são de marmore.

O estabelecimento Pujade contém muitas bicas para beber agua mineral. As oito fontes apresentam uma graduação nos gráos de temperatura e de sulfuração; são utilizadas progressivamente, segundo a indicação do medico, para a bebida e gargarejos.

As aguas de Amélie empregam-se contra os rheumatismos, molestias de pelle, bronchites, syphilis inveterada.

Mas Amélie é sobretudo recommendada pelos medicos como morada durante os invernos aos doentes affectados ou ameaçados de molestias

do peito. Está protegida dos ventos do norte por immensas montanhas. O clima é agradavel; cultivam-se ali, nos campos, loureiros, oliveiras, cactus. O outono é a melhor estação; e, depois, o inverno. A primavera e o verão apresentam condições menos boas para as pessoas que padecem do peito.

Emprega-se muitas vezes como adjuvante do curativo sulfuroso a agua de Boulon, situada a 16 kilometros de Amélie; é agua ferruginea, alcalina



Fig. 43. — Piscina no Estabelecimento thermal de Amélie-les-Bains.

e gazosa, representando a composição de algumas fontes de Vichy, e contendo pequena porção de cobre. Segundo o Sr. Dr. Génieys, a efficacia a mais importante d'esta agua é evidente contra o diabetes. Curas duraveis d'esta molestia são devidas ao uso da piscina sulfurosa acampanhada do uso interno da agua de Boulon.

AMENDOA. Fructo da amendoeira (*Amygdalus communis*, Linneo), arvore da familia das Rosaceas, que se cultiva nos pomares em Portugal, e nas regiões temperadas do Brazil (fig. 44). Existem duas variedades de amendoeira que, semelhantes em tudo, se distinguem só pelo gosto da semente contida no fructo. Uma dá amendoas *doces*, outra amendoas *amargas*. As amendoas doces comem-se de sobremesa; mas são pesadas ao estomago por causa da grande quantidade de oleo que contém; por conseguinte não se deve usar d'ellas senão moderadamente.

O oleo que contém, purga brandamente na dóse de 30 a 60 grammas; dá-se, ás vezes, ás crianças contra a tosse.

Leite de amendoas : Tome 15 grammas de amendoas doces privadas de pellicula; pise-as em gral de marmore com um pouco d'agua fria, até formar pasta molle; ajunte 500 grammas d'agua, e 15 grammas de assucar; dissolvido este, côe por panno de lã. Póde-se aromatizar com agua de flores de laranjeira. Esta bebida, além de ter a vantagem de acalmar a sêde, é tambem um calmante quando o doente a toma á noite, ao deitar-se. O *xarope de orchata* é uma preparação analoga; só differe pela proporção do assucar, e possue exactamente as mesmas propriedades. A mistura de xarope de orchata com agua é uma das bebidas mais uteis nas inflammações internas.



Fig. 44. — Amendoeira.

As *amendoas amargas* differem das *doces* pelo gosto e pelo cheiro, que é sobretudo sensivel quando se molha a amendoa. Ambos procedem de certa quantidade de acido prussico que contém as amendoas amargas. Este acido é um dos mais energicos venenos que existem, e comquanto seja pequena a quantidade que se acha nas amendoas amargas, basta para communicar-lhes propriedades deletrias. Na dóse de 7 amendoas já produzem anxiedade e desmaios; em grande dóse podem occasionar a morte. Tem-se visto morrer pessoas por terem comido grande quantidade de amendoas amargas. Devemos, por conseguinte, acautelar-nos dos doces que contém amendoas amargas, e principalmente contra os chamados *massapães*, na composição dos quaes entra grande quantidade d'estas sementes, que são, como se vê, verdadeiros venenos.

Os symptomas de envenenamento pelas amendoas amargas são os seguintes : no começo convulsões mais ou menos fortes, segundo a quantidade do veneno ; o pulso torna-se mais rapido, a respiração mais accelerada; mas a este estado de agitação succede logo modorra e abatimento extraordinario; o doente não se póde ter em pé, e parece ter todos os membros paralyzados. O tratamento é o seguinte : administre-se o emetico, 10 centigrammas em um copo d'agua; faça-se cheirar ao doente agua de Labarraque. Na falta d'esta agua, cheire ammoniaco liquido. Administre-se esta ultima substancia internamente (10 a 12 gottas de ammoniaco em um copo d'agua). Façam-se ao mesmo tempo fricções de ammoniaco nas fontes, e appliquem-se sinapismos nas pernas.

AMENDOIRANA, ALCAÇUZ BRAVO, BICO DE CORVO. PARATUDO (S. Paulo), BOI GORDO (Minas). (*Cassia rugosa*, Don.) Leguminosas. Pequeno arbusto

do Brazil. Folhas pecioladas, compostas de foliolos ellipticos, quasi rentes, avelludados, com uma glandula na base de cada par; flores amarellas, grandes, dispostas em paniculas terminaes, fructo, vagem coriacea; raiz grossa, succulenta, escura por fóra, amarella por dentro, meditulio lenhoso quasi branco. A raiz e as folhas são purgativas na dóse de 8 a 16 grammas; usam-se em cozimento.

AMENORRHEA ou FALTA DE MENSTRUAÇÃO. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

AMETHYSTA. Pedra preciosa de côr roxa, ou roxa tirante a purpurea. É um quartzo transparente, corado pelo oxydo de manganèz; emprega-se como joia. As mais bellas amethystas vem das Indias, das Asturias, do Brazil, da Siberia; acham-se tambem em França e na Allemanha. A côr roxa d'esta pedra fez com que a adoptassem para ornar o annel pastoral dos bispos. A amethysta e o granate são as unicas pedras preciosas de côr que se trazem com vestidos de luto. A *ametysta oriental* (corindon roxo) é muito mais rara e de um valor mais consideravel do que a *amethysta occidental* (quartzo hyalino roxo). Estas duas variedades differem no seu peso e dureza. A amethysta oriental é quasi tão dura como a saphira e o rubim, entretanto que a occidental se risca assaz facilmente; o peso d'esta é de 2, 7, e a oriental pesa mais de 4, tomando-se por unidade a agua distillada.

AMIANTO ou ASBESTO. Substancia mineral, de côr verde, cinzenta ou branca que se acha no seio da terra, e se apresenta sob a fórma de fibras ás vezes um pouco rijas, elasticas, as mais das vezes flexiveis como seda ou linho, com cuja molleza e brilho, tem estas fibras, alguma analogia. É o silicato de magnesia. O amianto derrete-se ao canudo de esmaltar, quando não se expõe ao fogo senão uma pequena quantidade de seus filamentos; mas em massa é muito difficil de derreter. Os antigos consideravam o amianto como uma especie de linho produzido por uma planta das Indias; faziam d'elle torcidas para lampiões que ardiam no azeite sem se consumirem; lençoes para os cadaveres, afim de poderem colher as suas cinzas sem que ellas se misturassem com as da pyra. A arte de tecer o amianto existe actualmente na Italia: faz-se com este mineral papel e rendas incombustiveis; fazem-se tambem com amianto vestidos que servem para preservar dos primeiros ataques de fogo os bombeiros empregados para apagarem os incendios. Esta substancia, antigamente muito rara e bastante cara, é hoje commum: encontra-se nos Pyreneos perto de Barégcs, na Escossia, na Corsega, na Saboia, no Brazil nos sertões de Pernambuco, na provincia do Rio Grande do Norte, etc.

AMIDO. *Veja-se* POLVILHO.

AMMONIACO ou ALCALI VOLATIL. Gaz que se encontra no estado de combinação com os acidos chlorhydrico e phosphorico, na ourina; e com os acidos acetico e carbonico, nas materias animaes putrefactas. Forma-se constantemente pela decomposição d'estas materias pelo fogo. Prepara-se facilmente aquecendo gradualmente, em retorta guarnecida de um recipiente apropriado, a mistura de partes iguaes de cal e sal ammoniaco.

Propriedades do ammoniaco no estado gazoso. O ammoniaco conserva

sempre o seu estado gazoso na temperatura ordinaria, e debaixo da pressão normal da atmosphera. É um gaz alcalino, transparente, sem côr, de cheiro extremamente forte e penetrante. Seu sabor é acre e caustico. Empregam-se frequentemente os vapores ammoniacaes como estimulantes, nos desmaios e asphyxias; mas cumpre empregal-os com muita circumspecção.

Ammoniaco liquido ou **Alcali volatil liquido.** Dá-se este nome á agua distillada saturada do gaz ammoniaco; isto é, que tem dissolvido quasi o terço do seu peso. O ammoniaco liquido é incolor, mui caustico, de sabor e de cheiro insupportaveis; enverdece o xarope de violas; forma com os acidos numerosas combinações salinas usadas nas artes e na medicina. Com os oxydos de ouro e prata, forma pós fulminantes; communica uma bella côr azul á solução de sulfato de cobre.

O ammoniaco liquido applicado na pelle póde, segundo a duração do seu contacto, a sua dóse e o gráo de concentração, produzir ou a vermelhidão, ou a cauterização. Ingerido no estomago é veneno mortal. A agua com vinagre é o melhor contraveneno do ammoniaco.

Emprega-se internamente na embriaguez; e externamente nas mordeduras das cobras ou picadas de insectos, e nas syncopes ou asphyxias. Mas a causticidade d'este remedio vulgar exige muita prudencia na administração d'elle.

Na *embriaguez*, que elle faz cessar como por encanto, administra-se na dóse de 6, 10 a 15 gottas em um copo d'agua com assucar.

No caso de *mordeduras de cobras ou de insectos*, cauteriza-se a ferida com uma ou algumas gottas de ammoniaco liquido, que se applicam com uma penna ou palito.

Quando se faz cheirar aos doentes, nos casos de *syncope* ou de *asphyxia*, um frasco de alcali volatil, é preciso chegal-o rapidamente ás ventas, sem ali demoral-o muito, e ter a precaução de não derramal-o sobre as partes vizinhas, que poderiam resentir-se da sua acção caustica.

Saes ammoniacaes. Todos os saes que tem por base o ammoniaco, triturados com a potassa, deixam desenvolver este gaz; são soluveis em agua, e volatilizam-se ou se decompõem, quando submettidos á acção do calorico: ha tres que devem fixar a nossa attenção: o carbonato, o acetato e o chlorhydrato de ammoniaco.

Acetato de ammoniaco, ou *Espirito de Minderer*. Prepara-se saturando o acido acetico de ammoniaco liquido. É um liquido sem côr, transparente, inodoro, de sabor fresco e picante ao principio, e depois um pouco doce.

Considera-se como sudorifico, que se administra na dóse de 4 grammas até 30 grammas n'um liquido apropriado. É usado tambem contra a embriaguez, a qual dissipa em alguns minutos, administrado na dóse de algumas gottas, n'um pouco d'agua com assucar.

Corbonato de ammoniaco. Prepara-se misturando uma parte de sal ammoniaco com duas partes de greda em pó, e distillando a mistura secca na retorta de vidro guarnecida de um recipiente. Este sal apparece sob a fórma de pedaços brancos, meio transparentes, compostos da

reunião de pequenos crystaes, de textura fibrosa; soluvel em agua, de cheiro picante, e sabor caustico.

Puro e em alta dóse é um veneno caustico; diluido em agua, emprega-se na medicina nas febres graves, na dóse de 60 centigrammas a 8 grammas n'uma poção de 180 grammas. Encerrado em pequenos vidros, vende-se debaixo do nome de *sal volatil de Inglaterra*, e dá-se a cheirar nas syncopes.

Chlorhydrato ou hydrochlorato de ammoniaco ou *sal ammoniaco*. Este sal, ha muito tempo conhecido, é assim chamado no paiz de Ammono, na Libia, d'onde se extrahia. Tirava-se antigamente tambem do Egypto, por sublimação da fuligem proveniente da combustão do estrume dos camelos. Prepara-se hoje em grande escala na Europa, distillando os ossos e as lãs nos cylindros de ferro. Acha-se no commercio debaixo da fórma de pães bastante volumosos, convexos de um lado, concavos do outro, brancos, crystallizados em agulhas dispostas como as de uma penna, inodoros, de sabor amargo, acre e fresco.

Puro e em alta dóse, póde envenenar. Emprega-se nos rheumatismos e molestias inflammatorias, internamente, na dóse de 60 centigrammas a 4 grammas diluido n'uma poção ou cozimento. Usa-se as mais das vezes externamente, como resolvente nos tumores, na dóse de 4 grammas dissolvido em 250 grammas d'agua.

AMNESIA. Diminuição notavel ou perda completa da memoria, que se encontra em condições mui variadas. As molestias infecciosas, taes como o typho, a febre typhoide, a peste, são quasi sempre seguidas de amnesia. Ella pode depender de frequentes hemmorrhagias, da miseria, de diversas privações prolongadas, da anemia, dos excessos venereos, das contusões ou commoções cerebraes, e de todas as affecções chronicas das meninges e do cerebro.

As mais das vezes o doente não perde de todo a memoria, apenas se esquece de uma determinada classe de factos, uns não se lembram mais dos nomes e das physionomias das pessoas, outros, não teem mais noção do tempo nem das localidades. Esses desarranjos provêm da exageração das differenças individuaes que se observa facilmente ao redor de si. Nas pessoas hystericas a amnesia ordinariamente apresenta a mobilidade dos outros symptomas d'esta affecção, ella pode desapparecer ou manifestar-se de repente. Contra a amnesia que depender da paralysia geral, da demencia senil, e o amollecimento cerebral, nada ha a fazer. Em geral o tratamento deve ser appropiado á causa da amnesia. Os doentes acommettidos de anemia, de enfraquecimento proveniente de excessos de qualquer natureza devem empregar a medicação contra a causa da molestia. Um bom regimen, leve exercicio, medicamentos tonicos e boa alimentação. Será util tambem fazer exercicios intellectuaes, sobretudo sobre as lacunas que possam existir na memoria.

AMNIOS. Chama-se amnios uma das membranas que envolve o feto no utero. Esta membrana concorre a formar uma bolsa cheia de um liquido especial que se chama *as aguas*. Quando esta bolsa arrebenta deixa escorrer estas aguas, é um dos indicios do trabalho do parto.

Ordinariamente esta ruptura é espontanea; em certos casos é necessario proceder ao rasgamento d'esta bolsa para accelerar a expulsão da criança.

AMOLLECIMENTO DO CEREBRO. Molestia caracterizada no cadaver pela diminuição de consistencia da polpa cerebral; e durante a vida por um enfraquecimento gradual das faculdades intellectuaes, da sensação, do movimento, pela diminuição da memoria, difficuldade no fallar, dôres de cabeça, e, nos casos mais graves, pela pasalysia geral. A molestia póde ser *aguda* ou *chronica*.

Symptomas do amollecimento agudo. As mais das vezes o amollecimento agudo sobrevem sem nenhum phenomeno precursor; em outros casos, pelo contrario, os doentes experimentam algum tempo antes, uma dôr de cabeça mais ou menos viva, vertigens, formigamentos, caimbras n'um membro, etc. Mas quasi sempre o amollecimento sobrevem sem prodomos: a molestia declara-se de improviso, e produz immediatamente a perda de conhecimento e paralysia. Em alguns individuos, o principio da molestia é sómente marcado pelo enfraquecimento das faculdades intellectuaes, do movimiento, dos sentidos: estes phenomenos conduzem gradualmente á aniquilação d'estas faculdades. Muitas vezes estes symptomas fazem contínuos progressos, e os doentes succumbem ao cabo de sete ou quinze dias, quasi sem febre. Em alguns doentes, os symptomas cessam de fazer progressos e a molestia passa ao estado chronico; emfim, casos ha, mas raros, em que diminuem gradualmente, succedendo-lhes uma saude perfeita.

Symptomas do amollecimento chronico. Um individuo, chegado á idade mais ou menos adiantada, queixa-se de incommodo geral, de dôres de cabeça, e de vertigens ás vezes tão fortes que occasionam quédas. Este estado de soffrimento persiste dias, mezes e até póde durar um ou muitos annos: depois o doente experimenta embaraço na falla, entorpecimento, formigamentos, picadas na extremidade dos membros, sobretudo nos dedos, ou n'uma metade completa do corpo; mais raramente são dôres obtusas nas juntas ou ao longo dos membros; depois a faculdade de mover vai diminuindo n'estas mesmas partes; os doentes arrastam a perna quando andam e deixam ás vezes cahir das mãos os objectos leves; outras vezes seus dedos não podem agarrar os corpos tenues; a paralysia vai augmentanto progressivamente, e torna-se completa. A um gráo mais ou menos adiantado da molestia, o rosto exprime pasmo, a estupidez; as faculdades intellectuaes baixam; a memoria enfraquece-se, até perder-se de todo; as ideias são confusas; o juizo não tem certeza; a falla é custosa, quer pelo esquecimento das palavras, quer pela difficuldade de pronunciar. O enfraquecimento da intelligencia póde ser levado até ao estado de idiotismo. No fim, os doentes não podem reter as ourinas nem as materias fecaes.

Duração e terminação. — O amollecimento chronico tem uma duração indeterminada, que varía desde alguns dias até muitos annos. A morte, que é a terminação frequente, tem logar quasi sempre em consequencia de alguma complicação provocada pela molestia cerebral: assim a maior

parte dos doentes succumbem a uma pneumonia; outros em consequencia da formação de vastas escaras no sacro. Muitos cahem n'um sommo profundo; outros são atacados de convulsões. Emfim, alguns morrem rapidamente de febre cerebral.

Todavia, apezar da gravidade da molestia, o amollecimento do cerebro é curavel. Assim, doentes ha que, depois de apresentarem todos os signaes do amollecimento, supra indicados, se restabelecem completamente, recobram a integridade dos movimentos, da sensibilidade e da intelligencia. Outros conservam um certo gráo de paralysia, ou pelo menos uma fraqueza nos membros.

Causas. As causas do amollecimento cerebral são pouco conhecidas. É porém incontestavel o ser esta molestia propria da velhice, e excessivamente rara nas crianças.

Tratamento. Varía conforme os symptomas. Assim, todas as vezes que o amollecimento principia com pulso forte e frequente, com calor no rosto, e quando o individuo é de constituição forte, póde-se praticar uma sangria no braço ou applicar 10 a 12 bichas atraz das orelhas. Mas cumpre abster-se de quaesquer emissões sanguineas, se o individuo é fraco. Aproveitará n'este caso um purgante, como, por exemplo, 60 grammas de sal d'Epsom ou de Glauber, ou uma garrafa de limonada de citrato de magnesia ou pó purgativo Roger. Applicar-se-ha um caustico na nuca. Mais tarde poder-se-hão administrar os medicamentos tonicos, taes como o vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa* tres vezes ao dia ou o quinium de Labarraque. O regimen deve ser analeptico; carnes assadas, ovos, tapioca, e bom vinho, tomado com moderação.

AMOLLECIMENTO DAS GENGIVAS. *Veja-se* GENGIVAS.

AMOLLECIMENTO DA MEDULLA ESPINHAL. Molestia caracterizada no cadaver pela diminuição de consistencia da medulla, e durante a vida por diversas paralysias. Conhecem-se duas especies d'esta enfermidade; o *amollecimento agudo* e o *amollecimento chronico*.

Symptomas. Na fórma mais aguda, o amollecimento da medulla, assim como o do cerebro, póde determinar instantaneamente symptomas de paralysia: assim tem-se visto individuos ficarem subitamente paralyticos, e até apresentarem no mesmo tempo uma paralysia dos quatro membros, do intestino recto e da bexiga, em consequencia do amollecimento sobrevindo subitamente, a certa altura da medulla. N'estes casos, raros no homem, mas que tem sido observados mais frequentemente nos cavallos, a paralysia sobe rapidamente e invade logo todos os musculos respiratorios: a maior parte d'estes doentes succumbem em tres, quatro, cinco dias, e alguns mesmo ao cabo de oito a dez horas.

Mas de ordinario o amollecimiento não invade tão promptamente. No maior numero de casos, a molestia toma progressivamente o caracter chronico: os podromos tem longa duração, como nuitas semanas ou muitos mezes; os doentes queixam-se de formigamentos, de caimbras, de frio nos membros. Outros fatigam-se facilmente; alguns são acommettidos de tempos a tempos de retenção de ourina ou de prisão do ventre;

ou então, pelo contrario, evacuam involuntariamente, quasi no mesmo momento em que a necessidade se faz sentir. Passado algum tempo os doentes andam com difficuldade, e até não podem andar senão com o auxilio de um apoio; as pernas não podem supportar o peso do corpo, e os doentes vêem-se condemnados a um repouso absoluto.

A extensão da paralysia varía segundo o logar da medulla em que o amollecimento está situado. Se elle occupa a região dorsal ou a região lombar, só os membros inferiores ficam paralyzados, e diz-se que ha paraplegia. O intestino recto e a bexiga são tambem frequentemente paralyzados; ha então incontinencia ou retenção de ourina, e as materias fecaes sahem involuntariamente. Se o amollecimento invade a porção cervical da medulla, os membros superiores paralysam-se tambem; os musculos do peito são atacados igualmente, a respiração torna-se difficil, e muitos doentes succumbem, pelo progresso de uma asphyxia lenta.

Duração; terminação. O amollecimento chronico da medulla é de duração indeterminada, variando desde alguns mezes até a um numero de annos ás vezes consideravel, como quinze ou vinte. A cura é possivel em alguns casos raros: os doentes recobram então a integridade dos movimentos e a sensibilidade das partes paralyzadas. Porém as mais das vezes estes individuos ficam entrevados; seus membros tornam-se trementes, e mal podem sustentar o peso do corpo.

Causas. As causas do amollecimento da medulla são ainda menos conhecidas do que as do amollecimento cerebral; até se póde affirmar que não possuimos a tal respeito nenhum dado positivo. Esta doença é mais commum nos homens do que nas mulheres, e, contrariamente ao amollecimento cerebral, é mais frequente no periodo médio da vida do que na idade adiantada. Dão-se sobretudo como causas d'esta enfermidade, as fatigas corporaes e os excessos venereos.

Tratamento. Ha poucos remedios a empregar contra esta molestia. No principio, applique-se um caustico no espinhaço. O doente usará de banhos aromaticos quentes e geraes. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no artigo Banhos. Os banhos do mar tambem aproveitam. Se ha prisão de ventre, convem combatêl-a com clysteres d'agua tepida. Os doentes devem alimentar-se convenientemente, e viver nas melhores condições hygienicas.

AMOLLECIMENTO DOS OSSOS. *Veja-se* Rachitismo.

AMOR. Considerar o amor como uma paixão devorante, lembrar seus caracteres conhecidos, descobrir seus segredos, assignalar seus resultados, e indicar os meios de manter este sentimento nos justos limites, tal é o objecto d'este artigo.

O amor é uma disposição innata, instinctiva, e mais ou menos imperiosa. Durante os primeiros annos da existencia este sentimento está adormecido, e só se manifesta na época da puberdade. Então, nos adolescentes de ambos os sexos muda a voz, o systema pilloso cobre partes até então impubescentes, as feições adquirem certa expressão, ordinariamente os gostos mudam; emfim, nas meninas a apparição dos menstruos, o desenvolvimento dos seios são ainda mais caracteristicos.

N'este periodo tempestuoso, os paes que forem vigilantes devem observar com euidado a physionomia, os gestos, as palavras, todos os aetos dos adoleseentes, para deseobrir os novos sentimentos que se preparam. É então que naseem ou se aggravam eostumes seeretos, de que fallarei em outro logar (*veja-se* ONANISMO) e que tem sobre a saude inflneneia muito pernieiosa. Prineipiou nova existeneia. Mil partieularidades moraes revelam esta revolução physiea, na qual eada sexo se mostra debaixo de eôres differentes. O menino, edueado eom eostumes menos severos, menos pudieos, e naturalmente mais ousado, proeura a soeiedade das mulheres, sente que as ama mais, e não eseonde muito a sua inclinação, ou deixa de a oeeultar. Entretanto, o amor eontemplativo abre-lhe ordinariamente a seena amorosa. O adoleseente que não foi eorrompido pelas palavras ou exemplos de seus eamaradas, faz uma divindade de sua primeira amante, e arde por ella de um amor disereto. A joven virgem, que uma solieitude eselareeida, pia, ou ao menos moral, tem eonstantemente eercado de sãs impressões. está agitada de mil sensaçòes diversas, euja fonte ignora; apenas se atreve a interrogar-se a si mesma, e busea dissimular. E por isso a alegria, a eandidêz da primeira idade eede o logar a um ar de distraeção, de embaraço; que não eseapa a nenhum observador. Reeonheee logo ella propria que prefere a soeiedade dos moços á das eompanheiras, e que estes produzem n'ella um effeito insolito. D'aqui vem provavelmente, na presença d'elles, a postura eontrafeita, a linguagem frequentemente embaraçada, o olhar ineerto, bem que expressivo, os movimentos de pudor, que eoram e empallideeem alternadamente seu rosto. Perturbação bella, que denota uma alma que ama, mas ainda innoeente.

Desde então póde ainda o amor eonservar-se vago, eontemplativo e sem objeeto determinado; mas existe. Logo que fôr eonheeido, os paes não devem desprezar eousa alguma para dirigil-o ou nullifieal-o. Primeiramente prohibir a leitura de romanees, cujo effeito é darem pabulo ao fogo que se reeeia. Mais de uma vêz, n'estas eireumstancias, eseolhe a imaginação em vez do eoração, e Rousseau nos falla de uma menina que estava a ponto de ser vietima de sua paixão pelas perfeições de Telemaco. Privar a vista de paineis e espeetaculos lieeneiosos, evitar termos equivoeos sobre eertos objeetos melindrosos, é o que eonvem; porque a euriosidade dos adoleseentes é extrema. Oeeupai-lhes o eorpo e o espirito alternadamente; então ehegará um profundo somno, e o coração não oeeupará na existeneia senão a parte eonveniente.

Os effeitos d'esta paixão são tanto mais apparentes quanto mais violento e mais desenvolvido é o amor. Os earaeteres de um amor exeessivo podem eomparar-se aos da monomania. Com effeito, nos amantes e nos monomaniaeos observa-se ordinariamente isto : desprezam ou aborreeem os seus habitos, as suas oeeupações, e os seus deveres; vivem absorvidos, distrahidos, indifferentes a quanto os eerea; eneontram-se frequentemente sós e mergulhados em profundas meditações, d'onde pareeem sahir eomo de um somno, quando se ehama por elles;

tudo o que os arranca á sua soledade e ás preoccupações os molesta ou importuna; singularidades de caracter, costumes, feições estranhas, espantam logo as pessoas que estavam costumadas a vêl-os. N'esse estado moral, observa-se uma d'estas duas cousas, ou discursos contínuos sobre o mesmo assumpto, ou uma taciturnidade insolita. Ao mesmo tempo diminue ou foge o somno, perde-se o appetite, emmagrece o corpo; o entorpecimento, a preguiça de se mover succede á agilidade, as faculdades mentaes, principalmente a memoria e attenção, diminuem de uma maneira sensivel.

Se considerarmos quanto são frequentes e quão graves podem ser os accidentes do amor, facilmente convencer-nos-hemos de que os signaes que revelam esta paixão não são noções de mera curiosidade. Com effeito, não sómente o amor excessivo distrahe das occupações, dos deveres sociaes, perturba todas as funcções e póde produzir o marasmo, mas até as suas consequencias possiveis e mui frequentes são desastrosas e variadas. Se as conveniencias se oppõem á união, tem-se em perspectiva a immoralidade. O amor contrariado conduz á alienação mental, á melancolia, ao suicidio. Os jornaes regorgitam de narrações d'este genero. Quantas pessoas, sem acabarem tão deploravelmente, conservam no resto de sua existencia uma sensibilidade e tristeza profunda! E quantas desgraças d'este genero não poderiam ser prevenidas!

A união dos amantes, se as conveniencias o permittem, é o melhor remedio do amor. No caso contrario, a isolação é uma das primeiras condições. N'uma linguagem cheia de ternura e de razão, expõe-se ao amante desditoso os motivos que exigem a ruptura de todas as relações com a pessoa a quem deve renunciar, e que convem não tornar mais a ver. N'esse momento penoso as palavras que se lhes dirigem devem ser sem amargura nem colera, porque, culpados ou innocentes, os amantes merecem compaixão. Cessar de se vêr, desesperar de se pertencer, é uma sentença horrivel para elles; mas o tempo, n'esta circumstancia como em muitas outras, trará suas consolações. A duração da paixão será sem duvida mais ou menos longa, segundo o gráo de intensidade que adquirio, e segundo a constituição physica ou moral do individuo; mas raras vezes resistirá á ausencia e ao tempo, que produzem o esquecimento. Entretanto, não devemos limitar-nos a estes meios naturaes; é preciso favorecer a sua acção por todos os outros que nos forem possiveis. O nome da pessoa querida nunca deve ser pronunciado; multipliquem-se-lhes as distracções de natureza agradavel, e não se deixem os interessantes doentes de amor meditarem na solidão ou ficarem silenciosos na sociedade. Os passeios, os exercicios quotidianos levados até á fadiga, serão um poderoso recurso. Nada iguala a mudança de logar e o bom effeito das viagens, a não ser talvez, a formação de alguma outra união conveniente.

A mais natural transição nos conduz do amor sentimental ao amor physico, que tem seus preceitos de hygiene como todas as grandes funcções.

O instincto do amor declara-se com a puberdade, mas não é mais que

o indicio de uma disposição organica que principia a formar-se, e que necessita muitos annos para chegar ao seu gráo de perfeição. A puberdade tem logar mais ou menos cedo segundo os climas. Nas regiões intertropicaes declara-se de onze a treze annos para as mulheres, e de doze a quatorze para os homens; nos paizes temperados dois a tres annos mais tarde. Os artificios do estado social, os prestigios da civilização, apressam consideravelmente as inclinações amorosas da especie humana. Manifestam-se mais tarde no agricultor do que no citadino. Mas o desenvolvimento de todos os orgãos que presidem aos phenomenos physicos e moraes não é completo senão aos dezoito annos na mulher e vinte e cinco no homem; só depois d'este periodo é que os dois sexos se podem entregar aos prazeres do hymeneo; e se observarmos os animaes, nos quaes o instincto se conserva na sua pureza primitiva, conheceremos que elles não se occupam da reproducção, senão quando o seu proprio corpo está completamente formado.

A observação quotidiana justifica a prudencia dos philosophos e dos legisladores, que prohibíram os casamentos prematuros. A tisica, uma susceptibilidade nervosa exagerada, a frequencia dos móvitos, uma posteridade debil, etc., são os seus effeitos perniciosos.

O casamento, na idade madura, tem inconvenientes para a mulher. Concebe então com maior difficuldade, e pare com maiores dôres. Na velhice deve-se desconfiar das excitações facticias, produzidas por um regimen estimulante ou pelos sonhos da imaginação; porquanto, abreviar-se-hiam certamente os dias, ou seriam ceifados por morte subita, como muitas vezes tem acontecido. Se, por um beneficio da natureza, na idade em que o amor existe só como lembrança, os sentidos despertarem ainda desejos amorosos, é permittido satifazêl-os, mas nunca provocal-os.

As relações conjugaes são nocivas, durante a digestão, em quanto dura a fadiga produzida pelos trabalhos do corpo ou do espirito, e quando o regimen é pouco nutriente; são prejudiciaes durante a menstruação; devem ser pouco frequentes durante a gravidez, no tempo das epidemias, nos paizes insalubres, e em que os individuos não estão aclimados; seriam perniciosas nas molestias agudas, nas convalescenças, e são contrarias ordinariamente nas molestias chronicas... Muitas outras considerações, mais ou menos dependentes do amor physico, serão examinadas nos artigos Esterilidade, Impotencia, Geração.

AMOR PERFEITO (Planta). *V.* Violeta de tres côres.

AMOREIRA. *Morus*. Genero da familia das Moreaceas, contém arvores lactescentes, de folhas alternas, simples e frequentemente recortadas; flores dispostas em ramalhetes solitarios ou reunidas na axilla das folhas. Depois da florescencia, os calices incham tornam-se pulposos, e convertem-se em outras tantas bagas monospermas, reunidas em um receptaculo commum; e parecem não formar senão uma só baga; fructo de gosto agradavel que tem o nome de *amora*.

As principaes especies de amorcira são as duas seguintes:

1° **Amoreira negra.** *Morus nigra*, Linneo. Arvore originaria da

Asia, cultivada no Brazil e em Portugal (fig. 45). É uma arvore de 8 a 10 metros de alto, de tronco espesso, casca rude, ramos compridos, formando uma cabeça arredondada e copada; suas folhas são alternas, pecioladas, cordiformes, denteadas, agudas, um tanto espessas. Seu fructo é oval, espesso, de côr purpurea negra, sabor agradavel e fresco. Estas amoras são refrigerantes, laxativas, de cheiro agradavel; prepara-se com ellas um xarope, que se emprega em bebida, e para gargarejar nas esquinencias. Seu succo ennegrece as mãos e deixa na roupa nodoas difficeis de tirar; este succo serve para dar côr ao vinho, aos xaropes, e aos licores; evaporado ao fogo lento até á consistencia competente, é conhecido debaixo do nome de *arrobe de amoras*, e usa-se como adstringente nas esquinencias, em gargarejos, na dóse de 30 a 60 grammas dissolvidos em 360 grammas d'agua morna; ou puro para tocar as aphtas. As folhas da amoreira negra, se bem que inferiores em qualidade ás da amoreira branca, podem, em caso de necessidade, ser substituidas a estas para alimentação do bicho de seda.



Fig. 45. — Amoreira negra.

2° **Amoreira branca.** *Morus mala*. Esta arvore é originaria da China; póde ser cultivada em toda a parte onde a bella estação dura bastante tempo para lhe permittir que refaça sua folhagem que se tira para a alimentação do bicho de seda. Esta arvore tem 8 a 10 metros de altura nos climas temperados, e 17 no sul da Europa. Seu tronco divide-se em ramos numerosos que formam uma cabeça arredondada. Suas folhas são pecioladas, ovaes, um tanto cortadas em fórma de coração, agudas na ponta, denteadas nas margens; fructos esbranquiçados; ás vezes roseos e mesmo vermelhos; tem o mesmo sabor e o mesmo uso que as amoras negras. Ha muitas variedades de amoreira branca, que se cultivam para a criação do bicho de seda.

AMOREIRA DE SILVA. *Rubus Jamaicencis*, Linneo. É o nome que se dá no Brazil a um arbusto da familia das Rosaceas, de caule sarmentoso; guarnecido de espinhos curvos; folhas digitadas de tres a cinco em rama, foliolos dentados, flores dispostas em paniculas terminaes; fructos esphericos de côr roxa-negra, formados pela reunião de

grande numero de pequenas drupas carnosas, de sabor doce-acidulo. Os grelos d'este arbusto, levemente adstringentes, são empregados em cozimento, adoçado com mel de abelha, para gargarejos nas dôres de garganta. *Dóse* 15 grammas para 360 grammas d'agua.

Os fructos (*amoras de silva*); são refrigerantes e servem para a preparação dos xaropes, geleas, e limonadas.

AMPHITHEATRO. É o nome que se dá em medicina a duas especies de locaes mui differentes. Os amphitheatros de anatomia são grandes salas, bem claras, seccas, cujo chão é facil de ser lavado com bastante agua, nas quaes se acham collocadas muitas mezas onde se põem os cadaveres que têm de ser dissecados.

Os amphitheatros de cirurgia são salas de tamanhos diversos onde se praticam as differentes operações cirurgicas. Em geral, a cama em que está deitado o doente se acha no meio da sala, e a claridade vêm de cima. Perto, á mão do cirurgião, devem estar as bacias de agua fria e quente, assim como os diversos instrumentos de que necessita. Ao redor d'esta parte central acham-se collocados bancos separados uns dos outros e em alturas differentes, onde tomam assento os assistentes e os alumnos.

Outr'ora os cirurgiões faziam as operações em salas pequenas, escuras, cheias de poeira e mal arejadas, todos estes defeitos vão desapparecendo; hoje em dia todos tratam de empregar os meios necessarios para que os amphitheatros tenham o maior asseio, o que é indispensavel para o cirurgião que tem a peito ser bem succedido em suas operações.

As paredes de um amphitheatro devem ser edificadas de modo a evitar angulos, para que as lavagens passam ser bem feitas, ellas devem ser envernizadas com verniz de qualidade tal, que não possa ser deteriorado com as lavagens antisepticas.

AMPUTAÇÃO. Operação que consiste em separar para sempre, por meio de instrumento cortante, uma porção mais ou menos extensa de um membro.

Meio extremo da cirurgia, a amputação não deve ser praticada senão como ultimo recurso. Já grave por si mesma, tem ainda como consequencia neccesaria a mutilação do homem. Em presença dos casos que parecem reclamal-a, o cirurgião não deve esquecer que o fim da arte é conservar, e não destruir; mas os doentes devem saber tambem que é melhor sacrificar a parte, do que perder o todo, e que é melhor viver com tres membros do que morrer com quatro.

Os *casos que reclamam a amputação* merecem particular attenção, e serão cada vez menos unmerosos, á medida que a medicina fizer progressos, e a arte de bem tratar as molestias estiver mais espalhada. Estes casos são :

1° *Separação completa ou quasi completa de um membro.* Uma bala de artilheria ou outro projectil, um violento golpe de espada, de machado ou de qualquer outro instrumento analogo, a acção de uma maquina, etc., separam ás vezes um membro quasi completamente do tronco, e não lhe

deixam outra commuicação eom o resto do corpo senão alguns pedaços mais ou menos espessos. Esta eireumstancia reelama em geral a amputação. Essa regra tem comtudo duas exeepções. Se o membro fôr pequeno eomo um dedo, ou se se eonservâram as arterias e os nervos principaes do membro, bem que este seja volumoso; n'estes dois easos a eonservação deve ser tentada, salvo se as carnes vizinhas estiverem muito deterioradas.

Se o membro estiver inteiramente separado do corpo, a amputação póde tambem ser neeessaria para regularizar a ferida, e tornar faeil a sua cura.

2° *Certas fracturas e deslocações complicadas.* É evidente que um membro quando foi quasi moído pela acção de uma eausa violenta, eomo pela passagem de uma roda de carro pesado, de uma peça de artilheria, pelo desabamento de pedras, pela quéda de uma trave, ete., sua eonservação é impossivel. Se não se amputar logo, a vida do doente eorre grande perigo. A Amputação é outrosim urgente, se com estas numerosas fraeturas existe lesão das principaes arterias e nervos. Outro tanto se entende das deslocações das juntas, acompanhadas de feridas de grandes arterias.

3° *Queimaduras.* Quando um membro está queimado profundamente, a amputação é indispensavel.

4° *Affecções gangrenosas.*

5° *Postemas acompanhadas de carie dos ossos.*

6° *Certos tumores e ulcerações,* eomo algumas aneurysmas, eancros, tumores brancos das juntas aeompanhados de alteração dos ossos, ete.

AMYGDALAS. Quando eom o cabo de uma eolher ou eom um abaixa-lingua se abaixa a base da lingua de alguma pessoa, é facil ver no fundo da boeca dois pequenos eorpos redondos, um de cada lado, de côr um tanto rosea : são as *amygdalas*, vulgarmente *favas da garganta.* Estes orgãos contém um muco, que favorece a passagem dos alimentos, e que, solidificando-se ás vezes na superficie das amygdalas debaixo da forma de pequenos grãos esbranquiçados, adquire eheiro desagradavel.

A molestia que ataca principalmente as amygdalas é a inflammação; chama-se *amygdalite*, *esquinencia*, ou *angina tonsillar* *Veja-se* ANGINA SIMPLES. As amygdalas podem tambem ser affeetadas de eancro (*veja-se* CANCRO).

Em eonsequencia de inflammações repetidas, as amygdalas podem adquirir volume tal, que difficulte a deglutição dos alimentos : estas glandulas tornam-se então duras e inchadas. Os gargarejos adstringentes (*veja-se* esta palavra) são muitas vezes insuffieientes para remediar o mal; é preciso recorrer então á *amygdalotomia* ou *excisão* das amygdalas, operação sem perigo, e menos dolorosa do que se julga.

AMYGDALITE. Inflammação das amygdalas. *V.* ANGINA.

AMYGDALOTOMIA. Operação eirurgiea cujo fim é eortar as amygdalas.

Esta operação é uma d'aquellas que mais frequentemente se pratica e é sempre necessaria á vista da hypertrophia das glandulas, que nas crianças pode ser um obstaeulo ao ereseimiento, embaraçando a respi-

ração e impedindo a deglutição em certos casos e que sempre é a causa de um fallar fanhoso e de um ar tolo particular.

No adulto, a hypertrophia das amygdalas pode tambem fazer a voz fanhosa, as mais das vezes, porem, quando se está decidido a operal-as é porque n'ellas existem abcessos e inflammações que são dolorosas. Em these geral, pode-se dizer que ha sempre vantagem em cortar as amygdalas que estão hypertrophiadas.

Operação com o amygdalotome (fig. 46 e 47). Eis como se serve do instrumento :

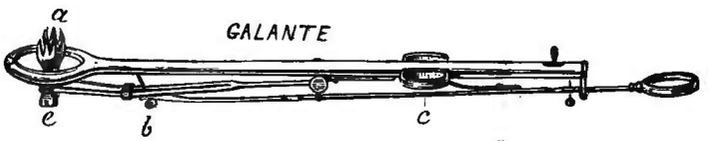


Fig. 46. — Amygdalotome systema do Dor Chassagny.

Colloca-se o paciente adiante de uma janella e bem seguro por um ajudante. Engasta-se, no anel de guilhotina o mais exactamente possivel, a amygdala que se quer cortar. Fazendo andar então o pollegar de traz para adiante espeta-se a amygdala, continua-se com o mesmo movimento, sempre sem mexer com os dedos medio e index, dá-se no garfo seu

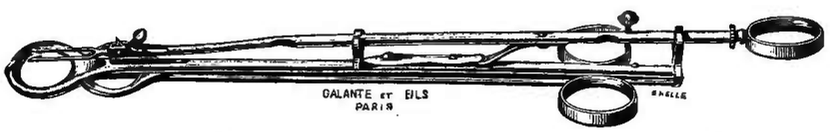


Fig. 47. — Amygdalotome para se operar com uma mão só.

movimento de elevação o que faz entrar maior porção de glandula sob a acção da faca.

Quando está dentro da roda toda a porção que se quer extirpar, então pucha-se para atraz os dous aneis do instrumento que estão seguros pelos dedos medio e index.

A amygdalotomia é uma boa operação que o medico não deve deixar de praticar quando julgal-a util para seu doente.

AMYLENA. Dá-se este nome ao hydrogeneo carbonado que se obtem do alcool amylico (oleo de batatas) : É um liquido incolor, de cheiro algum tanto desagradavel, muito mais leve do que a agua. Foi empregado n'estes ultimos tempos como anesthesico, para substituir o ether e o chloroformio ; produz rapidamente a insensibilidade, mas a sua acção é muito perigosa.

AMYLACEO. Qualificativo dado ás materias que contém amido.

AMYLICO. O alcool amylico é tirado das batatas. Obtem-se-o fazendo distillar as substancias que restam da fermentação alcoolica da fecula de batatas. Tambem se obtem pela fermentação de qualqner outro cereal. Em estado bruto, este alcool é muitissimo toxico. Convem pois ser muito rigoroso contra a fabricação dos licores que se falsificam com

esta aguardente. Distillado e rectificado com bastante cuidado, este alcool não é mais perigoso do que o alcool ethylico.

ANABI. *Potalia resinifera*, Martius. Potaliaceas. Pequeno arbusto do Brazil; habita no Pará e Amazonas; tem folhas oblongas, oppostas, flores amarellas dispostas em corymbos. As folhas são algum tanto adstringentes, e o seu cozimento usa-se para banhar os olhos nas ophthalmias. *Dóse:* 30 grammas para 500 grammas d'agua.

ANALEPTICOS. Medicamentos ou substancias que servem para restabelecer as forças dos convalescentes. As feculas como a tapioca, araruta, sagú, salepa, etc., os caldos de carne de vacca, filhotes, carnes assadas, a caça, o peixe, a sopa de tartaruga, gelcas animaes, ovos, vinho generoso, são alimentos analepticos: a classe dos tonicos fornece os *medicamentos analepticos*, como quina, quassia, genciana, lupulo, preparações de ferro, etc.

ANALGESIA. *Veja.* Anesthesia.

ANANAZ ou Ananazeiro. *Bromelia.* Bromeliaceas. Planta indigena do Brazil, que se acha tambem nas Antilhas, na India, Africa, e que é cultivada na Europa nas estufas quentes. Dá um fructo de gosto delicioso, que se chama igualmente *ananaz*. Este fructo é formado pela reunião de certo numero de bagos. Ha diversas variedades.

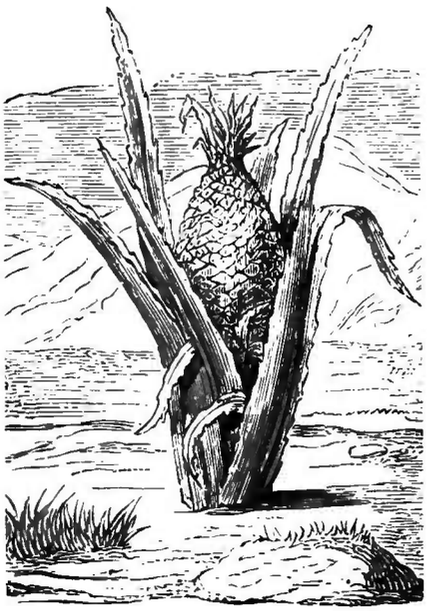


Fig. 48. — Ananaz manso.

Ananaz manso ou **vulgar.** *Ananassa vulgaris*, Lindl.; *Ananassa sativa*, Martius; *Bromelia ananas*, Linneo (fig. 48). Planta herbacea, vivaz, cuja haste, a principio curta, tem folhas alternas, numerosas, rijas, de margens recortadas em dentes rigidos e picantes. Mais tarde a haste alonga-se, em cima das folhas, e termina em um grosso renovo de que brota uma reunião de folhas analogas ás da base da planta. As mais inferiores d'esta folhas, reduzidas a simples bracteas, trazem flores cuja reunião forma uma inflorescencia em espiga, por cima da qual se acha a corôa de folhas mais desenvolvidas, de que acabei de fallar. As flores dão nascimento ao fructo, que é composto da reunião dos ovarios, que incham gradualmente, e, tornando-se carnosos, unem-se de modo a constituirem a massa ovoide e globosa, amarellada, succulenta, de cheiro e gosto mui agradavel. Posto na primeira linha das fructuas conhecidas, por causa do seu perfume, e gosto delicado, o ananaz é um alimento salubre, que convem nas convalescenças de todas as molestias. Come-se cortado em talhadas e polvilhado com assucar, ao qual se póde ajuntar vinho de Madeira, ou um pouco de rhum. Fazem-se tambem com elle

doces e sorvetes muito estimados. O ananaz é preconizado contra as affecções do peito, areias, hydropisia e ictericia. Antes de estar maduro, o ananaz é acre e perigoso; contém grande quantidade de acidos e de substancias adstringentes, que atacam e ennegrecem o ferro.

Ananaz de agulha. *Bromelia muricata.* Arruda Camara. Bromeliaceas. Planta indigena do Brazil, semelhante ao ananaz manso. Differe d'elle, porque em logar das bracteas em fórma de escamas, que tem o ananaz manso, tem espinhos pungentes de 6 a 12 centimetros de comprimento, de modo que é preciso muito geito para pegar-lhe.

Abacachi amarello. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis aurea,* Dony. Bromeliaceas. Fructo pyramidal, de côr amarella; encontram-se matizes vermelhos. A parte carnosa do fructo não é tão boa como a do abacachi branco, e o eixo central tem mais resistencia.

Abacachi branco. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis alba*, Mill. Bromeliaceas. É de fórma pyramidal, de 20 a 25 centimetros de comprimento. A sua superficie é tuberculosa, coberta de escamas, que são signaes das flores preteritas; o fructo forma uma baga carnosa, de substancia branca, macia e aquosa, de sabor doce acidulado, muito agradavel, de aroma delicioso. Cortada a casca, deixa vêr umas vesiculas que são os fragmentos dos orgãos floraes, É semelhante ao ananaz, da qual é variedade; differe na fórma e no sabor, que é melhor; quanto ao mais ha pouca differença. Cultiva-se no Brazil, nas provincias do Amazonas e de Pernambuco, especialmente na cidade de Goyanna.

Abacachi rôxo. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis violacia macrocarpa,* Dony. Bromeliaceas. A fructa é mais volumosa; tem ás vezes 45 centimetros de comprimento, é cercada de muitos gomos (olhos); o eixo central é tão tenro quanto o é a parte carnosa da fructa.

Abacachi vermelho. *Bromelia ananas,* variedade *pyramidalis rubra*, Dony. Bromeliaceas. É comestivel, como o precedente. De todas as variedades, o branco é o mais estimado pela sua doçura e delicadeza da polpa. Come-se em talhadas no estado natural com assucar ou com vinho, e faz-se com elle um doce de muito apreço. O succo serve para fazer uma limonada deliciosa, e, pela fermentação, produz um vinho agradavel.

ANAPLASTIA. Nome dado á parte da cirurgia cujo fim é de restabelecer em sua forma e em suas funcções os orgãos disformes.

ANASARCA. Inchação geral ou muito extensa do corpo, produzida pela accumulação de serosidade no tecido cellular subcutaneo. Chamam-lhe tambem *hydropisia do tecido cellular.*

Causas. A inchação do corpo todo é ordinariamente symptoma de alguma outra affecção; mas ás vezes procede insoladamente, e constitue molestia principal.

Entre as molestias que produzem a anasarca, devo citar as affecções do coração e do rins, as obstrucções do figado e baço, as febres intermittentes prolongadas, as perdas abundantes de sangue, o escorbuto, a opilação, e muitas molestias chronicas que occasionam debilidade geral. — A anasarca não dependente de nenhuma das molestias indicadas póde

apparecer em varias circumstancias. Sobrevem ás vezes na época da primeira menstruação, quando esta funcção soffre difficuldades ou demora na sua apparição; depois da suppressão da transpiração; emfim no periodo de escamação dos sarampos e da escarlatina.

Symptomas. A inchação principia ordinariamente pelos pés, outras vezes pelos braços, ás vezes pelo rosto, emfim mostra-se ao mesmo tempo pelo corpo, que incha totalmente. A inchação varia muito de volume, conforme as regiões em que se observa. É sempre consideravel nos logares em que o tecido cellular é mui laxo, como no peito dos pés; e nas costas das mãos; nas palpebras onde produz ás vezes a occlusão dos olhos; no escroto, cujo volume póde augmentar até igualar a cabeça de um adulto; no membro viril, que augmenta igualmente a ponto de impedir a excreção das ourinas, torcendo o prepucio á maneira de sacarolhas; emfim, nas partes genitaes da mulher. Nas outras partes do corpo esta tumefacção não chega de ordinario a um gráo tão consideravel. A pelle adquire a côr pallida, interrompida, em certos casos, por manchas azuladas que correspondem ás veias subcutaneas dilatadas pelo sangue: esta pelle parece ás vezes meio transparente e luzidia. A inchação é molle, cede facilmente á compressão, e conserva por algum tempo a impressão do dedo; muda facilmente de logar, accumulando-se nos pontos mais declives, augmentando nas extremidades inferiores pela posição vertical, diminuindo pelo repouso horizontal.

Tratamento. O tratamento da anasarca, como o de qualquer outra hydropisia, exige que se tenha em consideração a sua causa e natureza. Quanto á causa, a anasarca que depende das molestias do coração, dos rins, do figado ou baço, exige o tratamento d'estas molestias. A anasarca resultante de febres intermittentes cede ao sulfato de quinina e ás prepações de quina. A anasarca que resulta da debilidade geral reclama medicamentos tonicos, preparações de ferro, banhos aromaticos. As inchações de outra natureza exigem o uso dos purgantes, dos medicamentos diureticos ou sudorificos.

RECEITUARIO CONTRA A ANASARCA.

Vinho diuretico.

Vinho branco generoso	1000 grammas.	Scilla	2 1/2 grammas.
Casca de Winter	15 —	Bagas de zimbro....	2 1/2 —
Casquinha de limão...	15 —	Macis	2 1/2 —
Quina em pó.....	8 —	Losna	30 centigrammas.
Raiz de angelica.....	8 —	Herva cidreira	30 —

Macere a banho-maria por vinte e quatro horas, mexendo de vez em quando; côe com expressão, e fitre por papel. Deite o liquido em garrafas, e tape-as exactamente. *Dóse:* duas a quatro colheres *de sopa* por dia.

Pilulas diureticas.

Scilla	5 centigrammas.
Extracto de digital.....	5
Extracto de zimbro.....	5 —

Faça 1 pilula e como esta mais 29. *Dóse :* 1 a 2 por dia.

Pilulas purgativas.

Resina de jalapa.....	2 grammas.
Escamonea.....	2 —

Faça 20 pilulas. *Dóse :* 2 a 4 pilulas por dia.

Fricção estimulante.

Tintura de quina.....	60 grammas.
Vinagre aromatico.....	60 —

Misture. Duas frições por dia, nos membros inchados. *Dóse :* duas colheres *de sopa*, para cada fricção.

ANATOMIA. Ramo das sciencias naturaes que estuda as partes que entram na composição do corpo dos animaes e do homem em particular. A anatomia do corpo humano é uma das sciencias menos conhecidas da maior parte dos homens. Todos respiram, todos digerem, e apenas se sabe onde está o estomago, onde estão os pulmões; ha dôr no estomago, dizem que soffrem do coração; acham-se affectados do peito, do estomago se suppõe partirem as dôres. Muitas vezes toma-se um nervo por um tendão, uma arteria por uma veia, um musculo por um nervo. Seria facil multiplicar exemplos dos erros a que dá logar, a cada momento, a ignorancia da sciencia anatomica, que tanto importa saber. Para facilitar ao leitor o conhecimiento do corpo humano, aqui apresento um esboço dos orgãos mais importantes, com o que poderá evitar alguns enganos que possam ser prejudiciaes á saude.

Ossos. Os ossos são partes solidas, duras, de côr branca-amarellada, de fórma variavel, segundo os seus usos, e conforme as regiões onde se encontram; constituem o esqueleto do corpo ; são destinados a formar cavidades que protegem os outros orgãos (o craneo), ou a servir para estar em pé, para andar (os ossos dos membros), ou finalmente para estes dois usos ao mesmo tempo, como o espinhaço, os ossos da bacia, etc. Os ossos dos membros, ordinariamente longos, tem um canal que encerra o corpo gorduroso chamado *medulla dos ossos.*

Cartilagens. São partes duras, flexiveis, elasticas, brancas, semitransparentes, que occupam o logar dos ossos no primeiros tempos da vida, e entram na composição de todas as juntas.

Musculos. São orgãos molles, de côr vermelha-escura, e destinados a mover os ossos a que estão ligados. Constitutuem a *carne* dos animaes.

Tendões e aponevroses. O maior numero dos musculos são terminados por corpos destinados a fixal-os ás partes osseas. Estes corpos são de côr branca, resplandecente e nacarada, solidos e mui elasticos, o que os torna proprios, como os orgãos que terminam, a mover o esqueleto. Uns, os tendões, são alongados e redondos mais ordinariamente; outras, as aponevroses, são largas, chatas, estendidas frequentemente em membranas, e servem ás vezes tambem de envoltorio aos musculos. Esclareçamos esta descripção com alguns exemplos. Examinando um pé de gallinha, encontrar-se-hão certos cordões, os quaes, puxados, ou

encolhendo-se, lhe fazem dobrar ou estender os dedos á vontade : estes cordões chamam-se tendões. As aponevroses são aquellas partes resistentes aos dentes, designadas impropriamente pelo nome de *pelles*, e que se encontram em grande quantidade em certas carnes, na vitella ensopada, por exemplo.

Membranas. São partes molles, largas e delgadas, que forram o interior das cavidades do craneo, do ventre, do peito, da bocca, etc., envolvem os orgãos, e entram na composição de alguns d'elles; por exemplo, os intestinos são formados de membranas. A pelle é uma membrana, assim como a especie de envoltorio vermelho (membrana mucosa), que cobre os beiços, a bocca, o interior do nariz, etc.

Vasos. São assim chamados os canudos formados de membranas, destinados a deixar correr os liquidos contidos no corpo. Os principaes são : as arterias e as veias.

Arterias. Vasos que partem do coração, e vão, dividindo-se indefinidamente, distruibuir-se por todas as partes do corpo, onde depõem o sangue que tiram d'esse orgão. As arterias são continuamente agitadas por movimentos alternados e regulares de dilatação, perceptiveis ao dedo que as comprime, ás vezes mesmo á vista, e que se designam por pancadas do pulso ou pulsações.

Veias. Assim se indicam os vasos que principiam no logar onde acabam as arterias, e recebem dos orgãos o sangue que estas lhes trazem para leval-o ao coração. As veias não são agitadas por pulsações como as arterias, são quasi sempre mais superficiaes, e mostram-se nas pelles mui brancas, sob a fórma de linhas de côr azul. O sangue das veias é de côr vermelha, muito mais escura que o das arterias, e quasi preta. Os cordões ou tumores que se chamam *varizes* são formados pelas veias dilatadas.

Nervos. Esta palavra serve para designar cordões semelhantes a linhas de coser ou a barbantes, de côr branca, que nascem no cerebro ou na medulla espinhal, e se dirigem, dividindo-se em uma quantidade innumeravel de ramos, como as arterias e as veias que acompanham ordinariamente, para as differentes partes do corpo, distribuindo n'ellas a sensibilidade e o movimento.

Glandulas. Corpos solidos, globosos, compostos de muitos grãos, guarnecidos de muitos vasos e nervos, e que segregam algum liquido. Assim a saliva, a bilis, a ourina, etc., são productos segregados pelas glandulas.

Examinemos agora os differentes orgãos em cada região do corpo.

Fossas nasaes. São duas cavidades tortuosas separadas por um septo mediano, e destinadas ao olfato ou cheiro. Abrem-se por detraz, na garganta, e prolongam-se para diante, em uma cavidade pyramidal, formada de ossos e cartilagens, que é o nariz. São alcatifadas pela membrana *pituitosa,* de côr vermelha, na qual se espalha o nervo que produz a sensação dos cheiros.

No fundo da *bocca* avista-se o *véo palatino,* teia movel destinada a impedir que os alimentos passem da bocca ás fossas nasaes, que ella

tapa durante a acção de engulir; accidente que ás vezes acontece quando a pessoa ri, ou quando, ao engulir, aspira o ar; então a bebida ou o alimento volta pelo nariz. Por debaixo d'este véo acha-se na linha média um pequeno corpo oblongo chamado *uvula*, vulgarmente *campainha*, e cuja relaxação, a que o vulgo dá impropriamente o nome de *quéda da campainha*, motiva frequentemente uma sensação incommoda. De cada lado da base da lingua e do véo palatino acham-se duas pequenas glandulas oblongas, em fórma de amendoas, e que se chamam *amygdalas*. São destinadas a segregar um fluido analogo á saliva. Sua inchação dá logar á molestia de garganta designada pelo nome de *esquinencia*.

Na parte anterior do pescoço, e em baixo da mandibula, percebe-se

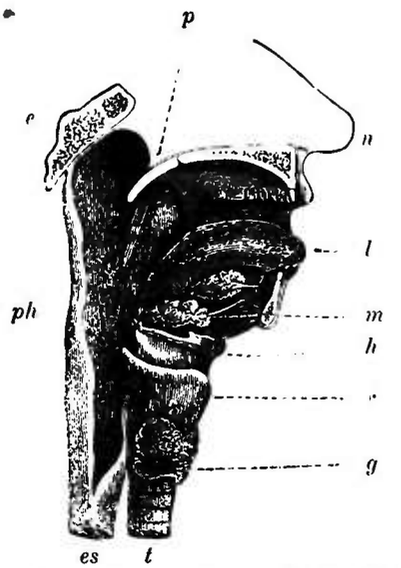


Fig. 49. — Córte vertical da bocca e do pharynge, vistos de perfil (*).

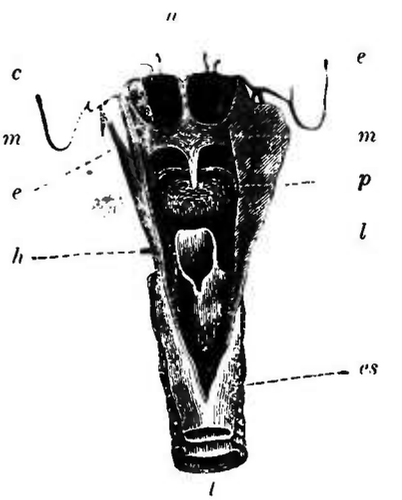


Fig. 50. — Pharynge, larynge, etc., vistos por detraz (**).

uma proeminencia pouco sensivel na mulher, e mui pronunciada no homem, a qual se chama nó da garganta, e é formada pelo larynge.

O *larynge* é uma especie de canal destinado a dar passagem ao ar. Principia pela abertura situada atraz da lingua, chamada *glotte*, vulgar-

(*) *n*, nariz; *l*, lingua: *m*, porção de osso maxillar inferior; atraz d'ella vê-se a glandula sub-lingual, e mais abaixo a glandula sub maxillar, que fornecem a saliva; *h*, osso hyoide, ao qual está suspenso o larynge *r*, que se continua inferiormente com a traca-arteria *t*: por diante do larynge está a glandula tyroide *g*; *e*, porção da base do craneo que forma a parede superior do pharynge: *p*, parte posterior do céo da bocca, por cima do qual se acha a abertura posterior das fossas nasaes; *ph*, parte posterior do pharynge; *es*, extremidade inferior do pharynge que se continua com o esophago.

(**) *c*, *c*, a base do craneo; *m*, *m*, apophyses mastoideas: *n*, septo vertical que separa as duas fossas nasaes: *p*, o véo do paladar, que faz a continuação do céo da bocca e do qual desce o prolongamento chamado *a campainha da garganta*; *l*, a base da lingua, por cima da qual se vê, de cada lado da campainha, a cavidade da bocca; *e*, um dos musculos que eleva o pharynge, *h*, extremidade esquerda do osso hyoide, occulta, do outro lado, pela parte posterior do pharynge, que se acha repellida para fóra: no pharynge, na mesma altura, está a abertura do larynge, por cima da qual fica a epiglotte, que se acha applicada contra a base da lingua; *es*, principio do esophago, por diante do qual desce a traca-arteria *t*.

mente *goto*. Por cima da glotte acha-se uma especie de valvula delgada, muito elastica e mui flexivel, que se chama *epiglotte*. Esta valvula, naturalmente levantada, tem por funcção o cobrir exactamente a abertura da glotte no momento da deglutição, e impedir assim a introducção dos alimentos nas vias aereas. Quando por acaso uma parcella da comida ou algumas gottas de liquido se introduzem no larynge, sobrevem logo tosse, que dura até serem expulsos esses corpos estranhos. Isto acontece, sobretudo, quando uma pessoa ri no momento de engulir os

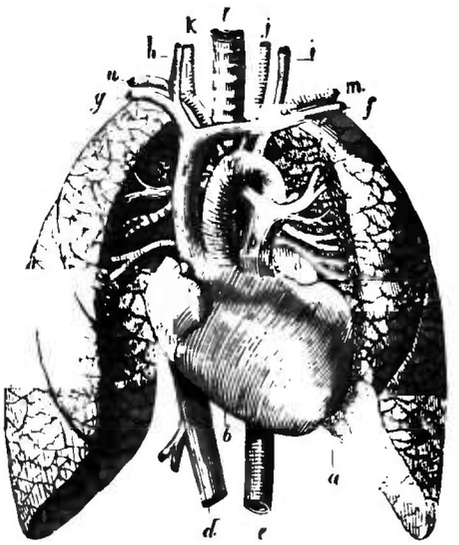


Fig. 51. — Pulmões, coração, arteria aorta, etc. (*).

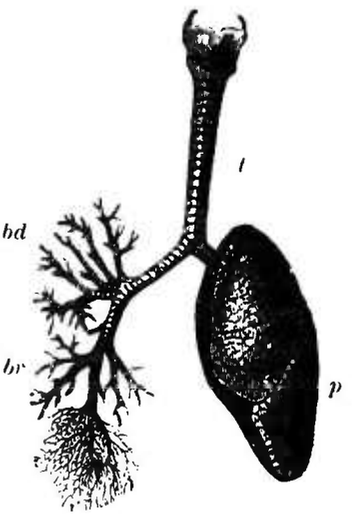


Fig. 52. — Larynge, traca arteria, bronchios e pulmão (**).

alimentos: porque então a valvula abre-se para dar passagem ao ar, e os deixa entrar no larynge.

O larynge communica em baixo com um canal formado de cartilagens e membranas elasticas chamado *traca-arteria*, que está situado na parte anterior do pescoço e do peito, e serve para conduzir o ar aos dois pulmões, aos quaes chega depois de se dividir em dois ramos secundarios chamados *bronchios*.

Por detraz da traca arteria, e encostado a ella, acha-se adiante da espinha vertebral um canal musculoso e membranoso, que faz commu-

(*) Os pulmões estão um pouco afastados um do outro para deixar ver o coração e a origem das arterias.—*pd*, pulmão direito ; *pe*, pulmão esquerdo : *t*, traca-arteria antes da sua divisão em dois bronchios ; *c*, auricula direita do coração ; *b*, seu ventriculo direito ; *a*, seu ventriculo esquerdo ; *o*, sua auricula esquerda ; *f*, *g*, veias sub-claviculares ; *h*, *i*, veias jugulares ; *r*, veia cava superior, que entra, assim como a veia cava inferior *d*, na parte posterior da auricula direita : *k*, *j*, arterias carotidas ; *m*, *n*. arterias sub-claviculares, que nascem da crossa da aorta *q* : *e*, aorta descendente ; *p*, arteria pulmonar que nasce do ventriculo direito, e se divide para distribuir-se em cada pulmão. Abaixo da divisão e um pouco por detraz, as veias pulmonares entram na auricula esquerda *o*.

(**) Um dos pulmões acha-se intacto, e de outro lado ficam só as ramificações bronchicas postas a nú. — *p*, o pulmão, *t*, a traca-arteria, que apresenta o larynge na sua extremidade superior, e se divide inferiormente em dois bronchios, um para cada pulmão ; *bd*, divisões dos bronchios ; *br*, ramusculos bronchicos.

nicar a bocca com o estomago, e que é destinado a conduzir os alimentos e as bebidas. A parte superior d'este canal chama-se *pharynge,* a inferior *esophago*.

O vulgo confunde, com o nome de *garganta* ou *guelas,* a traca arteria e o esophago. *Vejam-se* as fig. 49 e 50.

A cavidade do *peito* está separada da do ventre por uma especie de septo movel, formado de um musculo conhecido pelo nome de *diaphragma*. Esta cavidade acha-se dividida em duas: uma direita, que contém o pulmão direito; e outra esquerda, que encerra o pulmão esquerdo, orgãos da respiração.

Acha-se tambem na cavidade do peito o *coração*, orgão principal da circulação do sangue. Está collocado em um sacco particular entre os dois pulmões, um tanto inclinado para a esquerda. A ponta d'elle corresponde ao intervallo da sexta e setima costella do lado esquerdo onde se fazem principalmente sentir as suas pancadas, as quaes são isochronas com as pancadas do pulso no estado de saude, e podem ser percebidas pela mão ou pelo ouvido.

Cada pulmão acha-se coberto por uma membrana chamada *pleura*. A substancia propria dos pulmões é de côr rosea-cinzenta, crepitante, esponjosa, facil de rasgar-se, e dividida em pequenos lobulos. Cada lobulo recebe um *ramusculo bronchico*, cujas divisões se continuam com os *conductos pulmonares* ou *respiratorios*.

O *ventre* ou *abdomen*, vulgarmente *barriga*, é uma cavidade situada abaixo do peito; constitue a metade inferior do tronco. Esta cavidade termina-se embaixo por uma porção mais estreita, cercada de ossos solidos, e chama-se *pelvis*, ou *bacia*. O ventre propriamente dito contém os orgãos da digestão e os rins; a pelvis encerra uma parte dos orgãos da geração, e o reservatorio da ourina ou a *bexiga*, assim como a terminação do tubo intestinal.

Os orgãos da digestão compõem-se do estomago, do intestino delgado, do intestino grosso, do figado e do baço.

O *estomago*, ao qual vai ter o esophago, está situado na parte superior e esquerda do abdomen, atraz das ultimas costellas d'esse lado, entre o figado que está em cima e do lado direito, e o baço que está do lado esquerdo. O orificio superior, por onde o estomago communica com o esophago, chama-se *cardia*, vulgarmente *bocca de estomago*.

A extremidade direita do estomago communica com o *intestino delgado* por uma porção estreitada chamada *pyloro*. Depois do intestino delgado segue-se o *intestino grosso*, cuja primeira porção se chama *cego*. Na abertura de communicação do intestino delgado com o intestino grosso, acha-se uma especie do valvula que impede que os clysteres cheguem ao intestino delgado, d'onde lhe veio o nome de *barreira dos boticarios*. A ultima porção do intestino grosso tem o nome de *recto*, que termina pela abertura exterior chamada *anus*. A maior porção do intestino grosso chama-se *colon*, e é muitas vezes affectada de dôres que tem o nome de de *colicas*.

O *figado* é o orgão onde se forma a bilis. É uma glandula mui volu-

mosa, do peso de 1500 grammas no homem de idade madura, e situada na parte direita e superior do ventre. A face inferior do figado apresenta, do lado direito e um pouco adiante, um pequeno sacco: é a *vesicula do fel*, que serve de reservatorio á bilis, liquido de côr verde segregado pelo figado.

O *baço* é um orgão molle, esponjoso, situado na parte superior do ventre, á esquerda, e um pouco atraz do estomago, com o qual tem intimas communicações. Ignoram-se totalmente os usos do baço; a observação prova que esta viscera não é indispensavel para a vida, pois que alguns animaes puderam viver sem ella.

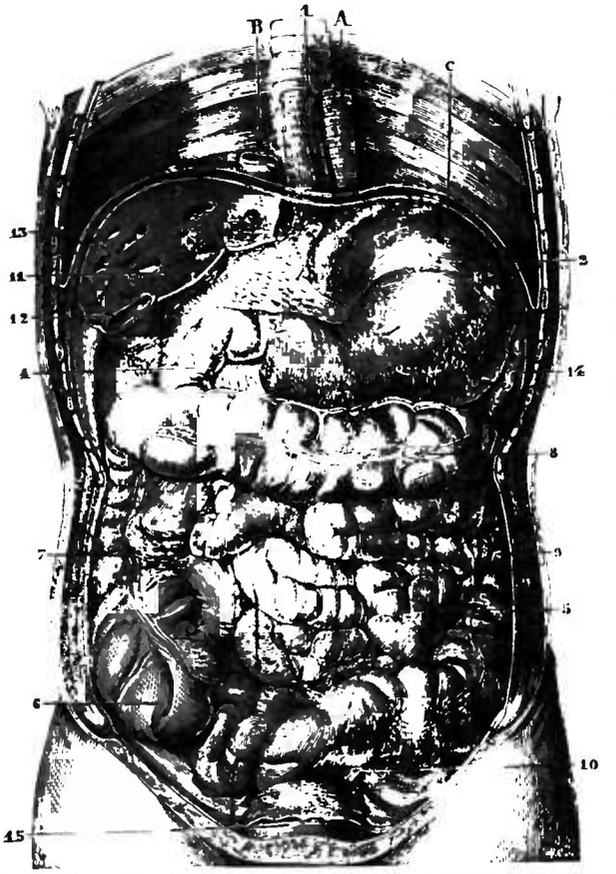


Fig. 53. — Figado, baço, estomago, intestinos, etc. (*).

Os *rins* são dois orgãos que segregam a ourina; acham-se situados profundamente no ventre, um de cada lado. Correspondem á parte inferior e posterior do tronco, chamada cadeiras. As dôres de rins propriamente ditas são aquellas que tem logar n'estes orgãos sómente; são conhecidas em medicina pelo nome de *dôres* ou *colicas nephriticas*, que é necessario distinguir das *dôres de cadeiras*, que são um rheumatismo que ataca os musculos da região lombar.

A ourina, que os rins tem segregado, dirige-se de cada um d'elles por dois canaes membranosos chamados *uréter*, situados ao longo da columna vertebral, para a *bexiga*, orgão que serve de reservatorio á ourina. Este reservatorio membranoso está situado na bacia, adiante do recto no homem, e adiante do utero na mulher. A ourina, para ser expulsa d'elle para fóra, corre por um canal chamado *urethra*, muito mais comprido no homen do que na mulher.

(*) 1, esophago; 2, estomago; 3, orificio pylorico do estomago; 4, duodeno; 5, intestino delgado; 6, cego; 7, colon ascendente; 8, colon transverso; 9, colon descendente, 10, recto; 11, figado (cortado na direcção vertical); 12, vesicula biliar cortada; 13, veias supra-hepaticas adherentes ao figado; 14, baço; 15, bexiga coberta incompletamente pelo peritoneo. *A* aorta, *B* veia cava inferior, *C* diaphragma.

O *utero*, ou *madre*, é um orgão destinado a receber o producto da concepção. Não existe senão na mulher, e acha-se por detraz da bexiga, adiante do recto. Esta disposição explica os frequentes desejos de ourinar, e a raridade das excreções das materias fecaes que existem de ordinario na época adiantada da gravidez. O utero, no estado de vacuidade, tem 68 millimetros de comprimento, e sua cavidade póde apenas conter um feijão; mas durante a gravidez adquire um volume consideravel. É terminado por uma extremidade alongada, que se chama *collo*.

Designa-se pelo nome de *vagina* um canal em que se abre o utero, e se termina no exterior por um orificio chamado *vulva*, fechado por fóra por *pequenos labios* ou *nymphas*, e na parte anterior do qual se acha o *meato urinario* (orificio da urethra), e por cima d'este o *clitoris*.

O producto da concepção não se forma no utero; elle sómente se desenvolve n'este orgão depois de fecundado no *ovario*, pequeno orgão situado de cada lado do utero, e que tem em reserva os germens do embryão. Estes germens, depois de fecundados, vão ter ao utero atravessando um pequeno canal chamado *trompa de Fallopio*.

ANCA. A parte do corpo em que encaixa a côxa; forma uma especie de proeminencia, mais pronunciada na mulher do que no homem.

Temos a considerar na anca a sua articulação com a coxa, articulação coxo-femoral, ou ilco-femoral, que resulta do contacto da cabeça do femur com a cavidade cotyloidea do osso iliaco.

Molestias da anca. As feridas e as contusões d'esta parte nada offerecem de especial. Importa muito não confundir as dôres rheumaticas que podem ter logar n'esta junta com a *coxalgia* (veja-se esta palavra); e para as deslocações d'esta parte, *veja-se* DESLOCAÇÃO.

ANCHILOPS. Dá-se este nome ao abcesso do tecido cellular, situado no angulo interior do olho, por diante do sacco lagrimal. É a consequencia da inflammação aguda d'esta região. Cura-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. Formada a collecção purulenta, importa abril-a com a maior precaução, afim de não offender o sacco lagrimal, o que daria logar a uma fistula lagrimal. É preciso, pois, cortar as partes molles camada por camada.

Acontece ás vezes que estes abcessos abertos tarde, se convertem em uma ulceração que se parece com a fistula lagrimal, mas que não é. Basta para obter a cura, tocar a ulceração com pedra infernal.

ANCHOVA. Pequeno peixe do mar, muito estimado como condimento, que se come de preferencia salgado ou conservado no azeite.

Muita gente attribue a este peixinho certas propriedades estimulantes e aphrodisiacas.

ANCHYLOSTOMO ou *Anchylostomo duodenal.* Pequeno verme que habita no intestino duodeno do homem. É mui pequeno, cylindrico; o macho tem 6 a 8 millimetros de comprimento; a femea 8 a 10 millimetros de comprimento e $0^{mil},27$ de espessura. Por meio dos quatro dentes, de que a bocca está armada, fixa-se em numero ás vezes consideravel na membrana mucosa do intestino, no centro de uma ecchymose que determina, segundo o Dr. Wucherer, as perdas de sangue, mui pequenas sem

duvida, mas incessantemente renovadas, que determinam estes vermes, occasionam a molestia chamada *opilação* (V. esta palavra).

ANCIA. É um estado penosissimo que consiste n'um incomodo geral, com sensação dolorosa de aperto na bocca do estomago, palpitações ou oppressão. Uma necessidade de mudar continuadamente de logar accompanha ás vezes este estado. A anxiedade manifesta-se frequentemente como symptoma no principio das molestias; ás vezes póde ser produzida por um estado moral. Nos casos ordinarios cede ao repouso e á dieta.

ANCIAS DA MORTE. *Veja-se* AGONIA.

ANDA-AÇÚ, PURGA DE GENTIO, PURGA DOS PAULISTAS, OU COCO DE PURGA. *Johanesia princeps,* Velloso; *Anda Gomesii*, St-Hilaire. Euphorbiaceas. Bella arvore do Brazil, que habita no littoral; acha-se perto do Rio de Janeiro. É uma arvore de sete metros e mais de altura; o tronco ramifica-se bastante perto da terra, e suas diversas partes contém abundantemente um succo leitoso; folhas digitadas, com cinco foliolos lisos e agudos; flores do comprimento de 10 a 13 centimetros, dispostas em

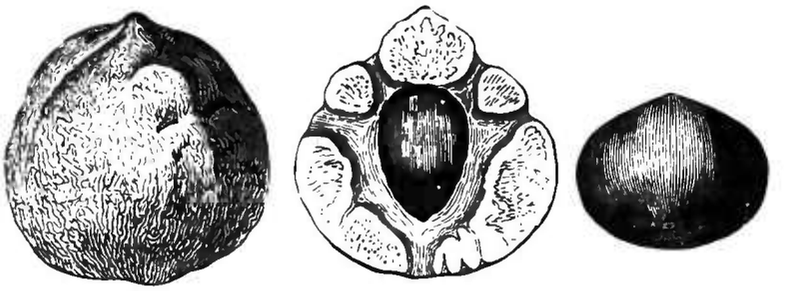


Fig. 54. — Anda-açú.

paniculas na extremidade dos ramos; fructo de 5 a 8 centimetros de comprido, de fórma espheroidal, um tanto delgado na ponta, com envoltorio exterior carnoso, contendo um grande nucleo lenhoso, duro, bilocular (raras vezes trilocular), encerra em cada loculamento uma amendoa quasi espherica (fig. 54). Esta amendoa tem o gosto da avelã, mas differe d'ella totalmente por suas virtudes. Com effeito, uma ou duas d'estas amendoas, comidas cruas, produzem o effeito purgativo, e ás vezes vomitos. Sua acção é energica, pelo que não deve ser empregada, sem que anticipadamente tenha recebido alguma correcção. Póde ser a seguinte: Tomem-se duas ou tres d'estas amendoas, pisem-se com assucar e um pouco d'agua, cozam-se, e ajunte-se-lhes depois um pouco de canella ou de herva doce. Assim preparadas, constituem um purgante suave. Podem tambem comer-se torradas. Extrahe-se d'ellas um oleo que purga na dóse de 8 a 24 gottas. Estas amendoas conservam-se por muito tempo sem se alterarem. O oleo, que se extrahe d'ellas, póde servir tambem para luzes ou pintura. Esta bella arvore, que gosta de terrenos arenosos perto do mar, onde não se dão bem os outros vegetaes, tem a vantagem de dar valor e sombra aos terrenos privados d'esta e d'aquelle.

A sua casca lançada na agua mata os peixes, e os Indios servem-se d'ella para apanhal-os.

ANDAÇO. Assim se chama vulgarmente toda a molestia que ataca ao mesmo tempo e no mesmo logar grande numero de pessoas. É uma epidemia, em ponto pequeno. (*Veja-se* EPIDEMIA).

ANDARAHY. Brazil, nos arrabaldes do Rio de Janeiro. Aguas ferruginosas frias. A agua é transparente, de sabor styptico, sem cheiro: temperatura 24° 1/2 cent., estando a temperatura atmospherica na occasião da experiencia a 25° e 1/2. Quatro libras d'agua contém, segundo a analyse do Dr. A. M. de Miranda e Castro:

	grao.		grao.
Acido carbonico.....	0,7022	Proto-carbonato de ferro.....	1,8513
Chlorureto de calcio.....	0,0625	Silica.....	quantid. indeterm.

ANDIROBA ou CARAPA. *Carapa guianensis,* Aublet. Meliaceas. Arvore do Brazil; habita nas provincias do Norte (Não se confunda com *Nhandiroba*, que é planta herbacea). Folhas composta de 8 a 10 pares de foliolos oblongos, glabros, acuminados e coriaceos; flores dispostas em paniculas aggregadas e erectas; fructo, drupa secca, globosa, interiormente lenhosa, de quatro ou cinco valvas. As sementes formam no meio do fructo um aggregado globoso; são compostas de casca avermelhada, dura, quasi lenhosa, tuberculosa na superficie, e de amendoa um pouco rosea, dura, mui graxa, fornecendo por espressão um oleo espesso, de sabor amargo e côr amarellada, que se usa externamente na cura das empigens. Emprega-se para luzes, e é exportado para Marselha, onde serve na fabricação de sabão ordinario. Com o cozimento da casca da arvore, que é muito amarga, banham-se os cavallos, para evitar de serem perseguidos pelas moscas, O lenho é fibroso, assaz leve, avermelhado e inatacavel pelos insectos; é muito estimado para construcções.

ANDORINHA (fig. 55). Passaro util, de que existem varias especies. É caracterizado por um bico curto, largo na base, estreito e pontudo na extremidade, corpo oval, azas alongadas, cauda ordinariamente dividida em duas partes. Esta ave de arribação encontra-se em todas as regiões do globo, mas só passageiramente nos climas frios. Na Europa apparece com os primeiros calores, e desapparece quando se approxima o inverno. Alimenta-se de insectos que persegue até nos ares. De todas as aves insectivoras a andorinha é a que maiores servicos presta ao homem, purgando a atmosphera dos milhares de insectos; sem ella, muitas localidades, na vizinhança das aguas estagnadas, seriam inhabitaveis. A andorinha consome, quer para seu proprio alimento, quer para nutrir seus filhos, quantidades prodigiosas de insectos. E por isso ninguem deve matal-a, nem destruir suas ninhadas. O bom senso

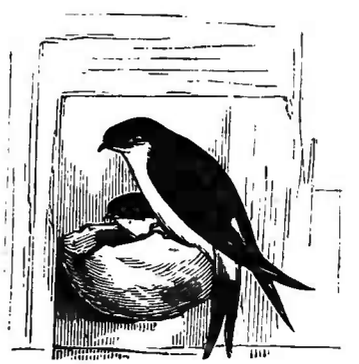


Fig. 55. — Andorinha.

publico deveria, em toda a parte, garantir á andorinha a segurança, que ella não deve muitas vezes senão ao preconceito popular, que a faz considerar como um passaro de bom agouro para as casas onde estabelece o seu ninho. Ha uma especie de andorinha, *hirundo esculenta*, que se acha na China e nas ilhas do Oceano indiano; ella faz seu ninho, com uma susbstancia gelatinosa, tirada de um musgo, *alectoria luteola*: este ninho, preparado com arte, torna-se uma comida delicada, muito estimada dos Chins. Avalia-se em 10,000 kilogrammas a quantidade dos ninhos exportados annualmente do archipelado indiano. O peso de cada ninho é de 7 a 9 grammas.

ANDROGYNA. Synonimo de Hermaphrodita. *Veja-se* esta palavra.

ANEMIA. Estado morbido caracterizado pela pallidez da pelle e enfraquecimiento geral. Depende da diminuição dos globulos rubros do sangue. A quantidade média e normal é de 127 partes de globulos sobre 1000 partes de sangue. O abaixamento d'estes globulos a 113 e mesmo abaixo, não é incompativel com o estado de saude, bem que já esteja ligado ás perturbações morbidas, e particularmente ao principio da chlorose. O numero de 80 é o limite em que o vicio do sangue principia a ser morbido. Os globulos descem a 80 e 60 na chlorose confirmada. A agua augmenta no sangue á medida que diminuem os globulos.

Causas. Muitas crianças nascem anemicas, ou por molestias dos paes, ou por falta do seu proprio desenvolvimiento. Depois do nascimiento póde declarar-se a anemia por falta de alimentação; por falta do ar necessario ou da luz solar, e tambem por excessos da temperatura dos climas. Certas épocas da vida predispõem á anemia; a dentição, a puberdade, a idade avançada; e muitas causas debilitantes a trazem comsigo, como sejam os trabalhos excessivos, intellectuaes e physicos, dôres prolongadas, paixões, cuidados e desgosto contínuos da vida, a exacreção demasiada de certos liquidos como de leite, sangue e outros. Entre as causas mais manifestas de anemia, figuram 1° a diminuição da quantidade do sangue por alguma ferida ou alguma operação cirurgica; 2° o corrimento natural á mulher, quando é mui abundante, mui prolongado e mui frequente. A hemorrhagia uterina, depois do parto, é frequentemente seguida de anemia que póde durar de um a dois annos, Tal é ainda o effeito das sangrias abundantes e repetidas. A pneumonia, contra a qual se sangra o doente, cura; mas, depois de longa convalescença, fica a anemia que se faz sentir por longo tempo.

Ha muitas molestias que conduzem á anemia: todas as vezes que soffre a nutrição e sanguificação, diminue a quantidade de sangue. Não ha molestia de orgão qualquer, mesmo o mais insignificante, que não possa produzir a anemia, e muitas vezes a anemia mui pronunciada, como sejam a tisica, as escrophulas, a arthrite, a syphilis constitucional, etc., etc. Emfim, todas as vezes que ha grandes perdas de força e de substancia, sem a correspondente reparação, como nas febres, sejam ellas de que natureza forem, desenvolve-se a anemia em maior ou menor gráo

A anemia que apparece nas jovens na época da puberdade chama-se *chlorose;* aquella que se mostra nos climas intertropicaes, e que é devida

ordinariamente á presença nos intestinos dos vermes chamados *anchylostomos*, é designada pelo nome de *opilação* (*Veja-se* CHLOROSE *e* OPILAÇÃO.)

Symptomas. Em todas as anemias ha um maior ou menor gráo de palliidez da pelle e das membranas mucosas que cobrem a face interna das palpebras e os labios; ha perturbações da respiração, da digestão, diminuição da temperatura. Frequentes vezes observa-se perversão do appetite; o pulso é fraco. Quando a anemia attinge um alto gráo, notam-se os phenomenos seguintes: frio nas extremidades; desmaios, sobretudo na posição vertical, vertigens; entorpecimento nos braços, descorçoamento, dôres de estomago, nauseas, vomitos. Quando a molestia augmenta ainda, o doente fica tão fraco, que póde apenas levantar os braços.

Tratamento. Qualquer que seja a causa da anemia, quer dependa de alguma hemorrhagia accidental, quer do esfalfamento por longas molestias, deve ser tratada por um regimen excitante, substantial, composto de carne assada, geléas animaes e vegetaes, tapioca, vinho do Porto, pelas viagens, morada no campo, pelas fricções seccas na pelle, banhos aromaticos quentes, banhos frios de rio ou do mar, e pela hydrotherapia. Os medicamentos que aproveitam contra a anemia, são :

1° Tintura de Marte tartarizada, 60 grammas.

Para beber 30 gottas, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

2° Pilulas ferruginosas de Vallet 100. *Dóse :* 2 pilulas, tres vezes por dia.

3° Pilulas ferruginosas de Bláud. *Dóse :* 2 pilulas, tres vezes por dia.

4° Quinium de Labarraque, na dóse de meio calice a um calice antes do almoço e do jantar.

5° Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet, em pilulas, grageas, solução, xarope e vinho, á vontade do doente. (*Veja-se* PYROPHOSPHATO DE FERRO, no artigo FERRO).

6° Vinho de Bellini de quina e colombo, 2 a 3 colheres, das de sopa, por dia.

7° Vinho de Catillon de glycerina e quina e vinho ferruginoso de Catillon com glycerina e quina.

8° Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.

9° Vinho de Baudon de antimonio phosphatado, 1 calice, dos de vinho de Bordéos, antes do almoço e do jantar.

10° Elixir alimenticio Ducro, na dóse de 4 colheres, das de sopa, no começo e no fim das refeições.

11° Vinho de Cabanes, na dóse de 1 calice a cada refeição.

12° Ferro hematico L. J. Michel, na dóse de uma colher medida a cada refeição.

13° Grageas Demarière de iodureto de ferro e cascara sagrada.

ANEMONE. As anemones são plantas europeas, da familia das Ranunculaceas, caracterizadas pelo calice petaloide, pela ausencia da verdadeira corolla, pelos fructos monospermos frequentemente caudados. Encontram-se nos prados, mattos, montes. Estas hervas são acres

e venenosas no estado recente; produzem mesmo effeitos vesicantes, quando applicadas na pelle; perdem, porém, as suas qualidades perigosas depois de seccas. As principaes especies, são:

Anemone ou **Anemola dos bosques,** *Anemone nemorosa*, L. Planta frequente nos mattos de Portugal. Caule unifloro, cingido de tres folhas ternadas, foliolos lanciniados, flôr esbranquiçada purpurea. E mui acre e corrosiva.

Anemone dos florista, *Anemone coronaria*, L. Esta planta faz o ornamento dos jardins.

Anemone pulsatilla, *Anemone pulsatillla*, L. Planta herbacea, pequena, de raiz grossa e anegrada, folhas muitas vezes pinnatifidas, lacinias lineares, flores grandes de côr purpurea-roxa. Foi empregada antigamente sob a fórma de extracto, contra as molestias de pelle e paralysias, mas hoje quasi está sem uso.

ANESTHESIA. Privação geral ou parcial da faculdade de sentir. Chamam-se *anesthesicas* as substancias que, como o chloroformio, o ether, e outras, tem a propriedade de suspender a sensibilidade. De alguns annos a esta parte recorre-se a ellas quotidianamente para annullar a dôr nas operações cirurgicas. A anesthesia é uma das descobertas mais uteis e mais brilhantes da medicina moderna. As substancias anesthesicas são: o chloroformio, o ether, a amylena, o acido carbonico, a benzina a cocaina e algumas outras. O chloroformio, o ether, e a cocaina (*veja-se* estas palavras) são empregados com preferencia. Respirados por alguns instantes, produzem uma especie de somno, e a abolição geral da sensibilidade. A fig. 56 representa o novo meio de se applicar o chloroformio, na anesthesia geral.

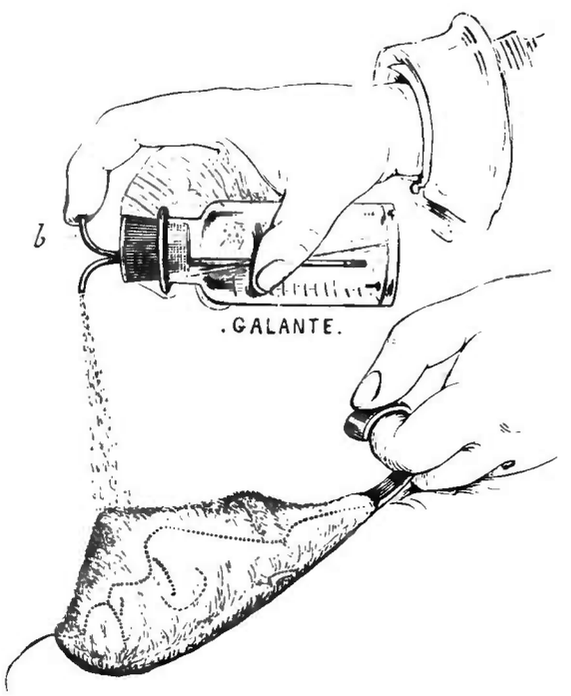


Fig. 56. — Apparelho para anesthesia, pelo chloroformio composto de uma mascara com articulação e de um vidro conta-gottas.

Anesthesia local. A anesthesia geral apresenta grandes perigos, e a anesthesia local, se pudesse ser applicada a todas as operações, realizaria um progresso importante. As applicações da anesthesia local estão limitadas ás operações que se praticam sobre as extremidades, que se executam rapidamente, ou nas quaes só se atacam os planos

superficiaes. Comtudo ella é de precioso soccorro em mil casos variados da cirurgia usual. Raras vezes se fazem grandes operações, mas quotidianamente abre-se uma postema, amputa-se um dedo, opera-se uma unha encravada, etc. A anesthesia local póde servir de complemento á anesthesia geral; pois permitte estender a todos os que soffrem o benefico esquecimento da dôr.

A anesthesia local póde obter-se principalmente pelo frio e pela applicação local do ether, do chloroformio, da cocaina, ou do sulfureto de carbone.

Anesthesia local pelo frio. Se se applicar sobre a pelle gelo, ou alguma mistura refrigerante, sobrevem, depois de uma breve sensação de queimadura, entorpecimento, e depois uma insensibilidade completa. Estes effeitos são mais promptos sobre os tecidos sãos do que sobre os tecidos inflammados; é preciso, n'estes, tres, quatro e mesmo cinco vezes mais tempo para obter o mesmo resultado.

Pela acção da mistura de gelo e de sal, a sensibilidade desapparece rapidamente; podem então fazer-se incisões sem causar dôr, mas a insensibilidade não vai além da pelle, e do tecido cellular subcutaneo.

Fazendo uso da mistura composta de gelo, de sal commum e de um quinto de sal ammoniaco, o Dr. Richard, de Pariz, produzio, em sete minutos, uma insensibilidade assaz profunda e bastante prolongada, que permittio praticar a desarticulação de um dedo.

A applicação d'esta mistura, capaz de abaixar a temperatura a 15 gráos, foi dolorosa; mas inoffensiva. A refrigeração, além da insensibilidade que produz, póde tembem ser preciosa quando a presença do sangue é um estorvo para o operador: em quanto dura a sua acção as feridas ficam sem sangue. Margrave soube habilmente aproveitar-se d'esta circumstancia n'um caso de extracção de uma agulha de um pé.

A mistura de que se faz uso as mais das vezes compõe-se de duas partes de gelo e uma de sal de cozinha. Importa que esta mistura seja muito intima. Para isso, pisa-se o gelo em vaso qualquer ou simplesmente n'um panno, e ajunta-se-lhe o sal por pequenas porções: mette-se tudo n'uma cassa ou em qualquer outro tecido poroso, depois applica-se sobre as partes que se querem congelar, de maneira que toda a superficie esteja coberta o mais exactamente possivel. A bexiga de porco, a tripa de boi, ou o sacco de borracha que aconselham alguns operadores, tem o inconveniente de impedir o escoamento da agua não absorvida pelo sal. D'isto resulta tornar-se a mistura promptamente deliquescente, e adquirir uma temperatura superior a zero.

Anesthesia local pelo ether e pelo chloroformio. O ether e o chloroformio postos em contacto com a pelle exercem certa acção sobre a sensibilidade, mas raro é que determinem anesthesia sufficiente e bastante prolongada para ser utilizada em cirurgia. Fazendo evaporar activamente ether sobre a pelle, por meio de um abano ou assoprando com a bocca, obtem-se anesthesia mais ou menos completa. Mas a insensibilidade produzida por este meio, é antes o resultado da refrigeração occasionada pela evaporação, do que da acção estupefaciente do

ether ou do chloroformio. Imaginaram pulverizar o ether por meio de apparelhos particulares (fig. 57), e dirigil-o em jacto de extrema tenuidade sobre os logares destinados ao instrumento cortante. A refrigeração, assim obtida pela evaporação do ether, produz entorpecimento sufficiente para as pequenas operações, como abertura dos abcessos, extirpação dos lobinhos, extracção dos dentes, etc.

Anesthesia local pelo sulfureto de carbone. O sulfureto de carbone, applicado na pelle, produz tambem uma insensibilidade local que foi utilizada nas aberturas dos abcessos, e extracções da unha. Esta insen-

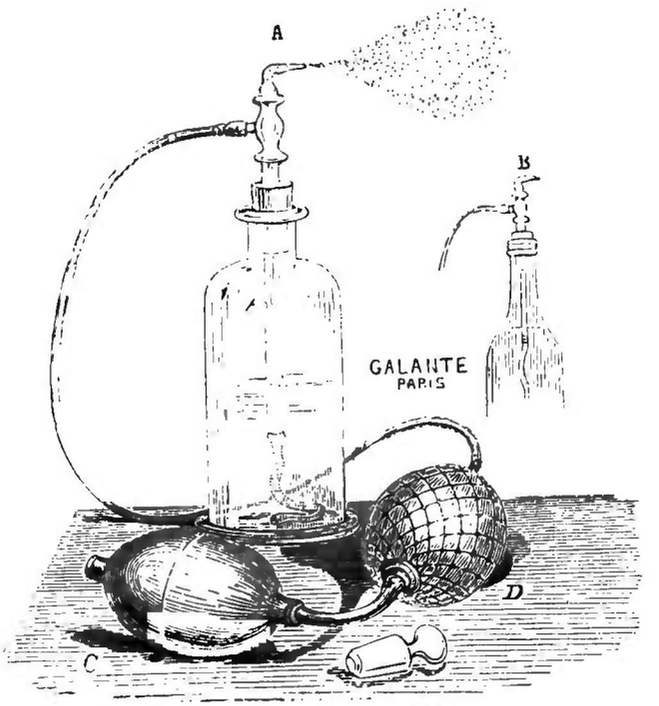


Fig. 57. — Apparelho para anesthesia local.

sibilidade é produzida, mui provavelmente, pela refrigeração dos tecidos. O sulfureto de carbone pulverizado por meio de um tubo, e dirigido sobre a pelle, produz um abaixamento de temperatura muito mais consideravel do que o ether.

Anesthesia local pela cocaina. Applicada sobre as mucosos, ou debaixo das palpebras, injectada sob a pelle, com uma seringa de Pravaz, na dóse de 1 a 10 ou 15 centigrammas, a cocaina produz uma anesthesia local assaz completa e bastante persistente para que se possam fazer muitas pequenas operações (*Veja-se* COCAINA).

ANEURYSMA. Chama-se propriamente *aneurysma* um tumor produzido sobre o trajecto de alguma arteria pela dilatação de suas membranas; mas alguns autores comprehendem sob este nome as dilatações do coração, e distinguiram as aneurysmas em *aneurysmas activas* e *aneurysmas passivas do coração*. As aneurysmas activas do

coração consistem em uma hypertrophia, isto é, no augmento da espessura das paredes do coração, e acham-se descriptas no artigo *Hypertrophia do coração;* as aneurysmas passivas do coração, apresentam pelo contrario, um adelgaçamento das paredes do coração, de que resultam o augmento de suas cavidades e o enfraquecimento de suas funcções : trato d'ellas no artigo *Dilatação do coração.* N'este logar occupar-me-hei tão sómente das *aneurysmas das arterias.*

Aneurysma das arterias. Dá-se este nome, como já deixei dito, á dilatação das arterias, mas tambem se chamam assim os tumores formados pelo sangue sahido de uma arteria.

Causas. A offensa de arteria por qualquer instrumento é causa mais commum das aneurysmas, que consistem n'um derramamento de sangue nas partes que estão vizinhas da mesma arteria. Mas as causas dos tumores que resultam da dilatação espontanea das membranas da arteria são pouco conhecidas. Em muitos casos estas aneurysmas apparecem sem causa; outras vezes succedem a um esforço violento; a um movimento subito que estende fortemente a arteria, a uma contusão, a uma ferida ou finalmente á inflammação desenvolvida ao redor da arteria, e seguida da suppuração e diminuição da espessura de suas paredes. No maior numero d'estes casos admitte-se, como causa immediata da molestia, um excesso de energia nas contracções do coração ou um enfraquecimento das paredes arteriaes (fig. 58).

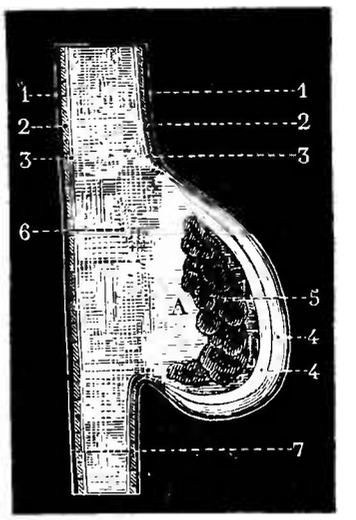


Fig. 58. — Aneurysma de uma arteria (*).

Symptomas. A aneurysma da arteria apresenta-se a principio sob a fórma de um tumor indolente, sem mudança na côr da pelle, e offerecendo pulsações como as do pulso. Se as aneurysmas ficassem estacionarias, não apresentariam perigo algum; mas costumam ordinariamente ir sempre em progresso; adquirem em pouco tempo um volume cada vez mais consideravel, e arrebentam emfim. Então sobrevem uma hemorrhagia seguida de morte infallivel. A medida que o tumor augmenta de volume, incommoda as partes vizinhas. Os movimentos são difficeis a principio, e depois impossiveis : manifestam-se dôres vivas e seguidas de entorpecimento; as veias dilatam-se; tornam-se varicosas, e incha o logar affectado.

Taes são os phenomenos que apresentam as aneurysmas chamadas *externas*, por causa da sua situação fora das cavidades do corpo. Os

(*) 1, Tunica externa da arteria, que se dilata para formar por si só o sacco aneurysmatico; 2, Tunica media, cuja degeneração e destruição permittiram que se formasse a aneurysma, pelo que vê-se que acaba nos limites do sacco; 3, Túnica interna destruida no mesmo logar que a túnica media; 4, Coalhos fibrinosos dispostos em camada; 5, Coalhos molles; 6, Sangue liquido; 7, Arteria retrahida sob a aneurysma.

signaes que offerecem as aneurysmas *internas* são mais obscuros. Annunciam-se por pulsações insolitas, precedidas de symptomas procedentes da compressão dos orgãos vizinhos; estes symptomas são : no craneo, vertigens ou paralysias; no peito, difficuldade na respiração; no ventre, desordens da digestão.

Mas estas pulsações podem ser effeito de um simples affluxo de sangue, ou de affecção espasmodica do coração. É preciso, por conseguinte, grande habilidade para estabelecer um diagnostico certo.

Tratamento. Esta molestia é sempre mui grave ; abandonada a si mesma, é ordinariamente mortal. Seu tratamento differe muito, conforme fôr situada, ou sobre a arteria superficial, ou na profundeza dos orgãos.

Se fôr situada na superficie do corpo, a cirurgia lhe oppõe uma operação que consiste em obliterar a arteria pela laqueação e impedir assim a circulação parcial do sangue. Desde o começo do seculo presente, tem esta parte da sciencia feito tantos progressos, que o maior numero das aneurysmas, consideradas outr'ora como incuraveis, curam-se agora com bastante facilidade.

Quanto ás aneurysmas situadas nos logares onde os mais habeis cirurgiões não podem penetrar, não se lhes póde retardar os progressos ou suspender a marcha, senão diminuindo a massa do sangue e o impulso que lhe communica o coração. O bom exito d'este tratamento é muito menos certo do que o dos meios cirurgicos. Entretanto, algumas curas se tem obtido pelas sangrias repetidas, pelo regimen quasi exclusivamente vegetal, repouso absoluto, e pelo emprego de substancias, cuja propriedade é a de retardar os movimentos do coração, a digital por exemplo ; associando tambem a estes meios a tranquillidade do espirito, e evitando tudo quanto possa accelerar a circulação.



Fig. 59. — Angelica.

ANGELICA. *Angelica archangelica*, Linneo. Umbelliferas. Planta europea, cultivada nos jardins do Brazil (fig. 59). Raiz grossa, carnosa, mui odorifera; divide-se em grande numero de ramos, que se afundam perpendicularmente na terra. Caule de 100 a 130 centimetros, grosso, ôco, acanelado, verde, mui cheiroso; folhas, igualmente

cheirosas, grandes, duas vezes pinnuladas; foliolos denteados, flores de um branco esverdeado, dispostas em umbellas hemispherieas; fructo esbranquiçado, comprimido, elliptico. Toda a planta, e principalmente a raiz, é empregada em medicina, e na arte de confeiteiro. — Estimulante mui forte, aconselhado nas digestões laboriosas, bronchites e vomitos espasmodicos. A raiz, tal qual se acha no commercio, é cinzenta, enrugada por fóra, esbranquiçada por dentro; cheiro aromatico, sabor quente, doce a principio e depois amargo. Administra-se ordinariamente em fórma de chá, que se prepara deixando infundir em 180 grammas d'agua a ferver 4 grammas de raiz de angelica, e adoçando-o com assucar.

A raiz de angelica entra na composição do balsamo do commendador, do alcoolato de melissa composto, e de outras preparações; as folhas frescas fazem parte do alcoolato vulnerario. Os confeiteiros preparam com os talos um doce agradavel e estomachico.

ANGELIM. Debaixo d'este nome designam-se no Brazil differentes arvores do genero *Andira*, das Leguminosas, cujas sementes gozam de propriedades vermifugas. Os fructos d'estas arvores são ovoides, carnosos a principio, depois coriaceos, fibrosos e resistentes; contém uma unica semente esbranquiçada. A fig. 60 representa o fructo e a semente do **Angelim amargoso,** *Andira anthelmintica*, Benth. A semente é ovoide, pontuda na sua extremidade superior; tem 25 millimetros de comprimento, e 15 de largura. É um vermifugo poderoso, sobretudo para expulsar as lombrigas. Este medicamento obra com grande energia; em alta dóse póde produzir accidentes graves, taes como vomitos, dejecções alvinas abundantes, e a inflammação dos intestinos; pelo que deve haver grande cautela no seu emprego. Administra-se na dóse de meio gramma a 1 gramma em pó, em duas colheres de leite, para uma criança de 4 annos.

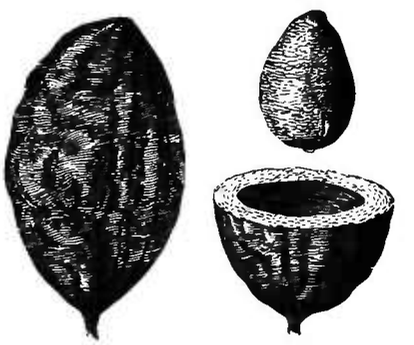


Fig. 60. — Semente de angelim.

O **Angelim amargoso** ou *Aracuy*, arvore que produz esta semente, vegeta no Brazil na proximidade do littoral; é copada, de folhagem bonita e lustrosa; as flores, em densos cachos, são rôxas, de quasi nenhum cheiro, parecem borboletinhas; o frueto, que é um legume drupaceo, verde ainda quando maduro, assemelha-se a uma manguinha; tem um caroço grande relativamente ao frueto; a amendoa branca e amarga; o caroço é viscoso. A madeira d'esta arvore é procurada para assoalhos e portas; resiste em contacto com a humidade; o principio amargoso protege-a contra a acção dos vermes.

As outras especies do genero *Andira*, cujas sementes são igualmente vermifugas, são: *Andira stipulacea*, Benth., angelim coco ou urarema; *Andira spinulosa*, Martius; *Andira vermifuga*, Martius; *Andira rosea*, Martius.

ANGICO. *Acacia angico.* Martius. Arvore do Brazil, da familia das Leguminosas; habita no Pará, na Parahyba do Norte, no Rio Grande do Sul, e em outras provincias do Imperio (fig. 61). Arvore de 25 metros de altura, mais ou menos; folhas bipinnuladas; pinnulas oppostas, numerosas, compostas de muitos pares; inflorescencia em capitulos; o fructo é uma vagem achatada; offerecendo quatro ou cinco estreitamentos, aguda no apice, de côr pardacenta, de dimensões variaveis; algumas vagens são curvas; cada cavidade da vagem contém uma, duas ou tres sementes. Mana d'esta arvore, naturalmente ou por incisões praticadas nos ramos, uma gomma tão util como a gomma arabica. Acha-se em bocados pouco volumosos, irregularmente arredondados duros, brilhantes, mais ou menos transparentes, inodoros, amarellos ou avermelhados, de sabor mucilaginoso. A solução d'esta gomma em agua morna, ou infusão de flores de malvas, adoçada com assucar, usa-se nas bronchites. *Dose:* 8 grammas de gomma para 250 grammas de liquido. Esta gomma figurou, com os outros productos do Brazil, na Exposição universal de Pariz de 1867.

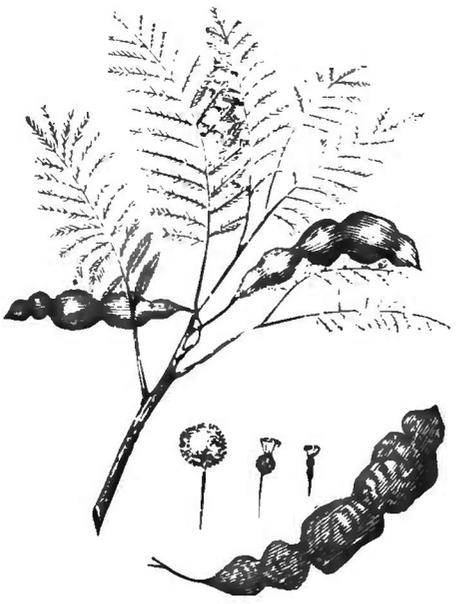


Fig. 61. — Angico.

ANGINA. Do verbo latino *angere*, suffocar. Assim se denomina toda a affecção inflammatoria da garganta, caracterizada pela difficuldade mais ou menos intensa na deglutição, e ás vezes na respiração. Ha varias anginas.

Angina simples, *angina superficial*, *angina guttural*, *angina pharyngea*, *pharyngite*, *angina tonsillar*, *amygdalite*, *esquinencia*, *dôr de garganta*, ou *ataque da garganta*. Dão-se estes nomes a toda a difficuldade de engulir, cuja causa reside na garganta.

Esta molestia consiste em uma inflammação de algum ponto da garganta.

Causas. A causa mais ordinaria da esquinencia é a impressão do ar. Póde tambem provir da humidade dos pés, e da subita transição, estando suado, para o frio ou para o ar encanado. Alguns individuos tem para esta molestia uma predisposição particular, e em geral ficam tanto mais sujeitos a ella, quanto maior é o numero das vezes que d'ella foram atacados. Muitas vezes as esquinencias sobrevem durante o curso das febres eruptivas: a escarlatina e as bexigas são constantemente acompanhadas d'ella. N'este caso a esquinencia não é uma molestia essencial, faz sim parte da erupção e com ella desapparece.

Symptomas. Os symptomas da molestia variam um pouco conforme o ponto da garganta que occupa.

Quando ataca o fundo da garganta, e o eéo da bocea, o doente experimenta ao prineipio uma pequena dôr e uma sensação dc seeeura na garganta; a deglutição faz-se diffieilmente; a voz altera-se no seu metal, c baixa de tom. Muitos doentes tem eontínua vontade de engulir, o que se expliea pela inehação e alongamento da uvula que obra eomo um corpo estranho parado na garganta. Se, eollocando o doente de fronte dc uma janella ou de uma luz, faz-se-lhe abrir a boeca para ver os logares affeetados, e se lhc deprime a lingua com o cabo de uma colher ou um abaixa-lingua, verifica-se quc a membrana mueosa está vermclha luzente e seeea; mais tardc reveste-se ella de mueo pegajoso, quc se eondensa e forma uma camada cinzenta. A maior parte dos doentes tem halito desagradavel ás vezes fetido; o appetite diminue ou perde-se; sobrevem ás vezes febre, mas pouco intcnsa e passageira. Estes symptomas, depois de augmentarem durante dois ou tres dias, diminuem, e a molestia dcsappareee poueo a pouco ao cabo de sete ou oito dias.

Em alguns easos raros forma-sc uma *postema:* conhece-se pelo earacter da dôr que ao principio é laneinante, isto é, que se faz sentir por pieadas, e depois gravativa, isto é, causando um sentimento de peso na garganta. Tocando-a com a ponta do dedo, sente-se a fluctuação; esta comprcssão basta ás vezes para provocar a ruptura da pequcna postema; outras vezes a postcma abre-se cm consequencia dos esforços da tosse, dos vomitos, ou durante o somno, e deixa sahir maior ou menor quantidate de pus, que é lançado pcla bocea ou vai depositar-se no estomago, d'onde depois será cxpulso pelas vias naturaes. A postema diminue pouco a pouco, suas paredes conchcgam-se, c o doentc sára. Mas as coisas nem scmpre correm tão bem. Em alguns casos, felizmentc raros, dcsenvolve-se um abcesso consideravel, quc eomprime a parte superior do larynge e póde produzir a suffocação: é neccssario abril-o quanto antes.

Quando a inflammação ataca as amygdalas, a molestia, chama-se *amygdalite, angina tonsillar*, ou *esquinencia tonsillar*. Começa do mesmo modo que no caso preeedente. Os doentcs accusam a principio uma sensação de ealor e de seceura na garganta; sentem incommodo e dôr ao engulir. Se a inflammação é intensa, e a inehação das amygdalas consideravel, a deglutição é impossivel, c as bebidas voltam pelo nariz. As materias mucosas formadas na boeea, e sobretudo no pharynge, tornam-se espessas, c o docnte não as pódc expellir senão eom muitos esforços. Appareeem dôres n'uma ou nas duas orelhas por causa da vizinhança da inflammação. A voz torna-se rouca, fanhosa, alterada pelas mueosidades contidas nas fauces. A boeea exhala cheiro fetido, e dccorrc d'ella grande quantidade de saliva viseosa. Incham as regiõcs sub-maxillarcs de um só lado ou dc ambos os lados. A exploração da garganta mostra que as amygdalas estão mais volumosas; apresentam-se debaixo da fórma de dois tumores vermelhos e duros, que obstroem as fauees mais ou menos completamente. Aeonteee assaz frequentemente que o enfermo não póde abrir a boeca; não se póde então ver exactamente o estado da garganta. O enfermo sente grande anxiedade; tem medo de ficar suffoeado durantc o somno, que é muito perturbado, e aeeompanhado de sonhos penosos,

de pesadelos e de febre intensa. Observam-se tambem nauseas, vomitos, sêde intensa, e perda completa do appetite.

Por pouco que a amygdalite tenha certa intensidade, provoca diversas perturbações sympathicas. A maior parte dos doentes queixam-se de dôr de cabeça; tem uma febre mais ou menos intensa, a lingua branca, a bocca saburrosa, sêde, fastio. Porém alguns, bem que fortemente atacados, não tem febre, e conservam o appetite; mas não podem satisfazêl-o, por causa da inchação das amygdalas e das dôres provocadas pelos esforços da deglutição. Em outros, a dôr não é viva senão no principio da comida; frequentemente podem acabal-a com pouco soffrimento, o que se póde talvez explicar, dizendo que os primeiros alimentos dilatáram a passagem desembaraçando-a das mucosidades que a obstruiam, e acostumáram as regiões inflammadas ao contacto dos corpos estranhos.

Marcha, duração, terminações da amygdalite. Em geral a molestia chega á sua maxima intensidade no quarto ou no quinto dia; e, depois de ficar estacionaria durante alguns dias, declina; então a deglutição é menos penosa; a voz recobra seu metal; as mucosidades que humedecem as regiões inflammadas tornam-se mais espessas, amarellas, opacas, despegam-se com menos esforço, e esta expulsão é acompanhada de allivio; ao mesmo tempo as amygdalas diminuem de volume, e perdem a côr vermelha; diz-se então que a molestia acaba por via de resolução. Comtudo no maior numero dos casos, bem que cessem as dôres e a difficuldade de engulir, a garganta conserva-se vermelha, e as amygdalas ficam mais ou menos entumecidas, e não voltam ao seu estado primitivo senão depois de passado muito tempo.

A resolução é a terminação mais ordinaria da molestia; e não sobrevem a suppuração senão excepcionalmente. Quando esta se declara, os symptomas inflammatorios sobem de ponto, a inchação é consideravel; as dôres, ao principio lancinantes, acalmam-se e tornam-se gravativas; depois vê-se um logar da amygdala que fica pontudo e que branquêa; tocando com o dedo sente-se que o tumor é molle; então a menor compressão, é sufficiente para romper as paredes da postema. Esta evacuação é as vezes espontanea; as mais das vezes, porém, é provocada pela tosse, ou pelos vomitos. Os doentes sentem de repente que a bocca se lhes enche, e cuspindo reconhecem que rejeitam um pus amarello ou avermelhado, ora inodoro, ora mui fetido. A quantidade de pus póde ser assaz consideravel e provocar ás vezes, por sua irrupção subita, accidentes de suffocação. Outras vezes, pelo contrario, quer exista o pus em pequena quantidade, quer saia elle por um simples buraquinho, a abertura da postema poderia passar desapercebida, se o gosto desagradavel que os doentes experimentam e o cheiro fetido não fixassem a sua attenção.

A amygdalite póde passar ao estado chronico: diz-se então que termina por *induração.* N'este caso as amygdalas são mais ou menos volumosas e duras; a deglutição torna-se habitualmente difficil; a voz é menos perfeita, e por vezes fanhosa; o doente ouve pouco, e fica com o halito desagradavel. Emfim, sobrevem recahidas muitas vezes por anno, isto é, volta a molestia ao estado agudo.

Tratamento. Qualquer que seja o logar da garganta em que a inflammação se desenvolveo, o tratamento é o mesmo. Se a esquinencia é leve, bastará limitar-se o doente ao uso dos banhos de pés com farinha de mostarda; das bebidas emollientes, taes como os cozimentos de cevada, arroz ou althéa, adoçados com assucar ou xarope de gomma; e dos gargarejos feitos com infusão de flores de malvas, decocção de raiz de althea ou infusão de folhas de salva, adoçada com mel de abelhas simples ou mel rosado e tomar as pastilhas de chlorato de potassa de Dethan, (*Veja se* CHLORATO DE POTASSA). Deve diminuir a quantidade ordinaria dos alimentos, e conservar a posição elevada da cabeça, para diminuir o fluxo do sangue ás partes inflammadas.

Eis-aqui as formulas dos gargarejos :

1° Decoccão de raiz de althea..	500 gr.	2° Infusão de folhas de salva...	500 gr.
Mel de abelhas.....	60 —	Mel rosado.....	60 —

Se a molestia é mais forte, toma-se um vomitorio, 5 a 10 centigrammas de emetico dissolvido n'uma chicara d'agua morna.

Na esquinencia em que as amygdalas estão tão inchadas qui a deglutição se torna difficil, convem, ás vezes, applicar oito ou dez bichas no pescoço.

Quanto ao regimen, deve elle variar conforme a intensidade da inflammação; em todos os casos, escolhem-se os alimentos entre aquellas substancias cujo contacto sobre a superficie inflammada seja mais brando, taes como o leite, o caldo, as sopas, as geléas, as fructas cozidas, etc. Na esquinencia violenta, deve-se observar dieta absoluta. Quando a molestia acabar por suppuração, se a anxiedade fôr grande e a abertura do abcesso tardia, a cirurgia offerecerá um recurso precioso : uma puncção feita com bisturí, dando sahida ao pus, acalma os accidentes e previne os progressos da molestia, que podem ser de gravidade extrema.

Quando a esquineneia se prolonga, substituem-se os gargarejos precedentes; pelos gargarejos seguintes :

1° Decocção de cevada.....	500 gram.	2° Agua.....	500 gram.
Vinagre	60 —	Pedrahume	8 —
Mel rosado	60 —	Mel de abelhas.....	60 —

Se a molestia acabar por induração das amygdalas, será necesario insistir no uso dos gargarejos com pedrahume. Assopram-se tambem n'este caso os pós de pedrahume para as fauces, ou cauteriza-se a garganta com pedra infernal. Se a inchação resiste, e se causa grande incommodo, recorre-se então á extirpação das amygdalas.

Angina membranosa, *angina diphtherica, angina cuennosa, angina pelliculosa, angina pultacea, angina caseiforme, diphterite, esquinenencia maligna.* Com estes diversos nomes designa-se uma especie de molestia de garganta que começa com a apparencia de uma esquinencia pouco intensa, mas que não tarda a caracterizar-se pelo desenvolvimento de manchas irregulares, braneo-amarelladas ou acinzentadas, e de aspecto *lardaceo,* que muitas vezes vão lavrando e attingem as favas

da garganta, os lados do pharynge e o véo palatino. É uma molestia grave. A rainha de Portugal, a Senhora D. Estephania, morreo d'ella, no anno de 1857, na idade de 22 annos.

Causas. A angina membranosa grassa, ás vezes, epidemicamente; isto é, ataca grande numero de pessoas n'um logar circumscripto, n'uma casa n'um collegio ou n'uma familia. Muitas observações tendem a provar que é contagiosa. Desenvolve-se em todos os climas e estações; póde acommetter todas as idades, mas é mais frequente nas crianças, e pessoas jovens. Apparece sobretudo nos annos humidos.

Symptomas. A molestia principia habitualmente por um calefrio vago, que se repete a curtos intervallos. Ao mesmo tempo, ou pouco tempo depois, manifesta-se dôr de cabeça, cansaço geral e fastio. A estes symptomas, que nada tem de caracteristico, ajuntam-se, nas crianças, os vomitos, e ás vezes convulsões. A febre é moderada. Dura este estado algumas horas; depois o doente experimenta na garganta uma dôr com seccura d'esta região. A deglutição torna-se então difficil, e o doente receia até engulir a saliva; resultando d'ahi no adulto uma esputação frequente, e nas crianças um corrimento de saliva bastante abundante. Todos estes symptomas pertencem tambem á esquinencia simples. Examinando-se a garganta, vê-se a inchação das amygdalas com vermelhidão d'estas glandulas, do véo palatino e da parte posterior do pharynge.

É o periodo puramente inflammatorio da affecção, cuja natureza especifica nada ainda faz suspeitar.

Entretando doze a trinta e seis horas depois dos primeiros symptomas, apparecem os signaes não duvidosos de molestia especifica. As amygdalas, o pharynge, o céo da bocca cobrem-se successivamente de chapas ou falsas membranas brancas ou pardacentas. A respiração é um pouco difficil e estrondosa, por causa do obstaculo que o ar encontra ao atravessar a abertura da garganta estreitada pela inchação das amygdalas. O doente respira com a bocca aberta, da qual decorre um liquido mais ou menos abundante. Ao mesmo tempo a voz faz-se guttural e fanhosa; a difficuldade na deglutição é maior que no principio, e a dôr mais viva, sobretudo depois de se despegarem as falsas membranas.

A inchação das partes internas, corresponde uma inchação exterior, localizada no angulo dos queixos, e nas partes superiores e lateraes do pescoço. A febre continuando; a dôr persiste durante a deglutição. A cara incha, os olhos tornam-se animados, a parte inferior do rosto deforma-se pela inchação do pescoço, e pela inmobilidade da bocca meio-aberta; a physionomia exprime por intervallos suffrimentos, que provocam os movimentos occasionados pela falla, pela esputação das mucosidades boccaes, e pela deglutição das bebidas : ha repugnancia completa para todo o alimento solido; a lingua suja-se e cobre-se de materia amarellada.

Chegada em cinco ou seis dias a este gráo, a molestia toma novo aspecto : quer decline para terminar pela *cura*, quer augmente, e se apresente então sob a fórma maligna; as probabilidades para uma ou outra terminação são quasi iguaes.

Se a molestia se encaminha para a *cura*, diminue a febre, a pelle perde o calor, o pulso volta ao seu rhythmo normal; desapparecem as ancias e as dôres de cabeça; a dôr de garganta e a inchação do pescoço diminuem; a physionomia é melhor, quasi natural; volta o appetite, o somno, e voltam até as forças.

O estado local melhora igualmente: cessa a reproducção das falsas membranas; as que revestiam a garganta soltam-se e são rejeitadas pela tosse, ou são levadas para o estomago pelos movimentos de deglutição, ou então diminuem pouco a pouco de espessura, e desapparecem.

Tanto a exfoliação como a resolução duram tres ou quatro semanas, findas as quaes o doente póde considerar-se como curado.

Quando a doença se aggrava e deve terminar fatalmente, augmentam os symptomas locaes e geraes. O pulso torna-se mais frequente, as forças diminuem. A inchação das glandulas submaxillares forma dois tumores, um de cada lado do pescoço O doente fica na posição sentada, com a bocca aberta, e o pescoço dirigido para cima e para diante, quasi immovel e receiando os movimentos exagerados da respi-

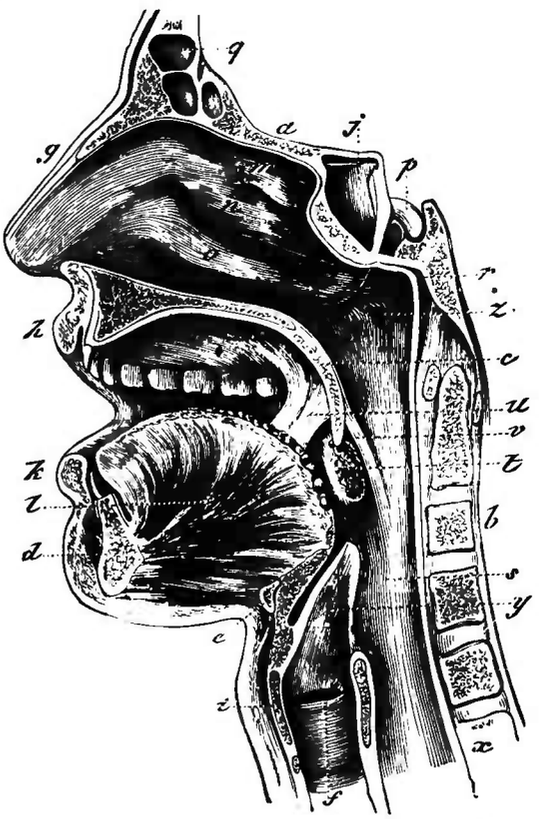


Fig. 62. — Corte antero-posterior do rosto e do pescoço (*).

(*) *a*, abobada das fossas nasaes formada pela lamina crivada da ethmoide; *b*, logar occupado pelo canal atraz do corpo das vertebras; *c*, véo palatino, em continuação de um lado com a abobada palatina e de outro lado com a uvula: separa a cavidade da bocca da parte superior ou nasal do pharynge; *d*, secção da queixada inferior sobre a linha mediana para mostrar as apophyses *geni* e a inserção do musculo genioglosse; *e*, secção do osso hyoido; *f*, córte do larynge, mostrando o orificio de seu ventriculo direito entre as cordas vocaes superiores e inferiores; *g*, nariz; *h*, labio superior; *i*, cavidade esphenoidal; *k*, labio inferior; *l*, musculo genio-glosse que forma a massa principal da lingua; *m*, *n*, o, cornetos superior, medio e inferior da fossa nasal direita; *p*, arteria vertebral na sua entrada no craneo; *q*, cavidades frontaes do lado direito; *r*, mucosa da abobada do pharynge, o qual está representado pelo espaço comprehendido entre as linhas *s*, *t*; *t*, amygdala direita em sua excavação entre os pilares anterior (*u*) e posterior (*v*) d'esse lado do véo palatino; tocam com os orgãos correspondentes do lado opposto do isthmo da garganta, que a uvula divide em duas partes e que faz communicar a cavidade da bocca com a porção do pharynge; *x*, serie dos corpos das vertebras cervicaes e de seus discos correspondendo com o pharynge, que são separados por uma camada de tecido laminoso, com os plexos venosos e nervosos retro-pharyngianos; *y*, epiglotta levantada contra a basc da lingua, um pouco inclinada sobre o orificio superior do larynge que ella cobre quando vira para atraz no momento da deglutição; *z*, orificio do pavilhão da trompa d'Eustachio.

ração e da deglutição; porque a dôr de garganta, pouco viva em si mesma, exaspera-se nos esforços que o doente faz para engulir ou para desembaraçar-se das mucosidades pharyngeas. Não tem sêde febril, e não bebe senão para humedecer a lingua e tornar a esputação mais facil. O fastio é d'entre os phenomenos concomitantes o mais notavel. A repugnancia para os alimentos solidos e liquidos é absoluta; torna-se, ás vezes, invencivel nas crianças com quem não se póde raciocinar; e esta repugnancia para todos os alimentos é frequentemente, nos doentes d'esta especie, um dos signaes graves para o prognostico. A ourina altera-se. O rosto toma côr branca livida, os labios fazem-se azues, os olhos amortecem, a physionomia abate-se, mingua o pulso, mas a intelligencia conserva-se perfeita. Ha pouco somno, e este mesmo frequentemente perturbado. O prognostico é extremamente grave: é então que as falsas membranas invadem as fossas, o larynge, e podem produzir a asphyxia.

Ha ainda outra fórma de angina membranosa, mais grave do que a precedente, caracterizada pela exageração de todos os phenomenos, pela rapidez da marcha e pela terminação fatal, a qual é ás vezes fulminante, podendo produzir a morte em 48 horas. Desde o principio, a sua marcha não é duvidosa, o envenenamento pareee ser immediatamente geral, e quando apparecem as falsas membranas nas fossas nasaes e sobre as favas da garganta, toda e economia já está profundamente alterada. Esta forma fulminante é felizmente muito rara.

A angina membranosa póde ser uma molestia primitiva, ou desenvolver-se em consequencia de outra molestia, e sobretudo depois da escarlatina. N'este caso, o organismo, já abalado pela primeira affecção, não póde resistir á angina membranosa, que se mostra ordinariamente com suas fórmas as mais graves.

A gravidade da angina membranosa não resulta tanto da existencia das membranas na garganta, como da infecção geral da economia. A molestia póde produzir a morte, ficando as membranas limitadas ao pharynge, sem taparem as vias respiratorias; mas se chegam a tapar estas, produzem a morte por asphyxia.

Tratamento. A angina membranosa é uma molestia local e ao mesmo tempo uma affecção geral, e de mais ella é contagiosa; o tratamento deve satisfazer esta triplice indicação, e ser ao mesmo tempo *preventivo* a respeito das pessoas que rodeiam o doente, *local* e *geral* relativamente a este.

O tratamento *preventivo* consiste, sobretudo, nas medidas de precaução, e a melhor precaução, é o *isolamento*. Quando n'uma localidade reina a epidemia de angina membranosa, ou quando se observa um caso n'uma familia, deve-se praticar o isolamento tão completo quanto seja possivel, conforme as condições particulares, os deveres sociaes e a solicitude da familia; e como de todas as pessoas expostas ao mal, as crianças são mais frequentemente affectadas d'elle, são ellas sobretudo que devem ser immediatamente afastadas da casa contaminada. A isolação deve durar tres ou quatro semanas. Cumpre tambem espalhar na habitação, e sobretudo no quarto do doente, agua de Labarraque, solução em agua

de chlorureto de cal, agua phenica, ou coaltar saponinado Le Beuf.

O tratamento *local* dirige-se ao symptoma o mais caracteristico da angina, ás falsas membranas, e comprehende tres ordens de medicamentos : 1° os *causticos*, 2° os *adstringentes*, 3° os *modificadores* a que se attribuem virtudes especiaes.

Entre os causticos que se applicam para cauterizar e destruir as membranas da garganta, ha fortes e fracos, conforme a maior ou menor gravidade das lesões locaes. Entre os causticos energicos, o mais empregado é o acido chlorhydrico, quer puro, quer misturado com mel de abelhas. Applica-se na garganta por meio de esponja fixada na ponta de uma varinha de barbatana. Póde-se tambem cauterizar a garganta com pedra infernal, havendo o cuidado de fixar solidamente o lapis de pedra infernal, que não se deixará sobresahir senão de uma pequena quantidade. Não se tomando esta precaução, a pedra infernal póde vir a quebrar-se, cahir no estomago e envenenar mortalmente.

Aconselha-se tambem a applicação, na garganta, do sumo de limão, todas as horas, ou de meia em meia hora. É um modificador local que se póde ter em qualquer logar; o seu gosto não é desagradavel, a acção não é perigosa, e póde ser applicado por qualquer pessoa. Citam-se muitas curas obtidas por este simples meio.

É util tambem assoprar para as fauces alumen em pó. Assopra-se tres ou quatro vezes por dia, por meio de uma penna ou de um tubo feito de papel grosso.

Assoprar nas fauces flores de enxofre para destruir os germens vegetaes, que são a origem da molestia local e da infecção geral secundaria.

É util tocar a garganta com pincel molhado em Phenol Bobœuf puro.

Convem gargarejar a bocca com o seguinte gargarejo :

Chlorato de potassa.....	12	grammas.
Agua quente.....	300	—
Mel de abelhas.....	60	—

Como as crianças não sabem gargarejar-se, é preciso levar directamente á garganta este liquido por meio de um pincel de fios, ou de esponja fixada na ponta de uma varinha de barbatana. É bom tambem lavar a garganta com *agua de cal*. Esta agua acha-se em todas as pharmacias. Os lavatorios fazem-se com seringa, duas ou tres vezes por dia, tendo o doente a cabeça baixa diante de uma bacia.

O tratamento local impede o desenvolvimento do mal em alguns casos, mas em outros não tem bastante acção para circumscrevêl-o : as falsas membranas, modificadas ou destruidas, continuam a reproduzir-se no mesmo logar. O tratamento local é todavia util, porque modifica a vitalidade da superficie atacada, e desembaraça a garganta das substancias, cuja decomposição é uma fonte da infecção secundaria.

Quanto ao *tratamento geral*, convem abster-se completamente das sangrias e das bichas. Um vomitorio de 20 a 40 centigrammas de ipecacuanha nas crianças, e de 1 gramma nos adultos, é util no principio da molestia.

Depois do vomitorio administre-se a poção seguinte :

Chlorato de potassa.....	2	grammas.
Agua.....	90	—
Xarope simples.....	30	—

Para tomar uma colher *de sopa* de hora em hora.

Dá-se a chupar de 6 a 12 pastilhas, por dia, de chlorato de potassa de Dethan. (V CHLORATO DE POTASSA.)

As perolas de iodoformio do doutor Clertan tambem aproveitam na angina membranosa. Administram-se na dóse de 2 a 4 por dia.

Como bebida ordinaria, dar agua com vinho.

No segundo periodo da molestia, caracterizado pelo abatimento das forças, administre-se o vinho de quina aos adultos, na dóse de uma colher *de sopa* de duas em duas horas; e o xarope de quina ás crianças, na dóse de uma a duas colheres *de chá*, de duas em duas horas.

Eis-qui as receitas :

1° Vinho de quina.....	180	gram.
2° Xarope de quina.....	180	—

O quarto do doente deve ser perfeitamente arejado. Insistir-se-ha na alimentação (caldos, mingáos de tapioca ou de araruta, geléas, Osteina-Mouriés, etc.)

Na *convalescença*, é necessario mudar de ares, e é indispensavel alimentar-se substancialmente. Continuar-se-hão os tonicos, e sobretudo o vinho de quina e as preparações de peptona de Catillon.

ANGINA DO PEITO. Dá-se este nome a uma affecção nervosa do peito. Este nome foi-lhe impropriamente applicado, e por isso é contestado por muitos autores, que a descrevem debaixo do nome de *nevralgia do coração*, *nevralgia cardiaca*, *sternalgia*, *syncope anginosa*, *asthma convulsiva*, e *sternocardia*. É o aperto doloroso e afflictivo do peito, que vem por accessos com dôr espasmodica em um dos braços; e difficuldade na respiração.

Symptomas. A angina do peito manifesta-se sempre por accessos, entre os quaes existe certa intermittencia mais ou menos longa; frequentemente, depois do primeiro accesso, o doente fica muitos mezes sem soffrer incommodo algum; outras vezes, pelo contrario, estes accessos seguem-se com certa rapidez. O primeiro ataque da molestia apparece no meio das apparencias de saude. Os symptomas declaram-se durante o andar, em consequencia de exercicio violento, ou ao subir morro ou escada. Uma dôr viva, uma constricção dolorosa atravez do peito, e sobretudo do lado do coração, annuncia a apparição do accesso. O doente é obrigado a parar com receio de ficar suffocado ou desmaiar. A dôr é ás vezes surda e obtusa; outras vezes extremamente viva; cessa promptamente pelo repouso, e deixa ao doente a consciencia de uma affecção grave e profunda, que, a ter-se prolongado mais tempo, poderia acabar pela morte. A dôr póde ficar limitada ao peito, mas as mais das vezes propaga-se até ao braço, desce ao comprimento da parte

interna do braço, do antebraço e da mão, como uma verdadeira nevralgia. Estes ataques apparecem ordinariamente de repente; outras vezes são precedidos de bocejos, de inquietação geral, e de sensação de calor no peito.

A duração dos ataques não póde ser rigorosamente determinada; a principio prolongam-se apenas alguns segundos: mas, sendo a sua duração proporcional á antiguidade da molestia, tornam-se cada vez mais longos á medida que se repetem; persistem então por muitos minutos, e mesmo durante muitas horas. Os accessos são tanto mais frequentes, quanto mais inveterada é a molestia.

De todas as influencias que provocam o desenvolvimeuto dos paroxysmos (causas do accesso, e não as da molestia), a mais frequente é o andar em certas condições particulares; o andar contra o vento e sobre o terreno que vai subindo, a ascensão das escadas, eis as circumstancias mais proprias para determinarem um accesso; os movimentos violentos, os esforços necessarios para levantar um peso obram da mesma maneira; e estas causas são mais poderosas ainda depois da comida. Em outras condições, o accesso apparece, depois de algum excesso de regimen; basta ás vezes qualquer producção insolita de gaz no estomago, durante a digestão, para occasionar um paroxysmo; n'este caso termina o ataque por abundante expulsão de gaz, quer pela bocca, quer pela via inferior. Emfim as emoções moraes vivas, de qualquer natureza que sejam, occupam um importantissimo logar no grupo das causas occasionaes. O estudo d'estas causas revela outra particularidade muito interessante : não é raro ver os ataques apparecerem exclusivamente debaixo da acção da mesma causa; uma vez que o doente está informado d'esta circumstancia, póde frequentemente prevenir os paroxysmos, evitando ou fazendo cessar immediatamente as influencias que os determinam.

Quanto á duração da molestia mesma, ella apresenta variações taes, que é impossivel determinar cousa alguma a este respeito. Limita-se ás vezes a um só accesso, o não apparece mais; mas estes factos são raros. Em geral, a angina do peito é uma molestia chronica, cujos accessos podem repetir-se a intervallos variaveis, durante grande numero de annos. Se não está acompanhada de nenhuma molestia interna, póde curar-se.

Causas. Muito mais frequente no homem do que na mulher, a angina do peito acommette as mais das vezes os individuos que já passáram o periodo médio da vida. As circumstancias que favorecem o seu desenvolvimento são as affecções do coração, a gota, o rheumatismo, as hemorrhoidas e o fastio habitual. O costume immoderado de fumar tabaco é uma das causas poderosas da molestia.

Tratamento. Durante o ataque, será bom applicar um sinapismo no peito, dar a beber, ás colheres, agua fria com assucar e com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira, chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Ha doentes que tem acalmado os accessos engulindo um pedaço de gelo. Sendo possivel administrar esta substancia, convem fazêl-o durante o ataque. As inhalações de ether sulfurico ou de chlo-

roformio podem tambem aproveitar; fazem-se estas inhalações approximando simplesmente ao nariz do doente um frasco com ether ou com chloroformio, e dando-lhe a tomar 1 colher de sopa de xarope de Gelineau em um pouco de tisana fria de tilio.

Para o tratamento radical da molestia, isto é, o que se deve applicar no intervallo dos ataques, foi proposto o emprego alternativo da belladona e do bicarbonato de soda formulado do modo seguinte:

Dá-se primeiro o bicarbonato de soda na dóse de 2 grammas por dia; 1 gramma antes de cada uma das principaes comidas, e esta dóse deve ser gradualmente augmentada, se a tolerancia permitte, a 10 grammas por dia, em duas porções. Durante dez dias em progressão crescente, e durante os outros dez dias em progressão decrescente. Suspende-se então temporariamente a medicação durante quinze a vinte dias, para tornar a continual-a durante mais de um anno, e voltar a ella depois de frequentes interrupções. Quanto á belladona, mandam-se fazer pilulas contendo 5 milligrammas de extracto de belladona e 5 milligrammas de pó da raiz de belladona.

O doente toma primeiro uma pilula pela manhã, um quarto de hora antes da primeira comida, e assim por dez dias consecutivos. Durante outros dez dias, toma duas pilulas, ao mesmo momento e de uma vez. Durante vinte dias tres, e sempre de uma vez. Se não se obtiveram algumas melhoras progressivas, leva-se a dóse a quatro pilulas, salvo se a seccura da garganta, e perturbação notavel da vista, acompanhada de grande dilatação da pupilla, vierem indicar que se produziram, por um augmento da dóse, effeitos que se devem evitar. O uso da belladona deve ser continuado durante o tempo em que se tiver interrompido o emprego do bicarbonato de soda.

Se o doente é fraco convem recorrer ás preparações de ferro, ou ás aguas ferreas tomadas á fonte. É necessario tambem subtrahil-o a todas as causas de excitação, que podem influir no systema nervoso.

O emprego da antipyrina tem dado bons resultados no tratamento da angina do peito e principalmente durante o ataque; administra-se'a sob a forma de solução de antipyrina de Trouette, na dóse de uma colher, de sopa, de solução, de hora em hora, sem todavia tomar mais de 8 a 10 colheres nas 24 horas.

Eis-aqui as receitas dos medicamentos indicados n'este artigo.

Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Cada papel contém 1 gramma, e toma-se n'uma pouca d'agua fria com assucar.

Extracto da belladona..... 20 cent.
Raiz de belladona em pó..... 20 —

Faça 40 pilulas.

Ferro Quevenne..... 1 vidro.

Para tomar 1 colher medida por dia, em agua com assucar.

ANGIOLEUCITE. *Veja-se* LYMPHATITE.

ANGURRIA. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

ANGUSTURA. Duas cascas mui differentes trazem este nome :

1° **Angustura verdadeira.** Julga-se que provém da *Galipea cusparia* ou *Galipea officinalis*, grande arvore da familia das Rutaceas, que forma immensas mattas na America meridional sobre a margem do rio Orenoco. É uma casca guarnecida de epiderme, dura, quebradiça, de um amarello-roxo, em pedaços de espessura e comprimento variaveis, não excedendo porém ordinariamente 40 centimetros, quasi plana, *adelgaçada sobre as margens*, cinzenta-amarellada no exterior, avermelhada no interior; de cheiro forte, mui desagradavel, de sabor amargo. O pó é de côr amarella alaranjada; e a infusão em agua é mui corada.

A casca de angustura verdadeira é tonica e antidysenterica; hoje emprega-se pouco. Administrava-se até 4 grammas em pó, ou infusão.

2° **Angustura falsa.** Provém de uma arvore da India, *Strychnos nux vomica*, Linneo. É um veneno violento, e importa não confundir esta casca com a precedente. A casca de angustura falsa é ordinariamente meio-enrolada, da espessura de 3 a 5 millimetros, sua substancia interior é de côr cinzenta-esbranquiçada; a epiderme é de um cinzento-amarellado; sem cheiro; de sabor muito amargo. O pó d'esta casca tem a côr mui differente da precedente, porque é de um branco levemente amarellado. Differe essencialmente da angustura verdadeira, porque as margens não apresentam plano inclinado, é sem cheiro, e muito mais amarga. A arvore que dá esta casca é a mesma que produz a noz vomica, de que se extrahe a estrychnina.



Fig. 63. — Anileira.

ANIL. Materia corante que se extrahe das folhas e dos ramos de algumas plantas chamadas *anileiras*, que pertencem quasi todas a um genero designado pelos botanicos com o nome de *Indigofera*, da familia das Papilionaceas. As principaes especies que fornecem o anil são : *Indigofera argentea*, *Indigofera disperma*, *Indigofera anil* (fig. 63), *Indigofera tinctoria*. Estas plantas habitam na India, no Mexico, e, no Brazil, nas provincias de Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas. São plantas herbaccas, sub-arbustos ou arbustos. O succo d'estas plantas, incolor em quanto está contido no tecido do vegetal, torna-se verde, depois azul, quando se deixa fermentar ao contacto do ar, e depõe então pouco a pouco o anil; reduz-se este deposito a massa com a qual se fazem pães ou bolas de 100 grammas; pouco mais ou menos.

Distinguem-se no commercio numerosas variedades de anil, segundo as suas côres e os paizes d'onde procedem; o anil de Bengala e o de Guatemala são os mais estimados. O anil apresenta-se em massas porosas de côr azul com reflexo metallico, não tem sabor e pega-se á lingua como barro; não tem cheiro sensivel senão quando está em grandes massas. E insoluvel em agua e no alcool. Aquecido fortemente espalha vapores purpureos, que se condensam sobre os corpos frios em pequenas agulhas azues e brilhantes; esparge ao mesmo tempo um cheiro forte e desagradavel, e carboniza-se parcialmente. O anil é empregado para tingir as fazendas.

Em medicina, foi aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 2 a 30 grammas por dia, misturado com mel de abelhas; mas não produzio bons effeiots, e hoje não é mais usado para este fim.

ANIMÉ. *Veja-se* JATAHY.

ANIZ ou **HERVA DOCE.** *Pimpinella anisum*, Linneo. Planta da familia das Umbelliferas, originaria da Africa, cultivada nas hortas de Portugal e do Brazil (fig. 64). Os fructos, impropriamente chamados *sementes*, usam-se em medicina, na perfumaria e confeitaria. Apresentam-se debaixo da fórma de grãos ovoides, de côr esverdeada, sabor aromatico, e cheiro agradavel.

São estimulantes e empregadas nas colicas em infusão que se prepara á maneira de chá, com uma colher *de chá* de fructos de herva doce e uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 64. — Aniz ou herva doce.



Fig. 65. — Aniz estrellado.

ANIZ ESTRELLADO. *Illicium anisatum,* Linneo (fig. 65). Arvore da China e do Japão, da familia das Magnoliaccas. O seu fructo tem as mesmas propriedades e os mesmos usos que a herva doce ordinaria. Este fructo compõe-se de sete ou oito capsulas, reunidas, pela

base em estrella, comprimidas, avermelhadas, de sabor e cheiro semelhantes aos da herva doce : cada capsula contém uma semente lustrosa.

ANKYLOSE. Diminuição ou impossibilidade de movimento em uma junta naturalmente mobil.

A ankylose tem por causa immediata a soldadura das extremidades articulares que compõem uma articulação, ou o desapparecimento do liquido que lubrifica essas extremidades, ou sómente uma rigidez das partes molles que cercam a articulação. Quando provém da soldadura dos ossos, não póde haver movimento algum da parte, e a ankylose chama-se então *verdadeira* ou *completa;* mas se depende somente da rigidez das partes molles, a articulação póde executar alguns movimentos, posto que incompletos, e a molestia tem n'este caso o nome de ankylose *falsa* ou *incompleta.*

Uma circumstancia que contribue para a formação da ankylose é a immobilidade da parte. Esta condição é tão poderosa, que por si só póde determinar a molestia. Assim os Fakires indios, que, dizem, se condemnam por espirito de penitencia a ficarem immoveis, em certas attitudes, por muitos annos, tem no fim d'este tempo os membros ankylozados na posição em que se conservaram. Outro tanto acontece ás pessoas affectadas de fracturas dos membros. Pelo effeito do repouso prolongado do membro, repouso necessario para a consolidação da fractura, os ligamentos e as outras partes molles, que entram na composição da articulação, adquirem tanta rigidez que é difficil vencêl-a.

As inflammações agudas ou chronicas dos ligamentos, a inflammação que apparece ordinariamente durante o tratamento das fracturas situadas perto das articulações, tem o mesmo resultado. Todas estas causas não tendem a produzir senão a ankylose *falsa.* Existem outras que tem por consequencia a soldadura reciproca dos ossos; taes são as feridas, e sobretudo a carie das extremidades articulares dos ossos.

O *prognostico* da ankylose é difficil de estabelecer. Em geral, póde-se sempre destruir a rigidez articular recente, quando ella só depende de um longo repouso : podem-se tambem fazer cessar, mais ou menos completamente, as rigezas quando são recentes e consecutivas á inflammação das partes molles exteriores da articulação. É muito mais difficil curar as que são antigas; póde haver alguma esperança de melhorar o estado quando não são *completas,* mas a soldadura total dos ossos é incuravel.

Tratamento. O tratamento da ankylose, verdadeira ou falsa, é quasi sempre preservativo. Um só caso contraindica o emprego dos meios proprios a prevenir a união das superficies articulares, e vem a ser, quando a ankylose deve succeder á carie dos ossos, porque, n'este caso, deve ser considerada como terminação favoravel. Haverá sómente o cuidado de pôr as partes em posição tal, que, depois da soldadura da articulação, possam ellas ainda executar alguns movimentos; portanto, dever-se-ha estender a perna sobre a coxa, e encolher o antebraço sobre o braço.

Em todos os outros casos convem evitar a formação da ankylose, porque é mais facil prevenil-a do que cural-a.

Póde-se prevenir a ankylose, que se forma em consequencia das fracturas vizinhas das articulações, deixando-se ao cirurgião executar durante o tratamento, e antes que a fractura esteja consolidada, ligeiros movimentos na articulação; depois da consolidação do osso, o exercicio contribuirá para fazer recobrar ao membro em pouco tempo a sua flexibilidade natural; mas não sendo este meio sufficiente, será preciso que o doente use de banhos d'agua tepida e de cataplasmas de linhaça. Tambem aproveitam as fricções seccas praticadas com os dedos sobre as partes molles da junta, e as fricções com azeite doce ou oleo camphorado. Ao mesmo tempo fazem-se executar, muitas vezes por dia, á articulação doente os movimentos que lhe são habituaes. Estes movimentos alongam os musculos e os ligamentos retrahidos, restituem-lhes a flexibilidade, e excitam a secreção do liquido synovial que lubrifica as superficies articulares. Nas ankyloses que dependem da formação de membranas filamentosas entre as superficies articulares, os movimentos que se communicam á parte doente alongam, estendem e chegam mesmo a romper estes liames membranosos. Os movimentos que se imprimem aos membros devem ser brandos, limitados; muito rapidos e forçados, occasionariam dôr e poderiam determinar inflammação na junta. Frequentemente ouve-se, nas primeiras tentativas que se fazem para mover uma articulação meio-ankylozada, uma crepitação particular que depende do alongamento dos ligamentos e da frieção das superficies articulares; esta crepitação desapparece á medida que os movimentos se restabelecem. Estes movimentos devem ser communicados ao membro por pessoa intelligente; se a sua execução fosse confiada ao proprio doente, o receio da dôr lhe impediria dar-lhes a devida extensão, e assim tornar-se-hiam inefficazes. Quando a retracção dos musculos e dos ligamentos é muito grande, é forçoso, ás vezes, recorrer aos meios mecanicos para alongal-os, endireitar o membro e restabelecer os seus movimentos. Existem para este fim diversas machinas. Quando o antebraço está meio ankylozado na flexão, póde chegar-se a estendêl-o fazendo trazer ao doente com a mão do lado affectado, um peso que se augmenta gradualmente. E preciso muito tempo e perseverança para curar certas ankyloses.

ANNA PINTA. *Veja-se* CAYAPÓ.

ANNEIS *que apertam os dedos.* Os anneis que se trazem habitualmente nos dedos podem produzir gangrena, quando estes incham por causa de alguma ferida, de um panaricio, de uma postema ou erysipela do braço e da mão. E por isso, quando esta inchação é de temer, deve-se no mesmo instante tirar o annel. Depois de sobrevinda a inchação a extracção é mais difficil. Basta ás vezes depois de untado o dedo com azeite doce, tirar e reter por detraz a pelle na base do dedo; ao mesmo tempo puxar para diante o annel. Chegado este á junta, larga-se subitamente a pelle, e o annel passa por si mesmo por cima da junta. Ha outro meio que consiste em untar com azeite o dedo, e mergulhal-o em agua fria. Alguns minutos depois d'esta immersão, tira-se ás vezes o annel com bastante facilidade. Se isto não fôr sufficiente, cumpre destruir esse

corpo estranho. Se o annel é de ouro, é facil destruil-o esfregando-o com unguento mercurial, visto que o mercurio forma com o ouro uma amagalma fragil. Mas se o annel fôr de cobre, ferro ou páo, é preciso cortal-o com tenalha iucisiva, ou limal-o. Uma precaução indispensavel, n'esta operação, consiste em garantir a pelle dos instrumentos por meio de qualquer chapa de metal ou de páo que se introduz dabaixo do corpo estranho.

ANODYNOS. Medicamentos que tem a propriedade de acalmar as dôres, como o opio, o chlorhydrato de morphina, codeina, lactucario, éther, hypnone, etc. *Veja-se* CALMANTE.

Licor anodyno de Hoffmann : é a mistura de partes iguaes de ether sulfurico e alcool; administra-se na dóse de 10 a 20 gottas, em 3 ou 4 colheres d'agua com assucar, nos espamos, nas colicas nervosas, etc.; ou dá-se a cheirar nos desmaios.

ANOREXIA. Significa o mesmo que fastio.

ANOSMIA. Palavra empregada em medicina para designar a diminuição ou a perda do olfacto.

ANTA ou TAPIRETE (fig. 66). Animal do Brazil; pouco mais ou menos do tamanho do burro; tem o porte de porco; seu focinho alongado remata n'uma tromba, a qual, se bem que muito curta, é movivel como a do elephante; tem a pelle de um pardo escuro, mui grossa e quasi sem cerdas. Este animal é timido e tranquillo, não ataca senão quando o perseguem, alimenta-se de folhas e raizes das plantas, e vive em tropas nos mattos longe de povoado; gosta da borda d'agua, porque, como bom nadador que é, acha n'ella refugio quando o atacam. Domestica-se facilmente e cria-se nas casas; é muito nocivo ás plantações da canna de assucar pelo muito que d'ella gosta. Come-se-lhe a carne, que aliás não é muito estimada, e tira-se da protuberancia que existe sobre o pescoço, e a que chamam *cachaço de anta*, uma banha que se emprega em fricções nas dôres rheumaticas; sua pelle fornece um couro muito grosso e muito estimado. Logo que as antas avistam o homem, precipitam-se na corrente mais proxima, e, nadando por muito tempo entre duas aguas, não tornam a apparecer senão a grande distancia e fóra do seu alcance. Estes animaes dormem de dia e vagam de noite.



Fig. 66. — Anta ou tapirete.

ANTEBRAÇO. Porção do membro superior comprehendida entre a mão e o cotovello. Compõe-se de muitos musculos e de dois ossos, *radio* e *cubito*. O radio acha-se situado da parte de fóra, isto é do lado do dedo pollegar; o cubito corresponde á parte interna, isto é, ao dedo minimo.

Antebraço (*Deslocção do*). *Veja-se* DESLOCAÇÃO DO COTOVELLO.

Antebraço (*Fractura do*). *Veja-se* FRACTURA.

ANTHELMINTICOS. *Veja-se* VERMIFUGOS.

ANTHRACOSE. Estado particular do pulmão proveniente da penetração, n'este orgão, do pó de carvão de terra de que se acha impregnado o ar das cidades. Essas finissimas parcellas de carvão se infiltram no tecido do pulmão quando um individuo respira, ali se accumulam em pequenos montões pardaccentos, tanto mais pronunciados quanto mais o individuo é de idade avançada. Os obreiros que trabalham nas minas, os carvoeiros, os fundidores são os que mais expostos estão a serem accommettidos d'esta molestia. As vezes a grande quantidade d'esses depositos dão logar a graves pneumonias. Os escarros que esses individuos expellem são tinctos de preto pelas particulas carbunculosas.

ANTHRAX. Tumor inflammatorio mui duro, bastante doloroso, de côr vermelha-escura, que, no espaço de alguns dias, adquire muitas pollegadas de diametro; a pelle que o cobre esburaca-se miudamente e deixa correr pus sanguinolento; mortifica-se e cahe. É um tumor da mesma natureza que o leicenço, porém muito mais volumoso.

Causas. As causas que originam esta molestia não são completamente conhecidas. É occasionada em alguns individuos pelo uso de alimentos indigestos e de má qualidade; pela applicação de substancias acres irritantes, sobre a pelle, por picadas; pela irritação entretida por um caustico, ulcera, sarna, empigem; por fatigas do corpo, etc.

Symptomas. 1° *periodo.* Depois de alguns dias de sède, de fastio, e tambem sem que tenham precedido estes phenomenos, apparece sobre algum ponto do corpo um tumor inflammatorio, duro, doloroso, rubro, acompanhado de calor vivo. 2° *periodo.* O tumor augmenta por alguns dias, e estabelece-se a suppuração. A pelle abre-se em uma ou muitas aberturas, que deixam sahir o pus pela compressão. A dôr, o calor geral, a sède e a febre diminuem então. 3° *periodo.* A compressão faz sahir o pus, depois solta-se o *carnegão*, sahe em pedaços, e deixa uma larga chaga com perda de substancia. A pelle despega-se, adelgaça-se e toma côr cerulea nas margens da ulcera. 4° *periodo.* O fundo da ulcera cobre-se de carnosidades, as margens da chaga conchegam-se, a suppuração diminue pouco a pouco, e forma-se cicatriz. Os tres primeiros periodos duram um prazo quasi igual, de cinco a dez dias para cada um; mas o do ultimo é illimitado, e depende da extensão na perda de substancia.

Prognostico. O prognostico do anthrax é muito variavel. Em geral quando o tumor não excede o volume de um ovo de gallinha, as consequencias não são graves; mas quando é muito volumoso, o doente corre grande perigo.

Tratamento. No principio da molestia convem administrar um vomitorio, 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua morna. No dia seguinte deve-se dar um purgante: 60 grammas de sal d'Epsom ou 30 grammas de oleo de ricino. Os evacuantes podem fazer cessar os progressos da molestia. Sobre o tumor applica-se a cataplasma de linhaça, de fecula ou de farinha de mandioca. O meio de fazer desapparecer a estrangulação, consiste em praticar duas incisões que se cruzem no centro do tumor. Estas incisões facilitam a sahida do pus e dos carnegões, diminuem a dôr e a febre, e abreviam sobremaneira o prazo da molestia. Entretanto ha

anthrazes benignos que saram sem incisão, pela unico emprego das eataplasmas de linhaça ou de fecula.

Quando o anthrax é pequeno e que não mostra tendeneia em invadir as partes vizinhas, basta fazer uma pequena ineisão que permitta o eseorrimento do pus. Quando o anthrax é grande e lastra muito faz-se uma grande ineisão em forma de cruz, com bisturi ou thermo-cauterio, a incisão deve ser bem profunda e ir alem dos limites do anthrax. Lava-se depois a ferida com uma solução phenieada e cobre-se com compressas imbebidas na solução. Emprega-se tambem, logo que o anthrax appareee, pulverisações de acido phenico a 1/20, e de phenol Bobœuf; estas pulverisações devem ser feitas tres vezes no dia. O fim d'este tratamento é fazer abortar o anthrax.

Ás vezes, a eonvalescencia é muito longa e exige muitos cuidados, o doente deve ter uma alimentação escolhida, e tomar tonicos energicos.

Qualquer que seja o modo de tratamento empregado, quer se tenha esperado a abertura espontanea do anthrax, quer se tenha reeorrido á ineisão, cumpre limpar a ferida eada dia, laval-a com agua morna simples ou misturada com agua de Labarraque, ou com agua phenica, e desembaraçal-a das escaras que impedem o corrimento do pus. Continuam-se as cataplasmas até que todas as carnes mortas estejam eliminadas; depois do que curar-se-ha a ferida com fios untados com ceroto simples. Sustentar-se-hão as forças do doente com vinho, alimentação nutriente, e com as pilulas tonieas seguintes :

Extracto de quina..... 8 grammas.

Faça 24 pilutas. Para tomar tres por dia.

ANTHROPOLOGIA. É um dos ramos da historia natural. É a scieneia que trata do estudo do homem e das raças humanas, do mesmo modo e com os mesmos processos que emprega o zoologista para estudar uma raça de animaes.

É pois facil comprehender que o anthropologista deve eomeçar por estudar a estruetura do homem, a composição e o exercicio de seus orgãos. Deve pesquizar sobretudo quaes são os caracteres anatomicos que approximam ou afastam das diversas espeeies animaes, eom o fim de determinar exactamente o logar que occupa o homem na natureza. N'este ponto de vista, um minueioso exame do cerebro, dos ossos e dos museulos dão resultados muitissimo uteis.

Em seguida determina-se a quantidade das raças humanas e faz-se sobresahir os signaes que lhes são proprios. Com este fim a sciencia eompara as dimensões do eraneo, tão variaveis segundo os paizes, a côr dos olhos e da pelle; a abundaneia, a apparencia e o eomprimento dos cabellos dos homens de diversos paizes do mundo inteiro. Do conjuncto pois d'estes eonheeimentos deduziu-se existir quatro raças bem distinetas : a raça branea, a preta, a amarella e a vermelha, as quaes se subdivisam em grande numero de typos secundarios. Mesmo n'isso o estudo do esqueleto humano é de grande importancia, e as noções adquiridas sobre este ponto foram muito preeiosas quando se tratou de deter-

minar a natureza das ossadas que provinham dos mais remotos tempos.

Um dos mais importantes problemas que tem sido tratado pelos anthropologistas, é o da origem do homem. Em que epoca a especie humana appareceo na terra? De onde vinha o homem primitivo? As raças actuaes provêem ellas, de uma degradação insensivel de qualquer ser desapparecido? Taes são as questões que têm sido debatidas para as quaes a sciencia ainda não encontrou solução definitiva.

Lamarck, Geoffroy-Saint-Hilaire, Darwin, Lublock, e Broca são os eruditos que mais têm contribuido para o progresso da anthropologia.

ANTHROPOMETRIA. É a arte de medir o corpo humano, tanto em sua totalidade como em suas diversas partes. Exige que se tenha conhecimentos assaz completos em anatomia e o manejo de instrumentos delicados. A anthropometria tem tambem por alvo o estudo das relações entre as differentes medidas.

ANTIDARTROSOS, ANTIHERPETICOS, ANTIPSORICOS. Estes tres nomes applicam-se aos medicamentos que exercem sobre a pelle influencia especial, e são empregados nas molestias da pelle, como dartros, empigens, sarna, etc. Taes medicamentos são : enxofre, sulfureto de potassio, sulfureto de antimonio, aguas mineraes sulfurosas, mercurio, sublimado corrosivo, arsenico, iodo, salsaparrilha, guaiaco, doce-amarga, bardana, fumaria, caroba.

ANTIDOTO. *Veja-se* CONTRAVENENO.

ANTIFEBRIL. *Veja-se* ANTIPERIODICOS.

ANTIFEBRINA. *Veja-se* ACETANILIDA.

ANTIMONIO. Metal de côr branca prateada, de textura laminosa, em pequenos grãos quando é puro, e com largas facetas quando contém outros metaes; mui quebradiço e facil de pulverizar. Existe na natureza no estado metallico; mas aquelle que se encontra no commercio obtem-se do sulfureto de antimonio, e contém ferro, chumbo e arsenico; para têl-o puro é preciso purifical-o.

Alguns dos seus compostos eram conhecidos dos antigos, entre outros, o sulfureto de antimonio, de que as senhoras egypcias se serviam para tingir as sobrancelhas e as pestanas.

O antimonio metallico não se emprega em medicina. Não obstante, outr'ora, administrava-se em pilulas que atravessavam os instestinos sem mudança apreciavel, e eram conhecidas com o nome de pilulas *perpetuas*, mostrando-se ligeiramente purgativas e vomitivas.

Varios compostos, que o antimonio forma com outros corpos, usam-se em medicina, mas alguns são venenosos, quando administrados sem precaução.

Os principaes d'estes compostos são: *Tartrato de antimonio e de potassa*, *Tartaro stibiado*, ou *Tartaro emetico*, ou simplesmente *emetico*. Este composto acha-se descripto no artigo EMETICO.

Antimonio diaphoretico, ou *bi-antimoniato de potassa*, impropriamente chamado *oxydo branco de antimonio*. Sal pulverulento, branco, insoluvel em agua. Emprega-se nas bronchites, na dóse de 50 centigrammas a 1,1/2 grammas suspenso n'uma poção.

Sulfureto de antimonio. E um corpo solido, pulverulento ou crystalli-

zado em agulhas, de côr cinzenta-azulada. Contém sempre arsenico. Antigamente era empregado na preparação da tisana de Feltz, mas hoje o seu uso está condemnado por causa dos accidentes que produzia.

Hydrosulfato de antimonio ou kermes mineral. Veja-se o artigo KERMES MINERAL.

Manteiga de antimonio. Veja-se este artigo na sua ordem alphabetica.

ANTIPERIODICOS, ou FEBRIFUGOS ou ANTIFEBRIS. Medicamentos que exercem acção especifica contra as febres intermittentes, e outras affecções que tem o caracter de voltar em certos periodos de tempo, taes como enxaquecas, nevralgias faciaes, e outras molestias nervosas.

Estes medicamentos são : sulfato de quinina, casca de quina, quinio, casca de páo pereira, sub-carbonato de ferro, serpentaria de Virginia, café, losna, quinoidina.

ANTIPHLOGISTICOS. Medicamentos ou meios proprios para combater a inflammação. O tratamento antiphlogistico consiste no emprego das sangrias, bichas, ventosas sarjadas, nas bebidas aquosas, mucilaginosas ou acidulas, conforme as circumstancias, taes como a infusão de linhaça, o cozimento de cevada, limonada de limão, de laranja, etc.; consiste ainda no uso dos banhos tepidos, das cataplasmas de linhaça, e na abstinencia mais ou menos completa das comidas.

ANTIPYRINA. É uma substancia organica que se obtem tratando um derivado da anilina pelo chlorureto de methyla. É um pó branco, soluvel na agua. Como seu nome indica, ella serve para fazer baixar a temperatura do corpo dos febricitantes. Tambem tem uma acção bastante efficaz sobre o systema nervoso, ella calma as dôres nevralgicas e rheumatismaes. Ordinariamente é administrada em poção na dóse de um a quatro grammas. É pouco toxica.

Um modo facil de empregar a antipyrina é em solução de Trouette. Cada colher de sopa d'esta solução contém 50 centigrammas de antipyrina pura. Toma-se na dóse de uma colher, de hora em hora, até produzir effeito. A dóse maxima é de 8 a 10 colheres nas 24 horas.

A substancia fabricada em França com o nome de *analgesina* é identica em composição á antipyrina e muito superior como pureza.

ANTISCORBUTICOS. Medicamentos empregados contra o escorbuto. As folhas de agriões, de cochlearia, as fructas acidas gozam de propriedades antiscorbuticas. N'estes ultimos annos, reconheceo-se que as batatas, chamadas no Brazil *inglezas*, usadas como alimento, constituiam um dos melhores meios para preservar do escorbuto as tripolações dos navios. Muitas embarcações empregadas na pesca da baleia, preserváram as suas esquipagens do escorbuto pelo uso d'este alimento, e outras tem visto cessar a molestia depois de se terem aprovisionado de batatas em arribadas, ou em navios que encontráram no mar.

ANTISEPTICOS. O desenvolvimento das novas doutrinas microbiannas, cujos progressos foram accelerados por Pasteur de um modo tão admiravel, fez com que os antisepticos tomassem uma importancia predominante que não tinham ha dez annos passados. É sabido que qualquer fermentação, que qualquer putrefacção é o resultado da acção de

certos organismos inferiores. Esses organismos não podem se reproduzir nem pullular sem que encontrem um centro favoravel para esse fim. Empregam-se os antisepticos justamente com o fim de impedir essa reproducção. Desde que ficou bem estabelecido que são os microbios a causa das suppurações e das infecções purulentas, os cirurgiões trataram logo de juntar, a um asseio perfeito, o emprego de agentes chimicos proprios a destruir esses microbios ou a evitar a sua invasão. Até em medicina se utilisa os antisepticos, em algumas molestias, por exemplo, no tratamento da febre typhoide e da tisica pulmonar.

Muitos antisepticos chimicos são empregados sobretudo como desinfectantes. O *chlorureto de zinco*, o *sulfato de ferro*, a *cal viva* são substancias que se empregam sobretudo para supprimir os maus cheiros e para consumir materias putrefactas. As outras substancias antisepticas que se empregam em medicina, tanto internamente, como na superficie das feridas são : o *Bichlorureto de mercurio*, o *acido phenico* o *phenol Bobœuf* o *acido borico*, o *alcool. coaltar saponiné Le Bœuf*, etc., Nem todos estes productos chimicos tem o mesmo valor na pratica. Os acidos phenico e borico são muito menos antisepticos do que o bichlorureto de mercurio, o qual chega a destruir os microbios, mesmo em dóses mui fracas. E a razão porque se o emprega quotidianamente para limpar as mãos dos operadores e humedecer as peças de qualquer penso. O alcool puro que ainda não ha muitos annos era considerado como um parasiticidio mui energico, está agora quasi completamente abandonado, porque descobrio-se que a sua acção antiseptica não tinha grande valor.

ANTISPASMODICOS. Os antispasmodicos são medicamentos que servem para modificar algumas perturbações do systema nervoso, conhecidas pelos nomes de espasmos, nevroses, nevralgias, etc. Diminuem os movimentos convulsivos, porém, quando estes não procedem da inflammação cerebral. Os medicamentos antispasmodicos são os seguintes : ether, camphora, assafetida, almiscar, castoreo, succino, valeriana, folhas de laranjeira (*Veja-se* cada uma d'estas palavras).

A *poção antispasmodica* de que se faz uso nas molestias nervosas é a seguinte :

Agua	120 gram.	Ether sulfurico.....	20 gottas.
Agua de flores de laranjeira.	4 —	Xarope simples	30 gram.

A poção *antispasmodica e calmante* é esta :

Infusão de flores de laranjeira.	120 gram.	Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Ether sulfurico.....	20 gottas.	Xarope simples	30 gram.

Ambas estas poções administram-se ás colheres *de sopa*, com meia ou uma hora de intervallo.

ANTISYPHILITICOS. Medicamentos que, tomados internamente, tem a propriedade de destruir o virus syphilitico. São : mercurio simples, sublimado corrosivo, calomelanos, iodureto de mercurio, iodureto de potassio, ouro, oxydo de ouro, chlorureto de ouro, chlorureto de ouro e sodio, salsaparilha, guaiaco, sassafraz, raiz da China.

ANTOJO. Desejo de uma mulher pejada. — Emquanto se desenvolve no utero o producto da concepção, os diversos apparelhos da economia recebem um influxo mais ou menos sensivel. Seja pelo effeito da compressão, seja sympathicamente, os orgãos digestivos são, ás vezes, a séde de um estado nervoso, particular, que se manifesta por um violento desejo de comer substancias desusadas, e até repugnantes. Assim, ha mulheres que preferem ás comidas mais appetitosas carvão, gesso, fructas verdes, e se a estes *antojos* se obedece, graves accidentes podem sobrevir. Um professor de Montpellier foi testemunha de um caso d'esta natureza que ia quasi sendo fatal. Uma mulher gravida teve um desejo excessivo de vinagre; não souberam resistir-lhe; tanto abusou d'elle, que teria succumbido, se lhe não houvessem acudido com soccorros apropriados e perseverantes. Já que a razão é insufficiente para impedir taes aberrações, forçoso é afastar as cousas que podem servir-lhes de objecto, e persuadir-se, apezar de alguns exemplos sem consequencia, de que as substancias de má natureza nunca penetram no tubo digestivo sem prejuizo ou perigo para este. A prenhez não é um privilegio que possa justificar a inobservancia das regras de hygiene. Se o appetite é grande, dêm-se á mulher alimentos sem sabor. Se existe um fastio profundo, sem causa morbida apreciavel, serão pelo contrario muito convenientes alimentos temperados e bebidas sápidas. Não fallarei d'esses outros antojos, irregularidades do instincto ou perversão de certas faculdades da intelligencia, que parecem determinar singularidades numerosas, ou conduzir algumas mulheres gravidas a actos culpaveis; só ao medico pertence apreciar esses actos pelo gráo de malicia que os fez commetter, e esclarecer o juiz encarregado de pronunciar sobre a moralidade d'elles.

ANURIA. Palavra empregada em medicina para designar a suppressão da secereção ourinaria.

ANUS (MOLESTIAS DO). Chama-se *anus* ou *ano* a abertura inferior do canal alimentar. Muitas molestias acommettem esta região do corpo. Artigos especiaes são destinados ás *hemorrhoidas*, ao *macúlo*, á *fissura* e á *fistula do anus:* limitando-me n'este logar aos casos de *imperforação*, *quéda* ou *hernia*, *postema do anus* e ao *anus anormal.*

1° **Imperforação do anus.** Este vicio de conformação é bastante grave. A criança que nasce assim tapada, morre indubitavelmente, se a arte não vem em seu soccorro. Com effeito, a primeira consequencia d'esta imperforação é a retenção das materias contidas nos intestinos, e que devem ser expulsas pouco tempo depois do nascimento. Ao principio, a criança não mostra dôr alguma, mas logo depois agita-se, recusa o peito ou larga-o, apenas o tem tomado, dá gritos que se vão tornando cada vez mais compungidos, faz, para expulsar as materias, esforços durante os quaes o rosto se torna vermelho ou arroxeado; o pescoço incha, a respiração accelera-se, o ventre torna-se duro, doloroso, e entumecido dos lados. A febre, a principio viva, é seguida de um frio de sinistro agouro; finalmente sobrevem vomitos, soluços e a morte.

As pessoas que recebem a criança deixam ordinariamente de examinar se o anus está bem conformado; entretanto, quanto mais tarde se

reconhecer a causa dos accidentes que deixei descriptos, tanto menores serão as probabilidades da cura. Além d'isso, a imperforação do anus apresenta muitas variedades que exercem tambem grande influencia sobre o prognostico.

Umas vezes o anus acha-se sómente fechado por uma membrana estendida por baixo das materias accumuladas, e que basta abrir para lhes dar sahida pela abertura; outras vezes não existe no exterior vestigio algum: a extremidade inferior do intestino falta então, ou está separada da pelle pela grande espessura das partes; ou finalmente existe a abertura ordinaria do anus, mas é terminada mais ou menos acima por um canal tapado, e que não tem communicação com o interior. Não custa comprehender quanto n'este ultimo caso é facil attribuir a qualquer outra causa, os accidentes que ameaçam a vida do innocente enfermo, se não ha cuidado em examinar os pannos que o enfacham.

Para corrigir este defeito, torna-se indispensavel uma operação. Se o anus está simplesmente tapado por uma membrana, é preciso fural-a com bisturí para lhe dar sahida. Muitas crianças podem assim sarar perfeitamente, comtanto que a operação seja feita a tempo.

Mas nos casos em que existe a abertura anal, estando tapado o intestino no interior do corpo, a operação é ás vezes impraticavel, ou o seu resultado incerto, e a criança está condemnada á morte mais ou menos prompta.

2° **Sahida, quéda,** ou **prolapso do anus,** vulgarmente *viu de fóra.* Esta molestia consiste em um tumor que o intestino, virado sobre si mesmo, como um dedo de luva, faz atravéz da abertura do anus. Este tumor não se mostra ao principio senão quando o doente expulsa as materias excrementicias; e recolhe-se por si mesmo ou por meio de uma ligeira pressão; mas, passado tempo, sahe ao menor esforço.

O prolapso do anus observa-se sobretudo nas crianças que tem o costume de gritar. As mulheres são muitas vezes acommettidas d'elle durante os esforços do parto. Nas pessoas idosas observa-se tambem depois da dysenteria. Os adultos raras vezes soffrem d'esta molestia, e sómente quando, por outra doença, são obrigados a grandes esforços de expulsão, como retenção de ourinas, pedra na bexiga, prisão renitente do ventre, etc.

Abandonado a si mesmo, o prolapso do anus augmenta; é acompanhado de um fluxo purulento e fetido, que enfraquece muito o doente, e o torna um objecto de aborrecimento para si proprio, e para as pessoas que o rodeiam, e até a gangrena póde ser o resultado da constricção das partes. Por consequencia é urgente fazer desapparecer esta molestia, ou ao menos palliar os seus accidentes, e prevenir as desordens ainda mais graves que ella possa occasionar.

Quando o tumor é recente, a primeira indicação consiste em reduzil-o. Para isto é preciso deitar o doente horizontalmente e sobre um lado, curvar uma coxa e estirar a outra; recommendar-lhe que não faça o menor esforço, e fazer afastar as nadegas por um ajudante. Estando tudo

assim disposto, introduz-se o index da mão esquerda na abertura terminal do tumor, e pouco a pouco se fazem tornar a entrar as partes que sahíram. Muitas vezes não é necessario introduzir o dedo no anus, basta, para obter-lhe a reducção, cobrir o tumor com panno de linho, e comprimil-o com a mão. Terminada a operação, applicam-se fios sobre a abertura anal; mantem-se estes com uma toalha cingida á roda do corpo, e com uma ligadura que, atada atraz d'este cinto, passa sobre o anus, depois entre as coxas, e vai prender-se na parte anterior do mesmo cinto.

Nas crianças mui tenras, impede-se a sahida do intestino recto sostendo o anus, no momento da defecação, com dois dedos apartados.

O prolapso do anus reproduz-se ás vezes apezar da ligadura; cumpre, então, tornar a reduzir o tumor e empregar os meios mais efficazes que possam conseguir a cura radical. Quando a molestia é recente e o individuo moço, consistem estes meios em semicupios frios, d'agua simples ou misturada com vinagre, ou com vinho tinto.

O prolapso do anus nas crianças não resiste aos lavatorios com vinho tinto, ou aos banhos e clysteres d'agua fria. Mas quando a molestia é antiga, mui consideravel, ou quando o doente tem certa idade, só uma operação cirurgica póde cural-a. Quando a doença está complicada com tumores hemorrhoidaes, basta fazer a excisão d'elles para obter a cura do prolapso do anus. Não existindo esta complicação, o cirurgião escolhe, para estreitar o anus, a cauterização, a excisão do tumor, ou então a excisão das rugas da pelle.

Mas quando o prolapso do anus, como acontece em algumas pessoas, consiste apenas na sahida da membrana interna pelo esforço da defecação, e forma um pequeno tumor que o doente faz entrar com facilidade, póde-se, conservando o ventre livre por meio de clysteres frios, e introduzindo uma pequena mecha, tornar este incommodo pouco desagradavel. Todavia, mesmo n'este caso, a cirurgia póde curar o doente por uma operação mui pequena (excisão de algumas rugas da pelle do anus), e mui preferivel á sujeição que occasionam os cuidados quotidianos, os quaes de outro modo se tornam necessarios.

3° **Postema perto do anus.** *Veja-se* Abcesso, Vol. I, pag. 5.

4° **Affecções venereas do anus.** No anus, como nas partes genitaes, podem desenvolver-se cancros (vulgo cavallos), purgações.

Os *cavallos* do anus não differem das ulceras do mesmo nome, que se desenvolvem nas partes genitaes, senão pelo perigo que os acompanha, perigo este que resulta da vizinhança da bexiga no homem, e da vagina na mulher. Com effeito, podem furar os septos que separam do anus estas partes, e produzir accidentes mui graves. O seu tratamento nada offerece de particular. (*Veja-se* Cavallo.)

A *purgação* do anus, que é semelhante á que se chama gonorrhea, exige frequentes banhos, clysteres de decocção de linhaça e o uso interno do balsamo de copahiba. (*Veja-se* Blennorrhagia.)

As *vegetações do anus,* que se chamam, segundo a sua fórma e aspecto, cristas de gallo, figos, condylomas, mariscas, são symptomas de molestia

venerea geral. Exigem unturas com unguento mercurial, lavatorios com dissolução de sublimado, ás vezes é necessario cortal-as com tesoura. A este tratamento externo accrescenta-se sempre o uso interno das preparações mercuriaes (*Veja-se* SYPHILIS.)

5° **O Scirrho** ou **cancro** affecta ás vezes o anus. O unico meio de curar esta molestia é a extirpação.

6° **Fistula no anus.** *Veja-se* FISTULA.

7° **Anus anormal.** — Póde acontecer por uma causa qualquer, que um dos instestinos esteja furado e communique exteriormente por uma abertura, que dê passagem ás materias estercoraes. Esta abertura anormal, que constitue uma enfermidade desagradavel, tem o nome de *anus anormal.* N'este caso a abertura inferior dos intestinos, em vez de se achar no anus, encontra-se no embigo, virilha, ou alguma outra região do ventre. O anus anormal é ás vezes um vicio de nascença, mas de ordinario provém de algum accidente. Procede sobretudo de feridas do ventre, e quando um intestino foi cortado no seu todo ou em parte. Então, quasi sempre o doente morre de peritonite, em consequencia de se derramarem os excrementos no ventre ; mas ás vezes estabelecem-se adherencias entre o intestino ferido e as bordas exteriores da ferida : as materias podem então correr para fóra, e o doente escapar graças ao anus anormal. Esta doença póde ainda ter por origem a hernia estrangulada, na qual a porção de um intestino deslocado ficou grangrenada ; as materias sahem n'este caso para fóra abrindo as paredes do ventre, e determinando a formação de uma postema. As outras causas são : abcessos que sobrevem nas paredes de um intestino, e a estrangulação de uma porção de intestino pela ligadura do cordão umbilical nos recemnascidos, quando existe a quebradura congenita atravez do embigo, e a parteira não deo pelo caso.

As materias que sahem pelo anus anormal approximam-se mais ou menos de natureza do chylo ou da dos excrementos, segundo que a porção do intestino aberto pertence á parte superior, ou inferior do tubo digestivo : o intervallo do tempo que deve decorrer entre a ingestão dos alimentos e a sua sahida, deve variar segundo as circumstancias E facil, com effeito, conceber, que quanto menor fôr a porção dos intestinos percorrida pelos alimentos, tanto menos ficará absorvida a sua parte nutritiva, e tanto mais a nutrição se tornará incompleta, sobretudo se a abertura fôr larga, e se a maior parte ou a totalidade das materias correr para fóra. Assim, quando o trajecto fistuloso principia na porção superior do tubo digestivo, o emmagrecimento sobrevem rapidamente ; os doentes comem muito, sem se restabelecerem as forças, e succumbem de marasmo não se recorrendo aos meios curativos. Quando, pelo contrario, a abertura anormal occupa uma parte do intestino mais vizinha do anus, o doente é menos affectado, e citam-se casos em que os enfermos conserváram, durante mais de dez annos, essa má disposição, sem consideravel deterioramento na saude. Esta doença, que é muito desagradavel, produz, além d'isso, erysipelas e outros incommodos; pelo que deve-se sempre tentar a cura.

O *tratamento* consiste em fazer a compressão por meio de mecha de fios introduzida na abertura exterior, ou em cortar, com instrumento particular, o septo que impede as materias de passarem da extremidade superior do intestíno á extremidade inferior. Quando a molestia é incuravel, ou quando a operação apresenta grandes difficuldades, forçoso é limitar-se aos cuidados de asseio, e ao emprego de um apparelho apropriado. Compõe-se este apparelho de um chapa de marfim, que se applica sobre a abertura exterior, e que tem no centro um buraco, ao qual se adapta um tubo de gomma elastica guarnecido de uma valvula mui movel; as materias passam por este tubo e cahem n'uma caixa de prata ou de estanho, que se póde tirar e tornar a pôr, para limpeza. Fixa-se ao corpo o apparelho inteiro com fitas e correias.

ANXIEDADE. *Veja-se* ANCIA.

AORTA. Assim se chama a mais grossa artería do corpo humano e do organismo de todos os animaes. De diametro consideravel, as suas paredes são em proporção muito finas, mas muito elasticas. O seu trajecto é muitissimo longo. Partindo do ventriculo esquerdo do coração ella se desvia da direita para a esquerda e de cima para baixo em forma de um baculo, depois desce no comprimento da espinha dorsal da qual ella não se separa até se terminar em duas arterias mais pequenas chamadas arterias iliacas.

Em todo o seu curso, ella distribue para diante e nas partes lateraes, grande quantidade de braços de tamanho variaveis que se rameficam por todo o corpo. A cada batedura do coração, a aorta recebe grande quantidade de sangue vermelho que vem do pulmão; este sangue passa por todos os ramos arteriaes secundarios, de tal modo, que a integridade da aorta é indispensavel para a nutrição de todos os orgãos e até mesmo a do coração. Nos individuos magros e que têm as paredes do ventre flexiveis, é facil sentir as bateduras da aorta no correr da espinha dorsal, bateduras estas que correspondem exactamente com as do coração.

A aorta é uma das arterias mais frequentemente acommettida de aneurisma. As bolsas aneurismaes se formam principalmente perto do coração, na parte superior da arteria. N'este ponto inaccessivel aos meios cirurgicos descriptos no artigo aneurisma, a molestia tem sua evolução espontanea. Já se tentou cural-a com o iodureto de potassio, sangrías, a electropunctura, com injecções de liquidos coagulantes, a introdução de agulhas ou de corpos estranhos com o fim de provocar a formação de coagulos. Quasi sempre esses meios ficam sem resultado, e se as vezes a aneurisma se cura espontaneamente, devemos dizer que as mais das vezes ella causa a morte, morte subita por causa da hemmorrhagia consideravel que sobrevem depois da rotura da bolsa.

APERIENTES ou DESOBSTRUENTES. (Da palavra latina *aperire*, abrir.) Deo-se outr'ora este nome a diversas substancias que se julgavam proprias para abrirem as vias biliarias e urinarias. E por isso a maior parte dos aperientes gozam de propriedades laxativas ou diureticas. O espargo, a salsa, as azedas, o cerefolio, o nitro, foram considerados como aperientes.

A denominação de aperientes, que dependia das ideias hypotheticas que antigamente reinavam, acha-se hoje banida da linguagem medica, é só empregada pelas pessoas estranhas á arte de curar.

APERTO DO CANAL DA URETHRA. *Veja-se* ESTREITAMENTO.

APHASIA (De *a* privativo, *phasis*, palavra). Estado de um individuo que se acha na impossibilidade de pronunciar certas palavras e de exprimir o que tem vontade e intenção de dizer. Chamam-lhe tambem *aphemia*, *alalia*, *anaudia*.

Causas. A aphasia é um symptoma que pertence a muitos estados morbidos. Póde ser de nascença e depender do idiotismo, da surdo-mudez, dos vicios de conformação; ou é adquirida, e então é o resultado das lesões organicas ou das perturbações nervosas do cerebro. A aphasia foi observada em consequencia da febre typhoide, de um resfriamento subito, das bexigas, do rheumathismo articular agudo, do excesso nas bebidas alcoolicas, dos excessos venereos, de fortes applicações do espirito, de mui vivas emoções taes como a colera, o susto, etc.

Symptoma. O individuo affectado de aphasia não póde empregar as palavras justas, ou serve-se sempre das mesmas palavras e sem o menor sentido nem relação com as perguntas. Seu olhar e sua physionomia ordinariamente intelligentes, exprimem o enfado, o pezar, o desespero, a colera de não poder fallar. Faz gestos expressivos por meio dos quaes procura fazer-se comprehender, e indica que concebe mais ou menos o que se lhe pergunta, mas não póde responder.

As variedades de aphasia são numerosas. Segundo as observações dos medicos, alguns doentes só perdem a faculdade de dizer o seu proprio nome; outros, nomes e palavras, por exemplo aquelle homem que para dizer: tesoura, empregava a periphrase: a cousa com que se corta. « O Professor Bouillaud cita o caso de um individuo que esqueceo os tempos dos verbos, dizia: dar bons dias, em vez de: dou-lhe os bons dias. » Alguns empregam certas palavras por outras. Um doente dizia « *lenço* », entretanto que pensava *livro*. Um doente pedia as suas botas em vez de um pedaço de pão; um outro um copo por um livro; um outro confundia os nomes dos seus filhos.

O Professor Trousseau citava nas suas lições o caso seguinte: Em 1853 entrou para a enfermaria um joven operario que, em consequencia de copiosas bebidas alcoolicas, tinha perdido a faculdade de fallar. Podia mover a lingua, o queixo e os labios com muita facilidade; a expressão dos olhos e da physionomia indicava que havia integridade da intelligencia. Perguntou-se-lhe se sabia escrever, fez um signal affirmativo; apresentou-se-lhe papel, penna e tinta, e pedio-se-lhe que escrevesse o seu nome e a sua morada; foi-lhe impossivel escrever qualquer cousa, e no entanto os dedos gozavam de completa mobilidade. O Dr. Trousseau prescreveo-lhe alguns purgantes, fricções estimulantes nas fontes e na nuca. No fim de dez a quinze dias, o doente principiou a fallar, e depois de um mez de tratamento, sahio perfeitamente curado. Então pôde contar o que lhe tinha acontecido, e disse que durante o

tempo da sua molestia, não só não podia pronunciar uma unica palavra, mas tambem as palavras não se apresentavam á sua memoria.

Prognostico. A aphasia é passageira ou persistente. No primeiro caso é uma nevrose ou depende da congestão do cerebro, e sara n'um tempo que não excede de alguns mezes ; no segundo provém da apoplexia ou do amollecimento do cerebro, e é, as mais das vezes, incuravel. O prognostico depende das causas, do estado da intelligencia e da simplicidade ou não do estado morbido.

Tratamento. A aphasia nervosa exige uma tranquilidade absoluta do espirito, regimen corroborante e tempo. A aphasia produzida pela congestão do cerebro, reclama bichas no anus, sangria, purgantes. Um cautico na nuca é muitas vezes util. Na aphasia dependente do amollecimento, ou de alguma outra lesão organica do cerebro, é necessario limitar-se só aos cuidados hygienicos.

APHONIA. Esta palavra emprega-se para designar toda a especie de enfraquecimento ou de extincção da voz. *Veja-se* PERDA DA VOZ no artigo Voz.

APHRODISIACOS. É o nome que se dá a tudo aquillo que póde excitar os desejos amorosos, augmentar a faculdade reproductora, ou reanimal-a quando se acha mais ou menos abolida. Se a fraqueza ou a *impotencia* dos orgãos genitaes fosse constantemente a consequencia da libertinagem, não se faria menção dos aphrodisiacos n'esta obra. A missão, por assim dizer, sacerdotal do medico não deve associar-se ao vicio, indicando os meios de prolongar a sua duração. Porém muitas circumstancias podem diminuir, destruir mesmo nas pessoas mais virtuosas a aptidão para os delcites do amor, e para preencher os deveres do matrimonio : é então uma obrigação sagrada, offerecer-lhes os recursos da arte, com os quaes estes infelizes possam exercer uma funcção importante, e ao mesmo tempo a mais nobre que a natureza confiou ao homem. Vejamos quaes são as substancias a que se attribuem virtudes aphrodisiacas.

A pimenta e os outros temperos, taes como a noz moscada, a baunilha, o cravo da India, a canella, o gengibre, etc., são estimulantes energicos, que dispõem aos prazeres do amor. Existem alimentos estimulantes e mui nutritivos, que tem a propriedade de restabelecer as forças, e excitar ao mesmo tempo toda a economia, e por consequencia os orgãos da geração. A esta categoria pertencem as carnes salgadas, assadas, a caça, o peixe, os ovos, as tubaras, o salepo, sagú, tapioca, araruta, cholocate e os vinhos generosos. O aipo, os agriões, o alho e a mostarda gozam tambem de uma energia comprovada por numerosas observações. Muitas atonias do membro viril tem sido curadas pela applicação dos pannos molhados na maceração, de farinha de mostarda em agua fria. Os Turcos provocam os prazeres physicos e moraes por meio do opio ; mas esse estado, que é pura molestia, nunca deve ser provocado.

Entre as substancias medicamentosas indicaremos o almiscar e o ambar cinzento, que gozam de virtude aphrodisiaca, e que podem ser em-

pregados sem perigo. Outro tanto não se póde dizer das cantharidas, cuja excessiva energia é conhecida de todos. Ellas dirigem principalmente a sua acção sobre o systema urinario e genital, que estimulam, irritam, inflammam, e até corroem, segundo a dóse, e a maneira por que foram administradas. As beberagens, os philtros amorosos, em uma palavra, todas as preparações aconselhadas pelo charlatanismo para restabelecer o vigor dos orgãos da geração, devem ás cantharidas as suas poucas vantagens, e sobretudo os seus terriveis effeitos. Todas as febres nervosas, as retenções de ourina, e frequentemente as erecções que resultam da applicação de um caustico, em um individuo delicado, devem ser attribuidas á introducção d'esta substancia na economia pelos poros da pelle. Tem-se ainda elogiado o phosphoro para fazer reviver a virilidade extincta. Esta asserção, porém, não está ainda confirmada por sufficientes observações; entretanto, não se duvida que essa substancia seja um veneno violento, e que, ainda em mui fraca dóse, produza morte rapida e cruel.

Longe de satisfazer aos desejos ridiculos de um velho, ou ás proezas vergonhosas de um moço libertino, a medicina deve prevenir estes individuos contra os perigos, que podem resultar da menor imprudencia n'este caso. Henricus-ab-Heers cita o exemplo de um septuagenario que, para reanimar o appetite venereo, engulio cantharidas incorporadas n'um xarope; mas logo sobrevcio-lhe inchação excessiva das partes genitaes, ourinas sanguinolentas, etc., e este velho insensato não escapou á morte senão com muito custo. Cabrol, celebre cirurgião do seculo passado, refere tambem o fim desgraçado de um Provençal, o qual, por ter tomado um aphrodisiaco mui energico, foi affectado de um *priapismo* tão violento, que morreo d'elle. Ambrosio Paré cita igualmente o exemplo de um individuo, o qual, para se distinguir nos jogos de Venus, fez uso de um aphrodisiaco, de que succumbio. A morte do poeta Lucrecio é por seus biographos attribuida a um philtro amoroso, que recebeo de de sua querida Lucilia. Fôra um nunca acabar, se se quizesse continuar a historia das desgraças que tem sido occasionadas por estes remedios incendiarios. O homem sensato deve, por conseguinte, acautelar-se contra as receitas perigosas dos charlatães, que por especulação sacrificam os infelizes que a ellas se confiam.

Quando o desejo não se faz sentir é quasi sempre perigoso, provocal-o, qualquer que seja o meio para este effeito empregado. O unico aphrodisiaco, que não repugna á razão e á prudencia, consiste n'um regimen tonico e restaurador; é este o unico tambem que não offerece inconveniente para a saude geral. (*Veja-se* IMPOTENCIA.)

APHTAS. As *aphtas* são pequenas ulcerações que se desenvolvem na face interna da bocca, ou na garganta.

As aphtas, consideradas no seu estado de simplicidade, constituem um incommodo benigno, que cede a um regimen sobrio, ás bebidas acidulas e aos lavatorios feitos com agua morna e mel rosado : ás vezes é necessario tocal-as com pedrahume ou pedra infernal; mas quando as ulcerações se multiplicam em muitos pontos da bocca, é preciso tomar

um purgante brando, como 8 grammas de magnesia calcinada, ou 30 a 60 grammas de cremor de tartaro dissolvido n'um copo d'agua fria com assucar, e fazer uso das pastilhas de Dethan, de chlorato de potassa. Fazer gargarejos com Phenol Bobœuf misturado com trinta partes d'agua.

APIOL. Liquido amarellado, oleoso, não volatil, obtido dos fructos da salsa hortense, *Apium petroselinum*. Linneo. É soluvel no alcool e no ether, insoluvel na agua; de sabor acre, picante; cheiro especial e tenaz. Na dóse de 1 gramma produz uma excitação cerebral leve; na dóse de 2 a 4 grammas, occasiona uma especie de embriaguez acompanhada de dôr de cabeça e vertigens. É aconselhado, em capsulas, contra as febres intermittendes e na falta de menstruação, na dóse de 25 centigrammas a 1 gramma.

Administra-se o Apiol em Perolas, do Dᵒʳ Clertan, de 5 centigrammas do producto puro.

APOMORPHINA. Medicamento obtido pela digestão do acido chlorhydrico na morphina. É soluvel em agua, alcool e ether. A apomorphina só é empregada debaixo da forma de chlorhydrato; é um sal crystalisado, sem cheiro, muito amargo e se conserva muito difficilmente em solução. Quando os doentes não podem tomar vomitorios pela bocca, emprega-se a apormophina em injecções sub-cutaneas, na dóse de 6 milligrammas. Alem de ser emetica é uma substancia tambem expectorante. É um veneno muito forte, mesmo em fracas dóses.

APONEVROSE. As *aponevroses* são membranas brancas, luzentes e mui resistentes, que envolvem e mantem os musculos. Sua face interna acha-se em contacto com estes musculos, a externa está coberta pela pelle (*Veja-se* ANATOMIA, Vol. I, pag. 153.)

APOPLEXIA, APOPLEXIA CEREBRAL, AR, RAMO DE AR, OU ESTUPOR. Chama-se geralmente *apoplexia*, e mais particularmente *apoplexia cerebral*, uma congestão de sangue no cerebro, seguida ou não do derramamento d'este liquido na substancia do cerebro, e cujo symptoma principal é a perda subita, e mais ou menos completa, do sentimento e do movimento. Esta molestia designa-se tambem vulgarmente debaixo do nome de *ar*, *ramo de ar*, ou *estupor*.

Causas. Tudo o que favorece a congestão do sangue na cabeça póde occasionar esta molestia. Entre as suas numerosas causas, contam-se as paixões vivas, sobretudo a colera, a alegria excessiva e os pezares profundos. A embriaguez, os abusos dos licores espirituosos, dos alimentos substanciaes; o somno depois de um copioso jantar; a exposição da cabeça descoberta a um sol ardente; uma temperatura mui elevada ou um frio excessivo; os banhos mui quentes e prolongados; o excesso dos trabalhos intellectuaes; o abuso dos prazeres venereos nas pessoas idosas; os vestidos muito apertados; o costume de se deitar com a cabeça mui baixa; os gritos violentos; o somno mui prolongado; a supressão de um fluxo sanguineo habitual, como o fluxo hemorrhoidal ou menstrual: taes são as causas mais ordinarias da apoplexia. Ella póde atacar os individuos magros e pallidos, porém é muito mais frequente nos sanguineos.

Symptomas. A invasão da apoplexia é ás vezes annunciada por alguns

symptomas precursores, como zunido nos ouvidos, vertigens, dôres de cabeça, propensão para o somno, uma especie de embriaguez, enfraquecimento da vista, do ouvido, da memoria, embaraço na falla, enfraquecimento dos membros de um lado, comichão no corpo, e mesmo pequenos estremecimentos convulsivos. Todo o individuo que se achar sob a influencia de uma ou de muitas causas indicadas, e que experimentar algum d'estes symptomas, deve receiar um ataque de apoplexia, e fazer todo o possivel para o prevenir. As mais das vezes, a apoplexia sobrevem subitamente, e eis-aqui os symptomas que lhe são proprios :

Quando é *leve*, e não ha mais que uma *congestão* passageira, o doente experimenta uma simples vertigem; um entorpecimento subito de um membro, de um lado do corpo; difficuldade de apertar objectos pequenos; embaraço nos movimentos da lingua; uma pequena confusão nas ideias. Não ha perda de sentidos, ou havendo-a, não dura muito tempo. A paralysia incompleta que existe, diminue logo, e no fim de alguns dias dissipa-se inteiramente, de sorte que o doente não conserva vestigio algum do seu ataque, cuja causa frequentemente desconhece. Quando a apoplexia é *forte*, o doente perde immediatamente os sentidos; todo um lado do corpo se paralysa, a falla é impossivel, a bocca entorta-se, o rosto torna-se, umas vezes, de uma pallidez extrema, verde, amarelia, livida; outras vezes, vermelho, roxo e inchado; emfim, as ourinas e as materias fecaes são retidas ou involuntariamente expellidas. No gráo *mais forte* da molestia, o doente cahe morto como por um raio, e por isso a apoplexia n'esse gráo chama-se *fulminante*. Entre estes tres gráos da molestia existe um numero infinito de gráos intermedios, que será facil approximar a um dos que deixei descriptos.

Prognostico. A apoplexia leve cura-se facilmente; porém a apoplexia forte produz ás vezes a morte subita, mas ordinariamente não é seguida d'este funesto effeito, senão passados tres ou quatro dias. É raro que chegue ao oitavo ou nono dia sem que se opere então uma melhora mais ou menos consideravel, e que consiste na volta da intelligencia e da falla; mas esta melhora nem sempre é signal da cura completa. A perda da memoria, o enfraquecimento ou abolição completa das faculdades intelectuaes, uma paralysia incuravel, a excreção involuntaria das materias fecaes e das ourinas, taes são as consequencias que ás vezes persistem.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer a uma pessoa que acaba de ter um ataque de apoplexia, é despil-a, collocal-a na cama com a cabeça descoberta e muito elevada, em um quarto cuja temperatura seja fresca. Cumpre applicar na testa um panno molhado em agua fria, misturada com um pouco de vinagre, e renoval-o frequentemente afim de que se conserve sempre frio. Administre-se immediatamente um purgante segundo a receita seguinte :

Agua	180	grammas.
Sulfato de magnesia.....	60	—

O doente beberá este purgante em duas porções, com um quarto de hora de intervallo.

Quando a deglutição não puder ter logar, administre-se todo este purgante em clyster, com a unica differença de que a agua em que se dissolver o sulfato de magnesia deve estar tepida, em vez de ser fria.

Appliquem-se sinapismos nas pernas e coxas.

Se o doente fôr de constituição forte, se a face estiver turgida, o pulso forte e cheio, pratique-se uma sangria no braço, e tirem-se 360 grammas de sangue.

Mas se o pulso estiver fraco e a pelle fria, em vez de tirar sangue, convem soster as forças desfallecentes, esfregando o corpo com baeta ou escova, administrando chá de herva cidreira, e uma colher *de sopa*, de quarto em quario de hora, da poção seguinte :

Agua	120 grammas.
Ether sulfurico	30 gottas.
Xarope simples	30 grammas.

Applique-se depois um caustico em cada perna.

A dieta será severa no primeiro dia. Para bebida o doente usará d'agua fria, limonada de laranja ou de limão. No dia seguinte poderá tomar alguns caldos de gallinha; mais tarde alguns mingáos de tapioca ou de araruta, e não usará de alimentos mais solidos, senão depois de passado todo o perigo.

Depois do ataque de apoplexia, persiste, ás vezes, paralysia nos membros. Combate-se esta, fazendo fricções com os linimentos seguintes :

1° Balsamo de Fioravanti..... 120 grammas.

2° *Linimento volatil.*

Oleo de amendoas doces.....	90 grammas.
Ammoniaco liquido.....	10 —

Misture.

3° *Linimento camphoro-ammoniacal cantharidado.*

Linimento volatil.....	90 grammas.
Camphora	12 —
Tintura de cantharidas.....	30 gottas.

Misture e mexa sempre que d'elle usar.

Fazem-se duas fricções por dia, com um d'estes linimentos, sobre os membros paralysados.

Meios preservativos da apoplexia. O individuo predisposto pela sua constituição á apoplexia, ou que já experimentou alguns indicios d'ella, deve tomar as seguintes precauções. Viver sobriamente, não fazer uso nem do vinho puro, nem de licores espirituosos; não cear, evitar as emoções subitas e violentas da alma; a impaciencia, a colera; viver n'uma tranquillidade que não seja perturbada nem pelo medo da morte, nem pelas felicidades, ou desgraças; abster-se, depois da comida, de qualquer trabalho intellectual, e cessar as occupações logo que experimentar peso de cabeça; não se expôr a um sol ardente, nem ficar em quartos ou

logares demasiado quentes, em que se ache junta muita gente, como nos theatros e outras reuniões; habitar em logares frios de preferencia aos quentes; não fazer uso de banhos frios, mas sim de mornos; trazer roupa larga, e principalmente não ter o pescoço apertado; dormir com a cabeça muito alta; evitar os excessos venereos, e sobretudo depois da comida; não se entregar a nenhum exercicio violento, como o correr, valsar, etc., mas aproveitar-lhe-hão pequenos passeios diarios a pé ou de sege; o ventre deve conservar-se livre mediante alguns purgantes, ou simplesmente por clysteres; tratará de ter os pés quentes, e a cabeça fresca. Se o individuo é sujeito ás hemorrhoidas, deve respeitar esta evacuação, e applicar bichas no anus, caso ella se suspenda. Será preciso recorrer á sangria do braço, se um ataque parecer imminente.

APOPLEXIA PULMONAR. Os pulmões podem ser espontaneamente a séde de derramamentos sanguineos, que offerecem grande analogia com os do cerebro. Deo-se a esta affecção o nome de *apoplexia pulmonar*, e esta expressão é justificada não sómente pelas lesões anatomicas, mas ainda pelo modo de invasão da molestia, que é frequentemente subita, instantanea.

Symptomas. Ordinariamente a molestia principia pela oppressão, difficuldade de respirar, por dôres mais ou menos vivas no peito; o doente tosse e deita sangue. Os escarros são tão abundantes, que o sangue sahe ás golfadas, e ás vezes em tão grande quantidade, que parece ser vomitado. O sangue sahe ao mesmo tempo pela bocca e pelo nariz. Mas estas graves hemorrhagias não tem logar senão quando o pulmão se acha desorganizado em grande extensão. N'estes casos, a molestia principia em geral subitamente; os doentes deitam golfadas de sangue e succumbem em alguns instantes; diz-se então que a apoplexia é fulminante; mas estes casos são felizmente mui raros. A quantidade de sangue expectorado em 24 horas é de 60 a 120 grammas.

Se a molestia tem de terminar felizmente, a quantidade de sangue expectorado diminue cada dia, e desapparece ao cabo de um tempo variavel. O sangue é ordinariamente de côr rubra mais ou menos carregada. Se a molestia é simples, não ha febre.

A apoplexia pulmonar não póde ser confundida com a pneumonia, na qual existe febre, e os escarros são côr de tijolo.

Causas. A plethora, a impressão do frio, a suppressão do fluxo menstrual ou hemorrhoidal, são consideradas como as causas ordinarias da apoplexia pulmonar; porém, as mais das vezes esta molestia depende de algum obstaculo no curso do sangue, obstaculo que reside quasi sempre no coração.

Tratamento. Cumpre applicar immediatamente sinapismos nas pernas e coxas, e administrar de hora em hora uma colher *de sopa* da poção seguinte:

Agua.....	90 grammas.
Tartaro stibiado.....	30 centigrammas.
Xarope simples.....	30 grammas.

Nos intervallos da poção, dê-se a beber a limonada de limão fria.

Se os escarros não pararem, administre-se no segundo dia a bebida seguinte :

Agua	500	grammas.
Nitro	15	—
Xarope de vinagre	60	—

O doente tomará uma chicara d'esta bebida, de duas em duas horas. Para os casos menos graves, *veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

APOSTEMA. *Veja-se* ABCESSO.

APOZEMA. Decocção ou infusão de uma ou mais substancias vegetaes, á qual se ajuntam diversos outros medicamentos taes como saes, xaropes, tinturas ou extractos. Preparam-se apozemas purgativos, febrifugos, antiscorbuticos. etc. O cozimento branco de Sydenham é um apozema. O apozema é sempre mui composto e mui carregado de principios vegetaes, o que o distingue da decocção simples, pelo que nunca serve, como a tisana, de bebida ordinaria ao doente.

APPARELHO. Dá-se este nome, em cirurgia, á reunião dos instrumentos e objectos necessarios para praticar alguma operação ou fazer um curativo, taes como ataduras, chumaços, tiras agglutinativas, fios, talas para fracturas, almofadinhas, etc.

APPETITE. O appetite, ou desejo de tomar alimentos, principia com a existencia, e dura toda a vida como o mais imperioso dos instinctos. O appetite varía conforme muitas circumstancias : é mais vivo na idade em que o corpo cresce. As crianças e as pessoas jovens são as que supportam com mais custo a abstinencia. Come-se mais quando o tempo está frio e enxuto, do que quando quente e humido. Os homens precisam de mais alimento que as mulheres; os individuos vigorosos, entregues a exercicios penosos, consomem mais.

É preciso ter em consideração quando o appetite se perde sem causa apreciavel, entretanto que a sua regularidade é indicio de saude perfeita. O desejo de comer é commummente um bom signal nas enfermidades. Falta ordinariamente nas molestias agudas acompanhadas de febre. Nas que são chronicas exige uma justa apreciação. De certo, a opinião popular de que não se póde viver sem comer, tem feito grande numero de victimas; mas os medicos que exageráram o principio opposto, abusando da dieta, fizeram tambem muito mal. O instincto dos doentes deve ser attendido, assim como merecem tambem de o ser as suas appetencias e repugnancias.

Prescindindo das molestias, ha muitas causas que diminuem o appetite : a falta de exercicio, os trabalhos de espirito, os pezares, as paixões em geral, uma alimentação desmedida, mui frequente, muito uniforme. O fastio remedeia-se com exercicios, distracções, um pouco de dieta ajudada de bebidas amargas, como chá de macella, de lupulo, pela regularidade nas comidas, e variedade nos alimentos. O dormir demasiado tira tambem o appetite, e d'ahi veio o proverbio : « *Quem dorme, come.* » *Veja-se* FASTIO.

APYREXIA. A apyrexia é o tempo que separa os accessos da febre intermittente. Tambem se chama *intermittencia,* ou *remissão.* A

apyrexia é completa quando o doente entre os accessos não apresenta symptoma algum de febre; no caso contrario é incompleta. A apyrexia é mais ou menos longa segundo o genero da febre; póde variar de algumas horas até dois ou tres dias, conforme a duração do accesso, e conforme a febre fôr quotidiana, terçã, quartã, etc. Durante a apyrexia é que se administram os remedios para impedir a volta dos accessos febris.

AR. Ramo de ar, Ar de espamo. *Veja-se* Apoplexia.

AR. O ar, fluido invisivel, transparente, sem côr, nem cheiro, compõe-se de 21 partes de gaz oxygeneo e 79 partes de gaz azoto. O ar é o alimento da vida; sem elle não poderiam existir nem animaes, nem vegetaes. Introduzido em nossos pulmões, este fluido faz passar o sangue por uma modificação necessaria á existencia; de negro e venoso que era, torna-se vermelho e arterial : e repellido pelo coração, depois d'esta transformação, o liquido sanguineo derrama por todo o corpo o calor, o movimento e a vida.

A pureza do ar que se respira é uma das primeiras necessidades da vida. Quando grande numero de pessoas se acham juntas no mesmo logar, é preciso renovar o ar com o maior cuidado. O gaz que sahe dos pulmões depois da respiração quasi que não contém senão acido carbonico, porquanto os pulmões absorvêram quasi todo o oxygeneo; e o acido carbonico não é só improprio para a vida, mas até mortal. No meio de uma grande reunião, o acido carbonico substitue pouco a pouco o ar atmospherico respiravel, de sorte que se não houver o cuidado de o renovar, corre-se risco de morrer asphyxiado.

Os casos em que a falta de renovação do ar tem produzido effeitos fataes são bastante numerosos. No artigo Asphyxia relato dois factos desgraçados; eis-aqui outro da mesma especie :

Em 1805, depois da batalha de Austerlitz, fecháram, durante a noite, em uma das muitas cavernas que ha na Moravia, trezentos prisioneiros russos, para pôl-os ao abrigo do frio. A meia noite a sentinella ouvio bramidos horrorosos. Receiando que fosse algum levantamento entre esses prisioneiros, chamou a guarda, que se preparou para lhes fazer fogo. Arrombáram a porta, e quarenta d'estes infelizes saltáram fóra, deitando sangue e escuma pela boeca. A toda a pressa lhes foram ministrados os necessarios seccorros; os outros duzentos e sessenta estavam mortos ou moribundos.

Por este facto póde-se ver quanto é prejudicial á saude a falta de renovação do ar. Aqui cumpre lembrar que o quarto de dormir, essa morada em que passamos uma porção consideravel da nossa vida, deve ser a parte mais vasta e melhor exposta de todos os aposentos. As alcovas fechadas, que só se abrem de noite, pouco tempo antes da hora de deitar-se, são prejudiciaes á saude: e é muito para desejar que sejam supprimidas nas construcções novas do Rio de Janeiro : o melhor logar para a cama é o meio de uma vasta sala, que possa ser facilmente arejada. E importante tambem que não se ajuntem n'esta sala nem roupa nem provisões, d'onde se exhalem miasmas que contribuam tambem para viciar o ar.

Os quartos dos doentes exigem sobretudo que se renove o ar : convem abrir as janellas muitas vezes por dia, mesmo durante o tempo frio e chuvoso. A falta de renovação do ar não é somente nociva ao doente, mas tambem ás pessoas sãs que o visitam. Sem fallar da viciação do ar pela simples respiração, as emanações do suor, dos escarros e das dejecções alvinas, exercem influencia nociva, e devem ser removidas. As substancias aromaticas podem ser agradaveis, mas não são uteis n'este caso. A alfazema, o alecrim, o benjoim, o assucar e outras substancias que se queimam nas brasas, os vapores de vinagre, etc., podem encobrir o máo cheiro, mas não lhe tiram o caracter pernicioso : o melhor meio é abrir momentaneamente as portas e as janellas.

A combustão de velas, lamparinas, etc., em logar onde o ar não se renova ou se renova incompletamente, contribue para viciar a atmosphera. Quaesquer que sejam os corpos que se empregam (velas de sebo, de espermaccte, de cera, azeite), produzem no quarto os effeitos seguintes : 1° rareficam o ar e elevam a sua temperatura ; 2° diminuem a quantidade de oxygenco e o substituem pela quantidade equivalente de acido carbonico ; 3° depõem na atmosphera ambiente gaz hydrogenco carbonatado. D'estas mudanças resulta que os pulmões recebem um fluido gazoso menos rico de que o ar natural. Torna-se evidente, por todos estes factos, que não ha cousa mais prejudicial á saude do que as longas vigilias, os estudos nocturnos e assiduos. É por conseguinte mui importante, para as pessoas valetudinarias, para aquellas sobretudo que tem o peito delicado, abstenham-se de vigilias, e de longa demora em salões com muitas luzes.

O ar contem muita poeira impalpavel e muitos germes contra os quaes os homens devem se precaver o melhor possivel. Sobretudo o ar das cidades está carregado de particulas infinitamente pequenas, de silica, de carvão, de madeira, de fragmentos de animaes, etc. Nas casas, em toda a parte onde vivem grandes agglomerações de homens, as materias organicas em suspensão no ar, existem em grande quantidade. As salas de hospitaes, os quarteis têm a atmosphera carregada de cellulas epitheliaes, de fibras textis, de poeiras chimicas provenientes dos papeis que forram as paredes, de fragmentos da epiderme cuja superficie se renova continuadamente e emfim de germens, de bacteries, de microbios, esporos de cogumelos, etc. Não contem nenhum d'esses fragmentos o ar que se respira no alto das montanhas. Esta preciosa vantagem juntamente com a constancia da temperatura e o clima secco, têm feito aconselhar a morada em altas montanhas aos doentes acommettidos de affecções pulmonares.

Certas molestias parasitarias da pelle provêm de cogumelos transportados pelo ar. É o que acontece com a escarlatina, a variola e outras molestias contagiosas cuja propagação se effectua pelo mesmo modo.

Para o complemento d'este artigo, *veja-se* Desinfecção e Miasmas.

AR ENCALHADO. Nome empregado, em linguagem vulgar, para designar certas dôres vagas no peito ou em alguma outra parte do corpo, que se attribuem á impressão do ar, e que os medicos chamam dôres

rheumaticas passageiras. Curam-se esfregando o logar dorido com essencia de terebinthina, ou applicando um sinapismo no mesmo logar.

ARAÇÁ. Fructo do araçazeiro (*Psidium*), arbusto do Brazil, da familia das Myrtaceas, de que ha muitas especies: Araçazeiro do campo, *Psidium mediterraneum*; Araçazeiro de pedra, *P. petrosum;* Araçazeiro de Pernambuco, *P. pubescens;* Araçazeiro da praia, *P. albidum;* Araçazeiro de S. Paulo, *P incanescens*. Seus fructos são comestiveis e refrigerantes; contém uma polpa acidula com muitas sementes.

ARACHNITE. ou arachnoidite. *Veja-se* Meningite.

ARACK. Nome de liquido espirituoso que se extrahe do arroz.

ARAMAYONA. Hespanha. Aguas sulfurosas frias, 12° Contem carbonatos de cal e de magnesia; sulfatos de cal e de magnesia; chloruretos de sodio e de magnesio. Empregam-se nas enfermidades da pelle, catarros bronchicos, laryngites chronicas.

ARAME. Liga de cobre, zinco, estanho com um pouco de antimonio; empregado para fazer sinos, bacias, etc. As bacias de arame em que se fazem doces, quando não são bem limpas, podem occasionar accidentes graves. *Veja-se* Cobre.

ARANHA. Genero de insectos mui conhecido, e que por sua fórma desagradavel inspiram geralmente grande nojo. O estudo d'estes animaes é dos mais interessantes. Quem ignora a industria com que a aranha tece a sua têa, tão bem apropriada ás suas astucias e seus amores! Que promptidão no combate, que destreza no trabalho! Algumas femeas, depois de receberem as caricias do macho, devoram-n'o, se este não se apressa em fugir.

Todas as aranhas tem debaixo do ventre aberturas que conduzem aos orgãos respiratorios; todas tem um coração e vasos, seis a oito olhos lisos; duas mandibulas com dois palpos com que seguram os alimentos, oito pés, o abdomen oval e sem cauda; debaixo da extremidade superior do palpo movediço das mandibulas existe uma pequena abertura para a sahida do veneno; e debaixo do abdomen, perto do anus, acham-se pequenas eminencias, com grande numero de buracos, dos quaes o animal tira fios de extrema tenuidade, e cuja substancia se acha contida nos reservatorios interiores.

Existem muitas especies de aranhas; a maior parte habitam os matos: algumas são aquaticas. Não é raro ver pessoas picadas pelas aranhas, mas essas mordeduras não são perigosas, supposto ás vezes determinem dôr seguida de vermelhidão e inchação. O que se contava de uma especie que se encontra na Italia, e que se chama *tarantula*, é fabuloso. A aranha tarantula tem 27 millimetros de comprimento, e o ventre vermelho, atravessado por um risco preto. Existem algumas variedades d'ella. Alguns autores escrevêram que os individuos mordidos pela tarantula eram atacados logo depois de uma molestia nervosa, chamada *tarentismo*, cujo caracter mais saliente era um desejo insaciavel de dançar. Para curar a molestia só havia um unico meio, o emprego da musica. Ao som da musica, o doente entregava-se com furor á dança, até que cahia esfalfado de fadiga e coberto de suor; estava então

curado. Sabe-se hoje que este effeito maravilhoso é uma pura historia, na qual até a gente da terra já não acredita. O que parece ter dado logar a esta fabula é que o tarentismo foi confundido com a *tarantella*, nome que se dá a uma dança napolitana.

O *tratamento* das picadas das aranhas consiste em lavar a mordedura com agua fria, ou com coaltar saponinado Le Beuf ou instillar n'ella uma ou duas gottas de ammoniaco liquido.

ARAPABACA. HERVA CRUZ, vulgo LOMBRIGUEIRA. *Spigelia anthelmia*, Linnéo. Loganiaceas. Planta do Brazil e das Antilhas. No Brazil habita no Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, quasi em todo o Imperio. Caule de 40 a 60 centimetros, guarnecido de algumas folhas oppostas, ovaes; as quatro folhas superiores cruzam-se no topo do caule; flores esverdeadas, quasi sesseis, dispostas do mesmo lado em espigas delgadas, na extremidade do talo e dos ramos; fructos, capsulas compostas de duas bolas unidas, quadrivalvas, cercadas inferiormente pelo calice persistente. Esta planta é venenosa; comtudo as folhas empregam-se em infusão pelo povo contra as lombrigas; mas é necessario ter cautela na applicação.

ARAROBA. Arvore do Brazil, acha-se nas provincias da Bahia e de Sergipe. O tronco d'esta arvore reduzido a pó emprega-se em fricções, e com muito proveito, contra as diversas empigens, e principalmente contra o herpes circular. O tronco chega á Bahia do interior da provincia em bocados de bastante grande dimensão irregularmente quebrados, de côr amarella avermelhada analoga á côr do rhuibarbo (fig. 67). A pulverização d'este páo exige muita precaução, por causa das propriedades irritantes do pó. Os individuos encarregados d'esta operação, cobrem a cabeça com panno. Pela pulverização obtem-se um pó de côr rubra mais escura do que o do tronco do que provém. É conhecido no Brazil sob o nome de *pó da Bahia*.

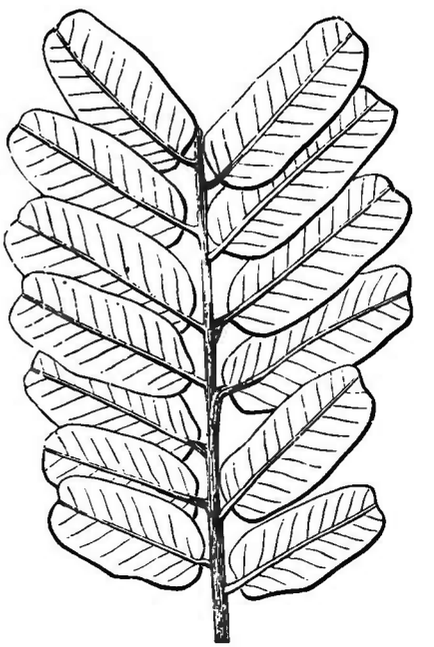


Fig. 67. — Araroba.

O modo de empregal-o consiste em esfregar primeiro a empigem com esponja embebida de vinagre; applica-se depois a massa feita do pó de araroba e de vinagre; no dia seguinte lava-se o logar com agua e sabão, e repete-se a applicação até á cura. Este pó produz certo ardor que desapparece ao cabo de hora e meia.

ARARUTA, em inglez ARROWROOT, que é tambem como se escreve em francez. Fecula extrahida da raiz de muitas plantas da familia das Amomeas, e sobretudo da *Maranta arundinacea*, Linneo, natural das Antilhas, cultivada no Brazil, na provincia do Pará. Esta fecula constitue

um alimento analeptico, que convem principalmente aos doentes e convalescentes.

ARAXA (*S. Domingos de Araxá*). Aguas mineraes do Brazil; provincia de Minas Geraes. Foram descobertas e beneficiadas pelo Juiz, Bento Carneiro de Mendonça. A agua é fria, de gosto salobro; é salina e purgativa.

Empregam-se na anemia, leucorrhea, convalescenças das molestias, e em todas as molestias caracterizadas pela languidez.

ARCHENA. Hespanha. Aguas sulfurosas quentes; 52°. Syphilis constitucional, rheumatismo, molestias cutaneas, ulceras inveteradas. Estabelecimento com piscinas, duchas e estufas.

ARCO SENIL ou **GERONTOXON.** Dá-se este nome á opacidade da parte peripherica da cornea, opacidade frequente nas pessoas idosas. Esta opacidade, que procede da degenerescencia gordurosa das cellulas da cornea, tem a principio a fórma de meia lua, mas depois torna-se circular; não impede a vista.

ARDOR NO OURINAR. Qualquer que seja a causa do ardor no ourinar, o doente deve sentar-se n'um banho d'agua morna, e demorar-se n'elle meia hora, uma hora e mais. Estes banhos mornos e prolongados, repetidos duas vezes por dia, e continuados por alguns dias, são o melhor meio contra este incommodo. É preciso tambem beber todos os dias duas ou tres chicaras de infusão de linhaça, friccionar o ventre com oleo camphorado, evitar os excessos no andar, na equitação, abster-se de comidas mui adubadas, e do vinho puro, beber limonadas de fructas acidas ou agua simples, e usar de alimentos vegetaes com preferencia aos animaes. O ardor no ourinar acompanha muitas vezes o esquentamento; os meios que aproveitam n'esta molestia curam tambem o ardor no ourinar. (*Veja-se* BLENNORRHAGIA.) Se o ardor no ourinar resistir a todos os meios que deixei indicados, appliquem-se de seis a dez bichas entre as duas vias.

AREGOS. Portugal; Beira-Alta. Aguas sulfurosas quentes. A temperatura varia segundo as fontes; 36° a 61° A agua é limpida, de cheiro de ovos chocos; contém por litro, 29 centigrammas de residuo (silica, sulfatos e chloruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos, ferro, e alumina).

AREIAS. Dá-se o nome de *areias* á molestia produzida por pequenas concreções semelhantes á areia, ou a pequenos cascalhos, que se formam nos rins, chegam á bexiga, e são expellidos com as ourinas. As areias são de differentes especies: ha areias vermelhas, brancas, cinzentas, amarellas, transparentes, etc.

A *causa* principal das areias vermelhas, que são de todas as mais frequentes, consiste na alimentação demasiado succulenta, e composta principalmente de carne. A formação d'estas areias é favorecida pelo uso dos vinhos generosos, bebidas alcoolicas, falta de exercicio, trabalho de gabinete, costume de não beber agua sufficiente, ou conservar por muito tempo as ourinas na bexiga. Estas areias são formadas pelo acido urico. As areias brancas e cinzentas provém das mesmas causas. As

areias amarellas, em cuja formação entra o oxalato de cal, provém do uso excessivo dos tomates e das azedas, substancias que contém acido oxalico.

Symptomas. O ataque das areias é precedido ordinariamente de comichão, ou de entorpecimiento nas cadeiras; de ourinas de côr carregada, e que deixam depôr ao cabo de uma ou duas horas um sedimento avermelhado: depois as areias são expellidas com as ourinas, ás vezes sem dôr, mas em alguns casos com sensação de calor no canal da urethra, anxiedade, insomnia e febre. — Passado um tempo mais ou menos longo, conforme o regimen dos doentes, as areias tornam a formar-se, e novos accidentes apparecem. As dôres de cadeiras tornam-se mais vivas, e adquirem violencia intoleravel; o doente sente a descida das areias á bexiga. Manifestam-se frequentes desejos de ourinar; um dos testiculos retrahe-se; declaram-se caimbras nos membros inferiores, nauseas e vomitos; o doente não póde andar nem conservar-se em pé; o menor movimento lhe é doloroso, experimenta uma agitação extrema; emfim, depois de um ou dois dias de soffrimentos, todos os accidentes cessam de repente, o que assignala a chegada do calculo á bexiga. Então introduz-se o calculo no canal da urethra; intercepta mais ou menos a passagem da ourina, e a final é arrastado por ella, e expulso com mais ou menos força. Esta serie de accidentes repete-se, sempre que um novo calculo sahe dos rins, e caminha pelas vias urinarias. Acontece ás vezes que o calculo se fixa na bexiga e torna-se o nucleo de uma pedra; outras vezes pára no canal da urethra, e reclama então o emprego de meios cirurgicos.

Tratamento. Ha quatro indicações no tratamento das areias: 1ª diminuir a quantidade de acido urico formado nos rins; 2ª augmentar a secreção das ourinas; 3ª impedir a consolidação do acido; 4ª estando as areias formadas, favorecer a sua evacuação; ou produzir a sua dissolução.

Para preencher a primeira d'estas indicações, cumpre diminuir os alimentos, e mudar, sobretudo, a natureza d'elles; isto é, substituir o regimen animal pelo uso dos vegetaes, como pão, legumes, farinha, arroz, batatas, etc. Tomando estas precauções logo ao principio, póde-se impedir o desenvolvimento da molestia, sem o soccorro de outros meios.

Beber agua em grande quantidade, ou bebidas que tenham por base este liquido; tal é o melhor meio de satisfazer á segunda indicação. Para augmentar a efficacia d'estas bebidas, podem ellas ser impregnadas de substancias diureticas; taes são: as decocções de grama, a infusão de parietaria, de bagas de zimbro, de sementes de linho, pedunculos de cerejas, etc. A pedra na bexiga é mui rara no Rio de Janeiro, onde os habitantes bebem muita agua, que é excellente.

Para impedir a consolidação do acido urico, deve-se satural-o com alcalis, que se possam combinar com elle e facilitar a sua dissolução pelas ourinas. De todas as preparações alcalinas, a que goza de maior efficacia é o bicarbonato de soda. Administra-se na dóse de 8 grammas

por dia em um pouco d'agua, ou em algum dos cozimentos diureticos que indiquei. Seu uso deve ser continuado até desapparecem todos os vestigios das areias. Eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 8 papeis.

Para tomar um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Para favorecer a expulsão das areias que se podem achar no fundo da bexiga, quando o corpo tem ficado por algumas horas em repouso durante o somno, é bom, ao levantar-se da cama, dar algumas voltas pelo quarto antes de ourinar. As pessoas que padecem de areias não devem ourinar deitadas.

Todos estes meios favorecem a evacuação, a dissolução das areias, e são por conseguinte os que fazem parte da quarta indicação : os banhos, os exercicios a pé, a cavallo e em sege, tambem aproveitam. Quando o calculo irrita consideravelmente os rins pela sua presença, e produz, ao passar pelos canaes das vias urinarias, dôres e outros symptomas graves que deixei indicados, é preciso submetter-se á dieta rigorosa, tomar banhos mornos prolongados, e applicar a cataplasma de farinha de linhaça no logar dorido.

Quando o calculo ficar parado na urethra, e impedir a passagem das ourinas, será necessario extrahil-o por meio de pinças, ou de algum outro meio cirurgico.

Do mesmo modo se tratam todas as especies de areias ; quanto ás amarellas, basta não continuar no uso dos tomates e das azedas, para fazêl-as desapparecer.

AREAÇÃO. Nome dado a uma operação que consiste a cobrir de areia uma parte do corpo ou o corpo todo de um doente, com um fim therapeutico.

AREJAR. Para dissipar os miasmas que se desenvolvem nos quartos dos doentes, é preciso arejal-os ; isto é, abrir as janellas e as portas por um quarto de hora ou por meia hora, ao menos tres ou quatro vezes por dia. Nem o frio, nem o vento, nem o tempo chuvoso podem escusar este preceito salutar, que deve ser seguido em qualquer molestia, ainda que seja pleuriz, escarlatina, sarampos, bexigas, etc. *Veja-se* Ar, Miasmas.

ARENARIA RUBRA. Planta da Africa que cresce nos terrenos aridos e arenosos e que pertence á familia das caryophyleas. Ella contêm uma grande quantidade de saes alcalinos, de phosphatos e carbonatos ; são estes saes sem duvida que lhe dão as propriedades diureticas que ella possue. A decocção de arenaria rubra se emprega contra a cystite e areias uricas.

ARENQUE. *Clupea harengus.* Genero de peixes que tem por caracteres : corpo alongado, ventre trinchante, a cabeça igual a um quinto do comprimento total, o sub-operculo arredondado, o que o distingue da sardinha ; os queixos, a lingua e os ossos palatinos guarneci-

dos de dentes mui finos. O animal vivo é verde glauco no dorso, branco nos lados e no ventre, e com o corpo todo coberto de um brilho metallico; o verde do dorso faz-se azul depois da morte do animal. Os arenques habitam o Oceano boreal. São de uma fecundidade prodigiosa. São peixes de arribação : cada anno, no mez de Março, seus cardumes innumeraveis descem do mar polar para as costas da Inglaterra e da França, onde se faz a sua pesca desde 15 de Outubro até 15 de Dezembro. Os arenques frescos devem comer-se no mesmo dia. Aos arenques, que se devem salgar, tira-se-lhes o estomago e os intestinos por uma incisão na garganta; depois cobrem-se de sal e mettem-se nos barris. Passados 15 dias, tiram-se dos barris, lavam-se na salmoura, e arranjam-se symetricamente por camadas nos barris; feito isto entregam-se ao commercio. Aos arenques que devem ser defumados, não se tiram os intestinos : depois de salgados expõem-se ao fumeiro nas chaminés para acabarem de seccar.

O arenque é procurado como alimento, sobretudo por causa da sua abundancia e baixo preço; sua pesca é uma das industrias europeas mais lucrativas, e que emprega grande numero de homens. A pesca faz-se com redes de 1,000 a 1,200 metros de comprimento.

AREOMETRO. Pequeno instrumento, ordinariamente de vidro, que serve para avaliar a densidade dos liquidos em que se acha mergulhado, e para dar, por conseguinte, indicações uteis sobre a natureza ou sobre o estado de pureza d'estas substancias. Segundo os seus differentes usos, toma o nome de *pesa-acido*, *pesa-sal*, *pesa-xarope*, quando é destinado a dar a densidade dos liquidos mais pesados do que a agua; e chama-se *pesa-licor*, *pesa-espirito*, *pesa-alcool*, quando se emprega para os liquidos menos densos.

Os areometros, habitualmente empregados, compõem-se de um tubo ôco de vidro, que tem na parte inferior uma esphera igualmente ôca, e é terminado por um vaso cónico ou uma esphera mais pequena, cheia de chumbo, ou de mercurio, que serve de lastro, para que o instrumento fluctuante tome a posição vertical; uma tira de papel, cuidadosamente fixada no interior du tubo, traz as divisões que marcam os differentes pontos de immersão do instrumento.

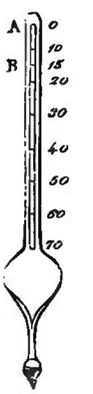


Fig. 68. — Areometro de Baumé.

Areometro de Baumé, *para os liquidos mais densos do que a agua* (fig. 68). Consiste em um tubo ôco de vidro de 2 linhas pouco mais ou menos de diametro, terminado inferiormente por duas dilatações espheroidaes, sendo a ultima mais pequena para conter o lastro de chumbo ou de mercurio. Estando aberta a extremidade superior do tubo, mergulha-se o instrumento em agua distillada, e vai-se lançando o chumbo em grãos, ou o mercurio, pouco a pouco até que o instrumento mergulhe a ponto de só ficar fóra da agua a extremidade superior; risca-se então no vidro o ponto tocado pela superficie da agua (A). Tira-se fóra o instrumento; prepara-se uma solução de 15 partes de sal commum, com 85 d'agua distillada, e depois de reduzir esta solução á mesma tem-

peratura que a da agua distillada, que se empregou, mergulha-se n'ella o instrumento, que então desce menos por ser a agua salgada mais densa do que a agua pura; marca-se na hastea de vidro o novo ponto da immersão (B); toma-se com compasso a distancia entre as duas marcas, transfere-se esta distancia para uma tira de papel, designa-se com um zero o ponto superior, com o numero 15 o ponto inferior, e divide-se o intervallo em 15 partes iguaes, que se chamam gráos. Completa-se a escala, toda descendente, accrescentando tanto mais gráos quantos admittir a extensão do tubo até á primeira dilatação. Feito isto, e dividida assim a tira de papel, introduz-se no tubo, e fixa-se com lacre de modo que o zero (0) da escala corresponda á primeira marca do tubo de vidro, o qual se fecha chegando a sua extremidade á chamma de um maçarico.

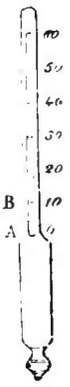


Fig. 69. Areometro de Cartier.

Areometro de Cartier *para os liquidos mais leves do que a agua* (*pesa-espirito*, *pesa-alcool*) (fig. 69). O lastro deve ser tal que, mergulhado o instrumento n'uma solução de 10 partes de sal commum em 90 d'agua, toda a parte cylindrica fique fóra da superficie do liquido. Este ponto (A) é o zero da escala; o outro ponto (B), ou o que se marca pela sua immersão na agua distillada, será o 10° gráo da escala; dividindo o intervallo das duas marcas em dez partes iguaes. D'ahi para cima continuará a mesma divisão até ao topo da hastea.

Ha tambem *um areometro de Baumé*, para os liquidos mais leves do que a agua, mas não é senão uma modificação do de Cartier. Ambos os instrumentos tem a mesma fórma, e em ambos se tomou o mesmo ponto para o zero da escala; mas o espaço que na escala de Cartier é dividido em 30°, na de Baumé é dividido em 32°.


Fig. 70. Areometro centesimal ou alcoometro.

Areometro de Guay-Lussac, *areometro centesimal* ou *alcoometro* (fig. 70). Este areometro indica com exactidão a quantidade de alcool puro contida em um liquido, qualquer que seja o seu volume; assim a aguardente que marca 60 gráos, contém 60 por 100 de alcool puro; é o areometro pelo qual se calculam nas alfandegas os direitos que devem pagar os liquidos espirituosos. Este instrumento é, quanto á sua fórma, um areometro ordinario, ao qual a temperatura de 15° centigrados servio de base para a graduação da escala; esta é dividida em 100 partes ou gráos desiguaes em comprimento. O zero corresponde á agua distillada, o numero 100 ao alcool absoluto, e os numeros intermedios ás diversas misturas d'agua com alcool. Cada uma das differentes misturas d'agua e de alcool tem a densidade que lhe é propria, e é n'estas differenças de densidade que está baseado o uso do alcoometro. Como as variações de temperatura augmentam ou diminuem o volume dos liquidos, e, portanto

a sua densidade, as indicações do alcoometro só são exactas quando tomadas na temperatura em que o instrumento foi graduado, isto é, a 15 gráos centigrados. Existem taboas destinadas para fazer as correcções conforme as diversas temperaturas : acham-se no meu FORMULARIO, 13ª edição, pag. 15.

AREZ. Portugal; Alemtejo. Aguas sulfurosas, frias.

ARGILA. *Veja-se* BARRO.

ARNEDILLO. Hespanha. Aguas salinas quentes; 52°. Debilidade, affecções rheumatismaes e consecutivas dos accidentes da syphilis. O estabelecimento tem 10 quartos para banhos, banhos de vapor e duchas.

ARNICA. *Arnica montana*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta da Europa; em Portugal habita nos sitios humidos proximo do porto de S. Martinho, em Antanhol perto de Coimbra, nos montes vizinhos a Guimarães e outras partes na Estremadura, Beira e Minho. Floresce de Junho a Agosto (fig. 71). Caule de 1 pé de altura. Folhas verde-claras por baixo; flores amarellas; raiz horizontal, denegrida por fóra, branca por dentro; sabor amargo, cheiro forte e aromatico. É aconselhada internamente nas febres graves e nos rheumatismos. Em alta dóse provoca vomitos e dejecções alvinas. Se a dóse é bastante forte, manifestam-se vertigens, calefrios, movimentos involuntarios nas pernas, fraqueza nos braços; a pelle torna-se pallida, e o pulso fraco e lento. Seus effeitos parecem-se um pouco com os de algumas plantas narcotico-acres. É remedio popular contra as consequencias das quédas e contusões. Administra-se de ordinario debaixo da fórma de tintura, que se dá internamente na dóse de 20 gottas em meia chicara d'agua com assucar. E para uso externo, molham-se uns chumaços n'esta tintura, e applicam-se nos logares contusos.



Fig. 71. — Arnica.

AROEIRA. CORNEIBA. *Schinus terebenthifolius*, Raddl. Terebinthaceas. Arvore do Brazil. Tem as folhas compostas de foliolos dispostos como barbas de penna, ovaes, denteados, de sabor amargoso e um pouco adstringente; flores dispostas em racimos; casca avermelhada, coberta de epiderme cinzenta, de sabor adstringente e cheiro resinoso; fructo, baga trilocular, contendo uma semente em cada loculamento.

A casca da aroeira póde ser empregada em medicina como adstringente. Fervem-se 15 grammas da casca em meio litro d'agua, e este cozimento frio póde usar-se em banhos contra as inchações das pernas.

No Rio Grande do Sul chamam aroeira o *Schinus antarthritica*, Martius, de cuja casca, quando um tanto aquecida, reçuma resina, á qual os Rio-Grandenses dão grande importancia, e usam em fórma de emplasto, contra as dôres rheumaticas.

As folhas d'estas duas especies, bem como as do *Schinus molleoides*, Velloso, *Schinus rhoifolius*, Martius, e do *Schinus mucronulatus*, Martius,

que habita em Minas, contém bastante resina, e costumam ser applicadas sobre as ulceras.

AROMATICAS (Substancias). Esta expressão deriva do nome grego *aroma*, perfume. Chamam-se assim certas substancias tiradas pela maior parte do reino vegetal, e dotadas de cheiro forte, mais ou menos agradavel.

As substancias aromaticas usam-se como *medicamentos*, *temperos*, ou como *cosmeticos*.

Como *medicamentos*, as substancias aromaticas são estimulantes, e empregam-se nas molestias caracterizadas por debilidade.

Como *temperos*, usadas moderadamente, favorecem a digestão.

Como *cosmeticos*, são frequentemente empregadas, por causa da suavidade do seu cheiro. As emanações fragantes, taes como a essencia de rosa, e o almiscar, incommodam muitas pessoas, e determinam ás vezes dôr de cabeça, nauseas e desmaios.

As substancias aromaticas mais estimadas, e de que principalmente se faz uso, são : entre os vegetaes, alfazema, alecrim, hortelã, herva cidreira, salva, flor de laranjeira, angelica, cerefolio, canella, rosa, moscada, macis, baunilha, cravo da India, cascarrilha, funcho, pimentas, aniz, casca de laranja, de limão, zimbro, incenso, myrrha, benjoim, estoraque, etc. O reino animal só ministra pequeno numero d'estas substancias : as mais estimadas são o almiscar e ambar cinzento.

Aromaticos (*Banhos*). *Veja-se* Banhos.

ARRANCAMENTO. *Veja-se* Feridas.

ARRANHADELA ou **ARRANHADURA.** As arranhaduras são feridas ainda mais pequenas do que as esfoladuras. São feitas ordinariamente com pontas de alfinetes, ou algum outro corpo agudo, como unhas de gato, etc. Ordinariamente sáram por si mesmas. Se se inflammam, recorre-se aos banhos ou lavatorios com agua morna, e a curativos com fios untados de ceroto.

ARREBENTA CAVALLO. *Solanum aculiatissimum*, Jacquin, e outras especies. Sob este nome, conhecem-se no Brazil oito ou nove plantas, da familia das Solanaceas, que se encontram em quasi todas as provincias do Imperio. No Ceará ha uma variedade que o povo denomina *arrebenta boi*. Dizem que morrem envenenados os animaes que por acaso se alimentam com as folhas d'estes vegetaes. O *Solanum aculiatissimum* é um vegetal herbaceo ou sub-arbusto, pubescente, armado de aculeos rojos; flores brancas; fructo, baga arredondada, branco-esverdeada, de côr vermelha intensa quando maduro. O cozimento de toda a planta usa-se em banhos contra os tuberculos mesentericos e nas affecções cutaneas. 50 grammas para 1000 grammas d'agua.

ARREBIQUE. Massas, pós ou liquidos, de côr vermelha ou branca, com que as senhoras costumam pintar o rosto para dar-lhe melhor côr ou brilho. O uso d'estas composições data da mais remota antiguidade ; pois sabemos, pelos livros santos, que era já conhecido entre o povo hebreo. As senhoras gregas e romanas gostavam tambem de pintar o rosto. Em França, este uso era geral entre as damas de con-

dição elevada, no decimo-setimo seculo. Hoje existe quasi exclusivamente entre actores e actrizes.

Os arrebiques são de duas especies, o *branco* e o *vermelho*. Os primeiros são misturas de greda de Briançon com diversos oxydos ou saes metallicos, taes como o carbonato de chumbo, chamado impropriamente *branco de prata,* o oxydo ou subnitrato de bismutho, chamado *branco de arrebique*, *branco de perolas*, etc. Os arrebiques vermelhos contém frequentemente mercurio (vermelhão, cinabrio), ou chumbo (minio). Preparam-se tambem com substancias corantes vegetaes, taes como a urzella, raiz de orcaneta, flores de carthamo, ou com carmim, substancia corante extrahida de um insecto chamado cochonilha. O *vermelho vegetal,* ou *vermelhão de Hespanha*, ou *vermelhão de toucador* é o principio corante do carthamo, que se faz dissolver n'uma solução alcalina, e que depois se precipita por meio do succo de limão. Cada uma d'estas tintas é misturada com greda de Briançon, que lhe dá a propriedade de adherir á pelle. O *vinagre vermelho de arrebique* é uma solução de carmim suspensa no vinagre por meio de uma mucilagem. O *crespão* é uma fazenda de lã ou seda, tinta sem o mordente, e que, estando molhada, serve tambem para corar o rosto. Ha tambem nas lojas dos cabellereiros ou perfumistas pós brancos feitos com greda de Briançon e espermacete, ou com talco de Veneza.

Os arrebiques vegetaes não são nocivos. Quanto áquelles que contém chumbo ou mercurio, podem produzir accidentes graves, taes como colicas saturninas, salivações, e estragar os dentes. Sendo necessario recorrer aos cosmeticos, convem usar só dos arrebiques vegetaes, ou preparados com carmim, e certificar-se de que elles não contém nem mercurio, nem saes de chumbo.

ARRIPIAMENTO, ARRIPIO. *Veja-se* CALEFRIO.

ARROBE. *Veja-se* ROBE.

ARROTO. *Veja-se* ERUCTAÇÃO.

ARROZ. *Oryza sativa*, Linneo. Planta da familia das Gramineas, cujas sementes constituem o arroz (fig. 72). Originario da China, está espalhado por todas as regiões intertropicaes, e acha-se em alguns paizes da Europa; no Brazil, é consideravel a sua cultura na provincia do Maranhão. Nas immensas varzeas alagadiças das provincias do Pará e Matto-Grosso ha uma especie de arroz aquatico que dá espontaneamente; os naturaes tem só o trabalho de o colher, o que fazem em canôas, dentro das quaes sacodem as espigas. O arroz gosta dos terrenos baixos e inundados; entretanto, ha uma qualidade, conhecida pelo nome de *arroz secco*, que se dá bem nos terrenos enxutos, quando, ainda pe-



Fig. 72. — Arroz ordinario.

queno, o seu crescimento é favorecido pelas chuvas. Esta variedade é cultivada na provincia da Bahia. Nos paizes em que ella não póde prosperar, e em que se cultiva a especie que precisa de terrenos alagadiços, os arrozaes tornam-se fócos de emanações deleterias, e occasionam febres graves. É por conseguinte importante, para a saude publica, que a cultura do arroz seja distante das habitações. Segundo a analyse chimica, o arroz é uma semente que contém grande quantidade de amido, mas quasi nenhum gluten, e por isso não póde servir, como o trigo, para o fabrico do pão; comtudo póde-se misturar com a farinha ordinaria, e nem por isso a massa do pão fica sensivelmente modificada. Ha alguns annos, examinou a Academia de Medicina de Pariz um pão em que entrava uma sexta parte de farinha de arroz. Este pão foi julgado de optima qualidade, de gosto agradavel e facil digestão.

O arroz é um alimento saudavel e nutriente; convem principalmente aos individuos nervosos. Em medicina emprega-se o cozimento de arroz, que se prepara com uma colher de arroz e 500 grammas d'agua; é uma bebida emolliente que convem nas diarrheas e dysenterias. Cozinhando-se o arroz, deixando de um dia para outro, e juntando-se um pouco de limão e assucar, forma-se o conhecido *aloá*, bebida refrigerante, e muito propria para os paizes quentes. O arroz bem cozido, ou melhor ainda a sua farinha, serve para a preparação da cataplasma emolliente. Pela distillação obtem-se do arroz aguardente chamada *arack*.

ARRUDA. *Ruta graveolens*, Linneo. Rutaceas. Na Europa habita com preferencia nos montes calcareos; no Brazil cultiva-se nos jardins (fig. 73). O caule tem 1 metro e meio de altura; folhas glaucas compostas de foliolos um pouco espessos e cuneiformes; flores amarellas; cheiro forte. Julgava-se outr'ora, que quem tinha arruda no jardim, podia desafiar todas as molestias, todos os maleficios. As suas folhas foram muito gabadas como proprias para provocar os menstruos. A arruda é uma planta aromatica, estimulante, carregada de oleo essencial odorante, de gosto acre e amargo; estas propriedades attestam com effeito que ella deve ser um remedio activo. Em alta dóse produz vomitos, colicas e inflammação do estomago. Usa-se em infusão ou chá, que se faz com 4 grammas de folhas e chicara e meia d'agua fervendo. Feita a infusão, fica reduzida a uma chicara, que se adoça com assucar, e bebe-se de uma vez. Podem tambem tomar-se duas a quatro colheres *de sopa* do seu sumo espresso, duas vezes por dia, adoçado com assucar. Este sumo prepara-se socando 8 grammas de arruda com um pouco d'agua.



Fig. 73. — Arruda.

ARSENIATOS. Nome que se dá a certos medicamentos tendo por

base o arsenico, taes são : os arseniatos de ammoniaco, de antimonio, de ouro, de cobre, de cafeina, de ferro, de potassa, de quinina, de soda, de estrychnina. São medicamentos ainda pouco empregados, o arseniato de soda é o que se usa mais frequentemente.

Administram-se estes medicamentos sob forma de granulos de 1 milligramma, chamados granulos impressos de L. Frère, de Pariz.

ARSENICO. Metal de côr preta, brilhante quando quebrado recentemente, mas que embacia promptamente ao ar. Volatiliza-se ao fogo, e arde com chamma azul, espalhando um cheiro de alho muito intenso.

Chama-se tambem *arsenico*, no commercio, uma substancia branca, mui pesada, e muito mais conhecida do que o metal. Esta substancia é uma combinação de oxygeneo com o arsenico metallico, e cujo nome scientifico é *oxydo branco de arsenico* ou *acido arsenioso*. Acha-se em dois estados no commercio, em pós brancos e em pedaços brancos ; é de sabor acre e corrosivo, deixando na lingua resaibo adocicado. É soluvel em agua ; lançado mesmo em mui pequena quantidade nas brazas, volatiliza-se com um cheiro de alho mui pronunciado, o que é excellente meio para o reconhecer.

Este arsenico branco é um veneno dos mais violentos. Pulverizado póde ser confundido, até certo ponto, com o sal branco, assucar em pó, farinha, etc. ; deve por conseguinte haver a maior cautela para prevenir os enganos, que são sempre funestos. O arsenico é empregado na tinturaria, na fabricação do vidro e na composição de alguns vernizes ; entra na massa dos naturalistas empalhadores, etc. Emprega-se tambem para destruir os ratos, misturado com farinha e gordura. Torno a dizer (para que se possa reconhecer facilmente a presença d'esta substancia, mesmo misturada em mui pequena quantidade com outras materias), que, lançando nas brazas, ou o arsenico só, ou as substancias que o contenham, ellas espalharão o cheiro de alho, que será mui caracteristico.

O melhor meio de empregar o acido arsenioso é em granulos, de 1 milligramma da casa L. Frère, de Pariz ; denominados granulos impressos.

O arsenico entra na composição das afamadas gragéas de Gelineau, que se administram contra epilepsia, a chorea, hysteria, etc. *Veja-se* Bromureto de Potassio e Picrotoxina.

Os outros compostos arsenicaes são :

Sulfuretos amarellos de arsenico. Todos estes sulfuretos são venenosos. D'entre elles, o sulfureto nativo obra com menor energia : é formado por laminas brilhantes, translucidas, douradas, e chama-se vulgarmente *ouropimento*. Aquelle que resulta da acção do acido sulfhydrico sobre a dissolução do acido arsenioso é pulverulento e actua mais energicamente.

Sulfureto vermelho de arsenico ou *rosalgar*. É vermelho quando se apresenta em pedaços ; o seu pó é de côr um pouco alaranjada.

Arsenito de cobre ou *verde de Scheele*. Esta substancia, verde, pulverulenta, emprega-se ás vezes para tingir confeitos, o que póde occasionar graves accidentes ; é prohibida pelos governos, por ser mui venenosa. O

modo de reconhecer nas substancias suspeitas, ou no caso de accidentes, consiste na lavagem d'essas substancias; deixando depois o liquido em repouso, e lançado nas brazas o deposito, que n'elle não tardaria a formar-se, este exhalaria cheiro de alho, ou se faria conhecer por outros caracteres.

Os outros compostos do arsenico, e que em dóse mui pequena se empregam em medicina, contra as molestias da pelle, e outras molestias, são : *arseniato de ammoniaco, arsenito de ferro, arsenito de potassa, arseniato de soda*. Todos são energicamente venenosos, e não se empregam senão na dóse de 3 milligrammas por dia.

Existe tambem no commercio, sob os nomes de *oxydo negro de arsenico* e de *pós para matar moscas*, um mineral do cobalto arsenical, do qual direi aqui algumas palavras. Sabe-se que, deitando-se n'agua certa quantidade d'estes pós, matam-se muitas moscas nos logares em que ellas abundam. Quando se emprega este meio, é preciso haver o cuidado de cobrir os vasos que contém alimentos; pois bem se vê que, se as moscas impregnadas do licor envenenado, cahirem n'uma chicara de café, por exemplo, deixarão n'elle certa quantidade de venemo, cujos effeitos serão tanto mais nocivos quanto maior fôr o numero das moscas submergidas no café. Exemplos numerosos tem mostrado que fortes colicas, e até incommodos muito mais graves, tem sido o resultado d'esta negligencia.

Emfim, o arsenico entra na composição de alguns medicamentos; administra-se em casos especiaes, principalmente na morphéa e outras molestias da pelle, na dóse de 3 á 6 milligrammas por dia.

Para combater o envenenamento produzido pelas preparações arsenicaes, *veja-se* ENVENENAMENTO.

Modo de reconhecer a presença do arsenico n'um liquido. Tome-se uma parte do liquido, e deite-se n'elle uma dissolução de sulfureto de potassa, ou agua carregada de gaz hydrogeneo sulfurado. Se o liquido contém arsenico, formar-se-ha um precipitado amarello. Se ao liquido, que contém arsenico, se ajunta uma dissolução de sulfato de cobre ammoniacal, obtem-se um precipitado verde.

Estes precipitados, lançados no carvão acceso produzirão fumo branco, com o cheiro de alho muito pronunciado. Póde hoje dizer-se com muito certeza, que se é facil matar com o arsenico, tambem muito facil é descobrir os vestigios do veneno, no corpo da victima, mesmo passado muito tempo. Dou informações muito mais extensas a esse respeito no meu *Formulario* 13ª *edição*, de 1888, p. 238 e 945.

ARTEJO. Hespanha, provincia de Coruna. A legoa e meia das cidades de Coruna e de Ferrol. Aguas salinas, quentes. 30°, 35°, a 37°, conforme os poços. Escrophulas, chlorose, rheumatismo, paralysia. 1° de Julho a 1° de Outubro.

ARTEMISIA ou ARTEMIJA. *Artemisia vulgaris* Linneo. Synantherêas-senecioides. Esta planta, notavel pelas folhas verdes e glabras, por cima, cinzentas e pubescentes por baixo, flores amarellas, avermelhadas; vegeta no Brazil. As folhas tem cheiro forte e sabor amargo,

Desde tempo immemorial, emprega-se para provocar os menstruos, quando este fluxo ficou suspenso por qualquer causa accidental. Toma-se em infusão na dóse de 8 grammas de folhas para chicara e meia d'agua fervendo.

ARTERIA. Chamam-se geralmente arterias diversos vasos ou canaes do corpo, que levam o sangue do coração ás diversas partes da economia. O sangue que ellas contém é vermelho, entretanto que nas veias, canaes semelhantes ás arterias, o sangue é quasi preto. O volume das arterias varia desde a grossura do dedo pollegar, e de uma penna de ganso, até á de um fio de linho. As arterias são agitadas de movimentos semelhantes aos do coração, que são os mesmos em todas as arterias, e constituem o que se chama *pulso*. Estes movimentos, ou pancadas, podem sentir-se principalmente no logar de reunião da mão com o antebraço, de ambos os lados do pescoço, diante do ouvido, nas virilhas, e, nas pessoas magras, no ventre por cima do embigo.

Ferida das arterias. As arterias, bem que mais profundamente situadas do que as veias, podem ser abertas por facas, espadas ou outros instrumentos de gume. Se a arteria ferida é de volume um tanto consideravel, como, por exemplo, a arteria do antebraço, o sangue vermelho sahirá a jorros correspondentes a cada movimento do coração; e o doente, se não fôr soccorrido, morrerá extenuado pela hemorrhagia. O maior numero de mortos no campo de batalha perdem a vida d'esta maneira. Para estancar o sangue, é preciso exercer uma compressão. Para isso applica-se sobre o ponto d'onde sahe o sangue uma bolinha de fio ou de panno de linho, e comprime-se com o dedo; sobre esta põe-se outra maior, que igualmente se deprime com o dedo que servio para a primeira; e sobre esta põe-se uma terceira, e continua-se do mesmo modo, até que se forme uma pyramide, cujo apice corresponda á arteria e cuja base, saliente por cima da ferida, sirva de ponto de apoio aos chumaços e á atadura, que exerce sobre ella uma compressão sufficiente. Este meio basta para curar as feridas das arterias pequenas; mas para as feridas das arterias grandes, serve só temporariamente até á chegada do cirurgião, o qual, no maior numero dos casos, é obrigado a laquear com linha o vaso que produz a hemorrhagia.

ARTHRITE. Inflammação articular, caracterizada pela dôr, inchação, e, ás vezes, pelo rubor da junta. É primitiva ou consecutiva, de causa interna ou de causa traumatica, aguda ou chronica.

Arthrite traumatica (da palavra grega *trauma*, ferimento). Dá-se este nome á inflammação da junta, occasionnada por movimentos forçados, contusões ou ferimentos.

Symptomas. Consistem na dôr mais ou menos viva e inchação da junta offendida. A pelle conserva durante muito tempo a sua côr normal, e não apresenta senão leve vermelhidão. Ha difficuldade, e, ás vezes, impossibilidade absoluta de mover a junta. Nos casos mais graves, quando a inflammação é muito intensa e occupa uma grande articulação, a dôr é ás vezes intoleravel, e manifesta-se febre; o pulso torna-se frequente, a sêde grande, a pelle quente; desapparece o appetite, decla-

ram-se nauseas e vomitos; o doente não póde dormir; e se a inflammação fôr augmentando, o delirio vem ás vezes ajuntar-se aos phenomenos precedentes.

Emfim, quando a inflammação se prolonga, póde formar-se suppuração no interior da junta. Então a dôr diminue, apparece a fluctuação, e a pelle torna-se delgada.

Tratamento. Depois de quédas sobre as juntas, torceduras ou outras semelhantes, é necessario prevenir a inflammação applicando ao redor da junta pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, durante um ou dois primeiros dias. O reposo, a dieta e o uso de limonadas de limão ou de cozimento de cevada, completam estes primeiros soccorros. Quando sobrevem dôr e calor da junta, é preciso applicar oito a dozes bichas á roda da junta, e depois cataplasmas de linhaça, ou de fecula.

Se se formar postema, é urgente abril-a com bisturi.

Durante o tratamento deve-se tornar o membro immovel em boa direcção, isto é, é preciso dar á articulação uma situação tal que os ligamentos não estejam estirados, e que o membro não fique disforme, caso a arthrite termine por ankylose. Cumpre, pois, pôr o membro n'uma posição conveniente, quando os doentes tomáram uma posição viciosa. Assim, se o joelho está dobrado, estenda-se; se a coxa está dirigida para fóra ou para dentro, endireite-se; se o pé está baixo, levante-se, etc.

Arthrite espontanea. Desenvolve-se depois de um resfriamento produzido pelo ar ou pelo contacto da humidade, depois da suppressão dos menstruos, depois dos sarampos, ou depois do parto; póde tambem sobrevir sem causa conhecida. É aguda ou chronica.

Symptomas. — Inchação dolorosa ao redor da uma junta, impossibilidade de movêl-a, dôres mais ou menos fortes, são os signaes da arthrite espontanea. O rheumatismo e a gota tem os mesmos symptomas; mas estas duas molestias occupam, quer ao mesmo tempo, quer successivamente, muitas juntas; a arthrite é fixa, contínua e regular. A febre é forte no rheumatismo agudo; ella raras vezes existe na arthrite espontanea.

Tratamento. Cumpre immobilizar a junta em boa direcção; se a molestia existe no joelho, é preciso estender a perna. Applique-se a cataplasma de linhaça, regada com uma colher, das *de sopa*, de laudano de Sydenham. Façam-se nas juntas fricções com balsamo tranquillo, ou com balsamo tranquillo, o com o linimento seguinte:

Chloroformio.....	10 grammas.
Oleo de amendoas doces.....	90 —

Misture exactamente.

Quando a molestia passa ao *estado chronico*, as dôres diminuem, existe só rijeza da junta. N'este caso é preciso applicar um caustico volante. Mais tarde obtem-se bons effeitos da maçadura (*veja-se* esta palavra), e de um dos meios seguintes:

1° Applicação sobre a junta, com pincel, de uma ou mais camadas de tinctura de iodo.

2° Fricções com pomada de iodureto de potassio.
3° Compressão da junta com tiras de emplasto adhesivo.
4° Hydrotherapia.

Sendo a arthrite complicada com o derramamento da serosidade, siga-se o tratamento indicado na *hydropisia da junta*.

Arthrite blennorrhagica. No decurso de uma blennorrhagia apparece ás vezes uma arthrite que occupa o joelho, o punho, o cotovelo ou o hombro; é raro que duas juntas estejam affectadas ao mesmo tempo; a junta incha, enrubece, torna-se dolorosa, e os movimentos são difficeis.

A arthrite blennorrhagica acaba quasi sempre pela resolução. Bastam o repouso e as caplasmas de linhaça. Se a inflammação tarda a resolver-se, applique-se um caustico. É preciso cessar o uso da copahiba, e usar só da infusão de linhaça para bebida.

ARTHRODYNIA. Dôr vaga das juntas sem calor nem inchação. E o resultado do crescimento, do hysterismo, e de um resfriamento accidental.

Tratamento. Friccionar a junta com baeta secca, ou com um dos linimentos seguintes:

1° Balsamo tranquillo.....	60 grammas.
2° Laudano de Sydenham.....	2 —
Azeite doce.....	15 —

ARTICULAÇÃO. *Veja-se* JUNTA.

ARVORES. — IDADE DAS ARVORES. As arvores passam, em geral, o primeiro terço da sua vida a crescer; durante o segundo terço, nem crescem nem diminuem; durante o ultimo terço, decrescem gradualmente até á decadencia completa. Assigna-se uma duração de tres ou quatro seculos ás arvores mais communs nos mattos da Europa, o carvalho, a faia, o carpe, o castanheiro, o freixo, etc. Algumas offerecem, excepcionalmente, exemplos de uma longevidade mais consideravel. Emquanto dura o crescimento da arvore, facil é conhecer a sua idade contando as camadas concentricas do tronco, tendo o cuidado de fazer a experiencia sobre a parte do tronco mais proxima da raiz. Para as arvores seculares, o que se póde dizer, é que não tem menos annos do que ha camadas concentricas no tronco cortado transversalmente. Nas arvores fructiferas, que se decotam cada anno, os nós produzidos por cada um dos cortes podem servir para se avaliar a sua idade.

MOLESTIAS DAS ARVORES. 1° *Feridas e contusões*. As feridas das arvores, quer provenham do choque de um carro, do dente de um animal, do decote mal feito, quer de qualquer outra causa externa, são sempre perigosas, e frequentemente mortaes, sobretudo se se deixam expostas ao ar. Deve-se lavar a ferida com agua, e depois applicar, sob a fórma de emplasto, um unguento cuja formula é a seguinte:

Cera amarella.....	300 gram.	Sebo ou banha.....	150 gram.
Azeite doce.....	300 —	Alcatrão.....	150 —

Derretam-se todas estas substancias juntas, e ajunte-se-lhes um

pouco de ferrugem de chaminé para tornar o unguento mais espesso.

Este unguento tem a vantagem de se conservar sempre no estado de massa; póde-se applicar facilmente com faca. Na falta do unguento, póde-se empregar terra pingue, barro, ou simplesmente mistura de lama e de excrementos de animaes; mas estes ultimos remedios tem o inconveniente de se racharem quando seccos, e de poderem ser despegados facilmente pela chuva. È util tambem pôr um pedaço de panno de linho entre o lenho e o unguento.

2° *Ulcera, cancro, goteira.* Quando o succo da arvore vem a escorrer, quer naturalmente, quer em consequencia de alguma ferida, sob a fórma de um liquido roxo e acre estraga progressivamente a casca e o corpo da arvore, e não tarda a causar a sua morte, se não se applicar o remedio seguinte : Tire-se toda a parte alterada, de maneira que se obtenha um córte limpo sobre o páo muito são; deixe-se esta ferida ao ar, durante dois dias, para lhe seccar a superficie, e applique-se depois um emplasto composto de metade de alcatrão, sendo a outra metade composta de cera, sebo e cinzas passadas por tamis. Este unguento applica-se quente com escova ou pincel. Póde-se tambem fazer uso do unguento indicado na pag. 221.

3° *Carie.* Affecta sobretudo o corpo lenhoso das arvores velhas. Esta desorganização manifesta-se no centro dos grossos ramos, e no proprio centro do tronco. Uma arvore acommettida de carie deve ser cortada.

4° *Envenenamento.* Morrem mui frequentemente as plantações feitas no interior das cidades, ou na vizinhança das fabricas de productos chimicos. Se o mal é causado por fugas de gaz, o remedio consiste naturalmente na reparação dos conductos : mas isto nem sempre basta, e muitas vezes, faz-se preciso renovar a terra saturada de gaz hydrogeneo carbonatado. Se é o resultado de um desenvolvimento contínuo de vapores ammoniacaes, o unico remedio consiste em arrancar as arvores, e não tornar a plantal-as. Acontece tambem que se sobrecarrega um terreno plantado de arvores para se livrar de demoliçôes. As arvores, cujo pé fica assim enterrado, padecem e morrem por asphyxia das raizes. Para conservar as plantações, convem tirar os entulhos, e remexer a terra com forcado; d'este modo restabelece-se a communicação do ar com as raizes.

5° *Coroamento.* A arvore cujo cume morre, chama-se *coroada;* não póde mais crescer em altura, e a qualidade do seu lenho altera-se : é preciso cortal-a. A arvore que se corôa pela cabeça, quasi sempre se *corôa* ao mesmo tempo pelas raizes. Quando a arvore perde o seu cume em consequencia de algum acontecimento fortuito, se foi quebrada pelo vento ou pelo raio, não está perdida por isso : póde-se-lhe tornar a fazer a cabeça com um dos grossos ramos; e sendo isto impossivel, a arvore continua a crescer se não em altura, pelo menos em grossura. O coroamento voluntario ou o decote, pratica-se como systema de cultura.

6° *Lacerações.* Os ramos de arvores, que estão muito carregadas de

fructos, ou que estão expostos á violencia do vento, experimentam ás vezes rasgaduras mais ou menos consideraveis. Quando essas lacerações descem muito abaixo, ou quando a arvore não tem valor, o que se póde fazer de melhor é cortar o ramo na base; porém se a laceração não é muito profunda ou se o ramo se sustenta ainda, prende-se primeiro aos ramos vizinhos com uma corda ou melhor ainda com um fio de ferro; sobre os dois pontos oppostos da rasgadura, applicam-se dois pedaços de páo cavados em gotcira conforme a grossura do ramo, c fixam-se apertando-os fortemente com ligaduras de canhamo ou de fio de ferro; cobrem-sc emfim as margens da laceração com mastique ou resina. Mediante estas precauções, e mantendo por muitos annos os meios de reunião, póde-se salvar ás vezes o ramo lacerado.

Modo de preservar as arvores do musgo, e dos insectos. Polvilhem-sc com a seguinte mistura; cal viva 2 partes, sal de cozinha 25, fuligem 25.

ARVORE DO PÃO. *Artocarpus incisa*, Linneo. Artocarpeas. Grande arvore de 13 a 14 metros de altura, que abunda sobretudo na Occania, mas habita tambem no Rio de Janeiro e em outras provincias do Brazil (fig. 74). Os fructos são globosos e attingem ás vezes 30 centimetros de diametro; são esverdeados por fóra, e amarellados quando maduros; contém, no meio de uma polpa farinacea, 40 a 60 sementes. Mas é a polpa farinacea que forma a parte a mais importante do fructo; porque se come com manteiga como o pão, depois de assada no forno, e isto antes da sua completa madureza. É um alimento são e agradavel. Encerra grande quantidade de amido, e poderia servir para fazer pão. A segunda casca d'esta arvore, batida e preparada, serve para fazer tecidos. É um vegetal, se não o mais precioso, pelo menos um dos mais importantes para os habitantes das ilhas do Oceano Pacifico. É a base da alimentação de muitos povos.



Fig. 74. — Arvore e fructa do pão.

ASA PEIXE. *Boehmeria caudata*, Sw. Urticaceas. Planta do Brazil. Empregada em banhos nos ataques hemorrhoidaes, e internamente como diuretico em infusão, na dóse de 4 grammas para 500 grammas d'agua.

ASCARIDAS. *Veja-se* VERMES INTESTINAES.

ASCITE. *Veja-se* HYDROPISIA.

ASEPTOL. O aseptol é um orthophenol acido tendo a mesma estructura chimica que o acido salicylico e destinado a substituir o acido phenico. O aseptol é um liquido de consistencia de xarope avermelhado, de um cheiro parecido com o do acido phenico, de um gosto um pouco azedo, soluvel em agua em toda proporção. Sua densidade é de 1,40; cristalliza a 8 gráos c distilla a 130 gráos. Prepara-se misturando a frio, por equivalentes iguaes o acido phenico e o acido sulfurico concentrado, havendo cuidado em impedir a elevação de temperatura. Satura-se depois o excesso d'acido sulfurico por carbonato de baryta, filtra-se e concentra-se no vacuo ou pelo menos em baixa temperatura. O aseptol dá com o perchlorureto de ferro uma coloração roxa caracteristica. Derretido com a potassa, produz pyrocatechina, resorcina e hydroquinona.

O aseptol é muitissimo superior ao acido phenico. Primeiramente é muitissimo soluvel n'agua, alem d'isto é pouco caustico e quasi nulla a sua toxicidade; ora, pode-se absorver internamente dóses consideraveis d'aseptol sem o menor inconveniente, emquanto que o acido phenico, em dóses tres vezes menores, occasiona mui graves accidentes. Quanto ás propriedades antisepticas do aseptol, ellas são tres vezes maiores que as do acido phenico. O aseptol é pois um antiseptico *pratico* em todos os pontos de vista.

Emprega-se-o nos curativos de toda a sorte, applicações sobre as mucosas, nos sapinhos e na diphteria; injecções vesicaes e vaginaes, pensos cirurgicos de Lister e outros, emfim em todos o casos em que se emprega o acido phenico e os antisepticos.

As dóses são as mesmas que as do acido phenico.

ASPHALTO. Betume solido, secco, friavel, negro, brilhante, inflammavel, quasi inodoro a frio, espalhando, quando arde, cheiro empyreumatico. O nome lhe vem do lago Asphaltite ou Mar Morto, na Palestina, em cujas aguas sobrenada, e onde se colhe desde tempo immemorial. Os Egypcios serviam d'elle para os embalsamentos, e por isso lhe deram o nome de *balsamo de mumias;* os Babylonios cobriam com elle tijolos com que construiam os seus edificios; os Romanos applicavam uma camada leve de asphalto nas estatuas que queriam preservar das intemperies do ar; os modernos fazem-n'o entrar na composição de certos vernizes.

No commercio, comprehende-se tambem sob o nome de *asphalto* outra especie de betume, o *betume glutinoso* ou *petroleo tenaz* (*maltha* e *pissasphalta* dos mineralogistas), substancia molle, pegajosa, que endurece ao frio, e amollece pelo calor. Esta especie de asphalto é muito abundante na Asia e na Europa, principalmente na França, Suissa, Baveria, Hungria, Gallicia, onde elle se extrahe quer do calcarco, quer do barro, do gres, quer de alguns rochedos volcanicos. Este betume serve para empesgar a cordoalha e as madeiras que devem ser empregadas dentro de agua, para alcatroar pannos, para preservar da humidade as cons-

trucções; misturado com areia, adquire grande consistencia, e serve para argamassar os terraços, os passeios nas orlas das ruas, e mesmo as calçadas; emfim entra na composição dos vernizes pretos e dos lacres.

ASPHYXIA. A condição mais indispensavel para conservar a vida é a introducção do ar no interior do peito. Se por uma causa qualquer fôr outro gaz substituido ao ar atmospherico, ou se este não puder penetrar no peito, suspende-se a respiração, e a morte é imminente. Chama-se *asphyxia* o estado de morte apparente, que resulta de se ter suspenso a respiração. Esta suspensão póde ser produzida por varias causas, e chama-se :

1° Asphyxia por submersão, ou dos afogados.

2° Asphyxia por suffocação, ou dos estrangulados e enforcados.

3° Asphyxia pelo vapor de carvão, pelos gazes que resultam da fermentação alcoolica, das minas de carvão de pedra, pelas emanações das flores, e por falta de ar respiravel.

4° Asphyxia pelos gazes das latrinas ou cloacas.

5° Asphyxia pelo calor.

6° Asphyxia pelo frio.

7° Asphyxia pela entrada nas vias aereas de um corpo estranho.

8° Asphyxia dos recem-nascidos.

Phenomenos geraes das asphyxias. As primeiras sensações que produz a falta de ar são ancias mui grandes; suspiros, bocejos, e esforços para dilatar o peito. Depois, e sobretudo, se a suspensão da respiração não fôr completa, sobrevem vertigem, peso de cabeça; o rosto torna-se roxo, azul; os beiços e muitas vezes toda a superficie da pelle, tomam a mesma côr roxa. Mais tarde, passados dois ou tres minutos, mesmo mais, se o individuo respira incompletamente, ha perda dos sentidos e dos movimentos, seguida do estado de morte apparente; fracas pancadas do coração annunciam que a vida ainda não se acha completamente extincta; mas logo depois o coração cessa de bater, e posto que o calor do corpo persista ainda por algum tempo no asphyxiado, este já não é senão um cadaver.

1° **Asphyxia por submersão.** *Veja-se* AFOGADOS. Vol. I, pag. 49.

2° **Asphyxia por suffocação ou dos estrangulados e enforcados.** Foi muito tempo opinião geralmente admittida, que a morte do enforcado não póde sobrevir, se todo o corpo não estivesse levantado do chão. A morte do Principe de Condé, que teve logar ha annos em Pariz, esclareceo esta questão. O Dr. Marc, celebre medico, fez n'essa época uma memoria, para provar que a morte do Principe de Condé foi effeito de suicidio; lembrou treze casos observados por outros medicos, que mostráram não ser preciso o peso de todo o corpo para este fim; e provou tambem que a suspensão póde ser seguida de morte, ainda mesmo quando os pés tocam no chão, quando os joelhos se apoiam no solo, e o corpo se acha deitado em um plano horizontal. Basta, por conseguinte, o peso das espaduas e da parte superior do

peito para exercer sobre o pescoço uma constricção capaz de interceptar a entrada do ar e produzir a morte. Esta verdade foi apoiada não só pelo testemunho de pessoas fidedignas, mas ainda pelos exames cadavericos dos corpos. Igual exemplo aconteceo em Janeiro de 1848, nos arredores de Nictheroy, na provincia do Rio de Janeiro : enforcou-se um preto a uma arvore, com as pernas estendidas no chão.

A suspensão produz a morte em um espaço de tempo indeterminado, e por causas differentes. Se no acto da suspensão existe sómente lesão das partes molles, intercepção da passagem do ar, e impedimento da circulação, a morte sobrevem com mais ou menos promptidão, conforme a compressão fôr mais ou menos completa; a morte n'estes casos é o resultado da asphyxia, e, ás vezes, da apoplexia. Quando a suspensão é acompanhada de esforço violento, póde d'ahi resultar uma deslocação das vertebras do pescoço e alguma lesão da medulla espinhal : n'este caso a morte é instantanea.

Em geral, a perda dos sentidos sobrevem com bastante promptidão; a vista turva-se, e apparecem diante dos olhos pontos luminosos; a morte sobrevem depois n'um espaço de tempo variavel. Resultando da apoplexia, o rosto fica vermelho, azulado, as veias do pescoço grossas, a lingua entumecida e livida, os olhos vermelhos e esbugalhados. No caso de simples asphyxia, o rosto quasi sempre empallidece, e na gargarganta e bocca apparece escuma ás vezes sanguinolenta.

Quando ha asphyxia e apoplexia, os signaes aqui indicados são mais variaveis; além d'isso, os dedos tornam-se fortemente contrahidos, como se o enforcado quizesse apertar algum objecto.

A sciencia conta alguns factos de enforcados e de estrangulados que voltáram á vida. O Dr. Plott refere que no tempo de Henrique IV, rei de Inglaterra, uma mulher, chamada Snetta, tendo sido enforcada em execução de uma sentença, e tirada da corda em que estivera pendurada toda a noite, recobrou a vida. Perdoáram-lhe por causa d'esta rara ventura. Morgagni vio uma mulher a quem uns ladrões, para poderem livremente dar-lhe saque á casa, apertáram o pescoço tão fortemente, que a deixáram por morta; entretanto os socorros da medicina conseguiram salval-a.

Tratamento e soccorros que se devem prestar aos enforcados e estrangulados. Só a promptidão póde tornar efficazes os soccorros ao enforcado. Depois de cortada a corda que lhe aperta o pescoço, é preciso descer o corpo com ligeireza, sem sacudil-o, collocal-o na cama, desembaraçal-o de todos os vestidos, tirar as ligas, o collete, os suspensorios, emfim tudo o que possa embaraçar a circulação.

O corpo assim desembaraçado será collocado na cama com a cabeça muita mais alta que o tronco.

Se o corpo está n'um quarto, é preciso que este não seja nem quente, nem frio, e que esteja arejado.

Se o enforcado tem o rosto vermelho, pratique-se-lhe logo uma sangria no braço, ou appliquem-se-lhe bichas atraz das orelhas.

A pallidez do rosto é signal de que seria contraria toda a especie de emissão sanguinea.

Para provocar os movimentos respiratorios, um dos meios mais efficazes consiste em levantar e abaixar os braços do modo que ficou explicado no artigo AFOGADOS, vol. I, pag. 50. Praticar-se-hão ao mesmo tempo fricções nas pernas, pés e mãos, com baeta ou escova.

Se a suspensão durou só alguns minutos, basta ás vezes borrifar o rosto com agua fria, applicar na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre, e esfregar as pernas.

Logo que o doente puder engulir, dar-se-lhe-ha, ás colheres um pouco de chá da India, ou d'agua com vinho e assucar. Se sobrevierem vertigens e dôres de cabeça, será preciso continuar a applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre, e dar um pediluvio com mostarda.

Ás vezes é difficil declarar se a suspensão é o resultado de suicidio ou de assassinato. Dever-se-ha então examinar com attenção se o corpo não apresenta vestigios de violencias, produzidas pela resistencia que fez o offendido. Convem igualmente ver se o pescoço apresenta um vinco unico, o que indica a probabilidade de um suicidio; ou se mostra signaes de haver sido a suspensão precedida de estrangulação.

Póde-se suppor suicidio, se o crime foi commettido em logar fechado, onde só a victima podia penetrar. Deve-se attender ao estado moral da pessoa, aos seus antecedentes, ao seu estado melancolico e ás suas respectivas inclinações.

No caso possivel *de haver o enforcado sido morto primeiro*, póde-se facilmente descobrir essa circumstancia. Com effeito, se a suspensão teve logar durante a vida do individuo, deixa no pescoço um *circulo vermelho ou denegrido*, signal evidente de um principio de inflammação, resultado de uma reacção vital, de mais, n'este caso o rosto e os membros ficam lividos. E se, pelo contrario, a victima foi enforcada depois de morta, com o intuito de fazer accreditar em um suicidio, a coloração do corpo é uniforme, e a corda deixa uma depressão *sem côr vermelha ou denegrida*.

3° **Asphyxia pelo vapor do carvão, pelos gazes que resultam da fermentação alcoolica, dos fornos de cal, das minas de carvão de pedra, pelos effluvios das flores, por falta de ar respiravel.** Este genero de asphyxia depende da acção deleteria do acido carbonico, gaz que resulta da combustão do carvão, da decomposição das pedras calcareas na fabricação da cal, da fermentação do vinho, etc. Os effluvios das flores contém tambem acido carbonico, e podem igualmente produzir incommodos graves. Enxaquecas, desmaios, até a asphyxía, podem d'aqui resultar inesperadamente, e sobretudo quando as flores se acham reunidas em grande numero dentro de quartos fechados, onde o ar não póde ser sufficientemente renovado.

O gaz acido carbonico sahe tambem dos nossos pulmões durante a respiração, e vicia o ar ambiente. As dôres de cabeça que muitas pessoas soffrem nos logares publicos mui frequentados, nas salas dos theatros, por exemplo, provém d'esta alteração do ar; é o principio de um estado que, augmentando, póde ser funesto.

A grande mortalidade que reinava nos navios que transportavam negros não dependia de outra causa. Dois funestos e memoraveis exemplos, confirmaram a verdade d'esta asserção, e provaram os perigos que deixei indicados.

O primeiro facto é extrahido da *Historia das guerras dos Inglezes no Indostão.*

Cento e quarenta e seis prisioneiros foram fechados em um quarto de vinte pés quadrados, que não tinha outros respiradouros mais que duas pequenas frestas. Estes infelizes experimentáram logo dôres de cabeça, suor abundante, sêde insupportavel, emfim, grandes dôres de peito, e uma extrema difficuldade de respirar. Imagináram muitos meios para terem o ar que lhes faltava. Tiráram a roupa, abanarám-se com os chapéos, e por ultimo concordáram em se pôrem todos de joelhos e em se levantarem todos juntos; tres vezes recorrêram a este expediente, e em cada um muitos d'elles, faltando-lhes força, cahíram e foram pisados pelos companheiros. Pedíram agua, que lhes foi dada; mas disputando-se esta bebida, os mais fracos desmaiáram, e succumbíram logo depois. A agua não saciou a sêde dos que podiam bebêl-a; foram atormentados de uma febre que continuamente augmentava. Antes da meia noite, isto é, quatro horas depois da reclusão, os que ainda viviam, e não podiam respirar pelas estreitas aberturas um ar livre, cahíram em uma estupidez lethargica ou em um horroroso delirio. Brigáram para ter accesso ás frestas. As duas horas da manhã só existiam cincoenta vivos; mas este numero tinha de diminuir. O combate para chegar ás janellas durou até ao romper do dia. Logo depois, abrio-se a prisão, e dos 146 homens encerrados, só sahiram 23 vivos, mas em um estado deploravel, mostrando em suas feições a morte a que acabavam de escapar!

Nos annaes do Brazil, será sempre lamentada a seguinte catastrophe, acontecida no Pará em 1823. Copio litteralmente o que diz o Sr. Abreu e Lima no capitulo setimo do seu *Compendio da Historia do Brazil:*

« Trinta horas de completa anarchia obrigáram este official a desembar-
« car com a sua tripolação para proteger o governo e a cidade, exposta
« a todo o genero de attentados. Depois de haver superado a revolta,...
« no estado apparente de quietação, tudo fazia recciar que os crimino-
« sos não estivessem seguros nas prisões de terra; e o official inglez
« mandou recolher 258 homens ao porão de uma galera, debaixo da
« guarda de quinze soldados. Apinhoados ao ponto de quasi não pode-
« rem respirar, tentáram estes infelizes subir para o convéz, mas foram
« repellidos pela guarda, que lhez fez fogo, e lhes fechou a escotilha.
« A suffocação, causada pela falta de ar, levou esta multidão a uma
« completa loucura, de sorte que muitos dilaceráram-se as carnes reci-
« procamente de maneira horrivel. Seguiram-se todas as agonias pro-
« prias d'esse estado: o velho e o moço, o forte e o fraco, o aggressor
« e o aggredido, cahíram exhaustos nas ancias da morte. A madrugada
do seguinte dia veio aclarar o mais pungente espectaculo: 254 homens
asphyxiados cobriam em montões as cavernas do navio! só 4 se acha-
« vam vivos. »

Ha cavidades subterraneas, particularmente nos paizes volcanicos, onde se accumula o acido carbonico por ser mais pesado do que o ar, o que torna a visita d'estes subterraneos mui perigosa. Não se deve penetrar em taes logares senão com archotes; emquanto elles arderem com luz viva, póde-se caminhar sem medo, mas logo que a luz empallidecer e os archotes se apagarem, deve o curioso recuar, a não querer pagar com a vida a sua temeridade... Uma d'estas cavidades, que se tornou celebre, é a *Gruta do Cão*, nas vizinhanças de Napoles.

Esta gruta está situada não longe do lago Agnano, perto de Napoles. Tem 4 metros 62 centimetros de profundidade; na entrada tem 1 metro 65 centimetros de altura; mas vai diminuindo gradualmente, e no fundo só tem 33 centimetros de altura. O gaz irrespiravel penetra de todos os lados na gruta, mas como é mais pesado que o ar atmospherico ajunta-se no chão da cova; a espessura da sua camada é de 20 a 35 centimetros; não tem côr nem cheiro. Um cachorrinho mettido n'esta atmosphera, não tarda a ter convulsões, e cahir asphyxiado. Tirado a tempo da caverna, volta a si; depois costumam deital-o n'um lago vizinho para reanimal-o.

Symptomas da asphyxia pelo gaz acido carbonico. Os symptomas especiaes d'esta asphyxia nem sempre são constantes; os que se observam mais frequentemente são a principio peso e dôr de cabeça, um sentimento de fraqueza e ancias; parece ao doente que se lhe apertam as fontes com força; a estes primeiros symptomas succede zunido nos ouvidos, escurecimento da vista, vertigens; as forças diminuem rapidamente, e o asphyxiado deixa-se vencer por um somno irresistivel, precursor da morte. Durante todo este tempo, o coração bate com rapidez e violencia, a pelle cobre-se de suor; mas em breve todo o movimento cessa, a intelligencia extingue-se, a respiração é cada vez mais difficil, e pára, assim como a circulação do sangue; o asphyxíado parece morto. N'este estado, o calor do corpo persiste longo tempo, o rosto torna-se vermelho, ás vezes pallido: os membros conservam a sua flexibilidade; poucas vezes se enrijam; em alguns casos, emfim, as ourinas e os excrementos sahem involuntariamente.

Para prevenir a asphyxia pelo acido carbonico, cumpre evitar o vapor que sahe do carvão, e aquelle que se desenvolve dos liquidos em fermentação; e se a pessoa sente dôres de cabeça e as ancias que precedem a asphyxia, é urgente abrir as portas e as janellas para respirar um ar fresco; não entrar em logares onde existam liquidos em fermentação, senão depois de adquirida a certeza de que uma vela não se apaga depois de ter ardido de dez a quinze minutos. Sabe-se entretanto, que um homem póde ainda viver algum tempo em um logar onde a luz não póde conservar-se accesa.

Tratamento e soccorros que se devem administrar aos asphyxiados pelo gaz acido carbonico. O primeiro cuidado na *asphyxia pelo vapor do carvão* consiste em tirar immediatamente o doente do quarto onde foi asphyxiado, expôl-o sem demora ao ar livre, n'um pateo ou jardim, ou transportal-o para outro quarto; deital-o de costas, com a cabeça e o

peito um tanto elevados. Antes de entrar no logar em que sobreveio a asphyxia, exige a prudencia que se deixe a porta aberta por alguns minutos, e se abra logo a janella.

Poucas pessoas devem rodear o doente, para que elle respire todo o ar, e este mais facilmente se renove. Façam-se em todo o corpo, principalmente no rosto e peito, aspersões d'agua fria, misturada com vinagre. Esfregue-se-lhe o corpo com pannos n'ella molhados, ou embebidos em aguardente, agua de Colonia, ou qualquer outro licor espirituoso. Passados tres ou quatro minutos, exuguem-se os logares molhados com pannos quentes, e dois ou tres minutos depois, tornem-se a começar as aspersões e fricções com agua fria e vinagre. Persevere-se no emprego d'estes meios. Irritem-se as solas dos pés, as palmas das mãos, e toda a extensão do espinhaço, esfregando-as fortemente com escova aspera. Administre-se um clyster d'agua fria, com meia colher *de sopa* de vinagre, e alguns minutos depois, outro, preparado com agua fria e quatro colheres de sal commum.

Dê-se-lhe a cheirar um frasco com vinagre ou com ether. Provoquem-se os movimentos respiratorios, levantando e abaixando os braços, do modo que foi indicado no artigo, Afogados, pag. 49. Se, apezar d'estes soccorros, o asphyxiado continuar em um estado de profunda modorra; se conservar o corpo quente, a face rubra, os labios inchados, e os olhos luzidios, pratique-se-lhe uma sangria, ou appliquem-se-lhe bichas atraz das orelhas.

Todos estes soccorros devem ser administrados com promptidão e na ordem successiva de suas indicações. Nunca se deve perder de todo a esperança; tem havido casos em que os asphyxiados voltáram á vida depois de *cinco a seis horas* de tratamento.

Logo que o asphyxiado estiver completamente reanimado, deve ser deitado na cama, e em um quarto cujas janellas estejam abertas, e do qual se farão sahir todas as pessoas que n'elle não forem precisas. Administre-se-lhe então limonada, ou agua com assucar, como fôr do seu gosto.

4° **Asphyxia pelos gazes das latrinas, das vallas, das cloacas, etc.** Estes gazes são compostos principalmente de hydrogeneo sulfurado, de azote e de ammoniaco. Os symptomas que este genero de asphyxia produz variam de intensidade, conforme a proporção de gaz hydrogeneo sulfurado que existe no ar viciado, a duração do envenenamento, e o temperamento da pessoa; umas vezes só se observam ancias, respiração difficil e irregular, enjôos e ligeiras convulsões; outras vezes, o individuo sente um peso que lhe comprime fortemente a cabeça e o peito, e cahe sem sentidos; o corpo fica então frio, o pulso mui frequente, a respiração curta, irregular e difficil. Em outros casos existem agitação e convulsões violentas; o doente dá gritos e gemidos. Este genero de asphyxia é frequentemente mortal, e a convalescença é em geral muito longa.

Tratamento. Exposição do doente ao ar livre, aspersões com agua fria e vinagre, fricções com escova aspera, taes são os soccorros que se

devem dar ás pessoas asphyxiadas pelo gaz das latrinas. As particularidades d'este tratamento, ficam especificadas no logar em que se falla da asphyxia pelo vapor do carvão, pag. 229. Continuando este tratamento, approxime-se ao nariz do doente uma garrafa de agua de Labarraque, ou um lenço embebido n'este licor, para lhe fazer inspirar o chloro, gaz cujas propriedades são n'este caso muito efficazes. Se o doente, havendo cahido em cloaca, tiver engulido alguma porção da agua n'ella contida, o que muitas vezes acontece, trate-se de lh'a fazer vomitar sem perda de tempo, dando-se-lhe um copo de azeite doce, ou, melhor ainda, 10 centigrammas de tartaro emetico dissolvido em um copo d'agua. Acalmem-se as desordens nervosas, os espasmos e as convulsões com a poção antispasmodica preparada com a mistura das substancias seguintes :

Agua.....	120 gram.	Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Agua de flores de laranjeira.	4 —	Xarope simples.....	30 gram.
Ether sulfurico.....	20 gottas.		

Dê-se uma colher *de sopa* d'esta poção de dez em dez minutos.

Na falta d'esta poção, póde-se-lhe dar 10 gottas de ether em um pouco de assucar.

Se, apezar de todos os esforços, o individuo ainda não tiver tornado a si, não sentir e não se mover, appliquem-se-lhe sinapismos nos pés.

Quando alguem quizer abrir uma valla, despejar um poço, uma cloaca, etc., deve sempre observar certas precauções; ter comsigo agua de Labarraque, para espalhal-a nos logares vizinhos, ou para cheirar, em caso de necessidade; introduzir uma vela accesa no logar suspeito, e certificar-se de que continua accesa por 10 ou 15 minutos; munir a primeira pessoa que visita o logar de um apparelho conveniente feito de cordas, para que possa ser tirada ao menor perigo.

5° **Asphyxia pelo calor.** Acontece ás vezes que um individuo se asphyxia por ter ficado longo tempo em um logar de temperatura muito elevada. N'este caso, é urgente transportal-o para um logar fresco, despil-o ou cortar todos os nós ou ligaduras que possam impedir a livre circulação do sangue, dar-lhe a beber algumas colheres d'agua com vinagre ou de limonada; administrar-lhe um clyster com agua e quatro colheres de sal commum.

6° **Asphyxia pelo frio.** O frio intenso e prolongado póde determinar a asphyxia. N'este caso, devem-se fazer a principio fricções com gelo e depois com baeta. Quando reapparecer o calor, approximar-se-ha ao nariz do doente um frasco com vinagre ou agua da Colonia, e depois se lhe fará tomar uma chicara de chá da India bem quente.

7° **Asphyxia produzida pela entrada de um corpo estranho nas vias aereas.** Quando algum corpo estranho penetrar nas vias respiratorias, a passagem do ar póde não ser inteiramente interrompida, e a respiração continuar a executar-se mais ou menos incompletamente. Sobrevem então tosse, convulsões; a face córa-se, injecta-se, torna-se livida, e a morte é o resultado, umas vezes mui prompto e outras mais demorado. Quando, pelo contrario, a entrada das

vias aereas estiver inteiramente obstruida, o individuo perde logo todo o sentimento e movimento, a face faz-se rubra, os olhos fixos e salientes, e sobrevem a morte. Em ambos os casos são necessarios promptos soccorros. Póde-se provocar a expulsão do corpo estranho, excitando espirros com rapé, ou vomitos pelo emetico. Se estes meios não aproveitam, será preciso recorrer á incisão do larynge, operação que só póde ser praticada por um cirurgião habil.

8° **Asphyxia dos recem-nascidos.** *Veja-se* PARTO.

ASSA (NEGRO). *Veja-se* ALBINO.

ASSACÚ ou UASSACÚ *Hura brasiliensis*, Willdenow. Euphorbiaceas. Arvore do Pará. Arvore colossal, de folhas sub-cordiformes, ovaes, denteadas; fructo, capsula lenhosa, multicocca, com uma só semente em cada loculamento. Extrahe-se por incisão d'esta arvore um succo gommoso branco-pardacento, ou branco avermelhado, que se condensa e solidifica com difficuldade e vagar; quando condensado, é escuro-pardacento, com o aspecto mais de gomma que de resina, e mui soluvel em agua: o soluto reassume a côr que tinha no estado liquido, quando extrahido da arvore, e com o mesmo cheiro, porém menos pronunciado.

O succo e o cozimento da casca de assacú foram recommendados no curativo da morphéa.

Empregam-se internamente as pilulas feitas com o succo, e o cozimento da casca; externamente a decocção da casca em banhos.

O methodo de tomar o remedio (que se usava no Pará) era o seguinte :

O doente principia por tomar um cozimento a que chamam *vomitorio*, e que se prepara da maneira seguinte :

Casca de assacú cortada e contusa 15 grammas; ferve-se em 300 grammas d'agua até ficar reduzida a 180 grammas, e ajunta-se-lhe leite de assacú 12 gottas. O doente bebe em duas ou tres vezes este cozimento, que lhe provoca bastantes vomitos.

Este cozimento vomitivo repete-se de oito em oito dias. Durante os oito dias de intervallo entre cada *vomitorio*, o doente usará das pilulas feitas com 1 a 5 centigrammas de succo e algum pó inerte, como alcaçuz; tomando uma até cinco pilulas por dia, o que se regulará pelo effeito emetico ou purgutivo que ellas produzirem. Além d'isso, tomará 250 grammas do cozimento fraco por dia, preparado com 1 gramma 20 centigrammas da casca, e quanto baste d'agua.

Cada dois dias tomará um banho geral, preparado com 1 kilogramma de casca de assacú e quantidade sufficiente d'agua. No dia em que não tomar banho geral, usará de lavatorios de cozimento que se prepara com 8 grammas de assacú e 500 grammas d'agua.

Os doentes terão muito cuidado em que lhes não cáiam nos olhos algumas gottas de qualquer dos remedios acima indicados.

A humanidade acreditou por algum tempo no effeito do assacú contra a morphéa; porém as experiençias feitas no Pará e nas demais provincias do Brazil, e na Europa, provaram que estas esperanças eram exageradas; e o assacú perdeo a reputação que tinha como remedio da morphéa.

Os Indios servem-se do assacú para embriagar os peixes, e apanhal-os depois com a mão.

ASSAFETIDA. Gomma-resina extrahida de uma planta, da familia das Umbelliferas, que habita na Persia, e que foi chamada por Linneo *Ferula assafetida* (fig. 75). Os Allemães deram a esta gomma o nome de *stercus diaboli*, por causa do seu cheiro mui fetido. São massas agglutinadas, de côr roxa, com pontos brancos e violaceos, amollecendo com o calor, sabor amargo; soluvel em agua, alcool, ether, vinagre, gema de ovo. É um medicamento antispasmodico e recommendado na asthma, hysterismo, colicas nervosas; dá-se na dóse de 50 centigram. a 2 grammas. Uma substancia, de cheiro e sabor tão detestavel, não poderia ser facilmente tomada pela bocca, e por isso administra-se com preferencia em clysteres.

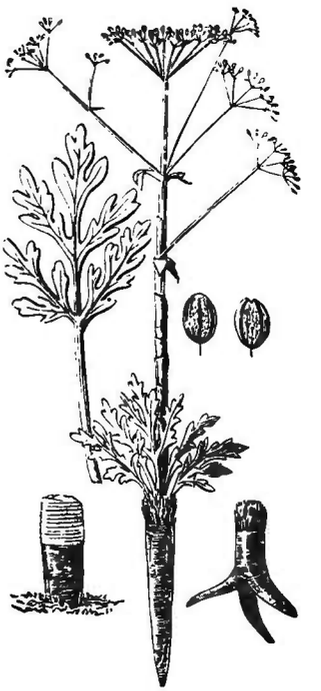


Fig. 75. — Assafetida.

Actualmente já se pode administrar este medicamento pela bocca, empregando-se as perolas ethereoladas d'assafetida do Dr Clertan.

ASSAHY. *Euterpe edulis*, Martius. Palmeira do Brazil. Tronco recto, liso, annelado, folhas pennadas, compostas de foliolos dispostos como os de um pente; flores rosadas situadas logo abaixo da base das folhas; fructos globosos, pequenos, de côr violacea, e dispostos em grandes cachos. Os fructos (cocos), amassados com agua e coados, dão um liquido côr de vinho, chamado no Pará *coahy*, que temperado com assucar, constitue uma bebida refrigerante. As folhas não desenvolvidas dão um excellente palmito, comida apreciada na cozinha brazileira.

ASSAMENTO ou **Intertrigo.** Designa-se debaixo d'este nome, a vermelhidão acompanhada de comichões intoleraveis que se produz ao nivel dos pontos em que a pelle se ruga e se irrita nos movimentos do andar. Esta affecção benigna apparece no verão principalmente nas crianças e nas pessoas gordas.

Tratamento. Polvilhar as partes doentes com pó de arroz, lycopodio ou amido. Lavar com agua na qual se deita um pouco de alcool. Deve-se evitar de coçar porque as comichões tornam-se mais fortes e a pelle fica escoriada e a pessoa soffre ainda mais.

ASSISTENCIA. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

ASSUCAR. O assucar é um producto immediato que se encontra em grande numero de vegetaes, por exemplo, na beterraba, castanha, cenoura, jaca, etc., mas principalmente na canna de assucar. Para os usos domesticos, extrahe-se quasi exclusivamente da canna de assucar e da beterraba. Immensos e conhecidos de todos são os usos d'esta substancia. O assucar é um dos alimentos o mais proprio para completar e

melhorar as qualidades digestivas de grande numero de substancias alimenticias; dá melhor sabor ás substancias aquosas e insipidas, abranda o gosto acerbo ou acido de muitas outras. É empregado em grande numero de industrias, taes como nas de confeiteiro, distillador, para a preparação dos sorvetes, etc. É um poderoso agente de conservação para as substancias vegetaes e animaes, como o provam os xaropes e as conservas pharmaceuticas de que é a base, os doces, as marmeladas, as pastas. Tomado moderadamente com outros alimentos, é uma substancia bemfazeja. Algumas pessoas pensam que o assucar determina a carie dos dentes, o amollecimento das gengivas, que estraga o estomago, etc. Esta opinião é inteiramente hypothetica.

O assucar dissolve-se na metade do seu peso d'agua fria, e em todas as proporções d'agua fervendo; a sua dissolução aproximada até 30° do areometro é viscosa, e toma o nome de *xarope de assucar* ou simplesmente de *xarope*. O assucar dissolve-se muito bem na arguardente. Submettido á acção do calor, derrete-se, adquire côr amarella, depois roxa, e transforma-se em uma substancia chamada *caramello*.

O assucar refinado acha-se em dois estados no commercio, em pó branco, ou em pães cónicos, compactos, duros e sonoros.

Assucar candi. Assucar puro dissolvido na agua, cozido na consistencia de xarope até 37° do areometro, e crystallizado depois por evaporação lenta na estufa.

Assucar de leite, chamado tambem *lactina* ou *lactose*, contido no leite dos animaes mammiferos. Extrahe-se evaporando o sôro de leite pelo calor; depõe-se, então, em crystaes brancos, duros, de textura folhada. É menos soluvel na agua que o assucar ordinario, e não dá xarope. Emprega-se em algumas preparações pharmaceuticas. O mais rico em assucar é o leite d'egua, e, depois, o de burra.

ASTHENIA. É synonymo de fraqueza.

ASTHMA. A asthma é uma molestia que consiste na oppressão da respiração com paroxysmos, nos quaes é imminente a suffocação.

Causas. A asthma observa-se quasi sempre nas pessoas idosas, mui raramente na mocidade, muito mais frequente nos homens do que nas mulheres, e nos individuos gordos do que nos magros. Para contrahil-a é necessario uma predisposição; e esta predisposição augmenta por paixões vivas, commoções moraes tristes, vigilias, etc. As outras causas são: as profissões que obrigam a viver no meio de uma atmosphera carregada de corpos estranhos, como nas fabricas de algodão, de lã, nos moinhos, etc.; vapores irritantes, fumaça, cheiros penetrantes, frio humido, variações rapidas de temperatura, calor excessivo, tempo de borrasca, suppressão de alguma hemorrhagia habitual.

Symptomas. A asthma manifesta-se ordinariamente por accessos que apparecem quasi sempre á noite, ao deitar-se, ou durante o somno. Estes accessos são mais ou menos intensos: principiam por um sentimento de compressão e de constricção do peito: o doente é obrigado a sentar-se para poder respirar com menos difficuldade; falta-lhe o ar, faz grandes esforços para dilatar o peito; agita-se, tosse de tempos a

tempos; a expiração é sibilante ou roncante; o rosto torna-se pallido ou corado; os olhos esbugalhados, e o nariz, os ouvidos, as mãos e os pés frios; a face e o peito cobrem-se de suor. Depois de um tempo mais ou menos longo, declara-se uma tosse que põe todo o corpo em movimento, e que é seguida de uma expectoração abundante de mucosidades claras; a dilatação do peito opera-se gradualmente com maior facilidade; e só então o doente consegue deitar-se e adormecer. Nem todos os accessos tem a mesma intensidade; consistem ás vezes em uma simples constricção do peito, com expiração sibilante; mas tambem são, em outras occasiões, muito mais violentos. As vezes, o doente não padece senão um só accesso; porém de ordinario repete-se este no dia seguinte á mesma hora da noite, e reapparece assim por tres, quatro e mesmo sete dias; só então termina o ataque, que fica suspenso por um ou muitos mezes, até que reappareça sob a influencia de uma das suas causas determinantes. Quando o accesso não tem de voltar em breve, o asthmatico acorda perfeitamente restabelecido, e póde tratar dos seus negocios, como se nada houvesse soffrido. Se, pelo contrario o accesso tem de reapparecer na noite seguinte, a constricção do peito e a difficuldade de respirar subsistem, e aggravam-se pelo exercicio.

Logo que esta molestia se declara, é mui raro que não volte, se bem que o intervallo que separa os ataques seja muito incerto. Frequentemente, esta suspensão dos ataques dura mais de um anno. Em alguns individuos a molestia é periodica, tendo logar o seu apparecimento de dez em dez ou de quinze em quinze dias; ás vezes vem com a lua cheia ou com os quartos de lua. Tem-se visto nas mulheres o accesso da asthma preceder ou seguir o fluxo menstrual.

Tratamento. Dois são os meios a empregar no tratamento da asthma; um quando se declaram os ataques, e o outro em suas remissões.

Durante o accesso, a primeira cousa que se deve fazer consiste em collocar o doente n'uma posição vertical, despil-o de todos os vestidos que lhe possam constranger o peito, abrir as janellas para renovar o ar no quarto, tirar o cortinado da cama, e despedir todas as pessoas, cuja presença não fôr ali necessaria, e que antes impedem o gyro do ar livre, ou viciam a sua pureza pela respiração. Os banhos aos pés, mui quentes, ou os sinapismos, podem ser empregados com vantagem em todos os casos. Depois d'isto, mistura-se em uma chicara d'agua fria, uma colher de vinagre e 5 a 10 gottas de laudano; e dá-se ao doente esta bebida ás colheres *de sopa*. Não havendo laudano, dê-se sómente a agua com vinagre ou limonada fria. O doente chupará duas a quatro pastilhas de chlorhydrato de cocaina de Houdé, e tomará sem interrupção, no correr de 24 horas, uma colher de sopa de solução de Antipyrina de Trouette, de hora em hora, até se sentir melhor. Um clyster d'agua fria póde produzir tambem bons resultados. Outros doentes ficam alliviados bebendo uma chicara de café ou de chá da India. Um sorvete produzio ás vezes uma amelioração instantanea; outras vezes a ingestão de pequena quantidade de um licor alcoolico, de kirsch sobretudo. Os vapores que se levantam da camphora quando se lhe deita agua fervendo, podem ser

vantajosos. Se estes meios não fizerem parar o accesso, dar-se-ha ao doente 15 a 20 gottas de ether sulfurico em um pouco de assucar, e uma chicara de chá de folhas de laranjeira. Se, apezar de tudo isto, o accesso continuar, dê-se-lhe ás colheres *de sopa*, de meia em meia hora, a seguinte poção :

Agua.....	120 gram.	Oxymel scilitico.....	15 gram.
Agua de flores de laranjeira.	4 —	Tintura de belladona.....	20 gottas.

Misture.

Um medicamento excellente n estes casos é o xarope de bromureto de potassio de Henry Mure que se administra na dóse de 2 a 3 colheres, das de sopá, no momento do accesso.

As folhas seccas de estramonio, vulgarmente figueira do inferno, fumadas em cachimbo ou em cigarrilhas, tem-se tambem mostrado muito uteis nos accessos de asthma.

Um sinapismo applicado no peito, nas costas ou no braço produz igualmente bons effeitos.

Tambem muito aproveita tanto durante os accessos como nos intervallos d'elles, o emprego do xarope de Gelineau, de chloral e bromureto de potassio que se toma na dóse de 2 a 6 colheres, *das de sopa*, em um pouco de tilio frio e assucarado, em gemmada ou em tisana de maçã que é o melhor meio de disfarçar o gosto picante do xarope.

Nos intervallos dos accessos, o regimen é um dos pontos mais importantes para o tratamento da molestia. É raro que a mudança de ar não seja vantajosa. Deve-se escolher um clima temperado, e pouco sujeito ás variações subitas da atmosphera. Geralmente, o ar do campo convem mais aos asthmaticos do que o ar menos puro das grandes cidades. Tem-se, ás vezes, obtido alguma vantagem do costume de conservar, no quarto de dormir do asthmatico, vasos com pequena quantidade de chlorureto de cal diluido em agua. Muitos usam acalmar os accessos, entretendo uma fraca luz no quarto em que dormem. Os quartos em que habitam devem ser vastos, e bem arejados. São indispensaveis um regimen brando e ligeiro, a abstinencia de alimentos excitantes, especiarias, licores e substancias indigestas. O café depois de jantar e os banhos frios são de grande vantagem. Um exercicio quotidiano, mas moderado, e viagens de distracção podem igualmente aproveitar, assim como os purgantes brandos. A habitação sadia, a tranquillidade moral; o cuidado de evitar o frio humido, as vigilias, as grandes reuniões; o abandono das profissões que predispõem á asthma (cozinheiro, professor de instrumentos de sôpro, perfumista, chimico, etc.), taes são os conselhos geraes que se podem dar ás pessoas affectadas, ou ameaçadas de asthma.

O xarope de caracóes de Mure é um precioso medicamento contra esta molestia; é uma preparação que se toma ás colheres, os doentes acostumam-se facilemente com ella por causa de seu gosto assaz agradavel.

Tem dado bons resultados o emprego das *Gottas Livonianas* de Trouette Perret, na dóse de duas capsulas ao almoço e duas ao jantar.

Pilulas contra a asthma.

Extracto de belladona.....	20	centigrammas.
Extracto de valeriana.....	40	—

Misture e faça 8 pilulas. Toma-se uma pilula pela manhã, e outra á noite, no intervallo dos accessos. Estas pilulas empregam-se para prevenir o accesso, mas podem tambem ser administradas durante este.

Pós contra a asthma.

Extracto de estramonio.....	30	centigrammas.
Oxydo de zinco.....	120	—
Opio.....	30	

Misture-se e divida-se em 12 papeis. Tomam-se dois papeis por dia, um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma colher d'agua fria, no intervallo dos accessos. Podem tambem tomar-se durante o accesso.

O emprego da glycerina creosotada, de Catillon, tem dado muito bons resultados contra a asthma. Toma-se este medicamento na dóse de uma a duas colheres, *de sopa*, ao almoço e ao jantar.

Quando se queira empregar o bromureto de potassio puro é preferivel empregar o de Falières, cuja pureza é incontestavel.

ATADURA. Chama-se *Atadura* uma tira estreita e comprida que se emprega no curativo das feridas, para fixar um caustico, uma cataplasma sobre um membro, um chumaço, depois de uma sangria, etc. Estas tiras podem ser de differentes tecidos. Fazem-se de panno de linho ou algodão, de flanella, ou de borracha. Qualquer atadura deve ter de 1 a 2 até muitos metros de comprido, e 2 até 10 centimetros de largo. As ataduras de tres dedos de largura são as mais empregadas, e as mais commodas. Mais estreitas não se usam senão para os dedos. As mais largas empregam-se ao redor do ventre e do peito.

Ataduras de panno de linho. Destinadas a conter os outros objectos do curativo, ou a comprimir alguma região do corpo, as ataduras devem ter certa solidez; pelo que fazem-se com preferencia de panno de linho. Cumpre, sómente, não empregar nem panno novo nem muito grosso. O panno meio usado é o que mais convem.

Para fazer uma atadura, corta-se o panno com tesoura a fio direito, nunca se deve rasgal-o. Dividem-se assim, debaixo da fórma de tiras, lençoes, camisas, toalhas, ou guardanapos que já tem servido aos usos da casa.

Não chegando, para fazer uma atadura, cada uma das tiras que resultam da divisão d'estes pannos, torna-se necessario reunir-lhes os extremos um com outro. Esta reunião deve ser feita por meio de uma costura chamada serzidura, isto é, com pontos repassados de uma borda á outra, de maneira que não resulte d'ella senão mui pouca desigualdade. A atadura assim preparada não deve ter nas margens nem bainha nem qualquer outra costura, que possa tornar a compressão menos igual e menos regular.

Ataduras de morim. O panno de algodão, conhecido sob o nome de

morim, sendo mais fino do que o panno de linho, julgam algumas pessaos que póde servir para fazer ataduras. Isto não é exacto senão até certo ponto. Antes de lavado ou servido, este tecido não é bastante poroso para preencher as indicações principaes das ataduras; além d'isto, escorrega com muita facilidade, pelo que a atadura não póde ficar facilmente no seu logar. Empregado depois de servido ou lavado, não tem bastante firmeza; franze-se ou enrola-se com extrema facilidade; pelo que, salvo alguns casos excepcionaes, as ataduras de morim valem menos do que as de panno de linho ordinario.

Ataduras de panno de lã. O tecido de lã poderia muitas vezes ser preferido ao panno de linho para ataduras, se fosse menos caro. Bem que para este fim possa servir qualquer tecido de lã, as ataduras de lã não se fabricam senão com flanella. Macias, porosas e resistentes ao mesmo tempo, as ataduras de flanella tem a vantagem de se applicarem exactamente sobre o corpo, de não se franzirem nem se enrolarem sobre si, e de absorverem facilmente os liquidos, pelo que usam-se muito na Inglaterra.

Tem, comtudo, o inconveniente de entreter certo gráo de irritação sobre a pelle, de esquentar inutilmente os tecidos, de se sujarem de uma maneira desagradavel, de serem de espessura incommoda, de se não prestarem tão bem como as ataduras de panno de linho ás inversões, de serem muito extensiveis, e de não estarem tão facilmente ao alcance de todas as pessoas.

Ataduras de borracha. A borracha ou o cautchuc, que entrou no commercio já ha muito tempo sob a fórma de objectos mui diversos, e que se usa com muita vantagem na confeição de suspensorios, ligas, cintos, colletes, etc., póde servir tambem para fazer ataduras. Acháram-se meios para fiar e reduzir a laminas a borracha; e as ataduras fabricadas com esta substancia, enrolam-se e desenrolam-se com a mesma facilidade que as de panno de linho.

Por causa da sua flexibilidade e elasticidade, as ataduras de borracha fazem a compressão exacta em toda a parte, e não occasionam estrangulamentos. Não ha necessidade de fazer inversões; as duas margens da atadura assentam igualmente sobre o corpo; se sobrevem qualquer inchação debaixo da atadura, a sua flexibilidade permitte-lhe ceder sobre um ponto, ao passo que os outros pontos resistem. Não ha duvida, pois, de que as ataduras de borracha são de acquisição preciosa para a pratica, se o seu uso pudesse propagar-se, se se pudessem obter a preço baixo. Não deixam, comtudo, de terem tambem seus inconvenientes. Susceptiveis de se relaxarem debaixo da influencia do calor, de se contrahirem pelo frio, podem facilmente produzir desigualdades perigosas.

Ataduras de cadaço. Existem no commercio fitas de linho, algodão, lã, de densidades diversas, que se chamam *cadaços*. Entre estas fitas, que tem um uso inteiramente differente na economia domestica, ha algumas bastante largas que podem servir de ataduras.

Mas as ataduras de cadaço são geralmente más, duras, rijas e lustro-

sas. Não são porosas, e escorregam tão facilmente que não é possivel mantêl-as no logar. Por conseguinte não podem ser empregadas senão na falta das outras.

Ataduras enroladas. Antes de applical-a, deve-se enrolar a atadura. Quando a atadura está enrolada de uma a outra extremidade em um só cylindro, diz-se que está *enrolada em um so globo* (fig. 76). Chama-se *atadura de dois globos* aquella cujas extremidades se enroláram ao mesmo tempo até se encontrarem, ficando os globos iguaes ou desiguaes conforme a necessidade (fig. 77).



Fig. 76. — Atadura enrolada em um só globo.

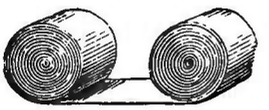


Fig. 77. — Atadura enrolada em dois globos.

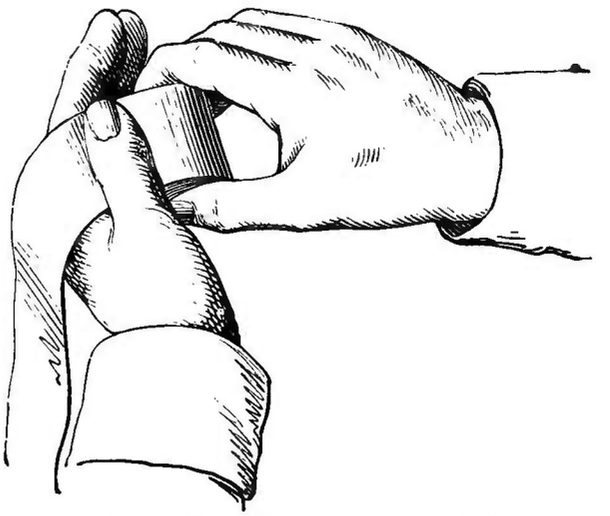


Fig. 78. — Modo de enrolar uma atadura.

Para enrolar uma tira, dobra-se primeiro sobre si certa porção (cerca de 30 centimetros) de uma das duas extremidades, para formar um rolo ou eixo solido. Pega-se então n'este rolo com o dedo pollegar e o index da mão direita (fig. 78), e faz-se rodar a atadura sobre o eixo, emquanto que com os primeiros dedos da mão esquerda se dirige a atadura, que deve circumdar o globo começado. As circumvoluções devem ser tão apertadas quanto seja possivel; porque as ataduras frouxamente enroladas escapam da mão.

Atadura (*Modo de applicar uma*). *Veja-se* LIGADURA.

ATANASIA, TANASIA ou **TANACETO.** Planta commum nos terrenos incultos da Europa. Caule alta e composta de muitos ramos; flores amarellas e tubulosas, cheiro aromatico e picante. Sabor e gosto proprios a esta planta, lhe são communicados par um oleo volatil toxico. Em alta dose a atanasia produz um envenenamento especial que já foi descripto sob o nome de raiva tanacetica. No ponto de vista therapeutico, é um antihelminthico e um tonico amargo empregado contra a anemia e a dyspepsia. Emprega-se o pó das flores na dóse de 2 a 4 grammas.

ATAQUE. Invasão subita de algumas molestias. Diz-se por conse-

guinte ataque de *apoplexia*, de *gota coral*, etc. (*Vejam-se* estas palavras.) Quando se diz: *deo um ataque n'uma pessoa*, entende-se ordinariamente o ataque de apoplexia, vulgarmente *estupor*. (*Veja-se* APOPLEXIA, vol. I, p. 199.) Por *ataque de cabeça* designa-se *meningite* (*Veja-se* esta palavra.) *Ataque de figado* (*Veja-se Inflammação aguda do figado*, artigo FIGADO). *Ataque de baço* (*Veja-se Inflammação aguda do baço*, no artigo BAÇO). *Ataque de peito*. (*Veja-se* ESCARROS DE SANGUE, PLEURIZ.) *Ataque de garganta*. (*Veja-se* ANGINA.)

Ataque de nervos. Com este nome se designa uma molestia nervosa, produzida ordinariamente por um susto, pezar profundo ou alguma outra paixão violenta, e caracterizada por movimentos geraes do corpo, ou por uma suspensão incompleta das faculdades intellectuaes. Dá sobretudo nas mulheres.

Symptomas. Os symptomas d'esta molestia são mui diversos. Os casos mais notaveis são ataques convulsivos, que principiam por uma quéda, acompanhada de gritos muito agudos; estes ataques são caracterizados por movimentos violentos dos braços e das pernas. Os doentes levantam-se subitamente, sentam-se, e depois viram-se para traz. Estes movimentos são tão violentos, que mesmo nos doentes magros e fracos, são necessarias muitas pessoas para segural-os.

A estes phenomenos succede logo uma remissão, na qual a pessoa doente fica estendida, agitada de sobresaltos pelo menor ruido, pelo menor toque, Outras vezes, pelo contrario, fica immovel e insensivel a todas as excitações externas. Estas alternativas de convulsões e de remissões seguem-se durante um tempo variavel. Durante todo o tempo que permanecem, a cabeça fica ordinariamente voltada para traz; o rosto umas vezes torna-se quente e vermelho, outras, frio e pallido; a respiração é forte e laboriosa. No meio das convulsões, as doentes levam frequentemente a mão ao pescoço, como se quizessem tirar algum obstaculo; a miudo batem no peito, na testa; tiram ou rasgam os vestidos; agarram as pessoas que se chegam a ellas. Observam-se movimentos estranhos desde a cabeça até aos pés. Estes accessos acabam geralmente por uma explosão de prantos e de soluços, interrompidos por gargalhadas.

Mas os ataques de nervos nem sempre tem tanta violencia, nem apresentam sempre a mesma fórma; algumas doentes só cahem no chão com perda dos sentidos, mas não tem convulsões, e ficam n'uma immobilidade tal, que as pessoas que não conhecem este estado, podem temer a morte proxima. Entretanto, de tempos a tempos ouve-se a respiração; observam-se alguns movimentos no corpo, depois a doente recobra os sentidos, e tem disposição para chorar e para affligir-se.

Existe ainda outra fórma de ataques: são dôres no utero, aperto da garganta, sentimento de uma bola que sobe do baixo-ventre até ao pescoço, onde produz uma especie de suffocação; esta fórma de ataques nervosos chama-se mais particularmente *hysterismo* (*Veja-se* esta palavra).

Depois do ataque, de qualquer especie que seja, sobrevem o cansaço geral, resfriamento do corpo, pallidez, rangedura dos dentes, etc.

Os ataques *duram* tempo indeterminado, ordinariamente muitas horas, mas os symptomas não conservam sempre a mesma intensidade; cada tres, cinco ou dez minutos, os gritos e os movimentos convulsivos cessam por alguns instantes, e então a doente geme, mas ordinariamente não recobra a falla. Os primeiros ataques são ás vezes extremamente violentos. As doentes distinguem o repouso que succede depois da ultima remissão; dizem ás pessoos que as cercam, que acabou o seu ataque, e que as podem deixar, e raras vezes se enganam.

No intervallo dos ataques, o estado habitual das doentes varía conforme estes ataques são frequentes e fortes, ou raros e ligeiros, e conforme a duração da molestia. Quando são raros, as doentes apresentam todas as apparencias da mais perfeita saude, Entretanto, todas são nervosas, mui sensiveis, irasciveis, impacientes, teimosas; e tem o somno difficil e incompleto. A concepção e o parto fazem-se de maneira natural nas doentes que nos occupam; muitas são incommodadas por flores brancas abundantes.

Os ataques apresentam muitas anomalias na sua marcha: ás vezes, a invasão tem logar pouco tempo depois da acção da causa; outras vezes o estado convulsivo é precedido de algumas horas ou de muitos dias, por dôres de cabeça e apertos de garganta. A volta dos ataques é tambem mais ou menos frequente; as affecções moraes influem particularmente sobre esta volta, e sobre a sua violencia; uma contrariedade, um sobresalto os provocam immediatamente; o socego renasce com a tranquillidade moral.

A duração da molestia é muito variavel. A volta da saude póde ter logar depois de pequeno numero de ataques quando não existe forte predisposição, ou quando a causa foi passageira.

Causas. As causas dos ataques nervosos são, sobretudo, as paixões vivas, o ciume, as contrariedades, os grandes pezares. Os ataques podem ser produzidos pela vista do ataque em outra pessoa, e contrahem-se por uma especie de imitação.

Tratamento durante o ataque. É preciso pôr a doente ao abrigo dos perigos que lhe faz correr a violencia dos seus movimentos. Convem contèl-a com circumspecção, desapertar-lhe o vestido, tirar-lhe o collete, collocal-a n'um logar arejado, approximar-lhe ao nariz um lenço ensopado em vinagre ou um frasco com ether; espargir no rosto algumas gottas d'agua fria, introduzir na bocca um pouco de sal de cozinha; introduzir rapé no nariz, applicar sinapismos nas pernas, dar uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e finalmente administrar ás colheres, a poção seguinte:

Agua.....	150 gram.	Ether sulfurico	20 gottas
Laudano de Sydenham.....	20 gottas	Assucar	15 gram.

Misture, e dê uma colher, das *de sopa*, de quarto em quarto de hora. Se o aperto dos queixos não o permittir, administre-se o clyster seguinte:

Agua morna.....	150 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Misture.

Para curar a molestia e impedir a volta dos ataques não se deve contar muito com os medicamentos preconizados n'este caso e que são: assafetida, camphora, almiscar, opio, etc.; mas deve considerar-se como o recurso mais util, o regimen, e tudo quanto se refere ao modo de viver. E preciso ter alguma occupação séria, e vida tranquilla; cumpre evitar as emoções fortes e sobretudo as contrariedades. O uso frequente de banhos mornos e frios, o exercicio do corpo, as viagens, as impressões moraes que possam produzir uma forte diversão nos sentimentos, cuja exaltação era a causa primaria da molestia, são, salvo as modificações indicadas por algumas circumstancias particulares, os melhores meios para curar os ataques de nervos.

ATAVISMO. *Veja-se* HEREDITARIEDADE.

ATAXIA LOCOMOTRIZ OU ATAXIA MUSCULAR PROGRESSIVA. Molestia do systema nervoso, caracterizada pela impossibilidade em que se acha o doente de dirigir e regrar os movimentos á sua vontade, embora os musculos nada tenham perdido da sua contractilidade normal. Os doentes sentem pouca firmeza nas pernas; perdem facilmente o equilibrio, e, quando andam, levam as pernas á direita e á esquerda, de modo muito irregular; e se a molestia faz progressos, nem podem andar nem estar de pé; nem se podem servir das mãos para o menor uso. Comtudo esta molestia não é uma paralysia. Se, com effeito, se dá a mão a estes doentes, apertam-n'a com força. Quando estão deitados, podem fazer executar aos membros todos os movimentos possiveis, o que não podem fazer os paralyticos. Em alguns d'estes doentes, existe certo gráo de insensibilidade na palma das mãos, e na planta dos pés. Sobrevem dôres lancinantes, mas passageiras, na cabeça, nos membros, nos dedos; a vista enfraquece-se sensivelmente; a alguns doentes sobrevem a diplopia, isto é, vêem os objectos duplos. O sentido do ouvido conserva-se intacto, e geralmente as faculdades intellectues não soffrem mingoa.

O *tratamento* d'esta molestia divide-se em duas partes. Uma alimentação restauradora e tonica que sustentará as forças do doente. De outro lado empregar-se-ha pontas de fogo de alto a baixo da columna vertebral para agir sobre a medulla espinhal, e administrar-se-ha iodureto de potassio de Falières, e centeio espigado (*secutum consutum*) no dóse de 30 a 50 centigrammas por dia, segundo o methodo do D^{or} Charcot.

ATMOSPHERA. Nome dado á camada de ar que existe ao redor da terra.

ATHREPSIA. Esta palavra designa uma serie continuada de accidentes que se notam nas crianças que nascem antes do termo, ou n aquellas que nascidas a termo se acham agglomeradas em hospitaes especiaes, mal nutridas ou desmammadas prematuramente. Nas crianças athrepsicas o appetite diminue, ellas têm uma diarrhea continua, esverdeada e muitas vezes acompanhadas de vomitos. Sobrevem uma inflammação da bocca seguida depois de sapinhos. A pelle do ventre, das nadegas e das virilhas ficam vermelhas com erosões dolorosas e a criança emmagrece em pouco tempo, fica com a pelle dura e succumbe dentro

de pouco tempo pelo enfraquecimento se por acaso não apparece qualquer complicação que ponha um termo a seus soffrimentos. Quasi sempre é a pneumonia que causa este desfecho.

O tratamento consiste sobretudo em uma rigorosa hygiene alimentar. Leite puro em pequenas quantidades de cada vez, phosphato de cal e tonicos serão os melhores meios para remediar a athrepsia. A criança deve ter um calor regular que se obtem cobrindo-a com cobertores de lã, ou com pastas de algodão ou conservando-a no incubador artificial (*Veja-se* INCUBADOR).

Na athrepsia muito aproveita o elixir eupeptico Tisy, na dóse de 1 a 2 colheres, das de chá, na hora das refeições.

ATONIA. Synonymo de fraqueza. Falta de tom.

ATROPHIA. Dá-se este nome ao emmagrecimento extremo, e á diminuição notavel no volume de qualquer orgão. Toda a causa que impede ou enfraquece o affluxo de sangue n'um orgão determina a sua atrophia. Assim a *atrophia parcial* é ordinariamente o resultado da compressão, da falta de exercicio, da diminuição ou da suspensão da influencia nervosa; a *atrophia geral* é produzida pelas molestias dos orgãos essenciaes á vida; designa-se então sob o nome de *consumpção*.

Atrophia muscular progressiva. Consiste no desapparecimento ou na transformação fibrosa ou fibro-gordurosa da substancia muscular.

Symptomas. Sem causa conhecida, ás vezes depois de uma exposição ao frio, depois de uma fadiga, sobrevem em certos musculos caimbras, contracções ou só uma sensação de entorpecimento; os movimentos executam-se difficilmente, e, ás vezes, são impossiveis. Logo ao principio, póde-se já verificar um notavel emmagrecimento, que não ataca todo o membro ao mesmo tempo, como nas paralysias, mas alguns dos seus musculos sómente, d'onde resultam deformações singulares, e a perda de certos movimentos. Os musculos assim affectados diminuem progressivamente de volume, e suas fibras desapparecem pouco a pouco para darem logar á gordura. Comprimindo-os, não se sente mais a resistencia elastica propria ao estado normal, mas sim uma superficie molle, incapaz de se contrahir; e se o musculo tem desapparecido, sentem-se cordões fibrosos ou as superficies osseas quasi a nú. A alteração, mais ou menos rapida na sua marcha, invade logo outros musculos, sobretudo os musculos homologos do lado opposto.

Todavia, por mais extensa que seja, a affecção muscular conserva-se quasi sempre local, e as principaes funcções não experimentam perturbações consideraveis. Não se perde o appetite; as digestões são boas, as faculdades intellectuaes intactas. Mas os doentes tornam-se muito fracos, e quasi impossibilitados de fazer certos movimentos; não podem tão pouco dobrar ou estender o membro : Se a atrophia affecta os musculos do peito, a respiração póde tornar-se embaraçada.

A molestia segue uma marcha mais ou menos rapida : ha doentes que perdem em alguns mezes o uso da maior parte dos musculos; no maior numero, este resultado só tem logar passados muitos annos.

A molestia, depois de declarada, póde permanecer estacionaria durante certo numero de annos, e limitar-se a alguns musculos.

Tratamento. Os medicamentos que mais aproveitam n'esta molestia, são; banhos com plantas aromaticas, banhos frios de rio ou de mar, a electrização por meio de apparelhos proprios, e as fricções com o linimento seguinte :

Oleo concreto de moscada.....	15	grammas.
Oleo volatil de cravo.....	15	—
Alcoolato de zimbro.....	270	—

Misture.

ATROPINA. Alcali vegetal, extrahido da belladona, da qual é o principio activo. Sendo pura, apresenta-se sob a fórma de pequenas agulhas sedosas, brancas, de sabor amargo e acre, soluvel em 8 partes d'alcool fervendo, em 60 partes d'ether, em 30 partes d'agua fervendo, e em 500 partes d'agua fria. E dotada de propriedades energicas; como a belladona, dilata a pupilla, mas de maneira muito mais manifesta. Externamente é muito empregada nas affecções oculares; e é aconselhada internamente na tosse espasmodica, e em muitas nevralgias. É um medicamento que requer grande cautela no seu emprego. A dóse que póde ser dada por dia, interiormente, é de meio milligramma a 1 milligramma. Em collyrios tambem não deve ser administrada em maior dóse.

N'este caso empregam-se os granulos impressos da casa L. Frère, de Pariz, os quaes são justamente de 1/2 milligramma e 1 milligramma de principio activo.

Sulfato de atropina. Sal que resulta da combinação do acido sulfurico com a atropina. Apresenta-se sob a fórma de pós brancos. É mui soluvel na agua fria e no alcool. Emprega-se nos mesmos casos e na mesma dóse que a atropina. Usa-se sobretudo em injecções subcutaneas nas diversas nevralgias. É tão activo como a atropina, pelo que emprega-se em granulos impressos de L. Frère de 1/2 milligr.

Valerianato de atropina. Combinação de acido valerianico com atropina. Escamas brancas, mui soluveis em agua. Sal muito energico, e mui perigoso; aconselhado nas nevralgias na mesma dóse que a atropina em granulos impressos de 1/2 milligr. de L. Frère, de Pariz.

AULUS. França. Aguas sulfatadas calcicas. Tres fontes, cuja temperatura é de 18°; contem cal, magnesia, soda, acido sulfurico, sesquioxydo de ferro, vestigios de chromo, iodo, cobre, arsenico, lithia, bismutho, antimonio. As aguas d'Aulus usam-se na asthenia do estomago ou dos intestinos, catarrhos da bexiga, areias, gota, affecções syphiliticas; a sua acção é laxativa, diuretica, tonica e depurativa; empregam-se em bebida, banhos e duchas.

AUSCULTAÇÃO. Este nome vem da palavra latina *auscultare*, escutar. E a applicação do ouvido para reconhecer a natureza dos ruidos que existem no peito. Este meio de investigação é uma das conquistas da medicina moderna, e data apenas de uns setenta annos.

Depois d'esta invenção, a parte relativa ás molestias do peito mudou completamente de aspecto, e a arte de as reconhecer que offerecia grandes obstaculos, apresenta hoje mui pequenas difficuldades.

Pratica-se a auscultação de duas maneiras : 1° applicando o ouvido sobre o peito nú, ou, melhor ainda, coberto com um panno espesso; 2° interpondo entre o ouvido e o peito um canudo de páo chamado *sthethoscopio*.

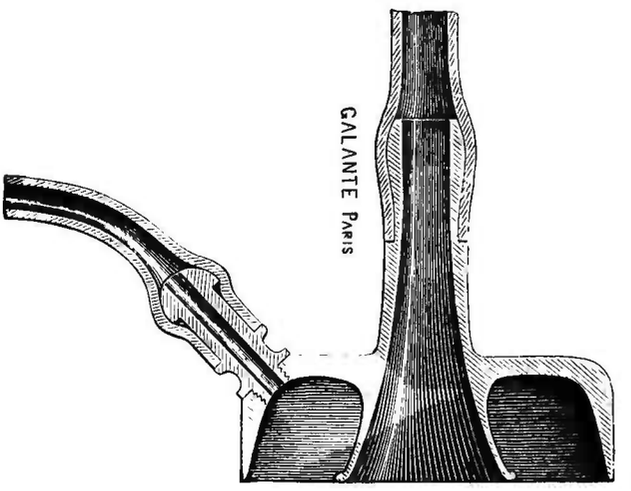


Fig. 79. — Córte do sthethoscopio com caixa de reforço.

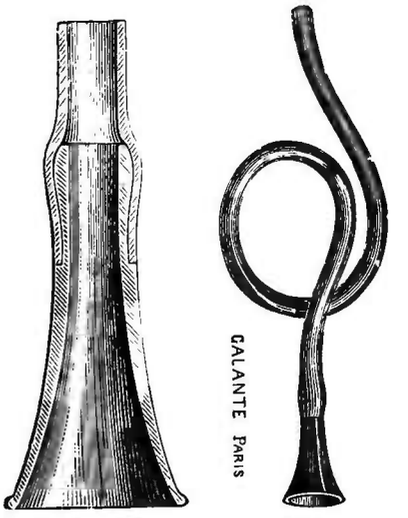


Fig. 80. — Córte, do pavilhão do sthethoscopio.

Para se conhecer os ruidos pathologicos do coração e dos vasos pelo stethoscopio flexivel com caixa de reforço, o Sr. Constantin Paul apresentou a Academia de Medicina de Pariz um novo medelo de seu sthethoscopio flexivel munido de uma caixa de reforço, nos seguintes termos:

« Ha desenove annos que substitui o stethoscopio flexivel ao stethoscopio rigido, pude demonstrar qne não sc póde ter a pretenção de conhecer um ruido pathologico do coração ou dos vasos, senão quando se tem determinado com muita exactidão a topographia, o momento e o som.

« Para obter esta exactidão, é preciso poder observar durante muito tempo sem cançaço, e mudar o instrumento de logar com facilidade, para seguir os ruidos em toda sua extensão e suas variações.

« Com o stethoscopio flexivel simples, e até mesmo, com o sthethoscopio auricular, muitos observadores podem ouvir o ruido pathologico. A identidade de observação, condição necessaria, é o ponto de partida, e, o fim, a identidadc de interpretação.

« Este instrumento é excellente; acabo de aperfeiçoal-o, juntando-lhe uma ventosa annular que o Sr. doutor Roussel (de Genova) tinha inventado para o seu transfundor (instrumento para a transfusão do sangue).

« O meu stethoscopio, com esta modificação, possue notaveis qualidades acusticas.

« Por causa da adaptação exacta do pavilhão sobre a pelle com uma

pressão invariavel e tambem por causa da ventosa que torna-se caixa de reforço, o ruido que acaba-se de ouvir toma grande intensidade e nitidez.

« Se adaptar-se este novo pavilhão a um tubo metallico com dois braços, e que faça um stethoscopio bi-auricular, consegue-se certa intensidade de som, até agora desconhecida na auscultação dos ruidos cardiacos e vasculares.

« A ventosa serve tambem para fixar automaticamente o stethoscopio no ponto escolhido para a auscultação, e os estudantes pódem, cada um por sua vez, tomar o tubo acustico sem desarranjar o instrumento. A ventosa serve para que se ouça não só os ruidos das crianças e dos adultos, como tambem os ruidos do feto.

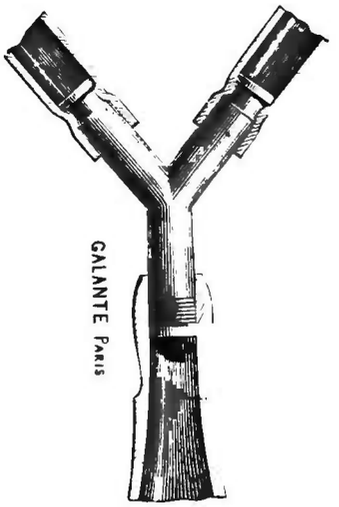


Fig. 81. — Ajustamento metallico em Y.



Fig. 82. — Sthethoscopio flexivel com caixa de reforço, applicado e disposto para a auscultação mono-auricular.

« Em resumo : qualidades acusticas superiores e facilidade na demonstração, taes são as qualidades d'este novo stethoscopio construido pelo Sr Galante com as minhas indicações. »

Auscultação da respiração. Applicando-se sobre o peito de qualquer pessoa sã o ouvido nú ou armado de stethoscopio, ouve-se, durante a inspiração, um ruido ou murmurio mui brando e sonoro produzido pela entrada do ar nas cellulas do pulmão ; e durante a inspiração, um ligeiro murmurio muito mais curto do que o da inspiração. No estado de molestia, o murmurio natural, ouvido na inspiração, póde diminuir, cessar, augmentar, ou ser substituido por outros ruidos mui differentes n'uma extensão mais ou menos consideravel do peito.

O murmurio respiratorio faz-se menos sensivel no começo das molestias do peito, as quaes, chegadas ao periodo mais adiantado, dão logar nos pontos que occupam, á suspensão completa do ruido respiratorio. Esta suspensão tem logar na pneumonia em segundo ou terceiro gráo, na degeneração tuberculosa, no emphysema, nos derramamentos de liquidos serosos, purulentos ou sanguineos na cavidade das pleuras.

Em certas condições, o murmurio macio da respiração normal é substituido por um ruido mais forte, e mais aspero, ao que se tem dado o nome de *ruido* ou *sopro bronchico* ou *tracheal* ou *tubario*. Suppõe-se produzido, nas principaes divisões dos bronchios, pelo ar vagaroso que deixa de penetrar, ou só difficilmente penetra, nas ultimas ramificações ou nas vesiculas que as terminam. Este ruido ou sopro ouve-se particularmente quando se põe o ouvido sobre as partes endurecidas do pulmão, ou em ponto correspondente a um derramamento mediocre de liquido na pleura. Percebe-se tambem ao nivel dos bronchios dilatados e das excavações produzidas pela ulceração do tecido pulmonar; n'este ultimo caso, deo-se-lhe o nome de *respiração cavernosa*.

O *ruido* ou *sopro amphorico* é analogo áquelle que se ouve assoprando no gargalo de uma garrafa. Este phenomeno produz-se logo que o ar inspirado entra em uma vasta cavidade feita no parenchyma do pulmão, e principalmente logo que passa para dentro da pleura atravez do pulmão ulcerado.

O *fervor crepitante* é um ligeiro ruido que a auscultação faz conhecer, e que póde comparar-se ao do sal que estala quando se projecta sobre o fogo ou se aquece. Consiste em bolhas seccas, pequenas, iguaes entre si, ordinariamente mui numerosas. Ouve-se quasi exclusivamente na inspiração, e nem sempre impede que se distinga o murmurio respiratorio, que se faz menos sensivel n'este sitio. O fervor que offerece estes caracteres só se manifesta na pneumonia em primeiro gráo.

Fervor subcrepitante. Forma-se por bolhas menos numerosas, menos regulares, mais grossas e mais humidas, mais distinctas durante a inspiração do que na expiração. Pertence á bronchite capillar, e a pneumonia em resolução decidida, assim que os pulmões passam do estado de hepatização vermelha (segundo gráo) para a simples congestão (primeiro gráo). Quando o fervor subcrepitante existe de modo continuo, limitando-se a uma das fossas escapulares ou abaixo de uma das clavículas, e não succedendo a uma pneumonia, indica a presença de tuberculos que principam a fundir-se.

O *fervor mucoso* compõe-se de bolhas mais grossas, mais humidas e mais desiguaes que o precedente; é produzido pela passagem do ar atravez dos escarros contidos na trachea, nos bronchios, ou accumulados nas cavidades ulcerosas que succedem á fusão dos tuberculos. Este ruido é semelhante ao que se ouve na garganta dos individuos agonisantes. Existe elle em uma grande extensão do peito na bronchite; nos tisicos limita-se sempre a um ou a varios pontos mui circumscriptos. Desapparece muitas vezes depois da tosse, e desloca-se com as mucosidades que o produzem.

Som de gargarejo ou *fervor cavernoso*. É analogo ao que determina a agitação de um liquido misturado com as bolhas de ar. Ouve-se principalmente no cimo do peito : é o signal o mais certo de cavidades produzidas pela fusão dos tuberculos.

O *fervor sonoro secco* ou *o ronco* consiste em um som mais ou menos grave, ás vezes mui ruidoso, e que se parece ora com o roncar de um

homem que dorme, ora com o som dado por uma corda de rabecão roçada com os dedos, ora finalmente, com o arrulho da rola.

O *fervor sibilante* ou *silvo* parece-se de ordinario com um pequeno assobio prolongado, grave ou agudo; outras vezes com o pio de aves pequeninas, com o ruido de uma bomba. Parece provir ou de mucosidade pouco abundante, porém mui viscosa, obstruindo incompletamente as pequenas ramificações bronchicas, ou tambem de inchação da membrana mucosa.

O fervor sonoro secco e o fervor sibilante dão-se na bronchite aguda e chronica, simples ou complicadas de tuberculos.

Tinnido metallico. Ruido semelhante ao que a percussão ligeira de um corpo duro produz no vidro ou em chapa de metal. Ouve-se durante os movimentos respiratorios, e melhor ainda, quando o doente falla ou tosse. Este phenomeno só tem sido observado nos individuos que tem ou cavidades ulcerosas no pulmão, ou derramamento na pleura. N'estes dois casos, parece indispensavel, para a producção do phenomeno, que a cavidade contenha um liquido e ar, e que communique com os bronchios. O tinnido metallico é, pois, symptoma de uma fistula pulmonar.

Auscultação da voz. Se em vez de escutar o ruido que faz o ar ao entrar e ao sahir do pulmão, se escutar o echo da voz, ouve-se seu som normal ou modificado por differentes circumstancias physicas importantes, que produzem a *bronchophonia*, a *egophonia* e a *pectoriloquia*.

A *bronchophonia* é um echo da voz mais ou menos ruidoso e diffuso, do qual se póde fazer idea bastantemente exacta applicando-se o stethoscopio sobre o larynge de uma pessoa que está fallando. No homem doente este phenomeno produz-se todas as vezes que o pulmão está endurecido, isto é, na congestão pulmonar, na pneumonia, e na affecção tuberculosa em primeiro gráo.

A *egophonia* consiste na resonancia particular da voz. Esta resonancia é aspera, tremula, sacudida como a da cabra. É signal de um derramamento nas pleuras.

A *pectoriloquia* consiste em uma resonancia particular da voz que, na auscultação mediata, parece sahir directamente do peito do enfermo, e passar toda inteira para o canal do stethoscopio; se o medico emprega a auscultação immediata, parece-lhe que o doente lhe falla ao ouvido. É signal de uma excavação feita no pulmão pela fusão de tuberculos.

Auscultação do coração. Em qualquer pessoa sã e na idade adulta, as pancadas do coração só se sentem no espaço comprehendido entre as cartilagens das quinta e setima costellas esternaes, e nos pontos correspondentes do esterno. O *choque* ou *impulsão* é uma sensação de levantamento ou de percussão, que os movimentos do coração imprimem no ouvido ou na mão do observador. Quando a conformação do coração está na melhor harmonia com a das outras partes, esta impulsão é mui pouco apreciavel; muitas vezes mesmo é insensivel: augmenta ella sob a influencia das causas que acceleram as pulsações d'esta viscera, e volta ao seu typo natural pela eliminação d'estas causas. Na hypertrophia do

coração, esta impulsão torna-se geralmente tanto mais forte quanto maior é a espessura das paredes d'este orgão : ás vezes chega ao ponto de levantar a cabeça do observador.

Natureza e intensidade do ruido. Quando se applica o ouvido ou o stethoscopio á região do coração em individuo de boa saude, distinguem-se alternativamente dois ruidos differentes, o primeiro é surdo e prolongado, coincide com a contracção ventricular, e é isóchrono com o pulso. A este ruido succede outro mais claro, mais rapido, produzido pela dilatação dos ventriculos.

Ruido de folle. Succede frequentemente serem os ruidos do coração substituidos ou encobertos pelo *ruido de folle*, assim chamado porque se parece muito exactemente com o ruido d'este instrumento. Esta circumstancia deixa suspeitar uma alteração nos orificios do coração ou de suas valvulas. Mas o ruido de folle, por mais forte que seja, não indica nenhuma molestia do coração em particular; porque, de uma parte, póde elle existir em quasi todas as affecções d'esta viscera, e por outra parte, póde faltar nas mais graves d'entre ellas, especialmente nos estreitamentos dos orificios. O ruido de folle póde existir nas hypertrophias, e principalmente nas hypertrophias concentricas. Mas os estreitamentos fibrosos, e a insufficiencia das valvulas, são as lesões de coração que com elle coincidem as mais das vezes. Tambem existe frequentemente nos casos em que a acção do coração vem a augmentar-se sem lesão material em seu tecido, como nas palpitações nervosas. Por fim, encontra-se igualmente nos individuos plethoricos, nas mulheres pejadas, mas principalmente nos individuos anemicos, nas jovens chloroticas, e depois de hemorrhagias abundantes. Resulta d'estes factos que o ruido de folle desenvolve-se em condições mui variadas e mesmo oppostas.

A auscultação do coração dá a conhecer varios outros ruidos, designados com os nomes de *ruidos de lima*, *de grosa*, *de serra*, e de *ruido musical*, ou *sibilante*. O ruido de grosa ou de lima dá ao ouvido uma sensação de aspereza e de escabrosidades que se comparou ao roçar de uma grosa ou de uma lima em um pedaço de páo. Se n'estes casos se applica a mão á região precordial, sentir-se-ha muitas vezes uma vibração particular conhecida pelo nome de som de rosnadura (*frémissement cataire*, fr.), comparado ao murmurio de satisfação que fazem os gatos quando a mão os afaga. O *ruido de serra* é inteiramente semelhante ao que faz este instrumento a distancia um tanto afastada. — Os ruidos de grosa, de lima, de serra, e o som de rosnadura tem sido ouvidos especialmente quando as valvulas offerecem indurações calcareas, rugosas, e desiguaes. Todavia, tem-se encontrado varias vezes o ruido de grosa em casos de opilação, e depois de sangrias abundantes. Quanto ao ruido de assobio musical do coração, não póde elle ser attribuido a lesão alguma distincta d'esta viscera.

Auscultação do pericardio. Se no estado são, o roçamento do coração não se acompanha de ruido algum apreciavel pelo ouvido, não acontece assim quando a inflammação determinou a formação de falsas membranas, que tiram ao involucro seroso do coração a

lisura que lhe é natural. Ruidos anormaes produzem-se então no pericardio. O *ruido de couro novo* dá ao ouvido a sensação que produz a pressão do cavalleiro em uma sella nova. O *ruido de brando roçar* (frôlement, fr.), compara-se ao que se produz roçando-se entre os dedos tafetá, pergaminho, ou papel. O *ruido de raspadura*, é o mesmo ruido; mais forte. Estes diversos ruidos annuneiam a pericardite ou a formação de falsas membranas.

Auscultação do ventre. Não se pratica senão nos easos de gravidez no prineipio do quarto mez, para ouvir o sopro placentario; e, aos quatro mezes e meio, para verificar as duplas pancadas do eoração do feto. *Veja-se* GRAVIDEZ.

AUTEUIL. França no arrabalde de Pariz. Agua ferruginosa fria, eontém ferro e um poueo de manganez. A agua é limpida, sabor de tinta de escrever. Emprega-se eomo bebida e em banhos; é tonica; o estomago snpporta-a muito bem.

AUTOPLASTIA. È uma operação que consiste em substituir uma parte deteriorada ou qualquer perda de substancia, por um retalho de pelle que se tira dos tecidos cireumvizinhos, de qualquer membro ou de qualquer logar do eorpo do proprio individuo ou de pessoa estranha. A autoplastia tem por alvo principalmente reparar as defformidades do rosto, o arraneamento ou seeção do nariz, as grandes feridas dos labios ou das palpebras. Faz-se, para bem dizer, um naríz novo ou labios novos; é bom dizer que as vezes é assaz difficil conseguir-se um resultado satisfaetorio quando o orgão foi destruido por qualquer uleeração syphilitica ou tuberculosa.

Ha muitos methodos para se pratiear a autoplastia. O methodo indio consiste, para fazer um nariz novo, em eortar um retalho de pelle na testa, dissecal-o e viral-o sem separal-o eompletamente, de modo que a pelle fique preza á testa por um pediculo torcido. O proeesso italiano consiste em se servir da pelle do braço. Approxima-se o braço do nariz fixando-o por meio de um apparelho e quando a pelle eriou adherencias no logar marcado corta-se então de todo a pelle e deixa-se o braço livre. O methodo francez se pratica tirando a pelle das partes vizinhas do nariz fazendo incisões e unindo as pelles com arte.

Havendo o maior asseio nos instrumentos e nas mãos e com o soeeorro dos eurativos antisepticos consegue-se hoje em dia tirar-se um retalho de pelle em um logar qualquer do corpo, como por exemplo, da coxa, para leval-o para o rosto, com um exito completo. D'este modo, tem-se reeonstituido labios e pelpebras. Está sabido que a adhereneia se faz rapidamente, pois não é raro vêr-se um dedo seccionado por um instrumento muito afiado, collar-se perfeitamente se houver cuidado de bem collocal-o, de sutural-o e de fazer ao redor da ferida um curativo bem limpo. E esta uma variedade d'autoplastia muito importante e que se offerece á pratica frequentemente.

AUTOPSIA. Operação que consiste em abrir um eadaver para examinar os diversos orgãos. A autopsia se faz por tres eausas diversas.

A autopsia judiciaria, feita por um medico legista, tem por fim revelar a causa da morte do individuo ou a maneira por que ella sobreveio. Só pela autopsia é que se pode saber quaes dos ferimentos encontrados no corpo do individuo foi o que occasionou a morte; quanto tempo depois de comer sobreveio ella; que parte attribuil-a á molestia antiga de que estava acommettida a victima; que idade tinha ella; e, em certos casos, qual era seu sexo. Qualquer que seja a causa presumida da morte, o medico legista deve examinar todos os orgãos, mesmo aquelles que na apparencia são de pouco interesse; as vezes um descuido pode ser irremediavel e prejudicial ao accusado ou favorecer sua impunidade. Quando se tratar de algum envenenamento, as visceras devem ser extirpadas e examinadas chimicamente.

Fazem-se tambem autopsias com um fim scientifico. Não ha nada mais util aos progressos da medicina do que comparar as lesões cadavericas com os symptomas notados no correr da molestia. É um trabalho de precisão e de valor como uma analyse chimica. Nos hospitaes é uma das mais preciosas fontes de instrucção. É para lastimar que certos preconceitos populares ainda se opponham, ás vezes, a esses exames uteis ao progresso da sciencia e até de vantagem para as proprias familias. Não vem a proposito desenvolver como se praticam essas autopsias; diremos somente que para se tirar e poder estudar todas as visceras faz-se uma grande incisão partindo da base do pescoço até o pubis passando pelo embigo.

Ha uma terceira variedade de autopsia. São as que precedem necessariamente ao embalsamento dos cadaveres (*Veja-se* EMBALSAMENTO).

AVEIA. Semente da planta do mesmo nome. Existem d'ella muitas variedades, cultivadas nos climas temperados. A aveia ordinaria (*avena sativa*, L.) vai indicada na fig. 83. As sementes, que tem o envoltorio branco ou preto, conforme a variedade da planta, servem principalmente para a alimentação dos cavallos, e em alguns paizes servem tambem para a alimentação do homem. Em medicina, usam-se para a preparação dos cozimentos emollientes, mas devem primeiro ser descascadas; são então brancas, e chamam-se *aveia preparada*.



Fig. 83. — Aveia ordinaria.

Dóse: 15 grammas de aveia para 500 grammas d'agua; ferva, côe e adoce com assucar. Na Inglaterra e na Allemanha fabrica-se com a aveia uma cerveja leve e muito delicada.

AVELÃ. Fructo da avelleira, *Coryllus avellana*, L., arbusto da familia das Cupuliferas que habita em Portugal e outros paizes da Europa. Este fructo é ovado; nucleo branco, doce, epiderme loura. Os confeiteiros fazem com este fructo gragéas finas, e póde extrahir-se d'elle um oleo analogo ao de amendoas doces. A avelã é um fructo delicado, igualmente saboroso no estado verde e no estado secco, mas de que não se deve abusar por ser indigesto, As avelãs seccas (na sua casca), quer sós, quer misturadas com amendoas, figos e passas, servem-se na sobremesa.

AVELLÓS ou **ALVELOZ.** *Euphorbia insulana.* Planta do Brazil que produz um leite caustico muito preconisado contra certas especies de epitheliomas.

O vulgarisador d'esta planta foi o Sñr Joaquim Guennes da Silva Mello, Juiz de Direito da Comarca de Bezerros em Pernambuco, que ficou curado de um cancroide do rosto, empregando o leite d'avelloz. Em uma carta que este Sñr. escreveu ao nosso amigo o Sr. Felippe de Figueroa Faria, de Pernambuco, diz elle : « O leite do Avellós é um caustico bruto produzindo uma dôr supportavel. Applicado o leite de Avellós, conservava-o pelo espaço de 24 horas. Passadas ellas lavava a enfermidade com agua morna de fumo e cahida a casca applicava fios embebidos em agua arnicada, que tomava cuidado em conservar sempre molhados, afim de diminuir a inflammação occasionada pelo leite. No terceiro dia applicava de novo o leite do Avellós, para repetir no dia seguinte o tratamento da arnica. Applicando-se diariamente o leite é provavel que a cura se torne menos prolongada. Na lavagem com a agua de fumo, fazia uso de um pequeno pincel de cabello e n'essa occasião conseguia tirar a massa e os filetes do cancroide, desprendidos pela acção do leite. Esse tratamento deve ser seguido até á cura total porque o mesmo leite tem o effeito de operara cicatrisação. » O Sñr Guennes da Silva Mello fez uso do leite do Avellós por um cancroide facial que soffria havia mais de 3 annos. Tendo elle sido removido para a comarca do Brejo da Madre Deus, ahi lhe ensinaram como capaz de effectuar a cura do mal o leite de uma planta á qual davam o nome de *mata-verrugas* e de *Avellos*.

« A principio recusei, diz elle, fazer a applicação d'esse leite porque se me dizia ser caustico e os medicos me haviam recommendado que não applicasse remedio algum capaz de produzir inflammação. Vendo porem que o mal excedendo já de uma pollegada, tendia a augmentar, resolvi-me a experimentar o remedio que me era inculcado e que se me apresentava como tendo já curado feridas cancerosas, cancroides e até um cancro em uma senhora que já soffria ha seis annos.

« A minha alegria foi extrema quando vi no fim de tres dias o effeito quasi miraculoso que ia produzindo o leite do Avellós. Continuei n'essa applicação e no fim de 3 mezes estava radicalmente curado, como reconheceram alguns medicos da capital, os quaes consideraram de um caracter optimo a cicatriz deixada pelo remedio.

« Depois que obtive esse resultado desejado, tratei de vulgarisar o facto e hoje se acham curados do mesmo mal o Ex. Srs. Barão de Campo

Alegre, Commendador Luiz José da Silva Guimarães, Doutor Maximiano Lopes Machado, Lente da Escola Normal, a sogra do Tenente Coronel Pedro Orano de Cerqueira, e outras possoas em tratamento com resultado satisfactorio. »

O Sr. Guennes da Silva Mello termina a sua carta dizendo que : « esse arbusto (ou que melhor nome tenha) é filho dos lagedos e só n'elles medra bem. Transplantado para o terreno arenoso o leite enfraquece e não apresenta mais o seu effeito medicinal com a mesma efficacia. »

O doutor Velloso, de Pernambuco, publicou no *Jornal de Recife*, a descripção de duas curas operadas por elle, uma sobre um cancroide do nariz, a outra sobre um epithelioma do labio, com o emprego do leite de avellós.

Na Europa tem-se empregado tambem esse leite com feliz exito. No Congresso de Grenoble para o progresso das Sciencias, de 1885, o doutor Landowski declarou ter applicado o leite do alvellós em um epithelioma do collo e conseguiu curar completamente a doente. Em um cancroide facial o Dor Landowsky não foi tão feliz, elle attribuiu, porem, esse insuccesso á decomposição do leite que é, disse elle, de difficil conservação. A acção do leite do avellós é o de um caustico que tivesse a propriedade geral da cocaina. A applicação é muito facil; basta passar sobre o mal um pincel molhado no leite e fazer depois um penso antiseptico.

O doutor Duplouy confirmou as experiencias do doutor Landowsky e disse ter empregado o leite do Avellós com feliz exito. Notando que com a influencia d'este leite as superficies ulceradas tomam um tom mais vivo, que a zona peripherica vascularizada fica cada vez menos ameaçada pela invasão. Ha um unico inconveniente com o emprego d'este liquido é que elle se desaggrega e se altera com muita rapidez.

AVENCA ou CAPILLARIA. Em botanica dá-se este nome a diversas especies de pequenos fetos, cuja folhagem é mui delgada. Habitam nas fendas dos rochedos, das muralhas, dos poços, etc., e são empregados como emollientes, em infusão, nas bronchites e outras molestias do peito. Muitos d'estes fetos habitam no Brazil e em Portugal; no Brazil chamam-se vulgarmente *samambayas*. Os que se empregam em medicina são :

1° **Avenca do Canadá.** *Adiantum pedatum*, Linneo (fig. 84). Planta que habita no Canadá. Seus peciolos são mui longos, vermelhos ou roxos e muito lisos. Dividem-se na parte superior em dois ramos iguaes, com ramificações sómente no lado interno. Os foliolos são numerosos, macios, de um bello verde, de cheiro agradavel, de sabor doce e um tanto estyptico; faz-se com elles uma infusão e um xarope muito usado contra a tosse. A infusão prepara-se com 4 grammas de folhas de avenca e 360 grammas d'agua fervendo. O xarope é conhecido debaixo do nome de *capillé*; usa-se, com agua, como refresco.

2° **Avenca ordinaria.** *Adiantum capillus Veneris* L., Planta da Flora portugueza ; habita junto das fontes, nos poços e sitios sombrios. Folhas da altura de 15 a 20 centimetros; peciolo filiforme, de um ver-

melho escuro, foliolos cuneiformes, lobados; cheiro menos agradavel que o da especie precedente. Usa-se debaixo da fórma de infusão, contra a tosse. *Dóse :* 4 grammas para 360 grammas d'agua fervendo.

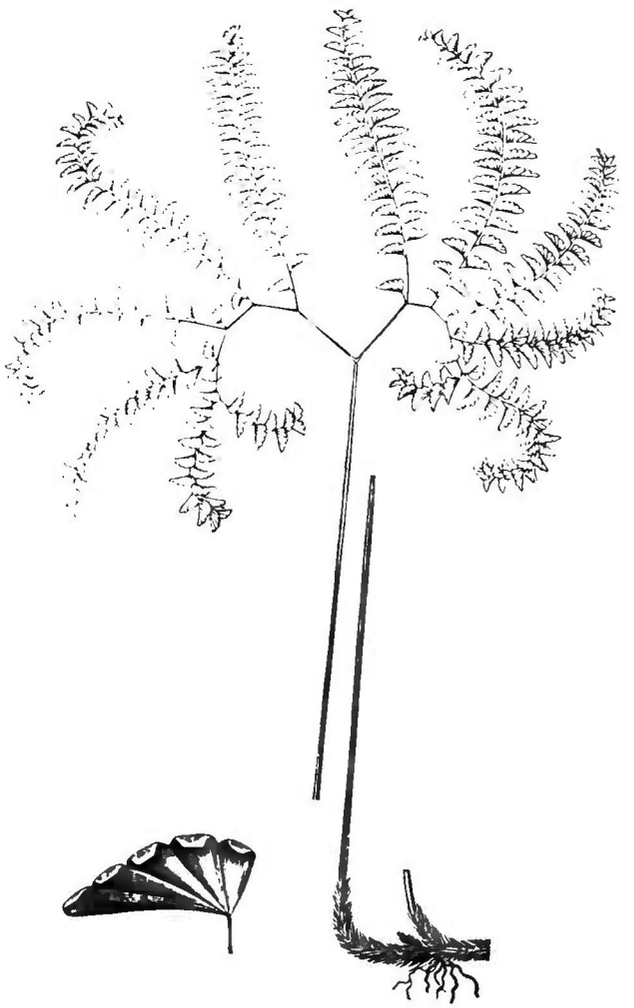


Fig. 84. — Avenca do Canadá.

3° **Avenca trapeziforme.** *Adiantum trapeziforme*, Linneo. Habita no Brazil e no Mexico. Substitue ás vezes no commercio a avenca do Canadá. Tem os peciolos lenhosos de 60 a 100 centimetros. frondosos, muito ramificados, lisos, e de côr *preta;* os foliolos são alternos, rhomboidaes ou trapeziformes, incisos; de côr verde-escura como anegrada, de consistencia firme; separam-se facilmente do talo, o que é um grande inconveniente para o commercio. Esta avenca é aromatica, e fornece medicamentos tão agradaveis como a do Canadá. Usa-se contra a tosse, em infusão, que se prepara com 4 grammas de folhas e 360 grammas d'agua fervendo.

As outras avencas que existem no Brazil, e que se empregam nas mesmas dóses, e nos mesmos casos que a avenca das pharmacias ou do Canadá são : *Adiantum cuneatum*, Langsdorff; *Adiantum subcordatum*, Sw.; *Adiantum tenerum*, Sw.; *Adiantum radiatum*, L., etc.

AX. Franca. Aguas sulfurosas quentes; 35° a 77° Molestias cutaneas, rheumatismos. Tres estabelecimentos. Vai-se de Pariz até Foix, pela estrada de ferro, em 24 horas; de Foix a Ax de carro em 4 horas.

AXILLA. *Veja-se* SOBACO.

AXUNGIA. *Veja-se* BANHA.

AYAPANA ou JAPANA. *Eupatorium ayapana*, Ventenat. Planta da familia das Synanthereas-eupatorias, que habita espontanea nas provincias do norte do Brazil; nas provincias do sul cultiva-se nos jardins.

Caule quasi lenhoso na base; folhas oppostas, quasi reutes, lanceoladas, com tres nervuras, glabras, de cheiro aromatico; flores em capitulos formando corymbos. A sua infusão é um bom sudorifico; prepara-se com 4 grammas de folhas e 360 grammas d'agua fervendo. As folhas frescas, ou o seu succo, applicam-se com vantagem nas feridas.

AZEBRE. *Veja-se* ALOES.

AZEDA. Planta de familia das Polygoneas, que contém muitas especies, das quaes a principal é a AZEDA ORDINARIA (*Rumex acetosa*, Linneo), planta que habita naturalmente nos prados de Portugal, e se cultiva no Brazil. Tem as folhas alternas, quasi carnosas, afrechadas, agudas, de 10 a 18 centimetros de comprimento, as inferiores pecioladas, as superiores rentes, as do cimo lineares, de gosto acido; flores verdes; caules muitos, de uma só raiz, de 30 a 60 centimetros de altura, articulados. As folhas da azeda são a unica parte da planta que se usa. São frequentemente empregadas na cozinha para a preparação das sopas verdes, para dar melhor gosto ao espinafre, á acelga e as outras hervas comestiveis com que se misturam; comem-se tambem cozidas sós, ou associadas á carne. Constituem um alimento temperante e sadio; mas as pessoas que padecem de areias devem abster-se d'ellas, pois que alguns factos tem provado que as azedas, pelo acido oxalico que contém, favorecem a formação das pedras de oxalato de cal, que não se podem dissolver na ourina.

As folhas de azeda empregam-se para limpar as vasilhas de cobre que tornam muito brilhantes. Extrahe-se d'ellas o oxalato de potassa (sal de azedas), que tem a propriedade de decompôr a tinta de escrever e tirar-lhe as nodoas. O cozimento de azeda é empregado no escorbuto; suas folhas applicam-se com vantagem nas ulceras escorbuticas. Com as folhas de azedas, e sobretudo com os peciolos das folhas, podem tirar-se do panno as nodoas da tinta de escrever.

AZEDINHA DO BREJO OU HERVA DO SAPO. Com estes nomes são conhecidas no Brazil diversas *Begonias*, taes como a *Begonia acida*, Velloso; *Begonia acetosa*, Velloso; *Begonia bidentata* e *sanguinea*, Raddi; *Begonia cucullata*, Willd; *Begonia hirtella*, Link; *Begonia undulata*, Otto; *Begonia platanifolia*, Schott; plantas da familia das Begoniaceas que habitam nos logares humidos do Brazil. O seu succo, que é acido, é remedio popular contra a diarrhea; administra-se n'este caso internamente na dóse de 2 a 4 colheres *de sopa* por dia. Applica-se tambem externamente contra os sapinhos das crianças. Tambem as folhas da azedinha do brejo se comem cozidas. O succo tira as nodoas da tinta de escrever.

AZEDUME. *Veja-se* AZIA.

AZEITE. Esta palavra emprega-se ora como synonymo de *oleo*, e para designar geralmente todo o corpo gorduroso que conserva o estado liquido da temperatura de 10° a 20° centigrados; ora para indicar o liquido oleoso extrahido da azeitona. No Brazil chamam *azeite doce* ao azeite de azeitonas, para o differençarem do de peixe, do de dendê, do de mandubi, e de outros *azeites* de varios cocos e coquinhos do Brazil.

Azeite para a mesa. O melhor d'elles é o azeite de azeitonas. Mas ha

muitos outros azeites, que se extrahem das sementes oleaginosas, que servem como alimento. Taes são o azeite de dendè, de sementes de dormideira, de mandubi, de gergelim, de differentes cocos. As considerações geraes sobre os azeites comestiveis acham-se expendidas no fim do artigo AZEITE DOCE.

Azeite para luzes. Todos os azeites das sementes das plantas cruciferas, *colza*, *nabo*, *canhamo*, são proprios para a illuminação, mas o melhor é o *oleo de colza* (sementes de uma especie de couve), depois de cuidadosamente purificado. Falsifica-se ás vezes com azeite de sementes de canhamo, que é de preço muito menos elevado. Esta fraude tem por inconveniente o produzir uma luz esverdeada, e carbonizar promptamente as mechas dos lampiões. A côr da luz produzida pelo azeite de colza puro é de um amarello franco.

Não se devem fazer grandes provisões de azeite para luzes. Deve ser conservado na adega, em vasilhas bem tapadas; ao contacto do ar e da luz, torna-se espesso e perde parte das suas propriedades.

Azeite de carrapato. *Veja-se* OLEO DE RICINO.

Azeite de dendè ou **de palma.** Oleo extrahido do fructo de uma especie de coqueiro, *œleis guineensis*, Linneo, originario da Africa e da Guyana, cultivado nas provincias do norte do Brazil. A arvore tem as folhas pinnadas, com peciolos espinhosos; o fructo é uma drupa da grossura de uma noz, de um amarello dourado, formado de um sarcocarpo fibroso e oleoso e de um caroço duro que encerra uma amendoa gorda e solida. O fructo contém, por conseguinte, dois azeites differentes, que se extrahem separadamente. O azeite do sarcocarpo é amarello, cheiroso, sempre liquido na Guyana e na Africa, e emprega-se para os mesmos usos que o azeite de azeitonas; entretanto que o azeite que se tira da amendoa é branco, solido, e serve para substituir a manteiga. Este, muito menos abundante, é raro no commercio; mas aquelle é hoje importado em quantidade consideravel na França e Inglaterra, onde serve, sobretudo, para a fabricação de sabão.

O azeite de dendè, tal como existe no commercio, é de consistencia de manteiga, de côr amarella-alaranjada. Tem sabor doce e perfumado, e cheiro de violas; derrete-se ao 29°; torna-se então muito fluido, e de côr de laranja carregada; saponifica-se mui facilmente pelos alcalis, e forma sabão amarello. Este oleo serve no Brazil para guisar os legumes, os carurús. Emprega-se tambem na medicina, e sobretudo no rheumatismo, em fricções.

Azeite doce. Oleo extrahido das azeitonas, fructo da olivcira, *olea europea*, Linneo, arvore originaria da Asia, cultivada quasi em todo o reino de Portugal, na Italia, Grecia, Hespanha e sul da França (fig. 85).

O azeite doce é empregado em medicina externa e internamente. No primeiro caso, serve como emolliente para untar as partes doridas e inflammadas. Internamente, o azeite toma-se como laxante; emprega-se principalmente nas colicas e envenenamentos. Convem em todos os envenenamentos produzidos por substancias acres e irritantes, por isso mesmo que provoca vomitos. Póde-se usar do azeite doce, na dóse de

30 a 60 grammas (tres a seis colheres *de sopa*), nas colicas acompanhadas de constricção do ventre; administra-se tambem, na mesma dóse e no mesmo caso, em clysteres, misturado cóm agua quente ou decocção de linhaça.

O azeite é, segundo a natureza do fructo que o fornece, de côr amarella-esverdeada ou amarella-clara. Sendo mais caro o azeite de azeitonas do que os outros oleos, acontece ás vezes que o misturam com oleo de sementes de dormideiras, que é tambem doce e sem cheiro. Basta, para conhecer a mistura, deitar um pouco n'uma garrafinha e mexer; se o azeite é puro não forma bolhas; se, pelo contrario, é misturado, cobre-se de muitos circulos de bolhas de ar. Mas este meio é insufficiente, quando se trata de determinar a presença de pequena quantidade de algum oleo estranho. Foram propostos muitos processos, fundados todos na propriedade que tem o azeite de se congelar assaz facilmente; mas como não é sempre facil submettêl-o a uma baixa temperatura para certificar a sua pureza, foi proposto como reagente o proto-nitrato de mercurio liquido. O exame consiste em misturar em um frasquinho 8 grammas d'este sal com 60 grammas de azeite e mexer; se o azeite é puro, coagula-se em totalidade depois de algumas horas de repouso; se pelo contrario, está misturado com oleo de dormideira ou de colza, estes sobrenadam; uma terça parte d'estes oleos torna o azeite impossivel de se coagular.



Fig. 85. — Oliveira e azeitonas.

Conservação do azeite. O azeite doce conserva-se em talhas de barro envernizado. Não poderia guardar-se nos barris que servem para transportal-o. O primeiro cuidado que se deve ter, depois de recebida uma provisão de azeite, consiste em trafegal-o em talhas, potes de barro envernizado, ou garrafas de vidro: não havendo este cuidado, póde perder-se grande quantidade d'elle. Nem mesmo quando não se faça rançoso, torna-se sempre menos fluido, e menos agradavel ao gosto.

O azeite doce e todos os outros azeites comestiveis, quando estão turvos, podem ser purificados por lavagens repetidas, isto é, vascolejando-os vivamente, e por muitas vezes, com o seu volume d'agua pura. Deixa-se depois repousar a mistura, e decanta-se o azeite purificado que nada em cima da agua, na qual ficam todas as partes mucilaginosas. Podem-se tambem purificar os azeites mediante os differentes apparelhos de filtração. (*Veja-se* FILTRAÇÃO.)

Os azeites comestiveis contrahem, pela oxydação dos seus principios ao contacto do ar, um cheiro desagradavel e um sabor nauseoso, conhecido debaixo do nome de *ranço*. Póde-se, por diversos meios de facil applicação, impedir durante um tempo mais ou menos longo os azeites de se fazerem rançosos; e quando mesmo já o estejam, podem-se

livrar do ranço, se não completamente, ao menos bastante para poderem servir para a alimentação. O modo mais simples de prevenir o ranço dos azeites comestiveis consiste em triturar uma diminuta quantidade de assucar refinado, com algumas colheres de azeite, e ajuntar depois esta mistura á provisão, por pequenas porções, afim de que o assucar fique igualmente repartido. A dóse é de 100 grammas de assucar triturado a frio com 60 grammas de azeite para prevenir o ranço de 25 litros de azeite comestivel. Esta fraca quantidade de assucar em nada altera o sabor natural do azeite, e prolonga muito a sua conservação. Para os azeites, cujo gosto não se altera pela acção do calor, o azeite de sementes de dormideiras, por exemplo, póde-se empregar a ebullição durante alguns minutos com vinagre de vinho, na dóse de 15 grammas por litro do azeite. Forma-se na superficie uma espuma assaz abundante que se tira; depois coa-se o azeite meio resfriado. Parte do vinagre evaporou-se durante a ebullição; o resto precipita-se espontaneamente no fundo do vaso, sem deixar vestigio sensivel do seu contacto com o azeite. Quando os azeites comestiveis tem só um começo de ranço tira-se-lhes este deitando em vasilha de vidro ou de barro envernizado carvão de lenha grosseiramente pulverizado; a dóse é de 120 grammas de carvão por litro de azeite. O carvão e o azeite devem ficar em contacto durante 3 dias, mexendo de vez em quando a mistura; separa-se depois o carvão do azeite pela filtração.

Se o ranço do azeite está mais adiantado, misturam-se com precaução 15 grammas de acido sulfurico com 150 grammas d'agua, e sacode-se vivamente esta mistura com 1 litro de azeite que se deixa depois em repouso durante oito dias, findos os quaes decanta-se. Forma-se um pequeno deposito no fundo do vaso; o resto do azeite apresenta-se limpido e sem ranço.

Azeite de peixe. Mistura de gorduras extrahidas da baleia e de alguns peixes do mar. É empregado para o fabrico do sabão verde e para luzes. É de côr branca ou avermelhada, e de cheiro desagradavel.

Para os outros *azeites* veja-se Oleo, ou as plantas das quaes se extrahem estes azeites.

AZEITONA. Fructo da oliveira, *olea europea*, Linneo, arvore que habita nos climas quentes (fig. 85, pag. 257). É uma drupa oval ou redonda, carnosa, tendo no centro um caraço duro e lenhoso que encerra uma amendoa. Sua polpa, firme e verde antes de madura, torna-se molle amadurecendo e cobre-se de uma pellicula quasi preta; é então que se espreme para extrahir d'ella o *azeite doce*.

As azeitonas formam um objecto de consumo muito importante. Antes de expedidas e servidas nas nossas mesas, submettem-se a uma operação que tem por fim destruir o seu gosto aspero. Colhem-se quando ainda verdes, e mergulham-se em grandes talhas d'agua, que se renova durante oito ou dez dias, salga-se depois fortemente a ultima agua, e é n'esta salmoura que se conservam. Costuma-se antes de mettêl-as na salmoura, passal-as n'uma solução fraca de potassa ou de soda, a que se junta uma pouca de cal.

O uso mais geral das azeitonas consiste na extracção do seu azeite, que é o mais estimado e o mais proprio para os usos domesticos e para a fabricação de sabão. As azeitonas comem-se cruas ou cozidas com carne. Não se deve fazer uso excessivo das cruas, porque este alimento, como todos os que contém grande porção de azeite, é de difficil digestão. Em quantidade moderada, não deixam de ser saudaveis.

AZEVICHE. Especie de betume solido, duro, compacto, de côr preta luzente, que se acha no seio da terra, e que se considera como madeira carbonizada e impregnada de petroleo. Apresenta-se em fragmentos agudos, do peso especifico de 1,26, de dureza bastante para poder receber um polimento e ser trabalhado ao torno. Arde com um cheiro acre, ás vezes aromatico. Encontra-se em camadas interrompidas na França, Hespanha e Allemanha. Fazem-se com o azeviche differentes objectos de ornamento, como brincos das orelhas, collares, cruzes, ornatos de luto, etc.

Azeviche artificial. Especie de esmalte ou de vidro ennegrecido que serve para os mesmos usos que o azeviche natural. De alguns annos a esta parte emprega-se bastante este producto. As imitações feitas com vidro são muito menos caras, e mais duras do que o azeviche natural, mas não tem tanto brilho.

AZIA ou AZEDUME. Dá-se vulgarmente este nome ás eructações acidas que produzem na bocca uma sensação desagradavel. Este phenomeno, que em muitos individuos se reproduz com intervallos mui breves, póde proceder de causas mui variadas. As azías acompanham as más digestões, e precedem frequentemente os vomitos na indigestão propriamente dita. As pessoas que soffrem de molestias do estomago estão mui sujeitas a este incommodo, mas nem por isso deixa elle de atacar ás vezes aquellas que mostram gozar de boa saude. Muitas mulheres gravidas padecem d'elle durante os primeiros mezes da prenhez. Ás vezes procede do uso de alimentos acidos ou acres, de bebidas acerbas, incompletamente fermentadas.

Para combater a azía do estomago, aconselha-se a magnesia calcinada, tomada na dóse de 1 gramma, ou uma pequena colher, de manhã em jejum, n'uma chicara d'agua com assucar, com addição de uma pouca d'agua de flores de laranjeira. Para adoçar a agua, é melhor servir-se de xarope simples, em logar de assucar; então faz-se melhor a mistura. Para este fim deita-se primeiro uma colher *de sopa* de xarope n'um copo, depois junta-se a magnesia, que se mistura com o xarope; deita-se agua sobre tudo isto, mexe-se com uma colher, e bebe-se depressa.

Os pós e pastilhas de Paterson de sub-nitrato de bismutho e magnesia, muito aproveitam contra a azía. Os pós tomam-se na dóse de um papel, de manhã e á noite, dissolvido em meio copo d'agua com assucar. As pastilhas que contêm 5 centigrammas de sub-nitrato de bismutho e 5 centigrammas de magnesia, tomam-se na dóse de 3 ou 4, no correr do dia, por diversas vezes, antes e depois das refeições (*Veja-se* MAGNESIA e SUB-NITRATO DE BISMUTHO).

Tambem é util o emprego do Elixir de pepsina com glycerina de Catillon; o vinho de Baudon, de antimonio phosphatado; e o elixir eupeptico Tisy.

As pastilhas de Vichy podem tambem ser empregadas, porque contém o bicarbonato de soda, que neutraliza os acidos. Tomam-se tres a quatro depois da comida ou em jejum. Uma chicara de infusão de macella gallega, tomada de manhã, póde ser tambem util n'este caso. Aproveita tambem muito tomar duas colheres, de chá, de pó toni-degistivo de Royer, que se prepara em Pariz, na pharmacia Dupuy á rua Saint Martin nº 225.

Este pó toma-se envolvido em obreia Limousin ou deluido em um pouco d'agua assucarada, em leite ou em caldo (*Veja-se* SUB-CARBONATO DE BISMUTHO).

As preparações de Papaina de Trouette-Perret têm dado muito bons resultados contra a azia. Tomam-se depois do almoço e do jantar e o effeito produz-se quasi que immediatamente. *Veja-se* PAPAINA.

O rhuibarbo granulado de Mentel, na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas administrado alguns instantes antes do jantar, é as vezes vantajoso. O regimen merece tambem toda attenção. As pessoas sujeitas á azía devem comer com moderação e abster-se de alimentos susceptiveis de fermentação, como couve, nabos, feijões, ervilhas, etc. Devem preferir a carne. Os queijos alcalescentes, isto é, mui fermentados, como o de Gruyère, podem ser uteis, pois que contém um principio alcalino analogo ao que existe nas pastilhas de Vichy.

Quanto á azía que é indicio de molestia organica do estomago, um regimen severo, a dieta lactea, as bebidas emollientes, taes como a agua de cevada, de arroz, de gomma; cataplasmas de farinha de linhaça sobre a região do estomago, banhos mornos, clysteres com decocção de raiz de althéa, são os melhores meios a empregar.

AZINHAVRE, FERRUGEM DE COBRE, VERDETE DE COBRE. É a substancia verde que se forma sobre o cobre ou suas composições, expostas ao ar humido; é carbonato de cobre, e portanto um veneno. *Veja-se* COBRE.

AZOTATO DE POTASSA. *Veja-se* NITRO.

AZOTATO DE PRATA. *Veja-se* PEDRA INFERNAL.

AZOTE. Nome dado pelos chimicos a um gaz incolor, elastico um pouco mais leve do que o ar atmospherico na composição do qual elle entra por 4 5. O azote se derrete sob uma pressão de 200 atmospheras; não tem cheiro, nem gosto, é muito pouco soluvel n'agua, um pouco mais soluvel no alcool; apaga os corpos em combustão, é contraria á respiração, e determina a asphyxia e a morte sendo respirado só; entretanto o azote entra na composição do ar atmospherico e penetra com o oxygeneo nos pulmões. O ar expirado contem um pouco mais de azote do que o ar inspirado, o que prova que os animaes cedem ao ar uma parte do azote que entra nos alimentos que absorvem.

Tem-se empregado muito o azote em inhalações, os seus effeitos são:

1º Diminuição da dyspnea; a respiração é mais forte, mais profunda;

2º A suppressão dos suores nocturnos, logo na segunda ou terceira vez que se as emprega;

3° Um de seus effeitos sorprehendentes é o desapparecimento rapido do som massiço devido á infiltração tuberculosa dos apices, esse som massiço desapparece quasi sempre no fim de quinze dias de tratamento;

4° Effeito soporifico de tal sorte que muitas vezes os doentes adormecem no correr da inhalação:

5° O appetite augmenta; a digestão se faz mais facilmente;

6° Desapparecimento da diarrhea com puxos.

Deve-se misturar 2 a 7 por 100 d'azote ao ar atmospherico.

AZOUGUE. *Veja-se* MERCURIO.

AZUL DE PRUSSIA. Esta substancia, usada na arte de tinturaria, é um prussiato de ferro e de potassa; isto é, uma composição de acido prussico, de ferro e de potassa; é de uma bonita côr azul. Prepara-se calcinando nos fornos, materias animaes, o sangue sobretudo, com carbonato de potassa e com ferro. O azul de Prussia serve na pharmacia para preparar o cyanureto de mercurio, e o acido prussico.

AZUL DE SAXONIA, ou *azul em licor*, ou *azul de composição*, é a solução de uma parte de anil em oito partes de acido sulfurico. Esta preparação, empregada na arte de tinturaria, deve ao acido sulfurico as suas propriedades causticas, e varias vezes tem produzido envenenamentos. Para combater os accidentes *veja-se* ENVENENAMENTO PELOS ACIDOS CONCENTRADOS.

B

BABA. Dá-se este nome á saliva, quando sahe em abundancia da bocca das crianças no trabalho da dentição, e da bocca dos adultos durante os accessos convulsivos d'epilepsia, d'eclampsia ou de raiva.

BABOSA (HERVA). *Veja-se* ALOES.

BACALHAO. *Morrhua vulgaris*, L. (fig. 86). É um peixe que habita toda a zona do Oceano septentrional, comprehendida entre o 40° e o 70° de latitude, e reune-se todos os annos, pelo mez de Março, em numero verdadeiramente incalculavel, sobre uma montanha sub-marinha chamada o *grande banco de Terra-Nova*, que occupa defronte da ilha do mesmo nome um espaço de 900 kilometros. Este peixe, quando chegado ao seu completo crescimento, tem 100 a 130 centimetros de comprido, cerca de 30 centimetros de largura, e pesa de 7 a 10 kilogrammas, e ás vezes mais. O bacalháo tem um estomago muito volumoso; alimenta-se de peixes, sobretudo de arenques, de molluscos, de crustaceos, etc. A sua fecundidade é prodigiosa: acháram n'uma ova até 4 milhões (outros dizem 8 milhões) de ovulos.

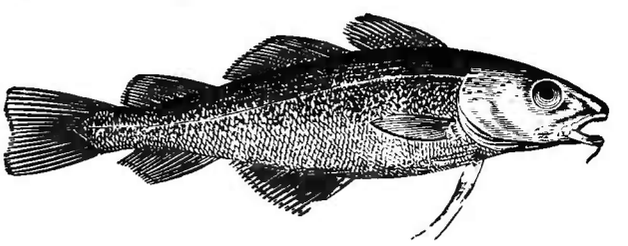


Fig. 86. — Bacalháo.

A pesca do bacalháo tem logar desde Fevereiro até Maio no mar do Norte, e principalmente sobre o banco de Terra-Nova, onde cada anno, no verão, se ajuntam os pescadores de todas as nações maritimas; estes, não distribuem, termo médio, menos de 36 milhões de bacalháos, salgados ou seccos, ao commercio do mundo. Esta pesca faz-se com linhas do comprimento ás vezes de 150 metros, guarnecidas de um chumbo na extremidade do anzol. Depois de pescados os bacalháos, salgam-se ou fazem-se seccar. No primeiro caso, abre-se-lhes o ventre para lhes tirar os intestinos, extrahe-se o figado e as ovas, depois de cortada a cabeça e a lingua que se põe á parte. Foi um Portuguez, Gaspar de Côrte Real, que fez, em principios do seculo XVI°, a primeira pesca do bacalháo perto do Banco de Terra-Nova; depois, esta pesca tomou uma extensão mui consideravel.

O bacalháo, salgado ou seceo, conserva-se longo tempo sem alteração, e póde ser transportado para todos os pontos do globo. A carne do bacalháo não é a unica parte de que se faz uso : a lingua fresca ou salgada, é um bocado delicado : come-se seu figado, e d'elle extrahe-se um oleo que se emprega em medicina contra as molestias do peito, escrophulas, rachitismo, etc., e que é muito procurado nas artes (*veja-se* OLEO DE FIGADO DE BACALHÁO); tira-se de sua bexiga natatoria uma colla que não é inferior á do esturjão; as suas ovas são um manjar appetitoso. Antes de fazer cozer o bacalháo, deve-se-lhe tirar o sal, pondo-o de môlho por 24 horas em agua que se mudará duas ou tres vezes. Ha muitas maneiras de o preparar. É uma comida sadia.

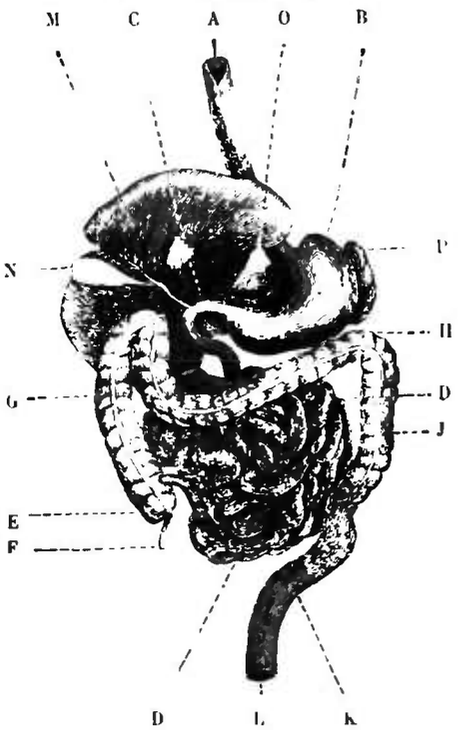


Fig. 87. — Canal digestivo e os orgãos que concorrem á digestão (*).

BACIA. *Veja-se* PELVIS.

BACILIO. *Veja* MICROBIO.

BAÇO. O baço é um orgão molle, esponjoso, de côr rubra mais ou menos escura, situado do lado esquerdo da cavidade do ventre, entre o estomago e as ultimas costellas, por cima e adiante do rim esquerdo. A sua fórma é ellipsoide; o seu comprimento, mui variavel, é ordinariamente de 13 centrimetros; tem 8 a 11 centimetros da margem anterior á posterior; 32 a 46 millimetros da face interna á face externa : o seu peso

(*) A, esophago; B, estomago; C, pyloro, que está em continuação com o duodeno; DD, intestino delgado, que está em continuação com o intestino cégo E; F, appendice cecal; G, colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto, L, anus; M, figado, levantado para que se veja a sua face inferior; N, vesicula biliar, com os seus conductos; O, pancreas; P, baço.

mais ordinario é de 250 grammas. As funcções do baço não são bem conhecidas, esta ignorancia tem dado logar a muitas hypotheses erroneas, alguns autores já disseram que o baço produzia as febres intermittentes, outros pretendem que a hypochondria e o spleen dos inglezes têm a sua séde n'este orgão.

Já se tem feito mais de uma extirpação do baço em differentes animaes, e todos sobreviveram á operação. Este facto autorisa os cirurgiões a extirpar os baços acommettidos de tumores malignos. O baço é um orgão de todo insensivel no estado normal; cita-se um caso curioso de um cão que devorou e seu proprio baço que, em consequencia de uma ferida, transformou-se em uma hernia fazendo saliencia para fóra do abdomen. *Veja-se* o baço na fig. 87, e tambem na fig. 53.

MOLESTIAS DO BAÇO

Cancro do baço. *Veja-se* CANCRO.

Congestão ou **Hyperemia do baço.** Accumulação do sangue no baço. Este orgão por causa de numerosos vasos que contém, e que são susceptiveis de grande dilatação, póde experimentar grande augmento do seu conteudo sanguineo, e por isso mesmo um augmento de volume mui consideravel.

As congestões do baço declaram-se no curso de certas molestias agudas, que são : febre intermittente, sarampos, escarlatina, erysipela, febre puerperal, febre typhoide. A inchação do baço nos accessos de febre intermittente explica-se pela perturbação da circulação que sobrevem nas regiões superficiaes do corpo, e pela sua concentração nos orgãos internos, e subretudo no baço por causa de sua grande extensibilidade. A congestão que sobrevem nas outras molestias provem simplesmente da relaxação do tecido do baço. A fluxão do baço observa-se tambem na suppressão da menstruação. Declara-se igualmente pela simples influencia dos miasmas pantanosos (*congestão palustre*), sem que tenham apparecido accessos de febre intermittente. Emfim a accumulação de sangue produz-se no baço depois de cada comida.

O augmento de volume do baço póde ser tão grande que o orgão attinge ás vezes o quadruplo do volume ordinario. O baço congestionado conserva a sua forma; mas a consistencia é diminuida. O augmento torna-se evidente nas congestões de longa duração; desenvolve-se então um estado designado debaixo do nome de tumefacção chronica ou de hypertrophia.

Symptoma e marcha. A inchação hyperemica do baço produz-se quasi sempre sem que os doentes accusem dôres espontaneas. Só uma pressão profunda, feita sobre o lado esquerdo do ventre, occasiona-lhes algum soffrimento.

A congestão do baço que se desenvolve durante o curso da febre typhoide e de outras molestias, desapparece ao mesmo tempo que estas molestias, sem deixar modificações do tecido. Não acontece o mesmo na congestão que acompanha a febre intermittente, assim como nas

congestões que persistem durante certo tempo debaixo da influencia contínua dos miasmas palustres.

Um baço de dimensão normal não deve exceder a margem das costellas; toca, sobre a extensão de cerca de 6 centimetros, a parede esquerda do thorax a partir da margem livre da undecima costella. Tal é a extensão na qual dá som massiço na *percussão*, ao passo que é inaccessivel á *palpação*. Quando o baço augmenta de volume, o som massiço estende-se primeiro ao comprimento da parede thoracica, e só mais tarde, quando o orgão attingio um volume consideravel, é que faz prominencia debaixo da margem das costellas. O som massiço da parede thoracica póde subir até á quinta costella, estender-se por detraz até á columna vertebral, e exceder por diante uma linha que se suppõe tirada da extremidade anterior da undecima costella até ao bico do peito, e que se considera como o limite anterior do som massiço normal.

E facil reconhecer pela *palpação*, e distinguir de outros tumores, um baço inchado, com tanto que não esteja mui molle. Em quanto o seu volume está moderado, não se sente senão durante as inspirações profundas, porque desapparace debaixo das costellas durante a expiração. Quando o crescimento do tumor se faz rapidamente, estende-se pouco a pouco, em direcção obliqua, do lado esquerdo do ventre até ao embigo. Quasi sempre se reconhece ao mesmo tempo a fórma caracteristica do orgão, sobretudo os entalhos pouco profundos da margem romba anterior. O tumor segue os movimentos da respiração, póde facilmente deslocar-se, e muda de logar com as differentes posições do corpo. Baços de volume colossal tomam muitas vezes, em logar da direcção obliqua, uma direcção vertical, firmam-se finalmente sobre um ponto da bacia, o que os torna menos movediços, e os impede que sigam os movimentos ascendentes e descendentes do diaphragma. Em casos mui raros, o augmento de volume conhece-se no exterior pela proeminencia do lado esquerdo do ventre; ás vezes mesmo observam-se os contornos do orgão engrandecido. Porém, nos casos ordinarios, o baço inchado por uma congestão excede raras vezes a margem das costellas, e escapa mesmo n'este caso á palpação por causa da sua molleza.

Tratamento. A congestão do baço, segundo o que deixei dito sobre a sua marcha, torna-se raras vezes objecto de tratamento. Se se chega a curar a molestia de que depende, desapparece quasi sempre espontaneamente. A congestão, porém, que resulta da infecção palustre não desapparece de por si; exige a administração do sulfato de quinina, que pode ser tomado em perolas do Dᵉʳ Clertan na dóse de 1 por dia, durante 10 dias.

E muito util o emprego da Quinoidina Duriez que se administra em grageas, elixir ou tintura. *Veja-se* Quinoidina.

O baço inchado pela congestão sanguinea diminue pelas duchas frias. Convem, pois, recorrer a este meio.

Contusão do baço. *Veja-se* Contusão.

Degenerescencia atoucinhada do baço. O baço é susceptivel de uma transformação que foi comparada ao toucinho ou cera.

A sua côr é então de um rubro pallido; o seu córte é liso, secco e mostra um brilho que foi comparado ao córte do toucinho ou da cera. N'este estado o baço adquire grande volume. A degenerescencia atoucinhada do baço apparece nos ultimos periodos de diversas molestias chronicas, e principalmente nas escrophulas e no rachitismo; os doentes estão reduzidos ao ultimo gráo de fraqueza. O tratamento consiste em preparações de ferro, de quina, regimen analeptico, peptona Catillon, quinio Labarraque, elixir alimenticio Ducro; vinho do Dor Cabanes, etc.

Encalhe, enfarte, engurgitamento ou obstrucção do baço. Estes diversos nomes applicam-se á *congestão* e *hypertrophia* do baço.

Feridas do baço. *Veja-se* FERIDAS.

Hypertrophia do baço. Augmento de volume do baço, isento de qualquer mudança de textura. Chamam-lhe tambem *encalhe*, *endurecimento*, *enfarte* ou *obstrucção do baço*.

Cumpre não confundir a congestão do baço com a hypertrophia. Aquella é as mais das vezes um estado de pouca duração, caracterizado pelo augmento de volume do orgão, por causa da grande quantidade de sangue que contém; a hypertrophia é, pelo contrario, uma lesão chronica dependente do augmento do tecido normal do baço, na qual o orgão adquire volume ainda mais consideravel do que na congestão: assim póde não sómente estender-se para fóra da margem cartilaginosa das costellas, invadir o epigastro, o embigo, os flancos, e descer até á margem da excavação da bacia; mas não é raro tambem que, elevando-se, comprima o pulmão. O baço conserva ordinariamente a configuração e côr normaes; mas a consistencia acha-se quasi sempre augmentada.

Symptomas, marcha, terminações. É fóra de duvida que o baço póde adquirir um volume consideravel sem occasionar perturbação na economia; assim tive a occasião de observar tres ou quatro individuos com todas as apparencias de saude, bem que o baço, endurecido, excedesse a margem costal e descesse até ao nivel do embigo. Diversos autores citam casos semelhantes. Em outras pessoas a hypertrophia do baço determina symptomas mais ou menos graves. Assim, quando a intumescencia succede ás febres intermittentes prolongadas, os individuos tornam-se amarellos e cahem em grande fraqueza; são sujeitos a epistaxis, aos vomitos de sangue; muitos perdem o appetite; incham-se-lhes as pernas, e forma-se um derramamento seroso no ventre.

Quando o baço adquire grande volume, a pessoa sente certo incommodo no lado esquerdo do ventre, e ás vezes verdadeira dôr. Quando o doente se deita do lado direito, experimenta distinctamente, no caso de hypertrophia consideravel, a sensação de um corpo pesado que cahe da esquerda para a direita. Sente incommodo quando se deita sobre o lado direito, e prefere deitar-se sobre o lado esquerdo ou de costas. Apalpando, verifica-se um tumor grosso e movel no ventre. Este tumor, como já deixei dito, póde invadir toda a metade esquerda do ventre; offerece ordinariamente uma superficie igual; é duro, não doloroso ou pouco sensivel á pressão; é circumscripto por diante e em baixo por uma mar-

gem obtusa, e prolonga-se superiormente no hypochondrio esquerdo que apresenta uma ampliação mais ou menos consideravel. A percussão, praticada ao seu nivel, dá um som completamente massiço, e faz sentir a resistencia que apresenta um corpo solido, duro e tendo certa espessura. Não ha febre.

A marcha da hypertrophia é lenta e essencialmente chronica; o baço não adquire volume consideravel senão ao cabo de muitos mezes ou muitos annos. O tumor fica ordinariamente estacionario durante annos.

Diagnostico. É ás vezes difficil distinguir a hypertrophia do baço do simples engurgitamento. Deve-se suspeitar aquella alteração antes do que esta, se o tumor é duro, se apresenta ao dedo mui forte resistencia, se se desenvolveo lentamente, se o começo data de época já afastada. Nas congestões simples, taes como se observam na invasão das febres intermittentes, a tumefacção é rapida, sujeita a variações de um dia a outro, ha mais sensibilidade na pressão; muitas vezes existem dôres espontaneas, e o orgão não tem a dureza que adquire na hypertrophia.

Causas. Quasi todos os individuos affectados de hypertrophia do baço tiveram, em uma época mais ou menos afastada, febres intermittentes, ou habitáram por longo tempo logares pantanosos. É, pois, a estas causas, que se attribue geralmente a hypertrophia do baço.

Todavia, em alguns casos, esta molestia não reconhece como antecedentes nem accessos de febre intermittente, nem demora nos paizes pantanosos; a alteração de nutrição produz-se então de maneira espontanea, sem que se possa conhecer a acção evidente de alguma causa proxima ou afastada.

Tratamento. Se o augmento de volume do figado sobrevem n'um individuo em consequencia das febres intermittentes, ou se o doente apresenta ainda em intervallos regulares ou irregulares accessos ou alguns dos phenomenos que caracterizam a febre, deve-se administrar o sulfato de quinina, que quasi sempre debella rapidamente todos os phenomenos morbidos. Eis-aqui a receita :

Sulfato de quinina..... 4 grammas.

Divida em 24 papeis. Para tomar dois papeis por dia, em hostia Limousin, um papel pela manhã, outro á noite.

Pode-se empregar as perolas de sulfato de quinina do Dr Clertan na dóse de 2 perolas pela manhã e 2 á noite.

Se, pelo contrario, a inchação do baço, lentamente desenvolvida, não coincide com symptomas febris, se o orgão é duro e volumoso, o sulfato de quinina, em qualquer dóse que se administre, e por qualquer tempo que se tome, ficará sem effeito.

A medicação que convem n'este caso consiste em preparações de ferro. Eis-aqui a receita para a administração do ferro :

Ferro Quevenne..... 16 grammas.

Divida em 24 papeis. Toma-se um papel, duas vezes por dia, em uma colher d'agua fria com assucar.

Depois de usar d'estes pós durante tres ou quatro semanas e doente mudará para a seguinte preparação de ferro :

Tintura de Marte tartarizada..... 30 grammas.

Toma-se uma colher *de chá* d'esta tintura, duas vezes por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

Falhando estes meios, recorra-se ao tratamento hydrotherapico, e sobretudo ás duchas d'agua fria dirigidas sobre o tumor.

O regimen será composto de carne em pequena quantidade, leite, peixe, vegetaes, fructas, e vinho misturado com agua.

O mudar de ares, quando o doente habita um paiz em que grassam sezões, é condição muito util para o bom exito do tratamento.

As aguas mineraes de Vichy, e os banhos com sal de Vichy, já produzíram bons resultados n'esta molestia.

Na falta d'agua de Vichy, póde administrar-se internamente o bicarbonato de soda; eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar dois papeis por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Os banhos artificiaes de Vichy, preparam-se com 250 grammas de sal de Vichy, e quantidade sufficiente d'agua quente.

Esplenite. Inflammação do baço.

Causas. As causas d'esta molestia são : quédas ou pancadas sobre o lado esquerdo do ventre, o andar rapido e prolongado, a suppressão de um fluxo habitual, as paixões violentas, os sustos, os pezares profundos, etc.

Symptomas. A esplenite é caracterizada por dôr mais ou menos viva no lado esquerdo do ventre, na região chamada hypochondrio esquerdo. As mais das vezes, o baço augmenta de volume : o que se verifica pela inspecção, que mostra uma ampliação do hypochrondrio esquerdo; pela palpação, que faz reconhecer que este orgão excede ordinariamente a margem costal; mas, sobretudo, pela percussão, que permitte circumscrevêl-o. Quando o baço adquirio um volume mais consideravel, forma-se um pouco de derramamento no ventre, e mesmo uma infiltração serosa nos membros inferiores, por causa do constrangimento da circulação venosa. Por pouco intensa que seja a inflammação, existe febre contínua; apparecem, ás vezes, vomitos e difficuldade na respiração.

Tratamento. A principio, appliquem-se bichas ou ventosas sarjadas no logar da dôr. Depois de cahirem as bichas, convem applicar cataplasmas de linhaça. A bedida do doente será cozimento de ceveda ou limonada de limão. Administre-se-lhe depois um purgante de manná (60 grammas) ou de sal de Glauber (60 grammas).

BACTERIES. *Veja-se* MICRÓBIOS.

BACURY ou PACORY. *Platonia insignis*, Martius. Canellaceas. Bella

arvore que habita no Brazil, nas mattas do Pará, Maranhão e Ceará. O troneo é reeto, e tem 6 a 10 metros de altura, e 1 metro ou mais de diametro; fructos do tamanho de uma laranja, quasi espherieos, com eineo loeulamentos, eontendo eada um uma semente oblonga, de quasi 270 millimetros de eomprimento, eoberta por uma membrana fusca, um tanto eoriaeea. A polpa do frueto é branea, mas torna-se amarella ao ar; o sabor é agri-doce, agradavel. Faz-se eom ella doee. As amendoas tambem se eomem, e são gostosas.

BADEN NA AUSTRIA. (Aguas sulfurosas quentes.) Baden é uma linda eidade de 10,000 habitantes, a 24 kilometros de Vienna, eapital da Austria, que pela estrada de ferro se pereorrem em 58 minutos. Está situada a 224 metros aeima do nivel do mar. A temperatura média do anno é de 11° eentigrados, mas a temperatura média dos mezes da estação thermal, que prineipia aos 15 de maio, e aeaba em 15 de outubro, é de 18° eentigrados. As easas são muito asseadas, e a eidade é entretida com muita elegancia. As aguas mineraes são sulfurosas quentes de 35° a 40° eentigrados. De 13 fontes, que existem, uma só é empregada em bebida, as outras servem para o uso externo. Ha duas piseinas, uma para homens, outra para mulheres; representam dois pequenos lagos, de 3 metros 30 eentimetros a 4 metros de profundidade, exelusivamente alimentados pela agua sulfurosa.

A agua que se bebe é mui limpida; tem sabor sulfureo e salgado; cheiro sulfureo; tomada na dóse de dois a tres eopos produz um effeito purgativo. 1,000 grammas d'agua d'esta fonte, eontém segundo o D^{or} Keller :

	Grammas.		Grammas.
Carbonato de cal	0,3387	Chlorureto de sodio	0,0670
— de soda	0,0064	— de magnesio	0,0500
Sulfato de cal	0,3458	Sulfureto de magnesio	0,0016
— de potassa	0,0640	Materias organicas	0,0013
— de soda	1,8820		
Silica	0.0020	Total das materias fixas.	1,0650

Gaz acido carbonico	51^{cc},706
Azote	16 740
Oxygeneo	1 755
Hydrogeneo sulfureo	2 943
Total dos gazes	73^{cc},144

As aguas sulfurosas de Baden, na Austria, são uteis nas bronchites ehronicas, nas affeeções da pelle, nos eatarrhos da bexiga, leucorrheas, e eserophulas.

BADEN-BADEN. (Aguas salinas ehloruretadas quentes.) Baden é uma eidade de Grão-Dueado de Baden, de 9,500 habitantes, cujo numero ehega a 15.000 na estação dos banhos. A distaneia entre Pariz e Baden pereorre-se em 14 horas, pela estrada de ferro; a viagem custa 64 franeos. A temperatura das aguas de Baden varia de 45° a 67°,5 eentigrados, eonforme as fontes. A agua é limpida, de sabor levemente salgado, que nada tem de desagradavel. 1,000 grammas da agua da prineipal fonte (*Ursprung ou Hauptquelle*) eontém segundo Kolreuter :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio	1,6000	Carbonato de ferro	0,0100
— de calcio.....	0,1750	Silica.....	0,0330
— de magnesio.....	0,0250	Materias extractivas	0,0050
Sulfato de cal.....	0,3000		
Carbonato de cal.....	0,1660	Total das substancias fixas.	2,3140

Gaz acido carbonico 13 1/2 centimetros cubicos. Temperatura 67° centigrados.

Estas aguas são sobretudo empregadas sob a fórma de banhos e duchas; como bebida, tomam-se na dóse de 5 a 6 copos de manhã. Empregam-se na gota, rheumatismo, nas molestias do figado, no catarrho da bexiga.

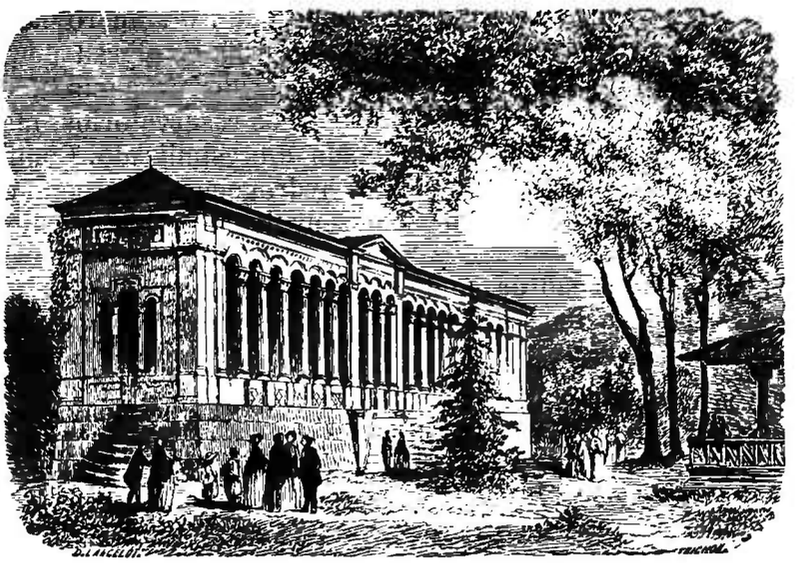


Fig. 88. — Trinkhalle em Baden-Baden (Sala, onde se bebe a agua mineral).

A agua de *Ursprung* foi captada n'uma especie de torre circular, obra dos Romanos. A agua sahe aos borbotões, e junta-se n'um vasto reservatorio, d'onde é conduzida por tubos aos banhos estabelecidos nos hoteis publicos, e á *Trinkhalle* (sala de bebida), elegante edificio situado n'um parque, onde os doentes, vão beber a agua.

O aspecto de Baden é elegante, variado e pittoresco; as planicies que cercam a cidade são notaveis pela riqueza das cearas, pelo brilho da verdura e pela belleza das arvores. As transições de temperatura nunca são ali subitas, e o clima é mui brando. O asseio das casas e das ruas faz de Baden uma cidade privilegiada; porém é antes uma residencia de luxo e de prazeres do que uma verdadeira estação thermal; e os doentes são ali mais raros, do que os elegantes e os ociosos. Antigamente Baden era reunião dos jogadores, porém os jogos foram abolidos em 1° de novembro de 1872. A estação dura do 1° de junho a 15 de setembro. O uso das aguas de Baden, e sobretudo a belleza do paiz, as magnificas excursões que cercam a cidade, as distracções variadas, tem sido

sufficientes para restabelecer as funcções cerebraes dos melancolicos, que nada podia desviar de suas ideias chimericas.

BADEN NA SUISSA. Aguas sulfurosas, e chloruretadas sodicas, quentes. Vai-se de Pariz a Baden em 18 horas pela estrada de ferro; a viagem custa 67 francos.

Baden é uma pequena cidade da Suissa de 2,750 habitantes, 347 metros acima do nivel do mar. Sua temperatura é notavel por sua brandura e sua igualdade; as montanhas que cercam a cidade são cobertas de arvores verdes desde a base até ao cimo. A estação dos banhos principia a 1° de maio, e acaba a 15 de outubro; a temperatura média, durante esta época, é de 17° centigrados.

Baden não tem estabelecimento principal; bebe-se a agua ou tomam-se banhos nos hoteis; cada hotel tem uma fonte. O numero das fontes é consideravel; sua temperatura é uniforme; 50° centigrados. A agua é limpida e incolor, de sabor um pouco adocicado, de cheiro fortemente sulfurco. As tampas que servem para tapar os reservatorios, incrustam-se em pouco tempo de enxofre sublimado e crystallizado. Comtudo não se chegou a indicar a quantidade de gaz hydrogeneo sulfureo que contém a agua; este gaz é tão volatil, que se desenvolve immediatamente ao contacto da atmosphera.

Eis-aqui a composição da fonte *Santa-Verena*, segundo o prefessor Löwig, em 1,000 grammas d'agua :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio	1,69820	Carbonato de alumina	0,01992
— de potassio	0,09262	— de estronciana	0,00066
— de calcio	0,09362	Silica	0,00096
— de magnesio	0,07375	Bromureto de magnesio, Iodureto de magnesio, Lithio, Materia organica	Vestigios.
Sulfato de cal	1,41418		
— de soda	0,29800		
— de magnesia	0,31800		
Fluato de cal	0,00209		
Phosphato de alumina	0,00086		
Carbonato de cal	0,33854	Total das materias fixas	4,35140

Gaz azote	63,64	
Gaz acido carbonico	10,00	
Oxygeneo	2,16	
Total dos gazes	84,30	cent. cub.

Modo de administração e as dóses. As aguas de Baden administram-se em bebida, de quarto em quarto de hora, de manhã em jejum, ou á noite antes de se deitar. Não se deve principiar por quantidade maior do que um copo de 125 grammas; augmenta-se depois cada dia até á dóse que se deve ingerir, e que é de seis ou sete copos no maximo. Um exercicio moderado favorece a digestão da agua. A duração dos banhos é de uma hora; a das duchas de um quarto de hora; e o tempo que se fica no banho de vapor é de cinco a quinze minutos.

Propriedades e usos. Estas aguas gozam de grande reputação contra a gota, catarrho vesical, flores brancas, nevralgias e molestias de pelle.

As inhalações gazosas são uteis na bronchite chronica. Os doentes podem ali fazer o tratamento de soro de leite de cabra.

As distracções que offerece a cidade de Baden, na Suissa, não são nem brilhantes nem ruidosas.

BAEPENDY. Brazil, provincia de Minas Geraes. Aguas gazosas alcalinas frias, e aguas gazosas ferruginosas frias.

As aguas mineraes de Baependy, chamadas *aguas santas*, estão situadas em um logar denominado *Caxambú*, distante cerca de 6 kilometros 1/2 da cidade de Baependy. É uma pequena planicie cercada de collinas, das quaes a mais elevada é a do Caxambú. Um ribeirão, chamado Bengo, corre no centro do terreno. As aguas mineraes brotam de varios pontos do solo, comprehendidos em um pequeno perimetro adjacente á base do morro de Caxambú. D'estas vertentes seis são utilizadas; são conduzidas até á superficie livre por meio de tubos cylindricos de ferro em umas, de canaes quadrangulares de tijolo em outras. As seis fontes são abrigadas por outras tantas casinholas. É mesmo nas fontes, ou antes poços, que os doentes se servem das aguas. N'uma das fontes, a fonte de D. Pedro, se acha uma bomba, que fornece agua para a casa de banhos que fica proxima. Esta casa constava em 1874 de uma sala na frente, dois cabinetes lateraes, e no fundo uma fileira de sete quartos, dos quaes seis continham cada um uma banheira, e o ultimo uma caixa de ferro que servia de deposito para agua. As seis fontes são designadas pelos nomes tirados das pessoas da familia imperial : D. Pedro, D. Theresa, D. Isabel, Conde d'Eu, D. Leopoldina e Duque de Saxe.

As aguas de Baependy aproveitam nas molestias chronicas do apparelho digestivo e genito-urinario, taes como dyspepsia, irritação do estomago e dos intestinos, engurgitamentos do figado e baço, inflammações chronicas da bexiga e dos rins, leucorrhea, etc. D'estas aguas, as que são mais sobrecarregadas de ferro (Fontes D. Isabel, Conde d'Eu e D. Theresa) são uteis na chlorose e nas differentes anemias. Usam-se em banhos e bebida (2 a 3 copos por dia). Além do grande consumo que se faz d'estas aguas nas suas fontes, ellas são exportadas em quantidades prodigiosas para as diversas localidades do Brazil e de outros paizes.

A viagem da capital do Imperio para Baependy é hoje bastante facil, por haver já chegado a estrada de ferro ás visinhanças da serra do Picú. Logo que a estrada se torne francamente de rodagem, ou se construa o ramal da estrada de ferro, augmentará muito mais a concurrencia.

Em 1874 o Governo imperial nomeou uma commissão composta do Sr Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos, Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, e o Sr. José Borges Ribeiro da Costa para proceder á analyse das aguas mineraes de Baependy e da Campanha. Segundo o Relatorio publicado em 1874, por esta distincta Commissão, redigi o presente artigo, e reproduzo a analyse das aguas.

1ª. *Fonte D. Pedro.* A agua é limpida, transparente, sem côr nem cheiro, de sabor acidulo picante; temperatura de 23°, marcando o ar ambiente 24°; densidade 1,0010 sob a temperatura de 23°,5 e pressão de 690 millimetros; envermelhece o papel de turnesol, e não altera o de

acctato de chumbo. Conserva-se limpida pelo repouso, e póde ser transportada ao longe. A agua n'esta fonte é effervescente e abundante; é ahi que se acha a bomba, que conduz a agua para a casa de banhos. A agua D. Pedro forneceo á commissão, por litro 0gr,2650 de residuo fixo, composto de :

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0021	Magnesia	0,0091
— silicico	0,0250	Chloro	0,0009
— carbonico	0,0860	Materia organica e perda	0,0318
Potassa	0,0249	Oxydo de ferro, Alumina	Vestig.
Soda	0,0292		
Cal	0,0560		
			0,2650

Acido carbonico total	1,6565
— — combinado (bicarbonatos)	0,1723
— — livre	1,4842

2ª *Fonte Duque de Saxe*. A agua é limpida, transparente, fria, de sabor picante, acidulo, levemente hepatico, cheiro pouco pronunciado de ovos chocos, que desapparece momentos depois que a agua é retirada da fonte; a sua temperatura é de 21°, marcando a do ar ambiente 26°; a densidade determinada a 25°,5, e sob a pressão de 689mm, é de 1,0009; envermelhece o papel de turnesol, conserva-se sem alteração e póde ser transportada ao longe. — 1 litro d'agua, evaporada a calor brando, forneceo um residuo do peso 0gr,4780, composto de :

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0007	Chloro	0,0007
— silicico	0,0270	Materia organica e perda	0,0683
— carbonico	0,1614	Oxydo de ferro, Alumina, Acido	Vestig.
Potassa	0,0412		
Soda	0,0451		
Cal	0.1153		
Magnesia	0,0183		0,4780

Acido carbonico total	1,7130
— — combinado (bicarbonatos)	0,3228
— — livre	0,3902

Sobre a superficie de marmore adjacente á abertura d'esta fonte encontra-se uma camada amarellada em uns pontos e esverdeada em outros, que se julgava ser constituida por um deposito de enxofre; bem examinada, porém, reconheceo-se ser formada por uma materia organica que constitue o limo. Esta circumstancia, reunida ao cheiro e ao sabor da agua em questão, mereceo-lhe a reputação d'agua sulfurosa. Para resolver este problema teve a Commissão de recorrer aos reactivos e processos chimicos para verificar a existencia do enxofre no estado de acido sulfhydrico, de sulfureto ou sulfito. Todos os ensaios deram resultados negativos, e a Commissão declarou, que admitia a existencia do enxofre no estado de acido sulfhydrico, mas em quantidade tão pequena, que não é sufficiente para se poder dar a esta agua o nome de sulfurosa.

Além d'isto o eheiro e o sabor de aeido sulfhydrico n'esta fonte não são constantes, e nunea o cheiro se pereebe á distaneia; e sim sómente na fonte muito proximo d'agua; dissipa-se em poueos momentos durante a exposição da agua ao ar.

3ª *Fonte D. Leopoldina.* A agua é limpida, transparente, sem eôr nem cheiro, de sabor pieante aeidulo; envermelheee o papel de turnesol e não altera o de aeetato de ehumbo, A temperatura era de 22°, quando o ar ambiente mareava 25°; densidade de 1,0014 sob a temperatura de 20° e pressão de 690^{mm}; o gaz desprende-se d'ella eontinuadamente mas de maneira lenta. Esta agua eonserva-se limpida, mesmo com o repouso, e póde ser transportada para longe. Eis-aqui o resultado da analyse feita pelos insignes membros da Commissão acima citados:

A agua Leopoldina forneceo por litro 0^{gr},2680 de residuo fixo eomposto de:

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0007	Magnesia	0,0120
— silicico	0,0310	Chloro	0,0034
— carbonico	0,0864	Materia organica e perda	0,0290
Potassa	0,0225	Oxydo de ferro, Alumina	Vestig.
Soda	0,0270		
Cal	0,0560		
			0,2680

Acido carbonico total	1,6220
— — combinado (bicarbonatos)	0,1728
— — livre	1,4492

4ª *Fonte D. Theresa.* Esta agua não é tão limpida eomo a das outras fontes; apresenta em suspensão flocos de uma substancia eseura avermelhada, constituida quasi exelusivamente por peroxydo de ferro, segundo revelou a analyse da Commissão; é sem eheiro, sem côr, de sabor pieante e aeidulo; é fortemente effervescente; de reacção franeamente aeida ao turnesol, e nulla ao de acetato de ehumbo; temperatura de 23°, marcando o ar ambiente 24°; densidade de 1,0009 sob a temperatura de 24°,5 e pressão de 690^{mm} Pelo repouso deposita flocos avermelhados de peroxydo de ferro. Forneeeo á Commissão por litro 0^{g},6770 de residuo fixo composto de:

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0025	Cal	0,1584
— silicico	0,0340	Magnesia	0,0256
— carbonico	0,2340	Materia organica e perda	0,0511
Sesquioxydo de ferro	0,0420	Alumina	Vestig.
Potassa	0,0320		
Soda	0,0554		0,6770

Acido carbonico total	0,0222
— — combinado (bicarbonatos)	0,5154
— — livre	1,5068

5ª. *Fonte Conde d'Eu.* A agua ás vezes é limpida, outras vezes apresenta floeos em suspensão; é sem eôr e sem eheiro, de sabor aeidulo

picante, styptico. semelhante ao da tinta preta de escrever; pelo repouso deixa dspositar flocos avermelhados, que são constituidos por oxydo de ferro : temperatura de 22°, marcando o ar ambiente 24°; densidade de 1,0018 sob a temperatura de 24°,5, e pressão de 690^{mm}; a agua é abundante, muito effervescente; a reacção a turnesol é fracamente acida, nulla ao papel de acetato de chumbo. Forneceo á Commissão por litro 0^{gr},8350 de residuo fixo composto de :

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0017	Cal	0,1848
— silicico	0,0750	Magnesia	0,0355
— carbonico	0,2828	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0420	Materia organica e perda	0,0427
Potassa	0,0866	Alumina	Vestig.
Soda	0,0835		
			0,8350

Acido carbonico total	2,0090
— — combinado (bicarbonatos)	0,6118
— — livre	1,3972

6ª. *Fonte D. Isabel.* A agua é limpida, transparente, sem côr, sem cheiro, de sabor styptico de ferro ou de tinta preta de escrever, ao mesmo tempo picante acidulo; temperatura de 23°, sendo a do ar ambiente de 24°; densidade 1,0019 sob a temperatura de 23°,5, e pressão de 690^{mm}; reacção acida ao turnesol, e nulla ao papel de chumbo. Pelo repouso deixa depositar flocos amarellados de peróxydo de ferro; desprendimento gazoso muito forte, e a producção de agua é abundante. Forneceo á Commissão por litro 1^{g},2100 de residuo fixo composto de :

	Gram.		Gram.
Acido sulfurico	0,0041	Cal	0,2861
— silicico	0,0650	Magnesia	0,0563
— carbonico	0,4391	Chloro	0,0007
Sesquioxydo de ferro	0,0430	Materia organica	0,0487
Potassa	0,1457	Alumina	Vestig.
Soda	0,1213		
			1,2100

Acido carbonico total	2,7315
— — combinado (bicarbonatos)	0,9255
— — livre	1,8060

BAETA. *Modo de verificar se a baeta contém algodão.* Ferve-se certa porção de baeta n'uma barrela de potassa, e ver-se-ha logo dissolver-se a lã, e converter-se em sabão, entretanto que o algodão, apenas se altera; lava-se o residuo insoluvel que é o algodão, faz-se seccar e pesa-se.

BAFO. Assim se chama ao ar que sahe dos pulmões durante a respiração, e que ás vezes tem um cheiro particular e desagradavel. *Veja-se* HALITO.

BAGNÈRES DE BIGORRE (Aguas quentes salinas, sulfa-

tadas calcicas) (fig. 89). Bagnères de Bigorre é uma cidade da Franca meridional, no departamento dos Altos-Pyreneos, de 9,500 habitantes, distante de Pariz 774 kilometros, que se percorrem pela estrada de ferro em 18 horas e 50 minutos. A viagem custa 96 francos. A cidade está situada sobre o reverso das montanhas, a 600 metros acima do nivel do mar; a temperatura é ali branda, o sitio dos mais pittorescos, a vegetação abundante e vigorosa. Bem que se ache debaixo da latitude



Fig. 89. — Bagnères de Bigorre.

quente, o clima é temperado no verão, e no inverno o frio nunca se faz sentir rigorosamente. Esta posição vantajosa faz de Bagnères de Bigorre uma residencia de inverno e de verão, mas é sobretudo durante os mezes de maio, junho, julho, agosto e setembro que as aguas attrahem o maior numero de doentes.

Existe em Bagnères grande numero de fontes, cerca de trinta, que dão aguas salinas de differente natureza; algumas são ferruginosas. A sua temperatura varía de 20° a 65° centigrados; tomadas em bebida, produzem um leve effeito purgativo depois do emprego de tres a quatro dias.

A agua da fonte *Dauphin*, que é uma das principaes, é limpida, incolor e transparente; não tem cheiro nem sabor notavel, e comtudo o paladar não póde confundil-a com a agua ordinaria aquecida ao mesmo gráo; a sua temperatura é de 49°,1 centigrados, sendo a do ar 23°,2 centigrados; sua reacção é notavelmente alcalina. 1,000 grammas d'esta agua contém, segundo os Drs. Ganderax e Rozière :

	Grammas.		Grammas.
Sulfato de cal	1,900	Chlorureto de sodio	0,040
— de soda	0,400	Substancia resinosa	0,009
Carbonato de cal	0,142	— extractiva vegetal	0,008
— de magnesia	0,119	Perda	0,020
— de ferro	0,114		
Acido silicico	0,044	Total das materias fixas	2,900
Chlorureto de magnesio	0,104		

100 partes de gaz d'esta fonte dão :

Acido carbonico	38
Azoto	54
Oxygeneo	08
Total	100

Fonte Labassère. Agua sulfurosa fria, a sua temperatura é de 11°,60 a 13°,15 centigrados. É uma das mais mineralizadas das aguas

sulfurosas sodicas e uma das melhores par ser transportada para longe. Segundo a analyse do sñr Filhol ella contêm :

	Gram.		Gram.
Sulfureto de sodio.....	0,0464	Salicato de ca.....	0,0452
— de ferro, cobre e manganez.....	Vestig.	— de aluminio.....	0,0007
Chlorureto de sodio.....	0,2058	— de magnesia.....	0,0096
— de potassio.....	0,0036	Aluminio em excesso	0,0018
Carbonato de soda.....	0,0232	Iodo.....	Vestig.
Sulfato de soda, de potassa e de cal	Vestig.	Materia organica.....	0,1450
			0,4813

O principio mineralisador d'esta agua é o sulfureto de sodio.

Aproveita no catarrho chronico dos bronchios, na tosse convulsiva, nas congestões dos pulmões, na tuberculisação pulmonar, laryngite chronica e nas molestias da pelle.

As aguas de Bagnères de Bigorre administram-se em bebida, banhos, duchas d'agua, banhos e duchas de vapor. São prescriptas internamente na dóse de 2 a 8 copos por dia, pela manhã em jejum, um copo de quarto em quarto de hora. A duração dos banhos varía de 45 minutos a 1 hora, o das duchas de 5 a 14 minutos. Prescrevem-se os banhos de vapor durante um tempo que varía entre 10 a 20 minutos.

As aguas são utilizadas nos diversos estabelecimentos pertencendo um ao governo local, os outros ás pessoas particulares. O estabelecimento do governo consiste em um vasto edificio, todo de marmore, encostado ao monte d'onde sahem as sete fontes, que se distribuem n'elle. No vestibulo acha-se a bica por onde desemboca a agua para beber. No interior estão dispostos os banhos de corrente contínua, as emborcações, e os diversos compartimentos de *vaporarium*, comprehendendo as estufas com escadas, os banhos russos e as fumigações. Ali igualmente se acham as duchas hydrotherapicas. Emfim duas salas de pulverização d'agua completam o systema balnear de Bagnères de Bigorre.

Um cassino está situado no meio de um delicioso parque. É o passeio predilecto dos banhistas, quando sobretudo a orchestra reunida n'um kiosco, faz ouvir as melodias que repercutem ao longe os echos do valle. Quando chega a noite, a animação dos salões prova, que a distracção, tomada em justos limites. póde tornar-se um elemento de cura. Não ha estações de banhos, onde a natureza e a arte tenham feito mais para tornar a residencia deliciosa. Bagnères de Bigorre e Luchon são nos Pyreneos as capitaes da vida elegante, a reunião dos prazeres do mundo e da moda.

As diversas fontes de Bagnères de Bigorre são mais ou menos fortificantes. Convem no maior numero das molestias chronicas, e sobretudo nos engurgitamentos do figado e do baço, nas paralysias, na chlorose, anemia, amenorrhea, rheumatismo, nas molestias das vias urinarias.

BAGNÈRES DE LUCHON. Aguas mineraes sulfurosas quentes (fig. 90). Bagnères de Luchon. é uma pequena cidade da França. meridional, de 4,000 habitantes, distante 6 kilometros da fronteira de

Hespanha, e 798 kilometros de Pariz, que se percorrem pela estrada de ferro em 20 horas, 35 minutos; a viagem custa 110 francos.

A cidade de Bagnères de Luchon (ou simplesmente Luchon) está situada n'um dos mais bellos valles dos Pyreneos. As inscripções latinas achadas n'esses logares, provam que os Romanos tinham ali as suas thermas. O quarteirão novo, representa uma longa avenida plantada de quatro fileiras de tilias que bordam as habitações destinadas aos banhistas. As fontes rebentam ao pé de um monte; são em tudo quarenta e oito. A sua temperatura varia de 38° a 55° centigrados. A agua tem o cheiro de ovos chocos, e o gosto desagradavel; é limpida e incolor ao sahir do rochedo; algumas aguas conservam indefinidamente a sua transparencia; mas a maior parte d'ellas tornam-se ao ar de côr lactea ou esverdeada. Contém sulfureto de sodio, de ferro, de manganez, de cobre; chlorureto de sodio; sulfatos de potassa, de soda, de cal; silicatos de soda, de cal, de magnesia, de alumina; carbonato de soda; silica livre, iodureto de sodio, hyposulfito de soda; gazes azote, oxygeneo, e acido sulfhydrico.

O estabelecimento thermal foi construido sobre o logar dos antigos banhos romanos. Compõe-se de oito casas, nas quaes foram distribuidos os quartos de banhos, as duchas, as piscinas, os banhos de vapor, e as aspirações directas dos vapores sulfureos.



Fig. 90. — Bagnères de Luchon.

As aguas de Luchon convem nos rheumatismos chronicos, escrophulas, ulceras, fistulas, caries dos ossos, paralysias, molestias de pelle, syphilides, morphea, nas bronchites, laryngites, no primeiro periodo da tisica, na asthma. Tomam-se em bebida, banhos, duchas, e inhalações. Antes de beber deixa-se ordinariamente esfriar a agua cuja temperatura é mui elevada, ou mistura-se com agua de outra fonte menos quente; ás vezes ajunta-se-lhe leite ou soro de leite. A dóse para beber é de dois a tres copos por dia. Os banhos devem ser tomados em numero de trinta a quarenta, afim de se poder esperar a cura. A estação das aguas, isto é, a época mais conveniente para tomal-os, é do 1° de junho a 15 de outubro. Passada esta época, as aguas perdem a sua acti-

vidade por causa das chuvas que se misturam com ellas: além d'isso a sua acção não é tão convenientemente favorecida pela temperatura e pelas condições do clima, que é mui agradavel durante o verão, n'essas regiões montanhosas.

Nenhuma estação de banhos offerece excursões e passeios mais interressantes do que a de Luchon. Por causa da elevação, em que está situada, e que é de 620 metros acima do nivel do mar, o clima não é ali mui quente no verão, apezar da sua latitude meridional. Esta estação é uma das mais frequentadas da França.

As aguas de Luchon não convem : 1° ás pessoas que tem molestia do coração; 2° ás affecções cancerosas; 3° na gota; 4° aos individuos sujeitos aos escarros de sangue; 5° no periodo adiantado da tisica; 6° ás pessoas que tem constituição apopletica, e que são ameaçadas de congestão cerebral.

As aguas de Luchon, como todas as aguas sulfureas sodicas, alteram-se promptamente, e não podem ser exportadas.

BAGNOLES DE L'ORNE. Aguas sulfateas calcicas tepidas e aguas ferruginosas frias, situadas em França, no departamento de Orne.

Vai-se de Pariz a Bagnoles pela estrada de ferro em pouco mais de 7 horas; a viagem custa 30 francos.

Existem em Bagnoles duas especies de fontes, das quaes umas tem o nome de sulfurosas, outras, são ferruginosas. As fontes sulfurosas caracterizam a estação; são estas que devem occupar-nos primeiro,

1° *Fonte sulfurosa*. A agua é limpida, levemente unctuosa, sem cheiro, de sabor agradavel: temperatura 27 gráos centigrados. O seu sabor e cheiro não justificam o nome de aguas sulfurosas que tem.

A fonte principal é disignada debaixo do nome de *Fonte grande;* dá 152,500 litros d'agua por dia. Está contida n'um pequeno palacete quadrado, sobre as margens de uma torrente.

Segundo a analyse de Ossian Henry a agua da *Fonte grande* contém, além de pequena quantidade de enxofre, saes alcalinos, silica, ferro, manganez e um principio arsenical. O total d'estas substancias é só de 13 centigrammas por litro. Ha ali um bello estabelecimento thermal que contém 40 banheiras, duas piscinas d'agua corrente, uma das quaes, muito vasta, serve para nadar; duchas de varias especies e bica para beber agua. Perto da fonte existem apparelhos para aquentar agua que é apenas tepida ao sahir da fonte. Ha ali, emfim, todos os apparelhos hydrotherapicos.

As aguas sulfurosas de Bagnoles administram-se em bebida, banhos, duchas descendentes, ascendentes, em banhos de chuva, em banhos de piscina na temperatura original da fonte thermal, temperatura que é necessario elevar para os banhos que se tomam em banheiras.

A facilidade com que o estomago supporta estas aguas faz com que convenham perfeitamente na dyspepsia. Designam-se debaixo d'este nome muitos estados do estomago caracterizados pelo fastio, digestão difficil, sensação de plenitude. Frequentes vezes, no fim da cura, administram-se concurrentemente, ou substituem-se-lhes, as aguas ferruginosas.

2° *Fonte ferruginosa.* A agua, vista em massa é turva; parece quasi clara quando se examina n'um eopo de que não tarda a alterar a transpareneia. É sem eheiro, de sabor styptico e ferrugineo; temperatura 12°,3 centigrados; bolhas de gaz atraversam-n'a e vem agitar a sua superficie.

As aguas de Bagnoles, euja especialidade é o tratamento da dyspepsia, eonvem tambem no hysterismo, palpitações nervosas, differentes espasmos; usam-se interna e externamente. N'estes casos aeonselha-se sobretudo a grande piscina, por causa da sua temperatura um pouco baixa e da faeilidade que tem os doentes de poderem entregar-se ao exercieio de natação.

As aguas de Bagnoles eonvem ainda nas affeeções rheumatimaes, gotosas, paralysias, rijezas musculares, ankyloses, eertas alterações do teeido osseo a nas molestias de pelle.

Os banhistas eostumam morar no estabeleeimento. A easa destinada aos doentes aeha-se inteiramente separada das thermas propriamente ditas. Tudo está ali bem disposto : quartos, mobilia, e serviço. A mesa é sobretudo exeellente, eireumstaneia mui util, porque o ar vivo, que ali se respira, eontribue a augmentar o appetite.

Eis-aqui os preços no hotel do estabeleeimento :

Quartos eom uma cama, de 1 a 5 francos por dia. Ha tambem quartos com duas camas e aposentos eompletos, cujos preços são proporcionaes. Almoço e jantar, na mesa redonda, 6 francos e meio. Serviço, e direito de beber agua mineral, 1 franeo por dia. As crianças menores de 10 annos, pagam a metade. Os eriados dos doentes, pagam pela eomida e morada 4 franeos e meio por dia.

Aos effeitos das aguas em bebida e banhos, é preciso aecreseentar a influeneia das qualidades balsamicas, que communicam á atmosphera as arvores resinosas, de que estão cobertos os outeiros que ceream o estabelecimento. A belleza e a variedade dos sitios, as massas graves dos roehedos, valles dominados por graciosas collinas, e toda a maravilhosa vegetação de arbustos e de grandes arvores que espalham no ar os seus perfumes, valêram á esta deliciosa região o nome de *Suissa normanda.*

A estação thermal dura do 1° de Junho ao 1° de Setembro.

A agua da *Fonte grande* supporta perfeitamente o transporte sem alterar-se. Bebe-se eom prefereneia durante as eomidas ; é util sobretudo contra a dyspepsia.

BAGNOLS. Aguas sulfurosas sodieas frias e quentes, situada em França, no departemento de Lozère, a 20 kilometros da cidade de Mende. A sua temperatura é de 22° a 43° centigrados. A agua é limpida, unetuosa ao toear, de sabor sulfureo, cheiro de ovos choeos. Em bebida e banhos, usa-se contra as molestias de pelle, bronehite ehronica, rheumatismo, eserophulas, feridas por arma de fogo. A estação thermal dura do 1° de Junho ao 1° de Setembro.

BALANITE. Inflammação da membrana que cobre a glande e o interior do prepueio, aeompanhada de corrimento mucoso-purulento.

Causas. A balanite observa-se prineipalmente nos individuos que tem

a glande continuadamente coberta pelo prepucio. As causas d'esta molestia são: a accumulação prolongada da materia sebacea, sobretudo quando se acha misturada com a ourina, o que acontece muitas vezes, não podendo a glande descobrir-se naturalmente; os attritos repetidos do membro viril; a falta de asseio. Enfim em alguns individuos sujeitos ás erupções vesiculosas, a balanite existe simultaneamente, ou alterna com estas erupções. Não é molestia de natureza syphilitica nem contagiosa.

Symptomas. A balanite annuncia-se pelo calor, por picadas e ardor na extremidade do membro viril; este incha, e doe, quando se comprime a glande, mesmo atravez do prepucio. Declara-se logo depois um corrimento de materia mucosa purulenta amarella, o que fez dar á molestia o nome de *blennorrhagia da glande* e de *gonorrhea espuria ou bastarda;* a glande, posta a nú, apresenta-se coberta de pus, e vermelha; se a inflammação dura algum tempo, appareeem pequenas excoriações; as vezes a inflammação é tão intensa que produz um engurgitamento passageiro das virilhas.

A balanite é uma molestia ordinariamente de curta duração, que se cura com facilidade; raras vezes passa ao estado chronico, salvo se depende de algum vicio de constituição. Ha tambem uma especie de balanite sem inflammação franca, que é a mais desagradavel; consiste n'uma alteração de secreção dos folliculos da glande; uma especie de serosidade espessa banha este orgão, e por pouco que o individuo se esquente, ou faça algum excesso, sobrevem uma violenta inflammação com dôr e corrimento purulento; depois os symptomas acalmam-se, mas tornam a apparecer com o primeiro excesso.

A balanite é uma molestia sempre facil de reconhecer; poder-se-hia tomar por uma blennorrhagia, se não se reparasse que o pus se forma entre a glande e o prepucio; quando uma pequena quantidade d'elle parece sahir do canal da urethra, é porque foi ali introduzido momentaneamente; mas não vem d'aquelle canal. Talvez, á primeira vista, se possam tomar as pequenas excoriações da glande por ulcerações syphiliticas; mas este erro emenda-se com um exame attento. É mui difficil, as mais das vezes, determinar a causa da molestia. Quanto á natureza syphilitica, que ordinariamente se lhe suppõe, não deverá, comtudo, ser-lhe attribuida, senão quando concorrerem outros symptomas syphiliticos.

Tratamento. Quando a affecção é ligeira, basta o asseio para cural-a. Lava-se repetidas vezes, por dia, com agua morna e põe-se sobre a mucosa um pouco de amido em pó. Se a inflammação é grande, recorre-se então a meios mais efficazes. Fazem-se lavagens com uma solução de acido borico e melhor com bichlorureto de mercurio a tres millesimos; introduz-se em seguida na prega que separa o prepucio da glande, uma pomada feita com tannino ou com iodoformio. Pode-se empregar tambem a resorcina em solução ao decimo, a qual tem dado tambem bons resultados. Raras são as vezes que se é obrigado a desenfrear o prepucio com bisturi, n'este caso a operação deve ser sempre seguida de um penso antiseptico.

BALARUC. França. Aguas salinas frias e quentes. 18° a 47°. Tres

fontes. — Chlorureto de sodio, de lithio, de cobre, de magnesio; sulfatos de potassa, de cal; bicarbonatos de cal, de magnesia; acidos silicico, borico; oxydo de ferro; manganez; acido phosphorico. — Total 10 grammas por litro de residuo solido. Gazes: acido carbonico livre, azote e oxygeneo. — Paralysia, rheumatismo chronico, sciatica, ankyloses incompletas, escrophulas. — A agua é limpida, de sabor levemente salgado e picante. — As aguas de Balaruc empregam-se em bebida, banhos, duchas; fazem-se tambem applicações locaes do lodo que só deposita no fundo do reservatorio da agua mineral. — Tres estabelecimentos thermaes. 1° de Maio a 1° de Outubro. — Itinerario: de Pariz a Cette pela estrada de ferro em 18 horas; de Cette a Balaruc de carro em tres quartos de hora.

BALATON-FURED. Hungria. Agua carbonatada ferruginosa e gazosa fria. Banhos no lago. Lodos, tratamento e banhos de leite. As aguas de Bolaton-Füred empregam-se na anemia, chlorose, nevroses, molestias dos orgãos genitaes da mulher, rheumatismos chronicos molestias das vias respiratorias. Tisica.

BALEIA (fig. 91). Mammifero cetáceo que o vulgo toma geralmente por um peixe, por causa da sua fórma externa, da sua habitação constante nas aguas do mar, e que entretanto, examinado scientificamente, apresenta todos os caracteres dos animaes mammiferos. Com effeito, a baleia é vivipar, isto é, que os seus filhos nascem vivos; respira por pulmões o ar exterior, tem o sangue quente, pare um só filho, raras vezes dois, e amammenta-o com as tetas, as quaes se acham collocadas perto do anus. Este enorme cetáceo, que não tem menos de 25 a 30 metros de comprimento na idade adulta, tem a cabeça do terço do comprimento total do corpo; é o maior dos animaes conhecidos. Em logar de dentes, a sua bocca é guarnecida no queixo superior de grandes laminas delgadas, transversaes e apinhadas parallelamente, em numero de 800 a 900 de cada lado, do comprimento de 3 metros, pouco mais ou menos, que se chamam *barbas de baleia;* servem quando a baleia tem sorvido um grande volume d'agua contendo molluscos e pequenos peixes de que se alimenta, para detêl-os, como o faria um crivo. Quando o animal quer deitar fóra esta agua, que se lhe torna inutil, fal-o por meio de dois orificios ou respiradoiros situados direc-

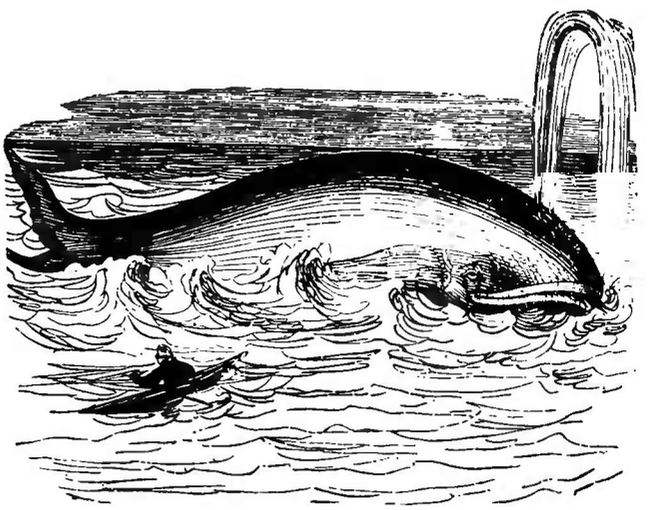


Fig. 91. — Baleia franca.

tamente por cima da cabeça, e lança a uma altura de 10 a 12 metros duas columnas d'agua que são sufficientes para submergir pequenas embarcações. A baleia tem uma lingua enorme, carnosa, muito espessa; sua estreita garganta não lhe permitte nutrir-se senão de animaes muito pequenos; tem os olhos do tamanho dos do boi, e o ouvido extremamente fino; tem só dois membros representados por duas barbatanas peitoraes, nas quaes se tem achado todas as partes dos membros anteriores dos mammiferos; a parte posterior do corpo é terminada por uma especie de barbatana horizontal. A baleia nada com extrema rapidez; penetra muitas vezes nas profundidades do mar, mas como é obrigada a vir assaz frequentemente respirar á tona d'agua, conserva-se mais geralmente perto da superficie da agua.

As baleias pescam-se nas regiões septentrionaes, nas costas da Islandia, na bahia de Hudson, nas costas da Patagonia, no cabo de Horn, etc. Estes cetaceos tem entre a pelle e os musculos uma camada de toucinho, que, as vezes tem meio metro de espessura, e derretido, fornece um azeite apreciado nas artes industriaes. É para obter este oleo, assim como as barbas de baleia, que se faz a pesca d'estes animaes.

Logo que os pescadores, reunidos em grande numero nas embarcações, avistam uma baleia deitam immediatamente a lancha ao mar, e avançam em silencio. Um d'elles, o mais robusto e o mais destro, está em pé armado de um harpéo atado a uma longa corda; logo que se acha ao alcance da baleia, lança-lhe com toda a força esta arma, que penetra mais ou menos profundamente; sentido-se ferida, a baleia afunda-se na agua com a rapidez de uma flecha, levando nos seus flancos o harpéo, cuja corda se desenrola, e é arrastada com ella; mas logo, obrigada pela necessidade de respirar, volta á superficie onde o seu inimigo a espera de pé firme; torna a harpeal-a, e a mesma operação se renova até que exhausta de forças pela perda do sangue, não póde a baleia nem fugir nem defender-se, e é então arrastada pelos pescadores que a matam e despedaçam; entretanto, emquanto não está morta, evitam com cuidado a sua terrivel cauda, a qual com uma pancada faria voar em pedaços a sua fraca embarcação. Depois de certos que está bem morta, tiram por talhadas o toucinho que a cobre, e derretem-n'o para lhe extrahir o azeite. A pesca do cachalote, que se faz mais particularmente nas aguas do Sul, tem o mesmo fim, e apresenta as mesmas difficuldades e perigos. (*Veja-se* CACHALOTE.)

O azeite de baleia, conhecido sob o nome de *azeite de peixe,* é empregado para luzes, para a fabricação do sabão, para surrar os couros, dissolver as tintas, e para mil outros usos quotidianos. As barbas da baleia, por serem leves, flexiveis, e ao mesmo tempo rijas, servem para os chapéos de sol, colletes, varetas de espingarda, bengalas, etc. Quanto ao espermacete (esperma da baleia), é este produzido pelo cachalote, e inteiramente estranho á baleia. (*Veja-se* CACHALOTE). Em certos paizes, os intestinos da baleia substituem as vidraças das janellas; fazem-se tambem redes com os seus tendões; a carne fresca ou salgada, tem sido muitas vezes utilizada pelas tripolações pescarejas.

BALSAMITA. *Balsamita suaveolens.* Pers. Synanthereas senecioides. Planta aromatiea eultivada nos jardins, Caules de 1 metro de alto, levemente empubescidos, esbranquiçados e ramosos: folhas ovaes-elliptieas, denteadas, as inferiores peeioladas, as superiores sesseis, aurieuladas na base; os eapitulos com longos pedieellos, dispostos em corymbo; eheiro agradavel, semelhante ao da hortelã. Entra na composição dos banhos aromatieos.

BALSAMO. Os antigos, e prineipalmente os Arabes e os Egypeios, davam este nome ás substaneias resinosas, odoriferas, eolhidas e preeiosamente eonservadas para a eomposição dos perfumes, ou para os embalsamentos. As propriedades maravilhosas, que lhes attribuiam, fizeram com que o uso dos balsamos se espalhasse por todo o mundo. O eharlatanismo exaltou de prompto as suas virtudes, e, debaixo do mesmo nome, vendeo grande numero de substaneias que lhes são mais ou menos analogas. Depois, foram assim ehamados muitos medieamentos, que não possuiam nenhum dos caraeteres que distinguem os balsamos. O abuso, que se tem feito d'esta palavra, neeessitou que se lhe fixasse emfim um sentido rigoroso; eonsequentemente, eoneordou-se em ehamar *balsamos* sómente as substaneias resinosas, que eontém eerta quantidade de acido benzoico, e um oleo esseneial; são suceos de eertas arvores, tal é o benjoim, o balsamo peruviano, o de Tolú, ete. Mas *em pharmacia*, designam debaixo do nome de *balsamos* ora tinturas alcoolieas mui earregadas de resinas e de substaneias aromatieas, eomo *v. g.* o balsamo eatholieo; ora oleos medicinaes ou pomadas, tal é, por exemplo, o balsamo tranquillo, o de Fioravanti, o balsamo opodeldoeh, ete.

Balsamo anodyno. Linimento de sabão 150 grammas, opio 6 grammas. Empregado em frieções como ealmante. O linimento de sabão eompõe-se de sabão, eamphora e espirito de vinho.

Balsamo catholico. Benjoim 90 grammas, balsamo peruviano 60 grammas, aloes 15 grammas, alcool 1 litro. — Maeere por oito dias e eôe. Appliea-se nas cortaduras, e é muito empregado.

Balsamo do commendador. Raiz de angeliea 10 grammas, summidades floridas de hypericão 20 grammas, alcool a 80° 720 grammas. Deite o aleool sobre as substaneias eonvenientemente divididas; deixe em eontaeto durante oito dias; eôe eom forte espressão, e ajunte primeiro ao liquido: myrrha 10 grammas, olibano 10 grammas. Torne a maeerar por oito dias, e côe eom forte espressão. Ajunte: balsamo de Tolú 60 grammas, benjoim 60 grammas, aloes 10 grammas. — Maeere ainda por dez dias, e filtre. Emprega-se nos córtes.

Balsamo de copahiba. É uma resina liquida que mana das incisões feitas no troneo da *copaifera officinalis*, Linneo, grande e bella arvore que habita no Brazil e em outros paizes da Ameriea meridional. (*Veja-se* COPAHIBA.)

Balsamo de Fioravanti. Aleoolato eomposto de aleool, terebinthina, resina elemi, succino, estoraque, galbano, myrrha, aloes, canella, cravos da India, moscada, etc. É um estimulante, e emprega-se em frieções eontra os rheumatismos.

Balsamo de Genoveva. Unguento composto de azeite, cera amarella, pó de sandalo vermelho, terebinthina e camphora. Emprega-se para curar as ulceras antigas.

Balsamo de Gurjum. Liquido espesso de cor vermelha escura, um pouco claro, de cheiro levemente aromatico, soluvel no chloroformio. Extrahe-se este balsamo de certas arvores asiaticas da familia das Dipterocarpaceas. É um medicamento de valor para o tratamento dos corrimentos vaginaes de origem veneriana. Emprega-se-o, embebendo chumaços de algodão que se introduz na vagina e se mudam todos os dias.

Balsamo de Mecca. Succo resinoso que se extrahe por incisão do tronco, e pela decocção na agua, dos ramos e folhas de uma pequena arvore, *Amyris opobalsamum*, Linneo, que habita na Arabia. O balsamo de Mecca é liquido, de cheiro agradavel; recente, é opalino, mas quando é velho torna-se amarello, transparente e solidifica-se. É um tanto tonico e excitante; emprega-se na dóse de 10 gottas a 4 grammas nas bronchites chronicas. O balsamo de Mecca que se encontra no commercio é o que se extrahe por decocção dos ramos e das folhas, e mesmo este é muitas vezes falsificado pela terebinthina; o que se extrahe por incisão, é pouco abundante, e fica reservado exclusivamente para os usos do serralho.

Balsamo nerval. Este medicamento goza, ha muito tempo, de grande reputação : foi recommendado em fricções contra as dôres rheumaticas. O balsamo nerval é composto de tutano de boi, alecrim, de cravo da India, de balsamo peruviano, de camphora e oleo de moscada.

Balsamo opodeldoch. E um unguento que se prepara com tutano de boi, camphora, alcool, essencia de alecrim, essencia de tomilho e ammoniaco liquido. Emprega-se em fricções nos rheumatismos.

Balsamo peruviano. Fornecido por uma arvore da America central, *Myrospernum Pereiræ*, Boyle, da familia das Leguminosas, Este balsamo estilla naturalmente, ou por incisões. Tem a consistencia de xarope, côr morena, sabor resinoso e cheiro suave. Entra em muitos remedios compostos, e emprega-se nos catarrhos dos pulmões e da bexiga, na dóse de 2 a 4 grammas.

Balsamo de Tolú. Mana do *Myrospernum toluiferum,* De Candolle, arvore da familia das Leguminosas, que habita na America meridional, sobretudo perto de Tolú e de Carthagena. O commercio tira-o tambem do Brazil. É a principio semi-liquido, torna-se depois mais grosso ; é então de côr fulva, de cheiro agradavel. Com o tempo adquire solidez completa. Entra na composição de muitos medicamentos ; preparam-se tambem com elle o xarope de Tolú, pastilhas de Tolú, medicamentos que convem particularmente nas affecções pulmonares.

Balsamo tranquillo. É um linimento composto de azeite doce e de sumo de folhas de belladona, de meimendro, cynoglossa, tabaco, herva moura e figueira do inferno, e mais outras plantas. Serve para fricções contra as dôres rheumaticas, contra a sciatica e gota. Emprega-se tambem para regar as cataplasmas que se applicam nos casos referidos. As plantas narcoticas que entram na composição d'este oleo acalmam as dôres.

BALSAMO (*Arvore*). *Veja-se* OLEO VERMELHO.

BANANA. Fructo da bananeira da qual existem muitas variedades. As bananeiras (*Musas*) (fig. 92) são arbustos da familia das Musaceas, originarios das regiões quentes e humidas da Asia e da Africa, cultivados hoje no Brazil e em todos os paizes quentes do globo. São formados de um bolbo alongado em fórma de talo. Este talo, da altura de 5 a 6 metros, apresenta em cima um ramalhete de uma duzia de folhas de 2 a 3 metros de comprimento, contra 50 a 65 centrimetros de largura. Do meio d'estas folhas, sahe um pedunculo de 1 metro a 1 metro e 30 centimetros de comprimento, guarnecido de flores. Os fructos são bagas de um amarello pallido ou avermelhado, do comprimento de 15 a 25 centimetros na bananeira de S. Thomé (*Musa paradisiaca*), de 3 a 4 de espessura, triangulares, obtusos. Na bananeira da terra os fructos são mais compridos e recurvados. Na bananeira maçã, o fructo é pequeno, de sabor delicado, e tem o gosto da maçã. As bananas maduras tem o sabor assucarado, viscoso, acidulo e muito agradavel. São de grande recurso para a alimentação dos paizes intertropicaes. Diz-se com razão que, graças á bananeira, ninguem morre de fome nas localidades onde a sua cultura é possivel. As bananas comem-se cruas, cozidas ou assadas; e realça-se-lhes o sabor, ajuntando-lhes manteiga, assucar e canella, conforme as especies. É um fructo muito saudavel. A banana de S. Thomé é usada entre o povo como alimento da primeira infancia. Todas as bananas convem tambem aos velhos sem dentes, porque a sua polpa tem tão pouca consistencia que não é necessario ter dentes para as comer. Da filaça do tronco da bananeira póde-se fazer corda, papel, estofos.

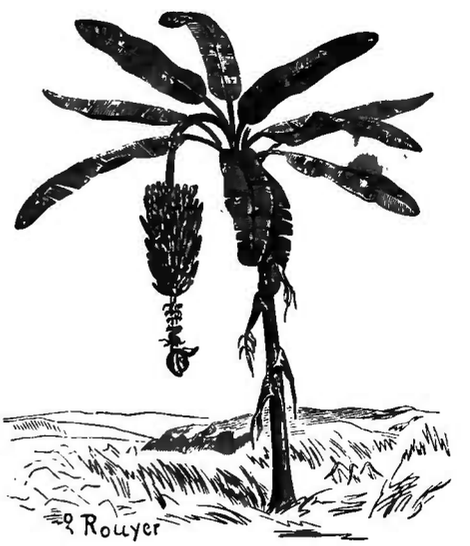


Fig. 92. — Bananeira.

BANDA. Tira de panno de linho meio usado, de largura variavel, com que, para diversos fins, se circula um membro ou o tronco mais de uma vez, de ordinario para segurar compressas empregadas em um curativo. É synonymo de atadura. *Veja-se* ATADURA.

BANHA AXUNGIA ou UNTO. Substancia gorda extrahida das membranas internas de certos animaes e principalmente das do porco.

A *banha de porco*, a unica actualmente usada em medicina, é branca, de consistencia molle, porém tanto mais resistente quanto mais recente e melhor preparada fôr; o cheiro é fraco, o sabor brando e agradavel. Obtem-se das partes gordurosas que se acham debaixo das costellas do porco, e envolvem os rins e parte dos intestinos (redenho de porco); cortam-se estas partes em pedacinhos; amassam-se na agua, para as

privar, por esta lavagem, de um pouco de sangue que contém, e que alteraria a alvura do producto; mettem-se em tacho estanhado, sobre fogo brando, depois de esgotadas, e aquecem-se, mexendo continuadamente até que a massa derretida fique clara e transparente; passa-se então por um panno ou peneira mui fina, para separar os corpos estranhos. Mette-se depois esta banha em potes de gres previamente aquecidos com agua fervendo, ajuntando por kilogramma de banha 30 grammas de sal branco finamente pulverizado. Estes vasos, depois de frios, tapam-se com uma rolha coberta de pergaminho, ou simplesmente com pergaminho ou panno grosso. Os potes de terra, envernizados no interior, não prestam para este uso: o esmalte, que contém uma composição de chumbo, de que são cobertos, é mais ou menos atacavel, pelos corpos gordos, o que dá logar a compostos insalubres. É mais seguro e mais economico introduzír a banha, quando ainda fluida, em tripas de boi ou bexigas de porco lavadas na agua de cal e depois em agua fria, e amolle-cidas, depois de seccas, em agua avinagrada. Emprega-se para este fim um funil de folha de Flandres; deixa-se coagular a banha, depois atam-se as tripas ou as bexigas com barbante, e suspendem-se em logar fresco.

A banha póde conservar-se bastante tempo sem alteração. A banha fechada em potes, faz-se rançosa pelo contacto do ar. Previne-se este inconveniente, deitando sobre a banha coagulada e completamente arrefecida, uma camada de aguardente, de maneira a encher inteiramente o vaso, que se tapa depois hermeticamente.

Passado certo tempo, se a banha principia a ter máo sabor, é necessario tornar a derretel-a até que não deixe ouvir nenhum ruido ao ferver; deita-se n'ella então uma fatia de miolo de pão, que se deixa frigir; feito isto, tira-se o vaso do fogo, e deixa-se a banha em repouso alguns instantes antes de a transfegar. O pão, que tomou o máo gosto da banha alterada, deve ser deitado fóra, assim como o deposito do fundo do vaso.

Quando o ranço está muito adiantado, derrete-se a banha a fogo brando, e, logo que parecer limpida, decanta-se com precaução para outro vaso cheio d'agua fria, afim de a dividir perfeitamente, amassa-se cuidadosamente com as mãos, renovando a agua muitas vezes, até que esta saia bem clara; torna-se então a pôr a banha ao fogo, e logo que estiver em fusão completa, deita-se-lhe carvão animal grosseiramente pulverizado. Passado um quarto de hora de ebullição, côa-se a mistura quente por um panno ou peneira, que retem o carvão e deixa correr a banha livre do máo cheiro.

A *banha de ganso* prepara-se pela mesma fórma, mas salga-se muito menos, e ás vezes, até não se salga; apezar d'isso torna-se menos rançosa que a banha de porco.

A banha de porco destinada para os unguentos e outras preparações pharmaceuticas, não se salga, mas derrete-se duas vezes: uma vez, como ficou indicado para a banha de cozinha, e outra vez a banhomaria. Assim preparada, e posta em logar secco e fresco, conserva-se muito tempo.

A banha, como todas a materias gordas, é insoluvel na agua, soluvel em mui pequena proporção no alcool frio, e um pouco mais no alcool

fervendo; o ether dissolve-a em grande parte. Faz-se grande uso da banha de porco na cozinha. Na pharmacia serve para preparar os unguentos; e é a base das pomadas cosmeticas. Serve tambem aos cortidores de couros; usa-se para luzes e para untar rodas de carros, etc.

BANHOS. Entende-se ordinariamente por banho a immersão total ou parcial do corpo, n'agua, por tempo mais ou menos prolongado. Os banhos dividem-se em banhos mui frios, de 0° a 12° contigrados; em banhos frios, de 13° a 18°; em banhos frescos, de 19° a 24°; em banhos temperados, de 25° a 30°; em banhos quentes, de 31° a 37°; emfim, em banhos mui quentes acima de 37°, quasi 43° ou 45°. Esta escala soffre muitas excepções, pelo que não póde servir para todos os individuos. Assim, por exemplo, uma pessoa de constituição nervosa achará frio um banho que outra pessoa de constituição forte achará apenas fresco ou temperado; deve-se, por conseguinte, julgar o banho frio, temperado ou quente, menos pelo gráo que marca o thermometro, do que pela impressão que o banho causa ao individuo. Todavia, para satisfazer os espiritos exactos, foi preciso determinar os intervallos, em que o commum dos homens experimenta as diversas sensações de frio e calor.

Banho mui frio; isto é, cuja temperatura é inferior a 12°. O banho mui frio não é um meio hygienico, mas é aconselhado como medicamento em algumas molestias. Empregados como meio preservativo das escrophulas, estes banhos determináram em pouco tempo, nas pessoas caracterizadas pela constituição lymphatica exagerada, o desenvolvimento rapido de uma especie de temperamento sanguineo, um vivo colorido da pelle, o augmento de actividade em todos os orgãos, emfim, uma verdadeira mudança da constituição. O banho mui frio é util tambem nas flores brancas; mas é um medicamento heroico, que deve ser empregado com muita circumspecção. Para obter effeitos tonicos, melhor é empregar os banhos na temperatura seguiute :

Banho frio; isto é, o de 13° a 18° centigrados. Quando um individuo se demora por alguns instantes n'este banho, experimenta um tremor convulsivo; os membros entorpecem-se, as feições do rosto retrahem-se como n'um agonisante, os olhos afundam-se, o nariz afila-se, a pelle torna-se pallida, os dedos emmagrecem de tal modo, que os anneis os mais estreitos cahem d'elles facilmente; sobrevem dôr na boca do estomago e na cabeça, um sentimento de constricção no peito, e o ranger dos dentes. Depois da sahida do banho, e depois de enxuta a pelle, vem a reacção. O sangue torna á circumferencia do corpo; o pulso recobra a força, experimenta-se um sentimento de calor na pelle. A pessoa sente-se fresca, activa, ligeira, e com grande appetite. Ao cabo de algumas horas, e sobretudo durante a noite depois do banho frio, experimentam-se signaes de uma viva excitação, a pelle fica quente, o somno agitado. O banho frio fortifica a constituição, consolidando os musculos, augmentando a energia dos orgãos e a actividade do systema digestivo, e por conseguinte facilitando os meios de reparação. É aconselhado em muitas molestias, nas escrophulas, hysterismo, epilepsia, e em muitas outras affecções nervosas.

Banho fresco; isto é, cuja temperatura é de 19° a 25° centigrados. Este banho é ordinariamente o que se toma nos rios e no mar na estação quente. O contacto da agua n'esta temperatura, determina ainda um ligeiro calefrio, sobretudo quando a pessoa não está acostumada, e quando entra n'agua gradualmente; pois que, quando n'ella se mergulha, experimenta uma impressão subita de frio, mas que desapparece immediatamente. A exhalação cutanea não se faz, ou é pouco sensivel n'esta especie de banho, d'onde resulta pouca perda, por esse lado. Esta funcção é substituida em parte pelas ourinas. Emfim, este banho produz um effeito tonico bastante sensivel. A contractibilidade muscular augmenta, o appetite é maior e a digestão mais facil. Nada é mais salutar do que o uso d'este banho : fortifica as constituições fracas, delicadas e molles, destroe grande numero de predisposições, e póde até curar muitas molestias. O bem que d'elle resulta deve ser attribuido tanto á impressão da agua, como ao exercicio de nadar, que as pessoas que tomam estes banhos costumam fazer ordinariamente. O nadar é, sem nenhuma camparação, o exercicio mais util, mais vantajoso e mais agradavel que se póde fazer. Tudo n'elle é proveito. Qualquer outro exercicio occasiona perdas abundantes, sobretudo pela transpiração cutanea : n'este não póde haver perda, a temperatura da agua e a pressão que ella exerce sobre o corpo oppõem-se a isso, e o seu effeito tonico faz-se sentir promptamente.

O banho frio e fresco é mui vantajoso aos adolescentes e aos adultos. Quanto ás pessoas idosas, como n'ellas a reacção se estabelece difficilmente, devem, ou abster-se do banho frio; ou ao menos tomal-o com grandes cautelas; isto é, não usar dos banhos d'agua corrente senão quando a temperatura dos rios fôr muito elevada, ficar pouco tempo n'agua, e fazer algum exercicio depois do banho.

Ha certos preceitos que se devem observar, e que se applicam aos banhos frescos e aos banhos frios. É util dar um pequeno passeio antes de se tomar o banho; mas é preciso que este exercicio não chegue a fazer suar. No momento de entrar no banho é importante molhar a cabeça ou o rosto, afim de impedir as congestões do cerebro, congestões que acontecem então frequentemente. A demora no banho frio deve ser determinada pelo seu effeito; ordinariamente é de cinco a vinte minutos; convem sahir da agua logo que appareça o segundo calefrio. É preciso enxugar-se promptamente ao sahir do banho, e fazer depois um pequeno exercicio. É essencial não entrar n'agua logo depois da comida. A negligencia d'este preceito tem muitas vezes produzido tristes resultados. Estes banhos são contrarios a toda a pessoa que estiver affectada de secreções naturaes, taes como menstruos, hemorrhoidas, ou de molestias susceptiveis de se repercutirem, como, por exemplo, a gota. Emfim, o banho frio e fresco não convem, e até é nocivo ás pessoas, cujo peito é delicado, bem como ás que são sujeitas ao rheumatismo.

Banho de 25° a 30° do thermometro centigrado, ou banho temperado. O banho temperado é aquelle em que não se experimenta sensação de

calor nem de frio. Este não é tonico nem debilitante, mas a acção é mui vantajosa : limpa a superficie do corpo. É essencialmente hygienico; repousa os membros fatigados, produz um sentimento de frescura sem enfraquecer : convem depois dos exercicios violentos do corpo ou do espirito, modera a circulação, tempera o ardor dos sentidos, e é mui util aos individuos irritaveis.

Banho de 31° a 37° centigrados, ou banho quente. Os effeitos d'este banho são calmantes e relaxantes. Considerado como meio hygienico, o banho quente convem a todas as pessoas; pois que, qualquer que seja o sexo, o temperamento, a profissão do individuo, o asseio lhe é indispensavel; mas os banhos quentes são principalmente vantajosos aos temperamentos seccos, irritaveis, ás pessoas idosas, ás crianças, ás mulheres, mesmo quando estão no estado de gravidez ou dão de mammar. Considerado como remedio, convem nas molestias nervosas, nas inflammações agudas e chronicas. A duração deve ser de meia hora, quando é tomado só para limpar a pelle; porém, como medicamento, póde ser tomado por uma e até duas horas.

Banho acima de 37° centigrados, ou banho mui quente. Este banho não é empregado para asseio, mas serve no tratamento de algumas molestias, e principalmente das affecções dartrosas e rheumatismaes. O banho mui quente é um excitante passageiro, é seguido, pouco depois, de grande fraqueza, resultado do augmento extraordinario da acção dos orgãos, e das perdas consideraveis occasionadas pela transpiração cutanea. É, por conseguinte, realmente debilitante, e n'isso assemelha-se a todos os outros excitantes. O uso prolongado d'estes banhos dá logar a hemorrhagias ou a algumas congestões; resultando tambem d'elles um enfraquecimento extremo.

Banho do mar. Estes banhos tomam-se ordinariamente frescos; isto é, de 19° a 24° centigrados. Os seus effeitos consistem em consolidar os musculos, dar força a toda a economia, em uma palavra, em augmentar a energia de todas as funcções. Os banhos do mar podem ser applicados no tratamento de diversas molestias que são caracterizadas pela fraqueza; convém principalmente nas molestias escrophulosas, nas flores brancas, e differentes affecções nervosas. Concebe-se, portanto, o effeito que devem produzir os banhos frios, em uma agua sobrecarregada de principios excitantes, acompanhados do exercicio salutar que se faz nadando, ou pelas emborcações produzidas pelo movimento contínuo das ondas.

Regras geraes dos banhos, a respeito do sexo e idade. As mulheres, sendo mais sensiveis que os homens, devem evitar os banhos demasiadamente frios ou quentes; mas os banhos frios e frescos são-lhes muito uteis. Devem ter o cuidado de se não expôrem aos banhos frios senão um dia depois, e dois dias antes da época do fluxo catamenial. Se se banhassem no momento dos menstruos, ou pouco tempo antes da apparição d'elles, poderia resultar d'ahi alguma suppressão desagradavel. Durante a mesma época, devem tambem evitar os banhos quentes, que podem expôl-as a perdas consideraveis. A prudencia exige que se abstenham de banhos muito frios durante a gravidez.

Não acontece assim com o banho temperado, de que podem usar em todos os tempos com as devidas cautelas.

A delicadeza extrema das crianças, nos primeiros mezes da sua existencia, faz com que lhes seja nocivo o uso dos banhos frios. Se fôr necessario usar d'estes banhos, para consolidar as carnes da criança, e dar-lhe uma constituição mais robusta, será prudente começar pelos banhos temperados; lavar a criança com agua fresca, mergulhal-a gradualmente; deixal-a n'agua ao principio por pouco tempo, augmentar depois o tempo pouco a pouco, e abaixar gradualmente a temperatura. Os banhos temperados e os banhos quentes são mui uteis n'esta idade. Á proporção que a criança cresce o banho frio perde os seus inconvenientes, e apresenta numerosas vantagens; mas, principalmente na adolescencia e virilidade, goza de todas as suas propriedades salutares. Ha comtudo individuos tão fracos, que, até n'essas épocas, poderia ser-lhes nocivo este banho. A organização do velho é, como já disse, ainda mais contraria ao uso do banho frio do que a da criança.

Banhos de vapor. Estes banhos tiveram muita voga entre os antigos, e muitos povos modernos usam d'elles ainda. Mas hoje empregam-se mais como remedio do que como meio hygienico. Estes banhos tomavam-se em um quarto fechado, de temperatura muito elevada, no qual se fazia vaporizar grande quantidade d'agua, e n'elle entravam muitos individuos para suarem em companhia. Reconhece-se hoje a insalubridade d'estas estufas, onde os individuos respiram um ar impregnado de suas emanações reciprocas, carregado da exhalação pulmonar, e emfim de tudo o que póde viciar a atmosphera. Tem-se igualmente reconhecido que, se a estufa em que se fecha um só individuo é mais vantajosa do que as que são feitas para muitas pessoas, não obstante apresenta ainda um inconveniente que resulta da acção do calor no pulmão. Para fazer desapparecer este inconveniente foram imaginados diversos apparelhos por meio dos quaes todo o corpo, á excepção da cabeça, se acha exposto á acção dos vapores, entretanto que os pulmões continuam a receber um ar puro e fresco. Nas casas particulares, estes apparelhos podem ser substituidos, dirigindo-se á cama do doente um tubo flexivel, tendo a extremidade opposta guarnecida de um funil mergulhado n'um vaso quasi cheio d'agua, e collocado perto do fogo. O cobertor de encerado, que cobre o doente, deve ser sostido afastado do corpo, por meio de arcos de páo dispostos convenientemente.

A duração media dos banhos de vapor deve ser ordinariamente de meia hora, quando muito. Em geral, administram-se na temperatura de 35° a 60° centigrados. Os banhos de vapor, tomados com moderação, entretem as funcções da pelle, e por conseguencia actuam mui vantajosamente sobre toda a economia. Tomados em temperatura mediocre, são mais debilitantes do que excitantes; em temperatura mais elevada, são ao principio excitantes, mas podem tornar-se debilitantes consecutivamente, quando a transpiração que provocam é entretida por muito tempo. Hoje os banhos de vapor empregam-se frequentemente como remedio. As molestias em que aproveitam são os rheumatismos, sciaticas,

dôres dos ossos e das articulações, hydropisia e as affecções da pelle.

Tambem se faz uso dos banhos de vapores seccos, produzidos pela combustão de enxofre, benjoim e camphora : tratarei d'elles no artigo FUMIGAÇÃO.

Banhos medicamentosos. Assim se chamam os banhos em que entram materias proprias para lhes communicarem propriedades emollientes, adoçantes, estimulantes, específicas, etc. Os mais communs são os banhos sulfurosos, salinos, gelatinosos, aromaticos, etc.

Banhos aromaticos. São os que se preparam com agua quente e plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, tomilho, hortelã-pimenta, mangericão, losna, salva, herva de S. João, cordão de frade, etc. Infundem-se 500 grammas d'estas plantas em agua a ferver, côa-se a infusão, e junta-se á agua do banho. Os banhos aromaticos são muito uteis aos individuos lymphaticos, escrophulosos, ás crianças pallidas, ás jovens mal regradas, etc.

Banhos emollientes. As raizes de althéa, as folhas de malva, as sementes de linho, a colla de Flandres ou o mocotó de vacca servem para a preparação d'estes banhos. A quantidade de plantas emollientes é de 2 a 3 kilogrammas, e a da colla de Flandres de 1 kilogramma para um banho geral. Os banhos emmollientes são vantajosos em certos rheumatismos, e outras affecções articulares, complicadas de rigidez dos tendões e dos ligamentos.

Banhos salinos. Preparam-se com 250 grammas de sal commum, e sufficiente quantidade d'agua. Gozam de propriedades excitantes, e convem aos individuos escrophulosos. As suas virtudes medicinaes são analogas ás dos banhos do mar.

Banhos sulfurosos. Os banhos sulfurosos preparam-se com agua, á qual se juntam 120 grammas de sulfureto de potassio para uns 100 litros d'agua. Tomam-se em uma banheira de madeira. Este banho emprega-se com bom exito nas molestias da pelle, actua como tonico e excitante. Convem ás pessoas delicadas, irritaveis, dotadas de extrema sensibilidade da pelle, e ás crianças. Para estas ultimas bastam 60 grammas de sulfureto de potassio para a preparação de um banho.

Banhos parciaes. *Banhos de assento* ou *semicupios.* São os banhos em que só a parte inferior do tronco e a parte mais elevada das coxas se acham mergulhadas no liquido. Estes banhos produzem em uma parte do corpo o effeito que os banhos geraes produzem na totalidade. Os semicupios são empregados para facilitar as funcções da pelle nas pessoas a quem um banho geral incommoda muito. Este banho é ainda proprio para provocar a apparição dos menstruos; n'este caso emprega-se ou mui frio, e então conta-se com o seu effeito secundario, a reacção; ou muito quente, e então obra pelo effeito immediato, que é attrahir directamente o sangue ás partes genitaes. Os semicupios quentes são frequentemente empregados nas molestias da bexiga, do anus e dos orgãos da geração de ambos os sexos. Tomados frios, estes banhos tem feito cessar nas crianças as incontinencias de ourina, que dependiam da fraqueza da constituição. Os semicupios aromaticos, isto é, em

que entram plantas aromaticas, tem sido administrados com bom exito para provocar as regras ou um fluxo hemorrhoidal supprimido, e para determinar o apparecimento do fluxo menstrual nas pessoas moças, quando tarda a apparecer.

Banhos de pés, ou *pediluvios*. Os banhos de pés empregam-se frios ou quentes. Usam-se frios para prevenir a inflammação nas torceduras, logo depois do acontecimento. N'esta circumstancia não deve o pediluvio ser de minutos; convem mergulhar a parte n'agua por muitas horas, e mesmo por todo o dia; a agua deve ser renovada frequentemente, afim de que a sua temperatura não tenha tempo de elevar-se. Sem esta cautela sobrevem a reacção, o effeito repercussivo do banho é nullificado, e a inflammação, que se desejava fazer abortar, desenvolve-se com maior energia. Estes banhos não devem ser empregados durante a menstruação.

O pediluvio quente ou escalda-pés é usado em muitas molestias cerebraes, nas vertigens, dôres de cabeça, zunidos dos ouvidos, nas inflammações da garganta, dos olhos, na asthma, defluxo, na suppressão dos menstruos. A sua duração é de meia hora a uma hora.

Quando se quizer tomar o escalda-pés mais activo, juntar-se-lhe-hão 60 a 120 grammas de farinha de mostarda, ou um pouco de vinagre, sal de cozinha, cinzas de lenha, ou sabão preto. Quando o pediluvio se administra com farinha de mostarda, a agua não deve estar quente, mas simplesmente tepida, porque a agua quente impede o desenvolvimento do principio activo da mostarda. Tiram-se os pés do banho quando o ardor é grande.

Os banhos de mãos ou *manuluvios* são muito menos empregados, e entretanto substituem muito bem os pediluvios, nos casos em que estes não podem ser administrados, como nos doentes cujos pés estão inchados, nos que desmaiam, quando estão em posição vertical, etc.; parecem até gozar de uma acção derivativa mais efficaz em certas molestias do peito, acompanhadas de suffocação, taes como a asthma, a aneurisma do coração, a bronchite.

No artigo AGUAS MINERAES indico as diversas especies de banhos mineraes.

Banho-maria. Apparelho empregado em pharmacia, para aquecer, de uma maneira branda e uniformemente, quando se receia a acção immediata e desigual da chamma.

Emprega-se para este fim um vaso meio cheio d'agua quasi fervendo, no qual se mette outro vaso contendo a materia que se quer aquecer.

O banho-maria é frequentemente empregado nas cozinhas para manter o calor dos môlhos com manteiga, dos caldos, etc. Serve tambem nas pharmacias para distillar as substancias volateis e aromaticas, para evaporar os extractos, etc. Quando se substitue a agua fervendo pela areia, o mesmo vaso toma o nome de *banho de areia;* chama-se *banho de vapor* quando contém agua em vapor.

BAPTISINA. A *baptisia tinctoria* é uma planta que cresec com abundancia na America do Sul. Ella pertence á grande familia das leguminosas. D'ella se extrahe um pó amarello, a Baptisina, que se emprega em pequenas dóses como laxante. Em grandes dóses é um veneno. Este pó é pouco empregado.

BARBA. O córte quotidiano da barba produz ás vezes sensação desagradavel de calor e de comichão. O melhor meio de remediar este inconveniente, consiste em lavar a barba com agua fria misturada com pequena quantidade de agua de toilette de Ixora ou de Violetas da casa Ed. Pinaud. Esta agua de toilette tira o ardor que fica no rosto depois de se passar a navalha, e evita as comichões e o calor desagradavel que resulta da operação de fazer a barba. A acção de fazer a barba produz, ás vezes, certa perturbação na economia dos homens muito delicados; e por isso prohibe-se aos doentes o fazer a barba durante as molestias graves, e aos convalescentes só se lhes permitte depois de terem adquirido algumas forças.

Desenvolve-se na barba uma molestia particular chamada *mentagra* (*Veja-se* esta palavra).

BARBA DE PACA. Planta do Brazil; habita nos mattos do Pará. Sua infusão é recommendada como bebida, contra a hematuria intertropical (ourinas leitosas).

BARBA DE VELHO. *Tillandsia usneoides*, Linneo. Bromeliaceas. Planta parasita do Brazil. Tem os caules delgados, voluveis, lenhosos, quasi semelhantes á crina. Pisada e misturada com banha, constitue um unguento que se emprega no Brazil contra as hemorrhoidas.

Póde servir para a confeição de cordas, almofadas, enxergões, moveis, etc. Exporta-se muito d'esta planta para a França, onde se utiliza para este ultimo fim.

BARBAS DE CAMARÃO. *Strychnos*. Loganiaceas. Arbusto sarmentoso e venenoso do Brazil; habita no Ceará.

BARBASCO, VERBASCO (Minas), CALÇÃO DE VELHO (S. Paulo). *Buddleja brasiliensis*, Jacq. Scrophularineas. Pequeno arbusto do Brazil. Tronco pouco ramoso; folhas oppostas, oblongas, irregularmente denteadas, molles, tomentosas, verde-claras por cima, esbranquiçadas por baixa; flores pequenas, amarellas, reunidas em verticillos; fructo, pequena capsula bilocular.

As flores e folhas são emollientes e peitoraes; usam-se contra a tosse em infusão theiforme, que se prepara com 2 grammas de flores ou folhas e 250 grammas d'agua fervendo.

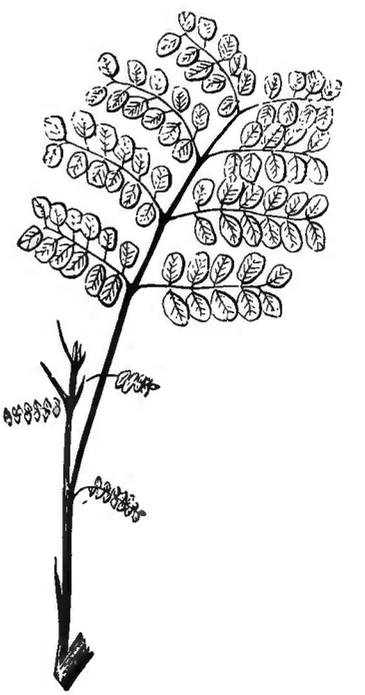


Fig. 93. — Barbatimão.

BARBATIMÃO. *Stryphnodendron barbatimão*, Matrius. Leguminosas. Arvore do Brazil (fig. 93); habita na provincia de S. Paulo e em outras partes. Folhas alternas, bipennadas, com 5 ou 6 pares de foliolos oppostos, coriaceos, cordiformes; flores dispostas em espigas axillares nas extremidades dos ramos. A casca da arvore é amarga e

adstringente; contém muito tannino, e emprega-se no cortume dos couros. O cozimento d'esta casca usa-se em medicina, em injecções contra as flores brancas. Prepara-se este cozimento com 30 grammas de casca e 500 grammas d'agua.

Reduzida a pó, a casca é remedio que aproveita contra as ulceras.

BARBAZAN. França. Aguas sulfatadas calcicas; 19° As aguas de Barbazan contem : sulfato de cal, sulfato de magnesia, carbonatos de cal e de magnesia, oxydo de ferro. Mineralisação total, 1,038. Chlorose, anemia, molestias da pelle, affecção das vias respiratorias. Estabelecimento contendo 12 quartos para banhos, sala de inhalação e de pulverisação.

BARBOTAN. França. Aguas sulfatadas sodicas e ferruginosas frias e quentes; 21° a 38°. Sete fontes. Rheumatismo, nevralgias, paralysia essencial, ataxia locomotriz, diatheses dartrosa, escrophulosa, rachitica, syphilitica; affecções chronicas do utero. Estabelecimento de banhos com 16 quartos, 3 piscinas. Banhos tepidos, 8 piscinas. Duchas, 8 quartos. As aguas de Barbotan contém; carbonato de cal, carbonato de ferro, chlorureto de sodio e de magnesio, acido carbonico. Trajecto de Pariz a Bordeos; de Bordeos a Tarbes e de Tarbes a Barbotan.

BARDANA. *Arctium lappa*, Linneo. Synanthereas-carduaceas. Planta commum em Portugal; habita pelos monturos, caminhos, fundo



Fig. 94. — Bardana.

dos montes, nos sitios, um tanto humidos e sombrios; dá tambem espontaneamente no Brazil (fig. 94). Raiz fusiforme, da grossura de um dedo, fusca por fóra, branca por dentro, um pouco amarga; caule de 1m,30 a 2 metros, avermelhado; folhas cordiformes, cotanilhosas; flores violetas ou azues. A raiz é tonica e sudorifica; emprega-se em infusão no trata-

mento das molestias cutaneas. Esta infusão prepara-se com 8 grammas de raiz de bardana e 500 grammas d'agua fervendo.

BARÉGES. (Aguas sulfurosas quentes.) Itinerario de Pariz a Baréges : Estrada de ferro de Pariz até Tarbes, 18 horas; omnibus de Tarbes a Baréges, 7 horas : total 25 horas; despeza 105 francos.

Baréges é uma pequena aldeia de França, situada n'um valle selvagem dos Pyreneos, a 1,280 metros acima do nivel do mar; não conta mais de 100 habitantes durante o inverno. A neve, as chuvas, as torrentes tornam o paiz inhabitavel desde o mez de Novembro até ao mez de Abril de cada anno; pelo que uma parte da população emigra para Luz, durante o inverno. A residencia em Baréges é pouco agradavel, e esta aldeia seria pouco frequentada, se não fosse a grande efficacia das suas aguas sulfurosas, que são as mais activas dos Pyreneos. A estação dos banhos dura só dois ou tres mezes no anno, de Julho a Setembro. O governo francez fundou ali um hospital militar, que pode receber 400 a 500 doentes. Os enfermos indigentes, de todos os paizes, são acolhidos no hospital civil, onde acham, por 1 franco 25 centesimos por dia, uma morada conveniente e boa alimentação.

Além do hospital civil e militar, Baréges possue um estabelecimento thermal de construcção recente. As fontes mineraes, sulfurosas quentes, são dez, brotam dentro do estabelecimento; a sua temperatura varía de 31° a 45° centigrados. Ellas alimentam vinte e um quartos de banhos, tres duchas, e duas bicas d'agua para beber. As aguas são perfeitamente limpidas, de leve cheiro de ovos chocos, e, pela maior parte, de sabor nauseabundo. O enxofre, que contém, tem grande fixidade. A temperatura d'estas aguas, não sendo nem mui baixa nem mui elevada, permitte o seu emprego immediato. As nascentes desembocam nos reservatorios, que estão pegados aos quartos dos banhos; pelo que a agua das nascentes corre directamente nas banheiras antes de ter experimentado a menor alteração no seu calor e nos seus principios constituintes.

Além dos quartos onde se tomam os banhos em separado, existem tres piscinas.

Eis-aqui a analyse da fonte principal (a de *Gency-nouvelle*), feita pelo Professor Filhol :

Mil grammas d'agua d'esta fonte contém :

Sulfureto de sodio	0,0380	Sulfato de soda, Iodureto de soda, Borato de soda, Phosphato de soda	Vestigios.
— de ferro	0,0005		
Chlorureto de sodio	0,0725		
Silicato de soda	0,1045		
— de cal	0,0159	Materias organicas	0,0640
— de magnesia	0,0017		
		Total das materias fixas.	0,2971

A sua temperatura é de 33°;5 centigrados.

Atravessam-n'a bolhas de gaz mui numerosas e mui pequenas, compostas de gaz azote e gaz hydrogeno sulfureo. Esta fonte é utilizada em bebida, na *Nouvelle-Buvette*, é mui limpida, não tem quasi cheiro, e o seu sabor não é desagradavel.

As aguas de Baréges são unctuosas ao tocar, propriedade que devem á materia organica, chamada *baregina*. Esta materia é translucida, homogenea, contém carbonato de cal, e depõe-se no fundo dos reservatorios.

As aguas de Baréges tomam-se em banhos, duchas e bebida. Administradas interiormente, produzem estimulação evidente, acceleração do pulso, suor, ás vezes insomnia; em muitas pessoas o seu emprego occasiona leves evacuações. São uteis contra os ferimentos antigos, ulceras que resistíram a qualquer outro tratamento; nas retracções dos musculos e dos tendões, nas molestias das articulações, na carie dos ossos, nas paralysias, affecções da pelle e nas escrophulas. São contrarias ás pessoas ameaçadas ou affectadas das molestias do peito. Por causa do clima, que é inconstante n'esta localidade, as aguas de Baréges não convem nos rheumatismos.

A morada em Baréges não é muito alegre, tanto mais que o pessoal dos banhistas pouco se presta aos divertimentos do salão. Não se encontram ali nas ruas e nos passeios senão muletas, bengalas e cadeirinhas. Cumpre, mesmo na época mais quente do verão, acautelar-se contra as variações atmospphericas, porque muitas vezes, depois de um calor abrazador, succede rapidamente, e no mesmo dia, um frio glacial.

BARIRIÇÓ. *Veja-se* MARIRIÇÓ.

BAROMETRO (do grego *baros* peso, e *metron* medida). Instrumento destinado a avaliar a pressão ou o peso do ar atmospherico, e por conseguinte as variações que sobrevem na densidade d'este ar.

O mais simples consiste em um tubo de vidro bem calibrado; isto é, bem igual em todo o seu comprimento, de 82 centimetros de comprimento pelo menos, e de 5 a 6 millimetros de diametro. Enche-se inteiramente este tubo com mercurio secco e privado de ar, tapa-se com o dedo, e vira-se verticalmente n'um pequeno balde ou reservatorio cheio de mercurio. Logo que se tira o dedo, vê-se que a columna de mercurio se abaixa, deixa um vacuo na parte superior do tubo, e se sustenta, depois de muitas oscillações, na altura de 76 centimetros pouco mais ou menos. A causa que sustenta n'esta altura a columna de mercurio, não é outra cousa senão a pressão atmospherica. Com effeito, produzindo-se o vacuo, em cima do nivel do mercurio, na parte superior do tubo, o metal fechado n'este não experimenta pressão alguma, emquanto que a sua superficie livre, no reservatorio, acha-se submettida á pressão da atmosphera. Por conseguinte a pressão atmospherica equivale, termo médio, ao peso de uma columna de mercurio de 76 centimetros de altura. Se em logar de mercurio se empregasse agua, que é 13 vezes e meio menos pesada do que o mercurio, a columna se elevaria á altura 13 vezes e meio maior, isto é, a 32 pés ou 10 metros e 26 centimetros, altura a que chega com effeito nos tubos das bombas. Quando alguma circumstancia augmenta ou diminue esta pressão, a columna de mercurio eleva-se ou abaixa-se proporcionalmente, e uma pequena porção de mercurio passa do reservatorio para o tubo, ou desce do tubo ao reservatorio.

Para melhor conhecer estas variações, adapta-se o instrumento a

uma chapa vertical de páo ou de metal, na qual se acham marcados centimetros ou pollegadas desde o nivel constante do reservatorio.

O barometro que acabo de descrever está representado pela (fig. 95). Eis-aqui como elle funcciona : O tubo que entra no reservatorio *i* não o tapa completamente, para que o ar possa penetrar no reservatorio e exercer uma pressão sobre a superficie do mercurio. È esta pressão que sustenta a columna do mercurio dentro do tubo até o ponto *a*. A

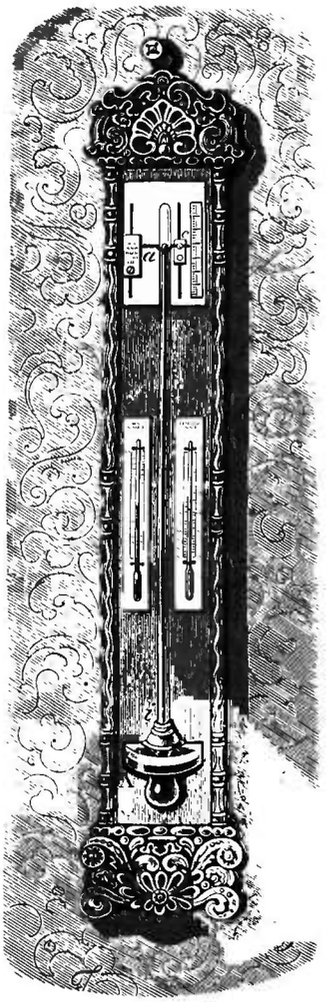


Fig. 95. — Barometro.

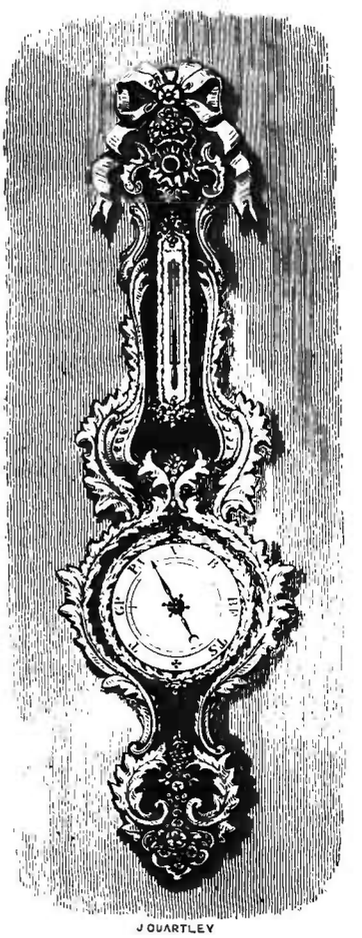


Fig. 96. — Barometro circular de quarto.

letra *c* indica a chapa na qual estão marcados os centimetros ou as pollegadas e as palavras *bom tempo*, *bom tempo fixo*, *variavel*, *chuva*, *grande chuva*, *tempestade*.

Alem d'esta forma de barometros existem muitas outras, a mais commum é a que se acha representada na figura 96.

A observação tem provado que o mercurio desce no barometro quando ameaça chuva; e sobe quando o tempo muda para secco e sereno. O barometro serve tambem para determinar a altura das montanhas.

Quanto mais a pessoa se eleva acima do nivel do mar, tanto mais diminue a altura e o peso da columna de ar, pois que lhe ficam por baixo as columnas inferiores da atmosphera, a pressão torna-se menor sobre o mercurio do reservatorio, e a columna barometrica abaixa. Reconheceêram os physicos que uma differença de 12 metros e 668 millimetros em altura vertical, dá 2 millimetros de diminuição na columna de mercurio, pouco mais ou menos.

A variação do peso de ar exerce sobre nós influencia notavel. Quando o céo está tranquillo e sereno, a columna de mercurio no barometro sustenta-se a 776 millimetros (bom tempo seguro) que é o maximo do peso, sente-se a gente mais agil, a respiração e as mais funcções executam-se melhor. Quando o barometro baixa muito, pelo contrario, a respiração é penosa. Um sentimento de anxiedade manifesta-se em nós. Durante as tempestades, ou quando ameaça a tormenta, sentimo-nos mais abatidos, em consequencia da diminuição de peso do ar, embora se diga, então, que o ar é mais pesado, porque, estando perturbado o equilibrio entre a compressão exterior, e a expansão dos fluidos interiores, estes affluem á superficie do corpo, com abundancia insolita, que estira os tecidos e os fatiga.

Prognosticos meteorologicos. Os barometros tem, a certos gráos da escala, indicações meteorologicas ás quaes o publico dá grande importancia. Estas indicações são a : 731 millimetros, *tempestade;* 740, *grande chuva;* 749, *chuva* ou *vento;* 758, *variavel*; 767, *bom tempo;* 776, *bom tempo fixo;* 785, *mui secco.* Na verdade, o que o barometro indica unicamente são as variações da pressão atmospherica : entretanto, sendo estas variações intimamente ligadas com as mudanças do vento, e sendo este o grande arbitro da chuva e do bom tempo, é evidente que indicando uma variação devida á mudança do vento, possa o barometro, até certo ponto, servir para prognosticar o tempo. Mas a relação entre a altura barometrica e o estado meteorologico da atmosphera, varía consideravelmente segundo os logares, por causa da influencia que as circumstancias locaes exercem sobre este intrumento. Assim, um barometro que é excellente prognostico em Pariz, não dará frequentemente senão indicações falsas no Rio de Janeiro ou na Nova-Hollanda. Podem, entretanto, adoptar-se, porém com certa reserva, as regras seguintes :

1° Quando depois de uma assaz longa duração de bom tempo, o barometro principia a baixar de uma maneira lenta e continua, vem chuva com toda a certeza ; mas se o bom tempo tiver tido longa duração, o mercurio pode baixar durante dois ou tres dias, antes de se notar mudança alguma no estado atmospherico. Então, quanto mais tempo decorrer entre o abaixamento do barometro e a chegada da chuva, tanto mais durará o tempo chuvoso.

2° Se, pelo contrario, durante um tempo chuvoso que já teve longa duração, o barometro principiar a subir lentamente, virá bom tempo e durará este tanto mais quanto maior fôr o intervallo entre a sua apparição e o principio da subida do barometro.

3° Nos dois casos precedentes, se a mudança de tempo segue immediatamente o movimento da columna barometrica, esta mudança durará pouco tempo.

4° Se o barometro sobe com lentidão e de uma maneira continua durante dois dias ou mais, annuncia o bom tempo, ainda quando a chuva não cessasse um instante durante esses dois dias, e vice-versa; mas se o barometro subir dois dias ou mais durante a chuva, e se, sobrevindo o bom tempo, principiar a baixar, o bom tempo durará pouco; e vice-versa.

Os navegantes, que tem muito empenho em conhecer os signaes precursores das tempestades, referem muitos exemplos da relação das borrascas com as oscillações barometricas. Kruzenstern attribuio a felicidade com que soube sempre prever os furacões, á constancia com que observava o barometro. Scoresby affirma ter predito as tempestades dezesete vezes contra dezoito, consultando este instrumento. O. Dr. Arnolt reconheceo dever a vida a estas indicações : « O navio em que estava embarcado, diz elle, e que tinha uma numerosa tripolação, achava-se, nas latitudes quentes. Depois de um magnifico dia, o sol acabava de pôr-se no meio das mais tranquillas apparencias, quando de repente o capitão dá ordem de preparar o mais depressa possivel para resistir ao tufão; porque acabava de verificar que o barometro baixava com uma rapidez extraordinaria. Entretanto, os marinheiros, que não divisavam no ar o menor signal ameaçador, não podiam explicar a ordem do capitão e a promptidão que exigia. Mal estavam acabados os preparativos que ordenára, quando o navio foi assaltado por um furacão tão violento, que os mais antigos marinheiros da tripolação não se lembravam de haver visto outro igual. Nada lhe pôde resistir : as velas já ferradas e ligadas ás vergas foram feitas em pedaços; as vergas e os proprios mastros perdêram os maçames; todos os marinheiros que manobravam foram de subito lançados sobre a coberta. Sem o aviso dado pelo barometro, o navio teria certamente perecido com toda a tripolação. »

BARRELA ou LIXIVIA. Esta palavra designa a agua alcalina que as lavadeiras obtem deitando agua quente na roupa de lavar, sobre a qual se acha estendida uma camada de soda ou de cinza de lenha. Esta agua, pelos saes de soda ou de potassa que contêm em dissolução, saponifica as partes gordurosas que existem na roupa suja, torna-as soluveis, e, d'esta maneira desembaraça a roupa de qualquer impureza.

Em chimica, *lixiviar*, é deitar por muitas vezes agua quente ou fria nas materias terreas ou outras, para d'ellas extrahir as partes soluveis que possam conter.

BARRIGA D'AGUA. *Veja-se* HYDROPISIA DO VENTRE.

BARRO ou ARGILA. Terra pegajosa, molle e ductil. Encorporada com agua, endurece ao fogo e serve para fazer vasos. As argilas são combinações, em proporções variaveis, de silica, de alumina e d'agua, ás vezes puras, outras vezes misturadas com carbonato de cal, de magnesia, silicato de cal, oxydo de ferro, etc. São unctuosas, e esfre-

gadas com a unha adquirem certo polimento. As argilas servem para a confeição de muitos objectos desde os mais communs, como os tijolos e as telhas, até os mais estimados, como a porcelana. Espalhadas profusamente pela superficie da terra, onde se acham por camadas espessas, as argilas formam frequentemente collinas, que são notaveis por não apresentarem escarpamentos, e são de uma esterilidade completa. Ha varias especies de argila. Uma d'ellas serve principalmente para tirar aos pannos de lã o azeite empregado na sua fabricação. Ha paizes em que se usa d'ella, em vez de sabão, para limpar a roupa. Tiram-se facilmente as nodoas gordurosas do soalho, cobrindo-as com barro dissolvido em agua. O *kaolim* dos Chins, é a argila que resulta da decomposição do feldspatho; encontra-se frequentemente nos paizes que tem montanhas granitosas. A *argila plombagina* é a argila misturada com betume e carvão; usa-se para a fabricação dos cadinhos empregados na fundição do aço. — A argila, sendo saturada da agua, não se deixa mais penetrar por este liquido: é esta propriedade da argila que torna ás vezes excessivamente humidos ou alagadiços certos terrenos; um banco de barro, muito proximo da superficie do solo, occasiona depositos d'agua nos campos; porque a agua, não podendo mais penetrar no solo, fica por cima da camada de barro até evaporar-se.

Barro vidrado. *Modo de conhecer se o verniz das tigelas, e outros vasos de barro vidrado não é nocivo.* Este verniz é, ás vezes, nocivo á saude por causa do oxydo de chumbo que entra na sua composição. Quando os vasos são convenientemente cozidos, o oxydo de chumbo transforma-se em silicato; acha-se, pelo contrario, simplesmente fundido ou incompletamente combinado, quando a temperatura do forno não foi convenientemente elevada. Os vasos de má qualidade são facilmente atacados a frio pelos acidos, sal de cozinha, etc.; os que são fabricados com cuidado resistem á acção destes dissolventes. — Antes de fazer uso dos vasos, deve-se ferver n'elles um pouco de vinagre, que não deve alterar o verniz ou o esmalte, se este é bom, nem formar precipitado algum quando se deita uma colher d'este vinagre em agua hydrosulfurea.

BASILICÃO. *Veja-se* UNGUENTO BASILICÃO.

BATATA. *Solanum tuberosum*, L. Solaneas (fig. 97). O viajante que arrancava esta planta no meio dos *cactus* que eriçam os Andes do Chile, estava longe de pensar que os tuberculos da grossura de feijões, que pendiam das suas raizes, se tornariam o alimento mais generalizado no globo, e impediriam para o futuro a horrivel penuria que reinava na Europa na idade média. A batata é talvez o mimo mais precioso com que o novo mundo brindou aos seus deseobridores. Era cultivada havia já muito tempo nas Cordilheiras e no Mexico, quando o almirante inglez Walter Raleigh a levou para Inglaterra em 1587. Comquanto nunca se tenha contestado á batata a sua origem americana, não se possuiam todavia dados certos sobre os logares em que ella brota sem cultura. Esta questão da patria originaria da batata, ficou completamente resolvida pela remessa de muitos tuberculos á Sociedade de Horticultara de

Londres. Sabe-se hoje que estes tuberculos foram tirados ás plantas de batatas, absolutamante selvagens, em um valle pouco distante da cidade da Conceição no Chile. Por algum tempo, ficou ella esquecida nos jardins botanicos da Europa; mas os seus tuberculos, tendo sido augmentados pela cultura, fixáram a attenção dos agricultores; espalhou-se primeiramente na Irlanda, depois na Inglaterra, Allemanha, Belgica, Hollanda e em França; e em todas as partes prosperou. Todos os climas lhe são proprios, desde o equador até á Siberia. Tem-se visto

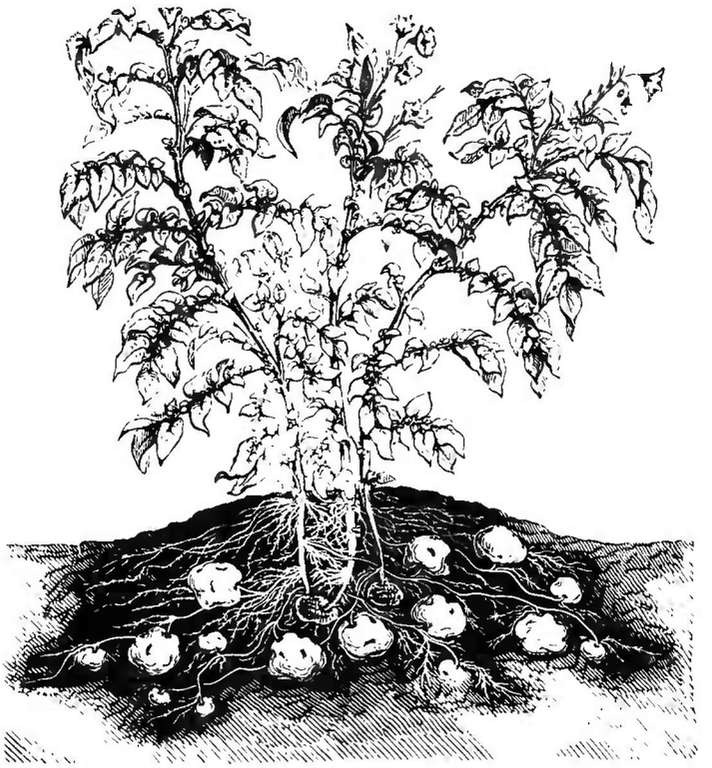


Fig. 97. — Batata.

vegetar a 2,000 metros, em uma altura onde nenhum cereal póde viver. Na Hollanda, brota dos terrenos humidos que estão abaixo do nivel do mar, e tem fecundado as areias estereis da Prussia. A batata não se dá verdadeiramente muito bem na beiramar do Brazil, porém nas regiões de serra acima e provincias meridionaes, não cede a palma, pela abundança ou qualidade da colheita, ás importações estrangeiras. Chamam-lhe no Rio de Janeiro *batata ingleza*, porque grande parte d'ella, que o commercio fornece, vem da Inglaterra, ou são de origem ingleza as batatas produzidas no paiz.

As batatas são cheias de fecula, e por isso mui nutrientes. Fôra um nunca acabar, se eu quizesse enumerar todos os seus usos. Serve para fazer pão, sopas, aletria, fecula, pastelões, aguardente, polvilho, colla e xarope. A batata é um alimento são e mui nutritivo; póde-se comer

preparada de todas as maneiras. A cultura produzio grande variedade de tuberculos da batata. Estes tuberculos são mais ou menos regularmente esphericos, alongados, achatados, recurvados ou ovoides. Seu exterior é de côr muito variavel : vermelho-escuro, vermelho-claro, amarello, roxo, branco, listrado de amarello e de roxo, com olhos roxos ou côr de rosa. O interior dos tuberculos é branco, amarellado, roxo ou jaspeado.

BATATA DOCE. *Convolvulus batatas*, Velloso, *Convolvulus edulis*, *tuberosus*, *esculentus*, *varius*, Velloso, plantas da familia das Con-



Fig. 98. — Batata doce.

volvulaceaes, originarias da India, cultivadas no Brazil (fig. 98). Caule herbaceo, rojante, do comprimento de 2 a 3 metros, arraigando-se de distancia em distancia: folhas, as mais das vezes, hasteadas ou trilobadas; flores dispostas quasi em umbellas sobre pedunculos axillares mais longos que as folhas; raizes fibrosas produzindo tuberculos ora cylindricos, oblongos e tortuosos, ora ovaes, de diversos tamanhos, de parenchyma branco, amarello, roxo, chamadas *batatas*, que abundam em assucar e amido. Comem-se cozidas ou assadas, sós ou misturadas com outros alimentos, ou feitas em doces. São para o homem um alimento nutriente e agradavel. Todas as partes d'esta planta fornecem tambem um excellente pasto para os animaes, sobretudo para as vaccas leiteiras e para os porcos; as gallinhas e os perús gostam tambem muito das batatas doces.

BATATA DE PURGA ou BATATA PURGATIVA. *Piptostegia Pisonis*, Martius. Planta do Brazil, da familia das Convolvulaceas. Chamam-lhe *jalapa* em S. Paulo, *ipú* em Minas, *purga de Amaro Leite* em Goyaz. Tem os caules herbaceos, voluveis, angulosos, muito compridos; folhas cordiformes, acuminadas, verde-escuras na face superior, esbranquiçadas na inferior; flores solitarias, pedunculadas; corolla infundibuliforme; fructo capsular. A raiz é tuberosa, lactescente, de 33 centimetros mais ou menos de comprimento; cinzenta ou arroxeada por fóra, branca por dentro; costumam cortal-a em rodellas para a fazer seccar, ou espremem-n'a, quando recente, para extrahir d'ella um succo que deixa depôr uma fecula branca. A raiz é purgativa, por causa da resina purgativa que

contém. A dóse da raiz é de 2 a 4 grammas em pó; e a da resina de 1 a 2 grammas em pó. A fecula extrahida da raiz chama-se *tapiocade purga* ou *gomma de batata*; contém 4 por cento de resina. Usa-se na dóse de 4 grammas para as crianças, e de 8 a 12 grammas para os adultos, como purgativa. Prepara-se um mingáo, com agua, leite e assucar, e toma-se a porção indicada.

Tambem se chama em Minas *batata de purga* á *Piptostegia Gomesii*, Martius, planta da mesma familia que a precedente, e cuja raiz é igualmente purgativa.

BATATINHA DO CAMPO, VARETA, RHUIBARBO DO CAMPO OU BARIRIÇÓ DO CAMPO. *Morea aphylla*, Manso. Irideas. Planta do Brazil. Não tem folhas, e só uma simples haste com uma ou duas flores amarellas na extremidade superior. É mui frequente na provincia de S. Paulo, e usa-se contra as boubas, associada ás preparações mercuriaes.

BATATINHA DE COBRA. *Veja-se* CIPÓ DE COBRA.

BATH. Inglaterra. Agua sulfatada calcica, 43° a 47°. Hypocondria, hysteria, chlorose, alguns estados nevropathicos e diathesicos. Trajecto de Londres a Bath, 3 horas.

BATIPUTA. *Gomphia caduca*. Ochnaceas. Arbusto do Brazil. Os fructos são uma especie de tuberculos vermelhos, reunidos por grupos; dentro de cada coco ha uma semente muito oleosa. O oleo, que se extrahe das sementes, é comestivel, e é usado em fricções contra as dôres rheumaticas.

BAUDRUCHE. Prepara-se a baudruche empregando-se as membranas que constituem o intestino dos animaes herbivoros e principalmente do carneiro. É uma sorte de pelle muitissimo fina, transparente, bastante solida que se pode cobrir de um verniz impermeavel. Não poderiamos recommendar o emprego das baudruches medicamentosas, ou tafetás que se applicam nas feridas, é muito mais preferivel um bom curativo. A baudruche é justamente utilizada nos curativos antisepticos. Serve para cobrir as compressas humidas que se applicam em cima das feridas e a impedir que as soluções phenicadas e boricas, empregadas pelo cirurgião, não se evaporem.

BAUNILHA. *Vanilla aromatica*, Swartz. Planta sarmentosa e trepante, da famila das Orchideas, que habita nas regiões maritimas do Mexico, da Columbia e Goyana (fig. 99). Caule lenhoso, da grossura de um dedo, podendo, elevar-se, ás vezes, a alturas consideraveis, enroscando-se á roda das outras arvores, cylindrico, nodoso, verde; folhas alternas, distantes, sesseis, ovaes-oblongas, agudas, inteiras, levemente ondeadas nas margens, lisas, espessas, algum tanto coriaceas. Flores grandes, cheirosas; calice de um verde amarellado exteriormente, branco pela parte interna. Fructo, capsula alongada do comprimento de 14 a 25 centimetros da espessura de 6 a 12, levemente arqueada, tendo as extremidades attenuadas e um pouco recurvadas; a superficie é lisa, glabra, verde a principio, depois roxa-avermelhada; apresenta um só loculamento, mas abre-se por tres valvas. As sementes são numerosas, extremamente pequenas, globosas, lisas, negras e cercadas de um succo

espesso, arroxeado e aromatico. As capsulas da baunilha dão um dos mais deliciosos perfumes. Colhem-se antes de completamente maduras; mergulham-se por poucos instantes em agua fervendo e põem-se logo a seccar durante quinze dias, para perderem a humidade superflua; depois, para impedir a evaporação do aroma, untam-se com oleo de mamona, ou com oleo de castanha de cajú; feito isto, fecham-se em caixinhas de folha. Um masso de 50 capsulas de baunilha de lei deve pesar pelo menos 150 grammas; pesando 250 grammas, é de qualidade superfina. E preciso escolher a que estiver bem conservada, de bom cheiro, de côr roxa-avermelhada, pouco molle, pesada, um pouco efflorescida: isto é, que apresente na superficie agulhas esbranquiçadas mui finas, que é o acido benzoico, o qual se acha em abundancia n'este fructo.



Fig. 99. — Baunilha.

A baunilha é uma substancia aromatica, cordial, tonica, aphrodisiaca. Serve para aromatizar os sorvetes, as pastelarias, os cremes, e sobretudo o chocolate, ao qual dá uma suavidade deliciosa, que ella torna de mais facil digestão, e proprio para restabelecer as forças das pessoas convalescentes.

As variedades da baunilha do Brazil são pela maior parte de capsulas de maiores dimensões que as do Mexico, costumando-se na França denominal-as baunilhões (*vanillon*, em francez). Estas capsulas tem em Sergipe 22 a 27 centimetros de comprimento, e 13 a 27 millimetros de largura; em Minas tem 16 a 24 centimetros de comprimento, 8 a 14 millimetros de largura. Seu cheiro é menos delicado e menos agradavel do que o da especie mexicana. No Brazil não se faz da baunilha cultura em grande escala, limitando-se o trabalho a apanhal-a nas mattas já aberta. Comtudo nas provincias do Pará e do Amazonas, já se fazem algumas culturas isoladas da baunilha do Mexico. Esta cultura é uma das mais rendosas: faz-se a plantação por meio de estacas, e o cuidado essencial para a fructificação consiste na fecundação artificial, que se consegue abrindo ou cortando as flores machas afim de espalhar-se o pollen sobre as flores femeas. A Baunilha do Mexico existe em alguns jardins do Rio de Janeiro. No mez de Maio de 1873 recebi algumas capsulas que provinham da chacara do Sr. João Coelho Gomes, nas Laranjeiras, de cheiro delicioso, e em tudo semelhantes ás que vem do Mexico.

BDELLIO. Gomma-resina extrahida do *Balsamodendron africanum*, Arnot., arvore da familia das Terebinthaceas burseraceas, que habita na Africa. Apresenta-se em massas ou lagrimas arredondadas, esverdeadas; fractura baça, semelhante á da cera; cheiro aromatico, sabor amargo e acre. Entra na composição do diachylão gommado.

BEBEDICE. *Veja-se* EMBRIAGUEZ.

BEBERU. *Nectandra Rodieri*, Schomburgh, Lauraceas. Arvore da Guiana ingleza. O Dr. Rodie obteve da casca e da amendoa do fructo d'esta arvore um alcaloide, a *beberina*, que se emprega na Inglaterra contra as febres intermittentes. Prepara-se com ella o sulfato de beberina, que é aconselhado nos mesmos casos.

BEBIDA. Sendo a maior parte do organismo composto d'agua, elle exhala e segrega constantemente esta agua; o resultado d'este facto faz com que tenhamos necessidade de beber e por conseguinte precisão de restaurar estas perdas e recobrar o liquido preciso para o exercicio dos orgãos. A agua é pois a bebida natural, mas como é pouco estimulante, a substituem quasi sempre por outras bebidas, umas uteis outras nocivas. Alem de que a agua é boa de se beber só quando é de pureza absoluta, quasi sempre convem ajuntar um pouco de qualquer alcool.

N'este ponto de vista geral, dividem-se as bebidas em tres classes: as bebidas fermentadas, as acidas e as aromaticas.

As bebidas fermentadas são liquidos organicos de caldos de fructas fermentadas, cuja acção foi exposta claramente pelos trabalhos de Pasteur. Cada fermentação, vinho, cerveja, cidra, etc., é o producto de um fermento especial, o qual é a fonte das decomposições chimicas, das quaes derivam o alcool, o acido carbonico, etc.

Entre estas bebidas citaremos o Kumys, o hydromel. Aos alcools costuma-se juntar certas soluções assucaradas para formar licores. O uso moderado d'estas bebidas tem sua utilidade, o abuso d'ellas, porem, determina dentro de pouco tempo graves accidentes de que já nos occupamos no artigo ALCOOLISMO.

As bebidas acidas são geralmente muito inoffensivas, apenas servem para aplacar a sêde no tempo de calor. Fazem-se macerando em agua ou expremendo certas fructas como sejam a laranja, o limão, o cajú, etc. Por sua ligeira accidez tornam-se um estimulante agradavel e um precioso refresco.

Apenas diremos das bebidas aromaticas que ellas servem ao mesmo tempo de alimentos uteis e até de medicamentos. N'este ponto de vista, o chá, o café, o chocolate merecem artigos especiaes (*Vejam-se* estas palavras). Não deixaremos de assignalar que é bastante perigoso ingerir bebidas geladas quando o corpo está em transpiração, são numerosos os graves accidentes occasionados por este facto; d'elles derivam muitos casos de pleuresias e de congestões pulmonares.

BECCABUNGA. *Veronica beccabunga*, L. Escrophularineas. Planta da Flora portugueza; habita nos logares aquaticos; junto das nascentes entre Campião e Peso da Regua, e outras partes. Caules molles, avermelhados, reptantes: folhas ovaes-obtusas, denteadas: flores de um azul pallido; sabor da planta amaricante e acre. Diuretico, antiscorbutico.

BECHICOS. Medicamentos que se empregam contra a tosse. Dá-se este nome á mistura de partes iguaes de folhas de avenca do Canadá, folhas de hera terrestre, folhas de escolopendrio, folhas de veronica,

summidades de hysopo, e cabeça de dormideiras privadas de sementes. Em pharmacia dá-se a esta mistura o nome de *especies bechicas*. Usam-se em infusão, que se prepara com 4 grammas d'estas plantas e 500 grammas d'agua fervendo.

BEIÇOS (Molestias dos). Os beiços podem ser affectados de certo numero de molestias, das quaes umas lhes são proprias, entretanto que outras lhes são communs com as outras regiões do corpo.

Beiços arrebentados. Vesiculas nas margens dos beiços com calor, dôr e inchação, ao principio transparentes, depois purulentas e crostosas. Umas vezes são criticas, e sobrevem depois dos accessos da febre intermittente; outras vezes apparecem com febre e esquinencia. Consiste o tratamento em banhar os beiços com agua morna e applicar cold'cream ou a pomada rosada de Ed. Pinaud, de Pariz.

Beiços (Cancro dos). A degenerescencia cancerosa apresenta n'esta região duas fórmas differentes:

1° Principia por uma esfoladura, um pequeno botão, uma verruga que occupa só a membrana mucosa do beiço ou a pelle, sem mesmo invadir toda a espessura d'estas membranas. Estas diversas affecções transformam-se em ulceras cancerosas de margens viradas. Estes cancros curam-se facilmente pela cauterização ou extirpação, e são ordinariamente isentos de recidivas, porque as causas que produzem estas lesões não são geraes;

2° Na segunda fórma ha um caroço na espessura do beiço; esta vez não é affecção a principio benigna d'esta região que degenerou em cancro, é affecção primitivamente cancerosa. O beiço torna-se duro, desigual; a pelle enruga-se, a membrana mucosa torna-se violacea.

Os progressos do cancro dos beiços, qualquer que seja a sua origem, são a principio lentos, mas depois são rapidos; forma-se uma ulcera com todos os caracteres descriptos no artigo Cancro, que devora todo o beiço se não se lhes traz remedio.

Tratamento. Antes de tratar o cancro dos beiços pela operação, é preciso ensaiar primeiramente o tratamento anti-syphilitico durante um mez. Este tratamento compõe-se das praparações mercuriaes, e está indicado no artigo syphilis.

O cancro simples, ulcerado, será tratado pela solução seguinte, que se applicará sobre a ulceração por meio de fios:

Agua	90	grammas.
Chlorato de potassa	4	—

Internamente administrar-se-ha a poção seguinte:

Agua	90	grammas.
Chlorato de potassa	4	—
Xarope de gomma	15	—

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Se este tratamento, que não é de um effeito certo, não tiver bom exito

é preciso destruir o cancro pela cauterização com massa de chlorureto de zinco, ou tiral-o por meio da excisão.

Beiços (Feridas dos). *Veja-se* FERIDAS.

Beiços (Hypertrophia dos). Desenvolvimento mui consideravel dos beiços. Póde invadir só a membrana mucosa, ou toda a espessura dos beiços. Quando só a membrana mucosa se acha assim desenvolvida, é uma dobra mui ampla que sahe fóra do beiço, é quasi um segundo beiço, emfim uma excrescencia mucosa que repelle o verdadeiro beiço para fóra e produz uma deformidade. Cura-se facilmente por uma pequena operação : um ajudante vira fortemente o beiço para fóra; o operador agarra a excrescencia com pinça, e corta-a com o bisturí ou tesoura curva.

Quando a hypertrophia affecta toda a espessura do beiço, a cura é difficil; os banhos frios de rio ou do mar, e o uso do vinho de quina podem aproveitar em alguns casos; não ha operação a fazer.

Beiços (Rachas dos), ou **Cieiro.** Pequenas rachaduras dos beiços occasionadas ordinariamente pelo frio ; deitam ás vezes sangue, cada vez que a pessoa ri, boceja ou come alguma cousa de solido. Para cural-as é preciso lavar as beiços com agua tepida e applicar cold-cream ou pomada rosada de Ed. Pinaud, perfumista em Pariz.

Beiço rachado. Assim se chama a divisão longitudinal de um dos beiços. Dá-se-lhe tambem o nome de *labio leporino ;* isto é, *beiço de lebre,* por causa da semelhança que tem os individuos affectados d'esta deformidade, com as lebres ou coelhos, nos quaes essa disposição é natural. As crianças podem nascer com esta deformidade, é o caso mais commum; o beiço rachado chama-se então *natural* ou *congenial;* mas póde tambem ser o resultado de uma ferida, da perda de substancia do beiço, e dá-se-lhe n'este caso o nome de *accidental.* O beiço rachado natural encontra-se mais ordinariamente no beiço superior; todavia, tem-se visto ás vezes o labio opposto affectado d'este mal. Raras vezes se encontra na linha média, e apparece em geral do lado esquerdo. O beiço rachado offerece muitas variedades. Póde consistir sómente em uma simples divisão do beiço ; esta divisão póde ser de ambos os lados, e chama-se então beiço rachado *duplo.* Póde ser complicado de disposição viciosa dos ossos e dos dentes. O céo da bocca apresenta, ás vezes, em todo o seu comprimento e na linha média, uma abertura mais ou menos larga que faz communicar a bocca com o nariz. Muitas vezes a porção do osso na qual se apoia o beiço doente, faz proeminencia para diante. Não sendo então comprimida pelo beiço, esta porção do osso cede pouco a pouco á pressão da lingua, empena para diante, e leva após si os dentes que supporta ; estes, passado algum tempo, inclinam-se para diante. No gráo mais forte da molestia, ha falta da porção do beiço entre as duas fendas; o céo da bocca e o septo nasal faltam inteiramente; a bocca e o interior de nariz formam uma só cavidade. Deram a este vicio de conformação o nome de *guela de lobo.* Quando o beiço rachado é accidental, pode affectar um ou outro beiço, e offerecer as disposições mais variadas. É inutil enumeral-as.

O beiço rachado constitue uma deformidade tanto mais pronunciada, quanto maior é o gráo de divisão dos labios. Quando a fenda labial é dupla, e existe uma proeminencia consideravel dos ossos e dos dentes, a bocca tem uma expressão horrenda, o nariz achata-se, e, ás vezes, parece que a extremidade entra para dentro. A deformidade augmenta ainda durante o riso e a pronunciação, porque as margens da fenda estendem-se para fóra pelo esforço dos musculos. Quando o beiço rachado se complica com a divisão do céo da bocca, a voz é surda e fanhosa, a pronuncia difficil, e por esta razão as crianças aprendem muito mais tarde a fallar; a deglutição é penosa, os alimentos solidos passam pelas cavidades nasaes, e determinam espirros incommodos. Felizes das crianças, n'este caso, quando a sucção do peito, e por conseguinte a nutrição, não lhes são inteiramente impedidas! Quanto ao beiço rachado complicado com a ausencia de todo o céo da bocca, e dos ossos que separam a bocca da cavidade do craneo, este coexiste com uma imperfeição tal do systema cerebral, que é incompativel com a vida. Quando a divisão existe no beiço inferior, a saliva não pode conservar-se na bocca, e a perda contínua d'este liquido, necessario á digestão, occasiona bem depressa um emmagrecimento consideravel.

O beiço rachado natural depende da falta do desenvolvimento do beiço, e dos ossos do céo da bocca. Mas qual será a causa d'esta falta de desenvolvimento? Não é possivel dizer-se com certeza no estado actual dos nossos conhecimentos. A opinião dos antigos medicos sobre a influencia de imaginação da mãi que, durante a sua gravidez, se horrorizava á vista de uma criança affectada de beiço rachado, ou de um animal da familia dos roedores, de um coelho, por exemplo, esta opinião não passa de uma hypothese.

Não se pode conseguir a cura do beiço rachado senão por uma operação. Consiste esta operação em avivar as margens da divisão do beiço e pôl-as depois em contacto perfeito, de maneira que se reunam por meio de uma cicatriz linear. Não pode entrar no plano d'esta obra a descripção d'esta operação; limito-me a dizer que a primeira parte se pratíca com bisturí ou tesoura, e que uma costura feita com agulhas e fios, mantém as partes em contacto. Tira-se o apparelho ao cabo de tres ou quatro dias, e segura-se a cicatriz ainda recente com uma atadura, por mais sete ou oito dias. Se a operação fôr praticada em uma criança, haja a cautela de afastar tudo quanto possa excitar a sua impaciencia. Evite-se que chore, grite, ria ou espirre; não se lhe permitta bulir no apparelho, e dêm-se-lhe alimentos liquidos, taes como caldo, sopas, etc., para não ser obrigada a mastigar. Alguns inconvenientes, felizmente mui raros, acompanham, ás vezes, a operação do beiço rachado. Declara-se uma hemorrhagia, ou desenvolve-se uma inflammação mui viva, que faz suppurar as margens da ferida, e impede a sua reunião immediata. As vezes, as agulhas determinam ulcerações. Emfim a cicatriz pode romper-se pouco tempo depois de tirado o apparelho. De todos estes inconvenientes o peior e o que exige a mais activa vigilancia é, sem contradicção alguma, a hemorrhagia. Deve-se receiar principal-

mente nas crianças mui novas, porque n'ellas não se reconhece pela parte de fóra. As crianças, tendo o costume de exercer a sucção com a lingua, engolem o sangue á medida que corre; e tem-se visto perecer assim algumas, sem apparencia de hemorrhagia. É preciso, por conseguinte, observal-a cuidadosamente; e, quando se tiver reconhecido que o sangue corre na bocca, é necessario comprimir com o dedo atraz do beiço, apertando cada um dos lados da ferida entre os dois dedos. Por este meio, o sangue estanca, e pode-se esperar a chegada do cirurgião, que remediará facilmente o accidente, tornando a applicar o apparelho, ou apertando-o de novo.

Quando o beiço rachado é acompanhado de uma separação pouco consideravel dos ossos do céo da bocca, vê-se esta desapparecer pouco a pouco depois de curada a fenda labial. Outro tanto acontece com a deviação, e má direcção dos dentes. Mas, quando estes vicios de conformação são consideraveis, reclamam modificações importantes nos processos operatorios.

Os cirurgiões não concordam acerca da idade em que se deve operar o beiço rachado. Pensam alguns que a criança recem-nascida se acha em circumstancias mui favoraveis para supportar esta operação. Como, n'esta idade, a criança ainda não tem discernimento, não ha receio de que os preparativos de cada curativo excitem a sua sensibilidade. Os beiços sendo n'ella providos de muito maior numero de veias e de arterias do que nas outras épocas da vida, a reunião da ferida faz-se mui promptamente, e o signal inevitavel d'esta deformidade, será muito menos marcado durante todo o decurso da vida, do que quando a reunião fôr feita alguns annos depois. Tal era a opinião de Ledran, Bell e alguns outros cirurgiões do seculo passado, que queriam que a operação do beiço rachado natural, fosse praticada em uma época muito aproximada do nascimento. Outros cirurgiões pretendem que se deve esperar quatro a cinco annos para fazer a operação, porque n'esta idade, dizem elles, a criança, dotada de bastante razão para desejar a cura de uma deformidade cujos inconvenientes sente, e que a expõe ao escarneo das outras crianças, evitará comprometter os resultados da operação pelos movimentos dos beiços. Entretanto, os partidistas da opinião contraria objectam que n'esta idade, supposta razoavel, as crianças tem justamente bastante conhecimento para prever a dôr, sem que a razão seja assaz forte para as obrigar a supportal-a; que pouco apreço dão á cura de uma molestia, cujos inconvenientes se acham diminuidos pelo costume, e que o desenvolvimento das faculdades intellectuaes póde ficar atrazado, em consequencia do estorvo que o beiço rachado produz na falla.

Do que fica exposto, facilmente se deduz que melhor é operar logo nos primeiros mezes do nascimento. Hoje em dia quasi todos os cirurgiões operam quando a criança tem seis ou sete mezes e se acha em boas condições de saude, não operam antes porque os tecidos estão ainda muito molles e não podem resistir á sutura.

Beiços (Tumores erectis dos). Os tumores erectis dos beiços são de nascença; apresentam pulsações, incham durante os esforços ou

gritos, e são reductiveis; abrem-se ás vezes e produzem hemorrhagias.

Tratamento. Os tumores erectis limitados reclamam a ligadura á roda de alfinetes que atravessam o tumor. A cauterização com ferro em braza convem para os tumores mal limitados, e é preciso repetir a operação muitas vezes.

Beiços (Ulcerações dos). Existem diversas ulcerações nos beiços; ha simples que saram facilmente, como as rachas que apparecem n'este logar. O ceroto ou o coldcream curam estas pequenas soluções de continuidade; quando resistem, é preciso tocal-as com pedra infernal.

As ulceras, que dependem do abuso do mercurio, tratam-se pela cauterização com pedra infernal e pelos gargarejos adstringentes indicados no artigo *Salivação mercurial.*

As ulceras cancerosas estão descriptas mais acima (Cancro dos beiços.)

Os cancros venereos foram observados nos beiços em consequencia da applicação directa do virus. Podem tambem ser consecutivos á infecção geral, e n'este caso apparecem nos angulos dos beiços sob a forma de fissuras ou rachas. Exigem o tratamento mercurial, indicado no artigo Syphilis.

BEIJÚ. Massa de farinha de mandioca ou de tapioca, aplanada e cozida no forno. Fazem-se tambem excellentes beijús de massa de mandioca e de aipim, obtidos com a massa gommosa, depois de descascadas, raladas e comprimidas as raizes. Fazem-se nas provincias do norte do Brazil beijús denominados *tapiocas*, que são temperados com leite de côco e assucar, e ficam muito saborosos.

Eis-aqui ainda outros nomes de beijús:

Beijú membeca. Quando tem a consistencia de pão de ló.

Beijú puquequa. Se leva sal e vai ao forno estendido em folha de pacobeira.

Beijú curuba Quando se mistura com castanha do Maranhão.

Beijú guaçu. Quando está muito torrado.

Beijú cica. Quando a massa é de mandioca secca e muito pura.

Beijú teyca. Quando é feito de tapioca.

Os beijús constituem um alimento leve e mui nutriente, que convem aos enfermos e aos convalescentes.

BELDROEGA. *Portulaca oleracea.* Linneo. Portulaceas. Planta alimenticia cultivada nas hortas do Brazil e de Portugal. Come-se em salada, ou cozida e temperada de differentes fórmas. A salada de beldroega provoca o somno; é purgativa, quando se come em grande quantidade.

BELIDA. Com este nome designam-se vulgarmente differentes manchas que apparecem nos olhos, e que na linguagem scientifica se denominam *albugo, nephelio* e *leucoma*, conforme os seus tres gráos de intensidade.

Em consequencia das inflammações violentas dos olhos, desenvolve-se ás vezes na cornea uma nodoa branca, opaca, situada entre as laminas d'esta membrana, e formada pelo derramamento dos fluidos brancos: esta nodoa chama-se *albugo*. Conforme a parte da cornea que occupa, a

sua extensão, e o gráo de opacidade, o albugo impede mais ou menos a visão : largo e collocado no centro da cornea, produz a cegueira ; quando occupa um dos pontos da circumferencia d'esta membrana, obriga o doente a olhar obliqua ou vesgamente ; quando é mui circumscripto e occupa o centro da cornea, incommoda menos a visão no escuro que na claridade, em razão de ser maior a dilatação da pupilla na obscuridade do que na luz; o que permitte que maior numero de raios luminosos cheguem ao interior do olho. A *nubecula* ou *nephelio* differe do albugo em ser menos opaco, mais superficial, e porque parece consistir mais em um escurecimento da cornea do que no derramamento da serosidade lactescente, como acontece no albugo. Emfim, o *leucoma* ou cicatriz da cornea, tem por caracter o apresentar constantemente uma depresão sensivel.

Tratamento. As belidas produzidas pelas inflammações dos olhos cedem ordinariamente ao mesmo tempo que esta phlegmasia, ou pouco tempo depois, sob a influencia dos meios dirigidos contra ella, isto é, purgantes, collyrios emollientes e depois adstringentes. Mas, quando já não existem vestigios de inflammação, e nos casos em que as belidas apparecem sem ella, convem insufflar nos olhos assucar reduzido a pó impalpavel, e recorrer ao laudano puro, applicado sobre a belida por meio de um pequeno pincel, á cauterização superficial da belida com pedra infernal, ou com pedra-hume, ou ao collyrio preparado segundo a formula seguinte :

Agua de rosas.....	180 grammas.
Sulfato de zinco.....	60 centigrammas.

Misture.

Com este collyrio lavam-se os olhos tres vezes por dia. Com estes meios póde se obter a cura do nephelio. Quanto ao albugo e á leucoma, resistem, as mais das vezes, aos recursos da arte.

BELLADONA. *Atropa belladona*. Linneo. Solanaceas (fig. 100). Planta que cresce nas montanhas e nas mattas do centro da Europa. Encontra-se-a tambem no Sueste da Asia. O seu tamanho varia entre 80 centimetros a 1 metro 40 centimetros de altura. A raiz é comprida, ramosa, escura, tem um gosto acre e ardente. As folhas são molles, de côr verde escura; as flores tem a forma de campainhas, são de côr avermelhada.

Extrahe-se da belladona dois alcaloides, dos quaes só um se emprega em medecina, é a atropina. A planta é empregada frequentemente, em pó das folhas, em pó das raizes ou em extracto.

Em fracas dóses, a belladona produz seccura da garganta, difficuldade em engulir, palidez da pelle e dilatação da pupilla. Se a dóse é muito forte sobrevêm hallucinações da vista e do ouvido, delirio alegre ou furioso, agitação extrema, aphonia, incontinencia das ourinas e das materias fecaes, accidentes que terminam com a morte do individuo, em casos de envenenamento.

A atropina e a belladona são anesthesicos e antiespasmodicos de

grande valor, Muito aproveitam nas nevralgias, nas coqueluches, na asthma, nas dôres vesicaes e abdominaes, etc. A atropina serve sobretudo para supprimir os suores exagerados, e para dilatar a pupilla; n'este caso emprega-se em collyrio segundo a seguinte formula :



Fig. 100. — Belladona.

Atropina..... 3 centigrammas.
Agua distillada.. 20 grammas.

Junte-lhe uma gotta de acido chlorhydrico.

Instille algumas gottas nos olhos.

Já se tem observado casos de envenenamentos de soldados ou obreiros que colhem os fructos de belladona, sem conhecerem suas propriedades. Seja qual fôr a maneira por que se absorve o veneno, deve-se dar logo um vomitorio energico, lavar o estomago, e dar um clyster purgativo. Praticar-se-hão, depois, affusões frias e dar-se-ha a beber ao doente bebidas alcoolicas e diureticas. Não é verdade que o opio seja um contra veneno da belladona assim como esta planta não é tambem do opio, como se acereditou por muito tempo.

BELLUS. Hespanha. Aguas salinas tepidas; 28°. Rheumatismo, leucorrhea, hysterismo, anemia, nevralgias.

BENJOIM. Este nome foi dado a um balsamo proveniente de uma arvore da familia das Styracineas, chamada *Styrax benzoin*. Dryander, que habita na Sumatra, Java, e no Brazil na provincia do Rio Grande do Norte. Apresenta-se no commercio debaixo de duas fórmas : 1° *Benjoim amygdaloïde;* massas seccas, friaveis, cinzentas, um pouco luzentes, formadas no interior de lagrimas ovoides, esbranquiçadas, reunidas entre si por uma substancia arroxeada e porosa; 2° *Benjoim em sortes*, que tem poucas ou nenhumas lagrimas.

Ordinariamente se emprega o benjoim em tintura, em xarope e em oleo balsamico.

Muito estimado outr'ora, o benjoim não tem tanta voga actualmente, o seu uso é assaz limitado. Contendo elle o acido benzoico, administra-se'o com o fim de estimular a seccreção urinaria e de combater a fermentação que se produz na bexiga quando existe n'ella alguma inflammação. Tambem aproveita bem na asthma e na bronchite chronica. Empregada nas rachas dos seios, a tintura de benjoim dá excellentes resultados. Quasi que não se empregam mais as fumigações locaes nas articulações affectadas de gota e rheumatismo.

O cheiro do benjoim faz com que elle seja muito empregado na perfumaria; entra na composição das pastilhas do serralho, do leite virgi-

nal, dos trociscos cheirosos, e de quasi todas as pastilhas que servem para fumigações.

BENZINA. Liquido incolor e volatil que se obtem pela distillação do carvão de pedra. Não rectificada, tem um cheiro insupportavel; bem rectificada, o seu cheiro é menos desagradavel Dissolve facilmente as resinas, a cera, as gorduras, etc.; e por isso serve para tirar as nodoas nos vestidos, nas luvas, na seda, é por isso muito empregada na tinturaria, etc. Tira rapidamente as nodoas sem deixar vestigio. Emprega-se tambem com vantagem para matar os piolhos nos animaes. É um liquido venenoso, cujo vapor já é um veneno para os pequenos animaes.

Foi empregada outr'ora por Simpson de Edimburgo como anesthesico ficou definitivamente substituida pelo ether e pelo chlororoformio. Emprega-se tambem com vantagem para matar as parasistas que vivem nos animaes domesticos. As experiencias que se têm feito com este producto empregado contra a sarna, tem dado excellentes resultados. Empregada internamente, a benzina actúa como um antiespasmodico, deve ser empregada então com moderação, em razão de sua qualidade irritante sobre o estomago.

BENZOATO DE AMMONIACO. Sal em fórma de crystaes, soluvel, em agua. Aconselhado contra a gota no dóse de 1 a 2 grammas em poção.

Benzoato de cal. Aconselhado contra as areias, na dóse de 1 a 2 grammas por dia, em agua ou granulos.

Benzoato de soda. Crystaes soluveis em agua, pouco soluveis no alcool. Aconselhado contra a gota, as areias os sapinhos, a coqueluche, a diphtherite; e, dissolvido em agua, em inhalações contra a tisica.

BERBERIS. *Berberis vulgaris*, Linneo. Berberideas. Arbusto da Europa que em Portugal habita quasi espontaneo nos tapumes na Portella perto de Coimbra; cultiva-se nos jardins. Tem 2 a 3 metros de altura, ramos armados de espinhos; folhas pequenas, ovaes oblongas, bordadas de dentes agudos e quasi espinhosos, de sabor acido agradavel. Flores amarelladas, de cheiro desagradavel. Os fructos tem a fórma de bagas alongadas, de côr rubra; ha porém variedades de côr amarella, roxa, purpurea, anegrada ou branca; de sabor acido intenso, mas agradavel; fazem-se com elles doces mui agradaveis. Sementes pequenas, compridas, avermelhadas, de sabor adstringente; entram na composição do diascordio, electuario empregado contra a diarrhea. A casca da raiz de berberis é aconselhada contra as febres intermittentes.

BERGAMOTA. Fructo de uma variedade de limoeiro. *Citrus limetta*, Risso. Aurantiaceas. A arvore tem os ramos espinhosos, folhas grandes, ovaes-arredondadas, sustentadas por peciolos longos e alados; flores brancas; fructos pequenos, arredondados, um tanto mamillosos no topo; a casca dos fructos é delgada, de um amarello dourado, lisa, cheia de uma essencia suave e picante, que é muito procurada pelos perfumistas; a polpa é agra, amarga, e sem uso.

BERIBERI. Molestia propria aos paizes intertropicaes, que ataca

alguns individuos isoladamente ou muitos ao mesmo tempo, tanto os brancos como as pessoas de côr. É caracterizada pela fraqueza geral, inchação do corpo, paralysia; e terminando, nos casos fataes, por suffocação, asphyxia ou extenuação das forças; e, nos favoraveis, por evacuação abundante das ourinas, e pela restauração gradual das forças.

Esta molestia foi ao principio, e quasi exclusivamente, observada nas Indias orientaes, (continente e ilhas) até cerca de 20° de latitude ao norte do equador; na costa de Malabar, golfo de Bengala, Archipelago indico, golfo persico e Mar Vermelho; e para o Sul nas ilhas de Bourbon, Java e Mauricias, dentro do limite de 20° de latitude. Os medicos inglezes, que observaram esta molestia na India, e, que foram os primeiros que a descrevêram, deram-lhe o nome de *beriberi*, da palavra *beri*, que significa *fraqueza* na ilha de Ceylão; este nome está adoptado nas linguas portugueza e franceza.

Nos fins de 1863, appareceo esta molestia na provincia da Bahia; até essa época não era conhecida no Brazil. Foi examinada com muita attenção pelos facultativos da cidade da Bahia, e sobretudo pelo muito distincto medico o Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, que publicou sobre este assumpto um excellente tratado (*Ensaio sobre o beriberi no Brasil*, Bahia 1872, 227 paginas). Este livro é uma das melhores publicações que foi feita sobre o beriberi, e não tendo eu tido a occasião de observar esta molestia durante os quinze annos da minha pratica no Rio de Janeiro (de 1840 a 1855), não posso fazer melhor, para apresentar a descripção do *beriberi*, do que guiar-me pela obra do Sr. Dr. Silva Lima.

Durante os annos de 1864 e 1865 observáram-se só alguns casos isolados, na Bahia, mas em 1866 erão elles tantos que constituíram uma verdadeira epidemia, affectando as mulheres e os homens de todas as classes da sociedade, tanto pessoas brancas como pretas, na cidade como na provincia da Bahia. A molestia continua a apparecer n'essas localidades por alguns casos isolados. Em 1867 o beriberi reinou epidemicamente na esquadra brazileira e exercito brazileiro no Paraguay, e em Matto-Grosso. O Sr. Dr. Julio Rodrigues de Moura denunciou tambem a existencia de paralysias e anasarcas identicas na provincia do Rio de Janeiro e de Minas, das quaes publicou sete casos na *Gazeta medica da Bahia* de 1867. Estes casos foram observados em 1865, 1866 e 1867 em Minas na margem do Parahyba, e na provincia do Rio de Janeiro em Suruhy.

Na mesma época, e nos annos seguintes, o beriberi foi notado na proprovincia do Pará, na cidade de Maranhão e em Pernambuco. No anno de 1870 apparecêram alguns casos isolados na cidade de Fortaleza, capital da Provincia do Ceará. No mesmo anno de 1870 reinou epidemicamente no interior da provincia de Santa Catharina. Na provincia de Sergipe tem sido tambem observada esta molestia. É possivel que em algumas outras provincias do Brazil se tenham dado casos identicos. Em 1871 manifestou-se com caracter epidemico na casa de Detenção de Pernambuco.

Symptomas. Segundo o Sr. Dr. Silva Lima, o beriberi apresenta-se sob

tres fórmas principaes que são: 1ª aquella em que predomina a paralysia; 2ª a em que predomina a inchação; 3ª a que se póde chamar mixta, isto é, a que apresenta reunidos ambos os symptomas.

« Na primeira fórma (*paralytica*), (diz o Sr. Dr. Silva Lima na obra citada), o doente começa por accusar um incommodo indefinido; sente fraqueza geral, inaptidão para qualquer exercicio; o appetite diminue em alguns casos, e ha sensação de plenitude no epigastro. Vem depois dôres vagas pelos membros, nos inferiores principalmente, simulando rheumatismo muscular, que não tardam a ser seguidos de dormencia ou torpor de sensibilidade cutanea. Alguns dias depois, nos casos mais rapidos, o doente sente fraquearem-lhe as pernas sob o peso do corpo; illudindo-se sobre a força de seus musculos cahe, por vezes, quando teima em caminhar, até que desiste do intento de levantar-se; em breve a paralysia do movimento, raras vezes completa, apenas lhe permitte dobrar os joelhos, no decubito dorsal, ou movêl-os no sentido da adducção e abducção.

« A paralysia manifesta-se tambem nos membros superiores, começando por dormencia e formigamento nas extremidades de um ou mais dedos, algumas vezes de todos; pouco depois ha perda do tacto e fraqueza muscular .sendo impossivel ao doente comer por sua mão, segurar qualquer objecto, escrever etc. A compressão sobre os musculos paralysados é muito dolorosa.

« Ao mesmo tempo que se manifestam estes symptomas, ou pouco depois, apparece a sensação de uma cinta apertada, a principio em roda da pelve, e gradualmente subindo até ao nivel das axillas. No epigastro accusam alguns doentes uma sensação de plenitude e de dureza, como se ali tivessem uma taboa, ou uma barra de ferro.

« A proporção que esta constricção do tronco vai subindo apparece a dyspnéa, que se torna cada vez mais afflictiva; sobrevem, por fim alguma ligeira inchação nas extremidades inferiores e na face, que se torna, assim como a parte superior do tronco, de côr pallida azulada; a dyspnéa augmenta progressivamente, sobrevem, ás vezes, contracções dos musculos, convulsões parciaes, movimentos choreicos das mãos e braços, mais raramente das pernas, grande anxiedade, acceleração e enfraquecimento do pulso, diminuição consideravel da quantidade da ourina, que toma côr de café, suores frios viscosos, e a morte por axphyxia.

« Na segunda fórma da molestia (*edematosa*) os primeiros symptomas que chamam a attenção do doente são: canceira da respiração, augmento do volume da parte média das pernas, acompanhado de dôr como rheumatica, alguma inchação e peso dos pés, e fadiga dos musculos da barriga da perna é mais ou menos dolorosa. Depois vai apparecendo maior oppressão da respiração, augmentada pelo exercicio; o moral do docnte começa então a affectar-se por apprehensões acerca do seu estado, e por uma desesperança, de que, ás vezes é impossivel tiral-o. A inchação é dura, e um tanto elastica, de fórma que a impressão do dedo desapparece em poucos segundos, e de circumscripta que era ás pernas, estende-se á face, ao tronco, aos braços, e, finalmente, a

todo o corpo, de sorte que alguns doentes parecem ter duplicado de volume. Á proporção que a inchação cresce, sobrevem difficuldade de mover as pernas e os braços, e a dyspnéa vai augmentando. As ourinas tornam-se escassas, e o suor é geralmente pouco abundante, salvo para o fim, quando a dyspnéa é consideravel. A pelle torna-se descorada desde o principio, e por fim é livida, e guarda por muito tempo a marca branca produzida por uma compressão feita lentamente com os dedos. O pulmão torna-se congesto, e o figado muito volumoso e doloroso á pressão. N'estes casos a morte vem tambem por asphyxia, por congestões visceraes, e, ás vezes, como o Sr. Dr. Silva Lima verificou em duas autopsias, por embolia da arteria pulmonar.

« Na terceira fórma, ou *mixta*, a molestia começa ora pela paralysia das extremidades inferiores, ora pela inchação sem paralysia, ora, finalmente, por paralysia e inchação simultaneas, continuando umas vezes estes dois symptomas a progredir de um modo igual, outras vezes augmentado um mais do que outro, formando então a doença, a primeira ou a segunda fórma. Quando a inchação e a paralysia são simultaneas no seu apparecimento, e na sua marcha, o doente sente ao mesmo tempo intumecerem-se-lhe os pés e as pernas, o torpor da sensibilidade cutanea e fraqueza muscular, que vai ao ponto de lhe impossibilitar a marcha. Estes symptomas estendem-se depois aos braços, a inchação invade a face e todo o tronco. A dôr á pressão sobre os musculos paralysados é tambem muito notavel n'esta fórma. Os doentes sentem grande anxiedade, e não podem estar senão recostados. Em um doente affectado d'esta fórma da molestia, o Sr. Dr. Silva Lima vio sobrevir a cegueira completa em vinte e quatro horas, cerca de oito dias antes da morte. A asphyxia é, de ordinario, o fim d'esta scena de angustias.

« O pulso é variavel nos diversos periodos, nas diversas fórmas da molestia, mas geralmente mais veloz do que o natural, e, nos casos de anasarca, irregular em força e frequencia, e é intermittente.

« Estes tres quadros symptomaticos são transumptos dos casos mais graves da molestia. »

Quando a cura deve ter logar, a inchação diminue pouco a pouco; os outros symptomas minoram igualmente; os doentes começam a poder ter-se de pé, e a oppresão quasi não existe. Volta o appetite, cessa a prisão de ventre, reapparecem as ourinas, e recobra o pulso a sua primeira força. A inchação dos tornozelos, assim como a fraqueza dos membros inferiores, são os symptomas que persistem mais tempo.

A *duração* d'esta molestia póde variar de algumas horas sómente, até muitos mezes.

Prognostico. O prognostico do beriberi é bastante grave. Sobre os 61 casos observados pelo Sr. Dr. Silva Lima, na cidade da Bahia, houve 30 curas e 31 mortos. É uma molestia séria quando apparece por alguns casos isolados, e gravissima quando reina epidemicamente. No primeiro caso é ordinariamente de marcha lenta e prolongada, susceptivel de modificar-se em sentido favoravel, ou pelos esforços da natureza, ou por um tratamento conveniente.

Anatomia pathologica. Nos cadaveres dos individuos que succumbíram na fórma hydropica, o tecido cellular da pelle estava cheio de serosidade; a camada sub-cutanea era muito grossa. Pelo contrario, os que succumbíram na fórma paralytica eram de magreza excessiva.

As lesões que se encontráram na cavidade do craneo foram tão variadas, que seria difficil tirar d'ellas alguma inducção. A medulla espinhal apresentou sempre certo gráo de amollecimento. As membranas da medulla estavam injectadas de sangue; existia entre ellas collecção de liquido, tanto na fórma edematosa como paralytica. Na cavidade das pleuras havia derramamento do liquido, cuja quantidade variava de 300 a 800 grammas, na fórma edematosa; em consequencia da fórma paralytica pura não existia collecção liquida. O coração era habitualmente volumoso, descorado, cheio de sangue preto. Quando existia infiltração durante a vida, achava-se no ventre accumulação de serosidade que variava de 300 a 1 000 grammas. A bexiga estava vazia, descorada e contrahida. O sangue era aqueo.

Causas. As causas do beriberi são totalmente desconhecidas. Nenhuma classe da sociedade póde julgar-se isenta de suas aggressões; pois que na Bahia atacou igualmente os brancos e os pretos, europeos e indigenas, africanos, crioulos, mestiços, notando-se que os estrangeiros que eram acommettidos, estavam perfeitamente aclimados no paiz.

Na India, os medicos attribuem a molestia á alimentação particular dos habitantes, ao uso quasi exclusivo do arroz, que por si só não é sufficiente para a alimentação do homem. No Brazil, na provincia do Pará, os habitantes julgavam que a molestia era occasionada pelas primeiras chuvas do verão. Todos os annos, de novembro a dezembro, affluem á capital da provincia do Pará negociantes de borracha, habitantes das margens do rio Anajás e seus affluentes, para se tratarem de inchações e paralysias beribericas. Em outros logares attribue-se o beriberi aos miasmas paludosos ou a outras emanações insalubres. O que ha de certo é que as condições climatericas e individuaes que levam á fraqueza, favorecem o desenvolvimento d'esta singular molestia; são a falta de exercicio ou fadigas exclusivas, habitação insalubre, regimen pouco nutriente ou pouco variado, e o uso das aguas impuras.

Tratamento. Contra a *fórma paralytica* do beriberi convem applicar sinapismos ao longo da columna vertebral, e friccionar as costas com os linimentos seguintes:

1° Oleo de amendoas doces.....	90	grammas.
Ammoniaco liquido.....	10	—

Misture em frasco.

2° Tintura de cantharidas.....	15	grammas.
Oleo de amendoas doces.....	125	—
Sabão amygdalino.....	30	—
Camphora.....	2	—

Internamente administrar o vinho de quina, na dóse de um calix, duas vezes por dia.

Na *forma hydropica* administrar as pilulas seguintes :

Escamonéa.....	10	centigrammas.
Scilla.....	5	—
Digital.....	5	—

Faça 1 pilula e como esta mais 23. Para tomar 1 pilula, tres vezes por dia

Na fórma mixta empregar simultaneamente as fricções estimulantes e as pilulas acima formuladas.

A alimentação deve ser corroborante e variada; caldos substanciaes, carne cozida e assada, legumes seccos e frescos, fructas, vinho, chá da India, café.

A mudança para fóra da localidade onde o doente adquirio a molestia, e melhor ainda para fóra da zona intertropical, produzio quasi sempre excellentes effeitos, conforme assegura o Sr. Dr. Silva Lima. Apresento, segundo a sua obra, dois casos de cura, só pela mudança de clima.

« Um portuguez, empregado em uma refinaria de assucar na cidade da Bahia, foi acommettido intensamente, en 1866, da fórma edematosa da molestia; inchou monstruosamente; respirava com grande difficuldade; tinha o figado e os pulmões muito congestos, e a secreção da ourina reduzida a poucas onças por dia. Não tendo aproveitado nada com o tratamento purgativo, diuretico e revulsivo, foi embarcado para Portugal pelo conselho dos medicos. Na primeira carta que escreveo de Lisboa dizia este homem (que não tomou remedio algum a bordo) que se achava restabelecido; que pelo mar lhe sobreviera grande *soltura d'aguas* (evacução consideravel d'ourina), e que toda a inchação lhe desapparecera antes de apportar a Lisboa.

« O segundo, portuguez tambem empregado no commercio, na cidade da Bahia. cahíra, em 1866, com febre intermittente quotidiana, depois de ter dormido por algumas noites na vizinhança de pantanos. Voltou para o centro da cidade, onde nem o sulfato de quinina, nem o arsenico pudéram extinguir as sezões. Resolveo recolher-se ao hospital portuguez onde, após a febre intermittente, que desappareceo em poucos dias, lhe sobreveio nos membros paralysia incompleta do movimento e da sensibilidade, com edema das extremidades inferiores, e isto poucos dias depois de sahir do hospital. Foi n'este estado para Lisboa, e voltou restabelecido no fim de poucos mezes, tendo começado a melhorar em viagem para aquella cidade.

« Factos analogos, continua o Dr. Silva Lima, e igulmente bem succedidos, são já assaz numerosos para autorizar o facultativo a aconselhar a residencia temporaria fóra dos tropicos aos doentes que possam lançar mão d'este valioso recurso.

« Mas a experiencia tem mostrado n'estes ultimos tempos, que se póde obter igual resultado com a mudança para as provincias do sul do Imperio, e até para o sertão da provincia da Bahia. Tenho exemplos authenticos de doentes que se curáram retirando-se (por não poderem ir á Europa) quer para o Rio Grande do Sul, quer para S. Paulo, e isto depois de terem passado aqui por um tratamento improficuo. Um que

foi para Caetité, d'onde é natural, no interior da provincia da Bahia, melhorou em viagem, e curou-se promptamente. Mas como a grande maioria dos doentes não podem emprehender viagens dispendiosas, e tendo-me a experiencia mostrado, igualmente, que a maxima parte das pessoas affectadas de beriberi pertencem ás classes de vida pouco activa; e que a mudança de localidade influia favoravelmente na marcha da molestia, comecei a recommendar aos meus doentes, não só o exercicio compativel com as suas forças, como, principalmente as mudanças frequentes de localidade; e para tornar praticavel este preceito para o maior numero possivel de enfermos, tenho aconselhado passeios diarios de algumas horas pelos caminhos de ferro urbanos, e isto com uma vantagem superior á minha expectativa. A outros aconselhei, com igual proveito, viagens amiudadas nos vapores que diariamente cruzam a bahia, entre a capital e os portos do Reconcavo, ou de barra fóra (Valença), viagens pouco dispendiosas, e, por isso, ao alcance das classes menos abastadas. »

A mudança do logar foi tambem favoravel aos doentes da Casa de Detenção de Pernambuco. Naquella Casa desenvolveo-se a epidemia do beriberi em 1881, bem que esta Casa não seja uma prisão vulgar e immunda; pelo contrario, é um edificio de luxo, digno de figurar a par dos melhores estabelecimentos d'esta ordem existentes nos outros paizes. Sobre os 46 primeiros affectados, tinham já fallecido 19. Convictos os medicos, de que a primeira medida a tomar seria a dispersão do fóco, em que se achavam aquelles infelizes, aconselháram remover os presos affectados da doença para a ilha de Fernando de Noronha. O Presidente da Provincia fez partir immediatamente um vapor com um facultativo, ambulancias e as commodidades precisas ao estado em que se achavam.

« Aos poucos dias da travessa notáram-se logo sensiveis melhoras n'aquelles que se reputavam como inteiramente perdidos, se acaso ficassem no theatro dos seus padecimentos. A ilha de Fernando de Noronha, situada a 75 legoas L. N. do cabo de S. Roque, na latitude sul a 3°48′, e na longitude occidental de 74°44′, é batida por todos os ventos que reinam n'essas paragens. É um logar saudavel; não se encontram ahi pantanos nem lagos; as chuvas são tão raras que ás vezes faltam por muitos mezes e annos afio; comtudo ha abundancia d'agua potavel. É toda formada de rochedos cobertos por uma camada de terra vegetal, que em alguns logares é tão delgada que não se presta á cultura. Foram para ali mandadas tres remessas de doentes affectados da epidemia; a primeira de 28, alguns gravemente enfermos; outra de 73, e a terceira de 15, indo d'estes ultimos alguns que se consideravam apenas predispostos a adquirir o mal.

« De tão elevado numero de doentes, succumbíram apenas tres, que foram em gráo muito avançado de padecimentos; os outros restabelecêram-se. » (Dr. Ignacio Alcibiades Velloso, *Gazeta medica de Bahia*, 30 de abril de 1872.)

BERINGELA. *Solanum melongena*, L. Solaneas. Planta dos paizes quentes; cultiva-se no Brazil e em Portugal (fig. 101). Caule herbaceo, de

30 a 45 centimetros de altura, cotanilhoso, algum tanto ramoso; folhas ovaes, sinuosas nas margens, pectoladas, cotanilhosas; flores brancas purpureas ou azuladas, grandes, lateraes; fructo, baga pendente, mui grossa, ovoide-alongada, lisa, luzente, ordinariamente roxa, ás vezes amarella, contendo polpa branca.



Fig. 101. — Beringela.

Este fructo é um alimento agradavel, que se prepara de diversas maneiras. É acriminoso quando verde, e para não causar algum incommodo, só se deve comer perfeitamente maduro.

BERNE. Tumor produzido debaixo da pelle pelo desenvolvimento da larva de um insecto semelhante á mosca, pertencendo á familia dos *Oestridos* genero *Cuterebra* (fig. 102).

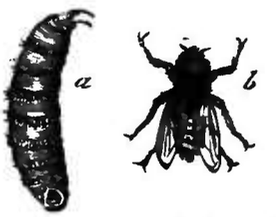


Fig. 102. — Mosca do berne (*).

Sabe-se desde muito tempo que o boi, o carneiro, o cavallo, o cão, etc., são atormentados pelas larvas de certos insectos que vivem no seu corpo como verdadeiros parasitos. Julgou-se a principio que estes insectos não se encontravam senão nos animaes mammiferos; mas sabe-se hoje que podem achar-se tambem debaixo da pelle do homem, na nuca, no ventre, no escroto, e nas outras partes, e que provém da introducção do ovo do insecto. Este ovo transforma-se em uma *larva*.

Quando a larva começa a desenvolver-se n'um ponto qualquer da pelle sente-se uma dôr leve, e distingue-se uma leve inchação, com um pequeno buraco, d'onde distilla sorosidade. N'este momento é muito facil desembaraçar-se do parasito. A fricção com unguento cinzento, um pouco de ammoniaco liquido, ou essencia de terebinthina, bastam para matal-o.

Deixando-se de empregar estes meios, o animal cresce, profunda nos tecidos, e occasiona um tumor mais ou menos forte, e mais ou menos doloroso. É necessario então recorrer á extracção.

Para este fim introduz-se no buraquinho uma torcida de fumo da gros-

(*) *a*, larva; *b*, o insecto perfeito.

sura de uma agulha grossa; o bicho não tarda a pôr a cabeça fóra do buraquinho, agarra-se então com pinça e extrahe-se facilmente. Feito isto, a inflammação e o tumor desapparecem em pouco tempo. Favorece-se a cura com cataplasma de linhaça ou cataplasma instantanea Hamilton.

BERTALHA. *Basella rubra*, *cordifolia*, etc. Linneo. Cheno-podiaceas. Comem-se guisadas as folhas d'esta planta, mui commum no Rio de Janeiro. E um alimento de facil digestão, muito bom, e que convem perfeitamente aos convalescentes, e aos estomagos delicados.

BERTOEJA OU BROTOEJA. Assim se chamam umas borbulhas pelo corpo, brancas no topo, cercadas de extenso rubor, de ordinario pouco duradouras, acompanhadas de prurido bastante vivo. Estas borbulhas desapparecem, ou são substituidas por pequenas crostas negras e circulares, quando as arranham com as unhas. Brotam em um só logar ou derramam-se por todo o corpo. A comichão que produzem faz-se sentir sobretudo no momento em que a pessoa está na cama, ou quando se tem demorado n'ella algumas horas; a comichão torna-se então tão viva, que tira o somno. Algumas pessoas julgam sentir como pequenos insectos que rojam debaixo da pelle; a outras parece-lhes que são devoradas por formigas, outras ha que sentem a pelle como atravessada por agulhas quentes.

Estes doentes coçam-se com uma especie de raiva, e chegam até a esfolar a pelle com as unhas.

Causas. Esta affecção é produzida ordinariamente pela influencia do calor excessivo. Tem-se dado como causa d'este mal os máos alimentos, o abuso dos licores alcoolicos, as carnes salgadas, as comidas muito temperadas, a falta ou a irregularidade de menstrução, os pezares, as fadigas excessivas, etc.

Tratamento. D'entre todos os remedios externos são os banhos aquelles, cujos effeitos são mais vantajosos na bertoeja; devem ser administrados frescos ou mornos; em temperatura mui elevada seriam nocivos. Depois do emprego dos banhos simples, continuados por algum tempo, se a erupção persistir, os lavatorios com agua e sabão podem ser muito uteis. Tambem aproveitam os banhos do mar frios ou mornos. De todos os remedios internos, os mais racionaes são as bebidas diluentes, como a limonada, cozimentos de cevada, de grama, a infusão de linhaça. Deve-se fazer uso de alimentos vegetaes, de leite, e evitar as comidas salgadas, temperadas, e os licores espirituosos. Póde este tratamento ser auxiliado com alguns purgantes brandos. Se a bertoeja não ceder a estes meios, esfregue-se o corpo uma vez por dia com a pomada seguinte :

Subcarbonato de potassa.....	1 gramma.
Banha.....	30 grammas.
Enxofre.....	4 —

Misture.

Depois de cada fricção convem tomar um banho d'agua morna.

BERRYLLO. Pedra preciosa, de côr verde clara, amarella ou amarellada; é uma variedade de esmeralda. Chamam-lhe *agua marinha*

quando tem a côr verde-mar. É empregado pelos gravadores sobre pedra, e entra na composição dos mosaicos. Os ourives fazem d'elle diversas joias de baixo preço : colares, pulseiras, sinetes, etc. Encontra-se na India, Brazil, Perú, França, Escossia, etc

BETARRABA. Uma das variedades da *Beta vulgaris*, Linneo. Chenopodiaceas. Planta cuja raiz, roxa, amarella ou branca, carnosa, conoide, mui grossa, adocicada, constitue um alimento agradavel e salubre (fig. 103 e 104). Come-se em salada e conserva, Esta raiz adquire ás vezes dimensões enormes, e chega a pezar até de vinte a trinta libras; por causa da materia assucarada que contém, emprega-se na Europa para fazer assucar que se parece com o da canna.

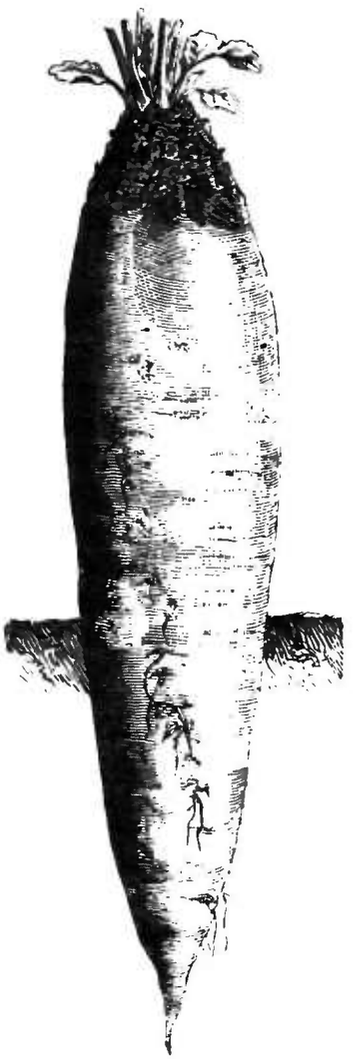


Fig. 103. — Betarraba.



Fig. 104. — Betarraba.

BETHEL. Planta da familia das piperaceas que habita e é cultivada na India. Os indios misturam as folhas de Bethel com almiscar, cato, areca, ambar ciuzento, fazem bolinhas com esta mistura que mastigam. Estas bólas têm um sabor acre, amargo, mas o cheiro é agradavel. Ellas dão uma côr vermelha escura á saliva. Alguns autores crêem que esse costume de mastigar bethel, era bom para as glandulas salivares, o estomago e o intestino; está provado, porem, que é erronea essa crença; o que ha de certo é que essa mastigação produz uma salivação repugnante e a carie dentaria que é rapida e inevitavel.

BETONICA. *Betonica officinalis*, L. Labiadas. Pequena planta aromatica, habita nos prados e mattos de Portugal e outras partes, tem flores purpureas. Entra na composição das *especies vulnerarias*.

BETUME. Materia combustivel, solida, de côr preta, que se extrahe do lago asphaltita ou Mar Morto e de algumas minas existentes em França, na Suissa e Allemanha. O betume amollece com o calor e fórma uma especie de papa muito empregada em diversas industrias e sobretudo para tornar impermeaveis taboas e papel. Os vapores que exhala o betume têm um cheiro forte, mas é inoffensivo para a saude.

Dá-se o nome de *betumes artificiaes* aos compostos de cal, breu, colla e outros ingredientes, destinados para unir louça, crystal, marmore, etc. As diversas receitas d'estes betumes acham-se no meu Formulario, 14ª edição, pag. 742.

BEXIGA. Assim se chama um sacco musculo-membranoso, destinado a receber a ourina e contêl-a, até que a accumulação de certa quantidade d'este liquido sollicite a sua excreção. A bexiga está situada na região inferior do ventre, na excavação da bacia, atraz do osso pubis, acima do qual ella se eleva quando está cheia, *veja-se* a fig. 53, Vol. I, pag. 158.

As dimensões da bexiga são variaveis, conforme a idade e a estatura dos individuos; estas variedades dependem pela maior parte da quantidade e da natureza das bebidas de que se faz habitualmente uso, e do tempo mais ou menos longo durante o qual se deixa accumular a ourina. Em geral a bexiga da mulher é relativamente maior do que a do homem. No estado de vacuidade, a bexiga forma, na pequena bacia, um corpo arredondado, levemente conoide, e cujo volume é igual ao de um pequeno ovo de gallinha. O apice do cóne, virado para cima e para diante, corresponde á parte posterior da symphyse do pubis. Á medida que se enche de ourina, a bexiga dilata-se, sahe da pequena bacia, apparece por cima do pubis, e póde elevar-se até ao embigo.

A superficie exterior da bexiga offerece seis regiões: a superior está em relação com as circumvoluções intestinaes; a inferior é, no homem, rodeada pela glandula prostata em contacto com o intestino recto pelo lado de traz, e na mulher assenta sobre a vagina no extremo do collo do utero; a anterior escorrega sobre a face posterior do osso pubis, a que está fixada por um ligamento; a posterior apoia-se sobre o recto no homem, sobre o utero na mulher; as collateraes emfim são costeadas pelo tecido cellular gorduroso e, no homem, pelos conductos deferentes.

A superficie interna da bexiga é rugosa, mas estas rugas, devidas ás pregas da mucosa, desapparecem no estado repleto do reservatorio. Na parte inferior, ou no fundo baixo da bexiga e no lado de traz abrem-se dois canaes chamados *ureteres,* que conduzem a ourina dos rins á bexiga; n'esse mesmo fundo por diante se abre a urethra, canal que serve para dar sahida á ourina.

A bexiga é composta de tres membranas sobrepostas; a interna é mucosa, pallida e rugosa; a média é musculosa, devida a fibras longitudinaes e circulares; a externa é serosa, devida ao peritoneo, que, de mais, não encobre senão a face superior e a metade posterior do orgão. No seu todo estas membranas formam paredes assaz espessas.

As molestias da bexiga são bastante numerosas; eil-as:

Bexiga (Calculo ou Pedra na). *Veja-se* Pedra.

Bexiga (Catarrho da). *Veja-se* Catarrho vesical.

Bexiga (Espasmo do collo da). Dá-se o nome de espasmo do collo da bexiga á contracção momentanea d'esta parte. Annuncia-se pela difficuldade de emittir ourina apezar de grandes esforços; este liquido corre bem, logo que chegou ao orificio; causa grande dôr durante a passagem no canal da urethra, e quando cessou de correr o doente sente dôr no orificio do canal.

Tratamento. Applicar no ventre e no perineo panno molhado em agua fria; introduzir no anus mecha de fios untada com pomada de belladona, cuja receita é :

Extracto de belladona	50 centigrammas.
Banha	4 grammas.

Bexiga (Feridas da). *Veja-se* Feridas.

Bexiga (Inercia da). Dá-se o nome de inercia da bexiga á falta de força para expulsar a ourina. *Veja-se* Paralysia da bexiga.

Bexiga (Inflammação da), ou **Cystite.** *Causas.* A inflammação da bexiga observa-se principalmente nos individuos adultos, de temperamento robusto. Suas principaes causas são : as contusões e as feridas no baixo-ventre, o exercicio violento, as cantharidas applicadas na pelle ou ingeridas, a extensão de um esquentamento, da inflammação dos intestinos, as retenções de ourina, os excessos venereos. A inflammação da bexiga póde tambem provir de causas geraes, como a suppressão da evacuação hemorrhoidal habitual, molestia cutanea subitamente recolhida, um resfriamento subito, mudança de clima, etc.

Symptomas. Eis-aqui os symptomas caracteristicos d'esta inflammação : dôr mais ou menos viva na parte mais baixa do ventre, calor da mesma região, vontade frequente e dolorosa de ourinar, difficuldade extrema de verter algumas gottas de ourina, apezar de todos os esforços, e ás vezes impossibilidade absoluta. Quando sahem algumas gottas, produzem uma viva ardencia, e dôr mui forte. A bexiga estende-se, faz proeminencia no baixo-ventre, todo o ventre endurece, e torna-se doloroso; á menor compressão augmenta a dôr. Ao mesmo tempo a pelle torna-se quente, secca ou molhada de suor, o pulso frequente, a sêde viva.

Conforme a molestia tiver de acabar bem ou mal, apparecem duas ordens de symptomas. Se a terminação tiver de ser favoravel, a febre, a dôr do ventre e a difficuldade de ourinar vão diminuindo. Mas, se se declarar suppuração ou gangrena da bexiga, o doente cahe n'uma fraqueza extrema; a febre augmenta; a lingua torna-se secca; os soluços e o frio dos pés e das pernas completam este quatro fatal.

Tratamento. As bichas no baixo-ventre occupam o primeiro logar entre os meios que se devem empregar contra a inflammação mui intensa da bexiga. Os banhos mornos geraes ou os semicupios são indispensaveis depois das bichas; devem-se repetir duas ou tres vezes por dia. Clysteres com cozimento de linhaça, de folhas de malvas, ou de dormideiras, são tambem muito uteis; outro tanto direi das cataplasmas de

linhaça applicadas no ventre. Esfregue-se levemente o ventre, duas ou tres vezes por dia, com oleo camphorado. A estes meios deve-se accrescentar o repouso absoluto, uma dieta rigorosa, e bebidas diluentes, como a infusão de linhaça, o cozimento de cevada, ou leite de amendoas doces. Se a retenção de ourina fôr completa, e os meios precedentes não forem sufficientes para remediar este grave symptoma, é preciso evacuar as ourinas por meio de sonda (*Veja-se* CATETHERISMO). Tal é o simples e o melhor tratamento da inflammação da bexiga.

Bexiga (Nevralgia da). *Veja-se* NEVRALGIA.

Bexiga (Paralysia da). Esta molestia consiste no enfraquecimento das contracções da bexiga, e é caracterizada pela difficuldade na emissão das ourinas. Ordinariamente é devida ao progresso da idade. Occupo-me d'ella no artigo PARALYSIA DA BEXIGA.

Bexiga (Ruptura da). *Veja-se* RUPTURA DA BEXIGA.

BEXIGAS ou VARIOLA. Com estes nomes designa-se uma erupção geral de borbulhas pelo corpo, que se convertem em grandes pustulas redondas e purulentas; acabam pela deseccação e deixam nodoas vermelhas, ás quaes succedem cicatrizes mais ou menos apparentes. Esta molestia é eminentemente contagiosa, mas, em geral, não a contrahe o individuo que já foi d'ella affectado uma vez. Algumas pessoas, todavia, a tem duas vezes, mas estes casos são mui raros. Poucos individuos seriam isentos d'ella no decurso de sua vida, se não fossem vaccinados. Parece que esta calamidade veio da Arabia para outros paizes, em consequencia das conquistas de Mafoma. Rhazes, autor arabe do seculo x foi o primeiro que a descreveo. No seculo XIII° as Ilhas Britannicas foram por muito tempo devastadas pelas bexigas. A America não foi infectada d'ellas senão mais tarde, depois da chegada dos Europeos. Hoje, não ha paiz que não conheça esta molestia, mas em muitos, a vaccina tem feito diminuir muitissimo os seus vestigios.

As *causas* das bexigas não são conhecidas; só se sabe que esta molestia se communica não só pelo contacto, pela simples approximação, mas até pela habitação nos mesmos logares. Com frequencia, grassa epidemicamente sobre muitas crianças e pessoas jovens da mesma cidade; mas estas epidemias, geralmente mui mortiferas, só se observam nos paizes em que a ignorancia, os preconceitos, ou a incuria se oppõem á propagação da vaccina.

Distinguem-se duas especies de bexigas : *benignas* ou *discretas*, e *graves* ou *confluentes :* estas ultimas chamam-se vulgarmente *pelle de lixa*, e *olho de polvo*. Nas primeiras as pustulas são mais ou menos numerosas, mas isoladas umas das outras. Nas segundas são tão numerosas, que em muitos logares se confundem umas com outras.

Symptomas das bexigas benignas. Começam com calefrios mais ou menos vivos. Estes são logo seguidos de calor vivo na pelle, de frequencia do pulso, sensibilidade do ventre, nauseas, sêde, perda do appetite, rubor da lingua, dôres de cabeça, e cansaço doloroso. Estes symptomas são mais ou menos pronunciados, e nas crianças são frequentemente acompanhados de delirio. Ao quarto dia, a erupção principia ordinaria-

mente no rosto, debaixo da fórma de pequenas nodoas vermelhas, lavra successivamente para o pescoço, o peito, os membros, e á medida que se estende, os symptomas da inflammação intestinal diminuem ou desapparecem totalmente. Brevemente, levantam-se em cima da pelle pequenas borbulhas vermelhas. Estas borbulhas engrossam, a pelle torna-se quente e dolorosa, o rosto intumece, as palpebras incham a ponto de fechar os olhos, ás vezes por muitos dias; as mãos, dedos e pés ficam igualmente inchados. Ao terceiro ou quarto dia, contados do principio da erupção, setimo ou oitavo da data da molestia, as pustulas do rosto começam a empallidecer, a branquear na ponta, a serosidade que ellas contém torna-se purulenta, fazem-se depois amarellas, e deixam sahir o pus. Os mesmos phenomenos passam-se nas outras partes do corpo, successivamente e na mesma ordem segundo a qual se fez a erupção. Emfim, no decimo primeiro dia da molestia, pouco mais ou menos, o rosto desincha, as pustulas seccam, rompem-se, e as crostas cahem ao decimo quarto ou decimo quinto dia; o mesmo acontece nas outras partes do corpo. As pustulas deixam em seu logar nodoas vermelhas, que persistem largo espaço de tempo com descamação da epiderme. Á proporção que estas nodoas vão desapparecendo, mostram-se muitas vezes em seu logar pequenas cicatrizes deprimidas, que são a marca indelevel da existencia da molestia. Ha, comtudo, bexigas que não deixam signaes.

Symptomas das bexigas graves. Nas bexigas graves todos os phenomenos que deixei indicados mostram-se com maior intensidade. A febre persiste durante todo o curso da molestia; as borbulhas são tão multiplicadas e tão conchegadas, que ás vezes é difficil ver os intersticios; no rosto parecem formar uma só pustula com superficie desigual. Depois da erupção, não diminue a violencia dos symptomas; quasi sempre, pelo contrario, a febre augmenta. As crostas, quando cahem, deixam cicatrizes que desfiguram os mais bellos semblantes. As bexigas chamadas vulgarmente *olho de polvo* são aquellas que logo que apparecem tornam-se chatas, e apresentam uma depressão central, em fórma de embigo.

Pelle de lixa. N'esta fórma da molestia, a erupção, como nas outras especies de bexigas, principia na cara, e, a fallar a verdade, é só ali que as pustulas se desenvolvem. Em outras partes, estão sómente marcadas. No tronco e nos membros só existe certo numero de pequenos pontos pretos ou cinzentos, que parecem indicar o logar de outras tantas pustulas. Em outros logares não ha botões; a pelle fica aspera e enrugada; parece-se com a pelle de peixe. A epiderme levanta-se em differentes partes do corpo, e forma bolhas mais ou menos largas, analogas ás empolas de caustico. Estas bolhas arrebentam, deixam sahir um liquido amarellado, e são seguidas de excoriações profundas. Esta fórma de bexigas tem a marcha rapida; não passa de sete dias. Emquanto dura, muitos doentes ficam n'um estado de estupor mais ou menos profundo; outros conservam o uso das faculdades intellectuaes; em outros ha delirio.

Prognostico das bexigas. As bexigas benignas, isentas de accidentes nervosos, de delirio, de dysenteria, etc., terminam quasi sempre de maneira favoravel, em quatorze até vinte e um dias. A duração das bexi-

gas de *pelle de lixa*, e de *olho de polvo*, é muito mais longa, quando a morte não sobrevem nos dois primeiros periodos. A morte é frequentemente o resultado immediato da violencia da inflammação, e quando não sobrevem este fim funesto, acontece muitas vezes sobrevir a perda da vista, deformidade, surdez, suppurações abundantes, etc. Quanto mais numerosas são as pustulas, sobretudo no rosto, tanto maior é o perigo, e *vice versa*. Se se declarar um pleuriz ou uma inflammação cerebral caracterizada por modorra e delirio contínuo, deve-se temer um exito funesto. A pequenez das pustulas, a irregularidade no seu desenvolvimento, a sua complicação com algumas nodoas roxas da pelle, todos estes signaes são de sinistro presagio. O perigo emfim é extremo quando as pustulas contém, em logar de pus, serosidade, ou sangue negro. Todas as hemorrhagias que se mostrarem durante o periodo da suppuração são de máo agouro. As diarrheas excessivas podem exhaurir os doentes. Em todas as circumstancias oppostas ás que acabei de enumerar, o prognostico é favoravel.

Tratamento. Não possùimos meios de abreviar a marcha das bexigas; por conseguinte o officio da medicina consiste simplesmente em ajudar a natureza; o tratamento é simplesmente symptomatico; varía segundo a fórma da molestia e suas complicações. Nas bexigas simples ou díscretas, basta ordinariamente administrar bebidas adoçadas frias, como o cozimento de arroz, de cevada, chá de flores de malvas, etc.; e caldos de gallinha. Se o doente é atormentado de muita sêde, póde-se satisfazêl-a com agua fria.

É preciso collocar o doente n'um quarto vasto, mudal-o frequentemente de roupa, cobril-o moderadamente, e renovar o ar, abrindo de vez em quando as portas e as janellas.

Encerrar o doente affectado de bexigas em um quarto bem quente e bem fechado, cobril-o com grossos cobertores, obrigal-o a beber cozimentos quentes que tanto lhe repugnam, é o meio mais certo de augmentar a febre, de provocar essas erupções abundantes e esses symptomas inflammatorios, que tão perniciosos são n'esta molestia.

Quando existe dôr forte na bocca do estomago ou no ventre, deve-se applicar cataplasma de linhaça no ventre.

Logo que a erupção estiver completa, só se deve cuidar no regimen do doente, e preserval-o do ar frio, sem abafal-o com cobertores. E preciso lavar os olhos com cozimentos mornos de linhaça ou de raiz de althéa; tocar com pedra infernal as pustulas que apparecem sobre a margem livre das palpebras ou sobre o olho; usar de gargarejos com agua morna e mel rosado, e dar-lh'os a tomar frequentemente, afim de diminuir o calor que existe no interior da bocca; oppôr-se quanto seja possivel a que os doentes se cocem, e não sendo isto possivel, ou estando as pustulas ulceradas, cumpre apolvilhar todas as partes que estiverem em chaga viva.

Durante o periodo da deseccação, convem dar ao doente alimentos de facil digestão, mas nutritivos, mingáos de tapioca, ovos estalados, costeletas de carneiro, frango assado, e permittir-se-ha um pouco de

vinho, porque as forças esfalfadas devem ser restauradas. No fim da secca dar-se-ha um banho morno; mas é preciso que este banho seja tomado com todas as precauções convenientes para evitar o resfriamento. Se a febre persistir n esta época, deve-se indagar se ella não procede da inflammação interna que se deve combater, como se as bexigas não existissem. No caso de prostração evidente, é necessario administrar bebidas tonicas, como o cozimento de quina, e vinho puro. Convem as bebidas acidas, como limonada de laranja ou de limão, se o doente deitar sangue pela bocca, pelas evacuações intestinaes ou urinarias. A erupção desapparece algumas vezes de repente; deve-se então usar de banho quente, de bebidas sudorificas, como chá de folhas de laranjeira, de sabugueiro, e até applicar sinapismos. Julgava-se indispensavel outr'ora administrar um purgante aos convalescentes. Esta pratica não póde ser util, senão quando ha prisão de ventre; é inutil no caso contrario. Se a estação fôr rigorosa, importa que o convalescente não se exponha muito cedo á impressão do ar exterior. As pessoas, que não foram affectadas da molestia, devem privar-se de toda a communicação com elle por espaço de muito tempo; parece com effeito que o contagio das bexigas é susceptivel de se fazer, não sómente durante a intensidade da molestia, mas ainda muitos dias depois da formação das crostas.

O tratamento das *bexigas irregulares malignas*, *pelle de lixa* ou *olho de polvo*, exige o emprego dos medicamentos tonicos e antispasmodicos. Eis-aqui a receita que convem geralmente :

Infusão de valeriana.....	120 grammas.
Agua de canella.....	30 —
Ether sulfurico.....	20 gottas.
Xarope de quina.....	30 grammas.

Misture. Para tomar uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Em todos os tempos os medicos tem procurado um *preservatico* contra as bexigas. A inoculação foi por algum tempo empregada n'este intuito com alguma vantagem. Consistia em colher sobre borbulhas das bexigas benignas o pus, e inoculal-o pelos processos analogos aos que hoje se empregam na vaccina. Antes de se fazer esta operação, preparava-se o individuo com banhos, purgantes, bebidas refrigerantes e dieta. Praticada desde tempo immemorial na Africa e na Asia, para diminuir a intensidade das bexigas espontaneas, a inoculação foi introduzida em Constantinopla por Timoni e Pilarino, durante a epidemia variolica que devastara aquella cidade em 1673. Importado de lá para Inglaterra, este methodo não tardou muito a espalhar-se pelo resto da Europa. O exemplo da familia real, a primeira que se submetteo a esta pratica, contribuio poderosamente para propagal-a em França; e a inoculução, que se tornou popular, continuou a ser praticada muitos annos ainda depois da introducção da vaccina. Ás vezes a inoculação não produzia pustulas senão no logar das picadas, e os symptomas geraes, que as acompanhavam, erão mui benignos. Infelizmente este bom resultado não era constante : acontecia frequentemente que, quando os botões desenvolvidos nos logares picados tinham

chegado ao seu periodo de madureza, a febre accendia-se, e uma erupção secundaria, mais ou menos geral, succedia á primeira. Tem-se mesmo visto esta erupção occasionar a morte, ou pelo menos deixar marcas tão profundas e tão disformes como as das bexigas ordinarias, e por esta razão a inoculação do pus variolico foi substituida pela vaccina, cujas vantagens são inquestionaveis (*Veja-se* VACCINA).

BEXIGAS DOUDAS. *Veja-se* CATAPORAS.

BEZOARTE. Dava-se este nome antigamente ás concreções intestinaes de diversos animaes. Debaixo do mesmo nome confundiam-se os calculos biliosos e intestinaes da cabra montez, do porco espinho, da gazella, do castor, do crocodilho, etc. Servia para fazer bentinhos e administrava-se internamente depois de pulverisal-o. O vulgo considerava-o como um preservativo contra a peste, contra os mais violentos venenos e muito efficaz contra uma infinidade de molestias.

BICARBONATO DE SODA. Sal branco, inalteravel ao ar, soluvel em 13 partes d'agua fria, de sabor um tanto alcalino. É diuretico e empregado contra as areias e a gota na dóse de 1 a 8 grammas e progressivamente até 15 grammas por dia, dissolvido em 500 grammas d'agua com assucar. Este sal entra na composição das pastilhas de Vichy, que se tomam na dóse de 10 a 20 e mais por dia, contra a azía.

BICHAS. Com este nome designam-se, na lingua portugueza, duas cousas differentes, os vermes intestinaes e as sanguesugas; fallarei d'ellas em artigos proprios. *Veja-se* VERMES INTESTINAES e SANGUESUGAS.

BICHEIRO. Dá-se este nome a uma quantidade de bichos ou larvas que se encontram em qualquer parte do corpo do homem, particu-



Fig. 105. — Mosca vareja.

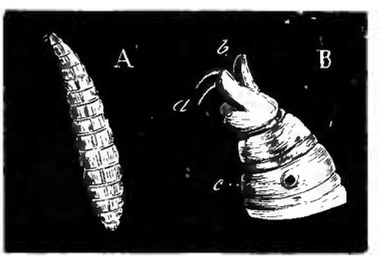


Fig. 106. — Larva da mosca vereja (*).

larmente na pelle e no interior do nariz. Estes bichos são produzidos pela *mosca varejeira*, commum na provincia do Rio de Janeiro, onde tive accasião de a observar (fig. 105 e 106). A mosca varejeira é quasi duas vezes maior que a mosca commum; tem o corpo esverdeado e luzidio, a bocca roxa-amarellada, azas transparentes; quando vôa faz um zumbido particular. Introduz os seus ovos debaixo da pelle por meio de uma especie de verruma. Posto o ovo, transforma-se este em uma larva que produz inflammação e suppuração com que se nutre. Esta larva, ou, fallando vulgarmente, esta *vareja*, tem desesseis a vinte millimetros de compri-

(*) A, larva; B, extremidade do lado da cabeça, engrossada; *a*, ganchos; *b*, corno carnudo; *c*, estigma.

mento, e quatro a seis de largura, é de côr branca um tanto rosea, e tem uma extremidade mais grossa do que a outra.

Os *symptomas* que annunciam a presença das varejas são a principio uma comichão causada pela picada da mosca; alguns dias depois, manifesta-se uma dôr aguda; logo apparece um tumor phlegmonoso; no centro d'este existe uma pequena mancha preta, que é o logar da picada; o doente sente os bichos bolir debaixo da pelle. Abrindo o tumor, acham-se muitos d'estes bichos, dez, vinte, trinta e mais.

O *tratamento* consiste em abrir o tumor, tirar todos os bichos, lavar a ferida com o phenol Bobœuf, ou com Coaltar saponinado Le Bœuf, e curar com o unguento seguinte :

Ceroto simples.....	30 grammas.
Calomelamos	30 centigrammas.

As vezes não é necessario abrir o tumor; basta introduzir calomelanos em pó pelo buraco do tumor : os bichos sahirão promptamente.

Tem-se visto tres e mais tumores vizinhos um do outro. O insecto não sómente depõe os ovos no homem, ataca tambem o cão, cavallo, boi e outros animaes, onde produz os mesmos tumores. Tratam-se igualmente com os calomelanos e lavagens com phenol Bobœuf ou com Coaltar saponinado Le Bœuf.

Tem-se encontrado varejas, como já disse, no interior do nariz. Eu proprio presenciei este caso no Rio de Janeiro n'um preto, cuja historia, que vou contar succintamente, servirá para indicar o que se deve fazer em semelhante caso.

No dia 20 de Janeiro de 1848 fui chamado para ver um preto n'uma padaria da côrte, rua da Quitanda, nº 54. Este preto tinha vindo na vespera de uma chacara perto de S. Domingos, onde trabalhava e onde dormia ás vezes ao ar. Tinha a falla mudada, a voz fanhosa, dôres mui agudas no interior do nariz, na garganta e na cabeça, febre mui forte, sêde e fastio. Poderia eu julgar no primeiro momento que se tratava de uma simples inflammação, se o doente não me tivesse dito que tinha deitado pelo nariz dois bichos; quiz ver estes bichos, e achei-os do comprimento de 16 millimetros, redondos, branco-roscos. Não duvidei então que a molestia era o que se chama vulgarmente um *bicheiro* que se desenvolvêra no interior do nariz. Aconselhei logo que lhe fizessem injecções dentro do nariz com agua e sal, e formulei a seguinte preparação :

Folhas de fumo.....	15 grammas.
Agua fervendo.....	360 —

Infunda por meia hora, côe e ajunte :

Sal de cozinha.....	15 grammas.

Com este liquido mandei ao doente gargarejar-se, e fazer injecções dentro do nariz. Disse tambem que lhe fizessem pitar tres vezes por dia pós de camphora, e outras tres vezes pós de calomelanos. Este tratamento, que foi continuado durante oito dias, provocou a sahida de 84 vermes vivos, que guardei n'um vidro. A dôr, febre e outros symptomas foram

desapparecendo pouco a pouco, e no dia 16 de Fevereiro, isto é, vinte e seis dias depois do primeiro exame, dei o doente por curado, ficando-lhe simplesmente no céo da bocca um pequeno buraco, de 6 millimetros de diametro, produzido pelos bichos. Tinha, por causa d'este buraco, a voz fanhosa, e quando bebia agua, uma parte do liquido passava-lhe pelo nariz; mas o estado geral da saude era bom, tinha bom appetite e pôde voltar ao seu trabalho. Este buraco foi diminuindo de dia em dia, e no dia 20 de Abril de 1848, isto é, tres mezes depois do primeiro exame, tendo visto de novo o doente, achei o dito buraco inteiramente tapado, a falla tal como era antes da molestia, e o doente perfeitamente são.

Os bichos, que gardei vivos no vidro, transformáram-se, tres dias depois de sahidos do nariz, em *chrysalidas*, isto é cobriram-se de cascas pretas; e oito dias depois d'esta transformação (16 de Fevereiro de 1848), sahiram d'estas cascas moscas grandes, de côr azul-esverdeada. Conservei-as no mesmo vidro, no qual durante dois dias esvoaçavam; mas no terceiro dia morrêram todas.

BICHO DA COSTA. *Veja-se* DRACUNCULO.

BICHO DOS PÉS. O que se chama vulgarmente *bicho dos pés* é um insecto mui commum no Brazil, que se introduz nos pés, e produz ás vezes ulcerações graves. Este bicho, denominado pelos naturalistas *pulex penetrans*, é provido de seis pés, de côr preta, e parece-se com uma pulga pequena : tem mui poucas dimensões, quando ainda não vive no corpo do homem, mas em pouco tempo adquire o volume de um grão de cevadinha regular, pela inchação de um sacco membranoso que tem debaixo do ventre e que contém os ovos. Os negros, que andam descalços, são frequentemente incommodados pelas suas mordeduras : elle atravessa entretanto os vestidos, insinua-se em toda a parte, e nunca abandona voluntariamente a presa que tem agarrado. As crianças, as mulheres, e geralmente os individuos que tem a pelle fina e delicada, são mais frequentemente atacados por elle. Todas as causas possiveis de insalubridade, o calor, o calor humido sobretudo, a estagnação do ar, a falta de asseio, o attrahem e favorecem o seu desenvolvimento. Não é só o homem atormentado pelos bichos, tambem o são os macacos, os cães, gatos, etc. O bicho ataca ordinariamente os pés, e introduz-se debaixo das unhas, ou debaixo da pelle do calcanhar, sem duvida por estarem estas partes do corpo mais descobertas do que as outras. A insercção furtiva d'este insecto é ao principio desapercebida; mas logo o denuncía alguma comichão; uma pequena nodoa vermelha se mostra, e indica o logar certo onde elle se acha.

É preciso então occupar-se da extracção do bicho, pois que a sua presença não determinaria sómente um incommodo passageiro, mas poderia produzir accidentes graves, ulceras chronicas, e mesmo a destruição dos ossos. Eis-aqui como se póde obter a extracção d'este perigoso parasito : reconhece-se o logar onde o animal reside por uma especie de empola esbranquiçada; no meio d'esta empola, distingue-se um ponto negro mais ou menos extenso, e proporcionado ao volume que tomou o insecto; é preciso levantar com um alfinete a epiderme correspondente, e

tirar o bicho inteiro sem deixar o sacco dos ovos, que poderiam produzir outros bichos; e por isso é bom, depois da extracção, applicar um pouco de rapé ou de calomelanos, afim de destruir todas as particulas do bicho que possam ficar no fundo do buraco. Lavatorios com agua misturada com phenol Bobœuf bastam para completar a cura.

Se a presença do bicho tiver determinado ulcerações extensas, o tratamento não é tão simples. É preciso, depois de tirado o bicho e lavada a chaga com agua morna, applicar cataplasma de farinha de linhaça. Quando por estes meios a inflammação tiver cedido, curar-se a chaga com phenol Bobœuf. Se a superficie da ulcera estiver livida, os curativos devem ser feitos com agua de Labarraque.

BICO DE CORVO. *Veja-se* AMENDOEIRA.

BICO DO PEITO (Molestias do):

Eczema do bico do peito. É caracterizado por vesiculas e estillicidio seroso ou avermelhado, acompanhado de crostas que cahem e se renovam. Para o tratamento, *Veja-se* ECZEMA.

Rachas ou **fendas do bico do peito.** Dá-se o nome de *rachas* ou *fendas* do bico do peito ás pequenas esfoladuras, ou feridas longitudinaes, produzidas pelos esforços que faz a criança para mammar. Podem existir em differentes pontos do bico do peito, mas principalmente no logar da reunião do bico com o peito. Irritadas a cada tentativa de sucção, estas rachas augmentam indefinidamente, e produzem dôres mui vivas, a ponto de arrancarem gritos ás mulheres mais corajosas e mais dedicadas.

Para prevenir as rachas, é vantajoso fazer, antes e depois do parto, lavatorios com agua salgada, vinho tinto ou aguardente de canna. Quando não fôr possivel prevenir este incommodo, deve-se cural-o.

Curam-se facilmente as rachas do bico do peito, tocando-as levemente, e repetidas vezes, com pedra infernal, ou com um pincel molhado na tintura de benjoim. Se este meio não conseguir a cura, lavem-se então as feridas com a solução de 4 grammas de borax em 90 grammas d'agua, ou com agua vegeto-mineral, ou com a mistura de partes iguaes de vinho tinto com azeite, e depois polvilhem-se com polvilho. Se estes meios não forem sufficientes, cumpre applicar sobre as rachas fios untados com o linimento seguinte:

Borax	2	grammas.
Gema de ovo	4	—
Clara de ovo	4	—
Oleo de amendoas doces	15	—
Balsamo Peruviano	2	—

Acontece, ás vezes, que estes remedios não curam senão quando se priva a criança do leite por alguns dias; não havendo esta precaução, a pressão das gengivas renovará continuamente as ulcerações. Verdade é que a suspensão da amammentação occasiona um engurgitamento mais ou menos consideravel dos seios; mas este inconveniente é pouco grave, pois que é mui facil fazer desinchar esses orgãos, expondo-os ao vapor d'agua quente. Algumas mulheres cobrem o bico do peito com um *bico*

postiço e continuam dar a mammar. Consiste o bico postiço em um pequeno funil mui largo de páo ou metal, terminado por um bico de borracha ou de marfim, crivado de buracos. Mas de ordinario, as crianças não querem mammar mediante o bico artificial; e este meio produz em algumas mulheres dôres tão vivas como as da sucção, e não póde, por conseguinte, ser empregado em todos os casos. Logo que as rachas estejam curadas, poder-se-ha continuar a amammentação.

Ulcerações do bico do peito. O bico do peito e a areola nas mulheres que cessaram de dar de mammar, cobre-se ás vezes de crostas, que deixam depois da sua quéda o bico descoberto e rubro como a framboesa; este estado causa dôres mui vivas ás doentes. Ha casos em que uma pequena ulcera succede á quéda das crostas e torna-se mui rebitente. Muitas ulcerações do bico do peito apparecem durante a lactação.

O tratamento consiste em fazer cahir as crostas com cataplasma de fecula, e applicar depois uma das pomadas seguintes:

1°	Ceroto de Saturno.....	15 grammas.
2°	Glycerina	15 —
	Tannino.....	1 gramma.

Se estes meios mallogram, toque-se levemente a superficie denudada com pedra infernal.

Vegetações do bico do peito. Mostram-se ás vezes depois da cicatrização das syphilides, mas apparecem tambem sem causa syphilitica. Essas vegetações tem a fórma de couve-flores, são sesseis ou pediculadas; revestem-se ás vezes de pequenas crostas epidermicas, ou apresentam ulcerações lineares.

As vegetações pediculadas tiram-se apertando a sua base com linha, ou cortando-a com tesoura. Os tumores não pediculados cortam-se com tesoura e, depois, cauteriza-se a ferida com pedra infernal.

BICO DE PEITO ARTIFICIAL ou **POSTIÇO** (fig. 107 a 110). Instrumento que se applica aos bicos dos seios, quando estes foram feridos pela criança que mamma. Os bicos artificiaes fazem-se de borracha ou de marfim, que é tão fino, que se torna flexivel sendo



Fig. 107. — Bico de peito de borracha e buxo.



Fig. 108. — Bico de seio de borracha.



Fig. 109. — Bico de seio de crystal com ponta de borracha.



Fig. 110. — Bico de seio de crystal com tubo de borracha.

mergulhado por alguns instantes em agua quente. Applicados os bicos artificiaes, a cura das feridas do seio facilmente se obtem. Entretanto,

ha mulheres que não podem supportar a applicação d'estes instrumentos, e ordinariamente as crianças não querem mammar por este meio

BICUIBA. ou Bucuuba. *Myristica bicuhyba*, Schoot. Myristiceas. Arvore do Brazil; habita nas provincias de Minas, Rio de Janeiro, Santa Catharina, etc. Tem quasi vinte e dois metros de altura, e quatro metros de circumferencia; folhas alternas, lineares-lanceoladas; flores em racimos agglomerados; o fructo é uma drupa bivalve, de fórma elliptica, contendo uma semente envolvida n'um arillo. As sementes são aromaticas, e fornecem, por expressão ou cozimento, uma substancia gordurosa, de consistencia de banha, chamada *oleo de bicuiba,* que se emprega em fricções nas dôres rheumaticas.

BILIS. A bilis, vulgarmente *colera* ou *córola*, é um liquido espesso, de côr amarella-esverdeada, de sabor amargo, e que é segregado pelo figado, orgão glanduloso, situado na parte superior e lateral direita da cavidade do ventre. Serve de reservatorio á bilis um pequeno sacco annexo a este orgão, e que communica com o intestino por um canal assaz estreito. Este liquido occupa um logar bastante importante na digestão. Quando não vai ter ao intestino, ou porque a sua secreção se suspende, ou porque algum obstaculo vital ou mecanico veda o seu escorrimento se evacuações alvinas tornam-se raras, difficeis, e as materias são descoradas ou esbranquiçadas. E, pois, evidente que do estado natural a coloração d'estas materias depende, em grande parte, da presença da bilis, e que este liquido goza de qualidades estimulantes, que determinam a contracção dos intestinos, e favorecem a expulsão das substancias excrementicias.

Durante a voga da medicina humoral, figurava a bilis frequentemente como causa importante nas explicações que os medicos, e depois d'elles o vulgo, davam das molestias mais communs. A bilis derramada, ou introduzida no sangue, a bilis superabundante ou a plenitude de bilis, as febres biliosas, etc., encontravam-se a cada passo na linguagem usual. Hoje, com razão, os medicos são mais circumspectos em semelhantes explicações, mas não é menos constante que a bilis entra como elemento em muitas affecções que não são raras, e que teremos occasião de estudar em seus logares competentes. *Veja-se* Figado, Ictericia.

BIOLOGIA. Sciencia da vida, ou estudo das diversas manifestações da vida em todos os seres organizados, tanto do reino vegetal como do animal. A biologia é pois o conjuncto das sciencias naturaes, mais do que uma sciencia especial. Os zoologistas estudam os animaes, os botanistas penetram os segredos da organização das plantas; os biologistas reunem os resultados de todos esses estudos e n'elles procuram as leis geraes que regem os phenomenos vitaes, para d'elles tirar os preceitos uteis ao desenvolvimento dos conhecimentos scientificos.

BISMUTHO. Metal de côr branca com reflexo avermelhado; peso especifico 9,82 a 9,88; derrete-se na temperatura de cerca de 247°, e cristalliza, por um resfriamento lento, em cubos dispostos de maneira a imitar uma pyramide quadrangular virada. Acha-se: 1° no estado nativo, unido com um pouco de arsenico, na Saxonia, Suecia, e França nos Pyre-

neos; 2° no estado de oxydo; 3° combinado com enxofre e arsenico. — O bismutho combinado no estado metallico com acido azotico forma o sub-azotato de bismutho, muito empregado em medicina. *Veja-se* SUB-AZOTATO DE BISMUTHO.

BISTORTA. *Polygonum bistorta*, Linneo. Polygoneas. É uma planta que habita nas montanhas da Europa. A raiz é da grossura de um dedo, e apresenta-se enrolada duas ou tres vezes sobre si mesma; parda por fóra, avermelhada por dentro; sabor adstringente. Sua infusão é um adstringente poderoso empregado em injecções nas flores brancas. Prepara-se a infusão com 12 grammas de raiz de bistorta e 375 grammas d'agua fervendo.

BISTURI. Instrumento de cirurgia de lamina cortante com cabo fixo ou movel. O comprimento, a forma e a largura da lamina variam segundo o uso a que é destinado o instrumento. Fabricam-se bisturis com cabo nikelado que se desmancha, podendo-se pois limpal-os completamente.

BITTANCOURT. Brazil, provincia de Santa Catharina. As caldas de Bittancourt, são simplesmente quentes, 35°,5, não possuem mineralização alguma, e quando frias são até boas para beber.

BITTERWASSER. (Agua amarga.) Dá-se este nome á agua de Kissingen, de Pullna, de Victoria que são amargas, e purgativas.

BLENNORRHAGIA. Molestia parasitaria da mucosa da urethra. Em razão de seus principaes symptomas, tambem dá-se-lhe os nomes de: ESQUENTAMENTO, PURGAÇÃO ou GONORRHEA.

Desde os mais remotos tempos que a blennorrhagia é muitissimo frequente São poucos os jovens que não a tem nos primeiros annos da puberdade. Antigamente confundiam-n'a com a syphilis e com o cancro molle, debaixo do nome commum de *mal venereo;* ella foi bem distincta só no começo d'este seculo, e não ha muitos annos, por Ricord. Actualmente sabe-se que é uma molestia mui distincta da syphilis, sem a mesma gravidade e muito menos frequente.

Os antigos autores attribuiam uma origem muito confusa a blennorrhagia. Elles diziam que ella podia provir do coito mesmo com uma pessoa sã durante a menstruação ou acommettida de corrimento leucorrheico, como tambem do onanismo, do abuso das bebidas alcoolicas e de mais outras causas, cada qual mais singular.

Pelos estudos recentes sabe-se definitivamente que a causa da blennorrhagia é sempre a mesma; o contagio. Na verdade, um individuo que está fraco e que tem uma irritação da urethra por excessos venereos, apanhará mais facilmente um esquentamento do que um homem são; não obstante, porem, pode-se duvidar actualmente, apezar da opinião da escola de Ricord, que seja possivel ter uma blennorrhagia a não ser pelo coito com uma mulher que tenha ou teve essa molestia. O abuso das bebidas alcoolicas e dos prazeres venereos occasionam urethrites, mas não dão a verdadeira blennorrhagia.

Estas novas ideias sobre a etiologia da blennorrhagia ficaram evidentemente provadas depois da descoberta de um microbio, encontrado no

pus que sahe da urethra e que dá á molestia o seu caracter ao mesmo tempo contagioso e infectuoso. Esse microorganismo a que deram o nome de *gonococcus* foi encontrado constantemente em todas as observações, só no pus da blennorrhagia; no pus das urethrites de origem alcoolica e traumatica nunca se encontrou esse microorganismo. Á vista d'estes resultados, não ha mais que duvidar que seja só pelo contagio que se possa ter a blennorrhagia.

Afora a inoculação, ha certas condições que são favoraveis ao apparecimento d'esta molestia. Entre outras, citaremos a leucorrhea, o excesso do coito e a existencia anterior de uma blennorrhagia que facilita a recidiva.

Symptomas. Os primeiros symptomas da molestia manifestam-se do quarto ao oitavo dia depois de uma copula infectuosa. O doente sente comichões no canal da urethra e na extremidade do membro viril, grande ardor quando ourina; apparece então uma secreção cujos caracteres variam com a evolução da molestia. No começo, é um liquido espesso viscoso, esverdeado que colla os labios do meato urethral. O orificio da urethra avermelha-se, e é dolorosa quando se o aperta, a glande incha, e o prepucio pode se tornar a séde de um edema assaz forte. Á medida que estes symptomas se caracterizam de mais a mais, o pus vai se modificando. Corre com mais abundancia, o corrimento é quasi continuo, purulento, côr amarella esverdeada com alguns filetes de sangue. Á medida que a molestia se prolonga e que os symptomas inflammatorios diminuem, o corrimento torna-se mais claro, cinzento e cessa de todo. As dôres no começo duram uma ou duas semanas, sobretudo no momento da emissão da ourina e são extremamente agudas. As dôres não se limitam somente ao membro viril; estendem-se aos testiculos, á região lombaria e apparecem tambem durante a ereeção e a ejaculação. Em alguns casos, a urethra resiste á distensão que lhe vem dos corpos cavernosos, o membro viril se curva então em forma de arco, existe então o que se chama um *esquentamento de gancho*. No fim de tres a cinco semanas, todos estes phenomenos melhoram, o corrimento diminue, as dôres desappareeem e então a molestia torna-se chronica e pode durar muito tempo, nos casos desfavoraveis.

O doente pode ficar curado em um mez ou mez e meio. Muitas vezes a molestia dura de dous a tres mezes. Accontece frequentemente que ella dura tanto menos tempo, quanto mais agudos forem os symptomas inflammatorios. Pode prolongar-se ou haver recahida devidas a exeessos sexuaes, a uma alimentação exeitante, e ao uso, fora de tempo, de bebidas alcoolicas. Não obstante estas eausas podem não ter influeneia sobre a molestia, então os aecidentes que sobrevêm podem ter por eausa uma predisposição do individuo.

São numerosas as eomplicações que apparecem no corrrer de uma blennorrhagia, citaremos entre as menos importantes a adenite, a lymphangite, a balanoposthite, a phimosis e os abeessos da urethra. Mas devemos insistir sobre algumas outras de maior importancia, que as vezes são muito graves e devem ser bem eonhecidas. A prostata pode se inflam-

mar e se declara com os seguintes symptomas : a defecação e emissão das ourinas são difficeis e dolorosas; o doente sente um peso ao nivel do anus e picadas em toda a região. Esta complicação pode degenerar em uma postema que arrebentando deixa escorrer o pus na bexiga.

As cystites com ourinas sangrentas são tão frequentes que para bem dizer não é uma complicação da molestia mas sim um de seus symptomas. Já não acontece o mesmo com a orchite que se declara espontaneamente, ou após fadigas, excessos ou copula fóra de tempo. A inchação dolorosa do testiculo diminue dentro de dias e desapparece quasi sempre no fim de um mez.

O rheumatismo tambem é uma das serias complicações da blennorrhagia. Elle acommette principalmente o pulso e o joelho, dura por muito tempo e até pode occasionnar depois rigidez das articulações bastante incommodativa e difficil de curar. Este rheumatismo tem uma particularidade, é que não cede ao tratamento pelo salicylato de soda como o rheumatismo commum, cura-se-o pela immobilidade, o iodureto de potassio, na dóse de 1 gramma por dia, e os revulsivos.

Um dos mais terriveis accidentes da blennorrhagia é, sem contestação. a ophthalmia purulenta. Todas as vezes que por descuido, a menor gotta de pus da urethra é posta em contacto como um dos olhos, desenvolve-se uma inflammação rapida e bastante grave que pode occasionnar a perda da vista. Esta perigosa eventualidade que só pode ser evitada com um asseio rigoroso, deve ser tratada com a maior presteza e com muita energia, lavando-se os olhos seis ou sete vezes por dia com uma solução de 20 grammas de acido borico em 1 litro d'agua e fazendo-se instillações pela manhã e á noite com a seguinte solução :

Nitrato de prata.....	1 gramma.
Agua.....	30 grammas.

Este modo de tratamento é bastante efficaz se fôr applicado logo no começo dos accidentes.

Tratamento. Existem dous tratamentos da blennorrhagia. Um d'elles é o da antiga pratica de Ricord; é um tratamento lento e que pode ser feito pelo proprio doente, sem inconveniente algum. Consiste elle em tomar copahiba, cubebas, sandalo, etc. Entre estes diversos productos citaremos os globulos de copahiba de Josephat, producto preparado pela casa L. Frère de Pariz, rua Jacob nº 19, as perolas de Sandalo de Clertan, e as pilulas de Kava, do Dr. Fournier. *Veja-se* KAVA. O outro é mais recente e mais rapido, necessita, porem, que seja dirigido por um medico.

1º *tratamento*. Emquanto o doente tiver dôres fortes quando ourina, e que o corrimento urethral fôr espesso e esverdeado, deve simplesmente tomar banhos e beber continuadamente cosimento de cevada e não andar. Quando estes symptomas tiverem desapparecido, tomará então todos os dias o seguinte opiato :

Pós de cubebas.....	30 grammas.
Xarope de alcatrão.....	Q. s.
Essencia de hortelã.....	5 gottas.

Faça 30 bolinhos. Para tomar em tres vezes antes das refeições, no correr do dia. Quatro ou cinco dias depois, diminue-se a dóse progressivamente. Não se deve parar com o tratamento emquanto não tiver desapparecido de todo o corrimento. Durante o tratamento o doente não deve se cançar com excesso de qualidade alguma, não ter excitações venereas nem beber bebida alguma alcoolica.

2° *tratamento*. Logo no começo da molestia, fazer com uma seringa de vidro, injecções ou lavagens na urethra com a solução seguinte.

Biiodureto de mercurio.....	25	grammas.
Agua.....	1000	—

Estas injecções devem ser feitas muito devagar e em pequenas quantidades, repete-se-as muitas vezes no correr do dia. Pode-se empregar soluções de bichlorureto de mercurio (1 gramma para 10 litros de agua), de nitrato de prata (1 gramma para 200 grammas d'agua), de resorcina (1 gramma para 100 grammas d'agua).

Este tratamento é muito efficaz em todos os casos de blennorrhagia chronica ou inveterada, qualquer que tenha sido a maneira por que ella foi tratada no começo.

Blennorrhagia na mulher. Esta molestia foi muitas vezes confundida com a leucorrhea ou flores brancas, e não é sempre facil formar um juizo sobre a natureza de certos fluxos.

Symptomas. Pouco tempo depois de uma copula impura, a mulher experimenta calor, comichão e dôr na vagina e na vulva que lhe parece estar inchada. O andar é doloroso, e a emissão das ourinas é acompanhada da sensação de queimadura. Emfim, quando a inflammação se propaga até o utero, a doente queixa-se de dôr na parte inferior do ventre, e de peso no perineo. O fluxo que apparece é mucoso-purulento; tinge a roupa de amarello, verde ou roxo; póde ser sanguinolento. A vulva incha; a membrana mucosa d'esta parte e da vagina torna-se vermelha, esfolada ou ulcerada. Em geral, a blennorrhagia produz na mulher menos dôr e anxiedade do que no homem.

Durante o curso da blennorrhagia da mulher, sobrevem ás vezes inchações phlegmonosas do volume de uma avelã na espessura dos grandes labios; terminando frequentemente por suppuração.

Todos os medicos confessam que não existe signal algum para distinguir a blennorrhagia, na mulher, das flores brancas; o estado dos symptomas em particular e a exploração dos orgãos genitaes não fornecem presumpção alguma; só as circumstancias que precedêram o fluxo, e sobretudo as relações com um homem suspeito, podem unicamente esclarecer sobre a sua natureza. Não se póde tambem accusar a mulher de ter uma blennorrhagia, pelo facto de ter ella dado esquentamento a um homem, porque uma simples inflammação não virulenta da vagina, póde produzir este effeito. E certo tambem que algumas mulheres sujeitas toda a sua vida ás flores brancas podem ser inficionadas de blennorrhagia sem o suspeitarem; n'este caso podem *muito innocentemente* communicar o esquentamento.

Tratamento. A blennorrhagia da mulher trata-se do mesmo modo que a do homem, pelo uso interno da copahiba e das cubebas. É preciso tambem tocar levemente a vagina com pedra infernal. Empregam-se, além d'isso, semicupios prolongados d'agua tepida, e injecções com decocção de linhaça. Se a molestia passar ao estado chronico, recorra-se á injecções com solução de azotato de prata ou de sulfato de zinco.

BLENNORRHEA. Dá-se este nome á *blennorrhagia chronica.* Póde ser primitiva, mas quasi sempre succede ao estado agudo. É um estillicidio continuo pela urethra de um liquido espesso, branco, viscoso, transparente, ás vezes amarello ou esverdeado. Outras vezes este fluxo é tão pouco consideravel, que passa despercebido durante o dia, porque sahe durante a emissão da ourina; mas de manhã, ao accordar, basta exercer uma pressão sobre o canal para vêr apparecer uma gotta de liquido mucoso ou puriforme. Emfim, no mais fraco gráo da molestia, existe só leve humidade no meato urinario.

Tratamento. Injecções com dissolução de azotato de prata. Injecção com tannino, e outras injecções adstringentes. Banhos frios. Banhos do mar. Leve cauterização do canal da urethra com o nitrato de prata por meio de sonda. Uso interno das preparações de copahiba, ou de cubebas, ou com as pilulas de Kava do Dr. Fournier. *Veja-se* KAVA.

BLEPHARITE. Inflammação da palpebra. *V* PALPEBRAS.

BLEPHAROPTOSE ou QUÉDA DAS PALPEBRAS. *V* PALPEBRAS.

BLEPHAROSPASMO. Espasma das palpebras. *Veja-se* PALPEBRAS.

BLEPHAROPLASTIA. Todas as vezes que por causa de um ferimento, de um traumatismo ou da extirpação de um tumor, o individuo ficou sem palpebras, o cirurgião deve empregar todos os meios para fazer uma nova, por meio da blepharoplastia. Não só seria disgracioso, mas tambem perigoso deixar um olho desprovido de seo véo protector. Para reparar a perda de substancia, corta-se perto da ferida um retalho de pelle maior do que a parte que se tenha de cobrir e applica-se-a no logar marcado ou fixa-se'o com pontos de sutura. Seria muito longo descrevermos circunstanciadamente como se pratica esta delicada operação cujos meios são numerosos e que tem dado tão bons resultados.

BOCCA. Ninguem ignora que a bocca é a abertura superior do canal intestinal. Esta cavidade comprehende differentes partes, que é util enumerar. Adiante estão os beiços; no interior da bocca as arcadas dentarias superior e inferior, onde se acham implantadas duas fileiras de dentes em numero de dezeseis cada uma; a lingua; por baixo d'ella acha-se o seu freio e os orificios dos pequenos canaes conductores da saliva. Dos lados, a bocca é formada pelas faces; estas apresentam por dentro, e ao nivel do segundo dente molar, uma pequena abertura que é o orificio do canal conhecido sob o nome de *canal de Stenon*, por onde passa a saliva segregada pela glandula parotida. No fundo apparece a *capainha da garganta*, e uma têa movel chamada *véo do céo da bocca.* Este continua lateralmente com dois pequenos prolongamentos chama-

dos *pilares*. Entre estes, acha-se a *amygdala*, especie de glandula assim chamada por causa do seu volume e da sua fórma, que se approxima á de uma amendoa (*amigdale*, em grego).

Em algumas affecções estranhas á bocca, póde ella ministrar alguns signaes preciosos que será util conhecer. Assim, em consequencia de um ataque de apoplexia, a bocca é desviada para o lado opposto á paralysia; nas convulções das crianças e dos adultos, na epilepsia, ella participa ás vezes dos movimentos nervosos. Fica aberta na deslocação do queixo. Existe uma molestia que sobrevem, ás vezes, em consequencia de feridas, e que, annunciando-se por um symptoma ligeiro na apparencia, é entretanto as mais das vezes mortal. N'esta affecção, chamada *tetano*, o doente não póde apartar os dentes; e em algumas febres com delirio ouve-se o ranger d'elles. Cumpre, todavia, notar que, em certas crianças, este ranger é habitual durante o somno, e por isso não deve causar o menor cuidado.

§ I. — Molestias da bocca.

Cancro ou **scirrho da bocca.** O cancro da bocca, que é uma molestia inteiramente differente da ulceração syphilitica, chamada tambem *cancro*, e de que trato n'outro logar, é uma das affecções da idade madura. Mostra-se frequentemente no beiço inferior; annuncia-se então por uma pequena borbulha, uma pequena verruga, ou mesmo por uma simples descamação da pelle. O ponto affectado é a séde de uma comichão particular, que parece constranger o doente de uma maneira irresistivel a arranhal-o com as unhas. Forma-se então uma crosta, e quando cahe, percebe-se uma pequena ulcera com fundo cinzento, margens duras, que causa uma dôr pungente com picadas por intervallos, e que, em uma palavra, apresenta os caracteres do cancro. O cancro do interior da bocca é muito mais raro; póde ser proveniente de molestia do osso, ou mesmo de uma simples ulceração mal curada ou desprezada. Quanto ao tratamento, a ablação da parte doente é o unico remedio seguro. *Veja-se* Cancro.

Feridas na bocca. *Veja-se* Aphtas.

Feridas por armas de fogo na bocca. *Veja-se* Feridas.

INFLAMMAÇÃO DA BOCCA ou ESTOMATITE. A inflammação da membrana mucosa da bocca provem de muitas causas. Ella mostra-se principalmente nas crianças mal amammentadas ou desmammadas muito cedo. Ha casos em que se desenvolve ulcerações e mesmo gangrenas durante as convalescencias de molestias febris taes como a variola e os sarampos. Emfim muitos venenos dão estomatite, á frente d'elles temos o mercurio, depois vem o chumbo e o phosphoro. A estomatite se mostra principalmente nas crianças, sobretudo na epoca da primeira dentição; já é mais rara na segunda dentição, e completamente excepcional mais tarde quando nos jovens ha o trabalho dos dentes do siso.

Os symptomas communs a estas variedades de estomatites são: ver-

melhidão, inchação dolorosa da mucosa da qual o epithelio se desliga. O calor e a sensibilidade da bocca augmentam, o halito torna-se fetido e a salivação abundante. A mastigação, a deglutição e a sucção tornam-se dolorosas a ponto de que tanto os adultos como as crianças de collo recusem toda a sorte de alimentos. Taes são as formas das variedades ligeiras da estomatite. Quando ella é grave, formam-se ulcerações saniosas, retalhadas, ou placas pretas provenientes de tecido gangrenado; n'este caso o halito tem um fedor de gangrena insupportavel; a febre é intensa, o doente enfraquece e póde morrer. A estomatite de proveniencia mercurial tem de particular que os dentes se descarnam e a salivação é tão abundante que póde attingir a muitos litros nas 24 horas. Estes accidentes eram muito communs no seculo passado, quando se tratava os esquentamentos pelo mercurio em altas dóses e sem se tomar precauções.

No tratamento d'esta epecie de estomatite não se deve dar ao doente nenhuma substancia assucarada porque haveria decomposição por fermentação e a molestia tornar-se-hia mais grave.

Nas estomatites ligeiras, basta dar a chupar constantemente ao doente pequenos pedaços de gelo e fazel-o gargarejar com o seguinte gargarejo:

Chlorato de potassa.....	10	grammas.
Bicarbonato de soda.....	5	—
Agua.....	250	—

As inflammações graves devem ser tratadas do mesmo modo, póde-se praticar tambem a cauterização dos logares ulcerados, fazer lavagens com agna boricada. O doente deve ter uma alimentação tonica; vinho, leite, caldo de carne assada, etc. Aos adultos sobretudo dar-se-ha internamente de 2 a 4 grammas de chlorato de potassa em 24 horas, ou de 6 a 12 pastilhas de chlorato de potassa de Dethan; tendo em mente que este medicamento destróe dentro de pouco tempo os globulos vermelhos do sangue.

O tratamento da inflammação da bocca resultante dos medicamentos mercuriaes acha-se descripto no artigo SALIVAÇÃO.

Ulcerações da bocca, vulgo FERIDAS. Podem depender de muitas causas, taes como a acção do mercurio, o mal venereo, o escorbuto, ou simplesmente da acção de um corpo irritante. Nos individuos que tem feito uso prolongado de preparações mercuriaes, podem sobrevir, sobretudo no interior das faces e nas amygdalas, ulcerações superficiaes e assaz largas: sua côr é esbranquiçada; as circumstancias que as acompanham, taes como o uso interior do mercurio, uma salivação abundante, a inchação das gengivas, as fazem reconhecer muito facilmente. Para cural-as, convem cessar instantaneamente o uso do mercurio, empregar gargarejos com cozimento de cevada, mel rosado e vinagre. (*Veja-se* SALIVAÇÃO MERCURIAL.)

As *ulcerações escorbuticas*, que atacam mais frequentemente as gengivas, são tambem faceis de reconhecer: as carnes em roda d'ellas estão molles, violaceas, deitam sangue pela menor compressão; o halito é

sempre fetido. Ao mesmo tempo existem symptomas geraes do escorbuto, taes como a fraqueza geral, nodoas roxas na pelle, etc.

As *ulcerações venereas* tem caracteres particulares, que, além das circumstancias anteriores, podem ajudar a reconhecêl-as. Chamam-se *cavallos* ou *cancros*, e declaram-se em consequencia de outros symptomas venereos observados principalmente nas partes genitaes. Seus caracteres consistem em serem redondas, terem margens duras, cortadas perpendicularmente, e o fundo cinzento; quando existem na lingua, são pequenas, mais exactamente redondas e em grande numero. Não se confundam, porém, estes symptomas syphiliticos com os *botões* ou *papillas* que se acham naturalmente no fundo da lingua, ou com vermelhidões, pequenas excavações, e mesmo ulcerações, que dependem da disposição dos pilares do céo da bocca e das amygdalas, ou das gradações das côres naturaes d'estas partes. As ulcerações venereas principiam por uma simples vermelhidão; pouco depois mostra-se no centro d'esta vermelhidão um ponto ulcerado que augmenta continuamente. Vão-se estendendo; não é raro encontrar-se individuos que assim perdêram o céo da bocca; a voz torna-se então fanhosa e adquire um som particular. E bom lembrar-se que as ulcerações simples podem ter alguma semelhança com os cancros venereos; seu fundo póde ser cinzento e suas margens corteadas perpendicularmente: a marcha da molestia e as circumstancias que a precedêram podem então tirar as duvidas. As vezes, sem causa conhecida, ou em consequencia de uma febre, sobrevem em roda dos beiços uma erupção de pequenas vesiculas sem perigo. O melhor remedio contra as ulcerações venereas é um tratamento anti-syphilitico bem ordenado. As pessoas que, tendo sido affectadas de molestias venereas nas partes genitaes, depois de curadas tem ulcerações no fundo da bocca, não devem deixar de consultar medico, que é o unico competente para julgar da natureza do mal.

As ulcerações *simples* são as mais frequentes; muitas causas podem produzil-as: de ordinario sobrevem espontaneamente e sem causas conhecidas. A applicação de corpos irritantes, mordeduras involuntarias, podem occasional-as. Muitas vezes, a ulceração principia por uma pequena borbulha; mais frequentemente ainda é produzida por um dente situado obliquamente; isto acontece principalmente com as ulcerações das faces e da lingua: concebe-se então que o melhor remedio consiste em extrahir ou limar o dente mal collocado. As ulcerações simples da bocca exigem a principio gargarejos emollientes feitos com decocção de raiz de althéa; e quando a inflammação tiver cedido, dever-se-ha accelerar a cura com gargarejos adstringentes, feitos com infusão de rosas rubras e mel; poder-se-ha mesmo tocar a ulcera com pedra-hume ou com pedra infernal, e sobretudo fazer uso das pastilhas de chlorato de potassa de Dethan, na dóse de 6 a 12 por dia. (V. CHLORATO DE POTASSA.)

Para as outras feridas ou ulcerações da bocca *veja-se* APHTAS, SAPINHOS, e para as rachas ou fendas dos beiços, *veja-se* BEIÇOS.

§ II. — Hygiene da bocca.

A arte de preservar a bocca, e sobretudo os dentes, de toda a especie de alteração não deixa de ter alguma importancia. O halito brando, gengivas firmes, e que não sejam nem sanguentas, nem de um vermelho-roxo, dentes alvos bem ordenados e beiços vermelhos, são attributos não só da saude, mas tambem da formosura. A pureza do halito póde ser alterada por certas affecções do estomago e do nariz; ás vezes por uma abundante secreção no interior da bocca de materia amarellada, gordurosa, que espalha cheiro desagradavel. As mais das vezes, o máo halito é occasionado por um dente cariado, por uma ulceração da bocca, e nas pessoas pouco asseadas, pela accumulação da pedra nos dentes. Remedêa-se isso combatendo a causa do mal. (*Veja-se* Halito.) Póde-se, entretanto, diminuir o máo halito fazendo-se uso de pastilhas de hortelã-pimenta, ou de pastilhas de cato aromatizadas de diversas maneiras. Em certas pessoas, as gengivas, sobretudo as que correspondem aos dentes anteriores da queixada inferior, são molles e inchadas, deitam sangue ao menor contacto; comprimindo-as, faz-se sahir d'entre ellas e os dentes uma materia esbranquiçada mais ou menos espessa, a qual, depois de secca, forma aquella camada particular que cobre os dentes, e a que se deo o nome de *pedra dos dentes*.- Esta ultima envolve ás vezes inteiramente os dentes, e torna-se tão dura, que só póde ser arrancada com instrumentos de aço. É preciso tirar esta materia com cuidado, á proporção que se vai formando e antes que se tenha solidificado; e para isto, todas as manhãs passar-se-ha na bocca uma escova molhada em agua pura, ou misturada com um pouco d'agua dentifricia Bobœuf. As fricções serão dirigidas de cima para baixo nos dentes da queixada superior, e de baixo para cima nos da queixada inferior. Se esta materia se tornar solida, as fricções não serão sufficientes para tiral-a : será necessario recorrer a um dentista, que a extrahirá com instrumentos appropriados. Não havendo esta precaução, a pedra descarna e faz cahir os dentes. A regra mais importante para a bocca consiste em trazel-a sempre limpa; ter-se-ha o cuidado, no fim de cada comida, e de noite ao deitar, de laval-a com agua e tirar com um palito todas as particulas de materias animaes que tenham ficado entre os dentes. Os pós dentifricios, que se acham, em toda a parte, branqueam em geral os dentes, mas devem esta propriedade a um acido que tem o inconveniente de atacar o esmalte; e por isso é melhor empregar alguns dos pós cujas receitas indico no artigo Dentes, e cuja composição é conhecida, do que usar d'essas preparações secretas. O emprego de pós inertes, taes como a magnesia, o osso de siba pulverizado, os pós de lirio, a Odontina Pelletier, o Elixir odontalgico Pelletier, e alguns outros que se acham no artigo Dentifricio, pode ter logar sem inconveniente. Uma bebida fria, tomada após um alimento mui quente, é contraria á conservação dos dentes. Devem-se tambem evitar as substancias muito acidas e causticas. *Vejam-se* Dentes, Dentifricio.

BOCCA AMARGA. *Veja-se* AMARGOR DE BOCCA.

BOCEJO. Assim se chama uma inspiração grande, forte e longa, independente da vontade até certo ponto, com abertura mais ou menos consideravel dos queixos, e seguida de uma expiração prolongada. O bocejo tem por effeito introduzir no pulmão uma maior quantidade de ar, proporcionada á quantidade de sangue que tem precisão de ser revivificado; e por isso tem logar sempre que uma causa qualquer, tal como a necessidade de dormir, a fome, o aborrecimento, tende a diminuir a quantidade do ar, ou a accumular o sangue no coração ou no pulmão. Ás vezes, o bocejo é um simples phenomeno nervoso que depende da perturbação da respiração. A imitação e a lembrança podem tambem provocal-o. Para impedir o bocejo, é preciso fazer uma grande inspiração, ou reter algum tempo a expiração.

O becejo produz, ás vezes, a deslocação do queixo inferior; algumas pessoas até não podem bocejar sem se deslocarem o queixo inferior; ficam então com a bocca aberta até que alguem lhes torne a pôr o queixo no seu logar. Os meios de redução do queixo acham-se indicados no artigo DESLOCAÇÃO.

BOCHECHOS. Algumas pessoas chamam assim o gargarejo, no entanto que o bochecho é uma porção de liquido que se toma de uma vez na bocca distendendo as faces; empregam-se liquidos em bochechos para combater as inflammações das mucosas da bocca.

BOCIO. (*Veja-se* PAPEIRA.)

BODE. (*Animaes domesticos.*) O bode deve ter estatura superior á estatura média da sua raça, pescoço curto e carnoso, cabeça pequena, orelhas grandes e pendentes, côxas grossas, pernas robustas, barbicacho espesso e comprido, lã fina. Pode ser empregado no mister da reproducção, desde a idade de dois até á de sete annos. É naturalmente, muito prolifico, e, sendo bem alimentado, póde ser sufficiente, dizem, para 150 cabras, durante dois ou tres mezes. Mostra a experiencia que de dez cobrições; nove são fecundas. Bem tratado, o bode é bastante docil; mas se o maltratam, torna-se máo, e ás vezes perigoso. Na época da reproducção, deve dar-se-lhe, além da sua ração ordinaria, 1 litro de aveia em duas comidas; pode-se juntar a este regimen um pouco de vinho, que elle bebe com prazer. A sua carne é tão dura e de gosto tão desagradavel, que não se pode utilizar, senão dando-a aos porcos, depois de cozida.

BODELHA. (V. ALGA VESICULOSA.)

BOFES. Molestias dos bofes. *Veja-se* PULMÕES.

BOFETADA, BOFETÃO. O resultado ordinario das bofetadas é a contusão do rosto, do nariz, de um olho, etc. Se a contusão fôr consideravel, appliquem-se pannos molhados em agua fria. *Veja-se* CONTUSÃO.

BOI. (*Animaes domesticos.*) Assim se chama na especie bovina o macho castrado. De todos os animaes que o homem submetteo á domesticidade, o boi é o mais util e o mais precioso. Não somente nutre seu dono, mas tambem é d'entre os animaes um dos que menos despendem e consomem. O boi tem o somno curto e leve; acorda ao menor ruido;

deita-se ordinariamente do lado esquerdo, e o rim d'este lado é sempre mais grosso e mais carregado de gordura do que o do lado direito. Os bois, como os outros animaes domesticos, variam de côr; mas o pello ruivo é o mais commum. De qualquer côr que seja o pello do boi, deve ser luzente, espesso e brando ao tocar; porque se é rude, mal unido ou desguarnecido, pode-se suppôr com razão que o animal soffre ou pelo menos que não é forte.

Conhece-se a idade do boi pelos dentes e pelos chifres.

Os chifres são para estes animaes armas poderosas e temiveis: quando querem fazer uso d'elles, abaixam a cabeça, apresentam ao seu adversario a ponta dos chifres, rasgam-n'o ou atiram-n'o para o ar, se não é de grande talhe. O boi come depressa e toma em pouco tempo toda a alimentação que lhe é necessaria, depois do que cessa de comer e deita-se para *ruminar*, isto é, para fazer voltar pouco a pouco os alimentos á bocca, tornar a mastigal-os e engulil-os depois. O boi adquire todo o seu crescimento aos 30 ou 40 mezes, e poderia viver 15 a 20 annos, se o não matassem antes d'esta época.

Boi de serviço. Deve ter estatura mediana, articulações grossas, constituição robusta, pelle grossa, chiffres grossos, e côr mais ou menos escura; não deve ser nem muito gordo nem muito magro. Compra-se ordinariamente uma junta de bois do mesmo tamanho, e comprando um só boi, convem emparelhal-o com outro da sua dimensão; do contrario a tiragem seria desigual e o animal mais forte levaria todo o peso do trabalho. Notou-se que os companheiros de canga ligam-se de amizade, e parecem abatidos quando estão separados. Estes animaes, tão pesados, e cuja intelligencia parece tão pouco desenvolvida, são muito sensiveis ás caricias e aos bons tratamentos: obedecem melhor á voz de um bom conductor, do que á ponta da aguilhada. O boi não deve trabalhar senão desde a idade de 3 annos até 10. Aos dez annos está ainda bom para se engordar; mais velho, a carne perderia muito da sua qualidade. Se se criam unicamente bois com o fim de ter bons animaes de trabalho, podem não se castrar senão aos 18 mezes ou aos 2 annos; mas se se quer que, depois de terem trabalhado, estejam ainda bons para serem engordados, é mister castral-os muito novos, na idade de 6 semanas, sendo possivel, e, em todo o caso, antes que tenham 6 mezes.

Os pascigos onde se conduzem os bois devem ter a herva alta e abundante, porque a disposição de sua lingua não permitte que se apascentem das hervas muito curtas. Os seus estabulos devem ser bem arejados, frescos no verão, quentes no inverno: é preciso manter n'elles os bois tão bem durante os fortes calores como nos grandes frios, e, tanto quanto fôr possivel, cada vez que o tempo estiver chuvoso. Mediante estes cuidados, evitar-se-hão a maior parte das molestias que tão frequentemente dizimam os gados e arruinam os cultivadores. *Veja-se* EPIZOOTIA.

Cumpre, sobretudo, esforçar-se em prevenir as molestias: para este fim, cada manhã, ao pensar o gado, o boieiro deve examinar se elle se

acha em bom estado de saude. A tristeza, o abatimento, o fastio, uma ruminação lenta ou nulla, difficuldade de deitar-se ou de levantar-se, orelhas frias ou quentes, a côr amarellada dos beiços, da lingua e dos olhos, a agitação dos flancos, berros repetidos e gemebundos, os tumores subitos, são outros tantos indicios pelos quaes o boieiro exercido reconhece que o boi está doente. O primeiro remedio que deve applicar-se é a dieta e o repouso ; supprime-se a alimentação do animal, e só se lhe dá agua pura com farinha de cevada ou farelos. Se o animal só se acha levemente indisposto, este regimen será sufficiente para restabelecêl-o. Se os symptomas, em vez de diminuirem, se vão aggravando progressivamente, convem então recorrer aos cuidados do veterinario.

Os bois empregam-se para o serviço de tiro por meio da canga ou do jugo: estes dois modos tem suas vantagens e seus inconvenientes. Todavia, dá-se geralmente a preferencia ao ultimo modo : Ferram-se os bois, quando devem trabalhar n'um terreno duro e pedregoso : uma ferradura adaptada a cada uma das unhas não embaraça a sua separação nem a elasticidade do casco. Em alguns paizes, só se ferra a unha externa.

Boi para o açougue. As qualidades que deve possuir um bom boi destinado para céva são as seguintes : fórmas agradavelmente arredondadas, ossos pequenos, carnes elasticas ao tocar, a pelle delgada, flexivel, muito movel sobre as costellas, pernas delgadas e curtas, os flancos cheios, o peito amplo, o corpo alongado, o lombo largo, a garupa volumosa, as coxas espessas, os chifres delgados e quasi transparentes, o caracter brando e o appetite bom. Entre as raças bovinas, a que dá melhor carne, é a raça ingleza chamada *durham*.

A carne dos bois novos é mais tenra e gelatinosa do que a dos que tem feito muito serviço ; todavia a d'estes ultimos é mais fibrinosa e substancial, e póde tornar-se boa, se os animaes forem convenientemente engordados. Os bois costumam engordar-se na idade de 15 annos, quando já não são proprios para o serviço ; mas nos bois destinados especialmente ao consumo, a céva deve começar na idade de 4 a 5 annos, e dura de 3 a 6 mezes. Cevam-se os bois por meio da pastagem, da estabulação e do regimen mixto. *Veja-se* VACCA, VITELLO, TOURO.

BOI GORDO (Planta). *Veja-se* AMENDOIRANA.

BOLHA. Pequeno tumor cheio de serosidade limpida, accumulada debaixo da epiderme. Póde resultar de uma queimadura, da applicação de um caustico, do attrito das mãos contra algum corpo duro ; n'este ultimo caso chama-se mais particularmente *empola*. As bolhas manifestam-se tambem na *erysipela* e no *cobreiro*. *Veja-se* EMPOLA, COBREIRO, ERYSIPELA.

BOLDO. *Pneumus boldus*. E o nome que se dá aos ramos e ás folhas de uma planta da familia das monimiaceas que cresce no Chili.

O *pneumus boldo* é uma arvore bastante alta sempre cheia de folhas de côr cinzenta, de cheiro aromatico mui prounciado e um sabor acre e picante. Tratando-se os ramos pelo alcool e o acido chlorhydrico, obtem-se uma substancia especial que se chama Boldoglucina.

Com o seu alcaloide, a *boldina*, faz-se uma tintura alcoolica e um vinho preconisado no tratamento da dyspepsia, da chloroanemia, nas convalescencias das febres graves, e como estimulante. O emprego da essencia de Boldo dá bons resultados nas cystites agudas e chronicas.

BOLO. Chamam-se bolos, em pharmacia, as pilulas, cujo peso excede o de 30 centigram., e póde chegar a 1 gramma e mesmo a 4 grammas.

BOLO ARMENIO. Terra argilosa, de côr rubra devida á presença do peroxydo de ferro. Apresenta-se em massas compactas, pesadas, macias ao tocar, manchando os dedos. Reduzida a pó e bem lavada chama-se *bolo armenio preparado* ; entra na composição de alguns pós dentifricios: Antigamente tirava-se da Persia e da Armenia ; hoje tira-se da França, dos arredores de Blois e Saumur.

BOLOR. *Veja-se* Mofo.

BOLSA DE PASTOR (planta). *V.* Mandioquinha do campo.

BOLSAS. *Veja-se* Escroto.

BONNES. *Veja-se* Eaux-Bonnes.

BORAX. Dá-se este nome ao sub-borato de soda do commercio. Este sal acha-se no Perú, na ilha do Ceylão, nas lagoas da India, na Transylvania, e na Saxonia. Colhia-se outr'ora na margem das lagoas, onde se achava crystallizado pela evaporação natural das aguas; e era submettido a muitas purificações para o uso das artes e da medicina. Hoje prepara-se saturando com o carbonato de soda o acido borico, que existe dissolvido na agua das lagoas de Castel-Nuovo, de Montecerboli e de Cherchiajo, na Toscana. Tem a fórma de crystaes hexaedricos mais ou menos chatos, terminados por pyramides de tres faces; branco, experimentando ao ar só uma cfflorescencia superficial; de sabor estyptico; soluvel em 8 partes d'agua fria, em 2 partes sómente d'agua fervendo. Nas artes, o borax do commercio serve para soldar varios objectos. Em medecina, emprega-se principalmente como adstringente nas aphtas e salivações, em gargarejos. Estes gargarejos preparam-se com 4 a 8 grammas de borax e 360 grammas d'agua.

BORBORYGMOS. Chama-se borborygmos o ruido produzido pela progressão dos gazes na cavidade do intestino. Frequente nos individuos, com saude, este symptoma torna-se constante nos casos de diarrhea, de indigestão, de enterite, etc. As pessoas nervosas acommettidas de desenvolvimento exagerado de gaz no tubo digestivo tem borborygmos ruidosos e incessantes. E um facto notavel principalmente em certas hystericas. Para fazer desapparecer os borborygmos, é necessario combater a causa, isto é, o excesso de gaz. Prescreve-se então pós inertes, eis a formula :

Giz em pó.....	}	
Salycilato de bismutho.....	}	ãa 5 grammas.
Magnesia calcinada.....	}	

Misture e divida em 20 papeis. Para tomar 6 papeis por dia depois de cada refeição.

O pó de carvão é tambem muito util n'este caso. Administrar-se-ha

debaixo da forma de pó de carvão do Dor Belloc, na dóse de duas a tres colheres, das de sopa, por dia.

BORBULHA. Empola pequena ou botãozinho vermelho na pelle. *Veja-se* Botão, Espinha, Sarampos, Bexigas, etc.

BORDOADA. As offensas physicas que resultam das bordoadas são ordinariamente contusões. *Veja-se* Contusão.

BORMIO. Italia. Aguas sulfatadas calcicas magnesianas 37° a 42°. Affecções rheumatismaes, dyspepsia, congestões e colicas hepaticas, catarrhos das vias respiratorias e das vias urinarias, dermatoses e pellagro, affecções uterinas. Banhos, duchas e lodo.

BORRACHA. Gomma elastica ou cautchuc corrupção de *cahuchu* dos indigenas. Producto da dessecação de um succo leitoso que se extrahe, por incisão, de muitas plantas da America meridional, e das Indias orientaes.

Os *vegetaes que produzem a borracha* são bastante numerosos. Uns contém grande porção d'ella, outros pouca. Pertencem ás familias das Euphorbiaceas, Artocarpeas, Apocyneas e Lobeliaceas. De todos os vegetaes o que fornece maior quantidade de borracha é a seringueira, arvore do Brazil que habita no Pará, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte e Matto-Grosso, chamada por Persoon *Siphonia elastica*, da familia das Euphorbiaceas (*Veja-se* Seringueira). A arvore chega a ter n'essas provincias 9 a 18 metros de altura e $2^{m},20$ a $2^{m},60$ centimetros de grossura; acha-se principalmente nos logares alagadiços. As outras arvores da mesma familia que fornecem a borracha são: *Siphonia rhytidocarpa*, Martius; *Siphonia brasiliensis*, Willd.; *Siphonia lutea*, Spruce; *Siphonia brevifolia*, Spruce; todas habitam no Pará.

Na familia das Artocarpeas acham-se: *Ficus anthelmintica*, Martius, vulgo *Coadjinguva* (Rio Negro do Brazil); *Ficus doliaria*, Martius, vulgo *Gamelleira* ou *Figueira branca* (Rio, S. Paulo, Minas); *Castilloa elastica*, Cerv., do Mexico; a *Ficus elastica*, Roxb.; a *Ficus indica*, Lam.; a *Ficus religiosa*, Linneo; a *Ficus radula*, Willd.; a *Ficus elliptica*, Kunth.; a *Ficus prinoides*, Will.; que habitam todas na America meridional.

Na familia das Apocyneas encontra-se a Sebuuva, *Plumeria phagedenica*, Martius (Amazonas); a Tiborna, *Plumeria drastica*, Martius (Minas, Bahia, Pernambuco); a Sorveira, *Collophora utilis*, Martius (Pará, Rio Negro); a *Vahea gummifera*, Poir., que dá a borracha de Madagascar; a *Ureola elastica*, Roxb (Borneo); a Mangabeira,. *Hancornia speciosa*, Gomes (Brazil).

Entre as Lobeliaceas, a *Lobelia caoutchouc*, Kunth (Nova-Granada).

Colheita. Eis-aqui como se colhe a borracha. Um operario munido de um picão, de um cabaço e de uma pequena porção de barro molhado com agua, transporta-se pela manhã muito cedo aos logares onde se acham as arvores que fornecem a borracha. Pega ao tronco uma tigelinha de barro amassado grosseiramente, e dá por cima um golpe transversal muito profundo, poucos palmos acima da raiz, e chegando á parte lenhosa. Passa a outra arvore e repete a mesma operação. *Sangra* assim

um certo numero de arvores; depois, tornando, atraz transvasa as taças no cabaço e volta para casa com a sua colheita.

Tem-se notado que as seringueiras são, para assim dizer, como as vaccas leiteiras; quanto mais leite se lhes tira, tanto mais abundante se torna este. Comtudo cumpre não esgotar a arvore, para fazer durar a colheita. Ordinariamente deixam-se as arvores, em repouso desde a florescencia até a madureza do fructo.

Para que a seiva corra com mais abundancia, faz-se, por cima da incisão transversal, outra incisão vertical, que começa do alto do tronco, até encontrar a primeira transversal; fazendo-se além d'isto, de distancia em distancia, incisões obliquas á vertical. Muitas vezes, facilitam essa operação, arrochando a arvore com cordas ou cipós, o que não raras vezes a faz morrer.

A quantidade da seiva leitosa que se colhe é variavel. Em geral, 20 arvores deixam manar, termo médio, 1 litro. As mulheres podem colher cerca de dois litros: é a quantidade normal. O Dr. Weddel vio, ao longo do rio Amazonas, um obreiro voltar para casa com um cabaço que continha pelo menos cinco litros. Esta quantidade é sufficiente para fabricar vinte garrafas, ou dez pares de sapatos. É preciso cerca de 3 litros de seiva para ter 1 litro de borracha. As filhas d'este obreiro, menos exercidas do que elle, não colhiam mais de 2 litros por dia.

Depois de obtido o succo, é preciso seccal-o para reduzil-o a consistencia solida. Secca-se o succo expondo-o á acção do fogo que faz evaporar a parte liquida e faz coagular a albumina vegetal do succo.

Para fazer uma garrafa, fixa-se uma bola de barro na extremidade de um páo; applica-se-lhe uma camada de succo, deixa-se seccar esta camada ao braseiro de certas plantas, cuja chamma é alimentada pela semente oleaginosa da palmeira urucuri (*Attalea excelsa*); torna-se a molhar a bola; põe-se ao fumo pela segunda vez, e assim por diante até que a substancia tenha adquirido espessura conveniente. Em geral, são necessarias doze camadas. Quebra-se então a bola, ou dilue-se em agua, e esvazia-se a garrafa pela abertura que se fez, separando-a do páo. A fumaça, que a borracha recebe, dá-lhe a côr denegrida com que ella se apresenta no mercado.

Para fabricar um sapato, ha um molde de páo fixado na ponta de uma haste. Um obreiro, sendo habil, póde fazer quatro ou cinco sapatos em dez minutos.

A fórma mais ordinaria da borracha, é a de uma garrafa ou de um sapato; porém, ás vezes, os Indios dão-lhe a fórma de uma ave ou de qualquer outro animal. Prepara-se tambem em laminas ou massas informes.

Por muito tempo foi a borracha exportada do Brazil em estado solido, pouco endurecida, conservando a sua elasticidade, até que o fallecido Henrique Antonio Strauss, conseguio conserval-a sem alteração em estado liquido, e sem ser preciso preserval-a inteiramente do ar atmospherico, conservando-a hermeticamente fechada. O ammoniaco é hoje usado para conservar a borracha no estado liquido. O mesmo Strauss

obteve a solidificação da borracha por meio da pedrahume. O processo de Henrique Antonio Strauss supprime a defumação. A provincia do Pará comprou o privilegio de Strauss pelo qual se obtem a borracha sem o inconveniente de ficar o operario exposto ás emanações da combustão, e do solo pantanoso em que geralmente existe a arvore, podendo por este processo preparar a borracha na sua habitação. O processo Strauss é hoje publico : consiste n'uma certa quantidade de dissolução de pedrahume em agua, que se lança em uma determinada porção de seiva leitosa. A rotina tem-se opposto á propagação d'este processo simples e vantajoso.

A borracha, tal como apparece no commercio, é uma substancia arroxeada, meio-transparente quando se acha em laminas delgadas, muito flexivel e eminentemente elastica. Derrete-se ao fogo, intumece consideravelmente, e arde em chamma mui branca, espalhando uma fumaça odorifera muito espessa. È insoluvel n'agua fria, amollece sómente n'agua fervendo; é insoluvel no alcool, mas soluvel na benzina, na essencia de terebinthina, no ether puro, no sulfureto de carbone, o qual, addicionado de 6 a 8 partes de alcool, constitue o melhor dissolvente da borracha.

O enxofre combina-se directamente com a borracha na temperatura de 140° a 160°, e mesmo a frio, mediante os dissolventes especiaes. Segundo as condições da operação, o producto obtido é secco, duro, fragil, ou, então, de uma flexibilidade e de uma elasticidade que permanecem estaveis nas differentes temperaturas. N'este caso, tem o nome de *cautchuc vulcanizado*.

Usos. Os usos da borracha são numerosissimos, e multiplicam-se cada dia. A borracha ordinaria emprega-se para apagar no papel os traços de lapis. Serve para preparar muitos instrumentos de cirurgia, taes como sondas, bugias, pessarios, seringas, bicos de peito para as amas que tem os seios rachados, cornetas acusticas, etc.; para confeccionar calçados e tecidos impermeaveis. Estes preparam-se cobrindo a fazenda com uma camada de borracha liquida, ou, melhor, dissolvida n'uma mistura de sulfureto de carbone e de alcool, a qual camada se deixa depois seccar. Reduzida a fios mui delgados, serve para preparar tecidos elasticos para suspensorios, ligas, colletes, etc. A borracha derretida é muito vantajosa para untar as torneiras; uma rolha de cortiça coberta de borracha torna-se inteiramente impermeavel.

A borracha entra tambem na composição do *mastique* ou *visco marinho*, empregado nas construcções navaes, e no calafeto dos navios. Constroem-se em Londres botes de salvação com pranchas feitas de borracha e cortiça pisada. Serve para fazer vernizes que nunca racham.

O *cautchuc vulcanizado* conserva a sua elasticidade em todas as temperaturas; é inattacavel pelos dissolventes do cautchuc ordinario, e resiste á compressão: em consequencia d'estas preciosas propriedades recebeo numerosas applicações nas artes, e na fabricação dos instrumentos de cirurgia. Mas adquire por seu contacto com a pelle, um cheiro de acido sulfhydrico, que provém de que o suor exerce uma acção

sobre o enxofre que existe no cautchuc vulcanizado; pelo que a maior parte dos apparelhos cirurgicos são confeccionados com a borracha ordinaria; a vulcanizada serve para os tecidos elasticos destinados a outros empregos.

BORRACHA CHIMARONA. *Echium plantagineum*, Saint Hil. Planta europea da familia das Borragineas, naturalizadą no Brazil; habita no Rio Grande do Sul. Caules de 33 a 50 centimetros, herbaceos, mas duros, eriçados de pellos; folhas *radicaes*, pecioladas, do comprimento de 4 a 8 centimetros, da largura de 1 a 2 centimetros, ovaes ou oblongas, decurrentes sobre o peciolo; folhas *caulinas* alternas, sesseis, do comprimento de 5 centimetros, da largura de 8 a 12 millimetros, e diminuindo gradualmente de tamanho; folhas *superiores* sesseis, lineares, um pouco agudas; todas cobertas de pellos deitados, brancos; flores reunidas no apice dos talos em um racimo composto ou panicula recta, corolla de um azul purpurino. As folhas são emollientes; a sua infusão emprega-se em bebida ou banhos, 8 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

BORRACHUDO (Picadas de). *Veja-se* Mosquito.

BORRAGEM. *Borrago officinalis*, Linneo. Borragineas, Planta que habita no Brazil e em Portugal perto das habitações (fig. 111). Caule coberto de pellos; folhas mui grandes, ovaes, hirsutas com pellos rudes; flores azues. O chá de flores ou folhas de borragem é um sudorifico empregado nos sarampos, bexigas, escarlatina, constipação, etc. Prepara-se com 4 grammas de borragem e uma chicara d'agua fervendo.

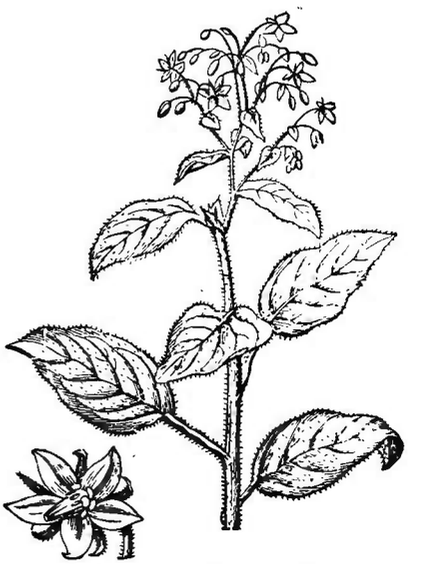


Fig. 111. — Borragem.

BOTÃO. Designam-se vulgarmente com o nome de *botões* pequenas erupções na pelle, isoladas, redondas, mais ou menos duras, um tanto dolorosas de côr rosea-pallida ou vermelha, seguidas de escamação, mas não de suppuração. As causas que favorecem o desenvolvimento d'estas erupções são a mocidade, a habitação n'um clima quente, um regimen excitante, e certas diposições dos orgãos digestivos. Os jovens de ambos os sexos que se approximam da puberdade são mui sujeitos a este incommodo.

De ordinario desapparecem estas erupções espontaneamente, mas se persistirem, o seu tratamento consistirá em banhos, regimen sobrio, e principalmente composto de vegetaes, alguns purgantes brandos, e banhos, d'agua com sabão, á qual se ajuntará uma pouca d'agua de toilette de Ixora. *Veja-se* Espinha.

Algumas pessoas dão o nome de botão ao *fruncho* ou *leicenço*. *Veja-se* Fruncho.

BOTICA DOMESTICA. Ás vezes, a menor demora na administração dos remedios póde augmentar a gravidade da moestia. Por conseguinte, nas fazendas afastadas dos soccorros medicos, e até nas chacaras, é muito util ter á mão uma collecção dos medicamentos que melhor aproveitam no tratamento das molestias mais frequentes. Os seguintes são simples, de facil administração, sobretudo nos accidentes subitos, em que o doente corre risco de vida, se não fôr soccorrido a

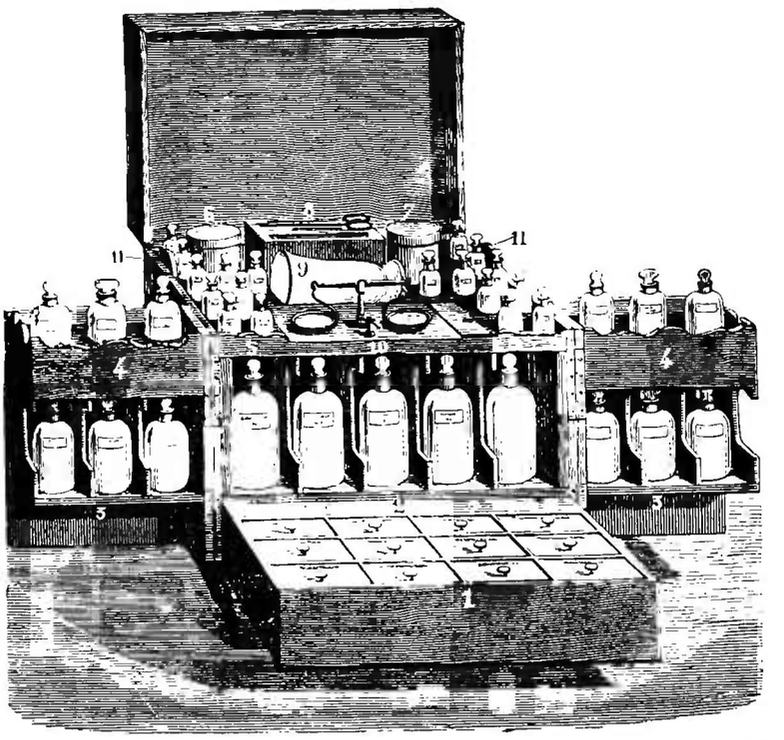


Fig. 112. — Botica portatil, aberta. — O decimo do tamanho natural (*).

tempo. Estes medicamentos podem tambem servir para o medico, que, chamado para ver o doente, achará com que fazer as preparações de que precise. Os capitães de navios deveriam leval-os nas suas viagens. Em França, os navios mercantes são obrigados, por ordem do governo, a ter estes medicamentos a bordo.

(*) 1. Gaveta com doze compartimentos, que contém raizes, folhas, flores, sementes, etc. — 2. Cinco frascos de 250 grammas cada um. — 3, 3. Seis frascos de 125 grammas cada um. — 4, 4. Seis frascos de 30 grammas cada um. — 5, 5. Doze frascos de 15 grammas cada um. Atraz d'estes, acham-se seis frascos de 8 grammas. — 6. Pote de estanho que contém 150 grammas de ceroto simples. — 7. Pote de estanho que contém 150 grammas de unguento de Arceus. — 8. Tesoura, lanceta, pinça, caneta com pedra infernal. Debaixo d'estes objectos existe uma caixinha com alfinetes, agulhas e linha de coser. — 9. Copo graduado de 125 grammas. — 10. Balança granataria : á dircita d'esta acha-se um compartimento com pesos. — Pegando pelas azas 11 e 11, e levantando o plano superior da botica, descobre-se o interior da caixa, que contém compartimentos com sinapismos de Rigollot, cataplasmas de Hamilton, ventosa de borracha vulcanizada, causticos, encerados, fios, isca, atadura, e algodão em rama.

NOME DA SUBSTANCIA.	QUANTIDADE.	PROPRIEDADES E USOS.
Acido phenico alcoolizado.	15 grammas.	Dissolvido em agua é um desinfectante poderoso.
Acido sulfurico concentrado ou oleo de vitriolo.	30 grammas.	Caustico; veneno. Serve para cauterizar as mordeduras das cobras peçonhentas, as dos cães damnados; para destruir as verrugas, etc.
Agua de flores de laranjeira.	125 grammas.	Calmante dos nervos. Uma pequena colher d'agua de flores de laranjeira, misturada com agua fria e assucar, dá-se a beber com vantagem nos ataques de nervos, convulsões das crianças, gota coral, hysterismo, etc.
Agua de Labarraque, genuina.	250 grammas.	Para curar as feridas antigas e desinfectar os quartos dos doentes.
Aguardente camphorada.	250 grammas.	Em fricções contra as torceduras, dôres de cadeiras, rheumatismos.
Alcali volatil ou ammoniaco liquido.	15 grammas.	Dá-se a cheirar nos ataques de gota coral, de hysterismo, aos afogados, asphyxiados. Internamente, 3 a 8 gottas, n'uma chicara d'agua fria aos embriagados. Externamente, 1 gotta applicada com um palito nas mordeduras dos borrachudos, lacraias, abelhas e maribondos.
Algodão em rama ou pasta.	125 grammas.	O melhor remedio que se póde applicar nas queimaduras de todas as especies.
Althéa (raiz de).	150 grammas.	A infusão d'esta raiz, adoçada com assucar, usa-se em bebida contra a tosse; o cozimento, em gargarejos e clysteres.
Arroz.	125 grammas.	O cozimento, contra a diarrhea.
Azeite doce.	125 grammas.	Em clysteres contra as colicas das crianças e dos adultos. Pela bocca, administra-se nos envenenamentos por diversas substancias acres.
Balsamo catholico.	250 grammas.	Excellente remedio contra os córtes, mordeduras, picadas, e todas as feridas. Molham-se os fios neste liquido, e applicam-se nas feridas.
Balsamo de Fioravanti.	30 grammas.	Em fricções nos rheumatismos, paralysias, etc.
Balsamo tranquillo.	125 grammas.	Em fricções, contra as differentes dôres.
Calomelanos.	30 grammas.	Internamente, na febre cerebral e em outras molestias; externamente, applica-se em algumas feridas.
Camomilla romana.	60 grammas.	A infusão de camomilla contra as indigestões.
Camphora.	10 grammas.	Em muitas molestias, interna e externamente.

NOME DA SUBSTANCIA.	QUANTIDADE.	PROPRIEDADES E USOS.
Causticos ou vesicatorios (massa caustica estendida em panno).	6 causticos.	Applicam-se no pleuriz, dôres rheumaticas, ophthalmias e muitas outras molestias.
Ceroto simples.	150 grammas.	Para curar as feridas.
Cevada perlada (cevadinha).	250 grammas.	O cozimento, contra a diarrhea e muitas outras molestias.
Chloroformio.	8 grammas.	Uma bolinha de algodão, embebida em 4 gottas de chloroformio, contra a dôr de dentes. Usa-se internamente como calmante, em dóse mui pequena. 1 a 2 grammas em poção.
Creosote.	8 grammas.	Externamente, contra as dôres de dentes.
Diachylão estendido em panno (esparadrapo ou encerado).	1 metro.	Para curar os golpes, dar pontos falsos nas feridas, ou applicar nos leicenços.
Dormideiras.	10 grammas.	A infusão em clysteres, como calmante.
Emetico.	8 grammas.	Como vomitorio, na dóse de 5 centigrammas.
Encerado inglez (tafetá côr de rosa).	1 carta.	Para reunir as margens dos córtes, etc.
Essencia de cravo da India.	8 grammas.	Em applicação local, contra as dôres de dentes.
Essencia de terebinthina.	125 grammas.	Em fricções, contra as dôres rheumaticas, sciatica, nevralgias.
Ether sulfurico.	15 grammas.	Dá-se a cheirar nas convulsões das crianças, nos ataques de gota coral, de hysterismo. Internamente, administra-se na dóse de 10 a 20 gottas n'uma chicara d'agua fria com assucar, como antispasmodico e calmante nos mesmos ataques, na asthma, e na enxaqueca.
Extracto de Saturno.	360 grammas.	Misturado com agua e um pouco de aguardente, applica-se nas contusões, torceduras, deslocações.
Farinha de linhaça.	250 grammas.	Para cataplasmas, que se applicam nas postemas, leicenços e muitas outras inflammações externas e internas.
Farinha de mostarda.	250 grammas.	Para sinapismos.
Fecula. *Veja-se* Polvilho.		
Folhas de laranjeira.	20 grammas.	O chá de folhas de laranjeira é util nas colicas e molestias nervosas.
Herva cidreira.	25 grammas.	O chá de herva cidreira emprega-se nos ataques hystericos, epilepticos, colicas e muitas outras molestias.

NOME DA SUBSTANCIA.	QUANTIDADE.	PROPRIEDADES E USOS.
Ipecacuanha em pó.	15 grammas.	1 gramma de ipecacuanha em pó é um vomitorio para os adultos; util nas diarrheas, bronchites etc.
Ipecacuanha em rama.	90 grammas.	Decoção em clysteres, contra a diarrhea.
Laudano de Sydenham.	30 grammas.	Calmante, muito empregado na dóse de 10 a 20 gottas, em duas colheres d'agua fria com assucar, que se tomam pela bocca nas colicas, falta de somno, varias dôres; clyster, na dóse de 20 a 30 gottas contra as diarrheas, dysenterias, etc. O algodão molhado em laudano e applicado sobre os dentes, acalma-lhes as dôres. As fricções com laudano são uteis nas dôres rheumaticas, colicas, etc.
Linhaça (sementes de linho).	210 grammas.	A infusão em bebida contra as differentes inflammações; a decocção em clysteres contra a diarrhea.
Magnesia calcinada.	30 grammas.	Purgante brando, na dóse de 8 grammas.
Malva (flores de).	45 grammas.	A infusão de flores de malva emprega-se contra a tosse.
Manteiga de antimonio.	15 grammas.	Liquido caustico muito energico. Serve para cauterizar as feridas das picadas de cobras venenosas, dos cães damnados, e a pustula maligna.
Nitro.	125 grammas.	Diuretico, empregado em muitas inflammações.
Oleo camphorado.	125 grammas.	Em fricções, nas dôres rheumaticas, e outras.
Oleo de ricino.	225 grammas.	Purgante na dóse de 15 a 30 gram.
Opio (extrato de).	24 pilulas de 5 centigrammas cada uma.	Calmante, empregado contra varias dôres e a insomnia, na dóse de 1 a 3 pilulas.
Opodeldoch.	30 grammas.	Em fricções, contra as dôres rheumaticas.
Pedrahume em pó.	25 grammas.	A dissolução aquosa de pedrahume crystallizada usa-se em gargarejos nas esquinencias; serve tambem para tocar as aphtas.
Pedra infernal.	2 grammas.	Applica-se para reprimir as carnes esponjosas das feridas e para athalhar a hemorrhagia produzida pelas picadas de bichas, etc.
Perchlorureto de ferro liquido a 30°.	45 grammas.	Applica-se nas feridas para vedar as hemorrhagias.
Pilulas purgativas de Anderson.	24	Dóse : 3 a 4 pilulas por dia.

NOME DA SUBSTANCIA.	QUANTIDADE.	PROPRIEDADES E USOS.
Polvilho.	250 grammas.	Os clysteres de polvilho são muito uteis na diarrhea. Fazem-se tambem cataplasmas de polvilho, que substituem as de linhaça.
Potassa caustica em cylindros.	8 grammas.	Para cauterizar as mordeduras das cobras peçonhentas, e dos cães damnados.
Rhuibarbo em pó.	15 grammas.	O rhuibarbo na dóse de 1 gramma é um estomachico util contra o fastio: na dóse de 4 gram. é purgativo.
Sabugueiro (flores de).	45 grammas.	O chá de sabugueiro é sudorifico e empregado nas constipações, sarampos, bexigas, escarlatina, etc.
Sene.	60 grammas.	A infusão de 15 grammas de foliolos de sene em duas chicaras d'agua fervendo, constitue um purgante.
Sulfato de magnesia ou sal d'Epsom.	240 grammas.	60 grammas de sal d'Epsom, dissolvidos n'um copo d'agua fria, formam um purgante de effeito certo, frequentemente empregado.
Sulfato de quinina.	8 grammas.	Contra as febres intermittentes.
Tintura de aconito fresco.	30 grammas.	Calmante e sudorifico. Usa-se na constipação: 12 got. em 180 gr. d'agua.
Tintura de arnica.	125 grammas.	Em fricções nas contusões, e para curar as feridas.
Unguento de Arceus.	150 grammas.	Para curar as ulcêras.

INSTRUMENTOS E OBJECTOS PARA CURATIVOS.

Lanceta.
Caneta com pedra infernal.
Tesoura.
Pinça.
Balança granataria com pesos em grammas e centigrammas.
Copo graduado de 125 grammas para liquidos.
Ventosa de borracha vulcanizada.
Atadura enrolada em um globo.
Chumaços.
Fios.
Isca.
Alfinetes.
Agulhas.
Linha de coser.

Devendo todos estes objectos ser encerrados n'uma caixa, dei o plano, segundo o qual foi construida em Pariz a caixa representada nas (fig. 112 e 113), que constitue uma *botica portatil*. Uma importante pharmacia e drogaria de Pariz encarregou-se do fornecimento dos medicamentos, e de quanto diz respeito á sua boa expedição. Todos os objectos, que indiquei no precedente quadro, acham-se contidos na caixa, salvo as substancias que se encontram em todas as casas, taes como o arroz, o azeite doce, e a agua de flores de laranjeira. Além d'isto, esta ultima não se conserva por muito tempo.

Todos os medicamentos da *botica portatil* podem conservar-se por annos, salvo a herva cidreira, as folhas de laranjeira e as flores de sabugueiro, que devem ser reformadas annualmente. A farinha de mos-

tarda, que se altera em poucos dias, é substituida pelo papel sinapizádo; e em logar da farinha de linhaça, que tambem se não conserva, acham-se as cataplasmas de Hamilton, recentemente inventadas, e que consistem em pannos seccos impregnados de mucilagem de linhaça, os quaes basta molhar por um minuto em agua a ferver, para ter immediatamente uma cataplasma emolliente.

Esta *botica portatil* vende-se em Pariz, em casa dos editores A. Roger

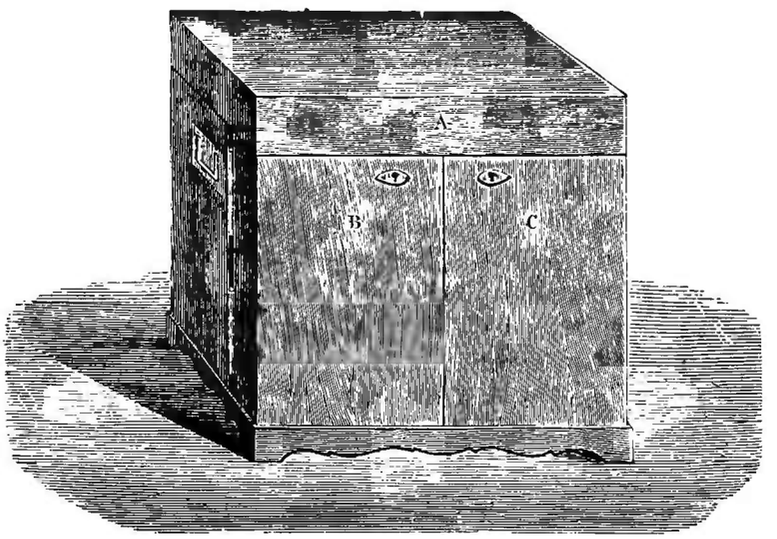


Fig. 113. — Botica portatil, fechada. — O decimo do tamanho natural. Altura, 44 centimetros e meio; largura, 44 centimetros e meio; profundidade, 34 centimetros.

e F. Chernoviz, rua des Grands-Augustins, nº 7. Preço : 320 francos grande modelo e 78 francos, pequeno modelo.

É acompanhada de um pequeno livro, que contém *a Explicação da botica portatil*, a descripção dos medicamentos, suas dóses, o modo de sua administração, e as molestias em que se empregam.

No preço de 320 francos estão comprehendidos os medicamentos, frascos, instrumentos, a caixa, o encaixotamento, e o pequeno livro.

BOUBAS. Molestia cutanea, propria ás regiões intertropicaes, eminentemente contagiosa, produzida por um virus particular, virus ou vicio boubatico, e podendo transmittir-se com caracteres sempre identicos de um individuo a um outro, e reproduzir-se no mesmo individuo pela inoculação d'este virus.

Esta molestia tem diversos nomes. Os autores francezes chamam-lhe *pian;* dá-se-lhe o appellido de *framosi* na costa do Calabar, *tetia* no Congo, *yaws* na costa de Guiné, *pouba* entre algumas povoações da Africa.

Symptomas. A molestia apresenta-se debaixo das fórmas seguintes,

1° *Boubas seccas.* Tuberculos dispersos pela cara, tronco e extremidade, do tamanho, a principio, de cabeças de alfinetes, um tanto molles, e

como pejados de certo nucleo, ao decurso mais e mais amplos, desiguaes, achatados, indolentes.

2° *Boubas humidas.* Ulceras elevadas por cima da pelle, granulosas, rubras, de 14 a 27 millimetros de diametro, cobertas ás vezes de tenacissima materia lardacea. Estas ultimas chamam-se mais particularmente boubas *atoucinhadas.*

3° *Cravos boubaticos.* Pequenas elevações na planta dos pés, ou na palma das mãos, cobertas da pelle callosa e dura, acompanhadas de rachas profundas, dolorosas, de que reçùma ás vezes, materia viscosa.

As boubas mostram-se, as mais das vezes, sem serem precedidas de symptomas geraes, por pequenas manchas de côr rubra-escura, semelhantes ás picadas de pulgas, e grupadas em geral umas ao lado das outras; a estas manchas succedem pequenas elevações rubras da grandeza de cabeças de alfinetes; crescem pouco a pouco, e alargam-se até adquirirem, ás vezes, a extensão de um circulo de 14 millimetros de diametro; cobrem-se de escamas; forma-se como uma especie de crosta, e observam-se depois na superficie da parte affectada em numero variavel pequenas vegetações rubras, que foram comparadas, pela fórma e côr, ás framboezas ou amoras. Estas excrescencias não são dolorosas, salvo se apparecem na planta dos pés. São então irritadas pelo andar, e fazem soffrer grandes dôres ao doente. No fim de um tempo variavel, ulceram-se no apice, e deitam materia purulenta de cheiro ás vezes desagradavel; esta materia coagulando-se forma crostas espessas que podem encobrir até certo ponto o verdadeiro caracter da molestia. Os tuberculos das boubas podem desenvolver-se em todas as partes do corpo; mostram-se todavia com preferencia no rosto, tronco, extremidades, virilhas e margem do anus; sua apparição é em geral successiva,

Causas. Esta molestia é propria aos paizes intertropicaes. Existe no Brazil onde se suppõe que foi introduzida pelos negros d'Africa; é conhecida na costa d'Africa e nas Antilhas. No Brazil as boubas encontram-se quasi em todas as provincias do Imperio, desde a provincia do Amazonas até á de S. Paulo. A molestia é contagiosa, e communica-se pelo contacto da materia que reçuma dos tuberculos ulcerados: póde ser inoculada por insectos, quando elles vem depôr, sobre alguma solução de continuidade, o liquido chupado nos individuos affectados da molestia. Póde tambem este liquido penetrar quando, applicado sobre alguma parte do corpo, ali se demora bastante tempo para poder ser absorvido. As boubas podem transmittir-se pela amammentação: não se transmittem hereditariamente; mas desenvolvem-se tambem espontaneamente sem causa apparente.

Tratamento. Consiste em banhar diariamente as ulceras boubaticas com agua tepida, para as ter em perfeito estado de asseio; tocal-as levemente com pedra infernal de dois em dois ou de tres em tres dias, e cural-as com a pomada seguinte :

Banha fresca.....	30 grammas.
Pós de Joannes.....	2 —

Os cuidados de asseio são sobretudo indispensaveis para os cravos boubaticos; cumpre, pois, laval-os com agua morna todos os dias, e polvilhal-os depois com pós de Joannes.

Se estas applicações não produzirem melhoras, lavem-se as ulceras com agua morna misturada com agua de Labarraque, e curem-se com unguento de Arceus, cuja receita se acha indicada no artigo UNGUENTO.

Curam-se tambem as feridas boubaticas com fios molhados em vinho tinto, ou em aguardente de canna.

Ao mesmo tempo que se faz uso d'estas applicações externas, é preciso destruir o vicio boubatico pelo uso dos medicamentos internos. Os que são reconhecidos como os mais efficazes são o mercurio, e o cozimento de caroba.

O mercurio administra-se debaixo de uma das fórmas seguintes :

Licor de Van-Swieten.

Bichlorureto de mercurio.....	1/2 gramma.
Agua distillada.....	450 grammas.
Alcool a 80°.....	50 —

Dissolva o bichlorureto no alcool, e ajunte depois a agua distillada. *Dóse :* 4 grammas duas vezes por dia; em meio copo d'agua fria.

Pilulas azues.

Mercurio metallico.....	2 grammas.
Conserva de rosas.....	3 —
Alcaçuz em pó.....	1 —

Triture o mercurio com a conserva até desapparecerem os globulos do mercurio, ajunte o alcaçuz, e divida a massa em 40 pilulas. Cada uma contém 5 centigrammas de mercurio. *Dóse :* 1 pilula por dia.

Em quanto se acha no uso de uma d'estas duas preparações, o doente beberá, tambem por dia, uma chicara de cozimento de folhas de caroba, que se prepara com 4 grammas de folhas de caroba e 180 grammas d'agua.

De quinze em quinze dias, o doente tomará um purgante de 60 grammas de sulfato de magnesia, dissolvido n'um copo d'agua fria.

BOURBON L'ARCHAMBAULT. (Aguas salinas chloruretadas quentes.) Bourbon l'Archambault é uma pequena cidade da França, de 3,500 habitantes. Vai-se de Pariz a Savigny pela estrada de ferro, em 11 horas, 35 minutos; e de Savigny a Bourbon l'Archambault de carro, em 1 hora; toda a viagem custa 40 francos.

Existe ali só uma fonte mineral quente, mas é muito abundante. Temperatura 51° a 53° centigrados. A agua é limpida bem que contenha em suspensão pequenos corpusculos semelhantes a ocre; o seu sabor é fracamente salgado, e parece-se com o máo caldo de vitella. Contém por litro 3ᵍ,980 de saes, e sobretudo chlorureto de cal. O estabelecimento thermal, que foi reedificado sobre um novo plano, contém 40 banheiras, duchas variadas e salas de estufas.

Estas aguas são uteis nos rheumatismos, paralysias, ankyloses, engurgitamentos das juntas, molestias dos ossos. A estação de banhos

dura de 15 de maio a 15 de outubro. Estas aguas empregam-se sobretudo em banhos e duchas; pouco em bebida. A maior parte dos doentes vão beber agua da fonte ferruginosa de *Jonas*, que se acha ao sudoeste da cidade, na vizinhança de um jardim publico, que serve de passeio. A agua de Jonas é fria, limpida, de gosto de tinta de escrever.

BOURBONNE. (Aguas salinas chloruretadas quentes.) França. Vai-se de Pariz pela estrada de ferro até Ferté em 7 horas e meia; de Ferté a Bourbonne de carro em hora e meia. Custo : 38 francos.

Bourbonne é uma pequena cidade da França, agradavelmente situada; de 4,000 habitantes. As suas fontes mineraes são tres ; a temperatura varía de 63° a 65° centigrados. A agua d'estas diversas fontes é inodora e perfeitamente limpida ; de sabor salgado, amargo e desagradavel. Contém, por litro, 7ᵍ,746 de saes, nos quaes o chlorureto de sodio entra por 6ᵍ,164. Os outros saes são sulfatos de cal e de magnesia.

O estabelecimento thermal compõe-se de dois edificios separados e parallelos ; um, de construcção antiga, é o Banho dos homens; outro, mais moderno, é o Banho das Senhoras. Estes dois edificios contém 69 banheiras, seis piscinas, das quaes duas grandes e quatro pequenas, e sete quartos de duchas.

Em bebida, estas aguas, tomam-se de manhã, na dóse de um a tres copos; mas usam-se principalmente em banhos e duchas. Tem muita actividade. Empregam-se nas paralysias, carics dos ossos, ankyloses, necroses, coxalgias, escrophulas, feridas antigas, engurgitamentos do figado e baço.

A estação dos banhos dura do 1° de junho ao 1° de setembro. Além do estabelecimento civil ha em Bourbonne um hospital militar. Esta estação thermal é mui seria. Bem que haja no estabelecimento civil salões de reunião, os doentes que se dirigem a estas caldas não podem gozar de prazeres estrondosos ; as affecções que se tratam em Bourbonne exigem pela maior parte repouso e tranquillidade.

BOURBOULE. (Aguas salinas arsenicaes quentes.) França. Itinerario de Pariz a Bourboule : Estrada de ferro de Pariz a Clermont 9 horas 1/4. Carro de Clermont a Bourboule 5 a 6 horas. Despeza : 55 francos.

As aguas de Bourboule, tem sabor salino ; a sua temperatura é de 25 a 52 gráos centigrados conforme as fontes. Contém, por litro 6 grammas e 10 centigrammas de principios fixos, e 88 centigrammas d'acido carbonico livre. Os principios fixos são : chlorureto de sodio, de potassio, de magnesio, de lithio ; bicarbonato de soda, acido silicico, alumina, phosphato de soda, iodureto e bromureto de sodio, e 15 centigrammas por litro de *arseniato de soda*. São as aguas mais arsenicaes que se conhecem. O Dr. Reveil põe em duvida a proporção de arsenico demonstrada pela analyse chimica, declarando, que, n'estas condições, a agua de Bourboule deveria ser venenosa, mesmo em dóse relativamente pouco elevada. Entretanto, a pratica mostra que o uso d'estas aguas nunca foi seguido de envenenamento ; o que depende sem duvida, quer do estado debaixo do qual se acha o arse-

nico, quer da presença das outras substancias, que podem impedir os seus effeitos nocivos.

As aguas de Bourboule usam-se em banhos, duchas e como bebida. São aconselhadas nas molestias de pelle, nas affecções escrophulosas, no rheumatismo chronico. A estação thermal dura de 15 de junho a 15 de setembro. Conservam-se bem, e podem ser transportadas longe da fonte.

BRAÇO. Esta palavra, que designa frequentemente, na linguagem vulgar, a totalidade do membro superior, tem um sentido mais limitado em medicina; o braço, para o cirurgião, é a parte comprehendida entre o hombro e o cotovelo; o resto do membro chama-se *antebraço*. Um só osso, chamado *humero*, constitue a parte central do braço.

Braço (*Deslocações do*). *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

Braço (*Fracturas do*). *Veja-se* FRACTURAS.

BRAÇO DE PREGUIÇA. (Arbusto.) *V.* VELAME DO MATTO.

BRAGUEIRO. O bragueiro é uma funda que serve a soster as hernias reduzidas, ou para proteger as hernias irreduziveis. A almofada que serve de pressão é de diversas formas, varia segundo o tamanho e a séde da hernia. Uma mola de aço rodeia o corpo, articula com a almofada e por meio de uma correia que passa pelas virilhas no alto das coxas, sustenta a funda exactamente applicada no logar doente. O cirurgião deve vigiar que a funda impeça a hernia de sahir, mesmo quando o doente faça esforços para tossir ou para evacuar. É necessario tambem evitar que as molas da funda sejam muito duras porque a pressão exagerada irrita a pelle e occasiona inflammações locaes muito dolorosas e muito persistentes. *Veja-se* FUNDA.

BRANCAS. Portugal; Estremadura. Aguas salinas. Em distancia de um e meio kilometro da villa da Batalha.

BRIGHTON. Inglaterra. Agua ferruginosa sulfatada e chloruretada. Banhos de mar muito concorridos. Trajecto de Londres a Brighton, 2 horas.

BROMHYDRATO DE QUININA. Sal que resulta da dupla decomposição do bromureto de potassio e do sulfato de quinina. Apresenta-se debaixo da forma de crystaes brancos, soluveis em agua. É aconselhado nas febres intermittentes, nas nevralgias, no rheumatismo articular.

Internamente. 20 centigrammas a 1 gramma em pó ou poção, ou em perolas do D^{or} Clertan, que contem cada uma cinco centigrammas de bromhydrato de quinina chimicamente puro.

Externamente. Em injecções sub-cutaneas, 25 centigrammas, dissolvidos em agua distillada, 3 vezes por dia. Febres intermittentes simples e perniciosas.

BROMO. Corpo simples, metalloidico, descoberto em 1826, no residuo das salinas, que o contém no estado de bromureto de magnesio; existe tambem em algumas plantas marinhas, na maior parte dos molluscos, nos polypeiros, nas esponjas, e em algumas aguas mineraes, como nas de Kreuznach, na Prussia. O seu nome deriva da palavra grega

bromos, que significa máo cheiro, porque com effeito o cheiro, que é parecido com o do chloro e do iodo, é mui desagradavel. — É um liquido avermelhado, espalha vapores rubros no ar; um pouco soluvel na agua, mui soluvel no alcool e sobretudo no ether; dissolve-se em cerca de 33 vezes o seu volume d'agua a + 15°, agitando; tem-se então *agua bromada*, de côr rubra-alaranjada. Usa-se na photographia, mas não na medicina; seus compostos são porém empregados na medicina, e sobretudo os seguintes:

BROMURETO DE AMMONIO. Branco, crystallizavel em prismas quadrilateraes, volatil, soluvel em agua, alcool e ether. — Foi empregado com vantajem na Inglaterra contra a coqueluche e a epilepsia, em solução aquosa. Dóse: 10 a 50 centigrammas tres vezes por dia.

BROMURETO DE CAMPHORA. O bromureto de camphora se apresenta debaixo do aspecto de crystaes brilhantes, sem côr, de sabor amargo, insoluveis na agua. Introduzido no organismo, elimina-se pelas ourinas as quaes augmentam e tornam-se mais amarellas. É um medicamento hypnotico e antiespasmodico assaz activo. A dóse é de 20 centigrammas a 1 $^1/_2$ grammas, em granulos ou pilulas. Tem dado bons resultados no tratamento das nevralgias, da hysteria e das dóres provenientes das molestias dos orgãos genito-urinarios. Pode ser administrado em granulos impressos da casa L. Frère, de Pariz; esses granulos são de 1,5 e 10 centigrammas de principio activo.

BROMURETO DE ETHILO. O bromureto de ethylo ou ether bromhydrico é um liquido volatil, mais pesado do que a agua, que em projecção sobre a pelle e vaporisado produz uma refrigeração assaz intensa. Aproveitando-se d'esta acção, póde-se executar com rapidez algumas operações ligeiras que não são sentidas pelo doente. Já se tem servido d'este bromureto para adormecer completamente os doentes que têm de soffrer grandes operações, mas o resultado não foi satisfactorio, o ether e o chloroformio são preferiveis. Tem-se empregado inhalações repetidas de bromureto de ethylo contra a hysteria e a epilepsia, os resultados foram assaz favoraveis.

BROMURETO DE FERRO. Sal avermelhado, mui soluvel, deliquescente, de sabor styptico. Aconselhado nas escrophulas e na hypertrophia do coração.

Emprega-se internamente na dóse de 5 a 20 centigrammas dissolvido em agua distillada.

BROMURETO DE POTASSIO. Sal que resulta da combinação do bromo com a potassa. Apresenta-se sob a forma de crystaes cubicos, brancos, de sabor salgado e picante; mui soluvel na agua, pouco soluvel no alcool. Esta substancia modera, afrouxa e regulariza a acção do coração e produz a calma da circulação.

O bromureto de potassio manifesta tambem em certas regiões uma acção electiva que se observa á entrada das vias respiratorias e das vias digestivas, onde se nota o augmento da saliva, e, quando a dóse é um pouco forte, a insensibilidade do isthmo da garganta e da pharynge; manifesta-se ella tambem sobre o apparelho genito-urinario

onde se revela fazendo cessar ou diminuir as excitações anormaes do systema genital e fazendo augmentar a secrecção urinaria.

O bromureto de potassio convem em todos os casos de irritação nervosa ou circulatoria, nas hyperhemias em geral, nas congestões dos centros nervosos; é um precioso agente hypnotico nos casos em que as preparações opiaceas não fazem effeito. Já está provado que é um producto util em certas molestias do coração e principalmente contra as palpitações nervosas ou symptomaticas.

Tambem serve para combater a tosse espasmodica da bronchite, a tosse convulsa da coqueluche, as crises de suffocação da emphysema e da asthma e a tosse dos tisicos.

Emprega-se-o com feliz exito nas dôres crueis da laryngite ulcerosa, nas phlegmasias do isthmo da garganta e da pharynge, nos casos de œsophagismo e de dysphagia; tambem tem dado bons resultados na diphtheria.

Combate as nevroses em geral, as convulsões, o tetanos, a tosse nervosa e os outros phenomenos da hysteria.

É um medicamento summamente notavel contra a epilepsia.

Emprega-se-o com grande vantagem no delirio tremente; para combater o heretismo genital, as erecções nocturnas; para curar a espermatorrhea e para fazer desapparecer as dôres do collo da bexiga.

É tambem util contra a incontinencia da ourina das crianças, quando a belladona não produzio o effeito desejado.

O bromureto de potassio é um medicamento de grande valor na medicina das mulheres e das crianças: vomitos nervosos quotidianos durante a prenhez, agitação, insomnia, tosse da dentição, convulsões das crianças etc.

Por causa de seu sabor salgado, amargo e picante, este precioso medicamento administra-se associado: ao xarope de cascas de laranjas azedas debaixo da forma de xarope de bromureto de potassio de Henry Mure; á picrotoxina e ao arseniato de soda debaixo da forma de grageas de Gelineau; e ao chloral debaixo da forma de xarope de Gelineau. Tambem pode ser administrado puro sob a forma granulada de Falières; e em granulos impressos da caza L. Frère, de Pariz, de vinte centigrammas de principio activo.

Xarope de bromureto de potassio de Henry Mure. — O conjuncto do bromureto de potassio com o xarope de cascas de laranja azeda é muitissimo racional, porque ambos tem o mesmo fim, o qual consiste em produzir sobre o systema nervoso uma acção sedativa e reguladora.

O xarope de bromurcto de potassio de Henry Mure é um preparado em que este medicamento se acha chimicamente puro, isempto de ioduretos e de chloruretos, isto é, que não se encontra n'elle a menor parcella de iodureto de potassio; pois se não tivesse essa pureza, não seria um xarope sedativo. É um meio de poder dosal-o com toda firmeza, havendo certeza de ter essa dosagem fixa e sempre a mesma.

Uma colher de sopa d'este xarope representa invariavelmente 3 grammas de bromureto de potassio; uma colher, das de chá, representa justo a quarta parte da dóse, isto é, 50 centigrammas.

A dóse deve variar segundo o effeito que se queira obter.

Como sedativo e anesthesico a dóse será de uma colher, das de sopa, pelo menos uma vez por dia, para os adultos e de duas colheres, das de chá, para as crianças. Para as suffocações da asthma, a dóse deve ser de 2 a 3 colheres, das de sopa, no acto dos accessos. A mesma dóse é necessaria para cortar as convulsões choreicas e os accidentes da hysteria. No tratamento, porem, da hysteria a dóse deve ser maior, isto é, de 3 a 5 colheres, das de sopa.

Grageas de Gelineau. — Contra a epilepsia, a acção do bromureto de potassio torna-se dupla, mais rapida e mais prolongada quando se lhe junta um sal arsenical e a picrotoxina. E esta a base das grageas de Gelineau, preparado de grande valor contra esta terrivel molestia. A dóse d'estas grageas é de quatro a oito por dia; podendo ser ella augmentada se preciso fôr.

Xarope de Gelineau. — A acção energica do xarope de Gelineau é devida ao conjuncto do bromureto de potassio com o chloral. Este xarope é dosado de tal modo que uma colher de sopa d'elle, contem um gramma de chloral e um gramma cincoenta centigrammas de bromureto de potassio; é pois um sedativo energico.

Bromureto de potassio granulado de Falières. — O bromureto de potassio do commercio pode conter bromato, carbonato, sulfato, chlorureto, iodureto de potassio e agua interposta. O bromato provem do defeito da preparação, as outras impurezas, porem, são inherentes aos meios empregados para se obter o bromureto de potsasio. O processo empregado por Falières para obter o seu bromureto de potassio granulado, foi approvado pela Academia de medicina de Pariz, justamente por estar isempto de todas estas impurezas e ser chimicamente puro.

Bromureto de potassio granulado de Mentel. — Pode-se tambem administrar este producto, empregando o bromureto de potassio granulado de Mentel. Junto a cada vidro se acha uma medida que cheia dos granulos, contem 2 grammas, o que equivale a 50 centigrammas (1/2 gramma) de bromureto de potassio puro. Os productos granulados de Mentel vendem-se em casa de L. Frére, rua Jacob, n. 19, em Pariz.

O bromureto de potassio entra na composição do *Chloral bromuretado de O. Dubois*, preparado muito aconselhado como sedativo e calmante. *Veja-se* CHLORAL..

BROMURETO DE MERCURIO. Sal crystallizado em agulhas, mui volatil e venenoso. — Aconselhado nas affecções syphiliticas inveteradas, porém pouco usado. Emprega-se internamente na dóse de 1 a 2 centigrammas por dia.

BRONCHIOS. Durante a inspiração, o ar, para passar da bocca aos pulmões, atravessa primeiro a *larynge*, depois um tubo chamado *traca arteria*, e depois duas divisões d'este tubo, que se chamam *bronchios;* os quaes se subdividem em outros muitos tubos pequenos que communicam com os pulmões (fig. 114).

Bronchios (*Molestias dos*). Estas molestias são a inflammação da membrana mucosa que reveste interiormente os bronchios: tem o nome de *bronchite* ou *catarrho pulmonar*. (*V.* BRONCHITE.) Outra molestia ataca

tambem os bronchios e sobretudo a larynge; e vem a ser o *crup* ou *garrotilho*. É uma doença propria da infancia; é caracterizada por uma tendencia para a formação de falsas membranas no canal respiratorio, ou pela formação real d'estas concreções membranosas, que podem impedir então a entrada do ar nos pulmões, e determinar a morte por suffocação (*V.* CRUP).

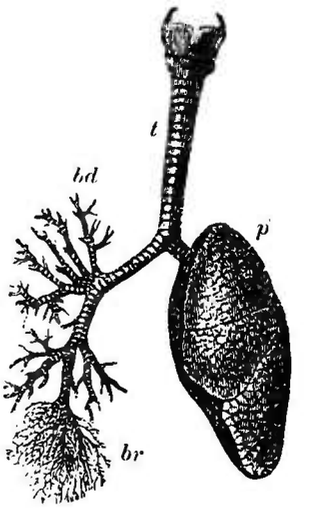


Fig. 114. — Larynge, traca arteria, bronchios e pulmão (*).

BRONCHITE. Inflammação da membrana mucosa que forra o canal respiratorio. Chama-se *bronchite ordinaria* ou *simples*, quando ataca só os grossos bronchios, e *capillar* quando se estende ás ultimas ramificações bronchiaes. Uma e outra distinguem-se, segundo o seu gráo de intensidade, em *aguda* e *chronica*. A bronchite designa-se tambem debaixo dos nomes de *catarrhal*, *catarrho pulmonar*, ou *defluxo do peito*.

Bronchite aguda. *Causas.* A bronchite aguda é uma das molestias mais frequentes; a maior parte das pessoas são d'ella affectadas muitas vezes no decurso de sua vida. Ataca particularmente as pessoas que são sensiveis ás impressões do calor e do frio, e que suam com facilidade, o que se explica pela frequencia das suppressões da transpiração; emfim, todas as idades, todos os temperamentos lhe são sujeitos. A sua causa mais ordinaria é o frio humido. A ingestão de um liquido frio quando o corpo está suando, o resfriamonto dos pés, o canto, a declamação a produzem ás vezes. A exposição ao calor póde tambem occasional-a. Algumas erupções cutaneas, como o sarampo e a escarlatina, são precedidas e acompanhadas de bronchite aguda.

Symptomas. A bronchite leve é uma simples indisposição que merece apenas o nome de molestia. Uma péquena tosse e a expectoração de alguns escarros cinzentos são os unicos symptomas d'esta affecção, que não impede ao doente de tratar de suas occupações ordinarias. Na bronchite um pouco mais intensa a tosse é um tanto dolorosa. Existe ainda grande numero de gráos d'esta molestia, desde os que deixei indicados até ao mais intenso, cuja descripção passo a dar. Uma tosse activa, acompanhada de dôres intensas, de calor no peito, que determina rubor e inchação do rosto, jorro de lagrimas, dôr de cabeça, seguida da expectoração de mucosidades escumosas, forma o seu principal e mais doloroso symptoma. Esta tosse, que se repete frequentemente, provoca ás vezes nauseas e vomitos. A estes symptomas associa-se uma oppressão do peito, a frequencia do pulso, a perda do olfacto, a lingua esbranquiçada, o calor da pelle, enfim a diminuição e côr carregada da

(*) Um dos pulmões acha-se intacto, e de outro lado ficam só as ramificações bronchicas postas a nú. — *p*, o pulmão, *t*, a traca-arteria, que apresenta a larynge na sua extremidade superior, e se divide inferiormente em dois bronchios, um para cada pulmão; *bd*, divisões dos bronchios; *br*, ramusculos bronchicos.

ourina. A expectoração é ordinariamente nulla a principio; no segundo ou terceiro dia a tosse torna-se humida; pouco a pouco a mucosidade augmenta, e no fim da molestia torna-se mais espessa e menos abundante. A principio os escarros são ás vezes salgados, depois perdem este sabor e tornam-se brancos, amarellos ou verdes. Todos estes symptomas são ordinariamente mais intensos de noite que de dia; a sua invasão é frequentemente precedida de calefrios, afflicções, espirros, ou uma pequena dôr de garganta.

Bronchite capillar. Os symptomas que deixei descriptos, pertencem á bronchite ordinaria, isto é, á que ataca os grossos canaes bronchicos. A *bronchite capillar* succede quasi sempre á bronchite ordinaria de mediocre intensidade; e só nos casos muito raros é que a inflammação invade primitivamente os pequenos bronchios, e annuncia-se por symptomas mais ou menos graves. De qualquer maneira que comece, logo que a bronchite capillar existe, observa-se uma oppressão extrema, que sobrevem ás vezes quasi de repente. A inspiração acompanhada de sibilo, faz-se com grande custo; os movimentos respiratorios são acceleradas, sobretudo nas crianças, nas quaes se contáram ás vezes noventa e até cem respirações por minuto. A tosse é frequente e dolorosa. Emfim, depois dos esforços repetidos, os doentes rejeitam algumas mucosidades glutinosas, com bolhas de ar e por vezes estriadas de sangue; em outros casos são mucosidades amarellas, não arejadas, cuja expulsão não dá nenhum allivio. Com perturbação tão profunda nas funcções respiratorias, a falla é breve, interrompida; o pulso, sempre accelerado, adquire ás vezes uma frequencia excessiva; a pelle fica quente, secca ou coberta de suor; todo o exterior exprime o soffrimento e a anxiedade. Os doentes estão constantemente sentados, o rosto torna-se pallido, alterado; as faces e os labios tornam-se violaceos. No fim de alguns dias os doentes acham-se muito abatidos; a expectoração torna-se mais difficil; as mucosidades, accumulando-se nos canaes bronchicos, determinam pela passagem alternativa do ar um ruido de gargarejo. Se a molestia deve ter um feliz exito, diminue o numero das respirações e a anxiedade. Os ruidos do peito são menos sonoros, menos extensos, menos numerosos, o que indica que o pulmão se tornou mais permeavel; a pelle perde pouco a pouco a côr violacea; emfim, declara-se a convalescença.

Duração e prognostico. A duração da bronchite varia conforme o gráo de sua intensidade. Em geral, a bronchite intensa dura de quinze a quarenta dias, e a leve, de tres a dez dias. A sua terminação é ordinariamente favoravel, e ainda quando grave, é raro que cause a morte. As vezes passa ao estado chronico.

Tratamento. A bronchite leve cura-se frequentemente por meio de simples precauções hygienicas, como as de abafar-se com roupas proprias, evitar o frio e a humidade, e conservar silencio, quanto fôr possivel. Ás vezes estes meios são insufficientes, e é preciso auxilial-os com o chá de violas, de malva, de althéa, ou a dissolução de gomma arabica. Adoçam se estas bebidas com assucar, mel de abelhas, xarope de gomma, ou misturam-se com leite, e de preferencia adoçam-se com o xarope de

caracóes de Mure (*Veja-se* CARACÓES). Todas estas bebidas devem tomar-se mornas de dia; e de noite é vantajoso que o doente as tome quentes para excitar o suor, que favorecerá mettendo-se immediatamente na cama e cobrindo-se com bons cobertores. Dissipam-se tambem algumas vezes as bronchites leves pelas bebidas sudorificas, como as infusões quentes de chá da India, de flores de sabugueiro, de borragem, etc. Todas as noites, antes de se deitar, o doente deve tomar um banho aos pés com mostarda. Se a molestia resistir a estes remedios, póde-se administrar um purgante de oleo de ricino 30 grammas, ou 60 grammas de manná em leite ou agua morna.

Uma temperatura branda e uniforme, o silencio absoluto e a dieta quasi completa são as primeiras condições que se exigem na bronchite intensa. O doente deve conservar-se no quarto, e mesmo de cama. É difficil conseguir-se de muitas pessoas que fiquem de cama por uma affecção tão pouco grave. Este meio entretanto diminue muito a duração do mal. O corpo cercado de uma atmosphera constantemente quente, cobre-se de uma humidade ligeira: este estado é mui favoravel para apressar a marcha da molestia. A bronchite um tanto intensa exige o emprego de um vomitorio. Administram-se 5 a 10 centigrammas de emetico em uma chicara d'agua morna, e favorece-se o effeito do remedio dando a beber muita agua igualmente morna. Associa-se a este tratamento o emprego dos pediluvios mui quentes, com agua pura ou misturada com cinza; póde-se ainda ajuntar á agua um pouco de farinha de mostarda; mas é preciso cobrir com um panno o vaso em que se toma o banho, afim de impedir que os vapores irritantes, desenvolvidos pela acção da agua, se dirijam sobre as vias respiratorias, e venham augmentar a tosse e a irritação. Finalmente, é preciso repetir os banhos aos pés duas vezes por dia. A inspiração dos vapores emollientes é tambem muito util na bronchite. Todas as pessoas podem fazer um apparelho proprio para este effeito: basta deitar agua fervendo sobre flores de malvas ou de sabugueiro, e depois cobrir o vaso com um funil virado: o vapor sahe pela pequena extremidade do funil, e póde ser facilmente aspirado.

Póde-se tambem, por meio das fumigaçõos, applicar o medicamento narcotico sobre a membrana mucosa dos bronchios. Estas fumigações praticam-se segundo a formula seguinte:

Folhas de estramonio.....	8	grammas.
Agua commum.....	500	—

Ferva durante um quarto de hora. Deite o liquido n'um vaso, cuja bocca cobrirá com um funil, e aspire o vapor que sahe pelo bico d'este.

Podem tambem fazer-se estas fumigações, cobrindo a cabeça com uma toalha, e expondo o rosto ao vapor que se exhala do vaso; mas depois de feita a fumigação, que deve durar de cinco a dez minutos, é necessario enxugar o rosto e preserval-o do contacto do ar frio.

Se estes meios não forem sufficientes, recorra-se aos *pós de Dower* conforme esta receita:

Pós de Dower.....	2	grammas.

Divida em 8 papeis. Para tomar 1 papel de manhã, outro á noite, n'uma colher d'agua fria.

Se a tosse é muito intensa e dolorosa, cumpre empregar internamente os narcoticos : que são : xarope de caracóes de Mure, que se administra ás colheres *de sopa*, uma colher tres vezes por dia; — alcatrão de Guyot, mesma dóse; — xarope diacodio, que se toma na dóse de 30 a 60 grammas por dia, puro ou misturado com a bebida do doente; o opio em pilulas, cuja receita é a seguinte :

Extracto de opio.....	15 centigrammas.
Extracto de alcaçuz.....	45 —

Faça 12 pilulas.

Tomem-se quatro d'estas pilulas por dia, uma pela manhã, outra ao meio dia, e duas ao deitar, para conciliar o somno. As pastas de althéa, de jujubas, a pasta de Regnault, são empregadas com proveito. Esta ultima prepara-se com flores de malvas, de papoulas, de tussilagem, gomma arabica, balsamo de Tolú e assucar. Recorra-se, finalmente, ás diversas preparações indicadas no fim d'este artigo, no *Receituario da bronchite* e sobretudo á emulsão de Alcatrão de Le Beuf que se toma na dóse de uma a duas colheres, das de chá, misturado com meio copo d'agua assucarada, de leite, de qualquer chá ou qualquer agua mineral sulfurosa, ferrea ou alcalina.

Quando os symptomas de agudez, e de excitação geral estiverem dissipados, se a bronchite se prolongar e passar ao estado chronico, applique-se um vesicatorio no braço ou no peito. O vomitorio é ainda um dos meios recommendados n'este periodo da molestia. Para provocar os vomitos usa-se de 5 a 10 centigram. de tartaro estibiado, que se dissolvem em um copo d'agua morna. Póde tambem tomar-se, em logar do tartaro, 1 gramma de poaya em uma colher d'agua. Ás crianças, que não sabem expectorar e que engolem todos os seus catarrhos, é util dar-se-lhes duas a quatro colheres *de chá* de xarope de poaya, para desembaraçar o estomago das mucosidades que n'elle se tiverem accumulado, e facilitar a expulsão das que existirem nas vias respiratorias.

O *tratamento da bronchite capillar* é identico; é preciso sómente proporcionar a energia do tratamento á gravidade do perigo; o tartaro emetico será continuado durante dois ou tres dias, segundo a receita seguinte :

Agua commum	150 grammas.
Tartaro emetico.....	10 centigram.
Xarope diacodio.....	15 —

Misture. Para beber uma colher *de sopa*, de duas em duas horas. Será necessario applicar quatro ventosas seccas, na base do peito, duas vezes por dia, e um caustico volante na parte superior do peito.

O emprego da glycerina creosotada de Catillon na dóse de uma ou duas colheres por dia, de manhã e á noite ou antes das refeições muito approveita nas bronchites.

Bronchite chronica. É ás vezes primitiva, porém de ordinario sobrevem em consequencia de muitas bronchites agudas.

Symptomas. A tosse c a expectoração, ordinariamente, são os unicos symptomas que acompanham a bronchite chronica. A tosse é secca ou humida. N'este ultimo caso, a natureza da expectoração varía: os escarros são amarellos, cinzentos, puriformes, e mais ou menos opacos (*catarrho mucoso*); ou são transparentes, viscosos e semelhantes á clara de ovo diluida em agua (*catarrho pituitoso*). Quando a tosse é secca, algumas pessoas chamam-lhe *tosse nervosa*. Ás vezes, a quantidade das materias expectoradas é enorme. Tem-se visto doentes deitar muitas libras d'ellas em vinte e quatro horas. A expectoração é abundante sobretudo nas primeiras horas da manhã, porque, durante a noite, os escarros accumulam-se nas vias respiratorias. Passado certo tempo, acontece que alguns doentes perdem a robustez e as forças; o appetite diminue, apparece sêde, a pelle torna-se quente, principalmente nas palmas das mãos, e o pulso accelera-se. Todos estes symptomas augmentam durante a noite, e são seguidos de suores pela volta da manhã. Depois sobrevem a diarrhea; o emmagrecimento faz progressos rapidos, e o doente corre risco de vida. Na bronchite chronica não é comtudo mui frequente esta terminação. Vê-se grande numero de pessoas idosas affectadas todos os annos de um catarrho que não perturba as outras funcções, e que as abandona á vinda dos fortes calores. Esta marcha da bronchite chronica é a mais ordinaria, e dura assim muitas vezes por trinta e quarenta annos, sem influir apparentemente no estado geral dos individuos que são d'ella affectados.

Duração e prognostico. É impossivel determinar a duração, mesmo média, da bronchite chronica, pois que, podendo terminar-se em alguns mezes, póde tambem prolongar-se por muitos annos.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido propostos contra a bronchite chronica; porque, com effeito, esta molestia é mui rebelde; mas resistindo a uma serie de meios, cede muitas vezes como por encanto á simples mudança de tratamento.

Entre os primeiros meios uteis, pelos quaes deve ser combatida a bronchite chronica, figuram os vomitorios; mas, para produzirem bons effeitos, devem ser repetidos tantas vezes quantas o permittirem as forças do individuo. A ipecacuanha deve ser preferida ao tartaro estibiado como menos irritante, e por ser dotada de uma propriedade adstringente, que augmenta muito a sua efficacia. Administra-se na dóse de 1 gramma n'uma pouca d'agua morna. É muito util no intervallo dos vomitorios usar de bebidas tonicas, taes como as decocções de musgo islandico, de carragahcen, a infusão de lupulo, e tambem das aguas mineraes ferreas, e de um regimen tonico, composto principalmente de carne assada. Estas substancias são particularmente indicadas quando os doentes são fracos, magros, e n'aquelles cuja expectoração é muito abundante. Associar-se-lhes-ha o uso de algum vinho velho e generoso. Nas mesmas circumstancias, podem empregar-se as bebidas excitantes, taes como o chá de hera terrestre, hysopo, inula campana, avenca. N'estes casos, tambem aproveitará bastante o

emprego dos balsamos de Tolu, do Perú, da terebinthina, o do iodoformio, o creosote em perolas do Dr Clertan, o licor e as capsulas de alcatrão de Guyot, da rua Jacob nº 19 em Pariz, as capsulas creosotadas do Dr Fournier. A seguinte receita convem muito nas bronchites chronicas :

Kermes mineral.....	60	centigrammas.
Assucar.....	4	grammas.
Gomma arabica.....	4	—

Misture e divida em 12 papeis. Toma-se um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma colher d'agua.

Na bronchite chronica deve-se usar do xarope de renovos de pinheiro, xarope de terebinthina, xarope peitoral inglez, xarope de erysimo composto, ou de xarope de ipecacuanha, que vão formulados no fim d'este artigo. O vinho de Bandon, de antimonio phosphatado, tambem aproveita muito na bronchite chronica, assim como o oleo de figado de bacalhao creosotado de Berthé.

Os vapores de alcatrão ou de terebinthina que se respiram são mui uteis contra a bronchite chronica. Para este fim basta collocar no quarto pratos com alcatrão liquido que se mexe de vez em quando com um páo; ou deitar algumas colheres de licor de Alcatrão de Guyot em um pires que se faz aquecer e respira-se os vapores que d'elle exhalam, ou, então, introduzir 2 gram. de terebinthina n'uma garrafa d'agua quente, e respirar o vapor muitas vezes por dia, por um quarto de hora, por meio de um funil introduzido no gargalo.

Se houver insomnia o doente tomará de 2 a 4 colheres de sopa, de chloral bromuretado de O. Dubois.

Sob qualquer fórma que se apresente a molestia, os vesicatorios são geralmente uteis, e é raro que não sejam de algum proveito. Applicam-se no peito, ou em um dos braços. Antes de recorrer a este meio, cumpre primeiro applicar no peito um emplasto de pêz de Borgonha. As fricções no peito com a pomada estibiada de Autenrieth, até produzir erupção, convem muito. Em todos os casos recommendam-se tambem, como meios auxiliares, fricções feitas de manhã e á noite com baeta, ou com uma escova macia, banhos geraes quentes, as pastas peitoraes adiante indicadas; a residencia em um quarto batido do sol, ou, ainda melhor, em um clima mais quente. A mudança de habitação exerce tambem grande influencia, sobretudo quando se passa de um local baixo e humido para outro mais quente e secco. Quando não se póde fazer longas viagens, procurar-se-ha mesmo nos arredores algum logar, cuja temperatura seja differente da do logar em que se habita; ás vezes a residencia de poucos dias fóra da habitação ordinaria, basta para produzir a cura.

RECEITUARIO DA BRONCHITE.

1º **Tisanas** ou **bebidas do doente.**

Agua de gomma. *Veja-se* vol. I, pag. 60.

Tisana de salepo.

Salepo em pó.....	4 grammas.
Agua.....	500 —

Ponha ao fogo 400 grammas de agua, e logo que ella ferver, deite-lhe o salepo previamente diluido no resto da agua fria; ferva por um quarto de hora, côe por panno de lã, e adoce com assucar.

Cozimento de fructos peitoraes.

Fructos peitoraes (tamaras, açofeifas, figos e passas.....	25 grammas.
Agua.....	quantidade sufficiente.

Ferva para obter 500 grammas de cozimento, côe por panno de lã, e adoce com assucar.

Tisana de especies peitoraes.

Espécies peitoraes (mistura de partes iguas de flores de verbasco, papoula, althéa, malva, pé de gato, tussilagem, violeta).....	5 grammas.
Agua fervendo.....	500 —

Infunda, côe, e adoce com assucar.

Tisana de alcaçuz.

Raiz de alcaçuz contusa.....	5 grammas.
Agua fervendo.....	500 —

Infunda por duas horas, e côe.

Cozimento de musgo islandico. Veja-se MUSGO ISLANDICO.

Outras tisanas.

Infusão de gengibre, 4 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Infusão de polygala de Virginia, 5 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Infusão de flores de verbasco, 5 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Infusão de folhas de hysopo, 5 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Infusão de violetas, 5 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Infusão de avenca, 5 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

2° **Xaropes.**

Xarope de gomma. Para adoçar as bebidas, ou para tomar puro ás colheres.

Xarope de avenca. Para tomar ás colheres.

Xarope de caracóes de Mure, Para tomar uma colher *de sopa* 3 ou 4 vezes por dia.

Xarope de lactucario opiado Dóse : 30 a 60 grammas por dia.

Xarope diacodio, 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de balsamo de Tolú, 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de renovos de pinheiro, 30 a 60 grammas por dia.
Xarope de terebinthina, 30 a 60 grammas por dia.
Xarope de phellandrio, 30 a 60 grammas por dia.
Xarope de especies bechicas, 30 a 60 grammas por dia.
Xarope de especies peitoraes, 30 a 60 grammas por dia.
Xarope de chloral de Follet, para combater a insomnia.
Licor de alcatrão, de Guyot, 2 colheres, das de sopa, para uma garrafa d'agua.

Xarope peitoral inglez.

Agua	8000	grammas.
Tamaras	1000	—
Jujubas	500	—
Raiz de alcaçuz	250	—
Raiz de althéa	250	—
Avenca do Canadá	125	—
Dormideiras	125	—

Ferva, côe, ajunte 4,000 grammas de assucar, e evapore até á consistencia de xarope. *Dóse* : 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de ipecacuanha composto.

Ipecacuanha contusa	30	grammas.
Foliolos de sene	100	—
Serpão	30	—
Papoulas	125	—
Sulfato de magnesia	100	—
Vinho branco	750	—
Agua de flores de laranjeira	750	—
Agua fervendo	3000	—
Assucar refinado	q. s.	

Macere a ipecacuanha e o sene no vinho branco por 12 horas ; côe com espressão e filtre. Ajunte ao residuo o serpão e as papoulas, e deite a agua fervendo sobre o todo. Infunda por 6 horas, côe com expressão ; ajunte ao liquido o sulfato de magnesia e a agua de flores de laranjeira ; filtre. Reuna o liquido vinoso ao producto da infusão, e faça, com o assucar ajuntado na proporção de 190 grammas por 100 grammas de liquido, um xarope por simples solução a b. m. — Remedio precioso e experimentado contra a tosse na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de erysimo composto ou *dos chantres.*

Cevadinha	75	grammas.
Passas	75	—
Raiz de alcaçuz	75	—
Folhas seccas de borragen	100	—
Folhas seccas de chicoria	100	—
Erysimo recente	1500	—
Raiz secca de inula	100	—
Avenca do Canadá	25	—
Alecrim secco	20	—
Rosmaninho	20	—
Herva doce	25	—

Assucar refinado	2000	—
Mel de abelhas	500	—
Agua	6000	—

Ferva a cevadinha na agua, até rebentar o grão; ajunte as passas, a raiz de alcaçuz cortada, as folhas de borragem e de chicoria incisas, e depois de alguns instantes de ebullição, côe com espressão. Torne a pôr o liquido ao lume, e vase-o fervendo n'um b. m. de estanho, que conterá o erysimo previamente pisado em almofariz de marmore, e as outras substancias convenientemente divididas; deixe em infusão por vinte e quatro horas, e distille a fogo nú para extrahir 250 grammas de liquido aromatico. — Côe com expressão, á parte, o liquido que restou na cucurbita; clarifique-o com clara de ovo, ajunte-lhe o assucar e o mel, e faça por cocção e clarificação um xarope que cozerá, até marcar, fervendo, 1,29 no densimetro (32° B.). Depois de meio arrefecido, ajunte-lhe o liquido distillado, e côe. *Dóse:* 30 a 60 grammas por dia. Molestias do peito.

Xarope de Lanthois, modificado por Ezequiel Corrêa dos Santos.

Doce amarga	30	grammas.
Polygala senega	30	—
Saponaria	30	—
Hera terrestre	30	—
Flores de arnica	15	—
Musgo islandico	15	—
Agua	1500	—
Vinho da Madeira	1500	—

Deite tudo dentro de um vaso de folha apropriado, feche hermeticamente, e deixe assim em b. m. por oito dias, agitando repetidas vezes. Finda esta maceração, deixe esfriar o liquido, côe com forte espressão e filtre. Depois de filtrado, ajunte a cada 500 grammas do liquido 1000 grammas de assucar, que é necessario derreter em b. m. no mesmo vaso bem tapado. *Dóse:* Duas colheres *de sopa*, 3 vezes por dia, puro ou dissolvido em uma chicara d'agua morna. Nas bronchites, e outras molestias do peito.

3° **Julepos, loocks, poções.**

Loock branco (*Veja-se* Loock), toma-se ás colheres *de sopa*, no decurso do dia.

Loock calmante.

Loock branco	150	grammas.
Laudano de Sydenham	20	gottas.

Misture. Uma colher *de sopa*, de hora em hora, na bronchite aguda.

Poção gommosa. Veja-se Poção.

Julepo calmante.

Xarope de opio	15	grammas.
Xarope simples	15	—
Infusão de tilia	150	—

Misture. Uma colher *de sopa* de hora em hora, na bronchite aguda

Succo de agriões, 90 a 180 grammas por dia, na bronchite chronica.

Emulsão de alcatrão vegetal Le Beuf. Uma a duas colheres, das de chá, duas ou tres vezes por dia.

Glycerina creosotada de Catillon. Uma ou duas colheres por dia.

4° **Pastas, pastilhas,** etc.

Pasta peitoral Regnault, 30 grammas por dia.

Pasta de musgo islandico, 30 grammas por dia.

Pasta de jujubas, 30 grammas por dia.

Pasta de gomma arabica, 30 grammas por dia.

Estas pastas acham-se em todas as pharmacias.

Pastilhas de balsamo de Tolú.

Balsamo de Tolú	100	grammas.
Assucar	2000	—
Gomma arabica	20	—
Agua	q. s.	

Digira por duas horas a banho-maria o balsamo de Tolú com o dobro de seu peso d'agua, tendo o cuidado de mexer amiudadas vezes. Deixe arrefecer e filtre. Prepare a mucilagem de gomma alcatira com 180 grammas d'este liquido. Faça pastilhas de 1 gramma. *Dóse:* 6 a 12 pastilhas por dia, nas bronchites.

Pastilhas ou *tabellas de manná.*

Manná em lagrimas	150	grammas.
Assucar	800	—
Gomma arabica em pó	50	—
Agua de flores de laranjeira	75	

Derreta a calor brando o manná na agua de flores, côe por panno; ajunte a gomma previamente misturada com duas vezes o seu peso de assucar Incorpore o resto do assucar, e faça tabellas do peso de 1 gramma. Cada uma contém 15 centigrammas de manná. *Dóse:* 8 a 12 por dia.

Pastilhas ou *tabellas de manná de Manfredi*, ou *Pastilhas de Calabria.*

Raiz de althéa,	90	grammas.
Agua	2000	—
Manná	375	—
Assucar	3000	—
Extracto de opio	60	—
Agua de flores de laranjeira	90	—
Essencia de bergamota	5	—

Ferva a althéa na agua durante 10 minutos; ajunte o manná; côe; ajunte o assucar. Evapore até á consistencia de xarope espesso; ajunte o opio, a agua de flor, e a essencia. Evapore até á consistencia conveniente; verta a massa sobre o marmore untado com azeite, e divida-a em tabeltas de 1 gramma. *Dóse :* 2 a 4 por dia, na bronchite.

Marmelada de Tronchin.

Polpa de canafistula	30 grammas.
Manná em lagrimas	30 —
Oleo de amendoas doces	15 —
Xarope de violas	15 —

Faça segundo a arte. *Dóse :* Uma colher *de sopa* de hora em hora. como laxativo e expectorante.

Marmelada de Zanetti.

Manná	60 grammas.
Xarope de althéa	45 —
Cannafistula cozida	30 —
Oleo de amendoas doces	30 —
Manteiga de cacáo	24 —
Agua de flores de laranjeira	15 —
Kermes mineral	20 centigr.

Faça segundo a arte. *Dóse :* Uma colher *de sopa* de duas em duas horas, como expectorante e laxativo.

5° **Perolas, capsulas e outros preparados.**

Parolas de Clertan de terebinthina.
Perolas de Clertan de iodoformio.
Perolas de Clertan de gaiacol.
Capsulas de alcatrão de Guyot.
Gottas livoniannas de Trouette-Perret, de creosote de faia, alcatrão da Noruega e balsamo de Tolu.
Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado.
Hostias de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho.
Capsulas creosotadas do Dr Fournier.
Preparações de glycerina de Catillon.

BRONCHORRHEA. *Veja-se* CATARRHO PITUITOSO.

BRONCHOTOMIA. Operação que consiste em cortar, fazer uma incisão na trachéa arteria ou na larynge para dar logar a que o ar penetre nos pulmões, quando as vias respiratorias se acham obstruidas por qualquer corpo extranho, ou por tumor, ou por um estreitamento de qualquer origem. *Veja-se* TRACHEOTOMIA.

BRONZE. Liga muito dura de cobre e de estanho, á qual se ajunta, ás vèzes, zinco e chumbo em quantidade variavel, e mesmo ferro. A composição do bronze nada tem de fixo ; varia segundo o uso ao qual é destinado, para a fabricação dos canhões, dos sinos, das estatuas, das medalhas, etc.

O bronze oxyda-se como o cobre, porém menos rapidamente, e o composto que se forma, contribue para a conservação do metal, formando-lhe uma especie de verniz. Imita-se esta côr por meio de verniz, ou então tinge-se de verde-azulado aquecendo o bronze com a seguinte composição : oxydo de cobre 500 grammas ; ammoniaco 4,75 ; acido acetico 2 litros ; agua 10 litros.

Bronzear é dar a côr de bronze a qualquer substancia ; metal, madeira, barro, gesso, etc. Os processos empregados para este fim consistem, em

cobrir o objecto que se quer bronzear com uma camada preparatoria que varía segundo o objecto (colla de Flandres, oleo seccativo, gomma arabica, etc.), e em applicar depois chlorureto de antimonio, deuto-sulfureto de estanho, ou limalha de bronze ou de cobre amarello reduzido a pó impalpavel (ouro moido).

Modo de bronzear o ferro e os canos de espingarda. — Esfrega-se o cano da espingarda com trichlorureto de antimonio (*manteiga de antimonio*) ou faz-se ferver este producto e expõe-se aos seus vapores, o objecto que se quer bronzear.

Tambem pode-se empregar o seguinte processo : Tome-se a peso, 5 partes d'acido azotico, 5 partes de ether nitrico, 10 partes de alcool, 10 partes de tintura de chlorureto de ferro, 20 partes de sulfato de cobre. Deita-se tudo em 300 partes d'agua, de modo a fazer uma solução. Limpa-se bem o objecto que se quer bronzear, esfrega-se'o com esta solução e deixa-se seccar.

Na Casa da Moeda, de Pariz bronzeam as medalhas, fazendo-as ferver durante um quarto de hora na dissolução seguinte :

Azinhavre pulverizado	500 grammas.
Sal ammoniaco pulverizado	475 —
Vinagre forte	160 —
Agua	2 litros.

Faz-se a dissolução em uma casserola de cobre sem ser estanhada. Separam-se as medalhas umas das outras com varetas de madeira ou de vidro.

Modos de limpar os objectos de bronze dourado. 1° *modo.* Molham-se os objectos em agua a ferver em que se tenha dissolvido pequena quantidade de sabão branco, e depois em agua pura, a ferver; seccam-se por fim ao ar livre, e esfregam-se com giz contido em pellica.

2° *modo.* Tiram-se as nodoas de cera, de gordura, etc., com pequena quantidade de soda ou potassa caustica dissolvida em agua, lavando as manchas com esta solução quente. Deixa-se seccar, e, depois, passa-se sobre o dourado um pincel molhado na mistura seguinte : agua 125 grammas, acido azotico 32 grammas, pedrahume 4 grammas. Enxuga-se depois o bronze, e secca-se lentamente ao sol ou a fogo moderado.

BRUCINA. Alcaloide que se tira da angustura falsa, planta da familia das loganiaccas e da nox vomica. Crystalliza em pequenas folhas brancas de sabor muito amargo. Sua acção é analoga á da estrychnina, porem menos energica. É receitada em pilulas, na dóse de 1 a 50 centigrammas ; aconselhado contra as paralysias antigas e algumas molestias do espinhaço. É' um remedio pouco usado.

BRUCO DO ALEMTEJO ou **Pyrethro da Beira.** *Laserpitium peucedanoides*, L. Planta da Flora portugueza. A raiz é diuretica ; usa-se em cozimento : 15 grammas para 1000 grammas d'agua.

BRYONIA OU NORÇA BRANCA. *Bryonia dioica*, Jacquin, Cucurbitaceas. Planta trepante da Europa ; em Portugal habita frequente pelos tapumes nos arredores de Coimbra, e outras partes. Folhas apalmadas, de uma e outra parte asperas ; fructo, pequena baga do tamanho de uma ervilha

grande, vermelha ou negra, glabra. Raiz carnosa, fusiforme, frequentemente bifurcada, do tamanho da coxa de uma criança, amarellada por fóra, cinzenta por dentro, de cheiro viroso e nauseabundo, sobretudo quando fresca, de sabor acre e caustico. O seu succo produz erosões na pelle, e tomado internamente constitue um purgante violento. Estas propriedades não desapparecem senão em parte pela deseccação. A bryonia secca é branca, cortada em rodellas de grande diametro, com estrias concentricas, de sabor amargo, acre, e de cheiro desagradavel. Póde-se destruir o principio caustiço da bryonia ralando-a quando fresca, e deixando fermentar a polpa durante algum tempo, obtem-se então uma fecula abundante que póde substituir a dos cereaes e a da batata, em alguns dos seus usos.

A raiz de bryonia é empregada contra a hydropisia, hysterismo e paralysia : raiz secca em pó na dóse de 1 a 2 grammas; succo espresso 16 a 20 grammas.

BROTOEJA. *Veja-se* BERTOEJA.

BUBÃO. *Veja-se* MULA e INGUA.

BUCHA DOS PAULISTAS (Minas), PURGA DE JOÃO PAES (S. Paulo). *Momordica operculata*, Linneo. Cucurbitaceas. Planta trepadeira, que habita espontanea no Brazil. Folhas oppostas, angulosas, denteadas, com a base cordiforme; fructo, peponida elliptica, angulosa, guarnecida de pontas caducas, encerra muitas sementes contidas no interior de um tecido reticular resistente; empregada para buchas de espingarda, d'onde lhe vem o nome. O fructo é drastico ; usa-se em infusão que se prepara com 8 grammas do fructo e 180 grammas d'agua fervendo ; toma-se esta infusão ás colheres *de sopa*, de quarto em quarto de hora, até ao effeito purgativo. Seu extracto actua como purgante na dóse de 15 a 40 centigrammas em pilulas.

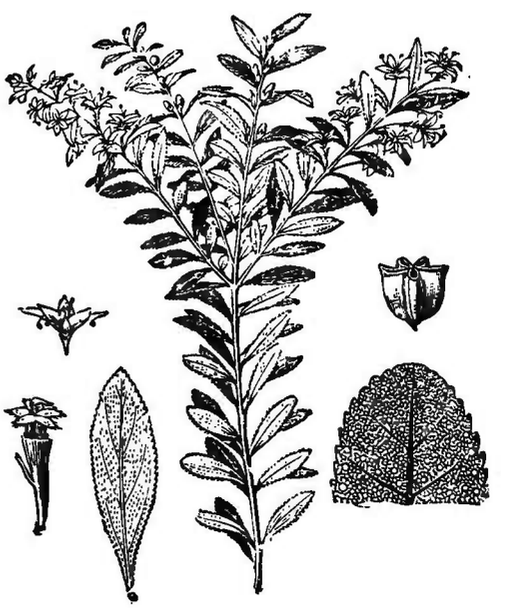


Fig. 115. — Buchu.

BUCHINHA. *Luffa purgans*, Mart. Cucurbitaceas. Planta do Brazil. Seu fructo é purgativo, na mesma dóse que o da planta precedente.

BUCHU. *Diosma crenata*, Linneo. Rutaceas (fig. 115). Arbusto do Cabo da Boa-Esperança. As folhas são ovaes-oblongas, finamente crenadas, guarnecidas de glandulas cheias de oleo volatil; cheiro forte, analogo ao da hortelã e da arruda ; sabor acre e aromatico. Estas folhas são tonicas, estimulantes, diureticas e sudorificas. Empregam-se no catarrho da bexiga e nas molestias da prostata, em infusão, que se prepara

com 16 grammas das folhas e 500 grammas d'agua fervendo. A *tintura* administra-se na dóse de 8 a 50 grammas; o *extracto* na dóse de 25 a 50 centigrammas. O *oleo essencial* usa-se em fricções nas dôres rheumaticas.

BUGIAS. Candelinhas ou Velinhas. É o nome de certos rolos quasi cylindricos, de mui pequeno diametro, destinados a serem introduzidos no canal da urethra. Preparam-se com tiras de cambraia finissima, cobertas nos dos lados de uma substancia emplastica, e enroladas sobre si mesmas. São empregadas no tratamento dos estreitamentos da urethra, para dilatar mecanicamente este canal. Differem das *sondas*, em serem estas ôcas em todo o seu comprimento, e terem perto da extremidade, que se introduz, duas aberturas para deixar passar a ourina, emquanto que as bugias são massiças em toda a sua extensão. *Veja-se* Velinhas.

BUGULA. *Ajuga reptans*, L. Labiadas. Pequena planta levemente aromatica, com flores azues; habita nos prados de Portugal, e outras partes. Entra na composição das *especies vulnerarias*.

BULIMIA. Appetite exagerado, desmedido que o doente satisfaz ás vezes comendo alimentos nojentos e indigestos. Esta voracidade as vezes é tão grande que torna-se incrivel; vem sempre acompanhada de diminuição da intelligencia e de torpor durante as digestões, encontra-se-a nos alienados, nos paralyticos geraes, nos diabeticos e tambem em certos individuos que parecem não ter nenhum desarranjo serio da saude, aparte este symptoma singular. Não fallaremos aqui d'essas historias curiosas de individuos acommettidos de bulimia que devoravam gatos, e cães, bebiam o sangue das sangrías e até enguliam pedaços de corpos mortos. Apenas limitaremos-nos a assignalar esses casos assaz frequentes de homens que comiam em uma refeição dous ou tres kilos de carnes diversas e bebiam dous litros de vinho para satisfazerem os seus desejos.

O tratamento se divide em duas partes; adormecer o estomago, enganar a sensação da fome por meio de preparações opiaceas e a cocaina; depois fazer vêr ao doente os inconvenientes de sua voracidade, e reduzir progressivamente a quantidade dos alimentos que elle deve absorver.

BURANHEM, Guaranhem, monesia. *Chrysophyllum buranhem*, Riedel. Sapotaceas. Grande arvore do Brazil, que se encontra no Corcovado, em outros logares da provincia do Rio de Janeiro. Tem as folhas pecioladas, oblongas, com a base attenuada, glabras; fructo, vagem amarella contendo uma semente. Os fructos são comestiveis; a casca e o extracto empregam-se em medicina; e a este é que se dá mais particularmente o nome de *monesia*.

A casca acha-se no commercio em pedaços grandes, pesados, de côr vermelha-escura, sabor doce a principio, e depois um pouco adstringente.

O extracto (monesia) é em bocados grandes ou pequenos, de côr roxa-escura, quasi preta, fractura luzente, soluvel em agua, de sabor adocicado a principio, e depois amargo e um pouco acre.

O cozimento da casca de buranhem é adstringente e como tal empregado em lavatorios contra as ulceras antigas. Este cozimento prepara-se com 30 grammas de casca e 120 grammas d'agua.

O *extracto* é aconselhado como adstringente e tonico, internamente na diarrhea, e nos escarros de sangue, na dóse de 30 centigram. a 1 gram. em pó ou pilulas; e externamente nas ulceras.

BURRA. Nome vulgar de uma arvore da familia das Euphorbiaceas, que habita na Ilha de Fernando dc Noronha, e provavelmente nos outros logares do Brazil. As folhas são alternas, verde-escuras, lustrosas, com peciolos purpurinos. O succo é muito caustico, e faz grande damno ao gado. Os animaes, que se approximam d'esta arvore queimam-se a tal ponto, que os logares atacados jamais criam cabello. Uma gotta de sua seiva determina uma queimadura scmelhante á do fogo. A madeira nem para lenha serve, porque o fumo ataca a vista d'aquelles que a empregam como combustivel.

BURRO ou JUMENTO. Este animal é originario dos paizes quentes, da Africa ou da Asia, e por isso as raças asininas mais perfeitas são as que se tem formado nos paizes quentes; e ao passo que se afastam para os climas frios, degeneram cada vez mais. Os burros não tem todos a mesma altura : são mais ou menos altos; mas para ser reputado bem feito, o burro de talhe médio, medido no logar dos membros dianteiros, deve ter 1 metro de altura, e 1 metro 46 centimetros de comprimento do apice da cabeça até o anus. No primeiro anno, o burro é alegre e mesmo assaz bonito, bem que coberto então de longos pellos; é ligeiro e garboso; mas perde logo todas estas qualidades : torna-se indocil e teimoso. A jumenta, como a maior parte das outras femeas, tem para a sua progenitura grande affeição. Plinio assegura que quando ella se vê separado do seu filho, seria capaz de atravessar chammas para se reunir a elle.

O burro, como os outros animaes domesticos, affeiçoa-se ao seu dono, que elle sente e distingue de todos os outros homens. Reconhece tambem os logares que tem por costume habitar, e os caminhos que tem frequentado. Tem bons olhos, excellente olfacto e ouvido mui fino. Quando o sobrecarregam, manifesta o seu pezar inclinando a cabeça e abaixando as orelhas; quando o atormentam muito, abre a bocca e retrahe os beiços para cima, o que lhe dá um ar máo ; defende-se como o cavallo, com o pé e com os dentes; como elle, anda, trota, galopa; mas todos estes movimentos são pequenos e muito mais lentos; não póde correr com alguma velocidade senão por pequeno espaço de tempo, e qualquer que seja a andadura que toma, se o apressam demasiado, estaca e faz-se renitente.

O burro é geralmente lento. A sua andadura é branda, e não ha animal que tenha o pé tão seguro nas veredas estreitas e escorregadiças, mesmo sobre a borda dos precipicios. É resistente ao trabalho, paciente e tranquillo; é, além d'isto, de uma grande sobriedade; e não só é de pouco sustento, mas come as forragens e grãos de inferior qualidade, que os outros animaes rejeitam, e até mesmo os vegetaes duros e espinhosos. A palha cortada muito miuda é a alimentação que prefere. Entretanto gosta muito de farelos, feno, aveia; e come voluntariamente hervas frescas. Supporta a sêde muito mais tempo do que o cavallo.

E um dos animaes domesticos mais uteis para a agricultura e para o commercio.

O burro é considerado quasi exclusivamente como animal de carga, mas póde ser empregado no serviço de sella ou de tiro. Na idade de tres annos e meio ou de quatro annos, póde fazer todos os trabalhos : por conseguinte deve ser ferrado. A semelhança do seu casco com o da besta muar exige o mesmo genero de ferradura. Mas as ferraduras devem ser delgadas, sem o que os movimentos seriam mais lentos, e o casco se destruiria bem depressa. Quando se emprega no serviço de albarda, deve haver o cuidado de o sellar com alguma anticipação, e de apertar a cilha ao sahir da estrebaria; pois, seja porque elle incha o corpo durante o tempo que se lhe mette o apparelho, seja por qualquer outro motivo, a cilha, que parece bem apertada, fica logo frouxa, o que póde occasionar algum accidente. O burro supporta grandes cargas.

Para a reproducção devem escolher-se os animaes de grande estatura. O jumento acha-se apto para a reproducção aos 3 annos e meio, e a jumenta na idade de 3 annos. A femea anda gravida 12 mezes e alguns dias. Ao cabo de 6 mezes, póde-se desmammar o burrinho. Os jumentos empregados no trabalho devem ser castrados na idade de 30 mezes, porque na época do cio, os jumentos inteiros manifestam tal furor venereo na presença das femeas, que se tornam difficeis de governar.

Conhece-se a idade do burro pelos dentes, como a do cavallo.

O jumento trabalha desde a idade de 18 mezes. Conserva-se muito forte até á idade de 15 annos ; mas raras vezes chega ao cabo de sua carreira, que é de vinte e cinco a trinta annos. Quanto ás molestias a que este animal está sujeito, são quasi as mesmas que as do cavallo, e são internas e externas. Entre as primeiras, contam-se, o *tetano*, o *mormo*, a *coryza*, a *pulmoeira*, a *tosse*, a *diarrhea*, as *colicas*, etc. Entre as segundas, a *fava*, o *cancro da lingua*, as *parotidas*, a *fluxão das palpebras*, a *cataracta*, o *mal de cernelha*, o *ante-côr*, o *esforço da anca*, a *quebradura*, as *lupas*, a *inchação do ventre*, a *inchação do escroto*, a *sarna*, as *verrugas*, a *torcedura*, a *agua nas pernas*, as *gretas*, as *alcançaduras*, as *seismas*, os *cravos da rua*, os *figos*, e o *gavarro*.

O leite de burra emprega-se como alimentação emolliente nas molestias do peito ; é util sobretudo quando ellas estão no principio. A pelle d'estes animaes é muito empregada nas artes, por causa da sua dureza e elasticidade.

BUSSOLA. *Veja-se* IMAN.

BUSOT. Hespanha. Aguas salinas quentes ; 41°. Empregam-se nas affecções rheumatimaes, sciatica, molestias da pelle, engurgitamentos abdominaes.

BUSSANG. França. Aguas ferruginosas e arsenicaes, gazosas, frias. Não ha ali estabelecimento thermal ; a agua só se exporta. Contém por litro 10 centigrammas de carbonato e crenato de ferro, e uma quantidade apreciavel de arsenico. A agua é limpida, de gosto acidulo e levemente ferruginoso. Usa-se contra a chlorose, anemia, dyspepsia.

BUTUA. *Cocculus platyphylla*, Saint-Hilaire. Menispermeas. Planta do Brazil; habita especialmente em Minas. Caule lenhoso, trepante; folhas alternas, cordiformes, um tanto crenuladas, glabras por cima, tomentosas por baixo. A raiz é empregada em infusão contra as febres intermittentes : 8 grammas para 180 grammas d'agua fervendo.

BUTYRINA. Materia gordurosa de que se compõe a manteiga, cujo cheiro particular é devido a um acido gorduroso, mui volatil, que se chama acido butyrico. Como todos os acidos organicos, o acido butyrico se encontra em certos humores do corpo humano e em alguns productos vegetaes.

BUYERES DE NAVA. Hespanha. Aguas sulfurosas frias e tepidas; 21°, 26° e 28°. Molestias cutaneas, syphilis constitucional, catarrhos bronchicos.

BUXO. *Buxus sempervivens.* Linneo. Euphorbiaceas. Arbusto sempre verde, que se cultiva em Portugal. Varía singularmente de tamanho, segundo os climas e cultura; termo médio tem 4 a 5 metros de altura, mas póde reduzir-se ao estado anão para servir de ornamento aos canteiros dos jardins. Tem folhas oppostas, ovaes, lisas, de um verde-escuro; flores amarellas; o fructo é uma pequena capsula, com 3 loculamentos e 6 sementes. Lenho bastante solido, duro, pesado, pallido-citrino. Casca branca-amarellada, mui amarga; emprega-se ás vezes na fabricação da cerveja em vez de lupulo. Na medicina usa-se a casca e a raiz contra o rheumatismo e a syphilis, debaixo da fórma de decocto, que se prepara com 15 grammas de buxo e 300 grammas d'agua.

C

CAA-ATAYA. Herva-ferro, Mata-canna (Bahia), Orelha de rato (Pará e Matto-Grosso), Purga de João Paes. (*Vandellia diffusa,* Linneo.) Scrophularineas. Planta do Brazil. Caule quadrangular; folhas ovaes, crenadas, pedunculos axillares de uma só flor. Toda a planta é amarga, um pouco acre, mucilaginosa. Goza de propriedades purgativas na dóse de 4 grammas e mais. E empregada nas molestias do figado.

CAAMEMBECA. *Polygala paraensis*, Castro. Polygaleas. Planta do Brazil; habita no Pará. Caule de metro a 1 metro 65 centimetros, de altura; folhas alternas, agudas, de côr verde-escura por cima e arroxeada por baixo; flores dispostas em espiga. Segundo o Sr. Dr. Castro, as folhas usam-se interna e externamente como refrigerantes, contra as hemorrhoidas. O cozimento em bebida, 30 grammas de folhas para 750 grammas d'agua. Em clyster, succo espresso 60 grammas com uma gema de ovo. O cozimento usa-se tambem em banhos.

CAAOPIA, Páo de lacre. *Vismia guianensis*, Pers. Hypericineas. Arbusto do Brazil. Guiana e Perú. Folhas ovaes oblongas, pontudas, brancas tomentosas por baixo. Por meio de incisões feitas no tronco, e mesmo em todas as suas partes, obtem-se um succo gommo-resinoso, o qual concretando-se torna-se de côr amarella-alaranjada. Esta gomma-

resina, chamada *gomma-lacre*, é um purgante energico na dóse de 15 a 20 centigrammas em pilulas.

A *Vismia micrantha* e *Vismia laccifera*, Martius, arvores da mesma familia, fornecem tambem um succo purgativo.

CAAPEBA. *Veja-se* Cipó de cobra e Periparoba.

CAAPIA, CARAPIA. *Veja-se* Contraherva.

CABEÇA. (Molestias da.) Varias molestias da cabeça vão descriptas em artigos separados. *Veja-se* Gallos, Feridas de cabeça, Dôr de cabeça, Enxaqueca, Apoplexia, Congestão cerebral, Meningite, Tinha, Ozagre.

As pancadas na cabeça, ou as quédas, produzem muitas vezes a *commoção cerebral* (*Veja-se* esta palavra.)

Cabeça (Contusão da). *Veja-se* Contusão.

Cabeça (Empigem da) *Veja-se* Tinha.

Cabeça (Fracturas da). *Veja-se* Fracturas.

CABEÇA DE MONT'ACHIQUE. Portugal; perto de Lisboa. Aguas ferruginosas frias. A vertente, chamada *Mina-Nova*, fornece uma agua ligeiramente amarellada, transparente, com sabor ferreo e levemente adstringente, cuja temperatura média, no estio, achada em differentes horas do dia, é de + 18,44 centigrados, estando a do ar ambiente a + 20,67 centigrados. 1 litro d'esta agua, na temperatura média de + 20° do thermometro centigrado, e sob a pressão atmospherica de 76 centimetros do barometro, contém, segundo a analyse feita e publicada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, no seu Jornal (Tomo II. p. 674):

Gaz oxygeneo.....	6 cent. cub.	Sulfato de fero.....	0,135 gram.
Gaz azoto.....	14 —	— de cal.....	0,330 —
Chlorur. de calcio.	0,048 gramma.	— de alumina....	0,047 —

CABEÇA DE PREGO. Dá-se este nome ao fruncho ou leicenço. *Veja-se* Fruncho.

CABEÇO DE VIDE. Portugal; Alemtejo. Aguas sulfurosas temperadas. 26°. Tem um estabelecimento de banhos construido em 1855. Além das tinas dos quartos reservados, ha dois grandes tanques forrados de azulejo em que podem banhar-se dez pessoas. No estabeelcimiento ha uma grande caldeira em que se aquece a agua destinada aos banhos quentes.

CABELLOS. Os cabellos são prolongamentos filiformes, formados de uma substancia analoga ao chifre, que nascem da pelie e cobrem algumas partes do corpo humano. Tem differentes nomes, conforme a região do corpo em que crescem. Chamam-se cabellos da cabeça, ou simplesmente *cabellos*, os que cobrem as partes superior e posterior do craneo; *sobrancelhas*, os que formam um arco transversal por cima dos olhos; *pestanas*, os que guarnecem as bordas livres das palpebras; *bigodes*, os que cobrem os beiços; *barba*, os que se acham na parte inferior do rosto; *suiças*, os das faces. Os cabellos tambem existem mais ou menos abundantes no peito, no pubis, em roda do anus, nos sovacos, na abertura das ventas e do conducto auditivo externo; e acham-se

espalhados em todas as outras partes. Sua organização apresenta duas partes distinctas, o *bulbo* e a *haste*. O bulbo ou a raiz do cabello é uma pequena vesicula implantada no tecido sub-cutaneo. Este bulbo é provido de ramos vasculares que o nutrem. A haste ou o cabello propriamente dito adhere por uma extremidade ao bulbo, é livre do resto da sua extensão, e inteiramente insensivel. As diversas alterações dos cabellos resultam da affecção do bulbo. Quando se arrancam, a sua regeneração opera-se pelo mesmo mecanismo que a sua producção normal, e póde-se renovar emquanto se não destroe o bulbo.

Os cabellos são elasticos, flexiveis, e deixam-se estender um pouco. Sabe-se com que facilidade a agua os penetra, os alonga, e que partido tiráram d'esta propriedade os physicos para fazerem com elles hygrometros, especie de instrumentos que servem para avaliar o gráo de humidade da atmosphera.

Os cabellos offerecem differenças constantes conforme as raças, mas apresentam tambem variedades numerosas nos individuos da mesma raça. Na raça dita europea, são geralmente finos, compridos e variam do branco ao preto; na raça mongola, que habita as regiões mais remotas do norte, são hirtos, pretos e curtos; na raça negra, são pretos, espessos e encarapinhados; nos Americanos são pretos, corredios e fortes; e na raça malaia, que occupa o centro do Oriente e da Asia, são espessos e lisos. Estas modificações dependem do temperamento dos individuos e dos climas que habitam. Os povos dos paizes quentes, como os Arabes, os Italianos, os Hespanhoes, os Portuguezes, os Brazileiros, tem geralmente os cabellos pretos, duros e seccos. Os habitantes das regiões frias, como os Inglezes, os Allemães, os Hollandezes, os Russos os Polacos, tem em geral os cabellos louros.

Examinemos agora os cabellos em suas regiões respectivas.

Os cabellos da **cabeça** podem crescer consideravelmente e chegar até á cintura, coxas, pernas e mesmo até aos pés. São susceptiveis de uma especie de cultura, e não se póde negar que cuidados cosmeticos (*veja-se* esta palavra) influem de uma maneira poderosa no seu comprimento natural. Nas pessoas que estão no costume de cortal-os frequentemente, crescem com maior força. Os cosmeticos geralmente usados compõem-se de corpos gordos não rançosos, taes como o tutano de boi, a banha de porco, o oleo de amendoas doces, todos, mais ou menos, aromatizados com differentes essencias. Haverá certeza de se empregar bons productos, usando-se as pomadas ou o oleo de Ixora para os cabellos da casa Ed. Pinaud, de Pariz. Estas preparações são sufficientes para entreter a flexibilidade dos cabellos; mas querendo prevenir a sua quéda, deve-se esfregar a cabeça com o Extracto vegetal de Violettas de Ed. Pinaud, perfumista de Pariz, para estimular os bulbos mais ou menos mortificados.

Os cabellos longos convem só ás mulheres; os homens devem trazer o cabello curto. Deve ser penteado e escovado regularmente todas as manhãs, com escova que não seja muito aspera, para não arrancal-o. Os cosmeticos, oleos e pomadas, convem só ás pessoas cujo cabello é

rude, secco e quebradiço : cumpre abster-se d'elles ou usar d'ellas raras vezes quando se tem o cabello naturalmente oleoso. N'este caso, para absorver o excedente da materia oleosa, póde-se polvilhar a cabeça com polvilho ou farelos, e pentear depois o cabello com muito cuidado. Os lavatorios com Extracto vegetal de Violettas ou com a Agua de quinina tonica de Ed. Pinaud de Pariz preenchem o mesmo fim. O extracto vegetal é um producto feito com alcool e gemas de ovo e aromatizado depois com essencia de violettas. A agua de quinina é excellente contra a caspa, e limpa o casco da cabeça, impedindo a acção corrosiva dos suores de se produzir.

Os cabellos das mulheres exigem cuidados particulares. Ao desemmaranhal-os cumpre separal-os com precaução em linha recta, afim de não quebral-os. Se são longos e espessos, dividem-se em differentes madeixas que se penteam separadamente, e escovam-se com escova de crina ou de raizes finas de arroz. Se os cabellos não são de natureza oleoginosa, nem mui longos ou cobertos de caspa, não é absolutamente necessario penteal-os todos os dias com o pente fino de marfim. Não se deve encrespal-os com ferro quente : esta pratica, se é frequentemente repetida, fal-os seccar e torcer. Se se atam os cabellos com fita ou cordão, deve este ser moderadamente apertado. É preciso depois de tiradas as grampas, que seguram os cabellos, sacudir as madeixas, e trançal-as.

E mui acertado o costume de trançar os cabellos, para impedir que se embaracem durante a noite. Sendo preciso lavar a cabeça completamente, convem fazer uso de um liquido feito com uma gema de ovo e um pouco d'agua de Colonia, ou com aguardente e agua, e lavar depois a cabeça com agua morna, ou empregar, como ficou dito acima, o *extracto vegetal de Ed. Pinaud.*

Os cabellos são susceptiveis de cahir (*calvicie*), de mudar de côr e de tornar-se brancos (*canicie*), podem ser tambem affectados da *tinha*. *Veja-se* CALVICIE, CANICIE, TINHA.

As **sobrancelhas** tem ordinariamente maior força e maior rigidez do que os cabellos da cabeça ; é raro que tenham uma côr differente : entretanto observam-se exemplos d'isto. « Depois dos olhos, diz Buffon, as partes do rosto que mais contribuem para avivar a physionomia são as sobrancelhas ; dão uma sombra ao painel que lhe faz sobresahir as côres e a fórma. » Attribue-se-lhes o uso de impedir que o suor da testa corra sobre o globo do olho, e de moderar a acção da luz quando demasiado activa, diminuindo a massa dos raios que vem concentrar-se n'este orgão. Tem-se notado, com effeito, que quando faltam as sobrancelhas totalmente ou em parte, os olhos são dolorosamente affectados, mas isto é menos uma molestia do que uma deformidade que a arte cosmetica póde palliar. Remedeia-se isto pela applicação de sobrancelhas postiças, e mais frequentemente ainda tingindo-se o logar com tinta, ou por qualquer outro meio, porque mais se deve combater a deformidade do que o effeito da luz. A quéda d'estes cabellos póde provir de muitas causas differentes, taes como a syphilis, as empigens, a tinha, a ozagre, etc. As mesmas causas podem determinar tambem ulceras nas so-

brancelhas, e então só póde convir um tratamento interno e apropriado; mas ás vezes tambem procedem da presença de um insecto chamado vulgarmente piolho ladro, o qual, insinuando-se na pelle da sobrancelha, dá logar a ulcerações que o doente augmenta com coçar-se. N'este caso, bastam algumas fricções com unguento mercurial. Quanto aos cosmeticos, que podem favorecer o crescimento das sobrancelhas, são os mesmos usados para os cabellos.

As **pestanas** são cabellos que guarnecem a margem livre das palbebras. A sua direcção é para cima na superior e para baixo na inferior; de sorte qne, afastada uma da outra, assim como do globo do olho, garantem ambas este ultimo do contacto dos argueiros que volteam no ar, e servem, além d'isso, de embate contra os raios luminosos mui intensos. Qualquer que seja o seu numero, emquanto conservam a direcção natural, o orgão da vista não soffre incommodo algum; mas, se se dirigem para dentro, determinam pelo seu contacto sobre a superficie do olho uma inflammação intensa que persiste emquanto dura a causa. Tem-se proposto, para remediar este inconveniente, chamado *trichiasis*, o arrancar ou cortar o pequeno numero dos cabellos, cuja direcção é contranatural; mas logo tornam a crescer mais grossos, e por conseguinte mais perigosos. O unico meio efficaz consiste em cauterizar a raiz com um estylete quente, para operar uma cicatriz dura e callosa que o cabello não possa furar. Mas, quando a grande parte ou a totalidade da pestana toma esta má direcção, procedente de estar a palpebra virada para dentro, é preciso cortar uma porção da pelle da palpebra para que a pestana tome a sua direcção natural.

Barba. Os cabellos da barba não differem dos das outras partes do corpo senão pela sua aspereza. A raiz d'elles está implantada no bulbo, formando um como ganchinho, o que torna a evulsão dificil, de sorte que fica muitas vezes um fragmento que reproduz um novo cabello. A época do crescimento da barba é a da puberdade; até então o rosto não apresenta senão um leve buço commum aos dois sexos. O desenvolvimento da barba póde ser apressado, cortando-a frequentemente e lavando-a com sabão. Seria facil dar aqui uma longa lista de substancias aromaticas e excitantes, capazes de produzir o mesmo resultado, que os perfumistas e os cabelleireiros vendem como composições secretas e maravilhosas. Todos estes meios actuam determinando um augmento da vitalidade da pelle, em razão do affluxo mais consideravel do sangue que prevocam n'esta parte.

A barba, como todas as producções analogas, não é susceptivel de adoecer isoladamente, e não faz senão participar mais ou menos do estado são ou morbido da pelle, em qne se acha implantada. As molestias que podem affectar especialmente este ultimo orgão na região onde cresce a barba, e reagir sobre ella, são as differentes especies de dartros, e principalmente aquella que se designa com o nome de *mentagra*. Consiste esta em botões vermelhos, conoides, lisos, que se desenvolvem successivamente, occasionam uma comichão mui viva, e suppuram. Estes botões são acompanhados de uma inflammação mais ou menos consideravel,

e ordinariamente de muitas erupções. A mentagra affecta principalmente os homens de temperamento bilioso e sanguineo, que tem muita barba. Os excessos de mesa, o abuso de bebidas alcoolizadas e de temperes, o pouco asscio, algumas applicaçõcs irritantes, o emprego de uma navalha suja ou mal afiada, favorecem o desenvolvimento d'esta molestia. *Veja-se* MENTAGRA.

O córte quotidiano da barba dá logar muitas vezes a uma irritação, especie de erythema da pelle, que, propriamente fallando, não é uma molestia, mas produz uma coloração desagradavel á vista, e uma comichão importuna. O melhor remedio para isso consiste em lavar o rosto com agua fria, animada com certa quantidade d'agua de Colonia.

Terminarei este artigo mencionando um phenomeno que parece extraordinario, e vem a ser o augmento do comprimento dos cabellos depois da morte; o que se explica pelo estado hygrometrico da sua substancia, e sobretudo pela depressão das partes que cercam as raizes.

RECEITAS PARA O CABELLO.

Tintura ou alcooleo de quillaya.

Casca de quillaya em pó.....	100 grammas.
Alcool a 70° centesimaes.....	400 —
Essencia de bergamota.....	1 gramma.

Macere durante quatro dias a casca de quillaya no alcool, filtre e ajunte a essencia. 1 parte d'esta tintura misturada com 5 partes d'agua constituem um liquido que emulsiona poderosamente os corpos gordos, e póde servir para desengordurar o cabello e os estofos.

Agua atheniana. — Agua romana.

Estes liquidos, que são empregados para limpar os cabellos, compõem-se de alcool, saponina, e algum oleo essencial aromatico. São mui proprios para tirar a caspa. A *saponina* é uma substancia que se extrahe da casca da *quillaya*, arvore do Chili; é soluvel na agua que torna viscosa e espumosa como a de sabão.

(Nas parfumarias chamam-lhe: *Agua de quinina.*)

Agua de quina para limpar a cabeça.

Casca de quina amarella.	20 gram.	Cochonilha.....	2 gram.
Agua commum.....	500 —	Alcool.....	80 —
Carbonato de potassa...	2 —	Oleo essencial qualquer.	10 gottas.

Ferva a quina na agua, dissolva no decocto o carbonato de potassa e a cochonilha; filtre, ajunte o alcool e qualquer oleo essencial para aromatizar. Boa preparação. É mais ou menos a composição da Agua de quinina tonica da casa Ed. Pinaud, de Pariz, que se recommenda pela sua preparação, cujo resultado é sempre excellente.

Oleo philocomo.

Tutano de boi; oleo de amendoas doces; oleo de avelãs; de cada

substancia, partes iguaes. Derreta a calor brando e aromatize com algum oleo essencial.

Oleo de Celebes.

Azeite doce.....	1000 gram.	Sandalo citrino.....	45 gram.
Canella.....	30 —	Essencia de laranja.....	4 —

Digira durante 8 dias a canella e o sandalo no azeite a calor brando: filtre e ajunte a essencia.

Pomada cosmetica.

Tutano de boi.....	15 gram.	Balsamo peruviano.....	2 gram.
Banha de vitella.....	15 —	Baunilha cortada.....	1 —
Oleo de amendoas.....	4 —		

Aqueça tudo a banho-maria durante uma hora; côe; mexa em almofariz até ficar frio.

Pomada divina.

Espermacete.....	125 gram.	Benjoim em pó.....	125 gram.
Banha de porco.....	250 —	Baunilha cortada.....	42 —
Oleo de amendoas.....	375 —		

Digira tudo a banho-maria durante seis horas; côe.

Pomada para fazer crescer o cabello (Griffith).

Manteiga de cacáo.....	15 grammas.
Manteiga de moscada.....	15 —
Essencia de alfazema.....	15 —

Derreta a banho-maria, e misture.

Bandolina.

Preparação mucilaginosa para lustrar e fixar o cabello. Ha muitas receitas de bandolina, que estão indicadas no meu *Formulario*, 14ª edição, pag. 742. Entram na sua composição, conforme as receitas, gomma alcatira, oleo de ricino, oleo de amendoas doces, cera, glycerina, mucilagens de sementes de marmelo ou de musgo de carragaheen, espirito de vinho e essencias aromaticas. É hoje pouco empregada.

Para outras receitas, *veja-se* CALVICIE.

CABELLO BRANCO. *Veja-se* CANICIE.

CABRA. Animal domestico. Uma boa cabra deve ter o talhe grande, o andar firme e ligeiro, a garupa larga, as coxas fortes, os ubres grossos, o pello macio e basto. Vive 10, 12, e mesmo 18 annos. Este animal, vivo e caprichoso, gosta de andar vagabundo, e revolta-se contra os máos tratamentos. Tratada com brandura, a cabra familiariza-se facilmente, e mostra-se sensivel ás caricias; segue docilmente a pessoa que cuida d'ella, e amammenta de boa vontade as crianças a quem se dá por ama. Deve ser fecundada desde a idade de dois até sete annos; os fructos de uma fecundação prematura ou muito tardia são fracos e defeituosos. Anda prenhe cinco mezes; páre no principio do sexto; amammenta seus filhos durante um mez ou cinco semanas. Produz ordinariamente um só

cabrito, ás vezes produz dois, raramente tres. O parto é frequentemente laborioso e reclama a assistencia do veterinario, e para facilital-o dá-se a beber á cabra um pouco de vinho quente com assucar. Podem mungir-se as cabras 15 dias depois do parto; dão leite em abundancia durante 4 a 5 mezes. Bem alimentadas, podem dar até 4 litros por dia. O leite de cabra é de um recurso domestico quasi universal; é mais saudavel e melhor que o da ovelha, é menos grosso que o da vacca, e menos seroso que o da burra; coalha-se facilmente e contém pouca manteiga. Em muitos paizes faz-se queijo com leite de cabra. O afamado queijo de Roquefort é feito com uma mistura de leite de cabra e de ovelha.

A cabra é muito facil de alimentar; quasi todas as hervas lhe convem, e contenta-se com a alimentação grosseira. Teme os prados humidos, e gosta dos logares montanhosos para trepar ás rochas mais ingremes, comer toda a qualidade de arbustos, cascas e hervas; o seu appetite, naturalmente voraz, é o inimigo mais destruidor das arvores e arbustos. E preciso afastal-a dos logares cultivados, impedir que entre nas searas. Na pastagem, cumpre atar as cabras a qualquer estaca com uma corda comprida, de maneira que possam correr e saltar livremente, sem que, comtudo, possam estragar cousa alguma. Nas familias que entretem uma ou duas cabras, a maneira mais vantajosa de as alimentar, consiste em tèl-as em estabulação permanente. Apezar do seu natural petulante, a cabra não soffre nada d'este estado de repouso; deve sómente haver o cuidado de cortar de tempos a tempos o corno de seus cascos que, não estando gastos pelo attrito, alongam-se a ponto de lhe estorvarem o andar. Alimenta-se com herva fresca cortada no matto; precisa pelo menos 18 a 20 libras de forragem fresca por dia. No inverno contenta-se com palha e forragens seccas grosseiras.

Ha muitas raças de cabras : raça commum, cabra de Angora, cabra de Thibet ou de Cachemira, cabra do Egypto, etc. A cabra de Cachemira tem a conformação analoga á das cabras communs, porém o seu tosão é muito fino e espesso, e cobre todo o corpo até ás extremidades dos membros. Com este tosão fabricam-se os afamados chales de Cachemira; mas estas cabras não são boas leiteiras. *Veja-se* Bode, Cabrito.

CABRITO. Durante 15 dias ou tres semanas, deixa-se ao cabrito todo o leite de sua mãi. Priva-se do leite quando tem cinco a seis semanas de idade; e com o fim de aproveitar o leite da cabra, subtitue-se primeiro este pelo soro de leite e algum outro alimento, e depois substitue-se o soro por agua com farinha, ou sopas de pão e forragens seccas, herva, raizes, etc. Chegados á idade de 6 a 7 mezes, os cabritos entram em cio; convem, então, castral-os, quando não são destinados a fecundar as cabras. Até á idade de 6 mezes a carne do cabrito é boa, tenra e delicada. A carne das cabras e dos bodes serve tambem para a alimentação, mas é preciso que o bode tenha sido castrado. A carne do bode não castrado tem o cheiro muito desagradavel, conhecido com o nome de bodum. *Veja-se* Bode, e Cabra.

CACÁO. Grãos do cacáoeiro (*Theobroma cacao*, Linneo, que significa manjar dos deoses), bella arvore da familia das Malvaceas byttnereaceas.

que habita espontaneamente no Mexico, e nas vastas regiões do Brazil vizinhas do Amazonas (fig. 116). A sua cultura faz-se em grande escala na parte da republica de Columbia que forma os districtos de Caracas e Venezuela. Desde a conquista da Guiana o cacáoeiro foi introduzido no Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, e outras provincias do Brazil; porém só os Paraenses se deram seriamente á sua cultura. Existem varias espe-

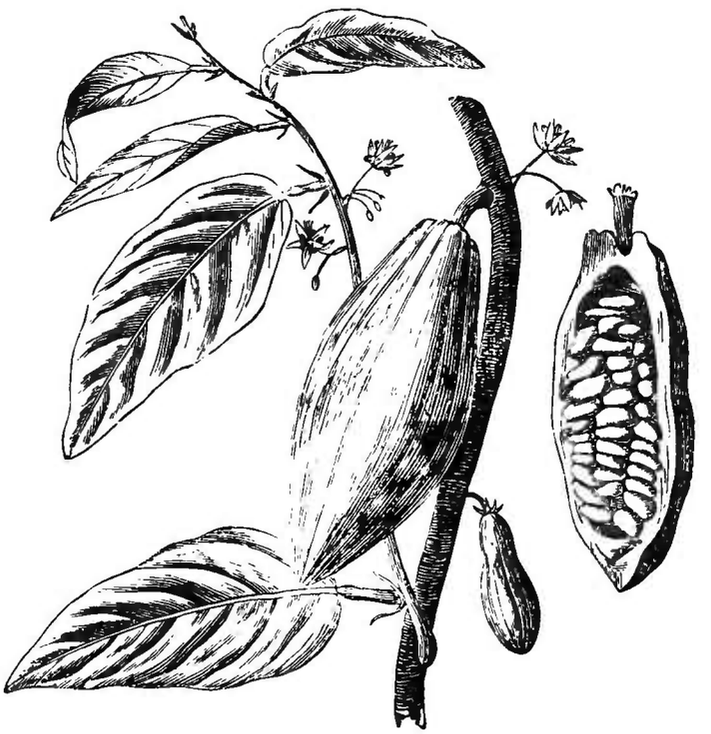


Fig. 116. — Cacáo.

cies de cacáoeiro. Nas provincias do Amazonas e do Pará os cacáoeiros crescem naturalmente sem trabalho de cultura, e em geral uma vez chegados os cacáoaes (quarteis de plantações de cacáoeiros) ao estado de producção, só exigem depois o trabalho da colheita; por isso n'aquelles paizes serve de dote o seu rendimento ás filhas dos lavradores. Os grãos de cacáo estão contidos n'um fructo que tem a fórma do ovo de gallinha, ou a fórma de pepino. Estes fructos colhem-se quando estão maduros, e amontoam-se no chão. Passados tres ou quatro dias, quebram-se as cascas e tiram-se as amendoas; e mettem-se estas por quatro ou cinco dias em cestos cobertos de esteiras ou de folhas de bananeira do mato, onde passam por uma fermentação. Depois d'isto, é preciso seccal-as, quanto antes, ao sol, mêttel-as em saccos, e guardal-as em logar secco até á occasião da venda. O cacáo do Brazil não é tão estimado como o de Caracas, e vende-se pela metade do preço d'este. « A inferioridade do cacáo do Brazil, diz o naturalista Riedel, é devida ao desleixo com que se deixam fermentar as amendoas amon-

toadas nos terreiros, o que lhes communica um gosto desagradavel; muitas vezes, sem estarem ainda bem seccas, em vez de serem ensaccadas ou encaixotadas, embarcam-se, em grandes quantidades, no porão das embarcações, onde soffrem nova fermentação. »

Além da especie cultivada (*Theobroma cacao*, L.), ha outras especies que habitam nas mattas do Brazil. São : *Theobroma bicolor*, Humboldt; *Theobroma subincanum*, Mart; *Theobroma sylvestre*, Aubl.; *Theobroma microcarpum*, Mart.; que differem pela fórma do fructo e qualidade da semente.

As sementes de cacáo empregam-se para dois usos : 1° extrahe-se d'ellas uma manteiga vegetal particular, chamada manteiga de cacáo; 2° servem para fabricar o chocolate.

1° *Manteiga de cacáo*. Esta manteiga é branca e consistente; tem a preciosa propriedade de resistir ao ranço, e por isso o seu emprego é dos mais vantajosos nas rachas dos labios e do bico dos peitos. A manteiga de cacáo tambem apresenta a vantagem de se conservar solida na temperatura ordinaria. Emprega-se internamente como emolliente e peitoral ; tambem se fazem com ella suppositorios que se introduzem no recto no caso de hemorrhoidas inflammadas.

2° *Chocolate*. *Veja-se* esta palavra.

CACHAÇA. É o nome vulgar da aguardente de canna. *Veja-se* AGUARDENTE.

CACHALOTE. *Physeter macrocephalus*. Lamark (fig. 117). Animal mammifero cetaceo, que vive em todos os mares, do mesmo tamanho e

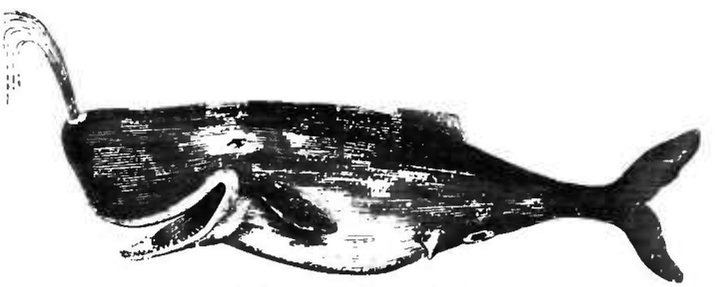


Fig. 117. — Cachalote.

da mesma familia que a baleia, da qual differe por ter dentes e a baleia só barbas. Tem a cabeça enorme, do tamanho da terça parte do seu corpo, e cujas cavidades contém uma substancia particular, que se chama *espermacete*, ou *cetina*. Esta substancia constitue o principal proveito da sua pesca, porque o corpo do animal não é guarnecido de tanto toucinho como o da baleia. O espermacete acha-se nas cavidades distinctas do verdadeiro craneo, que é pequeno, e contém o cerebro como nos outros animaes. Tem no dorso uma proeminencia callosa, e uma unica abertura pela qual respira e lança a agua que sorve pela bocca. O espermacete é um corpo graxo, soluvel no alcool e no ether e que é empregado em medicina e na industria. Muitas pomadas são feitas com o espermacete, taes são : o cold-cream, o cold-cream americano e a po-

mada de sultana. São cosmeticos mais ou menos perfumados que amaciam a pelle e fazem diminuir as irritações que n'ella possa existir. Além do espermacete o cachalote fornece o *ambar cinzento*, substancia empregada na perfumaria, que se forma nos intestinos d'este cetaceo, e se encontra fluctuante na agua do mar nas paragens que elle frequenta. Os cachalotes acham-se em todos os mares, mas frequentam mais particularmente as partes equatoriaes do grande Oceano. Como todos os outros cetaceos, vivem em sociedades numerosas; nadam á flor d'agua, mostrando o dorso e a proeminencia dorsal no meio da qual se acha a abertura pela qual respiram. Alimentam-se de polvos, de peixes pequenos e grandes, e como são mais bem armados que as balaeis, a sua pesca é mais difficil e mais perigosa do que a d'aquellas. A lingua d'este cetaceo é curta, vermelha, quadrada; é segundo os marinheiros, carne deliciosa.

CACHEXIA. Estado morbido que se observa nos individuos exhaustos, sobretudo depois de longas molestias e que quasi sempre é o presagio da morte. É caracterisada pela pallidez amarellada da pelle, languidez de todas as funcções que faz sobresahir as saliencias das eminencias osseas; edema dos membros inferiores; perda do appetite acompanhada de vomitos e diarrhea; suores frios ou, o contrario, seccura da pelle; diminuição das seccreções nasaes, salivares e urinarias; emfim, no ultimo periodo, perturbações intellectuaes que precedem a agonia.

São mui numerosas as causas da cachexia, as mais importantes são as diversas variedades dos tumores malignos, os cancros, os sarcomas e os tuberculos; como tambem certas diatheses como a gota, o rheumatismo e as molestias virulentas, syphilis, etc., e todas as affecções que empobrecem o organismo sem permittir a restauração de suas perdas.

Existe uma cachexia especial, causada pelo excesso de trabalho conjunctamente com a pobreza, a qual, Bouchardat deo o nome de *miseria physiologia*. Esta cachexia se declara nas cidades, nos operarios de mais de quarenta annos de idade. Não se deve confundir esta cachexía com a que acommette os operarios que trabalham em substancias toxicas como o mercurio, o chumbo e o phosphoro. Em certas regiões os miasmas paludosos produzem os mesmos effeitos de envenenamento. Estas cachexias não são tão graves como as precedentes, e os individuos podem ficar curados mudando completamente de regimen, de profissão ou de localidade.

Tratamento. Alem do tratamento que convém á molestia que causa a cachexia, é necessario empregar os meios para combater o estado de enfraquecimento do organismo. As receitas dos medicamentos são:

Os vinhos de quina, o quinium Labarraque. O ferro Quevenne, na dóse de 50 centigrammas por dia. As affusões frias; um exercicio muito activo, pouca alimentação, porem bastante substancial, e muito variada. Todos os medicamentos de nada servirão sem a alimentação conveniente, e por esta palavra entende-se não somente o facto de fornecer ao tubo digestivo uma comida mais ou menos succulenta e restaurante, mas a arte infinitamente delicada de fazer aceitar este alimento ao estomago que se revolta, de variar segundo as necessidades o numero e a hora das refeições, de facilitar o trabalho da digestão pelo exercicio,

distracções e occupações agradaveis. Contra os vomitos, dar-se-ha a chupar e a engulir pequenos pedaços de gelo e vinho do Champagne que muito aproveitam n'estas circumstancias.

Como tonico o doente deve usar do elixir alimenticio Ducro que é um verdadeiro medicamento-alimento.

O vinho de Baudon de antimonio phosphatado é um bom preparado para sustentar as forças do doente.

O doente deve usar das preparações de peptona de Cotillon e tambem do pó de carne diastasado de Trouette-Perret.

CACHUMBAS. Assim se chamam certas inchações inflammatorias de pequenas glandulas situadas debaixo do queixo, debaixo das orelhas, nas vizinhanças da glandula salivar chamada *parotida*, e ás vezes dá-se este nome á inflammação d'esta mesma glandula.

As cachumbas manifestam-se ora de um lado, ora do outro, ás vezes de ambos; o tumor que d'ellas resulta é bastante doloroso, e ás vezes difficulta a mastigação; mas ordinariamente é molestia benigna e sára com facilidade, ainda quando acompanhada de alguma febre.

As cachumbas são muito mais communs nas crianças do que nas pessoas adultas. O trabalho da dentição, o crescimento, a humidade são as suas causas mais ordinarias

O *tratamento* das cachumbas é mui simples. Basta fomentar o tumor com oleo camphorado, dar a beber um cozimento emolliente, como a agua de cevada, administrar um purgante brando tal como o oleo de ricino, ou a infusão de tamarindos, para ver desapparecer esta pequena molestia. Se o tumor fôr vermelho e mui doloroso, appliquem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula.

CACULUCAGE. *Veja-se* QUITOCO.

CADEIRAS. Parte posterior do corpo desde as ultimas costellas ou cintura até ás nadegas.

Cadeiras (Dôr de). *Veja-se* DÔR DE CADEIRAS.

CAFÉ. Tendo o prior de um convento observado que as cabras que comiam os grãos de um pequeno arbusto se mostravam mais alegres e mais espertas, teve a ideia de administrar aos seus monges a infusão dos fructos d'essa arvore para impedir que dormitassem no córo: como a infusão dos grãos verdes era amarga, lembrou-se do torral-os, e a bebida tornou-se deliciosa. Este arbusto era o cafeeiro, e o fructo o café. Desde então nasceo para o homem uma nova necessidade, e, por consequencia, prazeres ou privações que não eram conhecidos de seus antepassados.

O cafeeiro é indigena da Arabia, e principalmente do Yemen, nos arredores da cidade de Moka. Esta especie de café servio por muito tempo aos Persas e aos Turcos. O seu uso introduzio-se primeiramente em Constantinopla, em 1645 na Italia, e em Pariz no anno de 1669. O grande consumo do café que em breve se fez na Europa, tornou-o logo objecto do mais importante commercio; e os Hollandezes, que eram então os maiores negociantes do mundo, senhoreáram-se d'este manancial de riquezas. Em 1690 alguns pés foram transportados de Moka para Batavia, onde medráram muito bem. Transplantado d'este ultimo logar

para Amsterdam, um pé de cafeeiro foi posto nas estufas do jardim botanico; deo ali flores e fructos, cujos grãos foram ferteis. Durante a paz de Utrecht, os Hollandezes fizeram presente a Luiz XIV de um cafeeiro, que provinha do de Amsterdam. Foi tratado no Jardin das Plantas de Pariz, onde não levou muito tempo a multiplicar-se, e d'este pé descendem todos os cafeeiros americanos. Tal é a primeira fonte das plantações immensas de um arbusto que constitue hoje uma das principaes riquezas do Brazil, das Antilhas, da Guiana, das ilhas de França, de Bourbon, e que torna o mundo antigo, tributario do novo mundo. Quasi todo o café que se consome na Europa procede d'aquelles paizes, e sobretudo do Brazil. O de Moka, que tem conservado a sua superioridade, é mui raro na Europa occidental, porque apenas chega para o consumo dos Arabes e dos outros povos do Oriente.



Fig. 118. — Cafeeiro.

O cafeeiro (*Coffea arabica*, Linneo) é um arbusto da familia das Rubiaceas-coffeaceas que se eleva, termo médio, á altura de 3 metros; as folhas são ovaes, de um bello verde, e as flores, brancas como o jasmim, formam uma grinalda lindissima. A estas flores succede um fructo, no centro do qual se acha um grão dividido em duas partes; estes grãos são o café. Antes de torrados tem um gosto amargo e são mui duros (fig. 118).

Preparação do café. O bom gosto e o aroma do café dependem da maneira por que é preparado. Entretanto não deve a torrefacção ser levada a ponto de queimar o café, e fazer-lhe perder o seu principio aromatico; depois do que o café deve ser infundido e não fervido.

Torrefacção. No Brazil torra-se o café em pratos de barro; em França emprega-se para este fim um cylindro de ferro atravessado por uma haste cujos dois extremos se apoiam n'um forno. A escolha do combustivel não é indifferente; deve-se preferir o carvão á lenha, porque dá um calor mais uniforme e mais sustido. Não se enche o cylindro senão pela metade, de modo que a haste que o atravessa não se ache coberta, e o café inchando á medida que se aquece, não fique apertado, afim de poder ser facilmente sacudido. O fogo será constantemente uniforme: deve ser tambem moderado, sobretudo ao principio da operação. É preciso virar o cylindro ora para a direita, ora para a esquerda, até o café começar a deitar muito fumo, então tira-se frequentemente o cylindro para sacudil-o em todos os sentidos.

A operação exige pouco mais ou menos tres quartos de hora para uma quantidade média de café, e quando se está perto do fim o fumo sahe do cylindro com mais abundancia, o grão crepita, torna-se humido, de côr roxa, e espalha um perfume agradavel: é o momento de tirar o cylindro do fogo, para deixar acabar a torrefacção só pelo effeito do

vapor concentrado no apparelho, que se deve agitar durante alguns minutos. Deita-se então o café n'um cestinho para estendêl-o immediatamente em uma camada a mais delgada possivel sobre uma superficie plana, tal como uma mesa, taboa, e com preferencia sobre marmore ou pedra : quanto mais fria é esta superficie, tanto melhor se concentra o aroma do grão torrado. O café torrado com cuidado e ao ponto conveniente, não deve perder, depois d'esta operação, mais de 18 a 20 por cento, isto é, mais da quinta parte do seu peso.

Não se deve moer o café senão depois de completamente frio, e não mais do que a quantidade necessaria em cada vez : o café moido perde em pouco tempo a maior parte do seu perfume. Comtudo, o melhor meio de conservar o café em pó é pôl-o, não n'uma caixinha de lata, como se faz ás vezes, mas n'uma garrafa de vidro, perfeitamente limpa, secca e bem tapada.

Infusão. Quanto mais consideravel é a quantidade de café que se emprega de uma vez, tanto mais se póde augmentar a proporção d'agua sem prejudicar a qualidade do licor. Assim, tomando por medida a chicara que contém 120 grammas do peso d'agua, empregar-se-hão para 16 grammas de café em pó tres medidas e meia d'agua que hão de dar 3 chicaras de licor : e para 60 grammas de café, 14 ou 15 medidas que darão 13 ou 14 chicaras. Comprehende-se, com tudo isso, que para a mesma dóse de café em pó, é preciso augmentar ou diminuir as proporções d'agua, conforme se deseja obter uma infusão mais ou menos forte.

O melhor modo para fazer infundir o café é servir-se de cafeteiras com filtro que são commodas, expeditivas e que dão um liquido cheiroso e limpido. A cafeteira a mais simples e menos cara é a cafeteira com filtro de folha de Flandres, ou, melhor, de porcelana. Sobre a grade do filtro deita-se a quantidade necessaria de café em pó, uma colher *de sopa* bem cheia para um pouco mais de uma chícara d'agua, um pouco menos se se prepara o liquido para cinco ou seis pessoas; calca-se moderadamente o pó com o calcador, que se deixa sobre o pó; introduz-se a grade superior, deita-se sobre esta grade a metade da agua fervendo que deve ser empregada, fecha-se a cafeteira com a tampa, e espera-se que a agua tenha passado. Feito isto, tira-se a tampa e a grade superior, levanta-se o calcador; deita-se o resto da agua fervendo, e, depois de fechar com cuidado a cafeteira, deixa-se a filtração effeituar-se lentamente. Durante esta operação, introduz-se a cafeteira em agua fervendo, e este banho-maria mantem o liquido no gráo de calor que deve conservar. Cumpre não servir o café senão depois de acabada a filtração, e nunca se deve, como costumam fazer algumas pessoas, tornar a fazer passar o liquido atravez do mesmo pó; isto tirar-lhe-hia parte do seu perfume. Quanto ao residuo de café, querendo utilizal-o, é preciso, não fervêl-o, o que não daria senão um liquido acre e preto, mas deitar-lhe por cima, quando ainda está no filtro, certa quantidade d'agua quente e melhor ainda d'agua fria. Póe-se em reserva esta segunda infusão, para aquecêl-a a banho-maria, e mistural-a com

uma nova preparação de eafé. Todas as vezes que se quizer aqueeer o café que não foi empregado no momento mesmo em que foi preparado, será melhor empregar o banho-maria.

As eafeteiras de folha de Flandres exigem euidados de asseio mui minueiosos. Não sómente, nunea se deve deixar esfriar n'ellas nem deixar mais ou menos tempo o licor, como além d'isso é indispensavel limpal-as depois de eada infusão. Para este fim, separam-se as differentes peças de que se eompõe a eafeteira, lavam-se com muita agua, enxugam-se com cuidado, e deixam-se secear completamente ao ar: os buraquinhos da grade devem sempre estar livres.

No Brazil filtra-se o eafé por um saceo de lã ou de feltro. Este modo é muito bom, dá uma infusão limpida e muito aromatica, mas exige maior quantidade de pó de eafé.

Propriedades e usos. Sendo bem preparada a infusão de café é de côr morena-dourada, de cheiro aromatico particular e mui suave, de sabor amargoso, mas agradavel. Este liquido, tomado quente, é um dos estimulantes mais energicos; possue todas as vantagens das bebidas espirituosas, sem ter nenhum dos inconvenientes d'ellas, isto é, não produz a embriaguez nem os aecidentes que a acompanham. Não sómente augmenta a acção do systema muscular, como tambem pela sua influencia as faeuldades intelleetuaes tornam-se mais activas; sente-se a gente mais agil, mais ligeira; exalta-se a imaginação, e as ideias são mais livres e mais lucidas. Quantos poetas e musicos devem á sua influencia as suas melhores produeções! Voltaire e Mozart tomavam-n'o muitas vezes por dia. As virtudes do café foram cantadas por Delille, que preeisava d'elle para dar melhor torneio aos seus engenhosos periodos. Além d'esses mereeimientos intellectuaes, o eafé tem ainda a propriedade de fazer passar o somno, e de tornar proveitosas para o estudo as horas do silencio da noite. Tomado depois de jantar, facilita singularmente a digestão, e todos podem observar em si que, depois d'esses grandes banquetes, onde a variedade das iguarias obriga a comer sobre posse, uma chicara de eafé faz, por assim dizer, desapparecer o peso e a oppressão do estomago, resultado da repleção d'este orgão.

Os ineonvenientes que acompanham o uso habitual do café foram muito exagerados. Entretanto, força é eonfessar que, em certas cireumstancias e em certos individuos, é noeivo por causa das suas propriedades estimulantes. Assim, as pessoas eminentemente nervosas, em quem a sensibilidade é muito exaltada, devem abster-se d'esta bebida, pois que produz n'ellas um estado de agitação e uma insomnia ás vezes completa.

O eafé tem-se mostrado util em muitas molestias, como na falta da menstruação, nas enxaquecas, na asthma e nos envenenamentos pelo opio, belladona, herva moura e outras substancias narcoticas. Assoeiado ao sumo de limão, tem-se empregado eom vantagem nas febres intermittentes. Mas, n'este ultimo easo, a preparação mais util é a deeoeção dos grãos não torrados. Para fazer esta decocção, fervem-se 30 grammas de eafé em 540 grammas d'agua, até ficarem reduzidas a 360 gram-

mas; e bebe-se, no intervallo dos accessos, uma chicara de hora em hora.

O leite misturado com o café diminue-lhe as propriedades estimulantes e communica-lhe principios nutritivos. O assucar tambem diminue a acção excitante do café, alterando-lhe ao mesmo tempo o gosto.

Em conclusão, o café é excitante e tonico. O sabio, o litterato acharão n'elle um amigo que lhes prestará muito soccorro, quando, urgidos pelo tempo ou pela necessidade de produzirem, não lhes bastar o dia para os seos trabalhos, ou quando o seu espirito por falta de actividade os deixar sem recurso. O gastronomo, graças ao café, poderá até certo ponto entregar-se ao seu gosto favorito, e ter os beneficios da sensualidade, sem experimentar os seus máos effeitos. As senhoras sujeitas ás enxaquecas, vêl-as-hão desapparecer debaixo da sua influencia: e o asthmatico achará n'elle um allivio momentaneo, mas que poderá renovar muitas vezes.

São muitissimo numerosas as preparações de café usadas em medicina. Citaremos apenas as mais importantes que se administram nos casos de envenenamentos pelos narcoticos ou nos casos de diversas affecções nervosas.

Infusão de café :

Café torrado em pó.....	10 grammas.
Agua fervendo.....	100 —

Côe e beba-se bem quente.

Contra as febres intermittentes.

Café cru.....	40 grammas.
Agua.....	500 —

Faça ferver até ficar reduzido a 200 grammas, depois filtre.

Para fazer xarope de café emprega-se a seguinte formula :

Café torrado.....	120 grammas.
Agua.....	1000 —
Assucar refinado.....	1500 —

Faça a infusão do café, em vasilha fechada durante seis horas, com 750 grammas d'agua fria, destampe um pouco e ponha a vasilha em banho-maria até ferver, decante, junte-lhe 200 grammas d'agua e deite todo o liquido sobre o assucar, dissolva em banho-maria e filtre.

Poção contra a febre :

Café torrado.....	10 grammas.
Agua fervendo.....	100 —

Duas ou tres horas depois ajunte-lhe.

Sulfato de quinina.....	1 gramma.
Assucar.....	20 grammas.

Triture bem.

Esta poção não tem nenhum amargor.

CAFEINA. Alcaloide fraco que se extrahe do café, das folhas de chá, do guaraná, da herva mate e de algumas outras plantas. Apresenta-se em prismas brancos, sem cheiro, de sabor amargo. Dissolve-se nos acidos, propriedade que é utilisada para receital-a misturada com o acido citrico e o acido valerianico. Em pequenas dóses activa a circulação cerebral, moderando ao mesmo tempo as bateduras do coração. É empregada tambem como diuretico.

A cafeina é administrada em poção e em xarope por causa de sua acção irritante sobre o estomago.

Hostias antinevralgicas.

Cafeina.....	10 centigrammas.
Assucar em pó.....	1 gramma.

Para tres hostias que se deve tomar nas 24 horas.

Xarope contra a enxaqueca.

Citrato de cafeina.....	3 grammas.
Xarope simples.....	120 —

Para tomar duas colheres, das de sopa, antes do accesso da enxaqueca.

Tambem se pode administrar a cafeína em injecções sub-cutaneas quando se quer obter um effeito rapido.

Pode-se tambem administrar a cafeina e o citrato de cafeina empregando-se os granulos impressos de 1 milligramma e 1 centigramma, da casa L. Frère, de Pariz; o que permitte ao medico de saber ao justo a dóse que dá ao doente.

CAFERANA. JACARÉ-ARÚ, JACURUARÚ, QUASSIA DO PARÁ. *Tachia guianensis,* Aublet. Gencianeas. Arbusto do Brazil, que habita particularmente nas mattas da provincia do Amazonas. Abunda nos municipios de Maués, e de Villa-Bella da Imperatriz, e na freguezia de Borda. Tem 2 metros de alto, folhas oblongas, acuminadas, attenuadas na base; flores solitarias, avillares, rentes e amarellas; raiz lenhosa, coberta com uma casca delgada e branca, semelhante á quassia; o lenho é tenro, esbranquiçado e radiado, de sabor amargosissimo. O lenho e a raiz são usados pelos habitantes d'aquelles logares como tonicos e antifebris, em infusão, que se prepara com 4 grammas do vegetal e 250 grammas d'agua fervendo. *Pó*, na dóse de 1 gramma, *Tintura*, 4 a 8 grammas em vehiculo apropriado.

CAIMBRA. Contracção involuntaria, espasmodica e dolorosa, de certos musculos, particularmente dos da parte posterior da perna. As caimbras sobrevem principalmente durante a noite. Faz-se cessar quasi instantaneamente a caimbra que affecta a barriga da perna, apoiando com força a perna sobre o soalho, para impedir as contracções do musculo affectado da dôr. Aconselha-se tambem comprimir as pernas com ligas, ao deitar-se. As fricções seccas feitas com a mão sobre a parte dorida são tambem muito uteis. As caimbras e as contracturas cessam

muitas vezes pela applicação da chapa delgada de latão, ou cercando a perna dorida com uma cadeia feita d'este metal. Os individuos que são sujeitos a esta affecção devem entregar-se com muita reserva ao exercicio da natação. Os banhos mornos antes de deitar-se convem muito para prevenir as caimbras. Algumas pessoas tem experimentado melhoras mettendo debaixo do colchão um pedaço comprido de ferro. Este meio, quer tenha influencia por causa das propriedades magneticas do ferro, quer actue simplesmente sobre a imaginação, póde ser usado sem inconveniente. As mulheres gravidas experimentam frequentemente caimbras nas pernas : procedem da compressão dos nervos da pelvis pela cabeça da criança, e cessam depois do parto. *Veja-se* tambem CONTRACTURA.

CAIMBRA DO ESTOMAGO. Alguns individuos são affectados, de tempos a tempos e de repente, de dôres vivas, e ás vezes atrozes, no estomago, e que se fazem sentir ao mesmo tempo nas costas, acompanhadas ou não de vomitos, com sentimento de constricção, afflicção mais ou menos forte, e uma especie de desmaio. Este estado raras vezes persiste além de algumas horas, dez a doze quando muito : ás vezes, entretanto, prolonga-se por muitos dias. Emfim, dissipa-se, e os doentes gozam depois de toda a integridade de suas funcções digestivas por alguns mezes, e até por um anno. Ignoram-se as causas particulares d'esta affecção, que é mais commum nas mulheres do que nos homens.

Para evitar as caimbras é bom tomar antes e depois das refeições um calice de licor de elixir de pepsina com glycerina, de Catillon. fazer uso do carvão de Belloc ou de uma das praparações abaixo indicadas.

Os meios que alliviam mais rapidamente quando as caimbras se declaram são : a applicação de panno quente na bocca do estomago, sinapismo no mesmo logar, tres ou quatro perolas de ether do Dr Clertan tomadas internamente n'uma colher d'agua fria com assucar, algumas colheres d'agua de flores de laranjeira com assucar, uma chicara de chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira, 1 pilula de 5 centigrammas de opio, tomar duas a quatro colheres de carvão de Belloc diluido em um pouco d'agua fria; sinapismos nos pés, uma ou duas colheres de chloral bromuretado Dubois, e sobretudo um banho morno geral prolongado por mais de uma hora. Tambem aproveitam as fricções no ventre com laudano de Sydenham ou com balsamo tranquillo. *Veja-se* GASTRALGIA.

Para combater as caimbras do estomago é bom empregar o pó tonidigestivo de Royer, que se toma na dóse de uma colher, das de chá, em hostia Limousin antes do almoço e do jantar.

O uso do pó e das pastilhas de Paterson compostos de subnitrato de bismutho e magnesia muito aproveitam tambem no tratamento das caimbras do estomago.

São muito uteis contra esta molestia as preparações de Papaina, de Trouette-Perret. *Veja-se* PAPAINA.

Un calice de vinho do Dr Cabanes tomado antes do almoço e do jantar previne a producção das caimbras de estomago.

CAINCA, Raiz preta. *Chiococca anguifuga,* Martius. Rubiaceas-coffeaceas. Arbusto do Brazil. Tem 1 a 2 metros de altura; folhas oppostas, ovaes, de um verde-claro; flores amarellas. Raiz ramosa, roxa; os ramos tem 70 centim. de comprimento, da grossura de uma penna, ou mais delgados, é estriada longitudinalmente : compõe-se de uma parte cortical mui delgada, amarga, acre, um pouco adstringente, que é a unica activa, e de um eixo lenhoso que não goza de propriedade alguma. A raiz de cainca é diuretica e purgativa; em dóse elevada produz vomitos; emprega-se nas hydropisias. Administra-se em cozimento, que se prepara com 8 grammas da raiz e 360 grammas d'agua. Esta porção toma-se n'um dia, ás chicaras, uma chicara de tres em tres horas. *Pó* da casca da raiz 1 a 2 grammas em substancia.

Tambem se administra em pilulas, eis a formula :

Extracto de cainca.....	5 grammas.
Pó de cainca.....	q. s.

Para 40 pilulas. Dóse : de 1 a 4 por dia.

Esta raiz é conhecida em Minas pelos nomes de *fedorenta dambre, raiz preta,* e *raiz de frade:* e em S. Paulo pelo de *cipó-cruz.* Ha tambem outras especies : *Chiococca densifolia,* Martius (Cadinana em Minas); e *Chiococca racemosa,* Jacq. (Cruzeirinha), cujas raizes gozam tambem de propriedades purgativas e emeticas. Além de servirem contra as hydropisias, são tambem muito empregadas no Brazil contra o envenenamento produzido pelas picadas de cobras. Os fazendeiros empregam o seu extracto aquoso, administrado pouco a pouco, até produzir evacuações inferiores e superiores. Na falta do extracto, empregam a casca da raiz triturada com pequena porção d'agua ou d'aguardente, e dão ao doente o liquido turvo. Este remedio ajuda a cura nas mordeduras das cobras, mas cumpre não esquecer, que o principal meio consiste em cauterizar a ferida com potassa caustica, oleo de vitriolo ou com qualquer outro caustico.

CAJAEIRO ou Cajazeiro. *Spondias lutea,* Linneo. Terebinthaceas. Arvore do Brazil, cujo fructo (cajá) é ovoide, liso, amarello, de polpa cheirosa, sabor acido agradavel, contendo um grande caroço fibro-lenhoso. Preparam-se com estes fructos sorvetes e limonadas agradaveis, que são refrigerantes e uteis nas febres.

CAJUEIRO. *Anacardium occidentale,* Linneo. Terebinthaceas-anacardeas (fig. 119). Arvore de tamanho mediano, espalhada em quasi todas as regiões quentes da terra, como no Brazil, Antilhas, Indias orientaes, Molucas. As suas folhas são inteiras, ovaes, um pouco attenuadas na base, obtusas e cortadas na ponta; flores dispostas em paniculas terminaes; fructo, noz reniforme lisa (a qual encerra uma amendoa branca), sostida e situada no vertice de um receptaculo carnoso, oval, mais ou menos longo, alguns de 7 centimetros de comprimento, e 4 de grossura, de côr amarella ou avermelhada, e formado interiormente de um tecido esponjoso succulento. Este receptaculo, que é vulgarmente tomado pelo fructo, provém do desenvolvimento do pedun-

culo floral, e toma o aspecto de um fructo. O fructo (isto é, a noz ou a castanha) compõe-se de um pericarpo em fórma de rim, que, sob um primeiro envoltorio coriaceo, apresenta alveolos cheios de um succo oleoso, viscoso, roxo-anegrado, acre e caustico; estes alveolos são limitados no interior por uma segunda membrana coriacea, semelhante á primeira, e encerrando uma amendoa reniforme, de dois lobos, branca, oleaginosa, doce, de sabor agradavel, que se come assada, e não participa de fórma alguma da acrimonia da sua casca. Esta amendoa é ainda coberta immediatamente por uma pellicula avermelhada. O receptaculo carnoso (vulgo o fructo), maduro, é de cheiro suave e sabor acido, um tanto acerbo; serve para preparar sorvetes e limonadas, muito apreciadas, ou se confeita: e sendo fermentado dá boa aguardente. Por meio de incisões feitas na arvore, obtem-se uma gommaresina que se emprega nas artes. O succo caustico, que se acha na casca da castanha, serve para tirar as verrugas, callos nos pés, e produz na pelle uma empola como um vesicatorio; emprega-se externamente em medicina, para cauterizar certas empigens. A casca do tronco do cajueiro é adstringente, e usada em banhos nas inchações das pernas.

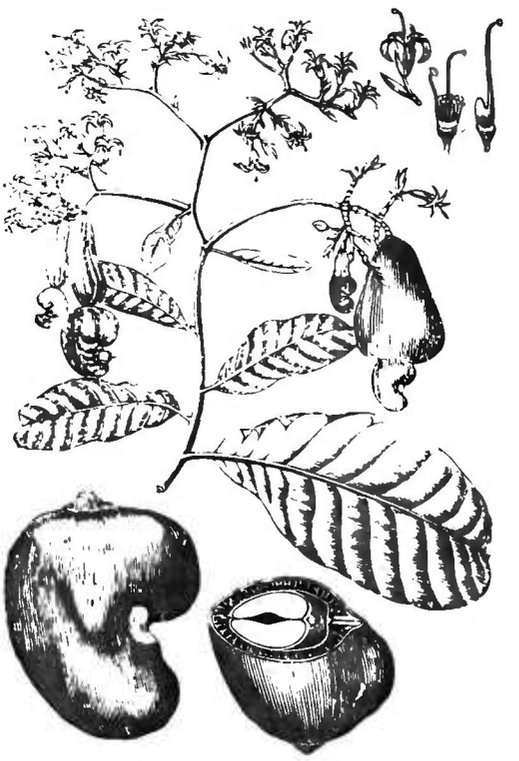


Fig. 119. — Cajueiro.

CAL. A cal era considerada como indecomponivel, isto é, como um corpo simples; mas a chimica moderna demonstrou que é um oxydo metallico. A cal, por conseguinte, é calcio unido ao oxygeneo.

A cal pura não existe na natureza; encontra-se, pelo contrario, em quantidade consideravel, no estado de combinação.

A cal, unida ao acido carbonico, forma o *carbonato de cal*, que se encontra crystallizado nas minas, e tem os nomes de spatho calcareo, e de crystal de Islandia. N'um menos gráo de pureza, o carbonato de cal constitue os marmores de todas as especies, o alabastro calcareo, a pedra calcarea; é a base das cascas dos mariscos, e encontra-se nas aguas de certas fontes mineraes. A dissolução do carbonato de cal, nas aguas que o contém, effeitua-se por meio do acido carbonico, e debaixo de certa pressão; e por isto quando estas fontes chegam ao contacto do ar, cobrem-se, na superficie, de uns pós brancos, devidos ao carbonato de cal, que apparece á medida que o acido carbonico se desprende ao ar livre.

A cal, combinada com o acido sulfurico, forma o *sulfato de cal*, que se encontra crystallizado em massas consideraveis no morro Montmartre, em Pariz, chama-se *pedra de gesso,* e é d'onde se extrahe, desde tempo immemorial, para a construcção das casas.

Emfim a cal, combinada com o acido phosphorico, forma o *phosphato de cal,* que constitue a base dos ossos do nosso corpo e de todos os animaes.

A cal pura, que se emprega na chimica como reagente, extrahe-se do marmore branco (carbonato de cal).

A cal, para as necessidades das artes e do commercio, extrahe-se pela calcinação da pedra calcarea, do marmore, das cascas de ostras, etc.; contém, na verdade, corpos estranhos, mas em tão pequena quantidade, que estes não influem na sua qualidade.

Os usos da cal são multiplices nas artes; constitue a base dos cimentos e betumes, que resistem á acção das aguas e do tempo. A cal misturada com gesso crystallizado, corado com oxydos metallicos, e agglutinada por meio da colla forte, forma o *estuque*, ou imitação do marmore.

A *cal viva* ou *virgem,* a que resulta da calcinação da pedra calcarea, é solida, de côr branca-cinzenta, acre e caustica; exposta ao ar, absorve a humidade, augmenta de volume, e transforma-se em carbonato hydratado. Lançando-se agua ás gottas sobre a cal virgem, o liquido é rapidamente absorvido, depois a mistura aquece-se até 300° centigrados, deixa desenvolver vapores, parece vermelha se se opera na obscuridade, racha-se, torna-se branca e reduz-se a pó. N'este estado diz-se que a cal é *extincta:* é o hydrato de cal ou cal hydratada.

A agua não dissolve a cal senão na proporção de 100 partes d'agua para uma de cal; esta dissolução constitue a *agua de cal*, que era empregada outr'ora contra os calculos da bexiga; mas hoje é pouco usada. A *cal virgem* entra na composição das pomadas que se empregam contra a tinha, a sarna e os dartros.

Carbonato de cal. Sal neutro, insoluvel na agua pura, levemente soluvel na agua carregada de acido carbonico. É tão abundante na natureza, que forma talvez elle só a metade do involucro do globo. Conhece-se porque submettido á calcinação dá cal abandonando o acido carbonico. Apresenta grande numero de variedades. Emprega-se natural, ou depois de moido e lavado. O mais usado é o carbonato de cal conhecido debaixo do nome de *greda* ou *cal carbonatada.* Apresenta-se debaixo de massas brancas, tenras, friaveis. Preparado em pães cylindricos de 125 a 150 grammas, toma o nome de *giz* ou de *branco de Hespanha.* Para os usos pharmaceuticos prepara-se dissolvendo n'agua 100 partes de chlorureto de cal derretido, ajuntando a solução de carbonato de soda crystallizado; lavando, fazendo seccar, e formando trociscos. Emprega-se em medicina para os pós dentifricios, e internamente contra a diarrhea.

São quasi completamente formadas de carbonato de cal as substancias seguintes: o marmore, o alabastro, as cascas de ostras, as cascas de ovos, os olhos de caranguejo, as cascas de lagosta, etc.

Phosphato de cal. *Terra dos ossos*, *Terra animal.* Sal branco, insipido, insoluvel na agua. Obtem-se calcinando os ossos dos carneiros ou de outros animaes n'uma fornalha, até que fiquem brancos e quebradiços; deixam-se esfriar e pulverizam-se. Obtem-se mui puro tratando os ossos calcinados pelo acido chlorhydrico, ajuntando agua, tratando o liquido pelo ammoniaco; deixando formar deposito, seccando este e reduzindo-o a trociscos. Tem sido empregado contra o rachitismo na dóse de 1 a 5 grammas.

Entra na composição do vinho de Baudon sob a forma de antimonio phosphatado, pelo que este vinho pode substituir vantajosamente o oleo de figado de bacalhao; e tambem na Osteina-Mouries e na Phosphatina de Falières (*veja-se estas palavras*), productos de grande valor na alimentação das crianças, das amas de leite, etc.

O phosphato de cal entra por perto de 2/5 na composição dos ossos de todos os animaes; da ponta do veado; os grãos dos cereaes contém tambem d'elle grande quantidade; encontra-se nas terras lavradias; contitue collinas inteiras em Logrosan na Estremadura, na Hespanha. Emprega-se como adubo mineral das terras na agricultura; torna-se pela calcinação dos ossos um estrume energico. Os mineraes conhecidos debaixo do nome de *phosphorito, apatito* e *chrysolitho* são phosphatos de cal.

Sulfato de cal. Sal que se encontra abundantemente na natureza e é conhecido, conforme o estado em que se apresenta, debaixo dos nomes de *pedra de gesso, solenite, alabastro gypsoso, pedra de Jesu, espelho do jumento, karstenite, anhydrite, alumen scissil.* Apresenta-se sob a fórma quer de crystaes prismaticos semelhantes a ferro de lança (*pedra de Jesu, espelho do jumento*); quer de massas laminares, fibrosas, compactas e terreas. As variedades compactas formam a *pedra de gesso*; as variedades de tecido laminar e saccharoide constituem o *alabastro gypsoso*, com que se fazem objectos de ornamento. Debaixo d'estas diversas fórmas, o sulfato de cal é um hydrato. Perde pela cozedura a sua agua de crystallização, e absorve-a de novo quando se amassa com agua; transforma-se então, ao cabo de alguns instantes, em massa firme e resistente.

Apezar da sua pouca solubilidade, o sulfato de cal acha-se em solução na maior parte das aguas que correm na superficie da terra; as aguas de poços dos terrenos calcareos são, por assim dizer, saturadas d'elle. Estas especies d'aguas chamam-se *duras* ou *cruas*, porque são de difficil digestão; não dissolvem o sabão, não cozem legumes, e deixam uma crosta espessa nas paredes dos vasos em que se abandonam á evaporação. Occasionam abundantes depositos nas caldeiras de vapor. Podem estas aguas tornar-se proprias ao uso domestico precipitando o sulfato de cal, algum tempo antes de as empregar, por um pouco de carbonato de soda.

CALAMINA. Carbonato de zinco que se encontra em grandes quantidades na natureza, particularmente perto de Aix-la-Chapelle, na Silesia, e em algumas localidades da Inglaterra. Quasi nunca é pura;

quasi sempre é acompanhada pelo oxydo e silicato de zinco; contém tambem oxydo de ferro. É a calamina que fornece a maior parte de zinco. Conhecem-se d'ella duas variedades; uma branca, outra rubra. A primeira contém menos ferro. Calcinada e pulverizada, chama-se *calamina preparada;* sua côr varía: as mais das vezes é cinzenta-amarellada; emprega-se como adstringente e seccante, em pó ou pomada, nas excoriações, assaduras, e ulceras chronicas.

CALAMINTHA ou NEVADA MAIOR. *Melissa calamintha*, L. Labiadas. Planta cultivada nos jardins. Caule da altura de 25 a 50 centimentros; folhas pecioladas, ovaes, um pouco cordiformes na base; flores purpurinas; cheiro agradavel. O chá d'esta planta usa-se ás vezes como sudorifico.

CALAMO AROMATICO. *Acorus calamus*, Linneo. Aroideas. Planta commum nas margens das lagoas, cultivada nos jardins para ornar fontes de repuxo, tanques, etc. (fig. 120). Tem 1 metro de altura. O rhizoma ou tronco subterraneo da planta é aromatico, e emprega-se, ás vezes, em fragmentos para perfumar os vestidos e preserval-os dos bichos. Em medicina foi usado em infusão como tonico e estomachico, 4 grammas para 180 grammas d'agua.

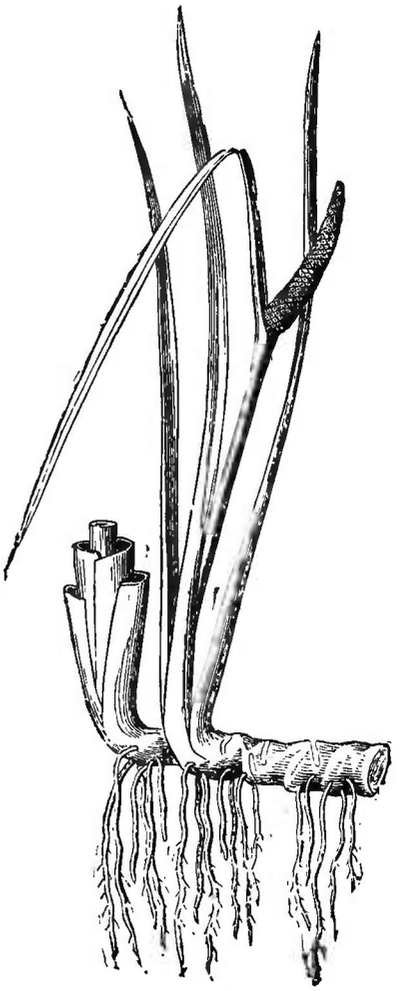


Fig. 120. — Calamo aromatico.

CALCIO. Metal que, por sua combinação com o oxygeneo, constitue a cal. Foi descoberto em 1807. É branco côr de prata, mais pesado do que a agua, inflamma-se facilmente ao ar produzindo a cal.

Administrado debaixo da forma de carbonato, é um medicamento absorvente e por conseguinte anti diarrheico, na dóse de 1 a 10 grammas. O chlorureto de calcio é purgativo e antiescrofuloso.

CALCULO NA BEXIGA. *Veja-se* PEDRA.

CALCULO BILIAR. Chamam-se *calculos* ou *pedras biliares* umas pequenas concreções duras que se formam no figado, e podem existir, ou no proprio tecido do figado, ou nos differentes canaes por onde passa a bilis, ou no reservatorio d'este liquido chamado *vesicular biliar.*

As *causas* que favorecem o desenvolvimento dos calculos biliares são mui pouco conhecidas; consideram-se, entretanto, como taes a idade

adulta, o uso immoderado de bebidas alcoolicas, a inacção e as mais circumstancias que conduzem á obesidade.

Symptomas. Os signaes que annunciam a existencia dos calculos biliares recentemente formados, são no principio muito incertos; queixam-se os doentes de dôres na bocca do estomago, do lado direito e na parte superior do ventre, ou no logar correspondente das costas; outras vezes são os vomitos que apparecem de tempos a tempos. A dôr propaga-se ás vezes até ao peito e hombro direito. Mais tarde a dôr augmenta, o docnte não póde supportar o mais leve contacto, nem mesmo o da roupa; depois apparecem vomitos de bilis pura: a pelle amarellece.

Denominou-se *colica hepatica* a reunião dos symptomas que se manifestam quando os calculos passam pelos canaes da bilis. As vezes, os accessos d'esta affecção não deixam um momento de repouso aos doentes, os quaes não podem achar postura capaz de alliviar os seus soffrimentos; uns agitam-se continuamente, atormentados por ancias indizivcis, outros encolhem-se comprimindo fortemente a bocca do estomago, ou entregam-se a um balanço regular para disfarçar a dôr. O rosto altera-se, o estomago não póde supportar nenhum alimento. De ordinario, existe prisão do ventre, as ourinas são amarellas e espessas. Ao principio, os accessos são de pouca duração, depois são mais longos; alguns ha que duram dias a fio. Em consequencia d'estes accessos, manifesta-se ás vezes febre, e sobrevem um emmagrecimento consideravel. Outras vezes os doentes evacuam pelo anus um ou muitos calculos envoltos nos excrementos, e os accidentes passam; e algumas vezes saram depois de os terem lançado pelos vomitos.

Tratamento. O tratamento dos calculos biliares póde-se reduzir ás tres indicações seguintes: 1° acalmar as dôres; 2° determinar a evacuação ou a dissolução dos calculos; 3° combater a inflammação, caso se manifeste.

1° *Para acalmar as dôres* deve o doente metter-se n'um banho d'agua quente, e demorar-se n'elle meia hora e mais. Ao mesmo tempo, dá-se uma colher *de sopa,* de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Infusão de herva cidreira.	120 gram.	Ether sulfurico.....	20 gottas.
Laudano de Sydenham..	2 —	Xarope simples.....	15 gram.

Misture-se.

Para o mesmo fim de acalmar as dôres convem friccionar o ventre com

Balsamo tranquillo..... 30 grammas.

Depois de cada fricção, applica-se no ventre uma cataplasma de linhaça.

2° *Para favorecer a evacuação dos calculos,* empregue-se a bebida emeto-purgativa seguinte:

Agua.....	600 grammas.
Sal d'Epsom.....	60 —
Emetico.....	10 centigr.

Misture-se, e dê-se uma chicara de meia em meia hora.

Dois dias depois, tomará o doente um purgante chamado *infusão de sene tartarizada*, cuja receita é a seguinte :

Sene.....	12 gram.	Aniz estrellado em pó...	2 gram.
Cremor da tartaro.....	4 —	Agua fervendo.....	180 —

Infunda por duas horas, côe e ajunte :

Manná..... 60 grammas.

Dissolva a calor brando, e côe. Administra-se em duas dóses, com meia hora de intervallo.

Deve a comida do doente compôr-se de vegetaes, como almeirão, bertalha, aipim, abobora, quingombô ou quiabo, cenouras, batatas, saladas de alface com cerefolio, leite, ovos e gallinha; pouca carne de vacca, de porco, pouco vinho e espiritos. Para bebida, usará de limonadas de limão azedo ou de laranja.

Para dissolver os calculos biliares, recommendam-se as pilulas seguintes:

Sabão medicinal.....	30	centigrammas.
Aloes.....	5	—
Açafrão.....	5	—

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Para tomar-se 2 a 4 pilulas por dia.

3° Os symptomas de *inflammação* produzida pelos calculos biliares são descriptos no artigo HEPATITE. O tratamento compõe-se de cataplasmas de linhaça no ventre, e de banhos geraes d'agua quente.

CALCULO NOS RINS. *Veja-se* COLICA NEPHRITICA, e AREIAS.

CALÇÃO DE VELHO. *Veja-se* BARBASCO.

CALDAS. — POÇOS DE CALDAS. Logar assim chamado desde os tempos coloniaes por causa das fontes thermaes descobertas naquella época por caçadores portuguezes, actualmente parochia de Nossa Senhora da Saude das Aguas de Caldas, creada pela lei provincial n. 2,542 de 6 de Dezembro de 1879.

Dista esta povoação cerca de 380 kilometros, em linha recta do Rio de Janeiro, fica a 3° e 25′ de latitude e a 21° e 45′ de longitude (Longitude pelo meridiano do Rio de Janeiro) e acha-se a 1260 metros pouco mais ou menos acima do nivel do mar, ao sul da provincia de Minas-Geraes, parochia da cidade de Caldas, quasi no limite da provincia de S. Paulo, por onde se faz quasi toda a viagem de estrada de ferro, sendo o ponto terminal a estação de Caldas da companhia mogyana.

A povoação de Poços de Caldas acha-se situada em um valle cercado de montanhas estereis e agrestes, principalmente as que estão a nordeste, demonstrando claramente a natureza volcanica da localidade, composta, quasi em sua totalidade de rocha basaltica.

Existe uma fonte fria denominada *Sinhasinha* e quatro thermaes, a saber :

Fonte Macacos.

A temperatura é de 42° centigrados na nascente, havendo a analyse mandada fazer pelo governo em 1874 revellado o seguinte :

Agua clara, limpida e transparente de cheiro e sabor hepatico e tocar unctuoso. Densidade 0.0006 sob a mesma pressão de 663^{mm} e temperatura ambiente 22°.

Um litro de agua forneceo de residuo fixo 0,6540, constituido pelos principios seguintes :

Acido sulfurico.....	0,0566		0,3211
Silicia.....	0,0200	Potassa.....	0,0165
Acido carbonico.....	0,2293	Soda.....	0,2973
Chloro.....	0,0042	Materia organica e perdas...	0,0191
Cal.....	0,0110	Magnesia e ferro.— Vestigios.	
	0,3211		0,6540

De gazes o mesmo litro d'agua subministrou 10^{cc},6 sendo estes azote e acido sulphydrico, este ultimo na proporção de 0^{cc},1748 a 0° de temperatura e 0^{m},760 de pressão, de conformidade com a taboa de ensaios sulphurometricos de Lefort.

Fonte Mariquinhas.

Temperatura 44° centigrados. Como a dos Macacos é clara, limpida, transparente, de cheiro e sabor hepatico e tocar unctuoso. Densidade de 0,0005, sobre a pressão de 663^{mm} na temperatura ambiente de 22°. Um litro d'agua forneceo 0,6430 de residuos, assim distribuidos;

Acido sulfurico.....	0,0820		0,3334
Silicia.....	0,0170	Potassa.....	0,0130
Acido carbonico.....	0,2195	Soda.....	0,2816
Chloro.....	0,0039	Materia organica e perdas...	0,0150
Cal.....	0,0110	Magnesia e ferro —(vestigios)	
	0,3334		0,6430

Emquanto aos gazes foram encontrados 10^{cc},2 por litro, identicos á fonte precedente.

Fonte Chiquinha.

Temperatura 44° 6/10 (centigrados). Esta nascente, analoga á precedente, assim como a fonte fria denominada *Sinhasinha* ainda não foram officialmente analysadas.

Pedro Botelho.

Temperatura junto á nascente 46° e no banheiro 45° Com os mesmos caracteres physicos das precedentes. Densidade de 0,0005, sobre a pressão de 663^{mm}, na temperatura ambiente de 22°. Um litro d'agua forneceo 0,6350 de residuos assim constituidos :

Acido sulfurico.....	0,0903		0,3340
Silicia.....	0,0180	Potassa.....	0,0110
Acido carbonico.....	0,2100	Soda.....	0,2780
Chloro.....	0,0037	Materia organica e perdas...	0,0120
Cal.....	0,0120	Magnesia e ferro —(vestigios)	
	0,3340		0,6350

Um litro d'agua forneceo 11cc de gazes azote e acido sulphydrico, na proporção descripta quando tratei da fonte dos *Macacos*.

O calculo da quantidade d'agua que fornecem estas ricas nascentes, em litros, é o seguinte :

	Por minuto.	Por hora.	Por 24 horas.
Macacos.....	89,0	5,340	128,160
Mariquinhas.....	50,60	3,036	72,864
Chiquinha.....	54,10	3,246	77,904
Pedro Botelho.....	95,10	5,706	136,944
Total.....	288,8	17,328	415,872

Este calculo demonstra á evidencia que se cada banho fôr de 500 litros, o estabelecimento balneario póde fornecer por dia 1,386 banhos.

O clima da localidade é temperado e agradavel. Durante o inverno é frio e secco, baixando algumas vezes o thermometro a 0°.

Em Outubro temos havido dias de geada.

Como se deprehende do estudo da composição destas aguas thermaes, pela elevação da localidade e salubridade do logar, são ellas mui uteis para o tratamento dos catarrhos chronicos das vias aereas, asthma humida, rheumatismos *a frigore*, nevralgias em geral e principalmente da sciatica, nas affecções herpeticas, articulares, osteocopas, e nas diatheses syphilitica e escrophulosa.

As paralysias funccionaes, que não dependem de lesões dos centros nervosos são aqui rapidamente curadas.

O tratamento, por emquanto, se faz por meio de banhos de immersão e do uso interno das aguas, porem, dentro de poucos mezes se inaugurará um estabelecimento balneario com todas as condições que a hydrotherapia thermal moderna exige para o tratamento conveniente daquelles que recorrerem ao benefico effeito destas aguas e desta saudavel localidade.

Exerce em Poços de Caldas a medicina o illustrado e modesto Dr. Pedro Sanches de Lemos, que dirige o tratamento balneario dos enfermos com toda a sciencia e humanidade.

CALDAS NOVAS. Brazil; provincia de Goyaz. Aguas alcalinas quentes. Nascem em abundancia na elevadissima serra de Caldas, comarca de Santa Cruz, da provincia de Goyaz, nos logares denominados : *Caldas novas, Caldas velhas*, *Caldas do Parapitinga*. Das primeiras são aproveitadas para banhos 13 fontes, havendo outras nascentes no leito do corrego, das segundas ha copiosos mananciaes que derivando da rocha quartzosa aurifera, formam um ribeirão. As terceiras reunem-se em lagoa do comprimento de 33 metros e da largura de 3 a 4 metros 1/2, de cujo fundo brotam muitos olhos d'agua. A temperatura das aguas d'esta lagoa é, em alguns logares tão elevada, 40° a 43°, que para serem usadas devem ser arrefecidas. Por ordem do Governo imperial do Brazil estas aguas foram analysadas pelo Dr. Faivre em 1842. O seu peso especifico é de 1,003. Dois litros d'esta agua, evaporados até á seccura, deram o residuo de 15 centigrammas. Contém azote, acidos, carbonico, chlorico e silicico, as bases potassa, soda, cal, magnesia, alumina. As aguas são limpidas,

quentes, sem côr nem sabor apreciavel; gozam de grande reputação no Brazil como efficazes contra a morphea; e com quanto se considere exagerada esta reputação, não se póde duvidar da sua utilidade contra os dartros, rheumatismos chronicos, e nas ulceras antigas.

CALDAS DA RAINHA. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas quentes. A villa das Caldas está situada ao norte de Lisboa, d'onde dista cincoenta e oito kilometros. Em 1484 a Rainha D. Leonor, esposa do Rei D. João II, mandou erigir n'este sitio um hospital, que foi reconstruido em 1750 por D. João V na fórma que hoje se vê (fig. 121). N'este magnifico edificio construiram-se sobre as nacentes dois tanques ou *piscinas* para *senhoras* e dois para *homens* Dos dois tanques, que são destina-

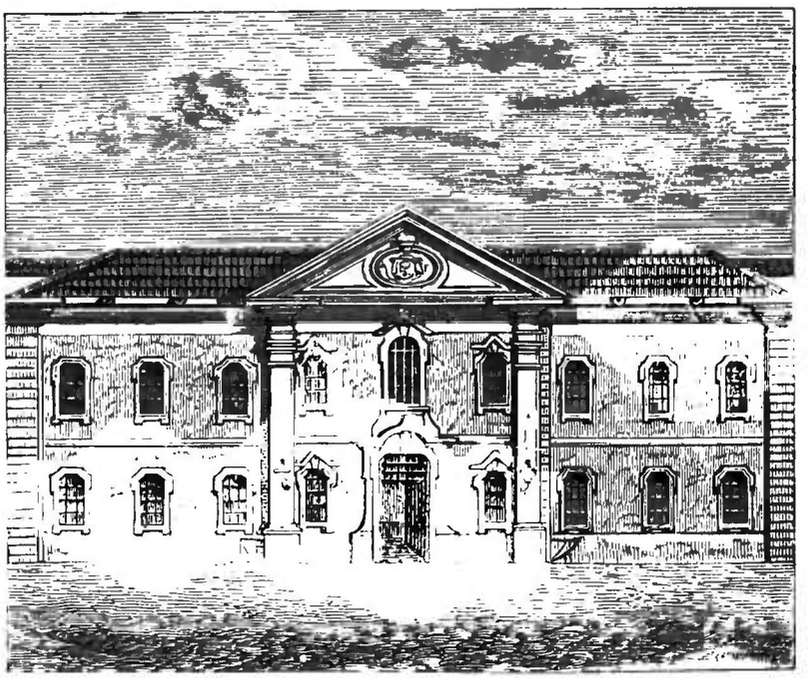


Fig. 121. — Caldas da Rainha (Portugal). — (Aguas sulfurosas quentes.)

dos para os *banhos das senhoras*, um tem 8 metros e 80 centimetros de comprimento e 2 metros 64 centimetros de largura; outro é de igual comprimento, porém a largura é de 3 metros 30 centimetros. A profundidade é de 1 metro, pouco mais ou menos, de que só 60 centimetros se acham ordinariamente occupados pela agua.

Os tanques para os *banhos dos homens* acham-se em outra parte do edificio; o maior tem 12 metros de comprimento e 3 de largura. O segundo tanque de homens não tem nascente propria. Muitas são as nascentes que n'estes tanques rebentam; sua temperatura é de 34 1/2 gráos centigrados. A agua é tão abundante que dentro de quinze a vinte minutos o tanque do banho enche-se até á altura de 60 centimetros. Calcula-se que as nascentes vertem por minuto 2 metros cubicos d'agua. O lastro de cada um dos tanques é de finissima areia branca, mui commoda para as

pessoas que se banham. Os tanques são cobertos de abobadas, nas quaes se abrem claras-boias, por onde entra a luz que os illumina.

Separada das nascentes dos banhos, existe outra nascente n'um poço, cuja abertura está collocada na casa immediata ao vestibulo do edificio, e que se chama *casa da copa*, é do poço que se tira a agua sulfurea para bebida. O calor da agua do poço é de 33° a 34° centigrados; a agua tem cheiro sulfureo, adocicado sem ser repugnante, principalmente emquanto conserva a temperatura da origem; possue sufficiente transparencia, particularmente sendo em pequena quantidade, recebida em vidro limpo; porém dos tanques dos banhos tem muito da côr hyalina ou de vidro, a qual é mais ou menos carregada. Proximamente á *casa da copa*, e no tôpo d'ella estão as portas das duas enfermarias de homens e de mulheres; e ao norte a cozinha do hospital.

O cheiro sulfureo das aguas sente-se a grande distancia. A primeira impressão d'este cheiro é desagradavel, mas passado algum tempo torna-se supportavel e quasi imperceptivel principalmente para os que se banham.

Recolhida com cuidado em frascos hermeticamente fechados a agua das *Caldas* conserva as suas propriedades por muito tempo. Do fundo dos tanques levantam-se constantemente bolhas de gaz, que vem estalar na superficie do banho; este gaz é composto de oxygeneo, azote, hydrogeneo carburatado, acido carbonico e sulfhydrico. Analysada a agua em 1858, pelo Sr. Visconde de Villa Maior, deo em 1,000 grammas as substancias seguintes:

Gaz oxygeneo.....	1,08 cent. cub.	Sulfureto de sodio...	0,0027 gram.
— azote.....	16,70 —	Bromureto de magnesio	vestigios.
— sulfhydrico....	4,75 —	Alumina.....	0,0453 gram.
— acido carb.....	61,20 —	Oxydo de ferro.....	
Carbonato de cal...	0,2089 gram.	Silica.....	
Sulfato de cal.....	0,4276 —	Materia organica.....	
— de magnesia.	0,2088 —	Perdas.....	
— de soda.....	0,1404 —		
Chlorureto de sodio.	1,5940 —	Total das sustancias fixas..	2,6277 gram.

O numero dos doentes que concorrem ás Caldas da Rainha é de 2,000 a 3,000 por anno, não contando 1,400 a 1,700 pobres que entram no hospital gratuitamente. Estes tomam os banhos até ás 6 horas da manhã, ficando as piscinas patentes ao publico desde as 7. As pessoas que querem pagar, acham no hospital quartos bem mobiliados com bom serviço pelo preço diario de 600 a 1000 reis (moeda de Portugal). Podem tambem tomar-se ali banhos em banheiras. A villa offerece muitas commodidades, ha bons hoteis e hospedarias; além d'isto muitas familias da villa recebem hospedes durante a estação balnearia. O preço nos hoteis é de 800 a 1000 réis; nas hospedarias de 600 a 800 réis; nas casas particulares de 200 a 240 réis, sendo n'este ultimo caso a comida paga em separado e mandada fazer pelos banhistas, que tomam para esse fim uma criada por 100 réis por dia. Ha um *Club*, onde se póde ouvir musica e achar outras distracções: um bilhar, um gabinete de leitura e uma pequena bibliotheca.

Os arredores offerecem belos sitios, o logar é magnifico, o clima ameno. Além dos lindos suburbios, a villa tem dois passeios, o da Copa com platanos e faias seculares, e o da Matta.

As *Caldas da Rainha* são uteis contra as molestias da pelle, escrophulas, affecções chronicas do peito, rheumatismos, ankyloses incompletas, paralysias. Administram-se externamente em banhos, loções e duchas; e em bebida na dóse de 60 a 150 grammas por dia. A estação thermal dura cinco mezes e meio, de Maio até fins de Outubro.

Itinerario : De Lisboa ao Carregado faz-se a viagem pelo caminho de ferro, 37 kilometros em hora e meia. Do Carregado para as Caldas em carruagem ou em diligencia, que sahe do Carregado duas vezes por dia, pela manhã e á noite, depois da chegada do comboyo áquella estação; o trajecto é de 6 a 7 horas, havendo no Cereal casa de pasto e estação de mudas da diligencia. — Trata-se de prolongar o caminho de ferro até ás Caldas da Rainha e S. Martinho do Porto.

CALDAS DE BESAYA. Hespanha. Aguas salinas quentes; 36°. Rheumatismo, molestias da pelle, catarrhos da bexiga, gota, escrophulas, metrites chronicas.

CALDAS DE BOHI. Hespanha. Aguas sulfurosas; affecções rheumatismaes, arthriticas e herpeticas.

CALDAS DE ESTRACH. Hespanha. Chloruretadas sodicas, salinas quentes; 41°. Affecções rheumatismaes. Temperatura elevada muito efficaz em bebidas contra as affecções vesicaes, catarrho, areias, calculos uricos.

CALDAS DE MALAVELLA. Hespanha. Aguas salinas quentes : 60° Empregam-se em bebida, banhos e duchas, nos rheumatismos paralysias, enfartes do figado e do baço, e nevralgias.

CALDAS DE MONTBUY. Hespanha. Aguas salinas quentes; 30° a 70° Oito estabelecimentos balnearios. Estas aguas empregam-se no rheumatismo, paralysia, escrophulas, ankyloses, regidez articulares, syphilis constitutional.

CALDAS DE OVIEDO. Hespanha. Aguas salinas quentes; 42°. Catarrhos laryngeos e bronchicos, rheumatismo, gota, paralysia, affecções do figado e da bexiga. Estabelecimento balneario importante.

CALDELAS DE TUY. Hespanha. Aguas salinas e sulfurosas quentes e ferruginosas frias. Empregam-se em bebida e em banhos, no rheumatismo, paralysias, catarrhos laryngeos ou bronchicos, anemia, ulceras.

CALDELLAS DE RENDUFE. V *Rendufe*.

CALDO. O liquido que resulta da ebullição na agua, da carne dos animaes, ou de certas substancias vegetaes, e mais frequentemente de duas substancias reunidas, chama-se *caldo*. O caldo commummente usado nas nossas mesas, e que se compõe de vacca (carne e ossos), de legumes, taes como cenouras, nabos, couve, aipim, abobora, etc., e de sal, é um alimento mui nutriente e de digestão mui facil; convem aos convalescentes, aos individuos idosos, ás pessoas cujo estomago delicado teria difficuldade em digerir substancias solidas. Mas nas molestias acompanhadas

de grande febre, o caldo de carne de vacca seria nocivo por causa das suas propriedades estimulantes, e por isso devem-se n'estes casos preferir-lhe liquidos nutrientes mais brandos, taes como os caldos de gallinha, frango ou vitella.

Dá-se côr ao caldo com cebola ou cenoura queimada, ou com assucar queimado.

As decocções de tartaruga ou de caracóes constituem caldos emollientes empregados ás vezes nas molestias do peito.

O *caldo de hervas* emprega-se como refrigerante e como laxante, para provocar ou favorecer a acção dos purgantes. Póde tambem servir de cozimento em muitos casos; eis-aqui a formula usual. Tome-se:

Azedas frescas.....	40 gram.	Sal.....	2 gram.
Alface.....	20 —	Manteiga	5 —
Acelga.....	10 —	Agua.....	1 litro.
Cerefolio	10 —		

Ferva as plantas, ajunte o sal e a manteiga, e côe. Toma-se ás chicaras.

CALEFRIOS ou ARRIPIAMENTO. Com este nome designa-se uma sensação de frio acompanhada de pallidez, e de contricção da pelle. Tremem os membros, e batem os queixos quando os calefrios são intensos.

Os calefrios constituem um symptoma que annuncia varias molestias. Indicam sempre um accesso de febre intermittente; apparecem na invasão da erysipela, da indigestão, da constipação, das bexigas, sarampos, escarlatina, pleuriz, de muitas inflammações e de muitos ataques nervosos.

Qualquer que seja a molestia precedida de calefrios, o tratamento d'este symptoma não varía. É preciso que o doente se metta na cama, se cubra com cobertores de lã, que lhe ponham aos pés garrafas ou botijas cheias d'agua quente e enroladas em pannos; convem muitas vezes applicar sinapismos nas barrigas das pernas, e deve-se sempre dar a beber uma ou duas chicaras de chá da India ou de herva cidreira, ou de casquinha de limão bem quente.

CALENTURA. Delirio furioso a que os navegantes se acham expostos debaixo da zona torrida, acompanhado do desejo de se deitar ao mar.

Tratamento. Limonada de vinagre. Sinapismos nos pés. Applicação d'agua fria na cabeça. Purgantes.

CALLO DOS PÉS. O callo dos pés consiste em um tumor epidermico, duro e circumscripto, que se forma na face superior dos dedos, entre elles, ou na planta dos pés. A compressão ou o attrito produzido pelo calçado muito apertado ou mui largo, grossas costuras ou prégas que se formam nas meias, são as causas ordinarias. A principio é chato e formado por camadas de epiderme sobrepostas; mas, com a continuação do mal, forma-se no centro uma porção mais dura, de aspecto corneo semi-transparente, que penetra segundo a espessura

da pelle, e que profunda ás vezes até aos tendões, ligamentos articulares, mesmo até aos ossos, e constitue uma especie de raiz. Casos ha em que se apresentam debaixo do aspecto de uma lamina mais ou menos larga, dura, a qual ora excede apenas o nivel da pelle, ora faz uma grande proeminencia; estes não tem raizes: chamam-lhes mais particularmente *callosidades*.

Os callos crescem ordinariamente lenta e gradualmente, e a principio só occasionam um pequeno incommodo; mas, á proporção que se tornam mais espessos e mais extensos, causam dôres ás vezes tão agudas, que os individuos não podem andar, nem ter-se em pé. Estas dôres devem ser attribuidas á compressão que o tuberculo exerce, penetrando na carne e dilatando-se. Tudo quanto excita o movimento do sangue, esquenta os pés e augmenta a compressão do callo, causa muito maior dôr. Tal é o effeito de um exercicio aturado, de calçado estreito, de se conservar por muito tempo na mesma posição, ou de um excesso de bebidas. A dôr é mais incommoda nos dias quentes do que nos dias frios: com a humidade tambem o callo incha, augmenta de volume e exerce uma pressão mais forte. Tem-se observado outrosim que as pessoas affectadas de callos padecem mais quando ha mudança na atmosphera, e muito mais quando ameaça chuva.

Tratamento. Para preservar-se dos callos convem usar de calçado nem muito apertado, nem mui largo, e evitar que as meias façam prégas ou tenham costuras grossas. Os militares, e todas as pessoas forçadas a fazer longas marchas, preservam-se d'elles, untando os pés com sebo. Mas depois de formados, a cura não é tão facil.

Para obter um allivio momentaneo das dôres, que os callos produzem muitas vezes, é preciso tirar o calçado apertado, sentar-se, pôr os pés em posição horizontal, e procurar logar fresco. Para evitar a repetição das dôres, faça-se uso de calçado commodo e macio.

Podem alliviar-se as dôres dos callos, applicando dois emplastos de diachylão gommado, um d'elles estendido sobre uma pellica macia mas espessa, tendo no centro uma abertura sufficiente para deixar descoberta todo a extensão do callo, deve ser coberto pelo outro que não é fenestrado. Por este meio o callo não soffre compressão.

O apparelho imaginado por Galante (fig. 122), fabricante de instrumentos de cirurgia em Pariz, está baseado no mesmo principio. Toma-se um tubo de cautchuc vulcanizado, cujas paredes tenham cerca de um millimetro de espessura, e cujo diametro interior seja bastante grande para receber o dedo doente. Faz-se com este tubo uma especie de annel, e pratica-se na parte mais larga do annel uma abertura de um diametro pelo menos igual á circumferencia do callo. Quando o apparelho se acha bem applicado, o callo, amparado de todos os lados pelo cautchuc, não soffre a pressão do calçado, e assim o andar torna-se facil e não occasiona dôr.

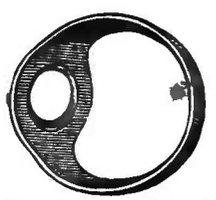


Fig. 122. — Annel de borracha contra os callos.

Os dois principaes meios de tratamento dos callos são a excisão e a extirpação.

Para praticar a *excisão*, deve-se cortar successivamente lamina por lamina, com um canivete bem afiado ou uma navalha, toda a porção da epiderme que se tornou espessa, havendo o cuidado de fazer penetrar o instrumento á profundidade tanto maior quanto mais se approxima do centro do callo, de maneira que se faça uma cavidade em fórma de funil. Parar-se-ha quando não restar senão uma camada delgada da epiderme. E sempre util, depois de cortados os callos, cobril-os com esparadrapo de diachylão, para os subtrahir á pressão, durante algum tempo. É preciso, ao cortar os callos, não ferir as partes sãs, porque poder-se-hia desenvolver uma inflammação, principalmente se se anda logo depois da operação. Dando-se este caso, combater-se-ha o accidente com banhos aos pés prolongados, cataplasmas de linhaça e repouso completo. — A excisão dos callos é um dos meios mais commummente empregados. Tem o inconveniente de não curar os callos radicalmente, e não produzir senão um allivio momentaneo, pois que não se tira a raiz, que logo faz reproduzir o mal. Entretanto, renovando-se a operação de tempos, a tempos, cobrindo-se a parte com esparadrapo de diachylão, tendo no centro um buraco da fórma do callo, e applicando-se por cima d'este emplasto outro maior e sem abertura, havendo emfim o cuidado de não exercer nenhum attrito sobre o logar, consegue-se, ás vezes, a cura completa.

O segundo methodo de tratamento, ou a *extirpação*, consiste em tirar não sómente a parte que excede o nivel da pelle, mas ainda a raiz que tem penetrado mais ou menos profundamente. Certos cirurgiões tem adquirido n'este genero de operações uma destreza mui notavel. Pratica-se com uma especie de agulha curta, romba, um tanto chata, por meio da qual se separa em toda a circumferencia o tuberculo calloso das partes sãs, chega-se á parte mais profunda das suas adherencias sem tocar o menor vaso sanguineo, e tira-se o callo sem occasionar dôr. É preciso ter-se o cuidado de não quebrar o callo, porque então não se poderia chegar até á raiz. Deve-se ir sempre separando sem o cortar, para não atrazar os progressos da operação. Este methodo cura com mais certeza do que o precedente, mas nem todos os callos podem ser tratados d'este modo. Quando a ponta adhere aos tendões, nervos ou ossos, póde ser perigoso separal-os d'elles; n'este caso, é melhor cessar a operação, para não expôr-se a consequencias graves.

Ha ainda um meio, não para curar radicalmente os callos, mas pelo menos para fazer cessar por alguns dias as dôres que occasionam. Molha-se na dissolução de potassa um pedaço de pedra pomes cortado em fórma de lima, e fazem-se fricções sobre o callo com esta pedra assim molhada; pouco a pouco cahem as camadas do callo. Pára-se com as fricções quando se sente uma pequena dôr. Repetindo de vez em quando esta operação, evita-se a dôr que occasionam os callos. Esta operação é antes uma pratica usual de hygiene do que um remedio.

Os callos da planta dos pés são muito mais graves do que os dos dedos; sua excisão ou extirpação é muitas vezes impossivel. Obtem-se ordinariamente algum allivio pondo-se no sapato um pedaço de chapéo de lã furado no logar que corresponde ao callo, e para cural-o radicalmente

é mister ás vezes excisar a porção da pelle sobre a qual está o callo implantado.

Além dos meios de tratamento que deixei indicados, inculca-se um immenso numero de especificos, chamados infailliveis, que jamais curáram alguem. Ha, entretanto, alguns remedios mui conhecidos que não merecem a mesma reprovação; tal é a raspadura do callo por meio das limas ditas sulfuricas, diamantadas, imantadas, etc., que consistem simplesmente em uma pequena peça de páo, sobre a qual se fixa, por meio de colla de Flandres, limalha de ferro ou vidro moido. Os emplastos de sabão, de mucilagem, de gomma ammoniaco, de galbano, differentes encerados, etc., são, sem duvida, meios pouco efficazes, mas podem ser empregados, pois que não apresentam inconvenientes: antes, ajudados de um calçado commodo, podem produzir bons effeitos. Outro tanto direi das folhas das plantas e do algodão em rama; mas pelo que respeita a segredos e especificos, que individuos estranhos á arte de curar annunciam com pompa nos jornaes, deve haver a respeito d'elles toda a desconfiança, pois que esses remedios não se limitam muitas vezes a effeitos insignificantes, mas são até perigosos.

CALLOSIDADE. Dá-se este nome a qualquer endurecimento das partes molles, como na planta dos pés, em consequencia da compressão do calçado, ou nos individuos que andam descalços; ou na palma das mãos pelo effeito de trabalhos penosos. Se estas callosidades occasionam dôr, cortem-se com um canivete ou navalha. (*Veja-se* CALLOS.)

Chamam-se tambem *callosidades*, as induraçõcs que se observam na margem das ulceras antigas. Resolvem-se com cataplasmas de linhaça; se forem tenazes, toquem-se com pedra infernal, ou cortem-se com tesoura curva ou bisturi.

CALMANTE. Chamam-se calmantes os medicamentos que tem a propriedade de acalmar a dôr, de entorpecer a sensibilidade, de adormecer a economia. Estes medicamentos são designados tambem pelos nomes de *sedativos*, *anodynos*, *narcoticos*. Taes são o opio, o chlorhydrato de morphina, a agua de flores de laranjeira, a digital, a belladona, o chloral, o chloral de Follet, o chloral bromuretado de O. Dubois, o bromureto de potassio, etc. Eis aqui uma receita de poção calmante:

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

Misture.

Esta poção administra-se ás colheres *de sopa*, uma colher de quarto em quarto de hora, para acalmar qualquer dôr; ou toda a poção de uma vez, para provocar o somno.

CALOMBO. Dá-se este nome a varias especies de tumores. Algumas pessoas chamam assim ás inchações que se observam debaixo do queixo ou na virilha; fallo d'ellas nos artigos GLANDULA, INGUA; outros dão este nome ao *abcesso* (*veja-se* esta palavra). Emfim, chamam-se tambem calombos a uns pequenos botões que apparecem durante varias

molestias acompanhadas de febre, e desapparecem com ellas : não exigem tratamento particular.

CALOMELANOS. *Veja-se* MERCURIO.

CALUMBA. *Cocculus palmatus*, De Candolle. Menispermeas. Arbusto que habita na Africa oriental. Sua raiz é empregada em medicina ; goza de propriedades tonicas. Apresenta-se no commercio em rodellas circulares ou ovaes, de 9 a 11 millimetros de grossura, e de 38 a 53 millimetros de diametro ; amarelladas no interior ; cheiro nullo, sabor amargo. Administra-se no fastio, na gastralgia, nos vomitos espasmodicos, em pó, na dóse de 1 gramma duas ou tres vezes por dia.

CALUNGA. *Simaba ferruginea*, St-Hilaire. Rutaceas. Arbusto do Brazil ; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. Folhas imparipennadas, foliolos ellipticos ; ramos e face inferior dos foliolos cobertos de um tomento côr de ferrugem ; flores dispostas em paniculas ; fructo composto de cinco carpellas monospermas. A casca da raiz e do tronco é amarga, e usada internamente contra as febres intermittentes, em infusão que se prepara com 4 grammas da casca e 180 grammas d'agua fervendo. Esta infusão tambem se emprega contra o relaxamento do recto, fazendo-se lavatorios com ella.

CALVICIE. Chama-se calvicie a quéda do cabello da cabeça, quer senil, quer prematura. Mas não é só a cabeça que póde ser assim affectada ; todas as outras regiões do corpo cobertas ordinariamente de cabellos, como a barba do homem, as partes genitaes, os sovacos, as margens livres das palpebras nos dois sexos, podem tambem perder os seus cabellos ; a molestia toma então o nome de *alopecia*.

Causas. Entre as causas numerosas e variadas d'esta affecção podem contar-se todas as molestias agudas, na sua convalescença ; os partos, muitas molestias chronicas ou prolongadas, o escorbuto, as empigens, quando estas se fixam em região provida de cabellos ; a tinha, a tisica no ultimo gráo, a lepra ás vezes, e as dôres habituaes de cabeça ; os excessos venereos, um estado de esfalfamento e de fraqueza extrema, qualquer que seja a sua causa ; affecções moraes vivas e duraveis, trabalhos excessivos de espirito, a acção do virus syphilitico, e emfim a velhice.

Observa-se ás vezes uma especie de calvicie nas crianças, que nascem sem apresentar vestigio algum de cabello, bem que seus pais não sejam affectados de nenhuma molestia a que se possa attribuir semelhante disposição. Ordinariamente, n'este caso, o cabello principia a brotar seis mezes ou um anno depois do nascimento, e ás vezes mais tarde. Esta calvicie não exige tratamento algum, e deve considerar-se como uma singularidade da natureza.

Tratamento. Resulta do que deixei exposto que o tratamento da calvicie e da alopecia deverá variar segundo a causa que a tiver produzido. Por exemplo, sendo consequencia de alguma molestia aguda, a volta das forças, apressada por um regimen tonico e substancial, bastará para fazer cessar a sua marcha, e para favorecer a reproducção do cabello, se, comtudo, a idade avançada do individuo não vier oppôr um obstaculo insuperavel. É bom n'esta circumstancia, como tambem em todos os

outros casos de calvicie; rapar a cabeça, e esfregal-a com agua vegetal de Ixora, de Pinaud, com banha misturada com rhum, com infusão de sementes de mostarda, com tintura de alfazema, ou de alecrim. As vezes será tambem vantajoso fazer fricções com oleo de alfazema, de zimbro ou de camomilla. As fricções com pomada de *Dupuytren*, com a quantidade do tamanho de uma azeitona, duas vezes por dia, podem tambem aproveitar. Eis-aqui a receita d'esta pomada:

Tutano de boi.....	60 gram.	Tintura de cantharidas..	45 centigram.
Acetato de chumbo crystall....	1 —	— de cravo da India..	5 gottas.
Balsamo Peruviano.....	2 —	— de canella.....	5 —
Alcool.....	12 —		

Misture-se segundo a arte.

As pomadas seguintes empregam-se igualmente com vantagem:

Pomada philocoma.

Tutano de boi.....	24 gram.	Essencia de bergamota..	6 gottas.
Oleo de amendoas doces.	8 —	Balsamo peruviano li-	
Extracto de quina.....	2 —	quido.....	20 —

Faça segundo a arte.

Pomada contra a quéda do cabello (Reveil).

Tutano de boi.....	24 gram.	Rhum.....	10 gram.
Oleo de amendoas.....	8 —	Tannino.....	1 —
Sulfato de quinina.....	2 —	Essencia de rosas.....	3 gottas.

Faça segundo a arte.

Pomada de tannino.

Tannino.....	2 grammas.
Agua.....	2 —
Banha.....	45 —

Faça segundo a arte.

Pomada de alcatrão.

Alcatrão purificado.....	8 grammas.
Banha.....	24 —

Misture em almofariz.

Pomada contra a quéda do cabello (Dauvergne).

Banha.....	30 gram.	Balsamo do Commenda-	
Alcatrão.....	3 —	dor.....	3 gram.
Manteiga de moscada....	2 —	Almiscar.....	5 centigr.
Benjoim.....	2 —	Essencia de patchouly..	30 —
Balsamo de Fioravanti...	3 —		

Dissolva por trituração o benjoim n'um pouco de alcool, ajunte os balsamos, e incorpore tudo na pomada de alcatrão, previamente preparada a banho-maria.

Em todos os casos que a quéda do cabello procede de alguma molestia

chronica e constitucional, exige, antes de tudo, a cura d'estas affecções, e depois o tratamento local, que deixei indicado, poderá empregar-se com vantagem.

A calvicie venerea exige o tratamento antisyphilitico o mais prompto e o mais methodico, continuado ao menos por tres mezes. *Veja-se* SYPHILIS.

A continencia é necessaria ás pessoas em quem a molestia procede dos excessos venereos. Tentar-se-ha depois a restauração das forças por um regimen fortificante e banhos frios. Esta medicação convem igualmente ás pessoas fatigadas por outros excessos. Aquellas, cuja alopecia é devida a pezares, acharão nas consolações da amizade e nas distracções os unicos meios capazes de influir vantajosamente na sua molestia : mas este meio nem sempre é efficaz. O homem, que se occupa de algum trabalho com excessivo ardor, não poderá obter melhoras no seu estado, senão suspendendo esse trabalho por algum tempo.

A calvicie senil é incuravel. Quanto ás outras especies, se bem que sejam racionaes os tratamentos empregados contra ellas, não se deve esperar, depois da cura, novo cabello tão espesso como o antigo. Finalmente, esta reproducção será tanto mais completa, quanto menor fôr a idade do individuo. Os cabellos tornarão a nascer muito mais difficilmente depois da segunda calvicie. A terceira, e sobretudo a quarta, despoja a cabeça para sempre.

Seja qual fôr a causa da calvicie, convem, no principio do tratamento rapar a cabeça, e repetír esta operação muitas vezes, á proporção que os cabellos forem crescendo. Para prevenir a quéda dos cabellos será bom cortal-os frequentemente, e mesmo cortal-os rente. Este meio é um dos melhores e mais commodos para facilitar o augmento dos cabellos.

O vulgo tem geralmente grande confiança nos outros meios propostos para favorecer o crescimento do cabello; taes são, as banhas de urso, de veado, de cobra, de coelho ; certos linimentos extremamente variados ; mas não se deve contar muito com os bons effeitos d'estas applicações ; comtudo não apresentam e menor perigo. O unico tratamento da calvicie é o que vai indicado n'este artigo, e tudo o que é gabado pela cubiça ou pelo charlatanismo deve ser considerado como inefficaz e superfluo.

CAMAPÚ, ou JUÁ PÓCA. *Physalis angulata*, Linneo. Solanaceas. Planta do Brazil. Caule de 60 centimetros, erecto, ramificado, glabro, fistuloso, quadrado ou com 5 faces ; folhas pecioladas, ovadas, agudas, denteadas ou anguladas, glabras ; corolla flavescente pallida ; sabor amargo. — Tonico, contém um principio narcotico pouco activo. O succo é empregado nas dôres de ouvido, instillando-o no conducto auditivo. O cozimento feito com o caule, folhas, raiz e fructos, é aconselhado nos rheumatismos e molestias do figado, *Dóse :* 8 grammas para 360 grammas d'agua.

CAMARA. Portugal, 8 kilom. de Lisboa. Aguas ferruginosas frias. A agua é limpida, de sabor ferreo levemente acido. A sua temperatura média, achado nas differentes horas do dia, no verão, é de + 18°56 centigrados, estando a do ar ambiente a + 20°89 centigrados. 1 litro d'esta

agua, na temperatura média de + 20 do thermometro centigrado, e sob a pressão barometrica de 76 centimetros, contém (*veja-se* o *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, tomo II, p. 675) :

Gaz oxygeneo.....	6 cent. cub.	Chlorureto de calcio..	0,030 gram.
— acido carbonico livre.....	2 —	Sulfato de ferro.....	0,215 —
		— de magnesia...	0,710 —
— azote.....	16 —	— de cal.....	0,015 —

CAMARA (Planta). Com este nome designam-se no Brazil plantas do genero *Lantana*, da familia das Verbenaceas, taes como a *Lantana camara*, Linneo ; *Lantana aculeata*, Linneo ; *Lantana involucrata*, Linneo ; *Lantana brasiliensis*, Link. ; cujas folhas e flores são aromaticas, e se empregam internamente em infusão theiforme como peitoraes, e externamente em banhos nos rheumatismos.

CAMARAS. *Veja-se* DIARRHEA.

CAMARAS DE SANGUE. *Veja-se* DYSENTERIA.

CAMARÃO (fig. 123). Animal crustaceo que constitue o typo da

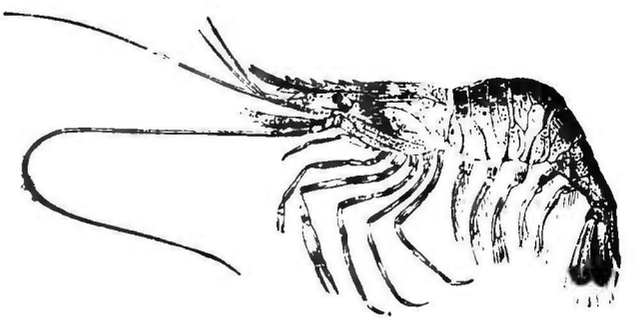


Fig. 123. — Camarão.

familia dos Palemões ; encontra-se em quasi todos os mares, e em alguns rios ; abunda no Rio de Janeiro ; é de côr verde-bronzeada ; mas, depois de cozido, faz-se encarnado claro ou côr de carne. Pesca-se ao longo da costa nas poças d'agua, que a maré deixa na sua vazante ; os melhores são os que se colhem entre as pedras. Sua carne é agradavel e salubre, porém um tanto pesada.

CAMBAIO. *Veja-se* RACHITISMO.

CAMBOIM. Fructo de um arbusto do Brazil, *Eugenia crenata*, Velloso (Myrtaceas). Este fructo é refrigerante.

CAMBROEIRA ou **Espinhero alvar na casca.** *Lycium europeum*, L. Solanaceas. Arbusto espinhoso, frequente nos arredores de Lisboa e na Madeira. Caule esbranquiçado, ramos delicados e flexuosos ; folhas oblongas, estreitas, molles ; flores brancas, algum tanto avermelhadas ; fructos, pequenas bagas ovoides. A infusão das folhas usa-se como diuretica : 6 a 10 folhas para 120 grammas d'agua fervendo.

CAMBUCÁ. Fructo do Cambucaseiro (*Eugenia edulis*) da familia das Myrtaceas, arvore do Brazil, que habita nos sertões de Pernambuco,

do Rio de Janeiro, e de Minas Geraes. O fructo tem 6 a 9 centimetros de comprimento, é de fórma redonda, de côr amarella; tem a superficie lisa, casca fina, ligada á massa gelatinosa, espessa, molle, doce e agradavel. encerrando um nucleo redondo oblongo, de côr roxa, um pouco oleosa. Esta massa come-se; é refrigerante.

CAMBUQUIRA. Brazil; provincia de Minas Geraes, Aguas gazosas.

CAMELEÃO (fig. 124). Reptil quadrupede assaz semelhante a um lagarto grande; tem a pelle rugosa, o corpo comprimido, com uma aresta saliente e denteada sobre o dorso, a cauda recurvada para baixo, e cabeça grossa e angulosa, o pescoço como se fosse inchado, a lingua quasi tão comprida como o corpo, e terminada por um tuberculo viscoso que lhe permitte apanhar os insectos de que se alimenta; as patas iguaes, 5 dedos em cada pata, reunidos em dois feixes oppostos; attinge até 50 centimetros de comprido. O cameleão é um animal timido e inoffensivo, que habita as regiões quentes da Asia, Africa e America. É pouco agil, e parece concentrar toda a força muscular na lingua que lança com extrema rapidez, e de que se serve para apanhar os insectos; póde supportar um calor excessivo, e ficar mezes inteiros sem comer. Caminha mui lentamente; encontra-se de ordinario sobre os ramos das arvores onde está á espreita da sua presa.

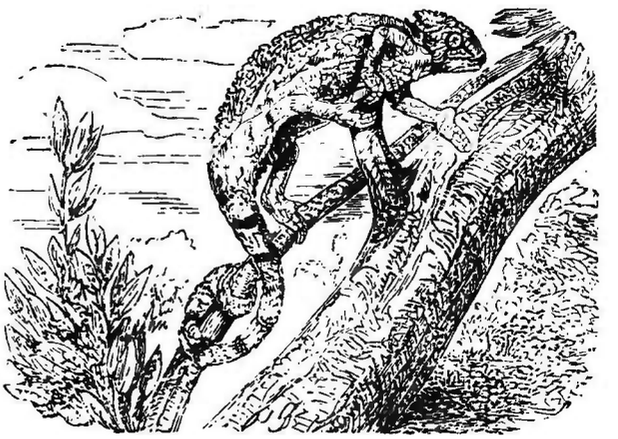


Fig. 124. — Cameleão.

O cameleão muda de côr segundo suas paixões e necesidades. Sua côr ordinaria é amarella; sobre uma arvore verde torna-se, pelo effeito do reflexo, de um verde claro; tomado na mão, sua côr escurece e cobre-se de nodoas roxas rosadas; irritado, torna-se quasi preto: de tempo em tempo toma grande numero de visos intermedios. Esta singular propriedade do cameleão fez com que o tomassem por emblema do homem versatil, que, por ambição, toma as côres das circumstancias.

CAMISOLA DE FORÇA. É uma especie de camisa de linho muito grosso e forte, com as mangas cosidas nas extremidades e tendo uns cordões para fixar os braços. Com este apparelho pode-se facilmente immobilizar todo o corpo e impedir todos os movimentos. Emprega-se a camisola de força nos alienados perigosos ou n'aquelles que se precisa nutrir á força, nos alcoolicos acommettidos de delirio furioso e nos doentes com propensão a delirio febril. É' um meio de evitar as tentativas de homicidio e de suicidio.

CAMOMILLA ROMANA. *Anthemis nobilis*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta da Europa, cultivada no Brazil (fig. 125). Caule de 8 a 30 centimetros, rasteiro, ramoso, extremidades dos ramos levantados, dos quaes cada um sostem uma só flor; folhas recortadas em muitos lobos lineares por incisões funda que vão até á nervura média, fortemente aromaticas e amargas; flores radiadas: os meios florões da circumferencia brancos; os florões do centro amarellos, mas a cultura os faz brancos, d'onde vem a côr totalmente branca da flor, que se acha no commercio. O chá da flor de camomilla é tonico, e usado nas indigestões e fastios. 1 gramma para 180 grammas d'agua fervendo.



Fig. 125. — Camomilla romana.



Fig. 126. — Camomilla vulgar.

CAMOMILLA VULGAR. *Matricaria chamomilla*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta commum em Portugal, cultivada no Brazil (fig. 126). Caules da altura de pé e meio; folhas pennati-partidas, de lobos lineares frequentemente divididos; pedunculos nús no apice, uniflores; flores brancas com disco amarello. As mesmas propriedades e os mesmos usos que a precedente.

Em logar da camomilla romana e vulgar, emprega-se muitas vezes a macella gallega, planta que goza das mesmas propriedades. *Veja-se* MACELLA GALLEGA.

CAMPAINHA DA GARGANTA ou UVULA. E o nome do prolongamento em fórma de uva, que pende no fundo da garganta acima da base da lingua. O vulgo pensa que a campainha póde *cahir*, e que então é preciso *levantal-a* por applicações estimulantes, taes como uma colher de pimenta posta em contacto com o orgão. A campainha não *cahe*, mas em certas esquinencias, produzidas sobretudo pelo frio humido, alonga-se, incha, e, por seu contacto com a lingua, produz uma necessidade contínua de engulir, o que é bastante desagradavel. As mais das vezes, a dieta, o repouso, e alguns gargarejos são sufficientes para reduzir a campainha ao seu volume ordinario.

Os gargarejos que servem n'este caso são os seguintes:

1° Infusão de salva	500	grammas.
Vinagre	30	—
Mel rosado	60	—

Misture.

2° Agua	500	grammas.
Pedrahume	15	—
Mel de abelhas	60	—

Misture.

Se apezar d'estes gargarejos, continuados por muito tempo, a campainha não voltar ao seu volume ordinario, e incommodar pela titillação contínua, dever-se-ha praticar a sua excisão com tesoura ou com o uvolotome (fig. 127), instrumento inventado e fabricado pela afamada casa de instrumentos de cirurgia de Paríz, Galante e filhos.

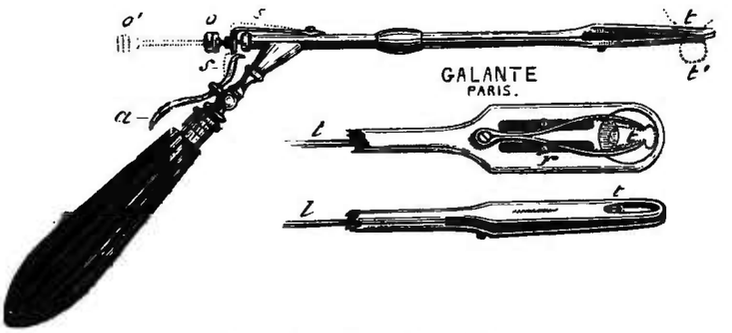


Fig. 127. — Uvulotome.(*).

CAMPANHA. Brazil: provincia de Minas Geraes, freguezia do *Alambary* (outros dizem *Lambary*) distante cerca de 3 legoas da cidade da Campanha, e 60 legoas do Rio do Janeiro. — Aguas gazosas frias. — Assemelham-se pela composição chimica, temperatura e propiedades ás celebres aguas de Seltz. Tres são as fontes: *fonte gazosa*, *fonte Paulina*, e fonte *Maria;* a fonte chamada *gazosa*, é principalmente utilizada. Acham-se todas muito proximas umas das outras no meio da povoação, onde existe uma pequena praça triangular, e no outro centro d'esta uma bomba que fornece a agua potavel aos habitantes do logar; em um dos angulos da praça, e dentro d'ella, fica a *fonte gazosa*. Fóra da praça acha-se a *casa de banhos*, que consta de uma secção central e duas lateraes mais baixas. Ao entrar nota-se uma sala na frente, duas varandas aos lados d'esta, e duas series de quatro quartos de banho, reservados de um lado para homens e de outro para senhoras. Em cada um d'elles ha uma banheira de zinco esmaltado. O quarto da frente de cada lado é destinado aos banhos de chuva e duchas. A agua para banhos é fornecida pela fonte *gazosa*. (Esta descripção, e a que segue, são estrahidas do *Relatorio da Commissão* nomeada pelo Governo imperial em 1874 para examinar e analysar as aguas da Companha. A Commissão foi composta dos tres mui distinctos membros, o Sr. Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos,

(*) Arma-se o instrumento puxando pela haste *o* até chegar a *o'*. A uvula estando collocada na abertura *t*, basta appoiar no gatilho *a*, para que a lamina impellida pela mola, corte a uvula, a qual fica segura ao mesmo tempo, e depois de seccionada, pela pinça *r*.

o Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, e o Sr. Dr. José Borges Ribeiro da Costa.

« *Agua da fonte gazosa.* Esta fonte acha-se, como ficou dito, dentro da praça e encostada a um dos lados maiores. Tem a fórma de um poço circular de 1 metro pouco mais ou menos de diametro, construido de tijolos e de pouca profundidade; é fechado por um disco de madeira fixo ás bordas do poço; tendo uma abertura no centro para permittir a introducção dos vasos destinados a tirar agua. A fonte está abrigada por um tecto de zinco, que abrange um espaço muito maior do que o occupado pela fonte; este tecto é sustentado por esteios de madeira com uma grade de ferro á roda. A agua d'esta fonte é abundantissima e de uma notavel effervescencia. Sua superficie livre fica a dois ou tres metros abaixo do nivel do solo; desce-se á fonte por uma larga escadaria de pedra. A producção do gaz acido carbonico é tão consideravel n'este poço que tem já sido a causa da morte por asphyxia de algumas pessoas, que imprudentemente ahi se tem demorado, segundo attestam informações insuspeitas dos moradores mais antigos do logar. Esta agua é perfeitamente limpida e transparente, mesmo depois do repouso prolongado, incolor, inodora, de sabor picante muito pronunciado, de tal modo effervescente, que é difficil ingerir sem interrupção um copo cheio. Envermelhece o papel azul de tournesol e não tem acção sobre o de acetato de chumbo. Sua temperatura é de 20°, sendo o ambiente de 21°. Densidade 1,0001 sob a temperatura de 23° e pressão de 687 millimetros.

« A analyse qualitativa deo resultados quasi negativos. Assim a agua da *fonte gazosa* só precipitou fracamente em branco pela agua de cal e de baryta, e pelo acetato de chumbo. Nenhum precipitado nem turvação manifestou com os outros reactivos ordinarios. Assim consiste toda a sua importancia na prodigiosa quantidade de acido carbonico que emitte, ao qual deve as propriedades beneficas, que a fizeram denominar *agua virtuosa*.

« 1 litro da agua da *fonte gazosa* fornece 0ᵍ,0560 de residuo, fixo, composto de :

	gr.		gr.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0072
— silicico	0,0070	Magnesia	0,0036
— carbonico	0,0129	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0020	Materia organica e perda	0,0164
Potassa	0,0007	Alumina — vestigios.	
Soda	0,0046		0,0560

Acido carbonico total	1,4182
— — combinado bicarbonatos	0,0280
— — livre	1,3902

« *Fonte Paulina.* Esta fonte, assim chamada em attenção ao nome do seu descobridor, o illustrado professor Dr. A G. Paula Fonseca, offerece a disposição de um poço situado ao nivel da terra, sem abrigo algum a não ser uma tampa de páo, que a fecha incompletamente, deixando uma

abertura triangular por onde se faz a extracção de sua agua. O poço interiormente é largo construido de paredes de tijolos. A superficie livre da agua n'esta fonte fica pouco mais ou menos a um metro de profundidade, de maneira que não se póde tiral-a senão com vasilhas presas á extremidade de uma corda a guisa de caçamba; é pouco abundante e pouco effervescente; o desprendimento gazoso é lento e interrompido. Esta agua é reputada ferruginosa entre as pessoas do logar; entretanto pela analyse se verá que com quanto n'ella exista ferro, todavia é muito pobre d'este principio para merecer esta classificação. — É limpida, transparente, incolor, inodora, de sabor picante e ligeiramente styptico; reacção mui fracamente acida ao turnesol. Temperatura de 20° marcando o ambiente 21°. Densidade 1,0006 sob a temperatura de 23° e pressão de 687^{mm}. Pelo repouso prolongado deposita.

« No estado natural a agua revelou o seguinte : Precipitou em branco pela agua de cal, de baryta e pelo acetato de chumbo; não deo resultado algum nem com o tannino, nem com o ferro-cyanureto de potassio, nem com os outros reactivos empregados ordinariamente n'este genero de ensaio. Forneceo por litro 0^{g},0540 de residuo fixo, composto de :

	gr.		gr.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0061
— silicico	0,0100	Magnesia	0,0032
— carbonico	0,0116	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0020	Materia organica e perda	0,0147
Potassa	0,0007	Alumina — vestigios	
Soda	0,0046		0,0540

Acido carbonico	total		1,4942
—	—	combinado (bicarbonatos)	0,0254
—	—	livre	1,4688

« *Fonte Maria.* Esta fonte fica apenas quatro ou cinco metros distante da precedente. Tem a fórma de um poço circular, construido de paredes de tijolos, e uma tampa de pedra apresentando no centro uma abertura pequena, descoberta, por onde se introduzem as vasilhas destinadas a tirar a agua, presas por um cordel, não só por causa da estreiteza da abertura, como por causa da profundidade do nivel, que fica a um metro ou mais, abaixo da superficie do solo. A fonte é abrigada por uma coberta de madeira polygonada e muito baixa, sustentada por quatro esteios, de feitio de um kiosque sem guarnição alguma. A agua d'esta fonte é considerada no logar como sulfurosa, e a este respeito a crença entre o povo é tão firme como a que continuam ainda a nutrir os habitantes de Caxambú em relação á agua da fonte Duque de Saxe; entretanto a respeito d'esta agua nenhum ensaio chimico rigoroso autorizou a sua classificação como sulfurosa, partindo apenas esta idéa do leve cheiro sulfhydrico que ella apresenta accidentalmente. Os reactivos mais sensiveis e delicados foram aqui tambem postos em pratica, e nenhum resultado deram; portanto a conclusão a tirar é a mesma que ácerca da agua Duque de Saxe do Caxambú. Ao lado d'esta circumstancia

occorre mais que a agua da fonte Maria, que não é tida como ferruginosa pela analyse se reconheceo ser mais rica d'este principio do que a da fonte Paulina reputada como tal. — É limpida, transparente, incolor, de sabor picante e mui levemente hepatico, de cheiro mui pouco pronunciado de acido sulfhydrico. Reacção fracamente acida ao turnesol. Desprendimento gazoso continuo, mas lento e dando pouca effervescencia. Temperatura de 20°, sendo o ambiente de 21°. Densidade 1,008 sob a temperatura de 23° e pressão de 687^{mm}. Com o tempo depositam-se flocos avermelhados de oxydo de ferro. — Precipitou sómente pela agua de cal e de baryta, e pelo acetato de chumbo em branco; tingio-se de uma côr verde-garrafa pelo sulfydrato de ammonia. Não deo resultado algum, com o tannino, com o ferro-cyanureto de potassio, com a solução chlorhydrica de acido arsenioso, com o nitro-prussiato de soda, com o ensaio da lamina da prata, nem finalmente com o emprego do processo sulfhydrometrico de Dupasquier.

A agua da *fonte Maria* forneceo por litro 0^{g},0710 de residuo fixo, composto de :

	gr.		gr.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0050
— silicico	0,0220	Magnesia	0,0025
— carbonico	0,0188	Chloro	0,0009
Sesquioxydo de ferro	0,0100	Materia organica e perda	0,0101
Potassa	0,0013		0,0710
Soda	0,0067		

Acido carbonico total	1,4808
— — combinado (bicarbonatos)	0,0346
— — livre	1,4462

As aguas gazosas de Campanha, tomadas como bebida, aproveitam nas affecções das vias digestivas, na dyspepsia, nas gastralgias, nas molestias do figado. A freguezia do Alambary, á vantagem de possuir essas aguas reune a de clima muito temperado e de incontestavel salubridade. A estrada de ferro de Pedro Segundo, que do Rio de Janeiro chega ás vizinhanças da serra do Picú, facilita a viagem a essas aguas beneficas. A aguas gazosas da Campanha transportam-se para as diversas localidades; sendo bem engarrafadas conservam as suas propriedades, e são uteis nas molestias pela mesma fórma como tomadas na fonte. Torno a dizer que as suas virtudes são as mesmas que as d'agua de Seltz, que, quasi toda não se bebe na fonte, porém sim transportada a grandes distancias. D'agua de Seltz expedem-se annualmente perto de dois milhões de botijas para todas as partes do mundo.

CAMPECHE. *Veja-se* PÁO CAMPECHE.

CAMPHORA ou ALCANFOR. É um producto végetal, que existe em grande numero de plantas. O que se acha no commercio é extrahido do louro chamado *Laurus camphora*, Linneo, que abunda na China, no Japão, e está acclimado no Brazil (fig. 128).

Extrahe-se a camphora do louro do Japão, aquecendo-se fragmentos da arvore em vasos tapados e forrados por dentro com palha de arroz.

A camphora forma deposito sobre a palha em forma de crystaes cinzentos. Tambem se a pode extrahir fazendo córtes na casca da arvore, ella escorre então misturada com fragmentos vegetaes. Depois de extrahida esta camphora bruta, é ella refinada fazendo-a ferver, obtem-se então tres variedades de camphora refinada, a franceza, a ingleza e a hollandeza.



Fig. 128. — Camphora.

A gengibre, a galanga, o cardamomo e alguns outros vegetaes tambem contêm camphora. Chama-se camphora de Borneo, a que é extrahida da *Dryobalanops aromatica;* é uma camphora muito volatil. Fabricam-se tambem camphoras artificiaes, combinando o acido chlorhydrico com essencia de limão e de terebinthina. A camphora refinada apresenta-se debaixo da fórma de pedaços redondos, convexos de um lado, concavos do outro; é branca, meio transparente, mais leve que a agua; mui cheirosa; de sabor amargo, quente e picante, e é tão volatil, que um pedaço abandonado ao ar livre, diminue pouco a pouco, e acaba por desapparecer inteiramente. A camphora é muito inflammavel, e arde sem residuo. É pouco soluvel em agua, mui soluvel no azeite, alcool, ether e aguardente.

A camphora dissolvida no azeite emprega-se em fricções nas dôres rheumatismaes, sciaticas, etc. Entra no alcool camphorado, na aguardente camphorada, no balsamo opodeldoch, etc.

Toxica em altas dóses é sedativa em dóses therapeuticas. Tem sido empregada contra as nevralgias, as cystites. As dóses variam de 15 a 80 centigr.

Tem sido bastante preconisado n'estes ultimos annos um de seus compostos, o *bromureto de camphrora* E'uma substancia que se apresenta debaixo da forma de crystaes duros, de sabor amargo que parece actuar como calmante e hypnotico. Administra-se-a nas mesmas dóses que a camphora pura, debaixo da forma de granulos impressos de L. Frère, de 1,5 e 10 centigrammas de principio activo.

O cheiro da camphora é mortal para os pequenos animaes, particularmente para os insectos e os bichos; e por isso emprega-se para conservar as collecções de historia natural, as pelliças e os estofos de lã.

CANARIO. Passaro originario das ilhas Canarias, tem o bico côr de carne, a plumagem amarella e as vezes cinzenta-esverdeada; a cauda um pouco forcada. Cohecem-se vinte e nove variedades. Entre os passaros cantores, o canario é aquelle cujo gorgeio é mais frequente e mais prolongado; esta qualidade o colloca em primeira ordem entre os pas-

saros que as pessoas sedentarias se aprazem a criar em gaiolas. No seu paiz natal, o canario é de um verde-escuro com listras roxas nas costas e nas azas : o estado domestico é que lhe deo a côr amarella que o distingue ; entretanto, o canario verde, em tudo semelhante á especie primitiva, tem-se sempre conservada.

Os amadores de passaros tem cruzado a raça pura dos canarios com o pintasilgo, pisco, pintaroxo e outros passaros : resultáram d'isto pequenos mistiços de diversas côres assaz bonitos que se chamam *arlequins;* o canto d'estes mistiços parece-se com o das duas raças de que provém.

Os canarios machos assobiam bem, e o seu gorgeio é bastante agradavel ; são susceptiveis de aprender arias, por meio de um realejo, feito de proposito para elles ; chega-se tambem a fazer-lhes repetir algumas palavras. A femea não canta. São sociaveis e familiares ; affeiçoam-se á pessoa que trata d'elles, vem pousar no hombro, e tomam da mão ou da bocca o alimento que se lhes apresenta. Alimentam-se e criam com facilidade : milho miudo, o murrião ou outras plantas fazem, com o assucar e biscoutos, a base de sua alimentação. A femea faz 4 ou 5 posturas por anno, de cinco a seis ovos de cada vez; põe-se-lhe um cestinho para o ninho, e algodão para o forrar. A incubação dura doze a quatorze dias. Suspende-se na gaiola um osso de chóco no qual estes passarinhos aguçam o bico. Os canarios estão sujeitos a muitas molestias ; tem, entre outras, a molestia do *botão*, que se desenvolve debaixo da cauda, e que é necessario abrir com lanceta quando está maduro.

CANCRO. Molestia chronica, que principia sob a fórma de tumor, verruga ou chapa, que augmenta gradualmente, quasi nunca retrocede, apresenta uma tendencia manifesta para a ulceração, invade todos os tecidos sem distincção, póde reproduzir-se, que emfim, deteriora a saude geral.

Ha differentes especies de cancro :

Cancro scirrhoso ou scirrho.

Cancro encephaloide.

Cancro melanico.

Cancro colloide.

Cancro epithelial ou cancroide.

1° **Cancro scirrhoso** ou **scirrho.** É caracterizado por um tumor de consistencia firme e mesmo mui dura, do volume de uma avelã até ao de uma pequena maçã. Sua consistencia foi comparada á pelle do toucinho. Quando se corta um tumor scirrhoso, experimenta-se notavel resistencia, e o córte é acompanhado de um pequeno ruido. O seu aspecto é branco-amarello.

Todos os orgãos podem ser a séde do scirrho, mas esta fórma do cancro apparece sobretudo no seio.

Symptomas. O principio do scirrho não é acompanhado de sensação particular alguma, e muitas vezes o doente não descobre o tumor senão por acaso. Este apresenta-se como massa assaz circumscripta ; é movel no principio, mas sente-se que está reunido á parte do orgão em que se desenvolveo ; a sua consistencia é firme, a sua superficie de-si-

gual. Emfim, n'este periodo da molestia, a pelle está ainda intacta, sem adherencia ne mmudança de côr; raras vezes os ganglios lymphaticos estão inchados.

Mais tarde, o tumor adquire um volume mais consideravel, apresenta a superficie desigual e contornos mal limitados que se estendem por causa da extensão da molestia aos tecidos vizinhos e sobretudo á pelle. Esta pelle, então adherente, não pode escorregar nem ser levantada; parece ser attrahida do lado do tumor por sua face profunda, de que resultam rugas irregulares, ou superficie aspera. Apparecem á roda veias subcutaneas, sinuosas, mui desenvolvidas em relação ao volume do tecido morbido. Além d'isso, sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, existem ordinariamente glandulas engurgitadas e duras.

Quando o scirrho é já antigo, as dôres, que não existiam ou que eram leves a principio, tomam um caracter de agudez notavel.

Emfim, chega um momento em que a pelle, alterada pela infiltração cancerosa, torna-se de côr rubra-escura e abre-se; a ulceração principia pela superficie da pelle, esconde-se n'uma das rugas dos tegumentos, toma a fórma de uma racha, e augmenta com lentidão.

Uma vez aberta, a ulcera cancerosa apresenta caracteres particulares. É deprimida, coberta de nodosidades e de carnosidades pouco desenvolvidas, de máo caracter; suas margens são duras, pouco salientes, pouco ou nada viradas; o seu fundo é duro. Escorre d'ella um liquido fetido.

Apparecem então *symptomas geraes:* o doente torna-se fraco, magro; á sua tez toma côr amarellada, as digestões perturbam-se; muitas vezes sobrevem oppressão, tosse, dôres vagas em diversas regiões. Esta reunião de symptomas constitue a *cachexia cancerosa*, que descreverei com maiores pormenores quando tratar dos symptomas do cancro de uma maneira geral.

A marcha do scirrho é geralmente lenta; individuos ha affectados por 20 e 30 annos de tumores scirrhosos que se mantêm estacionarios e nunca compromettem a existencia d'elles; isto não se observa, entretanto, senão nos scirrhos indolentes, que não occupam um orgão essencial á vida. Nos outros casos, os progressos do mal são contínuos, e todavia muitos annos podem ainda mediar entre o principio e a terminação; emfim, ás vezes a desorganização é mui rapida, alguns mezes são sufficientes para que percorra todos os seus periodos. É mui raro obter a cura do scirrho quando não é susceptivel de ser operado; ainda é mais raro vêl-o sarar espontaneamente. Comtudo, o professor Velpeau cita na sua obra tres casos de tumores, tendo completamente os caracteres do cancro scirrhoso, que desapparecêram em alguns annos sob a influencia de um tratamento medico. Todo o scirrho é tanto menos curavel, quanto mais antigo, mais doloroso, e mais extenso fôr, quando a desorganização é mais profunda e o orgão que occupa mais essencial á vida; emfim, quando o doente é mais idoso e mais fraco. As circumstancias oppostas tornam o prognostico favoravel. As recidivas, depois da operação, são menos frequentes quando os doentes são jovens, de boa constituição, e o mal mais circumscripto e menos antigo.

2° **Cancro encephaloide,** chamado tambem *Fongus hematode*. É caracterizado por tumores de volume variavel, ordinariamente arredondados, tendo em geral pouca consistencia, cujo tecido tende a fazer proeminencia quando se divide, e fornece um succo abundante e lactescente. Estes tumores são notaveis, além d'isso, pela grande aptitude a inficionarem os ganglios lymphaticos e a economia inteira. No ultimo periodo da sua evolução o cancro encephaloide reduz-se á massa espessa, branca ou rubra. O logar de predilecção dos tumores encephaloides é o testiculo: vem depois os ossos, os olhos, o seio, as paredes thoracicas e abdominaes.

Symptomas. Não ha signal algum precursor que annuncie a formação do encephaloide: as observações mostram com effeito que a maior parte dos doentes gozavam saude perfeita no momento em que se produzio a molestia.

A principio, não se observa nada de caracteristico. O tumor é quasi redondo, bem circumscripto, de consistencia média, movel quando não toma a sua origem em algum osso. A pelle que o cobre é de côr natural e sem adherencias. Não ha ainda dôres, ou são poucas.

Mais tarde, á medida que faz progressos, este tumor contrahe adherencias ao mesmo tempo com as camadas profundas e com as superficiaes; resulta d'isto uma mobilidade menos evidente e mesmo uma immobilidade completa. Todavia esta extensão e esta immobilidade sobrevem em geral muito mais tarde no encephaloide do que no scirrho. N'este periodo adiantado, a superficie do encephaloide apresenta largas elevações, cuja molleza é ás vezes, bastante grande para simular a fluctuação, e que são separadas pelas porções mais firmes. Veias de um volume relativamente consideravel, sinuosas, azuladas, partem do tumor e podem ser seguidas bastante longe no seu trajecto sub-cutaneo. Emfim, a pelle toma a côr rosea, depois rubra-escura, indicio precursor de uma ulceração imminente. Se as dôres não existiam ainda, principiam a fazer-se sentir sob a fórma de calor, de *picadas* mais ou menos agudas. A pelle estirada, adelgaçada, violacea, cede emfim, e estabelece-se a ulceração. Esta, a principio estreita, toma em alguns dias dimensões mais consideraveis; escorre d'ella um humor seroso abundante, cinzento, fedor especial, cujo contacto irrita a pelle vizinha. A ulcera faz-se mais funda e apresenta margens cortadas perpendicularmente ou viradas: ás vezes o tecido do tumor incha, faz proeminencia a travez da abertura cutanea, e estende-se para fóra como um largo cogumelo violaceo. Ás vezes fragmentos de fungosidades separam-se ou cahem em putrefacção.

A ulcera que succede ao tumor encephaloide póde apresentar dimensões consideraveis. Os seus caracteres não são os de uma ferida suppurante de boa natureza; sem fallar do liquido que d'ella sahe, a sua superficie é coberta de granulações molles, cinzentas e mui vasculares. Muitas vezes o encephaloide ulcerado é a séde de hemorrhagias devidas ao mesmo tempo á molleza do tecido morbido e ao desenvolvimento consideravel de seus vasos, cujas delgadas paredes rasgam-se pelo menor esforço. Estas hemorrhagias são ordinariamente moderadas, mas podem

ser bastantes abundantes para inquietar. Em certa época incham as glandulas lymphaticas vizinhas. Existe a principio um só ganglio bastante duro e movel; depois, estando invadidas consecutivamente as outras glandulas, sente-se um rosario ganglionar cujas differentes contas acabam por ajuntar-se. Semelhantes desordens não podem existir sem perturbar profundamente a economia inteira, e symptomas geraes não tardam a sobrevir: côr amarella da pelle, digestões difficeis, esfraquecimento geral. De todos os cancros, a evolução do encephaloide é a mais rapida: em seis mezes percorre ordinariamente todos os seus periodos; vio-se, porém, durar quatro annos.

3° **Cancro melanico.** É o cancro encephaloide córado pelo pigmento negro. Apresenta-se sob a fórma de massas arredondadas, bem circumscriptas ou enkystadas, pouco volumosas, *molles,* e ás vezes *mui molles.* Quando se cortam, escorre d'elles um succo canceroso bastante abundante cuja côr varía do cinzento ao preto, e que mancha o papel como tinta preta mais ou menos diluida. A sua séde mais ordinaria é o olho e a pelle.

Symptomas. Este cancro principia por um, dois ou mais tumores; ou então, a um tumor succedem rapidamente outros, sobretudo quando é a pelle a séde do mal. Estes tumores permanecem muitas vezes mui pequenos, mas o seu numero parece supprir o seu volume. Quando são superficiaes, póde-se conhecer a sua natureza pela côr azulada que se vê atravez da pelle. A marcha e a duração do cancro melanico lembram as fórmas as mais activas do encepholoide ordinario. A infecção geral da economia é ainda mais prompta do que n'este

4° **Cancro colloide.** É caracterizado pela presença, na totalidade ou n'uma parte do tumor, de uma substancia semelhante a uma geléa mais ou menos grossa, de marmelo ou de groselha. Apparece de ordinario no intestino ou no peritoneo, onde póde formar massas de um volume enorme. Segue a marcha e apresenta signaes analogos aos das precedentes especies, com a differença que a sua evolução é menos rapida, e as suas propriedades infeccionadoras menos pronunciadas.

5° **Cancro epithelial** ou CANCROIDE. Tumor formado de elementos semelhantes a epithelio (cuticula que cobre as membranas mucosas). Encontra-se nos beiços, lingua, rosto, escroto, anus, collo do utero, etc. Principia por proeminencia semelhante a uma verruga, que se torna vermelha, abre-se e transforma-se em ulcera. Consagro um artigo especial a esta especie de cancro (*veja-se* CANCROIDE).

Symptomas geraes dos cancros. A pouca mobilidade do tumor é de certa importancia quando o tumor não tem a sua origem no osso. Bem que este caracter possa encontrar-se nos tumores benignos, póde servir como elemento de diagnostico, porque sobrevem cedo no cancro, antes que o tumor tenha adquirido grande desenvolvimento. Consistindo uma das tendencias mais notaveis do cancro na invasão de todos os tecidos sem distincção de natureza, cessa logo de ser movediço, faz parte do orgão doente e immobiliza-se na região que é a sua séde.

As *dôres* merecem igualmente ser tomadas em consideração. Bem que

certos cancros sejam pouco dolorosos do principio até ao fim, e que ás vezes tumores benignos sejam séde de dôres vivas, póde dizer-se de uma maneira mui geral, que as affecções cancerosas chegadas a certo periodo da sua evolução, são notaveis pelas dôres que as acompanham. Os doentes comparam os soffrimentos a uma queimadura, ao peso; mas queixam-se sobretudo das picadas que experimentam como se uma agulha, um punhal, um ferro quente atravessasse o tumor. A estas dôres é que se deo o nome de *dôres lancinantes;* sua frequencia é tal, que se consideram como signal carateristico do cancro.

A *ulceração* é menos constante, porque não é raro ver doentes que chegam ao ultimo periodo do enfraquecimiento com um ou mais tumores não ulcerados. Todavia todos os tumores cancerosos tendem a ulcerar-se, e se esta desorganização não existe ainda no momento em que se observa o doente, a adherencia da pelle ao tecido morbido tem quasi o mesmo valor. Quando a ulceração se effeituou, existe um novo caracter importante : a superficie da ulcera é ichirosa, irregular, de margens salientes ou viradas, pallida ou rubra; descança sobre a base dura e espessa, apresenta em certos pontos anfractuosidades profundas, em outros carnozidades exuberantes; em uma palavra não tem caracteres de uma ulcera de boa natureza. Ajuntemos, que não fornece verdadeiro pus, mas um liquido tenue, seroso, cinzento ou sanguinolento que se chama *ichor canceroso*, de cheiro fetido particular, repugnante, analogo em todos os cancros.

A existencia de um *engurgitamento ganglionar* seria um caracter do tumor canceroso, se fosse sempre possivel pronunciar-se sobre a alteração das glaudulas lymphaticas augmentadas de volume. Mas é mui difficil ter a certeza. Se, porém, as glandulas engurgitadas são multiplas, duras, pouco moveis, adherentes á pelle; se sobretudo são já a séde de ulceração offerecendo os caracteres da ulcera cancerosa, não póde infelizmente haver duvidas.

A *deterioração da saude geral* mostra a malignidade do tumor. Bem que não seja raro o encontrar doentes, affectados de cancros volumosos e antigos, nos quaes a saude geral não experimentou golpe profundo, póde dizer-se que isto não constitue a regra, e que em geral ha disproporção marcada entre a lesão e a sua influencia sobre o organismo. Asim, não póde explicar-se a depressão das forças nem pelo ichor que distilla da ulcera, nem pelas hemorrhagias. Tudo isso prova que é preciso attribuir á natureza do tumor a sua influencia deleteria, e mostra o contraste que existe entre as producções malignas e os tumores benignos. Estes podem, com effeito, existir durante innumeros annos, e adquirir um desenvolvimento enorme, sem occasionar outro prejuizo á saude do que o que resulta do seu peso e do seu volume consideravel.

A reunião dos symptomas geraes que sobrevem no curso da molestia cancerosa é o que se chama *cachexia cancerosa*. Sobrevem primeiro, um certo gráo de emmagrecimiento, porém não mui consideravel; é acompanhado da côr amarella da pelle, que não é nem a da chlorose, nem a da ictericia. Ao mesmo tempo as funcções digestivas perturbam-se, o

doente tem menos appetite, as digestões fazem-se com alguma difficuldade, as evacuações não são tão regulares como no estado normal; nos ultimos periodos da molestia apparece diarrhea; as forças diminuem sensivelmente, o doente enfraquece de dia em dia, sobrevem cansaço e algumas palpitações.

O cancro abandonado a si mesmo é mortal, salvo raras excepções. Porém todos os tumores cancerosos não são igualmente malignos. Podém a este respeito estabelecer-se tres divisões : 1° tumores de malignidade excessiva (cancro melanico, encephaloide, scirrhoso); tumores de malignidade menor (cancro epithelial ou cancroide).

Causas. O cancro póde desenvolver-se em todas as partes do corpo, mas é muito mais frequente no seios, nos testiculos, no utero, e no rosto, do que nos outras partes. O apparecimento do cancro suppõe certa disposição interior que não é conhecida, mas sem a qual todas as causas externas nunca poderiam produzir a molestia. Infelizmente nada nos póde fazer reconhecer de antemão a terrivel predisposição para o cancro : não é igual em todos os orgãos; pois que frequentemente uma parte exposta a todas as causas, debaixo da influencia das quaes desenvolve o cancro, fica isenta d'esta affecção, entretanto que outra, que se acha ao abrigo d'essas circumstancias, não póde ser preservada. Certos individuos tem tambem esta disposição em gráos mui differentes. Sabe-se que em certas pessoas uma branda irritação determina o seu desenvolvimento, entretanto que em outras o mal não apparece senão com o concurso de causas mais poderosas.

Julgava-se antigamente que o cancro podia communicar-se de uma para outra pessoa; mas hoje o contagio não é para temer, pois que os Drs. Alibert e Biett provàram, por experiencias bem concludentes, quão mal fundados eram os receios vulgares a este respeito. Muitas observações provam que mulheres affectadas de cancro do utero continuáram por muito tempo a entregar-se ás relações conjugaes, sem nenhuma consequencia sinistra para seus maridos.

O conhecimento da causa *proxima* do cancro seria mui importante; infelizmente nada se sabe de exacto a semelhante respeito, e devemos limitar-nos a estudar as circumstancias debaixo da influencia das qnaes esta molestia se declarà : umas actuam na economia inteira; taes são as paixões tristes, as fadigas excessivas, a suppressão de uma evacuação habitual, como menstruos, hemorrhoidas, etc.; outras são locaes. As causas locaes mais frequentes, isto é, as que actuam sobre um ponto especial da constituição, são : as pancadas, as inflammações prolongadas, as ulceras antigas; mas é preciso confessar que as mais das vezes o cancro apparece sem que se possa attribuil-o a nenhuma d'estas causas. E quantos individuos não ha que, submettidos á influencia de todas as causas que deixei mencionadas, nunca offerecêram o menor vestigio de molestia cancerosa? Logo que a acção das influencias exteriores está subordinada á predisposição interior da economia, e que sem ella todas as outras nada influem, só ella de per si póde determinar o apparecimento da molestia.

Tratamento. Se as causas de cancro fossem conhecidas, seria possivel indicar um tratamento preservativo; mas na nossa ignorancia sobre este objecto, não podemos dar sequer indicações geraes.

Tratamento medico. Numerosos medicamentos foram empregados contra o cancro sem vantagem; é inutil, pois, descrevêl-os; farei só d'elles uma simples enumeração.

As preparações de cicuta, de aconito, de belladona; o lagarto, os mercuriaes, o arsenico, o chlorureto de bario, os saes de cobre, os saes de ferro, o iodo, o oxydo de ouro, o oleo de figado de bacalhao, etc,; todos estes medicamentos, alternativamente gabados como específicos, e cahidos n'um justo discredito, não produzíram provavelmente cura alguma; de sorte que se um específico do cancro existe, o que é possivel, está ainda por achar.

Á vista d'estes resultados desesperantes, deve o medico ficar desanimado? Não, por certo. Dois ou tres exemplos de tumores provavelmente cancerosos, que desapparecêram gradualmente pela resolução, parecem todavia mostrar que o cancro não é molestia absolutamente incuravel, e talvez um dia um específico será descoberto.

A resolução d'estes tumores, observada pelo Dr. Velpeau, foi devida a medicamentos bastante activos; iodureto de potassio internamente, fricções com pomada de iodureto de potassio, banhos com bicarbonato de soda, purgantes repetidos. Eis-aqui as receitas.

Iodureto de potassio.....	15 grammas.
Agua distillada.....	450 —

Dissolva. Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia. Esta poção, tomada na dóse de duas colheres *de sopa*, por dia, acaba em 15 dias. Repete-se a poção, e continua-se por 3 ou 4 mezes.

Pomada de iodureto de potassio.....	60 grammas.

Fazem-se duas fricções por dia, com a porção do tamanho de uma azeitona, por cada vez, d'esta pomada.

Banho com bicarbonato de soda.

Bicarbonato de soda.....	150 grammas.

Deita-se a porção toda n'um banho geral d'agua morna simples. Toma-se um banho por semana.

Um purgante de dez em dez dias : infusão de sene tartarizada, limonada de citrato de magnesia, oleo de ricino, sal d'Epsom, ou sal de Glauber.

O regimen deve ser regular, composto de carne, vegetaes, vinho, chá, café, fructas, etc.

Tratamento cirurgico. Bem que o cancro seja frequentes vezes o resultado de uma diathese ou predisposição, contra a qual só existem remedios palliativos, ha casos em que a molestia está localizada sobre

um ponto, que basta destruir antes da sua propagação para curar o mal. Os meios proprios para este fim são : a *cauterização* e a *excisão*.

As *substancias causticas* empregadas para destruir os cancros são o chlorureto de zinco, a massa de Vienna, o acido arsenioso, o acido sulfurico.

A cauterização com *chlorureto de zinco* consiste em applicar sobre o tumor chapas feitas com massa d'esta substancia, ou em introduzir frechas feitas com a dita massa por fóra do tumor ou da ulceração atravez dos tecidos. Esta massa faz-se com chlorureto de zinco, farinha de trigo e agua ; em medicina tem o nome de caustico de Canquoin.

A acção do chlorureto de zinco é mui energica, visto que este caustico destroe em 48 horas uma espessura de tecidos igual a quatro vezes a espessura da camada da massa empregada. Este caustico é mui vantajoso ; determina nos tecidos uma inflammação destruidora de boa natureza. Infelizmente o chlorureto de zinco actua lentamente, visto que é preciso deixal-o no logar de 12 a 48 horas, segundo o resultado que se deseja obter, e durante este tempo soffrem-se dôres bastante fortes. Não actuando o chlorureto de zinco sobre a pelle intacta, se o tumor não está ulcerado, é preciso destruir a epiderme que o cobre applicando primeiro um vesicatorio ; ou começa-se a operação pela applicação da pasta ou massa de Vienna afim de destruir os tegumentos. Bastam dez minutos de applicação da pasta de Vienna para desnudar a pelle, e logo que isto se consiga, applica-se uma camada de pasta de chlorureto de zinco, que deve ter 1/2 centimetro de espessura, e, por cima, uma prancheta de fios. Seis horas depois applica-se uma cataplasma de linhaça, que deve permanecer até ao dia seguinte. Destaca-se a escara com canivete, e faz-se nova applicação, como foi dito, até se destruir completamente a producção cancerosa.

A *massa de Vienna* que se emprega, só, para cauterizar os pequenos cancros, é um bom caustico, pouco doloroso e energico. O unico inconveniente, que devemos assignalar, é que se o cancro fornece liquidos em abundancia, o caustico é arrastado e a sua acção impedida. A massa de Vienna prepara-se com potassa caustica, cal viva e alcool.

O *acido arsenioso*, misturado com cinabrio e sangue drago ou esponja calcinada faz parte das preparações causticas de Rousselot, de frei Cosme, e entra em grande numero de massas empregadas pelos empiricos. É um caustico cuja acção é bem limitada, e que produz uma escara secca; não possue, porém, acção alguma especifica contra o cancro. Este caustico é mui doloroso e actua com lentidão ; durante muitos dias, uma semana ordinariamente, faz sentir vivas dôres. Além d'isso, e o que é muito mais grave, o arsenico póde ser absorvido em dóse mais ou menos forte e produzir envenenamento. Para evitar este perigo não se deve cauterizar uma superficie maior de tres centimetros quadrados.

O *acido sulfurico* solidificado com pó de açafrão ou de carvão, constitue igualmente um caustico energico, que se póde applicar sobre as superficies as mais irregulares.

As substancias causticas podem ser applicadas de duas maneiras: sobre o tumor mesmo, ou sobre os seus limites de modo a separal-o das partes sãs. Esta ultima fórma pratica-se por meio de frechas causticas feitas com massa de chlorureto de zinco, acima mencionadas.

A *excisão* do tumor faz-se com bisturi. Esta operação, que é mui dolorosa, é precedida da chloroformização do doente.

A eauterização ou a excisão do cancro são os unicos meios racionaes que se podem oppôr a esta molestia.

Condições geraes e indicações do tratamento cirurgico. Sendo de certa gravidade as operações que se praticam para a cura dos cancros, convem examinar se estes tumores devem ser operados.

Certos autores, baseando-se no facto de que a producção cancerosa acha-se debaixo da dependencia de uma diathese, consideram como inutil uma operação que póde fazer desapparecer a manifestação, mas que não tem nenhuma acção sobre o estado geral para impedir a apparição de um novo tumor. Alguns cirurgiões assustadores não se contentam mesmo em considerar a recidiva como fatal, pretendem ainda que a vida dos doentes é abreviada pela operação, por causa da maior rapidez da marcha das recahidas. Se semelhantes asserções fossem fundadas, é evidente que seria necessario abster-se; a questão merece, por conseguinte, ser examinada e resolvida por factos bem observados, porque o raciocinio não póde guiar quando se trata de tomar uma tão grave determinação.

Alexandre Monro, sobre cerca de 60 doentes que vio operar, achou sómente quatro sem recidivas, ao cabo de dois annos. Scarpa, na sua longa carreira, não observou senão tres casos sem repetição da molestia. Estas duas estatisticas mostram que a recidiva é mui frequente, mas não estabelecem a incurabilidade absoluta.

As opiniões, emittidas por autores de tão grande merecimento, mostram que nos cancros os mais malignos a cura é infelizmente excepcional; mas não provam que a repetição da molestia seja inevitavel, e podem oppôr-se ás suas asserções os factos de cura, observados por Velpeau, Manec e Laboulbene, e tres casos em que Follin vio mulheres que permaneciam curadas durante 5, 7 e 11 annos, depois de operadas de cancros do seio. Admittindo que, depois de tantos annos, as doentes não tenham estado ainda ao abrigo da recidiva, deve-se reconhecer que a operação deve ter por effeito prolongar consideravelmente a duração da vida. De mais, além das probabilidades da cura definitiva e da prolongação da vida, a operação tem outras vantagens: dá ao doente alguns annos de uma existencia mais supportavel, isenta de dôres e de inquietação. De uma maneira geral, póde-se por conseguinte concluir em favor da operação; resta determinar os casos em que se deve intervir e as regras que devem guiar o cirurgião.

Indicações e contra-indicações do tratamento cirurgico. Certas condições geraes e loeaes devem ser estudadas quando se trata de decidir a opportunidade da operação do cancro:

1° E preciso que o tumor esteja em condições taes que possa ser com-

pletamente tirado. Deve-se, com effeito, rejeitar toda a especie de operações na qual só uma parte do tecido morbido seria destruida A existencia de um engurgitamento ganglionar não constitue uma contra indicção da operação, se essas glandulas são mediocremente numerosas e pouco volumosas, se são moveis, e quando, sobretudo, acompanham uma das formas mais malignas do cancro.

2° Um leve emmagrecimento não é contrario á operação.

3° Mas não se deve operar quando existem signaes evidentes de cachexia cancerosa, que indiquei na pag. 430,

4° Não se deve tocar nos tumores cuja marcha lenta poderia ser perturbada pela operação, taes são os scirrhos das pessoas de idade avançada, e os tumores cercados de pequenos caroços de cancro que occupam a espessura da pelle.

Tratamento palliativo. Quando, por um dos motivos que deixei indicados, não se pode fazer operação alguma, é necessario limitar-se a um tratamento palliativo, por meio do qual se abrande a posição do doente, e se acalmem as dôres. Chega-se assim a tornar supportavel a existencia, que sem estes cuidados seria um doloroso supplicio. Ao fedor e á abundancia do corrimento oppôr-se-ha a applicação do iodoformio e de fios molhados em phenol Bobœuf, na agua phenica, ou no coaltar saponinado Le Beuf ; a dôr será combatida pelas preparações opiadas interna e externamente; para reprimir as hemorrhagias, convem empregar os meios variados : compressão com fios molhados na solução de perchlorureto de ferro, ou com chapas de isca, pó de extracto de ratanhia ou de tannino. Para modificar a superficie da ulcera e diminuir a secreção ichorosa, serve a applicação de fios molhados na solução de chlorureto de zinco (1 gramma de chlorureto de zinco, para 100 gram. d'agua). Para sustentar as forças, é necessario fazer uso de alimentação restauradora : carne assada, mingáos de tapioca, caldos substanciaes, geleas animaes e vegetaes, vinho do Porto, da Madeira, vinho de quina, elixir alimenticio Ducro, vinho de Baudon, vinho de quinium Labarraque oleo nutrimentivo de Dethan, preparações de peptona de Catillon; pó de carne de Trouette-Perret e vinho de glycerina e quina de Catillon, etc.

Cancro das amygdalas. É extremamente raro; mostra-se ordinariamente sob a forma de cancro encephaloide. É caracterizado pela difficuldade da deglutição e da palavra, produzida por um tumor volumoso, desigual, duro, ás vezes ulcerado, sangrento, situado entre os pilares do veo do paladar.

O *tratamento* consiste em extrahir o tumor, e empregar depois os gargarejos com acido phenico.

Cancro do baço. O cancro não se observa senão raras vezes no baço. Em quasi todos os casos descriptos, o cancro não invadio primitivamente o baço, mas juntou-se a um cancro do figado, ou do estomago. Os grandes tumores cancerosos podem communicar ao baço uma apparencia desigual e resaltada. Attendida á grande raridade dos cancros do baço, deve-se, cada vez que se trata determinar a naturcza de um

tumor no lado esquerdo do ventre; pensar em ultimo logar de uma degenerescencia cancerosa.

O *tratamento* é simplesmente palliativo: cataplasmas de linhaça regadas com laudano, emplasto de cicuta na região do baço, fricções com balsamo tranquillo.

Cancro dos beiços. *Veja-se* Beiços, Vol. I, pag. 306.

Cancro de cerebro. *Symptomas.* Vista dupla, ás vezes gota serena, entorpecimentos da pelle, paralysias parciaes, progressivas, do rosto, dos braços e das pernas, dôres rheumaticas em certos pontos, que persistem durante muitos annos, indicam um tumor do cerebro provavelmente de natureza cancerosa. Congestões cerebraes com accidentes epileptiformes, a perda gradual da memoria e da razão, acompanham o cancro do cerebro.

Tratamento. Nada se póde fazer para curar o cancro do cerebro; são só necessarios medicamentos palliativos para acalmar as dôres e sustentar as forças.

Cancro da conjunctiva. Além dos cancros do olho que invadem secundariamente a conjunctiva, esta membrana é ás vezes affectada de cancro medullar, fibro-plastico, gelatiniforme melanico.

Os cancros da conjunctiva desenvolvem-se rapidamente, raras vezes são pediculados, sangram facilmente, salvo o cancro melanico, produzem a perda da vista, propagam-se ás partes vizinhas.

Tratamento. Deve-se tirar o cancro quanto antes; tira-se com bisturí ou tesoura curva. Sobrevindo hemorrhagia, cauteriza-se com pedra infernal ou perchlorureto de ferro. Quando a vista está inteiramente perdida, é melhor extrahir a parte anterior do olho do que fazer a operação incompleta.

Cancro do estomago. *Veja-se* Estomago.

Cancro do figado. *Symptomas.* Noda ha de mais variavel do que as perturbações locaes e geraes produzidas pelo desenvolvimento das massas cancerosas no figado; eis-aqui as que se observam no maior numero dos casos. Os doentes perdem o appetite, as suas digestões são difficultosas, acompanhadas do desenvolvimento consideravel de gaz; sentem um incommodo, um peso na bocca do estomago ou no hypochondrio direito; ás vezes quixam-se de dôres violentas n'essas regiões; quasi todos tem enjôos e vomitos, quer com intervallos aproximados, quer de longe em longe. Os vomitos, raras vezes sanguinolentos ou escuros, são formados de materias alimentares, de muco e de bilis. Os doentes são atacados de ictericia ás vezes no principio, ordinariamente no periodo adiantado da molestia. Estando o figado quasi sempre augmentado de volume, sente-se no hypochondrio direito um tumor; sobrevem, no fim, um derramamento de serosidade no ventre.

O cancro do figado modifica mui cedo a nutrição; os doentes perdem a corpulencia e as forças. Quasi todos se queixam de oppressão do peito; muitos tem palpitações.

Tratamento. O tratamento do cancro do figado é essencialmente emolliente e calmante. Não ha melhor remedio do que o regimen;

as comidas serão frequentes, mas pouco abundantes; os alimentos serão leves; carne de vacca, gallinha, peixe, hortaliças, fructos, ovos. Se os doentes podem supportar leite, é o alimento mais conveniente de que possam fazer uso.

Entre os medicamentos os que convem são : o bicarbonato de soda e o extracto de cicuta; eis-aqui as receitas :

Bicarbonato de soda..... 15 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar 1 papel, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria.

Extracto de cicuta..... 1 gramma.

Faça 20 pilulas. Para tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

Sobre o lado direito do ventre, é preciso fazer fricções com pomada de hydriodato de potassa.

Cancro dos intestinos. A degenerescencia occupa uma extensão variavel em comprimento; póde invadir toda a circumferencia do intestino, ou só uma parte d'elle.

Symptomas. Se o cancro é pouco intenso, e se não diminuio muito o calibre do intestino, produz pouca perturbação e póde passar desapercebido. Todavia, no maior numero dos casos, existem colicas, alternativas de diarrhea e de prisão do ventre, uma dôr mais ou menos fixa; apalpando o ventre descobre-se muitas vezes um tumor duro, doloroso á pressão, e mais ou menos movel. Se o cancro estreitou sensivelmente o diametro do intestino, apparecem symptomas que se observam quando existe um obstaculo ao curso das materias fecaes; e se a obliteração é completa sobrevem vomitos dos alimentos mal digeridos ou de materias fecaes. Sobrevem ao mesmo tempo, todos os symptomas de cachexia cancerosa..

O *tratamento* é o mesmo que o do cancro do estomago. *Veja-se* ESTOMAGO.

Cancro da lingua. Encontram-se sobre a lingua cancros encephaloides e cancroides.

Os *cancros encephaloides* são constituidos por massas duras, multilobadas, reunidas ou separadas, de consistencia fungosa; transformam-se em ulceras, que distillam liquidos de cheiro fetido; são acompanhados de engurgitamentos glandulares no pescoço. Produzem dôres mui vivas, que são seguidas de côr amarellada da pelle e de outros symptomas de cachexia cancerosa.

Os *cancroides* desenvolvem-se em geral na ponta ou sobre as margens da lingua. Constituidos, primeiro, por um botão indolente, crescem pouco a pouco, ulceram-se sem produzir liquidos tão fetidos como o cancro encephaloide. A saude geral conserva-se boa durante muito tempo.

Alguns cancroides mostram-se sob a fórma de vegetações, mas esta fórma é mui rara; existe na parte anterior da lingua e é acompanhada de induração. Póde-se suspeitar o cancroide, quando não existem ulcerações syphiliticas na lingua.

N'este caso para se ter certeza da natureza da molestia, administra-se o iodureto de potassio, na dóse de 3 a 6 grammas, durante quinze dias. Se fôr cancro, a lesão não melhora. N'estas circumstancias, nunca se deve administrar mercurio, porque se a molestia é cancerosa, ella se aggrava com o tratamento mercurial.

Tratamento. Curam-se os cancros da lingua pela cauterização com massa de chlorureto de zinco ou outros causticos, e pela excisão. Antes de proceder a uma d'estas operações é preciso interrogar o doente sobre as suas antecedencias, para saber se as ulceras da lingua não são syphiliticas, porque podem confundir-se com as cancerosas; para este fim cumpre indagar se não existem outros symptomas syphiliticos, se a syphilis de que o enfermo podia ter sido precedentemente affectado, foi bem tratada. Existindo a menor suspeita, é necessario administrar o mercurio ou o iodureto de potassio, cuja acção será prompta se ha syphilis; o diagnostico será então esclarecido, e a cura assegurada.

Cancro do olho. Affecta sobretudo as crianças. O tumor que forma o olho atacado de cancro póde conter melanose, scirrho ou encephaloide; este é o mais frequente.

Symptomas. O enfermo sente dôres profundas no olho; a claridade torna-se penosa, a vista faz-se mais fraca, depois fica completamente abolida. Nas crianças, que não explicam bem as suas sensações, a cegueira é ás vezes completa, e entretanto os parentes ignoram ainda a existencia do mal. Mas continua a fazer progressos, as dôres augmentam, o olho parece mais volumoso, e as palpebras cobrem-n'o apenas. A côr preta da pupilla é substituida ora pela côr de rosa, ora pela côr amarellada. Este estado da pupilla simula a cataracta; todavia, por um exame attento, vê-se que este effeito é produzido por um tumor amarellado, que se aproximou gradualmente da iris ao mesmo tempo que a pupilla se dilatou e perdeo os seus movimentos.

Quando o cancro attingio a iris, a fórma do olho principia a alterar-se; a côr branca da esclerotica é substituida pela côr de um azul-escuro. Emfim o mal sahe da casca ocular, ora ulcerando a cornea, ora atravessando a esclerotica.

Este tumor de aspecto fungoso faz proemineneia diante do olho; o seu crescimento é rapido, a sua côr ordinariamente de um rubro-escuro; raras vezes a sua consistencia é firme; as mais das vezes deixa-se rasgar com facilidade e deita então muito sangue.

A marcha do cancro é ás vezes inversa da que deixei descripta; n'este caso é um tumor canceroso (as mais das vezes um scirrho) desenvolvido na cavidade da orbita ou sobre as suas paredes, ou no tecido das palpebras, que invade depois o olho.

O unico meio de tratamento é a extirpação do tumor. Os musculos do olho reunem-se depois da cicatrização, e formam um côto que póde executar movimentos, o que é mui favoravel para a applicação de um olho artificial.

Cancro do pulmões. O encephaloide é a producção cancerosa que

se desenvolve quasi exclusivamente nos pulmões. A alteração póde invadir estes orgãos em grande extensão; assim um lobo póde ser inteiramente affectado. Todavia as mais das vezes encontram-se massas arredondadas, enkystadas ou não, em numero mais ou menos consideravel, situadas em desiguaes profundidades e pela maior parte por cima da pleura; seu volume varía desde o de uma avelã até ao de uma laranja. Estas massas podem não affectar senão um só pulmão, mas na metade dos casos invadem os dois orgãos simultaneamente.

Symptomas. Quando o cancro é espalhado sob a fórma de pequenos tumores, não é possivel declarar a natureza da molestia; mesmo no maior numero dos casos a molestia é inteiramente latente. Mas quando adquirio grande desenvolvimento, os enfermos experimentam uma dôr quasi constante no interior do peito. Ao mesmo tempo existe tosse e dyspnéa; a tosse póde ser secca durante todo o tempo da affecção, mas a maior parte dos enfermos rejeitam escarros opacos, puriformes, sanguinolentos. A percussão do peito ao nivel da alteração dá som massiço. Pela auscultação verifica-se o enfraquecimento do murmurio vesicular, este póde mesmo desapparecer completamente e ser substituido por um sopro mais ou menos estrondoso e bronchico. Os doentes affectados de cancro dos pulmões, emmagrecem, decahem rapidamente; a sua tez torna-se amarellada como em todas as cachexias cancerosas.

Tratamento. O tratamento consiste em sustentar o doente por uma alimentação moderada; acalmar a dôr e a tosse com xarope diacodio, xarope de chloral de Follet, infusão de flores de malvas e xarope de balsamo de Tolú.

Cancro do recto. O cancro póde encontrar-se em todos os pontos do intestino recto, todavia observa-se mais frequentemente nas extremidades d'este intestino, ora na extremidade superior, ora na extremidade anal. Todas as fórmas do cancro foram observadas no recto, o scirrho, o encephaloide, o colloide ou gelatiniforme, e o cancroide. Este ultimo é o mais frequente; principia por um pequeno tumor indolente, que augmenta, torna-se em ulcera, e acaba por invadir os tecidos vizinhos. Os tumores encephaloides são volumosos. Os tumores scirrhosos confundem-se muitas vezes com os estreitamentos do recto. Infiltram-se ás vezes de materias gelatiniformes e constituem o cancro colloide.

O cancro do recto é caracterizado pelo estreitamento d'este intestino; quanto mais é extenso, tanto mais o estreitamento é consideravel.

Symptomas. O cancro do recto determina desordens funccionaes identicas ás que caracterizam os estreitamentos do recto.

Os doentes experimentam a principio, peso e incommodo no anus; mais tarde as dôres tornam-se mais vivas; todavia ellas faltam ás vezes completamente. Com o progresso da molestia sobrevem accidentes mais serios taes como: difficuldade de obrar, prisão de ventre rebelde; depois de repente apparece diarrhea mui abundante que enfraquece consideravelmente os doentes; as materias são tintas de sangue. No periodo da ulceração, observa-se corrimento de sangue, sahida de materia cancerosa, depois incontinencia de materias quer em consequencia

da ulceração, quer porque a degenereseencia invadio e alargou o musculo sphincter. Quando o tumor canceroso faz proeminencia no exterior, forma uma especie de supplemento ao intestino.

A retenção das materias pode durar ás vezes dez, vinte, trinta dias e mais; então o ventre torna-se inchado e mui doloroso; apparecem symptomas do estrangulamento interno: anxiedade extrema, nauseas, vomitos, soluços. N'estas circumstancias, se as evacuações não se estabelecem pelo anus, a morte póde sobrevir em consequencia da ruptura do intestino.

Quando o cancro occupa a margem do anus, póde-se verificar a sua disposição pela inspecção directa; mas se é interior, é preciso introduzir o dedo. Sentem-se no interior do recto tumores de consistencia variavel.

As hemorrhoidas complicadas de fraqueza podem ser confundidas com o cancro do recto; mas os tumores hermorrhoidaes são elasticos, reductiveis pela compressão, tornam-se turgentes, murcham em certas épocas, O cancro forma tumores duros, desiguaes, irreductiveis; logo que se tornou em ulcera, é mui friavel. Das hemorrhoidas escorre mais sangue do que ichor fetido. O cancro do recto produz emmagrecimento, pallidez, côr amarellada da pelle, a febre e todos os symptomas de cachexia cancerosa.

Tratamento. Os cancros do recto não podem desapparecer senão por meio de operações que são: a cauterização, a ligadura e a excisão.

Quando não se póde empregar alguma d'estas operações, é forçoso limitar-se a um tratamento palliativo. Cumpre fazer lavatorios frequentes com agua phenica, ou com agua hemostatica Royer: ou com solução de permanganato de potassa, 2 grammas para 250 grammas d'agua; ou com solução de chlorato de potassa, 4 grammas d'agua, e clysteres regulares com agua hemostatica de Royer, que, n'este caso, se não curam, fazem diminuir as dôres e modificam a natureza e o fetido da suppuração.

Se ha difficuldade na evacuação das materias fecaes, empregue-se a dilatação com mechas de fios de que se augmenta gradualmente o volume. Se ha retenção completa, estabelece-se um anus artificial.

Cancro do seio. O cancro do seio é o mais frequente, e ataca quasi exclusivamente a mulher. Apparece mais habitualmente dos 40 aos 45 annos; antes dos 30 annos é mui raro, e mais raro ainda dos 60 annos para cima. A época critica das mulheres tem grande influencia sobre o desenvolvimento d'elle. Nas mulheres, que desde muito tempo tem tumores no seio sem dôr, na época critica, estes engurgitamentos, augmentam ás vezes de volume subitamente, tornam-se dolorosos, e adquirem todos os caracteres do cancro.

Causas. Nada se sabe de positivo ácerca das eausas occasionaes d'esta molestia; entretanto, a maior parte das mulheres attribuem a sua origem a uma pancada recebida no seio, a um attrito d'este orgão; mas muitas pessoas illudem-se sobre essa causa: ordinariamente o tumor existe, mas não se reconheee senão pelo effeito de uma violencia exterior, que obriga a doente a levar a mão a essa

região. Muitas mulheres attribuem estes caroços ao leite derramado durante a amammetação; ora, pelas observações que se tem feito, ha mais casos d'esta molestia nas mulheres solteiras do que nas casadas, e, se a lactação tivesse alguma influencia sobre o desenvolvimento do cancro, deveria acontecer o contrario. Devemos acreditar que o scirrho desenvolve-se em consequencia de causas que não são conhecidas; quando é possivel assignalar-se alguma circumstancia á qual se possa de uma maneira plausivel attribuir a sua apparição, não se deve perder de vista que, sem a predisposição, essa causa ficaria sem effeito, pois que todos os dias as mulheres recebem sobre o seio pancadas mais ou menos violentas, sem que d'isso lhes provenham cancros.

Symptomas. O cancro mostra-se no seio debaixo de duas fórmas principaes, o *scirrho* e o *encephaloide*. O scirrho é o mais frequente.

As mais das vezes as doentes não descobrem a sua molestia senão por acaso, tocando no seio; porque não existe ao principio senão uma pequena dureza que não occasiona dôr. Pouco a pouco o tumor augmenta de volume, perde a sua mobilidade, adhere quer á pelle quer aos tecidos situados atraz d'elle; mais tarde sobrevem dôres, picadas que fatigam as doentes. A dôr, considerada como symptoma caracteristico, falta ás vezes. O bico do peito afunda-se; o tumor faz novos progressos; as dôres são mais frequentes e mais agudas, a pelle que cobre o tumor enrubece, as veias tornam-se mais volumosas e apparentes, o bico do peito cessa de fazer proeminencia em cima da superficie do seio; o peito não efferece mais a fórma redonda, augmenta de volume, é desigual; a pelle que o cobre toma uma côr violacea, livida, incham as glandulas do sobaco. Em um ponto, apparece uma pequena racha que deixa sahir um pouco de liquido roxo, a ulceração augmenta e dá suppuração fetida. Sobrevem depois todos os symptnmas da cachexia cancerosa; a pelle toma côr amarella, os membros incham, suores excessivos se declararam, a doente cahe n'uma fraqueza extrema.

O encephaloide é o cancro que percorre as suas diversas phases com maior rapidez; é n'esta especie que se encontram estas enormes massas fungosas que deitam sangue ao menor toque. O scirrho marcha com mais lentidão; ás vezes mesmo dura muitos annos, sem que a constituição seja alterada.

Diagnostico. Os tumores que podem apparecer no seio e simular o cancro são:

1° *Tumefacção*. Na época das regras, ás vezes um seio torna-se mais volumoso e mais sensivel do que o outro; se a menstruação experimenta algum desarranjo, o engurgitamento augmenta, e apparecem uma ou mais indurações. Esta tumefacção póde persistir muito tempo e dar bastante cuidado: a regularização das funcções menstruaes é sufficiente para dissipal-a.

A palpação e os toques intempestivos, desenvolvem tambem certos engurgitamentes, que desapparecem pelo repouso. Certas mulheres, sujeitas ao rheumatismo, tem ás vezes no seio tumores que se desvanecem quando as articulações se tornam dolorosas.

2° *Tumores fibrosos* ou *adenoides*. A estructura d'estes tumores é semelhante ao tecido do seio; é um producto de nova formação que não tem consequencias graves. Estes tumores são os que podem enganar o mais facilmente. Differem dos tumores cancerosos pela sua elasticidade e grande mobilidade; rolam debaixo do dedo que os comprime. Quasi sempre desenvolvidos depois de alguma violencia sobre o seio, augmentam lentamente e nunca são acompanhados de engurgitamento das glandulas da axilla. Conservam os seus caracteres durante toda a sua existencia. Tem sobretudo muita analogia com o cancro encephaloide. Com effeito este é globoso e tem certa elasticidade; é movel ao principio; mas deslocando-o, deslocam-se tambem os tecidos que arrasta comsigo, entretanto que o tumor fibroso escorrega entre elles. O encephaloide não fica nunca estacionario muitos annos, cresce do lado da pelle, que se apropria e altera. O tumor benigno, isto é, fibroso, fica nos tecidos, sem tendencia para se dirigir n'um sentido mais do que n'um outro. E sempre movel debaixo da pelle; o cancro adhere aos tecidos. O encephaloide, depois de ulcerado, forma tumores fungosos, molles, fluctuantes, que deitam sangue, entretanto que se acontecer, por extraordinario, que o tumor fibroso se ulcere, persiste sempre duro, elastico e sangra mui pouco.

O scirrho, debaixo de todas as fórmas, differe ainda mais do tumor fibroso do que o encephaloide. Querendo deslocal-o, leva comsigo muitos tecidos mais do que o encephaloide, muito mais do que o tumor benigno, porque este é tão movel, escorrega tão facilmente entre os tecidos que parece independente.

3° *Kystos*. Os kystos são frequentemente confundidos com os cancros do seio. A fluctuação no kysto approxima-se da sensação que dá o encephaloide que experimentou um principio de amollecimento; mas a marcha da molestia, o estado da pelle, podem fazer distinguir as duas molestias. Importa lembrar-se tambem que as adherencias do cancro aos tecidos vizinhos são muito mais intimas do que as do kysto.

4° O *engurgitamento chronico* póde tambem enganar. Quando este engurgitamento fôr precedido dos symptomas de inflammação aguda, de um abcesso, ou de suppuração prolongada, será facil conhecer sua benigna natureza; as circumstancias commemorativas tem aqui grande importancia; porém quando o trabalho se effeituou sob a influencia de uma inflammação chronica, não é possivel distinguil-o do scirrho. São as molestias d'este genero, tratadas e curadas pelas bichas, pomadas, compressão, que fizeram acreditar na cura dos cancros por estes differentes modos de tratamento. Este caso entra no numero d'aquelles em que o diagnostico é incerto, e é um dos em que o tratamento poderá fazêl-o esclarecer.

5° Os *tuberculos*, os *tumores cartilaginosos*, *osseos* são extremamente raros, limito-me a mencional-os simplesmente; differem muito do scirrho pelos seus caracteres e pela marcha.

Tratamento. Muitos medicamentos, internos e externos foram aconselhados contra o cancro do seio; indiquei-os descrevendo o cancro em

geral; o cancro do seio, porém, não pode resolver-se; deve ser extirpado por meios cirurgicos.

Entre os meios aconselhados para obter a resolução do cancro do seio, a compressão do tumor gozou de certa voga. Exercia-se por meio de chumaços postos uns sobre os outros, de maneira a formar uma altura cónica, cujo apice correspondia ao tumor, e a base era comprimida pelas ataduras ou pelo collete. Mostrou, porém, a experiencia que este proceder, assim como todos os medicamentos resolventes, não determinam a cura do cancro; que, se debaixo da influencia d'este agente o tumor diminuia de volume, o tecido canceroso não experimentava nenhuma modificação. — O cancro do seio deve ser atacado pelas substancias caustícas ou por instrumento cortante.

O regimen alimentario das pessoas affectadas de cancro, deve ser escolhido entre as substancias leguminosos, e será mais vegetal do que animal. Todas as substancias irritantes, estimulantes, devem ser severamente proscriptas. Além d'isto, as doentes procurarão distracções; a tristeza e o desanimo acceleram os progressos da molestia.

Cancro do testiculo, ou *Sarcocele canceroso.* O cancro do testiculo é formado do tecido *scirrhoso*, ou do tecido *encephaloide.*

Symptomas. A affecção principia por um augmento gradual no volume do testiculo que se torna mais pesado e apresenta ao apalpar um engurgitamento a principio parcial, depois geral. Passado certo tempo, o tumor faz-se molle e o enfermo sente n'elle picadas. A pelle do escroto contrahe adherencias com o testiculo; as veias subcutaneas dilatam-se. O cordão espermatico incha e torna-se mais duro. Mais tarde, a pelle do escroto enrubece e ulcera-se; esta ulceração faz progressos incessantes, e dá ás vezes sahida a um cogumelo que deita espontaneamente uma quantidade de sangue mais ou menos abundante. Então incham as glandulas inguinaes; sobrevem uma alteração na saude geral; perde-se o appetite; a pelle do rosto toma côr amarella de palha; os pés infiltram-se, e o emmagrecimento faz progressos cada dia.

O tumor apresenta em geral o volume do punho; sua fórma é ovoide ou espherica, regular na superficie ou desigual; a sua consistencia é mui firme em alguns casos, mas as mais das vezes, e á medida que a molestia progride, o testiculo amollece de tal maneira, que a compressão do orgão com os dedos dá a sensação de falsa fluctuação; a existencia simultanea de pequena quantidade de liquido na tunica vaginal facilita muito a percepção d'esta sensação enganadora.

Diagnostico. O sarcocele canceroso póde ser confundido com outros tumores do escroto, com a orchite chronica, o hydrocele, o hematocele, o testiculo syphilitico, e os kystos.

A *orchite chronica* differe do cancro do testiculo pela sua marcha lenta, pela consistencia uniforme do tumor, pela ausencia das dôres lancinantes; diminue debaixo da influencia de um tratamento conveniente, entretanto que o cancro faz progressos incessantes. — É facil reconhecer o *hydrocele* pela sua transparencia. — Quando no *hematocele* a tunica vaginal é mui espessa, o diagnostico é difficil, a fluctuação é mui escura

e falta ás vezes; não ha transparencia. Uma punceão exploradora com trocate é ás vezes necessaria: no caso de hematocele esta punceão dá sahida a um liquido sanguinolento abundante; nada sahe ou quasi nada no sareocele canceroso. — O *testiculo syphilitico* é o engurgitamento do testiculo proveniente do virus syphilitico; póde ser confundido com o scirrho. As circumstancias antecedentes elucidam o diagnostico; cancros syphiliticos, vulgo *cavallos* precedem o testiculo syphilitico, que é acompanhado de dôr surda, leve, ás vezes nulla, mas nunca lancinante como no schirro. — Os *kystos* do testiculo são muitas vezes difficeis de distinguir do cancro; a marcha da molestia e a punceão exploradora podem só muitas vezes fazêl-a reconhecer.

Tratamento. A extirpação do tumor é o unico recurso para curar o cancro do testiculo. Mas antes de recorrer a esta extremidade, é preciso convencer-se bem da natureza cancerosa do tumor, pois que como deixei explicado o sarcocele canceroso póde ser confundido com outros tumores do escroto. Cumpre sempre administrar internamente o mercurio na supposição do testiculo syphilitico; as cataplasmas de linhaça, os semicupios d'agua tepida, as bichas, as fricções com pomada de hydriodato de potassa, os banhos do mar, na supposição de orchite aguda ou chronica.

Cancro do utero. Todas as fórmas do cancro foram observadas no utero; os cancros mais frequentes são o encephaloide e o scirrho; o colloide e o cancroide são mais raros.

Caracteres locaes. O cancro do utero mostra-se primeiro, na immensa maioria dos casos, no collo; o cancro primitivo do corpo do utero é excessivamente raro.

No principio da molestia, o collo augmenta notavelmente de volume; a sua superficie é desigual, dura em certos pontos, molle em outros. Mais tarde, observam-se ulceras mais ou menos profundas; estas cobrem-se de vegetações mais ou menos salientes, que sangram ao menor contacto; a ulcera propaga-se ao tecido do utero; suas margens são espessas, duras, callosas; a superficie ulcerada cobre-se ás vezes de uma camada polposa mais ou menos espessa.

Causas. A causa do cancro do utero não é conhecida: esta molestia depende de uma predisposição particular da economia. As senhoras que tiveram frequentes causas de pezar, as que não fazem exercicio, são mais frequentemente affectadas de cancro uterino.

Symptomas. Os primeiros symptomas do cancro do utero são muito obscuros. A molestia principia ordinariamente pelo desarranjo na menstruação. Se a mulher é ainda regrada, os menstruos supprimem-se ou tornam-se irregulares, e são substituidos por flores brancas, e depois por frouxos de sangue. Se a mulher passou a idade critica, e se as suas regras cessáram naturalmente, tornam a apparecer sob a fórma de frouxo de sangue ou de flores brancas, mais ou menos abundantes. Manifestam-se então dores semelhantes a picadas de alfinete no utero, nas coxas e cadeiras. Mais tarde, as flores brancas são de cheiro fetido proprio á affecção cancerosa; a pelle toma côr amarellada, e declara-se a febre.

A doente tem fastio e perde as forcas. Mas a maior parte d'estes

signaes pertencem tambem á inflammação chronica do utero; e, por isso, só o medico explorando o utero com o dedo, ou melhor ainda com o instrumento chamado *especulo*, póde julgar do estado do orgão.

A duração do cancro do utero varía muito; ás vezes conserva-se scirrhoso, indolente por muitos annos; outras vezes, sua ulceração produz resultados graves no espaço de alguns mezes.

Diagnostico. O cancro do utero póde ser confundido com outras affecções d'este orgão:

1° A molestia que se parece o mais com o cancro do utero no primeiro periodo é a metrite chronica. Eis-aqui os caracteres distinctivos entre as duas molestias: No cancro apparecem sempre frouxos de sangue mais ou menos abundantes a principio; na metrite chronica, a menstruação póde ser difficil, mas não ha metrorrhagias. No cancro, a inchação do collo é irregular, com *elevações desiguaes;* na metrite chronica a inchação do collo é regular.

No cancro, a membrana mucosa apresenta côr livida, na metrite é vermelha. No cancro ha um corrimento ichoroso, sanguinolento, fetido; na metrite, ha um fluxo muco-purulento, sem cheiro repugnante. No cancro apparecem promptamente os phenomenos da *cachexia cancerosa;* na metrite chronica, póde haver emmagrecimento e fraqueza, mas nunca cachexia.

2° O cancro ulcerado póde ser confundido com a ulcera inflammatoria do collo do utero. No cancro a ulcera é profunda, de margens duras e elevadas; a ulcera inflammatoria é superficial de margens pouco elevadas e molles. A ulcera cancerosa fornece uma suppuração ichorosa, fetida, descança sobre os tecidos duros ou amollecidos; a ulcera inflammatoria fornece em geral uma suppuração de boa natureza, despida de cheiro, e descança sobre tecidos que conserváram a sua consistencia. Emfim, a marcha invasora da ulcera cancerosa, as perturbações geraes graves que são a sua consequencia, permittirão ainda distinguil-a das ulceras inflammatorias.

3° Os *polypos* podem ser tomados por cancros; occasionam ás vezes hemorrhagias, mas a marcha da molestia é mui differente. Esta affecção não altera a saude geral tão profundamente como o cancro; póde conhecer-se facilmente por meio do dedo ou do especulo.

Tratamento. Para obter a cura radical do cancro uterino, emprega-se a cauterização ou excisão do collo do utero. A cauterizaçãopratica-se com massa de chlorureto de zinco, ou com massa de Vienna.

Todas as vezes que se julgar conveniente não emprehender a cura radical do cancro uterino, será preciso combater os symptomas que o acompanham.

Para combater as dôres, empreguem-se os semicupios d'agua tepida, de decocção de folhas de malva ou de estramonio, e injecções com os mesmos liquidos; internamente as pilulas seguintes:

Extracto de cicuta.....	120	centigrammas.
— de opio.....	120	

Faça 48 pilulas. Para tomar uma a duas pilulas por dia.

Se a molestia é acompanhada de hemorrhagia, façam-se na vagina as injecções seguintes :

Perchlorureto de ferro liquido a 30°.....	30	grammas.
Agua tepida.....	1000	—

Misture.

Contra o máo cheiro do ichor canceroso, empreguem-se as injecções seguintes :

Agua tepida.....	500	grammas.
Coaltar saponinado Le Beuf.....	30	—

Misture.

CANCRO VENEREO. *Veja-se* CAVALLO.

CANCROIDE, CANCRO VERRUGOSO, CANCRO DOS LIMPADORES DE CHAMINÉS, EPITHELIOMA ou *Noli me tangere*. Estes nomes são dados a tumores formados de elementos analogos aos de epithelio normal (cuticula que cobre as membranas mucosas).

Estes tumores encontram-se nos beiços, na lingua, no rosto, no escroto, no anus no collo do utero, etc., mais particularmente nas regiões do corpo em que a pelle se continua com alguma membrana mucosa.

Submettendo os tumores cancroidaes ao exame microscopico, acha-se que são formados pelas papillas da pelle hypertrophiadas e cercadas de camadas concentricas de epiderme ; no interior das papillas distribuem-se os vasos sanguineos. No periodo da ulceração do tumor, encontram-se ainda no fundo da ulcera eminencias papillares.

Causas. As circumstancias que dão logar ao desenvolvimento de cancroide são difficeis de indicar; tudo o que se póde dizer é, que se reconhecem ao cancroide mais frequentemente do que ao cancro, por causas determinantes, attritos, pancadas e outras irritações.

Symptomas. O cancroide principia geralmente pela proeminencia da pelle em fórma de verruga ; na superficie d'este pequeno tumor formam-se escamas que o doente arranca, ou que cahem espontaneamente para serem logo substituidas por outras escamas. Ao cabo de certo tempo a verruga racha-se, ou, então, augmenta de volume, torna-se rubra, desigual e lobulada. Os doentes experimentam ali comichões que os levam a coçar-se ; formam-se na superficie da producção morbida crostas de pus e de epiderme, que cahem de tempo em tempo para reapparecerem de novo. Debaixo d'estas crostas, descobre-se uma superficie excoriada, vermelha, que é a verdadeira ulceração.

As *ulcerações cancroidaes* apresentam-se com superficie desigual, coberta de granulações semelhantes ás da polpa do figo, fornecendo um liquido pouco grosso. A sua marcha é de ordinario lenta, ás vezes mesmo a ulcera fica estacionaria ; em geral occupa maior extensão em largura do que em profundidade ; póde, todavia, propagar-se aos tecidos subjacentes e destruir os musculos, as cartilagens e os ossos. Não ha engurgitamento dos ganglios lymphaticos vizinhos como no cancro. O cancroide não produz infecção geral da economia como o cancro.

Diagnostico. As ulceras cancroidaes podem ser confundidas com ulceras syphiliticas; este erro póde ser sobretudo commettido com as ulceras do anus e dos orgãos genitaes. As ulceras syphiliticas distinguem-se das ulceras cancroidaes, pela fórma arredondada, base dura, pelas circumstancias commemorativas. Nos casos duvidosos, um tratamento explorador, pelas preparações mercuriaes, tira a duvida.

Tratamento. O cancroide é uma affecção menos grave do que o cancro. Sára muitas vezes depois de uma ou mais operações. Póde ser atacado pelas substancias causticas ou pelo bisturí; preferem-se aquellas quando a affecção não é mui profunda; a excisão é preferivel quando a ulcera invadio grande espessura de tecidos. Emprega-se geralmente a massa caustica de Canquoin, que é a mistura de chlorureto de zinco com farinha de trigo. Corta-se esta massa segundo a fórma da escara que se quer obter, e applica-se sobre a parte posta a nú. A escara cahe do oitavo ao decimo dia; é branca, dura e espessa. A ferida cura-se depois com ceroto simples. O emprego de leite de Avellós dá excellentes resultados (*Veja-se*, AVELLÓS).

CANELLA. Dá-se este nome á casca da canelleira, *Laurus cinnamomum*, Linneo, arvore da familia das Laurineas, que habita as regiões quentes do globo, Java, Borneo, Sumatra, Cochinchina, e sobretudo na ilha de Ceylão. A sua cultura foi tambem introduzida nas ilhas de França e de Bourdon, nas Antilhas, Guiana, e no Brazil, sobretudo na provincia do Amazonas (fig. 129). Quando a arvore tem 3 annos, cortam-se todos os ramos novos e raspa-se a casca exterior, depois fendese a segunda casca, despega-se do lenho, e os pequenos tubos que resultam d'esta operação mettem-se uns dentro dos outros, e expõem-se ao sol para seccarem. A canella goza de propriedades estimulantes e tonicas, e serve para provocar o fluxo *mensal* nas mulheres debeis. Uma mistura de 1 gramma de canella em pó com 40 centigrammas de rhuibarbo, tomada antes do jantar, facilita a digestão. A canella é um tempero mui usado na arte culinaria e nas confeitarias; os perfumistas consomem tambem grande quantidade do oleo volatil que se extrahe d'esta casca, para aromatizar o sabão e os cosmeticos. Por seu gosto agradavel, é empregada na pharmacia como correctivo de grande numero de preparações.

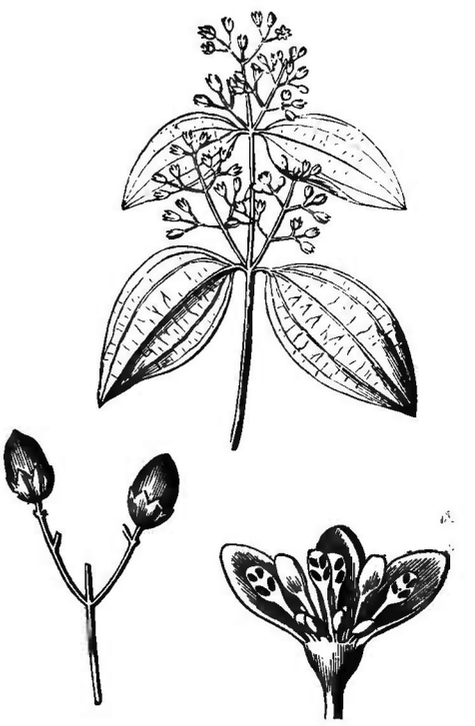


Fig. 129. — Canelleira.

Canella branca. Casca proveniente da *Canella alba*, Murray, Guttiferas, arvore das Antilhas e sobretudo da Jamaica. Apresenta-se em pedaços de 1 2 metro a 1 metro de comprimento, de 15 a 40 millimetros de diametro, e de 2 a 5 millimetros de espessura, despidos de epiderme, amarellados no exterior, brancos interiormente, de sabor amargo, aromatico e picante; cheiro agradavel semelhante ao do cravo misturado com o de noz moscada; seu pó é branco; dá um oleo volatil pela distillação.

Canella de cheiro. *Oreodaphne opifera*, Martius, Laurineas. Arvore do Brazil, habita no Pará e Amazonas. Tem folhas grandes, oblongas, acuminadas, cheias de glandulas na face superior, brancas e reticuladas na face inferior, flores dispostas em paniculas axillares; fructo, baga oval obtusa ligeiramente pontuda e lisa, metade submersa em uma cupola truncada e um pouco rugosa por fóra; pericarpo tenue, de cheiro aromatico e nauseabundo. Na barra do Rio Negro prepara-se, distillando os fructos, um oleo essencial, de côr amarella-vinhosa, de cheiro comparavel á mistura de oleo de limão e oleo de alecrim, de sabor aromatico acre. Este oleo é usado simples, ou misturado com oleo de amendoas doces ou banha de porco, em fricções nas dôres rheumaticas.

Canella preta. *Nectandra mollis,* Nees. Laurineas. Arvore do Brazil; habita as provincias do Rio de Janeiro e de Minas. Tem ramos angulosos, folhas oblongas, acuminadas, base estreita e quasi cordiforme, flores dispostas em paniculas terminaes, tudo coberto de tomento côr de ferrugem. As folhas são aromaticas; usam-se em infusão como emmenagogas e estomachicas.

CANELLADA. Pancada sobre o osso da perna chamado vulgarmente *canella da perna*. O resultado de uma canellada é a contusão ou ferida contusa. Convem durante as primeiras cinco ou seis horas applicar pannos molhados em agua fria; depois d'este tempo, se existir ferida, será preciso cural-a com panno untado de ceroto; se não houver ferida, mas só uma simples contusão, será necessario recorrer ás fricções com aguardente camphorada. *Veja-se* CONTUSÃO, FERIDA CONTUSA.

CANGABA. *Veja-se* MANACÁ.

CANGICA. Milho quebrado e sem casca, fervido em agua até amollecer, e adoçado com assucar. É um alimento mui nutritivo, que se torna muito agradavel juntando-se-lhe leite e agua de flores de laranjeira.

CANHAMO. *Cannabis sativa*, L. Urticeas. Planta cultivada em muitos paizes (fig. 130). Tem flores esverdeadas; folhas pecioladas, palmadas com 5 ou 7 segmentos lanceolados e estreitos; as folhas inferiores são oppostas, as superiores alternas; caule de 1 a 2 metros de altura; é mais alto nos individuos femininos do que nos masculinos; as flores *femininas* são em espiga, as flores *masculinas* em cachos. Toda a planta exhala cheiro forte e viroso, que produz vertigens e cephalalgia.

CANHAMO INDIANO. O canhamo indiano é mais activo que o europeo. Os caules, depois de *cortidos* seccos ao sol, e submettidos ás diversas operações, dão, pela sua casca, filasticas para fazer cordoalha

e lençarias grossas. Estes caules privados da casca servem para fazer mechas para accender fogo, ou fornecem um carvão leve empregado na fabricação da polvora. As sementes ovadas, um tanto chatas de uma a outra parte, servem para o alimento das aves domesticas, e fornecem um oleo empregado para luzes e para o fabrico do sabão preto. As summidades floridas do canhamo indiano chamam-se *haschisch*, e empregam-se no Oriente para diversas preparações que se tomam internamente ou se fumam em cachimbos; produzem effeito narcotico e uma especie de estupôr voluptuoso. *Veja-se* HASCHICH.



Fig. 130. — Canhamo macho.

O *cortimento* é uma operação que consiste em macerar, durante certo numero de dias, o canhamo na agua estagnante, afim de dissolver ou destruir, pela putrefacção, as partes mucilaginosas ou outras, que unem as fibras corticaes entre si e ao lenho. Esta operação communica á agua qualidades maleficas, e as emanações que d'ella se exhalam, podem occasionar molestias graves; pelo que é prohibido estabelecer os cortumes na vizinhança das habitações, e nos rios ou nas aguas que servem de bebida para homens e animaes.

CANICIE. A canicie é a côr branca dos cabellos. É ordinariamente na idade de 35 a 40 annos que o homem principia a encanecer; mas ha exemplos de canicies que sem causas apreciaveis, tem apparecido em jovens de 18 a 20 annos; tem-se tambem visto outros individuos conservarem, até á decrepitude, seus cabellos sem alteração alguma na côr primitiva. As causas da canicie prematura são mui varias. Frequentes pezares produzem de ordinario este resultado. Uma só noite, passada entre as anxiedades da espera do supplicio, tem sido sufficiente para tornar os cabellos todos brancos. Grande numero de molestias, trabalhos excessivos do espirito, e tudo quanto póde occasionar fraqueza extrema, podem tambem determinar esta transformação.

Não ha remedio que possa impedir ou retardar a manifestação prematura da canicie senil. Quanto aos medicamentos propostos contra a canicie propriamente dita, são elles assaz numerosos, e todos destinados a serem applicados externamente.

As preparações que costumam ser anunciadas nos periodicos, para tingir os cabellos brancos, são :

Agua de Java, Agua do Egypto, Agua da Ethiopia, Agua de Hebe. A

base d'estas preparações é a pedra infernal. Tornam os cabellos negros, mas endurecem-n'os, e podem ser nocivas ao tecido cutaneo.

Agua da China. Solução de azotato de prata (pedra infernal) e de azotato de mercurio. Não deixa tambem de ter os seus inconvenientes.

Em geral, todos estes remedios, se são compostos em dóses altas para serem bem activos, tem o inconveniente de endurecer os cabellos e occasionar, ás vezes, dôres de cabeça e irritação da pelle do craneo. Quando, pelo contrario, são mui fracos, não produzem effeito algum. É melhor, por conseguinte, resignar-se a conservar os cabellos brancos, do que expôr-se a accidentes. Mas, se alguem quizer recorrer ás composições para tingir o cabello, deve com preferancia usar das pomadas seguintes:

1° Banha	30 grammas.
Cortiça reduzida a carvão	8 —

Misture.

2° Cera branca	120 gram.	Sebo de Hollanda	90 gram.
Sabão raspado	30 —	Marfim queimado em pó.	120 —

Derrete-se a cera com o sabão e o sebo, tira-se do fogo e ajunta-se-lhe, mexendo, o marfim e 8 grammas de oleo essencial de tomilho ou alguma outra essencia aromatica; continua-se a mexer e vasa-se o liquido ainda quente, em canudos feitos de papel, para formar páos de pomada. — Esta pomada é para se correr sobre o cabello, que pela idade ou por outra qualquer causa, tenha perdido a côr natural; depois do que, com um papel pardo mui brando, esfrega-se o cabello, o qual fica assim preto por alguns dias, sem causar damno á saude.

Todos estes meios são palliativos; mas ha casos de canicie em que se póde esperar que nasçam os cabellos com mais côr. Taes são, por exemplo, certas canicies de nascença, quando o individuo é mui joven, e as que succedem depois das empigens ou da tinha. Tanto em umas como em outras, mas principalmente nas ultimas, consegue-se ás vezes um feliz exito, fazendo rapar a cabeça de quinze em quinze dias, por espaço de seis mezes ou de um anno.

CANJERANA. *Cabralia canjerana*, Martius. Arvore do Brazil, da familia das Meliaceas. Bella madeira para construcção. Tem as cascas impregnadas de um succo leitoso, que é purgativo e vomitivo, na dóse de 10 a 20 gottas.

CANNA DE ASSUCAR. *Saccharum officinarum*, Linneo. Gramineas (fig. 131). Planta das mais uteis e preciosas que o homem possue. Tem 2 metros 60 cent. a 4 metros de altura, ás vezes 8 a 10 metros, sobre 13 a 55 millimetros de diametro; é cheia de um amago abundante e assucarado. A canna é originaria da India, d'onde no seculo XIII foi transportada para a Arabia, e depois para Chypre e Silicia. Foi mandada d'este ultimo paiz para a ilha da Madeira, e de lá propagou-se por todas as regiões da America. Todos sabem que d'esta planta se obtem o assucar. O caldo de canna fermentado e distillado dá um liquido alcoolico, aguardente de canna, vulgo *cachaça*. O rhum é um liquido alcoolico que se

parece com a cachaça, mas que é mais delicado, e de um gosto particular; prepara-se tambem com a canna de assucar. A canna cozida em agua constitue uma bebida peitoral boa para a tosse.

CANNA DO BREJO, CANNA DE MACACO, CANNA DO MATTO, PÁCO-CAATINGA, PERINÁ, UBACAYA. *Costus pisonis*, Lindl. Planta do Brazil, da familia das Zingiberaceas. Caule cylindrico, cheio de um succo acidulo, folhas oblongas, acuminadas, carnosas e glabras; flores bracteadas, reunidas na parte superior do caule; fructo, capsula coroada pelos dentes do calice. O seu cozimento é empregado em bebida e injecções contra a leucorrhea, na dóse de 30 grammas para 500 grammas d'agua. *Succo espresso*, 30 a 60 grammas internamente.

O *Costus spicatus*, Swartz (Rio de Janeiro); *Costus cylindricus*, Jacq.; *Costus Anachiri*, Jacq (Pará,, Rio Negro), gozam das mesmas propriedades.

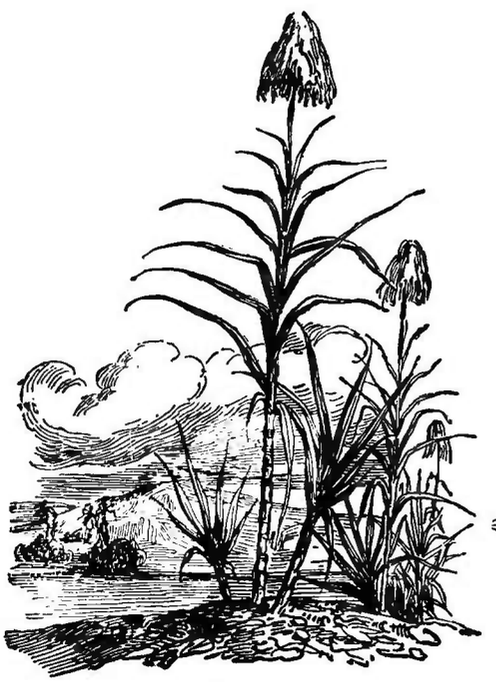


Fig. 131. — Canna de assucar.

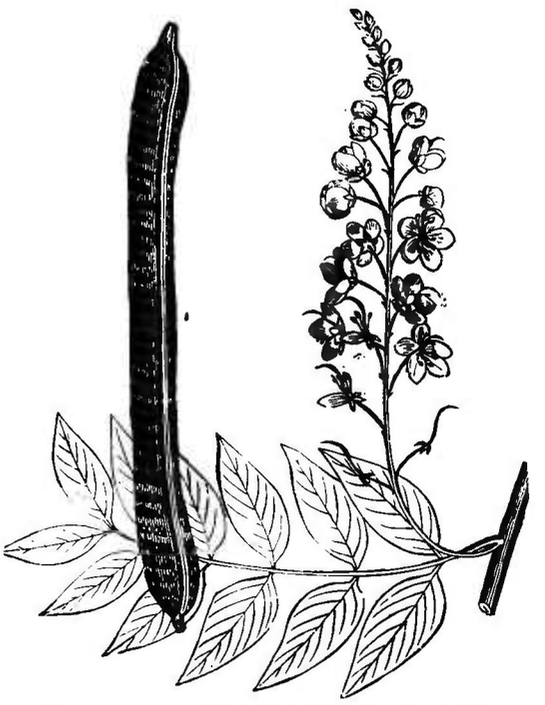


Fig. 132. — Canna fistula (*Cassia fistula.* L).

CANNAFISTULA. *Cassia fistula*, Linneo. Grande e bella arvore da familia das Leguminosas, qne habita no Brazil, India, Cochinchina, Egypto, Arabia, etc. (fig. 132). As suas folhas são formadas de 4 a 6 pares de foliolos ovaes, sub-acuminados e glabros; as flores são dispostas em racimos, e compõem-se de um calice com 5 divisões, de uma corolla de 5 petalas amarellas e desiguaes. O fructo é uma vagem do comprimento de 15 a 50 cent., e de 25 millimetros de diametro. Esta vagem é roxa e lisa, formada de duas valvas não dehiscentes, isto é, que não se abrem espontaneamente na época da madureza do fructo, reunidas por duas suturas longitudinaes; apresenta no seu interior grande numero de cavi-

dades formadas por laminas transversaes solidas, e contendo polpa preta, doce, assim como uma semente horizontal, elyptica, rubra, lisa, achatada e bastante dura. A polpa é um brando laxante, na dóse de 30 a 60 grammas; usa-se *limpa*, isto é, tirada das vagens, e passada por peneira de cabello. Esta polpa, assim preparada, dilue-se em agua a ferver; côa-se depois o liquido, e bebe-se ás chicaras.

Existem no Brazil mais outras variedades da cannafistula, cuja polpa é igualmente laxativa; são: *Cassia brasiliana*, Lamarck, *Cassia sclerocarpa; Cassia medica*, Velloso. A casca d'estas arvores é adstringente, e usada nas provincias de S. Paulo e Minas para o cortume dos couros. A madeira é leve, de tecido frouxo, mui porosa e procurada para rodapés, caixilhos, ornatos de portas, e outras applicações menos importantes nas obras internas; não resiste á humidade, e por isso não serve para as obras expostas ao ar livre.

CANNAS DE SENHORIM. V *Felgueiras*.

CANAVEILLES. França. Aguas sulfureas sodicas, desulfureas alcalinas. Temperatura 23° a 64°. Doze fontes. Sulfureto de sodio, chlorureto de sodio, carbonatos, phosphatos, materia organica. As aguas de Canaveilles empregam-se em bebida, banhos, duchas, vapores, inhalações e pulverisações. Usam-se no rheumatismo, na sciatica, gota, affecções nervosas catarrho vesical, areias, molestias da pelle, catarrhos pulmonares, accidentes syphiliticos, molestias das mulheres.

CANAVEZES. Portugal; Douro. Sulfurosas quentes, 34° a 35°. Em um monte sobranceiro ao rio Tamega, proximo á villa de Canavezes.

CANTHARIDA. Cantharida das pharmacias. Insecto de 14 a 22 millometros de comprido, de côr verde, de cheiro penetrante e desagradavel. Apanha-se principalmente na Hespanha e Italia, sobre os freixos, lilazes e salgueiros. Ha muitas especies de cantharidas de que algumas existem no Brazil.

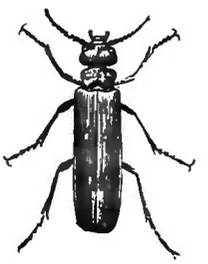


Fig. 133. — Cantharida officinal.

A cantharida indicada na (fig. 133) é a que se emprega na medicina, nas pharmacias, *Meloe vesicatorius*, Linneo.

A cantharida é ao mesmo tempo um medicamento energico e um veneno violento. O principio activo que ella contem é uma substancia crystallisavel, a cantharidina, que é muito vesicante; applicada sobre a pelle, faz bolhas. Em razão de suas propriedades irritantes, empregam-n'a em muitas preparações entre as quaes citaremos: a tintura de cantharidas, o extracto ethereo, o emplastro vesicatorio, as moscas de Milão, a pomada epispastica, o vesicatorio Bidet, etc.

Applicado sobre a pelle, o pó de cantharidas produz um levantamento da epiderme em baixo da qual se forma uma serosidade amarella, fibrinosa, que cobre o derme, que fica irritado e em carne viva. Esta acção tem logar dentro de cinco a dez horas. O mesmo effeito se produz mais rapido e mais energico, quando applica-se a cantharida sobre as mucosas.

Administrado internamente e em fracas dóses, a cantharida dá sêde, dôres de estomago, fraqueza, vertigens, vontade de urinar, dôres vesicaes acompanhadas de erecções penosas e prolongadas. É esta propriedade

a causa por que receitavam a cantharida como aphrodisiaco; mas são tão grandes os perigos que d'isso resulta que ella deve ser rejeitada energicamente. Ora, em altas dóses, os individuos são acommettidos de delirio, prostração, convulsões, diarrhea de sangue, cystite, nephrite, accidentes estes que se terminam pela morte do individuo. A acção da cantharida sobre os rins e a bexiga é tão manifesta que ella se declara mesmo após a applicação de um simples vesicatorio.

Internamente, costuma-se administrar a tintura alcoolica de cantharida na dóse de cinco a vinte gottas. Maior quantidade pode occasionar accidentes mui graves.

Mas um abuso bem pernicioso, e sobre o qual devo chamar a attenção do publico, é o emprego das cantharidas como *aphrodisiaco*. (V. esta palavra.) Para despertar nos velhos um appetite venereo extincto pela idade, para vigorar nos jovens libertinos as forças cansadas pelo abuso dos prazeres, com o intuito, mais infernal ainda, de inspirar á innocencia impudicos desejos, alguns infames ousáram administrar cantharidas, quer em pó, quer em confeitos, chamados aphrodisiacos, preparados com estas substancias. Depois da excitação passageira, e do vigor facticio que se obtem ás vezes com o soccorro d'este meio fatal, succede logo um ardor mui doloroso do estomago, e sobretudo da bexiga, grande difficuldade de ourinar, uma febre violenta, vomitos frequentes, dejecções alvinas copiosas, um delirio erotico, e ás vezes a morte, como o tem provado alguns exemplos funestos.

Em caso de envenenamento pelas cantharidas, deve-se administrar o opio e os estimulantes diffusiveis. Dar-se-ha a beber preparações opiaceas, extracto thebaico e morphina em fortes dóses (20 a 30 centigrammas de extracto de opio); o alcool tambem muito aproveita em taes casos, e pode se fazer absorver grande quantidade d'elle, sem que se tenha a receiar a embriaquez.

DIVERSAS ESPECIES DE CANTHARIDAS. A cantharida que deixei descripta é a officinal ou das boticas; mas contam-se mais de 38 especies de cantharidas. Além d'isso, não é o unico insecto que goze da propriedade vesicante; ha muitos outros coleopteros que tambem a possuem, e podem, em certas circumstancias ser empregados como succedaneos.

Cantharida do Brazil. *Lytta atomaria*, Germ.; *Tetraonyx tigridipennis*, Dejean. (?) Insecto do comprimento de 8 a 16 millimetros; tem todo o corpo coberto de uma felpa curta, branca-acinzentada; apresenta no corpo discos pretos; antennas negras; thoracete arredondado; ventre um tanto engrossado para a parte posterior. Apparece desde dezembro até fins de março, nas folhas do carurú, das pimenteiras, das batatas. Quando o apanham, verte pelas juntas um liquido oleaginoso e vesicante. Não tem cheiro quando está vivo; depois de morto, exhala um cheiro particular.

CANTORES. As molestias mais fequentes aos cantores são rouquidão, falta de voz, esquinencia, defluxos, escarros mucosos, e ás vezes escarros sanguinolentos. Uma bella voz não é sufficiente para constituir um bom cantor : é necessario ter um peito largo e forte,

depois do orgão da musica e do da voz. As pessoas dc peito fraco não se devem dar ao exercicio do canto; muitos cantorcs morrem tisicos. Assim, logo que o peito fôr ameaçado de alguma molestia grave, e logo que se declarar tosse secca e emmagrecimento, devem os cantores abandonar a sua profissão.

Alguns cantores antes de entrar em scena costumam comer anchovas salgadas (*anchois*, em francez), porque julga-se vulgarmente quc estcs peixes fortificam o orgão da voz, e tornam esta mais clara e mais sonora. É verdade; porém este resultado não depende das anchovas, mas sim do sal contido n'estas substancias. Comendo figos scccos, assados no boralho, consegue-se o mesmo effeito. E por isso os gargarejos com agua salgada, e a applicação dc cinzas qucntes sobre o pescoço empregam-se vantajosamente nas extincções da voz, como tambem as pastilhas de Dethan de chlorato de potassa.

CANUDO DE PURGA. *Rauwolfia canescens*, Willd. Apocyneas. Arbusto venenoso do Brazil; habita na Bahia, Espirito Santo, Sergipe, Alagôas, Pernambuco, etc. Os symptomas do envenenamento são; tumefacção da lingua, constricção da garganta, vomitos, dysenteria, soluços, pulso frequente, dyspnea, sêde, convulsões, difficuldade dc ourinar, pelle fria, morte.

CÃO. De todos os animaes é este o mais fiel e o mais intelligente servidor do homem; segue-o em todas as partes do mundo. É um mammifero carnivoro, caracterizado principalmente por seus dentes que são 42 : 12 incisivos, 6 em cada queixada; 4 caninos, 12 molares na queixada inferior, e 14 na superior. Os pés anteriores dos cães tem cinco dedos; os posteriores só quatro.

O cão afaga o seu dono; é sensivel aos seus castigos; precede-o e olha para traz quando o caminho se separa em duas estradas. Docil, procura as cousas perdidas, vigia de noitc, annuncia os estranhos, guarda as fazendas e os rebanhos, defende estes contra os animaes carnivores que os atacam. Pára, agachando-se, quando sente a caça, e leva-a ao caçador quendo este a matou, em vez de a comer. Póde servir para virar o assador nas cozinhas, e até para puxar os carrinhos. Não gosta que os cães alheios se introduzam na sua casa; tem horror aos mendigos, e ataca, sem ser provocado, aquelles que não conhece. Uiva ao som da musica; morde a pedra que se lhe lança; exhala máo cheiro nos tempos de borrasca e quando está doente; é sujeito á solitaria e á raiva, e cega na velhice.

Os cães de ambos os scxos podem procrear na idade de 3 a 10 mezes. A gestação da cadella é de 60 dias, termo médio. A amammentação dos cachorrinhos dura dois mezes, pouco mais ou menos.

Conhecimento da idade do cão. Como nos mais mammiferos, é pela inspecção dos dentes que se póde conhecer a idade do cão de uma maneira quasi segura, durante a primeira parte da sua vida. Os dentes do cão até aos dois annos são brancos e pontudos; os incisivos apresentam uma ponta que se assemelha á flor dc açucena; os caçadores dizem que um cão marca ainda a *flor de acuçena*, para designar um

cão de dois annos, quando muito. Os dentes do cão são raros aos tres annos, mas o modo da alimentação modifica-os de uma maneira extraordinaria; um cão, nutrido com sopas, possue, aos sete annos, todos os seus dentes bem conformados, ao passo que outro, de tres annos apenas, alimentado de carne, não conserva dos incisivos, senão alguns pedaços pretos e quebrados. Os dentes embotam-se e tornam-se amarellos, esburacam-se, á medida que os cães avançam em idade; aos cinco annos, o pello branquea no focinho e ao redor dos olhos, que perdem seu brilho e sua vivacidade. Aos seis ou sete annos, o cão principia a andar sobre o calcanhar; vem-lhe depois callosidades na ponta do jarrete; as unhas alongam-se e formam um semi-circulo. A final, pela sua obesidade, conhecem-se quasi sempre os cães velhos, cuja vida não passa de 15 a 16 annos.

As *raças de cães* são extremamente numerosas : cão d'agua, cão de fila, cão perdiguiero, cão de busca, cão de gado, cão de quinta, cão fraldeiro ou de manga, etc.

Molestias dos cães. As affecções mais frequentes nos cães são : o *mal dos cães*, a *rabugem*, a *esgana* e sobretudo a *raiva*. No artigo Raiva, indico os signaes do cão damnado.

CÃO DAMNADO. *Veja-se* Raiva.

CAOUTCHOUC ou **CAUTCHUC.** *Veja-se* Borracha.

CAPÃO. (*Animaes domesticos.*) Gallo que foi submettido, quando novo, á operação da castração, afim de que a sua carne adquira maior delicadeza. Querendo-se converter os frangos em capões, é necessario castral-os na idade de 3 a 4 mezes. A castração opera-se por uma incisão feita com instrumento de muito bom gume. A ferida, reunida por alguns pontos de sutura, cicatriza-se no fim de 2 ou 3 dias. Engordam-se dando-se-lhes massas feitas com sementes mui nutritivas, ou bolos com farinha. Em muitos logares, os capões servem para criar os frangos. Para este fim, arrancam-se ao capão as pennas do ventre, e esfrega-se-lhe a pelle com urtigas; mette-se depois na capoeira com dois ou tres frangos bastante grandes, que, passando-lhe debaixo do ventre, abrandam a comichão produzida pelas urtigas, e o obrigam, por este allivio, a recebêl-os.

CAPARROSA AZUL. *Veja-se* Cobre (sulfato de).

CAPARROSA BRANCA. *Veja-se* Zinco (sulfato de).

CAPARROSA VERDE. *Veja-se* Ferro (sulfato de).

CAPARROSA (Molestia). *Veja-se* Gotta rosada.

CAPILLÉ. *Veja-se* Avenca.

CAPIM CHEIROSO, Capim marinho, Capim cidreira, Jarapé. *Kyllinga odorato,* Martius. Cyperaceas. Planta do Brazil. Colloca-se nos armarios para perfumar a roupa. A raiz é comestivel; contém um principio resinoso e aromatico.

CAPITÃO DO MATTO. *Veja-se* Cayapó.

CAPSULAS MEDICAMENTOSAS. Involucros gelatinosos de diversas formas que servem para encerrar medicamentos de gosto e cheiro desagradaveis, e para facilitar sua ingestão. Estas capsulas se

dissolvem no estomago e entregam as substancias medicamentosas á acção chimica dos liquidos gastro-intestinaes. (Para o modo de preparar essas capsulas, veja-se *Formulario Chernoviz*, 14ª edição, p. 1225).

CAPVERN. Aguas sulfatadas, calcias, ferruginosas, quasi frias. França.

Itinerario de Pariz a Capvern : Estrada de ferro de Pariz a Capvern : por Bordeos e Mont-de-Marsan, 19 horas. Omnibus da estação de Capvern até ás aguas, meia hora. Despeza 95 francos.

Capvern é uma aldeia de mil habitantes. Não é na aldeia que se acham as fontes : estas, em numero de duas, existem mais longe em dois valles profundos. A primeira chama-se fonte de *Hount-Caoude;* a segunda fonte de *Bouridé.*

A fonte de *Hount-Caoude* esguicha da terra a 1 metro de altura. A agua é limpida e transparente ; o cheiro nullo ; o sabor, apenas sensivel, tem alguma coisa de salgado sem ser desagradavel. Quanto á sua mineralização, é de 2ᵍ,084, por litro. São sobretudo chlorhydratos, sulfatos e carbonatos alcalinos, com predominação calcarea. A temperatura é de 24° centigrados, por conseguinte a agua é apenas morna. Administra-se em bebida e banhos. É aconselhada contra as molestias das vias urinarias, areias, catarrho da bexiga, gota, hypertrophia do figado calculos biliares, molestias do utero e affecções hemorrhoidarias.

A meia hora de distancia d'esta fonte acha-se outra chamada *Bouridé.* A sua composição é analoga á precedente. Todavia, por uma particularidade inexplicavel, as suas virtudes therapeuticas são differentes. A fonte *Bouridé* goza de propriedades calmantes ; é reputada util nas molestias nervosas, e particularmente contra o hysterismo. Emprega-se em bebida e banhos.

A vida material em Capvern é boa, a morada pouca dispendiosa as condições hygienicas excellentes. A estação thermal dura do 1° de maio ao 1° de outubro. A agua engarrafada exporta-se sem experimentar alteração.

CARÁ. *Dioscorea brasiliensis,* Willd. Dioscoraceas. Planta trepadeira do Brazil. Folhas cordiformes, lisas, de um verde arroxeado ; flores em cachos, miudas e esverdinhadas; fructo, uma capsula. O rhizoma, vulgo raiz, é uma batata, ora maior, ora menor, de fórma oblonga e arredondada ; casca membranosa, parda, aspera, com pequenos prolongamentos; massa compacta, branca, aquosa, de sabor acre-adociado. A raiz come-se assada ou cozida em agua com carne; fornece uma substancia amylacea preciosa como alimento. É um alimento saudavel. O cará augmenta a fartura de uma fazenda, e o lavrador judicioso o não deve desdenhar, tanto menos que cresce em terrenos ingratos a qualquer outra cultura.

Ha outra especie, *Dioscorea triloba.* Velloso.

CARACOL. Genero de Molluscos terrestres, de concha globosa ou orbicular, de uma só peça, cuja abertura é mais larga do que comprida; arrasta-se sobre um pé carnoso, da figura de um disco, situado debaixo do ventre; tem a cabeça mais ou menos perceptivel, e guar-

necida de um, ou mais pares de tentaculos mui moviveis, e dotados de grande sensibilidade. O tamanho dos caracoes varía extremamente; certas especies tem o volume de um ovo de gallinha, outras, pelo contrario, são quasi microscopicas. Todas são frequentes nos jardins e pomares: vivem de hervas e folhas de arvores, causando damno á agricultura. Põem ovos cobertos de carbonato de cal, quer no tronco das arvores, quer debaixo das folhas mortas. Os pequenos não tardam a sahir da casca com sua concha ainda mui fragil, que pouco a pouco vai endurecendo. A carne de algumas especies é comestivel, principalmente a da *Helix pomatia,* Linneo, chamado vulgarmente *caracol de vinha* (fig. 134). Em França faz-se d'elle grande consumo como alimento, temperando-o com salsa, alho, sal, pimenta; os antigos Romanos criavam-n'o para este fim, e engordavam-n'o com diversas plantas cheirosas. Em medicina, prepara-se com os caracoes das vinhas ou dos pomares um xarope e uma pasta, que se empregam nas molestias do peito, na rouquidão, nos catarrhos agudos ou chronicos, na asthma, na coqueluche, nas constifacões e em todas as irritações do peito.

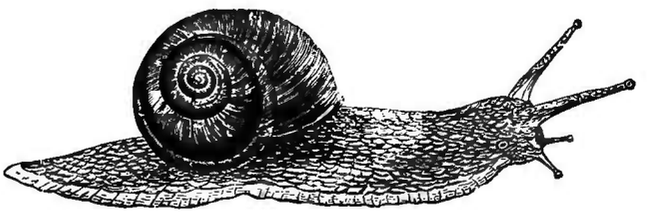


Fig. 134. — Caracol de vinha.

Este medicamento é considerado como sendo de um valor incontestavel contra estas molestias.

O xarope e a pasta de coracoes de Mure preenchem todas as condições exijidas n'esses casos.

É um preparado feito com caracoes das vinhas que é o mais delicado e o mais estimado de todos. Este xarope tem um gosto muito agradavel e é muito efficaz contra todas estas enfermidades. Emfim, é um excellente preparado que mereceo do doutor Chrestien, de Montpellier, o seguinte elogio:

« Ha 50 annos, diz elle, que exerço a medicina, nunca encontrei remedio mais efficaz contra as irritações do peito do que os caracoes. »

O xarope de caracoes, de Mure, é um medicamento que merece a maior confiança porque é preparado com todo esmero nos laboratorios do proprio autor em Pont-Saint-Esprit, departamento do Gard em França.

Estes molluscos, grandes e pequenos, quando se acham em abundancia, fazem, como disse, estragos nos pomares. Para se livrar d'elles, o melhor meio consiste em dar-lhes caça depois de uma grande chuva: apanham-se e esmagam-se com o pé. Póde-se tambem destruil-os polvilhando o chão com cal viva. *Veja-se* LESMA, que é uma especie de caracol sem concha.

CARAJURU. *Veja-se* PIRANGA.

CARAMBOLA. Fructo do caramboleiro, *Averrhoa carambola.* Linneo, arbusto da familia das Oxalideas, originario da Indía, introduzido no Brazil. Este fructo oblongo, com cinco margens angulosas, tem um

gosto acido; come-se cru ou em doce. Seu succo serve para tirar da roupa as nodoas de tinta de escrever.

CARANGUEJO. Genero de crustaceos dos quaes uns babitam os rios, outros o mar.

Caranguejo de rio. *Astacus fluvialus*, Cuvier. (Ecrevisse, em francez) (fig. 135). Tem a casca roxa-esverdeada, o rosto armado de um pequeno dente de cada lado, e as pinças asperas. Vivem nas aguas doces, sobretudo nos regatos cheios de pedras e de raizes, onde se escondem e d'onde só sahem para assaltar os peixinhos, as rãs ou os vermes de que se nutrem. O seu estomago contém concreções pedrosas, de que a medicina fazia antigamente uso como absorventes. Conheciam-se debaixo do nome de *olhos de caranguejo*. A carne d'este crustaceo é branca, e constitue uma comida muito delicada. A casca torna-se vermelha depois de cozida. Este phenomeno depende de haver na epiderme dois pigmentos : um vermelho e outro azul, este se destroe pelo calor, e só o vermelho fica visivel.

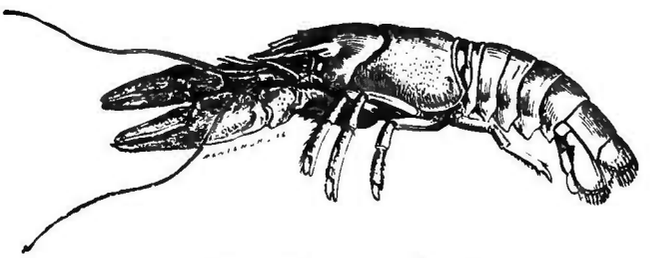


Fig. 135. — Caranguejo de rio.

Caranjuego do mar. *Astacus marinus*, Fab. (Homard, em francez). Distingue-se pela casca lisa, rosto delgado, armado de cada lado de 3 ou 4 espinhos, patas extremamentte grossas, comprimidas, terminadas por pinças dotadas de grande força, É de côr roxa-esverdeada; cozido torna-se de um vermelho vivo. Attinge 50 centimetros de comprimento, e habita no mar perto das margens, nos logares cheios de rochedos, a pouca profundidade. A sua carne é muito estimada. Não se deve confundir o caranguejo do mar com a lagosta, animal crustaceo de outra familia; as patas d'esta são muito menos fortes, não tem pinças, e as antennas são mais grossas, mais compridas e mais eriçadas. *Veja-se* LAGOSTA.

CARAPIA. *Veja-se* CONTRAHERVA.

CARBALLINO E PORTABIA. Hespanha. Aguas sulfurosas quentes; 31° a 50°. Empregam-se em banhos nas affecções cutaneas e rheumatismaes.

CARBONATO DE AMMONIACO. *Veja-se* AMMONIACO.

CARBONATO DE CAL. *Veja-se* CAL.

CARBONATO DE CHUMBO. *Veja-se* CHUMBO.

CARBONATO DE POTASSA. *Veja-se* POTASSA.

CARBONE. Substancia simples que se encontra em quasi todos os corpos organizados e em muitas substancias inogarnicas. Unido a diversas materias, o carbone constitue todas as variedades do carvão (Veja-se CARVÃO). Puro forma o diamante. Combinado com o oxygeneo dá dous gazes principaes, o oxydo de carbone e o acido carbonico. O

oxydo de carbone se produz todas as vezes que se queima carvão. Este gaz não só é improprio para ser respirado como tambem age sobre o sangue como se fosse um veneno. Basta uma pequena quantidade para occasionar a morte, porque os globulos sanguineos se destroem e tornam se inuteis para a respiração. Pode-se pois dizer que não ha somente asphyxia por falta de oxygeneo mas que ha tambem envenenamento.

Quando haja a tratar pessoas asphyxiadas pelo oxydo de carbone e que o doente ainda respire, deve-se praticar longas inhalações d'oxygeneo para supprir a respiração incompleta e permittir aos globulos sanguineos de se reconstituirem.

CARBUNCULO. O carbunculo, chamado tambem *anthraz maligno*, é um tumor duro, pouco proeminente, doloroso, cuja circumferencia é formada por um circulo inflammatorio, e o centro por uma escara mui negra. Este ultimo symptoma, que é o primeiro que apparece, explica a escolha da palavra que designa esta terrivel molestia.

Causas. Parece que a residencia em logares baixos e humidos, no meio de miasmas que procedem da decomposição de materias animaes e vegetaes durante os fortes calores, bastam ás vezes para desenvolver espontaneamente o carbunculo no homem. As mais das vezes, é communicado por animaes acommettidos d'esta molestia, e ainda depois da morte d'estes animaes, o contacto de seus despojos, e principalmente da pelle, basta para transmittil-a,e por isso observa-se quasi sempre nos zagaes, cortidores, carniceiros, ferradores, alveitares, etc., isto é, nos individuos que, por sua profissão, se acham expostos ao contacto dos animaes. Póde ser inoculado no homem pela picada de um insecto, tal como uma mosca que tenha chupado o cadaver de algum animal carbunculoso. Alguns medicos pensam que elle póde contrahir-se comendo a carne dos animaes que foram affectados da molestia, ou que morrêram depois de grande fadiga; emfim, existem exemplos de transmissão da molestia de um individuo a outro.

A natureza parisitaria do carbunculo ficou patente depois das descobertas de Rayer e Davaine, que descobriram, no anno de 1850, bastõesinhos filiformes no sangue de animaes mortos. Esses pequenos bastõesinhos direitos, cylindricos são bacteries que crescem e vivem no sangue, e que inoculados em outros animaes, reproduzem a molestia.

No homem o contagio do carbunculo tem sempre logar por inoculação. O liquido que contem as bacteries, a pelle ou os ossos de um carneiro morto de carbunculo communicam a molestia se acharem-se em contacto com uma esfoladura ou uma erosão da pelle. Os animaes se inoculam comendo alimentos infestados de virus carbunculoso, principalmente se são hervas picantes, urtigas, cardos, etc., que fazem feridinhas na lingua e no focinho. Está provado até á evidencia que os cadaveres dos animaes que morrem de carbunculo são a principal causa da propagação da molestia.

Symptomas. Os symptomas e as fórmas do carbunculo não são sempre semelhantes. Eis-aqui as suas principaes variedades.

No centro da inchação edematosa, que apparece subitamente, forma-se

uma escara negra que se estende com rapidez; é acompanhada de dôr pungente, pallidez geral e fraqueza do pulso. O doente morre ás vezes em 24 ou 36 horas. Outras vezes não succumbe senão passados muitos dias. Acontece tambem que, depois de 24 ou 48 horas, o pulso torna-se mais forte e a gangrena pára; então a escara despega-se e cahe. Resulta d'isto uma perda de substancia que se cura com ceroto como todas as feridas simples. Tal é o *carbunculo propriamente dito*.

Ha outra especie de molestia carbunculosa, que se designa mais particularmente pelo nome de PUSTULA MALIGNA (fig. 136), e cuja descripção é aqui opportuna, porque as suas causas e o seu tratamento são em tudo analogos aos do carbunculo propriamente dito. A pustula maligna principia por uma comichão ligeira e uma picada muito forte, mas de pouca duração. No ponto, em que esta sensação se manifesta, distingue-se uma pequena pinta vermelha, semelhante á picada de pulga. Logo depois forma-se uma pequena vesicula cheia de serosidade roxa: a comichão torna-se cada vez mais viva, o doente não póde resistir ao desejo de coçar-se, rasga a vesicula, que deixa sahir algumas gottas de serosidade, e o prurido é por alguns instantes menos insupportavel. Esta serie de systemas compõe o primeiro periodo, que dura perto de 38 horas. Um pequeno tuberculo duro, mas não doloroso, levanta-se depois no logar da vesicula; a sua côr é livida ou amarella. A comichão vai augmentando, e é acompanhada de calor e dureza. A pelle vizinha incha; apparecem novas borbulhas serosas; o tumor, que cresce continuamente, torna-se preto no centro. A morte póde ser a consequencia d'estas graves desordens, sendo annunciada pelo pulso frequente e fraco, pelle quente, lingua secca, sêde insupportavel, engulhos, sensação de fogo interior, respiração curta, desmaios, suores e delirio; em outros casos a terminação funesta é precedida de diminuição do calor natural, e de prostração das forças. Mas se o doente deve sarar, o corpo, que se havia tornado frio, recobra o seu calor natural, a gangrena pára, estabelece-se uma suppuração de boa natureza, a chaga torna-se vermelha, e a cicatriz forma-se mais ou menos cedo, segundo a extensão da mortificação. A duração média da pustula maligna é de 12 a 15 dias, sem contar a cicatrização da chaga, quando a molestia acaba favoravelmente.

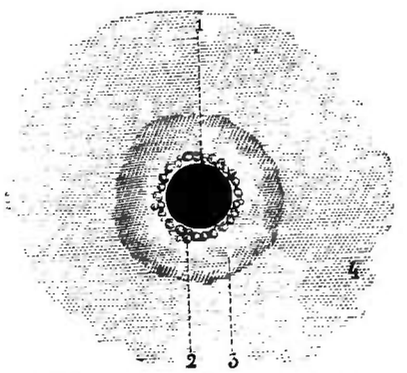


Fig. 136. — Pustula maligna.

Prognostico. O carbunculo é sempre uma molestia grave. A pustula maligna póde ás vezes occasionar a morte em 24 horas, se os socorros da arte forem tardios. O doente succumbe ás vezes pela abundancia da suppuração. Vejamos agora como os progressos da molestia podem ser atalhados no seu começo.

Tratamento. Consiste em destruir o tuberculo gangrenoso por meio

da cauterização. Cumpre rocorrer a este meio com toda a urgencia, qualquer que seja o periodo da molestia. A cauterização pratica-se da maneira seguinte : molha-se um pincel em oleo de vitriolo, e applica-se sobre a massa carbunculosa. Esta applicação deve ser repetida muitas vezes, para que o caustico penetre profundamente, e destrua todas as partes gangrenadas. Applicando-se o liquido caustico, é preciso, attender a que estc se não derrame sobre as partes vizinhas sãs, e não ataque alguns orgãos importantes; é por isso que os medicos empregam ás vezes o férro em braza em logar do caustico liquido. Alguns facultativos principiam por fazer uma incisão crucial com bisturí no centro do tumor, afim de tornar mais immediata a applicação do caustico. Esta maneira offerece vantagens, sobretudo quando o tumor tem feito progressos. Depois da cauterização applicam-se cataplasmas de linhaça. A parte queimada cahe no fim de alguns dias, e a perda de substancia, que resulta, cura-se com fios cobertos de ceroto, e lava-se com agua de Labarraque, ou com agua phenica.

Feita a cauterização, administra-se ao doente o vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes por dia ; e continua-se este medicamento por cinco ou seis dias, ou até sarar a ferida.

Provada a existencia de um parasita, emprego dos antisepticos se apresentava naturalmente para o tratamento do carbunculo. Emprega-se pois a agua phenicada, a solução aquosa de tintura de iodo ao centesimo e o coaltar saponinado Le Beuf com os quaes se fazem injecções subcutaneas ao redor do logar doente.

Carbunculo dos animaes. Os animaes domesticos estão mais sujeitos ao carbunculo do que o homem ; e esta molestia encontra-se não sómente nos quadrupedes, mas nos gansos, patos, gallinhas, etc. Como o carbunculo dos animaes póde transmittir-se pelo contagio ao homem, julgo que a descripção dos seus caracteres deve ter logar n'este livro.

O carbunculo dos animaes annuncia-se ordinariamente por um pequeno tumor duro, resistente, do tamanho de um feijão, mui adherente na base; tem ás vezes no centro uma abertura imperceptivel; comprimindo este tumor em um cavallo, manifesta o animal a mais viva sensibilidade. O tumor augmenta, e apparecem todos os symptomas de anxiedade. Os olhos tornam-se ardentes, inflammados, eriça-se o pello, a respiração torna-se laboriosa, o pulso muito accelerado. Estes symptomas não persistem por muito tempo; e quando a mortificação se tem apoderado do tumor, o pulso torna-se fraco, lento, intermittente ; os olhos parecem abatidos e as forças aniquiladas ; ellas se reanimam por um instante, mas logo sobrevem convulsões e a morte.

Existe ainda uma variedade do carbunculo que affecta particularmente o boi, o carneiro, o porco, e que se annuncia sobre as partes do corpo privadas de pello, por nodoas brancas, lividas ou negras : estas diversas gradações succedem-se segundo o progresso da molestia. Despega-se a pelle, e debaixo d'ella existe um humor acre e corrosivo. A marcha d'este carbunculo é menos rapida do que a do precedente, mas os seus effeitos são os mesmos.

O carbunculo não só se manifesta exteriormente, mas tambem ataca os orgãos internos, como o cerebro, os pulmões, o estomago, etc. Esta molestia, que se chama febre carbunculosa, é extremamente aguda, o animal succumbe quasi no mesmo instante em que é acommettido d'ella; a duração é de uma ou duas horas. O animal parece sentir algum terror, amedronta-se, levanta e abaixa a cabeça, sacode-se, rincha, cambalea, cahe e morre entre convulsões mais ou menos violentas.

Os veterinarios consideram como causas do carbunculo a successão das chuvas ás grandes seccas, os grandes calores, as forragens cheias de insectos, e colhidas, em logares pantanosos. A vizinhança dos pantanos, o uso das aguas corruptas, os máos pastos, bastam para occasionar esta molestia.

Os veterinarios aconselham, como meios preservativos para os animaes sãos, a sua inteira separação dos animaes doentes, um exercicio moderado, bebidas refrigerantes e clysteres purgativos. O meio curativo consiste na cauterização dos tumores com oleo de vitriolo ou com ferro em braza. As chagas que resultam da cauterização dos tumores com oleo de vitriolo ou com ferro em braza curam-se com basilicão.

Este meio, entretanto, não convem no carbunculo que é sómente caracterizado por nodoas. Administra-se n'este caso a quina e a camphora. Fricções geraes, passeios ao ar livre, irrigações com agua phenica, phenol Bobœuf, ou com coaltar saponinado Lebeuf, nas estrebarias, são outros tantos meios que devem fazer parte do tratamento.

Pasteur descobrio o meio de attenuar a força do virus carbunculoso, de maneira que vaccinando carneiros, ficam elles isemptos de um ataque ulterior. É'um meio, actualmente, muito empregado em todas as estancias. Como preservativo deve haver muito cuidado com os cadaveres dos animaes mortos de carbunculo, que devem ser completamente destruidos, queimando-os ou enterrando-os mui profundamente entre duas camadas de cal viva; as experiencias têm provado que quando elles são enterrados simplesmente mesmo em grande profundidade, as minhocas podem trazer para a superficie do solo as bacteries que penetram então no organismo da maneira já indicada.

Não podemos deixar de reproduzir aqui uma parte dos recentes trabalhos do celebre sñr Pasteur sobre o carbunculo e a vaccinação carbunculosa.

O CARBUNCULO E A VACCINAÇÃO CARBUNCULOSA.

Preliminar. — Para começar o estudo de uma molestia, sendo produzida por um ser infinitamente pequeno, deve-se dar primeiramente algumas indicações sobre esses seres que occupam na natureza um logar tão importante, e que são a causa primordial da molestia.

Com o nome de *seres microscopicos* ou *trichina*, designam-se todos os seres vivos muito pequenos, os quaes só podem ser vistos com um instrumento que augmente muito o tamanho d'elles. Taes são : o pequeno verme chamado *trichina*, que produz a *trichinose* e um *acaro* que gera a

sarna. Porém entre os seres microscopicos, existem alguns que são ainda mais pequenos relativamente a este dois, e que differem d'elles porque são formados por uma cellula simples, ou por um conjuncto de cellulas identicas que podem viver independentes umas das outras. São d'aquelles de que se tem occupado, mais particularmente, ha vinte e cinco annos o celebre Sñr PASTEUR, e aos quaes deo elle o nome de *microbios*.

Se fizermos infusões de diversas substancias organicas, animaes ou vegetaes; por exemplo, infusões de palha, de fermento de cerveja, e de musculos de differentes animaes, isto é, se puzermos durante algumas horas a digerir estas substancias com agua quente ou fria, e se filtrarmos depois, obteremos liquidos mui limpidos nos quaes não se distingue nenhum ser organisado, se forem examinados com um microscopio; porém, se collocarmos essas infusões em um vaso quente, entre 30 e 40 gráos, esses liquidos ficarão turvos um ou dous dias depois; dir-se-ha então que se estragaram.

Examinemos então uma gotta d'esses liquidos com um microscopio que a augmente de 400 ou 500 diametros. Então veremos uma immensa quantidade de seres vivos, uns movendo-se com uma grande rapidez, outros mais vagarosos, e alguns immoveis, esses seres tendo formas mui diversas, sobretudo se as infusões são de diversas naturezas, o que prova que esses seres, para poderem viver, necessitam de logares com uma certa composição. Veremos n'essa gotta de liquido, filamentos compridos, flexiveis tendo um movimento ondulatorio como as serpentes: são *vibriões;* veremos tambem bastõesinhos simples ou articulados, mui curtos, moveis, que tem apenas duas vezes o seu diametro e que se chamam *bacteries;* alguns outros terão a forma de bastõesinhos direitos ou quebrados, moveis ou immoveis nos quaes cada artigo fica rigido; são os *bacillios;* alguns outros são formados por cellulas ovaes ou redondas, isoladas ou juntas duas a duas, quatro a quatro, seis a seis, etc., tendo a forma ás vezes de rosarios: são os *micrococcos*.

São esses seres que produzem as affecções carbunculosas, e sobretudo o *Carbunculo*.

Definição. — O carbuuculo é uma affecção virulenta, contagiosa de natureza identica, que se manifesta por certa alteração profunda do sangue, um enfraquecimento geral, com alguns tumores cutaneos inflammatorios, que forma o carbunculo ou tumor carbunculoso; ella apresenta diversas formas segundo os paizes, a especie animal, e o logar por onde ella se introduzio no organismo.

Esta affecção é inoculavel de um individuo a outro em todos os animaes domesticos, e até mesmo nos passaros e nos animaes selvagens de mesma especie, sobretudo nos ruminantes; ella ataca quasi todos os animaes, porém de preferencia carneiros, cabras, vaccas, bois, e cavallos. Não ha paiz nenhum que esteja isempta d'ella, onde não tenha occasionado prejuizos consideraveis e onde não grasse com mais ou menos intensidade.

Symptomas. — Os symptomas variam segundo a especie do animal, e

se a molestia é esporadica ou epidemica, ou segundo a séde dos tumores que nem sempre são visiveis.

Esta molestia, na maior parte dos casos, é sempre precedida de certos symptomas que indicam a sua apparição. A invasão da molestia vem depois de certos preludios morbidos, que nem sempre são percebidos porque os animaes não parecem estar doentes.

Os animaes lanijeros que estão para ter o carbunculo tem certa vivacidade e excitabilidade que não lhes é propria. O olhar é vivo, a pelle fica escarnada sobretudo a pelle fina côr de rosa que forma as lagrimaes, e a que cobre a ponta do focinho e as orelhas; os olhos ficam injectados.

Quando o rebanho pasta em liberdade, quasi sempre nota-se que os mais novos e mais gordos, param de vez em quando, esticam a cabeça para a frente, dilatam as ventas, abrem a bocca, e respiram com difficuldade; porém esta dyspnea não dura muito tempo. Alguns, no intervallo das rações, lambem os muros, e de preferencia os que teem salitre. Depois de comerem, o ventre fica fôfo, porém esta indisposição dura pouco tempo.

Estes symptomas são de grande importancia, quando se força os animaes a mijarem apertando a bocca e as ventas, a ourina que sahe é já sanguinolenta, e quando se nota a lã de alguns, manchada de vermelha, da ourina dos animaes doentes. Tem-se então certeza que a molestia vai acommetter muitos animaes quando além d'esses prodromos, os excrementos em logar de serem seccos e redondos, são molles, cobertos de materia viscosa, esbranquiçada, quasi sempre sanguinolentos.

Nem sempre a molestia se declara com certos symptomas percussores; ás vezes a invasão é repentina e a morte rapida. N'este caso, o animal esta contente, come bem, e parece ter saude, quando de repente cessa de comer ou pára mastigando os alimemtos, se estica, se encolhe, anda á roda, cahe, espernea convulsivamente, deita pelo nariz uma escuma sanguinolenta, ourina algumas gottas de sangue, e morre em cinco ou dez minutos; é principalmente quando os animaes estão sujeitos á molestia que estão expostos ao sol, á poeira, e durante as noites e dias de trovoada que elles morrem d'esta maneira, e apresentam todos os symptomas de asphyxia e hemorrhagia interna.

Etiologia. — Durante muitos annos julgou-se que o carbunculo declarava-se espontaneamente sob a influencia de diversas causas occasionaes: natureza do terreno, as hervas, a maneira de criar o gado e de engordal-o, etc.

Após serias experiencias descobrio-se emfim que esta molestia era occasionnada por uma parasita microscopica provinda dos effeitos da fermentação, e ficou demonstrado que a bactiridia, sob a forma vibrioniaria ou bacillaria, podia resolver-se em verdadeiros corpusculos-germes ou sporos, e obteve-se a convicção que são as minhocas as messageiras dos germes microscopicos, e que das profundidades da terra, trazem para a superficie do solo a terrivel parasita. É nos pequenos cylindros de terra composta de mui finas particulas terrosas que os vermes depositam na superficie do solo, depois do orvalho da manhã, ou depois da

chuva, os germes do earbuneulo misturados com muitos outros. A poeira d'esta terra desagregada, se espalha sobre as plantas á flor do solo, eis eomo os animaes aspiram ou ingerem com certas plantas o earbunculo.

Para obter-se as provas evidentes d'esta verdade, foram precisas experiencias eontinuas e tenazes, e d'ellas resulta :

1° Que o earbuneulo é uma molestia produzida por um microbio, chamado *bacteridia;*

2° Que d'este mierobio nascem germes que durante muitos annos ficam vivos no solo;

3° Que os animaes que comem alimentos infestados d'estes germes podem contractar a molestia dita espontanea.

Prophylaxia. — Está provado até á evidencia que os cadaveres dos animaes que morrem de carbunculo são a principal causa de propagação da molestia. Para fazer pois desapparecer esta terrivel affecção, deve-se destruir os eadaveres ou enterral-os em logar inaccessivel aos animaes vivos. O melhor meio seria incineral-os ; porém, como nem sempre este meio é praticavel, o melhor seria separar um terreno que se transformaria em cimiterio, cercado de um muro bastante alto e bem enterrado no solo, para que os animaes vivos não possam penetrar e para que as aguas da chuva não levem os germes para fóra.

Deve-se ter todo o cuidado com o transporte dos animaes mortos ; em geral escorre sangue pelos orificios naturaes, ventas, vulva, etc. ; esse sangue cahe no caminho e póde ser uma causa de contagio : deve-se pois transportar os cadaveres em carroças forradas de zinco ou de folha de Flandres.

Uma outra precaução consiste em desinfectar os logares ondc morrem os animaes, e todos os objectos que estiveram em contacto com elle ; eomo nem sempre ha de ser possivel empregar o fogo, utilisar-se-ha então a agua fervendo que tem a propriedade de matar a bacteridia e seus germes. Attirar-se-ha agua a ferver na palha, no estrume, no chão das estrebarias, nas paredes, nas mangedouras, etc., e tambem nas pelles, que não devem ser estendidas sem previamente terem sido passadas em agua a ferver. Lavar-se-ha tambem em agua fervendo, o vehiculo que transportou os cadaveres, as facas e os outros instrumentos que serviram a tirar a pelle.

Se o animal morreo no campo, deve-se queimar palha ou folhas seccas no logar onde elle succumbio. Se por qualquer motivo não se puder empregar o fogo, regar-se-ha o logar com uma solução de sulfato de cobre, contendo 10 grammas de sal por cada litro d'agua. Esta solução tambem póde ser empregada para desinfectar os curraes; ella constitue um dos mais activos agentes de destruição dos microbios em geral e da bacteridia e seus germes em particular.

Em summa com um d'estes tres meios ; o fogo, a agua fervendo ou a solução de sulfato de cobre ao centesimo, é possivel em todos os casos, destruir a causa de propagação da molestia.

Vaccinação carbunculosa. — Estando bem conhecidas a etiologia e a

prophylaxia da molestia carbunculosa, restava pois procurar o meio para preservar os animaes d'esta terrivel affecção.

Muitos são os trabalhos feitos com o fim de curar directamente os animaes doentes, pórem todos os meios preconisados deram resultados nullos ou muito insignificantes.

O Sñr Pasteur tendo na mente que era melhor prevenir o mal do que ter de cural-o, ideia que deve servir de base á medicina, conseguio em 1880, descobrir o primeiro exemplo de uma molestia (cholera das gallinhas) produzida por um microbio especial, ao qual por um meio particular, podia-se tirar uma parte de sua virulencia e ser depois inoculado, sem perigo, nas gallinhas. Com este virus attenuado podia-se dar ás gallinhas uma molestia benigna; e após esta ligeira vaccina, achavam-se preservadas contra a molestia mortal.

O Sñr Pasteur, com uma maravilhosa sagacidade, pensou logo que o processo que lhe tinha servido para attenuar a acção do microbio do cholera das gallinhas, seria um processo geral de attenuação da virulencia dos microbios em geral, causas de outras diversas molestias. Eis como o Sñr Pasteur chegou a applicar este methodo geral á molestia carbunculosa; e o successo obtido foi sorprehendente.

Falta-nos espaço para descrevermos, mesmo em resumo, as experiencias que teem sido feitas com a vaccina carbunculosa, tanto em França como em outros paizes; sobre este ponto só podemes dizer que os resultados teem ido além do que se esperava, e que a mortalidade do gado tem diminuido em proporção consideravel.

Modo de praticar a operação da vaccinação carbunculosa.

A vaccinação faz-se por duas inoculações com doze ou quinze dias de intervallo, a primeira com a *primeira vaccina* que só preserva os animaes parcialmente, e a segunda com a *segunda vaccina* muito mais activa do que a primeira e acaba por tornal-os refractarios ao carbunculo. Deve-se fazer as duas operações em dois logares differentes. Se a primeira fôr feita na perna direita, far-se-ha a segunda na perna esquerda. Não ha logar determinado para fazer as inoculações, entretanto até agora ellas teem sido feitas, nos carneiros, nas coxas, nos bois e nos cavallos atraz da espadua e ás vezes tambem na frente, este ultimo logar é escolhido de preferencia nos cavallos de montar para que o selim não appoie em cima do logar da inoculação.

Póde-se vaccinar sem inconveniente carneiros adultos de qualquer idade, cordeiros até bem novos, e ovelhas prenhes, mesmo quasi a parirem, porém é preferivel, para evitar certos accidentes, vaccinar as ovelhas antes que fiquem prenhes ou nos primeiros tempos de prenhez. Só se deve vaccinal-as quando estiverem prestes a parir, em casos urgentes, como por exemplo quando a molestia grassa no rebanho.

A inoculação dos bois e das vaccas faz-se em geral do lado da frente da espadua. O operador faz uma prega na pelle com a mão esquerda. É preciso ter cuidado em não atravessar a prega com a agulha, porque

então o liquido não entraria sob a pelle, cahiria fóra. Tambem é necessario ter cuidado em que a agulha penetre *sob* a pelle, e não fique no derme ; consegue-se isto tirando a mão esquerda, a prega desapparece e então se a agulha estiver sob a pelle, sente-se que ella se move sem embaraço, e a inoculação se faz sem que haja a menor resistencia; se a agulha ficar no derme ha uma resistencia na occasião da inoculação, resistencia provindo de que o liquido não póde espalhar-se no tecido cellular. Deve-se cortar rente o pello, no logar onde se vai fazer a inoculação; verifica-se melhor a entrada da agulha.

Ás vezes apparece leves edemas no logar da picada, é melhor vaccinar quando os animaes não teem que trabalhar, no entanto nunca se deve furar as edemas, ellas curam-se sem tratamento ; tambem nunca se deve fazer uma incisão para facilitar que a agulha da seringa entre, porque essas feridas podem occasionar complicação provindo de substancias estranhas, e criar postemas ou septicemias variadas.

As vaccas estão tambem sujeitas a terem edemas e febre depois das inoculações, d'isto resulta que a quantidade do leite diminue; é melhor pois vaccinal-as quando ellas ainda não teem leite ou teem pouco. É bom sempre fazer ferver o leite tirado de uma vacca sob a influencia da vaccinação,

Os cavallos de tiro vaccinam-se atraz da espadua, de maneira que a colleira não assente no logar em que se fez a inoculação ; os cavallos de sella são vaccinados na frente da espadua ou no pescoço.

Vaccinas. — As vaccinas são expedidas em tubos fechados com rolha de borracha (fig. 137), esses tubos contem a quantidade de liquido sufficiente para vaccinar 100 carneiros ou cabras, ou 50 bois, vaccas ou cavallos. A quantidade de vaccina que se deve inocular nos grandes animaes é dupla d'aquella que é necessaria para os pequenos, O liquido é aspirado em uma seringa de Pravaz, seringa que serve em medicina para fazer injecções hypodermicas, e que se acha represen-



Fig. 137. — Tubo com vaccina, fechado com rolha de borracha.



Fig. 138. — Seringa de Pravaz.

tada na (fig. 138). É necessario tirar o fio metallico que se acha no interior da agulha antes de adaptal-a á seringa ; este fio só serve em medicina para evitar que a agulha se obstrua com corpos estranhos quando não se serve d'ella. A haste do embolo está dividida em oito partes iguaes. Estando a seringa assim preparada e o embolo bem em baixo, tira-se a rolha de borracha do tubo de vaccina, *porém antes d'isto é necessario saccudir com força o tubo, de maneira a misturar bem o liquido, não se tendo esta precaução a bacteridia vaccinal fica no fundo ou nas paredes*

do tubo e aspira-se então com a seringa, liquido que não tem quasi bacteridia ou mesmo nenhuma.

O tubo estando desenrolhado aspira-se de vagar o liquido puxando para fóra o embolo (fig. 139). Quasi sempre na primeira aspiração fica

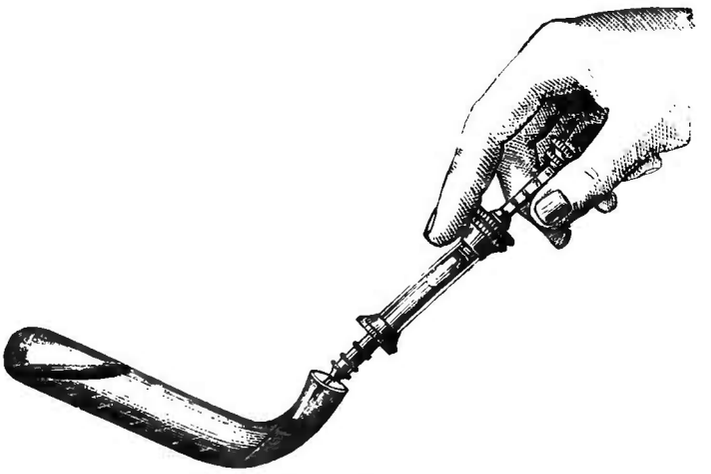


Fig. 139. — Maneira de encher a seringa de Pravaz.

uma bolha, provem de que o embolo estando um pouco secco, deixou passar uma pequena quantidade de ar entre o embolo e o tubo de vidro. Torna-se a fazer esguichar o liquido no tubo, como está representado na (fig. 140) e aspira-se uma outra vez o liquido; então a seringa se enche quasi completamente. Entretanto, ás vezes ainda o ar penetra sob o embolo, isto é devido a que agulha não se une muito bem na canula ou então o tubo de vidro da seringa não se adapta hermeticamente no fundo. Torna-se a ajustar a canula, serra-se o parafuso, que se acha na parte superior, para apertar o cylindro de vidro, e consegue-se assim mui facilmente fazer funccionar o instrumento.

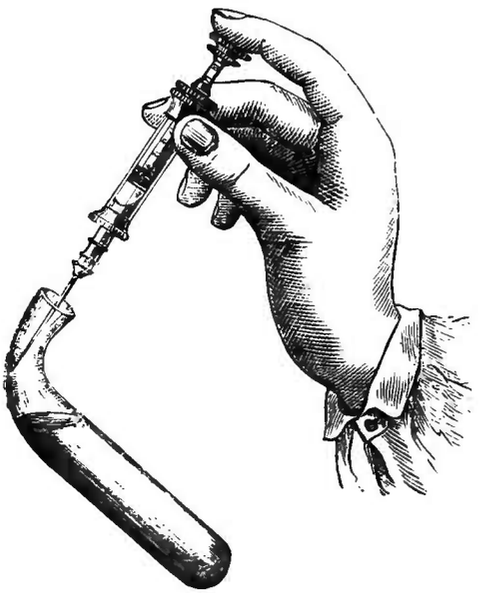


Fig. 140. — Maneira de encher a seringa de Pravaz.

Logo que a seringa está cheia, vira-se o cursor que se acha no alto da haste de embolo de maneira a fazel-o descer até á divisão marcada 1 na haste. Depois um ajudante pega no carneiro que se tem de vaccinar pelos membros anteriores como mostra a figura 141 e apresenta-o ao operador. Este, introduz a agulha sob a pelle, no meio da coxa direita, depois empurra o embolo até o

cursor tocar na seringa. A inoculação do primeiro animal está então feita. Tira-se a seringa e vira-se o cursor no sentido contrario até que elle chegue á divisão marcada 2 na haste. Inocula-se então o segundo car-



Fig. 141. — Modo de praticar a vaccinação carbunculosa.

neiro. Vira-se outra vez o cursor até á divisão 3, etc., cada seringa cheia podendo assim vaccinar oito carneiros. Enche-se de novo a seringa e continua-se como fica dito. Com um pouco de pratica consegue-se facilmente vaccinar 150 a 200 carneiros por hora.

Para as vaccas e os cavallos, sendo preciso o dobro da quantidade de liquido a inocolar, leva-se primeiramente o cursor á divisão 2, depois á divisão 4, etc., cada seringa cheia serve então para inocular 4 animaes em logar de 8.

As seringas de Pravaz teem a vantagem de deixar ver adiantar o embolo no tubo de vidro e de injectar sempre com exactidão a mesma quantidade de liquido porém tambem tem seus inconvenientes que são :

1° Só conter liquido para poucos animaes, o que obriga a tirar mui frequentemente liquido do tubo, o que occasiona perda de tempo e expõe a sujar a vaccina;

2° Fazer perder tempo com o virar da virola. Ás vezes até o operador esquece-se de viral-a, de maneira que em certos casos não se inocula liquido algum, e outras vezes inocula-se até mesmo todo o conteudo da seringa ;

3° Obrigar a que se a limpe após cada operação, trabalho delicado que não póde ser feito por qualquer pessoa.

Para evitar todos estes inconvenientes e ainda mais outros, inventou-se uma nova seringa, representada na figura 142, que se compõe de um

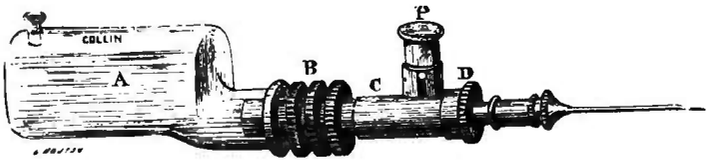


Fig. 142. — Nova seringa para vaccinação carbunculosa.

vidro, A no, qual se ajusta uma peça de cautchuc duro B adaptada a uma outra peça metallica CD na ponta da qual se põe a agulha.

O vidro A contem vaccina para 50 carneiros ou 25 animaes grandes.

A parte CD tem um compressor P que cada vez que se a acalca aperta o tubo de cautchuc e faz sahir a quantidade de liquido igual a uma divisão da seringa de Pravaz.

A vaccina, para esta seringa, é expedida em tubos especiaes como representa a figura 143. A differença que existe entre estes tubos e os tu-



Fig. 143. — Tubo especial com vaccina carbunculosa, adaptando-se á nova seringa.

bos ordinarios, consiste sómente em que o lado opposto á parte curva tem uma pequena rolha de borracha para que se possa introduzir o liquido no vidro A da seringa de novo modelo, pelo orificio fino do tubo tendo o cuidado de desenrolhar a parte larga para que o liquido possa escorrer.

Eis as vantagens pois, que apresenta esta nova seringa.

1° A scringa estando cheia, póde se vaccinar, uns após outros, cincoenta carneiros. A vaccina não está em contacto com as impurezas do ar, não póde se sujar com substancias estranhas que ficam na parte exterior da agulha.

2° Cuidado nenhum a ter para virar a virola : basta apertar com o dedo pollegar o compressor, porém apertar totalmente para empurrar todo o liquido.

3° É facil limpal-a. Em ultimo caso, mergulha-se todo o apparelho em agua a ferver, porém é melhor no fim da operação limpal-a com a agua que foi fervida e depois com uma solução de acido phenico ao centesimo, para isto pratica-se com este liquido como se fizesse inoculações, isto é, em logar de pôr no vidro A a vaccina póe-se agua a ferver, e depois a solução de acido phenico.

CARCUNDA. *Veja-se* Corcova e Rachitismo.

CARCINOMO. Synonymo de cancro.

CARDAMOMO. Dá-se o nome de cardamomos a uns fructos seccos que vem de Java, Malabar, India, etc. Distinguem-se tres especies commerciaes : 1° *Cardamomo menor* (fig. 144); tem 6 a 8 millimetros de comprimento, bojudo, triungular, contendo sementes roxas; seu cheiro é terebinthaceo : este é o mais estimado; 2° *Cardamomo médio*. É menos comprido que o seguinte do qual possue todos os caracteres; 3° *Cardamomo maior* ou *de Ceylão*, do comprimento de 2 a 3 centrimetros, da largura de 6 a 8 millimetros, triangular, pontudo nas duas extremidades, de côr fulva arroxeado, estriado, trilocular; sementes numerosas.



Fig. 144. — Cardamomo menor.

Os cardamomos provém de differentes Amomeas, pertencentes aos generos *Amomum*, *Elettaria* e *Rencalmia*. São fructos aromaticos que eram outr'ora empregados em medicina como estomachicos e estimulantes. Na India usam-se como tempero nas comidas.

CARDIALGIA. Dôr nervosa que se faz sentir na bocca do estomago. *Veja-se* GASTRALGIA.

CARDITE. Inflammação do coração. Esta molestia é mui rara, e coincide quasi sempre com a inflammação das membranas que revestem o coração, molestias conhecidas debaixo do nome de *pericardite* e de *endocardite*.

As *causas* da cardite são pezares profundos, e o resfriamento subito. Esta molestia apparece ás vezes depois do desapparecimento do rheumatismo articular agudo.

Os *symptomas* da cardite são : dôres vivas na região do coração, um sentimento de anxiedade e de suffocação insupportavel. O doente está inquieto e agitado; a cada instante é ameaçado de desmaio; o coração bate com precipitação, violencia e desigualdade; o rosto contrahido e ás vezes rôxo exprime o soffrimento.

O *tratamento* consiste em sangria, bixas na região do coração, dieta e bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, e de laranja, etc.

CARDO SANTO. *Cnicus benedictus*, Gaertner. Synanthereas-carduaceas. Planta annual, da Flora portugueza; habita espontanea pelos maraehões arenosos dos montes d'Arregaça junto a Coimbra, e outras partes. Caule levantado, da altura de 50 centimetros, ramoso, hispido, guarnecido de folhas semi-decurrentes, oblongas, sinuosas ou denteadas e um pouco aculeadas; flores, duas ou tres terminaes, nos ramos, pedunculadas. Esta planta tem cheiro desagradavel que perde pela dessecação; sabor mui amargo. É considerada como tonica e febrifuga. As suas summidades floridas administram-se em infusão, que se prepara com 4 grammas da planta e 250 grammas d'agua fervendo.

CAREPA. *Veja-se* PITYRIASE.

CARIE. Molestia dos ossos, caracterizada pela destruição lenta do

tecido osseo, com amollecimento e formação do pus fetido. Esta affecção foi confundida por muito tempo com uma molestia do mesmo genero, a *necrose*, que é o estado de um osso, ou de uma porção de osso privada de vida; mas a carie differe d'ella essencialmente. E, para dar uma ideia da differença que existe entre estas duas affecções, tem-se comparado a *carie* a uma ulceração das partes molles do corpo, e a *necrose* á gangrena d'essas mesmas. A carie é constantemente precedida da inflammação dos ossos.

A carie dos dentes não sendo da mesma natureza qua a dos ossos, fallarei d'ella n'outra parte. (*Veja-se* DENTES.)

As causas que podem produzir a carie, são externas ou internas. Entre as primeiras, estão as feridas que penetram até aos ossos, as contusões, as fracturas, as torceduras em que se rompêram os ligamentos, etc. Mas a carie é, as mais das vezes, produzida por causas internas; taes como a disposição escrophulosa, a infecção venerea inveterada, o escorbuto, o vicio canceroso e o enfraquecimento geral occasionado por excessos ou fadigas.

Symptomas. De ordinario a carie procede lentamente, e pode permanecer estacionaria muito tempo. Principia por uma dôr viva e fixa, em algum ponto do osso. Se a molestia ataca uma articulação, os movimentos tornam-se difficeis e dolorosos. Se o osso affectado está situado superficialmente, vê-se n'elle manifestar-se um tumor circumscripto, immovel, adherente, mais ou menos doloroso á pressão, e, ao principio, sem mudança na côr da pelle. As partes molles vizinhas do osso affectado inflammam-se e incham, o tumor levanta-se, torna-se molle no centro; a pelle inflamma-se, faz-se vermelha, violacea, abre-se e deixa escorrer uma materia purulenta que a dilatava. A abertura dos tegumentos continua com um trajecto fistuloso, mais ou menos profundo e sinuoso, que se dirige ao osso doente, e serve de canal de excreção á materia purulenta que d'elle provém. Frequentemente os pannos que recebem esta materia ficam tintos de preto; isto acontece sobretudo quando se usa, para os curativos, de emplasto ou de unguento contendo preparações de chumbo, como, por exemplo, o ceroto de Saturno. Se se introduzir na fistula uma longa agulha chamada *estylete*, encontra-se logo o osso doente. O instrumento toca uma superficie, dura, rugosa; quando penetra mais profundamente, faz experimentar á mão que o conduz uma crepitação particular, que resulta da ruptura de grande numero de filamentos osseos que encontra. Estas explorações são ordinariamente pouco dolorosas, acompanhadas de hemorrhagia assaz consideravel, e ás vezes da sahida de algumas pequenas porções do osso.

Quando a carie occupa os ossos situados profundamente, como os da columna vertebral, os symptomas não são sempre tão evidentes, e apresentam ás vezes muita obscuridade no começo da molestia; os doentes experimentam sómente uma dôr fixa, contínua, n'um osso que está cariado; o pus que d'ahi resulta é obrigado, para sahir, a seguir um longo trajecto, levanta finalmente a pelle e forma assim um abcesso, chamado *abcesso por congestão*.

Prognostico. As vezes a carie sára espontaneamente; vê-se então a suppuração diminuir, e o pus perder o cheiro fetido; pouco a pouco as fistulas fecham-se e o doente acha-se curado; conserva sómente o osso mais volumoso, e, se a molestia teve logar n'uma articulação, uma ankylose, isto é, uma perda de movimentos. Esta terminação feliz observa-se sobretudo nos individuos escrophulosos, mas ainda fortes, no momento em que passam da infancia á puberdade. Outras vezes vê-se, sobretudo quando a carie é venerea, toda a porção do osso affectado estiomenar-se, e separar-se sob a fórma de uma grande esquirola; depois d'isso a cicatrização effeitua-se, e o doente acha-se curado como no caso precedente; mas estes felizes exemplos não se observam senão em individuos jovens e vigorosos, e ainda assim soffrem grande demora. Depois d'estes, os casos mais ditosos são aquelles em que a molestia, tendo pouca extensão, fica estacionaria e fornece uma suppuração inexhaurivel, a qual por ser mui pouco abundante não altera a saude geral do enfermo. Ás vezes, a molestia augmenta, se depende de uma d'aquellas causas que influem sobre toda a economia; propaga-se pouco a pouco do osso affectado aos que lhe são contiguos, e enfraquece consideravelmente o doente.

Tratamento. Ha duas indicações a preencher no tratamento da carie: destruir a causa geral que tem determinado a molestia, caso seja conhecida; e curar o osso affectado. Se a carie é de natureza syphilitica, escrophulosa, escorbutica, é preciso que o doente siga o tratamento proprio para combater essas affecções, geraes (*Veja-se* SYPHILIS, ESCROPHULAS, ESCORBUTO). Vê-se, ás vezes, a carie curar-se por si mesma, quando a causa geral foi destruida: mas nem sempre acontece assim: a molestia torna-se local e subsiste depois da destruição da causa, até que se recorra aos meios cirurgicos, unicos que são capazes de cural-a.

O tratamento local da carie varía segundo o gráo, a extensão, a situação e a natureza da molestia. Quando ella se manifesta exteriormente, produzindo um tumor inflammatorio, deve-se acalmar a dôr e a irritação com cataplasmas de farinha de linhaça, e observar um repouso absoluto. Quando a inchação e a dôr diminuirem com o emprego d'este meio, será necessario lançar mão das applicações estimulantes, para modificar as propriedades vitaes do osso doente, e produzir a cura da carie. Quando a carie é superficial, pouco extensa, obtem-se bons effeitos dos banhos locaes com infusão de plantas aromaticas, taes como a alfazema, salva, alecrim, hortelã pimenta, etc. Os banhos de cinzas, ou com agua do mar quente, poduzem tambem n'estes casos excellentes resultados; mas é preciso usar d'elles por muito tempo. Quando o osso cariado está descoberto, applicam-se sobre elle fios molhados em aguardente camphorada, em tintura de myrrha, e de aloes, ou em tintura de iodo. Se estes meios forem insufficientes, recorre-se á acção heroica do fogo. Descobre-se a carie por incisões, e cauteriza-se com ferro em braza. Nas caries mui profundas, que são difficilmente accessiveis aos meios cirurgicos, não se deve fazer uso do ferro em braza; n'estes casos obtem-se bons effeitos das injecções com a tintura de iodo. Quando a carie fica estacionaria, apezar dos meios que deixei indica-

dos, se não se alterar a constituição do individuo, convem limitar-se ao repouso da parte affectada, ao asseio, ao regimen fortificante e ao uso dos medicamentos tonicos. (*Veja-se* esta palavra.) Ás vezes, com o tempo, depois de perdidas todas as esperanças, a molestia cura-se por si mesma. Quando a carie affecta uma articulação, é preciso dar a esta uma posição tal, que, depois de formada a ankylose, o membro possa ainda ser de alguma utilidade. (*Veja-se* ANKYLOSE.) Se, pelo contrario, as forças forem diminuindo, a suppuração se tornar cada vez mais abundante e fetida, e a carie affectar um osso sem que a amputação seja praticavel, será esta o unico recurso para acabar com o mal.

Depois d'estas considerações geraes sobre a carie, examinemos esta affecção nos ossos da columna vertebral, ou, por outro nome, carie do espinhaço ou das costas, ou *mal de Pott*, onde ella apresenta algumas particularidades.

Carie vertebral ou MAL DE POTT. Ataca principalmente as crianças, e depende, no maior numero de casos, do vicio escrophuloso; quando se manifesta nos adolescentes, é quasi sempre o resultado da masturbação. A molestia principia por uma dôr em um ponto do espinhaço. Algum tempo depois forma-se suppuração n'esse logar; o pus obedecendo ao seu peso, desce pelos intersticios musculares, que lhe offerecem menor resistencia, e vai formar um abcesso chamado *por congestão* em logar mais ou menos distante da séde do mal que lhe deo origem. Este abcesso apresenta-se debaixo da fórma de um tumor indolente, molle, fluctuante em toda a sua extensão desde o momento da sua apparição, e sem mudança na côr da pelle. Encontra-se ordinariamente nas cadeiras ou na viriiha. Com os progressos da molestia, a vertebra amollece, abate-se com o peso das partes superiores, e a columna vertebral curva-se para diante. Manifesta-se nas costas uma proeminencia angulosa, formada por uma ou mais apophyses das vertebras. Ao mesmo tempo, o doente experimenta nas coxas e nas pernas uma especie de entorpecimento, serve-se d'ellas com difficuldade; ás vezes declara-se subita ou progressivamente uma paralysia completa da metade inferior do corpo. O doente n'este caso é obrigado a recorrer á sonda para ourinar, e aos clysteres para expulsar as materias fecaes. As partes mais salientes, sobre as quaes repousa o corpo habitualmente, inflammam-se e suppuram; o marasmo vai sempre augmentando, e as forças diminuindo progressivamente.

Tratamento. Quando já ha algum tempo que um adulto se queixa de uma dôr fixa e continua em algum ponto nas costas; quando uma criança, chegada á idade de andar, parece ter as pernas fracas, ou sobretudo quando, depois de ter já andado, o não póde fazer, sem que esta fraqueza dependa de alguma molestia conhecida, é preciso, em todos estes casos, examinar com attenção a columna vertebral, para ver se ella não apresenta alguma giba. Quasi sempre se encontra este signal; e no caso contrario, a existencia da dôr, em um individuo que parece predisposto a este mal, o indica sufficientemente. Cumpre então administrar os medicamentos tonicos, taes como o oleo de figado

de bacalháo de Berthé internamente e em fricções na columna vertebral; as preparações de ferro, o vinho de quina, os banhos com plantas aromaticas (alecrim, salva, alfazema, hortelã, tomilho, etc.), os banhos d'agua do mar quentes. Convem estabelecer sobre o logar doloroso uma ou mais fontes por meio da potassa caustica, e entreter a suppuração d'ellas por muito tempo. Tal é o unico tratamento d'esta molestia.

Receituario contra o mal de Pott.

1° Oleo de figado de bacalháo, de Bals, 180 grammas. Para beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia. Ao mesmo tempo fazem-se nas costas duas fricções por dia, com uma colher *de sopa* do mesmo oleo.

2° Ferro Quevenne,

Para tomar uma colher medida, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

3° Vinho de quinium de Labarraque. Para beber um calice duas vezes por dia.

4° Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado. Para tomar 1 calice antes de cada refeição.

5° Vinho de quina, 180 grammas. Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

6° Elixir alimenticio Ducro. Para tomar um calice ao almoço e ao jantar.

7° Preparações de peptona de Catillon.

8° Vinho de glycerina e quina de Catillon.

O modo de preparar os banhos aromaticos acha-se indicado no Vol. 1, pag. 291.

CARIMÃ. Substancia alimentar, que se prepara no Brazil amollecendo a mandioca puba na agua, depois do que côa-se e comprime-se a massa em uma peneira, e dá-se-lhe a fórma de pequenos bolos. Serve para mingáos e diversos manjares, segundo o uso de cada localidade ou provincia.

CARLÃO. Portugal. Traz-os-Montes. Entre o rio Tua e a villa de Murça. Aguas sulfureas e ferruginosas quentes 33° a 34°.

CARLSBAD. Aguas salinas sulfatadas quentes. Temperatura de 40° a 74° centigrados, conforme as nascentes.

Itinerario de Pariz a Carlsbad : Estrada de ferro por Francfort até á estação de Eger, 32 horas. Diligencia d'esta estação a Carlsbad, 4 horas. Despezas 125 francos.

Carlsbad é uma cidade da Bohemia, de 8,000 habitantes, situada n'um valle profundo e entre os rochedos graniticos dominados por montanhas cobertas de matto. No meio do valle corre o pequeno rio Tepel. As nascentes de Carlsbad são numerosas; hoje contam-se dez principaes.

A primeira de todas, pela sua reputação, abundancia a alta temperatura, é o *Sprudel.* Esta nascente, a mais importante de todas as aguas mineraes da Europa, esguicha da terra por uma larga abertura, ferve e recahe em escuma. A sua temperatura é de 74° centigrados. Uma nuvem de vapor a envolve, e, junta ao ruido que faz a agua sahindo da terra

impetuosamente, annuncia ao longe a sua presença. Ao lado do Sprudel acha-se a fonte de *Hygia*, menos quente e menos abundante.

As outras nascentes de Carlsbad acham-se sobre a margem esquerda do Tepel, e na ordem seguinte, descendo o rio: a nascente *Schlossbrunn*, o *Marktbrunn*, o *Mühlbrunn*, o *Neubrunn*, o *Bernadbrunn*, o *Theresienbrunn*, o *Felsenbrunn* e o *Spitalbrunn*. A temperatura d'estas nascentes varia de 40° a 74°. Os encanamentos que as conduzem desembocam em elegantes palacetes.

A agua d'estas diversas nascentes é limpida, transparente e sem cheiro algum. O sabor, algum tanto alcalino, não é desagradavel; foi comparado a um leve caldo de frango. Todas as nascentes tem composição identica, que consiste nos mesmos principios salinos e nos mesmos gazes, nas mesmas proporções; não differem senão pela temperatura. Os principios salinos são sulfatos, chloruretos e carbonatos alcalinos; os gazes são o acido carbonico e o azote.

Eis-aqui o resultado da analyse da nascente *Spruae* segundo Ragsky. 1 litro d'agua contém:

	gr.		gr.
Sulfato de soda.....	2,372	Carbonato de ferro.....	0,002
— de cal.....	0,163	— de manganez.....	0,006
Chlorureto de sodio.....	1,030	Fluorureto de calcio.....	0,003
Carbonato de soda.....	1,361	Phosphato de cal.....	0,002
— de cal.....	0,297	Silica.....	0,072
— de stronciana.....	0,068		
— de magnesia.....	0,124	Total das materias fixas..	5,440

Gaz: Göttl achou 210,59 centimetros cubicos de acido carbonico; 0,85 de azote.

O *sal de Carlsbad*, extrahido da nascente Sprudel por evaporação, é sulfato de soda quasi puro. Fabrica-se tambem artificialmente. Este sal é muito empregado na Allemanha como purgativo.

Bem que as nascente de Carlsbad não differem senão pela temperatura, todavia impressionam diversamente a economia. Assim, tal doente supportará perfeitamente o Schlossbrunn que seria mui fortemente influido pelo Sprudel. Ora, não se podem attribuir estas differenças de acção á unica influencia de um pouco mais ou de um pouco menos de calor, porque fazendo resfriar o Sprudel ao mesmo gráo que Schlossbrunn, continuará a ser excitante. Ha, pois, ali alguma cousa que nos escapa.

As aguas de Carlsbad são sobretudo empregadas em bebida. Em geral, os doentes chegam facilmente a beber de manhã sete ou oito, copos; alguns mesmo bebem mais, sem inconveniente. Esta agua, e particularmente a do Sprudel, determina, muitas vezes, no momento de sua ingestão, um sentimento de constricção na cabeça, vertigens e uma especie de embriaguez; pelo que deve dar-se pelo menos um quarto de hora de intervallo entre cada copo, e fazer exercicio nos intervallos. A acção d'estas aguas é, no maior numero de casos, purgativa. Usam-se tambem em banhos; o estabelecimento contém 72 banheiras, 2 estufas, e 8 banhos de lodo.

As aguas de Carlsbad aproveitam nas molestias do figado e do baço,

nos engurgitamentos sobretudo d'estes orgãos, nas areias, na gota, no diabetes, na prisão de ventre.

Estas aguas podem ser transportadas sem alteração bem sensivel, e produzem effeitos mui notaveis; a dóse é de meia botija á uma botija, pela manhã. É preciso bebêl-as quentes: aquecem-se a banho-maria.

CARMIM. Tinta vermelha extrahida do insecto cochonilha ou do kermes animal, excrescencia de côr vermelha que nasce sobre a casca de uma especie de carvalho, *Quercus coccifera*, Linneo. O carmim é de côr purpurea brilhante, soluvel em agua, insoluvel no ether, e inalteravel pelo ar e pela luz. Os acidos dissolvem-n'o, e dão-lhe côr mais viva, que se torna então escarlate. O carmim emprega-se na pharmacia para dar côr ás pomadas.

CARMINATIVO. Chama-se *carminativo* o medicamento que tem a propriedade de combater as dôres nervosas do estomago e dos intestinos, acompanhadas de ventosidades. Estes medicamentos tiram-se d'entre as substancias aromaticas, taes como as folhas de herva cidreira, salva, hortelã, os fructos de herva doce, funcho, coentro, alcaravia.

CARNAUBA. *Corypha cerifera,* Arruda; *Copernicia cerifera*, Martius. Arvore do Brazil, da familia das Palmeiras. Habita em abundancia no Ceará, Rio Grande do Norte e Matto-Grosso; resiste ás mais rigorosas seccas, sempre verde e florescente, e tem grande prestimo. Das folhas d'esta arvore extrahe-se uma cera amarella, de que se fazem velas. O modo da extracção é mui simples. Lascam-se as folhas e põem-se ao sol para murcharem; passados tres ou quatro dias batem-se n'um logar resguardado do vento; dão então um pó, que derretido ao fogo dá uma cera amarella e dura. Esta cera é muito empregada no fabrico das velas, e é objecto de grande consumo nas provincias do norte do Brazil, mórmente no Ceará, onde já é um importante ramo de exportação. Pelo porto da Fortaleza (capital do Ceará) sahem annualmente para as provincias vizinhas e para a Europa de 2 a 3 mil arrobas (de 30,000 a 45,000 kilogrammas); pelo porto do Aracaty sahem annualmente para os mesmos destinos cerca de 30,000 arrobas (450,000 kilogrammas); pelos portos de Acaracú e Granja e pelo interior sahe tambem grande quantidade para as provincias vizinhas.

O tronco d'esta arvore serve para infinitos usos, para vigas, esteios, etc. Fazem-se com elle instrumentos de musica, tubos, bombas, bocetas, chicaras, etc., etc., por ser muito rija a parte exterior. Do palmito, que é pequeno, e quando tenro muito saboroso, extrahe-se por meio de successivas lavagens grande quantidade de gomma, que é muito nutritiva.

O fructo da carnaúba é do tamanho de uma avelã; come-se a polpa e a amendoa, que é oleosa.

Das folhas seccas fazem-se esteiras, chapéos, cestas, balaios, abanos, vassouras, etc.; e a fibra que dá a mesma folha, quando nova, produz um fio forte com que se fabricam cordas, redes, etc. A palha de carnaúba é exportada para a Europa, onde serve para fabricar chapéos finos que em parte voltam para o Brazil. Muitos productos d'esta gene-

rosa arvore figuráram na Exposição universal de Pariz de 1867, taes como cera em pedaços, velas, cordas, bombas feitas do tronco, grandes pedaços do tronco bruto e polido, chicaras, flautas, etc. Todos estes objectos excitavam a curiosidade de quantos visitáram a Exposição.

CARNE. (*Hygiene e conhecimentos uteis.*) Muitas especies de carne entram na alimentação do homem. Em primeira linha apresenta-se a carne de boi, de vacca, de touro; é a melhor carne que o homem possa comer, e é a que fornece o melhor caldo. A carne de bufalo, mammifero do genero *Boi*, de que se faz uso na Italia e na Africa, e a do bisão que se costuma consumir na America do Norte, são muito inferiores á especie bovina propriamente dita. Vem depois a carne de carneiro e de cordeiro; apenas podem citar-se as carnes de má qualidade que fornecem a ovelha leiteira, a cabra, o bode. O porco dá a carne que é um excellente alimento, com tanto que seja isenta da ladraria e da trichinose (vejam-se estas palavras). Estas molestias dos porcos justificam a adopção dos modos particulares de preparação, e as prescripções de certas leis religiosas contra a carne de porco. O cavallo e o burro fornecem uma carne de boa qualidade, de que se faz uso na Italia e na França. As carnes de cervo, de veado, de gamo, são caças procuradas nas diversas regiões. Os povos da Asia occidental, os do norte da Africa, comem a carne de camelo e de dromedario. No Perú, na Bolivia, come-se a carne de vigonha e de alpáca. A lebre, e o coelho servem tambem de alimentação ao homem. No Brazil, as mattas virgens, as campinas e as proprias capoeiras são povoadas por grande numero de quadrupedes e aves proprias para a alimentação do homem, como sejam a anta, o veado, a paca, a capivara, o catête, o tatú, a perdiz, a codorna, a gallinha do matto, o joó, o jacú, o nhambú, o macuco, o mutum, e muitas especies de pombas. As gallinhas ordinarias, as de Angola, os perús, gansos, patos, marrecos, pombos, figuram entre as melhores especies comestiveis. Alem d'isso muita caça nos é fornecida pelas aves bravas. Salvo certas tartarugas marinhas, lagartos comestiveis e as rãs, os resptis não fazem parte da alimentação do homem. Mas os peixes tem muita importancia debaixo do ponto de vista alimentar. No Brazil, o alto mar, toda a costa e rios interiores são abundantissimos de excellente peixe, como o mero, o bijupirá, a garoupa, o badejo, a tainha, a cavalla, o robalo e outros muitos, entre os que habitam o mar; o usuhy, o dourado, o pirarucú, a piaba, o tambaqui, o tucunaré, o pacú e outros que se encontram nos rios.

A carne tem propriedades especiaes. Altera-se promptamente, e torna-se então repugnante e insalubre.

A melhor carne é a de boi de 7 a 9 annos, engordado depois de ter trabalhado como animal de tiro. Esta carne faz um excellente caldo. Nos bois velhos, a fibra é dura e pouco saborosa.

A cozedura exerce sobre as carnes uma influencia variavel segundo o modo de preparação. Cozidas, a calor, sem intervenção d'agua, as carnes supportam exteriormente de 100 a 130 gráos de temperatura,

quando o interior não passa de 60° a 65°. Esta desigualdade de temperatura tem por effeito de encerrar, debaixo de uma camada superficial contrahida e coagulada, a massa menos cozida, que não perde as suas partes liquidas, e fica tenra, succulenta, sapida, aromatizada. A vitella, pouco aromatica e cheia de succo menos saboroso, precisa ser cozida até 90° ou 95° para desenvolver um aroma particular. A cozedura em vaso tapado com o auxilio d'agua torna tenras as carnes duras; póde ser substituida pela cozedura ao forno com sufficiente quantidade de humidade.

Só a gente de officio, isto é, os carniceiros, podem distinguir, de uma maneira certa, as differentes sortes de carnes, e suas qualidades. Eis-aqui, entretanto, algumas indicações geraes, que podem aproveitar a todos.

Carne de boi. A fibra do boi é menos fina que a da vacca, e a carne é de côr de rosa mais viva. Os ossos das costellas são mais espessos, e mais arredondados.

Carne de vacca. A carne de vacca é sempre de côr rosea-pallida, o seu tecido é mais fino e mais laxo, os ossos das pernas mais delgados, e os das costellas mais largos e muito chatos. Quanto ao sabor e ás qualidades nutritivas, a carne de vacca, quando o animal é morto ainda novo e em estado de sufficiente gordura, não differe da do boi.

Carne de touro. A carne de touro distingue-se da do boi pelo seu tecido cellular, que é geralmente de um grão mais grosso e mais firme ao tocar, e a sua côr de um vermelho mais roxo, sobretudo nos animaes de certa idade. Os ossos são igualmente mais duros e mais volumosos ; a gordura, muito amarella e muito dura tem sempre um cheiro forte.

Carne de vitella. A vitella nascida morta, e a vitella cortada na idade de 8 dias a 3 semanas, não fornecem senão uma carne insalubre ; reconhece-se pelos caracteres seguintes : o tecido cellular, ainda não formado, não tem consistencia; a côr é de um branco-amarello esverdeado, a fibra laxa e um pouco víscosa ; a gordura é de um branco sujo, saponacca e pegajosa. Os ossos, muito esponjosos e quasi flexiveis, contém, em logar da medulla, uma substancia oleaginosa. Os do peito são essencialmente cartilaginosos, as porções musculares são muito delgadas, e não offerecem resistencia. — Na vitella da idáde de mais de tres semanas, estes signaes desapparecem mais ou menos, segundo a natureza dos animaes e a maneira por que foram alimentados.

Carne de carneiro. Chamam-se *carneiros de prados salgados*, os que foram criados nas pastagens regadas pela agua do mar. Sua carne é extremamente tenra e saborosa ; mas nada a distingue, no exterior, da dos outros carneiros de boa natureza.

Carne de cavallo. Bem que esteja reconhecido que esta carne é perfeitamente propria para a alimentação do homem, e que poderia figurar nos mercados ao lado das melhores carnes de açougue, entretanto um preconceito, por assim dizer invencivel, se oppõe a que o uso d'esta carne se generalize. Em todos os casos, o preconceito real, que resulta para a sociedade do desprezo da carne de cavallo para a alimentação do

homem, seria em parte compensado, se todos os cavallos mortos ou improprios para o serviço fossem judiciosamente empregados para a alimentação dos porcos.

Carne de porco. O porco, bom para a matança, não deve ser nem muito novo nem muito velho. Prefere-se geralmente o que tem de 8 mezes a 1 anno. A carne deve ser firme e avermelhada; deve-se rejeitar a que está semeada de grãos brancos ou vermelhos : é signal de que o porco esteve ou está *ladro*, e esta carne, sem ser realmente nociva, perdeo quasi todas as suas boas qualidades.

A carne dos animaes mortos nos matadouros attinge ao cabo de 12 a 18 horas o gráo de molleza e de consistencia tenra que a torna propria á comida ; é então que se transporta aos açougues.

Os pedaços de carne de *boi* ou de *vacca* são commercialmente classificados em categorias, segundo que provém de tal ou de tal parte do corpo do mesmo animal; esta classificação é baseada na espessura da carne, e na proporção em que se acham as substancias tendinosas e outras. As categorias variam naturalmente de preço, por terem qualidades alimenticias mais ou menos elevadas. Admittem-se geralmente tres categorias, procedendo das melhores ás qualidades inferiores. A 1ª categoria comprehende toda a parte posterior do corpo até ás ancas e ao joelho, juntando-lhe a alcatra, o lombo, e as partes correspondentes das costellas. A 2ª categoria é formada das costellas, da parte contigua ás costellas até ás ilhargas, e de tudo o que constitue a região da pá. A 3ª categoria consiste em pescoço, cabeça, rabada, parte dos membros vizinha do jarrete, e região abdominal inferior.

Distinguem-se na vitella tambem tres categorias de pedaços: 1ª categoria : coxa, lombo, rins, e um quadrado coberto, contiguo ao lombo; 2ª categoria : hombro, peito e a parte interior do quadrado coberto; 3ª categoria : pescoço.

Carneiro. 1ª categoria : perna, lombo, costellas; 2ª categoria : pá : 3ª categoria : peito, e pescoço.

Composição da carne. A carne dos animaes de acougue se compõe essencialmente : 1° de materias albuminoides (musculina, myosina); 2° de substancias azotadas (creatina, creatinina, etc.); 3° de gordura; 4° d'agua; 5° de materias mineraes compostas principalmente de acido phosphorico, de potassa e de oxydo de ferro.

A carne de boi se compõe de :

Agua	74,00 a	80,00
Materias solidas	26,00	20,00
Albuminoides coaguladas Myosina nucleo Vasos e fibras elasticas	15,4	17,7
Glutina	0,6	1,9
Albuminato, albumina coagulavel a 45°	2,2	3,00
Creatina	2,7	0,14
Gordura	1,5	2,30
Potassa	0,50	0,54
Soda	0,07	0,09

Magnesia	0,04	0,05
Acido lactico	1,5	2,30
— phosphorico	0,66	0,70
Sal marinho	0,04	0,89
Cal	0,12	0,13

Pós de carne. O uso do pó de carne foi introduzido na therapeutica em 1881 pelo doutor Debove para substituir as antigas preparações de carne crua. Fabrica-se esse pó, fazendo seccar a carne de boi ou de cavallo a uma temperatura inferior a 100 gráos, reduzindo-a depois a pó impalpavel. Assim preparado, o pó de carne torna-se de uma divisão extrema; a sua côr é a da avelã, o seu cheiro e seu sabor são quasi nullos, a sua conservação é absoluta. O pó de carne é de um immenso valor nutritivo; elle representa cinco a seis vezes o seu peso de carne fresca, de modo que 50 grammas de pó de carne representa 300 grammas de carne fresca. Em razão do seu estado de divisão extrema, elle é de uma digestibilidade igual á sua força alimentar e de facil peptonisação.

Em todos os casos em que se empregava outr'ora a carne crua deve ser esta substituida pelo pó de carne, por ser maior seu valor nutritivo, por ser de mais facil digestibilidade e porque nunca porduz a tenia.

Geralmente o pó de carne é indicado no tratamento das affecções consumptivas, nos estados diathesicos caracterizados pela miseria physiologica, o esfalfamento e a desnutrição do organismo, taes como a chlorose, as affecções do estomago, do tubo digestivo, na febre typhoide, na dysenteria e sobretudo na tuberculose. O doutor Debove tem tirado grande proveito do emprego do pó de carne contra a tisica.

Os pós de carne que mais se recommendam são os de Catillon e de Trouette-Perret.

Os pós de Carne de Catillon são preparados com carne de boi pura ou misturada com farinha de lentilhas ou com farinha de milho.

Os pós de carne de Trouette-Perret preparam-se com carne de boi diastasada misturada com assucar de leite, ou com farinha de lentilhas ou com hervilhacas. Trouette-Perret tambem preparam pó de carne diastasada e phosphatada.

Todos estes pós de carne são preparados com o maior esmero e satisfazem a todas as indicações therapeuticas. São bem tolerados pelos doentes aos quaes podem ser administrados, segundo os casos e as idades, na dóse de 2 a 4 colheres, das de sopa, por diversas vezes no correr do dia, deluidos em caldo, em chocolate, em leite ou em agua assucarada á qual se junta um pouco de cognac ou de rhum ou um pouco de xarope de punch, frios ou mornos, mas não muito quentes.

Peptonas. A carne serve tambem para preparar peptonas artificiaes, que são a propria carne digerida artificialmente pela pepsina ou pela pancreatina e feita directamente assimilavel sem intervenção alguma do estomago e dos intestinos. As peptonas são de grande utilidade no tratamento de muitas affecções. *Veja-se* PEPTONA.

Elixir alimenticio Ducro. (Carne, alcool, cascas de laranja azeda.)

Typo do medicamento alimento. Approvado pela Junta de Hygiene do Rio de Janeiro. Adoptado pelo hospital da Santa Casa de Mizericordia. Receitado quotidianamente pelas summidades medicas de Pariz, contra a ancmia, a dyspepsia, a chlorose, a leucorrhea, a escrofula, o rachitisimo, a consumpção, as molestias de peito e as convalescencias em geral. Como prophylatico é medicamento de grande valor quando grassa qualquer epidemia, febre amarella, cholera, etc. Como tem um sabor muito agradavel, tomam-n'o até por gosto os doentes que maior repugnancia têm para os alimentos.

CARNES ESPONJOSAS. (*Medicina.*) São excrescencias que se desenvolvem nas feridas; e como impedem que estas se fechem, convem destruil-as com pedra infernal ou com pedrahume calcinada.

CARNEGÃO ou CARNICÃO. O carnegão é uma porção de materia concreta, esbranquiçada c sanguinolenta, que se espreme dos leicenços e dos anthrazes. E formada por um pouco dc tecido cellular gorduroso. A sahida do carnegão é seguida quasi immediatamente da diminuição de todos os phenomcnos inflammatorios; e a cavidadc que resulta fecha-se promptamente. Facilita-se a sahida do carnegão com cataplasmas de linhaça ou de fecula.

CARNEIRO. A melhor idade do carneiro destinado á producção, é de 30 mezes. Possue então todas as suas qualidades, fixáram-se as suas fórmas, a sua saude é solida, e tcm todo o ardor e toda a força necessaria. Mas não conserva todas essas vantagens senão durante dois ou tres annos; quando tem cinco annos e meio, ás vezes mesmo um anno antes, perde todo o ardor, e torna-se pesado e preguiçoso. Ordinariamente não se conservam os carneiros de mais de quatro annos. Para ter cordeiros vigorosos, não se deve dar ao carneiro mais de 30 a 40 ovelhas. Quinze dias antes da cobrição, convem separal-o cuidadosamente das ovelhas, e accrescentar á sua ração habitual, avcia, cevada, feijões quebrados, ou outros alimentos substanciaes. Emquanto dura a época da cobrição, o carneiro come pouco, e se não tivesse engordado antes, cahiria em deploravel magreza. Passado a estação da cobrição, que dura ordinariamente 20 dias, deve-se pòr o carneiro a um regimen fortificante, e refrigerante ao mesmo tempo, afim de que possa restaurar as suas forças. Emquanto lhe dura o cio, o carneiro é máo; suas cabeçadas ou marradas podem ser perigosas. Em qualquer outro momento, é tão pacifico como o resto do rebanho. Evitar-se-hão com cuidado os combates entre carneiros, porque estes animaes podem *marrando* um com outro, ferir-se gravemente na cabeça; e para prevenir isto, basta envolver-lhes os cornos com olmes com que se atam os mólhos de lenha, de maneira que se estendam para fóra da testa. Os pastores inglezes e hespanhoes cortam os cornos aos carneiros, não sómente para os impedir de brigarem, ou embaraçarem os cornos na grade da mangedoura, o que lhes acontece assaz frequentemente, mas tambem para não consumir infructuosamente grande quantidade de succo nutritivo, que póde ser empregado no crescimento de outros orgãos. A idade do carneiro conhece-se pelos dentes. *Veja-se* OVELHA e CORDEIRO.

Exame dos animaes lanigeros na occasião da compra. Quando se compra um rebanho, não se visitam ordinariamente senão alguns carneiros apanhados ao acaso no rebanho, para asssgurar-se do seu estado de saude. Para este fim, cavalga-se um carneiro, apertando-o entre as duas pernas, depois de agarrado pelo jarrete. Assegura-se, pelo exame das partes mais finas da pelle, se não ha algum vestigio de *sarna*, e examina-se a conjunctiva (membrana do olho), que deve, no estado de saude, ser côr de rosa. Se o carneiro que se apanhou é côxo, deve-se procurar conhecer a causa da manqueira.

CARNICEIROS. Os carniceiros estão expostos a contrahir a molestia chamada *carbunculo*, sobretudo quando se acham em contacto com a carne de animaes mortos d'esta molestia ; mas, em compensação, os carniceiros são de todos os operarios os que gozam de saude mais perfeita. A absorpção das moleculas nutritivas, que se desenvolvem das carnes e das pelles dos animaes que se esfolam, augmentam os elementos de nutrição, e são a causa do exterior florido, e da gordura de que muitos d'elles são dotados. A tisica é molestia mui rara entre os homens d'esta profissão.

CARNOSIDADE. Dá-se este nome á elephantiase do escroto. É um augmento na grossura da pelle d'essa parte do corpo, devido aos ataques repetidos de erysipela. *Veja-se* ELEPHANTIASE.

Dá-se tambem o nome de carnosidades ás excrescencias que nascem nas feridas, e que devem ser queimadas com pedra infernal ou pedra-hume calcinada.

Emfim chama-se *carnosidade da urethra* a excrescencia carnosa que se forma no interior d'este canal, e que obstrue a passagem das ourinas. É preciso destruil-a com pedra infernal. *Veja-se* ESTREITAMENTO.

CAROBA. *Jacaranda procera*, Sprengel. Arvore do Brazil, da familia das Bignoniaceas. Tem as folhas bipennadas, foliolos glabros, ovaes, oblongos, verde escuros por cima, verde-claros por baixo, nervuras lateraes obliquas e mui salientes, sabor muito amargo ; flores dispostas em paniculas pedunculadas; fructo, capsula lenhosa, quasi orbicular, achatada e bivalve; sementes membranosas aladas; raiz roxa-escura por fóra, branca-amarellada por dentro.

As folhas da caroba são empregadas contra as boubas e a syphilis. Usam-se as mais das vezes em cozimento, que se prepara com 8 grammas de folhas de caroba e 360 grammas d'agua. Esta quantidade toma-se em um dia. O mesmo cozimento é usado tambem em lavatorios nas ulceras boubaticas. As folhas reduzidas a pó applicam-se igualmente nas mesmas ulceras.

A familia das Bignoniaceas encerra mais outras especies de caroba, que gozam das mesmas propriedades; são :

CAROBA DE FLOR VERDE. *Cybistax antisyphilitica ;* Martius.

CAROBA BRANCA. *Sparattosperma linthontripticum*, Martius.

CAROBA ROXA OU PRETA. *Bignonia obovata*, Velloso.

CAROBA DE S. PAULO. *Jacaranda paulistana*, Manso.

CAROBA MIUDA OU CAROBINHA. *Bignonia caroba*, Velloso.

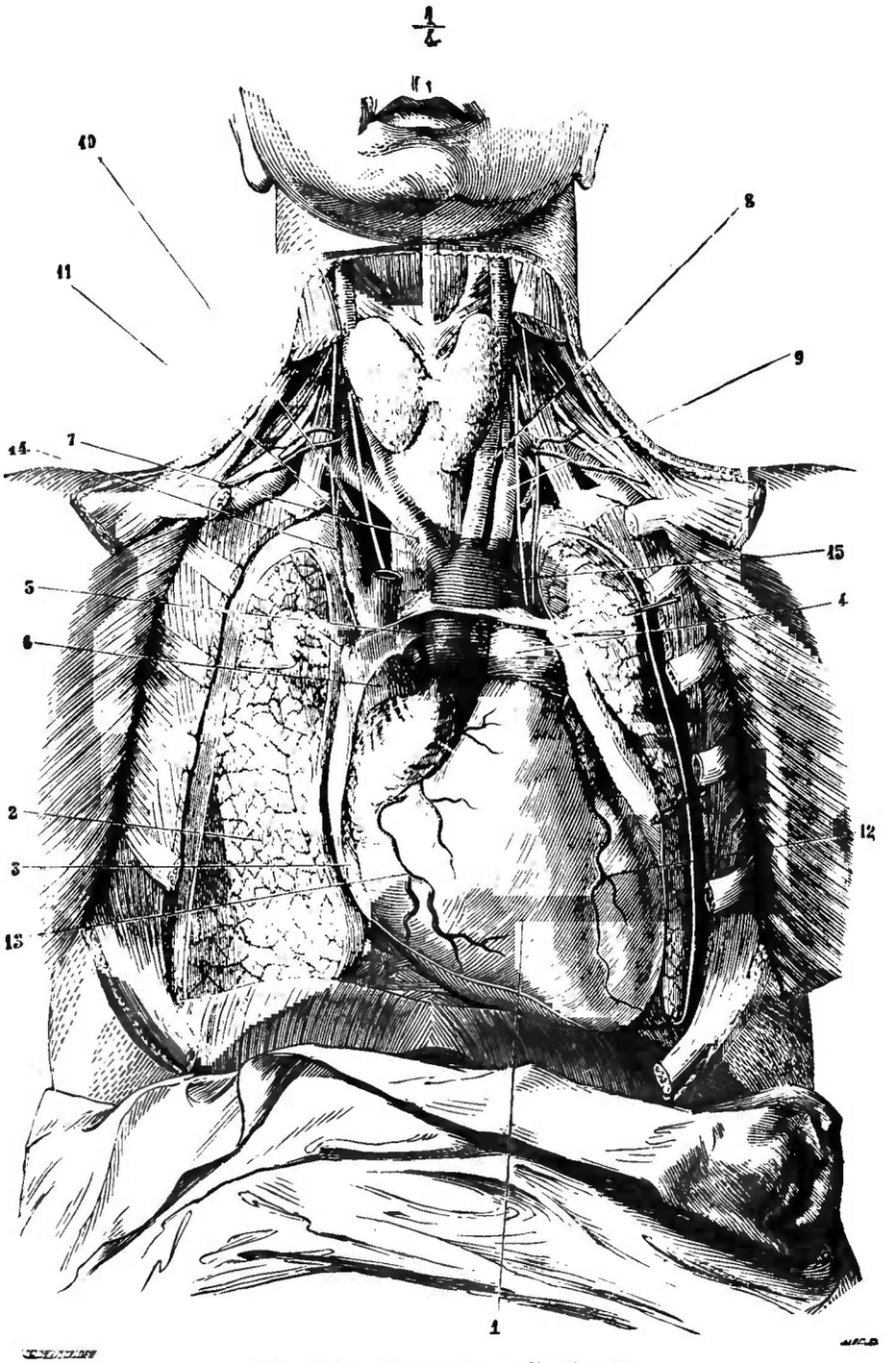


Fig. 145. — Região do mediastino (*).

(*) 1. Coração. — 2. Pulmões. — 3. Pericardio aberto. — 4. Arteria pulmonar. — 5. Aorta. — 6. Veia cava superior. — 7. Tronco brachio-cephalico. — 8. Carotida primitiva esquerda. — 9. Sub-clavicula esquerda. — 10. Mammaria interna cortada. — 11. Diaphragmatico superior. — 12. Coronaria cardiaca anterior. — 13. Coronaria cardiaca posterior. — 14. Nervo phrenico. — 15. Nervo pneumogastrico.

CAROTIDAS. São duas arterias principaes que levam o sangue ás differentes partes da cabeça. As arterias carotidas propriamente ditas, ou *carotidas primitivas*, são duas, uma *direita*, outra *esquerda*. Sahem do peito, e sobem ao longo das partes lateraes e anteriores do pescoço, separadas uma da outra pela traca-arteria e pela larynge; de cada lado do pescoço, podem sentir-se as suas pancadas com o dedo (fig. 145).

Feridas das carotidas. As feridas das carotidas são de ordinario accidentes mortaes; observam-se, ás vezes, nos córtes que certos individuos dão no pescoço com o intuito de se suicidarem. Sahe então com impetuosidade, e por sacudidelas, um jorro de sangue de côr vermelha-viva. Quando a arteria está largamente aberta, a morte é quasi instantanea, salvo se um desmaio salutar vier suspender por alguns instantes a hemorrhagia; n'este caso, ou quando a ferida é menos consideravel, existe só um unico meio de salvação, que consiste em applicar rapidamente o dedo na ferida e comprimir a arteria aberta, até á chegada do cirurgião, que deverá praticar a sua laqueação.

CARPHOLOGIA. Symptoma caracterizado por movimentos involuntarios das mãos e dos dedos que fazem certos doentes que parecem querer apanhar objectos que volteam no ar ou que desfiam o felpo dos cobertores da cama agitando-os continuadamente. É phenomeno muito grave que indica a morte imminente. Observa-se principalmente nas ultimas horas das molestias agudas e das inflammações do cerebro.

CARQUEJA AMARGOSA. *Baccharis triptera*, De Candolle. Synanthereas. Planta do Brazil; habita nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas. Caule com tres azas foliaceas, interrompidas de distancia em distancia; folhas mui pequenas e poucas; flores em capitulos nas summidades dos ramos, formando espigas interrompidas; sabor amargo, cheiro aromatico. A infusão d'esta planta é tonica e antifebril; emprega-se no fastio e na diarrhea: prepara-se com 8 grammas do caule e 250 grammas d'agua. O extracto, na dóse de 2 grammas, é util nas obstrucções do figado.

CARQUEJA DOCE. *Baccharis Gaudichaudiana*, De Candolle. Synanthereas. Tem o sabor menos amargo do que a precedente. O caule tem só duas decurrencias; goza das mesmas propriedades que a carqueja amargosa.

CARRANGAHEEN. MUSGO MARINHO PERLADO, MUSGO DE IRLANDA, *Fucus crispus*, Linneo. Musgo que habita nas beiras dos mares do Norte da Europa. É de côr purpurea-roxa no estado fresco. O que se encontra no commercio é secco, crespo, elastico, de um branco amarellado, cheiro fraco, sabor mucilaginoso e não desagradavel. É uma das plantas mais mucilaginosas que se conhecem. Os Inglezes, que o fizeram conhecer, empregam-n'o como analeptico na tisica e diarrhea, sob a fórma de decocto que se prepara com 5 grammas de carrangaheen e 1000 grammas d'agua. Preparam-se tambem com o carrangaheen pastilhas, gelea, e um xarope. Os cabellereiros fazem com elle a *bandolina*, e os fabricantes de cerveja servem-se d'elle para dar corpo á cerveja.

CARRAPATO, *Ixodes* (fig. 146). Insecto de fórma arredondada, pequeno e achatado quando está em jejum, mas depois de tomar a sua refeição adquire um desenvolvimento relativamente enorme. A bocca é armada de um bico ou chupador. O corpo consiste em uma especie de sacco; as patas são delgadas e quatro de cada lado. Os carrapatos vivem como parasitas nos cães, bois, carneiros, etc,; introduzem-se até mesmo debaixo da pelle do homem. Conhecem-se d'elles muitas especies; citarei as seguintes:



Fig. 146. — Carrapato.

Ixodes ricinus. Latreille, de côr vermelha de sangue com a chapa escamosa anterior de um rubro-escuro, os lados do corpo guarnecidos de alguns pellos. Vive nos cães.

Ixodes plumbeus, de côr de chumbo ou esverdeada escura, quando está cheio. Ataca igualmente os cães.

Ixodes reticulatus, Latreille, côr de cinza, com pequenas nodoas e linhas annulares de um roxo-avermelhado. Agarra-se aos bois, carneiros, e muitos outros mammiferos domesticos.

Os carrapatos põem enorme quantidade de ovos, não sobre o corpo dos animaes onde tem vivido, mas no chão. Os pequenos, que sahem d'elles, trepam ás plantas, agarram-se ás folhas, e esperam que passe algum animal, para se lançarem sobre elle. Os caçadores e os viajantes, quando atravessam os mattos espessos, estão expostos ás suas insupportaveis picadas. Qnando o carrapato se agarra a um animal na passagem, penetra successivamente entre o pello e chega, por um instincto notavel, a um logar do corpo approximado da cabeça, onde esteja fóra do alcance dos dentes da sua victima. Introduz então todo o seu ferrão e mesmo toda a cabeça na pelle, produzindo alí uma irritação e uma tumefacção consideravel, e fixando-se com tal força que não se póde arrancar sem partil-o e abandonar a cabeça na ferida, sendo necessario cortar a parte da carne a que elle se achava agarrado.

Quando os carrapatos se acham em pequena quantidade n'um animal, só causam um leve incommodo; mas quando são muitos podem exhaurir-lhe as forças.

O modo mais simples de desembaraçar d'elles os animaes, consiste em lavar estes com infusão de fumo, ou fazer algumas fricções com unguento mercurial cinzento, ou tocar os carrapatos com um pincel embebido na essencia de terebinthina; este meio é preferivel ao arrancal-os, o que não deixa de apresentar perigo, qnando são muito abundantes.

Dá-se tambem o nome de *carrapato*, á semente da mamona ou do ricino. *Veja-se* MAMONA.

CARRAPICHO. *Urena sinuata*, Linneo, Malvaceas. Planta do Brazil; habita especialmente em Pernambuco. A infusão das folhas ou flores é emolliente; 4 grammas para 360 grammas d'agua fervendo.

CARRAPICHO DA CALÇADA. *Triumfeta sepium*, Saint-Hilaire. Tiliaceas. Sub-arbusto do Brazil. Folhas acuminadas, denteadas em serra, pubescentes na pagina superior, tomentosas na inferior; pedunculos de tres flores; fructo globoso piloso e espinhoso.

O cozimento das folhas e fructos contusos é usado em injecção contra

a blennorrhagia. Tira-se dos ramos uma filaça, que serve para a confeição de cestinhos.

A *Triumfeta eriocarpa*, Saint-Hilaire, e a *Triumfeta semitriloba*, Lamarck, são conhecidas pelos mesmos nomes de carrapicho, e empregam-se pela mesma fórma na gonorrhéa.

CARRATRACA. Hespanha. Aguas sulfurosas frias; 18° Molestias cutaneas, syphilis, escrophulas, paralysias, nevralgias, bronchites.

CARREGAÇÃO DOS DENTES. Algumas pessoas chamam assim a inchação do rosto, proveniente da dôr de dentes. *Veja-se* DENTES.

CARREGAÇÃO DOS OLHOS. *Veja-se* CONJUNCTIVITE.

CARREGAÇÃO DO PEITO. *Veja-se* DEFLUXO, BRONCHITE.

CARTHAMO DOS TINTUREIROS. *Veja-se* AÇAFRÔA.

CARTILAGEM. Corpo branco, madrepolado, elastico e flexivel, que se observa sobretudo nas juntas e nas extremidades dos ossos; na carne cozida que se come é a parte que trinca nos dentes.

CARUNCULA LAGRIMAL. Pequeno corpo de fórma oval ou triangular, situado no grande canto do olho, e coberto por uma membrana mucosa rubra e molle. Na sua margem ocular ou externa a membrana conjunctiva forma no homem uma pequena dobra semi-lunar que, desenvolvida em muitos animaes mammiferos, forma rudimentos de *membrana pestanejante*. A caruncula lagrimal apresenta inflammações e tumores bastante numerosos.

I. INFLAMMAÇÃO DA CARUNCULA. A propagação da inflammação da conjunctiva ou das palpebras, o frio, o desenvolvimento dos pequenos cabellos, pancadas ou outras violencias externas, são as causas da inflammação da caruncula lagrimal. Esta molestia é caracterizada pela inchação, dôr, vermelhidão, calor, e, ás vezes, pela suppuração d'esta parte.

Tratamento. Applicar pannos molhados em agua tepida ou cataplasmas de linhaça; fazer seringatorios com agua morna; extrahir os corpos estranhos se existem; arrancar os cabellos desenvolvidos na caruncula, se a inflammação é consecutiva á trichiasis; abrir cedo os abcessos que podem desenvolver-se.

II. TUMORES DA CARUNCULA LAGRIMAL, ENCANTHIS. A hypertrophia da caruncula, kystos, calculos, polypos, cancros, occupam ás vezes o canto interno do olho, e impedem as palpebras de se fecharem, quando se acham consideravelmente desenvolvidos.

A hypertrophia simples da caruncula desenvolve-se lentamente, tem consistencia molle, não deita sangue facilmente, e não causa dôr.

Os kystos da caruncula são fluctuantes e, pela puncção exploradora com agulha, dão sahida a um liquido pegajoso.

Os calculos apresentam resistencia dura e caracteristica.

Os cancros da caruncula desenvolvem-se rapidamente, augmentam de volume, são dolorosos, e deitam sangue pelo menor contacto.

Tratamento. Excise-se a caruncula hypertrophiada, e cauterize-se depois a ferida com pedrahume calcinada ou com pedra infernal. Tratem-se pela mesma fórma os polypos que não são senão uma variedade da hypertrophia.

Os calculos extrahem-se por meio de incisão; cumpre extirpar os kystos. Os cancros devem ser extrahidos quanto antes.

III. TRICHIASIS DA CARUNCULA. Molestia que consiste no desenvolvimento sobre a caruncula das pestanas, que irritam o olho, e produzem ás vezes inflammações fortes.

Tratamento. Consiste em arrancar os cabellos, e cauterizar o bolbo perforado com agulha aquecida até ao rubro.

CARURÚ. Debaixo d'este nome designam-se no Brazil muitas plantas que nascem espontaneamente, ou quasi espontaneamente, pois que basta plantal-as ou semeal-as uma vez para que se propaguem abundantemente. As vagens, folhas ou hasteas fornecem alimentos mui sadios e mui gostosos. O numero d'estes vegetaes passa de vinte; aponto os seguintes:

CARURÚ. *Amarantus viridis*, L. Amarantaceas.

CARURÚ AZEDO. *Hibicus subdariffa*, L. Malvaceas.

LINGUA DE VACCA, JOÃO GOMES. *Talinum*, Portulaceas.

ORA PRO NOBIS. *Peresquia grandifolia.* Cacteas.

CARVALHAL. Portugal: Beira-Alta. Aguas sulfureas e levemente alcalinas. Temperatura das differentes nascentes 35° a 38°.

CARVALHINHA, Chamedrios ou **Carvalho pequeno** *Teucrium chamœdrys*, Linneo. Labiadas. Planta europea, levemente aromatica, de sabor amargo. Caule deitado, dividido desde a base em ramos pubescentes, deitados e depois levantados, da altura de 15 a 30 centimetros; folhas de peciolo curto, pequenas, ovaes-oblongas, crenadas nas margens, lisas na face superior, um pouco pubescentes na face inferior; flores purpurinas, dispostas nas axillas das folhas superiores, que são apenas denteadas e avermelhadas. As summidades floridas são empregadas como excitante e amargo debaixo da forma de pó ou de extracto, na dóse de 1 a 4 grammas.

Empregam-se tambem diversas outras especies de carvalhinha; entre ellas citaremos: a carvalhinha aquatica, a carvalhinha femea, a carvalhinha escorodinia e a carvalhinha maritima ou herva de gato.

CARVÃO. Designa-se com este nome uma substancia que resulta da acção do fogo sobre as materias vegetaes ou animaes, em vasos fechados e por conseguinte ao abrigo do contacto do ar.

Existe tambem um carvão de pedra ou mineral que é o resultado das reacções naturaes no seio da terra. Temos, pois, a examinar tres especies de carvão: o carvão proveniente da combustão das susbstancias vegetaes, que é o *carvão vegetal* ou *de lenha;* o carvão que provém da combustão das substancias animaes, como, por exemplo, os ossos, que é o *carvão animal;* e, em terceiro logar, o *carvão de pedra.* Todo o carvão é composto de carbone, corpo simples, misturado com diversas outras substancias, segundo a sua natureza, origem e gráo de pureza.

Carvão vegetal, carvão ordinario, obtem-se pela combustão incompleta da lenha. Esta operação, que se pratica no meio dos mattos, consiste em formar pyramides de lenha, em fórma de cones troncados, em cujo centro se conserva um espaço vasio para metter o fogo; cobrem-se estes montões de lenha de uma camada de folhas, sobre a

qual se applica terra bem batida, deixando em baixo algumas aberturas para fazer entrar o ar; mette-se o fogo, e quando a massa está bem aceesa, tapam-se todas as aberturas, afim de que a eombustão continue de uma maneira lenta ; para que a lenha, ao abrigo do eontaeto do ar, se transforme poueo a poueo em earvão. Este modo de earbonizar a lenha é muito antigo. Imaginaram tambem earbonizal-a em vasos feehados, para obter ao mesmo tempo earvão, gazes eombustiveis, alcatrão e vinagre.

O carvão de lenha é solido, preto, inodoro, sem sabor, mais pesado do que a agua, e entretanto boia durante algum tempo n'este liquido, propriedade que é divida ao ar eontido nos seus poros; mas aeaba por perder parte d'este ar e eahe no fundo do liquido. É fragil, reduz-se faeilmente a pó, n'este estado póde servir para polir os metaes. É eomposto de earbone (substancia earbuneulosa), de hydrogeneo e de substancias salinas que forneeem a einza.

Ha uma espeeie de earvão muito empregada nas artes, ehamada *pós de sapato*. Resulta da eombustão das substancias resinosas. É uma verdadeira fuligem, produzida pelas resinas, taes eomo o alcatrão, pez, ete. queimadas em panellas de ferro, que se enchem eom pedaços d'estas differentes resinas. Este earvão entra na composição da tinta de imprimir, da graxa, dos vernizes, ete.

Quando se aceende o earvão ao eontaeto do ar, formam-se gazes (eorpos aeriformes) que, sendo respirados, podem oeeasionar a morte por asphyxia. E por isso, eumpre entreter uma eorrente de ar nos logares em que arde o earvão, afim de desembaraçar a atmosphera d'estes gazes, que são o aeido earbonieo e o hydrogeneo carbonado.

O earvão vegetal tem muitos empregos. É um dos eombustiveis de que se faz frequente uso. O earvão é empregado para tirar o cheiro a muitas substaneias odoriferas. Basta, por exemplo, limpar eom earvão os vasos impregnados de algum eheiro, para desembaraçal-os d'elle inteiramente. As aguas que não estão mui putrefaetas perdem igualmente o máo eheiro, passando-as atravez de um filtro de earvão. Se, pelo contrario, a putrefaeção d'estes liquidos está mui adiantada, mistura-se 1 litro d'agua eom 30 grammas de earvão em pó bem secco, e 15 gottas de aeido sulfurico coneentrado, e logo que a agua tiver perdido o eheiro, passa-se atravez de um eoador que contenha earvão. Qualquer que seja o proeesso adoptado, as aguas assim purifieadas devem empregar-se logo, porquanto, não influindo o earvão sobre as materias animaes não decompostas, estas alteram-se e tornam a infeetar o liquido. Bem que a desinfeeção das aguas por meio do earvão seja uma descoberta moderna, esta propriedade foi de muito tempo eonfirmada por uma pratiea mui antiga. Com effeito, em eertos paizes os habitantes das roças tem por costume lançar nos poços, para eonservar e tornar sadia a agua, earvão tirado das fogueiras que aeeendem para festejarem S. João. Por este meio, regeneram a agua dos poços infeetada pelo corrupção de animaes, e principalmente das gallinhas que n'elles cahem. É ainda com o fim de preservar a agua da corrupção,

que se carboniza o interior das pipas destinadas a conserval-a nas longas viagens. Carbonizam-se tambem as estacas que se fincam na terra, afim de que resistam por mais tempo á humidade, porque sem essa cautela apodreceriam mui promptamente.

Serve tambem o carvão pisado para clarificar e descorar os liquidos, o mel, os xaropes, e o vinagre principalmente. O *carvão animal*, isto é, o carvão de ossos, possue esta propriedade importante em maior grao, e por isso é empregado com preferencia. O carvão misturado com enxofre e salitre constitue a polvora. O ferro combinado com mui pequena quantidade de carvão forma o aço : em proporções inversas, isto é, muito carvão e uma pequena quantidade de ferro, constitue a plombagina com que se fazem os lapis. Reduzido a pó impalpavel, o carvão forma um dos melhores pós dentifricios de que se possa fazer uso. Associado a uma mucilagem e a algum aroma, forma as pastilhas que corrigem o máo halito. Entra enfim na composição das pomadas que se empregam efficazmente contra a tinha.

Em medicina muito se emprega o carvão vegetal reduzido a pó impalpavel. Não é indefferente, porem, o emprego de qualquer carvão. O carvão medicinal deve ser aquelle que resulta da combustão feita systematicamente de madeiras tenras. Após numerosos ensaios, a madeira que melhores resultados tem dado para esse fim, é a de renovos do choupo cujo carvão, preparado segundo os dados do doutor Belloc, foi approvado pela Academia de medicina de Pariz. É o Carvão de Belloc que é empregado em therapeutica, tanto em pó, como em pastilhas.

Administra-se'o no tratamento das gastralgias, da pyrosis e em geral no de todas as affecções nervosas do estomago e dos intestinos, nas digestões difficeis, nos pesos do estomago e nas dyspepsias. Já se o tem empregado, com feliz exito, em clysteres, no meteorismo da febre typhoide; nas gastro-enterites e athrepsias das crianças em todas as estações, principalmente no verão.

O carvão de Belloc tambem é rigorosamente indicado nas diarrheas estivaes, nas diarrheas infecciosas e parasitarias dos paizes quentes, nas dysenterias, nas cholerinas e quando grassa o cholera.

O carvão secca os fluxos porque se oppõe as fermentações viciosas, donde ellas derivam.

Em sentido inverso, o carvão de Belloc é um meio poderoso de combater a prisão do ventre, porque a sua presença nas vias digestivas excita as contracções intestinaes e demais porque elle tem propensão para restabelecer a funcção principal da digestão. É d'este modo principalmente que favorece a exoneração intestinal. Em todos os casos, de dois modos, o carvão serve para purificar os centros digestivos.

Administra-se o pó de carvão de Belloc em dóses variaveis,

O doutor Belloc que empregára este medicamento em si proprio, para se curar de uma dyspepsia inveterada, relata em sua memoria sobre o pó de carvão, que elle chegou a tomal-o até á dóse de 500 grammas por dia, engullindo o pó, ás colheres de sopa, com um pouco d'agua.

Ordinariamente bastam duas a cinco colheres por dia. O doutor Belloc

receitava, habitualmente, o carvão na dóse de uma colher, de sopa, antes e depois do almoço e do jantar, deluido em um pouco d'agua.

Um bom modo de administração tambem, consiste em tomar uma a duas colheres de pó de carvão em uma chicara de chá, de manhã em jejum. Os effeitos laxativos do carvão se declaram então muito mais pronunciados.

O carvão não affecta de nenhum modo o paladar, só o que tem de desagradavel é a côr, se isso pode ser considerado como uma cousa desagradavel. Quando se o toma, elle deixa na bocca uma frescura assaz boa, e a sensação de bocca amarga, tão commum nos individuos dyspepticos, logo desapparece; tambem tira todo e qualquer máu halito, seja qual fôr a sua causa.

Como o tomar qualquer pó desagrada a muita gente foi estudado um meio de administrar o pó de carvão de outro modo, fizeram-se então pastilhas.

A este respeito o que vamos expôr sobre as pastilhas tambem pode se dizer sobre o pó de carvão.

Se deitar-se uma pastilha de Belloc na agua, ella se desfaz immediatamente e estende-se como uma nuvem em todo o liquido. Se tomal-a entre os dedos ella se quebra logo: que se faça a mesma operação com uma pastilha de qualquer outro carvão do commercio; ella vai logo ao fundo onde se conserva quasi intacta por muitas horas, tome-a entre os dedos e experimente quebral-a, verá que os esforços serão baldados. Ha n'isso tambem um artificio de preparação de grande importancia. O doutor Belloc, e actualmente seus successores fazem a pastilha agglomerando o pó de carvão por simples pressão, ajuntando-lhe apenas uma quantidade diminuta de xarope simples, por meio de fortes prensas hydraulicas. Em summa, não fazem mais do que reconstituir por pressão o pó de carvão em estado solido. Debaixo d'esta nova forma, conserva elle sua leveza e divisibilidade extrema, o que não acontece com as pastilhas communs, que são feitas agglutinando-se o carvão com um excipiente gommoso que forma pequenos pedaços mui densos e mui difficeis de se desaggregar.

Os mais impertinentes doentes e mesmo as crianças tomam com facilidade as pastilhas de Belloc, que se derretem, para bem dizer, na bocca. Cada pastilha equivale a uma colher de chá de pó. Pode-se, sem inconveniente, durante todo o dia, chupar d'estas pastilhas quanto se queira.

Carvão animal. Carvão produzido pela carbonização das substancias animaes. Ha d'elle duas variedades no commercio: o *carvão de ossos* ou *negro animal*, e o *negro de marfim*. O primeiro prepara-se com os ossos que se obtem nas grandes cidades, onde o consumo da carne é consideravel; o segundo faz-se com as aparas de marfim rejeitadas pelos fabricantes de objectos de marfim; mas imita-se com os pés de carneiro bem limpos. Carbonizam-se estas substancias em vasos de ferro fundido bem fechados. O carvão animal contém materia carbunculosa, phosphato de cal, carbonato de cal, e azote.

O carvão animal goza em alto gráo da propriedade de descorar os

liquidos, e é por isso que se emprega para branquear os xaropes, o assucar, etc. O carvão animal proveniente do sangue deseccado, dos pellos, cascos, cornos, calcinados com carbonato de potassa, é o que descora com maior energia.

Carvão de pedra. Substancia carbunculosa que se acha em massas consideraveis no seio da terra, e que é essencialmente formada de carbone e de betume, associados em proporção variavel a substancias terreas. É o combustivel mais abundante e mais precioso para todas as industrias que precisam de altas temperaturas; a peso igual, o carvão de pedra dá um calor mais consideravel do que a lenha; extrahe-se d'elle o gaz para alumiar.

O carvão de pedra apresenta-se em fragmentos mais ou menos volumosos, de bella côr preta, quasi sempre brilhante, e ordinariamente de textura schistosa. O seu peso especifico varia de 1,2 a 1,6. Accende-se assaz facilmente, e arde com chamma amarella, acompanhada de fumaça preta, deixando muita cinza, e um residuo vitreo chamado *escoria*. Submettido á distillação o carvão de pedra dá gazes hydrocarboneos (*gaz para luzes*), e deixa um residuo de carvão compacto, chamado *coke*.

Existe grande numero de variedades de carvão de pedra, que, para o uso, podem reduzir-se a tres principaes: *gordo*, *secco* ou *magro*, e *compacto*.

O *carvão de pedra gordo*, vulgarmente *carvão pegajoso* ou *de ferrador*, comprehende as variedades mais carregadas de betume; accende-se mais facilmente; durante a combustão incha e agglutina-se em massa. Pouco vantajoso, por esta razão, para os usos domesticos, o carvão de pedra gordo é procurado, pelo contrario, para o trabalho das forjas e fabricação do gaz. Extrahe-se, em França, das minas de Saint-Etienne, de Rive-de-Gier, de Givors, de Forez, de Littry, de Anzin, de Fins, de Creuzot; na Inglaterra de Newcastle, na Escossia, e na Belgica das minas de Mons.

O *carvão de pedra secco* ou *de grade*, é menos combustivel, mais compacto, mais pesado que o precedente, menos oleoso e menos glutinoso. Emprega-se para a cozinha, para aquecer as casas, para cozer as telhas, a cal, etc.; produz muitas vezes uma fumaça sulfurea e fetida devida aos pyrites que ella contém. Acha-se em França nas minas vizinhas de Marselha, Toulon, Fresnes, Condé; na Inglaterra nas minas de Durham; e em algumas minas da Belgica, principalmente nas de Charleroi.

O *carvão de pedra compacto*, mais duro e mais leve que o precedente, não existe em grande quantidade senão em Inglaterra, no Lancashire, sobretudo em Wigan, e no Condado de Kilkenny na Irlanda; é designado sob o nome de carvão-vela, porque é mui combustivel, arde com longa chamma, branca e brilhante, e dá mui pouca cinza; é muito procurado para aquecer as casas, e emprega-se para a extracção do gaz. Póde ser trabalhado ao tôrno, e serve para a confeição de vasos, tinteiros, caixas de rapé e objectos de ornamento.

A existencia do carvão de pedra está hoje bem averiguada no Brazil. Apparece na provincia do Rio Grande do Sul, nas minas do Arroio do Ratos e no Jaguarão, e em Santa Catharina, junto ao rio Tubarão, na Boa-

Vista. Manifesta-se em S. Paulo e reapparece no Ceará; e suppõe-se que ha jazigos carboniferos no interior do Piauhy, do Maranhão e do valle do Amazonas. Tem-se feito explorações em differentes pontos, e prosegue-se no estudo d'este assumpto, por certo um dos mais importantes para o Brazil.

É opinião geralmente admittida que o carvão de pedra é o producto da alteração, mais ou menos profunda, de arvores e de plantas de especies diversas, que existiam nos primeiros seculos do mundo, antes da apparição do homem, e que foram enterradas pelo diluvio e outros grandes cataclysmas que tem transtornado o nosso planeta. Esta opinião é corroborada pela quantidade de vestigios vegetaes que se encontram nos grés e schistos adherentes ao carvão de pedra.

O carvão de pedra é hoje em dia uma materia que mais productos fornece á sociedade, extrahe-se d'elle diversos productos que passo a mencionar, indicando a arte que o emprega.

Combustivel. — Alem do proprio carvão, o coke e as agglomerações.

Illuminação. — Gaz, parafina, azeite.

Côres naturaes e artificiaes. — Escarlate, indigo, fuschina, urzelha e cerca de quatro centas materias colorantes diversas.

Perfumes. — Essencia de canella, de amendoas amargas, herva ulmeira, cravo da india, wintergreen, anis, carmim, camphora, thymol, um novo perfume chamado methybresaremes, vanelina e heliotropina.

Agentes explosivos. Picratos e dinitro-benzina (bellite).

Medicamentos. — Acetanalyde (hypnone), acido salicylico, naphtol, phenol, antipyrina.

Insecticidios. — Benzina, naphtalina.

Agricultura. — Saes ammoniacaes que servem para esterco.

Curtume. — Tannino.

Assucar. — Saccharina.

Perfumes para comestiveis e confeiteiros. — Groselha, framboeza, pimenta.

Photographia. — Acido pyrogallico, hydroquinone.

Productos diversos. — Alcatrão, asphalto, breu, azeite para machinas, verniz, essencia para desengordurar, prussiato amarello de potassa, cyanureto para galvanoplastia, amargos para cerveja, e até um brinquedo que esteve muito em moda ha alguns annos, chamado a serpente de Pharaão.

CASCA DE ANTA, chamada tambem **Paratudo.** *Drymis granatensis*, Linneo. Magnoliaceas. Arvore do Brazil; acha-se em muitas partes, e particularmente nas provincias de Minas, Rio, S. Paulo, Goyaz, Bahia (fig. 147). Arvore glabra, cujos ramos tem só folhas no apice; folhas de peciolo curto, do comprimento de 5 a 8 centimetros, da largura de 18 a 36 millimetros, ovaes oblongas, rombas na ponta, agudas na base, inteiriças, coriaceas, brancas na face inferior; flores brancas em pedunculos axillares de 4 flores, ás vezes de 3 ou 5; fructos compostos de 3 a 5 bagas contendo muitas sementes. Ha mais tres variedades d'esta arvore. A sua casca, chamada *melambo*, é de côr acinzentada por fóra,

de cheiro forte e penetrante, sabor acre insuportavel. O nome d'esta arvore provém de que, segundo dizem, a anta a come para se curar de molestia. Os habitantes empregam-n'a contra as colicas, em infusão, que se prepara com 4 grammas da casca e 180 grammas d'agua fervendo. O naturalista Augusto de St. Hilaire julga que poderia servir de tempêro nas comidas.



Fig. 147. — Casca de anta.

CASCA DE PANAMÁ. *Veja-se* PANAMÁ.

CASCAES. Portugal: Estremadura. 16 kilometros ao oeste de Lisboa, 2 kilometros antes da villa de Cascaes. Aguas, salinas, frias e tepidas. O seu gosto é salobra. Contém os saes seguintes: chloruretos de sodio, de calcio, de magnesio; carbonatos de cal e de magnesia; sulfatos de cal e magnesia, silica. Tres fontes: 1.ª *Fonte de Santo Antonio do Estoril.* A agua é fria, levemente salobra; contém por litro 3ᵍ,174 de saes. 2.ª *Fonte da Poça.* Agua tepida; 27°. É clara, salobra, transparente e inodora. 1 litro contém 3ᵍ,111 de saes. 3.ª *Fonte do Estoril.* Agua tepida; 28°; é transparente, inodora, salobra, 1 litro contém 3ᵍ,57 de saes.

Usam-se em banhos; convem nas escrophulas, molestias dos ossos (carie, necrose) e nas molestias cutaneas. Existe perto da fonte da Poça um pequeno estabelecimento mandado construir pela Camara municipal de Cascaes, e perto da fonte do Estoril uma casa de banhos.

CASCA PRECIOSA. *Veja-se* PEREIORA.

CASCA DE WINTER. Casca da *Drymis Winteri*, Forster, arvore da familia das Magnoliaceas que habita na America meridional, perto do estreito de Magalhães. Esta casca apresenta-se no commercio em tubos enrolados, do diametro de 27 millimetros, cinzenta na epiderme, vermelha no interior; cheiro aromatico, sabor picante. Estimulante e estomachico, na dóse de 1 gramma.

CASCARA SAGRADA. Casca do *Rhamnus purshiana* (Rhamnaceas) arbusto que habita na California. A cascara sagrada é o remedio por excellencia para combater a prisão de ventre. Emprega-se'o ordina-

riamente sob a forma de grageas de Demàzière, contendo cada uma 0 gram. 125 de cascara, na dóse media de 4 grageas por dia, que se tomam 2 ao acordar e 2 á tarde ao jantar ou antes de se deitar.

O sñr Demazière tambem prepara grageas de iodureto de ferro e cascara sagrada de 10 centigrammas de iodureto de ferro e 3 centigram. de cascara, com o fim de prevenir a prisão de ventre que occasiona ordinariamente o ferro. Estas grageas são muito empregadas contra a anemia, a chlorose, as caimbras de estomago, o fastio e o enfraquecimento; convem principalmente, ás crianças rachiticas e áquellas que se desenvolvem com muita rapidez e fóra de tempo e estão sujeitas ás molestias do peito e ás affecções nervosas.

CASCARILHA. *Croton elutheria,* Bennet, Euphorbiaceas. Arbusto que habita nas Antilhas e na America meridional, e cuja casca é usada em medicina e na arte de perfumaria. Esta casca acha-se em pedaços mais ou menos enrolados, cobertos de uma epiderme esbranquiçada, de côr rôxa por dentro, de sabor um pouco amargo, aromatico e acre, e de cheiro almiscarado, sobretudo quando se queima.

Tonico e excitante. O chá de cascarilha é digestivo, e prepara-se com 4 grammas d'esta casca e 250 grammas d'agua fervendo. Na perfumaria a cascarilha serve para preparar os trociscos aromaticos.

CASEIRAS. *Veja-se* HEMORRHOIDAS.

CASPA. Assim se chamam pequenas escamas, mui delgadas, brancas, seccas, ordinariamente adherentes de um lado e livres do outro, que cobrem a cabeça. Basta ás vezes passar a mão pelos cabellos para produzir um descascamento muito abundante.

Para se curar da caspa é preciso a principio limitar-se aos cuidados de asseio; lavar todos os dias, ou cada dois dias, a cabeça com agua quente e sabão; ou com a mistura de aguardente de canna e gema de ovo; com aguardente pura; ou untar a cabeça com glycerina, e usar do extracto vegetal de rosas ou de violetas de Ed. Pinaud, perfumista de Pariz. Nas lojas de perfumaria existem liquidos para limpar o cabello, chamados agua romana, agua atheniana (*Eau romaine, athenienne*, em francez). Estes liquidos são dissoluções de saponina em aguardente; são mui proprios para combater a caspa.

Se estes meios não forem sufficientes, e se a caspa fôr muito abundante, deve-se cortar o cabello mui rente, rapar mesmo a cabeça, e untal-a com a pomada seguinte :

Banha.....	60 gram.	Enxofre.....	8 gram.
Subcarbonato de potassa.	1 —	Essencia de limão.....	6 gottas.

Misture-se.

CASSIA LIGNEA ou CANELLA DE MALABAR. Casca do *Cinamomum malabatrum*, Batka, arvore que habita no Malabar. Apresenta-se em rolos ou pedaços largos, bastante grossos, de côr avermelhada, de sabor e cheiro parecidos com os da canella de Ceylão. Possue em menor gráo as propriedades da canella de Ceylão; entra na composição da theriaga.

CASTANHA DE BUGRE, DE JABOTA. *Veja-se* NHANDIROBA.

CASTANHEIRO. *Fagus castanea*, L. Quercineas. Grande arvore que habita nos climas temperados da Europa, e de que se cultivam muitas variedades em Portugal. O seu fructo é uma capsula coriacea, eriçada de espinhos, contendo duas a tres amendoas, que se chamam *castanhas*. As castanhas contém muita materia amylacea e saccharina; é um alimento são e nutriente. Comem-se cozidas em agua ou assadas. Reduzem-se tambem á farinha, de que se faz pão, pastelarias, *polenta*. As gallinhas cevadas com castanhas adquirem um gosto excellente. Ha uma variedade de castanheiro cultivado cujos fructos contém uma só amendoa. Estas amendoas são então mais grossas e arredondadas : chamam-se em francez *marrons*. Comem-se na sobremesa, confeitadas.

CASTANHEIRO DO MARANHÃO, Castanheiro do Pará, Tucary, Juvia, ou **Nhá.** *Bertholletia excelsa,* Humboldt. Grande arvore do Brazil, da familia das Lecythideas; habita no Pará. Tem mais de 33 metros de altura, e 66 centimetros a 1 metro de diametro; ramos muito compridos; folhas alternas, grandes, curtamente pecioladas, oblongas, quasi coriaceas; verdes na face superior, esbranquiçadas na inferior; fructo, noz espherica do tamanho da cabeça de uma criança, e ainda maior, verde, lisa e nitida, quadrilocular, loculamentos contendo muitas sementes, chamadas *castanhas do Maranhão*, que são comestiveis, e dão tambem um oleo muito empregado para a comida. 8 kilogram. de amendoas dão 5 kilogram. de oleo.

Á mesma familia das Lecythideas pertence a Sapucaieira, *Lecythis grandiflora*, Aublet, grande arvore do Pará; cujos fructos (sapucaias) são operculados, e contém igualmente amendoas doces, oleosas e comestiveis. E uma especie de côco duro de côr esverdeada, com uma tampa cónica; quando o fructo está maduro, a tampa abre por si, e as amendoas cahem. Os macacos abrem o casco, batendo um contra o outro, e, arrancando a tampa, tiram as castanhas á mão. No Pará chamam *Tucary* a Bertholletia, e *Sapucaias* ás Lecythis, mas as amendoas tanto de uma como das outras confundem-se sob a denominação de *sapucaias*.

A casca da arvore, que é em fórma de estopa, e o ouriço do fructo da especie conhecida pelo nome particular de *sapucaia*, empregam-se em medicina. Internamente a decocção da casca na dóse de 30 grammas para 750 grammas d'agua, e tambem internamente a agua da maceração dos ouriços do fructo, a qual se obtem fazendo demorar a agua commum dentro dos ouriços por 6, 12, e mais horas. Segundo o Sr. Dr. Castro, mui distincto medico do Pará, o cozimento é aproveitavel no tratamento da ictericia, e depois das febres intermittentes, afim de prevenir as recahidas d'estas febres. A agua macerada nos ouriços da sapucaia, é tomada á vontade mesmo fria, como bebida ordinaria durante o dia, por espaço de um e mais mezes; passa por efficaz no tratamento dos calculos renaes e das areias, do catarrho vesical e da albuminuria. A agua da maceração adquire uma côr semelhante á do vinho velho do Porto, e um gosto como d'agua estagnada. Os ouriços no fim de um mez, ou pouco mais, perdem a sua força medicatriz; cumpre então substituil-os por outros.

Ha mais outras especies d'esta arvore no Pará.

As castanhas comem-se cruas e assadas; faz-se doce e confeitos; extrahe-se leite que se emprega como o de côco; produzem pelos meios proprios um oleo fixo, amarello-claro transparente, de cheiro agradavel e gosto proprio do fructo quando fresco; emprega-se como condimento na arte culinaria, como objecto de toucador para amaciar o cabello, e serve tambem para o fabrico do sabão duro e para luz. Da arvore do castanheiro tira-se estopa muito boa, que é empregada no calefêto das embarcações. A arvore do castanheiro é colossal, e a madeira de qualidade superior para construcção.

CASTELLO DE VIDE. Portugal. Aguas alcalinas.

CASTOREO. O castor é um mammifero roedor que habita, reunido em sociedade, as regiões do Canadá, da Siberia e da Polonia, nas margens dos lagos e dos rios. Estes animaes (fig. 148) têm perto dos orgãos genitaes externos quatro grandes bolsas. Duas d'estas bolsas, as inferiores, contêm uma substancia oleosa, amarellada, de cheiro repugnante. As bolsas superiores contêm uma substancia escura, de cheiro forte e particular de sabor amargo, na qual os chimicos descobriram um oleo volatil, a castorina, saes alcalinos, materias graxas e acido salicylico. Esta substancia é o Castoreo que no commercio se vende debaixo do nome de : Castoreo da America e castoreo da Siberia.



Fig. 148. — Castor.

Emprega-se em medicina em pó, em tintura alcoolica e tintura etherea. As dóses variam de 1 a 3 grammas.

É especialmente recommendado no tratamento das affecções espasmodicas, tosses, hysteria, asthma, colicas da menstruação, hypochondria, palpitações nervosas, etc.

Um meio facil de administrar o castoreo é empregar as perolas de Castoreo do Dr. Clertan, que são preparadas segundo as formulas inscriptas no Codigo pharmaceutico francez. Cada perola contem de 4 a 5 gottas de castoreo.

CASTROCARO. Italia. Aguas iodo-bromo chloruretadas frias. Temperamentos lymphaticos, molestias provindo da diathese escrophulosa, engorgitamentos glandulares e da prostata, catarrhos subagudos do apparelho digestivo.

CATALEPSIA. A catalepsia é uma affecção intermittente, que consiste em ataques caracterizados pela suspensão mais ou menos completa do sentimento e do movimento voluntario, com rijeza geral ou parcial do systema muscular. Os braços, e os outros membros, conservam ordinariamente, durante o ataque, a postura que tinham a principio, ou a que se lhes dá durante o seu curso.

Causas. Uma grande irritabilidade do systema nervoso, um caracter

melaneolieo, a infaneia e o sexo feminino, predispõem á catalepsia. As suppressões subitas do fluxo menstrual são eonsideradas por muitos medicos eomo causas d'esta molestia. Julga-se tambem que a presença de vermes nas vias digestivas póde oceasional-a; porém, as mais das vezes, é produzida por susto, eolera, pezar, meditações profundas, estudos forçados e pela eontemplação. Frederieo Hoffmann refere que uma senhora, que se occupava continuamente de objectos religiosos, eahia em eompleta eatalepsia sempre que ouvia um psalmo. Factos mui interessantes a este respeito se lêm na obra de Dionis : um religioso, que eelebrava o saerificio da missa na igreja dos Franciscanos em Tolosa, ao fazer a genuflexão ordinaria depois da elevação do ealix, ficou immovel, com os olhos abertos e elevados para o eéo. Depois de retirado do altar, foi outro substituil-o, conforme o ritual, e apenas aeabava a oração dominieal, foi igualmente atacado; de sorte que foi tambem preeiso tiral-o do altar, e substituir por um terceiro que terminou a missa.

Eis-aqui outro facto d'este genero, que poderá ainda offerecer maior interesse aos meus leitores, pois que foi observado no Brazil. É extrahido das viagens de Augusto de Saint-Hilaire.

A Sóror Germana, originaria da eomarea do Sabará, em Minas Geraes, de costumes mui puros e de austera piedade, foi acommettida, na idade de vinte e quatro annos, de affecções hystericas, acompanhadas de convulsões violentas. O seu estado ia-se tornando cada vez mais grave, e dez annos depois, quando foi visitada por Augusto de Saint-Hilaire, estava tão fraca, que não podia sahir da cama. Dirigida por espirito de devoção, não comia earne, recusava igualmente todas as substaneias gordurosas. Doces, queijo, um pouco de pão ou de farinha constituiam toda a sua alimentação, na dóse igual á que se dá a uma criança, e ainda era preciso sollicital-a para que se resolvesse a eomer esta pequena quantidade. Depois, quiz jejuar inteiramente todas as sextas-feiras e sabbados; sua madre abbadessa não queria ao principio consentir n'isso, mas Germana declarou que n'estes dois dias era-lhe absolutamente impossivel engulir alimento algum, e desde esse tempo guardou constantemente a mais completa abstinencia nas sextas-feiras e sabbados. Para satisfazer a sua devoção para eom a Virgem, fez-se transportar á Serra da Piedade, cuja capella foi construida sob a invocação de Nossa Nenhora da Piedade, e obteve do seu director a permissão de ficar n'esse asylo. Alí, meditando nos mysterios da Paixão, entrou um dia em uma espeeie de extase; os braços tornáram-se-lhe rijos e estendêram-se em cruz, os pés cruzáram-se igualmente, e ficou n'esta postura por espaço de quarenta e oito horas. Quatro annos antes da época da viagem de Saint-Hilaire, teve logar este phenomeno pela primeira vez, o qual se renovava constantemente todas as semanas. A Sóror Germana tomava sua postura extatica durante a noite de quinta a sexta-feira, e conservava-a até ao domingo, sem proferir uma palavra nem tomar o menor alimento. Mas as tres horas da sexta-feira, momento em que Jesus-Christo exhalou o ultimo suspiro, soltava frequentes gemidos, a eabeça batia-lhe na eabeceira com vivacidade, e manifestavam-se movimentos eonvulsivos. — O boato d'este phe-

nomeno espalhou-se logo nos arredores; milhares de pessoas de todas as classes foram testemunhas d'isto : acreditou-se em um milagre. A Sóror Germana foi proclamada santa, e dois cirurgiões augmentáram ainda a veneração publica, declarando que o estado da doente era sobrenatural. Entretanto, um medico muito instruido, o Dr. Gomide, julgou dever refutar a declaração dos dois cirurgiões, e em 1814 mandou imprimir no Rio de Janeiro um pequeno escripto, cheio de sciencia e de logica no qual provou que os extases de Germana eram resultado de uma catalepsia. Varias foram as opiniões no publico; mas grande numero de pessoas continuavam a subir o alto da serra para admirar o prodigio que ali se via. Germana continuou n'este estado ainda por alguns annos, até que a morte finalmente veio pôr termo aos seus padecimentos.

Symptomas. A invasão dos ataques de catalepsia é ordinariamente precedida por dôres na cabeça, nos braços e nas pernas, palpitações, bocejos ; ás vezes por leves tremores convulsivos, caimbras, rubor e pallidez do rosto, e por uma sensação de frio ou de calor nas diversas partes do corpo. Ás vezes o ataque é subito. Em todos os casos, a perda dos sentidos é mais ou menos completa, o pescoço e os membros enrijam-se; os olhos ficam abertos, immoveis e dirigidos para cima ou para diante. A respiração e os movimentos do coração mostram-se livres em alguns doentes, são quasi completamente suspensos em outros ; o pulso então não se sente, e o doente parece morto; emfim, ás vezes o pulso é forte e frequente. Os membros podem estar rijos ou flexiveis. O ataque dura de alguns minutos a muitos dias, e quando acaba, fica ordinariamente a dôr de cabeça e um cansaço em todos os membros. O que caracteriza esta singular molestia é a faculdade que tem os membros de conservar a postura que tinham, ou a que se lhes dá. Um homem de que Fernel refere a historia, tendo sido atacado d'este mal no momento em que se occupava de estudos litterarios, foi achado em uma immobilidade completa, tendo ainda na mão a penna de que se servia para escrever ; julgou-se, á primeira vista, que elle tinha sido absorvido pela meditação. Tulpius conta que um moço, tendo recebido uma recusa de casamento, experimentou uma sensação tão forte, que ficou sobre a cadeira com os olhos abertos, immovel como uma estatua. O enfermo observado por Fernel ficava de pé quando se lhe dava esta postura; dando-se a seus membros os movimentos convenientes, fazia-se-lhe executar alguns passos ; as mãos, os braços, as pernas ficavam immoveis assim deixados. É muito frequente ver que os membros se abaixam quando estão abandonados ao seu proprio peso; a contracção muscular parece ser menos energica n'este caso. Ha outros casos em que é impossivel dobrar os membros.

A volta dos ataques é mais ou menos frequente ; manifestam-se muitas vezes por dia, ou uma vez cada dia, ou de dois em dois, tres em tres, e de oito em oito dias. No seus intervallos, o doente acha-se ás vezes bom; outras vezes experimenta a privação do somno, e chora ou ri sem motivo. O ataque póde ser seguido immediatamente da morte, póde haver um só ataque depois do qual torna o doente a cobrar toda a

saude ; emfim, o hysterismo, a melancolia, a hypochondria são ás vezes as suas consequencias.

Alguns catalepticos tem sido tomados por mortos e enterrados vivos. Encontram-se nos autores alguns exemplos authenticos d'este facto. Nos casos d'esses ataques mui intensos, a respiração e a circulação tornam-se insensiveis, o corpo fica quasi frio, a pelle tem a pallidez da morte, *as articulações tornam-se rijas*. O estado convulsivo dos olhos, e a expressão da physionomia poderiam sómente ministrar os meios de distinguir da morte semelhante estado. Mas a apreciação das circumstancias commemorativas, taes como a natureza das causas, o modo anterior da saude, e sobretudo a attenção de não proceder á inhumação nos casos duvidosos, senão quando o corpo apresentar signaes de decomposição, impedirão sempre esses erros terriveis.

Tratamento. Se se pudesse descobrir a verdadeira causa da catalepsia, seria ás vezes possivel cural-a facilmente. Com effeito, quando a causa é um pezar, uma emoção moral que cessou de existir ou então quando se satisfaz a paixão que occasionou o mal, não é raro ver-se desapparecer a catalepsia sem o soccorro de remedio algum. Tal é o caso do moço que citei, o qual, segundo diz Tulpius, cahio em catalepsia quando soube que seu pedido de casamento tinha sido recusado, e recobrou a saude logo que se lhe annunciou que nada se oppunha a seus desejos. A suppressão dos menstruos, ou de algum outro fluxo, deve tambem ser tomada em consideração. Os doentes devem evitar todas as excitações moraes, todas as contrariedades. O leite, as fructas, os alimentos de facil digestão e tomados em pequena quantidade, bebidas quasi inteiramente aquosas, devem compôr o seu regimen habitual. Se existir prisão de ventre, deve-se usar de clysteres d'agua fria ou de clysteres laxantes : podem tambem tomar-se os purgantes drasticos, como, por exemplo, as pilulas de Anderson, sob a forma de pilulas impressas de L. Frère, uma pilula por dia. Os banhos frios d'agua corrente ou do mar, e a hydrotherapia, são mui convenientes para combater a molestia.

Durante o ataque, deve-se chegar ao nariz do doente um vidro com vinagre, ether ou ammoniaco ; introduzir-lhe rapé no nariz para provocar espirros, applicar sinapismos nas pernas, metter sal na bocca, esfregar o corpo com pannos molhados em agua de Colonia, etc.

CATAPLASMA. As cataplasmas são medicamentos destinados para uso externo, e feitos com farinha de linhaça, fecula, miolo de pão, pós de folhas das plantas, tudo reduzido, por meio de agua ou de algum outro liquido, á consistencia de papas espessas. Os effeitos das cataplasmas dependem das propriedades das subtancias que entram na sua composição ; as que são hoje mais ordinariamemte empregadas distinguem-se em emollientes, resolventes e narcoticas ou calmantes.

Cataplasmas emollientes. *Cataplasma de farinha de linhaça.* Prepara-se diluindo a farinha de linhaça em agua fria de modo que se faça massa mui rala, aquecendo depois, e mexendo continuadamente até ficar na devida consistencia.

Faz-se tambem a cataplasma de linhaça diluindo simplesmente a farinha em agua a ferver, deitada poueo a pouco e em quantidade suffieiente. Esta eataplasma, quando é feita de farinha velha, produz ás vezes uma erupção de pequenas borbulhas na pelle. A cataplasma deve ser renovada duas vezes por dia.

Cataplasma de fecula de batatas.

Fecula de batatas.....	100	grammas.
Agua.....	1000	—

Ponha no fogo os quatro quintos da agua, isto é, 800 grammas n'uma cassarola, eoberta, e logo que a agua ferver, deite-lhe a feeula previamente diluida no resto da agua fria. Ferva por alguns instantes, e tire do fogo mexendo eontinuamente a massa. Esta cataplasma é hoje frequentemente empregada; aproveita sobretudo nas affecções eutaneas.

Preparam-se do mesmo modo as eataplasmas de *tapioca*, *farina de mandioca*, *pós de arroz* e *polvilho*, que são todas eataplasmas emollientes.

Cataplasma de miolo de pão. Dilue-se o miolo de pão eom tres ou quatro vezes o seu peso d'agua; ferve-se ao fogo, mexendo eontinuadamente até adquirir a eonsisteneia neeessaria.

Em logar d'agua, algumas pessoas empregam leite; mas isto não eonvem, porque o acido que se aeha no pão faz eoalhar o leite; além d'isto, esta cataplasma azéda facilmente.

As polpas de raiz de althéa ou de folhas de malvas podem tambem servir para fazer eataplasmas. Uma eebola eozida no boralho, ou uma banana assada, eonstituem tambem cataplasmas emollientes.

Todas as cataplasmas emollientes empregam-se nas postemas e em todas as inflammações, e applicam-se sempre tepidas.

Cataplasmas resolventes. *Cataplasma de farinha de trigo, e de vinho tinto frio.* Esta eataplasma prepara-se misturando simplesmente a farinha de trigo eom vinho tinto. Appliea-se fria, e emprega-se

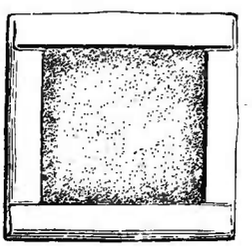


Fig. 149. — Cataplasma a nú.

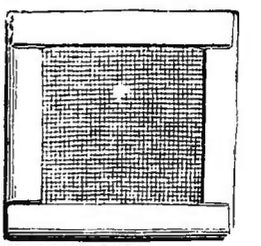


Fig. 150. — Cataplasma entre dois pannos.

nas contusões, torceduras e luxações. Em logar de vinho, póde-se empregar a agua vegeto-mineral fria.

Cataplasmas narcoticas ou **calmantes.** Estas eatasplasmas preparam-se eom uma decoeção de dormideiras, de folhas de herva moura, de meimendro, de figueira do inferno ou de trombeteira, e farinha de linhaça. As cataplasmas emollientes regadas de laudano tornam-se tambem narcotieas. Esta especie de eataplasma appliea-se

quando é preciso acalmar a dôr ou provocar o somno, por exemplo, nas colicas nervosas, caimbras do estomago, caneros do seio, etc. Applicam-se tepidas.

Maneira de applicar a cataplasma. Toma-se um pedaço de panno de linho ou de algodão, um pouco maior do que a extensão que deve occupar a cataplasma; deita-se a cataplasma sobre este panno, estende-se, e dobram-se as margens do panno de todos os quatro lados; afim de encaixilhar a cataplasma, e impedir que corra. Quando não ha esta cautela a cataplasma secca e endurece nas margens (fig. 149).

As vezes põe-se por cima da cataplasma um panno fino de algodão ou linho, ou melhor ainda, um pedaço de cassa (fig. 150) : isto é necessario quando se applica a cataplasma sobre a orelha, olho, ou sobre um logar coberto de cabello, ou sobre alguma ferida.

Renovação das cataplasmas. As cataplasma devem ser reformadas cada doze horas, e applicadas em camadas bastante espessas para se conservarem humidas durante este espaço de tempo. A não ser assim podem seccar e irritar a pelle.

Modo de tirar uma cataplasma. Para tiral-a basta geralmente pegar n'ella pela margem mais comprida, depois viral-a branda e rapidamente sobre a margem opposta como sobre um eixo. Se as dobras do panno ou a massa pegou em alguma parte, é preciso humedecel-a com agua morna antes de despegal-a. Se a cataplasma é muito molle, e se adhere antes á pelle do que ao panno, tira-se da pelle apoiando algum tanto com a primeira margem da cataplasma, ou então por meio de uma espatula ou faca.

Se a cataplasma de linhaça produzio uma erupção vesiculosa na pelle, cumpre suspender o seu uso, ou substituil-a pela cataplasma de fecula.

As *cataplasmas de plantas* devem geralmente ser postas entre dois pannos; as de *batatas*, *cenouras*, *cebolas*, *bananas*, etc., devem pelo contrario ser applicadas a nú.

Cataplasma Hamilton. Assim se chama o panno de linho, impregnado de mucilagem de linhaça, ou de raiz de althea, e fixada pela deseccação. Para fazer uso d'esta *cataplasma*, basta molhal-a por um minuto em agua quente; o panno torna-se unctuoso e macio; n'este estado applica-se sobre a região doente, e cobre-se com uma pellicula impermeavel, que acompanha esta preparação, e que é sufficiente para manter durante algumas horas o calor e a humidade.

Como a farinha de linhaça não se conserva por muito tempo, a cataplasma Hamilton póde ser util nas viagens maritimas, e nos logares afastados das pharmacias visto que a sua conservação é infinita.

Com estas incontestaveis vantagens a cataplasma Hamilton possue tambem muitas outras que passamos a enumerar.

1° É de grande utilidade para servir de vehiculo ás substancias medicamentosas com que se costuma regal-as ou polvilhal-as antes de ser empregada, como sejam as gottas de landano, de arnica, de acetato de chumbo, fecula, amido, etc.

2° Substitue com vantagem toda a sorte de compressas emollientes.

3° Humedecendo-a de um só lado serve de esparadrapo agglutinativo e tambem para o curativo das feridas.

4° Manipulada e expremida em agua quente, dá instantaneamente uma solução emolliente que pode ser empregada em loções, fomentações clysteres, etc., etc.

CATAPORAS. Designa-se com este nome uma molestia contagiosa caracterizada pela erupção cutanea de vesiculas transparentes, que seccam ordinariamente quatro ou cinco dias depois da sua apparição, deixando pequenas nodoas vermelhas que desapparecem com o tempo. Esta molestia, chamada tambem *varicella* e *variola falsa,* tem tanta semelhança com as bexigas, que ás vezes é confundida com ellas; e por isso algumas pessoas dão-lhe o nome de *bexigas doudas.*

Symptomas. As cataporas principam ordinariamente por um pequeno calefrio seguido de calor pouco consideravel. Ás vezes, ha febre e dôr de cabeça, mas tão pequena, que não impede que as crianças continuem a brincar. Em muitos casos, a erupção principia sem movimento febril, e começa por pequenas nodoas rubras, no centro das quaes se formam rapidamente pequenas vesiculas que se enchem de um liquido de côr um tanto citrina. No segundo dia, as vesiculas são maiores e mostram-se com a base um pouco inflammada; no terceiro, o liquido torna-se amarello; no quarto, as vesiculas que não arrebentáram accidentalmente principiam a abaixar-se; no quinto dia, finalmente, abrem-se e deixam sahir o liquido; depois d'isto, pequenas crostas occupam o logar das vesiculas; estas crostas cahem no fim do nono ou decimo dia, deixando pequenas nodoas que duram algum tempo, e depois desapparecem.

Tratamento. É mui simples o tratamento d'esta molestia, tão benigna que nunca tem consequencias funestas. Basta conservar o doente em repouso, preserval-o do frio, observar alguma dieta, e fazer uso de alguma bebida emolliente, como, por exemplo, da infusão de althéa ou de linhaça. Depois de cahidas as crostas, o doente tomará um banho geral d'agua morna.

CATARACTA. Por detraz da menina do olho acha-se um corpo destinado a refrangir a luz, e ao qual se deo o nome de *crystallino.* Este corpo, do tamanho de uma pequena ervilha, é transparente no estado de saude, e acha-se coberto de uma membrana igualmente diaphana. O crystallino ou a sua membrana podem tornar-se opacos, impedir a passagem dos raios luminosos ao interior do olho, e produzir por conseguinte uma cegueira: é esta opacidade que se chama *cataracta.* Reconhece-se por uma nodoa branca que se vê no interior do olho, no logar correspondente á pupilla.

Causas. Ás vezes, esta molestia sobrevem sem causa conhecida; todavia, contam-se no numero das causas que a podem originar, a velhice, a impressão prolongada de uma luz viva, o uso habitual das bebidas espirituosas, as leituras aturadas com luz artificial, o exercicio de algumas profissões que obrigam a fixar muito tempo a vista sobre objectos pequenos e brilhantes, e a exposição ao sol. Entre as causas da cataracta, algumas são evidentes: taes são as contusões e as feridas do olho.

Acham-se nos autores exemplos de cataractas desenvolvidas por causa de uma pancada, e mesmo da depressão exercida por um beijo dado no olho com demasiada força. As crianças nascem ás vezes com a cataracta, que n'este caso se chama *cataracta congenial*

Symptomas. O desenvolvimento da cataracta faz-se ordinariamente de uma maneira lenta e gradual : o termo médio é de dois annos; mas, em alguns doentes, a opacidade não se completa senão passados seis ou oito. Em outros casos, a molestia forma-se com extrema rapidez. Os signaes que annunciam o começo da cataracta são os seguintes : parece ao doente que os objectos, sobretudo os de côr branca, estão cercados de uma nuvem subtil; n'esta época não se percebe ainda mudança alguma notavel e a menina do olho existe uniformemente negra. Logo depois manifesta-se uma leve opacidade; esta torna-se cada vez mais espessa, e o enfraquecimento da vista segue gradualmente os seus progressos. Se a molestia occupa um só olho, póde persistir por muito tempo sem que as pessoas que estão affectadas d'ella tenham a menor suspeita; julgam sómente que tem um olho mais fraco do que o outro. Se a cataracta faz progressos, o exercicio da vista torna-se cada vez mais difficil; o nevoeiro, no meio do qual os doentes julgam achar-se, torna-se, mais espesso, e então não podem andar sem guia. Entretanto, o crystallino, ou a membrana que o cobre, nunca fica tão opaca que não possa ser atravessada por alguns raios de luz; e por isso, a pessoa affectada da cataracta não vê os objectos, mas distingue a luz da escuridão. Quando acontece o contrario, isto é, quando o doente não acha differença alguma entre o logar escuro e o claro, a cataracta acha-se acompanhada de gota serena. Quando a cataracta principia, o doente vê melhor pela manhã e de tarde do que quando os corpos se acham mais alumiados. Para comprehender este phenomeno, é preciso saber que a menina do olho contrahe-se pela acção de uma luz viva, e dilata-se com uma luz fraca; por conseguinte, no primeiro caso, os raios luminosos cahem sobre a parte opaca do crystallino, e a vista está tolhida; no segundo, a menina do olho dilata-se além da nodoa central do crystallino, os raios luminosos podem passar atravez da circumferencia transparente d'este orgão, e o doente póde então distinguir os corpos exteriores. Mas este phenomeno observa-se sómente no começo da molestia, porque, quando o crystallino se torna opaco em toda a sua extensão, oppõe-se igualmente á passagem da luz, qualquer que seja o gráo de dilatação da menina do olho.

Não se devem confundir com a cataracta as belidas da cornea. Estas acham-se sobre a superficie do olho, e a cataracta, como já deixei dito, acha-se no interior. A fórma de uma belida é irregular; ao passo que a cataracta tem a apparencia circular, por ser redonda a menina do olho.

Bem que a cataracta não apresente perigo algum immediato para a vida, constitue entretanto uma affecção mui séria, porque o doente fica cégo, se não se submette á operação, e o bom exito d'esta não é certo.

Tratamento. Tem-se empregado contra a cataracta, medicamentos internos, taes como os calomelanos, a tartaro estibiado, a digital, a belladona; foram tambem experimentados os vesicatorios e sedenhos na nuca, mas

estes meios raras vezes aproveitam no começo da molestia, e são inteiramente inuteis nos casos de eataraeta eompleta. A operação é o unieo meio em que se póde ter alguma eonfiança, e que na maioria dos casos se mostra indispensavel; ella não é tão dolorosa, eomo vulgarmente se julga. Bem que inspire naturalmente muito receio, será sempre o unieo meio a que se possa reeorrer.

Ha circumstancias que fazem variar o prognostieo da operação. Esta promette bom exito, quando a eataraeta é isenta de eomplieações; seu prognostieo é porém menos favoravel quando o doente é irritavel ou sujeito a dôres rheumatieas, a ophthalmias, a defluxos, a erysipelas do rosto ou se é de eonstituição estragada; quando a eataraeta foi produzida por violencia exterior, ou quando o doente já foi operado em um olho, sem que a operação aproveitasse. Quando o olho tem eonservado perfeitamente a sua fórma, volume, e transpareneia, quando a menina do olho se dilata em um logar poueo eseuro e se eontrahe estando exposta á luz viva, póde-se contar que a operação será bem sueeedida. Não convem operar quando o olho affectado tem diminuido ou augmentado eonsideravelmente de volume; quando está doloroso, disforme, quando ha inflammação dos olhos ou palpebras, quando belidas mui largas e mui opaeas oeeupam o eentro do olho, e quando os doentes experimentam dôres mui fortes em alguma parte da eabeça; não se deve, emfim, fazer a operação quando a menina do olho está immovel, qualquer que seja a intensidade da luz que eaia sobre o olho, pois que este signal indica que, além da eataracta, existe tambem gota serena. De que serviria dar ao olho a sua transpareneia, extrahindo o erystallino opaeo, quando a membrana sobre a qual se refrangem os raios luminosos tem perdido a faculdade de reeeber, e de transmittir a sua impressão? Para reeonheeer se a menina do olho goza ainda da sua mobilidade, faz-se sentar o doente diante de uma janella bem alumiada, abaixam-se as palpebras e cobrem-se os olhos eom as mãos; passados alguns instantes, levanta-se subitamente a palpebra superior, e expõe-se o olho a toda a elaridade da luz; vê-se então se a menina se eontrahe ou se fica immovel, e se deve suspeitar ou não a existeneia da gota serena. Se a menina é movel, se o doente distingue a luz da escuridão, a operação offereee probabilidade de bom exito. No caso çontrario, o prognostieo é mui sinistro, e ordinariamente o doente está eondemnado a uma eegueira ineuravel.

Quando um só olho está affeetado de cataracta, não eonvem fazer a operação; porque o outro olho que se eonserva bom é suffieiente para as necessidades da vida, e deve-se, sobretudo, temer que a inflammação manifestada quasi sempre sobre o olho operado, se communique ao olho são, e determine uma eegueira eompleta. Quando a eataraeta é eongenial, ou appareee nos primeiros annos da vida, querem alguns faeultativos que se espere, antes de operar, que a criança ehegue á idade da razão para se submetter por sua vontade á operação, pelo desejo que deve ter de sarar. Antes d'este tempo, seria ella mais difficil de pratiear, segundo dizem, por eausa da indocilidade da criança. Mas outros eirurgiões não adoptam este pareeer; consideram o sentido da vista tão necessario para

a educação physica e moral das crianças, que aconselham a operação em todas as idades sem perder tempo. Deve-se por conseguinte operar alguns dias depois do nascimento.

Quando a cataracta affecta ambos os olhos, as opiniões divergem. Querem uns que se operem ambos na mesma occasião, outros aconselham que se deixe certo intervallo entre uma e outra operação; outros, finalmente, operam só um olho; para não arriscar a perda total da vista, e poderem recorrer á nova operação no olho que ficar, se se perder o primeiro que foi operado. Além d'isso, as pessoas operadas de cataracta experimentam ordinariamente, no fim de algum tempo, um enfraquecimento progressivo da vista que acaba por uma cegueira completa. Quando se tem operado um só olho, conserva-se o recurso da segunda operação. Estas razões são ponderosas, e portanto julgo que não se deve operar senão um olho, e não ambos ao mesmo tempo, como costumam praticar alguns operadores.

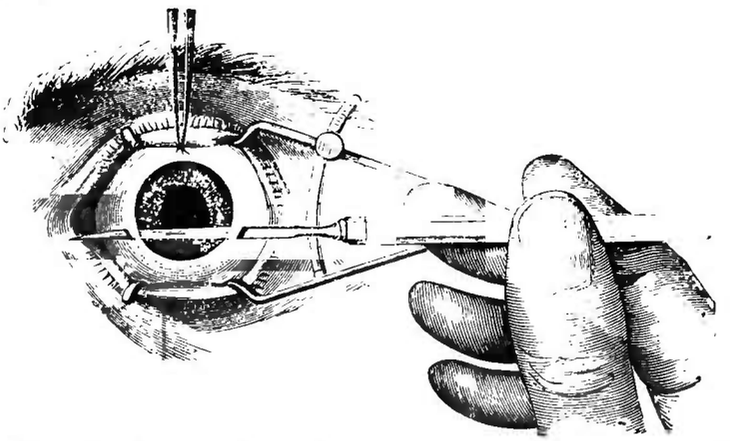


Fig. 151. — Operação da cataracta. — Puncção e contra puncção, processo Galezowski.

Em uma obra d'este genero, não é possivel descrever todos os processos operatorios. Limitar-me-hei em deserever o processo mais empregado actualmente que é o de Graefe modificado (fig. 151, 152), ou extracção linear combinada.

Consiste ella em fazer uma incisão do iris algumas semanas antes da extracção ou no momento mesmo da extracção, e em abrir uma ferida a mais larga possivel, conservando, quanto mais se possa, a linearidade da incisão da cornea.

Estando o doente deitado, as palpebras mantidas pelo blepharostato de mola e o globo ocular immobilizado pela pinça de fixar, o operador pega com a mão direita a faca de Graefe e faz a pnncção distante 1/2 millimetro da cornea, a 2 millimetros abaixo da tangente horizontal superior da cornea; a faca, tendo o gume virado para cima, é introduzida na camara anterior para o lado do centro da pupilla, isto é, obliquamente de cima para baixo; logo, porem, que a ponta excede o nivel do centro pupillar, o cirurgião a levanta até ficar horizontal e a impelle de modo a exercer a contra puncção em ponto identico ao da puncção.

Termina elle a incisão da cornea enterrando a faca levemente para adiante, com o fim de fazel-a sahir no logar da união da cornea com a esclorotica e de preferencia sobre a cornea. É este o primeiro tempo da operação; o segundo tempo consiste em praticar a iridectomia. O terceiro tempo constitue a discisão da capsula, que se pratica com um kystitome de gancho, e o quarto tempo permitte a sahida da lente, resultado que se obtem fazendo-se sobre a cornea, com um raspador de borracha, uma pressão sobre a borda inferior do crystallino, de modo a fazel-o balançar para que elle se dirija para o lado da ferida e no canal da qual se a faz penetrar com movimentos do raspador, emquanto se comprime levemente o labio superior da ferida por meio de pressão praticada pelo dedo atravez da palpebra.

Sahida a massa crystalliana, emprega-se as mesmas pressões e os mesmos movimentos, para fazer expellir todas as fibras corticaes que tiverem ficado na camara anterior; emfim, antes de deixar o doente,

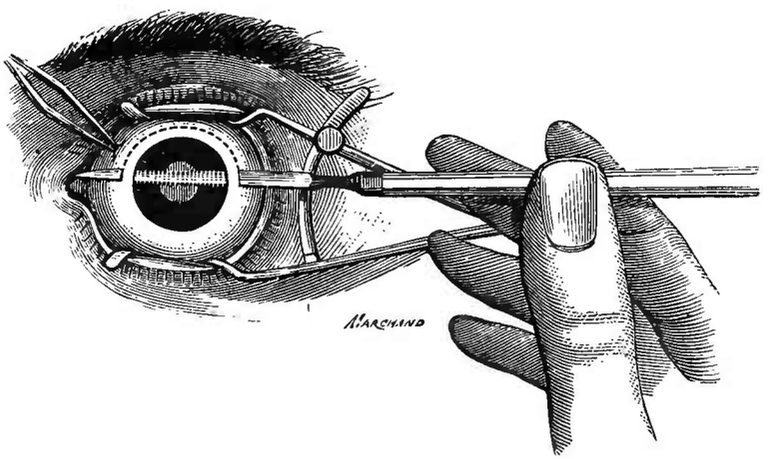


Fig. 152. — Operação da cataracta pela extracção linear; processo de Graefe modificado.

empregam-se todos os meios para reduzir os encravamentos irianos que ficam nas commissuras da ferida.

É este processo modificado, no que diz respeito ao logar da puncção e da contra-puncção, e a introduzir a faca não mais na esclorotica, mas sim na cornea ou pelos menos na juncção d'estas duas membranas, que é empregado actualmente (fig. 151, 152).

Antes de praticar a operação, prepara-se o doente. Faz-se-lhe uma sangria, se é muito sanguineo; administra-se-lhe um purgante brando, e no dia que precede a operação, não se lhe dá outro alimento senão um ou dois caldos. Dispõe-se o quarto em que elle deve habitar depois da operação, e em que se possa manter uma obscuridade completa. Cumpre preparar chumaços finos, fios, ataduras e alfinetes. Depois da operação, o doente abster-se-ha de ensaiar o olho, porque o contacto mui livre do ar e da luz sobre este orgão póde determinar uma inflammação grave. Só ao cirurgião compete assegurar-se todos os dias do estado do globo do olho, por meio de uma luz branda. Se as palpebras não estiverem inchadas, se o

olho não estiver vermelho, se a impressão da luz não occasionar dôr alguma, o doente vai no melhor estado possivel. Mas se as palpebras estiverem inchadas, e o olho vermelho, se o contacto da luz lhe fôr doloroso, se houver dôr de cabeça e principio de inflammação, é preciso praticar uma sangria. Em geral, não sobrevindo nenhum accidente, o nono ou decimo dia é tempo sufficiente para se poder afiançar a cura. Principia-se por diminuir gradualmente a espessura e o numero das cortinas que cercam a cama : deixa-se pouco a pouco penetrar a luz no quarto. O doente não deve estar na escuridão, senão o tempo necessario. Do decimo quinto ao vigesimo dia, póde-se-lhe permittir que se exponha á luz de um dia sombrio, mas deve se ter o cuidado em pôr-lhe por cima dos olhos uns antolhos de tafetá verde ou azul; de tarde, ou quando o sol estiver encoberto, deve espairecer a vista por algumas horas. Dias depois, póde fazer uso de oculos de côr, e emfim usar de oculos com vidros convexos para tornar a visão mais perfeita, e supprir á acção do crystallino que já não existe. Mas nem sempre a molestia segue estes transitos. Uma inflammação mais ou menos activa se manifesta ás vezes, e vem comprometter a vista do doente, então a época da cura não póde ser determinada. Ás vezes, o olho abre-se e os liquidos sahem; em outras circumstancias formam-se opacidades nas partes do olho que devem ser transparentes, e impedem a visão. Acontece tambem formar-se uma cataracta secundaria, que provém do crystallino, o qual, bem que perfeitamente abaixado, vem occupar o seu logar primitivo, e torna necessaria a segunda operação.

A época do restabelecimento da vista offerece muitas variações. Alguns doentes distinguem os objectos doze a quinze dias depois da operação, alguns mais tarde. Nas cataractas congeniaes operadas felizmente, os doentes que recobráram o sentido da vista não sabem servir-se d'elle, é preciso atar-lhes as mãos, que o costume lhes faz tomar por guia. Vêr immediatamente depois da operação, é uma circumstancia feliz, mas não é uma garantia infallivel de bom resultado; não vêr logo os objectos vizinhos não é tambem uma prova de que não se verá algum tempo depois da operação.

CATARRHAL. *Veja-se* BRONCHITE E DEFLUXO.

CATARRHO. A palavra *catarrho* serve para designar uma serie de affecções proprias ás membranas mucosas, e cujo principal phenomeno é o fluxo de certa porção de mucosidades segregadas por estas membranas.

Catarrho da bexiga. *Veja-se* CATARRHO VESICAL.

Catarrho nasal. *Veja-se* DEFLUXO.

Catarrho pituitoso. FLUXO BRONCHICO, OU BRONCHORRHEA. Molestia caracterizada pela expectoração de quantidade consideravel de muco incolor, glutinoso, transparente, misturado com bolhas de ar, e semelhante á clara de ovo diluida em agua: esta secreção faz-se independentemente de qualquer trabalho inflammatorio. Existe no estado agudo ou no estado chronico.

Symptomas da bronchorrhea aguda. A bronchorrhea aguda apparece

ordinariamente de uma maneira subita. O doente queixa-se de dyspnea, de grande oppressão, de anxiedade no peito; sobrevem tosse secca, penosa, quasi convulsiva; o peito é sonoro á percussão, mas applicando o ouvido sobre elle ouvem-se ruidos sibilantes, roncantes, mucosos ou subcrepitantes. Esta perturbação da respiração não tarda a produzir a congestão do rosto com tez violacea e tumefacção das veias do pescoço; então os traços da face alteram-se, os pés esfriam, o pulso torna-se pequeno, insensivel, irregular; um suor frio cobre o corpo; ha vertigens, prostação, e muitas vezes, no momento em que a vida parece extinguir-se, os doentes expulsam com maior ou menor esforço uma quantidade consideravel de escarros brancos, transparentes, pegajosos, misturados com bolhas de ar, semelhantes á clara de ovo. Estes escarros sahem com a tosse, ás vezes quasi espontaneamente e em tão grande abundancia, que parecem vomitados. Esta excreção póde continuar durante muitas horas, raras vezes durante um dia; cessa pouco a pouco depois do paciente expulsar 1, 2, 3 ou 4 kilogrammas de um fluido albuminoso. No meio de perturbações tão graves, não ha febre. Terminada a excreção, acontece que os individuos recobram immediatamente todas as apparencias da saude; todavia é mais commum conservarem ainda durante um ou alguns dias um pouco de oppressão e de tosse, alguns ruidos no peito, ardor na garganta, pouco appetite e grande fadiga.

A saude é então perfeita; comtudo a molestia está sujeita a tornar a voltar. Os mesmos symptomas reproduzem-se ao cabo de um tempo mais ou menos longo. É raro que o accesso volte passados alguns dias só, mas de ordinario decorrem alguns mezes, um ou alguns annos entre cada um dos ataques.

Symptomas da bronchorrhea chronica. A bronchorrhea chronica mais frequente que a aguda, é quasi sempre consecutiva á bronchite chronica. Existe tosse, dyspnea mais ou menos forte, fervores humidos e seccos no peito; emfim um estado permanente de incommodo geral. É ordinariamente n'estas condições que apparece, sobretudo durante a noite ou algumas horas depois do jantar, um fluxo bronchico muco-albuminoso acompanhado de oppressão, dyspnea e tosse; mas é raro observar esta reunião dos symptomas tão graves que se notam na bronchorrhea aguda. Não obstante esta secreção exagerada, a saude geral póde manter-se; todavia estas perdas contínuas acabam, no fim de certo tempo, por alterar a constituição.

Diagnostico. A bronchorrhea aguda ou chronica differe da bronchite: 1° por sua invasão subita, 2° pela natureza albuminosa da expectoração, 3° pela quantidade consideravel do fluido evacuado em pouco tempo, 4° pela cessação rapida dos accidentes. A bronchorrhea tem alguns pontos de semelhança com a asthma humida, com que se confunde ás vezes, mas a secreção bronchica não é tão abundante na asthma como na bronchorrhea, e o seu aspecto é differente.

Causas. A bronchorrhea não ataca senão os adultos, e sobretudo as pessoas idosas, e os individuos gordos; os que tem a vida sedentaria e os gotosos são mais predispostos a esta molestia. A impressão do frio,

a humidade, uma digestão difficultosa, as emoções moraes, são as causas determinantes mais eommuns da bronchorrhea; sobrevem de ordinario depois das reeahidas frequentes da bronehite.

Tratamento. No ataque de bronchorrhea, tanto aguda como chronica, um vomitorio é util : 5 eentigrammas de emetico n'uma ehieara d'agua, ou 1 gramma de ipecaeuanha n'uma eolher d'agua. Appliquem-se sinapismos nas pernas, e ventosas seccas no peito.

Na bronehorrhea ehroniea, o doente deve tomar um purgante de vez em quando : oleo de rieino, manná ou limonada de eitrato de magnesia, ou duas vezes por semana uma pilula seguinte :

Aloes.....	15	centigrammas.
Jalapa.....	5	—
Conserva da rosas.....	5	—

Faça 1 pilula, e eomo esta mais nove. Um eaustico no peito é de grande utilidade.

Os outros medieamentos, a que se deve reeorrer, alternativamente, são :

1° Xarope de balsamo de Tolú..... 183 grammas.

Para tomar uma eolher *de sopa*, tres vezes por dia, puro ou em meia chicara d'agua fria.

2° Xarope de terebinthina..... 183 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia puro.

3° *Pilulas adstringentes.*

Extracto de ratanhia.....	2	grammas.
Gomma-Kino.....	2	—

Faça 20 pilulas. Para tomar 2 pilulas, de manhã, e outras tantas pela noite.

4° Pastilhas de enxofre..... 24

Para tomar 1 pastilha, tres vezes por dia.

5° Infusão de polygala amarga..... 120 grammas.

Para beber uma vez por dia. Prepara-se esta infusão eom 2 grammas da raiz de polygala e 150 grammas d'agua fervendo.

Catarrho pulmonar. *Veja-se* BRONCHITE.

Catarrho suffocante. Dá-se este nome á bronehite muito intensa, e aos ataques asthmaticos.

Catarrho vaginal. *Veja-se* FLORES BRANCAS.

Catarrho vesical ou CATARRHO DA BEXIGA. Esta molestia tem por um dos seus symptomas mais esseneiaes, o fluxo de mueosidades grossas e viscosas que se encontram nas ourinas.

Causas. O eatarrho da bexiga é uma affeeção commum nos paizes frios e humidos. Ataea com prefereneia os individuos que fazem uso exclusivo de carne e peixe, e principalmente de carnes salgadas ou defumadas,

e que abusam de bebidas alcoolicas, de cerveja, etc. O costume de reter por muito tempo as ourinas póde tambem produzil-a. O catarrho da bexiga é uma das enfermidades mais communs que affligem os ultimos annos da vida. Esta molestia póde todavia atacar todas as idades. As suas causas ordinarias são : excessos venereos, fadigas de equitação, balanços de carruagens, mudanças subitas da temperatura, desapparecimento subito de alguma molestia de pelle, emfim, a presença da pedra na bexiga.

Symptomas. — A maior parte dos doentes que são affectados do catarrho da bexiga soffrem geralmente pouco ; apenas sentem no baixo-ventre algum peso, e não tem ordinariamente febre. As ourinas sahem com difficuldade, e contém ás vezes porção consideravel de mucosidades. Estas mucosidades brancas ou amarellas, que se ajuntam no fundo do vaso, adheram ás paredes d'elle, e são dotadas de uma viscosidade elastica. As ourinas exhalam, na occasião de serem expulsas, um forte cheiro ammoniacal, e adquirem, passado algum tempo, máo cheiro. Os phenomenos geraes ou sympathicos que acompanham o catarrho vesical variam conforme a intensidade da molestia. Quando o incommodo e a dôr são mediocres, a saude geral padece pouca alteração ; mas em muitos casos os doentes são atormentados por uma insomnia fatigante, o appetite diminue, a digestão faz-se com difficuldade, e as forças desapparecem. O catarrho da bexiga diminue muito, e mesmo cessa durante a estação quente, para voltar com o frio e a humidade. Cada mudança de temperatura um pouco subita actua de uma maneira visivel sobre o doente ; este phenomeno é um dos mais notaveis.

Tratamento. O doente affectado do catarrho vesical habitará um logar enxuto, elevado, exposto ao sol e varrido pelos ventos. Deve evitar todos os excessos. O regimen será brando e leve : carne, peixe, vegetaes, tudo em porções iguaes. O chá da India e o café não são contrarios; usará tambem do vinho, mas com moderação. A estas precauções associar-se-hão banhos mornos, exercicios moderados, uso da flanella sobre toda a superficie do corpo, attenção extrema de evitar o frio e a humidade, sobretudo nos pés, que se devem trazer n'um estado habitual de calor e de ligeira transpiração. Fricções feitas sobre a pelle com escova ou flanella, impregnadas de vinagre, convem como revulsivos. A estes meios é preciso ajuntar o uso das bebidas diluentes, como a infusão de sementes de linho.

Os medicamentos proprios para combater o catarrho são : alcatrão, terebinthina, copahiba e outras substancias balsamicas.

Alcatrão de Guyot.

Dose : 1 collier, das de chá, para um copo d'agua.

Capsulas de Alcatrão de Guyot.

Dóse : 2 a 4 capsulas por dia.

Perolas de terebinthina do Doutor Clertan.

Dóse : 2 a 3 perolas.

Xarope de terebinthina.

Dóse : 30 a 60 grammas por dia.

Granulos impressos de copahiba, da casa L. Frère, de Pariz.

Dóse : 2 a 4 granulos por dia.

Xarope de renovos de pinheiro.

Dóse : 30 a 60 grammas por dia.

Infusão de bagas de zimbro.

Bagas de zimbro	4	grammas.
Agua fervendo	180	—

Infunda por meia hora, côe, adoce com assucar, e beba de uma vez. Repete-se a infusão no dia seguinte, e durante dez a quinze dias.

Fumigações de zimbro.

Ponham-se 125 grammas de bagas de zimbro n'um tacho contendo brazas, e metta-se o tacho entre os lençóes da cama. O doente recebe o vapor durante meia hora. Uma fumigação por semana.

Pilulas de tannino.

Tannino	4	grammas.
Conserva de rosas	4	—

Faça 36 pilulas. Dóse : uma pilula, tres vezes por dia.

Emulsão de alcatrão Le Beuf.

Dóse : 1 a 2 copos por dia.

As aguas ferreas, tomadas á fonte, tambem aproveitam contra o catarrho vesical.

Os meios medicaes nem sempre bastam no tratamento do catarrho da bexiga. Todas as vezes que se altera o conteudo da bexiga, produz-se uma fermentação ammoniacal que é necessario evitar. Introduzir-se-ha então, com cuidado, uma sonda molle de borracha até que chegue á cavidade vesical, depois, com uma seringa far-se-ha bem devagarinho uma injecção composta de :

Acido borico	6	grammas.
Agua	200	—

Deixar-se-ha escorrer depois quasi todo o liquido injectado. Esta lavagem deve ser praticada duas ou tres vezes por dia, até que as ourinas tenham tomado a côr e o aspecto normal.

CATHARTICOS. Assim se chamam certos purgantes que nem são fortes nem fracos. (*Veja-se* PURGANTES.)

CATHETER. Instrumento destinado a ser introduzido na bexiga, seguindo o trajecto do canal da urethra. Outr'ora designavam-se debaixo d'este nome todas as sondas: mas, n estes ultimos tempos, o nome de catheter ficou especialmente reservado para um instrumento de aço,

encanado na sua convexidade, e que se introduz na bexiga, quando se faz a operação da extracção da pedra, ou quando se quer reconhecer a presença de um calculo. (*Veja-se* CATHETERISMO.) Os outros iustrumentos que se introduzem na urethra são sondas, bugias ou velinhas (*Vejam-se* estas palavras).

CATHETERISMO. Operação que consiste em fazer penetrar uma sonda na bexiga pela via natural, para evacuar a ourina, dilatar o



Fig. 150. — Sonda de prata para homem ; 32 centimetros de comprimento.

canal da urcthra, ou reconhecer a presença de calculos urinarios no interior da bexiga. O cathcterismo pratica-se com sondas de prata ou de

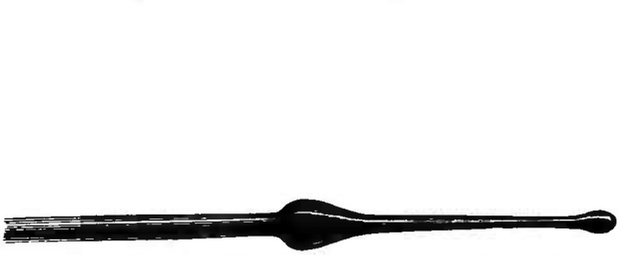


Fig. 151. — Bougia exploradora do Dr Mallez.

Fig. 152. — Sonda de gomma cylindrica com curva fixa.

gomma (fig. 150 a 156), o modo de proceder varía no homem e na mulher.



Fig. 153. — Sonda de gomma curva systema Mercier.

Modo de introduzir a sonda de prata na urethra do homem. O doente deita-se ao comprido na beira esquerda da cama, com as pernas abertas e um pouco encolhidas. Põe-se-lhe entre as coxas um vaso de pouca altura. O cirurgião, collocado á esquerda, pega no membro viril com a mão csquerda, levanta-o na direcção quasi perpendicular, introduz no orificio do canal da urethra a sonda untada com azeite doce, e a conduz lentamente ; logo que tenha penetrado a certa profundidade, c que sinta a extremidade do instrumento apoiada contra um osso, esforçar-se-ha

em lhe fazer seguir a curvatura do canal, abaixando entre as coxas do doente a mão que sustenta a sonda, e por uma pressão lenta e regular a conduzirá brandamente até á bexiga. Quando se apresenta algum obstaculo, tira-se um pouco a sonda, estira-se sufficientemente o membro para evitar rugas da membrana mucosa, e introduz-se de novo a sonda, sem empregar nunca grande força.



Fig. 154. — Sonda de prata, para mulher; 16 centimetros de comprimento.

A introducção da sonda de gomma faz-se da mesma maneira. As vezes, para dar a esta sonda maior resistencia e facilitar assim a sua introducção, sustentam-se suas paredes mediante um estylete de ferro, ao qual se dá a conveniente curvatura, e que se tira depois de introduzida a sonda na bexiga.

Catheterismo na mulher. Emprega-se para este fim uma sonda de prata, ou de borracha do comprimento de 16 centimetros, e apenas



Fig. 155. — Sonda de gomma direita.

recurvada na extremidade (fig. 154 a 156). Deitada a doente na margem esquerda da cama, o cirurgião aparta os grandes e os pequenos labios

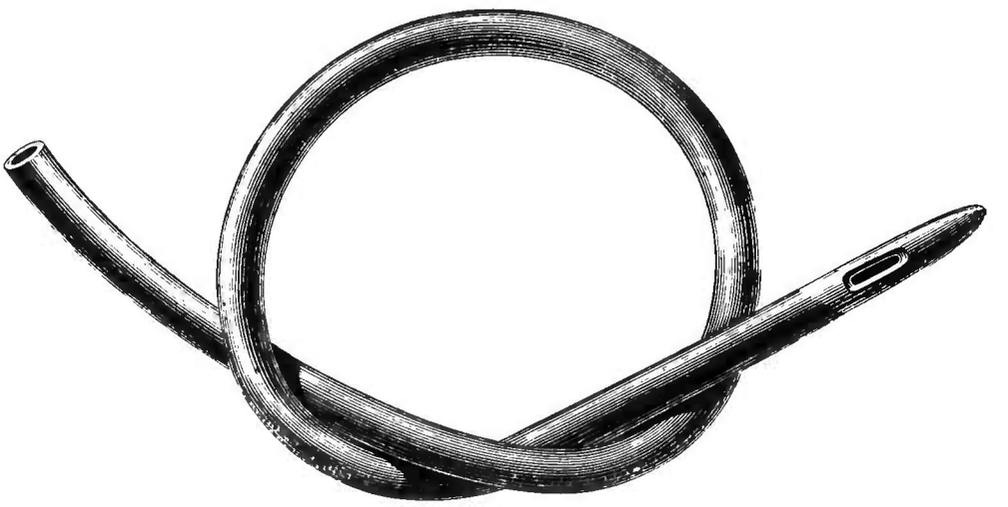


Fig. 156. — Sonda de borracha vulcanizada systema Nclaton, modelo de Galante.

da vulva com os dedos da mão esquerda, depois reconhece com o index da mesma mão o orificio da urethra, no qual introduz a extremidade do instrumento, cuja concavidade se acha voltada para cima. Por meio de leves movimentos de rotação, penetra facilmente na bexiga. Facilita-se a introducção da sonda, untando-a previamente com azeite.

CATO ou TERRA JAPONICA. Substancia adstringente que se extrahe de

muitos vegetaes, entre os quaes citaremos : a *acacia catechu*, a *areca catechu* e a *uncaria gambir* que pertencem a diversas familias.

D'esses vegetaes faz-se uma decocção que é reduzida pela ebullição e que se secca depois ao sol. O principio mais activo que contem o cato é o tannino. São numerosas as preparações pharmaceuticas em cujas composições entra o cato; a theriaga, o diascordio e diversos opiatos, são d'este uumero. O cato é administrado internamente na dóse de 1 a 6 grammas. Aproveita muito nas diarrheas chronicas, nos catarrhos bronchicos e nas anginas catarrhaes. Fazem-se com elle pastilhas que tiram o mao halito, sobretudo o cheiro do fumo na bocca.



Fig. 157. — Acacia catechu, arvore de que se extrahe o cato.

CAUSTICO ou Vesicatorio. Dá-se este nome a um emplasto que, applicado na superficie do corpo, determina uma secreção serosa que levanta a epiderme e forma uma empola. Este emplasto prepara-se com a massa caustica, composta de cantharidas, resina de pinho, cera e banha de porco. Esta massa estendida n'um pedaço de panno ou de pellica, forma o *vesicatorio caustico* que se emprega ordinariamente.

Eis-aqui a maneira de proceder em sua applicação ;

Rapa-se primeiro com a navalha o pello que possa existir na parte do corpo em que se deve applicar o caustico, afim de poupar depois ao doente dôres durante o curativo; esfrega-se a pelle com um panno secco até ficar vermelha, e põe-se o emplasto-vesicatorio comprimindo-o com a palma da mão. Por cima applica-se um chumaço de panno de linho ou algodão dobrado em dois ou quatro, e mantem-se tudo com uma atadura assaz larga e enrolada muitas vezes sobre si mesma. Isto pratica-se quando a applicação do caustico tem logar no braço ou na perna; se se applica sobre uma parte do corpo onde é impossivel o emprego da atadura, convem recorrer a outro meio ; assim, por exemplo, para um caustico applicado nas costas ou no peito, póde-se fazer uso de uma toalha ou de um lenço grande que se passa ao redor do corpo. Doze horas depois a empola está ordinariamente formada; mas, ás vezes, é preciso deixar applicado o caustico durante 24 horas : isto depende da natureza mais ou menos impressivel do doente. Em todos os casos, para tirar o apparelho, tiram-se primeiro as ataduras com cuidado, depois levanta-se o emplasto pouco a pouco e de vagar, e descobre-se a empola.

O curativo não é o mesmo quando a ferida deve seccar em poucos dias, ou suppurar por muito tempo.

Se se deseja que a ferida seque em poucos dias, abre-se a empola na sua parte inferior com ponta de tesoura, deixa-se a epiderme no seu logar, e applica-se por cima um panno untado de ceroto, um pedaço de papel sem colla, ou uma folha de couve, de sayão, de bananeira, ou de alguma outra planta, igualmente untada de ceroto. Com este curativo, repetido durante quatro a cinco dias, uma vez por dia, forma-se nova epiderme, e não fica outro vestigio do caustico senão um rubor que não tarda a desapparecer. Este modo de proceder constitue o que se chama *caustico volante,* e deve ser com preferencia empregado quasi em todas as molestias que exigem a applicação do caustico. Obtem-se ainda melhor effeito, applicando sobre a epiderme algodão em rama ou em pasta, que não se tira senão depois de seccar completamente a ferida,

O curativo differe, porém, quando se quer fazer suppurar a chaga do caustico. Então, tira-se toda a epiderme levantada, depois de cortada a circumferencia da empola, e cura-se a chaga com unguento bisilicão. Esta especie de caustico deixa signaes indeleveis; não se deve, por conseguinte, favorecer a suppuração do caustico nas partes descobertas do corpo. Os curativos, n'este caso, são muito mais dolorosos. Hoje raras vezes se usa este modo.

Ás vezes desenvolve-se á roda do caustico uma imflammação, e a propria chaga do caustico póde occasionar muitas dôres; n'este caso, convem mitigar a irritação com cataplasmas de farinha de linhaça ou de fecula, e suspender as pomadas suppurativas. O engurgitamento das glandulas situadas perto do logar em que foi applicado o caustico cessa espontaneamente.

Outr'ora, recorria-se ao caustico como meio de depuração dos humores; hoje é raro ser elle empregado com este intuito; os medicos tem deixado ao vulgo os preconceitos que influiam n'este genero de medicação. Vê-se muitas vezes pessoas de boa saude mandarem sem necessidade applicar causticos em seu corpo, na supposição de expulsarem de si todos os humores nocivos, todos os principios morbidos da economia. É costume tão ridiculo, que nem merece exame. Os casos em que os causticos podem ser uteis vão indicados n'esta obra, no tratamento de cada uma das molestias em particular.

CAUSTICOS (Medicamentos). Dá-se o nome de causticos ás substancias que desorganizam as partes do corpo com que são postas em contacto. Empregam-se para abrir fontes, impedir os progressos de affecções gangrenosas, taes como o carbunculo e a podridão de hospital: para cauterizar as mordeduras dos animaes damnados ou venenosos, para destruir as carnosidades das feridas, as verrugas, os cancros, os cavallos; para impedir a absorpção de virus syphilitico; para tocar as ulceras da bocca, etc. Os medicamentos causticos são: potassa caustica, pós de Vienna, nitrato acido de mercurio, mantciga de antimonio, chlorureto de zinco, verdete, acido sulfurico concentrado (olco de vitriolo), acido nitrico concentrado, acido chlorhydrico concentrado, pedra infernal, alcali volatil, sulfato de cobre, pós de Joannes, pedrahume calcinada, pomada ammoniacal de Gondret, fogo.

CAUTERETS. (Aguas sulfurosas quentes.) Itenerario de Pariz a Cauterets: Estrada de ferro por Bordeos até Tarbes, 18 horas. Diligencia de Tarbes a Cauterets, 5 horas. Total da despeza 100 francos.

A pequena cidade de Cauterets está situada ao sul da França, no departa-



Fig. 158. — Cauterets.

mento dos Altos Pyreneos, a 1000 metros de altitude na extremidade de um valle pittoresco, cercado de altas montanhas. As suas casas são asseiadas, e em numero sufficiente para poderem conter 3,000 estrangeiros.

As principaes fontes mineraes são em numero de doze. O seu calor varía de 30 a 55 gráos centigrados. Quasi todas representam aguas sulfureas, com excepção da fonte *Rieumizet*, que é apenas sulfurea, e cujas propriedades não se afastam muito da agua commum.

A mais afamada das fontes de Cauterets é a fonte La Raillière, situada a 20 minutos da cidade, e accommodada n'uma bella casa que contém 29 banheiras e uma bica d'onde se tira agua para beber. A agua é abundante, limpida, unctuosa, de sabor adocicado, a sua temperatura é de 39° centigrados.

Eis-aqui a sua composição, segundo Filhol e Reveil, *na fonte quente;* 1 litro d'agua contém :

	gr.		gr.
Sulfureto de sodio.....	0,0177	Silicato de cal.....	0,0324
Chlorureto de sodio.....	0,0598	Materias organicas.....	0,0350
Sulfato de soda.....	0,0467		
Silicato de soda.....	0,0031	Gaz azote 22 1/2 centimetros cubicos.	

Uma outra fonte, chamada *fonte temperada,* identica a esta como sulfuração, mas cuja temperatura é só de 34°, distribue-se nos gabinetes dos banhos. Serve para reconduzir a primeira á temperatura menos elevada.

A fonte *Raillière* emprega-se nas affecções catarrhaes e tuberculosas dos pulmões.

Achamos aqui um exemplo das uteis informações que a medicina veterinaria póde fornecer á medicina humana. Com effeito, todos os annos conduzem-se a Cauterets cavallos affectados de bronchite chronica, com inappetencia, diarrhea e emmagrecimento. São sobretudo garanhões das estrebarias de Tarbes e Pau. Estes animaes bebem com grande avidez as aguas da fonte Raillière, e ao cabo de oito dias as digestões melhoram, a tosse desapparece, e as forças voltam.

As outras fontes de Cauterets são :

Cesar, les Espagnols. Estas fontes brotam sobre um ponto bastante elevado do monte chamado *Pic du Bain,* d'onde são conduzidas por um aqueducto de 106 metros, construido na superficie da terra, até o estabelecimento thermal.

A fonte de Cesar tem a temperatura de 46°, e contém por litro :

	gr.
Sulfureto de sodio.....	0,024
Chlorureto de sodio.....	0,071

A fonte *des Espagnols,* não differe da de Cesar senão por ser menos sulfurosa e menos quente.

Quanto ao estabelecimento, cuja architectura é graciosa, encerra 25 gabinetes de banho, dos quaes doze com duchas particulares, dois gabinetes de grandes duchas mui poderosas, que se administram quentes ou temperadas, ou que se alternam de modo a obter duchas chamadas *escossezas,* que representam um objecto importante na medicação de Cauterets.

Ha além d'isso gabinetes para pediluvios, um salão de inhalação e um de pulverização, modos de tratamento para affecções da garganta, da larynge e dos bronchios.

As fonte *de Cesar* e *des Espanols,* applicam-se sobretudo em banhos e duchas; convem particularmente nos rheumatismos, affecções da pelle, escrophulas e syphilis constitucional. A agua que se bebe com preferencia é a de Cesar; aproveita, sob esta fórma, nas bronchites chronicas e na asthma.

Pause Vieux. Temperatura 43° Emprega-se contra as molestias de pelle.

Le Rocher. Esta fonte tem 38 gráos de calor: sua sulfuração é insignificante; goza de reputação contra as nevroses e affecções uterinas.

Le Petit-Saint-Sauveur; le Pré. São pequenas aguas, accommodadas n'uma casa especial, e destinadas, esta, ao tratamento das molestias rheumaticas leves; aquella ás molestias nervosas e uterinas.

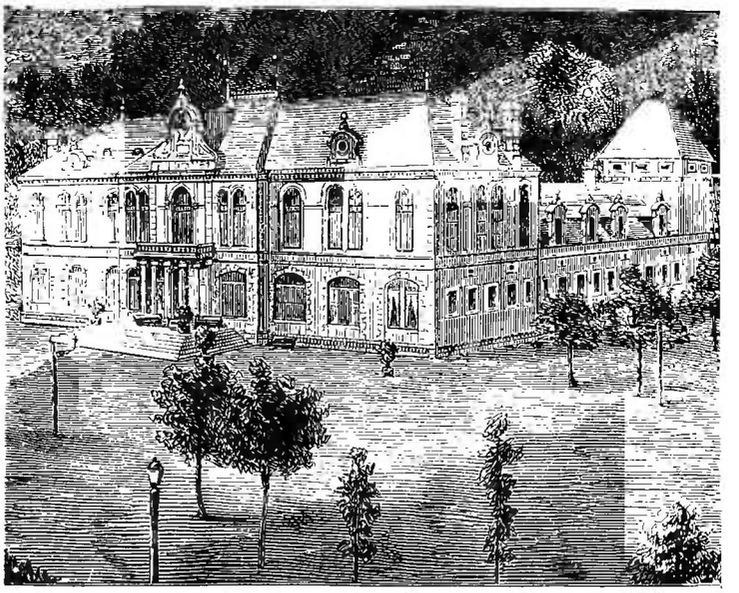


Fig. 159. — Cauterets (Vista do estabelecimento thermal).

Mahourat. Esta fonte acha-se situada em frente da bella cascata do mesmo nome. A sua temperatura é de 49° centigrados, e a sua sulfuração de 0ᵍ,013. Goza de grande reputação no tratamento das dyspepsias e das gastralgias ; associa-se com vantagem á agua de Raillière, quando esta pesa um pouco sobre o estomago. Não se emprega senão em bebida. Reune cada anno uma colonia de Hespanhoes.

Le Bois. Fonte quente 43°,3 ; fonte temperada 33°,7. Excellentes aguas, uteis no rheumatismo e na sciatica.

Les Œufs. Temperatura 52°, sulfuração 0ᵍ,018. O esplendido edificio, construido ha poucos annos especialmente para esta fonte, e que tem o nome de *Termes des Œufs* (Thermas dos Ovos), offerece todos os utensilios e todos os aperfeiçoamentos das caldas modernas. A piscina natatoria não tem menos de 160 metros quadrados de superficie; é a mais bella que existe na Europa. Ha tambem ali uma magnifica *Sala das festas*, logar de reunião e de recreio para os banhistas.

Tal é Cauterets. Resulta da diversidade de acção das suas fontes, que resumem quasi todas as propriedades das aguas sulfurosas; de modo que um medico que desejasse aconselhar alguma agua sulfurosa ao seu doente, sem saber com exactidão qual é a estação que deverá preferir, poderia dirigil-o a Cauterets com certeza de encontrar ali agua conveniente. A estação dura do 1° de junho ao 1° de outubro.

Transporte. As aguas de Cesar, Raillière e Mahourat são notaveis pela estabilidade da sua composição e das suas propriedades. Pelo que exportam-se em grande quantidade. Empregadas em bebida, loções e pulverizações, produzem effeitos quasi tão bons como na fonte.

CAUTERIO. Cauterizam-se os tecidos com agentes de duas especies: metal aquecido ao rubro, ou substancias que actuam chimicamente sobre os tecidos. O ferro em braza é um excellente cauterio, infelizmente um pouco abandonado actualmente, para destruir qualquer ferida virulenta, ou fazer estancar qualquer corrimento de sangue; que se empregue um ferro ordinario ou o thermo-cauterio de Paquelin (fig. 160) é sempre facil achar uma ponta tendo a forma que se deseja.

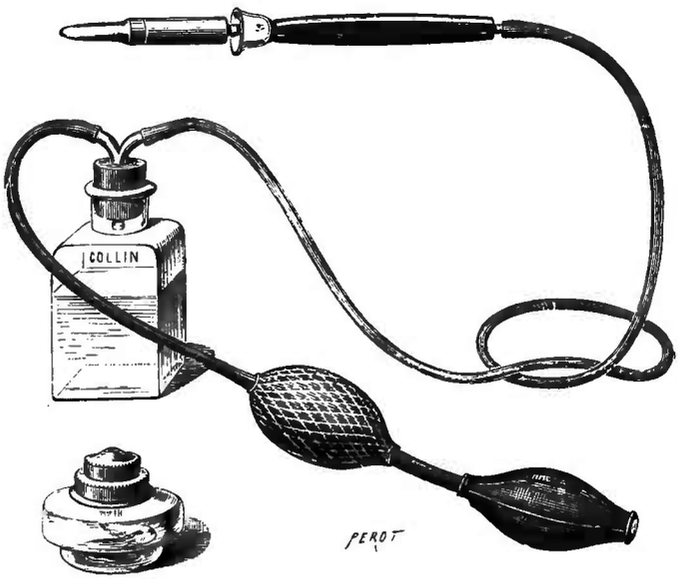


Fig. 160. — Thermo-cauterio de Paquelin.

O ferro tanto em braza vermelha com em braza branca destróe os tecidos com mais rapidez mas não pára radicalmente com o corrimento sanguineo; o ferro aquecido simplesmente ao rubro escuro é mais hemostatico, na verdade, mas é muito mais dolorosa a sua applicação.

Os causticos chimicos são numerosos, vamos apenas cital-os: acidos chlorhydrico, sulfurico, azotico, chromico, etc.; saes, taes como o nitrato de prata e o nitrato acido de mercurio; alcalis, como sejam a potassa que junta á cal forma as massas de Vienna e de Filhos; metaes, taes como os saes de zinco, a manteiga de antimonio, o acido arsenioso e o bichlorureto de mercurio.

Emfim, assignalemos o galvano-cauterio que transmitte aos corpos, com os quaes se o põe em contacto, a alta temperatura fornecida por uma pilha electrica (*Veja-se* GALVANO-CAUSTICO e GALVANO-CAUTERIO).

Um facto commum no effeito de todos esses agentes é a formação de uma escara no logar tocado. As partes molles mortificadas e destruidas formam uma especie de placa cinzenta ou preta, insensivel que contrasta

muitissimo com o aspecto das partes circumvizinhas das quaes ella se separa no fim de alguns dias. Logo que a escara cahe, apparece a superficie da ferida coberta de escrecencias vermelhas e sangrentas que se cicatrizam rapidamente. A dôr, quasi sempre, dura pouco tempo, forte quando se applica o cauterio e durante a sua acção, ella diminue e cessa logo que se opera a mortificação.

No artigo *cauterisação*, veremos os casos em que esses processos destruidores devem ser empregados com vantagem.

CAUTERIZAÇÃO. Operação que consiste na applicação do ferro em braza ou de causticos chimicos em um ponto qualquer do corpo Tratando dos cauterios dissemos que o ferro em braza era hemostatico, e na verdade é uma das mais uteis applicações que se lhe possa dar. Os causticos chimicos tambem fazem parar o sangue; destruindo as partes molles, e alterando a composição do proprio sangue; esses causticos determinam a formação de um coagulo sanguineo assaz duro para tapar o calibre dos vasos.

É util tambem a cauterização para modificar qualquer ferida de má natureza, para destruir um virus ou um veneno local, como seja o veneno de cobra, o virus rabico, etc. Tambem se abre certos abcessos por meio de causticos ou de ferro em braza e com este processo desinfecta-se ao mesmo tempo a cavidade que continha o pus. O systema que consiste em approximar um ferro em braza de uma ferida sem tocar com elle a parte doente, é um bom meio para excitar uma ferida que não tem tendencía para sarar.

Tambem se extirpam certos tumores com ferro em braza ou com causticos, com mais facilidade e com menos perigo do que com bisturi. Para ablação dos tumores, principalmente para os cancros dos seios, empregam-se flechas causticas, isto é, umas especies de pontas agudas feitas de massas de potassa ou de chlorureto de zinco, cerca-se o tumor espetando dentro d'elle umas doze ou mais, d'estas flechas, segundo o tamanho do tumor.

No fim de alguns dias, tristes a passar, por causa das fortes dôres que occasiona este tratamento, a massa morbida cahe espontaneamente. N'estes casos é preferivel empregar o bisturi; porque supprime-se a dôr por meio do chloroformio, não ha suppuração e a cura é mais rapida.

As pontas de fogo, tão empregadas hoje em dia, é tambem um dos meios de cauterização. Debaixo d'este nome designa-se uma cauterização leve que se repete amiudadas vezes em uma superficie limitada da pelle. Forma-se uma pequena escara mui superficial que cahe dentro de cinco ou seis días sem suppuração. É este um meio therapeutico muito efficaz contra as affecções dos nervos, do espinhaço, contra as arthrites, os tumores brancos, as affecções chronicas dos ossos, e dos tegumentos.

CAVALLO ou CANCRO VENEREO. Chama-se cavallo as ulcerações produzidas pelo contagio venereo e que são muitas vezes o signal do começo de accidentes mais graves e mais extensos. Ha duas especies

de cancro, *molle* e *endurecido*. Como o cancro endurecido é sempre o accidente primitivo da syphilis, trataremos d 'elle em todos os seus detalhes, no artigo SYPHILIS. Occupar-nos-hemos aqui sómente do cancro molle.

Confundiam outr'ora estas duas variedades debaixo do mesmo aspecto como manifestações da syphilis. Cabe a Ricord o merito de tel-as separado e ter demonstrado que ellas não têm a mesma origem nem os mesmos symptomas e que por conseguinte não podem ter tratamento identico.

É mui variavel a epoca do seu apparecimento; tem-se visto apparecerem algumas horas depois de cohabitação impura; as mais das vezes declaram-se dentro de oito dias. Principiam por uma ulceração arredondada, suppurante, cujo fundo é amarellado. Logo depois a ulceração cava-se e estende-se a ponto de chegar a ter até 23 millimetros de circumferencia. Em alguns casos em logar de ser arrendondado, torna-se elliptico e sobre o comprido principalmente quando se declara no anus ou na prega que separa o prepucio da glande. As bordas são altas, direitas, ás vezes um pouco dobradas. No fundo encontra-se uma especie de visco amarellado composto de diversos fragmentos e de pus, cujas propriedades são particulares. Deixando escorrer na pelle, ou tirando com uma lanceta e fazendo uma inoculação sub-epidermica, dentro de pouco tempo apparece, no logar inoculado, um cancro em tudo igual áquelle do qual se tirou o pus, o que não acontece com a inoculação do cancro endurecido da syphilis. É por causa d'este facil contagio que se vê muitos cancros em um mesmo individuo. Passadas algumas semanas, ás vezes, mezes, a feridinha fica limpa, sécca, o fundo da ulcera se enche de borbulhas e a cicatrização se opera começando pelas bordas. Ella terminada, o doente está curado e não tem que receiar nenhum accidente ulterior, como aquelles que vem após os cancros syphiliticos.

Devemos assignalar as complicações que podem dar á esta molestia local certa gravidade muito séria e até mesmo terrivel.

O pouco asseio, as pomadas irritantes, os excessos de toda a sorte podem causar uma inflammação do cancro; que fica então duro, doloroso e faz inchar os orgãos que o redeiam. É d'ahi que provem a phimosis, a balanopostite, a paraphimosis e mesmo a gangrena que pode destruir em parte ou todo o prepucio e offender até a glande. A maior parte das vezes, as glandulas lymphaticas da prega da virilha se emgurgitam, e se ulceram para depois deitar grande quantidade de pus que é tão contagioso como o pus que segrega o proprio cancro; é isso que se designa pelo nome de *mula*.

De todas estas complicações a mais grave é com certeza o phagedenismo, o qual consiste em um estado morbido que destróe os tecidos estendendo-se continuamente quer em superficie, quer em profundidade, o cancro conservando sempre suas propriedades virulentas. Quando o cancro se estende em superficie, as feridas tomam uma extensão ameaçadora que pode atacar uma parte do tronco e as coxas; quando se

estende em profundidade, destróe orgãos inteiros e o doente se vê exposto a terriveis accidentes. Estas formas terriveis do cancro venereo podem depender do estado e das condições hygienicas do doente, do enfraquecimento, da miseria, das privações, da idade e dos excessos. N'este ponto, as condições individuaes devem ser levadas em conta, a prova d'isto está em que um homem que tem um cancro phagedenico pode pegar um cancro benigno á mulher com a qual elle tiver cohabitado.

Tratamento. O tratamento do cancro molle consistia outr'ora, para os medicos, na administração do mercurio interna e externamente. Desde que ficou provado que o cancro molle é uma lesão mui differente da syphilis, o tratamento syphilitico tornou-se desnecessario. Ricord chegou a demonstrar que esse tratamento podia até ser perigoso, e que muitos casos de phagedenismo deviam ser attribuidos ao abuso das preparações mercuriaes. Como tratamento interno o medico deve se contentar em combater a anemia ou a fraqueza do doente que tem um cancro.

O tratamento local deve ser o seguinte :

Lavar a ulceração duas ou tres vezes por dia e cobril-a com fios polvilhados com pó de iodoformio. Muitas vezes basta este tratamento para que o doente fique curado. Se o cancro não sarar com este tratamento, empregar-se-ha então o tartrato ferrico-potassico, ou uma solução de 1 gramma de nitrato de prata em 30 grammas d'agua distillada. Quando a ulceração é pequena, recente, e está em logar accessivel ou que tenha tendencia a se tornar phagedenica, será preciso empregar meios mais energicos que possam destruir o virus de uma só vez. Para conseguir este fim, empregar-se-ha a cauterização com ferro em braza ou com um caustico poderoso, como sejam, o acido nitrico, a potassa, o chlorureto de zinco ou o acido sulfurico misturado com pó de carvão. Após qualquer d'estas cauterizações formam-se escaras que cahem depois ficando apenas uma ferida simples, cujo pus não possue mais nenhum poder contagioso.

CAVALLO (*Animaes domesticos*). O cavallo é o mais precioso e o mais util dos animaes domesticos. Os seus caracteres são :

1° Extremidades terminadas por um só dedo e uma só unha, em fórma de casco semi-circular.

2° Tres especies de dentes, a saber : 12 incisivos, 4 presas ou colmilhos, 24 molares. As presas faltam quasi sempre nas eguas.

3° Um espaço vasio, chamado *barra*, entre as presas e os molares.

4° Dois ubres inguinaes nas femeas.

5° Estomago simples, pouco volumoso ; intestinos muito desenvolvidos ; o intestino cego de grande capacidade.

6° O cavallo é herbivoro, de caracter pacifico e sociavel ; defende-se principalmente com os pés. Vive, no estado selvagem, em tropas numerosas debaixo da direcção de um macho. Estas tropas encontram-se principalmente na America e na Siberia.

Os *sentidos* do cavallo são mui desenvolvidos. Os olhos são conformados de maneira que, mesmo quando pasta, o animal leva a vista mui longe na direcção horizontal ; distingue melhor que o homem os objectos

durante a noite; o seu ouvido é mui delieado, tem a faculdade de colher os sons por meio das orelhas grandes e muito moviveis. As ventas são amplas e proprias para que perceba os cheiros de muito longe; a sua delicadeza para a alimentação é maior do que a dos outros animaes herbivoros o gosto é mais desenvolvido; o labio superior é dotado de grande faeilidade de movimento para apalpar e reeolher os alimentos; a pelle goza de excessiva sensibilidade; o animal tem a faeuldade de a franzir para enxotar os inseetos que o incommodam.

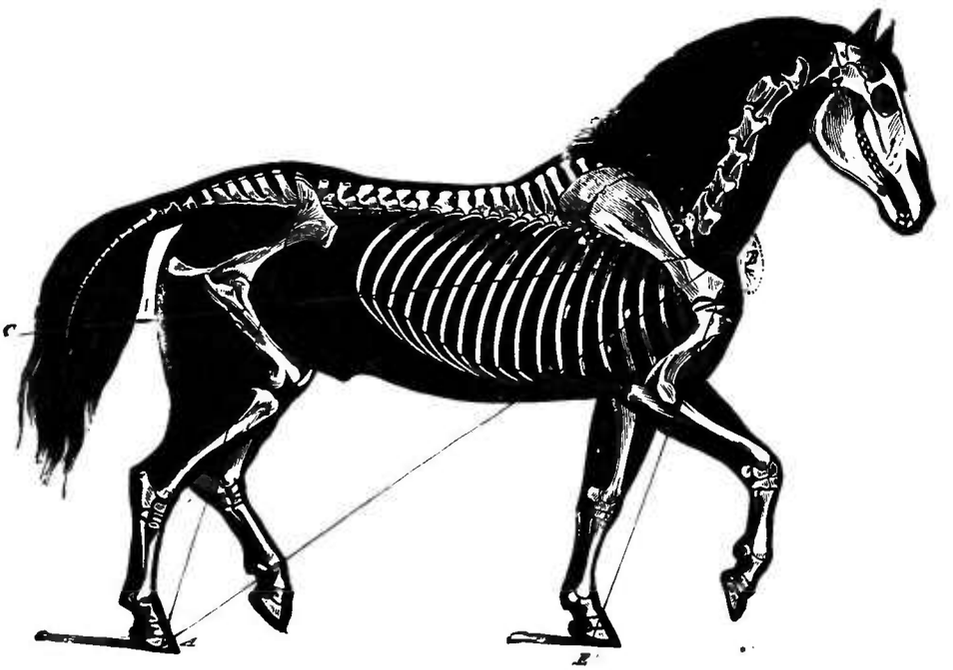


Fig. 161. — Cavallo.

A *voz* do eavallo ehama-se *rincho :* tem uma variedade de rinchos, segundo as sensações, os desejos e as paixões do animal; d'aqui vem cineo modos de rinehar bem caraeterizados : 1° Rineho de alegria, no qual os sons sobem a modos sempre mais fortes e mais agudos; o cavallo salta, pareee que quer atirar eouees, mas não tem tenção de fazer mal. 2° Rineho de desejo, inspirado pelo amor sexual ou pela affeição a seu dono; então os sons prolongam-se e tornam-se mais graves. 3° Rincho de eolera : é eurto, agudo, interrompido; o animal procura dar couees, bate eom as mãos, se é vigoroso; ou morde, se é máo. 4° Rineho de medo : é grave, roueo, pareee sahir das ventas, e, eomo o da eolera, é muito curto. 5° Emfim, o rincho de dôr, é um gemido, uma speeie de tosse apagada, eujos sons graves seguem os movimentos da respiração. De ordinario são os melhores cavallos que rincham com mais frequeneia de alegria e de desejo. Os eavallos castrados rincham raras vezes, e nunea de maneira estrondosa; desde a primeira idade, o maeho tem a voz mais sonora do que a femea.

Dá-se o nome de *andaduras*, no cavallo, aos seus differentes modos de progressão. Tem naturalmente tres : o passo, o trote e o galope. Mais do que qualquer outro quadrupede, contrahe andaduras defeituosas, e adquire outras artificiaes. A agilidade do cavallo excede a dos outros animaes quadrupedes.

A gravidação das femeas dura onze mezes e alguns dias; párem só um potro. O aleitamento deveria durar um anno, mas é abreviado no estado de domesticidade. O potro tem os olhos abertos quando nasce; é coberto de pellos; não tem dentes, mas já é bastante forte para se sustentar e andar; aos cinco annos, o potro está inteiramente desenvolvido, e toma o nome de *cavallo*. A duração natural da sua vida é de 25 a 40 annos; mas é quasi sempre abreviada pelos serviços que d'elle exigimos.

O cavallo é herbivoro *por natureza*. Só em casos raros se alimenta de substancias animaes; bebe aos sorvos; seu estomago é conformado de maneira que não permitte os vomitos. É eminentemente sociavel no estado selvagem, e torna-se facilmente domestico, mesmo quando é apanhado no estado de adulto; affeiçoa-se ao homem, torna-se seu companheiro fiel, e, de algum modo, seu amigo; comparte os trabalhos, os perigos e a gloria do seu dono, é sensivel aos bons como aos máos tratamentos, gosta de elogios e das caricias; mostra-se orgulhoso, quando brilhantemente jaezado; anima-se ao signal dos combates, possue muitas qualidades intellectuaes, e sobretudo uma memoria duradoura e segura.

A *idade* do cavallo conhece-se pelos dentes.

O cavallo presta *serviços* como animal de tiro, e como animal de sella. Como animal de tiro, serve na agricultura, no commercio, na industria, arte militar, commodidades da vida, gozos de luxo. A estes diversos serviços são adoptadas diversas raças de cavallos.

Todos sabem que ha grandes differenças entre os cavallos; ha cavallos que são esbeltos, elegantes, de pello curto, excedendo em rapidez o cervo, vivos, mui espertos, doceis, intelligentes, e cujor valor commercial é ás vezes inapreciavel; outros tem a a corpulencia e a grossura do boi, o pello grosseiro, crespo, as andaduras pesadas e lentas, e seu valor, ordinariamente, é inferior ao dos cavallos do primeiro typo. Os cavallos do Oriente, e em particular o cavallo arabe, parecem ser a origem dos primeiros; quanto aos cavallos corpulentos, mostram mais parentesco com a raça flamenga ou buloneza. A diversidade do clima, e as differentes direcções que o homem tem dado ao regimen alimentar, á educação e á reproducção do cavallo, produziram as suas numerosas variedades de fórma, de estatura e de aptidões.

« O cavallo *arabe* é entre todos o mais bello, o mais vigoroso e o mais fiel; caracterizado pela regularidade de suas fórmas, possue a propriedade de melhorar todas as outras raças com que se cruza; por isso a sua raça é tida pela mais pura. O cavallo *inglez* é d'entre todos o mais veloz, alto de pernas, de corpo comprido e pescoço longo; é descendente do cavallo arabe, e por este tem sido regenerado. O cavallo *persa* é

semelhante ao arabe, do qual procedeo, e é corajoso e fino como elle. O *andaluz* procedeo tambem do arabe, tem a cabeça um pouco grande, pescoço largo e arqueado, pello fino e lustroso, cauda longa e espessa; é forte e bastante brioso. O cavallo *normando* é corpulento e reforçado, e de todos o mais proprio para o serviço de tiro. O cavallo *portuguez*, da raça de Alter do Chão, posto que não seja tão corpulento, nem tenha

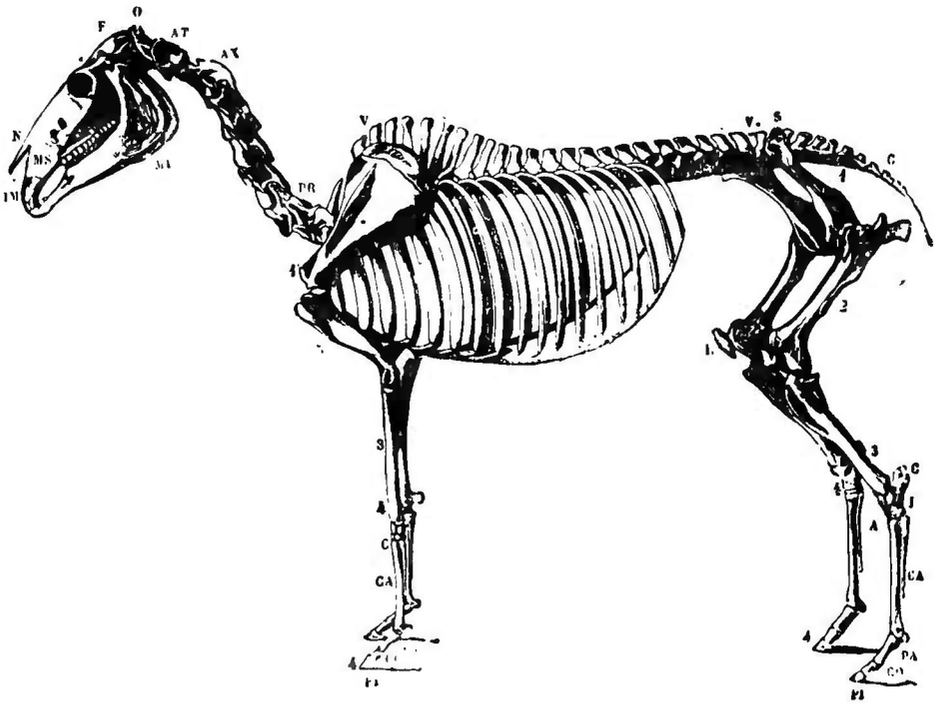


Fig. 162. — Esqueleto do cavallo (*).

fórmas tão regulares como o andaluz, é todavia mais valente e de melhores cascos do que aquelle. — No Minho, na Beira-Baixa e em Traz-os-Montes (Portugal) criam-se tambem bons cavallos para o serviço de sella e de tiro; e a maior parte das seges de Lisboa e do Porto são puxadas pelos

(*) O, osso occipital; F, osso frontal; N, osso nasal; MS, osso maxillar superior; IM, osso entremaxillar; MI, osso maxillar inferior; AT, vertebra atlas; AX, vertebra axis; PR, ultima vertebra cervical, chamada vertebra proeminente; VV, vertebras dorsaes e lombares; S, osso sacro; C, coccyx e as vertebras caudaes.

Membro anterior. 1, omoplata; 2, osso do braço ou humero, applicado contra o thorax e contra o esterno; 3, osso do antebraço ou cubito; 4, pé anterior ou mão que corresponde á mão do homem, e se subdivide em cinco partes; G, joelho, formado de seis ou sete pequenos ossos, chamados ossos carpos; CA, canella, que corresponde ao metacarpo do homem, e que é formada de um osso principal (osso da canella) e de dois peroneos; PA, quartella, que corresponde á primeira phalange do homem; CO, corôa que corresponde á segunda phalange; e PI, mão ou o pé antérior, composto da terceira phalange, e de um osso sesamoideo.

Membro posterior. 1, osso coxal; 2, osso da côxa ou femur; 3, osso da perna ou tibia; tendo um peroneo na sua face externa, e por cima uma rotula R; 4, o pé posterior, que corresponde ao pé do homem, e se subdivide como o anterior em cinco partes: J, jarrete ou curvilhão; A, astragalo, vulgo *roldana;* C, calcaneo; DA, canella; PA, quartella; CO, corôa; PI, pé propriamente dito.

cavallos d'estas localidades : todavia não constituem raças particulares, e algumas especialidades, que se encontram por vezes entre os cavallos transmontanos, são devidas ao cavallo andaluz, que, pela maior parte, são mistiços em diversos gráos. Os cavallos de pequena estatura, tanto os ribatejanos, como os das provincias do Norte de Portugal, chamados *gallizianos*, tem fórmas pouco regulares, mas são muito valentes; empregam-se exclusivamente no serviço de sella e carga.

As figuras 161 e 162 representam as differentes partes do cavallo.

CAXAMBÚ. Brazil; Provincia de Minas Geraes, municipio de Baependy. Aguas gazosas frias, outr'ora *Aguas Santas*, hoje de *Caxambú*.

A povoação de Caxambú está assentada em um pequeno valle de 2 kilometros de comprimento sobre 500 metros de largura, atravessado no centro pelo ribeirão Bengo, que se dirige de sul a norte e em cujas margens nascem as fontes.

Este valle é cercado de collinas de todos os lados, sobresahindo entre todas pela sua altura, fórma e belleza a chamada — Morro de Caxambú, que fica ao poente e ao qual se sobe por um caminho em zig-zag. Do alto deste morro se descortina para qualquer dos lados um panorama verdadeiramente esplendido, sobretudo dirigindo-se a vista para o nascente, onde se levantam com suas fórmas variadissimas os primeiros contrafortes da Mantiqueira.

Este monte está a 175 metros sobre a praça das Fontes, achando-se esta, pelas ultimas observações cuidadosamente tomadas pelo Sr. tenente Achilles Pederneiras, a 845 metros sobre o nivel do mar.

Quanto ao clima dessa localidade, cuja altitude e natureza fazem presuppor qual seja, cedo a palavra ao distincto e illustrado clinico de S. Paulo o Sr. Dr. Ignacio de Mesquita :

« O clima de Caxambú é excellente em todas as estações do anno, sempre fresco, uma primavera eterna.

« As noites são limpidas, frescas e o céu coberto de estrellas.

« As manhãs são ás vezes, um tanto garoentas, muito menos que S. Paulo, mas a neblina desfaz-se rapidamente ao sól nascente e não é humida, nem molha como na nossa capital. Os ventos são frescos, muito seccos, predominando os do quadrante norte.

« O thermometro centigrado marca no inverno 4 gráos acima de 0 ás 7 horas da manhã; pela madrugada desce a $^1/_2$ gráo e o *maximum* do dia é 21°

« A ascensão e descida da columna thermometrica é gradual e uniforme, sem haver os saltos bruscos que se notam em S. Paulo.

« O clima de Caxambú semelha-se muito ao do sul da França, Nice, etc. Durante todo tempo de nossa estada aqui, tamámos observações ther mometricas regulares e sempre notámos o que levamos dito acima... »

Segundo as observações feitas pelo illustrado redactor do *Baependyano*, o Sr. Amaro Carlos Nogueira, a média da temperatura annual oscilla entre 17 e 19° centigrados.

Com esta média, comprehende-se, nada póde haver de melhor em

clima continental, tanto mais quanto pelas observações feitas verificou-se que as oscillações thermometricas se fazem com uma regularidade admiravel, não havendo, como acontece, para climas reputados bons, grandes differenças entre a minima e maxima do dia.

As aguas mineraes, que com mais propriedade se denominariam medicinaes, constituem hoje em todo mundo, sobretudo na Europa, um recurso therapeutico de maxima importancia no tratamento de um variado numero de molestias.

Ás afamadas fontes de Vichy, Carlsbad, Vals e muitas outras, afflue annualmente de todos os pontos um grande numero de doentes, que alli vão procurar allivio a seus soffrimentos; e poucos, bem poucos são os que se retiram sem contar melhoras sensiveis em seu estado de saude, senão o restabelecimento completo da molestia que os levou ás referidas fontes.

Entre nós, porém, tudo está por se fazer com relação a aguas mineracs : ou seja por descrença do povo, senão dos medicos, ou seja por falta de mcios faceis de locomoçáo, ou seja, o que parece mais natural, pelo abandono em que os governos têm deixado as nossas melhores estaçõcs mineraes, o que é vcrdade é que o movimento dc doentes para as diversas fontes que existem no Imperio, sobretudo na provincia de Minas, ainda é pequeno c insignificante se attendermos á infinidade de molestias chronicas que nos climas intertropicaes soem reclamar o tratamento hydro-mineral.

Talvez possa o Brazil competir em riqucza hydrologica com os paizes mais bem dotados do mundo, taes como, França, Allemanha, Portugal, ltalia, etc.

Possue fontes de todas as variedades, mas que ahi jazem inexploradas, não por falta de pessoal habilitado para as mais complicadas analyses, porém, simplesmente por incuria do governo, cuja attenção solicitada constantemente para questões de pequcna politica, o é raramente para aquellas que nos pódc interessar, sobre todo ponto de vista. Neste caso estão as aguas mineraes, cuja analyse se faz necessaria, não só para conhecimento de sua constituição chimica, mas tambem de suas propriedades therapeuticas.

Pois bem, do pouco que conheccmos sobre nossas aguas mineraes (e cstas cxistem em quasi todas as provincias do imperio), apenas ha digno de nota o trabalho fcito pela commissão a que já acima nos referimos e cujo trabalho só diz rcspcito ás aguas de Caxambú, Lambary e Caldas.

Neste ligeiro estudo, que agora emprehendo, tratarei quasi exclusivamente das fontes de Caxambú, fazendo a confrontação destas com outras de composição mais ou menos identica quer nacionaes, quer estrangeiras, afim de tornal-as melhor conhecidas.

E' inutil dizer que nesta parte nos servirá sempre de guia o relatorio feito pela commissão e do qual transcreveremos textualmente as analyses sobre as diversas fontes.

Começaremos pela fonte chamada D. Pedro II a menos mineralizada de todas as fontes de Caxambú :

Fonte D. Pedro. — A agua é limpida, transparente, sem côr nem cheiro, de sabor acidulo, picante; temperatura de 23° marcando o ar ambiente 24°; densidade 1,0010 sobre a temperatura de 23° 5 e pressão de 690 millimetros; envermelhece o papel de tournesol e não altera o de acetato de chumbo.

Conserva-se limpida pelo repouso e póde ser transportada ao longe.

A agua nessa fonte é effervescente e abundante.

A agua de fonte de D. Pedro forneceo á commissão 0,2650 de residuo fixo, composto de :

	Grammas.		Grammas.
Acido sulfurico	0,0021	Oxydo de ferro, Alumina	vestigios
— silicico	0,0250		
— carbonico	0,0860	Acido carbonico total	1,6560
Potassa	0,0249	Acido carbonico combinado (bicarbonatos)	0,1723
Soda	0,0292		
Cal	0,0560	Acido carbonico livre	1.4815
Magnesia	0,0091		
Chloro	0,0009		
Materia organica e perda	0,0318		
	0,2650		

Como se vê desta analyse é esta uma agua que pela sua fraca mineralização póde e deve ser collocada entre as aguas chamadas digestivas, hygienicas ou aguas de mesa, e nesta categoria é uma das melhores que é dado conhecer-se, não só pela sua limpidez e pureza, como tambem pelo acido carbonico que tem em dissolução.

Convem notar que as aguas de mesa são tanto melhores e mais bem reputadas, quanto menos ferro contêm. Ora, a analyse sem duvida delicadissima da commissão não denuncia nesta fonte senão vestigios de oxydo de ferro, e em tão diminuta quantidade que, analyses grosseiras feitas junto ás outras fontes revelando promptamente a presença de ferro em todas, não apresentam reacção alguma caracteristica da presença do ferro na fonte D. Pedro e Leopoldina.

Seja-me permittido, nesta occasião, fazer confrontações em presença das quaes melhor se poderá julgar das differenças que existem entre esta e suas congeneres.

Tomaremos para termo de comparação a fonte gazosa de Lambary justamente considerada como agua hygienica de primeira ordem.

É opinião corrente entre todos que visitam Caxambú e Lambary que as fontes desta localidade são, como aguas gazosas, superiores áquellas; e dahi vem o dizer-se que as aguas do Lambary são mais apropriadas ás affecções do estomago, sendo as de Caxambú mais proveitosas as affecções do figado.

Do confronto que vamos estabelecer poderá cada um por si julgar das semelhanças e differenças que entre ellas existem com relação a seus principios mineralizadores, ahi comprehendido o acido carbonico. Na verdade, a effervescencia, o desprendimento de gaz da fonte de Lambary é consideravel e mais abundante do que o das fontes de Caxambú; mas, é gaz em emmissão, filtrando, por assim dizer, atravez d'agua.

Agora, gaz livre, o que quer dizer, gaz em dissolução em agua, é a commissão quem o diz : qualquer das fontes de Caxambú contém maior quantidade do que as fontes de Lambary, como se vê do quadro que abaixo publicamos.

E quanto a acido carbonico combinado a differença ainda é maior a favor das fontes de Caxambú, graças á sua mineralização comparativamente mais rica :

QUADRO COMPARATIVO DAS ANALYSES FEITAS PELA COMMISSÃO DO GOVERNO EM 1874, DAS AGUAS GAZOSAS DE CAXAMBÚ E LAMBARY.

ANALYSE QUANTITATIVA	CAXAMBÚ Fonte D. Pedro	LAMBARY Fonte Gazosa	DIFFERENÇA a favor da D. Pedro
Residuo fixo por litro d'agua.....	0.2650	0.0560	0.2090
Composto de:			
Acido sulfurico.....	0.0021	0.0007	0.0014
— silicico.....	0.0250	0.0070	0.0180
— carbonico.....	0.0860	0.0129	0.0731
Sesquioxydo de ferro.....	vest.	0.0020	vest.
Potassa.....	0.0249	0.0007	0.0242
Soda.....	0.0292	0.0046	0.0246
Cal.....	0.0560	0.0072	0.0488
Magnesia.....	0.0091	0.0036	0 0055
Chloro.....	0.0009	0.0004	0.0005
Materia organica e perda.....	0.0318	0.0164	
Albumina.....	vest.	vest.	
Acido carbonico total.....	1.6565	1.4182	0.2383
— — combinado (bicarbonatos).....	0.1720	0.0280	0.1440
Acido carbonico livre.....	1.4845	1.3902	0.0943

Já que acabo de tratar das aguas gazosas de Lambary e da sua congenere em Caxambú, a fonte D. Pedro, não vem fóra de proposito combater nesta occasião o preconceito entre nós arraigado de que as aguas importadas do estrangeiro, como a de Selters e outras, são superiores ás nossas.

Sem receio de soffrer contestação alguma, como provo com as respectivas analyses, póde-se asseverar que as pretendidas aguas gazosas vindas do estrangeiro são falsificadas, pouco importando que a falsificação se faça aqui ou se effectue no exterior.

Não ha agua alguma natural alcalina gazosa que, transportada á grandes distancias, seja capaz de ter em dissolução a quantidade de gaz acido carbonico que as pretendidas aguas de Selters e outras apresentam, produzindo, como se sabe, uma effervescencia extraordinaria, verdadeira explosão, ao desarrolhamento da garrafa.

E nem é este desprendimento brusco e instantaneo do acido carbonico, diz Durand Fardel, o que mais convém ás affecções do estomago.

Pelo contrario, o uso continuo dessas aguas póde, na opinião do mesmo autor, trazer não só dilatação, como ainda irritação do mesmo orgão.

O gaz util e que convém ás diversas affecções do estomago é o que resulta de uma combinação intima, molecular com a agua e cujo desprendimento se faz com certa lentidão.

Além das fontes gazosas de Caxambú, entre as quaes se deve contar a fonte Leopoldina, cuja composição sob todo ponto de vista pouco differe da fonte D. Pedro, ha na mesma localidade excellentes fontes ferreas iguaes ás mais concorridas e aceitas da Europa.

São em numero de tres as já beneficiadas, mas para evitar repetições que nada instruem, apenas darei a analyse da fonte D. Izabel :

Fonte D. Izabel. — A agua é limpida, transparente, sem côr, nem cheiro, de sabor styptico de ferro ou tinta preta de escrever, ao mesmo tempo picante e acidulo; temperatura de 23°, sendo a do ambiente de 24°; densidade 1,0019 sob a temperatura de 23°,5 e pressão de 690 millimetros; reacção acida ao papel de chumbo.

Pelo repouso deixa depositar flócos amarellados de peroxydo de ferro; desprendimento gazoso muito forte e a producção da agua é abundante.

Forneceo por um litro 1,2100 grammas de residuo fixo, composto de :

	Grammas.		Grammas.
Acido sulfurico	0,0041	Chloro	0,0007
— silicico	0,0650	Materia organica e perda	0,0487
— carbonico	0,4391	Albumina	vestigios
Sesquioxydo de ferro	0,0430		1,2100
Potassa	0,1457	Acido carbonico total	2,7315
Soda	0,1213	— — combinado (bicarbonatos)	0,9255
Cal	0,2861	— — livre	1,8060
Magnesia	0,0563		

Esta é a analyse feita pela commissão e a qual em hydrologia chama-se analyse real; mas havendo necessidade de fazer confrontações com fontes estrangeiras da mesma natureza tomamos ao estudo critico do Sr. Dr. Souza Fernandes a analyse theorica ou interpretativa por elle organizada segundo os elementos da analyse da commissão.

AGUAS FERRUGINOSAS DE SPA, SCHWALBACH E CAXAMBÚ

ANALYSE THEORICA OU INTERPRETATIVA	SPA Fonte Ponhom	SCHWALBACH Fonte Weinbrunnen	CAXAMBÚ Fonte de D. Izabel
Bicarbonato de potassa	0.0105	0.0	0.2818
— ferro	0.0714	0.0576	0.0860
— manganez	.....	0.0090	0.000
— cal	0.1730	0.5708	0.7356
— magnesia	0.1674	0.6051	0.1801
— soda	0.1266	0.2456	0.2847
Sulfato de soda	0.0203	0 0062	0.0072
» » potassa	.....	0.0074	.....
Chlorureto de sodio	0.0256	0.0086	0.0011
Phosphato de sodio	.....	traços	.....
Acido cilicico	0.0629	0.0465	0.0650
Materia organica	0.6577	traços	0.0487
Acido carbonico livre	1.0807	1.7414	1.8121
Total de mat. fixas e gazosas	2.3961	3.2982	3.5023

Da comparação destas analyses vê-se que não só a fonte Izabel de Caxambú é mais mineralizada do que suas congeneres da Europa, como tambem tem em dissolução maior quantidade de acido carbonico, circumstancia esta importantissima, visto como é á presença deste gaz que mantêm em energica dissolução os diversos principios constituintes da agua, mas com especialidade o ferro, cuja assimilação se torna tanto mais prompta e facil, quanto maior é a quantidade de gaz acido carbonico em dissolução.

Conhecida assim a composição chimica das aguas de Caxambú, torna-se facil a sua classificação. Na opinião da illustre commissão estas fontes devem ser collocadas entre as alcalinas gazosas, semelhantes ás fontes de Baden, Spa, Plombieres, Vals, Selters, etc.

Sem competencia para contrariar tão autorizada opinião, e acreditando mesmo ser esta a melhor classificação com referencia á algumas das fontes, peço, entretanto, licença á distincta commissão para, apoiado na mesma analyse, apresentar a este seu modo de vêr uma pequena modificação, que, para o medico clinico, é de maxima vantagam, facilitando-lhe a direcção a dar no tratamento hydro-mineral; é a seguinte:

As 6 fontes analysadas de Caxambú podem ser divididas, sem que para isso seja necessario forçar relações, em dous grupos principaes: o primeiro comprehende as fontes:

D. Pedro II, Leopoldina e Duque de Saxe.

O segundo as fontes:

Thereza, Conde d'Eu e D. Izabel,

as quaes, contendo como as do primeiro grupo os mesmos principios, apresentam, entretanto, uma differença notavel, qual é a presença em todas ellas de um sal de ferro, tornando-as por esta circumstancia, como veremos mais tarde, de uma acção tonica e reconstituinte sobre o organismo, acção que as outras não possuem senão de um modo indirecto.

Assim, pois, as fontes de Caxambú podem ser divididas em alcalino-gazosas e ferreo-gazosas. *Veja-se* BAEPENDY, pag. 271.

Accção physiologica. — Tanto quanto me tem sido dado observar a acção destas aguas se manifesta por uma certa estimulação sobre todo o organismo, estimulação que se dirige de preferencia para os apparelhos gastro-intestinal e urinario activando suas funcções.

Os doentes que entram no uso destas aguas sentem de ordinario um augmento consideravel de appetite; suas digestões se fazem com mais facilidade e tornam-se por vezes regulares.

Em alguns o appetite se exagera de tal modo, que faz-se preciso recommendar-se-lhes prudencia e commedimento com sua alimentação.

Para o lado do apparelho urinario a excitação é sempre consideravel, traduzindo-se pela abundancia da diúrese; as ourinas tornam-se claras, limpidas e alcalinas, como tenho tido occasião de observar. Além destes effeitos que são os principaes e póde-se dizer constantes, nota-se em alguns doentes certa excitação para a pelle, acompanhada de um prurido ncommodo.

Não é raro observar-se em alguns casos com as aguas ferreo-gazosas

uma leve cephalalgia á tarde, acompanhada por vezes de insomnia. Diversas pessoas, mesmo medicos, têm querido vêr em uma ou outra destas fontes propriedades differentes das que lhes assignala a commissão em seu relatorio de 1875.

Assim é que muitos consideram como purgativa a fonte Leopoldina e a denominam *magnesiana*.

Tal opinião não parece apoiar-se na composição chimica da referida fonte, nem mesmo em factos bem averiguados que a justifiquem.

É verdade que alguns doentes no começo do tratamento pelas aguas sentem perturbações gastro-intestinaes, acompanhadas de dejecções alvinas mais ou menos abundantes, como se estivessem sob o effeito de um purgativo salino; mas, este facto, como tenho tido occasião de observar, se dá indifferentemente com esta ou aquella fonte e póde ter uma explicação estimulante do acido carbonico sobre o apparelho digestivo despertando a sua tonicidade e activando os seus movimentos peristalticos, ou seja devido á uma acção toda mecanica em virtude da quantidade que por falta de absorpção, por não estar ainda o estomago como que familiarizado com o uso das aguas, tende a actuar como um purgativo todo mecanico.

Quanto ás fontes do segundo grupo são accordes as opiniões em attribuir-lhes uma acção tonica e reconstituinte, acção que se deriva naturalmente de sua composição chimica, que denuncia em todas ellas a presença de um sal de ferro.

Accresce ainda que as analyses ultimamente feitas na Europa em fontes ferruginosas têm revelado sempre debaixo de uma fórma qualquer a presença de arsenico nessas aguas. Ora, não tendo a commissão procedido á investigação para encontrar o arsenico nestas fontes é bem de suppôr que elle ali exista nas fontes do segundo grupo. E a cephalalgia e a insomnia a que nos referimos quando se inicia o uso destas aguas não serão antes de tudo devidas á presença deste metalloide nellas?

Modos de usar das aguas. — Apezar da semelhança na composição chimica destas fontes não é indifferente começar o tratamento por esta ou aquella. As aguas mineraes constituem hoje um agente therapentico poderoso e de variadas applicações, e como todo agente therapeutico tem o seu modo de ser administrado e que varia em uma infinidade de circumstancias

Tomal-as, como sóe algumas vezes acontecer, sem systema, sem methodo e sem ordem é procurar por suas proprias mãos, em vez de beneficio, um damno por vezes irreparavel.

A historia de accidentes communs á todas as aguas mineraes pelo seu uso immoderado e irreflectido devído á ignorancia ou jactancia de doentes que entendem dever tomal-as sem preceder direcção medica, é bastante conhecida para me dispensar de repetil-a.

Feitas estas considerações, passo ao modo geral de administral-as; sendo inutil declarar que tenho seguido a pratica adoptada em todas as estações mineraes da Europa, de aguas mais ou menos semelhantes ás nossas.

Inicio de ordinario o tratamento pelas fontes mais brandas, e o divido em duas seccões :

A da manhã e a da tarde.

Na secção da manhã que é a principal e a mais importante, os doentes começam o uso da agua indicada a partir das 6 ás 7 horas em dóses de meio copo com certos intervallos até meia hora, pelo menos, antes do almoço.

E inutil accrescentar que já para facilitar a absorpção, já para augmentar-se a dósc da agua naquelles casos em que se torna necessario, é indispensavel o cxercicio moderado nos intervallos de um a outro copo.

De conformidade com os resultados obtidos e com a molestia que justifica a indicação das aguas, assim se augmcntam as dóse maxima a de 4 copos nesta secção.

A secção da tarde deve começar depois de completar-se a digestão do almoço : a partir de 1 hora mais ou menos até meia hora antes do jantar observando as dóses fraccionadas e os intervallos convenientes. Depois do jantar fica terminado o uso das aguas, excepção feita da fonte D. Pedro, que pela sua fraca mineralização póde ser tomada indifferentemente á toda e qualquer hora, sobretudo nas refeições e á tardinha. Seja-me permittido nesta occasião combater a pratica de alguns collegas distinctos que aconselham a seus doentes o uso das fontes ferruginosas minutos antes das refeições.

Sei que é uma pratica muito judiciosa aliás por mim seguida o administrar em molestias chronicas certos medicamentos, sobretudo, os preparados ferruginosos pharmaceuticos nas proximidades das refeições.

Mas com relação á aguas ferruginosas esta pratica não tem razão de ser, visto como á pequena quantidade de ferro corresponde uma grande quantidade de liquido que com elle tem de ser digerido e absorvido.

Ora, seria um habito simplesmente extravagante ingerir-se ao começar das refeições um copo d'agua commum ; cuja mineralização, apezar de fraquissima, iria perturbar de algum modo as digestões.

Pois bem, um copo de agua ferruginosa (dóse aliás muito fraca) deve forçosamente trazer maiores perturbações sem vantagens therapeuticas de ordem alguma para os doentes.

Effeitos therapeuticos. — Que molestias, que affecções reclamam a indicação destas fontes? É esta a questão mais importante com relação á aguas mineraes, e que mais interessa ao doente e ao medico clinico. Sem entrar em longos desenvolvimentos, que não comporta este pequeno trabalho, estas aguas convêm de preferencia nas affecções do figado e utero.

Ora, sendo considcravel o numero de molestias que atacam estes orgãos parecerá talvez que exageramos o valor curativo das aguas, estendendo assim seu campo de applicação.

Mas não : em primeiro logar deve ficar consignado que as aguas mineraes, excepção feita das purgativas, como Pullna, etc., só têm applicação em geral em molestias chronicas, jámais em estados agudos. Em segundo logar todos os orgãos de um mesmo organismo mantêm entre

si, como partes componentes de um todo, uma certa solidariedade, que não é de estranhar que as aguas mineraes aproveitem nas diversas affecções de que são elles atacados, apezar de sua diversidade de funcções e estructura, solidariedade que se torna mais intima para com aquelles contidos em uma mesma cavidade.

E esta lei physiologica que explica como o mesmo agente therapeutico possa convir á molestias diversas e de séde differente. Em terceiro logar a mudança de clima, de habitos, de cozinha, de diversões proprias ás estações mineraes são outros tantos auxiliares ao tratamento hydromineral.

Dyspepsias. — A digestão é um acto muito complexo, resultado de diversas acções, já do estomago, já e sobretudo dos intestinos.

A perturbação funccional destes orgãos, compromettendo a digestão ou a nutrição, é o que se designa sob o nome de dyspepsia, molestia muito commum entre nós. Tres quartas partes dos doentes que annualmente frequentam Caxambú são dyspepticos.

Nas dyspepsias por irritação e que se denunciam por digestões lentas acompanhadas ou não de vomitos convem as aguas da fonte D. Pedro e Leopoldina.

Quando o dyspeptico fôr de uma constituição fraca e delicada, sobretudo anemico, são preferiveis as aguas das fontes Conde d'Eu e D. Izabel. Emfim, em qualquer das fórmas variadas de dyspepsias, com especialidade na fórma atonica e acida, o uso destas aguas é de uma vantagem incontestavel. Nas degenerescencias, porém, de qualquer natureza, as aguas não aproveitam de fórma alguma.

Molestias do figado. — Em primeiro logar collocaremos as colicas hepaticas por calculos biliares. Nesta affecção as aguas de Caxambú são de uma efficacia reconhecida, como provam certos factos que em tempo serão publicados.

As colicas cedem não porque as aguas tenham alguma acção sobre o elemento dôr, mas sim sobre a producção dos calculos que lhe são causa.

Convém, porém, notar que algumas vezes reapparecem as colicas ao iniciar-se o tratamento pelas aguas, o que póde ser explicado, segundo alguns autores, pela dissociação dos calculos existentes, facilitando por este modo sua passagem atravez do canal e produzindo, por vezes, dôres agudas n'essa região.

Nesta molestia as dóses de agua devem ser progressivamente elevadas até 10 copos por dia.

Engurgimento do figado. — Sabemos o quanto ha de confuso nesta expressão, mas por este nome designamos todo e qualquer augmento de volume do orgão, sobretudo quando devido a uma hyperemia qualquer, sem alteração dos seus elementos hystologicos.

Quer sejam o resultado de accessos palustres, quer sejam dependentes de syphilis terciaria ou de qualquer causa, o que é verdade é que os engurgitamentos hepaticos cedem ao tratamento por estas fontes.

A ictericia que é antes o symptoma de uma perturbação qualquer na

secreção da bilis por causas muito variadas, encontra nestas aguas um dos seus melhores medicamentos.

Molestias do apparelho urinario, areias e calculos. — Como para as colicas hepaticas estas aguas parecem dotadas de uma acção especifica sobre as areias e calculos renaes. Tem-se observado casos de doentes que durante o tratamento por estas aguas lançam grandes quantidades de areias até sua completa eliminação.

Os catarrhos vesicaes e os engurgitamentos da prostata são outras tantas molestias cujo tratamento por estas fontes é na maioria dos casos seguido de bom exito.

Molestias do utero. — As metrites e metro-ovarites chronicas, o catarrho do collo ou uterino, a amenorrhéa, a leucorrhéa, etc., molestias tão communs aos climas quentes, encontram já nas fontes alcalinas, já especialmente nas ferreo-gazosas um recurso theurapeutico de uma utilidade incontestavel.

Molestias geraes. Chlorose e anemia. — Estes dous estados morbidos, rebeldes muitas vezes aos melhores agentes therapeuticos que nos fornecem a materia medica, cedem promptamente ao uso das aguas ferruginosas, e é admiravel vêr-se como estomagos mui sensiveis que não toleravam os preparados pharmaceuticos ferruginosos mais soluveis se accomodam facilmente ao uso destas aguas em não pequenas dóses, o que se explica naturalmente pelo estado de dissolução em que, graças ao acido carbonico, se acha o sal de ferro nestas fontes.

A escrophulose como a anemia encontra, já nas aguas, já no clima tonico desta localidade o mais poderoso reconstituinte, sendo, porém, necessario para estas molestias a permanencia dos doentes nestas alturas por mais longo tempo.

As fontes alcalinas ainda têm uma applicação util na diabete saccharina ou glycosuria, nas diatheses gotosa, rheumatica, arthritica e nas cachexias de fundo palustre, assim como nas convalescenças de molestias agudas e outros estados.

Estações proprias para o uso das aguas. — Ha em toda a parte estações apropriadas para uso das aguas junto ás fontes, o que prova que não é indifferente tomal-as neste ou naquelle tempo.

Entre nós, na provincia de Minas, os mezes escolhidos para se fazer uma estação de aguas, a qual nunca deve ser menor de 35 dias, são os mezes de Agosto, Setembro, Outubro até meiados de Novembro.

Nestes mezes o clima é temperado e secco, permittindo por isso o uso ininterrompido das aguas.

Além desta estação tem-se feito uma outra preferida por muitos frequentadores e comprehendida entre os mezes de Março a Maio, sendo as condições de clima destes mezes mais ou menos identicas ás da primeira estação.

Roteiro para Caxambú. — A viagem para Caxambú é feita hoje em condições relativamente faceis e commodas.

Tomando-se como ponto de partida a Côrte, a viagem se faz do seguinte modo : ás 5 horas da manhã toma-se bilhete de passagem na es-

tação central para a estação da Soledade na estrada Minas and Rio.

Hoje, para maior commodidade dos viajantes, ha bilhetes de ida e volta entre a estação da Côrte e as da Soledade e Contendas, sendo elles validos por 40 dias.

Estes bilhetes custam, da Côrte á estação da Soledade, ida e volta por 40 dias, 35$400, da Côrte a Contendas, 41$300.

Ás 7 horas e 43 minutos chega o expresso á estação da Barra do Pirahy, onde demora 20 minutos para o passageiro almoçar.

Ás 11 horas e 38 minutos da manhã o passageiro deixará a estrada de ferro E. Pedro II na estação denominada — Cruzeiro — para tomar, depois de pouco mais de uma hora de descanso o expresso da estrada de ferro da Minas and Rio, que parte ás 12 horas e 45 minutos da tarde.

Ás 4 horas e 25 minutos chega elle á estação da Soledade, onde os passageiros encontrarão os meios de transporte necessarios para a viagem a Caxambú, que dista apenas duas leguas e meia ou 15 kilometros.

Se o viajante quizer seguir no mesmo dia encontrará ahi animaes, trolys, liteiras, etc., caso queira pernoitar tambem encontrará hoteis regulares, podendo no dia seguinte de manhã fazer viagem e ir almoçar em Caxambú.

O passageiro de S. Paulo tomará o expresso ás 6 horas da manhã. De S. Paulo á estação da Soledade não ha bilhetes de ida e volta, de sorte que o passageiro comprará bilhete para a estação do Cruzeiro e desta para a da Soledade, indo alcançar o expresso da Minas and Rio que parte ás 12 horas e 45 minutos.

As viagens são pagas em separado por não haver trafego mutuo entre o ramal de S. Paulo e o da Minas and Rio. »

Estes dados fazem o assumpto de uma pequena brochura publicada em 1886, pelo distincto e sympathico clinico de Caxambú o doutor P. Viotti. É o que ha de mais recente e completo sobre estas afamadas aguas mineraes.

CAXAPORRA DO GENTIO. *Ferminalia argentea*, Martius. Combretaceas. Arvore do Brazil; habita na provinca de Minas Geraes. Dá uma gomma-resina, que é um purgante energico, na dóse de 50 centigrammas, que se tomam n'uma amendoada ou em pilulas

CAYAPIA. *Veja-se* CONTRAHERVA.

CAYAPÓ (PURGA DE). Tres plantas purgativas da familia das Cucurbitaceas, que habitam no Brazil, foram descriptas debaixo d'este nome e classificadas por Manso, que lhes deo o nome botanico de *Cayaponia*. São :

1ª *Cayaponia diffusa*, Manso, Planta trepadeira; caule com sete sulcos que se enrosca ao redor dos arbustos vizinhos; folhas de tres lobos; solitarias; fructo, baga amarella do tamanho de um ovo de pomba, contendo quasi sempre 4 sementes pontudas; raizes horizontaes. O fructo e a raiz gozam de propriedades purgativas. Um só fructo é sufficiente para produzir bastantes evacuações. A raiz administra-se em pó na dóse de 4 a 8 grammas.

2ª *Cayaponia globosa*, Manso. **Purga de cayapó** (S. Paulo). **Anna Pinta, Capitão do matto** (Minas). Estende-se menos que a precedente. O fructo é espherico e vermelho, com dez sementes mais ou menos, que são ovaes, esbranquiçadas; com dois lobulos na base. Usam-se as sementes na dóse de 5 a 10 sementes.

3ª *Cayaponia elliptica*. Manso. Esta especie é muito parecida com a precedente. Os fructos são oblongos, de côr alaranjada, contendo 8 ou 10 sementes quasi obovaes. *Dóse :* Meio a um fructo.

As raízes e os fructos de todas estas tres plantas são de sabor amargo.

A *Cayaponia cabocla*, Martius, goza das mesmas propriedades purgativas, como as variedades precedentes. É conhecida nas provincias de Minas e Rio de Janeiro pelos nomes de **purga de gentio** ou **de caboclo.**

CEBOLA. *Alium cepa,* Linneo. Planta bulbosa, da familia das Liliaceas, cultivada em todos as hortas, para alimento e tempero. Varía no bolbo radical, ovado ou muito deprimido; nas tunicas externas, brancas ou avermelhadas. As folhas da planta são radicaes, cylindricas, fistulosas, pontudas; a haste é nua, cylindrica, igualmente ouca,

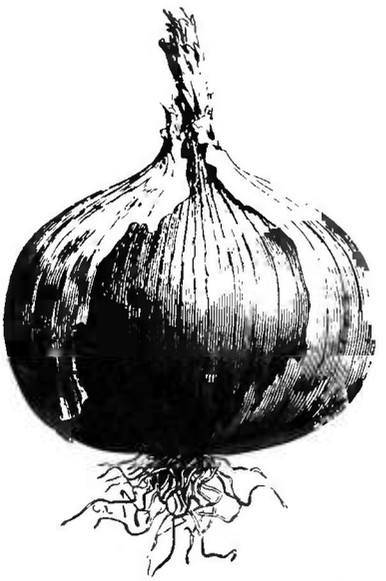


Fig. 165. — Cebola violacea.



Fig. 166. — Cebola branca de Napoles.

bojuda no meio, da altura de 1 metro a 1 metro 30 centimetros e mais; flores avermelhadas ou brancas reunidas em uma grossa cabeça arredondada. É ordinariamente á raiz que se dá o nome de *cebola:* compõe-se de muitas tunicas carnosas, rubras ou brancas, cuja reunião forma um *bolbo* mais ou menos grosso, coberto de uma pellicula branca, violacea ou rubra. A cebola é ordinariamente de fórma espherica achatada ou redonda (fig. 165, 166, 167).

As cebolas cultivadas nos paizes quentes são menos acres do que as dos paizes frios. Ordinariamente comem-se cozidas em agua, ou com carne; fazem-se d'ellas conservas com vinagre, ou comem-se cruas com salada. Algumas pessoas julgam que as cebolas impedem a embriaguez.

Todas as partes da planta contém um oleo volatil, de cheiro penetrante, que irrita os olhos e obriga a chorar; mas cessa este effeito depois de cozida a planta; a cebola torna-se mesmo adocicada pela cocção. Crua, é de digestão difficil para os estomagos fracos; occasiona eructações desagradaveis, e dá máo cheiro ao halito; cozida, é um alimento sadio e nutriente, sobretudo nos paizes quentes.

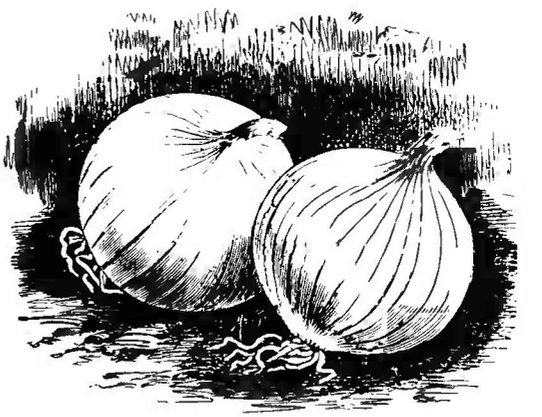


Fig. 167. — Cebola casca fina.

Em medicina, a cebola assada no burralho constitue uma cataplasma emolliente, que póde ser applicada com vantagem nos leicenços e postemas pequenas. A cebola comida crua é um diuretico util ás pessoas que padecem de areias.

CEGA-OLHO. *Asclepias umbellata.* Asdepiaceas. Esta planta é conhecida nas Alagoas por este nome, e por *Saudade* ou Camara brava em Pernambuco. É leitosa em todas as suas partes. Caule de 1 metro pouco mais ou menos; folhas lanceoladas e molles; flores reunidas formando como um chapéo de sol, umas vermelhas, outras amarellas, e sem cheiro; fructo, capsula pyriforme, geminada, contendo muitas sementes envoltas em um feixe de pellos macios e brilhantes como seda, ou coroadas de plumas; d'esta maneira estas sementes voam logo que o fructo se abre. Esta planta é venenosa.

CEGO, CEGUEIRA. A privação da vista ou *ceguira* é *completa* ou *incompleta :* quando é incompleta, póde o infeliz distinguir o dia da noite, e mesmo guiar-se um pouco. A cegueira póde ser *de nascença,* ou *accidental :* quando é de nascença póde depender da occlusão das palpebras, da occlusão da pupilla, da adherencia da membrana iris com a cornea, de uma cataracta, etc. N'estes differentes casos não é sempre incuravel, Quando é accidental, póde provir de ferimentos de ambos os olhos, ou de um se o outro já está perdido; ou ser consequencia de molestias do olho, taes como a gota serena, a cataracta dupla, opthalmias repetidas, belidas, cicatrizes que resultam de feridas, de bexigas e de outras causas; algumas d'estas causas podem ser combatidas com bom exito; porém, as mais das vezes, a cegueira é um accidente incuravel. Nas pessoas idosas a cegueira é ás vezes um effeito da idade : a cornea cobre-se de um circulo opaco, que vai progredindo, o crystallino e o corpo vitreo perdem a transparencia, e a sensibilidade da retina diminue. Segundo as alterações diversas que occasionam a cegueira, o olho póde ficar são apparentemente, como, por exemplo, na gota serena; ou apresentar lesões mais ou menos apreciaveis, como na cataracta, nas belidas, etc.

Para oppôr um tratamento racional á cegueira, cumpre, primeiro,

reconhecer a molestia que a determinou. Umas vezes a sangria, as bichas; outras vezes os vesicatorios na nuca; outras, emfim, um tratamento interno e diversas applicações locaes podem ser indicadas. Uma operação cirurgica torna-se ás vezes necessaria. Emfim, ha cegueiras completamente incuraveis.

A privação da vista, nativa ou accidental, produz mudanças notaveis na existencia physica, moral e intellectual dos cegos. Estes individuos são notaveis pela immobilidade das feições, delicadeza do tacto e do ouvido, gravidade do caracter, tenacidade e força da razão. Muitos tem occupado uma posição elevada nas sciencias, artes e na industria : cita-se entre os antigos, Diogenes de Alexandria, sabio universal, que foi o mestre de São Jeronymo; nos tempos modernos, Sauderson, um dos grandes mathematicos da Inglaterra.

Apezar da commiseração da qual os cegos tem sido o objecto em todos os tempos, São Luiz foi o primeiro rei que lhes abrio um asylo em França. Foi em 1260, algum tempo depois da sua volta da Palestina, que elle fundou um hospicio para receber os cegos, e só em 1780, ousou-se pela primeira vez examinar a possibilidade de os fazer gozar do beneficio. da educação. Valentino Haüy, teve a feliz ideia de inventar, para lhes ensinar a ler, figuras em relevo; mandou imprimir alphabetos, livros segundo estes modelos, e fundou em Pariz, em 1781, o instituto dos Jovens-cegos. Esta casa é destinada á educação de 80 meninos e de 40 meninas, que são entretidos gratuitamente durante 8 annos á custa do Estado. Para serem admittidos no asylo, os meninos ou meninas devem ter 9 annos pelo menos ou 12 quando muito. Independentemente dos alumnos gratuitos, admittem-se alumnos que pagam. O preço da pensão é de 1,000 francos por anno. Os cegos aprendem ali, por processos particulares, a leitura, a escripta, a geographia, a historia, as linguas, a mathematica, a musica e diversos officios. Ensina-se-lhes a ler com os dedos nos livros feitos especialmente para elles, e cujos caracteres são salientes; alguns aprendem a escrever. Chegam sobretudo a aprender bem o calculo e a musica. Muitos dos alumnos sahidos d'esta instituição occupam os logares de organistas nas igrejas.

Numerosos estabelecimentos analogos foram fundados por este modelo nas principaes cidades do mundo, em Berlim, Breslau, Vienna, Zurich, Bruxellas, Londres, Edimburgo, Rio de Janeiro etc.

O *Imperial Instituto dos menimos cegos do Brazil*, foi creado no Rio de Janeiro em virtude do Decreto da sua Magestade o Senhor Dom Pedro II, de 12 de setembro de 1854. Durante mais de vinte annos achava-se estabelecido no morro da Saude, rua do Lazareto da Gambôa, na chacara chamada dos Coqueiros ; actualmente possue um edificio proprio, n'um logar mais saudavel da cidade do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, sobre um terreno o qual lhe foi doado pela Imperial Munificencia. Este Instituto tem por fim ministrar a instrucção primaria em todos os seus ramos, a educação civil, moral e religiosa, o ensino da musica vocal e instrumental, o da arte typographica, o dos artefactos proprios do sexo feminino, e o dos officios mecanicos compativeis com a

cegueira. Recebem-se os meninos de ambos os sexos, isentos de idiotismo ou de outros quaesquer defeitos physicos que os inhabilitem para a instrucção, e de molestias contagiosas, tendo de 6 a 14 annos de idade.

Os titulos com que se deve requerer a S. M. I. pelo ministerio do Imperio a admissão de qualquer menino são: certidão de baptismo, o de vaccinação, se o tiverem, ou qualquer outra declaração de que foram ou não vaccinados, e, sendo pobres, justificação de pobreza por attestados do vigario e da autoridade policial do logar em que forem domiciliados.

Os que não são pobres pagam uma só vez 200$000 réis como joia da sua matricula, e 400$000 réis annuaes, pagos em trimestres adiantados.

O Instituto fornece a todos o curativo, a alimentação da melhor qualidade, variada e abundante, sem exceder os limites da frugalidade, todo o material necessario para a instrucção, o uniforme do collegio, e os utensilios de uso geral. Aos pobres fornece além d'isto cama e todos os seus accessorios, utensilios de uso especial, bacias, pentes, escovas, etc., e toda a roupa e calçado.

O Instituto é presidido por um director de nomeação do governo; tem, além d'isto, um capellão, um medico e outros empregados. O curso dos estudos abrange oito annos, comprehendendo o ensino das seguintes materias: leitura, escripta, cathecismo, musica vocal e instrumental, grammatica nacional, francez, arithmetica, algebra até á equação do 2° gráo, geometria, principios de mecanica, physica e chimica, historia e geographia antiga e moderna, historia e geographia nacional, artes e officios mecanicos. Foi adoptado, para o ensino d'estas materias, o methodo de pontos salientes de M. Braille.

O Instituto possue uma bibliotheca com cerca de 1,000 volumes. Tem mais uma typographia, onde são impressos pelos alumnos alguns compendios, e suas proprias composições, pelo mencionado methodo; e uma officina de encadernação.

Os alumnos pobres, destinados a profissões mecanicas, recebem no proprio estabelecimento, em officinas especiaes, o ensino pratico da arte ou officio para o qual mostram mais vocação.

O magisterio é exercido por seis professores de nomeação do governo, os quaes regem mais de uma cadeira, e pelos repetidores que os auxiliam, alguns dos quaes são discipulos do Instituto.

D'este estabelecimento sahíram muitos alumnos sabendo tocar varios instrumentos, e que vivem honrosamente dos talentos ali adquiridos, quer como instrumentistas, quer como cantores, quer emfim como affinadores de pianos.

O patrimonio do Instituto provém de doações, legados e beneficios; porém, não é sufficiente para as despezas; o Estado despende annualmente quantias importantes, porque quasi todos os alumnos são pobres; ha poucos contribuintes.

O governo do Brazil occupa-se de dar maior extensão ás officinas do estabelecimento, para offerecer meios de subsistencia aos alumnos que acabáram os estudos. O mesmo governo propõe-se tambem crear outros

institutos segundo o plano do da capital do Imperio, nas provincias do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Geares, e Rio Grande do Sul.

As principaes obras a consultar são: *Lettres sur les aveugles*, por Diderot; *Essai sur l'éducation des Aveugles*, por V. Haün; *Essai sur l'instruction des Aveugles*, pelo Dr. Guillié; *Des Aveugles, leur état physique, moral et intellectuel*, por Dufau, 1837 e 1850, obra premiada pela Academia.

CELIDONIA MAIOR ou HERVA ANDORINHA LEGITIMA. *Chelidonium majus*, Linneo. Papaveraceas. Planta que se encontra frequentemente nos cercos e ao pé das muralhas por toda a Europa; em Portugal habita espontanea em differentes partes da Beira, e tambem se cultiva nas hortas. A sua raiz, que é fibrosa, dá nascimento a muitas hastes ramosas, da altura de 35 a 60 centimetros; folhas pinnatisectas, com segmentos arredondados, denteados, lobados; flores amarellas; fructo vagem bivalve; cheiro forte e nauseoso. Toda a planta contém um succo açafroado, amargo, acre e mesmo caustico, que se emprega para destruir as verrugas.

CELLULOIDE. — É um producto de industria inventado em 1869 pelo americano Hyati. É um corpo solido mais pesado que a agua, insoluvel n'ella, de aspecto nacarado que serve para imitar o marfim, o ebano, o coral, o ambar, a tartaruga, etc, e com o qual se fabricam bolas de bilhar, pentes, aneis, brincos, carteiras, pedras lithographicas e muitos outros objectos. A celluloide é uma especie de algodão fulminante um pouco modificado, colorido de outro modo e misturado com camphora e outros corpos graxos e resinosos, todos muito inflammaveis. Fabrica-se do seguinte modo:

Sobre uma folha de papel que se desenrola continuadamente, deixa-se cahir um jacto de liquido composto de 5 partes d'acido sulfurico e 2 partes de acido nitrico, que transforma a cellulose em uma especie de pyroxylina (algodão-polvora); a qual é exprimda para tirar o acido que houver de mais, depois é lavada em grandes quantidades de agua até que fique sem o menor vestigio de acido. A massa lavada, enxagoada e secca é moida e depois misturada com camphora. Passa-se tudo nos mós e depois de bem apertado, faz-se seccar em uma prensa hydraulica entre duas folhas de papel de filtrar, é cortado, machucado, laminado e enfim comprimido outra vez em apparelhos especiaes aquecidos a certo e determinado gráo, de onde sahe a celluloide debaixo da forma de placas ou de varas translucidas e elasticas.

Vê-se, pois, que a fabricação da celluloide é perigosa, sobretudo quanto aos incendios e ás queimaduras a que estão expostos os operarios que n'ella trabalham e as pessoas que usam de objectos feitos d'este producto.

Todos os objectos fabricados com celluloide, quando ficam um pouco estragados pelo uso, e que lhes cahe em cima a menor faisca de fogo, ardem com muita facilidade. Não são raros os accidentes que tem havido de pessoas queimadas pelo facto da combustão dos objectos de celluloide que traziam. Eis alguns exemplos.

A filha de um guarda policia de Pariz, ficou com os cabellos todos queimados pela combustão de um pente de celluloide, ao approximar-se ella um pouco do fogo. Uma menima ficou com a cabeça toda queimada por ter se approximado um pouco de um lampeão tendo os cabellos levantados por um pente de celluloide. Uma menina que brincava com sua boneca enfeitada com pente, brincos e collar de celluloide, tendo-a approximado perto de uma vela accesa ficou com as mãos e o rosto queimados porque quiz apagar o fogo que attrahira a celluloide da boneca e que ardia com intensidade.

Bastam estes exemplos para demonstrar todo o perigo dos objectos de celluloide e fazer comprehender a quantos perigos e accidentes se acham expostas as pessoas que usam objectos feitos d'este producto.

CELLULOSE. Dá-se este nome a um principio organico que forma a parte fundamental e essencial das cellulas vegetaes e que certos acidos, entre outros o acido sulfurico, transformam em *dextrina.*

CENOURA. *Daucus* (fig. 168, 169). Genero de plantas herbaceas da

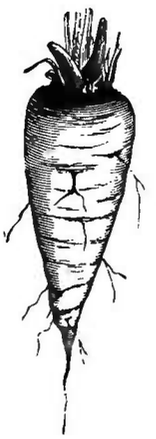


Fig. 168. — Cenoura.

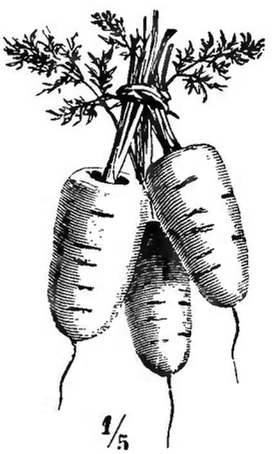


Fig. 169. — Cenouras de todo anno.

familia das Umbelliferas ; caracterizadas pelo fructo oblongo com 5 linhas espinhosas, flores compostas de cinco petalas. Conhecem-se mais de quinze especies ; a mais interessante é a *cenoura ordinaria* (*Daucus carotta*). A raiz é fusiforme, de 25 centimetros e mais, branca ou amarellada exteriormente, com sulcos transversaes, annulares ; fibrillas capillares, dispersas : parenchyma carnoso, todo amarello ou branco ; fornece um alimento agradavel e sadio. Cultivam-se muitas variedades da cenoura ordinaria. As principaes são : a *rubra longa*, a *rubra pallida de Flandres*, a *rubra curta*, cujas raizes são tenras e doces ; a *amarella longa* que possue qualidades superiores ; a *branca de Breteuil* que é mui grossa em fórma de pittora ; a *branca longa*, excellente para a alimentação dos cavallos e engorda do gado ; a *branca de collo verde*, etc. A natureza dos terrenos influe muito nas propriedades das cenouras. Os agricultores recommendam, para obter bons productos, uma areia gorda e profunda, ou um terreno franco e brando. Em geral o sabor das cenouras rubras é mais pronunciado do

que o das brancas. A variedade mais propria para a mesa é a *rubra curta*, chamada de *Hollanda*.

Quando esta cenoura é ainda nova e não inteiramente crescida, é mui tenra, delicada, possue um sabor doce, e constitue, preparada com leite, uma comida muito agradavel. As cenouras são de grande recurso para a alimentação do homem e dos animaes. Em medicina a polpa raspada applica-se ás vezes, sob a fórma de cataplasma, nos tumores cancerosos do seio : obra como emolliente. O succo da cenoura emprega-se para dar á manteiga a côr amarella.

CENTAUREA MENOR ou FEL DA TERRA (fig. 170). *Gentiana centaurium*, Linneo. Gencianeas. Planta commum em Portugal. Caule de 30 a 35 centimetros; cuneiformes oblongas, peciolos curtos; folhas caulinas : oppostas, rentes, lineares; flores vermelhas, dispostas em corymbos; sabor amargo. O caule e as flores são empregadas como tonicos, em infusão, que se prepara com 4 grammas da planta e 360 grammas d'agua fervendo. Emprega-se esta infusão no fastio, e na convalescença das molestias.



Fig. 170. — Centaurea menor.

CENTAUREA MENOR DO BRAZIL. *Callopisma perfoliatum*, Martius. Pequena planta, da familia das Gencianeas, que habita nas partes montanhosas do Brazil central : tem as flores rosadas, reunidas em grande numero, formando paniculas axillares, e terminando por corymbos. Ha tambem outra variedade, *Callopisma amplexifolium*, Martius, cujas flores tem disposição semelhante, mas são em muito menor numero. As flores d'estas duas plantas, de um amargo franco, são usadas, em infusão, na mesma dóse e nos mesmos casos que a centaurea menor, que vem da Europa, e que se acha nas boticas,

CENTEIO. *Secale*. Genero de cereaes, da familia das Gramineas, tribu das Hordeaceas; planta que se distingue do trigo, de que é mui vizinha, por suas folhas planas, por suas espiguinhas solitarias sobre cada dente do eixo, e contendo só duas flores, acompanhadas ás vezes do rudimento de uma terceira, que é esteril; entretanto que o trigo contém quatro flores; envolucro fino, setaceo; espiga longa, comprimida, guarnecida de arestas duras. Cultiva-se em Portugal, quasi em toda a parte, mas principalmente na Beira e Tras-os-Montes.

A semente de centeio occupa, depois do trigo, o primeiro logar entre os grãos cereaes. Se é inferior ao trigo por conter menor quantidade do principio nutritivo, e por ser a sua farinha menos alva, tem a vantagem

de acomodar-se com qualquer terreno; e, com effeito, mesmo os terrenos mais aridos, e os climas os mais rigorosos são ainda proprios á cultura do centeio, quando pelo contrario são refractarios á do trigo. O centeio receia menos do que o trigo os invernos rigorosos, e não exige tantos gráos de calor para amadurecer. È por estas razões que não estranha nem os climas frios nem as posições montanhosas. As terras leves, magras, calcareas, silicosas e graniticas, nas quaes o trigo não se daria, ou dar-se-hia mal, convem ao centeio, comtanto que não estejam humidas continuamente.

O centeio faz a base da alimentação de grande numero de habitantes das regiões septentrionaes da Europa. A sua farinha, menos rica em gluten do que a do trigo, fornece um pão pesado, e escuro. Misturando a farinha de centeio com a de trigo, obtem-se um pão mais claro, mais substancial e mais saboroso. O pão de conteio conserva-se mais tempo fresco do que o de trigo.

Fazem-se com a farinha de centeio bolos folhados que se conservam todo o anno. O *pão de especie* é uma mistura de centeio, cevada e mel de abelhas. Pela fermentação, obtem-se do centeio aguardente, de gosto particular.

A palha do centeio é longa e flexivel; serve para fazer as ligas que seguram as parreiras ou as arvores novas; serve tambem para encher os enxergões da cama, empalhar cadeiras, cobrir as habitações rusticas, etc.

O centeio é sujeito a uma molestia, que consiste em uma excrescencia cornea e recurvada, que se chama *cravagem de centeio*, *centeio espigado*. *Veja-se* o artigo seguinte.



Fig. 171. — Centeio espigado, tal como apparece na espiga.

CENTEIO ESPIGADO ou CRAVAGEM DE CENTEIO. Dá-se este nome a um cogumelo violaceo, comprido que cresce sobre as flores que formam as espigas do centeio (fig. 171, 172). Quando o centeio apanha muita chuva, a cravagem n'elle se desenvolve com facilidade. A mesma parasita se encontra no arroz, no trigo, etc. Pela analyse chimica n'elle se descobre oleos essencias e um alcaloide que é o verdadeiro principio activo do centeio espigado, a ergotina.

Receita-se o centeio espigado na dóse de 1 a 3 grammas; a ergotina é mui toxica e as dóses não devem ultrapassar 6 a 7 milligrammas. Ingerido em grandes quantidades o centeio espigado é um veneno terrivel, a

victima cahe em ataques convulsivos e as extremidades dos membros ficam gangrenados.

Tem a propriedade de produzir contracções energicas dos musculos do intestino, do utero, dos vasos sanguineos etc. Em razão d'estas propriedades particulares emprega-se o centeio espigado nos casos de hemorrhagias e de paralysias intestinaes. Era muito usado antigamente nos partos. Descobrio-se depois que muitos accidentes eram devidos ao emprego abusivo do centeio espigado. Actualmente está rejeitado completamente. Nunca se deve administrar o centeio espigado a uma mulher de parto sem que ella tenha o utero completamente desembaraçado do seu conteudo, feto, membranas, placenta, etc.

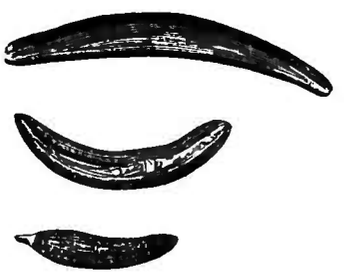


Fig. 172. — Cravagem de centeio.

Tambem se emprega o centeio espigado, no tratamento das myelites chronicas e em particular na ataxia locomotriz em dóses moderadas, e prolongadas de 30 a 50 centigrammas por dia.

CENTOPÊA ou Escolopendra (fig. 173). Inseeto venenoso da ordem

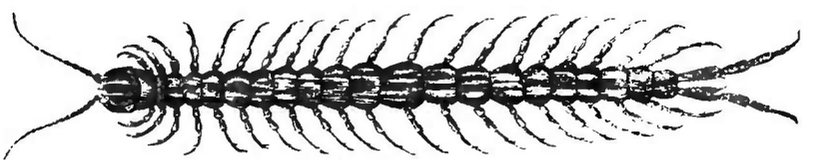


Fig. 173. — Centopêa.

dos Myriopodos e da familia dos chilopodos.

Os caracteres d'este genero consistem em corpo alongado, deprimido e composto de uns vinte anneis; em antennas setaceas, de dezesete articulações; em quatro pares de olhos lisos, e em viute e um pares de pés, de que o ultimo desviado um pouco para a linha mediana, forma uma especie de cauda.

As centopèas correm muito depressa; fogem á luz e escondem-se sob as pedras, sob as velhas traves, debaixo da casca das arvores carunchosas. Estes insectos alimentam-se de bichos de terra e de pequenos insectos.

O comprimento d'estes insectos varía muito; os da Europa tem 5 a 12 centimetros; os de Rio de Janeiro de 5 a 15 centimetros de comprimento.

Apparelho veneno o. A bocca das centopèas compõe-se de um labio dividido em quatro partes, de duas mandibulas, de dois palpos, de um segundo labio formado por um par de patas (*forcipulos*), que constituem a arma venenosa do insecto. A glandula venenifera está situada no interior d'estes orgãos, na sua base. É oval, oblonga, e provida de um canal excretor estreito e bastante comprido. Os forcipulos são terminados por um gancho movel, muito forte e mui pontudo, de côr roxa, salvo na

base; este gancho tem em baixo na sua extremidade uma pequena abertura que deixa sahir o liquido venenoso.

Acção sobre o homem. As centopêas mordem, furam a pelle e inoculam o veneno. No momento da acção, os ganchos levantam-se, agarram os tecidos á direita e á esquerda, comprimem-n'os horizontalmente, produzem duas picadas lateraes, e deitam em cada picada uma gottinha de veneno. Estas picadas produzem grande comichão, vermelhidão e inchação do logar picado, tudo seguido muitas vezes, de calefrios, febre e mais outras desordens. São sobretudo as centopêas da Africa e dos outros paizes quentes, que produzem symptomas graves; as da Europa são muito menos perigosas. Por mui graves que sejam os symptomas, não são seguidos de morte. O caso seguinte, referido pelo Dr. Moquin-Tandon, é excepcionnal :

« No anno de 1828, um official francez, em guarnição em Cayenna, sahio de uma sala de baile e foi beber agua n'um moringue. Foi no escuro. Uma centopêa, parada provavelmente no gargalo do moringue, penetrou-lhe na bocca, e fixou-se na garganta. O cirurgião do regimento extrahio o insecto aos pedaços. A dôr foi viva e a inchação enorme. Seguiram-se accidentes nervosos mui graves, e o official morreo ao cabo de pouco tempo.

Tratamento das picadas de centopêa. Lavar as picadas com agua fria, espremendo o sangue, e cauterizal-as com alcali volatil ou com pedra infernal. Sobrevindo a inchação do logar picado, applicar a cataplasma de linhaça e usar de banhos d'agua tepida.

CEPHALALGIA. Synonymo de dôr de cabeça. *Veja-se* DÔR DE CABEÇA.

CERA. Substancia combustivel, amarella, solida, produzida pelas abelhas, e com que estes insectos formam os alveolos que contém as suas larvas, e suas provisões de mel. A cera tal como se obtem derretendo os favos, depois de tirado o mel, é uma substancia amarellada, opaca, dura a uma temperatura baixa, molle e ductil a 40° ou 45° centigrados, transformando-se a 100° em liquido oleaginoso. Esta apparece no commercio com o nome de cera amarella ou bruta. Exposta ao ar, e humedecida frequentemente com agua, perde a côr amarella e transforma-se em *cera branca,* chamada tambem *cera virgem.* A cera não é soluvel na agua; mas os oleos e os corpos gordos unem-se com ella em qualquer proporção. Emprega-se em pharmacia para a preparação de muitos emplastos; misturada com azeite doce ou oleo de amendoas doces, forma o *ceroto*, unguento muito empregado no curativo das feridas.

Cera vegetal. Esta cera é produzida por differentes arvores, que são : CARNAUBA (*Coryphea cerifera,* Martius), arvore do Brazil; *Ceroxylon andicola*, Kunth, grande palmeira que habita nos Andes do Perú; *Myrica cerifera*, arbusto que habita nas provincias do norte dos Estados-Unidos da America; *Figus cerifera*, Blum, que habita na Sumatra. A cera da carnauba é analoga á das abelhas, differençando-se só por seus caracteres physicos. É branca, um tanto amarellada, dura, secca, quebradiça, de fractura luzente. Podem-se fazer com ella excellentes velas. *Veja-se* CARNAUBA.

CERA DO OUVIDO ou CERUMEN. Humor unctuoso, espesso e analogo á cera, que se ajunta dentro do meato auditivo externo. O cerumen humedece o conducto auditivo, entretem a flexibilidade da membrana que o alcatifa, oppõe-se á introducção dos corpusculos que voam no ar, e afasta, por seu amargor, os insectos que poderiam introduzir-se no ouvido. Mas a sua accumulação determina frequentemente uma surdez, que cede á extracção d'esta materia por meio de um esgaravatador; é preciso ter o cuidado de amollecel-a primeiro, introduzindo dentro do ouvido, antes da operação, algumas gottas de azeite doce.

CEREBELLO. O cerebello (fig. 174), está situado atraz e em baixo do cerebro; acha-se encerrado no espaço comprehendido entre

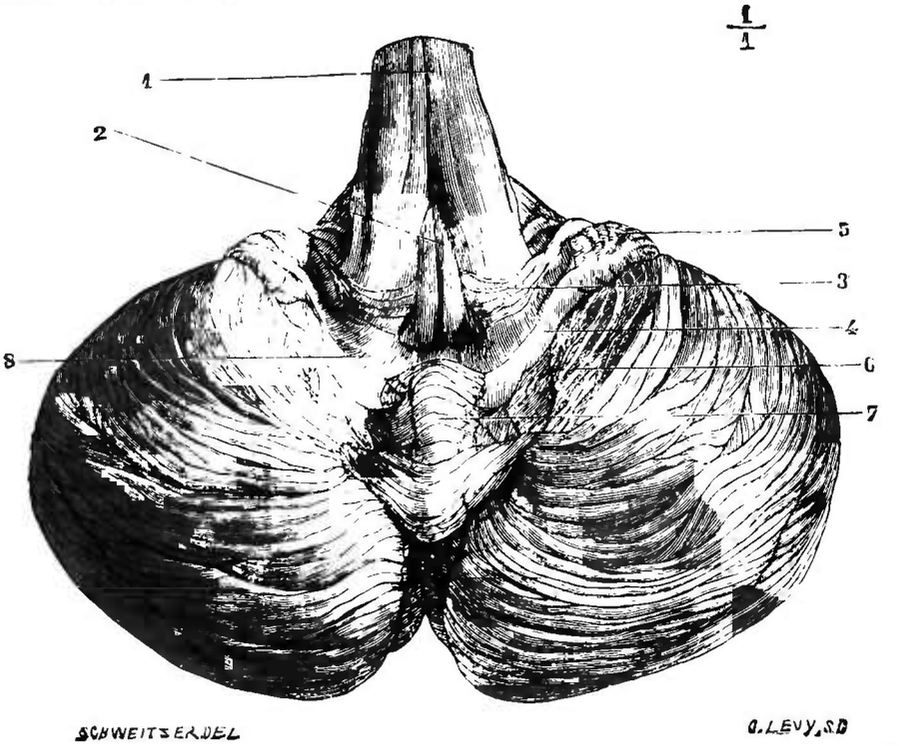


Fig. 174. — Lado inferior do cerebello (*) (O bulbo está virado para cima e as amygdalas cortadas para que se vejam as *valvulas de Tarin*).

a prega transversal da dura-mater chamadas *a tenda do cerebello* e as fossas occipitaes inferiores. Este orgão acha-se ligado á massa encephalica por certos prolongamentos de substancia branca a que chamam pedunculos cerebellosos, que são distinctos em : superiores, medios e inferiores. Os pedunculos superiores ligam-n'o ao cerebro, os inferiores ao bulbo e os medios á protuberancia annular.

(*) *Lado inferior do cerebello* (O bulbo está virado para cima, e as amygdalas cortadas para que se vejam as *valvulas de Tarin*).

1. Bulbo virado para cima. — 2. Extremidade inferior do quarto ventriculo. — 3. Barbas do calamo. — 4. Valvula de Tarin. — 5. Lobulo do pneumogastrico. — 6. Secção da amygdala. — 7. *Vernis inferior*. — 8. Cavidade do quarto ventriculo.

O cerebello é formado de dous lóbos lateraes separados por um lóbo mediano, cujas saliencias superiores e inferiores constituem os *vermis superior* e *inferior*. O *vermis inferior* se termina adiante por uma extremidade livre que se enterra na cavidade do quarto ventriculo como a uvula na bocca : d'onde lhe veio o nome de *uvula cerebellosa*. Dos lados lateraes essa uvula se liga ás *valvulas de Tarin,* que foram comparadas a um ninho de andorinhas e assemelhadas aos pilares do véo palatino. Para completar essa analogia com o isthmo da garganta, dá-se o nome de *amygdalas cerebellosas* a duas saliencias chamadas *lobulos do bulbo* que cobrem as valvulas de Tarin.

O cerebello serve para coordenar os movimentos voluntarios de pegar nos objectos e da lomocoção. E o principal orgão que dirige o equilibrio, a marcha e a parada. Um animal sem cerebro, mas tendo o cerebello, pode se conservar em equilibrio e andar relativamente bem.

CEREBRITE. Inflammação do cerebro. *Veja-se* ENCEPHALITE.

CEREBRO. Miolos do homem e dos animaes. Ás vezes dá-se este

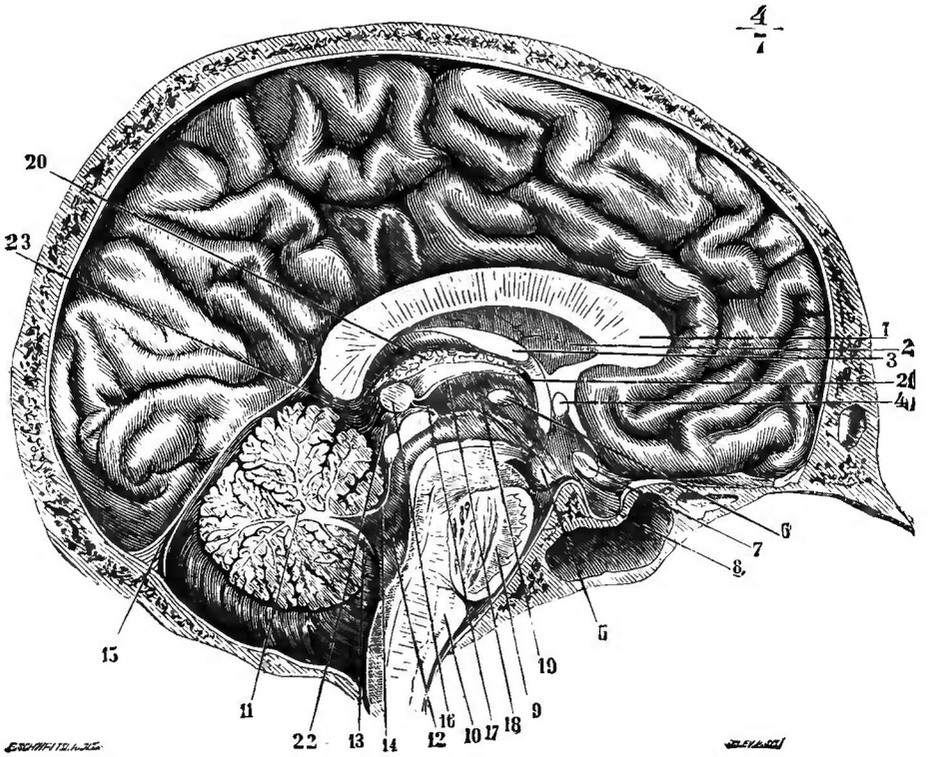


Fig. 175. — Corda mediana antero-posterior da região encephalica (*).

nome ao *encephalo* (fig. 175, 176) que é toda a massa contida no interior do craneo; outras vezes chama-se mais particularmente *cerebro*

(*) 1. Corpo calloso. — 2. Separação transparente. — 3. Trigono cerebral. — 4. Commissura branca anterior. — 5. Tuberculo mammilar com a aza do pilar anterior que o rodeia. — 6. Commissura cinzenta. — 7. Nervo optico. — 8. Corpo pituitoso. — 9. Protuberancia. — 10. Bulbo. — 11. Arvore de vida do cerebello. — 12. Aqueducto de Sylvio. — 13. Valvula

uma porção consideravel d'esta massa que occupa a parte superior e anterior da cavidade do craneo, e chama-se *cerebello* a parte inferior e

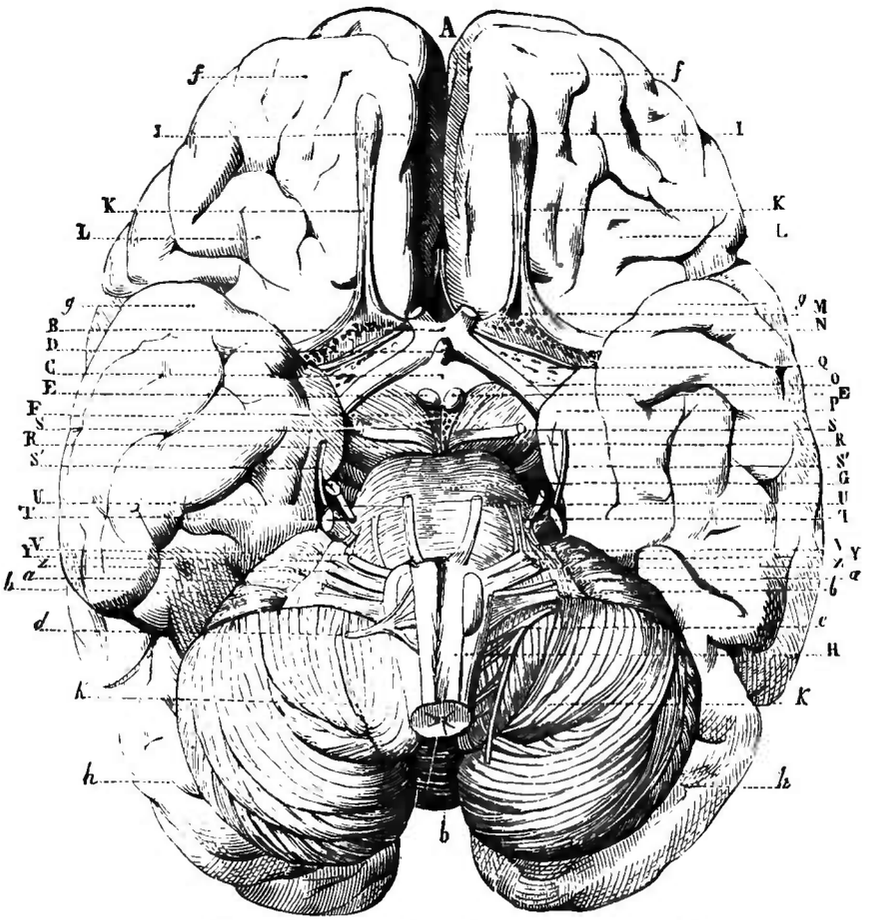


Fig. 176. — Base ou região inferior do encephalo (*).

trazeira. É ao cerebro que são attribuidas as percepções, a intelligencia, as inclinações e as determinações da vontade. O cerebro continua-se

de Tarin. — 14. Valvula de Vienssens. — 15. Tenda do cerebello. — 16. Glandula pineal. — 17. Seu pedunculo inferior. — 18. Seu pedunculo superior. — 19. Lado interno da camada optica formando a parede lateral de ventriculo medio. — 20. Teia choroidiana cobrindo o lado superior da camada optica. — 21. Abertura de Monro. — 22. Tuberculos quadrajumeos. — 23. Parte media da grande fenda de Bichat.

(*) A continuação da grande cisura vertical. — B. Schiasma dos nervos opticos. — C. Tuberculo cinzento. — D. Haste pituitaria na sua origem. — E.H. Tuberculos pisiformes. — F. Espaço perfurado medio. — G. Ponte de Varola. — H. Bulbo rachidio. — I,I. Circonvoluções longitudinaes limitados do lado de fóra por anfractuosidades que cobrem os nervos olfactivos K,K. — L,L. Lado encovado dos dois lobulos frontaes. — M. Raiz interna do nervo olfactivo. — N. Raiz externa de mesmo nervo. — O. Nervo optico. — P. Extremidade anterior da circonvolução do hippocampo. — Q. Espaço perforado lateral. — R,R. Pedunculos cerebraes. — S,S. Nervos oculo-musculares communs. — T,T. Grande e pequena raiz dos trijumeos. — U,U. Nervos oculo-musculares externos. — V. Nervos faciaes. — Y. Nervo intermediario ao facial e ao acustico. — Z. Nervo acustico. — *a*. Nervo glosso-pharyngeo. — *b*. Nervo pneumogastrico. — *c*. Nervo accessorio. — *d*. Nervo hypoglosse. — Lobulos frontaes. — *g,g*. Lobulos esphenoidaes. — *h,h*. Lobulos occipitaes. — *k,k*. Lóbos lateraes do cerebello. — *l*. Porção de seu lóbo mediano.

no interior da columna vertebral com a *medulla;* do cerebro assim como da medulla partem os *nervos*, cordões brancos que são conductores da sensação e do movimento.

Como os outros orgãos, o cerebro inflamma-se, modifica-se, endurece ou amollece, e essas alterações perturbam as faculdades da intelligencia, que se alteram mesmo sem que nenhuma lesão material o indique. A loucura, o hysterismo, a gota coral, a hypochondria, são molestias do encephalo; porém não se encontram ordinariamente lesões anatomicas sobre as pessoas que d'ellas succumbem.

Nas molestias do cerebro, as paralysias e as convulsões ou contracturas existem sempre no lado opposto ao do hemispherico cerebral affectado.

Cerebro (Abcesso do). *Veja-se* Vol. I, pag. 5.

Cerebro (Amollecimento do). *Veja-se* Vol. I, pag. 140.

Cerebro (Cancro do). *Veja-se* Vol. I, p, 436.

Cerebro (Commoção do). *Veja-se* Commioção cerebral.

Cerebro (Congestão do). *Veja-se* Congestão cerebral.

Cerebro (Contusão do). *Veja-se* Contusão da cabeça.

Cerebro (Feridas do). *Vaja-se* Feridas do cerebro.

Cerebro (Hemorrhagia do). A hemorrhagia do cerebro, caracterizada pela effusão do sangue no meio da substancia cerebral rasgada, é o resultado de uma ruptura vascular. É uma fórma da apoplexia cerebral. *Veja-se* Apoplexia cerebral.

Cerebro (Inflammação do). *Veja-se* Encephalite.

CEREFOLIO. *Scandix cerefolum*, L. Planta cheirosa da familia das Umbelliferas, cultivada nas hortas, e empregada como tempero nas saladas, môlhos, etc. Tem o caule de 50 a 60 centimetros de alto; folhas molles, duas ou tres vezes aladas, foliolos um tanto largos e recortados; flores brancas, pequenas, dispostas em umbellas lateraes; cheiro agradavel, debil, não se esfregando a planta, sabor balsamico sem amargor. O succo do cerefolio é refrigerante e diuretico.

Uma planta venenosa, a *Cicuta pequena* (*veja-se* esta palavra), acha-se ás vezes misturada com o cerefolio, com o qual se assemelha bastante pela sua fórma e dimensões; sómente as divisões de suas folhas são um pouco mais pontudas que as do cerefolio; a cicuta é tambem de côr verde mais escura, e seu cheiro é desagradavel. Convem recommendar nas cozinhas que, preparando o cerefolio, se rejeitem todas as folhas de côr verde mais escura do que as outras; estas folhas pertencem provavelmente á cicuta pequena. A cicuta, quando começa a crescer, parece-se ainda mais com a salsa hortense.



Fig. 177. — Cereja.

CEREJA. Fructo da cerejeira, *Prunus cerasus*, Linneo, arvore, da familia das Ronsaceas-amygdaleas, cultivada em Portugal e em todos os climas temperados; no Brazil acha-se nas provincias do sul; existem d'ella muitas variedades (fig. 177). As cerejas são arredondadas, de côr vermelha viva, ás vezes purpurea carregada,

rosea ou branca-amarellada, segundo as variedades. São mui succulentas, mais ou menos acidas e assucaradas, mui saudaveis e refrigerantes. Fazem-se com ellas xarope, doces, ou conservam-se em aguardente. Os pedunculos das cerejas são diureticos, e usam-se em infusão, que se prepara com 8 grammas, e 500 grammas d'agua fervendo.

CEREJEIRA ou **GINGEIRA BRAVA.** (do Brazil). *Prunus brasiliensis,* Cham. Amygdaleas. Arvore que habita nas provincias de S. Paulo, Minas e Matto-Grosso. Folhas alternas, ovaes, lanceoladas; flores com pedunculos axillares; fructos quasi esphericos. A casca e as folhas, esfregadas entre os dedos, exhalam um cheiro de amendoas amargas, e todas as partes da planta contém acido prussico. O. Sr. Theodoro Peckolt, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve da casca, das folhas e sementes uma agua distillada que julga possuir as mesmas virtudes que a agua de louro-cereja.

Ha mais outra especie *Prunus sphœrocarpa*, Sw.

CEREJEIRA DE PURGA. *Melothria pendula*, L. Planta trepadeira do Brazil, da familia das Cucurbitaceas; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Folhas angulosas, um tanto denteadas; flores pedunculadas, solitarias, amarellas; fructo, baga muito amarga, vermelha, trilocular, contendo numerosas sementes. O fructo é um purgante violento, na dóse de meio a um fructo. Usa-se sobretudo nas molestias dos cavallos : seis fructos para purgar um cavallo.

CEROTO. Preparação pharmaceutica de consistencia semi-liquida, destinada para o curativo das feridas, composta de oleo e cera, á qual se ajuntam frequentemente algumas substancias mais activas. Eis-aqui as receitas de diversos cerotos :

Ceroto simples.

Oleo de amendoas doces.....	300 grammas.
Cera branca.....	100 —

Derreta a cera no oleo a calor do banho-maria : deite depois em almofariz de marmore previamente aquecido, mexendo de contínuo até que arrefeça, e até que o ceroto fique perfeitamente ligado. — Serve para curar as feridas, os causticos, etc.

Ceroto de espermacete ou *Unguento branco.*

Cera branca.....	30 partes.
Espermacete.....	3 —
Oleo de amendoas doces.....	67 —

Derreta juntamente as tres substancias em uma capsula a fogo muito brando, mexendo continuadamente. Tire a capsula do fogo, e continue a mexer com pistillo de páo até a massa esfriar, e triture-a depois por pequenas porções em almofariz. Empregado para curar as feridas, os causticos, etc.

Ceroto de Goulard ou *de Saturno.*

Ceroto simples.....	36 grammas.
Extracto de Saturno.....	4 —

Misture em almofariz. Para eurar as feridas.

Ceroto opiado.

Extracto de opio	1 parte.
Agua distillada	1 —
Ceroto simples	98 partes.

Dissolva o extraeto na agua, e misture com o eeroto em almofariz. Para eurar as feridas doridas, e as queimaduras.

CERRAÇÃO DO PEITO. *Veja-se* SUFFOCAÇÃO.

CERRAÇÃO DOS QUEIXOS. *Veja-se* TETANO.

CERUMEN. *Veja-se* CERA DO OUVIDO.

CERVEJA. Producto da fermentação da eevada previamente germinada e torrada, eom a addição do lupulo, do buxo ou de outras substancias amargas e aromatieas. A eerveja é a bebida habitual dos Hollandezes, Inglezes, Allemães, Polaeos, e em geral de todos os povos do Norte. Os seus ingredientes variam muito eonforme os paizes. A cerveja forte, eomo a da Inglaterra, é um tonieo generoso, eonvem principalmente aos temperamentos lymphatieos, aos individuos eserophulosos. e nas molestias caracterizadas por debilidade geral. A eerveja fraea contém poueos principios nutritivos e exeitantes; activa a seereção urinaria, convem aos temperamentos seecos, biliosos e nervosos. Por suas qualidades diuretieas, é mui util aos individuos affectados de gota, areias e de outras molestias urinarias, e aos que padeeem de prisão do ventre. A eerveja é mui sujeita a alterar-se, e prineipalmente a azedar.

Eis-aqui a eomposição das eervejas inglezas :

Cerveja preta ou *Porter*. Cevada preparada 10 litros, raiz de alcaçuz 125 grammas, sueeo de aleaçuz 125 grammas, caramello 125 grammas, lupulo 125 grammas, melaço 250 grammas, pimenta de Guiné e gengibre seeeo 4 grammas, agua quantidade suffieiente.

Cerveja branca (*Ale ordinario*). Cevada preparada 32 1/2 litros, lupulo 1 kilogramma, assuear 1 1/2 kilogramma, eoentro e pimenta 1 1/2 kilogramma. Ajunte-se agua em quantidade sufficiente para eneher um barril ordinario.

Ale branca (*Pale-Ale*). Cevada preparada pallida 123 litros, lupulo 2 punhados, extraeto de *grouts* (infusão de cevada fermentada e evaporada até á consisteneia um tanto espessa) 3 a 4 kilogrammas, levadura de cerveja 1,500 grammas, agua quantidade sufficiente.

Composição chimica da Cerveja. Em geral a eerveja que é bem feita e boa, contem agua, aleool, glueose, dextrina, materias extractivas e graxas, essencias aromatieas, o prineipio amargo do lupulo, materias proteicas, glycerina, aeido laetieo, aeido aeetieo, phosphatos de eal, de magnesia e de potassa, ehloruretos de potassia e de sodio, síliea e aeido carbonico livre.

A força de alcool e de extraeto das prineipaes eervejas que se conhecem é a seguinte :

	ALCOOL. — Media.	EXTRACTO. — Media.
CERVEJAS INGLEZAS.		
Ale de exportação	7.3	5.9
Porter de Londres	5.2	6.4
CERVEJAS FRANCEZAS.		
Strasburgo	4.7	4.65
Lille (Norte)	4.1	4.65
Pariz	3.5	6.00
Nancy (Este)	5.6	5.70
Lyão	5.5	5.00
CERVEJAS ALLEMÃES.		
Saxe	3.7	5.8
Baviera	4.5	7.2
Hanovre, Holstein, Pomerania	4.2	5.9
CERVEJAS AUSTRÍACAS.		
Vienna, Moravia	3.5	6.1
Bohemia	3.6	4.7
CERVEJAS BELGAS.		
Faro	4.15	4.2
Cerveja de cevada	4.35	3.4
Cervejas diversas	5.8	5.5

CESAREANA. (Operação.) Dá-se o nome de operação cesareana á incisão praticada nas paredes do ventre e do utero, para extrahir o feto. Os Romanos chamavam *caesares*, aos que vinham ao mundo por esta operação, e tal foi a origem do nome dado ao primeiro Cesar, vencedor dos Gallos.

A principio não foi praticada senão na mulher morta, quando em 1500 um cirurgião em Turgovia, na Suissa, a praticou na mulher viva, que não pôde parir de outro modo; foi feliz, salvou a mãe e o filho. Esta operação é indicada quando a mulher morre nos ultimos tempos da gravidez, ou na época posterior ao termo da viabilidade do feto; os vicios de conformação da bacia, ou a presença dos tumores que estreitam as vias naturaes ao ponto de tornar impossivel o parto pelo forceps ou pela mutilação do feto presumido morto, a indicam na mulher viva.

N'uma mulher chegada ao termo da gravidez, e cuja bacia tem menos de 5 centimetros no seu mais pequeno diametro, a embryotomia, isto é, a divisão do feto é longa e difficil; a mulher corre o risco de morrer, e o feto está perdido; melhor é recorrer á operação cesareana, quando não se provocou o aborto ou praticou o parto antes do termo.

N'uma mulher que morre do setimo ao nono mez de gravidez, é preciso, no instante da sua morte, logo que cessáram as pancadas do pulso, recorrer á operação cesareana, para extrahir o feto, que n'esta época é viavel.

Eis-aqui como se pratica a operação cesareana na mulher viva.

Deitada a mulher sobre a margem da cama, faz-se-lhe sobre o ventre uma incisão de baixo para cima sobre a linha mediana de 15 centimetros de comprimento, começando 3 centrimetros acima do pubis; chega-se depois com precaução, cortando camadas por camadas os diversos tecidos até ao utero, que se abre praticando uma ferida parallela á do ventre; depois o operador faz uma abertura na bolsa das aguas, e divide-a com bisturi terminado em botão, servindo o dedo indice de conductor ao bisturí. Extrahe-se o feto pela parte que se apresenta; liga-se o cordão; extrahem-se depois as pareas; lava-se a cavidade uterina, enxuga-se o sangue com esponja, reune-se a parte superior da ferida do ventre com tres pontos de sutura, e deixa-se uma abertura em baixo para dar sahida aos liquidos que podem achar-se no utero. Não é necessario fazer suturas no utero, nem ligaduras, salvo se alguma grossa arteria fôr aberta. As contracções uterinas mantém em contacto as margens da ferida, e impedem a hemorrhagia.

Depois da operação, fazem-se no utero pela vagina injecções d'agua tepida; e comprime-se o ventre com toalha applicada á roda do corpo.

Na mulher morta a operação pratica-se pela mesma fórma, e com as mesmas precauções; só os cuidados subsequentes não são necessarios para a mulher.

CESTONA. Hespanha. Aguas salinas quentes; 27° a 31°. Enfartes das visceras do ventre, molestias cutaneas, nevralgias. São aguas purgativas.

CETACEOS. Ordem de Mammiferos marinhos, contendo todos os animaes que, com uma organização analoga á dos Mammiferos, tem a fórma exterior e os costumes dos peixes; tem pulmões, o sangue quente, caudá cartilaginosa horizontal, peitos com que amammentam os filhos, e não podem ficar debaixo d'agua mais de 12 a 25 minutos, porque são obrigados a respirar o ar atmospherico. Os cetaceos chegam, em geral, a um grande talhe. A esta classe de animaes pertencem as baleias, os cachalotes, os delphins ou golfinhos, as marsopas ou toninhas. A sua pelle é nua e forrada interiormente de uma espessa camada de gordura. Emfim, muitos tem na parte superior da cabeça orificios ou respiradouros, por onde despedem a agua que sorvem.

CETRARINA. Principio amargo do musgo islandico. Obtem-se tratando o musgo em pó pelo alcool, acidulando este com acido chlorhydrico diluido em agua, e lavando os crystaes brancos que se precipitam. Considera-se como tonico e antifebril. Dóse 4 a 8 grammas em pó.

CEVADA. Sementes de uma planta cereal *Hordeum vulgare*, Linneo, cultivada nos climas temperados, e da qual existem muitas variedades. (fig. 178). Estas sementes são ovaes, oblongas, de côr amarellada no exterior, branca interiormente, de sabor adocicado. Acha-se tambem no commercio a cevada ligeiramente despida do seu envoltorio ou pragana (*cevada mondada*) : é mais ou menos inteira, amarellada no exterior; ou então a cevada separada totalmente do seu envoltorio : esta é branca, redonda e chama-se *cevadinha* ou *cevada perlada*. Estas sementes gozam

de propriedades nutrientes e emollientes. A sua deeoeção é frequentemente empregada nas molestias inflammatorias, e principalmente nas do estomago e dos intestinos. Eis-aqui eomo se prepara este cozimento. Lavem-se 20 grammas (uma colher *de sopa* poueo mais ou menos) de eevadinha em agua fria; fervam-se depois em suffieiente quantidade d'agua até rebentar o grão, e estar o liquido reduzido a 1 litro; eôe-se por um panno de lã ralo, e adoee-se com assucar. A eevada serve para a preparação da eerveja.



Fig. 178. — Cevada commum.

CEVADILHA. *Helonias officinalis*, Don. Colchicaeeas. Planta do Mexieo. O seu nome lhe foi dado por eausa das folhas semelhantes ás de uma Graminea, e de seus fructos que são quasi dispostos em espiga, o que lhe dá, ao total, eerta semelhança com a eevada. O fructo da eevadilha é formado de uma eapsula eom tres loculamentos abertos em eima; delgada, leve, de eôr cinzenta-avermelhada; eada loeulamento eontém sementes pretas, alongadas. pontudas e eurvas. Estas sementes são mui acres, amargas fortemente esternutatorias, excitam a salivação, são mui purgativas, e mui irritantes interiormente; pelo que a eevadilha não é empregada senão no exterior para destruir os piolhos, e nos laboratorios de chimica para a extracção da veratrina, que a torna mui venenosa. Os pós dos *Capuchos* ou *de asseio*, que se aeham no commereio, para destruir os piolhos, são eompostos de sementes de eevadilha.

CHÁ. Designam-se debaixo d'este nome as folhas de uma pequena arvore, chamada por Linneo *thea viridis*, da familia das Cameliaeeas, originaria da China e do Japão, mas que se cultiva tambem no Brazil, principalmente na provincia de S. Paulo, e que se toma em infusão. Dá-se tambem o nome de *chá* á infusão de qualquer planta que se emprega como bebida ordinaria dos doentes; tratarei d'estas no artigo *Infusão;* agora só me occuparei da planta chá, ou ehá da India (fig. 179).

O *arbusto do chá* tem 2 a 3 metros de altura, é sempre verde; tem folhas alternas, brevemente peeioladas, ovaes alongadas, pontudas, finamente serreadas. Quando estas folhas chegam ao seu perfeito desenvolvimento, observam-se n'ellas espeeies de eellulas eylindroides, irregulares, que atravessam o parenchyma. Existem tambem n'ellas glandulas espeeiaes, numerosas, disseminadas, que encerram a preeiosa esseneia, causa primitiva do aroma do chá. As flores são braneas, agglomeradas em numero de 3 ou 4, na axilla das folhas superiores. — Cultiva-se o *chá* á margem dos campos, ou em fórma de xadrez na ladeira dos outeiros. Não se começam a

colher as folhas senão passados 3 ou 4 annos de plantação, e cessa-se depois de 8 ou 10 annos. A colheita tem logar muitas vezes por anno. Os primeiros grelos dos arbustos offerecem orgãos foliaccos cobertos de lanugem esbranquiçada; dão o *chá* superior, dotado do aroma mais suave e do gosto o mais delicado. A segunda colheita apresenta folhas maiores, e produz *chá* mais abundante. Emfim, as terceiras e as quartas folhas, ainda mais desenvolvidas, tem cheiro e sabor menos agradaveis.



Fig. 179. — Chá da India.

As *folhas* colhidas mettem-se em cestos, e levam-se para as officinas, estabelecidas debaixo de telheiros, para seccarem. Julgava-se antigamente que os Chins as mergulhavam, por meio minuto, na agua fervendo. Mas parece que não é assim. Mettem-se em pequenos tachos de ferro batido sobre uma fornalha horizontal, mexendo-se continuadamente, quer á mão, quer com uma pequena vassoura de varinhas de bambú. Em certos logares, deitam-se sobre grandes chapas de ferro ou de cobre, collocadas tambem sobre um forno. Passados cinco minutos, estas folhas encrespam-se. Tiram-se então e estendem-se sobre mesas feitas de varinhas separadas de bambú, ou sobre grandes esteiras estendidas sobre mesas. Outros obreiros comprimem-n'as, amassam-n'as, enrolam-n'as com a palma da mão; ao cabo de cinco minutos, o volume d'estas folhas está reduzido de dois terços ou de tres quartos. Expõem-se ao ar, e, em certas localidades, os Chins, resfriam-n'as por meio de grandes leques. Repete-se a torrefacção duas outras vezes; diminue-se, mas progressivamente, o calor dos tachos e das chapas, á medida que se enrolam as folhas. A torrefacção tira á folha o gosto acre e o cheiro viroso. Depois de bem enrolado e bem secco, passa-se o chá por um crivo, depois fecha-se em caixas ou caixinhas, que se conservam ao abrigo do ar e da luz.

O chá distingue-se em duas grandes classes: o *chá verde*, que é mais amargo, mais adstringente e mais activo; e o *chá preto*, que é mais brando e menos adstringente. Obtem-se o *chá verde* por uma deseccação rapida; e o *chá preto* por uma deseccação lenta, que modifica-lhes a côr, e enfraquece as suas propriedades. Os Chins estabelecem um numero muito maior de distincções, e admittem até 150 sortes. As diversas especies de chá dependem não sómente das variedades botanicas que provém do terreno, da cultura e do modo de as preparar, mas tambem dos vegetaes com que são aromatizadas. Entre estas plantas aromaticas, nota-se uma especie de oliveira (*olea fragrans*, Thunb.), chamada *Lanhoa* pelos Chins, cujas flores se acham frequentemente misturadas com o chá que vém da China. Uma qualidade de (*Camellia C. Sesanqua*, Thunb.) é muitas

vezes empregada para o mesmo fim. Finalmente, segundo lord Macarthney, servem-se tambem os Chins, para dar ao chá um cheiro diverso, das flores do *Nyctanthes* ou *Mogorrium sambac,* ou das do *Vitex pinnata*, do *Chloranthus inconspicuus*, das raizes de lirio e de curcuma.

Ha muito tempo que os Chins e os Japonezes fazem uso habitual do chá, de cujas virtudes contam cousas maravilhosas. Os Hollandezes foram os primeiros que trouxeram estas folhas para a Europa. Discutio-se longo tempo pró e contra as virtudes do chá; mas afinal esta substancia entrou tanto na moda, que hoje constitue um dos objectos mais importantes de consumo.

De todas as culturas que podem enriquecer a agronomia brazileira, a do chá parece a mais importante. O terreno do Brazil é-lhe muito favoravel. O governo portuguez tinha mandado vir para o Brazil, com grande custo, uma colonia de Chins cultivadores de chá, com sementes d'este vegetal interessante, e fizeram-se varios ensaios, tanto na Fazenda de Santa-Cruz como no Jardim Botanico do Rio de Janeiro. As plantações do Jardim Botanico tomáram alguma extensão, e no anno de 1828 os seus productos foram expostos a venda, em concurso com os fornecidos pelo commercio asiatico; porém uma circumstancia estranha á cultura e preparação communicou ao chá um cheiro de verniz que o desacreditou. Felizmente desappareceo este defeito : a cultura do chá continuou; e as provincias do Rio de Janeiro, S. de Paulo e Minas produzem já grande quantidade d'esta planta. O chá do Paquequér goza de nomeada pelas suas qualidades e bom fabrico. A producção do chá, preparado nas provincias do Brazil, ainda não tem sahida para os mercados estrangeiros, e limita-se ao consumo interior. Esta planta produz-se com abundancia. Os valores consideraveis, que se podem reunir debaixo do pequeno volume, que offerece este producto quando preparado para ser levado ao mercado, supportam os fretes e offerecem muitas vantagens.

O chá exhala immediatamente, depois de secco, um cheiro herbaceo que não é agradavel. No fim de certo tempo adquire um aroma particular que se desenvolve progressivamente, e não deve o chá ser empregado senão depois de um anno ou mais. O Sr. José Arouche de Toledo Rendon, autor de uma Memoria sobre a cultura do chá, só reputa perfeito o chá no fim de tres annos. No Brazil não se aromatiza o chá, porque se ignoram os processos empregados pelos Chins. Pretende-se que o cheiro do bom chá lhe é natural, e condemnam-se os meios artificiaes que, segundo dizem, são empregados para aromatizar as diversas sortes que vem da China. Entretanto, nos jardins do Brazil acha-se a *Olea fragrans* e a *Camellia Sesanqua*, que, desde muito tempo, tem sido consideradas como as plantas empregadas pelos Chins para darem um cheiro agradavel ao seu chá. As flores da *Olea fragrans* exhalam um cheiro delicioso, e um naturalista francez, Guillemin, que veio em 1839 estudar no Brazil as plantações do chá, não duvida que estas flores tenham grande parte na aromatização do chá chinez, sem comtudo negar, que a qualidade do chá póde depender não sómente do arbusto que o dá, mas ainda dos cuidados com que se preparam as folhas.

Propriedades e usos. A infusão do chá da India, tão geralmente usada, é uma bebida um tanto excitante. Facilita a digestão, provoca a transpiração cutanea e augmenta a secreção urinaria; póde, por conseguinte, ser util ás pessoas que soffrem de areias. Aos individuos que não fazem uso quotidiano do chá, causa ás vezes insomnia. Ás pessoas gordas, de constituição molle, que moram em logares baixos e humidos, é o uso do chá mui conveniente; pelo contrario, ás pessoas magras e irritaveis, que habitam os climas seccos e quentes, o abuso d'esta bebida póde-lhes augmentar a susceptibilidade nervosa. Emprega-se frequentemente o chá para remediar os incommodos provenientes de digestões laboriosas e das indigestões.

Modo de preparar a infusão de chá. O chá toma-se preparado por meio de infusão. Misturam frequentemente o *chá verde* e o *chá preto*, afim de evitar a excitação demasiada produzida por aquelle, e para obter um aroma mixto, geralmente mais agradavel. Para obter um bom resultado na infusão do chá, convem tomar certas precauções. Em primeiro logar, deve-se fazer uso de um bule unicamente destinado para este fim. Quanto á quantidade de chá que se deve deitar no bule, é geralmente de uma pequena colher, das *de chá*, para cada chicara que se quer preparar. Antes de deitar o chá no bule, é preciso ter o cuidado de aquecer bem o bule com agua fervendo alguns instantes; o que tambem se deve praticar com as chicaras em que se deita a infusão. Depois de esgotado o bule, deita-se n'elle a quantidade conveniente de chá, na proporção já indicada de uma colher *de chá* para cada chicara. Estando a agua no seu maximum de ebullição, deita-se certa quantidade d'ella sobre o chá para desenrolar a folha; deixa-se de infusão por alguns minutos, ajunta-se depois outra quantidade d'agua, sempre fervendo, e póde então deitar-se o liquido nas chicaras. O leite, que se lhe ajunta ás vezes, enfraquece o seu sabor e diminue a sua actividade.

Como o chá se apodera facilmente dos mais leves cheiros, não se deve guardar na vizinhança de outras substancias mais ou menos odoriferas.

Deve conservar-se ao abrigo do ar e da luz, em vasilhas opacas, taes como as de madeira ou de louça, ou, melhor ainda n'uma caixinha forrada de chumbo.

CHÁ DE PEDESTRE, OU CHÁ DE FRADE. *Lantana pseudothea*, St-Hilaire. Verbenaceas. Arbusto do Brazil, habita especialmente em Minas. Tem cerca de 1 metro 65 centimetros de elevação, é mui viscoso, coberto em todas as suas partes de pellos mais ou menos espessos, folhas oppostas, em cruz, sesseis, de 27 a 55 millimetros de comprimento, de 13 a 22 millimetros de largura, oblongas, cuneiformes na base, estreitadas na ponta, crenuladas, espessas; pedunculos situados na axilla das folhas superiores, tendo no seu apice flores cuja reunião forma uma pequena cabeça. As folhas exhalam um cheiro aromatico; seccas e tomadas em infusão, dão uma bebida extremamente agradavel, usada para favorecer a transpiração, na constipação, defluxo, bronchite, etc.

CHA DE S. GERMANO. CHÁ DE SAUDE, PÓ DE LONGA VIDA, OU

Especies purgativas. Com estes diversos nomes disigna-se a mistura das substancias seguintes :

Foliolos de sene.....	120 gram.	Fructos de funcho.....	30 gram.
Flores de sabugueiro...	50 —	Cremor de tartaro.....	30 —
Fructos de herva doce...	50 —		

Misture e divida em papeis de 5 grammas. Um papel d'esta mistura, posto de infusão n'uma chicara d'agua a ferver, e adoçado com assucar, constitue um chá purgativo de gosto agradavel, e hoje bastante empregado.

CHAGA. *Veja-se* Ferida.

CHAGAS. chagueira. *Tropæolum*. Genero de plantas da familia das Tropeolas, contendo quasi 30 especies, oriundas do Mexico e do Perú, cultivadas no Brazil. Nota-se, sobretudo, a Chagueira grande ou Mastruço do Perú (*Tropæolum majus,* Linneo, *capucine* em franeez), planta cultivada no Brazil e em Portugal. O seu caule trepa até á altura de 2 metros ao longo de alguma arvore ou de um muro; folhas alternas, longamente pecioladas, arredondadas e inteiras; flores grandes, elegantes, de côr amarella-vermelha, e de outras côres (*flor de pavão* ou *do paraiso*). Ha uma variedade mui delicada que tem as flores azues e brancas. Estas flores tem o gosto picante; servem para ornar e temperar as saladas. Com os botões desenvolvidos fazem-se conservas em vinagre, que podem substituir as alcaparras, e comem-se com a carne cozida. Todas as partes da planta são mui antiscorbuticas. As flores de côr mui carregada contém certa quantidade de phosphoro, e é á presença d'este principio que é devida a propriedade que possue esta planta de dar faiscas durante a noite, phenomeno que foi observado pela primeira vez por Christina Linneo, filha do celebre botanico.

CHALAZION. Pequeno tumor da palpebra, que resulta da hypertrophia de uma glandula da conjunctiva e debaixo da pelle da palpebra. Seu tamanho não passa do de uma ervilha, e causa pouco incommodo; póde resolver-se em parte ou ficar no estado de uma pequena induração insensivel.

Tratamento. Combate-se primeiro a inflammação com lavatorios de cozimento de sementes de linho, e cataplasmas de feeula. Toque-se depois o pequeno tumor com pedra infernal, repetidas vezes. Se depois de seis mezes não diminue, póde tirar-se com tesoura eurva ou bisturí.

CHALLAO BORBOLLON. Republica Argentina. Aguas salinas frias; 24°.

CHALLES. Aguas sulfurosas e ioduradas frias.

Itinerario de Pariz a Challes. Estrada de ferro de Pariz a Chambery: 13 horas 20 minutos. Carro de Chambery a Challes : meia hora. Despeza : 68 francos.

Challes está situado em França a 4 kilometros de Chambery. A sua fonte fornece em abundancia uma agua fresca, limpida, transparente, que atravessam por intervallos pequenas bolhas de gaz azote. O seu sabor apresenta um leve amargor ao qual os doentes se acostumam

facilmente. Quanto ao cheiro, é quasi nullo na fonte; e não é senão pela formação, ao contacto do ar, de um pouco de gaz sulfhydrico que se póde suspeitar a presença do enxofre. Segundo o chimico Calloud, 1 litro d'esta agua contém, além dos carbonatos e silicatos alcalinos :

	gr.
Sulfureto de sodio	0,3500
Bromureto de sodio	0,0100
Iodureto de potassio	0,0099

Bebida pela manhã na dóse de um a dois copos, esta agua é geralmente bem supportada pelo estomago. A sua acção é diuretica e eminentemente depurativa cujo effeito salutar se torna evidente nas molestias da pelle. Compressas embebidas d'esta agua, e applicadas nas superficies affectadas, determinam a modificação da cutis e favorecem a cura. Esta agua convem igualmente nas molestias syphiliticas inveteradas e nas escrophulas. Conserva-se perfeitamente e póde transportar-se longe.

Existe perto da fonte um estabelecimento que permitte empregar esta agua interna e externamente. As perfeitas condições de salubridade do sitio, as sombras das arvores que o cercam, e a posição pittoresca sobre uma altura d'onde se póde gozar de uma vista magnifica, fazem de Challes uma morada privilegiada. A estação dura de 1° de maio até 31 de outubro.

CHALOTA. Chalotas da cozinha. *Allium ascalonicum*, Linneo. Liliaccas. Planta originaria da Palestina, cultivada nas hortas. Hastea nua, da altura de 14 a 20 centimetros, folhas radicaes, assoveladas, fistulosas; flores purpurinas, em umbella globosa. Cheiro o da cebola mas mais agradavel, sabor o da cebola, porém mais brando, levemente acre. Usa-se como tempêro nas saladas e iguarias : Estimulante, diuretico.

CHAMEDRIOS. *Veja-se* Carvalhinha.

CHAPAS MEDICINAES. Pondo em contacto uma chapa de cobre com uma chapa de zinco ou de ferro, desenvolve-se um fluido particular, semelhante ao fluido electrico, e chamado *fluido galvanico*. Este fluido é invisivel, impalpavel, porém manifesta a sua presença por estremecimentos mais ou menos fortes, que communica á mão ou a alguma outra parte do corpo que se ache em contacto com as chapas. Foi um medico de Bolonha (na Italia), chamado Galvani, o primeiro que em 1789 observou estes phenomenos maravilhosos. Preparava rãs para experiencias scientificas, e depois de esfolar e cortar algumas pelo meio do corpo, passou-lhes atravez da columna vertebral um pequeno gancho de cobre, e suspendendo-as depois n'uma sacada de ferro, vio com admiração que estas rãs mortas e mutiladas experimentavam ao mesmo tempo vivas convulsões. O Dr. Galvani achou n'este phenomeno um elemento novo que tem hoje varias applicações na physica e em medicina. A força do choque que produz o fluido galvanico depende do tamanho das chapas metallicas postas em contacto, e do numero d'estas chapas. O physico Volta inventou um apparelho, que tem o nome de *pilha voltaica*, e que se compõe de discos de cobre e de zinco sobrepostos uns aos

outros, e por meio dos quaes se póde augmentar consideravelmente a accumulação d'esta electricidade. Este augmento é capaz de chegar ao ponto de poder-se matar um animal que seja posto em contacto com o apparelho.

O galvanismo é empregado pelos medicos nas enxaquecas e outras molestias nervosas, nas dôres rheumaticas, asthma, gastrite chronica e paralysia. N'esta ultima molestia, muitos factos provam a virtude da corrente galvanica, que excita o principio vital amortecido.

A composição das *chapas medicinaes,* que desde muitos annos são annunciadas nos jornaes do Rio de Janeiro, é fundada na propriedade de que acabei de fallar, que tem dois metaes postos em contacto de desenvolver o fluido galvanico. Estas chapas não são outra cousa mais do que uma lamina de zinco, unida a uma lamina de cobre. Não ha duvida nenhuma que ellas podem ter alguma vantagem nas dôres nervosas, rheumaticas, e nas enxaquecas ; mas é exagerar muito as suas virtudes o pretender que possam curar as inflammações do figado, do baço, os tumores e outras molestias organicas. Eu as vi applicadas sem effeito algum contra as inchações provenientes de ataques repetidos de erysipela. Estas chapas, applicadas no braço ou n'alguma outra parte do corpo, produzem sensação como a de formigamento, devida á circulação do fluido galvanico. Esta sensação é mais ou menos forte, conforme o tamanho da chapa.

CHATELDON. Aguas alcalinas gazosas frias. A pequena cidade de Chateldon está situada em França, a 17 kilometros de Vichy, no fundo de um risonho valle. A sua agua é eminentemente digestiva. Misturada com vinho, communica-lhe um sabor agradavel. Aproxima-se muito da agua de Seltz natural. Não existe ali estabelecimento thermal; a agua de Chateldon não serve senão para a exportação.

CHATEL-GUYON. França (Auvergne). Aguas salinas alcalinas quentes. Temperatura 34° a 35° São aguas muito gazosas e muito mineralizadas, 8 grammas de sal, por litro; são ao mesmo tempo chloruretadas sodicas e magnesianas, bicarbonatadas mixtas e muito ferruginosas. Os principios fixos são: gaz carbonico, chlorureto de magnesio, chlorureto de sodio, sulfato de cal, silica, bicarbonatos de cal, de potassa, de soda, de lithia e ferrico ; acidos borico e phosphorico. A agua de Chatel-Guyon é purgativa, isto provem principalmente da presença de chlorureto de magnesio que ella possue em alta dóse (1,563 milligrammas por litro). — Toma-se em jejum, começando por dois copos por dia, com vinte minutos de intervallo; o tratamento deve ser seguido sem interrupção durante dez dias. Se o doente custa a digerir os alimentos frios, aquece-se a agua a b. m, até que fique com a temperatura da fonte (35° centigrados). Esta agua tambem toma-se durante as refeições. — As molestias contra as quaes se empregam as aguas de Chatel-Guyon, são : prisão de ventre, dyspepsia, congestoes cerebraes. engurgitamento do utero e diversas molestias chronicas d'este orgão, engurgitamentos do figado; calculos biliares, ictericia, engurgitamento do baço, albuminuria, diabetes, hydropisia, engurgitamento ganglionario, obesidade.— A estação

thermal dura de 15 de maio a 15 de outubro. — Itinerario : de Pariz a Riom pela estrada de ferro, 8 horas e meia; de Riom a Chatel-Guyon, em omnibus ou carros a qualquer hora, meia hora.

CHATENOIS. Alsacia. Aguas chloruretadas sodicas frias. Duas fontes. Chlorose, atonia dos tecidos, engurgitamentos do figado e do baço, lymphatismo, carie dos ossos. Estabelecimento completo com hydrotherapia, banhos russos, banho romano, inhalações.

CHAVES. Portugal; Traz-os-Montes. Aguas alcalinas quentes. Junto das nascentes a temperatura das aguas varia entre 50° e 56° cent. nas diversas epocas do anno. Na superficie d'ellas vem estalar muitas bolhas de gaz; o cheiro é semelhante ao da lixivia de cinzas; o gosto salobro; deixando um leve amargo após si; a côr é diaphana. São conhecidas desde remota antiguidade, a ainda se conservam algumas lapidas do tempo de Trajano, e são as celebres *Aguas flavias*.

Mil grammas d'esta agua contém segundo a analyse do Sr. Dr. A. V. Lourenço :

	gr.		gr.
Sulfato de potassa.....	0,064296	Bicarbonato de magnesia.	0,048437
Chlorureto de potassio...	0,067660	Silica.....	0,096
— de sodio.....	0,014608	Oxydo de ferro.....	Vestigios.
Bicarbonato de soda.....	1,439910	Alumina.....	
Carbonato neutro de soda.	0,404199	Materias organicas.....	
Bicarbonato de cal.....	0,138240		

As aguas do concelho de Chaves são uteis nas dyspepsias, nos engurgitamentos do figado e baço, nas molestias cutaneas, no catarrho da bexiga, nas areias e na gota. Os banhos tomam-se em tinas, nas casas particulares. Por uma grande extensão de terreno, aonde quer que se cave com alguma profundidade encontram-se as aguas alcalinas com qualidades iguaes ás d'esta fonte.

CHEIROS. *Effeitos dos cheiro sobre a nossa economia.* As sensações produzidas pelos cheiros são tão variadas como os mesmos cheiros: umas são agradaveis, outras pelo contrario insupportaveis. Comtudo, ha a este respeito grandes differenças entre os individuos; uns gostam muito de aspirar um cheiro, que, pelo contrario, produz impressão desagradavel em outros. Certos perfumes occasionam em nós sensações vagas de felicidade e de delicias, analogas ás que produz uma musica harmoniosa.

Ha, pelo contrario, cheiros que impressionam de uma maneira tão desagradavel, que podem occasionar nauseas, vomitos, e desmaios. Estes effeitos observam-se, sobretudo, nas mulheres e nas pessoas mui nervosas. N'este caso estão os cheiros de almiscar, de ambar cinzento, e da essencia de rosas, quando são mui concentrados.

Ha cheiros que produzem na nossa economia effeitos deleterios. Assim, o do acido prussico póde produzir a morte instantanea. São nocivos tambem os cheiros do acido nitroso, sulfhydrico, sulfuroso, e do arsenico submettido á acção do fogo. Outro tanto direi dos cheiros de tintas novas em que entram os oxydos de chumbo, o sulfureto de

arsenico. As tintas de chumbo produzem a molestia chamada *colica saturnina*, que consiste em prisão de ventre e dôres atrozes nos intestinos. *Veja-se* COLICA DE CHUMBO.

Os cheiros aromaticos e penetrantes, quando se faz abuso d'elles, excitam vivamente os sentidos e acabam por embotar o olfato. Os cheiros suaves de certas flores, taes como a açucena, o jasmim, a tuberosa, a flor de laranjeira, da rosa mesma, exhalados n'uma atmosphera fechada, determinam em muitas pessoas anxiedade, enjôos, dôres nevralgicas na cabeça; a reunião de grande numero de flores cheirosas n'um quarto de dormir póde até occasionar a asphyxia. (*Veja-se* FLOR.) Os cheiros fetidos causam vontade de lançar; os cheiros virosos, como os do meimendro, da trombeteira, produzem ás vezes somnolencia. Os cheiros fortes devem ser, em geral, afastados dos aposentos.

Os cheiros *putridos*, isto é, os que resultam da decomposição de substancias organicas, são tambem nocivos á saude. Os pantanos, as aguas estagnadas, as cloacas e outros logares infectos offerecem exemplos d'isto. Muitas pessoas, para se preservarem dos effeitos nocivos d'estes cheiros, queimam alfazema, alcatrão, assucar e outras substancias aromaticas; mas isto apenas serve para encobrir os máos cheiros: o melhor meio para destruil-os consiste em espalhar agua de Labarraque, dissolução de chlorureto de cal, agua phenica, ou a dissolução de sulfato de ferro. *Veja-se* MIASMAS.

CHELTENHAM. Inglaterra. Agua chloruretada e sulfatada sodica, sulfatada magnesiana, chloruretada e carbonatada mixta. Emprega-se sobretudo em bebida. Chlorose, anemia, gastralgia, dyspepsia, obstrucções abdominaes, engurgitamentos do figado. As aguas de Cheltenham são muito frequentadas. Trajecto em 4 horas de Londres a Cheltenham.

CHEMOSE. Inchação consideravel do tecido cellular subjacente á membrana conjunctiva que reveste a alva do olho. Esta inchação é ás vezes tão consideravel que a cornea transparente parece estar no fundo de um buraco. O chemose apparece de ordinario durante a inflammação do olho, ou em consequencia da contusão d'este orgão ou da palpebra correspondente. Produz, em geral, pouca perturbação na vista: os doentes distinguem os objectos como se soffressem de ophthalmia benigna.

Tratamento. Consiste em introduzir entre as palpebras, duas ou tres vezes por dia, algumas gottas de um dos collyrios seguintes:

1° Azotato de prata crystallizado	5 centigr.	Agua distillada	30 gram.
Agua distillada	30 gram.	3° Aguardente camphorada	15 —
2° Sulfato de zinco	20 centigr.	Agua fria	15 —

CHICA. *Veja-se* PIRANGA.

CHICLANA. Hespanha. Aguas salinas e sulfurosas frias: 18°. Usam-se em bebidas e banhos principalmente nas affecções herpeticas rebeldes.

CHICORIA. *Veja-se* ALMEIRÃO.

CHICOTADA. O resultado das chicotadas são contusões ou feridas contusas. *Veja-se* estas palavras.

CHIFRADA. *Vejam-se* CONTUSÃO, FERIDAS CONTUSAS.

CHILOPLASTIA. Operação cirurgica cujo fim é restaurar os labios destruidos parcial ou completamente por qualquer ulceração, ferida ou operação de um tumor. Tira-se a pelle para esse fim, da bochecha ou do queixo e sutura-se'a exactamente. O exito d'esta operação é sempre certo, por causa da grande relação que existe entre os vasos ou canaes d'essas partes, o que faz que ellas se reunam rapidamente.

CHINA ou SQUINA. *Smilax china*, Linneo. Asparagineas. Arbusto sarmentoso da China e do Japão. O cozimento da raiz é empregado nas molestias syphiliticas. *Dóse:* 12 grammas para 360 grammas d'agua. Ordinariamente associa-se á raiz da china a da salsaparrilha.

CHIROMANCIA (do grego *cheir,* mão, e *mantéia*, adivinhação). Arte que tem a pretenção de adivinhar os destinos das pessoas pela inspecção das linhas da palma da mão. Os chiromanticos chamam *linhas de vida,* essas linhas que a contracção dos musculos imprime na concavidade da mão; cada uma tem nome e influencia proprios. Uma das mais favoraveis é o *cinto de Venus*, que principia entre o segundo e terceiro dedo, e se estende até ao minimo, formando uma curva. Autores graves tem escripto sobre esta arte enganadora. Hoje a chiromancia pertence ao dominio dos charlatães.

CHLORAL. Producto da reacção do chloro sobre o alcool. Obtem-se fazendo passar uma corrente de gaz chloro secco no alcool absoluto. É um liquido incolor, anhydro, isto é, privado d'agua, oleaginoso, fumando levemente ao ar, de cheiro vivo e penetrante, de sabor acre e ardente; mancha o papel como os oleos, mas a nodoa não persiste; irrita os olhos, provoca as lagrimas e a tosse; a sua densidade é de 1,518. Ajuntando a este liquido 10,8/100 partes d'agua distillada, a mistura torna-se quente, e não tarda a transformar-se em massa crystallina, branca, solida : é o *hydrato de chloral.*

O *hydrato de chloral*, bem que solido, é volatil como a camphora, e mui deliquescente ; é mui soluvel na agua, alcool e ether, de cheiro vivo e picante, de sabor caustico. Em medicina usa-se do hydrato de chloral, cujo emprego é mais commodo do que o do chloral liquido ou anhydro ; este só serve para a preparação do hydrato de chloral.

O *hydrato de chloral*, ou *chloral hydratado*, administrado internamente na dóse de 3 a 6 grammas para os adultos, na dóse de 1 a 3 grammas, para as crianças, produz em vinte ou quarenta e cinco minutos, o somno, um fraco abaixamento de temperatura, a pequenhez do pulso, e uma insensibililidade mais ou menos completa. O somno, que produz, dura de duas a cinco horas. Com o seu auxilio podem-se arrancar dentes ás crianças, acalmar as dôres dentarias e as nevralgicas, a colica nephritica, a colica hepatica, e os movimentos da chorea.

Mas o chloral altera-se com o tempo ; se não é crystallizado e mui puro, se não se desprendem d'elle vapores de chloroformio, se a sua solução não se turva pela addição de potassa, é sem acção e póde ser perigoso.

Administra-se em poção, xarope, ou clyster. As preparações liquidas do chloral não devem ser feitas muito tempo antes da sua administração, porque podem alterar-se, e perder a sua efficacia. A sua acção é semelhante á do chloroformio; mas produz-se mais lentamente e dura mais tempo. Em alguns doentes, submettidos á acção do chloral, sobrevem agitação muscular e moral, semelhante á embriaguez alcooliea. É pela producção do chloroformio no sangue, debaixo da influencia de sua reacção alcalina, que o chloral tomado internamente produz o somno e a insensibilidade.

N'este caso, o melhor é empregar o xarope de chloral hydratado de Follet, que gosa de reputação universal.

O Xarope de chloral hydratado de Follet, que ha annos tem tomado tão grande importancia na medicina, é formado pela acção do chloro sobre o alcool em condições especiaes e sempre identicas, é producto de fabricação delicada que necessita diversas e numerosas operações para eleval-o ao estado de pureza e fazer d'elle um producto sempre igual como composição e por conseguinte como effeito therapeutico.

O Xarope de chloral de Follet é a mais antiga e a mais conhecida preparação pharmaceutica d'este producto conhecida em França, a qual foi apresentada á Academia das Sciencias de Pariz em 1869 pelo doutor Demarquay, membro da Academia de Medicina. Elle encerra um gramma de hydrato de chloral por 20 grammas de xarope, levemente aromatizado com hortelã pimenta. Este medicamento de conservação, para bem dizer infinita, sempre identica, é geralmente bem tolerado pelo estomago e constitue a forma mais racional e a mais agradavel de administração do hydrato de chloral.

Este xarope se toma na dóse de 2 a 3 colheres, das de sopa. Cada colher de sopa do xarope de Follet contem exactamente 1 gramma de chloral hydratado; cada colher de chá d'este xarope contem 25 centigrammas. Toma-se-o misturado com um pouco de agua, ou com infusão de tilia ou de preferencia com leite. Dá-se as duas primeiras dóses de uma só vez; o somno vem mais depressa. O chloral com que se faz o xarope de Follet, é fabricado pela casa L. Frère, de Pariz, rua Jacob nº 19, em sua usina de Vanves (Sena).

O chloral que se emprega no commercio não é sempre igual. Fornecendo um xarope de chloral já preparado, a casa L, Frère, dá ao publico a facilidade de ter um producto sempre identico e de uma pureza incontestavel. Não podemos melhor terminar este artigo do que citando a opinião do professor Bouchardat sobre este producto :

« O xarope de Follet, diz elle, é a melhor forma de administração do chloral; é de perfeita conservação, e, assim aconselhado, não irrita o estomago.»

O hydrato de chloral não deve ser dado na dóse que exceda de 3 a 6 grammas em uma vez, aos adultos; e nas crianças, é preciso começar por 1 a 2 grammas até 3 grammas. Cumpre proceder com prudencia, porque é um medicamento activo. A sua preparação, nos laboratorios chimicos, é difficil; pelo que nem sempre póde ser obtido no estado de pureza necessaria.

Eis-aqui as receitas adoptadas para a sua administração :

Poção de chloral hydratado.

Chloral hydratado	5	grammas.
Agua distillada	150	—
Xarope de assucar	30	—

Para tomar uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora.

Xarope de chloral hydratado.

Chloral hydratado	5	grammas.
Xarope de assucar	100	—

Cada colher *de sopa* d'este xarope contém 1 gramma de chloral hydratado. *Dóse* : uma a cinco colheres *de sopa* em vinte e quatro horas, puro ou misturado com agua.

Clyster de chloral hydratado.

Chloral hydratado	1	gramma.
Agua	200	grammas.

O chloral hydratado, administrado em dóse exagerada, produz vomitos, vertigens, perda das forças, entorpecimento do juizo, erupção pelo rosto e peito. Se a dóse é ainda mais forte, sobrevem pallidez da face, vista turva, suores frios, fraqueza do pulso, estupor, coma, convulsões, e ás vezes morte. Se o chloral foi dado em pequena dóse, mas por muito tempo continuado, apparece um incommodo geral mal definido, escamação epidermica dos dedos, ulcerações surperficiaes á roda das unhas, inchação do corpo, enfraquecimento do coração, e embaraço no respirar. Estes symptomas podem terminar pela morte. Evitam-se estes graves acontecimentos tendo o cuidado de não administrar o chloral por muito tempo. Quanto aos symptomas subitos, occasionados pela dóse exagerada do chloral, combatem-se friccionando o corpo com escova, dando a cheirar vinagre ou agua de Colonia, e provocando a respiração artificial como nos afogados (Vol. I, pag. 49).

Chloral bromuretado Dubois. Os bromuretos actuam sobre o systema nervoso do mesmo modo que o chloral; a acção dos bromuretos se manifesta com mais rapidez mas leva mais tempo a se dissipar ; os bromuretos actuam principalmente sobre as perturbações motoras e o chloral actua sobre os desarranjos sensitivos. Está pois indicado que a associação d'estas duas substancias é util, visto que não ha entre ellas incompatibilidade chimica nem therapeutica ; ao contrario, essa associação torna o chloral mais firme em sua composição e os effeitos obtidos com este novo medicamento assim composto, são mui vantajosos no ponto de vista therapeutico.

Com dóses fracas, variando entre 30 centigrammas a 2 ou 3 grammas para o chloral e entre 40 centigrammas a 3 ou 4 grammas para o bromureto obtem-se os mesmos effeitos como com dóses fortes de chloral e de bromureto tomadas separadamente.

Ha pois vantagem em administrar um medicamento em que os effeitos

do chloral e dos bromuretos se unem e se completam. Emfim, o bromureto associado ao chloral exalta suas propriedades e permitte que se consiga os mesmos effeitos em dóses mais fracas; por conseguinte os inconvenientes que apresenta o uso do chloral só, desapparecem empregando-se o chloral bromuretado de Dubois. O chloral é de um effeito rapido mas que dura pouco; o bromureto tem uma acção lenta e duradoura; o bromureto, pois, associado ao chloral completa e prolonga sua acção. O chloral bromuretado de Dubois emprega-se em todas as occasiões em que existe dôr, nas insomnias, nas molestias nervosas, etc. Administrado na vespera do dia em que uma mulher vai ter suas regras, alivia muito a doente e evita depois esse mau estar que precede as regras. Emprega-se tambem o chloral bromuretado no tratamento da chorea, da hysteria, da eclampsia, das convulsões, das affecções mentaes, do nervosismo, da hypochondria, da gastralgia, etc.

Xarope de Gelineau. A acção energica d'este xarope provem da associação do bromureto de potassio com o chloral. É dosado tão bem, que uma colher, *de sopa*, d'este xarope, contem 1 gramma de chloral e 1 gr. 50 centigr. de bromureto de potassio. É pois um energíco sedativo.

CHLORALUM. Substancia desinfectante empregada em Inglaterra debaixo de duas fórmas, liquida e solida. É preparação *secreta*, explorada por uma Companhia industrial; mas a analyse feita por um chimico de Dresden, o Sr. Fleck, deo os resultados seguintes:

Chloralum liquido.

Agua	82,32	Chlorureto de ferro	0,42
Chlorureto de chumbo	0,15	— de aluminio	13,90
— de cobre	0,10	— de calcio e gesso	3,11

Chloralum em pó.

Chlorureto de arsenico	0,72	Chlorureto de ferro	1,55
— de chumbo	0,55	— de calcio	11,31
— de cobre	0,37	Gesso	0,72
— de aluminio	52,43	Alumina, silica	32,15

O chloralum liquido, emprega-se puro ou diluido em agua. Puro, serve para embeber pannos que se estendem no quarto que se deseja purificar. Diluido em 40 vezes o seu volume d'agua, usa-se em lavatorios. Este liquido, de densidade, de 1,153, é fortemente acido; parece actuar pelo excesso de acido, absorvendo as combinações ammoniacaes, e pela alumina, que tem a propriedade de formar, com muitas substancias organicas, combinações designadas debaixo do nome de *lacas*. Este producto vale menos do que o chlorureto de aluminio, que reune á propriedades desinfectantes mais energicas, a composição bem definida.

CHLORATO DE POTASSA. O chlorato de potassa, conhecido tambem sob a nome de *sal de Berthollet*, nome do chimico que o descobrio en 1886, é um sal crystallizado em laminas, sem côr, de sabor acerbo, susceptivel de detonação pelo choque e inalteravel ao ar. É pouco soluvel n'agua fria, 180 partes d'este liquido dissolvem apenas

mais ou menos, 5 partes de chlorato de potassa, na temperatura ordinaria, mas é muito mais soluvel em agua fervendo.

Usa-se externamente em gargarejos. É aconselhado internamente contra as aphtas, a salivação mercurial, a angina membranosa, a febre typhoide ; externamente contra as ulceras, a ozena e salivação mercurial. Internamente administra-se na dóse de 5 a 8 grammas por dia, em poção de 180 grammas, que se administra ás colheres. Como este sal é pouco soluvel n agua, nunca se deve pôr mais de 5 grammas para 100 grammas d'agua para que a dissolução seja completa.

O chlorato de potassa se administra em pó, em solução em um copo d'agua assucarada, em poção ou em looch, e em pastilhas sob a forma de pastilhas de Dethan.

As pastilhas de Dethan de chlorato de potassa são feitas com assucar aromatizado com balsamo de tolu ; cada pastilha contem vinte centigrammas de chlorato de potassa. São recommendadas contra as dôres de garganta, as inflammações agudas ou chronicas das amygdalas, a aphonia, as inflammações e as ulcerações da bocca, o máo halito, o escorbuto e tambem para evitar ou parar com o effeito pernicioso do mercurio sem interromper o tratamento de imperiosa utilidade.

Administram-se estas pastilhas na dóse de 6 a 12 por dia, segundo a gravidade da molestia. (Para haver certeza de se empregar verdadeiras pastilhas Dethan, deve-se exigir que os rotulos das caixinhas ou vidros tenham a assignatura Adh. Dethan, pharmaceutico em Pariz (V DENTIFRICIOS).

CHLORODYNA. Dá-se este nome a uma preparação pharmaceutica que está muito em voga na Inglaterra e no Indostão. É um medicamento composto de grande variedade de substancias e que não é sempre identico. Entra em sua composição alem de muitas outras substancias, chloroformio, alcool, chlorhydrato de morpnina, essencia de hortelã, ether, etc, É receitado na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas, contra o cholera e as diarrheas rebeldes.

CHLORO. O chloro é um gaz amarello esverdeado, de sabor e cheiro forte, desagradavel e caracteristico. A sua densidade é 2,44; vem a ser, que é quasi duas vezes e meia mais pesado do que o ar atmospherico. O cheiro da agua de Labarraque verdadeira, que todos conhecem, é devido ao chloro. A agua na temperatura ordinaria dissolve volume e meio de chloro. Em chimica, e nas artes esta dissolução chama-se *chloro liquido*.

O chloro tem tanta attracção para o hydrogeneo, que desprende este gaz de todas as suas combinações; tal é a razão por que o chloro decompõe todos os corpos hydrogenados, destroe as côres vegetaes e animaes, a tinta de escrever por exemplo, e porque emfim sanea o ar destruindo os miasmas putridos que o corrompem.

O chloro é empregado para branquear os pannos de linho, de algodão, o papel, para destruir as côres de origem vegetal, e para desinfectar os logares em que se demoráram por algum tempo materias putridas.

O chloro não existe na natureza no estado livre, mas em combinação

encontra-se com muita abundancia, pois que entra na composição do sal de cozinha (chlorureto de sodio); acha-se tambem unido ao cobre, á prata, á soda, á potassa, á cal, á magnesia e ao ammoniaco.

A dissolução de chloro n'agua contrahe o sabor, a côr e o cheiro do chloro gozoso. O chloro dissolvido actua sobre as materias hydrogenadas com a mesma intensidade que o chloro gazoso. — Para empregar o chloro como desinfectante, *veja-se* DESINFECÇÃO.

CHLOROFORMIO. Liquido que, respirado por breve tempo, produz a insensibilidade, e é empregado para evitar a dôr nas operações. É uma das mais bellas acquisições da cirurgia, e foi feita no anno de 1847. O chloroformio apresenta-se sob o aspecto de um liquido mui denso, limpido, sem côr, transparente como agua, de cheiro ethereo e sabor adocicado. Obtem-se pela distillação do chlorureto de cal com alcool. Foi descoberto em 1831 quasi ao mesmo tempo por Soubeiran, chimico de Pariz, e por Liebig na Allemanha, e ficou por muitos annos sem uso até que o Dr. Simpson, Lente em Edimburgo, o empregou pela primeira vez no homem, no anno de 1847. Hoje o seu uso é universal, e no mundo inteiro os facultativos servem-se d'elle para tornar insensiveis os doentes durante as operações que praticam, taes como extirpações de tumores, amputações de membros, e tambem nas simples aberturas de postemas ou extracções de dentes. O chloroformio não exige absolutamente o emprego de nenhum apparelho particular, Basta, geralmente, para produzir a insensibilidade em um ou dois minutos, derramar 10, 20, 40 ou 60 gottas d'este liquido n'um lenço que se mantem applicado sobre a bocca e o nariz, de maneira que a inspiração seja feita juntamente com a do ar livre.

A pessoa, submettida ás emanações do chloroformio, sente nos primeiros instantes um vapor assucarado que penetra nas vias respiratorias, e que produz ás vezes uma especie de encanto. Ao cabo de um ou dois minutos, ás vezes antes, outras vezes mais tarde, produz-se a insensibilidade; ao principio ouve a pessoa um grande ruido, ou soffre uma especie de vertigem; depois adormece e não ouve mais nada. A insensibilidade dura cinco, dez, quinze minutos, e póde ser prolongada por mais tempo, sendo preciso, dando-se aspirar novas dóses de chloroformio; durante este tempo, o cirurgião faz a operação, sem ser inquietado nem pelos movimentos, nem pelos gritos do doente, que não soffre nada. Ao despertar, o operado sente mais ou menos vivamente a dôr resultante da operação, mas muito menos intensa do que se não houvesse sido chloroformizado.

Mas nem todos os doentes tem um somno tranquillo, sem agitação, nem movimentos tumultuosos do corpo; alguns ha que, apezar de ficarem insensiveis, tem movimentos involuntarios tão fortes, que é difficil segural-os. Outros, depois de acordados, proferem palavras incomprehensiveis, e tem uma especie de delirio; outras vezes o abatimento que succede dura pelo menos uma hora.

Das experiencias feitas nos cães resultou que pela aspiração do chloroformio um cão morreo em 21 minutos, outro em 34. As gallinhas

morrem muito mais rapidamente pelos vapores do chloroformio.

Vê-se, pois, que o chloroformio é um agente muito energico e formidavel, e por isso não deve ser applicado por pessoas inexperientes.

Até ao mez de Maio de 1848, milhares de operações foram feitas com chloroformio em varios paizes sem que constasse inconveniente algum, até que no mez de Junho do mesmo anno acontecêram dois casos infelizes em França. Um d'estes factos desgraçados que devem servir de escarmento e acautelar contra os perigos do uso de chloroformio, foi communicado á Academia de Medicina de Pariz pelo Dr. Robert : « Um joven de 24 annos foi admittido no hospital Beaujon em 25 de Junho de 1848, ferido na coxa esquerda por uma bala que quebrou o osso da coxa em muitos pedaços. A desarticulação da coxa, julgada indispensavel, foi decidida. O doente foi submettido á acção do chloroformio, por meio de um pequeno frasco com muitos buracos, e que tinha uma embocadura larga que se applicava á bocca do doente. O nariz foi tapado com os dedos de um cirurgião ajudante. No fim de tres ou quatro minutos o doente apresentou, bem que em fraco gráo, os movimentos convulsivos que caracterizam o periodo de excitação, e logo depois ficou insensivel. O Dr. Robert principiou a amputação no mesmo instante. Estando a arteria femoral comprimida na virilha, cortou com faca as carnes de diante. O doente perdeo apenas 120 grammas de sangue, bem que a arteria deixasse de ser comprimida por um instante mui curto. Acordando n'este momento o doente, o Dr. Robert quiz prolongar o seu estado de insensibilidade, e ordenou com este intuito uma nova inhalação do chloroformio, continuando sempre a operação ; mas decorreo apenas um quarto de minuto, quando, ouvio a respiração tornar-se estertorosa ; mandou logo suspender a inhalação. O rosto do doente fez-se pallido, os beiços descorados ; os olhos, com as pupillas dilatadas, dirigiam-se para debaixo das palpebras superiores. Foi então suspendida a operação, e o Dr. Robert procurou com os seus ajudantes reanimar o doente, cuja respiração era já rara e suspirosa, cujo pulso já não se sentia, e cujos membros estavam molles.

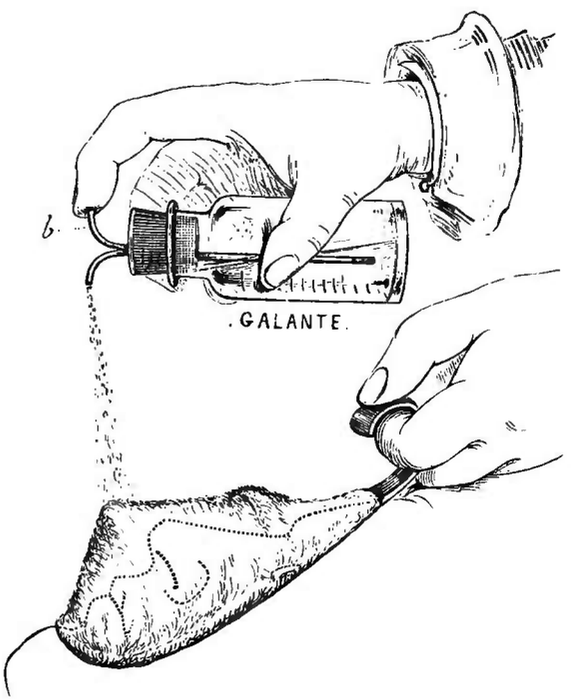


Fig. 180. — Apparelho para a anesthesia pelo chloroformio, composto de uma mascara com articulação e de um vidro conta-gottas.

Fricções sobre a pelle, vapores irritantes no nariz, insufflação do ar nos pulmões, tudo foi empregado com energia e perseverança. Muitas vezes a respiração parecia reanimar-se, o pulso tornava-se apreciavel; mas este melhoramento era momentaneo; e depois de tres quartos de hora de esforços incessantes o doente cessou de viver. »

Para produzir a insensibilidade necessaria para as operações, é preciso dar a respirar o chloroformio n'uma esponja, n'um lenço ou n'um apparelho conveniente (fig. 180); *sem tapar o nariz e a bocca para que o doente possa aspirar ao mesmo tempo um pouco de ar atmospherico;* e nos casos em que fôr necessario prolongar por muito tempo o estado de insensibilidade, dever-se-ha suspender por alguns momentos a inhalação, e alternal-a muitas vezes com algumas inspirações de ar puro; d'esta maneira, o chloroformio produz simplesmente a insensibilidade, sem occasionar effeito algum nocivo, nem immediato nem consecutivo.

Não obstante os desastres acontecidos, que são excepção rarissima, o chloroformio, prudentemente empregado, é uma das mais preciosas descobertas para a humanidade. O chloroformio, assim como o ether sulfurico, que tambem goza da propriedade de produzir a insensibilidade, vieram realizar um grande voto desejado ha sessenta e oito annos por um medico, o Dr. Montfalcon: « Seria prestar grande serviço aos homens o descobrir um methodo que lhes pudesse tirar o sentimento da dôr emquanto se sujeitam ás operações cirurgicas. » *Veja-se* ETHER SULFURICO.

Emprega-se tambem o chloroformio internamente como antispasmodico, como calmante nas colicas hepaticas, etc. Administra-se-o então debaixo da forma de perolas de chloroformio do doutor Clertan, na dóse de 2, 3 ou 4 perolas, no espaço de 2 a 4 horas.

CHLOROSE. Molestia caracterizada pela pallidez particular do rosto, pela perturbação das diversas funcções, languidez, fraqueza, e na qual o exame anatomico descobrio a diminuição dos globulos rubros, aos quaes o sangue deve a côr. É molestia propria ás jovens que chegam á idade da puberdade. Se alguns autores citáram homens affectados de chlorose, estes casos devem ser attribuidos á *anemia*, palavra com que se designam em geral os estados morbidos caracterizados pela fraqueza, e que dependem da diminuição do numero dos globulos rubros do sangue (*Veja-se* ANEMIA). A chlorose differe da *opilação*, que é a anemia devida ordinariamente á presença nos intestinos dos vermes chamados *anchylostomos*.

Causas. A alimentação insufficiente, a vida sedentaria, a exposição á humidade, a residencia em logares baixos, humidos, mal arejados e privados do sol, as affecções moraes tristes, as perdas excessivas de sangue, quer pelas bichas ou por alguma outra hemorrhagia, são as causas mais ordinarias d'esta molestia.

Apparece todavia com bastante frequencia nas pessoas que vivem no meio de boas condições hygienicas, em pleno ar, e que se alimentam convenientemente; não póde, então, ser attribuida, senão á revolução organica que se manifesta na epoca do estabelecimento dos menstruos.

Symptomas. Quando a chlorose está no seu começo, quando não ha senão pequena desproporção entre a quantidade dos globulos e outros elementos do sangue, os symptomas consistem unicamente n'uma pallidez notavel, sobretudo nas membranas mucosas, taes como as dos labios, da lingua, das gengivas e da face interna das palpebras. As doentes são fracas, cansam com o menor exercicio; tem grande propensão para a somnolencia.

Na epoca mais adiantada da molestia, ou desde o principio quando a chlorose succedeo a evacuações sanguineas excessivas, os symptomas tornam-se muito mais caracteristicos. A pallidez nas senhoras brancas é tal que foi comparada á côr da cera branca algum tanto amarellecida pelo tempo; as doentes de raça preta tornam-se fulas. A pelle parece mais delgada e mais molle; o rosto mostra alguma inchação, que pouco a pouco invade as outras partes do corpo. Applicando-se o ouvido sobre a região precordial, ouve-se um ruido chamado *ruido de folle*, porque se parece muito com o ruido d'este instrumento. O pulso é variavel, ora pequeno e fraco, ora largo. N'este ultimo caso as doentes sentem ás vezes na cabeça as pulsações arteriaes. O pulso aliás, é quasi sempre regular; mas ás vezes suas pulsações augmentam mais ou menos.

Applicando-se o ouvido sobre as principaes arterias, podem colher-se symptomas ainda importantes; o ouvido percebe, com effeito, varias especies de ruidos. Muitas vezes é um ruido de folle, unico, brando, intermittente; póde perceber-se na maior parte das arterias carotidas, sobretudo do lado direito.

As senhoras chloroticas apresentam quasi sempre nas suas funcções digestivas perturbações variadas. Tem fastio, appetites exquisitos, dôres na bocca do estomago, digestões laboriosas, arrotos azedos, prisão de ventre. Desejam comer substancias não alimentarias, e que causam mais ou menos asco no estado de saude, taes como terra, gesso, carvão, etc.; ou então alimentos particulares, como guisados mui temperados ou avinagrados. As suas ourinas são pallidas. Queixam-se de dôres de cabeça, e de tempo em tempo de diversas dôres nevralgicas, de vertigens, zunidos nos ouvidos. São tristes, indolentes, incapazes de qualquer trabalho intellectual. Quando a chlorose é mais intensa, as doentes não podem supportar exercicio algum; os olhos tornam-se amortecidos, cercados de olheiras; o rosto incha, os pés entumecem; emfim, no periodo adiantado, todo o corpo se infiltra. Os menstruos são pouco abundantes, difficeis, acompanhados de dôres, ou mesmo completamente suspensos, e substituidos quasi sempre por flores brancas; outras vezes, pelo contrario, o fluxo catamenial é mais abundante do que de costume, chegando ás vezes a ser uma verdadeira hemorrhagia passiva, que aggrava sempre o estado das chloroticas.

Marcha, duração. Esta molestia segue uma marcha mais ou menos rapida segundo a causa que a desenvolveo. Quando é produzida por uma hemorrhagia abundante que esvasiou repentinamente os vasos sanguineos, o seu começo é necessariamente subito; a molestia chega assim ao seu auge de intensidade. Se, pelo contrario, resulta de uma ou mais

causas que obram lentamente, tem o desenvolvimento e a marcha de uma molestia chronica. No primeiro caso, a sua duração póde ser excessivamente curta; no segundo, póde prolongar-se durante mezes, e mesmo annos.

Tratamento. Para tratar convenientemente a chlorose, cumpre, primeiro, remover as causas que determináram a molestia. Havendo hemorrhagia, é preciso vedal-a; se a chlorose depende de habitação insalubre ou de algumas outras más condições hygienicas, é necessario mudal-as. Deve-se depois restaurar o sangue, augmentar a sua massa e a proporção dos seus principios vivificantes. Chega-se a este resultado pelo emprego de um regimen são e nutriente, composto principalmente de carnes assadas, geleas animaes e vegetaes, tapioca, araruta, vinho. As doentes devem habitar um logar secco, arejado, exposto ao sol. São uteis as fricções pelo corpo com baeta embebida em agua de Colonia, os banhos frios de rio ou do mar, os banhos quentes aromaticos. (A sua preparação está indicada no vol. I, pag. 291). O tratamento hydrotherapico applica-se tambem com vantagem n'este caso. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

Os medicamentos que são uteis contra a chlorose, são as preparações de quina, o quinium Labarraque, a genciana, a quassia, o lupulo, e sobretudo as preparações de ferro taes como o ferro Quevenne e o ferro hematico L. J. Michel.

Entre as bôas preparações que possamos recommendar existe uma principalmente que realisa tudo quanto se deseja a este respeito e cuja experimentação clinica, começada ha mais de cincoenta annos, tem demonstrado uma real efficacidade, são as pilulas ferruginosas do doutor Blaud. Estas pilulas acham-se inscriptas no novo codigo francez e são muito recommendadas por causa de suas propriedades anti-chloroticas. Foram apresentadas novamente á Academia de medicina de Pariz que reconheceo que ellas satisfaziam em tudo, as condições que se exigiam de um producto d'esta ordem. Emfim, approvadas pela junta d'Hygiene do Rio de Janeiro, em data de 14 de outubro de 1887, que certificou a sua efficacidade, as pilulas de Blaud tem sido consideradas sempre como sendo fieis em sem emprego e nunca tendo falhado em seus effeitos.

As pilulas ferruginosas de Blaud administram-se do seguinte modo:

No 1°, 2° e 3° dia, *uma* pilula pela manhã e de noite.

No 4°, 5° e 6° dia, *uma* pilula pela manhã, ao meio dia e de noite.

No 7°, 8° e 9° dia, *duas* pilulas pela manhã e de noite.

No 10°, 11° e 12° dia, *duas* pilulas de manhã, ao meio dia e de noite.

No 13°, 14°, e 15° dia, *tres* pilulas de manhã, ao meio dia e de noite.

Nos dias seguintes, *quatro* pilulas, trez vezes por dia.

As outras preparações que mais approveitam na chlorose são:

1°. Pilulas ferruginosas de Vallet verdadeiras.

Administram-se do seguinte modo, e são tambem tão efficazes como as pilulas precedentes:

No 1° dia, uma pilula pela manhã e de noite.

No 2° dia, uma pilula pela manhã e duas de noite.

No 3° dia, duas pilulas pela manhã e duas de noite.

E assim por diante augmentando uma por dia até tomar 8 a 10 por dia, segundo a idade e a constituição das doentes, que devem continuar com esta dóse ultima até desapparecem todos os accidentes.

2°. Vinho de quina..... 500 grammas.

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

3°. Vinho de quinium Labaraque.

Para beber um calice, duas vezes por dia.

4°. Ferro hematico L. J. Michel.

Para tomar uma colher medida a cada refeição.

5°. Ferro Quevenne.

Para tomar uma colher medida a cada refeição.

6°. Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.

Para tomar duas pela manhã e duas de noite na primeira semana e gradualmente até tomar seis por dia.

7° Xarope de iodureto de ferro de Blancard.

Convem ás crianças e ás pessoas que tomam com difficuldade os medicamentos em forma de pilulas.

8° Agua ferrea tomada na fonte.

Um a dois copos por dia.

9°. Chá de folhas de salva.

Uma chicara por dia.

10°. *Pilulas de digital e ferro.*

Extracto de digital.....	5	centigrammas.
Ferro reduzido.....	15	—
Extracto de alcaçuz.....	10	—

Faça uma pilula, e como esta mais 35. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

11°. Vinho ferruginoso de glycerina e quina, de Catillon.

Para beber um calice antes ou depois das refeições, puro ou misturado com agua.

12°. Peptonato de ferro, de Catillon.

Para beber uma colher *de sopa* no começo, no meio e no fim do almoço e do jantar.

13°. Vinho de Cabanes, de lacto-phosphato de cal e de ferro e de quina chimicamente dosado.

Para beber um calice grande um quarto de hora antes de cada refeição.

14° Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet.

Para tomar na dóse de dez centigrammas a um gramma, por dia, preparado sob as fórmas de solução xarope, vinho, pilulas ou grageas, á vontade do doente (*Veja-se* FERRO).

15° Oleo de figado de bacalhao de Bals.

Para beber de duas a seis colheres *de sopa* por dia.

16° Oleo nutrimentivo de Dethan.

Para beber duas a seis colheres, de sopa, por dia.

17° Vinho de Bellini.

Para beber, duas a tres colheres, *de sopa*, por dia.

18° Grageas de iodureto de ferro e casca sagrada, de Demazières.

Para tomar 2 grageas ao almoço, e duas ao jantar.

CHLORURETO DE ALUMINIO. Novo desinfectante. A solução de hydrato de chlorureto de aluminio em agua, de densidade de 1,020, foi empregada em 1873 para destruir os mismas do cholera. O hydrato de chlorureto de aluminio obtem-se misturando o sulfato de alumina com o chlorureto de calcio. Obtem-se um deposito de sulfato de cal que se separa pela filtração.

A solução de chlorureto de aluminio, não póde ser evaporada, sem desenvolver acido chlorhydrico. Emprega-se como desinfectante do mesmo modo que a agua de Labarraque, espalhando-a pelo quarto. Este sal, obtido pela mistura de sulfato de alumina e de chlorureto de sodio, serve desde muito tempo para a preparação das pelles de animaes (coelhos, cães, etc.), que torna imputresciveis.

CHLORURETO DE BARIO, Muriato, Hydrochlorato ou **Chlorhydrato de baryta.** Sal branco, inodoro, de sabor acre, soluvel em agua, um pouco soluvel no alcool. — Em alta dóse é um veneno violento: em dóses pequenas parece util nas molestias escrophulosas, scirrhosas e nos tumores brancos; mas é pouco empregado. Seu uso requer grande prudencia. Externamente emprega-se como excitante, em lavatorios nas ulceras escrophulosas, e em collyrios nas ophthalmias chronicas.

CHLORURETO DE CAL. Substancia pulverulenta, de côr branca-amarellada, de cheiro penetrante, empregada como desinfectante. Deve ser conservado em frascos bem tapados, para não perder o cheiro, que depende do desenvolvimento do gaz chloro, e ao qual o chlorureto deve todas as suas propriedades. Para empregar o chlorureto de cal como desinfectante, é preciso dissolvêl-o em agua, coar e depois empregar esta solução em lavatorios, ou borrifando o soalho dos quartos. As proporções mais ordinarias para fazer esta agua chloruretada são de

30 grammas de chlorureto de cal para 1 litro d'agua. Esta agua goza das mesmas propriedades que o licor de Labarraque, e desinfecta pelo chloro que d'ella se desprende.

CHLORURETO DE SODA. *Veja-se* AGUA DE LABARRAQUE.

CHLORURETO DE SODIO. *Veja-se* SAL COMMUM.

CHLORURETO DE ZINCO. *Veja-se* ZINCO.

CHOCO. *Veja-se* SIBA.

CHOCOLATE. Alimento cuja base se compõe de amendoas de cacáo (*Theobroma cacao*, Linneo), torradas e pisadas, e de assucar. (*Veja-se* CACAO.) É muito nutriente, e convem ás pessoas fracas, delicadas, nervosas e sedentarias. Tão simples como é este alimento, nem sempre é de facil digestão. Remedeia-se a acção pouco excitante do chocolate, triturando com o assucar, que deve entrar na massa, 100 grammas de baunilha e 60 grammas de canella, para uma quantidade de 10 kilos de chocolate.

A cobiça mercantil tem inventado varios meios de falsificar o chocolate e de alterar assim as suas propriedades. Uns extrahem a manteiga das sementes de cacáo, e a substituem na massa por gorduras ordinarias; outros juntam-lhe amido, farinha de trigo, de arroz, de ervilhas, de feijões, para augmentar-lhe o peso. Descobre-se esta ultima fraude comparando os chocolates falsificados com o bom chocolate; este, quando se quebra, não apresenta nada de saibroso; derrete-se na bocca, produzindo a sensação de uma especie de frescura; fervido n'agua, é de fraca consistencia, e em esfriando não produz geléa. Quando, pelo contrario, o chocolate que contém fecula de ervilhas, de feijões ou qualquer outra, fica pegajoso na bocca, exhala o cheiro de colla durante a preparação, e faz-se em geléa pelo arrefecimento. Está tambem n'este caso mais espesso, quando fervido. Se, por ser velho, o chocolate contrahir um cheiro rançoso ou de queijo, será prova que entram na sua composição gorduras ou manteiga, porque a manteiga de cacáo torna-se difficilmente rancida.

Os chocolates que contém feculas leves, taes como as de sagú, de araruta, de salepo são mui nutrientes, e podem contribuir poderosamente para o restabelecimento das forças depois das molestias graves ou prolongadas. Prepara-se tambem *chocolate medicamentoso*, misturando-se differentes medicamentos com o chocolate; taes são o chocolate purgativo e o chocolate de musgo islandico, o qual convem nas molestias chronicas do peito, o chocolate de peptona Catillon, alimento completo, muito recommendado ás pessoas debeis ou que têm fastio e particularmente ás crianças. Em grandes pastilhas, cada uma contendo 8 grammas de carne e 25 centigrammas de phosphato de cal; em tabellas, contendo cada uma 20 grammas de carne, para um almoço, que pode ser preparado com agua ou com leite sem que mude o gosto agradavel d'este alimento.

CHOLERA ou CHOLERA-MORBUS. Molestia aguda, rapida em sua marcha, muito dolorosa e grave, cujos symptomas mais notaveis consistem em vomitos numerosos, evacuações alvinas abundantes, suppressão das

ourinas, e caimbras nos membros. Esta molestia chama-se na Asia Portugueza *mordechim*. O cholera distingue-se em *esporadico* e *epidemico*. O primeiro é o que ataca um individuo ou alguns individuos isolados; que sobrevem indifferentemente em todo o tempo, em qualquer logar, e independente das influencias epidemicas. O segundo, faz os seus estragos em populações inteiras.

O cholera é uma molestia conhecida desde tempo immemorial. Os medicos gregos, romanos e arabes, parece que não o observáram senão no estado esporadico ou de accidentes isolados. Fallou-se d'elle com o caracter mais geral de epidemia, no principio do seculo decimo-sexto, no fim do decimo-setimo, e no meio do decimo-oitavo, mas não foi ainda d'esse cholera-morbus asiatico formidavel, de que o mundo conserva vivas lembranças de consternação e de terror.

A India é o seu paiz natal. O cholera, como deixei dito, foi antigamente conhecido nas regiões asiaticas. Em 1781, o coronel inglez Pearse teve n'aquelle paiz a prova de seus inauditos furores. De mil artilheiros que commandava, perto de setecentos perecêram em seis dias, e a maior parte em alguns minutos, no meio dos espasmos mais dolorosos. A grande epidemia de cholera, que no espaço de alguns annos semeou o terror e a morte em muitos povos da terra, parece ter principiado em Jessora, no Delta do Ganges, em 1817. D'ali derramou-se successivamente sobre uma e outra margem d'este rio, e occupou a maior parte das regiões da India e das ilhas do Oceano indico. Em 1848 mostrou-se em Benares, Borneo, Bengala, desde Calcutá até Bombaim. D'aqui passou ás ilhas Moluccas, ás de França e de Bourbon (1819), á China, e estendeo-se desde Cantão até Pekim (1820). Em 1821 mostrou-se na Persia, e proseguindo sua marcha de Leste para Occidente, foi á Syria e até aos montes do Caucaso. Chegando não longe da Europa, o cholera epidemico pareceo extinguir-se no littoral do mar Caspio; mas despertou em Astrakan e em Tiflis em 1829, depois de seis annos de interrupção. Transpondo esta vez o rio Don e os montes Uraes, fez a sua apparição na Europa. En 1830, declarou-se em Moscovia; em 1831 em S. Petersburgo, em Varsovia, na Austria, Bohemia, Hungria, Prussia, Egypto; em 1832, na Inglaterra, Belgica, Hollanda e França; em 1833, em Portugal; no fim do mesmo anno, na Hespanha. No mesmo tempo appareceo na Noruega e Suecia. Em 1832 mostrou-se nos Eslados-Unidos da America, nas cidades de Quebec, Montreal e New-York. No fim de 1833, declarou-se no Mexico e na Havana. Em 1835, infectou as provincias meridionaes da França, Argel e a Italia. Em 1837 fez nova apparição em Nimes, cidade da França. Em 1848 mostrou-se de novo na Russia, Turquia e na Prussia; e só foi no anno de 1855 que se declarou pela primeira vez no Rio de Janeiro, onde fez sobretudo grandes estragos entre a raça preta. Em 1857 tornou a apparecer em Portugal e em 1860 na Hespanha. En 1865, na Alexandria, Constantinopla, Marselha, Pariz, Brest. Em 1866, na Martinica e Guadelupa, Antuerpia, Berlim, S. Petersburgo, Londres, Pariz, Nova-York, Napoles, Vienna, Roma, Bruxellas, Nova-Orleans. Em 1867, em S. Petersburgo, Moscovia, Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-

Ayres, Italia, Argelia. Em 1868, na Havana, Buenos-Ayres. Em 1869, no Senegal na Africa. Em 1873 nas cidades de Nashville e Cincinnati nos Estados-Unidos; em Veneza, Padua, Parma, Modena, na Italia; em Vienna na Austria, em Munich na Baviera, em Berlim na Prussia; no Hâvre, Ruão, Pariz na França; em 1874 em Buenos-Ayres; e em 1884 em Toulon, Marselha e Pariz, na França, em Napoles e outras cidades da Italia.

Na sua marcha enigmatica e caprichosa, zombou de todas as previsões, de todos os calculos. Ilhas, continentes, logares elevados ou profundos, seccos ou humidos, cidades e campos, estações e climas quentes ou frios, em toda a parte se tem mostrado o cholera-morbus, sem poupar idade, sexo, nem profissão.

Causas. O contagio mui provavel do cholera fez crêr que esta molestia devia ter por causa o desenvolvimento de uma parasita, isto é, um microbio que necessariamente devia ser procurado. Com effeito á força de pesquiza, descobrio-se esse microbio, que tem a forma de uma virgula. Tendo-se injectado esse microbio em diversos animaes, tiveram elles todos o cholera. Esse microbio multiplica-se facilmente n'agua, d'este facto deduzio-se a causa das epidemias que se declararam após a descarga dos navios quando se limpava o porão cheio de liquidos fetidos.

A existencia d'este microbio impõe certas precauções especiaes que se devem tomar quando reina alguma epidemia. É necessario desinfectar os ourinóes dos doentes mergulhando-os em soluções de 1 gramma de bichlorureto de mercurio para 1000 grammas d'agua.

As enfermeiras devem limpar as mãos com o maior cuidado, porque pelo contacto podem transmittir a molestia a individuos sãos. Ás municipalidades compete vélar com o maior rigor no asseio das ruas e dos estabelecimentos publicos e particulares. As ultimas epidemias que se declararam em 1883 e 1884 em Napoles, Marselha e Toulon demonstraram que o cholera torna-se tanto mais terrivel quando encontra nas cidades sujas e populosas melhor terreno para seu desenvolvimento.

Symptomas. A *forma mais leve* do cholera é caracterizada pela fraqueza, perda de appetite, sêde; dôres no ventre, borborygmos estrondosos, e diarrhea amarella ou esbranquiçada, e fetida; ha além d'isso abatimento, insomnia, suores, desmaios, calefrios vagos e irregulares; o pulso é regular ou algum tanto accelerado. É á reunião d'estes symptomas que se dá o nome de *cholerina*. É, por assim dizer, o primeiro periodo da molestia. Estes symptomas persistem mais ou menos tempo; podem não durar senão um dia ou prolongar-se além de uma semana; podem terminar quasi immediatamente pela cura, ou ser substituidos pelos symptomas do cholera grave.

Os casos em que os vomitos vem ajuntar-se á diarrhea, e que consistem em materias esbranquiçadas, semelhantes ao cozimento de arroz, representam a transição entre as fórmas mais leves do cholera e as fórmas mais graves.

Quando o cholera está inteiramente declarado, a sêde é viva, as bebi-

das frias são tomadas com avidez; o ventre está mais ou menos retrahido; é pouco sonoro; existem colicas, que a compressão augmenta. O doente lança pela bocca materias *brancas*; evacuações alvinas apparecem simultaneamente. As materias intestinaes, a principio amarellas e fetidas, tornam-se brancas e inodoras. Estas evacuações repetem-se com curtos intervallos. Logo o pulso accelera-se, e chega a 120 ou 130 pulsações por minuto; sua força diminue na proporção da sua frequencia. As pancadas do coração tornam-se fracas; a respiração é penosa, acompanhada de anxiedade, mais ou menos accelerada; os doentes queixam-se de oppressão, de uma especie de constricção no peito. A lingua esfria; a pelle cobre-se de um suor viscoso; a sêde é mais viva. Chegada a este gráo, o cholera offerece uma scena de terror e de compaixão. Aos symptomas acima descriptos ajuntam-se os seguintes: o rosto torna-se roxo ou livido, os olhos afundam-se, manchas azues formam-se sobre os olhos, deseccados por causa da ausencia das lagrimas; a pelle toma a côr roxa nos pés, mãos, e ás vezes em alguns pontos do tronco; as extremidades, o nariz, a lingua, e até o halito, ficam gelados; todo o resto do corpo esfria; a voz é rouca, muito fraca ou inteiramente extincta; o pulso, por sua fraqueza extrema, apenas se póde sentir; os doentes deixam de ourinar; alguns tem convulsões, outros accusam sensação de ardor no estomago e no ventre; grande numero d'elles tem dôres abdominaes violentas. Quando a molestia chega a este gráo de intensidade, a morte é quasi inevitavel. A este periodo da molestia deo-se o nome de *cholera algido*, *cholera azul*.

Quando a natureza, só ou ajudada pela medicina, é bastante poderosa para reagir contra o principio morbifico, sobrevem uma serie de phenomenos directamente oppostos aos precedentes. Estes symptomas são: restabelecimento do calor, do pulso, das ourinas, diminuição das caimbras, dos vomitos, das evacuações alvinas, suor abundante, seguido frequentemente da erupção de pequenos botões; o rosto córa; a temperatura da pelle e o pulso são naturaes; e o doente recobra a saude pouco a pouco. A reunião d'estes phenomenos caracteriza o periodo chamado *de reacção*.

Mas se a reacção é demasiado forte, se a pelle está ardente, o pulso accelerado, o rosto injectado; sobrevem delirio, lethargo, convulsões e a morte. Em alguns doentes a reacção é seguida dos symptomas graves do typho.

Os symptomas precedentes não se succedem sempre na ordem que acabei de indicar: assim, o cholera começa ás vezes subitamente pelos symptomas os mais graves que caracterizam o estado algido; diz-se então que o cholera é *fulminante*.

A idade não traz grandes modificações na physionomia da molestia. Sómente nas crianças a cyanose, isto é a côr azul da pelle, não é tão pronunciada como nos adultos; n'ellas a agitação é grande, as caimbras são excessivas e a marcha constantemente rapida.

Duração. O cholera tem uma marcha mais ou menos rapida; póde ás vezes matar em algumas horas, mas a sua duração média é de cerca de

60 horas; ás vezes a vida prolonga-se durante uma semana, mas é raro que os doentes lutem mais de doze dias. A duração da molestia está na razão directa das forças dos doentes. A convalescença é mais ou menos rapida; em geral, é lenta e exige muitos cuidados, porque as recahidas tem logar ás vezes.

O cholera póde curar ou suspender durante um tempo mais ou menos longo as molestias agudas ou chronicas durante as quaes se declara. Assim, notou-se o desapparecimento das hydropisias, das inflammações. das molestias rebeldes da pelle pela influencia da affecção cholerica.

Prognostico. O prognostico do cholera é quasi sempre funesto no periodo algido; é grave ainda no principio da molestia. As convulsões. o lethargo ou o delirio, e principalmente antes do periodo da reacção, são signaes de morte. O restabelecimento das ourinas é o signal o mais favoravel; tira-se tambem um feliz presagio da apparição do suór; a volta da voz ao seu som natural é tambem de bom agouro. A diminuição gradual e o desapparecimento successivo de todos os symptomas graves da molestia promettem proximo restabelecimento. A maior parte das recahidas são funestas.

Tratamento. Quando, durante uma epidemia de cholera, alguma pessoa experimenta fraqueza subita e diarrhea, deve deitar-se na cama, cobrir-se, beber uma chicara de chá de hortelã-pimenta ou na falta d'esta, chá de herva cidreira, tomar um clyster de cozimento de linhaça, observar a dieta, caldo de gallinha para todo o alimento, e beber 20 gottas da *mistura anti-cholerica*, n'uma colher d'agua morna com ou sem assucar.

Eis-aqui a receita da *mistura anti-cholerica :*

Tintura de valeriana.....	8 gr.	Ether sulfurico alcoolizado...	4 gr.
Laudano de Sydenham.....	4	Essencia de hortelã.....	1

Durante uma epidemia de cholera, será prudente fazer com anticipação a provisão d'esta mistura, que tem por effeito acalmar as colicas, excitar a economia e provocar a transpiração. Este tratamento simples, empregado muito cedo, foi sufficiente muitas vezes, para impedir os progressos do cholera ou curar a molestia.

É preciso vigiar que as extremidades inferiores não esfriem; cercam-se para este fim os pés e pernas do doente com botijas cheias d'agua quente. Appliquem-se sinapismos nas coxas, pernas, braços. Em summa, deve-se fazer tudo para entreter o calor do corpo, e provocar ou favorecer a transpiração. Com o mesmo intuito póde dar-se a beber uma chicara de café bem quente, ou de chá da India com rhum.

Se o doente tem sêde, dê-se-lhe agua fria ou o cozimento de arroz.

No periodo algido do cholera, é preciso provocar a reacção, por meio de fricções pelo corpo com balsamo de Fioravanti, embrulhar depois o doente n'um cobertor grosso de lã, continuar os sinapismos nas differentes partes do corpo, e cercar o corpo de botijas cheias d'agua quente. A *mistura anti-cholerica* será continuada, na dóse de 10 gottas de duas em duas horas. Contra a sède, que é grande n'este periodo,

dêem-se as bebidas acidulas taes com a limonada, a laranjada, ou agua de Seltz, agua fria, vinho de Champanha misturado com agua, gelo aos bocados, gomos de laranja. Ordinariamente os doentes lançam immediatamente quando bebem grande quantidade de liquido, e sobretudo as infusões quentes. Posso affirmar que os cholericos, desde que se lhes permitte o uso d'agua fria para acalmar a sêde, soffrem menos do que na época em que se lhes recusava qualquer liquido, ou se lhes permittiam apenas tisanas mornas. Um modo que actua vantajosamente em alguns casos, consiste em alternar a administração do gelo ou d'agua fria com chicaras de café bem quente e forte.

De vez em quando dê-se ao doente um pouco de caldo de gallinha ou caldo de carne de vacca; assim como vinho do Porto. Introduza-se-lhe na bocca uma pastilha de hortelã-pimenta.

Contra as caimbras, empreguem-se as fricções nas barrigas das pernas, com o linimento seguinte :

Oleo essencial de mostarda.....	24 gottas.
Oleo de amendoas doces.....	30 grammas.

Misture.

Para destruir os miasmas, ponham-se no quarto pratos com dissolução de chlorureto de cal, ou esparja-se pelo solho agua tendo em dissolução acido phenico. Os vasos destinados a receber as evacuações do doente devem conter sempre, com anticipação, o liquido desinfectante : agua 1 litro, sulfato de ferro 30 grammas.

Se a reacção se opera, os soccorros differem conforme ella fôr intensa, ou circumscripta nos limites convenientes. No primeiro caso, consistem os soccorros em combater pela dieta e com limonadas de laranja e outras bebidas refringerantes as inflammações que se manifestarem. Declarando-se os symptomas de lethargo, as infusões de chá, de café, e vesicatorios nas pernas, são os melhores meios que se lhes podem oppôr. Nos casos, emfim, em que a reacção é regular e moderada, é preciso entreter o suór durante dois dias pelo menos, continuar o uso das bebidas acidulas, emollientes, e a dieta. A convalescença dos cholericos exige sérias precauções. O menor resfriamento, uma simples mudança de regimen, bastam ordinariamente para provocar a recahida.

Muitos outros medicamentos foram propostos contra o cholera; são: o sulfato de quinina, os calomelanos, o sub-azotato de bismutho, a camphora, o acetato de ammoniaco, e outros; o tratamento, porém, que deixei descripto, parece-me o mais racional.

Meios preservativos do cholera. Entreter muito asseio nas ruas e casas: arejar os quartos; occupar-se de maneira especial da desinfecção das dejecções por meio da solução de sulfato de ferro, na proporção de 30 grammas de sulfato para 1 litro d'agua. Cumpre deitar esta solução não só nos vasos que recebem as evacuações, mas tambem nas latrinas. A solução de sulfato de ferro tem a propriedade de modificar a composição das materias evacuadas pelos cholericos. O acido phenico, diluido em agua, goza tambem de propriedades desinfectantes. Durante a

epidemia que grassou na Allemanha em 1859, o Dr. Reich, que foi mandado pelo governo para tratar os cholericos em Tribsees, (pequena cidade de Mecklemburgo), obteve por meio de reclamações energicas dirigidas á policia, que se deitasse em todas as latrinas quantidade sufficiente da solução de sulfato de ferro. Grandes tinas cheias d'este liquido foram postas em frente de cada casa, para tornar mais facil aos habitantes esta medida, cuja execução foi submettida á inspecção rigorosa da policia. Graças a esta precaução, e á observação de outras regras hygienicas, os casos de cholera foram comparativamente menos frequentes n'essa pequena cidade do que nas localidades vizinhas.

As outras precauções contra o cholera são: Afastar-se dos logares baixos e humidos; evitar as mudanças subitas da temperatura; cobrir-se com vestidos proprios á estação; tomar alimentos de boa natureza, em quantidade conveniente e não excessiva; conservar os costumes que são bons, abandonar os máus; fazer um exercicio de corpo em relação á idade e sexo; evitar os excessos de toda a especie e ter a vida regrada; não se deixar dominar pelos pezares e tristeza; subtrahir-se ás emoções moraes vivas; vencer emfim o susto que inspira a epidemia.

É preciso prevenir pela hygiene severa as desordens gastro-intestinaes, e tratar como molestia séria o menor desarranjo das funcções intestinaes. Uma leve diarrhea que, em tempo ordinario, póde ser impunemente desprezada, deve provocar em tempo de epidemia grande sollicitude. O repouso na cama, a dieta, chá de hortelã ou de herva cidreira, 10 gottas de laudano de Sydenham tomadas n'uma colher d'agua morna com assucar, são os primeiros meios que se devem pôr em pratica. O laudano deve ser administrado durante tres ou quatro dias, na mesma dóse de 10 gottas por dia; e o regimen merece muita atteçnão. O doente não deve ter-se por curado, senão depois de ter duas ou tres evacuações de consistencia conveniente.

Como meio preservativo, e para impedir a propagação da epidemia, eis-aqui os meios que foram empregados nos hospitaes de Pariz:

1° *Saneamento dos lençoes, dos pannos de colchões, da roupa e outros objectos dos cholericos.* Mergulhar durante uma hora os objectos infeccionados na solução de:

Agua de Labarraque.....	1 litro.
Agua commum.....	9 litros.

2° *Desinfecção dos ourinoes.* Esvaziar os ourinoes e mergulhal-os immediatamente n'um balde, contendo a mistura seguinte:

Bi-chlorureto de mercurio.....	500 grammas.
Agua cerca de.....	10 litros.

Lavar depois o ourinol n'agua ordinaria, e enxugal-o antes de remettêl-o a novo serviço.

No fim do dia, deitar o conteudo do balde nas latrinas, e reformar a solução de chlorureto.

3° *Desinfecção das latrinas.* De manhã e de noite, deitar no conducto das latrinas, um balde (cerca de 10 litros) da solução seguinte :

Sulfato de ferro.....	500 grammas.
Agua.....	10 litros.
Acido phenico a 1/100.....	100 grammas.

Saneamento das salas dos cholericos. Collocar n'estas salas numerosos pratos com chlorureto de cal, levemente humedicido com agua, espalhar nos quartos phenol Bobœuf puro, ou Coaltar saponinado Le Beuf.

Fazer fumigações de acido phenico com a mistura seguinte :

Agua.....	10 litros.
Alcool.....	1 litro.
Acido phenico.....	50 grammas.

Este liquido será distribuido nos pratos, que se collocarão nos diversos logares das salas·

Quando no mez de outubro de 1873 appareceo o cholera em Pariz, o Conselho de hygiene d'esta capital, publicou a instrucção seguinte : 1° tratar quanto antes a diarrhea preliminar com chá de hortelã, rhum, laudano; 2° observar os cuidados hygienicos (asseio, sobriedade, vida regrada); 3° collocar as camas no meio dos quartos, e não nos cantos ou nas alcovas; 4° desinfectar os productos dos vomitos ou das evacuações alvinas com a solução de acido phenico (2 a 10 grammas por litro d'agua) com a solução de chlorureto de cal, agua de Labarraque ou agua de Javel; 5° lavar nos mesmos liquidos a roupa e outros objectos que serviram aos cholericos.

Cholera Esporadico. Differe do cholera asiatico não tanto pelo caracter da molestia, como pela menor intensidade dos symptomas, e por sua marcha menos rapida. Observa-se em todos os logares, em todas as estações, porém mais particularmente nos climas quentes. E caracterizado por vomitos de alimentos meio digeridos e de materias verdes, por dejecções alvinas frequentes, uma dôr viva nos intestinos, com resfriamento, caimbras e desmaios. No cholera leve basta observar a dieta, beber cozimento de arroz, tomar um clyster de linhaça, e applicar no ventre uma cataplasma de linhaça. Se a molestia fôr mais grave, dever-se-ha chamar o calor ás extremidades por meio de fricções com baeta quente, e pela applicação nos pés de garrafas com agua quente, beber uma chicara de chá de herva cidreira bem quente, para provocar a transpiração, e tomar internamente uma poção narcotica e antispasmodica, cuja formula é a seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 gram.	Ether sulfurico.....	30 gottas.
Agua de flores de laranjeira.	4 —	Laudano de Sydenham.....	30 —
		Xarope de gomma.....	15 gram.

Misturem-se todas as substancias, e beba-se uma colher *de sopa* d'esta poção de meia em meia hora.

Empregam-se tambem as bebidas excitantes, como a infusão de chá

da India, de casca de laranja, de folhas de hortelã pimenta, e sendo preciso, faz-se o que fica dito para o tratamento do cholera asiatico.

CHOLERINA. Molestia que se parece com o primeiro gráo do cholera. Póde observar-se em todos os paizes, independentemente de epidemia.

Symptomas. Diminuição rapida das forças, sentimento de fraqueza, sensação dolorosa na bocca do estomago e nos intestinos, dureza do ventre, borborygmos, diarrhea, colicas, nauseas, soluços, vomitos, pulso fraco, lento, ás vezes frequente, ourinas espessas, vermelhas, e pouco abundantes. As evacuações alvinas são ás vezes sanguinolentas, outras vezes amarelladas, esverdeadas ou roxas, mas quasi sempre misturadas com mucosidades esbranquiçadas, semelhantes ao cozimento de arroz um pouco grosso.

Prognostico. Ordinariamemte os doentes sáram; mas ás vezes a molestia augmenta, e transforma-se em cholera grave.

Tratamento. Logo no principio convem tomar um vomitorio de 1 gramma de poaya em pó; depois applicar sinapismos nos braços, coxas e pernas, e usar da poção seguinte :

Infusão de hortelã.....	120 gram.	Ether sulfurico.....	24 gottas.
Laudano de Sydenham.	20 gottas.	Xarope de gomma.....	30 gram.

Misture-se. O doente tomará duas colheres *de sopa* de hora em hora.

A dieta deve ser rigorosa. O doente só póde tomar caldos de gallinha no intervallo da poção, ou chá da India bem quente. Para estancar a sêde, beberá agua fria ou limonada de limão ou de laranja. Para acalmar as colicas, deve friccionar o ventre com balsamo tranquillo.

Se a molestia não ceder, convirá recorrer ao tratamento indicado para o cholera grave.

CHONDROMO. *Veja-se* ENCHONDROMO.

CHOREA. *Veja-se* DANÇA DE SÃO GUIDO.

CHOROIDE. Membrana mui delgada que reveste a parte posterior do olho, onde se acha situada entre a esclerotica e a retina. Apresenta para traz uma abertura que dá passagem ao nervo optico; e termina para diante na grande circumferencia do iris. Compõe-se de uma multidão de ramificações arteriaes e venosas, unidas por um tecido laminoso mui fino.

CHOROIDITE. Inflammação da choroide, membrama mui delgada que reveste a parte posterior do olho onde está situada entre a esclerotica e a retina. O hemispherico posterior do olho apresenta ao ophtalmoscopio na choroidite uma côr rubra escura, uniforme ou disposta por chapas ou proeminencias. Os symptomas são : vista turva, argueiros que parecem gyrar no ar, photophobia, sensação de peso no olho, e ás vezes dôres que em alguns casos são violentas, myopia, diminuição progressiva da vista.

CHOUPO. *Populus nigra*, L. Arvore que habita em Portugal e em toda a Europa. Os *renovos*, vulgarmente *gommos* ou *olhos* de choupo entram na composição do unguento populeão que se emprega contra as he-

morrhoidas; e os ramos descascados d'esta arvore servem para a preparação do carvão de Belloc, que é aconselhado com vantagem, contra a gastralgia. V *Carvão vegetal.* Os renovos são ovoides-ponteaguados, alourados, compostos de escamas entelhadas, revestidos de inducto viscoso e resinoso; cheiro balsamico, sabor resinoso e amargo.

CHRONICAS. É o nome que se dá ás molestias que percorrem lentamente seus periodos. Por opposição chamam-se *agudas* aquellas que tem marcha rapida, e que apresentam certa gravidade.

CHUMAÇO. Assim se chama um pedaço de panno de linho ou de algodão já servido sem bainha, destinado para o curativo das feridas, para comprimir, ou para conter algum apposito. Os chumaços variam no tamanho e na fórma; são oblongos, estreitos ou quadrados. *Veja-se* COMPRESSA.

CHUMBO. Metal de côr branca azulada, brilhante, ductil e molle; esfregado entre os dedos, deixa nodoas e communica-lhes um cheiro sensivel. O seu peso especifico é 11,35. Pesa, por conseguinte, onze vezes e um terço mais do que a agua. No ar secco o chumbo não soffre alteração alguma; mas debaixo da influencia do ar humido cobre-se de uma ligeira camada de oxydo, o qual forma com o acido carbonico do ar uma camada de carbonato de chumbo; este protege as partes do metal que estão debaixo e impede a sua alteração; esta circumstancia, junta á ductilidade e ao baixo preço da materia, é a causa do seu grande emprego nas artes economicas: serve o chumbo para cobrir os edificios, forrar os reservatorios e fazer canos para as aguas.

Todas as composições de chumbo, tomadas internamente, ou absorvidas pela pelle, são venenosas. A acção do veneno manifesta-se de maneira lenta ou rapida. Se o chumbo foi ingerido ou absorvido em pequena dóse e por muito tempo, como acontece nas profissões de pintores de casas, fabricantes de alvaiade, e outras, em que o envenenamento é accidental e lento, os symptomas são os da *colica de chumbo* (*veja-se* esta molestia), taes como o emmagrecimento progressivo, palliidez do rosto, salivação, prisão de ventre, dôres no ventre, enfraquecimento das pernas. Se o veneno foi ingerido em dóse consideravel, notam-se então vomitos, dôres de ventre, seccura da bocca, constricção da garganta, soluços, vertigens, retenção de ourinas, suores frios e a morte. Para combater os accidentes produzidos pelas preparações de chumbo, *veja-se* o artigo ENVENENAMENTO.

As tigelas e outros vasos de barro, envernizados com oxydos de chumbo alteram-se pela acção do vinagre e de alguns saes, e por isso são prohibidas em certas industrias, como, por exemplo, na dos salchicheiros.

Sendo venenosas todas as composições de chumbo, cumpre examinar, se nos canos que servem para conduzir aguas, este metal não se oxyda; se a agua potavel, que é arejada, não póde atacar o chumbo, dissolvêl-o, e tornar-se assim prejudicial á saude.

Esta questão foi novamente agitada em 1873 pelos chimicos franccezes, e deo logar a diversas publicações que vou resumir.

No curso publico de chimica em Pariz, o Professor Dumas fez a experiencia seguinte :

Preparou quatro frascos contendo grãos de chumbo, e deitou n'elles respectivamente : no 1° agua distillada; no 2° agua de chuva; no 3° agua do rio Sena que se bebe ordinariamente em Pariz; no 4° agua de poço. A dissolução de hydrogeneo sulfurado, deitada no primeiro frasco, produzio immediatamente um precipitado negro, prova da existencia do oxydo de chumbo, na agua distillada. A solução de hydrogeneo sulfurado não produzio precipitado negro nas outras aguas; estas aguas, pois, não continham chumbo; eram carregadas mais ou menos de saes calcareos, que se oppõem á dissolução dos saes de chumbo. A agua distillada carrega-se de chumbo com rapidez extraordinaria; a opposição feita pelos saes calcareos á dissolução do metal é tambem admiravel. Resulta d'isto, que a agua absolutamente pura possue propriedades differentes da agua ordinaria. Não se póde, pois, assegurar com certeza absoluta que haja ausencia dos saes de chumbo em todas as circumstancias da agua potavel; porque se esta agua fôr absolutamente isenta dos saes calcareos ou outros, se se aproximar da agua distillada pela sua pureza, poderá talvez atacar o chumbo. A agua de chuva póde não atacar o chumbo se não foi colhida com muito cuidado e depois da lavagem prolongada da atmosphera pela agua pluvial. Por pouco que a agua de chuva indique a presença dos saes de cal pelos reagentes, reconhece-se-lhe a propriedade de não actuar sensivelmente sobre o chumbo. Quando a agua de chuva se tornou insensivel á acção dos reagentes da cal, ataca o chumbo com bastante rapidez, pela mesma fórma que a agua distillada.

Quaes são os saes mais efficazes para se oppôrem, mesmo em fraca dóse, á oxydação do chumbo ao contacto do ar? Os saes de cal, são incontestavelmente efficazes nas dóses mais minimas. Na ausencia da cal, outros saes podem proteger o chumbo na dóse de cerca de 10 centigrammas por litro. Entretanto, ao cabo de 24 ou 36 horas, a agua torna-se mui levemente preta pela solução de hydrogeneo sulfurado, mas este effeito pára logo e a oxydação cessa,

A maior parte das aguas das fontes, dos rios e regatos, contém os compostos seguintes ou os seus elementos : acido silicico, bicarbonatos de cal e de magnesia, sulfato de cal, chlorureto de sodio, vestigios de azotato, de chlorureto de potassio, de bromureto e de iodureto, acido carbonico, azote, oxygeneo, materias organicas azotadas e não azotadas. Um pequeno numero d'aguas d'esta classe contém bicarbonato de soda ou de potassa, conforme a natureza dos terrenos que percorrem. As *aguas de poços* contém ordinariamente maior quantidade de saes do que as aguas de fontes ou rios; algumas contém muito sulfato de cal; pelo que não cozem os feijões que se fazem ferver n'ellas, e decompõem o sabão transformando-o em grumos: chamam-lhes *aguas cruas*. Do que fica exposto parece que o perigo de envenenamento pela agua dos rios ou das fontes, tomada na extremidade dos canos de chumbo, é nullo.

A Academia das sciencias de Pariz occupou-se d'este assumpto nas

sessões de 10 de novembro e do 1º de dezembro de 1873. Um dos membros, o Sr. Belgrand, engenheiro em chefe, encarregado do serviço das aguas de Pariz, pronunciou um discurso que se póde resumir do modo seguinte :

« O chumbo é empregado para a confeição dos canos desde a origem das distribuições d'agua nas cidades. Na antiga Roma foi no anno de 442 que se construio o primeiro aqueducto que conduzia a agua Appia : desde esta época continuáram a fazer-se canos de chumbo. Todas as canalizações, no interior das cidades antigas, foram feitas com este metal. Este uso foi conservado nas cidades modernas, entre outras na Roma moderna, e em muitas cidades da França. Em Pariz, encontravam-se ainda, ha alguns annos, canos d'este metal, postos no tempo de Felippe Augusto (1190). Foi só no anno de 1782, que se generalisou em Pariz o uso dos conductos de ferro fundido. A maior parte das ramificações de chumbo, que existem hoje na capital da França, pertencem ás propriedades particulares. Os canos, que se acham nas vias publicas, são quasi todos de ferro fundido.

« Desde tão remotos tempos, ninguem até agora vio o menor perigo n'este emprego do chumbo. Nem Plinio, nem algum outro historiador da antiguidade mencionou facto algum de envenenamento. Foi o mesmo na idade média e nos tempos modernos. É sómente de alguns annos a esta parte que se procura inquietar o publico affirmando que os canos d'agua, feitos de chumbo, são de um emprego perigoso. A agua, dizem, carrega-se de pequena quantidade de chumbo, que exerce acção lenta, porém perniciosa, sobre a saude dos consumidores. É facil verificar, que a superficie interior dos canos publicos de chumbo, que servem, em pequena quantidade em Pariz, para conduzir a agua, conserva-se constante e perfeitamente lisa. Quanto ás ramificações de chumbo, que pertencem aos particulares, estes cobrem-se em pouco tempo de uma camada de carbonato de cal e de limo que adhere ao metal e impede o contacto d'agua com o chumbo. A analyse chimica que se fez de todas as aguas distribuidas em Pariz, prova, além d'isto, a ausencia completa do chumbo n'estas aguas. A reunião d'estes factos é, segundo o Sr. Belgrand, uma demonstração sufficiente para fazer crer que os canos de chumbo não são nocivos. Não penso, por conseguinte, diz terminando o Sr. Belgrand, que seja possivel obrigar, como alguem pretende, os proprietarios de Pariz a substituir os canos de chumbo estabelecidos nas suas casas, pelos canos de chumbo forrados interiormente de estanho. »

O. Sr. Bobierre, outro Membro da Academia das sciencias de Pariz, concluio das suas observações que, á excepção das aguas pluviaes ou distilladas, as aguas potaveis não atacam em geral os canos de chumbo de maneira sensivel senão *quando a superficie metallica está alternativamente em contacto com o ar e com a agua.*

O Dr. Champouillon, medico em chefe de um hospital militar de Pariz, apresentou á Academia a communicação seguinte :

« Todos os quarteis, todos os hospitaes militares de Pariz, são providos d'aguas potaveis conduzidas e distribuidas por canos de chumbo;

estas aguas provém dos rios Sena, Marne, Dhuis, do canal Ourcq, e do poço artesiano. De 1845 a 1869, em um numero de 108,000 doentes recebidos nos hospitaes militares de Val-de-Grace, Gros-Caillou, e St. Martin, não foi notado um só caso de intoxicação de chumbo a um gráo qualquer. Esta intoxicação não seria posivel senão nas circumstancias excepcionaes em que as tropas bebessem *aguas pluviaes* conservadas nos recipientes de chumbo. Forma-se então, ao contacto do ar, e tão rapidamente como na agua distillada, isto é, em algumas horas, carbonato de chumbo hydratado, podendo ser arrastado pelo corrimento d'agua. Quando as aguas potaveis contém, por litro, de 15 a 20 contigrammas de saes mineraes, e particularmente de saes de cal, todo o perigo de envenenamento pelos canos de chumbo é absolumente nullo. Fixa-se então sobre a superficia interna d'estes canos um sedimento terreo, o qual basta, mesmo se fosse só da espessura da epiderme, para fazer obstaculo á reacção qualquer entre a agua e o metal, de maneira que se póde dizer dos canos de chumbo, que, quanto mais servem, tanto melhores são. As aguas potaveis, que alimentam os quarteis de Pariz, contém de 15 a 60 centigrammas por litro de principios salinos em dissolução : é pois, natural que os militares nunca tenham apresentado um exemplo de intoxicação saturnina. »

Modo de reconhecer a presença das composições de chumbo na agua. A agua, que contém alguma composição de chumbo, apresenta um precipitado *preto* deitando-lhe a dissolução de hydrogeneo sulfurado, um precipitado *amarello* ajuntando-lhe o iodureto de potassio, um precipitado *branco* deitando-lhe acido sulfurico.

Perigo que resulta para a saude do emprego dos grãos de chambo para limpar lavando as garrafas. Nas paginas precedentes examinei a acção da agua sobre os canos de chumbo destinados a leval-a ás habitações. Resulta d'este exame que a agua póde, *em certos casos*, conter saes de chumbo e tornar-se nociva á saude. O inconveniente foi, porém, muito exagerado. Se ha perigo, é mui pequeno ao lado do risco que apresenta o emprego do chumbo, para limpar as garrafas, como resulta das experiencias seguintes, feitas pelo Sr. Fordos distincto chimico de Pariz.

Quando se agitam os grãos de chumbo com agua n'uma pequena garrafa de 250 grammas, vê-se que a agua se turva rapidamente, e forma-se um deposito esbranquiçado, que contém carbonato de chumbo ou alvaiade ; ao mesmo tempo uma camada mui leve de alvaiade fixa-se nas paredes do vaso, e lhes adhere de tal modo que não se chega a tiral-a pelas lavagens repetidas. Esta camada é visivel quando se examina a garrafa com attenção, e tira ao vidro uma parte da sua transparencia. Introduzindo na garrafa algumas colheres d'agua acidulada pelo acido azotico (8 grammas de acido para 1,000 grammas d'agua), de modo que molhe as paredes, a camada desapparece, o vidro torna-se limpido, e obtem-se uma dissolução que precipita em amarello pelo iodureto de potassio, em preto pelo hydrogeneo sulfurado, e em branco pelo acido sulfurico. Esta dissolução contém por conseguinte carbonato

de chumbo. A quantidade de chumbo que se fixa nas garrafas é mui variavel; nas experiencias do Sr. Fordos não attingio 1 centigramma por litro.

Este facto apresenta grande importancia debaixo do ponto de vista da hygiene. Todos sabem que se tem por costume limpar com chumbo as garrafas destinadas para os liquidos alimentarios ou medicamentosos; e quando se engarrafa o vinho, é costume sacudir as garrafas com grãos de chumbo, e passar depois agua uma vez sómente, de maneira que as garrafas retem não só o carbonato de chumbo adherente, mas ainda o que póde ficar em consequencia da lavagem incompleta; o que faz que o vinho, com que se enchem as garrafas, se carrega de quantidade maior ou menor de chumbo, e se torna mais ou menos perigoso para a saude. Não ha duvida que um semelhante vinho tenha occasionado ás vezes indisposições passageiras, ou mesmo affecções graves, cuja causa ficou ignorada. Será pois conveniente não empregar, para limpar garrafas, os grãos de chumbo, mas sim os de estanho.

O chumbo fica atacado n'este caso pela agua de rio e pela agua distillada; a acção é mais prompta na agua distillada do que na de rio; e tanto mais rapida quanto o chumbo mais dividido.

O deposito, que se produz nos canos que levam a agua dos rios carregada dos saes calcareos, é formado de carbonato de chumbo e de carbonato de cal.

Eis-aqui como o Sr. Fordos explica a acção da agua distillada e das aguas calcareas sobre o chumbo: Na agua distillada o acido carbonico é livre e póde immediatamente, na presença do chumbo e do oxygeneo do ar, formar um carbonato de chumbo. Nas aguas calcareas, o acido carbonico é combinado com a cal, no estado de bicarbonato, e é, por conseguinte, menos apto a contrahir nova combinação. Quando se agita a agua calcarea com chumbo, ha divisão do bicarbonato de cal debaixo da influencia do calor e da electricidade desenvolvida pela fricção dos grãos de chumbo uns contra os outros e contra as paredes do vaso; o acido carbonico desligado póde então entrar em combinação com o chumbo na presença do oxygeneo do ar, e produzir o carbonato que se depõe; ao mesmo tempo o carbonato de cal, tendo perdido o acido carbonico que o mantinha em dissolução, precipita-se tambem, e d'aqui vem a presença d'estes dois saes nos depositos dos canos de chumbo. O carbonato de chumbo e o carbonato de cal, depondo-se sobre o metal formam uma camada preservativa; e, quando o chumbo, está completamente coberto, um novo deposito de carbonato de cal póde produzir-se, se a agua é mui calcarea. Concebe-se que n'estas condições a agua chega á sua destinação n'um estado de pureza absoluta.

Oxydos de chumbo. Existem tres. O *protoxydo* ou oxydo de chumbo amarello; chama-se nas artes *massicote;* serve na pintura. Aquecido fortemente, este oxydo crystalliza em escamas brancas ou vermelhas, e forma o *lithargyrio*, com que se preparam os oleos para a pintura, e o acetato de chumbo (extracto de Saturno), e os emplastos empregados em medicina.

O *deutoxydo* é vermelho; chama-se *zarcão* ou *minio*, é empregado para envernizar a louça, fazer esmalte; e na pintura. Misturado com azeite, serve para tapar as juntas das caldeiras de vapor e dos tubos. Em medicina entra na composição de alguns emplastos e unguentos.

O *tritoxydo*, de côr escura, é sem uso.

Saes de chumbo. O chumbo combina-se com os acidos, para formar saes. O mais commum é o *carbonato de chumbo*, conhecido no commercio debaixo do nome de *alvaiade;* é branco, e insoluvel em agua. Acha-se no estado natural; mas o alvaiade que se emprega nas artes é preparado nas fabricas; serve para a pintura, e entra na composição de alguns emplastos. A sua fabricação occasiona ás vezes nos operarios a *colica de chumbo*.

O *acetato de chumbo*, ou *extracto de Saturno;* é preparado com lithargyrio e vinagre. Serve para a preparação da *agua vegeto-mineral*, ou *agua branca de Goulard*, liquido resolvente empregado nas contusões e torceduras.

CHYLO. É um succo branco, leitoso, formado pela alteração do chymo, e que é o resultado da digestão dos alimentos. O chylo é absorvido por vasos especiaes, chamados chyliferos, e levado á torrente circulatoria, que o distribue e faz servir para a nutrição. A absorpção chylacea principia no fim do intestino duodeno, continua em todo o comprimento do jejuno, e cessa no fim do ileo. *Veja-se* Digestão.

CHYMO. Polpa homogenea, viscosa, de côr cinzenta, de sabor adocicado ou azedo, de cheiro nauseabundo, em que se acham convertidos os alimentos depois de demorados por algumas horas no estomago e nos primeiros intestinos; modificada pela bilis e pelos succos do pancreas, esta massa transforma-se em chylo. *Veja-se* Digestão.

CICATRIZ ou Costura. Assim se chama o tecido novo que se forma em consequencia das feridas e ulceras que sáram. Este tecido é resistente, duro, e de côr esbranquiçada. A cicatriz persiste toda a vida; é mais extensa nas feridas que suppuram muito tempo do que nas que sáram depressa. Nas feridas cujas margens são reunidas immediatamente por meio de pontos falsos, a cicatriz é linear e pouco visivel. Uma das propriedades da cicatriz é tender constantemente a *retrahir-se*, mesmo muito tempo depois da sua formação; d'aqui resulta a pouca extensão da cicatriz em proporção da largura da ferida. Esta vantagem é infelizmente compensada pelos numerosos inconvenientes e deformidades, consequencias d'esta retracção.

A cicatriz com effeito, contrahindo-se, puxa e approxima os tecidos a que se acha unida. É facil conceber que d'isto devem resultar deslocações das partes vizinhas; e por isso tem-se observado casos em que as palpebras se viráram, os dedos e os braços se encolhêram sem que fosse possivel estendêl-os. Tambem se tem visto o queixo unido ao peito em consequencia de queimaduras; as aberturas do nariz, bocca, anus e vagina retrahidas ou tapadas; outras vezes, duas partes vizinhas. como dois dedos, por exemplo, achando-se approximados, cicatrizáram se juntos, e ficáram pegados. Todas as feridas com perda de substancia,

e sobretudo as queimaduras, podem produzir estas retracções e estas adherencias. Em geral para prevenir estes accidentes, deve-se por meio de ataduras exagerar a extensão do membro, se a cicatriz tiver tendencia para produzir a flexão, e *vice versa;* podem prevenir-se as adhereneias anormaes, pondo entre as partes contiguas fios ou tiras de panno de linho; os orificios naturaes serão dilatados por meio de fios ou esponjas preparadas, etc.; porém, por mais que se faça, haverá sempre estreitamento.

Podem corrigir-se as deformidades que resultam das cicatrizes, por meio de diversas operações cirurgicas.

As deformidades que resultam da retracção não são os unicos inconvenientes das cicatrizes. Muitas vezes ficam manchas particulares pretas ou escuras no logar em que existio a cicatriz. Ás vezes essas manchas provêm de corpos estranhos que se achavam na ferida, como grãos de polvora, etc., outras vezes, das côres das pintas da pelle. Algumas vezes as cicatrizes ficam grossas a ponto de formarem verdadeiros tumores, chamados Keloidianos, que o cirurgião é obrigado a extirpar. Ha tambem cicatrizes que são dolorosas e embaraçam por demais os movimentos, principalmente nas mudanças de tempo.

CICUTA. Este nome applica-se a tres plantas venenosas da familia das Umbelliferas : cicuta grande, cicuta pequena e cicuta virosa. As duas primeiras merecem aqui uma descripção especial.

1° **Cicuta grande** ou **maior.** CICUTA ORDINARIA, CICUTA MEDICINAL,

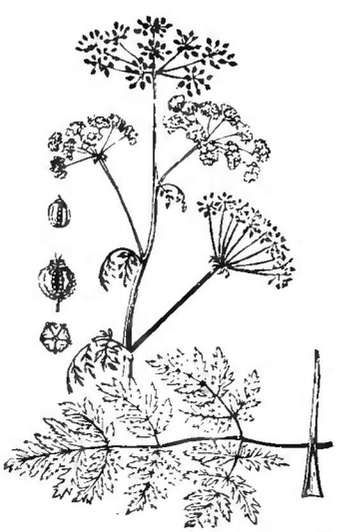


Fig. 181. — Cicuta grande ou medicinal.

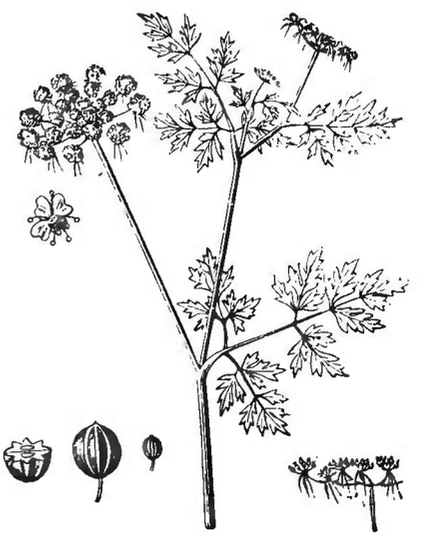


Fig. 182. — Cicuta pequena.

CICUTA DOS ANTIGOS, CICUTA DE SOCRATES, CICUTA MALHADA. *Conium maculatum*, L. Umbelliferas (fig. 181). Planta que habita nos logares humidos da Europa, á sombra dos muros, mas sobretudo nos cemiterios onde é mui commum. Em Portugal, acha-se entre Coimbra e Pereira, nos arredores de Lisboa; e outras partes em todo o reino; no Brazil encontra-se principalmente na provincia de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. O

succo d'esta planta, misturado com o das dormideiras deo a morte a Socrates. Quando principia a crescer, parece-se com a salsa hortense, e por isso é indispensavel que se saiba distinguil-a. A cicuta é uma planta de 1 metro a metro e meio; o seu caule é liso, ôco e marcado exteriormente de nodoas avermelhadas, donde lhe vem o nome; a raiz é branca, fusiforme. Estas nodoas, as folhas de um verde-escuro, as flores brancas, os fructos quasi globosos e marcados de entalhos transversaes, cheiro extremamente desagradavel, que se tem comparado ao da ourina de gato, são os seus caracteres distinctivos; a salsa, pelo contrario, tem as folhas de um verde-amarellado, que exhalam um cheiro aromatico quando esfregadas entre os dedos; flores brancas amarelladas e fructos ovaes. É essa variedade da cicuta que é empregada em medicina, na dóse minima, como narcotico e calmante.

2° **Cicuta pequena,** CICUTA DOS JARDINS, SALSA FALSA. *Aethusa cinapium,* Linneo. Umbelliferas (fig. 182). O seu caule tem 30 centimetros de elevação. Foi ás vezes confundida com a salsa hortense, *Apium petroselinum*, Linneo, de que é difficil distinguil-a quando não está em flôr. Estas duas plantas crescem frequentemente juntas nas hortas, o que torna o engano ainda mais facil. Na seguinte exposição achará o leitor algumas differenças entre estas duas plantas.

Cicuta pequena (fig. 182). Raiz delgada, sem cheiro.

Folhas de cor *verde-escura,* exhalam um cheiro desagradavel, quando esfregadas entre os dedos.

Caule cylindrico, tem nodoas avermelhadas em baixo.



Fig. 183. — Salsa hortense.

Flores brancas, em umbellas chatas, sem involucro.

Fructos globosos, estriados.

Salsa hortense (fig. 183). Raiz *frequentemente* grossa, tendo o gosto um pouco aromatico.

Folhas de côr *verde-amarellada,* que, esfregadas entre os dedos, exhalam um cheiro aromatico agradavel.

Caule verde côr das folhas.

Flores esbranquiçadas, dispostas em umbellas pedunculadas, providas de um involucro.

Fructos ovoides, quasi lisos.

A cicuta das hortas é um veneno violento. O Dr. Orfila vio morrer em uma hora um cão robusto ao qual fez engulir 200 grammas do succo d'esta planta. N'um jornal, *Archives de Médecine,* do mez de janeiro de 1830, acham-se referidos exemplos de duas pessoas que morrêram por terem

comido este vegetal em salada; a primeira foi acomettida, uma hora depois da comida, de vertigens, nauseas, de um estado comatoso, suores frios, e resfriamento geral seguido de morte; outra, tendo tomado um vomitorio, lançou uma porção do veneno, apezar d'isso morreo no fim de algumas horas. O Dr. Nicot vio expirar uma criança diante dos seus olhos; teve no principio caimbras no estomago; depois entorpecimento, nauseas, vertigens, vomitos abundantes; o rosto tornou-se azul, as extremidades frias, o pulso mui lento, e emfim, succumbio. Os vomitorios e a limonada de vinagre devem empregar-se em taes casos. *Veja-se* ENVENAMENTO.

As duas plantas Umbelliferas, que acabei de passar em revista, são, como já disse, venenosas : deve-se notar que a mesma familia contém vegetaes alimenticios, taes como a cenoura, o aipo, o cerefolio e a salsa.

O uso da cicuta foi introduzido na medicina em 1760 por Stork, medico do Imperador da Austria. Segundo as experiencias feitas primeiramente em animaes, e depois em si mesmo, reconheceo n'ella propriedades narcoticas, e a empregou nos scirrhos pouco antigos, molestia em que a cicuta é ainda hoje empregada; depois foi administrada contra a coqueluche e as molestias nervosas. As propriedades d'esta planta tem sido muito exageradas; e a experiencia tem demonstrado que não ha um só cancro verdadeiramente curado pela cicuta. Os unicos effeitos uteis, que ella póde produzir n'esta cruel molestia, consistem em acalmar as dôres latejantes de que é acompanhada. Empregam-se internamente as folhas na dóse de 10 a 120 centigrammas reduzidas a pó; o *extracto* das folhas na dóse de 5 a 60 centigrammas em pilulas. Externamente, sob a fórma de cataplasma, é applicada para as dôres nas affecções scirrhosas.



Fig. 184. — Cidra.

CICUTINA, CONICINA, CONINA ou CONEINA. Alcaloide liquido e volatil extrahido da cicuta. Obtem-se pisando as sementes da cicuta; diluindo-as na agua com cal extincta e carbonato de potassa, e distillando tudo

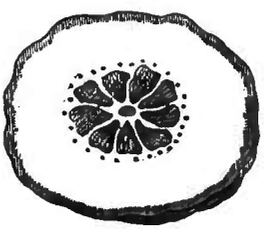


Fig. 185. — Corte da cidra.

no alambique. A cicutina é um liquido incolor ou levemente amarellado, oleoginoso, alcalino. densidade de 0,878; cheiro nauseoso, penetrante,

semelhante ao do percevejo; volatil, mui inflammavel; soluvel em 100 partes d'agua, e em 6 partes de ether; mistura-se com alcool em todas as proporções; toma a côr roxa ao ar. É mui venenosa : foi, todavia, aconselhada contra a asthma, na dóse de 1 gotta, com agua e assucar; porém é pouco usada. Administra-se'a em granulos impressos de 1/2 milligramma e 1 milligramma da fabrica de L. Frère, de Pariz.

CIDRA. Fructo da cidreira, *citrus cedra,* Gall., arbusto da familia das Aurantiaceas, cultivado no Brazil e em Portugal (fig. 184 e 185). Este fructo é volumoso, oval, mamilloso; com casca rugosa, tuberculosa, de côr roxa quando novo, amarella quando maduro. A casquinha, isto é a casca exterior, fornece por espressão ou distillação, uma essencia de cheiro muito suave. A casca interior é muito espessa, branca, tenra, carnosa e forma a parte a mais consideravel do fructo : fazem-se com ella doces muito agradaveis. A baga é muito pequena; contém um succo acido, sem uso.

CIDRILLA. *Verbena triphylla*, L'Hérit. Verbenaceas. Pequeno arbusto commum no Rio de Janeiro. Os seus ramos direitos são guarnecidos de folhas lanceoladas, pontudas nas duas extremidades, exhalando um cheiro de limão, quando esfregadas; flores dispostas em espigas axillares ou em panicula terminal nua. O chá de folhas emprega-se nas indigestões; prepara-se com tres ou quatro folhas e uma chicara d'agua fervendo.

CIEIRO. Pequenas rachas nos beiços. *Veja-se* RACHAS DOS BEIÇOS.

CINABRIO. É uma composição de enxofre e mercurio. *Veja-se* MERCURIO.

CINCHONINA. Um dos principios da quina. Apresenta-se em prismas quadrilateraes ou pequenas agulhas, anhydras, sem côr nem cheiro; de sabor amargo; soluvel em agua e no alcool, quasi insoluvel no ether. Possue as propriedades da quinina, mas em menor gráo.

CINNAMOMO. *Melia Azedarach,* Linneo. Meliaceas. Arvore da Persia e Syria, introduzida no Brazil, na provincia do Rio Grande do Sul, de que todas as partes são amargas. O decocto da casca emprega-se em lavatorios contra as ulceras. Tomado internamente provoca os vomitos; e, em grande dóse, poderia envenenar.

CINZA. Residuo da lenha. Contém silica, alumina, oxydos de ferro e manganez, saes de cal e de magnesia, e sobretudo saes de potassa e soda; estes ultimos abundam sobremaneira nas plantas que habitam nas margens do mar ou dentro d'elle. As cinzas empregam-se para a barrela e nas fabricas de vidro; fornecem tambem á agricultura um bom estrume. Em medicina, empregam-se na preparação de escalda-pés contra as dôres de cabeça, tosses, oppressões do peito, e para provocar a transpiração. Produzem leve irritação nos pés, muito mais fraca do que a farinha de mostarda.

Quando se mette a roupa na barrela, não se faz outra cousa senão pôr em contacto as substancias salinas contidas nas cinzas com as nodoas gordurosas da roupa; a potassa as ataca, forma com ellas uma especie de sabão, que é soluvel na agua quente, que passa depois muitas vezes

sobre esta roupa. A enxaguadura, em muita agua, limpa finalmente tudo. Os Inglezes fazem a barrela com potassa, de que deitam pequena quantidade para não queimar a roupa.

CIPÓ DE ALHO. *Veja-se* PÃO DE ALHO.

CIPÓ DE CABOCLO, CIPÓ DE CARIJÓ. *Veja-se* SAMBAIBINHA.

CIPÓ DE CHUMBO. *Custuta umbellata,* Humboldt. Cuscutaceas. Planta parasita do Brazil (fig. 186); não tem folhas, e vive sobre os arbustos vizinhos. Caules filiformes, de côr amarella-alaranjada, de sabor amargo; estendem-se de maneira que cobrem o vegetal que lhes serve de sustentaculo; flores umbelliformes. A infusão d'esta planta é tonica; prepara-se com 4 grammas de cipó de chumbo e 250 grammas d'agua fervendo. Usa-se nas molestias do peito.

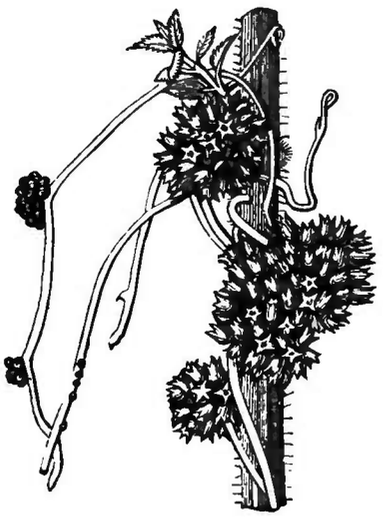


Fig. 186. — Cipó de chumbo.

CIPÓ DE COBRA. CAAPEBA, HERVA DE NOSSA SENHORA. *Cissampelos glaberrima,* Saint-Hilaire. Menispermeas. Planta herbacea do Brazil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule glabro, volubil; folhas ovaes, agudas, com a base arredondada; as flores masculinas inferiores dispostas em racimos, as superiores em corymbos; as flores femininas em espigas; fructo, drupa avermelhado com uma só semente; raiz formada de pequenos tuberculos. Toda a planta exhala um cheiro forte. As raizes, chamadas *batatinhas de cobra,* contusas, e diluidas em aguardente, administram-se, na dóse de 4 a 8 grammas, de 2 em 2 horas, nas picadas das cobras; e sobre a ferida applica-se a mesma raiz contusa. Porém os medicos duvidam do effeito d'este contra-veneno, no qual só acreditam alguns habitantes das localidades onde cresce a planta.

CIPÓ-CRUZ ou **DA CRUZ.** *Veja-se* CAINCA.

CIPÓ CURURÚ. *Echites cururu,* Martius, Apocyneas. Planta trepadeira do Brazil; habita especialmente no Rio Negro. A infusão do caule é purgativa, e como tal empregada pelos habitantes do Amazonas.

CIPÓ-GUYRA. *Bignonia guyra,* Riedel. Planta que habita no Brazil, no Alto-Amazonas. A raiz é purgativa; usa-se em cozimento.

CIPÓ SUMÁ (S. Paulo), PIRAGUAIA (Minas). *Anchietea salutaris,* Saint-Hilaire. Ionideas. Arbusto do Brazil. Caule ramoso, folhas alternas, pecioladas, ovaes, desigualmente denteadas; flores axillares, numerosas, dispostas em racimos sesseis; fructo, capsula muito grande, do comprimento de 55 a 80 millimetros, contendo muitas sementes; raiz longa, da grossura de um dedo para mais, com o parenchyma côr de rosa. A casca da raiz é purgativa, e emprega-se na dóse de 8 grammas, em pó ou infusão aquosa.

CIPÓ TIMBÓ. *Veja-se* TIMBÓ.

CIRCULAÇÃO. Trajecto que percorre continuamente o sangue para ir do coração aos orgãos, e voltar dos orgãos ao coração. Para bem comprehender o mecanismo d'esta importante funcção, é necessario lembrar ao menos a disposição dos agentes que são encarregados de preenchêl-a. (*Veja-se* o artigo CORAÇÃO, e as palavras *Arterias*, *Veias*, *Coração* no artigo ANATOMIA). Lançado na arteria aorta pelas contracções do ventriculo esquerdo do coração, o sangue, de côr vermelha, e carregado de principios nutrientes, corre rapidamente todas as divisões e subdivisões das arterias, e chega assim ao systema capillar geral, onde dá vida a todos os orgãos, ministra os materiaes de todas as secreções. Os vasos capillares, intermedios entre as ultimas ramificações das arterias e as mais delgadas radiculas das veias, transmittem este sangue, despido de sua qualidade vivificante e convertido em sangue preto, ás veias, cujas divisões, diminuindo successivamente de numero, vem todas juntar-se nas *veias cavas* que penetram na auricula direita do coração. Da auricula direita o sangue preto passa para o ventriculo direito; d'este logar é lançado pela arteria pulmonar nos pulmões, onde é revivificado pelo acto da respiração, que lhe restitue a côr vermelha. N'este estado volta ao coração por via da veia pulmonar; a auricula esquerda, que o recebe, transmitte-o ao ventriculo esquerdo, que se contrahe para expulsal-o pela aorta, e lhe faz principiar incessantemente o trajecto que acaba de percorrer.

CIRCUMCISÃO. Excisão ou simplesmente incisão do prepucio. Quando o prepucio é muito comprido e que incommoda na emissão das ourinas ou no coito, deve-se cortar uma parte d'elle, de maneira a que não incommode. A descripção da operação, acha-se á palavra PHIMOSIS.

CIRRHOSE DO FIGADO. *Veja-se* FIGADO.

CIRURGIA. É a parte da arte de curar que trata principalmente das molestias externas. A cirurgia operatoria é a parte da cirurgia que se occupa dos processos manuaes e instrumentaes destinados a curar essas molestias, isto é, das *operações cirurgicas, amputações*, *extirpações,* etc.

Para as operações cirurgicas e principalmente para as amputções, fabricam-se actualmente, caixas de instrumentos de cirurgia feitas de modo a realizar praticamente a aseptia dos instrumentos no momento da operação.

As fig. 187 a 189 representam uma d'essas caixas com todos os accessorios, e suas bandejas de metal nickelado.

O sñr Galante, celebre fabricante de instrumentos de cirurgia de Pariz, inventor d'este systema, fabrica estas caixas supprimindo n'ellas todas as guarnições de pelle, de velludo, de seda, etc., etc., adoptando simples compartimentos de madeira rija nos quaes cada instrumento está encaixado. Esses compartimentos tiram-se á vontade e encaixam-se exactamente nas bandejas metallicas independentes, que podem ser limpas absolutamente porque não têm nenhuma saliencia, nenhuma quina. São solidamente construidas em metal nickelado e fabricadas de modo a

contêr o conjuncto dos instrumentos contidos no estojo. Todos os ins-

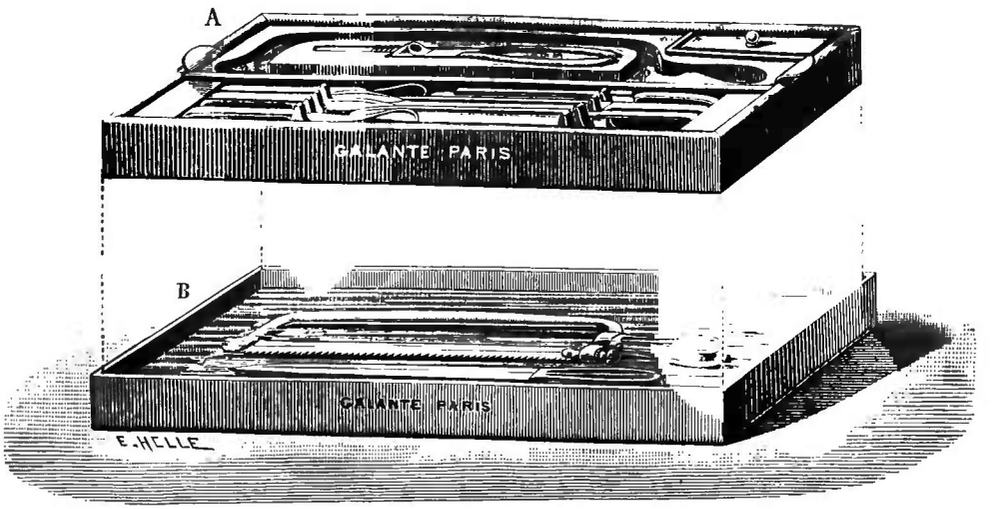


Fig. 187. — A. Compartimento com os instrumentos. B. Bandeja para mergulhar os instrumentos no liquido antiseptico; o compartimento A se encaixa na bandeja metallica B.

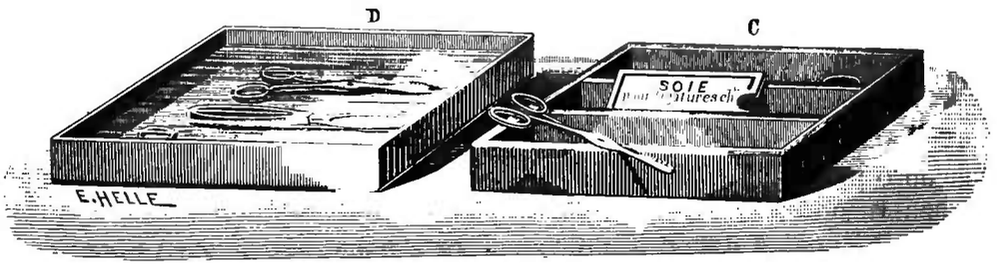


Fig. 188. — O compartimento C se encaixa na bandeja metallica D.

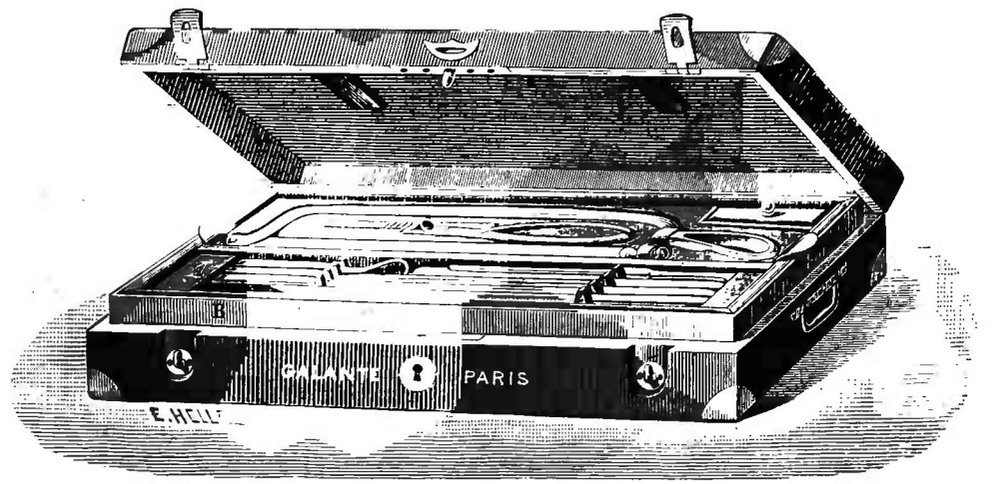


Fig. 189. — Caixa com instrumentos todos de metal para amputações e operações de grande cirurgia.

trumentos têm os cabos feitos de nickel massiço, onde se atarraxa so-

lidamente as laminas. Emfim, os instrumentos são todos de metal, o que permitte pois de, postos nas bandejas, serem mergulhados em qualquer liquido antiseptico.

CITRATO DE MAGNESIA. *Veja-se* MAGNESIA.

CIVETA. *Veja-se* GATO DE ALGALIA.

CLARA DE OVO. Materia liquida, viscosa, formada d'agua e de albumina, com alguns saes de soda, de cal e um pouco de enxofre. Tem a propriedade de coalhar pela acção do calor. As claras de ovo são empregadas contra a diarrhea; em bebida, duas claras de ovo n'uma chicara de cozimento de arroz, tres vezes ao dia; e em clysteres, duas claras de ovo n'uma chicara de infusão de linhaça duas vezes por dia. Este remedio simples tem curado diarrheas que tinham resistido aos remedios mais energicos. *Veja-se* ALBUMINA.

CLAUDICAÇÃO, COXEADURA, CÔXO. A claudicação reconhece por causas : 1° o alongamento ou encurtamento de um dos membros inferiores, o que tem logar nas deslocações espontaneas da coxa, depois de certas fracturas complicadas, depois das deslocações não reduzidas, etc.; 2° a ankylose de uma das articulações do membro inferior; 3° uma fraqueza ou paralysia dos musculos; 4° uma dôr, qualquer que seja a sua causa, no pé ou joelho.

A claudicação combate-se conforme as causas que a produziram; muitas vezes é incuravel. Quando é devida ao encurtamento de um membro, póde-se remediar até certo ponto por meio de calçado com salto alto. As diversas causas da claudicação são examinadas em cada artigo particular. *Vejam-se* ANKYLOSE, COXALGIA, PÉ TORTO, etc.

CLAVICULA. Osso comprido, situado de cada lado e quasi transversalmente por baixo do pescoço; póde ser facilmente percebido pelo tacto. Sua fórma é torcida e parece-se com a letra S. É menos curvo na mulher do que no homem.

Clavicula (*Fractura da*). *Veja-se* FRACTURA.

CLIMA. Clima é propriamente o espaço comprehendido nos mappas geographicos entre dois circulos parallelos ao equador; mas, por extensão, chama-se clima uma região em que a temperatura e as outras condições da atmosphera são pouco mais ou menos as mesmas. Os climas exercem sobre o physico e o moral do homem uma influencia poderosa, que resulta dos effeitos simultaneos da luz, do calor, da electricidade, da humidade, dos ventos, das producções e natureza do terreno, da posição dos logares, da cultura das terras, e talvez de alguns outros agentes não conhecidos.

Sendo os climas relativos á situação respectiva do sol e da terra, poderiam ser multiplicados indefinidamente, ou pelo menos marcados por cada gráo de latitude. Mas admittindo-se semelhantes divisões, os phenomenos naturaes que lhes correspondem poderiam confundir-se. Não se consideram por conseguinte senão tres climas principaes : quentes, temperados e frios. As regiões quentes são situadas entre o equador e o 30 gráo de latitude; os climas temperados estendem-se do 30 a 55 gráo, e os paizes frios d'este ultimo até aos polos.

Adoptando estas tres grandes divisões, necessariamente arbitrarias, a influencia do clima sobre o homem, e sobre todos os productos da natureza, está mui profundamente marcada. Seria demasiado longo este artigo, se me fosse preciso seguir esta observação debaixo do ponto de vista da historia natural, comparando os reinos animal, vegetal e mineral de cada uma das tres zonas. Para limitar-me ao que se percebe á primeira vista, lembrarei que as regiões intertropicaes efferecem os mais bellos quadros da natureza. A zona glacial, pelo contrario, privada do sol, apresenta-se bastante mesquinha, quanto ás especies viventes que n'ella habitam.

É maravilhoso para o naturalista ver a especie humana habitar desde o equador até ao 75 gráo de latitude. Quando se reflecte que no primeiro d'estes climas o thermometro sobe á sombra até 35 gráos, e que no outro desce até 50 gráos abaixo de zero, o que faz uma differença de 85 gráos, não se póde deixar de confessar que a organização humana é de admiravel flexibilidade.

Os gráos de latitude não dão proporções de temperatura uniformes e constantes. Assim, debaixo dos parallelos proximos ao equador, o calor varía apenas; entretanto que, á proporção que se marcha para a zona temperada e glacial, a differença thermometrica se faz sentir em distancias mais proximas. Perto do equador são preciso cinco e dez parallelos (550 a 1100 kilometros, ou 90 a 180 leguas) para ter um gráo de menos nas temperaturas médias annuaes. Em França, um espaço de 550 kilometros do sul ao norte dá um abaixamento thermometrico de tres gráos. Depois do circulo polar, acha-se um gráo de calor menos por cada latitude nova.

Fallemos agora de cada um dos grandes climas em particular.

Os *climas quentes*, que se estendem, em um e outro hemispherio, desde a linha até ao 30 gráo de latitude, comprehendem grande parte da America meridional, da Africa, da Asia, da Nova Hollanda, da Nova Guiné, e grande numero de ilhas. A temperatura média d'estas diversas regiões é de 22° a 43° centigrados. — O que alguns autores tem dito do calor do Senegal e do centro da Africa parece ser inteiramente exagerado. Os viajantes de boa fé não dão a essa temperatura além de 42 gráos; ella desce ás vezes no equador abaixo do 25°. O thermometro na zona torrida sustem-se constantemente acima de 12 gráos centigrados. Se desce ás vezes até zero ou nivel do gelo é só por acaso ou circumstancias locaes.

Segundo as observações feitas no Observatorio do Rio de Janeiro durante 17 annos, de 1851 a 1867, a temperatura média do Rio de Janeiro, concluida d'estes 17 annos, é de 23,636 do thermometro centigrado.

Indice de 17 annos de observações meteorologicas no Rio de Janeiro.

	TEMPERATURA MÉDIA.	NUMERO MÉDIO dos dias de chuva.		TEMPERATURA MÉDIA.	NUMERO MÉDIO dos dias de chuva.
Janeiro.....	26,254	10,8	Julho	21,332	4,9
Fevereiro.....	26,564	8,1	Agosto	21,448	6,0
Março.....	26,194	9,8	Setembro.....	21,775	9,1
Abril.....	23,057	7,1	Outubro.....	22,810	8,7
Maio.....	22,837	7,8	Novembro.....	23,921	8,4
Junho.....	21,173	5,5	Dezembro	25,101	11,9

Resulta d'este indiee, que a temperatura média do Rio de Janeiro é, como já disse, de 23,636; e o numero médio dos dias de ehuva, por anno, é de 98.

O numero médio dos dias de trovoada é, no Rio de Janeiro, de 25 por anno.

A maior temperatura que foi observada n'estes 17 annos, no Rio de Janeiro, foi de 27,6 (janeiro, 1863); e a menor, de 18,5 (setembro 1858).

Para apreeiar no seu valor real os doeumentos forneeidos pelo Observatorio do Rio de Janeiro sob o ponto de vista da thermometria, é preciso ter em conta uma eircumstancia importante; vem a ser a eondição particular do logar em que as observações foram feitas. Na épocea em que ellas se fizeram o Observatorio do Rio de Janeiro estava situado perto do mar, no morro do Castello, a 63 metros de altitude, e exposto á viração que corre do mar, oeeupava o antigo eonvento dos Jesuitas, eujas paredes apresentavam a espessura de mais de 1 metro, no qual as aberturas eram estreitas, onde tudo pareeia, em uma palavra, ter sido disposto para manter grande freseura interior. Assim, referindo-se unieamente aos resultados thermometrieos d'esse logar, poderiamos-nos enganar, porque estão longe de exprimir a temperatura real da cidade; esta temperatura acha-se sempre de 4 a 5 gráos mais elevada do que a temperatura publicada pelo Observatorio.

Em geral, o calor, no Rio de Janeiro, attinge o maximum em fevereiro; o thermometro não eomeça a indicar uma baixa sensivel senão em maio, chega ao minimum em junho e julho, fica quasi estaeionario n'este minimum até ao fim de setembro, e sobe rapidamente a partir de novembro. É a regra geral; ha, porém, excepções annuaes frequentes. Durante todo o anno, o momento do mais forte calor é á 1 hora depois do meio dia; o momento da maior freseura é ás 7 horas da manhã.

Apezar da serenidade eonstante do eéo durante a maior parte do anno nas regiões equinoxiaes, as chuvas são n'ellas mais abundantes do que nas outras zonas. Nas mesmas regiões observam-se, mais frequentemente do que nas outras partes, grandes commoções da atmosphera.

Os habitantes dos paizes quentes são mais especialmente sujeitos ás febres graves, ás hemorrhagias, ás molestias dos orgãos digestivos, ás

affecções nervosas chronicas, ás affecções cerebraes. As molestias do peito são n'ellas mais raras. A estação das chuvas e as primeiras semanas que a seguem immediamente são os tempos mais doentios. As differentes regiões da zona torrida offerecem á observação molestias que lhes são especiaes, taes como a febre amarella da America, o cholera das Indias, a peste do Oriente, a morphea, elephantiasis, etc. Póde-se viver n'ellas tanto tempo como nas outras regiões, sem entretanto possuir-se aquella actividade, aquelle vigor que caracteriza os habitantes dos paizes temperados.

Os climas extremamente *frios*, entre os quaes, avançando do lado do polo, contamos successivamente a Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, Siberia, Laponia, Islandia, Groenlandia, Kamchatka, a Nova Zembla, o paiz dos Lamoiedas, e Spitzberg, apresentam com os paizes precedentes, os maiores contrastes. Disse que, na linha, o thermometro centigrado eleva-se até 43 gráos; no septuagesimo quinto parallelo, e especialmente na ilha Melville, tem-se visto descer até quasi o quinquagesimo abaixo de zero. Assim o capitão Parry com a sua tripolação, e muitos outros marinheiros que sulcáram o Oceano desde o equador até além dos circulos polares, puderam comparar em si mesmos a impressão das temperaturas na escala enorme de mais de 80 gráos. As variações diurnas do calor são pouca cousa nas regiões dos polos; mas, em compensação, a differença annual é mais consideravel do que no equador. O capitão Franklin notou, na mesma latitude, entre o minimum do inverno e o maximum do verão, 81 gráos de variação, isto é, 50 abaixo e 31 acima de zero. Esta ultima temperatura (+ 31°) parece ao principio bem maravilhosa; mas attendendo-se a que n'estas regiões glaciaes o sol conserva-se sobre o horizonte sem interrupção desde o equinoccio da primavera até ao do outono, facilmente se comprehenderá como, n'este longo dia de seis mezes, a acção contínua dos raios solares é sufficiente para aquecer o ar. Além das influencias locaes, as chuvas são mais raras á proporção que se adianta para o norte. Depois do 55 gráo de latitude, e o equinoccio de setembro, a agua contida no ar cahe mais frequentemente debaixo da fórma de neve ou de saraiva. O frio, a immobilidade, o silencio da morte reinam na atmosphera. Na vizinhança dos polos nunca apparecem raios, relampagos, nuvens de agua, borrascas nem furacões. Comquanto seja nocivo o seu excesso, o calor não póde deixar de ser considerado como um principio vivificante da natureza, e por isso, além dos limites da zona temperada do lado do norte, as especies viventes soffrem ou céssam de existir. As arvores só chegam á altura dos arbustos; o mesmo decrescimento sentem todos os vegetaes. Esta lei de degeneração tambem existe na especie humana; sabe-se quanto é pequena a estatura das raças laponias, dos Samoiedas, dos Ostiacos, dos Tonguses, dos Esquimós. As molestias dos climas frios são menos variadas, menos numerosas e menos funestas do que as dos paizes quentes. As grandes epidemias são sobretudo mais raras n'elles. Estas molestias não offerecem particularidades notaveis quanto á especie, se se exceptuam as gangrenas por congelação.

Os climas *temperados*, situados entre os dois extremos, do trigesimo

até ao quinquagesimo quinto gráo de latitude, são os mais agradaveis para se habitar. Estes climas comprehendem quasi toda a Europa, a alta Asia, a grande Tartaria, o Thibet, parte da China, o Japão, a America septentrional, o Cabo da Boa Esperança, a terra de Diemen, a Nova Zelandia, parte do Chile, Montevideo, Buenos-Ayres, no Brazil a provincia do Rio Grande do Sul, etc. É raro que n'estes climas o calor se eleve acima do 37° gráo, e desça abaixo do 18° — 0. Não apresentam estes climas, como as regiões tropicaes, a belleza da vegetação, a excellencia dos sabores, a riqueza dos perfumes, o brilho das côres; mas a serenidade do céo, propicio aos fructos da terra, não obriga os habitantes dos paizes temperados a lutar incessantemente contra a sua inclemencia. Entretanto, esta zona tambem tem suas vicissitudes atmospphericas e suas molestias.

Passo agora a dizer algumas palavras ácerca das influencias locaes, ou dos climas accidentaes e particulares, que se distinguem em cada uma das grandes zonas terrestres que deixei indicadas.

Bem que o hemispherio meridional receba os raios solares na mesma direcção que o hemispherio boreal, é, entretanto, segundo as observações multiplicadas de Humboldt, sensivelmente mais frio em latitude igual. A differença é sobretudo notavel nos polos; a média das temperaturas do polo antarctico ou do sul é de 23 gráos abaixo de zero, entretanto que a do polo arctico ou do norte é sómente de 16 gráos. A immensa extensão dos mares no hemispherio austral explica em grande parte este phenomeno. Pela mesma razão, isto é, pela menor elevação da temperatura do ar sobre a agua do que sobre os continentes, as ilhas são mais temperadas do que a terra firme, debaixo da mesma latitude.

Porém a influencia mais notavel das localidades sobre os climas observa-se nas montanhas altas, e sobretudo nas dos paizes quentes. Subindo da base ao cume, observam-se, em algumas horas, os climas permanentes da maior parte do globo. No sopé das montanhas, os calores do equador e do verão; no cume, os gelos perpetuos dos polos e do inverno, e nas alturas intermedias, as gradações da zona temperada, da primavera e do outono. A vegetação segue o mesmo progresso n'esta escala rapida, como no globo inteiro; ricas e vigorosas na base, como debaixo do equador, as plantas diminuem á proporção que se approximam do cume; as que ahi nascem tornam-se mofinas, languidas, e subindo-se á altura de 4,000 metros, já não se encontra vegetação alguma. Sabe-se que, por causa da elevação do terreno, a cidade de Quito, bem que situada debaixo da linha, goza do clima dos paizes temperados, e que os Andes do Perú estão constantemente cobertos de neve.

A vizinhança dos pantanos influe muito na insalubridade do clima. Miasmas deleterios, que resultam das materias organicas em decomposição, levantam-se incessantemente d'estes logares empestados, e occasionam numerosas molestias. Tanto é nociva a vizinhança d'estes logares, quanto é salutar a das mattas. Enriquecem o ar de uma prodigiosa quantidade de oxygeneo, quando são aquecidas pelos raios solares; entretem uma frescura habitual na atmosphera, durante o verão, e no tempo

de inverno, diminuem a violencia do frio, paralysando o curso impetuoso dos ventos. As vastas planicies continentaes estão expostas a todas as vicissitudes atmospbericas, a todos os ventos; são mais quentes no verão e mais frias no inverno do que as outras localidades. A direcção das montanhas, relativamente ao sol ou sua exposição, influe consideravelmente na temperatura. Se uma montanha recebe todo o dia a acção dos raios do sol, a temperatura será mais quente do que devia ser na latitude em que ella se acha situada. O inverso terá logar no seu lado opposto. A luz e o calor são agglomerados e reflectidos pelas paredes dos valles; o ar n'elles está interceptado, e por isso a temperatura n'esses logares é muito mais branda do que em qualquer outra parte. A circumstancia da estagnação do ar n'estes valles é mui funesta aos habitantes d'estes logares, e por isso estão expostos a grande numero de paizes muito mais quentes do que eram antes de serem cultivados. Este facto não tem ainda explicação satisfactoria. É facil conceber que o esgotamento de um pantano torne sadia uma região. Mas porque é que a cultura da terra produz maior somma de calor? Ignora-se. Entretanto, o facto é indubitavel. A antiga Gallia e a Germania eram realmente mais frias do que o são hoje. O que prova isso de maneira inquestionavel, é que, muitos vegetaes que não podiam acclimar-se no tempo de Cesar e de Tacito, são hoje mui communs n'esses paizes.

O conhecimento da topographia de um logar não é sufficiente para determinar se o clima é ou não salubre. A terra, na sua revolução quotidiana, atravessa camadas de ar que tem qualidades diffcrentes; e é necessario que a atmosphera gyre com toda a terra, para que o clima de cada paiz se conserve permanente; pelo unico facto de sua situação debaixo da latitude de uma região infectada, participaria de seus maleficios. Quanto a outras particularidades relativas ao clima, *veja-se* ACCLIMAÇÃO.

Temperaturas médias em diversas latitudes em grãos do thermometro centigrado.

Abyssynia	+ 31,0	Pekim	+ 12,7
Calcutá	+ 28,5	Pariz	+ 10,8
Jamaica	+ 26,1	Londres	+ 10,4
Senegal (S. Luiz)	+ 24,6	Bruxellas	+ 10,2
Rio de Janeiro	+ 23,6	Strasburgo	+ 9,8
Cairo	+ 22,4	Genebra	+ 9,7
Constantina	+ 17.2	Boston	+ 9,3
Lisboa	+ 16,34	Stockholmo	+ 5,6
Napoles	+ 16,7	Moscou	+ 3,6
Mexico	+ 16,6	São-Petersburgo	+ 3,5
Marselha	+ 14,1	Monte São-Gothardo	— 10
Constantinopla	+ 13,7	Ilha Melville	— 18,7

CLOACA, VALLA, POÇO. (*Hygiene.*) A *cloaca* é uma excavação subterranea feita em forma de poço, onde vem ajuntar-se as aguas inuteis de uma casa, de uma rua, de alguma fabrica, por meio de canos de ferro ou de barro. Estas aguas perdem-se depois na terra, ou um cano ou aqueducto as conduz ao longe, a um rio por exemplo. Para que a cloaca esteja construida em boas condições é preciso que a terra

no meio da qual está cavada seja perfeitamente permeavel, de modo que a cloaca possa continuadamente receber novas aguas sem nunca ficar cheia. Quanto ao modo de construil-a, cava-se uma cova circular ou quadrada, e construem-se as paredes com pedras seccas sem argamassa, para impedir as terras de desabarem sem fazer obstaculo á infiltração das aguas; por cima d'esta alvenaria construe-se uma abobada solida, com uma abertura para dar passagem ao tubo que traz as aguas. Apezar d'estas precauções, os limos viscosos que depositam as aguas servidas, acabam por tornar impermeavel o fundo da cloaca; é preciso então despejal-a e limpal-a.

Devem tomar-se precauções quando se trata de alimpar uma cloaca. Procede-se ordinariamente a esta operação durante um tempo frio; deita-se primeiro na abertura da cloaca leite de cal grosso (solução de cal virgem em agua), que se agita com uma vara longa; despeja-se depois o liquido com baldes ou por meio de uma bomba; e antes de descer pela abertura da abobada, para tirar os limos, introduz-se na cloaca palha accesa; se o fogo não se apaga, póde-se descer na cloaca sem perigo. Eis-aqui a Ordenação do Chefe da policia de Pariz, concernente a este objecto, datada de 20 de julho de 1838, que está sempre em vigor na capital da França :

Instrucções relativas á limpeza e concerto das cloacas, poços e vallas particulares.

§ 1. *Poços e cloacas.* Quando fôr necessario alimpar um poço ou uma cloaca, ou descer n'ella para fazer alguns concertos, a primeira cousa que se deve fazer é assegurar-se do estado do ar n'ella contido; este ar póde ser viciado por differentes causas, e occasionar accidentes mui graves. É preciso pois descer uma lanterna accesa até á superficie da agua; se a luz não se apaga depois de arder por um quarto de hora, tira-se, e por meio de um peso atado a uma corda, agita-se fortemente a agua até ao fundo; torna-se a descer a lanterna, e se, depois d'esta segunda prova, a luz não se apaga, passados dez minutos, os obreiros podem principiar o trabalho; importa, porém, que estejam munidos de um cinto, atado a uma corda, por meio da qual possam ser tirados da cloaca, ao menor perigo de asphyxia.

Se a luz se apagar, deverá notar-se a que profundidade cessa ella de arder; e não se deve descer ao poço, porque a pessoa seria asphyxiada. O gaz ou ar mephitico, que não permitte nem a combustão nem a respiração, póde ser gaz acido carbonico, hydrogeneo sulfurado, ou a mistura d'estes gazes. Na incerteza sobre a natureza do gaz, cumpre, qualquer que elle seja, renovar o ar do poço, e para isso não ha meio mais prompto e mais certo do que a ventilação.

Para estabelecêl-a, é preciso, com taboas, gesso e barro, tapar hermeticamente a abertura do poço; no meio d'esta especie de tampa, ou perto da sua margem, se o poço é mui largo, fazer uma abertura de um decimetro de largo, sobre o qual collocar-se-ha uma fornalha que não poderá receber ar senão o do poço; ajuntar-se-ha perto da margem do

poço um tubo feito como os tubos para incendio, guarnecido por dentro de uma espiral de fio de ferro, para o manter aberto, e que descerá no poço até 1 decimetro da superficie da agua.

Estabelecido este apparelho, encher-se-ha a fornalha de carvão acceso, e cobrir-se-ha com tampa guarnecida de um tubo, afim de dar á fornalha a propriedade de activar a combustão, e de deslocar assim muito ar.

Quando a fornalha esteve em actividade durante uma ou duas horas, tira-se, e desce-se no poço a lanterna; se a luz se apagar ainda a pouca distancia da superficie da agua, será prova que o gaz mephytico se reproduz. Será preciso então despejar o poço, esperar alguns dias, esgotal-o de novo, e tornar a applicar a fornalha ventilante, e se não se poder applicar este apparelho, convirá substituil-o por qualquer outro ventilador cujo tubo irá tomar o ar no fundo do poço, para o deitar fóra. Póde-se tambem empregar um grande folle de couro, cujo tubo desça até á pequena distancia da superficie da agua.

Depois de quatro horas de ventilação, descer-se-ha a lanterna, e se ella se apaga, será preciso renunciar ao uso do poço e condemnal-o.

Se por um ensaio preliminar feito por um chimico, se reconhece a natureza do gaz deleterio que se quer destruir, podem empregar-se os reactivos seguintes :

Para neutralizar o acido carbonico, deitam-se no poço por meio de regadores muitos baldes de leite de cal, e mexe-se depois a agua fortemente.

Para destruir o gaz hydrogeneo sulfurado ou carbonatado, faz-se descer no fundo do poço um vaso de ferro, aberto, contendo uma mistura de 125 grammas de oxydo negro de manganez e de 375 grammas de sal de cozinha, sobre o qual se deita, repetidas vezes, 250 grammas de acido sulfurico do commercio, concentrado, marcando 60 gráos, conhecido debaixo do nome de oleo de vitriolo.

Póde-se tambem deitar no poço agua tendo em dissolução chlorureto de cal (30 grammas de chlorureto por litro d'agua); esta ultima operação é mesmo mais facil do que a precedente; e seus effeitos não são menos certos.

Para todos os casos, em que o poço exhalasse o cheiro de ovos chocos, e em que a luz não se apagasse, seria preciso, antes de descer n'elle, deitar-lhe muitos baldes da solução de chlorureto de cal em agua.

Se o gaz é o azote, é preciso ter recurso á ventilação, e verificar o seu effeito pela prova da lanterna accesa.

§ 2. *Vallas particulares.* Não se deve entrar n'uma valla senão quando uma véla ou um lampião póde ali arder, e quando a chamma d'este lampião não diminue de volume nem de intensidade de uma maneira sensivel.

Se o lampião não arder bem, empregar-se-ha quer a ventilação forçada, por meio do fogo, quer a ventilação por meio de um folle.

A entrada das vallas deve ser interdita a todo o obreiro que se achar no estado de embriaguez. »

As aguas têm uma composição muito variavel á vista das fontes

multiplices d'onde ellas emanam. Aguas provindas das usinas, das casinhas, das chuvas, materias organicas diversas, excrementos liquidos e solidos, etc. A podridão que ellas geram, torna-as improprias não só para entreter a vida dos animaes superiores, como até das especies as mais inferiores, taes como os infusorios; por contra, n'ella se encontra quantidade consideravel de bacteries e de fermentos. Ao nivel dos pontos onde desembocam as aguas dos esgotos principaes das grandes cidades formam-se fócos de infecção tão ruins que os peixes não podem ahi viver e a vegetação morre n'essas margens. O desenvolvimento dos gazes e os fetidos se explicam pela decomposição das materias organicas de onde exhalam com abundancia o acido carbonico, o hydrogeneo sulfurado e carbonado, o ammoniaco, etc. A infecção produzida por estas emanações pode ser mui consideravel a ponto de se tornar perigosa para a saude publica. O Tamisa do lado de baixo de Londres acha-se assim completamente envenenada; em Pariz, os esgotos deitam no Sena por anno, cerca de cem milhões de metros cubicos de aguas impuras.

Já se tentou purificar as aguas dos esgotos por meio de differentes processos : tapagem que faça depositar as materias solidas, a filtração que não pode ser applicada senão a pequenas quantidades de liquido e os processos chimicos pouco aperfeiçoados e quasi sem applicação. O melhor meio de sanear essas aguas consiste e fazel-as filtrar lentamente no proprio solo, fornecendo-lhe por este meio um estrume assaz util. Quando chegam nas camadas profundas da terra já estão completamente purificadas, e se ellas tornam a vir á superficie algures, correndo as ramificações das camadas subterraneas, ao memos já não são mais nocivas.

As aguas de certas industrias devem ser encaminhadas para longe das habitações e desinfectadas com o maior cuidado, por causa da intensidade de sua corrupção. As mais perigosas são as das fabricas de estêrco, das lavanderias e das fabricas de feculas. Estas aguas chegam a destruir todos os vegetaes que ellas regam.

Os esgotos devem ser construidos com pedras solidas e impermeaveis, e de grandes dimensões para que possam ser limpas e lavadas facilmente. Deve haver muito cuidado que haja grande ventilação e que sejam lavados constantemente no interesse da população e dos operarios que n'elles trabalham. Emfim, devem-se tomar as maiores precauções para evitar as inundações, as enchentes, e impedir as marés de repellir as aguas dos esgotos. São cuidados estes que estão debaixo da vigilancia da autoridade. Da boa execução d'elles depende a salubridade das cidades.

CLYSTER. Chama-se *clyster*, *cristél*, *ajuda* ou *mézinha* (corrupção de *medicina*) a injecção de um liquido que se faz no intestino recto por meio de uma seringa. O volume dos clysteres varía desde 120 a 500 grammas. Os que são empregados para provocar simplesmente os movimentos da defecação são de 360 a 500 grammas para os adultos, e de 120 a 150 grammas para as crianças; pelo contrario, os que são destinados a ficar dentro não devem exceder de 180 a 250 grammas para os adultos, e de 60 a 120 grammas para as crianças. Os clysteres

differem entre si pela natureza do liquido que se injecta. Umas vezes este liquido é agua simples; outras, é feito de materias alimentarias, e as mais das vezes de substancias medicamentosas. Distinguem-se assim os clysteres em simples, alimentarios e medicamentosos.

Clysteres simples. Seus effeitos variam conforme o gráo de temperatura em que são administrados. A agua tepida, na temperatura ordinaria do corpo, actua alargando quasi mecanicamente o grosso intestino, e provocando as contracções necessarias para a defecação. Expulsada, leva após si ordinariamente as materias qne enchem o grosso intestino, e um prompto allivio faz cessar todos os incommodos que procedem da accumulação d'essas materias. Aos individuos que soffrem habitualmente prisão de ventre, convem administrar-se ás vezes clysteres d'agua fria.

Clysteres alimentarios. Dá-se na fórma de clysteres, com intento de nutrir, caldo de carne sem sal, decocção de pão, gemas de ovos e leite. Estes liquidos, em pequeno volume, são promptamente absorvidos; mas são muito menos nutrientes do que se fossem digeridos pela acção do estomago e transformados em chymo. Comtudo, estes meios devem ser empregados sempre que os alimentos não puderem ser introduzidos no estomago, como nas molestias da garganta, ou quando são promptamente expellidos pelos vomitos. Os clysteres alimentarios devem ser administrados na temperatura natural do corpo, e sempre em pequena quantidade.

Clyster nutritivo.

Solução de peptona Catillon.....	1 a 2 colheres	Laudamno de Sydenham.....	3 ou 4 gottas.
Agua.....	1 copo.	Bicarbonato de soda....	30 centigram.

Para repetir 2 ou 3 vezes por dia.

Clysteres medicamentosos. Administram-se as substancias medicamentosas debaixo da fórma de clysteres, ou para poupar ao doente o aborrecimento de um medicamento desagradavel, ou porque o estomago se recusa á acção de uma substancia energica, ou emfim porque se póde por este meio actuar mais directamente sobre os intestinos doentes. Distinguem-se tantas especies de clysteres quantas são as differentes prescripções medicas. Indicarei as mais usadas.

Clysteres emollientes. Todas as decocções emollientes de folhas, flores e raizes de althéa, de malva, as de sementes de linho, são empregadas em clysteres. Estes clysteres preparam-se fervendo 15 grammas de uma d'estas substancias em quantidade sufficiente d'agua para obter 500 grammas, e coando em seguida o liquido. Póde-se tambem preparar um clyster emolliente com 15 grammas de polvilho. Os clysteres emollientes convem nas diarrheas e dysenterias agudas. Devem ser administrados mornos.

Eis-aqui o modo de preparar o *clyster de polvilho :*

Polvilho.....	15 grammas.
Agua fria.....	90 —

Dilua, e ajunte pouco a pouco e mexendo :

Agua quente..... 150 grammas.

Clysteres narcoticos. São os clysteres em cuja composição entra opio. Preparam-se juntando-se aos clysteres emollientes acima indicados 10, 20 a 30 gottas de laudano de Sydenham; ou deixando de infusão por meia hora 15 grammas de dormideiras em 300 grammas d'agua fervendo, e coando o liquido. Administram-se nos mesmos casos que os clysteres emollientes, e em pequena quantidade 250 grammas para poderem ser conservados.

Clysteres laxativos, Preparam-se com a solução de 30 grammas de polpa de cannafistula em 250 grammas d'agua quente; com a solução de mel de abelhas em agua tepida, com a mistura d'agua tepida e 60 grammas de azeite doce ou de oleo de ricino.

Clysteres purgativos. A infusão de 15 grammas de sene em 250 grammas d'agua fervendo; a dissolução de 60 grammas de sulfato de magnesia ou de sulfato de soda em agua quente, são os liquidos que servem para a preparação dos clysteres purgativos.

Administram-se tambem clysteres *adstringentes*, *vermifugos*, *antispasmodicos*, etc. Indical-os-hei, quando tratar das molestias em que convem.

Clyster nutritivo. Prepara-se com a solução concentrada de peptona Catillon, do seguinte modo :

Solução concentrada de peptona Catillon.	1 a 2 colheres.	Laudano.....	3 a 4 gottas.
Agua.....	1 copo.	Bicarbonato de soda.	30 centigr.

Que se administra, 2 ou 3 vezes no dia, ás pessoas que vomitam os alimentos que tomam.

É um meio muito empregado para sustentar as forças de certos doentes acommettidos de molestias da garganta, da bocca, do esophago, etc.

Os clysteres são de uso vulgar, de utilidade tão geralmente reconhecida, que não é necessario accumular razões para recommendal-os. Basta dizer que a administração de um clyster d'agua morna simples, desembaraçando o intestino das materias que o entupiam, distendiam constrangiam suas funcções, retinham emfim em seu interior gazes nocivos, restabelece a liberdade do ventre, acalma a irritação, e produz um allivio immediato. Quantas colicas não ha que, depois de resistirem aos medicamentos calmantes de toda a especie, aos banhos, ás fomentações emollientes, e até ás bichas, cedêram, como por encanto, ao effeito de uma injecção d'agua morna no grosso intestino?

Instrumentos para clysteres. Os instrumentos empregados para administrar ou tomar clysteres são : seringa com canudo recto ou curvo, differentes bombas chamadas clyso-bombas, sacco de borracha, (fig. 190) e o irrigador de Eguisier.

Irrigador Eguisier (fig. 191). Instrumento empregado para clysteres

ou injecções, e que substitue vantajosamente as seringas, as clyso-bombas, e outros instrumentos inventados para esse fim. Foi inventado pelo Dr Eguisier, e é hoje muito empregado. Funcciona por si mesmo mediante uma mola, e consiste em um corpo de bomba que tem no interior um mecanismo analogo ao das lampadas modernas; hoje geralmente empregadas. Enche-se, e dá-se-lhe corda absolutamente como



Fig. 190. — Sacco de borracha para clyster.

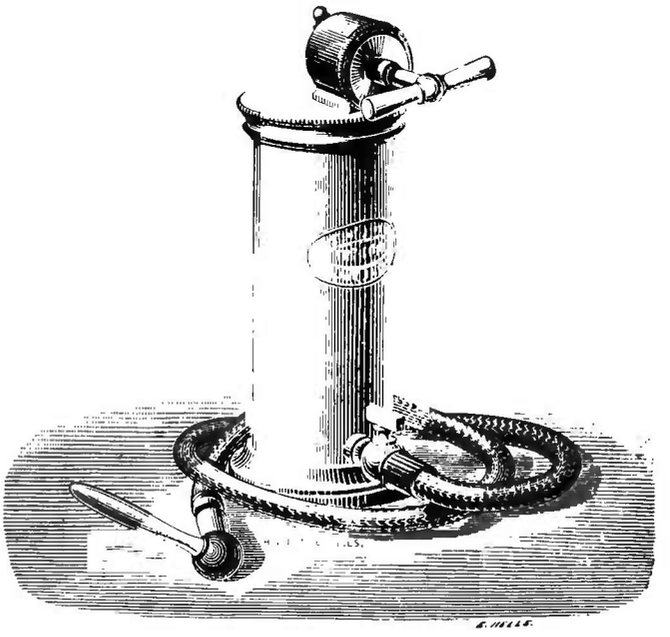


Fig. 191. — Irrigado Eguisier.

áquellas lampadas; ou como aos relogios; é guarnecido de um tubo flexivel, provido na sua base de uma torneira, e terminado na sua extremidade por um canudo. Prepara-se primeiro o liquido destinado para o clyster, deita-se no irrigador, dá-se corda ao instrumento, introduz-se a extremidade do canudo no logar que lhe é destinado, abre-se a torneira e a operação faz-se por si só. Com este apparelho não ha cousa mais facil do que administrar um clyster ao doente, mesmo ao mais fraco. O doente póde estar deitado de lado, ou de costas; póde introduzir elle proprio o canudo ou mandal-o introduzir por outra pessoa, sem ser obrigado a descobrir-se.

A fig. 192 representa um novo systema do irrigador Eguisier. É um irrigador tendo a parte central de crystal graduado como um copo de pharmacia, de 25 grammas até 500 grammas, podendo-se pois determinar a quantidade de liquido a introduzir internamente seja pelo recto ou pela vagina. Chama-se a este instrumento *Irrigador Filliat.*

A fig. 193 representa um novo apparelho para clysteres e outros mysteres. É da maior simplicidade, consistindo elle em um sacco de borracha, que se pendura a um prego, tendo na sua base um tubo tambem de borracha ao qual se adapta um pipo conveniente ao genero de remedio que se quer tomar, seja injecção, clyster, lavagem, etc.

Com este systema pode-se empregar qualquer liquido em qualquer

temperatura, funcciona automaticamente e a força de projecção do li-

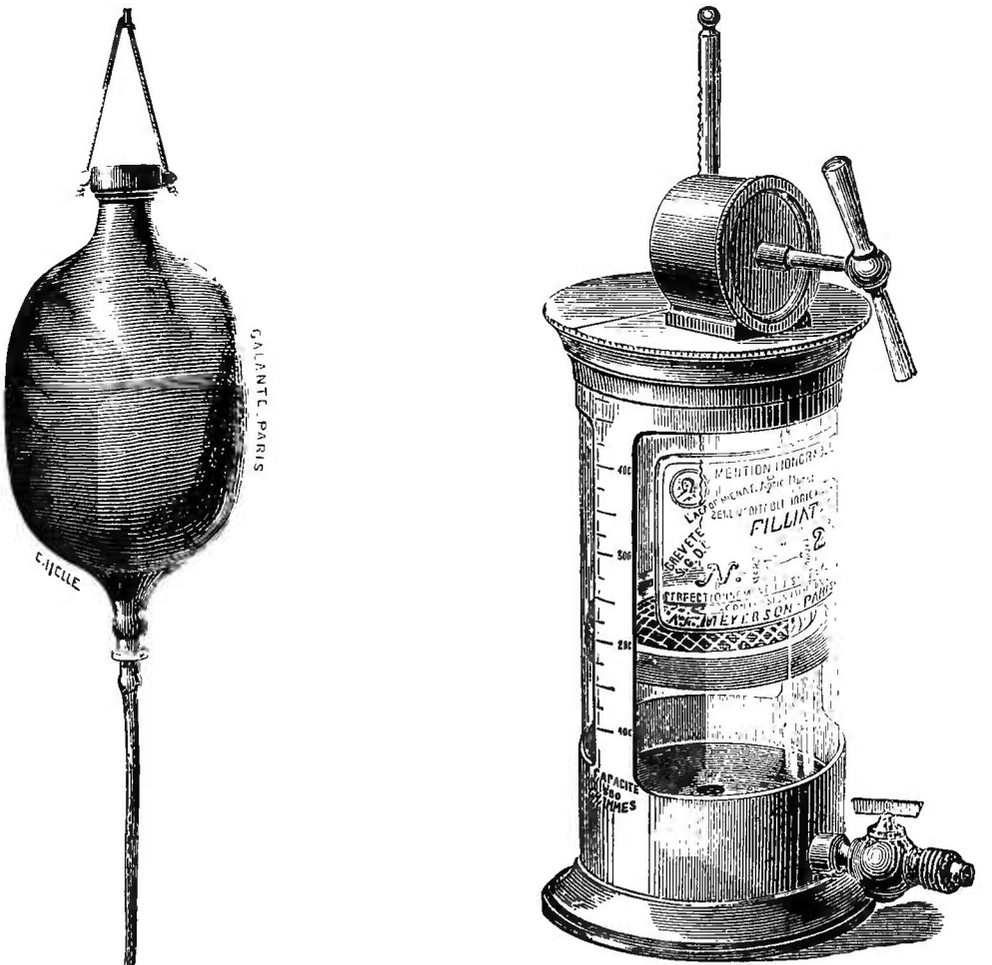


Fig. 192. — Irrigador Filliat systema Eguisier graduado.

Fig. 193. Sacco de borracha para duchas, lavagens, injecções, clysteres, etc.

quido é sempre constante durante todo o tempo da operacção. — A.



Fig. 195.

Fig. 194. — Vasa-garrafas. Apparelho para clysteres, injecções, duchas, lavagens, etc.

Pipo vaginal de borracha flexivel. — B. Pipo vaginal de vidro direito. — C. Pipo de vidro curvo.

As fig. 194 a 197 representam o mesmo systema adaptando-se a qualquer garrafa. O vasa garrafas é simplesmente composto de um tubo de esgoto disposto de modo a adapatal-o a qualquer garrafa.

Completa-se o apparelho por uma suspensão feita de cordel para suspender a garrafa e por uma pinça que serve de torneira. A ponta do tubo é feita de maneira a que n'ella se adapte um pipo qualquer.

O vasa-garrafas pode servir suspenso em um prego (fig. 194) ou seguro na mão (fig. 195). É muito natural que se encontre sempre á mão uma garrafa, o que reduz o volume do apparelho a simples tubo de borracha. O conteúdo de uma garrafa de agua mineral pode ser utilizado sem trasfego, adaptamdo-se o apparelho directamente na garrafa.



Fig. 196.



Fig. 197

Serve-se d'este systema do seguinte modo :

1° Em uma garrafa qualquer colloca-se o apparelho como está indicado na fig. 196;

2° Cobre-se o gargallo da garrafa com a capsula flexivel, fig. 197;

3° Aperta-se a pinça que se acha no tubo de esgoto;

4° Vira-se a garrafa com o gargallo para baixo, para pendural-a (fig. 194) ou conserval-a, na mão (fig. 195).

Todos estes apparelhos fabricam-se em casa de Galante e Filhos, afamados fabricantes de instrumentos de cirurgia, á rua da École de medicine n° 2, em Pariz.

Modo de dar ou tomar um clyster. Qualquer que seja o instrumento de que se faça uso, seringa, sacco de borracha, clyso-bomba, irrigador, deve haver cuidado que não contenha ar, o qual poderia produzir colicas; deve-se pois antes de introduzir o canudo, conforme o instrumento que se emprega, empurrar o embolo, comprimir a borracha, fazer monobrar a bomba, ou abrir a torneira do irrigador, de maneira que o liquido chegue até á ponta do canudo. Emfim, importa que a projecção do liquido no grosso intestino se opere regularmente, e antes lenta do que rapidamente; se fôr por sacudidellas ou accelerada, a commoção que resultaria d'esta maneira de proceder poderia occasionar colicas e impedir que a operação se complete.

Para dar convenientemente um clyster, é preciso que, na extensão de cerca de 3 centimetros, o canudo da seringa, da clyso-bamba, ou do irrigador, seja dirigido algum tanto para diante como para ir do anus para o embigo, afim de seguir a direcção do anus; chegado a esta pro-

fundidade, o canudo deve ser inclinado para traz, visto que o intestino recto segue a curvatura do osso sacro e se dirige fortemente n'este sentido acima do anus. Conformando-se a este preceito, póde-se penetrar sem inconveniente até duas ou tres pollegadas no interior; mas, a não ter um canudo flexivel, seria imprudente ir mais longe. Para facilitar a introducção do canudo, unta-se com azeite doce.

Se o canudo não entrou bastante no interior, a sua ponta encosta-se ás paredes do intestino, e o liquido passa de dentro para fóra á medida que penetra, ou resiste e não penetra. Apresenta-se a mesma resistencia mais acima, se o canudo não foi inclinado convenientemente para traz, ou se se embrulhou de qualquer maneira nas dobras do intestino. Póde sobrevir então um grave accidente. Com effeito, se, para vencer esta resistencia insolita, empurra-se a seringa, póde resultar d'isto uma esfoladura, e mesmo uma perforação do intestino. Estas especies de rasgaduras são igualmente possiveis pela unica acção do liquido comprimido com força na seringa assim encostada ou embaraçada. O enfermo experimenta então subitamente uma dôr violenta, seguida de desmaio e de symptomas nervosos mais ou menos espantosos. Ha exemplos de morte produzidos por semelhante imprudencia. Deve-se, pois, ter toda a cautela para evitar esta desgraça, que, aliás, não póde sobrevir senão dando o clyster com a seringa de estanho, e comprimindo fortemente o embolo; não póde ter logar servindo-se do irrigador, no qual a compressão feita pela mola não é muito forte.

COAJINGUVA. *Ficus anthelmintica,* Martius. Artocarpeas. Grande arvore do Brazil; habita no Amazonas e Rio Negro. Dá um succo leitoso, poderoso remedio contra as lombrigas, na dóse de 2 a 4 grammas, continuado por alguns dias. A amendoa é branca e doce, despojada da casca e assada é comestivel; é reputada aphrodisiaca.

COALHA-LEITE. *Galium luteum.* Linneo. Rubiaceas. É o nome vulgar de uma planta, commum nos prados da Europa, e que em Portugal habita nos montes e campos junto do Porto, Coja e outras partes da Beira septentrional. As suas flores são pequenas, amarellas, um tanto cheirosas, dispostas em pequenos ramalhetes ao longo da parte superior do talo. Na Inglaterra costumam mistural-as com o coalho de vitella, especialmente na preparação dos queijos chamados Chester. Não possuem, por si mesmas, a propriedade de coalhar o leite, como se crê vulgarmente, mas dão ao queijo um cheiro agradavel, e tingem-n'o de amarello.

COALHO. Substancia extrahida da membrana do quarto estomago ou ventriculo do bezerro não desmmamado, que se emprega para coalhar o leite na preparação dos queijos. Os ventriculos dos cordeiros e dos cabritos podem tambem servir para preparar o coalho. Obtem-se de differentes modos; eis-aqui um dos mais empregados : Toma-se o quarto ventriculo dos bezerros; tira-se d'elle o leite coalhado e lava-se em agua fria; depois, mistura-se este leite com volume de sal igual ao seu, e mette-se nos ventriculos previamente bem lavados. Introduzem-se em vaso de grcs muitos d'estes ventriculos contendo leite coalhado e sal-

gado; cobrem-se de sal. Alguns dias depois tiram-se do vaso, polvilham-se ainda com sal, e fazem-se seccar ao ar. Um pedaço de ventriculo de bezerro assim preparado, de superficie de 2 centimetros quadrados, posto de infusão durante doze a quinze horas, em 30 grammas d'agua morna, dá um liquido capaz de caolhar 12 a 15 litros de leite.

Um modo mais expeditivo de obter a acção do coalho, consiste simplesmente em mergulhar no leite um pedaço de coalho recente de bezerro, envolvido n'um saquinho de panno de linho. A substancia que os chimicos extrahíram da membrana mucosa estòmacal dos animaes mammiferos, chamada *pepsina*, goza tambem da propriedade de coalhar o leite sem a intervenção de um acido, e é ella sem duvida que constitue o principio activo do coalho; pelo que os pharmaceuticos de Pariz preparam uma infusão alcoolica de membranas mucosas, dos estomagos de porcos ou vitellos, que é um coalho mui efficaz e de facil conservação.

As leiteiras suissas conservam seccos os ventriculos de bezerros de 2 a 4 semanas; depois de cortados em pedacinhos, infundem-n'os em 1 litro de soro de leite, misturado com um pouco de sal; obtem d'esta maneira um coalho liquido que se prepara no momento da precisão. A quantidade necessaria para coalhar o leite depende da natureza do coalho que se emprega; só a experiencia póde servir de guia n'este caso; é preciso menos coalho no verão do que no inverno; o leite desnatado necessita mais do que o leite de que se não tirou a nata.

COALTAR. Alcatrão de carvão de pedra que gosa de propriedades desinfectantes. Misturando-o com um extracto de pao campeche a que dão o nome de Saponina, obtem-se um liquido bitumoso que se emprega puro ou misturado com agua. Misturado com glycerina ou com amido, tem sido empregado no tratamento de molestias da pelle e dos suores festidos.

Emprega-se'o sob a forma de Coaltar Saponiné Le Beuf, como antiseptico e desinfectante, no curativo das feridas, na leucorrhea, nas suppurações, nas ulceras, nas ptyriases, nas vaginites e gengivites, na angina coennosa, nos cancros e emfim como cicatrizante.

COATI. Animal da familia dos Carnivoros, do tamanho do gato domestico; tem a cauda muito comprida, o nariz movivel para todos os lados, como a tromba de elephante, e assaz prolongado adiante da bocca; tem os olhos pequenos e mui vivos, e a cauda annellada de trigueiro e preto; o corpo é coberto de pello mui curto, e aspero no lombo; para dormir enrosca-se formando uma especie de bola. Estes animaes vivem em pequenas tropas nos mattos do Brazil. Trepam facilmente nas arvores, e tem o olfato excessivamente desenvolvido; cavam covís com as unhas que são mui fortes. Alimentam-se de insectos, de pequenos mammiferos, de passaros, de ovos. São mansos, e domesticam-se com facilidade. Mas são assaz indoceis, não tomam affecto por pessoas, trepam em toda a parte, são curiosos, esquadrinham continuamente, e são, n'uma palavra, hospedes incommodos, bem que procurem as caricias. Exprimem a alegria por um grunhido brando, e a colera por um grito muito agudo. Conhecem-se duas especies d'estes animaes, uns

ruivos, outros pardos. Não se lhes dá caça senão por causa de sua pelle, que aliás é mediocre e pouco procurada.

COBRAS ou **SERPENTES.** Dá-se o nome de cobra ou serpente a um reptil de corpo alongado, cylindrico, desprovido de pés, que se move sobre o solo por meio das dobras que faz com o corpo. O queixo é mui dilatavel; não tem canal auditivo externo; a pelle é coriacea, escamosa ou granulosa, coberta de uma epiderme caduca tnteiriça, que se separa toda junta, e se reproduz muitas vezes por anno. A cabeça não é separada do corpo por um pescoço distincto, e a cauda mais ou menos longa, nem sempre é distincta do corpo. O nnmero das vertebras é ás vezes de 200 a 300; e estes ossos são articulados de maneira que os movimentos podem effectuar-se em todos os sentidos; o numero das costellas é tambem consideravel.

Os movimentos que as cobras executam são mui variados; produzem-se por meio das sinuosidades que imprimem ao corpo.

Geralmente, as cobras não tem palpebras, mas a pelle da cabeça estende-se por diante do globo do olho, e forma um véo transparente e immovel: esta disposição dá ao olho das cobras uma fixidade espantosa, que não deve contribuir pouco para o susto que ellas produzem. A lingua d'estes reptis é molle, inteiramente carnosa, extremamente extensivel, e entra n'uma bainha que se acha na garganta; é fendida profundamente na sua extremidade livre, e forma assim duas pontas flexiveis, que podem separar-se e vibrar quando este orgão se acha fóra da bocca. Bem que se lhe dê vulgarmente o nome de *dardo*, é incapaz de picar, e além d'isto, não se termina em ponta de frecha, como os pintores a representam ás vezes.

A bocca das cobras é grande, a queixada inferior é susceptivel de sahir da articulação, para dar maior extensão á garganta, e por esta razão as cobras podem engulir corpos de diametro tres vezes maior que o seu. Os dentes das cobras são pequenos; as especies venenosas tem, além d'isto, de cada lado da queixada superior, dentes curvos, com um pequeno canal e communicando com uma vesicula cheia de liquido venenoso (fig. 198). Em algumas especies estes dentes escondem-se n'uma dobra da gengiva, quando a cobra não quer servir-se d'elles. Quando o animal irritado pica, estes dentes penetram na carne, e depõem n'ella o veneno fatal. Perto da base d'estes dentes acham-se dois ou tres germes destinados a substituirem os primeiros, no caso de serem estes destruidos por algum accidente. Estes dentes cahem em cada muda da pelle, a qual tem logar duas vezes no anno; mas logo tornam a apparecer; eis a razão pela qual as cobras não são perigosas então; infelizmente, não se sabe o tempo que dura a ausencia d'estes dentes.



Fig. 198. — Bocca de uma cobra venenosa.

A geração das cobras é ordinariamente ovipara: a femea põe um certo numero de ovos, de 30 a 40, em qualquar logar humido e quente,

como um monturo, por exemplo: estes ovos são cobertos de uma pellicula semelhante ao pergaminho. Ás vezes entretanto, sua incubação faz-se no corpo da femea, de sorte que os filhos vem ao mundo debaixo da fórma que é propria aos pais. Estas especies de cobras são chamadas viviparas.

As cobras podem reconhecer-se nos logares que não são cobertos de arvores, pelo movimento das hervas que se agitam, e se curvam debaixo do seu peso; percebem-se tambem de longe, enroscadas sobre si mesmas, e formando assim á superficie da terra um circulo assaz volumoso. Ou porque ellas busquem naturalmente a humidade, ou porque a experiencia lhes tenha ensinado que as margens das aguas são sempre frequentadas pelos animaes de que fazem presas, escolhem o seu covil perto dos pantanos, fontes e rios. Rojam, trepam, saltam, nadam com grande facilidade, e com muita celeridade. Algumas ha que se agarram e se dependuram nos ramos das arvores. Vêem-se outras que andam n'uma posição vertical, sustentando-se sobre a cauda enrolada em espiral, e erguendo a cabeça a uma altura consideravel.

O tamanho das cobras varía muito nos differentes generos. Umas tem apenas 20 centimetros de comprimento, outras 4 metros; e certas especies tem 9 metros de comprido e 50 centimetros de largo.

As cobras acham-se em todas as partes do mundo; as de maiores dimensões existem nas regiões intertropicaes. A sua alimentação é inteiramente animal; os insectos, os molluscos, os vermes, as lagartixas, as rãs, certos peixes, etc., são a presa das pequenas especies; mas os mammiferos não escapam á voracidade das grandes especies. A deglutição faz-se lentamente; além d'isto, a digestão é mui lenta, de sorte que quando as cobras se apoderam de uma presa enorme, acontece que a parte que se acha no estomago está completamente dissolvida, em quanto a outra está ainda intacta na garganta.

O numero das especies de cobras actualmente conhecidas é de cerca de 500. Dividem-se em *venenosas* e *não venenosas*. O numero das cobras venenosas é muito menor do que o das não venenosas. Bem que estas não sejam menos temidas que as venenosas, são entretanto animaes mui mansos e incapazes de se tornarem nocivos. Timidas e cheias de susto, longe de atacarem alguem, habitam os logares escondidos para se porem a salvo de seus numerosos inimigos. Não sahem de suas moradas senão para procurar o seu alimento, que consiste em insectos, vermes, sapos, etc.; prestam por conseguinte, um verdadeiro serviço aos campos e á agricultura.

Caracteres das cobras venenosas. Differem segundo os paizes. Os effeitos do seu veneno variam segundo a especie. Examinando só as fórmas exteriores, é extremamente difficil distinguir as cobras venenosas das que o não são. É necessario grande habito para achar, na fórma e na disposição das escamas, um caracter sufficiente para reconhecêl-as á primeira vista; e entretanto, quanto seria importante semelhante distincção! A presença dos dentes venenosos é a unica differença saliente entre ellas.

O Brazil possue perto de cem especies de cobras descriptas e classificadas, e d'estas apenas perto de uma duzia são venenosas.

As cobras venenosas do Brazil pertencem ás duas familias, as Crotalidas e Elapidas. Os dentes conductores do veneno das primeiras são erectis, os das segundas immoveis. Os dentes das Crotalidas estão ordinariamente encostados ao paladar, e, apezar de muito compridos, são escondidos pelas gengivas. É tão sómente nas occasiões de serem empregados contra alguma victima que as pontas são voluntariamente afastadas do paladar, e dirigidas para baixo. Afóra estes, as Crotalidas não tem senão dentes palatinos (fig. 200).

Os dentes das Elapidas conservam-se sempre immoveis. Não são perforados como os das Crotalidas, e mostram apenas um sulco longitudinal na sua superficie convexa, para a conducção do veneno. Tambem as Elapidas não tem outros dentes maxillares superiores, e só palatinos no céo da bocca. Os dentes sulcados das Elapidas, pela sua posição dianteira na bocca, prestam-se bem ao seu fim.

Ha outras cobras brazileiras que possuem dentes mais compridos do que os outros, e sulcados para a conducção da secreção de uma glandula, mas estão situados muito posteriormente na bocca, e são por isso mais difficeis de empregar. Estas cobras são consideradas venenosas por alguns naturalistas, mas parece que o seu veneno serve só para abrandar a resistencia das suas victimas, durante a deglutição; pois é só durante este acto que os seus dentes sulcados posteriores poderiam entrar em acção. O Dr Wucherer, medico da Bahia, fallecido em 1873, cita entretanto um exemplo da mordedura da serpente d'esta especie ter causado uma inflammação assaz aguda no homem. As especies brazileiras d'esta categoria sobem ao numero de trinta.

Não ha outro caracter distinctivo que pertença exclusivamente ás cobras venenosas, afóra o dente furado acima descripto; mas as Crotalidas, de per si, possuem uma particularidade pela qual facilmente se distinguem de todas as mais cobras. Esta particularidade consiste em uma cova situada na face, entre o olho e a venta, assemelhando-se a esta, mas um pouco maior. Apresenta-se ella como um buraco fundo, arredondada, com as bordas talhadas á pique; está em relação de contiguidade com o grande dente furado conductor do veneno.

As principaes cobras venenosas do Brazil são :

1° **Cobra cascavel, Boiquira,** ou **Boicininga,** *Crotalus horridus*. Daudin (fig. 199). É uma das mais venenosas que se conhecem. Acha-se em Minas Geraes, na Bahia, e sobretudo nas provincias do norte do Brazil. A actividade do seu veneno é tal, que mata em mui pouco tempo. Não ha animal que não sendo soccorrido possa sobreviver á mordedura d'ella; o veado, o boi, o cavallo, feridos pelo seu dente fatal, são condemnados a uma morte cruel e inevitavel, se a medicina não vem em seu soccorro. O comprimento do corpo é de 1 metro 30 centimetros a 2 metros; ha entretanto algumas que não passam de 60 centimetros, e estas são mais perigosas ainda, porque se escondem mais facilmente. A parte superior do corpo é de côr cinzenta, com grandes manchas ane-

gradas rhomboides, bordadas de listras branco-amarelladas; ventre de um branco-amarellado sem manchas; a extremidade da cauda é de côr preta. Na ponta existe um guiso composto de ossinhos, revestidos de uma membrana cornea delgada, cujo numero augmenta todos os annos e vai de um até quarenta. Este guiso faz ruido quando o animal roja, c é por causa d'este apparelho que se deo o nome de *cascavel* ás cobras d'esta especie.

Os pequenos cascaveis, porém, que não excedem de 1 ou 2 annos não tem guisos. O ruido que fazem com a cauda imita o das folhas seccas, ou o que produzem duas pennas de ganso, esfregadas fortemente uma contra a outra. Dizem que se ouve o ruido a mais de 30 metros de distancia; porém, ordinariamente, não se ouve além de doze a quinze passos, e no andar ordinario é tão fraco, que é preciso approximar-se muito do animal e escutar bem para percebêl-o.

No paladar existem duas fileiras de pequenos dentes pontudos; a queixada inferior é igualmente guarnecida de pequenos dentes. A queixada superior tem duas espinhas curvas e pontudas, furadas ao comprido, e escondidas em uma especie de bolsa, d'onde sahem quando a cobra quer morder, e que são os dentes venenosos. Por cima d'estes dentes existe uma glandula onde se acha depositado o liquido venenoso que corre pelo canal interior do dente.

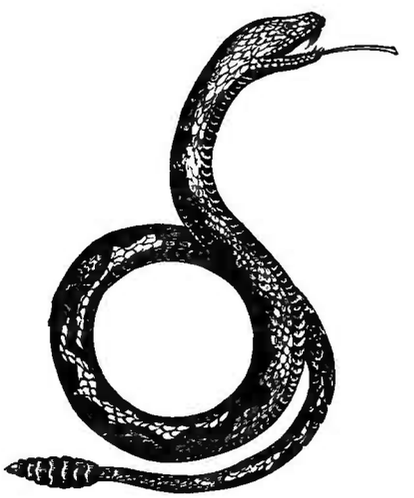


Fig. 199. — Cobra cascavel.

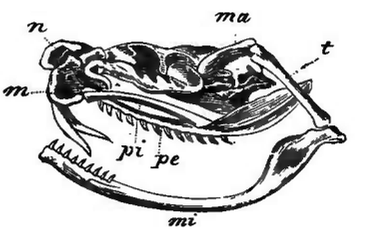


Fig. 200. Esqueleto da cabeça da cobra cascavel (*

A figura 200 representa o esqueleto da cabeça da cobra cascavel.

Apenas alguma parte do corpo é mordida por um d'estes animaes, sente-se dôr aguda no logar ferido, que se propaga a todo o membro e ao interior do corpo; apparece inchação, e o tumor que ella forma é ao principio duro e pallido, mas depois torna-se vermelho, livido e gangrenoso; augmenta, e estende-se pouco a pouco; sobrevem desmaios, ás vezes vomitos e movimentos convulsivos; o pulso torna-se frequente, pequeno, irregular; a respiração difficil; ha suores frios e abundantes; perturbação da vista e das faculdades intellectuaes; sahe sangue negro pelas aberturas do corpo. Prostração extrema, esfriamento da pellc, difficuldade de engulir, e augmento das convulsões precedem a morte.

(*) Esqueleto da cabeça da cobra cascavel. — *m*, dentes venenosos; *n*, osso vomer; *ma*, osso mastoideo; *t*, osso tympanico; *mi*, mandibula inferior; *pi*, *pe*, dentes não venenosos.

Reinava no vulgo a opinião que a mordedura da cobra cascavel cura a morphéa, e não occasiona a morte dos doentes. Alguns factos espalhados pela ignorancia e credulidade determináram, ha ja muitos annos, no Rio de Janeiro, um doente, atacado d'esta enfermidade, a tentar a prova de um meio cuja ideia faz estremecer. Vou contar a sua infeliz historia, que servirá para destruir os funestos erros que ainda possam reinar a este respeito.

Mariano José Machado, natural de Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul, no Brazil, de 50 annos de idade, estava atacado de morphéa, pelo que, havia quatro annos, residia no hospital dos Lazaros do Rio de Janeiro. Aborrecido da vida, sahio d'ali em 3 de setembro de 1838, bem resolvido a tentar a prova da mordedura da cobra cascavel, apezar dos prudentes conselhos de muitos medicos, que duvidavam do bom exito d'este perigoso meio. Mariano José Machado era um homem de estatura ordinaria, de constituição athletica, tinha a pelle do corpo coberta de tuberculos sem ulceração, o rosto apresentava uma hedionda deformidade; dos dedos tinham já perdido a forma, a epiderme separava-se d'elles com facilidade, e as unhas estavam alteradas. Existiam de baixo dos braços pustulas de natureza dartrosa.

Não podendo por mais tempo soffrer as anxiedades de sua molestia, foi Mariano á casa da rua da Imperatriz nº 61, no Rio de Janeiro, onde se achava uma cobra cascavel, e em presença de um grande numero de pessoas deixou-se morder pelo terrivel animal. Antes de tentar a prova, disse que obrava pelo unico impulso de sua vontade; e n'uma declaração assignada por elle em presença dos espectadores reunidos, assumio sobre si toda a responsabilidade. Feito isto, introduzio a mão direita atravez das grades da gaiola, e agarrou a cobra. Esta quiz fugir ao principio, e depois lambeo-lhe a mão; mas sentindo-se apertada com força, mordeo-lhe no dedo. A mordedura teve logar ás 11 horas e 50 minutos da manhã, no dia 4 de setembro de 1838. Mariano não sentio a impressão dos dentes, nem a acção immediata do veneno introduzido na ferida; reconheceo sómente que estava mordido pelo corrimento do sangue, e pela inchação ligeira da mão. Cinco minutos depois experimentou uma sensação de frio na mão. Ao meio dia, manifestou-se uma dôr pequena na palma da mão. Em vinte minutos esta parte entumeceo consideravelmente; em 30, o pulso tornou-se forte. No fim de 58 minutos, ligeira alteração da vista, comichão em diversas partes do rosto. O volume da mão augmentou, a dôr estendeo-se ao antebraço. Á 1 hora e 20 minutos, tremor de todo o corpo, sensibilidade ao tocar. Á 1 hora e 36 minutos, perturbação intellectual, pulso mais frequente; difficuldade nos movimentos dos beiços; tendencia ao somno, aperto da garganta; a dôr estendeo-se a todo o braço; a inchação da mão augmentou. Á 1 hora 38 minutos, sentimento de frio, necessidade de cobrir-se. Á 1 hora e 48 minutos dôr da lingua e garganta, que se estendia até ao estomago. Ás 2 horas e 5 minutos, difficuldade de fallar; 20 minutos depois difficuldade de engulir; alguma anxiedade; suor copioso no peito. Ás 2 horas e 38 minutos, prostração, fluxo de sangue pelo nariz, inquietação,

pulso 96 pancadas por minuto. Suor geral ás 3 horas e 4 minutos; gemidos involuntarios : grandes dôres nos braços, injecção do rosto, hemorrhagia nasal contínua. Ás 3 horas e 35 minutos o doente engulio, sem difficuldade, agua com vinho; uma côr vermelha manifestou-se sobre todo o corpo, sahio sangue por uma das pustulas que se achavam debaixo dos braços. A côr da pelle tornou-se mais escura, sobretudo no braço mordido ; dôres atrozes nos membros superiores não consentiam o menor repouso; aperto da garganta, respiração difficil. Ás 4 horas e 50 minutos, pulso de 104 pulsações por minuto, grande calor por todo o corpo, salivação. Ás 5 horas e meia, ourinas abundantes. Ás 7 horas, somnolencia, gemidos; o doente acordou com uma forte dôr no peito, e grande aperto na garganta; emissão copiosa das ourinas, continuação da hemorrhagia nasal. Administrou-se-lhe uma bebida composta de agua, assucar e aguardente, que não pôde engulir. Ás 9 horas e um quarto, somno profundo. Ás 10 horas tomou tres colheres de infusão de guaco. Ás 11 horas tomou quatro colheres de infusão de guaco. Á meia noite somno. Meia hora depois despertou o doente com anxiedade, gritou, exigio confessar-se; continuou a tomar o guaco de meia em meia hora. Ás 9 horas e tres quartos, grande prostração, movimentos convulsivos do queixo e das extremidades inferiores, ourinas sanguinolentas. Ás 10 horas, applicáram-se-lhe dois causticos nas coxas, deo-se-lhe um clyster com aguardente, e pela bocca 30 grammas de oleo de lagarto. Ás 11 horas e meia, isto é, quasi 24 horas depois da mordedura, falleceo. O cadaver tornou-se livido, inchou consideravelmente em poucas horas, cobrio-se de nodoas roxas, e exhalava um cheiro mui fetido.

Além do *Crotalus horridus*, Daudin, unica cobra cascavel que se encontra no Brazil, existem mais cinco d'este genero, que todas habitam na America do Norte. São: *Crotalus durissus*, Linneo; *Crotalus confluentus*, Say; *Crotalus miliaris*, Linneo; *Crotalus tergeminus*, Say; *Crotalus adamentanus*, Palissot de Beauvois.

2° **Surucucú.** *Lachesis rhombeata*, Neuwied. Acha-se nas provincias do Rio de Janeiro, Pernambuco e outras. Côr amarella-alaranjada, tendo nas costas uma serie longitudinal de grandes manchas rhomboides de um roxo-preto, cada uma das quaes contém duas pequenas manchas de côr amarellada. Comprimento 2 metros 30 centimetros, pouco mais ou menos. Na parte anterior do queixo superior, e de cada lado, existe uma comprida bainha com dentes venenosos, sendo o mais grosso quasi de 27 millimetros de comprimento. Perto d'este dente e dola do externo, acha-se outro menos formado, e por detraz d'elle, tres ou quatro, ou talvez mais, escondidos nas carnes; todos estes dentes venenosos são mais ou menos formados; os mais pequenos são ainda molles e não tem canal. No paladar existem duas fileiras longitudinaes compostas de 12 dentes pequenos; depois dos tres primeiros dentes existe um espaço vasio; os dentes posteriores são maiores. No queixo inferior acha-se de cada lado uma fileira de dentes pequenos e numerosos; os de diante são mais apertados. Esta cobra é muito venenosa.

3° **Surucucú bico de jacca.** *Lachesis muta.* Amarello, com grandes manchas rhomboides ao longo do dorso.

4° **Jararaca.** *Cophias jararaca*, Neuwied. Côr roxa-cinzenta, nodoas escuras, que são de côr mais clara nas margens; ventre esbranquiçado. Comprimento 1 metro e meio; os individuos novos tem 65 a 80 centimetros de comprido. No queixo superior, e de cada lado, acham-se um perto do outro dois dentes enormes, curvos, furados, que são venenosos; o dente externo, bem que do mesmo tamanho, é menos formado, e parece que só o dente interno é proprio para o uso. Atraz d'estes acha-se um terceiro dente igualmente furado, destinado a substituir os dois primeiros; e depois acham-se ainda quatro dentes venenosos, mais pequenos, e que vão diminuindo de tamanho. Todos estes dentes acham-se contidos n'uma especie de bolso, e o dente principal communica-se com a glandula venenosa por meio de um canal que o atravessa em todo o seu compirmento. No paladar existem duas fileiras de dentes muito mais pequenos, curvados para traz, quinze em cada fileira. O queixo inferior contém de cada lado uma fileira de dentes pequenos.

As cobras d'este genero chamam-se *Jararaca*, e *Jararacussú* quando são grandes. D'estes genero conhecem-se hoje seis especies brazileiras.

O veneno da jararaca é menos perigoso do que o da cascavel e do surucucú. Raras vezes a mordedura d'esta cobra é mortal. Os phenomenos são quasi sempre locaes : inchação do logar mordido, vermelhidão da pelle, bolhas cheias de liquido azulado, etc. Depois da quéda das partes gangrenadas, a ferida cicatriza-se ordinariamente com facilidade.

5° **Cobra verde** ou **surucucú patioba.** *Cophias bilineatus*, Neuwied. Côr verde-clara-azulada: de cada lado do corpo uma linha longitudinal de um amarello-pallido; nas costas pequenas manchas denegridas; olha atravessado por uma listra preta; margens dos queixos de um amarello-verde; todas as escamas orladas de preto. Comprimento 66 centimetros. Esta cobra tem dentes venenosos, que a tornam mui perigosa. O principe Maximiliano de Neuwied, que a descreveo, encontrou-a na vizinhança de Villa Viçosa.

6° **Cobra coral.** *Elaps Marcgravii*, Neuwied. Cabeça larga, romba; anneis pretos, verdes-claros e vermelhos alternam sobre o corpo. Comprimento 66 centimetros pouco mais ou menos. Na parte anterior de cada lado do queixo superior acha-se um dente curvo, de 3 millimetros de comprimento, escondido em parte na gengiva, ou antes n'uma membrana; perto de sua raiz existe um outro dente ainda mais pequeno, mas nenhum d'elles é furado. Além d'estes dentes, acham-se no paladar duas fileiras de dentes pequenos, e no queixo inferior uma fileira de cada lado.

Ha mais outras especies de cobra coral, que são : *Elaps corallinus*, Neuwied; *Elaps lemniscatus*, que só differem na disposição dos anneis que existem no corpo, entre os quaes predominam sempre os anneis de côr vermelha.

O veneno das cobras coraes não é tão energico como o das cobras

precedentes. Ha cobras coraes que são e outras que não são peçonhentas.

Symptomas da mordedura das cobras venenosas, em geral. As feridas, causadas pela mordedura das cobras venenosas, differem em extensão e profundidade segundo o tamanho das cobras e a força com que ellas mordem. Vêem-se quasi sempre duas feridas ou arranhaduras, cuja distancia uma da outra depende do tamanho da cobra e que nem sempre vertem sangue.

Os effeitos produzidos pela mordedura de uma serpente venenosa ou são locaes, manifestando-se em maior ou menor extensão ao redor das feridas, ou geraes, interessando partes e orgãos do corpo distantes d'ellas.

Logo depois da mordedura, o ferido sente, as mais das vezes, uma dôr agudissima, que se estende em sentido centripeto da parte lesada; por exemplo, se esta fôr em uma extremidade, para o tronco. Immediatamente depois a parte lesada começa a intumescer. A tumefacção é de um rubor desmaiado azulado, arroxado ou livido, edematosa, e mostra pouco ou nenhum augmento de temperatura. É caracteristica a rapidez com que os phenomenos locaes se desenvolvem; ás vezes apparece a gangrena em poucas horas, outras vezes apenas a tumefacção cobre-se de bolhas cheias de uma serosidade sanguinolenta, e a parte apresenta um frio glacial. A intensidade varía segundo o tamanho da serpente, o seu estado physico de ter sido ou não irritada, etc., mas tambem segundo a sua especie; por exemplo a mordedura da surucucú-patioba, que, de mais a mais, nunca adquire grandes dimensões, é seguida mais vezes de gangrena do que a de qualquer outra cobra do Brazil. Por esta razão, e tambem por ella ser verde, e não se poder facilmente evitar entre a folhagem das plantas, considera-se como a serpente mais perigosa do Brazil.

Quasi simultaneamente com os symptomas locaes vão-se manifestando os geraes. Declara-se logo grande prostração, fraqueza muscular, anxiedade, desanimo; muitas vezes apparecem dôres de cabeça, entorpecimento dos sentidos, escurecimento da vista, zunidos nos ouvidos, perturbação na intelligencia, delirio e contracções desordenadas dos musculos. Muitas vezes apparece uma immensa anxiedade precordial, com pulso frequente e filiforme ou imperceptivel, alternado com desfallecimentos. Outras vezes ha uma dyspnea excessiva parecendo asthma. Os orgãos da digestão tornam-se implicados: apparecem nauseas, vomitos, colicas; diarrhea de materias mucosas, sanguinolentas ou biliosas; apparece uma sêde ardente, seccura da bocca e da lingua, constricções espasmodicas da pharynge, difficuldade de engulir. A pelle cobre-se de suor frio; e, ás vezes apparece hemorrhagia pelo nariz ou pela bocca, e ictericia. Ora ha estranguria, ou frequente vontade de ourinar. A morte succede, ou por syncope, ou por asphyxia.

Quando o ferido se restabelece desapparecem primeiro os symptomas geraes, quasi sempre com suores quentes do corpo todo; as forças voltam pouco a pouco; porém o completo restabelecimento exige muito tempo.

Cobras venenosas da Europa. A unica cobra venenosa que existe na Europa é a *vibora*, de que se conhecem mais de doze especies. Acha-se em Portugal, França, Allemanha, Russia, etc. Habita ordinariamente perto dos caminhos, perto das veredas, nos mattos, debaixo das pedras ou das moutas.

A *vibora commum* (fig. 201) tem 35 a 70 centimetros de comprimento. O corpo, no logar mais grosso, offerece apenas 27 millimetros de diametro. A côr geral é roxa ou arruivada, tirante ora a cinzenta preta, com uma linha dorsal roxa, anegrada ou preta, flexuosa em zigue-zague, e com uma fileira de pontos desiguaes da mesma côr sobre os lados. Raras vezes é de uma só côr. O ventre parece de um cinzento avermelhado. A cabeça é subtriangular, algum tanto mais larga do que o

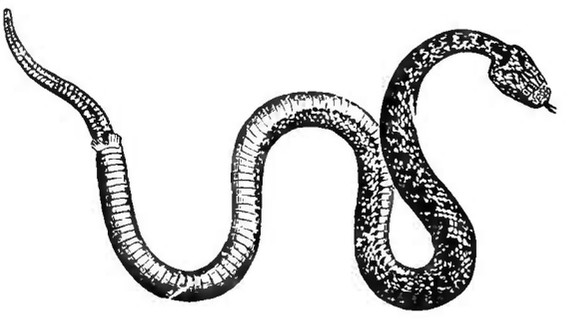


Fig. 201. — Vibora d'Europa.

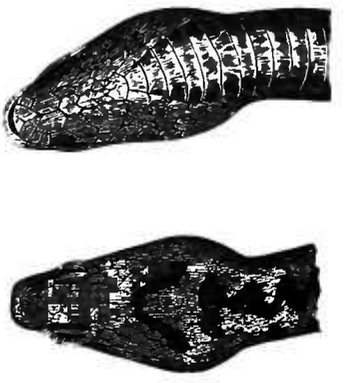


Fig. 202. — Cabeça de vibora.

pescoço, obtusa e como truncada para diante, coberta de escamas granuladas. O focinho tem seis chapas, das quaes duas são perfuradas para as ventas. Estas formam uma nodoa denegrida; por cima d'ellas notam-se duas fitas pretas reunidas em V Os olhos mui pequenos, vivos e brilhantes, são orlados de preto. A lingua é longa, bifida, negra ou cinzenta, molle e retractil. As escamas são imbricadas e aquilhadas, o que distingue as viboras das cobras inoffensivas da Europa. O interior da bocca da vibora é guarnecido, em cima e em baixo, de fileiras de dentes pequenos; além d'isto existem na queixada superior dois dentes isolados, um de cada lado, muito mais compridos do que os outros, mui pontudos, curvos, e apresentando um canal estreito que dá sahida ao veneno produzido por uma glandula situada em cada lado dos dois queixos superiores. Estes dentes são cobertos cada um com uma dobra de gengiva, que os abrange como os punhos da camisa abrangem o braço, e os esconde quando o animal está em repouso.

Quando se encontra uma vibora, esforça-se ella por fugir, e escapa com facilidade, rojando pesadamente sem saltar nem pular; mas se é atropellada, então anima-se para se defender, abre largamente a bocca, precipita-se com a rapidez do raio sobre o imprudente que a irritou, e vinga-se com uma mordedura envenenada.

As mordeduras das viboras são geralmente perigosas. Ambrosio Paré

conta, que durante a sua estada em Montpellier (na França) com o rei Charles IX, foi mordido no dedo index, no momento em que examinava uma vibora n'uma pharmacia. Experimentou dôr viva; mas uma ligadura immediata e a applicação da theriaga dissolvida no alcool curáram a ferida em poucos dias. — Bernardo de Jussieu herborizando, em 23 de julho de 1747, no morro Montmartre, perto de Pariz, hoje fazendo parte da capital, um dos seus alumnos pegou n'uma vibora, que julgava ser cobra innocente, e que o mordeo na mão em tres logares; sobreveio entorpecimento e dôr, depois desmaios e uma ictericia limitada ao antebraço. Não houve outros incommodos. — Seria facil multiplicar estes exemplos. Entretanto, não se deve crer que essas mordeduras deixem de ser ás vezes seguidas de uma terminação grave.

Em certos casos podem occasionar a morte.

Os phenomenos morbidos a que dá logar o veneno das viboras são os seguintes : O ferido sente ao principio um entorpecimento profundo, e logo dôr viva na ferida. As partes vizinhas incham, tomam com rapidez a côr vermelha livida; sobrevem tremor geral, syncopes, nauseas, vomitos, suores frios, sobresaltos convulsivos, a ferida gangrena-se, cobre-se de pus, o moral mesmo é então frequentemente affectado, e apparece o delirio. A morte póde resultar das mordeduras das viboras, sobretudo nas pessoas mui nervosas, delicadas e faceis em se deixar amedrontar; entretanto é raro que isto aconteça, quasi sempre os symptomas morbificos diminuem pouco a pouco, e desapparecem inteiramente. Manifesta-se ás vezes a ictericia universal, as mais das vezes parcial, symptomas de irritação geral, febre, ancias, etc., que duram alguns dias, e ás vezes muitas semanas, mas no fim d'este tempo tudo, na maior parte dos casos, entra no estado normal, e o individuo sára perfeitamente.

Tratamento das mordeduras das cobras venenosas. Deve-se comprimir immediatamente a ferida em todos os sentidos afim de a fazer sangrar, laval-a com muita agua, e cauterizal-a quanto antes, com um tição de fogo, com carvão ardente, com um prego de ferro quente em braza, com pedra infernal, com oleo de vitriolo, ou com potassa caustica. Feita a cauterização, applique-se na ferida panno molhado em aguardente, e por cima uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Dê-se uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e depois, uma colher *de sopa* de hora em hora da poção seguinte :

Agua.....	120	grammas.
Acetato de ammoniaco.....	8	—
Xarope simples.....	15	—

Dê-se tambem de quando em quando um pouco de vinho do Porto, da Madeira, ou de qualquer outro vinho generoso.

Algumas pessoas attribuem propriedades especificas nas mordeduras das cobras ao guaco e outras plantas, administradas interna ou externamente, mas parece que os factos apresentados para apoiar esta opinião não tem sido bem averiguados. Póde-se vêr, pela historia que referi n'este artigo, que a infusão de guaco não preservou da morte ao infeliz lazaro Mariano.

Tal é o unico tratamento raeional que se deve seguir nas mordeduras das eobras venenosas. Qualquer que seja o easo, *nunca se deve applicar sobre a ferida a cabeça machucada do animal.* Devem tambem rejeitar-se todas as pratieas inuteis e perigosas propagadas pela ignoranci e tradições absurdas. Taes são *diversos pós*, *beberagens*, *orações*, *signaes na pelle*, etc. Se existem euras pela applieação de alguma planta na ferida, póde-se estar certo que n'estes easos a mordedura não era da eobra venenosa, mas sim de alguma das inoffensivas, que podem ser confundidas faeilmente eom as primeiras; e a ser o animal de especie peçonhenta, provavelmente no tempo da mordedura estava privado dos dentes venenosos, o que lhe aeonteee duas vezes por anno, como deixei dito.

Accrescentarei a isto que muitas experieneias prováram que o envenenamento é tanto mais perigoso, quanto mais tempo a eobra esteve sem morder. Assim, fizeram-se piear pela mesma eobra muitos animaes succesivamente : o primeiro morria logo; o segundo experimentava accidentes mui graves, e morria no fim de tempo mais ou menos consideravel, o terceiro ficou simplesmente incommodado; emfim o ultimo não apresentava ás vezes o menor symptoma. Esta eireumstaneia explica a insignificancia que tem ás vezes apresentado as mordeduras das eobras venenosas; é provavel que n'estes easos o animal tenha recentemente descarregado a maior parte da peçonha.

Os limites d'esta obra não me permittem deserever todas as outras especies, pois que a elasse das serpentes é mui numerosa e seus nomes mui variados; não terminarei entretanto este artigo sem fallar de uma espeeie, a qual, embora não contenha veneno, não é menos formidavel por eausa do seu volume.

Giboia (*Boa constrictor*. Linneo) (fig. 203). A giboia é a maior e a mais vigorosa de todas as espeeies de eobras eonheeidas; algumas ha que ehegam a ter 16 metros 50 eent. até 26 metros 50 eentimetros de comprimento. Eneontram-se na Afriea, na India e na Ameriea meridional. Estes animaes são dotados de uma força extraordinaria, apanham um veado com muita faeilidade, e eom a mesma o engolem. Põem-se de emboscada ás beiras dos rios, onde os animaes vem aplaear a sêde: enroscam-se e formam um diseo de perto de 2 metros 30 centimetros de diametro; no eentro do qual se acha a eabeça; que erguem de quando em quando para observarem se alguma presa se approxima, e assim que a julgam ao seu aleance, atiram-se a ella, enrolam-se-lhe á roda do pescoço para a suffoear, e depois ao redor de todo o eorpo ; a eada volta que vão dando quebram um osso do animal, e quando o eorpo já não apresenta senão a massa informe, devoram-n'o eom mais ou menos lentidão. A voracidade da giboia torna-se-lhe muitas vezes funesta. Depois de eomer, fica em um estado de inercia e abatimento absoluto; procura então um retiro onde possa digerir eom descanço a sua monstruosa refeição, e n'este estado qualquer esforço basta para destruil-a, por não poder oppôr a menor resisteneia. Coneebe-se que animaes eomo o veado, a eabra, etc., não os póde digerir senão com extrema lentidão, e por

isso as giboias exhalam ao longe o cheiro infecto que annuncia a sua presença. Bem que privadas d'esse dente formidavel, que torna tão perigosa a mordedura das cobras venenosas, as giboias não são menos

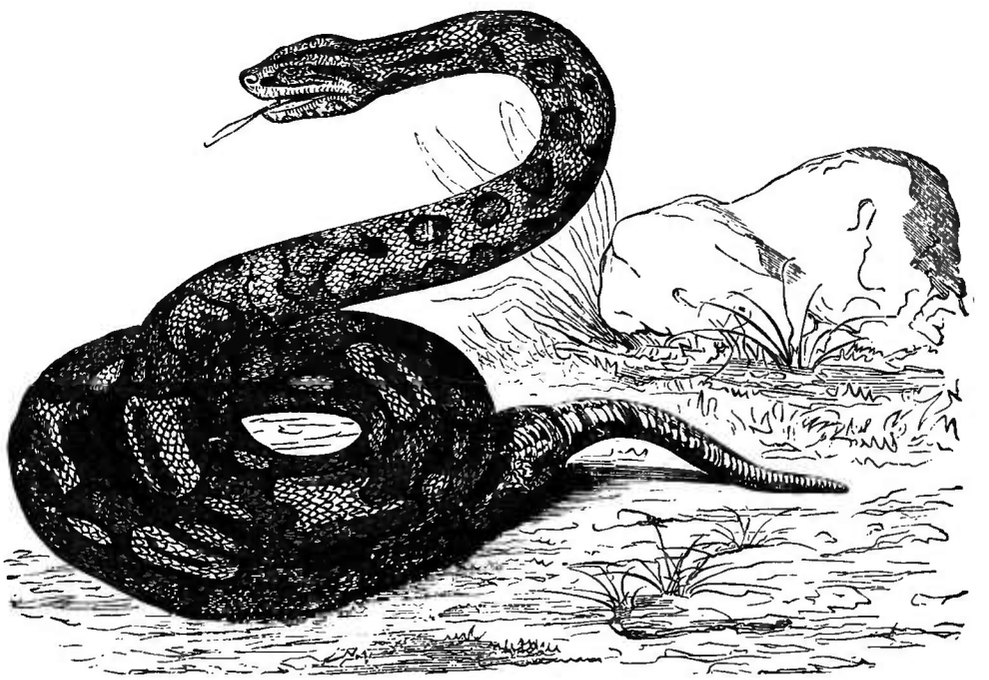


Fig. 203. — Giboia.

temiveis que estas. Não menos ageis que vigorosas, perseguem as suas victimas na carreira, e as sorprendem com muita facilidade, porque só o seu aspecto as gela de terror e lhes paralysa os movimentos.

COBRE. Este metal é conhecido de tempo immemorial; depois do ferro os seus usos são os mais multiplicados. Além das fórmas que os caldeireiros lhe dão, o cobre serve ainda em chapas, mais ou menos espessas, para cobrir os edificios e para forrar os navios. Cunham-se com elle moedas em todos os paizes, medalhas, etc.; entra legalmente nas moedas de ouro e de prata, e em todas as obras de joalheiros e ourives, ás quaes a addição de uma pequena quantidade de cobre dá mais consistencia e solidez. O cobre combinado com o zinco nas proporções de 75 a 25 forma o latão, com que se fabricam uma quantidade de objectos, muitos instrumentos de musica, cordas de piano, alfinetes, botões, joias falsas, etc.; unido ao estanho e zinco em diversas proporções, forma o arame, bronze, ligas que constituem o metal dos sinos, dos canhões, das estatuas, dos fios de arame, etc.

O cobre é vermelho, brilhante, desenvolve pela fricção um cheiro particular, marêa ao ar livre e cobre-se de pequena camada de oxydo, a qual augmenta pela humidade, attrahe o acido carbonico do ar ambiente, e forma *carbonato de cobre* verde. Encomtram-se frequentemente os seus vestigios nas vasilhas e utensilios de cobre. Este carbonato de

cobre, chamado *azinhavre* e *verdete,* é a origem de mil accidentes deplorados frequentemente. O peso do cobre, comparado ao da agua, é de 8,85.

O ar, a agua, o calor, o azeite, a manteiga e outros corpos gordurosos, os acidos fortes, o vinagre, o vinho, o sangue dos animaes, a agua salgada, etc., atacam o cobre com tal facilidade, que seria prudente, senão proscrever o seu uso nas cozinhas, ao menos vigiar que a sua estanhurada seja feita exactamente e de vez em quando renovada. Se houvesse esta precaução, talvez que não fosse tão crescido o numero d'essas affecções chronicas de estomago, cuja causa é muitas vezes ignorada.

O Dr. Gmelin foi consultado pelo Abbade de um convento sobre a causa de uma molestia que atacava grande numero dos seus padres.

Os symptomas eram colicas atrozes, vomitos biliosos, prisão de ventre, dôres na bocca do estomago, nas cadeiras e nas côxas, fraqueza paralytica nos braços. Procurando a causa d'estes symptomas, achou o Doutor que todos os vasos, panellas e outros utensilios do convento eram de cobre, e que principalmente aquelles em que conservavam a manteiga eram a origem do accidente.

En 1781 o convento dos Jacobinos de Pariz experimentou a mesma cousa. Em uma sexta-feira e dia seguinte, o cozinheiro havia preparado o peixe n'uma cassarola de cobre com môlho de vinagre. Na noite do primeiro dia, muitos padres sentiram dôres de cabeça, de estomago e de intestinos, ancias, diarrhea, grande fraqueza e caimbras nas barrigas das pernas. No dia seguinte, os outros padres, em numero de 21, foram acommettidos dos mesmos symptomas, que continuaram cinco ou seis dias.

Todas as composições de cobre são venenosas; o envenenamento que resulta da sua introducção na economia é mui frequente, e por conseguinte é util occupar-me d'ellas no presente artigo. Fallarei das preparações que são ás vezes empregadas em medicina, das que se formam nas torneiras de cobre, nos diversos utensilios domesticos, e das que são usadas nas artes.

Carbonato de cobre. (Azinhavre ou verdete natural.) Esta substancia forma-se na superficie das torneiras, cassarolas, e outros utensilios de cobre, sobre as moedas de cobre, sobre os castiçaes de latão, etc.; é de côr verde-clara.

Sulfato de cobre (Caparrosa azul, vitriolo azul, vitriolo de Chypre ou pedra lipes). Este sal é de bella côr azul, de sabor estyptico, metallico; acha-se em crystaes rhomboidaes. Dissolve-se facilmente n'agua e lhe dá a côr azul. Emprega-se para tingir de preto a lã e a seda conjunctamente com o sulfato de ferro: serve tambem para obter grande numero de tintas, taes como o roxo, o roxo-avermelhado, etc. Em medicina, emprega-se como leve caustico, para cauterizar as carnosidades das feridas, os cancros venereos, as aphtas, etc.

Sulfato de cobre ammoniacal. É de bella côr azul-celeste.

Nitrato de cobre. É azul, em fórma de agulhas prismaticas, deliquescente.

Verdete ou *sub-acetato de cobre.* Este verdete differe essencialmente do que se forma nos instrumentos de cobre, moedas de cobre, etc.; com effeito é formado de acetato de cobre e de deutoxydo de cobre hydratado; fabrica-se para os usos da tinturaria, applicando o bagaço de uvas sobre as laminas de cobre. Acha-se no commercio em pó de um verde azulado, ou debaixo da fórma de massas da mesma côr, em que se encontram sementes de uvas.

Verdete crystallizado. (Acetato de cobre.) Apresenta-se em crystaes verdes-escuros, ou em pó de côr esverdeada. Emprega-se como tinta.

O cobre para os usos domesticos emprega-se tal qual é, ou estanhado. Os tachos em que se fazem doces, os caldeirões e outros vasos de cobre não estanhados, nunca devem ser empregados sem terem sido limpos com pó de barro e lavados no momento em que se faz uso d'elles. As escumadeiras de cobre merecem particular attenção; nos seus buracos escondem-se frequentemente parcellas venenosas. A estanhadura das cassarolas não deve tambem inspirar inteira segurança, porque é facil reconhecer, por meio do microscopio, que as proprias vasilhas, que se acabam de estanhar, apresentam grande numero de pequenos pontos vermelhos, que são outros tantos pontos de cobre não cobertos pelo estanho. Não se deve empregar uma torneira de cobre para tirar de uma vasilha vinho ou vinagre á medida que fôr preciso: esta torneira não tardaria a cobrir-se de verdete. Cumpre empregar para este uso uma torneira de páo. Em geral, nunca se devem deixar esfriar môlhos, iguarias, corpos gordos, ou liquidos, quaesquer que sejam, em vasilha de cobre mesmo estanhada.

O cobre, apezar dos accidentes graves que póde occasionar, continua a ser um metal usual. O seu emprego não offerece inconvenientes havendo as precauções que deixei indicadas; os perigos do cobre vem da negligencia e falta de asseio das pessoas que se servem d'elle.

Para o tratamento dos accidentes produzidos pelas preparações de cobre, *Veja-se* o artigo Envenenamento.

Modo de limpar os objetos de cobre. 1° *modo.* Esfregar o objecto com limão azedo e pó de tijolo; e limpar, depois, com panno secco.

2° Esfregar com um panno molhado na solução de 60 grammas de acido oxalico em um litro d'agua. Esta solução chama-se no commercio *agua de cobre.* Ha outras receitas d'*agua de cobre,* mas esta é a melhor. Póde empregar-se simplesmente como está indicada, ou misturada com pó de tijolo ou com uma especie de barro, chamado nas lojas terra podre e tripoli.

COBREIRO ou Cobrelo. Assim se chama uma erupção na pelle de pequenas bolhas, cheias de um liquido amarellado, e cujo volume varía desde o da cabeça de um alfinete até ao de uma azeitona e mais. Occupa ordinariamente o ventre, as espaduas, o peito ou os membros. No ventre forma ás vezes um meio-cinto de 27 millimetros de largo. Existe sempre dôr ou comichão em roda das bolhas. Estas bolhas, analogas ás que produz na pelle a applicação de um caustico, deixam escorrer o

liquido que contém, e seccam. Em tres ou quatro dias, desapparecem todas; mas ás vezes succedem-se em maior ou menor numero durante um mez e mais.

Ordinariamente o cobreiro não é acompanhado de febre; mas quando é extenso, ha fastio, dôres em todo o corpo, dôres de cabeça, e frequencia do pulso.

As causas do cobreiro são ; o uso de alimentos muito acres, mui apimentados, as affecções moraes tristes, os pezares, as contrariedades. As mais das vezes esta pequena molestia apparece sem causa conhecida. É um erro crer, como julgam algumas pessoas, que o cobreiro procede de ter passado cobra sobre a roupa do doente.

Tratamento. Cumpre untar as bolhas, sem as rasgar, com azeite doce, e polvilhal-as despois com polvilho. Forma-se assim uma especie de envoltorio que abriga as bolhas, e lhes permitte seguir todas as suas phases sem estarem expostas a alguma causa de ruptura; murcham então rapidamente, seccam, e a molestia termina em pouco tempo. Este methodo é o mais simples, e o mais vantajoso. O doente usará de bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, de laranja, o cozimento de cevada; e seguirá um regimen simples, mais vegetal do que animal.

As ulcerações que succedem á quéda das crostas, serão lavadas com esponja molhada em agua morna, e curadas com uma das preparações seguintes :

1° Ceroto simples	60	grammas.
2° Glycerina	60	—
3° Glycereo de amido	60	—

4° Pomada de tannino.

Tannino	1 1/2	gramma.
Agua	1 1/2	—
Banha	30	grammas.

Se as ulceras forem acompanhadas de grandes dôres, curem-se com *ceroto opiado*, cuja formula é a seguinte :

Extracto de opio	20	centigr.
Agua	25	—
Ceroto simples	24	grammas.

COCA, Ypadú ou Padú. *Erythroxylon coca*, Lamark. Erytroxyleas. Arbusto do Perú, cultivado no Pará (fig. 204). O caule tem 85 a 110 centimetros de altura, e divide-se em ramos numerosos e erectos; folhas alternas, curtamente pecioladas, inteiras, ovaes, agudas, com quasi tres nervuras, de comprimento de 40 centimetros sobre 13 centimetros de largura, de cheiro aromatico fraco; flores pequenas, numerosas, sustentadas por tuberculos de que são cobertos os novos ramos; fructo, drupa vermelha, oblonga, com um loculamento monospermo, acompanhado de dois loculamentos abortados. As folhas actuam sobre o systema nervoso. Mascadas em pequena quantidade pelos correios, viajantes e trabalhadores de minas, sustentam-lhes as forças, e permittem-lhes supportar a

fome e a sêde durante quasi um dia inteiro; a acção das folhas parece ser então analoga á do vinho. Mastigadas em porção maior, obram como as substancias alcoolicas, produzindo tremor dos labios, vacillações dos



Fig. 204. — Coca.

membros, etc. Mascadas unidas ás folhas de fumo, provocam uma embriaguez semelhante á que é produzida pelo canhamo indiano (haschisch). Faz-se no Perú um commercio consideravel d'esta planta. Os Indios do Amazonas reduzem a pó as folhas, depois de seccas, e, em um pilão apropriado, misturam este pó com um pouco de cinzas das folhas de ambauba; mastigam-n'o então com um pouco de tapioca, e engolem-n'o depois de bem mascado.

Não ha muito tempo que se julgava que a coca era um alimento de economia, o qual diminuia as combustões e por conseguinte, sustentava

as forças. Depois que se descobrio um alcaloide que ella contem que se chama Cocaina, estas antigas supposições deixaram de existir, ficando demonstrado que a coca é um anesthesico (*Veja-se* COCAINA).

COCA DO LEVANTE. Fructo de uma arvore da India. *Menispermum cocculus*, Linneo. (Menispermaceas.) Este fructo, tal como o commercio o fornece, é maior do que uma ervilha, arredondado e reniforme; é formado de um envoltorio secco, delgado, denegrido, enrugado, de sabor fracamente acre e amargo, e de uma casca branca, lenhosa, de 2 valvas, no meio das quaes se levanta uma placenta central, dividida interiormente em dois pequenos loculamentos. Todo o espaço comprehendido entre esta placenta central e a casca é occupado por uma amendoa ôca no interior e aberta sobre o lado para receber a placenta. Esta amendoa é graxa, mui amarga, e é venenosa. Emprega-se na India para pescar o peixe que, depois de engulir o engodo contendo esta substancia, vem tornear e morrer á tona d'agua. Segundo as experiencias do Dr. Goupil, este emprego póde ser seguido de graves inconvenientes, se não se teve o cuidado de esvaziar o peixe logo que apparece na superficie da agua; porque, não se fazendo isto, o peixe torna-se venenoso.

COCAINA. Alcaloide extrahido das folhas da coca, por meio do alcool. São crystaes brancos, de sabor amargo, soluveis na agua e principalmente no ether e no alcool. De todas as preparações que se fazem com esta substancia, a mais empregada é o chlorhydrato de cocaina. Usa-se em solução aquosa que se administra internamente ou em injecções sub-cutaneas. É um producto muito toxico mesmo em fracas dóses, deve-se portanto empregal-o com o maior cuidado. Tem-se notado accidentes de intoxicação em individuos em quem se fizeram injecções sub-cutaneas de chlorhydrato de cocaina na dóse de dois a tres centigrammas.

São muito appreciadas as suas propriedades anesthesicas em cirurgia ocular, onde o seu emprego tem produzido effeitos sorprehendentes. Graças a elle já se fazem actualmente sem dôr e com a maior facilidade a operação da cataracta e a extracção dos corpos estranhos dos olhos. Basta deitar debaixo das palpebras algumas gottas de uma solução de 1 gramma de chlorhydrato de cocaina em 50 grammas d'agua para que se obtenha em alguns minutos uma insensibilidade completa. Alguns cirurgiões servem-se d'este producto para fazer algumas ligeiras operações; injectam o chlorhydrato de cocaina sob a pelle no logar que deve ser operado. Com o fim de fazer cessar certas dôres, emprega-se o tambem, nas doenças do estomago, nas queimaduras, nas dôres de dentes, nas anginas, etc. Tem-se aconselhado este medicamento contra o enjôo do mar, emprega-se-o em poção contendo 25 a 35 centigrammas de chlorydrato de cocaina; ainda não está, porem, bem provado o valor d'este medicamento n'este caso.

Em alta dóse, a cocaina occasionna pallidez, vertigens, enfraquecimento, e uma especie de coma que pode se terminar pela morte.

Nas molestias da garganta, isto é, na rouquidão, na aphonia, na ca-

ryngite, na pharyngite, na angina, nos accessos de asthma e no enjôo, muito aproveitam as pastilhas de chlorhydrato de cocaina de Houdé, que se administram na dóse de 6 a 8 pastilhas por dia, segundo a idade do doente.

O sñr Houdé tambem prepara um elixir de chlorhydrato de cocaina que graças ás propriedades anesthesicas que possue torna-se um poderoso sedativo das nevroses do estomago. É recommendado contra as gastrites, as gastralgias, as dyspepsias, os vomitos incoerciveis, e qualquer desarranjo do estomago. Toma-se este elixir depois do almoço e do jantar, na dóse de um calice, dos de licor.

O xarope de dentição de Houdé, de chlorhydrato de cocaina, é feito com o fim de exercer certa anesthesia sobre as mucosas da bocca e das gengivas.

Fricciona-se as gengivas de manhã e á noite, sobretudo no momento das crises.

Applicações therapeuticas da cocaina. *Molestias dos olhos.* E' ao doutor Koller, de Vienna, a quem devemos o emprego da cocaina em theurapeutica ocular. Elle descobrio que este alcaloide possuia mui notaveis propriedades anesthesicas quando se o punha em contacto com a cornea e que com o seu emprego podia-se praticar, sem dôr, muitas operações difficultadas pela sensibilidade dos olhos, o que está actualmente provado pelas numerosas experiencias que teem sido feitas.

Instillando-se, em um olho doente 2 gottas de uma solução de cocaina a 5 por 100, de cinco em cinco minutos, no fim de um quarto de hora a anesthesia keratica é sufficiente para que se possa praticar a extração da cataracta, a estrabotomia e até a enucleação completa do olho: instillando-se esta mesma dóse pode-se praticar qualquer operação nos olhos: cauterisações, picadas, resecções, galvanopuncturas, extracções de corpos extranhos, etc., etc.

Se bem que pareça que a cocaina seja menos energica nos estados inflammatorios, ella é sempre indicada por causa de sua acção analgesiante contra os processos dolorosos do segmento anterior, contra as conjunctivites, as erosões phlyctenoides, as iritis, e as blepharospasmas.

Fazendo-se instillações com solução a 2 por 100 de cocaina, consegue-se fazer cessar por duas ou tres horas as dôres e a photophobia, praticando-se essas instillações antes de cauterisar as conjunctivas com nitrato de prata, consegue-se evitar ou attenuar as dores causadas por esse curativo.

Emfim, a cocaina anesthesia completamente a cornea, tres ou quatro minutos dopois de uma instillação de 2 gottas de uma solução a 2 por 100 de chlorhydrato de cocaina. Esta anesthesia dura de cinco a dez minutos, e pode ser continuada fazendo-se novas instillações. A conjunctiva se auesthesia mais lentamente, é necessario fazer duas ou tres instillações successivas para que se possa tocar ou pinçar a conjunctiva sem provocar dôr.

A cocaina apresenta todas as vantagens da atropina sem possuir nenhum. de seus inconvenientes; ella dilata a pupilla sem paralysar tanto a accommodação, será pois de grande utilidade no exame ophthalmoscopico do fundo do olho.

Os resultados da instillação d'este sal são differentes em um olho são ou sem inflammação do que em um olho inflammado. Na operação da cataracta pode-se, sem provocar dôr, collocar o blepharostato, pegar na conjunctiva e incidir a cornea; mas o mesmo não acontece quando se toca no iris. Na estrabotomia, todas as manobras que necesita a procura do musculo fazem-se sem dôr, mas quando se segura no musculo e se o secciona, o doente sente perfeitamente a dôr.

A acção anesthesica da cocaina é muito menor ou quasi nulla quando o olho está inflammado.

Um collyrio de 20 centigrammas de cocaina para 10 grammas d'agua, dá para muitas operações.

Dóses. Extracção dos corpos extranhos da cornea. Duas instillações cada uma de quatro gottas de solução de cocaina a 1/60° com cinco minutos d'intervallo.

Iridectomia simples. Quatro instillações com quatro gottas de solução a 1/100° de tres em tres minutos; 2 minutos depois da ultima instillação, colloca-se o blepharostato.

Cataracta sem iridectomia. Duas instillações com quatro gottas de solução a 1/20° de tres em tres minutos. Começa-se a operação, dous minutos depois da ultima instillação.

Cataracta com iridectomia. Duas instillações com quatro gottas de solução a 1/20° Antes da iridectomia faz-se uma instillação de uma gotta de solução, entre os labios da cornea entreabertos.

Peritomia. Duas instillações de quatro gottas de solução a 1/60° de cinco em cinco minutos; nova instillação no correr da operação.

Cauterisação do limbo esclero-corneano por meio do galvano-cauterio. Duas instillações com duas gottas de solução a 1/10°. com tres minutos d'intervallo.

Molestias da larynge e da pharynge.

Solução a 10 por 100 de chlorhydrato de cocaino.

Chlorhydrato de cocaina.....	1 gram.	Alcool rectificado.....	2 gram.
Agua distillada.....	8 gram.		

F. S. A.

Solução a 20 por 100 de chlorhydrato de cocaina.

Chlorhydrato de cocaina.....	1 gram.	Alcool rectificado.....	2 gram.
Agua distillada.....	3 gram.		

F. S. A.

Em pinceladas sobre a pharinge ou sobre a larynge.

Operações que se praticam na bocca. No ponto de vista da arte dentaria, eis como emprega o doutor Dunogier, de Bergerac, o chlorhydrato de cocaina como anesthesico local nas operações que se praticam na bocca.

1° Toma-se um pouco de *algodão hydrophilo* que se impregna mais depressa e mais completamente do que o algodão ordinario, enrola-se como pincel na ponta de um estylete rombudo ou de um pedaço de pau fino; mergulha-se esse algodão em uma solução de chlorhydrato de cocaina a 10 0/0 (em logar de 5 0/0) e esfregando por alguns segundo, expremendo-o, sobre a gengiva ao redor do dente que se tem de arrancar, deixa-se em contacto com os tecidos uns seis a oito minutos. Repete-se a operação com um novo algodão que deixa-se em cima da gengiva durante esse mesmo tempo, e procede-se então á extracção, ou a outra qualquer operação;

2° Um outro meio, muito mais efficaz, consiste em pulverisações de ether cocaïnado (solução a 5 0/0); em logar, porem, de uma pulverisação só, faz-se duas ou tres, com cinco minutos de intervallo entre uma e outra; a primeira ou as duas primeiras rapidas, a ultima continuando-se até que a gengiva fique branca.

Esse intervallo que se deixa entre cada pulverisação é para que o chlorhydrato de cocaïna tenha tempo de produzir o seu effeito insensibilisador; uma pulverisação só é quanto basta sendo ella prccedida de uma applicação a pincel da solução a 10 0/0.

Quando o dente a arrancar não tem polpa nem nervo dentario, o que é facil de verificar, mandando o doente fazer com força o movimento de chupar, ou passando devagarinho uma sonda no fundo da cavidade do dente, basta então uma só pulverisação; mas, n'este caso, a applicação com pincel é quanto basta. Onde se vê o quanto é superior a pulverisação, é quando haja a tratar de dentes que teem ainda toda a sua vitalidade; mas infelizmente a sensação de frio que a pulverisação produz é tão dolorosa as vezes, que o paciente não a pode supportar.

Os resultados obtidos com o emprego d'este methodo foram: 1° applicação com pincel. Analgesia completa em:

Extracção de raizes ou de dentes nos quaes a polpa e o nervo dentario não existiam mais.

Cauterisação ignea e excisão dos polypos intra dentarios de origem periostal.

Cauterisação ignea e excisão das gengivas hopertrophiadas ou fungosas e, em geral, cauterisação ou divisão de todos os pontos da mucosa da bocca.

Dôr muito attenuada, em extracção dos dentes com suas qualidades vitaes. Dôr apenas um pouco attenuada em cauterização ignea ou extracção do nervo dentario.

2° Ether cocaïnado: Resultados muito mais completos; mas o seu emprego nem sempre pode ser applicado.

Emfim empregou-se o chlorhydrato de cocaïna com mais ou menos exito feliz em muitos casos de pulpite ou de periostite aveolo-dentario sem serem seguidas de extracção (em applicações com pincel ou em pulverisações); em que imaduras superficiaes, o exito foi o melhor possivel.

Emfim, pode-se abolir a sensibilidade da dentina empregando-se uma

solução de cocaïna a 20 0/0 em oleo de cravo. Tambem pode-se tornar a polpa insensivel com repetidas applicações d'esta solução. N'este caso as soluções de 4 a 10 0/0 são quasi de nenhum effeito.

Mistura anti odontulgica.

Chlorydrato de cocaina.....	1 gram.	Chlorhydrato de morphina..	10 centig.
Hydrato de chloral.....	50 centig.	Glycerina.....	q. s.

M. S. A. para formar pasta.

Applica-se dentro do dente cariado, e ahi se deixa por 12 minutos.

Molestias da vagina. Empregando-se uma solução de chlorhydrato de cocaïna a 2 0/0, applicado com pincel no orificio vulvario, consegue-se a anesthesia da vulva. Em casos de vaginismo antigo, conseguio-se fazer desapparecer os espasmos vulvarios, com applicações a pincel e injecção intra-vaginal com solução de chlorhydrato de cocaïna a 2 0/0.

Vomitos incoerciveis da prenhez. Dez gottas de uma solução de chlorhydrato de cocaïna a 3 0/0, uma vez por dia, são sufficientes para fazer parar os vomitos. Ordinariamente bastam tres dóses.

Amygdalotomia. Faz-se cinco fortes applicações com pincel imbebido em uma solução de chlorhydrato de cocaïna a 30 0/0, com um intervallo de cinco minutos entre cada uma d'ellas, em toda a superficie das duas tonsylas, cinco minutos depois da ultima applicação da solução, pratica-se a operação sem que o docnte soffra a menor dôr.

Queimaduras. Applicação com pincel molhado em uma solução de chlorhydrato de cocaïna.

Rachas do seio. Solução de chlorbydrato de cocaina a 20 0/0, applicada repetidamente com um pincel no mamelão, limpar depois com panno, e dar, acto continuo, o seio á criança. A anesthesia dura pouco.

A cocaina em injecções hypodermicas. Emprega-se a cocaïna em dóses bastante concentradas em injecções sub-cutaneas, sem resultar d'isso accidentes, é preciso, porem, fazer essas injecçôes com o doente deitado. Eis uma communicação do Snr Dujardin-Beaumetz sobre o assumpto.

Elle presenceou um accidente que se declarou após umas injecções subcutaneas de chlorhydrato de cocaïna. O seu preparador e seu chefe de laboratorio sentiram ambos syncopes após uma injecçâo d'esse alcaloïde. Em sua clinica particular elle registrou dous casos analogos, e em outro caso o doente sentio sensações exquisitas com excitação cerebral, idcias de grande, azillusão de elevação nos ares. Todos esses accidentes foram passageiros e sempre appareceram quandos os individuos em quem se faziam as injecções achavam-se de pé. E curioso como o grau de concentração da solução de cocaina não parece ter influencia; os phenomenos foram os mesmos tanto com solução de 2 centigrammas como com a 10 centigrammas. É provavel que se trate de accidentes vertiginosos resultando da anemia cerebral. Nenhum d'esses accidentes se dá quando se fazem as injecçôes estando o doente deitado.

Molestias dos orgãos genitaes. A cocaïna tambem exerce sua acção analgesiante local sobre a mucosa dos orgãos genitaes comtanto que a solução seja bem concentrada isto é, a 20 0/0.

COCCYX. Pequeno appendice osseo que termina inferiormente o osso sacro; acha-se situado na parte inferior do tronco, e quebra-se ás vezes nas quédas sobre o assento. A sua fractura é pouco grave, e para sarar necessita só do repouso. *Veja-se* FRACTURAS DA BACIA.

COCEIRA. *Veja-se* COMICHÃO e PRURIGO.

COCHLEARIA. *Cochlearia officinalis*, Linneo. Cruciferas. Planta que habita na Europa, na beira mar, e perto dos regatos nas montanhas (fig. 205). Emprega-se em medicina como antiscorbutico. Tem o caule de 19 a 27 centimetros, folhas arredondadas, luzidias, concavas em fórma de colher (*cochlear*), d'onde lhe vem o nome; sabor picante e acre; flores brancas. Com as folhas e caules da cochlearia prepara-se um xarope que se administra na dóse de 30 a 60 grammas por dia. Prepara-se tambem com esta planta um alcoolato que entra na composição dos collutorios e gargarejos antiscorbuticos.



Fig. 205. — Cochlearia.

COCHONILHA. Insecto da feição de percevejo, mui pequeno, que se cria na America, e sobretudo no Mexico, nos arbutos chamados cactos, e principalmente no *Cactus opuntia*, L., que se acha tembem no Rio de Janeiro. A femea, no seu maior desenvolvimento, na época da postura de ovos, tem 6 millimetros de comprimento, 4 de largura e 2 de espessura:

O macho tem duas azas que se cobrem horizontalmente sobre o corpo, o qual termina por duas longas sedas; a femea não tem azas, e tem o corpo mais grosso que o do macho. As femeas fixam-se sobre as folhas carnosas dos *cactus*, onde põem ovos de côr rubra-escura que produzem milheiros de pequenos insectos, os quaes se fixam tambem na planta, e passam alí por todas as metamorphoses. Colhem-se cochonilhas um pouco antes da postura dos ovos, quando o ventre está no maximo de seu desenvolvimento. A sua grossura é então quasi do tamanho de uma pequena ervilha, Fazem-se morrer os insectos, mergulhando-os em agua quente, ou pondo-os no forno ou sobre uma chapa de ferro quente. Acham-se no commercio debaixo da fórma de pequenos grãos irregulares, anegrados ou de côr vermelha-roxa, convexos de um lado, concavos do outro. Postos em agua por algumas horas esses grãos communicam-lhe uma côr vermelha, incham-se, e mostram então distinctamente a estructura do insecto, coberto de anneis. A cochonilha emprega-se para dar côr escarlate á lã e á seda. Combinada com ammoniaco forma tintas roxas para os estofos. O decocto aquoso tratado pelo cremor de tartaro, ou pela pedrahume, precipita um bello pó vermelho que se chama *carmim*. A cochonilha serve tambem

para eórar lieores, pomadas, opiatos, pós dentifrieios, e para fazer tinta de eserever enearnada.

COCO. *Veja-se* COQUEIRO.

CODEINA. Alealoide que se obtem do opio, previamente privado da morphina. É menos soporifiea e mais toxiea que a morphina, e que não obsta que os medieos reeeitem a eodeina em dóses mais fortes. A razão d'este faeto está nos effeitos differentes dos dous produetos. O envenenamento pela morphina produz dôres de eabeça, nauseas, vomitos, embriaguez que anuneiam a intoxieação; não aeonteee o mesmo eom a codeina que aetua sem determinar estes symptomas. É pois prudente nunea administrar a um adulto, em 24 horas, mais de 3 a 4 eentigrammas d'esta substancia em poção, em xarope, ou em granulos impressos de L, Frère de cinco eentigrammas ou de 25 milligrammas de prineipio aetivo.

COELHO (fig. 206). Animal domestieo ou bravo, de felpa fina, cauda curta, orelhas grandes. Tem os pés mais altos do que as mãos, de sorte que antes salta do que anda; é notavel por sua mansidão, e sua extrema feeundidade. Os eoelhos vivem pela maior parte em eovas, que elles mesmos eavam eom as unhas nos bosques onde habitam; mas eriam-se tambem em domestieidade; de sorte que ha duas espeeies: *coelho bravo* ou *montez*, e *coelho domestico*. Vivem de sete a dez annos.



Fig. 206. — Coelho.

Os eoelhos são originarios do norte da Afriea; alimentam-se de plantas, de easeas de arvores; os que vivem nos bosques são muito prejudieiaes pelos estragos que eausam na agrieultura. A femea é de uma feeundidade prodigiosa; póde produzir por anno de 30 a 60 laparos: pelo que a eriação de eoelhos na roça póde tornar-se para uma familia um reeurso importante. A earne de coelho bravo é branea, sã e saborosa; aeonteee o mesmo eom a do eoelho eriado nas tapadas. O eoelho domestieo eriado nas gaiolas, e alimentado de legumes e de eouve, torna-se mais gordo e mais forte, mas a earne é não tão gostosa. O pello d'este animal, ordinariamente einzento-amarellado, braneo por baixo, toma, no estado domestieo, eôres mui diversas. Entre as variedades as mais notaveis, eita-se o *coelho angora*, cujo pello espesso e brando ao toear eomo seda, é de eôr einzenta-prateada. O pello e a pelle do eoelho são o objeeto de grande eommereio: o pello é principalmente empregado pelos ehapeleiros para a fabrieação do feltro; a pelle forneee um grude exeellente.

Criação dos coelhos. O eoelho domestico póde ser eriado de duas maneiras esseneialmente distinetas, n'uma tapada, isto é, quasi em liberdade, ou n'uma eoelheira.

A *tapada* deve ser estabeleeida n'um terreno antes leve do que compacto, havendo o euidado de evitar as terras muito arenosas, porque os desabamentos impediriam os coelhos de abrir galerias á sua vontade.

Deve ali haver um regato, charco ou pequeno lago. É necessario plantar-lhe arvoredo, não só para dar sombra e frescura, mas tambem para que os coelhos utilizem os fructos. Tambem se podem semear na tapada plantas gramineas, alfazema, funcho, nabos, couves, emfim todas as plantas que os coelhos comem.

A tapada deve ser cercada por muros da altura de 3 metros e de alicerces profundos, para os coelhos não poderem fugir; de outro modo fariam logo sahidas subterraneas que iriam sahir no campo; as muralhas devem ser sufficientemente elevadas e guarnecidas, com volta em fórma de tecto, mui saliente e guarnecido de pontas de ferro mui agudas de modo que os gatos e outros animaes, que comem coelhos, não as possam passar saltando por cima d'ellas.

A criação e multiplicação por este systema são mais economicas, comtudo a tapada só póde estabelecer-se nos logares em que ha grande extensão de terreno.

Para apanhar os coelhos n'uma tapada, convem empregar laços, o que permitte tirar com preferencia os machos, de que se deve deixar o menor numero possivel, porque incommodam as femeas nos cuidados que prestam aos filhos; matando-os com tiros de espingarda, produzir-se-hia grande espanto na tapada, que seria nocivo á reprodução.

As femeas não parem na cova commum; fazem os ninhos em buracos separados e pouco profundos.

Póde-se dispensar de fechar a tapada com muralhas, se a localidade o permitte; estabelece-se então uma tapada aberta, que os coelhos não abandonam.

Coelheira. As coelheiras são de diversas sortes. Algumas approximam-se da tapada, e consistem em páteos mais ou menos espaçosos, cercados de muralhas, e divididos em repartimentos fechados com grades de ferro ou encaniçados, communicando com gaiolas encostadas a uma parede, expostos ao levante ou ao sul, e convenientemente cobertos. Os machos, as femeas prenhes, as que amammentam, os laparos que já não mammam, estão separados e passeam á vontade na gaiola ou no páteo contiguo. E deve haver no referido páteo uma pia com agua, para os coelhos beberem quando tiverem sêde. É erronea a pratica de não dar agua aos coelhos; podem passar sem ella quando alimentados de plantas frescas; porém comendo as seccas, o milho, o farelo, precisam beber, e com effeito bebem com avidez. As lapas devem ser bastante espaçosas, ter 75 centimetros a 1 metro pelo menos, em todos os sentidos. O seu pavimento deve ser feito de tijolo, e ter bastante inclinação; afim de dar escoamento ás ourinas, que sahem por uma goteira commum de zinco, terminada por um cano que conduz as ourinas á cloaca praticada dentro da terra. O páteo deve ser guarnecido, por cima e sobre os lados, de uma rede de arame, para evitar os ratos, os gatos e outros animaes que são damninhos aos coelhos.

O pavimento do páteo deve ser de tijolo ou de pedra para impedir os coelhos de cavarem o chão.

As coelheiras assim feitas são as melhores, mas nem todos os

criadores podem fazer a despeza que ellas exigem, e dar-lhes tanto espaço. As mais das vezes, portanto improvizam-se coelheiras debaixo de telheiros, nas granjas ou nos estabulos, por meio de repartimentos de 75 centimetros a 1 metro sobre todas as faces, dispostos em linhas umas ao lado das outras, e um tanto inclinados de traz para diante afim de dar escoamento ás ourinas. Estes repartimentos são de madeira ou de tijolo, cheios nas cinco faces e caniçados por diante.

Outras vezes, quando a criação se reduz a mui pequeno numero de coelhos, mettem-se simplesmente em grandes caixas guarnecidas de palha secca, cobertas de pranchas moveis e separadas, seguras com pedras ou outros pesos. Os coelhos criados d'esta maneira ficam sempre em caixas, de que nunca sahem. Convem renovar com frequencia as camas das lapas, e para facilitar o escoamento da ourina, o fundo da caixa deve ter muitos buracos ou ser feito de taboas separadas por intersticios uma da outra.

Alimentação. Os coelhos comem quasi todas as plantas, e por isso são de facil sustento; todavia os vegetaes um pouco aromaticos tornam a sua carne mais saborosa. Dando-se-lhes, sete ou oito dias antes de os matar, salsa hortense ou funcho, sua carne adquire um gosto agradavel. Comem raizes forrageiras, taes como cenouras, batatas, betarrabas, etc., farelos, avcia. O sal é tão necessario ao coelho como aos outros animaes, e por isso convem mistural-o nos alimentos, principalmente nos mais aquosos.

Cumpre administrar-lhes alimentos frequentes vezes no dia, mas em pequena quantidade de cada vez, e sómente a porção que possam comer, para não os estragarem.

Qualquer que seja o genero de alimentos que se lhes distribue, importa muito que estes alimentos, frescos ou seccos, não estejam sujos pela ourina; as forragens, impregnadas d'este liquido, tornam-se um verdadeiro veneno. Pode evitar-se este inconveniente se, em logar de collocar sobre o pavimento da lapa ou sobre o chão a ração do coelho, se lhe deita n'uma grade de manjedoura semelhante, salvo as dimensões, ás grades de curraes ou estribarias.

Engorda. É sempre vantajoso engordar os coelhos, o que se póde fazer a pouco custo com alimentos ordinarios, dados em abundancia durante 15 dias, ajuntando cevada ou aveia cozidas, e misturando sal com as hortaliças. Nos coelhos castrados é mais facil a engorda, e a sua carne mais gostosa. A castração deve ser praticada na idade de 2 a 3 mezes.

Multiplicação do coelho. O coelho póde reproduzir-se desde a idade de 6 mezes; e os individuos de qualquer dos sexos devem ser reformados depois de terem a idade de 5 a 6 annos. A reproducção d'estes animaes é muito rapida; a femea póde parir seis ou sete vezes no anno, e quatro ou cinco filhos em cada parto; ás vezes dez ou onze.

O macho póde fecundar dez ou doze femeas. Quatro femeas e um macho, sendo bem alimentados, podem produzir annualmente, termo médio, cento quarenta e quatro laparos. A gravidação dura 30 a 31 dias.

O macho não deve achar-se habitualmente junto com as femcas, deve viver em compartimento separado, e não se reunir senão passageiramcntc durantc 12 horas; depois do que devc ser reposto na lapa respectiva.

Na idade de 20 dias, os laparos comem sózinhos, e sua mãc partilha com elles a sua alimentação; a um mez, podem vivcr scm a mãe. Tres semanas depois do parto, a mãe póde scr coberta de novo; deixa-se com um macho durante uma noite. É raro que não torne a ficar prenhe. Depois do quc, volta aos seus filhos, e póde amammental-os ainda durante oito dias; mas ás vezes despreza os filhos; é, pois, melhor não a fazer cobrir senão um mez ou cinco semanas dcpois do parto.

Alguns dias antcs de parir, a femea ajunta n'um canto de sua lapa, liteira secca de que fórma um ninho, e guarnece o fundo com o pello que arranca do seu ventre. Quando se limpa a lapa, cumpre não desarranjar o ninho, quer antes do parto, quer depois do nascimento dos laparos.

Ha femeas que tem o máo costumc de comcr os filhos; logo que se perceba isto, cumpre matal-as.

O estrume dos coelhos é um poderoso adubo e mui abundante relativamente á quantidade de alimentação que consomem estes animaes. Não se deve, pois, poupar-lhes a liteira que, alias, lhes é tão neccssaria.

Matam-se os coelhos dando-lhes uma forte pancada com a mão atraz das orelhas. Estando o coelho despojado e esvaziado, se quer perfumar a carne, enche-se o interior do corpo com tomilho ou outras hervas aromaticas piladas e cortadas, ás quaes ajunta-se um pouco de manteiga, sal, folhas de louro e pimenta.

Quando se despojou um coelho, é preciso estirar a pelle enchendo-a com feno ou hervas seccas, e manter a separação das coxas por meio de um pedaço de páo convenientemente disposto. Suspendc-sc a pelle n'uma corrente de ar. Assim preparada tem maior preço. No momcnto da venda tira-sc o feno.

Molestias dos coelhos. Os coelhos estão sujeitos a muitas molcstias, e principalmente á *sarna*, *diarrhea*, *mal de olhos* e *ventre grosso*. Estas molestias provém ordinariamentc de uma habitação pouco sadia, privada de ar e de luz, e da falta de asseio.

Remediar estes inconvenientes, é prevenir e mesmo curar as molestias.

Os animaes doentes estarão collocados n'uma gaiola separada; deve-se-lhes dar para alimento algumas plantas aromaticas, taes como aipo, funcho, pimpinella, etc. Convem então ajuntar sal á agua para beber, que nunca lhes deve faltar.

COENTRILHO. *Zanthoxylum hyemale,* Saint-Hilaire. Rutaceas. Arvore do Brazil; habita no Rio Grande do Sul. É mui variavel nas suas dimensões; é ás vezes mui pequena, outras vezes eleva-se a grande altura; dc ordinario tem espinhos. Folhas alternas, compostas dc 3 a 6 pares de foliolo impar, obovados, obtusos, crenados; flores dispostas em cachos ou paniculas. Os habitantes das localidadcs onde vegcta

esta arvore, pretendem que a casca, reduzida a pó, cura as dôres de ouvido. O que ha de certo é que esta arvore fornece um lenho duro, excellente para a construcção.

COENTRO. *Coriandrum sativum*, Linneo. Umbelliferas. Pequena planta, cultivada nas hortas do Brazil e de Portugal (fig. 207). Tem folhas recortadas profundamente; flores brancas com cheiro de percevejo; os fructos enrugados na superficie, amarellos, de cheiro desagradavel de percevejo no estado fresco, e agradavel depois de seccos. Os fructos compõem-se de duas carpellas soldadas, que não se separam na madureza. São os fructos, impropriamente chamados *sementes*, que se empregam na confeitaria, perfumaria, e em medicina. Fazem-se com elles gragêas que deixam na bocca um cheiro agradavel. Em medicina usam-se ás vezes para estimular a acção do estomago, sob a fórma de chá, que se prepara com uma colherzinha de coentros e uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 207. — Coentro.

COERANA. *Cestrum Parqui*, Solaneas, L'Herit. Arbusto do Brazil; habita principalmente nas provincias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. Tem as folhas lanceoladas, um tanto onduladas, flores em corymbos terminaes, corolla infundibuliforme com o limbo plicado; o fructo é uma baga com muitas sementes.

Ha outras especies do genero *Coerana*, que habitam por todo o Brazil; taes são: *Cestrum euanthes*, Schlecht (S. Paulo, Minas); *Cestrum lævigatum*, Schlecht (Rio, S. Paulo, Bahia); *Cestrum corymbosum*, Schlecht (Rio, Minas); *Cestrum bracteatum*, Link; *Cestrum stipulatum*, Velloso. As folhas de todas estas coeranas gozam de propriedades calmantes, e empregam-se em banhos contra as dôres rheumaticas, dos intestinos e do utero. *Dóse:* 120 grammas de folhas de coerana para um semicupio. Em dóse elevada as cocranas são narcoticas. O Sr. Dr. Caminhóa assegura que sobre o gado vaccum e cavallar produzem effeitos toxicos. Nas provincias da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, espalham-se folhas de coerana pelo chão das casas para matar as pulgas. Na provincia da Bahia, segundo o que diz o mesmo Autor, ha até uma expressão da gente do campo para os animaes que estão tristes (symptoma do envenenamento por esta planta); *comeo coerana.*

COGUMELO. Os cogumelos pertencem a uma grande classe dos vegetaes sem flor; sua organização é simples, e de tal sorte differem dos vegetaes ordinarios, que muitos naturalistas hesitáram em compre-

hendêl-os no reino vegetal. Apresentam-se debaixo de fórmas variadas; umas vezes constituem filamentos brancos, taes como, por exemplo, os mofos que se observam no papel ou na colla humida; outras vezes são inteiramente globosos, ou offerecem o aspecto de galbos de coral ramificados ou de chapéos de sol. A parte superior do cogumelo chama-se *chapéo*, e o tronco que o supporta recebeo o nome de *pedunculo*. Debaixo do chapéo acham-se laminas ou tubos, entre os quaes se vèem grãos redondos, que servem para a reproducção da planta, do mesmo modo que as sementes de vegetaes com flores. Muitos cogumelos são cercados, desde que nascem, da um bolso chamado *volva*, que se rasga depois, mas cujos restos, sempre visiveis em redor do pedunculo ou sobre o chapéo, são importantes como caracteres de classificação. N'um grande numero de especies, a face inferior do chapéo é coberta de uma membrana que se prende de uma parte a toda a circumferencia d'este orgão, e de outra ao apice do pedunculo. Esta membrana, que se rasga mais tarde, deixa em volta do pedunculo um pedaço circular franjado, ao qual se deo o nome de *collar* ou *annel*.

Os accidentes funestos, que póde occasionar o uso dos cogumelos deleterios, leváram muitos botanicos a occupar-se da distincção das especies que são venenosas das que podem ser comidas sem inconveniente. Infelizmente, força é confessar que seus penosos trabalhos não os conduziram ainda a resultados inteiramente satisfactorios. Com effeito, no mesmo genero acham-se especies venenosas, e outras que o não são : ás vezes estas especies assemelham-se de tal sorte, que é necessario a maior habilidade para podel-as reconhecer; isto é tão certo, que, quanto mais se estudam os cogumelos, tanto mais se hesita em se pronunciar uma exacta distinção entre elles. Persoon, que fez dos cogumelos o objecto de seus trabalhos durante grande parte da sua vida, nunca dava a sua opinião; e quando se insistia, declarava todo o cogumelo venenoso, receioso de dar um parecer arriscado, e de ser causa involuntaria de alguma desgraça. Pois que os caracteres botanicos são tão incertos, indiquemos ao menos outros signaes que possam ser uteis.

Os cogumelos não venenosos habitam ordinariamente as relvas seccas expostas ao sol, ou mattos arenosos, ou terrenos bastantemente estrumados : acham-se debaixo de todas as latitudes. Os cogumelos venenosos nascem á sombra sobre os troncos podres, nos mattos sombrios, terrenos humidos e estrumes em fermentação ; são mais communs nos paizes septentrionaes do que nas regiões meridionaes. Os bons cogumelos tem uma superficie secca, uma côr parda, rosea ou vermelha vinosa; são frequentemente cercados pelos insectos, que traçam raios irregulares sobre o chapéo; e a pellicula que cobre este chapéo póde tirar-se facilmente. Os cogumelos nocivos tem uma superficie escamosa, côres duvidosas; são negros, amarellos ou côr de sangue; raramente se observam na sua superficie os sulcos feitos pelos insectos ; e quando se quebram, mudam de côr pela acção do ar; este caracter, mui notavel no *Boletus cyanescens*, que de branco se torna azul, é um signal certo de que a especie é venenosa. Os bons cogumelos seccam sem se corromperem, e são quasi

sempre desprovidos da *volva;* o seu pedunculo é nú e não guarnecido de um collar vizinho do chapéo. Os cogumelos perigosos tem uma volva, ou vestigios d'ella; são cercados de um collar, e corrompem-se em vez de se deseccarem. Esta putrefacção é acompanhada de um desenvolvimento de hydrogeneo sulfurado, e assemelha-se muito ás materias animaes. Os cogumelos comestiveis tem consistencia carnosa, firme, nem molle nem fibrosa, e não são esponjosos nem impregnados d'agua. As especies suspeitas tem consistencia esponjosa, são impregnadas de succos aquosos, ou então são fibrosas, duras e compactas. O sabor e o cheiro ministram tambem caracteres que não devem ser desprezados. Os cogumelos bons tem o gosto da noz, sem o seu amargor nem adstringencia, e que entretanto não é insipido, assemelhando-se ao das amendoas doces. Os cogumelos máos tem cheiro insipido, viroso, sulfureo, penetrante como o da terebinthina ou da terra humida. Taes são os signaes que se devem considerar; mas nenhum ha que seja caracteristico, nenhum que não apresente muitas excepções.

Mesmo os cogumelos reconhecidos como alimentarios podem perder este caracter em algumas circumstancias, e tornar-se mais ou menos perniciosos. Isto acontece, por exemplo, quando se colhem mui tarde, e quando já tem experimentado um principio de decomposição, ou quando foram colhidos em logares muito humidos. O tempo mais opportuno, em que se deve fazer a colheita dos cogumelos, é a época em que elles ainda não chegáram ao ultimo gráo de seu desenvolvimento, porque então o seu sabor é mais agradavel, e a polpa mais tenra e de mais facil digestão. Não se devem conservar mais de um dia sem ser preparados.

Quando se faz uso dos cogumelos, cuja boa qualidade não é certa, devem-se tomar algumas precauções que diminuam o perigo. Assim, tem-se observado que o vinagre díssolve o principio venenoso de algumas especies, de sorte que se tem feito uso d'ellas sem inconveniente, depois de demoradas por algum tempo em agua bastantemente avinagrada. É por conseguinte necessario pôr de môlho por algum tempo em agua acidulada os cogumelos cuja natureza fôr suspeita. Mas deve-se, depois d'esta operação, deitar fóra essa agua, que contém o principio deleterio d'estes vegetaes. Faz-se tambem a experiencia da seguinte maneira: se se encontra um cogumelo que reune todos os caracteres favoraveis; dá-se primeiramente a um animal, a um cão ou a um gato; se este não experimenta accidentes, póde-se usar d'elle ao principio em pequena quantidade, e depois augmenta-se pouco a pouco a dóse.

As figuras 208, 209 e 210 representam os cogumelos comestiveis. A fig. 208 representa o *Agaricus campestris*, Linneo; a fig. 209 o *Boletus edulis*, Linneo; a fig. 210 o *Agaricus aurantiacus*, Bull. (*oronge vraie*, em francez). A fig. 211 representa o *Agaricus muscarius*, Linneo (*fausse oronge*, em francez), que é um dos mais venenosos; os vestigios da volva no chapéo são visiveis.

Os *accidentes produzidos pelos cogumelos venenosos* são os seguintes: Apenas se comem, porém mais frequentemente depois da sua digestão, experimenta-se uma afflicção geral, vertigens, enjôos, dôr na bocca do

estomago. A estes symptomas succedem frequentemente desmaios, tremores, eructações desagradaveis, calor e dôr na garganta. Apparecem depois ancias de lançar, colicas mais ou menos intensas, seguidas de

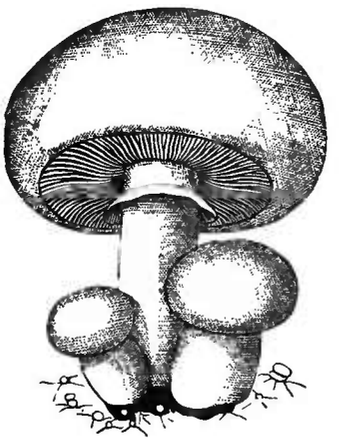


Fig. 208. — Cogumelo comestivel.



Fig. 209. — Cogumelo comestivel.

vomitos e de jactos, de inchação e calor em todo o ventre, com sêde viva, anxiedade, suffocação; pulso fraco, frequente, irregular; abatimento mais ou menos profundo, alteração da physionomia, suores frios, dejec-

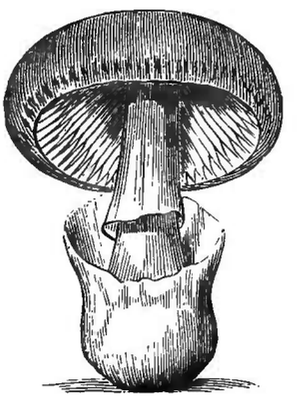


Fig. 210. — Cogumelo comestivel.

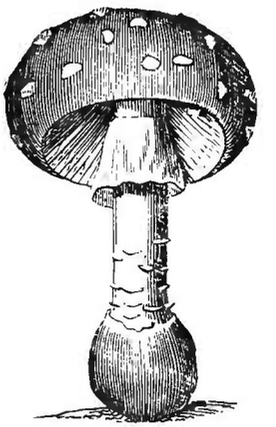


Fig. 211. — Cogumelo comestivel.

ções fetidas, e ás vezes a morte. Sendo os cogumelos de uma digestão difficil, acontece ás vezes que os phenomenos do envenenamento não se manifestam senão 5, 10, 12 e mesmo 30 horas depois de introduzidos no estomago.

Tratamento do envenenamento produzido pelos cogumelos venenosos. Administrem-se ao doente 10 centigrammas de emetico dissolvido n'uma chicara d'agua fria, para provocar os vomitos. Ao depois, 60 grammas de sulfato de magnesia, dissolvido em duas chicaras d'agua fria, para obter evacuações alvinas.

Evacuados os cogumelos, tome o doente alguma bebida acidulada, tal

como agua com sumo de limão ou com vinagre e uma colher, das *de sopa*, de meia em meia hora; da poção seguinte :

Agua commum.....	120 grammas.
Ether sulfurico.....	30 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

COLCHÃO. Uma das partes da cama é o colchão que quasi sempre é feito de linho cheio de lã, crina, pennas, palha, etc. Os colchões devem estar sempre limpos e serem expostos ao ar o mais vezes possivel.

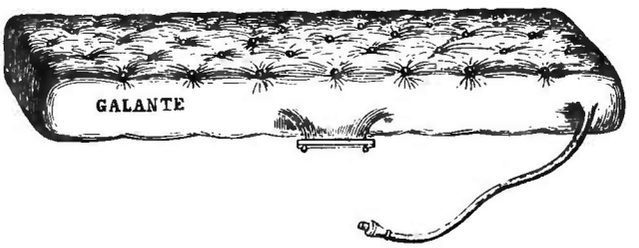


Fig. 212. — Colchão d'agua.

Ha colchões feitos para certa categoria de molestia; n'este caso citaremos os colchões d'agua (fig. 212), o qual consiste em um envolucro de cautchuc que se enche de agua fria ou morna por meio de um apparelho especial. A pressão sobre esta cama hydrostatica é muito mais suave e melhor supportada pelos doentes. Evitam-se as escaras que são tão graves e qué ferem os individuos que são obrigados a ficarem muito tempo de cama e cujo estado geral é muitissimo ruim.

COLCHICINA. Alcaloide crystallizado e puro do colchico. Soluvel no alccool e no chloroformio, insoluvel na agua. Empregada contra as affecções gotosas, tem dado excellentes resultados.

Administra-se a colchicina sob a forma de granulos de Houdé, pharmaceutico de Pariz.

Os granulos de colchicina de Houdé, logo após as primeiras evacuações provocam um relaxamento absoluto do accesso gotoso e de suas dôres agudas; no ponto de vista therapeutico não só constituem um medicamento que cura, como tambem um medicamento preventivo da gota.

Se a gota está declarada toma-se no primeiao dia 4 granulos de 15 em 15 minutos; no segundo dia, 3 granulos; no terceiro dia, 2 granulos; no quarto dia, 1 granulo : Deixa-se passar 6 a 8 dias e recomeça-se o tratamento se apparecer o accesso.

Como preventivo, toma-se no primeiro dia, 3 granulos, um de hora em hora; no segundo dia, 2 granulos; no terceiro dia, 1 granulo.

Cada granulo Houdé é dosado chimicamente a 1 milligramma de colchicina crystallizada.

A casa L. Frère, de Paríz, prepara tambem a colchicina em granulos, ditos granulos impressos, de meio milligramma e um milligramma de colchicina pura.

COLCHICO. *Colchicum autumnale*, Linneo. Colchicaceas. Planta

que habita nos prados da Europa meridional. Tem a flor roxa, que surge subitamente da terra no mez de setembro ou outubro, para annunciar a chegada do estação rigorosa. Um bolbo lhe serve de base, e suas folhas apparecem só no verão proximo para envolverem o fructo (fig. 213). Perigoso em todas as suas partes, que contém um principio acre e narcotico, é no seu bolbo que residem suas propriedades deleterias. Citam-se alguns exemplos de animaes que, não escutando a voz do seu instincto, foram envenenados pelo colchico; e até no homem ha exemplos de accidentes graves, mesmo de morte, pelas dóses exageradas do colchico. Oito a doze grammas são sufficientes para produzir a morte nos cães.

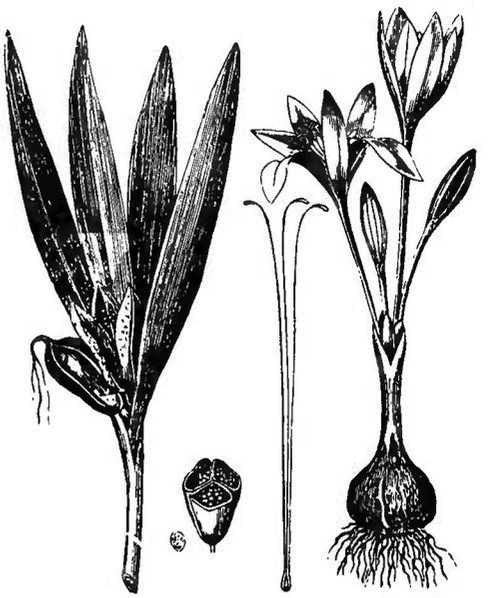


Fig. 213. — Colchico.

O bolbo e as sementes do colchico, em dóse moderada, empregam-se em medicina contra a gota e o rheumatismo. Este medicamento administra-se debaixo de tres fórmas : de extracto, de vinho e de tintura. Os principaes effeitos, que produz, são : diarrhea mais ou menos forte, ourinas copiosas, e diminuição de frequencia do pulso. As dóses em que se administra são : *Extracto :* 5 a 10 centigrammas e mais, progressivamente, em pilulas. *Vinho* 4 a 15 grammas em poção, *Tintura*, 15 gottas a 4 grammas em poção.

Com o colchico é que se prepara o vinho de Anduram tão preconizado com feliz exito contra a gota. Prepara-se este vinho macerando durante dez dias :

Bolbos de colchico...	300 grammas.	Folhas de freixo.....	600 grammas.
Sementes de colchico.	600 —	Vinho branco generoso.	100 litros.

COLCOTHAR. *Veja-se* FERRO.

COLDCREAM. Pomada cosmetica muito agradavel, e muito empregada actualmente pelas senhoras para amaciar a cutis do rosto e do pescoço; serve tambem contra as espinhas do rosto e rachas dos labios. Eis-aqui a receita :

Oleo de amendoas doces.	215 gram.	Agua de rosas.....	60 gram.
Espermacete.....	60 —	Tintura de benjoim....	15 —
Cera branca.....	30 —	Oleo essencial de rosas.	30 centigr.

Derreta a cera e o espermacete no oleo a calor brando; vase em almofariz de marmore aquecido; triture até esfriar. Ajunte o oleo essencial de rosas, e incorpore pouco a pouco a mistura da agua e da tintura,

previamente passada por panno de linho. Alguns autores indicam em logar do oleo essencial de rosas, a essencia de bergamota, agua de Colonia, essencia de amendoas amargas, a camphora ou a esssencia de alecrim.

Um cold-cream que se pode recommendar pela nitidez por que é feito, é o Coldcream da casa Ed. Pinaud, perfumista de Pariz. É cold cream muito bem preparado, aromatizado com perfumes diversos, e que amacia a pelle, dando-lhe o avelludado da juventude.

COLICA. Dôr de colica ou Colica nervosa. Dão-se estes nomes ás dôres que atacam o ventre, e que não são dependentes de nenhuma lesão organica : consideram-se como perturbação da sensibilidade. A invasão subita, a dôr viva, sua mobilidade, as contracções espasmodicas das paredes do abdomen, a prisão de ventre, a anxiedade geral, a pallidez do rosto, a alteração da physionomia, o abatimento, os suores ou os desmaios, constituem os seus symptomas. Estes caracteres, entretanto, são communs a outras affecções. Outras circumstancias esclareceram a duvida. Quando houver certeza de que nenhum orgão se acha visivelmente affectado, poder-se-ha presumir que a colica é nervosa. A dôr, se fôr nervosa, será diminuida pela pressão sobre o ventre; entretanto que se exaspera quasi sempre quando proveniente de lesão organica. As causas merecem igualmente a nossa attenção. Uma emoção viva da alma, e a impressão subita do ar frio, são capazes de dar logar á colica nervosa, sobretudo nas pessoas sensiveis, acostumadas á vida sedentaria, e á grande applicação do espirito. Muitas vezes esta dôr apparece sem causa conhecida. A presumpção mais bem fundada em favor de uma colica nervosa, seria a que se estabelecesse sobre accessos semelhantes, que anteriormente tivessem sobrevindo ao mesmo individuo.

É de curta duração a colica nervosa, e não persiste além de algumas horas; ás vezes dura mais de um dia; ordinariamente cessa uma hora depois da invasão, acabando sempre felizmente; mas não é raro que torne a apparecer, e ás vezes com intervallos bem curtos. Entregue a si mesma, esta affecção cessará infallivelmente; mas por pouco que ella dure, é sempre penosa para o doente. É preciso, por conseguinte, lançar mão dos meios mais appropriados para fazer cessar promptamente a anxiedade.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer é administrar uma chicara de chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Appliquem-se ao mesmo tempo pannos quentes no ventre. Se o doente não tiver evacuado, dê-se um clyster d'agua morna, ou recorra-se a um purgante : 30 grammas de oleo de ricino; 8 grammas de magnesia calcinada; ou 50 grammas de sulfato de magnesia.

Depois de provocada a evacuação, convem se dê uma colher *de sopa*, de quarto en quarto de hora, da poção preparada pela mistura das substancias seguintes :

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 grammas.	Ether sulfurico.....	20 gottas.
Laudano de Sydenham..	30 gottas.	Assucar.....	12 grammas.

Se as colicas não cessarem, façam-se no ventre fricções com balsamo tranquillo, e administre-se o clyster preparado segundo a receita seguinte :

Assafetida.....	2 grammas.
Camphora.....	40 centigrammas.
Gema de ovo.....	1

Triture-se e ajunte triturando :

Agua quente.....	250 grammas.

Depois do clyster metta-se o doente n'um banho d'agua quente; o banho deve ser geral, e durar pelo menos uma hora.

Em seguida appliquc-se no ventre uma cataplasma de farinha de linhaça, misturada com uma ou duas colheres, das *de sopa*, de laudano de Sydenham.

Se a colica não ceder a estes meios, administre-se, de quarto em quarto de hora, uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Infusão de valeriana.....	120 grammas.
Tintura de belladona	20 gottas.
Xarope de gomma.....	30 grammas.

Misture.

Ás vezes, a prisão do ventre é tão forte, que não cede nem ao oleo de ricino, nem ao sulfato de magnesia, nem á magnesia calcinada; é preciso então administrar os purgantes mais energicos, taes como 30 a 120 centigrammas de pós de coloquintidas ou uma gotta, duas gottas e progressivamente seis gottas de oleo de croton tiglium em meia chicara d'agua fria com assucar.

A colica que acabei de descrever é uma das dôres de barriga que atacam mais frequentemente. Assim, quando qualquer pessoa se acha atacada subitamente de uma dôr viva n'algum ponto do ventre, póde-se dizer que é uma colica nervosa. Ha entretanto colicas que não são nervosas, e que dependem de outras causas; taes são as dôres que resultam da indigestão, da inflammação dos intestinos, da ingestão de substancias venenosas, etc.; passemos em revista estas differentes colicas.

Colica biliosa. *Veja-se* CALCULO BILIAR.

Colica de chumbo, colica saturnina, colica dos pintores. Todos estes nomes foram dados a uma especie de dôr de ventre, que se manifesta nos individuos que por sua profissão são obrigados a viver n'um ambiente carregado de particllas de chumbo; taes são os pintores, os pichelciros, os douradores, os fabricantes de alvaiade (carbonato de chumbo), as pessoas que bebem vinho falsificado com lithargyrio (oxydo de chumbo).

Symptomas da colica de chumbo. O doente experimenta durante alguns dias dôres vagas e passageiras no ventre, que augmentam pouco a pouco; as evacuações alvinas são cada vez mais raras, e as materias evacuadas mui duras. Depois as dôres tornam-se tão vivas, que os doentes são

obrigados a suspender os seus trabalhos, e a mudar continuamente de posição, na esperança de achar uma que os allivie; estas dôres, entretanto, não são contínuas, alcalmam-se e augmentam alternadamente : existem ordinariamente á roda do embigo e nas costas. Ha ao mesmo tempo prisão de ventre, e fastio; sobrevem tambem nauseas, vomitos, caimbras nos membros; as ourinas diminuem.

Entregue a si mesma, a colica de chumbo póde prolongar-se indefinidamente, se é pouco intensa; mas acontece ás vezes que as dôres de barriga cessam e são substituidas pela paralysia dos membros. Tratada convenientemente. esta molestia cura-se quasi sempre.

Tratamento da colica de chumbo. Principia-se pela bebida emeto-cathartica, cuja formula é a seguinte :

Agua.....	750 grammas.
Emetico.....	10 centigrammas.
Sulfato de magnesia.....	30 grammas.

Misture. Toma-se um copo de meia em meia hora, até acabar toda a bebida.

No mesmo dia administra-se un clyster purgativo, segundo a seguinte formula :

Sene.....	15 grammas.
Agua fervendo.....	500 —

lufunda por meia hora, côe e ajunte :

Jalapa em pó.....	4 grammas.

Todas as noites o doente tomará uma pilula de opio de 5 centigrammas. A formula d'estas pilulas é a seguinte :

Extracto de opio.....	30 centigrammas.
Alcaçuz em pó.....	quantidade sufficiente.

Faça 6 pilulas.

Se a prisão de ventre resistir aos precedentes medicamentos, administre-se o oleo de croton tiglium, na dóse de 1,2 ou 3 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar.

Estes meios, ajudados pelo repouso, dieta e uso da limonada de limão, bastam quasi sempre para curar e molestia.

Contra as paralysias que resultam, ás vezes, da absorpção dos saes de chumbo, empregam-se fricções com balsamo de Fioravanti; 30 grammas para cada fricção.

Colica das crianças de peito. As crianças que acabam de nascer, ou que ainda mammam, estão muito sujeitas ás colicas caracterizadas por choros agudos, que nada póde acalmar, por contorsões do ventre e das pernas, e pela expulsão de ventosidades pela bocca e por baixo.

Tratamento. Applicar no ventre cataplasma de linhaça bem quente, ou toalha quente; dar a beber ás colheres chá de herva doce; administrar

um clyster d'agua morna simples; dar a beber uma colher, das *de chá*, de azeite doce com assucar, ou 15 grammas de xarope de chicoria composto.

Colica do estomago. *Veja-se* CAIMBRA DO ESTOMAGO.

Colica flatulenta. Dá-se este nome ás dôres produzidas pela accumulação de gazes nos intestinos. *Veja-se* FLATULENCIA.

Colica hemorrhoidal. Dôr de barriga que precede o fluxo hemorrhoidal, ou que é produzida pela suppressão d'elle. *Veja-se* HEMORRHOIDAS.

Colica hepatica. Dôr que resulta da passagem de calculos biliares pelos canaes em que passa a bilis. *Veja-se* CALCULO BILIAR.

Colica de indigestão. *Veja-se* INDIGESTÃO.

Colica inflammatoria, Dôr que procede da inflammação dos intestinos. Acompanha quasi sempre a diarrhea e a dysenteria, e reclama o emprego de cataplasmas de linhaça no ventre, e dos outros meios que vão indicados nos artigos que tratam d'estas duas molestias.

Colica menstrual. Assim se chamam as dôres que precedem ou acompanham os menstruos, ou as que resultam da supressão ou da demora d'esta evacuação. Acalmam-se estas dôres com chá de herva cidreira ou de arruda, com semicupios d'agua quente, e tomando algumas colheres de chloral bromuretado Dubois.

Colica de miserere. *Veja-se* ILEO.

Colica nephritica. Dôres agudas produzidas pela presença de areias nos rins, e nos canaes que conduzem a ourina dos rins á bexiga. Para acalmar estas dôres o doente deve metter-se em um banho morno, no qual ficará mais de uma hora, deve applicar uma cataplasma de farinha de linhaça nas cadeiras, e beber infusão de linhaça. *Veja-se* AREIAS.

Colica nervosa. *Veja-se* pag. 648.

Colica dos pintores. *Veja-se* COLICA DE CHUMBO.

Colica proveniente da prisão de ventre. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

Colica saturnina. *Veja-se* COLICA DE CHUMBO.

Colica ventosa. Dôres passageiras no ventre que resultam da presença de gazes nos intestinos. *Veja-se* FLATULENCIA.

COLITE. Inflammação do intestino colon. Os symptomas e o tratamento d'esta molestia são os mesmos que os da *enterite*.

COLLA. Chamam-se *collas* as materias adhesivas que se empregam sobretudo para reunir e fixar peças de um systema solido qualquer, mas que recebem tambem applicações nas preparações dos estofos, na fixação das tintas, na clarificação dos liquidos, etc. Distinguem-se no commercio muitas especies de collas.

Colla ordinaria ou *colla em pasta*. Obtem-se diluindo farinha de trigo em agua fria até á consistencia de massa rala, depois elevando a temperatura gradualmente até 75° ou 80°. Esta especie de colla emprega-se sobretudo na encadernação, e para collar papeis nas salas e quartos.

Colla de peixe ou *ichtyocolla*, é gelatina quasi pura. Faz-se da membrana interna da bexiga natatoria de muitas especies de esturjões, grandes

peixes que habitam no Volga e em outros rios que desaguam no mar Caspio. Para servir-se d'ella, basta pôl-a de môlho durante algum tempo em agua calida; na qual se dissolve quasi completamente. A colla de peixe emprega-se para dar lustre e consistencia aos estofos de seda, ás fitas, ás garças; para preparar as flores artificiaes e o encerado inglez; para imitar as perolas finas, grudar a porcelana e o vidro, fazer geleas, e para clarificar a cerveja, o vinho branco e os licores. Fazem-se lanternas com tecidos metallicos molhados n'uma solução d'esta colla.

Colla forte ou *grude*. Distinguem-se no commercio muitas collas fortes que tem geralmente o nome das localidades em que se fabricam, ou das substancias empregadas na sua confeição; mas qualquer que seja a sua diversidade tem sempre por base a *gelatina* (*veja-se* esta palavra). A mais conhecida é a *colla de Flandres*, que se obtem fazendo ferver em agua aparas de couros, de pergaminhos, etc.; apparece em folhas delgadas, amarelladas, um tanto nebulosas. A colla forte ordinaria obtem-se dos cascos dos bois, pellicas, orelhas; apresenta-se em folhas grandes, espessas, pretas. A colla de Flandres emprega-se para fazer a colla de bocca, o papel lustroso, as capsulas em que se encerra a copahiba e alguns outros productos pharmaceuticos. As collas de qualidades inferiores são reservadas para os usos da marcenaria ou aprestos communs; para servir-se d'ellas, é preciso pôl-as de môlho em agua fria durante algumas horas, e aquecer a banho-maria.

Colla de bocca, quasi transparente e de côr amarella-avermelhada, prepara-se com a colla de Flandres á qual se ajunta assucar, e algumas gottas de essensia de limão. Serve para collar papel e objectos de pouca extensão. Para empregal-a, molha-se com a saliva.

COLLAPSO. Enfraquecimento caracterizado pela impossibilidade no movimento dos membros, diminuição da acuidade dos sentidos e a suspensão ou a parada das funcções intellectuaes. Este symptoma, que é sempre grave, observa-se em muitas molestias, e em consequencia de quedas, de feridas, de traumatismos e hemorrhagias. Luta-se com vantagem contra o collapso, praticando injecções sub-cutaneas de ether sulfurico, com uma seringa de Pravaz.

COLLETE DE MULHER ou ESPARTILHO. É parte essencial do vestuario das mulheres destinada a endireitar, e afeiçoar o talhe do corpo e os seios. Deve ser confeccionado de maneira que não comprima nenhuma parte do corpo, e sobretudo que não incommode nenhum dos principaes orgãos da vida. Um collete possue as qualidades necessarias, se está convenientemente applicado, se a pressão, moderada por toda a parte, é principalmente mais fraca do lado dos orgãos que offerecem menos resistencia; se é bastante flexivel para não pôr obstaculo algum nem ao movimento das costellas e do ventre, na respiração, nem ao accrescimo do estomago e dos intestinos, na digestão; se é bastante aberto em cima, para suster os seios sem comprimil-os; se não tem hombreiras, porque estas estorvam os movimentos dos braços; se as chanfraduras estão bastante cavadas; se as barbatanas e as chapas de aço fixadas entre o forro do metim e destinadas a manter a sua fórma, a impedir

que suba ou se franza, são assaz numerosas, assaz delgadas, assaz flexiveis, e bem collocadas para não fazerem sentir a sua pressão em alguma parte e para não embaraçarem os movimentos; se a tala de aço do meio é flexivel, leve, de uma curvatura conveniente, e melhor ainda, se é substituida por duas barbatanas estreitas separadas por um tecido elastico; emfim se todo o collete, abraçando a circumferencia da bacia, acha ao redor das cadeiras um ponto de apoio solido, seguindo a concavidade natural dos flancos, sem ser muito apertado ao seu nivel, e marcando o talhe sem o deformar.

Muitos medicos, oppostos ao uso do collete, formám um quadro espantoso de todas as molestias que elle póde produzir; mas apezar d'essas declamações, as mais das vezes exageradas, o uso do collete não diminuio; porque nunca o medo de molestias que não ameaçam instantaneamente a vida, fará perder um costume tão caro á vaidade feminil, e que tambem não deixa de ter suas vantagens. Alguns medicos dizem que o collete predispõe aos escarros de sangue, á tisica, ás palpitações, ás aneurismas, ás roturas; que é nocivo ás funcções do estomago e do figado; que produz curvaturas do dorso; que impede o desenvolvimento dos seios, etc.; mas estes inconvenientes só são proprios dos colletes muito apertados ou mal feitos.

O uso dos colletes não deve ser permittido ás meninas antes da época da puberdade, e só quando o corpo tem adquirido um crescimento sufficiente; de outro modo são nocivos ao desenvolvimento, e podem realmente tornar-se origem de muitas molestias do peito : entretanto, antes d'esta época, póde-se fazer uso de pequenos espartilhos guarnecidos de barbatanas delgadas e flexiveis; mas de modo algum devem ellas servir-se de espartilhos com chapas de aço no peito. Existem circumstancias em que até nas pessoas adultas estas chapas apresentam inconvenientes : é preciso então cessar o seu uso, e substituil-as por duas pequenas barbatanas separadas por um intervallo de 5 centimetros, occupado por um tecido elastico.

As senhoras nunca devem usar de colletes mui apertados. Durante a gravidez, sobretudo, não devem usar senão dos colletes elasticos; estes, longe de serem perigosos, podem pelo contrario ser de um util soccorro; emfim, nunca devem os colletes comprimir os seios e sobretudo o bico do peito, pois que d'esta maneira poderiam estorvar a amammentação da criança.

Os colletes ordinarios mais commodos para as senhoras que usam d'elles habitualmente, são os que são abertos por diante e atacados por detraz. O atacador, uma vez collocado no ponto conveniente para dar ao collete toda a extensão necessaria, fica em logar fixo. A chapa dianteira está dividida em duas partes, que se reunem por diante por meio de quatro colchetes convenientemente dispostos Basta, por conseguinte, para pôr este collete, pregar os colchetes, e, para tiral-o, despregal-os. D'esta maneira faz-se escusado o soccorro de uma criada.

COLLODIO. Dá-se o nome de collodio á dissolução de *algodão-*

polvora (*Veja-se* esta palavra), quer no ether sulfurico simples, que no ether sulfurico alcoolizado. Esta substancia goza de propriedades adhesivas mui poderosas, e póde ser utilizada como medicamento agglutinativo, e como bom verniz.

O collodio é um liquido esbranquiçado, viscoso, meio transparente. Deitando um pouco d'esta substancia sobre a pelle bem enxuta da mão ou de outra parte do corpo, forma-se instantaneamente uma crosta, que não se póde tirar nem com agua fria, nem com agua quente, nem com alcool. O collodio foi aconselhado no curativo das feridas, para pôr em contacto os labios d'ellas.

O collodio torna os tecidos impermeaveis, e é usado tambem para a preparação das chapas photographicas. Póde tambem ser empregado vantajosamente na multiplicação das plantas por estaca. Para este fim, mergulham-se no collodio tres millimetros da extremidade inferior da estaca. A ferida feita no ramo da planta fica coberta d'esta maneira com uma camada delgada de um liquido que a preserva da humidade superabundante, assim como da acção do ar, e faz com que o ramo torne a pegar mais facilmente.

O collodio serve tambem para o enxerto das arvores fructiferas, das camelias e de muitas outras plantas; substitue então com vantagem a cera.

COLLUTORIO. Medicamento liquido de consistencia de xarope que se emprega ordinariamente com um pincel no tratamento das molestias da bocca, como por exemplo : nos sapinhos, nas aphtas, na estomatite mercurial, etc.

Os collutorios que se empregam mais frequentemente são :

1° Borato de soda em pó..	10 gram.	Agua de rosas.....	30 gram.
Mel branco.....	30 —	Mel rosado.....	40 —
2° Borato de soda em pó..	5 —	Tintura de Myrrha.....	10 —

COLLYRIO. É um medicamento que se põe em contacto com o olho doente. Estas preparações podem ser seccas, liquidas ou gazosas. Os *collyrios seccos* são ordinariamente compostos de pós mui finos de pedra hume, calomelanos, sulfato de zinco, etc., que se assopram nos olhos por meio de um papel ou de uma penna. Os *collyrios liquidos* são misturas de liquidos de diversa natureza, que se instillam entre as palpebras, e com que se lavam os olhos.

Os mais usados são :

1° Acetato de chumbo crystallizado	5 centigr.	Infusão de sabugueiro.	100 gram.
Agua.....	10 gram.	3° Azotato de prata.....	5 centigr.
2° Sulfato de zinco....	25 centigr.	Agua distillada.....	100 gram.

Os *collyrios gazosos* consistem em vapores que se dirigem aos olhos.

COLOPHONIA ou Colofana. Substancia resinosa, secca, transparente, amarella ou roxa, que se tirava outr'ora de Colophon, cidade da Grecia : é o residuo da distillação da terebinthina. Reduzida a pó, em-

prega-se para suspender as pequenas hemorrhagias, as que provém, por exemplo, das picadas das bichas : polvilha-se n'este caso a pequena ferida com pós de colophonia, e comprime-se levemente por alguns instantes. A colophonia entra tambem na composição do unguento basilicão, e de alguns outros unguentos.

COLOQUINTIDA. *Cucumis colocynthis*, L. Cucubitaceas. Planta originaria do Oriente, cultivada nas hortas da Europa (fig. 214). Tem o fructo globoso amarellado, do tamanho de uma laranja. Em medicina, usa-se a *polpa do fructo*. Esta polpa acha-se nas boticas em massas brancas, esponjosas, seccas e leves, em cujas cavidades estão as sementes; sabor amargo, nauseabundo ; sem cheiro notavel. Em algumas boticas vê-se esta polpa exposta em grandes bocaes nos mostradores.

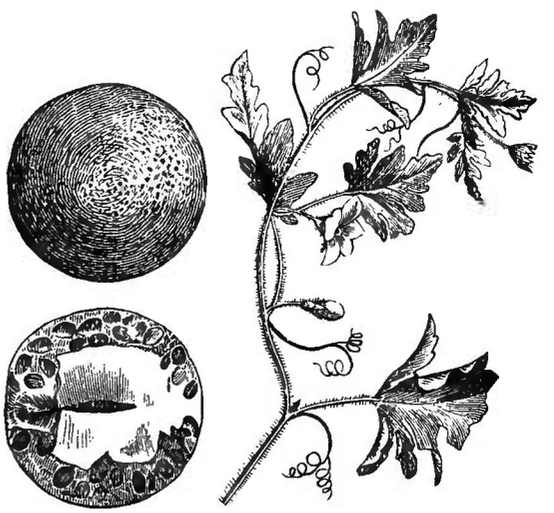


Fig. 214. — Coloquintida.

A coloquintida é um purgante energico. Basta estar-se por algum tempo na atmosphera carregada de pó d'esta substancia, para experimentar o effeito de sua grande actividade. Administrada internamente provoca dejecções alvinas abundantes, e algumas vezes vomitos. Emprega-se nas hydropisias, dôres de cabeça intensas, epilepsia, apoplexia, na dóse de 20 a 75 centigrammas por dia, dissolvidos n'uma chicara d'agua com assucar.

COLUMNA VERTEBRAL. *Veja-se* ESPINHAÇO.

COMA. Somno profundo, que resulta ordinariamente da compressão do cerebro por uma congestão sanguinea ou por um derramamento. Este estado apresenta muitos gráos. Ás vezes, o doente abre os olhos e responde quando se lhe falla, mas torna a cahir na modorra. A coma existe na congestão do cerebro, na apoplexia, na commoção cerebral e em muitas febres graves. N'este caso, applicam-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre, sinapismos e causticos nas pernas e coxas.

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTANEA. Durante muito tempo e ainda recentemente muita gente cria que certas pessoas podiam se queimar espontaneamente pelo effeito de um fogo cuja natureza não estava ainda bem determinada. Diziam que estas pessoas viram declarar-se a combustão de seus proprios corpos pela vizinhança de uma substancia accesa, ordinariamente pouco activa, uma vela, um candieiro, um cachimbo, etc. Ardia o corpo humano em uma chamma azulada, que a agua, em vez de apagar, augmentava mais. Depois da combustão ficáram alguns logares em parte queimados e torrados, os

outros foram inteiramente consumidos, reduzidos a cinzas, não deixando outro residuo senão uma materia gorda, fetida, e uma fuligem de cheiro penetrante. Emquanto o corpo ardia, os objectos que o cercavam eram apenas prejudicados, e até em alguns casos não se consumio a roupa. Estes factos considerados extraordinarios não tem mais valor hoje em dia. Não obstante não deixa de ser curioso, factos d'esta ordem que tem interesse historico e medico legal. Eis aqui alguns exemplos extrahidos dos autores.

Maria Bertholi, padre, tendo feito grande exercicio no decurso do dia, deitou-se mui cansado; passou um lenço por entre os hombros e a camisa, e, quando todas as pessoas se retiráram, principiou a ler o seu breviario. Alguns minutos tinham apenas decorrido, quando se ouvio do seu quarto um estrondo extraordinario, acompanhado de gritos. As pessoas de casa que lhe acudiram acharam o padre estirado no chão e cercado de uma pequena chamma, que se afastava pouco a pouco, e que emfim desappareceo. O braço direito e toda a parte direita do tronco ficáram profundamente desorganizados. O doente morreo ao quarto dia. Disse, antes de expirar, que tinha sentido como uma pancada de bengala sobre o braço direito, e que ao mesmo tempo vira uma faisca sobre a camisa, que foi instantaneamente reduzida a cinzas, sem que o fogo atacasse os punhos. O lenço entre a camisa e a pelle conservou-se em toda a sua integridade, e sem o menor vestigio de queimadura. O barrete ficou inteiramente consumido, sem que entretanto um só cabello fosse queimado. Não se sentia cheiro algum de chamusco no quarto, não se percebia fumaça; só o candieiro, antes cheio de azeite, estava vasio, e a torcida em estado de incineração.

Em 1765 a condessa Cornelia Bandioli, de 62 annos de idade, que tinha por costume lavar-se com aguardente camphorada, foi achada queimada fóra de sua cama. Provou-se que não foi o fogo que occasionou este accidente; a luz que estava no seu quarto ardeo até ao fim, e as toreidas estavam ainda nos candieiros. O quarto d'esta senhora, no qual a combustão se havia operado espontaneamente, ficou cheio de fuligem humida côr de cinza, que penetrou nos armarios, e sujou a roupa.

A Sr.ª Boison, de 80 annos de idade, pouco mais ou menos, muito magra, e que bebia muita aguardente havia alguns annos, estava assentada na sua cadeira ao pé do fogo. A sua criada ausentou-se por alguns momentos, e quando voltou vio-a toda inflammada; grita, e acodem algumas pessoas. Um individuo quer apagar o fogo com a mão, e a chamma se lhe pega, como se a mão estivesse impregnada de aguardente ou de azeite inflammado. Deitáram agua sobre a senhora, mas o fogo augmentou, e não se extinguio senão quando todas as carnes ficáram consumidas. O esqueleto, mui negro, conservou-se na cadeira, a qual apenas ficou denegrida.

Explicavam estes factos dando diversas razões : a phosphorescencia do cadaveres, a presença de gazes inflammaveis no ventre dos animaes, a eliminação pela bocca dos licores alcoolicos, etc. Diziam que essas

materias inflammaveis, inflammavam-se por uma causa qualquer e queimavam os tecidos que se achassem imbebidos d'ellas, o que não é natural porque estando demonstrado actualmente que o corpo humano sendo composto de uma mui grande quantidade de agua, não pode arder assim espontaneamente. O organismo dos bebedores de alcool não pode embeber tão grande quantidade de alcool para que se possa explicar estes factos d'esta maneira, pois, se fosse assim, a pessoa morreria muito antes da combustão. Os casos que narramos acima não são mais do que grandes queimaduras que se deram durante o somno ou a embriaguez dos individuos.

Dupuytren explicou muito bem esses factos do seguinte modo : « Uma mulher fica em casa, depois de ter bebido uma quantidade mais ou menos consideravel de licores fortes; faz frio, e para se aquecer, accende um pouco de fogo. Assenta-se em uma cadeira, põe debaixo dos pés o seo brazeiro. Ao coma produzido pelos licores espirituosos vem juntar-se a asphyxia occasionada pelas emanações do carvão. Pega o fogo nas roupas, n'este estado a dôr taansforma-se em insensibilidade completa. O fogo augmenta, as roupas inflammam-se e ficam consumidas; a pelle fica queimada, a epiderme carbonisada se fende, a gordura derrete-se, uma parte d'ella escorre para o chão, o resto alimenta a combustão : amanhece o dia e tudo está consumido. »

Nada mais temos a accrescentar a esta deducção que é bem a realidade dos factos. A combustão espontanea tão fallada dos antigos é facto impossivel.

COMICHÃO. Dá-se este nome a uma sensação incommoda propria da pelle. Os velhos são mais sujeitos á comichão que os moços, os pobres mais do que os ricos; os primeiros porque n'elles a transpiração é difficil por causa da dureza da pelle; os segundos, porque a falta de asseio faz com que a materia da transpiração se accumule sobre as partes exteriores do corpo, e as irrite.

A comichão é tambem um dos symptomas de todas as molestias de pelle; mas nunca é mais intensa do que na *sarna* e no *prurido :* algumas pessoas experimentam comichão tão viva, que arranham o corpo com as unhas.

A comichão, que existe á roda da ferida que está a ponto de cicatrizar-se, reconhece por causa a chegada do sangue aos vasos que até então estavam entupidos ou divididos; cessa quando a circulação se restabelece, e póde ser diminuida com lavatorios d'agua morna.

O *tratamento* da comichão produzida pela sarna e por outras molestias, cura-se com as pomadas indicadas n'essas molestias. Em todos os casos, os banhos d'agua quente, os lavatorios com sabão, com agua misturada com vinagre, e as fricções com oleo camphorado são uteis, qualquer que seja a causa da comichão. *Veja-se* PRURIDO.

COMIDA. *Veja-se* ALIMENTOS.

COMINHO. *Cuminum cyminum*, Linneo. Umbelliferas (fig. 215). Planta originaria do Egypto, cultivada nas hortas do Brazil e de Portugal. Parece-se com o funcho. Os seus fructos, que são as unicas partes

empregadas, são compostos de duas sementes pegadas uma á outra; são pequenos, alongados, de côr cinzenta-amarellada, cheiro forte, sabor aromatico. São estimulantes e estomachicos; empregam-se sobretudo como tempero. Em muitos paizes, misturam-se com pão ou queijo para lhes dar um gosto agradavel. Os veterinarios misturam os cominhos na aveia dos cavallos para lhes excitar o appetite. Os pombos são muito golosos d'estas sementes; para retêl-os n'um pombal novo, mettem-se n'elle bolos feitos de barro amassado com cominhos.



Fig. 215. — Cominho.

COMMOÇÃO CEREBRAL. A commoção do cerebro é um abalo d'este orgão, produzido por uma quéda ou pancada sobre a cabeça. Não é indispensavel, para a commoção ter logar, que a cabeça seja exclusivamente a séde da percussão; uma quéda sobre os pés, joelhos ou nadegas, um abalo consideravel experimentado n'um membro, como acontece em consequencia de muitas feridas feitas por armas de fogo, podem produzil-a, e a produzem com effeito mui frequentemente.

Symptomas. A commoção tem muitos gráos de intensidade. O mais fraco é caracterizado por uma vertigem passageira; no mais forte, as funcções do cerebro param instantaneamente, e o individuo cahe morto, sem mediar o mais pequeno espaço de tempo entre o momento da pancada e o da morte. Entre estes dois gráos extremos ha muitos gráos intermedios. Ás vezes parece ao paciente ver faiscas luminosas que lhe passam por diante dos olhos; outras vezes perde instantaneamente os sentidos, e cahe n'uma modorra mais ou menos profunda. Nos casos em que a commoção é tão forte quanto póde ser sem occasionnar a morte, as materias fecaes e ourinas sahem involutariamente. O pulso é lento e fraco, o corpo frio e pallido, o somno profundo. Quando alguem mexe o doente, mostra este primeiramente signaes de impaciencia; se se repetem as mesmas provas, abre arrebatadamente os olhos como quem desperta sobresaltado, e os fecha murmurando. Depois póde fixar a sua attenção durante certo tempo; finalmente volta pouco a pouco ao estado em que se achava antes do accidente. Muitas vezes, o doente não conserva a menor lembrança do que lhe aconteceo. Mas em alguns casos a commoção não se termina tão felizmente; o abalo experimentado pelo cerebro prejudica a textura d'este orgão, e tem por consequencia inevitavel a inflammação da substancia. Os symptomas pelos quaes esta molestia se annuncia não differem dos da inflammação espontanea. *Veja-se* ENCEPHALITE.

Tratamento. Os meios que devem empregar-se variam conforme o gráo

de commoção, e o tempo que tiver decorrido depois do accidente. No momento mesmo da commoção, se ella fôr forte, e o docnte estiver em estado mais ou menos vizinho do desmaio, cumpre, antes de tudo, reanimar os movimentos do coração, e chamar o calor á superficie do corpo com excitantes mais ou menos activos. Administrar internamente algumas colheres de vinho generoso, approximar ás ventas um panno molhado em vinagre, cobrir o doente com cobertores de lã, applicar-lhe sinapismos nas pernas; taes são os meios a que se deve recorrer em tal caso. A sangria nunca deve ser praticada nos primeiros instantes depois da quéda, accidente que, como já deixei dito, produz ordinariamente a commoção cerebral, pois que n'esta occasião o pulso deve estar apenas sensivel e o corpo frio, mas quando o calor do corpo se houver restabelecido, e o pulso se tornar forte, e se o doente accusar dôres de cabeça, póde-se recorrer ás sanguesugas atraz das orelhas ou á sangria do braço, segundo a gravidade do caso; e depois a um purgante (60 grammas de manná ou de sulfato de magnesia). Se a commoção fôr leve, basta simplesmente dar uma chicara de chá de herva cidreira, e ficar de observação até haver certeza que não sobrevirá inflammação cerebral. Se esta molestia se declarar, combata-se com a sangria e bichas.

COMMOÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. Abalo da medulla espinhal occasionado por pancada ou quéda sobre o espinhaço. Variam as consequencias conforme a gravidade da commoção. Póde ser caracterizada simplesmente pela perda momentanea dos sentidos, pela paralysia dos membros inferiores e da bexiga, ou pela difficuldade na respiração.

Tratamento. No primeiro momento, cumpre empregar os mesmos meios que estão indicados na commoção cerebral: dar a cheirar vinagre, dar a beber algumas colheres de vinho ou de chá da India, applicar sinapismos nos pés, fazer fricções no espinhaço com aguardente. Se sobrevier a paralysia, applique-se um caustico nas cadeiras, e recorra-se aos outros meios que são aconselhados no artigo PARALYSIA.

COMMOÇÃO DO OLHO. *Veja-se* OLHO.

COMPRESSA. Chamam-se compressas differentes pedaços de panno destinado a cobrir as feridas, comprimir as picadas das sangrias, manter as fracturas, ou fazer muitos outros curativos. São de fórmas mui variadas, segundo as partes sobre que se applicam. Fazem-se com panno de canhamo, panno de linho, panno de algodão, seda ou flanella, mas as mais das vezes com panno de linho.

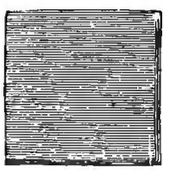


Fig. 216. — Compressa quadrada.

Quando a compressa apresenta as mesmas dimensões nos seus dois principaes diametros, chama-se *compressa quadrada* (fig. 216). Se é de comprimento duplo relativamente á largura, de maneira que forme um quadrado quando se dobra. ao comprido, toma o nome de *compressa ordinaria.* Dá-se-lhe o nome de *compressa comprida*, quando excede de duas ou tres vezes n'um sentido seus outros diametros (fig. 217). A compressa

trianguar faz-se com um panno quadrado que se de dobra maneira que se reunam seus dois angulos (fig. 218). Se este triangulo está depois



Fig. 217. — Compressa comprida.



Fig. 218. — Compressa triangular.

dobrado do apice á base duas ou tres vezes, transforma-se em *compressa em gravata* (fig. 219). A compressa *em lenço* devendo ser mais macia, é ordinariamente de seda, algodão ou cassa.

É ás vezes necessario dividir mais ou menos profundamente as bordas ou os extremos livres das compresas.

Cruz de Malta. É a compressa quadrada fendida nos quatro angulos. Esta compressa deve ser fina, e não ter mais de 10 a 14 centimetros de diametro. Fura-se ás vezes no meio, e applica-se na extremidade das partes salientes do corpo, por exemplo, os dedos.



Fig. 216. — Compressa-gravata.



Fig. 220. — Compressa fendida.

Compressa fendida. Dividindo em duas metades iguaes a extremidade de uma compressa, até o terço ou metade do seu comprimento, obtem-se uma compressa fendida em duas pontas (fig. 220).

Funda (fig. 221). A compressa simples, muito comprida e estreita, chama-se funda, se é fendida em todo o seu comprimento, á excepção

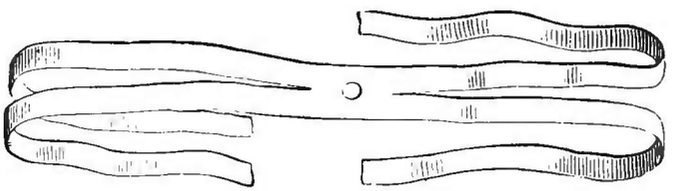


Fig. 221. — Funda.

de alguns poucos centimetros que ficam cheios na sua parte mediana: é muitas vezes util praticar então um buraco no ponto central d'esta ultima parte. Emprega-se para as molestias da barba e do queixo inferior.



Fig. 222. — Compressa graduada.

Compressa graduada (fig. 222). Usa-se para manter afastadas as partes que tendem a approximar-se mais do que convem (por exemplo, os ossos quebrados do antebraço). Faz-se com um pedaço de panno de linho comprido, dobrado muitas vezes. Dobra-se alternadamente o panno da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, de maneira que cada dobra nova seja um pouco menos larga do que a precedente. A

reunião de todas as dobras deve ter a fórma de um prisma triangular : assim, tendo a primeira dobra 27 millímetros de largo, e estreitando-se gradualmente as seguintes, a ultima não deve ter senão alguns millimetros de largura. Afim de que a compressa graduada conserve a sua fórma, é preciso molhal-a immediatamente, e alinhavar-lhe o centro atravessando-o de espaço em espaço, com pontos de linha.

CONABI. *Phyllantus conami*, Sw. Euphorbiaceas. Planta do Brazil. Os indigenas do Pará e Rio Negro, lançam nos lagos esta planta, para entorpecerem o peixe e poderem assim apanhal-o á tona d'agua. O seu succo é venenoso.

CONCHELOS, Sombreirinhos dos telhados, orelha de monge, *Cotyledon umbilicus*. Grassulaceas. Pequena planta que habita na Europa meridional, nos rochedos, marachões, terrenos sombrios e humidos, muralhas velhas ; em Portugal acha-se quasi em todo o Reino. Suas folhas radicaes são arredondadas, umbilicadas, concavas, crenadas nas margens, lisas, esverdeadas, carnosas e succulentas. A haste traz folhas mais pequenas, quasi cuneiformes, e flores em cachos pendentes, de um verde amarellado. O succo das folhas é aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 4 a 30 grammas por dia; e o extracto na dóse de 25 centigrammas em pilulas.

CONDILLAC. Aguas gazosas, um pouco alcalinas. Condillac é um logar perto de Montelimart, em França, que contém agua gazosa no fundo de uma cova, onde se desce por uma escada, para ir encher as garrafas destinadas á exportação. Não ha ali estabelecimento thermal. A agua é fria, semelhante á agua de Seltz. Contém gaz acido carbonico, e principios fixos : bicarbonato de cal, de magnesia, de soda; sulfato de soda, de cal; chlorureto de sodio, de calcio ; saes de potassa e iodureto, vestigios ; silicato de cal e de alumina, oxydo de ferro. Usa-se em bebida nas gastralgias, nos vomitos nervosos.

CONDIMENTOS. — *Veja-se* Temperos.

CONDYLOMA. — Excrescencia carnosa de formas irregulares que existe em geral nas partes onde a pelle é fina e humida, por exemplo, no prepucio, no anus, no perineo, etc. Esses tumores do tamanho de uma ervilha, de um feijão e até mesmo de um ovo de pombo, se acham ás vezes pegados apenas por um pediculo fino. São dolorosos e sangram com facilidade. Outr'ora eram considerados de natureza syphilitica, o que não é exacto. Apparecem quasi sempre em logares frequentemente molhados por secreções ou corrimentos irritantes, como sejam, o pus blennorrhagico, a leucorrhea, a distillação das placas mucosas, etc.

Tratamento. Curam-se estas excrescencias, cauterizando-as com acido nitrico ou acido sulfurico. O melhor tratamento, o mais rapido, é cortal-os com bisturi, e cauterizar depois a raiz com o thermo-cauterio Paquelin.

CONFEITOS. São preparações feitas com assucar, aromatizadas com differentes aguas distilladas ou oleos essenciaes, taes como os de rosa, hortelã, limão, laranja, etc.

Os confeitos simples, isto é, aquelles que são feitos simplesmente com assucar, não apresentam inconveniente algum, á excepção das indigestões que resultam ás vezes da ingestão consideravel d'estas substancias. Mas os accidentes, que podem occasionar os confeitos, dependem das substancias corantes que se empregam para lhes dar côr.

Os funestos effeitos dos confeitos de côr foram reconhecidos de ha muito tempo na Allemanha, Inglaterra, França, etc., e as autoridades julgáram dever recorrer á chimica para conhecer a natureza dos seus principios corantes, e dos seus effeitos nocivos. A analyse demonstrou que os confeitos são frequentemente córados com oxydos ou saes metallicos mui venenosos, e com tintas vegetaes; assim:

Os confeitos vermelhos devem a sua côr ao minio (deutoxydo de chumbo), vermelhão (sulfureto rubro de mercurio), simples ou com addição de cochonilla ou de lacas vegetaes.

Os confeitos amarellos, são córados com o amarello de chromo, massicote (oxydo de chumbo), gomma gutta ou lacas vegetaes.

Os confeitos verdes, com verde de Scheele (combinação de cobre e de arsenico), crystaes de Venus (acetato de cobre), anil ou azul de Prussia com uma tinta amarella.

Os confeintos azues, com azul de Prussia ou anil.

Torna-se manifesto, por esta exposição, que os confeitos córados com as composições metallicas, em que entram, arsenico, chromo, mercurio, cobalto, chumbo, etc., produzem envenenamentos, cuja gravidade é relativa á dóse da materia introduzida no estomago. Um chimico francez demonstrou que trinta e seis pastilhas verdes, que o Tribunal de Besançon submetteo ao seu exame, continham 7 1/2 centigram. de arsenito de cobre (verde de Scheele), que é um dos venenos mais violentos.

Os symptomas produzidos pelos confeitos córados com as substancias metallicas são colicas violentas, nauseas, vomitos, evacuações alvinas, convulsões, caimbras, dôres de estomago mui vivas, emfim os symptomas que caracterizam o envenenamento por cada uma d'estas substancias em particular. (*Veja-se* ENVENENAMENTO.) Bem que a gomma gutta seja um principio vegetal, nem por isso deixa de produzir colicas e evacuações violentas com dôr e inflammação do tubo intestinal. A orzella, substancia corante vermelha-rosca, deve ser tambem proscripta tanto por causa da ourina putrefacta que entra na sua preparação, como por causa do arsenico ou do mercurio que alguns fabricantes empregam na sua preparação.

Em França, as autoridades prohibíram severamente o uso de todas estas substancias, e foi ordenado aos confeiteiros que só empregassem para os confeitos de côr: 1º para os *azues*, o anil e azul de Prussia; 2º para os *vermelhos*, a cochonilha, o carmim, a laca carminada, a laca do Brazil extrahida da arvore chamada *Cœsalpinia Brasiliensis*, Linneo; 3º para os *amarellos*, o açafrão, o grão de Avinhão, da Persia, o fustete, o quercitrão, e as lacas aluminosas d'estas substancias; 4º as tintas compostas pela mistura das precedentes. Estas tintas vegetaes não

exercem acção na economia animal, e os confeitos córados d'esta maneira são tão bellos como os que o são com substancias mineraes.

Acontece, ás vezes que os confeitos brancos são embrulhados em papeis tintos com substancias mineraes mui nocivas ; com effeito, os papeis *brancos lisos* são preparados com alvaiade, os *vermelhos* com vermelhão, os *verdes* com subcarbonato de cobre ou com verde de Scheele, os *amarellos* com gomma gutta ou amarello de chumbo. N'estes casos, posto que o perigo seja menor, deve-se todavia temer algum accidente : porque póde succeder, e realmente tem succedido, que quebrando-se o confeito, derrama-se e secca-se sobre o papel o licor doce que se acha dentro ; as crianças então mettem o papel na bocca, e expõem-se a um perigo certo. A quantidade das tintas que se acham n'estes papeis é bastante consideravel, pois se colhêram até 10 centigrammas de arsenico em um d'estes pedaços de papel verde que foi queimado n'um tubo.

Tratamento dos accidentes produzidos pelos confeitos córados com tintas mineraes. Cumpre provocar os vomitos administrando 5 a 10 centigrammas de emetico em uma chicara d'agua morna, e dando a beber muita agua morna ; depois dos vomitos, dê-se uma chicara de chá de herva cidreira.

Em pharmacia chamam-se confeitos, as pilulas cobertas de assucar, com o fim de conservar melhor o medicamento e tambem tornal-os mais agradaveis e mais faceis de se engulir, encobrindo-lhes completamente o gosto.

CONGESTÃO, Hyperemia ou Plethora. Chama-se congestão todo o affluxo de sangue mandado pela exageração impulsiva do centro da circulação, para os vasos de um orgão alias perfeitamente são.

CONGESTÃO CEREBRAL. Dá-se este nome ao gráo menos forte de apoplexia. Com effeito, não deixa de haver então accumulação de sangue no cerebro, mas sem laceração da substancia d'este orgão, como acontece na apoplexia propriamente dita. A congestão cerebral observa-se frequentemente nos individuos de temperamento forte e sanguineo, dispostos á colera, e que usam de bebidas excitantes : todos as paixões tristes lhe dão logar. Tem-se visto individuos atacados d'esta affecção no meio de uma bebedice ; a alegria extrema, assim como qualquer contratempo, póde occasional-a.

Os *Symptomas* são pouco mais ou menos os que caracterizam a apoplexia ; os individuos experimentam vertigens e perda dos sentidos. Sobrevem paralysia de todo o corpo, o pulso é forte, o rosto vermelho e inchado. No fim de cinco a seis horas, quando muito, porém mais commummente em menos tempo, o doente recobra os sentidos, queixa-se de dôr de cabeça, de escurecimento na vista, de zunido nos ouvidos e de dormencias nos membros ; estes symptomas vão diminuindo, e no dia seguinte não existe o menor vestigio d'elles. É quasi sempre a congestão cerebral uma molestia que não occasiona a morte, e que não deixa após si nem paralysia nem fraqueza da intelligencia. Entretanto, em alguns casos, ainda que raros, termina pela morte.

Meios preservaticos. O conhecimento das causas da congestão cerebral indica um tratamento preservativo que se lhe deve oppôr. Assim, para manter a livre circulação do sangue, deve-se banir o uso de vestidos que lhe possam fazer obstaculo. O mesmo determinará a escolha das posturas que se devem conservar muito tempo, quer acordado, quer dormindo; n'este ultimo caso, cumpre deitar-se sobre uma cama bastante inclinada da cabeça para os pés. O individuo observará um regimen sobrio, composto principalmente de vegetaes, ou ao menos isento de toda a substancia estimulante. Evitará exercicios violentos e affecções moraes capazes de activar subitamente a circulação, e não abusará de bebidas espirituosas.

Tratamento. Deve-se praticar uma sangria no braço, ou applicar bichas no anus, pôr sinapismos nas pernas, pannos molhados em agua fria e vinagre na cabeça, e conservar elevada a parte superior do corpo. Comtudo a molestia póde algumas vezes mostrar-se com um caracter mais grave do que n'este logar se suppõe. N'este caso, seria conveniente um tratamento absolutamente semelhante ao que indiquei para combater a apoplexia.

CONGESTÃO DO FIGADO. *Veja-se* FIGADO.

CONGESTAO PULMONAR. É *activa* ou *passiva.*

Congestão pulmonar activa. *Symptomas.* O doente sente oppressão, incommodo no peito, acceleração dos movimentos respiratorios e sensação de calor no peito. Se a tosse existe, é secca e pouco frequente; ás vezes os doentes deitam escarros brancos, viscosos ou estriados de fios de sangue.

A duração da molestia é raras vezes menor de tres a quatro dias. A cura é a terminação mais ordinaria. Em alguns casos escarros de sangue mais ou menos abundantes succedem aos signaes de congestão.

Causas. As congestões pulmonares activas encontram-se especialmente nos individuos jovens, isto é de 20 a 40 annos. A temperatura elevada occasiona esta molestia; assim, a congestão sobrevem ás vezes depois da exposição a um sol ardente. Em outros casos, a congestão apparece depois dos excessos alcoolicos.

Tratamento. A sangria do braço é o meio por excellencia para combater a congestão pulmonar activa. Um vomitorio é tambem util. Ajuntam-se a estes meios bebidas refrigerantes, limonada de limão, ou de laranja, regimen mais vegetal do que animal, e abstinencia de vinho puro e de licores.

Congestão pulmonar passiva. Tem a tendencia de produzir-se no curso de quasi todas as molestias agudas e chronicas, e geralmente nos individuos debilitados por alguma causa.

Symptomas. Mui differentes das congestões activas, as congestões passivas dos pulmões formam-se sempre lentamente; não são acompanhadas nem de dyspnea, nem de dôres peitoraes, nem de acceleração notavel dos movimentos respiratorios. Alguns doentes tossem; e deitam escarros serosos, que apresentam ás vezes côr avermelhada. As mais das vezes a congestão resolve-se.

Causas. As congestões pulmonares passivas sobrevem pela influencia das causas debilitantes. Observam-se, com effeito, especialmente nos individuos enfraquecidos pela idade ou por alguma molestia grave, e que conservam durante muito tempo a mesma posição; o que se observa sobretudo no curso das febres typhoides, e nos individuos affectados das molestias do coração.

Tratamento. A sangria é raras vezes praticavel, por causa da fraqueza dos doentes. É preciso insistir sobre os purgantes, ventosas seccas no peito, e causticos na mesma região.

CONGONHA. *Veja-se* MATE.

CONGOSSA MAIOR ou PERVINCA. Linneo. Apocyneas. *Congossa maior.* Planta, que em Portugal habita nos tapumes e sitios sombrios. Caules levantados, folhas largas, um pouco cordiformes; flores grandes azues. As folhas tem sabor amargo e adstringente. As mulheres nas aldeas da França attribuem-lhes a propriedade de supprimir o leite, e é raro que as que desmammam as crianças não bebam por alguns dias uma chicara da infusão d'estas folhas.

CONICINA. *Veja-se* CICUTINA.

CONJUNCTIVA. Membrana mucosa assim chamada porque une o globo ocular ás palpebras, revestindo de uma parte a superficie interna d'estes veos membranosos, e da outra o globo do olho até á circumferencia da cornea transparente, sobre a qual não se estende. Diversas molestias, que passo a referir, affectam esta membrana.

Conjunctiva (cancro da). *Veja-se* Vol. I, p. 436.

Conjunctiva (Cancroide da). O cancroide da conjunctiva consiste n'um pequeno botão na vizinhança das margens da cornea, ou sobre a conjunctiva palpebral, tornando-se de mais em mais saliente, cercado de uma aureola rubra; e, mais tarde, consiste em um tumor avermelhado, lobulado, excoriado na superficie, e indolente.

Tira-se com massa caustica de Canquoin, ou por meio de bisturí. (*Veja-se* CANCROIDE.)

Conjunctiva (Derramamento sanguineo debaixo da). Manchas rubras que apparecem ás vezes espontaneamente sobre a conjunctiva, depois das vigilias, das fadigas, ou, nas mulheres, depois das perturbações menstruaes; sobrevem tambem depois das contusões e fracturas do craneo ou da orbita; uma espinha de peixe, que ferio a garganta póde tambem produzil-as.

Tratamento. Resolvem-se espontaneamente; favorece-se a resolução applicando no olho pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com pequena porção de tintura de arnica.

Conjunctiva (Derramamento seroso debaixo da). *V.* CHEMOSIS.

Conjunctiva (Granulações da), ou *Trachoma.* Dá-se o nome de *granulações* ou de *trachoma* a pequenos botões esbranquiçados semelhantes a tapioca cozida. Depois, estes botões enchem-se de vasos sanguineos, e apparecem sob a fórma de pequenas vegetações confluentes, rubras-violaceas, ás vezes cinzentas, e que murchando

deixam uma cicatriz. Apparecem principalmente sobre a conjunctiva palpebral. Quando são confluentes, os olhos estão cobertos continuamente de lagrimas, os pacientes não podem supportar a luz, sentem como um corpo estranho rolar sobre o olho, e ha sempre um pouco de conjunctivite com secreção mucosa purulenta; as palpebras estão um pouco inchadas.

As granulações podem tambem estabelecer-se lentamente, sem inflammação, e muito tempo depois da conjunctivite; constituem o *trachoma chronico*. Ambos os olhos estão muitas vezes affectados de granulações chronicas.

Causas. As granulações da conjunctiva apparecem ordinariamente em consequencia da inflammação d'esta membrana; ou em virtude de má hygiene, habitação em logar humido, pouco arejado, alimentação insufficiente.

Tratamento. Os doentes devem mudar de regimen, e habitar um logar arejado. As granulações que acompanham uma inflammação da conjunctiva, desapparecem com a molestia principal. Se não desapparecem é preciso empregar o collyrio seguinte :

Agua distillada.....	30 grammas.
Azotato de prata cristallizado.....	25 centigrammas.

Um meio ainda mais efficaz, consiste em tocar as granulações com pedra infernal ou pedra lipes.

Conjunctiva (Hypertrophia da). Augmento do volume da conjunctiva. Resulta das inflammações repetidas da conjunctiva, ou de um estado escrophuloso. Manifesta-se de ordininario pelo augmento de espessura das pregas da conjunctiva no angulo interno do olho, e por pequenas proeminencias da conjunctiva ocular.

Tratamento. Não é necessario fazer a excisão da membrana mucosa hypertrophiada : convem limitar-se a lavar o olho com o collyrio anodyno seguinte :

Agua de rosas.....	100	grammas.
Tintura de açafrão.....	2	—
Laudano de Sydenham.....	1	—

Conjunctiva (Inchação da). *Veja-se* CHEMOSIS.

Conjunctiva (Inflammação da). *Veja-se* CONJUNCTIVITES.

Conjunctiva (Kystos serosos da). Nascem muitas vezes na conjunctiva kystos de grossura variavel, raramente mais grossos do que uma avelã, circumscriptos, moveis, transparentes, contendo ás vezes sangue misturado com serum.

Tratamento. Cumpre tirar com tesoura curva a maior parte do kysto: far-se-ha a excisão de suas paredes, e cauterizar-se-ha a ferida com pedra infernal.

CONJUNCTIVITE. Imflammação da membrana mucosa que cobre o olho até á circumferencia da cornea. Na linguagem vulgar, a palavra *conjunctivite* é synonymo de *ophthalmia.*

I. **Conjunctivite simples aguda** (*Ophthalmia aguda*). As causas da ophthalmia simples são extremamente numerosas. A introducção de um corpo estranho sob as palpebras, as pestanas quando estão viradas, as pacandas, as feridas do olho ou das partes vizinhas, a impressão prolongada do vento frio e humido, a reverberação de uma luz solar muito intensa podem causar esta inflammação. O exercicio mui contínuo do orgão da vista é tambem uma causa frequente de ophthalmia. Esta causa comprehende as vigilias, as leituras prolongadas, especialmente com a luz viva de candieiros, uma exposição frequente á acção da fumaça, ao calor e á luz ministrada por grandes fócos, ás correntes de ar sobrecarregadas de pós mui finos. Entre as causas internas da ophthalmia, nota-se o abuso dos licôres alcoolicos e dos alimentos excitantes. Esta inflammação acompanha quasi sempre os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e, n'estes casos, desapparece de ordinario espontaneamente com a erupção cutanea. Acontece emfim com a ophthalmia como com as outras molestias, e vem a ser que ella se declara frequentemente sem causa apreciavel.

Symptomas. Na *ophthalmia aguda benigna*, os olhos tornam-se vermelhos; existem picadas e uma comichão dolorosa; parece ao doente que tem grãos de areia no olho. Os movimentos das palpebras e do bugalho do olho augmentam a dôr; uma luz viva produz o mesmo effeito. As lagrimas correm com maior abundancia que de costume, e as palpebras amanhecem pegadas por uma remela abundante. A estes symptomas junta-se ás vezes alguma acceleração no pulso, augmento de calor na pelle, peso de cabeça, e ás vezes calefrios irregulares. Estes symptomas augmentam commummente de intensidade durante dois ou tres dias, e depois desapparecem gradualmente. Comtudo, em algums casos, depois de se acalmarem, ficam no mesmo estado, sobretudo quando a molestia não foi tratada, ou quando os remedios foram intempestivos.

A *ophthalmia aguda intensa* é caracterizada pelos mesmos symptomas que a precedente, mas levados a um gráo muito mais alto. N'este caso, a vermelhidão e a dôr vão augmentando, as palpebras incham e viram-se para fóra. Ás vezes corre dos olhos um liquido limpido, abundante e acre; outras vezes estes orgãos ficam seccos, e então a anxiedade é vivissima. A impressão da menor luz exaspera a dôr, e a visão perturba-se. Todos estes accidentes complicam-se com dôr de cabeça intoleravel e insomnia rebelde. A inchação da membrana conjunctiva torna-se ás vezes consideravel quando o tecido sub-mucoso se enche de sangue. Como esta membrana se estende sómente até á circumferencia da cornea, e não a reveste, forma-se n'esta molestia ao redor da cornea uma elevação consideravel; parece que ha um buraco no centro da superficie do olho; esta elevação chama-se *chemosis*. A inchação estende-se ás palpebras e ao rosto.

A inflammação da conjunctiva póde communicar-se a todo o globo do olho, então as dôres tornam-se excessivas, picadas profundas sentem-se no interior do orgão, que augmenta de volume, enche-se de pus,

rompe-se e deixa sahir todos os humores que contém. Felizmente este ultimo caso é rarissimo.

A duração da conjunctivite varia conforme a intensidade dos symptomas. Termo médio, dura de dez a quinze dias; mas prolonga-se ás vezes durante dois mezes, sem perder o caracter agudo.

Acaba pela cura ou pela passagem ao estado chronico; causa ás vezes nodoas chamadas *belidas;* emfim, póde estender-se a todo o bugalho do olho, produzir a sua desorganização e occasionnar a perda da vista.

Tratamento. Na ophthalmia aguda benigna, recorra-se aos lavatorios mornos com decocção de linhaça, ou de raiz de althéa; e applique-se sobre o olho um panno molhado n'um d'estes liquidos. O doente tomará um ou dois pediluvios com farinha de mostarda; deve diminuir seus alimentos e usar de bebidas diluentes, como agua de cevada, de arroz, etc. Mas antes de tudo é preciso certificar-se se não se introduzio algum corpo estranho entre o olho e as palpebras. Com este tratamento, a ophthalmia percorre de ordinario o seu primeiro periodo no espaço de quatro ou cinco dias. Sua terminação é annunciada por symptomas não equivocos: o doente não se queixa mais do ardor que experimentava no principio da molestia; sente-se alliviado, abre os olhos com facilidade, e supporta uma luz moderada. N'esta época, com quanto a alva do olho esteja ainda vermelha e pareça inflammada, a ophthalmia já não está no seu primeiro periodo. Ao estado inflammatorio succedeo a fraqueza dos vasos que cobrem o olho; convem então, tres ou quatro vezes por dia, banhar os olhos com a mistura d'agua tepida com aguardente camphorada, na proporção de quatro colheres *de sopa* d'agua morna com uma colher *de chá* d'aguardente camphorada; ou introduzir entre as palpebras algumas gottas do collyrio seguinte:

Agua de rosas.....	60 grammas.
Laudano de Sydenham.....	15 —

Misture. Molha-se um panno ou uma esponja n'este liquido, e espreme-se dentro do olho, tres ou quatro vezes por dia; e logo depois lava-se o olho com agua morna.

Este tratamento deve ser auxiliado com purgantes, tal como magnesia calcinada ou oleo de ricino.

Quando a ophthalmia é *muito intensa*, ou se é leve, mas se não cede aos meios seguintes, toque-se levemente a conjunctiva inflammada com pedra infernal, ou instillem-se entre as palpebras, duas vezes por dia, algumas gottas do collyrio seguinte:

Nitrato de prata crystallizado.....	20 centigrammas.
Agua distillada.....	30 grammas.

e immediatamente depois lavem-se os olhos com agua tepida.

Molha-se um pincel n'este collyrio, e applica-se sobre a conjunctiva inflammada. Cumpre não tocar a cornea transparente.

Antigamente, empregavam-se bichas e sangrias contra a conjunctivite, mas os factos provam que mesmo nas inflammações agudas e francas do

olho as emissões sanguineas falham, ao passo que os modificadores inteiramente oppostos, taes como a pedra infernal, a agua tepida misturada com aguardente camphorada, a pedra lipes, o sulfato de zinco, produzem bons resultados, nos casos sobretudo em que a membrana conjunctiva está affectada. Assim, querer hoje limitar o tratamento das ophthalmias aos emollientes, ás emissões sanguineas, e pôr-se em opposição com os factos bem averiguados é ignorar os progressos recentes da medicina.

Se a inflammação não ceder a estes meios, applique-se um caustico na nuca, e administre-se o tartaro emetico segundo a receita seguinte:

Tartaro estibiado.....	10 centigrammas.
Agua.....	250 grammas.

Toma-se esta bebida em duas dóses, com meia hora de intervallo. Deve provocar bastantes evacuações alvinas ou alguns vomitos.

Convem abrigar os olhos com antolhos de côr verde; e o doente conserva-se-ha n'um quarto não completamente escuro, mas sim em meia claridade. A cabeça deve ser elevada com travesseiros, porque n'esta posição a congestão ocular não se acha favorecida como na posição completamente horizontal. A dieta será mais ou menos severa, conforme a intensidade da inflammação. Na ophthalmia violenta o doente tomará só caldos de gallinha, e abster-se-ha de qualquer alimentação solida.

Se se formar ulcera ou pustula sobre o olho, cauterize-a com pedra infernal ou com pedra lipes.

II. **Conjunctivite (Ophthalmia) purulenta dos adultos.** Chama-se assim a inflammação dos olhos, cujo caracter especial é um fluxo, d'entre as palpebras, de um fluido mucoso purulento. É uma das molestias mais graves do olho. Ás vezes reina epidemicamente. Esta conjunctivite é contagiosa, e communica-se ou pelo contacto do fluido purulento sobre o olho são, ou pelo ar viciado pelos miasmas que se desenvolvem dos olhos affectados. O calor, a reunião de muita gente n'um pequeno espaço, e a falta de asseio favorecem o contagio.

Symptomas. A conjunctivite purulenta ataca ordinariamente ambos os olhos, bem que haja muitas vezes um intervallo de alguns dias entre a invasão da molestia n'um e n'outro olho. Quando se desenvolve com rapidez moderada, a ordem dos symptomas é a seguinte: pela noite sobrevem uma comichão no olho, depois manifesta-se de repente uma sensação muito incommoda de areia entre o olho e as palpebras, que estão pegadas entre si e parecem mais cheias; sua superficie interna inflamma-se. Vinte e quatro horas depois, já é consideravel o fluxo do pus, que é claro a principio, e depois torna-se opaco, amarello e abundante. Ás vezes corre misturado com sangue.

A molestia póde não ir além e limitar-se ás palpebras; então a secreção purulenta diminue pouco a pouco, e o doente sára. Mas ordinariamente a inflammação passa ao olho: a membrana externa chamada *conjunctiva* incha rapidamente; e forma um tumor á roda da cornea; o corrimento puriforme é então muito abundante; a sua quantidade póde

chegar a alguns centigrammas por dia. Nos casos mais graves, a inflammação estende-se até á cornea, formam-se ulceras n'esta membrana, depois belidas, e a vista diminue quando não fica abolida. Ás vezes, emfim, a inflammação propaga-se ainda mais profundamente, o olho vasa-se: a vista fica perdida completamente e para sempre.

Tratamento. Nem sangrias nem bichas produzem bom effeito n'esta inflammação. O melhor remedio consiste em espremer dentro do olho, duas vezez por dia, um panno molhado n'uma mistura d'agua morna com aguardente camphorada, na proporção de duas colheres d'agua, para uma colher d'aguardente camphorada; immediatamente depois banhe-se o olho com agua morna ou com cozimento morno de linhaça, para não deixar demorar-se o pus entre as palpebras. Estes lavatorios devem ser feitos com uma esponja finissima. Se ao cabo de 24 horas não houver melhoras, toque-se levemente a face interna das palpebras com pedra infernal, o que só póde ser feito por cirurgião. O doente deve tomar ao mesmo tempo, de duas em duas horas, umà chicara da bebida seguinte, para provocar evacuações alvinas:

Agua.....	750 grammas.
Tartaro emetico.....	10 centigrammas.

A dieta será rigorosa. O doente tomará só caldos de gallinha.

Convem sobretudo lavar a muido os olhos e tirar a materia purulenta.

III. **Ophthalmia purulenta dos recem-nascidos.** Ophthalmia que apparece dias depois do nascimento e que é muitissimo contagiosa. Ataca as crianças pouco asseiadas, descuidadas, enfraquecidas e nascidas de mãis tendo corrimentos blennorrhagicos.

Os symptomas são os mesmos que os da ophthalmia purulenta dos adultos, grande inchação das palpebras, abundante corrimento de pus quando se separa as palpebras uma da outra, e, se a affecção não fôr tratada com afinco, perfuração da cornea ulcerada e perda definitiva da vista.

Tratamento. O tratamento que abaixo indicamos applica-se tanto a esta especie de *ophthalmia* como á *ophthalmia blennorrhagica dos adultos.*

Com um funilsinho de vidro tendo na ponta um tubo de borracha, rega-se tres vezes por dia, os olhos doentes, abrindo bastante as palpebras, com a seguinte solução:

Acido borico.....	60 grammas.
Agua.....	1 litro.

De manhã e á noite, pincela-se o lado interno das palpebras com um pincel de teixugo, molhado na seguinte solução:

Nitrato de prata crystallisado.....	2 grammas.
Agua.....	100 —

O que se introduzir de mais de nitrato de prata ficará neutralizado instillando-se logo depois nos olhos, algumas gottas de agua na qual se

tiver dissolvido sal de cosinha. Esta applicação caustica será feita um só vez por dia logo que apparecerem melhoras. Este tratamento é muito efficaz, precisa, porem ser feito com perseverança.

IV. **Conjunctivite (Ophthalmia) blennorrhagica.** Assim se chama a inflammação grave dos olhos que acommette os individuos affectados de blennorrhagia. Esta molestia resulta ordinariamente da inoculação directa por meio dos dedos levados ao olho, quando estão sujos pela materia que sahe da urethra. Todavia, em alguns casos a ophthalmia apparece sem este contacto. Esta molestia exige um tratamento energico, porque, sendo desprezada, póde destruir o olho em sete ou oito dias. O fluxo de uma mucosidade espessa, amarellada, mais ou menos copiosa, forma o caracter principal d'esta inflammação; os olhos ficam vermelhos, dolorosos, como na conjunctivite aguda simples.

Tratamento. O tratamento d'esta especie de ophthalmia é o mesmo que o da ophthalmia purulenta dos recem-nascidos.

V. **Conjunctivites (Ophthalmias) chronicas.** Designam-se com este nome ophthalmias cuja marcha é lenta, cuja duração é longa, que tem pouca intensidade, as que dependem ou da profissão do doente ou de causas internas, taes como o vicio escrophuloso, dartroso, etc.

Symptomas. Só differem das do estado agudo por sua menor intensidade; consistem tambem em vermelhidão, calor e dôr. A membrana que cobre a face interna da palpebra inferior incha, e adquire maior vermelhidão. Ás vezes a margem da palpebra fica ulcerada, desigual e privada de pestanas; as palpebras acham-se pegadas pela remela que é mais ou menos abundante.

A marcha da ophthalmia chronica é lenta, e sua duração sempre longa; dura ás vezes muitos annos, e termina pela cura ou formação de belidas.

Tratamento. Quando a ophthalmia chronica é entretida pela profissão do doente, deve este antes de tudo renunciar a ella; senão, serão infructuosos todos os meios que forem tentados contra a ophthalmia. Outro tanto direi quando é produzida pela presença das pestanas viradas; é preciso principar por destruir esta causa; o que se consegue mediante uma operação. Se se suspeita que a molestia depende da constituição escrophulosa do doente, convem primeiro combater essa complicação por um tratamento interno e especial. *Veja-se* ESCROPHULAS.

As applicações locaes que convem nas ophthalmias chronicas são :

1° Agua de rosas..... 90 grammas.

Para lavar os olhos, duas ou tres vezes por dia.

2° Laudano de Sydenham..... 15 grammas.

Instillar no olho algumas gottas d'este liquido, com pincel, duas vezes por dia.

3° Lavar os olhos com agua fria misturada com algumas gottas d'agua de Colonia, ou d'aguardente camphorada.

4° *Collyrio com sulfato de zinco.*

Sulfato de zinco..... 30 centigrammas.
Agua distillada..... 60 grammas.

Instillar nos olhos algumas gottas, duas vezes por dia.

5° Agua vegeto-mineral..... 180 grammas.

Banhar os olhos com esta agua, duas vezes por dia.

6° *Collyrio aluminoso.*

Alumen..... 1 gramma.
Agua de rosas..... 120 —

Dissolva e filtre. Lavar os olhos com este collyrio, duas vezes por dia.

7° *Pomada de precipitado rubro.*

Pomada rosada..... 15 grammas.
Precipitado rubro..... 1 —

Faça a mistura sobre o porphyro. Applica-se, sobre a margem palpebral, uma porção d'esta pomada do tamanho da cabeça de um alfinete, ao deitar-se.

Quando a ophthalmia é entretida pela fraqueza da constituição, convem recorrer á medicação interna fortificante. A alimentação será substancial; isto é, composta principalmente de carne. O doente fará uso moderado do vinho e um exercicio todos os dias, tomará banhos frios, e especialmente os do mar. Dirigir-se-hão sobre os olhos fumigações aromaticas espirituosas, taes como a agua de Colonia, ou o balsamo de Fioravanti.

Fazem-se estas fumigações deitando algumas gottas de um dos dois liquidos indicados na palma de uma das mãos, esfregando contra a outra, e approximando depois a mão aos olhos. As pessoas sujeitas á ophthalmia chronica devem evitar as vigilias e os trabalhos assiduos que exigem o exercicio dos olhos; fugir da luz forte e do ardor do sol; devem tomar frequentemente banhos aos pés, entreter o ventre livre, e trazer oculos de côres amortecidas.

CONSERVA. (*Pharmacia.*) As conservas são preparações pharmaceuticas de consistencia molle, que eram n'outro tempo muito usadas, e que hoje são pouco numerosas e pouco empregadas. As conservas preparam-se com pós de flores, folhas, fructos ou raizes, a que se ajunta assucar em proporção consideravel. Só as conservas de rosas e de cynobatos é que ainda são empregadas. Estas duas conservas gozam de propriedades tonicas e adstringentes, e administram-se na dóse de 8 a 15 grammas por dia, nas diarrheas chronicas.

CONSERVA. (*Economia domestica.*) Na economia domestica, chama-se *conserva* toda a especie de comidas, frango, caça, peixe, legumes, fructas, ovos, leite, mesmo, cruas ou cozidas e conservadas cuidadosamente em latas ou garrafas de vidro privadas de ar e fechadas hermeticamente segundo o methodo de Appert. Estas preparações

podem conservar-se d'esta maneira muitos annos, e, aquecidas a banho-maria, tem quasi o mesmo sabor que as substancias frescas. Os legumes podem conservar-se tambem por meio da compressão e deseccação. (*Veja-se* CONSERVAÇÃO.)

CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS ALIMENTICIAS. (*Economia domestica.*) A conservação das substancias alimenticias, de que se faz uso quotidianamente, é de grande importancia na pratica da vida; e é util conhecer os seus differentes modos. Estes modos variam segundo as substancias que se querem conservar e tambem segundo o clima. O *calor só do sol*, sem o emprego de ingrediente algum, basta para operar, nas regiões quentes, a deseccação completa das carnes (*carne secca*). Nos climas temperados e frios, o *sal* e o *fumo* são os meios mais efficazes de conservação d'estas mesmas carnes, que servem sobretudo para os abastecimentos da marinha, das longas viagens. A conservação, durante um certo tempo, da carne e do peixe no estado fresco, com todas as suas qualidades e propriedades alimentarias, obtem-se por meio do *gelo*, e pela *cozedura a banho-maria*, em vasos hermeticamente fechados, segundo o processo inventado por Appert, e que tem o seu nome.

As carnes cozidas sómente por alguns minutos não se corrompem tão depressa como as carnes cruas : esta observação conduzio ao processo seguinte. A carne de boi, por exemplo, desossa-se, e coze-se depois a meio em estufa ou forno, ou ferve-se em agua e tira-se-lhe a escuma, do mesmo modo que quando se prepara o caldo; depois corta-se em fatias delgadas ou pica-se, emfim secca-se a banho-maria, a banho de areia, a vapor ou na estufa. Esta carne conserva-se em vasos fechados; não é boa senão para fazer caldo; porque, depois de servir para este uso, não é comestivel, e além d'isso não tem propriedade alguma nutritiva; mas é preferivel á carne salgada para o caldo destinado aos doentes durante as navegações longas. A carne de carneiro, submettida primeiro á acção de uma salmoura liquida, depois meio cozida a vapor em vaso fechado, deseccada rapidamente n'uma baixa temperatura, póde offerecer uma carne tenra e de bom gosto, que se conserva bastante tempo sem alterar-se.

Quanto ao processo de Appert, que se applica igualmente ás carnes, legumes e fructas, suas operações essenciaes são : 1° fechar em garrafas ou em caixas de folha de Flandres, as substancias não completamente cozidas, mas sim cozidas por um quarto, metade ou tres quartos da cozedura, conforme as substancias; 2° tapar e soldar hermeticamente as vasilhas; 3° submetter as substancias assim fechadas á acção do banho-maria mais ou menos prolongado, segundo a sua especie e a capacidade das vasilhas; 4° tirar as garrafas e as latas do banho-maria depois de arrefecidas. O modo de Appert é mais facilmente e mais seguramente applicavel nas casas particulares, observando-se as modificações seguintes : em vez de fechar hermeticamente os vasos, antes de submettêl-os á acção do banho-maria, é melhor conservar, em toda a espessura da rolha, ou n'um botão disposto sobre a face anterior do vaso

metallico, um pequeno buraco de 1 a 2 millimetros, pelo qual se desprende o ar que é expellido do vaso e dos alimentos pela acção do vapor produzido por meio de um calor sufficientemente intenso. Tapa-se o buraco com um prego de estanho, que se mette com força quando o vapor sahe abundantemente. Emfim, submette-se ainda o vaso fechado á acção do banho-maria. Para obter o vapor destinado a expellir o ar do vaso e a produzir assim o vacuo, põe-se, sendo preciso, no fundo do vaso um pouco de succo de carne ou d'agua pura, quando se trata de conservar peças assadas ou alimentos pouco carregados de humidade, e de um volume bastante consideravel.

Póde conservar-se durante mais de 15 dias, no meio dos grandes calores do verão, carne cozida ou assada, e fechada n'um vaso de ferro, cuja tampa entra forçada. Submette-se este vaso, como no methodo de Appert, á acção de um banho-maria, ou ao calor de um fóco moderadamente quente, para expellir d'elle o ar que contém, e fecham-se cuidadosamente as junturas da tampa com argamassa de vidraceiro ou qualquer outro mastique graxo e malleavel, no momento em que o vapor sahe com abundancia.

Todas as substancias alimenticias não se conservam igualmente bem. Assim, a carne dos animaes novos, como a da vitella, e a do cordeiro, corrompe-se mais facilmente do que a do boi e a do carneiro. O peixe corrompe-se ainda mais facilmente. Em geral, cumpre deseccar todas as substancias alimenticias que são humidas, e conserval-as em logar secco. O peixe póde conservar-se em gelo.

O carvão pulverizado offerece tambem um meio facil e seguro de conservação, principalmente para transportar ao longe as carnes e o peixe, que devem servir só ao cabo de alguns dias. O melhor carvão para este fim obtem-se pela carbonização dos ossos; na falta d'este, póde servir o carvão de lenha muito secco, reduzido a grãos da grossura do milho. A carne deve ser posta sobre o carvão e coberta completamente com elle, de maneira que não toque em nenhum ponto as paredes do vaso, que deve ser fechado hermeticamente. A carne assim preparada póde conservar-se por 3 ou 4 semanas no inverno, por uma semana e mais no verão; e quando se deseja fazêl-a ferver, basta laval-a em agua fria, para tirar-lhe todo o pó de carvão. Para conservar pelo mesmo methodo os frangos e as aves de caça, é preciso primeiro depennal-os, tirar-lhes os miudos internos, esvazial-os e limpal-os com muito cuidado; feito isto, enche-se o seu interior com carvão em pó. O peixe deve ser escamado e destripado. A conservação é ainda mais certa, se os vasos contendo os productos forem enterrados em terra ou areia.

Diversas comidas, especialmente as pernas de ganso, o atum de escabeche, a sardinha, conservam-se em azeite doce, menteiga ou banha de porco, depois de purificadas estas substancias pelo derretimento ao fogo. A manteiga derretida emprega-se tambem frequentemente para a conservação das ervilhas verdes e das favas. Conservam-se em vinagre diversos productos vegetaes, particularmente os pepinos pequenos, as cebolinhas, as cebolas, a pimenta comary, etc.

Os legumes, taes como as batatas, cenouras, couve, nabos, betarrabas, etc., que se destinam para a venda no mercado, conservam-se durante 4 ou 5 mezes, em regos feitos nos terrenos seccos e arenosos. O alho e a cebola guardam-se nas aguas furtadas sem outra preparação mais do que a deseccação ao ar livre. Certas especies de uvas, ameixas, figos e outras fructas, conservam-se bem, depois de seccas ao forno ou em estufa.

Os liquidos fermentescentes, taes como as bebidas fermentadas, o caldo, o leite, os xaropes, os medicamentos compostos, podem ser conservados sem preparação alguma; basta encher as garrafas, e tapal-as hermeticamente.

CONSOLDA MAIOR, Solda ou Symphito. *Symphytum officinale*, Linneo. Borragineas. Planta de 66 centimetros de alto, que se encontra em Portugal na margem dos regatos, e nos sitios sombrios e humidos. Tem as folhas grandes, asperas; flores brancas-amarelladas, ás vezes roseas; raiz alongada, cylindrica, de negrida por fóra e branca por dentro (fig. 223). A infusão d'esta raiz é emolliente, e emprega-se nas molestias do peito; prepara-se com 4 grammas de raiz de consolda e 500 grammas d'agua fervendo. Prepara-se tambem com esta raiz, um xarope que se administra nos escarros de sangue, na dóse de 30 a 60 grammas.

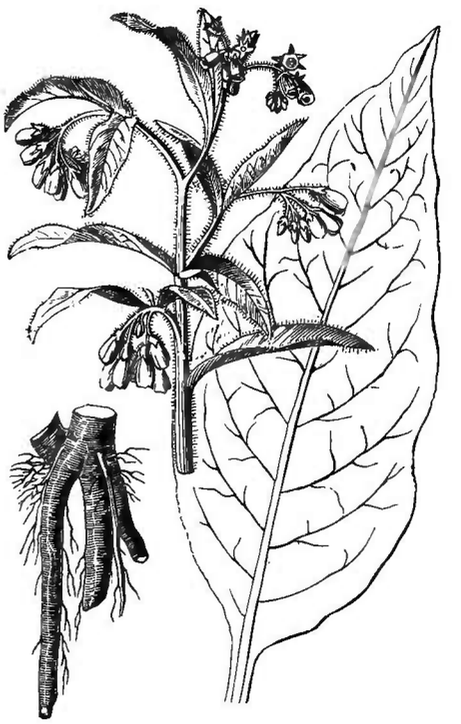


Fig. 223. — Consolda maior.

CONSTIPAÇÃO. Designa-se por este nome um incommodo cujos symptomas são : calefrios, cansaço doloroso geral, fadiga em todos os membros, um sentimento de contusão em todos os musculos, lentidão dos movimentos, apathia, dôr de cabeça, insomnia ou um somno agitado, fastio, seccura da pelle, ourinas mui carregadas e pulso frequente.

Causas. Esta benigna molestia é ás vezes produzida por um exercicío insolito, tal como uma grande caminhada, uma carreira rapida e longa a pé, a cavallo ou em sege, a dansa, etc, etc. A emoção viva, o trabalho de espirito, a privação do somno, dão tambem logar a symptomas semelhantes, e em alguns casos, a exposição a um frio ou a um calor excessivo, igualmente produzem o mesmo effeito. Esta indisposição não dura mais de um a tres dias.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer para curar a constipação é tomar um suadouro. O doente tomará por conseguinte um banho aos pés com farinha de mostarda; depois metter-se-ha na cama,

e, quando deitado, beberá duas ou tres chicaras de chá de casquinha de limão ou de flor de sabugueiro, ou de chá da India; cobrir-se-ha com cobertor de lã para provocar a transpiração, e mudará duas ou tres vezes de camisa.

Favorece-se a transpiração com a tintura de aconito, que se administra segundo a formula seguinte :

Agua.....	120 grammas.
Tintura de aconito.....	12 gottas.

Para beber, uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Em vez do aconito, póde tambem empregar-se o acetato de ammoniaco para provocar a transpiração. Eis-aqui a receita :

Infusão de sabugueiro.....	120 grammas.
Acetato de ammoniaco.....	4 —
Xarope simples.....	30 —

Misture. Para beber uma colher, das *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Tambem pode-se empregar uma infusão de jaborandi, na dóse de 6 grammas de jaborandi para 200 grammas d'agua.

Se esse meio não curar a constipação, e se no dia seguinte de manhã o doente tiver ainda dôres de cabeça, máo gosto na bocca e alguma febre, deverá tomar 5 centigrammas de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna, para provocar os vomitos. N'este dia tomará só caldos de gallinha. O repouso do corpo e do espirito, o uso de alguma bebida emolliente, tal como agua de cevada, agua panada, chá de malvas, e dieta por um ou dois dias, completarão a cura.

CONSTIPAÇÃO DE VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

CONSTITUIÇÃO. Estado geral da organização particular de cada individuo, de que resultam o seu gráo de força physica, a maior ou menor regularidade com que suas funcções se exercem, a somma de resistencia que elle oppõe ás causas das doenças, a dóse de vitalidade de que é dotado, e as probabilidades de vida que possue. Uma *boa constituição* é aquella em que todos os orgãos, igualmente desenvolvidos e dotados de igual energia, preenchem suas funcções com facilidade e actividade : a falta de equilibrio no desenvolvimento d'elles, e na sua força, estabelece a differença das constituições.

CONSUMPÇÃO. Diminuição lenta e progressiva das forças e do volume de todas as partes molles do corpo. Este phenomeno é proprio de todas as molestias organicas, e principalmente da tisica, da qual é um dos principaes symptomas. Todo o tratamento da consumpção deve ser dirigido contra a molestia de que ella é symptoma. No artigo TISICA apresentarei as considerações que lhes são communs. *Veja-se* tambem EMMAGRECIMENTO.

CONTAGIO. Entende-se por contagio a propriedade que tem certas molestias de se communicar de um a outro individuo pelo contacto, ou por intermedio do ar. Parece, á primeira vista, que não ha cousa mais facil do que decidir quaes são as molestias que possuem, ou

não, esta propriedade, e entretanto poucas questões medicas tem sido mais debatidas e tem ficado mais indecisas. É verdade que todos estão de accordo sobre a propriedade contagiosa da sarna, da syphilis, da raiva, do carbunculo, das bexigas e da vaccina, porque a maior parte d'estas molestias podem ser transmittidas por inoculação, experiencia directa que não permitte a menor duvida, e as outras se communicam por contacto : porquanto, os factos que o comprovam são quotidianos, evidentes e incontestaveis. Acredita-se tambem, geralmente, no contagio dos sarampos, da escarlatina e da coqueluche ; provas a este respeito são claras e numerosas. Mas não ha a mesma unanimidade de opiniões ácerca do typho, da febre amarella, da peste e do cholera-morbus. Observadores de cunho e fidedignos citam factos que provam serem estas molestias communicadas por contagio, outros porém, não menos dignos de confiança, contestam-lhes a propriedade de se transmittirem, e apoiam-se igualmente em factos. As escrophulas, os dartros, a morphéa, não são contagiosas, segundo a opinião da maior parte dos medicos. Entretanto, é pelo menos duvidoso se as relações frequentes e immediatas com doentes d'esta especie não são perniciosas á saude. O mesmo direi da tisica pulmonar, do cancro, da dysenteria e de certas ophthalmias purulentas.

De que maneira nos devemos preservar do contagio ? A razão nos indica a providencia mais efficaz, a isolação, evitar o contacto e a atmosphera dos doentes. Assim, não se permittirá que as crianças affectadas de bexigas, cataporas, sarampos, escarlatina e coqueluche, se juntem com as que não estão affectadas d'essas molestias. Não se levarão mesmo as crianças sãs a logares contaminados de semelhantes enfermidades, nem lá irão seus pais para não virem transmittil-as a seus filhos. Se a isolação fôr impraticavel, é preciso resignar-se, bem certo de que cedo ou tarde este tributo inevitavel será pago á natureza. Em todos os casos, deve-se renovar o ar, e fazer no quarto aspersões d'agua de Labarraque genuina, de dissolução de chlorureto de cal, ou de acido phenico. Estas precauções de purificação e de asseio são sobretudo indispensaveis no typho, nas dysenterias e nas febres graves. Os lavatorios com agua e sabão são uteis nas partes do corpo que experimentam o contacto perigoso. O virus da peste passa por ter grande tenacidade a resistir á lavagem. Considerando esta opinião geral entre os christãos do Levante, a commissão dos medicos francezes, enviada ao Egypto debaixo da presidencia do Dr Pariset, julgou dever fazer experiencias de desinfecção por um meio ainda não experimentado. No mez de junho de 1828, quando a peste devastava Tripoli na Syria, estes animosos medicos mergulháram em uma solução de chlorureto de cal a roupa de seis empestados que haviam morrido na vespera, e depois de enxuta applicáram-n'a immediatamente sobre a pelle por espaço de dezoito horas. Nenhum d'elles experimentou accidente algum, o que lhes fez assentar que esta substancia chimica decompõe e neutraliza o principio pestifero, e que não é preciso destruir, pela combustão, os objetos que se julga o envolvem, como se tem praticado na Europa ha tanto tempo.

Uma experiencia analoga (fumigações sulfureas, em logar dos chloruretos sobre a roupa contaminada) valeo o perdão a condemnados á morte, em uma peste de Moscowa, durante o reinado de Catharina. Tambem muito se empregam para purificar os quartos o phenol Bobœuf e o Coaltar saponinado Le Beuf.

CONTA-GOTTAS (fig. 224, 225). Instrumento de vidro destinado a contar e dósar as gottas de algum liquido medicamentoso, de modo a

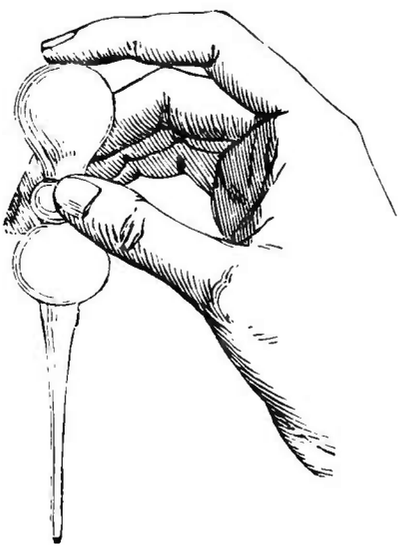


Fig. 224.



Fig. 225.

dar gottas de um peso sempre igual. O bico do instrumento, pelo qual escorrem as gottas, deve ter 3 millimetros de diametro, comprehendendo o orificio e as paredes; 20 gottas d'agua distillada, que sahem por semelhante abertura, pesam exactamente 1 gramma. O mais simples conta-gottas consiste em um tubo de vidro de 9 centimetros de comprimento, de 7 millimetros de diametro, aberto nas duas extremidades; a abertura superior tem 7 millimetros; o tubo estreita-se na extremidade inferior, tendo a abertura, que dá sahida ás gottas, só 3 millimetros de diametro. O tubo de vidro está coberto de um outro tubo de cautchuc, que exerce o officio de uma ventosa : aspira o liquido, e fal-o depois, sahir ás gottas, quando comprimido (fig. 225).

CONTENDAS. Brazil. Minas Geraes. É uma fazenda perto da estrada que conduz de Alambary á aldea de Caxambú. Possue uma nascente d'agua gazosa.

CONTRA-ESTIMULANTES. Chamam-se *contra-estimulantes* ou *hyposthenisantes*, os medicamentos que, introduzidos no nosso corpo, põem a força vital abaixo do gráo em que estava antes da sua applicação. Estes remedios chamam-se tambem *anti-phlogisticos* ou *debilitantes*. Taes medicamentos, convenientemente applicados, produzem ás vezes o mesmo resultado que as sangrias, e empregam-se nas molestias inflammatorias. O seu effeito mais notavel consiste em diminuir a frequencia

do pulso e provocar a transpiração cutanea. Os medicamentos contra-estimulantes são : tartaro estibiado na dóse de 30 centigrammas e mais, agua de louro-cereja, aconito, centeio espigado, digital, etc.

CONTRACTURA. Estado de rigidez dos musculos, acompanhada ordinariamente de dôres como nas caimbras, que se manifesta sobretudo nas mãos e nos pés.

Symptomas. Ás vezes a contractura apparece subitamente; porém, as mais das vezes manifesta-se de uma maneira lenta, e é precedida de dôr de cabeça, quebramento do corpo, vertigens. Logo o doente queixa-se de não poder mover facilmente os dedos; experimenta picadas nos braços, caimbras nas barrigas das pernas. Estes accidentes podem cessar e voltar alternativamente, antes que a contractura se estabeleça de uma maneira definitiva. Esta principia quasi sempre por um dos ante-braços, ás vezes pelos ante-braços e pés ao mesmo tempo.

Estabelecida a contractura, os dedos estão dobrados na palma da mão, estão ás vezes completamente, e então o dedo pollegar acha-se quasi sempre coberto pelos outros dedos, ou então os dedos, incompletamente dobrados, estão separados, e dão á mão a fórma e o aspecto de certas garras de ferro; emfim, mas raras vezes, os dedos estão estendidos e approximados, como na acção de escrever. Os punhos estão ao mesmo tempo dobrados sobre o antebraço; o hombro acha-se de ordinario livre, assim como o cotovelo; mas ás vezes, entretanto, estas articulações estão rijas, e embaraçadas.

Quando os dedos estão completamente dobrados, é impossivel estendêl-os, por maiores esforços que se façam; chega-se a desdobral-os quando a contractura é menos forte; mas, em todos os casos, estas tentativas são mui dolorosas. Os musculos contrahidos são resistentes, e tem ás vezes quasi a dureza da lenha; muitas vezes fazem proeminencia debaixo da pelle; são a séde de dôres mais ou menos vivas, que augmentam de tempo em tempo ao ponto de arrancar gritos aos doentes. Depois de acalmadas, o que coincide quasi sempre com a diminuição da contractura, os doentes sentem só rijeza e incommodo no ante-braço. Durante as crises, e nos seus iniervallos, os dedos experimentam ás vezes formigamentos incommodos; a sua sensibilidade torna-se obtusa.

Quando a contractura occupa as pernas e os pés, os dedos estão ora dobrados, ora estendidos, porém immoveis n'esta posição. O pé está na extensão forçada sobre a perna; os musculos da barriga da perna estão duros e salientes; o andar é difficil ou impossivel; ha as mesmas dôres, as mesmas sensações, a mesma difficuldade de endireitamento que ha no braço.

A contractura invade ás vezes os musculos do pescoço e os do tronco; quando os musculos das paredes thoracicas estão affectados, quando o musculo diaphragma está invadido, os doentes tem dyspnea, queixam-se de oppressão e de suffocação.

Duração, terminações. Esta molestia tem uma duração variavel; ordinariamente dura alguns dias; prolonga-se ás vezes por muitas semanas e mesmo muitos mezes, apresentando então intermissões mais ou menos longas. Sua terminação é quasi sempre feliz.

Causas. As causas d'esta molestia não são conhecidas; ella reina ás vezes sob a fórma de pequena epidemia.

Tratamento. As fricções com balsamo tranquillo, os banhos quentes geraes, internamente o opio, o xarope de ether, o xarope de chloroformio, as pilulas de extracto de belladona, as injecções sub-cutaneas com sulfato de atropina, são mui uteis, na contractura muscular. Eis-aqui as receitas :

Balsamo tranquillo..... 120 grammas.

Para fazer duas ou tres fricções por dia sobre os musculos contrahidos.

Extracto de opio..... 30 centigrammas.

Faça 6 pilulas. Para tomar 1 ou 2 pilulas por dia.

Extracto de belladona..... 25 milligrammas.
Pós de althéa..... q. s.

Faça 1 pilula, e como esta mais tres. Para tomar 1 ou 2 pilulas por dia.

Xarope de ether..... 60 grammas.

Para tomar uma colher *de chá*, de 2 em 2 horas.

Xarope de chloroformio..... 60 grammas.

Para tomar uma colher *de chá*, de 2 em 2 horas.

N'este caso em logar dos xaropes pode-se empregar as perolas de ether e de chloroformio do D^{or} Clertan que substituem com vantagem os xaropes.

Solução de sulfato de atropina para injecções hypodermicas.

Sulfato de atropina..... 15 centigrammas.
Agua distillada..... 15 grammas.

Enche-se uma seringa de Pravaz com esta solução, adapta-se á canula, penetra-se obliquamente debaixo da pelle a 1 centimetro de profundidade, e comprime-se o embolo para fazer a injecção. Faz-se uma ou duas injecções por dia, e, cada vez, injecta-se só uma gotta de solução, cinco gottas ao mais.

Finalmente, a applicação da electricidade, por meio do apparelho de Ruhmkorff, Gaiffe ou Breton, tem curado as contracturas que resistiram aos meios precedentes. Uma simples maçadura, isto é, a fricção prolongada com a mão, foi ás vezes sufficiente para curar a contractura muscular.

CONTRAHERVA, CAAPIA, CAYAPIA, CARAPIÁ. *Dorstenia brasiliensis*, Lamark. Planta do Brazil; habita no Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco (fig. 226). É sem caule, folhas cordiformes; flor miuda, branca, contida n'um receptaculo carnoso; caule subterraneo, vulgarmente chamado raiz, da grossura de um dedo minimo, de 5 1/2 cen-

timetros de comprimento, de côr fusca por fóra, branca amarellada por dentro, de sabor amargo e cheiro aromatico; apresenta na parte inferior muitas pequenas radiculas, que são as verdadeiras raizes da planta. Ha mais outras especies no Brazil : *Dorstenia bryonifolia*, Martius; *Dorstenia opifera*, Martius; *Dorstenia arifolia,* Lam. Nas boticas acha-se tambem a contraherva que habita no Mexico (*Dorstenia contrayerva*, Linneo). A raiz d'esta especie é um pouco mais grossa, mas seu cheiro e sabor não são tão fortes como os da especie brazileira.

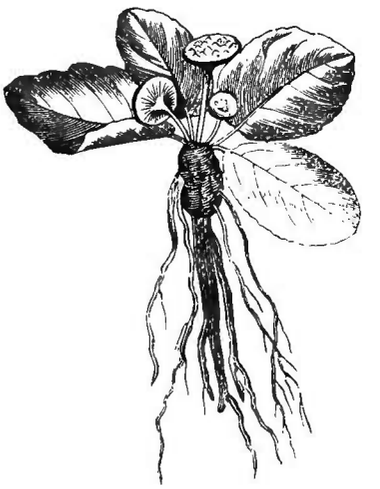


Fig. 226. — Contraherva.

A infusão da raiz de contraherva é um excitante, emprega-se nas molestias caracterizadas por debilidade e para provocar os menstruos; prepara-se com 4 grammas de raiz de contraherva e uma chicara d'agua fervendo. Algumas pessoas pensam que a contraherva goza de propriedades especificas nas mordeduras das cobras; o seu nome tirado do espanhol *contrayerva*, que significa contraveneno, indica o seu uso principal no paiz onde foi primitivamente achada. Mas taes virtudes são absolutamente imaginarias; a infusão da raiz de contraherva é simplesmente um ligeiro estimulante que póde servir para provocar a transpiração.

CONTRAVENENO ou ANTIDOTO. Medicamento a que se attribue a propriedade de prevenir. ou combater os effeitos de um veneno.

O numero dos contravenenos é muito mais limitado do que pensam muitas pessoas. Primeiramente é preciso despojar d'este titulo grande numero de substancias inertes, apregoadas pela ignorancia ou má fé. Esta cautela é de grande importancia, para que a credulidade deixe de fazer victimas; porquanto, um momento perdido ou mal empregado em um caso de envenenamento, occasiona quasi sempre um resultado mortal. Não citarei senão um exemplo para demonstrar este perigo. Em algumas partes da America attribue-se a uma planta, chamada *guaco,* propriedades especificas nas mordeduras das cobras venenosas; fazem-se sobre a ferida applicações d'esta planta, que é absolutamente inerte, em vez de se empregar a cauterização com potassa caustica, oleo de vitriolo ou ferro em braza, que são os unicos meios para destruir o virus.

O leite, o azeite, as bebidas emollientes não são antidotos. Estes meios adoçantes devem acompanhar o emprego dos contravenenos; combatem as inflammações das vias digestivas, que seguem sempre a ingestão das substancias venenosas irritantes; mas, repito, não são antidotos. É preciso entretanto dizer que nos casos em que se não puder recorrer a um contraveneno, ou porque este não exista, ou porque o momento opportuno tenha passado, o leite, o azeite e as bebidas aquosas são os unicos meios que se podem empregar.

Não se deve dar o nome de antidoto senão ás substancias ou medicamentos susceptiveis de decompor os venenos, e de formar com elles um corpo novo, que não tenha acção nociva sobre a economia.

Os principaes contravenenos conhecidos são : a *clara de ovo*, nos envenenamentos pelo sublimado; a *decocção de quina*, nos envenenamentos pelo emetico; a *magnesia,* nos envenenamentos pelos acidos, etc. Pormenores mais extensos a este respeito vão no artigo ENVENENAMENTO.

CONTREXEVILLE. Aguas alcalinas frias. Itinerario : de Pariz a Neufchateau, 8 horas pela estrada de ferro; de Neufchateau a Contrexeville, 3 horas em omnibus, Despezas, 35 francos.

Contrexeville é uma pequena aldèa de França, de 730 habitantes, situada no departamento de Vosges. As suas aguas são frias (+ 12° centigrados) : tres são as fontes. A fonte de *Pavillon* é a mais importante. A sua agua é fresca, agradavel, bem que levemente ferruginea. A analyse chimica, feita por Henry em 1853, deo, em 1 liiro d'esta agua, os resultados seguintes :

Gaz: acido carbonico, livre, 0ᵍ,019; azote com um pouco de oxygeneo, quantidade indeterminada.

Principios fixos : 2ᵍ,941 de mineralização. Sulfato de cal, 1ᵍ,150; de magnesia, 0ᵍ,190; de soda, 0ᵍ,130; de potassa, vestigios; bicarbonato de cal, 0ᵍ,675; de magnesia, 0ᵍ,220; de soda, 0ᵍ,197; de ferro, de manganez, 0ᵍ,009; de estronciana, vestigios; chlorureto de sodio, de potassio, 0ᵍ,140; de magnesio, 0ᵍ,040; ioduretos e bromuretos alcalinos, vestigios; silica e alumina, 0ᵍ,120; azotatos, vestigios; phosphatos de cal e de alumina, materia organica azotada, principio arsenical unido ao ferro; perda, 0ᵍ,070.

As aguas de Contrexeville empregam-se sobretudo contra as areias, molestia sobre a qual exercem uma acção especifica. Eis aqui o modo de usal-as.

Bebem-se, no primeiro dia, na dóse de dois a treis copos, de manhã em jejum. Nos dias seguintes, augmenta-se o numero de copos, que se levam insensivelmente até doze ou quinze, algumas pessoas tomam até vinte e mesmo trinta copos, sem de nenhum modo ficarem fatigadas. Durante os ultimos dias, deve-se diminuir a dóse, de modo a acabar por cinco ou seis copos. A presença da agua na economia manifesta-se pela acceleração do pulso, frequencia da respiração, e actividade maior de todas as excreções, especialmente das ourinas e das materias intestinaes. São eminentemente diureticas. Exercem acção directa sobre a substancia pedrosa. Assim, os empregados do estabelecimento mostram areias sahidas pela urethra, que apresentam sulcos irregulares e depressões, indicando a sua erosão operada pela agua mineral. Pouco tempo depois de beber a agua, encontram-se quasi todos os seus principios mineralizadores nas ourinas.

As aguas de Contrexeville são tambem uteis nas affecções catarrhaes da bexiga, nos engurgitamentos da prostata e na gota.

Os banhos e as duchas entram por uma grande parte no tratamento.

A agua aquece-se por meio de serpentinas que atravessa o vapor d'agua quente.

O estabelecimento thermal possue quartos para moradia, asseiados e elegantes; ha boa mesa e um parque bonito. Acha-se ali um Cassino com theatro; sala de concertos, sala de bilhar, sala de jogos e de leitura como em todas as caldas de moda. A estação thermal dura de 15 de junho a 15 de setembro. A temperatura da atmosphera é ali geralmente bastante fria; as variações climatericas são rapidas; pelo que os doentes, que se dirigem a esta estação, devem levar roupa que os preserve do frio.

As aguas de Contrexeville podem ser transportadas sem se alterarem.

CONTUSÃO, MACHUCADURA, PISADURA. Por estes nomes se designa uma lesão ordinariamente produzida por quédas, pancadas, e outras violencias exteriores; pelo encontro de um corpo contundente, uma pedra, uma bala de artilharia, que pisa, machuca, esmaga, móe as partes submettidas á sua acção, sem entretanto produzir a divisão da pelle; mas se a pelle estiver cortada, diz-se que a *ferida* é *contusa*. Bem que a pelle não fique rasgada na contusão, existe quasi sempre rotura das pequenas veias e arterias situadas debaixo d'ella. O sangue, que estes vasos ministram, derrama-se nas regiões vizinhas, e produz uma nodoa de côr negra-roxa, chamada *ecchymose*. Algumas pessoas assustam-se quando, em consequencia d'este genero de accidente, experimentado na testa, por exemplo, vêem as palpebras e a cara tornarem-se negras. É um effeito natural da infiltração do sangue, a qual ordinariamente não apresenta grande perigo, e não necessita de maneira alguma, como pensa o vulgo, da applicação de bichas. Quando os ossos estão abalados com violencia pelos corpos exteriores, ou recebem nas quédas estremecimentos consideraveis, os abalos que transmittem podem occasionar nos orgãos, mais on menos afastados, lacerações profundas ou verdadeiras contusões. Eis-aqui um exemplo de muita consideração. Um soldado francez cahio ferido de uma bala en 1814 junto aos muros de Pariz; transportado á ambulancia, não apresentava no corpo indicio algum de violencia; estava para ser objecto de escarneo de seus camaradas, quando o celebre cirurgião Dupuytren, examinando a região das cadeiras, descobrio n'este logar uma larga contusão. O doente succumbio em poucas horas, abrio-se o corpo, e acháram-se todos os vasos destruidos, os ossos da columna espinhal quebrados, e o ventre, assim como o peito, cheios de sangue preto : só a pelle tinha resistido á acção da bala.

Symptomas. Os effeitos da contusão apresentam-se debaixo de tres fórmas principaes, que são : a *ecchimose simples,* a *effusão sanguinea* e a *moedura* da parte.

1° Quando a pisadura é leve, uma dôr mais ou menos viva se manifesta no momento do accidente, e desapparece pouco depois. Succede-lhe um entorpecimento acompanhado de inchação pouco consideravel. Se os vasos capillares contidos na espessura da pelle foram divididos, a inchação é acompanhada, no momento mesmo do accidente, de uma

nodoa que se chama, como já disse, ecchymose. Se, pelo contrario, a lesão atacou o tecido cellular, que se acha debaixo da pelle, a ecchymose não se mostra senão no fim de algumas horas, e ás vezes dois ou tres dias depois. Esta ecchymose estende-se; a sua côr violacea torna-se insensivelmente amarellada ou esverdeada. Emfim, tres semanas ou um mez depois, todos os vestigias visiveis da molestia desapparecem completamente. Todavia, em alguns casos, e mesmo quando a ecchymose e a contusão parecem ser leves, vê-se ao quarto ou quinto dia, os tegumentos inflammarem-se e desenvolver-se uma erysipela phlegmonosa, que produz estragos mais ou menos consideraveis.

2° Quando o corpo contundente produz effusão de sangue, reconhece-se a ecchymose por um tumor azulado e livido, fluctuante no centro, e duro na circumferencia.

3° Emfim, quando os tecidos foram moídos e desorganizados pelo corpo contundente, uma dôr violenta se faz sentir na parte, no momento mesmo da pancada; mas esta dôr é substituida logo depois por um entorpecimento profundo, e mesmo pela insensibilidade absoluta; a parte conserva-se fria e livida, e apresenta logo todos os signaes de gangrena.

Tratamento de contusão. Quando a contusão é leve e pouco extensa, a applicação de chumaços embebidos em agua fria, que convem humedecer logo que principiam a aquecer, é um dos melhores remedios externos que se podem empregar. Agua salgada, agua fria misturada com vinagre, com phenol Bobœuf, com tintura de arnica, com aguardente camphorada, ou com coaltar saponinado Le Beuf, convem tambem n'esse caso. Estas applicações continuadas com perseverança, e renovadas frequentemente para se conservarem sempre frias, bastam ordinariamente para completar a cura, e não são necessarias nem sangrias, nem bichas. Em logar d'estas applicações podem empregar-se cataplasmas feitas com farinha de trigo e vinho tinto frio : é preciso renoval-as duas ou tres vezes por dia. Continua-se este tratamento até á cura, se a contusão fôr leve. Mas, se no segundo ou terceiro dia se manifestar dôr, inchação e vermelhidão, é preciso abandonar estes meios, e recorrer ás cataplasmas de farinha de linhaça quentes. Ás vezes a parte offendida não volta ao seu estado natural senão passado muito tempo.

Quando acontece seguirem-se sem interrupção os symptomas inflammatorios, tornar-se o tumor rapidamente mais volumoso, achar-se a pelle uniformemente vermelha, quente e dolorosa, e apparecer a fluctuação ou tornar-se esta mais evidente, está claro que se formou abcesso. É preciso então abrir com bisturi esse tumor, afim de evacuar todo o sangue misturado com o pus n'elle contido.

Quando a causa contundente produzio effusão do sangue, e, se apezar das applicações resolventes, taes como agua fria e outras acima indicadas, este sangue não fôr absorvido, deve-se tambem abrir o tumor antes que a pelle se adelgace. Espreme-se depois o sangue, e applicam-se cataplasmas de farinha de linhaça.

Emfim, se o membro estiver contuso no ultimo gráo, se as carnes

estiverem reduzidas a uma polpa ou massa, e os ossos quebrados, etc., não haverá outro recurso senão a amputação.

Quanto ás *feridas contusas*, devem estas ser lavadas com agua fria, e curadas com fios untados de ceroto simples. Dois ou tres dias depois, quando a ferida estiver inflammada, applicam-se sobre ella cataplasmas de linhaça, que se continuam por alguns dias, até que diminua a vermelhidão e a dôr. Torna-se então de novo aos curativos com fios e ceroto, que se contiauam até á cura. *Veja-se* FERIDAS CONTUSAS.

Examinemos agora as contusões nas regiões do corpo em que ellas apresentam alguma particularidade.

Contusão do baço. Depois de uma pancada, uma compressão direita, ou depois de um contra-golpe n'uma quéda, o sangue póde derramar-se no interior do baço. Este acontecimento póde ser seguido de febre, ou de ictericia, consequencia de desordens sympathicas do lado do figado.

Tratamento. Em presença de uma dôr no hypochondrio esquerdo, depois de uma pancada ou de uma quéda, é racional applicar 10 a 12 bichas sobre o ponto doloroso, e depois cataplasma feita de farinha de trigo e vinho tinto. É preciso, tambem, applicar á roda do corpo uma cinta moderadamente apertada.

Contusão da cabeça. As contusões superficiaes produzem na cabeça tumores sanguineos chamados *gallos*. É uma molestia pouco grave. Os *gallos* tratam-se pela compressão, por meio de uma peça de moeda envolvida n'um panno.

Mas os effeitos das pancadas sobre a cabeça podem não limitar-se ás paredes exteriores; occasionam ás vezes a *contusão do cerebro*. Esta lesão apresenta-se sob dois aspectos differentes: póde ser limitada a uma porção bem circumscripta de massa encephalica, ou occupar ao mesmo tempo muitos pontos do orgão.

A *contusão circumscripta*, isto é, a que occupa uma extensão pouco limitada, é caracterizada pela desorganização mais ou menos profunda da substancia cerebral. Não ha ponto do cerebro que não possa ser affectado d'esta lesão: as partes profundas podem tambem ser contusas, todavia as partes do cerebro que existem na base do craneo estão menos expostas á contusão do que as outras.

A *contusão diffusa* é muito mais rara do que a contusão circumscripta do cerebro. É caracterizada pela presença, em todo o cerebro, de um numero consideravel de pequenos fócos sanguineos, que variam de tamanho, desde o volume da cabeça de um alfinete até ao de uma lentilha.

Signaes. As diversas porções do cerebro não tem um gráo igual de importancia; d'aqui resulta que a lesão de certas partes d'este orgão é incompativel com a conservação da vida, ao passo que a lesão das outras partes não apresenta perigo. Quando o tecido cerebral é profundamente desorganizado, e quando a quantidade de sangue derramado é consideravel, as mais das vezes a morte é a consequencia d'esta lesão, e o que a torna mortal, é a inflammação, a suppuração, e, ao depois, a com-

pressão que esta determina. Os accidentes não se declaram senão no quarto ou quinto dia, isto é, no momento da inflammação. Apparece então surdez, modorra, pulso frequente, dôr de cabeça, delirio, agitação, dilatação das pupillas, respiração embaraçada, e, se a contusão é grande, morte.

Tratamento. Quando alguem recebe uma forte pancada na cabeça, quando cahe de grande altura, é preciso, primeiro, reanimar as forças desfallecentes, dar a cheirar ao paciente vinagre ou agua de Colonia, applicar sinapismos nas pernas, fazer fricções pelo corpo com aguardente ou agua de Colonia, dar a beber algumas colheres de vinho ou de chá de folhas de laranjeira, e, depois, praticar uma sangria. A sangria nunca deve ser praticada nos primeiros instantes da quéda, pois que n'esta occasião o pulso deve estar apenas sensivel e o corpo frio; mas quando o calor do corpo se houver restabelecido, deve-se recorrer á sangria, e applicar na testa pannos molhados em agua fria. Se se desenvolver inflammação no cerebro, siga-se o tratamento indicado no artigo ENCEPHALITE.

Contusão do escroto. Póde ser seguida do derramamento de sangue entre as diversas camadas d'esta região.

Quando o sangue se derrama no tecido cellular sub-cutaneo, sobrevem ecchymose, isto é, coloração preta da pelle, com tumefacção dolorosa, irregular, molle, levemente fluctuante, debaixo da qual o testiculo se acha intacto. Combate-se este accidente com pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada. Se se formar abcesso, applica-se cataplasma de linhaça, e abre-se o abcesso. Se o sangue derramado se reunir em um fóco, se não se resolver, e se ha dôres, é preciso fazer a incisão do fóco, tirar o sangue coalhado, e lavar o fóco com agua tepida.

Ás vezes as contusões do escroto são seguidas do derramento de sangue no interior da tunica vaginal; forma-se então um tumor que se chama *hematocele;* este tumor é fluctuante e, de ordinario, não doloroso. Se não desapparecer espontaneamente, será necessario praticar a puncção do escroto, como na operação da hydrocele.

Contusão do figado. A contusão do figado produz a *ecchymose*, a *inflammação* ou a *rasgadura do orgão* e dos conductos biliares.

1° *Contusão simples.* Em consequencia de uma pancada recebida no hypochondrio direito, ou de compressão excessiva sobre o ventre ou sobre o peito, depois da quéda sobre os calcanhares, o figado póde ser a séde de uma contusão, isto é, de um derramamento de sangue. Uma dôr viva no hypochondrio direito, ás vezes uma hemorrhagia pelo anus, são os unicos signaes da contusão do figado. Um abcesso póde ser a sua consequencia.

Tratamento. É necessario applicar dez ou quinze bichas no hypochondrio direito, e depois a cataplasma de linhaça; observar a dieta e conservar o mais absoluto repouso.

2° *Rasgadura do figado.* Tem logar nas quédas sobre os pés ou sobre os joelhos. Forma-se um derramamento de sangue no interior do ventre,

e se a rasgadura sobreveio ao mesmo tempo no figado e na vesicula biliar, ha derramamento de sangue e de bilis, e a morte é extremamente rapida. As rasgaduras simples do figado são susceptiveis de cura.

Os signaes da ruptura do figado são: agitação, dôres abdominaes, pallidez, fraqueza, desmaios; o diagnostico porém fica quasi sempre duvidoso.

Tratamento. Consiste em sangria do braço, dieta, repouso, limonadas de limão ou de laranja muito frias, geladas mesmo.

Contusão do joelho. Póde ser directa ou indirecta, isto é, póde ser produzida por uma pancada applicada sobre esta junta, ou por uma quéda sobre os pés. Esta ultima contusão, que é produzida pelo choque reciproco dos dois principaes ossos da articulação, é frequentemente seguida de inflammação. As contusões directas podem tambem ter este máo resultado. As contusões do joelho podem ter por effeito extravasações sanguineas no tecido cellular que se apresentam debaixo de differentes fórmas. Estes tumores são, em geral, de uma facil resolução, e é raro que depois de desapparecer o sangue sobrevenham accidentes.

Tratamento. Durante os dois ou tres primeiros dias, appliquem-se pannos molhados em agua fria ou agua vegeto-mineral frequentemente renovados; mais tarde cataplasmas de linhaça e bichas.

Contusão das juntas. As contusões articulares produzem muitas vezes um derramamento de sangue puro na articulação contusa. Ordinariamente derrama-se pequena quantidade de sangue e muita serosidade. O sangue fica por muito tempo fluido; coagula-se quando sobrevem inflammação.

Symptomas. Dôres bastantes vivas, inchação da articulação, e difficuldade nos movimentos sobrevinda pouco tempo depois de uma quéda, caracterizam um derramamento na junta. Se comprimindo as superficies articulares, percebe-se uma crepitação analoga á que produz o polvilho comprimido entre os dedos, deve-se julgar que existe um derramamento com a coagulação de sangue.

Tratamento. Consiste, a principio, em pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou agua fria misturada com aguardente camphorada, ou cataplasmas frias feitas com farinha de trigo e vinho tinto. Tres ou quatro dias depois, appliquem-se cataplasmas de linhaça quentes. O sangue coalhado póde ficar sem perigo n'uma junta; desapparece pouco a pouco espontaneamente.

Contusão da medulla espinhal. Sobrevem em consequencia das pancadas sobre a columna vertebral. É caracterizada pela dôr sobre o logar offendido e paralysia mais ou menos immediata. O tratamento consiste em applicar bichas ou ventosas sarjadas sobre o ponto doloroso da columna vertebral.

Contusão dos musculos. A contusão dos musculos produz segundo a sua intensidade, entorpecimento, derramamento de sangue, rasgadura das fibras; a suppuração póde ser a consequencia de uma contusão violenta. O tratamento é o mesmo que está indicado na *contusão em geral.*

Contusão do olho. As contusões sobre o olho são raras por se achar este orgão abrigado por paredes osseas; mas quando acontece terem logar, a commoção da retina ou um derramamento no olho, arriscam a visão e determinam cegueira, opacidade do corpo vitreo, a até diminuição ulterior do olho. Para prevenir esses resultados, appliquem-se bichas perto do olho, e até sangre-se o doente, se a pancada produzio a mais leve cegueira. Quanto ás contusões superficiaes do olho ou de sua vizinhança, estas determinam mui facilmente a inchação e a infiltração das palpebras; o sangue derrama-se sob a pelle, que passa pelos differentes gráos de coloração propria ás ecchymoses, denegrida, azulada, amarellada. Em certos limites, nenhum d'estes symptomas offerece gravidade alguma; simples applicações de pannos molhados em agua fria bastam em quasi todos os casos.

A contusão póde ser limitada á cornea; o que acontece, quando corpos estranhos de pequeno volume foram lançados com violencia contra ella. Resulta ás vezes d'este golpe uma inflammação, uma ulceração do ponto ferido ou um derramamento de lympha entre as laminas da cornea.

As saccudiduras communicadas á região orbitaria ou ao olho mesmo, produzem o engrandecimento da pupilla, o despegamento do iris, e occasionam mesmo a rasgadura d'esta membrana; n'este ultimo caso ha derramamento de sangue no interior do olho.

O despegamento do iris, na sua grande circunferencia, observa-se em consequencia de uma chicotada, de uma pancada, sobre o olho, de rabo de cavallo ou de um ramo de arvore, etc. O olho então inflamma-se, o crystallino e a sua membrana tornam-se opacos, o olho augmenta de volume.

As vezes o sangue resolve-se, e a vista restabelece-se; outras vezes as funcções do olho são gravemente compromettidas.

Em todas as contusões immediatas do olho, por pouco que a pancada seja forte, é preciso praticar sangria no braço, applicar bichas na fonte, e, no olho, pannos molhados em agua fria simples, ou na agua vegeto-mineral. Passados tres ou quatro dias depois do accidente, applicam-se cataplasmas de linhaça.

Contusão dos ossos. A contusão dos ossos, quando não determina uma fractura, causa derramamentos de sangue do periosto e na medulla. A inflammação chronica, a necrose, a carie póde ser a consequencia d'este accidente. As contusões dos ossos por balas de espingarda occasionam muitas vezes a necrose.

Não se conhece a contusão dos ossos profundos senão pela dôr, e inchação do osso.

Tratamento. Consiste em repouso, e cataplasmas de linhaça regadas com agua vegeto-mineral. Se as dôres são mui vivas, é necessario applicar dez bichas. No caso de accidentes consecutivos, siga-se o tratamento indicado na osteite, necrose e carie.

Contusão das palpebras. *Veja-se* PALPEBRAS.

Contusão do peito. As contusões do peito são produzidas pelos

choques violentos, pelas quédas, ou compressões energicas e continuadas.

As contusões leves limitam-se á pelle, ao tecido cellular subjacente, e sáram como nas outras partes do corpo. Mas se a contusão foi violenta, póde estender seus effeitos profundamente. Ha então, ás vezes, fractura das costellas, sem solução de continuidade da pelle. Mas os effeitos de uma quéda, de um embate, de uma pressão violenta, manifestam-se ás vezes mesmo no parenchyma pulmonar, e isto ainda sem solução de continuidade da pelle, sem fractura dos ossos, sem lesões physicas das costellas. Esta solução de continuidade do pulmão observa-se, ora n'um ponto correspondente á parte do peito que recebeo o choque, ora n'um logar afastado d'esta.

A pneumonia póde sobrevir durante os primeiros dias que seguem o accidente; é a complicação que mais se deve receiar; ou então será um pleuriz que não apparecerá senão muito tempo depois; emfim uma bronchite consecutiva é ainda um dos resultados possiveis da contusão e rasgadura do pulmão.

Tratamento. A indicação principal consiste em prevenir e combater os accidentes inflammatorios do lado da pleura e do pulmão. Deixe-se sangrar o paciente, e mais tarde é necessario applicar-lhe bichas no peito. O numero das emissões sanguineas será proporcionada á idade do doente e á intensidade da molestia. Nos primeiros dias tomará só caldos de gallinha, e bebidas emollientes, taes como a infusão de flores de malvas ou de raiz de althéa.

Contusão do perineo. Chama-se perineo ao espaço comprehendido entre o anus e as partes genitaes. As contusões d'esta região são bastante frequentes. Os marinheiros, quando cahem dos mastros, ficam, ás vezes, escarranchados em cordas muito tesas, d'onde resultam fortes contusões no perineo que se estendem até á urethra. Quanto mais limitada é a superficie do corpo sobre o qual se cahe, tanto maior é o seu effeito sobre a urethra. O Dr. Chopart refere a historia de um homem de 25 annos, que cahio de uma janella escarranchado na margem de um tonnel sem fundo collocado perpendicularmente, o que lhe causou no perineo uma forte contusão sem ferida exterior; deitou muito sangue pelo canal da urethra. No dia seguinte teve uma retenção de ourina. Sondáram-n'o : sahio sangue e ourina. Depois de evacuada a ourina, tirou-se a sonda. Algumas horas depois, não podendo elle satisfazer á necessidade de ourinar, quizeram sondal-o de novo, mas não foi possivel.

Quando a contusão attinge a porção esponjosa do canal da urethra, e se é levada a um certo grao, resulta d'isto uma rasgadura do tecido e a formação, ao nivel da parte contusa, de uma cavidade de tamanho variavel e cheia de sangue. O canal fica por conseguinte obstruido, o que explica as difficuldades que experimentam os pacientes para ourinar, e os obstaculos que o cirurgião encontra para introduzir a sonda,

Toda a contusão da urethra póde occasionar muitos accidentes immediatos : a hemorrhagia, a obstrucção do canal pelo tumor sanguineo

com a retenção de ourina que é a sua consequencia, e ás vezes a infiltração d'este liquido nas camadas do perineo.

Nos casos mais favoraveis, o tumor sanguineo termina pela resolução, mas o canal da urethra fica estreitado no ponto correspondente. Se o tumor se inflamma e suppura, forma-se um abcesso que se abre ou no canal, ou fóra do canal, ou n'essas duas direcções ao mesmo tempo.

Tratamento. A indicação mais urgente a preencher consiste em fazer cessar a retenção de ourina; obtem-se ás vezes este resultado, applicando bichas no perineo, e administrando semicupios prolongados d'agua tepida. A introducção da sonda offerece, n'este caso, difficuldades taes que convem retardar esta operação o mais possivel, e pratical-a com as maiores precauções por meio de uma sonda grossa flexivel, introduzida mui lentamente. Existindo infiltrações de ourina nas camadas do perineo, pratiquem-se incisões largas e profundas, para dar sahida aos liquidos. Se não fôr possivel introduzir a sonda na bexiga, faça-se uma incisão no canal, na região do perineo, e introduza-se n'ella uma canula para prevenir a infiltração da ourina.

Os estreitamentos da urethra, consecutivos ás contusões do canal, combatem-se pela dilatação praticada com as sondas.

Contusão dos rins. A contusão dos rins é a consequencia de todas as violencias exteriores que actuam sobre estes orgãos, quer directa quer indirectamente; são : o abalo dos rins nos cavalleiros fortemente sacudidos pela andadura do cavallo; as fortes contusões das cadeiras; as quédas de um logar mais ou menos elevado, etc. Ha n'estas lesões muitos gráos, desde uma simples ecchymose da substancia renal até á rasgadura do rim em duas partes, com derramamento de sangue no tecido cellular ou na cavidade do peritoneo.

Os *Symptomas* são variaveis : quando a contusão é a consequencia de alguma violencia exterior sobre as cadeiras, manifesta-se a côr roxa n'essa região; as ourinas são sanguinolentas; alguns doentes perdem muito sangue puro pelas vias urinarias, nas primeiras horas que seguem o accidente; outros tem hematuria na época mais afastada. A região lombar é dolorosa á pressão.

As contusões dos rins terminam de diversas maneiras : quando a rasgadura é pouco profunda, os doentes sáram depois de passarem pelos symptomas de uma nephrite; se a lesão é profunda, resultam d'ella derramamentos sanguineos na cavidade abdominal ou no tecido cellular que reveste os rins. Os doentes podem succumbir da abundancia da hemorrhagia, ou dos phenomenos inflammatorios que são a sua consequencia. O prognostico depende, pois, da extensão das desordens.

Tratamento. A primeira indicação a preencher consiste em prevenir a inflammação. Para este fim é preciso praticar uma sangria ou applicar bichas nas cadeiras, conforme a gravidade dos symptomas. Se as ourinas não podem ser expulsas, por causa da coagulação do sangue, cumpre introduzir a sonda na bexiga. O doente deve conservar-se em repouso, observar a dieta, usar de limonadas de limão ou de laranja. Sobre as cadeiras appliquem-se continuadamente pannos molhados em agua fria.

Se as ourinas sanguineas apparecem alguns dias depois do accidente, combatem-se com applicação de gelo nas cadeiras. Se se formar abcesso na região lombar, dê-se sahida ao pus com lanceta.

Contusão dos seios nas mulheres. Podem ser leves e não produzir senão um pouco de extravasação de sangue no tecido cellular sub-cutaneo; ou ser mais fortes e occasionar um verdadeiro tumor sanguineo. Quando a pancada é realmente forte, o tecido cellular que se acha no interior da glandula mammaria, póde ser attingido e esmagado; d'ahi resultam infiltrações de sangue mais ou menos consideraveis ou verdadeiros depositos sanguineos. Quando a violencia exterior actua sobre o seio de uma mulher que dá de mammar, póde occasionar uma rasgadura dos canaes lactiferos, e ao depois, uma infiltração de leite. O tecido cellular sub-mammario póde ser rasgado, quando o corpo contúndente tem uma larga superficie e obra energicamente. A ecchymose, effeito d'estas diversas contusões, produz-se mais rapidamente quando o tecido cellular está só rasgado; tem logar mais tarde quando é a glandula, e a uma época mais afastada ainda, quando é o tecido sub-mammario. Ás vezes, n'este ultimo caso, a côr denegrida da pelle não apparece senão ao cabo de muitos dias, e observa-se não no seio, mas sim na sua circumferencia.

O *tratamento* compõe-se de pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto-mineral, que se applicam no primeiro dia, e da cataplasma seguinte que se applica no seio nos dias seguintes :

Farinha de mandioca.....	60 grammas.
Vinho tinto.....	240 —

Ferva a farinha com o vinho a calor brando, até á consistencia de cataplasma — Póde-se tambem empregar a cataplasma de farinha de trigo e vinho tinto frio. — Se o fóco sanguineo se inflammar, applique-se uma cataplasma de linhaça.

Contusão do testiculo. É seguida frequentemente da inflammação d'este orgão; necessita, no primeiro dia, da applicação de pannos molhados em agua fria ou agua vegeto-mineral igualmente fria. No dia seguinte, cumpre applicar bichas na virilha ou perineo, e cataplasmas de linhaça no escroto.

Contusão da urethra. *Veja-se* CONTUSÃO DO PERINEO.

Contusão do ventre. As contusões das paredes do ventre não sendo intensas, são pouco graves. Curam-se com applicações de pannos molhados em agua misturada com um pouco de aguardente camphorada.

Se a contusão é algum tanto forte, póde ser seguida de inflammação do peritoneo ou de algum orgão interior do ventre. Estas inflammações são annuncidas pelo augmento das dôres : exigem a applicação de bichas e de cataplasmas de linhaça.

As contusões fortes sobre o ventre podem produzir rompimentos dos orgãos internos. Assim, as pancadas violentas sobre o ventre, as quédas dos corpos pesados sobre esta região, ou uma forte compressão, como

a de uma roda de carro, podem produzir a ruptura do figado, do estomago, dos intestinos.

O *figado* está muito exposto ás contusões. Quando são fortes, podem produzir a ruptura d'este orgão e um derramamento de sangue que torna o caso mortal; mais fracas occasionam a inflammação. Sobrevem então todos os caracteres da hepatite.

Todas as rupturas internas do ventre são graves; manifestam-se pelos symptomas dos derramamentos internos, e pelos signaes que se referem ás funcções dos orgãos principalmente offendidos. O signal caracteristico da ruptura dos intestinos é a inchação subita do ventre, produzida pelo derramamento dos gazes intestinaes.

A contusão do *estomago* é ás vezes consequencia das pancadas recebidas na região epigastrica, d'onde póde resultar um desmaio mais ou menos prolongado.

A *ruptura* do estomago é annunciada por uma dôr violenta no epigastro, uma sensação de calor que se propaga no ventre, uma tumefacção do ventre, uma anxiedade extrema, frio das extremidades e desmaio.

O *tratamento* das contusões fortes dos orgãos internos compõe-se da applicação de bichas no ventre, e de cataplasmas de linhaça.

CONVALLARIA MAIALIS. *Veja-se.* LIRIO DOS VALLES.

CONVALESCENÇA. É um estado intermedio entre a molestia que finaliza e a saude que vai voltando. As molestias agudas, levemente inflammatorias, que percorrem seus periodos em sete ou quatorze dias, tem commummente uma convalescença rapida, sobretudo quando durante o seu curso, não houve abuso de evacuações sanguineas. Depois das febres graves, pelo contrario, o corpo manifesta, por mais ou menos tempo, as fadigas que experimentou ou os perigos a que esteve exposto, e são ainda necessarios cuidados mais ou menos consideraveis. Não é sempre facil determinar quando céssam as molesties chronicas. Em geral, todo o doente deve ser declarado convalescente, logo que as suas funcções se fazem regularmente, e só permanece alguma languidez ou debilidade.

O emmagrecimento, a pallidez, a fraqueza muscular, a debilidade da intelligencia, o enfraquecimento dos orgãos digestivos, e outros symptomas que caracterizam o principio da convalescença, annunciam que o corpo precisa ser regenerado, depois da luta que poz em perigo a sua existencia. A regra mais essencial no tratamento da convalescença consiste em proceder gradualmente, observando com attenção de que maneira cada cousa é tolerada. O appetite é um bom signal, mas nunca deve exceder as forças digestivas; não deve satisfazer-se senão com reserva e nunca até á saciedade. Em todos os casos, é importante fraccionar os alimentos, tomal-os em pequena quantidade, ainda que frequentemente, e observar certa ordem de successão, segundo suas qualidades nutritivas e digestivas. Principia-se por caldo ou leite, gemadas, mingáos com feculas de tapioca, de sagú, de araruta, salepo, etc., geléas vegetaes ou animaes, fructas bem maduras e ovos; passa-se suc-

cessivamente a uma alimentação mais solida, mais restaurante; depois dos caldos de substancia seguem-se os peixes, as carnes assadas de animaes novos e depois adultos; os môlhos, os temperos não convem senão mais tarde. Agua com um pouco de vinho ou uma pequena quantidade de vinho puro, durante as comidas, é ordinariamente util. E preciso igualmente graduar os exercicios musculares e intellectuaes, e reanimar, sem fadiga, os movimentos e o espirito. A habitação no campo é sempre vantajosa; é bom tambem tomar um banho. Para accelerar o restabelecimento das forças, os medicos costumam prescrever algum amargo; infusão de lupulo, vinho de glycerina e quina de Catillon; vinho de quina, e Quinium Labarraque são as preparações que mais convem. Purgantes repetidos usáram-se por muito tempo na convalescença de quasi todas as molestias. Os progressos da medicina proscrevêram essa pratica, que não é de utilidade alguma.

Um dos principaes meios a empregar, consiste em fortificar o convalescente, dando-lhe as forças necessarias para que se enrobusteça dentro de pouco tempo.

Muitas são as especialidades pharmaceuticas que existem para esse fim; apenas citaremos aqui aquellas que mais confiança merecem e que melhores resultados têm dado na pratica:

O ferro Quevenne; as pilulas de Vallet; as de Blaud; as pilulas e o Xarope de iodureto de ferro inalteravel de Blancard; as preparações de citrato de ferro citro ammoniacal de Robiquet; o vinho ferruginoso de glycerina e quina de Catillon; o elixir alimenticio Ducro de carne, aguardente e cascas de laranja azeda; o oleo nutrimentivo de Dethan, de extracto de ossos de boi; o vinho de Baudon, de antimonio phosphatado; o vinho de Bellini, de quina e colombo; as preparações de peptona de Catillon; o elixir eupeptico de Tisy, de pancreatina, diastase e pepsina; a Osteina Mouriès, nutrimento, por excellencia, dos convalescentes.

Citaremos tambem: a peptona diastasada de Trouette-Perret; o vinho de Cabanes, de lacto-phosphato de cal, ferro e quina; o vinho bi-digestivo de Chassaing; a phosphatina de Falières; o oleo de figado de bacalháo, de Bals; as preparações de Papaina, de Trouette-Perret; o vinho de quini de Labarraque e as grageas de Demazière de iodureto de ferro e cascara sagrada.

Emfim, cumpre evitar todas as especies de fadigas e excessos, e sobretudo abster-se de Venus, antes de ter adquirido o sentimento do restabelecimento das forças.

CONVULSÕES. Entende-se, geralmente, por convulsões, todo o estremecimento ou contracção violenta, alternativa e involuntaria dos musculos, que habitualmente não se contrahem senão sob a influencia da vontade. As convulsões não são mais que um symptoma ou indicio de alguma molestia; dependem sempre da irritação de alguma parte do systema nervoso. Suppõe-se, em geral, que o cerebro é o orgão especialmente affectado nas convulsões. As convulsões apparecem na *gota coral*, no *hysterismo*, na *raiva*, no *tetano*, na *febre cerebral;* o seu tratamento, por conseguinte, é o mesmo indicado n'estas molestias. Entretanto, a causa das

convulsões é ás vezes difficil de determinar. Podem depender de emoções vivas da alma, como uma forte contrariedade, a ira, a alegria, o susto; da suppressão da transpiração ou de algum fluxo habitual.

Não ha tratamento geral para as convulsões, é preciso ir sempre á causa, porque, repito, não constituem senão um symptoma. Entretanto, como sobrevem ordinariameute nos individuos nervosos, cumpre associar ao tratamento principal os meios proprios para diminuir essa susceptibilidade dos nervos. Para semelhante fim, póde-se empregar o ether sulfurico na dóse de 15 a 20 gottas em meia chicara d'agua com assucar, ou as perolas de ether do Dor Clertan, na dóse de 1 a 5 por dia; um pouco de agua aromatizada com agua de flores de laranjeira, e uma chicara de chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira. Ha duas especies de convulsões que, em razão da sua causa especial e sua frequencia, merecem uma descripção separada; taes são as *convulsões das crianças*, e *as das mulheres parturientes*.

Convulsões das crianças. — *Causas.* As crianças são atacadas de convulsões ordinariamente depois do seu nascimento até á idade de tres annos. Em alguns meninos predispostos á molestia que nos occupa, observa-se uma physionomia e caracteres particulares; assim a cabeça é mui volumosa, e a intelligencia mui prematura, são mui facilmente irritaveis; pela causa mais ligeira tornam-se pallidos e vermelhos alternativamente, o seu somno é interrompido, curto, leve, tem rangidos de dentes, accordam frequentemente e por sobresalto, e dão gritos agudos. Com esta predisposição, qualquer causa ligeira basta para produzir convulsões: um susto, um accesso de colera, o ciume, que não é raro nas crianças, e em geral toda a causa que provoca uma emoção viva. Tem-se visto até simples cocegas, uma dôr aguda, o ar quente de uma igreja, de uma sala ou de um theatro, produzir o mesmo effeito. A dentição difficil e a presença dos vermes nos intestinos são consideradas como a causa mais ordinaria d'ellas; mas apparecem tambem as convulsões sem causa conhecida. Uma simples indigestão póde ser seguida de convulsões. Nas crianças recemnascidas podem depender da compressão da cabeça pela bacia, ou pelo forceps empregado para accelerar o parto.

Symptomas. Umas vezes as causas que deixei mencionadas dão logar subitamente aos accessos convulsivos, outras vezes o mal é precedido de alguns signaes precursores. O somno é perturbado, o caracter torna-se mais irritavel, os olhos são mais vivos, mais luzentes, o pulso frequente; emfim a molestia declara-se: de repente o rosto exprime a dôr e o pavor, os olhos conservam-se abertos, vesgos, virados, e agitados por tremores rapidos; os membros tornam-se igualmente tremulos, alternativamente estendidos e dobrados, o rosto permancce em geral vermelho, ás vezes pallido, a bocca frequentemente torta, as veias do pescoço incham, sente-se o coração bater tumultuosamente, a respiração é acompanhada de estertor, podem existir soluços, vomitos, e emissão involuntaria da ourina e das materias intestinaes. As mais das vezes, entretanto, as convulsões não são geraes, podem não se mostrar senão

de um lado do corpo, ou limitar-se ao rosto e aos membros superiores. Em todos os casos ha perda de sentidos. Nas crianças recem-nascidas os symptomas podem ser muito menos salientes; manifesta-se uma rijeza nos membros, o rosto torna-se pallido e os beiços azues, a respiração accelera-se, os olhos estão fixos, e depois de alguns segundos, tudo desapparece, a criança dá um grito e volta a si.

Duração e Prognostico. Nas crianças a duração dos ataques varía muito; ora as convulções cessam passados alguns minutos, ora não desapparecem senão depois de algumas horas; outras vezes os accessos são de curta duração, mas succedem-se com rapidez: a criança, depois de recobrar os sentidos, adormece ordinariamente. Tambem não é raro ver a morte sobrevir durante o ataque das convulsões.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer a uma criança affectada de qualquer convulsão, é desembaraçal-a de todas as compressões, despil-a completamente, e collocal-a n'um logar fresco, no qual o ar circule livremente, e não em alcova ou quarto fechado, como muitas pessoas costumam fazer.

Cumpre applicar sinapismos nos pés, e um instante depois mudal-os para as pernas e coxas. Appliquem-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre; approxime-se ao nariz um lenço molhado em vinagre ou em agua de Colonia; dê-se a beber uma colher d'agua fria com assucar e com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira; administre-se um clyster d'agua morna simples; administre-se pela bocca uma colher *de sopa* de oleo de ricino. De quarto em quarto de hora dê-se a beber uma colher *de sopa* da poção seguinte:

Agua.....	90 grammas.
Ether sulfurico.....	10 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

Se com este tratamento as convulsões não cessarem, e estando o corpo quente e o pulso forte, appliquem-se duas ou quatro bichas atraz das orelhas; cumpre abster-se das emissões sanguineas, se o rosto estiver pallido, a cabeça fria ou o pulso fraco.

Se as convulsões persistirem, metta-se a criança n'um banho d'agua morna e deixe-se n'elle meia hora, uma hora e mais, tendo o cuidado de manter contiuadamente na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre.

Depois do banho, dê-se um clyster morno preparado segundo a reeeita seguinte:

Infusão de valeriana..	150 gram.	Assafetida.....	20 centigr.
Camphora.....	20 centigr.	Gema de ovo.....	Uma.

Se a criança adormecer, deixem-n'a traquilla, e não se dê o remedio senão quando acordar.

Passado o ataque das convulsões, suspeitando-se lombrigas, cumpre administrar os remedios vermifugos. *Veja-se* VERMES.

Convulsões das mulheres gravidas e parturientes ou

Eclampsia. Mostram-se raramente antes do sexto mez da gravidez, as mais das vezes no oitavo e nono; podem sobrevir tambem após o parto, mesmo sete e oito dias depois, mas quasi sempre se observam durante o trabalho da parturição, ou immediatamente antes d'elle.

Causas. As convulsões atacam as mulheres de todas as constituições, mas são mais frequentes nas plethoricas, n'aquellas cuja menstruação é abundante, nas que são gravidas pela primeira vez, n'aquellas cujo utero se acha mui distendido, ou pela presença de mais de uma criança, ou por grande quantidade de liquidos, nas que estão affectadas de uma inchação consideravel. Uma affecção moral viva, um parto doloroso e difficil, podem tambem determinal-as. Depois do parto, reconhecem por causa a retenção das pareas ou dos coalhos de sangue.

Symptomos. — 1° *Prodromos.* Dôr de cabeça, vertigens, olhos luzentes, coloração e leve tumefacção no rosto, calefrios, deslumbramentos, e até cegueira completa ou incompleta, nauseas, e ás vezes vómitos; taes são os symptomas precursores das convulsões das parturientes. Ás vezes estas convulsões sobrevem inopinadamente. — 2° *Accesso.* Um augmento de dôr de cabeça e de vertigem, e um estado de afflicção precedem ordinariamente o accesso; o rosto torna-se vermelho, os olhos ficam revirados, dirigidos para um só ponto, tremendo com pequenos movimentos convulsivos; os membros estendem-se e inteirição-se. O rosto é agitado por contracções frequentes, torna-se roxo assim como grande parte da superficie do corpo; a lingua sahe da bocca e fica apertada pela aproximação violenta das arcadas dentarias; a bocca torce-se frequentemente para um lado, os membros soffrem tremores com movimentos promptos de meia flexão e de extensão; a sensibilidade, a intelligencia, a memoria, são inteiramente abolidas. A respiração, a principio irregular e executada com estremecimentos, suspende-se emfim totalmente; as materias fecaes e as ourinas são involuntariamente expellidas, o pulso é forte e frequente. Passado algum tempo, param as contracções, a doente cahe n'um somno profundo, a bocca fica cheia de uma escuma sanguinolenta, ou de uma baba viscosa, a respiração principia a restabelecer-se por alguns soluços irregulares, seguidos de um estertor violento, devido em parte a essas mucosidades escumosas; pouco a pouco torna-se regular e mais facil. Emfim, as faculdades intellectuaes restabelecem-se ás vezes gradualmente, mas a doente não tem a minima lembrança de tudo o que se passou, a ponto de ficar admirada de já não estar gravida, se pario durante esse estado. Estes accessos duram de um até cinco minutos, e repetem-se ás vezes de momento a momento: outras vezes, pelo contrario, só tem logar com grandes intervallos; o numero dos accessos varia desde um até trinta. — 3° *Intervallo dos accessos.* Entre os primeiros accessos a doente recobra os sentidos completamente, pouco a pouco o somno dura mais, e é seguido, em alguns casos, de violento delirio, porém mais frequentemente de pasmo: a doente tem apenas um vago conhecimento do seu estado, e unicamente responde ás perguntas que se lhe fazem.

Prognostico. É menos grave nas mulheres sanguineas, porém mais nas

infiltradas. É menos sinistro, se as convulsões se declararem depois do parto, ou nos ultimos momentos do trabalho; porque cada dôr um pouco forte provoca um accesso; é, emfim, muito mais grave quando o trabalho não está declarado, porque n'este caso não se póde afastar a causa determinante, que é a distensão do utero, e porque além d'isto, a molestia é ordinariamente funesta á criança, a qual nasce quasi sempre morta, se as convulsões duráram algum tempo. Deve-se agourar bem das convulsões que permittem o regresso da intelligencia depois de cada accesso.

Estas convulsões são frequentemente mortaes; são funestas quasi sempre, se sobrevem antes do parto ou nos seus primeiros instantes, e se são combatidas por meios pouco adequados ou insufficientes. Ás vezes, deixam após si diversas paralysias; declara-se frequentemente uma febre cerebral, que muitas vezes é seguida de morte.

Tratamento. A evacuação do utero é o melhor meio de prevenir a terminação funesta das convulsões que tem já percorrido a maior parte de seu curso. Desgraçadamente, nem sempre é possivel empregar este remedio soberano. Se o parto não principiou, cumpre limitar-se aos meios abaixo expostos; se progride com lentidão, bem que declarado, póde-se accelerar rompendo com o dedo as membranas que envolvem o feto, e basta esta operação para desencher momenteneamente o utero e fazer cessar as convulsões. Nos casos graves, e quando toda a medicação fôr inefficaz, será conveniente recorrer á puncção das membranas, embora a parturição não se annuncie de maneira alguma. Se, pelo contrario, o parto estiver assaz adiantado para que se possa extrahir o feto, nunca se deve hesitar em fazer a versão ou a applicação do forceps para salvar a criança, se fôr possivel, e subtrahir a mãi a accidentes mais perigosos. Emfim, nunca convem deixar de fazer a extracção das pareas, quando as convulsões são posteriores á sahida da criança.

Quando as circunstancias não permittirem recorrer á extracção do feto, a sangria do braço occupa o primeiro logar entre os meios que devem ser postos em pratica. Deve-se recorrer a ella, mesmo quando as convulsões continuarem depois do parto. É necessario tirar pelo menos 300 grammas de sangue pela sangria. Bichas no pescoço tambem aproveitam bastante.

Depois appliquem-se sinapismos nos pés e nas pernas, e ponham-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre. Um banho morno geral, no qual a doente deve ficar por uma hora, póde ser empregado com vantagem depois de tudo isto, continuando sempre os pannos frios na cabeça durante todo o tempo que a doente estiver no banho. Ao mesmo tempo, dê-se, de quarto em quarto de hora, uma colher *de sopa* da poção preparada pela mistura das substancias seguintes :

Agua.....	120 gram.	Laudano de Sydenham..	20 gottas.
Ether sulfurico.....	20 gottas.	Xarope de gomma.....	15 gram.
Camphora.....	60 centigr.		

O chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira é util para acalmar

as dôres de cabeça, e as vertigens que persistem depois dos accessos.

Devem-se tirar as ligas e todos os vestidos que possam constranger a circulação do sangue; cumpre fazer entrar ar fresco no quarto, e vigiar que a doente não se magôe em algum corpo vizinho; é preciso para isto contêl-a sem violencia na cama; convem tambem repellir a lingua para o interior da bocca quando se apresenta entre os dentes, e metter entre estes um lenço.

COPAHIBA, Oleo de copahiba, Balsamo de copahiba, ou Resina de copahiba. Esta resina liquida mana das incisões feitas no tronco de muitas arvores do genero *Copaifera*, chamadas copahibeiras, da familia das Leguminosas, que habitam na America desde o Brazil até ao Mexico e ás Antilhas; mas a especie que fornece o melhor oleo, é a *Copaifera officinalis* que habita no Brazil.



Fig. 227. — Copahiba.

A copahiba officinal, *Copaifera officinalis*, Jacq (fig. 227), é uma arvore de 15 a 20 metros de altura. Ramos glabros, tortuosos, formando ziguezagues; folhas alternas; fructo, vagem oval, bivalve, contendo uma unica semente envolta n'uma polpa. Esta arvore habita no Brazil, na Guyana, na Nova Granada, etc. Quando se acha na sua força, dá facilmente 12 libras de succo oleo-resinoso por uma unica incisão, e fazem-se duas e tres incisões por anno.

As outras especies ou variedades são : *Copaifera Langsdorfii*, Desf. (S. Paulo, Minas); *Copaifera coriacea*, Mart. (S. Paulo, Minas) *Copaifera Beyrichii*, Hayn; *Copaifera Martii*, Hayn (Pará e Maranhão); *Copaifera, nitida*, Martius (Cuyabá), etc. O succo que escorre d'estas arvores, varía por sua côr mais ou menos escura, por sua consistencia, por seu cheiro mais ou menos forte, e pelo sabor mais acre ou mais amargo.

A resina de copahiba é ordinariamente liquida, da consistencia de xarope, transparente, branca-amarellada; com cheiro particular, forte e desagradavel, gosto acre e repugnante. Esta resina usa-se freqüentemente em medicina; goza de propriedades adstringentes muito energicas, e emprega-se efficazmente nas blennorrhagias e flores brancas; produz ás vezes uma erupção cutanea semelhante á dos sarampos. Administra-se na dóse de 8 a 16 grammas por dia, pura ou misturada com outras substancias que possam disfarçar o seu gosto desagradavel. Entra na composição da poção de Chopart, da mistura balsamica de Fuller, da mistura brazileira, e de todos os opiatos e pilulas contra e blenorrhagia. Para evitar as nauseas, as dejecções alvinas e os vomitos que occasiona, alguns facultativos administram esta resina em clysteres. Hoje os

doentes podem tomar a copahiba sem repugnancia, pois de algnns annos a esta parte, os pharmaceuticos mettem esta resina em capsulas gelatinosas, ou a fazem em granulos. Os melhores são os granulos impressos de L. Frère, da rua Jacob, nº 19, em Pariz, que se engolem tão facilmente como os bolos ou as pilulas. Tambem se fazem confeitos de copahiba; e administra-se'a sob a forma de globulos de copahiba de Josaphat.

COPAL. Resina secca, de côr amarella, transparente, de sonoridade metallica, inodora, insipida, mais densa do que a agua. Dá-se-lhe ás vezes no commercio o nome de *copal duro*, para o distinguir do *copal tenro,* nome que se dá á resina *animé.*

O copal duro escorre naturalmente de uma arvore da familia das Leguminosas, chamada por Gætner *Hymenæa verrucosa;* habita na ilha de Madagascar, d'onde foi transportada aos diversos pontos da India que exportam o copal. Apresenta-se : 1º em lagrimas ou estalactites, e chama-se então no commercio *copal de Madagascar*; é liso na superficie, transparente, de côr amarella-escura uniforme; de fractura vitrea, e é tão duro que a ponta de uma faca póde apenas fazer-lhe um risco; é insipido e inodoro quando frio; amollece-se ao fogo e torna-se um pouco elastico; não se derrete senão em temperatura muito elevada, e exhala então um cheiro aromatico. 2º O que se acha enterrado na areia, é o copal chamado *de Bombay;* o seu exterior é opaco e friavel, em consequencia da acção da humidade. 3º O mesmo, desembaraçado de sua camada externa impura, por meio da solução de carbonato de potassa, é chamado *copal de Calcutá*; é em pedaços de côr amarella-pallida, duro, vitreo, aspero.

Emprega-se sobretudo para a fabricação dos melhores vernizes siccativos.

O copal duro é pouco soluvel no alcool, mas pulverizado e exposto por muito tempo ao contacto da agua, em logar quente, perde uma pequena porção do seu carbone, e adquire propriedades novas e importantes para a preparação do verniz de copal. Antes pouco soluvel no alcool e no ether, torna-se muito soluvel n'estes liquidos depois d'esta transformação.

O copal duro parece-se muito com o succino; e mesmo alguns industriosos fabricam com elle os boccaes para cachimbos ou as boquilhas para fumar charutos, que não duram, e racham pela primeira acção do fogo, ao passo que os de succino resistem.

Distingue-se o copal do succino pelos caracteres seguintes :

1º O copal duro inflamma-se á chamma de uma vela, derrete-se n'ella completamente e cahe em pingos. O succino, muito menos fusivel, intumece quando arde e não se derrete.

2º O copal duro, molhado com o alcool de 80º centesimaes, torna-se viscoso, e o alcool evaporado deixa sobre elle uma nodoa branca que lhe tira a transparencia. O succino submettido á mesma experiencia conserva-se secco e transparente.

Copal tenro. Dá-se este nome a uma resina, chamada nas phar-

macias *animé*, vulgo *resina de jatahy*, que escorre de uma arvore do Brazil, *Hymenœa courbaril*, Linneo, que é da mesma familia das Leguminosas que a *Hymenœa verrucosa* que fornece o copal duro. É em pedaços cinzentos, semi-transparentes; mas differe do copal duro, porque se dissolve facilmente no alcool, e se deixa riscar pela ponta de uma faca. *Veja-se* JATAHY.

COPULAÇÃO. Funcção que tem por alvo a fecundação do ovo e por consequencia a perpetuidade da especie. Consiste ella na introducção do penis, em erecção, na vagina e em movimentos rythmicos cujo effeito é provocar o orgasmo venereo e a ejaculação.

A projecção do esperme se faz no collo do utero e o licor seminal penetrando na cavidade d'este orgão vai de encontro ao ovulo que elle fecunda.

A copulação não se faz d'este modo em todas as especies animaes; ao contrario, mui variavel é ella; e as suas descripções são do dominio da historia natural.

COQUEIRO. Genero da familia das Palmeiras, contém arvores que habitam na India, na Africa, nas Antilhas, na America meridional e na Oceania. Estas arvores são de uma altura gigantesca, e de fórma elegante. O seu tronco nú é coroado em cima por uma reunião de folhas chamadas *palmas*, mui grandes, persitentes, digitadas, ou decompostas em um numero mais ou menos consideravel de foliolos de fórmas variadas; as flores formam um vasto racimo; os fructos são seccos ou carnosos; as mais das vezes consistem em uma drupa carnosa ou fibrosa contendo um caroço osseo e mui duro. Este genero de plantas contém especies uteis a muitos respeitos. O mais importante é o Coqueiro da Bahia ou da India.

Coqueiro da Bahia ou **da India,** *Cocos nucifera*, Linneo. Arvore originaria da India, naturalizada no Brazil (fig. 228). No Rio de Janeiro dão-lhe o nome de *coqueiro da Bahia;* em Pernambuco simplesmente o de *coquiero*. Tem ordinariamente 20 a 25 metros de altura. O diametro do seu tronco é de 30 a 50 centimetros. As folhas, do comprimento de 4 a 5 metros, são formadas de foliolos lanceolados, estreitos, agudos, tendo metro e meio a 2 metros de comprimento. As flores são dispostas em espiga ramificada, chamada *cacho,* o qual é envolvido n'uma grande folha, a espatha. Aos ovarios, que encerram as numerosas flores femeas, succedem fructos chamados *cocos*, em cachos, de 15 a 20. Na idade de 7 mezes este fructo adquire todo o seu tamanho. E uma drupa fibrosa, da grandeza da cabeça de um homem. Quatro partes principaes o compõem: o envoltorio externo, a noz, a amendoa e o succo. O envoltorio é composto de uma substancia em parte fibrosa. A noz, de côr roxa, é dura como o marfim. A amendoa é branca, oleosa, e dá pela pressão um liquido branco, assucarado, mucilaginoso. O liquido de coco, encerrado na cavidade da amendoa, chama-se *leite*. O coqueiro habita com preferencia a margem do mar de uma zona cuja temperatura média não seja de menos de 20° E abundante no Brazil, na India meridional, no Mexico, na Africa occidental. A sua verdadeira patria é

incerta. O coqueiro floresce quasi todos os mezes ; não principia a dar fructos senão na idade de cinco annos. A fecundidade é extraordinaria. Uma unica arvore tem ás vezes até 150 fructos.

Esta arvore é um dos mais ricos presentes que a natureza fez ao homem, com effeito, todas as partes deste vegetal podem ser aproveitadas; sem elle, as ilhas do grande Oceano Pacifico seriam inhabitaveis, e os povos espalhados pelas regiões equatoriaes pereceriam de fome e sêde, caraceriam de vestidos e cabanas. Com razão o coqueiro foi chamado *rei dos vegetaes*, porque dá vinho, alcool, vinagre, azeite, assucar, amendoas, leite, manteiga, cordas, panno, vasos, esteiras, lenha ; e serve para cobrir as cabanas.

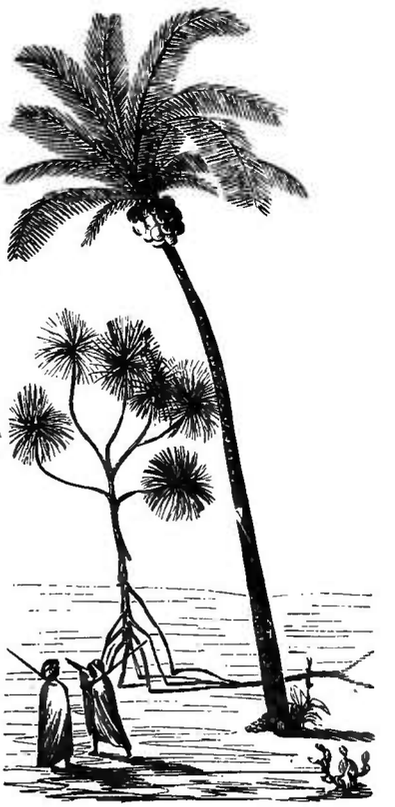


Fig. 228. — Coquiero da Bahia e *Pandanus*, ou Palmeira cheirosa. (Ocoqueiro está á direita.)

A parte mais essencial do coqueiro é o fructo. O envoltorio fibroso exterior serve para preparar estopa de calafate. A casca do fructo, partida, serve para esfregar e lavar os solhos das casas ; preparam-se com ella vasos, pratos, etc. O coco que adquirio todo o seu volume contém mais de um quartilho de um succo ou liquido branco, chamado *leite*, o qual se póde tirar furando os tres buracos que se acham na base do fructo; é adocicado e um pouco acidulo; é uma bebida agradavel e refrigerante. Á proporção que os fructos do coqueiro amadurecem, o leite toma consistencia, torna-se duro da circumferencia para o centro, formando na porção intermedia entre a porção endurecida e o leite uma especie de *nata*, muito agradavel para se comer com assucar e agua de flores de laranjeira. No centro fica sempre um pouco de leite, e acontece, mas raras vezes, formar-se uma substancia ovoide, concreta, dura, de côr branca azulada, ás vezes leve e como esponjosa.

O coco sendo maduro é mui branco e compacto ; de um gosto de avelã ou de amendoas doces mui agradavel; come-se crú ou fazem-se com elle doces deliciosos. — Eis-aqui a lista dos coqueiros do Brazil, extrahida do *Diccionario de plantas medicinaes brazileiras*, do Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira :

Coqueiro aricuri da Bahia. *Cocos coronata*, Martius.

Coqueiro ariranga. As folhas servem para os indigenas cobrirem o tecto de suas palhaças.

Coqueiro ariri. *Cocos schizophylla*, Martius. Bahia.

Coqueiro assahy. *Euterpe edulis*, Martius. Pará, Maranhão. O

coco, amassado com agua e coado, dá um liquido côr de vinho, que, temperado com assucar, é um refrigerante.

Coqueiro de ayri. *Astracoryum ayri*, Martius. A amendoa é comestivel e de gosto muito agradavel. Os indigenas fazem os seus arcos d'esta palmeira; e tambem d'ella se tiram ripas.

Coqueiro baba de boi. *Cocos gommosa*, Martius. O fructo é amarello, agradavel, e muito gommoso.

Coqueiro babunha. *Guilhelma insignis*, Martius. O fructo d'esta palmeira espinhosa é o mais agradavel dos que se conhecem. A polpa, espessa e assucarada, come-se fresca ou secca.

Coqueiro bacaba. *OEnocarpus bacaba*, Martius. O fructo é muito mucilaginoso, e, quando maduro, os indigenas fazem d'elle o seu alimento.

Coqueiro da Bahia. *Veja-se* pag. 700.

Coqueiro baxiuba. *Iriartea ventricosa*, Martius. O fructo é comestivel.

Coqueiro brijauva. É o coqueiro ayri na Bahia.

Coqueiro buriti. *Mauritia vinifera*, Martius. As folhas são utilizadas em muitos misteres, o fructo é comestivel, o tronco fornece pela incisão um succo vinhoso excellente.

Coqueiro buriti bravo. *Mauritia armata.*

Coqueiro cabeçudo *Cocos capitata*, Minas.

Coqueiro caiaué. *Elœis melanococca.* Gærtn. Pará e Rio Negro. Fornece bom oleo.

Coqueiro carnauba. *Veja-se* CARNAUBA.

Coqueiro de catarrho. *Acronomia sclerocarpa*, Martius. O fructo é arredondado, do volume de um pequeno ovo de gallinha; debaixo de uma casca pouco dura, contém uma polpa de bastante consistencia, de um gosto de manteiga fresca e muito agradavel. A amendoa dá um oleo que póde ser aproveitado. Do tronco extrahe-se uma fecula nutritiva.

Coqueiro catulé. Ceará. Os tectos das casas dos indigenas do Norte são cobertos com folhas d'esta palmeira. O gado procura avidamente suas fructas, que são mui nutrientes. Da amendoa faz-se um excellente azeite para temperar a comida; e o envoltorio do fructo serve de combustivel.

Coqueiro chilense. *Jubea spectabilis.* Pará e Amazonas. Serve para fazer aguardente.

Coqueiro dendé. *Elœis Guineensis.* O fructo fornece um oleo amarellado proprio para certas comidas brazileiras, para luz, e é empregado em fricções no rheumatismo. *Veja-se* AZEITE DE DENDÉ.

Coqueiro de guaguaçú. *Attalea speciosa*, Martius. As folhas, de 3 a 6 metros de comprimento, servem para cobrir casas.

Coqueiro guariroba. *Cocos oleracea*, Martius. Os grelos são amargos como a chicoria, e constituem um bom palmito.

Coqueiro guriry. *Cocos arenarius*, Martius. Habita nos logares arenosos do Rio de Janeiro. Os cachos contém um montão de fructos,

amarello-alaranjados, agradaveis. Dentro do fructo ha uma amendoa doce e de gosto delicioso. As folhas d'esta palmeira servem para a confecção de balaios, cestinhas, etc.

Coqueiro imburi. *Cocos caudescens.* Os fructos são comestiveis.

Coqueiro inajá. *Maximiliana regia.* Norte do Brazil. Fructos comestiveis.

Coqueiro indayá. *Attalea compta,* Martius. Os fructos são escuros, corneos, a amendoa oleosa e dura, porém comestivel.

Coqueiro jaraiuva, *Leopoldina pulchra;* **Coqueiro jatauva,** *Syagnes cocoides;* **Coqueiro jatitara,** *Desmoncus jatitara;* **Coqueiro jauari,** *Astrocarium jauari,* Martius. Todos estes coqueiros são mais ou menos utilizados pelos indigenas.

Coqueiro jissara ou **palmiteiro.** *Euterpe oleracea,* Martius. Os fructos não se comem; as folhas novas ainda não abertas constituem o chamado *palmito.* Acha-se em todo o Brazil.

Coqueiro maraja. *Bactris maraja,* Habita no norte do Brazil. Os fructos são comestiveis.

Coqueiro miriti, murityseiro. *Mauritia flexuosa.* Pará e Rio Negro.

Coqueiro morphis. *Phytelephas macrocarpa;* Pandaneas; Ruiz e Pavão, ou MARFIM VEGETAL. Esta palmeira, que habita os limites brazileiros peruanos, dá um coco, cujo albumen, depois de endurecido, tem a brancura, a dureza e o polimento do marfim; e com elle torneado, fazem-se bocetas, caixinhas e diversos artefactos.

Coqueiro murumurú. *Astrocaryum murumuru,* Martius. Pará e Norte.

Coqueiro oauassú. *Attelea spectabilis,* Martius. Norte.

Coqueiro patioba. *Cocos botryophora,* Martius. Costas austraes do Brazil. As folhas servem para a confecção de balaios, cestos, etc.

Coqueiro piassaba. *Attalea funifera.* As espathas das folhas fornecem filamentos pretos, grossos e flexiveis, que servem para fazer cordas e vassouras.

Coqueiro pindoba. *Attalea humilis,* Martius. Os fructos são comestiveis e dão um oleo bom para comida e luz. É adoçante e emolliente. O miolo d'esta palmeira é um optimo palmito.

Coqueiro popunheiro ou **pupunha.** *Guilhelma speciosa.* Martius. Os fructos d'esta palmeira comem-se cozidos. No norte do Brazil esta palmeira é um indicio de povoação, pois é a primeira que se planta nas fazendas.

Coqueiro da praia. *Diplothemium maritimum,* Martius.

Coqueiro da quaresma. *Cocos flexuosa,* Martius, Rio de Janeiro. O fructo secco tem uma amendoa muito agradavel, o pericarpo é oleoso e mucilaginoso.

Coqueiro tacumba-iva. *Bactris inundata.* Seus peciolos dão fibras mui fortes que podem substituir o linho.

Coqueiro tarampabo. *Œnocarpus tarampabo.* Este coqueiro tem as folhas dispostas em leque.

Coqueiro tucum. *Astrocaryum vulgare*, Martius. De suas folhas tiram-se pela maceração filamentos para a confecção de cordas.

Tucum bravo, *Bactris setosa.*

Tucum manso, *Bactris maraja.*

Coqueiro tucuman. *Astrocaryum tucuma*, Martius. Pará e Rio Negro. Os fructos comem-se crús; do succo misturado com agua faz-se o vinho a que chamam *tucumá.*

Coqueiro umbamba. *Desmonicies nidentum.* Suas fibras são solidas, e servem em logar de junco.

Coqueiro uricana brava. *Bactris tomentosa.*

Coqueiro urucuri. *Attalea excelsa*, Martius. Norte.

Coqueiro uvaoçú. *Manicaria saccifera.* Martius. Margens do Amazonas. As folhas parecem de bananeira. Os indigenas aproveitam para fazer barretes e tecido fino que envolve os cachos de cocos do *uvaoçú.*

Coqueiro vina. *Iriartea phœocorpa.* As folhas servem para cobrir casas, e sua madeira é tão leve, que fluctua mesmo quando verde.

Coqueiro yatay. Vive nos logares arenosos; seus fructos fornecem aguardente; suas folhas servem para chapeos, e do tronco faz-se farinha.

COQUELUCHE. Dá-se este nome a uma tosse violenta e convulsiva que torna a apparecer com intervallos mais ou menos longos, e que consiste em muitas expirações successivas, seguidas de uma inspiração sonora.

Causas. Nada temos de positivo sobre as causas da coqueluche. É raro que esta molestia não acommetta ao mesmo tempo um grande numero de individuos; apparece particularmente nas crianças desde o nascimento até depois da segunda dentição; observa-se ás vezes nos adultos, e principalmente nos de temperamento nervoso; mui pouco nas pessoas idosas. No modo por que ella se propaga ha alguma cousa de contagioso. Communica-se sempre rapidamente ás crianças da mesma casa, e esta communicação não tem logar, se se afastam umas das outras, e de todas as crianças doentes.

Symptomas. Os primeiros symptomas da coqueluche não differem dos de um defluxo ordinario, mas não tardam a tomar o caractar especial que os distingue. A tosse torna-se mui sonora, e succedendo com rapidez, permitte apenas á criança fazer inspirações curtas, incompletas e sibilantes, que dão um caracter particular á molestia; com effeito parecem-se algum tanto com o canto do gallo; pelo que, qualquer pessoa póde reconhecer facilmente a coqueluche. A criança parece estar suffocada, agita-se com anxiedade para respirar o ar que lhe falta, e que não penetra então nos pulmões senão com a maior difficuldade; o rosto e o pescoço ficam inchados e roxos, os olhos esbugalham-se e enchem-se de lagrimas. O accesso acaba pela sahida de uma mucosidade viscosa, frequentemente acompanhada de vomito dos alimentos, e ás vezes pela expectoração ou vomito de um pouco de sangue puro ou misturado com

mucosidades ou com alimentos. Não é raro ver o sangue sahir pelo nariz durante o abalo da tosse; ás vezes a criança ourina e expulsa involuntariamente as materias intestinaes. Acabado o accesso, tudo entra na ordem; a criança volta ordinariamente a seus brinquedos, como se não estivesse doente; ás vezes, entretanto, acha-se um pouco cançada, outras vezes experimenta peso de cabeça e propensão ao somno. Raras vezes a duração dos accessos excede alguns minutos; o seu numero é frequentemente consideravel no mesmo dia, e torna-se menor á proporção que a molestia se approxima do fim. Varias causas influem sobre a volta dos accessos; taes são o frio, uma digestão difficil, os cheiros fortes, a poeira, a fumaça, as affecções moraes e sobretudo a ira. Estes accessos são ordinariamente precedidos de uma anxiedade e de uma titillação na garganta, que obrigam as crianças a correrem para as pessoas que lhes podem acudir, e gostam geralmente que se lhes segure a cabeça, o que ajuda a expectoração ou os vomitos.

A coqueluche não é acompanhada ordinariamente de frequencia do pulso, de fastio, de sêde, nem de calor da pelle.

Prognostico. A coqueluche dura ordinariamente de um a dois mezes, mas póde prolongar-se ás vezes durante seis e mais. Póde tornar a voltar, depois de ter cessado completamente.

A coqueluche simples, nos individuos de boa constituição, é molestia pouco grave. Nas crianças de peito, a coqueluche é perigosa, porque produz n'ellas um verdadeiro estado de asphyxia.

Tratamento. Durante o accesso da coqueluche, se a criança estiver deitada é preciso assental-a, e dar-lhe um ponto de apoio, applicando-lhe fortemente a mão na testa. Quando durante o accesso se puder dar a beber ao pequeno doente algumas colheres d'agua fria, de caldo ou chá da India, diminue-se sensivelmente a intensidade e a duração da tosse. É util tirar com os dedos ou com um lenço as mucosidades que se ajuntam no fundo da bocca. Se o accesso continuar, será preciso applicar sinapismos nos pés e nas pernas, e pôr na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre.

No intervallo dos accessos. A primeira cousa que se deve fazer para curar a coqueluche é dar um vomitorio de poaya. 30 centigrammas de poaya em pó, n'uma colher d'agua morna, para uma criança de um anno; 40 centigrammas para a criança de 2 annos; 50 centigrammas para a de tres annos; 60 centigrammas para a de quatro annos; 70 centigrammas para a de cinco annos; 75 centigrammas para a de 6 annos; augmentando depois d'esta idade de 5 centigrammas de poaya para cada anno. Podem dar-se depois alguns alimentos, e pelo dia adiante algumas colheres de infusão de flores de malvas, de violas, ou de perpetua, adoçada com assucar, ou com xarope de gomma.

Nos dias seguintes dá-se esta poção :

Agua.....	180 gram.	Laudano de Sydenham..	10 gottas.
Ether sulfurico.....	20 gottas.	Xarope de quina.....	60 gram.
Tintura de belladona...	10 —		

Para as crianças de um anno, dá-se uma colher *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de dois annos, duas colheres *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de tres annos, tres colheres *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de quatro annos, quatro colheres *de sopa*, duas vezes ao dia. E assim por diante, dão-se duas vezes por dia tantas colheres *de sopa* quantos forem os annos que tiver a criança.

Continua-se esta poção por tres dias, e no quarto dia de manhã torna-se a dar um vomitorio de poaya.

Dois ou tres dias depois póde-se dar um purgante de oleo de ricino ou de manná, dissolvido em leite. A dóse de oleo de ricino é de 15 a 30 grammas, e a de manná de 30 a 60 grammas, conforme a idade.

Se a coqueluche não ceder a estes meios, empregue-se o lambedor seguinte :

Xarope diacodio.....	30	grammas.
— de poaya.....	30	—
— de quina.....	30	—

Misture-se e dê-se uma vez ao dia ás crianças de um anno, uma colher *de chá;* ás crianças de dois annos duas colheres *de chá;* ás de tres annos tres colheres *de chá;* em uma palavra, tantas colheres quantos forem os annos da criança. Este lambedor continua-se durante oito a quinze dias.

O uso do xarope phenico de Déclat, contra a coqueluche tem provado muito bem, principalmente quando se o administra logo no começo da molestia.

Muito aproveita tambem contra esta molestia o xarope de Caracol, de Mure; que se dá a tomar na dóse de duas colheres, de sopa, por dia.

O café puro, depois de jantar, é tambem um excellente remedio contra a coqueluche. Administra-se na dóse de quatro colheres *de chá* a quatro colheres *de sopa* conforme a idade do doente.

Banhos frios do mar ou d'agua corrente tem sido uteis quando a coqueluche resistio a outros tratamentos.

Durante o curso da molestia não ha dieta particular a observar; o doente affectado de coqueluche usará das mesmas comidas que antes da molestia.

Mas de todos os meios, os que se tem mostrado mais efficaz é a mudança frequente de ar e de roupa. È preciso portanto transportar a miudo as crianças doentes de um para outro logar, mudal-as muitas vezes de roupa e não tornar a leval-as para o mesmo logar senão depois de muito bem arejado, nem tornar a vestir-lhes a mesma roupa senão depois de muito bem lavada. Tambem é bom collocar um vaso com agua de Labarraque ou coaltar saponinado Le Beuf no quarto que habitam. O tempo é em muitos casos o melhor remedio da coqueluche; a maior parte das crianças dão-se bem deixando a cidade pelo campo. A mundança do ar

opéra assim ás vezes a cura que não se podia obter com medicamentos.

É sempre prudente separar as crianças sãs das que tem coqueluche, porque está bem provado que a molestia póde communicar-se de umas a outras. Nem os adultos estão livres do contagio, sobretudo quando a sua persistencia ao pé do doente fôr prolongada. Devem, em semelhante caso, fazer todos os dias um exercicio exterior, e evitar ficarem continuamente com o doente.

Como *meio preservativo* da coqueluche, aconselha-se que se afastem cuidadosamente as crianças dos logares em que reina esta molestia, e se evite communical-as com crianças que d'ella estejam affectadas.

CORAÇÃO. Orgão ôco e muscular, que se acha no interior do peito, um pouco do lado esquerdo; agente principal da circulação do

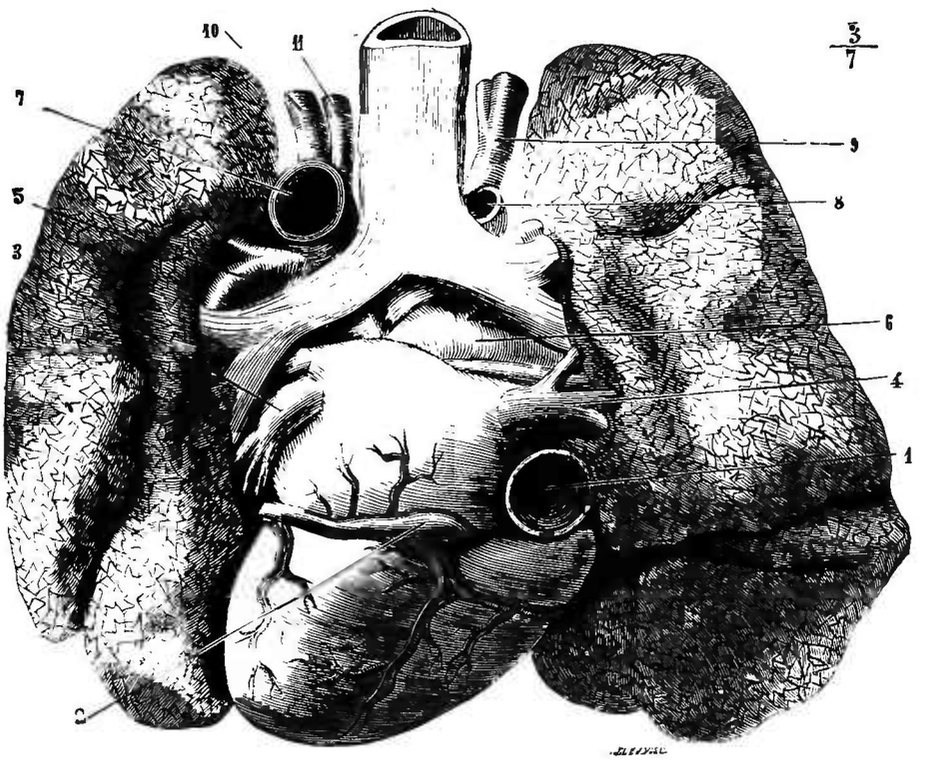


Fig. 229. — Coração e grossos vasos sanguineos (face posterior) (*).

sangue; tem a fórma de um pão d'assucar ou de uma pyramide achatada. (fig. 229). O seu volume, um pouco mais consideravel no homem do que na mulher, equivale pouco mais ou menos ao da mão fechada de um homem. Contém no interior quatro cavidades distinctas: duas na parte superior, que são a *auricula* direita e esquerda; duas na parte inferior, que são o *ventriculo* direito e esquerdo. Na auricula direita penetram as

(*) 1. — Veia cava inferior. — 2. Grande veia coronaria. — 3. Veia pulmonar esquerda. — 4. Veia pulmonar direita. — 5. Arteria pulmonar (ramo esquerdo). — 6. Arteria pulmonar (ramo direito). — 7. Aorta. — 8. Grande veia azygos. — 9. Tronco arterial brachio-cephalico. — 10 Arteria sub-clavicularia esquerda. — 11. Arteria carotida primitiva esquerda.

veias cavas superior e inferior, e do ventriculo direito sahe a *arteria pulmonar;* a auricula esquerda recebe as *veias pulmonares*, e do ventriculo esquerdo sahe a arteria *aorta*. Estas noções são indispensaveis para comprehender a descripção da circulação do sangue. *Veja-se* CIRCULAÇÃO.

O coração tem a propriedade de contrahir-se e dilatar-se alternadamente. Durante a sua contracção, vai tocar com a ponta a parte anterior do peito entre a sexta e a setima costella do lado esquerdo; sentem-se facilmente estas *pancadas* do coração applicando a mão debaixo do seio esquerdo. Estas contracções do coração comunicam-se a todas as arterias, e constituem o que se chama *pulso*. No homem adulto, que goza de boa saude, o coração bate de 64 e 75 vezes por minuto.

Coração (Molestias do). O coração recebe de todo o corpo o liquido destinado a vivifical-o; e não tem um instante de repouso. A acção d'este orgão não se póde interromper um momento sem que cesse a existencia. Tudo o que póde enfraquecer o impulso que communicam a este liquido as paredes d'este orgão; torna-se causa de desordens graves. Se por outra parte se considerar a estructura complicada do coração; se se observar que está sujeito ás mais variadas influencias moraes e physicas, não causará admiração a frequencia de suas molestias.

Os *symptomas* geraes de todas as affecções do coração variam pouco; eis-aqui os principaes : respiração habitualmente curta e difficil; palpitações e suffocações constantemente produzidas pela acção de subir, pela marcha rapida, pelas affecções vivas da alma, um somno frequentemente interrompido por um acordar subito, uma especie de pallidez com propensão á hydropisia, que sobrevem effectivamente, por pouco que a molestia augmente. Ajunta-se a este phenomeno um sentimento de anxiedade extrema e desmaios. Quando se applica a mão na região do coração em um individuo affectado de molestia d'este orgão, sentem-se ou pancadas mui fortes e tumultuosos, ou então quasi imperceptiveis. Emfim, a exploração, por meio do ouvido, dos ruidos que se produzem no peito, ministra signaes muito importantes e mui positivos. Mas esta exploração, chamada *auscultação*, só pertence ao medico.

Não se deve esquecer que o systema nervoso exerce uma tão grande influencia sobre as funcções do coração, que os signaes mais positivos das molestias d'este orgão são frequentemente simulados por uma affecção nervosa. Não é raro ver as pessoas que tem a imaginação viva, a susceptibilidade mui grande, serem affectadas de palpitações, de difficuldade de respiração, de disposição á perda dos sentidos, em consequencia de alguma impressão moral viva. As mulheres delicadas e nervosas são assim frequentemente affectadas de pretendidas molestias do coração; que cedem, como por encanto, quando se tem acalmado a sua imaginação consternada. Um dos accidentes da molestia designada debaixo do nome de chlorose é a apparição de signaes de molestia profunda do coração, que entretanto não existe. As mulheres cujos mentruos correm difficilmente são sujeitas ás palpitações, ás suffocações, ás suffocações, sem estar o coração realmente doente: o mesmo acontece

ás pessoas asthmaticas, hystericas, ás mulheres chegadas á idade critica. Basta assignalar estas causas, que iduzem a graves erros, para que as pessoas estranhas á arte de curar não se assustem antes que o medico tenha certeza do estado real das cousas.

Todas as molestias com alteração da substancia do coração são graves; mas entretanto a maior parte duram muito tempo, e é raro que um tratamento bem dirigido não consiga prolongar a duração da vida. *Vejam-se* os artigos ANEURISMA, CARDITE, DILATAÇÃO DO CORAÇÃO, ENDOCARDITE, HYPERTROPHIA, PALPITAÇÕES e PERICARDITE.

Coração (Feridas do). *Veja-se* FERIDAS.

Coração (Inflammação do). *Veja-se* CARDITE.

CORAÇÃO DE JESU. *Mikania officinalis*, Martius. Synantheréas. Planta do Brazil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule glabro, folhas oppostas e dispostas em cruz, ovaes, dentadas, cortadas na base, o que lhes dá a fórma do coração; flores dispostas em paniculas corymbosas; sabor amargo, cheiro aromatico. A sua infusão é tonica e estimulante; prepara-se com 8 grammas da planta e 180 grammas d'agua fervendo; usa-se no fastio e nas febres intermittentes.

CORAL. O coral apresenta-se ordinariamente como uma especie de pedra vermelha, que antes de talhada, imita a fórma dos ramos de um pequeno arbusto. Tem o aspecto de pedra, porque é, com effeito, de natureza calcarea; mas não é um mineral, nem tão pouco uma producção vegetal, como sua fórma arborizada o deixou crêr pour muito tempo. O coral é o despojo solido de uma aggregação de polypos, animaes submarinhos, cuja vida em commum, sob uma pelle commum, é um dos factos mais singulares da creação.

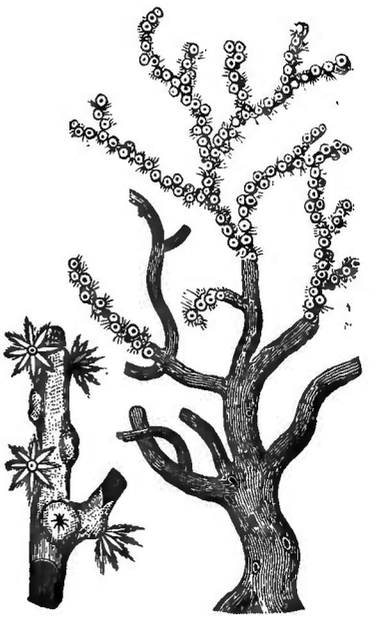


Fig. 230. — Coral.

O animal que produz o *coral* é denominado pelos zooligistas *Coral do commercio* (*Isis nobilis*, Linneo; *Coralium rubrum*, Lamark), da familia dos Polypos corticaes. É um pequeno zoophyto de côr branca, do comprimento de 2 millimetros mais ou menos, cujo corpo é um cylindro membranoso contractil, terminado superiormente por uma roseta de oito tentaculos franzidos nas margens e semelhantes ás petalas de uma flor; no centro d'esta roseta acha-se a bocca do animal. Este polypo não vive isolado, mas reunido sob uma pelle commum a centenas ou a milheiros de animaes de sua especie, como se vê na fig. 230. Estas aggregações, da feição de arbusto, são sustendadas por um deposito calcareo vermelho que enche completamente o tronco e os ramos de sua pelle commum, e apresenta ao nivel de cada um dos polypos uma pequena cavidade onde

o animal se póde esconder, contrahindo todo o seu corpo; não se percebe então na superficie do ramo do coral senão um tuberculo branco no logar em que, alguns instantes antes, se desenvolveo o animal.

O coral acha-se no fundo do mar, fixado nos corpos submarinhos. No estado fresco, é coberto da pelle commum dos polypos, que forma uma camada gelatinosa de côr alaranjada; depois de secca, fóra d'agua, esta camada membranosa separa-se como uma casca friavel. Julga-se que são necessarios dez annos para completar o crescimento do coral; cada aggregação representa então um arbusto de 50 centimetros de altura, de bella côr vermelha-alaranjada, fixado por uma base larga, e que, a certos momentos, parece cobrir-se de uma multidão de flores brancas (os polypos desenvolvidos); depois parece perder subitamente este ornamento brilhante, quando os polypos se contrahem simultaneamente pela agitação da agua ambiente.

O coral abunda no Mediterraneo e no mar Vermelho, fixado nos rochedos, a uma profundidade variavel; não se acha a menos de 3 metros e 1/2, e pesca-se até 200 metros. Pesca-se principalmente perto da costa de Africa e no archipelago grego, mergulhando, no fundo do mar, pedaços de páo guarnecidos de filastica, que se puxam fortemente, quando se sente a filastica embaraçada no coral. Ha tambem mergulhadores, cujo unico emprego é ir buscal-o debaixo d'agua.

Este eixo lapidoso não se acha no commercio senão desembaraçado de sua casca viva. Conserva a fórma geral de um arbusto ramificado e não articulado, formado por uma substancia compacta, de um vermelho-vivo e um pouco roseo; que faz d'elle uma das mais elegantes producções da natureza. A sua superficie é coberta de estrias longitudinaes, conchegadas, parallelas, frequentemente sinuosas, e que se estendem, seguindo todas as ramificações, de uma extremidade do eixo a outro. A dureza do coral excede a do espatho de Islandia. É susceptivel de um bello polimento, e fabricam com elle joias que são muito estimadas. A côr de coral não é sempre a mesma; ás vezes é branca, e observam-se sobre certos ramos todas as variedades intermedias de côr rosea e vermelha-pallida. O commercio distingue, por causa d'estas variações de côr, o coral *rubro*, cujas qualidades differentes se chamam coraes *escumas de sangue*, *flores de sangue;* depois coral *vermelho*, o coral *branco claro* ou *baço*. Segundo os caprichos da moda, cada uma d'estas variedades tem alternadamente mais voga. O chloro não ataca a côr do coral; o acido sulfhydrico o torna preto. O coral dissolve-se sómente nos acidos mineraes; é composto de carbonato de cal, com vestigios de magnesia e de sulfato de cal; a materia corante tem por principio o oxydo de ferro.

Em medicina o coral vermelho, reduzido a pó, é empregrado como dentifricio.

Coral artificial. É a massa que tem por base o pó de marmore crystallino, cimentado com colla de peixe, e ás vezes com um oleo mui seccativo, e á qual se dá côr por meio de vermelhão da China misturado com uma pequena quantidade de minio. O coral artificial é muito infe-

rior ao coral natural pelo que respeita ao polimento, brilho e sobretudo á duração.

CORALLINA. *Corallina officinalis,* L. Substancia considerada por uns como pertencente ao genero dos polypos, e como planta por outros; acha-se á beira das costas do Oceano e do Mediterraneo. Tem a fórma de ramos delgados, articulados, frageis, de côr vermelha ou roxa esverdeada, que embranquecem com o tempo; cheiro de chloro, sabor salgado e nauseabundo. — Anthelmintico.

CORCOVA. Chama-se ordinariamente corcova ou carcunda um tumor que resulta do desvio da columna vertebral, e dá-se o nome de *carcundas* aos individuos que offerecem essa viciosa conformação.

A columna vertebral (*espinhaço* ou *espinha dorsal*) é uma haste ossea que se estende da cabeça até á pelvis, situada na parte posterior e central do tronco; flexivel em todas as direcções, e entretanto mui solida; apresentando em todo o seu comprimento um canal chamado canal vertebral; constituida pela superposição de pequenos ossos chamados *vertebras*, separados uns dos outros por uma substancia fibrosa esbranquiçada, muito elastica e mui resistente. Esta haste, formada de ossos, de ligamentos e de cartilagens, reune a leveza á solidez; protege a medulla espinhal que se acha collocada no seu canal central; serve de sustentaculo á cabeça, ao peito, aos membros superiores, ao baixo-ventre; supporta o peso d'estas differentes partes, e acha-se, em consequencia d'estes importantes usos, mui exposta ás *deviações.*

Os desvios distinguem-se em cervical, dorsal e lombar, segundo affectam o pescoço, as costas ou as cadeiras. Comprehendem : 1° a curvatura posterior; 2° a curvatura anterior; 3° a curvatura lateral.

Curvatura posterior. Consiste na inflexão da columna vertebral para diante, e sua proeminencia para traz : é geral ou parcial. No primeiro caso a espinha inteira descreve um arco com convexidade posterior, e constitue uma verdadeira *corcova;* o pescoço e a cabeça dirigem-se para diante. A curvatura da espinha é pouco commum nas cadeiras, mas a carie das vertebras (*veja-se* CARIE), molestia mui grave, dá logar n'esta região a uma proeminencia vertebral *angulosa*, que principia por uma dôr surda, e é seguida ordinariamente da paralysia das extremidades inferiores. Muito importa distinguir esta deviação vertebral da corcova propriamente dita; só a esta ultima se devem applicar os meios mecanicos, que poderiam ser perigosos na carie vertebral.

Causas da curvatura posterior. A curvatura posterior manifesta-se mais particularmente na infancia e na velhice do que na idade adulta, nas meninas do que nos rapazes. Observa-se especialmente nos individuos de constituição delicada, cujo systema muscular tem pouca energia, que exercem profissões que necessitam flexão forte do corpo para diante. As meninas são frequentemente sujeitas a ella na época da puberdade, quando tem crescido apressadamente e se applicam com ardor aos differentes generos de seus estudos. A fraqueza e a inacção do systema muscular favorecem n'ellas o desenvolvimento d'esta deformidade. Os rapazes são-lhe menos sujeitos; mudam mais frequentemente

de posição, e nos seus jogos activos despertam a energia muscular entorpecida. Os jogos mais tranquillos das meninas não bastam para contrapesar a influencia dos costumes contrahidos. O costume de tomar posturas viciosas póde ter influencia sobre todos os pontos da columna espinhal. Assim, vê-se a cabeça inclinar-se para diante nas crianças que tem a vista curta, e que olham de mui perto, lendo ou escrevendo; outros, em vez de estender o pescoço, curvam o corpo para diante e ficam com uma fórma arqueada. Os musculos posteriores, excessivamente estirados, perdem logo toda a elasticidade, e tornam-se incapazes de endireitar o espinhaço, que é puxado cada vez mais para diante. Tem-se observado o mesmo effeito nas mulheres de 40 a 50 annos, que, depois de terem usado do collete toda a sua vida, o deixam n'essa idade. N'ellas os musculos extensores do tronco, tendo ficado por muito tempo sem exercicio, tambem se inhabilitam para manter convenientemente a columna vertebral. O rheumatismo dos musculos posteriores do espinhaço póde tambem produzir essa inflexão. Os doentes, na impossibilidade de contrahir os musculos dolorosos, ficam curvados para diante. Nos velhos a causa ordinaria d'essa deformidade, é o seu costume de conservarem sempre a mesma posição. Se em alguns a fraqueza muscular basta para produzir semelhante effeito, só se verifica isso nos individuos chegados ao ultimo gráo de caducidade.

O *tratamento* tem dois fins : 1° vencer os obstaculos que se oppõem ao endireitamento do espinhaço; 2° dar aos musculos posteriores excessivamente estirados sua contractilidade normal. Nas pessoas idosas estas indicações não podem ser preenchidas, e por isso convem oppôr-se sómente aos accidentes que podem resultar de uma flexão extrema; é preciso, para esse fim, que se deitem o mais horizontalmente que lhes fôr possivel, e que estando de pé se apeguem a um bordão. As crianças e os adolescentes, em quem a fraqueza favorece a incurvação, devem ser, antes de tudo, submettidos a um tratamento fortificante; as plantas tonicas amargas, o ferro internamente, os banhos aromaticos, as fricções com agua de Colonia sobre o dorso precederam os agentes e exercicios mecanicos. Repetidas advertencias são um meio poderoso sobretudo para as meninas; deve-se-lhes recommendar continuamente que tragam a cabeça direita e levantados os hombros. Se o menino tem a vista curta, a mesa em que trabalhar será convenientemente alta. A cama em que elle se deitar terá só colchão sem travesseiro.

Os exercicios serão variados e combinados de maneira a exercer os musculos extensores do tronco : taes são, por exemplo, a esgrima, e sobretudo o nadar; serão executadas diversas ascensões de escada de corda, sustentando-se sómente pelas mãos, recommendando-se ao doente que durante esse tempo tenha os olhos fixos no alto dos mastros. Um exercicio, que é mui vantajoso nas incurvações limitadas ao pescoço, consiste em pôr sobre a parte anterior da cabeça um corpo leve que o individuo não deve deixar cahir andando, e mesmo lendo. Para endireitar o dorso curvado, emprega-se com vantagem o exercicio militar. Os apparelhos immoveis, ou agentes mecanicos, só se empregam quando a

deviação é antiga e a pessoa indocil. Estes meios comprehendem a *cama com extensão mecanica*, com largas almofadinhas destinadas a comprimir as partes salientes, e molas elasticas. Quando a deviação é limitada ao pescoço, póde-se empregar uma atadura cruzada na testa e presa atraz, e depois dirigida por baixo dos sobacos, para vir cruzar no peito; as gravatas altas que se põem debaixo do queixo; ou emfim uma ligadura que retenha a cabeça contra o espaldar de uma cadeira.

Curvatura anterior. N'este caso, a convexidade acha-se adiante e a concavidade atraz. É mais rara que a precedente, e nunca chega ao mesmo gráo de inflexão. Quando é pouco pronunciada, não exige tratamento. Quando fôr excessiva e no pescoço, é possivel remedial-a com meios mecanicos analogos aos que foram indicados para a variedade precedente, sendo então praticados em sentido inverso. Quando existir nas cadeiras, o que é annunciado pela arqueação mais pronunciada d'esta região e pelo volume maior do ventre, recorrer-se-ha aos exercicios de suspensão combinados com a posição horizontal, á extensão moderada e ao uso de um apparelho proprio para curvar o tronco para diante. Esta especie de inflexão da columna vertebral nunca foi observada nas costas, porque esta região, mesmo no estado normal, é curvada ligeiramente para diante, e os esforços musculares tendem mais a augmentar esta inflexão natural do que a curvar o dorso no sentido inverso.

Curvatura lateral. Distingue-se em direita e esquerda. Póde ter logar no pescoço, no dorso e nas cadeiras. Umas vezes é simples e limitada a uma d'estas regiões, outras vezes é multipla, dupla ou triplice. As curvaturas dorsal e lombar são as mais ordinarias. Quasi sempre existe uma dupla curvatura no mesmo individuo, sendo composta de dorsal e lombar. A dorsal occupa ordinariamente o lado direito, e a lombar o lado esquerdo; entretanto ás vezes tem logar o contrario.

Os caracteres principaes da deviação dorsal direita são os seguintes: o lado direito engrossa ao nivel do peito, deprime-se em uma das nadegas; o lado esquerdo, pelo contrario, deprimido na altura do thorax, cresce acima das cadeiras; o hombro direito achando-se repellido pelas costellas, levanta-se, e faz uma ligeira proeminencia para traz; o hombro esquerdo abaixa-se e inclina-se para fóra, adiante e á esquerda; a clavicula e o seio ficam um pouco mais proeminentes. Porém o signal mais caracteristico que se póde dar da deviação do espinhaço é a proeminencia formada pela margem interna de um osso largo e triangular que forma a parte posterior do hombro, e que se chama omoplata. Em gráo maior, o tronco inclina-se sensivelmente para o lado direito, as costellas fortemente arqueadas levantam o hombro, e repellem para traz o angulo inferior da omoplata; emfim, em gráo extremo, a proeminencia angulosa das costellas é o caracter mais notavel.

A curvatura lombar occupa de ordinario o lado esquerdo; reconhece-se pela proeminencia convexa correspondente ás costellas inferiores e ás vertebras lombares, e pela nadega direita que se acha mais sahida que a esquerda.

A curvatura cervical raras vezes existe só; offerece por caracter particular a proeminencia do pescoço e do apice do peito, e é constituida pelas primeiras vertebras dorsaes e as ultimas cervicaes, que levantam os musculos do pescoço.

Estas differentes curvaturas acham-se geralmente reunidas em um só individuo, mas em gráos differentes; uma d'ellas predomina sempre, e mais ordinariamente é a dorsal. Os symptomas que caracterizam estas deviações não se pronunciam senão progressivamente, e ao principio muitas vezes passam por alto; e por isso as differentes posturas nas pessoas que começam a ser affectadas de deviações merecem uma attenção particular. Trazem essas pessoas frequentemente para diante o braço que corresponde ao hombro levantado, para escondêl-o. Em uma deformidade adiantada, não é possivel esta dissimulação; o membro superior direito parece applicado contra o peito, que faz proeminencia do seu lado entretanto que o braço esquerdo parece estar mui separado em consequencia da depressão. Os membros inferiores apoiam-se no chão de uma maneira desigual. A proemineneia das nadegas varía : na curvatura dorsal e predominante com curvatura lombar, a cadeira deprimida já não é indicada senão por uma depressão pouco sensivel; o lado esquerdo apresenta uma flexuosidade que se estende desde o sobaco até á vizinhança da nadega, e que a torna mais sahida. Quando a triplice curvatura existe em um gráo muito adiantado, vê-se a cabeça enterrada entre as omoplatas, dominada sobretudo pelo hombro direito e a gibosidade.

A estes caracteres associam-se a diminuição extrema da altura do tronco, o comprimento desmedido dos braços, os dedos alongados, a mandibula inferior predominante, etc. As principaes visceras situadas no peito e no ventre acham-se então constrangidas em suas funcções, e assim as difficuldades da respiração e da circulação, as palpitações, e as diversas affecções abdominaes, podem ser a consequencia das deviações vertebraes, chegadas a um gráo adiantado. Os musculos do tronco soffrem tambem mudanças notaveis : uns diminuem de volume, outros adquirem maior força : resultando d'ahi desigualdades de acção, que augmentam ainda a deformidade.

Causas da curvatura lateral. Para que um desvio lateral do espinhaço se possa formar, são necessarias duas condições : a primeira, que as peças que compõem a columna vertebral tenham pouca solidez; e a segunda, que as diversas potencias que actuam sobre esta parte ossea venham comprimir desigualmente, e de uma maneira contínua, alguma das suas partes. O rachitismo, cuja acção é de amollecer os ossos, póde, quando se dirige sobre a columna vertebral, produzir um desvio d'esta região, mas não é a sua causa mais ordinaria. Os dois terços dos individuos affectados de deformação vertebral não tem os ossos dos membros arqueados, nem volumosos em suas extremidades; nem seu tecido é amollecido, nem a sua pelvis está deformada, em uma palavra, só existe n'elles uma molestia local, que não altera o tecido osseo, e que não se póde attribuir á mesma causa que produz uma molestia geral e a alteração de todos os ossos.

No maior numero de casos, por conseguinte, as deformações vertebraes são totalmente independentes do rachitismo. A molleza dos ossos é certamente a causa primitiva; mas não é necessario que esta molleza seja mais pronunciada do que é naturalmente na criança, mesmo depois da segunda dentição. Por pouco que o equilibrio venha a romper-se entre os dois lados da columna vertebral, e se estabeleça uma inclinação habitual n'um e n'outro sentido, as vertebras comprimidas d'este lado céssam de crescer, e até diminuem pouco a pouco, entretanto que do lado opposto as partes, livres de toda a pressão, adquirem um completo desenvolvimento.

A fraqueza lateral do espinhaço, causa essencial de sua deviação, forma-se com tanto maior facilidade quanto o individuo fôr mais debil. As crianças de temperamento lymphatico, as que precedem de progenitores enfraquecidos, que foram concebidas e criadas soffrendo toda a especie de privações, são mais depressa affectadas do que as outras. Esta deformidade observa-se mais frequentamente no sexo feminino.

As causas mecanicas são todas aquellas que forçam a columna vertebral a inclinar-se sobre um dos lados; não podendo, entretanto, produzir uma curvatura permanente, senão quando os ossos estão dispostos para o desenvolvimento da gibosidade. Isto acontece principalmente quando a pessoa está de pé, pois que n'este momento a compressão é mais forte. Os pesos, augmentando a intensidade d'esta compressão, favorecem a formação da deviação, como se observa nas meninas que, antes da época da puberdade, carregáram crianças todos os dias de um só lado. Estar de pé ou assentado muito tempo acaba por determinar a inclinação do tronco, primeiramente para diante, e depois sobre um ou outro lado, em consequencia da fadiga dos musculos extensores. As meninas fracas, condemnadas pelas suas occupações habituaes de escrita, desenho e trabalho de agulha, a estar assentadas a maior parte do dia, tomam frequentemente esta postura. Cansadas d'esta posição, inclinam-se para diante; as mestras julgam que lhes fazem um beneficio repetindo-lhes que se endireitem. Affectam uma posição direita, mas inclinando-se para um lado. Esta posição allivia, e torna-se logo habitual. Accrescente-se agora a predisposição organica, a falta de exercicios ou jogos que possam communicar aos musculos alguma energia, a influencia do collete, que, usado mui cedo, augmenta a inacção e a debilidade muscular, e vêr-se-ha que as deviações devem ser muito mais frequentes no sexo feminino. As profissões que exigem a inclinação habitual do corpo tambem produzem os mesmos resultados, e se alguns operarios não se deformam, devem isto unicamente á força da sua constituição.

Os desvios não se desenvolvem ordinariamente antes da criança principiar a andar. Nos individuos rachiticos apparecem logo na idade de seis mezes, ou pelo menos desde os primeiros annos. N'aquelles cuja curvatura não depende de rachitismo, o espinhaço não principia a deformar-se senão na idade de cinco annos, e muitas vezes depois. Grande numero de desvios até não se mostram senão aos doze ou quinze

annos, na época da puberdade. As mudanças notaveis, que se produzem então na constituição das meninas, e o trabalho frequentemente penoso da menstruação, as predispõem mais particularmente á deformação do espinhaço. Na época da cessação dos menstruos, muitas mulheres ficam de novo sujeitas a ella.

Tratamento. Não se póde indicar um methodo de tratamento applicavel a toda a especie de desvio lateral. Antes de estabelecer regras de tratamento é preciso primeiramente indagar todas as circumtancias que poderiam ter exercido alguma influencia sobre a direcção do espinhaço. Umas vezes convem substituir uma attitude constante, effeito da inacção ou da immobilidade, por movimentos e exercicios variados; outras, restaurar por um repouso as forças perdidas no decurso de uma molestia longa ou de trabalhos custosos. Ás vezes, deve-se substituir o uso exclusivo de um dos membros superiores pela actividade do membro opposto, ou ao menos por uma acção desigual de um e de outro; em outros casos, porém, cumpre fazer desapparecer a desigualdade de comprimento dos membros inferiores, quer ella dependa de um vicio de conformação, quer consista sómente no costume de dobrar um dos membros e de apoiar-se mais sobre o outro. Muitas vezes, é preciso subtrahir os individuos á influencia da posição inclinada que tomam em diversas occupações, taes como a escrita, o desenho, o bordado, etc., ou no exercicio de certas profissões. É necessario em algumas circumstancias dissipar as affecções dolorosas de um membro ou de um lado do tronco, que são nocivas á direitura do corpo: em outras, remediar o aperto dos vestidos ou de um collete mal feito. O facto seguinte é digno de attenção: duas irmãs foram affectadas de deviações oppostas, por terem o costume de se deitar viradas uma para outra; foram curadas em pouco tempo deitando-se simplesmente do outro lado.

No principio da molestia devem-se notar attentamente as posturas viciosas que tomam as pessoas jovens, e exigir d'ellas que se conservem direitas. As mesas em que escrevem não devem ser mui baixas. As camas serão um pouco duras: sua direcção será ligeiramente inclinada; de sorte que a cabeça, que não ha de descansar sobre um travesseiro, fique um pouco mais elevada do que os pés, e que a totalidade do corpo esteja quasi sobre o mesmo plano.

As meninas que tiverem algum principio de defeito devem usar de um espartilho chamado espartilho gymnastico (*corset à tuteur*), que se acha nas lojas dos fabricantas de fundas. N'este espartilho o espinhaço é mantido por varas ou talas de barbatana ou de aço, que, tomando um ponto de apoio sobre os ossos dos quadris, passam por baixo dos braços, e tendem d'esta maneira a endireitar o espinhaço. Entre os diversos exercicios aconselhados, o mais simples consiste em ter uma escada inclinada e encostada a uma parede, em fazer suspender ao principio o doente pelas mãos a um dos degráos, e depois exigir que suba de degráo em degráo por meio só da força dos braços. Este exercicio, que deve ser repetido muitas vezes por dia, fortifica os musculos do hombro e tende a endireitar o espinhaço pela acção do peso do corpo. Tem-se

tambem aconselhado o virar uma manivella com a mão esquerda, afim de endireitar o hombro d'este lado. É bom medir com um barbante a extensão da corcova, fixando as extremidades do barbante nas proeminencias osseas. D'esta maneira póde a pessoa certificar-se do progresso da molestia ou da cura.

Outro meio empregado vantajosamente contra os defeitos do espinhaço consiste em andar com moletas; e, quando o doente está sentado, fazer-lhe suster a parte superior do corpo por uma especie de espeques fixos no assento, e que apoiam debaixo dos braços. Estes espeques devem ser feitos de maneira que se possam estender ou encolher á vontade. É facil vêr então que o corpo, estando suspenso, tende por seu peso a estender e endireitar o espinhaço.

Em muitos doentes affectados de desvios, a constituição é fraca, e o systema muscular debil. A indicação geral deve então consistir no emprego de tonicos: para esse fim aconselha-se a residencia no campo, a insolação, aguas mineraes ferreas, banhos de rio, banhos do mar, fricções com agua de Colonia, com linimento de Rosen, exercicio muscular, gymnastica, alimentação animal, amargos, etc.

A parte mais importante no tratamento das deformidades é, incontestavelmente, o emprego dos meios orthopedicos. Estes meios dividem-se

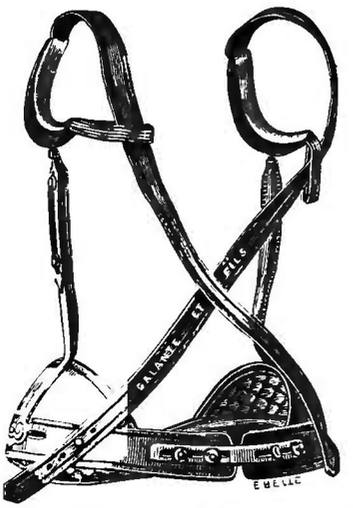


Fig. 231. — Cintura metallica com tutores lateraes e crossas axillares, para a deviação lateral do rachis.

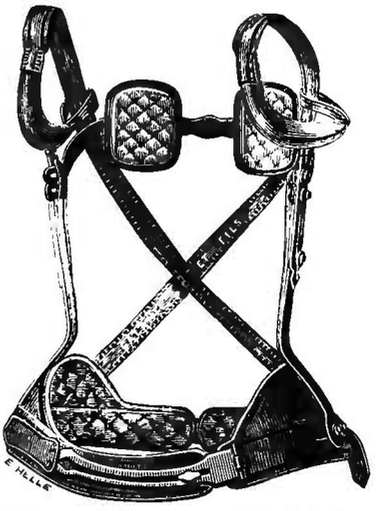


Fig. 232. — Cintura de substentaculo, com tutores lateraes, traversa e placas dorsaes para a deviação lateral do rachis.

em duas classes, que são os agentes mecanicos e os exercicios musculares. Aquelles tem por fim endireitar mecanicamente as partes encurvadas, estes devem desenvolver pela sua acção certas porções do systema muscular.

Muitos apparelhos se tem inventado para restituir á columna vertebral encurvada a sua direcção natural (fig. 231, 232). Todos elles se applicam nos estabelecimentos especiaes debaixo da direcção dos facultativos. *As camas de extensão* constituem a base de todos estes methodos curativos.

Vou dar uma ideia geral d'este modo de tratamento sem entrar nos pormenores technicos. Um colchão de crina, applicado sobre largas tiras presas a um quadrado solido e mais elevado na cabeceira do que nos pés, constitue um plano orthopedico que se póde adaptar a uma cama ordinaria. As duas extremidades do tronco são seguras de uma parte por meio de ligas passadas por debaixo dos braços, e de outra por um cinto bastante largo e acolchoado, applicado por cima das cadeiras ; as correias das ligas axillares vão atar-se ás molas elasticas fixas á cabeceira da cama; as do cinto vão atar-se ás molas moveis, cuja acção póde ser graduada, e que se acham nos pés da cama. Existe grande numero de modificações nas differentes camas e apparelhos de que se faz uso; todas tem por fim commum a extensão moderada da columna vertebral. Ajuntam-se a miudo a estas camas apparelhos de compressão, que consistem em chapas de páo ou de ferro, guarnecidas de almofadas, e fixas sobre as curvaturas do espinhaço. A posição horizontal deve ser observada quasi constantemente; mas, em certas horas do dia, os doentes devem levantar-se para fazerem exercicios gymnasticos. A maior parte d'estes exercicios tem por fim principal a suspensão do tronco, e ao mesmo tempo o desenvolvimento do systema muscular. São numerosos e variados; uns servem a exercer certos musculos, e a desenvolvel-os pelo exercicio ; outros, a endireitar a columna pelo peso do corpo suspenso pelos braços; muitos tem simultaneamente este duplo fim. Entre os apparelhos d'estes exercicios podem citar-se os cabos, os mastros, as escadas de corda ou de páo, as redouças e o nadar; mas não se deve esquecer que cada especie de deviação exige um exercicio particular.

O tempo do tratamento orthopedico varía conforme a natureza da deviação, sua antiguidade, a idade do individuo, sua constituição, etc. Não se póde esperar que se endireite a columna encurvada dos individuos adultos; a ossificação está acabada, os ligamentos estão já mui resistentes, mas póde-se impedir ainda n'esta idade que o desvio augmente. Lancemos uma vista de olhos sobre os resultados que dá em geral o tratamento orthopedico. Nos primeiros momentos, o corpo cresce algumas linhas ; ao cabo de um mez, o crescimento é de 3 a 6 centimetros, e assim continua nos mezes seguintes. Ao mesmo tempo, diminuem as curvaturas do espinhaço, tornam-se mais iguaes as cadeiras, voltam a seu livre exercicio todas as funcções, augmenta a robustez, e consolida-se a saude geral.

Acabado o tratamento convem ainda fazer uso de apparelhos particulares, até que o espinhaço e seus musculos pareçam achar-se em estado de supportar sem inconveniente o peso do tronco. Se apezar dos esforços da arte, a columna não se endireitar senão incompletamente, deve-se recorrer a differentes meios para occultar a deformidade persistente, e insistir no emprego dos corroborantes locaes e geraes. Previnem-se as recahidas, evitando todas as causas capazes de reproduzir o desvio. Durante os ultimos mezes da gravidez, por exemplo, as mulheres deverão sentar-se, a certas horas do dia, em cadeiras de

braços, salvo se acharem na força da sua constituição sufficiente garantia contra toda a recahida. *Veja-se* RACHITISMO e ORTHOPEDIA.

CORDÃO ESPERMATICO. Nome dado á reunião dos orgãos que se dirigem do canal inguinal ao testiculo (fig. 233). Estes orgãos são

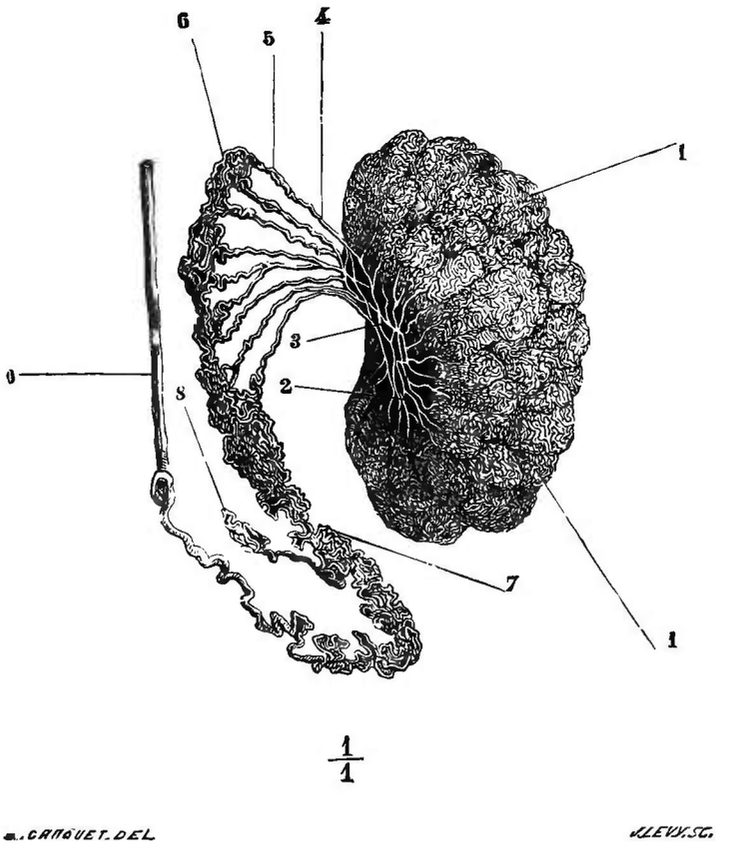


Fig. 233. — Cordão espermatico (*).

o canal deferente ou conducto espermatico, uma arteria, veias, vasos lymphaticos, nervos, tudo unido por um tecido cellular frouxo, e contido n'uma bainha formada por tres membranas. Vulgarmente dá-se o nome de *tendão* ao cordão espermatico.

Inflammação do cordão espermatico. Esta molestia é occasionada a miudo pela compressão que exerce a funda nos individuos que são quebrados; outras vezes, principia por um ataque de erysipela; mas ordinariamente procede da propagação da inflammação que se desenvolveo primeiro no testiculo mesmo. A inflammação do cordão espermatico manifesta-se por dôr na virilha, inchação, e ás vezes rubor d'esta região : a menor compressão d'esta parte augmenta sensivelmente a dôr.

(*) Cordão espermatico. — 1, lobulos testiculares; 2, caniculas direitas; 3, ramusculos de Haller; 4, parte rectilinha dos canaes defferentes; 5, parte contorneada d'esses canaes; 6, cabeça do epididyme; 7, canal do epididyme enroscado; 8, vaso adherente; 9, canal deferente.

O *tratamento* da inflammação do cordão espermatico é o seguinte: applica-se uma cataplasma de linhaça sobre a virilha, e toma-se um purgante. O doente deve andar o menos possivel.

CORDÃO DE FRADE. (Rio, Pará.) Cordão de São Francisco ou Leonuro. (Pará.) *Phlomis nepetifolia*, Linneo. Labiadas. Planta que habita no Brazil. Caule de 1 metro ou mais de altura, folhas fortemente denteadas, ovaes e oblongas; flores axillares, verticilladas, côr de laranja; cada haste contém tres ou quatro verticillos globosos e espinhosos, o que lhe dá o aspecto de um cordão; cheiro aromatico. Toda a planta emprega-se para a preparação dos banhos excitantes, que convem ás crianças debeis.

Um ou dous kilogrammas de cordão de frade são necessarios para um banho. Estes banhos convem tambem na difficuldade de ourinar.

CORDEIRO ou Anho. É o nome que se dá ao filho da ovelha e do carneiro. A ovelha não produz ordinariamente senão um só cordeiro, ás vezes dois, raras vezes tres. Se a ovelha é forte, e tem os ubres cheios, podem-se-lhe deixar os dois filhos; é preciso tirar-lhe sempre o terceiro. — Se a ovelha morreo depois do parto, ou se não tem bastante leite, cumpre dar seu anho a outra mãi que tiver perdido seu filho ou á cabra, que o adopta facilmente para o nutrir. Durante a criação, convem vigiar que o cordeiro mamme bem, e que outros cordeiros não lhe furtem o leite, emfim que a mãi tenha boa saude. O cordeiro mamma durante quatro mezes. No fim da amammentação, deve-se habitual-o a comer alguma herva fresca; aos quatro mezes, póde viver no pasto com o resto do rebanho.

Os cordeiros destinados ao açougue devêm ter 3 a 4 semanas pelo menos, e 2 mezes quando muito. A sua carne é um alimento delicado. Quando se guardam para serem criados, submettem-se ordinariamente á operação da castração, na idade de 2 a 4 mezes, ou antes.

Os cordeiros são sujeitos á molestia chamada *paralysia dos cordeiros.* É um rheumatismo agudo que obriga o animal a ficar em pé ou a apoiar-se sobre os joelhos sem poder dobrar os membros posteriores. Convem n'este caso administrar-lhe o emetico; 5 centigrammas dissolvidos em uma chicara d'agua, de que se dá uma colher *de chá,* tres vezes por dia, *Veja-se* Carneiro, Ovelha.

CORDIAL. Dá-se o nome de cordiaes aos medicamentos que tem a propriedade de augmentar promptamente o calor geral do corpo, e a acção do coração e do estomago. O vinho, os espiritos, as tinturas alcoolicas, o ether, etc., são medicamentos cordiaes.

CORES. *Veja-se* Tintas.

CORES PALLIDAS. *Veja-se* Chlorose.

CORNALINA. Variedade de quartzo-agata, notavel pela côr rubra e pela transparencia. Ha tambem cornalinas amarellas. Fazem-se com ellas sinetes, anneis, cabeças de alfinetes, pequenas figuras, etc. O emprego da cornalina era muito frequente entre os Gregos e Romanos; tiravam-se da Europa. Hoje as mais bellas cornalinas tiram-se do Brazil. Na exposição nacional dos productos brazileiros que teve logar no Rio

de Janeiro em 1866, havia bellas amostras de cornalinas provenientes das provincias de Minas e do Rio Grande do Sul.

CORNEA. Assim se chama aquella porção transparente do olho que está situada na parte anterior do bugalho, e atravéz da qual se vê a menina do olho. A transparencia d'esta membrana é indispensavel para a regularidade da visão, e por isso quando existem belidas na cornea, a visão é incompleta, e até póde ser inteiramente impedida. *Veja-se* BELIDA e OLHO.

CORNETA ACUSTICA. Instrumento em fórma de funil destinado a reunir maior quantidade de sons, para concentral-os sobre o orgão do ouvido, e remediar o enfraquecimento d'este sentido (fig. 235 a 237).



Fig. 234. — Corneta acoustica.

As cornetas acusticas mais commummente empregadas são :

1° Uma corneta imitando a orelha externa, e modelada sobre ella, de maneira que apresente as eminencias e as cavidades d'esta parte, com um pequeno canudo para ser introduzido no meato auditivo.

2° Um instrumento disposto em caracol, e que se mette na cavidade da orelha, de maneira que a embocadura que está no centro da espiral penetre no conducto auditivo.



Fig. 235. — Corneta acustica de gomma.

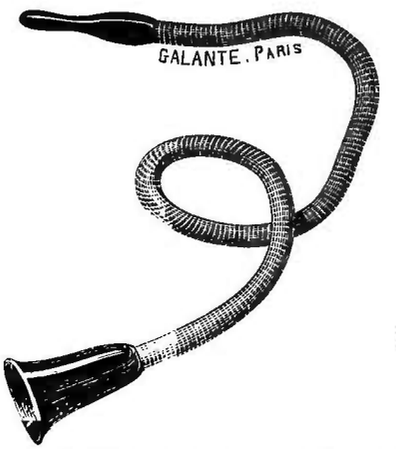


Fig. 236. — Corneta acustica de bufalo, tubo flexivel.



Fig. 237. — Corneta acustica de metal.

3° Uma infinidade de instrumentos de fórmas diversas, uns parecendo trombeta militar, outros trompas de caçadores. Mas de todos estes

meios, mais ou menos complicados, póde-se certificar, segundo a experiencia, que nenhum reune maiores vantagens, do que a corneta ordinaria, disposta em fórma de trombeta (fig. 234 a 237). A totalidade dos instrumentos tem um comprimento de 21 a 24 centimetros. *Veja-se* SURDEZ.

CÓROLA. *Veja-se* BILIS.

CORPOS ESTRANHOS. Entendem-se por estas palavras todos os corpos que, introduzidos ou formados em nossos orgãos, não participam da vida d'elles, e podem por conseguinte produzir phenomenos ou accidentes mais ou menos graves.

Os *corpos estranhos podem formar-se nos nossos orgãos.* Este facto observa-se com a pedra na bexiga, e com os vermes nos intestinos, de que tratarei em artigos especiaes.

Os *corpos estranhos que vem de fóra* são de fórmas e natureza mui varias : umas vezes penetram nos tecidos, outras vezes são introduzidos pelas vias naturaes. Na primeira classe acham-se as balas lançadas por armas de fogo, os pedaços de espadas quebradas no corpo, etc. Os corpos estranhos podem ser tambem introduzidos nas aberturas naturaes, taes como os olhos, ouvidos, a larynge, os intestinos, o anus, a urethra, etc. Vou passar em revista os principaes orgãos que podem ser penetrados pela causa de que se trata.

Corpos estranhos no anus. *Veja-se Corpos estranhos no recto.*

Corpos estranhos na bexiga. Foram encontrados na bexiga dos homens os seguintes corpos estranhos : sondas metallicas, elasticas, bugias, pedaços dos instrumentos de lithotricia, agulhas, alfinetes, etc.; e, nas mulheres pequenos estojos, pedaços de páo, ganchos do cabello, etc., etc.

O modo de introducção d'estes diversos corpos estranhos na bexiga é variavel. Alguns ficam ali em consequencia de operações cirurgicas infelizes, nas quaes uma porção do instrumento se quebrou : outras vezes chegam ali pela abertura que faz communicar o reservatorio da ourina com a pelle ou com os orgãos vizinhos, taes como o recto, a vagina, o utero : não é impossivel tambem que uma agulha ou um alfinete tendo sido introduzido nas vias digestivas, caminhe atravéz dos tecidos até á bexiga; todavia as mais das vezes os corpos estranhos entram na bexiga pelo canal da urethra.

Depois de chegados á bexiga os corpos estranhos comportam-se differentemente segundo os casos : ás vezes determinam phenomenos inflammatorios intensos, e abcessos : a morte póde ser a consequencia de semelhantes lesões. Em alguns casos, o corpo estranho é expulso pelo canal da urethra, o que se vê mais commummente na mulher do que no homem, por causa da maior dilatibilidade do canal n'aquella. As mais das vezes, o corpo estranho cobre-se de incrustações e torna-se o nucleo de um verdadeiro calculo.

Tratamento. Se existe abertura na pelle communicando com a bexiga, extrahe-se o corpo estranho com pinça. Se não existir a via accidental, extrahir-se-ha o corpo estranho pelo canal da urethra.

No *homem*, os pedaços de páo, de sonda, os corpos redondos extra-

hem-se com os instrumentos que se empregam para quebrar a pedra na bexiga. Se todas as tentativas não são bem succedidas, é preciso recorrer á cystotomia, operação que consiste em cortar a pelle, os musculos e a bexiga, para abrir uma via bastante grande pela qual se possa extrahir o corpo estranho.

Na mulher extrahem-se os corpos redondos dilatando a urethra, e procurando o objecto com pinça de anneis; se é mui grosso, quebra-se ou corta-se com o litholabo incisor.

Extrahem-se os ganchos do cabello com um gancho collocado perpendicularmente sobre uma haste recta, e muito melhor com um gancho collocado n'uma bainha; para isso, tendo-se feito uma injecção na bexiga, introduz-se o instrumento para fazer sobresahir o gancho da bainha, e procura-se o corpo estranho; depois de agarrado, faz-se entrar o gancho na bainha, depois faz-se entrar o corpo extranho na bainha, o qual extrahe-se com ella.

Se o corpo estranho está encravado na bexiga de modo que não se possa tirar com a pinça, é preciso fazer a incisão na vagina, como quando se faz a operação da lithotomia.

Nunca se deve deixar um corpo estranho na bexiga; fazem-se primeiro tentativas para extrahil-o com instrumentos especiaes; depois, quebra-se para tiral-o por fragmentos; a serem inuteis estes dois meios, recorre-se á cystotomia.

Corpos estranhos na cavidade do craneo. São ordinariamente balas lançadas por armas de fogo, fragmentos de instrumentos vulnerantes mais ou menos agudos, pontas de espada, de faça, de pedaços de páo, etc. A presença de um corpo estranho na cavidade do craneo é, em geral, um caso extremamente grave e ordinariamente mortal, ou immediatamente, ou logo depois do accidente. Entretanto, citam-se alguns casos, raros na verdade, em que a introducção de um corpo estranho na cavidade do craneo não foi seguida de accidente algum. Assim tem-se visto individuos que conservaram muitos annos balas no cerebro sem serem incommodados. A razão d'esta differenca existe no mesmo cerebro, cujas partes não são todas de igual importancia.

Tratamento. Logo que algum corpo estranho entrar na cavidade craneo cumpre tratar de sua extracção. Os modos de extracção variam, conforme estiver o corpo estranho livre na cavidade do craneo ou preso nos ossos. No primeiro caso, faz-se maior abertura, por meio de certo numero de coroas de trepano, até que seja possivel attingir e tirar para fóra o corpo estranho, sem sacudiduras nem esforços. No segundo caso, é preciso comprehender, na corôa do trepano, toda a circunferencia da abertura na qual o corpo está implantado, e, depois de destacado o pedaço de osso, tiral-o com o corpo estranho. Em seguida, é necessario combater a inflammação do cerebro com sangria, bichas, e applicação na cabeça de pannos molhados em agua fria.

Corpos estranhos á roda dos dedos. *Veja-se* ANNEIS, vol. I, pag. 184.

Corpos estranhos no esophago. O *esophago* é um canal mus-

culoso que se estende desde a pharynge (garganta) até ao estomago; é destinado a dar passagem aos alimentos. — Alimentos não mastigados, ossos engulidos com a sopa, e outros objectos, param ás vezes no esophago, nas pessoas idosas privadas de dentes, nos individuos que comem com precipitação; ou nas crianças que engolem moedas e outros objectos com que brincam; sobrevem então contracção do esophago, que immobiliza o corpo estranho e dá logar a accidentes immediatos ou consecutivos.

Os corpos estranhos ficam parados de ordinario nas duas extremidades do esophago: em cima, na sua juncção com a pharynge (na parte inferior da garganta), ou em baixo, na sua terminação no estomago, isto é no ponto que corresponde á margem superior do osso esterno.

Symptomas. Quando comendo sobrevem dôr viva e esforços de vomito, póde-se dizer que um corpo estranho ficou parado no esophago. Mas segundo a séde, o volume, a fórma e a direcção do corpo estranho, apparecem outros symptomas; a respiração póde ser interrompida ou constrangida de duas maneiras: 1° se é um corpo volumoso, uma castanha, um ovo duro, que antes de penetrar no esophago obliterou a abertura da larynge, ha suffocação imminente; 2° menos volumoso, o corpo entra realmente no esophago, e póde impedir completa ou incompletamente a passagem do ar, comprimindo lateralmente o conducto aerifero.

Outros accidentes manifestam-se mais tarde, quando o corpo estranho se demora no esophago: são accidentes inflammatorios. Quando o corpo estranho está extrahido, a inflammação dissipa-se espontaneamente; no caso contrario póde ter differentes terminações. De ordinario a inflammação torna-se suppurativa á roda do corpo estranho, que é expulso pela tosse com materia purulenta, ou desce no estomago. Outras vezes, apezar da violencia da inflammação suppurativa, o corpo estranho fica em logar e determina abcesso, que se abre n'um ponto mais ou menos afastado do esophago; o corpo estranho fica então eliminado com a materia purulenta.

Estes casos, pórem, são os mais graves, porque os corpos estranhos, que paráram no estomago, podem ser lançados pelos vomitos, ou engulidos. Este ultimo caso dá-se de duas maneiras: 1° pouco tempo depois da sua introducção pelos esforços da deglutição; 2° depois de cessada a inflammação e a inchação do canal.

Tratamento. Quando o corpo estranho se achar no esophago, o que se deve fazer póde resumir-se n'estes quatro pontos: 1° provocar a sua expulsão pelos vomitos; 2° extrahil-o; 3° empurral-o para o estomago; 4° abrir-lhe caminho praticando uma abertura no conducto alimentario.

1° Exitam-se os vomitos, quer introduzindo os dedos na garganta, quer administrando uma chicara d'agua que contenha em dissolução 5 ou 10 centigrammas de tartaro emetico.

Mas estes meios, podem augmentar as difficuldades da extracção, e produzir a ruptura do esophago; não se deve, pois, insistir sobre o seu uso.

2° *Extracção pela bocca*, Póde fazer-se de diversas maneiras :

Póde ser feita com pinças diversamente configuradas; a mais simples é a pinça curva que se emprega para polypos. — O Dr. Gensoul, tendo que extrahir um osso do esophago, agarrou-o primeiro com uma pinça dobrada, chamada *bico de grou*, depois com outra pinça mui comprida, de que separou fortemente os ramos, dilatou o esophago. Apenas acabava este movimento de dilatação, quando poude tirar o osso.

Ás vezes, antes de tirar o corpo estranho, é preciso desembaraçal-o dos tecidos no meio dos quaes está preso. Sem esta precaução, em vez de extrahil-o, poder-se-hia afundal-o ainda mais nas paredes do esophago puxando por elle. Eis-aqui um facto mui serio, citado pelo Dr. Beaud, que prova a utilidade d'este modo de proceder :

« Dois meninos, um de cinco, outro de quatro annos, ambos filhos de um barqueiro, brincavam em Boom, na Belgica, á borda de um canal.. O mais velho propoz a seu irmão de brincarem á pesca, e encarregou-se de preencher o papel de peixe. Depois de muitas evoluções, apanhou o anzol, e engulio-o. Immediatamente o menino pescador puxou pela linha, e o anzol implantou-se n'uma parte bastante profunda do esophago. Aos gritos dados pelo menino-peixe, acudio o pae, mas não podendo tirar o corpo estranho, chamou um cirurgião da aldea vizinha. Este cortou a linha a 30 centimetros de distancia da bocca, pedio ao barqueiro um anzol semelhante áquelle que fora engulido, escolheo uma bala de chumbo de um diametro duas vezes maior do que o anzol, praticou n'ella um buraco no qual passou a linha, untou a bala com azeite doce, e a fez escorregar no esophago. O peso da bala foi sufficiente para desembaraçar o anzol cuja ponta se fixou n'ella; tudo foi extrahido sem dôr e com facilidade. »

Os instrumentos que tem por fim de extrahir os corpos estranhos, empurrando-os de baixo para cima, aproximam-se mais ou menos do gancho ou de uma aza. Seu emprego apresenta ás vezes difficuldades e perigos. É preciso primeiro que o instrumento passe debaixo do corpo estranho, o que é difficil quando o corpo é um pouco volumoso. Depois, quando se puxa pelo instrumento, para que o corpo estranho o siga, é preciso que esteja bem agarrado: ora ás vezes, em logar de agarrar o corpo estranho agarra-se o esophago; d'aqui novas difficuldades e verdadeiros perigos. Para evital-os fizeram um gancho terminado por um botão. Ás vezes o gancho, em vez de ser simples, é duplo; é fixo sobre a haste que o supporta, ou é movel. Ás vezes é aza completa, e então procura-se extrahir o corpo estranho como se tira uma rolha que está no corpo de uma garrafa; ultimamente inventou-se um instrumento representando um chapeo de sol que se introduz fechado; chegado debaixo do corpo estranho, abre-se e tira-se depois.

Póde tambem empregar-se uma esponja fixa sobre uma haste de baleia: introduz-se com promptidão; depois de collocada atraz do corpo estranho, incha; tirando-a, limpa-se tudo que se acha adiante.

O instrumento mais usado consiste em uma haste de baleia, guarnecida n'uma das pontas de dupla aza metallica que é movel.

3° Se o corpo estranho não póde ser extrahido, é preciso empurral-o

para o estomago. Esta operação executa-se com uma haste de baleia guarnenecida de esponja ou por meio de sonda de gomma.

4° Como ultimo recurso resta a esophagotomia, operação que consiste em fazer uma incisão sobre o lado esquerdo do pesoço, abrir o esophago, e extrahir o corpo estranho com pinça, mais ou menos comprida. Até á cicatrização completa da incisão, alimenta-se o doente com caldos por meio da sonda esophagea que se introduz pela bocca até ao estomago.

Se o corpo estranho comprime o canal aereo de tal maneira que a suffocação esteja imminente, e se este obstaculo não póde ser tirado promptamente, é preciso primeiro abrir o canal aereo, antes de se occupar da extracção do corpo estranho.

Corpos estranhos no estomago e nos intestinos. Os corpos estranhos que se encontram no *estomago* e nos *intestinos* penetram ordinariamente pelo esophago. A sua presença é em geral menos perigosa n'esta parte do tubo digestivo do que no esophago; bem que agudos e cortantes, podem ficar no estomago, ou correr todo o tubo intestinal e sahir pelo anus, sem occosionar graves accidentes, como se tem observado com pedaços de espada, fragmentos de vidro, peças de moeda, pregos mui compridos, garfos, etc. Outras vezes, entretanto, o contacto d'estes corpos determina no tubo intestinal uma inflammação mais ou menos viva.

O *tratamento* dos corpos estranhos no estomago e nos intestinos consiste em administrar azeite doce pela bocca, e em clysteres. Se o corpo estranho fôr duro e agudo, como, por exemplo, espinha de peixe, vidro quebrado, etc., será preciso encher o estomago com alimentos espessos, e proprios para darem residuos abundantes, que possam envolver esse corpo e impedir que fira os orgãos que deve atravessar. O repolho, os feijões, as batatas, e o pão, são alimentos que convem melhor para esse fim.

Se o corpo estranho fôr moeda de cobre engulida, como ha exemplos, póde produzir os accidentes de envenenamento; em tal caso é preciso dar a beber, até á sua expulsão, agua com clara de ovo que tem a propriedade de neutralizar os saes de cobre.

Um caso de deglutição de um garfo de prata apresentou-se em 1873 em Frnaça na cidade de Lyão, e teve feliz exito. O garfo sahio naturalmente ao cabo de dois mezes, um pouco deteriorado mas inteiro: durante o tempo que percorreo o tubo digestivo não causou grande incommodo ao paciente. Por conseguinte, o melhor tratamento que convem applicar em caso semelhante, consiste em deixar tranquillo o paciente.

Se os corpos estranhos são mui volumosos, raras vezes podem ser expulsos; quasi sempre a presença d'elles determina accidentes formidaveis. Ás vezes tem furado a parede do ventre, e tem sahido pela abertura fistulosa. Em alguns casos, foi necessario recorrer á gastrotomia, operação que consiste em abrir o estomago, e que ás vezes foi seguida de bom resultado. *Veja-se* GASTROTOMIA.

Corpos estranhos nas feridas. Pontas de instrumento, agulhas, pedaços de vidro, de louça, de capsulas ou de páo, encontram-se nas feridas.

Reconhece-se um corpo estranho n'uma ferida pela dôr mais viva que a dôr da ferida simples. Ao comprimir a ferida, determina-se uma dôr viva, semelhante a uma picada ou cortadura; este signal é caracteristico, mesmo depois de cicatrizada a ferida. Se se sente debaixo da cicatriz um corpo duro, não ha erro possivel, entretanto nas regiões em que existia inflammação, certas indurações lineares simulam corpos estranhos. Se não se provocam dôres na pressão, é quasi certo que não ha nenhum corpo estranho. Reconhecem-se ainda as pontas quebradas de armas nas feridas, examinando a arma que produzio o ferimento. N'uma ferida recente, se a ferida descança sobre um plano osseo, é inutil sondar para reconhecer o corpo estranho; sente-se apalpando com o dedo. Nas feridas de partes molles sondar-se-ha com uma tenta. Os cascalhos, os grãos de areia, a terra n'uma ferida, são os unicos corpos estranhos que podem ser eliminados com o sangue ou expulsos pela suppuração. Abandonados a si mesmos os corpos estranhos podem enkystar-se, isto é, cobrir-se de uma membrana que lhes forma uma especie de sacco, e demorar-se muito tempo nos tecidos. Acontece muitas vezes que com o tempo, o corpo estranho determina uma inflammação e é eliminado pela suppuração.

Tratamento. Todo o corpo estranho movel n'uma ferida deve ser extrahido.

Se o corpo está implantado n'um osso, extrahe-se alargando a ferida, agarrando o corpo estranho com boticão, instrumento que serve para arrancar dentes. Os corpos pouco volumosos, os fragmentos de panno, tiram-se com pinças.

Alarga-se a ferida, para extrahir os corpos estranhos, sobretudo se ha ameaços de inflammação; e cura-se depois a ferida com cataplasmas de linhaça.

As agulhas introduzidas debaixo da pelle deslocam-se sempre, e é raro que se possam alcançar pela abertura por onde entráram. Far-se-ha sobre a parte saliente da agulha uma incisão até á agulha; se esta se deslocou durante a incisão, introduzir-se-ha uma pinça na incisão, e agarrar-se-ha a agulha: augmentar-se-ha a incisão, guiando-se sobre a proeminencia da agulha. Cura-se depois a ferida com cataplasma de linhaça.

Querendo extrahir um corpo estranho depois da cicatrização da ferida, faz-se uma incisão e extrahe-se o corpo estranho pela dissecção. As agulhas, os pedaços de vidro, não necessitam senão uma só incisão; extrahem-se os corpos com uma pinça. Feita a extracção, lava-se a ferida com agua fria e cura-se com cataplasma de linhaça ou de fecula.

Corpos estranhos na garganta. Os corpos estranhos que param na garganta são ordinariamente misturados com os alimentos no momento da deglutição. São fragmentos de ossos ou espinhas de peixe; ás vezes estes corpos foram introduzidos voluntariamente nos jogos ou

n'um accesso de mania; são então colheres, garfos, peças de moeda, etc.

Os *symptomas* que produzem são : dôr viva, náuseas seguidas de esforços violentos e convulsivos para lançar, impossibilidade ou grande difficuldade de eugulir. Os symptomas variam, porém conforme o volume e a fórma do corpo estranho : um corpo volumoso, parado na garganta, póde suffocar em pouco tempo tapando as vias respiratorias; os corpos agudos determinam dôr mui viva, e podem produzir feridas.

Tratamento. Extrahem-se os corpos estranhos da garganta com os dedos ou com pinça de anneis (fig. 238), ou com pinça ordinaria (fig. 239).

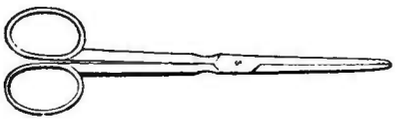


Fig. 238. — Pinça de anneis.



Fig. 239. — Pinça ordinaria.

Facilita-se a extracção, abaixando a lingua com o cabo de uma colher ou um abaixa-lingua. Se o corpo estranho fôr tão volumoso que tape as vias repiratorias, e se não puder ser tirado immediatamente, será preciso fazer a abertura da larynge, para evitar a suffocação.

Corpos estranhos nas vias respiratorias, como larynge, trachea, e bronchios. Os corpos estranhos penetram nas vias respiratorias pela abertura superior da larynge, chamada glote, depois de atravessarem a bocca durante a inspiração; podem tambem provir do estomago. Caroços de fructas, grãos de diverso tamanho, pedaços de ossos, de espinhas de peixe, parcellas de alimentos, pequenas pedras, agulhas, dentes postiços, gottas de bebidas, taes são os diversos corpos estranhos que podem introduzir-se na larynge. Durante a passagem dos alimentos para a pharynge e o estomago, a abertura da larynge que se acha diante da pharynge, fecha-se instantaneamente; mas se no momento da deglutição a pessoa tossir ou rir-se, abre-se então esta abertura, e deixa penetrar na larynge algumas parcellas de alimentos: este accidente sobrevem d'esta maneira no maior numero de casos. Esta introducção póde tambem ter logar nos vomitos, a bocca estando fechada.

A presença do corpo estranho na larynge produz tosse convulsiva e suffocante, dôres vivas, mudança de falla, difficuldade na respiração.

Entregues a si, os corpos estranhos nas vias respiratorias podem produzir accidentes graves, e até a morte.

A expulsão dos corpos estranhos faz-se frequentemente com a tosse. Isto acontece sobretudo com as pequenas parcellas de alimentos, ou com alguma bebida. Quando algumas gottas d'agua entram na larynge, determinam instantaneamente uma tosse convulsiva e a excreção de mucosidades que arrastam comsigo, na expectoração, o liquido que occasionou todos esses accidentes. É muito máo costume, quando alguma pessoa ou criança se engasga comendo ou bebendo, bater-lhe nas costas. O que ha de melhor a fazer em tal caso é deixar o paciente tranquillo, e não lhe embaraçar a tosse, com a qual consegue expellir

o corpo estranho. Esta expulsão espontanea póde tambem ter logar, quando o corpo estranho fôr susceptivel de se amollecer e de se dissolver em parte nas mucosidades da larynge.

Tratamento. Para expulsar o corpo estranho das vias respiratorias é preciso tossir com força e provocar os espirros sorvendo uma pitada de rapé. Ponha-se o paciente de cabeça para baixo, isto é, n'uma posição tal que o corpo estranho possa sahir pelo seu proprio peso.

Se o corpo estranho se acha no orificio superior da larynge, tentar-se-ha a extracção com os dedos ou com pinça curva de anneis. Se é soluvel, e não venenoso, convem só esperar a sua dissolução e a sua expulsão com escarros.

Se tudo isso é sem resultado, e sobretudo se a suffocação é imminente, é preciso recorrer á tracheotomia, operação que consiste em abrir a trachea. Depois de feita a incisão, o corpo estranho apresenta-se ali de si mesmo, ou é expulso n'um esforço de expiração. *Veja-se* TRACHETOMIA.

Corpos estranhos no nariz. As crianças empurram frequentemente nas ventas caroços de differentes fructas, feijões e pequenas bolas que lhes servem de brinquedo; insectos podem penetrar tambem n'estas cavidades. Conforme o seu volume, sua fórma mais ou menos angulosa, o tempo que ficam, estes corpos estranhos occasionam dôr, difficuldade na respiração, hemorrhagias, inflammações. Póde ás vezes obter-se a sua expulsão provocando espirros; porém, as mais das vezes, é preciso extrahil-os. Póde servir para isso um pequeno gancho ou pinças de differentes fórmas. Ás vezes é necessario dilatar as ventas com esponja preparada, para poder introduzir mais facilmente os instrumentos. Se os corpos estranhos são mui volumosos, se incháram pela humidade, como acontece com feijões ou ervilhas, é preciso dividil-os para extrahil-os aos pedacinhos. Se o corpo penetrar tão profundamente que não se possa alcançar com estes instrumentos, é necessario empurral-o para fóra, com um tampão de fios, impellido de traz para diante por meio da sonda de Belloc.

Corpos estranhos nos olhos. Os corpos estranhos podem introduzir-se entre as palpebras e o globo do olho, implantar-se nas membranas, ou penetrar mais ou menos profundamente na cavidade do olho.

Os corpos que se introduzem entre as palpebras e o globo do olho são ordinariamente grãos de areia, insectos, pestanas, parcellas de páo, de metal, etc. A sua presença determina uma dôr viva, o lagrimejar, a vermelhidão do olho, e, depois, uma inflammação. Ordinariamente sahem com as lagrimas; ás vezes, entretanto, ficam atraz das palpebras, quer na parte mais declive do olho, quer por baixo da palpebra superior. N'este caso descobrem-se difficilmente não se tomando a precaução de levantar e virar sufficientemente a palpebra: e póde qualquer enganar-se tanto mais facilmente sobre a causa dos accidentes, quanto é sabido que a ophthalmia incipiente faz sentir aos doentes uma sensação analoga á de um corpo estranho. A extracção é facil : se não bastarem lavatorios

com agua, é preciso empregar um pincelzinho feito de panno de linho ou de papel enrolado, para com elle tocal-os e trazêl-os para fóra; ou uma pequena pinça para os apanhar. As mais das vezes estes corpos deixam só uma pequena irritação que cede aos lavatorios com agua morna ou com decocção de linhaça.

Eis-aqui um meio facil de extrahir os corpos estranhos de debaixo das palpebras : tira-se ligeiramente a si com os dedos a palpebra superior, com o fim de passar-lhe por baixo a palpebra inferior, de maneira que aquella venha cobrir esta, quanto seja possivel. Manda-se ao paciente gyrar o globo do olho por duas ou tres vezes : é raro que o objecto não venha ter ao angulo interno do olho, onde é levado pelo movimento do olho, e pelas lagrimas que se tem accumulado.

Os corpos estranhos entranhados nas membranas do olho são ordinariamente lascas de páo, parcellas de ferro que se separam quando se bate este metal estando quente, o que acontece principalmente aos ferreiros, etc. Para extrahir estes corpos é preciso empregar uma pinça, a ponta de um bisturí ou uma agulha. Emfim, os corpos estranhos que penetram até á cavidade do olho, podem occasionar a extravasação dos humores e a perda do mesmo olho. Cumpre extrahil-os quanto antes.

Corpos estranhos nos ouvidos. Os corpos estranhos que se encontram no conducto auditivo podem formar-se n'elle ou vir de fóra. Aquelles provém sempre da accumulação da materia que humedece este canal, e que se chama *cera* ou *cerumen*. Resulta d'isso a dureza do ouvido, dôr surda, e um certo incommodo no fundo do conducto auditivo. Conhece-se a causa da molestia examinando o conducto auditivo; o seu fundo acha-se então occupado por um corpo amarellado, cuja dureza é ás vezes consideravel; é preciso amollecêl-o com seringatorios d'agua quente, e depois proceder á sua extracção com esgaravatador ou com pinça.

Os corpos estranhos vindos de fóra, e que podem encontrar-se no conducto auditivo, são solidos ou liquidos. Estes só produzem uma sensação incommoda, de que é facil desembaraçar-se inclinando a cabeça de lado, ou introduzindo no conducto um pincelzinho de fios, que logo se embebe do liquido. Os corpos solidos são pulgas, percevejos e outros insectos, ervilhas, grãos de café, caroços de fructas, bolas de papel, de cera, de metal, etc. Demorando-se por algum tempo, estes corpos produzem uma inflammação acompanhada de fluxo pruriforme.

Tratamento. Antes de proceder á extracção, deve-se examinar com muito cuidado o conducto auditivo, afim de não fazer tentativas inuteis e dolorosas, no caso de ter sahido o corpo estranho sem que o doente o soubesse. Para fazer convenientemente este exame, é preciso notar que o conducto auditivo, dirigido obliquamente de fóra para dentro e de traz para diante, é curvado no seu comprimento, de maneira que sua convexidade se acha em cima. Convem por conseguinte puxar para cima a orelha, afim de diminuir essa curvatura, e dar logar a que os raios luminosos cheguem directamente ao fundo do canal. Antes de fazer tentativas de extracção, será util injectar no conducto auditivo um pouco

de azeite doce, afim de que o corpo estranho possa escorregar mais facilmente. Os instrumentos que servem aqui são : pinça e esgaravatador pequeno. Aquella convem para os corpos compridos, pontudos, irregulares (*Veja-se* fig. 238 e 239, que representam as pinças). Nos outros casos, é preciso usar do esgaravatador pequeno, especie de instrumento mui delgado, que se deve introduzir ao longo da parede inferior do conducto, e insinuar por baixo do corpo estranho. Depois da operação acalma-se a irritação com seringatorios d'agua tepida ou de cozimento de linhaça.

Eis-aqui um outro meio : introduzir entre o corpo estranho e o conducto auditivo um estylete metallico mui fino, com a ponta curvada em angulo recto ou obtuso, tendo o cuidado de manter a parte curvada em posição horizontal. Logo que esta parte tenha ultrapassado o logar em que está situado o corpo estranho, dar-lhe um gyro nó conducto auditivo de modo que possa bater contra o corpo, e attrahil-o para fóra tirando o estylete.

Para matar os insectos que se tiverem introduzido ou desenvolvido no conducto auditivo, é necessario injectar azeite doce ou agua quente; e para extrahil-os convem servir-se de um pequeno esgaravatador ou de um pincelzinho de fios, que se póde molhar em oleo de terebinthina ou em mel de abelhas para enviscar o insecto.

Corpos estranhos na pelle. Encontram-se na pelle corpos estranhos que ali se fixaram em consequencia de uma quéda sobre a mão, por exemplo, ou em consequencia de qualquer outro accidente; grãos de polvora, de chumbo, espinhas, pequenos fragmentos de vidro, foram observados na espessura d'esta membrana. Estes corpos demoram-se ás vezes muito tempo sem determinarem accidentes; os grãos de chumbo sobretudo, quando foram lançados de longe, ficam por muito tempo inoffensivos; parecem então como alojados nas pequenas cavidades da derme.

Os grãos de polvora tambem por muito tempo deixam marcas indeleveis.

Estes corpos, sobretudo quando são numerosos ou volumosos, não ficam sempre sem produzir irritação. Então a natureza os elimina, ou o cirurgião os extrahe com pinça ou com a ponta do bisturí. Os grãos de polvora, incrustados na espessura da pelle, devem ser tirados com a ponta de agulha ou de bisturí; esfrega-se depois a parte offendida com azeite doce.

Corpos estranhos no recto. Os corpos estranhos no recto são de natureza variada. Vem de dentro ou de fóra. Os da primeira categoria são : calculos, materias fecaes endurecidas, ou então corpos que, depois de engulidos, tendo percorrido o resto do tubo digestivo, foram retidos no recto por causa do seu volume, de sua fórma, ou da maneira com que se apresentaram no anus. Os corpos da segunda categoria são os que foram introduzidos directamente no recto, passando pelo anus. Não se póde crêr tudo o que o acaso, a vertigem da paixão, ou a maldade, puderam fazer a este respeito : uma bola de marfim, um rabo de porco,

um copo de vidro, etc., foram observados pelos medicos no intestino recto.

Symptomas. Não ha nada de constante sobre o tempo que decorre desde a ingestão pela bocca dos corpos estranhos até a sua chegada no recto. Muitas semanas podem decorrer antes que a sua presença por cima do anus seja annunciada por algum accidente. A sua marcha no canal digestivo é indicada por dôres obscuras, primeiro no epigastro, depois nas diversas regiões do ventre. Chegados ao recto, a presença annuncia-se pelos signaes seguintes : dôr obscura ou intensa no anus, inflammação com suppuração, prisão de ventre, ás vezes nauseas e vomitos. É raro que se possa vêr o corpo estranho; introduzindo, porém, um dedo no recto, reconhece-se a sua presença. Ás vezes, o canudo de uma seringa, pela resistencia que encontra, conduz ao diagnostico.

Estes ultimos signaes são communs aos corpos estranhos que chegáram ao recto depois de engulidos, o aos que são introduzidos pelo anus. As circumstancias commemorativas fazem conhecer a via pela qual entráram.

Tratamento. Se uma sanguesuga se introduzio no recto, faz-se sahir dando um clyster preparado com 240 grammas d'agua tepida e 30 grammas de sal de cozinha.

Tiram-se com o dedo ou com o cabo de uma colher as materias fecaes endurecidas; ás vezes é necessario quebral-as e extrahil-as por fragmentos. Se ficam só restos de pequeno volume, um leve purgante basta para desembaraçar d'elles completamente o intestino.

Os corpos estranhos, que por volumosos não podem ser expulsos espontaneamente com as materias fecaes, serão extrahidos com pinça ou tenaz; se não podem passar pelo anus, é necessario quebral-os afim de tiral-os por fragmentos. Em alguns casos, o cirurgião é obrigado a empregar os meios indicados pelas circumstancias particulares : assim é necessario introduzir primeiro um especulo, se o corpo estranho apresenta asperidades. Em outros casos foi preciso empregar um sacarolhas ou verruma, para extrahir cylindros de páo.

Corpos estranhos na urethra. Os corpos estranhos da urethra vem de fóra ou da bexiga. Dividem-se; segundo a sua natureza, em corpos estranhos propriamente ditos e em calculos. Os corpos que de fóra penetram na urethra não differem, pela sua natureza, dos que se introduzem accidentalmente na bexiga, são pedaços de sondas elasticas ou metallicas que se quebráram durante o catheterismo, pequenos pregos, alfinetes, ervilhas, cabellos, etc.

Os calculos vem as mais das vezes da bexiga. Depois da introducção da lithotricia na pratica cirurgica, os calculos urethraes são mais frequentes : são então fragmentos de pedra que foi quebrada na bexiga; ha tambem pedras inteiras ou verdadeiras areias, que descidas dos rins e expulsas da bexiga, paráram n'uma porção relativamente estreita do canal da urethra.

Tratamento. Consiste em extrahir o corpo estranho, que é ordinariamente um calculo. Qualquer que seja o meio de extracção empregado,

deve-se principiar por fixar a parte sobre a qual se deve operar, e comprimir-se-ha, se fôr possivel, a porção da urethra posterior ao calculo, para que não recue em vez de caminhar para diante; e mesmo para favorecer este ultimo movimento, dirigir-se-hão as pressões no sentido da acção dos instrumentos empregados para a extracção. Os meios de extracção variam segundo a séde dos calculos. Assim, quando estes se acham no começo da urethra, perto do meato, serve a simples pinça de anneis. Um pouco mais profundamente, póde empregar-se uma aza de fio de prata ou de arame, afim de extrahir o calculo, como se extrahe a rolha cahida n'uma garrafa. Usa-se tambem uma canula de prata, chata, que contém uma forte mola, terminada por um botão tambem achatado. Quando a ponta passou além do corpo estranho, empurra-se a mola; tirando-a depois a si arrasta-se o calculo. Mas quando o calculo é mais profundo ainda, outros meios devem ser postos em uso. O instrumento ordinariamente empregado é a pinça de Hunter : é uma haste encerrada n'uma canula, e cuja extremidade livre tem dois ramos que se apartam por serem elasticos. O instrumento é introduzido fechado; logo que chegou ao calculo, tira-se a si a canula, a qual não contendo mais os dois ramos, estes apartam-se e abraçam o calculo pelas duas extremidades do seu diametro. Esta pinça recebeo algumas modificações; curvaram-n'a para a fazer passar além da porção bolbosa da urethra; dividiram a sua haste em tres ramos em vez de dois, etc.

Quando é mui difficil extrahir o calculo inteiro, é preciso quebral-o primeiro com instrumentos de lithotricia. Mas se as operações de lithotricia devem ser mui longas e mui numerosas, é melhor recorrer á incisão do canal para extrahir o calculo, ou qualquer outro corpo estranho que se acha no canal da urethra.

CORPO FIBROSO. Dá-se este nome aos tumores arredondados mais ou menos volumosos; duros e não adherentes aos tecidos vizinhos. Desenvolvem-se ordinariamente no utero e no seio, mas podem tambem apparecer nas outras regiões do corpo, na pharynge, no nariz, etc. Pela maior parte são esbranquiçados ou amarellos; são compostos de fibras enroladas á roda de um caroço central; são mui resistentes e pouco elasticos. *Veja-se* Seio e Utero.

CORTADURA, Corte, Golpe. Dão-se estes nomes a feridas de pequena extensão feitas por instrumentos de gume, taes como facas, navalhas, vidro quebrado, etc. Quando alguma pessoa tiver dado um golpe, deve laval-o com agua fria misturado com um pouco de coaltar saponinado Le Beuf, e reunir exactamente um contra o outro os dois labios da ferida. Se o sangue parar, basta manter em contacto os dois labios com um pedaço de encerado inglez, que se molha com saliva e que se applica por cima; se o córte deita sangue, applique-se por cima do encerado um panno para apertar o córte; se o sangue continuar a correr, é preciso pôr fios seccos, depois um chumaço, e exercer com uma atadura uma pressão moderada, mas bastante forte para fazer parar o corrimento sanguineo. Deixam-se estes fios por doze ou vinte e quatro horas; depois tiram-se com precaução, e applica-se o encerado inglez, que continúa

até á cura. Em geral, ao cabo de tres ou quatro dias a ferida acha-se cicatrizada. Póde-se tambem appliear um panno molhado em agua misturada eom phenol Bobœuf, ou em balsamo do eommendador ou em balsamo eatholieo. Estas duas ultimas preparações, eompostas de alcool e de substaneias balsamicas e resinosas, tem a propriedade de coagular a albumina do sangue, e formar uma eamada balsamiea, que se oppõe á hemorrhagia. Tira-se depois esta eamada, lavando-a eom um poueo de aguardente que a dissolve. Para as eortaduras grandes, *veja-se* FERIDA.

CORTIÇA. Casea do sovereiro, *Quercus suber*, Linneo, arvore da familia das Cupuliferas, que habita em Portugal, Hespanha, Italia, Argelia e no sul da França, e que é notavel por sua leveza. Propriamente fallando, a eortiça não é a casca, mas sómente a epiderme da arvore. Esta substancia eompõe-se de um teeido esponjoso e elastieo, eujas cavidades contém materias adstringentes, eorantes, e resinosas ou gordas, que a tornam difficilmente permeavel á agua. A eolheita da eortiça faz-se cada 8 ou 10 annos, por meio de ineisões transversaes e longitudinaes; a mesma arvore póde forneeer 10 a 12 eolheitas. A eortiça serve para fazer rolhas, solas de sapatos, para garantir os pés da humidade; boias para ajudar a nadar, pedaços fluetuantes que os peseadores atam ás redes para as suspender á superfieie das aguas, etc. Queimada em vasos fechados, dá o negro de Hespanha, empregado na pintura.

Cortiça brazileira. É forneeida pela *Bignonio uliginosa* de Gomes, arvore do Brazil, da familia das Bignoniaeeas. Substitue para os habitantes do interior a verdadeira cortiça. Na Exposição universal de Pariz, em 1867, houve uma amostra d'esta eortiça, remettida de Cantagallo (provincia do Rio de Janeiro) pelo distincto pharmaeeutieo o Sr. Theodoro Peekolt.

CORYZA. Nome scientifieo do defluxo. *Veja-se* DEFLUXO.

COSMETICO. Meio proprio para eonservar a belleza. Ha poucas nações, antigas ou modernas, eivilizadas ou selvagens, que não tenham tido ou não tenham os seus eosmetieos. São as senhoras, sobretudo, que reeorrem a estes meios: esqueeem-se que o asseio e a elegancia sem affeetação, as graças naturaes do eorpo, o engenho, o agrado e o pudor, são os mais poderosos eosmeticos. Deve-se, entretanto, dizer, para honra do nosso seeulo, que as senhoras tem renuneiado a todo o apparato d'este engano, e que de bom grado se mostram agora como na realidade são. Os arrebiques são raramente empregados hoje (*Veja-se* ARREBIQUE).

Frequentes lavatorios eom agua morna ou fria, simples ou eom algumas gottas d'agua de Colonia, a pasta de amendoas, o sabão, algumas uneções oleosas, taes são os unieos eosmetieos de que se póde fazer uso sem o menor receio. Indiquemos sueeintamente os euidados que exigem as differentes partes do corpo.

Tem-se proposto muitas substaneias para entreter a delicadeza e a freseura da pelle. As aguas distilladas de rosas, de tanehangem, as pomadas de pepino, de eaeáo, de balsamo da Meca, não podem apagar a mais ligeira ruga, nem destruir a menor asperidade. Estas preparações, ao menos, não são noeivas; mas as receitas, que devem algumas proprie-

dades ás substancias metallicas, podem produzir accidentes. O banho do corpo, tomado uma ou duas vezes por mez, os banhos de meio corpo, os semicupios e outros banhos locaes, são os melhores meios para entreter a limpeza e a frescura da pelle. As massas para as mãos são compostas de amendoas doces ou amargas, de feculas, ás vezes de balsamos, de mel de abelhas, de essencias e de um pouco de sabão. Não são nocivas e constituem um cosmetico mui conveniente.

Faz-se frequentemente uso para os beiços de uma pomada chamada *unguento rosado*, que não tem inconveniente, e é util, sobretudo, contra o cieiro. Este unguento é uma especie de ceroto, corado com a orcaneta, e aromatizado com essencia de rosas.

As pessoas que tem a pelle das mãos aspera, rachada, podem, no momento de se deitarem, untal-a, levemente com glycerina, manteiga de cacáo ou ceroto simples, e dormir com luvas.

Não é cousa indifferente cortar as unhas d'estas ou d'aquella maneira. As unhas das mãos, cortadas compridas ou curtas, pouco importa, mas não acontece o mesmo com a dos pés. Quando as unhas dos dedos grandes dos pés se cortam curtas e em meio-circulo, encravam-se pouco a pouco nas carnes, crescendo, causam dôres intoleraveis e inflammação, que necessita ás vezes uma operação dolorosa. È preciso, por conseguinte, cortar as unhas dos pés em linha recta, conservando os cantos de maneira que os dois lados da unha apoiem sobre as carnes lateraes e impeçam que estas sobresaiam.

Quanto ao que toca á barba, é vantajoso fazêl-a frequentemente; uma barba longa retem a poeira e o suor, pica, irrita a pelle, e occasiona erupções desgradaveis. Se se adôpta o costume de a trazer comprida, é preciso laval-a e penteal-a frequentemente.

A bocca exige cuidados particulares. Lavar os dentes frequentemente com agua pura, e esfregal-os levemente com uma escova macia, taes são os meios que devem geralmente usar-se. Emprega-se tambem espirito de cochlearia, tintura de guaiaco, agua de Colonia, e diversos elixires, em que entram o cravo da India, o pyrethro, o alecrim, a hortelã, a noz moscada, etc. O seu uso é util, serve para consolidar as gengivas; mas é preciso desconfiar dos pós, tinturas, opiatos, e de todos esses pretendidos *thesouros da bocca*, cujas composições não são conhecidas. Convem, sobretudo, rejeitar os que branqueam os dentes rapidamente. Os pós, em cuja composição entrem em grande proporção substancias salinas ou acidas, devem ser tambem proscriptos, porque atacam o esmalte. Os melhores dentifricios são os seguintes: os pós de osso de siba, a magnesia calcinada, ou mistura de 30 grammas de pós de lirio florentino com 1 gramma de canella. Algumas pessoas empregam para o mesmo uso a cinza de tabaco ou a borra do café. Estes ultimos pós tem inconvenientes, porque tingem os dentes em logar de os tornar brancos.

Não podemos deixar de aconselhar para limpar os dentes os seguintes pós e elixires que não apresentam os inconvenientes da maior parte das preparações que por ahi se vendem com nomes pomposos:

Pós chinezes da casa Ed. Pinaud, de Pariz. — Pós de chlorato de potassa de Dethan.

Elixir odontalgico de J. Pelletier; elixir de Dethan; elixir dentifricio odontalgico de Ed. Pinaud, perfumista de Pariz.

Odontina de J. Pelletier, opiato de Dethan, com base de chlorato de potassa.

A cabeça é a séde de uma transpiração abundante, que se coagula em pequenas escamas furfuraceas (caspa); é necessario laval-a frequentemente, e tirar com um pente estas escamas. A agua de Colonia, as differentes pomadas preparadas com gorduras finas e essencias aromaticas e a agua vegetal de rosas, de ixora ou de violettas, productos estes da afamada casa de perfumaria de Pariz de Ed. Pinaud, podem empregar-se sem inconveniente; entretem o cabello macio, e estimulam a pelle. Mas as diversas preparações mysteriosas, a que se attribuem as propriedades de dar aos cabellos uma vegetação mais activa, bem longe estão de possuir essa virtude. O caso é que, quando alguma causa, uma molestia, por exemplo, tiver determinado a quéda do cabello, se o bolbo está mortificado, todo o remedio se torna infructifero; se pelo contrario, a raiz conservar ainda algum vigor, não ha cousa mais efficaz do que a acção da navalha muitas vezes repetida. *Veja-se* CALVICIE.

Certas variedades da côr do cabello desagradam, e deseja-se mudal-a para mais escura. Esta pratica é propria das pessoas que dão grande apreço ao cabello preto. Empregam-se para este fim as decocções das plantas que contém *tannino;* taes são a galha e o cato. Servem tambem para o mesmo fim as preparações ferreas, associadas ao anil, os pós de marfim queimado, bem como a cortiça queimada. Nenhum d'esses meios é nocivo á saude. Empregam-se igualmente muitos outros alvitres, dos quaes alguns não offerecem o menor inconveniente; por exemplo, o uso frequentemente repetido do pente de chumbo, immediatamente seguido de loções sobre o cabello com vinho branco carregado da infusão de cascas de romã. Mas existem duas preparações mais geralmente usadas porque o seu effeito é mais rapido e sempre infallivel, que são a *agua do Egypto*, solução de pedra infernal em agua, e uma mistura de sulfureto de chumbo e de cal viva, diluida em um pouco d'agua, no instante em que se deve empregar. Segundo a sua composição, é evidente que semelhantes cosmeticos devem inspirar certo receio, ou pelo menos não se deveriam empregar senão com a maior cautela.

Emfim, existe um genero de preparação ainda mais pernicioso. São as pomadas *depilatorias*, ás quaes as mulheres recorrem ás vezes para se desembaraçarem de cabellos no rosto. A cal viva e ouro-pimento (sulfureto de arsenico) constituem a base da maior parte d'estas composições. A sua acção póde corroer a pelle, e até determinar verdadeiros envenenamentos. Estas preparações, além d'isto, não podem impedir o crescimento do cabello; não fazem mais que retardal-o. *Veja-se* DEPILATORIO.

COSTAS. A parte opposta ao ventre, do pescoço até as cadeiras. As costas constituem uma parte do espinhaço. Para as molestias das costas,

Veja-se CORCOVA, ESPINHAÇO, CARIE VERTEBRAL, RHEUMATISMO. Nas costas observam-se tambem os *frunchos* e *anthrazes*.

COSTELLA. As costellas são arcos osseos situados nos lados do peito; são doze de cada lado; por detraz estão fixados á columna vertebral, e por diante unidos ao osso chamado *esternon*. As costellas concorrem para a formação da cavidade do peito e para proteger os orgãos contidos n'ella (fig. 240).

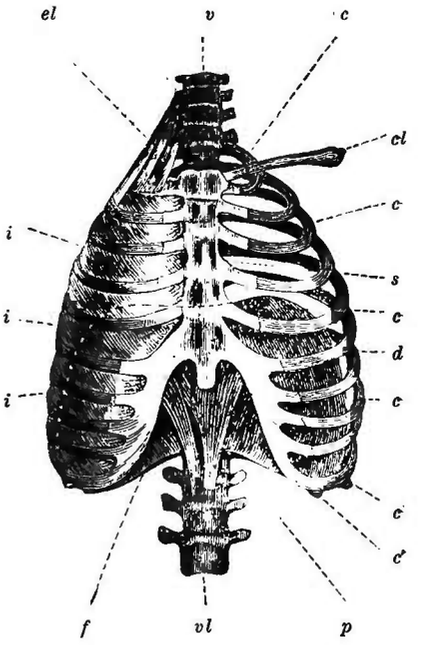


Fig. 240. — Costellas (*).

A fig. 240 representa o thorax do homem; isto é, a cavidade que encerra os pulmões e o coração, e que é separada do ventre pelo diaphragma, musculo largo e delgado, situado transversalmente. Do lado esquerdo foram tirados os musculos, á excepção do diaphragma, que se vê atravez dos espaços intercostaes. Do lado direito, os musculos são conservados.

Costellas (Fractura das). *Veja-se* FRACTURAS.

COSTURA. União das margens de uma ferida com a linha; chamam-lhe tambem *sutura*. Dá-se igualmente o nome de costura á cicatriz de uma ferida. *Veja-se* CICATRIZ.

COTA. Portugal; Beira-Alta; perto de Vizeu. Aguas ferruginosas.

COTIA ou AGUTI. Animal da ordem dos Roedores; habita no Brazil e nas Antilhas. Tem o talhe e os costumes do coelho, as pernas de um terço mais compridas que as mãos, a cauda curta ou nulla, o pello liso e brilhante, de côr fulva-alaranjada, ou anegrada com gradação esverdeada. A cotia não faz covas; habita nas concavidades das arvores e vive de fructas, folhas e raizes. A carne come-se, mas tem um gosto selvagem. A pelle é excellente para calçado, por ser macia e duravel. As cotias domesticam-se facilmente, produzem em abundancia; assentam-se sobre as cadeiras, levam com as mãos o alimento á bocca, mas são muito incommodas pelo damno que causam aos moveis com os dentes.

COTO-COTO. *Veja-se* GRITADEIRA.

COTOVELO. Assim se chama a articulação formada pela reunião dos ossos *radio* e *cubito* com o osso *humero;* é o vertice do angulo formado pela inclinação do braço sobre o antebraço. A proeminencia que

(*) *v*, região cervical da columna vertebral; *vl*, região lombar d'esta columna; *s*, esternon; *cccc*, costellas; *c'c*, costellas mendosas; isto é, as que não chegam a unir-se ao esternon; *cl*, clavicula; *iii*, musculos intercostaes; *f*, ultima costella mendosa, encoberta pela inserção do diaphragma; *d*, musculo diaphragma, formando no interior do peito uma abobada encoberta do lado direito pelos musculos intercostaes, mas cuja direcção está indicada d'este lado por uma linha ponctuada; *p*, pilares do diaphragma que se fixam nas vertebras lombares; *el*, musculos elevadores das costellas.

forma a ponta por detraz pertence ao cubito, e chama-se *olecrane*. De cada lado do cotovelo é facil sentir uma eminencia ossea, pertencente ambas ao humero, uma exterior chama-se *epicondylo*, outra interna tem o nome de *epitrochlea;* entre esta e o olecrane existe um entalho onde se acha o nervo cubital; e por isso um encontro ou compressão sobre esse ponto é mui dolorosa; resulta d'ella um entorpecimento que se propaga até ao dedo minimo, seguindo o trajecto do nervo.

As molestias do cotovelo não apresentam nada de particular. *Veja-se* JUNTA, FRACTURA, DESLOCAÇÕES.

COTYLEDON UMBILICUS. *Veja-se* CONCHELOS.

COUCE. Golpe, que a besta dá com o pé, ou pés, para traz; pernada. Do couce resulta ordinariamente uma contusão, cujo tratamento consiste em applicar no logar contuso pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com um pouco d'aguardente camphorada. *Veja-se* CONTUSÃO.

COUVE. *Brassica.* Cruciferas. Muitas especies de couve são empregadas como alimento. As principaes são :

1° **Couve das hortas redonda** e **fechada** ou **Repolho.** *Brassica oleracea capitata*, Linneo (fig. 241). É a

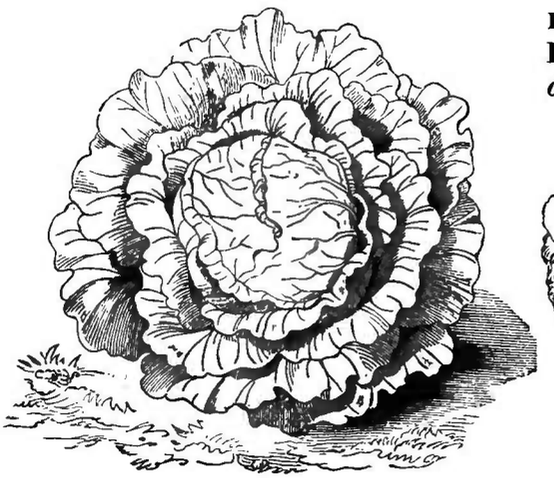


Fig. 241. — Repolho.

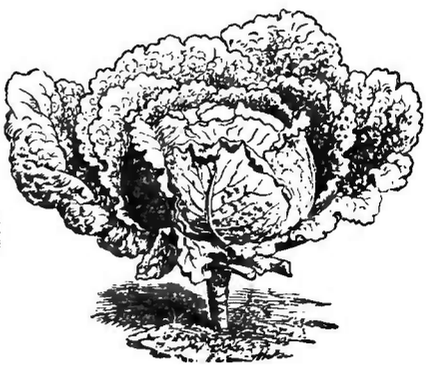


Fig. 242. — Couve verde crespa de Milão.

especie mais productiva, e mais frequentemente empregada. Cultiva-se nas hortas do Brazil e de Portugal. Este legume, bem cozido, é um alimento mui salubre, sobretudo quando só se empregam os dois terços internos. O repolho crú é duro, de cheiro que se manifesta apenas se começa a cozer, e que infecciona a cozinha; mas que diminue com a fervura; o repolho é então mui saboroso e nutriente, sobretudo quando é cozido com a carne. Duas horas de fervura são necessarias para fazer do repolho um alimento são e substancial; mas produz ás vezes ventosidades, o que procede quasi sempre de não ter sido bem cozido. É aconselhado ás pessoas que padecem do peito. É com esta especie que na Allemanha e no norte da Europa se prepara o repolho salgado.

Repolho salgado (*Choucroûte*, em francez). Esta comida prepara-se

pondo alternadamente uma camada de repolho cortado em laminas pequenas, uma de sal, e um pouco de alcaravia ou de zimbro; produz-se uma especie de fermentação acida; uma agua fetida corre pela torneira do barril em que se fez essa mistura. É preciso limpar a parte superior do barril, e cada cinco dias deitar agua fria até que corra limpa. Conserva-se o repolho n'um barril bem fechado, e coberto de sal. Este repolho come-se cozido com carne de porco ou de vacca; é um alimento mui nutriente.

N'esta especie encontra-se o *repolho roxo*, empregado em pharmacia para fazer o xarope que se chama de *repolho roxo*, e se administra na bronchite.

2° **Couve verde crespa** ou **Couve de Milão** ou **de Saboia.** *Brassica oleracea bullata* (fig. 242). As folhas novas são cerradas na base, e abertas e crespas em cima.

3° **Couve de Bruxellas** (fig. 243). N'esta, desenvolvem-se ao longo do talo e dos ramos pequenas cabeças, cujas folhas

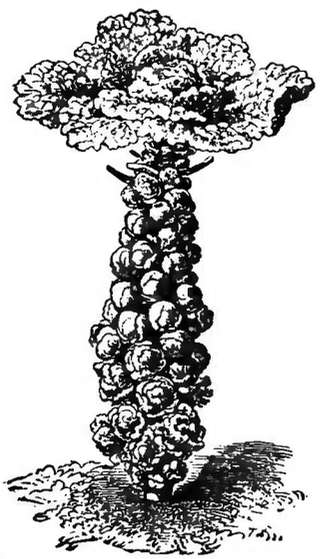


Fig. 243. — Couve de Bruxellas.



Fig. 244. — Couve rabão.

chegadas umas ás outras, constituem uma comida muito delicada.

4° **Couve verde gallega.** As suas folhas são apartadas umas das outras e não reunidas em cabeça; são menos tenras do que as das outras variedades. Esta especie cultiva-se só para o sustento dos animaes.

5° **Couve rábão.** *Brassica oleracea caulo-rapa* (fig. 244). N'esta variedade, o talo incha e forma uma especie de cabeça arredondada e carnosa; esta cabeça é a parte que serve de alimento ao homem, as folhas são proporcionalmente menos carnosas que nas outras variedades. Prepara-se este alimento como os nabos, a que se assemelha pelo gosto. A couve rábão é mais tenra nos climas frios do que nos quentes, onde tende a tornar-se lenhosa.

6° **Couve-nabo.** *Brassica campestris napo-brassica* (fig. 245). N'esta variedade, a raiz torna-se inchada perto do collo, tuberosa, quasi re-

donda. Distingue-se do verdadeiro nabo, por ter a polpa mais firme, a pelle mais dura e mais espessa, e por ter o sabor da couve.

7° **Couve-flor.** *Brassica oleracea botrytis* (fig. 246). Uma cabeça de couve-flor compõe-se de pedunculos floraes, cujos botões se reunem e formam esta superficie branca e convexa que constitue a porção principal



Fig. 245. — Couve-nabo.



Fig. 246. — Couve-flor.

da cabeça. Deixando-se crescer, esta cabeça alonga-se, divide-se, ramifica-se e produz flores e fructos como as outras couves. De todas as variedades da couve, esta é a mais facil de digerir.

COXA. É a parte dos membros inferiores comprehendida entre a bacia e o joelho. É limitada superiormente: pela dobra da virilha por diante, pela dobra da nadega por detraz, pelo perineo por dentro, pela anca por fóra; termina inferiormente no joelho e na curva da perna.

A coxa compõe-se de um só osso, ao redor do qual vem ajuntar-se numerosos o poderosos musculos (fig. 247). Este osso, chamado *femur*, é o maior e o mais forte do esqueleto humano. A extremidade superior apresenta uma grande eminencia ossea, chamada *cabeça*, unida ao osso por uma porção mais delgada chamada *collo*. O collo e a cabeça do femur formam com o corpo do osso, dirigindo-se para dentro e para cima, um angulo obtuso. No vertice d'este angulo e por fóra existe uma volumosa apophyse, chamada o *grande trochanter*. Um pouco mais abaixo e por dentro acha-se outra emminencia, mais pequena, chamada *pequeno trochanter*. A cabeça do femur articula-se com o osso coxal, que a recebe n'uma cavidade chamada *cotyloidea*. A extremidade inferior do femur apresenta duas tuberosidades, chamadas *condylos*, que se articulam com a tibia, um dos ossos da perna.

A coxa póde ser affectada de *postemas*, que não apresentam nada de particular. No artigo Coxalgia descrevo uma molestia particular, propria á cabeça do femur. No artigo Fracturas descrevo as *fracturas do femnr;* e no artigo Deslocações, trato das deslocações ou luxações da coxa.

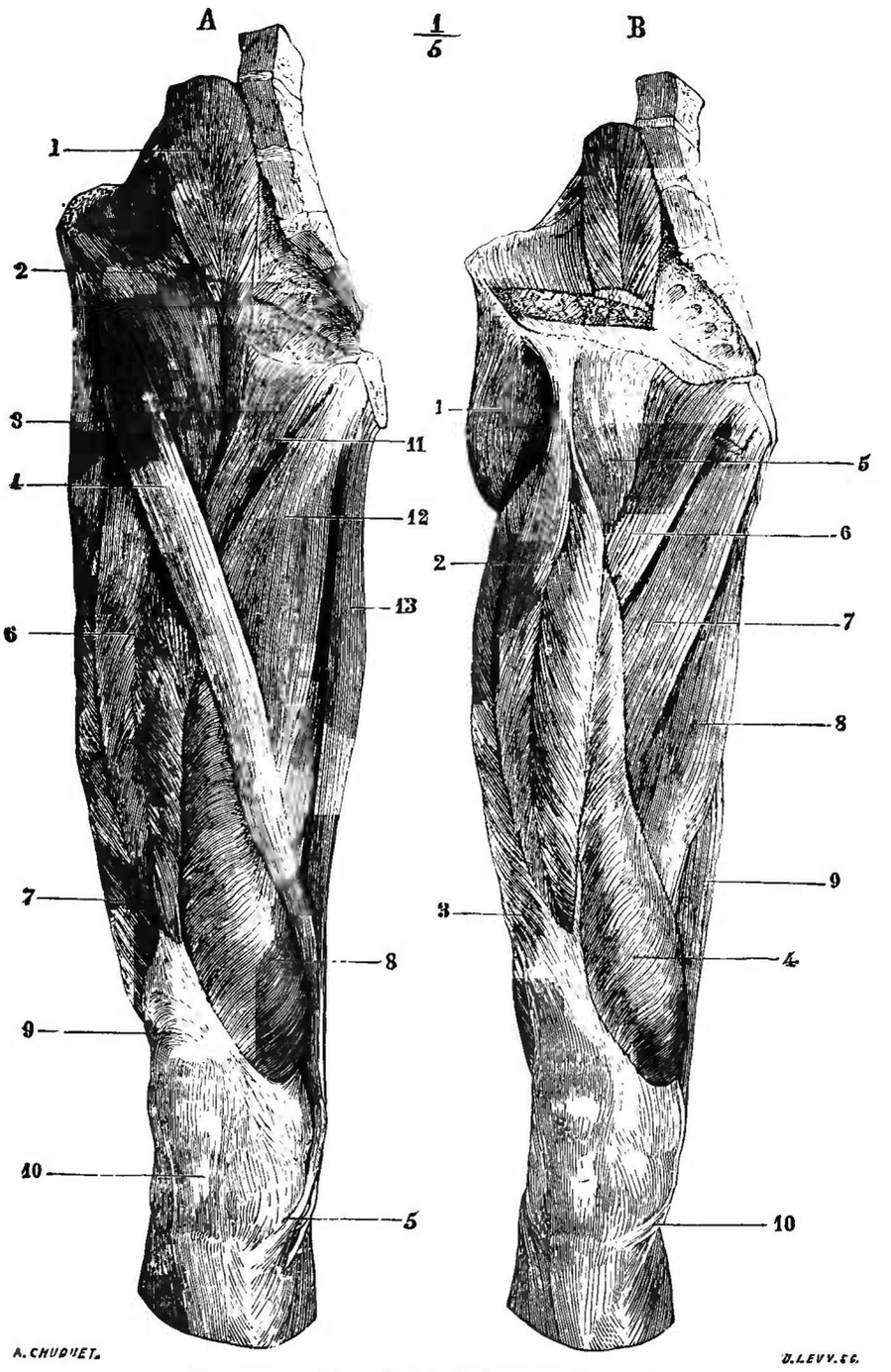


Fig. 247. — Musculos anteriores da coxa (*).

(*) Musculos anteriores da coxa. — A, camada superficial. — 1, psoas; 2, iliaco; 3, tensor do fascia lata; 4, sartorio; 5, seu tendão; 6, musculo direito anterior; 7, musculo vasto externo; 8, musculo vasto interno; 9, tendão do triceps; 10, tendão rotuliano; 11, musculo pectino; 12, musculo medio adductor; 13, musculo direito interno.

B. — Camada profunda. — 1, musculo medio nalgatorio; 2, musculo direito anterior; 3, musculo vasto externo; 4, musculo vasto interno; 5, capsulas articulares coxo-femoraes; 6, musculo pectino; 7, pequeno adductor; 9, musculo semi-membranoso; 10, tendão do musculo semi-tendinoso.

COXALGIA. (Do latim *coxa*, coxa, e do grego *algos*, dôr.) Dôr da coxa ou antes do quadril. Chama-se *coxalgia*, *dôr de quadril* ou *dôr de coxa*, a affecção complexa da articulação coxo-femoral; isto é, da articulação do osso da coxa (femur) com o osso coxal. A natureza d'esta molestia é a mesma que a dos *tumores brancos* das outras juntas. Esta molestia chama-se tambem *luxação espontanea* ou *consecutiva* do femur, porque a deslocação sobrevem ordinariamente sem causa externa, e em consequencia da molestia das superficies articulares. A coxalgia é o resultado de uma affecção geral, e mais ordinariamente das escrophulas; em muitos casos devida ás causas internas ou externas que produzem a inflammação, ás pancadas, ás quédas, etc. As crianças são affectadas d'esta molestia mais frequentemente que os adultos.

Principia ordinariamente por uma dôr na nadega, que se propaga até ao joelho. Esta dôr póde persistir mezes e até annos; durante este tempo a cabeça do osso da coxa, tendo inchado pela alteração do tecido osseo, não póde ser contida na sua cavidade; sahe d'ella em parte; a coxa acha-se d'esta maneira mais alongada, a nadega fica achatada e o doente coxca. Mais tarde a cabeça do femur acha-se inteiramente expulsa da sua cavidade articular, desloca-se subita ou lentamente e dirige-se quasi sempre para cima e para fóra; completando-se assim a deslocação espontanea, céssam as dôres, e a coxa, que se tinha alongado no principio, torna-se então mais curta. Ás vezes, a molestia do osso faz novos progressos, as dôres tornam a apparecer, e formam-se abcessos e trajectos fistulosos: comtudo o doente sára frequentemente; mas forma-se n'esse caso uma falsa articulação, ou uma ankylose, que o deixa necessariamente côxo para sempre.

Tratamento. No principio da molestia empregam-se os semicupios d'agua quente e cataplasmas de linhaça sobre a junta doente. Se a molestia está mais adiantada, applicam-se sobre a junta coxo-femoral pannos molhados em tintura de iodo. Eis-aqui a receita d'este medicamento:

Tintura de iodo..... 30 grammas.

Internamente o doente usará das pilulas de iodureto de ferro, uma pilula pela manhã, outra á noite, e por cima de cada pilula bebcrá uma chicara de infusão de lupulo, que se prepara com 4 grammas de lupulo, e uma chicara d'agua fervendo.

Eis-aqui a receita das pilulas de iodureto de ferro:

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard..... 60

Acabadas as pilulas, tomará oleo de figado de bacalháo de Bals, na dóse de 1 a 2 colheres *de sopa* por dia: ou as capsulas, 10 a 15 capsulas por dia, de olco de figado de bacalháo de Berthé; ou o vinho de Baudon, na dósc de 1 calice a cada refeição.

Os banhos aromaticos são muito uteis n'esta molestia. O doente tomará um banho aromatico geral por semana. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no vol. I, pag. 291.

Fará fricções na coxa com linimento de Rosen, ou com balsamo nerval, uma vez por dia; uma colher, das *de sopa*, para cada fricção; estes medicamentos acham-se nas pharmacias com as receitas seguintes :

1° Linimento de Rosen.....	30	grammas.
2° Balsamo nerval.....	90	—

O modo da preparação está indicado no meu Formulario 14ª edição pag. 549.

Uma boa alimentação, o uso de vinho, a habitação no campo, o bom ar, são outros tantos meios que auxiliam o emprego dos medicamentos.

Com o tratamento é preciso que o doente fique deitado, e que se immobilise a perna com um apparelho de gesso ou uma goteira de Bonnet (fig. 248). Tratada assim desde o começo, esta affecção pode ficar curada quasi completamente, sobretudo nas crianças. Infelizmente fica sempre certa rigidez articular, ankylose,

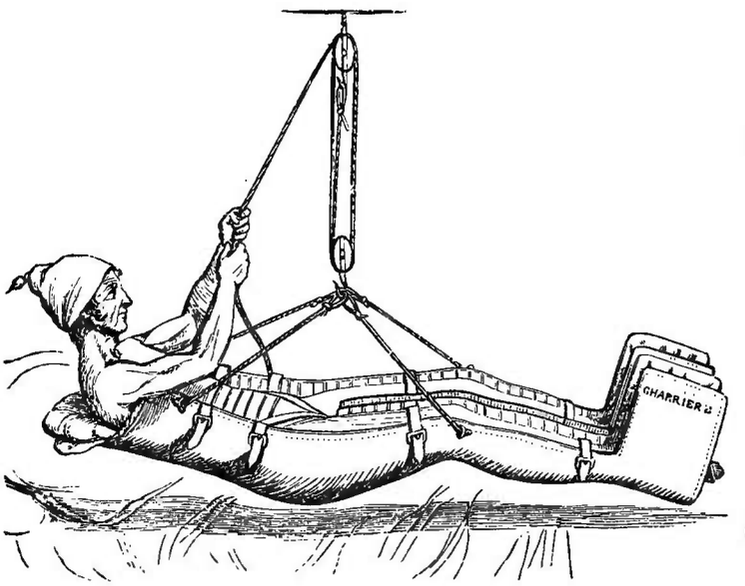


Fig. 248. — Apparelho ou goteira de Bonnet.

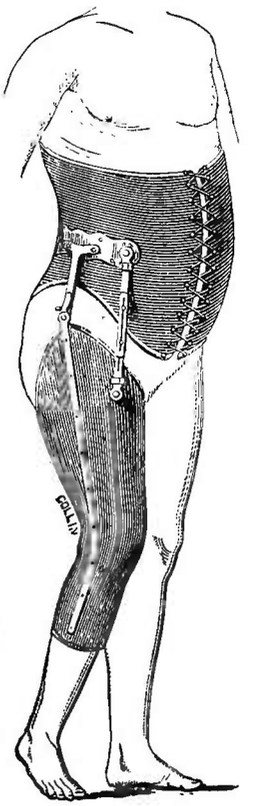


Fig. 249. — Apparelho de couro moldado, para a coxalgia.

atrophias musculares e dos ossos que transformam o doente em aleijado, ou coxo podendo-se todavia corrigir esses defeitos applicando-se diversos aparelhos entre os quaes o que melhores resultados tem dado é o apparelho de Verneuil, modelo de Collin, celebre fabricante de instrumentos de cirurgia, de Pariz.

Este apparelho, de couro moldado (fig. 249), compõe-se: 1° de uma, seroula acolchoada; 2° de tres talas de arame, uma horisontal contorneando a bacia, as duas outras verticaes, descendo ao comprido do lado externo da coxa e na parte anterior d'ella; 3° de um apparelho dextri-

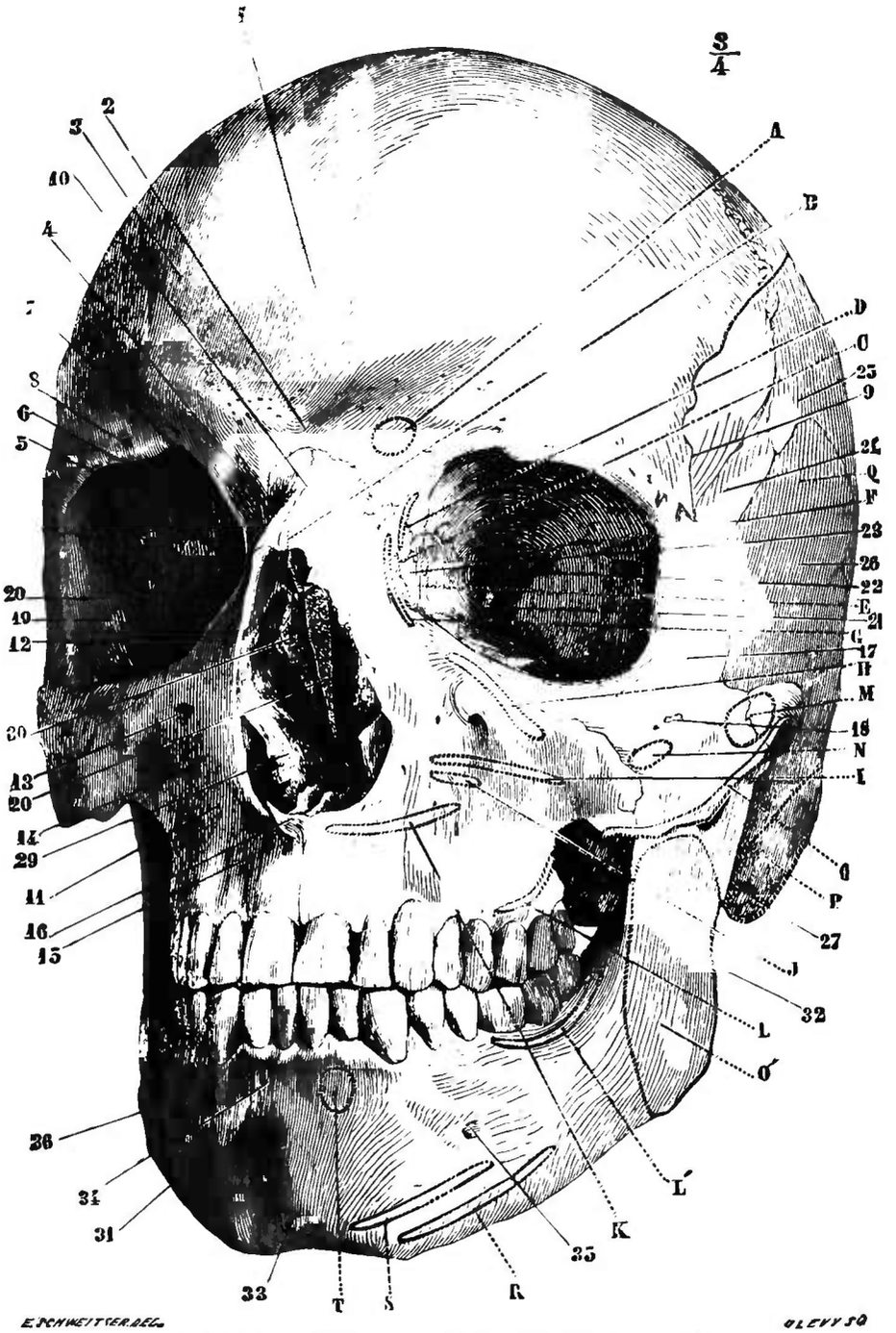


Fig. 250. — Face anterior do craneo e do rosto (*).

(*) Face anterior do craneo e do rosto. — 1, frontal; 2, base nasal; 3, proeminencia frontal; 4, arcada superciliaria; 5, face orbitaria do frontal; 6, arcada orbitaria; 7, chanfradura sobre-orbitaria; 8, abertura sobre-orbitaria accessoria; 9, crista temporal do osso frontal; 10, ossos nasaes; 11, osso maxillar superior; 12, sua apophyse; 13, abertura sub-orbitaria; 14, fossa canina; 15, cova incisiva; 16, espinha nasal anterior e inferior; 17, osso molar; 18, abertura molar; 19, face orbitaria do osso molar; 20, face orbitaria das grandes azas do esphenoide; 21, fendas phenoidoles; 22, abertura optica; 23, gotteira lagrimal; 24, face

nado cobrindo tudo. As atrophias musculares devem sempre ser tratadas com as applicações das correntes continuas.

COXEADURA, Coxo. *Veja-se* Claudicação.

COZIMENTO. Designa-se por este nome qualquer bebida preparada por decocção, e destinada ao doente. Chama-se tambem *decocto*, e pelo abuso das palavras se lhe tem dado o nome de *decocção,* palavra que não deveria designar senão a operação que consiste em fazer ferver uma substancia medicamentosa em qualquer liquido. As bebidas dos doentes que se preparam por infusão vão descriptas no artigo Infusão.

O vehiculo geralmente empregado para todas as decocções é a agua. Extrahe-se pela fervura muito maior numero de principios de que pela infusão. Prefere-se a primeira operação para as raizes, sementes, cascas e as substancias animaes, taes como frango, vitella, tartaruga; reservam-se as infusões para as materias odoriferas, como folhas de laranjeira, flores de sabugueiro, que perderiam o cheiro se fossem submettidas á fervura.

O tempo da ebullição varía segundo as substancias. Faz-se ferver a cevada e o arroz até que tenham rebentado e amollecido; fazem-sc ferver menos tempo os figos seccos, as passas, a raiz de alcaçuz; submette-se, pelo contrario, a uma ebullição prolongada a raiz de salsaparrilha, o páo guaiaco e a casca de quina.

Os cozimentos, conforme as substancias de que são compostos, são denominados peitoraes, tonicos, emollientes, sudorificos, etc. Não entrarei em outros pormenores relativamente á preparação dos cozimentos, vão indicados nos artigos consagrados a cada uma das substancias com que são formados.

Em muitos casos, os cozimentos devem ser tomados mornos; convem assim nas constipações, e em numerosas affecções do peito, desde o simples defluxo até ao pleuriz. Faz-se uso de cozimentos frios em certas affecções nervosas, certas febres acompanhadas de calor interior, nas perdas uterinas, nas hemorrhagias, etc.

CRANEO. É o casco, ou caixa ossea que contém e protege o cerebro. Compõe-se de oito ossos 4 impares, o *frontal,* o *occipital,* o *esphenoide* e o *ethmoide;* 2 pares, os *temporaes* e os *parietaes* (fig. 250, 251). Na infancia, estes ossos gozam de certa mobilidade, e são separados uns dos outros pelas membranas chamadas *molleiras.*

As fracturas do craneo vão descriptas no artigo Fracturas.

CRANEOLOGIA. *Veja-se* Phrenologia.

CRAVO (Molestia). *Veja-se* Fruncho.

temporal das grandes azas do esphenoide; 25, osso parietal; 26, concha do osso temporal: 27, apophyse mastoica; 28, lamina perpendicular do ethmoide; 29, corneto inferior; 30, corneto medio; 31, queixada inferior; 32, suas ramificações; 33, eminencia do queixo; 34, cova incisiva; 35, abertura do quixal; 36, linha maxillar externa. — Inserções musculares. A, osso superciliario; B, osso pyramidal; C, tendão direito do orbicular das palpebras; D, E, orbicular das palpebras; F, tendão reflexo do orbicular; G, erector superficial da aza do nariz e do labio superior; H, erecto profundo; I, canino; J, musculo transverso do nariz; K, myrtiforme; L, L' musculo buzinatorio; M, grande zygomatico; N, pequeno zigomatico; O, O' masseterio; P, esterno-mastoideo; Q, temporal; R, triangulario dos labios; S, quadrado do queixo; T, papilla do queixo.

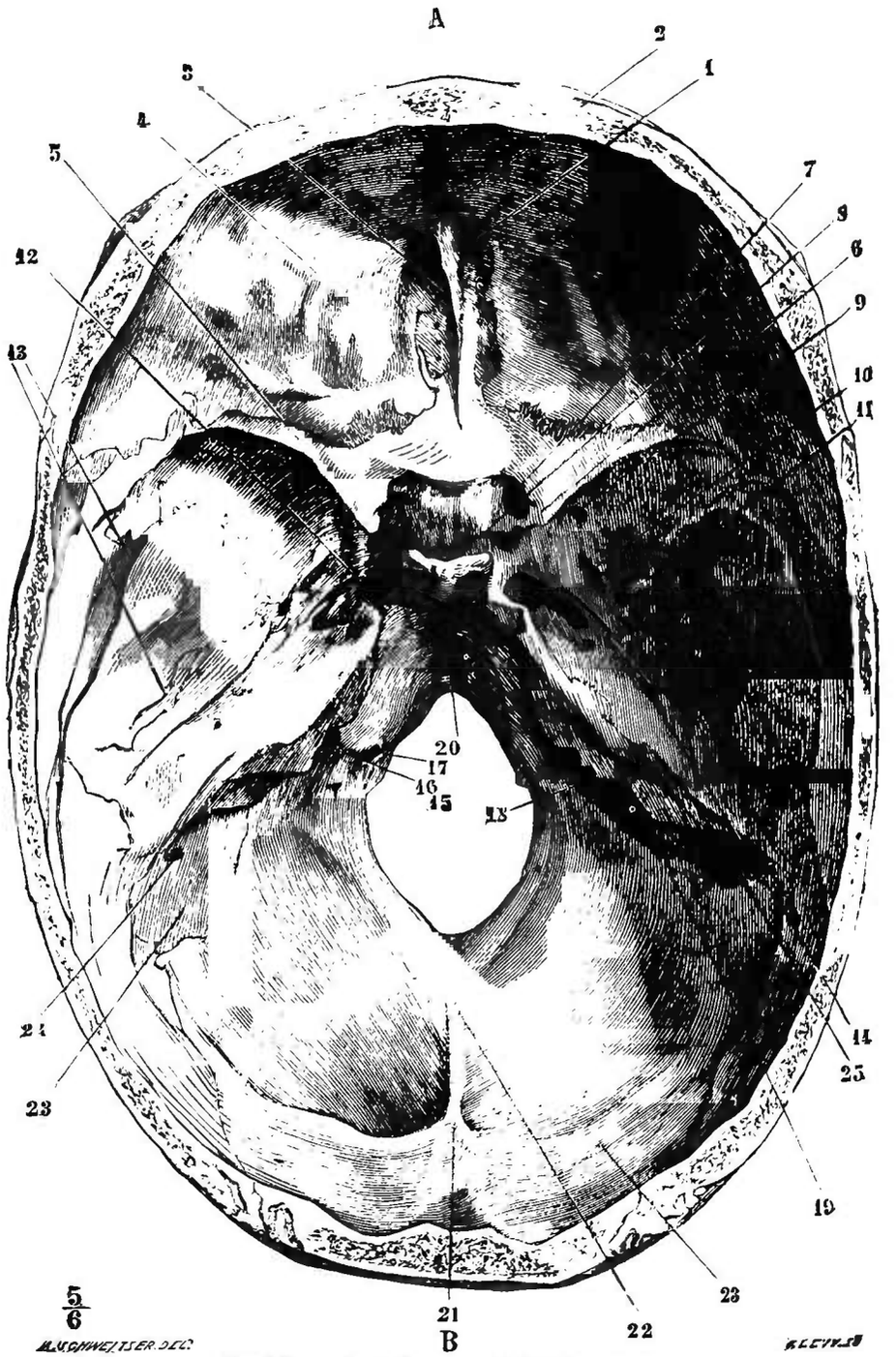


Fig. 251. — Base do craneo; face interna (*).

(*) Base do craneo, face interna. — A, parte anterior; B, parte posterior. — 1, apophyse crista-galli; 2, cova cega; 3, lamina crivada; 4, eminencias mammilares: 5, apophyses d'Ingrassias; 6, apophyses clinoides anteriores; 7, abertura optica; 8, apophyses do osso esphenoide; 9, abertura do grande circular; 10, abertura oval; 11, abertura do pequeno circular; 12, abertura rasgada anterior; 13, sulcos da arteria meningea media; 14, abertura de Falope; 15, abertura occipital; 16, abertura rasgada anterior; 17, abertura condyliana pos-

CRAVO BOUBATICO. *Veja-se* BOUBAS.

CRAVO (Planta). *Dianthus*. Genero da familia das Caryophylleas, typo da tribu das Diantheas, contém plantas herbaceas, vivazes pela maior parte, de folhas oppostas, lineares; caule de côr verde, articulado, mais ou menos ramoso, terminando por flores isoladas, ou em ramalhetes mais ou menos volumosos; calice tubulado de 5 dentes, cercado na base de muitas escamas imbricadas : 5 petalas, denteadas ou franzidas; capsula unilocular, oblonga, com muitas sementes.

O genero *cravo* encerra quasi 100 espccies, que se cultivam nos jardins :

1° **Cravo propriamente dito,** *Dianthus caryophyllus*, é a especie mais commum nos jardins. Todos conhecem a fórma elegante de suas flores, as bellas variedades de suas côres, e a fragrancia que exhalam. Entre as numerosas variedades d'esta especie, cita-se sobretudo o *Cravo vermelho,* o *Cravo branco puro;* o *branco salpicado* ou *jaspeado* de roseo, roxo, ou purpureo; o *amarello sanguineo*, todas as variedades da côr rosea, principiando pela côr de carne, e chegando por gradação á roxa purpurea. As bellas variedades de cravos tem, como as tulipas e os jacinthos, nomes pomposos : o *Jupiter,* o *Ajax,* o *Apollo,* o *Bastão real*, etc.

2° **Cravo soberbo,** *Dianthus superbus*, é assim chamado por causa do seu excellente perfume e da belleza da sua flor; o seu caule é ramificado no apice; as suas folhas lineares um tanto largas; as flores dispostas em ramalhetes, de côr rosea-pallida, ou inteiramente brancas; as petalas agradavelmentc recortada até ao meio da sua largura; 4 escamas na base do calice.

3° **Cravo mimoso,** *Dianthus moschatus* ou *plumarius*, distingue-se por uma infinidade de flores roseas, exhalando um cheiro delicioso : cultiva-se para bordaduras, e multiplica-se por lascas; é vivaz, mas convem renoval-o ou replantal-o cada 3 ou 4 annos, porque acaba por se desguarnecer no centro. Ha differentes variedades d'esta especie : o *branco*, o *roseo salpicado de purpureo*, etc.

4° **Cravo barbudo,** *Dianthus barbatus*, vulgarmente *Cravo de poeta*, *Ramalhete perfeito* e *Ciume;* não tem cheiro mas suas flores, reunidas em um feixe espesso, de um vermelho-escuro, ás vezes brancas ou salpicadas de vermelho produzem um effeito bonito.

5° **Cravo prolifero,** *Dianthus prolifer*, o maior de todos, e assim chamado por causa do grande numero das petalas que, não podendo frequentemente serem contidas no tubo do calice, fende-se esta para lhes dar passagem; sustem-se então a flor com uma carta, etc.

Os cravos multiplicam-se por sementes, por mergulhões e por estacas. Estão sujeitos á molestia *gancho :* é um nó que se forma sobre o talo dos mergulhões, e lhes produz o gancho.

Os confeiteiros fazem, com cravos, aguardente e assucar, um licor,

terior; 19, conducto auditivo interno; 20, gotteira basilar ; 21, protuberancia occipital interna 22, crista occipital interna; 23, gotteira da cavidade lateral; 24, abertura mastoidea; 25, gotteira pedregosa superior.

chamado *ratafia de cravo*. Os perfumistas extrahem a essencia da flor para fazerem perfumes. Na pharmacia, com os cravos vermelhos, agua e assucar, faz-se um xarope, que é cordial.

CRAVO DE DEFUNTO. *Tagetes glandulifera*, Schrank. Pequena planta, da familia das Compostas, commum no Rio de Janeiro, S. Paulo, e outras partes do Brazil. Caule de 30 a 40 centimetros, folhas pinnatifidas, compostas de foliolos lineares, denteados; flores de côr amarella-desmaiada; tem um cheiro forte e desagradavel, mas produz um bonito effeito. O Dr. Martius recommenda esta planta como estimulante e diaphoretica; e o oleo, que se extrahe d'ella, como vermifugo.

CRAVO DA INDIA (fig. 252). Dá-se este nome ao botão floral do craveiro, *Caryophyllus aromaticus*, Linneo, arbusto da familia das Myrtaceas, originario das Molucas, naturalizado na Ilha de França, Bourbon, Guiana e no Brazil, sobretudo nas provincias do Pará e da Bahia, onde a sua cultura vai augmentando de dia em dia, e póde contribuir para a riqueza nacional. Todas as partes do craveiro são aromaticas; mas as flores d'este arbusto são mais ricas em aroma do que os outros orgãos, sobretudo quando ainda não se acham inteiramente abertas; são conhecidas debaixo do nome de *cravos da India;* faz-se uso d'ellas n'um grande numero de preparações culinarias. Uma cebola, picada de 2 a 3 cravos, e mettida n'uma panella, dá bom gosto ao caldo. O cravo associado á canella serve tambem para aromatizar as fructas preparadas com aguardente.



Fig. 252. — Craveiro da India.

Os melhores cravos da India são pesados, de côr vermelha-escura; são guarnecidos de uma cabeça e deixam transudar, quando se quebram, o oleo volatil de que estão penetrados. O mesmo cheiro e o mesmo sabor, que distinguem os cravos, existem nas outras partes do craveiro, taes como a raiz, folhas e flores abertas. Os botões que escapam á colheita dão um fructo do tamanho de uma amendoa e de cheiro muito aromatico. Estes fructos servem para a reproducção do arbusto ou para a preparação dos doces. O *oleo volatil* particular que os chimicos extrahem do cravo da India é muito acre e caustico. Emprega-se não só como perfume, mas ainda para acalmar, por uma especie de cauterização, as dôres dos dentes cariados: deitam-se então algumas gottas sobre o algodão que se introduz na cavidade do dente cariado. O cravo reduzido a pó emprega-se na dóse de 40 a 60 centigrammas, misturado com assucar, como excitante e estomachico.

CRAVO DO MARANHÃO. *Veja-se* PÃO CRAVO.

CRAVO DA TERRA, produzido pelo craveiro da terra, *Calyptranthes aromatica,* Saint-Hilaire, arbusto da familia das Myrtaceas, que habita nos mattos virgens da provincia do Rio de Janeiro. Tem 2 metros 70 centimetros a 3 metros de altura; folhas de 33 a 48 centimetros de comprido, de 11 a 16 de largo, oblongas-ellipticas, inteiras; flores sesseis nos ramos, esverdeadas; floresce no mez de janeiro e feverciro. Augusto de Saint-Hilaire julga que elle deve tornar-se um ramo de commercio mui vantajoso. Como tempero e remedio, os botões das flores d'esta planta podem ser substituidos á especiaria das Molucas, e dar, pela distillação, um oleo essencial que não scria inferior ao que é extrahido do cravo da India. Estas flores podem ser administradas como estimulantes e sudorificas em infusão, na dóse dc 1 gramma para uma chicara d'agua quente.

Dá-se tambem o nome de *Craveiro da terra* á *Eugenia pseudo-caryophyllus*, D. C., arvore da familia das Myrtaccas, que habita nas mattas das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Tem folhas cllipticas, coriaceas, convexas; flores dispostas em paniculas terminaes alongadas. O fructo é uma baga de cheiro aromatico, que, segundo o Dr. Martius, póde substituir o cardamomo da India.

CRE. *Veja-se* GREDA.

CREMOR DE TARTARO. Tartrato acido dc potassa. Este sal existe formado nas uvas e nos tamarindos. O deposito que se forma nas paredes das vasilhas e das garrafas de vinho é composto de cremor de tartaro, de materia corante e de pequena quantidade de tartaro de cal. O cremor de tartaro que se emprega em medicina apresenta-se sob a fórma de pequenos crystaes brancos: tem um sabor acido mui pronunciado; é pouco soluvel na agua fria, porém dissolve-se mais facilmente na agua quente. Este sal é usado como purgante na dóse de 15 a 60 grammas. Toma-se n'um copo d'agua com assucar; não tem o gosto desagradavel dos outros purgantes.

CREOSTE. Substancia oleosa, transparente, amarellada, de cheiro forte, de sabor acre e caustico que se extrahe do alcatrão da faia. Distilla-se este alcatrão, rectificam-se os liquidos distillados, e os liquidos mais pesados que se obtem por este processo são constituidos pelo creosote.

Pouco soluvel em agua, se dissolve bem no alcool e no ether; clle mesmo dissolve as resinas e os corpos graxos. É um antiseptico e um antiputrido. É muito empregado no tratamento da tisica pulmonar. É mais nocivo do que util empregado contra a carie dos dentes. Em razão das suas propriedades causticas não deve ser receitado cm dóse maior de 15 centigrammas por dia.

Poção.

Creosote.....	4 gottas.	Agua de flores de laranjeira.....	30 gram.
Agua.....	100 gram.	Essencia de limão.....	3 gottas.

Vinho creosotado.

Creosote	5 grammas.
Alcool	12 —
Vinho de Malaga	1 litro.

Dóse : 2 a 3 colheres, das de chá, por dia.

Elixir.

Creosote	5 grammas.
Alcool a 85°	200 —
Xarope simples	500 —

Pode-se administrar o creosote puro, empregando as perolas de creosote do Dr. Clertan, que contêm cada uma cinco centigrammas de creosote em solução etherea, debaixo de um envolucro fino e transparente e de perfeita solubilidade. D'este modo pode-se dosar perfeitamente a quantidade de producto que deve tomar o doente, havendo certeza de se applicar um producto perfeitamente puro.

Emprega-se muito o creosote associado ao oleo de figado de bacalháo, este oleo servindo de dissolvente natural do creosote, porque o creosote sendo muito caustico raras vezes emprega-se puro.

O creosote n'estes casos emprega-se contra as affecções chronicas da larynge, dos bronchios e dos pulmões, principalmente nas bronchites chronicas e nos catarrhos.

Emprega-se'o sob a forma de Capsulas, vinho e oleo creosotado do D^{or} Fournier. Cada capsula contem cinco centigrammas de creosote; o vinho e o oleo contem por cada colher de sopa, 20 centigrammas.

A dóse das capsulas é de 4 capsulas no começo do jantar. Vai-se augmentado a pouco e pouco, até tomar 12 e 15 capsulas por dia, e mais se o medico achar que deve augmentar a dóse.

A dóse do vinho e do oleo é de uma colher, *de sopa*, antes do almoço e do jantar. Augmenta-se a dóse gradualmente até 4 e 5 colheres, por dia. O oleo toma-se puro, basta um gole d'agua para tirar o gosto da bocca. Quanto ao vinho, mistura-se o conteudo de uma colher de sopa em um copo d'agua com assucar.

Tambem se emprega o creosote sob a forma de oleo e capsulas creosotados de Berthé. O oleo toma-se na dóse de duas a tres colheres, *de sopa* por dia; as capsulas tomam-se na dóse de 10 a 12 por dia, ao almoço e ao jantar.

Glycerina creosotada de Catillon. Solução de creosote na glycerina. Aconselhada internamente na laryngite e bronchite. — D. 1 a 2 colheres *de sopa* por dia, dissolvidas n'um copo d'agua com assucar, que adquire um sabor d'agua de alcatrão ao qual o enfermo se acostuma facilmente. Cada colher *de sopa* ou 20 grammas contém 20 centigrammas de creosote de faia.

CRESCIMENTO. Entende-se por esta palavra o augmento da altura e do volume do corpo. O crescimento é tanto mais rapido, quanto mais joven é o individuo. Na idade de 3 a 4 annos a criança tem chegado

quasi á metade da altura que deve ter no fim do crescimento. A estatura humana offerece differenças conforme os climas : no Rio de Janeiro, a criança que nasce tem 50 centimetros de comprimento, pouco mais ou menos; o homem chega a ter 1 metro 65 centimetros e mais.

O crescimento não segue sempre as regras constantemente progressivas; isto é, o corpo não augmenta na proporção sempre constante para um espaço de tempo determinado; assim observam-se n'um grande numero de pessoas variações grandes, e quasi sempre inesperadas ; tal criança, que cresceo com rapidez nos primeiros annos, vê depois esse progresso interrompido ou demorado, por mais ou menos tempo, proseguindo depois, com força e energia ou continuando sempre no mesmo estado de fraqueza, até á época em que cessa esta funcção. Aos 18 ou 20 annos, cessa o crescimento em altura ; para alguns individuos termina mais cedo, raras vezes se prolonga mais tempo.

O Dr. Hamberger publicou uma tabella em que estabelece a proporção do crescimento para os diversos periodos da mocidade, *de uma maneira geral.* Observou que, de dezoito mezes a quatro annos e meio. a criança cresce um pouco mais de 11 centimetros por anno; que, de quatro annos e meio a treze annos, o crescimento é de 40 millimetros, termo médio, n'um anno ; que, de treze a dezoito annos, esta quantidade é só de 16 millimetros.

Quando o crescimento é rapido, manifesta-se frequentemente nas crianças um estado passageiro de molestia, caracterizado por febre e dôres articulares : o repouso na cama é o unico meio que se deve empregar para combater este incommodo, que é melhor abandonar a si proprio, se não se complicar com symptomas mais graves. Muitas molestias da infancia attribuem-se ao crescimento, e logo que a criança tem febre, decidem muitas pessoas que é porque está crescendo : ha certamente exageração relativamente a este motivo em muitos casos, e sobretudo quando se attribuem ao crescimento as inchações das glandulas que se observam no pescoço, nas virilhas, nos sobacos, e que procedem da fraqueza da constituição, que se deve combater com banhos frios, exercicio, vinho e medicamentos tonicos.

A rapidez do crescimento predispõe ás vezes ao desvio do espinhaço e á tisica : cumpre combater estas molestias logo que apparecem os seus primeiros symptomas; o tratamento consiste em gymnastica, passeios a cavallo, nadar e outros exercicios ao ar livre; regimen composto principalmente de carne, vinho, preparações de ferro, infusão de raiz de chicoria.

CRESTADO DO SOL. Para o rosto crestado do sol convem lavatorios d'agua de arroz, d'agua fria simples ou misturada com um pouco d'aguardente camphorada, ou d'agua de Colonia. Com estes meios simples, a côr parda-escura, proveniente da queimadura pelo sol, desapparece em poucos dias.

CRIANÇA (Hygiene da). *Veja-se* o artigo Meninos.

Crianças recem-nascidas. Os cuidados que exigem vão indicados no artigo Parto.

Criança que nasce tapada. *Veja-se* Anus (Imperforação do).

Crianças que ourinam na cama. *V.* Incontinencia da ourina.

CRISE. Mudança que sobrevem no curso de uma molestia, e se annnncia por alguns phenomenos particulares, como uma evacuação abundante, suores, sedimento nas ourinas, alguma hemorrhagia, etc. É *salutar* ou *fatal* segundo o resultado.

CRISTA DE GALLO. *Tiaridium elongatum.* Lehm. Borragineas (fig. 253). Planta do Brazil; em Pernambuco dão-lhe o nome de *fedegoso.* Caules cylindricos, cobertos de pellos asperos; folhas quasi rhombridaes, enrugadas; flores tubulosas de côr de violeta; o frueto é uma especie de noz. Esta planta emprega-se nas molestias das vias repiratorias, na bronchíte, coqueluche, asthma.

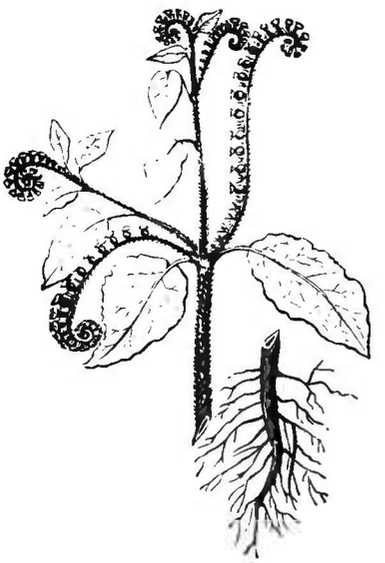


Fig. 253. — Crista de gallo.

Internamente. Infusão. Folhas, 10 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo. Infunda pour meia hora e côe.

CRITICA (Idade). *Veja-se* Menstruação e Idade.

CROCODILO. Genero de Reptis, da ordem dos Saurios, assaz semelhentes aos lagartos pelas suas fórmas geraes, mas que, vivendo habitualmente na agua, tem os pés de detraz empalmados, a cauda achatada e propria para o nado. Tem a cabeça alongada, em fórma de pyramide deprimida; o focinho rugoso e desigual; o pescoço bastante marcado; a guela fendida muito além das orelhas; das duas queixadas só a inferior é movel; os dentes conformados e dispostos de tal maneira que podem lacerar a preza sem mastigal-a; os olhos aproximados um do outro, collocados na parte anterior do craneo e guarnecidos de uma membrana movediça; cinco dedos nos pés anteriores, guarnecidos de unhas curvas, quatro nos pés posteriores. O corpo é coberto com chapas osseas, pyramidaes, juxtapostas, revestidas de epiderme escamosa bastante espessa, e formando pela sua reunião uma especie de couraça que resiste nas grandes especies ás balas de espingarda; nas costas estas chapas levantam-se em arestas longitudinaes mais ou menos salientes, e a cauda apresenta duas cristas denteadas em fórma de serra que se reunem em uma só na ponta. A pelle é de côr amarella-esverdeada. Os crocodilos habitam as regiões quentes do antigo e do novo continente: vivem nos grandes rios, nos grandes lagos, e ás vezes á margem do mar. São oviparos; ao sahirem do ovo não tem senão 20 centimetros, mas alguns attingem um desenvolvimento de mais de 10 metros. Estes animaes são essencialmente carnivores e mui vorazes: destroem muito peixe, e até ataeam o homem.

O naturalista Cuvier dividio os Crocodilos em tres sub-generos: *Crocodilo propriamente dito, jacaré* ou *caimão*, e *gavial.*

1° **Crocodilo propriamente dito** (fig. 254). Tem a cabeça oblonga e duas vezes mais comprida do que larga; attinge as maiores dimensões. Estes crocodilos habitam principalmente as regiões superiores do Nilo, em cujas cannas se põem á espreita para apanhar a preza que consiste em peixes, aves aquaticas, cães, etc., arrastam a preza para dentro d'agua para afogal-a, e depois tiram-n'a d'ella para a devorar. *Vivem na agua e na terra,* mas são menos temiveis na terra do que na agua, por causa da pouca agilidade de seus movimentos. Os

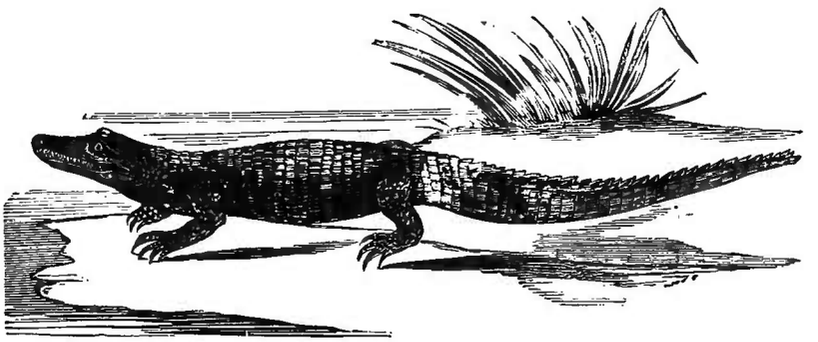


Fig. 254. — Crocodilo.

seus membros são curtos e mais proprios para nadar do que andar. Estes animaes mudam difficilmente de direcção, e é mui facil evital-os andando á roda.

Os crocodilos são oviparos, como já deixei dito, e os seus ovos do tamanho dos de uma perua, e maiores, conforme a especie, tem a casca resistente, A femea os põe sobre a areia, cobre-os com folhas; mas não os choca, vigiando só sobre elles e defendendo-os com coragem. Os pequenos, logo que sahem da casca, deitam-se á agua, onde muitos são devorados pelos peixes vorazes. O grito dos crocodilos foi comparado ao vagido de uma criança.

2° **Jacaré.** Este sub-genero contém muitas especies que habitam os grandes rios da America meridional.

Os jacarés são mais pequenos do que os crocodilos propriamente ditos; mas alguns ha que attingem 4 e mesmo 6 metros de comprimento. O seu focinho é largo e obtuso; elle é oblongo e deprimido no crocodilo, delgado e muito alongado no gavial. Os jacarés tem os pés meio empalmados e sem dentilhões; os dentes desiguaes na queixada inferior. A côr d'estes animaes é roxa-esverdeada na parte superior, com listras transversaes irregulares na parte inferior. Os jacarés andam muito depressa em linha recta, não se voltam senão com difficuldade, mas nadam com a rapidez de uma frecha. Matam-n'os a tiros de espingarda. Algumas pessoas comem-lhes a carne, apezar do cheiro de almiscar que lhe é proprio; a banha é empregada em fricções contra as dôres rheumaticas; usa-se tambem para luzes, calafeto, e na confecção das argamassas betuminosas; a pelle cortida dá um couro assaz bom. Os naturalistas contam 5 especies de jacarés : 1ª *Jacaré de oculos* (*Crocodilus sclerops,*

Schn.), assim chamado por causa de uma sorte de aresta transversal que reune as margens das orbitas: é a especie mais commum no Brazil. 2ª *Jacaré de focinho de lucio* (*Crocodilus lucius,* Cuvier), assim chamado pela fórma de seu focinho, que é semelhante ao do peixe lucio; distingue-se tambem por quatro chapas principaes sobre a nuca. 3ª *Jacaré de palpebras osseas* (*Crocodilus palpebrosus*, Cuvier). 4ª *Jacaré de pontos negros.* 5ª *Jacaré cynocephalo.*

3° **Gavial.** Sub-genero de Crocodilos, caracterizado pelo focinho estreito e alongado. Acha-se na Asia meridional. O *gavial de Ganges* (*Crocodilus longirostris*), typo d'este genero, attinge de 5 a 6 metros de comprimento, e vive mais particularmente no rio Ganges. O *pequeno gavial* (*Crocodilus tenuirostris*), que habita o mesmo rio, parece não ser senão uma variedade do primeiro.

CROSTA LACTEA. *Veja-se* OZAGRE.

CROSTAS DA PELLE. Dá-se o nome de crostas a pequenas laminas formadas pela coagulação de pus ou de serosidade que sahe das ulcerações ou das pustulas; taes são as crostas das bexigas, da vaccina, da tinha, do cobreiro, dos diversos dartros, as que se formam sobre as feridas, etc.

CROTON TIGLIUM. *Veja-se* OLEO DE CROTON TIGLIUM.

CRUP OU GARROTILHO. Assim se designa uma especie de inflammação da garganta, caracterizada pela tendencia á formação de uma membrana, nas vias aereas, ou pela formação real d'esta membrana, que obstrue a passagem do ar e póde occasionar a suffocação.

Causas. O frio humido é a causa mais frequente do garrotilho; assim, esta molestia é mais commum nos paizes septentrionaes, e principalmente nos climas frios e humidos, do que nos seccos e quentes. Reina ás vezes epidemicamente; isto é, ataca grande numero de individuos ao mesmo tempo. Desenvolve-se com particularidade nas crianças; affecta, entretanto, os adultos, mas raras vezes.

O crup é contagioso; cumpre, pois, evitar cuidadosamente que se approximem do doente outras crianças da mesma familia. O doente deve estar só, e collocado em logar onde o ar possa renovar-se facilmente.

Symptomas. O crup começa pela mesma fórma que um simples defluxo. Ao principio a tosse é leve, bastante secca, um pouco rouca ou aguda; o doente queixa-se ás vezes de uma pequena dôr na parte anterior do pescoço, o qual, em certos casos incha. É preciso então examinar a bocca. Se se achar a garganta vermelha, as amygdalas augmentadas de volume e cobertas de pequenas chapas esbranquiçadas; se, ao mesmo tempo, as glandulas do pescoço estão inchadas e dolorosas. deve-se temer a invasão do crup. Este estado póde durar um ou mais dias: os doentes, e principalmente as crianças, conservam toda a alegria; emfim, a molestia confirma-se, e eis-aqui os symptomas que se apresentam: A criança é assaltada, ordinariamente durante a noite, por uma tosse convulsiva acompanhada de um ronquido particular, semelhante ao latido de um cachorrinho, ao grito do gallo novo, ou ao cacarejo da gallinha. Cada inspiração é sibilante ou mui sonora, a expiração curta

e difficil; ás vezes ouve-se um frémito que parece ser produzido por mucosidades agitadas pelo ar; o pescoço torna-se doloroso e inchado; o rosto fica pallido, mas córa com os accessos da mão ao pescoço, como para arrancar o obstaculo que se oppõe á passagem do ar: é ameaçado de suffocação, sobretudo durante os abalos da tosse: vomita ás vezes. Se lançar por effeito da tosse ou pelos esforços dos vomitos, muitas mucosidades ou pedaços da membrana ou a membrana inteira, todos os symptomas diminuem, até ao ponto de fazerem crer na cura; mas este socego, depois de durar algumas horas, e ás vezes um e dois dias, é seguido de novo accesso, ordinariamente, mais intenso do que o precedente. Quando a molestia tem chegado ao seu mais alto gráo, a respiração é accelerada, o pulso fraco, frequente, irregular; a suffocação parece imminente, a anxiedade é extrema, um suor frio e viscoso cobre a cabeça e o peito, e o pequeno doente succumbe em uma postração extrema ou em um verdadeiro estado de asphyxia.

Prognostico. O crup é uma molestia grave e muitas vezes mortal. Produz, ás vezes, a morte em vinte e quatro horas. O prognostico é tanto menos favoravel quanto mais moço é o individuo, e quanto maior é a difficuldade da respiração. Póde-se formar uma conjectura favoravel, quando ha interrupção nos symptomas, e quando o doente lança com facilidade mucosidades e concreções membraniformes. Existe uma fórma, a mais grave de todas, na qual aos symptomas de asphyxia se ajuntam os signaes de infecção da economia toda; esta fórma é caracterizada pela prostração das forças, e pela alteração profunda do rosto.

Tratamento. O tartaro emetico é o primeiro medicamento que se deve administrar no crup. É o unico meio de fazer as crianças expectatorem; destaca as falsas membranas, e actua de modo favoravel contra a molestia. Procede-se pela maneira seguinte: Dissolve-se 5 centigrammas de tartaro emetico em 90 grammas d'agua fria, e dá-se ao pequeno doente uma colher *de chá* d'esta dissolução de meia em meia hora, até provocar vomitos. Não se lhe deve dar a beber agua morna para provocar ou favorecer os vomitos. Suspende-se o medicamento ao terceiro vomito; e torna-se a administral-o tres ou quatro horas mais tarde no mesmo dia, ou no dia seguinte, até se acabar a poção. Se o tartaro emetico provocar muitas evacuações alvinas, o que acontece ás vezes, cumpre tambem suspender o medicamento por algumas horas.

Para acalmar a sêde, dá-se ao doente a infusão de flores de malvas, fria, adoçada com assucar; póde-se tambem dar agua fria pura ou com assucar e agua de flores de laranjeira.

Ao mesmo tempo é necessario dirigir uma acção local sobre a garganta para atalhar o desenvolvimento das falsas membranas na larynge. Para isso, tocar-se-ha a garganta com sumo de limão azedo, molhando um pincel ou uma pequena esponja n'este sumo, e introduzindo-a no fundo da garganta. Com o mesmo fim, assopra-se para as fauces, por meio de um canudo de papel, pedrahume reduzida a pó; e como é da maior importancia que ella chegue a grande profundidade, escolhe-se o momento em que a criança grita, para então fazer a insufflação. Esta insufflação

repete-se duas a tres vezes por dia, e para cada operação, emprega-se meia colher *de chá* de pó de pedrahume.

Tem dado muito bons resultados a emprego da Solução concentrada de Papaina, Trouette-Perret, contra esta molestia.

Emprega-se esta solução molhando n'ella um pincel como qual se esfrega depois de meia em meia hora o fundo da garganta em todos os logares onde haja pontos brancos, que são as falsas membranas.

Por este meio as falsas membranas do crup não tardam a se desagregar, a se dissolver e a se aniquilar.

Empregando-se este medicamento logo no começo da molestia pode-se ter certeza de salvar o doente.

Lavagens de garganta, com agua phenica, por meio de esponja são tambem uteis.

Depois do vomitorio administra-se internamente o vinho de quina, na dóse de uma a duas colheres *de chá*, duas vezes por dia.

No decurso do dia, dêm-se no mesmo dia, duas colheres *de chá*, de hora em hora; da poção seguinte :

Agua fria.....	90 grammas.
Solução de perchlorureto de ferro a 30°.....	30 gottas.

Quando tudo que foi empregado não teve bom exito, e quando os progressos crescentes da asphyxia fazem temer a morte proxima, é preciso praticar uma via artificial ao ar por meio da tracheotomia. Esta operação consiste em fazer uma incisão com bisturí na parte anterior e média do pescoço. Todavia, para tirar d'esta operação todas as vantagens que se esperam, não convem pratical-a mui tarde, isto é quando a asphyxia está mui adiantada, e quando os individuos estão insensiveis e no estado semi-comatoso. Para justificar a operação, basta, depois de empregados inutilmente os meios medicos que se julgam os mais efficazes, vêr os accessos tornarem-se cada vez mais frequentes, os labios ficarem azulados, signaes certos de asphyxia imminente. Importa, porém, dizer, que se não existe nenhuma das contra-indicações abaixo mencionadas, nunca é tarde para operar; foram d'este modo salvados muitas crianças que estavam sobre o ponto de expirar. A operação é inutil, quando existem signaes de envenenamento profundo, caracterizado pela depressão das forças, frequencia extrema do pulso, alteração grande do rosto, e a apparição de chapas membranosas no interior das faces, do nariz e nos labios.

Depois da tracheotomia a respiração restabelece-se, e os accessos de suffocação desapparecem, pelo menos provisoriamente. As crianças reanimam-se; algumas voltam a seus brinquedos, e parecem gozar de um bem estar inesperado. Infelizmente esta posição não persiste sempre de maneira definitiva; os accessos de asphyxia reapparecem, e a morte é a sua consequencia. Pela operação salva-se uma criança sobre quatro ou cinco.

Crup falso. *Veja-se* LARYNGITE ESTRIDULA.

CRYSTALLINO. *Veja-se* OLHO.

CUAMBÚ. *Veja-se* PICÃO.

CUARURÚ-GUAÇÚ, CUARURÚ DE POMBA. *Veja-se* TINTUREIRA VULGAR.

CUBATÃO. Brazil; provincia de Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes. 36° a 45°.

CUBEBAS. Fructos da cubebeira, *Piper cubeba* Linneo, arbusto da familia das Piperaceas, que habita nas regiões quentes do antigo continente, e principalmente no Malabar e na Sumatra (fig. 255). Estes fructos, semelhantes á pimenta da India, só com a differença de serem um pouco mais grossos e terem pedicello, são empregados em medicina contra as gonorrheas e flores brancas. Tomam-se reduzidos a pó, na dóse de 4 a 8 grammas tres vezes por dia, misturados com xarope de gomma, mel de abelhas ou agua. A infusão de cúbebas, que se prepara com 15 grammas de cúbebas e 180 grammas d'agua quente, administra-se tambem em clysteres nos mesmos casos.



Fig. 255. — Cubebeira.

CUCOS. *Veja-se* TORRES-VEDRAS.

CUITÈ-AÇÚ. *Veja-se* PACOVA.

CUJUMARY. *Aidendron cujumari,* Nees. Laurineas. Arvore do Brazil; habita especialmente no Pará e Amazonas. Folhas oblongas, acuminadas em ambas as extremidades; o fructo é uma baga carnosa, oval, immersa até ao meio em uma cupula coriacea, coberta de verrugas; sementes aromaticas. Os cotyledones das sementes, reduzidos a pó, misturados com vinho, usam-se nas digestões laboriosas.

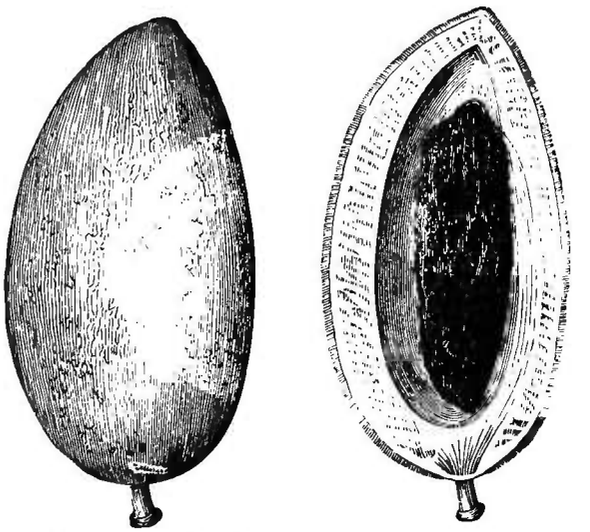


Fig. 256. — Fructo do cumarú (fava tonca).

CUMARÚ. *Coumarouna odorata*, Aublet. Leguminosas geofreas. Arvore do Brazil, que habita nas margens do rio Amazonas. Arvore de 20 a 27 metros de altura, de 1 metro de diametro; folhas pennadas, compostos de foliolos alternos; flores papilionaceas terminaes, dispostas em racimos. O fructo inteiro (fig. 256), tem a fórma de uma grossa amendoa coberta de seu envoltorio. O endo-

carpo meio-lenhoso contém uma semente achatada, de 27 a 45 millimetros de comprimento, composta de um envoltorio delgado, luzente, de côr roxa-anegrada, fortemente enrugado, e de uma amendoa com dois lobos, de apparencia unctuosa. Na extremidade, entre os dois lobos, existe um germen volumoso. A amendoa tem um saboṙ doce, agradavel, oleaginoso, aromatico; serve principalmente para aromatizar o rapé, quer misturando-a em pó com o rapé, quer mettendo-a inteira na caixa ou na vasilha que o contém: é conhecida pelo nome de *fava tonca*. Os naturaes fazem com estas amendoas collares aromaticos, e tambem as mettem na roupa para a preservar dos insectos. Estas sementes maceradas no alcool, formam uma tintura que se usa na dóse de 4 grammas como cordial e tonica. Extrahe-se tambem d'ellas um oleo essencial usado na perfumaria. O lenho do tronco da arvore é muito duro, de côr amarella roxa, com fibras de grande finura; emprega-se nas construcções e obras de marcaneria.

CUNDURANGO. *Gonolubus cundurango*. Triana. Asclepiadeas. Arbusto que habita na America, nos arredores da cidade de Loxa, na Republica do Equador. A infusão da casca d'este arbusto, tomada internamente, foi gabada contra o cancro, mas as observações feitas por medicos não confirmáram estas propriedades. Hoje sem uso.

CUPIM. Gencro de insectos da ordem dos Nevropteros planipennos, mui pcquenos e mui destruidores, que vivem, como as formigas, em sociedades innumeraveis. Tem o talhe da formiga, mas differem d'ellas; entretanto na lingua franceza chamam-se vulgarmente *formigas brancas*. O cupim é originario da India, mas os navegantes o tem transportado para todas as partes do mundo. Acha-se na Africa, no Brazil, e mesmo na França em Rochefort, cidade maritima aonde foi importado das Antilhas. O grande naturalista Linneo considera-o como o maior flagello das duas Indias. Com a terra e diversos materiaes estes insectos constroem casas immensas, divididas em compartimentos de diversas dimensões, para as differentes especies de individuos, com galerias que fazem communicar todas as partes da habitação.

Nunca trabalham ao ar. Uns establecem a morada dentro da terra, nos troncos velhos, ou á roda dos ramos das arvores, outros no madeiramento das habitações; se elles fazem casas exteriores, são estas sempre tapadas de todos os lados e sem sahida apparente. Estas moradas são ás vezes muito altas, tendo a fórma de pyramides ou de cylindros cobertos com um telhado solido. Estes monticulos, ordinariamente reunidos em grande numero, tem frequentemente dimensões taes, que de longe parecem ser habitações de homens.

Nos jardins as plantas e as mais vigorosas arvores são frequentemente atacadas nas suas raizes pelo cupim. As estacas dos cercados e os espeques que sustentam os arbustos são rapidamente devorados na base e roídos até acima do chão.

Todas as vezes que estes insectos precisam transportam-se a uma distancia mais ou menos consideravel de sua casa, construem, com os materiaes que roem, um tubo ou uma galeria que os esconde á vista. As casas de uma especie africana, designada por um viajante inglez, Hen-

rique Smeathman, debaixo do nome de *cupim bellicoso*, não tem menos de 1 metro de elevação; casas ha que tem 2 metros de altura. E são de fórma cónica, tendo nos lados pequenas torres igualmente cónicas. Estas habitações, construidas com uma especie de terra argilosa, cobrem-se de herva em pouco tempo. A sua dureza é tal, que animaes podem andar por cima d'ellas sem as abalar, bem que sejam excavadas no interior.

Edificios tem sido minados até os aliceres pelo cupim. Traves, pavimentos inteiros tem cahido, e o que ha de mais terrivel é que os estragos que estes insectos fazem nunca se conhecem no exterior. Poupam sempre a superficie, cavando o interior e sulcando-o de galerias em todas as direcções. Uma peça de páo vem assim romper-se, sem que por fóra nada tenha annunciado a presença d'estes destruidores insectos; a superficie externa, e a pintura de que podia ter sido coberta, ficá perfeitamente intacta. A roupa guardada nos armarios fica furada de parte a parte; e por isso nas casas em que o cupim existe, é preciso guardal-a em caixas de folha de Flandres.

Como a maior parte dos insectos, o cupim sahe de um ovo, e antes de adquirir a fórma definitiva, experimenta metamorphoses: torna-se primeiro *larva*, depois *nympha*, e finalmente *insecto perfeito*.

N'estas especies de populações, que se compõem sempre de muitos milhões de individuos, distinguem-se, como entre as formigas e abelhas, *neutros* a que os naturalistas chamam *soldados*, *machos* e uma *femea* ou *rainha*. Ha tambem *larvas* e *nymphas* que, em vez de esperarem n'um a ociosidade completa o tempo marcado para suas metamorphoses, fazem todos os trabalhos. São ellas que levantam os edificios, cavam as galerias, amontoam as provisões, tratam da mãi commum, recebem e cuidam dos ovos.

O *macho* tem o corpo alongado, comprimido, ordinariamente de côr branca-amarellada. A cabeça é quasi arredondada, com a bocca saliente e quasi vertical. As antennas tem o aspecto sedoso, e são compostas de vinte articulos, pouco mais ou menes. Os olhos são lateraes, globosos, salientes; tem, além d'isto, tres olhos lisos, dispostos em triangulo, um para diante e dois separados entre si, mas approximados cada um do olho propriamente dito. As mandibulas são pontudas; e os palpos, em numero de quatro, são todos da mesma grossura em toda a sua extensão. O corselete é formado de uma peça anterior ou protothorax que sustenta as duas patas anteriores. A segunda peça do corselete, ou o metathorax, traz as duas primeiras azas e as patas médias; e a terceira, o ultimo par de patas e as azas inferiores. As azas tem tres vezes mais comprimento do que o abdomen que cobrem e por cima do qual formam uma especie de telhado chato, e quando estendidas tem a fórma oval alongada. Estas azas parecem ser mui pouco adherentes, e, como em algumas formigas, despregam-se facilmente; pretende-se mesmo que no perigo o insecto desembaraça-se d'ellas, afim de poder fugir mais facilmente. O abdomen acha-se applicado contra o corselete: é arredondado na ponta.

As mais das vezes a *femea* não tem azas; depois de fecundada, adquire um volume enorme, 1500 a 2000 vezes maior do que era. Na época da postura põe ovos sem interrupção com tal rapidez, que suppõe-se que

produz um por cada segundo. Pretende-se que certas femeas podem produzir mais de 80,000 ovos em 24 horas. A femea, a que chamam tambem *rainha*, occupa ordinariamente um quarto que existe no centro da habitação; e á roda d'ella acham-se distribuidas com ordem as cellulas que contém os ovos e as provisões.

Os *neutros* são inteiramente differentes dos machos e das femeas. A sua cabeça é grande, e muitas vezes maior do que o resto do corpo; acha-se armada de duas mandibulas. São elles que os naturalistas chamáram *soldados*, porque estando melhor armados do que os outros, protegem e defendem a povoação inteira.

As *larvas*, que foram chamadas *trabalhadores*, nunca tem azas, nem rudimentos d'ellas. O seu numero é prodigioso. Em certas casas, acha-se a proporção de 100 larvas contra um insecto neutro. Em algumas raças não attingem senão algumas linhas de comprimento, e 25 individuos pesam apenas 5 centigrammas, entretanto que os neutros tem 12 a 16 millimetros de comprimento. A cabeça é pequena, arredondada, vertical, e as mandibulas são curtas.

Emfim as *nymphas* não differem das larvas senão pelos rudimentos de azas.

Ha diversas especies de cupim, maiores e menores; uns d'estes insectos são branco-amarellados, outros avermelhados ou anegrados. A maior especie foi chamada pelos naturalistas *cupim bellicoso* (*termes bellicosus*); ás outras especie foi dado o nome de *cupim mordaz* (*termes mordax*); *cupim atroz* (*termes atrox*); *cupim destruidor* (*termes destructor*); e *cupim das arvores* (*termes arvorum*).

A melhor descripção que existe d'estes insectos foi feita pelo naturalista Henrique Smeathman, que os observou na costa da Guiné, e que publicou sobre elles uma memoria em lingua ingleza em 1781. Esta memoria foi traduzida em francez; acha-se impressa no fim da obra intitulada *Voyage de Sparmann au Cap de Bonne Espérance*, 1786.

Os monticulos que contém o *cupim bellicoso* approximam-se da fórma de um pão de assucar. Cada um d'estes edificios é composto de duas partes distinctas, uma exterior, outra interior. O exterior tem a fórma de um zimborio, é bastante vasto e assaz forte para proteger o interior contra as vicissitudes do ar, e para defender os habitantes contra os ataques de seus inimigos. É por conseguinte mais solido do que o interior, que é a parte habitavel, dividida em grande numero de aposentos, que são o domicilio do rei e da rainha, e de sua numerosa familia, e onde se acham os armazens, sempre cheios de provisões.

O rei depois de perder as azas não muda mais de fórma; acha-se sempre no quarto da rainha. Quanto a esta, ella augmenta continuamente de volume, a ponto de adquirir alguns centimetros de comprimento, e um ou dous de largura. O quarto real, destinado á morada do rei e da rainha, acha-se collocado quasi no centro da habitação.

Henrique Smeathman deixou uma descripção mui curiosa sobre os costumes d'estes insectos.

Fazendo uma abertura com um picarcte á casa do cupim da grande

especie, vê-se chegar com presteza um soldado que vem reconhecer o inimigo; ás vezes, volta para o interior para dar rebate; as mais da vezes é seguido de dois outros que tomam cada um caminho differente: o seu numero augmenta de repente, e cresce emquanto se continúa a demolição. É difficil fazer uma ideia do ardor com que estes insectos defendem a sua habitação. Atacam tudo e mordem até fazer sangue. Suspendendo a demolição e pondo-se de lado, vê-se que em menos de meia hora todos os insectos entram para a sua casa. Chegam então os trabalhadores em grande numero de differentes lados da brecha, trazendo cada um na bocca uma pouca de argamassa, que applicam com tanta promptidão sobre os lados da brecha, e com uma ordem tão exacta e tão facil, que nunca param nem se embaraçam: a brecha enche-se insensivelmente, e levanta-se nova muralha. É mui difficil poder examinar o interior d'este monticulos. Em primeiro logar, os aposentos reaes, os armazens e outras cellulas são humidas; a argila é molle e fragil. Não se póde deixar subsistir o edificio, de modo a ter uma vista completa das partes interiores; porque emquanto os soldados defendem as partes exteriores, os trabalhadores tapam todas as passagens, todos os caminhos que conduzem aos differentes quartos, e sobretudo aos aposentos reaes. O quarto real é bastante espaçoso para conter, além do par real, milhares de servidores.

Os *soldados* defendem com tanta força a habitação, que os negros, que Henriquè Smeathman fazia trabalhar, eram frequentemente obrigados a suspender a demolição por causa das picadas que estes insectos lhes davam nos pés, e nas pernas.

Modo de destruir o cupim. Muitas tentativas se tem feito para desembaraçar-se de um inimigo tão numeroso e tão temivel. Emprega-se conforme as circumstancias, a agua de barrela fervendo, a cal viva que se asperge com agua, o fogo. O Sr. de Quatrefages, Lente no Museo de Historia natural de Pariz, depois das experiencias feitas com o cupim em Rochefort, propoz o gaz chloro como o meio mais certo para destruil-o. Estes insectos, mergulhados por um segundo não só no chloro puro, mas no chloro misturado com 9 partes de ar atmospherico, morrem immediatamente. O chloro é um gaz de côr amarella-esverdeada. duas vezes e meia mais pesado do que o ar atmospherico e de cheiro particular. É elle que se desprende da agua de Labarraque ou do chlorureto de cal. Empregando as fumigações de chloro, póde-se attingir o cupim nas suas galerias, nos escondrijos profundos, e matal-o com certeza. O mesmo processo de destruição é applicavel a todos os outros insectos que tem os costumes analogos, *v. g.* formigas. O chloro, por causa do seu peso específico, penetra com facilidade nas galerias que se acham por baixo do ponto de applicação do apparelho.

Antes de descrever o apparelho, que serve para produzir o gaz chloro, devo fazer as observações seguintes:

Toda a tentativa que se faz para destruir o cupim deve ser precedida de um exame exacto do logar, afim de pôr o apparelho ou os apparelhos o mais perto possivel do ninho.

Os apparelhos devem ser tanto mais multiplicados e mantidos em

actividade tanto mais tempo, quanto a localidade fôr mais extensa.

Os apparelhos devem ser collocados de maneira que o gaz penetre nas galerias inferiores.

Devem os apparelhos funccionar simultaneamente, afim de prevenir a fuga dos insectos. É provavel que elles procurarão defender-se murando o interior das galerias no primeiro signal de ataque. Será, pois, preciso proceder com muita energia, e pôr os apparelhos tanto quanto fôr possivel no centro mesmo da habitação do cupim, e onde as galerias são mais largas e mais numerosas.

Qualquer que seja o cuidado com que se opere, e apezar do bom exito da primeira tentativa, parece impossivel destruir em uma unica operação todo o cupim de uma localidade. Aqui, como em todas as operações do mesmo genero, será necessario certa perseverança; sobretudo se se procede n'uma cidade ou n'uma região infestada por toda a parte; n'este caso, será preciso tornar a repetir a operação muitas vezes. Quando, pelo contrario, o cupim está limitado a pequeno espaço, bastará uma só operação.

Modo de obter chloro. O gaz chloro obtem-se decompondo 4 partes de acido chlorhydrico por 1 parte de peroxydo de manganez. O apparelho necessario para esta extracção, compõe-se dos objectos seguintes:

Um matraz de vidro, um tubo de vidro curvado em angulo recto, um tubo de cautchuc vulcanizado, e uma pequena fornalha com carvão em braza ou uma alampada de alcool.

Introduzem-se no matraz 50 grammas de peroxydo de manganez reduzido a pó; deitam-se-lhe por cima 200 a 250 grammas de acido chlorhydrico; tapa-se o matraz com rolha de cortiça que atravessa o tubo de vidro, ao qual se adapta o tubo de cautchuc vulcanisado, que se dirige ao buraco d'onde sahe o cupim.

Apenas se mistura o peroxydo de manganez com o acido chlorhydrico, ha immediatamente desenvolvimento do gaz chloro, que sahe do matraz, dirige-se pelo tubo do vidro, ao tubo de caoutchouc, e depois vai passar nas galerias occupadas pelos insectos, e os mata immediatamente. Para ter um desenvolvimento mais activo de chloro, aquece-se levemente o matraz com carvão ardente ou com alampada de alcool.

Esta operação deve durar pelo menos duas horas. Cessando o desenvolvimento do gaz chloro, despeja-se o matraz das substancias que contém, deixa-se esfriar, lava-se com cuidado, e enche-se de nova quantidade de peroxydo de manganez e de acido chlorhydrico.

Deve-se aquecer o matraz em differentes pontos, e gradualmente, para evitar que arrebente.

O gaz chloro tem cheiro desagradavel; espalhado em pequena quantidade, relativamente ao ar do quarto, não prejudica a saude, é mesmo empregado para destruir os germens putridos, os miasmas deleterios que se acham na atmosphera. Respirado puro produz a tosse e um aperto na garganta. Combatem-se esses effeitos bebendo um pouco de aguardente com assucar; e destroem-se os seus vapores derramando pelo solho ammoniaco liquido.

O meio que deixei descripto para matar o cupim nas habitações, póde tambem ser empregado para matal-o nas suas casas ou ninhos que se acham nos campos.

O chloro ataca o cautchuc vulcanizado, e destroe o tubo depois do uso algum tanto prolongado, oito a dez operações por exemplo. Substitue-se então o tubo estragado por um outro tubo do mesmo cautchuc vulcanizado.

Tal é o meio mais certo de destruir estes devastadores insectos. A essencía de terebinthina, o arsenico e o pyrethro em pó foram tambem aconselhados para o mesmo fim; mas estas substancias mostráram-se insufficientes; e além d'isto sua applicação é mais difficil do que a do gaz chloro que penetra em todas as galerias habitadas pelo cupim.

As formigas são grandes inimigas do cupim, e fazem-lhe uma guerra cruel. Imaginou-se encher a casa de formigas, para afastar o cupim; mas este meio nem sempre se mostrou de grande efficacia: o cupim fecha-se nas suas galerias, e ás escondidas continua a fazer estragos na habitação. Além d'isto a presença das formigas na casa tem tambem seus inconvenientes.

CURARE, UIRARY OU WOORARA. Veneno vegetal muito activo, preparado pelos Indios que habitam nas margens do Rio Negro, do Orenoco e dos Amazonas, e que elles usam para empeçonhar as frexas com que matam os animaes. Segundo o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, distincto medico do Pará, este veneno extrahe-se da casca do *Strychnos toxifera*, Schomburgh, cipó da familia das Logoniaceas. Este cipó habita nas mattas do Alto-Amazonas e das Goyanas; é grosso, de casca aspera; as suas folhas assemelham-se ás da mandioca. Posto em contacto com o tecido sub-cutaneo de um animal, o curare mata-o quasi instantaneamente, e sem soffrimentos apparentes. Esta substancia é secca, vermelha-escura, amarga, sem cheiro. O Dr. Thiercelin fez com ella experiencias em França sobre cães. Cinco centigrammas de curare, reduzidos a pó, e introduzidos n'uma picada subcutanea da coxa de um cão de 6 kilogrammas, matáram-n'o em 25 minutos. Com 3 centigrammas o Dr. Thiercelin observou só a paralysia passageira da parte posterior do corpo; com 2 centigrammas, o andar vacillante durante alguns minutos sómente; com 1 centigramma, nada de apparente.

CURATIVO. Tratamento de uma ferida, queimadura, fractura, etc., Apresentam-se a cada instante, circumstancias em que seria util saber applicar uma atadura, uma ligadura, curar uma ferida, um caustico, etc. É uma necessidade, e mesmo um dever, para uma mãi de familia saber executar estes curativos ordinarios. É preciso proceder com promptidão, delicadeza e asseio. As feridas mal curadas, de simples que eram, tornam-se graves.

Os curativos exigem certo numero de instrumentos, taes como tesouras, pinças, estyletes, espatulas, sondas, seringas, uma caneta com pedra infernal, etc.

Os instrumentos que servem para curativos, são habitualmente reunidos n'uma especie de carteira chamada *estojo* de cirurgião (fig. 257 a 261).

A fórma d'este estojo, como as suas dimensões, variam conforme as necessidades.

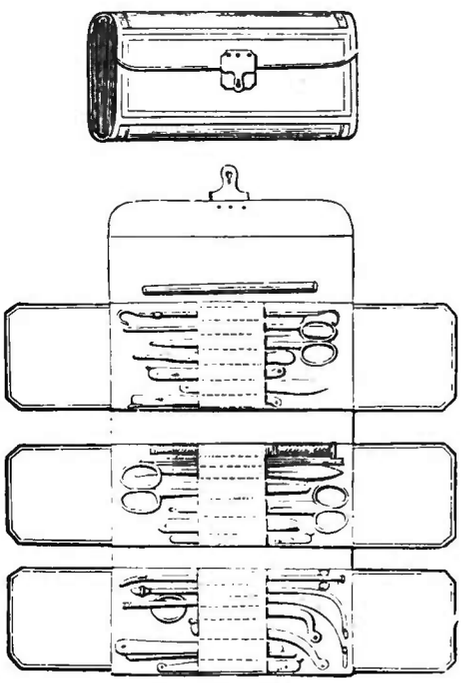


Fig. 257 e 258.

Os objectos para curativos variam tambem segundo a molestia que exige o seu emprego, e conforme a parte sobre a qual se applicam. Em geral, os objectos que servem quasi em todos os casos compõem-se de fios, chumaços ou compressas de differentes fórmas, ataduras de differentes especies, ceroto, tiras agglutinativas, linha passada na cera ou linha simples, alguns unguentos, esponja, vasos com agua quente, etc.

As differentes peças de apparelho serão applicadas com brandura, e tudo estará apertado sufficientemente, mas não tanto para occasionar dôr ou constranger a circulação, o que obrigaria a tirar o apparelho. A quantidade de fios deve ser proporcionada á do pus.

Pinça de annels (fig. 264). Compõe-se de dois braços que se cruzam e se articulam á maneira de tesoura. A sua ponta apresenta den-

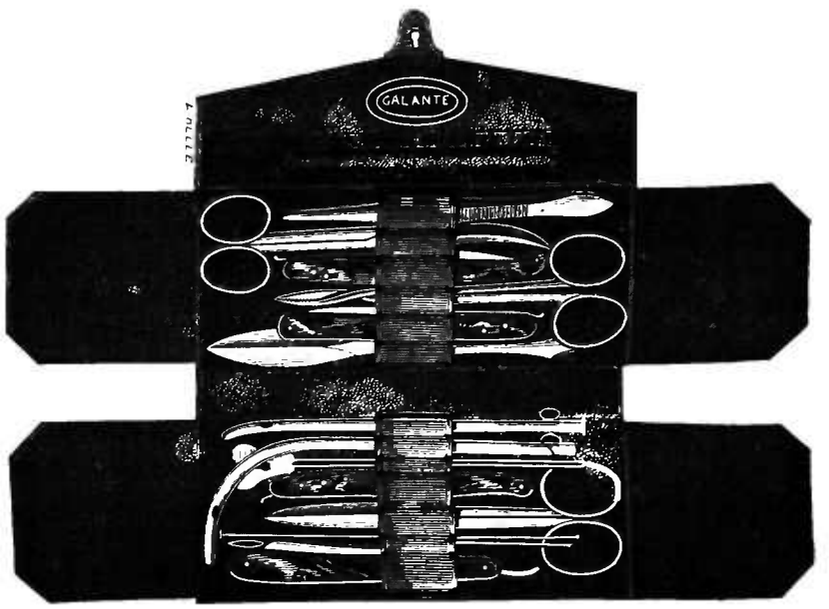


Fig. 259.

taduras pela parte de dentro que lhe permittem agarrar os objectos. Esta pinça serve para tirar as peças de curativo que cobrem as feridas, collocar

no fundo das cavidades differentes objectos, extrahir das excavações



Fig. 260.

differentes corpos. Em summa, é um instrumento destinado a substituir

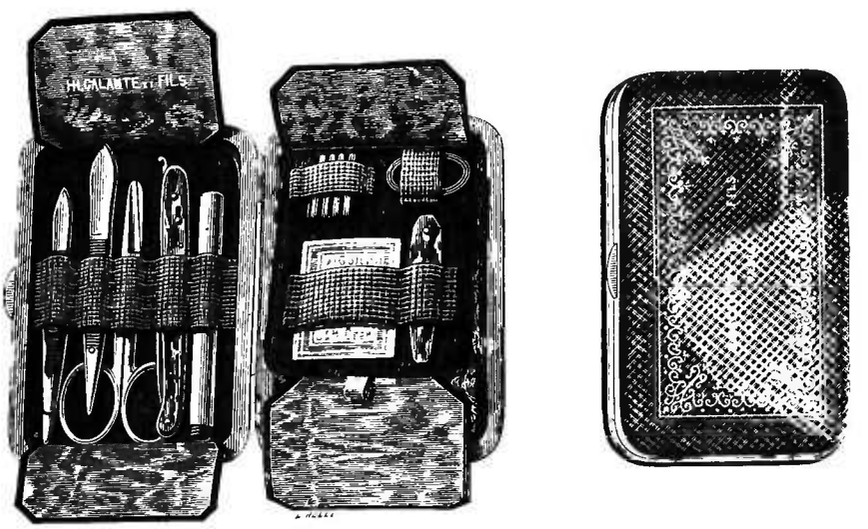


Fig. 261. — Estojo para sport (*).

(*) Composição de um estojo de sport: 1 par de tesouras, 1 porta-pedra, 1 prancheta de retroz, 1 gramma de fio de prata, 1 bisturi direito, 1 lanceta, 1 pinça de anneis, 4 agulhas de sutura, 1 pinça ordinaria, 1 folha de taffetá, 25 alfinetes, 1 rolo de linho, fios.

os dedos em toda a parte onde elles não podem penetrar facilmente.

Pinça ordinaria (fig. 265). A pinça ordinaria ou para a torsão das arterias, differe da pinça de anneis. Os braços afastam-se por sua propria elasticidade, e não se podem fechar senão pela pressão dos dedos. Segura-se na mão como uma penna de escrever; deve ser bastante flexivel para não fatigar a mão, bastante elastica para se afastar por si mesma, e deve ter uma superficie rugosa na sua parte mediana; para não escorregar nos dedos.

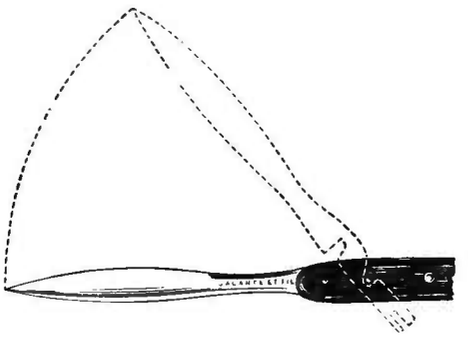


Fig. 262. — Bisturi articulado podendo-se tirar a lamina para limpar.

A pinça ordinaria, que é conhecida tambem debaixo do nome de *pinça de laquear*, é destinada a prender no fundo das feridas os differentes vasos que se querem laquear ou torcer. Serve tambem para tirar os pedaços da pelle, as escaras, os corpos estranhos de que convem desembaraçar as feridas. Emfim, emprega-se para manter ou fixar n'uma posição determinada as bordas de certas feridas, ou as differentes camadas de tecidos que se devem cortar. Verdade é que rigorosamente se lhe poderia substituir a pinça de anneis n'um grande numero de circumstancias, do mesmo modo que esta poderia ser substituida ás vezes sem inconveniente pela pinça ordinaria. Sómente a pratica mostra logo

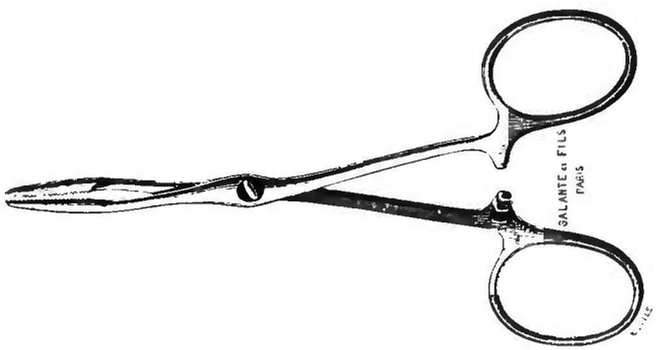


Fig. 263. — Pinça hemostatica.

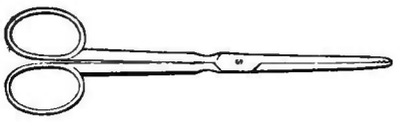


Fig. 264. — Pinça de anneis.



Fig. 265. — Pinça ordinaria.

que a pinça ordinaria convem mais para os objectos delgados, escorregadios, e a pinça de anneis para os casos que exigem menos força, attenção ou destreza.

Uma pinça ordinaria, que termina por tres pequenos dentes de rato, dois de um lado e um do outro, é util em muitas occasiões. Seria bom, por conseguinte, que ella entrasse na composição do estojo ordinario.

Tesoura. Depois das pinças, a tesoura é o instrumento mais indispensavel na arte dos curativos. As que se empregam ordinariamente

são de tres especies principaes : a tesoura recta (fig. 266 *a*), a tesoura curva nas faces (fig. 266 *b*), e a tesoura curva nas suas margens (fig. 266 *c*).

Estes instrumentos devem ter o gume mui fino para não lacerarem as carnes.

A tesoura recta serve para cortar as differentes peças de panno, fios ou emplasto. É a ella que se recorre para cortar os tecidos que não devem ser divididos com o bisturí.

Emprega-se a tesoura curva nas faces para excisar as partes exuberantes na superficie da pelle ou no fundo de alguma excavação. Póde

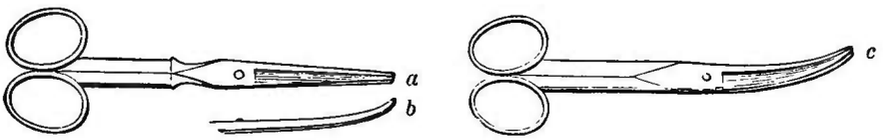


Fig. 266. — Tesouras.

tambem ser util para furar certas compressas, e dar fórma particular a certas feridas.

Quanto á tesoura curva nas suas margens, hoje quasi já não se emprega. Outr'ora usava-se frequentemente conduzindo a sua folha convexa sobre a sonda encanada, ou nas cavernas, cuja abertura exterior se queria alargar; mas substituio-se-lhe, e com vantagem, a tesoura recta e o bisturí.

Navalha. Quasi todos os curativos exigem o uso da navalha. No homem sobretudo, ha poucas regiões do corpo em que a pelle não seja coberta de pellos. Quer se trate de alguma solução de continuidade, quer seja necessario applicar uma pomada, um unguento, um emplasto, etc., sobre os tegumentos, estes pellos se reuniriam em feixes irritantes, ou se pegariam aos objectos do apparelho, de maneira a tornarem o curativo mais ou menos doloroso. Vê-se, pois, que convem rapar as regiões destinadas a receber os objectos do curativo.

Espatula (fig. 267). A espatula é uma lamina metallica levemente curva em sentidos oppostos nas faces e nas suas duas extremidades. Os usos da espatula consistem em estender e igualar o ceroto ou outros topicos de consistencia molle. Emprega-se tambem para tirar os emplastos ou outros objectos que podem estar pegados á pelle, ou para desembaraçar esta das crostas, das materias gordas ou outras que a sujam.



Fig. 267. — Espatula.



Fig. 268. — Porta-pedra.

Porta-pedra (fig. 268). As circumstancias que reclamam o emprego da pedra infernal em cirurgia são muito numerosas. Preparada em pequenos cylindros, fragil, susceptivel de manchar a roupa ou a pelle, a pedra infernal tinha necessidade de ser encerrada n'um instrumento protector. Este instrumento, especie de estojo de ebano, marfim, prata ou ouro, contém uma caneta, ou especie de tubo fendido que se abre ou

se fecha mediante um annel corrediço, e no qual deve estar fixado o cylindro caustico.

Emprega-se, depois de desembaraçada do seu estojo, pegando no porta-lapis como n'uma penna de escrever; e tocam-se com pedra as partes que se devem reprimir ou excitar. Feita a cauterização, enxuga-se cuidadosamente a pedra, antes de mettel-a no estojo. Se se fechasse molhada, a pedra infernal poderia alterar os objectos vizinhos.

Porta-mecha (fig. 269). O instrumento chamado porta-mecha é uma especie de estylete terminado de um lado por uma pequena forquilha, e do outro por um botão lenticular. Para servir-se d'elle, fixa-se a extremidade bifurcada na mecha, cujas pontas rebatidas devem cobril-o de maneira que possa empurral-a diante de si á profundidade que se deseja. Os dois dedos do meio da mão direita attrahem e comprimem



Fig. 269. — Porta-mecha.

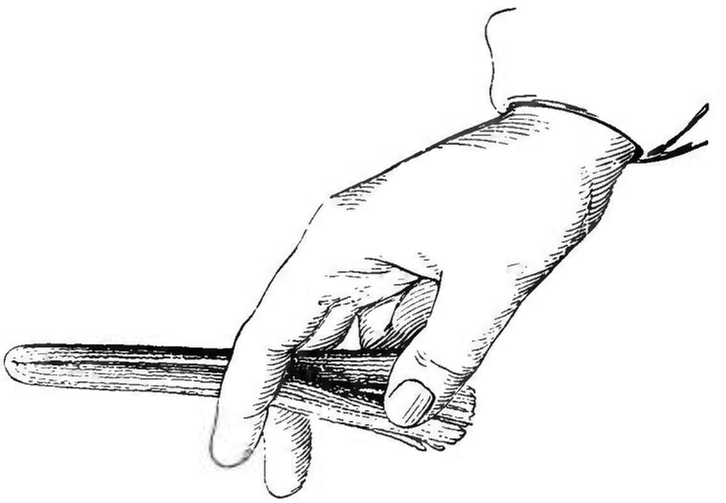


Fig. 270. — Modo de introduzir a mecha.

a mecha contra o instrumento, emquanto que o dedo pollegar, apoiado no botão, a diríge para o lado dos orgãos (fig. 270).

Agulhas e **linha.** O estojo deve conter agulhas ordinarias e linha, para coser as diversas peças de panno; retroz, e linha encerada para praticar laqueações em certos ferimentos.

Fios. São muitos bocadinhos de fios tirados de panno de linho usado e macio, os quaes se applicam em bruto, isto é, sem se lhes dar fórma alguma, ou dispostos em pranchetas, rolinhos e mechas. Para fazer fios, basta destruir o tecido do panno de linho, e separar os fios um a um. Os fios, para serem bons, devem ser macios, porosos, brancos, limpos, despidos de qualquer mistura com corpos rudes, e tirados de panno que não seja nem novo nem completamente usado. Os fios de panno novo, por sua dureza, irritam as superficies.

Empregam-se os fios para cobrir algumas soluções de continuidade, ou para favorecer a compressão exacta enchendo alguns vacuos, ou

para absorver materias purulentas, ou para comprimir qualquer supercie, qualquer cavidade, ou para manter afastados os labios de uma ferida que não se quer deixar cicatrizar mui rapidamente.

Formam-se *pranchetas* (fig. 271) dando aos fios uma fórma em relação com a superficie que se deseja cobrir. São ordinariamente chapas ellipsoides, de espessura e dimensões necessariamente variaveis, de maneira que possam exceder de todos os lados a superficie da ferida, e serem sufficientes para a absorpção da quantidade de liquidos que deve reçumar da ferida no espaço de 24 horas. As *pranchetas* formam-se com fios propriamente ditos; fazem-se da maneira seguinte: segurando na mão uma porção de fios brutos, mette-se a extremidade livre entre a raiz do dedo index e o pollex; seguro pela pressão d'estes dois dedos, os fios assim apertados separam-se dos outros; a massa commum, tratada successivamente grande numero de vezes da mesma maneira, acaba por abandonar todos os pedacinhos, para produzir uma chapa assaz regular de fios quasi parallelos, e de espessura de 6 a 12 millimetros ou uma de 27 millimetros. Esta chapa deve em geral ser um pouco mais espessa na parte mediana do que na circumferencia. Para augmentar sua regularidade, cortam-se-lhe os extremos, ou dobram-se para dentro.



Fig. 271. — Prancheta de fios.

Dispostos d'esta maneira, os fios recebem facilmente os differentes cerotos ou unguentos. Applicados sobre as soluções de continuidade, cobrem-n'as sem irrital-as, protegem-n'as da acção do ar, contra o choque dos corpos exteriores, mantem-n'as n'uma temperatura branda, e afastam d'ellas toda a compressão dolorosa, ao mesmo tempo que se carregam de toda a secreção que se effeitua.

Em logar de dispôr em chapas, dão-se ás vezes aos fios outras fórmas.

As *bolinhas* de fios (fig. 272), especie de pequenas balas que se fazem rolando esta substancia entre a face palmar das duas mãos; devem ser extremamentes molles e porosas em certos casos, quando, por exemplo, ha necessidade de encher cavidades purulentas ou o fundo de uma ferida recente que não é necessario comprimir; então são outras tantas pequenas esponjas que é preciso fazer igualmente densas em todos os pontos; outras vezes, pelo contrario, a bolinha deve ser bastante firme para tornar-se antes um corpo comprimente do que massa absorvente. Empregam-se as bolinhas debaixo d'esta ultima fórma accumulando-as, em maior ou menor numero, sobre os pontos cuja exuberancia se quer reprimir, ou sobre os vasos que não é necessario nem laquear nem torcer no fundo das cavidades, mas que basta só comprimir. Dá-se-lhes um volume differente, segundo a superficie sobre a qual devem ser applicadas. Comtudo, o volume das bolinhas não desce quasi nunca abaixo do de uma ervilha, e não vai além do de um ovo. Tendo a vantagem de se moldar sem esforço sobre todas as desigualdades de uma ferida ou dos focos cavernosos, estas bolinhas esponjosas são frequentemente uteis na cirurgia.



Fig. 272. — Bolinhas de fios.

Rolos de fios (fig. 273). Dá-se o nome de rolos ás massas de fios brutos rolados brandamente em cylindro ou em fórma de fuso; ás vezes estes rolos são um pouco mais achatados n'um sentido do que no outro. Collocam-se entre os labios de qualquer ferida longitudinal. Os fios devem ser rolados de maneira a representar uma esponja alongada, se o seu fim principal é absorver os liquidos, ou então um cylindro de panno, quando se quer, pelo contrario, estabelecer certo gráo de compressão.



Fig. 273. — Rolo de fios.



Fig. 274. — Almofadinha de fios.

Almofadinha (fig. 274). Dá-se o nome de almofadinha á massa de fios encerrada, comprimida n'um panno que se amarra á maneira de sacco, e que toma d'este modo o aspecto da grossa extremidade de uma cabeça, ou de uma cabeça terminada por um collo delgado. Para fazer uma almofadinha, basta pôr no meio de um panno quadrado uma porção de fios brutos, em relação com o volume que se quer dar á almofadinha; depois de levantado o panno de todos os lados, aperta-se com muitas voltas de linha entre a porção livre e o sacco occupado pelos fios. Em alguns casos procede-se de outra maneira : o panno, previamente introduzido na cavidade onde se deve collocar, fica livre para fóra; empurram-se então, pouco a pouco, todos os fios necessarios no seu fundo como n'uma bolsa, até que haja bastante para impedil-os de sahir, e para lhe dar a fórma de um collo, quando se tira pela sua porção exterior. Com estas precauções estabelecem-se facilmente almofadinhas de assaz forte volume além das aberturas as mais estreitas e as mais resistentes. As almofadinhas de fios acham-se sobretudo indicadas quando se trata de comprimir do interior ao exterior para vedar alguma hemorrhagia, como nas feridas da arteria intercostal, por exemplo, ou nas operações que se praticam sobre a extremidade inferior do intestino recto.

Tampão. Quando as bolinhas ou massas numerosas de fios brutos devem ser accumuladas, quer no fundo de uma ferida para alargal-a, quer sejam a nú ou envoltos em um panno, tomam geralmente o nome de tampão. Vê-se, pois, que o tampão póde ser formado de bolinhas, rolos, ou almofadinhas de fios.

Tenta (fig. 275). Dá-se o nome de tentas a roletes, ora cylindricos, ora cónicos, ou então a especies de rolhas de fios. Geralmente, os fios rolam-se para este fim entre os dedos, de tal sorte que, parallelos a principio, torcem-se em espiraes uns á roda dos outros. A maneira mais ordinaria de formar uma tenta, consiste em dobrar um feixe mais ou menos volumoso de fios : resulta d'isto um cóne cuja base corresponde ao ponto de flexão, e o apice á extremidade livre dos fios.



Fig. 275. — Tenta.

Formam-se tambem ás vezes tentas enrolando uma fita de panno usado, ou então cortando alguns pedaços de esponja *preparada* ou alguma raiz porosa, a de genciana, por exemplo. As tenta são destinadas a man-

ter a abertura dos trajectos fistulosos, a dilatar algumas aberturas demasiado estreitas, a impedir a occlusão de certos orificios. As tentas podem ser substituidas, em alguns casos, quer pela extremidade de uma sonda ou de uma bugia emplastica, quer por um fragmento de velinha de cera, ou por um cóne de esparadrapo enrolado sobre a face despida de emplasto. É d'esta maneira, por exemplo, que se póde manter aberto o meato urinario em certos ferimentos, ou comprimir um vaso aberto pela puncção atravez das paredes do ventre.

Mechas. Ha tres especies principaes de mechas em cirurgia : *mechas de fios, mechas de panno desfiado, mechas de algodão.*

Para fazer a *mecha de fios*, toma-se um feixe de fios mais ou menos volumoso, segundo a indicação, dobra-se á maneira de uma meada de linhas cortada n'um de seus extremos. Uma liga aperta tudo no ponto de flexão, e impede que os filamentos se desloquem. Obtem-se assim um cylindro regular, que hoje só se usa no curativo das molestias do anus, ou para dilatar o canal nasal em algumas operações de fistulas lagrimaes. Comtudo empregam-se ainda mechas de fios para algumas outras fistulas, para certos abcessos, e mesmo em algumas molestias do canal da urethra. Introduzem-se por meio de porta-mecha (fig. 269), e tiram-se mediante uma linha que as aperta pelo meio.

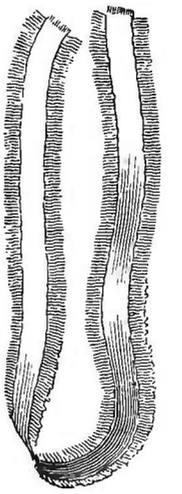


Fig. 276. — Mecha de panno de linho desfiado.



Fig. 277. — Mecha de algodão.

A *mecha de panno* compõe-se de uma fita de panno de linho macio, que se desfia nas margens de maneira que apresente de quatro a oito millimetros de franjas, e uma parte cheia, da largura de seis a doze millimetros (fig. 276). Esta mecha, cujas margens são muito macias, é empregada em muitos casos.

A *mecha de algodão* não é outra cousa senão um cordão de fios de algodão disposto como para as velas, ou pequenos lampeões de azeite (fig. 277). Acham-se por conseguinte já preparadas no commercio, e o seu uso é o mesmo que o das mechas precedentes.

Algodão. O algodão apresenta-se no commercio sob duas fórmas principaes : o *algodão cardado* e o *algodão em pasta*. É uma sorte de especifico nas queimaduras, e póde ser empregado com vantagem no curativo das feridas. Depois de applicado, não se desloca mais, e pega-se tão exactamente ás feridas que não é necessario usar de ataduras; acha-se em toda a parte, e presta-se a todas as indicações.

No tratamento das queimaduras extensas é de incontestavel vantagem; applicado nas superficies em suppuração, pega-se a ellas, põe-n'as ao abrigo do contacto do ar, absorve-lhes os liquidos, preserva-as de toda a compressão dolorosa, e acaba por transformar-se, combinando-se com

as materias excretadas, em uma crosta que secca e permitte que as soluções de continuidade se cicatrizem debaixo d'ella. Mas apresenta o inconveniente de se enrolar, e formar bolinhas duras e desiguaes pela influencia da humidade que sahe da pelle e das feridas; pega mui fortemente nas feridas, pelo que é muito mais difficil tiral-o do que os fios ordinarios. Em summa, o algodão é preferivel aos fios em certos casos; mas convem menos nos curitavos ordinarios, nas ulceras e nas feridas em geral.

Pannos. Os pannos de que se faz uso nos curativos são os mesmos que na economia domestica. São os de canhamo, linho, algodão, seda, lã.

O panno de canhamo e o de linho são aquelles cujo uso é mais frequente. Os mais grossos são de canhamo, os mais finos são de linho; e em cada especie existem differentes grossuras; ha tambem pannos de tecido mixto de fios de canhamo e de linho. Mas na linguagem ordinaria a todos estes pannos, quer sejam de canhamo puro, de linho puro, ou mixto, dá-se o nome de *panno de linho*. A sua grossura varía desde a dos lençóes da cama até a da cambraia.

O *panno de linho* para curativos não deve ser nem muito grosso nem muito fino. O panno grosso seria, como o panno novo, irritante e de difficil emprego. O panno muito fino e o panno muito usado não tem bastante consistencia, e rasga-se com muita facilidade. Finalmente o panno de linho ordinario, amaciado pelo uso, é geralmente o que convem mais O panno de linho, para curativos, deve ser passado pela barrela e lavado em agua.

O *panno de algodão* póde tambem servir, e substituir o panno de linho nos curativos, sobretudo quando é empregado em ataduras.

A *lã* no estado de tecido não se emprega senão excepcionalmente e quasi sempre debaixo da fórma de flanella. Ora para transmittir em algum orgão e por fricções, as substancias oleaginosas conhecidas sob o nome de linimentos; ora para fazer embrocações, ou oleosas ou emollientes e mucilaginosas; ou outras vezes para entreter um calor sufficiente á roda da parte doente; mas não se applica nunca directamente sobre as feridas.

Panno crivado ou *fenestrado* (fig. 278). Faz-se um consumo extraordinario do panno crivado no curativo das feridas. São pedaços de panno de linho, algum tanto fino e meio usado, em que se fizeram buracos como em uma escumadeira, ou cabeça de regador. Fazem-se estes buracos com tesoura ou com um sacabocado. A maneira de pratical-os é mui simples. Toma-se um pedaço de panno de linho, dobra-se em dois ou quatro, excisa-se cada angulo com tesoura. Póde-se chegar ao mesmo resultado cortando algumas parcelas d'este panno por uma de suas faces com tesoura curva nas faces. Um modo de obter o panno crivado com mais regularidade, consiste em tirar de espaço em espaço dois ou tres fios, primeiro n'um sentido, depois n'um outro, afim de transformar o panno em rede ou de fazer n'elle grande numero de buraquinhos quadrados.

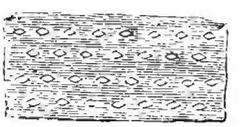


Fig. 278. — Panno crivado ou fenestrado.

Este genero de panno é muito util; untado com ceroto, ou com algum unguento, e posto sobre as feridas, não impede que se cubram de fios, e obsta ás adherencias dolorosas. Com o seu soccorro, o curativo das feridas não expõe ás laceracões. Pelos buracos do panno sahe a materia; o ceroto, com que se cobre uma de suas faces, impede que seque e se pegue ás margens da ferida os fios que se lhe põem por cima ficam assim desembaraçados d'este inconveniente.

A *garça* ou a *cassa,* que, na falta de cousa melhor, podem substituir o panno crivado, não possuem todas as vantagens d'elle. Como formam uma simples rede, estes pannos não conservam os liquidos, e são incapazes de impedir a deseccação e a agglomeração das materias seccas; mas convem melhor, do que o panno crivado, na superficie das cataplasmas quando estas não se devem applicar a nú.

Panno untado. O panno que se applica nas feridas é ordinariamente coberto com ceroto; applica-se crivado, ou não.

Differentes sortes de curativos. Além dos pedaços de panno, das ataduras e dos diversos objectos que deixei indicados, empregam-se nos curativos muitas substancias medicamentosas, taes como cerotos, cataplasmas, pomadas, unguentos, balsamos, emplastos, varios liquidos, etc.

Curativo com ceroto. Ha diversos cerotos. O *ceroto simples* é a mistura de cera branca com oleo de amendoas doces; o *ceroto d'espermacete* é a mistura de cera branca, de espermacete e de oleo de amendoas doces; o *ceroto de Saturno* resulta da mistura do ceroto simples com acctato de chumbo liquido (extracto de Saturno); o *ceroto opiado,* da mistura do ceroto simples com extracto de opio; ajuntando um pouco de enxofre ao ceroto simples, obtem-se o *ceroto sulfurado*, etc.

O ceroto simples emprega-se de differentes maneiras. É quasi o unico remedio topico de que se faz uso nos curativos simples.

Quando se trata de feridas, ou de ulceras, entende-se por *curativo simples* a applicação methodica dos objectos seguintes : Em 1° logar, applica-se sobre a parte doente um panno crivado untado com ceroto, ou uma prancheta de fios igualmente untada com ceroto; 2° por cima dos fios applica-se um chumaço; 3° uma das ligaduras descriptas no artigo Ligadura vem segurar convenientemente estes primeiros objectos.

Os fios não devem ser cobertos senão de uma camada muito delgada de ceroto, e sómente, o que raras vezes se faz, quando se applicam sobre a ferida a nú, sem intermedio do panno crivado. O panno crivado deve estar coberto d'esta pomada simplesmente para prevenir suas adherencias com as margens da solução de continuidade. O ceroto não tem outro effeito senão tornar mais facil a separação de todos os objectos em cada curativo. O azeite doce, o ceroto d'espermacete, a glycerina, o glycereo de amido, a manteiga fresca, podem ser-lhe substituidos em semelhante caso.

Os curativos com ceroto de Saturno, ceroto opiado, ceroto sulfurado, fazem-se segundo as mesmas regras quando se trata da solução de continuidade, com esta unica differença que a prancheta de fios applicada

a nú sobre a ferida é preferivel ao panno crivado. Mas estas differentes pomadas são as mais das vezes empregadas em fricções. É assim que se curam certas affecções da pelle, certos tumores, certas regiões inflammadas.

Curativos com pomadas. As pomadas empregam-se da mesma maneira que o ceroto no tratamento das feridas. Mas de ordinario usam-se em fricções.

As pomadas ophthalmicas empregam-se de duas maneiras muito differentes. Umas, tendo por fim destruir directamente certas ophthalmias, devem ser applicadas sobre a margem livre das palpebras, ou sobre a propria superficie do olho, segundo a especie de ophthalmia, mas nunca sobre a pelle da vizinhança. É assim que se applicam, tomando uma porção do tamanho de uma ervilha, as pomadas de Janin, de Desault, de Régent, de Dupuytren, de nitrato de prata, etc. Importa que a pomada possa attingir as superficies doentes, e não seja retida pelas crostas ou pelas pestanas da margem de cada palpebra.

Mas se se empregam as pomadas resolutivas ou específicas, as pomadas mercuriaes, opiadas ou com belladona, por exemplo, é necessario tomar uma porção do tamanho de um feijão ou de uma avelã, e friccionar, não a margem das palpebras, mas sim a pelle d'estas partes, ou melhor ainda a testa ou as fontes do lado doente.

A *pomada estibiada*, que se compõe de banha e de tartaro emetico, não é empregada senão em fricções sobre o peito, sobre o ventre, ou sobre qualquer outra região, duas vezes por dia, até produzir uma erupção que se parece com a das bexigas.

As pomadas de *iodureto de potassio*, de *iodureto de chumbo*, de *calomelanos*, empregam-se tambem em fricções, principalmente no tratamento de certas empigens, e de grande numero de tumores.

A *pomada mercurial* usa-se em fricções, no tratamento de varias molestias internas, ou estendida sobre um panno para curar as feridas. Os doentes submettidos ao emprego d'esta pomada não devem trazer nenhuma joia de ouro, porque o mercurio ataca o ouro.

Para desembaraçar a pelle d'estas differentes pomadas, não bastam simples lavagens; é necessario dissolver previamente a banha quer com azeite doce, quer com agua de sabão. Cumpre saber tambem que a pomada mercurial produz facilmente salivação; que a roupa tocada por ella torna-se preta quando mettida na agua de barrela, e que esta pomada estraga qualquer outra roupa com que se põe em contacto; deve-se por conseguinte deitar no fogo tudo que ficou impregnado da pomada mercurial.

O *balsamo de Arceus*, o *unguento estoraque*, e o *unguento digestivo*, não se applicam senão sobre as ulceras. Para este fim, depõe-se uma camada mais ou menos espessa d'estes unguentos sobre um panno ou sobre uma prancheta de fios.

O *unguento basilicão* deve ser empregado como o balsamo de Arceus. Tem o inconveniente, como este, de adherir fortemente á pelle, e de pegar-se desagradavelmente a tudo o que toca.

Curativos com os emplastos. Os principaes emplastos empregados em medicina são os de diachylão gommado, de Vigo, emplasto roxo, de pêz de Borgonha, o emplasto vesicatorio. Para se usar d'estes emplastos, toma-se certa quantidade d'elles, amollece-se com o calor das mãos ou com agua morna, e com os dedos pollegares molhados em azeite doce estende-se n'um pedaço de panno ou de papel, de maneira a formar uma chapa um pouco mais larga do que a parte que deve ser coberta. Entre estes emplastos ha alguns que, como o emplasto diachylão ou o roxo, se despegam e se tiram com facilidade. Outros, pelo contrario; taes como o emplasto de pêz e o emplasto de Vigo, adherem tão fortemente aos tecidos, que ficam facilmente no logar durante oito e quinze dias, sem que seja necessario contel-os com ligaduras. Polvilhando com o emetico o emplasto de pêz antes de applical-o na pelle, obtem-se quasi o mesmo effeito que com a pomada estibiada, no fim de quatro a oito dias.

Debaixo da fórma de *encerado* ou *esparadrapo*, os emplastos servem para curar certas feridas, e formam tiras agglutinativas.

Tiras agglutinativas, ou **pontos falsos.** Preparam-se estendendo em panno o emplasto diachylão meio derretido, e cortando

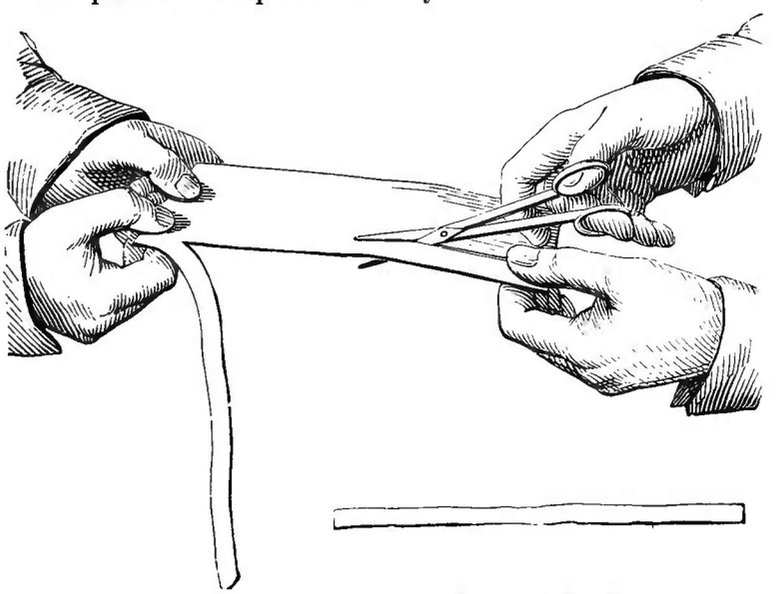


Fig. 279. — Modo de cortar as tiras agglutinativas.

depois este panno. Devem ser macias, bem que firmes, e moderadamente adhesivas. Convem tirar as margens do encerado, como se tiram as costuras do panno de que se fazem compressas ou ataduras. Para cortar as tiras rapida e seguramente, pega-se com a mão esquerda no extremo livre ou desenrolado do rolo de encerado, emquanto que um ajudante segura o proprio rolo na distancia conveniente. A tesoura, dirigida rapidamente e em linha recta, do cirurgião para o ajudante, divide então por simples pressão, e sem que seja necessario approximar as folhas da tesoura, o emplasto em tantas tiras quantas se desejam (fig. 279). Estas tiras ser-

vem como ligadura unitiva, para formar o que se chama *costura secca* ou *pontos falsos.*

Modo de applicar as tiras agglutinativas ou *os pontos falsos.* Toma-se um ponto falso, e applica-se um dos seus extremos sobre um dos lados da ferida; e, carregando-lhe com os tres ultimos dedos da mão esquerda, approximam-se os labios da ferida com o pollegar e indicador da mesma mão, emquanto com a direita se assenta o outro extremo do ponto sobre o lado opposto. Applicado o primeiro ponto no centro da ferida, applicam-se nos lados os mais que forem precisos, distando um do outro um a dois millimetros. Não se devem largar os extremos antes que tenham pegado sufficientemente. Se os dedos do operador não bastam para approximar os labios da ferida, o que succede quando esta é grande, recommenda a um ajudante que os conserve approximados, emquanto applica os pontos.

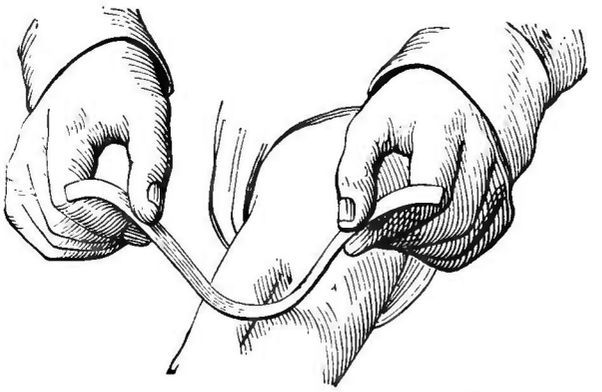


Fig. 280. — Modo de tirar os pontos falsos.

Para tirar os pontos falsos, despegam-se primeiro os seus extremos; separam-se depois até aos labios da ferida, d'onde não se desprendem senão em ultimo logar e pela tracção perpendicular, para não perturbar uma reunião ainda pouco solida (fig. 280).

Para complemento d'este artigo *veja-se* ATADURA, COMPRESSA, LIGADURA, SUSPENSORIO DO BRAÇO, CAUSTICO, CATAPLASMAS, LINIMENTO, SINAPISMO, FERIDA, QUEIMADURA, FRACTURA, FUNDA.

CURCUMA OU AÇAFRÃO DA INDIA (fig. 281, 282). Raiz ou antes rhizoma da *Curcuma tinctoria,* Guibourt, planta da familia das Amomaceas, que habita nas Indias orientaes e no Brazil. Esta raiz é tuberosa, e for-

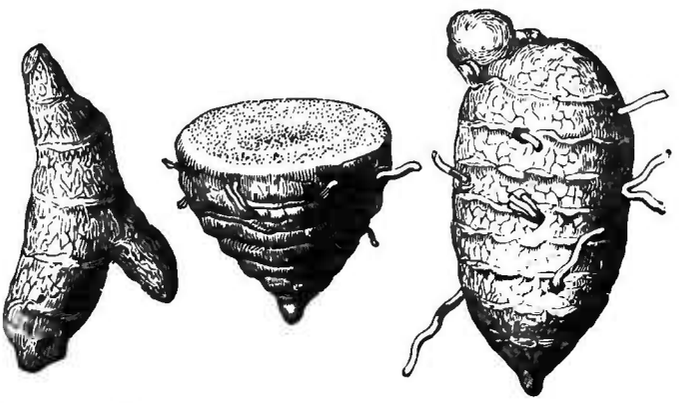


Fig. 281. — Curcuma oblonga. Fig. 282. — Curcuma redonda.

nece a materia corante amarella que tem o mesmo nome e de que se faz grande uso. Esta raiz acha-se no commercio sob a fórma de pequenos pedaços cylindricos contorneados; de côr cinzenta ou amarella por fóra, côr de laranja escura pela parte interna; tem cheiro forte, sabor aromatico, acre e um pouco amargo. Distinguem-se no commercio quatro especies: longa, oblonga, redonda e pequena. A curcuma longa parece-se algum tanto com o gengibre, quanto á forma e cheiro; differe pela côr amarella no interior. A tinta amarella, que se extrahe d'este tuberculo, serve para tingir de amarello o papel, a madeira, os vernizes, a manteiga, o queijo, as pomadas; e serve como tinta de fundo para as douraduras. A raiz fresca é um dos condimentos usados na India para dar côr ao arroz cozido, e as outras iguarias. A tinta de curcuma tem pouca solidez; a seda e a lã a conservam melhor do que o linho e o algodão.

CURRALEIRA. *Veja-se* HERVA MULAR.

CURSOS. *Veja-se* DIARRHEA.

CURURÚ. *Veja-se* CIPÓ CURURÚ.

CURURÚ-APÉ. *Veja-se* TIMBÓ.

CUSSO ou KUSSO. Grande arvore, chamada por Kunth, *Brayera anthelmintica*, da familia das Rosaceas-espireaceas, que habita na Abyssinia e no reino de Choa (Africa oriental). E uma arvore sempre verde, que forma ás vezes mattas magnificas. Produz cachos de flores de mais de um metro de comprimento, de diversas côres verdes, vermelhas, que pendem por centenas aos ramos de uma só arvore. Sobre estas flores, que se mostram em dezembro e janeiro, ha sempre muitas abelhas. O páo emprega-se para a fabricação dos moveis e das cronhas de espingardas (fig. 283).

As flores de cusso são usadas na Abyssinia contra a solitaria. Foram experimentadas em outros paizes e produziram excellentes resultados: são consideradas hoje como um dos melhores remedios contra a solitaria. Pulverizadas, são de côr amarella.

Eis-aqui a maneira de se administrarem:

O doente deve privar-se de jantar um dia antes de tomar o remedio. De manhã, no dia seguinte, deitam-se sobre 20 grammas de cusso pulverizado 250 grammas d'agua fervendo, cobre-se o vaso e deixa-se por um quarto de hora de infusão; o doente bebe então toda a mistura em jejum, ou em duas vezes, com alguns minutos de intervallo, se a não póde tomar de uma vez. É preciso depois lavar a bocca com um pouco d'agua. Este remedio provoca a sêde, mas convem não beber até que haja uma evacução, que ordinariamente tem logar no fim de uma hora. Póde-se então beber agua fria ou chá da India, sem leite nem assucar. Com a terceira ou quarta evacuação, a solitaria é inteiramente expulsa sem colicas nem febre. Se as evacuações não se manifestarem ao cabo de tres horas, será preciso provocal-as com 60 grammas de sal d'Epsom, ou 60 grammas de oleo de ricino. Recebe-se a solitaria em agua morna, depois estende-se o verme, e examina-se se a porção superior é filiforme, e com microscopio distingue-se a cabeça armada de ganchos. *Veja-se* SOLITARIA.

Dóse: Para as crianças até 3 annos, 6 grammas de cusso; para as de 3 a 7 annos, 10 grammas; para as de 7 a 12 annos, 12 grammas; e para os adultos, 20 grammas.

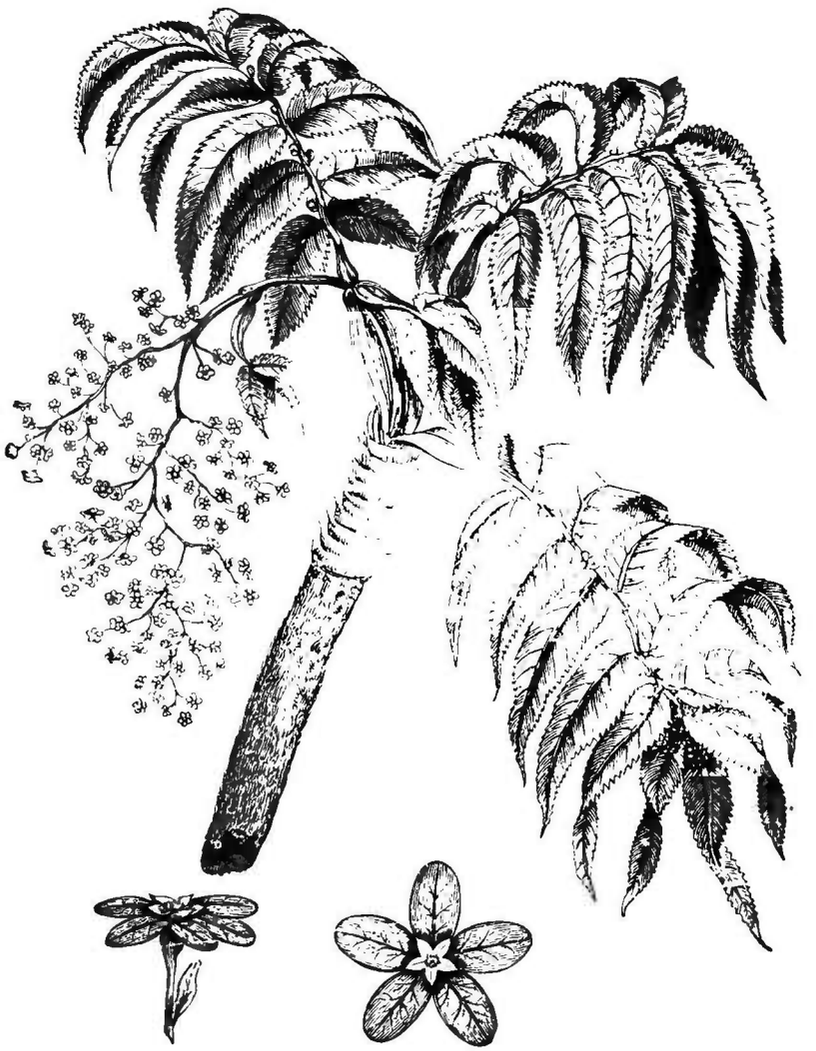


Fig. 283. — Cusso.

Esta substancia não provoca vertigens nem vomitos, como faz o decocto de casca de raiz de romeira.

Um meio facil e certo de se administrar o cusso é empregando o cusso granulado de Mentel. Eis como se procede: Toma-se o remedio pelo menos doze horas depois de se ter comido. De dez em dez minutos engole-se o conteudo de uma colher de chá de cusso granulado, com uma infusão fria de flores de tilia ou agua de flores de larangeira, até ingerir todo o conteudo do vidro que é uma dóse. Uma hora depois da ultima dóse, o remedio faz o seu effeito, sem occasionar a menor colica, e a tenia ou solitaria é expellida inteira.

Os vidros de cûsso granulado de Mentel não tem medida como os outros productos granulados, porque todo o conteudo do vidro deve ser absorvido.

CUTILADA. *Veja-se* FERIDAS.

CYANOSE. Na sua mais larga accepção, esta palavra designa a coloração azul da pelle, que se observa no cholera e outras affecções nas quaes ha estagnação do sangue nos vasos capillares; é um symptoma que é passageiro. Mas existe uma molestia continua, á qual se dá mais especialmente o nome de *cyanose* ou *molestia azul:* resulta dos vicios de conformação que permittem a mistura do sangue negro com o sangue vermelho. Os vicios de conformação podem ter logar no coração ou na origem das veias e das arterias. De todas as anomalias cardiacas, que produzem a cyanose, a communicação das duas auriculas é a mais frequente. A cyanose desenvolve-se ordinariamente logo depois da nascença: outras vezes, algumas semanas, alguns mezes, e mesmo annos depois, como ha exemplos. A coloração azul da pelle é acompanhada de dyspnea e de accessos de suffocação. A molestia está fóra dos recursos da medicina.

CYANURETO DE POTASSIO ou HYDROCYANATO DE POTASSA. Sal solido, branco, crystallizado em cubos, de sabor acre e amargo, mui soluvel na agua, menos soluvel no alcool; sem cheiro quando é recentemente preparado, mas exposto ao ar attrahe a humidade, decompõe-se lentamente, e espalha vapores de acido prussico.

Calmante, como este acido, emprega-se externamente nas cephalalgias e nevralgias da face. Internamente, é aconselhado nas affecções nervosas; mas deve administrar-se com a maior prudencia, pois que em dóse um pouco elevada é um veneno violento, e altera-se no fim de dois ou tres mezes. A dissolução de cyanureto de potassio em agua, serve para tirar as nodoas de pedra infernal na roupa.

CYNOGLOSSA ou LINGUA DE CÃO. *Cynoglossum officinale*, Linneo. Borragineas. Planta que em Portugal habita em alguns montes da provincia da Beira e outras do norte. Tem 65 centimetros de altura; caule simples inferiormente, ramificado na parte superior, guarnecido de folhas sesseis, ovaes lanceoladas, de um verde esbranquiçado, cobertas de pellos rudes. Estas folhas foram comparadas á lingua de cão, d'onde vem á planta o nome que tem. As flores são rubras ou azues com veios purpureos. A raiz é longa, grossa, carnosa, de côr cinzenta pela parte de fóra, branca interiormente, sem sabor, cheiro viroso. Faz-se seccar a parte exterior da raiz; e esta parte cortical, reduzida a pó, entra na composição das pilulas de cynoglossa, que devem as suas propriedades calmantes ao opio que contém, e não á cynoglossa, planta quasi inerte.

CYNOSBATOS. Fructa da silva macha, *Rosa canina*, Linneo, arbusto da familia das Rosaceas. Este fructo é ovoide, de côr vermelha viva, e contém uma duzia de pequenas sementes, cobertas de pellos duros e curtos. Este fructo é adstringente, e misturando-o com assucar prepara-se uma conserva que se administra nas diarrheas chronicas, na dóse de 30 grammas por dia.

CYSTALGIA. *Veja-se* NEVRALGIA DA BEXIGA.

CYSTICERCO. Verme cujo corpo globoso e alongado termina por uma parte estreita, annelada, que é o pescoço, em cujo apice se acha a cabeça que é obtusa, e guarnecida, como a *Tænia solium*, de quatro chupadores e de dezeseis ganchos. Os cysticercos são implantados no fundo de uma vesicula, suspensa n'um kysto seroso transparente; esta vesicula apresenta uma abertura pela qual o cysticerco póde sahir e alongar-se como um caracol na sua concha. Ha varias especies de cysticerco. O de pescoço estreito observa-se ordinariamente no homem e no porco, onde por sua presença, em quantidade consideravel, constitue a *ladraria* (*Veja-se* LADRARIA). O cysticerco do homem resulta do uso de alimentos de má qualidade, cheios de cysticercos, de ovos de echinococos e de tenias, que, uma vez no organismo, penetram nos tecidos e desenvolvem-se no estado de echinococos, de cysticercos e de tenias segundo a influencia do logar. O cysticerco encontra-se no homem muito menos frequentemente do que o echinococo e a tenia, mas é observado em todos os tecidos, e particularmente no olho e no cerebro. Os symptomas do cysticerco nada tem de proprio a este verme : variam segundo a importancia do orgão em que desenvolvem. Extrahe-se este parasita pela excisão, se fôr accessivel aos instrumentos.

CYSTITE. Inflammação da bexiga. *Veja-se* BEXIGA, vol. I, pag. 323.

CYSTOTOMIA. Operação que consiste em praticar a incisão no ventre ou no perineo para chegar até á bexiga, afim de extrahir d'ella as pedras ou outros corpos estranhos que possam achar-se no reservatorio da ourina. Dá-se-lhe tambem o nome de *lithotomia*. *Veja-se* PEDRA.

CYTISE. Planta da familia das Leguminosas papilionaceas e que pertence á tribu das genistcas como a alliaga e o tremoço. Na Guadelupa existe uma especie de cytise espinhosa cujas cascas e flores gozavam de reputação de febrifugas. Alguns autores sustentam que os fructos das cytises da Europa são venenosas. Essas plantas não são mais empregadas em medecina. Os antigos conservavam no vinagre os botões das flores das cytises e comiam-n'os como aperitivo.

D

DALTONISMO ou DYSCHROMATOPSIA. Nome dado a esta enfermidade pelo celebre chimico Dalton que era affectado d'este vicio da vista e que descreveo essa molestia.

Affecção do sentido da vista na qual certas côres não podendo serem appreciadas, são confundidas com aquellas que são unicamente perceptiveis.

Os individuos que soffrem d'esta molestia distinguem todas as côres, sómente ellas não impressionam a retina do olho doente tão vivamente quanto a do olho são.

Este estado é sobretudo manifesto em relação ás côres claras.

O daltonismo parcial é muito raro e bem assim aquelle que é conge-

nial; e desenvolve-se sobretudo no curso de certas affecções nervosas.

Daltonismo dichromatico. Estado no qual a retina póde distinguir duas côres: os objectos coloridos em claro parecem *brancos* e os de côres carregadas, parecem *pretos*.

Daltonismo chromatico. Estado no qual a retina distingue mais de duas côres, mas nem todos os coloridos.

DAMASCO. Fructo do damasqueiro. *Prunus armoniaca*, L., arvore da familia das Rosaceas-amygdaleas, cultivada em Portugal, e nas regiões temperadas do Brazil. O damasco é arredondado, com polpa um tanto fibrosa, assucarada, aromatica, não acida. Come-se crú ou em doce. E uma fructa sadia. O caroço contém uma amendoa, de gosto amargo, devido á presença do acido prussico, e seria imprudencia comer grande porção de amendoas do damasco. Por vezes experimentam vomitos as crianças que as comem.

O meio de remediar os accidentes, que podem apparecer n'este caso, consiste em favorecer os vomitos com agua morna ou com 5 centigrammas de emetico, e em dar uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Agua.....	120 grammas.
Ether sulfurico.....	20 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

DAMBRE. *Veja-se* Cainca.

DAMIANA. Planta aromatica do Mexico e da California, attribuida ao genero *Turnera*. É gabada como medicamento aphrodisiaco, sob a fórma de *infusão* (1 gramma da planta para 100 grammas d'agua fervendo), ou de *tintura*, que se prepara com 1 parte de damiana e 8 partes de alcool.

DAMNADO. *Veja-se* Raiva.

DANAIS FRAGANS. Planta da familia das Rubiaceas, trepadeira, que habita principalmente as ilhas de Reunião e de Madagascar. Tira-se em abundancia de sua raiz, que é escura, um succo amarello que contem um principio activo. Empregada em decocção, esta raiz constitue um topico assaz efficaz contra certas ulceras antigas rebeldes a qualquer outro tratamento.

DANSA. *Veja-se* Exercicios.

DANSA DE S. GUIDO ou **DE S. VIT** ou **CHOREA.** Nome de uma molestia nervosa, cujos symptomas consistem em movimentos contínuos, irregulares, involuntarios, de um ou mais membros, de uma parte ou da totalidade dos musculos. Foi tirado este nome de uma capella perto de Ulm, na Suabia, dedicada a S. Guido; porque, no XV seculo, sendo esta molestia mui commum n'esse paiz, os habitantes iam a essa capella fazer-se curar por intervenção do santo. Em medicina é designada pelo nome de *choréa*, palavra grega que quer dizer dansa. Quando os movimentos são geraes, o doente gesticula sem cessar de uma maneira desordenada; o seu corpo e pernas são agitados por estremecimentos não interrompidos, e entregues a contorsões singulares: ás

vezes limitam-se a um só lado do corpo, ou sómente ao rosto, ao braço ou a uma perna. Os doentes fallam com difficuldade e ordinariamente gaguejando. Experimentam ás vezes entorpecimentos, picadas nos membros, leve diminuição das faculdades intellectuaes, dôres de cabeça, vertigens, agitação, insomnia, etc.

As pessoas affectadas d'esta molestia são geralmente magras, pallidas, impertinentes, irasciveis; algumas são epilepticas, e entre as mulheres, são hystericas. A choréa é uma molestia da mocidade, que ataca sobretudo as pessoas jovens; frequentemente occasionada por emoções vivas, coincide ás vezes com a menstruação difficil. Dura de alguns dias a muitos annos; cura-se muitas vezes espontaneamente na época da puberdade; quasi nunca tem consequencias funestas. Um facto digno de observação é que esta molestia, mui rara nos paizes intertropicaes, é quasi especial ás regiões temperadas.

O *tratamento* d'esta molestia consiste em banhos frios e mornos, gymnastica, maçadura, e meios hydrotherapicos. A applicação de chapas de latão nos punhos, braços, pescoço, coxas e pés foi util em alguns casos. Ha choréas que estão ligadas com a fraqueza da constituição; então podem curar-se pelos alimentos substanciaes, bom vinho, medicamentos tonicos, preparações de ferro, aguas ferreas tomadas na fonte, mas o remedio principal que se deve dar contra esta molestia é o xarope de bromureto de potassio de Henry Mure, xarope este que é puro e isempto de iodureto e de chlorureto. Outras curam-se pela electricidade, ou pelos medicamentos antispasmodicos. Eis-aqui as receitas contra a choréa :

Ferro Quevenne.....	8 grammas.

Divida em 36 papeis.

Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Pilulas de Meglin.

Extracto de meimendro.....	5	centigrammas.
— de valeriana.....	5	—
Oxydo de zinco.....	5	—

Faça 1 pilula, e como esta 35. Para tomar uma pilula de manhã, e outra á noite.

Linimento de Rosen.

Oleo concreto de moscada.....	5	grammas.
— volatil de cravo.....	5	—
Alcoolato de zimbro.....	90	—

Misture. Em fricções, ao longo do espinhaço, na dóse de uma colher, das *de sopa*, duas vezes por dia.

Um remedio que tem dado excellentes resultados contra esta molestia é as gragêas de Gelineau, compostas de picrotoxina, arseniato de soda e bromureto de potassio, que se tomam na dóse de quatro a oito por día. É um medicamento de grande valor therapeutico.

Tambem aproveita o chloral bromuretado Dubois, na dóse de 6 a 8 colheres *de sopa* por día.

DARTRO. *Veja-se* EMPIGEM.

DATURINA. Alcaloide obtido do estramonio, *Datura stramonium*, L. Apresenta-se em prismas brancos, brilhantes, sem cheiro, de sabor acre, soluveis no alcool, menos no ether, e só em 280 partes d'agua fria. As suas propriedades são semelhantes ás da atropina. Dilata fortemente a pupilla, e é mais venenosa.

DAUCO CRETICO. *Athamanta Cretensis*, L. Umbelliferas. Planta que em Portugal habita na serra d'Arrabida. As sementes, que são aromaticas, entram na preparação do electuario diaphœnix. São excitantes.

DAX (Aguas sulfatadas mixtas, quentes). França. Itinerario de Bordeos a Dax : estrada de ferro de Bordeos a Dax, 3 horas 24 minutos. Despezas, 18 francos 25 centesimos.

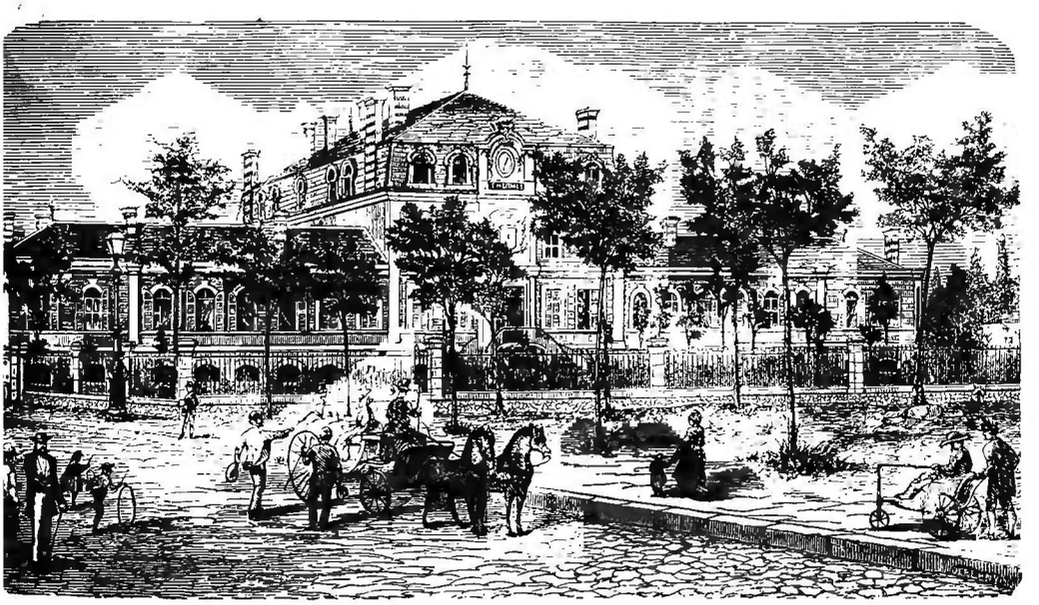


Fig. 284.— Thermas de Dax. — Fachada do estabelecimento balneario.

Dax é uma pequena cidade da França meridional de 9,000 habitantes. Contém muitas fontes mineraes quentes, da temperatura de 31° a 61° centigrados. A fonte mais importante é a *Source Chaude* (Fonte quente), de 59°; a agua é levemente alcalina, mui limpida, de cheiro pouco pronunciado, e quasi sem sabor. Contém consideravel quantidade de gaz azote, e 475 milligrammas de principios fixos, que são sulfato de cal, sulfato de soda, carbonato de magnesia, chlorureto de sodio, chlorureto de magnesio. Acham-se tambem nas fontes depositos abundantes de lodo e de plantas do genero *Tremella;* que contém ioduretos e bromuretos alcalinos. Os lodos e as plantas, empregam-se em applicações locaes contra os rheumatismos, contracturas musculares, nevralgias e paraly-

sias. São estas molestias que se tratam principalmente em Dax, sob a fórma de banhos geraes e duches. A atmosphera branda e secca n'esta região da França contribue para a cura d'estas molestias.

As caldas de Dax gozavam de grande reputação no tempo dos antigos Romanos, e o Imperador Augusto conduzio ali sua filha Julia. Esta deo-se tão bem com o tratamento, que quiz por gratidão, que uma das portas da cidade tomasse o seu nome, e. com effeito existe actualmente uma porta da cidade chamada *Julia*.

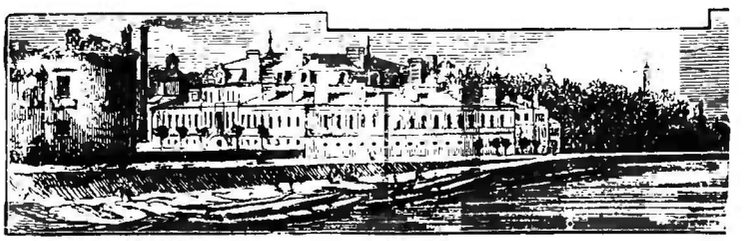


Fig. 285. — Dax. — Vista geral do estabelecimento balneario.

Em 1873 dois distinctos medicos mandáram construir ali um grande estabelecimento que é ao mesmo tempo uma installação balnear completa e um hotel para os banhistas. Este estabelecimento, está aberto todo o anno; a sua atmosphera interior, constantemente tepida e saturada de vapores mineraes, constitue, durante o inverno, uma habitação curativa para as molestias do peito, e da larynge. Para este fim tudo está ali disposto, debaixo do ponto de vista medico e hygienico.

DEBILIDADE. *Veja-se* FRAQUEZA.

DECOCTO. *Veja-se* COZIMENTO.

DEDALEIRA. *Veja-se* DIGITAL.

DEDOS DA MÃO. Chama-se dedo os cinco prolongamentos isolados que terminam as mãos. A descripção anatomica dos dedos acha-se no artigo DESLOCAÇÃO DA MÃO.

Adherencias viciosas dos dedos. As queimaduras e as feridas são causas ordinarias das adherencias dos dedos entre si. Varias operações são necessarias para curar esta deformidade, que póde ser prevenida, tendo-se o cuidado de pôr entre os dedos queimados, tiras de panno de linho.

Anneis que apertam os dedos. *Veja-se* ANNEIS.

Arrancamento dos dedos. Os dedos arrancados deixam sempre uma ferida irregular, não deitam muito sangue, communicam com a palma da mão ou com o antebraço, conforme a altura na qual se rompeo o tendão flexor profundo, habitualmente arrancado com o dedo.

Tratamento. Cumpre cortar com tesoura os tecidos pendentes, e applicar pannos molhados em agua fria nos primeiros dias; curar depois com cataplasmas de linhaça.

Contractura dos dedos. *Veja-se* vol. I, pag. 678.

A cortadura dos dedos por facas e outros instrumentos de gume póde ser completa ou incompleta. Mesmo no caso de ser a separação

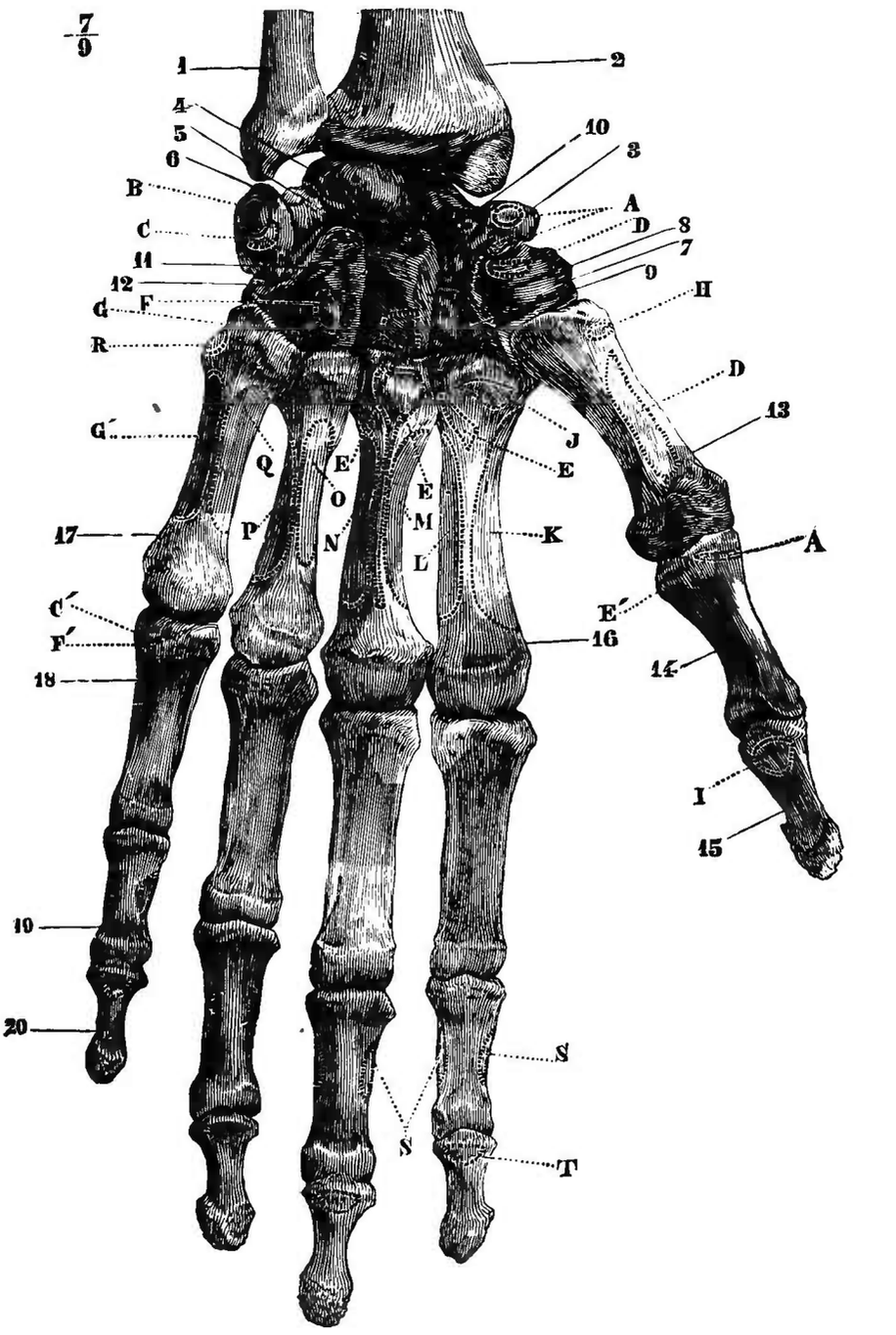


Fig. 286. — Esqueleto da palma da mão (mão esquerda) (*).

(*) Esqueleto da palma da mão. — 1, cubito; 2, radio; 3, escaphoide; 4, semi-lunar; 5, pyramidal; 6, pisiforme; 7, trapezio; 8, gotteira do trapezio; 9, trapezoide; 10, grande osso; 11, osso unciforme; 12, gancho do osso unciforme; 13, metacarpo do dedo pollegar; 14, primeira phalange do pollegar; 15, segunda phalange do pollegar; 16, segundo metacarpo; 17, quinto metacarpo; 18, primeira phalange: 19, segunda phalange; 20, terceira phalange. A, curto abductor do pollex; B, cubito anterior; C,C, curto abductor do dedo minimo

quasi completa, cumpre tentar a reunião dos dois pedaços, porque existem factos que provam que dedos quasi completamente cortados se reuniram e saráram.

Dedos supranumerarios. Ha pessoas que tem seis dedos; até parece que esta anomalia póde transmittir-se de geração a geração: ordinariamente o sexto dedo, que quasi sempre se acha perto do minimo, é meramente um appendice incapaz de movimento, e unido á mão por um estreito pedicello; deve-se então cortal-o pouco tempo depois do nascimento. Esta pequena operação é sem perigo. Corta-se com tesoura, ou com bisturí. Se é preciso empregar o bisturí, faz-se uma pequena incisão circular na base do dedo, abre-se a articulação anormal, tira-se o appendice, e reune-se a ferida com pontos falsos.

Deslocações ou **luxações dos dedos.** *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

Extensão permanente dos dedos. A extensão permanente dos dedos é muito mais rara do que a flexão; é consecutiva á perda de substancia da pelle da face dorsal da mão, ou á destruição dos tendões flexores por um panaricio ou por outra causa.

Quando a deformação depender da cicatríz viciosa, corte-se a brida, e fixe-se na flexão o dedo ao qual se rendeo a mobilidade.

Flexão permanente dos dedos. É determinada pelas molestias seguintes:

1° AFFECÇÕES ARTICULARES. As luxações não reduzidas, os tumores brancos, os panaricios seguidos de ankylóse, deixam ás vezes os dedos n'um estado permanente de flexão, que é incuravel.

2° CICATRIZES VICIOSAS. É o que se observa em consequencia de queimaduras da palma da mão, de gangrena, de feridas com perda de substancia; a retracção do tecido de cicatriz occasiona a flexão dos dedos, que não podem ser endireitados. Podem ás vezes restabelecer-se todos os movimentos dos dedos, ou pelo menos parte d'elles, fazendo a secção das bridas; mas deve-se sempre receiar a recahida, porque a nova cicatriz poderá produzir nova flexão, pelo que deve-se, depois da operação, manter os dedos na extensão, mesmo muito tempo depois de completada a cicatrização.

3° MOLESTIAS DOS MUSCULOS EXTENSORES. A diminuição da energia dos musculos extensores, e com mais forte razão, a sua paralysia, a secção ou destruição de seus tendões, são causas quasi inevitaveis da flexão permanente. É facil endireitar os dedos, mas a flexão torna a voltar. Em alguns casos póde-se, por meio de apparelhos, corrigir este estado. Em outros casos o emprego da electricidade foi util contra a paralysia dos musculos extensores.

4° RETRACÇÃO DA APONEVROSE PALMAR E DOS TECIDOS DA PALMA DA MÃO.

Symptomas. A principio, os doentes sentem calor e dôr na palma da

D,D', opponente do pollex; E,E', curto abductor do pollex; F,F', curt oflexor do dedo minimo; G,G', opponente do dedo minimo: H, longo abductor do pollex; I, longo flexor do pollex; J, grande palmar; K, primeiro interosseo dorsal; L, primeiro interosseo palmar; M, segundo interosseo dorsal; N, terceiro interosseo dorsal; O, segundo interosseo palmar; P, quarto interosseo dorsal; Q, terceiro interosseo palmar; R, cubito posterior; S, flexor superficial; T, flexor profundo.

mão; a pelle torna-se mais dura, menos extensivel, não se póde apertal-a nem fazer com ella uma dobra; está unida por um tecido cellular mais adherente aos tecidos subjacentes; é menos movel, porque o tecido cellular está tambem retrahido e menos extensivel do que no estado normal. Algum tempo depois observa-se um encurvamento que se pronuncia cada dia mais. Esta disposição é mais marcada nos tres ultimos dedos, e sobretudo no quinto. A primeira phalange está dobrada sobre o metacarpo, a segunda sobre a primeira, a terceira não participa quasi nunca á molestia. Por diante dos dedos doentes, distinguem-se bridas salientes que partindo da palma da mão, vão fixar-se á face anterior das duas primeiras phalanges, e entesam-se fortemente quando se fazem tentativas para endireitar os dedos. As articulações parecem sãs e moveis, pelo menos no começo da molestia.

Causas. Eis-aqui como se explica o desenvolvimento d'esta enfermidade: As pessoas que se occupam dos trabalhos nos quaes a palma das mãos se acha habitualmente submettida a rudes pressões, tem a pelle d'esta região mui grossa e resistente; n'ellas tambem os filamentos cellulo-fibrosos sub-cutaneos, cuja hypertrophia ou degenerescencia fibrosa constitue a enfermidade, são mais desenvolvidos do que no estado normal. Se a mão, que se acha n'estas condições, está condemnada á longa immobilidade em consequencia de alguma affecção accidental, os dedos estarão em meia-flexão em quanto o individuo não se servir da mão. N'esta posição os feixes cellulares, que até então eram bastante compridos para se prestarem á extensão completa dos dedos, encurtam-se e quando a mão fica livre, estes filamentos encurtados oppõem-se á extensão completa.

Segundo esta exposição é facil indicar as causas predisponentes e determinantes d'esta affecção. As primeiras são as profissões de agricultor, de cocheiro, ferreiro, de homens que levantam e carregam grandes pesos, etc. Póde-se, pois, presentir que os homens estão mais sujeitos a esta affecção do que as mulheres. Estas causas predisponentes podem, só per si, produzir ás vezes a enfermidade.

Entre as causas determinantes, podem citar-se os ferimentos, as inflammações da palma da mão, as torceduras das articulações dos dedos, as affecções rheumaticas, as fracturas dos dedos ou do antebraço.

Tratamento. É preservativo ou curativo. O primeiro emprega-se na convalescença das affecções que deixei indicadas como causas determinantes da retracção. Consiste em imprimir aos dedos movimentos repetidos de extensão logo que o estado da parte affectada o permitte; e se apparecer a menor tendencia á retracção, será necessario applicar um apparelho proprio a fixar os dedos na extensão completa; mas, se a enfermidade existe, só póde curar-se pela secção das bridas tendinosas. Esta operação não é sem perigo; determina ás vezes a inflammação profunda da mão e a exfoliação dos tendões. Para prevenir estes accidentes, empregam-se irrigações d'agua fria. Immediamente depois da operação fixam-se os dedos na extensão sobre uma taboinha até á cicatrização completa.

Fractura dos dedos. *Veja-se* FRACTURAS.

Inflammação dos dedos. As inflammações dos dedos são conhecidas com os nomes de *unheiro* e de *panaricio*. Este é uma inflammação profunda, que acaba de ordinario por suppuração; o unheiro é uma inflammação superficial da pelle ao redor das unhas dos dedos, é muito menos grave. O tratamento de ambos consiste em banhos d'agua morna e cataplasmas de linhaça; mas no panaricio é preciso fazer a incisão do tumor com bisturí. *Veja-se* PANARICIO e UNHEIRO.

As **picadas dos dedos** nada offerecem de notavel. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados em agua fria; mas se o dedo se inflammar, é preciso applicar uma cataplasma de farinha de linhaça.

Pisadura e moedura dos dedos. Os dedos da mão estão expostos a ser pisados e mesmo moídos pela acção de corpos pesados, de alguma maquina ou de balas de armas de fogo. Frequentemente o cirurgião é obrigado a recorrer á amputação; mas póde-se ás vezes conservar o dedo. O melhor remedio que convem para isso é a applicação contínua de pannos molhados em agua fria, misturada com aguardente camphorada, durante os dois ou tres primeiros dias. Passado este tempo, applicam-se cataplasmas de linhaça.

As **queimaduras dos dedos** nada offerecem que não esteja exposto no artigo geral e esse respeito. (*Veja-se* QUEIMADURA). É só preciso impedir que os dedos se reunam entre si viciosamente; e por isso, depois de applicado o algodão, que é o melhor remedio contra as queimaduras, é necessario separar os dedos por meio de tiras de panno de linho postas entre elles.

DEDOS DO PÉ. (MOLESTIAS DOS.) A principal molestia dos dedos do pé é a *unha encravada* (*veja-se* esta palavra), que ataca principalmente o dedo grande: para as outras molestias *Veja-se* PÉ.

DEFECAÇÃO. Dá-se este nome á expulsão das materias fecaes, residuo da digestão reunido no rectum.

DEFERENTE. Nome dado pelos anatomistas a um canal que conduz o esperme dos testiculos para os vesiculos seminaes. Estende-se da cauda da epidedyme até á base da prostata onde se une ao apice da vesicula seminal para constituir o canal ejaculador. O seo comprimento é de 45 a 50 centimetros, o seo diametro médio é de 2 millimetros, mas como as suas paredes são muito espessas, a cavidade não tem mais do que um terço de millimetro.

DEFLUXO ou CORYSA. Dá-se estes nomes á inflammação leve dos conductos respiratarios. É o gráo mais fraco da bronchite.

Causas. O defluxo sobrevem ordinariamente depois da impressão do frio; e tem-se observado que o esfriamento parcial dos pés e da cabeça, sobretudo nas pessoas que tem habitualmente essas partes cobertas, produz mais especialmente esta affecção. Mas as suas causas nem sempre são apreciaveis, e, as mais das vezes, o defluxo sobrevem sem que se saiba a que deva ser attribuido.

Symptomas. O defluxo principia por um sentimento de seccura e de inchação nas fossas nasaes; os olhos tornam-se vermelhos, humidos; a

voz fanhosa; o olfacto e ás vezes o gosto desapparecem; uma dôr mais incommoda do que viva e um calor anormal fazem-se sentir no interior do nariz, e na testa soffre-se um peso que é para muitos doentes o symptoma principal. N'esta época sobrevem espirros repetidos, e uma necessidade contínua de assoar-se. Os doentes ás vezes não podem respirar pelo nariz, e pensam que a passagem está tapada por mucosidades. Mas em vão fazem esforços para desobstruir os conductos, o que não conseguem porque este obstaculo é produzido pela tumefacção da membrana mucosa. A membrana que cobre o interior do nariz não se conserva secca por muito tempo: promptamente ministra uma secreção abundante, aquea, incolor e salgada. Pouco a pouco a materia d'esta secreção adquire consistencia; torna-se successivamente branca, amarella, esverdeada, e diminue ao mesmo tempo de quantidade.

O defluxo é quasi sempre acompanhado de um incommodo geral, que torna o individuo inhabil para a maior parte das acções ordinarias, e especialmente para o trabalho de espirito. Quando a molestia é muito intensa, dá logar a um movimento febril, o qual persiste por muitos dias com exacerbações, no intervallo das quaes os doentes experimentam calefrios frequentes; uma dôr de cabeça muito intensa, insommia, fastio, um cansaço doloroso nas pernas, acompanham então frequentemente a molestia; o pulso accelera-se, a pelle torna-se quente, e manifesta-se sêde. Mas é raro que esta affecção apresente symptomas tão graves; frequentemente existe então com a bronchite.

O defluxo nas crianças de peito apresenta caracteres particulares que reclamam nossa attenção.

Como na infancia as fossas nasaes são necessariamente menores que no adulto, resulta d'ahi a impossibilidade de respirar pelo nariz quando a criança está com defluxo. Se se lhe apresenta o peito, toma-o facilmente; depois de uma ou duas sucções, torna-se roxa, e abandona-o precipitadamente tossindo; repete-se o mesmo phenomeno cada vez que principia a mammar.

Duração e *prognostico*. Em geral, o defluxo dura só alguns dias; ás vezes entretanto prolonga-se até vinte, trinta, quarenta dias e até muitos mezes. Raras vezes tem consequencias graves; quasi sempre é passageiro, e occupa mui pouco a attenção dos doentes.

Tratamento. Se o defluxo é leve, sua terminação é constantemente feliz e prompta, e cura-se por meio de simples precauções contra a impressão do frio, e mesmo sem nada fazer. Mas se a affecção fôr mais intensa, ou se, sem offerecer grande intensidade, se prolongar além do termo ordinario, merece então alguma attenção. O doente, que por seus negocios é obrigado a sahir de casa, só deve fazêl-o com sol fóra, agasalhar-se bem, e usar de alguns escalda-pés d'agua simples ou d'agua com cinza, ou de pediluvios sinapizados. Convem que a cabeça fique elevada na cama, e que o doente tome, no momento de deitar-se, alguma bebida sudorifica, como infusão quente de chá da India, de flores de sabugueiro, de violas, ou de casquinha de limão. Existindo movimento febril, é preciso diminuir a dóse das comidas, e até abster-se de alimentos

solidos. Achando-se irritados os labios e o nariz, untem-se com oleo de amendoas doces, ceroto simples ou com coldcream.

Se o defluxo atacar uma criança com grande intensidade, a ponto de impedil-a que exerça a sucção sobre o bico do peito, é preciso, emquanto existir este symptoma, deitar-lhe na bocca, com uma colher, leite ou qualquer outra bebida alimenticia, e dar-lhe o peito logo que a diminuição da molestia lhe permitta que exerça de novo a sucção. O defluxo das crianças de peito cura-se untando-lhes o nariz com sebo.

Póde-se curar logo ao principio um defluxo, por meio de lavatorios frios e adstringentes, assaz frequentemente repetidos, no interior das ventas, quer com agua fria simples, quer com agua tendo em dissolução aguardente camphorada, ou sulfato de zinco em dóse extremamente fraca.. Eis-aqui as receitas:

1° Agua commum.....	100 grammas.
Aguardente camphorado.....	4 —

Misture.

2° Agua commum.....	100 grammas.
Sulfato de zinco.....	50 centigrammas.

Dissolva.

Aconselha-se tambem fazer passar, mais ou menos rapidamente debaixo do nariz, um frasco com ammoniaco liquido.

No defluxo chronico, assucar em pó, administrado ás pitadas, como se faz com rapé, basta ás vezes para modificar a inflammação da membrana mucosa e para diminuir a secreção morbida.

As fumigações com vapores de infusão de flores de sabugueiro, empregam-se tambem com vantagem no defluxo, e sobretudo no defluxo, chronico. Fazem-se estas fumigações, cobrindo a cabeça com uma toalha, e expondo o rosto ao vapor que sahe do vaso contendo a infusão de sabugueiro. Torna-se manifesto, por esta exposição, que ha diversos meios de curar o defluxo.

DEFLUXO ASTHMATICO. *Veja-se* ASTHMA.

DEFLUXO DO PEITO. *Veja-se* BRONCHITE.

DELIQUIO. *Veja-se* DESMAIO.

DELIRIO. Desordem das faculdades intellectuaes. O delirio apresenta-se sob tres fórmas: 1° *delirio febril*, que acompanha as molestias agudas do cerebro e outras, e do qual tratarei exclusivamente n'este logar; 2° *delirio dos loucos*, que é o caracter distinctivo da alienação mental, o qual vai descripto no artigo LOUCURA; 3° *delirio nervoso*, que é proprio dos ebrios, mas que se desenvolve tambem na occasião de feridas graves, e do qual tratarei no artigo seguinte.

O delirio observa-se particularmente, como acabei de dizer, nas affecções agudas do cerebro; mas outros orgãos violentamente inflammados podem reagir sympathicamente sobre o cerebro e provocar este phenomeno. Assim a pelle affectada de erysipela extensa, de bexigas, o canal alimentario inflammado, o pulmão e as pneumonias, etc., podem

determinar o delirio. Emfim, quasi todas as molestias agudas ou chr-o nicas que findam pela morte são acompanhadas de delirio; poucos doentes morrem em seu juizo perfeito.

Symptomas. A invasão do delirio é ordinariamente annunciada pela insomnia, dôr e peso de cabeça, vertigens, zunido nos ouvidos, esquecimento dos soffrimentos, um ar de espanto, cabeça quente, rosto vermelho, olhos luzidios, supportando difficilmente uma luz viva. Depois apparecem sonhos brandos, agitação do espirito, incoherencia extrema das ideias; gritos, furor, visões, susto, ou grande abatimento e sombria taciturnidade, prantos ou gargalhadas. Ás vezes só ha curtas ausencias da memoria. Ora o doente percebe se o cobrem ou se esteve descoberto, vê os objectos exteriores, sente que tem sêde, etc.; ora, pelo contrario, os sentidos estão inteiramente desvanecidos. Umas vezes responde com maior ou menor exactidão ás perguntas que se lhe fazem, e indica o logar dos seus soffrimentos; outras vezes, pelo contrario, ha ausencia completa de todo o discernimento. Algumas vezes o delirio augmenta gradualmente até á perda dos sentidos, e desvanece-se da mesma fórma, de maneira que o doente chega insensivelmente á razão. A prostração, as convulsões geraes, a paralysia, acompanham o delirio no ultimo gráo das inflammações cerebraes.

O delirio é contínuo ou intermittente. Quando é intermittente, apparece as mais das vezes com paroxymos febris, que tem geralmente logar á noite. Quando o doente recobra a razão, está fatigado, tem dôres nos membros, sêde, os olhos e os ouvidos são mui sensiveis á luz e a qualquer ruido. A duração dos accessos do delirio varía desde menos de uma hora até muitas horas, repete-se com intervallos mais ou menos longos. Depois de voltar á razão, se o delirio foi intenso, o doente não conserva commummente lembrança alguma do que sentíra, pensára ou do que tinha feito. O delirio que teve logar com a conservação dos sentidos, faz o effeito dos sonhos, e os doentes lembram-se de quasi todas as circumstancias.

Prognostico. O delirio é ordinariamente um symptoma grave. Quando a molestia, que o delirio acompanha, tem chegado a este ponto, deve inspirar receio. Os sonhos que sobrevem ás vezes no accesso da febre intermittente nenhum perigo annunciam, e o delirio que se desenvolve sob a influencia de causas fracas nas pessoas eminentemente nervosas, dissipa-se em geral mui facilmente. Quando o delirio se declara em uma molestia lenta, como a tisica, por exemplo, o perigo é grande, e ordinariamente a morte está proxima.

Quando o delirio alterna com o somno profundo, e está unido á prostração das forças, á convulsões, á paralysia, o prognostico é fatal. Pelo contrario, quando o delirio existe sem essas desordens, não ha tanto a receiar.

Tratamento. O tratamento do delirio deve consistir só nos meios que convem ás affecções de que este phenomeno depende. Em geral, todas as vezes que accidentes taes como o delirio, convulsões, prostração, etc., se succedem sem interrupção, exigem o emprego dos meios proprios a

combater a inflammação do cerebro. (*Veja-se* ENCEPHALITE.) Estes accidentes são ás vezes intermittentes e pertencem ainda a esta affecção. O delirio sympathico, occasionado por molestias chronicas e affecções consumptivas que se approximam do fim, merece apenas attenção. O delirio intermittente e sympathico de affecções agudas que volta e cessa com a exacerbação febril, ou que, bem que contínuo, é só acompanhado de dôr e calor de cabeça, póde ser vantajosamente combatido com os sinapismos nas pernas, com applicações sobre a cabeça de pannos molhados em agua fria e vinagre; e ao mesmo tempo cumpre dirigir o tratamento contra o orgão essencialmente affectado. O delirio que é consequencia de perda sanguinea consideravel, bem como as convulsões e a syncope que provém da mesma causa, exige cuidados particulares. O doente deve estar deitado com a cabeça elevada, o corpo será esfregado com baeta embebida em agua de Colonia, e depois envolvido em pannos quentes; approximar-se-lhe-hão ao nariz cheiros fortes, taes como vinagre, alcali volatil ou ether, e na bocca metter-se-lhe-ha um pouco de sal commum. O delirio que sobrevem aos doentes mui fracos, quando estão sentados ou levantados, desapparece pouco tempo depois de se deitarem : a inspiração dos cheiros que deixei indicados será tambem mui vantajosa.

DELIRIO NERVOSO DOS FERIDOS. Complicação das feridas assaz raras, este accidente foi descripto principalmente por Dupuytren. As mais das vezes, observa-se esta molestia em individuos que soffreram operações cirurgicas, sobretudo nos alcoolicos. Não é raro vel-a declarada sobretudo n'aquelles que affrontaram perigos com ostentação.

Depois do accidente ou da operação o doente está alegre e bem disposto. De repente, porém, a physionomia muda, as ideias perturbam-se e o doente põe-se a fallar, sem parar, dos objectos que vê ao redor de si, ou de seus negocios particulares. Vai-se animando pouco a pouco, e acaba por rasgar os apparelhos que se lhe applicaram, a levantar para o ar seus membros fracturados sem sentir com isso a menor dôr.

Vem ao caso lembrar um exemplo patente como que este delirio póde se dar sem que o doente dê mostras de delirio. O facto foi citado pelo celebre doutor Dupuytren.

Este cirurgião acabava de fazer a operação de uma hernia estrangulada em um homem idoso. Levado para sua cama o doente parecia estar muito calmo; não obstante levantaram-lhe os lençóes, e os assistentes viram com estupefacção que em um subito accesso de delirio tranquillo este infeliz tinha arrancado as ligaduras que apertavam a ferida, e abrindo ella fizera sahir os intestinos que elle esvasiara rasgando-os. Expirou instantes depois das lesões que elle proprio se fizera.

Ordinariamente, após alguns dias d'este delirio que sobrevem sem febre, o doente torna a si e fica curado. Estes accidentes são menos frequente agora, porque os cirurgiões não operam mais sem anesthesiar os doentes.

O tratamento consiste em obrigar o doente a conservar-se em repouso

absoluto, em applicar sobre a cabeça um bexiga de borracha cheia de gelo e a dar em um copo d'agua com assucar em duas ou trez vezes nas 24 horas, trinta gottas de laudano de Sydenham. Em todo caso é bom que se saiba que quasi sempre o doente fica bom espontaneamente.

DELIRIO TREMENTE. Accidente agudo que se manifesta nos individuos que abusam dos licores espirituosos. Em apparencia parecendo gosar saude, esses individuos, cujos orgãos se acham alterados pelas bebidas alcoolicas, não apresentam nada de particular, emquanto suas funcções effeituam-se bem; mas desde que são acommettidos de uma molestia aguda, de qualquer ferida, ou de um traumatismo, declara-se de repente um delirio que sempre é muito perigoso.

Os olhos arregalados e brilhantes, o rosto e os membros atacados de tremor incessante, o semblante desfigurado pela colera ou o terror, o doente meche-se e se debate para lutar com inimigos que, na sua imaginação, o rodeiam. Em suas hallucinações elle crê vêr salteadores, e ladrões o perseguirem, quer se escapar e se atira pela janella julgando fugir pela porta, Outras vezes, se crê ainda em suas occupações ordinarias; conversa e gesticula fallando continuadamente de seus successos professionaes. Este delirio vem sempre acompanhado de insomnias, de prisão de ventre e de sûores profusos. Alem da intensidade da agitação e a gravidade do delirio que esgotam as forças do doente, não é raro no entanto vêr muitos d'elles se curarem. Quando a morte se declara, ella sobrevem no fim da agitação, quando o individuo, já extenuado, cahe em coma; as vezes ella é subita, no meio do ataque.

Os doentes acommettidos de delirio tremente devem ser vigiados constantemente. Como elles se crêem perseguidos continuadamente, só têm um fito, o fugir, e então se atiram do logar onde se acham ou para o vacuo, ou contra as paredes. Tambem são elles perigosos para as pessoas que os rodeiam; pois, tendo sempre a ideia fixa que lhes querem fazer mal, batem, sem distincção nas pessoas que se acham perto d'elles.

O tratamento se compõe de purgantes, banhos tepidos prolongados, applicações de gelo na cabeça, e alimentação muito leve. Já se abandonou completamente o antigo tratamento que se compunha de alcool e opio; reconheceo-se que era um tratamento inutil e até perigoso.

DEMENCIA. *Veja-se* LOUCURA.

DENDÊ. *Veja-se* AZEITE DE DENDÊ.

DENTADA. É uma ferida contusa. Convem laval-a com agua fria, applicar por um dia pannos molhados igualmente em agua fria, e depois cobril-a com encerado inglez. Mas se a ferida se inflammar, será preciso applicar uma cataplasma de linhaça, e, depois de combatida a inflammação, pôr o encerado. *V.* FERIDA.

Se a dentada fôr produzida por cão damnado ou por cobra venenosa, a primeira cousa que se deve fazer é laval-a com agua fria e immediatamente cauterizal-a com potassa caustica, oleo de vitriolo ou algum outro caustico. *Veja-se* COBRAS, RAIVA e MORDEDURAS DE ANIMAES VENENOSOS.

DENTE DE LEÃO (Planta). *Veja-se* TARAXACO.

DENTES. Assim se chamam uns ossinhos mui duros, implantados nos alveolos dos queixos, e destinados a apertar, dividir e moer as substancias alimentarias. O seu numero nos adultos é de 16 em cada queixo, o que faz 32 (fig. 287). Os quatro anteriores são *incisivos* ou *dianteiros*. O que vem depois, de cada lado, é o dente *canino* ou *presa*. Depois do dente canino, acham-se, de cada lado de um e outro queixo, os dois *pequenos molares*, ou *pequenos queixaes*; emfim os tres *grandes molares*, ou *grandes queixaes*. O ultimo d'estes tres é chamado *dente do siso*, por vir depois da idade da razão. Os incisivos e as presas tem uma só raiz; o mesmo acontece com os pequenos queixaes; ás vezes, entretanto, esta raiz é bifurcada, sobretudo nos do queixo superior; quanto aos tres grandes queixaes, sua raiz apresenta sempre duas, tres, quatro ou cinco divisões.

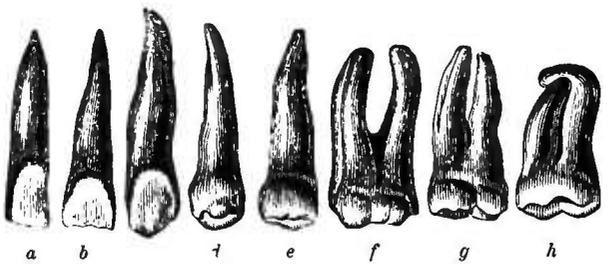


Fig. 287. — Dentes de adulto (*).

Dá-se o nome *de corpo* ou *corôa* dos dentes, á sua parte livre, o de *raiz* á parte contida no alveolo, e o de *collo* ao estreitamento que separa a corôa da raiz. Cada dente possue uma parte dura, externa e que tem o nome de *marfim*. Esta é coberta, mas na corôa sómente, de uma substancia particular chamada *esmalte* No centro de cada dente acha-se uma pequena cavidade occupada pelo *folliculo dentario*, substancia molle, gelatinosa, composta de nervos mui finos e de vasos mui delgados. Os grandes soffrimentos que fazem padecer as dôres dos dentes tem a sua séde n'esta substancia.

Divido este artigo em duas partes : parte hygienica e parte pathologiea. Na primeira, tratarei dos dentes no seu estado de saude, e indicarei os meios de conservar a estes orgãos as suas condições normaes; na segunda, fallarei de suas molestias.

PARTE HYGIENICA. **Disposições normaes.** No estado normal, os dentes são arranjados symetricamente sobre as margens dos queixos, chamados tambem mandibulas. A alvura constitue uma das suas qualidades preciosas. Os que são de um branco côr de leite ou de porcelana, e como transparentes, são raras vezes dotados de grande solidez. Estes caracteres encontram-se nas pessoas debeis, lymphaticas, predispostas ás escrophulas e ao rachitismo. Os mais solidos são os de côr um pouco amarellada, que se encontram nas pessoas robustas, sanguineas e biliosas.

Anomalias relativas ao numero dos dentes. Em alguns individuos os dentes faltam inteiramente, e não se desenvolvem. De ordinario a privação só é parcial; umas vezes affecta só os dentes tempo-

(*) *a*, primeiro incisivo; *b*, segundo incisivo; *c*, presa; *d*, *e*, pequenos queixaes; *f*, *g*, *h*, grandes queixaes.

rarios que faltam, e não os permanentes, que apparecem na época acostumada; outras vezes, são estes que não se mostram, mas só na parte anterior, e a bocca acha-se guarnecida dos queixaes. A medicina não póde provocar, reanimar ou accelerar em taes circumstancias o trabalho da natureza. Não se deve entretanto desesperar do desenvolvimento dos dentes senão quando o individuo já não crescer, e é sómente n'esta época que convem substituir por peças artificiaes os vacuos deixados na organização.

Os dentes, em vez de faltarem, podem apresentar-se em numero maior do que costumam ser. A exuberancia dos dentes resulta quasi sempre da persistencia de alguns dentes temporarios, ao mesmo tempo que os permanentes se desenvolvêram por diante ou por detraz d'elles. É preciso n'este caso extrahir os temporarios; e, qualquer que seja o gráo de inclinação dos outros, endireitam-se completamente depois da operação. Mas é necessario fazer esta extracção com muita cautela, para não tomar por supranumerarios os dentes permanentes, que se desviáram do seu caminho por causa da persistencia dos primeiros. Ás vezes a exuberancia dos dentes procede do numero dos germes dentarios; assim em alguns individuos, quando os dentes queixaes estão renovadas, e os grandes queixaes se acham em seu logar, apparece um dente supranumerario, de fórma irregular e oblonga, que procura collocar-se entre elles. Convem igualmente extrahil-o.

Obliquidade ou **Inclinação dos dentes.** As causas da obliquidade dos dentes secundarios são a falta de proporção entre o seu volume e o espaço que devem occupar, ou a quéda mui tardia de algum dente primitivo, ou a existencia de um dente supranumerario. É facil, havendo cuidado durante a segunda dentição, prevenir grande numero d'estas anomalias. Se ao começo da segunda dentição se manifestar algum ponto vermelho e doloroso, perto de um dente incisivo médio primitivo, convem extrahir este sem demora, para deixar logar livre ao dente que quer sahir. Isto mesmo cumpre praticar se por ventura elle tiver já sahido. Quando apezar d'esta operação, os dentes médios permanentes não acham entre os incisivos temporarios lateraes, espaço bastante para se arranjarem convenientemente, é preciso extrahir estes temporarios que os contrangem. Mas importa muito, para praticar esta extracção, que os dentes, cujo desenvolvimento se deseja, tenham adquirido a metade de sua altura. Anticipando-se a extracção, elles se afastarão de um para outro lado, e tomarão parte no logar que devem occupar os dentes seguintes; e retardando-a muito, adquirirão pelo contrario as inclinações antero-posteriores, que se querem evitar. Os incisivos lateraes, por sua vez, serão submettidos á mesma pratica; isto é, depois de extrahir, se fôr preciso, os dentes primitivos que devem substituir, extrahir-se-ha, depois da sahida de uma porção consideravel de sua corôa uma ou outra presa primitiva, afim de lhes dar o sufficiente espaço de que necessitarem. As presas emfim devem ser dirigidas da mesma maneira, no seu crescimento e sua collocação. Acontece ás vezes ser urgente sacrificar o primeiro pequeno queixal. Quasi nunca estas precauções

deixam de ter bom exito. É muito mais difficil remediar a obliquidade dos dentes quando elles tem inteiramente sahido. Recorre-se então á lima, ás ligaduras fixadas sobre os dentes vizinhos, ás differentes laminas destinadas a puxar os dentes desviados, para diante, para traz ou para fóra, etc. Qualquer que seja o processo a que se dê preferencia, o seu bom exito dependerá principalmente do periodo da vida em que elle fôr feito; este periodo é, dos oito aos quatorze annos. Passados os quatorze ou quinze annos, semelhantes operações expõem os dentes a serem abalados e a cahirem.

Quando não se puder remediar a obliquidade dos dentes, é preciso corrigir os máos effeitos que resultam de sua presença. Assim, umas vezes devem extrahir-se os que são mui deformes e ferem a lingua, os beiços ou as bochechas; outras vezes limam-se-lhes as margens livres, ou cortam-se-lhes as corôas.

Os dentes apresentam em algumas pessoas uma inclinação geral, para diante, e fazem proeminencia mais ou menes consideravel debaixo dos beiços. O costume que têm as crianças de chupar continuamente os dedos, os pannos e mesmo a lingua, que levam então para diante, entre os beiços, é a causa mais ordinaria d'esta deformidade. Convem obrigal-as a largar logo estes costumes, por ser mui difficil remediar esta deformidade depois de desenvolvida.

Pedra dos dentes. A saliva e os outros liquidos que affluem constantemente á bocca, produzem uma materia amarellada, que se depõe sobre a superficie dos dentes, endurece-se gradualmente, descarna pouco a pouco estes orgãos, e emfim determina a quéda d'elles. Esta materia assim endurecida chama-se *pedra dos dentes*. Os cuidados de asseio, a acção mesma dos pós dentifricios não é sempre sufficiente para prevenir a formação d'estas concreções. Quando existem, cumpre tiral-as sem demora com instrumento de aço.

Conservação dos dentes. Um regimen brando e regular, a ausencia de todos os excessos, a execução livre das principaes funcções, taes são os melhores meios de conservar a frescura da bocca, a firmeza das gengivas e a solidez dos dentes. Os outros cuidados são : não quebrar com os dentes corpos duros, não expôr a bocca á mudança subita de temperatura dos alimentos, enxaguar a bocca com agua depois de cada comida, e tirar por meio de palitos todas as parcellas alimentarias que podem ficar entre os dentes. Os cuidados ordinarios de asseio bastam geralmente para entreter o bom estado das gengivas e dos dentes. Uma escova macia dirigida primeiramente ao longo das corôas, da base para o apice : depois, atravez, ao longo da fileira dentaria, basta, com agua fria, para tirar todas as manhãs a camada limosa que se depõe durante a noite. Muitas pessoas julgam ter limpo os dentes quando passáram uma escova sobre os de diante; não sabem que parcellas alimentarias introduzidas nas cavidades dos dentes sãos, ou emfim no fundo da bocca, e por detraz dos ultimos queixaes, experimentam uma alteração putrida, e adquirem cheiro desagradavel. Evitar-se-ha este incommodo levando com cuidado a escova a todos os logares em que se podem demorar e cor-

romper as substancias alimentarias. As fricções nunca devem ser fortes, nem fazer sangrar as gengivas. De tempos a tempos cobrir-se-ha a escova com alguns pós dentifricios, taes como os de raiz de lirio, de magnesia calcinada, de osso de siba, de Máo-Tchá da casa Ed. Pinaud, de Pariz, ou de algumas outras substancias inoffensivas como sejam a Odontina e o elixir odontalgico de Th. Pelletier, de Pariz. É preciso prescrever com a maior severidade os pós compostos de preparações acidas, que não dão alvura aos dentes senão atacando-lhes o esmalte, e promovendo sua destruição. Tudo quanto póde destruir a *pedra*, por uma acção chimica, por fraca que seja, acaba por atacar os mesmos dentes. A venda d'estas substancias nocivas deveria ser o objecto de cuidadosa inspecção da parte da policia, e até mereceria a vindicta das leis.

Eis-aqui as receitas dos melhores pós para os dentes, que podem ser empregados com toda a segurança e com a melhor vantagem :

1ª Ossos de siba reduzidos a pó impalpavel.....	60 gram.	4ª Pós de raiz de lirio florentino.....	60 gram.
2ª Magnesia calcinada....	15 —	5ª Pó de carvão de páo...	60 —
3ª Greda em pó.....	30 —		

6ª Pó de carvão de páo..... 30 grammas.
Quina pulverizada..... 15 —
Oleo de cravo da India..... 2 gottas.

Misture-se.

7ª Extracto de ratanhia...	15 gram.	Canella.....	8 gram.
Carvão de páo.....	60 —	Cravo da India.....	8 —

Reduza-se tudo a pó impalpavel e misture-se.

8ª Magnesia calcinada..... 15 grammas.
Canella pulverizada..... 8 —

Misture-se.

Pós dentifricios de Dethan. Veja-se DENTIFRICIO DE CHLORATO DE POTASSA.

As quatro primeiras receitas convem para todas as pessoas que quizerem entreter a limpeza da bocca, e podem servir para o uso quotidiano: a quinta é boa para as que tem máo halito, porque o carvão é um excellente desinfectante. A sexta e setima são indicadas quando as gengivas estão molles, inchadas, e deitam sangue; e n'este caso é bom ajuntar tambem a um copo d'agua, com que se lava a boca, algumas gottas de elixir dentifricio de Ed. Pinaud, perfumista em Pariz. A oitava receita convem para as pessoas que soffrem de azias. A magnesia neutraliza o acido que póde desenvolver-se na saliva, e actua, d'esta maneira, como meio preservativo da carie. A mesma consideração deve ser applicada á segunda receita. — As receitas das tinturas ou elixires odontalgicos de que se póde fazer uso com vantagem são :

Elixir e opiato dentifricio de Dethan (Veja-se DENTIFRICIO DE CHLORATO DE POTASSA.

Elixir aromatico.

Tintura de baunilha....	15 gram.	Alcoolato de alecrim.....	30 gram.
— de pyrethro....	125 —	— de rosas.....	30 —
Alcoolato de hortelã....	30 —		

Misture-se.

Deita-se uma colher *de chá* d'este elixir n'um copo d'agua, e lava-se a bocca.

Thesauro da bocca.

Alcoolato de cochlearia...	60 gram.	Alcoolato de casca de limão.....	30 gram.
— de alfazema....	60 —		
— de hortelã.....	30 —		

Misture-se.

Emprega-se da mesma mancira que o precedcnfe. — *Veja-se* tambem *Agua dentifricia*, vol. I, pag. 59.

Quanto ao uso dos palitos, que servem para tirar as substancias alimentarias retidas entrc os dentes, convem não emprcgar senão os feitos de páo molle, de penna, de chifrc, c proscrever as facas, os alfinetes e as laminas mctallicas, cujo contacto póde offender os dentcs.

Emfim, uma sabia e util precaução consiste em fazer visitar de tempos a tempos a bocca por um dentista habil e consciencioso. Com effeito, a carie dos dentes póde existir depois dc muito tempo, scm haver dado signaes dc sua existencia; e quando appparecem dôres, já é mui tarde para achar remedio, entretanto que no principio, chumbando ou limando os dentes, podem impedir-se os progrcssos do mal.

Molestias dos dentes. **Abalo dos dentes.** As pancadas sobre os dentes, as quédas de encontro á bocca, occasionam frequentemente a quebra dos alveolos e o rompimento das adherencias dos dentes, fazendo-os balançar. Basta, n'este caso, submetter-se á abstinencia severa de todo o alimento solido. Pouco a pouco os dentcs recobram a solidez.

Quando o abalo dos dentes resulta da alteração das gengivas, como isto se observa nos escorbuticos e nas pessoas quc abusáram do mercurio, é preciso combater as causas da molestia; isto é, tratar no primeiro caso o cscorbuto (*veja-se* esta palavra) pclos meios appropriados, e no segundo dcixar o uso do mcrcurio. Então o doente fará uso do gargarejo seguinte :

Alumen.....	6 gram.	Tintura de myrrha.....	4 gram.
Vinho branco.....	250 —	Mel rosado.....	30 —
Tintura de quina.....	8 —		

Misture ;

ou de um gargarejo prcparado com 100 grammas dc tintura de cochlearia e 100 grammas de aguardente camphorada. Quando as gengivas voltam ao estado normal, vê-se quasi scmpre os dentes consolidarem-se e recobrarem o excrcicio de suas funcções.

O amollecimento das gengivas póde existir por si só, sem ser acompanhado dos symptomas de escorbuto : os dentes estão então abalados.

Para consolidal-os cumpre esfregar as gengivas, duas ou tres vezes por dia, com pós de extracto de ratanhia, ou com magnesia calcinada, e usar tambem do gargarejo com alumen, que deixei indicado.

Quanto ao abalo resultante da sahida dos dentes de seus alveolos, o que acontece com o progresso da idade, nada ha que fazer. (*Veja-se* tambem o artigo GENGIVAS.)

Luxações. Quando nas percussões violentas dirigidas contra a bocca, um ou mais dentes sahem dos alveolos, é necesario pôl-os no seu logar e fixal-os n'esta situação com retroz, atado aos dentes vizinhos. Ás vezes os alveolos apertam-se ao redor dos dentes luxados, e a arcada dentaria torna a cobrar a sua solidez.

Carie. É uma especie de mortificação dos dentes. As suas causas nem sempre são apreciaveis. É mui commum nos logares baixos, humidos, pantanosos, nas cidades grandes e nos individuos lymphaticos. É tambem attribuida á mudança subita de temperatura nos alimentos e nas bebidas. As pessoas jovens são mais sujeitos á carie dos dentes, que é mui rara passados os cincoenta annos. A observação mostra que os dentes correspondentes dos dois lados do mesmo queixo são affectados muitas vezes de carie ao mesmo tempo ou com intervallos mui proximos. Os dentes de leite são frequentemente atacados de carie, mas a molestia não se communica aos germes dos dentes secundarios. A carie communica-se raras vezes ao dente vizinho; porém o que mais frequentemente se observa é uma nodoa superficial e não dolorosa, uma simples alteração do esmalte, e não uma carie profunda e destruidora.

Para preservar os dentes de se cariarem, cumpre evitar as causas geraes de que a carie procede, e observar as regras hygienicas. Os individuos escrophulosos devem fazer uso de um regimen tonico, composto de carne e de outros alimentos substanciaes, afim de melhorarem de constituição. Estas precauções são principalmente necessarias ás crianças cujos dentes de leite se mostram cariados. Deve-se evitar o esfriamento dos pés; convem entreter a limpeza da bocca pelos meios já indicados, e banir todos os elixires e pós dentifricios, em cuja composição entrem substancias muito acidas.

Quando a carie é superficial, cumpre desde logo destruir com lima a porção affectada; póde-se, por este meio, conservar o resto do orgão, ou ao menos retardar os progressos da sua destruição. Se o dente tiver buraco profundo, é preciso chumbal-o. A existencia de dôr póde oppôr-se a esta operação; mas deve recorrer-se a ella sempre que fôr praticavel. Os dentes são orgãos summamente importantes e uteis; não se devem pois sacrificar sem necesidade absoluta. Com o tempo as dôres acalmam-se, e se as corôas se destroem, as raizes ao menos podem servir ainda á mastigação. Quantos individuos não ha que se dão por felizes em têl-as conservado? Quando a carie é mui profunda, quando o dente causa dôres contínuas e exhala cheiro desagradavel, ou quando não póde ser chumbado, é necessario extrahil-o.

Dôres de dentes. Ha duas especies de dôres de dentes, conforme as causas que as podem determinar.

1° *Dôr que procede da carie.* Muitos medicamentos são aconselhados para acalmar as dôres de dentes produzidas pela carie.

Eil-os: Introduzir na excavação do dente cariado um pedacinho de camphora; ou uma bolinha de algodão embebida em aguardente camphorada, ou em algumas gottas de chloroformio, no creosote, no laudano de Sydenham, no oleo essencial de cravo da India, ou n'um dos liquidos seguintes:

1° Camphora..... 1 gramma.
Essencia de terebinthina..... 4 grammas.

Misture.

2° Alcool..... 8 gram. | Essencia de cravo da India..... 20 gottas.
Camphora..... 4 —
Opio..... 25 centigram.

Misture.

3° Laudano de Sydenham..... 4 grammas.
Essencia de cravo da India..... 4 —
Ether sulfurico..... 4 —

Misture.

4° Collodio..... 4 grammas.
Acido phenico..... 4 —

Misture.

Limpa-se bem a cavidade do dente e se introduz depois um pouco da massa, que produz esta mistura, cobrindo depois com um pouco de algodão.

Com o mesmo fim de acalmar a dôr de dentes, póde-se introduzir com um palito, na excavação do dente, uma gotta de acido phenico liquido.

Passada a dôr, cumpre chumbar o dente.

2° *Dôr nervosa dos dentes* ou *nevralgia dentaria.* Esta dôr existe sem que haja carie, nem molestia alguma das gengivas ou dos alveolos, e occupa quasi sempre muitos dentes. Sua duração é variavel; a extracção dos dentes póde augmental-a, em vez de a fazer cessar. Eis-aqui as receitas que convem contra a dôr nervosa dos dentes:

1° Comprimir com os dedos, e mui fortemente, a fonte do lado dorido. Esta compressão torna insensivel o nervo dentario. Um dentista americano annunciou um modo de extrahir os dentes sem dôr. Consiste este modo em mandar comprimir com os dedos por um assistente, e com força bastante, durante quasi um minuto, a cavidade que se encontra nas fontes atraz do osso temporal que forma a base ou abertura da orbita, parte externa.

2° Esfregar as gengivas com um panno molhado na seguinte mistura:

Agua de louro-cereja..... 8 grammas.
Chlorhydrato de morphina..... 5 centigrammas.

3° Applicar no rosto algodão ou a cataplasma seguinte:

Cataplasma de linhaça..... 125 grammas.

Estenda em um panno, e deitc por cima :

Laudano de Sydenham..... 15 grammas.

4° Introduzir no ouvido uma bola de algodão molhada com 10 gottas de chloroformio.

Fluxão ou **Inchação do rosto,** ou **Carregação dos dentes.** Póde dcsenvolver-se por occasião de todas as lesões dos dentes, ou succeder ás operações, quaesquer que sejam, que se pratiquem n'estes orgãos. Combate-sc com algodão applicado no rosto ou com cataplasma de farinha de linhaça, bochechos com decocção dc raiz de althea, pediluvios sinapizados e purgantes brandos, como manná (60 grammas), oleo de ricino ou sal de Glauber (a mesma dóse). Passados alguns dias, a dôr acalma-se, a tumefacção exterior diminue, e tudo volta ao estado normal. Entrctanto, em muitos individuos forma-se um abcesso, raras vezes da parte de fóra, porém mais ordinariamente dentro da bocca e no tecido das gengivas. Este abcesso é annunciado por dôres latejantes, pulsativas, e depois por um sentimento de peso. Uma tumefacção circumscripta, primeiramente dura, depois mollc, fluctuantc, indica a séde do tumor, que se abre por si ; cntão sahe o pus, e as dôres assim como o engurgitamento desapparcccm.

Fistulas dentarias. Chamam-se assim pcquenas aberturas, entretidas pela suppuração mais ou menos abundante. Tem logar nas gengivas, perto da raiz do dente, ás vczes no rosto, e dependem ordinariariamente da carie dos dentes, com cujo alveolo se communicam semprc. Para curar esta molestia, é preciso extrahir o dente affectado. Feita esta operação, as paredes do alveolo apertam-sc, cicatrizam-se, e o trajecto fistuloso, não tendo mais nada que o alimente, oblitera-se espontaneamente.

Embotamento dos dentes. Esta affecção consiste n'uma sensação desagradavel, produzida pelo contacto dc substancias acidas c acerbas, ou pela acção de instrumentos cirurgicos, quando se limam os dentes. No embotamcnto dos dentes torna-se mui dolorosa a mastigação dos alimentos solidos, e a dôr augmenta pela entrada do ar na bocca. Este incommodo é passageiro c desapparece por si. Póde-se diminuil-o esfregando os dentes com um panno quente, mascando raiz sccca dc althea branca, ou friccionando os dentes e as gengivas com magnesia calcinada.

Inflammação da membrana que forra o interior dos alveolos. Esta molcstia manifesta-se frequentemente nos dcntes sãos, sem causa conhecida. Quando a membrana alveolo-dentaria se inflamma, sobrevem dôres vivas que sc propagam ao rosto, testa c fontes; o dente vacilla, excede o nivel dos outros, e torna-se doloroso á mcnor pressão. E preciso lavar a bocca com agua morna misturada com mel rosado, e durante a noite applicar sobre o rosto cataplasma de linhaça. Se sc formar um abcesso na gengiva, convem abril-o ; o dente recolhe-se no seu logar e consolida-se, a não sobrevir alguma complicação. Se a inflammação passa ao estado chronico, convem esfrcgar as gengivas,

duas vezes por dia, com extracto de ratanhia reduzido a pó impalpavel.

Destruição do esmalte ao redor do collo dos dentes. Esta molestia principia pela simples sensibilidade do esmalte, que se percebe facilmente tocando-o com a ponta da unha; mais tarde o esmalte torna-se friavel, o dente amollece e apresenta uma cavidade. Esta alteração resulta sempre de secreção acida dos fluidos da bocca. O tratamento que convem para suster os progressos da molestia, consiste em esfregar as gengivas, duas ou tres vezes por dia, com magnesia calcinada.

Dentes vacillantes ou **gengivite expulsiva.** Na idade média da vida frequentemente as gengivas amollecem, e abandonam os dentes, que sahem dos alveolos com a maior facilidade, sem molestia apreciavel : é o que se chama *gengivite expulsiva.* Para combater este desagradavel estado, cumpre tocar uma vez por dia as gengivas com um pincel molhado na tintura de iodo, e lavar immediamente a bocca com agua fria. É preciso ter muito cuidado no asseio da bocca, comer muitas laranjas, muitas fructas aciduladas, e usar das saladas de todas as especies.

Dentes postiços ou **artificiaes.** Chamam-se dentes artificiaes os que se põem no logar dos que foram extrahidos. Os que hoje se empregam são compostos de massa de porcelana corada com oxydos metallicos, e á qual se dá o nome de massa mineral. Os dentes postiços podem ser fixados por encravação, isto é, sobre a raiz conservada de um dente cuja corôa foi destruida pela carie, ou prendem-se aos dentes vizinhos por meio de laminas de metal elastico. A arte suppre não só a perda de um dente, mas tambem a de muitos, e até a de toda a arcada dentaria. Estas peças extensas, modeladas sobre as gengivas articuladas pela parte de traz por meio de molas, seguem todos os movimentos dos queixos durante a mastigação, assim como em todo o tempo que se falla. Tem ás vezes por base marfim de cavallo marinho, convenientemente corado, que substitue as gengivas, e sobre o qual estão implantados os dentes postiços. Em logar do marfim de cavallo marinho, empregam-se ás vezes laminas metallicas. Mediante estes processos corrige-se a deformidade, torna-se a falla livre e a mastigação possivel.

Accidentes que seguem a extracção dos dentes. *Hemorrhagia.* De todos os accidentes que resultam da extracção dos dentes, a hemorrhagia é o mais commum. Se procede da simples laceração das gengivas, basta lavar a bocca com agua fria misturada com um pouco de vinagre. Mas, se o sangue sahir da cavidade que era occupada pelo dente, é preciso introduzir n'ella uma bola de fios ou de cera, e exercer por cima uma compressão energica e prolongada. Ás vezes esta compressão não basta : convem então introduzir na cavidade um pedaço de panno molhado na solução de perchlorureto de ferro a 30 gráos. Com o mesmo fim introduz-se um lapis de pedra infernal, que se demora um ou dois minutos, ou até cessar a hemorrhagia. A pedra infernal cauteriza a arteria que fornece sangue, e faz sempre parar o corrimento.

Póde acontecer que, por engano, ou por applicação viciosa do instru-

mento, o dentista tire um dente são em logar do dento cariado. Basta indicar este accidente para se ter todo o cuidado em o evitar.

Extracção dos dentes de leite. Os dentes de leite são frequentemente affectados de carie em consequencia de molestias ou de predisposição particular; mas não se deve recorrer á sua extracção, excepto no caso de imperiosa necessidade. É um erro julgar que um dente de leite possa ser impunemente arrancado, sob pretexto de que, devendo cahir um dia, é indifferente tiral-o mais cedo ou mais tarde; póde-se n'esta operação, praticada em tenra idade, offender ou extrahir o germe do dente permanente, sobretudo os dois pequenos queixaes, que se acham entre as raizes encurvadas dos de leite da mesma qualidade; e ainda que isto não succeda, fica a margen alveolar angulosa e oppõe-se até certo ponto á sahida do dente de substituição. E por isso convem empregar, contra as molestias dos dentes de leite, todos os meios para impedir os seus progressos ou alliviar as dôres que occasionem.

As presas e os incisivos são em geral menos expostos á carie. Quando ella se manifesta, ataca ordinariamente os superiores, sem quasi nunca occasionar dôres. Mas os queixaes, sobretudo os de baixo, offerecem cavidades que é facil chumbar, esta precaução tem a vantagem de prevenir frequentemente as dôres e de conservar os dentes até á sua substituição, de evitar as fistulas, as postemas, e de impedir que os alimentos se demorem n'essas cavidades. Além d'isto, contra as dôres dos dentes de leite occasionadas por carie, convem empregar os mesmos remedios indicados contra a carie dos outros dentes. *Veja-se* vol. I, p. 799.

DENTIÇÃO. Designam-se pela palavra *dentição* todos os phenomenos da sahida dos dentes. Estes phenomenos podem ser normaes ou morbosos: ha uns que são proprios da primeira dentição, e outros que acompanham a segunda.

Phenomenos normaes da primeira dentição. Tem-se visto mais de uma vez crianças nascerem com um ou mais dentes. Luiz XIV offereceo um exemplo d'isso. Ás vezes, pelo contrario, a dentição demora-se até ao principio do segundo anno, ou ainda mais tarde; e mesmo notáram-se casos de só apparecerem aos onze annos. Mas, em geral, os dentes principiam a manifestar-se do sexto mez até ao fim do primeiro anno. As gengivas incham e tornam-se vermelhas, a criança deita muita saliva, mette os dedos na bocca, faz movimentos de impaciencia, e chora frequentemente. As faces offerecem a miudo leves vermelhidões, que apparecem e desapparecem alternativamente. A ordem da sahida dos dentes varia com frequencia; eis-aqui entretanto a que póde ser considerada como mais geral. Os dois incisivos medios do queixo inferior rompem primeiro; quinze dias ou tres semanas depois, apparecem os correspondentes do queixo superior; depois os dois dianteiros lateraes inferiores, depois os superiores, e alguns mezes mais tarde apparecem, não as presas, como tem dito alguns autores, mas sim os primeiros pequenos queixaes, em baixo, depois os de cima; emfim rompem as presas e os segundos pequenos molares.

Eis-aqui em que ordem e em que época rompem mais ordinariamente os dentes da primeira dentição :

Do 4° ao 10° mez, os quatro incisivos centraes (dianteiros), mas primeiramente os de baixo.

Do 6° ao 12° mez, os quatros incisivos (dianteiros) lateraes.

Do 10° até ao 14° mez, os quatro primeiros queixaes.

Do 12° até ao 20°, as quatro presas.

De dois annos e meio a tres e meio, os segundos pequenos queixaes.

Estes dentes devem cahir para serem subtituidos : chamam-se *dentes primitivos*, *dentes de leite* e *dentes caducos* ou *temporarios*. No fim do quinto ou do sexto anno, sahem em cada maxilla dois novos queixaes permanentes, isto é, os que não devem ser substituidos, e que ao depois são os primeiros grandes queixaes.

Phenomenos normaes da segunda dentição. A renovação dos dentes da primeira dentição principia aos sete annos, e faz-se na mesma ordem que a sua sahida, mas ainda com maior vagar e irregularidade. Aos doze annos apppareee o segundo grande molar; o terceiro demora-se até quasi aos 21 annos, e d'ahi provém-lhe o nome de dente de siso. O apparecimento d'este é ás vezes muito mais tardio, e aconteee mesmo não sahir nunca. Eis como tem logar de ordinario a erupção dos dentes permanentes :

De 5 a 6 annos, os primeiros grandes queixaes.

De 6 a 8 annos, os incisivos medios de baixo, depois os de cima.

De 7 a 9 annos, os incisivos lateraes.

De 10 a 12 annos, as presas.

De 9 a 11 annos, os primeiros e segundos pequenos queixaes.

De 12 a 17 annos, o segundo grande queixal.

De 20 a 24 annos, os quatro dentes de siso.

Molestias da primeira dentição. A grande mortalidade que se observa na primeira idade da vida, e a difficuldade que ha de reconheeer a natureza de certas affeeções da infancia, tem feito adoptar a opinião de que a *dentição* é a fonte principal de todas as molestias que ataeam as crianças, e a causa da morte de grande numero d'ellas. Por este preconceito commodo, faz-se eargo á natureza de muitos aceidentes e de resultados funestos, que muitas vezes procedem de tratamentos improprios. A dentição por si só não é uma molestia, mas sim uma funeção natural. Muitas crianças chegam ao cabo de sua dentição sem nunca apresentarem a menor alteração na saude. Entretanto, ha com effeito alguns aeeidentes realmente ligados a estas funcções, são elles locaes ou geraes: os primeiros podem mesmo tornar-se a causa direeta dos segundos.

O tratamento de algumas molestias produzidas pela dentição em nada differe do das mesmas molestias determinadas por outras causas; por conseguinte, pouco fallarei a semelhante respeito: taes são *vomitos*, *diarrhea* e *convulsões;* mas ha uma molestia, a *inchação* das gengivas, que merece neste logar completa deseripção.

1° **Inchação dolorosa das gengivas.** As gengivas fazem-se ás vezes mui grossas, de côr vermelha, e tão dolorosas, que as crianças

dão gritos contínuos. Esta inchação é acompanhada de vermelhidão do rosto, calor da pelle, sêde ardente e somnolencia. A febre é contínua ou interrompida de tempos a tempos. Esta molestia exige bebidas mucilaginosas, como agua panada e decocção dc arroz ou de cevada, adoçadas com mel de abelhas. Os banhos geraes mornos são tambem de grande utilidade. Deve-se ao mesmo tempo entreter a liberdade do ventre com clysteres de decocção de linhaça simplcs, ou misturada com duas colheres, das *de sopa*, de azeite doce, ou com mel de abelhas: com o mesmo intuito póde-se dar um brando laxante, tal como 30 grammas de xarope de chicoria composto, ou de xarope de rosas brancas. Depois d'isto, applicar-se-hão senapismos nos pés, para diminuir a congestão da cabeça e prevenir a modorra e as convulsões. Deve-se fazer com que a criança mastigue algum corpo, como raiz de althea ou de alcaçuz, molhada em mel de abelhas ou em agua com assucar, para amollecer a gengiva e facilitar a sua perforação. Estes meios são sufficientes, e nunca na minha pratica me foi neccssario recorrer á incisão da gengiva, que é aconselhada por alguns medicos.

2° **Vomitos.** Cumpre prestar grande attenção aos vomitos das crianças, porque clles são frequentemente o principio de alguma molestia grave do cerebro ou do ventre: não se devem entretanto confundir com os vomitos de leite que procedem do excesso da alimentação, e que não podem inspirar o menor reccio. Quando os vomitos não forem acompanhados nem da vermelhidão da lingua nem da sensibilidade do ventre, bastará que a criança se limite ás bebidas emollientes ou gommosas, como decocção de arroz, de cevada, etc., aromatizadas com agua de flor de laranjeira. Ás vezes o xarope de quina é util n'este caso; administra-se na dóse de uma colher *de chá*, de tres em tres horas.

3° **Diarrhea.** Ao principio, cozimento de linhaça, clysteres com decocção de raiz de althea, com clara de ovo, com polvilho, cataplasmas de linhaça no ventre, e banhos mornos, bastam frequentemente para atalhar os progressos da molestia. Se porém a diarrhea se prolonga e passa ao estado chronico, é preciso recorrer ás bebidas um tanto adstringentes: assim administrar-se-hão decocções de arroz ou de cevada com xarope de limão ou de marmelo. O xarope de quina dado ás pequenas colheres, o vinho tinto em pequenas quantidades, e os banhos com plantas aromaticas, são tambem indicados n'este caso. Se, apezar d'estes meios, a molestia não ceder, administre-se poaya em pó na dóse de 40 centigrammas para provocar os vomitos.

4° **Convulsões.** Já tratamos d'este assumpto á pagina 694. Lembraremos somente aqui que o melhor meio de facilitar a dentição é atar ao pescoço das crianças um *collar de ambar de Royer;* a influencia electrica, lenta mas continua que possue este collar, modifica, pouco a pouco, sem abalo as partes doridas, o trabalho da dentição se faz mais facilmente e evitam-se então as convulsões.

5° A primeira dentição é acompanhada frequentemente de pequenas *empigens* no rosto ou atraz das orelhas, de *erupções cutaneas* que se manifestam nas coxas e nadegas, e que se chamam *fogagem*. Estas

pequenas molestias não exigem tratamento particular, e desapparecem depois da sahida dos dentes. Convem só fazer lavatorios com cozimento de linhaça.

Molestias da segunda dentição. Certas molestias, assim como certas mudanças na constituição e no moral, assignalam esta época; mas seria temeridade attribuil-as á dentição. Se por acaso se desenvolverem effeitos locaes ou sympathicos semelhantes aos da primeira dentição, deve ter logar o mesmo tratamento.

DENTIÇÃO DOS CAVALLOS, BOIS, etc. A dentição offerece um meio certo de conhecer a *idade do cavallo*.

O cavallo tem 40 dentes, e ás vezes 44, quando tem os quatro molares supplementarios; a egua 36, e ás vezes 40, quando tem as quatro presas. Acham-se todos estes dentes distribuidos symetricamente pelas duas queixadas, metade em cada queixada, e denominam-se da maneira seguinte : doze *incisivos*, que fecham n'um semi-circulo as extremidades anteriores das arcadas dentarias; quatro *presas* ou *colmilhos*, que faltam ordinariamente nas eguas, situados no espaço que separa os molares dos incisivos; vinte e quatro *molares* ou *queixaes*, repartidos pelos lados da bocca; e quatro *molares supplementarios* (quando os ha) situados antes dos primeiros molares.

Chamam-se *dentes caducos* ou *de leite*, aos que cahem em epocas certas, e são substituidos por outros; e dentes *substituintes*, dentes *de cavallo* ou *de adulto*, são os que vem occupar o logar dos dentes caducos; finalmente dentes *permamentes*, são aquelles que depois de nascidos não cahem nem soffrem phase alguma de substituição.

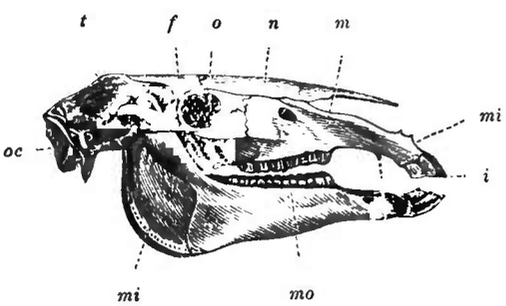


Fig. 288. — Cabeça de cavallo (*).

A fig. 288 representa os diversos dentes do cavallo.

É pelos seis dentes incisivos da queixada inferior que se obtem dados positivos para se conhecer com certeza a idade de um cavallo. Eis-aqui a denominação d'estes dentes : os dois do meio do semi-circulo, chamam-se *pinças* ou *dianteiros;* os seguintes, de ambos os lados, denominam-se *medios;* e os extremos da figura semi-circular, tem o nome de *cantos* ou *angulares*.

Cada dente incisivo substituinte ou de adulto, quando tem sahido completamente, e quando ainda não está gasto, n'uma palavra, quando ainda está *virgem*. apresenta duas partes distinctas, uma *livre* e outra *engastada*.

A parte livre, cuja altura é de 13 a 18 millimetros, representa um cóne virado, com a base para cima, um pouco achatado de diante para traz. A extremidade da parte livre, pela qual os dentes das duas mandi-

(*) *oc*, osso occipital; — *t*, osso temporal; — *f*, osso frontal; — *n*, osso nasal; — *m*, osso maxillar superior; — *im*, osso intermaxillar; — *mi*, osso maxillar inferior; — *o*, orbita: — *i*, dentes incisivos; — *c*, presas ou colmilhos; — *mo*, dentes molares.

bulas se põem em contacto, apresenta nos dentes virgens uma cavidade profunda (fig. 289), conica, alongada de um lado a outro, que não tarda em encher-se de uma materia anegrada, e que está circumscripta por dois bordos trinchantes, sendo o anterior mais saliente do que o posterior. Esta extremidade livre toma o nome de *mesa dentaria* (fig. 290), quando os dois bordos se acham nivelados pelo uso, e quando a cavidade já não forma senão uma parte da superficie; porque esta cavidade, á medida que o animal envelhece, se estreita e acaba por desapparecer inteiramente.

As duas faces do dente e a sua cavidade conica estão cobertas de esmalte, substancia mui dura. Esta cavidade, a que se deo o nome de *canudo dentario externo*, é mais aproximada da face posterior do que da face anterior do dente, como se póde ver, fazendo sobre um dente o córte representado na fig. 291.

A parte engastada, ou a raiz do dente, varía de fórma e dimensão segundo as differentes idades. Logo que o dente apparece, esta parte é curta, redonda, e apresenta uma cavidade que se prolonga até ao interior da parte livre ao redor do canudo externo (fig. 292), e contém a

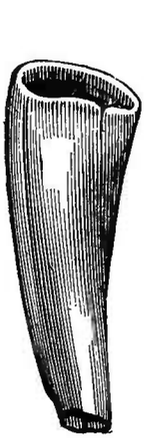


Fig. 289. — Dente incisivo virgem.

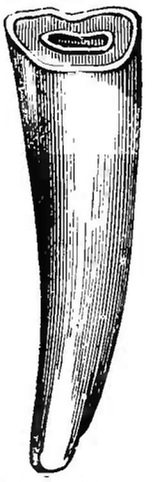


Fig. 290. — Dente incisivo, cujos dois bordos estão nivelados. Mesa dentaria.



Fig. 291. — Córte segundo o eixo longitudinal do dente.

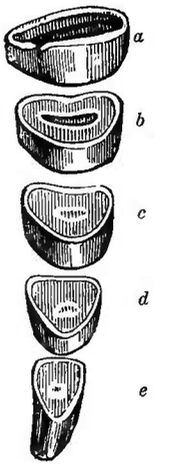


Fig. 292. — Cinco córtes transversaes de um incisivo de adulto. Os tres primeiros (*).

polpa dentaria; com a idade, esta cavidade diminue e acaba por obliterar-se inteiramente; a raiz alonga-se e vai continuando a crescer. As producções novas, em vez de conservarem a fórma arredondada da raiz, tomam outras fórmas que importa conhecer. Se, sobre um dente incisivo de adulto, se fizerem no comprimento muitos córtes transversaes de 5 em 5 millimetros (fig. 292), ver-se-ha que, achatados de diante para traz, estes córtes tornam-se successivamente ovaes, depois arredondados;

(*) *a*, *b*, *c*, levam o canudo dentario; os dois ultimos *d*, *e*, mostram a estrella dentaria.

perto da base da raiz são triangulares, emfim sua extremidade é achatada de um lado a outro. Admittamos agora que o dente, em vez de estar cortado assim transversalmente, esteja gasto pelo attrito, veremos do mesmo modo a mesa dentaria tomar successivamente estas differentes fórmas. Bem comprehendido este ponto, facillimo será comprehender a theoria na qual está baseado o conhecimento da idade; com effeito, o dente do cavallo, depois da erupção, continúa a crescer em comprimento do lado da raiz durante uma grande parte da vida; e este crescimento contínuo é acompanhado de uma igual tendencia a fazer a erupção para fóra; resulta d'isto, necessariamente, que as partas gastadas pelo attrito são constantemente substituidas por outras, e que tal porção do dente, que na idade de seis annos fazia parte da raiz, vem a formar a mesa n'uma epoca mais adiantada da vida. Verificou-se que, nos cavallos de raça fina, os dentes se gastam cerca de uma linha por anno, e de um pouco mais de uma linha nos cavallos ordinarios; segundo isto, póde-se determinar em que epoca da vida cada uma das partes do dente vem successivamente formar a mesa dentaria : tal é o primeiro dado no qual está fundado o conhecimento da idade. O segundo é-nos fornecido pela profundeza da cavidade dentaria externa, pela sua largura, emfim pela sua posição na mesa dentaria. Quando o canudo dentario tem completamente desapparecido, o *dente está raso*, e apresenta na sua mesa um ponto esbranquiçado, chamado *estrella dentaria*.

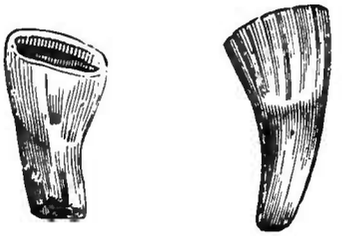


Fig. 293 e 294. — Dente incisivo caduco ou de leite.



Fig. 295. — Presa ou colmilho.

Os dentes incisivos differem entre si quanto ao seu comprimento, á sua fórma e á profundeza de sua cavidade. Os angulares são menos compridos que os medios, e estes menos que os dianteiros. Nos incisivos superiores o canudo dentario é mais comprido do que nos inferiores.

Os incisivos caducos differem dos dentes substituintes. São geralmente menos largos, côr de leite, com uns riscos verticaes na parte livre, a qual é separada da raiz por uma porção mais estreita, ou collo que nunca se observa nos dentes substituintes (fig. 293 e 294).

As *presas* ou os *colmilhos*, em numero de dois em cada queixo, estão situados no intervallo que separa os incisivos dos molares. Sua porção livre (fig. 295), conica e estriada na face externa, apresenta no meio de seu plano interno uma eminencia alongada circumscripta por dois regos.

Por detraz dos colmilhos existe uma serie de seis molares, de coroa quadrada, marcada com quatro crescentes. Entre os colmilhos e os molares, ao nivel do angulo dos beiços, existe um grande espaço vasio onde passa o freio, com o qual o homem conseguio domar o cavallo.

Os dentes são formados de duas substancias : uma externa, branca, polida e muito dura, chamada *esmalte;* outra, interna, que forma a maior parte do dente, chamada *marfim.*

Signaes por meio dos quaes se conhece a idade dos cavallos. O estudo da idade dos cavallos offerece tres periodos distinctos : 1° a sahida e a rasadura dos dentes incisivos caducos, (chama-se *rasadura* de um dente o desapparecimento da cavidade de sua porção livre em consequencia do gastamento); 2° a sahida e a rasadura dos incisivos substituintes; 3° as fórmas diversas que tomam as mesas dos dentes rasos.

1° Erupção ou sahida dos dentes caducos. O potro, quando nasce, não tem dentes. Os dianteiros (pinças) sahem entre 6 e 8 dias (fig. 296); os medios de 30 até 40 dias (fig. 297); e os angularos de 6 até 10 mezes (fig. 298).

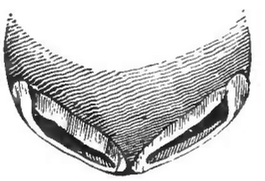


Fig. 296. — 6 a 8 dias.

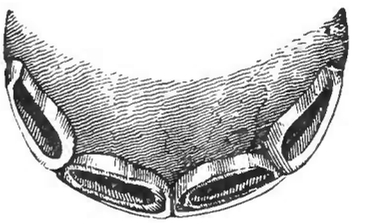


Fig. 297. — 30 a 40 dias.

No momento em que cada dente incisivo faz sua erupção, vê-se um bordo trinchante, é o bordo anterior. O posterior não se faz apparente senão alguns dias depois, e, quando apparece, distingue-se a cavidade. Os incisivos da queixada superior mostram-se ordinariamente um pouco mais cedo. Quando a erupção está completa, e quando se estabelece o contacto entre os dentes superiores e os inferiores, o bordo anterior principia a gastar-se; em pouco tempo se acha ao nivel do posterior; a mesa dentaria começa a gastar-se regularmente; a cavidade ou o canudo da porção livre diminue de profundeza, e acaba por desapparecer. Diz-se então que o dente está raso. V. fig. 290. *Dente incisivo com a mesa rasa.*

Logo que principia o gastamento, a mesa apresenta duas fitas de esmalte : uma externa que envolve o dente; outra central que circumscreve a cavidade (fig. 290). Esta circumstancia é para notar, porque veremos adiante que ella nos servirá para baldar as fraudes de alguns vendedores de cavallos, que contra-marcam os animaes para que representem menor idade do que tem.

Rasam-se os dianteiros aos 10 mezes; os medios aos 12 mezes; e os angulares de 15 mezes a 2 annos.

Os incisivos da queixada superior rasam-se menos depressa do que

os da queixada inferior, porque o seu canudo dentario externo é muito mais profundo.

Aos dois annos, a cavidade tem inteiramente desapparecido em todos os dentes incisivos caducos; é a epoca em que elles cahem, e são substituidos pelos dentes substituintes (fig. 299, *Queixada inferior de um potro de* 2 *annos*).

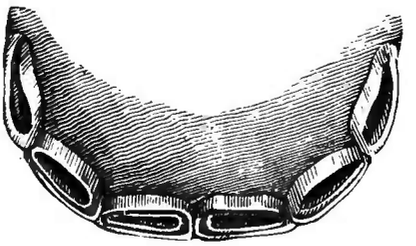


Fig. 298. — 6 a 10 mezes.

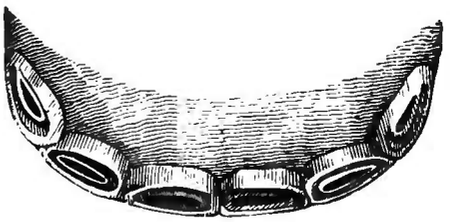


Fig. 299. — 2 annos.

2° Erupção e rasadura dos dentes substituintes. Os dianteiros sahem de 2 1/2 a 3 annos (fig. 300), os medios de 3 1/2 a 4 annos (fig. 301), os angulares de 4 1/2 a 5 annos (fig. 302).

A erupção das presas, a qual tem logar ordinariamente de 3 1/2 até 5 annos, não póde, por ser mui variavel, servir para o conhecimento da idade.

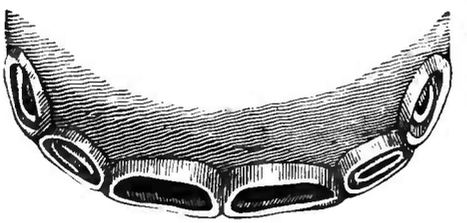


Fig. 300. — 2 1/2 a 3 annos.

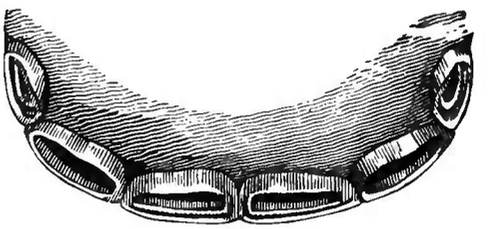


Fig. 301. — 3 3/2 a 4 annos.

Cinco annos (fig. 303). Os angulares estão ao nivel dos medios; o bordo anterior dos medios algum tanto gasto; os dianteiros quasi completamente rasos.

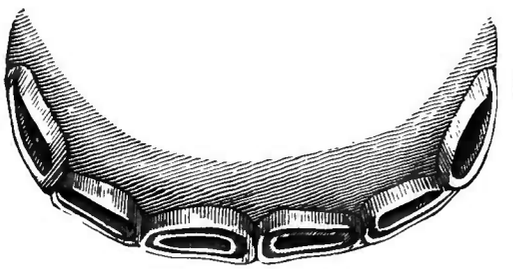


Fig. 302. — 4 1/2 a 5 annos.

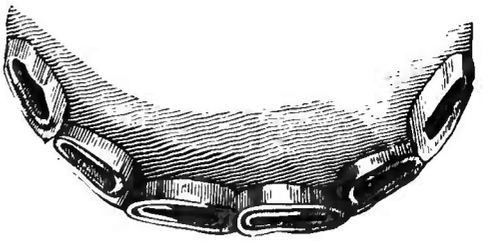


Fig. 303. — 5 annos.

Seis annos (fig. 304). Os angulares tem ambos os bordos da mesma altura; a cavidade dentaria dos medios desappareceo quasi de todo; os dianteiros inteiramente rasos.

Sete annos (fig. 305). Os dianteiros e os medios completamente rasos; o bordo posterior dos angulares gasto : este bordo, aos seis annos, estava simplesmente ao nivel do anterior.



Fig. 304. — 6 annos.

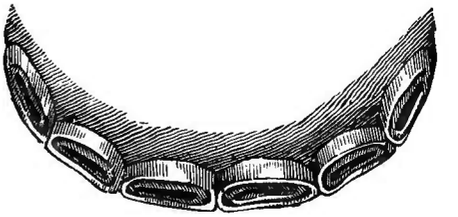


Fig. 305. — 7 annos.

Oito annos (fig. 306). Todos os dentes incisivos substituintes acham se rasos e ao mesmo nivel, e a sua configuração agora, não é a mesma que d'antes era : fizeram-se ovados, e no logar da cavidade do canudo dentario, que desappareceo, tem uma exuberancia de esmalte, de côr amarellada, de figura oblonga na direcção transversal, que é o fnndo do canudo dentario; diz-se então que o cavallo cerrou (cavallo cerrado).

A rasadura dos dentes superiores, por ser muito irregular, não póde servir para o conhecimento da idade.

3° Fórmas successivas da mesa dentaria. *Nove annos* (fig. 307). Os dianteiros inferiores arredondam-se, a fórma oval dos medios se estreita, o esmalte central se aproxima do bordo posterior, rasam-se os dianteiros superiores.

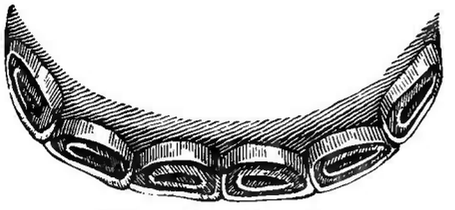


Fig. 306. — 8 annos.



Fig. 307. — 9 annos.

Dez annos (fig. 308). Arredondam-se os medios, os angulares fazem-se ovaes, o esmalte central acha-se muito perto do bordo posterior.



Fig. 308. — 10 annos.

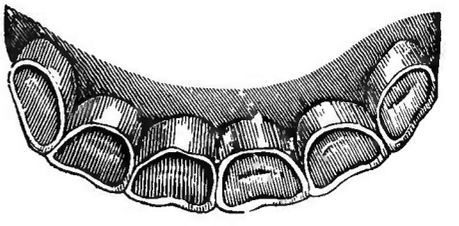


Fig. 309. — 11 annos.

Onze annos (fig. 309). Os angulares se arredondam, o esmalte central não apparece senão n'um ponto muito estreito perto do bordo posterio.r

Doze annos (fig. 310). Todos os incisivos inferiores estão redondos, o esmalte central desappareceo, e ficou substituido pela estrella dentaria; o fundo do canudo externo persiste na queixada superior.

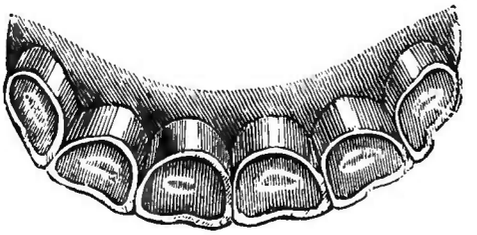


Fig. 310. — 12 annos.

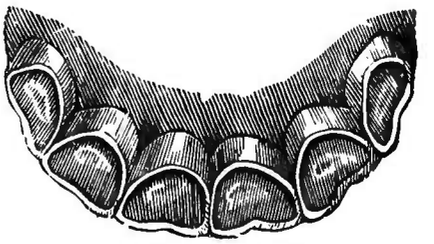


Fig. 311. — 13 annos.

Treze annos (fig. 311). Os dianteiros principam a tornar-se triangulares nos incisivos inferiores, o esmalte central desappareceo nos angulares superiores.

Quatorze annos (fig. 312). Os dianteiros estão triangulares, os medios começam tambem a tomar a fórma triangular, o esmalte central diminue nos dianteiros superiores.

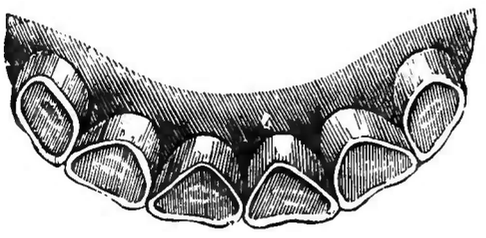


Fig. 312. — 14 annos.



Fig. 313. — 15 annos.

Quinze annos (fig. 313). Os medios tornam-se triangulares.

Dezeseis annos (fig. 314). Todos os incisivos inferiores estão inteiramente triangulares; o esmalte central desappareceo nos medios superiores.

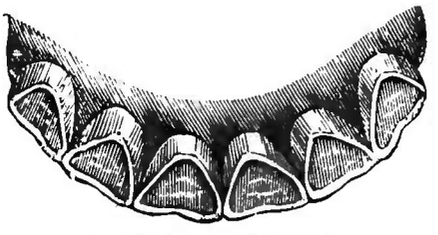


Fig. 314. — 16 annos.

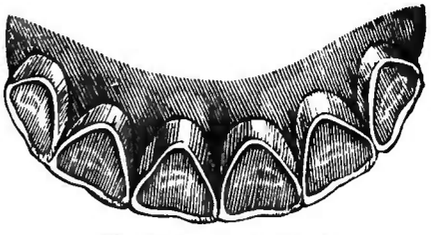


Fig. 315. — 17 annos.

Dezesete annos (fig. 315). Os incisivos inferiores estão ainda triangulares; os tres lados do triangulo conservam ainda o mesmo comprimento; o esmalte central desappareceo nos incisivos superiores.

Dezoito annos (fig. 316). As partes lateraes do triangulo alongam-se nos dianteiros.

Dezenove annos (fig, 317). Os dianteiros inferiores estão achatados de um lado a outro.

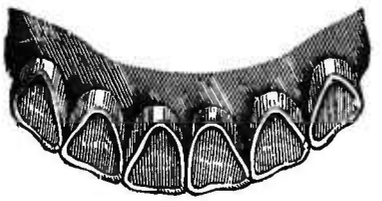


Fig. 316. — 18 annos.

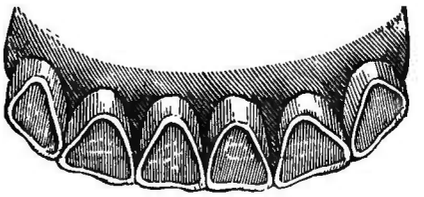


Fig. 317. — 19 annos.

Vinte annos (fig. 318). Os medios adquirem a mesma fórma.

Vinte e um annos (fig. 313). Todos os incisivos inferiores estão achatados de um lado a outro. Em outros termos, suas partes lateraes estão muito alongadas, entretanto que seus bordos, anterior e posterior, estão muito estreitos.

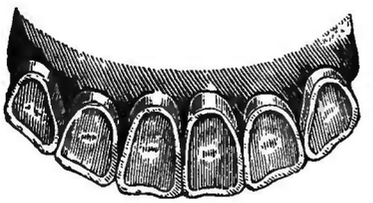


Fig. 318. — 20 annos.

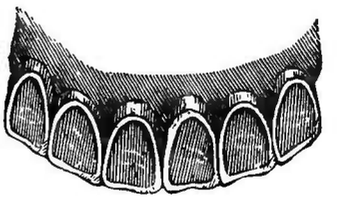


Fig. 319. — 21 annos.

É então que se póde declarar que o cavallo está fóra de idade, como se dizia antigamente, quando só tinha oito annos; não ha mais caracteres distinctivos, que possam guiar, mesmo de uma maneira aproximativa.

Taes saes os indicios para a avaliação da idade do cavallo. Não se creia entretanto que todos apresentam o mesmo gráo de exactidão. Os mais importantes são os tres periodos marcados pelas tres fórmas dos dentes, fórma, *redonda*, *triangular* e *bi-angular*. Ha cavallos nos quaes, na epoca em que todos os incisivos devem estar rasos, a cavidade persiste e indica uma idade inferior áquella que o animal tem realmente; porque o canudo dentario é ás vezes mais profundo, e dura mais tempo. Esta disposição póde existir em todos os dentes incisivos, mas observa-se sobretudo nos angulares, mais raramente nos medios, e mais raras vezes ainda nos dianteiros. N'este caso cumpre rectificar os progressos da rasadura dos dentes pela fórma da mesa dentaria. Supponhamos, por exemplo, que o cavallo tenha ainda a cavidade bem marcada no dente angular. Se attendermos só a este indicio, dar-lhe-hemos sete annos; mas se observarmos ao mesmo tempo, nos dianteiros e nos medios, a fórma arredondada e o alargamento da estrella dentaria, dar-lhe-hemos dez annos, que é a idade real.

Alguns vendedores de cavallos de má fé procuram enganar os compradores a respeito da idade de seus cavallos. Para que o cavallo represente menor idade do que tem, costumam, quando já não existe a cavi-

dade do canudo dentario, fazer cavidades artificiaes com um buril, e enchel-as com alguma materia negra, para simular assim as cavidades naturaes dos dentes. Conhece-se esta fraude pela fórma das mesas dentarias, e pela ausencia do esmalte, que circumscreve constantemente a cavidade natural.

Conhece-se a idade do boi pelos dentes e pelos chifres.

Conhecimento pelos dentes. O boi tem 36 dentes, que se dividem em 24 grossos molares, doze em cada queixada, seis de cada lado; 4 pequenos molares supplementarios, dois em cada queixada, um de cada lado; e 8 incisivos na queixada inferior sómente; a queixada superior tem, em logar de dentes incisivos, uma grossa margem cartilaginosa, na qual os incisivos tomam um ponto de apoio quando cortam a herva colhida com a lingua.

Os dentes incisivos acham-se dispostos na extremidade da queixada inferior em semi-circulo assaz regular; são moveis nos seus alveolos, como as teclas de um piano. Distinguem-se em dois *dianteiros* ou *pinças* que estão no meio do semi-circulo; dois *primeiros medios*, um de cada lado; dois *segundos medios*, igualmente um de cada lado; e dois *angulares* ou *cantos*, tambem um de cada lado.

Em cada dente incisivo de adulto, quando está ainda virgem, ha a considerar-se como no cavallo, uma porção livre, e outra engastada. A porção livre, achatada de diante para traz, vai estreitando-se de sua margem livre até a gengiva onde apresenta um collo muito pronunciado, que estabelece o limite entre ella e a raiz. Sua face anterior (fig. 320) apresenta riscos longitudinaes variaveis em numero e em profundeza; acha-se demarcada por um bordo trinchante que descreve uma linha curva, com a convexidade para cima, e tem, no meio, uma pequena eminencia. A face posterior (fig. 321) corresponde á superficie de attrito do dente do cavallo; está disposta segundo um plano obliquo que se estende do bordo trinchante até ao collo; acha-se circumscripta em suas margens por um sulco bastante pronunciado; e em vez de offerecer, como no cavallo, uma cavidade dentaria, apresenta sómente dois regos longitudinaes, separados um do outro por uma columna pyramidal oblonga; toda esta porção livre do dente está coberta com uma camada mui delgada de esmalte muito branco.

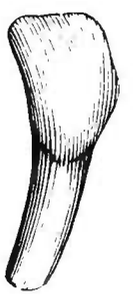


Fig. 320. — Dente incisivo do boi. (Face anterior.)



Fig. 321. — Dente incisivo do boi. (Face posterior.)

Diz-se que o dente do boi *está raso*, quando o seu bordo anterior está gasto; e que *está nivelado*, quando tem desapparecido a eminencia pyramidal da face posterior, e os sulcos que a circumscrevem.

Á medida que o dente se rasa, apparece desde o principio perto da margem e na face posterior do dente, uma listra amarellada, que é o marfim despido do esmalte; e, mais tarde, n'este marfim, uma listra

transversal mais amarellada; esta, á medida que o dente se vai rasando, chega insensivelmente até ao meio da mesa, e forma uma marca pouco mais ou menos quadrada depois arredondada. Esta nodoa corresponde ao que, no cavallo, se chama *estrella dentaria*.

Com o progresso da idade os dentes incisivos se dispõem sobre um plano horizontal; e como sua porção livre vai sempre estreitando-se do bordo trinchante á raiz, deve chegar, e vem com effcito uma epoca em que os dentes cessam de se tocar, e nos animaes adiantados em idade ficam separados por grandes intervallos (fig. 321). Pela consideração d'estas differentes modificações, e pela determinação de suas epocas fixas, é que se tem obtido noções exactas sobre a idade do boi.

Os incisivos caducos (fig. 322) differem dos incisivos substituintes por serem mais pequenos. Na vitella formada, a arcada incisiva está dividida em dois segmentos iguaes, separados no meio por um grande intervallo (fig. 323). Os quatro dentes de cada segmento tem a parte livre desviada para fóra; mas depois de gastos até ao collo, parecem estar verticalmente nos seus alveolos.

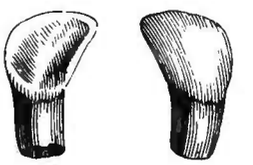


Fig. 322. — Dente incisivo caduco do boi.

ERUPÇÃO E RASADURA DOS DENTES INCISIVOS CADUCOS. Os dentes caducos principiam a sahir antes ou pouco tempo depois do nascimento do joven animal, e completam sua evolução em 15 a 20 dias.

Seis mezes (fig. 323). Todos os dentes incisivos caducos descrevem um meio-circulo regular.

Sete mezes. Os dianteiros estão rasos.

De 11 a 13 mezes (fig. 324). Os primeiros medios estão rasos.

De 14 a 16 mezes. Os segundos medios estão rasos. Os dianteiros estão curtos, descarnados e vacillantes; ás vezes já tem cahido.

Depois de 15 *mezes*, todos os incivos caducos constituem pequenas arnellas que apenas se seguram nos alvelos, e que se podem arrancar com facilidade.

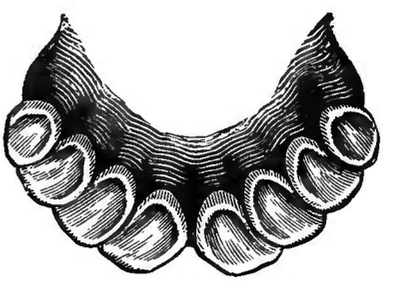


Fig. 323. — Dentes incisivos da vitella de 5 a 6 mezes.

ERRUPÇÃO E GASTAMENTO DOS DENTES DE ADULTO.

De 19 a 20 mezes (fig. 325). Erupção dos dianteiros substituintes que sahem de través.

Até agora o joven animal se chamava *vitello*, *annojo*, *bezerro*, *almalho*, *novilho;* mas aos dois annos o macho toma o nome de *touro* que conserva em quanto não é privado dos orgãos da geração. A femea tem o nome de *novilha* aos 18 mezes, e *vacca* quando já tem parido.

De 2 1/2 a 3 annos (fig. 326). Erupção dos dois primeiros medios.

De 3 1/2 a 4 annos (fig. 327). Erupção dos segundos medios.

De 4 1/2 a 5 annos (fig. 328). Erupção dos angulares substituintes.

De 5 1/2 a 6 annos (fig. 329). O bordo trinchante dos dianteiros se

rasa, e estes dentes estão mais baixos que os primeiros medios, os quaes os excedem mais de uma linha.

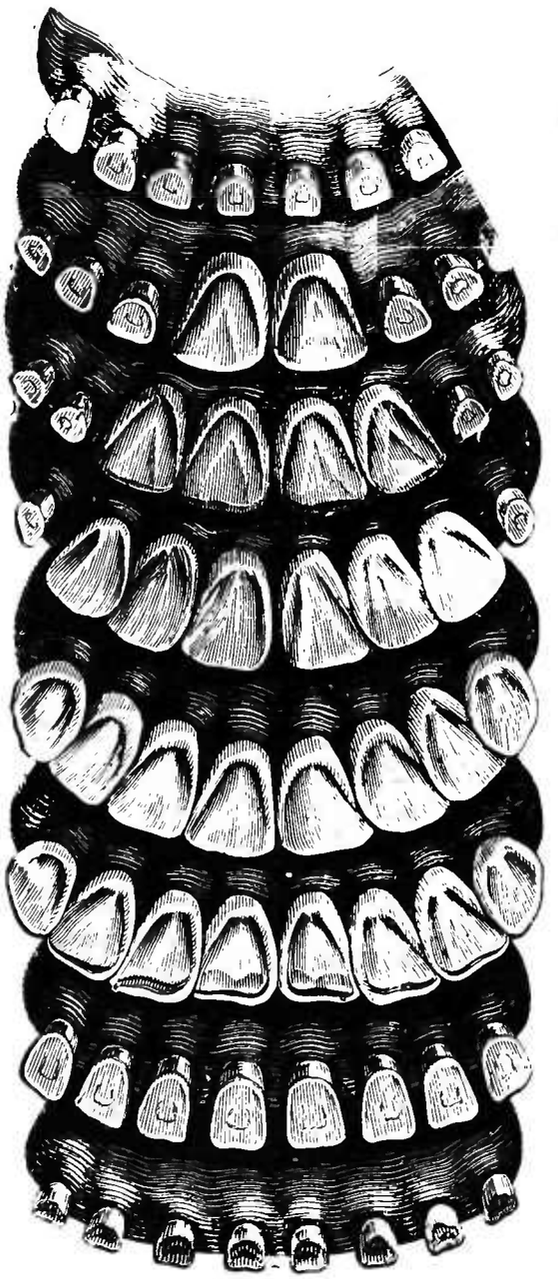


Fig. 324. 11 a 13 mezes.

Fig. 325. 19 a 20 mezes.

Fig. 326. 2 1/2 a 3 annos.

Fig. 327. 3 1/2 a 4 annos.

Fig. 328. 4 1/2 a 5 annos.

Fig. 329. 5 1/2 a 6 annos.

Fig. 330. 10 a 11 annos.

Fig. 331. 17 annos.

Fig. 324 a 331. — Queixada inferior do boi. Dentes incisivos.

6 *annos*. O nivelamento da face posterior dos dianteiros está muito adiantado, principia o dos primeiros medios.

De 6 1/2 *annos a* 7 *annos*. Rasam-se os primeiros medios; nivelam-se os dois terços da face posterior d'estes dentes; a mesa dos dianteiros está quasi nivelada.

De 7 1/2 *a* 8 *annos*. Rasam-se os segundos medios; nivelamento completo dos dianteiros, e acha-se muito adiantado o dos primeiros medios.

De 8 *a* 9 *annos*. O bordo dos angulares se rasa, e nivelam-se estes nos dois terços de sua face posterior; a mesa dos dianteiros, e a dos primeiros medios principiam a apresentar uma concavidade que corresponde á convexidade da margem cartilaginosa da queixada superior.

De 10 *a* 11 *annos* (fig. 330). Fórma quadrada da estrella dentaria, cercada de uma orla branca sobre a mesa dos dianteiros e dos medios: nivelamento dos angulares; a arcada incisiva está toda rasa.

De 11 *a* 12 *annos*. Fórma quadrada da estrella dentaria sobre todos os dentes incisivos; a concavidade da mesa está mais pronunciada; separação dos incisivos.

De 12 *a* 14 *annos*. A estrella dentaria está redonda; a mesa dentaria continúa a gastar-se do lado da margem interna nos dianteiros.

De 14 *a* 17 *annos*. A mesa dentaria toma pelo gastamento, nos medios, a mesma fórma que nos dianteiros; o dente começa, n'este periodo, a tornar-se triangular.

Aos 17 *annos* (fig. 331) toda a porção livre do dente está inteiramente gasta, e restam só raizes dentarias, curtas, amarelladas, arredondadas e muito separadas umas das outras.

Não ha tanta exactidão nos signaes fornecidos pelos dentes do boi como nos que apresentam os dentes do cavallo. O genero de alimentação influe muito sobre o gastamento dos dentes incisivos na especie bovina. Os animaes criados no estabulo com hervas tenras não gastam depressa os dentes, e parecem, quando se lhes examina a bocca, mais jovens do que são realmente; entretanto que os animaes mandados ao pasto nos mattos, nos prados arenosos, gastam os dentes mais rapidamente, e parecem sempre ter mais idade do que a que tem realmente. A inclinação maior ou menor dos dentes influe tambem sobre o seu gastamento, e póde induzir em erro. Convém, por conseguinte, verificar o resultado fornecido pelo exame dos dentes, pelos signaes que ministram os chifres.

Conhecimento pelos chifres. Os chifres, cornos frontaes ou pontas, fixados symetricamente de cada lado da cabeça, tem a mesma fórma externa, e não apresentam differenças entre si senão em consequencia de casos fortuitos. Desenvolvem-se só depois do nascimento, crescem rapidamente até certa idade, e adquirem um comprimento variavel segundo as raças e o estado de integridade do apparelho reproductor. Nos touros, estes instrumentos de defesa são de côr luzente e de comprimento mediocre; depois da castração perdem o seu brilho e adquirem um grande desenvolvimento, alongam-se, contorneam-se em cima, e chegam a tanto maior comprimento quanto menor era a idade do animal quando o castráram.

Organização e modo de desenvolvimento dos chifres. Cada chifre tem por base um prolongamento osseo chamado *sustentaculo*, coberto de um tecido vascular. Representa, quando separado do sustentaculo, uma longa haste ouca e conica, formada pela reunião de cornetas encaixadas

umas nas outras, e separadas exteriormente por um rego transversal mais ou menos profundo. Cada corneta ou *circulo* é o producto da secreção de um anno. Cada anno vê-se na origem do chifre formar-se um circulo que, no anno seguinte, se acha repellido por outro circulo de nova formação, e assim por diante, de sorte que o circulo mais antigo vem a ser sempre o mais afastado da pelle. Basta, por conseguinte, para avaliar a idade do boi pela inspecção de seus chifres, contar o numero dos regos que separam os circulos uns dos outros, e este numero será o dos annos.

Pouco tempo depois do nascimento do vitello, sente-se ao apalpar o primeiro lançamento do chifre que apparece sob a fórma de um grosso mamillo.

Aos 8 *ou* 10 *dias* o mamillo está proeminente, e apresenta uma coloração que indica a côr que o chifre ha de ter. No *vigesimo dia*, está separado da pelle, e forma um verdadeiro chifrezinho flexivel e liso na ponta.

Aos 5 *ou* 6 *mezes*, o chifrezinho tendo adquirido maior comprimento, principia a contornear-se, e sua superficie cobre-se de um prolongamento da epiderme. Aos 14 ou 15, *mezes* esta producção epidermica cahe, separa-se por laminas, e deixa o chifre descoberto com sua côr luzente.

Entre os *dez mezes* e *um anno*, formação de um rego pouco distincto que limita o primeiro circulo representado pelo chifre desenvolvido desde a nascença: é a marca do primeiro anno.

Dos 20 *mezes* aos 2 *annos*, formação de um segundo rego que limita a extensão do segundo circulo: marca de dous annos.

Dos *dois annos e meio* aos *tres annos*, novo rego mais profundo que os dois precedentes: marca de tres annos. Este rego triennal, o mais apparente dos que se formáram até esta idade, é geralmente considerado como o primeiro indicio da idade. Eis porque as pessoas que costumam avaliar a idade dos bois pela inspecção dos chifres, contam *tres annos* para toda a porção do chifre comprehendida desde o apice até ao circulo (fig. 332 A).

Dos *tres annos e meio* a *quatro annos*, formação de um novo circulo na base do chifre. Este circulo é geralmente considerado como o primeiro dos nós do chifre. Diz-se vulgarmente, quando elle apparece, que o animal dá o seu primeiro nó de *quatro annos* (fig. 332, B).

Dos *quatro annos e meio* aos *cinco annos*, C, novo annel semelhante ao nó de quatro annos, e assim por diante nos annos seguintes. Por isso, quando se quer conhecer a idade do boi pela inspecção de seus chifres, basta contar, desde o apice até á base, a successão dos regos que separam os circulos; mas como os dois primeiros circulos não estão realmente apparentes senão até á idade de tres annos, e desapparecendo elles ordinariamente quando o animal tem quatro annos, deve-se então, para evitar qualquer erro, contar os regos a partir do rego triennal, e considerar como a expressão do trabalho de tres annos toda a porção de chifre situada acima d'este rego. Os anneis de quatro, cinco, seis,

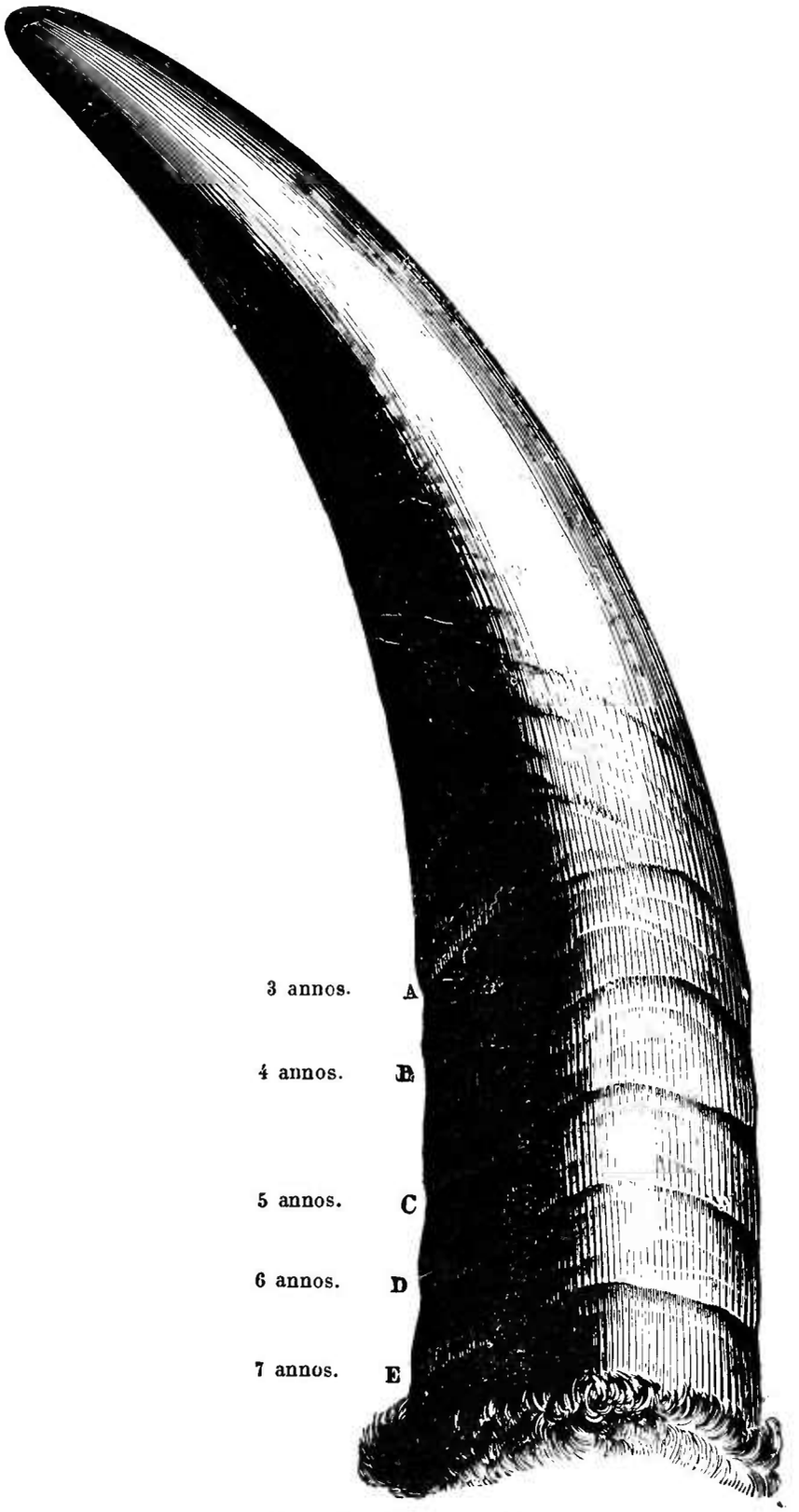


Fig. 332. — Chifre de boi.

sete e oito annos, se succedem assaz regularmente, e são em geral bastante pronunciados (fig. 332, B, C, D, E). Mas passados os oito annos, os circulos se confundem, entre si, e não fornecem senão esclarecimentos duvidosos. Convém, por conseguinte, referir-se sobretudo aos dentes nos primeiros annos, até aos cinco annos; levar em conta principalmente os indicios fornecidos pelos chifres dos cinco aos oito ou dez annos; e mais tarde rectificar um pelo outro estes dois meios de investigação.

DENTIÇÃO DO CARNEIRO. O carneiro tem 32 dentes, que se distinguem em 24 molares, doze em cada queixada, seis de cada lado: e 8 incisivos na queixada inferior somente. Tem tambem ás vezes 4 molares supplementarios, dois em cada queixada. Os incisivos são immoveis nos alveolos. A face externa é branca e polida: a face interna tem dois largos regos longitudinaes, cobertos quasi sempre de uma substancia preta, que tambem existe sobre os lados dos dentes ao redor das gengivas.

Os dentes incisivos são caducos e substituintes. Os primeiros são muito mais estreitos, por isto chamam-se *pontudos;* e os dentes do adulto chamam-se *longos*.

Os oito incisivos se distinguem em dois dentes do meio do semi-circulo, chamados *pinças* ou *dianteiros;* dois *primeiros medios*, um de cada lado; dois *segundos medios*, um de cada lado; emfim *dois angulares* ou *cantos*, tambem um de cada lado.

Erupção dos dentes. O cordeiro nasce quasi sempre sem dentes incisivos. Fazem estes sua completa evolução pelo vigesimo quinto dia depois da nascença, e chegam todos ao nivel no fim de dois ou tres mezes (fig. 333). As informações tiradas da rasadura d'estes dentes não offerecem sufficiente exactidão, para poderem guiar no conhecimento da idade; mas é sempre facil distinguir o cordeiro de quatro a seis mezes d'aquelle que tem dez a doze, não sómente pelo desenvolvimento geral do individuo n'este ultimo caso, mais ainda pelo aspecto de seus incisivos, que, no estado de cotos, são vacillantes nos seus alveodos, entretanto que no primeiro caso acham-se ainda bem conservados.



Fig. 333. — Dentes de carneiro, 2 a 3 mezes.



Fig. 334. — Dentes de carneiro, 15 a 18 mezes.

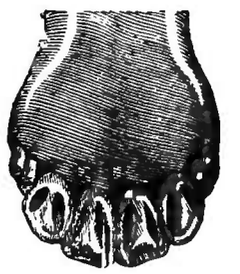


Fig. 335. — Dentes de carneiro, 20 a 27 mezes.

Dos 15 *aos* 18 *mezes* (fig. 334) os dianteiros caducos estão substituidos pelos dianteiros de adulto, que sahem um pouco de través.

Dos 20 *aos* 27 *mezes* (fig. 335), sahida dos primeiros medios substituintes. O cordeiro toma então o nome de carneiro, e a cordeira o de

ovelha. Ás vezes os primeiros medios sahem simultaneamente com os dianteiros.

Aos *tres annos e meio* (fig. 336), erupção dos angulares de adulto.

Os incisivos de adulto chegam todos ao nivel entre cinco e seis annos. Os primeiros que se rasam são os dianteiros (6 annos, fig. 337), depois os primeiros medios (7 annos), os segundos medios (8 annos), emfim os angulares (9 annos).

Mas nos animaes ovinos o gastamento dos dentes não segue sempre esta progressão. Assim, frequentemente os dianteiros estão rasos antes da sahida dos primeiros medios; a mesma observação se applica a estes relativamente aos segundos medios, e emfim aos segundos medios relativamente aos angulares. De sorte que as mudanças, que sobrevem nos dentes depois de completada a sua erupção, são muito variaveis, e não

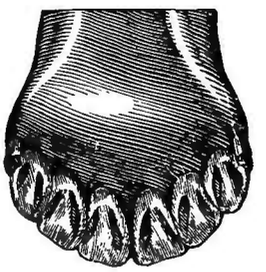


Fig. 336. — Dentes de carneiro, 3 annos 1/2.

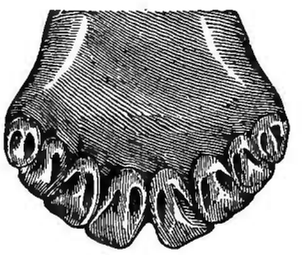


Fig. 337. — Dentes de carneiro, 6 annos.

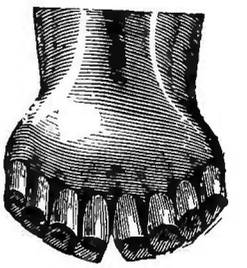


Fig. 338. — Dentes de carneiro, 9 annos.

podem ordinariamente dar senão uma idea aproximativa, mas entretanto sufficiente para avaliar se o animal está muito velho, ou se não passou seu quinto anno. N'este ultimo caso, com effeito, os angulares são curtos, intactos ou pouco gastos. Á medida que o animal se aproxima dos seis annos, os angulares se alongam e chegam á altura dos medios. Suppondo que o gastamento anormal dos medios não permitta distinguir o setimo anno, o estado dos angulares indicará se o animal está no setimo anno, ou se se aproxima do nono, epoca na qual a mesa dos angulares está nivelada, e toda arcada incisiva attinge a mesma altura (fig. 338).

Ás vezes, nos animaes que pastam nos mattos, ou nos terrenos cuja herva é dura e curta, vê-se entre as duas pinças un entalho triangular conhecido com o nome de *rabo de andorinha* (fig. 337); esta chanfradura observa-se ordinariamente entre a idade de quatro a seis annos.

Consultam-se ás vezes os chifres dos carneiros não capados para se conhecer a sua idade. Segundo as observações dos veterinarios, o crescimento annual de cada chifre nos carneiros merinos póde ser avaliado da maneira seguinte :

1° anno, 51 a 54 centimetros.
2° anno, 13 a 16 »
3° anno, 8 a 11 »
4° anno, 5 a 8 »

DENTIÇÃO DO PORCO. O porco tem 44 dentes; 22 em cada queixada, que se dividem en 6 incisivos, 2 presas e 14 molares.

Os incisivos da queixada superior não tem nem a mesma fórma, nem o mesmo tamanho que os da queixada inferior. Os dianteiros e os medios da queixada superior offerecem, na fórma e na cavidade que apresentam na sua mesa, alguma analogia com os do cavallo. Os mesmos dentes, na queixada inferior são inclinados para diante. Os angulares nas duas queixadas, estão isolados entre os medios e as presas, e são muito mais pequenos que os outros incivos.

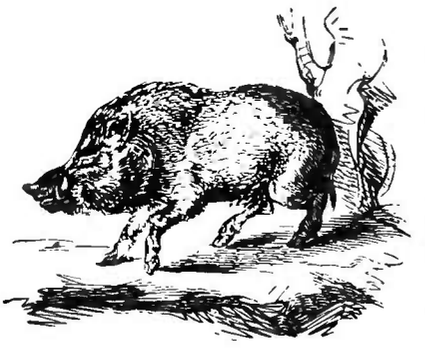


Fig. 339. — Javali.

As presas, muito desenvolvidas sobretudo no macho, crescem durante toda a vida do animal; sahem da bocca, e formam uma arma muito perigosa no javali (fig. 339). As presas de leite são caducas como os incisivos.

Quanto aos molares, que são 14 por queixada, e 7 de cada lado, augmentam gradualmente de volume, do primeiro ao ultimo, que é muito grande.

A idade do porco só póde ser reconhecida de uma maneira quasi exacta até á idade de tres annos.

Este animal *nasce* ordinariamente com os angulares e as presas, e completa aos *tres* ou *quatro mezes* sua primeira dentição.

Aos 6 *mezes*, cahem os angulares da queixada inferior; rompem os angulares substituintes; os dianteiros e os medios caducos estão um poucos gastos.

Aos 10 *mezes*, cahem os angulares superiores, rompem os angulares substituintes; cahe a presa inferior.

Aos 11 *mezes*, as presas de leite são substituidas pelas de adulto.

De 20 *mezes a* 2 *annos*, substituição dos dianteiros caducos em ambas as queixadas.

De *dois annos e meio a tres annos*, os medios superiores e os inferiores experimentam as mesmas mudanças.

Aos 3 *annos* o porco tem todos os dentes. Os dianteiros estão anegrados, e algum tanto gastos na ponta.

De então por diante convém regular-se pelo comprimento das presas, que levantam o labio superior aos tres ou quatro annos, e o excedem aos cinco annos, entretanto que aos seis annos a presa inferior principia a sahir da bocca e a contornear-se por fóra.

DENTIFRICIO. Preparação pharmaceutica em fórma de pós ou de opiato, destinada para limpar e conservar os dentes.

Ninguem ignora que se depõe sobre os dentes e perto das gengivas uma materia mais ou menos abundante. Esta materia torna-se dura, accumulando-se irrita e despega as gengivas, descarna os dentes, produz uma deterioração da bocca, e é causa do máo halito; designa-se pelo

nome de *pedra dos dentes*. O asseio é o remedio e o preservativo d'este estado grave.

Para entreter o asseio dos dentes, empregam-se os pós ou os opiatos com que se esfregam os dentes, por meio de uma escova mais ou menos macia, ou de uma esponja fina. As receitas dos pós dentifricios são innumeraveis e contém todas carbonato e phosphato de cal, coral, magnesia calcinada, saes acidos, taes como cremor de tartaro, etc.; estes pós são corados com cochonilha c aromatizados com essencia de hortelã pimenta, de cravo da India, ou alguma outra. Os opiatos preparam-se com os mesmos pós, misturados com mel de abelhas. N'estas composições nunca devem entrar substancias muito acidas, como o alumen calcinado, o acido tartrico, e muito menos ainda os acidos mais fortes, que destruiriam o esmalte dos dentes. A pedra pomes pulverizada é mui dura e póde destruir a substancia dentaria. As cinzas de charuto, o rapé, a borra do café, o papel queimado, em vez de tornarem os dentes brancos, podem tornal-os amarellos. Os pós de raiz de lirio florentino puros, os de osso de siba ou magnesia calcinada o coaltar saponinado Le Bœuf constituem o melhor dentifricio. O carvão de páo pulverizado póde tambem ser empregado; goza da propriedade importante de destruir o máo halito.

Mais do que nunca, agora com as novas descobertas sobre o movimento dos microbios nas molestias, deve-se empregar medicamentos efficazes para o asseio dos dentes. Está perfeitameute demonstrado que a bocca, mesmo no estado normal em individuos que gosam de excellente saude, contem grande quantidade de organismos inferiores uteis e nocivos quc n'ella se reproduzem constantemente. Pela acção chimica que possuem, alguns d'csses microorganismos ajudam a digestão, actuando como fermentos sobre as substancias alimenticias; mas em outras circunstancias podem se tornar perigosos. Está provado que certas pneumonias infecciosas, graves, as mais das vezes mortaes, provêm simplesmente da entrada de alguns d'esses microbios nas vias respiratorias c nos pulmões. É pois util que se cuide, para bem dizer, em sua rcprodução, e que se tratc por todos os modos em diminuir as fermentações que se formam na bocca. Para esse fim, aqui dâmos duas excellentes formulas de pós dentrificios.

1° Carbonato de cal.....	20 gram.	2° Magnesia ingleza.....	6 gram.
Magnesia.....	50 —	Quina cinzenta em pó..	6 —
Assucar em pó.....	30 —	Cremor de tartaro.....	3 —
Tartrato acido de potassa..	5 —	Carvão de pau em pó..	12 —
Essencia de hortelã.....	5 gottas.	Essencia de hortelã....	3 gottas.

Tambem poder-se-hão empregar a Odontina e o Elixir odontalgico de J. Pelletier, fabricados pela casa L. Frère, de Pariz, os pós de Máo-Tcha e o Elixir dentrificio odontalgico da casa Ed Pinaud, perfumista em Pariz, e o dentifricio feito com o Phenol Bobœuf, na fabrica mesmo do Phenol.

Veja-se tambem o artigo DENTE, onde estão indicadas algumas receitas de pós dentrifricios, dos quaes se póde usar com proveito.

Dentrificios de Dethan, de chlorato de potassa. Do mesmo modo que as pastilhas de chlorato de potassa, o *Elixir*, os *pós* e o *opiato dentrificios* de Dethan contêm em certa proporção o chlorato de potassa, cujas propriedades salutares sobre as glandulas salivares, fazem que estes productos têm sua applicação util fazendo activar a circulação no apparelho da bocca, curando as ulcerações, apertando as gengivas e preservando os dentes do tartaro e da carie. (Deve-se exigir nos rotulos das caixinhas e vidros a assignatura Adh. Dethan, pharmaceutico em Pariz).

DEPILATORIO. Dá-se este nome aos cosmeticos destinados a produzir a quéda do cabello. Os depilatorios são, em geral, preparações causticas em que se faz entrar cal viva ou qualquer outra substancia alcalina, sulfureto de arsenico, etc. etc. O *rusma* dos Orientaes, que é depilatorio muito efficaz, é composto de : cal 64 grammas, ouropimento (sulfureto de arsenico) 16 grammas, que se faz ferver em 500 grammas de uma mistura alcalina. Estende-se sobre a pelle, e, alguns instantes depois, uma simples loção com agua quente faz cahir todos os pellos. — Preparam-se tambem, com os mesmos elementos, pós depilatorios, que se diluem n'um pouco d'agua de sabão e que se applicam sob a fórma de massa; ajuntando-lhe polvilho ou pasta de amendoas doces, seu effeito na pelle torna-se menos corrosivo.

Deve-se ter muita cautela no emprego d'estas preparações, porque o arsenico póde ser absorvido e produzir um envenenamento. É melhor recorrer á receita seguinte :

Sulfureto sulfuretado de calcio 30 grammas. Applique-se uma ligeira camada d'estes pós misturados com agua sobre a pelle da qual se deseja fazer cahir o pello; dez minutos depois lava-se com agua fria ou quente, e a pelle fica desnudada como se se tivesse passado uma navalha.

DEPURANTES. Depurativos. Durante o reinado da medicina humoral, que deixou na mente do vulgo tão profundas raizes, julgava-se poder, com o soccorro de certas substancias, ou particularmente de certos vegetaes, desembaraçar o sangue das materias impuras que se suppunha estarem misturadas comme elle: d'ahi vem o nome de *depurantes* dado a alguns medicamentos. Assim os *succos de hervas* que se preparam ordinariamente pisando-se, em um almofariz, cerefolio, agriões, almeirão, alface, etc., coando-se o succo por um panno, são principalmente recommendados, como depurantes, ás pessoas sujeitas ás molestias de pelle. As virtudes d'estas plantas foram muito exageradas; mas nem por isso deixa de ser verdade que ellas podem ser uteis aos individuos affectados de empigens, erupções, dartros, e que nunca podem ser nocivas. Os *robes*, os *xaropes*, as *misturas*, que os charlatães offerecem ao publico como *depurantes*, não são ordinariamente tão innocentes. Os extractos concentrados que contém, os purgantes que se lhes ajuntam no maior numero de casos, tornam-se frequentemente mui prejudiciaes.

DERIVATIVO. *Veja-se* Revulsivo.

DERME ou Derma. Tecido que forma o corpo da pelle, e que constitue quasi toda a sua espessura. A *derme* é a mais profunda das camadas que constituem a pelle (fig. 340). Apresenta o aspecto de mem-

brana esbranquiçada, molle, porém mui resistente. A sua face interna está unida aos musculos por uma camada de tecido laminoso. A face externa é coberta pela membrana delgada chamada *epiderme*. É a derme da pelle de certos animaes, que preparada pelo cortume, constitue o couro.

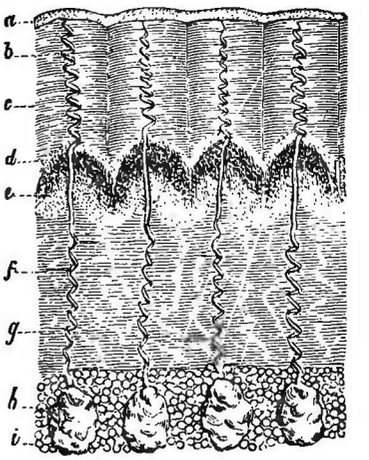


Fig. 340. — Pelle da mão (*).

DERRAMAMENTO. Effusão ou extravasação de um liquido em qualquer parte do corpo que não é destinada a contêl-o. Vou esclarecer esta definição : Um orgão, o figado por exemplo, soffre uma contusão violenta, a força da pancada é tal que os vasos sanguineos são rasgados, o sangue contido n'elles sahe, reune-se no ponto em que teve logar a pancada, distende, afasta a substancia do orgão e forma um foco no meio d'elle : eis um derramamento n'uma cavidade occidental, e produzido pelo sangue sahido de seus vasos. Este sangue pouco a pouco é absorvido e o doente sára.

Na apoplexia ha ruptura dos vasos sanguineos e *derramamento* do sangue no cerebro.

Ás vezes a materia do derramamento é pus ou serosidade. Em consequencia da inflammação da membrana que forra interiormente o peito (pleura), forma-se um derramamento de pus no interior d'elle, que se chama *empyema*. O derramamento de serosidade no ventre chama-se *hydropisia do ventre;* no peito, *hydropisia do peito;* no coração, *hydropisia do coração*, etc.

Os derramamentos desapparecem frequentemente pelo effeito da absorpção, ajudada pelos medicamentos purgativos e diureticos; muitas vezes entretanto é preciso recorrer a operações para dar sahida ao liquido derramado.

DESCIDA. *Veja-se* QUEBRADURA.

DESCIDA DO ANUS. *Veja-se* ANUS.

DESCIDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

DESFALLECIMENTO. *Veja-se* DESMAIO.

DESFERVESCENCIA (*Periodo de*). Dá-se este nome no curso das molestias febris, ao periodo durante o qual a temperatura se abaixa,

DESINFECÇÃO. Operação por meio da qual se destroem as qualidades nocivas que o ar, as paredes de um quarto, a roupa ou qualquer objecto, adquirem pela impregnação de substancias mui tenues, de natureza multipla, ordinariamente designadas pelos nomes de miasmas, de emanações, de effluvios, etc. Os vapores das substancias odoriferas queimadas, taes como a alfazema, o vinagre, o succino, o incenso, o

(*) *a*, camada externa da epiderme; *b*, conducto arredondado em espiral; *c*, camada media da epiderme; *d*, tecido mucoso de Malpighi; *e*, papillas; *f*, derme; *g*, conducto arredondado em espiral; *h*, tecido adiposo; *i*, glandulas sudoriferas.

assucar, etc., não são *desinfectentes*, porque não fazem senão encobrir por um instante os cheiros fetidos sem destruirem os miasmas, e, em vez de purificarem, vicia ainda mais o ar; são por conseguinte nocivos, e nunca deveriam ser empregados. O mesmo poderia dizer-se da combustão da polvora, fazendo-se comtudo abstracção do movimento que ella produz na atmosphera.

O chloro, os chlorurctos de eal, de soda e de potassa, tem, pelo contrario, a propriedade de deeompôr os miasmas putridos, e neutralizar-lhes os effeitos.

O ar póde ser alterado pela combustão do carvão, pela reunião dc muitas pessoas ou de muitos vegetaes em um logar limitado, pcla fermentação do vinho, pelas fermentações putridas, e prineipalmcnte as das latrinas, dos canos ou cloacas.

Se o ar não está viciado senão cm proporções pouco eonsideravcis de gaz não respiravel, basta renoval-o para desinfectar o logar. A renovação do ar opera-se por meio de janellas ou de outras aberturas situadas nas extremidades do espaço viciado. Quando, pcla disposição dos logares, a ventilação fôr mais difficil, como nas covas profundas que só tem uma abertura superior, modifica-se o processo da maneira seguinte: introduz-se na abcrtura unica um tubo, do qual uma cxtremidade desee até ao fundo da excavação, e a outra communica com o ar livre; dispõe-se um fogo vivo que se suspendc na cova a 30 ou 60 centimetros abaixo do orificio D'esta maneira o fogo dilata o ar situado em cima e attrahe o ar infectado da cova, o qual, á proporção que sobe e sahe atravessando o foco, é substituido pelo ar extcrior, que chega á excavação por meio do tubo que communiea com a atmosphcra. — Os limpadores de poços recorrem a um meio ainda mais simples, bem que da mesma natureza. Consiste em lançar repetidas vezes, nos poços que se acham infectados, grandes brasas bem accesas, até que a sua combustão se possa entreter faeilmente. A bordo dos navios empregam-se diversas especies de ventiladores para purificar, pela rcnovação, o ar dos porões. Póde-se tambem, quando a insalubridade provier da presença do gaz acido carbonieo, associar aos meios de vcntilação o emprego d'agua de cal, quc absorve com rapidez cste gaz deleterio. Quando os gazes ou emanações miasmaticas tem grande intensidade vencnosa, como o ar mephitico das latrinas, a ventilação não basta. É preciso destruir o gaz hydrogeneo sulfurado, dc cuja presença dependem as propriedades mortaes da atmosphera das latrinas. Obter-se-ha este resultado pelas aspersões e projecções na eova do chlorureto de cal, e pela ventilação por meio de um fogo que dilate o ar da mesma, posta em contacto com o ar extcrno por meio do tubo de quc acabei de fallar.

O ar póde ser viciado pelas emanações de materias vegetacs ou animaes em decomposição, como aconteee nas salas dos hospitaes, logares de sepulturas, salas anatomicas, etc.; n'esse caso é preciso servir-se dos vapores de chloro. Eis-aqui a maneira de desenvolver o chloro, conforme o processo de Guyton de Morveau. Introduz-se em differentes capsulas de barro a mistura intima de 1 parte de peroxydo de maganez

e de 4 partes de sal commum, pesados na balança; deitam-se de tempo em tempo sobre estes pós 4 partes de acido sulfurico, diluido por outro tanto d'agua, e agita-se a mistura. Collocam-se as capsulas sobre cinza quente, e de quando em quando passeia-se com ellas por differentes pontos do logar que se quer desinfectar. Entretem-se estas fumigações por muitas horas, e fecha-se exactamente o local. Vinte horas depois, abrem-se as portas e janellas, e o ar renova-se. Por este meio torna-se sadio o logar mais infecto. A roupa do corpo e da cama desinfecta-se, pendurando-a em algum espaço em que se desenvolva chloro gazoso em quantidade. Se se quer desinfectar a madeira da cama ou outros moveis, é preciso, antes de expôl-os a estas fumigações, laval-os com agua chloruretada preparada da maneira seguinte : deita-se sobre 60 grammas de chlorureto de cal secco, litro e meio d'agua, agita-se, e deixa-se formar um deposito. Côa-se o licor, deita-se ainda sobre o deposito 1 litro d'agua, e reunem-se estas duas soluções.

Os vapores de chloro desenvolvidos conforme o processo guytoniano não podem empregar-se senão em logares deshabitados, por causa da sua acção irritante sobre os orgãos pulmonares. Para os quartos habitados empregam-se os chloruretos, e collocam-se de distancia em distancia pratos com dissolução concentrada de chlorureto de cal (preparada como acima se disse); póde-se tambem fazer borrifar com uma solução mais diluida (1 litro de solução concentrada diluida em 12 litros d'agua) ou com licor de Labarraque ou melhor com Phenol Bobœuf puro ou misturado com dez partes d'agua. D'esta maneira desinfectam-se as latrinas, os hospitaes, os quartos dos doentes, proporcionando sempre a quantidade de chlorureto á intensidade dos miasmas. O desenvolvimento do chloro humido, que se opera gradualmente, não tem os inconvenientes do chloro das fumigações; até actua com vantagem nos individuos affectados de bronchite e de tisica, e excita o appetite das pessoas que gozam de boa saude, o mesmo acontece se empregar-se o coaltar saponinado Le Bœuf.

Quando se trata sómente de purificar roupa impregnada de fumo de tabaco ou de algum outro cheiro desagradavel, basta pendural-a em um armario, no qual se collocam dois pratos com 60 gram. de chlorureto de cal secco, e fecha-se o armario. Seis horas depois, o cheiro do tabaco estará destruido.

Para a desinfecção das aguas e das carnes que tem soffrido um começo de decomposição, emprega-se o carvão com maravilhosa vantagem. *Veja-se* CARVÃO.

Digamos, recapitulando, como actuam os differentes agentes de desinfecção. A *ventilação* renova o ar e leva á immensidade atmospherica o dos espaços circumscriptos que estão infectados. A *agua de cal* absorve o acido carbonico, qualquer que seja a sua origem. O *chloro* decompõe o hydrogeneo sulfurado e todos os miasmas putridos, apoderando-se de um dos seus principios constituintes, o hydrogeneo, com que se combina, para formar o acido chlorhydrico. O *carvão*, emfim, destroe a podridão das aguas e o cheiro infecto das materias vegetaes

ou animaes em decomposição, absorvendo os gazes deleterios que resultam d'estas decomposições.

Ha ainda outras substancias que obram chimicamente como *desinfectantes:* assim o sulfato de ferro, o sulfato de zinco e o carvão neutralizam as emanações das latrinas; a pedrahume destroe o cheiro ammoniacal da ourina; o hypochlorito de cal o cheiro das materias animaes putrefactas.

Pós para desinfectar as materias fecaes. Sulfato de ferro 100 partes, sulfato de cal 130 partes, sulfato de zinco 5 partes, carvão de lenha 5 partes. Vinte grammas d'estes pós lançados n'uma vasilha desinfectam-n'a.

Outra receita. O sulfato de ferro reduzido a pó, e lançado na latrina em quantidade sufficiente, desinfecta immediatamente as materias fecaes. Póde tambem empregar-se dissolvido em agua. Obtem-se o mesmo effeito, lançando na latrina sulfato de zinco reduzido a pó.

Outra receita. Sulfato de ferro 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva-se e derrame-se esta solução no logar infectado, ou empregue-se em lavatorios com esponja.

Outra receita. Sulfato de zinco 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva-se e proceda-se do mesmo modo, que na receita precedente.

Outra receita. Chlorureto de zinco 1 parte, agua quente 40 partes. Dissolva-se. Mesmo emprego.

DESLOCAÇÃO ou **LUXAÇÃO EM GERAL.** Chama-se *deslocação* ou *luxação* a sahida de um osso do logar que occupa em alguma junta, de sorte que os dois ossos, naturalmente unidos, céssam de estar em contacto. As deslocações mais frequentes são as do hombro, da mão, da coxa, da perna e do queixo; entretanto todas as juntas podem deslocar-se.

A causa d'este accidente é as mais daz vezes uma violencia exterior, como pancada, quéda, etc. A deslocação é acompanhada de um sentimento de rasgadura interior, com dôr viva e persistente. A parte deslocada soffre mais ou menos alteração na sua fórma; comparando-a com a junta do lado opposto, vê-se que o seu contorno apresenta, em certos pontos, proeminencias anormaes, e em outros profundezas e vazios insolitos. Se é um membro, augmenta ou diminue de comprimento e muda de direcção. São mui dolorosos os esforços que se fazem para movêl-o; certos movimentos habituaes tornam-se impossiveis.

Signaes que distinguem a deslocação da fractura. A parte deslocada fica invariavelmente na posição insolita que tomou, e só com grande esforço se lhe póde dar a direcção primitiva; conserva então essa direcção, e o restabelecimento das superficies articulares nas suas relações naturaes é marcada pela cessação completa da dôr e da deformação, e pela facilidade dos movimentos. Isso estabelece uma differença notavel entre as deslocações e as fracturas, que apresentam alguns signaes analogos; mas, nas fracturas, a parte affectada offerece uma mobilidade insolita n'um ponto que não corresponde a nenhuma junta, uma facilidade bastante grande para voltar á sua conformação primitiva, quando se

exercem n'ella esforços convenientes, e uma facilidade ainda maior para recobrar sua conformação viciosa logo que cessam estes esforços. Além d'isso, nas deslocações ha ausencia da crepitação, que existe nas fracturas quando se move o membro, e que procede do contacto dos fragmentos do osso quebrado.

O *tratamento* das deslocações deve ter por fim : 1° restabelecer, o osso deslocado no seu logar natural : 2°, prevenir ou combater os accidentes inflammatorios ou outros que possam acompanhar ou seguir a deslocação.

Para restabelecer o osso deslocado no seu logar natural, estira-se o membro, puxando-o pela sua extremidade : isto chama-se a *extensão*; outras pessoas seguram o corpo com bastante firmeza, para que resista á extensão feita sobre elle, e é isto a *contra-extensão*. Emfim, estes dois esforços seriam inuteis sem a direcção que se deve dar ao osso deslocado para restituil-o á situação normal, quando a extensão o tem posto ao nivel de sua cavidade, é a *coaptação*. Estes tres meios seguidos de bom exito constituem o que se chama *reducção*.

A volta do osso á sua situação normal é annunciada quasi sempre por um movimento rapido e por uma especie de estalo, depois do qual a dôr, a deformidade e todos os accidentes desapparecem logo pela maior parte, e a junta recobra a facilidade dos seus movimentos.

Depois da reducção, o membro deve ser posto n'um estado completo de repouso e de relaxação. Applicações de pannos molhados em agua fria e vinagre, uma compressão suave, o repouso e algumas bebidas diluentes, como limonadas de limão, de laranja, ou agua de cevada, taes são os meios que devem ser geralmente empregados.

Em geral, quanto mais cedo se fazem as tentativas para reduzir uma deslocação, tanto mais promptos e felizes são os seus resultados. As deslocações antigas são mais graves do que as recentes, porque, á proporção que o tempo augmenta, assim vai diminuindo a facilidade da reducção. Entretanto, não ha uma época fixa em que a deslocação fique irreductivel, e existem provas de se haverem reduzido deslocações de quarenta e até oitenta dias.

Para reduzir qualquer deslocação, deve o operador ter presente na memoria a disposição natural dos ossos que compõem o esqueleto : serve para este fim a figura indicada no artigo Esqueleto ; cumpre comparal-a com as figuras dos ossos descolados, que acompanham, no presente Diccionario, a descripção particular de cada deslocação.

DESLOCAÇÃO DO ANTEBRAÇO. *Veja-se* Deslocações do cotovelo.

DESLOCAÇÃO DO BRAÇO. Affecção em que a cabeça do humero deixa a cavidade articular do hombro (*cavidade glenoide*) e se dirige em differentes sentidos, para baixo, para dentro, e para fóra.

1° **Deslocação do braço para baixo** (*deslocação sub-coracoidea*) (fig. 341). É a mais frequente de todas; é caracterizada pela proeminencia da cabeça do humero na axilla e um pouco para diante, debaixo da apophyse coracoide.

Causas. Esta luxação é geralmente produzida por uma quéda sobre o cotovelo, e principalmente sobre a palma da mão, estando o braço estendido e afastado do corpo.

Symptomas. O braço deslocado parece mais comprido que o outro, e não póde ser nem virado nem levantado pelo doente, e as tentativas que se fazem para produzir estes movimentos provocam grandes dôres. O cotovelo está afastado do corpo, e não se póde approximar d'elle; o hombro acha-se deformado, e em vez de ser redondo, apresenta uma depressão. A cabeça do humero faz procminencia arredondada na axilla, perto da superficie da pelle. Existe uma dôr no hombro, e muitas vezes apparece uma nodoa denegrida (ecchymose) na face interna do braço.

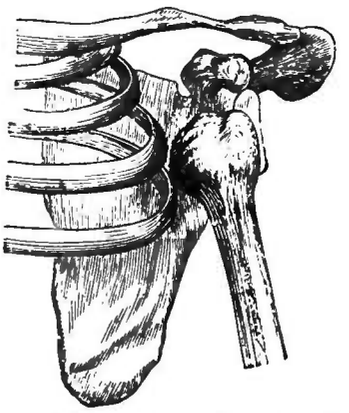


Fig. 341. — Deslocação do braço para baixo.

Tratamento. Ha diversos methodos de reduzir esta deslocação.

1° *Methodo.* Sentado o doente em uma cadeira, e segurando-lhe uma pessoa no peito, o operador levanta-lhe o braço, afastando-o do tronco e fazendo-lhe descrever um arco de circulo

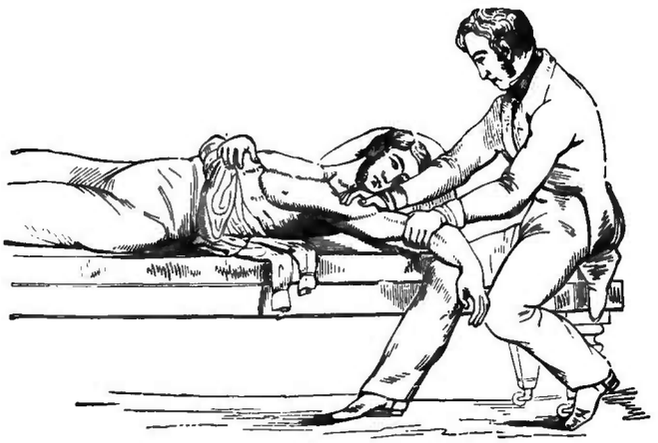


Fig. 342. — Reducção da deslocação do braço.

até ficar quasi vertical; o operador põe então uma de suas mãos debaixo do braço, e abaixa o braço do doente approximando o cotovelo do tronco. Um estalo particular e o desapparecimento da deformação indicam que a cabeça do humero tornou a entrar na cavidade que lhe é destinada.

2° *Methodo* (fig. 342). Deitado o doente na cama, o operador exerce a extensão recta, tirando o braço para cima, e faz elle mesmo a contra-extensão carregando no hombro com a outra mão.

3° *Methodo* por meio do *joelho* (fig. 343). Senta-se o doente em uma cadeira baixa. O cirurgião, em pé do lado doente e um pouco para traz,

aparta o cotovelo do tronco para pôr o seu joelho debaixo do braço do doente; depois, apoiando o pé na margem da cadeira, applica uma de suas mãos sobre o hombro, agarra com a outra o braço perto do cotovelo, e abaixa-o, approximando-o do corpo, de maneira a imprimir á cabeça do humero um movimento de redouça de dentro para fóra.

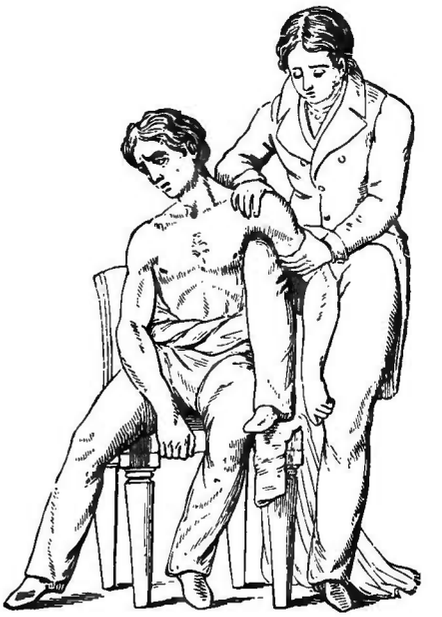


Fig. 343. — Reducção da deslocação do braço por meio do joelho.

Falhando os methodos precedentes, recorra-se á extensão, que constitue o quarto methodo.

4° *Methodo* (fig. 344). O doente senta-se em um mocho pouco elevado. Estando o antebraço dobrado em angulo recto com o braço, e este posto n'uma direcção horizotal, fixam-se por cima do cotovelo, com umas voltas de atadura fortemente apertadas, os dois extremos de uma toalha dobrada como uma gravata, de tal sorte que a parte mediana fique livre por baixo do cotovelo, e forme uma especie de annel no qual se passa um laço, sobre cujas extramidades os ajudantes operam

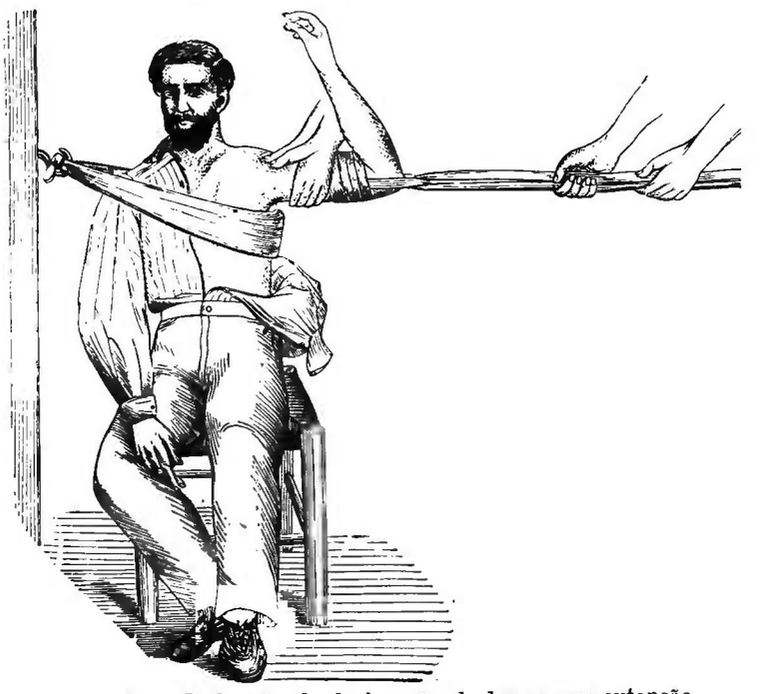


Fig. 344. — Reducção do deslocação do braço por extensão.

tracções. Preparada d'esta sorte a extensão, opera-se a contra-extensão,

fazendo passar por debaixo do braço do lado deslocado um lençol dobrado segundo o comprimento em quatro dobras cujas extremidades vão uma por diante, e a outra por detraz do peito, reunem-se sobre o hombro do lado são, e confiam-se a ajudantes vigorosos, ou se atam a alguma cousa firme. Procede-se então ás tracções de uma maneira lenta e regular; o operador, collocado do lado externo do membro, segue com a mão os movimentos imprimidos á cabeça do humero, e quando julga que ella chegou ao nivel da cavidade que deve occupar, dirige-a para cima e par fóra, recommendando aos ajudantes que façam tracções obliquas para baixo, isto é, que abaixem o braço de maneira a approximal-o do tronco. O cirurgião póde auxiliar os effeitos d'esta ultima manobra, repellindo para cima e para traz a cabeça do humero com as mãos collocadas na axilla.

2° **Deslocação do braço para diante** (*luxação entre-coracoidea*) (fig. 345). É caracterizada pela situação da cabeça do humero para dentro da apophyse coracoide, mais ou menos perto da clavicula.

Suas *causas* são quédas sobre o hombro, sobre o cotovelo, ou sobre a mão.

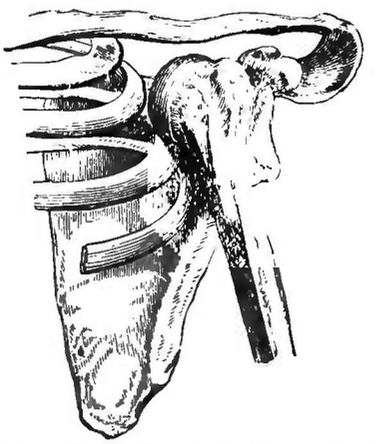


Fig. 345. — Deslocação do braço para diante, ou entre-coracoidea.

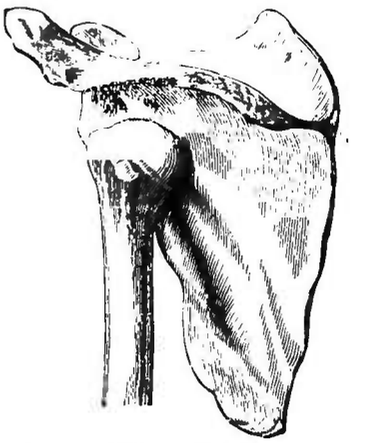


Fig. 346. — Deslocação do braço para fóra ou para traz.

Symptomas. O acromion faz uma proeminencia em baixo da qual se acha uma depressão. A concavidade sub-clavicular desapparece, ou, para melhor dizer, fica substituida por uma proeminencia formada pela cabeça humeral, a qual colloca-se mui alto na axilla, para dentro da apophyse coracoide, e mais ou menos chegada á clavicula. O braço está pegado ao tronco.

Tratamento. Emprega-se a extensão obliqua, primeiro para baixo, e depois horizontal, combinada com um movimento de pressão ou de redouça feito sobre o joelho.

3° **Deslocação do braço para fóra** ou **para traz** (*Deslocação sub-acromial* (fig. 346). N'esta luxação a cabeça do humero vem collocar-se debaixo de uma proeminencia ossea chamada *acromion*. Esta especie de luxação é mui rara.

Causas. Estas luxações são occasionadas por quédas sobre o hombro, sobre o cotovelo ou sobre a mão.

Symptomas. O hombro avança para fóra. A axilla é livre. A cabeça do humero constitue um tumor saliente na parte posterior do hombro. O braço fica virado para dentro; o cotovelo acha-se para diante e um pouco apartado do tronco. Os movimentos do membro são dolorosos.

Tratamento. Uma pessoa comprime a cabeça do humero com os dois dedos pollegares, e ao mesmo tempo outra pessoa exerçe a contra-pressão sobre a parte anterior do hombro. Se este meio não levar a cabeça do humero ao seu logar, applique-se o punho debaixo do braço, e comprima-se sobre elle o braço deslocado dando-lhe um movimento de redouça, levantando um pouco o cotovelo, e dirigindo-o para traz.

4° **Deslocação sub-glenoidea** (fig. 347). É caracterizada pela situação da cabeça do humero na axilla. O hombro achata-se; a abobada acromio-coracoidea faz uma proeminencia pronunciada. O braço está virado para fóra e alongado; o antebraço em forte flexão; os movimentos voluntarios da articulação impossiveis. Os modos de redução não differem dos da luxação subcoracoidea.

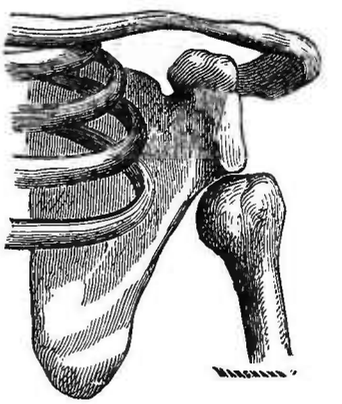


Fig. 347. — Deslocação sub-glenoidea.

DESLOCAÇÃO DO COTOVELO ou DO ANTEBRAÇO. A articulação do cotovelo é formada de tres ossos, o humero, o cubito e o radio. O humero constitue o unico osso do braço, o cubito e o radio pertencem ao antebraço; o radio occupa o lado externo, isto é, o que corresponde ao dedo pollegar, e o cubito occupa o lado interno. A proeminencia que se acha por detraz do cotovelo pertence ao cubito, e chama-se *olecrane*. Os dois ossos do antebraço são unidos entre si pela sua extremidade superior, e ao mesmo tempo cada um d'elles é unido ao humero. Os dois ossos do antebraço deslocam-se simultaneamente sobre o braço, ora conservando seus meios de união; ora um d'elles desloca-se ao mesmo tempo sobre o humero e sobre o outro osso. Temos, pois, a examinar :

1° A deslocação simultanea dos dois ossos do antebraço sobre o osso do braço; 2° a deslocação do radio sobre o humero, e a do cubito sobre o mesmo humero.

Deslocação de ambos os ossos do antebraço. Os ossos do antebraço podem deslocar-se em quatro sentidos differentes sobre o osso do braço : para traz, para diante, para dentro, e para fóra. De todas estas deslocações a mais frequente é a deslocação para traz.

1° **Deslocação do antebraço para traz.** É a deslocação na qual a extremidade superior do radio e do cubito passa para traz da parte inferior do humero (fig. 348). Tem logar, quando n'uma quéda sobre a mão, o antebraço se acha estendido. O antebraço, visto por

diante, parece mais curto; está encolhido, e não póde executar movimento algum. O cotovelo apresenta uma deformação caracteristica : o diametro antero-posterior augmenta; a apophyse oleerane, collocando-se atraz do humero, faz grande proeminencia na parte posterior. Do lado anterior a curva do braço fica mais para cima; e por baixo d'ella sente-se uma proeminencia transversal formada pela extremidade articular do humero.



Fig. 348. — Deslocação do antebraço para traz.

A deslocação simples do cotovelo para traz, conhecida a tempo, é pouco grave; se não é reconhecida, torna-se irreductivel passado pouco tempo. Ha entretanto exemplos de deslocações d'este genero que tem sido reduzidas passados vinte e mesmo quarenta dias. Mas estes exemplos são raros; as mais das vezes a deslocação fica então permanente; n'este caso os movimentos de flexão e de extensão podem augmentar cada dia, porém nunca chegam a ser tão livres como eram antes do accidente; os movimentos de pronação e de supinação ficam quasi inteiramente abolidos.

A deslocação recente reduz-se com facilidade. Eis-aqui como se deve proceder.

Senta-se o doente em uma cadeira; uma pessoa segura-lhe o braço perto da axilla; outra pessoa faz a extensão puxando pela mão e punho. O operador, collocado na parte externa da articulação, cruza suas mãos sobre a parte anterior e inferior do humero para empural-o para traz, e carrega com os dedos pollegares na apophyse olecrane, que se acha na parte posterior, para repellil-a para diante; e quando esta proeminencia se acha por baixo das tuberosidades do humero, recommenda á pessoa encarregada da extensão de fazer uma flexão do antebraço. Um estalo caracteristico annuncia que a deslocação está reduzida.

Depois de reduzida a deslocação, os movimentos do antebraço tornam-se faceis. Cumpre envolver a junta com pannos molhados em aguardente camphorada, e manter o antebraço com um lenço. Passados oito ou dez dias, faz-se executar á junta brandos movimentos para prevenir a ankylose. A pelle e os musculos conservam ás vezes alguma sensibilidade durante muitas semanas.

2° **Deslocação do antebraço para diante.** O cubito e o radio acham-se diante do humero. Esta deslocação é mui rara. Para reduzil-a, pratica-se a contra-extensão no antebraço, de maneira a levar os ossos do antebraço para baixo, e depois para traz.

3° **Deslocações lateraes do antebraço.** As deslocações lateraes dos ossos do antebraço sobre o humero são raras vezes completas, por causa de muitos encaixes das superficies articulares. Ellas não podem ser produzidas senão por grandes violencias que levam os ossos do antebraço e o do braço a direcções oppostas, e são acompanhadas de grandes desordens das partes molles. Nas deslocações

lateraes ha augmento de comprimento do diametro transversal da junta; o antebraço não póde ser dobrado completamente; os movimentos de pronação e de supinação são quasi impossiveis. A fig. 349 representa a deslocação para fóra, e a fig. 350 mostra a deslocação para dentro.

Reduzem-se estas deslocações por meio da extensão e da contra-extensão moderadas, durante as quaes, e estando o antebraço em flexão, repelle-se brandamente, em sentido opposto, o humero e os ossos do antebraço.



Fig. 349. — Deslocação incompleta do antebraço para fóra.



Fig. 350. — Deslocação do antebraço para dentro.

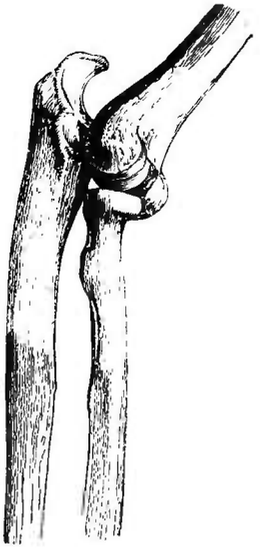


Fig. 351. — Deslocação do cubito para traz.

DESLOCAÇÃO DO CUBITO PARA TRAZ (fig. 351). O cubito desloca-se ás vezes para traz, sem ser seguido pelo radio.

Causas. Esta deslocação é produzida por uma quéda sobre a palma da mão, estando o antebraço estendido e a violencia dirigida sobre o lado interno do membro.

Symptomas. O cotovelo fica deformado; o diametro antero-posterior augmenta-se. Na parte interna do cotovelo apparece uma proeminencia correspondente á extremidade articular do humero.

Tratamento. Feitas as tracções no antebraço estendido e em posição supina, o operador empurra com o dedo pollegar a olecrane para diante e para baixo.

DESLOCAÇÕES ISOLADAS DA EXTREMIDADE SUPERIOR DO RADIO. A extremidade superior do radio póde deslocar-se para diante, ou para traz; a deslocação póde ser mais ou menos completa.

1° **Deslocação incompleta do radio para diante.** Observa-se as mais das vezes nas crianças; é produzida sobretudo por

tracções subitas exercidas sobre o radio : assim, quando se retem a criança pela punho para impedil-a de cahir; quando se levanta pelo pulso para ajudal-a a saltar por cima de um rego ou de qualquer outro obstaculo.

Symptomas. A mão fica virada para dentro, o antebraço em leve flexão. Communicando movimentos de rotação á mão, percebe-se um estalo na junta. O cotovelo augmenta no seu diametro antero-posterior, e no diametro transversal. A cabeça do radio faz uma proeminencia na parte anterior, e existe uma depressão na parte posterior, debaixo do condylo humeral.

Tratamento. Para fazer a reducção, deve-se pôr o antebraço em supinação, isto é, virar a curva do braço para cima, e exercer com o dedo pollegar da outra mão, uma pressão directa sobre a cabeça do osso deslocado.

2° **Deslocação completa do radio para diante** (fig. 352). *Causas.* É produzida pela quéda sobre a mão, o antebraço estendido; pela quéda sobre o cotovelo ; por uma tracção exercida sobre a mão levada em pronação; pelo esforço para levantar com a mão um grande peso.



Fig. 352. — Deslocação completa do radio para diante.



Fig. 353. — Deslocação completa do radio para traz.



Fig. 354. — Deslocação da coxa para cima e para fóra.

Symptomas. A mão fica em pronação completa; o antrebraço em leve flexão. A fórma do cotovelo fica pouca alterada á vista, salvo nos individuos magros, em que o diametro antero-posterior parece augmentado, e o transversal diminuido. Os movimentos do antebraço são mais ou menos dolorosos; a flexão não póde ir além do angulo recto; dobrando o antebraço, percebe-se o choque da cabeça do radio contra o humero.

Na parte posterior e externa do cotovelo, acha-se uma depressão situada immediatamente debaixo do condylo humeral. A cabeça do radio sobresahe para *diante* e um pouco para *dentro* do condylo.

Tratamento. Posto o braço em supinação, exerça-se primeiro uma branda impulsão com os dedos pollegares de cima para baixo sobre a cabeça do radio, depois a pressão de dentro para fóra e de diante para traz.

3° **Deslocação completa do radio para traz** (fig. 353) É produzida pela quéda sobre o cotovelo ou sobre a mão.

Symptomas. No momento do accidente, o enfermo percebe um estalo no cotevelo, que incha e torna-se doloroso. O antebraço fica em pronação. Na parte posterior e externa do condylo humeral, sente-se a cabeça do radio rolar debaixo dos dedos durante os movimentos de pronação e de supinação.

Tratamento. Sentado o doente em uma cadeira, põe-se-lhe o antebraço em supinação e extensão, e exerce-se ao mesmo tempo a pressão directa sobre a cabeça do radio com o dedo pellegar. Se a luxação fôr antiga, será necessario fazer preceder estas manobras da extensão no punho.

DESLOCAÇÕES DA COXA. As pancadas, quédas ou os choques violentos, combinados com certas situações ou geitos, dão logar



Fig. 355. — Reducção das deslocações da coxa por flexão.

a saltar a extremidade superior do femur, chamada *cabeça do femur*, para fóra de sua cavidade articular (*cavidade cotyloidea*). A deslocação sobrevem principalmente quando um montão de terra se desaba e vem cobrir em parte um individuo, ou quando a carga pesada de um carro o derriba por terra. A deslocação póde fazer-se em differentes lados da

junta : 1° para cima e para fóra; 2° para baixo e para dentro; 3° para traz e para fóra; 4° para cima e para dentro.

1° **Deslocação da coxa para cima e para fóra (deslocação iliaca)** (fig. 354). É a mais frequente de todas as deslocações da coxa.

Symptomas. O membro fica encurtado de 5 a 8 centimetros. A dobra da nadega fica mais alta do que a do lado são, o pé e o joelho ficam

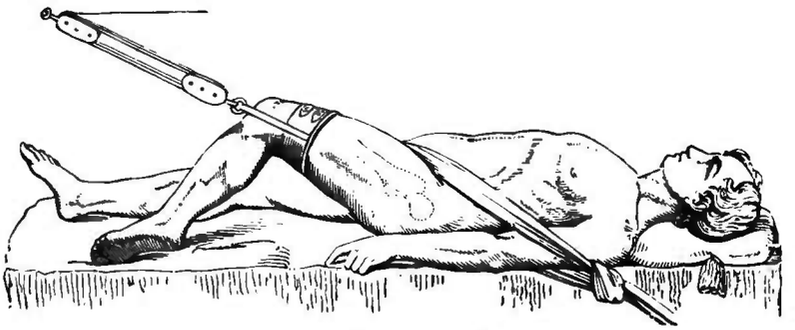


Fig. 356. — Reducção das deslocações da coxa por extensão.

voltados para dentro; a coxa acha-se em flexão; os movimentos de rotação para fóra são impossiveis; a nadega está mais saliente do que a do lado são.

Quando a deslocação não é reduzida, o membro fica mais curto, e o doente é obrigado a usar de um sapato guarnecido de uma sola grossa; a coxa diminue de volume pela inacção dos seus musculos. O doente experimenta dôres na anca e na coxa; não póde abaixar-se senão com muita difficuldade; precisa de duas bengalas para andar; o menor obstaculo bastará para o fazer cahir. Cumpre, pois, reduzir a luxação quanto antes.



Fig. 357. — Deslocação da coxa para baixo e para dentro.

Tratamento. Ha dois methodos para reduzir esta luxação :

Primeiro methodo (*methodo por flexão*) (fig. 355). Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia e a perna sobre a coxa, e dá-se a esta um movimento de rotação para fóra, depois do que puxa-se brandamente a coxa para baixo e para dentro.

Segundo methodo (*methodo por extensão*) (fig. 356). Deita-se o doente sobre o lado são; dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto com a coxa. Passa-se por entre as coxas um lençol dobrado pelo comprimento em quatro dobras, cujo meio ficando na virilha do lado doente, cruzam-se os extremos sobre a ilharga do mesmo lado, ficando um pela parte das costas, e outro

pela parte do peito, e se atam a um annel seguro á parede na altura da cama. Por cima do joelho, enlaçam-se atuduras para a extensão. Estando tudo assim preparado, fazem os ajudantes a extensão, puxando pelas ataduras no sentido do eixo do femur posto na posição acima indicada: logo a cabeça do femur vai para o seu logar, o que se conhece pelo allivio do enfermo, boa configuração da parte e pelo estalo que se percebe.

Conseguida a reducção, applicam-se na parte superior da coxa pannos molhados em aguardente camphorada, e conserva-se o doente na cama por alguns dias.

2° **Deslocação da coxa para baixo e para dentro** (fig. 357). N'esta luxação a cabeça do femur vai para diante, no buraco oval.

Symptomas. O membro fica mais comprido, a nadega mais baixa, o pé e o joelho voltados para fóra. Póde se sentir, na parte interna e superior da coxa, um tumor formado pela cabeça do femur.

Não se fazendo a reducção, a marcha será mui difficil por causa do alongamento do membro.

Tratamento ou *reducção. Primeiro methodo* (*methodo por flexão*). Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia, e a perna sobre a coxa, e communica-se a esta um movimento de rotação para dentro; depois do que puxa-se brandamente para cima e para fóra.

Segundo methodo (*methodo por extensão*). Deita-se o doente sobre o lado são: dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto sobre a coxa, do mesmo modo que na deslocação precedente. Passa-se um lençol por entre as coxas, e enlaçam-se ataduras por cima do joelho, tambem do mesmo modo. Faz-se então a extensão segundo a direcção do femur isto é, para fora, a cabeça do femur vai logo ao seu logar, fazendo perceber o estalo caracteristico.

3° **Deslocação da coxa para traz e para fóra (luxação ischiatica).** *Symptomas.* A coxa fica em flexão; o membro inferior voltado para dentro, e mais curto. Na parte posterior da nadega percebe-se a proeminencia formada pela cabeça deslocoda. Na parte anterior existe uma depressão que corresponde á sahida da cabeça do femur.

Reduz-se do mesmo modo que a luxação para cima e para fóra, da qual pouco differe.

4° **Deslocação da coxa para cima e para dentro.** N'esta deslocação a cabeça do femur colloca-se sobre o ramo horizontal do pubis.

Symptomas. O membro encurta-se e fica voltado para fóra, a nadega achatada. A cabeça do femur faz proeminencia na virilha.

A *reducção* faz-se do mesmo modo que na luxação para baixo e para dentro.

As duas ultimas luxações são mui raras. Quando a luxação não foi reduzida, a cabeça do femur forma uma cavidade nova, ao passo que a cavidade antiga se vai estreitando até desapparecer inteiramente.

DESLOCAÇÃO ESPONTANEA DA COXA. — *Veja-se* COXALGIA.

DESLOCAÇÃO DOS DEDOS. — *V.* Vol. I, pag. 844.

DESLOCAÇÃO DO HOMBRO. — *V.* DESLOCAÇÃO DO BRAÇO.

DESLOCAÇÃO DO JOELHO. — Dá-se o nome de joelho á articulação da tibia (osso da perna) com o femur (osso da coxa) (*articulação femoro-tibial*). Um pequeno osso, chato, chamado *rotula*, applicado sobre a superficie concava que separa as duas proeminencias do osso da coxa, forma a parte saliente do joelho. Estas duas proeminencias do femur, chamadas *condylos*, são recebidas nas duas cavidades da cabeça da tibia, osso da perna, e formam a articulação propriamente dita, que é segura por grande numero de ligamentos. N'este logar tratarei das deslocações femoro-tibiaes; quanto ás deslocações da rotula, fallarei d'ellas mais adiante.

A tibia póde deslocar-se relativamente ao femur para diante, para traz, para dentro e para fóra. Estas deslocações podem ser incompletas ou completas.

Causas. As deslocações do joelho são ordinariamente produzidas pela quéda n'uma escada, na descida de uma sege, pela queda n'um fosso, etc.

Estando a perna solidamente fixa de maneira qualquer, se alguma violencia empurrar com força o tronco e a coxa para diante, para traz, para dentro ou para fóra, poder-se-ha effeituar a luxação, quer completa, quer incompleta, de qualquer das quatro direcções indicadas. Póde sobrevir ainda, e quasi pelo mesmo mecanismo, quando é a perna que recebe o esforço emquanto que a coxa, estando fixada por um ponto de apoio qualquer, se acha na impossibilidade de seguir o movimento impresso ao resto do membro. No primeiro caso, é a tibia que escorrega sobre os condylos do femur, emquanto que no segundo, é o femur que escorrega sobre as superficies planas da tibia.

Signaes. A deslocação completa da perna é, em geral, facil de reconhecer. Observa-se um encurtamento do membro, que varia desde alguns millimetros até 9 a 11 centimetros. A perna fica entorpecida; o joelho offerece uma deformação evidente, mas que differe segundo a especie de deslocação.

1° **Deslocação completa da perna para diante** (fig. 358). É caracterizada pelos symptomas seguintes : O joelho forma um angulo. A tuberosidade da tibia faz proeminencia para diante. A rotula fica deitada quasi horizontalmente sobre o meio da superficie articular da tibia, com a face anterior voltada para cima. Na parte posterior a curva da perna desapparece, as eminencias femoraes (condylos) levantam a pelle mui fortemente. A coxa parece curta por diante, e a perna por detraz.

Na *deslocação incompleta* as proeminencias são menos consideraveis; o membro fica alongado; a rotula acha-se na sua posição normal; podem communicar-se á perna movimentos lateraes bastante extensos.

2° **Deslocação da perna para traz.** O diametro antero-posterior do joelho fica mais extenso; os condylos do femur fazem proeminencia na parte anterior, as tuberosidades da tibia podem ser percebidas na parte posterior.

Na *deslocação incompleta*, a perna fica em extensão ou flexão leve; a

tibia forma na curva da perna um tumor mais apparente na extensão do que na flexão da perna.

Na *deslocação completa*, a perna está em extensão; as proeminencias formadas pelas tuberosidades da tibia e pelos condylos do femur são

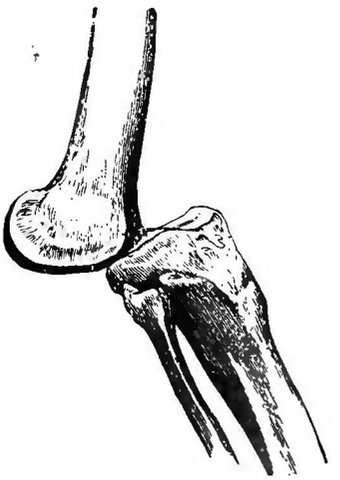


Fig. 358. — Deslocação completa da perna para diante.



Fig. 359. — Deslocação completa da perna para traz.

muito mais consideraveis. A rotula fica quasi horizontal, sua face anterior dirigida para baixo, a margem superior voltada para diante. A perna está realmente mais curta por causa da ascensão da tibia atraz do femur (fig. 359).

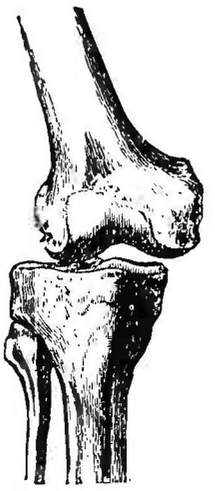


Fig. 360. — Deslocação incompleta da perna para fóra.

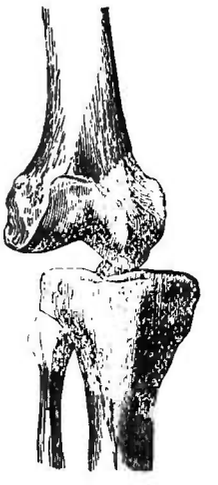


Fig. 361. — Deslocação incompleta da perna para dentro.

3° **Deslocação da perna para fóra.** *Deslocação incompleta* (fig. 360). O femur faz proeminencia na parte interna; a rotula fica mais ou menos desviada para fóra.

Deslocação completa. É mui rara. N'este caso a tibia sobe do lado externo do femur.

4° **Deslocação da perna para dentro.** *Deslocação incompleta* (fig. 361). É caracterizada pela proeminencia da tibia na parte interna, e pela proeminencia da extremidade do femur na parte externa. A rotula fica dirigida obliquamente par baixo e para dentro.

Deslocação completa. E excessivament rara. As proeminencias são mais consideraveis; existe dc ordinario uma ferida nos tegumentos pela qual sahe a extremidade inferior do osso da coxa.

Tratamento. A reducção das diversas deslocações da perna é, em geral, facil. Para pratical-a, deita-se o doente de costas na cama. Passa-se por cntre as coxas um lençol dobrado pelo comprimento em quatro dobras, cujo meio ficando na virilha do lado doente, cruzam-se os extremos sobre a ilharga do mesmo lado, ficando um pela parte das costas, e outro pela parte do peito, e atam-se a um annel seguro á parede na altura da cama. Estando assim o corpo fixado, um sufficiente numero de ajudantes fazem a extensão, puxando directamente a perna com as mãos, ou ligaduras enlaçadas acima dos tornozelos. Então o operador, applicando as palmas das mãos sobre as cxtremidades dos ossos deslocados, comprime-as oppostamente até reduzil-as aos seus logares.

Envolve-se depois o joelho com pannos molhados em agua fria misturada com vinagre ou arguardente camphorada, e o doente deve conserva-se em rcpouso por muito tempo. Deita-se primeiramente o membro em leve flexão sobre almofadas; se tudo vai bem imprimem-se-lhe fracos movimentos passados oito ou dez dias; augmenta-se gradualmente a extensão d'estes movimentos, de maneira que o doente possa levantar-se e andar com muletas no fim da terceira ou quarta semana. Se existirem rupturas numerosas, quer fibrosas, quer musculares, o repouso e as precauções serão continuadas por longo tempo, e os movimentos serão ensaiados com a maior reserva possivel; mas, n'estes casos ainda, cumpre lembrar-se que a immobilidade muito prolongada expõe á ankylose.

DESLOCAÇÕES DA MÃO. Antes de tratar d'ellas, vou primeiro descrever as differentes partes de que se compõe esta região do corpo.

Descripção da mão. A mão compõe-se de tres partes : o *punho* ou *carpo*, o *metacarpo* que forma a parte larga e quadrilatera da mão, e os *dedos*, que são os appendices que terminam a mão.

O *carpo* ou *punho* compõe-se de oito ossos curtos, pequenos e de fórma irregular, dispostos em duas filciras transversaes, entre o antebraço e o metacarpo. Estes pequenos ossos tem cada um o seu nome proprio derivado da sua fórma; são, nomeando-os do bordo externo ou radial ao interno ou cubital : os ossos *scaphoideo*, *semmuar*, *pyramidal* e *pisiforme* na primeira serie, que estão em relação com os ossos do antebraço, radio e cubito; os ossos *trapezio*, *trapezoide*, *grande osso* e *unciforme*, na segunda serie, que estão em relação com a parte superior dos ossos do metacarpo. Estes ossos apresentam muitas superficies arti-

culares para se unirem entre si ou com os ossos vizinhos ; são seguros por ligamentos fortes e curtos, afim de dar solidez á junta do punho, que goza de grande mobilidade.

O *metacarpo* (de *meta* depois, e *carpos*, punho) comprehende cinco ossos alongados e collocados, uns ao lado dos outros, em uma direcção vertical e parallela. Elles tem, como todos os ossos longos, um corpo e duas extremidades. A extremidade superior é concava, e articula-se com o carpo, a inferior offerece uma cabeça hemispherica que se articula com a extremidade superior das phalanges. Estes cinco ossos constituem verdadeiramente a armação da mão, e dão-lhe a sua fórma; designam-se pelo seu nome numerico contando desde o pollex ou dedo pollegar até ao dedo minimo; o primeiro osso do metacarpo que sustenta o pollex é, como se vê, separado dos outros e dotado de um movimento proprio; parece formar com as duas phalanges do pollex um só dedo do qual seria a primeira phalange. Os outros quatro ossos do metacarpo são fortemente unidos entre si, e seus movimentos são muito limitados.

Os *dedos* formam a terceira e ultima parte da mão; são cinco : o primeiro, do lado externo ou radial, é o *dedo pollegar* ou o *pollex*, o segundo o *index*, o terceiro o *grande dedo* ou *médio*, o quarto o *annular*, o quinto o *minimo*.

Cada dedo é composto de tres pequenos ossos, juntos uns aos outros pelas suas extremidades, chamados *phalanges;* o pollex faz excepção á regra e só tem duas phalanges; ha por conseguimte 14 phalanges em cada mão. Entre ellas, as superiores, isto é, as que se articulam com os ossos do metacarpo, são as mais fortes; as médias (*phalanginas*) são semelhantes ás precedentes; é a phalange d'esta fileira que falta ao pollex; emfim as da extremidade dos dedos (*phalangetas, phalanges das unhas*), tem a fórma differente : o seu apice é arredondado e mais largo que o corpo do osso; acha-se em relação com o que se chama *polpa do dedo* (fig. 286, p. 789).

Com estes ossos a mão ainda é composta de musculos, de tendões, de ligamentos que são numerosos e destinados a augmentar a sua solidez, e communicar os movimentos ás differentes partes que a compõem. As suas arterias formam na palma da mão duas *arcadas palmares*, *superficial* e *profunda;* é por isso que os ferimentos da palma da mão são seguidos de grande hemorrhagia.

Na mão notam-se duas faces; uma *palmar* ou *palma da mão*, que é concava; outra *dorsal*, ou *costas da mão,* que é convexa; dois bordos, um radial ou externo, outro cubital ou interno. Uma forte aponevrose (palmar) serve a manter os tendões dos musculos, e contribue para a solidez da mão.

Deslocação do primeiro osso do metacarpo (o do dedo pellegar) **relativamente ao osso do carpo** (fig. 362). O primeiro osso do metacarpo póde deslocar-se sobre o osso do carpo para traz ou para diante.

1ª *Deslocação para traz.* É o resultado da quéda sobre o bordo externo da mão ou sobre a palma da mão.

Symptomas. Esta deslocação é caracterizada pela flexão forçada do dedo pollegar sobre a palma da mão, pela impossibilidade de estendêl-o, pela mundança de direcção do osso do metacarpo, pela proeminencia de sua extremidade superior na face dorsal da mão.

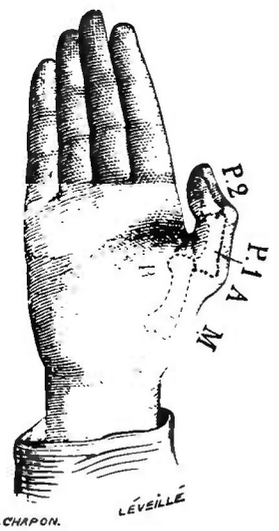


Fig. 362. — Deslocação do dedo pollegar para traz (*).

Tratamento. Para fazer a reducção, um ajudante segura o antebraço por cima do punho; um outro puxa pelo dedo pollegar, primeiro na direcção da deslocação, e depois na extensão. O operador, abarcando o punho com as duas mãos, repelle com os dedos pollegares a extremidade superior do osso deslocado, para baixo e para diante. Um estalo surdo, e a boa configuração da parte, indicam que o osso voltou ao seu logar. Feita a reducção, o operador applica no dedo pollegar um panno molhado em aguardente camphorada, enrola a mão com a atadura competente, e situa-a em descanço no lenço atado ao pescoço

2ª *Deslocação para diante.* Symptomas : O primeiro osso do metacarpo faz proeminencia na palma da mão; o dedo pollegar, voltado para traz, não póde ser dirigido do lado do dedo minimo; ha dôr e inchação.

Para reduzir a deslocação, cumpre inclinar o dedo pollegar do lado da palma da mão, e exercer uma extensão prolongada.

DESLOCAÇÃO DOS DEDOS. Deslocação do pollex relativamente ao osso do metacarpo. D'esta deslocação existem quatro variedades :

1ª *Deslocação incompleta para traz.* Resulta da quéda sobre a face palmar do dedo pollegar. É caracterizada pela existencia de um tumor na palma da mão, correspondente á proeminencia da extremidade inferior do osso do metacarpo; por um outro tumor saliente na face dorsal da mão formado pela extremidade superior da primeira phalange; pela conservação do comprimento do dedo.

Reducção. Depois de abarcado com a mão o dedo deslocado, cumpre dobral-o, e carregar ao mesmo tempo com o dedo pollegar na cabeça da phalange.

2ª *Deslocação completa para traz.* É produzida pelas mesmas causas que a precedente.

Symptomas. A primeira phalange do dedo pollegar fica voltada para traz sobre o osso do metacarpo de tal sorte que o dedo pollegar apresenta duas flexões em fórma de Z. Do lado da face palmar da mão existe uma proeminencia formada pela cabeça do primeiro osso do metacarpo.

Em alguns casos os symptomas são differentes. A primeira phalange

(*) P2. Segunda phalange. — P1. Primera phalange. — A. Saliencia da primeira phalange. — B. Saliencia da cabeça do primeiro osso metacarpeano M.

do pollex acha-se situada por detraz, e a segunda phalange apenas dobrada. O pollex conserva a sua direcção natural e está situada sobre um plano posterior e parallelo ao plano do osso do metacarpo; fica mais curto, porém mais ou menos, segundo a sua elevação, detraz do osso do metacarpo.

Tratamento. Esta deslocação é ás vezes difficil de reduzir. Póde fazer-se a reducção de um dos modos seguintes:

a. Seguro o punho por uma pessoa, o operador puxa pelo dedo, envolvido em um panno para não escorregar; logo que a extensão parece sufficiente, repellem-se os ossos para o seu logar pela pressão em sentidos oppostos ás superficies articulares. Para exercer a tracção póde empregar-se uma chave; mette-se o annel detraz da phalange, e puxa-se pelo palhetão.

b. Dobra-se fortemente a phalange para diante, e carrega-se na sua superficie articular para pôl-a no seu logar.

3ª e 4ª *Deslocações para diante*. Podem ser incompletas ou completas. São produzidas pelo choque sobre a face dorsal da phalange, ou pela quéda sobre a face palmar da mão. Os seus symptomas são variaveis. Existe uma proeminencia da cabeça do osso do metacarpo na parte posterior, a phalange sobe por diante alguns millimetros, e o pollex está em flexão.

A *reducção* obtem-se pela simples extensão exercida no dedo pollegar; ou pela extensão do dedo pollegar combinada com a pressão na cabeça do osso do metacarpo e na extremidade da phalange.

Feita a reducção, cumpre applicar na articulação doente pannos molhados em aguardente camphorada, sustêl-os com a ligadura competente e situar a mão em descanço no suspensorio.

As deslocações dos *quatro ultimos dedos* sobre os ossos do metacarpo são excessivamente raras. Tem sido entretanto observadas para diante e para traz, no estado de deslocação completa e incompleta. Reduzem-se por meio de simples tracção, ou pela impulsão combinada com a flexão forçada.

Deslocações das segundas phalanges ou **phalanginas.** Podem produzir-se para traz, para diante ou para os lados.

1° *Deslocação para traz*. As causas d'esta deslocação actuam dirigindo para traz a extremidade do dedo, emquanto que a primeira phalange está segura. É caracterizada pelos signaes seguintes: Do lado da face dorsal da articulação existe uma proeminencia formada pela cabeça da segunda phalange, por cima da qual ha uma depressão profunda; do lado da face palmar vê-se outra proeminencia formada pela primeira phalange, com uma depressão por baixo. O dedo está mais curto. A segunda phalange fica estendida, e um pouco voltada para traz; a terceira phalange (phalangeta) um tanto dobrada para diante.

Tratamento. Para se praticar a reducção, basta que o operador segure o punho com uma de suas mãos, e com os dedos da outra puxe pela extremidade do dedo até reduzir o osso deslocado. Para facilitar a reducção, communica-se uma impulsão á cabeça da segunda phalange, e imprime-se a esta subitamente um movimento de flexão.

2° *Deslocação para diante.* Resulta do choque que repelle a segunda phalange para diante, achando-se a primeira phalange retida por um ponto de apoio.

Esta luxação póde ser completa ou incompleta. É caracterizada pela proeminencia da primeira phalange na face dorsal e da segunda na face palmar, com flexão das duas ultimas phalanges, e impossibilidade de estendêl-as. O dedo correspondente fica mais curto quando a deslocação é completa.

Obtem-se a *reducção* do mesmo modo que a da deslocação para traz.

3° *Deslocações lateraes.* São excessivamente raras. A reducção obtem-se pela extensão e compressão.

As **deslocações das ultimas phalanges dos dedos** são ainda mais raras do que as precedentes, por causa da pouca extensão que estes ossos apresentam aos corpos exteriores. As mais das vezes encontra-se no dedo pollegar.

Os signaes d'estas deslocações são analogos aos das deslocações descriptas precedentemente. Reduzem-se por meio da tracção combinada com a impulsão communicada ao osso deslocado.

DESLOCAÇÃO DO PUNHO. Dá-se o nome de *punho* ou *pulso* á articulação dos ossos da mão com os do antebraço (radio e cubito).

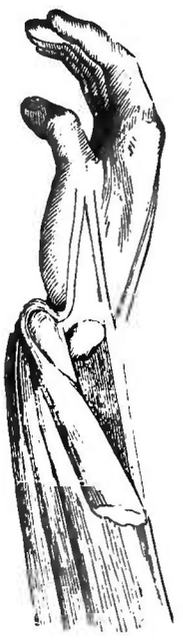


Fig. 363. — Deslocação do punho para traz.



Fig. 364. — Deslocação do punho para diante.

A mão póde deslocar-se para traz ou para diante. Estas deslocações podem só resultar de alguma causa violenta que leva a mão ou o antebraço no sentido opposto áquelle do lado do qual se faz a deslocação.

A deslocação *para traz* é sempre o effeito da violenta flexão da mão: resulta ordinariamente da quéda sobre as costas da mão.

A deslocação da mão *para diante* tem por causa a quéda sobre a palma da mão, ou um esforço violento que virou a mão sobre a face posterior do antebraço.

Symptomas. Na deslocação da mão *para traz*, existe na face posterior do punho uma proeminencia convexa, correspondente aos ossos do metacarpo; na parte anterior resaltam as apophyses do radio e do cubito; a mão e os dedos ficam dobrados (fig. 363).

A *deslocação para diante* é caracterizada pelos mesmos signaes que a deslocação para traz, com a differença que as proeminencias anterior e posterior do punho tem a posição diametralmente inversa (fig. 364).

Tratamento. Para se reduzirem as deslocações do punho, assenta-se o doente em uma cadeira; um ajudante faz a contra-extensão pegando pela parte superior do antebraço, outro faz a extensão puxando pela mão; o operador conduz com os dedos os ossos aos seus logares, empurrando-os no sentido opposto á deslocação. Para prevenir a recahida, convem applicar uma tala na parte anterior, outra na parte posterior, segural-as com uma atadura, e situar a mão em descanço no suspensorio.

DESLOCAÇÃO DO PÉ ou TIBIO-TARSIANA. O pé articula-se com a perna por meio do astragalo, um dos ossos do pé, e das extremidades inferiores da tibia e do peroneo, ossos da perna. Esta articulação, além de ser presa por fortes ligamentos, tem aos lados os dois tornozelos, que lhe dão bastante firmeza; comtudo, as violencias externas, como quédas, saltos, pancadas, etc., podem causar a deslocação do astragalo para differentes lados; isto é, para dentro, para fôra, para traz, para diante, e para cima. Todas estas deslocações são as mais das vezes acompanhadas de fractura dos tornozelos.

Causas. A deslocação *para dentro* é a mais frequente de todas: as causas que a produzem ordinariamente são uma torcedura violenta, na qual o pé foi virado para dentro, ou uma quéda de um logar alto sobre a margem externa do pé.

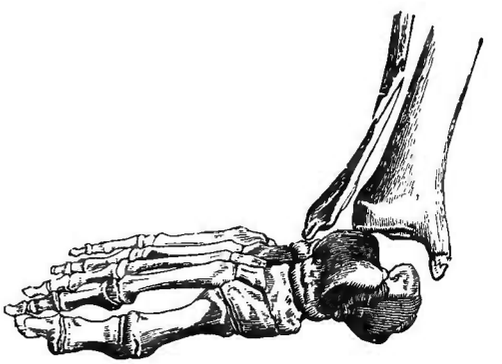


Fig. 365. — Deslocação do pé para dentro com fractura de ambos os tornozelos.

A deslocação que se faz *para fóra* tem as mesmas causas, mas que obram em sentido opposto.

A deslocação *para traz* é mui rara; só difficilmente póde acontecer pelo effeito de uma causa que se limite a virar forte e subitamente o pé: tem logar nas quédas de um logar alto sobre a planta do pé que apoia em toda a sua extensão sobre um plano inclinado para diante.

Emfim, a deslocação do pé *para diante*, extremamente rara, é sempre produzida pela extensão violenta do pé pelo effeito da quéda do corpo para traz, estando o pé retido por algum obstaculo.

Symptomas das deslocações do pé. Na deslocação *para dentro,* a face

dorsal do pé está voltada para dentro, a face plantar para fóra, a margem interna do pé fica para baixo, a margem externa para cima (fig. 365).

Na deslocação *para fóra*, o pé está voltado para fóra; a sua face superior fica da parte de fóra, a sua face plantar da parte de dentro, a margem externa para baixo, a margem interna para cima.



Fig. 366. — Deslocação do pé para traz acompanhada da fractura do peroneo.



Fig. 367. — Deslocação do pé para diante com fractura do tornozelo externo.

Na deslocação *para traz*, a parte anterior do pé fica mais curta do que costuma ser; existe por diante uma elevação formada pela extremidade inferior do osso da perna, e esta elevação fica separada da face superior do pé por uma especie de ruga transversal da pelle; o pé não póde executar o menor movimento (fig. 366).

Quando existe a deslocação *para diante*, o pé está na extensão forçada, ficando o calcanhar mais curto, a parte anterior do pé mais comprida; existe por diante um tumor duro, redondo e volumoso (fig. 367 e 368).

A *deslocação para cima*, é uma variedade de deslocação para fóra, de que differe em que o peroneo se separa da extremidade inferior da tibia para permittir que o astragalo se colloque entre a tibia e o peroneo (fig. 369). O pé não fica desviado, o espaço entre os dois tornozelos alarga-se consideravelmente, as proeminencias dos tornozelos abaixam se para a planta do pé.

As deslocações do pé são as mais das vezes acompanhadas de fracturas dos ossos da perna, e de ruptura dos ligamentos. Podem tambem ser complicadas de contusões, feridas e com a sahida dos ossos; constituem então molestias graves. Nos casos mais felizes, as deslocações do pé, depois de reduzidas, deixam por algum tempo uma rijeza na junta do pé, e ás vezes a impossibilidade de mover o pé. Em alguns casos, estas deslocações são seguidas de inflammação, postemas, carie dos ossos, e podem exigir a amputação do membro.

Tratamento. Qualquer que seja a deslocação, cumpre reduzil-a promptamente. Deitado o doente na cama, uma pessoa segura-lhe a perna junto ao joelho; outra pessoa faz a extensão, puxando pelo calcanhar e

peito do pé, até que os extremos deslocados se ponham parallelos; então o operador os conduz ao seu logar com os dedos. Para manter a reducção é indispensavel, sobretudo se o osso peroneo foi quebrado, applicar o apparelho das fracturas do peroneo, ou o apparelho das fracturas dos ossos da perna. *Veja-se* FRACTURAS.

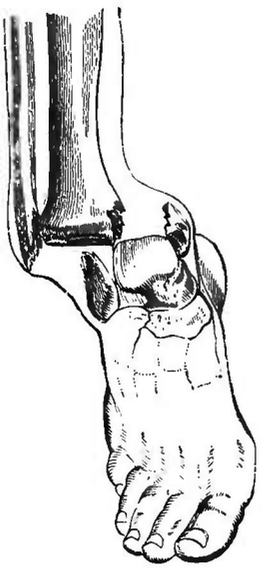


Fig. 368. — Deslocação do pé para diante e para dentro com fractura de ambos os tornozelos.



Fig. 369. — Deslocação do astragalo para cima, com fractura da extremidada inferior do peroneo e arrancamento da porção inferior e externa da tibia.

No caso mesmo da deslocação simples, convem, depois de feita a reducção, que o doente conserve por muitos dias o pé em completo repouso; e que applique, ao redor da junta, pannos molhados em agua fria misturada com um pouco de aguardente camphorada.

DESLOCAÇÃO DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior, em razão da estructura de suas articulações com os ossos temporaes, póde sómente deslocar-se para diante, isto é, os condylos podem sahir das fossas glenoideas para a parte anterior das apophyses transversaes. Se a deslocação fôr só de um lado, chama-se *singela;* e se fôr de ambos, chama-se *dupla.*

Causas. A deslocação do osso maxillar inferior póde ser produzida por tudo que é susceptivel de abaixar mui fortemente o queixo. Ordinariamente tem logar durante os bocejos ou vomitos violentos, ou é occasionada por quédas e pancadas sobre o queixo. Ha pessoas tão sujeitas a esta deslocação, que precisam amparar o queixo quando bocejam, para que elle não se desloque.

Symptomas. Conhece-se a deslocação pelos caracteres seguintes: quando tem logar de ambos os lados, o que acontece mais frequentemente, a bocca fica aberta não póde ser fechada nem por vontade do doente, nem por pressão qualquer; os dentes inferiores cstão mais para diante do que os superiores; ha corrimento contínuo de saliva: o doente não póde engulir, falla com difficuldade, e sente grande dôr perto da orelha.

Quando a deslocação existe só de um lado, a dôr manifesta-se sómente do lado deslocado; a ponta do queixo fica inclinada para o lado opposto á deslocação, seguindo-se além d'isto dôres, difficuldade de fallar, de engulir e de conter a saliva.

Tratamento. Para reduzir a luxação dupla procede-se do modo seguinte: Senta-se o paciente n'uma cadeira baixa com a cabeça encostada ao peito de uma pessoa, que a segura com as duas mãos postas por cima das orelhas. O operador, collocado defronte do paciente, mette-lhe na bocca os seus dois pollegares embrulhados em pannos, de modo que as polpas fiquem sobre os dentes molares inferiores, e as palmas de ambas as mãos aos lados do queixo. Então carregando com força primeiro directamente para baixo, e depois movendo o queixo brandamente para traz, os condylos escorregam facilmente para os seus logares. — Sendo a deslocação singela, o operador applicará maior força no lado deslocado, e para este mesmo lado moverá com brandura o queixo.

Conhece-se a reducção pela figura natural da parte, falta de dôres, e facilidade dos movimentos. Cumpre evitar, durante um mez, qualquer abaixamento algum tanto forte do queixo porque a deslocação do quiexo, produzida que seja uma vez, póde reproduzir-se com muita facilidade.

DESLOCAÇÃO DA ROTULA. A rotula, rodela ou patella do joelho, é um pequeno osso chato, situado na parte anterior do joelho. Póde deslocar-se para dentro ou para fóra.

As deslocações produzem-se estando a perna estendida: a rotula fica então mui saliente, mui movel; e uma pancada violenta sobre a sua margem interna, que é mais saliente, levará este osso para dentro ou para fóra.

Os signaes d'estas deslocações são: 1° falta de movimentos; 2° mudança na fórma do joelho; 3° depressão no logar, em que deveria existir a rotula; 4° proeminencia anormal, dura, ossea, situada para dentro ou para fóra d'esta depressão, conforme a deslocação fôr interna ou externa. A fig. 370 representa a deslocação da rotula para fóra, e a fig. 371 mostra a deslocação para dentro.

Tratamento. Para pôr a rotula no seu logar, estando o doente deitado de costas, uma pessoa levanta-lhe o pé fortemente para cima; outra pessoa empurra a rotula de dentro para fóra ou de fóra para dentro, conforme este osso foi deslocado para dentro ou para fóra. A reducção faz-se facilmente, sem que seja necessario empregar muita força. Feita a reducção, o doente deve conservar-se deitado por alguns dias, pondo-se a perna na extensão, e a coxa em meia flexão, emquanto a natureza faz a união dos extremos dos ligamentos rotos. O prognostico não é grave

as mais das vezes; sómente cumpre notar que os doentes ficam expostos á recahida.



Fig. 370. — Deslocaçãoda rotula para fóra.



Fig. 371. — Deslocação da rotula para dentro.

DESLOCAÇÃO DAS VERTEBRAS. As luxações completas de uma vertebra inteira sobre outra são quasi impossiveis, a menos que não haja uma fractura. Não acontece o mesmo com as apophyses articulares; ellas podem deslocar-se mais facilmente, sobretudo no pescoço. Entre estas luxações, a mais commum de todas é a da primeira vertebra sobre a segunda; póde ser produzida por violenta flexão da cabeça sobre o peito, pelo movimento exagerado da rotação do pescoço, emfim pela tracção directa do corpo em baixo, ou simplesmente pelo peso unico do corpo como isto tem logar nos enforcados. O brinquedo perigoso que consiste em levantar uma criança pela cabeça, *para lhe fazer vêr seu avô*, como se diz, tem sido por vezes seguido d'esse accidente. N'essas diversas circumstancias ha deslocação da apophyse odontoide, da segunda vertebra do pescoço chamada *axis*, a qual póde penetrar no canal vertebral. Concebe-se facilmente que a medulla, sendo então comprimida ou dilacerada, a morte segue quasi immediatamente a luxação. Os autores citam entretanto observações em que os doentes tem sobrevivido, conservando só a deformidade e com a cabeça inclinada para diante. Tem sido tambem observadas luxações das cinco vertebras cervicaes inferiores; resultam de uma quéda ou mesmo de uma simples contracção muscular; assim as cambalhotas ou cabriolas, que fazem os meninos apoiando a cabeça sobre o chão, e um movimento mui rapido para olhar para traz, tem determinado em algumas circumstancias este accidente. Uma dôr viva, um sentimento de ruptura e sobretudo a deslocação da cabeça que fica virada de maneira que o rosto olha para o hombro do lado opposto da molestia, são symptomas da deslocação. As tentativas de reducção são perigosas e podem produzir a morte: é preciso abster-se d'ellas. As dôres diminuem ordinariamente pouco a

pouco, e o doente fica quite por ter toda a sua vida o rosto desviado e a cabeça inclinada.

DESMAIO, Deliquio, Syncope. Por estes tres nomes designa-se a perda mais ou menos completa dos sentidos e do movimento. No desmaio e no deliquio, a respiração e os movimentos do coração continuam a exercer-se, porém n'um gráo muito mais fraco do que no estado normal. O desmaio é o primeiro gráo da *syncope*, na qual, além da perda dos sentidos e do movimento, existe a cessação completa da circulação e da respiração. Todavia, a fonte d'estes accidentes é a mesma, reside na diminuição ou suspensão dos movimentos do coração; e estas tres palavras, desmaio, deliquio e syncope, são frequentemente tomadas, na linguagem commum, como synonymos O desmaio chama-se tambem *desfallecimento* e *vágado*, e diz-se vulgarmente *deo-lhe um vágado*, o que significa que a pessoa cahio em desmaio.

Ás vezes a syncope sobrevem subitamente sem ser precedida de signal algum, e então o corpo fica de repente sem movimento, sem sentimento e como privado de vida. Entretanto, as mais das vezes este accidente é precedido de symptomas que annunciam a sua imminencia ou a sua invasão. A primeira sensação tem ordinariamente logar na região do coração : a vista escurece-se, os ouvidos zunem, o rosto torna-se pallido, o corpo cobre-se de suor frio : o doente ouve tudo o que se diz ao redor d'elle, mas não póde fallar (desmaio). Um instante depois, tudo desapparece, até o sentimento intimo da existencia : a luz, os sons, os cheiros, os sabores, as impressões do tacto, deixam de ser percebidos; o doente perde até a confusa consciencia de sua existencia (deliquio). Se o mal progredir, todas as manifestações vitaes ficam suspensas : as pulsações das arterias e do coração, ao principio lentas, tornam-se imperceptiveis; o peito fica immovel, o rosto pallido, o corpo frio, e, abandonado ao seu proprio peso, cahe sem sentimento (syncope).

Este estado de morte apparente que produz a syncope não differe da morte real, senão pela continuação das funcções internas, taes como a absorpção, a nutrição e as secreções. Mas, se um tal estado persistisse por longo tempo, todas as funcções internas parariam, e a morte effectiva succederia inevitavelmente a esta appareneia; porém no maior numero de casos este eclipse da vida é momentaneo, não dura commummente senão alguns minutos, e em muitos outros limita-se a alguns segundos. Todavia tem-se visto, rarissimas vezes, a syncope prolongar-se por muitas horas e mesmo por dias inteiros, como succede no hysterismo. Este estado de syncope prolongado tem já dado logar a erros deploraveis; alguns individuos tem sido enterrados vivos. No artigo *Inhumação* indico os signaes que distinguem a morte apparente da morte verdadeira, e que servirão de cautela contra esses infelizes enganos. Fóra d'isto, a syncope rares vezes é perigosa. A syncope não é acompanhada de dôr; o sentimento de languidez que a precede em certos casos, longe de ser penoso, póde não ser isento de prazer. Tornando a si, depois da syncope produzida por uma quéda de cavallo, o illustre Montaigne teve saudades da sensação agradavel que experimentou durante esse desap-

parecimento rapido da vida. « O sentimento de doce languidez e de paz profunda (diz em um sensivel accesso de melancolia o Dr. Chamberet), que me lembro ter experimentado em uma syncope semelhante, que me sobreveio sem causa conhecida em um passeio, na idade de 22 annos, em estado de saude perfeita, só me deixou o pezar de não ter transposto os limites da eternidade, e não contribuio pouco a me reconciliar com a idéia geralmente tão espantosa da morte, de que a syncope me parece ser uma fiel imagem. »

Um dos erros mais graves que se podem commetter na syncope consiste em confundil-a com a congestão cerebral, o ataque de apoplexia, pois que o tratamento que é applicavel a esta é capaz de tornar mortal a syncope. Eis-aqui os seus signaes distinctivos : o pulso e a respiração não param de repente nas congestões e nas apoplexias cerebraes (ao menos quando não são fulminantes); e demais, o rosto fica ordinariamente corado. Na asphyxia, que tem tambem grandes parecenças com a syncope, existe, para dissipar a confusão, a alteração do ar pela combustão do carvão ou pelos outros gazes irrespiraveis, e quasi sempre a côr violacea do rosto. Os movimentos convulsivos e a conservação do pulso são os caracteres que distinguem a epilepsia e o hysterismo da syncope. Distingue-se tambem da catalepsia e do lethargo, porque n'estas duas molestias a circulação do sangue é apreciavel. É verdade, entretanto, que o fim dos accessos hystericos e catalepticos é ás vezes semelhante á morte apparente e á syncope; mas as circumstancias antecedentes impedem a confusão ; além d'isto, n'estas graves occasiões, o tratamento não é mui differente.

Causas. A syncope, nos seus diversos gráos, procede sempre, como já disse, da fraqueza ou da suspensão dos movimentos do coração, que não lança o sangue em bastante quantidade para estimular o cerebro. As causas d'este accidente são numerosas, e a sua apreciação é mui importante para assentar o prognostico. Entre as mais graves, é preciso primeiramente contar as lesões recentes ou antigas do coração, como feridas, aneurismas e inflammações d'este orgão. O desmaio é um accidente mui ordinario das sangrias e das hemorrhagias abundantes. A grande debilidade que procede de molestias, de evacuações excessivas, espontaneas ou provocadas, é causa frequente dos desmaios ou das syncopes, O deliquio procede ás vezes de uma indigestão. As influencias directas sobre o systema nervoso contribuem muito para a producção d'este accidente, provocando os espasmos, suspendem a circulação : estas influencias são as sensações, as emoções e as paixões excessivas de prazer ou de dôr. Ha individuos em que a sensibilidade é tão viva e pervertida, e a constituição tão delicada, que lhes basta ouvir, ver, cheirar, gostar ou tocar os objectos mais innocentes, para cahirem em desmaio.

Prognostico. Regra geral, a syncope, em si mesma, é um accidente mais assustador do que perigoso. Se porém fôr consequencia de uma ferida penetrante do peito ou do ventre, deve-se receiar então que exista uma lesão do coração ou de algum orgão importante, uma hemorrhagia interna, que podem ser seguidas de morte.

O prognostico é máo nas affecções do coração. A syncope inspira justamente vivas inquietações, quando succede a hemorrhagias excessivas; entretanto, é tambem um meio de que se serve a natureza para atalhal-as, pois que estas hemorrhagias suspendem-se no momento da syncope. Quando a syncope sobrevem immediatamente depois do parto, cumpre examinar se ella não é occasionada por um derramamento sanguineo no interior do utero; porque n'este caso seria mui grave. Mas estes perigosos casos de syncope são, felizmente, mui raros. A syncope que é consequencia de uma sangria, de um parto sem hemorrhagia, da evacuação das aguas de um hydropico, dos vomitos e das diarrheas immoderadas, da abstinencia ou de um regimem mui parco, de uma indigestão, da acção de um calor suffocante e de uma atmosphera alterada, dos abusos venereos, de uma carreira precipitada, da fadiga physica ou mental excessiva, de uma emoção de pezar ou de prazer, etc., esta syncope, digo, é raras vezes grave e não tarda a dissipar-se.

Tratamento. A primeira cousa a fazer contra a syncope, é pôr a pessoa na posição horizontal. De ordinario, nos primeiros signaes de desmaio, basta assental-a, se está em pé, ou deital-a de costas, para prevenir a syncope. Ao mesmo tempo pratiquem-se aspersões d'agua fria sobre o rosto, e faça-se inspirar ao paciente algum cheiro, approximando-lhe ao nariz um frasco com vinagre, agua de Colonia, ether, ou introduzindo-lhe rapé no nariz. Se a syncope se prolongar, é preciso tirar todos os vestidos, todos os atilhos que possam impedir a circulação, expôr o rosto do paciente ao ar fresco, aquentar as partes que esfriarem, friccionando-as com baeta quente, applicando-lhes garrafas d'agua quente, e sinapismos nos braços, pés e pernas. Se a syncope sobrevier durante uma sangria ou uma hemorrhagia, bastará applicar uma atadura sobre a cisura da lanceta, ou sobre a ferida d'onde sahe o sangue, e deitar o doente horizontalmente sem travesseiro, para ver cessar em breve esse estado. Logo que o doente recobrar o uso dos sentidos, se se sentir fraco, dê-se-lhe uma ou duas colheres de vinho generoso, ou de Elixir alimenticio Ducro ou uma chicara de caldo, ou de chá da India. O uso do vinho de Cabanes tambem muito aproveita n'este caso.

DESMAMMAÇÃO. — Acção pela qual se priva a criança do leite de peito, e se lhe dão alimentos mais solidos. A época, em que se deve desmammar a criança, não póde ser determinada de um modo absoluto. O desenvolvimento da mesma criança e a falta de leite na ama, devem servir de dados para esta determinação. Os antigos pensavam que esta época devia ser marcada quando a criança tivesse vinte dentes; mas em algumas, essa época seria mui demorada. Algumas pessoas exigem o rompimento das presas; nada d'isto é de rigor, e, em geral, o intervallo entre um anno e anno meio é aquelle em que deve ter logar a desmammação. Para as cautelas que se devem ter com a criança que se desmamma, e com a ama de leite que cessa a lactação, veja-se o artigo AMAMMENTAÇÃO, vol. I, pag. 124.

DESMANCHO. *Veja-se* ABORTO.

DESOBSTRUENTES. *Veja-se* APERIENTES.

DESTEMPERO DO VENTRE. *Veja-se* DIARRHEA.

DESTRONCADO. *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

DEXTRINA. Substaneia de natureza gommosa, debaixo da forma de pó branco-amarellado, que se obtem expondo o amido ou a fecula nos fornos a uma temperatura de 150° a 200° A dextrina emprega-se nos apparelhos inamoviveis, no eurativo das fraeturas dos membros. Eis-aqui como se procede : — Deita-se n'uma baeia a quantidade sufficiente de dextrina que se quer empregar, e pulverizam-se os grumos que a humidade forma ás vezes n'esta substancia. Deita-se depois aguardente camphorada em quantidade sufficiente para formar massa espessa, que é preciso amassar até que a superficie principie a pegar-se aos dedos. Deitam-se depois pequenas quantidades d'agua, que se incorporam successivamente amassando de novo; pouco a pouco ajunta-se assim bastante agua para ter um liquido da consisteneia do mel de abelhas. As proporções que o Dr. Velpeau indiea eomo as melhores são : dextrina 100 partes, aguardente camphorada 60 partes, agua 50 partes. Para uma fractura de eôxa são precisas 500 grammas de dextrina; para a perna 300 grammas, para o braço, 180 grammas assim como para o antebraço.

Applicando o apparelho cumpre : 1°, molhar levemente as ataduras n'esta mistura; 2°, applicar com precaução as ataduras, e cobrir o apparelho com o restante da mistura; 3° suspender o membro sobre duas ou tres ataduras untadas de ceroto, para não se pegarem ao apparelho que em pouco tempo ficará secco.

DIABETES, GLYCOSURIA OU OURINAS DOCES. Molestia caracterizada pela excreção abundante de ourina contendo materia saccharina crystallizavel analoga ao assucar de fecula, acompanhada de augmento notavel de appetite, de sêde inextinguivel, e de emmagrecimento progressivo. Não se deve eonfundir esta molestia com o fluxo abundante da ourina, *não doce* chamado *polyuria;* n'esta ultima molestia a ourina não tem a mesma composição que no diabetes; tratarei d'ella no artigo FLUXO DE OURINA.

Causas. O diabetes é muito mais eommum nos paizes humidos e frios do que nas outras regiões. Attribue-se esta molestia ao uso das bebidas aqueas, como a cerveja, a cidra; ao abuso dos licores alcoolicos, dos medicamentos diureticos, aos excessos venereos, á suppressão subita de uma empigem ou da transpiração cutanea, e á equitação prolongada. Mas a eausa esseneial d'esta singular affeeção não é conhecida; não se sabe se se deve accusar uma lesão especial dos rins, uma especie de decomposição do sangue, uma molestia do estomago ou uma alteraçãc mais ou menos geral da economia. Todas estas opiniões tem sido discutidas sem se acharem plenamente elucidadas.

Symptomas. O diabetes prineipia quasi sempre de uma maneira escura. Os doentes, depois de experimentarem durante mais ou menos tempo alguns ineommodos na saude, diminuição da gordura e das forças, saliva espessa e augmento de sêde, descobrem mudança notavel na secreção urinaria. Esta augmenta, com effeito; progressivamente em quantidade, a tal ponto que eertos doentes vertem até 75 e mesmo

100 kilogrammas de ourina em vinte e quatro horas; o maior numero deitam 5 a 8 kilogrammas por dia. Entretanto esta superabundancia de ourina não é um phenomeno absoluto. Em alguns casos, raros com effeito, vêem-se diabeticos nos quaes a ourina não é mais abundante do que no estado de saude. Se então ella contém muito assucar, póde ter o aspecto de um xarope algum tanto ralo.

A quantidade de ourina excretada está quasi sempre em relação com a das bebidas ingeridas em vinte e quatro horas; citáram-se entretanto alguns casos nos quaes a proporção de ourina vertida n'um tempo dado estava para a quantidade de bedidas tomadas no mesmo espaço como 5 a 1; mas estes factos são excepcionaes. Qualquer que seja a quantidade de ourina excretada, este liquido tem propriedades physicas e chimicas notaveis. É menos corado que a ourina normal; seu cheiro é quasi nullo, ou semelhante ao do soro de leite; conservada; não exhala, ou apenas exhala um cheiro ammoniacal no fim de algumas horas; espuma pela agitação; o seu sabor é adocicado; o seu peso especifico é consideravel : varia entre 1,020 e 1,074 na temperatura de 12 gráos centigrados. No estado normal a ourina é de sabor salino e amargo: pesa de 1,005 a 1,030, sendo o peso d'agua representado por 1.

O assucar extrahido da ourina dos diabeticos é semelhante ao assucar de fecula, e acha-se em maior ou menor adundancia. A analyse descobrio em algumas ourinas um setimo do seu peso : as mais das vezes contém um trigesimo.

Quasi todos os diabeticos tem appetite irregular, voraz; gostam do assucar, do pão e de outros alimentos feculentos. A sède é ainda mais energica do que a fome : é um dos primeiros symptomas que fixa a attenção do doente e do medico. Apezar da grandc voracidade, quasi todos os doentes digerem facilmente as quantidades, ás vezes enormes, de alimentos que devoram : todavia alguns individuos, sobretudo no periodo adiantado da molestia, tem digestões laboriosas e azías; tem prisão de ventre ou diarrhea, e, ás vezes, vomitos. Tambem n'estes casos excepcionaes, a lingua cobre-se de uma camada branca, as gen givas tornam-se molles e sengrentas, o halito exhala um cheiro acido penetrante. No meio d'estes symptomas, o pulso não é frequente; mas a pelle é secca, e a transpiração quasi nulla. As forças e a gordura diminuem; os doentes cahem na tristeza e no abatimento; sua vista enfraquece; alguns são affectados de gota serena; muitos d'elles perdem prematuramente toda a energia viril; seus dentes cahem sem que o seu tecido tenha sido alterado.

As mais das vezes a molestia continua durante um ou muitos annos; póde mesmo existir excepcionalmente vinte ou vinte e cinco annos, sem perturbar notavelmente as funcções, conservando os individuos quasi a gordura natural e todas as suas forças. Mas esta feliz excepção não póde destruir a regra geral : mais cedo ou mais tarde a constituição enfraquece-se, e os doentes cahem n'um abatimento profundo.

A presença do assucar na ourina constitue o signal caracteristico do Diabetes; porem muitas vezes é difficil conhecer a molestia no seu

começo. Póde-se suspeitar a cxistencia do diabetes pela existencia, sobre a camisa ou sobrc os vcstidos que estão em contacto com a ourina, de *nodoas* esbranquiçadas, a principio viscosas, e dando consistencia á roupa depois de scccas. Estas nodoas resultam de um deposito de assucar. Ás vczes encontram-se nos vestidos verdadciros *crystaes*.

O medico deve sempre examinar attentamente as ourinas de todo o doente que perde o seu vigor sem apresentar uma causa sufficiente, e que se queixa de ter muita sêde.

Uma pessoa que bebe muito, que se fatiga facilmente, que ourina em abundancia, e cuja vista se enfraquece ao ponto de não permittir a leitura sem oculos, tem diabetes e póde ter nos olhos as alterações da amaurose diabetica.

Não se devem considerar como diabeticas todos as pessoas que tem passageiramente assucar na ourina, depois da fatiga violenta, no estado de gestação ou de digestão, porque este diabetes intermittente não tem graves consequencias : o verdadeiro diabetes é aquelle que, scndo contínuo, produz enfraquecimento.

Existem diversos modos de verificar a presença do assucar nas ourinas. Póde-se evaporar o líquido na tcmpcratura de 30 gráos centigrados; expõe-se depois cm logar secco á evaporação espontanea; n'esta operação depõem-se crystaes, mais ou menos rapidamente, segundo a quantidade maior ou menor de assucar.

Um outro meio, mais expedito, é o seguinte : Mette-se na ourina. contida n'um tubo de vidro, um pedaço de potassa caustica, e aquece-se na chamma de uma alampada de alcool. Logo que o liquido diabetico entra em ebullição, toma a côr roxa-avermelhada, que não apresenta alguma das outras ourinas seubmettidas á mesma experiencia. Esta côr é muito visivel, e está em rclação com a quantidade de assucar contida na ourina. Este modo é simples e infallivel. A côr roxa explica-se pela destruição do assucar, que d'esta maneira fica reduzido a caramelo.

Tratamento. No tratamento dos diabeticos cumpre : 1° Ter um regimen alimentar que impeça o organismo de fabricar assucar em qualquer quantidade; 2° empregar medicamentos que modifiquem o estado do organismo de onde provem a glycosuria.

Os diabeticos devem se nutrir com os seguintes alimentos : pão dc glutem sem fecula em logar do pão ordinario. O melhor pão de gluten é aquelle que contem menos fecula, isto é, que contcm menos materia propria a se transformar em assucar, os melhores pães de glutem são os de Copenhaguem, Carlsbad, Pariz, Londres e Tolosa. Não devem comer salepo, sagú nem tapioca, nem tão pouco fructas de qualquer qualidade. Poderão comer batatas, e farão uso quotidiano de espinafres, espargos, agrião, couves, bertalha, e outras hervas identicas; tambem poderão comer sem receio, gorduras, carncs e outros productos animaes, como sejam : manteiga, queijo, ovos. Como bebida, usarão de agua, chá, café, vinhos velhos seccos, pouca cerveja; abstendo-se completamente de licores e de leite. Junto com estc regimem alimentario o diabetico fará sem se cansar um exercicio moderado, dará alguns

passeios a pé, fará um poueo de gymnastiea, tudo sem fatiga e sem provoear suores.

São assaz numerosos os medieamentos que se empregam no tratamento d'esta affeeção. Presereve-se o lieor de Fowler, na dóse de 10 gottas por dia, o xarope de bromureto de potassio, de Henry Mure na de 2 a 4 eolheres, o opio, na de 5 a 20 eentigrammas, nas 24 horas; as aguas mineraes alealinas, eomo sejam as de Viehy, Pougues, Vals, Balarue, la Bourboule, Carlsbad, Niederbronn, ete., aproveitam bem n'esta affeeção. Não se deve deixar de administrar os medieamentos tonieos e reeonstituintes, eomo sejam as pilulas verdadeiras de Vallet, o ferro reduzido Quevenne, o oleo de figado de baealhao de Berthé, as pilulas de iodureto de ferro de Blaneard, ete. Os banhos de mar são uteis aos diabetieos por eausa da influeneia que exereem sobre a nutrição e a respiração. Emfim, o medieo seguirá, pela analyse das ourinas, os effeitos do tratamento, podendo d'este modo variar os medieamentos eomo julgar mais conveniente.

DIABETES INSIPIDO. Dá-se este nome a uma molestia que consiste em um augmento da quantidade das ourinas eom eliminação mui eonsideravel dos produetos azotados que a ourina eontem no estado normal. É uma molestia que se observa nas pessoas de todas as idades, mas prineipalmente nos individuos de 20 a 40 annos de idade que abusam das bebidas aleoolieas, nos que soffrem de rheumatismo e nas mulheres pejadas, ete.

As ourinas dos individuos aeommettidos de diabetes insipido são mais escuras, mais densas e fermentam eom mais faeilidade. N'ella se eneontram muitas vezes, areias e pequenas pedras. O peso da urea que ellas contêm augmenta muito. Em logar de 20 a 30 grammas, ehegam a pesar 50, 60, 80 e até 200 grammas por dia, desperdieio este eonsideravel do que resulta grande enfraqueeimento dos doentes, que ehegam a verter de 4 a 10 e até 15 litros de ourina em vinte e quatro horas, e atormentados pela sède elles bebem na proporção da quantidade de ourina exeretada. Quasi todos os diabeticos têm um appetite voraz e apezar de eomerem muito, elles emmagreeem pouco a poueo. Os outros symptomas são : suffocação, insomnia, vertigens, perda da memoria, dôres de eabeça, perturbações na sensibilidade. Se muitos doentes ehegam a fiear eurados, em certos easos, no entanto, morrem de extenuação progressiva.

Tratamento. Consiste elle em dar ao doente, alimentos fortes em substaneias azotadas de maneira a compensar as perdas exageradas da secreção urinaria. O doente comerá carne, alimentos gordos, feculas, ovos, beberá liquidos alcoolisados, e fará um exereieio moderado.

Os medieamentos que aproveitam n'estes easos são : o opio, a valeriana, na dóse de 1 a 5 grammas de extraeto, por dia; o xarope de bromureto de potassio de Henry Mure e o ehloral de Follet para eombater a insomnia. Emfim, eomo no diabetes assuearado, aproveita tambem a medieação alcalina, as aguas mineraes de Viehy, de Vals e de Vidago. O doente deve usar da hydrotherapia e tomar duehes em jaetos obliquos.

DIACHYLÃO. Dá-se este nome a um emplasto composto de lithargyrio (oxydo de chumbo), banha de porco e azeite doce : este é o *diachylão simples.* Chama-se *diachylão gommado* um emplasto composto de lithargyrio, banha de porco, azeite, cera amarella, pez branco, terebinthina, gomma ammoniaco, bdellio, sagapeno e galbano. Estes emplastos são considerados como *fundentes :* são tambem *maturativos* nos abcessos mui circumscriptos, como na affecção chamada *fruncho.* O emplasto diachylão estendido sobre panno de linho ou de algodão, forma o que se chama *emplasto adhesivo* ou *esparadrapo;* o qual cortado em tiras, é agglutinativo, e serve para reunir os labios das feridas. Este emplasto aplaca tambem por seu contacto as dôres occasionadas pelos calos nos pés.

DIACODIO. *Veja-se* Opio.

DIAGNOSTICO. Parte da medicina que tem por objecto a distincção das molestias, o conhecimento dos signaes que são proprios a cada uma d'ellas.

DIAMANTE. Substancia mineral, celebre por sua dureza, pelo seu brilho, e por ser inalteravel. Segundo a analyse chimica, o diamante não é outra cousa senão carvão ou carbone crystallizado. É o mais duro dos corpos conhecidos; risca todos sem ser riscado por nenhum d'elles. Este caracter, junto á sua transparencia, ao seu brilho e á sua densidade, que é de 3,5, basta para distinguil-o de todas as outras pedras preciosas. Não ha liquido que o dissslva; não é volatil, nem fusivel. É ordinariamente sem côr, mas é ás vezes um tanto corado de amarello, verde ou cinzento; quando estas colorações não são mui fortes desapparecem pela lapidação, sobretudo nos diamantes de pequena dimensão. A côr azul é mui rara. Conhece-se um diamante azul de 4 1/2 quilates (922 milligrammas), que pertence ao Sr. Hope, banqueiro hollandez; está avaliado em mais de 600,000 francos. Emfim, ha diamantes pretos, que parecem ser mais duros do que os outros; são formados de pequenos crystaes, grupados de uma maneira irregular; são mui difficeis de lapidar.

O diamante acha-se em grãos irregularmente arredondados, ou em crystaes tendo a fórma do cubo, do octaedro regular ou do decaedro rhomboidal, nos terrenos de alluvião, ou nas areias. Os primeiros foram achados nas Indias orientaes nos reinos de Visapor e de Golconda; mas actualmente vem minto do Cabo da Bôa Esperança, quasi exclusivamente do Brazil, que fornece annualmente ao commercio 5 a 6 kilogrammas, peso que a lapidação reduz a 160 ou 180 grammas. No anno de 1850, achou-se diamante na Siberia, nas areias do rio Oural, que apresentam grande analogia com as que se exploram nas Indias e no Brazil. No Brazil encontram-se diamantes no norte da Provincia de Minas, estendendo-se a formação de um lado para a Bahia, e do outro para Goyaz até Matto-Grosso. Tambem foram achados na Provincia do Paraná onde existem rochas formadas de grãos quartzosos, pouco agglomerados entre si, chamadas acolumiticas, e em cujo detrito se acham diamantes. O diamante ainda não foi encontrado no logar em que se forma, no meio de sua ganga natural.

No meio de um ajuntamento de cascalhos rolados, o diamante conserva, por causa de sua dureza, a fórma quasi crystallina; sómente os angulos são um tanto arredondados. Para extrahir o diamante d'estas areias, lavam em agua; as particulas mais tenues são arrastadas, e fica só um cascalho diamantino, d'onde se escolhem os diamantes com a mão. Os diamantes brutos, assim obtidos, são entregues ao commercio para serem submettidos á lapidação, operação que se faz por meio do pó de diamante applicado na superficie de uma lamina de aço; gasta-se d'esta maneira pouco a pouco o diamante, e fazem-se-lhe na superficie as facetas destinadas a produzir um brilho extraordinario.

Pela lapidação o diamante perde geralmente a metade do seu peso, mas seu valor augmenta muito. Este valor não está em proporção com o peso: porém augmenta consideravelmente nos diamantes de grande volume, por serem estes mui raros. Os diamantes brutos de peso abaixo de 1 quilate (205 milligrammas valem em Pariz, em lotes, 80 a 100 francos o quilate; lapidados valem de 200 a 250 francos.

Mas logo que attingem 1 quilate, os diamantes lapidados augmentam muito de valor.

Um diamante lapidado	de 1 quilate	vale de	350 a	450 francos;
— —	de 2 quilates		1,500 a	1,800 francos;
— —	de 3 quilates		3,000 a	3,500 francos;
— —	de 8 quilates		15,000 a	20,000 francos.

Acima d'este peso, os diamantes tornam-se raros, e só se conhecem os diamantes de alguns principes, que passam de 100 quilates. O famoso diamante *o Sancy*, de 33 quilates (6 grammas 76 centigrammas), que, em ultimo logar pertencia á familia Demidoff, foi comprado em 1874, por um ourives de Londres, por 500,000 francos.

De vinte annos a esta parte os preços dos diamantes tem augmentado consideravelmente.

Lavra-se hoje o diamante de duas maneiras: em *rosa*, que não se applica senão aos diamantes pouco espessos, e em *brilhante*, que é a fórma mais estimada. Na fórma de *rosa*, a parte apparente da pedra, é uma pyramide com facetas triangulares, emquanto que o outro lado é perfeitamente chato e escondido pelo engaste. A lapidação em *brilhante*, augmenta o poder refractivo do diamante. O lado superior da pedra apresenta uma face que se chama *meso* ou *tabla*, que se cerca de facetas triangulares e em losanja, A outra parte offerece a fórma de uma pyramide guarnecida igualmente de facetas, e troncada por outra pequena mesa. O diamante em brilhante engasta-se de modo que apparéça quasi inteiro. O preço do diamante varia tambem conforme o genero da lapidação.

Os principaes diamantes são:

O diamante do Raja de Matau, na ilha de Borneo, que pesa mais de 300 quilates (61 1/2 grammas), e que, segundo o que dizem, é mui bello.

O *nizam*, que possue o rei de Goleonda; é bruto e pesa 340 quilates. É avaliado em 5 milhões de francos.

O diamante que pertencia ao Imperador do Mogol ou o *Grão-Mogol ;* pesa 279 quilates, ou 57 grammas e 195 milligrammas ; tem o tamanho de um ovo de gallinha cortado pelo meio, hoje pertence ao Soberano da Russia.

A (fig. 372) representa este diamante de tamanho natural. Os outros diamantes estão delineados igualmente ao natural.

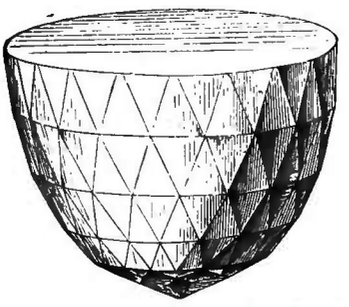


Fig. 372. — Grão-Mogol, 279 quilates (57gr,195).

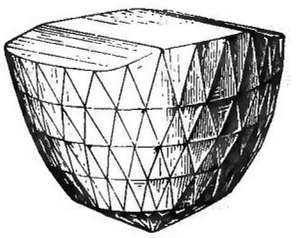


Fig. 373. — Orlow, 193 quilates (39gr,565).

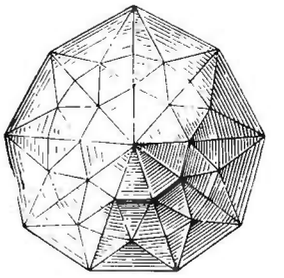


Fig. 374. — Grão-Duque de Toscana, 139 1/2 quilates (28gr,597).

O *Orlow*, diamante do Imperador da Russia (fig. 373). Pesa 193 quilates, ou 39 gram. 565 milligram, ; tem o tamanho de um meio-ovo de pomba, está lapidado de facetas, e serve de ornamento ao sceptro. Este diamante, que formava o olho de um idolo no templo de Bramah, foi tomado por um soldado francez em guarnição nas possessões francezas da India, que o vendeo por 50,000 francos. De mão em mão, chegou á Imperatriz Catharina II, que o comprou por 2,250,000 francos e uma pensão vitalicia de 100,000 francos.

O *grão duque de Toscana* (fig. 374) que orna a corôa da Austria ; pesa 139 quilates e meio, ou 28 grammas 597 milligrammas. É amarello

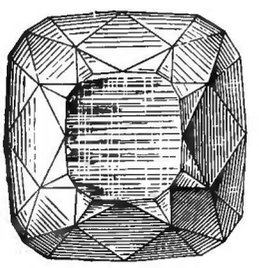


Fig. 375. — Regente, 136 quilates (27gr,880).

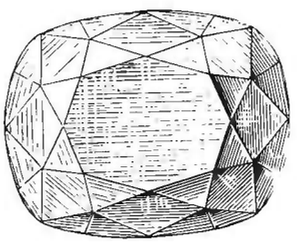


Fig. 376. — Estrella do Sul, 125 quilates (25gr,625).

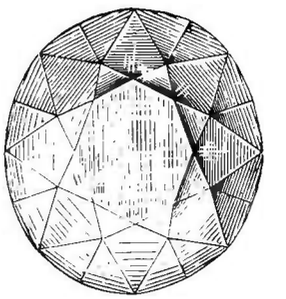


Fig. 377. — Kok-i-Noor, 123 quilates (25gr,215).

e de bella fórma. O ultimo duque de Borgouha, a quem pertencia, perdeo-o na batalha de Morat, onde tambem o mesmo duque perdeo a vida.

O *Regente*, diamante dos Soberanos de França (fig. 375.) Foi achado a 45 legoas ao sul de Golconda. Quando bruto, pesava 410 quilates, mas a lapidação, que exigio dois annos de trabalho, o reduzio a 136 quilates, ou 27 grammas 880 milligrammas. É lavrado em brilhante, e muito puro.

Foi comprado em bruto por 312,500 francos. Despendeo-se 125,000 francos para a sua lapidação. Em 1717, o duque de Orleans, então Regente durante a minoridade de Luiz XV, comprou-o por 3,375,000 francos. Hoje avalia-se em 8 milhões de francos. Esteve na Exposição universal de 1855.

A *Estrella do Sul* (fig. 376) diamante achado no Brazil, na provincia de Minas Geraes, em 1853; pesava bruto 253 quilates, ou 52 grammas e 70 milligrammas, mas a lapidação o reduzio a cerca de 125 quilates, ou 25 grammas 625 milligrammas; entretanto por seu peso, sua bella fórma e sua perfeita transparencia, esta pedra acha-se no numero dos quatro ou cinco diamantes mais preciosos. Pertence hoje a um Principe indiano, Raja de Baroda, que o comprou por 2,850,000 francos. Todos os visitantes de Pariz pudéram admiral-o na Exposição universal de 1855. Esta pedra muda de côr, de rosea á branca, conforme a sua exposição á luz, o que a torna notavel entre os diamantes.

O *Koh-i-noor* ou o *monte de luz* (fig. 377), que pertence á Rainha de Inglaterra, e que figurou em 1851, na Exposição de Londres, pesava 186 quilates; mas estava então mal lapidado e apresentava, com excepção de algumas facetas, pouco brilho; e por isso julgou-se necessario tornar a lapidal-o; seu peso diminuio então consideravelmente, e hoje é só de 123 quilates, ou 25 grammas 215 milligrammas

S. M. o Rei de Portugal possue, dizem, um diamante bruto de grande valor, que foi achado no Brazil.

Os diamantes de S. M. o Imperador do Brazil, que ornam a corôa e a espada imperial, são notaveis pelo brilho.

O diamante não sómente é uma das joias mais preciosas, mas serve tambem, em razão de sua dureza, para fazer quicios para as peças delicadas de relojoaria, para polir as pedras finas e para cortar o vidro.

O diamante é frequentemente substituido por imitações mais ou menos perfeitas, que podem enganar os olhos até certo ponto. Mas a densidade, isto é, o peso do diamaute, é um caracter que não se póde reproduzir, pois que os diamantes imitados pesam mui pouco.

A imitação a mais perfeita é produzida por uma sorte de crystal, chamado *strass:* é um vidro que contém oxydo de chumbo e em cuja composição entram substancias de uma pureza chimica absoluta; o *strass* preparado com cuidado, e convenientemente talhado, produz pela acção da luz um brilho que se approxima do diamante.

Quando se compram diamantes, devem escolher-se os que são mais transparentes, sem nenhuma côr, sem nodoa nem risco.

Modo de limpar os diamantes e outras pedras preciosas. Lavem-se com agua e sabão, e passe-se por cima um panno de linho fino; façam-se seccar dentro da serradura de madeira; e enxuguem-se com uma pellica macia. Podem tambem limpar-se com uma escova muito macia e giz.

DIAPHORETICOS. *Veja-se* SUDORIFICOS.

DIAPHRAGMA. Grande musculo muito largo e muito fino que separa em duas partes a cavidade geral do corpo; uma superior, o peito que contem o coração e os pulmões; outra inferior, o abdomen, que encerra os intestinos, o estomago, o figado e os rins (fig. 378). E pois um re-

partimento horizontal e contractil que está pegado ao espinhaço, ao es terno e á toda extensão das ultimas costellas. A sua acção e muitissimo

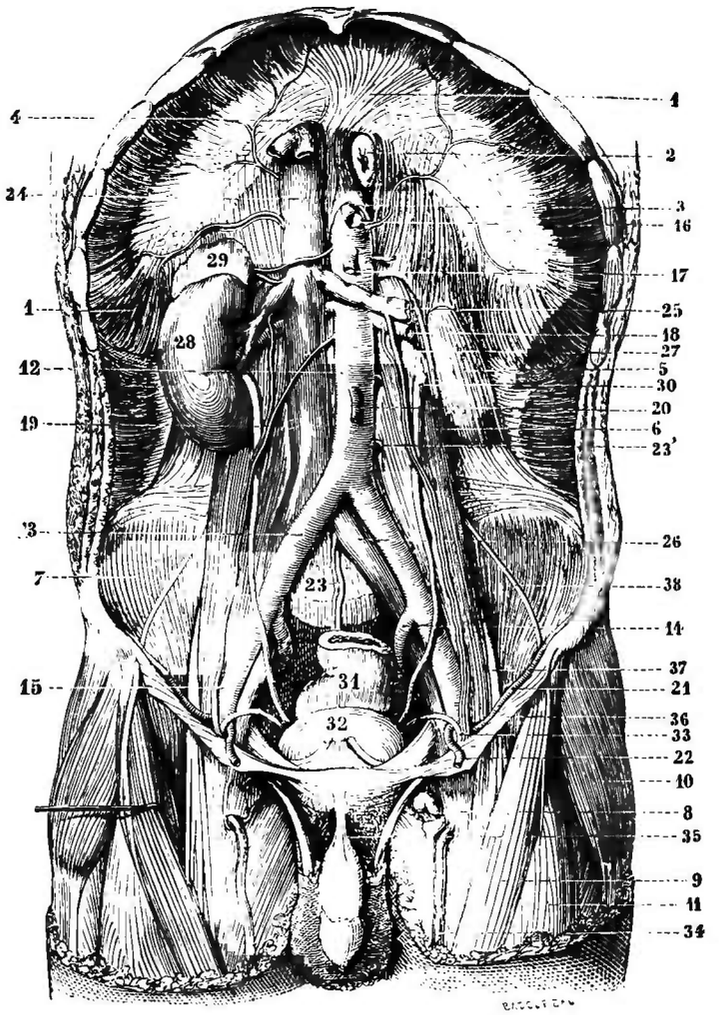


Fig. 378 (*).

importante. Quando elle se contrahe, repelle o bolo intestinal para baixo, alarga o peito em todos os sentidos e produz então um vacuo interior

(*) 1. Diaphragma visto pelo seu lado inferior. — 2. Esophago. — 3. Abertura aortica do diaphragma. — 4. Fenda por onde passa a veia cava inferior. — 5. Musculo quadrado dos lombos. — 6. Musculo transverso do abdomen. — 7. Porção iliaca do musculo psosas iliaco; vê-se que ella cobre todo o lado interno da fossa iliaca : a porção comprida desce dos lados da columna lombaria. — 8. Musculo pectino. — 9. Musculo sartorio. — 10. Musculo tensor do fascia lata. — 11. Musculo triceps femoral. — 12. Aorta. — 13. Arteria iliaca externa. — 16. Tronco cœliaco. — 17. Arteria mesenterica superior. — 18. Arteria renal. — 19. Arteria espermatica. — 20. Arteria mesenterica inferior. — 21. Arteria circonflexa iliaca. — 22. Arteria epigastrica. — 23. Arteria e veia sacra media. — 24. Veia cava inferior. — 25. Veia renal. — 26. Veia iliaca primitiva do lado esquerdo. — 27. Veia espermatica. — 28. Rins. — 29. Capsula surrenal. — 30. — Uretere. — 31. Recto. — 32. Bexiga. — 33. Canal defferente. — 34. Veia saphena interna. — 35. Ligamento suspensorio do membro viril. — 36. Arcada crural. — 37. Nervo crural collocado entre as duas partes do musculo psosas iliaco. — 38. — Nervo femoro-cutaneo.

que o ar exterior enche. Determina pois a inspiração ou a entrada de um ar novo nos pulmões. Nos tumores do ventre, na ascite ou na prenhez a sua acção se acha muito embaraçada, eis porque, n'esses casos, a respiração torna-se mais frequente e mais difficil. As contracções irregulares e espasmodicas do diaphragma causam o phenomeno conhecido com o nome de *soluço*.

DIARRHEA ou CURSOS. Molestia cujo symptoma principal é a frequencia e a fluidez das dejecções alvinas. Apresenta-se debaixo de duas fórmas diversas: é leve ou intensa.

Causas. A diarrhea é frequentemente produzida por causas que actuam directamente sobre o canal intestinal, taes como os excessos na comida, o uso de alimentos e de bebidas nocivas por sua qualidade, de substancias gordas, de fructas verdes, de licores alcoolicos. Ha pessoas dotadas de uma susceptibilidade especial do estomago, nas quaes a diarrhea é produzida constantemente por certos alimentos, taes como a carne de porco e alguns legumes. O leite simples, ou café com leite, produz muitas vezes este effeito. Nas crianças que mammam é frequentemente occasionada pelas qualidades do leite da ama, pelo uso prematuro de alimentos demasiado fortes, e pela dentição. As outras causas são a impressão do frio humido em todo o corpo, e principalmente nos pés, as bebidas frias imprudentemente tomadas quando se está suado, as emoções vivas, o desapparecimento subito de uma empigem. O abuso dos purgantes é ainda uma de suas causas frequentes. Emfim, a diarrhea sobrevem tambem sem causa conhecida.

Symptomas. Na diarrhea leve as evacuações são pouco frequentes; repetem-se cinco ou seis vezes por dia sómente: as materias são amarellas, escuras e meio liquidas; dôres obscuras e borborygmos precedem cada uma das evacuações; a fraqueza é a sua consequencia, raras vezes é acompanhada da perda do appetite.

Na diarrhea intensa as evacuações são numerosas e podem chegar a quinze, vinte e mais vezes em 24 horas; são muito mais liquidas e frequentemente involuntarias; as dôres que as precedem são mais intensas, e ás vezes tão activas que produzem suores frios, desmaios e uma desfiguração rapida do rosto. As materias excretadas produzem em alguns casos uma dôr pungente no anus. A natureza das evacuações é variavel: a principio o liquido é espesso e amarello, misturado com mucosidades; ao depois consiste em uma mistura de serosidade e de bilis verde, tornada espumosa por causa da presença de alguns gazes. O cheiro tambem varía. Em poucos dias, e ás vezes em 24 horas, o enfraquecimento é consideravel, e o doente emmagrece com rapidez.

Duração e prognostico. Esta molestia póde existir por muitos annos sem causar a morte, como tambem póde conduzir a este termo fatal em alguns dias; estes casos não são os mais ordinarios, pois é mui raro que a diarrhea comprometta a vida dos doentes. Em geral, o prognostico d'esta molestia é pouco grave, e a arte consegue quasi sempre cural-a. Entretanto, na idade avançada e na infancia é mais perigosa do que nas outras épocas da vida. As evacuações aqueas e a diminuição rapida da

gordura e das forças são sobretudo signaes sinistros. Nas mulheres gravidas póde occasionar o aborto.

Tratamento. O tratamento da diarrhea varía conforme o gráo de intensidade da molestia. Na diarrhea leve, basta diminuir a quantidade ordinaria dos alimentos e determinar a escolha d'elles. Sopas de carne fresca, ovos, frango, gallinha e carneiro assado, peixes, geleas animaes e bom pão, devem compôr o regimen. Ajuntam-se-lhes bebidas mucilaginosas e levemente adstringentes, taes como agua de arroz, de cevada, decocção branca de Sydenham, dissolução de gomma arabica, edulcoradas, no principio da molestia, com xarope de gomma, e depois com xarope de marmelo. Tambem allivia o emprego de clysteres com decocção de linhaça.

Quando a diarrhea é intensa, o tratamento deve ser mais activo. O doente abster-se-ha inteiramente de alimentos solidos. Deve não sahir do quarto e mesmo ficar de cama. As bebidas são as mesmas que na diarrhea leve; mas tomar-se-hão mornas, sobretudo quando a sêde não fôr muito intensa. Os banhos mornos de assento são mui vantajosos. Devem-se dar duas vezes por dias clysteres de linhaça, e cumpre tambem ter o ventre continuamente coberto de cataplasmas de linhaça. Quatro ou cinco dias depois, se a diarrhea persistir, empregar-se-hão, em logar dos clysteres de cozimento de linhaça, os *clysteres de polvilho*, que se preparam da maneira seguinte:

Polvilho.....	15 grammas.
Agua fria.....	90 —

Dilua, e ajunte pouco a pouco, e mexendo:

Agua quente.....	150 grammas.

Se a diarrhea continuar, empreguem-se os clysteres de polvilho opiados, que se preparam ajuntando ao clyster de polvilho 20 gottas de laudano de Sydenham. Dão-se dois clysteres d'estes por dia, e o doente deve conserval-os o mais tempo possivel.

O naphtol é um excellente antiseptico intestinal. convem pois administral-o sob a forma de obreias medicamentosas Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho na dóse de dez por dia, tomando-se uma ou duas obreias de duas em duas horas, mesmo nas horas da refeição.

As claras de ovo constituem tambem um bom medicamento contra a diarrhea. Para este fim bebe-se uma clara de ovo batida em meia chicara de agua morna com assucar, e repete-se esta bebida quatro ou cinco vezes no dia. Ao mesmo tempo administram-se dois clysteres diarios, cada um com uma chicara d'agua morna e duas claras de ovo.

Tome-se duas colheres de chá por dia de pó toni-digestivo de Royer, de pepsina, panereatina e sub-carbonato de bismutho.

Se a diarrhea não ceder a estes meios, administre-se um vomitorio de ipecacuanha, cuja receita é a seguinte:

Ipecacuanha em pó.....	1 gramma.

Tomem-se estes pós em meia chicara d'agua tepida.

Um purgante de sal d'Epsom, ou de sal de Glauber, na dóse de 60 grammas de sal, n'um copo d'agua morna, tem curado diarrheas que se mostráram rebeldes a outros meios. O subnitrato de bismutho granulado de Menthel é um medicamento de grande efficacidade n'estas casos.

O vinho de quina com glycerina de Catillon muito aproveita nas diarrheas rebeldes, na dóse de um calice a cada refeição. Nas diarrheas menos violentas administrar-se-ha o elixir de pepsina com glycerina de Catillon, na dóse de um calice de licor antes e depois das refeições.

N'este ultimo caso, o cato, a quina, a simaruba, a bistorta, a ratanhia, a cascarilha, a canella, a triaga e o diascordio contam numerosas vantagens. Eis-aqui as differentes receitas d'estas substancias, e a maneira de sua administração :

1ª Cato em pó.....	4 gram.	Canella em pó.....	4 gram.
Cascarilha em pó.....	4 —	Gomma arabica em pó....	4 —

Misture e divida em 12 papeis.

Toma-se um papel tres vezes por dia, em uma colher d'agua com assucar.

2ª Cato.....	15	grammas.
Canella.....	4	—
Agua fervendo.....	375	—

Infunda por espaço de meia hora, côe, e junte :

Gomma arabica.....	8	grammas.
Assucar.....	30	—

Misture. Tomem-se duas colheres *de sopa* de hora em hora.

3ª Extracto de quina.....	2 gram.	Xarope de marmelo.....	15 gram.
Tintura de canella.....	2 —	Infusão de rosas rubras.	180 —

Misture. Toma-se uma colher *de sopa* de hora em hora.

4ª Cato.....	15	centigrammas.
Opio.....	1	—

Faça 1 pilula, e como esta mais 19. Toma-se 1 pilula, quatro vezes por dia.

5ª Casca de simaruba.....	8	grammas.
Agua fria.....	500	—

Macere por 4 horas, ajunte :

Assucar.....	15	grammas.

Este macerato toma-se frio em tres vezes por dia.

6ª Raiz de bistorta.....	30	grammas.
Agua fervendo.....	375	—

Infunda, côe, e ajunte :

Assucar..... 30 grammas.

Este infuso toma-se frio, em quatro dóses por dia.

7ª Extracto de ratanhia..... 4 grammas.
Agua distillada de rosas..... 125 —

Misture. Toma-se uma colher *de sopa* de hora em hora.

8ª *Clyster com triaga.*

Triaga..... 8 grammas.
Agua morna..... 180 —

Dissolva.

9ª *Clyster de diascordio.*

Diascordio..... 8 grammas.
Agua morna..... 180 —

Dissolva.

Toma-se este ou outro elyster uma vez por dia.

Qualquer que seja o medicamento que se escolha d'este numero, é preciso que o doente continue a usar d'elle ao menos por 2 ou 3 dias antes de ensaiar outro. Os vinho da Madeira e do Porto, tomados em pequena quantidade, convem tambem nas diarrheas chronicas, como tambem o vinho de Bellini, de quina e calumba, na dóse de 2 a 3 colheres por dia. Mas, se acontecer que a medicação adstringente exaspere os symptomas em vez de melhoral-os, convem voltar aos medicamentos emollientes.

Os doentes devem observar muito asseio : as vasilhas com evacuações alvinas devem estar afastadas dos seus quartos; cumpre desinfectar estas materias, deitando nas vasilhas um pouco de sulfato de ferro; e deve-se espalhar nos mesmos quartos phenol Bobœuf, tres ou quatro vezes por dia.

A diarrhea das crianças depende, como já disse, ou da má qualidade do leite da ama, ou da desmammação precipitada; póde provir da dentição, ou finalmente apparecer sem causa apreciavel. No primeiro caso, convem mudar de ama; no segundo, amammentar de novo a criança, e não alimental-a senão gradualmente. Nos outros casos, é preciso combater a molestia com bebidas gommosas e mucilaginosas, taes como a decocção de arroz, de cevada, de althéa e de linhaça; com clysteres de polvilho, ou com clysteres d'agua morna com clara de ovo. Se a diarrhea se prolongar e passar ao estado chronico, cumpre administrar algumas colheres por dia de xarope de quina ou de marmelo, e empregar banhos de plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, hortelã, etc.

Eis-aqui as receitas :

1ª Xarope de marmelo..... 60 grammas.

Para dar uma colher *de chá*, 4 vezes por dia.

2ª Xarope de quina..... 60 grammas.

Uma colher *de chá*, 3 vezes ao dia.

Contra a diarrhea dos adultos e das crianças aproveitam muito as preparações de papaina de Trouette-Perret, xarope, vinho, elixir, confeitos obreias (*Veja-se* PAPAINA).

DIARTHROSE. Nome dado pelos anatomistas ás articulações moveis.

DIASCORDIO. Electuario composto de folhas de escordio, rosas rubras, raizes de bistorta, genciana e tormentilla, sementes de berberis, cassia lignea, canella, dictamo de Creta, estoraque, galbano, gomma arabica, gengibre, pimenta, extracto de opio, mel rosado e vinho de Hespanha. Este extracto, de sabor e cheiro desagradaveis, emprega-se como adstringente e narcotico, nas diarrheas, 1 gramma contém cerca de 6 milligrammas de extracto de opio. *Dóse :* 4 a 8 grammas em bolos; ou diluido em agua em clysteres.

DIASTASE. A diastase ou ptyalina é um fermento que se apresenta debaixo da forma de uma materia branca, azotada, pulverulenta, amorpha, neutra, soluvel na agua, insoluvel no alcool, que se extrahe da cevada, do trigo, da aveia, do centeio e das batatas germinadas, e de que uma parte possue a propriedade de converter 100 partes de amido em dextrina, e em seguida em glucose. Altera-se facilmente ao ar humido e perde suas propriedades. Emprega-se na dyspepsia, no fastio e nas digestões difficeis, na dóse de 1 a 2 grammas por dia.

Como a diastase é o fermento necessario á digestão das substancias amylaceas, assim como a pepsina é necessaria á digestão das substancias albuminoides, veio a ideia de unir os dous fermentos, do que resultou a administração util da diastase em certas dyspepsias produzidas pela falta de secreção das glandulas salivares ou pancreaticas.

A diastase constitue uma das bases do vinho bi-digestivo de Chassaing. Ella entra com a pepsina e a pancreatina na composição do elixir de Tisy.

DIATHESE. Disposição particular de certos individuos para serem affectados de tal ou tal doença; modo de estar em virtude do qual uma doença, que só occupava um tecido, apparece em outros orgãos, sem produzir-se a causa que primitivamente a occasionou. Diz-se *diathese escorbutica*, *diathese escrophulosa*, *diathese cancerosa*, etc.

DIERESE. Dá-se este nome em cirurgia, ao conjuncto dos diversos processos operatorios empregados para dividir os tecidos.

DIETA. A dieta, no sentido mais extenso, designa a maneira regrada de viver; isto é, o emprego bem ordenado e cauteloso de tudo quanto é necessario para conservar a vida; quer esta seja boa, quer enferma. Entretanto, esta palavra, tomada fóra de sua accepção primitiva, é frequentemente empregada como synonymo de *abstinencia*, e significa então privação de alimentos imposta a um doente. Chama-se tambem *dieta* o uso habitual de certas substancias alimenticias. Tratarei aqui da dieta debaixo d'este ultimo ponto de vista; e como no artigo ALIMENTOS já fallei da dieta no estado de saude, só me occuparei n'este logar da alimentação dos doentes.

Da dieta nas molestias agudas. A dieta é um dos pontos do tratamento nas molestias que tem fixado a attenção dos medicos desde os tempos mais remotos, e quasi todos a tem como objecto de grande importancia. A mesma natureza parece indicar a abstinencia nas molestias agudas, pois que estas são acompanhadas sempre de perda de appetite. Quando taes doentes pedem alimentos, deve suppôr-se que semelhante reclamação é sempre consequencia das ideias falsas de que estão possuidos, ou devida á força do costume. E por isso raras vezes os doentes comem o que pedem, e, se comem, é com repugnancia e fastio.

Privando a economia das substancias alimentarias, vê-se a maior parte das funcções experimentarem grandes mudanças; a circulação faz-se mais lentamente, a susceptibilidade nervosa, o sangue, sobretudo, torna-se menos excitante, a absorpção executa-se com actividade. Todas estas circumstancias são mui favoraveis á cura das molestias agudas. E por isso, a abstinencia mais ou menos completa das substancias nutritivas, é um dos mais poderosos meios que a medicina póde empregar contra estas affecções. Em grande numero de casos, póde só por si, e sem o soccorro de nenhum medicamento, produzir a resolução da molestia. Isto só parece difficil de crer ás pessoas estranhas á arte medica. A fraqueza dos doentes é a primeira cousa que fixa a sua attenção, e constitue para elles toda a molestia. Entretanto, mil exemplos provam o contrario : no pleuriz, por exemplo, um individuo póde ter-se em pé depois de vinte dias de dieta e de muitas evacuações sanguineas, não podendo entretanto fazel-o por alguns minutos, quando a molestia estava no seu terceiro ou quarto dia. A dieta, por conseguinte, favorecendo o desapparecimento da molestia, reconduzindo as funcções ao seu estado de integridade, augmenta as forças em vez de destruil-as. Convença-se bem o leitor de que o regimen é um dos melhores meios para evitar as consequencias funestas das molestias, ou ao menos para diminuir a sua gravidade.

O regimen deve ser mui severo no principio das molestias febris; e durante o seu desenvolvimento a abstinencia deve ser completa.

O emprego das bebidas emollientes constitue tambem um ponto importante no tratamento das molestias agudas. Estas bebidas, levadas á torrente da circulação, diluem o sangue e tornam-o menos irritante; ao mesmo tempo acalmam dois symptomas muito incommodos das molestias febris, o calor e a sêde. É preciso dar a miudo estas bebidas, mas em pequenas porções. A escolha da bebida não tem tanta importancia como vulgarmente se pensa : essa escolha, mais ou menos indifferente, deve ser submettida, no maior numero de casos, aos desejos particulares e ao gosto dos doentes. Não convem impôr esta bebida com preferencia áquella, senão quando existir uma indicação especial. Por exemplo, nas affecções acompanhadas de tosse, os cozimentos acidos augmentarão este symptoma fatigante.

Quando cessar a febre e reapparecer o appetite, podem dar-se alimentos; mas é preciso observar uma graduação na sua administração; principiar por alimentos mui leves, para chegar progressivamente aos

mais nutrientes. A passagem repentina de uns a outros é sempre perigosa. Deve principiar-se por caldos, aos quaes depois se juntará tapioca, araruta ou qualquer outra fecula; administrar-se-ha depois leite, ovos molles, legumes farinaceos, frango e peixe; a gallinha succederá ao frango, e pouco a pouco passar-se-ha ás carnes de carneiro, vacca, etc. Todos estes alimentos devem ser preparados da maneira mais simples possivel. Permittir-se-ha com peixe e carne uma pequena porção de vinho misturado com igual porção d'agua. Preferir-se-hão sempre os vinhos velhos e generosos. Existe um preconceito que indica como necessario que os convalescentes comam pouco, porem muitas vezes por dia : este principio, exacto em alguns pontos, não o é quando applicado geralmente. A digestão, para fazer-se exige um tempo que varia conforme a actividade dos orgãos; mas que nunca dura menos de algumas horas. Ora, se as comidas forem tão approximadas, que não se espere o fim da digestão da primeira para se proceder á segunda, não póde resultar de tal pratica senão desordem : os alimentos novos misturam-se com os que já tem experimentado uma elaboração mais ou menos completa; o estomago, continuamente em acção, fatiga-se, e então apparecem essas diarrheas dos convalescentes, que são ás vezes tão renitentes e que causam o desespero do medico. Tres a quatro comidas ligeiras, de quatro em quatro horas de intervallo, são mui sufficientes para conservar as forças; mais approximadas, seriam nocivas.

Da dieta nas molestias chronicas. As affecções chronicas raras vezes exigem uma abstinencia completa. Na escolha do regimen deve preferir-se aquelle que, sustendo as forças do doente, não augmente os symptomas febris que se observam á noite. Em geral, n'este caso a dieta lactea ministra um precioso recurso; mas frequentemente os doentes enfastiam-se d'ella. É preciso então buscar a alimentação no regimen feculento, nos paixes, na carne e nos legumes.

DIGESTÃO. A digestão é funcção por meio da qual os alimentos passam por diversas alterações, que tem por fim transformal-os em duas partes, uma das quaes é um succo reparador que renova o sangue em nossos orgãos; a outra, despida de todo o elemento reparador, é expulsa como inutil. No homem esta funcção e mui complicada, por causa das numerosas cavidades que os alimentos percorrem.

O mecanismo da digestão, no homem, tem logar da maneira seguinte : os alimentos, introduzidos na bocca, são n'ella submettidos á *mastigação* e á *insalivação;* levados depois á pharynge pelos movimentos combinados da lingua e das paredes da bocca, são engulidos e passam ao esophago, que os conduz ao estomago. Hora e meia, pouco mais ou menos, depois da sua introducção n'este orgão, principiam os alimentos a transformar-se em uma polpa cinzenta homogenea, chamada *chymo*. e são precisas commummente quatro ou cinco horas para que esta transformação se termine. Á medida que se vai effeituando, o chymo é lançado pelas contracções do estomago no duodeno, onde sua presença provoca um affluxo pancreatico. Elaborada por estes fluidos, pelos suecos que se exhalam da superficie do duodeno e pela acção mesma d'este intestino,

a massa ehymosa, tendo fieado apta para dar o *chylo*, passa para os intestinos dclgados, onde é despida, pelos vasos chyliferos, d'este principio eminentemente nutritivo, que passa na torrente da circulação. Este principio nutritivo, este *chylo*, é um liquido esbranquiçado e leitoso. Á medida que se afasta do duodeno e que fica privado do chylo, vai o chymo tomando eôr mais escura e consistencia mais forte; modificado ainda pelas mucosidades intestinaes, chega ao intestino grosso, onde se endurece, se colora cada vez mais, e adquire cheiro fetido que não tinha até então; emfim ehega ao intestino recto e sahe pelo anus (*Veja-se*, no artigo Baço, vol. I, pag. 262, a figura que representa os differentes orgãos da digestão, e que esclarece a presente explicação.)

São precisas pouco mais ou menos vinte e quatro horas, nos adultos, para que os alimentos pecorram todo o conducto intestinal, que tem cerca de dez metros de comprimento; mas, se os exerementos são liquidos, passam então com maior rapidez.

Tudo o que acabei de dizer refere-se principalmente á digestão dos *solidos*, porque a dos *liquidos*, effeitua-se com muito menos trabalho, sobretudo quando contém poucas materias solidas em suspcnsão. Tem poucas modificacões que experimcntar para entrarem na torrente da circulação, e as bebidas aqueas são tão rapidamente absorvidas, que não chegam até ao intestino, e são mui promptamente evacuadas pelas *ourinas*, dcpois de ingeridas no estomago.

A experiencia tem dcmonstrado que a insalivação completa e a trituração exacta dos alimentos são condições necessarias para uma boa digestão. O costume de mastigar pouco os alimentos é em geral nocivo para o estomago; as pessoas idosas, privadas de dentes, fazem bem em comer com prudente lentidão; devem sobretudo nutrir-se com alimentos molles, mastigal-os por muito tempo, e antes chupar do que engulir os que são mui resistentes.

A duração da digestão estomacal, bem que mui variavel conforme as pessoas, a natureza e a quantidade dos alimentos ingeridos, as diversas condiçôcs de saude ou de molestia, etc., etc., não dura menos de quatro ou cinco horas depois de uma comida ordinaria; é prcciso ao menos durante a primeira metade d'este tcmpo, preservar-se de todas as circumstancias que ehamem as forças da vida para as outras partes do corpo, e não para o estomago, pois são nocivas á digestão. Estas circumstancias são : um banho quente ou frio, um esealdapés, um clyster, o andar precipitado, a equitação, a natação, as relações conjugaes, uma emoção moral mui viva. Tudo isto, logo depois da comida, póde embaraçar a digestão. Pelo contrario, amaveis distracções, os encantos de uma couversação animada depois da eomida, occupações que agradam sem captivarem mui fortemente a attenção, a satisfação da alma, tudo isto é favoravel á digestão.

O somno, bem que não impeça a digestão, diminue entretanto a actividade d'esta funeção : todos sabem que o somno, depois de comer, é seguido de uma especie de ineommodo, e mesmo quando não parece nocivo, se se prolongar por algum tempo, afasta por outro tanto a volta

do appetite. O complemento d'este artigo acha-se na palavra ALIMENTOS.

DIGESTÃO DIFFICIL. *Veja-se* DYSPEPSIA.

DIGITAL. DIGITALIS OU DEDALEIRA. *Digitalis purpurea*, Linneo. Escrophularineas (fig. 379). Esta planta é mui commum nos logares montanhosos da Europa temperada, cultiva-se nos jardins por causa da bellaza de suas flores, que são de côr vermelha, floresce em junho a julho. A digital foi plantada no Rio de Janeiro, mas não produzio flores. Em Portugal habita pelos tapumes, nos sitios um tanto humidos e sombrios; é frequente pelo norte do Reino. Tem caule pubescente, da altura de 66 centimetros, folhas grandes, ovaes, denteadas, verde-escuras por cima, esbranquiçadas, lanuginosas por baixo, flores purpureas; cheiro das folhas um tanto viroso; sabor amargo, acre e desagradavel.



Fig. 379. — Digital.

De toda a planta são só as folhas que se empregam em medicina, é a razão porque a colheita toma grande importancia. Essas folhas que se conservam mui difficilmente servem a fazer as seguintes preparações :

Pó de folhas de digital.	20 centigrammas.
Agua.....	200 grammas.

Macere por 24 horas. Para tomar em um dia.

Folhas de digital em pó....	100 grammas.
Alcool à 60°.....	q. s.

Dóse : 10 a 36 gottas em 24 horas.

Em alta dóse é um veneno que occasiona pallidez, abatimento, nauseas, diminuição e irregularidade das bateduradas do coração, vomitos, vertigens, syncope, e se a dóse é muito forte sobrevem a morte.

Em dóses therapeuticas, é um excellente medicamento para as affecções do coração, cujas bateduras são diminuidas e regularizadas pelo seu emprego, dando-lhes mais força.

A digital augmenta a seccreção das ourinas tão perturbadas nas molestias do coração. No entanto é um medicamento que deve ser empregado com prudencia; quando elle se accumula no organismo, produz justamente os desarranjos que se quer combater. É por isso que se deve parar com o emprego da digital desde que a quantidade de ourina do doente começa a diminuir sensivelmente, deixa-se passar algum tempo para continuar com o emprego do remedio. A acção d'esta planta é tão favoravel e tão evidente que se pode dizer que a digital é a quina do coração.

DIGITALINA. Principio activo da digital purpurada. Apresenta-se debaixo da forma de um pó branco amarellado, sem cheiro, de sabor excessivamente amargo; apenas soluvel em agua fria e no ether, soluvel em toda proporção no alcool e no chloroformio. É uma substancia ternaria, neutra que Hemolle e Quevenne foram os primeiros a descobrir no estado amorpho, mas que é susceptivel de se crystallizar, como demonstrou o doutor Blaquart em sua these sobre a digitalina, sustentada perante a Faculdade de medicina de Pariz em 1872, these que foi premiada por esta Falcudade.

A digitalina é considerada cem vezes mais activa do que a folha de digital; ora, 10 a 20 centigrammas de pó correspondem a 1 ou 2 milligrammas de digitalina.

A digitalina tem todas as propriedades da digital; é sedativa, diuretica, contra-estimulante e hemostatica; ella deve ser administrada nas mesmas circumstancias morbidas que a digital, isto é, contra as molestias do coração e as hydropsias.

A digitalina exerce uma acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero das pulsações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possivel, sem perigo de vida, administral-a senão em dóses extremamente pequenas. Os primeiros effeitos toxicos da digitalina são : perturbação da cabeça, sonhos fatigantes, hallucinações, depois vomitos.

A digitalina de Homolle e Quevenne se apresenta debaixo de duas formas : em granulos dosados exactamente a 1 milligramma, e em solução. Os granulos tomam-se na dóse de 2 por dia, e a solução de 10 a 30 gottas.

DILACERAÇAO. *Veja-se* FERIDA.

DILATAÇAÖ DO CORAÇÃO. É uma lesão que consiste no augmento de capacidade das cavidades do coração, com adelgaçamento de suas paredes. Alguns autores dão-lhe o nome de *aneurysma passiva do coração*. É uma molestia muito rara.

Symptomas. Os individuos affectados de dilatação das cavidades do coração experimentam difficuldade de respirar e palpitações; o pulso é molle; as pancadas do coração sentem-se em maior superficie do que no estado normal; mas são sem impulsão alguma, sem força e não consistem ás vezes senão em um simples frémito. Os ruidos do coração são mais claros, e imitam muitas vezes o som metallico. Emfim, a percussão do peito faz descobrir na região precordial uma falta de resonancia mais extensa, por causa do augmento do volume que o coração adquirio. Estes signaes são acompanhados de inchação do rosto, de côr violacea dos beiços, de inchação dos pés, e, no periodo adiantado da molestia, de hydropisia do ventre.

Tratamento. O tratamento deve ter por fim augmentar a espessura das paredes adelgaçadas, fazer voltar o coração ao seu volume, ou pelo menos oppôr-se ao progresso da alteração. Os medicamentos que servem para este fim são as preparações ferruginosas e as plantas amargas. Eis-aqui as receitas d'estes medicamentos :

1ª Ferro reduzido Quevenne..... 15 grammas.

Divida em 32 papeis, de que se tomam dois por dia, em um pouco d'agua com assucar.

2ª Tintura de Marte tartarizada..... 30 grammas.

Tomam-se 20 gottas d'esta tintura, duas vezes por dia, em um pouco d'agua com assucar.

3ª Pão de quassia raspado..... 30 grammas.
Vinho de Malaga..... 250 —

Macere por dois dias e filtre. *Dóse :* uma colher *de sopa* tres vezes por dia.

DILUENTES. Medicamentos a que se attribue a propriedade de tornar mais fluidos o sangue e os humores : taes são todas as bebidas aqueas usadas em abundancia, e principalmente as decocções brandas de arroz, de cevada, infusão de linhaça, o soro de leite, as soluções de gomma arabica, etc. Os effeitos geraes dos diluentes são acalmar a sède, o calor da pelle e a febre, facilitar as evacuações alvinas e augmentar as ourinas e a transpiração. Os diluentes são geralmente empregados no principio de todas as molestias febris e durante grande parte de sua persistencia.

DIPHTHERITE. *Veja-se* ANGINA MEMBRANOSA.

DIPSOMANIA. Molestia mental que consiste em accessos impulsivos e muito repetidos, nos quaes os doentes bebem liquidos embrigantes. As pessoas nervosas, os alienados, ou os doentes no começo de uma paralysia geral apresentam muitas vezes este symptoma mais ou menos pronunciado. A dipsomania não é rara nas classes abastadas, e principalmente nas mulheres. Esses doentes escondem-se para beber e engolem até liquidos alcoolicos de qualidade muito ordinaria. Ha senhoras de bôa sociedade que se levantam alta noite para beberem agua de melissa ou agua de colonia; algumas bebem ether, vinho, rhum, etc. A impulsão augmenta de mais a mais, o genio da pessoa muda, apparecem hallucinações e o doente, ficando completamente alienado, commette actos criminosos, roubos, incendios, assassinatos e attentados ao pudor. Existe grande differença entre esta molestia e a bebedeira ; o dipsomano é impellido a beber por uma perversão mental irrisistivel e não por gosto mais ou menos pronunciado para a embriaguez. O bebedo e um depravado: o dipsomano é um individuo doente, um alienado cuja reclusão se torna indispensavel.

Ás vezes a dipsomania se liga ao morphinismo. Já vimos um doente que bebia todos os dias um litro de xarope de ether, e alcool, e que de mais tomára mais de dois grammas de chlorhydrato de morphina, dóse fortissima á qual elle tinha-se habituado progressivamente. A responsabilidade d'esses individuos é muito limitada, e pelos actos criminosos que praticam são punidos, em geral, fazendo-se os incarcerar em uma casa de saude.

A dipsomania é quasi sem cura. Está quasi demonstrado que ella é, as mais das vezes, de origem hereditaria.

DISSECÇÃO. Dissecar, é pôr a nu, por meio do escalpello, os differentes orgãos que constituem o corpo humano para estudar seu aspecto, sua estructura e as relações que existem entre elles. A dissecção é um dos mais importantes elementos da instrucção medica. Ensina-se a pratical-a nas escolas de medicina, onde se dissecam cadaveres provindo dos hospitaes. Reprovada por muito tempo como uma pratica impia, hoje em dia é aceita por todos. É um estudo que não deixa de ser perigoso. Os amphitheatros de dissecção são logares cheios de materias mais ou menos putrefactas que exhalam fedores repugnantes. Os noviços estão sugeitos a serem ahi accomettidos de diarrheas rebeldes e de desarranjos gastro-intestinaes. Emfim, as picadas ou cortes feitos com os instrumentos de um amphitheatro occasionam abcessos, phlegmões e infecções purulentas. Esses accidentes são mais raros quando os cadaveres não são frescos e que houve cuidado em injectar-lhes nas arterias soluções phenicadas ou arsenicadas.

DISSOLUÇÃO. *Veja-se* SOLUCÇÃO.

DISTILLAÇÃO. Designa-se debaixo d'este nome a operação que se faz n'um apparelho chamado *alambique*, por meio do qual e mediante a producção de vapor pela ebullição, se separa um liquido volatil das materias fixas não volateis, ou de um liquido cuja ebullição se opera na temperatura differente do primeiro.

Os vapores vem condensar-se n'um vaso chamado *resfriaaor*, sob fórma de um liquido que vem depositar-se n'um vaso chamado *recipiente*. Nos laboratorios de chimica a distillação não se faz geralmente por meio do alambique, mas sim por meio de retorta. É mediante a distillação que se extrahe o alcool do vinho, a aguardente da canna de assucar, do arroz, das batatas, das sementes ceraes; as essencias das plantas odoriferas, etc. *Veja-se* ALAMBIQUE.

DIURETICOS. Nome que se dá aos medicamentos que tem a propriedade de augmentar a secreção das ourinas. O nitro, o acetato de potassa, entre as substancias mineraes; a digital, o espargo, a parietaria, a salsa hortense, a grama, o aipo, as bagas de zimbro, os sumos de limão, de laranja, e todas as bebidas acidulas, as sementes de linho, a abutua, a cainca, o sapé, o fedegoso, a herva tostão, a herva mate, entre as substancias vegetaes, gozam da reputação de diureticas. A mesma agua pura, sendo bebida fria, é essencialmente diuretica, e é a ella que se deve em parte a acção dos cozimentos preparados com as plantas que acabei de indicar. A cerveja, o vinho branco, o vinho do Rheno, o vinho de Champanha, tem tambem propriedades diureticas mui pronunciadas.

Os diureticos empregam-se principalmente nas hydropisias, na gota, nas areias e outras molestias das vias urinarias. Recorre-se tambem a elles com alguma vantagem nas inflammações leves do figado e do utero, e para fazer cessar a secreção do leite nas mulheres que não querem amammentar. Quando tratar no curso d'esta obra de cada uma das substancias diureticas que citei, indicarei então a sua dóse e a maneira da sua administração.

DOCE-AMARGA. *Veja-se* DULCAMARA.

DOM BERNARDO. *Veja-se* GRITADEIRA.

DÔR. Chama-se dôr toda a sensação afflictiva sentida em qualquer parte do corpo. A dôr entra como elemento necessario em quasi todos os estados morbidos. Constitue o caracter dominante da maior parte das molestias nervosas. É quasi inseparavel do estado inflammatorio, mas varía muito de intensidade. *As dôres syphiliticas* occupam particularmente os ossos, e manifestam-se sobretudo durante a noite, debaixo da influencia do calor da cama ou dos vestidos : o doente sente allivio estando o tempo frio. Tratarei d'ellas no artigo SYPHILIS. Chamam-se *rheumatismaes* e *nervosas*, as dôres que são ordinariamente intermittentes, que apparecem e cessam subitamente, e que existem sem febre e sem mudança notavel da parte affectada.

Como as dôres não são mais que um symptoma, tratarei d'ellas fallando de cada uma das molestias ou de cada um dos orgãos em particular. Assim poderá o leitor procurar o tratamento de diversas dôres nos artigos especiaes. Aqui descrevo sómente *as dôres de cabeça* e *as de cadeiras*.

Dôr de anca. *Veja-se* COXALGIA.

Dôres articulares. *Veja-se* RHEUMATISMO.

Dôr de barriga. *Veja-se* COLICA.

Dôres de cabeça. Não tratarei n'este logar da *enxaqueca*, que é de natureza nervosa, e á qual destino um artigo especial. Não ha cousa mais commum do que as dôres de cabeça symptomaticas de diversas affecções. São um symptoma essencial, digno de attenção, nas affecções agudas e chronicas do cerebro. São tambem occasionadas por qualquer affecção que vem acompanhada de febre. O defluxo produz frequentemente uma dôr na parte inferior da testa. Ás vezes, emfim, os soffrimentos da cabeça são o unico incidente que perturba a saude, e constitue por si só o incommodo e a molestia.

Occupemo-nos primeiramente das dôres idiopathicas; isto é d'aquellas cuja séde se deve presumir na cabeça; tratarei depois das que são sympathicas ou symptomaticas. Deve-se presumir que as dôres de cabeça são da primeira categoria, quando as causas obram directamente sobre o cerebro. Taes são os trabalhos de espirito mui prolongados, vigilias teimosas, paixões violentas, insomnias ou um somno immoderado, o abuso de bebidas alcoolicas e narcoticas, a insolação, a inspiração de gazes deleterios, do vapor de carvão, por exemplo, e pancadas na cabeça. Todas estas causas, e algumas outras da mesma natureza, determinam no cerebro uma fadiga, uma congestão que se manifesta pelo embaraço, peso, dôres obtusas ou agudas da cabeça : ás vezes até resulta d'isto uma inflammação, um phrenesi; então a febre e o delirio ajuntam-se ás dôres de cabeça e aos outros symptomas, para annunciarem uma molestia grave. A apoplexia, a epilepsia, a catalepsia, são tambem precedidas de dôres de cabeça igualmente idiopathicas ou cerebraes.

As dôres de cabeça sympathicas, cujo ponto inicial é mais ou menos afastado do cerebro, que não são senão o echo das lesões apparentes

ou occultas de algum orgão, reconhecem causas mui numerosas e frequentemente indeterminadas. O maior numero d'estas dôres sympaticas, que não excedem o gráo de incommodo, procedem das más disposições do estomago e dos intestinos. Ha pessoos cujos orgãos digestivos são tão caprichosos, que não podem usar de certos alimentos e de certas bebidas, sem correrem o risco de ter dôr de cabeça. A prisão de ventre provoca-a não poucas vezes. Depois dos orgãos da digestão, os orgãos genitaes são a fonte mais fecunda das dôres de cabeça sympathicas. Sabe-se quanto ellas são communs nas mulheres hystericas, e nas épocas da menstruação. Os hypocondriacos e os melancolicos são frequentemente atormentados d'ellas. A plethora, ou a abundancia do sangue no corpo, e o virus syphilitico, são tambem as suas causas frequentes. Observam-se igualmente em todas as febres graves, na maior parte das inflammações agudas, em grande numero de inflammações chronicas, nas erupções febris, etc.

Tratamento. O tratamento das dôres de cabeça exige antes de tudo a privação de suas causas determinantes, quando estas são apreciaveis, e quando o doente se póde subtrahir a ellas. Estas causas foram assignaladas, e cada um deve evitar aquella que lhe fôr particular. Segundo a sua especie, convem recorrer ao descanço do espirito, ás sensaçõcs agradaveis ou ao repouso dos sentidos, ás distracções, e sobretudo ao exercicio, salvo se a fadiga a tiver precedido; a um somno sufficiente sem ser excessivo, á temperança ou á suppressão das bebidas embriagantes e estupefacientes, das quaes podemos approximar o abuso de fumar; á sobriedade ou á escolha de alimentos menos suspeitos, aos clysteres contra a prisão de ventre, ás precauções necessarias para evitar a impressão sobre a cabeça das temperaturas excessivas.

Se o rosto estiver vermelho, a cabeça quente e os sentidos animados, usar-se-ha de pediluvios quentes, applicar-se-hão na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre, afastar-se-hão as emoções e as occupações. Nas dôres mui intensas é preciso recorrer aos medicamentos purgativos, á sangria ou á applicação de bichas. O doente tomará então de hora em hora,uma colher, das de sopa, de solução de antipyrina de Trouette, até que a dôr passe, sem todavia que a dóse seja superior a oito ou dez colheres nas 24 horas. O estado plethorico exige tambem evacuações sanguineas, um regimen pouco nutriente, composto principalmente de vegeteas. Se o estomago estiver indisposto, observar-se-ha dieta; usar-se-ha de uma bebida diluente, se existir sêde (agua com assucar, limonada, etc.), ou então da infusão de chá da India, macella gallega ou café; poder-se-ha favorecer com agua morna, com a introducção do dedo na garganta, as nauseas ou os vomitos declarados. Muitas dôres de cabeça cedem a 5 centigrammas de emetico, administrados n'uma chicara d'agua morna. O emprego do xarope de bromureto de potassio de Henry Mure aproveita muito n'esta molestia.

As dôres de cabeça que procedem da syphilis devem ser tratadas pelos medicamentos antisyphiliticos. (*Veja-se* Syphilis.) O seu caracter especial é, como já deixei dito, manifestarem-se principalmente durante

a noite e pela influencia do calor. As dôres que são symptomaticas de molestias, taes como a *febre cerebral*, *epilepsia*, *constipação*, *sarampos*, e outras, exigem o tratamento d'essas molestias; não posso fallar d'ellas aqui, porque seria desarrazoado separar um simples symptoma, de affecções que devem ser consideradas debaixo de um ponto de vista mais geral.

Dôr de cadeiras. Esta dôr limita-se algumas vezes a um só lado, outras vezes occupa ambos, apparece quasi sempre de repente : quando é forte, obriga os doentes a curvarem-se para diante, e oppõe-se ao endireitamento da columna vertebral; existe sem inchação e sem vermelhidão da parte affectada; raras vezes é acompanhada do augmento de calor local, e não produz febre senão quando é de certa violencia.

Um ar fresco que vem tocar a região lombar, um esforço para levantar um peso, um movimento rapido de torcedura do tronco, a acção de estar curvado para diante por certo tempo, e ás vezes a simples acção de abaixar-se, taes são as *causas* que produzem quasi sempre esta dôr.

A affecção tal qual acaba de ser descripta chama-se, na linguagem scientifica, *lumbago*, e não deve ser confundida com as dôres de cadeiras que precedem ou acompanham a menstruação em algumas mulheres : as dôres de cadeiras que nos occupam n'este momento tem sua séde nos musculos da região lombar; sua duração média é de oito a dez dias, desapparecem ás vezes em vinte e quatro horas, e outras vezes, mas mui raramente, prolongam-se por muitas semanas.

Tratamento. O tratamento da dôr de cadeiras é o seguinte :

Applicar nas cadeiras um sinapismo.

Friccionar as cadeiras com essencia de terebinthina.

A primeira ou a segunda d'estas applicações é frequentemente sufficiente para curar a dôr de cadeiras; mas se não forem sufficientes, recorra-se ás fricções com uma das preparações seguintes :

1° Aguardente camphorada..... 90 grammas.

2° *Linimento terebinthinado e camphorado*, cuja receita é :

Essencia de terebinthina..... 60 grammas.
Oleo camphorado..... 60 —

Misture.

3° *Linimento camphoro-opiado :*

Oleo camphorado..... 30 grammas.
Ceroto simples..... 4 —
Tintura de opio..... 4 —

Misture.

4° *Linimento anti-rheumatico :*

Essencia de terebinthina..... 30 grammas.
Laudano de Sydenham..... 30 —
Oleo camphorado..... 30 —

Misture.

5° Balsamo opodeldoch..... 1 vidro.

Se isto não fôr sufficiente, applique-se um caustico nas cadeiras.

Emfim, dôres de cadeiras, que não obedecêram a todos estes remedios, foram curadas com um vomitorio de tartaro emetico, ou com 60 grammas de sal d'Epsom, com um suadouro tomado ao deitar, ou com um banho geral quente.

Dôr de colica. *Veja-se* COLICA.

Dôr de coxa. *Veja-se* COXALGIA.

Dôr de dentes. *Veja-se* DENTES.

Dôr de estomago. *Veja-se* CAIMBRA DO ESTOMAGO e ESTOMAGO.

Dôr de garganta. *Veja-se* ANGINA.

Dôr nas juntas. *Veja-se* RHEUMATISMO.

Dôr de nervos. *Veja-se* NEVRALGIA.

Dôres nos ossos, ou **osteocopas.** *Veja-se* SYPHILIS.

Dôr de ouvido. *Veja-se* OUVIDO.

Dôr de peito. *Veja-se* PEITO.

Dôr do pescoço. *Veja-se* TORCICOLLO.

Dôr de quadril. *Veja-se* COXALGIA.

Dôr do rosto. *Veja-se* NEVRALGIA FACIAL.

DORMENCIA, DORMENTE (PERNA, PÉ, BRAÇO, etc., DORMENTE). Esta palavra serve para designar um estado de *entorpecimento* de uma ou mais partes do corpo, caracterizado por um sentimento de peso, e pela difficuldade ou impossibilidade de executar com estas partes os movimentos habituaes. O entorpecimento é acompanhado, em muitos casos, de comichão e picadas desagradaveis. Este estado procede da perturbação e interrupção momentanea da acção do fluido nervoso, e póde produzir-se á vontade, comprimindo o nervo principal de um membro, como acontece com a coxa quando alguem está deitado de lado e apoiado com força no logar por onde passa o nervo sciatico. O entorpecimento contínuo que não depende da compressão momentanea é symptoma de varias molestias, e principalmente da inflammação da medulla espinhal e da apoplexia.

Quando o entorpecimento é occasionado por uma causa passageira, desapparece pouco a pouco por si mesmo; póde-se accelerar o restabelecimento da acção nervosa com fricções seccas feitas com a mão, ou com agua de Colonia. Quando depende de uma causa permanente, como na apoplexia, convem dirigir o tratamento contra a molestia principal.

DORMIDEIRA. *Papaver somniferum*, Linneo. Papaveraceas. (fig. 380). Esta planta é originaria do Oriente, onde adquire proporções gigantescas. Extrahe-se d'ella o opio por meio de incisões feitas na capsula; este mana debaixo da fórma de um succo branco, o qual depois se torna concreto e negro. A dormideira é cultivada em algumas regiões da Europa, mas não para obter o opio, que seria metade menos activo do que o do Oriente, porém sim para as sementes, de que se extrahe um oleo precioso para a pintura e usos domesticos. Habita quasi espontanea nos montes do grande aqueducto das Aguas Livres de Lisboa, nos sitios arenosos nos arredores de Setubal, e outras partes junto das povoações: tambem se cultiva nos jardins em Portugal e no Brazil. As capsulas das

dormideiras são empregadas na medicina depois de seccas, sob o nome de *cabeças de dormideiras;* variam no tamanho, desde o de um ovo pequeno até o de uma pequena laranja : seccas, são de côr branco-amarellada, sem cheiro, de sabor mucilaginoso, levemente amargo. Contém no seu interior grande quantidade de sementes brancas ou pretas. Gozam das mesmas propriedades que o opio, mas em muito menor gráo; são empregadas nos mesmos casos como calmante e narcotico.



Fig. 380. — Dormideira.

Preparam-se com ellas decocções calmantes, que se administram ordinariamente em clysteres, gargarejos, e cataplasmas. A decocção de dormideiras prepara-se com 8 grammas de capsulas e 360 grammas d'agua.

DORSO ou COSTAS (MOLESTIAS DO). *Veja-se* ESPINHAÇO.

DÓSE. Chama-se *dóse* a quantidade, determinada por peso ou medida, de um medicamento que deve ser administrado a um doente. Chama-se tambem *dóse* a medida exacta de cada um dos ingredientes que devem entrar nos medicamentos compostos, como poções, pilulas, etc.

A dóse dos medicamentos varía sob a influencia de causas mui differentes, como o sexo, idade, temperamento, profissões, costumes, etc. Assim, a dóse de um medicamento deve ser menos forte para a mulher do que para o homem, para as pessoas fracas do que para aquellas cujo corpo está endurecido pelo trabalho. Esta differença deve ser graduada conforme as idades : as pessoas são tanto mais impressionaveis pelos medicamentos, quanto mais jovens. Eis-aqui a escala que se deve seguir :

Para um adulto, dóse inteira.	1	De 3 a 7 annos.....	1/3
Para uma criança de menos de 1 anno.....	1/16	De 7 a 14 —	1/2
De 1 a 2 annos.....	1/8	De 14 a 20 —	2/3
De 2 a 3 —	1/6	De 20 a 60 —	1

Para as pessoas que tiverem mais de 60 annos seguir-se-ha a graduação inversa. Sendo a mulher geralmente de constituição menos forte do que o homem, as dóses para ella devem ser um pouco mais fracas.

N'este Diccionario a dóse dos medicamentos que apresento é aquella que se dá ordinariamente a um adulto.

Devo advertir que o habito tem muita influencia na dóse dos medicamentos. Ha certas substancias que administradas progressivamente em dóses crescentes, podem ser elevadas a uma quantidade que poderia envenenar, se fosse dada ao principio. Assim, por exemplo, o opio na dóse

de 1 gramma deve ser considerado como veneno; entretanto os doentes podem chegar, *progressivamente*, á dóse ainda maior, sem nenhum accidente.

DOTHINENTERITE, do grego *dothine* botão, e *enteron* intestino. Erupção de botões no intestino. Este nome, creado recentemente, serve para designar uma molestia conhecida desde muito tempo, mas descripta pelos autores debaixo de nomes mui diversos: assim é designada por Hippocrates sob o nome de *phrenetis*, e pelos medicos que o seguíram, com os de *febre putrida*, *febre biliosa*, *febre mucosa*, *febre adynamica e ataxica*, ou *gastro-enterite folliculosa*, e emfim *febre typhoide*. Tratarei d'ella no artigo FEBRE TYPHOIDE.

DOUDO. *Veja-se* LOUCURA.

DOURADINHA. *Waltheria douradinha*, Saint-Hilaire, Malvaceas. Sub-arbusto do Brazil; habita especialmente no Rio Grande do Sul. Tem de 22 a 48 centimetros de altura; folhas alternas, ovaes ou ovaes-orbiculares, cortadas na base em fórma de coração, serreadas; flores de côr amarella-dourada em capitulos terminaes; fructo: capsula oval, obtusa, pubescente, bivalve. Esta planta contém muita mucilagem, e emprega-se em infusão nas affecções catarrhaes. *Dóse:* 4 grammas para 250 grammas d'agua fervendo.

DOURADINHA DO CAMPO. *Veja-se* GRITADEIRA.

DRACUNCULO ou BICHO DA COSTA. Designa-se debaixo do nome de *dracunculo*, *bicho da Costa*, *verme de Medina*, ou *de Guiné* um bicho cylindrico, filiforme, muito alongado, de côr branca, de grossura igual em toda a sua extensão, menos na cauda, que é um pouco mais delgada e curva. O dracunculo chama-se no Brazil *bicho da Costa*, porque nos primeiros tempos eram os pretos recem-chegados da Africa que appareciam com este verme: mas presentemente observa-se em muitos logares do Brazil. Os negros Minas dão-lhe o nome de *subia*. O seu comprimento varía de 24 centimetros até 6 á 8 metros, e a grossura desde a de um fio de linha até á de um barbante. Acha-se ordinariamente debaixo da pelle perto dos tornozelos, no escroto, e ás vezes nos braços, no pescoço, cabeça, e tronco. O Dr. Clot-Bey encontrou-o no Egypto perto do freio da lingua. O dracunculo não se manifesta senão em certos paizes, como Arabia, as margens do Golfo Persico e as do mar Caspio, do Ganges, a Abyssinia e costa de Guiné. Foi tambem observado no Rio de Janeiro, e consta-me que um dos distinctos professores d'essa côrte, Christovão José dos Santos, tentou uma vez a extracção de um dracunculo que existia na orbita por cima do olho em uma preta Mina. Eu mesmo vi o dracunculo duas vezes no Rio de Janeiro; uma vez perto do tornozelo, e outra vez na membrana externa do olho esquerdo; em ambos os casos em pretos recem-chegados da Costa. Consegui facilmente extrahir o primeiro, porque uma porção d'elle tinha já sahido e não lhe era possivel fugir. Quanto ao bicho que estava no olho, debaixo da primeira membrana chamada *conjunctiva*, e que ainda não tinha aberto caminho para fóra, apenas o toquei com pinça para agarral-o, sumio-se e não appareceo mais em alguma outra parte do corpo. Isto aconteceo no dia 10 de Janeiro de 1848;

o preto não se queixou depois de incommodo algum; e tendo-o continuamente debaixo da minha observação até ao dia 10 de Dezembro do mesmo anno, vi-o sempre gozando de perfeita saude, apezar do bicho que tinha no corpo.

Causas. As causas que presidem á formação do dracunculo ainda não são conhecidas. Como outros muitos vermes, desenvolve-se espontaneamente no corpo do homem: tal é a opinião mais acreditada; ignoram se completamente as causas proximas do seu desenvolvimento. Muitas tem sido indicadas: a má qualidade d'agua, o uso de vinho de palmeira, de certos peixes, do trigo da India, os ventos e o orvalho dos paizes em que elle se observa; mas tem-se visto individuos expostos a estas influencias sem terem o dracunculo, e outros, que as evitáram cuidadosamente, pelo contrario, serem d'elle affectados. Alguns autores pensam que se introduz atravez da pelle pouco tempo depois do seu nascimento; época na qual suppõem ser elle de uma tenuidade extrema, na ideia de alguns no estado de larva. Os primeiros pensam que se introduz no corpo do homem com a agua que serve de bebida, ou pela pelle quando a pessoa se banha. Os segundos fazem-n'o provir de insecto de que não dão o nome.

Symptomas. O primeiro symptoma, que annuncia a presença do dracunculo, é uma comichão desagradavel no logar em que elle se acha, ás vezes acompanhada da sensação de um corpo que roja debaixo da pelle. Em certos individuos, entretanto, este bicho fica por muitos mezes, e até por muitos annos, sem manifestar a sua presença por incommodo algum, e até está provado que assim acontece sempre no maior numero dos doentes; de outra maneira, como se comprehenderia que pudesse elle adquirir o desenvolvimento consideravel que ás vezes tem? Dracunculos ha que, além dos symptomas locaes que acabei de indicar, produzem emmagrecimento mais ou menos rapido, sem febre nem fastio.

Mas, quando o bicho quer sahir, manifestam-se symptomas mais constantes e mais notaveis. Primeiramente uma dôr fixa logar. Alguns dias depois da invasão da dôr, formam-se pequenas vesiculas que occasionam viva comichão e logo depois inchação, ás vezes consideravel; declara-se inflammação; e a suppuração estabelece-se. Ás vezes uma grande pustula, cheia de liquido transparente, se desenvolve no centro do logar doloroso; outras vezes não se sente senão uma pequena dureza sem inflammação. Ordinariamente, da abertura espontenea ou artificial do tumor, corre algum pus, e a cabeça do bicho sahe algumas pollegadas do corpo.

Tratamento. Quando apparece elevação por onde o bicho quer sahir, espera-se a ruptura espontanea; mas se ella fôr muito demorada, deve o cirurgião praticar a abertura por meio de lanceta. Se se apresentar uma porção do bicho, cumpre exercer sobre ella tracções lentas e moderadas; continua-se emquanto o animal vai cedendo facilmente: e cessa-se logo que se sentir uma resistencia tal que faça temer a sua ruptura: uma dôr um pouco viva annuncia ordinariamente que se deve suspender

toda a tracção. Isto feito, enrola-se a parte que sahio á roda de uma penna ou de qualquer outro canudo. No curativo seguinte principiam-se as tracções com a mesma precaução, e assim pelo tempo adiante, até a sahida completa do dracunculo, a qual não se obtem ás vezes senão no fim de dois ou tres mezes. Alguns medicos aconselham fazer uma incisão sobre o trajecto do animal, descobril-o bem, e tiral-o com uma pinça. Mas quando elle está profundamente situado, quando resiste ás tracções, ou quando se rompe, é preciso esperar que torne a apparecer para se continuarem os meios de extracção.

DRASTICOS. *Veja-se* PURGANTES.

DREM. Dá-se este nome em cirurgia a um tubo de metal, de cautchuc e sobretudo de gutta-percha ou de cautchuc vulcanizado, com muitos buracos de todos os lados, empregado para a drenagem cirurgica.

DRENAGEM. Esgotar (*drainer*) uma ferida, é dar livre escoamento ao pus que ella secreta e impedir que se agglomere. Que o pus se forme na superficie de uma ferida exterior, de um côto de amputação, ou que se ache em um abcesso, em uma cavidade natural ou accidental, pleura, articulações ou kystos, é necessario fazel-o escorrer para fóra, para que haja o maior asseio no fóco purulento. Ora, quando o pus se acha encerrado em uma cavidade e que não está completamente ao abrigo do ar, elle adquire, dentro de pouco tempo, propriedades mui nocivas.

Para esgotar um fóco purulento, n'elle se introduz um cylindro de cautchuc vulcanizado, mais ou menos comprido, mais ou menos grosso, que é furado de distancia em distancia, a que dão o nome de drem. Á medida que o pus se forma, escorre por este tubo e vai ter ás peças do curativo. É necessario limpar repetidas vezes esses tubos em uma solução phenicada e ter cuidado que os buracos não estejam entupidos. N'estes ultimos tempos tem-se experimentado tubos de vidro ou de ossos decalcificados para substituir os de cautchuc,

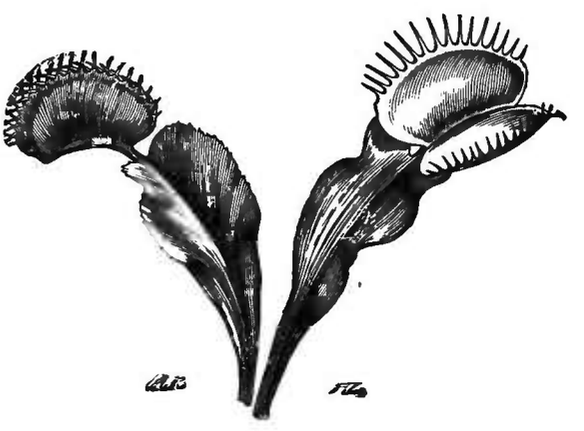


Fig. 381. — Drosera.

DROSERA. Planta carnivora da familia das droseraceas (fig. 381). Ella possue uns appendices especiaes com os quaes pega e digere, até certo ponto, os insectos que pozam em suas folhas. Attribuiram a esta planta certas propriedades medicas assaz duvidosas. Ella é empregada contra a tuberculose e como antiespasmodico na coqueluche. Administra-se'a em tintura na dóse de 10 a 15 gottas.

DUBOISIA. *Duboisia myopotoides.* Arvore commum na Australia,

Nova Caledonia, Novo Guiné, em algumas ilhas do Pacificio, de 4 a 5 metros de altura. Folhas alternas ; lisas; flores brancas ou azuladas ; fructo. baga mui pequena. O extracto das folhos faz dilatar a pupilla como a belladona. Extrahe-se d'ellas um alcaloide, a *duboisina*.

DUBOISINA. Alcaloide que se extrahe das folhas da Duboisia. Apresenta-se sob a forma de crystaes em agulhas, soluveis na agua em fraco gráo. É um producto que gosa das mesmas propricdades que a atropina e se emprega nas mesmas circunstancias; mas as suas propriedades toxicas são mais pronunciadas. Administra-se a duboisina em collyrios e em injecções hypodermicas nas dóses maximas de 1/2 milligramma a 1 milligramma, debaixo da forma de sulfato neutro dc duboisina.

DUCHE. Columna de liquido de diametro e temperatura variaveis, que vem tocar uma partc qualquer do corpo com força tambem variavel, e dependente da altura do reservatorio.

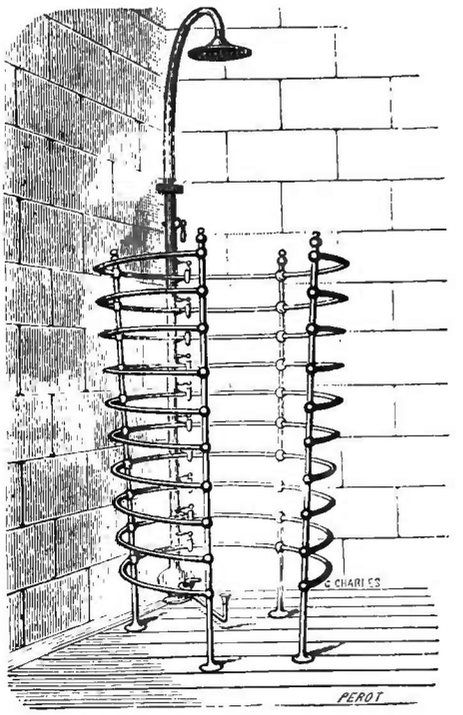


Fig. 382. — Duche em circulo e de chuva.

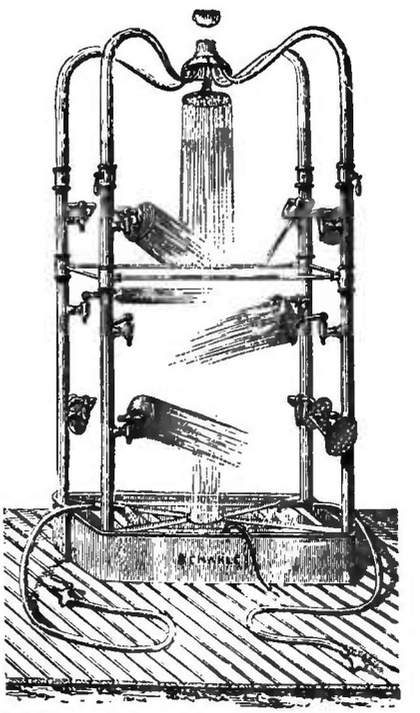


Fig. 383. — Duches horizontaes, lateraes e verticaes.

As duches são *descendentes* quando se dirigem de cima para baixo; ascendentes as que se fazem em sentido inverso ; *horizontaes* as que se fazcm lateralmente ; tambem podem ser *frias*, *tepidas* ou *quentes*, de agua simples ou de aguas mineraes (fig. 382 a 384).

Os doentes recebem as mais das vezes as duches dentro de uma banheira. O apparelho proprio para dar duche sé mui simples. Consiste em um reservatorio collocado na altura de 1 metro até 4 metros, e do

fundo do qual sahe um tubo de couro mui flexivel com uma torneira na extremidadc, e mais um appendice. O diamctro da torneira é ordinariamente de 2 centimetros, e póde diminuir á vontade. O appendice, de tirar e pôr, póde fazer com que a torneira termine em pontàs de variadas fórmas, sendo algumas vezes como as dos regadores.



Fig. 384. — Duche em forma de chuva.

O apparelho póde tambem consistir em uma especie de guarita, da altura de 2 metros, fechada anteriormente com uma porta envidraçada, por cima da qual se acha um reservatorio de zinco, quc póde conter 35 a 40 litros d'agua, e com o fundo crivado, cujos buracos se tapam com uma valvula movel. O doente collocado dentro d'esta caixa, e todo despido, recebe uma especie d'aguaceiro, que dura, quando muito, dois até tres minutos.

Todos estes apparelhos são fabricados na afamada fabrica especial de apparelhos hydrotherapicos de G. Charles, á rua dcs Bernardins, em Pariz.

As duches empregam-se hoje muito no tratamento hydrotherapico, e nos estabelecimentos de aguas mineraes. As duches descendentes e lateraes d'agua fria dirigem-se, por meio dc um tubo de couro flexivel, sobre as differentes partes do corpo, e aproveitam muito nos engurgitamentos do figado, do baço, nas rijezas articulares, nas paralysias, e cm muitas outras molestias. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

Nos estabelecimentos dos doidos, nos quaes as duches são um meio energico de tratamento, o doente é mantido em uma banheira cheia d'agua morna, por meio de uma tampa que apresenta uma chanfradura destinada a abraçar o pescoço, sem entretanto comprimil-o: a um signal dado, tira-se uma valvula; certa quantidade d'agua fria escapa de um reservatorio, e cahe de repente sobre a cabeça do doente.

Os banhos que se tomam no mar são quasi sempre acompanhados de uma especie de duches, produzidas pelo movimento contínuo das ondas. As duches determinam um abalo particular do systema ncrvoso. É um meio precioso no tratamento das molestias.

DULCAMARA, DOCE-AMARGA OU UVA DE CÃO MAIOR, *Solanum dulcamara*, Linneo. Solaneas. Sub-arbusto que em Portugal habita frequente nos tapumes e logares sombrios (fig. 385). Tem o caule dividido desde a base em ramos sarmentosos, levemente pubescentes, do comprimento de 1 a 2 metros, que só se sustem cncostando-se sobre os arbustos vizinhos. As folhas são alternas, pecioladas, levemente pubescentes, umas intciras e alabardinas, outras recortadas na base. As flores roxas,

ás vezes brancas; as bagas ovoides, de côr vermelha brilhante. Esta planta tem cheiro viroso e forte, sabor primeiramente um pouco amargo, depois adocicado. Empregam-se na medicina os talos, como sudorifico, no tratamento da syphilis e das molestias de pelle, em infusão, que se prepara com 8 grammas de dulcamara e 360 grammas d'agua fervendo. Em dóse elevada produz dôr de cabeça, embriaguez, ardor na garganta, vomitos e desmaios. Convem cessar o seu emprego logo que produzir nauseas ou a mais ligeira perturbação da vista.



Fig. 385. — Dulcamara.

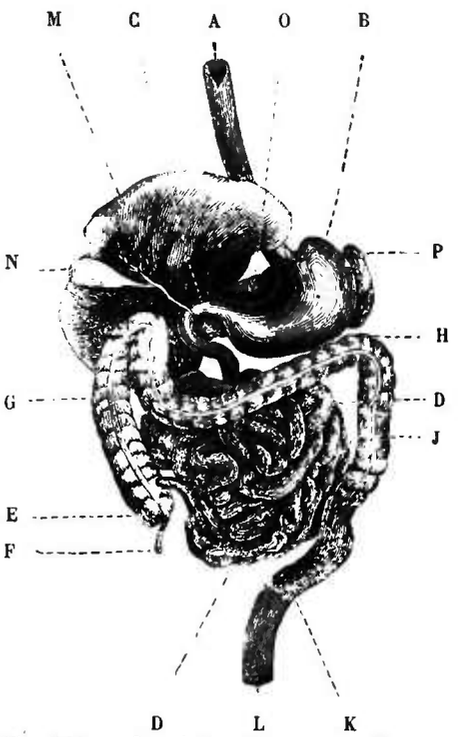


Fig. 386. — Canal digestivo e os orgãos que concorrem á digestão (*).

DUNDAKÉ ou **Sarcocephalus esculentus.** Arvore que cresce em abundancia nas costas occidentaes da Africa e que pertence á familia das Rubiaceas.

Tira-se da casca um alcaloide soluvel no alcool, que parace ser o seu principio activo e que se chama *Dundakiva*. Faz-se um extracto alcoolico que se emprega na dóse de 20 a 40 centigrammas, e um vinho amargo que se toma na dóse de duas colheres, das de sopa, por dia.

É um medicamento que pode substituir algumas vezes a quina nas febres paludosas Como amargo pode ser empregado para excitar o appetite. É um veneno violento em alta dóse.

DUODENO (fig. 386). Porção do intestino delgado cujo comprimento é de cerca de 23 centimetros (doze dedos atravessados) e que

(*) A, esophago; B, estomago; C, pyloro, que está em continuação com o duodeno; DD, intestino delgado, que está em continuação como o intestino cégo E; F, appendice cecal; G, colon ascendente; A, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado, levantado para que se veja a sua face inferior; F, vesicula biliar, com os seus conductos; O, pancreas; P, baço.

começa no estomago ao nivel do pyloro para acabar no começo da arteria mesenterica superior.

Os alimentos digiridos no estomago passam pois, no duodeno onde ficam soba acção do succo pancreatico a da bilis. A approximação do canal excretor da bilis explica a frequencia dos vomitos biliosos; a bilis sobe para o lado do estomago por meio dos movimentos antiperistalticos do intestino.

DURA-MATER. Uma das tres meninges que envolve o cerebro, é a mais externa das tres e contêm por conseguinte em sua cavidade a arachnoide e a pia-mater. Achando-se applicada directamente na face interna dos ossos que constituem a caixa craneana, ella protege e fixa o cerebro e se prolonga no canal vertebral para envolver tambem a espinhal medulla. Par causa de sua estructura fibrosa, ella é muito forte e muito resistente; as outras meninges são muito menos espessas e não representam o mesmo papel protector.

DUREZA DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

DYNAMOMETRO (fig. 387). Apparelho composto de uma mola de aço que acalcando em cima faz mover uma agulha sobre um mostrador onde estão marcadas certas graduações que indicam o valor da pressão em kilogrammas. Destinados a medir a força muscular, o valor d'estes apparelhos é relativo e as indicações que apresentam não são da maior exactidão. A dureza da mola varia em cada instrumento e é muito desigual. Em geral um homem vigoroso dá facilmente uma pressão de 60 a 70 kilogrammas.

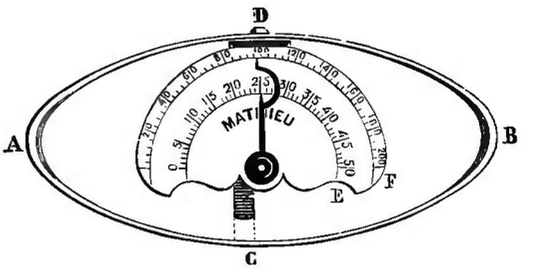


Fig. 387. — Dynamometro.

DYSENTERIA. Molestia cujos symptomas principaes consistem em frequentes evacuações de materias mucosas misturadas com sangue, acompanhadas de colicas e de um sentimento de ardor no anus.

Causas. As causas mais ou menos directas da dysenteria são numerosas. Em primeiro logar devem apontar-se as temperaturas elevadas; assim, nos paizes quentes esta affecção, é, com as molestias do figado, uma das que occasionam maior mortandade. Os calores que succedem ao frio humido, produzem frequentemente a dysenteria. As outras causas são: o uso de comidas indigestas; as carnes que tiverem soffrido uma fermentação putrida, ou que procederem de animaes doentes; as aguas estagnadas e lodosas, a ingestão de substancias impropias á nutrição, as indigestões repetidas, um simples erro de regimen nos convalescentes, emfim, o abuso dos purgantes. Uma causa não menos podcrosa, que todas as precedentes, consiste nas emanações fetidas e infectas que se exhalam das substancias animaes em putrefacção, ou que se levantam das dejecções alvinas de homens affectados de dysenteria e reunidos em logares estreitos, como prisões, hospitaes e navios. A roupa molhada no corpo por algum tempo, o frio humido, sobretudo nos pés, o somno

ao ar durante a noite, a residencia em logares baixos e pantanosos, tornam-se tambem causas de dysenteria. Reina ás vezes debaixo da fórma epidemica; isto é, ataca grande numero de individuos, e principalmente quando existe grande calor com muita humidade: a sua causa é em tal caso a influencia atmospherica.

Symptomas. Sendo a molestia pouco intensa, annuncia-se ordinariamente por algumas dôres do ventre, irregulares, que pouco augmentam pela pressão. Sobrevem logo ventosidades nos intestinos, e declara-se o desejo de evacuar: o doente quer obedecer a esta necessidade, faz esforços, e só a muito custo consegue expulsar algumas materias fecaes liquidas e mucosidades, cuja passagem determinam uma sensação de calor e dôr viva no anus. Estas evacuações repentem-se até doze ou quinze vezes em 24 horas; ás vezes trinta, quarenta vezes, e mais; logo depois não contém mais materias fecaes, e são apenas formadas por um muco viscoso e esbranquiçado ou sanguinolento, misturado ás vezes com serosidade vermelha, com concreções de apparencia membranosa, com sangue puro, bilis e gazes; ás vezes, entretanto, materias fecaes mui duras são expellidas de vez em quando, mesmo passados muitos dias da molestia. Continuam mais ou menos fortes, o tenesmo e os puxos; uma diminuição rapida das forças acompanha esse estado; o rosto faz-se pallido, sobretudo immediatamente depois de cada evacuação; o pulso torna-se fraco, e ás vezes accelerado; frequentemente conserva-se o appetite. Passados alguns dias, as dôres do ventre diminuem, as excreções são menos frequentes, e em vez de serem mucosas, tornam-se fecaes; o doente recobra o somno e o sentimento de bem-estar que tinha perdido; uma simples diarrhea succede á dysenteria, e annuncia um restabelecimento proximo. Tal é commummente a marcha da dysenteria benigna, cuja duração média é de quatro a oito dias.

Na dysenteria grave ou maligna, que se manifesta sebretudo nas grandes reuniões de individuos, nos acampamentos, navios, prisões, hospitaes, cidades sitiadas, etc., as dôres abdominaes são muito agudas a vontade de evacuar é, por assim dizer, contínua, e alguns doentes fazem-n'o duzentas vezes por dia. A materia das evacuações é serosa, quasi sempre misturada com muito sangue, ás vezes com pus; tem côr escura ou negra, e quasi sempre um cheiro fetido insupportavel. Desde o principio, o doente é obrigado a ficar de cama, as suas forças são promptamente aniquiladas, e o rosto tem a expressão de uma alteração profunda. A sêde é viva, e apenas se engole a bebida, manifesta-se a necessidade de evacuar: o pulso fica ás vezes frequente, porém as mais das vezes sem acceleração alguma; a pelle torna-se secca e aspera. O aspecto cadaverico do rosto, os soluços, a inchação do ventre, a cessação das dôres, o esfriamento das extremidades, a fraqueza e a insensibilidade do pulso annunciam a morte proxima.

Duração e prognostico. É mui difficil determinar a marcha e a duração da dysenteria. Póde ser desde logo violenta, ou não chegar ao seu mais alto gráo de intensidade senão progressivamente; cessar de repente ou diminuir gradualmente, acabar em vinte e quatro horas, ou prolongar-

se por vinte ou trinta dias. O prognostico é favoravel na dysenteria leve; é sempre muito seria na dysenteria intensa. Raras vezes esta molestia occasiona a morte quando ataca sómente um individuo ou alguns individuos isoladamente; pelo contrario, faz estragos espantosos nos acompamentos, hospitaes, cidades sitiadas, etc. Dôres excessivas, evacuações quasi contínuas, o fedor cadaverico das materias, os soluços, o esfriamento das extremidades, são, entre os symptomas, aquelles que annunciam maior perigo.

Tratamento. A abstinencia completa dos alimentos solidos é a primeira condição a preencher no tratamento da dysenteria. O doente deve estar em um logar quente e secco, usar de bebidas mucilaginosas, como agua de arroz, de cevada, de solução de gomma, e tomar duas a tres vezes por dia clysteres preparados com decocção de sementes de linho ou de raiz de althéa. Cataplasmas de linhaça sobre o ventre, banhos mornos geraes ou semicupios são tambem uteis; mais é preciso que o doente, ao sahir do banho, se preserve do frio. A estes meios deve juntar-se o opio, cuja efficacia, em semelhantes casos, tem sido frequentetemente demonstrada. Administra-se em poções ou em pilulas. Eis-aqui a formula da poção :

Agua commum.....	125 grammas.
Laudano de Sydenham.....	30 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

Misture. A dóse é de uma colher das *de sopa* de hora em hora.

A formula das pilulas é :

Opio.....	2 1/2 centigrammas.
Extracto de alcaçuz.....	10 centigrammas.

Faça 1 pilula, e como esta mais 11. Toma-se uma pilula tres vezes por dia.

Nos casos em que as dôres forem mui agudas, convem associar ás poções ou ás pilulas o uso dos clysteres opiados preparados da maneira seguinte :

Decocção de linhaça.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Misture. Administra-se um ou dois d'estes clysteres por dia.

Se a dysenteria resistir a estes meios, cumpre tomar um vomitorio de poaya; isto é, 1 gramma de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna.

Clysteres de poaya são tambem vantajosos. Eis-aqui como se preparam: Infundem-se por meia hora 8 grammas de raiz de poaya cortada em duas chicaras d'agua quente, e côa-se. O doente toma dois d'estes clysteres por dia.

Tem dado muito bons resultados o naphtol, tomado sob a forma de obreias medicamentosas de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho na dóse de 10 obreias nas 24 horas, tomadas uma ou duas, de 2 em 2 horas sem interrupção, mesmo nas horas das refeições.

As claras de ovo são tambem empregadas com mui bom exito na dysenteria. Faz-se uso d'ellas em bebidas e em clysteres. Em bebida 6 a 12 claras de ovo, e simultaneamente tres clysteres por dia, preparados cada um como 180 grammas d'agua morna e tres claras de ovo.

Estes meios são tão poderosos, que ha poucas dysenterias recentes que não cedam em poucos dias á sua influencia. Mas ás vezes a molestia resiste, e é preciso lançar mão de outros meios que são:

Sessenta grammas de sal d'Epsom n'um copo d'agua morna, como purgante; o uso de pós preparados conforme a receita seguinte:

Calomelanos	60	centigrammas.
Poaya	60	—
Opio	30	—

Reduza-se tudo a pó, misture-se exactamente e divida-se em 12 papeis. O doente toma 4 papeis por dia, cada um de 3 em 3 horas, n'uma colher d'agua fria ou morna, com assucar.

Se a dysenteria se prolongar, administrem-se algumas colheres de vinho generoso por dia, e faça-se uso dos medicamentos adstringentes, como quina, simaruba, cato, ratanhia, e diascordio, segundo as formulas indicadas no artigo DIARRHEA. Convem ainda espargir de tempo em tempo, no quarto do doente, phenol Bobœuf perfumado, para destruir os miasmas que se desenvolvem das materias evacuadas; e deitar nas vasilhas um pouco de sulfato de ferrro em pó, para desinfectar as materias fecaes.

Na convalescença deve-se escrupulosamente evitar a falta do regimen e a impressão do frio.

Durante uma epidemia de dysenteria, convem não se expôr ao contagio; porque esta molestia communica-se ás vezes; por conseguinte, é necessario tirar do quarto os excrementos á medida que sejam evacuados, entreter grande asseio, abrir frequentemente as portas e as janellas para renovar o ar, espalhar pelo quarto soluções de chlorureto de cal ou coaltar saponinado Le Bœuf, como já disse, e não dormir no quarto do doente.

DYSMENORRHEA. Producção difficil dos mentruos, menstruação difficil. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

DYSPEPSIA. Designa-se debaixo d'este nome diversos desarranjos digestivos que appareeem em muitas affecções, mas que podem existir sós e constituir então uma verdadeira molestia. São muitas as causas que produzem a dyspepsia; as principaes são: o alcoolismo, os excessos de meza, os trabalhos excessivos, as preoccupações moraes prolongadas, a vida sedentaria. Digamos desde já que os doentes acommettidos de affecções do estomago, do coração, do figado ou dos pulmões, apresentam sempre alguns symptomas de dyspepsia.

Os principaes symptomas são: dôres de estomago e sensação de vacuo ou de plenitude entre as refeições, diminuição do appetite; peso na bocca do estomago, arrotos, eructações, vermelhidão do rosto, peso da cabeça e preguiça intellectual durante as digestões; ás vezes diarrhea, mais

commumente prisão de ventre pertinaz; emmagrecimento, mau estar pela manhã ao acordar; anemia mais ou menos accentuada, tristeza que pode augmentar até á hyponchondria. Nos individuos alcoolicos, estes symptomas são frequentemente acompagnados de arrotos acidos, ardentes, de vomitos pituitosos, compostos de materias viscosas e pegajosas.

O tratamento se divide em : um regimen alimentar appropriado e alguns medicamentos. O regimen alimentar compõe-se sobretudo de leite, de carnes brancas, bebidas amargas sem alcool de qualidade alguma; exercicío moderado e regular todos os dias, e horas bem fixas das refeições.

Contra a prisão de ventre empregar-se-hão as aguas purgativas em pequenas dóses; antes das refeições o doente deverá tomar, quassia amarga, vinho de genciana, algumas gottas de tintura de Beaumé, o vinho de Cabanes; si a distensão do estomago e os arrotos gazosos forem por demais depois das refeições, o doente tomará antes de cada refeição um papel dos seguintes pós.

Giz em pó.....	
Salicylato de bismutho.....	aã 50 centigrammas.
Magnesia calcinada.....	
Bicarbonato de soda.....	

Os outros medicamentos que mais aproveitam na dyspepsia são:

1° O elixir de pepsina com glycerina, de Catillon, na dóse de um calice de licor antes e depois das refeições.

2° O elixir eupeptico Tisy, na dóse de 1 a 2 colheres, das de sopa, no começo do almoço e do jantar.

3° O pó toni digestivo de Royer na dóse de 2 colheres, das de chá por dia antes das duas principaes refeições.

4° Os pós e as pastilhas de Paterson, de subnitrato de bismutho e magnesia. Os pós tomam-se na dóse de um papel de manhã e á noite; e as pastilhas na dóse de 3 ou 4 no correr do dia.

5° Vinho bi-digestivo de Chassaing, na dóse de um calice antes e depois das refeições.

Na dyspepsia dos adultos e das crianças de collo muito approveita o xarope de Papaina Trouette-Perret aromatizado com framboezas que se administra ás crianças na dóse de uma colher, das de chá, todas as vezes que a criança tomar o seio (*Veja-se* PAPAINA).

Nas dyspepsias e principalmente nas dyspepsias flatulentas é muito util empregar-se as obreias medicamentosas de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho, que se tomam na dóse de dez obreias nas 24 horas.

O vinho bi-digestivo de Chassaing, de pepsina e diastase é um dos melhores medicamentos indicados para combater as dyspepsias. Os seus effeitos certos são devidos á pureza dos fermentos e que formam a sua base. Cada calice de licor d'este vinho contém 20 centigrammas de pepsina e 10 centigrammas de diastase.

DYSPHAGIA. Difficuldade de engulir que pode ser occasionada por diversas causas. O cancro da lingua, a hypertrophia das amygdalas, a paralysia do véo palatino, os tumores ou estreitamentos do esophago

e muitas outras molestias podem produzir perturbações da deglutição. Algumas vezes os alimentos chegam ao estomago depois de muitos esforços, outras vezes são vomitados por regurgitação ou passam pelas fossas nasaes. O tratamento deve ser o da molestia primitiva, causa da dysphagia.

DYSPNEA. Difficuldade de respirar. A dyspnea não constitue uma molestia essencial; não é, propriamente fallando, senão um symptoma de outras affecções. Póde depender de grande numero de causas diversas. Qualquer que seja, porem, a causa da dyspnea, o doente ficará aliviado tomando de hora em hora até que faça effeito, uma colher, das de sopa, de solução de antipyrina de Trouette, sem todavia tomar mais de oito a dez colheres nas 24 horas. *Veja-se* ASTHMA, BRONCHITE, ANEURISMA DO CORAÇÃO, PLEURIZ, HYSTERISMO, etc.

DYSTOCIA. Todas as vezes que um parto não se termina espontaneamente e que é necessario a intervenção do parteiro para esse fim, diz-se que ha dystocia.

As causas de dystocia são tão numerosas que só podemos enumeral-as e fazer a descripção d'ellas aos diversos artigos do diccionario.

Tudo quanto tende a fazer augmentar o tamanho do feto ou a collocal-o em uma posição desfavoravel constitue uma causa de dystocia e citaremos: a hydrocephalia, a ascite, a retenção de ourina, o tamanho exagerado da cabeça, etc. Da parte da mãi encontramos como causas de dystocia todas as molestias ou vicios de conformação que possam estreitar o canal que o feto tem de atravessar para vir ao mundo: rachitismo, fracturas, luxações, tumores do utero, do ovario, e dos ossos da bacia, etc.

Em quasi todos os casos, o parteiro deve intervir e não deixar o trabalho durar indefinidamente porque arrisca a vêr se declarar certos accidentes como sejam: as rupturas do utero, as hemorrhagias, profundo abatimento da doente e até mesmo a peritonite. Os meios que se devem empregar para terminar o parto variam com a natureza do obstaculo; versão, forceps, embryotomia, etc. O chloroformio é um precioso adjuvante que as mulheres em geral supportam muito bem, e que pode ser administrado sem inconveniente durante todo o tempo das manobras necessarias para delivrar a parturiente.

DYSURIA. Do grego *dus*, difficilmente, e *auron*, ourina. Difficuldade de ourinar. A dysuria não é senão um symptoma de alguma das numerosas affecções dos orgãos urinarios. Póde ser occasionada pelo estreitamento do canal da urethra, pela areia entrada n'este canal, pela presença de tumores vizinhos, pela alteração da glandula prostata, e emfim por alguma molestia da bexiga. (*Veja-se* BEXIGA (Inflammação da), PEDRA, ESTREITAMENTO, RETENÇÃO DE OURINA.) Qualquer que seja a causa da difficuldade de ourinar, semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça na parte inferior do ventre, e a infusão de linhaça para bebida, são os meios que aproveitam na generalidade dos casos.

E

EAUX-BONNES. (Aguas sulfurosas quentes.) Itinerario de Pariz a Eaux-Bonnes: Estrada de ferro de Pariz por Bordeos, Dax a Pau 18 horas. Diligencia de Pau a Eaux-Bonnes, 4 1/2 horas. Despeza 100 francos.

A aldêa de Eaux-Bonnes, acha-se em França, no departamento dos Baixos-Pyreneos, a 40 kilometros de Pau. Está situada a 747 metros acima do nivel do mar, n'um valle cercado de altas montanhas. Esta disposição de boa elevação é uma circumstancia feliz como salubridade; porque, bem que apertada entre dois montes, o ar circula e renova-se ali facilmente, d'onde resultam condições hygienicas, que raras vezes se encontram nas outras caldas. A aldêa compõe-se de grande numero de hoteis, sendo o principal o *Grand hôtel des Princes*. É um verdadeiro palacio onde se reune a melhor sociedade dos doentes.

Na extremidade do valle acha-se o estabelecimento thermal. A agua da fonte velha (*source-vieille*) é a unica que se bebe. Esta agua é clara, limpida e unctuosa ao tocar; espalha cheiro de ovos chócos. O seu sabor é adocicado e mui pouco desagradavel, o que faz com que os doentes a bebam sem repugnancia. A temperatura é de cerca de 32 gráos centigrados. Contém 21 centigrammas de sulfureto de sodio por litro d'agua. Differe da maior parte das outras fontes dos Pyreneos pela menor quantidade de silica e pela proporção mais consideravel de chlorureto de sodio.

A acção mui energica d'estas aguas, tomadas em bebida, exige muita circumspecção no seu emprego. As dóses extremas que se bebem são de duas colheres *de sopa* a tres copos, dos quaes dois pela manhã, e um antes do jantar. Sobrevem habitualmente nos primeiros dias agitação, insomnia, exaltação de todo o systema nervoso; a força muscular parece que augmentou; o pulso está cheio, o rosto corado, o appetite imperioso; existe ao mesmo tempo prisão de ventre, ás vezes diarrhea. Depois tudo se regulariza, e apparece um sentimento de satisfação.

Estas aguas exercem acção especial sobre o apparelho respiratorio; empregam-se com proveito nas laryngites, bronchites, na tisica e na asthma; empregam-se em bebida e inhalações; faz-se pouco uso dos banhos. Uma estação dura de tres a quatro semanas; tomam-se habitualmente duas estações, do 1° de junho a 15 de setembro.

Estando affectados das mesmas molestias os doentes que se transportam a Eaux-Bonnes, que só differem pelo gráo de intensidade, o genero de vida é ali quasi o mesmo para todos. Ás 8 horas vai-se beber á fonte; ás 10 horas, o almoço á mesa redonda. Ao meio dia a aldêa fica deserta: as pessoas algum tanto validas espalham-se pelos logares circumvisinhos, no kiosco, nas cascatas, nas deliciosas veredas de Grammont e de Jacqueminot; as mais robustas fazem grandes excursões. O exercicio a cavallo está muito em uso em Eaux-Bonnes; o leve sacudimento que communica é favoravel aos pulmões: sómente a andadura deve

ser regrada segundo o estado sanitario do cavalleiro. Ás 3 horas e meia, todos regressam para beber agua mineral; janta-se ás 4 horas. Os doentes mostram como no almoço um formidavel appetite, que satisfazem sem escrupulo por causa do augmento de actividade das funcções digestivas. Depois do jantar o costume é ir ao passeio horizontal.

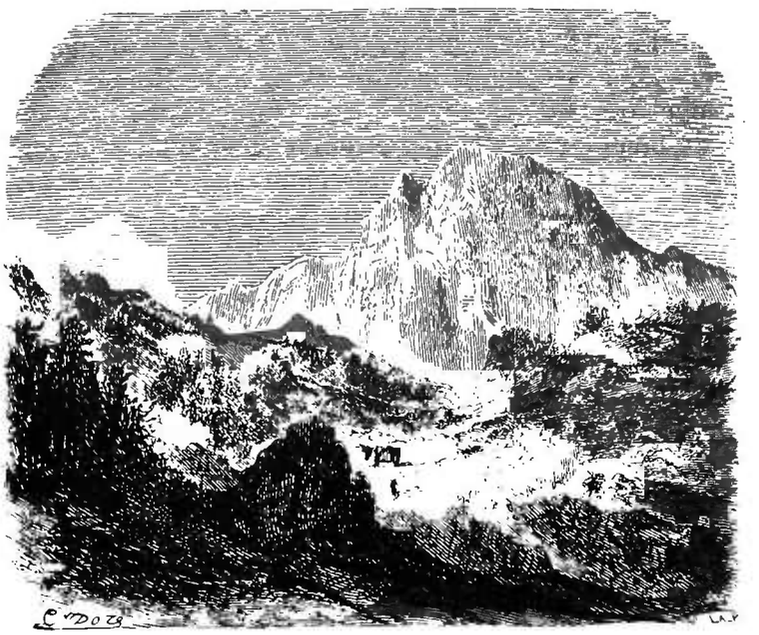


Fig. 388. — Arredores de Eaux-Bonnes.

Este encantador passeio, que domina o valle de Laruns, segue nos seus contornos o costado da montanha na direcção de Eaux-Chaudes. Offerece ás pessoas fracas uma vereda asseiada, bancos para assentar-se, e um vasto horizonte que o olhar percorre e onde o ar circula livremeute. Não estando plantada de arvoredo, a falta de sombra afasta d'ella os doentes durante o dia. Estes preferem o passeio da Imperatriz que costea um outro lado do valle, e offerece, pelo contrario, frescos e risonhos abrigos. Emfim, no centro da aldèa, acha-se um bello parque inglez, guarnecido de excellente orchestra, que se faz ouvir ás horas em que os doentes tomam as agnas.

EAUX-CHAUDES. (Aguas sulfurosas quentes.) França; departamento dos Baixos-Pyreneos. Mesmo itinerario de Pariz a Eaux-Chaudes que para Eaux-Bonnes, de que distam meia hora.

A aldèa occupa o prolongamento do valle de Ossau que, n'este logar, fórma uma garganta sombria e de aspecto selvagem. As casas estão encostadas á montanha; sobre a margem de uma torrente existe o estabelecimento thermal, um dos mais bellos dos Pyreneos.

As fontes, todas sulfurosas, são seis. Apezar do epitheto de *quentes*, com que se designam, tem a temperatura muito menos elevada do que a maior parte das outras fontes dos Pyreneos (10° a 36°); pelo que, é ne-

cessario muitas vezes aquêcel-as primeiro, para administral-as em banhos. Empregam-se contra os rheumatismos, nevralgias, e sobretudo para restabelecer a menstruação nas jovens chloroticas. A mais importante clientela d'estas caldas consiste hoje em doentes de Eaux-Bonnes, que vem tomar banhos e duches a Eaux-chaudes. Sem este supplemento, contariam hoje poucos visitantes. A estação thermal dura do 1° de julho ao 1° de novembro.

ECCHYMOSE, SANGUE EXTRAVASADO, ou SANGUE PISADO. Designam-se debaixo d'estes nomes nodoas denegridas, esverdeadas, e depois amarellas, que apparecem na pelle em consequencia de uma pancada, quéda e picada, de uma applicação de bichas, ou da compressão feita com uma atadura. As ecchymoses são formadas pelo sangue que sahe dos vasos capillares e se derrama por baixo da pelle. Manifestam-se sobretudo nas regiões em que a pelle é mais delicada. Todos sabem que basta uma pequena contusão debaixo de um olho, para que esta parte tome côr denegrida: observam-se tambem ecchymoses depois da sangria, no logar da picada da lanceta.

Qualquer que seja a causa da ecchymose, o sangue derramado não tarda a ser absorvido. Vê-se então que a nodoa denegrida estende-se consideravelmente, e ao mesmo tempo toma côr menos escura; passa successivamente á côr vermelha esverdeada e depois amarellada, que desapparece pouco a pouco.

Este accidente é sem perigo; desapparece ordinariamente por si mesmo; não necessita nunca da applicação de bichas, como algumas pessoas costumam fazer; basta simplesmente applicar um panno molhado em agua fria, que favorece a resolução; ou em agua misturada com sal, ou com vinagre, ou com arguardente de canna, no caso que a pelle não esteja esfolada ou ferida, porque estando esfolada ou ferida, convem limitar-se á agua fria.

ECHINOCOCO. Verme que se acha reunido em maior ou menor quantidade nos kystos chamados *hydatidas*. Os echinococos apresentam-se debaixo da fórma de grãos innumeraveis quasi invisiveis, encerrados em pequenas bexigas transparentes do volume de uma avelã. Não se desenvolvem no corpo do homem senão pelo uso das carnes corruptas, cheias de cysticercos, cujos germens se introduzem no sangue, percorrem os tecidos e fixam-se n'um ponto onde se multiplicam formando kystos. É sobretudo a carne de porco affectada de *ladraria*, isto é, de cysticercos, que é a causa do desenvolvimento dos echinococos no corpo do homem. Hoje já não se pode admittir a geração espontanea dos echinococos, pois que se sabe que nascem dos germens incompletamente desenvolvidos do cysticerco, como o proprio cysticerco, não é senão o producto incompleto da tenia. Os echinococos, os cysticercos e as tenias, bem que differente de fórma, constituem o mesmo animal, modificado pelo logar em que se origina. Encontram-se os echinococos em todos os orgãos, e principalmente no figado, no pulmão, nos rins, no cerebro, no tecido cellular, nos musculos (séde ordinaria dos tumores externos); e em toda a parte este verme parasita se cobre com membrana gelatinosa, quasi transpa-

rente, cheia d'agua. Estas vesiculas, mais ou menos numerosas, chamadas tambem *acephalocystos*, são contidas n'um envoltorio gelatinoso, esbranquiçado (*hydatida mãi*), que é cercado de um kysto fibroso mais ou menos consideravel. e forma um tumor hydatico.

Symptomas. Variam os *symptomas* conforme o volume dos tumores, e o logar que occupam : ora phenomenos nervosos encephalicos; — ora desordens de respiração; — outras vezes symptomas hepaticos, renaes, gastricos, etc., segundo a séde dos parasitas no cerebro, no pulmão, no figado, nos rins, o que quer dizer que os echinococos das visceras não produzem phenomeno algum que lhes seja particular, e que os que occasionam são essencialmente variaveis, inteiramente dependem das funcções do orgão affectado pela sua presença. Ha só um caso em que os echinoccocos se manifestam por um signal caracteristico; vem a ser quando formam um tumor proeminente debaixo da pelle, no qual o choque do dedo produz fluctuação com um ruido especial devido á collisão dos acephalocystos. Muitos d'estes tumores curam-se espontaneamente, quer porque os vermes cessam de se multiplicar, ou porque morrem deixando o kysto no estado estacionario ou de petrificação, quer porque o tumor despeja o seu conteudo n'uma cavidade vizinha, no intestino, nos bronchios, na bexiga, etc. Quando estes tumores não se curam de per si augmentam de dia em dia; cumpre, quando são accessiveis, extrahil-os com um instrumento, ou fazer a puncção para esvasiar o seu conteudo, e injectar a tintura de iodo.

ECLAMPSIA. *Veja-se* CONVULSÕES DAS PARTURIENTES.

ECTHYMA. Erupção na pelle de pustulas commummente grandes, proeminentes, duras, irregulares e mui rubras na base, pouco numerosas, distantes entre si, sem febre, seguidas de bostellas duras, grossas, denegridas, e tenazes, não contagiosas; situadas ordinariamente nas extremidades.

Na sua fórma mais simples e mais rara (*ecthyma agudo*), a molestia annuncia-se por dôres latejantes seguidas de grossas elevações discretas, rubras, conoides, duras, dolorosas, cujo volume varía desde o de uma pequena lentilha até ao de um grosso feijão. A sua base, de um vermelho vivo e animado, alarga-se, e ao mesmo tempo o seu apice torna-se mais proeminente, e apresenta um ponto purulento; as pustulas tem então a apparencia de pequenos frunchos, mas differem d'elles pela ausencia do carnegão. Dépois de estabelecida a suppuração, o apice apresenta muitas vezes um *ponto preto*, substituido mais tarde por uma *crosta* roxa, mui adherente á pelle, na qual está como engastada. As crostas separam-se passado um ou dois septenarios, e deixam após si nodoas de um vermelho livido, de meia pollegada de diametro, no centro das quaes se acha ordinariamente uma pequena cicatriz.

O *ecthyma chronico*, mais frequente, compõe-se de muitas erupções successivas de pustulas, que tem, desde a sua origem, côr vermelha-escura, e que seguem a marcha analoga á do ecthyma agudo, porém mais lenta. Ás vezes, nas pessoas idosas, convertem-se em pequenas ulcerações que se cicatrizam-se difficilmente.

Tratamento. No ecthyma agudo o tratamento consiste no uso de bebidas

diluentes, taes como agua de cevada, limonada de limão, de laranja, etc.; dos banhos tepidos, e do regimen composto sobretudo de vegetaes. Sobre as pustulas applicam-se cataplasmas de fecula, ceroto simples, ou emplasto de diachylão gommado. No ecthyma chronico convem associar ao mesmo tratamento o uso de cozimento de quina. Este cozimento prepara-se com 4 grammas de casca de quina e 180 grammas d'agua. Esta dóse é para um dia.

ECTROPION. Dá-se este nome á molestia em que uma ou as duas palpebras estão viradas para fóra. *Veja-se* PALPEBRAS.

ECZEMA. Affecção cutanea caracterizada por vesiculas miudas, acuminadas, comummente bastas, pouco inflammadas á roda da base, com ardor e picadas, e que terminam por excoriações superficiaes acompanhadas de exhalação serosa á qual succedem escamas e crostas. O eczema foi dividido em *agudo* e *chronico*.

Eczema agudo. O eczema agudo apresenta elle mesmo tres variedades principaes, que são : o *eczema simples*, o *eczema rubro*, e o *eczema salsuginoso*.

1° *Eczema simples*. Esta fórma apparece ordinariamente sem prodromos. Os doentes experimentam sómente um prurido mais ou menos incommodo sobre um ponto onde a pelle conserva a sua côr ordinaria, mas onde não tarda a distinguir-se grande numero de vesiculas mui pequenas, mui approximadas umas das outras, offerecendo um aspecto brilhante por causa da serosidade transparente que contém. Cumpre ás vezes empregar a lente para as poder distinguir. Logo o liquido turva-se e toma um aspecto lacteo. Ora fica absorvido, ora sahe depois de aberta a vesicula. No primeiro caso, apparece uma furfuração insensivel da epiderme; no segundo formam-se pequenas escamas que se separam e não deixam vestigio algum na pelle. O prurido é o unico symptoma que causa incommodo. Não ha perturbação na saude geral, salvo quando o eczema é mui extenso, quando, por exemplo, occupa quasi toda a superficie do corpo, como isto acontece ás vezes nas crianças pequenas. Existe então febre, agitação, insomnia, fastio. O eczema simples percorre as suas differentes phases em seis ou sete dias; mas como se formam geralmente muitas erupções successivas, segue-se d'isto que a molestia prolonga-se durante dois ou tres septenarios, e mesmo mais.

2° *Eczema rubro*. Esta fórma, mais intensa do que a precedente, apresenta de ordinario alguns prodromos. A pelle na qual se faz a erupção é séde de um calor, de comichão intensa e de vermelhidão mais ou menos viva; as vesiculas são excessivamente pequenas, as mais grossas tem só o volume da cabeça de um alfinete; perdem a sua transparencia no espaço de dois ou tres dias. Nos casos mais simples, o fluido lactescente fica absorvido; a epiderme exfolia-se, e a superficie da pelle conserva durante alguns dias uma côr avermelhada que desapparece pouco a pouco. Entretanto as mais das vezes as vesiculas rasgam-se; excoriações tem logar sobre a superficie inflammada; esta exhala um fluido seroso-purulento, o qual se coagula sob a fórma de laminas delgadas e molles, que cahem mais tarde e tornam a reproduzir-se. Em

geral, tambem, novas erupções vesiculosas se fazem ora sobre os logares vizinhos; a molestia termina então passados dois ou tres septenarios, ou passa ao estado chronico.

3° *Eczema salsuginoso.* N'esta variedade a inflammação é mais viva; a pelle, mui vermelha, fica entumecida; as vesiculas são confluentes e contém um liquido sero-purulento que se concreta promptamente, e forma, não laminas como no eczema rubro, porém crostas amarellas, humidas, molles, que, cahindo, deixam a nú uma superficie excoriada, da qual corre serosidade arroxeada. As escamas reformam-se facilmente; em geral, ha muitas erupções successivas. A medida que a molestia melhora, as escamas diminuem de espessura. O eczema salsuginoso cessa depois de 25 ou 30 dias, ou passa ao estado chronico.

O eczema rubro e sobretudo o eczema salsuginoso, quando extensos, são acompanhados de fastio, sède e de uma febre moderada.

Eczema chronico. Succede ás tres fórmas que acabei de descrever, mas sobretudo ás duas ultimas. A pelle torna-se luzente, de um vermelho vivo; e assemelha-se então com a pelle sobre a qual se fez applicação de um caustico. Ha tambem pontos mais vermelhos, onde ella está excoriada, rachada, como arranhada; um humor sero-purulento ou sero-sanguinolento banha-a sem cessar, e impregna a roupa, que se torna dura, como o faria a gomma. O liquido, concentrando-se, forma escamas humidas, amarelladas, espesas que cahem e se reproduzem logo depois. O doente queixa-se de uma comichão, que é ás vezes intoleravel, e que o obriga a esfolar a pelle : as superficies affectadas sangram então abundantemente, d'onde resulta um allivio passageiro. — A duração da molestia é indeterminada : póde persistir muitos mezes ou annos. Quando a cura tem logar, a supeficie affectada estreita-se pouco a pouco da circumferencia para o centro ; as escamas tornam-se pequenas, delgadas e menos humidas; cessa a exhalação serosa; emfim, a pelle, depois de ficar por algum tempo ainda lisa e avermelhada, recobra todas as suas propriedades; conserva entretanto para o resto da vida uma côr anormal.

Para completar o estudo do eczema, resta-me indicar as modificações particulares que a molestia apresenta, segundo os logares do corpo que invade.

Eczema do couro cabelludo. Quando o eczema occupa a cabeça, estende-se muitas vezes ao rosto. A comichão é mui viva, a secreção sero-purulenta ás vezes muito abundante. Esta exhala cheiro nauseabundo ; coagulando-se, forma escamas que adherem aos cabellos, e que, humidas a principio, tornam-se seccas depois, e cahem em laminas furfuraceas. Ás vezes não ha muito liquido : existem só laminas brancas e furfuraceas.

Eczema do rosto. Não ha parte alguma do corpo mais frequentemente affectada do eczema do que as orelhas. A tumefacção póde ser assaz consideravel para obstruir o conducto auditivo e tornar a audição difficil ou impossivel. O eczema do rosto chama-se mais particularmente *crosta lactea* ou *ozagre.*

Eczema dos orgãos genitaes. Observa-se n'um e n'outro sexo : produz ás vezes comichão intoleravel.

Prognostico. O eczema, sobretudo no estado agudo, é molestia benigna. Se é chronico, constitue uma affecção muito incommoda e de duração indeterminada.



Fig. 389. — Mascara de cautchuc vulcanizado contra o eczema.

Causas. As causas d'esta molestia são difficeis de apreciar. Ás vezes succede ás causas externas, puramente locaes, taes como attritos ; outras vezes sobrevem em consequencia de alguma impressão moral viva ; não parece ser contagiosa.

Tratamento. Quando o eczema é simples basta limitar-se aos cuidados de asseio, lavar a parte affectada com esponja molhada n'agua morna, e untar com coldcream, glycerina ou ceroto simples. Se o eczema fôr inflammado, cumpre applicar cataplasmas de fecula de batatas, de cenouras raspadas, mas não de farinha de linhaça, que não convem n'este caso. O uso das limonadas de limão, de laranja, o regimen composto principalmente de vegetaes e de fructas é util n'esta molestia. Se o eczema fôr rebelde, é necessario tomar um purgante e fazer unturas com um dos linimentos ou pomadas seguintes :

Linimento contra o eczema.

Oleo de amendoas doces	8 grammas.
Glycerina	8 —
Oxydo de zinco	4 —

Pomada camphorada.

Banha	24 grammas.
Camphora	8 —

Pomada antidartrosa.

Alumen	1 gramma.
Banha	32 —

Glycereo de borax.

Borax	8 grammas.
Glycerina	120 —

Linimento com oleo de cade.

Oleo de cade	4 grammas.
Glycerina	40 —

O tratamento é o mesmo qualquer que seja a região do corpo affectada do eczema. Ha entretanto, em alguns casos, precauções particulares a tomar. Assim quando a molestia occupa a orelha e é acompanhada de inchação do conducto auditivo, cumpre prevenir a occlusão d'esta abertura, pela introducção de tiras de panno de linho. Se o eczema invade a cabeça, póde ser necesario cortar o cabello para facilitar a applicação das pomadas.

Um bom meio para curar o eczema consiste em envolver a região affectada com panno de cautchuc vulcanizado (fig. 389). Resulta d'esta envoltura uma diminuição prompta dos phenomenos inflammatorios, a quéda das crostas, a substituição da secreção sero-purulenta por um suor abundante, e a cura da molestia. Póde-se acabar o curativo com a pomada seguinte : sub-azotato de bismutho 4 grammas, ceroto simples 30 grammas.

EDEMA. Synonymo de inchação. *Veja-se* INCHAÇÃO.

Edema da glotte. *Veja-se* GLOTTE.

Edema doloroso das parturientes. *Veja-se* INCHAÇÃO.

Edema dos recem-nascidos. *Veja-se* SCLEREMA.

EJACULADORES (CANAES). Dá-se este nome a dous pequenos canaes mui curtos, pelos quaes o esperme que se acha nos vesiculos seminaes passa para a urethra na occasião em que o individuo ejacula. Elaborado pelo testiculo o esperme se ajunta nas vesiculas seminaes, de onde sahe durante o orgasmo venereo. Os canaes ejaculadores vêm ter na parte mais afastada da uretha, perto da bexiga, de cada lado de uma peqnena proeminencia denominada verumontano.

ELATERIO ou PEPINO DE S. GREGORIO. *Momordica elaterium*, Linneo, Cucurbitaceas. Planta commum em Portugal. Caules rasteiros, do comprimento de 100 a 130 centimetros; cobertos, assim como toda a planta, de pellos asperos; rudes; folhas pecioladas, cordiformes, crenuladas, ás vezes algum tanto lobadas; fructos elipticos, cheios de aculeos verdes a principio, loiros quando maduros. O fructo abre-se pela separação do pedunculo, e esguicha então com força, e com uma especie de explosão, as sementes acompanhadas de um succo mucilaginoso. Com o succo espresso d'este fructo prepara-se o extracto, chamado *elatorio*, que é um purgante energico, na dóse de 6 a 12 milligrammas. Raras vezes é preciso elevar a dóse a 5 centigrammas.

Existe um outro *elaterio* que é o succo que se encontra no fructo do *Ecballium elaterium*, planta que pertence á mesma familia das cucurbitaceas. Esta substancia cujo gosto é amargo e a côr amarellada, contem um principio activo que é a *elaterina;* alcaloide quasi completamente

insoluvel e purgante muito energico e que substitue certos drasticos. Este alcaloide deve ser administrado com cautella porque administrado em dóses um pouco fortes, as suas propriedades são muito irritantes. Administra-se o elaterio na dóse de 1 a 2 centigrammas. A elaterina, que é muito mais forte, não deve ser administrada em dóse maior de 4 a 5 milligrammas. Este purgante tem o inconveniente de causar quasi sempre dôres de estomago e vomitos.

ELECTRICIDADE. A electricidade é a propriedade que tem certos corpos, quando, são esfregados, aquecidos ou simplesmente postos em contacto com outros, de attrahir primeiramente e depois repellir os corpos leves, de lançar faiscas, e de fazer experimentar ao systema nervoso commoções mais ou menos fortes. O ambar amarello (*eletron* em lingua grega) foi a primeira substancia em que mui antigamente foram observados esses phenomenos; mas notam-se tambem no vidro, enxofre, resinas e outros corpos. Para fazer esta experiencia, esfrega-se com um panno de lã um tubo de vidro : ou um páo de lacre; que não é mais do que resina corada de vermelho pelo vermelhão, aproximando depois esse páo ou esse tubo a corpos leves, taes como folhetas de ouro, barbas de penna ou pedacinhos de papel, todos esses corpos são immediatamente attrahidos (fig. 390).

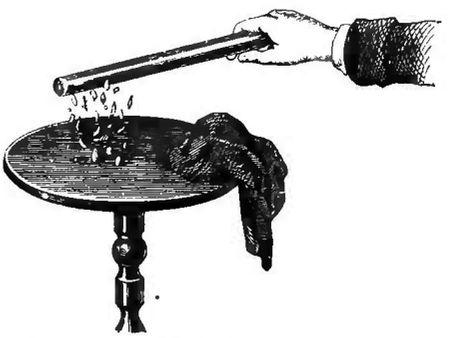


Fig. 390. — Páo de lacre electrizado.

Fontes da electricidade. As causas que desenvolvem a electricidade são tão numerosas e podem dividir-se em fontes mecanicas, physicas e chimicas.

As *fontes mecanicas* são a fricção, a pressão e a separação das moleculas. Por exemplo, quando alguem quebra um pedaço de assucar na escuridade, nota-se um fraco lume que é devido á electrecidade desenvolvida no momento da separação das moleculas.

As *fontes physicas* são as variações da temperatura. Verificam-se-lhe os effeitos em alguns mineraes, e principalmente na tormalina e no topazio, que manifestam propriedades electricas pelo calor ou resfriamento.

Emfim, as *fontes chimicas* são as combinações e as decomposições dos corpos. Por exemplo, os metaes, como o zinco, o ferro, o cobre, mergulhados em algum acido, são atacados por elle, unindo-se-lhe para formar saes. Ora, durante essas combinações, desenvolvem-se quantidades consideraveis de electricidade; e acontece o mesmo nas decomposições chimicas; isto é, na separação dos elementos dos corpos.

As duas mais poderosas fontes da electricidade são a fricção e as acções chimicas.

Maquina electrica (fig. 391). A maquina electrica é o apparelho que serve para desenvolver pelo attrito uma abundante porção de elec-

tricidade. Foi inventada, ha mais de 200 annos, por Otto de Guéricke.

A peça principal d'esta maquina é a *roda* de vidro P P de um metro de diametro, e mesmo mais, nas maquinas fortes. Esta roda é fixa a um eixo horizontal, que se faz gyrar por meio de uma manivella. Este mesmo eixo é sostido por dois esteios de páo, munidos de quatro almofodas ou *esfregadores*, duas na parte superior e duas na inferior. As almofadas são de couro estofadas com clina; e é o seu attrito contra a roda que a electriza sobre os seus dois lados. Emfim a mesma mesa que sustem a roda, igualmente sustem dois longos cylindros de latão AA, a que se dá

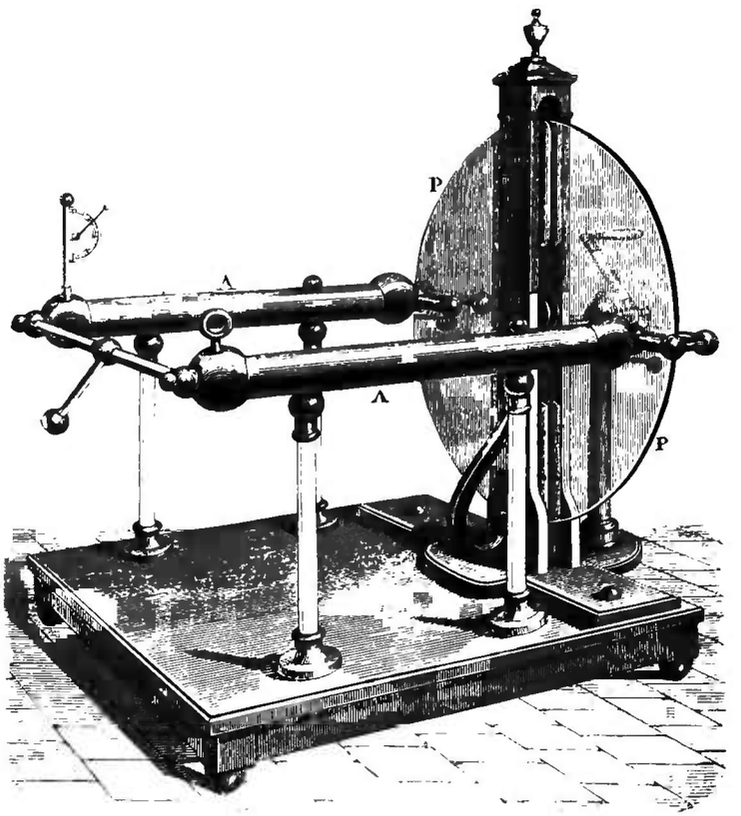


Fig. 391. — Maquina electrica.

o nome de *conductores*. Estes, que são isolados sobre quatro pés de vidro, acham-se reunidos entre si por um tubo de latão, nas suas extremidades oppostas á roda, ao mesmo tempo que as extremidades vizinhas d'esta se terminam cada uma por *pentes* ou *queixos*. Dá-se este nome a quatro tubos de cobre, dispostos dois a dois, de maneira que abarcam as bordas oppostas da roda seguindo um mesmo diametro horizontal. Estes pentes são assim chamados, porque do lado em que faceam o vidro são armados de uma serie de pequenas pontas, destinadas a dar esgoto á electricidade, como abaixo se verá.

Conhecidas estas particularidades, eis como a maquina electrica dá origem a um grande desenvolvimento de fluido positivo : quando se

imprime á roda o movimento rapido de rotação, esta electriza-se positivamente pelo attrito, ao mesmo tempo que as almofadas se electrizam negativamente. Ora, emquanto a electricidade negativa d'estas ultimas se

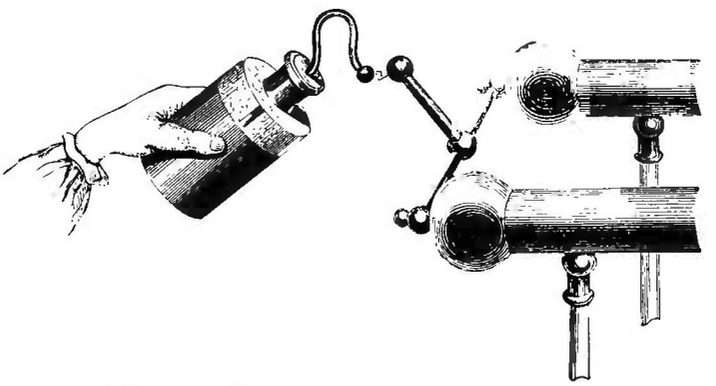


Fig. 392. — Carregação da garrafa de Leyde

dissipa, descendo pelos espeques de páo, a electricidade positiva da roda, que não tem podido libertar-se, fica sobre o vidro; ahi, actuando por influencia sobre os pentes e sobre os conductores, decompõe-lhes o

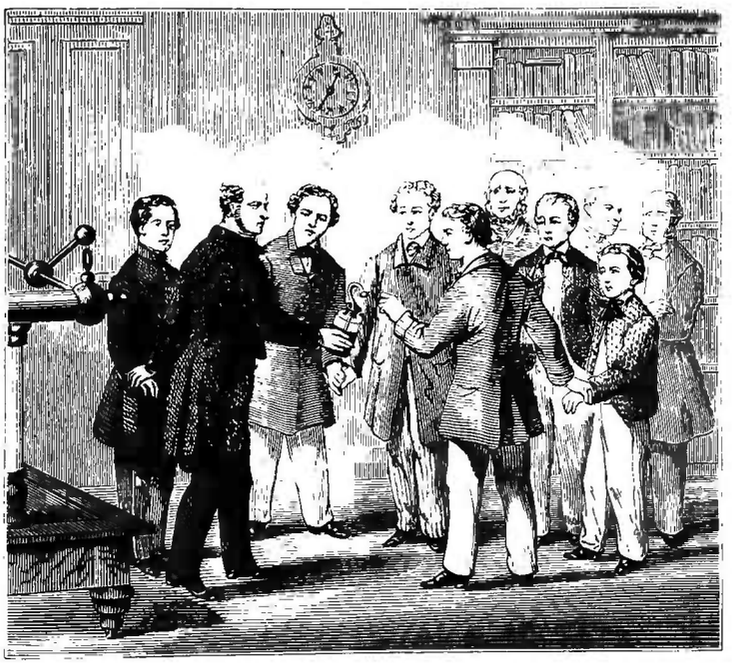


Fig. 393. — Commoção da garrafa de Leyde.

fluido natural, e subtrahe o fluido nagativo, que se escoa pelas pontas dos pentes e vai neutralizar o fluido positivo do vidro. Os conductores, perdendo assim a sua electricidade negativa, tornam-se uma origem poderosa de electricidade positiva emquanto a roda vira.

Garrafa de Leyde (fig. 393). Instrumento que serve para accu-

mular a electricidade : foi inventada por um physico da cidade de Leyde. É um bocal de vidro delgado, cheio de folhas de ouro ou de cobre batido, que se tem o cuidado de deixar cahir simplesmente umas sobre as outras, sem as amontoar, afim de apresentarem maior superficie. Sobre a parede exterior está collada uma folha de estanho que forra tambem o fundo, mas deixa o vidro a nú até uma grande distancia do gargalo. Emfim, ha n'este uma rolha de cortiça atravessada por uma haste recurvada no exterior em fórma de gancho e terminada por uma pequena bola, chamada *botão :* no interior, esta haste prolonga-se atravéz das folhas de metal que enchem a garrafa. Para carregar de electricidade, segura-se com a mão a garrafa, como representa a fig. 392, e approxima-se o gancho de uma maquina electrica em actividade. O fluido positivo d'esta accumula-se então na garrafa, obra por influencia, atravéz das suas paredes, sobre a folha de estanho e sobre a mão para attrahir a ellas uma grande quantidade de fluido negativo.

Estando a garrafa carregada de electricidade, póde descarregar-se, segurando-a com a mão pela armadura exterior, e tocando com a outra mão o botão; o corpo serve de conductor, a garrafa descarrega-se instantaneamente, e recebe-se uma forte commoção; seria perigoso expôr-se a ella no caso de uma forte carga.

A commoção da garrafa de Leyde póde ser dada simultaneamente a um grande numero de pessoas. Para isto devem ellas *fazer uma cadeia;* isto é, dar-se todas a mão, como representa a fig. 393; depois a pessoa que se acha n'um dos extremos da cadeia, segura com a mão n'uma garrafa carregada, e a que está no outro extremo vem tocar o botão da garrafa. No mesmo instante todos recebem a descarga com a mesma intensidade. O abbade Nollet deo assim, em presença de Luiz XV, commoção a um regimento inteiro. A electricidade percorre 170 kilometros por segundo.

Pilha de Volta. Apparelho inventado por Volta que serve para desenvolver uma corrente electrica pelo contacto de certos metaes ou outros corpos experimentando uma acção chimica. A pilha mais simples compõe-se de discos de cobre e zinco sobrepostos, e separados por uma rodella de panno molhado com agua acidulada, como mostra a fig. 394. A reunião de um zinco e de um cobre forma um *par;* na figura abaixo ha vinte pares sobrepostos, separados uns dos outros por meio de rodellas de panno e dispostos todos na mesma ordem, de maneira que uma das extremidades do apparelho termina por um disco de zinco e a outra por um disco de cobre. Assim disposto, o apparelho de Volta é conhecido debaixo do nome de *pilha em columna.* Depois da sua invenção, elle tem sido modificado de muitas maneiras, mas o nome geral de *pilha* tem sido conservado para todos os apparelhos do mesmo genero.

As duas extremidades da pilha chamam-se *pólos.* O pólo que corresponde a um zinco, é o *pólo positivo*, e o outro que corresponde a um cobre, é o pólo negativo. Chamam-se *electrodes* dois fios de cobre presos, respectivamente a cada pólo, e destinados a fazêl-os communicar entre si, como se vê na fig. 394.

Emquanto os pólos não communicam entre si, a pilha não apresenta phenomeno algum particular. Mas approximem-se os dois electrodes, um do outro, de maneira que quasi se toquem, e ver-se-ha saltar de um fio a outro uma pequena faisca devida á recomposição das electricidades contrarias dos dois pólos. Ora, aqui, a pilha não se acha descarregada, como estaria em igual caso a garrafa de Leyde; e com effeito, vê-se uma segunda faisca succeder á primeira, depois uma terceira á segunda, e assim successivamente, emquanto os fios de cobre se acharem vizinhos e a pilha em actividade. Esta sequencia de faiscas faz ver que



Fig. 394. — Pilha de Volta.

á medida que as duas electricidades dos pólos se reunem pelos fios, uma nova decomposição de electricidade natural se reproduz na pilha, e alimenta sem interrupção o pólo zinco de fluido positivo e o pólo cobre de fluido negativo. Se, em logar de deixar um intervallo entre os dois fios de cobre, elles forem postos em contacto, desapparece toda a faisca, mas a recomposição das electricidades contrarias, nem por isso deixa de continuar pelos fios, em que se opéra de um pólo a outro uma circulação não interrompida de electricidade. Esta circulação contínua do fluido electrico recebeo o nome de corrente. Toda a electricidade que se desenvolve na pilha descripta acima, assim como nas outras especies de pilhas, é devida á acção chimica da agua acidulada sobre o zinco de cada par.

Pilha de carvão. A pilha de Volta tem passado por numerosas modificações, e o aparelho d'este genero mais em uso hoje é a pilha de Bunsen. É conhecida com o nome de *pilha de carvão*, e foi inventada, haverá trinta annos, por Bunsen, physico de Berlim. Cada par d'esta pilha compõe-se de quatro peças : 1° um vaso de louça F (fig. 395),

contendo agua acidulada com acido sulfurico ; 2° um cylindro de zinco Z, ao qual está soldada uma longa lamina de cobre vermelho ; 3° um vaso V de barro mal cozido, o qual é muito poroso e permeavel aos liquidos ; este enche-se de acido azotico ; 4° emfim, um cylindro de carvão de

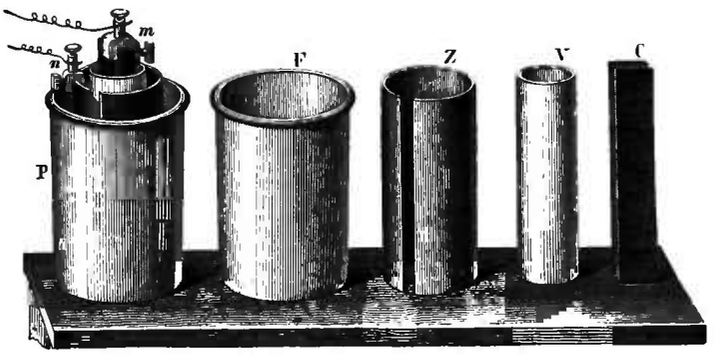


Fig. 395 — Pilha de carvão.

coke C, mui calcinado e bom conductor da electricidade. Na sua parte superior este carvão tem um buraco em que se mette um pequeno cylindro de cobre vermelho, ao qual está soldada uma lamina do mesmo metal.

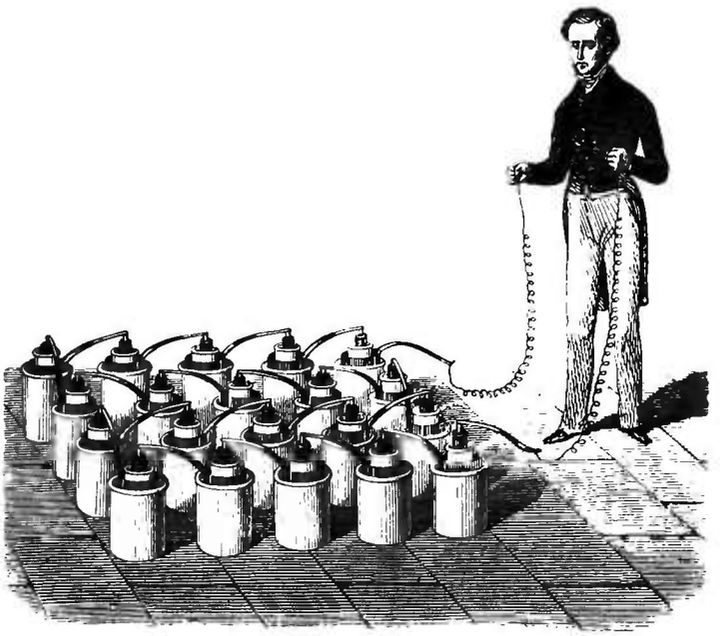


Fig. 396. — Commoção da pilha.

Quando se quer fazer funccionar a pilha, mette-se primeiro no vaso de louça o cylindro de zinco, depois, n'este o vaso poroso, e emfim, o carvão, como se vê em P, sobre a esquerda do desenho. N'esta pilha ha dobrada acção chimica, uma devida á decomposição da agua pelo acido sulfurico e pelo zinco, com a formação de um sal chamado

sulfato de zinco; a outra produzida pelo hydrogeneo que, desprendendo-se pela decomposição da agua, se encaminha atravéz do vaso poroso para o acido azotico e o decompõe. D'este duplo effeito resultam duas correntes no mesmo sentido, cujas intensidades se ajuntam, e cuja direcção é tal, que ao carvão corresponde o pólo positivo e ao zinco o pólo negativo.

Para obter effeitos energicos, reunem-se muitos pares, como mostra a fig. 396, tendo o cuidado em que a lamina de cobre, soldada ao zinco de cada par, vá adaptar-se ao carvão do par seguinte, sempre na mesma ordem. O numero de pares que se reunem assim para formar uma *bateria voltaica* varía com os effeitos que se querem obter; tem sido elevado até 800, e póde ainda passar muito além.

Effeitos da pilha. — *Effeitos physiologicos.* Os effeitos das correntes electricas dividem-se em effeitos physiologicos, calorificos, luminosos, chimicos e magneticos. Todos são devidos á recombinação das electricidades contrarias, da mesma sorte que os effeitos da maquina electrica, mas elles são muito mais notaveis e muito mais energicos, por causa da continuidade de sua acção.

Os effeitos physiologicos consistem em abalos e contracções violentas que a corrente imprime aos musculos, não sómente dos animaes vivos, mas dos mortos. Quando não se toca senão um dos pólos da pilha, não se resente abalo algum; mas se se tocam os dois pólos, ou se alguem toma nas mãos os dois electrodes (fig. 396), resente-se uma commoção analoga á da garrafa de Leyde; com esta differença, que esta ultima não dá mais que um abalo, e que se alguem o quizer renovar, tem de carregar novamente a garrafa, a pilha, pelo contrario, forma commoções que se repetem sem cessar. Este phenomeno explica-se pela continuidade da acção chimica na pilha, que reproduz constantemente nova electricidade livre em cada pólo, para substituir a que se recombinou pelos electrodes e o corpo do experimentador.

Electricidade por inducção. Em physica, chama-se *inducção* o poder que tem uma corrente electrica de excitar instantaneamente nos corpos susceptiveis de serem electrizados correntes electricas, que se chamam *correntes de inducção*. A experiencia tem provado que as correntes de inducção possuem todas as propriedades das correntes das pilhas; pois como ellas, produzem faiscas, commoções musculares violentas, decompõem a agua e os saes, e actuam sobre a agulha magnetica.

A electricidade de inducção tem hoje muitas applicações na medicina. Existem para este fim varios apparelhos que se dispõem ordinariamente debaixo da fórma de carreteis. Este apparelho compõe-se de um cylindro de papelão em que se enrola um fio de cobre um tanto grosso, dando pouco mais ou menos trezentas voltas. Por cima enrola-se um fio mais delgado, que dá alguns milhares de voltas. Estes fios, além de serem cuidadadosamente revestidos de seda, são tambem cobertos com um verniz de gomma-lacca destinado a isolal-os um do outro. Duas pequenas lindas de cobre, postas á esquerda sobre a pran-

cheta que sostem o carretel, estão em communicação com os pólos de uma pilha. Da linda mais á esquerda sahe uma lamina de cobre, que se dirige a uma pequena roda denteada, movida por um pequeno maquinismo de relojoaria e em communicação com uma das extremidades do fio grosso do carretel. O outro extremo do mesmo fio prolonga-se sobre a prancheta até á segunda linda. Emfim, sobre a direita estão duas outras lindas a que vão ter as duas extremidades do fio exterior ou mais delgado, e das mesmas lindas partem dois outros fios que representam os prolongamentos do fio induzido. Para se obterem commoções, terminam-se estes dois ultimos fios por cylindros de cobre, que se tomam nas mãos.

A corrente estabelecida no fio mais grosso chama-se *corrente inductora*, e a que se estabelece no fio mais fino *corrente induzida*.

Não chegando a corrente da pilha ao fio grosso do carretel, senão depois de ter passado pelo maquinismo de relojoaria, d'ahi resulta que todas as vezes que a pequena lamina elastica que se apoia sobre a roda denteada toca um dos seus dentes, a corrente passa; mas que todas as vezes que a lamina salta de um dente ao seguinte, a corrente é interrompida. Ella não passa, portanto, senão com intermittencias, para o fio grosso, e são essas intermittencias que dão origem a correntes de inducção, alternativamente de sentido contrario no fio fino que se conserva na mão.

As commoções dadas por estas correntes não são iguaes : a corrente induzida que se produz no instante em que a corrente inductora se estabelece, não dá senão commoções quasi nullas, emquanto que as que se produzem a cada ruptura da corrente inductora são extremamente fortes. Graduam-se estas commoções por meio de pequenas varetas de ferro doce que se introduzem progressivamente no interior do carretel. Estas varetas, electrizando-se e deselectrizando-se constantemente, em consequencia das intermittencias da corrente inductora, actuam por sua vez por inducção sobre a corrente induzida, e augmentam muito a intensidade das commoções no momento da ruptura da corrente inductora.



Fig. 397. — Electro-iman.

Electro-iman. Os *electro-imans* são imans extremamente poderosos, que se obtem, como o seu nome indica, por meio da electridade. Compõem-se de uma barra cylindrica de ferro doce, curvada em fórma de ferradura (fig. 397), em cada lado da qual se enrola muitas vezes um fio de cobre coberto de seda, de maneira que formem dois grossos rolos ou carreteis, mas cujo enrolamento foi feito em sentido contrario. Logo que uma corrente um pouco energica passa pelo fio, o ferro se magnetiza e torna-se em iman mui poderoso; mas logo que a corrente se acha interrompida, todo o signal de magnetização desapparece.

A força dos electro-imans depende das suas dimensões, do numero

de voltas do fio e da energia da corrente. Não é preciso um electro-iman extremamente forte para suspender uma pessoa; tem-se construido electro-imans que podem com quatorze ou quinze pessoas, e ainda se poderiam construir outros de muito maior força. Estes apparelhos tem importantes applicações nos telegraphos, relogios e motores electricos.

Applicação da electricidade ao tratamento das molestia. Immediatamente depois da invenção da maquina electrica, tentou-se empregar a electricidade para o tratamento de certas molestias. Começou-se por tirar faiscas do corpo dos doentes, approximando-os do conductor de uma maquina electrica em actividade; mais tarde, isoláram-se os doentes sobre o tamborete com pés de vidro; e postos em communicação com a maquina, eram esfregados com escovas formadas de numerosos fios de metal, afim de multiplicar as faiscas. Chegou-se assim, senão a curar, ao menos a melhorar o estado de alguns doentes, sobretudo nos casos de paralysia; comtudo, o uso medicinal da electricidade estava pouco mais ou menos abandonado, quando se pensou em utilizal-a na fórma de correntes voltaicas e depois na de correntes de inducção; modo debaixo do qual ella se acha hoje muito em voga.

Os primeiros ensaios de applicação da electricidade galvanica á therapeutica foram devidos a Humboldt, que fez a esse respeito, desde o fim de ultimo seculo, numerosas experiencias em si mesmo e nos animaes. Entre outras experiencias, conta elle que tendo esperado que um pintaroxo estivesse perto de morrer, e quando estava já estendido de costas sem movimento e completamente insensivel á picada de uma agulha, elle poz-lhe uma pequena lamina de zinco entre o bico e um fio de prata no recto. « Qual não foi a minha admiração escreve elle, quando no momento do contacto o passaro abrio os olhos, pôz-se em pé e bateo as azas! Respirou ainda durante seis ou oito minutos e morreo depois tranquillamente. »

Esta e muitas outras experiencias servem para mostrar a poderosa acção da electricidade sobre a economia animal. Tem-se experimentado pouco este agente debaixo da fórma de corrente contínua, como fez Humboldt na experiencia citada, mas pelo contrario muitas vezes como corrente interrompida, applicando-se assim com auxilio da maquina de inducção. Estas maquinas são de duas especies : umas funccionam sem pilha, e a corrente ahi se desenvolve pela inducção de uma forte barra magnetizada, que gyra diante de dois novellos de fio de cobre recoberto de seda e enrolado em um cylindro de ferro doce com feitio de ferradura, á maneira dos electro-imans. O ferro, magnetizando-se e desmagnetizando-se a cada gyro da barra, actua por inducção sobre o fio dos embrulhos e ahi desenvolve uma corrente induzida do sentido contrario. Nas outras maquinas de inducção, a corrente inductora é devida a uma pilha de carvão, como uma que acima ficou descripta (fig. 395).

A figura 398 representa uma maquina d'esta especie, imaginada pelo Dr. Duchenne e empregada por elle na sua pratica em Pariz. Compõe-se esta maquina de uma pequena caixa de páo, sobre a qual está fixo um cylindro de cobre que encerra um rolo ou carretel com dois fios. Na caixa

ha uma gaveta de zinco em que se encontra uma pequena camada d'agua salgada, e n'essa solução mergulha uma chapa de carvão de coke bem calcinada e impregnada de acido azotico; isto é, que o todo representa um par da pilha de Bunsen levemente modificada. Duas laminas de cobre, communicando, uma com o zinco e a outra com o carvão, conduzem a corrente ao fio grosso do carretel, mais depois de ter este passado por um interruptor, produzindo mesmo effeito que o mechanismo de relojoaria no apparelho da electricidade por inducção. Este interruptor consiste n'uma pequena lamina de ferro doce, que é attrahida por um electro-



Fig. 398. — Applicação da electricidade na paralysia do braço.

iman collocado no centro do carretel. Esta lamina sendo attrahida todas as vezes que a corrente passa, a interrompe immediatamente. Quanto ao fio induzido, elle sahe do apparelho e vem pelos seus dois extremos adaptar-se a dois copinhos de cobre providos de cabos de vidro, que o operador segura na mão. Estes copinhos são ôcos e guarnecidos, na sua parte inferior, de esponjas humedecidas com agua salgada, ou com agua simples, segundo se quizer estabelecer mais ou menos intimamente a conductibilidade da corrente sobre as partes em contacto com essas esponjas. O desenho mostra de que maneira se procede para fazer passar assim a corrente a um membro affectado de paralysia.

Existem outros apparelhos, que cumpre mencionar e que são os seguintes :

Pilha de Chardin (fig. 399). Este apparelho dá a corrente continua sem nenhuma modificação ; sua força depende do numero dos elementos. Cada elemento compõe-se de um cartucho de papel passento (papel-filtro), e panno de linho, servindo de involucro ao zinco, o qual se acha no meio de certa quantidade de enxofre sublimado, e constitue o pólo negativo. O pólo positivo, o cobre, se acha, sob a forma de arame

rigido, fixo contra a parte exterior do cartucho. Tudo está collocado n'um frasco contendo sulfato de cobre; a addição d'agua ordinaria basta para produzir a reacção chimica e a corrente. Esta toma-se em em certo numero de cabos exteriores, cujo valor, em numero de elementos, está marcado n'uma chapa. Este apparelho póde funccionar durante dois annos sem nenhum concerto. O concerto consiste em sub-

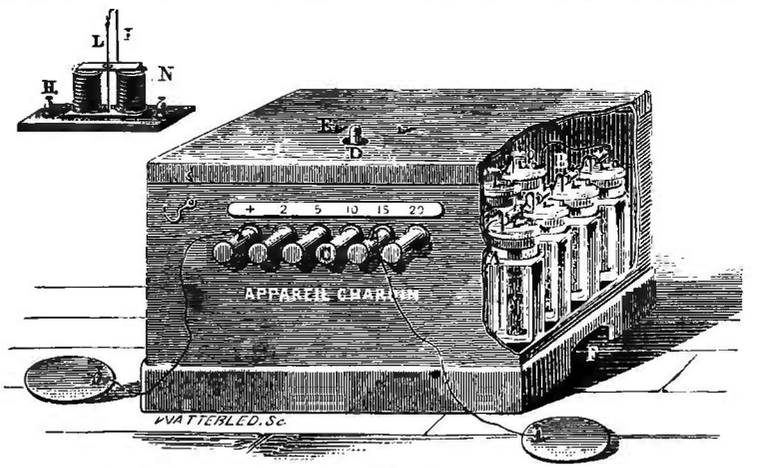


Fig. 399. — Pilha de Chardin, de corrente contínua.

stituir o cartucho interior por um novo cartucho. É adoptado nos hospitaes. Para o uso medico, não se deve tomar apparelho que contenha mais de 20 elementos. O galvonometro, figurado ao lado do apparelho; serve para indicar quando o apparelho funcciona; e a força da corrente.

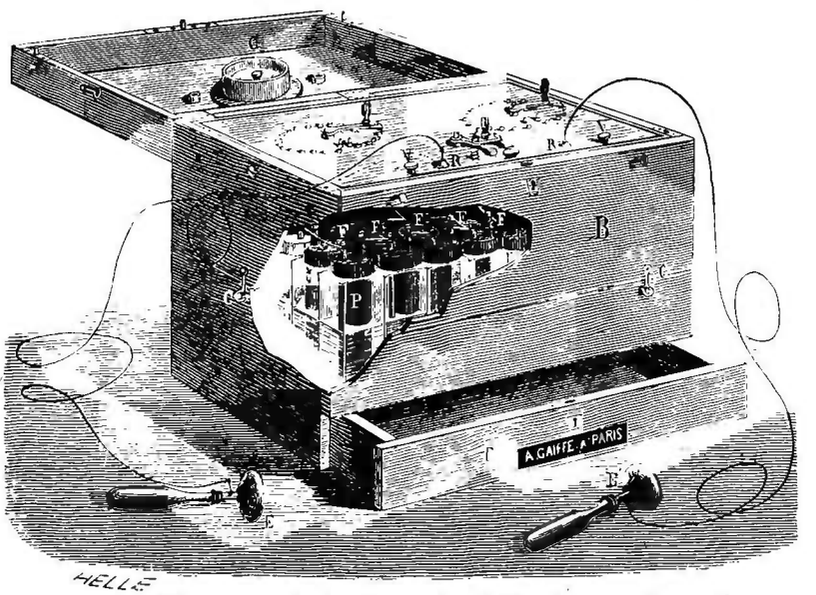


Fig. 400. — Pilha ou bateria de Clamond e Gaiffe, de corrente contínua.

Pilha ou Bateria de Clamond e Gaiffe (fig. 400). Compõe-se de 24, 36, 48 ou 60 pares. — B, caixa contendo os pares, fechada

na parte superior pela taboa do collector. — P. pares da pilha. — F, F, F, fios que unem os pares ao collector. — T, gaveta contendo os excitadores. — C, C, ganchos que juntam a parte inferior da caixa com a parte superior; as quaes podem separar-se completamente, para que se possa examinar os pares e dar-lhes os cuidados necessarios, — E, E', excitadores. — R, R' peças furadas que deixam passar a corrente electrica, e nas quaes se inserem os fios conductores. — V. V, ferrolhos que fixam a toboa do collector. — G. galvano-metro.

Cada par é constituido: 1° por um cylindro de carvão poroso tendo muitos furos parallelos ao seu eixo; 2° por uma vara de zinco amalgamado; 3° por um vaso exterior. Porcas de parafuso servem para fixar os fios conductores. Carrega-se o par, enchendo as cavidades do carvão com pedaços de oxydo de manganez do tamanho de um grão de trigo, depois introduz-se no vaso exterior até ao collo, uma solução aquosa de chlorureto de zinco. Quando o liquido penetrou em todas as partes dos pares, a pilha funcciona logo que se fecha o circuito.

Pilha de corrente continua de Ruhmkorff e Duchenne (fig. 401). Contém 42 elementos, compostos cada um de um

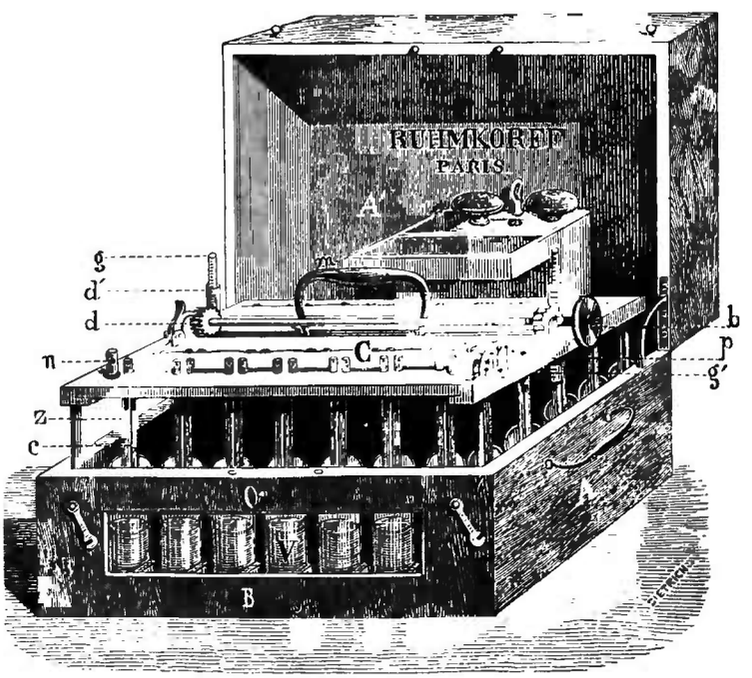


Fig. 401. — Pilha de Ruhmkorff e Duchenne, de corrente contínua.

zinco e de um carvão, que se mergulham na dissolução mui fraca de bisulfato de mercurio. Uma disposição mui engenhosa permitte modificar á vontade a quantidade e a tensão da electricidade produzida. No primeiro caso, conservando sempre o numero dos elementos que dá a tensão conveniente, levanta-se ou abaixa-se cada um delles na solução de bisulfato, de modo a diminuir ou a augmentar a superficie atacada.

Este primeiro effeito obtem-se fazendo mover o botão *b*. No segundo caso, estando regrada a immersão dos elementos de modo a fornecer a quantidade de electricidade conveniente, intercepta-se á vontade certo numero d'elles desde 1 até 42; fazendo mover o cursor *g*. A tensão da corrente acha-se d'esta maneira modificada, sem nenhuma interrupção no seu andamento. Este duplo effetto, que permitte graduar a pilha em quantidade e em tensão, torna-a mui preciosa nas applicações medicas.

Effeitos das pilhas. Os effeitos das correntes electricas dividem-se em effeitos physiologicos, calorificos, luminosos, chimicos e magneticos. Os effeitos physiologicos, de que me occuparei exclusivamente n'este livro, consistem em abalos e contracções violentas, que a corrente electrica imprime aos musculos. Quando não se toca n'um dos pólos da pilha, não se sente abalo algum, mas quando se tocam ao mesmo tempo os dois electrodes, sente-se uma commoção continua. A commoção é tanto mais intensa, quanto mais numerosos são os pares. Com uma pilha de 30 pares, do pequeno modelo, a commoção é forte; com 100 pares é insupportavel, e seria perigoso prolongal-a.

Electricidade por inducção ou **por influencia,** chamada tambem *faradismo*, do nome do physico inglez Faraday, que foi o primeiro que a fez conhecer em 1832. Chamam-se *correntes de inducção* as correntes instantaneas que se desenvolvem nos conductores metallicos, sob a influencia das correntes electricas, e tambem debaixo da influencia dos magnetes ou imans poderosos.

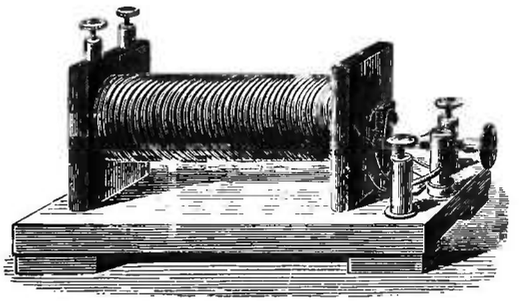


Fig. 402. — Carretel de Ruhmkorff.

Verifica-se *a inducção produzida pela corrente electrica* por meio de um *carretel* de dois fios (fig. 402). Dá-se este nome a um cylindro de papelão, ou de outra substancia, em que se enrola um fio de cobre algum tanto grosso, dando pouco mais ou menos trezentas voltas. Por cima d'este fio enrola-se outro fio mais delgado, que dá alguns milhares de voltas. Estes fios, além de serem cuidadosamente revestidos de seda, são tambem cobertos com um verniz de gomma-laca destinado a insolal-os um do outro. Quando se põem em communicação as duas pontas do fio grosso com uma pilha, desenvolve-se na espiral do fio mais delgado uma corrente electrica. A corrente estabelecida da pilha ao fio mais fino chama-se *corrente inductora;* e aquella que se estabelece no fio mais fino, *corrente induzida.* A experiencia tem provado que as correntes de inducção possuem todas as propriedades das correntes das pilhas; pois como ellas, produzem faiscas, commoções musculares violentas, decompõem a agua e os saes, e actuam sobre a agulha magnetica. A lei que rege estes phenomenos é a seguinte : 1° No momento em que principia a *corrente inductora*, produz-se no fio, com

que communica o fio d'aquella, uma *corrente induzida* de nome opposto; 2° em quanto dura a corrente inductora não se manifesta phenomeno algum no segundo fio; 3° no fim, quando cessa a *corrente inductora*, estabelece-se no fio vizinho uma *corrente induzida*, cujo nome é então o mesmo que o da *corrente inductora*.

Produz-se *a inducção por um magnete*, formando dois carreteis em roda de um magnete em fórma de ferradura, e fazendo passar com rapidez uma chapa de ferro doce diante dos pólos do magnete; o ferro doce, magnetizado por influencia, actua sobre o magnete, e produz, no fio, correntes idduzidas, successivamente contrarias.

A electricidade de inducção, produzida tanto por uma corrente electrica como por um magnete, é muito empregada hoje no tratamento das molestias. Existem para este fim varios apparelhos de duas especies, cuja parte fundamental consta, em uns, de uma pilha, e dois fios de cobre enrolados n'um carretel; e em outros, de um magnete em fórma de ferradura e de um fio de cobre enrolado em volta das duas pernas d'este magnete. Os apparelhos da primeira especie chamam-se *electro-magneticos*, *volta-electricos* ou *volta-faradicos*, do nome de Volta, inventor da primeira pilha, e de Faraday, inventor da electricidade de inducção: e os da outra especie, *magneto-electricos* ou *magneto-faradicos*. Pelo effeito de um mecanismo particular, a corrente electrica de todos estes apparelhos é essencialmente intermittente; condição esta indispensavel para a producção dos phenomenos de inducção.

Apparelhos electro-magneticos. Os apparelhos d'este genero, mais usados em França, são os de Chardin, de Ruhmkorff e de Gaiffe. Vão representados nas (fig. 403, 404 e 405). Não é possivel descrever circumstanciadamente n'esta obra todos estes apparelhos. Cada fabricante, ao vender o apparelho, entrega uma indicação impressa sobre a maneira de se servir d'elle. Todos estes apparelhos offerecem a mesma disposição fundamental. Compõem-se de uma pilha destinada a fornecer a corrente inductora, e de um carretel de inducção armado de um instrumento interruptor. Na sua construcção entram muitos objectos: 1° uma pilha; 2° um carretel de papelão, de madeira, ou de cautchuc, ôco no interior, e sobre o qual está enrolado um fio de cobre (fio inductor), revestido de seda para se achar isolado de si mesmo, e formando de tres a cinco camadas de espiraes em toda a extensão do carretel; 3° um feixe de *ferro doce* collocado na cavidade do carretel; 4° um *tremulador* ou *vibrador;* 5° um *graduador*, cylindro de cobre ôco, do comprimento do feixe de ferro, e que cobre este feixe de maneira a deixal-o mais ou menos em contacto com o carretel segundo e mais ou menos puxado para fóra, ou mettido para dentro; 6° um outro fio de latão mais delgado, e tambem revestido de seda, que forma cinco a seis camadas de espiraes por cima do primeiro; chamam-lhe *fio induzido*. Tudo se acha contido n'uma caixa.

Eis-aqui, em resumo, o modo por que funccionam os apparelhos de inducção.

O fio positivo da pilha ou pólo positivo está posto em communicação

com uma das extremidades do fio grssso (fio inductor) do carretel, outra extremidade d'este fio inductor termina no interruptor (*tremulador* ou *vibrador*), isto é, n'uma lamina de cobre delgada, flexivel, collocada entre o pólo positivo do apparelho, representado pela extremidade terminal do fio inductor, e o pólo negativo representado por um quicio ao qual chega o fio ou o pólo negativo da pilha; um parafuso adaptado a este quicio, ou ao proprio tremulador permitte, segundo se aperta ou se relaxa, activar ou afrouxar as intermittencias, diminuindo ou augmentando o espaço que separa os dois pólos, que o tremulador deve tocar alternativamente. Quando a pilha funcciona, os fios inductores e induzidos, bem como a parte do corpo humano a que se applicam, fazem um circulo completo e fechado, que se interrompe de momento a momento. O contacto do tremulador com o pólo negativo fecha o circulo. Logo que o circulo está fechado, o ferro doce que se acha no carretel magnetiza-se instantaneamente sob a influencia da corrente da pilha que percorre o fio inductor; mas o ferro magnetizado attrahindo logo a si o tremulador, abre o circulo, e ao mesmo tempo o ferro perde a propriedade magnetica. Mas sendo logo attrahido o tremulador para o pólo negativo, o circulo torna a fechar-se e o ferro magnetiza-se de novo; e este ferro attrahindo de novo a si o tremulador, faz com que o circulo se abra e o ferro perca a sua propriedade magnetica; e assim successivamente. Estas idas e voltas do tremulador explicam o ruido de vibração que se ouve quando o apparelho está funccionando. Fixando com attenção os pontos de contacto do vibrador, vê-se a faisca electrica que scintilla de uma maneira apparentemente continua, mas que na realidade é intermittente.

Carretel de Ruhmkorff (fig. 402). Consiste em um longo carretel de cautchuc endurecido, com borda tambem de cautchuc ou de vidro. O carretel acha-se previamente envolto por um fio de cobre isolado, grosso e curto que o rodeia em toda a sua extensão, e que deve servir de conductor á corrente inductora, destinada a magnetizar a massa central do ferro doce. As extremidades d'este fio vem prender-se ás duas columnas de vidro, A e B, na taboa sobre a qual descança o apparelho.

Sobre este primeiro circuito está enrolado outro fio de cobre revestido de seda, mas de pequeno diametro, e cujo comprimento varía de 8 á 150 kilometros, porque o comprimento do fio, pela resistencia que oppõe á passagem da electricidade, é a primeira condição para que esta adquira grande tensão. Este segundo fio acha-se alem d'isto isolado com o maior cuidado por meio de um verniz de resina laca, e as suas extremidades terminam nas duas columnas de vidro C e D. No eixo do carretel acha-se um feixe de fios de ferro doce F.

O apparelho está fundado no principio que consiste em fazer passar, com intervallos muito approximados, uma successão de correntes electricas no fio grosso, posto em commuuicação com uma pilha. O feixe central de ferro doce, magnetizando-se, e desmagnetizando-se, actua por inducção sobre o circuito do fio delgado, e desenvolve uma serie de

correntes induzidas, que produzem faiscas, commoções, e outros effeitos electricos.

O carretel de Ruhmkorff presta grandes serviços nas sciencias industriaes, e o seu inventor, distincto physico allemão Ruhmkorff já fallecido, obteve do imperador Napoleon III, em 1864, o premio de 50,000 francos, que este Soberano promettêra a quem inventasse uma nova e importante applicação da pilha galvanica á industria.

Para as applicações medicas, Ruhmkorff modificou este apparelho, e reduzio-lhe as dimensões afim de o tornar portatil : debaixo d'esta nova fórma são muito extensos os limites da sua intensidade.

Este *apparelho* acha-se representado na (fig. 403.) Divide-se em tres compartimentos: o primeiro, F, contém os dois pares da pilha que põe o apparelho em acção. Estes pares são formados de zinco almagamado e de carvão; e a substancia com que se faz funccionar a pilha é o bisulfato de mercurio, contido no frasco que se acha no compartimento H.

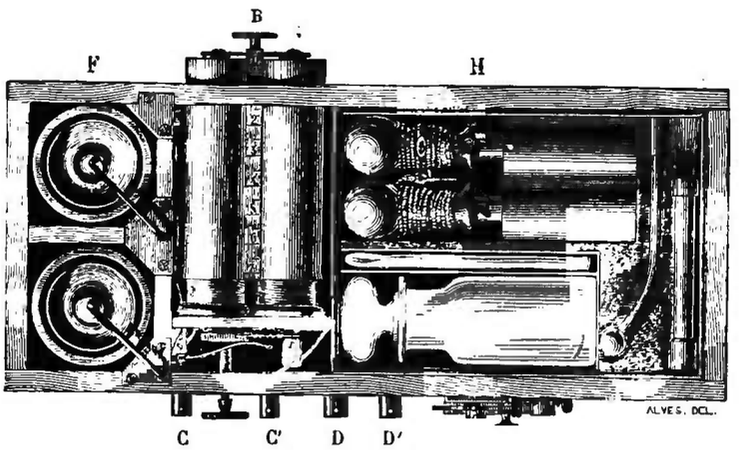


Fig. 403. — Apparelho electro-magnetico de Ruhmkorff. Corrente por inducção, com interrupções.

Estes pares são bastantes fortes, e não occasionam emanações durante a operação.

O segundo compartimento G encerra o apparelho propriamente dito : são dois carreteis fixados do lado G por uma armadura de ferro doce semelhantes ao carretel representado na (fig. 402), mas de dimensões menores. Os carreteis estão cobertos com dois fios : um grosso, por onde passa a corrente da pilha; e outro mais fino, isolado. As duas extremidades do fio fino terminam em D e D' onde se põem em communicação com os conductores que recebem as correntes induzidas. As extremidades do fio grosso terminam em C C', e é n'esse logar que se recebem as correntes inductoras ou extra-correntes. Para moderar a força das correntes inductoras e induzidas, um duplo cylindro de cobre prateado envolve os dois carreteis, e por meio do botão B, descobrem-se mais ou menos os dois carreteis.

Emfim o terceiro compartimento H contém os accessorios do appa-

relho a saber; os cylindros metallicos, o vidro de bisulfato de mercurio, e os conductores.

Modo de fazer funccionar o apparelho. Tire fora os zincos e os copinhos de carvão, que constituem os elementos da pilha. Ponha em cada copinho de carvão, com a colher de vidro que se acha na caixa, duas ou tres d'essas colheres de bisulfato de mercurio : ajunte agua até chegar á quarta parte do copinho, e mexa com a colher de vidro. Torne a pôr tudo no seu logar.

O apparelho entra immediatamente a funcionar. Applicam-se então os conductores a C C′ ou D D′, conforme o genero da corrente que o doente deve raceber inductora ou induzida, e dirigem-se os ditos conductores aos logares affectados.

Apparelho electro-magnetico de Chardin (fig. 404). Como os outros apparelhos electro-magneticos, o apparelho de Chardin compõe-se de um carretel, e da pilha que determina a corrente de inducção; tudo contido n'uma caixa de madeira.

O carretel está completamente isolado, o que impede o apparelho de se deteriorar.

A pilha é de porcelana esmaltada. Está dividida em dois compartimentos A e B por um tabique atravessado por pequenos buracos. O liquido excitador occupa o compartimento inferior B, emquanto que os elementos zinco e carvão sahem do compartimento A por duas pontas de platina + e —. Um tabique vertical C, vem fechar um pequeno compartimento particular, tendo duas aberturas : uma, E, que serve para introducção do liquido excitador, e que está tapada com uma rolha de cautchuc; outra, D, permitte a sahida dos gazes durante a acção. Pondo a porcelana sobre o lado F G, o liquido sahe do compartimento B pelos buracos do tabique, e vem molhar os elementos zinco e carvão : ouve-se então o ruido do tremulador, que indica que o apparelho funcciona. N'este movimento o tabique C impede que o liquido chegue ao pequeno compartimento e entre no buraco capillar D. Além disto, estabelecendo-se o nivel do liquido segundo a linha horizontal F G, fica livre certo numero de buracos, e os gazes podem facilmente descer no com-

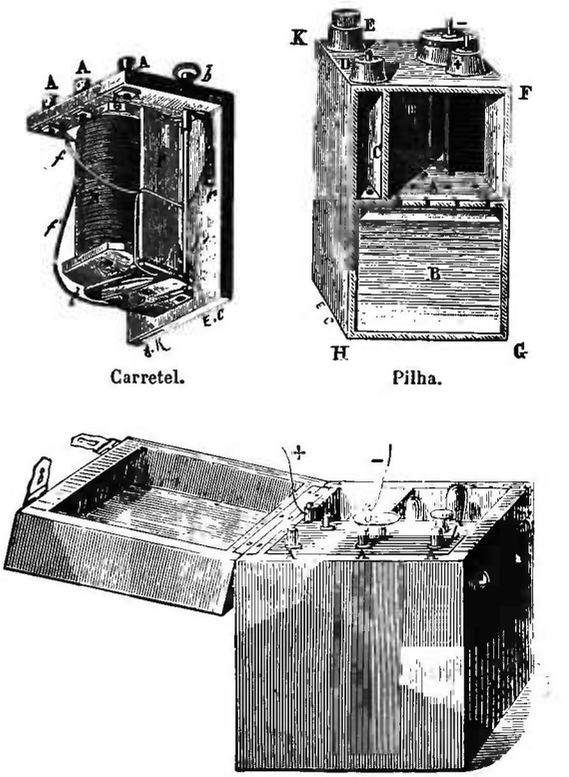


Fig. 404. — Apparelho electro-magnetico de Chardin. Corrente por inducção, com interrupções.

partimonto B, para sahirem depois pelo pequeno compartimento. Repondo a pilha na sua situação normal, isto é em HG, o liquido volta ao compartimento B; cessa então o ruido do tremulador e a acção da pilha.

Formula do liquido excitador. Agua, 1000 grammas; bichromato de potassa 150 grammas, acido chlorhydrico 100 grammas, acido sulfurico 100 grammas.

Apparelho electro-magnetico de Gaiffe (fig. 405). L., pilha composta de dois pares com sulfato de mercurio. — M, carretel.

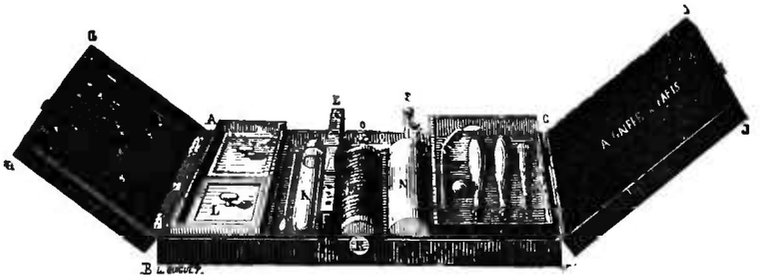


Fig. 405. — Apparelho electro-magnetico de Gaiffe. Corrente por inducção, com interrupções.

— O, parafuso para regular o tremulador. — P, cabeça da mola, para effectuar as interrupções com a mão. — R, parafuso para tirar o graduador. — K, tubo de vidro para conter o sal mercurial. — T, excitadores.

O apparelho de Gaiffe funcciona por meio da pilha com deuto-sulfato de mercurio. É portatil e muito vantajoso.

Apparelhos magneto-electricos. São aquelles em que a inducção se produz, não pela acção de uma corrente, mas pela influencia de um magnete. O emprego de uma pilha não é mais necessario. Funccionam por meio de uma manivela destinada a pôr em movimento uma armadura de ferro doce, que se electriza por influencia passando rapidamente por diante das extremidades de um magnete em fórma de ferradura, cujas duas pernas estão cobertas com um fio de cobre. Os mais usados são os de Breton e de Gaiffe.

Maneira de se servir do apparelho de Breton (fig. 406). Da gaveta em que se acham os diversos accessorios, tiram-se os fios conductores GG, G'G' e fixam-se no apparelho. As outras extremidades d'estes fios, fixam-se quer nos cylindros metallicos, se se deseja fazer passar o fluido electrico pelas mãos ou pelos braços, quer nas chapas, se se deseja electrisar as pernas ou os pés, quer emfim, nos cabos isoladores, nos quaes se hão de fixar, segundo as partes do corpo que se devem electrisar, os differentes conductores, taes como a esponja como conductor humido, o pincel electrico, pelo qual se obtem um feixe consideravel de electricidade, ou os conductores esphericos, ou semi-esphericos.

Deve-se em primeiro logar, tirar inteiramente do apparelho a vara de ferro T.

Estando tudo assim preparado, põe-se o doente em communicação com o apparelho por meio dos fios conductores, fixados por uma extremidade ao apparelho, e levando na outra os accessorios acima indicados. Move-se então em roda a manivella M. O doente segurando na mão os cylindros ou outros excitadores, receberá fortes commoções, cuja intensidade poderá ser diminuida por meio de botão graduador V, ao qual bastará dar algumas voltas, para fazer sahir do apparelho uma pequena regoa *g*, cujas divisões indicam os gráos de intensidade. Ao-se apertar o botão graduador, se experimentar uma pequena resistencia, não se deve forçar, porque então a pequena regoa está no fim de sua marcha, e o apparelho no maximo da sua fraqueza. É o mesmo, quando se dá voltas ao botão V em sentido contrario; não se deve igualmente forçar quando se experimentar uma pequena resistencia porque tendo entrado a pequena regoa no interior o apparelho acha-se no maximo da sua força magnetica. Augmenta-se a intensidade das commoções humedecendo com agua as partes do corpo que se estão electrizaudo.

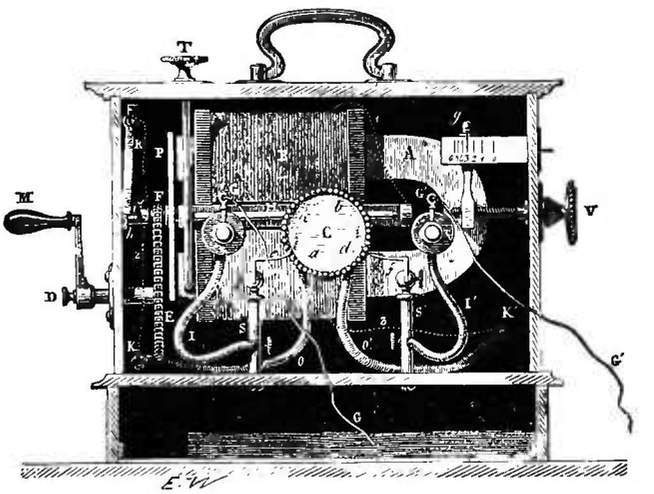


Fig. 406. — Apparelho magneto-electrico de Breton. Corrente por inducção, com interrupções.

Apparelho de Gaiffe (fig. 407). É um apparelho bastante energico com quanto seja de pequeno volume; é muito commodo.

A fig. 407 dá uma ideia sufficiente d'este apparelho, que consta das peças seguintes :

1° Um iman em fórma de ferradura, em torno de qual estão enrolados dois fios de comprimento determinado.

2° Uma armadura de ferro doce posta em movimento por uma cadeia sem fim, ou por meio de rodas dentadas que giram diante dos pôlos do iman. Dois fios estão enrolados sobre esta armadura.

O apparelho funcciona por meio de uma manivella que se faz girar por outra pessoa. O doente recebe a corrente electrica, segurando com a mão dois cabos que communicam com o apparelho pelo intermedio dos fios conductores.

A fig. 408 mostra o apparelho magneto-electrico de Clarke que foi modificado por Gaiffe.

D. Caixa de mogno, contendo todo o apparelho, de que nenhuma peça faz proeminencia no exterior.

A B B'. Iman em fórma de ferradura.

H. Armadura movel de ferro doce virando diante dos ramos do iman, e levando duas helices de que uma só é visivel.

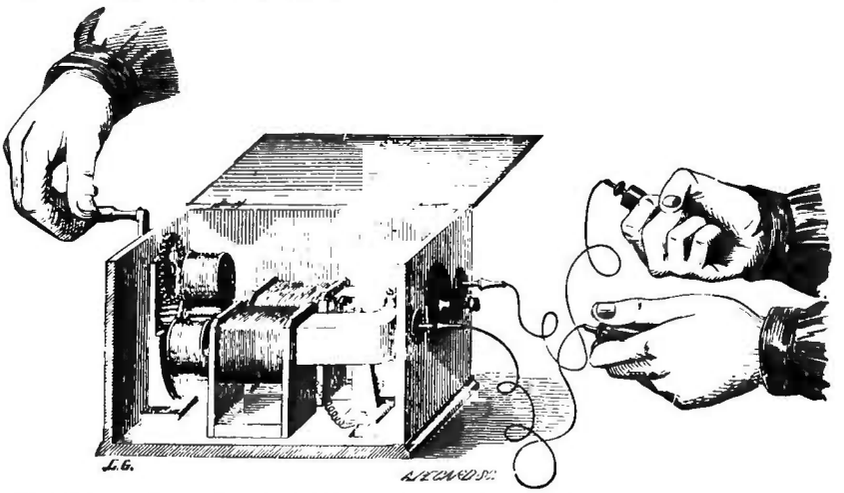


Fig. 407. — Apparelho magneto-electrico de Gaiffe. Corrente por inducção, com interrupções.

R. Roda dentada que faz virar a armadura de ferro doce encaixando-se no seu eixo. A manivella M põe em acção esta roda dentada.

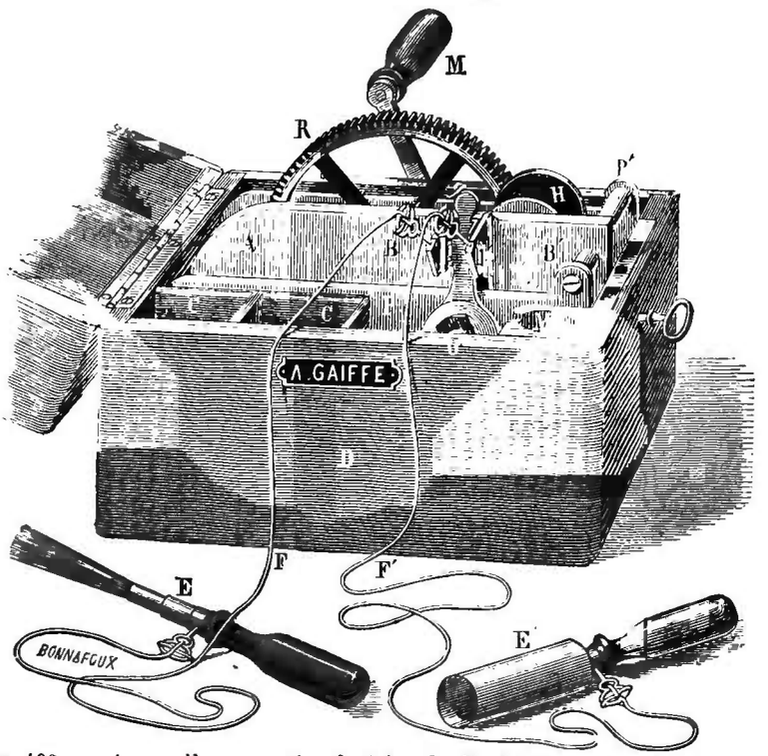


Fig. 408. — Apparelho magneto-electrico de Clarke, modificado por Gaiffe. Corrente por inducção, com interrupções.

g. Graduador articulado em O, que se inclina do lado de B ou B', segundo se quer ter uma corrente forte ou fraca.

PP′ Duas chapas de latão que sustentam todo o apparelho.

CC. Compartimentos que contém os rheophoros e os outros accessorios.

M′ Cavidade que recebe a manivella M, quando o apparelho não funcciona.

Para fazer funccionar o aparelho atarracha-se a manivella sobre o eixo da roda R; leva-se a B′ o graduador *g;* fixam-se sobre elle os rheophoros como indica o desenho; na outra extremidade dos rheophorros amarram-se os cabós isolantes, e atarracham-se sobre elles os excitadores de que se precisa; emfim, estando o circuito fechado, vira-se a manivella, e então as correntes produzem-se. Quando o graduador esta em B′, as commoções são mui fracas, sobretudo quando se vira lentamente a manivella, mas inclinando o graduador de lado de B, e acceleràndo a rotação, as commoções tornam-se cada vez mais fortes; são intoleraveis chegando-se a B. — As letras P (positivo), e N (negativo), gravadas sobre as duas faces externas do graduador, perto dos pontos de inserção dos fios, indicam a direcção dos correntes.

Bateria voltaica simples de bioxydo de manganez e chlorureto de zinco (fig. 409). Prepara-se para cada doente, segundo a receita do medico, com a quantidade de pares que se deseja. Este apparelho contem um pequeno gavalnoscopio dividido em gráos iguaes, cujo valor, determinando experimentalmente, está indicado em um quadro. Dispostas as peças *ad hoc* permittem que se tome a corrente de 2, 4, 6, 8, etc., pares.

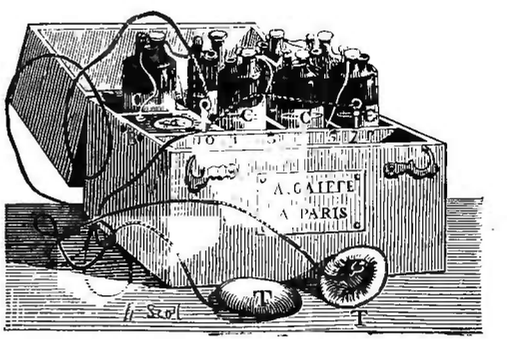


Fig. 409. — Bateria simples de bioxydo de manganez e chlorureto de zinco.

Quando é necessario, afim de evitar os choques voltaicos, fazer passar gradualmente a corrente pelo doente, fixa-se sobre o apparelho, por cima das peças 2, 4, 6, 8, etc., um collector rectilinha (fig. 410),

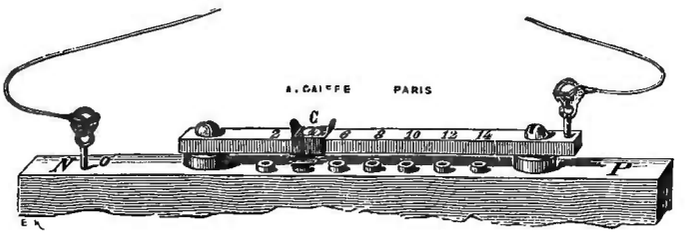


Fig. 410. — Collector rectilinha.

podendo-se então fazer entrar successivamente, e dois a dois, os pares no circuito sem que seja possivel produzir intermittencia.

Bateria com collector duplo (fig. 411). Este apparelho serve

para as operações d'electrolyse sobre as aneurismas. Compõe-se de pares de bioxydo de manganez e chlorureto de zinco, conjunctamente com um collector duplo com o qual pode-se tomar os pares, dois a dois; de um galvanometro ordinario, de um interruptor para produzir os choques voltaicos e dos seguintes accessorios : um par de rheophoros, um par de cabos isoladores, e um par de botões de carvão.

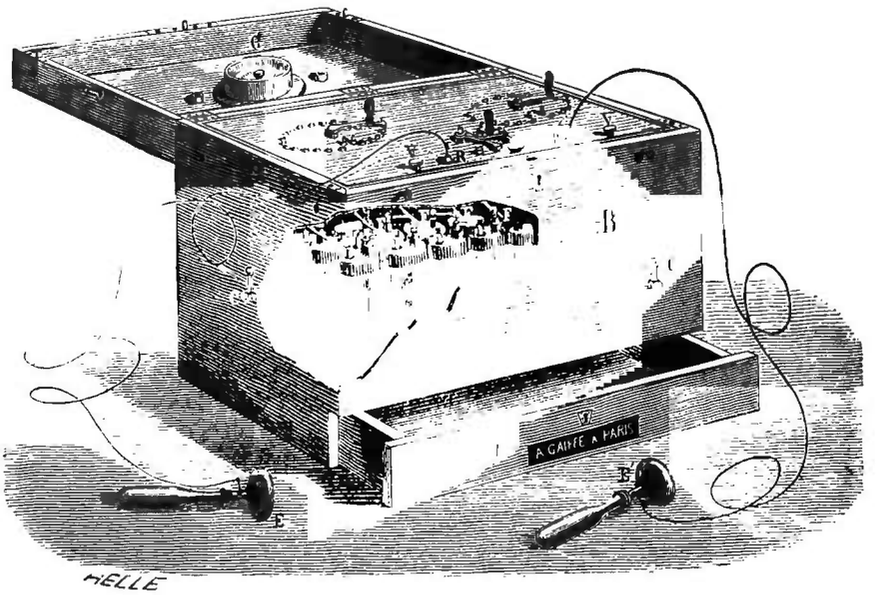


Fig. 411. — Bateria com collector duplo.

Bateria electrica de gabinete composta de pares de bioxydo de manganez. Esta bateria electrica acha-se em um movel de carvalho tendo a forma de escrevaninha. A pilha pode fornecer por muito tempo, pelo menos um anno 6 ou 10 horas de trabalho medico quotidiano, sem que seja necessario carregal-a (fig. 412).

Apparelho de carrinho electrico portatil (fig. 413). Este apparelho está em uma caixa contendo tambem um generador electrico; funcciona com uma pilha de dois pares de chlorureto de prata.

Rheophoros e **Excitadores.** Aos apparelhos de inducção estão fixados fios metallicos, que se chamam *rheophoros* ou *conductores da electricidade;* são destinados a dirigir a corrente electrica sobre as differentes partes do corpos. Estes rheophoros terminam por pequenos instrumentos metallicos, de fórmas diversas, e que deram o nome de *excitadores*, e que se applicam nos musculos ou nos nervos que se querem excitar. Ha excitadores de fórma cónica, redonda; uns com a fórma de chapas, escovas, pinceis; ha outros como especie de sondas para as cavidades naturaes do corpo, taes como a bexiga, o recto, utero. Se é o medico que as applica, segura-os por meio de cabos isoladores de vidro, sem o que a electricidade passaria para o corpo do medico; mas de ordinario o doente applica-os a si mesmo, ou os segura com a mão, como mostra a fig. 408, E, E'; quando *v. g.* se quer fazer penetrar a

electricidade no corpo, no caso de paralysia geral; então não são necessarios os cabos isoladores.

Modos de administrar a electricidade. Póde-se administrar a electricidade nas molestias por meio da maquina electrica, das pilhas, ou dos apparelhos de inducção.

1° A electricidade desenvolvida pela maquina electrica foi a primeira que os medicos applicaram no tratamento das molestias, mas hoje, como já disse, está abandonada.

2° A electricidade que se administra por meio das pilhas é de corrente continua. Os apparelhos mais empregados são os de Gaiffe e de Rhumkorff. Estas pilhas variam de intensidade conforme o numero de pares que entram na sua composição. No começo não se deve recorrer senão aos apparelhos fracos; augmenta-se a força da pilha gradualmente. Applica-se o pólo positivo sobre o nervo que se quer excitar, do lado do centro cerebro-espinhal, e o pólo negativo no ponto mais afastado. Foram inventadas *chapas, cadeias, cintos electricos*, que preenchem mais ou menos as condições necessarias para formar uma pilha voltaica, e que tem por fim fornecer, sendo applicados sobre o corpo, uma corrente *continua* e permanente.

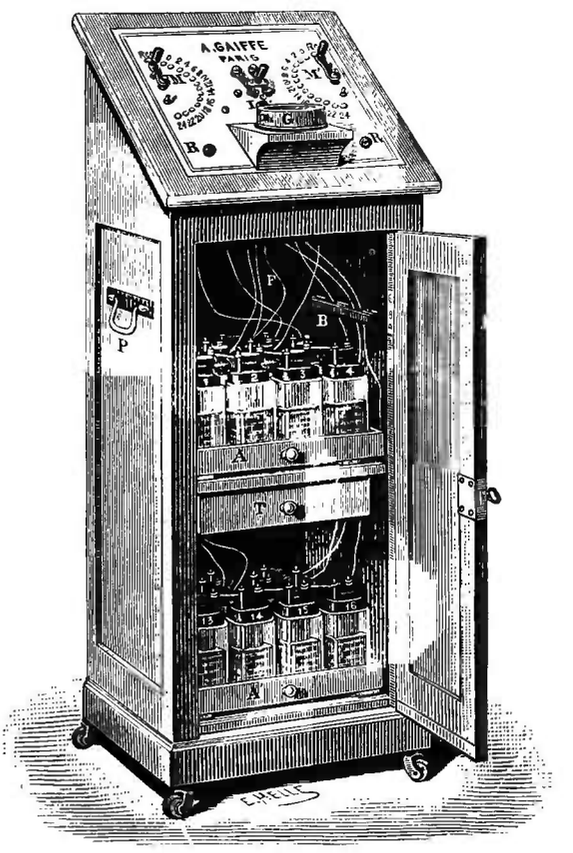


Fig. 412. — Bateria de gabinete composta de pares de bioxydo de manganez.

3° A electrecidade, que se desenvolve nos apparelhos de inducção, applica-se nas diversas portes do corpo por meio de excitadores de diversas fórmas. As correntes são intermittentes. As intermittencias produzem tres effeitos physiologicos: o primoiro, o mais sensivel, na entrada da corrente na economia; o segundo, menos sensivel, na sua sahida; o terceiro sensivel, quando a corrente se acha estabelecida. A electricidade de inducção é muito empregada hoje no tratamento das molestias. Suas correntes intermittentes são consideradas como estimulantes. Produzem instantaneamente uma sensação cutanea, que se gradua desde as simples cocegas até uma dôr mui viva. Convem, sobretudo, na paralysia do movimento.

Banho hydro-electrico geral. Consiste em introduzir o doente n'uma banheira cheia d'agua tepida, e applicar-lhe a electricidade em differentes partes do corpo submerso. Os excitadores do apparelho do inducção immergem-se na agua do banho, e approximam-se dos pontos do corpo a que se deseja applicar a electricidade, mas sem tocarem o corpo. A agua acidulada com vinagre, ou tendo em dissolução o sal commum, produz effeitos mais notaveis; porque a agua quando acidulada, ou salgada, conduz melhor a electricidade do que a agua simples.

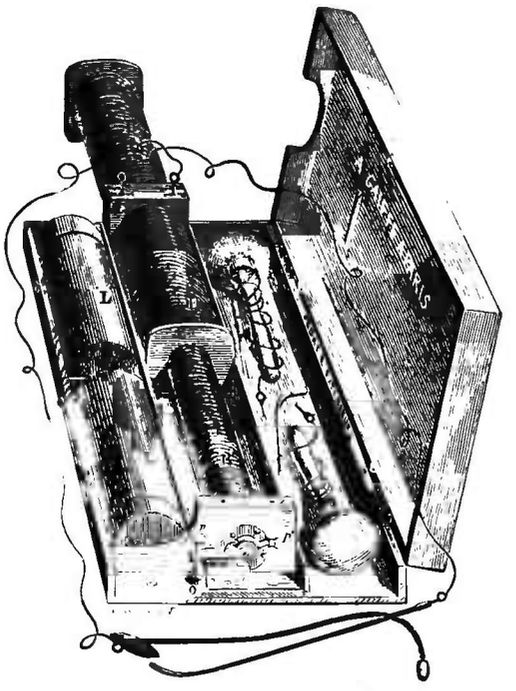


Fig. 413. — Apparelho de carrinho electrico portatil.

Pediluvio hydro-electrico. Deita-se agua tepida n'um vaso de metal, mas com preferencia n'um vaso de madeira ou de louça. A agua póde ser simples, acidulada com vinagre, ou salgada. O doente mette os pés na agua, na qual se immergem os dois conductores do apparelho de inducção. Os pés tornam-se então a séde de uma contracção muscular continua. Este banho convem em certas paralysias.

A electricidade não deve ser applicada no tratamento das molestias senão com muita prudencia, porque a sua acção prolongada póde occasionar accidentes graves. Cumpre principiar sempre por uma corrente fraca. Ha exemplos de paralyticos, que foram acommettidos de convulsões pela acção de uma corrente electrica demasiado forte. Quando se applica a electricidade por meio de conductores e excitadores, faz-se uma operação diaria, ou cada dois dias, durante vinte minutos, meia hora ou uma hora, com uma corrente mui fraca, cuja intensidade se augmenta pouco a pouco, para não fatigar nem fazer soffreros doentes. O seu effeito é o calor, e um augmento de nutrição que favorece a cura. Para produzir um resultado satisfactorio, devem estas operações serem continuadas durante muitos mezes.

Ás vezes é bom recorrer á acção continua da electricidade obtida por meio de cadeias electricas applicadas durante a noite, ou deixando sobre a parte paralysada a extremidade dos conductores do apparelho electrico-magnetico de Ruhmkorff, que n'este caso deve ter a corrente de fraca intensidade.

Tem-se obtido bons effeitos da electricidade em varias affecções nervosas, principalmente nas da vista e nas nevralgias; mas é sobretudo nos casos de paralysia que as correntes tem dado resultados os mais

satisfactorios. Em qualquer caso, convem não se deixar electrizar senão por praticos familiarizados com os effeitos da electricidade nas diversas affecções; porque, se algumas vezes deixa de produzir effeitos, ella nem sempre se mostra inoffensiva; e, mal applicada ou fóra de proposito, já por vezes tem produzido máos effeitos.

ELECTUARIO. Preparação pharmaceutica de consistencia molle, composta de pós, polpas ou extratos de vegetaes, bem como de substancias animaes ou mineraes misturadas com assucar, mel de abelhas ou com vinho.

ELEMI. Em pharmacia dá-se este nome á resina produzida pela *Icica icicariba* (Terebinthaceas) segundo uns, e pela *Amyris elemifera*, arvore da mesma familia, segundo outros; estas arvores habitam no Brazil. É molle ao principio, mas torna-se secca e quebradiça com o tempo. É semi-transparente, de um branco-amarellado com pontos esverdeados; o seu cheiro é agradavel e analogo ao do funcho. Entra na composição do unguento de Arceus, empregado no curativo das ulceras, do balsamo de Fioravanti, e de muitos emplastos.

ELEPHANTIASE. Esta expressão foi primeiramente empregada para designar uma molestia da pelle, caracterizada por tuberculos duros, proeminentes, de côr avermelhada, que ordinariamente occupam o rosto, e com o tempo se inflammam e suppuram. Esta elephantiase é chamada hoje *elephantiase dos Gregos* ou *morphéa,* e acha-se descripta no artigo MORPHÉA. Designam-se tambem debaixo do nome de *elephantiase* certas inchações duras, disformes, de um membro ou de qualquer outra parte do corpo, cujas dimensões se tornam cada vez mais consideraveis. Esta molestia foi tambem chamada *erysipela branca* e*Elephantiase dos Arabes :* d'ella vou tratar n'este logar.

Elephantiase dos Arabes. Assim se chamam, como acabei de dizer, certas inchações dos membros, principalmente dos membros inferiores, do escroto, e de outras partes do corpo. Esta molestia é tambem designada pelo nome de *erysipela branca, edema duro, molestia glandular de Barbada, sarcocela do Egypto.*

Causas. O temperamento lymphatico predispõe a esta affecção ; mas ella sobrevem em todas as idades e em todas as condições da vida, n'um e n'outro sexo. Attribue-se o seu desenvolvimento á impressão subita do frio sobre o corpo collocado no meio de uma atmosphera quente. Mas a sua causa depende mais da influencia atmospherica do que de quaesquer outras circumstancias. Esta molestia é commum nos climas quentes e humidos, taes como o Egypto, as Barbadas e o Brazil. É frequente no Rio de Janeiro; porque as condições atmosphericas que indiquei reinam constantemente n'essa grande cidade. É extremamente rara na Europa. A elephantiase não é contagiosa nem hereditaria.

Symptomas. A elephantiase affecta mais ordinariamente os membros inferiores. Eis-aqui os seus symptomas n'estas partes do corpo. As mais das vezes a molestia é annunciada por uma dôr mais ou menos viva na virilha ou na curva da perna, e pelo desenvolvimento de uma linha vermelha, de um cordão duro, doloroso, nodoso, composto de pequenos

tumores subcutaneos, estendido desde a virilha até ao joelho ou até ao tornozelo; ou, então, a molestia principia por um ataque de erysipela. Em muitos casos a pelle toma a côr vermelha, e a parte entumece consideravelmente; outras vezes, não ha vermelhidão, mas simplesmente inchação, sem mudança na côr da pelle, o que se chama vulgarmente *erysipela branca*. Ordinariamente apparecem calefrios, sêde ardente, anxiedade, vomitos, ás vezes delirio, e depois calor intenso seguido de suores e da cessação dos symptomas da febre. No espaço de um ou de muitos mezes, estes phenomenos reapparecem debaixo da fórma de *ataque*, em intervallos mais ou menos longos, que podem variar em numero de tres a quatorze por anno ou renovar-se sómente ao cabo de sete annos. Estes ataques, cujo numero e duração não se podem prever nem calcular, são seguidos de um augmento progressivo do volume do membro, que ao principio depende, em grande parte, do deposito de certa porção de serosidade no tecido subcutaneo e que cede facilmente á pressão. Mais tarde o membro torna-se duro, e não conserva mais a impressão do dedo. Chegada ao estado chronico, a molestia fica ordinariamente estacionaria por muitos mezes; depois os accidentas reapparecem; seguem a mesma marcha que a principio, tornam a dissipar-se, deixando novo augmento de volume na parte, a qual, passadas alguns annos, torna-se disforme e monstruosa. Umas vezes o tumor é unido, igual e semelhante a um sacco bem cheio; outras vezes o pé fica coberto pela inchação : só os dedos são visiveis ; um sulco profundo existe á roda da articulação ; toda a massa fica disforme ; parece-se com a perna de um elephante, e d'ahi lhe vem o nome de *elephantiase*. Ás vezes a perna é cortada de distancia em distancia, por sulcos profundos e circulares. A pelle é frequentemente lisa, mas tambem póde ser coberta de crostas amarellas, verrugas, ou veias varicosas. Outras fórmas se observam ainda, mas é inutil descrevêl-as.

Ás vezes a elephantiase ataca os braços, porém menos frequentemente do que as pernas: os seus symptomas são os mesmos que nos membros inferiores. Tem-se observado no rosto : produz n'este caso tumefacção nas palpebras, faces, nariz e labios. Póde então provocar symptomas cerebraes, mas cura-se n'este logar mais facilmente do que nas extremidades. Tem-se visto sobre o peito e pescoço formar tumores espessos, ou dar aos seios um volume tal, que era preciso sustental-os com ataduras. Sobre o ventre é acompanhada dos symptomas de irritação intestinal, e produz uma exhalação abundante de serosidade no tecido cellular subcutaneo da região abdominal anterior, e tumores consideraveis.

Depois das pernas, o escroto é a região do corpo que a elephantiase dos Arabes ataca mais frequentemente, e dá a esta parte e ao membro viril um volume monstruoso. Tem-se visto tumores d'esta natureza que desciam até os tornozelos. Os mesmos tumores desenvolvem-se tambem nas partes genitaes da mulher, e apresentam o mesmo volume e a mesma deformidade.

Taes são em geral os symptomas da elephantiase dos Arabes. Faz-se

facilmente ideia dos gráos menos intensos; póde a molestia não passar de simples vermelhidão erysipelatosa, ou de inchação pouco consideravel, sem augmento do volume da parte, nem perturbação da saude.

Prognostico. A elephantiase é ordinariamente de longa duração; póde persistir vinte annos e até toda a vida. Desapparece ás vezes para tornar a apparecer de novo nas mesmas partes que foram affectadas primitivamente; outras vezes deixa uma região para transportar-se a outra; entretanto ás vezes sára espontaneamente subtrahindo-se a pessoa ás causas que a produzem; isto é, mudando de regimen e de clima: no maior numero de casos a elephantiase fica estacionaria.

Tratamento. No *primeiro periodo*, isto é, durante o *ataque de erysipela*, o doente deve ficar de cama; agasalhar-se, e tomar duas ou tres chicaras de alguma bebida sudorifica, como chá de sabugeiro, de herva cidreira ou da India, para suar. No dia seguinte tomará um vomitorio (5 ou 10 centigrammas de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna). Se o tartaro emetico não produzir bastantes evacuações, será preciso tomar no dia seguinte 60 grammas de sal d'Epsom.

Polvilhe-se o logar doente com polvilho ou com a mistura seguinte:

Polvilho	30 grammas.
Camphora em pó	4 —

Applica-se tambem com vantagem sobre a erysipela algodão em rama.

Quando se formar inchação elephantiaca convem ligar o membro com uma atadura convenientemente applicada. Esta compressão é sobretudo util nas pernas; e n'este logar as ataduras podem ser vantajosamente substituidas por meias elasticas de borracha vulcanizada.

Os banhos frios, os do mar sobretudo, são tambem vantajosos n'este periodo da molestia.

Quando a inchação é consideravel, convem recorrer ás fricções com gelo. Todos os dias faz-se uma fricção com 250 grammas de gelo até elle se derreter, e depois exerce-se compressão methodica com uma atadura, ou com meias apropriadas.

Outros remedios foram propostos contra esta inchação, taes são: fricções com pomada de iodureto de potassio, ou pomada marcial; banhos com infusões aromaticas de alfazema, alecrim, mangerona, hortelã, salva, etc; com decocções de raiz de casca de jiquitibá, de rosas rubras, etc.

Eis-aqui a receita da pomada:

Pomada de iodureto de potassio	30 grammas.

Para esfregar duas vezes por dia com a porção do tamanho de uma azeitona, ou maior porção conforme a extensão da parte inchada.

Pomada marcial.

Sulfato de ferro	8 grammas.
Banha	30 —

Misture. Mesma dóse que a precedente.

A mudança de clima ao principio da molestia é um dos meios mais

certos da cura, e, podendo-se, deve recorrer-se a ella ainda quando o mal fôr inveterado.

Fatigados pelo peso enorme dos tecidos affectados, alguns doentes reclamam a amputação, como ultimo recurso contra o mal incuravel. Muitos d'entre elles, que sobrevivêram a essa operação, foram affectados de novo de elephantiase em outras regiões do corpo, ou então succumbíram ás consequencias da inflammação de algum orgão interno. Alguns porém d'estes gozáram, depois da amputação, de boa saude. Esta questão, por conseguinte, não está ainda resolvida.

Elephantiase dos Gregos. *Veja-se* MORPHÉA.

ELIMINAÇÃO. Qualquer substancia que sendo introduzida por qualquer via economia, não é absorvida e utilizada pela nutrição, é botada fóra ou eliminada por um dos orgãos ao qual incumbe esta funcção. Muitas materias inuteis ou nocivas são expellidas com as ourinas, as materias fecaes, a saliva, a bibis, etc. A respiração tambem faz um papel importante na eliminação. É por esta via que passa o excedente do alcool, do ether, do chloroformio, do acido carbonico, do azote, que o organismo não poderia conservar sem se expôr a certos inconvenientes. Quasi todas as substancias medicamentosas têm uma via de eliminação bem determinada. O iodureto de potassio, o acido salicylico, a santonina, etc, são eliminados pelos rins; as preparações mercuriaes e o chlorato de potassa são eliminadas pelas glandulas salivares, etc. A retenção das materias destinadas a serem eliminadas causa um verdadeiro envenenamento : a uremia é um bom exemplo d'este facto.

ELIXIR. Medicamento ordinariamente obtido por maceração de substancias mais ou menos activas, no alcool ou vinho; em pharmacia é mais particularmente chamado *tintura* ou *alcoolato composto.*

O charlatanismo tem feito grandes especulaçõcs com os elixires : já o nome de elixir parecia por si só designar alguma cousa de perfeito, mas accrescentáram-lhe ainda epithetos proprios a maravilhar a imaginação do doente : assim temos o elixir da *vida*, de *longa vida*, o elixir *visceral temperante*, o elixir *anti-pestilencial*, etc. Vou indicar a composição e a preparação dos dois elixires mais empregados.

Elixir de longa vida. Aloes socotorino, 36 partes; raiz de genciana, 4; rhuibarbo, 4; zedoaria, 4; açafrão, 4; agarico branco, 4; triaga, 4; alcool a 21° Cartier, 1728.

Deite a metade do alcool sobre todas as substancias convenientemente divididas; deixe macerar por oito dias e côe com espressão; deite sobre o residuo o resto do alcool; macere por oito dias; torne a coar, misture o producto com a primeira tintura e filtre.

Este elixir administra-se na dóse de 8 a 48 grammas, como estomachico e purgativo.

Alcoolato de Garus. Aloes socotorino, 20 partes; açafrão, 20; myrrha, 20; canella, 15; cravos da India, 15; moscada, 15; alcool a 21° Cartier, 8000; agua de flores de laranjeira, 500.

Deixe macerar por dois dias o distille 4000 partes de licor, que assim obtido se chama *alcoolato de Garus.*

Para preparar o *elixir de Garus* tome : alcoolato de Garus, 4000 partes ; xarope de capillé, 3000; açafrão, 4; agua de flores de laranjeira, 250. Macere o açafrão na agua de flores de laranjeira por 24 horas, misture tudo, e filtre. Toma-se na dóse de 30 a 60 grammas, como tonico e excitante.

ELORRIO. Hespanha. Aguas sulfurosas frias; 16°. Molestias cutaneas syphilis constitucional.

EMBALSAMENTO. Chama-se *embalsamento* uma preparação dos cadaveres feita com o intuito de preserval-os da putrefacção. Muitas nações antigas tinham o costume de embalsamar os mortos, mas nenhum povo apurou tanto esta arte como os Egypcios : consideravam o embalsamento como uma pratica ligada ao systema de religião; porque julgavam que a alma ficava perto do corpo emquanto este conservava a sua fórma.

São raras hoje as occasiões de praticar o embalsamento : entretanto esta operação acha ainda sua applicação em algumas circumstancias. Umas vezes quer-se subtrahir aos estragos do tempo e transmittir á memoria da posteridade os despojos de um principe, de um grande homem, etc; outras vezes deseja conservar-se o exterior frio e inanimado de uma pessoa querida; em alguns casos é necessario unicamente impedir a putrefacção do cadaver durante o intervallo que decorre entre o momento da morte e o do enterramento.

Muitos historiadores nos transmittíram, com mais ou menos exactidão, os modos de embalsamento usados pelos Egypcios. Praticavam-se da maneira seguinte : Os embalsamadores introduziam nas ventas um ferro agudo e curvo, quebravam o osso ethmoide, e tiravam os miolos em parte com um licor dissolvente, composto segundo o que se julga, de natrum (carbonato de soda) misturado com cal. Praticavam depois uma incisão na parte inferior do ventre, e tiravam os intestinos, que deitavam ao rio Nilo : as cavidades e as visceras eram depois lavadas com o licor dissolvente ; enchiam o ventre com myrrha, canella e outras substancias aromaticas e betuminosas; então mergulhavam o corpo durante setenta dias na dissolução de natrum, e no fim d'este tempo o cadaver era lavado e envolvido em ataduras de panno de linho; era depois posto n'uma caixa de páo, e entregue aos parentes. Todos sabem que estes corpos conservados até aos nossos dias, e que hoje se acham em grande numero no Egypto, chamam-se *mumias*. Acham-se algumas d'ellas no museu do rio de Janeiro, bem completas.

Os methodos de embalsamento usados no Egypto não dão bons resultados nos outros climas; e muitas mumias, que se conservam muito bem nas catacumbas do Egypto, corrompem-se quando são expostas ao ar humido ou transportadas para outras regiões.

Hoje para embalsamar um corpo, emprega-se outro meio. As numerosas incisões, mutilações, a subtracção das visceras, a maceração prolongada, etc., são substituidas por operações de maior simplicidade eil-as :

I. **Embalsamento para a conservação indefinida dos cadaveres.** Os meios actualmente empregados para conservar os

cadaveres, reduzem-se a injectar pelas arterias liquido dotado de propriedades antiputridas. O methodo geralmente usado é o de Sucquet, medico de Pariz.

Methodo de Sucquet. Para embalsamar um cadaver, injectam-se pelas arterias 4 a 6 litros de dissolução de chlorureto de zinco em agua que marque 40 graos no areometro de Baumé, quando se embalsama um adulto; 20 a 25 graus quando se opera n'uma criança; e 25 a 30 graos nas pessoas idosas. Ajunta-se a este liquido um pouco de essencia de neróli, ou de alguma outra substancia aromatica.

Escolha da arteria. As arterias pelas qnaes se fazem as injecções antiputridas são : a arteria crural, a arteria carotida, a arteria poplitea, ou a arteria brachial. A arteria mais conveniente é a arteria crural.

Injecção pela arteria crural. Esta arteria começa no annel crural, onde succede á arteria iliaca externa, desce obliquamente ao longo da parte interna e posterior da côxa, e, chegando á curva da perna, perde o seu nome para tomar o de poplitea.

Eis-aqui como se procede ; com um bisturi corta-se a pelle e o tecido cellular sub-cutaneo no meio da côxa, por cima da margem superior do musculo sartorio, e no comprimento de cerca de 5 centimetros. Augmenta-se em profundidade esta incisão longitudidal. Então um ajudante afasta com a sonda acanallada um dos labios da ferida, e o operador desembaraça a arteria crural de suas adherencias, deixando a veia crural por dentro e o nervo por fóra. Estando a arteria livre, colloca debaixo d'ella a sonda acanallada. Abre a arteria no comprimento de 3 centimetros, e introduz no seu interior duas canulas dirigidas, uma do lado do ventro e outra do lado do joelho. Passa debaixo da arteria quatro linhas para ligaduras ; uma d'ellas, applicada na parte superior da côxa : servirá para ligar a arteria, afim de impedir a injecção de retroceder das partes superiores; a segunda será fixada sobre a aresta da canula superior; a terceira é destinada a ser ligada, depois da injecção das partes superiores, sobre a segunda canula dirigida do lado do pé, devendo receber a quantidade de liquido necessaria para á injecção da perna e do pé, que não recebem nada da primeira injecção : a quarta collocada em baixo, será ligada depois da injecção inferior, afim de impedir a sahida do liquido.

O operador, depois de verificar a solidez da canula superior, atarracha um tubo guarnecido de uma torneira, e introduz successivamente cinco á seis litros de solução de chlorureto de zinco. Conhece-se que a injecção é sufficiente, quando o rosto incha, quando os olhos tornam-se proeminentes, e a escuma sahe pela bocca. É preciso impellir lentamente o liquido afim de evitar as rupturas arteriaes, e é necessario esperar um ou dois minutos antes de injectar nova quantidade de solução, para dar tempo ao liquido de penetrar nos ramos capillares. Aperta-se o fio superior, afim de impedir o regresso do liquido. Injecta-se depois da mesma maneira a perna e o pé do lado correspondente; depois aperta-se o fio inferior para impedir a volta do liquido. Reunem-se os dois labios da incisão com uma sutura.

Em alguns casos, certos pontos do corpo, nas extremidades sobretudo, decompõem-se, porque não recebem o liquido injectado, empurrando este os coagulos de sangue que obturam algumas arterias das extremidades. Para remediar este inconveniente, é preciso envolver as mãos, os pés e a cabeça de ataduras de flanella embebidas de uma solução de chlorureto de zinco a 45°

Injecção pela arteria carotida. Posto o cadaver sobre uma mesa, descobre-se com um bisturi a arteria carotida primitiva, direita ou esquerda, pratica-se a laqueadura sobre a parte superior d'este vaso, e faz-se depois uma incisão na arteria debaixo da laqueadura. Introduz-se na direcção do peito, pela abertura feita, o canudo da uma seringa, que se fixa de maneira que nada possa sahir. Seringa-se então o liquido, e repete-se a operação, até que o systema arterial se ache sufficientemente cheio; são necessarios de ordinario 4 a 6 litros de liquido. Conhece-se que a operação toca ao seu fim, pela resistencia insuperavel que se experimenta ao introduzir maior quantidade do liquido, e pelas mucosidades que de ordinario sahem da bocca e do nariz. Acabada a operação, laquea-se a arteria inferiormente, reune-se a incisão da pelle por sutura, e enxuga-se o corpo com esponja molhada na essencia de neroli.

Um cadaver embalsamado d'esta maneira em 21 de maio de 1845, perante a commissão da Academia de medicina de Pariz, enterrado depois, e exhumado em 14 de julho de 1846, isto é, quatorze mezes depois, fai achado, pela mesma commissão, em estado de perfeita conservação, e sem nenhum máo cheiro.

O embalsamento praticado pelo methodo Sucquet mantem a firmeza das carnes e a elasticidade da pelle, mas só quando o corpo embalsamado não perde pela evaporação os liquidos que contém, como acontece n'um ataude hermeticamente fechado e enterrado; porque se o corpo fica exposto ao ar livre, perde pouco a pouco os liquidos, secca sem a menor putrefacção, e adquire dureza semelhante á da madeira ou da pedra.

O chlorureto de zinco muda a côr do rosto, sobretudo nas pessoas de pelle escura. Nos logares onde a injecção penetra a principio, apparecem arborizações esbranquiçadas, contrastando com a côr da pelle que não está ainda impregnada do liquido, e que dão ao rosto um aspecto particular. Pouco a pouco a pelle branquea uniformemente, á medida que o liquido penetra em toda a parte, mas esta côr torna-se depois branca-terrea, que obriga o operador a dar com arrebique o colorido artificial ao rosto. As partes impregnadas d'este sal adstringente perdem pouco a pouco o seu volume : a pelle applica-se sobre os tecidos, e o rosto torna-se magro. Entretanto, no estado actual da sciencia, o chlorureto de zinco deve ser a unica base do embalsamento. Applicado á conservação do tronco e dos membros, não tem os inconvenientes assignalados para o rosto; porque estas partes estão cobertas de vestidos.

Para não alterar as feições, o Dr. Sucquet propoz em 1862 fazer duas injecções separadas, uma para o rosto o outra para o tronco. A injecção do rosto deve ser feita com a dissolução de sulfito de ammoniaco a

25 gráos do areometro Baumé, corada com uma dissolução de carmim no acetato de ammoniaco, segundo o gráo de côr que se quer dar ao rosto. O sulfito de ammoniaco é tambem um liquido antiputrido. Esta injecção será introduzida pela arteria carotida externa. A injecção do tronco será feita com a dissolução de chlorureto de zinco, e introduzida pela carotida primitiva.

Uma unica incisão, praticada sobre a linha mediana do pescoço, é sufficiente para as duas injecções. Esta incisão deve ser bastante elevada, para se approximar á divisão das arterias carotidas primitivas em carotida interna e carotida externa. Na região anterior do pescoço a pelle é movediça, e póde ser puxada para um ou para outro lado. Depois de feita esta incisão, deve-se, pois, puxal-a para os trajectos dos vasos, abrir a carotida externa, introduzir na abertura uma pequena canula, e laquear a carotida interna assim como a carotida primitiva. Feito isto, deve-se desviar a incisão da pelle sobre o lado opposto, descobrir as arterias d'este lado, introduzir duas canulas, uma na abertura da arteria carotida externa, e outra na extremidade da carotida primitiva, e finalmente laquear a carotida interna. — Em vez de uma incisão sobre a linha mediana do pescoço, podem fazer-se duas incisões lateraes, uma de cada lado do pescoço, na altura do osso hyoideo, sobre cada trajecto arterial. — A dissolução de sulfito de ammoniaco, a 25° Baumé, preparada de antemão, é então dirigida com uma pequena seringa, ora por uma das carotidas externas, ora por outra, de maneira que se dêem aos dois lados do rosto as mesmas proporções. Este ponto é importante, porque se a injecção fôr feita só de um lado, as duas faces ficam desigualmente penetradas, e o seu volume assim como a sua tez apresentam differenças de máo effeito. — Faz-se depois a injecção geral de chlorureto de zinco pela abertura praticada na carotida primitiva ; finalmente laqueam-se as arterias, tiram-se as canulas, e approximam-se as margens das incisões. O embalsamento com a injecção especial do rosto, feita com sulfito de ammoniaco, póde conservar a fórma, volume, animação, e mesmo, a apparencia da vida.

O embalsamento póde ser feito só 24 horas depois da morte. Se as circumstancias não permittirem em pratical-o senão dois ou tres dias depois da morte, é util, para prevenir a putrefacção, passar sobre a superficie do corpo uma toalha molhada na solução de chlorureto de zinco a 45°

Para estar certo da conservação do corpo embalsamado, convem envolvel-e em pó de myrrha.

Segundo modo de embalsamento. Este modo supprime toda operação. Não se faz nenhuma injecção, e a substancia no meio da qual se mette o corpo é sufficiente para pol-o ao abrigo da decomposição. Este modo é inferior ao precedente, entretanto é ás vezes necessario recorrer a elle, principalmente nos casos em que os parentes do defunto se opponham a qualquer operação. Aconselha-se para este fim *enterrar o corpo na mistura de serradura de madeira e de acido phenico do commercio*. Eis-aqui a formula :

Pós para a conservação dos cadaveres (Vafflard).

Serradura de madeira.....	16 kilogrammas.
Acido phenico do commercio.....	4 —

Borrife a serradura com o acido, e misture exactamente. Esta porção é sufficiente para um cadaver de adulto. Metta o cadaver no caixão sobre uma camada de 4 a 5 centimetros de espessura d'esta mistura, e depois cubra-o inteiramente com a mesma mistura. — A immersão n'este pó previne ou suspende completamente a putrefacção do cadaver, que pouco a pouco torna-se secco e transforma-se em mumia (Relatorio do Conselho de salubridade de Pariz, 1869).

Nova descoberta para a conservação dos animaes e das plantas. Em 1881, a Sr. Wickerschenner, preparador no *Zootornical Museum* de Berlim descobrio um novo processo de conservação das plantas e dos animacs. O governo prussiano lhe comprou o privilegio para entregal-o ao dominio publico, em razão de sua importancia.

« Prepara um liquido com que impregna o objecto a conservar por diversos modos, conforme a sua natureza ou o resultado a que se quer chegar. Os corpos d'homens e d'animaes conservados por este processo conservam perfeitamente a fórma, a côr, e a consistencia, a ponto de se poderem fazer secções muitos annos depois, quer com um fim scientifico, quer com um de justiça criminal. Depois do tratamento, a corrupção e os cheiros putridos que se tenham produzido cessam completamente. O tecido muscular apresenta, quando o cortamos, estado semelhante ao de um corpo fresco. As preparações de outras partes, como ligamentos, pulmões, intestinos, etc., conservam a sua elasticidade, a flexibilidade e as partes excavadas podem mesmo ser insuffladas. Pódem-se mover impunemente as partes d'heminopteros, de crustaceos e de vermes assim preparados, quaesquer que ellas sejam. Querendo, pódem-se conservar perfeitamente as côres das plantas e dos animaes.

O liquido perservador prepara-se do seguinte modo. Em 3000 grammas de agua ebulliente fazer dissolver :

Alumen.....	100 gram.	Potassa.....	60 gram.
Sal commum.....	25 —	Acido arsenioso.....	10 —
Salitre.....	12 —		

Quando se tem resfriado, filtra-se e se ajunta por cada 10 litros do liquido inodoro e incolor, 4 litros de glycerina e 1 litro de alcool methylico. Qualquer que seja a quantidade de liquido que se queira preparar, a proporção acima deve servir sempre de base.

O processo de conservação que é applicavel aos cadaveres d'homens e d'animaes, assim como aos vegetaes, ao todo ou ás partes, consiste de um modo geral em fazer mergulhar as peças a conservar na mistura e deixal-as impregnarem-se. Se as preparações teem que ser conservadas no estado secco, devem-se deixar no liquido de seis a doze dias, conforme as dimensões, e em seguida seccar ao ar. Os ligamentos dos esqueletos,

musculos, os crustaceos, os heminopteros, etc., conservar-se-hão assim molles e flexiveis, de modo a poder em todo o tempo produzir n'elles todos os movimentos que se queiram. Se se quizerem conservar animaes como rãs, etc., ou vegeteas sem lhes modificar as côres, não se devem deixar seccar, mas conservar no liquido. Se os cadaveres d'homens ou de animaes não têm que ser utilisados, com um fim scientifico, senão depois de um tempo consideravel, basta injectal-os com o liquido conservador. Com esse fim, emprega-se segundo o tamanho do objecto, litro e meio de liquido para uma criança de dois annos, e cinco litros para um adulto. Os musculos, mesmo depois de annos, terão o aspecto fresco quando se cortarem. Se os corpos injectados forem conservados ao ar, perderão a apparencia fresca e a epiderme torna-se-ha um pouco escura, o que se póde evitar esfregando o corpo por fóra com o liquido e fechando-o n'uma caixa ao abrigo do ar. Recommenda-se o ultimo methodo para os cadaveres que tiverem de ser guardados por algum tempo antes de serem enterrados; em logar de terem o triste aspecto ordinario, terão as feições e as côres frescas e inalteradas e não produzirão o menor cheiro. »

II. **Embalsamento para a conservação temporaria dos cadaveres.** A conservação temporaria póde ser necessaria: 1° para favorecer os estudos anatomicos; 2° para prevenir as emanações infectas que deramam os cadaveres, cuja inhumação é retardada.

§ 1. — Conservação temporaria dos cadaveres e das peças anatomicas nos amphitheatros de dissecção.

Hyposulfito de soda. A solução saturada de hyposulfito de soda, adoptada na Escola de medicina de Pariz, preserva os cadaveres da putrefacção durante dois ou tres mezes. É empregada em injecção no systema vascular, previamente lavado por uma injecção d'agua pura. O hyposulfito de soda deve ser perfeitamente neutro; sendo alcalino é inefficaz; sendo acido ataca os instrumentos de dissecção.

Chlorureto de zinco. A solução aquosa de chlorureto de zinco, na proporção de 5 d'este para 100 d'agua injectada na carotida para encher o systema vascular, é de uma efficacia sufficiente. Esta solução não altera sensivelmente o córte dos escalpellos.

Sulfato de zinco. A solução de sulfato de zinco, na proporção de 5 partes d'este sal para 100 d'agua, póde ser empregada em injecção com vantagem.

Azotato de potassa, sal marinho, etc. Muito recommendado, como dando excellentes resultados, a injecção seguinte pela arteria carotida:

Sal marinho	4	Assucar	2
Azotato de potassa	1	Agua morna	15

O systema vascular deve ser previamente lavado com agua pura.

Alcool. A immersão no alcool a 60° centesimaes preserva os cadaveres

da putrefacção, mas as partes molles contrahem-se e deformam-se n'este liquido.

Acido phenico. É um antiseptico energico. Os cadaveres injectados com agua tendo em dissolução 1/500 d'este acido são completamente preservados da putrefecção, mas o seu cheiro é desagradavel; alem d'isto não é completamente inoffensivo para os instrumentos de dissecção. Entretanto emprega-se com vantagem quando podem ventilar-se os amphitheatros.

O glycereo d'acido phenico, preparado com 200 partes de glycerina e 1 parte d'acido phenico, applicado, sobre a superficie das demonstrações anatomicas, preserva-as da decomposição putrida.

Saluções arsenicaes. Empregadas outr'ora estão abandonadas por causa de suas propriedades venenosas.

§ 2. — Conservação temporaria dos cadaveres cuja inhumação é retardada.

1° Pôr o cadaver sobre uma camada de 5 centimetros de pós de Vafflard (mistura de 1 parte de acido phenico impuro e 5 partes de serradura de madeira). V. p. 933. Cobrir depois o cadaver com os mesmos pós; 20 a 30 kilogrammas de pó são sufficientes para um ataude de adulto.

Estes pós excedem o fim, impedindo completamente a putrefacção.

Os pós seguintes são de uma efficacia menos absoluta:

Serradura de madeira ou carvão em pó.....	25 kilogr.	Residuo de alcatrão de lenha.....	5 kilogr.

O coaltar misturado na proporção de 20 partes para 100 de serradura de madeira ou de gesso pulverizado produz o mesmo effeito:

Os pós seguintes podem preencher a mesma indicação:

Serradura de madeira.....	50	Sulfato de zinco, ou sulfato de ferro.....	20
Essencia de alfazema.....	1		

EMBARAÇO DO ESTOMAGO, Embaraço gastrico, Enchimento do estomago, ou Enfarte do estomago. Estes diversos nomes applicam-se ao incommodo passageiro caracterizado pelos *symptomas* seguintes:

Dôres de cabaça, fadiga, dôres por todo corpo, vontade de lançar, fastio, prisão do ventre, lingua branca ou amarellada. No fim de dous ou tres dias, apparece a diarrhea, diminue a cephalalgia e o doente fica curado sem que tivesse febre.

Em certos casos a molestia toma outro curso. O doente fica muito abatido, tem dôres na barriga e febre intensa, o que faz desconfiar que a molestia seja a febre typhoide. A febre ás vezes persiste por alguns dias e resiste ao emprego dos vomitorios e dos purgantes. N'estes casos o doente deve ficar na cama e ter uma dieta rigorosa.

As causas do embaraço gastrico são: os excessos nas comidas, o abuso do alcool, e dos alimentos muito temperados, cansaço exagerado e nutrição pesada favorecendo a prisão do ventre, e tambem as influen-

cias de temperatura ou de clima do que resulta o apparecimento da molestia em certas e determinadas epocas do anno.

Tratamento. Quaesquer que sejam as causas d'esta molestia, ella é leve e dura só alguns dias, se fôr tratada convenientemente. É preciso logo a principio observar dieta um pouco severa, e usar de bebidas acidulas, taes como limonada de limão, de laranja, de cajú, etc. Se este tratamento não fôr sufficiente, convem recorrer a um vomitorio. Cinco a dez centigrammas de tartaro emetico, dissolvidos n'uma chicara d'agua morna, e tomados de uma vez, é o que convem. Mas se houver diarrhea, em logar do tartaro emetico, convirá empregar 1 gramma de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna. Se houver prisão de ventre, tomem-se 60 grammas de sal d'Epsom no dia seguinte ao do vomitorio de tartaro emetico.

Se o doente sentir dôres na bocca do estomago, e se esta região fôr mui sensivel á compressão, em vez de vomitorios, será preciso applicar uma cataplasma de linhaça no ventre, e recorrer aos purgantes ou a um dos seguintes preparados :

1° Pós de Paterson, de sub-nitrato de bismutho e magnesia, na dóse de um papel pela manhã e outro á noite, diluido em meio copo d'agua com assucar.

Pastilhas de Paterson, na dóse de 3 ou 4 pastilhas no correr do dia.

2° Pós toni-digestivos de Royer, de pepsina, pancreatina e sub carbonato de bismutho, na dóse de duas colheres, das de chá, que se tomam em hostia ou diluido em um pouco d'agua ou de caldo, antes do almoço e do jantar.

3° O pó de Carvão de Belloc, na dóse de 2 a 6 colheres, das de sopa, depois de cada refeição, diluido em um copo d'agua; ou 6 a 12 pastilhas do mesmo carvão que se chupam depois da comida.

4° As preparações de papaina de Trouette-Perret. *Veja-se* PAPAINA.

5° Hostias de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho, que se tomam na dóse de uma ou duas, de duas a duas, ou de tres em tres horas, sem interrupção, mesmo na hora da comida.

6° Vinho de Cabanes, na dóse de um calice ao almoço e ao jantar.

EMBIGO. Dá-se este nome á cicatriz que resulta da quéda do cordão umbilical. Nas crianças recem-nascidas, a palavra *embigo* designa o ponto do ventre onde se acha inserido o cordão.

Logo depois da nascença, é preciso cortar o cordão umbilical a cinco ou oito centimetros de distancia do ventre, e ligal-o immediatamente com fios de linho; mas se o cordão fôr molle, podem os fios de linho cortal-o, e é melhor em tal caso empregar uma mecha de fios de algodão. Nos partos de uma só criança, liga-se unicamente a extremidade do cordão que fica com a criança, e deixa-se a outra extremidade sem ligadura; nos casos porém de parto duplo, depois da primeira criança, é preciso fazer a ligadura em dois logares : a primeira a cinco centimetros, e a outra a sete centimetros do ventro da mesma criança, e cortar o cordão com tesoura no intervallo d'estas duas ligaduras. Sem esta segunda ligadura poderia sobrevir uma hemorrhagia. Depois de ligada, a extremi-

dade adherente do cordão deve ser envolvida n'um panno de linho ou de algodão, levantada para cima do lado esquerdo, e mantida com uma ligadura. D'esta maneira não comprime o figado, nem está exposta a ser molhada pelas ourinas. Depois de sua quéda, que tem logar do terceiro ao setimo dia, lava-se com agua morna e cobre-se com um panno de linho secco ou untado com ceroto a pequena ulceração que lhe succede. Ás vezes esta ulceração sára com difficuldade; cumpre então povilhal-a com pó de folhas de murta.

Fungosidades do embigo. Em algumas crianças, immediatamente depois da quéda do cordão umbilical, apparece certa excrescencia fungosa que não tarda a augmentar. Esta excrescencia é rubra, humida, assaz semelhante ao morango; ás vezes saliente, outras vezes profundamente escondida na cavidade umbilical; está pegada á cicatriz umbilical por uma base estreitada, ou por um pediculo mui estreito. Abandonada a si, esta pequena fungosidade continua a crescer, causa á criança dôres vivas; pelo que é preciso destruil-a quanto antes. Uma leve cauterização com pedra infernal basta ás vezes quando o tumor não é consideravel. Quando é mais volumoso, é melhor excisal-o ou apertal-o com linha.

Hemorrhagia umbilical dos recem-nascidos. Em consequencia da molleza natural, ou das tracções intempestivas da parteira, o cordão umbilical póde romper-se na sua base, perto da pelle, e produzir hemorrhagia mortal. Esta hemorrhagia póde tambem apparecer espontaneamente, depois da quéda natural do cordão umbilical, entre o setimo e decimo terceiro dia depois do nascimento. As hemorrhagias umbilicaes dos recem-nascidos são quasi sempre mortaes.

Tratamento. Perder-se-hia um tempo precioso se se empregasse, para vedar esta hemorrhagia, pedrahume, colophonia ou as cauterizações. Existe um só meio efficaz : consiste em atravessar a cicatriz umbilical com um alfinete, e apertar a pelle com a linha, fazendo a ligadura em massa de todas as partes molles. Contra a hemorrhagia que apparece depois da quéda espontanea do cordão, póde empregar-se a compressão com fios, ou com os dedos. A compressão com os dedos, praticada sem cessar durante 24 horas, foi ás vezes sufficiente para curar a molestia. Deve-se recorrer a ella em todos os casos antes da chegada do cirurgião.

Mal de embigo. *Veja-se* MAL DE SETE DIAS.

Quebradura do embigo. Dá-se o nome de *quedradura do embigo*, ou *quebradura umbilical,* a um tumor que resulta da sahida dos intestinos atravéz do annel umbilical, ou no logar vizinho d'essa abertura. Esta molestia mostra-se nas crianças recemnascidas, ou logo depois da quéda do cordão umbilical, ou nos adultos : ha por conseguiute tres especies de quebraduras do embigo : a quebradura *congenial* a das *crianças*, e a dos *adultos*.

Quebradura congenial dos recem-nascidos. Varía muito o volume d'esta quebradura : é ás vezes tão pequeno, que as pessoas que ligam o cordão podem abrangêl-a na ligadura; d'onde resultam accidentes graves e ás vezes a morte; sobrevem então vomitos, prisão e inchação do ventre, febre; forma-se depois um anus anormal, ou o recem-nascido succumbe.

Por conseguinte é necessario haver muito cuidado quando se liga o embigo de uma criança.

Quando a quebradura do recem-nascido é pequena, não offerece perigo algum : o tratamento consiste em recolher o intestino, ligar e cortar o cordão, e exercer sobre o embigo uma compressão por meio de chumaços e de cinta, para obstar á reproducção da molestia.

Mas sendo a quebradura consideravel, a morte é quasi sempre inevitavel. Eis-aqui o que faz o perigo d'esta molestia : A pelle que reveste a quebradura, e que pertence ao cordão umbilical, destroe-se, assim como este ultimo, seis ou sete dias depois do nascimento; o intestino fica então descoberto, e sobrevem uma inflammação promptamente mortal.

A *quebradura do embigo das crianças* forma-se ordinariamente pouco tempo depois da quéda do cordão umbilical, ou nos primeiros mezes que seguem o nascimento ; póde sobrevir no quarto ou no quinto anno, mas isto acontece raras vezes. As suas *causas* são : os gritos da criança, os vomitos, a tosse, e sobretudo a coqueluche. Apresenta-se sob a fórma de um tumor alongado, que augmenta quando a criança chora ou tosse; depois de reduzida a quebradura, sente-se a abertura que lhe dá passagem.

A quebradura que se declara algum tempo depois do nascimento é muito menos grave do que a dos recem-nascidos; mas no maior numero de casos não se póde obter a cura radical senão nas crianças menores de seis annos.

A reducção d'esta quebradura é mui facil : se o tumor fôr pouco volumoso, a compressão deve ser feita directamente de diante para traz; mas se o tumor fôr grande, torna-se preciso comprimir um pouco obliquamente de baixo para cima.

Depois da reducção, o *tratamento* consiste na compressão, que deve ser continuada por algum tempo. Quatro a seis semanas são sufficientes para as crianças mui novas. Eis-aqui como se procede : Corta-se um pedaço de rolha de cortiça, envolve-se n'um panno de linho, applica-se ao embigo, e segura-se com cinta. Para que a cortiça não possa sahir, é bom applicar por cima d'ella emplasto adhesivo, e por cima d'este pôr a cinta. Este apparelho é sufficiente para as crianças mui tenras; para as de maior idade convem empregar fundas elasticas (fig. 414).

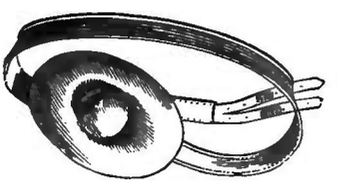


Fig. 414. — Funda umbilical.

Quebradura do embigo dos adultos. As pessoas gordas que emmagrecem, e as mulheres que tem tido muitos partos são muito expostas á quebradura do embigo. É um tumor não doloroso, sem mudança na côr da pelle; é duro e augmenta de volume quando o doente está em pé, ou quando tosse; é molle, pelo contrario, e desapparece ás vezes inteiramente, quando o doente se deita ou quando o comprime com a mão; torna a apparecer quando cessa a compressão : ás vezes percebem-se n'este tumor certos ruidos que dependem do movimento dos gazes dentro dos intestinos.

A quebradura dos adultos não offerece as mesmas probabilidades de cura que a das crianças, porque o annel perdeo a tendencia para se contrahir; entretanto não é incuravel.

Para reduzir a quebradura dos adultos, é preciso que o doente se deite de costos e encolha as coxas; comprime-se-lhe então o tumor com a mão, e depois de feita a reducção, applica-se funda elastica que tenha no meio uma almofadinha connexa.

Ulcerações do embigo. Encontram-se ás vezes nas crianças ou nos individuos gordos excoriações da pelle que cobre a região umbilical; em alguns casos são verdadeiras ulceras que fornecem suppuração abundante. Combatem-se com fios molhados em vinho tinto, ou com a cauterização com pedra infernal.

As ulcerações do embigo podem depender do virus syphilitico nos individuos affectados de cancro venereo; exigem n'este caso a applicação local de calomelanos, e um tratamento antisyphilitico interno.

Fistulas do embigo. Existem ás vezes fistulas do embigo que fazem communicar o exterior com a cavidade do ventre ou com uma bolsa desenvolvida accidentalmente no abdomen. Certas inflammações do intestino podem degenerar em abcessos que se esvasiarão n'esse nivel e as materias fecaes sahirão por esse anus artificial. Outras vezes são os abcessos do figado ou certas suppurações do peritoneo que abrem uma sahida pela mesma via. Emfim, nas crianças, a bexiga pode conservar uma communicação persistente com o embigo, em logar de se obliterar d'este lado como no estado normal, e então se por qualquer causa a urethra se fecha, a criança ourina pelo orificio umbilical

EMBOLIA. (Da palavra grega embolo, cylindro que funcciona dentro de uma bomba ou seringa.) Chama-se embolia á obstrucção de alguma grossa arteria ou veia por uma porção de sangue coagulado, d'onde resultam accidentes variados conforme o volume do vaso obstruido. Não se conhecem meios nem para prevenir nem para curar esta molestia.

EMBORCAÇÃO. *Veja-se* DUCHE

EMBOTAMENTO DOS DENTES. *Veja-se* DENTES.

EMBRIAGUEZ. Tomadas em pequena quantidade, as bebidas alcoolicas, e principalmente o vinho, tem por effeito habitual activar a circulação e produzir uma exaltação geral, ordinariamente assignalada por maior facilidade no exercicio das faculdades intellectueas, e uma especie de satisfação interior, acompanhada de disposições benevolas para com os outros. O homem não perde assim a razão; as suas acções e discursos tornam-se sómente mais livres, e descobrem melhor as suas inclinações e pensamentos secretos.

Tomadas sem reserva ou com excesso, as bebidas alcoolicas produzem uma agitação physica e moral mui grande, que se manifesta por gritos, cantos e uma alegria extravagante, ou disposição para brigar. O homem perde a razão. Os movimentos musculares, que eram firmes, tornam-se irregulares, a lingua parece pesada, e as palavras são imperfeitamente articuladas. É *o segundo gráo* da embriaguez.

No *terceiro gráo*, a embriaguez é acompanhada de uma congestão cere-

bral mais ou menos considcravel; o pulso torna-se lento, a respiração rouca; o corpo, que já cambaleava, não póde suster-se, ainda mesmo estando o individuo sentado; os olhos fecham-se, a voz desapparece, succedendo um somno tão profundo, que póde até terminar pela morte. Tem-se visto pessoas que, por haverem bebido de uma só vez por desafio ou por basofia, uma ou mais garrafas de caxaça ou de arguardente de França, succumbiram quasi immediatamente depois d'estas condemnaveis proesas.

Taes são os caracteres geraes da embriaguez; mas elles variam frequentemente de um modo mui notavel. Por exemplo, ha individuos, que se tornam tristes e taciturnos á medida que se vão embriagando, e acabam por experimentar um verdadeiro accesso de melancolia. Outros mostram furor acompanhado de movimentos convulsivos, experimentam uma especie de delirio, chamado *delirio nervoso* (*Veja-se* esta palavra). Uns tornam-se pallidos; outros, pelo contrario, tem o rosto animado. Muitos desatam em gargalhadas e ficam muito divertidos.

O costume de embrigar-se occasiona accidentes mais ou menos graves, e tanto mais promptamente funestos quanto mais fortes são as bebidas. Assim acontece, no fim de algum tempo, que os que se embebedam com caxaça emmagrecem, perdem pouco a pouco o appetite e as forças, e experimentam, pelo effeito da alteração dos principaes orgãos do ventre, primeiramente inchação das pernas, e depois uma hydropisia geral, que é sempre seguida de morte. Aquelle que se embebeda com cerveja limita-se a engordar immoderadamente, e a cahir n'um estado habitual de entorpecimento. O bebado por abuso do vinho tambem engorda ordinariamente, bem que em gráo menor, e experimenta um enfraquecimento notavel das faculdades intellectuaes, que o torna incapaz de qualquer occupação um pouco elevada.

Tratamento da embriaguez. A embriaguez simples não é grave. Bastam as mais das vezes alguns copos de limonada de limão ou d'agua com assucar e um pouco de vinagre, lavatorios d'agua fria no rosto e na cabeça, applicações, na testa, de pannos molhados em agua fria e vinagre, e alguns instantes de silencio e repouso, para se acalmar a excitação passageira. A embriaguez produzida pelos vinhos brandos e espumosos, como o vinho de Champanha, dissipa-se, sobretudo, facilmente.

No segundo gráo, o estado que nos occupa merece maior attenção. Algumas chicaras de chá, de café, ou oito a dez gottas de ammoniaco, em meio copo d'agua com assucar, contribuem frequentemente para fazêl-o desapparecer. O ether sulfurico e o acetato de ammoniaco, na dóse de 10 a 15 gottas em meio copo d'agua com assucar, produzem igualmente bons effeitos. Cumpre depois dar a beber limonada de limão ou de vinagre.

Quando a embriaguez chega ao estado de insensibilidade e de somno lethargico, é preciso deitar o doente de lado, com a cabeça leventada, n'um logar fresco, e tirar-lhe toda a roupa que possa embaraçar a circulação. O chá da India; administrado abundantemente, appressará o restabelecimento. Esta bebida, que póde ser substituida pela agua

morna, apresenta a dupla vantagem de diluir as materias alcoolizadas contidas no estomago e de favorecer a sua evacuação. Convem facilitar os vomitos, titillando a campainha com as barbas de uma penna, ou introduzindo dois dedos na garganta.

Estes meios convem igualmente no caso de embriaguez levada até á aniquilação quasi completa das acções vitaes. Convem, além d'isso, aquecer o individuo por meio de fricções com baeta quente, e applicar-lhe sinaspismos nos pés. Se o individuo não recuperar os sentidos, é necessario continuar as fricções sobre as differentes partes do corpo, com pannos seccos ou embebidos em vinagre ou ammoniaco, approximar-lhe um frasco de ammoniaco ao nariz, applicar sinapismos nas pernas, e o seguinte clyster :

Agua morna.....	300 grammas.
Sulfato de magnesia.....	60 —

Não se devem cessar estes soccorros, nem perder a esperança de restabelecimento, senão quando os membros se tornarem rijos e annunciarem que a vida está inteiramente extincta.

É mui raro que depois do desapparecimento de um accesso de embriaguez sobrevenham accidentes graves. Resulta só ordinariamente uma dôr de cabcça, mais ou menos viva, com fastio, amargor da bocca, sentimento doloroso no ventre, eructações com cheiro de ovos chocos, e uma especie de tremor muscular; symptomas que se dissipam ordinariamente com um ou dois dias de dieta e com o uso de bebidas aqueas, tomadas abundantemente.

O tratamento do delirio nervoso, que é frequentemente consequencia dos excessos d'este genero, está indicado em um artigo especial (vol I ,pag. 790).

Foram aconselhados, varios *preservativos* da embriaguez, e a historia romana cita Druso, que resistia a todos os seus convivas, tendo o cuidado de comer cinco ou seis amendoas amargas durante o banquete. Mas deve-se conceder pouca confiança a este meio, e antes attribuir essa faculdade á resistencia que offerecem certas organizações á acção dos licores alcoolicos. Em limites restrictos, o habito das bebidas fermentadas enfraquece a sua acção sobre o systema nervoso; e póde-se beber grande quantidade d'ellas sem perder a razão. Quando, pelo contrario, a embriaguez é quasi habitual, bastam pequenas quantidades de vinho ou de licor para embebedar: este estado, designado sob o nome de bebedice, occasiona tão grandes modificações no rosto e no olhar, que basta um simples exame para se conhecer immediatamente a pessoa entregue a esse funesto costume; que, n'este gráo, torna-se uma paixão invencivel.

EMBROCAÇÃO. Assim se chama a applicação sobre a pelle de oleo de amendoas doces, de oleo camphorado, ou de algum outro liquido oleaginoso. Um pedaço de flanella, molhado em balsamo tranquillo, e posto sobre o veutre, tem o nome de embrocação. Deve entender-se o mesmo pelas uncções oleaginosas que se fazem no rosto, perna ou

alguma outra região do corpo. Muitas pessoas chamam-lhe *fomentação*, que é outra cousa. (*Veja-se* FOMENTAÇÃO). Não se confunda tambem a *embrocação* com a *emborcação* ou *duche*.

EMBRYÃO (fig. 415 a 418). Quando o ovulo foi fecundado pelo contacto e a penetração do espermatozoide, o seu conteudo se divide em grande numero de cellulas que se collocam em muitas camadas e que constituem a origem do organismo. N'este periodo do seu desenvolvimento, do corpo humano envolvido no ovo, deram o nome de embryão. Todos os orgãos vão se desenvolvendo uns após outros; um dos primeiros que apparece é o coração. Em dois mezes e meio o embryão se acha completo,

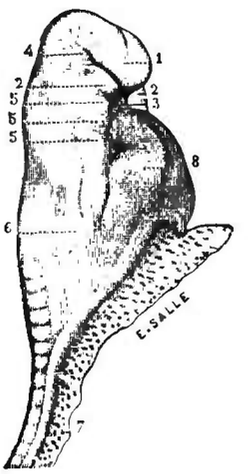


Fig. 415. — Bocca de um embryão de 15 dias (*).

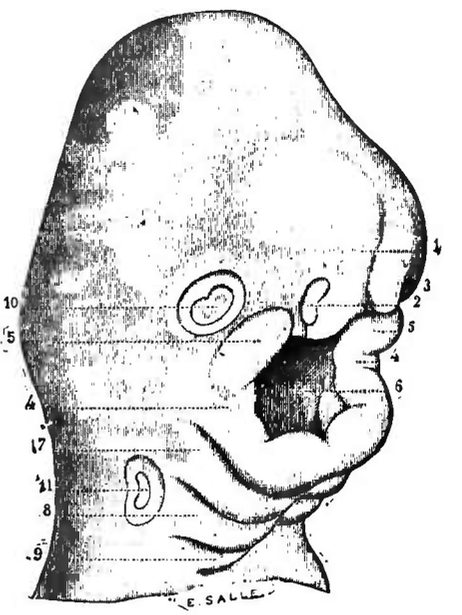


Fig. 416. — Bocca de um embryão de 25 a 28 dias (**).

no ponto de vista de sua estructura geral, mas não poderia ter vida independente. Falta-lhe completar o desenvolvimento de certos orgãos e adquirir as forças necessarias para a vida exterior. No quarto mez da gravidez, o periodo embryonario propriamente dito acha-se terminado. O producto da concepção toma então o nome de feto.

EMBRYOTOMIA. Mutilação do feto com o fim de terminar um parto no qual a hydrocephalia ou o estreitamento da bacia é um impe-

(*) 1, Primeiro vestigio do nariz; 2, 2, primeiros vestigios das azas do nariz; 3, vestigios da sob separação; 4, parte media ou mediana do labio superior, constituido pela approximação e a fusão das duas excrescencias successivas; uma pequena abertura mediana indica mais a separação primitiva d'estas duas excrescencias; 5, 5, excrescencias maxillares superiores, formam as partes lateraes do labio superior; 6, 6, regos com os quaes formar-se-hão depois o sacco lagrymal o o canal nasal; 7, labio inferior; 8, bocca; 9, 9, as duas metades lateraes da abobada palatina muito chegadas para frente, porem ainda muito afastadas para traz.

(**) Excrescencia mediana cuja parte inferior acha-se consideravelmente alargada; 2, venta direita; 3, venta esquerda; 4, 4, excrescencias maxillares inferiores já se achando na linha mediana; 5, 5, excrescencias maxillares superiores, já assaz desenvolvidas, e descidas ao nivel da abertura da excrescencia mediana; 6, bocca; 7, primeiro arco vesical; 8, segundo arco vesical; 9, terceiro arco vesical; 10, vestigio do olho; 11, vestigio da orelha.

dimento á expulsão completa do feto. Quando a criança está morta e que torna-se impossivel o parto, é indispensavel a embryotomia. Quando a criança está viva, o parteiro antes de fazer uma operação da qual resulta morte immediata d'essa criança, tem por dever consultar a familia da parturiente e de se submetter ás suas decisões, se deve praticar a embryotomia, que sacrifica a criança, ou a operação cesariana que põe em perigo a vida da mãi. Digamos desde já que esta operação já não é tão perigosa como outr'ora, graças á antiseptia. Só

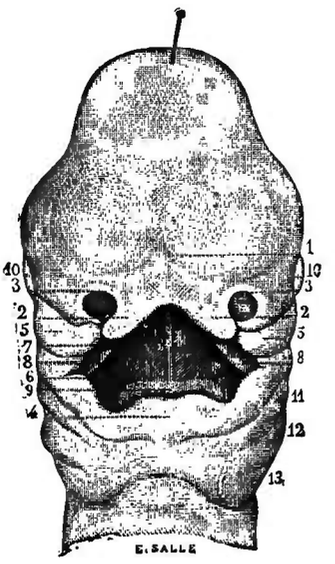


Fig. 417. — Bocca dc um embryão de 35 dias (*).

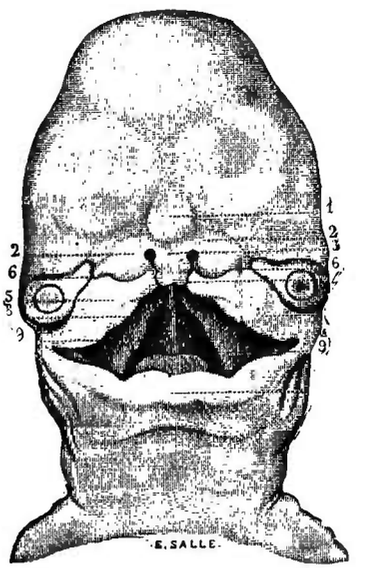


Fig. 418. — Bocca de um embryão de 40 dias (**).

se deve consultar a mãi no caso que se julgue necessario praticar a operação cesariana. A embryotomia deve ser sempre praticada sem que ella saiba.

Ha diversos processos que o operador pode escolher, cada qual d'elles tem suas indicações particulares e deve ser applicado em determinadas circunstancias. Esses processos são: a cephalotripsia; a craneotomia; a cephalotomia, a rachitomia e a evisceração. Faz-se a cephalotripsia esmangando a cabeça da criança para que diminua de tamanho. Muitas vezes pratica-se esta operação depois de se esvasiar a

(*) 1, Excrescencia mediana muitissima aberta em sua parte superior; 2, 2, excrescencias incisivas produzidas por esta abertura; 3, 3, ventas; 4, 4, labio e queixal inferiores fornecidos pela reunião das excrescencias maxillares inferiores; 5, 5, excrescencias maxillares superiores contiguas ás excrescencias incisivas; 6, bocca ainda confundida com as fossas nasaes; 7, vestigios da separação das fossas nasaes; 8, 8, vestigios das duas metades da abobada palatina; 9, lingua; 10, 10, olhos; 11, 12, 13, arcos visceraes.

(**) 1, Primeiro vestigio do nariz; 2, 2, primeiro vestigio das azas do nariz; 3, vestigio da separação; 4, parte media ou mediana do labio superior, constituido pela approximação e a fusão de duas excrescencias incisivas; uma mui pequena abertura mediana indica tambem a separação primitiva d'essas duas excrescencias; 5, 5, excrescencias maxillares superiores formando as partes lateraes do labio superior; 6, 6, regos que serão mais tarde o sacco lagrymal e o canal nazal; 7, labio inferior; 8, bocca; 9, 9, as duas metades lateraes da abobada palatina, já bastante approximadas para frente, mas ainda assaz afastadas para traz.

caixa craneana e expellir a substancia cerebral por meio da craneotomia. Estes dous processos completam-se um com o outro. A cephalotomia é menos empregada, consiste ella na secção do pescoço ou verdadeira degolação. Com um rachitome (instrumento que serve para abrir o canal rachidio sem lesar a medulla), divide-se o espinhaço; secção que é sempre vagarosa e difficil. Quanto a evisceração, ella se pratica com instrumentos especiaes. O parteiro leva o instrumento até ao thorax da criança, abre-o n'elle introduz a mão e extírpa as visceras (coração, pulmões, figado, etc.) até que sinta que ha diminuição de volume sufficiente, continuando a operação até divisão mais ou menos completa da criança.

EMETICO. Tomada adjectivamente, a palavra *emetico* emprega-se em geral para designar todo o medicamento dotado da propriedade de provocar vomitos; tomada substantivamente, serve para designar um sal conhecido debaixo das denominações seguintes: *tartaro de antimonio e de potassa*, *tartaro stibiado* ou *estibiado*, *tartaro emetico*. Tratarei n'este artigo unicamente do tartaro estibiado; quanto aos medicamentos emeticos considerados geralmente, *veja-se* o artigo VOMITORIO.

O tartaro emetico é um sal branco, crytallizado em octaedros ou tetraedros meio transparentes, inodoros, de sabor styptico e nauseante, soluvel na agua. É um poderoso vomitorio. Administra-se na dóse de 5 a 10 centigrammas, dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, que se bebe de uma só vez ou em duas dóses com um quarto de hora de intervallo. Facilitam-se os vomitos bebendo-se por vezes agua morna. Em alguns individuos, o tartaro estibiado occasiona, em logar de vomitos, dejecções alvinas; em outras pessoas produz um e outro effeito. Este medicamento, administrado da maneira que acabo de expôr emprega-se nas constipações, nas bronchites, nas erysipelas, nas esquinencias, no crup, e em outras muitas molestias. Augmentando as dóses do emetico e repetindo-as uma após outra, e em pequena quantidade de liquido, não se obtem os mesmos effeitos. Poder-se-hão introduzir no estomago 1 a 2 grammas, sem que os vomitos ou a diarrhea sejam provocados. Outros phenomenos não menos incomprehensiveis se apresentam ao observador: o pulso torna-se lento, bate sómente 50 a 55 vezes por minuto; a transpiração cutanea e a secreção urinaria augmentam consideravelmente. Esta accão do tartaro estibiado, á qual a escola italiana deo o nome de *contra-estimulante*, foi aproveitada no tratamento das inflammações do peito e dos rheumatismos agudos, e tem produzido curas admiraveis. Em mui alta dóse de uma só vez, o tartaro emetico é um veneno, porém em pequena dóse, 5 a 10 centigrammas, administra-se em muitos casos de envenenamentos, afim de se obter, pelos vomitos, a evacuação das substancias venenosas contidas no estomago.

O contraveneno do tartaro emetico é o chá da India mui carregado, e o cozimento de casca de romã, de quina ou de noz de galha.

EMETINA. A emetina nada tem de commum, como composição, com o emetico, como o nome parece indicar. E um producto que se

extrahe da poaia (*ipeca-cuanha cephælis*) planta da familia das Nubiaceas. Ella constitue o principio activo da poaia, não apresenta, porem, as mesmas vantagens, porque a sua acção é muito forte para que possa ser medida facilmente. Como o proprio tartaro estibiado, ella cansa e abate os doentes. É pouco empregada.

EMETO-CATHARTICOS. Dá-se este nome á mistura de medicamentos que tem por effeito determinar vomitos e purgar. Ordinariamente é a seguinte :

Agua.....	500 grammas.
Emetico.....	5 centigrammas.
Sulfato de magnesia.....	60 grammas.

da qual se toma um copo de quarto em quarto de hora. Os emeto-cathar-ticos empregam-se nos embaraços gastricos.

EMMAGRECIMENTO. Diminuição gradual do volume do corpo. O emmagrecimento póde depender de duas especies de causas bem differentes, cuja distincção é muito importante para o tratamento.

Manifesta-se ás vezes independentemente de toda a molestia, e chama-se então *essencial* ou *physiologico*. As circumstancias que mais frequentemente o occasionam são : a época da adolescencia e a da decrepitude, um crescimento rapido, o vicioso costume da masturbação, excessivos trabalhos mecanicos ou intellectuaes, affecções moraes profundas, e sobretudo concentradas, como a inveja nas crianças, o pezar, a tristeza, a ambição, o amor, e tambem as longas abstinencias, vigilias prolongadas, o excesso dos prazeres, o abuso dos licores espirituosos, etc. O uso contínuo dos acidos, e principalmente do vinagre, póde igualmente determinar a apparição do phenomeno que nos occupa.

Outras vezes, e isso é mais geral, o emmagrecimento é o effeito de alguma molestia aguda ou chronica. É ás vezes um signal de affecções verminosas nas crianças e mesmo nos adultos. Observa-se então que os doentes, e principalmente os que são affectados de solitaria, emmagrecem muito, sem comtudo experimentarem diminuição do appetite. Vê-se muitas vezes nas mulheres gravidas a affluencia dos humores do lado do utero determinar o emmagrecimento das outras partes ; este não é perigoso, e não dura mais que o periodo da gravidação.

Ainda quando o emmagrecimento fôr puramente physiologico, isto é, estranho a uma lesão organica bem conhecida, merece comtudo grande attenção ; porque indica uma falta de distribuição entre as forças vitaes, e porque é acompanhado em geral de uma sensibilidade nervosa que torna os orgãos mais susceptiveis de serem affectados de alguma molestia : banhos mornos repetidos, alimentos nutrientes e de facil digestão, como as decocções dos grãos cereaes, tapioca, salepo, sagú, milho, araruta, pão, geleas vegetaes e animaes, carnes assadas e caldos, podem ser empregados com vantagem, assim como tambem é util tomar nas horas de refeição um copo de vinho de Baudon, de antimonio phosphatado, ou um calice de elixir alimenticio Ducro. Quanto ao emmagrecimento symptomatico, o tratamento deve ser dirigido contra a molestia

que o produz. Contra o emmagrecimento prematuro aproveita muito o vinho de Cabanes de lacto-phosphato de cal c de ferro com quina, na dóse de um calice de licor antes do almoço e do jantar.

Contra o emmagrecimento geral muito aproveitam as preparações dc pcptona, de Catillon; as de papaina de Trouette-Perret; as de pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquct; o elixir dc pepsina c glycerina de Catillon; o vinho bi-digestivo de Chassaing; a Osteina-Mouriès e as pilulas genuinas de Vallet. È util tambem que o docnte use do pó dc carne diastasado de Trouettc.

EMMENAGOGOS. Existe um preconceito popular que faz crêr na existencia de medicamentos que actuando sobre o utero de certo modo podem directamente fazer rcapparecer a menstrução quando se acha supprimida. Attribuiram esse poder a certas substancias que actuam mui indirccta e inconstantemente sobre os orgãos genitaes.

Para fazer voltar as regras, é neccssario quasi sempre obrigar as doentes a seguirem um rcgimen especial que consiste no cmprego da hydrotherapia, morar perto do mar, fazer cxercicio moderado e regular, tomar ferro, quinio Labarraque e outras preparações dc quina, acetato de ammoniaco na dóse de 3 a 6 grammas, bicarbonato de soda, etc.

Os medicamentos emmenagogos propriamente ditos são: artimisia, arruda, sabina, açafrão, sulfureto de carboneo, garança, iodo, centeio espigado, polygala, apiol, etc. Os mais activos, a arruda e a sabina, são empregados quasi sempre com o fim criminoso de fazer abortar; são medicamentos que tem o duplo inconvenientc de nem sempre serem efficazes e de serem venenos terriveis cujo emprego tem causado grandes accidentes. O sulfureto de carbono dissolvido no alcool tem sido dado na dóse de 10 a 20 gottas por dia; é de effeito duvidoso é o que se dá com a garança e as outras substancias citadas acima. O apiol que é um extracto da scmente da salsa hortense é muito perigoso para que se possa empregal-o em circunstancias ordinarias.

Vê-se pois que na realidade não ha bons cmmenagogos, e que os melhores não merecem o nome que se lhc dá: As mais das vezes são inuteis e perigosos. Quando haja a tratar de mulheres que tenham desarranjos menstruaes, o melhor é investigar a causa de onde provem o mal e combater os accidentes per meio de um regimen appropriado.

EMOLLIENTES. Designam-se debaixo d'este nome todos os meios medicinaes, e principalmente certas substancias medicamentosas que gozam da propriedade de relaxar os orgãos. A agua morna, empregada em bcbidas, fomentações, banhos e vapores, é o emolliente de que mais frequentemente se usa, e que serve quasi sempre de vehiculo a todos os outros. Entre as substancias vegetaes, pertencem á classe dos medicamentos emollientes, raiz de althéa, folhas de malvas, flores de violas, sementes de linho, semcntes de marmelo, vassourinha; os fructos adocicados, taes como passas, figos seccos, tamaras, pevides de abobora, de melancia; as amendoas, todas as gommas, e principalmente a gomma arabica e alcatira, o polvilho, e todas as substancias que contém fecula, como cevada, arroz, farinha de mandioca, e o miolo de pão. Entre as

substancias animaes; contam-se a gelatina ou colla de Flandres, que serve para preparar os banhos emollientes, as decocções de carne, de frango, de vitella, tartaruga; emfim, emprega-se tambem como emolliente o sôro e as differentes especies de leite.

Applicados á superficie da pelle, os emollientes tornam-n'a mais molle, acalmam a vermelhidão e as differentes especies de irritação de que póde ser affectada, e d'aqui vem os nomes de *diluentes* e de *relaxantes* que ás vezes se lhes dão. Introduzidos nas vias gastro-intestinaes, pela bocca ou pelo anus, produzem a principio os mesmos effeitos que na pelle; diminuem, além d'isso, a sêde, o calor interior, as irritações intestinaes, acalmam a tosse, a febre e a dôr.

Empregam-se os emollientes sob todas as fórmas, em cozimentos, poções, fomentações, emplastos, cataplamas, clysteres, banhos, etc.

EMPHYSEMA. Dá-se este nome a todo o tumor branco, luzidio, elastico, indolente, causado pela introducção do ar no tecìdo cellular; não conserva a impressão do dedo, como acontece na inchação occasionada pela serosidade infiltrada no mesmo tecido. As causas do emphysema são as fracturas das costellas, as feridas penetrantes do peito, as soluções de continuidade da larynge, da trachea, dos pulmões.

Eis-aqui como se forma o emphysema.

O ar expulso pela expiração percorre com bastante celeridade, como se sabe, a trachea e a larynge para sahir pela bocca e pelo nariz; existindo uma ferida em algum ponto do canal aereo, o ar penetra por esta ferida, que é o caminho mais curto; mas se a ferida, em vez de largamente aberta, fôr estreita e sinuosa, o ar, não podendo chegar á pelle, introduz-se no tecido cellular que separa a pelle dos musculos, e o distende ás vezes de uma maneira prodigiosa. Por um mecanismo identico, o mesmo effeito terá logar no peito se o pulmão fôr ferido por um instrumento penetrante, suppondo sempre que a ferida não seja mui larga. O emphysema é ainda inevitavel quando n'uma fractura das costellas, um dos fragmentos agudos do osso penetra do lado do pulmão e rasga este orgão sem que haja entretanto ferida exterior

N'estes diversos casos a pelle fica estirada e um pouco luzidia, apresentando um tumor molle, elastico, indolente, que não conserva a impressão do dedo, mas que faz ouvir, quando se comprime, uma crepitação semelhante, até certo ponto, áquella que se sente quando se amassa um pedaço de pergaminho ou uma bexiga secca. Este tumor, limitado a principio ao logar vizinho da ferida, não tarda a estender-se se a causa que o produzio persiste; invade successivamente o peito, o pescoço, o rosto, o ventre, depois as coxas, emfim todo o corpo. Esta accumulação tão grande de ar não pode ter logar sem incommodar as funcções de muitos orgãos.

Felizmente, esta molestia as mais das vezes não tem muita gravidade.

O *tratamento* consiste em comprimir com ataduras o logar da ferida, para impedir a infiltração continua do ar. Muitas vezes a natureza intervem felizmente; a ferida inflamma-se, incha e deixa de ser permeavel. Se o tumor é pequeno, o ar absorve-se e desapparece pouco a pouco. Favo-

rece-se a absorpção com fricções de aguardente comphorada. Mas se o tumor fôr demasiado grande para poder desapparecer por si mesmo, dá-se sahida ao ar por meio de incisões superficiaes praticadas na pelle com lanceta.

EMPHYSEMA PULMONAR. Dilatação anormal do tecido dos pulmões pelo ar. Esta lesão apresenta duas fórmas; a mais commum é a dilatação dos alveolos, é o *emphysema vesicular*; é este que se entende designar quando se falla do emphysema pulmonar sem outra qualificação. A segunda fórma é constituida pela presença do ar no tecido cellular interlobular; a ruptura do pulmão é a condição indispensavel do seu desenvolvimento : é o *emphysema interlobular*. Os symptomas das duas fórmas de emphysema são os mesmos.

Symptomas. O emphysema dos pulmões é caracterizado pela difficuldade de respirar que augmenta em certos intervallos, pela tosse, pelas alterações de ruido respiratorio e da sonoridade do peito :

1.° A difficuldade de respirar é um phenomeno quasi constante. A molestia principia muitas vezes na infancia ; outras vezes sobrevem mais tarde; raras vezes começa depois de cincoenta annos. A difficuldade de respirar é habitual; augmenta pelas fadigas corporaes, pelas emoções moraes, pela habitação n'um logar elevado, pela inchação gazosa do estomago e dos intestinos, etc.; apresenta exacerbações que se declaram em geral subitamente durante a noite. Os doentes são obrigados então a assentar-se precipitadamente, ás vezes a sahir da cama para respirar. A respiração é acelerada, a anxiedade grande ; ha muitas vezes imminencia de suffocação. Estes accessos podem não persistir senão algumas horas; ás vezes prolongam-se durante muitos dias, e a dyspnea, bem que diminuida de intensidade, fica ainda durante uma ou duas semanas bastante forte para privar os doentes do somno e forçal-os a ficarem assentados na immobilidade e no silencio. A difficuldade de respirar, no emphysema, explica-se pela compressão que as vesiculas dilatadas exercem sobre as que são sãs.

2.° Configuração do peito. — A deformação do peito é um dos symptomas mais communs do emphysema. Póde ser *geral*, isto é, occupar um lado ou os dois lados do peito; mas as mais das vezes é *parcial* isto é, limitada a um ponto mais ou menos circumscripto. Quando esta deformação existe, o peito toma fórma globosa convexa; os espaços intercostaes estão alargados e perfeitamente pronunciados.

3.° Sonoridade do peito. Percutindo o peito obtem-se um som mais claro do que de ordinario. Este phenomeno não existe igualmente em todos os pontos do peito, mas tem muita intensidade ao nivel das proeminencias que deixei indicadas. Quando a deformação é geral todo o peito está igualmente sonoro.

4.° Auscultação. — No emphysema, ha diminuição ou ausencia completa do ruido respiratorio; o que parece explicar-se porque certo numero de vesiculas já distendidas pelo ar são impermeaveis ao novo ar que chega ao peito em cada inspiração. Este phenomeno de auscultação é em geral limitado a um ponto mais ou menos circumscripto; ob-

serva-se sobretudo ao nivel das proeminencias, e no logar em que existe sonoridade exagerada. A auscultação dos individuos emphysematosos revela ainda a existencia dos ruidos sibilantes, roncantes, mucosos e subcrepitantes, isto é de todos os ruidos da bronchite. Estes ruidos indicam uma complicação catarrhal; é a esta que se deve attribuir a tosse mais ou menos forte, os escarros mais ou menos abundantes que existem, e emfim as dôres do peito, que geralmente são pouco vivas.

Causas. O emphysema é a consequencia de distensão dos alveolos pulmonares além dos limites de sua elasticidade, nos individuos que tem o tecido pulmonar molle. As suas causas determinantes são todas as molestias acompanhadas de tosse convulsiva, em particular a bronchite capillar, a coqueluche e a fórma secca do catarrho chronico. O emphysema póde ser produzido igualmente pelos esforços violentos, sem tosse antecedente; assim, observa-se nos padeiros, cantores, nas pessoas que tocam instrumentos de sopro, nos que levantam grandes pesos, etc. Nas crianças recemnascidas póde ser produzido pela insufflação pulmonar mui energica.

Tratamento. É preciso evitar o frio, a humidade, as vicissitudes atmosphericas; evitar a poeira, a fumaça, os gazes irritantes, a leitura prolongada, os esforços musculares.

Um vomitorio, de vez em quando : 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico.

Um purgante todos os mezes : 60 grammas de sulfato de soda; a limonada de citrato de magnesia, ou oleo de ricino 30 grammas.

Cozimento de musgo islandico, infusão de polygala de Virginia, xarope de renovo de pinheiro, xarope de ether sulfurico, oxymel scillitico, xarope de tolú.

Emplasto de pez de Borgonha no peito; vesicatorio na mesma região.

Pelo numero dos medicamentos que se empregam contra o emphysema, póde-se julgar que a molestia é difficil de curar; é longa e mui incommoda, porém não ameaça a existencia do doente.

EMPIGEM ou DARTRO. Molestia cutanea, de marcha lenta em geral, ordinariamente rebelde aos numerosos meios empregados contra ella, e cuja fórma é mui variavel. Umas vezes consiste na reunião de pequenos botões vermelhos, que deixam transudar alguma serosidade, e se convertem em poeira, escamas furfuraceas, ou em crostas mais ou menos grossas. Outras vezes dá-se o nome de empigem a pustulas e ulcerações, emfim a simples nodoas vermelhas. Vulgarmente dá-se á empigem o nome de *molestia de pelle;* em medicina chama-se *dartro.*

Causas. É necessaria uma predisposição particular para se poder contrahir as empigens, e esta, como a maior parte das predisposições, não é conhecida em sua natureza; é frequentemente hereditaria, mas póde tambem ser adquirida. É tão grande esta predisposição em certos individuos, que a menor arranhadura é seguida de uma empigem. Emfim, em alguns casos, bem que mui raros, as empigens podem ser communicadas por contagio. Tudo quanto irrita directa ou indirectamente a pelle póde tornar-se causa de empigens. Assim, apparecem debaixo da influencia

dos grandes calores do verão e dos climas quentes; pelo effeito do desalinho, pela habitação no seio de uma atmosphera carregada de poeira, e que, pegando-se á pelle, oppõe-se á transpiração. Porém a fonte mais fecunda d'estas molestias é o uso de alimentos irritantes, e precipalmente dos que são salgados, apimentados, fumados, fermentados, corruptos e indigestos. Emfim, as empigens podem mostrar-se em consequencia da suppressão da transpiração, de uma hemorrhagia, ou de algum outro fluxo habitual. O Dr. Alibert cita o caso de uma senhora, da idade de 24 annos, que foi affectada de uma empigem geral em consequencia da suppressão dos menstruos: no fim de oito mezes as funcções do utero restabelecêram, e a molestia da pelle desappareceo completamente. A syphilis é uma de suas causas frequentes; observam-se tambem nos individuos affectados de escrophulas, de sarna antiga ou de escorbuto.

As paixões tristes da alma tem influencia mui consideravel sobre a producção das empigens. O Dr. Alibert cita na sua obra muitos exemplos que põem esta influencia fóra de duvida. Uma mulher foi subitamente atacada de uma affecção da pelle, em consequencia de um pezar violento, occasionado pela perda de uma criança. Um criado vio de repente o seu corpo cobrir-se de uma empigem, pelo effeito da impressão viva que experimentou vendo seu amo conduzido ao supplicio durante as execuções revolucionarias. Nada é mais commum do que ver muitos individuos attribuirem a origem das molestias da pelle, de que são affectados, as emoções moraes que experimentáram, ás *revoluções* (segundo a expressão favorita do vulgo) que sentíram e que abaláram todo o seu organismo.

Symptomas. Os dartros ou as empigens apresentam-se debaixo de aspectos diversos, e constituem molestias differentes umas das outras. Distinguem-se sete especies: 1.ª *dartro furfuraceo volante*, que consiste em ligeiras exfoliações da epiderme que se assemelham a farelos (*veja-se* Pityriase); 2.ª *dartro escamoso*, exfoliações da epiderme, que forma escamas mais largas que na especie precedente (*veja-se* Eczema, Lichen); 3.ª *dartro crustaceo*, crostas amarellas, cinzentas, esbranquiçadas ou verdoengas, de differentes fórmas (*veja-se* Ozagre); 4.ª *dartro corrosivo*, botões pustulosos ou ulceras corrosivas que fornecem um pus fetido, e que não sómente acccommettem a pelle, mas tambem corroem os musculos e as cartilagens, e se estendem ás vezes até aos ossos (*veja-se* Lupo); 5.ª *dartro pustuloso*, pustulas mais ou menos volumosas, ás quaes succedem manchas avermelhadas (*veja-se* Acne); 6.ª *dartro phlyctenoide*, vesiculas produzidas pela elevação da epiderme, cheias de serosidade, e deixando, depois de seccas, escamas avermelhadas (*veja-se* Herpes); 7.ª *dartro erythemoide*, elevações vermelhas produzidas pela inchação do tecido cutaneo, terminando por exfoliações da epiderme analogas ás do erythema. Pelo que se vê, a palavra *dartro* ou *empigem* é mui vaga.

O *tratamento* varía conforme a especie. Leia por conseguinte o leitor os artigos Lichen, Pityriase, Eczema, Ozagre, Lupo, Acne, Mentagra, Herpes, Erythema. No artigo *Molestias de pelle* ha tambem algumas indicações especiaes..

EMPLASTO. Medicamento mais ou menos consistente, que se torna

molle pelo effeito do calor, e adhere á pelle sobre a qual se applica. Entre os emplastos, uns são formados de corpos gordos e oleosos; de resina, cera, pós vegetaes ou decocções, sem nenhum oxydo metallico : distinguem-se com o nome de *unguentos emplasticos*. Outros são solidificados pelo oxydo de chumbo, e dá-se-lhes o nome de *emplastos* propriamente ditos. Só se empregam externamente. Para este fim fazem-se amollecer em agua quente, e estendem-se então com os dedos molhados em azeite doce sobre panno ; outras vezes derretem-se ao fogo, e depois de derretidos, derramam-se sobre panno de algodão, de maneira que este não fique coberto senão de uma camada mui delgada; esta ultima preparação dos emplastos chama-se *esparadrapo*. O numero dos emplastos empregados no tratamento das molestias era outr'ora mui grande; hoje está mais limitado. Indico sómente os mais usados.

Emplasto simples : é composto de partes iguaes de banha de porco, azeite doce, lithargyrio (oxydo de chumbo), ao qual se incorpora certa quantidade d'agua. Este emplasto applica-se sobre os leicenços, para apressar a suppuração.

Emplasto adhesivo : é o mesmo que o diachylão. Estendido sobre panno de algodão, e cortado em tirinhas, serve para reunir os labios das feridas; isto é, para fazer o que se chama *pontos falsos*. *Veja-se* CURATIVO.

Emplasto vesicatorio : é composto de tres partes de pez branco, uma de terebinthina e duas e meia de cera amarella, que se derretem juntas; côa-se, e mistura-se-lhe intimamente parte e meia de cantharidas em pó mui fino. Quando se quer fazer uso d'esta massa emplastica, estende-se sobre panno ou papel. Para tornar o caustico mais forte, polvilha-se, no momento da applicação, com cantharidas grosseiramente pulverizadas.

Emplasto mercurial de Vigo : compõe-se de emplasto simples, cera amarella, pez, gomma ammoniaco, bdellio, myrrha, terebinthina, estoraque, alfazema e mercurio. Emprega-se contra os engurgitamentos chronicos dos testiculos e contra os bubões, afim de prevenir a suppuração das glandulas inflammadas e engurgitadas.

Emplasto diachylão. Veja-se DIACHYLÃO.

Emplasto de cicuta : compõe-se de pez, cera amarella, gomma ammoniaco e succo de folhas de cicuta. Applica-se sobre os tumores dos seios, engurgitamentos escrophulosos das glandulas, etc.

Emplasto do pobre homem, de Beral, cuja base é o alcatrão de Noruega. Emprega-se em medicina para calmar as dôres rheumaticas chronicas e agudas. Convem principalmente no rheumatismo muscular, no lumbago e no rheumatismo das articulações. Este emplasto tambem se emprega quando existe qualquer doença inflammatoria nos orgãos da respiração e da nutrição. Corta-se um pedaço do emplasto e se colloca entre as duas espaduas. Dentro de pouco tempo o doente fica alliviado. Este emplasto fabrica-se em casa de L. Frère, de Pariz, rua Jacob nº 19.

EMPOLA. Dá-se o nome de empola a pequenas bolhas que forma a epiderme levantada pela serosidade na occasião de uma fricção repetida contra um corpo duro, de uma queimadura, da applicação de cantharidas sobre a pelle, etc. É preciso abril-as com a ponta de alfinete ou

de uma agulha, sem tirar a epiderme; cobre-se depois a parte com um panno untado de ceroto ou com algodão cardado. Este ultimo curativo convem principalmente nas empolas produzidas pelas queimaduras.

EMPYEMA. Dá-se este nome a um ajuntamento de materias na cavidade do peito. A accumulação faz-se na pleura, sacco membranoso que depois de revestir o pulmão, fórra a parte corespondente das paredes do peito, e forma assim uma cavidade sem abertura.

Duas causas differentes podem determinar o empyema, umas vezes o pus é produzido por uma violenta inflammação da pleura chamada *pleuriz*, outras vezes é um abcesso formado n'um orgão vizinho, que vem abrir-se n'esta membrana e derramar n'ella a materia que contém.

A quantidade de pus que se encontra no peito é mui variavel; existem ás vezes muitos quartilhos d'elle : quanto ao liquido mesmo, ás vezes é uma serosidade, outras vezes é pus branco ou sanguinolento.

Symptomas. 1.° O ajuntamento do liquido não póde ter logar no peito sem compressão do pulmão; d'isto resulta o embaraço na respiração; 2 o lado doente do peito acha-se mais dilatado para poder dar logar ao pus que vem enchel-o : observa-se por conseguinte uma differença notavel nas dimensões das duas metades lateraes do peito, as costellas do peito, as costellas do lado affectado ficam mais afastadas umas das outras e mais levantadas; 3.° percutindo com os dedos o peito no estado de saude, ouve-se um som *sonoro*, como aquelle que se tira do objecto ôco; esta sonoridade é devida á dilatação dos pulmões pelo ar, e não se observa no peito senão no logar onde se acham os pulmões. Ora pois, quando o pus toma o logar de um d'estes orgãos, resulta d'isto necessariamente um phenomeno opposto : 4.° o som é abafado e assemelha-se áquelle que produz a percussão de um objecto cheio. No estado de saude ainda, com o ouvido applicado sobre as paredes do peito ouve-se a chegada do ar aos pulmões, produzindo um ruido conhecido debaixo do nome de *ruido respiratorio*. Pelo motivo já enunciado, nos casos de empyema este ruido desapparece, e nada se ouve, salvo na parte posterior perto da columna vertebral, para onde se acha o pulmão repellido; a auscultação dá n'este ponto o som particular conhecido debaixo do nome de *bronchophonia;* 5.° quando um doente affectado de empyema se deita sobre o lado são, o liquido contido no lado opposto pesa sobre o primeiro e constrange a respiração; o que o obriga por conseguinte a deitar-se sobre o lado doente.

Estas indicações, puramente locaes, servem para fazer reconhecer que no peito existe um derramamento, e qual é o lado affectado; mas existem alem d'isso phenomenos geraes : o pulso é frequente, ha calefrios seguidos de calor, as funcções principaes executam-se mal, perde-se o appetite, e o doente emmagrece.

Em certos casos a materia derramada fica absorvida pouco a pouco, o pulmão comprimido recobra suas funcções, e o doente sára. Este feliz resultado é annunciado por uma crise que consiste em suores, fluxo de ventre, ou ourinas abundantes e sedimentosas. Mas se isto não puder ter logar, é preciso recorrer á operação, a qual consiste em praticar atravez

das paredes do peito uma abertura que permitta a evacuação da materia purulenta.

EMS. Prussia. Aguas alcalinas quentes (fig. 419). Itinerario de Pariz a Ems : Estrada de ferro até Lahnstein ; d'ahi atravessa-se o Rheno em barca de vapor; depois estrada de ferro até Ems : tempo decorrido, 16 horas. Despeza 68 francos.

Ems é uma pequena cidade de 3,000 habitantes, no ducado de Nassau, pertencente hoje á Prussia. É um dos estabelecimentos thermaes que está em maior voga na Allemanha. A cidade, quasi completamente situada sobre a margem direita do rio Lahn, compõe-se de magnificos hoteis contiguos á montanha que os protege contra os ventos do norte. Sobre a margem opposta estendem-se, por um agradavel contraste, prados

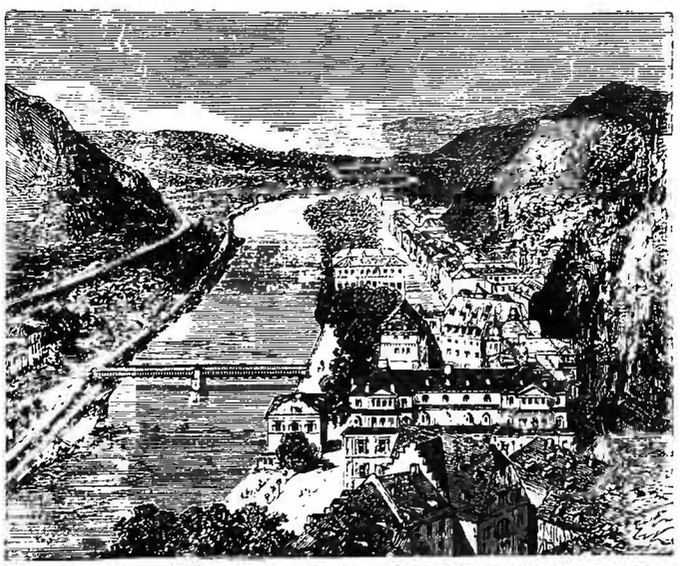


Fig. 419. — Ems (Allemanha).

pomares, e terras cultivadas. O ar é puro e balsamico, a temperatura branda, e, salvo um pouco de humidade inseparavel da vizinhança dos mattos e da profundidade do valle, tem poucas variações.

As fontes de Ems são numerosas e pertencem todas á classe das aguas alcalinas. Eis-aqui os nomes das mais empregadas, com a indicação da sua temperatura e da sua principal substancia mineralizadora; por litro :

	Temperatura.	Grammas.	
Krahnchen.....	29° cent.	1,931	bicarbonato de soda.
Furstenbrunn.....	35° —	2,031	— —
Kesselbrunn.....	46° —	1,978	— —
Bubenquelle.....	31° —	1,845	— —
Neuquelle.....	47° —	2,092	— —

Além do bicarbonato de soda, estas aguas contém : bicarbonato de magnesia, bicarbonato de ferro, bicarbonato de manganez, bicarbonato de estronciana e de baryta, chlorureto de sodio, sulfato de potassa, sulfato de soda, phosphato de alumina, silica, carbonato de lilhina vestigios,

iodureto de sodio vestigios, gaz acido carbonico. Walcher achou arsenico no deposito da fonte Kesselbrunn.

A agua d'estas fontes é limpida; não tem cheiro; o seu sabor approxima-se ao do fraco caldo de vitella.

As aguas de Ems tomam-se sobretudo como bebida. Principia-se por dois ou tres copos, e chega-se facilmente até cinco ou seis por dia. A melhor occasião para beber estas aguas é pela manhã; é tambem o momento em que a orchestra, collocada no jardim de Kursaal, deixa ouvir as suas harmonias. Entre quatro e cinco horas, encontram-se ainda algumas pessoas perto da fonte, porém em pequeno numero. Esta agua digere-se facilmente, o estomago a supporta muito bem.

Os banhos tomam-se em tres estabelecimentos principaes: Kurhaus, Quatre-Fours e Neuquelle. Tomam-se tambem em hoteis particulares. São, em geral, bem organizados. Ha tambem ali salas de inhalação de vapor e d'agua pulverizada.

A acção das aguas consiste, nos primeiros dias do seu emprego, em augmento do appetite, da secreção cutanea e urinaria. Ao cabo de alguns dias os doentes ficam tristes e abatidos; tem a boeca saburrosa, flatuosidades, alguma febre: estes symptomas, que annunciam a *saturação*, cedem a alguns dias de dieta e de interrupção das aguas ou a um leve purgante.

Prescrevem-se as aguas de Ems em muitas molestias. Em primeiro logar são as affecções das vias respiratorias, a bronchite chronica, e a tisica incipiente. Quanto á tisica confirmada, estas aguas não fariam outra cousa senão apressar a catastrophe.

As molestias nervosas, juntamente com as molestias do peito, formam a principal clientela das aguas de Ems; pelo que as senhoras estão ali em maioria. Estas molestias são: palpitações, espasmos, hysterismo, choréa, tico doloroso da face, e todas as outras nevroses.

As aguas de Ems são gabadas contra a esterilidade. A fonte principal recebeo o nome de Bubenquelle (*fonte de filhos*). Eis-aqui como está disposta: N'um quarto elegantemente ornado, esguicha, do fundo de uma bacia de marmore, um fio d'agua, á altura de cerca de 1 metro; por cima do repuxo acha-se um mocho de páo, com larga abertura. A joven mulher assenta-se ali, e recebe durante alguns minutos, uma duche ascendente sobre o apparelho sexual.

Como aguas alcalinas, as fontes de Ems convem nas dyspepsias, nas areias, nas affecções da bexiga e dos rins, nas obstrucções do figado e do baço, na gota.

A estação termal dura do 1° de maio ao 1° de setembro.

A morada nas caldas de Ems é agradavel sem ser estrondosa. As distracções do dia consistem sobretudo em passeios. Para as excursões um pouco afastadas, empregam-se burrinhos symetricamente dispostos de manhã em ordem de cavallaria.

Transportadas, estas aguas conservam-se bem; comtudo a viagem enfraquece sensivelmente as suas virtudes therapeuticas.

EMULSÃO. Dá-se o nome de emulsões a liquidos de apparencia leitosa, que se preparam dividindo as sementes oleaginosas por meio da

agua : taes são a emulsão de amendoas doces, a de pevides de melancia, etc. São medicamentos muito alteraveis, e por este motivo não devem preparar-se senão para um só dia.

ENCALHE. *Veja-se* ENGURGITAMENTO.

Encalhe do baço. *Veja-se* HYPERTROPHIA DO BAÇO.

Encalhe do figado. *Veja-se* HYPERTROPHIA DO FIGADO.

ENCANTHIS. Tumor produzido pelo augmento de volume da caruncula lagrimal no angulo do olho. — O *tratamento* consiste em applicações de pannos molhados em agua vegeto-mineral ou na dissolução de pedrahume. Se a tumefacção não diminuir, será preciso cauterizal-a com pedra infernal, ou recorrer á excisão.

ENCEPHALITE. CEREBRITE, ou FEBRE CEREBRAL. Inflammação do cerebro. *Causas.* São bastante obscuras. A idade adiantada, os grandes calores, são as suas causas predisponentes. A acção forte do sol, o abuso de bebidas alcoolicas, as violencias exteriores, os pezares, os incommodos de uma vida agitada, são as causas occasionaes.

Symptomas. A molestia póde declarar-se subitamente por convulsões ou pela rijeza tetanica, limitada a um membro, ou á metade do corpo, e occupando simultaneamente o rosto e os membros ; todavia, no maior numero de casos, a molestia é precedida de alguns symptomas de congestão cerebral. Assim o maior numero dos doentes queixam-se durante um ou mais dias de dôr ou de um simples peso de cabeça, de vertigens, zunido nos ouvidos ; ficam agitados ou abatidos ; ha somnolencia em uns, insomnia rebelde em outros. Alguns experimentam caimbras, ou sensação analoga á que produziriam muitas formigas agitando-se em um membro, n'uma metade do corpo ou em todos os membros ; ha tambem por vezes embaraço momentaneo na falla. Logo depois as faculdades intellectuaes ficam affectadas ; ha delirio agudo, loquaz, ou oppressão das ideias, e enfraquecimento da memoria ; ás vezes os olhos ficam vesgos, o rosto vermelho. Ao mesmo tempo os membros da metade do corpo tornam-se rijos e contrahidos ; os queixos ficam apertados ; a sensibilidade é ás vezes obtusa, outras vezes exaltada ; emfim estas partes podem ser agitadas de vez em quando por movimentos convulsivos, aos quaes succede logo depois a paralysia mais ou menos completa. No meio d'estas desordens, o pulso póde apresentar-se bastante calmo ; entretanto no maior numero de casos é frequente ; observam-se tambem nauseas, vomitos e prisão de ventre. Tal é a reunião dos symptomos que se notam n'este estado da molestia, que se póde chamar primeiro periodo. Ao depois, os symptomas ulteriores variam segundo a marcha que segue a molestia.

No maior numero de casos, os symptomas de excitação, taes como as contracturas, os movimentos convulsivos e a exaltação da sensibilidade, diminuem ou cessam, e são substituidos pela paralysia. Esta coincide ordinariamente com o enfraquecimento das faculdades intellectuaes ; assim a somnolencia é cada vez mais profunda, as pupillas dilatam-se, o doente torna-se estranho a tudo que o cerca ; a deglutição torna-se difficil, as evacuações involuntarias, e as ourinas podem ficar retidas na bexiga. Emfim, a respiração accelera-se, e a morte sobrevem

lentamente, ou então, tem logar no momento de um accesso convulsivo.

A encephalite não é uma molestia cuja marcha seja franca e regular. As alternativas de delirio e de somnolencia, de paralysia e de contracturas, a volta da intelligencia, fizeram crer que a encephalite apresentava caracteres perniciosos ou ataxicos. Estas intermittencias podem observar-se em todas as phases da molestia, mesmo no ultimo periodo, quando, por exemplo, um vasto abcesso occupa uma parte do cerebro. Esta irregularidade dos symptomas explica-se pela formação de uma congestão mais ou menos forte, independente da lesão principal, que é o amollecimento do cerebro.

Até agora fallei da encephalite como uma molestia cujo fim é funesto; tal é, com effeito, a sua terminação mais frequente. Entretanto esta molestia ás vezes póde terminar pela cura. O pus, que póde formar-se, poderá ser evacuado pelo nariz, e os doentes poderão recobrar a integridade de suas funcções; mas de ordinario ficam mais ou menos paralyticos.

Tratamento. Compõe-se a principio de sangrias no braço, de bichas atraz das orelhas; e de applicações sobre a testa de pannos molhados em agua fria, que se reformam amiudadas vezes para se conservarem sempre frios.

Administrem-se os pós seguintes:

Calomelanos ..... 1 gramma.

Divida em 10 papeis; para dar um papel de 3 em 3 horas n'uma colher d'agua fria com assucar.

Deve-se dar a beber frequentemente. A agua fria é a bebida que mais convem ao doente. Dêm-se tambem a chupar gomos de laranja ou de limão doce.

Se o doente não ourinar, deve evacuar-se-lhe a ourina com uma sonda.

Caldo de gallinha é o unico alimento que se deve administrar durante o curso da molestia.

ENCEPHALO. Reunião de todas as partes que estão contidas na cavidade do craneo: cerebro, cerebello, e a protuberancia cerebral. *Veja-se* CEREBRO.

ENCERADOS, ESPARADRAPOS OU OLEADOS. São pedaços de panno de linho ou algodão sobre os quaes se estende em um dos lados qualquer substancia emplastica. Preparam-se fixando bem o panno, e estendendo-o de modo que fique sem pregas e bem liso, lançando sobre elle o emplasto meio derretido, distribuindo-o com igualdade mediante uma faca, ou espatula de páo, de marfim, de metal, ou com o instrumento chamado *esparadrapeiro* (fig. 420).



Fig. 420. — Esparadrapeiro.

Encerado commum. Emplasto diachylão gommado estendido sobre panno. Cortado em tiras serve para fazer pontos falsos no curativo das feridas.

Encerado inglez ou **tafetá.** É um tafetá côr de rosa ou preto coberto de muitas camadas de colla de peixe dissolvida em agua fer-

vendo, á qual se junta tintura de benjoim, e ás vezes balsamo do Perú. Servem-se d'elle para preservar do ar as pequenas esfoladuras, para cobrir as borbulhas do rosto, ou reunir os labios das pequenas feridas. Antes da sua applicação, humedece-se com agua ou com saliva. O tafetá côr de rosa é preferivel ao preto, porque este, applicado na ferida, deixa ás vezes uma marca preta indelevel, por causa da materia colorante que se introduz debaixo da pelle.

ENCHIMENTO DO ESTOMAGO. *Veja-se* EMBARAÇO DE ESTOMAGO.

ENCHONDROMO ou CHONDROMO. Dá-se este nome a todo o tumor cartilaginoso dos ossos ou dos orgãos molles. Encontram-se na parotida, no testiculo, no seio. Apparecem sobre tudo nos ossos, e particularmente nos dedos das mãos e dos pés.

Causas. Estes tumores desenvolvem-se sobre tudo na tenra idade. Alguns doentes accusam uma contusão dos ossos; em outros não é possivel achar nenhuma causa local apreciavel, e é preciso então admittir n'elles uma disposição constitucional.

Symptomas. Os enchondromos apresentam-se sob a fórma de um tumor situado sobre o trajeeto de um osso com o qual está intimamente unido. Este tumor, de volume variavel, tem a fórma geralmente espheroide, a superficie com elevações irregulares; continua com o osso de que provém, quer por um pediculo estreito, quer por um pediculo de base larga. Se é limitado no exterior pelo envoltorio osseo, é duro; se está coberto de camada cartilaginosa, cede á pressão do dedo. Póde ser doloroso a principio; torna-se mais tarde indolente, e incommoda só pelo seu volume e pelo obstaculo que põe ao exercicio do membro.

Prognostico e *tratamento.* Os enchondromos não são graves. Comtudo, podendo ser objecto de deformidade ou obstaculo para preencher algumas funcções, a medicina é obrigada a intervir em alguns casos. Se o tumor continuar com o osso por um pediculo, póde-se praticar a secção d'este, depois de descoberta primeiro a massa morbida. Se pelo contrario o tumor continuar com o osso pela larga base, é preciso sacrificar a porção ossea que serve de implantação, quer pela amputação, quer pela resecção. Nada fazer, se o enchondromo não incommodar.

ENCONTRÃO. *Veja-se* CONTUSÃO.

ENCORDIO. *Veja-se* MULA.

ENDEFLUXADO. *Veja-se* DEFLUXO.

ENDEMIA. Dá-se este nome a qualquer molestia que grassa em uma localidade quasi em permanencia e que pode recrudescer como as epidemias. A febre amarella endemica na America central e em algumas provincias do Brazil, ás vezes toma a forma epidemica mui grave e ataca grande numero de pessoas. É endemica a febre palustre ou malaria que despovoa os suburbios de Roma e até mesmo seus arrabaldes; ella grassa durante todo o anno, se bem que seja mais frequente no verão e no outomno. Uma molestia epidemica que só apparece com grandes intervallos em uma região, pode, por diversas causas, tornar-se endemica; foi o que se deo em Pariz com a diphteria e a febre typhoide. Algumas

endemias são devidas a causas telluricas ainda muito mal defenidas. A papeira e o cretinismo são endemicos na Suissa, no norte da Italia e em alguns valles da Saboia. Todos os paizes têm suas endemias que occasionam mais ou menos obitos todos os annos.

ENDOCARDITE. Inflammação da membrana que reveste as cavidades internas do coração. Esta molestia occasiona vermelhidão, e depositos fibrinosos no interior do coração e nas valvulas arteriaes ou ventriculares.

Symptomas. A endocardite é raras vezes uma affecção primitiva; apparece, as mais das vezes, durante o curso do rheumatismo articular agudo, do pleuriz, das bexigas, da escarlatina e da febre puerperal. Quando n'um doente, que não apresenta algum indicio de affecção do coração, sobrevem subitamente oppressão e palpitações, póde-se suspeitar o desenvolvimento da endocardite. Os outros symptomas são: pulso pequeno, frequente, desigual, irregular, anxiedade, desmaios, e o ruido de folle que se ouve na cavidade thoracica, quando se applica o ouvido sobre a região do peito correspondente ao coração. A difficuldade de respirar póde augmentar até á suffocação. Se os accidentes augmentarem, a endocardite póde ter exito funesto; mas as mais das vezes a molestia termina pela cura. Póde tambem passar ao estado chronico; as falsas membranas, que se formaram em consequencia da inflammação aguda, transformam-se, no estado chronico, em producções cartilaginosas e osseas, e duram toda a vida, produzindo de vez em quando oppressão do peito, palpitações do coração e anxiedade. No periodo adiantado da endocardite chronica, sobrevem inchação das pernas.

Tratamento. O tratamento da endocardite aguda consiste na applicação de um caustico sobre o peito, e no uso das pilulas seguintes:

Extracto de digital..... 2 grammas.

Faça 20 pilulas; de que o doente tomará uma de 3 em 3 horas.

O doente deverá tambem beber muita agua fria simples ou acidulada com xarope de vinagre.

O tratamento da endocardite chronica consiste só no regimen e na observação das regras de hygiene. Para uns o leite em abundancia, legumes com fructas e pão, é o que ha de melhor a empregar. Os outros devem suprimir só os licores, o vinho puro, e podem usar de carne e de outros alimentos. Todos devem evitar as fadigas excessivas, de montar a cavallo, e devem manter a vida quieta.

ENDOSCOPIO. Eis a definição d'esta palavra dada por Desormeaux: « instrumento que serve para examinar os conductos e as cavidades do corpo que têm uma estreita abertura por onde só pode penetrar uma sonda de pequeno diametro ».

Este apparelho compõe-se de um fóco luminoso e de um apparelho reflector que projecta a luz em um tubo ou sonda metallica, que se introduz na cavidade que se quer examinar: fossas nasaes, utero, bexiga, urethra, rectum, esophago, etc. Um terno de sondas especiaes permitte que se allumie o interior d'esses diversos orgãos.

Este methodo e exame tem dado excellentes resultados na exploração das fossas nasaes e o utero; quanto para as outras cavidades citadas, não deo as informações com que se contava, eis porque infelizmente está um pouco desleixado este modo de exploração que poderia, com um pouco de perseverança, dar resultados inesperados.

ENDRO. *Anethum graveolens*, Linneo. Umbelliferas. Planta da Europa meridional; commum em Portugal; habita nos montes calcareos, nas searas nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes. Folhas alternas, glabras, pecioladas, tres vezes pinnuladas; fructo ovado, estriado, glabro, do comprimento de 4 millimetros, divisivel em duas carpellas; cheiro e sabor aromatico, agradavel. As sementes empregam-se como tempero nas comidas.

ENDURECIMENTO DO BAÇO, DO FIGADO. *Veja-se* HYPERTROPHIA.

ENFARTE. *Veja-se* ENGURGITAMENTO.

Enfarte do baço. *Veja-se* HYPERTROPHIA.

Enfarte do estomago. *Veja-se* EMBARAÇO DO ESTOMAGO.

Enfarte do figado. *Veja-se* HYPERTROPHIA.

Enfarte ou ENGURGITAMENTO DO SEIO. *Veja-se* SEIO.

Enfarte do testiculo. Inflammação chronica do testiculo. *Veja-se* ORCHITE CHRONICA.

ENFORCADO. *Veja-se* ASPHYXIA por estrangulação.

ENFRAQUECIMENTO ou ESFALFAMENTO. O enfraquecimento é um symptoma que não deve confundir-se com a fraqueza, que é um estado permanente e que póde ser natural a um individuo O enfraquecimento manifesta-se de ordinario no principio das molestias agudas.

ENGASGAR-SE com espinha de peixe. *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS NA GARGANTA.

ENGHIEN. Aguas sulfurosas frias. França (fig. 421 a 424). A meia hora de Pariz, pela estrada de ferro. A viagem de Pariz a Enghien custa 1 franco e meio.

A estação de Enghien occupa um logar importante entre as aguas sulfurosas calcicas. A sua proximidade de Pariz, um estabelecimento de construcção recente, as condições favoraveis do sitio, devem figurar no numero dos principaes elementos da voga que a favorece actualmente.

Oito fontes principaes alimentam o estabelecimento. A agua é fria; a temperatura varía de 10° a 14° centigrados. O cheiro é o de hydrogeneo sulfurado, sabor adocicado e levemente alcalino. As fontes pouco differem na composicção umas das outras. Eis-aqui os resultados obtidos pelos Doutores Puisaye e Leconte em 1853, n'um litro d'agua da fonte *Cotte :*

Gazes : Azote, 19 milligrammas; acido carbonico livre, 119 milligrammas; acido sulfhydrico livre, 28 milligrammas.

Substancias fixas; 510 milligrammas de mineralização : carbonato de cal 0^{g},217; de magnesia 0^{g},016; sulfato de potassa 0^{g},008; de soda 0^{g},507; sulfato de cal 0^{g},319, de magnesia 0^{g},090, de alumina 0^{g},039; chlorureto de sodio 0^{g},039; acido silicico 0^{g},028; oxydo de ferro, vestigios; materia organica indeterminada.

As tres fontes do *Lago*, das *Rosas* e *Levy* foram da parte do Dr. Reveil o objecto de analyses ulteriores (1864). Os resultados obtidos não con-

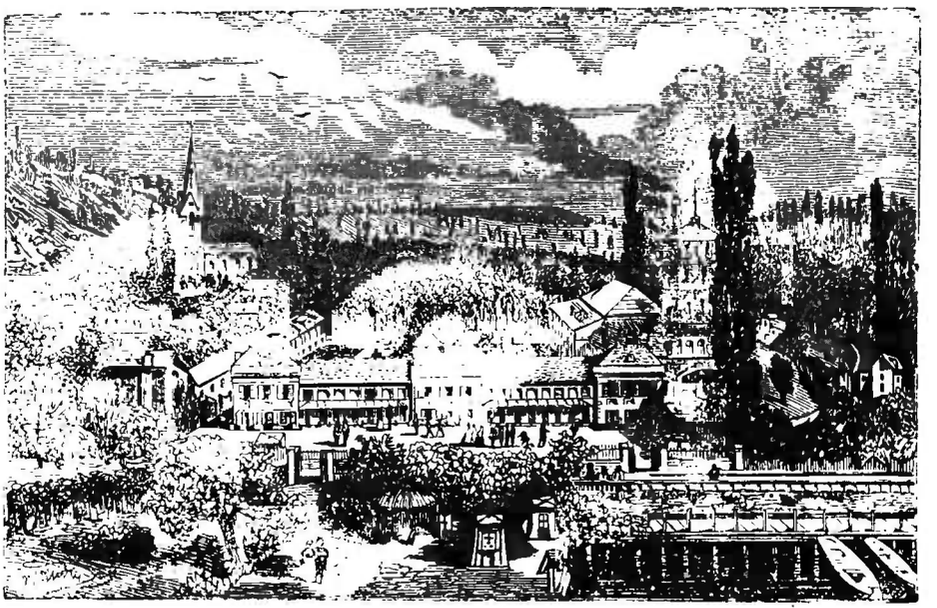


Fig. 421. — Estabelecimento thermal d'Enghien. — Vista geral.

tradizem os que acabo de indicar. Ás substancias, cuja presença foi determinada por Leconte, é preciso accrescentar segundo Reveil, vestigios de iodureto de sodio, de arseniato de soda, de boratos, de phosphatos de manganez, e sobretudo de lithina.

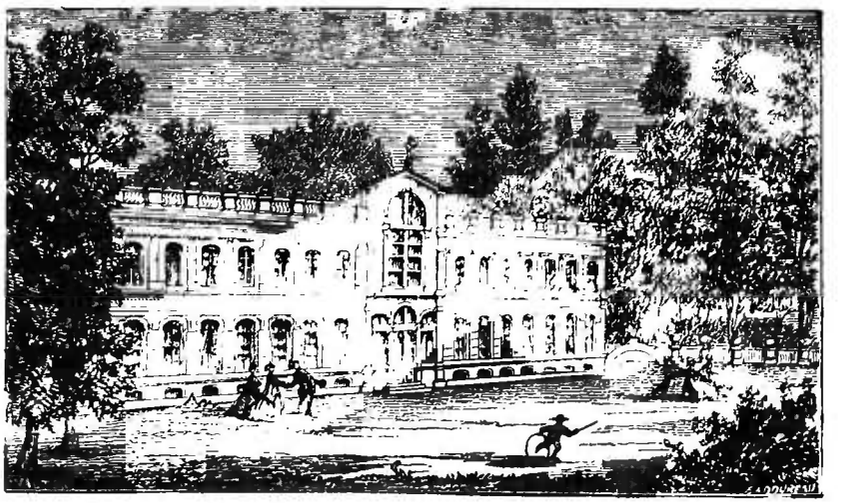


Fig. 422. — Enghien (França). — Vista do estabelecimento dos banhos.

A existencia de enxofre no estado de hydrogeneo sulfurado livre nas aguas de Enghien, constitue um dos signaes caracteristicos de sua composição chimica.

As aguas de Enghien empregam-se no interior em dóse de meio copo a quatro ou seis copos por dia, e, exteriormente, sob todas as fórmas indicadas pelos aperfeiçoamentos da balneação moderna.

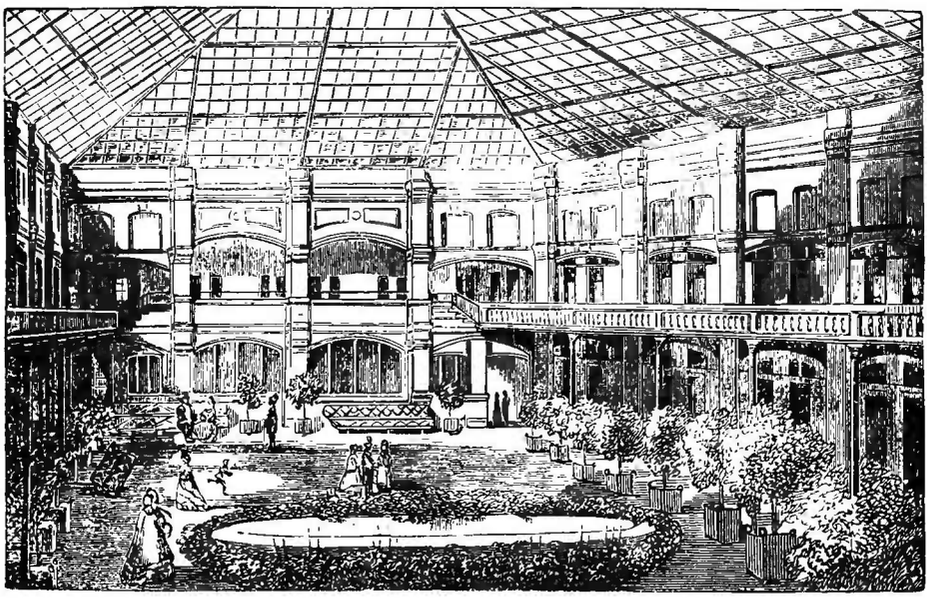


Fig. 423. — Sala de respiração nas caldas de Enghien.

O novo estabelecimento, que funcciona desde 1863, figura no numero dos melhores d'este genero. Possue 80 banheiras, a maior parte de ferro

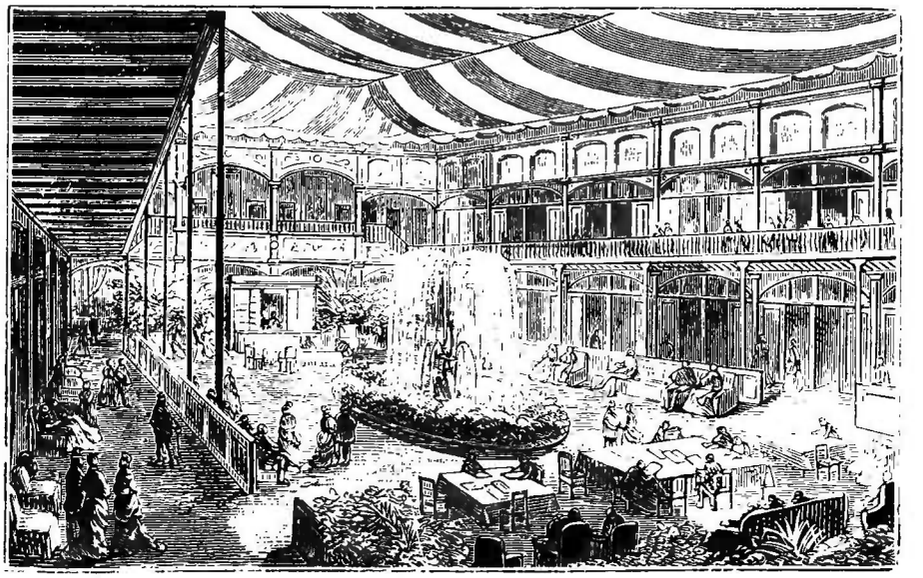


Fig. 424. — Enghien (França). — Vista do interior do estabelecimento dos banhos.

esmaltado; todas tem tres torneiras, uma d'agua fria sulfurosa, outra d'agua ordinaria fria, a terceira d'agua ordinaria quente. Ha tambem

banheiras com duplo fundo, guarnecidas de tubos atravessados por uma corrente de vapor, que aquece a agua, quando é necessario tomar um banho d'agua sulfurosa pura.

Esta disposição permitte, segundo as necessidades dos doentes, o abastecimento das banheiras com agua de differentes gráos de sulfuração.

O banho aquecido ao vapor marca 16 a 17 divisões no sulphydrometro; é muito excitante, e não póde ser de uso quotidiano na maior parte das molestias. O banho preparado com um terço d'agua ordinaria quente a 80 gráos, marca 9 divisões sulphydrometricas; offerece uma sulfuração que corresponde ao grande numero das necessidades da medicina. Duches de alta e baixa pressão, podem ser associadas aos banhos, ou administradas com exclusão d'estes. São descendentes ou ascendentes, rectaes, vaginaes. Diversos appendices, que se applicam á extremidade do tubo, permittem a variação na fórma das duches.

Os gabinetes de banhos são precedidos de um vestiario que communica com um salão vidrado, disposição que offerece aos doentes uma sala de inhalação natural onde a atmosphera sulfurea se forma incessantemente.

Apparelhos especiaes para inhalações d'agua pulverizada, dois banhos de vapor, fumigações de todas as especies, e apparelhos hydrotherapicos tornam completo este estabelecimento thermal.

Deve-se uma menção especial á sala de pulverização que contribue notavelmente para o tratamento de certo numero de affecções.

Tem um espaço de 5 metros 45 centimetros de largura, 7 metros 90 centimetros de comprimento, 3 metros 60 centimetros de altura. O centro é occupado por uma grande mesa de fórma oval, ao redor da qual estão sentados os doentes; do meio da mesa erguem-se cinco grandes apparelhos de pulverização. Ao redor de uma das paredes existem dez pequenos instrumentos para duches boccaes e pharyngeas. A agua que serve para a pulverização, chega directamente do reservatorio sem ter experimentado alteração. Uma maquina de vapor e uma bomba permittem que se effeitue a pulverização em excellentes condições.

Os doentes estão submettidos, n'esta sala, á dupla acção da pulverização propriamente dita e da inhalação gazosa; estão, por conseguinte, mergulhados n'uma atmosphera sulfurea, cujos effeitos são muito grandes.

Duas classes de molestias constituem a especialidade das aguas de Enghien : as molestias de peito e as molestias de pelle.

Molestias de peito. Comprehendemos debaixo d'este nome as affecções tão variadas e tão multiplas que tem por séde o apparelho respiratorio, desde a bronchite a mais simples até á lesão pulmonar a mais complicada. As aguas de Enghien são tambem uteis na asthma. Tomam-se, em todos estes casos, em bebida e inhalações.

Molestias de pelle. As aguas de Enghien são uteis nas diversas especies de eczema, impetigo, lichen, pityriase e outras erupções da pelle. N'estes casos é preciso combinar a bebida com banhos.

Bem que as aguas de Enghien convenham especialmente contra estas

duas ordens de affecções, são tambem uteis nos rheumatismos, engurgitamentos articulares, paralysias, alterações do tecido osseo, e cachexias syphiliticas.

Estas aguas, pela proximidadade em que estão de Pariz, permittem aos doentes, que habitam a capital da França, que se transportem de manhã á fonte, bebam agua ou tomem banho, e voltem á casa para o almoço. Não exigem mudança de casa, bem que em Enghien haja hoteis mui confortaveis. O logar é ameno; ha um bello lago, lindos passeios, bosques de grandes arvores e varios divertimentos no estabelecimento. É um logar de predilecção para as excursões dos Parisienses nos domingos.

A estação thermal dura do 1° de maio ao 1° de setembro.

Transportadas, as aguas de Enghien, conservam-se por muito tempo. São hoje o objecto de exportação consideravel. Engarrafadas segundo os modos aperfeiçoados, e postas ao abrigo da luz não se alteram senão passado muito tempo.

ENGULHO. *Veja-se* NAUSEA.

ENGURGITAMENTO. Quando alguma parte é dura e inchada, sem vermelhidão nem inflammação bem marcada diz-se, em geral, que está engurgitada. Todavia esta palavra applica-se de preferencia ás tumefacções do systema glandular; assim diz-se commummente; tal criança tem um engurgitamento das glandulas do pescoço, tal senhora tem um engurgitamento do seio, etc Ao engurgitamento do figado e do baço dá-se mais ordinariamente o nome de *obstrucção*. A palavra engurgitamento é synonymo de *encalhe* e de *enfarte*.

Engurgitamento do baço, do figado. *V* HYPERTROPHIA.

Engurgitamento das glandulas. *V* GLANDULA ENFARTADA.

Engurgitamento dos seios. *Veja-se* SEIOS.

ENJÔO DO MAR. Dá-se este nome ás nauseas ou aos vomitos de que soffrem as pessoas que embarcam pela primeira vez, e ás vezes mesmo as que tem feito muitas viagens.

A disposição ao enjôo não é igual em todos, pois ha pessoas que nunca o tem. É imposivel indicar as apparencias que denotam esta disposição; todavia os individuos de constituição secca resistem mais. Os individuos que são facilmente incommodados pelo balanço da redouça, da sege ou da valsa, são mais susceptiveis de soffrerem do enjôo quando viajam a bordo de um navio.

O incommodo principia por um sentimento de anxiedade que se concentra na bocca do estomago. Depois declaram-se vertigens, dôr de cabeça, vontade de lançar, e emfim vomitos. O abatimento physico, e sobretudo o moral, faz rapidos progressos. O infeliz doente fica immovel, indifferente a tudo; sem coragem, sem desejo nem vontade. O rosto torna-se pallido, o appetite diminue ou desapparece; mas não ha febre. As anxiedades que o enjôo occasiona variam conforme os individuos; mas no seu maior gráo de intensidade são atrozes. Cicero tendo-se refugiado, segundo o que refere Seneca, a bordo de um navio para evitar Popilio, que fôra enviado por Marco Antonio para lhe cortar a cabeça,

antes quiz voltar para Gaeta, e entregar-se ás mãos do seu verdugo do que soffrer o enjôo que lhe tornava a existencia intoleravel.

A duração do enjôo varía conforme as pessoas, e está subordinada tambem á inconstancia dos ventos e das vagas. A organização habitua-se insensivelmente á situação nova que a principio a perturbava. Não estando o mar tempestuoso, cedem ordinariamente nos primeiros dias as nauseas o os vomitos; o appetite reapparece, o moral anima-se, e no fim de algum tempo o mar já não influe para o enjôo. Ha entretanto individuos que soffrem durante toda a viagem, e outros que padecem do enjôo durante toda a sua vida, e nunca se acostumam a elle. Felizmente o enjôo é mais acompanhado de soffrimentos do que de perigos. É raro que produza inanição por falta de sustento, e ainda mais raro que determine algumas doenças. Alguns medicos esperam obter por meio d'elle a cura das molestias nervosas e mentaes. Este incommodo cessa instantaneamente logo que se desembarca.

Muitos meios se tem tentado para preservar os navegantes de um tributo tão desagradavel quanto penoso. As receitas abundam, mas não são de grande utilidade. O enjôo é entretanto para todos os individuos um dos males mais identicos que se conhece, e um específico confirmado pela experiencia não seria contrario á razão. Pretendem alguns navegantes que este específico é a cerveja. Mas póde-se quasi desesperar da descoberta, quando se pensa que a causa occasionnal do mal (a mobilidade do navio) continua a obrar e não póde ser removida. No entretanto convem embarcar com o estomago nem muito cheio, nem tão pouco vazio, e desprezar a ideia do enjôo. Quando apparecem os primeiros symptomas, não se deve logo desanimar; é necessario fazer exercicio; distrahir-se, ou entregar-se a alguma occupação que absorva a attenção, por exemplo jogo de cartas. Logo que o abatimento fôr maior que a força da vontade, acha-se grande allivio na posição deitada, horizontal, no logar em que o balanço é mais fraco, que é ordinariamente o centro do navio. A compressão do ventre com uma cinta, as bebidas acidulas (limonadas de limão, laranja), ou aromaticas (chá, café), conforme os temperamentos e os costumes alliviam tambem. É vantajoso tomar cinco a dez gottas de ether sulfurico n'uma colher d'agua fria com assucar, um calix de vinho do Porto ou da Madeira, um pouco de rhum, ou chupar limão com assucar. Não se deve deixar o estomago vazio. Convem comer, ainda que haja repugnancia para a comida. A ingestão dos alimentos deve ser acompanhada de um pouco de vinho ou d'agua com vinho. Os esforços produzidos pelos vomitos são menos dolorosos quando o estomago contém algumas substancias do que quando está vazio. Mas, sendo possivel, é vantajoso repellir a propensão para o repouso; convem lidar e fazer como os que devem á sua constituição ou ao costume o estarem isentos dos soffrimentos.

ENTERITE. Inflammação dos intestinos. Molestia caracterizada por dôres de ventre mais ou menos vivas, e ordinariamente moveis, acompanhadas de evacuações liquidas, mucosas e biliosas em numero mais ou menos consideravel. Consiste na vermelhidão da membrana

interna dos intestinos; ao mesmo tempo estes ficam mais espessos e molles. Ás vezes formam-se ulcerações nos intestinos, e ha então sahida de pus com os excrementos. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Enterite aguda. As *causas* da inflammação aguda dos intestinos são: o uso de alimentos indigestos, de carnes salgadas, peixe moido, fructas verdes, aguas insalubres, a ingestão de venenos corrosivos, dos purgantes mui violentos, pancadas sobre o ventre, supressão subita da transpiração, e outras muitas causas que não podem ser determinadas.

Symptomas. A molestia é ordinariamente precedida de cansaço geral; succede frequentemente a uma indigestão; logo depois sobrevem calefrios, dôr surda no embigo, a qual augmenta pela compressão, e todo o ventre fica dorido. No principio da molestia existe prisão do ventre, depois diarrhea acompanhada de colicas violentas. A lingua está secca no centro, rubra nas margens, a sêde é viva, as ourinas vermelhas e o pulso frequente. Se a inflammação fôr mui violenta ou mal tratada, o ventre augmenta de volume, a lingua fica mais secca e torna-se preta, o pulso fica fraco e mais frequente; as evacuações alvinas, de um fedor insupportavel, sahem involuntariamente; sobrevem delirio e o doente succumbe.

Nos casos menos graves (e estes são muito mais communs), ou se a molestia foi bem tratada, a febre minora, as dôres tornam-se menos vivas, as evacuações menos liquidas e menos repetidas, a pelle torna-se humida, tudo annuncia, n'uma palavra, uma melhora, que sendo bem dirigida, acaba pela cura completa.

Tratamento. A enterite leve reclama só repouso, cataplasma de linhaça no ventre, clysteres de cozimento de linhaça, infusão de flores de malvas para bebida, dieta mais ou menos completa, segundo a intensidades das dôres. Se as colicas forem fortes, o doente deve abster-se de qualquer alimentação solida. Se ao cabo de um ou dois dias, as dôres não diminuirem, é preciso usar das pilulas seguintes.

Extracto de opio..... 15 centigrammas.

Faça 6 pilulas, para tomar 2 pilulas por dia, uma de manhã, e outra á noite.

Enterite chronica. Succede á enterite aguda, ou é primitiva, e n'este ultimo caso o seu principio é mui obscuro. As pessoas que são affectadas d'esta molestia sentem dôres surdas no ventre, uma fraqueza geral, prisão de ventre ou diarrhea, e emmagrecem. Acontece em certos casos que os alimentos atravessam o tubo digestivo sem serem digeridos. Depois de feita a digestão, os doentes ficam assaz socegados, mas a dôr augmenta após a comida, e sobretudo depois da ultima; então sobrevem calor da pelle e frequencia do pulso.

O *tratamento* da inflammação chronica dos intestinos consiste principalmente na escolha de um bom regimen. É preciso usar dos alimentos que deixem pouco residuo: taes são a gallinha, frango, peixe, ovos, arroz, leite: convem evitar a hortiliça e carne de vacca. Banhos mornos do corpo todo, de vez em quando, e clysteres de linhaça, são de

utilidade inquestionavel. As fricções no ventre com o linimento seguinte são tambem uteis:

Balsamo tranquillo	60 grammas.
Laudano de Sydenham.....	30 —

Misture-se e façam-se tres fricções diarias, usando para cada fricção, meia colher *de sopa* d'este linimento.

Muito aproveitam, n'esta molestia, as preparações de papaina Trouette-Perret (*Veja-se* PAPAINA), e as obreias medicamentosas de naphtol e salicylato de bismutho de Trouctte que se tomam na dóse de duas ou tres de 2 em 2 horas, mesmo nas horas da comida, sem que a dóse seja superior a dez obreias medicamentosas nas 24 horas.

Enterotomia. Operação cirurgica que se pratica para restabelecer, no intestino, o curso normal das materias que sahem por um anus artificial, o qual provindo de uma rutura da parede abdominal e juncção de uma porção intestinal n'esse nivel, comprehende-se facilmente que esse anus confina profundamente com dous orificios intestinaes, um inferior, outro superior, dispostos como o duplo cano de espingarda. Para fazer communicar grandemente entre ellas estas duas partes da porção intestinal, é necessario arrancar o repartimento que as separa. Obtem-se este resultado apertando fortemente com uma pinça especial, este repartimento que se chama espora. A porção apertada se mortifica rapidamente, cahe, e, então as materias fecaes achando um caminho livre para o lado do intestino não se encaminham mais para a abertura abdominal. Pouco a pouco, o orificio artificial se retrahe e fecha-se espontaneamente. Se a cura não se effeituar com promptidão, activa-se ella, fazendo a sutura das paredes ou obliterando a perda de substancia com um retalho autoplastico.

ENTORPECIMENTO. *Veja-se* a palavra DORMENTE.

ENTRANHAS. *Veja-se* INTESTINOS.

ENTRE-OS-RIOS. Portugal; Minho. Aguas sulfurosas frias. Tem um gosto e cheiro bem pronunciado de gaz acido sulfhydrico. Mil grammas d'esta agua deixam pela evaporação um residuo de 0ᵍ,321, constituido pela silica, alumina, sulfatos e chloruretos alcalinos, de cal e magnesia, segundo a analyse do Sr. Dr. Lourenço.

ENTREVADO. *Veja-se* PARALYSIA.

ENTROPION. Viramento para dentro da margem livre da palpebra. *Veja-se* PALPEBRA.

ENVENENAMENTO. Dá-se o nome de *envenenamento* aos effeitos produzidos no organismo humano pelos venenos.

Chama-se *veneno* toda a substencia que destroe a saude ou a vida, quando é ingerida interiormente ou applicada sobre qualquer parte do corpo.

Symptomas do envenenamento em geral. Póde suspeitar-se que um individuo está envenenado quando de repente se manifesta n'elle certo numero de symptomas que vou enumerar: cheiro nauscativo e infecto; sabor variavel, acido, alcalino, acre, styptico ou amargo; ardor corrosivo na garganta e estomago; bocca escumosa; secura em todas as partes

d'esta cavidade; sensação de aperto ou constricção na garganta; lingua e gengivas algumas vezes lividas, amarellas, brancas, encarnadas ou pretas; dôr mais ou menos aguda em toda a extensão do canal digestivo, e principalmente na garganta, na bocca do estomago e em outros pontos do ventre; máo halito, eructações frequentes; nauseas; vomitos dolorosos de materias de côr branca, amarella, verde, azul, encarnada ou escura, produzindo na bocca sensações variaveis; soluços, prisão do ventre ou diarrhea; difficuldade de respirar; ancias; tosse mais ou menos fatigante; pulso frequente, irregular, muitas vezes imperceptivel, ou forte e regular; sêde ardente; as bebidas provocam vomitos logo qne são ingeridas; calefrios de quando em quando; a pelle e as pernas frias, acontecendo, apezar d'isso, haver algumas vezes calor intenso; erupção dolorosa na pelle; suores frios e viscosos; difficuldade de ourinar; agitação; gritos agudos; impossibilidade de conservar-se na mesma posição; delirio, convulsões; vontade de dormir; vertigens, paralysia; alteração da voz, prostração das forças. Se o doente não fôr soccorrido, os symptomas que acabei de indicar augmentam progressivamente, as mais das vezes, desde que se manifestam até á morte.

Tratamento dos envenenamentos em geral. Se tem decorrido pouco tempo desde que o veneno foi engulido, a primeira cousa que se deve fazer é provocar ou favorecer os vomitos, para poder expellir o veneno do estomago. Para isto, administram-se 10 a 15 centigram. de tartaro emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, e facilita-se á acção do medicamento dando-se a beber muita agua morna, ou introduzindo-se os dedos na garganta.

Depois tratar-se-ha de neutralizar as propriedades da porção do veneno que póde ter ficado, administrando-se um contraveneno. Depois de satisfazer com toda a rapidez possivel a uma ou outra d'estas indicações, combatem-se os symptomas geraes que resultam da perturbação occasionada pelo veneno.

O preceito de provocar os vomitos pelo tartaro emetico deve ser applicado a todos os casos de envenenamento, com excepção dos envenenamentos produzidos pelos acidos concentrados, como oleo de vitriolo, agua forte, etc.; e pelos alcalis, como potassa, cal, etc., como veremos adiante.

Se já tem decorrido muitas horas depois do envenenamento, o veneno já não se acha no estomago, mas sim nos intestinos. N'este caso cumpre administrar um purgante, como 60 grammas de sulfato de magnesia dissolvido n'um copo d'agua, ou a mesma quantidade de oleo de ricino.

Depois d'estas generalidades, vou examinar os effeitos de cada um dos venenos mais conhecidos, para indicar o tratamento que convem a cada envenenamento em particular. N'esta exposição seguirei a ordem alphabetica.

Envenenamento pela abobora do matto. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo acetato de morphina. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio.*

Envenenamento pelos acidos concentrados. (*Acido sulfurico* ou *oleo de vitriolo, acido nitrico* ou *agua forte, acido acetico* ou *vinagre radical, acido chlorhydrico* ou *muriatico, acido phosphorico, acido iodico, acido oxalico, azul liquido* ou *solução de anil em acido sulfurico*, e *agua regia.*)

Symptomas. Estes acidos tem muita energia; queimam quando applicados na pelle; engulidos, determinam a morte pela inflammação e corrosão dos orgãos digestivos e pela irritação sympathica do systema nervoso.

A pessoa que engole certa quantidade de acido concentrado experimenta um calor muito intenso na bocca, na garganta e no estomago, e vontade de lançar. Logo depois succedem os vomitos; as materias lançadas são de côr variavel: amarelladas, pretas e ás vezes misturadas com sangue; são azedas, e acres. Manifestam-se soluços e diarrhea mais ou menos sanguinolenta. O doente sente ao mesmo tempo dôres agudas nos intestinos e em todo o corpo; o peito fica opprimido; a sêde torna-se cada vez mais forte; as bebidas, em vez de acalmarem, augmentam as dôres determinando os vomitos; o pulso é frequente; os pés arrefecem, o corpo cobre-se de suor frio; declara-se vontade repetida, mas infructuosa, de ourinar; sobrevem movimentos convulsivos seguidos de prostração; logo depois o rosto torna-se pallido ou côr de chumbo, mas o doente conserva as mais das vezes a integridade das suas faculdades intellectuaes. Uma tosse fatigante vem augmentar a anxiedade e unir-se aos outros symptomas: a voz altera-se, o pulso torna-se fraco, e á proporção que o acido engulido tiver sido mais ou menos concentrado, ou foi tomado em maior ou menor quantidade; assim a morte póde sobrevir no fim de algumas horas, ou depois de doze, quinze ou dezoito horas, ou ao cabo de muitos dias, e mesmo ser o resultado dos accidentes consecutivos do envenenamento.

Tratamento. O melhor contraveneno dos venenos acidos é a *magnesia calcinada.* Mas é preciso admnistral-a quanto antes, porque o bom exito depende todo da promptidão dos soccorros.

Com este intuito, administrar-se-ha de minuto em minuto um copo d'agua que tenha em dissolução uma colher *de sopa* de magnesia. Esta mistura terá o duplo fim de provocar as evacuações e de neutralizar o acido. Na falta de magnesia, administra-se aos copos, e em intervallos mui approximados, agua, em cada quartilho da qual dissolver-se-hão 15 grammas de sabão ordinario.

Ao mesmo tempo que estas bebidas antidotas forem administradas pela bocca, dar-se-hão igualmente em clysteres.

A inflammação do estomago e dos intestinos, que não tarda a desenvolver-se, será combatida com cataplasmas de linhaça no ventre, semicupios d'agua morna, clysteres com decocção de linhaça ou de folhas de malvas, e com bebidas emollientes, taes como a infusão de linhaça ou o cozimento de arroz.

Envenenamento pelo acido phenico. *V.* ACIDO PHENICO. Vol. I, pag. 34.

Envenenamento pelo acido prussico ou **cyanhydrico.** O acido prussico concentrado é um dos mais violentos venenos que se conhece. Este acido, bem que em estado de divisão extrema, existe nas folhas, flores e amendoas do pecegueiro, nas amendoas amargas, nas amendoas que formam os caroços de muitos fructos, e particularmente nas folhas do louro-cereja; entra tambem na composição de muitas preparações economicas, como, por exemplo, maçapães, alguns confeitos e licores, taes como kirschenwasser, ratafiá de cerejas, etc. A dóse excessiva d'estas substancias póde produzir um envenenamento.

Os accidentes que produz o acido prussico acham-se descriptos no artigo Acido prussico.

Uma só gotta de acido prussico puro póde occasionar a morte; concebe-se, por conseguinte, que não posso fallar senão dos envenenamentos pelo acido prussico mui diluido, pelo que se encontra nas folhas do louro-cereja e nas outras substancias que deixei indicadas.

Tratamento do envenenamento pelo acido prussico. Faça-se respirar o chloro. Para isto, molha-se um panno ou uma esponja em agua de Labarraque ou em solução de chlorureto de cal, e approxima-se ao nariz e á bocca do doente. Ao mesmo tempo que se faz isto, é preciso provocar os vomitos, dando a beber uma colher d'agua fria que tenha em dissolução 10 centigrammas de tartaro emetico. Depois d'isto, administrem-se 10 ou 20 gottas de alcali volatil em um copo d'agua fria. Deitem-se copos d'agua muito fria pela cabeça e costas; esfreguem-se as fontes com pannos molhados em agua de Colonia, e ponham-se sinapismos nas pernas. Depois de combatidos os primeiros accidentes, ficará só um estado de abatimento, que irá cedendo pouco a pouco; para este fim administre-se vinho do Porto ou da Madeira.

Envenenamento pelo aconito. Se o envenenamento datar de pouco tempo, um vomitorio é o meio mais seguro para desembaraçar o estomago do veneno que contém. Dez centigrammas de tartaro emetico, dissolvidos em meia chicara d'agua, produzirão facilmente esse resultado. Se já tiver decorrido algum tempo, administre-se um purgante, como, por exemplo, 60 grammas de sulfato de magnesia dissolvidos em um copo d'agua; depois d'isso appliquem-se sinapismos nas pernas, coxas e braços; dê-se uma chicara de chá de folhas de hortelã, e de cinco em cinco minutos uma colher da poção seguinte:

Agua	120 grammas.
Ether sulfurico	30 gottas.
Assucar	8 grammas.

Se esta poção não provocar o calor da pelle, é preciso administrar um calix de vinho quente. Depois da excitação produzida por estas bebidas, dar-se-ha a limonada de vinagre.

Envenenamento pela agua de Javel. A agua de Javel é uma solução de chlorito de potassa em agua. É um liquido amarellado ou roseo, emprega-se na economia domestica para tirar as nodoas da

roupa, etc. Se fôr por engano engulida póde produzir dôres violentas no estomago e uma inflammação d'este orgão.

O tratamento consiste em dar a beber agua com claras de ovo, e applicar cataplasmas de farinha de linhaça no ventre.

Envenenamento pela agua de louro-cereja. *Veja-se* Envenenamento pelo *Acido prussico*.

Envenenamento pela agua regia. *Veja-se* Envenenamemto pelos *Acidos concentrados*.

Envenenamento pelos alcalis e seus compostos. (*Potassa caustica*, *soda caustica*, *cal viva*, *carbonato de potassa*, *carbonato de soda*.) Os alcalis, tomados internamente tem, sobre a bocca, estomago e intestinos, uma acção tão destructiva, como a dos acidos concentrados. Queimam e destroem como o ferro quente os tecidos que estão em contacto com elles, e occasionam symptomas inflammatorios e accidentes consecutivos semelhantes. Reclamam os mais promptos soccorros. O seu contraveneno é o vinagre ou sumo de limão, que se administra da maneira seguinte: em cada copo d'agua deita-se uma colher *de sopa* de vinagre ou de sumo de limão, e continua-se a dar esta bebida acida com intervallos mui curtos. Depois recorre-se ao cozimento, clysteres e cataplasmas de linhaça, que servem para combater a inflammação intestinal.

Envenenamento pelo alcali volatil ou **ammoniaco liquido.** O *alcali volatil* ou *ammoniaco liquido* é uma solução de gaz ammoniaco em agua. É um liquido sem côr, de cheiro mui forte. Emprega-se internamente na dóse de algumas gottas diluidas em grande quantidade d'agua: dá-se a cheirar na syncope, asphyxia e varios ataques nervosos. Externamente, usa-se para cauterizar as picadas de abelhas e de outros insectos.

Engulido em certa quantidade e puro, o alcali volatil produz a morte, tanto pela sua acção sobre o systema nervoso, como pela inflammação que produz nos tecidos sobre os quaes se applica. Tal é o caso de um homem de quem falla Plenck, que foi mordido por um cão damnado, e a quem despejáram na bocca um frasco de alcali volatil; a morte sobreveio quatro minutos depois. O Dr. Nysten cita a historia de um epileptico a quem deram a inspirar ammoniaco por muito tempo, e a quem deitáram na bocca quasi 4 grammas d'este liquido. Sobreveio-lhe logo inflammação nas ventas, bocca, garganta e estomago, e 48 horas depois seguio-se a morte.

Tratamento. Para combater os accidentes que produzem o ammoniaco e os saes ammoniacaes, o melhor meio consiste em dar, de dez em dez minutos, uma chicara d'agua acidulada com uma colher de vinagre. Depois recorra-se ao cozimento de linhaça, clysteres da mesma decocção e cataplasmas de farinha de linhaça no ventre, para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelo alcool e pelos liquidos espirituosos. O alcool é um liquido que se obtem pela fermentação de qualquer vegetal que contenha assucar. Chama-se *arack* quando é produzido pelo

arroz fermentado; *rhum*, *aguardente de canna*, ou simplesmente *cachaça*, quando procede da canna de assucar; *aguardente de vinho* ou *espirito de vinho*, quando é extrahido do vinho; *genebra*, quando provém de bagas de zimbro, etc. O alcool empregado nas boticas é obtido pela distillação do vinho, e marca 33 a 36 gráos no areometro de Baumé. Por distillações successivas é privado d'agua, e fica alcool puro, ou *alcool absoluto:* marca então 42°; mas n'este gráo quasi nunca se emprega. A cachaça mais forte marca 18 a 22 gráos.

Depois da ingestão de uma quantidade consideravel de alcool, sobrevem com frequencia a morte. O doente passa rapidamente da excitação leve á embriaguez completa. Então manifestam-se verdadeiros phenomenos de apoplexia. A sensibilidade fica extincta, os movimentos abolidos, a respiração estertorosa, a bocca cheia de escuma, e o rosto pallido; é impossivel despertar o doente, que dorme somno profundo e morre em 24 ou 48 horas. Em alguns casos a morte sobrevem em mui pouco tempo. Vi no Rio de Janeiro um homem que, depois de beber um quartilho de aguardente de França, se recolheo ao seu quarto, e foi achado morto uma hora depois.

É apenas necessario dizer que o vinho, e as differentes especies de aguardente e de licores alcoolicos, devem ao alcool a sua principal acção.

Tratamento. Se as bebidas alcoolicas produzirem em alguma pessoa um somno profundo, acompanhado de insensibilidade e de outros phenomenos acima indicados, é preciso incontinente recorrer á sangria do braço, ás applicações sobre a testa, rosto e peito, de pannos molhados em agua e vinagre, applicar sinapismos nos pés, causticos nas pernas, e administrar clysteres com agua morna tendo em dissolução duas ou tres colheres *de sopa* de sal de cozinha.

Envenenamento pelo alvaiade. O alvaiade chama-se em chimica *carbonato de chumbo*. É um sal branco, sem cheiro nem sabor, mui pesado, insoluvel n'agua. Entra na composição dos unguentos que se empregam no curativo das feridas. Usa-se tambem nas artes, e principalmente na pintura. Esta composição é venenosa: os accidentes que produz e o tratamento d'elles acham-se descriptos no envenenamento pelas *Preparações de chumbo.*

Envenenamento pelas amendoas amargas. As amendoas amargas e principalmente a sua epiderme, isto é, a pellicula que as cobre, contém acido prussico, e por causa d'este principio são mui venenosas em certa dóse. Este effeito foi primeiramente experimentado nos cães, gallinhas, pombos e papagaios. Os phenomenos que estes animaes apresentam são vertigens, vacillações no andar, desmaios, prostração extrema, convulsões e a morte. A agua distillada de amendoas amargas mata igualmente os animaes. O oleo essencial é ainda muito mais energico. Uma gotta d'este oleo, applicada na lingua de um passaro ou de um gato, produz a morte em dois minutos. Sete gottas são sufffcientes para matar um cão de mediano tamanho.

No homem foram observados muitas vezes os effeitos das amendoas

amargas e do seu oleo essencial. Tres crianças comêram cinco a seis amendoas amargas cada uma: pouco tempo depois tiveram vomitos: duas d'ellas perdêram os sentidos; a terceira experimentou convulsões: estes symptomas não tiveram felizmentc consequencias funestas. Uma mulher, para curar de lombrigas uma criança de quatro annos de idade, deo-lhe o succo de 30 grammas de amendoas amargas. Sobrevieram colicas, inchação do ventre, vertigens, aperto dos queixos, escuma na bocca, convulsões, e a morte no espaço de duas horas.

Sabe-se que nas confeitarias se preparam com amendoas amargas, doces chamados *maçapães*. Estes bolos tem produzido varios incommodos, sobretudo nas crianças que os comem em jejum. A massa de amendoas amargas que os perfumistas obtem por expressão, para fazerem pasta de amendoas, é igualmente venenosa.

As amendoas amargas empregam-se em medicina contra as tosses nervosas e outras molestias. A dóse que se receita é de duas a seis amendoas n'uma emulsão que se toma ás colheres. Se o medicamento fôr tolerado, póde augmentar-se progressivamente a dóse de amendoas até 10 grammas por 24 horas. Nunca se deve principiar pela dóse mais forte, porquc tem-se visto exemplos nas mulheres em que só sete amcndoas amargas produziram ancias e desmaios.

O tratamento do envenenamento pelas amendoas amargas é o mesmo que o do envenenamento pelo *Acido prussico*.

Envenenamento pelo ammoniaco. *Veja-se* Envenenamento pelo *Alcali volatil*.

Envenenamento pelo anda-açú. O *anda-açú*, ou *purga de gentio*, ou *coco de purga*, ou *fructa de arara*, é o fructo de uma grande arvore do Brazil chamada por Velloso *Johanesia princeps*. É uma noz que contém duas amendoas brancas do tamanho de uma castanha, de gosto adocicado, cobertas de casca roxo-escura. É um purgante energico que se emprega na roça, na dóse de 1 a 3 amendoas. O oleo produz o effeito purgativo na dóse de 8 a 24 gottas. Em dóse elevada, o anda-açú e o seu oleo podem occasionar incommodos. O tratamento é o mesmo que vai indicado para os outros *venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pelo angelim. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pela arruda. A *arruda* é uma pequena planta cultivada nas hortas. As suas folhas empregam-se em infusão para provocar os menstruos, na dóse de 4 grammas para uma chicara d'agua fervendo. Em dóse forte, esta planta póde produzir uma inflammação dos intestinos caracterizada por colicas e vomitos contínuos. O tratamento d'estes accidentes é o dos outros *venenos irritantes vegetaes*.

Evenenamento pelo arsenico e seus compostos, taes como *arsenico branco*, *cal de arsenico*, *arseniato de ferro*, *arsenito de potassa*, *ouropimento*, *rosalgar*, *pós contra as moscas*, *massa de Rousselot*, *massa de Frei Cosme*, *e a massa de que se servem os empalhadores de passaros*. O arsenico e suas preparações produzem a morte em muito curto espaço, quer tenham sido ingeridas no estomago, quer applicadas

sobre uma chaga. Os vapores, que esparge o arsenico lançado nas brazas, respirados pela bocca, são igualmente nocivos. Eis aqui os symptomas que produz o arsenico: sabor acerbo e metallico na bocca, máo halito, constricção da gargauta, soluços, desmaios, arrefecimento do corpo, dôr do estomago, sêde, salivação, vomitos, dejecções alvinas frequentes, ourinas raras e ensanguentadas, prostração, delirio, convulsões e a morte.

Tratamento. A expulsão do arsenico é o meio mais efficaz de prevenir os accidentes do envenenamento : é pois mister favorecer os vomitos, dando tres ou quatro chicaras d'agua morna que tenha em dissolução 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico. Para neutralizar alguma quantidade do veneno que possa ficar nos intestinos, administrem-se 8 grammas de magnesia calcinada diluida em um copo d'agua.

Ao depois, para combater a prostração, administre-se caldo de carne de vacca, e vinho do Porto ou da Madeira.

Mais tarde, para expellir a porção do veneno que tiver penetrado nos orgãos, é preciso dar a infusão de parietaria ou o cozimento de grama, que gozam de propriedades diureticas.

Para combater as colicas e os espasmos, dê-se ás colheres *de sopa*, de hora em hora, a *poção antispasmodica* seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 gram.	Ether sulfurico.....	30 gottas.
Laudano de Sydenham.	30 gottas.	Assucar.....	15 gram.

Misture-se.

Se o envenenamento foi produzido pela applicação externa de massas arsenicaes, da massa de Rousselot, por exemplo, é inutil administrar o emetico e a magnesia calcinada; mas é preciso recorrer ao vinho, caldo, á poção *antispasmodica* e ás bebidas diureticas.

Reagentes. O acido arsenioso (arsenico do commercio) lançado nas brazas esparge vapores brancos com cheiro alliaceo. Aquecido em matraz, com potassa e carvão, pega-se ao gargalo do vaso, e forma uma codea branca. O acido arsenioso dissolvido precipita em verde pelo sulfato de cobre ammoniacal, em vermelho-tijolo pelo nitrato de prata, em flocos amarellos pelo acido sulfhydrico, em branco pela agua de cal. Todos os precipitados, obtidos pelos reagentes indicados, dão arsenico metallico, quando aquecidos em matraz com potassa e carvão. É por meio d'estes reagentes que se indagava o acido arsenioso nas substancias que se suppunham contél-o até ao anno de 1836, epoca em que foi inventado o apparelho de Marsh, hoje muito empregado nas indagações medico-legaes relativas aos envenenamentos. Este apparelho é fundado na propriedade que possue o hydrogeneo, no estado nascente, de formar com o arsenico uma combinação gazosa susceptivel de se decompôr pelo calor, e produzir arsenico metallico ou acido arsenioso, segundo as circonstancias que accompanham a operação. Depois de sua invenção, o apparelho de Marsh recebeo numerosas modificações. A fig. 425 representa o apparelho de Marsh modificado por Barzelius e Liebig, e adoptado pela Academia das sciencias de Pariz.

O apparelho de Marsh compõe-se de um frasco A, com rolha contendo dois furos; no primerio introduz-se um tubo direito *mn*, de 1 centimetro pouco mais ou menos de diametro, e no segundo acha-se um tubo *a b c* cuja curva forma um angulo recto, e que tem uma bola *b* na qual se condensa a maior parte da agua levada pelo desenvolvimento do hydro-

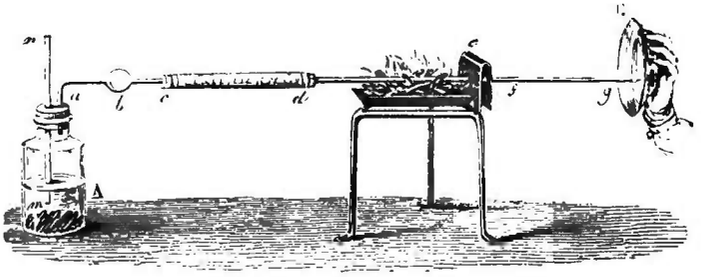


Fig. 425. — Apparelho de Marsh.

geneo. Este tubo communica com outro tubo mais largo *c d*, que contém amianto ou algodão, destinado a reter as particulas da dissolução levada pela corrente gazoza. Na extremidade d'este ultimo tubo, acha-se um tubo de vidro estreito *d f g* de 2 a 3 millimetros de diametro interior, de 3 a 4 decimetros de comprimento, coberto com uma lamina de prata no comprimento de 1 decimetro, pouco mais ou menos. O frasco A deve ser bastante grande para conter todo o liquido que se quer ensaiar, e deixar ainda um vacuo approximadamente equivalente á quinta parte da sua capacidade total. — Disposto assim o apparelho, introduzem-se no frasco algumas laminas de zinco puro, cobrem-se estas com agua, e deita-se no frasco pequena quantidade de acido sulfurico puro pelo tubo *m n*. Produz-se então um desenvolvimento regular de hydrogeneo puro, que expelle pouco a pouco o ar contido no frasco. Expellido o ar, aquece-se com uma alampada de alcool, ou por meio de uma grelha de ferro com carvão acceso, a porção do tubo cercada da lamina de prata. Se os reagentes (zinco, acido, agua e frasco) são puros e completamente isentos de arsenico, a porção do tubo *f g* não apresentará nodoa alguma. Se acontecesse o contrario, seria indispensavel mudar os reagentes. Um anteparo *e* preserva da acção do fogo a parte *f g* do tubo. Accende-se tambem o gaz no orificio *g*, e, approximando-lhe um pires de porcelana, examina-se se não apparece alguma nodoa no pires. Estas experiencias preliminares devem durar pelo menos meia hora, para não deixarem duvida alguma no espirito. Convem ainda esgotar completamente o zinco, n'esta experiencia prévia, visto que as pequenas quantidades de arsenico que póde conter, se accumulam particularmente nas ultimas porções do metal que se dissolve. — Feito isto, introduz-se no frasco A, pelo tubo *m n*, o liquido suspeito, e mantem-se pela addição conveniente de acido sulfurico um desenvolvimento fraco de gaz hydrogeneo. Se o liquido fôr arsenical, o arsenico depõe-se quasi immediatamente no *f*, a pequena distancia do anteparo *e*. Accende-se tambem o gaz no orificio *g*, e approximando-lhe um pires de porcelana frio, obtem-se nodoas arseni-

caes. — Se se obteve, por meio do apparelho de Marsh, um annel metallico no tubo, cumpre submetter este annel a uma serie de experiencias, para ver se elle possue todos os caracteres do arsenico. Convem, primeiro, verificar se este annel é volatil, se pela acção de um calor brando, se desloca facilmente de uma parte do tubo sobre a outra; e se, aquecido n'um tubo aberto nas duas extremidades, branquea e se transforma em acido arsenioso que tembem é volatil. Deve-se depois tratar este acido arsenioso pelo acido azotico para transformal-o em acido arsenico, e formar por meio do azotato de prata um precipitado vermelho-tijolo de arseniato de prata, cuja côr é caracteristica. Finalmente, o arsenico sobre o carvão ardente exhala um cheiro alliaceo.

O apparelho de Marsh descobre, com certeza absoluta as mais pequenas quantidades de arsenico. Por meio d'este apparelho o arsenico póde ser achado nas visceras, na ourina e no sangue. Quanto ao arsenico que diziam existir no corpo humano no estado normal, todas as experiencias feitas pela commissão do Instituto de França deram resultados negativos.

Por meio do apparelho de Marsh, ou dos reagentes indicados no principio d'este artigo (sulfato de cobre ammoniacal, nitrato de prata, acido hydrosulfurico, agua de cal), podem facilmente reconhecer-se as mais pequenas quantidades de acido arsenioso, quando este veneno se acha dissolvido em agua. Mas o problema é menos simples, quando se trata de reconhecer a presença de pequena quantidade de arsenico, no meio de massas consideraveis de materias organicas, como acontece ordinariamente nos casos de envenenamento. Vou descrever succintamente a marcha que então convem seguir.

Se existir ainda uma parte dos alimentos que produziram envenenamento, cumpre examinar se não se formou no fundo das vasilhas um deposito de acido arsenioso, em pó branco, que, por ser muito pesado, se precipita rapidamente; póde-se então reconhecer facilmente pelos reagentes já indicados. Uma indagação semelhante deve ser feita nas materias vomitadas. Se estas pesquizas forem infructuosas, espremer-se-hão os alimentos ou as materias vomitadas por panno de linho muito limpo, previamente lavado em agua distillada; dividem-se assim em uma porção solida, que se tratam primeiro separadamente, e se reunem depois. Diminuir-se-hão os liquidos por evaporação em capsula de porcelana. Como elles contém ordinariamente materias organicas em dissolução, estão ordinariamente muito viscosos para poderem ser introduzidos directamente no apparelho de Marsh. Produzem muita escuma, e seria difficil dirigir convenientemente a experiencia. Além d'isto, a presença d'estas materias organicas muda notavelmente as reacções proprias para fazerem reconhecer o arsenico : cumpre pois começar por destruil-as. O melhor é concentrar muito os liquidos, depois ajuntar uma quantidade de acido sulfurico proporcionada á da materia organica que se suppõe existir na dissolução. Evapora-se para expellir o acido sulfurico. A materia organica destroe-se, e fica reduzida á forma de carvão esponjoso. Borrifa-se este carvão com acido azotico concentrado, e torna-se a aquecer par expellir o acido; desprendem-se vapores rutilantes

em abundancia. O arsenico (quando o ha) transforma-se em acido arsenioso que se dissolve facilmente em agua. Dissolve-se o residuo em pequena quantidade d'agua distillada fervendo, côa-se, e obtem-se ordinariamente, se a carbonização foi bem feita, um liquido incolor, ou mui pouco corado, que se póde tratar facilmente pelos reagentes ou pelo apparelho de Marsh.

As materias solidas, que ficaram no panno, devem tambem ser carbonizadas pelo acido sulfurico. Para este fim, borrifam-se com o quinto de seu peso d'este acido concentrado, pouco mais ou menos, e aquece-se. Toda a materia se torna liquida: expelle-se o acido sulfurico pela acção do fogo, borrifa-se o carvão com acido azotico que se evapora; emfim dissolve-se o residuo em agua distillada fervendo. Obtem-se por filtração um liquido resultante do tratamento da porção liquida. Reunem-se os dois liquidos, e tratam-se juntamente pelos reagentes ou pelo apparelho de Marsh.

Quando o acido arsenioso existe em quantidade consideravel nas materias submettidas á experiencia, póde-se effectuar em capsulas de porcelana a carbonização das materias pelo acido sulfurico, e as evaporações successivas. Mas se a porção do veneno é pequena, deve-se receiar que grande quantidade de acido arsenioso venha a volatilizar-se na alta temperatura que é preciso empregar para expellir o acido sulfurico. É, pois, melhor, em todos os casos, fazer a carbonização em retorta de vidro guarnecida de um recipiente, cujas paredes estejam molhadas. Os liquidos distillados condensam-se no recipiente, e póde-se examinar depois se elles contém arsenico.

Sendo o medico chamado para verificar o envenenamento depois da morte, deve fazer as investigações, que deixei indicadas, nas materias tiradas do estomago, e na ourina contida na bexiga. Emfim, se tiver de verificar o envenenamento muito tempo depois do obito da victima, e no cadaver chegado a um gráo de decomposição mais ou menos adiantado, deve n'este caso operar sobre o que fica do estomago, figado, pulmões, baço e coração, orgãos nos quaes o veneno se fixa principalmente. Deve carbonizal-os do mesmo modo pelo acido sulfurico, em retorta de vidro, depois de cortados os orgãos em pedacinhos.

É inutil dizer que todos os reagentes chimicos empregados n'essas operações devem ser muito puros, *previamente ensaiados* com muita attenção, para averiguar que elles não contém vestigio algum de arsenico. O medico poderá ter então uma confiança completa no resultado das suas indagações, se comtudo foram ellas executadas de maneira conveniente.

Envenenamento pelo azinhavre. *V.* Enven. pelo *Cobre.*

Envenenamento pela belladona. *V* Enven. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo bismutho. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelo bromo. Administrar 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico n'uma chicara d'agua fria, e depois 60 grammas de oleo de ricino.

Envenenamento pela cal. *Veja-se* Envenen. pelos *Alcalis*.

Evenenamento pelos calomelanos. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*.

Evenenamento pela camphora. *Symptomas.* Vertigens, prostração, somnolencia, enfraquecimento de sentidos, da vista principalmente.

Tratamento. Administrar 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua: dar, depois, vinho do Porto, da Madeira, chá da India com aguardente.

Evenenamento pelas cantharidas. As cantharidas, quer sejam applicadas sobre a pelle sob a fórma de caustico, quer introduzidas no estomago, occasionam muitas vezes graves accidentes. Estes accidentes estão especificados no artigo CANTHARIDAS.; eis-aqui o seu tratamento. Deve-se administrar agua pura, ou melhor ainda, agua com assucar, leite, uma infusão de sementes de linho ou de raiz de althéa. Friccionar a parte interna das coxas com oleo camphorado. Metter o doente em um banho d'agua morna, no qual ficará por uma ou duas horas; applicar depois cataplasmas de linhaça no ventre, e administrar muitos clysteres com decocção de linhaça. Dar a beber vinho generoso, aguardente de canna ou chá de hortelã.

Evenenamento pelo centeio espigado. O centeio experimenta ás vezes uma molestia que muda a sua fórma, sua composição, e o torna venenoso; chama-se então centeio espigado. É uma substancia comprida, de côr violacea no exterior, esbranquiçada interiormente. Os symptomas dn seu envenenamento foram descriptos no artigo CENTEIO ESPIGADO : aqui só indicarei o tratamento. Se o incommodo fôr passageiro, se houver pouca febre, leve embaraço de cabeça e alguns movimentos convulsivos, dê-se, de quarto em quarto de hora, uma colher, das *de sopa*, da poção antispasmodica seguinte :

Infusão de herva cidreira.	120 gram.	Laudano de Sydenham..	40 gottas.
Ether sulfurico.....	40 gottas.	Assucar.....	15 gram.

Miture-se.

Depois d'isso, administre-se em bebida agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão. Se o doente se queixar de torpor e frio nos membros, hanhem-se-lhe as pernas em uma infusão de plantas aromaticas, como alfazema, alecrim ou hortelã-pimenta : esta infusão deve ser animada com um pouco de vinagre; ao sahir do banho, esfreguem-se-lhe as pernas com um panno de lã, e depois cubram-se de pannos molhados em uma infusão de folhas de laranjeira, á qual se juntará, para cada copo, 20 gottas de alcali volatil. Dê-se-lhe tambem a infusão dc hortelã ou de serpentaria de Virginia. Se o torpor e a frieza continuarem, appliquem-se vesicatorios nos logares proximos ao do mal, e banhem-se os membros affectados com o soluto seguinte :

Agua.....	1 litro.	Sulfato de cobre.....	90 gram.
Pedrahume calcinada...	125 gram.	Sal de cozinha.....	30 —

Se se manifestar gangrena, será necessario praticar a amputação.

Envenenamento pelo chloral. *Veja-se* Vol. I, pag. 567.

Envenenamento pelo chlorhydrato de morphina. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*.

Envenenamento pelo chlorureto de ouro e sodio. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de ouro*.

Envenenamento pelo chumbo. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

Envenenamento pela cicuta. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelo cinabrio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*.

Envenenamento pelo cobre e suas preparações, taes como o *azinhavre*, *verdete*, *sulfato de cobre* (conhecido pelo nome de pedra lipes, caparrosa azul, azul de Chypre, vitriolo azul, azul de Venus, azul de cobre) *cal de cobre*, *agua celeste*, etc. Todas estas preparações de cobre, introduzidas no estomago, mesmo em pequenas dóses, são venenosas. O azinhavre natural (subcarbonato de cobre), que se forma sobre as moedas de cobre, nas talhas e torneiras do mesmo metal, póde estar em contacto com a agua, sem lhe communicar propriedade alguma nociva, porque não é soluvel n'este liquido; mas se acaso, bebendo-se a agua que a contém, se engulir um fragmento d'esta substancia, podem manifestar-se todos os symptomas de envenenamento: é pois prudente que nunca se beba um liquido que tenha sido conservado em vasos cobertos d'esta substancia verde. O azinhavre artificial (subacetato de cobre) é mui soluvel n'agua. Podem-se, sem o menor perigo, preparar todas as comidas em uma cassarola bem estanhada; mas, na que o não fôr perfeitamente, o vinho, o vinagre, o sumo de azedas, o azeite doce, todas as qualidades de gorduras, e muitas outras substancias, determinam a formação do azinhavre, o qual, misturado com os alimentos, póde causar os mais graves accidentes. A quantidade do azinhavre que se forma é sobretudo consideravel se se deixarem arrefecer, em vasos de cobre mal estanhados, as substancias que deixei indicadas. É pois necessario que, se as circumstancias obrigarem a servir-se de utensilios de cobre mal estanhados, os alimentos sejam tirados d'elles ainda fervendo (*Veja-se* o artigo Cobre, Vol. I, pag. 627). Os symptomas que produzem as preparações de cobre são: dôres no estomago e intestinos, vomitos, soluços, difficuldade de respirar, convulsões e a morte.

Tratamento. O melhor contraveneno das preparações de cobre é a *clara de ovo*. É preciso, por conseguinte, administrar quanto antes á pessoa envenenada muitos copos d'agua com assucar, com 4 a 6 claras de ovo para cada copo d'agua, e favorecer os vomitos introduzindo os dedos na garganta. Se houver symptomas de fraqueza, administrem-se duas colheres *de sopa*, de hora em hora, de vinho quente. Se apparecer inflammação do estomago caracterizada por dôres e grande sensibilidade do ventre, appliquem-se cataplasmas de linhaça.

Envenenamento pela coca do Levante. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*.

Envenenamento pelos cogumelos. *V.* o artigo Cogumelo.

Envenenamento pelo colchico. *V.* Enven. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelas coloquintidas. *Veja-se.* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo creosote. Os symptomas e o tratamento são os mesmos que pelo *acido phenico. V.* vol. I, pag. 34.

Envenenamento pelo croton tiglium. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo curare. *V.* Env. pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo cyanureto de potassio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Acido prussico.*

Envenenamento pela datura. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela digital. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo elaterio. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo emetico e outras preparações antimoniaes, que são : *kermes mineral, enxofre dourado de antimonio, oxydo de antimonio, vinho de antimonio.* Se bem que 1 a 2 grammas de emetico possam produzir accidentes mortaes, comtudo quando o emetico é administrado successivamente na dóse de 10 a 15 centigrammas em curtos intervallos, pode-se tomar 1 gramma n'um dia sem que se determinem symptomas de envenenamento. Estabelece-se a *tolerencia* e a mucosa gastro-intestinal só se irrita levemente. Todavia já houve alguns exemplos desastrosos, quando o remedio foi dado em dóse demasiado elevada. Cousa singular, e digna de notar-se, é que no maior numero d'estes casos não apparecêram vomitos nem evacuações alvinas; mas sim pulso pequeno e frequente, pallidez do rosto, esfriamento do corpo, syncope, e o doente succumbia n'um estado de collapso.

Tratamento. Favoreçam os vomitos com agua morna. Dêm-se muitos copos da decocção de noz de galha, de casca de romã, ou chá da India. Se apezar d'este meio, os vomitos e as dôres continuarem, dê-se uma pilula de opio de 5 centigrammas ou 20 gottas de laudano de Sydenham, e repita-se por tres vezes este remedio de quarto em quarto de hora, emquanto se não acalmarem os accidentes. Combata-se a inflammação intestinal consecutiva com banhos tepidos e cataplasmas de linhaça.

Envenenamento pela escamonéa. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pela espirradeira. *V.* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo estramonio. *V.* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela fava de Santo Ignacio. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo figado de enxofre (sulfureto de potassio). Favorecer os vomitos administrando 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua. Applicar cataplasma de linhaça no ventre.

Envenenamento pela figueira do inferno. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo fumo. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela gomma gutta. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo helleboro. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pela herva moira. *V.* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo iodo. Administrar uma solução de polvilho em agua; e depois infusão de linhaça.

Envenenamento pelo iodureto de mercurio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado.*

Envenenamento pelo iodureto de potassio. *V.* Envenenamento pelo *Iodo.*

Envenenamento pela jalapa. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo kermes mineral. *Veja-se* Envenenamento pelo *Emetico.*

Envenenamento pelo laudano. *Veja-se* Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelo lithargyrio. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo.*

Envenenamento pela mancenilha. *Veja-se Mancenilha.*

Envenenamento pelos mariscos. Os mariscos tem causado ás vezes os effeitos seguintes: calefrios, dôres agudas de cabeça e estomago, com oppressão e difficuldade de respirar; agitação geral, rubor e inchação da face e das palpebras, comichões mui forte por todo o corpo, apparição de empolas sobre a pelle, convulsões; finalmente, em alguns casos, ainda que raros, estes symptomas tem sido seguidos de morte. O tratamento d'estes accidentes é o seguinte:

Administrar 10 centigrammas de tartaro emetico e depois 60 grammas de sulfato de magnesia n'um copo d'agua. Em seguida uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Infusão de hortelã.....	120 grammas.
Ether sulfurico.....	40 gottas.
Assucar.....	15 grammas.

Em falta d'esta poção, dar uma colher *de sopa*, de meia em meia hora, de aguardente de canna ou de vinho do Porto.

Mais tarde, dar a beber limonada de vinagre ou de limão.

Envenenamento pelo meimendro. *Veja-se* Envenen. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo minio. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo.*

Envenenamento pela morphina e seus saes. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio.*

Envenenamento pelo nitro. O sal de nitro é empregado em medicina para provocar a secreção das ourinas, na dóse de 1 a 2 grammas por dia, diluido n'um quartilho d'agua. Na dóse de 30 grammas, diluido em pequena porção de liquido e administrado de uma vez, chega

a produzir nauseas, diarrhea, desmaio, arrefecimento geral, vertigens, enfraquecimento do pulso, prostração das forças, e até a morte.

O *tratamento* é o seguinte: Combater a prostração com sinapismo applicados nos pés, pernas, coxas, braços; com fricções de aguardente pelo corpo, e bebidas estimulantes, como o vinho quente e chá de hortelã. Administrar depois a poção seguinte, ás colheres *de sopa*, de hora em hora:

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 gram.	Laudano de Sydenham..	40 gottas.
Ether sulfurico.....	20 gottas.	Assucar.....	15 gram.

Misture-se.

Envenenamento pela noz vomica e pelas substancias seguintes: *coca do Levante*, *estrychnina*, *curare*, *upas tieute* (succo de uma planta de Java), *upas antiar* (succo de uma avore de que os Indios se servem para envenenar as frechas), *ticunas* (veneno americano preparado com o succo de certas plantas, empregado igualmente pelos Indios para envenenar as frechas). Introduzidos no estomago ou applicados sobre feridas, estes venenos são rapidamente absorvidos, e causam uma rijeza geral e convulsiva; a cabeça curva-se para traz, o peito dilata-se apenas, e os doentes morrem suffocados no espaço de poucos minutos, se o veneno, foi em grande dóse.

O *tratamento* é o seguinte: Administre-se um vomitorio, 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria. Administre-se um clyster d'agua morna com 30 gottas de ether sulfurico. De dez em dez minutos dê-se uma colher *de sopa* da poção seguinte:

Agua.....	120 gram.	Laudano de Sydenham..	20 gottas.
Ether sulfurico.....	40 gottas.	Assucar.....	15 gram.

Se o veneno foi introduzido pela superficie do corpo, administrem-se os mesmos meios, menos o vomitorio.

Envenenamento pelo oleo de vitriolo. *Veja-se* Envenenamento pelos *Acidos concentrados*.

Envenenamento pelo opio e outras substancias narcoticas, taes como *laudano*, *black-drops*, *sues de morphina*. Todas estas substancias são frequentemente empregadas em medicina como preciosos calmantes. Convem todas as vezes que os doentes soffrem vivas dôres, e que são sujeitos á insomnia. O opio póde ser administrado sem inconveniente na dóse progressiva de 5 centigrammas a 8 grammas; quanto ao acetato e chlorhydrato de morphina, costumam dar-se só na dóse de 12 milligram. a 10 centigrammas. Em alta dóse, introduzidas no estomago ou applicadas sobre feridas, estas substancias podem tornar-se venenosas. Eis-aqui os effeitos que então produzem: torpor, peso de cabeça, vontade de dormir, uma especie de embriaguez, delirio furioso ou alegre, convulsões, paralysia das pernas, vomitos, abatimento e a morte.

Tratamento. Quando o opio tiver sido introduzido no estomago, dêm-se

10 centigrammas de emetico dissolvidos n'um eopo d'agua. Favoreçam-se os vomitos, introduzindo os dedos na garganta, ou titillando a uvula com a rama de uma penna. Se se suspeitar que o narcotico penetrou nos intestinos, ou se foi introduzido no corpo por meio de um clyster, prescreva-se um purgante pela bocca ou em elyster, como por exemplo, 60 grammas de oleo de ricino ou de sal amargo. Administrem-se 30 centigrammas de tannino n'uma eolher d'agua fria; ou a decocção forte de galhas; estas preparações tem a propriedade de transformar o opio em substancia inerte. Quando o opio estiver inteiramente ou quasi todo evacuado, administrem-se, de cinco em einco minutos, quatro colheres *de sopa* d'agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão, e immediatamente depois de cada dóse d'agua acidulada, dêm-se quatro colheres *de sopa* de café forte. Administre-se tambem um clyster de infusão de café. Os acidulos antes da evacuação do veneno seriam nocivos. Trate-se de dissipar o torpor dos membros, esfregando-os com uma escova ou panno de lã. Se a modorra fôr profunda e o individuo parecer estar apoplectico, recorra-se á sangria. Se o envenenamento tiver sido produzido pela applicação de substancia nareotiea sobre a superficie do corpo, é inutil administrar o vomitorio e os purgantes, mas é preciso reeorrer ineontinente ao café e á limonada.

Envenenamento pelo ouropimento. *Veja-se* Env. pelo *Arsenico.*

Envenenamento pela pedrahume. Favorecer os vomitos eom agua morna, que tenha em dissolução 5 a 10 centigrammas de emetico; applicar depois cataplasmas de linhaça no ventre.

Envenenamento pela pedra lipes. *V.* Env. pelo *Cobre.*

Envenenamento pela pedra infernal. A pedra infernal, ou por outro nome o azotato de prata, é um caustieo poderoso: introduzida no estomago, produz os mesmos accidentes que os alcalis. O sal commum de cozinha é o melhor contraveneno da pedra infernal: será pois necessario, se acaso se apresentar um envenenamento por esta substaneia, que, dissolvendo-se uma colher *de sopa* de sal em um quartilho d'agua, se faça beber á pessoa envenenada muitos eopos d'esta agua, afim de provocar os vomitos e diminuir os aecidentes. Se elles, apezar d'isto, continuarem, recorra-se ás cataplasmas de linhaça sobre o ventre, aos banhos mornos e ao cozimento de linhaça.

Envenenamento pelo phosphoro, e *pela massa phosphorea com que se fabricam os phosphoros ou páosinhos para accender fogo.* Os envenenamentos pelo phosphoro, outr'ora raros, são hoje bastante frequentes, desde que se emprega para a preparação dos pavios de aeeender lume, a massa eomposta em grande parte de phosphoro braneo. Ingerido em alta dóse ou em fragmento, o phosphoro luminoso inflamma-se no estomago, corroe e perfora este orgão. Se fôr dado mui dividido, em quantidade menor, sobretudo o estomago contendo alimentos, os symptomas locaes podem ser pouco intensos, e ás vezes lentos em seu desenvolvimento. Consistem em vomitos, pulso irregular, dôr no ventre, fraqueza, delirio, e, em muitos easos, a morte.

Tratamento. Dar a beber duas colheres *de chá* de essencia de terebinthina; e depois administrar um vomitorio : 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria.

Envenenamento pelos pinhões de purga. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelos pós de Joannes. *V.* Env. pelo *Sublimado.*

Envenenamento pela potassa. *V.* Env. pelos *Alcalis.*

Envenenamento pelas preparações de arsenico. *Veja-se* Envenenamento pelo *Arsenico.*

Envenenamento pelas preparações de bismutho. Provocar os vomitos com agua morna, administrar leite com agua, ou agua com claras de ovo ou com assucar. Combater os accidentes inflammatorios com cataplasmas de linhaça sobre o ventre.

Envenenamento pelas preparações de chumbo. O chumbo metallico póde ser engulido sem inconveniente; mas não acontece assim com muitas de suas preparações, que são verdadeiros venenos. Estas preparações são : *acetato de chumbo*, vulgarmente chamado *assucar de Saturno* ou *sal de Saturno*, *sub-acetato de chumbo* ou *extracto de Saturno*, *agua branca de Goulard* ou *agua vegeto-mineral*, *carbonato de chumbo* ou *alvaiade*, *protoxydo de chumbo* ou *lithargyrio*, *deutoxydo de chumbo, zarcão* ou *minio, vinho adoçado pelo chumbo.*

Apenas se toma uma grande dóse de sal de Saturno ou de qualquer outra preparação de chumbo, soluvel n'agua, sente-se um sabor doce, adstringente, metallico, desagradavel; sensação de aperto na garganta; dôres mais ou menos fortes na região do estomago, nauseas e vomitos. Se, em logar de uma grande dóse de chumbo, se beber agua ou vinho com menor quantidade d'este metal, póde-se a principio não sentir incommodo algum; mas, sendo continuado o uso d'estas bebidas, contrahe-se por fim uma molestia chronica chamada *colica de chumbo*, que é caracterizada por dôres e prisão do ventre. Os pintores, os oleiros, os vidraceiros, os fabricantes de tintas, e em geral todos os operarios que trabalham no chumbo, ou que respiram as suas emanações, estão sujeitos a esta molestia. É perigoso servir-se de utensilios de cozinha feitos de chumbo; porque tambem os alimentos atacam este metal, e, dissolvendo-o, formam com elle um sal venenoso. É tambem imprudencia beber agua conservada por longo tempo em vasos de chumbo, expostos ao ar; porque esta agua póde conter em solução o carbonato de chumbo, resultado da combinação do gaz acido carbonico, que se acha no ar, com o chumbo. Já se observáram incommodos nas pessoas que tem bebido agua de chuva passada por canos de chumbo. Os vinhos de má qualidade, que fraudulentamente se melhoram por meio do lithargyrio, são ainda ainda mais venenosos (*Veja-se* o artigo Chumbo). O tratamento da colica de chumbo consiste na administração repetida dos emeticos e purgantes (*Veja-se* Colica de chumbo). Os soccorros que se devem prestar nos envenenamentos agudos são os seguintes :

O sal d'Epsom e o sal de Glauber são os contravenenos das prepara-

ções de chumbo. Por conseguinte, se se apresentar um caso d'este envenenamento, será preciso administrar, de dez em dez minutos, um copo d'agua fria que tenha em dissolução 15 grammas de sal d'Epsom. A infusão de linhaça será depois empregada para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelas preparações de mercurio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado.*

Envenenamento pelas preparações de ouro, taes como *chlorureto de ouro* e *chlorureto de ouro e sodio.* Estas preparações de ouro, empregadas em dóses elevadas, produzem irritação no estomago e tem acção sobre o cerebro ; podem até produzir a morte. O tratamento consiste em provocar os vomitos com agua morna e pela introducção dos dedos na garganta ; administrar depois 40 a 60 centigrammas de sulfato de ferro dissolvido n'uma chicara d'agua.

Envenenamento pelo rosalgar. *V.* Env. pelo *Arsenico.*

Envenenamento pela sabina. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo sal ammoniaco. *Veja-se* Envenenamento pelo *Alcali volatil.*

Envenenamento pela scilla. *V* Envenen. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela soda. *V* Envenen. pelos *Alcalis.*

Envenenamento pela strychnina. *V.* Envenen. pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo sublimado corrosivo e pelas outras preparações mercuriaes, como *cinabrio*, *vermelhão*, *iodureto de mercurio*, etc. Os symptomas d'este envenenamento consistem em dôr de estomago, contricção da garganta, vomitos, caimbras, frieza das extremidades, convulsões, prostração e a morte. Tem por tratamento o seguinte : de dois em dois minutos dê-se um copo d'agua, que tenha em solução 3 ou 4 claras de ovo ; em falta das claras de ovo, administre-se leite em abundancia. Combata-se depois a inflammação intestinal com cataplasmas de linhaça applicadas sobre o ventre.

Envenenamento pelo sulfato de morphina. *V.* Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelo sulfato de quinina. *Symptomas.* Dôr de cabeça, agitação, phenomenos de embriaguez, surdez, vista turva, dilirio, convulsões, paralysia, ás vezes ourinas sanguinolentas, fraqueza extrema, morte.

Tratamento. Provocar os vomitos com 5 centigrammas de emetico; depois administrar vinho, chá de hortelã, e fazer pelo corpo fricções com baeta embebida em aguardente.

Envenenamento pelo sulfureto de carbone. O sulfureto de carbone é um liquido muito empregado na industria ; sobretudo para dissolver o cautchuc e soldar os seus pedaços isolados. É mui volatil, e seus vapores occasionam dôres de cabeça, enfraquecimento geral, vista turva, etc. Devem as fabricas, que o empregam ser ventiladas. Engulido, é um veneno violento; combate-se o envenenamento com

5 centigrammas de emetico administrado n'uma chicara d'agua fria, para provocar vomitos.

Envenenamento pelo tabaco, belladona, estramonio, mancenilha, meimendro, digital, trombeteira, colchico, cicuta, scilla e espirradeira. Qualquer d'estas substancias ingerida causa os seguintes symptomas: agitação, gritos agudos, delirio mais ou menos alegre, movimentos convulsivos da face, dos queixos e membros, vomitos, dejecções alvinas, dôres de ventre. Algumas vezes, em logar de agitação, observa-se uma especie de embriaguez, grande abatimento, insensibilidade, e os doentes não tem vontade alguma de vomitar. A mancenilha (*Hyppomane mancenilla*, Linneo) é uma das arvores mais venenosas da terra. O fructo do mancenilleiro dá um succo que queima as entranhas, e de que os Indios se servem para envenenar as frechas.

Tratamento. Se a pessoa envenenada não tiver ainda vomitado, dêm-se-lhe 10 centigrammas de emetico em um copo d'agua fria. Favoreçam se os vomitos introduzindo os dedos na garganta. Se houver já decorrido muito tempo desde que o veneno foi tomado, administre-se um purgante, como por exemplo, 60 grammas de sal amargo. Depois de evacuado o veneno por cima ou por baixo, administre-se agua acidulada com vinagre; quatro colheres *de sopa* de quarto em quarto de hora. Passado uma hora, administre-se uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Infusão de herva cidreira.....	120 grammas.
Ether sulfurico.....	40 gottas.
Assucar.....	8 grammas.

Misture-se.

Envenenamento pela trombeteira. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelos venenos corrosivos, causticos. *Veja-se* Envenenamento pelos *acidos concentrados*, *alcalis*.

Envenenamento pelos venenos irritantes vegetaes, como *trovisco*, *coloquintida*, *gomma-gutta*, *helleboro*, *oleo de croton tiglium*, *sabina*, *escamonéa*, *pinhão de purga*, *abobora do mato* ou *tayuyá*, *anda-acú*, *angelim*, *arruda*, etc. A maior parte d'estas plantas em pequena dóse são medicamentos preciosos, em grande dóse porém tornam-se venenosas. Eis-aqui os effeitos que produzem: sabor acre, picante, mais ou menos amargo, calor ardente, grande seccura da lingua, vontade de vomitar, evacuações por cima ou por baixo, dôres mais ou menos agudas no ventre, pulso forte e frequente, respiração difficil e acceleradas. Pouco tempo depois, o pulso perde a força e sobrevem a morte. O *tratamento* é o seguinte: administram-se muitos copos d'agua com assucar ou d'agua simples morna ou fria, afim de diluir o veneno e favorecer os vomitos. Depois combate-se a inflammação intestinal e os accidentes nervosos com banhos d'agua morna, cataplasmas de linhaça no ventre, e com a poção seguinte:

Infusão de folhas de laranjeira.....	120 grammas.
Laudano de Sydendam.....	24 gottas.
Assucar.....	8 grammas.

Misture e administre uma colher *de sopa*, de hora em hora.

Envenenamento pelos venenos narcoticos. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*.

Envenenamento pelo verdete. *V.* Env. pelo *Cobre*.

Envenenamento pelo vidro moido. O vidro moido, verdadeiramente fallando, não é veneno : esta substancia não produz damno senão mecanicamente. O *tratamento* é o seguinte : Encher o estomago de feijões, batatas, couve, miolo de pão, e depois administrar 5 centigrammas de emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua morna e azeite doce, banhos mornos e infusão de linhaça, para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelo vitriolo azul. *V.* Env. pelo *Cobre*.

Envenenamento pelo zarcão. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

ENXAQUECA. A enxaqueca é uma dôr nervosa, não acompanhada de febre, ordinariamente circumscripta n'um ponto ou em uma metade da cabeça, sujeita a repetir-se por accessos, cujos iutervallos são variaveis; e quando desapparece momentaneamente, ou para sempre, não deixa vestigio algum.

Symptomas. A invasão da enxaqueca é ordinariamente subita. Uma dôr surda, latejante, pungente, e, emfim, insupportavel, apparece n'uma ou n'outra sobrancelha, nas fontes, ou em qualquer outra região da cabeça. O rosto fica abatido, os olhos tristes, a tez bastante descorada, ou de uma vermilhidão insolita. O doente conserva-se enfadado, impaciente; qualquer bulha ou a impressão de uma luz viva causam-lhe grande incommodo. Ao mesmo tempo existe anxiedade geral; mas o doente tem consciencia de que no seu estado é maior o soffrimento do que o perigo. O presente é-lhe insupportavel, mas não tem receio do futuro. Subsiste ás vezes o appetite; os alimentos alliviam ou dissipam os soffrimentos. Entretanto, quando a enxaqueca é violenta, absorve todas as faculdades. As pessoas assim cruelmente atormentadas são indifferentes a todos os objectos que as rodeiam. As dôres arrancam-lhes gritos contínuos ; parece a alguns individuos que se lhes despedaça a cabeça, que lhes introduzem no cerebro pontas agudissimas; uns sentem uma ebullição, outros um grande ruído, sibilos, zunidos, detonações; alguns julgam ter a cabeça comprimida por um solidéo de chumbo, ou que lh'a furam com uma verruma. Ás vezes a pelle torna-se sensivel á menor pressão, e os cabellos não podem ser tocados sem augmentar os soffrimentos. Sobrevem um bocejar contínuo, e ás vezes vomitos, que em alguns individuos dissipam as dôres, não produzindo em outros o menor allivio.

Os soffrimentos occasionados pela enxaqueca variam conforme os individuos e conforme os accessos; não principiam ordinariamente com o gráo de violencia que podem depois attingir. Consistem primeiramente em dôres de cabeça supportaveis, que se dissipam e reincidem tomando

emfim as apparencias caracteristicas que acima indiquei. Os accessos são separados por dias, semanas, mezes, de um estado de saude ordinaria; sua duração é de algumas horas, de um ou de alguns dias; ás vezes o repouso de uma noite basta para cural-os. A enxaqueca é mais commum na mocidade e na idade madura; raras vezes principia na infancia ou continua na velhice. As mulheres são mais sujeitas a ella do que os homens; padecem d'ella especialmente as pessoas hystericas, hypochondriacas, melancolicas, de temperamento nervoso. Geralmente fallando, a enxaqueca é mais rebelde do que perigosa.

Causas. Entre as causas que produzem esta molestia, contam-se em primeiro logar as paixões tristes e a contensão excessiva de espirito, mórmente quando são associadas a uma vida sedentaria; em segundo logar, as vigilias prolongadas, as impressões mui fortes e contínuas, sobre os sentidos da vista, do ouvido, do olfato; a exposição a temperaturas excessivas; a supressão intempestiva e alguma evacuação ou erupção habitual.

Tratamento. Durante o accesso, o repouso dos sentidos e do espirito é de absoluta necessidade e de uma efficacia manifesta. Cumpre evitar a bulha, a luz viva, os cheiros desagradaveis, as occupações, as emoções. O doente deve deitar-se e dormir e caso não possa, deve tomar duas colheres, ou mais de xarope de chloral de Follet. Todavia, é necessario n'este caso consultar a propria experiencia; pois ha pessoas a quem o trabalho, e sobretudo as distracções agradaveis, alliviam muito, e soffreriam por mais tempo estando deitadas e fechadas n'um quarto. Uma enxaqueca leve cede á immersão dos pés em agua quente, ou em agua tepida á qual se ajuntará um pouco de farinha de mostarda. Se fôr acompanhada de calor na cabeça, poder-se-hão applicar na testa pannos molhados em agua fria misturada com vinagre. O ether derramado pela testa produz, por sua evaporação, um frio que muitas vezes acalma as dôres. As enxaquecas acompanhadas de sensação de frio na cabeça são alliviadas, pelo contrario, com applicações de pannos quentes. Um pouco d'agua com assucar e agua de flores de laranjeira, a compressão da cabeça, um clyster d'agua fria, uma chicara de café, ou de chá de herva cidreira, uma ou duas colheres de chloral bromuretado Dubois produzem ás vezes bons effeitos. As comidas que agradam podem ás vezes dissipar o soffrimento; mas d'essas mesmas deve abster-se o doente se não tiver appetite. O xarope de lactucario, na dóse de uma a duas colheres *de sopa*, o ether, na dóse de 2 a 4 perolas de Clertan, podem ser administrados vantajosamente. A applicação na testa de pannos molhados em *agua sedativa*, é as vezes seguida de bom resultado. Eis-aqui a receita da *agua sedativa*:

Ammoniaco liquido.....	6 gram.	Sal commum.....	6 gram.
Alcool camphorado.....	1 —	Agua distillada.....	100 —

Dissolva o sal na agua, filtre; ajunte o alcool, depois o ammoniaco. Molha-se n'esta agua um panno de linho, e applica-se na testa, tendo

o cuidado de cobrir primeiramente os olhos, para evitar que lhes caiam dentro algumas gottas.

As seguintes pilulas podem ser empregadas nos casos renitentes:

Pilulas anticephalalgicas.

Extracto de opio.....	5 centigram.	Extracto de belladona.	5 centigram.
— de meimendro.	5 —	— de alface....	5 —

Faça 4 pilulas. Para tomar uma pilula durante o ataque de enxaqueca.

E de preferencia o doente tomará de hora em hora uma colher, *de sopa*, de solução de antipyrina de Trouette, até que a enxaqueca cesse; sendo a dóse maxima de dez colheres em vinte e quatro horas.

Ter-se-ha o cuidado, em todas as circumstancias, de entreter a liberdade do ventre com clysteres ou purgantes brandos, e fazer uso dos pós de Paterson de sub-nitrato de bismutho e magnesia, na dóse de um papel de manhã e á noite, deluido em meio copo d'agua com assucar, e no correr do dia chupar umas 3 ou 4 pastilhas de Paterson. As pessoas que tem já experimentado algumas vezes os tormentos da enxaqueca, devem notar as circumstancias que lh'a occasionam mais frequentemente, para regularem, segundo a sua experiencia pessoal, a especie e a dóse dos alimentos e das bebidas, o momento opportuno das comidas, as horas da vigilia e do repouso, o gráo e o genero de exercicio salutar, a quantidade das occupações intellectuaes, a temperança das paixões, emoções e sensações, a influencia do clima, das estações e intemperies atmospphericas, das qualidades do ar dos quartos, etc. Estes estudos de hygiene individual podem ser de grande utilidade, quer para curar as enxaquecas, quer para demorar ou mitigar os accessos.

Os medicamentos que se podem empregar com proveito contra enxaqueca são:

Perolas de ether do Dr. Clertan, na dóse de 2 ou 3 no momento dos accessos, ou perolas de essencia de terebinthina do Dr. Clertan, na dóse de 4 a 10 por dia para prevenir os accessos.

Para as outras dôres de cabeça, *veja-se* DÔR DE CABEÇA.

ENXOFRE. O enxofre é um corpo simples que abunda na natureza, no estado nativo ou no de combinação. No estado nativo, o enxofre encontra-se em massas opacas ou semitransparentes, ou em pó na vizinhança dos vulcões, e emfim, porém mais raramente, debaixo da forma de bellos crystaes, alguns dos quaes tem perfeita transparencia. No estado de combinação, o enxofre faz parte dos sulfuretos de ferro, cobre, mercurio, arsenico, etc. Acha-se tambem em certas plantas, e mais particularmente no rábão e na couve. Existe mesmo em certas materias animaes, como, por exemplo, nos ovos. As minas mais celebres de enxofre são as da provincia de Napoles e Sicilia, as dos Estados Romanos, Irlanda, Guadelupe e emfim as de Quito, nas Cordilheiras. No Brazil o enxofre até agora descoberto existe em estado nativo na provincia do Rio Grande do Norte.

O enxofre é solido, de côr amarella, sem sabor nem cheiro; arde com

chamma azulada, e dando vopores de acido sulfuroso com cheiro desagradavel. É empregado nas artes para branquear a seda; serve para a fabricação do acido sulfurico; misturado com carvão e nitro, forma a polvora. Emprega-se tambem em medicina. Sublimado e misturado com assucar, forma as *pastilhas de enxofre*, que se administram nas bronchites e na asthma; porém a sua utilidade é mais evidente no tratamento das molestias cutaneas, como as empigens, tinha e sarna. N'estes casos usa-se tanto interna como externamente. Internamente, emprega-se na dóse de 60 a 120 centigrammas, duas a tres vezes por dia. Em grande dóse, 4 a 12 grammas, o enxofre actua como purgante. Externamente, administra-se em vapores, lavatorios, pomadas, linimentos, banhos, etc.

Muito se emprega actualmente o enxofre como desinfectante; basta, queimar em um quarto bem fechado, 20 grammas de enxofre por cada metro cubico para destruir os germens de molestias contagiosas que ahi possam existir; mas nem sempre é facil queimar enxofre, visto que é uma operação incommoda, incerta e que pode occasionar incendios.

Para evitar todos estes inconvenientes basta empregar duas velas sulfurosas nº 2, de V. Deschiens, de 250 grammas cada uma, para desinfectar um quarto de tamanho ordinario.

Pelo mesmo systema empregam-se d'estas velas, porem mais finas (nºs 0 e 1) que são graduadas (fig. 426); no tratamento das bronchites e da tisica pulmonar. Têm sido favoraveis os resultados obtidos por este novo modo de tratamento d'estas duas molestias.

O systema consiste em deixar arder no quarto do doente uma quantidade determinada de enxofre, o que se consegue por meio d'estas velas que são graduadas e facilitam o emprego d'este producto.

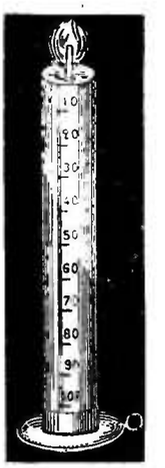


Fig. 426. — Vela de enxofre para inhalações e desinfecções.

EPHELIDES. *Veja-se* SARDAS.

EPIDEMIA ou ANDAÇO. Molestia que ataca ao mesmo tempo e no mesmo logar grande numero de pessoas de uma vez, e que depende de uma causa commum e geral sobrevindo accidentalmente. Que objecto mais digno das meditações do medico e do philanthropo do que a origem d'estes espantosos flagellos, que levam a desolação e a morte ao seio de populações que viviam sãs e tranquillas! É preciso ter colhido na historia da medicina e na das nações esses accentos lugubres de pavor e dôr, que tem ás vezes resoado de uma extremidade do globo á outra, para conhecer quanto a humanidade tem soffrido das epidemias. A peste do Oriente figura á frente d'essas horriveis calamidades; e se devessemos acreditar em relações exageradas, teria decimado a metade do genero humano na unica erupção do seculo XIV. Oitocentos annos antes, na sua primeira apparição no mundo, cobrio tambem de luto o globo inteiro, ou ao menos todos os paizes conhecidos, segundo refere Procopio. Anteriormente, epidemias de natureza indeterminada, e confusamente chamadas *pestes*, affligíram muitas vezes as nações: d'ellas tratam

a Biblia, a historia grega e romana; em todos os tempos, emfim, as epidemias tem desolado a especie humana. Entretanto, todas as epidemias estão longe de levar a consternação ao seio das populações: poucos annos se passam sem que cada localidade não apresente epidemias de alguma especie; isto é, predominios sensiveis de tal genero de molestias dependentes de uma causa geral, commum, passageira, por conseguinte epidemica; e entretanto nenhum clamor publico perturba o repouso da cidade. A duração das epidemias é incerta: é raro que cessem antes de tres ou quatro semanas, e que se prolonguem além de tres mezes.

Grande numero de molestias podem tomar a fórma epidemica; taes são: a coqueluche, os sarampos, a escarlatina, as bexigas, a dysenteria, a ophthalmia, o pleuriz, as febres intermittentes, o typho, a febre amarella, a peste, o cholera, etc.

Não ha cousa mais problematica em medicina do que as causas variadas das diversas epidemias em geral. Espantado d'estes temiveis phenomenos, o espirito humano tem trabalhado muito para descobrir a sua origem: da colera celeste e do poder infernal dos máos genios, passou á influencia maligna dos astros, depois aos terremotos, ás erupções volcanicas e a todos os phenomenos geologicos terriveis ou maravilhosos; os progressos da razão humana dirigíram emfim a attenção para o lado das causas mais facilmente apreciaveis, mais simples e mais naturaes. Então as intemperies atmosphericas, os effluvios, os miasmas, o contagio, a alteração das colheitas, as carestias, etc., foram submettidas alternativamente a severo exame: digamos entretanto que alguma cousa de divino (*quid divinum*), isto é, de inapreciavel, a que os antigos attribuiam a apparição das epidemias, persiste sempre e nos escapa. Uma circumstancia attendivel é que as epidemias tem consideravelmente diminuido no seculo em que vivemos, devendo-se attribuir isto aos progressos da civilisação e ao melhoramento da prosperidade material. É provavel que as epidemias fossem muito mais raras se os governos se interessassem em dar toda a força necessaria á hygiene publica, se os pantanos se seccassem, os portos se limpassem, as ruas fossem asseiadas, as habitações arejadas, as populações não agglomeradas, as inhumações vigiadas e sobretudo afastadas das cidades, etc.

Convem em tempo de epidemia espargir no chão e deitar nas latrinas, cloacas, curraes, etc., o phenol Bobœuf puro ou misturado, em partes iguaes com agua. O coaltar saponinado Le Beuf tambem é um desinfectante poderoso muito util em tempo de epidemias.

EPIDERME (fig. 427). É o nome que se deo a mais superficial das duas camadas membranosas que formam a pelle. A epiderme formada de pequenas cellulas chatas, corneas, protege o derme sobre o qual ella se acha e é de diversa espessura. Ora, a epiderme do rosto é muito fina, o da planta dos pés muitissimo grossa. O pello, as unhas são producções epidermicas que se renovam constantemente, na superficie da epiderme se abrem inumeras glandulas sebaceas e sudoripares que entreteem a flexibilidade da pelle e facilitam as funcções dos nervos sensitivos. A côr

da epiderme varia segundo as regiões do corpo e as raças dos individuos. Em todos os homens, é a pelle dos escrotos e do membro viril que têm a côr mais carregada. Essas differenças provem da repartição desigual de uma materia corante chamada pigmento; materia esta que não existe nos albinos ou gente aça.

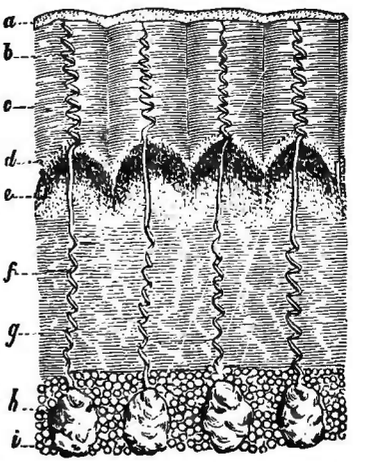


Fig. 427. — Pelle da mão (*).

EPIDIDYMO. Canal muito comprido e mui flexuoso no qual escorre o esperme que sahe do testiculo para penetrar na urethra tendo por intermediario o canal deferente. O epididymo se compõe de muitas pregas formadas pelos canaes semeniferos, enrolados em forma de cordão irregular. Está situado ao nivel da corda superior do testiculo onde se o pode sentir assaz facilmente.

EPIGASTRO. Região superior do ventre, comprehendida entre o appendice esternal e dois dedos acima do embigo. A parte média d'esta região corresponde ao estomago.

EPIGLOTTE. Especie de valvula fibro-cartilaginosa, delgada, muito elastica, mui flexivel, quasi oval, situada um pouco por cima da base da lingua. Ella está naturalmente na posição vertical, mas no momento da deglutição torna-se horizontal (fig. 428), para tapar a abertura da larynge e impedir que os alimentos se introduzam nas vias respiratorias. *Veja-se* a fig. 50, Vol. I, pag. 155.

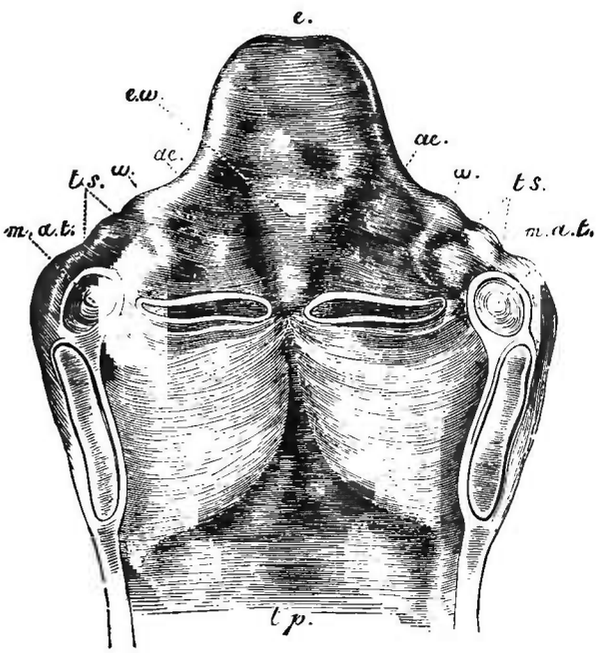


Fig. 428. — Burelete da epiglotte visto de frente (**).

EPILEPSIA, OU GOTTA CORAL, OU MAL DE GOTTA, OU VÁGADO. Molestia nervosa que se manifesta por ataques, mais ou menos approximados, com movimentos convulsivos, perda dos sentidos e escuma na bocca. Esta molestia é

(*) *a*, camada externa da epiderme; *b*, conducto arredondado em espiral; *c*, camada media da epiderme; *d*, tecido mucoso de Malpighi; *e*, papillas; *f*, derme; *g*, conducto arredondado em espiral; *h*, tecido adiposo; *i*, glandulas sudoriferas.

(**) *e*, epiglotte; *ew*, burelete; *ac*, ligamento ary-epiglotteo; *w*, cartillagem de Wrirberg; *ts*, tuberculo de Santorini; *m.a.t*, arytenoidiano posterior; *t*, *p*, trachea.

conhecida desde a mais remota antiguidade. Nos tempos de ignorancia e superstição, por causa de sua forma espantosa e de sua invasão subita, foi considerada como infligida pela colera dos Deoses, e por isso davam-lhe o nome de *mal sagrado*. Em Roma, dissolviam-se assembléas (*comitiæ*) na occasião de cahir um epileptico; e por isso lhe deram o nome de *mal comicial*. A sciencia está hoje desembaraçada d'essas superstições, mas não se acha ainda bastante adiantada no conhecimento d'esta molestia.

Causas. As crianças e as mulheres são mais frequentemente affectadas de epilepsia do que os adultos e os velhos. Manifesta-se ás vezes desde os primeiros dias do nascimento. O susto é a sua causa mais frequente, e sobretudo durante a época da menstruação. A colera, o pezar, e as emoções moraes mui fortes, tem influencia em seu apparecimento. Acompanha ás vezes o idiotismo : póde tambem depender, nas crianças, da presença de vermes no canal intestinal. É evidente que nenhuma d'essas influencias tem connexões directas com a epilepsia, que não constitue senão uma correlação accidental e fortuita, e que a verdadeira causa d'essa molestia ainda não está descoberta. A epilepsia produz-se ás vezes debaixo da influencia de uma especie de contagio, por um effeito singular do exemplo, quando alguma pessoa impressionavel é por acaso testemunha de um ataque epileptico.

Symptomas. Os ataques de epilepsia são raras vezes annunciados por phenomenos precursores; isto acontece entretanto quatro a cinco vezes sobre cem. Estes phenomenos são : tristeza, máo humor, dôr de cabeça, caimbras, audição de ruidos extraordinarios, vista de objectos luminosos, etc. Ás vezes uma certa sensação, tal como dôr, frio, calor, se desenvolve n'um dedo, perna, braço, ventre ou costas, e do ponto em que se manifesta sobe gradualmente até á cabeça. A parte do corpo em que esta sensação se patentêa é sempre a mesma em cada ataque. Em todos os casos, precedido ou não d'estes phenomenos, o ataque, é sempre subito. O doente dá um grito e cahe como fulminado; o rosto entumece-se e torna-se vermelho, roxo e até negro; a bocca enche-se de escuma; convulsões mais ou menos fortes se manifestam; os membros ficam rijos, e o individuo mostra-se insensivel. A bocca torce-se para um ou outro lado, a maxilla inferior approxima-se muito da superior, ou, cahindo violentamente para baixo, desloca-se ás vezes, e a bocca permanece aberta. Muitas vezes as materias fecaes e as ourinas sahem involuntariamente.

É muito raro que o ataque dure mais de cinco a seis minutos; tem-se visto entretanto prolongar-se por meia hora, uma hora, um dia e mais; porém então ha instantes de interrupção, e um só paroxysmo compõe-se ás vezes de uma serie de pequenos ataques successivos, os quaes chegam a exceder a sessenta. Logo que elle cessa, os membros recobram a flexibilidade e direcção naturaes, o rosto empallidece; os doentes cahem ordinariamente n'uma modorra profunda, acompanhada de forte resonar. Umas vezes são affectados de um tremor geral; outras, cobre-se-lhes a pelle de suor abundante; alguns experimentam nauseas e vomitos; emfim, todos recuperam pouco a pouco o uso dos sentidos, mas não se lembram

do que lhes aconteceo, e o seu rosto exprime vergonha e espanto.

Nem todos os ataques são tão violentos como o que acaba de ser descripto; ás vezes mesmo são tão leves, que se designam debaixo do nome de *vertigem* ou *vágado epileptico*. Eis aqui a sua descripção. O doente perde subitamente os sentidos, ás vezes dando um pequeno grito : póde não mudar de posição se está sentado, e entretanto cahe no chão se está de pé, salvo se tem tempo de acostar-se a alguma cousa; os olhos ficam fixos, e poder-se-hia crer que dirige a attenção para algum objecto : em alguns casos manifestam-se convulsões ligeiras e parciaes nos olhos, beiços, membros, pescoço ou rosto : a bocca em muitos doentes enche-se de baba espumosa. Passados alguns segundos, um ou dois minutos, quando muito, este estado cessa. Então o doente recobra immediatemente o pleno exercicio de suas faculdades, e continua, sem suppôr que tinha interrompido, uma conversação, uma occupação qualquer; outras vezes conserva por alguns minutos um estado de semi-conhecimento, e pratica alguns actos desarrazoados.

Prognostico. A epilepsia é sempre uma molestia grave; sua cura é rara e difficultosa : aquella, entretanto, que se declara em idade mui tenra, desapparece muitas vezes quando o corpo tem adquirido completo desenvolvimento.

Tratamento. Ha pouco que fazer *durante os ataques;* todos os cuidados limitam-se geralmente a conter o doente, para que se não magoe, a desapertar-lhe os vestidos, principalmente os do peito e pescoço, e a afastar os espectadores importunos. É preciso dar-lhe a cheirar vinagre ou agua de Colonia. A bocca exige attenção especial; se a lingua se achar apertada entre as duas arcadas dentarias, será preciso desembaraçal-a para impedir de ser mordida; e convem introduzir entre os dentes um panno dobrado para impedir que estes se quebrem ou possam ferir a lingua; isto feito, o accesso seguirá o seu curso. A compressão do ventre no logar correspondente á bocca do estomago, a extensão forte dos braços e dos dedos dos doentes, contribuem ás vezes para suspender os paroxysmos.

Nos *intervallos dos ataques*, os epilepticos devem evitar todas as impressões moraes vivas, todas as acções physicas mui fortes e capazes de determinar a excitação do cerebro. Grande repouso de espirito, as distracções, um exercicio moderado do corpo, comidas de facil digestão, o uso de purgantes brandos, os banhos geraes mornos, durante o tempo dos quaes o doente conserva sobre a cabeça pannos embebidos em agua, fria, são sempre bons n'esta molestia. O doente deve evitar os excessos de bebidas alcoolicas; e é necessario que se abstenha da vista de outros epilepticos; porque lhe póde causar uma sensação desagradavel e provocar o reapparecimento do ataque. Tem-se visto debaixo da influencia d'este simples tratamento, ataques de epilepsia diminuirem, e em algumas algumas pessoas desapparecerem inteiramente. Suspeitando-se que a molestia depende da presença de lombrigas ou de solitaria no canal intestinal, recorra-se aos medicamentos vermifugos; taes como a decocção de casca de raiz de romeira, a de feto macho, o Kusso granulado de

Mentel, e os confeitos vermifugos de Royer; se ella proceder de ausencia das regras, é preciso provocar a menstruação (*Veja-se* MENSTRUAÇÃO); se fôr occasionada por sensibilidade extraordinaria, pela debilidade da constituição, é necessario combater estes estados com banhos frios, regimen tonico e substancial, e fazer uso do chloral bromuretado de O. Dubois. A epilepsia tem sido ás vezes curada pela hydrotherapia.

O quarto que o epileptico habitar deve ter o menor numero de moveis que fôr possivel; a cama deve ser mui larga para prevenir a gravidade das quédas: nos paizes frios, as chaminés, onde estes doentes se aquecem, devem se guarnecidas com grades. Em seus passeios, os epilepticos evitem o andar á margem de um rio ou de qualquer precipicio, e nunca lhes convem passear sós, mas sempre acompanhados.

Muitos medicamentos foram aconselhados contra a epilepsia; eis-aqui os mais efficazes:

Bromureto de potassio. O bromureto de potassio deve ser administrado em dóses crescentes desde 1 gramma até 6 grammas por dia, durante muitos mezes, mesmo durante um anno, sem outra interrupção do que a que póde ser necessitada pela repugnancia do doente ou pela intolerancia gastrica. A solução do bromureto de potassio deve ser tomada pela manhã e á noite, quer n'uma chicara de infusão de raiz de valeriana, quer na agua adoçada com xarope de casca de laranja.

O melhor meio de tomar o bromureto de potassio é tomal-o preparado por Henry Mure, em xarope. É o melhor preparado de bromureto de potassio, porque está isempto de iodureto e de chiorureto. É a preparação que mais confiança tem merecido da classe medica em que se pode ter confiança absoluta.

Grageas de Gelineau. Tambem muita aproveitam, contra a epilepsia, as grageas de Gelineau, de Bromureto de potassio, arsenico e picrotoxima. A associação d'estes tres productos tem uma influencia bem declarada contra a epilepsia e os felizes resultados obtidos com as grageas de Gelineau contra esta terrivel molestia, têm sido concludentes.

Belladona. Deve ser tomada durante muitos mezes, mesmo durante um anno, para poder apreciar o effeito do medicamento. A belladona toma-se segundo a receita seguinte:

Extracto de belladona.....	1 centigramma.
Belladona em pó.....	1 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 40 pilulas.

No primeiro mez o doente toma 1 pilula todas as noites; no segundo mez, 2 pilulas por noite; no terceiro mez, 3 pilulas; no quarto, mez, 4, e sempre juntas. Se a dóse do medicamento parecer elevada, se turvar a vista ou produzir uma sensação de contricção na garganta, deve-se retrogradar, e não augmentar a dóse senão de dois em dois mezes. D'esta maneira, chega-se ao fim do anno tomando 7 ou 8 pilulas por noite, devendo-se sempre vigiar a influencia da medicação.

EPIPHORA. Fluxo continuo de lagrimas que correm pelas faces. As inflammações da conjunctiva e da cornea, o estreitamento ou

a obstrucção nas vias lagrimaes para as fossas nasaes são as causas communs d'este symptoma.

O tratamento é o mesmo que o da fistula lagrimal, *Veja-se* FISTULA LAGRIMAL, PALPEBRAS (MOLESTIAS DAS).

EPIPLOON ou OMENTO. Membrana ondulante, cheia de gordura, situada na cavidade do ventre; cobre os intestinos. Nos animaes chamam-lhe *zirbo* ou *redenho*.

EPISPADIAS. Disformidade congenita que consiste em uma juncção anormal da urethra sobre o lado dorsal do membro viril. Da maneira que o defeito é mais ou menos pronunciado, o meato urinario se acha mais ou menos afastado da ponta do membro viril; ás vezes elle se acha na base d'este orgão que parece ter em todo o seu comprimento uma gotteira fazendo funcção de urethra normal.

A epispadias não impede de nenhum modo o coito; a erecção e a introducção do membro são physiologicas, mas a ejaculação se faz na borda e até mesmo fóra da vagina, e então o homem é esteril. A epispadias é mais rara do que a disformidade contraria, a que chamam hypospadias.

O unico tratamento contra esta enfermidade consiste em uma operação autoplastica com o fim de crear uma parede superior ao canal reduzido ao estado de gotteira. Pode-se por este meio formar um canal na espessura do membro viril, havendo o cuidado de impedir que da cicatrização não resulte a obliteração ulterior.

EPISPATICO. Chamam-se *epispasticas* as substancias que, applicadas sobre a pelle, determinam n'ella dôr, calor e vermelhidão mais ou menos viva, seguida logo da secreção serosa que levanta a epiderme e forma uma empola. As cantharidas e a mostarda são substancias epispaticas. Ha *pomadas epispasticas,* que são destinadas a augmentar a suppuração dos causticos; devem a actividade ás cantharidas que entram na sua composição.

EPISTAXIS. Dá-se este nome em medicina ao fluxo de sangue pelo nariz. *Veja-se* HEMORRHAGIA NASAL.

EPITHELIOMA. *Veja-se* CANCROIDE.

EPIZOOTIA. (*Arte veterinaria.*) A palavra *epizootia* tem na Arte veterinaria a mesma significação que o termo *epidemia* na medicina humana. As epizootias são molestias internas, que se desenvolvem indistinctamente e ao mesmo tempo sobre grande numero de animaes da mesma ou de differentes especies, n'uma extensão de terreno illimitada, e durante um periodo mais ou menos longo.

Todos os nossos animaes domesticos, o cavallo, o boi, o carneiro, o porco, os cães, os gatos, as gallinhas e outros, as abelhas, os bichos de seda e mesmo os peixes, tem apresentado, em certos paizes, e em certas épocas, epizootias especiaes de que as principaes são : a *pneumonia contagiosa dos ruminantes*, o *typho contagioso,* o *typho carbunculoso* do gado grosso e miudo e das aves, a *ronha* ou *gafeira* dos carneiros, as *aphtas contagiosas*, o *mormo*, o *farcin*, a *podridão das ovelhas*, etc. Estas differentes epizootias, que dizimam e destroem rebanhos inteiros,

tem exercido ás vezes, os seus estragos em regiões mui extensas, arruinando a agricultura, e causando a desesperação de um paiz inteiro.

As *causas* d'estas molestias residem em geral nas influencias atmosphericas, na má alimentação, no pouco asseio dos estabulos, no excesso do trabalho, e em outras condições pouco conhecidas. Estas molestias tansmittem-se com mais facilidade aos individuos da mesma especie, do que aos de especies differentes; porém muitas d'ellas se propagam tambem a outras especies.

Tratamento. Indico, segundo o *Compendio de Veretinaria* do Sr Macedo Pinto, os meios preservativos das molestias contagiosas nos casos de epizootias :

1° Alimentar bem os animaes, vigiando cuidadosamente que os alimentos sejam de boa qualidade; no regimen de estabulação, convem misturar os alimentos seccos com os verdes, e juntar-lhes algum sal de cozinha; e na pastagem, importa desviar os animaes dos logares proximos ao foco do contagio, e d'aquelles que são batidos dos ventos, que correm do logar empestado, escolhendo os melhores pascigos e menos humidos.

2° Se a estação não permittir levar os animaes ao pasto, convem dar-lhes ao menos um ou dois passeios ao ar livre.

3° Importa dar de beber aos animaes com mais frequencia, tendo muito cuidado em escolher agua pura e de boa qualidade.

4° É necessario que haja muita limpeza nos estabulos, que estes sejam bem ventilados, que as camas sejam renovadas com frequencia, e que as estrumeiras se façam um pouco mais distantes do estabulo.

5° Devem recolher-se em cada curral poucas cabeças de gado, repartindo os grandes rebanhos por differentes curraes; e melhor será, se forem um pouco distantes uns dos outros. No que respeita aos doentes, é ainda mais necessario ter só poucos animaes em cada estabulo.

6° Convem limpar duas vezes ao dia os animaes, e banhal-os ou laval-os; quando não possa ser uma vez por dia, ao menos de tres em tres dias.

7° É muito necessario ter limpeza nos vasos que servem para cozinhar a comida dos animaes, ou para elles comerem ou beberem.

8° Não se deve dar muito trabalho aos animaes, mas só o que fôr compativel com as suas forças, sem esgotal-as, tendo em vista não os expôr ás intemperies das estações.

9° Os medicamentos preventivos devem ser escolhidos conforme a indicação que offerecer a epizootia, que se receia.

Providencias contra o contagio. Quando apparecer n'uma localidade alguma molestia contagiosa, ou porque os animaes sãos communicassem com os doentes, ou devida á influencia atmospherica, é necessario levar a effeito as seguintes providencias :

1ª *Declaração.* O proprietario, e na falta d'este o veterinario, deve ser obrigado a participar á autoridade o apparecimento de qualquer molestia contagiosa. Esta declaração deve dar noticia da molestia, e de todas as circumstancias que acompanháram o seu desenvolvimento. A

declaração deve ser feita á autoridade o mais breve que fôr possivel, por isso que medidas energicas, e opportunamente applicadas, podem prevenir, ou suspender, o desenvolvimento de uma epizootia. Em França esta medida de policia sanitaria não é facultativa, mas sim determinada por lei, e qualquer proprietario de gado que não se conformar a ella, é punido de 500 francos de multa.

2ª *Separação.* É uma medida de policia sanitaria, que tem por fim subtrahir os animaes sãos ao contagio; é de todos os meios preservativos o mais efficaz, mas é tambem o mais difficil de levar a effeito; todavia póde effectuar-se collocando em estabulos separados os animaes *sãos*, os *suspeitos* e os *doentes* de molestia contagiosa, de cada proprietario. Os objectos, os criados ou quaesquer outras pessoas empregadas no serviço dos animaes doentes, não devem ter communicação alguma com os sãos, evitando cuidadosamente que os gatos, cães, ou outro qualquer animal os possa acompanhar, para que não venham depois communicar com os outros animaes sãos.

3ª *Morte dos animaes doentes e suspeitos de contagio.* Nas epizootias muito contagiosas recommenda-se a morte não só dos animaes atacados pela molestia, mas até d'aquelles que se suspeita que foram por elles contagiados. Esta medida de policia sanitaria é seguida na Inglaterra, na Suissa e em França. Porém os animaes devem ser mortos sem effusão de sangue, e no logar em que devem ser enterrados. Esta medida tem o inconveniente de causar grande prejuizo aos proprietarios pobres, e vendam clandestinamente a carne, propagando assim o contagio; porém este inconveniente póde remediar-se por meio das indemnizações.

4ª *Enterramentos.* Os animaes que morrerem de molestia contagiosa, ou os que se mandarem matar pelo mesmo motivo, devem ser enterrados em logar distante das povoações e das estradas publicas, e em fossos de 1 metro 50 centimetros de profundidade; a pelle d'estes animaes deve ser retalhada, para que não possa utilizar-se.

5ª *Indemnização.* É um soccorro dado aos lavradores que perdêram os seus animaes em consequencia de uma epizootia devastadora. Esta medida sanitaria torna os proprietarios mais diligentes em fazer a declaração á autoridade, não occultando a molestia. Em França, a Lei de 27 de Janeiro de 1815, concede a cada proprietario o terço do valor real dos animaes mortos de epizootia. Comtudo nos animaes *suspeitos* que a autoridade manda matar, parece muito pequena esta indemnização, e seria mais justo que se désse ao proprietario o valor real dos seus animaes. Em França, pela Circular de 7 de Abril de 1841, o proprietario não tem direito a receber indemnização pela perda dos animaes mortos de epizootía, quando não tiver feito em tempo competente a *declaração.*

6ª *Prohibição do commercio dos animaes com a localidade em que reina molestia contagiosa.* Como medida sanitaria, é necessario interromper as relações com as terras em que reina uma epizootia, sobretudo no que respeita ás compras de animaes. Em França é determinada esta prohibição pelo Accordão de 16 de Julho de 1784. Todavia a autori-

dade deverá fazer alguma modificação n'esta providencia, conforme as circumstancias que occorrerem, a natureza da molestia, etc., exigindo sempre garantias, a favor da saude publica, da parte do comprador e do vendedor.

7ª *Cordões sanitarios.* Determinada a prohibição do commercio, é ainda mais indispensavel estabelecer cordões sanitarios, pondo guardas nos pontos d'onde podem provir os animaes contagiados, para evitar a passagem d'estes animaes, dos pastores ou de outras quaesquer pessoas ou objectos que possam transmittir o contagio, e fazendo recolher tudo ao lazareto.

8ª *Marca dos animaes.* Quando fôr necessario levar a effeito as providencias antecedentes, recommenda-se tambem fazer, nos animaes dos logares infectados pela epizootia, um signal distinctivo, o qual serve para prevenir o extravio dos animaes e as vendas clandestinas. Em França, a lei exige terminantemente esta marca feita na testa com um sinete com lacre, ou por meio de corte nos pellos, ou de ferro quente nas unhas ou nos chifres.

9ª *Desinfecção.* É uma providencia sanitaria de muita importancia e o complemento de todas as outras : tem por fim destruir por meios physicos ou chimicos os principios contagiosos de que o ar ou os corpos solidos podem impregnar-se. Deve comprehender não só os estabulos, mas todos os objectos que tem servido aos animaes doentes.

A desinfecção opera-se pelos meios seguintes : *Ventilação,* abrindo todas as portas, janellas e ventiladores, afim de que o ar exterior circule livremente, por todas as partes do estabulo. — *Raspadura.* Convem picar as paredes e o pavimento, raspar as manjedouras, e toda a superficie das madeiras, para evitar que os principios de infecção ou de contagio fiquem adherentes a estas superficies. — *Caiadura.* Caiando todas as paredes, não só se torna mais asseiado o estabulo, mas tambem se detroe a possibilidade de transmittir o contagio, pela propriedade antiseptica que tem a cal. — *Fumigações.* Praticam-se espalhando pelo pavimento do estabulo uma dissolução de chlorureto de cal em agua, ou a serradura de madeira, impregnada de acido phenico.

É extremamente imprudente, em tempo de epizootia, fazer uso do leite e da carne dos animaes atacados da molestia. Em todas as localidades, onde a lei não obriga a isso, os proprietarios intelligentes, não devem hesitar, no seu proprio interesse, em sacrificar elles mesmos os animaes atacados pela epizootia, quando o medico veterinario não responde de sua cura.

Aquelle que corta ou esfola um animal morto de molestia contagiosa, deve tomar as maiores precauções possiveis. Se por acaso cortar-se ou fizer a mais pequena ferida, uma simples esfoladura mesmo, com a faca que tocou o cadaver infectado, deve immediatamente cauterizal-a com pedra infernal.

EPSOM. Agua purgativa fria. Epsom é uma aldêa de Inglaterra, distante sete legoas de Londres. As aguas contém sulfato de magnesia. Prescrevem-se na dóse de 2 a 4 copos, como purgativas. Por evaporação

d'esta agua, extrahe-se d'ella o sulfato de magnesia, chamado tambem *sal de Epsom*, ou *sal de Sedlitz*, usado como purgante.

EPULIDA. Tumor ou excrescencia na gengiva. *Veja-se* GENGIVA.

EQUITAÇÃO. *Veja-se* EXERCICIO.

ERUCTAÇÃO ou ARROTO. Erupção de gaz provida do estomago, sempre mais ou menos sonora, ás vezes mesmo estrepitosa. É ou insipida, acida, amarga, ou mal cheirosa. Ordinariamente indica irregularidade na digestão, excepto quando é produzida pela acção dos liquidos que contém o gaz acido carbonico, como a cerveja, a agua de Seltz, o vinho de Champanha, etc.

Os pós de Paterson de sub nitrato de bismutho e magnesia tomados um papel de manhã e outro á noite é um bom meio de neutralizar o gaz que se forma no estomago.

As pastilhas de Paterson tomam-se na dóse de 3 ou 4 pastilhas no correr do dia.

Os pós toni-digestivos de Royer de pepsina, pancreatina e sub carbonato de bismutho são tambem uteis contra os arrotos, principalmente quando são nidorosos. Tomam-se estes pós na dóse de dois papeis por dia, um no almoço e outro no jantar, dentro de obreia medicamentosa ou de hostia ou diluido em um pouco d'agua ou de caldo.

Um calice de licor de pepsina com glycerina de Catillon tomado antes e depois do almoço e do jantar, evita essas eructações provenientes de estomago doente.

As preparações de Papaina de Trouette-Perret tambem muito aproveitam contra as eructações. *Veja-se* PAPAINA.

ERUPÇÃO. Dá-se ordinariamente este nome a manchas ou borbulhas que apparecem de uma maneira espontanea e geral na pelle, quer sejam ou não acompanhadas de febre. As *bexigas*, os *sarampos*, os *cataporas*, a *urticaria*, a *miliaria*, a *escarlatina*, a *sarna*, etc., são consideradas como erupções. Bem que estas molestias apresentem um caracter geral que é o mesmo, de se mostrarem na pelle, entretanto a sua natureza e o seu tratamento são extremamente variados.

Frequentemente a erupção manifesta-se no meio de uma molestia como phenomeno accessorio e ás vezes como crise: quando a erupção, n'uma febre grave, é muito vermelha, constitue uma crise feliz; quando pelo contrario a circumferencia das nodoas eruptivas é pallida, sem circulo vermelho, é um indicio funesto. Para mais informações vejam-se os artigos proprios a cada molestia eruptiva, que deixei indicadas.

ERVILHA. *Pisum sativum*, Linneo. Planta leguminosa. As suas sementes farinaceas servem de alimento. Novas e frescas, as ervilhas contém um principio assucarado. As ervilhas seccas e quebradas servem para fazer papas mui nutrientes.

ERYSIMO ou RINCHÃO. *Erysimum officinale*, Linneo. Cruciferas (fig. 428). Planta que habita nos logares incultos por toda a Europa; em Portugal habita frequente nas ruinas dos edificios, pelos caminhos e campos nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes. Tem 60 a 100 centímetros de altura; os seus caules são cylindricos, duros, ramo-

sos; ramos separados; flores amarellas e mui pequenas; siliquas delgadas, angulosas, terminadas em ponta. Folhas alternas, pecioladas, empubescidas de ambas as partes, pinnatifidas; lacinias oppostas, oblongas, serreadas dentadas; o par inferior distante dos superiores, o terminal maior, confluente com as lacinias proximas; sabor acerbo, adstringente. Emprega-se em infusão na bronchite; forma a base do *xarope de erysimo composto* ou *dos chantres*, muito empregado nas bronchites.



Fig. 428. — Erysimo.

ERYSIPELA. Inflammação da pelle, caracterizada pela côr vermelha, inchação e dôr da parte affectada.

Causas. As causas que as mais das vezes produzem a erysipela são : a insolação, os attritos duros e repetidos, um calor vivo, as picadas com instrumentos impregnados de materias animaes em putrefacção; as pancadas, as contusões, emfim tudo que póde irritar violentamente a pelle. As affecções fortes da alma, um pezar profundo, um accesso violento de colera póde occasional-a ás vezes. Produzem-n'a tambem alimentos grosseiros, carnes putrefactas, as comidas muito apimentadas, o abuso dos licores espirituosos e os excessos de mesa. Mas a causa do maior numero de erysipelas ainda está encoberta da mais completa obscuridade. A erysipela ataca com preferencia as pessoas de pelle fina e delicada. Esta molestia é mui commum no Rio de Janeiro, e esta frequencia depende da influencia do clima.

Symptomas. O rubor, o calor e o prurido, taes são os primeiros symptomas da erysipela. Estes symptomas são mais ou menos fortes conforme a intensidade da inflammação. O rubor é mais ou menos escuro; é luzidio, não circumscripto, e desapparece á pressão do dedo, para reapparecer promptamente logo que este se tira. Um sentimento de comichão, de picadas, de seccura e de tensão dolorosa existe na parte affectada. O calor, a principio brando, torna-se logo ardente. Estes symptomas augmentam ordinariamente durante tres ou quatro dias, e ás vezes então formam-se sobre a superficie inflammada pequenas vesiculas cheias de serosidade ruiva, acompanhadas de um prurido insupportavel. Estas bolhas apparecem principalmente na erysipela do rosto.

A erysipela é quasi sempre precedida ou acompanhada de um incommodo geral. Os phenomenos geraes que se notam são os da *constipação*, taes como lassidão, espreguiçamento, calefrios, dôr de cabeça, fastio, febre; ás vezes nauseas e vomitos; em alguns casos raros, delirio. Depois do frio apparece ordinariamente calor e suor. A estes phenomenos ajunta-se ás vezes a inchação dolorosa das glandulas lymphaticas vizinhas do logar onde a erysipela deve manifestar-se. Assim, estas inchações, chamadas vulgarmente *inguas*, mostram-se na virilha, se a

erysipela existir no pé ou perna; no pescoço, se a erysipela se mostrar na cabeça; e no sobaco, se a molestia se declarar no braço.

Quando a inflammação occupa toda espessura da pelle e o tecido cellular subcutaneo, toma o nome de *erysipela phlegmonosa* ou *erysipela apostemada*. Todos os symptomas do gráo precedente existem ainda; mas a dôr offerece um caracter particular; é pungente a principio, e torna-se latejante se a suppuração se estabelecer no logar affectado; junta-se-lhe uma tumefacção mais ou menos consideravel. O tecido cellular subcutaneo, inchado pela inflammação, forma um tumor largo, comprido e profundo. Este tumor abate no quinto e sexto dia, e a pelle, menos vermelha, cobre-se de escamas furfuraceas, se a phlegmasia terminar pela resolução; avulta, pelo contrario, fica pontudo e amollece no centro, se se formar suppuração. O abcesso póde ser pequeno ou grande. Sendo pequeno, depois de aberto espontaneamente ou por incisão praticada com bisturí, dá sahida ao pus e cicatriza-se em poucos dias. Sendo o abcesso grande, o pus, espalhando-se por baixo da pelle, abre caminho para fóra, mais ou menos distante do ponto em que principiou a inflammação. Os focos de suppuração são então quasi sempre multiplices, a pelle fura-se em muitos logares, e o pus é frequentemente fetido. A abundancia da suppuração acaba então quasi sempre por conduzir o doente a uma fraqueza extrema.

Erysipela branca. Nem todas as erysipelas são acompanhadas da côr vermelha da pelle; acontece muitas vezes que a molestia apresenta unicamente uma inchação simples : constitue então que se chama *erysipela branca.* Observa-se especialmente na mão, braço, perna ou escroto. A côr da pelle não muda; existe só inchação, calor e sensibilidade na parte affectada.

Erysipela douda. Dá-se este nome á erysipela mui simples, que occasiona pouca dôr e não é acompanhada de febre.

Os symptomas da erysipela apresentam mais algumas particularidades que dependem ou do logar que ella occupa, ou das circumstancias no meio das quaes se desenvolve, ou emfim da causa que a produz.

Na *erysipela do rosto*, a mais grave de todas, as palpebras ficam inchadas, os olhos fechados e lagrimosos, o nariz e os beiços inchados, as orelhas rubras e luzidias. A inflammação póde propagar-se até ao cerebro e occasionar modorra, delirio e os outros symptomas de febre cerebral.

A *erysipela da pelle da cabeça* offerece quasi sempre os caracteres da erysipela phlegmonosa. As pancadas, as feridas contusas, são as suas causas mais frequentes. Ao principio a dôr é surda, depois viva, os tegumentos ficam inchados, pouco vermelhos e conservam longo tempo a impressão do dedo; emfim a suppuração é a sua consequencia mais ordinaria : ás vezes os ossos do craneo ficam denudados.

A *erysipela dos seios*, nas mulheres, é ás vezes phlegmonosa e acompanhada de inchação enorme. A impressão do frio sobre estes orgãos e a irritação determinada pela sucção da criança, são as suas causas mais frequentes.

A *erysipela do escroto e do prepucio* é acompanhada de inchação consideravel. Acaba frequentemente pela resolução sem deixar nenhum vestigio; mas ás vezes fica na parte uma leve inchação, que augmenta com outros ataques, e que no fim de alguns annos forma esses tumores monstruosos, chamados *elephantiase*.

Prognostico. A erysipela simples é molestia leve, sobretudo se é pouco extensa. A sua duração média é de tres a nove dias. Quando a molestia se tem desenvolvido debaixo da influencia de causas moraes, e quando (e este caso é o mais ordinario) a causa não póde ser determinada, o prognostico é menos favoravel. As crysipelas apostemadas e profundas dos membros são molestias graves; as erysipelas do rosto, da pelle da cabeça, do ventre e do escroto, exigem tambem uma vigilancia activa. Raras vezes a erysipela occasiona a morte. Mas a repetição continua da crysipela nas pernas, braços ou escroto, deixa certa inchação que augmenta com outros ataques da molestia, e que se torna muito incommoda.

Tratamento. O tratamento da erysipela depende da fórma que apresenta. Na erysipela simples, n'aquella sobretudo que se chama vulgarmente *douda*, basta que o doente tome uma posição tal, que a parte affectada fique elevada o mais possivel. Um regimen leve e algumas bebidas refrigerantes, taes como agua de cevada acidulada como sumo de limão, limonada de limão, de laranja, ou alguma outra, conduzem rapidamente á cura. Não são necessarias applicações locaes.

Havendo calor e dôr mui viva, podem fazer-se com vantagem lavatorios com infusão de flores de sabugueiro e cozimento de malvas ou de folhas d'alface. Ás vezes é bom polvilhar a erysipela com polvilho, ou com a mistura de pós de camphora e polvilho, ou applicar camphora molhada e contida entre dois pannos.

Quando a erysipela é acompanhada de calefrios, dôr de cabeça, febre ou nauseas, a primeira cousa que se deve fazer consiste em aquecer o doente. N'este intuito, é preciso cobril-o com um cobertor de lã, por-lhe botijas d'agua quente nos pés, e dar-lhe duas ou tres chicaras de chá de flor de sabugueiro ou de borragem mui quente. Depois de provocada a transpiração, é bom administrar 5 centigrammas de tartaro emetico em 500 grammas d'agua, para provocar os vomitos e as evacuações alvinas. Eis-aqui a receita.

Tartaro emetico.....	5 centigrammas.
Agua fria.....	500 grammas.

Administra-se uma chicara d'esta bebida de quarto em quarto de hora. O tartaro emetico raras vezes deixa de ter applicação na erysipela. Os purgantes brandos, taes como o sal d'Epsom ou de Glauber, são tambem uteis no tratamento da crysipela.

Contra as inchações, que resultam dos ataques repetidos de erysipela, convem empregar as fricções seguintes :

Vinagre aromatico.....	60 grammas.
Aguardente camphorada.....	60 —

Miture-se.

Ou as fricções com a pomada seguinte :

Sulfato de ferro	8	grammas.
Banha	30	—

Miture-se.

Os banhos d'agua fria, sobretudo os do mar, são tambem uteis contra as inchações que seguem a erysipela. Direi o mesmo da compressão feita com atadura ou com meias elasticas.

A *erysipela do rosto*, se fôr benigna, deve ser abandonada a si mesma, limitando-se o doente á dieta e ás bebidas refrigerantes : mas se fôr acompanhada de dôr de cabeça intensa, de delirio e outros symptomas cerebraes, cumpre administrar 5 centigrammas de tartaro emetico em 500 grammas d'agua, bebidas laxantes, como a infusão de polpa de tamarindos, ou a solução de 30 grammas de cremor de tartaro em agua fria. Eis-aqui as receitas :

1° Polpa de tomarindos	15	grammas.
Agua fervendo	500	—

Infunda por uma hora e côe por panno de lã.

2° Cremor de tartaro solúvel	8	grammas.
Agua fria	500	—
Assucar	30	—

É preciso sempre tentar tudo para impedir o desenvolvimento da erysipela apostemada. A applicação de cataplasmas de farinha de linhaça ou de fecula, a dieta, as bebidas refrigerantes e aciduladas, são os unicos meios para conseguir este fim importante; e se, apezar do seu emprego, a molleza da parte e mais signaes mostrarem que a suppuração está formada, é mister abrir o abcesso com um bisturí, pôr fios entre os labios da incisão, afim de impedir que este se feche, e continuar as cataplasmas emollientes. Estes preceitos devem ser principalmente applicados á erysipela phlegmonosa da pelle da cabeça, que é mui espessa, e onde occorreriam accidentes graves se se esperasse a abertura espontanea do abcesso (*Veja-se* ABCESSO).

A erysipela simples deixa frequentemente um engurgitamento na parte affectada, que, com ataques repetidos, augmenta progressivamente de volume, e acaba por dar á parte um aspecto disforme. Esta molestia chama-se então *Elephantiase* ou *Erysipela branca*, e acha-se descripta no artigo ELEPHANTIASE DOS ARABES.

ERYTEMA. Rubor inflammatorio da pelle. A fricção continua das duas superficies contiguas do corpo, sobretudo nas pessoas gordas, produz frequentemente um erythema. Desapparece cessando a causa, ou cura-se com a applicação de polvilho, ceroto simples, com lavatorios ou banhos d'agua tepida.

ESCABECHE (*Economia domestica*). Molho composto de vinagre, sal, azeite, cebola cortada, limão, alecrim, tomilho, pimenta e outras especiarias, que servem para temperar ou conservar certos peixes, e

carnes. Cumprc empregar para o escabeche vasilhas de porcelana, e nunca os vasos de barro envernizado ; porque o verniz d'estes vasos contém ás vezcs substancias metallicas que sc dissolvem facilmente no vinagre, e podem então occasionar colicas.

Escabeche para as conservas de legumes ou de fructos. Toma-se vinagre branco forte 1 litro, sal de cozinha 50 grammas, folhas de louro 30 grammas, cravos da India 10 grammas, canella 2 grammas, moscada 2 grammas; e maceram-se todas estas substancias durante muitos dias n'uma vasilha de porcelana ; de vidro ou de gres bem tapada ; então, depois de bem arranjados os fructos ou legumes n'uma vasilha igualmente de porcelana, de vidro ou de gres, deitá-se por cima o escabeche de maneira que os legumes ou fructos fiquem completamente cobertos. Passado um mez dccanta-se o escabeche, e deixam-se bem esgotar as conservas vegetaes. Faz-se novo escabeche que se ferverá, para concentral-o, e depois deita-se sobre as conservas. Procede-se assim 2 ou 3 vezes segundo a força do vinagre.

ESCALDADURA. *Veja-se* QUEIMADURA.

ESCALDA-PÉS. *Veja-se* BANHO.

ESCAMA. Em medicina chamam-se *escamas,* laminas de epiderme morbosa, duras, alvacentas e opacas. As molestias cutaneas caracterizadas por escamas são : caspa, pityriase, psoriase, lepra, ichtyose e pellegra (*Vejam-se* estas palavras).

ESCAMONÉA. Sumo gommo-resinoso extrahido das raizes da *Convolvulus scammonia*, Linneo, planta da familia das Convolvulaceas, que habita na Asia, e particularmente nos arredores de Alepo (fig. 429). A escamonéa de Alepo, mais estimada que a de Smyrna, acha-se em pães orbiculares, de côr cinzenta, friaveis, fractura negra, cheiro forte c particular, sabor amargo e acre. É soluvel no alcool, e, triturada com agua, forma uma especie dc emulsão.

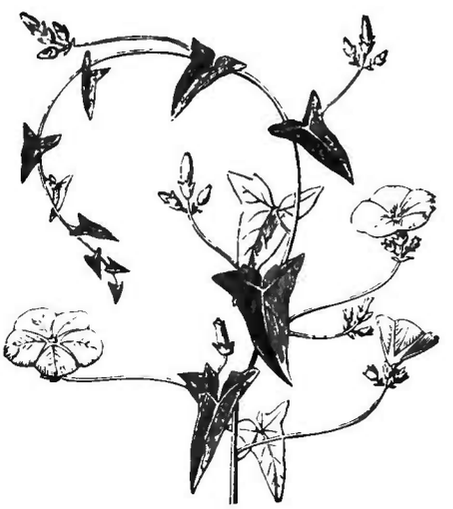


Fig. 429. — *Convolvulus scammonia.*

A escamonéa é um purgante mui prompto e energico ; produz colicas e calor interior. Emprega-se na hydropisia e outras molestias. Entra na composição do purgante Leroy. A dóse de escamonéa, como purgante, é de 1 gramma a 1 1/2 grammas em pó, pilulas ou poção.

ESCARA. Dá-se este nome á crosta resultante da mortificão de uma parte do corpo pelo fogo, pelo oleo de vitriolo, ou por algum outro caustico violento.

Alguns dias depois da acção do caustico, manifesta-se uma suppuração que tem por objecto separar a escara das partes vivas ; e depois da quéda da escara, fica uma ferida que se cura com ceroto simples.

As escaras formam-se tambem pela compressão prolongada nas molestias de longa duração, e apparecem principalmente na região posterior do corpo. Para prevenil-as convem mudar frequentes vezes a posição do doente, fazel-o deitar de um e outro lado, e não sempre de costas, e usar de almofadas elasticas furadas no meio. *Veja-se* COLCHÃO. Se apezar d'estes cuidados, as escaras apparecerem, cumpre laval-as com vinho tinto, polvilhal-as com polvilho, e cobril-as depois com encerado commum.

ESCARLATINA. Molestia geral que, depois de alguns dias de febre, se annuncia por pintas vermelhas, cuja reunião forma largas manchas vermelhas, um pouco resaltadas acima da pelle, que se confundem e cobrem toda a superficie do corpo. Esta molestia, assim como o sarampo, de que pouco difere, é frequentemente acompanhada de inflammação de garganta.

Causas. São pouco conhecidas. A escarlatina é molestia contagiosa : ataca as crianças muito mais frequentemente do que as pessoas adultas; raras vezes se manifesta mais de uma vez em um mesmo individuo, e affecta quasi sempre grande numero de pessoas ao mesmo tempo.

Considera-se como causa determinante da escarlatina um principio contagioso, especial, cuja essencia não é conhecida. O contagio é indubitavel; mas é menos forte do que no sarampo e bexigas. Não se sabe com certeza em que época a escarlatina é mais susceptivel de communicar-se por contagio; entretanto, certos factos provam que a transmissão directa tem logar mais facilmente durante o periodo da escamação, do que em qualquer outra época da molestia.

Symptomas. A erupção é ordinariamente precedida de um incommodo geral, calefrios, fastio, dôr de cabeça, e de symptomas febris mais ou menos intensos. Ajuntam-se-lhes quasi constantemente signaes de inflammação de garganta; mas não se observa, como no sarampo, ophthalmia, defluxo nem tosse. Ao terceiro ou quarto dia, e ás vezes mais tarde, até ao oitavo ou nono, apparecem na pelle pintas vermelhas, mais largas e de côr mais viva que as do sarampo. Mostram-se primeiramente no rosto e no pescoço, depois no peito, braços, ventre e nas extremidades inferiores : estendem-se promptamente em largas manchas que não tardam a reunir-se e dão a toda a superficie da pelle o aspecto escarlate. As mãos e os pés ficam mais grossos e dolorosos; o rosto tambem fica ás vezes inchado. É raro que os symptomas de inflammação intestinal diminuam depois da erupção, entretanto que desapparecem quasi sempre após a sahida do sarampo. A escarlatina é muitas vezes acompanhada de erupção de pequenas borbulhas brancas chamadas *miliares*. Emfim, ao quarto dia de erupção, despega-se a epiderme, umas vezes em fórma de farinha, outras por escamas ou em longas laminas; então principia a convalescença. Tal é a escarlatina *simples* ou *benigna*.

Marcha duração e prognostico. A marcha da escarlaina não é sempre como acaba de ser descripta; ás vezes a erupção faz-se difficil e incompletamente; outras vezes apparece e desapparece alternativamente; o que é de máo agouro; emfim, as manchas são, em algumas circumstan-

cias, lividas e até ruivas; o que é mais grave ainda. As inflammações dos intestinos e da garganta são ás vezes muito intensas. A duração média da escarlatina é de dez a doze dias; mas quando, depois da quéda da epiderme, sobrevem algum accidente, póde prolongar-se indefinidamente. De ordinario acaba sempre pela exfoliação da epiderme, seguida da volta á saude; mas ás vezes a morte é a sua consequencia. A escarlatina é uma das molestias mais perfidas: ás vezes principia de maneira simples e depois muda de caracter e torna-se mui grave. O perigo nunca vem da erupção, mas sim das inflammações internas que a procedem e acompanham, ou das hydropisias que succedem á exfoliação.

Escarlatina maligna. Os symptomas acima descriptos pertencem á escarlatina *simples;* mas as cousas não passam sempre de maneira tão benigna; a molestia é ás vezes muito mais grave e toma então o nome de *escarlatina maligna.* Eis-aqui os seus symptomas: Depois de um calefrio forte, succede febre ardente, sêde, dôr de cabeça, pulso frequente, ardor na garganta, vomitos ou diarrhea, e delirio; tres ou quatro dias depois, erupção de manchas mais resaltadas do que na escarlatina benigna, e ás vezes ourinas sanguinolentas. A apparição das pintas é tardia; a sua côr é fraca e livida, a duração incerta: podem apparecer e desapparecer muitas vezes. O pulso é fraco, a lingua e os dentes ficam cobertos de uma camada roxa; sobrevem surdez, delirio, difficuldade de engulir e de respirar, diarrhea, e emfim a morte, que, ás vezes, succede repentinamente, no segundo, terceiro ou quarto dia.

Complicações. As molestias que podem complicar a escarlatina são principalmente o pleuriz e a febre cerebral: devem ser combatidas pelos meios competentes indicados para estas molestias.

A *inchação* é tambem um phenomeno não raro que se observa na convalescenca da escarlatina. Nota-se esta hydropisia principalmente nas palpebras, rosto, pernas, e ás vezes no corpo todo.

Tratamento. Na escarlatina simples e leve, favorecer-se-ha a marcha natural da erupção mediante uma temperatura que não seja nem mui fria, nem tambem demasiado quente; o doente tomará bebidas diluentes e frias, taes como o chá de flores de malvas, o cozimento de arroz, cevada, agradavelmente acidulados com xarope de limão ou a agua fria simples. Se a inflammação da garganta não fôr intensa, bastarão gargarejos de cozimento de raiz de althéa adoçado com mel rosado. Em geral, não se deve interromper com medicamentos energicos a marcha ordinaria da molestia. Não se deve cobrir o doente com cobertor mui pesado. Para acalmar a sêde, o que convem melhor é a agua fria; para alimentação caldos de gallinha, leite, mais tarde caldos de carne de vacca, mingáos de tapioca, sopas de pão, de arroz. No caso de prisão do ventre, administra-se um clyster d'agua morna.

Ás vezes, desde o principio da erupção, existe uma prostração excessiva e pulso fraco (*escarlatina maligna*). N'este caso cumpre administrar a poção seguinte:

Infusão de valeriana.....	120	grammas.
Acetato de ammoniaco.....	4	—
Xarope de quina.....	30	—

Misture-se e dê-se uma colher *de sopa* de hora em hora.

Existindo dôr de cabeça muito forte, convem applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre. Estes devem ser renovados ao menos de quarto em quarto de hora. Este meio, que inspira algum susto aos pais, produz um allivio mui grande e nunca occasiona accidentes.

Se a escarlatina desapparecer prematuramente, attribuindo-se isto ao desenvolvimento de uma inflammação pulmonar, ou outra qualquer, é preciso occupar-se exclusivamente d'esta ultima. Favorece-se a volta da erupção por meio de sinapismos applicados alternativamente sobre as differentes partes do corpo.

Depois da exfoliação da epiderme, se a molestia fôr simples, segue-se immediatemente a convalescença. Banhos mornos e um regimen simples constituem os unicos meios que devem ser empregados n'esta época: um leve laxante, como 30 grammas de oleo dc ricino batido com caldo, ou 60 grammas de manná dissolvido em leite, convem tambem n'este periodo. Durante a convalescença, é preciso acautelar-se da impressão do frio e da humidade. Alguns medicos, que viram desenvolver-se n'esta época accidentes graves, aconselham que não se deixe sahir o doente senão no fim de um mez. Mas esta reclusão, mui util para as estações frias e humidas, é nimiamente severa para os climas temperados ou quentes. Se apezar d'estas precauções, ou talvez por não terem sido seguidas, se manifestar alguma hydropisia, é preciso combatel-a com purgantes, diureticos e sudorificos. O doente tomará todos os dias 500 grammas de algum cozimento diuretico, como o de grama ou de parietaria, ao qual se ajuntará 1 gramma de nitro. De noite, ao deitar-se, beberá uma chicara de chá da India ou de chá de sabugeiro, e de dois em dois, ou de tres em tres dias, tomará um brando purgante, como oleo de ricino, manná ou sal amargo. A estes meios cumpre associar os banhos d'agua tepida.

Meios preservativos da escarlatina. De todos os remedios que tem sido aconselhados, a belladona parece o melhor que se possa oppôr ao desenvolvimento da escarlatina durante o tempo da epidemia; e se não impedir a molestia, ao menos torna-a menos graves nas pessoas que usam d'esta substancia. Eis-aqui a receita:

Poção preservativa da escarlatina.

Tintura de belladona....	4 gram.	Agua de hortelã-pimenta.	30 gram.
Agua commum.....	120 —	Xarope de gomma.....	30 —

Miture-se.

Esta poção administra-se de manhã em jejum, uma vez por dia e por espaço de 12 dias, na dóse de uma colher *de chá* para as crianças de 1 a 4 annos; duas colheres *de chá* para as de 4 a 10 annos; uma colher *de sopa* para as de 10 a 15 annos; duas colheres *de sopa* para as pessoas de 15 a 20 annos; e tres colheres para as de 20 annos para cima.

Porém de todos os meios preservativos, o melhor é a *isolação*. É preciso isolar os individuos sãos dos individuos doentes, e das pessoas que se acham em contacto com estes. Deve-se recommendar esta medida com instancia durante a epidemia maligna de escarlatina.

ESCARROS. No estado de saude, a membrana que reveste as vias aereas produz certa quantidade de mucosidades, que ordinariamente não é sufficiente para ser notada. Mas, quando os canaes respiratorios adoecem, a secreção das mucosidades augmenta muito e toma caracteres especiaes. Entretanto, a formação dos escarros não é incompativel com a saude: muitos individuos lançam todos os dias certa quantidade d'elles, sem estarem doentes.

Os escarros formados na bocca são ordinariamente claros e viscosos; os da garganta offerecem os mesmos caracteres, mas vem quasi sempre misturados com pequenos grumos brancos, opacos e molles, que são ministrados pelas amygdalas. Os escarros das vias aereas são os que apresentam maior importancia no seu estudo, e offerecem aspectos mui variaveis. Muitas pessoas expulsam escarros cinzentos ou negros: esta côr provém da fumaça dos candieiros ou velas de que usam, e está em proporção directa com a quantidade de fumaça que se acha no ar que se respira, e não indica de fórma alguma uma molestia das vias aereas, que algumas pessoas temem.

No principio dos defluxos, os escarros são claros, transparentes e viscosos; sendo logo depois substituidos pela expectoração de substancias opacas, amarellas, brancas ou esverdeadas. São quasi sempre inodoros. Tem-se visto entretanto exemplos de bronchite com expectoração de escarros de fedor consideravel. Os escarros vermelhos merecem grande attenção; quando são compostos de sangue quasi puro, dependem da hemorrhagia das vias aereas; mas quando são intimamente misturados com mucosidades, constituem um dos signaes mais evidentes da inflammação do pulmão; e este signal por si só pode ser de grande valor. O sangue que se apresenta nos escarros debaixo da fórma de nodoas negras e redondas vem quasi sempre do nariz; quando se acha disposto por estrias, póde-se pensar que procede de algum ponto da bocca ou garganta. Em alguns casos, os escarros contém fragmentos de falsas membranas; o que é um dos signaes mais evidentes do garrotilho; comtudo, ás vezes esta variedade de escarros apparece em algumas fórmas da bronchite.

Existe grande numero de molestias em que se nota o escarro purulento. Apparece este phenomeno na tisica laryngea, na bronchite chronica, no ultimo gráo da inflammação do pulmão, nos abcessos desenvolvidos no seu interior, e emfim na tisica pulmonar. Vê-se que os escarros purulentos são, em geral, um signal de molestia mui grave; mas cumpre notar que as mucosidades tomam ás vezes a apparencia do pus, de tal maneira que facilitam o engano. Diz-se que o pus, mais pesado que a mucosidade, cahe no fundo da agua; emquanto que esta sobrenada n'este liquído; que o pus lhe communica uma côr leitosa, uniforme, dissolvendo-se n'ella, entretanto que as mucosidades ficam suspensas em fila-

mentos. Estes caracteres distinctivos existem em certo numero de casos, mas falham frequentemente, e a observação dos doentes mostra que a mucosidade e o pus transformam-se tão insensivelmente uma no outro, que muitas vezes não é possivel distinguir o pus da mucosidade. Os chimicos fizeram numerosas experiencias para distinguir estes dois productos; mas não obtiveram resultado satisfactorio; e só pertence á sagacidade do medico reconhecer, por outros symptomas, a natureza exacta da molestia; em todo caso é util administrar a glycerina creosotada de Catillon, na dóse de duas colheres, das de sopa, por dia de manhã e á noite ou antes das refeições.

ESCARROS DE SANGUE. Esta molestia, pelo medo que inspira ou pelos resultados graves que são ás vezes a sua consequencia, é uma das que merecem mais a nossa attenção. É designada em medicina pelo nome de *hemoptyse*.

Causas. A hemoptyse ataca raras vezes as crianças : as pessoas idosas são tambem poucas vezes affectadas d'esta molestia : observa-se mais commumente na adolescencia e na idade adulta; as mulheres são mais sujeitas a ella do que os homens, e a razão d'esta maior disposição das pessoas do sexo feminino ás hemoptyses é a frequencia das desordens de menstruação de que padecem. Quando o fluxo periodico é supprimido pelas vias que lhe são naturaes, encaminha-se por outros pontos, e sahe frequentemente pelo pulmão. Quasi todas as pessoas dotadas de temperamento sanguineo e colerico são predispostas a este mal. Tem-se notado que os individuos activos, irasciveis, que entretanto tem um temperamento fraco e nervoso, escarram sangue com muita facilidade. Certas profissões que obrigam a ter o corpo curvado para diante, e em que, não se podendo o peito dilatar convenientemente, ha accumulação de sangue nos pulmões, dispõem aos escarros de sangue : taes são as profissões de sapateiro, de alfaiate, etc. Os trabalhos litterarios que exigem excitação cerebral um pouco forte, e que obrigam a conservar por muito tempo a posição curvada, occasionam hemoptyse. O illustre compositor de musica Gretry esteve toda a sua vida sujeito a frequentes escarros de sangue, os quaes appareciam sempre que elle se entregava com ardor á composição; e por isso cada um de seus primores da arte foi para elle uma occasião de molestia. As leituras prolongadas em alta voz, a cantoria, a declamação, os excessos de tocar instrumentos de sopro, eis as causas poderosas da hemoptyse. O mesmo resultado produzem as pancadas sobre o peito, as quédas de encontro a esta parte do corpo, as feridas que penetram até o pulmão, a inspiração de vapores irritantes, como os do chloro, da agua forte, do alcali volatil, etc. Frequentemente os escarros de sangue resultam de alguma molestia do coração, e acompanham a tisica pulmonar; são devidos tambem á plethora ou simples congestão sanguinea.

Symptomas. A expectoração de sangue vermelho, escumoso, puro ou misturado com mucosidades, caracteriza a hemoptyse. Phenomenos precursores annunciam quasi sempre a imminencia do ataque. Eis-aqui o que de ordinario acontece em semelhante caso : os doentes experimentam

um sentimento de calor com oppressão, e sabor adocicado ou salgado na bocca. Ao mesmo tempo os membros tornam-se frios, o rosto pallido e corado alternativamente, os ouvidos zunem a cabeça torna-se dolorosa, o coração palpita, o pulso accelera-se. Logo depois augmenta a difficuldade da respiração, e os doentes expectoram sangue misturado com mucosidades ou puro, em maior ou menor abundancia. Quando se vê a enorme quantidade d'este liquido que alguns doentes lançam, julga-se que existem antes vomitos de sangue do que expectoração, e por isso muitas pessoas estranhas á sciencia medica designam esta molestia pelo nome de *vomitos de sangue*. Passado algum tempo, a expectoração torna-se menos frequente, a oppressão diminue, o doente sente-se alliviado, um intervallo de tranquillidade existe por algumas horas; depois todos os symptomas reapparecem, para cessarem de novo no fim de um tempo variavel. Um ataque de hemoptyse compõe-se ordinariamente de muitos accessos que tornam a voltar em épocas indeterminadas. Mais isto só acontece nos casos em que a quantidade de sangue é um pouco consideravel. Quando os escarros são só misturados com sangue, a expectoração continua durante um tempo variavel; mas ás vezes é mui longo esse tempo. Tornam-se mais raros, e a final desapparecem. Pessoas ha que expectoram de repente e sem causa apreciavel uma quantidade consideravel de sangue, e nas quaes esta hemorrhagia cessa por si e não se reproduz mais durante toda a vida. Vê-se outras que por muitos mezes, e mesmo por muitos annos, lançam todos os dias escarros de sangue; isto é mais commum nas mulheres.

É as vezes difficil reconhecer a procedencia do sangue que tinge alguns escarros; pois que elle póde vir da bocca, da garganta e do nariz. Mas este sangue nunca é vermelho, escumoso nem intimamente misturado com mucosidades. Aquelle que vem da garganta ou do nariz é sempre negro e em fórma de pequenos grumos. É raro tambem, se o sangue provém das gengivas, da bocca ou da garganta, que se não descubra, examinando com cuidado, o ponto que o ministra. Uma cousa mais difficil e mais importante ainda é distinguir o escarro dos verdadeiros vomitos de sangue; pois que então o sangue vem do estomago, e concebe-se que o tratamento differe conforme tal ou tal affecção. Mais se se attender ao sangue, que é vermelho e escumoso no escarro, negro e coalhado nos vomitos; se se considerar a oppressão, a tosse que existe no primeiro caso, entretanto que ha nauseas bem caracterizadas no segundo, chegar-se-ha quasi sempre a distinguir um do outro.

Na inflammação dos pulmões ou *pneumonia* existem tambem escarros sanguineos; porém estes escarros não são de sangue puro, vivo, vermelho, mas sim de côr de tijolo mais ou menos clara.

Prognostico. A hemoptyse é, em geral, uma affecção grave, e principalmente quando se declara n'um individuo predisposto pela sua constituição á tisica pulmonar. Mas, quando é consequencia de uma pancada qu de uma quéda, quando é devida á simples congestão sanguinea, ou ouando apparece n'uma mulher mal regrada, não deve inspirar susto algum. A antiguidade da molestia não é uma das provas de sua gravidade:

quantas pessoas não se tem visto que chegáram á idade mui avançada, depois de escarrarem sangue durante dez, vinte e trinta annos? Gretry, que morreo com mais de oitenta annos padeceo d'esta hemorrhagia desde a sua mocidade. Em geral, o prognostico d'esta molestia estabelece-se segundo a intensidade dos phenomenos locaes que a acompanham, e segundo a gravidade dos phonomenos sympathicos que provoca.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer nos escarros de sangue um pouco abundantes consiste em tirar ao doente a roupa que lhe comprime o peito, o collete, a cinta, os suspensorios, etc. Depois appliquem-se sinapismos nas pernas. Mettido na cama, o doente ficará com a cabeça e o peito na posição quasi vertical, sustentando-se-lhe sobre a margem da cama. Appliquem-se-lhe no peito ventosas seccas, e administre-se o nitro segundo a formula seguinte :

Nitro..... 15 grammas.

Divida em 24 papeis. Dê-se um papel de 3 em 3 horas em meia chicara d'agua fria com assucar.

O uso de fructas acidulas é muito conveniente, e por isso dê-se ao doente a chupar uma laranja. As limonadas de limão, de vinagre são tambem uteis. Todas estas bebidas devem ser tomadas frias. Ao mesmo tempo o doente deve conservar-se em repouso, ter os braços quietos, e guardar o mais absoluto silencio; cumpre tambem recommendar-lhe que resista á necessidade de tossir, pois que taes esforços são proprios para favorecerem a sahida do sangue.

Se ao cabo de um ou dois dias a hemoptyse não parar, faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de digital..... 30 centigrammas.

Faça 6 pilulas. Para tomar 1 pilula tres vezes por dia.

Se os escarros de sangue não pararem, administre-se a poção seguinte :

Agua de rosas..... 150 grammas.
Extracto de ratanhia..... .... 4 —
Xarope diacodio..... ..... 30 —

para beber uma colher *de sopa* de hora em hora; ou as pilulas seguintes :

Cato..... .... 16 grammas.
Extracto de alcaçuz..... ..... 8 —

Façam-se 80 pilulas, de que se tomam 3, seis vezes por dia.

No caso de hemorrhagia muito abundante, appliquem-se no peito pannos molhados em agua muita fria, e administrem-se as limonadas muito frias, um sorvete ou gelo aos pedaços.

Se os escarros sanguineos continuarem, applique-se um caustico nas costas.

Se a hemorrhagia fôr consideravel, e acompanhada de grande op-

pressão no peito, será necessario praticar a sangria no braço, para moderar a pressão do sangue nos vasos capillares do pulmão que ficaram sãos.

A dieta deve ser absoluta no principio da ataque; nos dias seguintes podem tomar-se alguns leves alimentos, e com preferencia leite, ovos, caldos de gallinha, sopas de arroz, mingáos de tapioca, etc.

Mas não basta que tenham cessado os escarros de sangue, é preciso impedir-lhes a volta. A abstinencia dos alimentos excitantes, salgados ou muito temperados, e de licores alcoolicos, deve ser observado com cuidado. O doente deve preservar-se do ar frio e evitar os grandes esforços da respiração, como acontece depois dos movimentos violentos ou de marcha prolongada. A inspiração de vapores irritantes, as vigilias, os logares publicos e os quartos em que o ar quente não é sufficientemente renovado, as leituras em voz alta, a cantoria, os gritos, os banhos frios, serão cuidadosamente evitados. A habitação n'um logar pouco elevado, de temperatura moderada, ou sobre as margens do mar, e tomar todos os dias ao almoço e ao juntar, duas Gottas Livonianas de Trouette-Perret.

O uso do xarope de Péneau, de succo de urtiga, muito aproveita contra a hemoptysie e todas as hemorrhagias.

Toma-se'o na dóse de uma colher *de sopa*, de hora em hora e mesmo de meia em meia hora, em caso de urgencia. Como preventivo, a dóse é de 2 a 3 colheres *de sopa*, por dia, durante uma semana, mais ou menos.

ESCLEREMA DOS ADULTOS ou **ESCLERODOMIA.** Molestia caracterizada por uma rijeza da pelle do tecido cellular subcutaneo e até do periosteo e das mucosas. Estes tecidos tornam-se duros, seccos e de consistencia de chiffre. Os movimentos dos musculos das articulações, a respiração e quasi todas as funcções ficam embaraçadas por causa de tiras de pelle rigidas, inflexiveis que apertam tudo o que se acha por baixo d'ellas. O rosto momifica-se e toma o aspecto de uma mascara immovel. A pelle toma um côr escura sendo a séde de grandes comichões. O pello e as unhas cahem. O doente vai-se enfraquecendo e morre de marasmo, ou em consequencia de qualquer complicação pulmonar. Banhos repetidos alliviam um pouco o doente, não ha, porém, nenhum tratamento efficaz contra esta molestia que acommette principalmente as mulheres das classes pobres da sociedade.

ESCLEROTICA. Membrana fibrosa, mui solida, de côr branca um pouco azulada, que envolve o globo do olho e constitue o que se chama vulgarmente o branco do olho. Por diante tem um orificio onde se acha, a modo de um vidro de relogio, a cornea transparente por onde penetram os raios luminosos. Do lado de traz, a esclerotica tem um buraco arredondado por onde passa o nervo optico que se achata para formar a retina. Quando esta membrana perde a sua forma regularmente espherica, forma-se na superficie certos relevos a que deram o nome de estaphylomas.

ESCOLOPENDRIO ou **Lingua cervina.** *Scolopendrium*

officinale, Smith. Especie de feto. Esta planta, que habita nos sitios sombrios e humidos da Europa, tem as folhas pecioladas, inteiras, longas, verdes, luzentes, que brotam de seu tronco; de sabor adocicado, cheiro agradavel. As folhas empregam-se em infusão contra a tosse. *Dóse:* 4 grammas para 180 grammas d'agua fervendo.

ESCORBUTO. Molestia produzida pela alteração do sangue, e cujos principaes caracteres são fraqueza mui grande, nodoas lividas em differentes partes do corpo, amollecimento das gengivas, e disposição ás hemorrhagias.

Causas. Todos os temperamentos são igualmente susceptiveis de contrahir o escorbuto. Apparece tanto na zona torrida como nas regiões glaciaes; entretanto, os paizes e as estações frias e humidas são geralmente sujeitas a esta molestia; e se o uso prolongado dos alimentos salgados e das aguas corruptas, fadigas excessivas ou pezares profundos, ajuntarem sua acção a essas influencias atmosphericas, poucos homens então escapam á molestia que nos occupa. Ataca as tripulações dos navios que se demoram muito tempo em viagem sem desembarcar, e que são privadas de carnes e vegetaes frescos; o que depende da humidade contínua em que vivem, do uso das carnes salgadas e d'agua corrupta. O enfado de uma longa viagem e a falta de exercicio contribuem sem duvida para o seu desenvolvimento. Manifesta-se tambem nos acampamentos, quarteis, hospitaes, onde os soldados se acham nas mesmas condições physicas e moraes de má hygiene. Os homens encerrados em masmorras escuras, frias e humidas, mal nutridos, privados de asseio, obrigados a permanecerem quasi immoveis, e necessariamente entregues á dôr e á desesperação, não passam muito tempo sem serem, pela maior parte, affectados de escorbuto. O abuso do mercurio o produz tambem. Ha igualmente certos animaes e alguns peixes que, ainda comidos frescos, desenvolvem promptamente o escorbuto. Estas carnes tem ordinariamente o gosto de pantano e certo máo cheiro que annuncia que o animal se nutria com carnes corruptas. Alguns medicos pensam que o escorbuto é contagioso.

Symptomas. Pallidez, leve inchação do rosto, prostração das forças, tristeza e grande repugnancia ao movimento, taes são os symptomas que annunciam a invasão do escorbuto. Estes symptomas augmentam, e a fraqueza chega a tal ponto, que o mais leve exercicio é uma causa extrema de fadiga e de esfalfamento. Logo depois os doentes experimentam comichão nas gengivas: estas partes incham e vertem sangue á menor pressão, tornam-se lividas e molles; o halito é fetido, a pelle cobre-se de pequenas nodoas que augmentam de dia em dia; são amarellas a principio, e vão-se tornando cada vez mais escuras, a ponto de ficarem successivamente azues purpureas, negras e emfim lividas. De ordinario incham os pés e depois as pernas. Estas nodoas são numerosas nas pernas e tronco, mas raras no rosto. Com os progressos da molestia sobrevem hemorrhagias pelo nariz, gengivas, pulmões, anus e superficie das ulceras, se as houver; apparecem dôres nas articulações, no peito e nas cadeiras; o menor movimento ou uma tosse ligeira as desperta;

as ulceras antigas abrem-se, e a respiração torna-se cada vez mais difficil. Os dentes descarnam-se, vacillam e cahem, e ás vezes a caric apodera-se dos ossos maxillares; uma salivação abundante ou uma diarrhea misturada com sangue associam-se frequentemente aos outros symptomas, e acceleram a morte do enfermo. Durante este tempo, a infiltração das pernas não cessa de fazer progressos; a pelle d'esta parte abre-se ás vezes, e resultam d'ahi ulceras fungosas, cuja superficie, côr de borra de vinho, deixa sahir o sangue com a maior facilidade, e dá uma suppuração fetida (*ulceras escorbuticas*). O callo das antigas fracturas amollece, as fracturas que existem não se consolidam; todo o corpo infiltra-se de serosidade, os musculos rompem-se ao menor esforço; as hemorrhagias são mais repetidas, a pelle cobre-se de suor frio; o pulso é fraco; desmaios temiveis manifestam-se a cada instante, e o doente succumbe ás vezes em um d'elles. Os individuos affectados do escorbuto podem contrahir inflammações em todos os orgãos, como os que gozam de perfeita saude; n'este caso o pulso é forte, frequente, a pelle quente, a sêde viva.

Duração e prognostico. Não é possivel marcar a duração do escorbuto, mesmo de uma maneira approximada; ordinariamente é longa, mas ás vezes progride com espantosa rapidez. Esta molestia cura-se facilmente, logo que ao principio o doente possa ser subtrahido á acção das causas que a motiváram; mas se ficar no hospital, navio ou prisão onde contrahio a affecção, se continuar a viver debaixo de uma atmosphera humida e fria, se continuar a soffrer pezares e desesperação, se a molestia fôr antiga, ou se faltarem as coisas necessarias para o seu tratamento, a cura torna-se mui difficil.

Tratamento. O tratamento do escorbuto é antes hygienico que pharmaceutico. A remoção das causas, um ar enxuto e quente, fructas e vegetaes frescos, carnes frescas e de boa qualidade, o uso moderado de bom vinho, divertimentos e distracções, são os meios simples com o soccorro dos quaes se obtem o maior numero de curas. O escorbuto dos marinheiros torna-se mais raro em nossos dias, graças á duração mais curta das viagens, e graças ao melhor abastecimento dos navios, sobretudo em succo inspissado de limão, repolho salgado (*choucroute, em francez*) e em legumes frescos, conservados em latas hermeticamente fechadas. O escorbuto de terra, muito mais commum outr'ora, tornou-se igualmente molestia rara, graças ás habitações mais sadias e á melhor alimentação, que a classe pobre deve ao progresso da civilização.

O escorbuto do mar cura-se com rapidez logo que os doentes desembarquem em alguma paragem cujo ar seja puro e quente, e se alimentem de carnes e vegetaes frescos. Entre os vegetaes, as batatas gozam de maior efficacia; vem depois os agriões e as azedas. A bordo dos navios que vão á pesca da baleia, em que o escorbuto se desenvolve durante as longas navegações, observáram muitos medicos que os accidentes desapparecem pelo uso das batatas que no Brazil se chamam *inglezas*. A polpa de batatas cruas applicada nas ulceras antiscorbuticas é excellente remedio. As bebidas acidulas, feitas com sumo de limão, de

laranja e vinagre, são as que mais convem n'esta molestia. Os caldos de carne de tartaruga produzem excellentes effeitos nos escorbuticos que fazem uso d'elles; na sua falta, a carne e os caldos de frango, de vitella e de carneiro; conseguem o mesmo fim. As carnes assadas, o peixe, e todas as fructas, contribuem para a cura d'esta molestia. Mas essas fructas devem-se comer cruas, e para as hervas prefere-se a preparação mais simples; isto é, saladas. A cerveja, os vinhos fracos e acidulos são mui vantajosos. Taes são os principaes meios curativos do escorbuto; ajuntar-se-lhes-ha o uso dos medicamentos *antiscorbuticos*, que se compõem de vegetaes acres, entre os quaes os agriões e a cochlearia occupam o primeiro logar. Estes medicamentos dão-se crús em salada ou em infusões aqueas, vinosas, ou em fórma de xaropes. Mas a efficacia d'estes medicamentos não é tão certa como a dos meios geraes que acabei de indicar.

Par combater o amollecimento das gengivas e as ulcerações da bocca, o doente deve fazer uso sobretudo das pastilhas de chlorato de potassa, de Dethan (V. CHLORATO DE POTASSA) e de um dos gargarejos seguintes:

1.º	Pedrahume	2 grammas.
	Vinho branco	250 —

Dissolva e ajunte:

	Tintura de quina	8 gram.		Mel de abelhas	30 gram.
	— de myrrha	4 —	3.º	Vinho tinto	500 —
	Mel rosado	30 —		Sumo de limão	30 —
	Laudano de Sydenham	2 —		Assucar	30 —
2.º	Agua	500 —	4.º	Agua de Labarraque	30 —
	Vinagre	60 —		Agua commum	250 —

5.º Gargarejo mais forte do que os precedentes:

Alcoolato de cochlearia	60 grammas.
Aguardente camphorada	60 —

As ulceras, que sobrevem nas pernas ou em algum outro ponto da superficie do corpo, curam-se com um dos unguentos seguintes: unguento digestivo, unguento de Arceus, unguento de Genoveva; ou com fios embebidos em agua de Labarraque. As vezes é mister estancar o sangue que sahe da superficie d'ellas com a applicação de fios molhados em vinagre ou na dissolução de pedrahume.

Aconselham-se purgantes brandos como seja o verdadeiro pó purgativo de Rogé, para remediar a prisão de ventre que existe ás vezes n'esta molestia.

Se com os symptomas de escorbuto o doente apresentar outros que annunciem a inflammação de algum orgão, é preciso atacar esta phlegmasia pelos meios antiphlogisticos; mas as emissões sanguineas devem ser pouco abundantes.

É mais facil prevenir o escorbuto do que cural-o. A observação severa das regras de hygiene é o meio mais seguro de chegar a este fim. Portanto cumpre prescrever o maior asseio possivel, renovar frequente-

mente o ar, não consentir que se traga roupa molhada e que os homens durmam em camas humidas, inspeccionar os alimentos para que sejam bem preparados, distribuir todos os dias certa quantidade de vinho ou de algum outro licor espirituoso, não cançar os soldados ou os marinheiros com um serviço mui prolongado ou penoso; nos momentos consagrados ao repouso, distrahil-os com musica ou com outros divertimentos; emfim, preserval-os com o maior cuidado de todas as causas que possam motivar-lhes medo ou tristeza. Estes preceitos, que são applicaveis principalmente aos que vivem nos acampamentos, navios ou hospitaes, servem tambem para os habitantes das cidades; mas estes ultimos podem ajuntar a estes meios a escolha de habitação n'um logar secco, elevado e quente, meio que contribue poderosamente para preserval-os do escorbuto. Quando uma tripulação manifestar disposições para esta molestia, e por qualquer circumstancia, se achar privada dos recursos necessarios para prevenir os seus effeitos, convem sempre arribar. Tem-se visto escorbuticos, reduzidos á maior debilidade, recobrar a saude primitiva, alguns dias depois de desembarcarem.

ESCORIASA. Hespanha. Aguas sulfurosas frias; 16° a 19°. Molestias cutaneas, catarrhos bronchicos e laryngeos, athma, enfartes do figado e do baço, rheumatismo, paralysias e syphilis constitucional. Estabelecimento balneario importante, com quartos para banhos, duchas, inhalações de vapor sulfureo.

ESCORPIÃO ou **Lacraia.** Insecto venenoso, que se encontra no Brazil e nos outros paizes quentes. Tem cauda longa terminada em ferrão, o qual apresenta por baixo de sua ponta muitas aberturas que communicam com o reservatorio de veneno. Os escorpiões vivem debaixo das pedras, e pedaços de madeira, nos logares humidos; frequentam as casas, e sobretudo as adegas; não sahem do seu retiro senão á noite. Estes animaes nutrem-se de aranhas e de pequenos insectos. São essencialmente caçadores; devoram-se tambem entre si; os grandes comem os pequenos. Andam com gravidade e medida, com o rabo direito e rojante. Logo que são irritados, o rabo recurva-se-lhes em arco por cima do dorso e enrijece: vê-se o animal balançar por cima e por diante de sua bocca o ferrão venenoso prompto a ferir ao primeiro instante. Os escorpiões parecem fugir para traz como os caranguejos e algumas aranhas, mas logo se adiantam afoutamente e atiram-se com vigor. Muitas vezes um pequeno escorpião ataca e mata uma aranha maior do que elle.

Os passarinhos picados pelos escorpiões vacillam, estremecem e torneam como se tivessem vertigens; logo depois cahem, experimentam convulsões e morrem. Tem-se visto cachorrinhos perecerem no fim de cinco horas, depois de inchação geral, vomitos e convulsões que lhes faziam morder a terra.

As principaes variedades são: 1.ª O *escorpião ordinario* ou da Europa (fig. 430), é commum no sul da França, tem 27 millimetros de comprimento, de côr roxa mais ou menos escura; 2.ª o *escorpião palmado;* 3.ª o *escorpião amarellado*, tem 30 a 85 millimetros de comprimento; 4.ª o *escorpião da Africa*, tem 150 millimetros de comprimento.

O instrumento formidavel dos escorpiões occupa a ultima articulação da cauda, onde se observa uma grossura e um ferrão. Quando o animal se acha em attitude de picar póde-se ordinariamente distinguir uma gotta quasi imperceptivel de veneno na ponta do ferrão, que augmenta com o esforço da picada e resistencia da parte mordida.



Fig. 430. — Escorpião.

Acção sobre o homem. A picada de escorpião é, em geral, caracterizada por uma mancha vermelha, que dura sete a oito dias, e é acompanhada de dôr. A especie ordinaria não é perigosa; produz só accidentes locaes, e insignificantes. O escorpião amarellado é um pouco mais perigoso. O escorpião da Africa produz frequentemente accidentes graves, uma dôr forte, inchação, suores frios, vomitos e febre, e ás vezes a morte. Em geral, os escorpiões são tanto mais perigosos, quanto mais volumosos, mais idosos, e mais irritados estiverem, influindo além d'isso para os effeitos venenosos o maior calor do clima.

Tratamento das picadas de escorpião. Quando alguma pessoa fôr picada por um escorpião, deve immediatamente lavar a ferida com agua fria, e applicar o mais breve possivel dentro d'ella algumas gottas de alcali volatil, por meio de um palito. Feito isto, far-se-hão applicações de pannos molhados em agua fria. Se a ferida ficar vermelha e dolorosa, é preciso cessar as applicações d'agua fria, e substitul-as por cataplasmas de linhaça.

ESCROPHULAS. Molestia que affecta toda a economia, e cujos principaes caracteres são engurgitamento das glandulas lymphaticas e ulcerações da pelle de um aspecto particular. As escrophulas chamam-se vulgarmente *alporcas*.

Causas. Todos os temperamentos podem ser affectados de escrophulas, mas o temperamento lymphatico predispõe a esta molestia de uma maneira particular. Dão-se como signaes exteriores d'esta predisposição, pelle fina e alva, cabellos louros, fórmas arredondadas, tez rosea, beiços grossos, mandibula interior mui larga, dentes negros e cariados, cabeça volumosa, peito estreito, ventre grande e carnes molles. A predisposição hereditaria é a origem mais commum das escrophulas; a causa mais poderosa que a produz é a habitação em logares baixos, humidos, frios ou pantanosos e privados dos raios solares. A má alimentação e sobretudo a que consiste no uso continuo de farinaceos, de máo pão, e a amammentação por uma ama escrophulosa, contribuem tambem para o seu desenvolvimento. Esta molestia é mais commum nos paizes temperados e humidos do que nos climas quentes e seccos. Os individuos que passam de um clima quente a um clima frio e humido, estão muito mais expostos a escrophulas do que os outros.

Symptomas. De ordinario, no meio das apparencias exteriores de saude perfeita, manifestam-se sobre o trajecto das glandulas lymphaticas tumores ovaes, moviveis, indolentes ou apenas dolorosos, e sem mudança

na côr da pelle. Occupam ordinariamente as regiões lateraes do pescoço: mas encontra-se tambem nas virilhas, sobacos e em todos os pontos do corpo onde se acham glandulas lymphaticas. Muitas vezes esses tumores conservam-se indolentes, e diminuem lentamente. Quasi sempre acabam por amollecer, depois de augmentarem de volume. Então tornam-se mais dolorosos; a fluctuação faz-se sentir, a pelle torna-se luzidia, depois azulada, de um vermelho moreno, adelgaça-se, abre-se e dá sahida a um pus seroso com alguns pequenos grumos. A chaga que resulta d'esta abertura é sempre irregular; seus labios são duros, elevados, despegados, e de um vermelho livido; a suppuração continua a ser serosa: não se obtem a cicatrização da pequena ulcera senão com grande difficuldade, e quando isto se consegue, a cicatriz é irregular, disforme, profunda, e deixa signaes indeleveis.

A pelle, em muitos casos, apresenta numerosos tumores, que se manifestam principalmente no tronco e nos membros. Estes tumores, chamados *abcessos frios* ou *escrophulosos*, são redondos, circumscriptos, molles, indolentes, sem mudança na côr da pelle. Não são, pela maior parte, acompanhados de febre, e não parecem perturbar a saude dos doentes: ficam estacionarios por muitas semanas. Passado algum tempo a pelle que os cobre torna-se vermelha no apice do tumor, este abre-se e deixa sahir um liquido seroso, no meio do qual nadam alguns pedaços de materia branca, semelhante á massa de queijo. As ulceras, que resultam da abertura d'estes abcessos, mostram os mesmos caracteres que apresentam as que resultam do engurgitamento das glandulas. Tanto umas como outras chamam-se *ulceras escrophulosas*.

Duração e prognostico. A cura das escrophulas é sempre mui demorada; entretanto, raras vezes occasionam a morte. A resolução e a suppuração são os dois modos mais ordinarios por que acabam. A época da puberdade exerce quasi sempre uma feliz influencia sobre esta molestia, e muitas crianças só ficam desembaraçadas d'ella n'este periodo da vida.

Tratamento. Os pais escrophulosos que quizerem preservar os filhos d'esta molestia devem confial-os a amas de leite de boa constituição, e ainda novas, que usem de bons alimentos, habitem em logares elevados, enxutos e bem arejados. É preciso alimentar as crianças, depois de desmammadas, com caldos de carne: um pouco de vinho é muito vantajoso. O asseio, os banhos com plantas aromaticas (taes como alecrim, alfazema, alfavaca, hortelã pimenta) e a exposição aos raios do sol, são-lhes eminentemente uteis.

Os mesmos meios hygienicos são ainda mais importantes no tratamento dos individuos affectados de escrophulas, e mais efficazes do que os agentes pharmaceuticos. O ar puro, secco, e o exercicio vem em primeiro logar, depois a alimentação substancial. As carnes assadas, caldos, ovos, vinho e a cerveja, devem constituir a base do seu regimen. Podem-se-lhes associar legumes frescos, as saladas e as fructas maduras. Esta mistura constitue o mais salubre genero de alimentação.

Depois da influencia do ar, do exercicio e dos alimentos, o uso dos

banhos é de todos os meios o mais recommendado. Os banhos aromaticos quentes e os banhos frios d'agua corrente, e principalmente os do mar, são de utilidade incontestavel para os escrophulosos. Ajudar-se-hão com vantagem todos esses meios com fricções seccas na pelle, feitas com escova ou com baeta embebida em vapores de incenso, de benjoim, em agua de Colonia, ou no linimento seguinte :

Oleo concreto de moscada	4	grammas.
Oleo volatil de cravo	4	—
Alcoolato de zimbro	72	—

Misture.

Os medicamentos internos recommendados contra as escrophulas são os seguintes :

Pilulas de Vallet.

Tres a quatro pilulas por dia.

Perolas de iodoformio do Dr Clertan.

Duas a quatro por dia, nas horas das refeições.

Vinho de Bellini.

Para tomar 2 a 3 colheres *de sopa*, por dia, para os adultos; uma colher *de chá* para as crianças.

Quina Ragoucy.

Para tomar duas colheres *de sopa*, por dia, para os adultos; duas colheres *de chá* para as crianças.

Infusão de lupulo :

Pinhas de lupulo	4	grammas.
Agua fervendo	180	—

Infunda, côe e adoce com assucar. Para beber esta porção de uma só vez por dia.

Oleo de figado de bacalháo de Berthé.

Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia, para os adultos; uma colher *de chá*, tres vezes por dia, para as crianças. O doente toma em seguida ao remedio uma colher de café, come um gomo de laranja, uma pastilha de hortelã, um pouco de doce, ou lava a bocca com vinho ou aguardente.

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard	36	

Tres a quatro pilulas por dia, para os adultos; uma só pilula por dia, ás crianças.

Xarope antiscorbutico de Portal	180	grammas.

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia, ás crianças.

Vinho amargo de Dubois :

Quina cinzenta	4 gram.	Casca exterior de limão.	3 gram.
— amarella	4 —	— de Winter	3 —
Canella	3 —	Vinho da Madeira	720 —
Bagas de zimbro	3 —		

Macere por 8 dias, e ajunte :.

Carbonato de soda..... 30 centigrammas.

Filtre e conserve. *Dóse :* 2 a 4 colheres *de sopa* por dia, aos adultos; uma colher *de chá*, duas vezes por dia, ás crianças.

Ferro Quévenne.

Dóse : Duas a quatro colheres medida por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Vinho de quinium de Labarraque.

1 calice a cada refeição.

Vinho de Baudon.

Um *calice grande* antes do almoço e do jantar. Para as crianças, 1 calice de licor nas mesmas horas.

Elixir alimenticio Ducro.

Quatro a oito colheres *de sopa*, antes de cada refeição; ás colheres *de chá* para as crianças.

Xarope de Catillon de iodureto de ferro, quina e glycerina.

Uma colher *de sopa,* antes de cada refeição; uma colher *de chá,* ás crianças.

Oleo de figado de bacalhao de Bals.

Duas a seis colheres, *de sopa*, por dia segundo o estado do doente; para as crianças, a dóse é de uma a tres colheres, *de sopa.*

Oleo nutrimentivo extrahido dos ossos de boi, preparado por Ad. Dethan, pharmaceutico de Pariz. Este oleo substitue o oleo de figado de bacalhao quando os doentes não podem digirir este ultimo oleo ou sentem muita repugnancia em tomal-o.

Vinho de Cabannes.

Um calice antes do almoço e do jantar.

Solução, vinho ou xarope de Pyrophosphato de ferro citro ammoniacal de Robiquet.

Duas a tres colheres, *de sopa*, por dia antes de cada refeição.

Qualquer que seja o medicamento a que se dê preferencia; é preciso continual-o por muito tempo, associando-lhe sempre os meios hygienicos.

O tratamento local das escrophulas varía conforme a natureza dos symptomas. Quando os tumores são duros, sem fluctuação nem ulceração, facilita-se-lhes a resolução com fricções feitas sobre elles, uma ou duas vezes por dia, com pomada de iodureto de potassio.

Quando o tumor se torna molle, cumpre abril-o com bisturí. Se se esperasse pela abertura espontanea, a pelle mortificar-se-hia em grande parte, e a cicatriz seria demasiadamente disforme e extensa, entretanto que a abertura artificial tem como resultado uma cicatriz linear e pouco visivel.

As ulceras escrophulosas devem ser curadas com unguento de Arceus, unguento de Genoveva, ou com phenol Bobœuf. Se os labios da ulcera se despegarem, cortem-se com tesoura. Para activar a cicatrização d'estas ulceras indolentes, é bom tocal-as de tempos a tempos com pedra infer-

nal. Mas se as ulceras forem dolorosas e inflammadas, em logar d'estas applicações irritantes convem empregar as cataplasmas de farinha de linhaça. As mesmas cataplasmas são ainda indicadas antes da abertura do tumor, quando elle está vermelho e doloroso.

ESCROTO ou **Bolsas.** Envolucro dos testiculos. Consiste em um sacco dividido em duas cavidades por um repartimento médio, que separa os testiculos um do outro. Este sacco compõe-se de cinco membranas sobrepostas: a pelle, o dartos, o cremaster, a tunica fibrosa e a tunica vaginal.

As molestias que podem acommetter o escroto ou os testiculos são numerosas; eil-as:

Cancro do testiculo ou *Sarcocele*. N'esta molestia o testiculo incha pouco a pouco; com o tempo torna-se duro, desigual, e principia a ser a séde de dôres lancinantes caracteristicas do cancro, e que se comparam a picadas de alfinete. Emfim, a pelle inflamma-se, destroe-se, e apresenta uma ulcera. *Veja-se* CANCRO DO TESTICULO, Vol. I, p. 442.

Cancroide do escroto. Tumor do escroto que se parece a principio com uma verruga, a qual se racha e se transforma pouco a pouco em ulcera. *Veja-se* CANCROIDE, Vol. I, p. 446.

Contusão do escroto. *Veja-se* Vol. I, pag. 686.

Elephantiase. Notam-se ás vezes no escroto tumores volumosos que provém, não da distensão da substancia propria do testiculo, mas da accumulação dos succos lymphaticos, albuminosos e outros no tecido cellular das bolsas e nas membranas que envolvem o testiculo: esta molestia é chamada *elephantiase*, *erysipela* e *carnosidade*. Tem-se observado que n'estes casos nem o testiculo, nem o cordão espermatico soffrem alteração alguma. Esta molestia é mui rara na Europa, porém assaz commum nos paizes quentes e humidos, como o Egypto e o Brazil. As suas causas não são conhecidas. Ás vezes estes tumores desenvolvem-se em consequencia de uma pancada ou de forte pressão; mas é mui frequente formarem-se sem causa alguma externa. Ordinariamente a molestia principia por um ataque de erysipela, que desapparece passados alguns dias, deixando augmento de volume na parte; a qual, depois de muitos ataques repetidos, toma dimensões consideraveis, e ás vezes monstruosas. O tratamento d'esta molestia, no seu começo, já ficou indicado no artigo ELEPHANTIASE (vol. I, pag. 925): quando resiste aos meios empregados, o seus progressos tornam a vida horrivelmente penosa ao doente, póde-se praticar a extirpação do tumor por meio de um instrumento cortante, sem ferir os testiculos, nem o membro viril.

Erysipela do escroto. Molestia frequente no Rio de Janeiro. Os symptomas e o tratatamento são os mesmos que os da erysipela nas outras regiões do corpo. *Veja-se* Vol. I, p. 1002.

Feridas do escroto. *Veja-se* o artigo FERIDAS.

Hematocele. Tumor do escroto formado pela accumulação do liquido sanguineo na tunica vaginal; differe do hydrocele só pela natureza do liquido. *Veja-se* HEMATOCELE.

Hydrocele. Tumor do escroto formado pela accumulação de serosidade na tunica vaginal. Este tumor é oblongo indolente, sem mudança

na côr do escroto, mais grosso em baixo do que em cima e semi-transparente, *Veja-se* HYDROCELE.

Inflammação do escroto. A inflammação que se limita á pelle do escroto é caracterizada pela dôr, calor, inchação, e vermelhidão da pelle d'esta região. Termina ás vezes pela postema. *Veja-se* PHLEGMÃO.

Inflammação do testiculo. É caracterizada pelo augmento do volume do testiculo, dôr e ás vezes vermelhidão; em medicina chama-se *orchite*, *Veja-se* esta palavra.

Varicocele. Tumor do escroto formado pela dilatação varicosa das veias do cordão espermatico ou do escroto. *V.* VARICOCELE. Para mais outras molestias do escroto, *Veja-se* TESTICULO.

ESCORDIO. *Teucrium scordium*, Linneo. Labiadas. Planta commum em Portugal : habita nos sitios e matos humidos, entre Coimbra e Buarcos e outras partes. Caules empubescidos de 16 a 22 centimetros; folhas sesseis, ovaes-oblongas, denteadas, molles; flores avermelhadas. Cheiro alliaceo, sabor amargo, estomachico e antiseptico; faz parte do electuario diascordio, empregado contra a diarrhea.

ESCULINA. Principio activo da castanha da India; recommendada contra as febres intermittentes e gastralgias, na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas em pó ou pilulas.

ESCUMA DO MAR ou **Magnesite.** Substancia mineral, mui tenra; é um silicato de magnesia hydratado contendo grande quantidade d'agua. Não provém do mar, como diz seu nome, mas encontra-se em massas muito extensas nos terrenos de transição da Asia Menor e da Hespanha. Fazem-se com ella cachimbos muito estimados e boquilhas para fumar charutos. Ao sahir da pedreira é molle e pesada; mas sendo exposta ao ar, endurece, torna-se branca e leve.

Fabrica-se uma especie de escuma do mar artificial, misturando caseina com magnesia calcinada e com pequena porção de oxydo de zinco. A mistura, depois de secca, póde receber um bello polimento e imita algum tanto a escuma do mar natural. A caseina é um principio immediato, que se acha no leite, e forma a base dos queijos.

ESCURIDÃO DOS OLHOS. *V.* BELIDA, OLHOS, VISTA.

ESERINA. Alcaloide que se extrahe da Fava do Calabar (Veja esta palavra). São crystaes soluveis no alcool e no ether. Emprega-se sob a forma de sulfato. É um tonico energico. Os medicos oculistas empregam-n'o para contrahir a pupilla; é um antagonista da atropina. Administra-se em collyrio, eis a formula :

Sulfato de eserina.....	10 centigrammas.
Agua.....	20 grammas.

Instilla-se 3 a 4 gottas d'esta solução no olho doente.

ESFALFAMENTO. *V.* FRAQUEZA, CONVALESCENÇA, EMMAGRECIMENTO.

ESFOLADURA. Dá-se commummente este nome a pequenas feridas superficiaes, que occupam a porção mais exterior da pelle, e que resultam de qualquer attrito violento. Quando ainda não se acham cercadas de rubor, curam-se facilmente collando sobre ellas com saliva um

pouco de encerado inglez. Quando estão inflammadas, é preciso laval-as com agua tepida, e depois applicar sobre a parte esfolada um panno coberto de ceroto simples ou de azeite doce.

O ponto importante consiste em preservar a pequena ferida do contacto do ar, da poeira, de pancadas, e de toda a acção exterior nociva. Quando as esfoladuras existem no pé ou na perna, convem, por pouco consideraveis que sejam, observar repouso; porque o andar occasiona inflammação; e quando estas esfoladuras suppuram, a sua cura torna-se ás vezes demorada: n'este caso tambem é preciso banhal-as com agua morna, depois curar com fios e ceroto ou com cataplasma de linhaça. Quando a esfoladura é considéravel, constitue a *ferida contusa*. *Veja-se* CONTUSÃO.

ESFORÇO. Força extraordinaria que se faz com algum membro, de que podem resultar fracturas ou dôres nos membros, e quebraduras na virilha. As dôres dos membros, que sobrevem depois dos esforços violentos, provém da ruptura de algumas fibras musculares; o repouso é o melhor remedio n'este caso, e mesmo a natureza o indica, visto que o menor movimento renova a dôr.

Não admira que os esforços violentos produzam estes resultados, porque necessitam contracções energicas dos musculos do ventre, das cadeiras, das paredes do peito, que suspendem a respiração, constrangem a circulação, retem o sangne na cabeça e nos pulmões, e comprimem as visceras abdominaes. Os esforços feitos para levantar um peso, podem mesmo occasionar a morte nas pessoas acommettidas de alguma enfermidade, tal como a aneurysma, molestias do coração, quebraduras. E por isso, todas as pessoas que tem estas enfermidades devem abster-se de fazer esforços, ainda os mais leves e os mais passageiros.

ESFRIAMENTO. Acção de resfriar-se sentindo-se arripios mais ou menos fortes, seguidos ordinariamente de febre intensa. Começam assim muitas inflammações internas, ás vezes da maior gravidade.

ESGRIMA. *Veja-se* EXERCICIOS.

ESMAGAMENTO LINEAR. Nome dado a um methodo operatorio inventado por Chassaignac, cujo fim é substituir, para dividir os

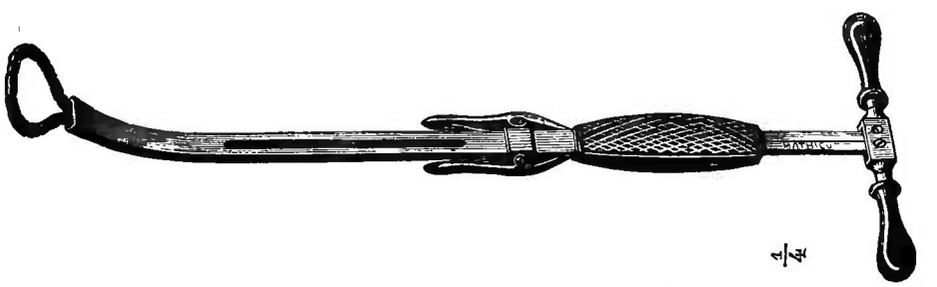


Fig. 431. — Esmagador linear de Chassaignac.

tecidos, os instrumentos cortantes por um instrumento especial chamado esmagador linear (fig. 431). Este instrumento compõe-se de uma corrente metallica articulada e apertada progressivamente por meio de um mecanismo com dupla hastea denteada, articulada do lado de baixo com o

cabo do instrumento, de modo a diminuir lenta e progressivamente a asa constituida pela corrente e que aperta os tecidos que se quer cortar. O esmagador linear divide todos os tecidos menos a pelle que é necessario cortar com bisturí. Este instrumento serve para cortar, sem effusão de sangue, os tumores hemorrhoidaes e os da lingua, como tambem para praticar a amputação da lingua e do collo do utero; a extirpação de polypos, etc. Para que essas operações tenham exito completo é necessario proceder a ellas com muito vagar.

ESMERALDA. Pedra preciosa, transparente e verde; é depois do diamante e do rubim a mais estimada. É composta de silica, de alumina e de glucina. As mais bellas esmeraldas vem do Perú e do Brazil. Sua fórma crystallina é o prisma hexagonal; sua densidade é cerca de 2,7. A esmeralda risca o quartzo, é infusivel ao maçarico, e inatacavel pelos acidos. Encontra-se dentro da terra envolvida n'um calcareo lamelloso, cuja alvura brilhante torna mais apparente a côr verde magnifica da esmeralda.

A esmeralda lapidada póde ser confundida com muitas outras pedras preciosas. Quando verde, parece-se com o dioptaso ou granate ouvarovito; quando amarella, approxima-se do topazio, do cymophano e do peridoto; quando é azul, assemelha-se muito á saphira. Dá-se o nome de *agua marinha*, á variedade azulada.

Imita-se perfeitamente a esmeralda com vidro corado pelo oxydo de chromo.

Raras vezes se encontra uma esmeralda perfeita; quasi sempre apresentam manchas, o que torna o valor das esmeraldas extremamente variavel. Quando uma esmeralda é bem pura, rica em côr e de um volume assaz consideravel, o seu preço é muito elevado. A mais bella esmeralda que se conhece, pertence ao banqueiro hollandez Hope; pesa 184 grammas, e custou 12,500 francos. A esmeralda lapida-se ordinariamente em fórma qnadrada, e engasta-se de maneira que se vejam as duas faces, superior e inferior. Deve-se desconfiar da côr das que tem um engaste cheio : o fundo d'este está então frequentemente coberto de tinta da China, para lhe realçar a côr. Quando a esmeralda é muito delgada, dobra-se ás vezes de um crystal lapidado da mesma maneira como se fosse esmeralda por baixo; esta fraude reconhece-se facilmente; além d'isso os ourives conscienciosos tem por uso indicar, por um D gravado na obra, que a pedra está dobrada.

ESMERIL. Pedra natural muito dura, composta de alumina, silica e oxydo de ferro, empregada, sob a fórma de pó, para polir as pedras, os metaes, o vidro. Os frascos destinados a conter substancias volateis são tapados com rolhas *esmerilhadas;* dá-se-lhes este nome porque as superficies da rolha e do gargalo foram esfregadas com pó de esmeril, afim de tornar perfeito o seu contacto. O esmeril acha-se em grãos irregulares nas rochas antigas da ilha de Naxos, no cabo Esmeril, na Grecia; acha-se tambem nas Indias orientaes.

ESOPHAGISMO. *Veja-se* MAL DE ENGASGO.

ESOPHAGO. Canal musculo-membranoso, que se estende desde

a garganta até ao estomago, para onde conduz os alimentos. *Veja-se* a figura do esophago, vol. I, pag. 155.

Alguns *corpos estranhos* podem parar no esophago, por exemplo, codea de pão, bocados de carne não mastigados, pedaços de osso, moedas, chaves, botões, alfinetes, etc. Para o tratamento d'este accidente *veja-se* CORPOS ESTRANHOS, vol. I, pag. 723, e ALFINETE, vol. I, pag. 99.

O esophago póde estar acommettido de um espasmo, que impede a deglutição. Descrevo esta molestia no artigo MAL DE ENGASGO.

ESPADOA. Osso grande do hombro, onde se articula o osso do braço.

Espadoa (FRACTURAS DA). *Veja-se* FRACTURAS.

ESPARADRAPO. Chamam-se *esparadrapos* tiras de panno, tafetá ou papel, cobertas uniformemente de algum emplasto. Empregam-se sobretudo para conter approximadas as margens de alguma ferida. O emplasto simples e o emplasto de diachylão empregam-se principalmente para confeição dos esparadrapos. O *esparadrapo ordinario* é uma mistura de 4 partes de cera branca, 2 de oleo de amendoas doces e 1 de terebinthina, que se derretem juntamente e que se estendem sobre panno de algodão (*Veja-se* ENCERADO).

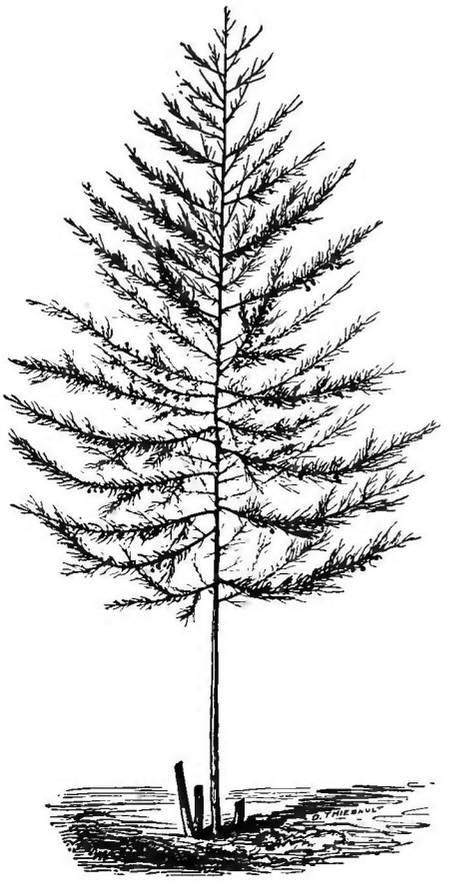


Fig. 432. — Espargo.

ESPARGO. *Asparagus officinalis*, L. Asparagineas. Planta cultivada nas hortas do Brazil; em Portugal tambem se cultiva nas hortas, e nas vizinhanças das povoações acha-se espontaneo e silvestre. Tem caule roliço, paniculado, folhas se-



Fig. 433. — Pontas de espargos.



Fig. 434. — Mólho de espargo.

taceas, flores amarellas-esverdeadas. Cortam-se as *pontas* ou *renovos*

verdes de espargos quando sahem da terra. Estas pontas empregam-se como alimento (fig. 432 a 434).

O espargo fervido em agua é um alimento de facil digestão, mui conveniente aos estomagos delicados; tem, além d'isso, propriedade de augmentar a quantidade das ourinas e de communicar-lhes instantaneamente cheiro mui desagradavel, o que indica que occasiona uma mudança na sua composição. Além d'estas propriedades diureticas, o espargo produz ainda effeitos calmantes. Faz-se com suas pontas um xarope que possue propriedades sedativas incontestaveis; acalma a tosse, torna o somno mais tranquillo, e diminue a oppressão nas pessoas affectadas de irritação do peito. O uso d'este xarope é principalmente util aos individuos affectados ou ameaçados de hydropisia, sobretudo quando esta molestia depende de lesão organica do coração. Toma-se na dóse de 30 grammas por dia.

ESPARTEINA. É uma base volatil tirada do *Spartium scaparium*, planta da familia das *Leguminosas* papillonnaceas, que cresce nos logares humidos e á borda dos caminhos.

Prepara-se do seguinte modo: Reduz-se a pó grosso as folhas e as hastes do spartium scaparium, lixiviam-se em um apparelho de deslocação com alcool a 60°, até que o liquido não dê mais precipitado pelo iodureto de potassio ioduretado; filtram-se os licores alcoolicos e depois de reunidos distillam-se a uma fraca temperatura e o residuo é tratado por uma solução d'acido tartrico; filtra-se outra vez para separar uma gelea de côr verde escura, composta principalmente de chlorophylla e escoparina: junta-se á solução acida, carbonato de potassa para tornal-a alcalina, mistura-se com cinco ou seis vezes o seu volume de ether, para retirar todo o alcaloide, e agita-se por diversas vezes.

Para purificar o producto, torna-se a agitar o ether com uma nova solução d'acido tartrico, esta solução neutralizada passa a esparteina para o ether, repetem-se as manipulações até obter-se um liquido ethereo sem côr, por simples evaporação, ao abrigo do ar e da luz, recolhe-se a esparteina completamente pura. 1 kilogramma da planta dá cerca de 5 grammas de principio activo.

A esparteina é um alcali liquido, sem côr, mais denso que a agua e não oxygenado. Ferve a 287°.

Seu cheiro é assaz penetrante e parece-se com o da pyridina; tem um gosto muito amargo, fica escuro quando se o expõe ao ar e torna-se mais espesso.

É soluvel no alcool, ether, e chloroformio, insoluvel na benzina e nos oleos de petroleo.

A sua reacção é muito alcalina e quando se approximam dois agitadores de vidro, um impregnado d'acido chlorhydrico e outro de esparteina, forma-se uma fumaça esbranquiçada. É pois uma base energica.

Saes de esparteina. — A esparteina combina-se com os acidos para formar saes que crystallizam muito facilmente: o sulfato, entre outros, apresenta-se sob a forma de grossos rhomboedros, transparentes, muito soluveis.

O sulfato de esparteina é muito toxico. A sua acção exerce-se principalmente sobre o coração.

Tres effeitos caracteristicos e constantes resultam das observações feitas; o primeiro, que é o mais importante, é o levantamento do coração e do pulso; sob este ponto de vista a sua acção é analoga á da digital e ao alcaloide da convallaria ou lyrio dos valles, denominado convallamarina. O segundo effeito é a regularisação immediata do rythmo cardiaco. O terceiro resultado é a acceleração das pulsações.

Todos estes phenomenos apparecem no fim d'uma ou d'algumas horas quando muito e mantêm-se durante tres ou quatro dias depois da suppressão do medicamento.

Durante este tempo, as forças geraes augmentam e a respiração é facilitada mas muito menos bem do que pelo iodureto de potassio, só a funcção ourinaria parece escapar á acção do medicamento na dóse em que tem sido empregado.

Pareceria pois que o sulfato de esparteina está indicado em todos os casos em que o myocardio tem affrouxado, quer por que tenha soffrido uma alteração do seu tecido, quer porque se tenha tornado insufficiente para compensar os obstaculos á circulação.

Quando o pulso é irregular, intermittente, arythmico parece que o sulfato de esparteina restabelece o typo normal. Quando emfim a circulação está vagarosa, o medicamento parece obviar immediatamente a esta perturbação funccional mantendo ou augmentando a força adquirida pelo musculo cardiaco.

O sulfato de esparteina se administra por centigrammas. A dóse ordinaria é de 2 centigrammas dados de uma só vez; póde esta dóse ser repetida mais de uma vez em vinte e quatro horas, até chegar ao maximo de 25 centigrammas.

Pilulas de sulfato de esparteina.

Sulfato de esparteina.....	50	centigrammas.
Assucar de leite.....	5	grammas.
Xarope simples.....	q. s.	

M. S. A. e divida em 50 pilulas de 1 centigramma. D. 2 a 10 por dia.

Xarope de sulfato de esparteina.

Sulfato de esparteina.....	30	centigrammas.
Agua distillada.....	2	grammas.
Xarope de casca de laranja azeda.....	300	—

Agite a mistura. 20 grammas d'este xarope contem exactamente 2 centigrammas de principio activo.

Capsulas de Houdé de sulfato de esparteina, contendo exactamente 2 centigrammas de sal.

Xarope de Houdé de sutfato de esparteina, contendo 4 centigrammas de sal por 20 grammas. Estas duas preparações destinam-se a serem empregadas nos ataques de asystolia, na asthenia cardiaca, a dyspnea do coração e a pericardite.

Nos casos de cardiopathia com hydropisia, associam-se estas preparações á infusão de giesta como diuretico.

A dose quotidiana deste medicamento varia entre 5 e 25 centigrammas.

ESPARTILHO. *Veja-se* COLLETE.

ESPASMO. Contracção involuntaria dos musculos, principalmente dos que não obedecem á vontade, taes são os do estomago, dos intestinos, da urethra, etc. Precede frequentemente a convulsão, mas póde tambem existir sem ella. Além d'isto, o sentido da palavra *espasmo* é mui vago : ás vezes emprega-se como synonymo de *convulsão;* frequentemente toma-se por *ataque de nervos*. Applica-se tambem o nome de *ar de espasmo* á molestia chamada *tetano;* e com o mesmo nome se designa algumas vezes a *apoplexia*. Pelo que se vê, não posso indicar n'este logar o tratamento do *espasmo*.

As pessoas sujeitas a qualquer da forma de espasmo farão bem de tomar 1 colher de sopa, de xarope de Henry Mure de bromureto de potassio, todos os dias nas horas do almoço e do jantar. Em geral contra o espasmo aproveita muito as perolas de ether do D^{or} Clertan que se tomam na dóse de 2 a 4, engolindo-se logo depois alguns golles de agua. Procure o leitor os artigos ATAQUE DE NERVOS, EPILEPSIA, HYSTERISMO, CONVULSÕES, NERVOS.

Espasmo do esophago. *Veja-se* MAL DE ENGASGO.

Espasmo da glotte. *Veja-se* GLOTTE.

Espasmo das palpebras. *Veja-se* PALPEBRAS.

Espasmo da urethra. Consiste em uma contracção do canal da urethra, e constitue o que se chama *estreitamento espasmodico da urethra*. A pessoa affectada de espasmo da urethra não póde ourinar. Este estado é passageiro; se se prolongasse, conviria applicar uma cataplasma de linhaça sobre o ventre, esfregar o ventre com balsamo tranquillo, ou tomar um semicupio d'agua tepida.

ESPASMODICO ou SPASMODICO. O que pertence ao espasmo, o que é caracterizado por espasmo; por exemplo : *estreitamento espasmodico da urethra*.

ESPATULA. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 767.

ESPECIES. (*Pharmacia.*) Chamam-se *especies*, vegetaes ou partes de vegetaes que tem propriedades physicas e medicinaes analogas, que se misturam, depois de seccas, e que se conservam para uso. Fazem-se com ellas infusões e decocções, para bebidas, banhos, lavatorios, gargarejos, collyrios, injecções, etc. Devem estar bem seccas e ser conservadas ao abrigo da humidade. São :

Especies adstringentes. Mistura de partes iguaes de raiz de bistorta, de tormentilla e de casca de romã.

INTERNA E EXTERNAMENTE, *Infusão :* 20 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo.

Especies amargas. Mistura de partes iguaes de summidades floridas de centaurea menor, de chamedrios e de folhas seccas de cardo santo.

INTERNAMENTE. *Infusão :* 12 grammas para 360 grammas d'agua fervendo.

Especies anthelminticas. *Veja-se* ESPECIES VERMIFUGAS.

Especies aperientes. *Veja-se* ESPECIES DIURETICAS.

Especies aromaticas ou **vulnerarias.** Mistura de partes iguaes de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, oregão, absinthio e alecrim.

EXTERNAMENTE. *Infusão:* 12 grammas para 360 grammas d'agua fervendo.

Especies bechicas (contra a tosse). Mistura de partes iguaes de folhas de avenca do Canadá, folhas de hera terrestre, folhas de escolopendrio, folhas de veronica, summidades de hysopo, e cabeças de dormideiras privadas de sementes.

INTERNAMENTE. *Infusão:* Especies bechicas 10 grammas, agua fervendo 1000 grammas. Infunda por meia hora, e côe.

Especies carminativas (contra a flatulencia). Mistura de partes iguaes de fructos de herva doce, alcaravia, coentro e funcho.

INTERNAMENTE. *Infusão:* 4 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Especies diureticas ou **aperientes.** Mistura de partes iguaes de raizes seccas de funcho, gilbarbeira, aipo, espargo e salsa hortense.

INTERNAMENTE. *Infusão:* 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

Especies emollientes. Mistura de partes iguaes de folhas seccas de malva, althéa, verbasco, e parietaria.

INTERNAMENTE. *Infusão:* 4 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

EXTERNAMENTE. *Decocção* : 50 grammas para 1000 grammas d'agua, em fomentações, lavatorios, banhos, etc.

Especies narcoticas. Mistura de partes iguaes de folhas seccas de belladona, cicuta, meimendro, fumo, e dormideira.

EXTERNAMENTE. *Deccoção:* 8 grammas para 500 grammas d'agua. Em lavatorios, e outras applicações externas.

Especies peitoraes. Mistura de partes iguaes de flores de verbasco, papoula, althea, malva, pé de gato, tussilagem, violeta.

INTERNAMENTE. *Infusão:* 10 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo.

Especies purgativas. *Veja-se* CHÁ DE S. GERMANO.

Especies sudorificas. Mistura de partes iguaes de páo de guaiaco, páo de sassafraz, raiz de salsaparrilha, e raiz da China.

INTERNAMENTE. *Decocção:* 12 grammas de especies e agua q. s. para obter 360 grammas de decocto.

Especies vermifugas ou **anthelminticas.** Mistura de partes iguaes de folhas e flores de atanasia, absinthio, de flores de camomilla romana e de semen-contra.

INTERNAMENTE. *Infusão:* 12 grammas para 360 grammas d'agua fervendo.

Especies vulnerarias. Mistura de partes iguaes de folhas e summidades de *absinthio, betonica, bugula, calamintha, chamedrios, hera terrestre, millefolio, oregãos, congossa maior, alecrim, sanicula, salva, lingua cervina, escordio, tomilho, veronica;* flores de *arnica, pé de gato tussilagem.*

INTERNAMENTE. *Infusão:* 10 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo.

ESPECIFICO. Chamam-se *especificos* os medicamentos que tem acção constante ou quasi constante no tratamento de certas molestias. Infelizmente a medicina possue mui pequeno numero de especificos; taes são o sulfato de quinina contra as febres intermittentes, o opio contra as dôres, o mercurio contra a syphills, o enxofre contra as molestias de pelle, e alguns outros remedios de uma efficacia menos confirmada.

ESPECULO. Da palavra latina *speculum*, que significa *espelho* (fig. 435 a 440). Chama-se *especulo* o instrumento que serve para dilatar a entrada de certas cavidades, afim de se poder examinar o estado interior de um orgão, quer directamente, quer por meio das superficies reflexiveis d'estes instrumentos. Muitas vezes os especulos



Fig. 435. — Especulo systema Fergusson.

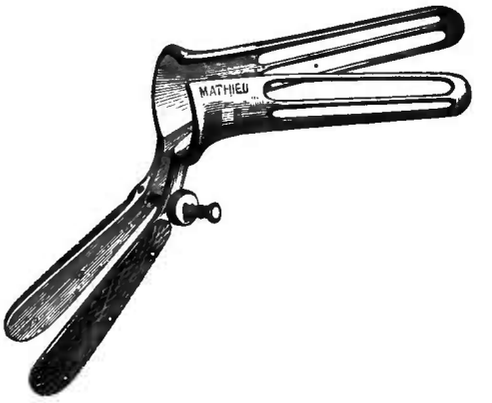


Fig. 436. — Especulo bivalvo.

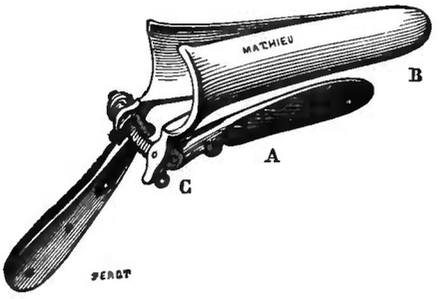


Fig. 437. — Especulo articulado.

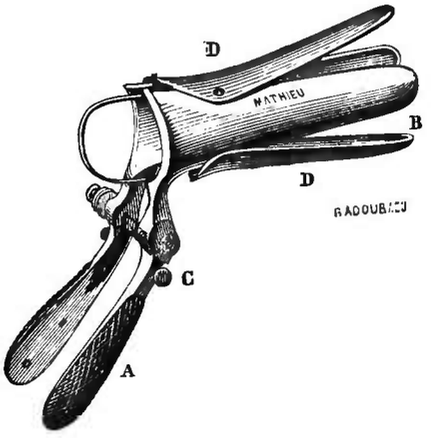


Fig. 438. — Especulo quadrivalvo.

servem de conductores, e ajudam a introduzir profundamente até á região doente um instrumento, uma pomada ou qualquer outra preparação medicamentosa; taes são os especulos da vagina, do ouvido, anus, etc.

ESPECULO VAGINAL, *systema do Dr. Trélat* (fig. 439 e 440). Manobrando o parafuzo A a valvula superior sobe para cima, emquanto que a outra valvula que corresponde á parte de baixo da vagina fica em posição horizontal. Virando o parafuzo B, separam-se as valvulas parallelamente conservando sempre a primeira dilatação : por este modo

obtem-se maior espaço para ser explorado representados pelas figuras B, B. Com esta dupla dilatação não só póde-se explorar facilmente, como tambem ha possibilidade de se introduzir instrumentos para obrar sobre o collo do utero, ou para praticar a ablação de algum polypo, e

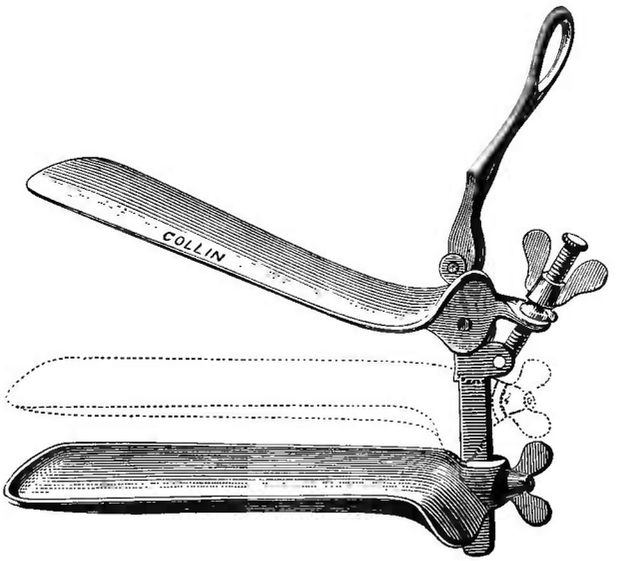


Fig. 439. — Especulo vaginal.

com muito mais facilidade porque de um lado as valvulas são independentes em todo o comprimento.

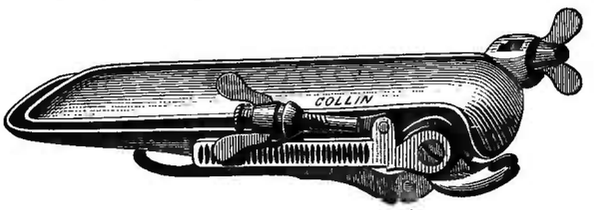


Fig. 440. — Fspeculo vaginal fechado.

A figura 440 representa o especulo com as valvulas desmanchadas, o instrumento torna-se então de facil transporte.

ESPELINA (S. Paulo), **Tomba** (Minas). *Perianthopodus espelina*, Manso. Planta do Brazil, da familia das Cucurbitaceas; vegeta especialmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule sarmentoso; folhas divididas em 3 lobulos, agudos, asperos; flores em pedunculos solitarios de uma só flor; fructo, baga quasi sem succo, oval, oblonga quasi pontuda, contendo duas sementes ovaes, envolvidas n'uma polpa fibrosa; raiz perpendicular; amarella-clara por fóra, quasi branca por dentro, amylacea, de sabor muito amargo.

Além d'esta especie existem mais duas, e são o *Perianthopodus tomba*, Manso, tambem chamado *espelina* na provincia de S. Paulo. Esta especie differe da precedente por seus fructos, os quaes são

oblongos obtusos, de côr vermelha, e pela raiz que é mais delgada e apresenta a certos intervallos tuberosidades oblongas; e o *Perianthopodus carijó*, Manso, chamado no Cuyabá *purga de Carijó*, cujos fructos são de côr vermelha porém muito menores do que os das especies precedentes.

As raizes das tres especies de espelina são tonicas em pequena dóse 10 a 20 centigrammas, e emeto-purgativas na dóse de 2 grammas. Administram-se seccas e reduzidas a pó.

ESPERMACETE. Substancia branca, solida, de côr branca brilhante, formada pela reunião de pequenas escamas luzentes, e contida no oleo graxo que envolve o cerebro do cachalote (*physeter macrocephalus*) animal cetaceo. (*Veja-se* a figura do cachalote, no vol. I, pag. 390). Não se acha na baleia, posto que, por erro, os primeiros naturalistas lhe tenham dado o nome latino *sperma ceti*, e o nome francez *blanc de baleine*. Derrete-se a 44° centigrados; é substancia combustivel, arde com bella chamma, e por isso se emprega para a confecção das velas de luxo. O espermacete misturado com cera e oleo de amendoas doces forma o *ceroto de espermacete*, unguento empregado no curativo das feridas.

ESPERMATORRHEA. Molestia caracterizada por perdas seminaes involuntarias, frequentes e que, dentro de pouco tempo, produzem no organismo perturbações profundas que revela antes de tudo, o systema nervoso. Esta molestia não é tão frequente como muita gente crê. É a molestia das pessoas accommettidas de hypochondria, de melancolia, d'aquellas que lêem obras de medicina sem comprehender essa leitura e que tomam por esperma certos depositos urinarios de diversas naturezas, taes como : saes, muco, filamentos consecutivos ás urethrites chronicas, etc.

Ordinariamente, a molestia se declara lentamente; o individuo observa que as polluções nocturnas tornam-se de mais a mais frequentes, e que têm logar sem que haja a menor sensação voluptuosa, deixando após ellas, ao acordar, um máo estar geral e um grande enfraquecimento. Tempos depois, o doente tem as perdas seminaes mesmo de dia após um exercicio mais exagerado, ou uma ligeira excitação, ou uma erecção momentanea. Para provocar então a ejaculação sem o menor goso, basta que o doente veja qualquer desenho ou gravura erotica e mesmo a leitura de uma historieta um pouco mais ligeira. Mais tarde, quando as polluções são mais frequentes e que ellas têm logar durante a defecação ou quando o doente acaba de mijar, apparece então o enfraquecimento acompanhado de dyspepsia, de flatulencia gastro-intestinal, perturbações na região dos olhos e dos ouvidos; o doente entristece, procura a solidão e tem ideias de suicidio. O que muito contribue para augmentar essas tristes disposições moraes é que esses doentes perdem toda força de vontade. Ao lado de uma mulher, a erecção se produz, mas não dura bastante tempo para permittir a introducção do penis, ou se o doente consegue essa introducção, elle ejacula immediatamente sem completar o coito physiologico. É esta uma molestia que se cura facil-

mente; no entanto, porém, póde occasionar a morte por esfalfamento progressivo ou alterar para sempre a razão do individuo.

Quando se teve a certeza, por meio do microscopio, que elle só póde decidir da questão, que o liquido perdido é verdadeiro esperma e não uma d'essas substancia de que fallamos acima, é necessario procurar a causa d'essa espermatorrhea, a qual pode provir de excessos genitaes anteriores, de affecções das vias urinarias, da blennorrhagia chronica, do abuso de productos excitantes, como sejam : o canhamo indiano, o café, o chá, etc.; de certas molestias do systema nervoso. A prisão do ventre pertinaz é muitas vezes uma das causas da espermatorrhea durante a defecação; de ordinario, porém, essa variedade da molestia não é perigosa; pois não occasiona nenhum accidente nervoso e cura-se facilmente.

Tratamento. Na maioria dos casos são os medicamentos antispasmodicos que mais aproveitam contra esta molestia.

Em primeira linha acha-se o bromureto de potassio que se administra na dóse de 4 a 5 grammas, por dia, ou 1 a 2 colheres de xarope de bromureto de potassio de Henri Mure; as duches, os banhos frios, um exercicio moderado, abluções frias feitas todas as manhãs por todo o corpo, a electrização da região vertebral; tambem são muito uteis n'esta molestia. Alem do tratamento especial á affecção primitiva d'onde provem a espermatorrhea, praticar-se-hão, com feliz exito, cauterizações do canal da urethra por meio de uma sonda que se introduz até um ou dous centimetros distante do collo da bexiga, e pela qual injectam-se algumas gottas de uma solução de nitrato de prata ao quinquagesimo. Não se deve esquecer de empregar o tratamento moral : animar o doente, leituras instructivas, distracções, viagens, etc., completarão a cura.

ESPHACELO. Synonymo de gangrena. *Veja-se* GANGRENA.

ESPHYGMOGRAPHO. Apparelho que serve para reproduzir no papel as oscillações que soffrem as arterias levantadas pelo pul-

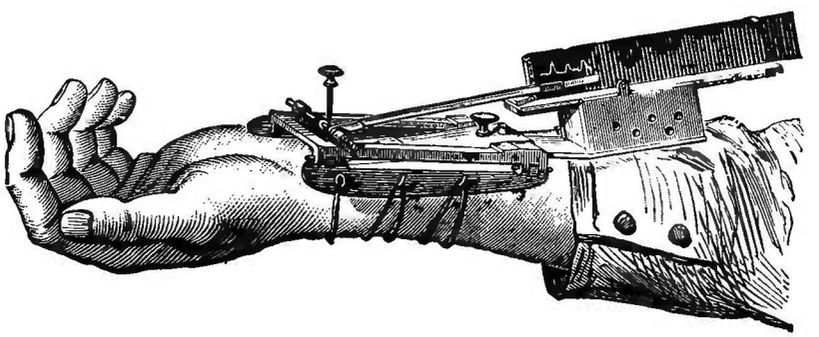


Fig. 441. — Esphygmographo directo do professor Marey.

so (fig. 440). Como é facil de vêr-se, cada pulsação do coração faz com que as arterias se levantem e logo se reprimem. Cada batedura do pulso se compõe, pois, de uma dilatação subita da arteria cheia de sangue e

de um movimento de retrahimento. O esphygmographo serve para inscrever essas modificações. Compõe-se elle de uma alavanca que se applica sobre a arteria radial, no punho (fig. 441), alavanca essa mui delgada, pontuda, que salta a cada pulsação. Uma machina de relogio faz passar adiante da ponta da alavanca uma tira de papel preto. A alavanca inscreve cada oscillação. Quando se conhece bem o traçado do pulso de um homem são, é facil estudar as suas modificações no individuo doente. O esphygmographo é de grande utilidade n'estes casos.

ESPIGA DAS UNHAS. Pellicula que se levanta junto ás unhas das mãos, e que é muito sensivel. Cumpre cortal-a com tesoura. Se a inflammação fôr grande, combate-se com banhos d'agua tepida e cataplasmas de linhaça.

ESPIGELIA. *Espigelia glabrata*, Martius. Loganiaceas. Planta do Brazil; habita nas provincias centraes do Imperio. É venenosa como a *arapabaca*, planta da mesma familia *V.* ARAPABACA.

ESPIGELIA ANTHELMINTICA. *Spigelia anthelmia*. Planta da familia das Loganiaceas que habita no Brazil, nas Guyanas e Antilhas. Quando secca esta planta exhala um cheiro forte, tem um gosto muito amargo. Emprega-se em decocção contra os vermes intestinaes, na dóse de 10 grammas em 200 grammas d'agua.

Existe uma outra especie de Espigelia, chamada Espigelia de Maryland, ou Cravo da Carolina, que é uma planta vivaz, toxica como a precedente e que possue as mesmas propriedades anthelminticas.

ESPINAFRE. *Spinacia oleracea*, Linneo. Chenopodeas. Planta herbacea, originaria da Persia, cultivada nas hortas (fig. 442). As suas folhas constituem um alimento salubre. São emollientes e levemente laxativas.



Fig. 442. — Espinafre.

ESPINHA ou **Espinho.** Não é raro ver as espinhas de certos peixes fixarem-se na garganta, ou percorrerem todo o canal intestinal. Se ficarem na garganta, é preciso tiral-as com pinça, depois de se abaixar a lingua com o cabo de uma colher (*Veja-se* CORPOS ESTRANHOS). As espinhas podem tambem furar os intestinos e sahir por postemas á maneira de alfinetes (*Veja-se* ALFINETE),

ESPINHA. (Molestia.) Dá-se o nome de espinha a varias especies de borbulhas que se desenvolvem pelo corpo. Ordiniariamente chamam-

se espinhas uns pequenos frunchos que apparecem no rosto. O tratamento consiste em espremer a materia que contém quando estão maduros, e cobril-os depois com emplasto diachylão ou encerado inglez; se fôrem um pouco grandes, convem applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quanto ás espinhas que não são frunchos, e que consistem na erupção de grande numero de borbulhas sobre a pelle, *veja-se* o artigo seguinte.

Espinha carnal. É mui commum na mocidade nascerem pela testa, rosto, hombros, etc., pequenas borbulhas vermelhas, cujo apice se torna purulento, e deixa ás vezes sahir pela pressão um pouco de materia sob a fórma de um pequeno bicho esbranquiçado. Estas borbulhas ou botões são designados debaixo do nome de espinha carnal. Os medicos chamam-lhes *acne simples*. Um preconceito popular faz considerar esta erupção como indicio, ora de continencia, ora, pelo contrario, do excesso opposto. O que ha de indubitavel é que todos os excessos, e sobretudo os da mesa, favorecem o seu desenvolvimento. Muitas vezes, entretanto a espinha carnal apparece sem causa conhecida.

Symptomas. No seu começo, esta doença apresenta-se sob a fórma de botões ou pequenas pustulas regulares, do volume de uma ponta ou cabeça de alfinete, e cercadas de uma nodoa vermelha pouco extensa, que lhes serve de areola. Estas pustulas não são dolorosas, nem acompanhadas de comichão alguma, e produzem apenas uma leve sensação de calor; e tambem não são acompanhadas da menor perturbação na saude. O seu periodo de evolução é curto; adquirem quasi de repente o seu volume, e, passados tres ou quatro dias, rompem-se; o liquido purulento que contém em mui pequena quantidade sahe, evapora-se, ou fica enxuto accidentalmente, mas não secca de maneira que forme uma crosta persistente, e, no logar occupado pela pustula, não fica senão uma nodoa não proeminente, de um vermelho assaz vivo, e que ás vezes é bastante lenta a desapparecer. Depois, formam-se novas pustulas, desenvolvem-se e misturam-se com as nodoas de que acabei de fallar, e constituem uma erupção mais apparente. Occupam ordinariamente o rosto.

Ás vezes a pustula é mais volumosa, tem a base um pouco proeminente, de um vermelho-vivo, e é seguida, depois de aberta, de uma pequena cicatriz.

Esta affecção apresenta-se ainda sob a fórma de pequenos pontos pretos, semelhantes aos que produziriam grãos de polvora introduzidos na espessura da pelle; a sua situação é no rosto. Estes pontos negros não são outra cousa senão a extremidade livre da materia sebacea contida nos seus ductos, assim como é facil convencer-se d'isto comprimindo assaz fortemente com as unhas a base do ducto; faz-se então sahir pelo orificio uma materia branca ou amarellada e filiforme, cuja ponta negra não é outra cousa senão a porção da materia situada por fóra e ennegrecida pelo contacto do ar. Os medicos dão o nome de *acne pontuada* a esta fórma de molestia.

Tratamento. O melhor meio de dissipar as espinhas de toda a especie

que apparecem pelo corpo, e de prevenir a sua reapparição, é entreter com cuidado as funcções da pelle, e evitar, no regimen, tudo quanto póde desarranjar o exercicio do apparelho digestivo. Assim, a alimentação sobria e branda, mais vegetal do que animal, o uso das bebidas refrigerantes, taes como a laranjada, a limonada, alguns brandos purgantes, um exercicio habitual conveniente, banhos frequentes, e, de tempos a tempos, lavatorios com agua e sabão, ou com agua misturada com um pouco d'agua de toucador de Ixora de Ed. Pinaud, o cuidado no asseio, a mudança frequente da roupa que está em contacto com a pelle, tudo isto constitue a base do tratamento.

Quando não existem senão alguns pontos negros de *acne pontuada*, esta affecção quasi não merece tratamento especial; póde-se entretanto comprimir o folliculo entre as duas unhas pollegares em opposição afim de fazer sahir a materia sebacea; muitas vezes esta pequena operação é sufficiente para fazer desapparecer estes leves defeitos do corpo, que verdadeiramente não são de grande importancia; mas quando ha muitas d'estas espinhas, o aspecto da pelle modifica-se de uma maneira desagradavel; convem então applicar-lhes remedios, o que se fará servindo-se sobretudo de lavatorios alcalinos com borato de soda ou subcarbonato de soda, cujas receitas são :

1° Agua.....	360 gram.	2° Agua.....	360 gram.
Borato de soda.....	15 —	Subcarbonato de soda.	15 —

Os alcalis, que dissolvem as substancias gordurosas, tem certa acção sobre o producto sebaceo contido no ducto, cuja extremidade sobresahe ás vezes. N'este caso, póde-se ainda actuar directamente sobre os pontos negros mais apparentes, comprimindo o ducto entre as duas unhas pollegares; então, estando o ducto aberto depois da sahida do humor sebaceo, póde modificar-se-lhe a secreção, empregando immediatamente os lavatorios alcalinos, acima indicados. Servem para o mesmo fim lavatorios com dissolução de pedrahume : agua 360 grammas pedrahume 15 grammas. Muitas d'estas espinhas pontuadas foram curadas pelo uso dos banhos sulfurosos artificiaes ou naturaes. Eis-aqui a receita do banho sulfuroso artificial :

Sulfureto de potassio.....	60 grammas.
Agua.....	500 —

Dissolva e deite este liquido na agua do banho, no momento de entrar n'elle. Este banho deve ser tomado em tina de páo, e não em banheira de zinco ou de cobre.

Contra as espinhas vermelhas do rosto, empreguem-se as seguintes applicações locaes :

Lava-se o rosto, duas vezes por dia, e por espaço de um minuto, com agua muito quente, e de tal temperatura que se possa apenas supportar. Estes lavatorios serão feitos ora com agua pura, ora addicionada de pequena dóse da dissolução de sublimado. Para um copo d'agua quente

uma colher *de chá* da solução seguinte : sublimado 40 centigrammas, agua distillada 60 grammas.

Toquem-se as espinhas, todo os dois ou tres dias, com um pincel molhado na tintura de iodo ou no oleo de cade.

Eis-aqui outra receita :

Pomada contra as espinhas.

Banha fresca	40	grammas.
Enxofre	4	—
Tannino	4	—

Para untar as espinhas de noite ao deitar-se.

O emprego do leite antephelico de Candès é de grande utilidade n'estes casos.

ESPINHAÇO, COLUMNA VERTEBRAL, COLUMNA DORSAL, COSTAS. Serie dos ossos, chamados *vertebras,* articulados e unidos ao longo do corpo humano. Dá-se-lhe o nome de columna vertebral, porque de sua reunião resulta uma especie de columna. É uma especie de hastea ossea flexuosa, situada por detraz do tronco, na parte posterior do pescoço, das costas e cadeiras, sustendo na parte superior a cabeça e sustida da outra pela bacia. Apresenta interiormente um canal chamado *canal vertebral,* que contém o prolongamento do cerebro conhecido pelo nome de *medulla espinhal.* A sua face anterior é arredondada, a face posterior é pelo contrario eriçada de proeminencias. A columna vertebral, que iguala em comprimento quasi o terço da altura total do corpo, é formada de vinte e quatro vertebras; e vem a ser : sete para o pescoço; doze para as costas; e cinco para as cadeiras.

A disposição das vertebras, separadas entre si por um ligamento elastico, permitte á columna a execução de diversos movimentos : no pescoço as disposições d'estas mesmas vertebras tornam esses movimentos ainda mais variados. A columna vertebral tem por fim suster a cabeça e o tronco, dando ponto de apoio a grande numero de musculos; mas o seu fim principal é conter e proteger a medulla espinhal assim como a origem dos nervos que partem da medulla.

MOLESTIAS DO ESPINHAÇO. **Deformação do espinhaço.** *Veja-se* CORCOVA, RACHITISMO.

Deslocação das vertebras. *Veja-se* DESLOCAÇÃO. Vol. I, pag. 851.

Fractura da columna vertebral. *Veja-se* FRACTURAS.

Mal vertebral ou MAL DE POTT. Carie de uma ou mais vertebras, assim chamado porque Pott, cirurgião inglez, deo d'ella uma excellente descripção. *Veja-se* CARIE. Vol. 1, pag. 471.

Myelite ou INFLAMMAÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. *Veja-se* MYELITE.

ESPINHEIRO ALVAR NA CASCA, ou **BASTARDO.** *Lycium europœum,* Linneo. Solanaceas. Arbusto espinhoso que se encontra frequentemente nos vallados e tapumes das terras em volta de Lisboa. O caule é esbranquiçado, produzindo muitos ramos delicados e flexuosos; folhas oblongas, estreitas, molles, e nascendo em grupos de tres, quatro e mais, juntas; mas nas extremidades dos ramos são solita-

rias; flores brancas, algum tanto avermelhadas, os fructos são pequenas bagas ovoides.

A infusão das folhas do espinheiro alvar é usada pelos medicos de Lisboa, como diuretica. Dóse : 6 a 10 folhas para uma chicara d'agua a ferver.

ESPINHEIRO CAMBRA ou **CERVAL.** *Rhamnus catharticus,* Linneo. Rhamneas. Arbusto commum na Europa. Casca lisa, ramos guarnecidos de espinhos terminaes; folhas ovaes, glabras, bastante largas e denteadas nas margens; flores pequenas, esverdeadas; fructos do tamanho dos do junipero; verdes a principio, pretos quando maduros. Estes fructos contém um succo rubro violaceo mui escuro, que se torna rubro pelos acidos, verde pelos alcalis. Combinando este succo com a cal obtem-se a côr conhecida pelo nome de *verde de bexiga.* Este succo é purgativo na dóse de 8 a 16 grammas; faz-se com elle um xarope que é purgativo na dóse de 15 a 30 grammas; mas raras vezes se emprega.

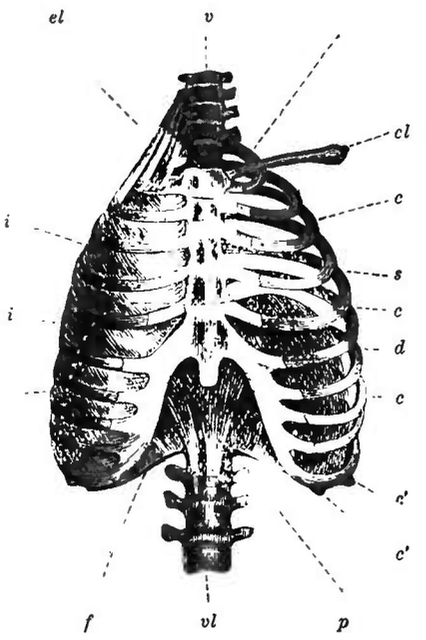


Fig. 443. — Costellas (*).

ESPINHELA. Na parte anterior e média do peito acha-se um osso que se estende desde a parte inferior do pescoço até ao logar chamado *bocca do estomago:* este osso tem o nome de *esternon.* A sua extremidade inferior é terminada por um prolongamento cartilaginoso, chamado *espinhela* (fig. 443). Muitas pessoas servem-se da expressão *espinhela cahida*, o que é um erro, porque a espinhela não póde cahir. Esta expressão designa para certas pessoas a inflammação do estomago, para outras a tisica pulmonar; emfim um emmagrecimento rapido; mas, torno a dizer, a expressão de *espinhela cahida* nada significa e deveria desapparecer da linguagem.

ESPINHO. *Veja-se* ESPINHA.

ESPIRITOS. (*Pharmacia.*) Os antigos chimicos chamavam *espiritos* aos medicamentos liquidos resultantes da distillação do alcool com uma ou mais substancias aromaticas vegetaes ou animaes; ás vezes eram simplesmente dissoluções no alcool de diversos principios medicamentosos e sobretudo de principios aromaticos. Chamavam-lhes tambem ás

(*) *v*, região cervical da columna vertebral; *vl*, região lombar d'esta columna; *s*, esternon; *cccc*, costellas; *c'c'*, costellas mendosas; isto é, as que não chegam a unir-se ao esternon; *cl*, clavicula; *iii*, musculos intercostaes; *f*, ultima costella mendosa, encoberta pela inserção do diaphragma; *d*, musculo diaphragma, formando no interior do peito uma abobada encoberta do lado direito pelos musculos intercostaes, mas cuja direcção está indicada d'este lado por uma linha ponctuada; *p*, pilares do diaphragma que se fixam nas vertebras lombares; *el*, musculos elevadores das costellas.

vezes *aguas espirituosas*. Hoje designam-se sob o nome de *alcoolatos*, bem que ás vezes se diz ainda *espirito* de cochlearia, de zimbro, de alfazema, de limão, de castoreo, etc. Todas estas substancias, simples ou compostas, tem propriedades activas, que estimulam todos os orgãos.

Espirito de vinho. Alcool obtido pela distillação do vinho. *Veja-se* AGUARDENTE.

ESPIRRADEIRA. LOURO-ROSA ou OLEANDRO. *Nerium oleander*, Linneo. Apocyneas. Arbusto cultivado por causa da belleza de suas flores, mui commum nos jardins do Rio de Janeiro. Tem de 3 a 4 metros de altura. Os seus ramos, verdes, contém folhas verticilladas de tres em tres, lanceoladas, agudas, duras e glabras. As suas flores, côr de rosa vermelha, ás vezes brancas, parecem-se com rosas pequenas. O fructo é um duplo folliculo mui alongado, cheio de sementes cobertas de filamentos amarellados e lustrosos como seda.

As folhas e a casca da espirradeira tem cheiro desagradavel, sabor amargo e acre. Os pós da folha, introduzidos no nariz, provocam fortes espirros; tomados pela bocca em pequena quantidade, determinam n'ella e na garganta picadas mui fortes e vomitos mais ou menos abundantes; em dóse mais forte, podem produzir a morte.

O Dr. Orfila fez experiencias em Pariz com o extracto de louro-rosa. Tendo introduzido 8 grammas d'esse extracto na bocca de um cão vigoroso, este morreo em 28 minutos, depois de vomitos, vertigens, acceleração da circulação, desmaio e algumas convulsões. O seu principio deleterio é tão subtil que, segundo o que affirmam os autores, algumas pessoas tem morrido por terem comido carne assada nos espetos feitos com a madeira d'este arbusto. Os accidentes que provoca são semelhantes aos produzidos pelo fumo, cicuta e algumas outras substancias narcotico-acres. O tratamento é o mesmo que o do envenenamento pelo *Tabaco*. *Veja-se* vol. I, pag. 985.

ESPIRRO. Expiração viva e precipitada, quasi convulsiva, na qual o ar sahe com rapidez e ruido atravez das cavidades nasaes. Quando os espirros são frequentes, annunciam a invasão do defluxo, e constituem, juntamente com a secreção abundante das lagrimas, um dos symptomas precursores dos sarampos. Quando se mostram no fim das molestias graves, são geralmente de bom agouro.

ESPLENITE. *Veja-se* BAÇO INFLAMMADO, vol. I, pag. 267.

ESPONJA (fig. 444). Genero de animaes zoophitos, isto é que participam ao mesmo tempo do animal e da planta. Apresenta-se sob a fórma de uma reunião de tecidos fibrosos, mais ou menos densos e flexiveis, mais ou menos elasticos, susceptiveis de embeber-se, e cobertos, no estado vivo, de uma substancia gelatinosa mui fluida e irritavel. Quasi todos os naturalistas a collocam na classe dos animaes; entretanto não offerece os caracteres salientes de animalidade senão nos primeiros tempos de sua vida; mais tarde parece-se com os vegetaes informes. O tecido das esponjas é formado da reunião de grande numero de pequenos tubos capillares, susceptiveis de receber a agua nos seus interstícios, e de se estender consideravelmente; existem na sua superficie bu-

racos arredondados cobertos no seu comprimento de uma membrana molle, macia e brilhante : são orificios de sahida das materias fecaes. Estes zoophytos são oviparos.

As esponjas acham-se no fundo do mar apegadas aos rochedos. As mais bellas tiram-se do mar Mediterraneo. Empregam-se para o toucador, para lavar a mobilia, os cavallos, as seges, etc. Em cirurgia, usam-se para dilatar certas cavidades fistulosas; em medicina empregava-se outr'ora a esponja queimada contra a papeira e as escrophulas; obrava em virtude do iodo que contém. Hoje emprega-se o iodo nos mesmos casos.

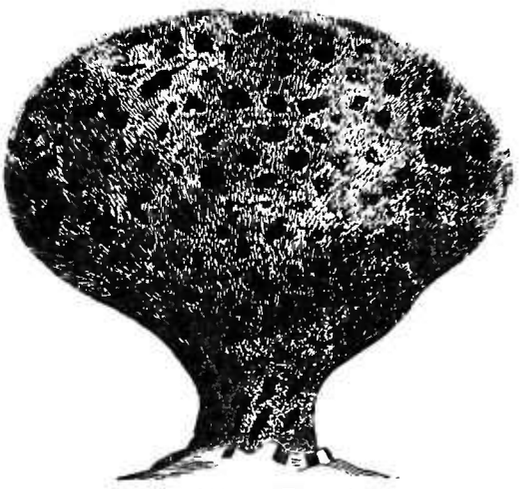


Fig. 444. — Esponja.

As esponjas, quando são tiradas do mar, contém muitas substancias estranhas, taes como fragmentos de rochedos, de cascalhos, areia, e restos de plantas marinhas, molluscos, etc. Suas fibras apresentam-se frequentemente cobertas de uma camada variavel em sua consistencia, côr e natureza; e só, depois de desembaraçadas de todas estas substancias é que se póde fazer uso d'ellas.

Para desembaraçal-as da areia, do barro, e da materia que reveste suas fibras, batem-se e lavam-se muitas vezes; mas para tirar as outras substancias, convem comprimil-as com as mãos, o que destroe ás vezes o tecido, por causa de rasgaduras que é necessario fazer. Os cascalhos não podem ser tirados senão d'esta maneira, mas tiram-se facilmente as partes calcareas, mergulhando as esponjas em acido chlorhydrico diluido em 20 vezes o seu volume d'agua, e lavando-as depois com agua.

Para branquear as esponjas destinadas ao toucador, emprega-se o acido sulfuroso ou o chloro.

ESPONJA (Flor). Dá-se no Brazil o nome de *esponja* ou *cachia* á flor da esponjeira, *Acacia farnisiana*, Wildenow, arbusto da familia das Leguminaceas, que habita no Brazil, na ilha Mauricia, e que é cultivado na Italia e no sul da França. Esta flor é amarella, agradavel de cheiro, porém mui penetrante; emprega-se na perfumaria debaixo do nome de *flor de cachia* (*fleur de cassie*, em francez). No Rio de Janeiro costumam pôl-a nas gavetas para afugentar os insectos. O cheiro d'esta flor é tão forte, que produz dôres de cabeça e desmaio, nas pessoas mui impressionaveis. A esponjeira é um arbusto mediano, de 5 metros apenas de elevação, de tronco escuro, espinhoso, e de folhas miudinhas em palmas. É originario da India. Chamam-lhe no Brazil *esponjeira* ou *Corona-Criz*, contracção de Christi, porque dizem que a corôa de espinhos foi feita de seus ramos. As flores são dispostas pelas axillas dos ramos. O fructo é uma vagem parda, chata, contendo grãos escuros como

os de feijão, que o Dr. Freire Allemão, sobrinho, reputa venenosos.

ESPONJAS. É o nome que se dá a certas exeresceneias syphilitieas que se formam nas partes genitaes, *Veja-se* SYPHILIS.

ESPORADICO. Chamam-se *molestias esporadicas* as que ataeam um individuo ou alguns individuos isoladamente; que sobrevem indifferentemente em todos os tempos, em todos os logares, e independentemente de nenhuma influeneia epidemica.

ESPREGUIÇAMENTO. O espreguiçamento precede o ataque de erysipela e muitas molestias mais ou menos graves. Existe quasi sempre no principio do incommodo chamado *constipação*. Quando o espreguiçamento é simples, cura-se eom um suadouro.

ESQUECIMENTO DO BRAÇO, DA PERNA, etc. *V.* PARALYSIA.

ESQUELETO. Armação dos ossos sobre que estão fixadas e se apoiam todas as partes molles que compõem o corpo dos animaes vertebrados. Todos os ossos do esqueleto referem-se a 3 divisões prineipaes: a *cabeça*, o *tronco* e os *membros*.

O esqueleto do homem adulto compõe-se de grande numero de ossos, duplos pela maior parte e sempre symetricos. Ha n'elle eerca de duzentas e cincoenta peças.

24 vertebras.	6 ossos nos braços (tres em cada braço).
1 esternon.	26 ossos nas mãos (treze em cada mão).
24 costellas.	28 phalanges nos dez dedos das mãos).
20 ossos do craneo e do ouvido.	2 femures.
1 no queixo inferior.	2 rotulas.
1 no queixo superior.	2 tibias.
32 dentes.	2 peroneos.
1 osso hyoide.	24 ossos nos pés (doze em cada pé).
4 ossos da bacia.	28 phalanges nos dez dedos dos pés.
2 claviculas.	
2 omoplatas.	

E alguns ossos supranumerarios. A figura do esqueleto humano póde facilitar a intelligencia da presente descripção (fig. 445).

O esqueleto das crianças apresenta um numero maior de ossos importantes: porque os ha que, n'esta época, são divididos em muitos pedaços, os quaes mais tarde se soldam intimamente. O esqueleto das mulheres é mais pequeno e menos fortemente constituido que o dos homens: apresenta tambem differenças notaveis nos ossos da bacia, que são mais amplos: o que dá ás ancas uma proeminencia mais notavel.

O *esqueleto dos animaes* offerece differenças notaveis, comparado eom o do homem. As claviculas faltam no eavallo, no boi e no elephante; são duplas nos passaros e em alguns reptís; os quatro membros apresentam uma transformação nas phoeas, e mais ainda nos cetaceos; são inteiramente mudados nos peixes; e desappareeem com muitos outros ossos nas eobras, a tal ponto que a eabeça e as vertebras são as unicas partes do esqueleto propriamente dito que nunca desappareeem. Os animaes invertebrados não tem esqueleto.

ESQUENTAMENTO. *Veja-se* BLENNORRHAGIA.

ESQUENTAMENTO ESPURIO. *Veja-se* BALANITE.

ESQUINENCIA. *Veja-se* ANGINA.

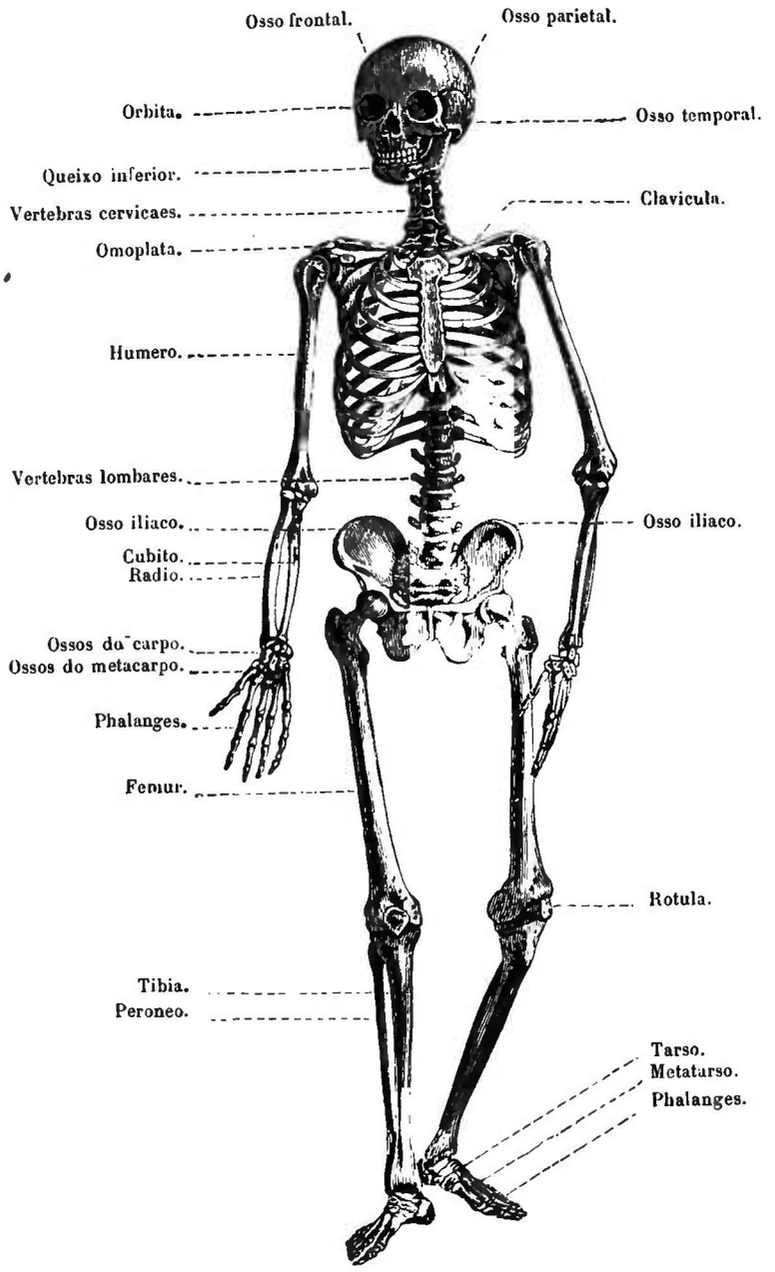


Fig. 445. — Esqueleto humano.

ESQUIROLA. Dá-se este nome á pequena porção do osso que se separa nas fracturas e na necrose dos ossos.

ESSENCIA, OLEO ESSENCIAL ou OLEO VOLATIL. Liquido odorifero, volatil, de sabor acre, e ás vezes caustico, susceptivel de inflammar-se pela approximação ou pelo contacto do fogo. As essencias existem em

todas as partes das plantas, particularmente nas folhas e flores. O seu modo de extracção é variavel, segundo os casos. Em algumas circumstancias, basta a compressão, como para a essencia de limão que sahe da casca de limão quando esta se comprime. Outras vezes é preciso recorrer á distillação em presença da agua; o vapor d'agua arrasta a essencia e a depõe na serpentina resfriada do alambique, d'onde passa para o recipiente. — Os oleos essenciaes fazem nodoa sobre o papel; mas esta nodoa desapparece aquecendo o papel; emquanto que os oleos graxos, taes como o azeite, fazem uma nodoa que persiste. Não formam sabão como os oleos fixos. Dissolvem os differentes corpos gordos, a cera as resinas; esta propriedade as faz empregar para tirar as manchas de azeite ou de gordura nos tecidos de seda ou de panno de lã que não se podem ensaboar.

As principaes essencias são a essencia de *alecrim*, *alfazema*, *rosas*, *limão*, *laranja*, *cannella*, etc., etc. Todas as essencias devem ser conservadas em vasos que não estejam cheios, em logares escuros e frescos. Todas são excitantes; empregam-se para fazer agua de Colonia, muitas pomadas de perfumaria e em medicina. A essencia de *terebinthina* entra na preparação dos vernizes; as essencias de *cidra* e de *limão*, são empregadas para tirar as nodoas de gordura e de tintas com oleo; a essencia de *cravo* é um remedio popular contra a dôr de dentes; a essencia de *amendoas amargas*, que contém sempre notavel quantidade de acido prussico, é tão venenosa que algumas gottas são sufficientes para matar, em alguns segundos, os passaros, os gatos, etc.

ESTANHADURA. A estanhadura de cobre consiste na applicação sobre este metal de uma camada de estanho puro ou de estanho com ferro. Esta operação é indispensavel para os utensilios de cozinha, porque impede a acção deleteria do cobre sobre os nossos orgãos. Desde que o zinco começou a achar-se em muita abundancia, alguns fabricantes propuzeram o emprego d'este metal para cobrir os vasos de cobre; mas não tardáram a conhecer que o zinco é destruido por grande numero de substancias.

Para evitar os frequentes accidentes occasionados pelo uso dos utensilios de cobre, convem vigiar de perto a qualidade da estanhadura. É necessario informar o publico que muitos estanhadores ambulantes, sem conhecerem provavelmente os inconvenientes, empregam, para estanhar, o zinco em vez do estanho, porque os vasos cobertos de zinco tem mais bella apparencia do que os que são verdadeiramente estanhados. Com este intuito vou indicar o meio de conhecer a qualidade da estanhadura.

Sendo o zinco mais promptamente atacado pelos acidos, esta particularidade ministra um meio facil de distinguil-o do estanho.

Este meio consiste em ferver vinagre, durante alguns instantes, no vaso cuja estanhadura se deseja reconhecer; se este vaso fôr coberto de zinco, sua superficie será atacada, o que não acontecerá se tiver sido estanhado com estanho.

Deve-se ter muito cuidado com a estanhadura dos utensilios de cozinha.

Veja-se COBRE.

ESTANHO. O estanho é um metal de côr branca que se approxima da da prata; mais duro e mais brilhante que o chumbo; deixa perceber, quando se dobra sobre si mesmo, um estalido particular; inodoro, mas adquire pela fricção cheiro desagradavel. O seu peso específico é 7,29. Este metal não existe na natureza em estado simples, porém sim no estado de sulfureto ou de oxydo que é d'onde especialmente se extrahe.

O estanho forma com o cobre a composição de que se fabricam os sinos e as peças de artilharia. Combinado com as laminas de ferro, o estanho forma a folha de Flandres ou lata; com o mercurio, serve para azougar os espelhos. Os usos do estanho são numerosos na confecção de instrumentos empregados na economia domestica.

Em medicina, o estanho reduzido a pó foi aconselhado como vermifugo, e principalmente para expulsar a solitaria, na dóse de 15 a 30 grammas; mas hoje não se usa mais para este fim.

ESTAPHYLOMA. Da palavra grega *staphyle*, uva. Dá-se este nome a differentes tumores do olho que se manifestam sobre a cornea ou sobre a esclerotica, e de que muitos se parecem com uma uva.

Eis-aqui o mecanismo da formação do estaphyloma. No estado de saude o olho acha-se cheio, e todas as partes que contém são mantidas pelo envoltorio duro (cornea esclerotica), que forma uma especie de casca. Se esta casca enfraquece em algum ponto, quer seja por inflammação, adelgaçamento natural, ou por qualquer outro modo, ella cede, e um ou muitos elementos do olho sahem e fazem proeminencia no exterior. As vezes é a cornea transparente que cede; outras vezes é a esclerotica; d'aqui vem duas principaes especie de estaphyloma: 1° estaphyloma da cornea; 2° estaphyloma da esclerotica.

1.° Estaphyloma da cornea. Divide-se em estaphyloma transparente e estaphyloma opaco.

a. **Estaphyloma transparente da cornea,** chamado tambem *cornea conica*. Póde-se fazer uma boa ideia d'esta molestia lendo um facto contado por Scarpa: » N'uma senhora de 35 annos cujos olhos eram naturalmente salientes, o centro da cornea alongou-se de tal maneira, que esta membrana, em vez de formar um segmento espherico engastado na esclerotica, apparecia sob a fórma de um cóne terminado por uma ponta saliente. Ambos os olhos apresentavam o mesmo phenomeno; a cornea, vista de lado, parecia-se com um funil transparente applicado pela base na esclerotica. A doente não podia distinguir senão os objectos moderadamente allumiados; e não via quando a luz era muito intensa. »

Causas. Esta molestia é ordinariamente consequencia da inflammação do olho; mas póde tambem sobrevir espontaneamente, ou resultar dos esforços e dos gritos.

Symptomas. Quasi sempre a molestia desenvolve-se lentamente, e, á medida que se forma o cóne, a myopia pronuncia-se cada vez mais. A superficie do cóne parece lisa, comtudo o microscopio deixa descobrir pequenas desigualdades. O apice do cóne parece mais brilhante e tem

mais espessura. Emquanto o tumor não passa as palpebras, a transparencia da cornea acha-se conservada; mas logo que o tumor fique descoberto, a cornea torna-se secca, opaca e aparecem ulcerações. A visão não tem logar senão quando o doente olha de lado, porque os raios luminosos não podem penetrar atravez do ápice do cóne. No maior numero de casos, o desenvolvimento do estaphyloma cessa antes de apresentar-se fóra das palpebras; existem então só difficuldades na vista, mas ella é conservada. Quando, pelo contrario, o tumor passa ás palpebras, de transparente, o estaphyloma torna-se opaco ou ulcera-se; a vista perde-se então mais ou menos completamente.

Tratamento. Não ha remedios para curar esta molestia : o doente deve contentar-se de usar de oculos com vidros concavos, para corrigir a confusão da vista, e encobrir a deformidade.

b. **Estaphyloma opaco da cornea.** Designa-se debaixo d'este nome um tumor não transparente desenvolvido por diante da cornea, e que abrange na sua espessura uma porção do iris.

Causas. A causa a mais frequente do estaphyloma opaco, é a inflammação. Póde resultar da ophthalmia variolica, escrophulosa, blennorrhagica, purulenta.

Symtomas. O volume do tumor póde ser desde o de uma uva até ao de uma pequena ameixa. A sua fórma póde ser espherica ou cónica : a côr, as mais das vezes, é a da uva preta, mas póde ser tambem cinzenta, esverdeada ou branca.

Tratamento. É preventivo ou curativo.

Deixei dito precedentemente que o estaphyloma é quasi sempre consequencia de uma ophthalmia; para prevenir a formação do tumor, é preciso por conseguinte combater esta inflammação (*Veja-se Conjunctivite*). Quando uma ulceração da cornea é bastante profunda para se temer a perforação, convem, para impedir a hernia do iris, dilatar a pupilla, por meio da belladona. Com este fim applica-se á roda das palpebras 5 centigrammas de extracto de belladona dissolvidos em agua. Para combater a ulceração da cornea, cauteriza-se levemente esta ulceração com pedra infernal, ou banha-se o olho com o collyrio seguinte :

Agua distillada.....	120 grammas.
Sulfato de zinco..... ..	40 centigrammas.

Se a hernia do iris já se tiver effeituado, cauteriza-se o pequeno tumor com pedra infernal, e exerce-se uma compressão methodica sobre o olho.

O tratamento curativo exige a excisão do tumor.

2.° ESTAPHYLOMA DA ESCLEROTICA. Tumor circumscripto, molle, de côr azulada, que existe sobre a esclerotica. É consequencia do enfraquecimento da esclerotica sobre um ou mais pontos, quer por inflammações repetidas, quer por ferimentos do olho. Este tumor é de volume variavel : póde ser desde o tamanho de uma semente de canhamo até ao de uma uva. Quando ha muitos, existem na parte anterior do olho, e cercam a cornea transparente.

Os tumores posteriores, bem que volumosos, não podem ser reconhe-

cidos durante a vida. Não se manifestam senão pela cegueira, que é constante, mas que infelizmente se observa em muitas outras affecções profundas do olho.

Quando a deformidade causada pelo estaphyloma anterior é pouco consideravel, muitos doentes guardam-n'a, e com razão; quando, pelo contrario, o tumor é volumoso, incommoda, quando irrita fortemente o olho, cumpre diminuil-o ou excisal-o inteiramente. Havendo degenerescencia, é preciso extirpar o olho. Depois de formada a cicatriz, applica-se um olho artificial.

ESTEATOMA. *Veja-se* LIPOMA.

ESTERILIDADE. Impossibilidade de procrear, ou porque exista lesões dos orgãos genitaes que impeçam a fecundação, ou mesmo sem que existam lesões apparentes.

Esterilidade do homem. Depende ella de duas causas mui differentes. Uma d'ellas provem de um obstaculo na emissão do esperma. Por exemplo : Um homem tem os testiculos sãos cujas funcções fazem-se regularmente, por causa de um esquentamento anterior, os canaes por onde passa o esperma acham-se apertados ou obliterados e a ejaculação não se executa mais durante o coito, ella tem logar depois quando cessa a erecção, ou então o individuo não ejacula. O mesmo acontece com os homens acommettidos de qualquer vicio de conformação do penis, isto é que tem hypospadias, epispadias, phimosis, etc., (Veja *Urethra*). Nestes casos o esperma é ejaculado durante o coito, mas elle cahe fóra da vagina, ou não entra profundamente para que possa haver concepção.

Uma outra causa de esterilidade do homem é a falta de esperma ou da má qualidade do esperma segregado. Ha falta de esperma quando os testiculos se acham atrophiados por causa de antigas inflammações occasionadas por diversas lesões tuberculosas, syphiliticas ou outras, ou destruidos por tumores de diversas sortes. O incompleto desenvolvimento dos testiculos pode tambem produzir o mesmo resultado. Quando existe esperma e o homem é esteril, o defeito provem do liquido não possuir espermatozoide que é o elemento necessario para procreação. Nos individuos que tiveram orchite blennorrhagica nota-se muitas vezes que o esperma está completamente desprovido d'essas pequenas cellulas moveis ou que ellas existem em mui pequena quantidade e com pouca energia. Tambem acontece muitas vezes que certos homens que possuem o apparelho genital perfeito tendo o esperma todos os seus elementos ordinarios, são infecundos sem que se possa saber a razão de sua infecundidade. É provavel que n'estes casos o defeito provenha de qualquer doença do espermatozoide, os meios, porém, de que dispomos não nos permittem ainda de reconhecer essas tristes disposições.

Esterilidade da mulher. Esta esterilidade resulta dos tumores ou da parada de desenvolvimento do ovario, que impedem o ovulo de se reprozir; ou então, o ovulo depois de ter sido fecundado pelo contacto do espermatozoide, não se fixa no utero para n'elle se desenvolver, cahe na vagina e é expellido para fóra. A esterilidade da mulher pode tambem resultar do deslocamento do utero cujo orificio não é mais accessivel ao

esperma; o mesmo acontece nas mulheres acommettidas de catarrho uterino e de metrite. N'estes casos, o utero se acha, para bem dizer, tapado por seccreções exageradas e os espermatozoides não podem mais ali penetrar.

A indifferença que algumas mulheres mostram no acto conjugal, e a aversão que excita a fealdade do marido, não são motivos de esterilidade. Muitas mulheres se acháram gravidas depois de uma copula violenta, e dizem que outras concebêram entregues á lethargia e ao narcotismo mais completo. Até se diz que as mulheres que mostram menos ardor nas relações conjugaes são as mais fecundas. Seria difficil provar esta asserção.

Em consequencia d'esta opinião, tem-se julgado dever attribuir a esterilidade, que apresentam algumas uniões recentes, ao fogo dos transportes dos jovens esposos e á frequencia com que se entregam a elles. Considera-se o temperamento erotico de certas mulheres como um obstaculo á fecundidade. Este temperamento em alguns casos, a repetição frequente e promiscuidade do coito em todos, servem para explicar a esterilidade das prostitutas. Accusa-se tambem a falta de conveniencia nos temperamentos dos esposos; mas é impossivel dizer-se em que ella consiste.

As flores brancas são uma condição desfavoravel para a fecundação, mas não a impedem em mui grande numero de casos.

De todas as circumstancias que podem fazer presumir a esterilidade, a mais certa é a ausencia da menstruação na idade em que ella deveria ter logar. Acontece tambem ás vezes que a esterilidade persiste nas mulheres, casadas prematuramente, na idade em que esta funcção ainda se não tinha estabelecido, e que as que tardam em se casar, ainda fazendo-o alguns annos antes da época critica, nunca obtem a felicicidade da maternidade. Mas d'estes casos, como no maior numero dos outros, ha tantas excepções como factos confirmados.

Tudo quanto fica dito prova que o *tratamento* da esterilidade não póde ser indicado com exactidão. Os medicos são ás vezes consultados afim de indicarem os meios de procreação. Quando a esterilidade não depende de alguma causa morbida apreciavel, nós não sabemos mais do que as pessoas que nos consultam. A natureza é mysteriosa na obra da geração. A esterilidade que depende de uma falta no organismo é incuravel. Nos outros casos, a mudança de clima, de regimen e de esposo, a tem curado. Quando se suppõe que um ardor excessivo é a causa da esterilidade, deve-se recorrer ao regimen brando, composto de leite, legumes, vegetaes, e aos banhos mornos; evitar tudo quanto puder excitar a imaginação, como a leitura dos romances, a frequencia dos bailes, dos espectaculos, etc.; entregar-se ás occupações que exercem mais o corpo do que o espirito. Passeios prolongados e as viagens, podem ser uteis. Nas circumstancias oppostas, nas mulheres lymphaticas, nas que são frias no acto conjugal, convem os alimentos tonicos, compostos de carnes assadas, o vinho, os licôres espirituosos, as comidas bem temperadas. Uma separação temporaria dos esposos será igualmente vantajosa.

A alimentação sadia e abundante, uma abastança geral e uma temperatura moderada, tem consideravel influencia sobre a fecundidadc : em certas circumstancias poder-se-hião utilizar estas observaçõcs.

Os primeiros dias que seguem a menstruação parecem ser o tempo em que o utero cstá mais apto para conceber; póde-se por conseguinte obter ás vezes bom resultado, esperando, por essa época para cohabitação preparando o acto afim de tornal-o o mais completo possivel. Aconselha-se tambem a attitude em supinação durante e depois da copula. O repouso e a tranquillidade da alma durante os primeiros dias da impregnação, são necessarios para assegurarem a concepção. Convem emfim que se não approximem muito os actos da cohabitação, afim de que o utero, sendo excitado, não rejeite o germen ainda fraco que por ventura contenha.

ESTERNON. Osso impar, situado na parte anterior e média do peito; é achatado c alongado. Sobre os seus lados vem inserir-se as cartilagens das costellas verdadeiras. Sobre cada angulo da sua extremidade superior se articula a extremidade interna da clavicula. A extremidade inferior apresenta um prolongamento cartilaginoso ou osseo, conhecido pelo nome de *appendice xiphoide*, vulgo *espinhela.*

ESTETHOSCOPIO ou **STHETHOSCOPIO.** *Veja-se* vol. I, pag. 245.

ESTHIOMENO. Dá-se este nomc a certas ulceras do rosto ou da vulva que se estendem, em profundidade, roendo os tecidos. A mesma palavra applica-se tambem a certos dartros, e sobretudo ao lupo. *Veja-se* Lupo.

ESTIMULANTES. Chamam-sc *estimulantes* ou *excitantes* os medicamentos quc tem a propriedadc de augmentar momentaneamente a energia das funcções vitacs. Com a influencia d'elles o pulso torna-se mais rapido e mais forte, a respiração accelera-se, o calor do corpo augmenta, o apparelho genital, as secreções urinarias c cutanaes, em uma palavra toda a economia, ganham nova actividade.

Os estimulantes são ministrados pclos tres reinos. A maior parte das substancias vegctaes, que gôzam d'esta propriedade, são notaveis em geral pelo cheiro forte e aromatico; devem as suas virtudes á presença de um oleo essencial, de uma resina, de um balsamo, do acido benzoico ou do alcanfor. As substancias animaes estimulantes são tambem ordinariamente dotadas de um cheiro caracteristico. Quanto aos excitantes mineraes, não apresentam propriedade alguma que os posssa distinguir a este respcito.

Os medicamentos estimulantes empregam-se nas molestias caracterizadas por fraqueza: taes são os catarrhos chronicos, as febres no seu ultimo periodo, as molestias gangrenosas, as escrophulas, o escorbuto, etc.

Os principaes medicamentos estimulautes são : ammoniaco, açafrão, canella, aniz, baunilha, noz moscada, cravo da India, pimentão, pimenta, contraherva, gengibre, serpentaria de Virginia, café, cochlearia, agriões, macella gallega,, hortelã, salva, alecrim, alfazema, herva cidreira, angelica, chá da India, terebinthina, alcatrão, balsamo peruviano, benjoim, alho, vinhos, banhos quentes, etc.

ESTOMACHICOS. Chamam-se medicamentos estomachicos os que são bons para o estomago, e que o fortificam : são ordinariamente substancias amargas taes como rhuibarbo, macella gallega, aloes, lupulo, quassia, losna, genciana, quina, chicoria, etc. Estes medicamentos administram-se principalmente contra o fastio.

ESTOMAGO. Orgão principal da digestão. É um sacco musculo-membranoso, situado no ventre, entre o figado e o baço (fig. 446) (B). O estomago apresenta duas aberturas : uma situada em cima e á esquerda, chamada *cardia*, vulgarmente *bocca do estomago*, onde chega o esophago, e pela qual os alimentos penetram na sua cavidade ; e outra situada em baixo e á direita chamada *pyloro*, a qual deixa passar para o intestino duodeno os alimentos digeridos.

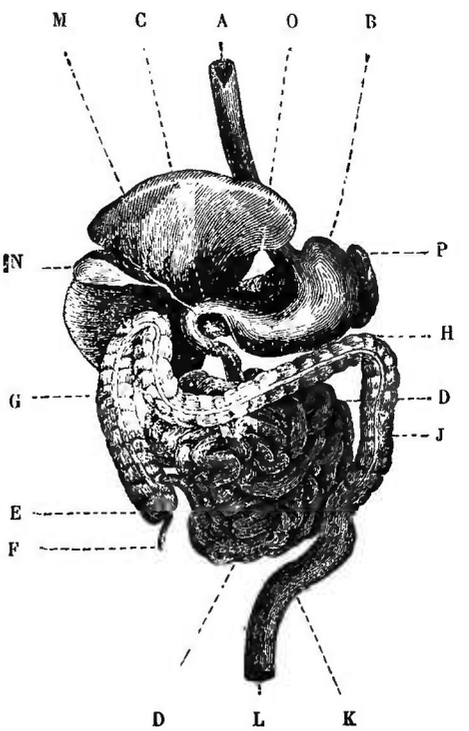


Fig. 446. — Estomago, figado, intestinos, etc. (*).

É tão grande a importancia das funcções que preenche o estomago, que não podem estas funcções ser alteradas ou supprimidas durante algum tempo, sem occasionarem perturbação geral na economia inteira.

Varias molestias podem existir no estomago :

Corpos estranhos no estomago. *V.* CORPOS ESTRANHOS, vol. I, pag. 726.

Dôres do estomago. *Veja-se* GASTRALGIA.

Embaraço do estomago. *Veja-se* vol. I, pag. 935.

Feridas do estomago. *Veja-se* FERIDAS.

Hemorrhagia do estomago. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

Inchação do estomago por ventosidades. Resulta do desenvolvimento de gazes no estomago. N'esta affecção, que não é rara, a secreção gazosa póde provir de duas fontes; ora resulta da ingestão de alimentos e de bebidas fermentesciveis, feijões, nabos, lentilhas, cerveja, etc., e póde, então observar-se em todas as pessoas; outras vezes os gazes são produzidos pelas paredes do estomago sob uma influencia nervosa. Este phenomeno nota-se principalmente nas mulheres nervosas e nos individuos hypochondriacos, e basta ás vezes a mais leve contrariedade para produzil-o. Estes gazes desenvolvem-se em geral com rapidez, e se não sahem immediatamente pela bocca, accumulam-se no esto-

(*) A, esophago; B, estomago; C, pyloro; DD, intestino delgado; E, cego; F, appendice cecal; G, colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado levantado para que se veja a sua face inferior; N, vesicula biliar; O, pancreas; P, baço.

mago dilatando-o de mancira a incommodarem a respiração; póde até sobrevir um principio de suffocação, precedida de anxiedade e suores frios. Passado algum tempo este estado acaba por um estrondoso desenvolvimento de gazes pela bocca. Estes gazes ordinariamente inodoros, são ás vezes de cheiro desagradavel.

Esta affecção, ás vezes dolorosa, não é comtudo grave; combate-se com chá de herva doce ou de coentro, e pela magnesia calcinada, que se administra na dóse de 1 gramma n'um pouco d'agua fria com assucar.

N'estes casos aproveita muito o uso do pó toni-digestivo de Royer que se prepara na pharmacia Dupuy, á rua Saint-Martin nº 225, em Pariz. Toma-se-o na dóse de duas colheres, das de chá, por dia, antes do almoço e do jantar.

Inflammação do estomago. *Veja-se* GASTRITE.

Lavagem do estomago. A pratica da lavagem do estomago tende a se generalisar muito nos hospitaes, e é de grande utilidade no tratamento das affecções chronicas do estomago e sobretudo, para esvasial-o nos casos de envenenamento. Hoje em dia empregam-se para este fim tres instrumentos, o *siphão estomacal de Faucher*, as *bombas estomachaes de Collin e as de Galante.*



Fig. 447. — Siphão estomachal de Faucher para a lavagem de estomago.

O siphão estomacal de Faucher (fig. 447 e 448), compõe-se de um tubo de cautchuc, flexivel e elastico do comprimento de 1 metro 50 centimetros, tendo em uma de suas extremidades um funil de vidro ou de metal; ha tres dimensões d'estes tubos, de 8, 10 e 12 milimetros, porém o que se usa ordinariamente é o de 10 millimetros.

Eis como procede-se para introduzir o tubo na cavidade estomachal:

Unta-se-o com glycerina de preferencia a qualquer outra materia gordurosa; ás vezes basta molhal-o simplesmente em agua. Introduz-se-o na bocca do doente, e este faz alguns movimentos de deglutição, e a cada movimento empurra-se levemente o tubo, que entra gradualmente sem esforço algum na cavidade do estomago. Uma risca marcada no tubo, no comprimento de 45 a 50 centimetros, indica o ponto em que se deve parar com a operação.

Esta primeira parte da operação é muito facil, e até senhoras, muito

nervosas e susceptiveis, conseguem fazer penetrar logo da primeira vez, o tubo no estomago, sem a menor difficuldade. Póde haver esforços para



Fig. 448. — Modo de servir do siphão estomachal de Faucher, 2º e 3º tempos.

vomitar, da primeira vez, porém estes symptomas desapparecem no fim da terceira ou quarta vez que se pratica a operação; e os doontes acabam por engullir o tubo como se fosse um longo tubo de macarrão.

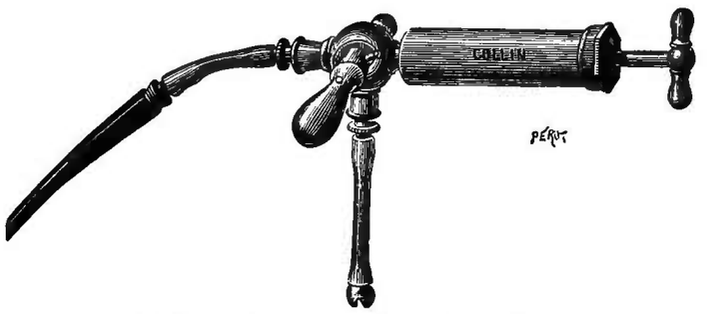


Fig. 449. — Bomba estomachal de Collin.

O resto da operação é um pouco mais difficil e necessita uma pequena pratica.

O doente estando deitado, ou de pé (que é a melhor posição), eleva-se o funil e n'elle deita-se o liquido que se quer ineroduzir no estomago, que deve ser em grande quantidade, pelo menos 1 litro. Antes que todo o

liquido tenha desapparecido do funil, abaixa-se-o rapidamente e vira-se-o dentro de um vaso qualquer, e o liquido torna a sahir todo.



Fig. 450. — Bomba estomachal de Galante.

As bombas estomachaes de Collin e de Galante (fig. 449 e 450), empregam-se quando a cavidade do estsmago acha-se muito desenvolvida, adapta-se a ellas um tubo molle de Faucher e manobra-se a bomba, o que permitte que se lance com força o liquido na cavidade estomachal, que toca todos os pontos da mucosa do estomago.

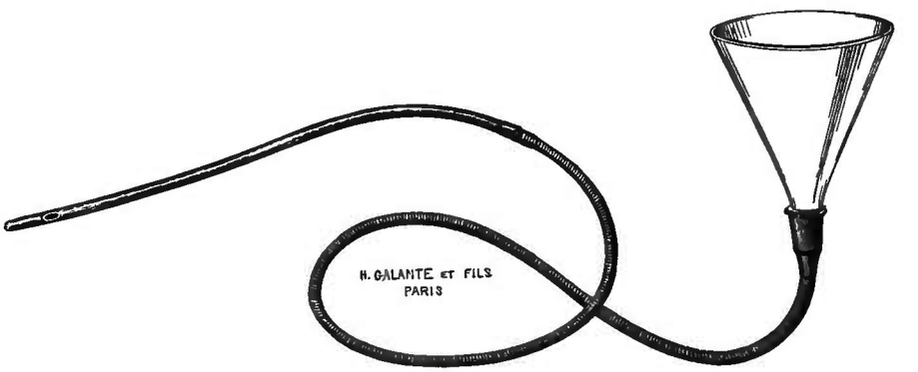


Fig. 451. — Tubo para lavagem do estomago, funil de vidro.

A bomba estomacal de Galante tem a vantagem de ter uma torneira com tres sahidas que podem ser empregadas á vontade pelo tubo do pistão. O operador tem na mesma mão o tubo do pistão e a chave da torneira. Um simples movimento para um ou outro lado do tubo do pistão, abre ou fecha as aberturas da torneira.

O liquido que se injecta quasi sempre é a agua de Vichy, natural ou artificial.

A lavagem pratica-se no começo, todos os dias, depois, quando o doente melhora, de dois em dois dias, nas gastrites com embaraço das paredes e dilatação do orgão : e quando são acompanhadas de ulcerações do es-

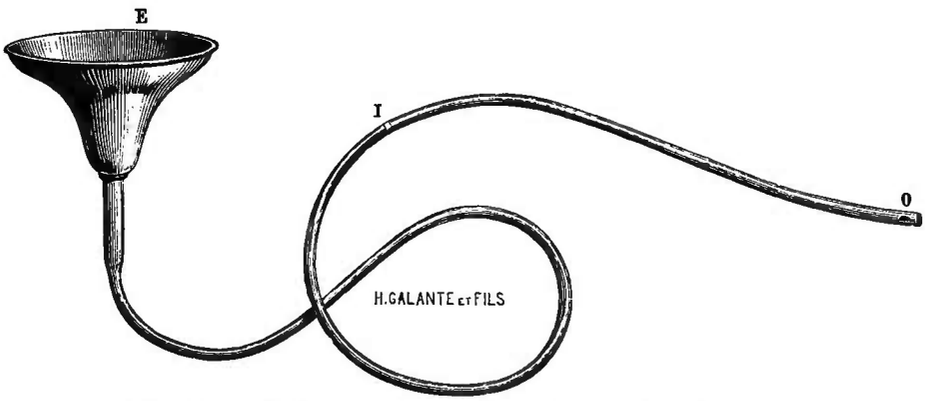


Fig. 452. — Tubo para lavagem do estomago, funil de metal.

tomago; nos casos de dyspepsia atonica com dilatação simples do estomago, na dyspepsia putrida; nos catarrhos da mucosa estomachal; nos vomitos dos hystericos, e emfim, no tratamento do cancro do estomago.

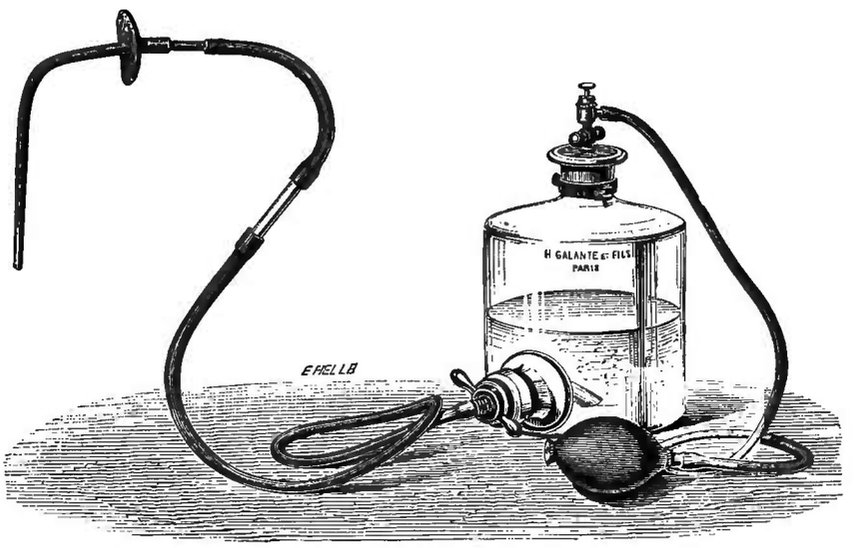


Fig. 453. — Apparelho para alimentação forçada, nas molestias do estomago.

Schirro e cancro do estomago. Os differentes pontos do estomago, e sobretudo o pyloro, podem ser invadidos por esta molestia. Suas *causas* são pouco conhecidas : attribue-se ao abuso de bebidas alcoolicas, aos excessos de mesa, aos longos pezares, etc.

Symptomas. O principio da molestia é geralmente obscuro; ás vezes o scirrho faz progressos antes de manifestar-se por algum symptoma : vio-se mesmo morrerem os doentes de outra molestia, sem se queixarem do estomago, que apresentava entretanto graves alterações cancerosas. As

mais das vezes os symptomas experimentados a principio são os de *gastrite chronica;* o appetite perde-se ou se perverte, as digestões tornam-se lentas e penosas, certos alimentos deixam de ser digeridos; alguns doentes experimentam no estomago, quando vasio, uma especie de cocegas; existem tambem n'este orgão dôres que são ordinariamente lancinantes. Os outros symptomas são eructações fetidas, azías, e os vomitos. Estes primeiros symptomas, como se vê, não tem nada de caracteristico; mais tarde as perturbações digestivas augmentam; as eructações e os vomitos são mais frequentes, as dôres gastricas, mais fortes; altera-se a saude geral; o doente emmagrece e o rosto adquire côr amarellada. Na mesma época principia a sentir-se, apalpando a região epigastrica e atravez das paredes do ventre, o tumor formado pelo scirrho ou cancro.

Tratamento. O doente deve submetter-se a um regimen brando composto de leite, ovos, frango, gallinha, legume, tudo preparado de uma maneira simples. Se o leite puro não puder ser digerido, é preciso mistural-o com chá de folhas de laranjeira. Convem só abster-se do vinho puro, e das comidas demasiado temperadas. É necessario entreter a liberdade do ventre com clysteres d'agua tepida. O doente tomará, uma vez por dia, uma colher, das *de sopa*, de xarope de casca de laranja, misturado com tres colheres d'agua distillada de canella. Eis-aqui as receitas :

1.ª Xarope de casca de laranja.....	180 grammas.
2.ª Agua distillada de canella.....	500 —

Acalmam-se as dôres com as pilulas seguintes :

Extracto de cicuta.....	60 centigrammas.
— de opio.....	60 —

Faça 12 pilulas; para tomar uma pilula por dia.

Os banhos geraes d'agua tepida são tambem de grande utilidade.

Ulcera do estomago ou *Gastrite ulcerosa.* O caracter anatomico d'esta molestia é uma ulceração arredondada da face interna do estomago, independente da affecção cancerosa ou qualquer outra. É uma ulcera ou chaga *simples.* Em geral não ha senão uma só solução de continuidade no estomago, todavia podem encontrar-se duas ou mais ulceras, e n'este caso não são da mesma idade; ao lado de cicatrizes ou ulceras antigas, encontra-se uma ulceração recente. O tamanho varía desde dois até seis centimetros de diametro e mesmo mais. A fórma é redonda na ulcera recente, depois torna-se elliptica. A profundidade da perda de substancia é variavel.

As ulceras do estomago podem cicatrizar-se. Se a perda de substancia fôr pouco consideravel, a cicatriz ficará marcada por uma simples depressão lisa e esbranquiçada. Se o estomago experimentou larga solução de continuidade, formam-se então, como se vêem no exterior depois das grandes perdas de substancia, cicatrizes desiguaes, irregulares ou bridas.

Symptomas. Quasi sempre a ulcera do estomago provoca desordens

funccionaes mais ou menos consideraveis. O appetite é mais ou menos diminuido; as digestões são difficeis, longas, dolorosas; os doentes tem azías, nauseas, vomitos das materias mucosas ou alimentarias; ás vezes lançam sangue puro.

A dôr é notavel pela constancia e caracter que possue. Dá na bocca do estomago; augmenta pela compressão. É contínua; augmenta sobretudo durante o trabalho digestivo; acalma no intervallo das comidas, ou quando os alimentos foram lançados pouco tempo depois de ingeridos. Estas dôres são comparadas pelos doentes á mordedura, rasgadura, queimadura, etc. Uns alcamam-as pela forte flexão do corpo para diante, outros deitando-se. Quasi sempre existe simultaneamente n'um ponto correspondente das costas, uma dôr circumscripta, mui viva. É no meio d'estes symptomas que alguns doentes se tornam pallidos de repente, e lançam pela bocca golfadas de sangue preto ou vermelho, fluido ou coalhado; esta hemorrhagia produz grande fraqueza e novos soffrimentos. Se o sangue fôr pouco abundante, as materias lançadas são denegridas, semelhantes á fuligem.

Marcha, terminações. A ulcera do estomago tem em geral marcha lenta, irregular, notavel pelas alternativas frequentes de melhor para peior, e vice-versa. Entretem um estado de incommodo habitual; os doentes emmagrecem, decahem pela continuidade dos soffrimentos e sobretudo pela desordem das funcções digestivas. Todavia nunca o rosto adquire côr amarella de palha, symptoma caracteristico da affecção cancerosa. As mais das vezes, a molestia tem exito feliz; a ulcera sára então; e se a perda de substancia não foi mui grande, e se a cicatriz não estreitou o orificio do estomago, a saude póde ficar boa como antes. Pouco a pouco os soffrimentos diminuem, a nutrição restabelece-se completamente, a dôr cessa, e só, quando uma pessoa assim curada morre de outra molestia é que se acha a cicatriz caracteristica da antiga ulcera.

Não é raro tambem que a molestia termine pela *cura incompleta.* Então os symptomas podem cessar assim como os vomitos periodicos; o doente recobra a apparencia de frescura e saude; mas depois de cada comida experimenta ainda dôres no estomago. Não obstante isto, a ulcera está curada, a perda de substancia da membrana mucosa está apagada; mas uma cicatriz, que estorva os movimentos do estomago n'um logar limitado, produz as dôres que apparecem de vez em quando.

A ulcera do estomago tem duração indeterminada.

Causas. As causas d'esta molestia são mui escuras. Como taes citam-se os desvios de regimen, as bebidas mui frias tomadas estando o corpo suado, o abuso das bebidas espirituosas, as perturbações da menstruação; é difficil submetter estas allegações a um exame rigoroso.

Diagnostico. Em muitos casos é difficil distinguir a gastrite ulcerosa da gastrite chronica simples. Se existe só fastio, vomitos alimentarios, uma dôr que o trabalho da digestão exaspera, o diagnostico é impossivel. Suspeitar-se-ha, comtudo, ulceração se a dôr fôr viva, se existir na

bocca do estomago n'um ponto fixo e se corresponder a uma dôr nas costas. Emfim vomitos de sangue, que sobrevem no meio d'estes symptomas, dão ao diagnostico quasi uma certeza.

Este ultimo symptoma deve fazer excluir a gastralgia simples. É mais difficil distinguir a ulcera simples do cancro do estomago; todavia a existencia de dôr fixa e viva na bocca do estomago e nas costas, vomitos de sangue abundantes e repetidos, um melhoramento muitas vezes obtido por meio de tratamento regular, levaram a admittir a existencia de uma ulceração não cancerosa.

Tratamento. Na gastrite ulcerosa é preciso acalmar a dôr e não introduzir no estomago senão substancias brandas que obram localmente de mancira favoravel e que são sufficientes para alimentar o individuo. O doente será submettido exclusivamente á dieta lactea. Viverá de leite puro ou misturado com agua de Vichy; beberá o leite frio ou quente, fresco ou fervido, segundo o digerir melhor n'estes differentes estados. Ha, todavia, alguns doentes que, excepcionalmente, não podem supportar o leite : substitue-se então este alimento pelos mingáos de tapioca, araruta, sopas de pão, de farinha de milho, cangica, caldos de gallinha, geleas de marmelo ; e não se chega aos alimentos mais substanciaes senão progressivamente e quando o doente parecer estar perto da cura. Alguns doentes são alliviados como por encanto, e acostumam-se a este regimen que toleram por muitos mezes; mas em alguns casos as dôres continuam, e é preciso então administrar o opio em pilulas, segundo a receita seguinte

Extracto de opio..... 20 centigrammas.

Faça 8 pilulas, de que o docnte toma uma ou duas por dia.

Ao mesmo tempo é necessario recorrer aos banhos mornos geraes: um ou dois banhos por semana.

Do valor diagnostico dos processos clinicos empregados para conhecer a acidez do succo gastrico. O Snr Dujardin-Beaumetz já disse, fallando sobre o diagnostico do cancro do estomago, que na Allemanha creram poder tirar certas informações postas na acidez do succo gastrico.

Laube, baseando-se nas experiencias de Van del Velden, sustentou que um dos primeiros effeitos do cancro estomacal é diminuir o acido chlorhydrico do succo gastrico. Para saber qual é a acidez ou a força digestiva do succo gastrico, empregam-se tres processos : o da lavagem do estomago, o da esponja, e o da exploração estomachal.

A lavagem consiste em introduzir, pela sonda estomachal, estando o individuo em jejum 300 centimetros cubicos de agua gelada que se deixa durante meia hora no estomago, e depois se tira. Essa agua serve depois para se fazer as reacções. O processo da esponja, aquelle que mais se emprega na Allemanha, consiste em fazer engullir ao doente, um pedaço de esponja tendo um fio comprido e envolvida em uma camada de gomma. Deixa-se a esponja durante meia hora no estomago; tira-se no fim d'esse tempo, exprime-se e examina-se o liquido. Essas esponjas que se empre-

gam muito na Allemanha podem ser substituidas em França pelas capsulas LEHABY.

Este processo da esponja tem muitos inconvenientes: primeiramente porque é difficil de a fazer engullir, em seguida não se sabe, se a esponja chegou bem no estomago, emfim, o liquido obtido por este processo é em quantidade mui pequena. Eis a razão porque o Sñr DUJARDIN-BEAUMETZ propõe que se substitua ao processo da esponja o da exploração gastrica.

Este instrumento (fig. 454) construido debaixo de suas indicações, compõe-se de um tubo estomachal molle, dentro do qual acha-se um pequeno recipiente de vidro tendo na extremidade inferior um pequeno tubo de borracha, que ultrapassa a extremidade da sonda, e que põe em communicação o recipiente de vidro com a mucosa estomachal, e cuja extremidade superior tambem tem um tubo muito mais comprido chegando até a extremidade superior da sonda e se terminando por uma pêra de borracha. Introduz-se a sonda no estomago, aperta-se a pêra e o liquido que se acha no estomago, sóbe no recipiente de vidro.

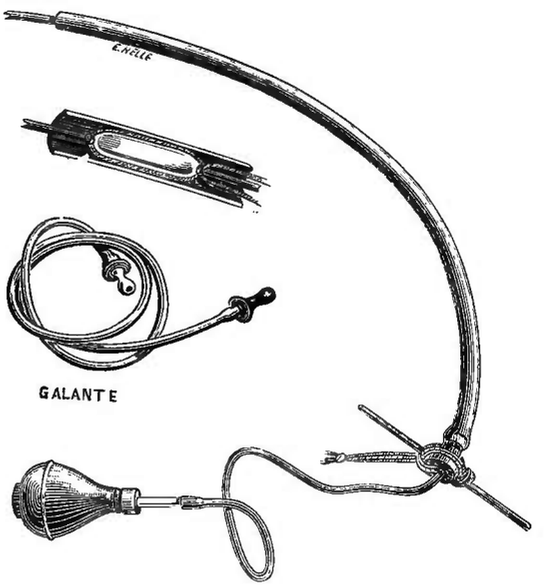


Fig. 454.

Para conhecer-se a acidez do succo gastrico, servem-se na Allemanha, de um reactivo especial chamado a tropæolina. São substancias corantes extrahidas do alcatrão de carvão de pedra. Em França empregam uma substancia analoga a que dão o nome de alanranjado. Quando se põe essas soluções corantes em contacto com um acido, por exemplo, o acido chlorhydrico, obtem-se uma côr encarnada arroxada, tanto mais escura quão é maior a quantidade de acido. O acido lactico dá uma côr encarnada alaranjada.

LAUBE completa essas pesquizas examinando a força digestiva do succo gastrico. Para isso elle põe no liquido que quer examinar, pequenos pedaços de albumina com um peso certo e colloca tudo em estufa a 40 gráos; a digestão artificial se produz com grande rapidez, e faz-se comparativamente uma digestão artificial com pepsina junto com uma quantidade determinada de acido chlorhydrico, pode-se então julgar qual a differença que existe entre essas digestões.

O Sñr DUJARDIN-BEAUMETZ aprecia o valor d'esses processos, e não crê que se possa com taes pesquizas achar um indicio incontestavel do cancro do estomago. Seria preciso demonstrar que qualquer neoplasia tem por

primeiro effeito diminuir a quantidade de acido chlorhydrico que encerra o succo gastrico. De mais, muitas são as causas de erro; é necessario levar em conta os productos da digestão, a presença provavel de outros acidos, etc. O propio LAUBE depois de ter colligido muitas observações, conclue dizendo que quando elle encontra diminuição na secreção do succo gastrico, menos força digestiva, é que existe uma dyspepsia tenaz e profunda. Tem-se o direito de perguntar se para se conseguir taes resultados, seja-se obrigado a empregar processos tão complicados.

ESTOMATITE. Inflammação da membrana mucosa da bocca. *Veja-se* vol. I, pag. 340.

ESTORAQUE LIQUIDO. Balsamo fornecido pela *Liquidambar orientale*, Linneo, arvore da familia das Amentaceas balsamifluas, natural da Ethiopia e da Arabia. Obtem-se fervendo em agua do mar a casca do liquidambar oriental: o balsamo vem sobrenadar á mesma agua. Tem a consistencia de mel de abelhas, de côr cinzenta arroxeada, opaca, de cheiro forte, formando-se ordinariamente na superficie uma materia escura luzidia. Dissolve-se mal no alcool frio; o alcool a ferver dissolve-o completamente salvo as impurezas. É empregado internamente no tratamento das flores brancas, e externamente no curativo das ulceras; entra na composição do unguento estoraque.

ESTORAQUE SOLIDO. Balsamo fornecido pela *Styrax officinalis*, Linneo, arvore da familia das Styracéas que habita no Oriente. Ha muitas especies:

1.ª *Estoraque em lagrimas.* É em pedaços irregulares, amarello ou roxo, um pouco transparente, e de cheiro balsamico muito suave.

2.º *Estoraque em pães.* É formado de massas do tamanho de um punho, de um rubro escuro; é menos puro do que o outro, e pouco estimado.

O estoraque solido é muito empregado como perfume; nas pharmacias entra na composição de algumas preparações antigas.

Estoraque do Brazil. Acham-se no Brazil muitas arvores da familia das Styracéas, do genero *styrax*, de que se extrahe um balsamo analogo ao estoraque officinal; são conhecidas no Brazil pelos nomes vulgares de *estoraque* e de *beijoeiro*. São especialmente o *Styrax reticulatum*, Martius; *Styrax ferrugineum*, Pohl; *Pamphilia aurea*, Martius. Habitam nas provincias de Minas e da Bahia. Os habitantes dos logares onde vegetam estas arvores, são advertidos do tempo em que devem extrahir o balsamo, pelo grande numero de insectos que voam em roda d'estas arvores. Serve para diversos emplastos estimulantes, e queima-se nas igrejas em logar de incenso, porque é muito aromatica.

ESTRABISMO. Falta de harmonia na posição de ambos os olhos. Os individuos, que tem esta disposição, chamam-se *vesgos* ou *tortos dos olhos*. Todos os movimentos que executa o olho estão sob a influencia de seis pequenos musculos, presos por uma extremidade aos ossos que compõem a cavidade do olho, e pela outra ao globo do olho. D'estes seis musculos, um acha-se na parte interna do olho, outro na parte externa, outro por cima do olho, outro por baixo, outro na parte interna e supe-

rior, e o outro finalmente na parte interna e inferior. Se a acção d'estes musculos se exercer de modo regular, ambos os olhos tem sempre a mesma direcção quando estão fixos em algum objecto; mas acontecendo ser um dos musculos mais curto do que deve ser, os olhos não são mais dirigidos simultaneamente nos diversos movimentos que executam, e o estrabismo produz-se. É, pois, a falta de antagonismo entre os musculos, cujo poder de contracção deveria ser igual, que constitue o estrabismo, na maioria dos casos.

A deviação do olho póde existir ora para dentro (*estrabismo convergente*); ora para fóra (*estrabismo divergente*); ora para cima, ora para baixo. Emfim, estas variedades podem unir-se entre si, para constituir os estrabismos mixtos, nos quaes o olho se acha arrastado ao mesmo tempo para dentro e para cima, para fóra e para baixo, para fóra e para cima, etc. A primeira variedade, isto é, o estrabismo convergente, é a mais frequente de todas.

Em geral, um só olho é affectado; quando são affectados ambos os olhos, ordinariamente o estrabismo tem logar no mesmo sentido.

O olho desviado é mais fraco do que o outro: demonstra-se isto apresentando o mesmo objecto alternativamente a cada olho; prova-se ainda isto com as curas obtidas quando se pôde fortificar o olho torto, cobrindo o olho são, condemnado-o á obscuridade, e fortificando o olho fraco por um exercicio assiduo e bem dirigido.

A desigualdade na força dos olhos é uma causa poderosa de estrabismo. Esta desigualdade póde existir nas partes internas ou nas partes externas do orgão: assim, a fraqueza da retina faz com que o olho não se fixe convenientemente, e que se desvie; a fraqueza ou a paralysia de um musculo do olho faz com que o olho se volte do lado do musculo antagonista. Para fixar os objectos afastados, os vesgos empregam sempre o olho são; o outro esconde-se, para não perturbar a visão. Ás vezes, entretanto, o doente fixa com o olho vesgo os objectos que se acham muito proximos, e serve-se do olho são para os objectos afastados: ha então um olho para os objectos vizinhos, e outro para os objectos afastados. Ás vezes ambos os olhos podem fixar o mesmo objecto, mas não fixam o mesmo ponto; então o doente não vê bem. Este phenomeno manifesta-se sobretudo no começo do estrabismo; mas logo depois um dos olhos sujeita-se ao repouso, e perde assim a força, ao passo que acontece o contrario ao outro.

Se o olho se desvia por ser originariamente mais fraco, acontece tambem o contrario, isto é, que olho se torna mais fraco, porque foi desviado pela contracção muscular. Examinando-se o olho n'este ultimo caso, vê-se que tem toda a sua força e alcance: para verificar isto basta só tapar o outro olho. Quando, pelo contrario, o estrabismo é devido á fraqueza do olho, reconhece-se pela mesma experiencia. No primeiro caso, a causa é extrinseca; no segundo, é intrinseca, depende de uma affecção da retina.

Causas. O estrabismo póde ser congenial, isto é, nascer com a criança; e os musculos dos olhos podem, durante a vida da criança no

seio materno, ficar contrahidos de uma maneira permanente, como acontece nos musculos da perna ou do pescoço, no pé torto ou no torcicollo de nascença.

Mas o estrabismo apparece de ordinario nos seis primeiros annos da vida. Desenvolve-se em consequencia das affecções convulsivas da infancia, na epoca da dentição, depois de molestias cerebraes, ou outras em que o systema nervoso tenha sido affectado.

Tratamento. Póde corrigir-se o estrabismo por meio de uma especie de gymnastica voluntaria que tem por fim forçar o olho torto a olhar direito.

O estrabismo que depende unicamente da desigualdade de força dos dois olhos, cura-se restabelecendo a harmonia das faculdades visuas, fortificando o olho fraco, enfraquecendo o olho são, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. O melhor meio de executar estas indicações, consiste em cobrir o olho forte, emquanto se exerce o olho fraco. Este exercicio deve variar segundo a direcção viciosa que tomou o globo ocular. Assim, se estiver virado para fóra (*estrabismo divergente*), dirigir-se-ha a vista do lado interno, collocando convenientemente os objectos; se o estrabismo fôr *convergente*, collocar-se-ha o objecto do lado externo; será, por exemplo, um livro. O Dr. Rognetta assegura ter assim curado uma deviação para dentro do olho esquerdo. A doente tinha o olho direito coberto com uma faxa, e estando deitada do lado esquerdo lia n'um livro posto n'uma cadeira baixa. O estrabismo foi curado depois de dezeseis dias de tratamento; a leitura durava só duas horas, mas a faxa ficava dia e noite.

O Dr. Emilio Javal, de Pariz, aconselha que se applique sobre o olho são, uma especie de crivo metallico, de fórma de um cestinho ou antes de um bote, a que dá o nome de *concha metallica*. Esta concha tapa o olho são, mas não o condemna á obscuridade completa. Deve ficar em permanencia durante tres semanas pelo menos; ou por um tempo proporcionado á duração do estrabismo, afim de romper o costume vicioso que o olho torto tem contrahido.

Para restituir o parallelismo aos eixos visuaes, imaginou-se cobrir cada olho com um oculo preto, transparente só no centro, para obrigar os vesgos a não olharem senão atravez d'este ponto. Mas aconteceo que as crianças não olhavam senão com o olho são, ou quando ambos os olhos eram affectados, não se serviam senão do menos fraco; e sempre um globo ocular ficava mais desviado do que antes do tratamento.

Não se conheciam outros meios para curar o estrabismo, e estes mesmos não se empregavam senão raras vezes, por causa do seu pouco effeito, quando os cirurgiões modernos emprehendêram a cura d'esta deformidade pela secção de um ou mais musculos do olho.

A operação, que se chama *estrabotomia*, consiste em fazer uma ruga transversal na membrana conjunctiva, cortar esta ruga, isolar o musculo, e dividil-o. O curativo é muito simples: consiste em lavatorios com agua fria para favorecer a resorpção da ecchymose, que se estende debaixo da conjunctiva ocular, e desapparece em alguns dias Esta opera-

ção é pouco dolorosa, e não sómente cura o desvio do olho, mas faz ainda desapparecer ordinariamente a fraqueza da vista que existe no olho affectado do estrabismo. Entretanto praticada por cirurgiões pouco habeis, póde produzir os seguintes accidentes: proeminencia do olho, perda de movimentos do olho na direcção do musculo operado, desvio do olho em sentido inverso da deformidade primitiva, e vista dupla.

O exame consciencioso dos factos mostra que a secção dos musculos do olho é frequentemente seguida de cura completa do estrabismo e de conservação dos movimentos do olho, e que a este primeiro beneficio se ajunta o restabelecimento do olho, mas com perda de uma parte de seus movimentos ou com proeminencia; n'uma palavra, com uma deformidade menor do que a do estrabismo, mas emfim com uma deformidade real substituida á que existia; em casos mais raros, o estrabismo torna a voltar depois da operação. Finalmente, a operação do estrabismo offerece mais vantagens que inconvenientes.

ESTRAMONIO ou FIGUEIRA DO INFERNO. *Datura stramonium*, Linneo. Solaneas (fig. 455). Planta commum no Brazil e em Portugal; tem produzido ás vezes envenenamentos.

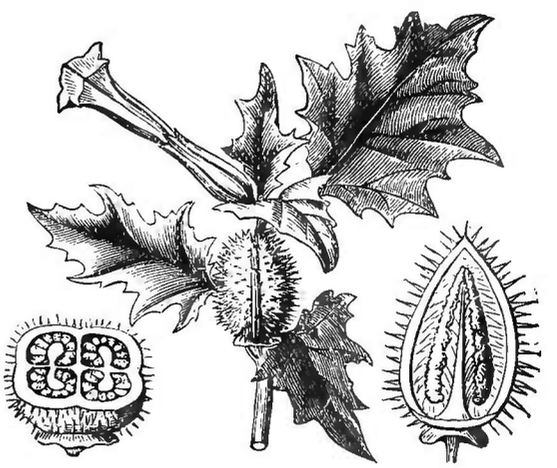


Fig. 455. — Estramonio.

A figueira do inferno encontra-se principalmente nos entulhos, prados, beiras das estradas, etc. Tem dois a cinco pés de altura; raiz branca, folhas por cima verdes escuras, com sinuosidades desiguaes nas margens; flores brancas afuniladas. O fructo é uma capsula ovoide, eriçada de aculeos, dividida interiormente em quatro septos que contém grande numero de pequenas sementes roxas. Tem cheiro nauseante, e muito mais esfregando-se as folhas; sabor acre e amargo emquanto verde; mas secca é quasi inodora e insipida. Todas as partes do estramonio, e principalmente os fructos, são dotados de propriedades narcoticas muito energicas. Em pequena dóse, agita, produz vertigens, escurecimento da vista e um leve delirio furioso, sentimento de constricção na garganta, convulsões e depois paralysia. A cegueira dura ás vezes alguns dias. Se por desgraça um envenenamento fosse produzido, seria preciso recorrer ao tratamento indicado no artigo. ENVENENAMENTO, vol. I, pag. 985. O estramonio é empregado na medicina em algumas molestias. As folhas seccas, fumadas n'um cachimdo ou em fórma de charuto, tem ás vezes produzido allivio nas pessoas affectadas de asthma. Usa-se tambem, sob a fórma de extracto, na dóse de 5 a 10 centigrammas por dia, na epilepsia e outras molestias nervosas. Com as folhas preparam-se cataplasmas que gozam de propriedades calmantes, e que se applicam com vantagem sobre o rosto nas dôres de dentes. O

dococto das folhas misturado com farinha de linhaça forma uma cataplasma calmante que se usa nas colicas e outras molestias nervosas. O decocto prepara-se com 15 grammas de folhas de estramonio e 260 grammas d'agua.

ESTRANGULAÇÃO ou **Estrangulamento.** Designa-se com o nomc de *estrangulação* o estado de uma parte do corpo que se acha apertada por outra. Os intestinos são ás vezes estrangulados n'uma quebradura, quando augmentam de volume pela accumulação das materias fecaes. (*Veja-se* QUEBRADURA.) Os dedos podem tambem ser estrangulados pelos anneis ou outros corpos estranhos. *Veja-se* ANNEIS.

ESTRANGURIA. Difficuldade de ourinar. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

ESTREITAMENTO DO CANAL DA URETHRA. Assim se chama a diminuição da capacidade do canal da urethra, de que resulta a sahida mais ou menos difficil da ourina.

Existem tres especies de estrcitamentos, scgundo a natureza do obstaculo: 1.° *estreitamentos espasmodicos* occasionados pela contracção passageira das paredes do canal; 2.° *estreitamentos inflammatorios*, devidos á inflammação da membrana mucosa da urethra; 3.° *estreitamentos organicos*, que resultam da alteração permanente das paredes do canal.

1.° **Estreitamentos espasmodicos.** Encontram-se principalmente nos individus nervosos, irritaveis. Umas vezes a excreção da ourina faz-se gotta a gotta, outras o jacto do liquido é forte e volumoso. Acontece tambem que o curso da ourina é subitamentc interrompido na occasião dc alguma emoção moral, ou da impressão do frio. A sonda, em certos casos, penetra com a maior facilidade; em outros o instrumento introduzido na urethra fica parado por um obstaculo que é impossivcl vencer, até que se opere uma especie de relaxação que deixe a sonda avançar.

Este estado dura ordinariamente pouco tempo, e cede aos semicupios d'agua tepida, aos clysteres d'agua morna com 20 gottas de laudano de Sydenham, e ás fricções no perineo com pomada dc belladona.

2.° Os **estreitamentos inflammatorios** são determinados pela tumefacção da membrana mucosa urethral n'um ponto mais ou menos extenso, ás vezcs em todo o comprimento do canal. Sobrevem as mais das vezes durante o curso de uma blennorrhagia, cm consequencia de fadigas excessivas ou depois da cxtracção de algum corpo estranho.

Os doentes experimentam grande difficuldade para ourinar; ás vezes a sahida da ourina é completamente impossivel, e querendo-se introduzir a sonda, encontra-se um obstaculo inesperavel, determinam-se dôres extremamente violentas, c um corrimento sanguineo.

O tratamento consiste em combater a blennorrhagia ou a simples inflammação, com preparações de copahiba, ou as pilulas de Kava Fournier semicupios d'agua tepida, e infusão de linhaça para bebida.

3.° **Estreitamentos organicos.** São muito mais importantes do que os precedentcs; são caracterizados pela diminuição permanente e progressiva do diametro do canal, e são occasionados pela contracção

gradual do tecido morbido que se substituio a uma parte mais ou menos extensa das paredes urethraes.

Causas. Os estreitamentos organicos são consecutivos a alguma lesão physica da urethra. As feridas, as contusões com ruptura do canal, as rasgaduras da urethra, as cauterizações demasiado fortes do canal, podem occasional-os. Outros são produzidos por todas as causas que podem provocar a inflammação da membrana mucosa, como são a blennorrhagia, e sobretudo a blennorrhagia chronica, os excessos venereos, o catheterismo, a introducção de um corpo estranho, as injecções causticas.

Os estreitamentos encontram-se principalmente nos homens chegados ao periodo médio da vida; são mui raros nas mulheres e crianças.

Os estreitamentos organicos apresentam-se com differenças, relativamente ao seu comprimento, calibre, fórma, numero e séde. Apresentam-se ás vezes debaixo da apparencia de uma linha mui pouco saliente, sobre a qual a membrana mucosa parece sómente ter perdido a molleza e extensibilidade. Ás vezes, pelo contrario, tem muita espessura. O comprimento varía desde a mais delgada ruga até 25, 50 e 80 millimetros. A espessura póde ser consideravel, sem que o comprimento seja grande. É então que o estreitamento simula uma ruga, valvula, espora ou brida. Os estreitamentos podem ser produzidos por *excrescencias, carnosidades*, ou *vegetações;* por *engurgitamentos* da membrana mucosa ou por *cicatrizes.*

Symptomas. O volume do jacto de ourina diminue; pouco a pouco a columna de liquido fica reduzida a um simples fio, o doente ourina gotta a gotta; em alguns casos, emfim, a sahida da ourina é completamente impossivel. Á medida que o jacto da ourina se torna menos largo, é menos rapido; o liquido vai menos longe. O jacto compõe-se de duas columnas convergentes; raras vezes existe maior numero de columnas de liquido. Podem enrolar-se uma ao redor da outra. Muitas vezes fica no canal, atraz do estreitamento, certa quantidade de ourina que sahe involuntariamente depois que o doente acabou de ourinar.

A difficuldade de ourinar augmenta com o gráo de coarctação. Os doentes são obrigados ás vezes, para ourinar, a fazer esforços consideraveis e tomar posições singulares. Em geral, não sentem dôr alguma ourinando; mas quando ha ulceração ou inflammação da urethra, sentem dôr mui viva, ás vezes passageira, outras vezes persistente durante um tempo mais ou menos longo. Em alguns casos a dôr é surda, profunda, acompanhada de peso no perineo.

Para conhecer um estreitamento, e sobretudo para determinar a sua séde e extensão, é preciso recorrer ao catheterismo. Introduzindo a sonda, o cirurgião encontra um obstaculo; a sensação de uma resistencia vencida indica que o estreitamento foi atravessado.

Prognostico. O estreitamento da urethra é uma affecção séria; não póde desapparecer espontaneamente; abandonado a si mesmo, tende pelo contrario a augmentar incessantemente. Tratado convenientemente, sára, e se não desapparece completamente, cede de maneira sufficiente para que as funcções urinarias e genitaes possam ser preenchidas. As

recahidas são frequentes; o doente acha-se na necessidade de continuar o tratamento durante muito tempo e de recorrer á cirurgia com intervallos mais ou menos afastados. O prognostico dos estreitamentos depende do seu gráo de antiguidade, séde, comprimento, e numero. Os obstaculos constituidos pelo tecido das cicatrizes resistem mais aos tratamentos do que os que são formados pelo engrossamento da membrana mucosa ou por carnosidades.

Tratamento. Quando o cirurgião é chamado por um doente que não póde ourinar; deve immediatamente abrir a passagem á ourina por meio de catheterismo ou de punecção da bexiga (*Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA). Este tratamento é um simples palliativo; é preciso empregar meios para prevenir semelhantes accidentes.

Cinco methodos são empregados contra os estreitamentos; a dilatação, a cauterização, a escarificação, a incisão, e a excisão.

I. *Dilatação.* É o tratamento mais simples dos estreitamentos da urethra; obtem-se por meio de sondas, de bugias ou de instrumentos especiaes. Estes agentes da dilatação são de duas especies: uns são de volume fixo e permanente, taes como as sondas e bugias metallicas; outros são susceptiveis de augmentar de volume, taes são as bugias de corda de tripa, de marfim flexivel, e os diversos instrumentos designados pelo nome de *dilatadores*.

A dilatação pode ser *temporaria* ou *permanente*. Na primeira deixa-se o instrumento durante pouco tempo na urethra; na segunda a sonda permanece no canal durante um ou mais dias.

Dilatação temporaria. Consiste em introduzir por pouco tempo e successivamente bugias de calibre cada vez mais consideravel. Este methodo é simples e facil. Principia-se pela introducção de uma pequena bugia em relação com o diametro da abertura do estreitamento. Sendo o estreitamento tão estreito que não póde deixar passar o corpo da bugia, esta fica retida pela ponta no estreitamento: é preciso deixal-a por algum tempo. Em geral, depois de um quarto de hora ou meia hora de demora, a bugia produz bastante dilatação para que possa ser empurrada até á bexiga, é ás vezes util facilitar a introducção pela previa injecção de azeite doce. As bugias de balcia podem passar atravez dos estreitamentos que as bugias de gomma não podem atravessar. Nos estreitamentos mui apertados quando passou a primeira bugia, cumpre deixal-a no logar durante 24 ou 36 horas; a ourina corre lentamente ao lado do instrumento; a retenção desapparece. No dia seguinte ou um dia depois, substitue-se a sonda por outra um pouco mais grossa. Quando o calibre do canal está notavelmente alargado, procede-se á dilatação gradual, por meio de bugias convenientemente graduadas. Cumpre, para este fim, observar os preceitos seguintes:

1.° Não deixar as bugias na urethra senão o tempo necessario para as introduzir e tiral-as.

2.° Em cada operação, o numero das bugias introduzidas ha de variar de 2 a 8; quanto menos o doente soffrer para attingir o diametro determinado, tanto mais as introducções serão numerosas.

3.° Não repetir as operações todos os dias, senão na falta de qualquer irritação. Se apparecer o menor symptoma de irritação, convem deixar descançar o doente. Não ha inconveniente em suspender o tratamento durante alguns dias.

Dilatação permanente. Por este methodo o cirurgião procede com lentidão gradualmente, e de maneira contínua. Principia-se por uma bugia de calibre proporcionado ao volume do estreitamento, deixa-se permanecer durante cinco ou seis dias; logo que a bugia se move livremente, tira-se e substitue-se por instrumento mais volumoso. Este methodo é só aconselhado nas coarctações consideraveis e nos estreitamentos fibrosos mui extensos.

A dilatação apresenta inconvenientes, expõe á inflammação da membrana mucosa da urethra com corrimento blennorrhagico. Esta inflammação cede rapidamente ao repouso, semicupios d'agua morna, e infusão de linhaça para bebida.

A dilatação temporaria, gradual, é muito menos perigosa do que a permanente. Em consequencia d'este ultimo modo sobrevem ás vezes inflammações da prostata, e abcessos no perineo.

Comparando estes meios, vê-se que a preferencia deve ser dada á dilatação temporaria e progressiva. Todavia é um meio palliativo; o doente é obrigado a recorrer á introducção da sonda de vez em quando.

II. *Cauterização.* O caustico empregado é a pedra infernal. Reconhecido o logar do estreitamento, introduz-se no canal a sonda guarnecida de pedra infernal; e mantem-se applicada contra o obstaculo até que o doente experimente a sensação de queimadura. A cauterização não deve ser repetida senão todos os tres ou quatro dias, para dar á escara o tempo de despegar-se.

Este methodo não é sem perigo. Entre os accidentes que póde produzir, citam-se a dôr que muitas vezes é viva e prolongada; a retenção de ourina, quando a escara ao despegar-se vem tapar o canal, ou quando a inflammação provocada pela cauterização produz a inchação dos tecidos. Além d'isso, é difficil determinar o logar do estreitamento, pelo que o cirurgião expõe-se a applicar o caustico sobre os tecidos sãos.

A cauterização nunca deve ser empregada para destruir os tecidos, mas sim para modifical-os. Ella só convem quando o calibre do canal se acha diminuido pelas fungosidades, pela inchação da membrana mucosa, e deve ser sempre superficial. A cauterização, considerada como meio de destruição, está hoje abandonada por aquelles mesmos professores que mais a defendiam.

III. *Incisão.* Faz-se de *dentro para fóra,* isto é das partes profundas á pelle; de *fóra para dentro*, isto é da parte dos tegumentos á membrana mucosa da urethra.

A. Incisão de dentro para fóra. Póde ser superficial (escarificação), ou profunda (urethrotomia).

a. Escarificação da urethra. Este methodo tem por objecto dividir a membrana mucosa da urethra; a incisão póde ser feita de diante para traz e de traz para diante; o instrumento que se emprega chama-se ure-

throtomo. Ha d'elle muitas variedades, mas todos são construidos sobre o mesmo principio : uma haste òca contém uma lamina que se faz sobresahir á vontade, isto é quando chegou ao nivel do estreitamento. Feita a incisão da urethra, introduz-se no canal uma sonda, afim de impedir os labios da ferida de se reunirem.

b. Urethrotomia. Este methodo consiste : 1.° em praticar ao nivel do estreitamento uma incisão de 5 a 6 millimetros de comprimento, que penetre até á pelle ; 2.° em apartar os labios da ferida para os fazer cicatrizar separadamente e obter uma cicatriz delgada.

B. Incisão de fóra para dentro. Esta operação consiste em fazer a abertura da urethra de fóra para dentro, e manter apartados os labios da solução de continuidade por meio de grossa sonda introduzida na urethra.

Apreciação da incisão. As recahidas, em consequencia do tratamento dos estreitamentos pela escarificação e incisão são mui frequentes, quer por causa da formação da cicatriz cujo tecido é mui retractil, quer por causa da inflammação consecutiva.

Os accidentes que se observam em seguida da urethrotomia são frequentes e graves. Taes são : a dôr, a inflammação da urethra, a hemorrhagia, a infiltração da ourina.

IV. *Excisão.* Esta operação consiste em tirar por excisão a proeminencia que obstrue o canal. Este methodo não foi aceito ; deixa a nú uma superficie extensa, e expõe aos mesmos accidentes que a incisão.

Em conclusão, a dilatação é o unico methodo que deve ser applicado na immensa maioria dos casos; porque os outros meios são incertos nos seus resultados, expõem á recahida ainda mais que a dilatação, e fazem correr perigos que não existem na dilatação. A urethrotomia deve ser reservada para os casos de estreitamento em que a dilatação não póde ser applicada.

ESTROPHANTO. Planta da familia das apocyneas, cuja semente contém um principio especial, a Estrophantina que está já no dominio da therapeutica. Ha dous ou tres annos que se estuda com afinco os effeitos d'esta substancia, ficando demonstrado que ella actua sobre o coração, como a digital, que ella pode substituir em grande numero de casos. O estrophanto age como tonico do coração e como diuretico nos individuos que soffrem do coração. É bem supportado e não causa nenhum desarranjo do estomago. O extracto de estrophanto, na dóse de 2 a 4 milligrammas por dia, age perfeitamente sobre a diurese que elle faz augmentar e indirectamente sobre o coração cuja musculatura elle tonifica. Elle regulariza a circulação, e nas affecções cardiacas, provoca o desapparecimento da edema e o augmento das ourinas. Tambem é util nas verdadeiras anginas do peito. É um bom medicamento que se deve empregar nas affecções do orificio mitral e nas palpitações nervosas.

Administra-se o estrophanto em extracto dosado, sob a forma de granulos de Catillon de 1 milligramma, na dóse de 2, depois 3, depois 4 granulos por dia em intervallos iguaes.

É preferivel empregar o extracto do que as tinturas cuja composição é variavel e pouca confiança merecem.

O Sñr Catillon tambem prepara a estrophantina em granulos de 1 decimo de milligramma que se administram na dóse de 2, depois 3, depois 4 por dia, com intervallos iguaes.

Tambem se emprega a estrophantina em injecções hypodermicas na dóse de 1/2 a 1 milligramma.

ESTROPHULO. Affecção caracterizada pela erupção mais ou menos extensa de elevações da cuticula (papulas) mais brancas ou mais rubras que o resto da pelle, situadas ordinariamente na face, ás vezes por todo o corpo, e acompanhadas de comichão mais ou menos viva.

Conhecido vulgarmente sob o nome de *fogagem*, *fogo de dentes*, *botões*, *vermelhidões*, o estrophulo, é molestia das crianças e acompanha muitas vezes a primeira dentição. Ha d'elle algumas variedades:

1.° *Estrophulo salpicado*. Papulas mui vermelhas, entresachadas de pintas rubras, ás vezes de manchas superficiaes maiores, e até de algumas pequenas vesiculas. Situação ordinaria na face, mãos e antebraços, rara vez por toda a pelle.

2.° *Estrophulo exalviçado*. Papulas pequenas, duras, esbranquiçadas, cercadas ás vezes de ligeiro rubor, e ás vezes misturadas com o estrophulo salpicado. Situação principal na face, pescoço e peito.

3.° *Estrophulo apinhoado*. Papulas mui miudas e apinhoadas em malhas vermelhas mais amplas que nas especies procedentes. Situação na face em crianças de 4 a 5 mezes, e nas extremidades superiores nas de 7 a 8. Irritação nas gengivas na adentação.

Semelhante ao precedente, situado nas extremidades inferiores, lavrante até ao embigo, acompanhado de rubor geral da cuticula, seguido de fendas e grandes exfoliações cuticulares.

4.° *Estrophulo volante*. Papulas aggregadas em pequenas malhas, vermelhas, circulares, ás vezes com febre. Erupção por 3 a 4 semanas, em diversas partes do corpo.

5.° *Estrophulo branco*. Papulas grandes, distantes, tanto ou mais claras que a pelle, sem rubor á roda da base. Erupção commumente nas costas e na parte superior dos braços, após alguma enfermidade aguda.

Qualquer que seja a fórma da erupção, o estrophulo não é acompanhado de febre, a não ser na variedade chamada *volante*, na qual se observam tambem ás vezes alguns vomitos e um pouco de diarrhea.

O estrophulo é molestia benigna; dura de 3 a 15 dias.

Tratamento. No maior numero dos casos, o estrophulo não reclama tratamento particular. Alguns lavatorios com agua morna ou leite, alguns banhos d'agua tepida, bastam para fazer desapparecer a erupção. Se houver excoriações, applique-se polvilho.

ESTUPOR. Entorpecimento geral, diminuição das faculdades intellectuaes, acompanhada de um ar de pasmo e de indifferença. Apparece nas febres graves e nas molestias de cerebro. *Ar de estupor*, designa a *apoplexia*. *Veja-se* esta ultima palavra.

ETHER. Dá-se o nome *ether* a liquidos de cheiro, activo, transparentes, de sabor quente, muito expansiveis e muito inflammaveis. Obtem-se distillando certos acidos com alcool, e tomam o nome do acido que servio á sua composição. O mais commummente empregado é o *ether sulfurico*, que se designa ordinariamente pelo nome simples de *ether*, e que resulta da acção do acido sulfurico sobre o alcool. É sem côr, de cheiro forte, aromatico, e extremamente volatil, não deixando vestigio algum de humidade. Emprega-se em muitos accidentes nervosos como calmante e antispasmodico; toma-se na dóse de 10 a 20 gottas em algumas colheres d'agua com assucar. É considerado como especifico na embriaguez, que faz cessar como por encanto. Faz-se tambem inspirar ás pessoas que cahem em desmaio. Derramado sobre a testa, produz, evaporando-se, um frio que ás vezes acalma certas dôres de cabeça. Administrado puro internamente na dóse de uma colher, póde produzir accidentes graves, e até a morte; entretanto que, na mesma dóse de uma colher, dissolvido em 6 ou 8 onças d'agua com assucar e administrado ás colheres de hora em hora, constitue um dos melhores remedios contra o tetano. O *licor mineral anodyno de Hoffmann*, que é uma composição de partes iguaes de ether e alcool, goza de propriedades semelhantes ás do ether : emprega-se tambem nas affecções nervosas, e principalmente nos accessos de hysterismo, nos desmaios, nas dôres nervosas, etc., mas em dóse dobrada; isto é, na de 20 a 40 gottas.

É incontestavel a utilidade do ether para dissipar as *tonteiras* e as *vertigens*, para combater as *caimbras do estomago*, as *indigestões*, os *vomitos nervosos* ou para calmar a maior parte dos phenomenos da *hysteria*, dos *espasmos* e de toda a sorte de *convulsões*. Era, no entanto, difficil apreciar a dóse que se dava d'este medicamento em razão de sua extrema volatilidade que se manifesta pelo seu contacto com o ar.

A sensação desagradavel e dolorosa que o ether produz na bocca e na garganta foi sempre uma causa de difficuldade de inglutição ou de repulsão de certos doentes para este medicamento.

Para supprimir estes inconvenientes o doutor Clertan teve a boa idéia de metter o ether em perolas, systema este que foi approvado pela Academia de Medicina de Pariz.

Por este systema o ether é levado ao estomago em seu estado puro, livre, sem cheiro, em dóses fixas e bem conhecidas; no estomago essas perolas se dissolvem rapidamente, o ether se volatilisa instantaneamente, penetra nos tecidos e exerce sobre a economia a sua benefica acção.

As perolas de ether do doutor Clertan conservam-se muito bem; d'este modo não ha receio que este precioso medicamento se evapore ou se altere; acha-se pois resolvido o problema da administração do ether que apresentava até então certos inconvenientes.

Cada perola contem quatro ou cinco gottas de ether. A dóse ordinaria é de uma a cinco perolas. Põe-se na bocca uma ou duas perolas de cada vez e bebe-se em cima alguns goles de agua para fazel-as descer no estomago.

Estas perolas são preparadas em casa de L. Frère, rua Jacob nº 19 em Pariz.

Nos fins do anno de 1846, uma importante descoberta foi feita com o ether por dois cirurgiões dos Estados-Unidos, Jackson e Morton, com o fim de tornar insensiveis á dôr os individuos que tem de soffrer operações cirurgicas. O methodo consiste em fazer respirar á pessoa, a quem se quer tornar insensivel, um ar saturado de vapor de ether sulfurico. D'isso resulta, ao cabo de dois ou tres minutos, uma especie de embriaguez que muitas vezes póde lançar o pacientc em uma lethargia profunda, mas que, outras vezes, apenas desenvolve n'elle um estado de vertigem ou desmaio incompleto que é sufficiente para pôl-o ao abrigo das dôres as mais crueis.

Das cinco primeiras experiencias que foram feitas, tres eram relativas a extracção de dentes, as outras duas a amputações. N'estas cinco operações não manifestáram os doentes dôr alguma e apenas sentiam que eram operados.

Citam-se muitas outras operações feitas sem dôr, taes são amputações de membros, extracção de unhas, de tumores, etc. Todos os cirurgiões concordam hoje em que as inspirações de ether produzem com certeza o effeito de suspender momentaneamente a sensibilidade. Os casos em que estes resultados não pudéram ser produzidos, dependêram ou do emprego vicioso do apparelho ou de algumas disposições pessoaes.

O *chloroformio* possue a propriedade de produzir a insensbilidade muito mais promptamente do que o ether, e é empregado com preferencia. Tanto um como outro não são isentos de perigo. (*Veja-se* CHLOROFORMIO.) As experiencias provam que os cães etherisados succumbem em 35 a 44 muitos.

ETHOXYCAFEINA. Substancia crystallizada, estudada sobretudo por Dujardin-Beaumetz, que se obtem fazendo actuar bromo sobre a cafeina. É um narcotico, actua um pouco como a digital porque faz effeito de diuretico; a differença que existe entre esta substancia e a digital, consiste em que ella accelera as bateduras do coração. Emprega-se em poção contra a enxaqueca, as syncopes e a insomnia, na dóse de 10 a 30 centigrammas.

EUCALYPTO. *Eucalyptus globulas*, Labillardière, Myrtaceas. Grande arvore, de vegetação rapida, originaria de Tasmania na Australia; transplantada nos jardins do Rio de Janeiro, Petropolis, provincias meridionaes do Brazil, em Montevideo, Buenos-Ayres, Lisboa, Hespanha, nas provincias meridionaes da França, ilhas do Mediterraneo, em Argel, no cabo da Boa Esperança, etc.

Esta arvore é um colosso do reino vegetal; attinge ás vezes, mas raramente, 100 metros de altura, com 28 metros de circumferencia; frequentemente 50, 60 a 70 metros de altura com 10, 15 e 20 metros de circumferencia. Suas folhas *novas* são oppostas e subcordiformes; as folhas *adultas* são alternas, diversamente pecioladas, coriaceas, como envernizadas, agudas, contorneadas como a fouce, de 10, 20, e 30 centimetros de comprimento, de 3 a 6 centimetros de largura, persistentes, de cheiro muito agradavel; flores axillares, sesseis ou curtamente pedunculas; fructos hemisphericos, deprimidos, turbinados (em fórma de peão), de

3 centimetros de largura, ás vezes mui pequenos; com 3, 4 ou 5 loculamentos, que contém muitas sementes. As sementes *estereis* são roxas, claviformes e filiformes, do comprimento de 2 a 3 centimetros; ha tambem rhomboidaes e pyriformes. As sementes *ferteis* são ovaes ou arredondadas, pretas, opacas, e tem 2 a 3 centimetros de comprimento. Semeadas estas sementes em 1872 nos jardins de Cannes, cidade da França meridional, produziram em cinco annos arvores de 10, 15 e 20 metros de altura, conforme a exposição.

Esta arvore presta serviços multiplos. A rapidez prodigiosa do seu crescimento torna-a vantajosa nas regiões onde ha falta de lenha e abrigo; é uma das madeiras mais duras, mais pesadas e mais resistentes ao ar, agua e insectos. As emanações odoriferas das folhas são muito favoraveis á saude. Notou-se que, apezar da grande extensão dos pantanos, que cobrem a Australia, as febres intermittentes são ali mui raras; e os viajantes attribuem este effeito á immensa quantidade de *Eucalyptus* que se acham no continente austral. As virtudes antifebris das folhas de *eucalypto* são conhecidas na Australia desde muito tempo, Plantada esta arvore no sul da Europa, em 1857, não tardou a ser o objecto das experiencias dos medicos. As observações clinicas feitas na Hespanha, em 1865, nas provincias de Cadiz, Sevilla, Cordova e Valencia, onde as febres são endemicas, provaram as virtudes antiperiodicas das folhas do *eucalypto;* e esta arvore recebeo ali o nome de *arvore da febre.*

As plantações de eucalypto podem tornar sadios os logares pantanosos, por suas emanações aromaticas, e pela propriedade que possue esta arvore de esgotar promptamente a agua por causa do seu crescimento rapido, e tornar secco o solo vizinho a muitos palmos de distancia. Seria, pois, para desejar que se fizessem semeadas ou plantações de eucalypto n'essas regiões.

Todas as partes do *eucalypto* são impregnadas de uma substancia aromatica, em fraca proporção no lenho e na casca, mas mui consideravel nos ramos tenros, flores e folhas. Segundo o Sr. Cloëz, chimico de Pariz, eis-aqui a proporção de oleo essencial que se póde extrahir das folhas:

Folhas frescas	2,75 por 100
Folhas meio-seccas	6,00 por 100
Folhas inteiramente seccas conservadas durante 5 annos, trazidas da Australia	1,50 por 100

Composição das folhas de eucalypto. Segundo o Sr. Cloëz as folhas de eucalypto contém, além de materia de verde das folhas (chlorophylla), e da cellulose, que constituem necessariamente a maior parte d'ellas, pequena quantidade de resina, uma forte porção de um oleo essencial particular, tannino, e cerca de 10 por 100 de cinzas brancas contendo saes calcareos e carbonatos alcalinos. A proporção do tannino é mesmo bastante consideravel para poderem servir as folhas ao cortume dos couros, os quaes conservam sempre cheiro agradavel. O Dr. Sicard, que se occupou tambem da composição chimica das folhas de *eucalypto*,

assignala a existencia de tres productos : 1.' gomma amarella, aromatica de sabor amargo estyptico; 2.° uma substancia de um verde-amarellado, mui friavel, de cheiro e sabor particulares; 3.' uma substancia de um verde-escuro, de apparencia de cera, obtida pelo alcool em seguida do tratamento pela agua que deo as duas primeiras substancias.

Oleo essencial de eucalypto. Este oleo, obtido por distillação com agua, é um liquido mui fluido, apenas corado, de cheiro aromatico analogo ao da camphora. Este liquido, obtido pela primeira distillação, não é um producto chimicamente puro; é necessario, para purifical-o, pôl-o em contacto primeiro com a potassa em fragmentos, depois com o chlorureto de calcio derretido; distillando-o de novo, obtem-se um liquido mui fluido, incolor, mais leve do que a agua; sua densidade a 8 gráos centigrados é igual a 0,905; é de sabor agradavel; pouco soluvel na agua, completamente soluvel no alcool; esta solução mui diluida possue cheiro analogo ao da rosa. Este producto póde ser considerado, segundo o Sr. Cloëz, como um principio immediato, puro, differente por suas propriedades e composição das especies chimicas conhecidas. O Sr. Cloëz deo-lhe o nome de *eucalyptol.*

O uso interno da essencia de eucalypto convem, segundo o Dr. Gubler. Lente de Therapeutica da Faculdade de medicina de Pariz, nas affecções bronchicas e pulmonares, na laryngite, na aphonia catarrhal.

Modo de administração e dóses. **Internamente :**

Folhas em pó : 4, 8, 12 e 16 grammas, em 2 dóses, contra as febres intermittentes. Administram-se durante a apyrexia.

Infusão. Folhas de eucalypto 8 grammas, agua fervendo q. s. para ter 120 grammas de infusão, que se adoça com assucar. Esta dóse toma-se de manhã, e repete-se de noite. Contra as febres intermittentes.

Extracto aquoso. 10 a 40 centigrammas em pilulas, como tonico e para prevenir a volta da febre intermittente.

Extracto alcoolico. Mesmas dóses que o extracto precedente, e as mesmas applicações.

Alcoolato e tintura alcoolica 8 a 16 grammas em poção.

Agua distillada. 120 grammas como vehiculo das poções estimulantes.

Oleo essencial e *oleo essencial rectificado* (*eucalyptol.*) 2 a 4 gottas com assucar, ou em pilulas com pós de folhas d'eucalypto. Póde tambem administrar-se em capsulas. Bronchite chronica, catarrho vesical.

Externamente. Folhas de eucalypto para curar as feridas. Mascadas, as folhas perfumam o halito, e forticam as gengivas inchadas ou sangrentas.

Infusão, *tintura* e *alcoolato* como desinfectante das feridas, em applicação local.

Cigarrilhas de eucalypto. Fazem-se com folhas de eucalypto, seccas e enroladas á maneira de charutos. Fumam-se nas bronchites e na asthma.

EUCALYPTOL. Substancia antiseptica que se obtem pela combinação dos acidos phenico e salicylico e da essencia d'eucalypto. É um

desinfectante util nas molestias intestinaes, como a febre typhoide e nas affecções dos orgãos genito-urinarios.

Emprega-se internamente na dóse de 5 a 8 grammas.

EUGENOL. (Acido eugenico.) Extracto das flores do *Caryophyllus aromaticus*, ou eravoaria commum (planta que dá o eravo da India). Substaneia soluvel no alcool e no ether, que tem sido recommendada como antipyretico e antiseptico. Tem-se'a empregado contra as febres, na dóse de 20 a 60 centigrammas, mas é um medicamento cuja acção é inconstante e de pouca duração, no qual não se deve ter muita confiança.

EUPHORBIA PILULIFERA. O Dr. Matherson, da Australia, deseobrio que a *euphorbia pilulifera* é o grande remedio para a asthma e para as affecções bronchicas. A euphorbia pilulifera é uma planta exotica da India e da Australia, onde se usa muito eontra as mordeduras das serpentes. Para a asthma emprega-se a tintura sendo os resultados obtidos extraordinarios.

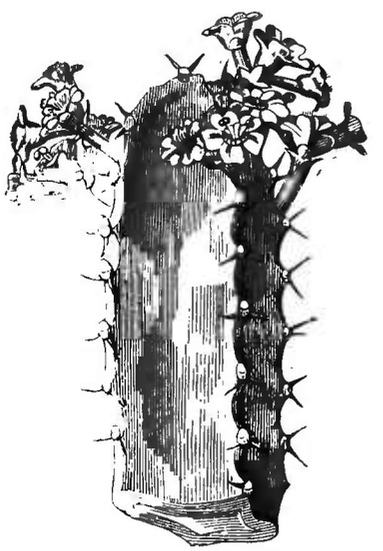


Fig. 456. — Euphorbia resinifera.

Acção physiologica. O prineipio aetivo d'esta planta, que é soluvel na agua e no aleool diluido e insoluvel ou muito poueo soluvel no ether, chloroformio, sulphureto de carbone e essencia de therebintina, aetua em pequenas dóses como um veneno que mata detendo os movimentos respiratorios e eardiaeos; a prineipio estes aceeleram-se, depois diminuem gradualmente.

Pareee que a planta aetua direetamente sobre os eentros cireulatorio e respiratorio, não affeetando os outros orgãos. Não tem aeção sobre a pellc nem sobre as membranas mueosas, exceptuando a gastrica que é irritada pela ingestão da substancia.

Os seus effeitos não se aeeumulam, pois que o principio activo parece ser eliminado pelo figado.

É toxica em doses pequenas; actua sobre os centros eardiaeo e respiratorio.

Deve ser administrada n'um vehiculo abundante por causa da irritação que determina na mucosa gastriea; deve-se por consequencia proscrever em absoluto a fórma pilular. A melhor oceasião para a tomar é logo antes da comida.

Usos. Como já se disse, esta planta é usada vulgarmente na India para combater os *catarrhos*, *bronchites*, e principalmente a *asthma*. Em todas estas affecções tem sido empregada na Inglaterra e na Hespanha, havendo-se obtido sempre excellentes resultados. As formulas mais geralmente empregadas são as seguintes :

Euphorbia pilulifera.....	15 grammas.
Agua.....	2000 —

Ferva até ficar reduzido a metade e ajunte :

Rhum ou cognac..... 20 gram.

Para tomar tres copos por dia.

Junta-se o cognac afim de conservar alguns dias o decocto sem fermentar.

Existem mais outras especies de euphorbias possuindo mais ou menos as mesmas propriedades, a euphorbia resinefera é uma d'ellas (fig. 456).

EVACUANTES. Substancias dotadas da propriedade de augmentar as secreções do estomago e dos intestinos, e de evacuar as materias contidas no tubo digestivo. São os vomitorios e os purgantes. Os evacuantes são indicados sempre que ha prisão do ventre, fastio com mau gosto na bocca, inflammação chronica da pelle ou dos orgãos internos que se podem curar provocando uma revulsão ou uma desviação intestinal, corpo cstranho ou substancia venenosa que se quer expulsar, etc.

EVIAN. Aguas alcalinas frias. França. Itinerario de Pariz a Evian: estrada de ferro de Pariz a Genebra: 15 horas. Barca sobre o lago, de Genebra a Evian : 3 horas. Despeza total 75 fr.

Evian é uma pequena cidade da França, de 2400 habitantes, situada sobre a margem do lago Leman. O clima é brando, o ar salubre e a situação maravilhosa; goza-se ali da vista magnifica do lago. Tres fontes são utilizadas no estabelecimento, a fonte *Cachat*, a fonte *Bonnevie*, e a fonte *Guillot;* todas surgem ao pé de um outeiro calcareo. Sua composição é quasi a mesma. A agua é fria, 9° a 12° centigrados. O cheiro é nullo assim como o sabor, é limpida e transparente. Contém por litro 50 a 53 centigrammas de saes alcalinos que são, segundo a analyse feita em 1870 por Brun, chimico de Genebra: bicarbonato de potassa, de soda, de ammoniaco, de ferro, de cal, de magnesia; chlorureto de sodio, acetato de cal, sulfato de magnesia ; alumina, silica, phosphato de soda, glairina; — gaz oxygeneo, azote, acido carbonico livre.

O estabelecimento, situado no centro da cidade e agradavelmente disposto ao redor de um pateo plantado de arvoredo, comprehende 3 bicas que fornecem agua para beber, 27 gabinetes de banhos, e uma installação hydrotherapica completa, com duches de varias especies, servida por pessoas intelligentes e experimentadas.

A agua de Evian emprega-se em bebida, banhos, duches, irrigações e lavatorios. A dóse para uso interno varía de 3 a 6 copos por dia; cada copo de 180 grammas. Bebe-se de manhã em jejum, depois do almoço ; póde tambem beber-se durante a comida com o vinho. O estomago tolera esta agua com muita facilidade. A agua aproveita na gastralgia, areias, catarrho vesical, molestias da prostata, do figado e na inflammação chronica do utero. Transportada não se altera ; póde ser bebida com vinho ao jantar, nas mesmas affecções como na fonte.

O estabelecimento balnear possue um vasto e bello hotel; além d'isso os banhistas podem achar em Evian muitos outros hoteis, onde ha bom tratamento e todos os cuidados necessarios a preço razoavel.

A 2 kilometros de Evian, acha-se uma localidade chamada *Amphion*, que contém uma fonte ferruginosa que constitue um util adjuvante para os hospedes de Evian. Esta fonte, empregada em bebida, possue as propriedades das aguas ferruginosas; alimenta, na sua temperatura nativa (11° centigrados), uma piscina d'agua corrente, que tem uteis applicações no tratamento da chlorose e da anemia.

EVONYMINA. Resina que se extrahe da raiz de um arbusto americano, o *Evonymus atropurpureus*, da familia das Celastrineas. A casca d'esta planta contém grande diversidade de substancias, entre as quaes citaremos a albumina, o amido, saes alcalinos, e os acidos citrico, tartrico, malico e muitos outros. N'ella se acha tambem resinas impuras verdes e escuras, mais ou menos soluveis. A evonymina escura é um purgante brando, que se emprega com vantagem nos embaraços gastricos, na ictericia e na prisão de ventre habitual.

Administra-se'a em pilulas na dóse de 10 centigrammas por dia. Toma-se o medicamento á noite para que faça effeito na manhã seguinte.

Ás vezes produz colicas e, no fim de alguns dias, prisão de ventre.

EXANTHEMA. Dá-se este nome a um grupo de molestias, cujo caracter commum é vermelhidão mais ou menos viva desapparecendo momentaneamente pela pressão do dedo, e existindo sem vesiculas, papulas nem turberculos. Reunem-se sob o nome de exanthema, o erythema, a erysipela, a urticaria, o sarampo, a roseola e a escarlatina.

EXCANDESCENCIA. Esta palavra é ás vezes empregada para designar a prisão do ventre. (*Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.) Mas chama-se tambem excandescencia um estado morboso geral caracterizado por sêde, calor na cabeça, insomnia, dureza do ventre, ourinas vermelhas, pernas e braços moídos ou sêde. É preciso ao principio recorrer aos pediluvios com mostarda, clysteres de linhaça, e ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja ou cozimento de cevada; comer saladas, hortaliça, e evitar carnes salgadas e muito temperadas. Se estes meios não produzirem melhoras, convem tomar um purgante brando, tal como 60 grammas de cremor de tartaro, ou 8 grammas de magnesia calcinada, dissolvida n'um copo d'agua fria com assucar.

EXCITANTES. *Veja-se* ESTIMULANTES.

EXCORIAÇÃO. *Veja-se* ESFOLADURA.

EXERCICIOS. Os exercicios do corpo atalham não sómente os desarranjos da saude, mas concorrem tambem para o curativo de muitas molestias. Os effeitos variam conforme o exercicio fôr mais ou menos violento, mais ou menos prolongado, ou fôr communicado por um agente exterior, etc.

O exercicio moderado favorece o appetite e activa a digestão. O individuo que se entrega a um exercicio habitual tem necessidade e goza ordinariamente de um somno reparador. O exercicio, sobretudo quando tem algum intuito, algum interesse, como a caça, a cultura de uma horta, os trabalhos mecanicos, etc., produz grande influencia sobre as paixões,

que acalma, e sobre o pensamento, cuja actividade diminue. Segue-se d'ahi que o melhor meio de destruir os effeitos nocivos que occasionam frequentemente os excessos intellectuaes e moraes consiste n'um exercicio moderado. Quantas pessoas não ha hystericas, melancolicas, etc., que devem a sua cura a um genero de vida mais activo que lhes foi aconselhado, ou que a fortuna as obrigou a seguir!

Se o exercicio moderado tem effeitos vantajosos sobre o organismo, o que se faz com excesso, independentemente da sensação penosa que produz, póde desarranjar diversas funcções e até determinar uma molestia. O repouso passageiro dos orgãos é necessario para uma acção nova: dá tempo de reparar as forças.

A falta de exercicio tem effeitos debilitantes sobre a constituição; produz uma sensibilidade extraordinaria, tendencia á exageração de todas as impressões, primeiro gráo d'essas affecções nervosas, tão frequentes nas pessoas que se entregam ao luxo e á molleza. A falta de exercicio é tambem considerada como uma das causas mais poderosas da tisica pulmonar.

Vamos agora passar em revista os diversos exercicios. São mui variados; dividem-se em activos, passivos e mixtos.

1.° Exercicios activos. Os exercicios activos são aquelles em que o nosso corpo se move por si, todo ou em parte, mas sendo sempre o unico agente do movimento. Examinemos alguns d'estes exercicios.

O **andar.** Consiste o effeito do andar em augmentar a contractilidade muscular, accelerar a circulação e a respiração e dar a todos os orgãos brandos abalos favoraveis á sua acção. O andar em terreno plano é um exercicio que se póde fazer com vantagem depois da comida. Convem aos convalescentes, aos quaes os exercicios fortes não são permittidos. Não é proprio para fazer poderosa diversão ás ideias dos melancolicos; póde, pelo contrario, aggravar-lhes os soffrimentos, permittindo-lhes entregar-se ás preoccupações que os atormentam, e por conseguinte lhes é mui contrario.

A **dansa.** A dansa, para ser util á saude, não deve ser executada immediatamente depois da comida, nem prolongar-se durante toda a noite e em logares pouco espaçosos relativamente ao numero das pessoas. A dansa é o exercicio das senhoras; contrapesa os effeitos nocivos de suas occupações sedentarias: é aconselhada como meio proprio de contribuir ao estabelecimento do fluxo catamenial. Este exercicio dá aos homens que fazem d'elle seu emprego, formas que se approximam muito ás das mulheres. Com effeito, os dansarinos de profissão tem os musculos das pernas, das coxas e da parte inferior do tronco, fortemente desenvolvidos, os das extremidades superiores o são muito menos; o peito, as espadoas parecem estreitos e apertados.

O **correr** desenvolve os membros inferiores e o apparelho respiratorio. Este exercicio só convem aos adolescentes; não deve ser praticado depois da comida, e sendo violento póde occasionar escarros de sangue, aneurisma do coração e outros accidentes.

Caça. A caça foi considerada por todos os povos como um dos

exercicios mais uteis, e mais proprios a desenvolver os sentidos e o organismo inteiro. O caçador, continuamente exposto a todas as intemperies das estações, adquire a faculdade preciosa de ser insensivel ás suas influencias. O seu appetite está sempre apto, a digestão é activa e completa. O exercicio da caça pareceo a alguns autores um meio efficaz para extinguir as penas do amor. O homem que se entrega a éste exercicio fica quasi reduzido ás paixões de homem isolado; não conhece a ambição, a inveja e a avareza. Os orgãos locomotores, isto é, os musculos, recebem principalmente uma influencia feliz por este exercicio. Entretanto, a caça nem sempre deixa de ter inconvenientes. Nem todos os individuos são proprios a resistir ás intemperies do ar, e muitos contrahem molestias chronicas. Algumas maneiras de caçar são principalmente nocivas. Assim, sendo ás vezes o caçador obrigado a atravessar logares pantanosos, e até a permanecer n'elles, é frequentemente affectado de rheumatismos ou sezões. O que fica immovel, ousando apenas respirar para poder apanhar a presa, recebe toda a acção de um ar humido ou quente, sem que lhe seja possivel subtrahir-se a seus effeitos.

Esgrima. A esgrima é um dos exercicios modernos que mais energicamente obram sobre os musculos e sobre os outros orgãos. Desenvolve principalmente os musculos dos membros, dá notavel extensão á cavidade thoracica, e augmenta a actividade dos pulmões. A esgrima exerce a vista, e tem alguma influencia sobre o desenvolvimento da subtileza. Este exercicio não deve ser praticado depois da comida.

O **nadar.** É este exercicio o mais util e agradavel que se póde fazer. Impede as perdas da transpiração e permitte um exercicio muito activo, que não se poderia executar sem que houvesse essa transpiração. E, por conseguinte, um dos recursos mais prociosos contra a acção destruidora do calor. Mas os bons effeitos d'este exercicio não sómente resultam da acção que tomam os musculos; procedem tambem da temperatura fria do fluido em que elles se movem. Este genero de exercicio convém principalmente ás crianças debeis e ás que são ameaçadas de rachitismo. Ha uma maneira de nadar em que os braços sahem alternativamente da agua. Esta maneira fortifica muito mais efficazmente a constituição do que o modo ordinario. Este exercicio não póde ser feito em todo o tempo e a qualquer hora. Depois das tempestades a agua, contendo grande numero de substancias organicas em decomposição, contrahe as qualidades nocivas dos pantanos. E por isto tem-se observado que o banho, tomado n'essas circumstancias, occasiona frequentemente febres intermittentes. É prudente não se metter na agua antes de estar a digestão inteiramente acabada. Ao meio dia não é boa occasião para nadar: as horas mais convenientes são de manhã antes da primeira comida, ou á tarde antes da ultima.

Grande numero de jogos gozam das mesmas vantagens que os exercicios activos de que acabei de fallar. A bola, a pella, o palamalho, o volante, o bilhar, o jogo de corda, etc., são d'este numero. Alguns podem ser praticados pelas senhoras; taes como o volante. É o unico que os nossos costumes mui delicados lhes permittem. Dão ao corpo direi-

tura e graça, ao juizo justeza, á vista precisão. O seu uso é geralmente recommendado.

2.° Exercicios passivos. N'estes exercicios não é a contracção de um ou de muitos musculos que põe em acção os outros orgãos; são abalos communicados por uma força estranha, exterior, que determinam os movimentos de todas as visceras. A digestão, que se perturba pelos exercicios activos, faz-se pelo contrario com maior facilidade durante os exercicios passivos : entretanto, ha pessoas que não podem, sem incommodo, andar de sege depois de jantar. De todas as funcções organicas, a que sente a maior influencia dos exercicios passivos é a exhalação gordurosa, e geralmente a nutrição de todas as visceras. Assim, observa-se que as pessoas que andam habitualmente de sege são dotadas de extrema gordura. Passemos em revista os exercicios passivos mais importantes.

Passeios de sege. Este exercicio é tonico e pouco excitante, assim como o maior numero dos exercicios passivos, dos quaes este deve ser considerado como o prototypo. Convem, por conseguinte, ás pessoas fracas que não podem supportar outros mais activos; aos convalescentes, ás senhoras, ás pessoas idosas, ás crianças e aos individuos cuja constituição fôr caracterizada pela fraqueza dos diversos apparelhos ; mas será util que se dêm aos exercicios activos logo que suas forças o permittam.

Navegação. A navegação, considerada como movimento communicado, não tem sobre a economia tão grande influencia como o passeio de sege. A navegação não é propria, como exercicio passivo, para desenvolver e para aperfeiçoar o organismo. A bella constituição, que observamos nas pessoas do mar, não depende do movimento passivo communicado pelo navio, mas sim do genero de exercicios activos que fazem, exercicios que dirigem a sua influencia sobre os braços e o peito, e que são tão vantajosos para desenvolverem uma saude robusta, grandes forças musculares e bellas fórmas. Se a navegação, considerada independentemente dos exercicios activos que fazem os marinheiros, não tem grande influencia sobre o aperfeiçoamento da constituição no estado de saude, tem comtudo sido gabada como um meio curativo nas diversas affecções cerebraes, monomaniacas, etc. Primeiramente o enjôo do mar é um perturbador assaz poderoso em uma affecção mental. Depois vem as impressões que actuam sobre o cerebro, e que são mui fortes meios nas monomanias, quando o doente não tem viajado por mar, e que a viagem não deve ser de longa duração. Tudo então é novo para elle : a agitação das vagas, os gritos dos marinheiros, as evoluções e as manobras que se fazem a bordo, e o espectaculo tão grandioso do mar, são outras tantas impressões novas que transportam o navegante em um novo mundo, e fazem diversão á serie de ideias fixas de que se occupava. Estes effeitos serão ainda mais pronunciados se a tranquillidade da navegação fôr perturbada por algumas tempestades. As commoções que estas produzem obrigam o monomaniaco, o mais profundamente affectado, a deixar o objecto que o domina habitualmente, para prestar attenção ás scenas terriveis que o rodeiam.

3.° Exercicios mixtos. Estes exercicios participam dos dois precedentes,

Compõem-se de abalos dados por uma força exterior e de esforços espontaneos. Devem por esta razão, gozar das propriedades de uns e de outros e ao passo que um ou outro predominar, serão tambem mais ou menos tonicos, mais ou menos excitantes. Estes exercicios podem ser combinados, como os precedentes, de maneira que sirvam de transição de uns a outros. A esta classe de exercicios pertence principalmente a equitação : vou occupar-me d'ella.

Equitação. O exercicio a cavallo é extremamente salutar quando é feito ao ar puro, sobre as margens de um rio, sobre risonhos outeiros, ou planicies ferteis. O prazer e as distracções que occasiona, o tornam mui proprio para destruir os effeitos das paixões, e serve a dar descanço ao cerebro fatigado por longas meditações; é, por consequencia, um precioso recurso para distrahir os melancolicos e litteratos. A equitação é tambem mui favoravel ás senhoras pallidas, cuja menstruação é irregular ou foi supprimida. Uma hora de pequeno galope todas as tardes, na época das regras, dispõe o sangue a dirigir-se para o lado do utero, e ajuda consideravelmente o tratamento geral : se o galope incommodar, póde-se principiar mettendo o cavallo a passo. Os effeitos d'este exercicio são mui sensiveis na debilidade geral : a disposição escrophulosa é sobretudo extremamente modificada, e póde-se dizer o mesmo da tisica no principio. Não se deverá entretanto andar a cavallo se sobrevierem escarros de sangue. É necessario tambem abster-se da equitação nos casos de quebraduras que não podem ser facilmente contidas, nas aneurismas, nas affecções dos orgãos genito-urinarios, e em geral nas em que se manifestam dôres mais ou menos vivas; é, pelo contrario, mui recommendada como tonico nas convalescenças das febres graves e de todas as molestias prolongadas que tem enfraquecido o organismo.

Não é indifferente para todos os individuos o exercicio da equitação a todas as horas do dia, nem a maneira de levar o cavallo. Póde-se levar a passo depois da comida; mas poderia resultar algum inconveniente de o conduzir a trote, principalmente alguns cavallos que tem este andar extremamente fatigante. O trote deve ser preferido quando forem precisas commoções consideraveis. O galope causa um movimento mui brando e agradavel : póde dizer-se o mesmo do meio-galope, o qual nenhum abalo produz. Pretendêram os antigos que o uso de andar a cavallo produzia a atrophia das partes da geração, e que tornava os homens improprios para essa importante funcção. Hippocrates diz ter feito esta observação nos Scythas. A maneira como esses povos andavam a cavallo podia talvez dar logar a esse desagradavel resultado, que os medicos modernos tem entretanto posto em duvida; o certo é que não observamos isto nas pessoas que por estado são obrigadas a andar a cavallo grande parte de sua vida, como sejam os boleeiros e os militares. As pessoas que se dão á equitação devem trazer, durante este exercicio, um suspensorio para preservar os testiculos dos choques repetidos sobre a sella.

Os differentes exercicios não sómente são uteis no estado de saude, como tambem mui vantajosos nas differentes molestias, taes como alporcas, rachitismo, escorbuto, opilação, fraqueza que succede depois das

hemorrhagias repetidas, na convalescença das molestias graves, e em geral em todas as affecções caracterizadas pela inercia e languidez das funcções. Os doentes devem ter cuidado de proporcionar o esforço ás suas forças, evitando toda a fadiga excessiva e observando certa gradação nos exercicios. Aos meninos, aos velhos languidos, ás moças enfraquecidas por uma vida mui sedentaria, e a todos os individuos em alto gráo debilitados, convem a principio os exercicios passivos, como os de sege e balanços; e entre os exercicios activos, as differentes especies de marcha, a equitação; os esforços moderados das extremidades superiores, associados ou não aos movimentos das extremidades inferiores, como os jogos do volante, da bola, da pella, do bilhar, a esgrima, a acção de remar, os traballos de horta; os differentes exercicios gymnasticos, como a sustentação de corpos mais ou menos pesados; a tracção como a que se exerce sobre as cordas de polés para levantar pesos, a suspenção pelas mãos n'um páo horizontal fixo, etc. Quando as forças estão mais desenvolvidas, ajuntam-se a estes exercicios as differentes sortes de carreiras e de saltos, as diversas maneiras de trepar por escadas, por mastros verticaes ou inclinados, lisos ou com cavilhas, por cordas, a suspensão por duas barras de madeira parellelas, a marcha com as mãos ao longo de uma corda ou de uma barra horizontal, a luta, os esforços para mover ou para atirar corpos pesados, a natação, etc. Variam-se, n'estes jogos, as attitudes e os movimentos de maneira que todos os musculos possam ser exercidos. Pelo uso bem dirigido d'estes meios, as forças augmentam, o appetite renasce, as digestões aperfeiçoam-se, a tez toma côr e frescura, o sangue repara-se; favorece-se o desenvolvimento do peito, e previne-se ás vezes a formação da tisica nos individuos que são dispostos a esta grave affecção. A utilidade da gymnastica fez crer a alguns philanthropos que ella devia entrar no plano de educação da mocidade; e em muitos collegios ha mestres de gymnastica. D'esta maneira, todos os dias os alumnos praticam differentes exercicios que fortificam poderosamente a sua constituição. *Veja-se* ORTHOPEDIA e GYMNASTICA.

EXOSTOSE. Tumor osseo desenvolvido na superficie de um osso. A exostose depende as mais das vezes da affecção syphilitica; mas póde tambem ser occasionada pelas escrophulas, rachitismo e gota. As exostoses syphiliticas cedem ordinariamente a um tratamento anti-syphilitico interno e ás applicações de um emplasto chamado de *Vigo*. *Veja-se* SYPHILIS.

EXPECTORAÇÃO. *Veja-se* ESCARROS.

EXPECTORANTES. Dá-se o nome de *expectorantes* a certos medicamentos estimulantes que exercem acção especial sobre a membrana mucosa do apparelho pulmonar, e favorecem a expulsão das materias contidas nos canaes bronchicos. São os seguintes : polygala amarga, inula campana, poaya em pequena dóse, scilla, hysopo, hera terrestre, violas, balsamo de Tolu, balsamo peruviano, terebinthina, alcatrão, kermes mineral, tartaro emetico.

EXTASE. A extase é um estado no qual uma pessoa, entregue totalmente a uma ideia dominante, fica immovel e estranha a tudo quanto a

cerca. Archimedes, que, proseguindo a solução de um problema de geometria, é surdo ao tumulto de uma cidade entregue ao saque, e Socrates que n'uma meditação profunda fica immovel durante um dia, exposto ao calor de um sol ardente, são extaticos.

Os individuos em extase offerecem, como phenomenos communs, a suspensão dos movimentos voluntarios e do exercicio dos sentidos; mas as expressões faltam para descrever as sensações puramente cerebraes que experimentam. Uns tem a sensação de felicidade ineffavel, de beatitude celeste; muitos tem hallucinações dos sentidos. No accesso extatico a pessoa sentada, em pé ou ajoelhada, tem os olhos abertos e fitos, ordinariamente dirigidos ao céo; o rosto pallido, a bocca semi-aberta : é insensivel, immovel, e, ás vezes como na catalepsia, as pernas e os braços conservam a posição que se lhes dá. O accesso acaba depois de duração variavel. Os doentes queixam-se de fraqueza, de fadiga; estão mui abatidos; algumas senhoras tem oppressão no peito e choram abundantemente como depois do accesso de hysterismo. Estes ataques reproduzem-se mais ou menos frequentemente.

A vida contemplativa e religiosa, a meditação sobre ideias abstractas na solidão, no meio das privações e do jejum, são as causas da extase. A molestia observa-se nas pessoas ferventes, e cujo espirito se dirije continuadamente ás coisas celestes.

Tratamento. Para curar a extase, é preciso alimentar e fortificar os extaticos, afastal-os momentaneamente do objecto das suas meditações, abstractas ou religiosas. Durante o accesso, convem applicar sinapismos nas pernas, borrifar o rosto com agua fria, applicar na testa pannos molhados em agua fria, dar a cheirar vinagre, agua de Colonia ou alcali volatil.

EXTINCÇÃO DA VOZ. *Veja-se* Voz.

EXTRACTO. Dá-se o nome de extracto ao producto de evaporação até á consistencia molle, fluida ou secca, de um succo natural ou da solução obtida de alguma substancia vegetal ou animal, com um vehiculo tal como a agua, o alcool, o ether, e raras vezes com vinho e vinagre. Os extractos molles, que se fazem com succos de certos fructos, são mais particularmente chamados *arrobes*.

Dausse ainé, fundador da industria dos extractos, em Pariz, prepara extractos de todas as plantas, todos de primeira qualidade. Os extractos fluidos são mui commodos, pois que basta mistural-os a frio com xarope simples ou com vinho, para se ter immediatamente muito bons xaropes e vinhos medicinaes.

Esta fabrica acha-se estabelecida em Pariz, á rua Aubriot nº 6.

Extracto de Saturno. Synonymo de sub-acetato de chumbo liquido. Liquido quasi de consistencia de xarope. *Veja-se* Chumbo.

EXUTORIO. Dá-se este nome a certas ulceras superficiaes ou profundas feitas pelo medico em um logar qualquer do corpo, com o fim de ali entreter uma suppuração local derivativa. Os exutorios superficiaes que não activam senão sobre a pelle, são os *vesicatorios*. Os exutorios profundos que aggravam toda a espessura da pelle e o tecido cellular sub-cutaneo, são os *cauterios*, as *moscas* e os *sedenhos*.

F

FACADA. *Veja-se* FERIDAS.

FALLA (PERDA DA). *Veja-se* VOZ (PERDA DA).

FALTA DE LEITE NAS AMAS. *Veja-se* vol. I, pag. 123.

FALTA DE MENSTRUAÇÃO. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

FARCIN. Dá-se este nome a uma molestia do cavallo, tendo a marcha aguda ou chronica, caracterizada sobretudo por tumores multiplos sobre o trajecto dos vasos e ganglios lymphaticos, tumores que suppuram e cuja materia inoculada reproduz ou molestia identica, ou symptomas de mormo agudo. O farcin, com effeito, tem o mesmo virus, o mesmo contagio que o mormo; se ha alguma differença entre as duas molestias, esta differença existe só na séde; com effeito, no mormo a lesão das fossas nasaes é constante, entretanto que falta no farcin.

O farcin póde transmittir-se do cavallo ao homem pela introducção da materia purulenta n'uma arranhadura, n'uma esfoladura, e eis aqui os symptomas que apparecem, conforme a natureza da molestia, *aguda* ou *chronica*.

Farcin agudo. *Symptomas.* Variam os symptomas segundo que o farcin principia pelos phenomenos locaes ou geraes.

No *primeiro caso*, quando a molestia é produzida por inoculação directa, a ferida pela qual foi introduzida a materia virulenta não se cicatriza, e em pouco tempo transforma-se em ulcera : os vasos lymphaticos vizinhos engrossam e tornam-se dolorosos. Ao cabo de pouco tempo, sobrevem inchações sobre o trajecto d'estes vasos, e depois verdadeiras postemas.

A inoculação póde limitar os seus effeitos a estes symptomas locaes. A inflammação local, acompanhada de desordens geraes moderadas, termina quer pela cura, quer passa ao estado chronico, e as mais das vezes dá logar a abcessos que se abrem, se ulceram, e se reproduzem com desesperante tenacidade. Mas se o pus farcinoso fôr mui virulento, os accidentes locaes são seguidos de infecção promptamente mortal.

Quando o farcin *principia por phenomenos geraes*, o enfermo experimenta leves calefrios, dôr de cabeça, fastio, nauseas, um sentimento de fraqueza geral, insomnia, ás vezes delirio e dôres violentas nas juntas, nas pernas e no pescoço. Apparece a febre; o pulso é forte, a pelle quente, a lingua secca, as ourinas poucas e sedimentosas.

A segunda phase do farcin agudo é constituida pela generalização das collecções purulentas. Passados alguns dias, formam-se, sobre diversas partes do corpo pequenos tumores molles, pouco salientes e levemente dolorosos; estes tumores, que se tornam de um rubro violaceo, não tardam a abrir-se, e deixam escorrer em pequena quantidade um pus sanguinolento e glutinoso. Ás vezes estes abcessos terminam pela gangrena. Ao mesmo tempo verdadeiros abcessos phlegmonosos invadem o tecido cellular.

Depois de um tempo que varía de uma a quatro semanas, uma erupção cutanea, que foi comparada á da vaccina, apparece sobre muitos pontos; são pequenas elevações assaz salientes cercadas de areola rubra, semelhantes a frunchos; transformam-se em abcessos e depois em ul-

ceras. A quantidade d'estes botões póde ser consideravel; fora trados, no mesmo doente, nas palpebras, nariz, beiços, peito nos braços e pernas.

A morte póde sobrevir nos primeiros dias, mas as mais das v logar na terceira semana. Existem, porém, alguns exemplos de

Farcin chronico. O farcin é muito mais frequente n chronico do que no estado agudo. Na primeira fórma póde m debaixo de tres aspectos : 1.° *engurgitamento farcinoso chronic sos lymphaticos;* 2.° *ulcera farcinosa;* 3.° *farcin propriamente d*

A marcha da molestia é em geral lenta. Dura ás vezes de dois a tr

1.° O ENGURGITAMENTO FARCINOSO CHRONICO succede muitas vezes Ás vezes o farcin local é chronico desde o principio, e toda a póde ser limitada a riscos violaceos, a indurações sobre o tra vasos lymphaticos, acompanhados do engurgitamento pouco dos ganglios correspondentes. Estes tumores são lentos na sua e abrem-se produzindo fistulas muitas vezes inesgotaveis. Os sy geraes podem ser nullos ou consistir em abatimento mais ou m fundo; alguns accessos de febre apparecem nos intervallos irr

A duração d'estes accidentes é sempre mui longa, e a cura é ção habitual.

2.° ULCERA FARCINOSA. N'este caso não ha nem inchação nen sobre o corpo. A ulcera fecha-se e abre-se alternadamente. A ter logar.

3.° FARCIN PROPRIAMENTE DITO. O doente queixa-se de lassidões, vagas, de fastio. As forças diminuem, a febre é moderada no Estes phenomenos persistem durante um mez ou seis sem dôres nos musculos e articulações, caimbras nas barrigas das antebraços. Os abcessos podem ser phlegmonosos acompar symptomas inflammatorios, ou frios e indolentes; estes são s perficiaes e podem persistir durante mezes se o cirurgião não aquelles são profundos e abrem-se promptamente de per si. versas collecções purulentas desapparecem ás vezes rapidame pois tornam a apparecer. A abertura espontanea ou artificial fic as mais das vezes.

Á medida que os tumores e os abcessos se multiplicam, a co altera-se, o emmagrecimento torna-se extremo, a pelle secca e da, o rosto triste e livido, o pulso pequeno, sobrevem diar doente, chegado ao ultimo gráo de marasmo, não tarda a suc terminação funesta deve ser considerada como regra geral, alguns exemplos de cura.

Qualquer que seja o exito do farcin chronico, a duração da sempre longa; varía de quatro mezes a mais de tres annos; de é de dez a quinze mezes.

Tratamento. O tratamento do farcin é o mesmo que o do mor molestia da mesma natureza que o farcin, não differindo d'elle alguns symptomas locaes. (*Veja-se* MORMO.)

FARELOS. Cascas ou epidermes das sementes do trigo

tros cereaes, quando são separadas pela moedura. Servem de alimento aos cavallos, ao gado, e ás aves domesticas. Misturados com agua formam para os animaes uma bebida nutriente e refrigerante, que se chama *agua branca*. Os farelos não se podem guardar por muito tempo sem fermentarem : devem ser consumados promptamente.

FASTIO. O fastio é um symptoma que se encontra no maior numero das molestias agudas. Tambem tem logar em algumas molestias chronicas e na gravidez. No estado de saude, a diminuição da fome sobrevem frequentemente nos individuos fracos, e particularmente nas mulheres nervosas e que passam vida sedentaria. A imaginação exerce poderosa influencia sobre o appetite, pois que os trabalhos de gabinete, as meditações profundas, as occupações sérias ou agradaveis, as paixões fortes, de qualquer natureza que sejam, diminuem a vontade de comer. As bebidas mornas e relaxantes, e o uso habitual do opio, occasionam tambem a perda d'esta sensação.

Tratamento. Para fazer desapparecer o fastio, é preciso remover as causas que o occasionaram. Assim, depois do emprego da dieta, que é n'este caso rigorosamente indicada, convem suspender os trabalhos de gabinete, quando a falta de appetite procede de meditações profundas; fazer exercicio, ou ao menos declamar e ler em alta voz, quando depende de vida sedentaria; passeiar ao ar livre, usar de banhos frios, entregar-se ao exercicio da natação; e se a falta de appetite fôr causada por pezares ou alguma outra paixão, convem buscar os meios de esquecêl-a; emfim, tratam-se as molestias de que o fastio é um symptoma.

Aproveitam contra o fastio :

O vinho de Cabanes, na dóse de um calice de licor antes de cada refeição.

Os pós de Paterson de sub-nitrato de bismutho e magnesia, na dóse de um papel de manhã e outro á noite.

As pastilhas de Paterson, na dóse de 3 a 4 pastilhas, no correr do dia.

O vinho de glycerina e quina de Catillon, para os adultos, na dóse de um calice, antes de cada refeição; para as crianças, uma colher *de sopa*.

O elixir de Catillon de glycerina e pepsina, para os adultos, na dóse de um calice de licor antes e depois da comida; para as crianças, uma colher *de chá*, antes e depois de cada refeição.

O fastio que existe com amargor da bocca sem febre, exige um vomitorio de poaya. Eis-aqui algumas receitas contra o fastio :

Pós estomachicos.

Rhuibarbo em pó	8	grammas.
Canella em pó	4	—
Assucar	2	—

Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, em meia chicara d'agua fria, uma hora antes do jantar.

Outros pós estomachicos.

Rhuibarbo em pó	4	grammas.
Aloes em pó	2	—

Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, da mesma maneira que os pós precedentes.

Mistura tonica.

Tintura de aloes.....	15 grammas.
Alcoolato de hortelã.....	15 —

Misture. Toma-se uma colher *de chá*, em meia chicara d'agua fria com assucar, uma vez por dia, uma hora antes do jantar.

Alguns outros medicamentos tambem aproveitam muito contra o fastio, entre elles citaremos :

As preparações de papaina de Trouette-Perret. (*Veja-se* PAPAINA.)

O elixir eupeptico Tisy, de pancreatina, diastase e pepsina, na dóse de uma colher *de sopa*, ao almoço e ao jantar.

O rhuibarbo granulado de Mentel, na dóse de 50 centigrammas, na hora das refeições.

O quinium Labarraque, na dósc de um calice de licor ao almoço e ao jantar.

O vinho bi-digestivo de Chassaing, na dóse de 1 a 2 calices de licor depois das refeições.

FATALISMO. Nome dado a uma doutrina philosophica que não admitte o libre arbitrio e declara que todos os phenomenos materiaes e psychicos são regidos por leis necessarias contra as quaes não está em nossas forças reagir. É inutil dizer que, applicada á medicina, esta doutrina seria a sua suppressão.

FAVA. Semente da faveira, planta da familia das Leguminosas cultivada no Brazil e em Portugal, de que existem muitas variedades, e cujas sementes são alimentares. A faveira ordinaria (*Faba vulgaris*, de Candolle) tem 1 metro de altura, folhas aladas compostas de 4 a 6 foliolos, flores brancas com uma nodoa preta, de cheiro agradavel; vagens oblongas, roliças, um tanto comprimidas, contendo 2 a 4 sementes (favas) grandes e oblongas, de gosto pronunciado. As favas comem-se verdes ou seccas; das seccas as tripulações fazem grande consumo nas viagens maritimas. É um alimento nutriente, mas um pouco indigesto. Nas roças misturam ás vezes a farinha de favas com a de trigo, para fazer pão. Em medicina, a farinha de favas é empregada ás vezes para fazer cataplasmas que se applicam nos tumores. Os talos, as folhas e as flores de faveira dão-se a comer ao gado; as sementes constituem tambem um bom alimento para as vaccas.



Fig. 457. — Fava de Calabar.

FAVA DE CALABAR (Fève de Calabar, fr.) (fig. 457). Semente da *Physostigma venenosum*, Balfour, planta trepadeira e venenosa da familia das Leguminosas-Papilionaccas, que habita na margem do rio Calabar, na região occidental da Africa. Esta planta tem os caracteres seguintes : Caule vivas, trepante, podendo ter até 15 metros de altura; folhas alternas, compostas

de tres foliolos, que são ovaes-acuminados, e tem duas estipulas na base; flores de côr purpurea, com veios de um amarello pallido. O fructo é uma vagem de côr roxa escura, de comprimento de 15 a 20 centimetros, contendo duas ou tres sementes côr de chocolate, de 25 millimetros de comprido, de 10 a 15 millimetros de largo, sem cheiro nem sabor.

Contém um principio muito activo chamado *eserina*. (*Veja-se* ESERINA.)

Actualmente é só a eserina que se emprega: não obstante a fava de Calabar tem sido utilizada contra algumas molestias, entre outras, a epilepsia, a dansa de S. Guido e o tetanos.

Ainda não está bem demonstrada a efficacidade d'este medicamento.

Administra-se'o em pó e em pilulas na dóse de 30 a 40 centigrammas, nas vinte e quatro horas.

FAVA PICHURIM. *Veja-se* PICHURIM.

FAVA DE SANTO IGNACIO. É a semente do *Strychnos ignatia amara*, planta da familia das Loganiaceas, trepadeira que habita as ilhas Philippinas e a Cochinchina. A substancia d'estas favas é opaca, cinzenta, sem cheiro e de gosto muito amargo. Contem strychnina, brucina e nox vomica. É um veneno muito activo. Na India empregam-n'a como vermifugo e ás vezes contra as febres intermittentes. Na Europa, é empregada como aperitiva e estimulante das funcções digestivas; tambem se usa contra a prisão de ventre e as dyspepsias gastro-intestinaes acompanhadas de flatulencia e de colicas ventosas. Administra-se debaixo da forma de gottas amargas de Beaumé que se preparam do seguinte modo, segundo o Codigo pharmaceutico francez:

Favas de Santo Ignacio raspadas.....	500 gram.	Picoman.....	1 gram.
Carbonato de potassa...	5 —	Alcool a 60°.....	1000 —

Macere em vaso tapado por espaço de 20 dias, mexendo de tempos em tempos. Côe expremendo e filtre.

FAVA TONCA. *Veja-se* CUMARÚ.

FAXA DO TRONCO. *Veja-se* LIGADURA.

FEBRE EM GERAL. Esta palavra exprime a acceleração das pancadas do pulso e um augmento na temperatura natural do corpo, provocados sympathicamente pela irritação de algum orgão. Esta irritação é umas vezes apreciavel aos nossos sentidos, *verbi gratia:* uma larga queimadura, uma erupção cutanea, uma erysipela, uma ferida, etc.; outras vezes, revela-se por certos signaes que annunciam que este ou aquelle orgão sente perturbação em suas funcções: isto acontece na inflammação do pulmão, do cerebro e dos outros orgãos internos; outras vezes, emfim, não existe perturbação particular nas funcções de algum orgão especial, mas todos são affectados e os movimentos do pulso são accelerados n'este caso como nos precedentes. O sangue mesmo póde achar-se em taes condições, que os tecidos em que circula experimentem, pelo unico facto de seu contacto, uma mudança mais ou menos rapida no modo de vitalidade: a febre póde resultar, por conseguinte, de cer-

tas condições em que se achar o sangue. Vê-se, pois, quantas causas diversas podem dar logar a este phenomeno. A febre, em geral, é quasi constantemente precedida de um estado de ancia e de diminuição das forças. Muitas vezes existem dôres de cabeça e nos membros. O appetite cessa, ás vezes nauseas e vomitos se fazem sentir: as mais das vezes existe sêde; a lingua fica mais ou menos carregada, a pelle quente, o rosto animado, o pulso accelerado. Observam-se tambem frequentemente agitação e insomnia. Emquanto a febre persistir, é signal de que a desordem organica, que lhe deo motivo, ainda não cessou. Se augmentar, prova que a lesão organica, que a occasionou, augmenta de intensidade, e por isso mesmo annuncia grande crescimento da molestia; se diminuir gradualmente, deve concluir-se que a causa morbida cessou de obrar.

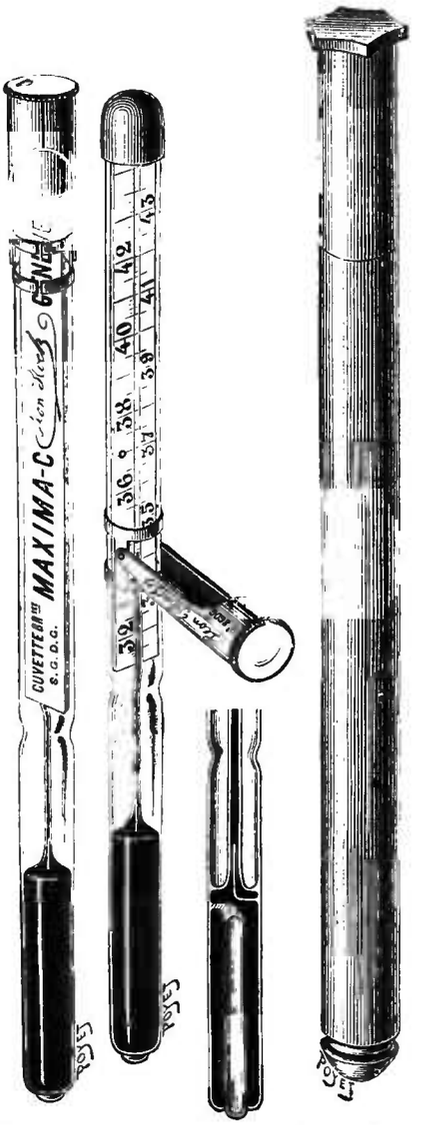


Fig. 458. — Thermometro de Maxima, de Bloch.

Conforme a terminação favoravel ou desfavoravel que promette a molestia, os phenomenos da febre serão differentes. Em geral, no primeiro caso, observam-se os phenomenos seguintes; a agitação, insomnia, sêde, e o calor, diminuem; o pulso perde a frequencia e força, as funcções digestivas, até então suspensas, principiam a restabelecer-se e logo, o organismo entra em suas funcções naturaes. No segundo caso, isto é, se a terminação deve ser desfavoravel os phenomenos febris seguem marcha diversa. O pulso accelera-se cada vez mais, e á proporção que se accelera perde a força, a fraqueza do doente augmenta, o somno é agitado, frequentemente interrompido, a intelligencia diminue ou se perverte, os sentidos perdem-se. Observam-se então convulsões, vomitos, a excreção involuntaria ou a retenção das ourinas, e dejecções alvinas. Emfim, o calor diminue, o pulso torna-se rapido e tão fraco que apenas se sente; o doente succumbe.

Após os sabios aperfeiçoamentos feitos na thermometria pela Snr Leão Bloch, de Genebra, serve-se muito em medicina do thermometro para se conhecer o gráo de febre do doente (fig. 458). (*Veja-se* THERMOMETRO.)

As febres apresentam grandes differenças relativamente á sua natureza, marcha e terminação. Umas manifestam-se de uma maneira con-

tínua, emquanto que outras, depois de se declararem, céssam e tornam a apparecer com intervallos; de tal sorte que as alternativas de reapparecimento e cessação executam-se em tempos regulares, ou pouco mais ou menos regulares; aquellas chamam-se *febres continuas*, estas *febres intermittentes*.

Nos logares onde reinam febres, as pessoas fracas, sobretudo, devem tomar, como preservativo e para prevenir qualquer ataque da molestia, um meio calice de vinho de quinium de Labarraque, todas as manhãs em jejum.

O numero das febres é bastante grande, como se póde julgar pelas descripções que seguem.

Febre adynamica. Alguns medicos empregam ainda esta palavra para designar um estado febril acompanhado de debilidade extrema, pulso mui fraco e frequente, seccura da bocca, e ás vezes delirio. Este estado observa-se n'uma das fórmas da febre typhoide. *Veja-se* FEBRE TYPHOIDE.

Febre algida. Febre intermittente, perniciosa, na qual o doente sente um frio glacial e contínuo. *V* FEBRE INTERMITTENTE PERNICIOSA.

Febre amarella. Esta molestia é particular a certos paizes quentes; reina nas Antilhas, Nova Orleans, e em algumas outras regiões intertropicaes. É caracterizada pela côr amarella da pelle e pelos vomitos pretos, e por causa d'estes symptomas principaes designa-se pelo nome de *febre amarella* ou de *vomito negro*. A febre amarella não era conhecida no Rio de Janeiro antes de 30 de dezembro de 1849, dia em que pela primeira vez se manifestou n'esta grande cidade, tendo já apparecido na Bahia dois mezes antes. É verdade que já tinha grassado em Pernambuco no anno de 1684; mas esta data antiga estava riscada da memoria, e os medicos do Rio de Janeiro duvidavam tanto do apparecimento da febre amarella no Brazil, que, quando esta molestia se declarou no anno de 1849, a designavam a principio com os nomes de *febre grave, febre com symptomas cerebraes, febre typhoide, febre reinante*, etc.; e só alguns dias depois da existencia da epidemia, é que foram obrigados a confessar que era a febre amarella. Esta epidemia mostrou-se, como já disse, primeiro na Bahia no mez de outubro de 1849, no Rio de Janeiro no fim de dezembro de mesmo anno, em Pernambuco e no Pará no fim de janeiro de 1850. Invadio tambem as provincias da Parahyba, Sergipe e Alagôoas, e na provincia de S. Paulo a cidade de Santos.

Os logares habituaes da febre amarella eram até agora as Antilhas e a Nova Orleans. Esta molestia era rara na America Meridional. Na Europa mostrou-se nas costas da Hespanha, da Italia, de Portugal, e talvez em Rochefort em França. Em 1821, reinou em Barcelona; em 1828 e em 1832, em Gibraltar; em 1857, em Lisboa e nas outras cidades do reino de Portugal. Na Africa, só foi encontrada na costa do Senegal e na Serra Leoa. O Dr. Moreau de Jonnes contou, desde os ultimos annos do XV° seculo até ao anno de 1819, 274 épidemias de febre amarella, divididas da maneira seguinte : 227 na America, 4 na Africa e 43 na Europa. As 227 epidemias da America repartem-se mui desigualmente são : 116

para as Antilhas, 92 para a Ameriea Septentrional, e só 19 para a America Meridional. A latitude boreal mais elevada em que foi vista é de 46 gráos em Quebec, no Canadá.

No Rio de Janeiro a primeira epidemia durou desde o 1° de janeiro de 1850 até o fim de agosto do mesmo anno. A maior força foi no mez de março. Declarou-se primeiro a bordo da barca *Navarre*, proeedente da Bahia, e nos navios que se aehavam mais approximados d'essa barca; depois invadio quasi toda a eidade, havendo easas em que foram aeommettidos quasi todos os moradores : em geral, foi benigna e combatida em 3 ou 4 dias pelos sudorifieos e evacuantes. A eidade do Rio de Janeiro eontinha então eerca de 250,000 habitantes : póde-se dizer sem exageração que o numero das pessoas ataeadas da epidemia nos primeiros oito mezes do anno de 1850 exeedeu de 100,000; e a mortalidade não passou de 3,827, o que equivale a menos de 4 por eento dos doentes, quando é eerto que ha paizes em que este flagello tem eeifado 40 e mais por cento.

Nos pretos a molestia apresentava geralmente menos gravidade, e na minha cliniea não vi nenhum d'elles morrer de febre amarella, eomo tambem não vi a molestia ehegar até ao vomito preto n'essa raça. A molestia aeommettia gravemente sobretudo os estrangeiros não aclimados : houve proporcionalmente poueas mortes entre os nacionaes residentes eonstantemente no Rio de Janeiro.

A primeira epidemia da febre amarella durou no Rio de Janeiro, eomo já disse, oito mezes, desde o 1° de janeiro de 1850 até ao fim de agosto. Depois houve suspensão da molestia por alguns mezes; mas a febre amarella tornou a appareeer na estação ealmosa do anno seguinte, para desappareeer de novo na épooa menos quente do anno. Durante os annos seguintes, a molestia appareeia na estação calmosa eom mais ou menos intensidade.

Causas da febre amarella. Em todos os logares em que reina a febre amarella, mostra-se qusi sempre no littoral, e não penetra no interior do paiz, nem se manifesta nos logares elevados vizinhos do mar. Quaes são por conseguinte as eausas que favoreeem o seu desenvolvimento? Tem-se aeeusado o calor : é verdade que a febre amarella habita nas regiões intertropieaes; mas, como disse, não se mostra n'ellas em toda a parte : as Indias Orientaes, a Arabia, a eosta oriental da Africa, são isentas d'ella. São miasmas pantanosos? Parece que estes miasmas em muitos casos oceasionam a febre amarella, mas nem sempre. A molestia desenvolve-se ás vezes em logares em que não ha pantanos, e reciprocamente respeita as regiões pantanosas. Digamos entretanto que a proximidade do mar deve ter aqui uma aeção bem real, que a febre amarella desenvolve-se sobretudo nas eidades maritimas em que ha poueo asseio; mas escapam-nos muitas eireumstaneias da formação d'esta molestia.

Apresenta-se aqui uma questão : *Se a febre amarella é contagiosa?* Muitos medieos julgam que a febre amarella só nasce de eausas locaes, que a influeneia d'estas eausas não é susceptivel de ser transmittida além do foeo, e que por conseguinte o que a oceasiona é rigorosamente

o que se chama *infecção*. Quando a epidemia devasta uma cidade do littoral, não se estende ao interior, bem que as communicações não sejam interrompidas, e que os individuos doentes deixem o foco de infecção para irem morrer nas localidades salubres. Assim, o contagio tal como se entende não tem logar para a febre amarella, como teria logar, por exemplo, para as bexigas, molestia eminentemente contagiosa. Se no seio do foco a febre amarella parecco ser contagiosa, depende isso de ser difficil isolar a acção de infecção da acção de contagio. É a um medico francez, o Dr. Chervin, e aos esforços em que tem despendido a sua fortuna e estragado a sua saude, que a sciencia e a humanidade devem o resultado que se póde formular da maneira seguinte :

A febre amarella não é contagiosa; é originada pelas causas miasmaticas geraes; por conseguinte as quarentenas e os lazaretos são completamente inuteis contra esta molestia. Com effeito, a rigorosa quarentena que existe no porto de Lisboa para os navios que chegam dos logares em que reina a febre amarella, não impedio o desenvolvimento d'esta molestia em Portugal no anno de 1857, ao passo que a molestia não appareceo em Southampton, onde não se observa a quarentena.

Symptomas. A febre amarella apresenta dois periodos bem distinctos :

Primeiro periodo. No meio da mais perfeita saude sobrevem de repente dôr de cabeça com alguns calefrios e abatimento geral, como no incommodo designado geralmente pelo nome de *constipação*; logo depois o calor e mais tarde o suor succedem ao calefrio; a lingua torna-se branca; ha falta de somno; o pulso é forte e frequente; sobrevem dôres no estomago ou nas cadeiras, côxas, pernas, braços e por cima dos olhos; a sêde ás vezes é pouca, outras vezes intensa; a fraqueza é grande e a agitação dos membros tão forte, que os doentes não podem conservar-se socegados na cama e mudam continuamente de posição : ás vezes existem vomitos biliosos, amarellos; outras vezes, o doente só tem nauseas. Se a molestia dever terminar pela cura (e é isso o que acontecia no Rio de Janeiro, na epidemia de 1850, quatro vezes sobre cinco), sobrevem um suor geral mui copioso, o pulso volta ao seu estado normal, e o doente acha-se melhor no dia seguinte, queixando-se só de dôres de cabeça e de fraqueza no corpo, que desappareee em poucos dias. Mas se a molestia deve fazer progressos, os symptomas tornam-se mais graves, e então principia o segundo periodo da molestia.

Segundo periodo. No segundo, terceiro ou quarto dia, a pelle toma uma côr amarella, os vomitos tornam-se sanguinolentos, denegridos, e depois *pretos*, semelhantes a chocolate, e depondo pós pretos que se parecem com a borra de café; as dejecções alvinas tornam-se tambem pretas; o doente sente grande oppressão no peito e dôres na boca do estomago; as ourinas diminuem de quantidade, e depois supprimem-se completamente; sobrevem hemorrhagias pelas gengivas, lingua, nariz e anus; a sêde ordinariamente é pouca; ás vezes ha soluços; o pulso torna-se fraco e pouco frequente; no fim manifesta-se o delirio, e o doente succumbe do quarto ao setimo dia, ás vezes mais tarde. — Em outros casos

mais felizes, os vomitos param, todos os symptomas graves diminuem gradualmente de intensidade, e o doente volta á saude depois de uma convalescença mui longa e custosa.

Tratamento. Logo que a molestia se declarar, é preciso provocar a transpiração. Para este fim, convem immediatamente recorrer a um suadouro: o doente tomará um pediluvio com farinha de mostarda, beberá duas ou tres chicaras de chá de sabugueiro ou borragem, e envolverá o corpo em cobertores de lã. Depois de suar durante tres ou quatro horas, tomará 30 grammas de oleo de ricino, ou 8 grammas de magnesia calcinada. Ha doentes que se dão bem com 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico tomados n'uma chicara d'agua morna, para provocar os vomitos. Mas nas pessoas em que a molestia principia pelos vomitos, um purgante é mais conveniente do que o vomitorio. Para acalmar a sède, beberá o doente agua fria, ou limonada de limão. Para mitigar as dôres de cabeça, é preciso applicar na testa pannos molhados em agua fria misturada com vinagre. Este tratamento é sufficiente quando a molestia se limita ao *primeiro periodo.*

No *segundo periodo* da molestia, quando apparecem a côr amarella da pelle e a prostração, é preciso administrar o sulfato de quinina, segundo a seguinte receita:

Sulfato de quinina.....	10 perolas du Dor Clertan.

Administra-se 1 perola de 2 em 2 horas.

Acabada toda esta dóse de sulfato de quinina administra-se a poção seguinte ás colheres, uma colher *de sopa* de hora em hora:

Agua distillada de hortelã.....	120 grammas.
Ether sulfurico.....	30 gottas.
Xarope de quina.....	30 grammas.

Duas vezes por dia, administre-se o clyster seguinte:

Casca de quina rubra.....	8 grammas.
Agua.....	360 —

Ferva por meia hora, e côe.

Appliquem-se sinaspismos nas cadeiras, coxas e pernas.

Façam-se fricções pelo corpo com vinagre aromatico.

Sustentem-se as forças com caldos de gallinha ou de carne de vacca, tomadas a miudo, mas por pequenas porções. Dê-se tambem um pouco de vinho, e laranja para chupar.

Ha muitos outros medicamentos que são empregados contra a febre amarella, taes são: camphora, valeriana, cato, calomelanos, almiscar, e sobretudo as obreias medicamentosas de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho, que se tomam na dóse de uma obreia, de 2 em 2 horas sem interrupção, mesmo nas horas da comida. O tratamento, que indico, parece-me o melhor. Quanto á sangria, não convem na febre amarella, porque n'esta molestia o doente precisa de todas as forças para resistir ao elemento destruidor.

O gaz chloro possue a propriedade de destruir varios miasmas : este gaz constitue tambem o melhor *preservativo* da febre amarella. Para este fim, as pessoas, que habitam em logares em que reina a epidemia, devem lavar as mãos com solução de chlorureto de cal em agua, ou com verdadeiro licor ou agua de Labarraque, e devem espalhar estes liquidos pelos quartos. Convem igualmente espalhar agua phenica.

A febre amarella é pouco sujeita a recahida; quasi sempre o primeiro ataque, mesmo mui leve, põe ao abrigo para o futuro a quem foi d'ella uma vez acommettido.

Febre ataxica. A molestia assim chamada não é senão a fórma grave de certas febres typhoides. *Ataxia*, significa irregularidade na marcha da molestia.

Febre biliosa. Molestia que reina nos paizes quentes, e que é caracterizada pela dôr de cabeça, vomitos, lingua esbranquiçada, sêde e febre.

Causas. Uma alta temperatura reunida á humidade, são duas condições que desenvolvem a febre biliosa, e a tornam endemica em muitas regiões, sobretudo na India na peninsula do Ganges, nas provincias meridionaes dos Estados-Unidos da America e na costa d'Africa. Ataca sobretudo os extrangeiros.

Symptomas. A febre biliosa offerece muitos gráos; parece-se ás vezes pelos symptomas e pouca gravidade, com o embaraço gastrico. (*Veja-se* esta palavra.)

N'uma fórma mais grave (e é esta que se pretende designar quando se falla da febre biliosa), a molestia declara-se subitamente e depois de alguns dias de indisposição. Os individuos ficam então abatidos; tem dôres nas cadeiras, falta de appetite, e experimentam alternativas de frio e de calor. A estes symptomas succedem logo depois um calor ardente por todo o corpo, pulso frequente, dôr por cima das sobrancelhas e na testa, constrangimento no peito, soffrimento mais ou menos vivo na bocca do estomago e no lado direito do ventre. A lingua cobre-se de uma camada branca e amarellada; existe commummente sêde, e vomitos frequentes formados por bilis verde, de que os doentes lançam ás vezes grande quantidade. Ora existe prisão de ventre, ora diarrhea biliosa acompanhada de colicas ou sem ellas; todo o corpo, ou sómente o rosto e as conjunctivas, tem a côr amarellada. As faculdades intellectuaes ficam frequentemente intactas, mas em muitos casos existe somnolencia e delirio : em certas epidemias, este symptoma é mesmo predominante e declara-se com muita violencia desde o principio da molestia. Estes symptomas raras vezes augmentam de uma maneira contínua; as mais das vezes, depois de persistirem, acalmam-se durante algumas horas; esta remissão é marcada por um suor copioso ou por uma leve humidade. Os paroxysmos são ordinariamente quotidianos, ou apparecem duas vezes por dia. Mas ás vezes, a medida que a molestia se prolonga, as remissões são de menos em menos marcadas; a lingua torna-se secca e roxa; o pulso designal e intermittente; os vomitos são mais amiudados; ha sobresaltos dos tendões do antebraço, delirio, e a morte sobrevem

antes do fim do primeiro septenario, mais ordinariamente no curso do segundo.

Tratamento. Os purgantes fazem a base do tratamento; são: 30 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sulfato do magnesia. As bebidas frias, acidulas, taes como a limonada, a laranjada, o vinho de quinium de Labarraque na dóse de quatro calices por dia, e a quinoidina Duriez (*Veja-se* QUINOIDINA), completam o tratamento. No periodo de prostração administra-se ás colheres a poção seguinte:

Infusão de valeriana.....	120	grammas.
Tintura de quina.....	8	—
Xarope de quina.....	30	—

Dóse. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Febre catarrhal. Synonymo de bronchite aguda. Este ultimo nome exprime melhor a natureza da molestia, e indica-lhe a séde. *Veja-se* BRONCHITE.

Febre cerebral. *Veja-se* MENINGITE.

Febre colliquativa. *Veja-se* FEBRE LENTA.

Febre escarlatina. *Veja-se* ESCARLATINA.

Febre gastrica. Dá-se este nome ao embaraço gastrico. *Veja-se* esta ultima palavra).

Febre hectica. *Veja-se* FEBRE LENTA.

Febre inflammatoria. Molestia caracterizada pelo pulso forte e frequente, cansaço geral, dôres nos membros, pelle quente, dôr de cabeça e sêde. E quasi a mesma cousa que a *constipação;* mas os symptomas da febre inflammatoria são um pouco mais desenvolvidos e mais graves do que os da simples constipação.

As *causas* da febre inflammatoria são: excesso de intemperança, accesso de colera, dôr produzida por uma ferida, fractura, pela deslocação de um membro, o estabelecimento difficil dos menstruos ou a sua subita suppressão: ás vezes tambem esta molestia se desenvolve sem causa alguma manifesta.

A sua duração é indeterminada; as mais das vezes acaba favoravelmente no terceiro ou quarto dia.

O *tratamento* consiste em provocar a transpiração por meio de um suadouro. Depois convem administrar bebidas refrigerantes, como cozimento de cevada frio ou limonada de limão azedo. 5 centigrammas de tartaro emetico para provocar os vomitos é muitas vezes util; ou então um purgante de oleo de ricino.

Febre intermittente, Sezoes ou **Maleitas.** As febres intermittentes simples são affecções inteiramente distinctas das febres continuas, e não tem com ellas outra semelhança senão o nome. As febres continuas, como já disse, procedem da affecção de um orgão; nas febres intermittentes, porém, os orgãos estão bons e a molestia parece depender da modificação particular do systema nervoso. Portanto, as febres intermittentes distinguem-se das continuas não só pela natureza, como tambem pelas causas, pela marcha e pelo tratamento.

O que indica o adjectivo *intermittente*, na febre d'este nome, é que ella apparece e desapparece successivamente, por intervallos mais ou menos longos, durante os quaes não existe vestigio algum de movimento febril. Todo o accesso de febre intermittente compõe-se em geral de tres periodos; a saber: frio, calor e suor. *Primeiro periodo.* Os symptomas que o caracterizam são os seguintes: bocejos, calefrios, tremor, pelle fria, pulso pequeno e frequente; pallidez geral, com lividez dos labios e das unhas. A duração média do calefrio é de meia a uma hora, ás vezes prolonga-se por cinco ou seis horas. *Segundo periodo.* Pouco a pouco cessa o tremor; então desenvolve-se o calor; a pelle torna-se quente, o rosto corado, os olhos luzidios, o pulso frequente e a sède excessiva. Este periodo, assim como o primeiro, é sujeito a grandes variações na intensidade dos symptomas. A duração póde ser de muitas horas ou sómente de um quarto de hora. *Terceiro periodo.* A pelle, que estava até então secca, principia o cobrir-se de suor mais ou menos abundante; os symptomas da febre diminuem gradualmente, e depois do suor o doente não experimenta senão um abatimento que se dissipa pouco a pouco, e logo tudo entra na ordem natural.

Os accessos não se compõem sempre dos tres periodos que acabei de descrever; ás vezes o calefrio é nullo ou quasi nullo; o suor póde faltar, e isto não deixa de constituir um accesso; emfim, ás vezes a ordem dos periodos póde ser invertida. Quando o accesso se repete todos os dias e á mesma hora, chama-se febre *quotidiana;* se de dois em dois dias, *terçã;* se de tres em tres dias, *quartã.* Apparecendo a febre duas vezes em vinte e quatro horas, chama-se *quotidiana dupla.* Estes typos são os mais frequentes; ha ainda outros, mas são mui raros.

Causas. Está geralmente admittído que o maior numero das febres intermittentes são produzidas por exhalações pantanosas; e a prova é que os paizes em que estas febres reinam epidemicamente são rodeados de pantanos. As emanações lodosas actuam com maior energia de tarde e de noite do que no decurso do dia, e tem ainda maior influencia sobre os individuos estranhos ao paiz, do que sobre os indigenas. Além d'estas causas tão poderosas e tão geraes, existem outras; pois que as febres intermittentes observam-se em logares onde não podem accusar-se a este respeito as influenças das aguas estagnadas; mas estas causas são mais difficeis de apreciar. Só direi que o frio humido e prolongado, e a habitação nos logares baixos e sombrios predispõem a estas molestias.

Tratamento. Quando principia o periodo do frio, é preciso deitar o doente na cama, cobril-o bem, e dar-lhe uma chicara de chá da India ou de folhas de laranjeira, quente. Applicam-se pannos quentes ou botijas cheias d'agua a ferver aos pés; em uma palavra, busca-se aquecer o doente o mais promptamente possivel. Quando chega o calor, tiram-se os cobertores; dá-se ao doente, se tem sède, alguma bebida acidulada, agua fria mesmo, que satisfaz e é mais util do que qualquer outra bebida. Convem mudar de camisa depois do periodo de suor, e ás vezes, quando este suor é mui abundante, deve renovar-se a roupa durante o seu curso,

o que se póde fazer sem perigo, comtanto que se tomem as precauções convenientes.

Quando a febre tiver passado, recorre-se a certos medicamentos que tem a propriedade de prevenir a volta dos accessos. O sulfato de quinina é de todos estes medicamentos o melhor e o mais certo. A dóse do sulfato varía, conforme a idade e as forças do individuo, desde 40 a 80 centigrammas por dia, que se dividem em tres ou quatro dóses e se dão em intervallos iguaes, tendo o cuidado de dar-se a ultima dóse uma hora antes do tempo em que o accesso deve apparecer. A melhor maneira de dar o sulfato é em agua fria com assucar, chá da India, café, ou envolto em hostia molhada, ou em alguma fructa, como, por exemplo, a banana assada, ou administrando-se as perolas de sulfato de quinina do Dor Clertan, que permittem se dosar o medicamento com exactidão, pois cada perola contem exactamente 10 centigrammas do producto.

Eis-aqui a formula :

Sulfato de quinina..... 120 centigram. ou 12 perolas do Dor Clertan.

Divida em 12 papeis.

N'este caso aproveitam o vinho de Bellini, de quina e calumba, na dóse de 2 a 3 colheres, *de sopa*, por dia.

O vinho de Cabanes, na dóse de 1 calice de licor, antes de cada refeição.

A quinoidina Duriez (*Veja-se* QUINOIDINA).

O vinho de glycerina e quina de Catillon, na dóse de um calice de licor nas horas da refeição.

Se houver vomitos e não fôr possivel tomal-o pela bocca, administrem-se em fricções 50 a 60 centigrammas em duas colheres d'agua, á qual se ajuntam algumas gottas de sumo de limão ou de vinagre. Fazem-se tres fricções por dia sobre as costas e na parte interna dos braços.

Atalhada a febre, deve continuar-se ainda por alguns dias o sulfato em pequenas dóses. Se a quantidade que se administra não prevenir o accesso, ou ao menos não lhe moderar a violencia, é preciso augmentar a dóse, dobral-a, em geral, durante a intermittencia seguinte. Quanto ao regimen, este differirá pouco do do estado de saude, se a molestia fôr benigna : entretanto, a prudencia exige que se diminua sensivelmente a quantidade ordinaria dos alimentos, e que sejam estes escolhidos entre os que o estomago supporta melhor, e que se tome antes de cada refeição um calice de vinho de quinium Labarraque.

Se ao cabo de quinze dias a molestia não ceder, empregue-se o cozimento de casca de páo pereira, que se prepara do modo seguinte :

Casca de páo pereira.....	15	grammas.
Agua.....	500	—

Ferva para reduzir a 360 grammas, e côe. Administra-se uma chicara de 3 em 3 horas, do intervallo de accesso.

Se os accessos continuarem, empregue-se o cozimento de café verde, isto é, não torrado, que se prepara da maneira seguinte :

Café verde, isto é, não torrado..... 30 grammas.
Agua..... 500 —

Ferva até reduzir a 360 grammas e cõe. Toma-se uma chicara de 3 em 3 horas na apyrexia.

Em alguns casos aprovcita a infusão de café torrado, misturada com sumo de limão. Para este fim, mistura-se uma chicara de café, com uma colher *de sopa* de sumo de limão azedo, e bebe-se sem assucar toda a porção de uma só vez, na apyrexia.

Tem-se visto febres, que resistíram a todos estes medicamentos, cederem ás vezes a meios estranhos e a remedios caseiros. Muitas vezes um grande susto, uma emoção forte, uma quéda grave, tem posto fim a febres que nenhum medicamento pôde curar. Em alguns casos rebeldes é necessario mudar de morada.

Febre intermittente perniciosa. Chamam-se perniciosas, aquellas febres intermittentes cujos symptomas são tão graves e cuja marcha é tão violenta, que acabam frequentemente pela morte no curso de alguns accessos. N'estas febres ha sempre um ou mais orgãos que se acham atacados, taes como o estomago, o coração, o cerebro, etc., e do lado dos quaes se manifestam dôres atrozes. Ás vezes o doente, durante o accesso, soffre vomitos e desmaios com fraqueza extrema do pulso, e desfiguração profunda do rosto. A morte, se o doente não receber os soccorros da arte, sobrevem ordinariamente durante o segundo ou terceiro accesso. Quando o cerebro está affectado, existem convulsões, delirio e outros symptomas nervosos.

O *tratamento* da febre perniciosa durante o periodo do frio é o mesmo que o da febre intermittente simples: é preciso sómente actuar com maior energia e rapidez, para aquecer o corpo. Durante o periodo do calor, se se manifestar dôr no ventre, na cabeça ou no peito, é necessario applicar bichas sobre este ponto, e até recorrer á sangria do braço. Logo depois do accesso, administre-se o sulfato de quinina na dóse de 1 gramma de uma vez, e repete-se duas vezes ainda o mesmo medicamento, mas em menor dóse; isto é, 50 a 75 centigrammas, afim de prevenir o novo accesso ou diminuir-lhe a força. Um meio simples e commodo de se administrar o sulfato de quinina é empregar as perolas do Dor Clertan. Cada perola contém 10 centigrammas de sulfato de quinina.

Febre de leite ou **febre lactea.** Todas as mulheres, no segundo, terceiro ou quarto dia depois do parto, sobretudo quando não dão de mammar, são sujeitas a uma febre cuja causa depende da excitação produzida pela secreção do leite nos seios: este incommodo chama-se *febre de leite.*

A febre de leite consiste em calor, frequencia do pulso, rubor do rosto e inchação dos seios. Dura ordinariamente vinte e quatro horas, e termina por suores abundantes e pelo fluxo de leite.

Tratamento. Na febre leve, natural, e quando a mulher dá de mammar, administra-se chá de herva cidreira, de sabugueiro ou de tilia, para provocar ou entreter a transpiração.

Á mulher, que não dá de mammar, administre-se um purgante tal como 30 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sulfato de magnesia. Na febre forte é necessario diminuir a quantidade das comidas, ou tomar só caldo de gallinha, e usar de cozimento de cevada frio, e tomar vinho de quinium Labarraque, 1 calice todas as manhãs em jejum.

Febre lenta, colliquativa, ou **hectica.** Febre contínua que acompanha o ultimo periodo das molestias graves. Emmagrecimento progressivo, fraqueza geral, seccura na bocca, frequencia do pulso, calor na pelle, e no fim diarrhea, suores frios; taes são os principaes symptomas d'este estado.

Febre maligna. Por este nome designam-se, ora a inflammação do cerebro, ora a de suas membranas, ora os accidentes nervosos que predominam em certas inflammações do tubo digestivo, e finalmente certas molestias convulsivas, acompanhadas de accidentes graves e muitas vezes terminando de uma maneira fatal.

Febre miliar. *Veja-se* MILIARIA.

Febre mucosa. Esta palavra designa a mesma molestia que a febre typhoide.

Febre nervosa. É synonymo de febre typhoide.

Febre perniciosa. Synonymo de febre typhoide.

Febre puerperal. Synonymo de peritonite. *Veja-se* PERITONITE PUERPERAL.

Febre putrida. Dava-se outr'ora este nome a uma molestia cujo symptoma predominante consistia em uma tendencia á corrupção ou podridão dos humores. Admittíram este nome porque no curso d'esta febre viam-se as forças deprimidas, hemorrhagias e diarrheas mais ou menos abundantes, a lingua e os dentes cobertos de uma camada negra, gangrena sobre differentes partes do corpo, e porque emfim o doente exhalava, sobretudo nos ultimos momentos da molestia, um cheiro desagradavel. Porém se se declaravam convulsões e outros accidentes nervosos, dava-se á febre o nome de *nervosa;* se a estes symptomas se ajuntavam vomitos biliosos e côr amarella nos olhos, dizia-se que o doente tinha febre putrida, febre nervosa e febre biliosa. Accumulavam d'esta maneira tres febres sobre o mesmo doente; porque, em logar de estudarem a molestia em seus elementos, limitavam-se aos symptomas. Está hoje provado que estes diversos phenomenos pertencem á inflammação dos intestinos e do cerebro.

Febre remittente. Febre contínua, com exacerbações, caracterizada por leve e mal definido estado de frio, que não se repete em cada exacerbação; pelo calor intenso com dôr de cabeça e irritação do estomago; e pelo suor quasi imperceptivel, que algumas vezes falta. Os autores dão a esta molestia o nome de *febre dos mangues*, *febre palustre*. Apparece por vezes no Rio de Janeiro, na Bahia e nas outras cidades do littoral e mesmo no interior das provincias do Brazil. Tem sido observada em toda a parte onde se produzem miasmas pantanosos com grande concentração, tanto nos climas quentes como nos temperados; porém é mais commum e mais grave quando á acção dos mias-

mas se ajunta a elevação da temperatura. Reina com grande intensidade nos costas occidentaes da Africa, e nas margens dos seus grandes rios.

A febre remittente é uma doença muito mais séria do que qualquer dos typos da intermittente. Ha em todas as febres intermittentes um periodo de apyrexia; nas remittentes não é completa a remissão. Os mais fortes symptomas entre uma e outra exacerbação diminuem; esta diminuição é bem manifesta em alguns casos; em outros é tão ligeira que o periodo da chamada remissão, póde escapar ao observador que não fôr attento e experimentado.

Uma febre remittente póde, depois de algum tempo, assumir um dos typos da intermittente; e, pelo contrario, uma intermittente assumir a mais grave fórma da remittente.

Causas. Todas as fórmas de febre remittente são divididas á mesma causa miasmatica da intermittente, ajudada por alto gráo de calor. Quando uma remittente succede a uma exposição aos effluvios pantanosos, é razoavel suppôr que o agente morbifico foi absorvido em alto gráo de concentração. As remittentes são mais communs nos paizes quentes pantanosos, do que onde existe o mesmo veneno em regiões temperadas.

Symptomas. A molestia principia por uma anxiedade na bocca do estomago, fastio e nauseas, com quebramento do corpo, languidez e fadiga. Estes symptomas manifestam-se vinte e quatro ou trinta e seis horas horas antes do estadio de frio.

Não ha uniformidade quanto á hora do dia em que apparece o primeiro paroxysmo; porém, uma vez estabelecida a molestia, uma remissão pela manhã é quasi regra invariavel. E de grande importancia pratica observar em cada caso os periodos de exacerbação e de remissão, e quanto dura cada um d'elles. Começando a exacerbação pelo meio dia, declina ordinariamente pela meia noite, ou pouco antes, e a remissão irá até ao meio do dia seguinte. Taes casos são, de ordinario, benignos e faceis de dirigir. Ou a exacerbação póde começar á meia noite, continuar toda a madrugada, e remittir pela manhã, prolongando-se a remissão até á noite. Ou, nos casos graves, póde haver dupla exacerbação ao meio dia e á meia noite, sendo as remissões de tarde e de manhã.

O mais constante dos symptomas precursores é a oppressão na bocca do estomago.

O periodo de frio não é tão completo nem tão prolongado como nas sezões; muitas vezes não existe calefrio algum. No periodo de calor apparecem, muitas vezes, os vomitos, que continuam pelo decurso da molestia. A lingua é saburrosa, e secca á proporção que cresce a temperatura do corpo. O pulso, que no periodo precursor era lento, pequeno e irregular, sobe rapidamente a 100 ou 120 pulsações por minuto; nos homens de constituição forte é cheio; nos casos adynamicos desde o começo, ainda que muito frequente, é pequeno e compressivel. O rosto está inchado, os olhos injectados, e o doente accusa cephalalgia intensa, e dôres nos braços, hombros e pernas; o calor é mordicante; o pa-

ciente está inquieto, e rola debalde na cama á procura de posição que lhe agrade.

Quando os precedentes symptomas tem durado por seis ou doze horas, começam então a amainar; brota ligeira humidade na testa e no peseoço, e gradualmente se estende por todo o corpo; o pulso diminue de força e de frequencia, abate-se o calor da pelle; allivia a dôr de cabeça; os vomitos céssam, e o doente consegue alguns momentos de somno. É este o periodo de remissão. Nas febres intensas a melhora é mui ligeira; é diffieil distinguil-a; o pulso só dará o signal.

Após uma pausa de algumas horas, que varía de duas a oito ou doze, volve a febre, muitas vezes sem frios, ou tão ligeiros que mal se percebem; renovam-se todos os symptomas acima descriptos, e sempre mais aggravados. Chama-se a isto exacerbação, a qual termina em uma nova remissão.

Os *vomitos* são um dos symptomas que mais deprimem as forças. Consistem a principio as materias vomitadas em alimentos que estejam no estomago, depois em um fluido aquoso, e finalmente em um liquido de côr amarella esverdinhada, e, em casos extremos, negra, assimilhando-se ao vomito preto da febre amarella.

A *dôr de cabeça* é um symptoma proeminente. É qualificada de pulsativa a principio, tornando-se nos seguintes paroxysmos constante, com alguma tensão na testa, designada algumas vezes como terebrante.

É bastante commum alguma perturbação da intelligencia, mas é raro o delirio violento.

Existem ás vezes soluços.

É frequente nas febres remittentes um certo gráo de amarellidão da pelle.

Duração. A duração póde ser calculada de 5 a 14 dias; póde modifical-a a acção dos remedios antiperiodicos.

Modo de terminação. A febre remittente termina ou pela eura, ou por assumir alguma das fórmas da intermittente ou pela morte. Quando termina pela cura, como geralmente succede, o movimento febril remata em copiosa transpiração, e assim se extingue. Algumas vezes é gradual o decrescimento; são menos intensas as exacerbações, é menos ardente o calor do corpo; céssam os vomitos e a oppressão epigastrica; o pulso diminue de força e de frequencia; torna-se mais limpa e mais humida a lingua; são mais longas e mais distinctas as remissões, e assim desapparece gradualmente a doença.

Em algumas remittententes, quando os paroxysmos não são desde o começo bem definidos, se os antiperiodicos não tem sido convenientemente empregados, póde a doença tornar-se chronica, e passar para uma das fórmas da febre intermittente.

Tratamento. A molestia não é inflammação; por consequencia as sangrias e as bichas não podem achar applicação n'este caso. É outro e melhor o tratamento a empregar.

É mister procurar as melhores condições hygienicas possiveis, e assegurar a boa ventilação do aposento, ou enfermaria.

Periodo de frio. Este é de tal fórma transitorio na febre remittente, que nenhum tratamento é neeessario.

Periodo de calor. Rara vez é necessario um emetico. O vomito em muitos casos neeessita mais de ser reprimido do que provocado; todavia quando ha muita nausea e oppressão, ou sentimento de plenitude no epigastro sem vomitos, póde-se preencher o fim com alguns copos d'agua morna. Tambem é util desembaraçar o ventre o mais cedo possivel. Para este fim administrem-se 30 grammas d'oleo de ricino, ou 60 grammas de sulfato de magnesia.

Se o periodo de calor fôr brando, sem fortes dôres de cabeça, nem calor ardente da pelle, nem dôr epigastrica ou hepatica, não ha necessidade de intervenção activa, a não ser o administrar ao doente agua bem fria ou gelada, em pequena quantidade cada vez, agua gazosa ou limonada.

Entretanto, se fôr muito vigorosa a reacção, com dôr intensa de cabeça, calor ardente da pelle, dôres violentas nos lombos, e muita inquietação, alguma cousa se deve fazer para dar allivio ao doente. Applique-se na testa panno molhado em agua fria ou gelada, que se deve reformar logo que aquecer.

O calor ardente da pelle póde ser diminuido applicando com uma esponja agua tepida na superficie do corpo.

O melhor modo de combater os vomitos é administrar pequenas quantidades d'agua gelada, ou pequenos pedaços de gelo nas dobras de um lenço, e applicar um sinapismo no epigastro, ou lençol molhado em agua fria á roda do corpo.

Tratamento durante a remissão. No mesmo instante em que haja indicios d'ella, isto é, logo que apparecer transpiração, diminuir o calor da pelle, e se abater o pulso em força e frequencia, deve-se dar cinco, sete ou dez perolas de sulfato de quinina do doutor Clertan, e depois a quinoidina Duriez. (*Veja-se* QUINOIDINA.) É demasiada qualquer quantidade superior a 10 perolas do D^{or} Clertan.

Não se deve hesitar em dar o sulfato por mais ligeira que seja a remissão. Apenas se tenha certeza de haverem abrandado os symptomas, cumpre logo dar o remedio, na crença que depois da segunda exacerbação a remissão será mais evidente. Cumpre advertir, que se se deixar passar desapproveitada a primeira remissão, a seguinte poderá ser mais fraca, e difficil de perceber. Sendo rejeitado o sulfato, e se fôr tal a irratibilidade do estomago que a segunda dóse seja vomitada tambem, administra-se logo mais 1 gramma em um clyster, cuja receita é a seguinte:

Sulfato de quinina.....	1 gramma.
Agua morna.....	180 grammas.
Acido sulfurico alcoolizado.....	2 gottas.

Em vez d'este elyster, póde o sulfato de quinina ser administrado em injecções sub-cutaneas, quando não é tolerado pelo estomago. Estas injeeções fazem-se no braço com pequena seringa, e exigem a intervenção do medieo. Eis-aqui a receita da solução de sulfato de quinina para as injeeções subeutaneas :

Sulfato de quinina.....	1 gramma.
Agua.....	11 grammas.
Acido sulfurico diluido...	4 gottas.

Para cada injecção empregam-se tres grammas do liquido, que contém 25 centigrammas de sulfato. Fazem-se duas injecções por dia.

Se o estomago conservar o remedio, este deverá ser repetido duas horas depois até que o doente antes da hora da esperada exacerbação haja ingerido 1 gramma.

Apenas apparecer a segunda remissão, o sulfato de quinina deve ser dado como antes até que o quinismo dê mostras de plena saturação da economia; ou até visivelmente decahir a molestia. Os zunidos nos ouvidos e a surdez são signaes do quinismo. Logo que se conseguir isto, na grande maioria dos casos, tornam-se mais brandas as exacerbações, terminam por um suor copioso, e o doente passa á convalescença.

Durante a remissão terá o doente uma dicta branda, farinacea, leite, caldo de gallinha, etc. Mais tarde usará do caldo de carne de vacca, e ao primeiro signal de prostração tomará vinho, costelletas de carneiro, carne de vacca assada. A cada refeição tomará um calice de vinho de Quinio Labarraque, preparado muito tonico e febrifugo, que substitue com vantagem as preparações de quina.

Na fórma adynamica da molestia, que é caracterizada pelo grande abatimento, nunca se deve esperar pela remissão; cumpre administrar o sulfato mesmo durante a febre D'este modo serão arrancados das garras da morte muitos doentes já sem esperança de vida.

Febre typhoide. Esta molestia recebeo muitas denominações. Chamáram-lhe *febre mucosa*, *perniciosa*, *maligna*, *nervosa*, *lenta nervosa*, *putrida*, *adynamica*, *ataxica*, *dothinenterite*, etc.

Symptomas. A molestia principia por um sentimento de peso na bocca do estomago, pulso forte e frequente. fastio, bocca amarga, lingua coberta de uma camada branca, colicas, fraqueza, dôres nos membros, ourinas poucas e espessas. Alguns dias depois, o ventre fica quente e é doloroso, a sêde é extrema, a lingua secca; as gengivas e os dentes cobrem-se de uma camada denegrida; manifestam-se nauseas, vomitos, diarrhea ou prisão do ventre, cheiro fetido do corpo, dôr de cabeça, delirio, modorra, debilidade extrema, pulso mui fraco e frequente.

Emfim, quando a molestia deve ter uma terminação funesta, todos estes symptomas augmentam de intensidade; a physionomia decompõe-se, o doente cessa de responder ás perguntas que se lhe fazem, os olhos ficam constantemente virados para cima, as margens das ventas parecem cobertas de pós cinzentos, a lingua trémula não póde sahir da bocca, os pés esfriam, o pulso fica extremamente fraco e frequente, a respiração torna-se embaraçada, e o doente succumbe.

Mas quando deve voltar a saude, os symptomas, ainda que sejam graves, diminuem; desapparece a modorra, renasce pouco a pouco a intelligencia, principiando pela mudança no olhar. Apparece um somno reparador; acordando, o doente responde com facilidade ás perguntas que se lhe fazem. Ao mesmo tempo volta a possibilidade de executar

alguns movimentos; a lingua e bocca humedecem-se, o ventre não é doloroso á pressão, as ourinas são mais abundantes, a repiração faz-se com facilidade, o pulso perde a frequencia, a pelle torna-se levemente humida. Logo que estas felizes transformações tem durado alguns dias, póde ler-se sobre o rosto emmagrecido do doente o contentamento de estar restituido á vida.

Na convalescença os pés incham; mas este symptoma desapparece á medida que os convalescentes vão adquirindo forças. A quéda do cabello é outro phenomeno bastante frequente; mas de ordinario o cabello renasce depois de algum tempo.

Tratamento. O regimen que se deve seguir durante a evolução da febre typhoide será dirigido com a maior cautela. É necessario sustentar o doente que tem de supportar muitas semanas de febre, mas, ao mesmo tempo não convem carregar-lhe o estomago. Tomará pois, somente alimentos liquidos, que sejam faceis de se absorverem, como são, leite, os caldos, o vinho, as limonadas, etc. Todo e qualquer alimento solido é prejudicial a um doente de febre tyohoide, mesmo nos seis ou sete primeiros dias da convalescencia; porque poderia fazer tornar a apparecer a febre.

A séde principal da molestia está no intestino; convem pois introduzir n'este orgão, as substancias proprias para desinfectal-o, e para fazer desapparecer das materias fecaes o fetido especial que ellas têm.

O doente tomará pois, oito papeis por dia, da seguinte preparação.

Naphtol precipitado.....	ãã 10 grammas.
Magnesia calcinada.....	
Pó de carvão de Belloc.....	
Salicylato de bismutho.....	

Divida em 30 papeis.

Poder-se ha substituir esta formula pelas hostias medicamentosas de naphtol e salicylato de bismutho, de Trouette, que se tomam na dóse de 1 a 2 hostias, de duas em duas, ou de tres em tres horas, sem interrupção, sem que a dóse seja superior a 10 hostias nas 24 horas.

O sulfureto de carbone tambem aproveita n'estes casos, debaixo da forma seguinte:

Sulfureto de carbone puro.....	30 grammas.
Agua.....	500 —
Essencia de hortelã.....	30 gottas.

Deixa-se assentar e ajunta-se a quantidade d'agua igual á dóse que se toma por dia. O doente beberá 6 a 8 colheres, das de sopa, por dia.

O sñr doutor Dujardin-Beaumetz já demonstrou que o sulfureto de carbone puro não é um veneno, como julgavam muitos medicos.

Para completar a desinfecção do intestino é necessario que o doente evacue diversas vezes no dia; para isso dá-se-lhe clysteres de agua tepida com duas ou tres colheres de sopa de glycerina, ou então, todas as manhãs, meio copo de d'agua purgativa de Sedlitz ou Hunhyadi-Janos.

As materias evacuadas serão enterradas profundamente, nunca devem ser misturadas com as das pessoas sãs, porque são ellas a verdadeira fonte do contagio da molestia.

Deve haver muito asseio no quarto do doente; o ar deve ser ali renovado continuadamente; os lençóes da cama devem ser mudados logo que deixarem de estar limpos. Muitas vezes o doente tem retenção de ourina, será necessario então sondar com uma sonda molle de borracha, nunca se deve empregar a sonda de metal. Quando o doente ficou durante doze ou quinze dias deitado de costas, formam-se nas cadeiras placas vermelhas depois escuras que são formadas pela gangrena e que se chamam *escaras*. Curam-se estas feridas polvilhando-as com pó de quina, e mudando frequentemente o doente de posição, ou deitando-o em um colchão d'agua (*Veja-se* esta palavra).

Quando a febre é intensa e que a temperatura do corpo, tomada com um thermometro medico, na axilla, attinge e sobe para mais de 40 gráos; convem empregar os meios necessarios para fazer baixar essa temperatura. Por muito tempo empregou-se o sulfato de quinina, cuja acção, n'estes casos, é quasi nulla. A antipyrina actúa com mais energia, o medicamento, porem, que é superior a qualquer outro, n'este ponto de vista, é o acido salicylico. Administrar-se-ha pois.

Acido salicylico..... 20 grammas.

Divida em 20 papeis. Para tomar 4 papeis, por dia.

Começa-se por dar um papel e vai-se augmentando progressivamente. A temperatura diminue de um, dous, tres, e, ás vezes, quatro gráos. Deve, haver pois, a maior prudencia porque não deixa de haver certa inconveniencia n'este abaixamento rapido da febre.

Pode-se empregar tambem as pilulas impressas de acido salicylico, de L. Frere, de Pariz; cada pilula é de 10 centigrammas do producto puro.

Pode-se tambem empregar os banhos mornos ou frios, os lavatorios, ou envolver o corpo inteiro do doente em um lençol molhado n'agua fria.

Repetindo-se diversas vezes, no correr do dia, estes meios, pode-se obter resultados mui satisfactorios.

Quando houver, serias complicações, o medico então empregará os meios appropriados sobre os quaes não podemos aqui nos desenvolver.

A convalescença da febre typhoide é longa, e exige cuidados minuciosos. A mudança de ar, e a morada no campo, exercem sempre uma influencia feliz sobre o restabelecimento do enfermo.

Febre urticaria. *Veja-se* URTICARIA.

FEBRIFUGOS. *Veja-se* ANTIPERIODICOS.

FECULA. Deposito branco e pulverulento que se precipita no fundo da agua, quando se lavam n'ella diversos vegetaes previamente moídos, taes como a batata, a raiz de mandioca, a araruta, o salepo, o sagú, etc. É synonymo de *amido* ou *polvilho*. A fecula extrahida da raiz de mandioca chama-se *tapioca*. O deposito do polvilho das batatas, é o que se chama mais ordinariamente *fecula*. As feculas, misturadas com leite ou caldo, constituem um excellente alimento. *Veja-se* POLVILHO.

Cataplasma da fecula. Veja-se CATAPLASMA.

FEDEGOSO, ou **Pajamarioba** (fig. 459). *Cassia occidentalis*, Linneo. Leguminosas. Arbusto do Brazil. Caule ramoso, levantado; folhas pinnatas, compostas de cinco pares de foliolos ovaes, lanceolados; florcs de côr amarella alaranjada, dispostas cm espigas curtamente pedunculadas, terminacs; fructo, vagem comprida contcndo grandc numero de sementes cordiformes; raiz grossa, composta dc duas partes; isto é, da parte cortical, mais molle, de côr amarella alaranjada, coberta com epiderme roxa; cheiro forte c desagradavel, sabor amargo. A casca da raiz emprega-se na medicina do Rio de Janeiro como diuretica c tonica, em infusão, que se prepara com 4 grammas da raiz c 180 grammas d'agua fervendo; esta dóse é para um dia.



Fig. 459. — Fedegoso.

Outras especics do mesmo genero são : *Cassia falcata*, Linneo; tem as folhas com 4 pares dc foliolos, e estes em fórma de fouce; *Cassia hirsuta*, Linneo, de foliolos pelludos. *Cassia sericea*, Sw., vulgarmente **matapasto, tareroqui, fedegoso;** caule herbaceo, folhas com 4 pares dc foliolos; fructos, vagens tetragonas, articuladas. *Cassia alata*, Linneo, de folhas com 10 pares de foliolos glabros, vagem membranosa, com um appendice alado no dorso, septos transversaes, sementes horizontaes. As raizcs de todas estas especies gozam de propriedades diureticas e tonicas; as folhas são purgativas, como as do sene das boticas, quc pertence á mesma familia das Lcguminosas, e ao mesmo genero *Cassia;* e espccialmente são purgativas as folhas da *Cassia sericea.*

FEDOR DO HALITO. *Veja-se* MÁO HALITO.

FEIJÃO. *Faseolus*, Linnco. Genero da familia das Leguminosas, composto de plantas lenhosas ou herbaceas, que mui frequentemente trepam e se enroscam ao redor das outras arvorcs; com folhas pinnuladas tendo 3 foliolos, flores brancas, amarellas ou vermelhas. Na especie commum o fructo é uma vagem oblonga, bivalva, cncerrando grande numero de sementes reniformes e farinaceas que offerecem um alimento simples, agradavel e nutricnte. Ha poucas substancias alimentarias tão geralmente usadas c com maior proveito. As especics de fcijão são numerosas; as mais usuaes no Brazil são o feijão preto, branco, vermelho, e outras muitas especies e varicdades. Algumas vezcs combinam-se estas côres, outras vezes obtem-sc certas variedadcs novas pela cultura. O feijão contém muitos principios nutrientcs; convem principalmente aos estomagos robustos ás pessoas quc fazem muito exercicio, e ás crianças.

FEL DE BOI. Liquido muito amargo, de natureza alcalina, contido n'uma especie de sacco, chamado *vesicula do fel*, situado perto do figado. Este liquido é empregado frequentemente para limpar os vestidos de seda e particularmente os de panno de lã, nos quaes tira perfeitamente as nodoas de gordura. Dilue-se todo o fel, contido n'uma vesicula, em 2 litros d'agua quente, mas não fervendo, sem o que o fel se coagularia em parte, e não produziria o effeito necessario. Os objectos, que se desejam limpar, lavam-se com precaução no fel de boi diluido, como se se lavassem em agua de sabão; enxagoam-se depois em agua fria; a agua de poço é considerada como a melhor para este fim.

FELGUEIRAS. Portugal; Beira-Alta. Aguas sulfurosas e salinas, quentes. Estão situadas a 500 metros ao norte da margem direita do rio Mondego, a 2 kilometros da villa de *Cannas de Senhorim*. São limpidas, de cheiro de ovos chocos. A temperatura varia de 32° a 35°. Segundo o Sr. Dr. Lourenço, mil grammas d'esta agua contém 0ˢ.24366 de residuo, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos de cal e magnesia, silica, ferro e alumina. Ha um pequeno estabelecimento de banhos, com quartos e banheiras. Empregam-se nas molestias cutaneas.

FEMUR. Unico osso da coxa. O mais forte e o mais longo de todos os ossos. Extenso desde a bacia até ao joelho offerece duas extremidades e um corpo. A extremidade superior apresenta uma grande eminencia ossea chamada cabeça, unida ao osso por uma porção mais delgada chamada *collo*. O collo e a cabeça do femur fórmam com o corpo do osso um angulo obtuso. No vertice d'este angulo e por fóra existe uma volumosa apophyse, chamada o *grande trochanter* Um pouco mais abaixo e por dentro está uma outra eminencia, mais pequena, chamada *pequeno trochanter*. A extremidade inferior do femur é formada por duas grandes tuberosidades, chamadas *condylos*, que se articulam com a tibia (*Veja-se* fig. 445).

FENDAS. *Veja-se* Rachas.

FERIDA. Designa-se por este nome uma solução de continuidade feita nas partes molles por uma causa externa, isto é, que obra mecanicamente. Uma quéda, uma topada, ou qualquer violencia um pouco forte, podem produzir ferida. A solução de continuidade produzida por causa interna, como a syphilis, a escrophula, o escorbuto, etc., tem o nome de *ulcera*. A ferida chama-se ás vezes *chaga*, do persico *xaga*, cortadura, e algumas pessoas dão ás ulceras o nome de *feridas antigas*.

As *causas* das feridas, bem que numerosas, podem reduzir-se a estes pontos: instrumentos cortantes, furantes e contundentes, esforços consideraveis que rasgam e separam as partes, picadas ou mordeduras de animaes venenosos; emfim, balas e outros projectis lançados pela polvora.

Os *symptomas* das feridas são a dôr, a separação das margens da divisão, e o corrimento de sangue produzido pelos orificios dos vasos divididos. Estes symptomas não persistem ordinariamente muito tempo; logo a dôr acalma-se e é substituida por uma sensação de calor; o sangue deixa de correr, as margens da ferida incham e tornam-se ver-

melhas e dolorosas; produzem um liquido transparente, viscoso e pouco abundante; e se estiverem em contacto perfeito, se tem sido cuidadosamente desembaraçadas de todo o corpo estranho; emfim, se não foram pisadas pelo instrumento vulnerante, a adhesão immediata opera-se rapidamente. Quando, pelo contrario, existe uma perda de substancia que não permitte o contacto das margens da ferida, ou quando estas margens foram machucadas pelo instrumento vulnerante, a dôr e a inchação augmentam, a ferida suppura, e a cicatriz, que se forma muito mais tarde do que no caso precedente, é muito mais visivel e disforme. Tal é a marcha regular das feridas; mas grande numero de accidentes podem desarranjal-a, como sejam a hemorrhagia, as dôres excessivas, a inflammação mui viva, a gangrena, as convulsões, o tetano, a podridão de hospital, etc. Todas estas complicações podem dar ás feridas uma gravidade que estavam longe de apresentar por si mesma.

A differença dos corpos que produzem as feridas e o seu modo de acção fazem variar os caracteres das soluções de continuidade e o tratamento. D'aqui vem as divisões seguintes: 1.° *feridas por instrumentos cortantes;* 2.° *feridas por instrumentos contundentes;* 3.° *feridas por picadas ou por instrumentos perforantes;* 4.° *feridas produzidas pelo arrancamento;* 5.° *feridas por inoculação.*

Feridas por instrumentos cortantes. As feridas por instrumentos cortantes são as mais communs de todas. Leves e de pouca extensão, chamam-se vulgarmente *córtes*, *talhos* ou *golpes;* occupam ordinariamente as mãos e o rosto: no primeiro caso resultam de acção de uma faca ou de um canivete; as do rosto são feitas ordinariamente por navalha. O tratamento varía conforme a extensão das feridas.

Nos *córtes simples*, que deitam pouco sangue, basta chegar os labios da pequena ferida um ao outro, applicar por cima um pedaço de encerado inglez molhado com saliva, e conserval-os chegados o tempo que fôr preciso para a natureza os unir.

Se o córte deitar bastante sangue, applique-se uma compressa embebida em Phenol Bobœuf misturado com metade d'agua.

Feridas mais extensas, porém regulares, feitas por instrumentos cortantes. A primeira cousa que se deve fazer é lavar bem a ferida com agua fria misturada com coaltar saponinado Le Bœuf, para tirar o sangue coalhado e as materias extranhas que se possam achar n'ella, e depois unir as duas margens uma á outra o mais exactamente possivel; é o que se chama reunir por primeira intenção. Os meios de reunião são numerosos. A *posição* basta frequentemente para obter uma approximação dos labios da solução de continuidade; dar-se-ha, por conseguinte, á parte ferida uma *situação* favoravel; as *ligaduras* servirão para manter esta situação: ha d'ellas differentes sortes, que se acham indicadas no artigo LIGADURA. As mais das vezes unem-se os labios da ferida com encerado inglez, quando a ferida é pequena, ou com tiras de emplasto adhesivo, chamadas encerado commum, ou esparadrapo, quando fôr grande. Estas tiras devem ter de 30 a 50 centimetros de comprimento, e de 1 a 3 centimetros de largura. Cobrem-se com ellas os labios da ferida postos em

contacto immediato; e é o que se chama dar pontos falsos. Reunida a ferida, cobre-se com um panno crivado untado de ceroto ou de glycerina; por cima do panno applica-se uma porção de fios, e uma compressa de linho; e tudo fica seguro com uma atadura, ou com um lenço dobrado. Este apparelho deve ser reformado em parte ao cabo de vinte e quatro horas, com excepção das tiras de esparadrapo, que é necessario respeitar até ao terceiro dia; o resto deve ser tirado com precaução, e reformado todos os dias.

Comvem sempre tentar a reunião immediata dos bordos das feridas, quando nada se oppõe a isto, por maiores que ellas sejam. Ha exemplos de dedos cortados quasi completamente, e que não communicavam com a mão senão por uma porção muito estreita, juntarem-se e sararem depois de conchegados os labios da ferida. Estando mesmo completamente separada do corpo uma porção de orgão, é preciso reunil-a para evitar uma multilação. Existem factos numerosos de pontas de dedos, de pontas de narizes, de pedaços de orelhas inteiramente separados, e que se reuníram completamente, quando foram applicados promptamente sobre as superficies sangrentas, depois de desembaraçados das impurezas que os cobriam.

Para reunir os labios de uma ferida, nem a posição, nem as ligaduras, nem os pontos falsos são sempre sufficientes : ás vezes é necessario recorrer á *sutura*, que se pratica fazendo passar atravez dos dois labios da ferida algumas linhas de coser por meio de uma agulha.

A ferida, cujos labios foram unidos com tiras de esparadrapo, póde sarar em pouco tempo. Para este fim, mantem-se a reunião até completa cicatrização, e todos os dias reformam-se os fios applicados por cima do esparadrapo, e que se untam previamente com ceroto ou glycerina. Mas muitas vezes os labios da ferida afastam-se um do outro, e a ferida suppura. Supprimem-se então as tiras de esparadrapo, e cura-se a ferida simplesmente com fios untados com cereto ou glycerina. Desenvolvendo-se carnosidades na superficie da ferida, cumpre destruil-as com pedra infernal. Se a ferida apresentar um aspecto pallido, e tardar a cicatrizar-se, convem cural-a com unguento digestivo, ou com unguento de Arceus. Existindo callosidades nas margens, desapparecem pela applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Curativo das feridas irregulares, com margens contusas. Se as carnes foram desorganizadas pelo agente vulnerante, como acontece nas feridas contusas, ou se houver perda de substancia, não póde fazer-se a reunião immediata, e a suppuração é inevitavel. Eis-aqui a maneira de curar estas feridas: Depois de limpa a ferida com um panno crivado untado com ceroto ou glycerina; por cima do panno põem-se fios molhados em mistura d'aguardente camphorada e d'agua fria em partes iguaes; e por cima dos fios applica-se uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Todos os dias reforma-se este curativo, até completa cicatrização.

As feridas intermedias entre as feridas contusas, irregulares, e as feridas regulares, isto é, as feridas produzidas por um corpo contundente que faz uma ferida regular, taes como as feridas da sobrancelha n'uma quéda, serão tratadas como as feridas regulares.

Todas as feridas contusas e as feridas com perda de substancia saram bem debaixo das cataplasma. As feridas sujas, que não podem lavar-se, reclamam sobretudo este tratamento.

As feridas contusas dos dedos sem grandes lacerações, curam-se com tiras de emplasto adhesivo entrelaçadas, que cobrem inteiramente o dedo; por cima das tiras põe-se um panno crivado untado com ceroto. Não se tira o emplasto senão quando estiver para cahir por si mesmo. As feridas contusas do rosto, da mão, da perna, que só offendem a pelle, as feridas que acompanham as fracturas, tratam-se da mesma maneira: applica-se simplesmente sobre ellas um pedaço de encerado commum (esparadrapo ou emplasto adhesivo), que se reforma quando se despegar.

Convem entreter muito asseio nas feridas; para este fim devem limpar-se em cada curativo com uma esponja molhada em agua tepida. Se a suppuração fôr fetida, cumpre fazer os lavatorios com agua misturada com coaltar saponinado Le Bœuf.

Em todas as especies de feridas graves o doente deve observar alguma dieta, não comer a principio senão gallinha, beber agua de arroz ou cozimento de cevada, e ficar em repouso.

Feridas contusas ordinarias. As feridas contusas resultam da acção de corpos rombos movidos com maior ou menor força e celeridade Assim, pedras, pancadas, páos, dentes de animaes, a passagem de uma roda de carruagem, a quéda de um corpo pesado, etc., são causas de feridas contusas. Ás vezes estas feridas são regulares, e as margens pouco machucadas; porém mais ordinariamente são desiguaes, tortuosas, e de côr roxa, que provém do derramamento de sangue no meio dos tecidos offendidos. A cura das feridas contusas é ordinariamente demorada: estas feridas inflammam-se e suppuram com maior abundancia do que as que são feitas por instrumentos cortantes. As feridas *por armas de fogo* pertencem a esta classe; mas como apresentam certas particularidades, trato d'ellas n'um paragrapho especial.

As feridas contusas apresentam-se frequentemente com retalhos; reunem-se difficilmente por primeira intenção, e suppuram quasi sempre mais ou menos tempo. Offerecem muitas differenças entre si na sua direcção, extensão e figura, etc.; mas tem, em geral, um caracter que lhes é commum: é a sua gravidade. Todavia, se as desordens não forem muito grandes, e mesmo se os retalhos não forem desorganizados, se a ferida não fôr complicada de hemorrhagia ou de presença de corpos estranhos, ou se estes puderem ser extrahidos facilmente, póde tentar-se a reunião por primeira intenção da base dos retalhos; n'este caso suppurará sómente o apice da ferida. Mas não se deve esquecer que uma inchação consideravel póde sobrevir nos labios da ferida, e os meios contentivos devem ser calculados em consequencia. Começa-se por lavar bem a ferida com coaltar saponinado Le Bœuf ou com Phenol Bobœuf misturados com metade d'agua e depois empregam-se tiras agglutinativas de encerado commum, que tem a vantagem de ceder quando os labios da ferida vierem a intumecer. Feita a reunião, termina-

se o curativo com prancheta de fios molhada na mistura d'aguardente camphorada com agua, por cima da qual se applica uma cataplasma de linhaça ou de fecula. N'uma ferida contusa que suppura, o pus tende a accumular-se debaixo do retalho o mais declive, e produzir despegamentos. Previne-se este inconveniente por meio de uma compressão methodica exercida na base do retalho.

Se a reunião immediata dos labios da ferida contusa não fôr possivel, cure-se a ferida com panno crivado untado de ceroto ou glycerina, fios molhados em aguardente camphorada, e cataplasma de linhaça, tudo applicado ao mesmo tempo, e na ordem indicada n'esta explicação.

Feridas produzidas por mordeduras. As mordeduras do homem, de rato, de gato e do cão, não doente, são feridas contusas, irregulares, que reclamam o mesmo tratamento que as feridas da mesma ordem. As mordeduras do cavallo são ainda feridas contusas, sómente como o animal tem grande força, as mordeduras que faz, podem determinar fracturas, ao mesmo tempo que produzem feridas contusas na pelle.

Todas as feridas por mordedura, sem complicação de fracturas, devem ser tratadas com cataplasmas de linhaça ou de fecula applicadas continuadamente, até que a ferida se cubra de carnosidades; depois do que cura-se com panno untado de ceroto ou de unguento de Arceus. As fracturas serão tratadas pelos meios convenientes.

Feridas por instrumentos picantes. Dá-se este nome ás feridas produzidas por instrumentos estreitos, taes como espadas, floretes, punhaes, baionetas, pregos, canivetes, tesouras, etc. Estas feridas tem pouca largura, e, em geral, são mais profundas do que as feridas feitas por instrumentos de gume. A separação dos labios é pouco consideravel ou mesmo nulla, o corrimento sanguineo pouco abundante, salvo se houver ferimento de algum vaso volumoso; e mesmo n'este caso a hemorrhagia atalha-se promptamente pela formação de um coagulo interno. Os phenomenos consecutivos são pouco intensos, salvo se orgãos importantes foram offendidos; ás vezes, entretanto, o trajecto da ferida torna-se a séde de um trabalho inflammatorio que termina promptamente pela resolução, ou então, pelo contrario, é seguido da formação de uma postema.

O diagnostico d'estas feridas é fundado na fórma e nas dimensões da abertura da pelle; as unicas difficuldades que se encontram, consistem em determinar as lesões profundas; e não é possivel chegar a este conhecimento, senão pelo exame dos signaes racionaes, salvo se os fluidos contidos nos orgãos offendidos se extravazam. *Veja-se Feridas das arterias, feridas do ventre*, etc.

Quando a ferida produzida por instrumento picante não apresenta alguma complicação, é preciso cobril-a com encerado inglez ou encerado commum. Sobrevindo inflammação, applique-se cataplasma de linhaça ou de fecula. Se a ferida fôr complicada da lesão de um orgão importante, proceder-se-ha do modo que indicarei, quando tratar das feridas das differentes regiões do corpo.

Feridas por arrancamento. Chamam-se assim as feridas que resultam da separação violenta de alguma parte do corpo. Estas feridas sobrevem sobretudo nas juntas dos membros, submettidos a violentas tracções. D'esta sorte tem-se visto os dedos, os braços, as pernas, etc., inteiramente separados do corpo. Não ha cousa mais horrenda do que o aspecto d'esta sorte de feridas, e entretanto a experiencia mostra que não offerecem maior perigo do que as outras. Os exemplos seguintes podem dar uma ideia d'este genero de accidentes.

Um moleiro chamado Samuel Wood tinha ao redor do braço uma corda que se prendeo em uma roda de moinho; foi levantado do chão, e por uma trave impedido de passar; mas a roda, movida por uma força consideravel, arrancou-lhe o braço e a espadoa. O doente disse que no momento do accidente, não experimentára dôr alguma, que sentio apenas uma especie de estalo no logar do hombro; e a grande impressão que teve não lhe permittio perceber, que seu braço estava arrancado, senão quando o vio gyrar com a roda. Desceo do moinho pela escada e deo alguns passos para procurar soccorro; mas então cahio sem sentidos. Um cirurgião, que foi chamado, observando que não havia hemorrhagia, contentou-se com levantar a pelle que estava solta e cobrir com ella a superficie da ferida. Não houve corrimento de sangue, e ao cabo de dois mezes este homem estava curado.

Um menino de dez annos, querendo subir á trazeira de uma carruagem que ia muito depressa, ficou com a perna presa nos raios de uma das rodas, a qual foi arrancada na articulação do joelho; não correo muito sangue. A arteria pendia na extensão de cinco a seis pollegadas Em seis semanas a cura foi completa.

O Dr. Recolin cita a observação de um cocheiro que teve um dedo pollegar arrancado, querendo com as redeas, enroladas á roda d'este dedo, reter os cavallos que tomáram o freio nos dentes : os tendões rompêram-se muito em cima na espessura do antebraço. A dôr, a febre e a tumefacção foram excessivas, mas o doente ficou bom. Seria facil multiplicar exemplos d'este genero. Em todos os logares em que as rodas ou os eixos são movidos por uma grande força, ha occasião de se observarem estas desgraças. O menor descuido, a proeminencia de um vestido, que se prende nas rodas, é a causa mais ordinaria d'este accidente.

Muitas causas oppõem-se á hemorrhagia nas feridas que nos occupam. A arteria, fortemente estirada cede e alonga-se antes de romper-se; mas suas membranas internas, mui pouco extensiveis, rasgam-se em diversos logares, e separam-se completamente, ao passo que a membrana externa continua a alongar-se; a arteria offerece, por conseguinte, na extremidade um prolongamento cónico terminado por uma abertura estreita, e no interior, pedaços irregulares que lhe obstruem a cavidade.

Estas feridas são pouco dolorosas, e não exigem outro tratamento senão o que se applica nas feridas com perda de substancia : fios molhados em phenol Bobœuf, e cataplasma de linhaça por cima dos fios.

Existindo pedaços de carne que não possam ser applicados sobre a superficie da ferida, tendões, aponevroses pendentes, é necessario cortal-os; seria preciso recorrer á amputação se os musculos estivessem rasgados desigualmente, ou os ossos desnudados em grande extensão.

RECEITUARIO DAS FERIDAS.

1.º Ceroto simples.....	30 gram.	7.º Agua de Labarraque genuina.....	1 garrafa.
2.º Glycerina.....	60 —	8.º Farinha de linhaça para cataplasmas...	250 gram.
3.º Balsamo catholico.....	30 —	9.º Fecula de batatas para cataplasmas.....	250 —
4.º Encerado inglez côr de rosa.....	1 carta.	10.º Unguento digestivo..	60 —
5.º Encerado commum ou esparadrapo.....	50 centim.	11.º — de Arceus.	60 —
6.º Aguardente camphorada.....	250 gram.		

Alem d'estes productos a principal base do curativo das feridas reside em laval-as logo com coaltar saponiné ou saponinado Le Bœuf, ou com phenol Bobœuf, misturados com partes iguaes d'agua. O glyco-phenico do D.r Déclat tambem é muito usado e bem util para toda sorte de feridas; são os tres principaes remedios que se deve empregar já para atalhar o corrimento sanguineo já para fazer sarar as feridas evitando que ellas tomem máu caracter e suppurem.

Tratamento geral e complicação das feridas. A cirurgia tem progredido tanto n'estes ultimos quinze annos que não podemos deixar de consagrar, a este assumpto, um capitulo especial. Ao mesmo tempo passaremos em revista as principaes complicações das feridas: hemorrhagias, corpos estranhos, etc.

A primeira cousa a fazer quando ha um ferimento qualquer, seja qual fôr o instrumento que o produzio, é estancar o sangue.

Quando o sangue é de côr bem vermelha, não jorra, mas corre pouco a pouco de uma maneira uniforme, é que a hemorrhagia é dos vasos capillares. Basta pois a mais leve compressão na superficie da ferida para que a hemorrhagia cesse. É o que acontece quasi sempre.

Se o sangue é vermelho escuro e corre em jorro continuo, principalmente n'um só logar da ferida, é que elle provem de uma veia cortada. Basta apenas uma forte compressão para fazer parar o corrimento.

Se o sangue, porém, é vermelho claro e esguicha com mais ou menos força, é que provem de uma arteria cortada. Se o jacto é fraco pode-se ainda pela simples compressão fazer parar o corrimento, mas se o sangue esguicha com força, só o cirurgião é que poderá fazel-o cessar de correr.

Antes de sua chegada, applicar-se-ha ao nivel do logar ferido e um pouco para cima, entre a ferida e o coração, um chumaço de algodão bem forte; por cima do qual pôr-se-ha compressas phenicadas, e depois, com uma atadura de linho da largura de cinco a dez centimetros, bem comprida e bem forte, apertar-se-ha com bastante força a ferida,

havendo sempre cuidado de apertar para cima, para o lado das espaduas se a ferida é no braço, e para o lado das virilhas se ella é na perna.

Quando o sangue cessou de correr, lava-se a ferida. Com uma esponja bem limpa, rega-se e esfrega-se levemente a superficie da ferida, com a seguinte solução :

Acido phenico.....	4	grammas.
Alcool.....	30	—
Agua.....	200	—

Este lavatorio é importante principalmente se ha receio que a ferida tenha sido feita com algum instrumento que estivesse sujo, ou que tenha ficado algum corpo estranho n'ella. Certas substancias, é verdade, são inoffensivas; pode-se sem inconveniente deixar nas feridas, as balas de chumbo, os fios de aço, as folhas de faca. Se a ferida fôr curada antisepticamente, a cicatrização tem logar apezar d'isso, e estes resultados são conseguidos, gracas ao emprego das soluções phenicadas, pois, liquidos mais causticos seriam nocivos. É assim que nunca se deve pôr perchlorureto de ferro em uma ferida, poder-se-hia provocar suppurações, abcessos, erysipelas, etc. Pelos mesmos motivos, devem ser supprimidas as cataplasmas e as pomadas que fermentam e provocam suppuração.

Quando a ferida estiver bem limpa e não deitar mais sangue, toma-se uma agulha e um fio de seda ou de prata e faz-se alguns pontos de sutura, separados uns dos outros de meio centimetro. Depois da ferida reunida, polvilha-se toda ella com pó de iodoformio e cobre-se'a com compressas molhadas na solução phenicada, ou em coaltar saponinado Le Bœuf ou em Phenol Bobœuf, ou então em glyco-phenico do D.r Déclat. Aperta-se tudo levemente com uma atadura de linho.

Quando a ferida foi feita com um instrumento contundente, uma pedra, um martello, um páo, um coice, não é raro que se note que as bordas d'ella pareçam como machucadas, esmigalhadas; n'estes casos a sutura não é necessaria porque as partes assim machucadas se gangrenam e acabam por cahir por si sós sendo quasi inevitavel o apparecimento de um pouco de suppuração.

Desde que o curativo está terminado, a dôr diminue e desapparece. Não haverá inflammação se tudo foi feito com o maior asseio, o doente não tem febre, e sente logo vontade de comer como de costume.

Só nos casos muito raros é que sobrevem a complicação a que se deo o nome de podridão de hospital.

Podridão de hospital. Esta complicação desenvolve-se ordinariamente nos feridos que estão accumulados em grande numero n'um pequeno espaço, e que se acham em quartos mal arejados ou humidos.

A podridão de hospital apresenta-se debaixo de duas fórmas, a fórma ulcerosa e a fórma polposa.

a. Fórma ulcerosa. A molestia principia por uma dôr aguda que os doentes experimentam na ferida. Esta apresenta ás vezes uma vermelhi-

dão insolita, e offerece logo depois uma serie de pequenas excavações circulares, cercadas de margens levantadas, de côr mais escura do que o resto. As ulcerações estendem-se em superficie e em profundeza.

b. Fórma polposa. Principia, como a fórma precedente, por uma dôr mui viva em toda a ferida ou limitada a alguns pontos circumscriptos. As carnosidades da ferida tornam-se de côr roxa; forma-se na sua superficie uma camada branca ou cinzenta que se parece com pus concreto, e que augmenta de espessura. A destruição faz progressos pela extensão em profundeza da camada membranosa.

O *tratamento* preventivo e curativo da podridão de hospital acha-se descripto no artigo PODRIDÃO DE HOSPITAL.

Feridas envenenadas. Certos animaes são armados, para sua defesa, de dardos, ferrões e dentes, que tem na base uma vesicula cheia de veneno, e com os quaes fazem feridas mais ou menos perigosas; taes são a abelha, o escorpião ou a lacraia, o maribondo e d'estes principalmente as duas especies chamadas caboclos e pretos; as formigas ruivas, e algumas cobras. Outros animaes, taes como o cão, contrahem uma molestia chamada *raiva*, transmissivel pela mordedura, e rapidamente seguida de morte horrorosa. De todos os outros animaes, o unico verdadeiramente perigoso é a cobra. Quanto ás picadas da abelha, da lacraia, do maribondo, etc., os phenomenos morbidos ficam limitados á parte ferida, a uma inflammação local que cede facilmente. Mas quando as picadas são numerosas e determinam febre mui intensa, ha exemplos de morte. Para o *tratamento* d'estas differentes feridas, *veja-se* ABELHA, COBRA, ESCORPIÃO, RAIVA, PICADAS.

Feridas virulentas. As feridas produzidas por instrumentos ou ossos banhados no humor mormoso, carbunculoso ou syphilitico, podem occasionar o mormo, o carbunculo ou a molestia syphilitica com a producção dos accidentes locaes ou sem elles.

Ao lado d'estas feridas virulentas ha outras que, produzidas por instrumentos molhados de sangue ou por ossos sãos, produzem entretanto desordens locaes, que são bastante frequentes nos carniceiros. Estas feridas determinam uma inflammação chronica, uma inchação dura, sem accidentes geraes.

Tratamento. As feridas virulentas devem ser immediatamente lavadas com agua misturada com phenol Bobœuf ou coaltar saponinado Le Bœuf, emquanto se fazem sangrar, tanto quanto fôr possivel, comprimindo a parte ferida, e cauterizadas logo depois com pedra infernal. Appliquem-se depois fios molhados com phenol ou coaltar puro. As picadas de ossos devem tambem ser lavadas com agua tepida, e comprimidas para fazer sahir o sangue; feito isto, applica-se por cima cataplasma de linhaça.

Feridas por picadas anatomicas. As picadas anatomicas são feridas envenenadas por um principio putrido que se forma nos cadaveres. Ás vezes estas feridas saram como as feridas ordinarias, outras vezes determinam inflammação local e symptomas geraes que são semelhantes aos da febre typhoide: ha fraqueza geral, dôres nos membros, difficuldade de respirar, vomitos e evacuações alvinas mui feti-

das, dôr de cabeça, modorra, delirio, febre intensa, pulso pequeno.

Tratamento. Deve-se comprimir fortemente entre a parte ferida e o coração, isto é, na direcção do sangue arterial, para espremer o sangue, e fazel-o sahir pela ferida, que será mantida, durante esta operação, debaixo de um bico d'agua fria. Lave-se depois a ferida com a dissolução de pedrahume em agua, cauterize-se com pedra infernal; feito isto, applique-se-lhe por cima encerado inglez.

Feridas por armas de fogo. Comprehendem-se debaixo d'este titulo todos os ferimentos produzidos pelos projectis movidos pela polvora, ou pela deflagração d'esta substancia.

Os projectis empregados nas armas de fogo *portateis* são balas de chumbo, de marmore, de pedra ou de vidro; grãos de chumbo, pregos, botões, pedaços de ferro de fórma variada; os que se introduzem nos *canhões* são balas de ferro, ou de ferro fundido; balas de biscainho ou pequenas balas, bombas ou globos de ferro ôcos furados para introduzir-lhes a polvora, e tapados com uma mecha que communica o fogo ao conteudo do projectil; obuzes ou bombas sem azas; granadas ou pequenas bombas destinadas a serem lançadas com a mão; metralha, isto é, pedaços de ferro de toda a especie.

Effeitos produzidos pela deflagração da polvora. Quando a quantidade de polvora incendiada é pouco consideravel, não resulta d'isto ás vezes senão uma queimadura das partes do corpo que se acham em contacto com a chamma produzida no momento da detonação, e a incrustação dos grãos da polvora na espessura da pelle; mas sendo a quantidade da polvora consideravel, e esta substancia pegando fogo n'um espaço circumscripto, a rarefacção subita do ar atmospherico communica ás pessoas approximadas do foco uma violenta impulsão que as lança ás vezes a grandes alturas, contra corpos resistentes, e occasiona desordens espantosas.

Effeitos produzidos pelos projectis lançados por armas de fogo. Estes effeitos variam segundo a natureza do projectil, a força de impulsão de que está animado no momento em que encontra uma parte do corpo, e a direcção em relação á parte tocada. Em todos os casos, ora sobrevem uma contusão mais ou menos forte sem solução de continuidade da pelle, ora uma ferida mais ou menos extensa.

1.° *Contusão.* Quando a bala no fim do seu curso, isto é, uma bala *morta*, encontra uma parte do corpo em que a pelle cobre immediatamente um osso, resulta d'isto uma ecchymose ou uma escara da pelle; se pelo contrario partes molles mais ou menos espessas forem interpostas entre a pelle e o osso, o tegumento externo, em razão de sua elasticidade poderá ficar intacto e as desordens limitar-se-hão ás camadas organicas subjacentes. Se uma bala animada de grande velocidade, isto é, no meio do seu curso, encontrar uma parte do corpo sob um certo angulo, poderá acontecer que a pelle ficando ainda intacta, todas as partes situadas debaixo sejam completamente desorganizadas; os vasos e os nervos rotos, as aponevroses e os tendões rasgados, os musculos esmagados, os ossos fracturados. O membro tocado pelo projectil fica

então convertido em um verdadeiro sacco cutaneo cheio de restos organicos. Se parece difficil no primeiro instante comprehender n'estas circumstancias a integridade da pelle, explica-se isto entretanto, de uma maneira sufficiente, pela elasticidade d'esta membrana, que lhe permitte resistir á impulsão sem romper-se.

2.° *Feridas.* Devem distinguir-se as que são produzidas pelas balas. das que são occasionadas por outros projectis.

a. Feridas por balas de espingarda. Ha feridas que apresentam um canal sem sahida e não tem, por conseguinte, senão uma unica abertura; outras apresentam duas aberturas mais ou menos distantes uma da outra; ha feridas que tem a fórma de uma gotteira que occupa a superficie do corpo. O trajecto percorrido por uma bala não é sempre direito; vê-se ás vezes este projectil contornear um membro ou as paredes de uma cavidade visceral, tal como o craneo ou o ventre, sem penetrar n'ella. Comprehende-se facilmente esta particularidade, considerando que a bala acha na sua passagem planos mais ou menos resistentes que lhe modificam a direcção primitiva. Observam-se sobretudo effeitos mui variados quando a bala encontra porções osseas; ás vezes a bala achata-se tocando um osso sem rompêl-o; outras vezes é repellida pelo plano osseo, e não produz mais desordens do que no caso precedente; em outras partes, se ella encontra a margem de um osso, póde dividir-se em dois fragmentos que ficam no logar no qual se fez a divisão, ou continuam sua direcção separadamente no meio das partes molles; outras vezes, quando a bala toca o corpo de um osso longo, produz ordinariamente uma fractura com esquirolas e rachas que se estendem até á junta. Se a bala attingir a parte esponjosa de um osso, penetra n'ella mais ou menos profundamente e cava um canal provido de uma abertura de entrada sómente, ou de uma abertura de entrada e de sahida.

As desordens produzidas pelas balas sobre os *vasos sanguineos* apresentam tambem variedades; quando estes projectis são animados de grande velocidade, determinam divisão do vaso acompanhada de perda de substancia. D'aqui resultam hemorrhagias seguidas de morte prompta quando a arteria é volumosa; ás vezes a formação de uma aneurysma diffusa. Em alguns casos as paredes da arteria são comprehendidas n'uma escara que se despega mais tarde, para dar logar a hemorrhagias ou á formação da aneurysma. Emfim póde haver simples contusão do vaso com ruptura das duas membranas internas, d'onde vem a formação ulterior de uma aneurysma ou a obliteração da arteria.

b. Feridas por outros projectis. As balas de artilheria produzem feridas muito extensas; ora cortam um membro, ora tiram uma parte d'elle não deixando subsistir senão uma porção da circumferencia. Quando encontram outras partes do corpo, o rosto, o peito, o ventre, produzem mutilações taes que a morte segue de perto semelhantes lesões.

c. Feridas produzidas pelos grãos de chumbo. Estas feridas differem segundo a distancia á qual teve logar o tiro; se é de mui perto, as desordens são as mesmas que as que são occasionadas por uma bala, com a differença que os grãos de chumbo ficam em parte espalhados nos

tecidos; se, pelo contrario, o tiro fôr dado de longe, os grãos de chumbo penetram separadamente e não em massa nas partes molles, de que resultam muitas feridas mais ou menos profundas e largas, segundo o tamanho dos grãos de chumbo, e sua força de impulsão, no momento em que chegam á superficie do corpo.

As feridas por armas de fogo apresentam uma superficie preta, livida, margens seccas e uma ecchymose das partes vizinhas; todos estes phenomenos resultam da contusão que as acompanha. Em geral, a escara produzida por esta contusão, sobre o trajecto mesmo da solução de continuidade, põe obstaculo a um corrimento sanguineo abundante; e por isso não se observam hemorrhagias senão nas regiões do corpo em que os troncos arteriaes foram ao mesmo tempo divididos. Esta escara é destinada a ser eliminada.

Complicações. A unica complicação propria ás feridas por armas de fogo é a presença de *corpos estranhos.* São balas de espingarda, grãos de chumbos, estilhaços dos obuzes, pedaços de páo, porções de bucha ou dos vestidos. Os corpos estranhos comportam-se de diversas maneiras: uns são promptamente expulsos pela ferida por onde se introduzíram no meio dos tecidos; outros, situados mais ou menos longe da ferida, determinam, ao cabo de certo tempo, uma inflammação seguida de um abcesso, e são igualmente eliminados. Ha corpos estranhos que caminham lentamente no meio dos tecidos, e que acabam por abrir passagem para fóra; outros irritam os orgãos no meio dos quaes se acham e desenvolvem um trabalho inflammatorio mais ou menos intenso; ha, emfim, que se revestem de um envoltorio membranoso, de uma sorte de kysto, e que ficam indefinidamente no meio das partes vivas, sem occasionarem o menor incommodo.

Quando as feridas por armas de fogo são já antigas, e se o perigo dos accidentes inflammatorios ou das hemorrhagias já passou, ficam muitas vezes necroses, fistulas interminaveis, que são devidas a uma lesão do osso ou á presença da bala. Uma necrose é caracterizada por abcessos, e pela eliminação de pedaços de osso. Reconhecem-se as fistulas consecutivas ás balas alojadas nas carnes pelas circumstancias antecedentes; póde suppôr-se que a bala existe nas carnes quando ha uma só abertura, quando os vestidos tirados da ferida no momento do ferimento, e examinados com cuidado, não contém bala, quando os ossos estão inchados, emfim pela exploração com um estylete de porcelana, arredondado em fórma de bola na extremidade. Se esta bola encontrar a bala, apresentará uma marca preta. A tumefacção do osso e a falta da marca sobre a bola do estylete de porcelana, bem que este toque uma superficie dura, indica uma necrose. Foi por meio do estylete de porcelana que o Dr. Nelaton reconheceo em 1864 a presença da bala na perna de Garibaldi, o celebre e patriota general italiano.

Tratamento. No caso de contusão *mediocre* produzida pela bala no fim do seu curso, os meios a empregar não differem dos que convem na contusão occasionada por qualquer outro agente : pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto-mineral.

No caso de contusão excessiva de um membro por uma bala de artilheria, é necessario praticar grandes e profundas incisões. Se os ossos forem fracturados, os vasos principaes rotos, não haverá outra cousa a fazer senão praticar a amputação immediata do membro.

As feridas por armas de fogo sem complicação serão tratadas como todas as outras feridas contusas : applique-se um panno crivado untado de ceroto, por cima fios molhados em aguardente camphorada, e sobre estes uma cataplasma de linhaça.

Cumpre alargar as feridas sub-apronevroticas que têm abertura estreita, e sempre que haja fractura com sahida dos fragmentos de osso, ou hernia dos musculos. Se não se dilatar uma ferida por armas de fogo nos primeiros dias, convem dilatal-a logo que appareçam os primeiros phenomenos de inflammação. Faz-se a dilatação com o bisturí de ponta romba guiado pelo dedo introduzido na ferida.

Se a bala penetrou profundamente e não produzio senão uma abertura, é preciso praticar incisões bastante extensas para que a ferida represente um cóne cuja base esteja do lado da pelle e o apice na parte mais profunda. N'uma ferida que offerece duas aberturas, a dilatação é inutil, sendo o trajecto intermedio curto; no caso contrario, deve incisar-se o contorno das duas feridas para prevenir a estrangulação. Não serão dilatadas as feridas simples não complicadas da presença de um corpo estranho, não affectando senão a pelle e o tecido cellular, quer tenham ou não um canal cavado no tecido cellular, nem as feridas com abertura mui larga, sem complicação de fractura. Nas feridas em forma de gotteira, ponha-se uma mecha de fios coberta de ceroto, e por cima uma prancheta de fios embebidos d'aguardente camphorada. Quando uma ferida por arma de fogo é acompanhada de *hemorrhagia*, convem praticar a laqueação do vaso arterial dividido. A contusão das pontas da arteria é obstaculo á applicação da dupla ligadura no logar mesmo da ferida; é preciso n'este caso laquear a arteria por cima e por baixo da ferida.

Os corpos estranhos serão extrahidos se se acharem nas feridas, ou mesmo achando-se implantados nos ossos. Antes de proceder á extracção de um corpo estranho de que se suspeita a presença, segundo a relação do doente, ou segundo a fórma da ferida, importa assegurar-se de sua existencia. Ás vezes descobre-se pelo simples apalpamento ou pela existencia de uma proeminencia sobre um ponto do membro situada a certa distancia da ferida; outras vezes, é necessario introduzir n'esta instrumentos exploradores taes como uma sonda de mulher, um estylete ou simplesmente o dedo. Em todos os casos estas tentativas de exploração devem ser proscriptas durante o periodo inflammatorio.

Faz-se a extracção do corpo estranho pela ferida mesma que lhe deo passagem e por meio de instrumentos diversos; as *pinças* ordinarias bastam no maior numero de casos. Póde tambem servir uma haste de aço terminada por uma especie de colher, chamada *cureta*, com que se apanha o corpo estranho no meio das partes molles; ou um *saca-balas*, semelhante a um sacarolhas, que se implanta na espessura da bala

quando esta se acha apoiada contre um plano resistente. Quando a bala passou além do centro do membro, e quando se sente do lado opposto ao seu ponto de entrada, é preferivel fazer a sua extracção por meio de uma contra-abertura praticada sobre as partes molles que a cobrem. A bala póde achar-se na espessura do tecido osseo; se não penetrou senão a uma pequena profundeza, emprega-se para tiral-a uma espatula, pinça, ou um saca-balas. Se penetrou mais profundamente tira-se com a rodella ossea que a cerca por meio de uma coroa de trepano. As cargas de grãos de chumbo podem ser extrahidas em parte com a bucha ou panno dos vestidos. Injecções d'agua tepida são ás vezes uteis para favorecer a sua expulsão. Os grãos de polvora incrustados na espessura da pelle dão ao tegumento uma côr preta que, na cara sobretudo, produz um effeito desagradavel. Previne-se este resultado, pouco tempo depois do accidente, tirando cada grão de polvora com a ponta de uma agulha e esfregando as partes feridas com azeite doce. Quando o accidente succedeo ha muito tempo, o colorido da pelle é uma deformidade incuravel.

Como já disse, logo que se encontre a menor difficuldade para se extrahir a bala, deve-se deixal-a na ferida que se lava com todo cuidado, applicando-se depois o curativo que se acha indicado á pagina 1110. Não se deve empregar manobra nenhuma para extrahir a bala se ella se achar perto de algum grande vaso sanguineo, que se sinta ou se veja as bateduras.

Quando os ossos foram atacados por um grande projectil, ficam quebrados em muitos pedaços, então é inutil tentar de reparar o membro; o que ha a fazer é a amputação. Quando existe algumas esquirolas, tira-se'as e faz-se o curativo como o de qualquer ferida. Para que os ossos possam se consolidar em boa posição, deve-se reduzir a fractura, se ha grande desvio, e fixa-se depois o membro com uma goteira de arame forrada de algodão ou com um apparelho de dextrina.

Feridas na bocca por armas de fogo. As feridas da bocca, produzidas por uma bala, não differem das feridas por armas de fogo nas outras partes do corpo, senão pela possibilidade de deformações consecutivas, de adherencias das faces aos ossos maxillares, de fistulas, e de fracturas.

Nas feridas da bocca produzidas pela explosão de uma arma de fogo, como isto se observa nas tentativas de suicidio, a bala póde tomar todas as direcções; póde fracturar o craneo, a columna cervical, penetrar nas fossas nasaes, abrir as arterias vertebral e carotida primitiva; ou então póde parar encontrando um osso, cahir na pharynge e depois no estomago.

Nas feridas da bocca por armas de fogo, a morte tem logar instantaneamente, quando o cerebro ou a medulla foram offendidos, e depois da hemorrhagia, quando um grosso vaso foi dividido.

As partes molles rasgadas, pretas, queimadas pela polvora e cobertas de escaras permittem que se reconheçam á primeira vista as feridas da bocca por armas de fogo : então a lingua, as faces e os beiços estão

rasgados; e quando os individuos fecham a bocca á roda do cano de arma de fogo, os dentes arrancam-se, e os ossos do queixo quebram-se em muitos pontos.

As feridas da bocca por armas de fogo expõem, como todas as feridas por armas de fogo, ás hemorrhagias consecutivas graves.

Tratamento. Não havendo fractura, o doente gargarejará todo o dia com agua morna; e far-se-hão duas vezes por dia, lavatorios na bocca com agua morna misturada com agua de Labarraque. Se existirem rasgaduras, reunam-se as partes por meio de suturas, depois de bem lavadas. A lingua, as faces e os labios podem ser reunidos d'esta maneira. Se os ossos do queixo estiverem quebrados em muitos pedaços, convem extrahir as esquirolas que são inteiramente livres, e approximar os ossos.

Logo que os accidentes estejam acalmados, appliquem-se os apparelhos para conter as fracturas. *Veja-se* FRACTURA DO QUEIXO.

Depois da cura, appliquem-se dentaduras postiças, caso tenha havido grande perda de substancia. As hemorrhagias serão tratadas pela compressão e applicação de fios molhados em solução de perchlorureto de ferro a 30°. Sobrevindo hemorrhagia pelo nariz, tapem-se com fios as fossas nasaes. Se se sentir a bala na ferida, convem extrahil-a; se não, explore-se a ferida com o estylete de porcelana. Durante a cicatrização, tirar-se-ha a bala com pinça ou saca-balas.

As complicações consecutivas, os abcessos, as fistulas salivares, as caries e as necrosos serão tratadas pelos meios apropriados.

Feridas do peito por armas de fogo. As feridas por armas de fogo, que não penetram no interior do peito, não differem das feridas por armas de fogo das outras regiões.

Além das complicações primitivas e consecutivas das feridas do peito, as feridas penetrantes do thorax podem ser complicadas de fracturas das costellas e da entrada das balas na pleura, membrana que reveste o pulmão.

Ás vezes, excepcionalmente, as balas e os corpos estranhos ou as esquirolas que penetráram no pulmão sahem por si mesmas pela ferida, ou são expulsas pela expectoração, evacuadas com o pus de um abcesso formado á roda d'ellas. As balas alojadas no pulmão podem não produzir accidente algum.

Tratamento. As feridas simples não penetrantes do peito por armas de fogo serão tratadas como todas as outras feridas por armas de fogo. *Veja-se* vol. I, pag. 1078.

Quando uma bala occasionou uma ferida penetrante do peito, *nunca* se deve tentar extrahir o projectil, a menos que não esteja sob a pelle. Por nenhum motivo deve se introduzir uma sonda ou qualquer outro instrumento para tentar sentir o corpo estranho. Limita-se apenas o tratamento, em lavar a ferida exteriormente, em fazer um curativo phenicado e ficar na expectativa da marcha da ferida.

Feridas do ventre por armas de fogo. Ha feridas não penetrantes que abrem um canal ou gotteira nas paredes do ventre.

As feridas obliquas, complicadas de corpos estranhos, não devem ser sondadas senão com sonda de mulher. As feridas penetrantes não serão sondadas.

Ha ás vezes sahida dos intestinos e do epiploon nas feridas do ventre por armas de fogo, como nas outras feridas d'esta região. Ha derramamentos immediatos, hemorrhagias consecutivas. Uma peritonite, frequentemente mortal, é consequencia da abertura do peritoneo. As feridas do ventre por armas de fogo são ordinariamente complicadas de ferida dos intestinos, da bexiga ou das outras visceras.

Tratamento. Nas feridas não penetrantes do ventre empregue-se o mesmo tratamento que nas feridas por armas de fogo não complicadas (*Veja-se* vol. I, pag. 1117): o repouso absoluto, algumas bichas perto da ferida, são bons meios para prevenir a inflammação.

Nas feridas penetrantes, não se procure o corpo estranho, salvo se se sentir. Reduza-se o intestino e o epiploon depois de tel-os lavado com agua phenicada; reuna-se a ferida com uma sutura feita com fios de prata e applica-se por cima um curativo um pouco apertado, como se acha descripto á pagina 1110. Se o intestino foi aberto, estabeleça-se um anus artificial; o repouso absoluto, caldos, e clysteres com caldos são expressamente indicados.

Depois d'estas generalidades, examinemos as feridas nas differentes partes do corpo, e vejamos o que ellas apresentam de particular.

Feridas das arterias. *Veja-se* Arteria, vol. I, pag. 219.

Feridas do baço. São raras, mas muito graves, por causa da hemorrhagia que occosionam. Conhecem-se pela sua situação na parte superior e lateral esquerda do ventre. O tratamento compõe-se de bichas que se applicam no lado esquerdo do ventre, de pannos molhados em agua fria que se applicam no mesmo logar durante os dois primeiros dias para impedir a hemorrhagia; e mais tarde de cataplasmas de farinha de linhaça.

Feridas dos beiços. Se forem profundas devem ser reunidas por meio de sutura; se não, basta o encerado inglez.

Feridas da bexiga. Estas feridas são feitas por instrumentos picantes, cortantes ou por armas de fogo; ás vezes pelo cirurgião mesmo para extrahir um calculo vesical, ou dar passagem á ourina na retenção d'este liquido.

Symptomas. São racionaes ou sensiveis: aos primeiros pertencem o logar que occupa a ferida exterior, na parte inferior do ventre ou no perineo; uma dôr viva sobre todo o trajecto das vias urinarias e até á glande, ourinas emittidas em pequena quantidade e sanguinolentas, vontade frequente de ourinar. A sahida da ourina pela ferida exterior é um signal sensivel de grande valor; o exame da bexiga por meio da sonda deixa reconhecer que não existe n'este reservatorio senão mui pequena quantidade de ourina misturada com sangue. Havendo perforação simultanea da bexiga e do recto, como isto se observa nas feridas por armas de fogo, a ourina sahe pelo anus com as materias fecaes.

Marcha da molestia e terminações. Quando a ferida da bexiga commu-

nica com a cavidade peritoneal, a ourina derrama-se n'ella, e determina promptamente todos os accidentes de uma peritonite aguda. Se o peritoneo não foi ferido, os phenomenos differem segundo as disposições do ferimento. Se a ferida exterior fôr maior do que a da bexiga, se o trajecto entre os dois orificios fôr directo, a ourina sahe e toda a infiltração d'este liquido é prevenida. Se, pelo contrario, a ferida exterior apresentar dimensões mais pequenas do que a ferida vesical, se o trajecto não fôr directo, a ourina infiltra-se no tecido cellular da bacia, do perineo, das virilhas, do escroto, etc., segundo o ponto da bexiga que foi ferido. As consequencias da infiltração variam segundo o logar que occupa e conforme a extensão. Se a infiltração existir no interior da bacia, sobre os lados da columna vertebral, ou atraz da parede abdominal anterior, os doentes succumbem promptamente ; se ficar limitada ao perineo e ao escroto, podem sobreviver.

Complicações. Um accidente proprio ás feridas da bexiga por armas de fogo é a presença de um corpo estranho na bexiga : balas ou outros projectis, porções de osso separadas da bacia. Os grãos de chumbo são ás vezes expulsos pelo canal da urethra. Em alguns casos, a bala chega á região perineal, produz um abcesso, e sahe. Nos outros doentes, o projectil torna-se o principio de um calculo, que é necessario extrahir por meio de uma operação.

Tratamento. Antes de tudo é necessario prevenir o derramamento da ourina, ou de tornal-o o mais fraco possivel. Para este fim, introduz-se na bexiga uma sonda de gomma que se mantem em permanencia na bexiga, o orificio destapado, afim de que a ourina possa sahir á medida que chega á bexiga. Recommenda-se ao doente de beber o menos possivel. Deixa-se a sonda até á completa cicatrização da ferida da bexiga. Se a infiltração da ourina se manifestar por uma tumefacção nas regiões que deixei indicadas, pratiquem-se leves incisões sobre este ponto.

Feridas das bolsas. *Veja-se* FERIDAS DO ESCROTO.

Feridas da cabeça. As feridas da cabeça apresentam alguma gravidade, por causa da vizinhança do cerebro. As que são feitas por instrumentos cortantes, como facas, canivetes, são ás vezes acompanhadas de forte hemorrhagia. As que são feitas por corpos contundentes, como bengalas, achas de lenha, etc., são complicadas de commoção do cerebro. Uma commoção leve occasiona no mesmo instante algumas vertigens, escurecimento da vista e tremor dos membros. Mais forte, a commoção produz perda de sentidos incompleta, privação da vista, e o doente cahe no chão. A commoção *extrema* do cerebro produz a morte instantaneamente, ou ao cabo de algumas horas.

As feridas da cabeça podem ser seguidas de inflammação do cerebro, cujos principaes symptomas são : dôr de cabeça, diminuição da intelligencia, da vista, da falla, da faculdade de ouvir, modorra, paralysia dos membros e febre.

Podem tambem determinar a formação de uma erysipela.

Tratamento das feridas da cabeça. Quando a ferida é simples, cumpre

laval-a com agua fria misturada com phenol Bobœuf ou Coaltar saponinado Le Bœuf e, depois de rapados os cabellos, reunir as margens da ferida por meio de pontos falsos feitos com tiras de emplasto adhesivo. Se a ferida fôr acompanhada de grande hemorrhagia, torna-se preciso estancar o sangue por meio da compressão com fios seccos, tiral-os no dia seguinte, lavar a ferida e cural-a com pontos falsos. Ás vezes os fios seccos não bastam para atalhar a hemorrhagia; é necessario então applicar pannos molhados em solução de perchlorureto de ferro a 30° e mesmo recorrer á laqueação da arteria que fornece o sangue.

As feridas feitas por bengalas e outros corpos contundentes devem ser curadas da maneira seguinte: rapar os cabellos á roda da ferida, laval-a com agua fria misturada com Coaltar saponinado Le Bœuf, reunir as margens com pontos falsos applicados com certos intervallos para deixar logar para a sahida do pus; por cima dos pontos pôr fios, e emfim por cima dos fios um panno de linho molhado em agua fria, que deve ser renovado de meia em meia hora, ou ainda mais frequentemente. Mas se as margens da ferida ficarem vermelhas e inchadas, é mister substituir estes curativos por cataplasmas de linhaça, e quando a inflammação da ferida fôr menor, usar só de fios untados com ceroto.

As feridas da cabeça são ás vezes acompanhadas de despegamento dos tegumentos; o agente vulnerante, depois de produzir a solução de continuidade, escorrega sobre os ossos do craneo, e repelle diante de si os tegumentos, que separa n'uma extensão mais ou menos consideravel. Cumpre n'este caso applicar o retalho sobre o osso denudado, e mantêl-o com tiras de emplasto adhesivo: a reunião não tardará a effeituar-se.

Tratamento das complicações. Na *commoção do cerebro* é preciso dar a cheirar vinagre, agua de Colonia, ether ou alcali volatil, e applicar sinapismo aos pés. Se o doente não tornar a si, faça-se uma sangria no braço.

A *inflammação do cerebro* será combatida pela sangria no braço, e applicação na testa de pannos molhados em agua fria.

A *erysipela* dos tegumentos da cabeça, que apparece ás vezes nas feridas d'esta região, differe da erysipela das outras partes do corpo em que todos os logares cobertos de cabello são brancos; e por isso não se póde reconhecer a molestia senão pela inchação, e pela dôr bastante viva, que augmenta com a pressão do dedo. Na face e nas partes da cabeça despidas de cabello, como tambem nos individuos calvos, a erysipela apresenta a côr vermelha normal. Combate-se com tartaro estibiado administrado segundo a formula seguinte:

Tartaro estibiado.....	4 centigrammas.
Agua.....	480 grammas.

Dissolva. Para tomar uma chicara de meia em meia hora.

Feridas do cerebro. I. FERIDAS POR INSTRUMENTOS PICANTES E CORTANTES. — As feridas do cerebro por instrumentos picantes ou cortantes não causam accidentes mortaes immediatos, a não attingirem a base do cerebro ou a medulla alongada.

Reconhecc-se a ferida do cerebro pela denudação do orgão, ou pelo comprimento e fórma do instrumento que fez a ferida, o que permittc aprcciar a profundidade á qual a arma penetrou na cabeça.

A presença de um fragmento do instrumento, que pcnctrou no craneo, complica ás vezes as feridas do cerebrro. Em geral, a posição da fcrida, e a difficuldade que existe para o escorrimento dos liquidos, augmentam a gravidade do prognostico.

Depois dos ferimentos do cerebro, a encephalite, isto é, a inflammação, é o principal accidente que se dcve receiar; quanto ás desordcns da intelligencia, taes como a perda da memoria, e as paralysias, estas são mais raras.

Tratamento. Cumpre extrahir os corpos estranhos, e collocar a cabeça na posição favoravel ao escorrimento do liquido da ferida. Attender aos primeiros symptomas da inflammação, e combatêl-os com bichas e sangria. Os symptomas da inflammação do cerebro são: dôr de cabeça, dclirio, convulsões, abatimento, pulso frequente.

Se o cerebro estiver denudado, applicar nos dois primeiros dias sobre a ferida pannos molhados em agua fria, quc se reformam dc vez em quando. Logo quc todo o receio da inflammação tiver desapparecido, curar a ferida com panno untado de ceroto, e fios por cima do panno.

Se as esquirolas comprimirem o ccrcbro, tiral-as por meio da operação do trepano.

II. *Feridas contusas do cerebro.* Os instrumentos contundentcs, como baioneta, enxadão, bala quc quebráram o craneo, podcm attingir o cerebro e produzir uma ferida contusa, arrastando diantc d'clles pedaços de panno ou esquirolas osseas.

N'uma ferida que attingio profundamente o hcmispherio cerebral, a paralysia dos braços e das pernas, a abolição da intelligencia, a respiração lenta, o pulso pequeno e intermittente, caracterizam a contusão do cerebro.

Quando a base do cerebro está ferida, a morte é instantanea; mas quando a superficic do orgão foi só attingida, o doentc póde sarar. A presença do corpo cstranho é sempre uma complicação grave; bem que haja exemplos de balas que penetráram no cerebro, e ali ficáram, enkystadas, sem produzirem accidentes.

Tratamento. Combata-sc a inflammação do cerebro, que sobrevem ordinariamente depois das feridas contusas, com bichas e sangria no braço. Sobre a ferida appliquem-sc pannos molhados em agua fria.

Se os ossos do craneo ficarem enterrados na substancia cerebral, será necessario tiral-os por mcio da operação do trepano. Tirem-se as esquirolas c os pedaços de panno sc existirem na ferida. Uma bala introduzida no cerebro será extrahida se se scntir : emprcgar-se-ha para este fim um sacabalas ou uma pinça. Uma bala perdida dentro do cerebro não deve ser procurada.

Feridas do coração. É uma opinião quasi geral que as fcridas do coração são instantaneamente mortaes. Entretanto, existem factos que provam que podem sarar. Plater cita o caso de um porco, em cujo

coração se achou um pedaço de páo. Muitas vezes se tem encontrado no coração de animaes mortos na caça cicatrizes antigas ou balas que existiam n'este orgão desde muito tempo. O Dr. Latour falla de um soldado que foi ferido no coração com uma bala de espingarda; ficou bom d'esta ferida, e só d'ahi a seis annos é que morreo de outra molestia. Fez-se a autopsia e achou-se a bala no coração.

Entretanto, no maior numero de casos as feridas do coração seguem-se de morte instantanea mais ou menos demorada.

Symptomas das feridas do coração. Além dos symptomas que se podem tirar da situação, da direcção da ferida e da profundidade a que penetrou o instrumento vulnerante, o doente apresenta os signaes seguintes : respiração difficil, desmaios, dôr no peito, pallidez do rosto e suores frios por todo o corpo.

Tratamento. Fechar a ferida exterior com emplasto adhesivo e com pannos; sangrar depois o doente, e recommendar-lhe silencio e repouso o mais completo. Se, com este tratamento, se atalhar a hemorrhagia interna, será necessario depois occupar-se do derramamento sanguineo que se fez no peito, e dar-lhe sahida por meio de uma operação.

Feridas dos dedos, contusas. *Veja-se* DEDOS.

Feridas do escroto. Estas feridas são quasi sempre acompanhadas da sahida dos testiculos, ou, então, estes orgãos ficam descobertos. Resulta da maior parte dos factos que as feridas das bolsas não são graves, e que a reducção dos testiculos faz-se em geral com bom exito, mesmo quando estes orgãos foram bastante puxados, quando foram um pouco contusos, ou ficáram algum tempo fóra das bolsas : obtiveram-se mesmo curas completas, quando não sómente as bolsas foram rasgadas, mas tambem quando a solução de continuidade alcançava o testiculo, e se estendia até ao membro viril. O facto seguinte prova o que ficou dito : Um boi furioso deo uma chifrada em um homem, furou-lhe o escroto, suspendeo-o durante alguns instantes sobre a cabeça e acabou por lançal-o contra um muro. O escroto ficou inteiramente rasgado e arrancado em muitos logares, a tunica vaginal aberta; ambos os testiculos ficáram descobertos. O chifre attingio, além d'isto, o membro viril, rasgou o prepucio, e fez passar o membro viril atravez dos tegumentos do escroto. O Dr. Wolf curou methodicamente esta ferida, cortou com tesoura as porções de pelle demasiadamente desorganizadas pelo choque, e regularizou as margens da ferida. Fez alguns pontos de sutura, cobrio a ferida com pranchetas de fios molhadas em agua vegeto-mineral. Sangria, dieta, etc. No fim da terceira semana, a cura foi completa. Este caso é mui notavel; o modo de proceder do Dr. Wolf deverá ser imitado em taes circumstancias. Nos casos, com effeito, em que existe mortificação ou contusão extrema de uma porção do escroto, cumpre sacrificar esta parte, e refrescar as margens para tornar mais facil a reunião.

Transcrevo agora o facto do Dr. Roux, porque o modo de proceder foi o mesmo e o resultado identico; sómente n'este caso foi uma bala que ferio o escroto. Tratava-se de um moço de 22 annos, ao qual uma bala ferio o escroto sem offender de modo algum o membro viril. Os envol-

torios communs aos dois testieulos foram atravessados não sómente de de um lado a outro, mas divididos eompletamente de diante para traz, sobre a linha mediana, desde a parte inferior do membro viril até ao perineo. Ambos os testieulos, os quaes não foram feridos, sahíram atravez d'esta grande ferida do escroto e pendiam até á parte mediana da coxa. As bordas da ferida eram desiguaes e como franzidas. O cirurgião tornou a collocar os testiculos no escroto, e para segural-os no seu logar, restabeleceo artificialmente a continuidade da pelle, applicando alguns pontos de sutura sobre as bordas da ferida, depois de cortadas todas as partes franzidas. A cura foi completa.

Um homem de 70 annos, segurando um jumento, embaraçou o pé no eabresto do animal no momento em que este tomava o galope acommettido de um accesso de furor; este homem cahio de costas e foi arrastado n'esta posição atravez de uma collina, percorrendo um espaço de cerea de 300 passos. Este facto aconteceo nos arredores de Montpellier, em França. O caminho atravez do qual este homem foi arrastado era montuoso, desigual, mui pedregoso; e por isso as espadoas, as costas, as coxas, as pernas ficáram esfoladas e ensanguentadas. Ainda não foi tudo. Uma pedra pontuda rasgou-lhe transversalmente a parte direita do escroto na extensão de quasi quatro dedos de largura. O testieulo d'este lado sahio, assim como o cordão espermatico, que foi estirado de tal modo n'esta carreira rapida, que se estendia até ao terço inferior da coxa. O doente foi levado á cama, coberto de sangue. O interior do escroto estava cheio de cascalhos e de outros corpos estranhos. O Dr. Gaston, que foi chamado, lavou cuidadosamente as partes feridas com agua morna, reduzio o testiculo no escroto, e, para mantêl-o no seu logar, applieou uma prancheta de fios molhados no cozimento de malvas, que segurou com uma compressa e um suspensorio. Por causa da grande contusão, e na previsão de uma suppuração inevitavel, não julgou prudente fazer a reunião immediata com pontos de sutura. Com effeito, poucos dias depois estabeleceo-se a suppuração, e não sobreveio accidente. Todos os dias os curativos se faziam com fios untados de ceroto, e cataplasma de linhaça por cima; a reunião das partes fez-se pouco a pouco, e, no trigesimoquinto dia depois do accidente, o doente estava completamente curado. O cordão espermatico ficou sómente mais volumoso do que é naturalmente; o testiculo conservou o dobro do seu tamanho ordinario, e ficou adherente em toda a sua circumferencia ao escroto.

Esta observação prova que não se deve desesperar da cura do testiculo quando mesmo o cordão espermatico fôr estirado, e quando o orgão mesmo fôr violentado e ferido.

As *feridaas do testiculo* por instrumento cortante, e sobretudo por instrumento picante, são menos graves do que se pensa geralmente. Cumpre, sómente, empregar todos os meios para prevenir a inflammação. O melhor d'estes meios é a applicação, constantemente renovada durante os dois ou tres primeiros dias, de pannos molhados em agua fria. Depois d'isto applicam-se bichas na coxa vizinha ou na virilha, e cataplasmas quentes de farinha de linhaça sobre o testiculo.

Feridas do estomago. Quando o estomago está completamente vasio, póde suppôr-se que fieou ferido quando um instrumento penetrou no meio do espaço comprehendido entre o appendiee xyphoide do osso esterno e o embigo; a lesão é quasi certa quando o ferimento foi feito mais acima. No estado de plenitude o estomago póde ser attingido mesmo nos ferimentos situados em baixo do embigo.

Reconhece-se a ferida do estomago pela situação da ferida exterior, pela dôr viva na boeca do estomago, pelos vomitos de substancias alimentarias misturadas eom sangue, ou de sangue puro; existem tambem evacuações alvinas sanguinolentas.

Quer o estomago esteja vasio ou eheio, sendo a ferida mui pequena, como, por exemplo, uma picada, e se nenhum vaso consideravel foi dividido, não sobrevem derramamento na cavidade abdominal, porque a membrana interna do estomago sahe e tapa a ferida. Mas se a ferida fôr larga, as materias alimentarias e o sangue sahem do estomago e derramam-se no interior do peritoneo.

As relações da ferida do estomago eom a ferida das paredes abdominaes, e suas dimensões respectivas, occasionam variações na produeção d'estes derramamentos, e influem sobre o resultado do ferimento. Se a ferida exterior fôr larga, e a ferida do estomago tiver dimensões necessarias para dar sahida ás materias quc elle contém sc estas feridas forem vizinhas e parallelas, as materias alimentarias e o sangue, em vez de sc derramarem no peritoneo, sahem pela ferida exterior, pelo menos em grande parte. Pelo contrario, se eom uma ferida exterior pequena, existir uma ferida larga do estomago, o derramamento tem logar na cavidade abdominal. As materias alimentarias, derramadas na eavidadc abdominal, produzem subitamente uma peritonite mortal.

Emfim, a abertura larga de um dos grossos vasos do estomago faz succumbir promptamente o paeiente, pela abundancia da hemorrhagia interna. Todavia, quando a ferida do estomago e do vaso não é grande, as partes feridas podem contrahir adhereneias com as paredes abdominaes, de modo a cireumserever o derramamento n'um pequeno espaço. Póde então formar-se um abcesso que se esvazia pela ferida exterior. Mas semelhante terminação é muito rara.

Tratamento. Sc o estomago ferido não se apresentar na abertura das paredes abdominaes, cumpre simplesmente appliear no ventre pannos molhados em agua fria que se reformarão amiudadas vezes para prevenir a inflammação do estomago e do peritoneo; haverá abstinencia completa não sómente de alimentos, mas mesmo de bebidas porque deve receiar-se a sua passagem na cavidade do peritoneo; para sustentar as forças, administrem-se elysteres de peptona Catillon. Apezar d'estes meios, se houver um derramamento rapido e consideravcl de materias alimentarias e de sangue, o paciente succumbe em geral em pouco tempo, sem que a cirurgia possa ser-lhe util. No easo de derramamento circumscripto, dar-se-ha sahida muito cedo aos liquidos derramados, afim de evitar os aeeidentes que resultariam da abertura do abcesso no peritoneo.

Quando a parte ferida do estomago se apresenta na abertura exte-

rior, reune-se a ferida estomacal por meio de uma sutura, e reduz-se depois no interior do ventre. N'este caso o doente póde sarar.

Feridas do figado. Sendo o volume do figado mui consideravel, as feridas d'este orgão deveriam ser mais frequentes do que realmente são, se elle não estivesse abrigado pelas costellas. As feridas do figado são graves, mas não essencialmente mortaes.

Além da situação da ferida exterior, na parte superior e do lado direito do ventre, os signaes das feridas do figado são em primeiro logar a sahida de grande quantidade de sangue preto, ou um derramamento consideravel de sangue no ventre; dôr na região do figado, delirio, tensão do ventre, bocca amarga, vomitos repetidos, soluços, respiração constrangida, calefrios, ourina côr de açafrão, côr amarella e viscosidade do pus que sahe pela ferida.

O *tratamento* consiste em bichas e cataplasmas de linhaça no ventre. Havendo prisão do ventre, administre-se um clyster de cozimento de linhaça; e para bebida infusão de polpa de tamarindos.

Feridas do intestino. Quando uma faca ou algum outro instrumento penetra no interior do ventre, ordinariamente o intestino é ferido. Se a ferida foi feita por um estylete ou algum outro instrumento perfurante, nem sempre é grave. Quando é pequena, não ha effusão das materias contidas no interior do ventre, e os doentes sáram. Um florete póde atravessar o intestino, e produzir simplesmente evacuações alvinas sanguinolentas. Mas se a ferida fôr extensa, se fôr produzida principalmente por uma bala de espingarda, o accidente é então muito mais grave, e muitas vezes mortal.

Symptomas. É mui difficil conhecer se o instrumento que penetrou no ventre ferio ou não o intestino. Se o intestino ferido sahir pela abertura, a ferida é visivel. Se ficar dentro, e se pela ferida externa sahirem materias intestinaes, não ha duvida de que o intestino esteja furado. Mas se o intestino furado ficar dentro, e se a ferida exterior do ventre não deixar sahir materias fecaes, conhece-se o accidente só pelas colicas, materias sanguinolentas que sahem pelo anus, vomitos sanguineos, ancias do doente e intumecencia do ventre.

Tratamento. Em todas as feridas dos intestinos, a primeira cousa de que convem occupar-se, é de prevenir a inflammação d'elles com pannos molhados em agua fria, que devem ser applicados sobre o ventre. O doente deve beber o menos possivel.

Se o intestino ferido ficar dentro da cavidade do ventre, a maior parte dos cirurgiões aconselham que se deixe a cura á natureza. A compressão reciproca dos orgãos do ventre põe em contacto as margens da ferida do intestino com as das partes exteriores, faz-lhes contrahir adherencias, que em muitos casos previnem a effusão de materias fecaes e produzem a cura. As bichas, as applicações frias e a dieta bastam ás vezes, mesmo quando o intestino foi furado em muitos logares. As Memorias da Academia das Sciencas de Pariz, do anno de 1705, contém um exemplo curiosissimo a este respeito. Um doudo tinha dado em si oito facadas no ventre : sobreveio febre, ventre elevado, difficuldade de respirar, en-

jôos e vomitos. O doente foi sangrado, não tomou senão caldos de gallinha e agua de arroz. Sarou em dois mezes, não só das feridas, mas tambem da loucura; dezesete mezes depois, tendo tornado a ficar maniaco, precipitou-se de um logar elevado e morreo instantaneamente. Fazendo-se a autopsia, acháram-se vestigios das antigas feridas dos intestinos e do figado, que estavam completamente cicatrizadas. Quasi todos os cirurgiões limitam-se a combater a inflammação pelas bichas; mas alguns modernos, quando o intestino é perforado por uma bala, aconselham que se alargue a ferida exterior com um bisturí, que se introduza o dedo na direcção da perforação, que se extraia a bala, e se cosa depois a ferida do intestino.

Mas se o *intestino ferido estiver fóra do ventre,* é preciso retêl-o por meio de um fio de linho, e reunir a ferida mediante uma costura. Combate-se depois a inflammação com bichas e dieta.

Feridas do joelho. *Veja-se* FERIDAS DAS JUNTAS.

Feridas das juntas. Distinguem-se em feridas *penetrantes* e *não penetrantes*. Nas primeiras o interior da junta fica exposto ao contacto do ar, nas segundas só a pelle exterior se acha ferida.

As feridas penetrantes são muito mais graves que as não penetrantes; estas não exigem curativo particular, e expõem a junta á inflammação antes pela contusão que acompanha o ferimento do que pela ferida. Pelo contrario, as feridas penetrantes das juntas são mui perigosas, por causa da entrada do ar na cavidade articular. O ar irrita as superficies articulares e occasiona uma suppuração de má natureza.

Conhece-se que uma ferida feita n'uma junta é penetrante pela inspecção da ferida, pela fórma do instrumento vulnerante, pela sua direcção, e sobretudo pela sahida de um liquido limpido e viscoso como clara de ovo, que se chama *synovia*, e que é destinado a humedecer o interior da junta.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer na ferida penetrante ou não penetrante da junta, é reunir immediatamente os labios da ferida, mediante um emplasto adhesivo ou encerado inglez; e depois da reunião, fazer applicações contínuas de pannos molhados em agua fria, misturada com coaltar saponinado Le Beuf ou phenol Bobœuf, para prevenir a inflammação. O doente ficará em repouso absoluto durante muitos dias. Se o ferimento tiver logar no joelho, o membro ficará em extensão; se se tratar do cotovelo, é a flexão que convem.

Se sobrevier inflammação da junta, caracterizada pela dôr, inchação, e ás vezes vermelhidão, appliquem-se dez a quinze bichas, e depois cataplasmas de linhaça.

Feridas da larynge. *Veja-se* FERIDAS DO PESCOÇO.

Feridas da lingua. As feridas da lingua são produzidas por instrumentos perfurantes, por instrumentos cortantes, ás vezes por balas de espingarda, e quasi sempre pela approximação subita e violenta dos queixos no momento em que a lingua se acha entre os dentes, como acontece nas quédas ou nas convulsões. Todas as feridas da lingua são notaveis pela facilidade com que sáram. As que são simples e pouco

profundas não exigem senão repouso e silencio : o unico accidente que póde sobrevir é uma hemorrhagia que facilmente se póde atalhar com lavatorios d'agua fria pura ou misturada com phenol Bobœuf, ou por meio da compressão : esta pratica-se com o dedo pollegar e o indice applicados cada um sobre uma das faces da lingua. Nas crianças é preciso ás vezes cauterizar com um estylete aquecido ao rubro, porque os movimentos inconsiderados de sucção que faz a criança ferida impedem a cessação da hemorrhagia. Quando porém as feridas são extensas, sobretudo se dividirem a lingua em pedaços, é necessario reunir estes pedaços por meio de suturas com linha.

Feridas da mão. Apresentam pouco perigo quando só affectam a pelle. Reunem-se com encerado inglez ou esparadrapo.

Sendo profundas e feitas por instrumentos cortantes, podem ser acompanhadas da divisão de alguns tendões. Convem no primeiro dia applicar continuamente pannos molhados em agua fria : no dia seguinte reunir a ferida com tiras de emplasto adhesivo, applicar por cima fios seccos, e sobre estes cataplasma de linhaça.

As *picadas* da mão são unicamente perigosas quando profundas. Os accidentes devem ser combatidos com pannos molhados em agua fria; e depois trata-se a inflammação, que sobrevier, com cataplasmas de linhaça.

As feridas por armas de fogo, e as que são feitas por *pisadura*, são quasi sempre acompanhadas de fractura dos ossos, de abertura das juntas, e dilaceração dos tendões. Convem extrahir as esquirolas e recorrer ás applicações de pannos molhados em agua fria. Estas applicações continuadas durante os dois ou tres primeiros dias, constituem o melhor meio para prevenir a inflammação. Desenvolvida esta, faça-se uso de banhos phenicados e curativos phenicados.

Hemorrhagia. As feridas da palma da mão podem complicar-se de hemorrhagia produzida pela abertura de uma das arterias que existem n'esse logar. Então estas feridas deitam um sangue vermelho vivo, que esguicha com força e ás vezes custa a estancar. Entretanto, se o instrumento cortante só feriu a arteria superficial, o sangue cessa de correr quando se exerce na ferida uma compressão com fios e ataduras. Mas se foi aberta a arteria profunda, a compressão directa é insufficiente : convem então não só applicar fios e ataduras sobre a ferida, mas tambem comprimir a arteria no logar onde se toma o pulso. Comprimem-se com os dedos as duas arterias que se sentem bater de cada lado da munhéca, e espera-se a chegada do cirurgião; ou applica-se sobre a munhéca, do lado que corresponde á palma da mão e sobre o trajecto das duas arterias, dois chumaços espessos que se apertam fortemente com uma atadura enrolada á munhéca. Tem sido empregadas vantajosamente com o mesmo intuito duas laminas de cortiça, fixadas n'este logar mediante uma atadura : d'esta maneira a compressão é feita sómente sobre as arterias. Em logar de laminas de cortiça, podem applicar-se dois pedaços de emplasto adhesivo dobrado em muitas dobras : estes pegam-se á pelle, não se deslocam tão facilmente, e comprimem com maior exac-

tidão. Sendo bastante forte a compressão, o sangue immediatamente cessa de correr na ferida da palma da mão. A compressão feita da maneira que fica dita, é ás vezes insufficiente para atalhar a hemorrhagia; então o cirurgião é obrigado a laquear a arteria na ferida ou no antebraço.

Feridas do membro viril. Estas feridas são ordinariamente occasionadas por quédas sobre corpos agudos e por outros accidentes. Cumpre reunir a ferida com encerado inglez, applicar por cima pannos molhados em agua fria, e comprimir a ferida com chumaços e atadura para obstar á hemorrhagia. Se o canal da urethra foi dividido, é preciso introduzir uma sonda no canal. *Veja-se* FERIDAS DA URETHRA.

Feridas dos musculos. As feridas dos musculos e dos tendões apresentam os caracteres que pertencem ás feridas em geral. O phenomeno que predomina é a separação das margens da divisão. É preciso pela posição, pelas ataduras e tiras agglutinativas, approximar as margens da ferida para favorecer a cicatrização.

Feridas do nariz. As feridas do nariz feitas com instrumentos cortantes podem apresentar algumas variedades; ás vezes consistem em uma simples divisão das partes molles; outras vezes uma porção mais ou menos consideravel do nariz é separada quasi em totalidade; emfim, o nariz ou uma das suas partes fica inteiramente separada.

O primeiro d'estes casos é o menos grave. O tratamento consiste em reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo ou de encerado inglez.

Quando uma porção do nariz foi separada quasi em totalidade, e quando não fica adherente ás partes vizinhas senão por uma simples pellicula ou uma tira mais ou menos estreita, é preciso ainda reunil-a por meio de uma costura feita com agulha e fio de linho. Esta pratica é quasi sempre seguida da reunião e cicatrização das partes separadas.

O mesmo tratamento deve ser tambem seguido quando uma parte do nariz foi inteiramente separada. Existem factos authenticos que provam que narizes inteiramente separados por instrumentos cortantes, tendo sido applicados de novo no logar, se cicatrizáram e reuníram perfeitamente aos tecidos vizinhos. Tal é, por exemplo, o caso referido por Garangeot, de um nariz mordido, lançado n'agua e restituido depois com feliz exito. Por conseguinte, a primeira cousa que se deve fazer, quando uma parte do nariz foi completamente separada, é tornar a pôl-a no seu logar. Se a porção separada está suja, coberta de lama, como acontece frequentemente, convem primeiro laval-a n'agua morna. É difficil dizer em que época se póde esperar que a reunião se faça; em um caso teve logar cinco horas e meia depois do accidente. O aspecto murcho, livido, as dentadas e o máo estado da porção separada, não devem fazer desesperar do bom exito; pois que em todo o caso, quando mesmo a tentativa fôr inutil, não póde resultar d'isto inconveniente algum.

Feridas do olho. Estas feridas são graves por causa da delicadeza extrema das funcções do olho. Certas partes d'este orgão tem

sensibilidade, movimento, transparencia tal que a menor cousa póde alterar. Uma boa cicatriz, que em outras partes é um acontecimento feliz, equivale ás vezes aqui á abolição da vista; e de mais, a mobilidade da membrana iris póde ser mui facilmente destruida. Todavia todas as feridas não tem a mesma gravidade; cumpre pois distinguir muitas especies, e estudal-as separadamente.

As feridas dos olhos são *não penetrantes* ou *penetrantes*.

§ I. *Feridas não penetrantes*. São as que não vão além da casca ocular, isto é, além da cornea transparente ou da esclerotica.

As feridas mais simples são as incisões e as picadas da conjunctiva sem abalo do globo ocular; havendo mesmo perda de substancia a lesão não será grave por isto : o que prova, são os bons resultados das operações que consistem em excisar uma porção mais ou menos extensa d'esta membrana. As rasgaduras, as feridas contusas são mais graves, mas simplificam-se excisando os retalhos, havendo-os. Em todos os casos, a subtracção á luz, as applicações de pannos molhados em agua fria, no primeiro dia, e lavatorios com cozimento morno de linhaça nos dias seguintes, e ás vezes bichas ou sangria, atalham ou previnem a inflammação.

Os corpos estranhos, como os estilhaços de metal, de pedra, os grãos de chumbo, deixam ás vezes vestigios sobre a cornea e a esclerotica; é uma ferida incompleta da casca ocular. Estas lesões são mais graves, porque póde sempre suppôr-se que são acompanhadas de contusão e abalo do olho. Convem n'este caso empregar lavatorios com decocção morna de linhaça, e applicar sobre o olho cataplasma de linhaça. Se sobrevier uma forte inflammação, cumpre applicar bichas na fonte do lado inflammado.

§ II. *Feridas penetrantes*. Apresentam variedades numerosas subordinadas ao genero do instrumento vulnerante, ao ponto do olho pelo qual este penetrou, e sobretudo ás partes do orgão que se acham offendidas. Vamos estudar estas lesões segundo a ordem anatomica, bem que seja raro ver uma só porção offendida. Para comprehender melhor esta descripção, examine primeiro o leitor a figura do olho, que se acha no artigo Olho.

a. Feridas da cornea (membrana transparente que se acha na parte anterior do olho). São feitas por instrumentos picantes, cortantes ou contundentes.

Dois phenomenos primitivos se observam ordinariamente depois da ferida penetrante e simples da cornea, isto é, sem lesão do iris e do apparelho crystallino; são : 1.° a sahida do humor aqueo; 2.° a quéda do iris, ou, para melhor dizer, a sua deslocação. A opacidade da cornea é um phenomeno consecutivo á inflammação que se desenvolve depois do ferimento. A cornea póde ser ferida no centro ou mais ou menos longe do ponto que se acha defronte da pupilla, o que estabelece uma differença para os resultados; porque sendo mais ou menos opaca a cicatriz que vem depois d'estas feridas, segue-se que a ferida incommodará tanto mais a visão, quanto fôr mais vizinha do centro da cornea. Se foi

um corpo que não fez senão picar a cornea, como por exemplo uma agulha, escorre então uma quantidade mais ou menos abundante do humor aqueo, e o ferimento não tem de ordinario consequencias desagradaveis; e mesmo se a picada foi mui pequena, e sobretudo se a cornea foi atravessada obliquamente, póde não haver sahida do humor aqueo, nem em parte nem em totalidade. Estas feridas sáram sem suppuração e não deixam cicatriz alguma. A ferida da cornea póde ser pequena e ficar fistulosa; ou, então, a ferida distilla o humor aqueo durante algumas semanas e fecha-se depois espontaneamente, sem deixar o menor vestigio. Ás vezes o ponto fistuloso é imperceptivel; quando é tão pequeno é facil fechal-o tocando-o levemente com pedra infernal.

As feridas penetrantes da cornea podem ser complicadas da ferida do iris e do apparelho crystallino. Contendo o iris muito sangue vermelho, este corre quando existe uma ferida do iris, e o sangue póde distender fortemente as duas camaras do olho, se a abertura da cornea não fôr bastante larga para lhe dar sahida, ou então coagula-se muito cedo.

Se o instrumento atravessar a pupilla, a ponta póde ferir o crystallino, que se torna depois opaco. Esta opacidade póde desapparecer no fim de muitos mezes, ou então torna-se cataracta permanente.

As feridas da cornea, sobretudo as que são feitas por instrumentos grossos, taes como pontas de canivete, de garfo, pregos, podem ser seguidas de uma inflammação que se propaga ás outras partes do olho e produz a atrophia do orgão.

Se, em vez de uma picada, é uma incisão que foi feita, isto é, se a cornea foi largamente aberta, sobrevem outros phenomenos. Em primeiro logar a cicatriz será mais extensa, incommodará mais a visão. Não se fazendo sempre esta cicatriz de uma maneira completa, póde ficar um ponto fistuloso. Por uma larga incisão, o humor sendo promptamente evacuado e não sustentando mais o iris, esta membrana tende a dirigir-se para diante e sahe fóra do olho. Quanto mais as feridas são vizinhas da esclerotica, tanto mais a sahida do iris é frequente. Se não se fizer a reducção, o iris fica unido aos labios da ferida.

Em conclusão, as feridas da porção central expõem a cicatrizes que interceptam os raios luminosos; póde sobrevir tambem um amollecimento da cornea, que é mui grave; emfim a hernia do iris póde impedir a vista. Mas a sahida do iris não apparece necessariamente na ferida, mesmo larga, da cornea. Assim, em consequencia da operação da cataracta por extracção convenientemente feita, as mais das vezes o iris fica dentro do olho.

Tratamento. Se o iris sahio do olho faz-se a sua reducção por meio de um estylete com que se empurra brandamente; o doente deve estar deitado, a cabeça um pouco virada para traz. Com o mesmo fim, provocam-se os movimentos d'este véo contractil de um dos modos seguintes: 1.° fecham-se as palpebras, friccionam-se levemente com o dedo pollegar, e abrem-se depois subitamente para expôr o olho a uma luz viva; 2.° applica-se sobre as palpebras uma forte solução de extracto

de belladona, que tem a propriedade de fazer contrahir o iris; d'este modo a hernia reduz-se instantaneamente.

Scarpa preferia não fazer tentativa alguma; deixava o iris unir-se á cornea, formar uma rolha que tapava a ferida d'esta membrana; destruia mais tarde a parte exuberante com pedra infernal. É certo que podendo-se reduzir facilmente o iris, deve fazer-se, porque póde-se assim evitar uma grande nodoa na cornea ou uma fistula. Mas teimar, quando a reducção apresenta difficuldades, é expôr-se a produzir uma inflammação grave do iris, ás vezes, de todo o globo do olho.

Qualquer que seja o genero de ferida da cornea, importa prevenir e combater a inflammação d'esta membrana pela applicação sobre o olho, durante os dois ou tres primeiros dias, de pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto mineral igualmente fria, que se reformam continuamente para se conservarem sempre frios. Passados tres dias deixam-se estas applicações resolventes, e empregam-se os emollientes, que são : lavatorios com decocção morna de linhaça, e cataplasmas de linhaça sobre o olho. Logo no primeiro dia applicam-se dez a quinze bichas atraz da orelha do lado offendido; e subtrahe-se o olho á acção da luz.

b. Feridas do iris. (O iris é uma membrana circular collocada no interior do olho, e cuja parte média apresenta uma abertura chamada *pupilla.*) As picadas do iris, feitas atravez da cornea, são seguidas as mais das vezes de dilatação da solução de continuidade e da formação de uma *pupilla artificial* permanente. A inflammação que se apodera dos labios da ferida communica-se ás vezes ás outras partes do olho, e póde occasionar a destruição de todo o orgão. O tratamento consiste em bichas atraz da orelha, applicação de pannos molhados no cozimento morno de linhaça e de dormideiras, e de cataplasmas de linhaça.

c. Feridas do apparelho crystallino. (Chama-se *crystallino* um corpo lenticular, transparente, collocado n'uma capsula atraz da pupilla.) Estas feridas attingem ás vezes a superficie da capsula crystallina, sem perforar esta membrana de parte a parte. N'este caso, fica ordinariamente, no logar em que o instrumento tocou, uma marca branca permanente. As mais das vezes a capsula do crystallino é atravessada pelo instrumento, quer este penetre pela cornea, quer penetre pela esclerotica. Resulta d'esta lesão uma opacidade da lentilha, ou *cataracta*, que se forma mui promptamente. Os labios da ferida inflammam-se e apresentam uma côr branca de greda. Quando se cicatrizam promptamente, a cataracta fica impedida no seu desenvolvimento ; se, pelo contrario, a ferida não se cicatrizar, o crystallino todo inteiro torna-se opaco. Nos individuos jovens, e mesmo nos adultos, o crystallino póde absorver-se pouco a pouco, d'onde resulta a cura espontanea d'esta cataracta accidental. Estas consequencias não são as unicas que podem sobrevir depois das feridas da capsula do crystallino : a inflammação d'esta membrana communica-se ao iris, d'onde resultam adherencias entre ambas as membranas; á retina e á choroide, d'onde procedem tambem gotas serenas; notemos ainda, como consequencias possiveis d'esta lesão, a

atrophia do olho, o tremor do iris, a absorpção do humor vitreo, e a ossificação do crystallino.

Combate-se a inflammação do mesmo modo que na lesão precedente, bichas, dieta, applicações de pannos molhados no cozimento de linhaça, cataplasma de linhaça. Se se formar uma cataracta, faça-se a operação da cataracta.

d. FERIDAS DA ESCLEROTICA E DA CHOROIDE. (A *esclerotica* é uma membrana branca e exterior, que reveste os quatro quintos posteriores do olho; a *choroide* é a membrana que se acha situada entre a esclerotica e a retina.) Estas feridas são graves em razão do ferimento concomitante da retina. Quando a esclerotica se acha só offendida, a choroide faz hernia atravez dos lahios da ferida. Se a solução de continuidade attingir ao mesmo tempo a esclerotica e a choroide, resultam consequencias variaveis, segundo o logar da solução de continuidade. Se esta se achar situada perto da circumferencia da cornea, o iris faz proeminencia atravez da abertura; se fôr situada mais para traz, o humor vitreo escorre pela ferida; ás vezes tambem o crystallino sahe, ou a lentilha torna-se opaca. Frequentemente a inflammação consecutiva produz a perda da vista.

O tratamento compõe-se de sangrias, bichas, dieta, applicações no olho de pannos molhados no cozimento de linhaça e de cataplasmas de linhaça.

As feridas do olho feitas por instrumentos contundentes, como, por exemplo, as que resultam de sôcos, são examinadas no artigo OLHO (*Contusão do olho*).

Feridas das orelhas. As feridas das orelhas, quando são pequenas, reunem-se facilmente com pontos falsos; quando são grandes ou quando toda a orelha se acha separada, é preciso coser as margens da ferida com agulha e fio de linha. Em todos os casos, afim de conservar o contacto exacto dos labios da ferida, deve-se igualar quanto seja possivel a superficie que apresenta a orelha enchendo as anfractuosidades com fios finos; cumpre sobretudo entulhar a concha e o conducto auditivo, se a ferida chegou até a elle. A orelha, assim guarnecida, póde ser levemente comprimida com uma ligadura chamada *funda do queixo* (*veja-se* LIGADURA). Muitos factos provam que porções completamente separadas do pavilhão da orelha pudéram ser reapplicadas e reuníram-se.

Feridas dos ossos por incisão. As mais das vezes são os ossos do craneo que apresentam verdadeiras feridas. Não ha feridas dos ossos sem divisão da pelle e de uma parte dos tecidos que cobrem o osso, o que não é necessario para as fracturas. Nos casos de feridas dos ossos dos membros, ha grande differença, nos resultados, entre o simples côrte ou a secção completa de um ou mais ossos. Na divisão de um osso, deve fazer-se a reuuião não sómente dos fragmentos do osso, mas tambem das partes molles, porque ha factos que provam que dedos completamente separados da mão pudéram reunir-se e sarar. Seguram-se os fragmentos reunidos com talas e ataduras, como nas fracturas.

Feridas das palpebras. Estas feridas tem effeitos differentes conforme são transversaes ou perpendieulares á direeção das palpebras, e segundo dividem uma parte ou a totalidade da espessura. As divisões transversaes são aeompanhadas de pouea separação, mesmo quando oeeupam toda a espessura da palpebra; reunem-se faeilmente por meio de pontos falsos feitos eom tiras de emplasto adhesivo ou de eneerado inglez. As divisões vertieaes, pelo eontrario, são sempre seguidas de grande separação de seus labios, sobretudo quando oeeupam toda á espessura da margem da palpebra. Os pontos falsos são suffieientes para reunir os labios da ferida vertical, que não divide inteiramente a margem da palpebra; mas quando esta margem fiea inteiramente separada, eonvem eoser os labios da ferida eom linha.

As feridas por instrumentos eortantes são as menos graves de todas; devem ser reunidas immediatamente.

Os eorpos rombos dividem ás vezes as palpebras ao mesmo tempo que as pisam. Estas feridas devem ser reuuidas eomo as que são produzidas por instrumentos eortantes, eom tiras de emplasto adhesivo; a contusão não é um obstaeulo á reunião immediata d'estas feridas senão quando é exeessiva. Se as margens forem pisadas, desiguaes, e eom retalhos, eumpre igualar a ferida eom bisturí ou tesoura, afim de poder fazer a reunião immediata.

As feridas por instrumentos picantes não tem ordinariamente eonsequeneias graves, se o corpo vulnerante foi extrahido. Mas se a ponta atravessou toda a espessura das palpebras, se penetrou na orbita, póde quebrar a abobada e entrar no interior da cabeça; sobrevem então mais ou menos tarde aecidentes eerebraes que frequentemente oeeasionam a morte. Se depois d'estas feridas sobrevier dôr de eabeça, será preeiso pratiear a sangria no braço.

Feridas da parotida. As parotidas são glandulas que segregam a saliva. São duas, uma de eada lado do rosto. Oeeupam a exeavação que existe entre a margem posterior do osso maxillar inferior, o eondueto auditivo externo e a apophyse mastoide. Seu eondueto exeretor penetra na boeea ao nivel do segundo dente molar superior.

As feridas da parotida mereeem grande attenção, porque podem ser seguidas de eicatriz disforme ou de uma fistula; e eomo, no rosto, semelhantes deformidades são mui desagradaveis, deve ter-se um euidado partieular no emprego dos meios de reunião. Sendo profundas as feridas da parotida, apresentam verdadeiros perigos, por ser esta glandula atravessada por numerosos vasos e nervos. A lesão de semelhantes orgãos póde produzir a morte por hemorrhagia, raras vezes por aecidentes nervosos. Ás vezes póde sobrevir paralysia do lado eorrespondente do rosto.

As feridas da parotida e do seu eanal exeretor devem ser reunidas immediatamente eom pontos falsos. Por eima dos pontos falsos appliease uma eataplasma de linhaça.

Feridas do peito. Podem oeeupar sómente as paredes d'esta eavidade ou penetrar no seu interior. Aquellas ehamam-se *não penetrantes*, estas *penetrantes*.

§ 1. *Feridas não penetrantes.* As que são feitas por instrumento cortante não são mais graves do que as feridas das outras regiões do corpo. O *tratamento* consiste em reunir os labios da ferida com tiras de emplasto adhesivo, collocar por cima d'estas alguns fios, e sobre estes uma faxa que se enrolará á roda do corpo.

Todavia quando as feridas não penetrantes tem logar perto da clavicula ou da axilla, e tem certa profundidade, podem offender as arterias axillares, e occasionar hemorrhagia graves. Cumpre n'este caso laquear os vasos abertos.

As feridas *por instrumentos picantes* podem efferecer os mesmos perigos, quando existem na mesma altura e são profundas. As picadas as mais leves do peito podem occasionar tambem phenomenos que ordinariamente existem só nas lesões graves : esfriamento da pelle, pequenhez do pulso, suffocação, desmaio, tosse, emfim a maior parte dos symptomas da lesão de um orgão profundo, de uma hemorrhagia interna; e entretanto nem orgão importante, nem vaso algum consideravel foi ferido. Observam-se estes phenomenos sobretudo nos ferimentos recebidos no duello. Por muito corajosos que sejam os combatentes, no momento do combate, o sangue não circula normalmente e a innervação não se executa regularmente, por causa da emoção; se a este estado moral se ajuntar uma ferida do peito, o ferido perturba-se e deixa-se apoderar do medo. Concebe-se então a producção dos phenomenos que deixei indicados, e o effeito salutar das sucções que se faziam n'outro tempo, acompanhadas de palavras mais ou menos mysteriosas : esta pratica dirigia-se ao moral do individuo, que era immediatamente livre de risco quando a ferida não era perigosa.

§ 2. *Feridas penetrantes.* Estas feridas podem ser complicadas : 1.° do ferimento do pulmão, do coração ou dos grossos vasos; 2.° da lesão de uma das arterias intercostaes, ou da arteria mammaria ; 3.° da fractura das costellas ou do esterno.

a. Ferida do pulmão. Manifesta-se pelos symptomas seguintes : escarros de sangue, sahida d'este liquido pela ferida exterior, seu derramamento no peito, emphysema e inflammação do pulmão. A reunião d'estes symptomas não deixa duvida alguma sobre a lesão do pulmão; mas não se acham sempre reunidos, nem são sempre bastante pronunciados para completarem o diagnostico.

Os *escarros de sangue* não são constantes : faltam quando a ferida do pulmão é pequena e superficial. Qnando estes escarros são pouco consideraveis, cessam no principio da inflammação do pulmão, Apparecem, em geral, immediatemente depois da ferida : o sangue é rutilante, espumoso; sua abundancia está em relação com a extensão da ferida feita no pulmão.

A *sahida do sangue pela ferida* exterior não tem logar senão quando esta offerece certa extensão. Sendo ella estreita, o sangue accumula-se no peito. Além d'isto, para que esta sahida do sangue tenha grande valor no diagnostico, é preciso que coincida com os escarros de sangue; porque, pela ferida das paredes do peito, póde sahir sangue cuja fonte

seja uma lesão das arterias d'estas paredes, uma lesão do coração ou dos grossos vasos contidos no peito : então o peito enche-se, e o que superabunda passa pela ferida exterior.

O *derramamento sanguineo* póde ser produzido pelas mesmas lesões que deixei indicadas. Por si só não é sufficiente para annunciar uma ferida do pulmão.

O *emphysema* é um accidente frequente e caracteristico. O emphysema é um tumor branco, luzidio, elastico, indolente, causado pela introducção do ar no tecido cellular. As circumstancias seguintes impedem que o emphysema tenha logar : 1.ª uma grande extensão da divisão das paredes do peito : então o ar sahe e entra livremente; 2.ª um grande derramamento sanguineo, o qual se oppõe á sahida e á infiltração do ar; 3.ª uma grande estreiteza da ferida dos pulmões : então a inchação e o sangue coagulado oppõem-se á sahida do ar pela ferida do parenchyma pulmonar. As circumstancias mais favoraveis á formação do emphysema, são a estreiteza e a direcção tortuosa da ferida das paredes, junta a certa extensão da ferida dos pulmões. A reunião d'estas circumstancias póde dar logar a um emphysema consideravel ; o ar, depois de encher o peito, comprime o pulmão, infiltra-se no tecido cellular das paredes thoracicas ; fica frequentemente circumscripto e forma um tumor indolente, elastico, sem mudança de côr na pelle, e produzindo, pela compressão, uma sensação, e crepitação particular. Ás vezes o ar infiltra-se em uma grande extensão.

A *inflammação do pulmão* ou *pneumonia*, consecutiva ás feridas do pulmão, geralmente não é grave. Os *symptomas* estão descriptos no artigo PNEUMONIA.

O *tratamento* das feridas do pulmão exige uma ou duas sangrias no braço, dieta, e bebidas diluentes, taes como cozimento de cevada ou de arroz.

O *emphysema* não necessita de tratamento especial, sendo pouco extenso; se fôr consideravel, praticam-se incisões superficiaes, e fazem-se compressões moderadas para expulsar o ar.

As *feridas do coração* e o seu *tratamento* acham-se no v. 1, p. 1122.

O *ferimento dos grossos vasos* do interior do peito é seguido de grande hemorrhagia interna. Não se lhe póde applicar outro tratamento senão repouso, e as bebidas refrigerantes e adstringentes, taes como limonada de limão ou de vinagre.

b. As lesões das arterias intercostaes ou *da arteria mammaria* são seguidas de grande hemorrhagia. Tratam-se pela compressão ou pela laqueação das arterias.

c. Contra as fracturas das costellas applica-se a ligadura indicada no artigo FRACTURAS.

Feridas do pescoço. As feridas do pescoço resultam ordinariamente de tentativas de suicidio, e são então quasi sempre produzidas por navalha. O maior numero de infelizes que se querem suicidar d'esta maneira cortam a larynge, que é o canal pelo qual o ar entra nos pulmões; n'este caso, é tanto maior a separação entre as duas margens

da ferida quanto mais virada para traz está a cabeça. O ar dos pulmões sahe pela ferida, e o doente não póde fallar senão approximando-lhe os labios da ferida, afim de obrigar o ar a passar pela bocca. Ha escorrimento de sangue; mas se nenhuma das grandes arterias do pescoço foi ferida, esta hemorrhagia não é mortal e o doente póde sarar, o que acontece no maior numero de casos. É mui raro ver ferido a *pharynge*, canal que se acha atraz da larynge, e que dá passagem aos alimentos; e por isso o doente que tem só a larynge ferida póde engulir agua e alimentos.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer nas feridas do pescoço é estancar promptamente o fluxo de sangue, quer laqueando as arterias, o que não póde ser feito senão por um cirurgião, quer comprimindo com pannos a ferida, o que qualquer pessoa póde fazer antes da chegada do facultativo. A compressão da ferida é sufficiente nas hemorrhagias que dependem da abertura dos vasos pequenos; mas quando uma arteria grande do pescoço se acha dividida, a compressão geral da ferida não basta para se oppôr á effusão de sangue. N'este caso grave, que se conhece pelo grande corrimento de sangue vermelho, a compressão deve ser feita com o dedo pollegar, não na ferida, mas sim um pouco abaixo d'ella, no logar onde se sentem as pancadas da arteria, do lado do pescoço, 27 a 54 millimetros por cima do osso que é visivel na parte superior do peito e que se chama *clavicula*. Uma só pessoa cansa facilmente, e por isso são precisas duas ou tres para fazerem alternadamente esta compressão. Chegado o cirurgião deve este proceder logo á laqueação da arteria para atalhar a hemorrhagia. Mas estas hemorrhagias são mui raras, como já disse, e ordinariamente nas feridas do pescoço o sangue deixa de correr passados alguns minutos. É necessario então lavar a ferida com um panno ou esponja molhada em agua fria, e reunir-lhe os labios. Para isso basta abaixar a cabeça do doente, e applicar tiras de emplasto adhesivo. Mas ás vezes estes pontos falsos não são sufficientes, e é preciso reunir os labios por meio de costura verdadeira, feita com agulha e linha.

Reunida que seja a ferida, a cicatrização faz-se em poucos dias. Basta que o doente guarde silencio, fique em repouso, e não tome senão caldos de gallinha e alguma bebida refrigerante, como agua de arroz ou cozimento de cevada.

Feridas dos pulmões. Todas as vezes que um estylete, espada ou algum outro instrumento picante e cortante penetrar a certa profundidade na cavidade do peito, o pulmão é ferido. Conhece-se este accidente pelos escarros de sangue, e sahida d'este liquido pela ferida externa.

Tratamento. Cubra-se a ferida exterior com emplasto adhesivo, pratique-se uma sangria, e recommende-se repouso e silencio. Nos primeiros dias, deve haver abstinencia de alimentos solidos, o doente póde usar só de caldos de gallinha e limonadas de limão. *Veja-se* FERIDAS DO PEITO.

Feridas dos rins. Estas feridas são raras, por causa da situação

profunda dos rins no interior do ventre, aos lados das vertebras lombares. Os instrumentos picantes, cortantes, ou armas de fogo que as produzem penetram pela região lombar; e, n'este caso, o peritoneo é respeitado; ou então penetram pelos pontos do ventre nos quaes o rim se acha revestido por esta membrana.

Os *symptomas* que estas lesões provocam são variaveis: de ordinario manifesta-se uma dôr nas cadeiras que se propaga até á virilha e ás vezes ao testiculo; o escroto fica contrahido; os doentes vertem com a ourina certa quantidade de sangue nos primeiros momentos do accidente; em alguns casos sahe pela ferida exterior ourina ou um liquido de cheiro ourinoso. Ás vezes a evacuação da ourina pelas vias naturaes é difficil e mesmo impossivel, por causa dos grumos de sangue que obstruem os conductos urinarios, a bexiga ou o canal da urethra. A estes phenomenos locaes ajuntam-se symptomas geraes: vomitos, dôres na bocca do estomago, no escroto, na coxa; perda de conhecimento, quando a hemorrhagia interna é consideravel.

As terminações são variaveis: 1.° Manifestam-se phenomenos inflammatorios mais ou menos intensos, o ventre torna-se duro, doloroso; o pulso frequente. Em alguns individuos a cura não é completa senão no fim de muitos mezes. 2.° A morte póde ser consequencia de uma peritonite, ou de uma hemorrhagia interna quando vasos de grosso calibre foram abertos. 3.° Fistulas renaes succedem ás vezes ás feridas do rins.

Tratamento. A primeira indicação a preencher consiste em prevenir o trabalho inflammatorio; com este fim applicam-se 10 bichas nas cadeiras. Cura-se a ferida com pannos molhados em agua fria misturada com phenol Bobœuf durante os dois ou tres primeiros dias; e depois com cataplasmas de linhaça; o doente observa a mais completa dieta, tomando só alguma bebida emolliente, por exemplo, infusão de linhaça, em pequena quantidade. Combate-se a inflammação local consecutiva com cataplasmas de linhaça e semicupios d'agua tepida.

Se a ourina não puder ser expulsa pelas vias naturaes, evacua-se por meio de uma sonda. As fistulas renaes cicatrizam-se passados muitos mezes.

Feridas do rosto. As margens das feridas do rosto devem ser reunidas com toda a attenção por meio de tiras de encerado inglez ou de emplasto adhesivo, afim de que a cicatriz seja linear e tão pequena quanto fôr possivel. Não havendo este cuidado, as margens da ferida afastam-se uma da outra, e a cicatriz que se forma fica mui visivel e disforme. Quando só as partes superficiaes são cortadas, as tiras de encerado ou de emplasto adhesivo são sufficientes para fazer uma reunião completa; mas se toda a espessura do rosto ou dos beiços fôr dividida, recorra-se aos pontos com agulha e linha.

Feridas dos seios. Não differem das feridas das outras partes. Mas se attingirem o seio no momento da lactação, podem occasionar uma fistula lactea. Convem reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo, o mais exactamente possivel.

Feridas do sobaco. As feridas do sobaco tem sempre certa

gravidade. Com effeito, quando mesmo não passa os limites da região, o corpo vulnerante póde ferir o tronco da arteria, o da veia e os nervos do plexus brachial; d'onde sobrevem hemorrhagias mortaes no maior numero de casos e paralysias mais ou menos completas do braço. O instrumento que attingio primeiro a axilla póde, excedendo os limites da região, dirigir-se para cima e ferir os vasos da base do pescoço, penetrar na articulação scapulo-humeral, ou abrir outra cavidade ainda mais importante, o peito; d'onde resultam ainda hemorrhagias, depois inflammações mui graves, emphysema.

Sendo mui volumosa a arteria axillar, as suas feridas são mui graves; deixam correm sangue em grandes rios, e o paciente morre muitas vezes de hemorrhagia antes de ser soccorrido. Certas circumstancias podem impedir o acontecimento fatal : assim, uma syncope prolongada, a estreiteza da ferida exterior, o seu trajecto sinuoso, a presença de espirito de algum assistente que comprime a arteria na ferida. Mas estes exemplos são raros, e póde dizer-se que a morte é a regra, sobretudo quando a ferida foi feita por instrumento de gume. Nos casos em que a hemorrhagia não foi instantaneamente mortal, variáram os resultados : assim foram vistas curas completas inteiramente espontaneas, sem volta da hemorrhagia, sem desenvolvimento de aneurysma consecutiva. Julga-se que n'estes casos, aliás mui raros, a arteria tendo sido completamente dividida, as pontas retrahíram-se no tecido cellular, de que resultou um obstaculo á effusão do sangue. O Dr. John Bell falla de um homem que teve a arteria axillar dividida por uma fouce; uma syncope fez parar a hemorrhagia. Boerhave observou um caso de cura espontanea favorecida pela syncope; é o seguinte : Um camponez recebeo uma facada debaixo do braço que cortou a arteria axillar; o sangue jorrou com força incrivel. O paciente cahio pouco a pouco como morto, e deixaram-n'o como tal. No dia seguinte os empregados mandados pela justiça para visitar o cadaver acharam-lhe algum calor no peito; não havia outro signal de vida. Entretanto o calor voltou pouco a pouco; todos os assistentes julgáram que o camponez estava moribundo; mas depois de ficar por algum tempo n'este estado de fraqueza, voltou á vida, contra toda a esperança; o braço, porém, ficou secco e delgado, o que leva a crêer que houve tambem lesão dos nervos. Em alguns casos, quando a hemorrhagia foi suspensa pela syncope, e a ferida era bastante larga, o cirurgião poude apanhar as pontas da arteria dividida, e fazer a laqueação.

Tratamento. Em toda a ferida do sobaco, acompanhada de grande effusão de sangue, é preciso em primeiro logar soster a hemorrhagia. Para este fim deve-se comprimir a arteria sub-clavicular sobre a primeira costella, afundando o dedo pollegar ou uma pequena almofadinha solida guarnecida de um cabo, por detraz da parte média da clavicula, depois de abaixado o hombro. A compressão faz parar o sangue; este meio, porém, é só provisorio, permitte o esperar a chegada do cirurgião, o qual procederá á ligadura das duas pontas da arteria dividida, dentro da ferida, para vedar definitivamente a hemorrhagia.

Feridas das sobrancelhas. As feridas das sodrancelhas podem ser seguidas de cegueira, que é attribuida á lesão do nervo frontal, ou á commoção do olho. Curám-se como as outras feridas; isto é com pontos falsos e fios; mas quanto á cegueira, esta é incuravel.

Feridas dos tendões. Os tendões são cordões fibrosos, chatos, mais ou menos longos, de um branco azulado e luzidio, que terminam os musculos e vão fixar-se as mais das vezes aos ossos, a que transmittem o movimento imprimido pela contracção dos feixes musculares.

Os tendões podem ser divididos completa ou imcompletamente. Se a divisão fôr completa, as duas pontas afastam-se de modo a deixar entre ellas um intervallo mais ou menos consideravel.

Os phenomenos que acompanham as feridas dos tendões variam segundo que as feridas estão expostas ao ar ou abrigadas do seu contacto.

Se a solução de continuidade existir no fundo de uma ferida contusa ou de uma ferida que não foi reunida, as duas pontas do tendão tornam-se a principio pallidas, depois inflammam-se, exfoliam-se ou cobrem-se de carnosidades que se reunem com as carnosidades desenvolvidas nos orgãos vizinhos. N'esta circumstancia tudo está confundido, tecido cellular, aponevrose, tendão, vasos; estas partes reunem-se á pelle. O musculo perde as suas funcções, e ás vezes produz-se uma deformidade pelos musculos antagonistas que arrastam e mantem a parte n'uma situação anormal.

Ás vezes, apezar da reunião immediata dos tecidos exteriores, acontece que uma suppuração profunda se declara no fundo da ferida; resulta d'ella o mesmo trabalho e quasi o mesmo perigo. Entretanto a suppuração póde limitar-se á bainha do tendão; então este recobra, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, a faculdade de mover-se.

Quando a ferida está ao abrigo do contacto do ar, se não sobrevier suppuração, o que acontece no maior numero de casos, os phenomenos são completamente differentes. Se as pontas dos tendões estão perfeitamente em contacto, reunem-se sem intermedio algum; se estiverem separadas, reunem-se por meio de uma substancia molle, gelatinosa, que, com o tempo, torna-se mais resistente e adquire a apparencia fibrosa que se confunde com o tendão, formando um caroço que desapparece ao cabo de algum tempo. Se existir uma separação de muitos millimetros, forma-se um derramamento de sangue ou de lympha plastica. Este derramamento organiza-se, solda-se ás duas pontas do tendão que envolve como annel, e augmenta o comprimento do tendão dividido. E assim que as cousas se passam em consequencia da divisão do tendão de Achilles, operação chamada *tenotomia*, que se pratíca para curar o pé torto. Outras vezes as duas pontas do tendão cicatrizam-se isoladamente, acham-se como perdidos no tecido cellular, a acção dos musculos correspondente está abolida.

A divisão incompleta dos tendões, é seguida de uma separação mui fraca; a reunião immediata póde ter logar sem accidente nem primitivo nem consecutivo; comtudo esta lesão é ás vezes seguida de accidentes.

Tratamento. Os curativos e as operações que necessitam as feridas e

as rupturas dos tendões variam, segundo que ha ou não ha ferida na pelle, ou conforme se póde ou não se póde obter um contacto perfeito por meio das ataduras. Os meios especialmente recommendados são: a *posição*, as *ligaduras* e a *sutura*.

1.° *Posição* e *ligaduras*. O membro deve estar collocado na posição que favoreça o melhor a approximação das duas pontas: na flexão, se foi dividido um tendão que faz dobrar; na extensão, se a solução de continuidade teve logar no tendão de um musculo extensor. Talas de madeira ou de papelão, um apparelho inamovivel feito com ataduras molhadas na dextrina ou no silicato de potassa, preenchem muito bem a indicação. Estes apparelhos devem ficar no logar durante 20 a 25 dias, depois do que o doente poderá fazer alguns movimentos.

2.° *Sutura*. Não se deve recorrer a ella, se por meio de ligaduras se póde obter um contacto sufficiente. A sutura irrita necessariamente, e, em todos os casos, o seu resultado é incerto.

Feridas do testiculo. *Veja-se* FERIDAS DO ESCROTO.

Feridas da urethra. Quando a ferida não é complicada de perda de substancia, sára por si mesmo e só exige asseio. O curativo consiste em applicar encerado inglez ou fios untados de ceroto. Quando a urethra experimenta perda de substancia, é preciso introduzir n'este canal uma sonda de gomma elastica, afim de prevenir o estreitamento, e curar a ferida com ceroto simples.

Feridas das veias. *Veja-se* VEIA.

Feridas do ventre. As feridas das paredes do ventre que não penetram até esta cavidade, nada apresentam de particular, e devem ser curadas como as das outras partes do corpo. Basta lavar a ferida com panno molhado em agua fria misturada com coaltar saponinado Le Bœuf e reunir as margens com tiras de emplasto adhesivo, ou com verdadeira costura.

As feridas que dividem toda a espessura das paredes do ventre podem deixar sahir os intestinos. É preciso fazer tudo para prevenir este accidente. Reunem-se então as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo, e colloca-se o corpo n'uma posição tal que estas margens fiquem em contacto; por cima do emplasto adhesivo põem-se fios, que se mantem com uma toalha que se enrola á roda do corpo e que comprime levemente o ventre. As vezes este simples curativo não é sufficiente para oppôr-se á sahida dos intestinos; é mister então reunir a ferida por meio de sutura.

Se pela ferida do ventre sahirem os intestinos, e se estiverem intactos, basta introduzil-os com a mão no interior do ventre e coser com agulha e fio de linha a ferida exterior. O doente deve observar rigorosa dieta, e não tomar senão caldos de gallinha ou agua de arroz, e se se manifestar dôr no ventre, appliquem-se bichas no logar doloroso.

Se o intestino, porém, se achar cortado, será preciso retêl-o por meio de um fio de barbante. O cirurgião reune depois a ferida do intestino por meio de uma sutura e combate os accidentes.

Feridas da virilha. São graves por causa da presença da arteria

e veia femoral, e da vizinhança do ventre cujas paredes poderiam ser divididas, o que constituiria uma ferida penetrante muitas vezes mortal.

As lesões da arteria femoral são devidas a projectis lançados pela polvora, por instrumentos de gume, e mesmo por um canivete. Muitas vezes um individuo fere-se querendo reter uma ferramenta pontuda que lhe escapa das mãos; acontece tambem que por um movimento natural aproximam-se as coxas para segurar um instrumento que, se fôr dirigido horizontalmente, póde ferir a arteria femoral. As facas que em certas localidades os cozinheiros trazem na algibeira, ao lado do corpo, são contidas nos estojos que podem ser furados, em certos movimentos subitos do corpo; depois do estojo, os vestidos, e a côxa podem ser attingidos.

As feridas da arteria femoral são ordinariamente graves. Occasionam a morte em mui pouco tempo se o doente não fôr soccorrido, mas não sempre, porque uma syncope póde fazer parar a hemorrhagia, e ás vezes definitivamente; póde tambem formar-se uma aneurisma que impede o derramamento do sangue para fóra.

Em geral, o diagnostico não offerece grandes difficuldades: a situação, a profundidade da ferida, a hemorrhagia por jorro isochrono com as pancadas do pulso, a côr vermelha do sangue, a possibilidade de suspender a hemorrhagia pela compressão methodicamente feita por cima do logar ferido, são circumstancias que indicam a abertura da arteria femoral.

Muitas vezes, n'estas feridas, o doente morre porque o medico não chega a tempo. O sangue corre com violencia. Felizmente para o paciente acontece que os assistentes tem bastante intelligencia para exercer compressão efficaz; vio-se mesmo um doente mais intelligente e menos perturbado do que os que o cercavam, dobrar fortemente a coxa, mantêl-a applicada contra o ventre, e vedar assim a hemorrhagia.

O *tratamento* das feridas da arteria femoral, consiste, pois, em fazer dobrar fortemente a coxa contra o ventre, e comprimir a arteria com os dedos sobre o osso do pubis. Chegado o cirurgião, procede immediatamente á laqueação da arteria. Engrandece, de cima para baixo, a ferida accidental, se ella estiver sobre o trajecto da arteria; durante esta incisão, um ajudante exerce a compressão sobre o corpo do pubis; o cirurgião applica depois uma linha por cima e outra por baixo e a alguns millimetros da abertura da arteria; e isto, quer esta esteja cortada completamente ou só n'uma parte do seu calibre.

Feridas chronicas ou **antigas.** *Veja-se* Ulcera.

FERIMENTO. *Veja-se* Ferida.

FERMENTAÇÃO. Decomposição que se manifesta n'um grande numero de substancias organicas, como no sangue, ourina, nos liquidos que contém assucar, quando são expostos á acção da agua, do ar ou de um calor temperado. A fermentação tem nomes particulares segundo a natureza dos productos a que dá logar: assim distingue-se a *fermentação saccharina,* aquella em que se produz assucar, como na acção da cevada germinada sobre a fecula; a *fermentação vinosa, espirituosa* ou *alcoolica*, as em que o assucar se converte em espirito de vinho e em acido carbonico, como na fermentação do vinho, da cerveja, e em geral

na dos liquidos assucarados; a *fermentação acida,* aquella em que o espirito se converte em vinagre; a *fermentação putrida* ou *putrefacção*, a em que a decomposição das materias organicas desenvolve gazes infectos, taes como acido sulfhydrico e ammoniaco.

Póde impedir-se a fermentação dos corpos organicos preservando-os da acção da humidade e da do ar. Os succos vegetaes conservam-se perfeitamente ao abrigo do contacto do ar, como tambem as carnes e os legumes, encerrando-os em vasos hermeticamente fechados, depois de aquecidos até á ebullição da agua, afim de que sejam despidos do ar que contém. N'este principio é fundado o methodo de Appert para a conservação das substancias alimentarias.

FERMENTO. Dá-se este nome a um agente de origem vegetal ou animal que, sem se destruir a si proprio, tem a propriedade, sob certas influencias, de determinar a decomposição chimica de certos corpos organicos, com os quaes se o põe em contacto; da qual decomposição resulta a creação de differentes productos novos. Os fermentos, sejam elles de origem vegetal ou animal, são seres organizados que se multiplicam á custa da substancia com a qual se acham em contacto.

Tambem dá-se o nome de fermento a certas substancias que já soffreram um começo de fermentação acida ou que passam facilmente para esta fermentação, como sejam a levadura do vinagre, a borra do vinho que se tornou azeda, etc.

FERRADO ou **meconio.** É o nome que se dá aos primeiros excrementos das crianças recem-nascidas. É uma substancia esverdeada ou denegrida que se foi accumulando nos intestinos durante o curso da gravidez; é composto de bilis e de mucosidade intestinal. O ferrado é sempre evacuado no primeiro ou segundo dia depois do parto. Muitas parteiras, querendo adiantar os esforços da natureza, administram oleo de amendoas doces ou xarope de chicoria composta, para accelerar a sahida do ferrado. Pretendem d'esta maneira prevenir as *colicas* da criança, e ordinariamente as augmentam, determinando pelos purgantes a irritação dos intestinos. Se o ferrado tarda a sahir, o melhor meio será dar um pequeno clyster com agua morna simples. Em alguns casos, felizmente raros, a criança nasce tapada, e então o vicio de conformação oppõe-se á excreção do ferrado; a agua que se injecta com a seringa é então expulsa em vez de entrar para o intestino. No artigo *Anus* achará o leitor o que convem fazer contra esta *imperforação* (*Veja-se* vol. I, pag. 191).

Ferro. Corpo simples, metallico, de côr cinzenta azulada, de densidade igual a 7,8. Este precioso metal encontra-se na natureza em differentes estados; isto é, nativo, no estado de oxydo, ou combinado com o enxofre, chloro ou arsenico; ou no estado de sal, de sulfato, de phosphato, de carbonato, de oxalato, de tungstato e de arseniato. O ferro nativo encontra-se na Saxonia, Brazil, Perú, Mexico, Senegal, etc. Entre as massas consideraveis de ferro nativo descobertas até hoje, citarei particularmente a de Olumpa, na provincia de Tucuman da Confederação argentina (America meridional), cujo peso é maior de 300,000 libras. No

Brazil, não longe de Jacobina Nova, na provincia da Bahia, acha-se tambem uma grande massa de ferro, que pesa cerca de 17,300 libras. Esta massa acha-se actualmente a 150 passos mais além do Oeste. Quarenta bois não puderam leval-a mais longe.

O ferro constitue um dos maiores elementos de riqueza no Brazil, não só pela sua abundancia e qualidades, mas tambem pelas facilidades, que devem prestar para o seu aproveitamento as extensas mattas, fornecendo excellente carvão, e a existencia de grandes cachoeiras, que podem servir de motor. As mais ricas minas de ferro do Brazil, são as de Ipanema, na provincia de S. Paulo, e as das provincias do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Minas Geraes. O ferro magnetico ou iman, forma no pico de Itabira, na provincia de Minas, uma montanha colossal: em depositos menos grandes acha-se em Ipanema, e nas provincias de Paraná, Matto-Grosso, e S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Para a extracção do ferro só se exploram as minas de oxydo e de carbonato, que são muito abundantes e que se manipulam mais facilmente. O iman natural não é outra cousa senão uma mina de ferro oxydulado. O ferro, combinado com o carvão em proporções differentes, forma o aço e a plombagina. O aço resulta da combinação de uma parte de carvão e de 99 partes de ferro. Esta mui pequena proporção de carvão muda as propriedades do ferro de maneira que o aço é mais duro do que o ferro, e que, depois de aquecido até ao rubro, e arrefecido subitamente na agua, tempera-se, como se diz, enrijece e torna-se quebradiço. Uma combinação inversa da precedente; isto é, 4 partes de ferro e 96 partes de carvão, constitue a plombagina, com que se fazem os lapis.

Na temperatura ordinaria, o ferro exposto á acção do ar humido, cria *ferrugem*, que é um composto de sesqui-oxydo de ferro hydratado, de carbonato e de sesqui-oxydo de ferro.

As preparações de ferro formam medicamentos mui energicos e muito uteis; taes são : o ferro reduzido pelo hydrogeneo, a limalha de ferro ou oxydo de ferro, ethiope marcial, colcothar, carbonato de ferro, lactato de ferro, phosphato de ferro, tartrato de potassa e de ferro, etc. Emfim, devem comprehender-se no numero dos medicamentos energicos as aguas mineraes que possuem carbonato de ferro. Todas as preparações de ferro são tonicas. Aproveitam nas molestias que são caracterizadas por debilidade e inercia dos orgãos. Assim, administram-se na pallidez das faces, nas flores brancas, e nas incontinencias das ourinas que sobrevem ás crianças. Convem para favorecer as menstruações difficeis nas meninas debeis, dão força ao estomago e tendem a restabelecer as funcções digestivas.

Ha annos preserevia-se o ferro em muitas molestias nas quaes a sua acção era nulla e até perigosa. Actualmente sabe-se differenciar os casos em que a sua administração é realmente util. As medicações ferruginosas são inuteis para os escrophulosos, para os doentes anemicos por excesso de trabalho, por insufficiencia de nutrição, por vicios de hygiene ou tambem para os individuos que tiveram hemorrhagias abundantes de origem traumatica. Em todos estes casos convem melhor uma

nutrição animal, rica em carnes, e em materias gordurosas do que a medicação ferruginosa. O ferro chega até a ser perigoso para os tisicos. O professor Trousseau accusava o ferro de dar congestão pulmonar e de provocar hemoptisies nos tisicos.

Tomado inutilmente, o ferro perturba as funcções do estomago. Os doentes sentem peso no estomago têm eructações e vontade de vomitar. O appetite diminue, a lingua fica saburrosa, as evacuações tornam-se raras e difficeis. São estes os symptomas que mostram quando se devem cessar o uso dos medicamentos ferruginosos.

A molestia em que o ferro é verdadeiramente util, é na anemia declarada, ou na chloro anemia que vem sempre acompanhada d'irregularidade na menstruação; n'estes casos os effeitos do ferro são mui notaveis. Tornam a voltar as côres e as forças, as palpitações do coração diminuem; as regras tornam a apparecer mais regulares e com mais abundancia. As perdas brancas, que são tão frequentes então, diminuem e as perturbações nervosas melhoram dentro de pouco tempo.

As preparações ferruginosas tambem aproveitam na anemia e no lymphatismo das crianças, unidas aos tonicos e aos medicamentos amargos. Devemos assignalar emfim, o enfraquecimento consecutivo aos accessos de febres paludosas, que melhora ás vezes, usando-se de certas preparações ferruginosas, regularmente e continuadas por longo tempo.

As preparações de ferro empregadas em medicina são :

Ferro reduzido pelo hydrogeneo (*Ferro de Quevenne*). Entende se por ferro reduzido pelo hydrogeneo, a transformação do peroxydo de ferro em ferro metallico. Para obtêl-o introduz-se certa quantidade de peroxydo de ferro hydratado (tal como se obtem pela, acção do ammoniaco sobre o perchlorureto de ferro), n'um cano de espigarda ou n'um tubo de porcelana communicando por uma das extremidades com uma fonte de hydrogeneo puro e secco, e pela outra com um tubo de vidro. O tubo de porcelana estando disposto convenientemente n'um forno, faz-se atravessar o hydrogeneo sob a fórma de uma corrente lenta e regular, e depois de expulso o ar, aquece-se gradualmente o apparelho até ao rubro.

O peroxydo de ferro será decomposto e reduzido ao estado metallico, o seu oxygeneo combinar-se-ha com o hydrogeneo e formará agua que sahirá sob a fórma de vapor pela extremidade delgada do tubo de vidro. Conhece-se que a operação está acabada, quando o vapor d'agua cessar de desenvolver-se na extremidade do apparelho. Tira-se então o fogo; deixa-se esfriar o ferro, e tritura-se sobre um porphyro (Cod. fr.).

O ferro reduzido e bem preparado é um pó impalpavel, leve, de côr azulada cinzenta. É a melhor das preparações ferruginosas, porque reune a grande actividade á uma completa insipidez. O uso d'esta excellente preparação foi introduzido por *Quevenne* em 1840. As vantagens que o ferro offerece n'este estado são : 1.° ser facilmente atacado, em consequencia de sua extrema divisão, pelos acidos fracos que durante a digestão se acham no succo gastrico; 2.° não ter o sabor atramentario que possuem as preparações ferruginosas soluveis; de sorte que póde

ser tomado, em pó, gragêas ou pastilhas, mesmo pelas pessoas que tem repugnancia para os remedios. — D. 5 a 10 centigrammas duas vezes por dia.

Tudo, quanto aqui escrevo a respeito do ferro reduzido, applica-se exclusivamente ao ferro reduzido, preparado por Quevenne com o seus apparelhos especiaes. « A preparação perfeita do ferro reduzido apresenta muitas difficuldades. Todas as questões, que se ligam a esta preparação, foram estudadas com o mais minucioso cuidado pelo Dr. Blaquart, o habil continuador de Quevenne. É necessario, primeiramente, obter um oxydo de ferro chimicamente puro, completamente isento de sulfatos, para evitar a formação de sulfureto de ferro; depois d'isto, é necessario fazer a reducção com hydrogeneo isento de qualquer gaz, e de qualquer corpo extranho, o que não é tão facil de realizar como se crê. » (Bouchardat.)

Ha muitas imitações d'esta preparação, que se apresentam ao publico em frascos da mesma fórma, e com os rotulos semelhantes ao verdadeiro producto Quevenne. Estas imitações são compostas pela maior parte de ferro impuro; contendo enxofre, arsenico, phosphoro ou cobre.

O deposito geral do verdadeiro ferro Quevenne, acha-se em Pariz, na pharmacia de Emilio Genevoix á rua des Beaux-Arts nº 14.

Oxydo negro de ferro ou **ethiope marcial.** Pó de côr preta mais ou menos escura, deixando manchas sobre o papel, inodoro, de sabor ferruginoso. Administra-se na dóse de 25 centigrammas a 4 grammas.

Oxydo vermelho de ferro ou **colcothar.** Pedaços friaveis, ou pós de côr vermelha, inodoros, sem sabor, insoluveis em agua, e deixando manchas nos dedos. Não se usa internamente; para o uso externo entra na composição de uma pomada ophthalmica. Chamam-lhe tambem *rubro de Inglaterra* ou *de Prussia.* Emprega-se na pintura e para polir os espelhos. Porphyrizado com esmeril, e incorporado no sebo, o colcothar constitue a massa empregada geralmente para afiar as navalhas.

Sesqui-oxydo de ferro, oxydo de ferro hydratado, açafrão de Marte aperiente, ferrugem, chamado impropriamente *sub-carbonato de ferro.* Pó de côr amarella avermelhada, inodoro, insipido e insoluvel. Obtem-se pela dupla decomposição do sulfato de ferro e do carbonato de soda crystallizado. É elle que se forma na superficie do ferro exposto ao ar humido, ou mergulhado na agua arejada.

É uma das preparações ferruginosas mais frequentemente empregadas : tonico e adstringente. Administra-se na chlorose e nas outras molestias chronicas caracterizadas pela debilidade geral, no tico doloroso da face e outras nevralgias, hysterismo, asthma, coqueluche, tetano, e como antidoto do arsenico.

Dóse : 30 centigrammas a 15 grammas por dia, em pó com assucar, ou em pilulas.

Protocarbonato de ferro. Este sal é branco, inodoro, não se

emprega isolado, mas muitas preparações lhe devem suas propriedades. Sua existencia é só momentanea; pois que, logo que está formado, absorve o oxygeneo do ar, perde o acido, e transforma-se em sesqui-oxydo de ferro; passa então da côr branca á verde, e depois á vermelha. Por conseguinte não se lhe póde conservar a composição chimica senão por um artificio, empregado nas pilulas de Blaud, sobre as quacs um dos relatorios lidos ultimamente na Academia de Medicina de Pariz diz: « ... Em uma Memoria lida em sessão da Academia de medicina, ha mais de 50 annos, o doutor Blaud deo a conhecer a formula das pilulas que têm o seu nome, e desde então, o emprego do modo de tratamento das molestias chloroticas prosposto por elle, foi aceito pelos medicos clinicos de todos os paizes. »

« ... Muitissimas observações demonstram a utilidade d'esta preparação; a Academia approva o emprego d'ella; a pratica medica confirma completamente as propriedades uteis e energicas d'esta preparação que, desde então, foi classificada no rol dos melhores medicamentos cujos effeitos estão reconhecidos por todos. »

O protocarbonato do ferro existe nas aguas mineraes ferreas; constitue a base das pilulas de Blaud, das de Vallet, dos pós ferruginosos de Menzer, onde se forma pela decomposição mutua de sulfato de ferro e do subcarbonato de potassa, ou de bicarbonato de soda. O carbonato de ferro é uma boa preparação ferruginea.

As pilulas de Vallet foram tambem apresentadas á Academia de medicina de Pariz, e o doutor Soubeiran em seu relatorio disse: « As pilulas de Vallet são de uma completa inalterabilidade, o que permitte administral-as em dóses constantes sem que haja receio que o medicamento mude de natureza no correr do seu emprego, e em dóses muito menos fortes, o que é uma prova probante do bom estado do ferro n'essas pilulas.

« Durante a operação, continua o Relator, o carbonato de ferro, que forma a base das pilulas ferruginosas de Vallet, passa por todas as probabilidades desfavoraveis de uma longa manipulação e no entanto encontra-se'o no producto tal qual se achava no momento em que elle se formou.

« Resulta de nossas experiencias, diz mais o Relator, que esta nova preparação ferruginosa pode ser administrada facilmente na dóse de 1 a 10 pilulas por dia; que esta dóse, que se pode augmentar sem inconveniente, é quanto basta para produzir a modificação do sangue e da economia que se deseja obter na chlorose; que ella actua favoralmente sobre a menstruação, e que os seus resultados parecem ser obtidos muito mais facilmente do que com certas outras preparações ferruginosas. »

As verdadeiras pilulas de Vallet não são prateadas, o seu envolucro é branco sobre o qual se acha impresso o nome de Vallet.

Preparam-se no laboratorio de productos pharmaceuticos de Pariz, á rua Jcaob nº 19.

Protocitrato de ferro. Sal que se apresenta debaixo da fórma de crystaes finos e brancos, quando é recentemente preparado, mas a acção da luz o córa levemente; é soluvel na agua, inalteravel ao ar, sa-

bor fraco. — Tonico, empregado na chlorose, flores brancas e outras molestias caracterizadas pela debilidade.

Dóse: 5 a 100 centigrammas e mais, por dia, em pilulas.

Lactato de ferro. Sal que se prepara tratando a limalha de ferro pelo acido lactico dissolvido em agua. Apresenta-se debaixo da fórma de laminas crystallinas mui brancas ou de pós pouco alteraveis, de sabor ferruginoso fraco, soluveis em 40 partes d'agua fervendo. Emprega-se como tonico, internamente, na dóse de 10 centigrammas a 2 grammas em pilulas ou solução. Entra na composição do vinho de Cabanes, preparação muito preconizada para as molestias dos orgãos digestivos, molestias organicas e epidemicas (*Veja-se* QUINA).

Phosphato de ferro. Pó de côr de tijolo, insoluvel. Tonico, empregado na dóse de 25 a 50 centigrammas. Entra na composição das preparações de pyrophosphato de ferro de Robiquet.

Em uma memoria circumstanciada apresentada á Academia das Sciencias de Pariz em 1873, o Sñr Jolly demonstrou claramente que o ferro existe nos globulos do sangue em estado de phosphato e somente debaixo d'esta forma, que a quantidade d'esse phosphato de ferro é ella só doze vezes mais consideravel que a quantidade dos outros phosphatos reunidos.

Procedendo á analyse chimica de todos os tecidos que compõe o corpo dos seres superiores o mesmo autor certificou que em todos elles encontra-se mais ou menos phosphato de ferro, não só segundo a natureza dos tecidos como tambem com as especies e até mesmo com os individuos de uma unica especie; tambem o Autor notou que no corpo de um individuo, os orgãos que exercem as mais activas funcções são os que mais possuem phosphatos em geral e o phosphato de ferro em particular; que o phosphato de ferro se acha em muito maior proporção em todos os tecidos dos individuos moços; que á medida que vão crescendo esse phosphato de ferro é substituido successivamente por phosphato de cal e de magnesia.

Este phosphato de ferro que se encontra em todos os tecidos e em todos os orgãos se acha unido a quatro phosphatos que têm por base a soda, a potassa, a cal e a magnesia, tambem em proporção variavel. Elles formam o arcaboiço dos elementos anatomicos, são para esses elementos o que são os ossos para os animaes superiores, e segundo o modo por que se acham grupados lhes transmittem suas qualidades physicas.

O grande predominio do phosphato de ferro nos globulos do sangue, assim como nos tecidos dos seres moços ou animaes novos, demonstra que este agente serve, em sua passagem atravez dos tecidos, a gerar todos os outros phosphatos. E elle pois o distribuidor de acido phosphorico do organismo. E a anemia se declara porque o phosphato de ferro não existe em quantidade sufficiente nos alimentos, justamente na occasião em que a economia o gasta em grande quantidade; isto é, durante todo o tempo que dura o crescimento.

Todos estes factos são tratados minuciosamente na importante obra.

— Os PHOSPHATOS. — *Suas funcções nos seres vivos;* trabalho este indispensavel tanto aos criadores de gado, aos agricultores como aos medicos.

Foi inspirado por este importante trabalho que o Sñr L.-J. Michel compoz o *ferro hematico* que tem o seu nome. Este ferro encerra phosphato de ferro solubilizado por uma mistura salina neutra, de analoga composição á da forma sanguinea, associada ao phosphato de soda. Elle não pode ser decomposto nem pelos acidos nem pelos alcalis, de modo que se conserva sempre soluvel e assimilavel.

Comprehendendo assim os dous phosphatos principaes do sangue, constitue o verdadeiro *ferro physiologico*.

Deve ser administrado não só aos doentes acommettidos de *anemia*, como tambem a todas as crianças quando estão crescendo, com o fim de fazel-as mais robustas; por esta mesma razão tambem deve ser administrado ás mulheres durante a prenhez e ás amas durante todo o tempo que amammentam.

A dóse para as crianças de tenra idade é de uma colhersinha medida, que vai junta a cada vidro, dissolvida no primeiro copo de bebida, ao almoço e ao jantar. Para as crianças e os adultos a dóse é de uma colher medida, de cada vez.

Sulfato de ferro, *vitriolo verde*, ou *caparrosa verde*. Sal crystallizado em fórma de prismas rhomboidaes transparentes, de côr verde levemente azulada, de sabor de tinta de escrever, soluveis na agua. Exposto ao ar cobre-se promptamente de nodoas de côr de ocre. Prepara-se em grande, quer lixiviando os pyrites quer tratando as velhas ferragens pelo acido sulfurico enfraquecido, e fazendo crystallizar a solução. Serve para preparar a tinta de escrever; é o principal ingrediente das côres pretas, cinzentas, roxas e esverdeadas. É com elle que se prepara o azul de Prussia, o colcothar, o acido sulfurico, e que se obtem o ouro em pó necessario para douradura da porcelana. Em medicina emprega-se como tonico na dóse de 5 a 120 centigrammas.

O sulfato de ferro, que é mui barato, é um dos melhores desinfectantes. Reduzido a pó, e lançado n'uma vasilha que contenha materias fecaes, tira-lhes immediatamente o cheiro. Nos quartos dos doentes affectados de diarrhea, ou de outras molestias, é bom deixar no vaso uma porção de solução aquosa de sulfato de ferro.

Tartrato de ferro e potassa ou **tartaro chalybeado.** Apresenta-se sob a fórma de escamas transluzidas, de côr roxa-avermelhada, de sabor styptico fraco, soluveis em agua, deliquescentes.

Adstringente e tonico; administra-se internamente nos mesmos casos que o ferro. Externamente é usado como resolvente nas contusões. É uma das melhores preparações ferruginosas soluveis.

Dóse : para uso interno 60 a 180 centigrammas.

Iodureto de ferro. Substancia solida, de côr verde tirante a roxo, de sabor styptico, crystallizando com difficuldade, muito soluvel em agua, deliquescente, muito alteravel ao ar. Quando se acha n'um bom estado de conservação, deve dissolver-se completamente na agua,

e sua solução deve ser verde. É uma combinação de ferro com iodo Emprega-se nas molestias escrophulosas, na tisica, chlorose, etc., em pilulas na dóse de 10 a 20 centigrammas.

Entra na composição das pilulas e xarope de Blancard.

Preparados por um processo novo as pilulas de iodureto de ferro de Blaneard têm a vantagem de serem inalteraveis, sem sabor, de pequeno volume e de não eançar os orgãos digestivos É a razão porque esta util preparação que satisfaz todas as exigencias da pratica medica, occupa hoje um logar importante na therapeutica de todos os paizes.

Este producto foi apresentado á approvação da Academia de medicina de Pariz, em sessão de 13 de agosto de 1850, sendo relatores os sñrs professores Guibourt e Lecanu.

Eis como termina esse relatorio :

« ..... Este processo, todo differente dos processos seguidos habitualmente pela pharmacia, nos pareeeo muito bem inventado ; elle eobre o Iodureto de Ferro de uma primeira materia essencialmente eapaz de absorver o oxigeneo do ar de prefereneia a elle, e suseeptivel de exercer uma acção analoga á sua sobre a eeonomia animal ; de uma segunda materia pouco hygrometrica, que se molda perfeitamente e sem rachas sobre a pilula, da qual quasi que não augmenta o volume.

« As Pilulas que nos foram apresentadas e que aqui se aeham, as que vimos preparar, por sua regularidade, a nitidez de sua superficie, seu pequeno volume, e principalmente sua inalterabilidade pelos agentes exteriores, nos parecem satisfazer todas as exigencias da pratica.

« Em resumo : consideramos o processo do Snr. Blaneard como preenchendo inteiramente o seu fim, isto é, a conservação do Proto-Iodureto de Ferro, obtida com manipulações particulares.

« Em consequencia, temos, Senhores, a honra de lhes propôr de decidir que o *processo de conservação* das Pilulas de Proto-Iodureto de Ferro inventado pelo Snr. Blaneard, que offereee grandes vantagems, seja publicado no *Bulletin* de nossos trabalhos, etc. » — Adoptado.

Cada Pilula é formada, entre outros elementos, por 0^{g},05 de Iodureto ferreo e por 0^{g},01 de ferro porphyrizado sobre a supêrficie ; tudo está eoberto por uma camada resino-balsamica que pesa poueo mais ou menos 3 milligrammas.

Participando das propriedades do Iodo e do Ferro, as Pilulas de Blancard convem especialmente nas numerosas molestias que produz a Cachexia escrofulosa (*tumores*, *engurgitamento dos ganglios*, *humores frios*, etc.), contra ás quaes os ferruginosos simples não podem nada ; na Chlorose, na Leucorrhea, na Amenorrhea, principalmente quando estas ultimas molestias tem por principio um germe escrophuloso. Segundo o parecer do Professor Bouchardat o Iodureto de Ferro é dotado de uma efficacia verdadeiramente maravilhosa contra os terriveis accidentes da syphilis constitucional as quaes foram durante tanto tempo o desespero do doente e do medico ; sempre constantes em sua composição e seus effeitos, isentas dos inconvenientes que tem os mercuriaes, estas pilulas são o mais certo remedio que se pode oppôr a essa classe de molestias.

Ellas prestam tambem grandes serviços no tratamento dos Cancros, dos Dartros rebeldes, da Papeira, dos Tumores brancos, dos Rheumatismos chronicos, do Rachitismo, da Anemia, etc. Enfim, ellas pôem á disposição dos praticos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar assim as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

Grageas Demaziere de iodureto de ferro e Cascara Sagrada. Os notaveis effeitos obtidos por meio da Cascara Sagrada, nos casos de prisão de ventre, deviam naturalmente conduzir a utilisar este precioso remedio não só nos casos em que a prisão de ventre é uma affecção natural do doente, mas ainda naquelles casos igualmente numerosos em que ella é consequencia da absorpção de um medicamento qualquer o ferro em particular.

As grageas Demazière com iodureto de ferro e Cascara sagrada têm a vantagem de reunir ao mesmo tempo as propriedades do ferro e do iodo e de não produzir nunca a prisão de ventre. Além d'isto como a Cascara tem manifesta acção estimulante não só sobre o intestino, mas ainda sobre o estomago, estas grageas são digeridas e absorvidas com a maior facilidade. Esta propriedade da Cascara é ainda mais apreciavel por que muitas vezes as preparações ferruginosas ordinarias, são mal supportadas pelos estomagos delicados; este inconveniente desapparece pela associação do ferro á Cascara, Emfim sendo estas grageas cobertas por uma ligeira camada de assucar, a dissolução do ferro só tem logar no estomago, e o uso d'esta preparação, por mais prolongado que seja não enegrece os dentes.

As grageas Demaziere com iodureto de ferro e Cascara constituem pois o remedio mais energico contra a anemia, as côres pallidas, a chlorose, as caimbras de estomago, a falta de appetite o abatimento. Convem particularmente ás crianças rachiticas, ou áquellas que um crescimento demasiadamente rapido fatiga e prodispõem para as affecções dos nervos e do peito, augmentam em proporção enorme o numero de globulos rubros do sangue; em uma palavra, convem tanto aos doentes como aos convalescentes e ás pessoas enfraquecidas pelo abuso dos prazeres, o excesso de trabalho ou as privações.

Modo de emprego. A dóse media é de duas grageas por dia para as crianças e de quatro para os adultos tomada por duas vezes, no momento das duas principaes refeições, mas esta dóse pode variar segundo o temperamento e segundo as circumstancias que o medico apreciará.

As GRAGEAS DEMAZIÈRE com Iodureto de Ferro e Cascara Sagrada preparam-se na pharmacia G. Demazière, avenue de Villiers, nº 71, em Pariz.

Perchlorureto de ferro. Composição de côr roxa-avermelhada, soluvel na agua e mui deliquescente. Emprega-se dissolvido em agua. A solução a 30 gráos do areometro Baumé, chamada *solução officinal*, tem servido de base a todas as preparações de perchlorureto de ferro. Ajuntando á solução a 30° outro tanto d'agua distillada, obtem-se a solução a 15°. Estas soluções empregam-se sobretudo externamente para atalhar as hemorrhagias produzidas pelas picadas de bichas e outras.

Basta applicar um panno ou isca molhada na solução a 30° ou 15°, sobre o logar d'onde sahe o sangue, para atalhar a hemorrhagia. Este meio é hoje muito usado.

Pyrophosphato de ferro. Sal pulverulento, branco amarellado, insoluvel n'agua, que se obtem pela dupla decomposição do sulfato de ferro e do pyrophosphato de soda. Serve para preparar o pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal, excellente preparação, muitissimo empregada em therapeutica sob a denominação de :

Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet. Producto que apresenta uma combinação cujos elementos Phosphoro e Ferro correspondem á composição dos ossos, dos nervos e do sangue. Eis porque é de utilidade todas as vezes que houver necessidade de augmentar a proporção de ferro em um sangue depauperado, ou restituir á constituição dos ossos e dos nervos o phosphoro mui rapidamente eliminado pelas secreções. É producto facilmente tolerado pelos orgãos digestivos; o que não se dá com certos pyrophosphatos, cuja decoloração mostra que contêm por demais alcali que irrita o estomago e os intestinos, e destroe, com o seu effeito purgativo, as propriedades reconstituintes do principio ferruginoso. É a razão porque a côr verde clara que caracteriza o Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal deve tambem caracterizar a solução e o xarope de pyrophosphato de ferro de Robiquet.

Emprega-se internamente na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma, preparado debaixo da forma de pilulas, gragéas, solução, xarope e vinho, segundo a escolha do medico ou do doente (Deve-se exigir que todos os rotulos tenham a assignatura de E. Robiquet, cujo successor é o Snr Dethan, pharmaceutico de Pariz).

As pilulas e as grageas de Robiquet contêm cada uma 10 centigrammas de pyrophosphato de ferro.

Administram-se na dóse de 4 a 6 por dia no começo do almoço e do jantar, contra a anemia, a chlorose, a amenorrhea, a leucorrhea, o engurgitamento das glandulas, as affecções escrofulosas e o rachitismo.

O xarope, a solução e o vinho de Robiquet contêm um por cento de pyrophosphato de ferro. Administram-se na dóse de 2 a 3 colheres, das de sopa, por dia, sempre no começo do almoço e do jantar. Cada colher corresponde a 30 centigrammas de pyrophosphato de ferro. Empregam-se nos menos casos que as pilulas e a grageas.

FERRUGEM. Pó fino, de côr rubra mais ou menos escura, de que se cobre premptamente o ferro ou o aço, quando estes metaes estão expostos á acção do ar humido; é um composto de oxydo de carbonato de ferro.

Modos de impedir o ferro e o aço de se enferrujarem.

Modo de impedir o aço e o ferro de se enferrujarem. Aquecer lentamente o aço, esfregal-o com cera branca, expôl-o ao fogo para derreter a cera, e enxugal-o com trapo.

Outro modo. Dissolver a cera em benzina, e untar o aço com esta dissolução.

Outro modo. Aqueça-se fortemente o ferro, sem que contudo fique

vermelho, e mergulhe-se depois n'um banho de sebo. Depois de frio, unte-se levemente com oleo de linhaça ao qual se deve ter ajuntado um pouco de alvaiade para o tornar seccativo. Os objectos de ferro, que tiverem experimentado esta preparação, podem depois ser enxutos com bastante cuidado, para que não haja n'elles vestigio apparente do corpo gordo, e que se possam tocar sem sujar; acontece ficar sempre uma camada insensivel, que torna a oxydação do ferro difficil, e preserva-o por muito tempo da ferrugem.

Outro modo. Dissolvam-se a calor brando ou a banho-maria 60 grammas de sandaraca e 2 grammas de camphora em 500 grammas de espirito de vinho, com meio copo de essencia de terebinthina. Dilua-se certa quantidade de pós de sapato n'este verniz, e appliquem-se duas camadas d'esta mistura sobre os objectos de ferro: depois de seccos applique-se-lhes sómente a terceira camada do verniz.

Do mesmo modo se tratam os objectos de aço : estes perdem um pouco do seu brilho, mas não correm risco de se enferrujarem.

Modo de limpar os instrumentos de aço e de ferro. Se os instrumentos se acham enferrujados, é mister primeiro esfregal-os com vidro moido misturado com azeite, com pedra pomes pulverisada, ou com papel de vidro. Estas substancias não se devem empregar senão no caso de haver ferrugem; porque a não havel-a, limpam-se os instrumentos e armas com uma taboina, com a qual se esfregam por toda parte.

Nodoas de ferrugem no panno de linho ou de algodão.

1.° Tiram-se estas das fazendas brancas molhando-as primeiro, e esfregando-as depois com acido oxalico; e das fazendas de côr, com acido chlorhydrico diluido em agua.

2.° Póde-se tambem empregar com vantagem o cremor de tartaro, que ataca menos as tintas do que os acidos. Eis-aqui como se procede: reduz-se o cremor de tartaro a pó fino e applica-se sobre a nodoa, que se humedece depois com agua. Oito ou dez minutos depois, esfrega-se a nodoa entre as mãos e enxagua-se.

3.° Depois de estendido o panno sobre uma mesa, molham-se as manchas com a solução de hydrosulfato de soda ou de potassa. O contacto d'esta solução muda immediatamente a côr amarella de ferrugem em côr roxa-esverdeada, effeito este devido á decomposição do oxydo de ferro e á sua transformação em proto-sulfureto de ferro que é roxo. Effectuada esta mudança, ao cabo de um ou dois minutos, applica-se, com um tubo de vidro, sobre as manchas escuras de sulfureto de ferro, a mistura de acido chlorhydrico com outro tanto d'agua: ha logo dissolução da mancha escura, se a mancha de ferrugem não é antiga; no caso contrario fica ainda uma porção, mas muito fraca, que se tira repetindo a operação. Não se deve deixar o acido applicado sobre a nodoa, senão um instante, e é necessario depois lavar o panno em agua, para impedir que o acido queime o tecido. Quando seja necessario repetir a mesma operação sobre a mesma nodoa de ferrugem, afim de fazel-a desapparecer completamente, deve-se cada vez laval-a perfeitamente depois do contacto do acido chlorhydrico, e antes de nova applicação da solução

de hydro-sulfato de potassa. Finalmente para acabar de tirar a mancha lava-se o panno em agua com sabão.

FERRUGEM DE CHAMINÉ. *Veja-se* FULIGEM.

FERVOR DE SANGUE. *Veja-se* ECZEMA.

FETO. Nome que se dá á criança quando ainda se acha no utero. Entretanto, desde o momento da concepção até ao terceiro mez, a criança chama-se mais particularmente *embryão,* e muitos medicos só lhe dão o nome de *feto* desde o fim do terceiro mez até ao momento da nascença.

É impossivel dizer em que época é visivel o embryão no utero depois do coito fecundante. Segundo todas as pesquizas que se tem feito, parece provado que o novo ente só é visivel no decurso da segunda semana.

No *duodecimo dia*, contado do momento da concepção, examinando-se o embryão, apresenta-se debaixo de fórma semi-elliptica, tendo uma extremidade mais grossa, que constitue a cabeça, e outra mais estreita, que é a parte inferior do tronco. Póde ter n'este estado 4 a 6 millimetros de comprimento, e teria 9 ou 11 se fosse endireitado. No centro de curvatura acha-se inserido o cordão umbilical.

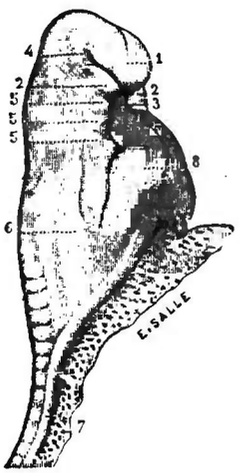


Fig. 460. — Bocca de um embryão de 15 dias (*).

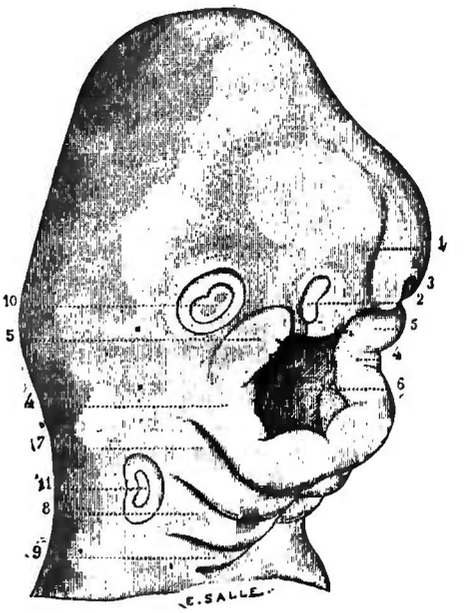


Fig. 461. — Bocca de um embryão de 25 a 28 dias (**).

(*) 1, Primeiro vestigio do nariz; 2, 2, primeiros vestigios das azas do nariz; 3, vestigios da sob separação; 4, parte media ou mediana do labio superior, constituido pela approximação e a fusão das duas excrescencias successivas; uma pequena abertura mediana indica mais a separação primitiva d'estas duas excrescencias; 5, 5, excrescencias maxillares superiores, formam as partes lateraes do labio superior; 6, 6, regos com os quaes formar-se-hão depois o sacco lagrymal o o canal nasal; 7, labio inferior; 8, bocca; 9, 9, as duas metades lateraes da abobada palatina muito chegadas para frente, porem ainda muito afastadas para traz.

(**) Excrescencia mediana cuja parte inferior acha-se consideravelmente alargada; 2, venta direita; 3, venta esquerda; 4, 4, excrescencias maxillares inferiores já se achando na linha mediana; 5, 5, excrescencias maxillares superiores, já assaz desenvolvidas, e descidas ao nivel da abertura da excrescencia mediana; 6, bocca; 7, primeiro arco vesical; 8, segundo arco vesical; 9, terceiro arco vesical; 10, vestigio do olho; 11, vestigio da orelha.

No decurso da *quarta* ou *quinta semana*, apparecem pequenas excrescencias, que são os membros no estado rudimentario. Os olhos manifestam-se debaixo do aspecto de dois pontos negros; depois divisam-se as aberturas do nariz, da bocca, e de cada lado do rosto duas proeminencias annunciam a apparição das orelhas.

Do fim da *quarta á sexta semana*, as excrescencias que formavam os rudimentos dos membros alongam-se e tomam a fórma que devem ter mais tarde.

Da *setima á oitava semana*, o comprimento do embryão é de quinze a dezoito linhas. O cordão umbilical offerece no seu ponto de inserção

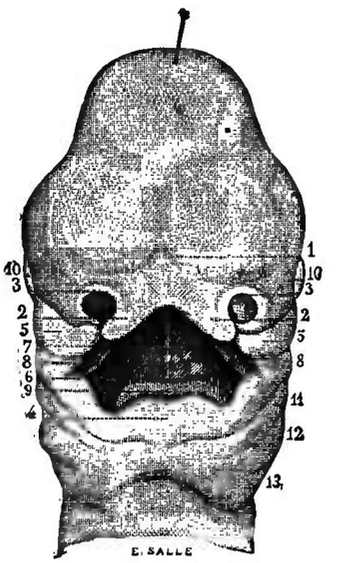


Fig. 462. — Bocca de um embryão de 35 dias (*).

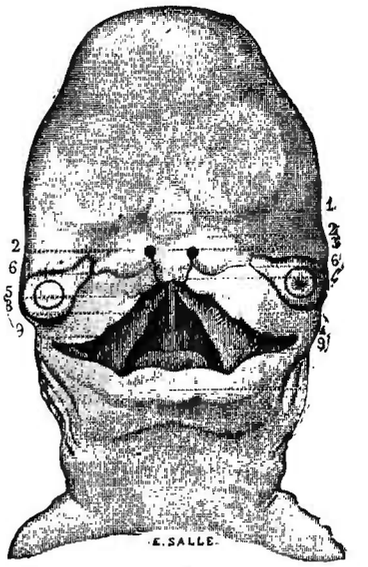


Fig. 463. — Bocca de um embryão de 40 dias (**).

uma inchação em fórma de funil, occupada pouco a pouco pelos intestinos e orgãos genito-urinarios.

Na *oitava semana*, um ponto negro indica em baixo o primeiro vestigio do anus, e para diante um pequeno tuberculo constitue a origem dos orgãos genitaes, mas ainda não é possivel distinguir o sexo. Esta distincção só se póde fazer na undecima ou duodecima semana.

No *principio do quarto mez*, todas as partes se tornam mais distinctas.

(*) 1, Excrescencia mediana muitissima aberta em sua parte superior; 2, 2, excrescencias incisivas produzidas por esta abertura; 3, 3, ventas; 4, 4, labio e queixal inferiores fornecidos pela reunião das excrescencias maxillares inferiores; 5, 5, excrescencias maxillares superiores contiguas ás excrescencias incisivas; 6, bocca ainda confundida com as fossas nasaes; 7, vestigios da separação das fossas nasaes; 8, 8, vestigios das duas metades da abobada palatina; 9, lingua; 10, 10, olhos; 11, 12, 13, arcos visceraes.

(**) 1, Primeiro vestigio do nariz; 2, 2, primeiro vestigio das azas do nariz; 3, vestigio da separação; 4, parte media ou mediana do labio superior, constituido pela approximação e a fusão de duas excrescencias incisivas; uma mui pequena abertura mediana indica tambem a separação primitiva d'essas duas excrescencias; 5, 5, excrescencias maxillares superiores formando as partes lateraes do labio superior; 6, 6, regos que serão mais tarde o sacco lagrymal e o canal nazal; 7, labio inferior; 8, bocca; 9, 9, as duas metades lateraes da abobada palatina, já bastante approximadas para frente, mas ainda assaz afastadas para traz.

O comprimento do feto é de 16 a 19 centimetros e o peso de 180 a 210 grammas. As palpebras são ainda adherentes, o nariz redondo, achatado; a lingua forma na bocca uma pequena excrescencia proeminente; os sexos são perfeitamente distinctos, mas no macho ainda os testiculos não desceram para o escroto.

No *quinto mez,* o feto tem 27 a 30 centimetros de comprimento, e pesa 240 a 300 grammas. A configuração do corpo approxima-se muito da do feto que é de tempo.

No *sexto mez*, o comprimento é de 32 a 37 centimetros; e o peso de 360 a 480 grammas. Os cabellos da cabeça e as sobrancelhas principiam a mostrar-se : as unhas são já bastante solidas : o feto poderia viver já fóra do utero.

No decurso do *setimo mez*, todas as partes adquirem maior consistencia, maior volume e melhores proporções. O feto tem 38 a 43 centimetros de comprimento; abrem-se as palpebras, e desapparece a membrana que tapava a menina do olho. A pelle que era vermelha, torna-se rosca; os testiculos principiam a descer para o escroto. A criança é então *viavel.*

No *oitavo mez,* o comprimento do feto é de 43 a 48 centimetros, o peso de dois a dois e meio kilogrammas. Os escrotos contém um testiculo, e ordinariamente o do lado esquerdo.

No *nono mez* ou no *termo*, o feto tem 40 a 60 centimetros de comprimento e 3 a 4 kilogrammas de peso. Ha entretanto crianças que tem só 40 centimetros, e outras 63; algumas pesam 1 ou 2 kilos, e outras 6 e 7. As unhas são bastante desenvolvidas, e a margem livre excede a extremidade dos dedos. A inserção do cordão umbilical corresponde a 16 ou 18 millimetros abaixo da metade do comprimento total do corpo.

O feto no utero acha-se n'uma especie de sacco formado de tres membranas, e cheio de liquido ou aguas *amnios*. Sua communicação com a mãi faz-se por meio do cordão umbilical que se insere de uma parte no ventre do feto, e de outra parte n'um corpo molle e chato chamado *placenta*, que adhere ao utero. Este corpo e o sacco, que sahem depois da expulsão da criança, chamam-se *páreas, secundinas* ou *ultimas* (fig. 464).

Durante os primeiros tempos da prenhez, a cabeça da criança está dirigida para baixo do utero. Mais tarde, isto é, no terceiro ou quarto mez, o feto nada nas aguas e muda frequentemente de posição. Mas, no fim da gravidez, torna a tomar a antiga posição, e, na immensa maioria dos casos, a cabeça acha-se na parte mais declive.

Signaes da morte do feto no utero. Os signaes da morte do feto são mui numerosos, mui variaveis e quasi nunca certos. Dividem-se em *racionaes* e *sensiveis.*

1.° Os *signaes racionaes* observam-se antes ou durante o parto.

Antes do parto, se a mulher soffreo alguma quéda ou choque sobre o ventre, ou qualquer outro accidente capaz de produzir o aborto. Então póde presumir-se que a criança morreo : se, pouco tempo depois do accidente, a mulher sentio calefrios, nauseas, peso no baixo-ventre, fastio.

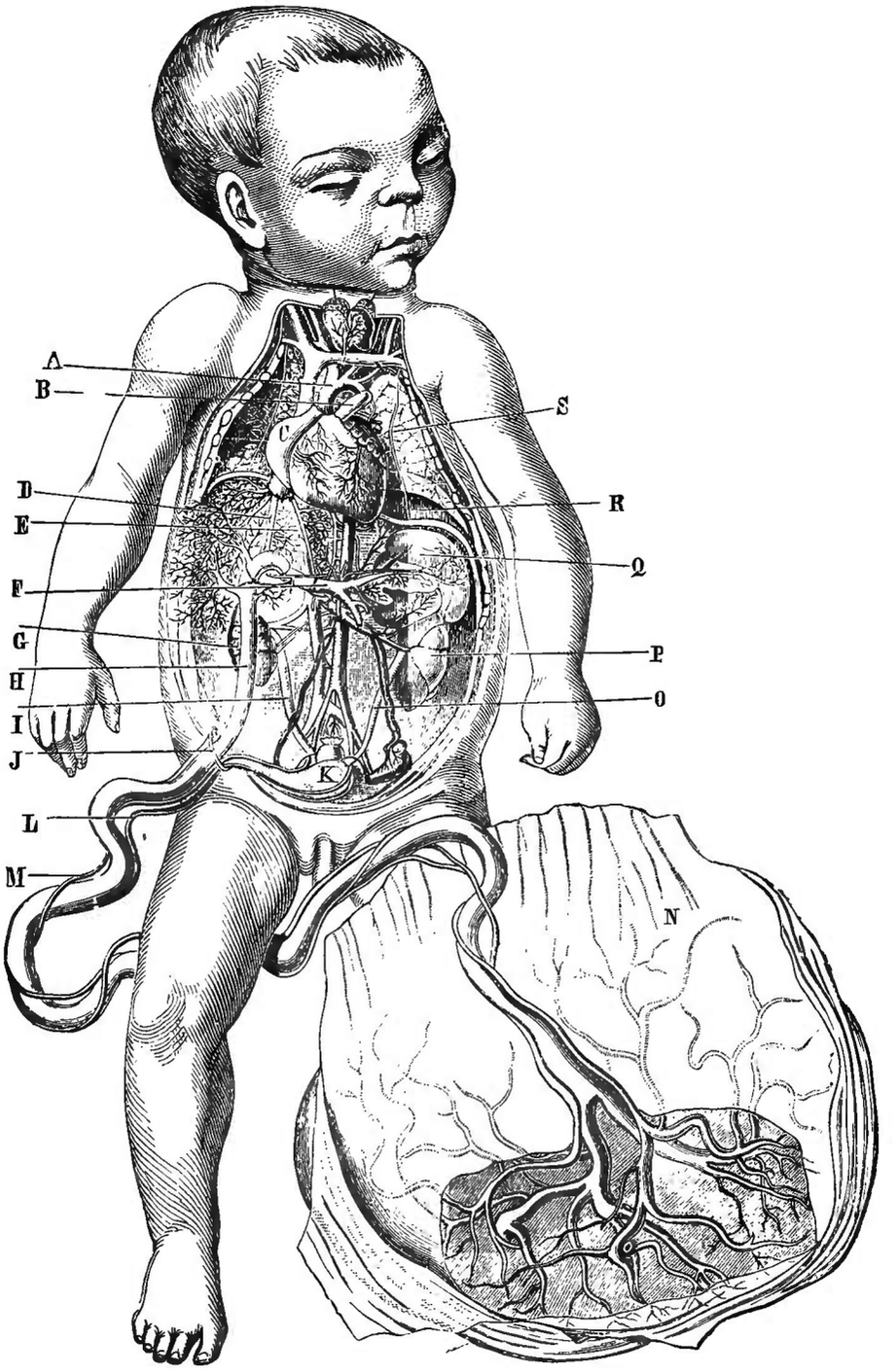


Fig. 464. — Systema vascular do feto a termo (*).

(*) A, aorta; B, arteria pulmonar; D, terminação da veia umbilical nas veias sobre-hepaticas; E, veia cava inferior; F, veia porta; G, rim direito; H, veia umbilical; I, uretere direito: J, anel umbilica; K, bexiga; L, arteria umbilical esquerda; M, arteria umbilical direita; N, placenta; O, uretere esquerdo; P, rim esquerdo; Q, baço; R, parte esquerda do diaphragma; S, nervo phrenico esquerdo.

frio no ventre. Se os seios, depois de cheios de leite, diminuirem de volume; se o utero seguir os movimentos do corpo e se se dirigir de um para outro lado, como se fosse um corpo inerte; se o feto cessar subitamente de executar movimentos; se existir máo halito, e se houver febre, a morte da criança é extremamente provavel.

Durante o parto, um cheiro infecto que sahe do utero com as aguas, que apresentam um aspecto denegrido, a diminuição das dôres a côr pallida do rosto, o corrimento prematuro das aguas, e emfim a sahida do ferrado dissolvido nas mesmas aguas, são indicios da morte do feto.

2.° Os *signaes sensiveis* adquirem-se tocando com a mão : taes são a sahída do cordão umbilical, que se acha frio e sem pulsações; a falta das pancadas do coração, a frieza do corpo do feto, a impossibilidade de lhe fazer exccutar movimentos, ainda que seja levantado com a mão no utero, etc.

Mas a maior parte d'estes symptomas, bem que tenham a apparencia de realidade não são sufficientes, se existirem separados, para poderem produzir certeza; a reunião de grande numero d'entre elles é indispensavel para isso. Assim, por exemplo, a criança póde deixar de bolir sem que esteja morta. Um dos signaes mais certos da morte do feto é a falta das pancadas do coração. Este signal só póde ser verificado applicando o ouvido sobre o ventre.



Fig. 465. — Feto macho.

FETO MACHO. *Polypodium filix mas*, Lineo (fig. 465). Planta herbacea mui commum na Europa; em Portugal habita junto dos rios e sitios sylvados, nas provincias do Norte. Em medicina usam-se contra as lombrigas os *rhizomas* ou *troncos subterraneos* (vulgarmente raizes). Os troncos subterraneos são mais ou menos grossos, cylindricos, recurvados, formandos, de tuberculos cónicos, imbricados uns sobre os outros á roda de um eixo commum, escamosos, roxos no exterior; amarellados, esbranquiçados, avermelhados ou verdes no interior; de sabor amargo e adstringente; separados uns dos outros por um tecido lustroso, de côr loura, e entre os quaes sahem fibras cylindricas, filiformes e roxas, que são as verdadeiras raizes da planta.

O feto macho é um vermifugo de reconhecida efficacia, empregado principalmente contra as lombrigas. Administra-se em pó na dóse de 8 a 30 grammas pela manhã em jejum, em leite, agua ou mel de abelhas. Repete-se esta dóse tres dias seguidos, e duas horas depois da terceira dóse, tomam-se 30 grammas de oleo de ricino.

Feto macho do Brazil, Samambaya. *Polypodium incanum*, Sw. Planta do Brazil, da familia dos Fetos. Tem as folhas profun-

damente pennatifidas, lacinias oppostas, lineares e obtusas, convexas na face inferior; soras (orgãos da reproducção) dispostas em duas ordens nas margens; caule e face inferior das folhas coberta por uma camada de pequenas escamas. As outras especies são : *Polypodium percussum*, Cavanilles; *Polypodium sepultum*, Kaulf. Todas estas especies contém, segundo Martius, um oleo acre, semelhante ao do feto macho das boticas, que provém da Europa, e gozam das mesmas propriedades vermifugas.

FIBRINA. É uma substancia organica, naturalmente liquida, mas que póde coagular espontaneamente, e que, n'este estado, é então um pouco solida, mais ou menos elastica, disposta em flocos ou em massa segundo a sua quantidade; de côr branca escura, sem cheiro, gosto insipido, insoluvel n'agua fria, no alcool e no ether, mui soluvel no acido acetico. Quando fica secca, torna-se dura, quebradiça, de côr amarellada, hygrometrica. Existe principalmente no sangue, de onde se a extrahe, batendo ou lavando o sangue. Tambem encontra-se a fibrina na lympha, na serosidade da ascite do hydrothorax, da hydrocele, etc., ella forma quasi a totalidade das falsas membranas diphthericas. No estado normal, a fibrina existe no sangue na proporção de 3 por 100. Esta proporção diminue em certas molestias como na febre typhoide e nas febres eruptivas; ella augmenta em todas as molestias inflammatorias.

FIBROMA. Com este nome designam-se os tumores benignos exclusivamente formados por tecidos fibrosos. Esses tumores são nitidamente delimitados, arredondados, lobulados, em forma de polypos. São quasi sempre pequenos, mas chegam ás vezes a pesar 25 a 35 kilogrammas. Em geral os fibromas são duros; mas existem, no entanto, que são tão molles como o tecido cellular sub-cutaneo.

Os fibromas se desenvolvem principalmente na pelle, no tecido cellular sub-cutaneo e sub-mucoso, sobre as aponevroses e sobre o periostio. Apparecem tambem no tecido cellular profundo e sub-peritoneal, nos musculos, nas mammas, na orbita, etc. Ignora-se qual é a sua causa. Apparecem nos adultos, são mui raros na velhice; encontram-se muitas vezes em individuos tendo todas as apparencias da saude; ás vezes são congenitos.

Os fibromas muitas vezes ficam estacionnarios e emkystam-se, ou crescem e lastram, invadindo os tecidos vizinhos e tornam-se pediculas. Tambem podem ser moveis ou adherirem ás partes profundas. O seu numero não é limitado, ás vezes existe um só, outras vezes são muitos, n'este caso então têm sua séde no tecido cellular sub-cutaneo e podem crescer desproporcionadamente. A pelle que os rodeia é movel, não se lhes adhere; é fina, e quando os fibromas são muito grandes, ella se inflamma e se ulcera, o que acontece, ás vezes, aos proprios fibromas, que tem uma evolução lenta, sem dôr, salvo nos casos de dôr provocada pela compressão dos tecidos vizinhos quando elles ficam muito grandes. Os fibromas em nada influem na saude geral.

Quando os fibromas são pequenos, indolentes e estacionarios em sua evolução póde-se deixal-os no estado em que se acham; quando, porém,

ficam muito grandes, é necesario extirpal-os com bisturi ou por meio do esmagador lineario ou emfim empregando-se a galvanocaustia.

FIGA. Uma figa é propriamente, como diz o Diccionario de Moraes, a figura que se faz fechando a mão e mettendo o dedo pollegar entre o index e o dedo grande. Por extensão, dá-se o mesmo nome á mesma figura em ponto pequeno, feita de ouro, prata, coral, azeviche ou qualquer outra substancia. Ora como a figa natural se faz em signal de desprezo, por isso costuma muita gente pendurar ao pescoço das crianças figas artificiaes, para mostrarem ao Diabo que o desprezam, e d'este medo afastar os seus maleficios. Não é necessario dizer quanto é pouco fundada semelhante pratica. O melhor preservativo das molestias é a observação dos preceitos de hygiene.

FIGADO. Orgão em que se forma a bilis : é a glandula mais volumosa de todas as que se acham no corpo humano ; o seu peso, que é mui variavel mesmo nas pessoas que gozam de boa saude, é de quasi tres libras, termo médio. Este orgão está situado no ventre, do lado direito, e immediatamente debaixo do peito. No estado ordinario não excede por baixo a borda das falsas costellas. A sua fórma, tão irregular como é, póde comparar-se a um ovoide cortado no sentido do comprimento ; tem portanto duas faces e quatro bordas. A face anterior e superior é convexa e em relação com o musculo diaphragma; a face inferior e posterior é levemente concava. A borda posterior e superior é espessa, arredondada, e fixa ao diaphragma por duas pregas do peritoneo; a interior é delgada e corresponde á borda inferior das falsas costellas; a direita é tambem contigua ao diaphragma; a esquerda, livre, estende-se algumas vezes até ao baço. Diversas dobras do peritoneo, chamadas ligamentos, retem o figado n'esta posição. O mais notavel é o *ligamento suspensor do figado*, que parece dividir a glandula em duas metades de grandeza diversa, das quaes a direita se chama *grande lobolo*, e a esquerda *pequeno lobolo*.

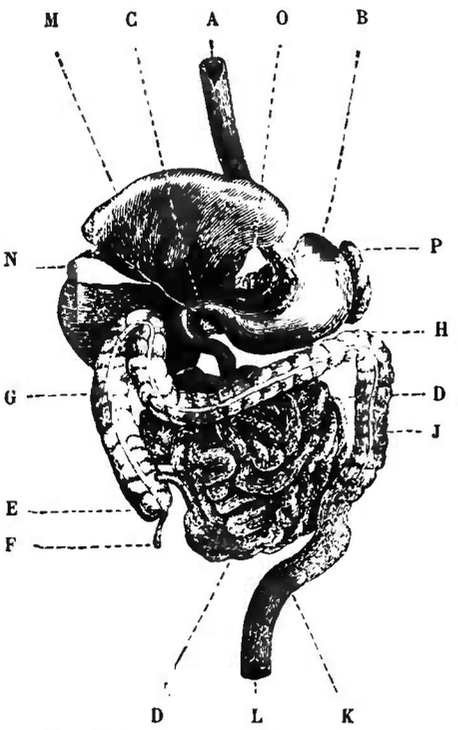


Fig. 466. — Figado, estomago, baço, intestinos (*).

A face inferior do figado apresenta em toda a sua extensão antero-

(*) A, esophago; B, estomago; C, pyloro, que está em continuação com o duodeno; DD, intestino delgado, que está em continuação como o inteslino cégo E; F, appendice cecal; G. colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado, levantado para que se veja a sua face inferior; F, vesicula biliar, com os seus conductos; O, pancreas; P, baço.

posterior uma goteira ou rego, que no feto recebia por diante a veia umbilical, e por detraz o canal venoso, que fazia communicar essa veia com a veia cava inferior. Uma outra goteira corta perpendicularmente a primeira; é por este sulco transversal que penetram na glandula a sua arteria, as suas veias e a veia porta; e que d'ahi sahem o canal excretor e os vasos lymphaticos.

O tecido do figado, um dos mais vasculares da economia, apresenta granulações de um vermelho cinzento na circumferencia, e amarellas no centro, massa compacta, dura e de grande fragilidade, mas envolvida

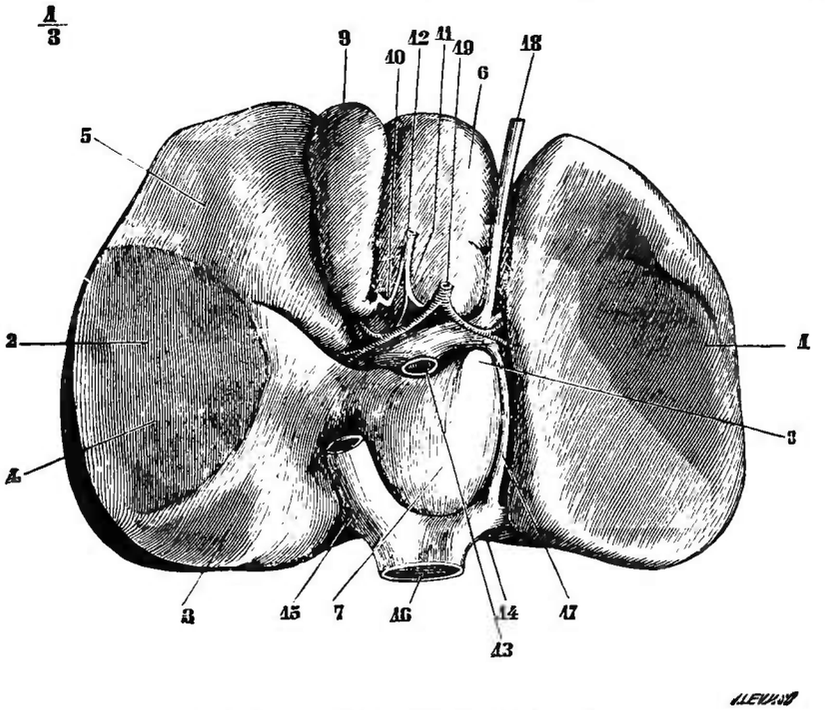


Fig. 467. — Face inferior do figado (*).

por uma membrana fibrosa que envia prolongamentos no interior. N'estas granulações terminam as extremidades da arteria hepatica e da veia porta, que trazem o sangue á glandula; do seu interior partem as radiculas das veias hepaticas, dos vasos lymphaticos e do canal hepatico, que reconduzem o sangue, a lympha e a bilis.

O figado pelo seu peso comprime e incommoda o estomago quando nós nos deitamos do lado esquerdo, e por isso é ás vezes necessario escolher outra postura para dormir. O figado é facil de rasgar-se. No interior notam-se muitos pontos amarellos, que são conductos excretorios da bilis. Sob o figado e do lado direito acha-se a *vesicula biliar* : è um

(*) 1, lobulo esquerdo; 2, lobulo direito; 3, porção da capsula sobre renal direita; 4, porção renal; 5, porção colica; 6, lobulo quadrado; 7, lobulo de Spigel; 8, seu prolongamento anterior; 9, vesicula biliaria; 10, canal cystico; 11, canal hepatico; 12, canal cholodeco; 13, veia porta; 14, veia sobre hepatica esquerda; 15, veia sobre hematica direita; 16, veia cava inferior; 17, canal venoso; 18, cordão da veia umbilical; 19, arteria hepatica.

sacco membranoso no qual se conserva uma parte da bilis antes de ser transmittida ao intestino *duodeno* pelo canal *cystico*.

MOLESTIAS DO FIGADO.

Abcesso do figado. Collecção de pus no figado. As inflammações espontaneas ou produzidas por pancadas, quédas e outras violencias exteriores são causas dos abcessos do figado. Encontram-se ás vezes abcessos do figado como complicações das feridas da cabeça ou de grandes operações cirurgicas.

Symptomas A inflammação que precede um abcesso apresenta-se sob a fórma aguda ou chronica.

Fórma aguda. Depois de um incommodo geral semelhante ao que marca a invasão de todas as molestias febris, o paciente experimenta calefrios que se repetem mais ou menos frequentemente durante os dois primeiros dias, e tem febre intensa que póde principiar por accessos intermittentes, mas que não tarda a tornar-se contínua com exacerbações nocturnas. Ao mesmo tempo, o lado direito do ventre torna-se doloroso espontaneamente ou pela pressão. Esta dôr é lancinante; augmenta pelos movimentos, pelos esforços de respiração; ha certo gráo de dyspnea, e pequena tosse que apparece por accessos. A estes phenomenos ajuntam-se vomitos biliosos mais ou menos frequentes, que persistem raramente além de tres dias, e, em certos casos apparece a ictericia mais ou menos intensa, com côr açafroada da ourina.

Os symptomas vão augmentando em intensidade durante oito ou dez dias; depois o paciente é de novo acommettido de calefrios repetidos, o pulso torna-se pequeno e frequente, a pelle cobre-se de suores frios, e depois de dois ou tres dias, durante os quaes a situação era muito grave, as dôres céssam, a febre diminue ou desapparece : este melhoramento enganador annuncia o fim da suppuração.

Fórma chronica. Esta fórma é insidiosa e apresenta muitas variedades. Na primeira variedade, a situação é bastante clara para que se possa conhecer a molestia antes do momento da suppuração : os symptomas são pouco salientes e apparecem lentamente, mas emfim o dôr existe; o figado augmenta de volume, e o doente está atormentado pelo fastio, vomitos, diarrhea ou prisão de ventre, que vão augmentando durante mezes, sem causa apreciavel, e acabam por produzir um verdadeiro estado de marasmo. N'estas condições sobrevem, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, signaes da formação do pus : dôr latejante, calefrios, suores, peso na região do figado. — Na segunda variedade, o paciente experimenta só accessos de febre intermittente; não existe outro symptoma. — Emfim, a suppuração póde ser latente; ha ausencia de qualquer symptoma; o abcesso não é conhecido senão quando forma tumor.

Abcesso. Quando o abcesso é pequeno, não produz mudança no estado do figado, para poder ser apreciado pela percussão ou palpação. Mas quando a collecção é volumosa, apparece um tumor separado no lado

direito do ventre; muitas vezes apreciavel á simples vista em razão da *deformação* que produz, e da projecção excentrica das costellas inferiores, este tumor póde ainda ser reconhecido pela palpação. N'este caso apresenta muitas vezes, mas não sempre, o phenomeno da fluctuação.

A melhora que marca o fim da suppuração persiste durante muito tempo quando o abcesso é pequeno; no caso contrario, a febre vai continuando, o doente emmagrece, sobrevem diarrhea e marasmo.

Os abcessos do figado podem desapparecer por resorpção espontanea, mas no maior numero dos casos esvaziam-se no exterior e sáram perforando os tecidos vizinhos; quer a pelle do lado direito do ventre, do embigo ou das cadeiras, quer o estomago ou os intestinos, quer o pulmão e os bronchios; quer emfim o peritoneo, mas n'este ultimo caso sobrevem uma peritonite promptamente mortal. A eliminação pelo pulmão dá logar a excreção subita do pus pela bocca; vomitos purulentos ou diarrhea da mesma natureza, annunciam a abertura do abcesso no estomago ou nos intestinos.

Tratamento. No principio da inflammação convem applicar dez bichas no logar doloroso do figado, e depois cataplasma de linhaça. Convem tambem administrar um purgante : oleo de ricino, sulfato de magnesia, ou limonada de citrato de magnesia. Continuar as cataplasmas durante todo o tempo da molestia.

O abcesso, uma vez reconhecido, deve ser aberto; se se dirigir por si mesmo do lado da pelle, e se não houver indicação urgente, convem esperar a fluctuação superficial, signal certo de adherencias; no caso contrario, e para prevenir a eliminação do pus pelas vias perigosas, é preciso abrir o tumor.

Quando, depois dos symptomas de hepatite, um tumor fluctuante apparecer sobre um ponto da pelle do ventre ou do peito, e quando se reconhecer que é um abcesso do figado, é preciso abril-o com bisturí, ou por meio de applicações successivas de potassa, ou de pasta de chlorureto de zinco. Depois de aberto o abcesso, se a suppuração continuar, é necessario fazer injecções no fóco com agua tepida simples, ou misturada com aguardente, afim de prevenir a estagnação e a decomposição do pus. Sustentam-se as forças do doente com caldos de carne, mingáos de tapioca, frango assado, vinho de Bordeos, do Porto e vinho de quina.

Calculos biliares. Dá-se este nome a concreções de bilis que se formam ás vezes na vesicula do figado e nos conductos biliares. Estas concreções impedem o curso da bilis, irritam o figado, perturbam a digestão, e provocam crises dolorosas extremamente agudas, designadas debaixo do nome de *colicas hepaticas*. *Veja-se* CALCULO BILIAR, Vol. I, pag. 403.

Cancro do figado. Fastio, dôres de estomago, com tumores do figado, tez amarellada, e hydropisia do ventre, caracterizam o cancro do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 436.

Cirrhose do figado. A cirrhose é uma alteração especial do figado caracterizada pela augmentação de uma parte das granulações do orgão, e pela atrophia do maior numero d'ellas : as primeiras,

desenvolvendo-se, tomam a côr de cera amarella. Nos periodos ulteriores da molestia, o tecido novamente formado experimenta retracção, de que resulta constricção do tecido hepatico que se torna impermeavel em parte; os vasos e os conductos biliares obliteram-se em grande extensão, e muitas cellulas hepaticas desapparecem. O nome *cirrhose* provém da palavra grega *cirrhos,* amarello-fulva, côr que tem o figado n'esta molestia.

Symptomas. A molestia principia por symptomas pouco importantes e pouco distinctos. Não existe dôr do lado direito do ventre: o appetite é quasi conservado, as digestões fazem-se convenientemente; não ha ictericia; não ha nada, em uma palavra, que denote perturbação grave das funcções do figado. Entretanto os doentes tornam-se pallidos, mais magros, e perdem as forças; muitas vezes estas desordens de nutrição não estão ainda bem evidentes, e já se vê o ventre augmentar de volume em consequencia de uma collecção do liquido que se formou lentamente na sua cavidade. Examinando então o doente com cuidado, acha-se o figado mais duro, menor do que deve ser, e mais ou menos desigual. A hydropisia do ventre continua a fazer progressos. Quando o derramamento abdominal se tornou consideravel, as pernas incham, o que faz contraste com o emmagrecimento cada vez maior dos braços e do rosto, que toma côr cinzenta ou amarellada. A pelle é geralmente secca: por fim o appetite perde-se, as digestões tornam-se difficeis, as ourinas poucas e turvas. Ás vezes apparecem vomitos de materias sanguinolentas. O constrangimento da circulação interior é causa tambem do desenvolvimento mais ou menos consideravel que adquirem as veias das paredes abdominaes. A cirrhose é quasi sempre molestia chronica, e a sua duração, raras vezes menor de tres a quatro mezes, póde prolongar-se por muitos annos.

Causas. Rara nas crianças, a cirrhose parece ser uma affecção do periodo médio da vida, e que se observa mais frequentemente nos homens do que nas mulheres. Accusam-se geralmente os excessos alcoolicos, e pretende-se que esta affecção attinge sobretudo os individuos que abusam das bebidas espirituosas.

Tratamento. Se a molestia depender do excesso das bebidas alcoolicas, é preciso, em primeiro logar, abster-se ou pelo menos diminuir o uso d'ellas. O ponto mais importante do tratamento da cirrhose consiste em melhorar o estado das forças e da nutrição do doente. O regimen que convem n'este caso deve compôr-se de ovos, leite, frango assado, costelletas de carneiro, hôrtaliça e fructas. Á alimentação substancial deve-se accresentar o uso das preparações de ferro, sob a fórma de pilulas ferruginosas de Vallet, das quaes o doente tomará duas por dia, uma pilula de manhã, outra á noite. Tomará tambem todas as manhãs em jejum um calice de vinho de quinium Labarraque. De vez em quando convem tomar um purgante.

Congestão do figado. Dá-se este nome á molestia devida á accumulação do sangue no figado. Este orgão augmenta então de volume sem experimentar modificações nem na fórma nem na estructura.

Causas. A congestão do figado póde ser occasionada pelos abusos das comidas excessivamente temperadas e do alcool; e pelos miasmas palustres; é mais frequente nos climas quentes do que nos temperados. A fluxão de origem nervosa tambem não é rara; muitos casos de ictericia pertencem a esta variedade. Sobrevem em consequencia das emoções moraes vivas, sobretudo do medo e da colera; sempre subita n'estas circumstancias, póde ser de mui curta duração, mas um dos seus effeitos, a ictericia, persiste mais ou menos longo tempo. Tadas estas causas produzem a congestão *activa*.

A congestão sanguinea do figado póde ser completamente *passiva*: depende então de algum obstaculo na circulação dos pulmões, das veias ou do coração.

Symptomas. A congestão sanguinea do figado é caracterizada pela sensação anormal no lado direito do ventre, e pelo augmento do volume do orgão, o que se verifica pela percussão e pela palpação. A percussão faz couhecer que o som massiço do orgão se estende perpendicularmente em maior extensão do que no estado normal: pela palpação verifica-se que o figado excede a margem das costellas. Reconhece-se a presença do orgão n'este logar pela sua margem angulosa e obliqua. O doente queixa-se do peso no hypochondrio direito, ás vezes de uma dôr bastante viva. Apparece côr amarella no rosto, na membrana esclerotica do olho, e, ás vezes por todo o corpo; as ourinas são ás vezes de côr amarella mui carregada. Alguns doentes conservam bom appetite; a maior parte d'elles tem fastio e digestões difficeis; outros tem um appetite caprichoso. Todos, sem excepção emmagrecem, mas não têm febre.

Marcha, duração, terminações. A congestão do figado tem duração mui desigual, segundo os casos. Póde, com effeito, terminar em alguns instantes, ou prolongar-se de maneira indefinida. Sendo aguda, ou primitiva, póde desvanecer-se em algumas horas; muitas vezes basta uma applicação de bichas ou um purgante para produzir diminuição consideravel no volume do orgão, como isto se póde verificar pela percussão e palpação. Esta diminuição rapida póde tambem ter logar espontaneamente em consequencia do fluxo hemorrhoidal. A congestão de origem nervosa é subita e de curta duração; é a menos séria de todas; ordinariamente não produz nem sensação dolorosa, nem tumefacção apreciavel; mas um dos seus effeitos persiste por muito tempo, é a ictericia. A congestão que resulta dos miasmas pantanosos póde persistir como a causa que a produzio, e depois de muitas oscillações em bem ou em mal, torna-se estacionaria e definitiva. É a unica terminação algum tanto grave. Nas molestias do coração o figado congestionado de modo passivo, póde voltar ao estado quasi normal, quando, pelo repouso e pelo emprego dos medicamentos, se chega a diminuir a molestia principal.

Tratamento. Na congestão do figado, produzida pela alimentação mui substancial ou excesso das bebidas espirituosas, é preciso em primeiro logar remover estas causas. O regimen deve ser antes vegetal do que animal. As bichas no lado direito do ventre e os purgantes são, depois,

os melhores meios para fazer desapparecer a fluxão morbica. A congestão occasionada pelas emanações pantanosas, necessita o uso do sulfato de quinina. Eis-aqui a receita :

Sulfato de quinina..... 2 grammas ou 20 perolas do Dor Clertan.

Para tomar duas perolas por dia.

A congestão que é devida á influencia do clima quente e humido, não desapparece senão pela mudança da habitação.

As congestões, que se tornaram chronicas, cedem ao tratamento hydrotherapico, ao uso das aguas de Vichy, ou na impossibilidade de tèl-as, curam-se pelo emprego interno do bicarbonato de soda, conforme a seguinte receita :

Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar dois papeis por dia, em meia chicara d'agua com assucar.

Contusão do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 686.

Degenerescencia amyloide do figado. Esta alteração é caracterizada pelo deposito no interior do figado de uma substancia que recebeo o nome de *amyloide* em razão de sua semelhança exterior com os grãos de amido (corpusculos amylaceos). As condições mais ordinarias do seu apparecimento são as suppurações prolongadas, o rachitismo, a tisica, a syphilis constitucional, a cachexia palustre, e a que segue as dysenterias prolongadas.

Symptomas. Os indicios d'esta molestia apparecem nos individuo cuja constituição foi alterada por uma das molestias chronicas que deixei indicadas. Quanto aos symptomas, os unicos constantes são a falta de dôr, augmentação progressiva do volume do figado, que apresenta com a fórma normal a superficie perfeitamente lisa, porém dura e resistente; emfim, um tumor no baço offerecendo á palpação os mesmos caracteres que o do figado. Não ha ictericia; a hydropisia do ventre é frequente, mas não é constante, é precedida da inchação dos pés e das pernas. Quanto aos outros symptomas observados n'estes doentes, anemia, emmagrecimento, diarrhea, e inchação, não dependem directamente da alteração do figado; devem ser attribuidos á molestia primeira.

Tratamento. A medicação deve ser dirigida conforme os symptomas : regimen analeptico, vinho de quinio Labarraque, e iodureto de ferro. Eis-aqui as raceitas :

Vinho de quinio Labarraque..... 1 garrafa.

Para beber dous calices; duas vezes por dia.

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard..... 36

Para tomar duas pilulas por dia, uma de manhã outra á noite.

Degenerescencia gordurosa do figado, ou **Figado gordo.** Deposito de gordura nas cellulas hepaticas.

As condições que dão logar á producção do figado gordo são difficeis

a determinar. Com effeito este estado desenvolve-se simultaneamente com uma producção excessiva de gordura em todo o corpo, quando os elementos nutritivos são exagerados; de outra parte, sobrevem no meio do emmagrecimento extremo e dos progressos incessantes de consumpção do corpo. Examinando com attenção o primeiro modo de desenvolvimento do figado gordo, vê-se que os individuos mais expostos a contrahirem esta molestia são os que comem e bebem muito e fazem pouco exercicio. As influencias, a que estão expostos levando este genero de vida, são analogas ás em que se collocam os animaes que se querem engordar; sabe-se que estes não devem trabalhar, que se fecham n'um curral onde se lhes dá de comer com excesso. Mas do mesmo modo que tal animal engorda facil ou rapidamente e tal outro não engorda ou engorda tardamente, assim observa-se nos homens que vivendo da mesma maneira, uns engordam e adquirem um figado gordo entretanto que outros ficam magros e conservam o figado são. As causas d'esta predisposição, que certas pessoas tem de nascimento ou de familia, são ainda ignoradas.

Desde muito tempo reconheceo-se tambem a frequencia do figado gordo nos individuos affectados de tuberculos pulmonares.

Symptomas. O figado gordo é maior do que no estado normal. Quando chega a um desenvolvimento grande, a pessoa experimenta certo incommodo no hypochondrio direito, e difficuldade na respiração, a pelle do corpo cobre-se facilmente de suor abundante; não ha dôr nem hydropisia do ventre.

Tratamento. O figado gordo é antes um incommodo do que uma molestia. Quando é occasionado pela intemperança, necessita a modificação na maneira de viver. A pessoa ameaçada ou affectada d'este incommodo deve todos os dias dar um passeio de uma ou duas horas; não deve dormir depois de jantar. Comer poucas substancias gordas; usar de muita hortaliça e de fructas; viver sobriamente; levantar-se cedo; eis, o que lhe convem.

Quando o figado gordo acompanha a tisica pulmonar, o tratamento deve ser exclusivamente dirigido contra a molestia principal.

Encalhe, enfarte, engurgitamento ou **obstrucção do figado.** Dão-se estes nomes á inflammação chronica do figado. (*Veja-se* INFLAMMAÇÃO CHRONICA DO FIGADO.)

Feridas do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 1126.

Hydatidas ou **acephalocystos no figado.** Dá-se o nome de *hydatidas* ou *acephalocystos* a kystos compostos de vesiculas ou saquinhos transparentes, do tamanho de uma ervilha ou cereja, contendo um liquido no meio do qual se acham pequenos vermes chamados *echinococos.* Os tumores hydaticos podem desenvolver-se no figado.

Causas. Os tumores hydaticos do figado resultam da introducção no corpo dos vermes chamados *echinococos.* Estes vermes penetram no figado pela alimentação de carnes contendo cysticercos ou ovos de tenia. São sobretudo as carnes de porco, os presuntos crús, e as carnes de carneiro, cheios de cysticercos ou coenuros, que favorecem a apparição dos echinococos do figado.

Symptomas. O tumor constituido pelo kysto com echinococos póde desenvolver-se em qualquer ponto do figado, mas é muito mais frequente no lóbo direito. Ora superficial, ora escondido na profundidade da viscera, determina deformações que variam segundo a séde que não tem regra fixa. As mais das vezes não se acha senão um só d'estes tumores; em outros casos existem muitos. O estado do tecido do figado na vizinhança do kysto é variavel; é ás vezes são, outras vezes apresenta congestão chronica; é diminuido de volume sendo o sacco volumoso; emfim póde participar das alterações diversas do kysto.

O tumor com echinococos póde não determinar outro symptoma senão phenomenos physicos resultando da mudança de fórma e volume do figado; em outras circumstancias, o enfermo sente mui cedo um peso no hypochondrio direito, sensação que augmenta pela ingestão dos alimentos; depois experimenta tambem algumas desordens digestivas; mas todos estes incommodos são pouco marcados, e a lesão, por causa da lentidão de sua marcha, perturba apenas a saude geral. Tal é o facto ordinario; porém, quando o tumor é, por excepção, vizinho do rego pelo qual penetram no figado na arteria e nas veias, ou quando, occupando a face superior, se desenvolve do lado do pulmão em vez de invadir a massa do figado, provoca n'estes casos, por compressão, accidentes que podem induzir em erro, porque são estranhos aos symptomas da molestia; os symptomas são, para o tumor vizinho do rego, a hydropisia e a ictericia persistentes; para o tumor da face superior, uma tosse secca com dyspnea habitual. Salvo complicações, não ha febre.

Os *signaes physicos* tem muita importancia. O augmento de volume do figado é de ordinario apreciavel á vista. Ora é *geral*, e o orgão parece inchado na totalidade ou pelo menos na região direita; ora é *parcial* e mostra-se sob fórma de proeminencia limitada mais ou menos hemispherica que se desprende da superficie da viscera; em alguns casos, o tumor é pediculado, e excede, abaixando-se, o limite do figado; esta disposição pertence ao kysto da face inferior. Quando o augmento de volume é total, as costellas fazem proeminencia. As dimensões da massa são ás vezes enormes; vio-se o figado subir até á terceira ou segunda costella, e attingir em baixo, ao mesmo tempo o osso iliaco. Sobre esta vasta superficie acham-se, apalpando, proeminencias em numero variavel, cuja consistencia é molle, mais elastica que a do tecido do figado, e que, em grande numero de casos, apresentam *fluctuação manifesta.* Mais raras vezes obtem-se pela percussão forte do tumor a sensação de uma onda vibrante, um certo ruido, ruido hydatico, que resulta da collisão das vesiculas encerradas no sacco commum.

As cousas podem ficar n'este estado durante mezes e annos, sem que a nutrição seja compromettida; não se altera senão nos casos em que o tumor, apresentando um volume consideravel, estorva mecanicamente as funcções do estomago e dos intestinos. O kysto hydatico distingue-se do abcesso do figado pela integridade do estado geral; distingue-se dos tumores cancerosos porque estes são duros, — Os kystos pouco volumosos e profundos não podem ser reconhecidos.

As *terminações* são multiplices. A cura espontanea tem logar em certo numero de casos : sobrevem nos tumores de mediocre volume; os vermes morrem, o kysto diminue, desapparece pouco a pouco, e tudo está acabado. — A inflammação e a suppuração podem, depois da abertura espontanea e exterior do kysto, conduzir ao mesmo resultado. Esta inflammação é annunciada pela modificação completa no estado do doente: o tumor torna-se doloroso; sobrevem calefrios, febre, muitas vezes vomitos e ictericia, em uma palavra, todos os phenomenos de um abcesso no figado. — A cura espontanea póde tambem ter logar pela ruptura e evacuação do kysto no estomago, no intestino e mesmo nos bronchios. — A cura artificial obtem-se muitas vezes pelos diversos tratamentos abaixo indicados.

Raras vezes sobrevem a morte; não se observa senão nos kystos enormes que não se rompem, e que estorvam as funcções do estomago.

A duração da molestia é completamente indeterminada; as épocas extremas de 2 a 30 annos tem sido observadas.

Tratamento. Em quanto o tumor não é accessivel e fluctuante, não ha nada a fazer senão collocar o doente nas melhores condições hygienicas possiveis. Quando o kysto é fluctuante, é preciso abril-o, depois de ter provocado previamente adherencias por applicações causticas, taes como a potassa caustica ou a massa de chlorureto de zinco; a evacuação póde ser seguida de injecções de tintura de iodo, que já se tornou util em muitos casos. Deve notar-se que a simples puncção capillar, praticada como meio de exploração, foi muitas vezes seguida de cura; pelo que é empregada por muitos medicos como methodo curativo. Esta puncção tira o liquido, faz morrer os echinococos e cura a molestia.

N'estes ultimos annos os medicos inglezes applicáram a electricidade ao tratamento dos kystos hydaticos; o modo de proceder é o seguinte : Duas agulhas douradas, mergulhadas no tumor a pequena distancia uma da outra, estão postas ambas em relação com o polo negativo da pilha de Daniel de dez elementos; o pelo positivo, terminado por uma esponja humida, applica-se sobre a parede abdominal; depois faz-se passar a corrente electrica durante dez a vinte minutos. Os echinococos morrem pelo effeito da electricidade, e o kysto desapparece pouco a pouco. A julgar pelos factos ainda pouco numerosos nos quaes foi applicado, este methodo ultrapassa todos os outros pela sua efficacia e nenhum perigo.

Hypertrophia do figado. Augmento do tecido do figado, sem alteração da estructura, estado differente da congestão sanguinea, na qual ha só inchação produzida pela superabundancia de sangue nos vasos capillares do orgão. O figado hypertrophiado tem volume e peso mais consideraveis; o orgão, excedendo a margem costal, desce até ao embigo e mesmo até ao nivel da bacia, occupando ao mesmo tempo o epigastro e os dois hypochondrios. O peso augmenta na mesma proporção; assim foram observados figados hypertrophiados que pesavam 7, 14 e 20 kilomgrammas, sendo o peso do figado no estado normal de

1 kilogramma e meio. Em geral, o orgão conserva a sua configuração, comtanto que a hypertrophia tenha invadido todas as suas partes, o que constitue o caso o mais ordinario. Se, pelo contrario, a hypertrophia fôr parcial, o figado experimenta na sua fórma diversas modificações. Em geral, o figado hypertrophiado tem côr e consistencia normaes; outras vezes apresenta côr mais pallida ou mais rubra.

Causas. A inflammação aguda e chronica do figado, a habitação prolongada em logares pantanosos e nos paizes quentes são as causas habituaes da hypertrophia do figado.

Symptomas. O principio d'esta molestia passa ordinariamente inapercebido; só póde ser reconhecida quando se acha bastante adiantada; existem então os symptomas seguintes: digestão difficil, perda das forças, tez amarellada, peso no lado direito do ventre, augmento de volume do figado verificado pela palpação e percussão, e uma melancolia mais ou menos pronunciada. Os individuos affectados de hypertrophia do figado não se queixam quasi nunca de dôr; sentem só um peso no ventre. Descobrindo-lhes o ventre, verifica-se a ampliação da base do peito á direita e do hypochondrio correspondente. A palpação faz reconhecer um tumor duro, tendo quasi sempre superficie lisa, igual; o tumor resiste á percussão, desce mais ou menos abaixo; é circumscripto inferiormente por uma margem trinchante, sinuosa, obliqua da direita á esquerda, e que se reconhece como pertencente ao figado. Os individuos affectados de hypertrophia do figado tem, pela maior parte, digestões difficeis, diarrhea de vez em quando, e apresentam uma diminuição consideravel e progressiva de forças; tornam-se pallidos; não têm febre, salvo no caso de alguma complicação. Apezar do volume que adquire o figado, raras vezes se observa hydropisia do ventre, mesmo quando a molestia persiste por muito tempo.

A hypertropbia do figado é uma molestia cuja duração é sempre mui longa; póde persistir por muitos annos. É susceptivel de terminação feliz; não produz a morte senão quando existem complicações.

Diagnostico. A séde do tumor, a fórma, a circumscripção inferior por uma margem trinchante e sinuosa, são caracteres que não permittem que se desconheça um tumor formado pelo figado. O ponto difficil, porém, não consiste em reconhecer o tumor, mas sim em determinar qual é o genero de alteração. O figado, com effeito, póde augmentar de volume, e simular a hypertrophia quando contém mais sangue do que deve ter, ou quando certos productos morbidos existem no seu tecido. Reconhece-se que o augmento de volume depende da congestão sanguinea, pela rapidez com que sobrevem commummente, e porque basta ás vezes uma applicação de bichas para reconduzir o figado quasi ao seu estado normal. É facil distinguir a hypertrophia do augmento de volume proveniente dos kystos hydaticos ou outros e do scirrho ou cancro. Com effeito, nos tumores hydaticos, independentemente dos signaes caracteristicos (fluctuação, ruido hydatico) ha alteração na fórma do figado, que não existe na hypertrophia simples, Quanto ao scirrho, raras vezes produz desenvolvimento tão grande do figado

como a hypertrophia; além d'isto, a marcha rapida da molestia no scirrho, a natureza dos symptomas que se observam, a frequencia da hydropisia do ventre, os signaes da cachexia cancerosa, e a fórma geralmente desigual do tumor permittem sempre o reconhecer se o volume do figado depende do desenvolvimento das massas cancerosas.

Tratamento. O regimen lacteo, os vegetaes, o peixe, as feculas, as fructas e boa agua, eis a alimentação conveniente na hypertrophia do figado.

Combate-se a molestia com fricções de pomada de iodureto de potassio, purgantes salinos, com o uso interno de bicarbonato de soda. Eis-aqui as receitas:

1.ª Pomada de iodureto de potassio..... 60 grammas.

Duas fricções por dia, sobre o figado; empregando para cada fricção uma porção d'esta pomada em volume igual ao de uma azeitona.

2.ª Sal de Glauber..... 30 grammas.

Para tomar esta dóse n'um copo d'agua fria, de quinze em quinze dias.

3.ª Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 48 papeis. Para tomar um papel, n'uma chicara d'agua fria com assucar, duas vezes por dia.

A hydrotherapia, as emborcações d'agua fria sobre o figado, e o uso das aguas mineraes convem muito aos doentes d'esta molestia. De todas as aguas mineraes, as de Carlsbad, na Bohemia, são as mais efficazes; pretende-se que, em algumas semanas, podem resolver engurgitamentos enormes do figado; esta reputação attrahe cada anno a esta fonte uma multidão de Inglezes affectados de intumescencia consideravel do figado em consequencia de habitação prolongada nas Indias Orientaes. Os processos hydrotherapicos, sobretudo as emborcações frias, são incontestavelmente uteis. Já se viram desapparecer, debaixo de sua influencia, inchações enormes do figado, que datavam de muitos annos, e nas quaes o orgão tinha adquirido uma dureza quasi como a da pedra. As aguas de Vichy são tambem uteis contra a hypertrophia do figado. Deve-se recorrer a ellas se as de Carlsbad não curarem. Em Portugal as aguas de Vidago, que tem quasi a mesma virtude que as de Vichy, podem tambem aproveitar nos mesmos casos,

Inflammação do figado ou **Hepatite.** Póde ser *aguda* ou *chronica.*

Hepatite aguda. A hepatite aguda é a inflammação do figado que percorre rapidamente seus periodos.

Causas. Esta molestia é mui frequente nos paizes intertropicaes, por conseguinte a sua principal causa é a influencia do clima. Vem depois: o abuso das bebidas espirituosas; a suppressão subita de alguma molestia da pelle, do fluxo menstrual ou hemorrhoidal; a vida inactiva e sedentaria, os trabalbos de espirito, paixões violentas, como a colera,

ou pezar profundo. Póde ser tambem determinada por pancadas ou quédas sobre a região do figado, a até por qualquer quéda em que o corpo soffra um abalo forte.

Symptomas. A molestia principia por calefrios seguidos de calor nas entranhas; logo manifesta-se uma dôr do lado direito do ventre n'um dos pontos da região do figado; ás vezes esta dôr propaga-se até ao hombro direito; frequentemente a parte direita e superior do ventre fica um pouco inchada, e não é possivel ao doente deitar-se d'este lado. A dôr torna-se mais sensivel quando se apalpa o figado. Com esta dôr, o unico symptoma quando a molestia é leve, apparece, quando a inflammação é intensa, frequencia do pulso, um calor secco da pelle, em alguns casos ictericia, lingua branca, sêde, fastio, amargor da bocca, nauseas, vomitos, prisão do ventre, e ourinas poucas, muito amarellas e carregadas. Emfim, na inflammação do figado mais intensa manifesta-se, além dos symptomas indicados, oppressão na respiração, dôr agudissima do lado direito do ventre e do peito: sobrevem ás vezes soluços e tosse secca; as ancias são extremas, declara-se o delirio, o rosto offerece um aspecto livido, a sêde é inextinguivel, a lingua fica secca e rachada, o pulso torna-se mui fraco e mui frequente, sobrevem finalmente os symptomas que acompanham terminação funesta da maior parte das inflammações agudas.

A inflammação aguda do figado termina-se ás vezes por suppuração. Póde-se suppôr a formação do *abcesso* no figado pelos phenomenos seguintes: a dôr torna-se latejante, o doente sente um peso no mesmo logar, augmenta a difficuldade de respirar, sobrevem calefrios e suores, as palmas das mãos estão mui quentes, e o somno é agitado. Outras vezes estas postemas formam-se lenta e surdamente, sem que nada possa fazer suspeitar o seu desenvolvimento. Estes symptomas duram alguns dias, depois dos quaes, se a postema existir na superficie convexa do figado, forma-se um tumor duro na circumferencia com fluctuação no centro, e cercado de uma inchação consideravel: póde-se então abrir o tumor e curar a molestia. Quando a postema está situada na parte concava ou inferior do figado, o tumor não é saliente: nem é possivel então abril-o com bisturí, mas rebenta por si mesmo, e o pus corre ás vezes para os intestinos, d'onde é expellido com os excrementos.

Tratamento. Se o doente fôr robusto, o pulso forte e a molestia intensa, convem applicar dez a quinze bichas no logar doloroso, e cubra-se esta parte com uma cataplasma de linhaça.

Se a molestia fôr leve e a febre pouca, bastarão as cataplasmas de linhaça ou de fecula. Se a dôr continuar com a mesma intensidade, repita-se a applicação das bichas duas e mais vezes.

Depois das emissões sanguineas, tome o doente um purgante, tal como 30 grammas de oleo de ricino ou 60 grammas de sal d'Epsom.

Depois do purgante, use do cozimento seguinte:

Infusão de parietaria.....	600	grammas.
Nitro.....	2	—
Assucar.....	30	—

Misture-se e administre-se uma chicara de duas em duas horas.

Para bebida ordinaria dê-se-lhe a limonada de limão ou de laranja, agua panada ou agua fria, conforme o seu gosto. A dieta será rigorosa; nos primeiros dias só se podem permittir caldos de frango ou gallinha. Semicupios d'agua quente são tambem uteis; o doente tomará um ou dois d'estes banhos por dia, e demorar-se-ha n'agua meia hora pelo menos. Todos os dias tomará um ou dois clysteres de cozimento de linhaça.

Se depois de continuar este tratamento tres ou quatro dias a dôr e a febre não diminuirem, tome os pós seguintes:

Calomelanos..... 1 gramma.

Divida em 6 papeis e administre um papel de tres em tres horas, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Oito ou dez dias depois do começo da molestia, se a dôr continuar ainda, applique-se um caustico na região do figado.

Contra a dôr empregue-se a solução de antipyrina de Trouette, que se toma na dóse de uma colher, *de sopa*, de hora em hora até produzir effeito, tendo em vista que a dóse maxima d'este medicamento é de dez colheres por cada vinte e quatro horas.

Tratamento da postema do figado. A inflammação do figado, como já disse, acaba ás vezes por suppuração, e deixei indicados os symptomas que annunciam a formação da postema. Quando a postema se acha situada profundamente, não ha quasi nada a fazer, convem só continuar com as cataplasmas de linhaça, dar poucos alimentos ao doente e esperar. Mas quando a collecção purulenta é superficial, o cirurgião dará sahída ao pus, praticando uma incisão com o bisturí.

Hepatite chronica. — Dá-se este nome á inflammação do figado que, percorrendo lentamente seus periodos, não determina febre violenta.

Causas. — A inflammação chronica do figado succede muitas vezes á inflammação aguda; mas frequentemente principia pela fórma chronica. O uso contínuo de comidas mui fortes, mui salgadas e mui temperadas, o abuso dos licores alcoolicos, as affecções moraes tristes e vivas, as quédas, as pancadas sobre o figado, os ataques de febres intermittentes, a suppressão das hemorrhoidas, são suas causas mais ordinarias.

Symptomas. Uma dôr surda do lado direito da parte superior do ventre, que augmenta pela pressão, pelo andar um pouco forte e depois de jantar, eis o principal symptoma da inflammação chronica do figado. No mesmo tempo a pelle torna-se amarellada, as evacuações alvinas brancas e descoradas, as ourinas muito amarellas e com sedimento abundante. Quando a inflammação existe já desde certo tempo, sente-se, ao apalpar, o figado mais grosso e mais duro que de costume, e o lado direito do ventre está mais elevado do que o esquerdo. Adquirindo o figado um volume consideravel, a molestia toma o nome de *obstrucção, encalhe, enfarte, engurgitamento* ou *hypertrophia do figado. Veja-se* HYPERTROPHIA DO FIGADO.

A *duração* da inflammação chronica do figado é muito incerta ; de ordinario caminha lentamente, e dura muitos annos.

Tratamento. Deve-se principiar o curativo da inflammação chronica do figado pela applicação de oito a doze bichas no logar doloroso do ventre ou no anus. De vez em quando convem tomar um purgante de sal d'Epsom ou de magnesia calcinada. Os causticos na região do figado são uteis.

As pilulas seguintes administram-se com proveito :

Sabão medicinal.....	10	centigrammas.
Nitro.....	5	—
Extracto de zimbro.....	15	—

Faça uma pilula e como esta mais 35. O doente tomará duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite ; e em cima da pilula de manhã beberá uma chicara de infusão de parietaria.

O soro de leite é mui vantajoso n'esta molestia : o doente beberá meio quartilho por dia.

Estes meios podem curar a molestia, sendo empregados com perseverança, e ajudados por alimentação composta principalmente de vegetaes, leite, ovos, peixe, e pouca carne, pelo uso de banhos mornos, e de exercicio moderado.

Se o doente habitar um logar pantanoso, a mudança de clima será mui vantajosa. Se puder viajar e ir usar das aguas de Vichy, em França, o restabelecimento será mais prompto e mais seguro.

As inflammações chronicas do figado, que succedem ás febres intermittentes, curam-se com o uso prolongado do vinho de quinium Labarraque na dóse de 2 calices, duas vezes por dia.

Kystos do figado. Chama-se kysto a um sacco sem abertura, ordinariamente membranoso que se desenvolve accidentalmente em differentes partes do nosso corpo. O seu conteúdo é mui variavel.

Observam-se no figado duas especies de kystos, *kystos hydaticos* e *kystos serosos.* Os kystos serosos, que contém um simples liquido diaphano, encontram-se menos vezes do que os kystos hydaticos que encerram no interior vermes chamados echinococos. De pequeno volume habitualmente, podem attingir ás vezes dimensões consideraveis. Quando não excedem mediocre capacidade, são multiplices. No caso contrario não existe ordinariamente senão um só grande kysto. As suas paredes são constituidas por uma membrana fibrosa, isenta de qualquer communicação quer com os vasos sanguineos, quer com os canaes biliares ; no interior existe serosidade mais ou menos aquea. Os symptomas, salvo o ruido hydatico, são semelhantes aos das hydatidas. (*Veja-se* vol. I, pag. 1125.) O tratamento consiste em fazer puncção com trocate, esvaziar o tumor, e injectar, com seringa, tintura de iodo misturada com agua, para produzir a sua obliteração.

Nevralgia do figado. Dôr nevralgica no figado. *Veja-se* NEVRALGIA.

FIGADO ou Psoriases. Molestia da pelle, caracterizada por chapas salientes, cobertas de escamas duras. *Veja-se* PSORIASE.

FIGO (fig. 468). Fructo da figueira, *ficus carica*, Linneo, arvore da familia das Urticeas, frequente em Portugal, cultivada no Brazil. Ha muitas variedades, as principaes são os *pequenos figos brancos*, os *figos roxos* e os *figos graxos*. Os figos são adoçantes e emollientes por causa do assucar e da mucilagem que contém em abundancia. São tambem mui nutritivos. Comem-se frescos ou passados (seccos). Os figos passados entram na composição dos *quatro fructos peitoraes*. Cozidos em leite, são empregados em gargarejo contra a dôr de garganta.



Fig. 468. — Figo.

FIGO. Excrescencia syphilitiça. *Veja-se* SYPHILIS.

FIGUEIRA DO INFERNO. *Veja-se* ESTRAMONIO.

FILIFORME. Qualificativo applicado ao pulso que bate tão de vagar, que dá sob o dedo a sensação de um fio de linha. *Pulso filiforme*.

FILTRAÇÃO. A filtração é uma operação que tem por fim separar de um liquido uma substancia solida que elle tem em suspensão. Cumpre distinguir as filtrações feitas em grande escala das que se fazem em pequenas porções. N'este ultimo caso empregam-se com preferencia os *filtros de papel sem colla*.

Para fazer este filtro toma-se uma folha quadrada de papel, e dobra-se ao meio sobre a linha *ba*, como indica a figura 469, de maneira que

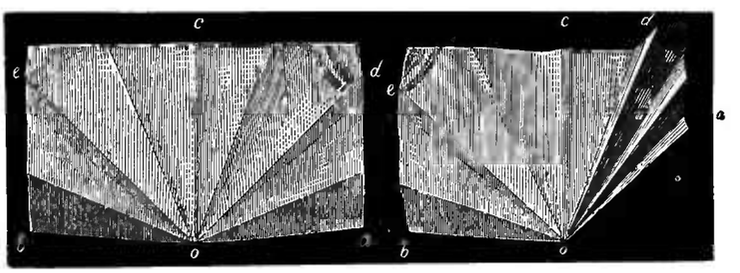


Fig. 469. — Confeição do filtro de papel.

se obtenha um rectangulo *bac*. Applica-se *oa* e *ob* sobre *oc*, dobrando na direcção de *od* e *oe*. Tem-se assim um rectangulo dividido em quatro partes, que se dividem em duas, cada uma por pregas alternativas e inversas; cada uma d'estas póde ser dividida ainda em outras duas, de sorte que se tenham 16 divisões sobre cada face do rectangulo, convergindo todas a *o*. Abre-se então o filtro, e vê-se em dois logares oppostos duas pregas consecutivas do mesmo sentido : forma-se n'ellas uma pequena prega intermedia. Torna-se a dobrar o filtro e corta-se (fig. 470) para lhe dar a fórma redonda. Os angulos das pregas devem ser fortemente comprimidos com a unha, mas convirá que não cheguem até ao

centro *o*, e que fiquem distantes meia pollegada d'este ponto, para que as frequentes dobras do papel não enfraqueçam ali a textura do papel,

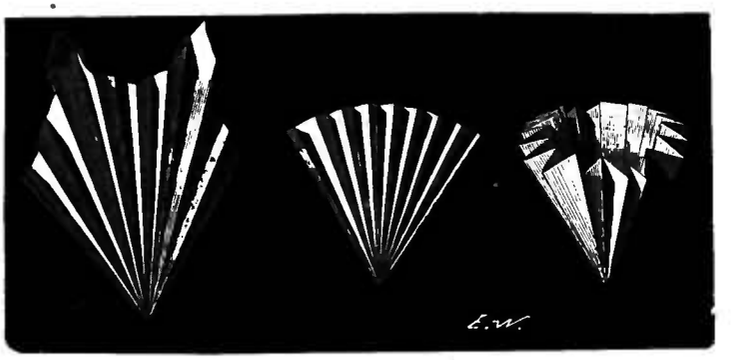


Fig. 470. — Confeição do filtro de papel.

fazendo com que elle se rompa com o peso do liquido introduzido no filtro. Abre-se o filtro, assoprando dentro, e separando as duas meias folhas do papel dobrado, sem esforços para não desmanchar as pregas; e introduz-se no funil, á borda do qual deve chegar quasi exactamente (fig. 471). Quando o filtro se rompe, a ruptura tem logar quasi sempre no apice da pyramide cónica, porque é ali que o liquido exerce maior pressão, e onde não se acha sustentado pelo funil. Para evitar que o filtro de pregas se rompa n'este ponto, põe-se no fundo do funil um pouco de algodão cardado, para n'elle descançar a ponta do filtro.

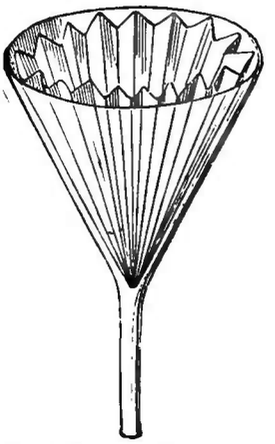


Fig. 471. — Filtro de papel, introduzido n'um funil.

O papel proprio para filtros é feito de proposito para este fim e chama-se *papel de filtrar;* é branco ou pardo e sem colla. Deve ser facilmente permeavel aos liquidos, sem deixar passar atravez dos seus poros nenhuma particula solida. Deve ter consistencia bastante forte para não romper-se com o peso dos liquidos, estando encostado ás paredes de um funil.

Os filtros de papel são de um emprego mui restricto; servem nos laboratorios chimicos, nas pharmacias e na vida domestica. Para filtrações mais consideraveis, empregam-se caixilhos cobertos de panno e saccos de filtrar.

O *caixilho de filtrar* é de páo, de fórma quadrada, montado sobre quatro pés como uma mesa (fig. 472). O panno, que o cobre, está seguro por meio de casas que se enfiam em pequenas caravelhas fixas na margem do caixilho, de maneira que lançando em cima do tecido a substancia que se quer filtrar, a sua superficie forme uma concavidade para receber o liquido. Esta fórma é muito conveniente quando o objecto da operação é ajuntar o precipitado para o lavar. Os liquidos não passam por este filtro com tanta rapidez como pelo sacco, nem o liquido filtrado sahe

tão limpido. O seu uso por conseguinte é particularmente limitado á lavagem dos precipitados volumosos.

O *sacco de filtrar* ou *manga* de Hippocrates (fig. 473), é o filtro que tem mais prestimo. Póde ser feito de flanella, de panno de algodão ou de linho, e dá-se-lhe a fórma cónica com uma bainha larga á roda da abertura, por dentro da qual se enfia um arco de barba de baleia, um junco ou um arame, para ficar sempre estendida e aberta a bocca do sacco. Quando se faz uso d'elle pendura-se



Fig. 472. — Filtro de caixilho quadrangular.

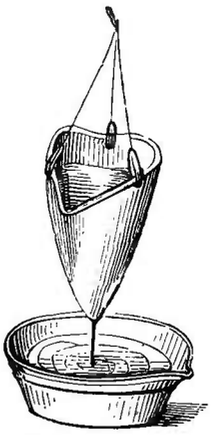


Fig. 473. — Sacco de filtrar.

por meio de cordões em algum gancho ou escapola apropriada e por baixo colloca-se o vaso em que se recebe o liquido filtrado.

As aguas que servem para alimentação são frequentemente turvas; devem então filtrar-se. Esta operação faz-se em casa dos particulares, em caixas apropriadas para este fim, ou então em apparelhos que filtram toda a agua destinada a um grande estabelecimento ou a uma cidade inteira. Empregam-se então como materia filtrante esponjas, pedra calcarea porosa, carvão pulverizado, areia, etc. Em Pariz, a agua do Sena, que se bebe, filtra-se em casa atravez de uma pedra calcarea porosa em apparelhos proprios.

Filtros domesticos. São ordinariamente grandes vasilhas de grés, de fórma alongada; semelhantes a um pote de manteiga. Um grande recipiente de chapa de ferro batido, bem limpo, poderia servir para o mesmo uso, mas o *gres* é preferivel. A 2 centimetros do fundo da vazilha faz-se um buraco que serve para fixar uma torneira de estanho, destinada a trasfegar a agua filtrada. Fixa-se a torneira mediante um betume particular. Colloca-se no interior, um pouco por cima da torneira, uma chapa de pedra, tendo pequenos buracos como um coador; a fórma cónica do vaso a retem no logar que deve occupar.

Sobre a chapa furada, dispõe-se uma camada de 2 a 3 centimetros de area grossa ou de cascalho bem lavado e secco; uma camada de areia meio-fina, de 4 a 5 centimetros de espessura, estende-se sobre a primeira; cobre-se esta segunda camada de carvão de lenha grosseiramente quebrado; tudo forma uma camada filtrante de 6 a 8 centimetros; cobre-se o carvão com areia mui fina; emfim, cobre-se tudo de uma

quinta e ultima camada de cascalho, tendo quasi o tamanho de um ovo. Este cascalho impede que agua, quando se deita na vasilha, desarranje as materias filtrantes. Augmenta-se a solidez do filtro cobrindo tudo com uma chapa furada, de pedra ou de páo. A vasilha deve ser guarnecida com tampa de madeira ou de folha de ferro estanhado. Um filtro assim preparado, contendo cerca de 50 litros, póde servir durante 5 ou 6 mezes a uma familia numerosa. Passado este tempo cumpre lavar as arejas e o carvão e dispôl-os de novo como acima ficou dito. Por este meio, o filtro dá sem interrupção uma agua mui limpida e mui pura.

Póde-se tambem fazer um filtro com um simples barril, bem ajuntado e bem cercado com arcos de ferro; mas cumpre ter o cuidado que esteja sempre cheio d'agua, afim de que a madeira não tenha tempo de adquirir máo gosto, que communicaria ao liquido. Aliás, é mui facil evitar este inconveniente, carbonizando todo o interior do barril. Para fazer as chapas furadas, escolhe-se alguma madeira dura que se faz primeiro ferver n'agua fortemente avinagrada, e limpam-se estas chapas com pedra cada vez que se lava o filtro.

Fazem-se tambem *filtros portateis* de gres, sob fórma de garrafas, destinados principalmente aos caçadores e aos viajantes. Estes filtros mettem-se no meio da agua impura, que se clarifica, passando atravez do gres poroso, e se ajunta limpida no interior.

Filtração dos vinhos, vinagres, licores, xaropes, azeites, etc. Raras vezes se filtram os *vinhos;* clarificam-se só os vinhos tintos com clara de ovo, e os brancos com colla de peixe. (*V.* VINHO.) Ás vezes filtram-se as fezes atravez de um filtro de papel introduzido n'um funil. Os vinhos do Porto e da Madeira, já engarrafados, necessitam ás vezes da filtração atravez de um sacco de lã.

Os *vinagres* são geralmente tratados do mesmo modo que os vinhos.

Os *licores* e *xaropes* submettem-se primeiro aos agentes de clarificação, e depois filtram-se. Os distilladores e os confeiteiros empregam ordinariamente um sacco de feltro, ou um filtro de papel, ou um funil de vidro ou de metal cheio até á metade de algodão cardado, ou de massa de papel branco sem colla. Os mais cuidadosos servem-se de um sacco de flanella que guarnecem interiormente de massa de papel sem colla, pisado com o liquido mesmo, para formar uma mistura mui fluida. Deita-se esta no sacco, e ajunta-se depois uma quantidade sufficiente de liquido para encher o sacco. A massa de papel pega-se fortemente ás paredes do sacco, e concorre para a filtração. Devem-se ter muitos saccos de fazendas de lã mais ou menos tapadas, que se applicam conforme a fluidez ou a viscosidade do licor. — Antes de empregar um novo sacco, mergulha-se em um liquido, semelhante áquelle que se quer filtrar, afim de apertar os poros do tecido. O sacco, embebido de licor, mette-se n'um funil, ou se pendura sómente em algum sustentaculo. Se o liquido filtrado parecer turvo a principio, torna-se a deitar no sacco até que que passe limpido. Sendo o liquido sujeito á evaporação, o funil deve estar coberto. — Depois de acabada a operação lava-se o sacco em muita agua, virando-o para tirar o resto do xarope e as impurezas; de-

pois comprime-se entre os dedos sem torcêl-o. Nunca devem os saccos ser ensaboados nem passados na barrela, com receio de communicar-lhes máo gosto ou alteral-os promptamente.

Os *azeites* são geralmente purificados, clarificados e filtrados nos paizes da producção, e os consumidores são dispensados de lhes fazerem outra operação. Mas, se fôr preciso, podem ser filtrados em casa, por meio, da serradura de madeira, ou de carvão de lenha em pó, ou de pedra pomes pulverizada, que se colloca no fundo do um funil de vidro ou de metal. A massa de papel serve especialmente para filtrar os azeites finos, e particularmente os que são destinados para relojoaria.

FIOS. Dá-se este nome ao panno de linho velho desfiado que se emprega no curativo das feridas. Os fios não devem ser feitos nem de panno mui grosso nem mui fino; o panno muito velho não se deixa facilmente desfiar e não convem; aquelle que é muito novo tem os fios mui duros. É preciso que os pedaços de panno que se empregam tenham ao menos 50 millimetros de comprimento e vinte e cinco de largura, pois os fios mui curtos não servem bem. O panno deve ser lavado de barrela, porque todos podem comprehender o grande inconveniente, que resultaria, de pôr-se panno pouco limpo em contacto com a superficie nua de uma ferida. Os fios de panno de algodão servem tambem no curativo das feridas como os de linho. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 768.

FISSURA NO ANUS. Ulceração comprida e superficial da margem do anus, entre as rugas radiadas da membrana mucosa d'esta parte, com dôr viva e contracção do anus.

Causas. As causas d'esta molestia são muito obscuras. Póde ser occasionada por uma acção mecanica, como acontece nas pessoas que soffrem habitualmente de prisão de ventre, nas que são affectadas de hemorrhoidas, e cujas materias excrementicias endurecidas, irritam e podem excoriar o orificio do recto.

Symptomas. A molestia começa de uma maneira insensivel: a principio a excreção das materias fecaes é acompanhada de calor; algumas horas depois da evacuação, toda a sensação incommoda passa, o doente julga ter hemorrhoidas ou estar *esquentado*. Estes symptomas desapparecem ás vezes no fim de alguns dias, sobretudo se o doente fizer uso de clysteres d'agua tepida, de lavatorios frequentes no anus com agua fria, e usar de um regimen principalmente vegetal. Mas este soccgo e só passageiro; logo o calor e a dôr tornam a apparecer, a excreção das materias torna-se penosa, e o incommodo que ella deixa dura mais tempo. As dejecções são ás vezes misturadas com um pouco de sanguc; as dôres augmentam. O doente recebe algum allivio com clysteres, com medicamentos laxativos, ou mediante um regimen vegetal e lacteo.

Estes meios são sempre insufficientes, e, apezar do seu uso, o mal faz progressos. Ha doentes que, para obterem uma evacuação, são obrigados a tomar um purgante todos os dois dias, e cada dia dois ou tres clysteres. Se se passarem muitos dias sem evacuação, as dôres que ella determina depois são ainda mais crueis; o doente as compara então á dôr que produziria um ferro quente introduzido no recto; fica agitado de uma

especie de contracção convulsiva geral, ou tem desmaios. Depois da evacuação, fica não sómente uma dôr viva, mas sobrevem latejamentos e pulsações analogas ás que se experimentam n'uma parte inflammada. Um exercicio violento, o uso do vinho, dos licores, alimentos mui temperados ou tomados em grande quantidade, exaltam constantemente o mal. Em algumas mulheres as dôres augmentam nas épocas mensaes.

O exame da região anal mostra uma pequena ulceração alongada e semelhante a uma racha; está ella situada entre as rugas do anus, sobre um dos lados; para vêl-a, é preciso apoiar com força sobre a nadega que lhe corresponde, e abrir um pouco o orificio do recto. Ás vezes não é possivel alcançal-a com a vista.

Quando a fissura não é visivel, o tacto póde fazêl-a suspeitar : assim o dedo introduzido no recto poderá sentir uma desigualdade sobre um ponto, ou então determinar uma dôr que faz com que o doente se incline para diante, tanto ella é viva; o dedo experimenta uma forte constricção pelo aperto do anus, o que é um dos caracteres distinctivos da fissura. Assim: 1.' constricção violenta e dolorosa do musculo circular do anus; 2.' dôr ardente no momento da expulsão das materias, e immediatamente depois; 3.' ulcera superficial, estreita e alongada na entrada do intestino. Eis os tres caracteres que fazem a base do diagnostico. Ha n'esta molestia perturbação de todo o systema nervoso, irritação geral dos nervos, uma especie de hypochondria. O doente não falla ás vezes senão dos phenomenos symphaticos, esquece as dôres do anus ou não ousa fazer menção d'ellas por um pudor mal entendido, ou attribue estas dôres ás hemorrhoidas que tem ou que não tem; o medico não estando no caminho da verdade, dirige todos os seus meios contra os effeitos sympathicos, isto é, contra uma molestia que não existe realmente. Depois da publicação das obras recentes, estando despertada sobre este ponto de medicina a attenção dos medicos, os erros são menos frequentes; ha todavia casos que ainda enganam singularmente. Assim, um autor cita uma senhora que indicava como séde das dôres a região das cadeiras; uma outra tinha dôres no rosto, que lhe faziam cerrar os dentes. Muitos medicamentos antispasmodicos foram inutilmente empregados n'estas duas senhoras, e não foi possivel descobrir a séde do mal senão depois de muitos exames. Depois da dilatação do anus, cessáram todos os incommodos.

Tratamento. Cumpre evitar os excessos nas comidas, os quaes exasperam quasi sempre as dôres; cumpre comer mais vegetaes do que carne, usar de semicupios d'agua tepida, e tocar levemente a fissura com pedra infernal; introduzir no recto um suppositorio de Royer, de extractus Achillœ, contra as fissuras do anus (um dos melhores remedios contra esta molestia), preparado por Dupuy, pharmaceutico em Pariz, á rua Saint Martin n° 225. Empregar os clysteres seguintes :

Agua tepida.....	150	grammas.
Alcool.....	2	—
Extracto de ratanhia.....	4	—

Se estes meios não curarem a molestia, recorra-se á dilatação do

musculo sphincter do anus. Depois de provocado o somno anesthesico por meio da inspiração do chloroformio, o cirurgião introduz os dois dedos pollegares no anus, e, estando as mãos applicadas sobre as nadegas, póde desenvolver uma força sufficiente para rasgar o musculo com os dedos pollegares até tocar as duas tuberosidades ischiaticas. Feito isto, a pequena rasgadura sára em pouco tempo; então a dôr, a contracção espasmodica do anus e a prisão do ventre céssam como por encanto.

FISTICO. *Veja-se* PISTACHA.

FISTULA. Chama-se fistula uma solução de continuidade, ordinariamente estreita, tendo trajecto mais ou menos prolongado, entretida por alteração local, e que dá sahida ou a pus ou a liquidos naturaes, taes como saliva, bilis, ourina, etc.

As *causas* que podem determinar a formação de uma fistula são numerosas. Em primeiro logar, a perforação de um canal ou de um reservatorio natural. Se um d'estes canaes, por exemplo, o que dá passagem á ourina, estiver ferido, a solução de continuidade deixará sahir o liquido que o percorre; e este, interpondo-se entre as margens da ferida, impedirá a sua reunião. Ás vezes as fistulas não se formam por ferimento de um canal excretor; um obstaculo ao corrimento do fluido excretado é a sua primeira causa. Para melhor explicar a minha ideia, tomemos, por exemplo, o canal excretor das lagrimas: se vier a estreitar-se, ou se, por uma causa qualquer, a abertura fôr obliterada, as lagrimas não poderão correr para o nariz. Entretanto, continuarão a formar-se; accumular-se-hão atraz do obstaculo, e o seu contacto acabará por determinar uma inflammação, depois uma suppuração; o pus sahirá com as lagrimas, e então forma-se fistula. Outra causa muito commum de fistula é a presença, no meio de nossos tecidos, de corpos estranhos que n'elles tenham penetrado, ou a existencia de uma alteração de qualquer parte mais ou menos profunda. Se uma bala ou qualquer outro corpo estranho ficar dentro das carnes, dará logar ás vezes á suppuração, a qual persistirá emquanto o corpo estranho não fôr extrahido; ou se um osso estiver doente, cariar-se-ha, e formar-se-ha, pus e fistula. Emfim, uma ultima causa de fistula é a disposição natural de certas partes. Se uma postema se formar na região do anus, e destruir o tecido cellular que se acha n'este logar em abundancia, as paredes do foco ficarão separadas uma da outra, sem poderem pôr-se em contacto, a cicatriz não poderá formar-se, e d'ahi resultará uma fistula.

A indicação principal no *tratamento* das fistulas consiste em destruir as causas que as produziram; os meios de se obter este resultado são mui variados, conforme a especie das fistulas, sua séde, extensão, etc.

Fistula no anus. As fistulas no anus resultam de postemas que se formam n'esta região do corpo, e que dependem de muitas circumstancias. Umas vezes a causa da postema é uma contusão, outras vezes a inflammação de tumores hemorrhoidaes; emfim, póde declarar-se sem causa bem evidente. A postema abre-se, e a *fistula* fica formada (fig. 474).

Reconhece-se uma fistula no anus pelos signaes seguintes: é uma

abertura perto do anus, pela qual sahe continuamente uma materia mucosa, simples ou misturada ás vezes com materias fecaes que lhe communicam a côr e cheiro ; ás vezes o orificio fistuloso deixa sahir ventosidades, e o doente sente este logar constantemente humido. Emfim, o cirurgião, penetrando com um estylete no canal fistuloso, e introduzindo um dedo no anus do doente, póde sentir a extremidade do estylete, saber a altura a que chega, e convencer-se da existencia da fistula.



Fig. 474. — Fistulas no anus (*).

A cura das fistulas no anus, sendo possivel no maior numero dos casos, é impossivel em alguns outros; e em certas pessoas nem deve até ser tentada. As fistulas são incuraveis quando se abrem no exterior por grande numero de orificios depois de atravessarem uma porção de carnes duras, quando o doente é magro, e quando o orificio superior se abre muito acima no interior do intestino recto. Nas pessoas predispostas á tisica, a cura da fistula no anus não deve ser tentada ; pois n'este caso constitue uma especie de fonte salutar estabelecida pela natureza. Fóra d'estes casos, a cura é possivel, e deve fazer-se tudo para obtêl-a.

Tratamento. De todos os meios propostos para curar as fistulas no anus o mais certo é a operação por incisão. Cortam-se com bisturí todas as carnes comprehendidas entre o trajecto fistuloso e a cavidade do recto. Resulta d'isso uma ferida simples, que se cura todos os dias introduzindo uma mecha de fios até ao fundo da ferida. Todos o dias vão os fios penetrando menos profundamente até ficar a ferida de todo superficial; então cicatriza-se facilmente. Estes curativos duram ao menos quarenta dias.

Porém, antes de recorrer, á operação, podem ensaiar-se os meios seguintes.

1.° *Tratamento Royer*. Fazer um tratamento seguido com a pomada e suppositorios Royer de extracto Achillæ que actua energicamente sobre o systema sanguineo, e, que impellindo as veias sub-mucosas a tomarem seu calibre primitivo. resolve em pouco tempo o tumor hemorrhoidal. Por sua acção, ao mesmo tempo calmante e adstringente, as dôres cessam, os tecidos alterados tornam a adquirir o vigor normal, e desapparecem as perdas de sangue e de humor.

O doente deve se abster de licores fortes, de comidas apimentadas e de legumes seccos.

Não tomar muitos clysteres quentes, e abolir completamente o uso de

(*) A, anus; R, recto ; F, fistula completa; F', fistula cega interna; F'', fistula cega externa.

purgantes violentos, como sejam o aloes, as coloquintidas, a gomma gutta, etc.

É necessario que o doente evacue todos os dias sem esforço e á mesma hora, isto é, que não tenha nem diarrhea, nem prisão de ventre. Se as evacuações são irregulares e difficeis, o docnte dcve tomar todos os dias, ao jantar uma ou duas *obreias laxativas* de Royer, até obter regularmentc uma evacuação por dia; diminuc então a dóse e cessa de tomal-as quando tiver obtido o resultado desejado.

A diarrhea habitual provindo quasi sempre por defeito de digestão intestinal, será combatida por meio do *pó toni digestivo de Royer* que se toma na dóse de uma colher de chá, antes de cada refeição.

Depois das evacuações, o doente tomará um clyster feito com um copo d'agua fria na qual se deita quatro colheres de *agua hemostatica* de Royer, e, em seguida, introduzirá no anus, duas vezes por dia, dc manhã e á noite um suppositorio de *pomada Royer*.

O clyster hemostatico escorrendo depois pelo trajecto fistuloso e percorrendo todas as sinuosidades, sanea csse canal substituindo um liquido irritante por um liquido antiseptico. O suppositorio derretendo-se lentamente e escorrendo pela mesma via, completa, com a sua acção astrictiva especial, o effeito da agua hemostatica.

Este tratamento applica-se ás fistulas completas, contribue muito a assegurar o resultado da operação e podc em muitos casos substituil-a.

Os productos Royer sc vendem na pharmacia Royer, Dupuy, successor, á rua Saint-Martin nº 225, em Pariz.

2.° Lavatorios com infusão de folhas de nogueira. Esta infusão prepara-se com 50 grammas de folhas de nogueira e 1 litro d'agua fervendo;

3.° Injecção no trajecto fistuloso com tintura de iodo puro;

4.° Injecção com a seguinte solução de azotato de prata;

Azotato de prata crystallizado.....	25 centigrammas.
Agua distillada.....	125 grammas.

Nos casos em que a fistula fôr julgada incuravcl, ou quando não deve ser curada, convem que o doente sc limite aos cuidados de asseio, ao uso de clysteres de linhaça, e a um regimen mais vegetal do que animal, proprio a evitar a prisão do ventre.

Fistula dentaria. *Veja-se* DENTE, vol. 1, pagina. 801.

Fistula do estomago. Comprehende-se debaixo d'este nome todo o trajecto accidental aberto, de uma parte, no estomago, da outra, sobre um ponto qualquer da pelle do ventre ou do peito.

Causas As fistulas do estomago são as mais das vezes a consequencia de contusões e feridas que offendêram o estomago. Ha que se estabelecem espontaneamente; outras succedem a um cancro do estomago que se abrio no exterior.

Symptomas Estas fistulas são caracterizadas pela existencia de uma solução de continuidade sobre um dos pontos da parede abdominal habi-

tualmente em relação com o estomago: esta abertura deixa passar os alimentos e as bebidas ingeridas pelo doente. A rapidez com que as substancias e os liquidos engulidos sahem por esta abertura, e a pouca alteração que tem experimentado, não permittem o confundir uma fistula do estomago com um anus anormal.

A marcha d'estas fistulas é variavel; quando são consecutivas á affecção cancerosa do estomago, o caso é grave; quando sobrevem depois de ferida, ou se estabelecem espontaneamente, a lesão é compativel com a vida, todas as vezes que os doentes podem supportar um obturador que se opponha á sahida dos alimentos pela fistula, durante o periodo da digestão estomachal. Não podendo o obturador ser tolerado, a morte sobrevem por inanição.

Tratamento. É palliativo ou curativo. No primeiro caso o doente limita-se a prevenir a excoriação da pelle com os cuidados de asseio, lavatorios frequentes e emprego de um obturador que impede a sahida dos alimentos.

A *compressão* tem sido ás vezes sufficiente para obter cura radical; se não bastar este meio, cumpre *avivar* os labios da ferida, e reunil-os pela sutura. No caso em que exista perda de substancia extensa, tape-se com a pelle cortada na região vizinha.

Fistula lactea. *Veja-se* FISTULA DO SEIO.

Fistula lagrimal. Chama-se assim a abertura do sacco lagrimal, pela qual sahem e se derramam sobre o rosto as lagrimas ou pus.

Na face interna de cada palpebra, perto da margem, e em distancia de algumas linhas do angulo interno, vê-se um botãosinho saliente em cujo apice se acha um ponto negro chamado *ponto lagrimal:* este ponto é o orificio de um conducto (*conducto lagrimal*) que vai a um pequeno reservatorio chamado *sacco lagrimal.* Este sacco é o principio de um *canal* chamado *nasal*, que tem 20 a 22 millimetros de comprimento e que se abre dentro do nariz. Todo este apparelho serve para conduzir, para dentro do nariz, o excesso das lagrimas que os olhos vertem continuamente, e que são produzidas pela glandula situada debaixo da abobada da orbita do olho.

Estando o canal nasal tapado por uma das causas que vão abaixo indicadas, resulta d'isto uma accumulação de lagrimas no sacco lagrimal e um refluxo d'ellas pelos conductos e pontos lagrimaes: a pessoa não cessa então de lagrimejar; chegando depois o sacco a inflammar-se e a abrir-se no exterior, derramam-se as lagrimas pelo rosto, e fica a *fistula* formada.

As *causas* da fistula lagrimal são: a inflammação do nariz ou do canal nasal; o vicio escrophuloso; o desenvolvimento de um polypo no nariz; emfim pancadas ou ferimentos do nariz. Todas estas causas produzem estreitamento ou obliteração do canal nasal.

Symptomas da fistula lagrimal. A molestia começa por inchação no angulo interno do olho. Esta inchação ao principio é sem dôr e não offerece mudança de côr na pelle; mas depois fica dolorosa, vermelha, e

abre-se, deixando sahir certa quantidade de lagrimas misturadas com pus. Passado algum tempo esta abertura deixa escorrer continuamente ora lagrimas puras, ora misturadas com materia.

Em alguns doentes, depois da abertura espontanea do tumor lagrimal céssam os accidentes inflammatorios, e a molestia constitue simplesmente uma deformidade mais ou menos incommoda; mas em outros muitos a inflammação e a dôr persistem: ás vezes sobrevem desordens mais graves, taes como formação de muitas aberturas, endurecimento das paredes do sacco, desenvolvimento de carnes esponjosas, etc.

O *tratamento* será, em primeiro logar, dirigido contra a causa conhecida ou presumida da molestia. Assim quando inflammações repetidas produzíram a obliteração do canal nasal, convem applicar sobre o nariz cataplasma de linhaça, e banhar esta parte com cozimento de flores de malvas. É necessario depois recorrer aos seringatorios com dissolução de pedra infernal, ou á cauterização com lápis da mesma pedra. Se a fistula lagrimal depender da existencia de um polypo nasal, é preciso extirpar este tumor. Os individuos escrophulosos devem usar de banhos do mar, de preparações de ferro, de cozimentos de genciana e de lupulo. Quando todos estes meios não produzirem o effeito desejado, convem formar um novo conducto para as lagrimas, introduzindo no canal nasal uma pequena *canula* de prata.

Fistula da larynge e da trachea. As feridas que dividem o tubo aerifero em grande extensão, as que são contusas ou com perda de substancia, podem ser seguidas de fistulas, porque nem sempre a reunião se opera completamente. A mesma enfermidade póde ser a consequencia de uma carie ou de uma necrose das cartilagens da larynge.

Quando existem estas fistulas, a voz é mais ou menos extincta ou difficil; ás vezes a aphonia é completa, o que depende da séde e da extensão da fistula.

Tratamento. Curam-se estas fistulas cauterizando-as com pedra infernal e comprimindo depois.

Se este meio não fôr sufficiente, reuna-se a fistula por sutura, depois da incisão longitudinal ou transversal. Mantem-se a cabeça em flexão, e cura-se com pannos molhados em agua fria.

Se a sutura mallograr, corte-se sobre o pescoço um pedaço alongado de pelle com um pediculo de 9 millimetros; enrole-se este pedaço sobre a sua face cutanea, introduza-se assim na fistula previamente avivada, e atravesse-se tudo com dois alfinetes sobre os quaes se fará a sutura enrodilhada.

Fistulas salivares. As fistulas das glandulas salivares deixam escorrer de maneira quasi contínua um liquido claro mais ou menos pegajoso, quando a fistula existe sobre a glandula, e deixam sahir a saliva de maneira intermittente no momento da comida, quando os conductos excretores são unicamente offendidos. Em geral, para reconhecer uma fistula salivar, faz-se comer o doente : a sahida da saliva pela fistula torna-se um signal não equivoco da molestia.

APPARELHO SECRETOR DA SALIVA. O apparelho secretor da saliva compõe-se de seis glandulas, tres de cada lado, e de seus conductos excretores. Estas glandulas são as parotidas, as sub-maxillares e as sublinguaes; os seus conductos são o canal de Stenon, o canal de Warthon, e outros sem nome proprio.

A *glandula parotida* está situada abaixo e adiante do canal da orelha, enchendo o espaço comprehendido entre a borda posterior do ramo da queixada inferior, o conducto auditivo externo e o apophyse mastoide. É a maior das glandulas salivares. É composta de um tecido granular, dando nascimento a grande numero de ramos que se reunem em um só conducto. Este, chamado *canal de Stenon*, adianta-se na espessura da face, e penetra na bocca ao nivel do segundo dente molar superior, a seis millimetros do ponto da juncção da face com a gengiva.

A *glandula submaxillar* é situada, como o indica o seu nome debaixo do queixo, sobre a face interna do corpo do osso maxillar inferior. Dos seus lobulos partem pequenos canaes que formam o *canal de Warthon*, que é o conducto excretor da glandula e vem abrir-se sobre o lado do freio da lingua por um orificio estreito.

A *glandula sublingual* parece não ser mais que um appendice da submaxillar. É menos volumosa e situada na espessura da parede inferior da bocca, por baixo da lingua, sendo separada da sua parceira pelo musculo hyoideo. Tem diversos conductos que se abrem, uns sobre a parte lateral do freio da lingua, os outros no canal de Warthon.

As fistula salivares observam-se quasi exclusivamente na glandula parotida e no seu conducto (canal de Stenon).

A. FISTULAS DA GLANDULA PAROTIDA. São determinadas pelas feridas da glandula; ás vezes são consecutivas á abertura do abcesso, á eliminação das concreções calculosas desenvolvidas nas granulações da parotida. Encontram-se em todos os pontos da região parotidiana, perto da orelha; são caracterizadas pelo corrimento de saliva que augmenta durante as comidas e quando o doente falla. O orificio que dá passagem ao liquido é muitas vezes extremamente pequeno; geralmente occupa o centro de uma pequena fungosidade, e se não fosse o corrimento da saliva, seria quasi impossivel vêr ali um orificio fistuloso. Estas fistulas são só incommodas, porque não fornecem bastante saliva para causar damno á digestão.

As fistulas da parotida desapparecem ás vezes espontaneamente, porém as mais das vezes é preciso recorrer aos soccorros da arte. Os methodos empregados para curar esta molestia são :

1.° A *cauterização* com ferro em braza ou com as substancias causticas. Este methodo conta numerosas curas : deve ser preferido.

2.° A *compressão* applicada directamente sobre o orificio fistuloso, afim de obliterar a fistula, e determinar a atrophia da porção da glandula que segrega a saliva e que sahe pela ferida. Este meio é doloroso, longo e de applicação difficil.

3.° As injecções *irritantes* (tintura de iodo, solução de azotato de prata). Máo methodo, que, a fallar a verdade, conta curas, mas que expõe á inflammação da glandula.

4.° A *excisão* dos dois labios da ferida, e a reunião immediata das margens da solução de continuidade.

B. Fistulas do canal de Stenon. São mais frequentes do que as da glandula parotidida, e mais difficeis de curar. As mais das vezes estas fistulas tem logar em consequencia de uma ferida no rosto por instrumento de gume. Em outros casos forma-se sobre o rosto um tumor inflammatorio que se abre e fecha muitas vezes; deita primeiro pus, depois verifica-se que sahe d'elle saliva. Vio-se este tumor coincidir com a carie de um grosso dente, que naturalmente foi considerado como causa da fistulas. Mas acontece que os dentes estão em bom estado; não ha pancada nem ferida no rosto, e entretanto forma-se uma postema cuja abertura persiste e deixa passar a saliva. Póde então suppôr-se inflammação do canal de Stenon, inflammação espontanea, isto é devida a causa que não se conhece. É talvez um corpo estranho de pequeno volume.

O professor Dubois, vio em Pariz um tumor inflammatorio da face abrir-se tres vezes, na terceira vez sahio saliva do fundo da pequena ulcera. Um estylete introduzido no canal de Stenon penetrou facilmente até ao orificio fistuloso, onde encontrou resistencia, era elle devida a uma pequena espinha de peixe. O professor extrahio-a, e a fistula foi promptamente curada.

Como as fistulas salivares da glandula parotida, as do canal de Stenon conhecem-se facilmente pela perda constante da saliva, liquido cujos caracteres são faceis de apreciar. A perda mui abundante da saliva, póde estorvar a digestão.

Tratamento. Os processos propostos para curar as fistulas do canal de Stenon são numerosos, em primeiro logar porque é uma affecção difficil de curar, e porque varía muito, o que é devido á posição dos orificios, ao ponto do canal que foi offendido, á extensão da lesão, e mesmo á natureza da causa que produzio esta ultima. Eis-qui estes processos :

1.° *Sutura enrodilhada.* Este processo convem nas feridas recentes do canal de Stenon.

2.° *Cauterização* com pedra infernal, afim de fechar o orificio fistuloso, e obrigar a saliva a passar pelas vias naturaes.

3.° *Compressão* sobre a fistula, afim de suspender a sahida da saliva até á cicatrização da fistula.

4.° *Occlusão da ferida exterior,* por meio de uma folha de ouro que se segura por meio de pez.

Estes modos suppõem o canal de Stenon permeavel; sendo obstruido recorra-se ao quinto modo seguinte :

5.° *Abertura de uma via nova na cavidade buccal.* Este methodo conta muitos processos, que tem dado bons resultados.

Se a abertura fôr pequena, algumas cauterizações com pedra infernal serão sufficientes para estreitar a abertura e produzir a cura; mas se houver perda de substancia de uma porção do canal, será preciso mudar a fistula externa em fistula interna. Para este fim perfora-se o rosto

ao nivel da fistula; faz-se depois uma segunda puncção da membrana mucosa buccal com um trocate introduzido no canal do Stenon do lado da glandula. Introduz-se então um fio de chumbo n'estas duas aberturas, de modo que os dois extremos fiquem livres na bocca; aviva-se depois a ferida exterior e reune-se. Ligam-se os dois extremos do fio de chumbo na bocca, e deixam-se até cahirem cortando a ponta da membrana mucosa, o que produz uma larga abertura artificial para o corrimento da saliva.

Fistulas do seio. 1.° *Fistulas lacteas.* Em consequencia de abcessos do seio determinados por engurgitamentos lacteos, encontram-se ás vezes na vizinhança do bico do peito, mais raramente no bico do peito mesmo, pequenos buraquinhos fistulosos que dão passagem a um liquido lactescente, sero-purulento ou seroso. Estas fistulas resultam da ruptura de um conducto do leite, ou da abertura de um abcesso.

Obtem-se quasi sempre a cura, cessando a amammentação e comprimindo o peito com tiras de emplasto adhesivo dispostas em fórma de couraça á roda do seio, do lado affectado sómente. Mas se a mulher desejar dar de mammar, é preciso ajudar a compressão com a cauterização da abertura fistulosa com pedra infernal, ou fazendo injecções no trajecto fistuloso com o liquido seguinte :

Agua distillada.....	30 grammas.
Azotato de prata crystallizado.....	5 centigrammas.

Dissolva. As injecções devem fazer-se com seringa de vidro.

2.° *Fistulas purulentas.* Succedem aos abcessos profundos do seio. Declaram-se sobretudo quando a abertura do abcesso não se faz no ponto mais declive; então estes abcessos evacuam-se lentamente, e por um trajecto cujas paredes se tornam espessas. Basta ás vezes praticar uma contra-abertura, para tornar o corrimento dos humores mais facil; deve-se fazer sobretudo quando a primeira incisão não foi feita sobre um ponto assaz declive. A compressão com tiras de emplasto adhesivo é util, assim como as injecções com dissolução de azotato de prata, que deixei indicadas, ou com o liquido seguinte :

Agua.....	30 grammas.
Tintura de iodo.....	8 —
Iodureto de potassio.....	25 centigrammas.

Fistulas urinarias. Dá-se este nome a todo o orificio anormal pelo qual sahe uma parte ou a totalidade das ourinas. Distinguem-se as fistulas urinarias em *vesicaes* ou em *urethraes.* As fistulas vesicaes tem o orificio ou no recto, ou em um ponto qualquer das paredes do ventre. As fistulas urethraes tem a séde ao longo do trajecto da urethra.

As fistulas da urethra podem abrir-se no recto, no perineo, no escroto, ou na face inferior do membro viril. As causas mais frequentes são as feridas por um instrumento cortante, estreitamentos do canal da urethra, caminhos falsos que se fazem no canal da urethra com uma sonda, as postemas que se desenvolvem n'essa região. O tratamento consiste em

impedir o liquido urinario de passar pela fistula, e obrigal-o a sahir pela via natural. Se a molestia depender do estreitamento do canal, é preciso em primeiro logar cural-o por meio da dilatação com bugias. Logo que esta dilatação fôr sufficiente, introduz-se uma sonda no canal da urethra e deixa-se por alguns dias, e ao mesmo tempo trata-se de cicatrizar a abertura fistulosa.

Fistula vesico-vaginal. Em consequencia do parto laborioso em que a cabeça da criança fica muito tempo na passagem, acontece ás vezes formar-se nas mulheres uma escara gangrenosa, e esta cahindo deixa uma abertura pela qual correm as ourinas da bexiga para a vagina : eis d'onde vem o preceito de se terminar com *forceps* semelhantes partos; outras vezes este accidente é produzido por uma ferida, uma postema, uma ulceração syphilitica, etc.

Ha poucos incommodos mais desagradaveis do que o que resulta da passagem contínua das ourinas pela vagina : apezar de todos os cuidados de asseio, a pessoa exhala um cheiro de ourina bastante forte, e o contacto repetido d'este liquido irritante produz a excoriação e a inflammação da parte superior das côxas.

Cumpre não ter pressa para operar as fistulas vesico-vaginaes : de uma parte, porque as que são pouco extensas podem sarar espontaneamente ou graças a algumas cauterizações leves, uma sonda estando mantida continuamente na bexiga; e de outra parte, porque as grandes fistulas diminuem com o tempo, então as facilidades da operação e a possibilidade de bom exito são maiores.

« Não é raro, diz o professor Nelaton, observar a cura espontanea d'estas fistulas. É um facto sobre o qual os autores não tem insistido bastante. Eu vi mulheres affectadas de fistulas vesico-vaginaes, depois de perderem por algum tempo a ourina, acabarem por conserval-a e por ficarem boas completamente sem nenhuma intervenção da arte. Lembro-me, entre outras, uma doente no hospital de S. Luiz, que tinha uma fistula bastante larga para receber um dedo. Temporizei, e vi logo, com grande satisfacção, que a fistula se fechou por si mesma. Mais tarde vi outra mulher que tinha uma fistula mais larga ainda. A perda de substancia tinha 1 centimetro a centimetro e meio de diametro; occupava a parede vesico-vaginal. Esta doente foi confiada aos cuidados do Dr. René Marjolin. O Dr. Marjolin pae, consultado, considerou esta mulher como incuravel; o Dr. Michon foi do mesmo parecer; porém a natureza operou a cura de que nós todos tinhamos desesperado. O Dr. Danyau referio um caso semelhante. Sómente pela temporização, vio uma fistula fechar-se. Fui eu testemunha de outro facto do mesmo genero. »

Tratamento. As operações empregadas para curar as fistulas vesico-vaginaes são numerosas; eil-as :

1.° *Sonda inamovivel na bexiga, e tampão na vagina.*

2.° *Cauterização.* Tocam-se as duas margens da fistula com pedra infernal, ferro em braza ou cauterio electrico. Este methodo tem dado algumas curas. Apresenta o inconveniente de destruir certa extensão de

tecido á roda do orificio fistuloso, e de deixar, por conseguinte, uma abertura mais larga.

3.' *Sutura.*

4.' *Autoplastia.* Depois de avivadas as margens da fistula com instrumento de gume, corta-se um pedaço de pelle sobre a região vizinha, vira-se, e introduz-se na abertura fistulosa. Fixa-se uma sonda inamovivel na urethra.

Se a expectação durante dois, tres ou quatro mezes, ou uma das operações que deixei indicadas, não produzir a cura, a doente limitar-se-ha unicamente aos cuidados de asseio, e está condemnada a trazer continuamente um ourinol representado no artigo INCONTINENCIA DE OURINA.

FITERO. Hespanha. Aguas salinas quentes; 40° e 47°. Rheumatismo, gota, paralysias e molestias cutaneas. Dois estabelecimentos com apparelhos de duches.

FLATO. Dá-se vulgarmente este nome a um ataque leve de hysterismo. *Veja-se* ATAQUE DE NERVOS e HYSTERISMO.

FLATULENCIA, FLATUOSIDADE ou VENTOSIDADE. No estado normal, o estomago e o intestino contem certa quantidade de gazes que procedem de differentes fontes. Uns penetram pela deglutição voluntaria, como em certas pessoas que engolem ar, ou involuntaria com os alimentos e as bebidas; os outros formam-se sob a influencia do trabalho da digestão e desenvolvem-se das materias alimentarias. Emfim, alguns ha que são directamente segregados pela membrana mucosa dos intestinos; estes são frequentemente symptomaticos de uma irritação nervosa d'esta membrana. Seja qual fôr a sua origem, estes gazes são lançados pela bocca ou pelo anus, ou então são retidos no tubo digestivo. A emissão de gazes pela bocca ou pelo anus não constitue molestia quando não é frequente; mas quando se repete amiudadas vezes, constitue um incommodo insupportavel.

Tratamento. Para combater este incommodo convem evitar os alimentos que são capazes de desenvolver gazes; taes são : substancias farinaceas, feijões, ervilhas, batatas, couves, nabos, espinafres, toda a especie de salada, pasteis de todos os generos, massas não levedadas, não fermentadas, môlhos em que entra qualquer gordura, e todas as outras preparações culinarias que pesam no estomago. A escolha das bebidas é de grande importancia. A boa agua, que reune todas as qualidades hygienicas, é o melhor agente da digestão. Entretanto, para as pessoas cujo estomago exige um estimulo mais activo, um vinho tonico, não acerbo, nem acido, pouco espirituoso, deve ser preferivel. Evitem-se os vinhos brancos, os que não tem sido bem fermentados, e a cerveja. Ha pessoas cujo estomago se dá bem, depois de jantar, com uma chicara de café. As bebidas frias ou nevadas, a applicação da agua mui fria sobre o ventre, clysteres d'agua fria, taes são os meios que se empregam contra as flatulencias. O chá de macella, de herva doce, de hortelã, os pós de magnesia na dóse de 50 centigrammas duas vezes por dia, convem em todos os casos. Recommendam-se tambem

fricções sobre o ventre com um panno quente ou com aguardente camphorada.

Administram-se tambem, para diminuir a flatulencia estomachal, os pós inertes, absorventes, que são muito inoffensivos e podem ser tomados em grande quantidade. Recommendamos particularmente a formula seguinte :

Sub nitrato de bismutho..	6 gram.	Bicarbonato de soda.....	6 gram.
Magnesia calcinada.....	8 —	Greda em pó fino.....	10 —

Faça 30 papeis. Para tomar 1 papel depois de cada refeição.

Quando o doente tem arrotos acidos, durante a digestão deverá fazer uso dos seguintes medicamentos :

Pó de carvão de Belloc.....	30 grammas.
Salicylato de bismutho.....	5 —
Pó de quassia amara.....	4 —

Para tomar uma colher de chá d'esta mistura depois de cada refeição. Pode-se augmentar a dóse de mais uma colher, sem que haja n'isso o menor inconveniente.

Contra a flatulencia muito aproveitam as seguintes medicamentos:

1.° As preparações de Papaina de Trouette-Perret (*Veja-se* PAPAINA).

2.° O elixir de pepsina e glycerina, de Catillon.

3.° O Carvão de Belloc.

4.° As hostias de Naphtol e salicylato de bismutho de Trouette.

5.° Os pós e pastilhas de Paterson, de sub azotato de bismutho e magnesia.

6.° O pó toni-digestivo de Royer que se toma em hostia Limousin.

7.° O sub nitrato de bismutho granulado de Mentel.

8.° A magnesia granulada de Mentel.

9.° O pó laxativo de Vichy, do Dr. Souligoux.

A massagem, do estomago, a hydrotherapia, as affusões frias, as duches applicadas com moderação, ajudam muito o effeito dos medicamentos, e devem ser applicadas simultaneamente. O doente deve ter um regimen sobrio e severo para restabelecer a integridade das funcções do estomago. Quasi sempre a flatulencia é um signal de dilatação do estomago; a quantidade das bebidas ingeridas deve ser diminuida cada dia até ficar reduzida ao minimo.

FLOR (*Botanica*) (fig. 475). Chama-se flor, em botanica, um apparelho que contém os orgãos reproductores e os protege, e no qual se effectua a fecundação e se desenvolvem as sementes que devem perpetuar a planta. Uma flor completa compõe-se de quatro camadas concentricas ou *verticillos*, que do exterior ao interior são : o *calice*, a *corolla*, os *estames* e os *pistillos*.

O *calice* é o involtorio o mais externo da flor; é ordinariamente a continuação da casca do pedunculo, e conserva frequentemente o aspecto herbaceo e esverdeado.

A *corolla*, segundo envoltorio da flor, constitue ordinariamente a sua

parte mais notavel, pelo seu desenvolvimento e brilho das suas côres. Acha-se por dentro do calice, e compõe-se de foliolos delicados, corados diversamente, e que se chamam *petalas*. Vulgarmente dá-se o nome de flor á corolla.

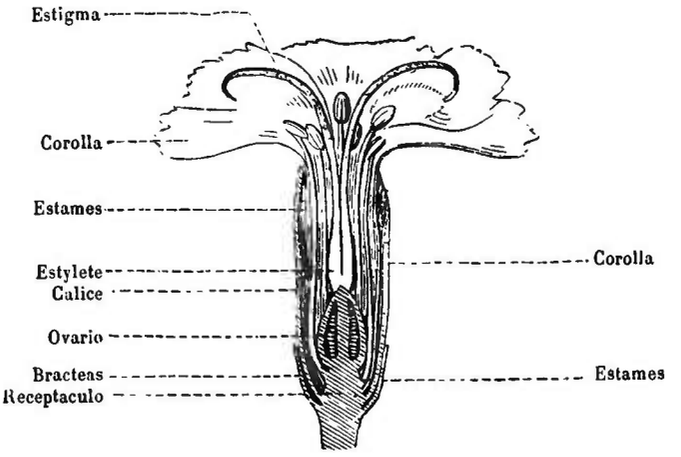


Fig. 475. — Córte vertical da flor de craveiro.

Os *estames* são filetes que se levantam do centro da flor; são os orgãos sexuaes machos das plantas, cujos verticcs, *antheras*, encerram o pollen que é substancia fecundante.

O *pistillo* ou os *pistillos*, no centro da flor, orgão ora unico, ora multiplice, é o orgão feminino da fructificação. Geralmente distinguem-se n'elle tres partes : o *ovario*, inchação globosa ou alongada, que se vê na base do pistillo encerrando os *ovulos*, isto é, pequenos corpos que. depois de experimentarem a influencia do pollen, se desenvolvem para constituir o *grão* ou *semente*, ao mesmo tempo que o ovario inteiro, tornar-se-ha *fructo*. Por cima do ovario acha-se um ou mais prolongamentos chamados *estyletes*, que termina o *estigma*, orgão poroso frequentemente coberto de materia gommosa. Ás vezes o estylete é tão curto que o estigma descança quasi directamente sobre o ovario; chamam-lhe então *estigma sessil*.

Estes quatro verticillos da flor são sustentados por uma porção alargada do pedunculo que forma o fundo da flor, e que se chama *receptaculo*. Frequentemente sobre este receptaculo observam-se pequenas inchações glandulosas, ás vezes pequenas laminas semeadas de pontos secretorios. Estes orgãos são os *nectarios* ou *glandulas nectarias*, que fornecem ordinariamente a substancia odorifera e adocicada, que se chama *mel* ou *nectar* das flores.

Modificações da flor. A flor não apresenta sempre todos estes quatro orgãos; em muitos vegetaes é *incompleta*, isto é, falta-lhe um ou mais de seus quatro verticillos. A este respeito, ha grande distincção a estabelecer. As *flores completas* reunem no centro dos envoltorios floraes os orgãos machos ou *estames* com os orgãos femininos ou *pistillos;* grande numero de flores incompletas offerecem a mesma conformação.

Mas em outras não se acham os dois sexos reunidos, cada flor não apresenta senão um só orgão sexual. Chamam-se flores *hermaphroditas* as flores completas, nas quaes se acham os estames e os pistillos; as que não possuem simultaneamente estes orgãos são *unisexuaes*. Umas não apresentam senão os estames, são as flores masculinas; outras tem só o pistillo ou os pistillos, e chamam-se flores femininas. Quando os vegetaes tem flores unisexuaes; podem observar-se as disposições seguintes: Ora as flores masculinas e as flores femininas são reunidas sobre um mesmo individuo, sobre um mesmo vegetal; ora acham-se em dois individuos distinctos, e vem a ser que a especie compõe-se de dois vegetaes, um que produz as flores com estames e constitue o *macho;* outro que produz as flores com pistillos e constitue a femea.

Modo de refrescar as flores murchas. A maior parte das flores murcham vinte e quatro horas depois de mettidas na agua fria, mas quasi todas podem conservar-se por mais tempo, servindo-se d'agua quente em vez d'agua fria. Quando principiam a murchar, mettam-se em agua fervendo, de maneira que a terça parte do pé mergulhe n'ella; quando a agua esfria, a flor levanta-se e recupera a frescura. Antes de mettêl-a de novo n'agua fria, deve cortar-se a parte do pé que esteve n'agua fervendo.

FLORES (*Hygiene*). As flores absorvem grande quantidade de oxygeneo do ar, que transformam em gaz acido carbonico por meio do carbone que contém. A alteração profunda que o ar recebe das flores foi demonstrada pelas experiencias de Marigues. Este habil physico verificou com effeito que no fim de 6 horas, o ar fechado n'um recipiente debaixo do qual foi posta uma rosa, fica bastante viciado para apagar duas vezes seguidas uma vela accesa. A experiencia deo o mesmo resultado com as flores inodoras e com as cheirosas; e o mesmo observador verificou que as flores de malva e de vara de ouro (*solidago virgaurea*) dão muito mais acido carbonico do que o lilaz, a viola e o jasmim. Todas as outras partes verdes da planta produzem o mesmo phenomeno, mas sómente durante o dia e expostas á luz. Porém não é unicamente pela formação do gaz acido carbonico que as flores produzem effeitos deleterios, porque as folhas fornecem frequentemente outro tanto e mesmo mais acido carbonico, comtudo sua presença nos quartos está longe de offerecer os mesmos perigos, mesmo quando são muito cheirosas, como a cidrilla e outras. Este effeito é devido evidentemente a emanações das flores cuja natureza ainda não é bem conhecida. Como quer que seja, estas propriedades deleterias tem sido observadas frequentemente para não haver a menor duvida a esse respeito. Uma senhora da cidade de Rouen em França, teve a imprudencia de conservar no seu quarto de dormir flores de açucena; foi acommettida de anxiedade, dôres de cabeça desmaios muito fortes, e pouco faltou para que não fosse victima das emanações d'estas flores. Uma senhora e sua criada deitadas n'um pequeno quarto, onde havia muitas flores, foram acordadas no meio da noite por anxiedade extraordinaria; chegáram com custo a abrir a janella, e restabelecêram-se (Ingenhousz). Uma senhora morreo, porque lhe

deixáram grande quantidade de violas perto da cama, n'um quarto mui pequeno (Triller), Em Londres, uma mulher foi achada morta na cama, sem que pudesse suspeitar-se outra causa do que o effeito produzido por grande quantidade de flores de açucena que ella tinha conservado no seu quarto.

Bastam estes factos para provar quanto deve evitar-se a conservação de flores nos quartos. Os menores inconvenientes que podem resultar da sua presença são affrontações, dôres de cabeça, desmaios, vomitos, entorpecimento dos membros, convulsões, quasi sempre um estado de somnolencia e de fraqueza; de maneira que parece resultar dos symptomas observados, que o principio deleterio actua antes sobre o systema nervoso do que sobre os phenomenos chimicos da respiração, como se observa nos casos de asphyxia. Notou-se que é durante a noite que sobrevem quasi sempre os accidentes; isto depende de que o ar não sendo renovado durante a noite como durante o dia pela abertura das portas e das janellas, pelo movimento que se faz nos quartos, as emanações deleterias se accumulam, concentram-se e actuam sobre os individuos a ellas expostos, e profundamente adormecidos, visto não terem consciencia dos primeiros symptomas, os quaes sentiriam no estado de vigilia.

Remedeiam-se estes accidentes expondo os doentes a um ar fresco, applicando na testa pannos molhados em agua fria, fazendo respirar vinagre, dando a beber cinco a dez gottas de ether com agua e assucar, e esfregando com baeta a região do coração.

FLOR D'AGUA ou LENTILHA D'AGUA. *Pistia occidentalis*, Blume. Aroideas. Planta aquatica que se encontra nadando nas aguas doces de quasi todo o Brazil, nas quaes forma pequenas ilhas. Folhas radicaes, ellipticas, approximadas e dispostas circularmente : flores brancas; fructo, capsula oval, comprimida, contendo muitas sementes. As folhas são acres e mucilaginosas; e contusas, applicam-se como maturativas nos abcessos. A infusão d'ellas tem sido recommendada internamente nas molestias de pelle e nas ourinas sanguinolentas; mas em dóse elevada reputa-se venenosa, e os sertanejos contam que as aguas nas quaes esta planta nada, são impregnadas de tal sorte de sua materia acre, que produzem diarrheas.

FLOR DE BABADO ou **BABEIRO.** *Echites longiflora*, Desf. Apocyneas. Planta do Brazil. A raiz, em fórma de nabo, contém um succo leitoso; é um purgante violento. Emprega-se nas molestias dos cavallos e mulas.

FLOR DE PAVÃO ou **DO PARAISO.** *V.* CHAGAS.

FLORES BRANCAS (*Molestia*). Este nome, corrupção de *fluores brancos*, é o qué se dá vulgarmente a um fluxo mucoso que corre pelas partes genitaes da mulher; em medicina chama-se *leucorrhea*. As flores brancas são mui communs nas grandes cidades, e póde até dizer-se, sem exageração, que, ellas sós, constituem ou determinam mais da metade dos incommodos nas senhoras. Esta molestia ataca indistinctamente as mulheres casadas e as viuvas; commummente não começa senão na

idade de quatorze a quinze annos; entretanto, tem-se visto meninas de oito, de quatro annos e até de menor idade, serem d'ella affectadas; porém as mais das vezes observa-se nas mulheres que se approximam da idade critica. As circumstancias predisponentes são : temperamento lymphatico, constituição molle, habitação em logares baixos, humidos e mal arejados. A prenhez, um parto laborioso, abortos repetidos, pancadas sobre o baixo-ventre, predispõem igualmente ás flores brancas. Devemos considerar como tendo a mesma acção o abuso dos alimentos aqueos, lacteos, farinaceos, a suppressão da transpiração, a vida sedentaria, os erros de regimen, e as affecções moraes tristes. É frequentemente occasionada pela dentição nas meninas, e por uma imaginação viva nas que chegam á puberdade.

As senhoras affectadas de flores brancas não experimentam, no principio da molestia, senão leves indisposições, e não se observa, por assim dizer, mudança alguma na sua saude. Mas quando a affecção se perpetúa e se aggrava, o appetite diminue, e até cessa inteiramente; a doente sente dôr no estomago antes e depois da comida; as digestões fazem-se mal, o rosto torna-se descorado e como inchado. O corrimento é ordinariamente contínuo; ás vezes, todavia, apresenta intervallos. Emfim, varía singularmente quanto á quantidade, côr e espessura. De ordinario a affecção existe sem dôr local; mas muitas vezes é acompanhada de quentura, peso no baixo ventre e dôr nas cadeiras.

É mui difficil curar esta affecção. Mas tambem deve dizer-se que no maior numero de casos as flores brancas constituem mais um incommodo do que uma verdadeira molestia; é com effeito um estado habitual desagradavel, mas que não compromette a saude geral. Muitas senhoras das grandes cidades tem antes ou depois da menstruação alguns dias de leucorrhea, sem que este estado constitua uma molestia. A prenhez produz ás vezes uma leucorrhea mui abundante.

Tratamento. No tratamento das flores brancas, as regras hygienicas merecem a maior attenção, e cumpre dizer que, sem este soccorro, todas as preparações pharmaceuticas seriam insufficientes. Estas regras constituem mesmo o tratamento preservativo da molestia. Visto que as flores brancas dependem muitas vezes de um enfraquecimento da constituição, não ha náda mais racionavel do que fortificar promptamente toda a economia. Para obter-se este resultado, é preciso mudar as meninas para habitações arejadas e espaçosas, fortifical-as com uma alimentação reparadora e abundante, vida activa e exercicios proporcionados á sua energia. Quando uma saude delicada, uma disposição hereditaria, etc., fazem temer a invasão proxima d'esta molestia, urge que aos meios hygienicos que precedem se associe a administração de alguns tonicos, como infusão de lupulo, macerato de genciana, vinho de quina, vinho de quinium Labarraque, preparações de ferro, vinhos tintos, alimentação composta de carnes assadas, banhos frios de rio ou do mar.

Quanto ao tratamento curativo, varía conforme o estado da affecção, *agudo* ou *chronico*. No primeiro caso basta que a doente se limite ao repouso, a alguns banhos mornos e ás bebidas e clysteres de cozimento de

linhaça, e que tome a cada refeição um calice de vinho de Baudon, de antimonio phosphatado, ou a mesma dóse de vinho de Cabanes.

As flores brancas *chronicas* exigem medicamentos tonicos, que consistem em preparações ferreas, sejam quaes forem, aguas ferreas tomadas na fonte, nos amargos taes como lupulo, genciana, quina; substancias aromaticas, como sobretudo a canella. Juntem-se-lhes substancias resinosas, taes como o balsamo do Perú, de Tolú, copahiba, estoraque, terebinthina. Ao mesmo tempo que se seguir este tratamento geral, faça-se uso de semicupios com infusão de rosas rubras, com agua fria misturada com vinagre aromatico, que se acha em todas as boticas; façam-se na cavidade vaginal injecções com infusão de folhas de nogueira, com decocção de casca de romã, de bistorta, com solução de pedrahume, de azotato de prata. Os purgantes administrados de tempos a tempos são vantajosos. Convem accrescentar a estes differentes remedios os meios hygienicos, que foram indicados fallando-se do tratamento preservativo. É especialmente util ás doentes a mudança de ar.

As flores brancas duram ordinariamente muito tempo : ha pessoas affectadas d'ellas toda a vida. Só são perigosas quando são acompanhadas de grandes dôres, e se influirem de uma maneira visivel sobre a saude da doente; ás vezes podem depender de qualquer affecção organica do utero; e por isso, quando se prolongam, é necessario recorrer a um medico : elle é o unico que póde determinar a natureza das causas da molestia.

RECEITUARIO CONTRA AS FLORES BRANCAS.

1.° *Pilulas adstringentes.*

Tannino ..... 2 grammas.

Façam-se 12 pilulas. Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

2.° Canella em pó ..... 15 grammas.

Divida em 15 papeis. Para tomar 1 papel por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

3.° *Electuario contra a leucorrhea.*

Conserva de rosas rubras.	90 gram.	Cato em pó.....	2 gram.
Quina em pó.....	30 —	Oleo essencial de canella.	3 gottas.
Macis em pó.....	8 —		

Misture-se. Tomam-se duas colheres *de chá*, tres vezes por dia.

4.° *Tintura de Marte tartarizada*..... 60 grammas.

É uma preparação de ferro de que se toma meia colher *de chá*, dentro de meia chicara d'agua fria com assucar, tres vezes por dia.

5.° *Xarope de estoraque*..... 180 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

6.° *Globulos de Josephat.*

Para tomar tres globulos, tres vezes por dia.

7.° *Pilulas ferruginosas de Vallet*..... 72

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

8.° *Pilulas ferruginosas de Blaud*..... 48

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

9.° *Quina Ragoucy.*

Para tomar duas colheres *de sopa* por dia na hora da comida. Para as crianças, a dóse é de duas colheres *de sobremeza.*

10.° *Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.*

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

11.° *Vinho de Bellini, de quina e colombo.*

Toma-se duas a tres colheres, *de sopa* por dia.

12.° *Vinho de Cabanes, de quina e de lacto-phosphato de cal e de ferro.*

Para tomar um calice a cada refeição.

13.° *Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado.*

Toma-se um calice grande, antes do almoço e do jantar.

14.° *Vinho de quinio de Labarraque.*

Toma-se meio calice a um calice antes do almoço e do jantar.

15.° *Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet.*

Toma-se em vinho, solução, xarope, grageas e pilulas, á vontade da doente (*Veja-se* PYROPHOSPHATO DE FERRO).

16.° *Elixir alimenticio Ducro.*

Para tomar na dóse de quatro colheres *de sopa*, no começo e no fim das refeições,

17.° *Ferro hematico L. J. Michel.*

Para tomar uma colher medida ao almoço e ao jantar.

18.° *Grageas de Demazière, de iodureto de ferro e Cascara Sagrada.*

Para tomar quatro grageas por dia, nas horas da comida; para as crianças a dóse é de duas grageas.

19.° *Vinho ferruginoso de Catillon, com glycerina e quina.*

Para tomar um calice antes e depois das refeições; para as crianças, uma colher, *de sobremeza.*

20.° *Xarope de Catillon de iodureto de ferro, quina e glycerina.*

Este xarope convém sobretudo á medicação das crianças. Toma-se'o

puro, uma colher *de sopa* antes do almoço e do jantar; para as crianças a dóse é de uma colher *de chá* ou *de sobremeza* segundo a idade.

21.° *Injecção com infusão de folhas de nogueira.*

Folhas seccas de nogueira.....	50 grammas.
Agua fervendo.....	1000 —

Infunda por 1 hora, e côe com espressão por panno de lã.

22.° *Injecção com tannino.*

Infusão de rosas rubras.....	125 grammas.
Tannino.....	1 gramma.

Dissolva. Faz-se uma injecção na vagina com todo este liquido, uma vez cada dia, e repete-se cinco dias successivos.

23.° *Injecção com solução de perchlorureto de ferro.*

Perchlorureto de ferro liquido a 30°.....	30 grammas.
Agua.....	1000 —

24.° *Injecção com pedrahume.*

Agua.....	720 grammas.
Pedrahume.....	30 —

Dissolva-se. Faz-se uma injecção cada dia com 180 grammas d'este liquido, e repete-se quatro dias successivos, na mesma dóse.

25.° *Coaltar saponinado Le Bœuf.*

Fazem-se injecções vaginaes, com o coaltar misturado com agua na proporção de uma colher para um copo d'agua.

26.° *Phenol Bobœuf.*

Injecções de 10 grammas de phenol por cada copo d'agua.

27.° *Glyco-phenico do Dr. Déclat.*

Fazem-se injecções misturando uma colher de glyco phenico em meio litro d'agua. E bom tomar a injecção deitado e conserval-a 5 ou 10 minutos.

Resistindo a leucorrhea a todos estes medicamentos, e se se tornou quasi habitual, sem influir sobre a saude geral, convem limitar-se aos semicupios d'agua tepida. Não se deve tambem empregar outro meio contra a leucorrhea que acompanha a gravidez, ou que precede ou segue a menstruação.

FLORES PEITORAES (*Pharmacia*). Dá-se este nome em pharmacia, á mistura de partes iguaes das quatro flores seccas de malva, de tussilagem, de papoula e de pé de gato (*gnaphalium dioicum*, Linneo). A infusão d'estas flores é usada contra a tosse ; prepara-se com 4 gram. de flores peitoraes e 360 gram. d'agua fervendo.

FLUCTUAÇÃO. Movimento de oscillção de um liquido accumulado em um fóco qualquer, ou em uma cavidade esplanchnica, movi-

mento que se faz sensivel por uma mudança de posição, por uma pressão ou choque methodico. E assim que a fluctuação, na barriga d'agua, se faz sentir applicando-se uma das mãos em um dos lados do ventre e percutindo-se com a outra a parte opposta. Igualmente nos abcessos manifesta-se a fluctuação quando se percute o tumor alternativamente com um ou dois dedos em dois pontos oppostos.

FLUXÃO. *Veja-se* DENTES.

FLUXO BRONCHICO. *Veja-se* CATARRHO PITUITOSO.

FLUXO DE SANGUE. *Veja-se* HEMORRHAGIA.

FLUXO DE OURINA, POLYURIA, POLYDIPSIA, DIABETES INSIPIDO ou FALSO. Molestia caracterizada por uma emissão abundante de ourina aquea tendo mui fraco peso especifico, e não contendo principio assucarado; os doentes são, além d'isto, atormentados por sêde excessiva que os obriga a ingerir grande quantidade de bebidas.

Symptomas. Na polyuria, os doentes podem verter quantidades de ourina mais consideraveis do que no diabetes, mas o liquido não tem, nos dois casos, a mesma composição. Na polyuria, a ourina é clara, limpida, apenas corada, mais ou menos semelhante á agua filtrada, e sem cheiro ou com cheiro mui fraco; é neutra ou levemente acida; não fica turva nem pelo calor, nem pelo acido azotico. Contém menor quantidade de urea, de acido urico e de saes fixos; tem um peso específico que varía de 1,001 a 1,000. Os polyuricos ourinam mais do que bebem, e tem muita sêde. Deitam 5 a 15 litros de ourina por dia. A sêde é quasi incessante; muitos doentes levantam-se frequentemente de noite para obedecerem ás necessidades imperiosas de beber e de ourinar. As digestões fazem-se bem; o appetite raras vezes é augmentado como no diabetes, mas é geralmente conservado; ás vezes todavia diminue, e os doentes preferem geralmente alimentação vegetal e bebidas acidulas. A bocca é saburrosa, a saliva é rara; existe uma sensação de seccura na bocca, e no estomago um sentimento semelhante ao da fome.

Duração, terminações. A polyuria tem uma duração indeterminada. Não ha exemplo que esta molestia tenha occasionado a morte; comtudo deixa os individuos n'um estado habitual de fraqueza.

Causas. As causas da polyuria não são conhecidas, a molestia sobrevem quasi sempre espontaneamente.

Tratamento. Na polyuria é preciso usar de um regimen composto sobretudo de carne, e empregar medicamentos tonicos e adstringentes, cujas receitas seguem:

1.ª Tintura de Marte tartarizada..... 30 grammas.

Para tomar 20 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar, duas vezes por dia.

2.ª *Pilulas de tannino.*

Tannino ..... 2 grammas.

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

O opio foi tambem empregado com vantagem, na dóse de 5 centigrammas por dia, segundo a receita seguinte:

Extracto de opio..... 30 centigrammas.

Faça 12 pilulas. Para tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

FOGAGEM. Dá-se vulgarmente este nome a pequenas pintas ou botões vermelhos que apparecem nas crianças de peito, e ás vezes nos adultos. O termo scientifico é *lichen* e *estrophulo*. Observa-se principalmente a fogagem nas crianças amammentadas com leite mui velho. Os grandes calores, a falta de asseio, a dentição prodispõem a esta affecção, que todavia não é incompativel com a boa saude, e só necessita de um leve tratamento medicinal. Quando apparece na época da sahida dos dentes, chamam-lhe *fogagem de dentes*. Banhos mornos empregados uma vez no dia, lavatorios com cozimento de linhaça, com agua e vinagre, unturas com glycerina, sãoos meios mais convenientes. Ás vezes é bom dar duas a quatro colheres *de chá* de xarope de chicoria. Clysteres de linhaça são tambem uteis.

Nos adultos, e especialmente durante os grandes calores do verão, não é raro ver uma erupção de botões vermelhos em diversas partes do corpo : esta leve affecção é acompanhada de comichão desagradavel. Passada uma ou duas semanas, os botões desapparecem e a pelle cahe sob a fórma de poeira. Para combater esta fogagem, convem recorrer aos banhos mornos, limonadas de limão, a um regimen composto principalmente de vegetaes, abstinencia de carnes salgadas e de espiritos, Para o mais, *veja-se* Lichen.

FOLHA SANTA. *Veja-se* MALVA DO CAMPO.

FOME. Necessidade de tomar alimentos. Perdendo nosso corpo a cada instante uma porção notavel dos materiaes da sua organização, é necessario reparar estas perdas sob pena de ruina rapida. Se a abstinencia se prolongar muito tempo, o corpo emmagrece; quasi todas as secreções diminuem, adquirindo primeiramente um cheiro fetido; uma abstinencia de pouca duração basta frequentemente para tornar desagradavel o halito de uma pessoa ainda a mais sadia. Uma febre intensa, delirio, prostração, uma insomnia contínua, precedem em geral a morte, que sobrevem n'uma época variavel, mas de ordinario no espaço de oito ou dez dias.

Entre as causas que podem augmentar a fome, convem citar o exercicio, os banhos frios, o ar frio, a presença de vermes nos intestinos, etc. O opio, o fumo e outros narcoticos diminuem pelo contrario a fome; certas affecções do cerebro, as paixões tristes, um movimento de rotação no corpo, o uso d'agua morna, o emprego de substancias emeticas tomadas em pequena dóse para produzir sómente nauseas, tiram tambem o appetite ; emfim, no maior numero de molestias agudas, deixa de se fazer sentir a necessidade de tomar alimentos. O costume parece tambem ter alguma influencia no desenvolvimento da fome. Todos podem com offeito observar que, quando se passa a hora habitual da comida, a necessidade de tomar alimentos, mui viva ao principio, diminue depois de uma maneira mui sensivel.

A fome é mais imperiosa nos homens do que nas mulheres, As crianças

soffrem difficilmente a privação de alimentos; no decurso de uma molestia nunca devem ser submettidas a uma dieta mui rigorosa mórmente se se acharem em tenra idade. *Veja-se* APPETITE, FASTIO.

Fome canina. Dá-se este nome á fome devorante, quasi insaciavel, acompanhada de afflicção tão grande que determina desmaios quando não satisfeita.

Symptomas. A fome canina apresenta muitos gráos, desde a simples augmentação do appetite, que se observa nos convalescentes, até á voracidade que leva os individuos a comer 5, 6 e mesmo 12 kilogrammas de pão em 24 horas. Quando sobrevem, os individuos procuram accalmal-a com toda especie de alimentos. Querendo resistir á necessidade imperiosa que os atormenta, ou nada tendo para satisfazêl-a; experimentam uma anxiedade inexprimivel; a vista escurece, sobrevem zunidos nos ouvidos, desmaios ou uma agitação e um estado de delirio que póde ser levado até ao furor, e que se acalma logo que o appetite está satisfeito.

Ha doentes d'esta especie que durante algum tempo digerem bem a grande quantidade de alimentos que devoram, e conservam a sua corpulencia: todavia mais cedo ou mais tarde os orgãos digestivos alteram-se. Observam-se então regurgitações ou vomitos alimentarios, misturados ás vezes com sangue. Ha além d'isso diarrhea abundante que esgota as forças e produz emmagrecimento. Comtudo em alguns individuos, porém mui poucos, observou-se, pelo contrario, gordura excessiva.

Causas. Quasi nunca a fome canina é acompanhada de lesão alguma nas vias digestivas. É uma nevrose que sobrevem no curso de outra nevrose como a epilepsia, mania, hysterismo ou gastralgia. Observa-se tambem nas pessoas chloroticas, diabeticas, em alguns tisicos, e nos individuos affectados de vermes intestinaes. Póde ser um dos accidentes da gravidez.

Tratamento. Não devem os doentes resistir á fome; mas convem acalmar esta com alimentos nutrientes, e que podem occupar o estomago durante muito tempo; taes são as carnes de vacca, de carneiro e de porco. O gelo, o sub-azotato de bismutho e sobretudo o opio produzíram ás vezes bons resultados.

FOMENTAÇÃO. Chamam-se fomentações, em medicina, as applicações de um liquido sobre alguma parte do corpo mediante uma esponja, baeta ou panno de linho. O liquido empregado póde ser aqueo, vinoso, alcoolico, acido, oleoso, e ter em dissolução alguma substancia emolliente, tonica, aromatica, adstringente, conforme o fim para que se emprega. As fomentações *emollientes*, com decocção de althea ou de linhaça, applicam-se frequentemente sobre o ventre na inflammação dos orgãos abdominaes; gozam de propriedades analogas ás das cataplasmas, e devem ser preferidas a estas quando a parte do corpo sobre que se applicam é mui dolorosa e não póde supportar o peso das papas. A maneira mais usual na pratica das fomentações emollientes consiste em molhar um panno de linho no cozimento de linhaça, applical-o sobre a região dolorosa, e cobril-o depois com baeta ou com tafetá encerado, para que conserve o calor e a humidade.

Os pannos molhados em agua fria, que se applicam nas torceduras, são fomentações. Mas em *linguagem vulgar* dá-se mais particularmente o nome de fomentações ás fricções que se fazem no corpo com algum líquido oleoginoso, ou com alguma pomada, que os medicos chamam *embrocações*.

FONGUS HEMATODE. Especie de cancro. *Veja-se* CANCRO ENCEPHALOIDE.

FONTE. Chama-se *fonte* uma pequena chaga de fórma redonda ou oval que se abre no tecido cellular em diversas regiões do corpo, e cuja suppuração se entretem durante um tempo indeterminado. As partes do corpo em que se abrem ordinariamente as fontes são : os braços, as coxas, as pernas, e escolhe-se um logar que se ache guarnecido de tecido cellular gorduroso. Assim, no braço, opera-se a fonte n'uma especie de cova que se encontra na parte externa do membro, pouco mais ou menos ao nivel do seu terço superior. Esta cova é bem visivel nas pessoas mui musculosas, e fica muito mais apparente dobrando o antebraço sobre o braço e sustentando alguma cousa na mão. Na coxa, applicam-se as fontes na parte inferior e interna, tres dedos acima do joelho; na perna, é na parte interna e superior do membro, justamente em cima do logar em que principia a barriga da perna.

Ha muitas maneiras de abrir uma fonte. Contentam-se algumas pessoas com applicar um pequeno caustico sobre a pelle, e introduzir uma ervilha no centro da parte excoriada, que cobrem com um pedaço de emplasto diachylão. Mas d'esta fórma obtem-se a suppuração difficilmente e em mui pequena quantidade.

Praticam-se habitualmente as fontes por meio da cauterização. Ha grande numero de substancias causticas que poderiam servir para este uso, entretanto emprega-se com preferencia a potassa caustica. Eis-aqui como se procede : toma-se um pedaço de diachylão gommado de 5 centimetros quadrados; pratica-se no centro uma abertura oval; depois applica-se este emplasto sobre a região em que se deseja abrir a fonte. Em seguida, deita-se sobre a abertura um pedaço de potassa do tamanho de uma pequena ervilha. Cobre-se o emplasto e a potassa com um segundo emplasto de diachylão muito maior do que o primeiro, e que se tem o cuidado de fazer adherir perfeitamente á pelle : mantem-se tudo com um panno e uma atadura. Pouco tempo depois da sua applicação, a potassa derrete-se, o paciente experimenta um sentimento de calor, a principio incommodo, depois doloroso. No fim de seis ou sete horas, a dôr cessa; então a fonte fica aberta : quando se tira o apparelho, acha-se uma superficie negra, humida, redonda. Cura-se todos os dias, ou mais frequentemente se a suppuração fôr abundante, com emplasto diachylão; no fim de cinco a seis dias, a escara principia a soltar-se e a suppuração estabelece-se; e quando a escara tem cahido de todo, entretem-se a ulcera pondo-se-lhe uma ervilha ou uma bola de cera.

Para impedir que as fontes exhalem máo cheiro, deve-se ter o cuidado de cural-as frequentemente e de trazer sempre a chaga limpa, não consentindo que se demore n'ella o pus. Quando a suppuração diminue de

uma maneira sensivel, cobre-se a ervilha com unguento basilicão. Quando a chaga se cobre de carnes esponjosas que excedem as margens, destroem-se estas carnes cobrindo-as com pós de pedrahume calcinada, ou tocando-as com pedra infernal. Quando, pelo contrario, a ferida se inflamma e é dolorosa, é mister cessar a applicação das ervilhas e cural-a com ceroto simples. Emfim, acontecendo que a parte em que se abrio a fonte emmagreça, de maneira que já não haja n'ella mais tecido cellular gorduroso, e por isso se vá fechando a fonte e seja pouca a suppuração, convem então fechal-a e abril-a em outra parte.

Quando tem cessado o mal que deo causa á abertura de uma fonte, supprime-se esta sem inconveniente; basta para isso tirar a ervilha e curar a chaga com ceroto simples. Mas se a fonte foi conservada muito tempo, se se tem tornado, por assim dizer, uma especie de costume, convem observarse a suppressão póde produzir algum incommodo ou occasionar molestia de algum orgão, pois n'este caso seria necessario tornar a abril-a.

As fontes usam-se muito menos hoje, do que antigamente.

FORCEPS. Instrumento muito empregado em certos partos e que quasi sempre se compõe de uma grande pinça de ferro composta de duas

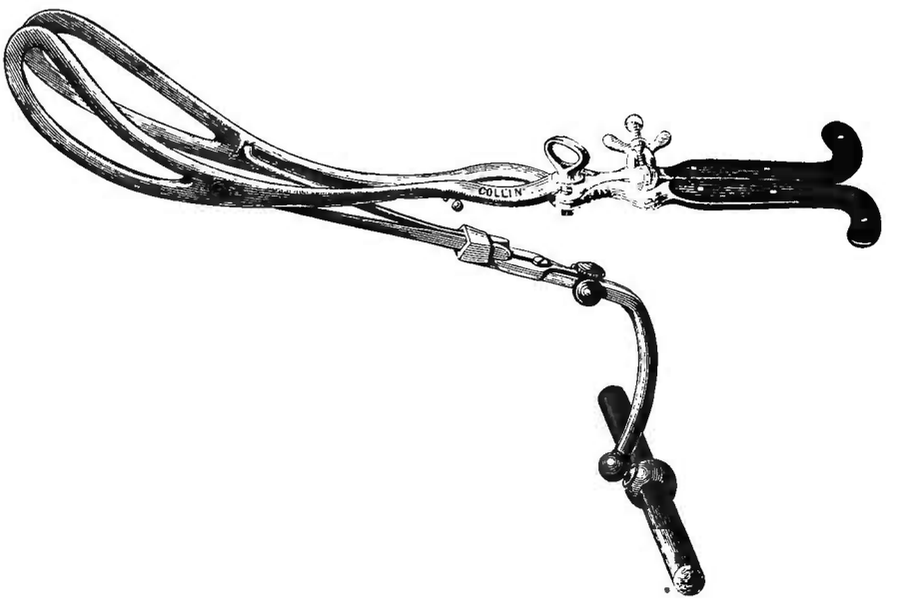


Fig. 476. — Forceps de tracções normaes, do professor Tarnier.

pernas unidas por uma articulação como as tezouras ordinarias. É um instrumento que só se applica sobre a cabeça da criança.

O forceps não é invenção moderna, ha mais de duzentos amos que este instrumento foi inventado por dois medicos inglezes, mas desde o decimo oitavo seculo que cahio a invenção no dominio publico, e tem sido muito aperfeiçoada.

As fig. 476, 477, apresentam um d'esses aperfeiçoamentos. É o forceps

de tracções normaes do professor Tarnier, modelo de Collin com as pernas de tracção engastadas em cabo movel. A fig. 477 mostra uma perna de tracção meia desmontada.

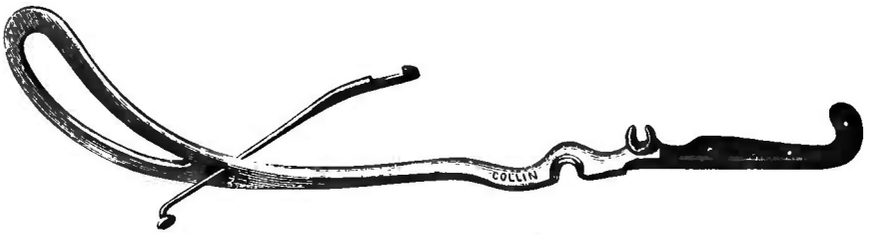


Fig. 477. — Perna de tracção meia desmontada.

FORGES. Aguas ferruginosas frias. França.

Itinerario de Pariz a Forges. Estrada de ferro até Rouen : 2 horas 45 minutos. Carro de Rouen a Forges, 5 horas. Despeza : 18 fr.

Forges é uma pequena cidade da França. Possue tres fontes d'agua ferruginosa fria, de que se faz principalmente uso no interior, na chlorose, leucorrhea e em todas as affecções caracterizadas pela fraqueza. Gozam da reputação contra a esterilidade.

Perto das fontes existe um estabelecimento, onde se acham gabinetes para banhos e duches. Ha tambem ali um salão de reunião. A vida em Forges é tranquilla e as distracções mui pacificas.

FORMIGA. Genero de insectos Hymenopteros ou insectos de quatro azas, da familia dos Heterogynos, tendo cabeça grande, olhos pequenos, antennas quebradas, e mandibulas fortes. Exhalam um cheiro particular que depende de um liquido acido, chamado *acido formico*, que ellas contém. Vivem como as abelhas em grandes sociedades : cada especie encerra tres sortes de individuos, que são : *machos*, *femeas*, estas mais grossas que os machos, com azas compridas analogas ás das moscas, e *obreiras*, individuos neutros, sem azas; estas são as unicas que trabalham : são ellas que cavam os formigueiros, acarretam a terra para fóra, conduzem as provisões, nutrem as larvas, expõem-n'as ao ar durante o dia, recolhem-n'as durante a noite, e defendem-n'as contra os ataques. O que se chama *ovo de formiga*, é a larva. Ha muitas especies de formigas : *formiga vermelha*, *fulva*, *ruiva*, *fuliginosa*, *preta* ou *dos jardins*, *formiga carregadeira*, *formiga saúva*, etc. Umas tem glandulas perto do anus, que produzem acido formico liquido que ellas lançam para se defenderem; outras tem um verdadeiro ferrão com glandulas cheias de liquido peçonhento. Estas determinam accidentes analogos aos que causam as abelhas, mas muito menos intensos : a picada é seguida de vermelhidão, inchação e comichão, que as lavagens com agua pura, ou misturada com vinagre ou aguardente, fazem desapparecer promptamente. As outras irritam só levemente a pelle, quando as suas glandulas abdominaes deitam o liquido acido.

As formigas alimentam-se de materias animaes e vegetaes; são muito golosas de cousas doces, e são a praga dos jardins e da agricultura. As

formigas saúvas cavam nos jardins galerias subterraneas debaixo das plantas cultivadas, cuja morte podem causar quando são mui numerosas; podem até fazer morrer arbustos; atacam os fructos adocicados no momento em que estes principiam a amadurecer. As suas longas galerias subterraneas estendem-se ás vezes mui longe; quando se accende fogo n'uma das aberturas para exterminar as formigas, a fumaça que sahe por numerosos orificios, distantes ás vezes de vinte e mesmo quarenta metros um do outro, indica de quantos corredores divergentes o chão foi cavado, e fornece a prova de que todos esses corredores estão em communicação. As formigas saúvas são a praga dos cafezeiros, e é mui difficil destruil-as.

Destruição das formigas. Acha-se sempre facilmente o retiro das formigas, mas nem sempre é facil desalojal-as; se ellas se estabelecêram debaixo das raizes de uma arvore, não é possivel escaldar sobre este logar o formigueiro, modo certo de destruição que se deve empregar sempre que as circumstancias o permittirem. Se se puder, sem inconveniente, polvilhar o formigueiro com cal viva e deitar agua por cima, destruir-se-hão muitas formigas. Quando estes dois meios não são praticaveis, não se póde senão perturbar frequentemente as formigas, voltando debaixo para cima a terra ao redor do seu domicilio para obrigal-as a mudar de logar.

Os jardineiros para destruirem as formigas aproveitam-se de sua appetencia para as cousas doces; suspendem, nas arvores que se acham por ellas atacadas, garrafas com agua e mel : as formigas vão afogar-se n'ellas em grande numero. Podem attrahir-se em massas collocando no solo vasos virados cobertos de xarope no interior; as formigas accumulam-se n'elles, e cada dia se destroe uma multidão d'ellas com agua fervendo.

Empregam-se ainda os meios seguintes para destruir as formigas que atacam as arvores e as plantas : 1.° se a planta estiver em um pote, basta collocar o pote n'um prato cheio d'agua. 2.° Cerca-se o tronco da arvore com lã ou algodão embebido de essencia de terebinthina. 3.° Cobre-se, por meio de um pincel, o pé de cada arvore, ao redor e na altura de algumas pollegadas, da mistura seguinte : alcatrão 60 grammas, therebinthina 120 grammas, azeite 250 grammas, gordura 250 grammas. Derrete-se primeiro o azeite, a gordura e o alcatrão, e depois de arrefecida a mistura, ajunte-se-lhe a terebinthina. Esta composição deve ter pouca consistencia, afim de que se possa estender facilmente com um pincel. 4.° Dissolve-se 1 gramma de aloes em um litro d'agua, e leva-se, mediante um grosso pincel ou uma escova que se molha n'esta solução, o tronco e os ramos das arvores atacadas pelas formigas. Destroem-se assim não sómente as formigas, mais ainda os outros insectos.

A agua fervendo, que se deita nos formigueiros para destruil-os, deve ser deitada de noite, quando todas as formigas estão recolhidas na sua habitação.

Afastam-se as formigas dos armarios collocando sobre uma das prancheta residuo de café fervido, que se reforma cada vez que perde o

eheiro. O aroma das folhas de absinthio, de alfazema ou de alfavaca, afasta as formigas dos quartos.

Para destruir as formigas carregadeiras empregam-se no Brazil os vapores de enxofre queimado, que se impellem com um folle nas galerias formadas por estes insectos.

FORMIGAMENTO, Comichão, prurido, coceira, como se formigas corressem sobre a pelle. Ás vezes occorrendo nos membros de um lado, este symptoma é precursor de apoplexia ou de amollecimento cerebral. Convem, n'este caso, tomar um pediluvio sinapizado ou um escaldapés com cinza, applicar sinaspismos nas pernas, e tomar um purgante.

FORMIGUEIRO (*Medicina*). Dá-se *vulgarmente* este nome a uma ulcera das pernas, que tende continuamente a estender-se, ou que sára n'um logar e torna a appareeer n'outro. O formigueiro depende de varias causas. Ás vezes é uma ferida simples, que não se cicatriza, porque o doente não guarda repouso e anda sem cessar. Outras vezes provém das veias varicosas que se desenvolvem na perna, e de algum obstaculo na circulação. Emfim, póde resultar do vicio syphilitico, escrophuloso, escorbutico e dartroso. Os caracteres distinctivos das chagas de cada uma d'estas especies acham-se indicados no artigo Ulcera.

O tratamento do formigueiro varía segundo a natureza da ulcera. Se o doente foi affectado de molestia syphilitica e se não foi curado completamente, é de suppôr que a ferida seja entretida pelo resto do virus syphilitico; convem então tomar internamente as preparações mercuriaes e o cozimento de salparrilha, segundo os preceitos indicados no artigo Syphilis.

Se o formigueiro depender do vicio escrophuloso, da constituição debil do doente, se fôr consequente ás glandulas enfartadas, ás cicatrizes sob o queixo e aos outros signaes de escrophulas (*veja-se* esta molestia), convem recorrer ás preparações de ferro, quina, genciana, e outros medicamentos tonicos.

O tratamento geral do formigueiro, qualquer que seja a sua causa interna, é o seguinte: não andar, guardar repouso, e conservar, tanto quanto seja possivel, a perna n'uma posição horizontal.

O asseio da ulcera é uma condição indispensavel. Se a ulcera fôr mui vermelha e dolorosa, convem applicar por alguns dias cataplasmas de linhaça; depois façam-se curativos com agua de Labarraque misturada com agua morna, na proporção de uma parte d'agua de Labarraque para duas partes d'agua morna simples. Para os outros curativos do formigueiro *veja-se* Ulcera.

FORMULA, *Veja-se* Receita.

FOSSAS NASAES. A descripção das fossas nasaes acha-se á pagina 154. A fig. 478 representa o córte antero posterior da face e do pescoço, com a qual o leitor poderá melhor comprehender a disposição das fossas nasaes.

Tapamento das fossas nasaes (fig. 479).. Operação que consiste a obstruir as aberturas das fossas nasaes para impedir o sangue de escorrer para fóra.

Emprega-se a sonda de Bellocq que se introduz fechada na cavidade nasal. Quando ella chega á larynge aperta-se uma mola de modo que a sua extrémidade passa pela bocca. Fixa-se ahi então uma bolinha de

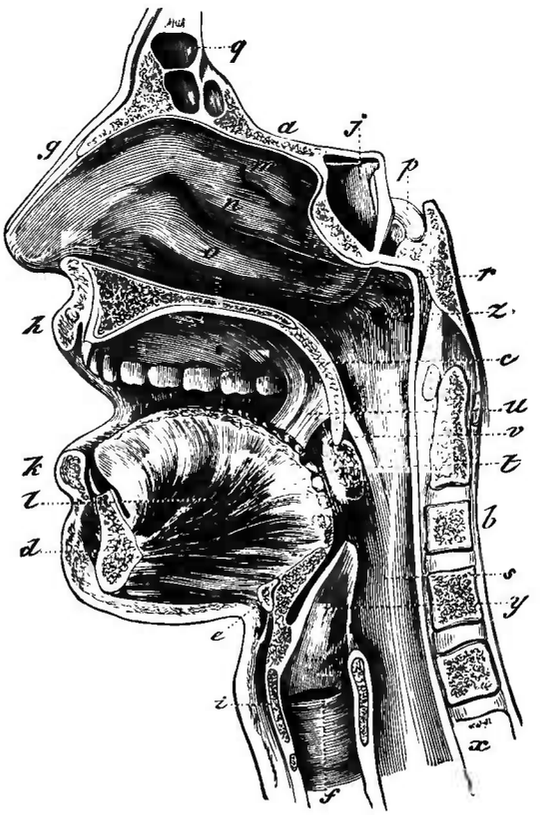


Fig. 478. — Corte antero-posterior da face e do pescoço (*).

fios amarrada por dois fios de linha, das quaes um, simples, serve para tirar depois a bolinha pela bocca, o outro feito com um laço, pucha-se

(*) *a*, abobada das fossas nasaes formada pela lamina crivada da etbmoide; *b*, logar occupado pelo canal atraz do corpo das vertebras; *c*, véo palatino, em continuação de um lado com a abobada palatina e de outro lado com a uvula : separa a cavidade da bocca da parte superior ou nasal da pharynge; *d*, secção da queixada inferior sobre a linha mediana para mostrar as apopbyses *geni* e a inserção do musculo genioglosse; *e*, secção do osso byoide; *f*, córte da larynge, mostrando o orificio de seu ventriculo direito entre as cordas vocaes superiores e inferiores; *g*, nariz; *h*, labio superior; *i*, cavidade espbenoidal; *k*, labio inferior; *l*, musculo genio-glosse que forma a massa principal da lingua; *m*, *n*, *o*, cornetos superior. medio e inferior da fossa nasal direita; *p*, arteria vertebral na sua entrada no craneo; *q*, cavidades frontaes do lado direito; *r*, mucosa da abobada da pharynge, a qual está representada pelo espaço comprehendido entre as linhas *s*, *t*; *t*, amygdala direita em sua excavação entre os pilares anterior (*u*) e posterior (*v*) d'esse lado do véo palatino; tocam com os orgãos correspondentes do lado opposto do isthmo da garganta, que a uvula divide em duas partes e que faz communicar a cavidade da bocca com a porção da pbarynge; *x*, serie dos corpos das vertebras cervicaes e de seus discos correspondendo com a pharynge, que são separados por uma camada de tecido laminoso, com os plexos venosos e nervosos retro-**pharyn**gianos; *y*, epiglotta levantada contra a base da lingua, um pouco inclinada sobre o orificio superior da larynge que ella cobre quando vira para atraz no momento da deglutição; *z*, orificio do pavilhão da trompa d'Eustacbio.

para traz, para frente das fossas nasaes com a sonda. Os fios se applicam sobre o orificio posterior da cavidade, e ahi se mantêm por forte traeção exercida sobre o fio de linha cujo laço se separa para encher as ventas com outras bolinhas sobre as quaes amarra-se as duas pontas d'esse fio.

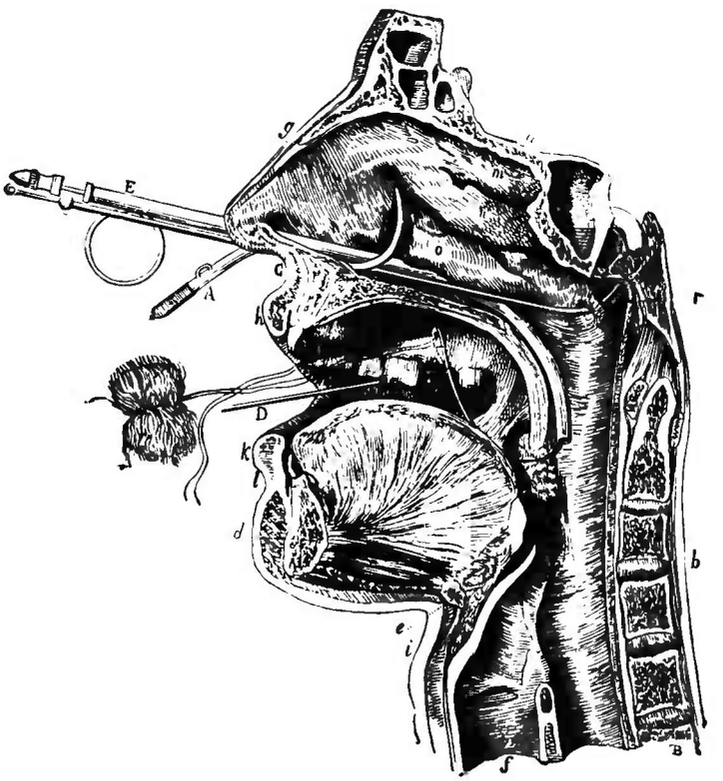


Fig. 479. — Tapamento das fossas nasaes (*).

A hemorrhagia pára em consequencia da coagulação do sangue. Para terminar a operação, corta-se a ligadura e tira-se a bolinha posterior puxando o fio de linha que ficou na bocca.

FRACTURAS EM GERAL. Entende-se por *fractura* a ruptura de um ou mais ossos. Quasi sempre é produzida por uma violencia exterior; mas algumas vezes pela contracção forte e subita dos musculos. A fractura chama-se tambem *quebradura do osso.*

As fracturas podem ser multiplices; isto é, de muitos ossos ao mesmo tempo ou de muitas porções de um mesmo osso: ordinariamente são unicas. A fig. 480 representa a dupla fractura dos ossos da perna: a superior, *a*, é transversal e denteada; a inferior, *b*, é obliqua. As frac-

(*) *a*, base do craneo; *g*, nariz; *c*, *h*, labio superior; *k*, labio inferior; *l*, córte da lingua; vê-se as fibras do masculo gemo-glosse incrustar-se em *d*, na face posterior da queixada inferior; *e*, córte do osso hyoide; *i*, tegumentos da face anterior do pescoço; *f*, larynge; *b*, corte das vertebras cervicaes; *m*, *n*, *o*, cornetos e meatos da fossa nasal direita. B, sonda para praticar o catheterismo da trompa d'Eustachio; E sonda de Bellocq para executar o tapamento da fossa nasal. A, sonda que serve para praticar o catheterismo do canal nasal, introduzindo pelo orificio inferior do canal.

turas dos membros são muito mais communs do que as das outras partes do corpo. Ha certas circumstancias que contribuem para a producção das fracturas: taes são a velhice, a magreza consideravel, a fragilidade dos ossos no rachitismo e no cancro, ás vezes a gota, o escorbuto e a syphilis.

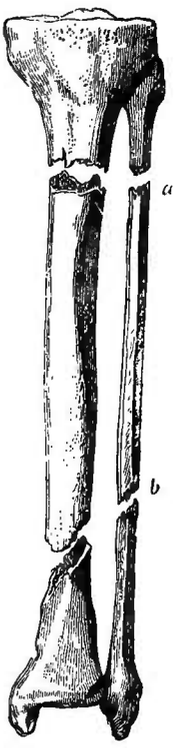


Fig. 480. — Fractura dupla dos ossos da perna.

Causas das fracturas. As fracturas podem ser produzidas directamente pela pancada de um corpo, tal como uma bengala, uma pedra, etc. Outras vezes o osso acha-se comprimido pelas suas duas extremidades, de maneira que sua curvatura natural fica exagerada; rompe-se no logar mais fraco; eis o que acontece na maior parte das quédas, como quando alguem cahe sobre o pé e quebra o femur (osso da coxa), ou quando cahe sobre a palma da mão e quebra o radio ou o cubito, dois ossos do antebraço.

Em alguns casos, as fracturas são produzidas pelas contracções musculares. Tem-se visto crianças quebrarem o braço attirando uma pedra. Um homem quebrou o braço dando em um volante com a raqueta. Eu mesmo vi no Rio de Janeiro um moço de vinte annos que, desejando dar uma bofetada em um outro, errou a pancada e ficou com o braço quebrado. Seria facil multiplicar estes exemplos.

Signaes das fracturas. Os primeiros effeitos que resultam de uma fractura são : a impossibillidade de se servir do membro quebrado, dôr mais ou menos viva, deformação da parte, mudança na direcção do membro, mobilidade anormal sobre o trajecto do osso fracturado, inchação, emfim um ruido particular que se obtem rocando os fragmentos do osso um pelo outro; ruido designado pelo nome de *crepitação*.

Nada parece mais facil, á primeira vista, do que reconhecer uma fractura; e, no maior numero de casos, é verdade. As vezes, pelo contrario, é uma das maiores difficuldades da cirurgia, em alguns doentes impossivel de resolver. Isto depende sobretudo da inchação que se desenvolve algumas horas depois do accidente, inchação que augmenta durante os primeiros dias, e persiste ás vezes muito tempo.

A maior parte dos signaes das fracturas, acima indicados, são tambem communs á contusão e á deslocação : só pela reunião d'elles se póde estabelecer um diagnostico exacto. Assim, a inchação, a dôr, a impossibilidade de exercer movimentos, a curteza do membro, e a deformação pertencem tanto ás deslocações como ás fracturas. Só a crepitação dos fragmentos é um signal especial das fractaras.

Marcha, terminaçôes. Quando a fractura simples é tratada de maneira conveniente, isto é, quando os fragmentos são mantidos juxtapostos, ordinariamente os dois extremos soldam-se por uma cicatriz solida chamada *callo*. Mais se os dois extremos do osso fracturado não

se encontra, em topo com topo, ficam então para sempre afastados um do outro, ou não se reunem senão mediante um tecido fibroso intermedio; forma-se então uma *falsa articulação*.

A *reunião dos ossos fracturados* faz-se, em geral, mui lentamente; só ao cabo de 40 dias a cicatriz chamada *callo* apresenta alguma solidez. Se o osso é destinado a supportar um peso consideravel, como acontece com os ossos da perna, não se póde contar com sufficiente consolidação, senão passados dois mezes. As fracturas consolidam-se mais promptamente nas crianças do que nos adultos, e com mais forte razão do que nas pessoas de idade. As do membro superior exigem menos tempo de que as de membro inferior.

Prognostico. As fracturas que occupam a parte média de um osso longo são menos graves do que as das extremidades articulares, por serem estas mais difficeis de manter, e porque são frequentemente seguidas de rijeza articular. A fractura multipla de um só osso offerece maior perigo, do que uma fractura unica, porque os fragmentos da primeira podem conservar-se mais difficilmente no seu logar. Pela mesma razão, as fracturas obliquas são mais sérias do que as fracturas transversaes. As fracturas que existem n'uma região do corpo que é difficil tornar immovel completamente, como no collo do femur, são tambem mais graves. Emfim, é evidente, que uma fractura simples é muito menos grave do que uma fractura complicada.

Tratamento. A cura das fracturas exige que se preencham tres indicações: 1.ª repôr os extremos fracturados no seu logar, isto é, *reduzir* a fractura; 2.ª conserval-os o tempo preciso para a natureza os unir; 3.ª atalhar, ou prevenir os accidentes, que ha, ou que possam sobrevir.

Maneira de levantar e de transportar o doente. Quando a fractura occupa o braço, o doente póde, sem nenhum soccorro, transportar-se do logar do desastre para aquelle onde deve ser tratado, segura com o braço são o braço quebrado, ou suspende-o n'um lenço ao peito para impedir que balance. Póde tambem sózinho vir procurar soccorros quando a fractura occupa algum dos ossos do rosto. Mas não é assim quando a lesão tem logar nos ossos do craneo; porque em tal caso existe quasi sempre commoção do cerebro, e o doente não póde andar. Nas fracturas dos membros inferiores, tambem não póde o doente mover-se, é preciso levantal-o e transportal-o. Quasi sempre são encarregadas d'este mister pessoas estranhas á arte de curar, e é raro que, privadas de conhecimentos necessarios, não occasionem algum damno. Com effeito, transportando o doente, não olham para o membro fracturado, ou pegam n'elle por uma de suas extremidades; resultam d'estas duas causas grandes movimentos dos fragmentos e um augmento evidente na deslocação e na dôr.

Ás vezes faz-se o transporte nas costas de um homem ou em uma cadeira; e, durante todo o trajecto, o membro quebrado é abandonado ao seu proprio peso, e obedece a todas as impulsões que lhe imprime uma marcha mais ou menos difficil e irregular. Acontece o mesmo quando homens pegam no doente cada um por um membro, sustentando o mem-

bro quebrado sómente perto do tronco, e deixando cntregue a si mesma a parte que communica com o fragmento inferior; e tambem quando esta parte mesma fôr segura por uma quinta pcssoa, pois é mui difficil, que tão grande numero de pessoas combinem de tal maneira os seus movimentos, que d'isso não resulte uma deslocação dos fragmentos.

Evitam-se estes inconvenientcs transportando-se o doente em uma padiola, em um canapé ou em qualquer cousa que sirva de cama, como uma mesa comprida, uma taboa larga. Eis-aqui como sc procede : Deve-se primeiro descobrir o membro quebrado, não tirando os vestidos, mas sim cortando-os com tesoura. Uma pessoa entendida, em falta de cirurgião, pega com uma das mãos na parte do membro que communica com o fragmento inferior, e ao mesmo tempo segura com a outra o fragmento superior; cntão puxa pelo fragmento movel, endireita-o e põe-n'o nas relações naturaes. Diz aos assistcntes que levantem o paciente e o transportem em um canapé ou cousa semelhante; e, continuando scmpre a manter os fragmentos n'um contacto cxacto, acompanha o membro até que seja convenientemente posto sobrc uma almofada. D'esta maneira evitam-sc todas as dôrcs que resultam da deslocação dos fragmentos e dos movimentos que lhes podem ser communicados. Se se tratar de uma fractura da coxa, será difficil ao cirurgião pegar no membro na parte superior e inferior da fractura; encarrega então uma pessoa de segurar o tronco, em quanto que elle mesmo segura o membro com ambas as mãos perto do joelho para endireital-o e estendêl-o tanto quanto seja possivel, e procura combinar seus movimentos com os movimentos do adjudante, afim de produzir a menor dcslocação possivel.

Finalmente, eis-aqui o melhor-modo de levantar e transportar o doente de coxa quebrada. Deve elle passar ambos os braços á roda do pescoço de uma pessoa robusta, e esta deve-lhe segurar o tronco : outra pessoa sustenta as cadeiras, c uma terceira pega no membro são, em quanto o cirurgião, ou a pcssoa que o substitue, se encarrega do membro quebrado. A um signal do cirurgião levantam o doente; passam o canapé por baixo d'ellc, e deitam-n'o sobre elle : o membro será posto encolhido. Para uma fractura da coxa, as almofadas devem formar um duplo plano inclinado (d'esta fórma $\wedge$), de baixo para cima desde a nadega até á curva da perna, e de cima para baixo desde a curva da perna até ao calcanhar. Para uma fractura da perna, as almofadas hão de formar um plano horizontal. Quando no transporte se descerem cscadas, a cabeça do doente deve ficar para diante, afim de que o peso do corpo não se dirija sobre o logar fracturado. Os pés, pelo contrario, serão dirigidos para diantc quando fôr necessario subir escadas ou qualquer outro logar elevado.

A operação de pôr o doente na cama definitiva faz-se na mesma ordem, e com as mesmas precauções que quando se trata dc pôl-o na cama provisoria.

A cama dcstinada para as pessoas affectadas dc fracturas, deve ser bastante dura para não se deformar debaixo do peso do corpo. Convem

ter o cuidado de não pôr debaixo da cabeça ou dos hombros travesseiros mui altos, por meio dos quaes os doentes fiariam como sentados na eama. Deve pregar-se no tecto uma corda que desça ao aleance do doente, e que se termine por uma travessa de páo. Serve esta corda ao doente para levantar-se quando quer satisfazer certas necessidades.

Reducção das fracturas. Deita-se o doente quando a fractura oecupa um dos membros inferiores, e senta-se em uma cadeira quando se trata da fractura de um dos membros superiores, e proeede-se á *reducção* da fractura. Esta operação deve ser feita quanto antes; executa-se por meio de manobras que chamam *extensão*, *contra-extensão* e *coaptação*.

A *extensão* é uma tracção practicada sobre o fragmento inferior da fractura por meio de uma força applicada á porção do membro que se continua com este fragmento. A *contra-extensão* é uma traeção feita sobre a porção do membro que se continua com o fragmento superior, para impedir este de ser arrastado pelas forças extensivas. A *coaptação* é uma manobra que tem por fim assegurar as relações exaetas dos dois fragmentos, uma vez que a deslocação foi corrigida pela extensão e pela contra-extensão.

Para fazer as tracções necessarias á extensão e á contra-extensão, um só cirurgião é sufficiente em alguns casos. Mas ordinariamente são necessarios alguns ajudantes; basta um só para a contra-extensão; um só ou mais podem ser necessarios para a extensão. O modo de fazer a reducção é em geral simples. Estando mantido immovel o fragmento superior por um ajudante (contra-extensão), um outro ajudante exerce sobre o fragmento inferior tracções contínuas, vagarosas e sem saeudiduras (extensão), para reconduzir primeiro os dois fragmentos á mesma direcção, para continuar depois a extensão segundo o eixo do membro. Depois de corrigida a deslocação dos fragmentos pela extensão e contra-extensão, o cirurgião os repõe no seu logar o mais exaetamente possivel communicando-lhes com as mãos movimentos em sentidos eonvenientes (coaptação), o que se eonhece pela boa figura da parte, reetidão, comprimento natural do membro, diminuição de dòres, e algumas vezes pela crepitação que se sente.

Conservação dos fragmentos no seu logar. Apparelhos. Quando os fragmentos de uma fractura estão postos em contacto, é preeiso, para obter a cura, mantêl-os invariavelmente n'esta posição, durante todo o tempo necessario para a formação do *callo*. Para obter este resultado recorre-se á applicação de um *apparelho*. Assim se chama a reunião de objectos necessarios para conter uma fractura.

Ha certo numero de objectos communs a todos os apparelhos de fraeturas: são tiras, compressas, pedaços de panno, saquinhos ou almofadas e talas.

As *talas* (fig. 481), são laminas de madeira, papelão, ou folha de Flandres, de fórma e dimensões variaveis, destinadas a serem applieadas no sentido do comprimento do membro fracturado, para mantêl-o immovel e impedir a deslocação dos fragmentos. As talas de madeira para o braço preparam-se facilmente com a madeira das caixas em que se guardam charutos.

As *almofadas* são formadas de saquinhos de panno de linho, de comprimento e largura variaveis, que se enchem com paina, palha, algodão ou clina (fig. 482). São destinadas a garantir o membro da pressão das talas. Não devem ser mui cheias, pois, n'esse caso, são mui duras, e não podem adaptar-se á fórma das partes.



Fig. 481. — Tala.

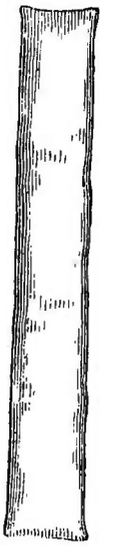


Fig. 482. — Almofada.

Para que o apparelho seja efficaz, é preciso dar-lhe certo gráo de constricção; não sendo bastante apertado, permitte aos fragmentos movimentos nocivos para a consolidação; mas sendo muito apertado, determina uma dôr viva e póde até produzir gangrena no membro. Estando este quasi todo coberto pelo apparelho, só as pontas dos dedos ficam livres e indicam o gráo de constricção do apparelho. Se as pontas dos dedos estiverem fortemente inchadas, frias, lividas, e se ao mesmo tempo existirem no membro grandes dôres, será prova de que o apparelho está demasiadamente apertado : será necessario então afrouxal-o; deve-se entretanto saber que, não apparecendo um leve gráo de tumefacção não é sufficiente. Uma pequena dôr no membro, pouco tempo depois da applicação de um apparelho, uma pequena tumefacção de sua extremidade, sem lividez, sem arrefecimento, eis o que existe de ordinario quando a constricção do apparelho se acha conveniente.

Um apparelho convenientemente applicado no primeiro momento póde, passado certo tempo, ficar mui frouxo ou muito apertado; o que provém de que a inchação do membro tem diminuido ou augmentado; póde ser desmanchado pelos movimentos do doente ou por qualquer outra causa : convem remediar isto. Ás vezes basta só apertar ou afrouxar as ataduras exteriores : mas outras vezes é necessario tornar a applicar o apparelho de novo. Esta operação exige certas precauções, quando deve fazer-se poucos dias depois da fractura. Se os ossos sahirem do logar ou não forem encanados exactamente no primeiro curativo, poder-se-ha remediar isso seguindo as regras ordinarias; o callo, nos primeiros dias da sua formação, é bastante flexivel para permittir esta correcção.

O repouso é absolutamente indispensavel durante todo o tempo do tratamento. Sem isso os fragmentos mudariam continuamente de logar e a consolidação seria impossivel. Se a fractura affectar um membro superior, o doente póde andar com o apparelho. Mas as fracturas da perna, da coxa, exigem pelo contrario o repouso na cama durante todo o tratamento. Logo que a consolidação está assegurada, cumpre, para evitar a rijeza articular consecutiva ás fracturas, communicar ao membro alguns movimentos; podem fazer-se fricções seccas com a mão, ou com agua de Colouia, ou banha de porco.

A difficuldade nos movimentos é a consequencia ordinaria de uma fractura; depende da diminuição do volume dos musculos que foram comprimidos por muito tempo, e procede sobretudo da immobilidade das juntas durante todo o tratamento. Esta difficuldade dos movimentos persiste por algum tempo, mas desapparece pouco a pouco pelo exercicio: as fricções com aguardente camphorada são uteis n'este caso. Com o tempo o membro torna a recuperar o seu primeiro volume e a sua primeira força.

Complicações das fracturas. As fracturas podem ser complicadas de lesões dos orgãos vizinhos: isto observa-se frequentemente nas fracturas dos ossos do craneo, do peito e das cadeiras. A fractura constitue então uma lesão secundaria. Outras complicações são: as contusões das carnes que rodeiam os ossos quebrados, as feridas das partes molles produzidas pela causa que occasionou a fractura ou por um dos fragmentos do osso, a hemorrhagia, a multiplicidade dos fragmentos, e emfim a deslocação de uma das extremidades do osso quebrado.

Examinemos estas diversas complicações:

1.° *Contusão.* Não existe, propriamente fallando, fractura que não seja acompanhada de contusão em um gráo mais ou menos pronunciado. Quando esta é mediocre, convem limitar-se durante os dois ou tres primeiros dias ás applicações resolventes, taes como pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada. Se a contusão fôr seguida de tumefacção inflammatoria, é preciso applicar cataplasmas de linhaça. Durante todo este tratamento dá-se ao membro fracturado uma posição conveniente, e applica-se o apparelho depois de combatida a inflammação. A contusão póde ser assáz forte para occasionar uma desorganização das partes molles, isto é, *escaras*, que serão eliminadas passado algum tempo; a fractura entra então nas condições de uma lesão d'este genero complicada de *ferida*. O tratamento que se deve seguir em semelhante circumstancia, acha-se indicado no paragrapho seguinte.

2.° *Fracturas complicadas de feridas das partes molles.* Estas feridas apresentam-se em duas condições: não communicam, ou communicam com o fóco da fractura. No primeiro caso, submette-se o doente ao mesmo tratamento que o de uma ferida simples, isto é, reunem-se as bordas com tiras de emplasto adhesivo quando estas não se acham contusas, ou cura-se com ceroto e fios embebidos de aguardente camphorada quando são contusas. No segundo caso, a ferida apresenta-se em condições differentes que motivam indicações diversas.

A ferida póde ser produzida por um dos fragmentos do osso que sahio atravez das partes molles e da pelle. Se o fragmento que perforou as partes molles e a pelle voltou ao seu logar, cumpre reunir a ferida exterior com tiras de emplasto adhesivo, e tratar a fractura como se fosse simples. Se o fragmento ficou fóra, e se a ferida é bastante larga para permittir que se reponha o fragmento na sua posição normal, é preciso reduzir, e proceder depois á reunião das bordas da ferida. Nos casos de

fracturas mui obliquas, quando um fragmento muito agudo sahe, e quando a abertura da pelle, muito estreitada por causa da inchação que sobreveio se oppõe á reducção, far-se-hão incisões necessarias para executar esta reducção. Acontece ás vezes que o fragmento é demasiado longo para poder ser reduzido : n'este caso, é preciso cortar transversalmente as pontas agudas com uma tenaz incisiva, ou com um serrote pequeno. Emfim, em certas fracturas o fragmento é irreductivel, bem que não seja nem muito longo nem apertado pelas partes molles; deve-se então esperar pela sua eliminação espontanea. O membro será posto n'uma goteira, e a ferida curada do modo que explicarei mais adiante.

A ferida póde ser produzida pela acção directa do corpo vulnerante. Quando a ferida não é muito larga, põe-se o membro n'uma posição conveniente, e cura-se a ferida com compressas imbebidas em agua phenicada. Estando os ossos reduzidos a esquirolas, os musculos pisados e o membro ameaçado de gangrena proxima, é necessario recorrer á *amputação*. Semelhante modo de proceder está indicado nos casos em que um projectil de arma de fogo fracturou um membro e dilacerou as partes molles n'uma grande extensão. (*Veja-se* FERIDAS POR ARMAS DE FOGO.) Admittindo que a desordem seja menos considcravel, façam-se diligencias para conservar o membro. Tirem-se as esquirolas, proceda-se á reducção da fractura com muitas precauções, abram-se os labios da ferida que se lava com todo cuidado em todas as suas partes o mais profundamente possivel com a seguinte solução :

Acido phenico	4	grammas.
Alcool	30	—
Agua	200	—

Quando se está certo que a ferida está bem limpa, que não encerra mais nem esquirolas, nem corpos estranhos, fecha-se'a com pontos de sutura em todo o seu comprimento deixando sempre uma abertura. Ao nivel do logar que não se suturou, introduz-se um tubosinho de cautchuc, para dar sahida aos liquidos que se formarem. Polvilha-se com pó de iodoformio e por cima applicam-se compressas molhadas na solução acima indicada.

Involve-se o membro doente, nos dous terços de sua circumferencia, em uma atadura espessa de tarlatana molhada em dextrina que endurece em pouco tempo e conserva a direcção dada aos dous fragmentos do osso quebrado. Haverá cuidado em não collocar o apparelho dextrinado sobre o curativo ao nivel da ferida afim que ella possa ser observada e que se possa mudar as peças do primeiro curativo. É um meio certo de evitar a febre, a dôr, a suppuração e os abcessos que eram inevitaveis outr'ora com os curativos que se empregavam n'estes casos.

3.° *Hemorrhagia.* Provém da abertura de alguma veia ou arteria. As que são devidas á ferida de uma veia céssam promptamente pela compressão com fios seccos, ou molhados em solução de perchlorureto de ferro a 15 gráos. Se se formar um derramamento sanguineo, abandona-se este á sua marcha natural; mas se o sangue tardar a absorver-se,

dá-se-lhe sahida abrindo o tumor. Quando o sangue provém de uma arteria, forma-se um tumor chamado aneurysma falsa primitiva, que é caracterizada por movimentos isochronos aos do pulso. E preciso praticar a laqueação da arteria. Se, antes d'esta operação, o sangue esguichar, appliquem-se fios embebidos na solução de perchlorureto de ferro, e comprima-se a arteria.

4.ª *Fractura complicada com esquirolas, fractura comminutiva.* Chama-se *fractura comminutiva*, quando o osso se acha quebrado em partes miudas, a que se dá o nome de esquirolas. — Deve-se primeiro dar uma boa direcção ao membro. Havendo ferida exterior, extrahem-se as esquirolas livres, e mesmo as que estão ainda presas ás partes molles, mas que parecem dever ser eliminadas. Se não houver ferida, mas se as esquirolas se sentirem debaixo da pelle no meio dos tecidos destruidos, convem fazer incisões e extrahir todas as esquirolas livres. Façam-se sobre a ferida irrigações com agua tepida; appliquem-se cataplasmas de linhaça; e reserve-se a amputação do membro para os casos extremos.

5.ª *Fractura complicada com deslocação*, É preciso repôr primeiro a deslocação, podendo ser, e depois concertar a fractura, ou, *vice versa*, não podendo ser.

Articulação falsa ou **pseudarthrose.** Quando uma fractura não acaba por um callo osseo, no fim do tempo necessario para este trabalho, diz-se que esta fractura não está consolidada; os dois fragmentos ficam em relação por meio de uniões taes que podem mover-se um sobre o outro ; d'aqui vem o nome de *articulação falsa* ou *pseudarthrose* dado a este modo de terminação das fracturas.

Causas. Não ha causa geral que possa por si só produzir uma falsa articulação ; comtudo a debilidade do doente, as molestias inflammatorias graves, o vicio escrophuloso ou rachitico são ás vezes a causa da demora na consolidação. A obliquidade da fractura, a distancia entre os extremos dos fragmentos, a interposição de partes molles, numerosas esquirolas, e uma perda de substancia do osso, são ás vezes a causa de uma falsa articulação. Este inconvenicnte sobrevem tambem quando os fragmentos se cruzam, e passam um por cima do outro. Com mais forte razão a fractura não se consolidará se os fragmentos forem *moveis*, quer pela indocilidade do doente, quer pela imperfeição do apparelho, ou se o doente se entregar a um exercicio prematuro. Ha fracturas nas quaes um dos fragmentos não recebe senão materias de nutrição insufficientes : taes são as fracturas intra-capsulares do collo do femur ; estas fracturas raras vezes se consolidam.

Symptomas. Uma articulação falsa não é difficil de reconhecer. Todas as vezes que, depois da reducção de uma fractura, o membro conserva definitivamente uma mobilidade anormal n'um ponto de sua extensão, póde-se concluir que os fragmentos não estão reunidos por um callo osseo. Um semelhante estado de cousas traz obstaculos ao exercicio do membro, e tem inconvenientes graves, sobretudo quando se trata da coxa ou da perna.

Tratamento. Quando uma fractura não se acha consolidada no fim do tempo necessario para este trabalho, convem pôr o membro n'um apparelho inamovivel durante novo periodo. Se apezar da immobilidade prolongada, a fractura não se consolidar e se terminar por uma falsa articulação, é preciso excitar a vitalidade dos fragmentos por um dos meios seguintes. Recorre-se primeiro a causticos volantes que se applicam sobre os differentes logares do membro fracturado. Se falhar este modo de tratamento, empregue-se a cauterização, quer no exterior, quer no interior do membro. Este modo de tratamento e preferivel hoje, sobretudo quando com o cauterio electrico podemos levar o fogo á profundidade dos tecidos, sem destruir as partes superficiaes. Convem tambem esfregar os fragmentos um contra o outro. Emfim nos casos rebeldes cortam-se os extremos dos fragmentos.

Quando se reputa incuravel uma falsa articulação, ou quando se julga que não se deve emprehender a sua cura radical, é preciso applicar um apparelho que mantenha os fragmentos n'uma coaptação tão exacta quanto seja possivel.

Ha fracturas que se consolidam de uma *maneira disforme;* este resultado depende quasi sempre da imperfeição dos apparelhos empregados, ou do tempo insufficiente durante o qual foram applicados. Resultam d'isto deformidades mais ou menos evidentes, ou difficuldades no exercicio das funcções do membro. Para remediar este estado de cousas, foram aconselhados muitos modos de tratamento.

Quando o callo é recente, e se não adquirio ainda grande solidez, póde-se ensaiar endireital-o fazendo sobre o membro extensões brandas e graduadas se houver um encurtamento, empregando um apparelho que repelle do lado do eixo do membro a convexidade da curvatura dos fragmentos, e em sentido opposto ás extremidades do osso, no caso de deslocação segundo a direcção d'esta. Sendo o callo mais antigo, propuzeram rompêl-o por meio de uma maquina particular, endireitar depois o membro, e applicar um apparelho para obter d'esta vez uma cura isenta de deformidade. Mas semelhante operação é mui grave e muito incerta: com effeito, como assegurar que se quebrará o osso ao nivel exacto do callo? É melhor, n'este caso, conservar o membro disforme tal como está.

FRACTURAS DO ANTEBRAÇO. O antebraço é a porção do membro superior, que se estende desde o cotovelo ate á mão. Dois ossos entram na sua estructura; o primeiro situado da parte de fóra; isto é, do lado do dedo pollegar, chama-se *radio:* o outro, chamado *cubito,* corresponde á parte interna do antebraço.

As fracturas podem ter logar em ambos os ossos do antebraço, ou n'um só, as mais das vezes no radio. Ordinariamente existem na parte média e inferior do antebraço, raras vezes na porção superior. As causas que as produzem são pancadas, passagem da roda de um carro, ou quédas sobre a palma da mão. A pessoa, no momento de damno, experimenta uma dôr viva; não lhe é possivel virar espontaneamente o antebraço. Quando um só osso se acha quebrado, os fragmentos são

pouco deslocados, porque o osso intacto serve de apoio ao osso quebrado; mas um certo estalo que se sente quando se move o braço e a dôr que augmenta com estes movimentos, bastam para descobrir a fractura.

A deformação é mais sensivel quando ambos os ossos se acham fracturados.

Tratamento. Para reduzir estas fracturas, procede-se do mesmo modo e applica-se o mesmo apparelho na fractura de um só osso, como na de ambos os ossos.

Sentado o doente n'uma cadeira, uma pessoa segura-lhe o braço perto do cotovelo, outra pega-lhe na mão e faz a extensão, tendo o cuidado de dar ao membro a direcção normal, o que basta para encanar os ossos quebrados; uma terceira pessoa applica sobre a face anterior e posterior do antebraço uma compressa *graduada pyramidal*, e por cima d'esta tala fina de páo, feita, *verbi gratia*, de madeira que serve para as caixas de charutos; por cima das talas applicam-se tres fitas de panno guarnecidas de fivelas, que podem apertar-se á vontade. Uma das fitas applica-se no meio do antebraço, as outras nas extremidades (fig. 483). Em logar das fivelas, podem-se fazer nós. As talas devem ser bastante largas afim de que as fitas, que devem fixar o apparelho, pousem não sobre os ossos, mas sim sobre as margens das talas.

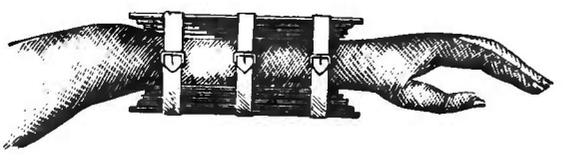


Fig. 483. — Apparelho para a fractura do antebraço.

A compressa graduada pyramidal faz-se do modo que está indicada no artigo COMPRESSA, vol. I, pag. 659. Em vez de compressas graduadas, podem applicar-se rolhas cortadas ao meio do sentido do seu comprimento. Feito isto suspende-se o antebraço ao pescoço com um lenço. A fractura, para consolidar-se, exige de 35 a 40 dias. — As fitas podem ser substituidas por tiras de esparadrapo de diachylão, dispostas de distancia em distancia.

Cumpre reformar o apparelho cada 10 ou 12 dias, e não apertal-o senão mediocremente na primeira applicação, para que não exerça uma constricção perigosa sobre o antebraço. — Na face anterior do antebraço, existem duas arterias que podem ser facilmente comprimidas pelo apparelho. Esta compressão, augmentada pela inchação, que ás vezes sobrevem, póde interromper a circulação na mão e occasionar a gangrena. Por conseguinte, é preciso vigiar as consequencias da applicação do apparelho, e afrouxar as ligaduras logo que o doente se queixar de dôr algum tanto viva.

FRACTURA DA BACIA ou **PELVE.** Quatro ossos entram na composição da bacia: dois iliacos, o sacro e o coccyx. Os ossos iliacos, um de cada lado do corpo, formam as partes lateraes (ancas ou ilhargas) e anteriores (pubis) da bacia. O sacro e o coccyx acham-se na parte posterior e inferior do tronco.

Cercados de partes molles espessas que os protegem na maior parte de sua extensão, os ossos da bacia, largos e volumosos, são raras vezes acommettidos de fracturas. E por isso estas lesões são produzidas por causas mui violentas; observam-se depois de quédas de logares elevados sobre a bacia, nos individuos que recebêram couces de cavallo na mesma região, ou que foram pisados pela roda de um carro, pelo desmoronamento de pedras, de traves, etc.; podem ser produzidas por balas de armas de fogo.

1.° **Fractura dos ossos iliacos.** Os dois iliacos podem quebrar-se ao mesmo tempo; mas de ordinario quebra-se um só osso. As mais das vezes a fractura occupa a parte larga do osso ou as fossas iliacas, ás vezes tem logar por diante, isto é, no corpo do pubis, ou nos ramos do osso. É mui difficil verificar a existencia d'estas fracturas, se o paciente é gordo. Póde com razão suspeitar-se a sua existencia quando a bacia foi submettida á acção de choques violentos; quando o paciente experimenta vivas dôres e não póde mover senão com difficuldade os membros inferiores. Sendo o doente magro póde reconhecer-se a fractura, pegando nos pontos salientes do osso, e communicando-lhes leves movimentos em direcção opposta. Sente-se então distinctamente a mobilidade insolita dos fragmentos, e ás vezes ouve-se a crepitação.

Na fractura dos ossos iliacos, existe quasi sempre uma profunda contusão das partes molles exteriores, ecchymoses enormes, devidas á ruptura dos vasos e á extravasação de sangue no tecido cellular interior ou exterior da cavidade da bacia. Quasi sempre se manifestam symptomas graves dependentes da commoção, da contusão ou da rasgadura dos orgãos encerrados na cavidade abdominal: sobrevem então vomitos sanguinolentos e evacuações alvinas da mesma natureza; inflammação dos intestinos, retenção de ourina, etc. E por isso as fracturas dos ossos iliacos são menos perigosas por causa da solução de continuidade dos ossos, do que por causa da lesão dos orgãos internos da bacia. Se as vísceras interiores forem isentas de alterações, os doentes sáram com facilidade; mesmo quando a desordem das partes molles exteriores fôr consideravel, e com mais forte razão quando a fractura fôr simples.

Na fractura dos ossos iliacos, o doente deve conservar-se em repouso completo, e deitado de costas; envolve-se a bacia em pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, que serão mantidos com uma toalha apertada á roda do corpo. Se se formarem abcessos, será necessario abril-os promptamente. Se o doente não puder ourinar, será preciso recorrer ao catheterismo (Vol. I, pag. 513).

2.° **Fractura do sacro.** Estas fracturas são mais raras do que as dos outros ossos da bacia. As mais das vezes são produzidas por uma forte pancada sobre a região posterior e inferior do corpo, pela passagem da roda de um carro, ou pela quéda de um logar elevado sobre o assento. Estas fracturas podem ser complicadas com paralysia da bexiga e das extremidades inferiores, por causa da commoção ou da contusão da medulla espinhal. Sem esta complicação, curam-se facilmente pelo

simples repouso que o doente deve conservar, deitado de costas, durante um mez ou mez e meio.

3.° **Fractura do coccyx.** O coccyx é um appendice osseo que termina inferiormente o sacro, que lhe imita a fórma, e sobre o qual se move. Quebra-se pelas mesmas causas que o sacro. Esta fractura não necessita, para consolidar-se, senão repouso e posição deitada de costas.

FRACTURA DO BRAÇO. Um só osso, chamado *humero*, constitue a parte central do braço. Este osso póde quebrar-se na parte média ou nas extremidades.

Fractura da parte média ou **do corpo do humero.** Ordinariamente resulta de uma pancada sobre o braço, ou de uma quéda sobre o cotovelo ou sobre o punho; porém a contracção muscular só, é tambem sufficiente para produzil-a, e existem numerosos exemplos d'este genero em individuos que quebráramo braço estendendo-o com força ou atirando uma pedra.

Symptomas. Quando o humero se quebra na parte média, o doente sente uma dôr fixa n'um ponto do braço; não póde servir-se do membro,

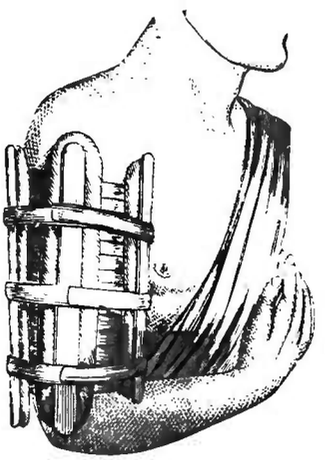


Fig. 484. — Apparelho para a fractura da parte média do osso do braço.

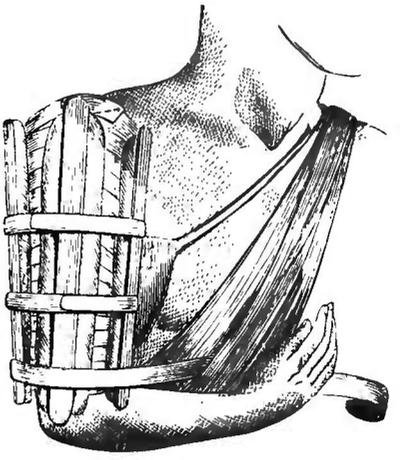


Fig. 485. — Apparelho para a fractura da extremidade superior do humero.

cuja fórma e direcção ficam mais ou menos mudadas. Se alguem segurar o braço com ambas as mãos, applicando uma das mãos na parte superior e outra na parte inferior, e as dirigir em sentido opposto, póde sentir a crepitação devida ao choque dos fragmentos um contra o outro.

Tratamento. Para reduzir esta fractura, uma pessoa segura a espadoa para conserval-a immovel, emquanto outra puxa pelo antebraço para endireitar o humero; o cirurgião ajusta então com os dedos os fragmentos do osso. Emprega-se depois um apparelho mui simples: rodeia-se o braço com uma atadura, e applicam-se quatro saquinhos de paina, e por cima d'estes, quatro talas sobre a face anterior, posterior, interna e externa do braço, que se seguram com tres ligaduras (fig. 484). O doente

deve ficar de cama durante os tres primeiros dias; depois poderá andar, tendo o cuidado de trazer o braço suspenso n'um lenço. Em 40 ou 45 dias consolida-se a fractura do braço.

Fractura da extremidade superior do humero. É quasi sempre produzida por uma causa que actua immediatamente sobre a parte externa e superior do braço, taes como quédas e pancadas, e de ordinario complica-se com profundas contusões, inchação e com outros symptomas mais ou menos graves. Mas póde tambem acontecer depois de uma quéda sobre o cotovelo ou a mão, estando o braço afastado do tronco. Conhece-se pela crepitação das superficies quebradas, que se sente movendo o braço. — O apparelho que se emprega na fractura do humero, serve tambem para manter o humero em boa direcção no caso de fractura da extremidade superior d'este osso. Junta-se-lhe unicamente uma almofadinha cónica, que se põe debaixo da axilla, e que se segura com duas tiras tomando ponto do apoio de lado opposto do pescoço; supprime-se a tala interna (fig. 485).

Fractura da extremidade inferior do humero. É causada de ordinario por uma quéda sabre o cotovelo; e é caracterizada pela dôr, impossibilidade de se servir do membro, crepitação e inchação na parte inferior do braço, perto do cotovelo. Esta fractura é mais grave do que a do corpo do humero, por causa da rijeza articular que lhe succede muitas vezes.

Para fazer a reducção d'esta fractura, uma pessoa abrange com as mãos o braço, outra pessoa puxa pelo antebraço dobrado para endireitar o braço, e o cirurgião repelle para traz o fragmento superior e para diante o fragmento inferior. Para manter os fragmentos em boa posição, rodeia-se primeiro a mão, o antebraço e a porção inferior do braço com uma tira de tres dedos de largura : põem-se depois duas talas de papelão molhado, uma do lado da flexão, outra do lado da extensão, fendidas um pouco de cada lado ao nivel do cotovelo posto em flexão; e seguram-se estas talas com uma segunda tira enrolada em roda do apparelho (fig. 486). A cura exige de 50 a 60 dias; mas cumpre reformar o apparelho cada duas semanas, e communicar alguns movimentos á junta do cotovelo para prevenir a rijeza articular.

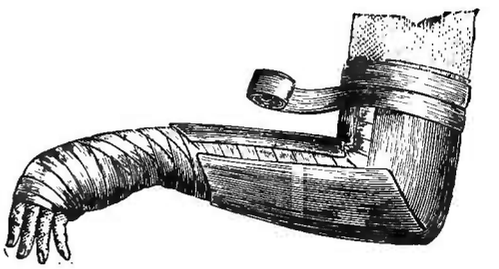


Fig. 486. — Apparelho para a fractura da extremidade inferior do humero.

FRACTURAS DA CABEÇA. As causas das fracturas dos ossos da cabeça são as pancadas, quédas, choque dos corpos duros que cahem de certa altura ou são lançados pela polvora, etc.

Symptomas. As fracturas do craneo podem consistir n'uma simples racha, conservando os ossos o seu nivel, ou podem apresentar esquirolas, e ser complicadas com deslocação dos fragmentos. A deslocação

póde fazer-se de differentes maneiras; ordinariamente as esquirolas afundam-se directamente do lado do cerebro.

As fracturas do craneo sáram como as fracturas dos outros ossos, se o cerebro não foi compromettido. São tres os phenomenos que podem apresentar-se n'esta circumstancia : compressão, commoção, e contusão do cerebro.

A *compressão* do cerebro póde depender de um derramamento de sangue, ou do abaixamento dos pedaços do craneo. O doente cahe n'uma modorra acompanhada de paralysia da metade do corpo, opposta ao lado da cabeça em que existe o ponto de compressão.

Quando ha *comoção* do cerebro, o doente experimenta uma vertigem, e visão de corpos luminosos; ás vezes perde os sentidos e cahe em modorra.

Na *contusão* do cerebro este orgão acha-se desorganizado. Sendo a contusão mui extensa, como acontece quando alguem cahe sobre a cabeça de um logar muito alto, a morte é a consequencia immediata. Mas quando a contusão occupa um pequeno espaço, o doente sente pouca dôr ao principio, e só passados quatro ou cinco dias começa a experimentar symptomas morbidos. Estes symptomas são os da inflammação do cerebro : dôr de cabeça, febre, delirio, convulsões, e ás vezes a morte.

Tratamento. As fracturas do craneo, que não são acompanhadas nem de compressão, nem de commoção, nem de contusão do cerebro, exigem o mesmo tratamento que se applica nas feridas simples da cabeça. *Veja-se* FERIDAS DA CABEÇA.

Não sendo as fracturas do craneo acompanhadas nem de compressão, nem de commoção, nem de contusão do cerebro, basta applicar no logar quebrado panno molhado em agua fria, e conservar-se em repouso.

Quando existem symptomas de commoção cerebral, os meios que se empregam variam conforme o gráo da affecção e a época em que se observa o doente. Se se chegar no momento mesmo do accidente, sendo a commoção mui forte, e estando o doente para desmaiar, é preciso em primeiro logar excitar os movimentos do coração, dando uma chicara de chá de herva cidreira; e depois d'isso, se o pulso bater com força, convem praticar uma sangria no braço. Quando se manifestam os symptomas de compressão do cerebro, é mister tambem recorrer á sangria e ás bichas que se applicam atraz das orelhas. Quando existem symptomas de compressão do cerebro pelo sangue ou pus, cumpre abrir o craneo por meio do trepano, afim de dar sahida a estas materias. O cirurgião é tambem obrigado a recorrer á operação do trepano, quando a compressão é produzida por esquirolas osseas que penetráram no cerebro. Esta operação tem salvado a vida a muitos doentes.

FRACTURA DA CLAVICULA. A clavicula é um osso comprido contorneado em S, e collocado transversalmente na parte superior do peito. Por causa da sua situação superficial e fragilidade, a clavicula quebra-se frequentemente. Umas vezes a fractura é produzida por uma

pancada directa sobre algum ponto d'este osso, outras vezes tem logar n'uma quéda sobre o hombro.

Symptomas. Póde-se muitas vezes conhecer uma fractura da clavicula, olhando simplesmente para o doente : o hombro do lado fracturado fica mais baixo do que o do lado opposto; a cabeça acha-se inclinada para o lado fracturado, o braço do mesmo lado fica immovel e o doente não o póde levantar nem para o hombro são, nem para a cabeça. Correndo-se o dedo sobre a clavicula, sente-se n'um ponto uma depressão, e vê-se que dos dois fragmentos do osso, o fragmento externo desceo para baixo do fragmento interno. Movendo o braço com uma das mãos, e applicando a outra sobre o logar fracturado, sente-se a crepitação, porque os topos fracturados roçam um pelo outro.

Tratamento. Puxar para fóra o fragmento externo, e fazêl-o subir ao nivel do fragmento interno, taes são as duas indicações para pôr no seu logar os fragmentos da clavicula quebrada. Eis-aqui como se procede :

Sentado o doente n'uma cadeira, põe-lhe o cirurgião na axilla do lado quebrado uma almofadinha cuneiforme feita com algodão cardado, e fixa esta almofadinha cosendo n'ella dois pedaços de cadarço estreito, e passando-os á roda do pescoço. Isto feito, agarrando o cotovelo, applica com força o braço contra a almofadinha, e imprime-lhe depois, de baixo para cima, um movimento que levanta o hombro, e o dirige um pouco traz; a mão do doente deve encostar pela face palmar no peito. Por este duplo movimento os fragmentos ficam em contacto. Uma pessoa segura o braço para conservar esta boa posição.

Prepara-se um pedaço quadrado de panno de linho, e de dimensão tal que, depois de dobrado em triangulo, possa rodear o peito. O cirurgião applica por diante do antebraço este panno, assim dobrado em triangulo, de modo que o meio da base virada para cima corresponda ao nivel do quarto inferior do braço, e que sua dupla ponta, opposta a esta base penda diante e debaixo do antebraço. Passam-se as duas longas extremidades do triangulo, uma para traz e outra para diante do peito, do lado opposto do peito, para ali ficarem convenientemente apertadas e seguras com alfinetes ou alguns pontos de costura. Levam-se então as duas pontas pendentes de baixo para cima entre o antebraço e o peito, de modo que o cotovelo, o antebraço e a mão fiquem inteiramente cobertos; dirigem-se estas pontas separadamente, uma obliquamente do lado do hombro bom, outra perpendicularmente contra o osso quebrado, e levam-se para traz aonde se fixam á parte do triangulo atado nas costas. Se as pontas não tiverem comprimento sufficiente, como na (fig. 487), cose-se-lhes a cada uma d'ellas um cadarço, que se levam por cima de cada hombro para traz do peito para ali se atarem um com o outro. Póde-se interpôr um pedaço de panno dobrado entre a clavicula fracturada e o cadarço afim de segurar melhor os fragmentos do osso. Este apparelho acha-se representado na (fig. 487). Ainda quando solidamente applicado, este apparelho póde afrouxar-se passados alguns dias, e é necessario tornar a applical-o de vez em quando, até perfeita

consolidação da fractura, a qual se effeitua no fim de 20 a 30 dias.

Em logar d'este apparelho póde empregar-se uma almofadinha cuneiforme, uma toalha e um lenço; procede-se então do modo seguinte: Põe-se debaixo do braço a almofadinha cuneiforme, e segura-se, como no apparelho precedente, com dois cadarços, que, cosidos nos angulos superiores, se atam sobre o hombro do lado são, depois de passados á roda do pescoço.



Fig. 487. — Apparelho para a fractura da clavicula.

Passa-se a toalha á roda do corpo, e aperta-se com força para applicar o braço contra o corpo; o braço do lado bom não se acha comprehendido n'esta cinta. Isto feito dobra-seo lenço em triangulo e passa-se o ao pescoço para sustentar o antebraço. Este apparelho póde tambem afrouxar-se facilmente: é necessario apertal-o de vez em quando.

Para tornar a acção do apparelho mais certa, e neutralizar a influencia do peso do braço sobre a deslocação dos fragmentos, alguns cirurgiões exigem, e com razão, que os doentes fiquem deitados de costas com uma almofada que levante as costas e forme um plano declive para receber o hombro fracturado.

A extrema mobilidade do hombro torna o tratamento da fractura da clavicula muito difficil; póde mesmo dizer-se que é quasi impossivel obter uma reunião perfeita; os doentes devem ser prevenidos d'esta circumstancia, afim de não accusarem injustamente o cirurgião de falta de cuidado ou de habilidade. Mas apezar de ficar a clavicula um pouco deformada, isso não impede ao doente o servir-se do braço com a mesma facilidade que existia antes da fractura.

FRACTURA DA COLUMNA VERTEBRAL. *Veja-se* FRACTURA DO ESPINHAÇO.

FRACTURA DAS COSTELLAS. As costellas são ossos curvados em fórma de arco, que concorrem para a formação das paredes lateraes do peito. Ha 24 costellas, 12 de cada lado. Estão representadas na (fig. 240, vol. I, pag 737). As costellas podem quebrar-se por uma pancada, por uma quéda sobre um corpo anguloso, ou por uma compressão violenta do peito, que tenda a curvar o arco natural que formam estes ossos.

Symptomas. Os symptomas da fractura das costellas são: uma dôr viva que augmenta durante a respiração e os movimentos do corpo; um certo estalo que o doente sente quando respira, tosse, ou faz qualquer esforço; a crepitação, que se conhece quando, ao applicar uma das mãos sobre o ponto doloroso, se comprime com a outra a costella quebrada,

a alguma distancia d'esse ponto. A fractura das costellas, ainda que simples, provoca dôres bastante vivas, que se prolongam até ao duodecimo quinto dia; n'esta época a cura marcha com rapidez.

Tratamento. Para obter a reunião exacta da costella quebrada, basta conservar o corpo em repouso perfeito, reduzindo as paredes do peito á immobilidade. Obtem-se isto por meio de uma toalha com que se aperta o peito em fórma de cinta, e que se segura com duas tiras de panno, chamadas *escapulario* ou *suspensorio*, pregadas com alfinetes ou cosidas na toalha como mostra a (fig. 488). O doente deve ficar em repouso durante doze ou quinze dias; no fim d'este tempo póde fazer algum exercicio; e passado um mez póde tirar-se a cinta, porque n'esta época a fractura acha-se consolidada.

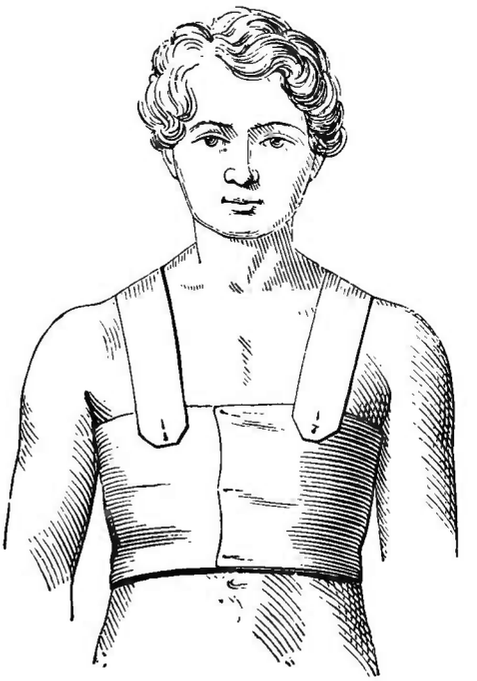


Fig. 488. — Apparelho para a fractura das costellas.

FRACTURA DA COXA. O osso da coxa, o *femur*, bem que envolvido em musculos espessos, quebra-se assaz frequentemente, o que depende do seu comprimento e da disposição de sua parte superior que forma um angulo obtuso com a direcção do resto do osso, apresentando debaixo da cabeça do femur uma porção mais delgada chamada *collo*. Distinguem-se as fracturas do corpo do femur e as do seu collo.

Fracturas do corpo do femur. As fracturas do corpo do femur observam-se as mais das vezes na parte mediana do osso. As causas são : passagem de uma roda de carro ou quéda de um corpo mui pesado sobre a coxa; quéda sobre os joelhos ou sobre os pés.

Symptomas. No momento do accidente o enfermo sente uma dôr mui viva; perde de repente a faculdade de mover o membro quebrado; e se alguma pessoa levantar esse membro, poderá observar n'um dos pontos da coxa uma mobilidade insolita. Fazendo alguns movimentos, póde-se ouvir a crepitação : a coxa quebrada fica mais curta e mais grossa do que a outra, e os fragmentos fazem ás vezes uma proeminencia mui visivel.

Tratamento. Antes de fazer a reducção da fractura do femur é preciso preparar a cama na qual se deve deitar o doente. Deve ella ser perfeitamente horizontal, pouco susceptivel de fazer cova pelo peso do corpo. O apparelho comprehende : 1.° uma toalha de panno de linho da largura de um metro, e um pouco mais comprida do que o membro fracturado; 2.° uma ligadura chamada de Scultet (fig. 489) que se compõe de tiras

separadas, da largura de 8 centimetros e de comprimentos decrescentes, desde o alto da coxa até ao pé; a tira a mais inferior deve cobrir a tira seguinte, e assim successivamente; 3.' quatro talas, duas do comprimento da coxa e da perna, a terceira do comprimento da coxa e a quarta do comprimento da perna. A primeira d'estas talas é a mais comprida; enrola-se na margem externa da toalha; a segunda enrola-se na margem interna; 4.° quatro saquinhos cheios de paina ou de palha, e um pouco mais compridos do que as talas; 5.' cinco pedaços de cadarço para ligar todo o apparelho.

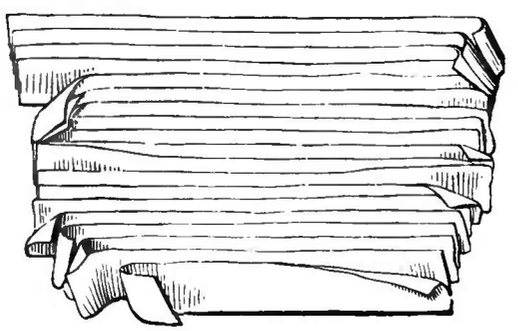


Fig. 489. — Ligadura de Scultet.

Despido o doente e posto na cama, duas pessoas levantam com precaução o membro fracturado, afim de que o cirurgião, depois de desenrolar em parte a toalha, possa collocal-a convenientemente debaixo da coxa. Feito isto, e posto o membro em linha recta, procede-se á reducção. Uma pessoa, situada do lado da fractura, segura a bacia apoiando com as duas mãos sobre as espinhas iliacas anteriores. Uma segunda pessoa, encarregada da extensão, pega no pé, pondo a mão direita no calcanhar, de sorte que os quatro dedos reunidos se achem debaixo de um malleolo e o dedo pollegar atraz do outro malleolo, e ao mesmo tempo applica a mão esquerda de maneira que os quatro dedos reunidos apoiem no peito do pé, e o pollegar se ache sob a planta. Esta pessoa puxa brandamente, de uma maneira graduada, sem sacudidelas, até que o membro tenha cobrado o seu comprimento, a sua fórma e direcção naturaes : deve puxar primeiro segundo a direcção do fragmento inferior, e depois segundo a do membro. Se o fragmento inferior tiver experimentado sobre o seu eixo um movimento de rotação para fóra ou para dentro, cumpre dirigir o membro pouco a pouco para a direcção inversa.

Mantida a reducção por duas pessoas, o cirurgião molha as tiras n'agua vegeto-mineral, e procede á sua applicação. Para executar esta operação deve o cirurgião collocar-se do lado externo do membro e um ajudante do lado opposto. O cirurgião pega na ponta correspondente ao seu lado da tira inferior do apparelho; rodeia com ella um pouco obliquamente as faces externa, anterior e interna do membro ; depois do que o ajudante executa a mesma manobra com a ponta da mesma tira do seu lado. O cirurgião toma então a ponta externa da segunda tira que dispõe como a primeira, e o ajudante faz outro tanto do seu lado; e assim successivamente, procede-se do mesmo modo com todas as tiras que compõem o apparelho, até que se chegue á ultima em cima, e tendo sempre o cuidado de as cobrir reciprocamente, a tira inferior com metade da superior.

Enrolam-se depois, nos dois lados da toalha, duas talas de comprimento desigual, uma para o lado externo do membro e outra para o lado

interno. Põem-se sobre a face anterior da perna e da coxa, duas outras talas proporcionadas ao comprimento d'estas partes do membro; e entre o membro e as talas interpõem-se saquinhos de paina ou de palha de comprimento conveniente (fig. 490). Fixa-se todo o apparelho com cinco

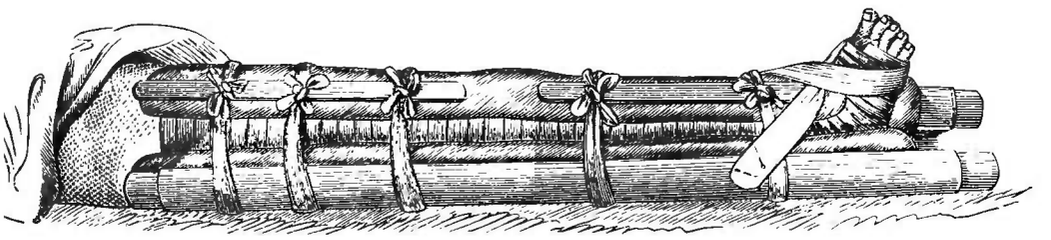


Fig. 490. — Apparelho de Scultet para a fractura da coxa.

ligaduras, tres na coxa e duas na perna, afim de prevenir a deviação da ponta do pé, segura-se o pé com uma tira cuja parte média se applica sobre a planta do pé, e cujas pontas se cruzam no peito do pé, e fixam-se depois com alfinetes na toalha que envolve todo o membro. O calcanhar ficará em falso por meio de chumaços para se evitarem dôres, e excoriações, a que esta parte é sujeita em razão das compressões que soffre.

Fixa-se ao tecto do quarto uma corda, para o doente poder levantar-se quando quizer satisfazer as suas necessidades.

N'este apparelho, o pé, a perna, a coxa e a bacia não constituem senão uma só peça; de sorte que estas differentes partes podem ser levadas em diversas direcções sem por isso abandonarem as relações respectivas. Visita-se o doente todos os dias, e apertam-se as ligaduras se se afrouxarem. Reforma-se o apparelho cada sete ou oito dias, até ao trigesimo, para assegurar-se se a reducção está sempre exacta. Passado este termo, fazem-se os curativos só cada dez dias, até ao quinquagesimo ou sexagesimo dia. É n'esta época que de ordinario a fractura se acha consolidada nos adultos; nas crianças no fim do quadragesimo dia, ás vezes mesmo mais cedo; nas pessoas idosas o tempo necessario para a consolidação é mais longo. Depois de supprimido o apparelho o doente deve ficar ainda de cama durante alguns dias; e depois levantar-se-ha e andará, tomando muitas precauções, e sustentando-se em muletas.

Apezar da reducção bem exacta, e do apparelho bem applicado, aconteçe muitas vezes, sobretudo quando as fracturas do femur tem muita obliquidade, que os fragmentos passam um por cima do outro, e que a coxa fica mais curta. Este desagradavel resultado póde ser aggravado pelos movimentos inconsiderados do doente durante o curativo, ou porque elle andou antes da consolidação completa da fractura, de sorte que o callo ainda flexivel curvou-se cedendo ao peso do corpo.

Nas crianças as fracturas do femur, qualquer que seja a sua direcção, reduzem-se e mantem-se muito mais facilmente do que nos adultos; quasi sempre n'ellas se curam sem curteza do membro. Basta de

ordinario rodear o membro de uma atadura que se applica primeiro desde o pé até ao joelho, e que se prolonga até á virilha, depois de reduzida a fractura. Põem-se depois, por detraz e nos lados da coxa, pequenas talas de madeira, que devem estender-se até ao pé; cercam-se as talas de novas voltas de atadura, e envolve-se todo o apparelho em uma peça de panno.

Apparelho de planos inclinados. Alguns cirurgiões, em logar do apparelho precedentemente descripto, empregam, para manter a fractura da coxa, o apparelho de planos inclinados (fig. 491). A posição dobrada do membro produz a frouxidão dos musculos a qual favorece a reducção e a reunião dos fragmentos. Faz-se o apparelho de duplo plano inclinado de duas taboas articuladas em fórma de estante, e adaptado a um quadro cortado em grades, afim de poder variar o gráo de inclinação. O membro descança em meia flexão sobre estas taboas guarnecidas de toalhas, e mantem-se n'esta posição por meio de duas ligas. Uma das ligas fixa-se á roda da bacia. Para prevenir a deslocação angular dos fragmentos, applica-se uma goteira de papelão na parte anterior da coxa, e fixa-se n'este ponto por meio de um panno dobrado á maneira de gravata.

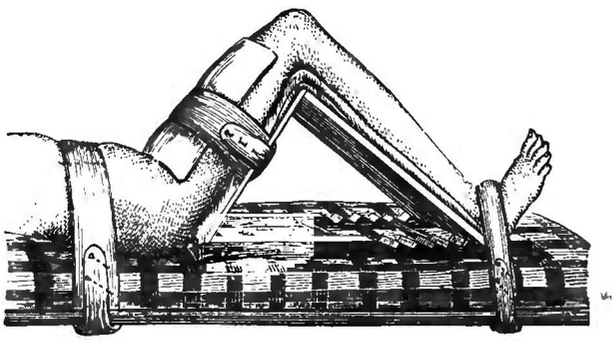


Fig. 491. — Apparelho para a fractura da coxa, de planos inclinados feito de duas taboas articuladas em fórma de estante.

Fractura de collo do femur. A fractura do collo do femur é bastante frequente nas pessoas idosas, e é quasi sempre produzida por uma quéda sobre a anca ou sobre a planta dos pés. É difficil ás vezes reconhecêl-a por causa da espessura dos musculos que cobrem o osso offendido.

Os *signaes* são a curteza do membro, e a impossibilidade de mexêl-o; o pé fica voltado para fóra; póde sentir-se a crepitação dos fragmentos, imprimindo um movimento de rotação á coxa. O doente experimentou no momento da quéda, uma dôr aguda na anca, e ouvio, ás vezes, um estalo: de ordinario não poude depois da quéda mexer a coxa nem levantar-se. Entretanto esta ultima circumstancia nem sempre existe, e tem-se visto doentes poderem, depois da fractura, voltar a pé a sua habitação. Explica-se este facto pela juncção dos dois fragmentos, e pela resistencia do ligamento capsular que os mantem em contacto.

É quasi impossivel obter a cura d'esta fractura sem que o membro fracturado fique mais curto do que o outro, porque raras vezes a união se faz topo com topo; e por isto os doentes são condemnados a coxearem toda a sua vida.

O *tratamento* consiste em reduzir a fractura e mantêl-a reduzida. É

facil fazer a reducção, mas é muito difficil mantêl-a. Para reduzir esta fractura, uma pessoa segura a bacia com as duas mãos, em quanto que outra pessoa pega no pé, e faz a extensão puxando para dar ao membro a direcção natural. O apparelho, que as pessoas estranhas á sciencia medica podem applicar mais facilmente, acha-se representado na (fig. 492). Consiste no duplo plano inclinado feito com almofadas de tamanho desigual, e formando pela sua superposição uma especie de pyramide. Segura-se o membro com dois lençoes, dobrados como uma gravata, e applicados, um sobre a coxa, e o outrr sobre o peito do pé; e fixam-se as pontas d'estas gravatas nos lados da cama. Póde tambem servir, n'este caso, o apparelho de planos inclinados, feito de duas taboas, que se acha indicado na fig. 491, pag. 1228.

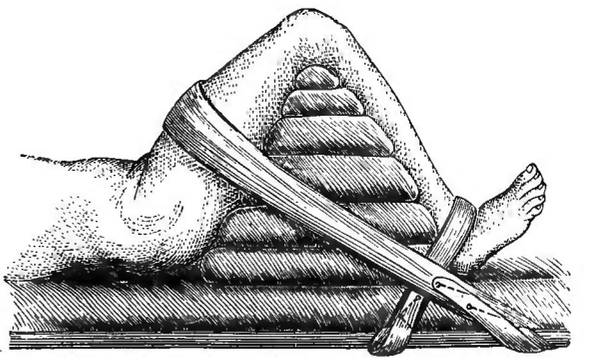


Fig. 492. — Apparelho para a fractura do collo do femur, de planos inclinados, feito de almofadas do tamanho desigual.

O doente deve ficar n'esta posição dois mezes; e só no fim do terceiro mez é que poderá dar alguns passos ajudado com muletas.

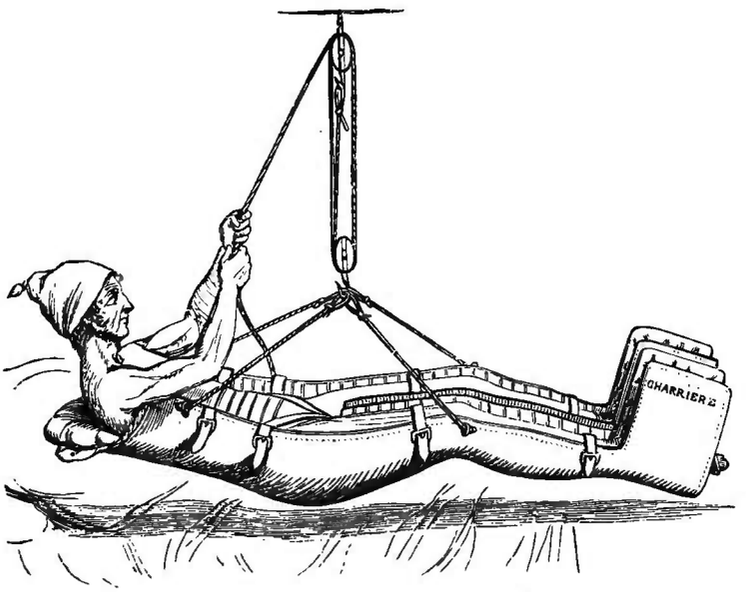


Fig. 493. — Goteira de Bonnet.

Apezar de todos os cuidados, raras vezes a união se faz topo com topo, e por isso ficam os doentes com a coxa mais curta, e com alguma claudicação. O tratamento mais simples, e que dá os melhores resulta-

dos, consiste, depois de feita a reducção, em collocar os melhores resultados, consiste, depois de feita a reducção, em collocar o membro n'uma goteira e em deixal-o na mais completa immobilidade. É melhor ainda empregar o apparelho de Bonnet, indicado na fig. 493, que abrange não só o membro fracturado, mas tambem o corpo do doente.

FRACTURA DOS DEDOS DA MÃO. São produzidas sempre por causa directas, por pizaduras e pancadas violentas; de ordinario são acompanhadas de contusão, e frequentemente de ferida e pisadura das partes molles. Os fragmentos deslocam-se segundo a direcção do osso, porque os tendões dos musculos flexores os puxam para o seu lado. É facil reconhecer estas fracturas pela dôr, mobilidade e crepitação dos fragmentos, e pela deformação do dedo.

Reduzem-se as fracturas simples, puxando levemente pelo dedo quebrado, e durante esse tempo segura-se no punho; rodeia-se depois o dedo com um cadarço estreito; por cima do cadarço, applicam-se duas talas de papelão sobre a face superior e inferior do dedo, e seguram-se com o mesmo cadarço; feito isto, approximam-se todos os dedos uns dos outros, e envolve-se a mão inteira com uma tira de 6 centimetros de largura. Vinte e cinco a trinta dias são sufficientes para a consolidação.

Se a fractura do dedo se achar acompanhada de contusão da junta, é preferivel, para evitar a rijeza articular, manter o dedo em meia-flexão do que em extensão. Emprega-se para este fim um apparelho formado de um pedaço comprido de panno de linho, que se applica sobre a face palmar do dedo, e por cima do qual se põe uma tala de papelão levemente curvada e mantida com tiras de encerado que rodeiam o dedo.

Nas fracturas com ferida e contusão das partes molles, não estando os ossos quebrados em muitas esquirolas, nem separados das partes molles, póde-se, com applicações contínuas de pannos molhados em agua fria nos dois primeiros dias, e depois com applicações d'agua tepida, conservar os dedos fracturados; senão é melhor amputar immediatemente uma parte que se gangrenaria mais tarde, e poderia determinar pela sua presença graves inflammações.

FRACTURA DA ESPADOA. A espadoa é formada por um osso largo, achatado, e triangular, chamado *omoplata*, situado na parte superior e posterior do peito, onde o fixam os musculos que tem o ponto de apoio na cabeça, na espinha dorsal e nas costellas.

As fracturas d'este osso são mui raras, e são produzidas sempre por uma causa directa, como quéda ou pancada. Estas fracturas são caracterizadas pela dôr que augmenta com os menores movimentos de elevação do braço. Ordinariamente não ha deslocação dos fragmentos.

Estas fracturas consolidam-se em 20 ou 30 dias. Cumpre sómente manter o braço applicado contra o peito por meio de um lenço atado ao pescoço e de uma toalha enrolada ao corpo.

FRACTURA DO ESPINHAÇO ou **DAS VERTEBRAS.** São bastante raras por causa da mobilidade das vertebras, e da espes-

sura das partes molles que as protegem. Podem ser produzidas por uma quéda, ou pela acção de um corpo contundente qualquer, tal como um projectil de arma de fogo, a roda de um carro, etc.

Quando as vertebras se fracturam pelos seus corpos, nada póde fazer o cirurgião, porque taes offensas são sempre acompanhadas de grandes estragos na medulla espinhal, e por consequencia mortaes ; porém sendo fracturadas pelas apophyses, não ha tanto perigo, e ordinariamente remedeiam-se, conservando-se o paciente em repouso. Não ha deslocação dos fragmentos, e não é necessario applicar apparelho algum ; convem sómente pôr no logar offendido pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada.

FRACTURA DOS OSSOS ILIACOS. *Veja-se* FRACTURAS DA BACIA.

FRACTURAS DOS OSSOS DA MÃO. Tres series de ossos formam a mão: são o carpo, o metacarpo e as phalanges. O *carpo* (punho) compõe-se de oito ossos curtos, pequenos e de fórma irregular, dispostos em duas fileiras transversaes entre o antebraço e o metacarpo. O *metacarpo* (depois do punho) compõe-se de cinco ossos alongados, e collocados, uns ao lado dos outros, na direcção vertical e parallela. As *phalanges* são pequenos ossos longos, juntos uns aos outros para formarem os dedos. O pollegar tem duas phalanges; os outros dedos tres.

Tratei da fractura das phalanges no artigo FRACTURA DOS DEDOS, vol. I, pag. 1190 ; aqui occupar-me-hei sómente da fractura dos ossos do carpo e do metacarpo.

Os *ossos do carpo e do metacarpo* são raras vezes fracturados, por causa da sua pouca extensão, e porque sustentam em commum o choque dos corpos exteriores a que a mão se acha exposta. As mais das vezes as fracturas dos ossos do metacarpo são directas, como acontece nas feridas por armas de fogo, ou quando a mão recebe uma pancada violenta. Conhecem-se pela dôr, crepitação e mobilidade anormal. Quando são simples, não offerecem gravidade alguma, e a consolidação faz-se em 20 ou 30 dias, quer a fractura tenha logar em um osso, quer em mais. Não é necessario pôr no seu logar os fragmentos ; visto que os ossos vizinhos servem de apoio ao osso quebrado, e ha pouca deslocação. Só é preciso approximar os dedos uns dos outros, applicar duas pequenas talas de papelão sobre o logar correspondente á fractura, e envolver a mão com uma atadura.

Nas fracturas complicadas de contusão e rasgadura das partes molles, como acontece nas fracturas por armas de fogo, a desordem é ás vezes tão grande, que necessita a amputação da mão; mas muitas vezes tambem póde obter-se a cura, mesmo nos casos em que a bala atravessou a mão. Tiram-se então com cuidado as esquirolas, e combate-se a inflammação com applicação de pannos molhados em agua fria, continuada durante os dois primeiros dias, e depois com cataplasmas de linhaça. Obtida a cura, fica alguma rijeza na articulação, porém a mão acha-se conservada.

FRACTURAS DO NARIZ. Estas fracturas são produzidas por causas directas, taes como pancadas, quédas sobre o rosto, etc. Conhecem-se pela contusão mais ou menos consideravel das partes molles e pela mobilidade dos ossos, que é facil produzir imprimindo-lhes alguns movimentos lateraes. Ordinariamente os fragmentos ficam no seu logar; mas quando a pancada foi violenta, ficam mais ou menos enterrados do lado das fossas nasaes.

Quando a fractura dos ossos do nariz não é acompanhada de deslocação, basta applicar por alguns dias pannos molhados em agua fria para prevenir a inflammação, e produzir a cura. Mas se os ossos estiverem enterrados, é preciso restituil-os ao seu logar, introduzindo nas fossas nasaes uma sonda de prata ou uma pinça, com que se empurram para fóra, emquanto os dedos da outra mão os seguram e restabelecem na sua posição natural. As mais das vezes os fragmentos, depois de reduzidos, ficam no seu logar, mas é preciso ás vezes segural-os, introduzindo nas ventas tampões de fios. As fracturas dos ossos do nariz consolidam-se em pouco tempo. Se houver hemorrhagia pelo nariz, combate-se com lavatorios d'agua fria ou levantando o braço acima da cabeça, do lado correspondente á hemorrhagia.

FRACTURA DA OMOPLATA. *V.* FRACTURA DA ESPADOA.

FRACTURAS DO PÉ. As fracturas do pé são ordinariamente graves e produzidas por causas directas mui violentas, como a cahida sobre o pé de corpos duros e pesados, pedras, madeiros, etc. Quédas de um logar elevado sobre o calcanhar produzem a fractura d'esta parte do pé.

O tratamento consiste em prevenir a inflammação; com este fim applicam-se, durante os dois primeiros dias, pannos molhados em agua fria, e, passado este tempo, cataplasmas de linhaça.

Não ha deslocação dos fragmentos na fractura dos dedos do pé, e não ha necessidade de applicar n'este caso apparelho algum; mas quando a fractura tem logar no osso do calcanhar, o fragmento superior vai para cima, e esta deslocação augmenta pela extensão da perna e flexão do pé. Para reduzir esta fractura e mantêl-a reduzida, cumpre estender o pé e dobrar a perna, e exercer uma pressão directa sobre os fragmentos postos em contacto, por meio de uma tira de encerado que, passando á roda do calcanhar, cruza-se no peito do pé.

FRACTURA DA PERNA. Dois ossos emtram na estructura da perna; são : a *tibia* e o *peroneo*. A tibia, mais forte, está situada da parte interna e por diante; o peroneo, osso mui delgado, está situado da parte de fóra e por detraz.

As fracturas da perna differem notavelmente segundo occupam ambos os ossos, ou um só.

Fracturas de ambos os ossos da perna; *isto é, da tibia e do peroneo.* A fractura de ambos os ossos da perna é muito mais frequente do que a fractura isolada. Póde occupar todos os pontos do comprimento do membro; mas tem logar ordinariamente no ponto de reunião do terço inferior da perna com o terço médio, logar em que a

tibia apresenta menor espessura e uma leve torsão. Ás vezes quebram-se os ossos na mesma altura, outras vezes um quebra-se em cima e o outro em baixo; o que depende da causa que produzio a fractura.

Causas. As causas da fractura de ambos os ossos da perna são : a passagem de uma roda de sege sobre a perna, a quéda de um corpo pesado sobre o mesmo membro, um couce de cavallo, a quéda de um logar alto sobre a planta do pé, etc.

Symptomas. Sendo a fractura transversal e situada muito em cima, a deslocação dos fragmentos é pouco consideravel. Se ella tiver logar no meio ou em baixo da perna, e se a sua direcção fôr obliqua, a deslocação póde ser mui grande. A perna então forma de ordinario um angulo saliente para diante, e está mais curta; o pé fica voltado para dentro ou para fóra. Reconhecem-se as desigualdades, que formam os fragmentos, correndo-se os dedos sobre a face interna da perna. Mas póde facilmente obter-se uma prova mais completa, imprimindo movimentos em sentido inverso á parte superior e inferior do membro; sente-se então um ruido particular, chamado crepitação, e uma mobilidade que só acompanha as fracturas completas da perna.

Tratamento. A reducção d'esta fractura faz-se facilmente. Deitado o doente de costas, e descançando a perna sobre almofadas n'uma posição horizontal, com a coxa levantada, uma pessoa passa-lhe ambas as mãos á roda da coxa, perto do joelho, em quanto que outra pessoa, segurando o pé com uma das mãos e o calcanhar com a outra, põe a perna na direcção natural, virando o pé um pouco para dentro, e fazendo tracções graduadas na direcção da perna. Applica-se depois uma ligadura conveniente.

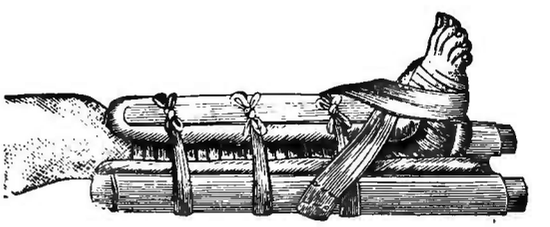


Fig. 494. — Apparelho para a fractura dos ossos da perna.

Esta ligadura é a de Scultet, semelhante áquella que se emprega na fractura da coxa (fig. 489). Compõe-se : 1.° de um panno de linho da largura de 80 centimetros, e um pouco mais comprido do que a perna; 2.° uma duzia de tiras de panno de linho da largura de 6 centimetros, e que tenham sufficiente comprimento para darem volta e meia á roda do membro; o numero das tiras deve ser tal, que cobrindo-se umas as outras na metade da sua largura, possam abranger totalmente a perna; 3.° tres talas e tres saquinhos de paina; 4.° tres fitas para ligar o apparelho.

Todas estas peças devem ser dispostas da maneira seguinte : Estende-se primeiro o panno em cima de uma mesa; applicam-se depois as tiras sobre este panno, tendo o cuidado de que cada tira inferior cubra a metade d'aquella que se acha immediatamente por cima. Convem ter tiras de comprimento differente e proporcionadas aos diversos diametros da perna. Mette-se debaixo da perna o panno assim coberto de

tiras, tendo o cuidado de que o meio das tiras corresponda ao eixo do membro. Depois de reduzida a fractura, do modo que deixei descripto, e descançando a perna sobre as almofadas, faz-se a applicação das tiras sobre o membro, emquanto as duas pessoas seguram a coxa e a perna na sua posição.

Para fazer esta applicação deve o cirurgião collocar-se do lado exterior do membro e um ajudante do lado opposto. O cirurgião pega na ponta correspondente do seu lado da tira inferior, rodeia com ella um pouco obliquamente as faces externa, anterior e interna do membro; depois do que o ajudante executa a mesma manobra com a extremidade da mesma tira do seu lado. O cirurgião toma então a extremidade externa da segunda tira que dispõe como a da primeira, e o ajudante torna a fazer outro tanto do seu lado, e assim successivamente, procede-se do mesmo modo com todas as tiras que compõem o apparelho, até que se chegue á ultima em cima, e tendo sempre o cuidado de cobrir continuadamente a tira inferior pela superior. Enrolam-se depois, nos dois lados da toalha, duas talas, uma para o lado externo e outra para o interno do membro. Põe-se sobre a face anterior da perna uma terceira tala, interpondo, entre o membro e as talas, saquinhos de paina de comprimento conveniente. Fixa-se o apparelho com fitas; segura-se o pé por meio de uma atadura cruzada e fixada ás talas interna e externa, e põe-se o membro em meia-flexão sobre uma grande almofada de paina que se estende desde a curva da perna até além do calcanhar. Cumpre ter o cuidado de que o calcanhar não pouse fortemente sobre a almofada, para não experimentar uma pressão dolorosa, que poderia ser seguida de inflammação e de escaras gangrenosas; e para evitar isto é preciso pôl-o em falso por meio de chumaços.

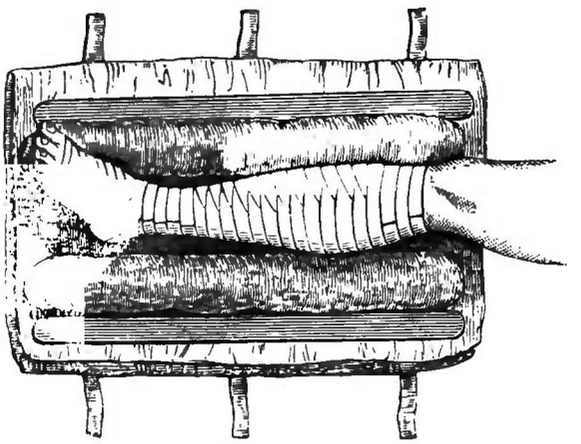


Fig. 495. — Apparelho, aberto, para a fractura dos ossos da perna.

O apparelho tal como se applica, conforme a exposição que precede, está representado na (fig. 494). Para que a roupa da cama não toque a fractura, conservar-se-ha afastada por meio de arcos. Haverá um cordão forte, preso ao tecto, para o enfermo se ajudar a mover, quando é preciso fazer suas necessidades, ou mudar-se-lhe a roupa da cama.

Visita-se e reforma-se o apparelho de tempo em tempo, e ordinariamente passado o 45° ou 50° dia, a consolidação está bastantemente adiantada para que possa substituir-se ao apparelho uma simples atadura enrolada. O doente não deve andar a principio senão com muita precaução, e sustendo-se em muletas ou com uma bengala.

Fractura da tibia. Bem que mais forte do que o peroneo, a tibia entretanto fractura-se mais frequentemente do que este; isso depende de sua posição superficial e de suas funcções que a expõem a ser mais comprimida entre o chão e o peso do corpo. A tibia ordinariamente quebra-se por violencias directas; ás vezes por uma quéda de um logar elevado sobre a planta dos pés. Nas fracturas isoladas da tibia, o peroneo serve de tala, e a deslocação é pouco consideravel; ás vezes existe apenas uma leve proeminencia para diante. Quanto ao tratamento e ao tempo necessario para a consolidação, tudo se passa como no caso precedente. O apparelho indicado para a fractura de ambos os ossos da perna (fig. 494), serve tambem para a fractura da tibia.

Fractura do peroneo. Estas fracturas resultam, ora de uma violencia exterior que dirige sua acção sobre o logar mesmo onde o osso se quebra, tal como uma pancada sobre a face externa da perna, a passagem de um corpo pesado, etc.; ora são a consequencia de um esforço dirigido sobre a extremidade inferior da perna n'uma torcedura, ou n'uma quéda, estando o pé fortemente voltado para fóra ou para dentro. No primeiro caso a fractura chama-se *directa*, no segundo *indirecta*.

Symptomas. Os symptomas que acompanham a fractura do peroneo, *na sua porção superior,* são mui obscuros; porque, sendo esta parte do osso coberta com musculos mui espessos, é difficil sentir a crepitação; e depois, servindo a tibia de tala ao osso quebrado, ha pouca deslocação e nenhuma deformidade. A dôr, a inchação e a difficuldade de andar são os unicos symptomas que se notam; e estes signaes, juntos ao conhecimento da força presumida da pancada, estabelecem antes uma probabilidade do que uma certeza. E por isso muitas d'estas fracturas são desconhecidas; mas ainda entregues a si, estas fracturas sáram mui bem, porque a dôr não permitte que os doentes andem senão quando a consolidação está bastante adiantada.

Não acontece o mesmo com as fracturas *da porção inferior* do peroneo: aqui os symptomas são mais evidentes e mais graves. Póde-se por meio de manobras apropriadas, verificar a mobilidade e a crepitação dos fragmentos, e existe uma pequena deviação do pé para fóra. O doente sente dôr mais forte e anda com muita difficuldade.

Tratamento. A tibia serve de tala ao peroneo quebrado, e, mantendo suas extremidades inferior e superior, oppõe-se a que os fragmentos se ponham um por cima do outro; por isso a extensão e a contra-extensão não são necessarias para a reducção das fracturas do peroneo. Basta, com effeito, para pôr os fragmentos um defronte do outro, dirigir um pouco o pé para dentro, isto é, approximar a ponta do pé da linha mediana. Feita a reducção, cumpre applicar um apparelho que se opponha a que o pé vire para fóra; para este fim basta continuar o que se fez para obter a reducção, fixar o pé na adducção, exercer sobre o malleolo externo, pelos ligamentos lateraes da junta do pé, uma especie de extensão contínua, que tem por effeito manter os fragmentos do osso na posição que é necessaria para a sua consolidação.

O apparelho que preenche estas indicações acha-se representado na (fig. 496). Um saquinho cheio de paina ou outra substancia semelhante, de comprimento igual ao da perna, dobrado sobre si na parte inferior em fórma de cunha, applica-se sobre o lado interno da perna, com a base dirigida para baixo e pousando no malleolo interno, sem excedêl-o; o apice dirigido para cima e apoiado na porção superior da tibia. Por cima do saquinho põe-se uma tala mais comprida do que a perna, de maneira que exceda inferiormente a planta do pé 8 centimetros. Fixa-se o saquinho e a tala com uma ligadura circular, que se estende desde a parte inferior do joelho até ao meio da perna, onde se segura com um alfinete; applica-se então sobre a margem externa do pé, por baixo do malleolo, outra atadura, que passa por cima da tala interna, e cujas voltas se cruzam no peito do pé. Esta atadura puxa o pé para dentro, oppõe-se a que elle vire para fóra, e tem a vantagem de não exercer pressão alguma sobre o logar fracturado. Bastam 30 a 40 dias para obter-se uma cura solida e isenta de deformidade. Tira-se então o apparelho, applica-se uma simples ligadura circular, e o doente póde andar, segurando-se a principio com uma bengala.

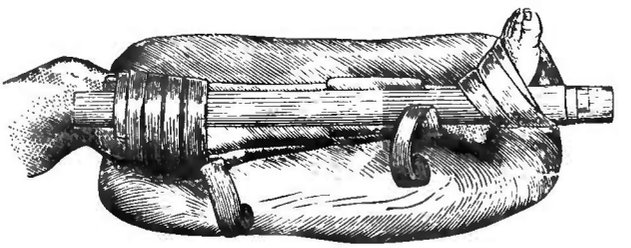


Fig. 496. — Apparelho para a fractura do peroneo.

Antes da chegada do cirurgião, que deve applicar o apparelho, convem que o doente se deite com a perna encolhida e encostada na cama sobre o lado externo.

FRACTURA DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior póde quebrar-se em muitos pontos. A mais frequente d'estas fracturas é a que tem logar no meio do osso, perto da barba; póde tambem ter logar nos lados.

As *causas* d'estas fracturas são pancadas e quédas sobre o queixo inferior, ou a acção das balas lançadas pela polvora.

Symptomas. As fracturas do *corpo* do queixo inferior são caracterizadas pela dôr, inchação, deformação, crepitação, e mobilidade anormal.

A *dôr* é leve ou forte; augmenta pelos movimentos de elevação ou de abaixamento do queixo, pela pressão sobre os angulos do osso. A *inchação* é em geral pouco pronunciada, e limitada ao logar offendido. A *deformação* é pouco visivel. A *mobilidade anormal* e a *crepitação* conhecem-se abrangendo com as duas mãos as extremidades do osso, e communicando-lhes movimentos em sentido contrario, de baixo para cima e de cima para baixo.

As fracturas do *collo* do queixo são caracterizadas pela dôr, difficuldade nos movimentos, crepitação e depressão por diante do conducto auditivo externo.

Tratamento. É mui facil reduzir a fractura do queixo, porque póde-se actuar sobre os dois fragmentos. Depois de postos os fragmentos no seu logar, applica-se o apparelho representado na fig. 497. Faz-se com panno de linho do comprimento de 1 metro, e da largura de 10 centimetros, fendido em cada uma das extremidades até 8 centimetros do meio do comprimento. Applica-se a parte média do panno sobre a barba; dirigem-se as duas extremidades para a nuca onde se cruzam, e depois dirigem-se para diante sobre as fontes e a testa, onde se fixam com alfinetes. Passam-se as duas outras extremidades do panno sobre os angulos do queixo inferior, sobre as orelhas, e fixam-se no apice da cabeça com alfinetes.



Fig. 497. — Apparelho para a fractura do queixo inferior.

Durante todo o tempo da consolidação, o doente deve evitar o fallar e fazer movimentos de mastigação; convem-lhe nutrir-se só com caldos, sopas ou outros alimentos liquidos. Trinta dias são sufficientes para a consolidação completa.

FRACTURAS DO QUEIXO SUPERIOR. Os ossos, cuja reunião forma o queixo superior, são ás vezes quebrados pela acção de corpos contundentes, como pedras, bengalas, balas de espingarda, couce de algum animal, um tiro de pistola na bocca, etc. Conhecem-se estas fracturas pela mobilidade da totalidade ou só de uma parte da arcada dentaria superior, pela crepitação dos fragmentos e pela dôr.

Tratam-se estas fracturas pondo-se no seu logar os fragmentos com os dedos, e fixando-os aos dentes vizinhos com um fio de retroz, ou com uma atadura semelhante á que se applica na fractura do queixo inferior (fig. 497). Os doentes devem observar silencio o mais absoluto, e usar unicamente de comidas liquidas: é difficil obter-se cura sem que fique alguma deformidade.

FRACTURA DA ROTULA. A *rotula*, *rodela* ou *patella do joelho*, é um osso achatado, espesso e triangular, situado na parte anterior do joelho.

Causas. As fracturas da rotula são ordinariamente transversaes, ás vezes obliquas, e raras vezes verticaes ou em pedaços miudos. As duas ultimas resultam sempre de uma violencia exterior, como uma quéda sobre o joelho ou uma pancada forte, e são ás vezes complicadas com feridas e derramamento de sangue na junta. As fracturas transversaes podem depender das mesmas causas; são ás vezes produzidas pela contracção dos musculos extensores da perna. Tem-se visto pessoas fracturarem a rotula fazendo violentos esforços para prevenir uma quéda para traz, estando o tronco voltado para esta direcção, e a coxa mais ou menos dobrada sobre a perna; outras vezes esta fractura tem sido produzida pela acção de dar um pontapé, de saltar, etc.

Symptomas. As *fracturas transversaes* são caracterizadas por uma dôr

viva c mesmo por uma sensação de estalo quando a lesão é produzida pela acção muscular. N'este ultimo caso a pessoa cahe para traz; na fractura produzida por uma quéda sobre o joelho, o paciente cahe para diante ou sobre o lado. Uma vez cahido, não lhe é possivel levantar-se; ás vezes entretanto póde levantar-se e andar sustendo-se sobre o braço de alguma pessoa. O joelho incha e apresenta uma deformação especial; a rotula fica achatada e alongada; entre os dois fragmentos existe uma separação transversal que augmenta pela flexão, e diminue pela extensão da perna. Approximando os fragmentos, póde-se roçar um pelo outro e sentir a crepitação.

As *fracturas verticaes* são tambem caracterizadas pela contusão, dôr, inchação, e separação lateral dos fragmentos; as *fracturas multiplas* pela inchação e crepitação mais evidente.

Prognostico. Quando mesmo a fractura da rotula é simples, é mui difficil manter os fragmentos em contacto, e por conseguinte não se póde obter consolidação perfeita. A reunião faz-se por intermedio de uma substancia fibrosa. Quando esta substancia tem muita extensão, o membro torna-se fraco; curva-se facilmente sob o peso do corpo, e o doente não póde firmar-se sobre elle senão quando o membro se acha estendido. Se, pelo contrario, a substancia que une os fragmentos tiver sómente 2 a 9 millimetros de comprimento, então o membro póde prestar o mesmo serviço que antes da fractura, mas existe sempre certa rijeza na junta. Sendo a fractura da rotula complicada com uma ferida profunda ou contusão violenta, o doente corre risco de perder a facilidade dos movimentos do joelho.

Tratamento. Para pôr em contacto os fragmentos da rotula, é preciso que o doente se deite e ponha todo o membro inferior sobre um plano inclinado ascendente composto de travesseiros, que, principiando na nadega, seja bastante alto para levantar o calcanhar de 50 a 70 centimetros acima da cama. N'esta posição o doente póde esperar a chegada do cirurgião, o qual applicará um apparelho convcniente e recommendará ao doente que conserve, durante todo o tempo do tratamento, a posição que acabei de indicar. A perna deve estar sempre estirada; se estivesse encolhida, os fragmentos da rotula quebrada afastar-se-hiam um do outro e a reunião não poderia ter logar. O apparelho differe segundo a fractura é transversal ou vertical.

1.° *Fracturas transversaes.* Os apparelhos que se empregam para as fracturas transversaes da rotula tem por fim approximar os fragmentos do osso quebrado.

Apparelho de Cooper (fig. 498). Deitado o doente de costas, e descançando a perna sobre o plano inclinado ascendente, rodeia-se primeiro o membro com uma atadura, desde o pé até ao joelho. Depois de approximados os fragmentos da fractura, applicam-se longitudinalmente sobre os lados da rotula duas fitas; dão-se por cima das fitas muitas voltas com uma tira para que estas voltas formem um annel por baixo do fragmento inferior e outro annel por cima do fragmento superior. Atam-se sobre os dois anneis da tira as duas extremidades de cada fita

lateral. Os anneis formados pela tira, por cima e por baixo do joelho, ficam d'esta maneira approximados e empurram os fragmentos um para o outro.

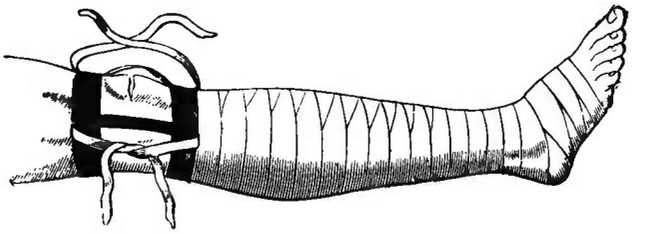


Fig. 498. — Apparelho de Cooper, para a fractura transversal da rotula.

Apparelho de Boyer (fig. 499). Compõe-se de uma goteira bastante longa para estender-se desde o meio da coxa até abaixo da barriga da perna, e assaz profunda para conter os dois terços da espessura do membro. As bordas apresentam de cada lado pregos de cabeça arredondada, collocados a distancia uns dos outros, e proprios para segurarem

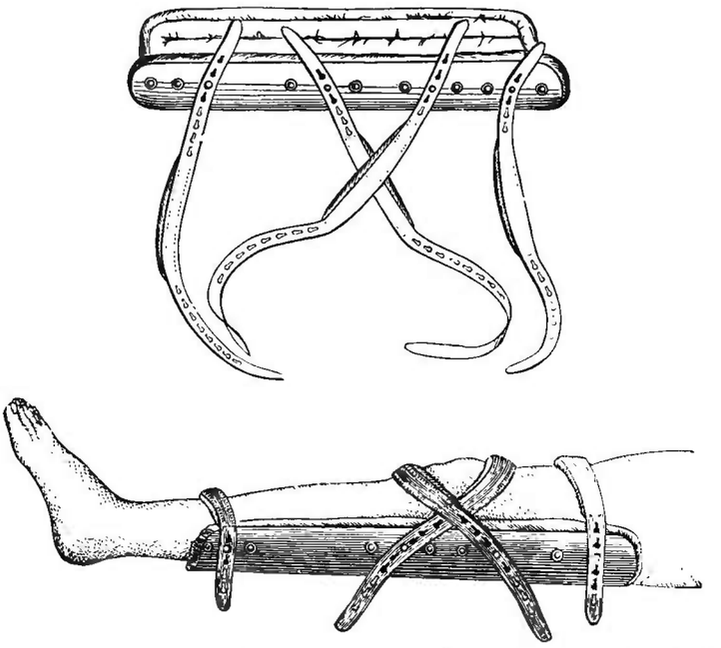


Fig. 499. — Apparelho de Boyer, para a fractura transversal da rotula.

correias que passam, e se cruzam uma por cima do fragmento superior, outra por baixo do fragmento inferior, de modo a attrahir os dois fragmentos um contra o outro.

Apparelho de Laugier (fig. 500). Consiste em uma prancha A, coberta de uma almofada, guarnecida ao nivel da curva da perna de duas peças de madeira D, D, que servem de ponto de apoio de duas correias C, C, que comprimem cada fragmento por intermedio de chapas de gutta-percha B, B.

Apparelho inamovivel de Velpeau. Depois de collocado o membro na extensão moderada, e approximados os dois fragmentos o mais possivel. envolve-se o joelho n'um panno fino e secco; applicam-se em travez, por cima e por baixo da rotula, compressas graduadas que se mantem com voltas de atadura cruzando-se obliquamente na curva da perna. Applica-se depois um primeiro plano de ligadura enrolada, molhada,

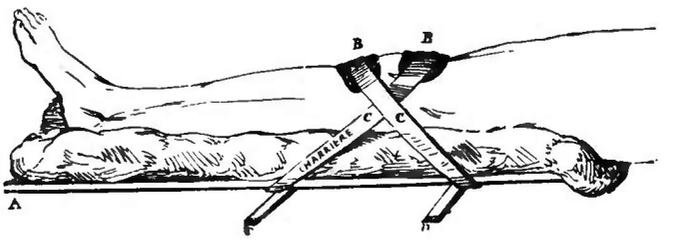


Fig. 500. — Apparelho Laugier para a fractura da rotula.

na colla de dextrina, desde o pé até á virilha. Colloca-se uma lamina de papelão, molhada em agua, sobre toda a face posterior do membro, desde o calcanhar até a nadega, e mantem-se com dois outros planos de ligadura enrolada molhada na colla de dextrina.

2.° *Fracturas verticaes.* O melhor apparelho a empregar n'estas fracturas, consiste em applicar, sobre os dois lados da rotula, compressas graduadas, isto é, dobradas muitas vezes, proprias para approximarem os dois fragmentos, e em mantêl-as com tiras de encerado. Estes apparelhos não tardam a afrouxar-se, logo que a inchação do joelho desapparece; e por isso é necessario visital-os frequentemente e renoval-os de tempos a tempos.

De ordinario a fractura da rotula exige dois mezes e meio para reunir-se. Nas pessoas idosas a reunião faz-se mais lentamente; e por isso se deve n'ellas continuar o tratamento durante quinze ou vinte dias mais. Nos ultimos dias faz-se executar á perna pequenos movimentos, para evitar a ankylose que seria a consequencia da longa immobilidade. Quando o doente principia a andar, deve primeiro sustentar-se em muletas; que deixará á medida que o membro fracturado adquirir força.

Nos casos em que a fractura se acha complicada com ferida e contusão, cumpre applicar sobre o joelho pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, que devem ser continuados por muitos dias, até cessar a inflammação.

FRACTURA DO SACRO. *Veja-se* vol. I, pag. 1219.

FRACTURA DO ESTERNO. O esterno é um osso achatado e comprido, situado na parte anterior e média do peito. Sobre os seus lados vem inserir-se as cartilagens das costellas verdadeiras.

As fracturas do esterno tem logar ordinariamente pelo facto de uma violencia extraordinaria, que vem bater contra o osso, como acontece n'uma quéda do corpo para diante sobre um objecto saliente; pelo effeito de um projectil, de uma pedra, de um pedaço de páo; outras vezes, mas

raramente, a fractura tem logar por um movimento de extensão, como quando se faz violento esforço para levantar um peso.

Esta fractura conhece-se facilmente pela deformação da parte anterior do peito. Existem ao mesmo tempo oppressão, tosse e ás vezes escarros de sangue.

O *tratamento* consiste em applicar uma cinta á roda do peito, e deve dar-se ao doente uma posição tal, que tenha a cabeça e a bacia elevadas, e as coxas dobradas, afim de evitar a tracção dos musculos do pescoço e do ventre, que poderiam puxar pelos fragmentos. O repouso absoluto é de rigor. Esta fractura sára com facilidade em 30 a 40 dias.

FRACTURA DAS VERTEBRAS. *Veja-se* FRACTURA DO ESPINHAÇO.

FRAGARIA ou **MORANGUEIRO.** *Veja-se* MORANGO.

FRAILES E LARIVERA. Hespanha. Aguas sulfurosas frias; 19° Usam-se em bebida e em banhos nas molestias cutaneas, escrophulas, catarrhos bronchicos, leucorrhea, chlorose, enfartes do figado, diversas nevralgias. Tres estabelecimentos com apparelhos de duches.

FRAMBOEZA. Fructo da framboezeira, *Rubus idaeus,* L., arbusto da familia das Rosaceas, commum em Portugal, cultivado nas regiões montanhosas do Brazil (fig. 501). Este fructo apresenta-se debaixo da fórma de uma baga, composta de pequenos bagos unidos entre si; as sementes contém mucilagem; cheiro fragrante e suave; sabor agradavelmente acidulo. Conhecem-se duas variedades, a framboeza branca e a vermelha: esta é mais estimada. É um fructo refrigerante; serve para compôr doces e xaropes, com que se fazem limonadas agradaveis e uteis nas molestias febris.



Fig. 501. — Framboezas.

FRAQUEZA. Falta de força, debilidade. Nos artigos CONVALESCENÇA e EMMAGRECIMENTO vão indicadas as circumstancias principaes que podem accidentalmente determinar o estado de fraqueza. N'este logar ouccuparme-hei sómente da fraqueza natural.

A fonte primaria da fraqueza existe na constituição nativa, a segunda na educação ou genero de vida, a terceira nos accidentes que causam desordens na organização. A fraqueza póde ser, por conseguinte, primitiva, consecutiva, accidental, permanente ou transitoria.

As causas da fraqueza originaria são muito obscuras. Bem que a impressão das transmissões hereditarias se observe mui commummente, não é raro comtudo ver-se paes robustos procrearem entes fracos, e *vice-versa*. Entretanto, existem grandes probabilidades de posteridade vigorosa, quando os conjuges cujo casamento não foi prematuro, são isentos de molestias hereditarias, bem constituidos e de vida regrada. O genero de vida da mulher, durante a gravidez, não deixa de ter grande influencia sobre a constituição do filho. Frequentemente os filhos trazem,

durante toda a vida, a impressão de algum excesso ou de qualquer accidente que perturbou a gravidez.

A má educação physica e moral prolongada póde determinar o enfraquecimento de uma constituição naturalmente forte. Só a amammentação basta ás vezes para imprimir na organização um sello indelevel de força ou de fraqueza. A debilidade geral não conhece depois causa mais poderosa do que a má qualidade ou insufficiencia dos alimentos; a habitação em um logar sombrio, estreito, humido, infectado de miasmas; a inacção ou um exercicio excessivo. A influencia passageira d'estas mesmas causas póde dar logar a fraqueza accidental que se cura com maior ou menor facilidade; e de mais é preciso accrescentar os excessos de todo o genero : o onanismo, os abusos venereos, a intemperança das bebidas e dos alimentos, as fadigas do corpo e do espirito, as paixões, e particularmente as que são tristes, o excesso das vigilias ou do somno, etc.

Os meios precautorios e curativos da fraqueza derivam directamente da apreciação de suas causas. Já disse quaes são as condições mais favoraveis para dar-se á criança uma boa constituição; isto é : esposos sãos, nem mui moços nem velhos, sobrios; uma gravidez iscnta de excessos e de accidentes, e o parto em tempo proprio. Quando, no meio d'estas circumstancias vantajosas, a criança nasce bem constituida, convem desenvolver estas disposições naturaes, primeiro pela escolha de uma boa ama de leite, se a mãe não póde criar ; depois pela reunião de cuidados hygienicos, de que vou indicar os principaes. As qualidades salubres do ar são essenciaes a qualquer idade, e particularmente aos recem-nascidos. Não convem por conseguinte deixal-os n'uma atmosphera estreita, corrompida por emanações e não renovada. É preciso expôl-os ao ar livre quando o tempo o permitte. Devem ter vestidos commodos e largos, e importa deixar-lhes desenvolver os movimentos compativeis com suas forças e idade. As comidas devem ser regradas conforme seu appetite; evitem-se sómente as indigestões e as substancias de má natureza. Ás crianças fracas convem dar de vez em quando um pouco de vinho com agua e assucar e uma alimentação substancial; caldos, ovos, mingáos, etc.

Taes são as bases de regimen mais proprias a manterem e desenvolverem uma boa constituição, e tornarem-n'a melhor se é má : este regimen convem a todas as idades : ar bom, alimentação boa, exercicio sufficiente sem ser excessivo; evitem-se excessos de todo o genero. Depois d'isso, que podemos dizer da fraqueza accidental e dos meios de remedial-a? Cumpre simplesmente remover as suas causas, substituir, conforme a occorrencia, a ociosidade pela vida activa, as fadigas pelo repouso, os excessos venereos pela continencia, a intemperança pela sobriedade dos alimentos e bebidas; ou então a dieta opposta, pela alimentação mais substancial e bebidas tonicas.

A causa mais ordinaria do enfraquecimento de nossos orgãos ou de nossas faculdades provém da falta ou do exercicio d'estes orgãos e d'estas faculdades.

O uso de alguns medicamentos são uteis para levantar as forças e a

energia das pessaos fracas, entre os numerosos medicamentos que existem para esse fim citaremos :

As preparações de peptona de Catillon.

O pó de carne de Trouette-Perret.

O vinho de Cabanes, de lacto-phosphato de cal e ferro e quina.

O vinho de Baudon, de antimonio phosphatado.

A quina Ragoucy, preparado dc grande valor, que tem dado excellentes resultados na pratica medica.

O *elixir alimenticio Ducro*, composto de carne, alcool e xarope de casca de laranja amarga, que se toma na dóse de 4 a 8 colheres, *de sopa*, por dia no começo ou no fim das refeições.

O *vinho de Catillon de glycerina e quina*, que sc administra na dóse de um calice, *de licor*, nas horas de refeição.

O *vinho de quinium Labarraque,* na dóse de um calice antes do almoço e do jantar.

Fraqueza da vista. *Veja-se* VISTA.

FRECHA NA CABEÇA. *Veja-se* FERIDA DA CABEÇA, vol. I, pag. 1120.

FREIO DA LINGUA, ou LINGUA PREGADA. Diz-se que uma criança tem freio na lingua quando a membrana, que se observa debaixo da lingua, se prolonga até á extremidade d'este orgão, ou quando ella é mui curta. Em ambos os casos, os movimentos da lingua são constrangidos, c a criança não póde mammar convenientemente, nem mais tarde poderá articular exactamente as palavras. Conhece-se este defeito natural na difficuldade que tem a criança de mammar. Mettendo então um dedo na bocca da criança sente-se que não fica apertado pela lingua, como acontece no estado normal.

Uma pequena operação destroc este vicio de conformação : consiste ella em cortar com tesoura a membrana que retem a lingua : é necessario sómente, depois de cortada a membrana, examinar frequentemente a bocca da criança, para vcr sc não appareceo alguma hemorrhagia, que seria preciso atalhar immediatamente, o que se faz cauterizando com pedra infernal, ou com cstylete incandescente, o orificio do vaso aberto.

FREIXIALINHO. Portugal : Beira Baixa. Aguas sulfurosas.

FRIALDADE. Em algumas provincias do Brazil assim se designa a *opilação.*

FRICÇÃO. Acção de esfregar diversas partes do corpo. As fricções são *seccas* ou *humidas.* Estas fazem-se com linimentos, unguentos, tinturas, etc; aquellas com as mãos, baeta ou escova.

As fricções seccas são mui uteis nas diversas asphyxias, e principalmente na asphyxia dos afogados. É um meio muito efficaz para acalmar ou pelo menos para suspender as dôres locaes. Fricções seccas, quer com baeta quer com escova macia, são muito uteis nas colicas, nas caimbras, nas dôres rheumaticas, nas torceduras. As fricções humidas, que se praticam molhando um pedaço de bacta ou de panno de linho em algum liquido medicamcntoso, frio ou quente, c esfregando as costas, braços, pernas, ventre ou alguma outra parte do corpo, podem fazer-se

tambem só com a mão; mas n'este caso devem ser feitas pelo doente mesmo; porque a pessoa que fricciona absorve uma parte do remedio.

Quando se praticam fricções com unguento napolitano ou qualquer outra pomada mercurial, cumpre tirar dos dedos os anneis de ouro, pois seriam destruidos pelo mercurio.

As fricções humidas empregam-se frequentemente em diversas molestias, e especialmente no rheumatismo, gota, inflammações do ventre, febres intermittentes, etc.

A fricção chama-se vulgarmente *fomentação*. Quando se emprega algum corpo gordo, como oleo de amendoas, pomadas, unguentos, chama-se *untura*.

FRIEDRICHSHALL. Agua salina purgativa, na Allemanha, no Ducado de Saxe-Meiningen. Esta agua, de que não se faz uso senão em bebida e transportada, contem cerca de 30 grammas por litro de differentes saes, e principalmente de soda e magnesia. Produz effeito purgativo mesmo em pequena dóse.

FRIEIRAS. Dá-se este nome a certas vermelhidões dolorosas, sujeitas a ulcerarem-se, produzidas pelo frio. Atacam com preferencia as crianças, as senhoras e as pessoas de pelle fina. Foram propostos muitos remedios contra as frieiras. Quando não estão ulceradas, é preciso empregar lavatorios com cachaça, aguardente camphorada, agua salgada ou misturada com vinagre, com agua de sabão, agua de Colonia, ou esfregar a frieira com limão. As feridas occasionadas pelas frieiras devem ser lavadas com agua, á qual se ajuntam algumas gottas d'agua de Colonia ou de algum outro licor espirituoso, e curadas com ceroto de Saturno; tambem é util tocal-as de tempos a tempos com pedra infernal; mas se estas ulceras forem mui dolorosas e mui inflammadas, convem suspender por algum tempo as applicações excitantes e cural-as meramente com ceroto simples. Previnem-se as frieiras fortificando a pelle com fricções seccas, lavatorios d'agua fria, vinho ou cachaça.

FRIO. O frio é a sensação que sentimos quando nosso corpo é posto em contacto com um outro corpo cuja temperatura é menos elevada que a sua. O frio não é pois absoluto, mas somente relativo.

O primeiro effeito do frio é analogo ao de um agente sedativo; mas é logo seguido da *reacção*, o que torna o frio um dos meios mais heroicos da medicação tonica. O emprego da agua fria como bebida é util nas febres quando a pelle está quente e secca; mas o seu uso não convem no periodo do frio. Nos vomitos rebeldes, nas molestias acompanhadas de febre e calor intenso, as bebidas geladas aproveitam bastante. Os banhos frios fortificam a constituição, e são aconselhados nas molestia nervosas. As applicações de pannos molhados em agua fria usam-se nas contusões, torceduras e luxações; o gelo contido n'uma bexiga applica-se efficazmente sobre a cabeça na meningite; e posto sobre o baixo-ventre é empregado nas metrorrhagias violentas como hemostatico. As irrigações contínuas d'agua fria são vantajosas nas feridas por arrancamento, nas fracturas comminutivas, nas feridas da cabeça, etc. Os clysteres d'agua fria empregam-se para atalhar as hemorrhagias pelo

recto, e para combater a prisão do ventre. A agua fria é a base do tratamento hydrotherapico (V *Hydrotherapia*).

Modo de obter um frio artificial. Os corpos solidos ao passarem ao estado liquido, roubam o calor aos corpos vizinhos, e produzem o frio. Esta propiredade foi utilizada para produzir um frio artificial mais ou menos intenso. Este resultado obtem-se misturando substancias que tem affinidade umas ás outras, e das quaes uma pelo menos é solida, taes como a agua e um sal, acido e um sal, gelo e um sal. A porção que se derrete tira ao resto da mistura grande quantidade do calorico que se torna latente d'onde resulta um abaixamento de temperatura ás vezes bastante consideravel. O frio produzido é tanto maior quanto mais rapida é a dissolução; e por isso substitue-se a agua pelos acidos diluidos em agua; que dissolvem mais promptamente certos saes. Obtem-se um frio mais intenso misturando os saes hydratados com gelo pulverizado ou melhor ainda com a neve. Isto explica-se facilmente, porque o gelo ou a neve, ao derreterem-se, absorvem uma quantidade consideravel de calor. A todas estas misturas dá-se o nome de *misturas frigorificas*.

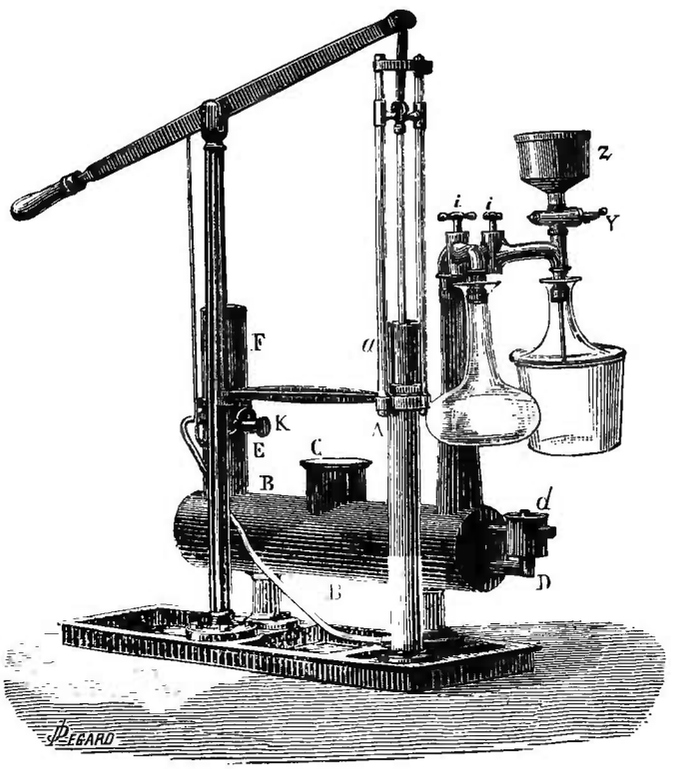


Fig. 502. — Congelador aperfeiçoado.

Prescindindo da importancia do gelo sob o ponto de vista culinario ou gastronomico, a sua utilidade como meio hygienico ou therapeutico está desde muito tempo reconhecida. A taboa seguinte indica as proporções e

a natureza das substancias mais frequentemente empregadas para obter um abaixamento de temperatura.

MISTURAS FRIGORIFICAS.

SUBSTANCIAS MISTURADAS.	PARTES EM PESO.	ABAIXAMENTO do THERMOMETRO CENTIGRADO.	GRÁOS de FRIO PRODUZIDO.
Sulfato de soda	8	de + 20 a + 7	27
Acido chlorhydrico	5		
Sulfato de soda	3	de + 20 a — 9	29
Acido nitrico diluido em 6 partes d'agua	2		
Sal ammoniaco	5	de + 20 a — 2	22
Nitro	5		
Agua	16		
Sulfato de soda pulverizado	6	de + 20 a — 16	36
Nitro de ammoniaco	5		
Acido nitrico diluido em 6 partes d'agua	4		
Phosphato de soda	9	de + 20 a — 20	40
Nitrato de ammoniaco	6		
Acido nitrico diluido	4		
Sal ammoniaco	1	de + 20 a — 9	29
Nitrato de ammoniaco	8		
Soda	1		
Agua	10		
Nitrato de ammoniaco	2	de + 20 a — 2	22
Subcarbonato de soda	2		
Agua	1		
Gelo pisado ou neve	1	de 0 a — 17	17
Sal de cozinha	1		
É esta ultima mistura que empregam ordinariamente os confeiteiros para fazer sorvetes.			
Neve	3	de 0 a — 28	28
Chlorureto de calcio hydratado	4		
Neve	3	de 0 a — 28	28
Potassa	4		
Neve	1	de — 6 a 51	45
Acido sulfurico diluido em 9 partes d'agua	1		

Collocando um vaso com agua dentro de uma d'estas misturas, póde-se obter gelo á vontade.

O melhor meio de utilisar uma mistura frigorifica consiste em não formal-a senão successivamente.

O professor Orfila empregava nas suas lições a mistura frigorifica se-

guinte : sal ammoniaco, nitrato de ammoniaco, aná p. ig.; agua q. s. Esta mistura é prompta e economica; as substancias podem tornar a servir depois de evaporada a agua. O residuo, reduzido ao estado secco, tratado de novo pela agua, fornece um arrefecimento consideravel.

Uma bexiga de porco, contendo sal ammoniaco e nitrato de ammoniaco em parte iguaes, e q. s. d'agua, póde applicar-se na cabeça e nas outras partes do corpo, quando se preciza produzir n'ellas um effeito frigorifico.

Ha diversos apparelhos para fazer gelo, em um d'elles (fig. 502) consegue-se isso abaixando a temperatura por meio da evaporação no vacuo produzido por uma bomba. A agua, que se quer reduzir a gelo, deita-se n'uma garrafa ou n'um vaso de bocca larga. Esta garrafa ou este vaso não deve encher-se completamente, deve os conter um pouco mais de um terço do espaço. Faz-se o vacuo por cima da agua por meio de uma bomba. A medida que se produz o vacuo, a agua perde o ar que continha, e depois evapora-se. O ar e o vapor, antes de chegarem á bomba, atravessam um cylindro contendo acido sulfurico. O vapor fica instantaneamente absorvido pelo acido; forma-se novo vapor que o acido absorve igualmente. Em consequencia da evaporação produz-se um abaixamento de temperatura na agua que fica, que pouco a pouco se reduz a gelo. O vaso cobre-se a principio de uma camada de orvalho, a agua torna-se fria, algumas agulhas apparecem no seu interior; sua transparencia desapparece, e ao'cabo de pouco tempo toda a agua acha-se convertida em gelo. Com o acido novo, o gelo principia a formar-se 2 a 3 minutos depois que se fez marchar a bomba, e a congelação total de uma garrafa exige 30 a 35 minutos. A rapidez da congelação diminue um pouco á medida que o acido se dilue; o acido póde servir até que tenha 52 e mesmo 50 gráos; isto dá, no clima temperado de França, uma producção de 15 a 20 garrafas congeladas pela carga de acido com apparelho nº 1; de 30 a 35 com o apparelho nº 2; e de 50 a 60 com o apparelho nº 2 *bis*. Empregam-se as garrafas, quando se quer resfriar simplesmente a agua, para o que bastam dois a tres minutos; empregam-se vasos de bocca larga, quando se quer obter gelos em bocado, o que se effectua ao cabo de 30 a 35 minutos, como acima fica dito.

FROUXIDÃO DOS NERVOS. Por frouxidão dos nervos designa-se o estado de uma pessoa que é muito irritavel e que não póde soffrer contrariedade, nem opposição.

Este estado acalma-se mediante uma boa direcção dada ás faculdades intellectuaes, pelo uso dos banhos mornos ou frios. Outros entendem por este termo, um tremor das mãos, paralysia parcial. Designa-se tambem pela frouxidão dos nervos a molestia chamada Hysterismo (*Veja-se* esta palavra).

FROXO DE SANGUE. *Veja-se* Hemorrhagia.

FROXO DE SANGUE PELO UTERO. *Veja-se* Hemorrhagia uterina.

FRUCTA ou Fructo. Os botanicos chamam *fructo* á porção do

vegetal que serve de receptaculo aos grãos. Por conseguinte, o *fructo* é, a respeito das plantas, o que é o *ovo* a respeito dos animaes : elle é destinado pela natureza a manter a perpetuidade das especies. Pouco me resta a dizer aqui ácerca das fructas como alimento, visto já ter fallado d'ellas no artigo ALIMENTOS, vol. I, pag. 110.

Muitas pessoas attribuem graves inconvenientes ao uso das fructas, tanto nos adultos, como sobretudo nas crianças. As diarrheas, as colicas, os enfartes dos orgãos do ventre, e depois as febre e as molestias cutaneas, são, segundo esta opinião, os effeitos ordinarios d'este genero de alimentação. Mas é evidente que, fallando assim, confundem o abuso com o uso, o excesso com a moderação. Perguntai aos homens sanguineos, ás pessoas nervosas, aos marinheiros cansados por uma longa viagem, se o uso das fructas lhes é nocivo ? Quem ignora a utilidade das fructas acidulas n'um grande numero de molestias ? Muitas inflammações rebeldes aos medicamentos cedem ao emprego das laranjas, das limas e de varias limonadas. O grande naturalista Linneo pretendia ter-se curado da gota comendo todos o dias um prato de morangos. As bananas cozidas e outras muitas fructas podem comer-se em todas as molestias, e geralmente no estado de saude não é o uso das fructas, pórem sim o abuso que póde tornar-se nocivo. É tambem um erro mui grande a opinião das pessoas que julgam que as lombrigas são produzidas pelos vermes das fructas comestiveis.

FRUCTA DO CONDE ou **Pinha.** Fructo da pinheira, *Anona squamosa*, Gærtner, arbusto da familia das Anonaccas, que habita, no Brazil. Fructa mui estimada. Debaixo da casca dura e escamosa acha-se uma especie de gelea que contém grande cópia de sementes. Esta gelèa é doce e mui agradavel. Os doentes e os convalescentes podem usar da fructa do conde com vantagem. Foi importada para a Bahia em 1626 pelo Conde Diogo Luiz de Oliveira. Em Pernambuco e na Bahia chamam-lhe *pinha*, no Rio de Janeiro, *Fructa do Conde*. O arbusto que a produz, a pinheira, é de caule flexivel ; folhas estreitas, compridas, com cheiro um tanto enjoativo ; as flores formam tres palhetas esverdeadas engastadas em um pé com manchas roxas na base. O fructo é uma baga de maior ou menor tamanho, até 12 centimetros, de fórma globosa, cónica, obliqua, com protuberancias na superficie, no interior é composto de bagos de substancia branca e polposa, doce e agradavel. Abunda no Ceará : vegeta no campo espontaneamente.

FRUCTA DE PÃO. *Veja-se* ARVORE DO PÃO.

FRUCTOS PEITORAES. Em pharmacia dá-se o nome de *fructos peitoraes* á mistura de partes iguaes de tamaras privadas de seus caroços, de jujubas, figos e passas. Nas bronchites, e outras molestias acompanhadas de tosse, usam-se cozimentos preparados com estes fructos. Eis-aqui o modo de preparar o cozimento : Fervam-se 35 grammas de fructos peitoraes em quantidade d'agua tal, que depois da fervura fique meio litro de liquido ; côe-se por panno de lã. Este cozimento toma-se ás chicaras, no decurso de um dia.

Xarope antiphlogistico de Briant.

Fructos peitoraes.....	60 gram.	Mucil. de raiz de althea.	60 gram.
Flores peitoraes.....	8 —	Mucilagem de linhaça...	30 —
— de papoulas.....	6 —	Agua de flores de laranj.	60 —
Gomma arabica.....	90 —	Assucar e agua.....	q. s.

Para 1000 grammas de xarope. — D. 30 a 60 grammas por dia. Contra a bronchite e outras molestias do peito. Convem sobretudo ás senhoras e ás crianças.

FRUNCHO ou FURUNCULO, chamado tambem *leicenço*, *cabeça de prego*, *nascida*. Tumor da pelle arredondado, cónico, de côr vermelha violacea, mui doloroso, e cujo volume varia desde o tamanho de uma ervilha até ao de um ovo. Do quarto ao oitavo dia, este tumor levanta-se em ponta, amollece e branquêa no apice; depois vasa por uma pequena abertura uma diminuta quantidade de pus, e deixa ver o tecido cellular mortificado, que se chama *carnegão*. Este solta-se do decimo ao duodecimo dia, e depois de sahir espontaneamente ou pela pressão, cessa a dôr, e a molestia finaliza do duodecimo até ao decimo-quinto dia, não deixando outro vestigio mais do que uma pequena cicatriz. Tal é a marcha ordinaria d'esta affecção, que, entretanto, varía muito quanto á intensidade dos symptomas: assim, umas vezes mostram-se ou um dois frunchos sem dôr, e passam, por assim dizer, despercebidos; outras vezes cobre-se o corpo d'elles, e á medida que se somem os antigos frunchos, vão apparecendo outros novos: póde até existir febre, nauseas e vomitos.

A complicação mais frequente dos frunchos é o estado particular do estomago e dos intestinos conhecido pelo nome de *embaraço gastrico*. Este estado é caracterizado por dôr de cabeça, bocca amarga, cansaço, nauseas, fastio, etc. O fruncho sobrevem em todas as partes do corpo, entretanto, é mais commum nas costas, na margem do anus e nas nadegas.

As *causas* do fruncho são ora locaes, como applicações de substancias irritantes sobre a pelle, uso de certas pomadas, um attrito repetido, e sarna; ora geraes e ligadas a outras molestias. Assim, os frunchos apparecem no fim de diversas affecções, das bexigas, por exemplo, e mui frequentemente desenvolvem-se sob a influencia do estado de irritação das vias intestinaes.

Tratamento. As cataplasmas de linhaça ou de fecula são quasi os unicos meios que se dirigem contra esta affecção, quando é local. Ás vezes basta cobrir o fruncho com emplasto diachylão. Sendo os frunchos numerosos, o doente deve tomar alguns banhos d'agua morna simples e beber um cozimento refrigerante, tal como decocção de cevada ou limonada de limão. O carnegão separa-se pouco a pouco dos tecidos vizinhos e sahe pela continuação das cataplasmas; favorece-se a sua expulsão comprimindo o tumor; não é necessario recorrer á incisão. Depois da sahida do carnegão, fica uma excavação que desapparece ao cabo de alguns dias, deixando uma cicatriz deprimida.

Emprega-se em loções o licor de alcatrão de Guyot, puro ou misturado com um pouco d'agua.

A emulsão de alcatrão de Le Bœuf, tambem é de incontestavel utilidade no tratamento dos frunchos. Administra-se na dóse de uma a duas colheres *de chá*, duas ou tres vezes por día, diluido em meio copo d'agua assucarada, de leite quente ou de qualquer tisana, ou agua mineral.

FUCHSINA. Como a anilina, a benzina, etc., a fuchsina é um corpo que se extrahe do alcatrão de carvão de pedra. Serve na industria para tingir os estofos e differentes liquidos; uma mui pequena quantidade de fuchsina pode tingir de vermelho carregado uma immensa quantidade d'agua. Ella é toxica quando contem arsenico, o que acontece frequentemente.

A fuchsina tem sido muito pouco empregada em medicina. Sua acção não está ainda bem definida, é de uma efficacidade duvidosa. Alguns medicos a tem recommendado no tratamento da albuminuria, na dóse de 15 a 30 centigrammas. Colora a ourina de côr de rosa; é necessario administral-a com muita precaução, sob a forma de pó envolvido em pão azymo, para evitar de tingir a bocca porque seria difficil depois fazer desapparecer a tintura.

FUCUS VESICULOSUS. *Veja-se* ALGA.

FUENCALIENTE. Hespanha. Aguas ferruginosas bicarbonatadas quentes; 36° no manancial. Empregam-se na anemia, leucorrhea, amenorrheas, nevralgias, paralysias, rheumatismo, gota.

FULIGEM ou FERRUGEM DE CHAMINÉ. Substancia preta, de cheiro desagradavel, de sabor amargo, que a fumaça depõe em crostas luzentes sobre as paredes interiores das chaminés : é composta principalmente de carvão, de oleo empyreumatico e de acido acetico ; muitas vezes contém tambem chlorureto de ammoniaco e alguns outros saes. A fuligem do carvão de pedra não differe notavelmente da do carvão de lenha. A fuligem serve na tinturaria; dá uma côr fulva mui solida; serve tambem na pintura. Fazem-se d'ella diversas applicações na industria ; e póde utilizar-se como adubo nas terras humidas. Em medicina, a fuligem entra na composição de uma pomada que se emprega contra a tinha e contra os dartros.

Externamente. *Decocção de fuligem* (Blaud) : Fuligem, 200 grammas, agua 500 grammas. Ferva por meia hora, e côe. Em lavatorios, contra a tinha e dartros.

Pomada de fuligem (Marinas).

Fuligem pulverizada.....	50 grammas.
Banha.....	50 —

M. Em fricções contra a tinha e dartros.

Collyrio antiscrophuloso (Baudelocque).

Fuligem 15 grammas. Dilua em q. s. d'agua fervendo, côe e evapore até seccar. Dilua o residuo ou *extracto* de fuligem em 15 grammas de vinagre forte. Ajunte : extracto de rosas rubras, 5 centigrammas. — Al-

gumas gottas d'este soluto n'um pouco d'agua morna, constituem um collyrio resolvente, recommendado nas ophthalmias purulentas.

FULMINADO. *Veja-se* RAIO.

FUMARIA ou HERVA MOLARINHA, *Fumaria officinalis*, Linneo. Fumariaceas. Planta que habita nos campos do Brazil e de Portugal. Tem caule glauco, quadrado, liso; folhas bipinnuladas, recortadas; flores purpurinas matizadas de preto; toda a planta é mui succulenta e amarga (fig. 503). Usa-se em medicina como tonico. O chá de fumaria, que se prepara deixando infundir 4 grammas de folhas e talos de fumaria n'uma chicara d'agua fervendo, bebido todos os dias de manhã, é empregado com vantagem nas molestias da pelle.



Fig. 503. — Fumaria.

FUMO. *Veja-se* TABACO.

FUMO BRAVO. *Veja-se* HERVA COLLEGIO.

FUMIGAÇÃO. Este nome designa os vapores de diversa natureza applicados á totalidade ou a algumas partes do corpo.

As substancias empregadas nas fumigações são : vapores d'agua pura ou carregada de principios mucilaginosos, aromaticos, etc., os de benjoim, de camphora, enxofre, etc. Os apparelhos não variam menos, desde a simples fumigação excitante dada na cama, deitando-se n'um fogareiro com brazas um pouco de benjoim, até aos apparelhos mais elegantes e mais complicados que se encontram nos estabelecimentos publicos. As fumigações são geraes ou parciaes : as primeiras, nas quaes o corpo inteiro é mergulhado, não se podem fazer senão com vapores d'agua : já d'ellas fallei no artigo BANHO. Nas fumigações parciaes, o vapor póde cobrir todo o corpo á excepção da cabeça; o doente é então fechado n'uma caixa, onde só lhe fica a cabeça de fóra, que sahe por uma abertura circular practicada na parte superior do apparelho; outras vezes só se expõe á acção do vapor um membro, ou uma parte do corpo, mediante apparelhos particulares.

Conforme as propriedades das substancias reduzidas a vapor, as fumigações são excitantes, antisyphiliticas, antidartrosas, etc. Possuem, além d'isto, uma acção commum, a qual é de excitar a transpiração.

Emprega-se frequentemente, nos defluxos e na bronchite, uma fumigação local, applicada de maneira muito simples. Deita-se n'um vaso

uma infusão de flores de sabugueiro em agua fervendo; por cima do vaso o doente colloca a cabeça coberta com uma toalha. Esta fumigação dura um quarto de hora; pratica-se ordinariamente de noite no momento de se deitar. O seu effeito é excellente.

FUNCHO, *Anetum funiculum.* Linneo, Umbelliferas. Planta commum em Portugal, cultivada nas hortas do Brazil. Os fructos, chamados impropriamente sementes, são empregados na arte culinaria e na medicina. São grãos alongados, quasi cylindricos, estriados longitudinalmente, de côr verde pallida quando recentes, amarellados, quando antigos; cheiro aromatico, sabor quente. São estimulantes e empregados nas colicas, principalmente nas das crianças. Usam-se debaixo da forma de chá que se prepara com uma colher das *de chá* de fructos de funcho e uma chicara d'agua fervendo. — Em muitos paizes toda a planta é empregada como tempero nas comidas. Na Italia, os talos e os filamentos que atravessam as folhas, servem-se nas mesas como salada, ou cozidos como legume. No sul da França, onde o funcho vegeta espontaneamente em abundancia, alimentam-se com elle os coelhos alguns dias antes de os matar, o que dá á sua carne um gosto picante e agradavel.

FUNCHO D'AGUA. *Veja-se* PHELLANDRIO AQUATICO.

FUNDA. Dá-se este nome aos apparelhos destinados a conter os intestinos deslocados na affecção chamada *hernia* ou *quebradura.* Ha duas qualidades, umas não elasticas e outras elasticas. As primeiras devem abandonar-se por incapazes de serem uteis ás mudanças de volume de que o ventre é susceptivel; pelo seu emprego o doente tem pouca segurança, e se, para evitar a sahida dos intestinos, augmentar-se a constricção, a pelle inflamma-se, torna-se dolorosa e a presença da funda é insupportavel. As fundas não elasticas são empregadas ás vezes nas crianças mui pequenas, affectadas de hernias de nascença; mas é preferivel, mesmo n'estes casos, empregar as fundas com molas de aço.

Dá-se tambem o nome de *funda* a um pedaço de panno de linho, comprido e estreito, fendido em todo e seu comprimento, á excepeção de algumas pollegadas que ficam cheias na sua parte mediana. Emprega-se principalmente para as molestias do queixo inferior. *Veja-se* COMPRESSA, vol. I, pag. 660, fig. 221, e LIGADURA.

N'este artigo tratarei só da funda para as quebraduras ou hernias.

Uma funda herniaria bem feita deve exercer uma pressão branda, uniforme e constante sobre a abertura aponevrotica pela qual sahíram os intestinos, sem incommodar o doente, e sem estar exposta a desarranjar-se. Não se podem obter estas vantagens senão com fundas contendo molas, que sendo elasticas seguem todos os movimentos do ventre; abrem-se e cedem quando esta cavidade se estende; contrahem-se e ficam exactamente applicadas quando o volume do ventre diminue.

Quando os doentes estão afastados da morada de um fabricante, devem saber tomar em si a medida de uma funda: para este fim toma-se a circumferencia exacta do corpo com um barbante no logar em que deve ser applicada a funda. Afim de obter uma figura mais exacta do

circuito da bacia, emprega-se ás vezes um fio metallico, de chumbo ou de ferro, que póde moldar-se exactamente á fórma do corpo.

Para a funda preencher bem o fim necessario, cumpre que a mola seja dotada de força sufficiente, e que a almofada tenha a fórma e a direcção adaptadas á especie de hernia que deve manter. A força de pressão está proporcionada á espessura, á largura da mola e á maneira por que está temperada. As pequenas hernias e as de que estão acommettidas as crianças ou as pessoas que levam uma vida tranquilla, podem ser mantidas com uma funda mais fraca do que nos individuos que se entregam a exercicios peniveis.

Modo de applicar uma funda. Quando se quer applicar uma funda ao redor da bacia, faz-se deitar o doente. Depois de reduzida a hernia por meio da pressão, que se chama *taxis*, comprime-se a abertura aponevrotica com uma das mãos, e com a outra applica-se a almofada da funda sobre o mesmo ponto, e mantem-se até que o resto da funda esteja adaptado. O doente seguirá os mesmos preceitos, quando applicar elle mesmo a funda. O tempo mais conveniente para esta applicação é de manhã, antes de levantar-se da cama, porque o intestino entra no ventre durante a noite, e d'esta maneira a reducção acha-se feita. Depois de applicada a funda, o doente deve levantar-se, e examinar se a pelle não está comprimida demasiadamente. Deve tossir, andar, sentar-se e levantar-se, fazer qualquer esforço para assegurar-se se a hernia está bem mantida e se a funda não se desarranja. Se se apresentarem alguns defeitos na confeição ou na applicação da funda, é facil conhecêl-os e corrigil-os.

Quando a hernia está bem mantida pela funda, o doente póde entregar-se ás suas occupações. Entretanto não deve perder de vista o seu achaque, e deve evitar, tanto quanto fôr possivel, os esforços e exercicios violentos. Algumas pessoas acham nos primeiros dias extremamente penivel a pressão da funda, porém pouco a pouco acostumam-se a ella. As fundas elasticas não só mantem exactamente os intestinos na cavidade abdominal, e preservam os doentes dos perigos a que seriam expostos se não fizessem uso d'ellas, mas podem tambem produzir a cura radical da molestia. (*Veja-se* QUEBRADURA).

Os doentes devem trazer as fundas sem interrupção durante o dia, mas podem, em geral, tiral-as de noite; devem ter pelo menos duas fundas, afim de mudal-as de tempo em tempo. Quando a pelle de camurça, que as cobre exteriormente, estiver usada e tornar-se irritante pela transpiração, a funda deverá ser reformada.

Bem que a funda esteja bem feita e convenientemente applicada, não impede sempre a sahida da hernia ; algumas circumstancias podem desarranjal-a, o epiploon ou o intestino podem passar debaixo da almofada ; pelo que o doente deve comprimir com a mão a almofada cada vez que tossir, espirrar ou fizer algum esforço. Se a hernia sahir, deve tirar immediatamente a funda, deitar-se e fazer a reducção do tumor com a mão.

As fundas differem segundo a especie de quebradura ; conforme esta é *inguinal*, *crural* ou *umbilical*.

Fundas para as hernias inguinaes. *Funda franceza* (fig. 504). A funda chamada *franceza* compõe-se de uma mola de aço e de uma almofada. Em geral a mola estende-se desde a hernia até alguns centimetros além da espinha dorsal, passando sobre o quadril do lado da hernia. A força da mola deve ser proporcionada ao esforço que fazem os intestinos para sahirem do abdomen. Acham-se no commercio molas de tres gráos differentes: molas para adultos da força de 1500 a 2000 grammas; molas para adolescentes da força de 1000 a 1500 grammas; molas para crianças de 800 a 1000 grammas; estes gráos, porém, nada tem de absoluto. A almofada e a mola, fortemente acolchoada na face interna, estão cobertas de pelle de camurça. Do lado opposto á almofada, a guarnição de pelle de camurça continua por uma correia que vem fixar-se no botão collocado na face livre da almofada. Para impedir a deslocação da funda, sobretudo nas pessoas magras, é nccessario ás vezes recorrer a uma correia acolchoada (*sous-cuisse* em francez), que, presa á parte posterior da funda, contornea a dobra da coxa, e vem atar-sc a um botão collocado na face externa da almofada. A funda franceza, tal como acaba de ser descripta, é de uso geral.

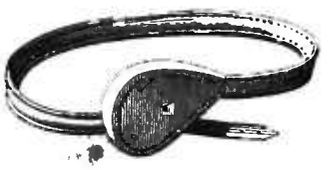


Fig. 504. — Funda franceza para a hernia inguinal simples.

Para as hernias duplas é preciso empregar fundas duplas (fig. 505 *a* e 505 *b*), A fig. 505 *a* representa uma funda composta de uma almofada central que devc assentar sobre o sacro; d'esta almofada partem duas molas dirigidas do lado das hernias; as duas almofadas anteriores são reunidas por uma correia; uma dupla fita sub-coxal (*sous-cuisse*) assegura a estabilidade da funda.

A funda franceza é gcralmente bem supportada pelos doentes, porque o seu logar de apoio está repartido sobre muitos pontos do corpo;

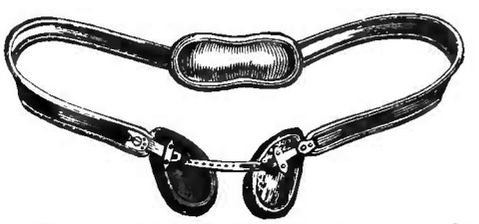


Fig. 505 (*a*). Funda franceza para duas virilhas, com molas separadas.

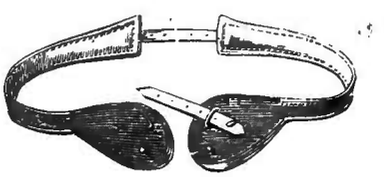


Fig. 505 (*b*). — Outra fórma da funda franceza para duas virilhas, com molas separadas.

a mola com effeito, comprime todos os pontos que cinge, e não sómcnte os logares situados um por diante outro por detraz, como na funda ingleza. Podendo a hernia ser facilmente mantida, estas condições são vantajosas; no caso contrario é preciso recorrer á funda inglcza.

Funda ingleza. Esta funda foi introduzida na pratica por Wickham pae, em 1816, e aperfeiçoada pelo seu filho, o Dr. Wickham. A funda

para a hernia inguinal simples compõe-se de duas almofadas situadas nas extremidades de uma mola metallica. A almofada posterior, larga e arredondada, toma um ponto de apoio sobre o osso sacro; a almofada anterior, destinada a comprimir o annel herniario, é geralmente oval; mas póde-se-lhe dar outra fórma, segundo as circumstancias. A mola é elliptica, mas não está contorneada sobre si mesma como a mola da funda franceza. Na face livre das almofadas acham-se uns quicios com que se articula a mola de maneira a poder tomar todas as direcções possiveis sem que a almofada herniaria mude de logar, sem que a pressão seja augmentada ou diminuida. A mola está revestida de uma bainha de couro na qual póde-se, para augmentar a pressão, introduzir uma ou duas molas supplementarias. De duas almofadas, uma assenta sobre a hernia, a outra sobre o sacro. A mola deve ser applicada sobre o quadril opposto ao lado aonde a hernia está situada, vem a ser que se a hernia fôr do lado direito, a mola deve partir da virilha direita, passar diante da parte inferior do ventre, cingir o quadril esquerdo, e chegar até ao meio do espinhaço. Mas se a hernia se achar do lado esquerdo, esta mesma funda deve partir da virilha esquerda, cingir o quadril direito, e tomar assento na parte média das cadeiras por meio da chapa posterior. Mantem-se a funda no seu logar por meio de uma correia que, presa na almofada posterior, vem fixar-se n'um botão da almofada anterior, e completa o circulo que faz a funda ao redor do corpo.

A funda ingleza póde ser empregada nos casos de hernia dupla. (fig. 506). As duas molas articulam-se, para traz, com uma almofada central; as suas extremidades anteriores tem muitos furos proprios para receberem as pontas que existem nas almofadas; podem-se d'esta maneira alongar ou encurtar á vontade. Uma correia reune as duas almofadas.



Fig. 506. — Funda ingleza para as duas hernias inguinaes.

As vantagens da funda ingleza são as seguintes: 1.° Não tem tendencia a deslocar-se lateralmente visto que a almofada anterior está além da linha média que constitue a parte a mais saliente do ventre. 2.° Os grandes movimentos do corpo, não diminuem a compressão, porque a mola é movel sobre a almofada. 3.° Se a mola afrouxar pelo uso, póde-se restituir-lhe a força ajuntando uma mola supplementar que se introduz na bainha de couro; em semelhante caso a funda franceza não póde mais servir. 4.° A funda ingleza tem uma acção mais forte do que a funda franceza, porque a mola não perde uma parte da força sobre o contorno da bacia. Resulta d'estas considerações que a funda ingleza deve ser empregada nos casos em que é preciso lutar com muita intensidade contra os esforços que fazem os intestinos para sahirem da cavidade abdominal.

Hernia crural. A *funda franceza* póde ser empregada para manter as hernias cruraes: basta só modificar a situação da almofada e o seu gráo de inclinação. A almofada deve ser collocada mais para fóra do que na hernia inguinal, afim de que não comprima a arteria; deve

tambem descer mais abaixo, de maneira que se ache abaixo da virilha. Convem servir-se das almofadas de pequena dimensão.

Pouillien, fabricante de fundas em Pariz rua Luxembourg, 49, apresentou á Sociedade de cirurgia uma funda crural, desenhada na fig. 507, que preenche o fim de manter a hernia. De uma almofada posterior *a*, que se applica sobre o sacro, partem duas molas exactamente moldadas sobre a circumferencia da bacia, passando horizontalmente entre a proeminencia formada pelo grande trochanter e a crista dos ossos illiacos. As duas molas reunem-se por diante, por meio de uma ou duas correias, que completam um cinto horizontal, posto ao abrigo da acção de todos os movimentos do membro e do tronco. De uma d'estas molas parte, a angulo quasi recto, o collo da almofada *p*, dirigida verticalmente para baixo. A almofada comprime de baixo para cima e de diante para traz o orificio superior do triangulo crural, entre os musculos adductores e o direito anterior da coxa, de que evita a acção, e ao mesmo tempo acha-se ao abrigo do levantamento produzido pela flexão do membro. No caso de hernia dupla, póde-se terminar o apparelho por duas almofadas.

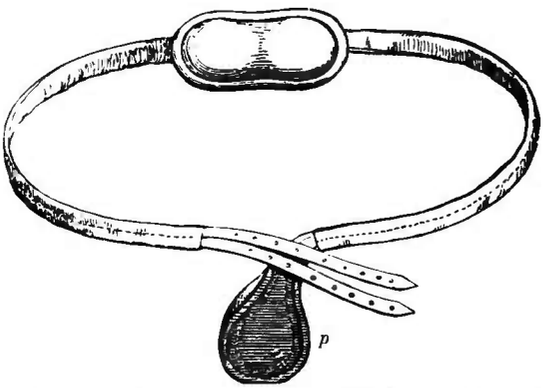


Fig. 507. — Funda de Pouillien para a hernia crural, do lado esquerdo.

A *funda ingleza*, para a hernia crural, assenta sobre a abertura crural, e sobre a parte inferior do espinhaço. A mola passa ao redor do quadril do mesmo lado no qual se acha a hernia, e não do lado opposto como na hernia inguinal; por meio d'esta disposição a almofada comprime a região crural de diante para traz e de dentro para fóra.

Hernia umbilical. É mui difficil manter reduzida a hernia umbilical nas crianças. Nos recem-nascidos applica-se sobre o embigo um panno dobrado muitas vezes, e mantem-se com uma larga tira de esparadrapo adhesivo. Em logar de panno dobrado, póde empregar-se uma chapa hemispherica de cortiça revestida de panno de linho. Uma simples faxa do corpo, cuja compressão está augmentada pelos chumaços applicados na região umbilical, é ás vezes sufficiente para curar a quebradura do embigo nos recem-nascidos. Nas crianças de maior idade convem empregar uma funda com mola elastica, semelhante á funda empregada nos adultos, com a differença de que a mola é menos forte nas crianças. Esta funda acha-se representada na fig. 508.

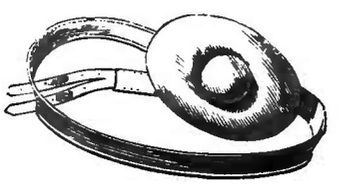


Fig. 508. — Funda umbilical para as crianças e para os adultos.

As hernias umbilicaes dos adultos mantem-se com maior facilidade do

que as das crianças. Emprega-se ordinariamente para este fim a funda representada na fig. 509. Compõe-se de uma mola mui branda que cinge a metade do corpo, tomando um ponto de apoio, sobre a columna vertebral; na extremidade anterior da mola acha-se uma almofada bem acolchoada e guarnecida de pequena proeminencia espherica do lado

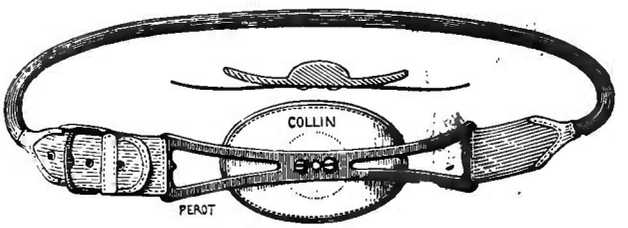


Fig. 509. — Funda umbilical de Dolbeau para os adultos.

que deve ser applicado sobre a hernia. Uma bainha de pelle reveste a mola, e termina em uma correia que vem atar-se na face livre da almofada.

A *funda ingleza*, para as hernias umbilicaes, estabelece-se sobre os mesmos principios, que para as hernias inguinaes, e exerce a compressão igualmente sobre os dois pontos diametralmente oppostos, isto é, sobre o embigo e sobre o espinhaço.

Collin, fabricante de instrumentos cirurgicos em Pariz, rua de l'*Ecole-de-Médecine*, 6, fez, segundo as indicações do Dr. Dolbeau, uma funda umbilical cuja almofada está applicada contra uma mola de aço comprida e independente da almofada. fig. 509. Aos extremos da mola adaptam-se as pontas de um tubo de cautchuc que serve de cinto; mas no interior d'este tubo ha um cordão inextensivel por meio do qual a elasticidade do cautchuc está annulada. A vantagem real d'este cinto existe na sua flexibilidade : póde seguir os movimentos do corpo, sem que a almofada tenha a mesma tendencia a mudar de logar como nas outras fundas.

FUNGOSIDADE. *Veja-se* CARNES ESPONJOSAS.

FURNAS. Ilha de S. Miguel. Quasi 40 kilometros ao nordeste de Ponta Delgada, capital da ilha, ha uma pequena aldeia chamada as *Furnas*, situada n'um espaçoso valle cercado de altas montanhas. No fim do valle, para o lado do sueste, ha uma pequena elevação a que chamam as *Caldeiras*. Ali ha numerosas fontes mineraes : umas são ferventes, outras só quentes, outras frias. A maior das *fontes ferventes* é a *Caldeira grande;* tem mais de 3 metros de circumferencia, e a sua profundidade é consideravel; a agua tem valor de escaldar, e sempre está no estado de fervura; lança de continuo um vapor excessivamente sulfureo, e que muito se assemelha á polvora queimada; o gosto é picante; deposita um sedimento argiloso, levemente azulado. A alguns passos de distancia ha outra *fonte fervente*. Raras vezes se póde devisar a superficie da agua, em razão do mui denso vapor que a cobre. Outras pequenas caldeiras, borbulhando agua quente, existem umas perto de outras. Em muitas partes o chão é

tão quente, que não se póde estar parado n'elle sem incommodo e mesmo dôr. Em muitos logares está coberto de enxofre crú : uma peça de prata, exposta ao ar, em pouco tempo faz-se côr de ouro. As pessoas que regressam d'esses logares, voltam impregnados de gaz hydrogeneo sulfureo. A torrente da caldeira grande encaminha-se aos reservatorios, e depois de arrefecida, serve para os banhos. Esta agua é classificada sulfurosa. Os banhos são empregados com proveito contra os rheumatismos chronicos, ankyloses incompletas, paralysias, retracções musculares, sciatica, molestias da pelle (lichen, eczema, herpes, psoriase e outras). Nas molestias da pelle convem não só empregar os banhos d'agua sulfurosa, mas tambem usar d'ella internamente, na dóse de 60 a 180 grammas por dia.

Adiante d'aquellas fontes quentes encontram-se aguas mineraes de moderada temperatura e outras *frias*. A agua de algumas é crystallina e transparente; a de outras é turva, de côr alvacenta ou avermelhada. O seu gosto diversifica : em umas é forte, *sulfureo;* em outras *acidulo;* em uma é *ferruginoso;* outras são insipidas. Uma d'estas vertentes, denominada *fonte d'agua azeda,* sahe mansamente de uma bica de pedra, e sahe em uma bacia igualmente de pedra, e d'aqui, precipitando-se em fio pela borda da bacia, forma um pequeno regato no chão. A sua temperatura é de 16 gráos centigrados, sabor adstringente; contêm gaz acido carbonico livre; carbonatos de ferro, de cal, de soda, sulfato e chlorhydrato de soda. Esta agua, usada internamente ou em banhos, actua como tonico e estimulante; isolada ou misturada com a sulfurea emprega-se com vantagem, em banhos, contra os rheumatismos chronicos e paralysias. Dá-se nas Furnas o nome de *quenturas* á mistura d'agua azeda com agua sulfurosa.

Em torno das fontes existem pequenas casas de dois compartimentos, cada um com a sua banheira de pedra onde se tomam os banhos. Para morádia os doentes alugam pequenas casas, levando da cidade o trem necessario. Além d'estas, existe uma *Hospedaria*, onde ha bom tratamento. Ha um hospital estabelecido pelo Governo da ilha para os pobres. O Governo central mandou começar o edificio de um grande estabelecimento thermal.

FURUNCULO. *Veja-se* FRUNCHO.

FUSÃO. Dá-se o nome de fusão á passagem de um corpo solido para o estado liquido por meio do calor.

Ha duas especies de fusão, *ignea* e *aquosa*. A *fusão ignea* é a desagregação das moleculas do corpo, operada somente pelo calorico; exige o emprego de altas temperaturas; opera-se em caldeiras, capsulas de barro ou de metal, e nos cadinhos. Usa-se para separar os corpos medicamentosos fusiveis de outros menos fusiveis que lhes alteram a pureza.

A *fusão* diz-se *aquosa*, quando a agua contida no corpo accelera a acção do calorico; o corpo dissolve-se primeiro na sua propria agua, que se evapora depois : emprega-se para tirar aos saes uma parte da sua agua de crystallização.

Toma a fusão o nome de *liquefacção* ou *derretimento* quando se opera nos corpos graxos, que carecem de temperatura muito menos elevada do que para a *fusão ignea*.

É assim que se obtem a liquefacção da axungia, da manteiga de cacao, do enxofre, do ceroto, dos unguentos e das pomadas. Em definitivo, sendo a fusão tomada como termo generico, é para notar que o acido acetico crystallizado, a manteiga, o phosphoro são corpos mais faceis de se derreterem, e que o cobre, o ouro, o ferro, a platina são os mais difficeis.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

2031-88. — Corbeil. Typ. de Crété.

BROMURETO DE POTASSIO
Granulado
DE
FALIÈRES

Este **Bromureto** de uma absoluta pureza, approvado pela Academia de Medicina de Pariz recommenda-se á todos os Médicos. Cada frasco contem 75 grammas de sal; acompanha-o uma colher-medida de 0,50 centigrammas.

O doente pode por si mesmo preparar a solução segundo a prescripção do Medico, o que é mais economico e permitte a exacta e fácil execução da receita.

Preparamos tambem o

XAROPE DE FALIÈRES

Bromureto e Cascas de Laranjas amargas

para aquelles doentes que prefirão tomal-o deste modo.

PARIS — 6, Avenue Victoria, 6 — PARIS

E EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

DIGESTÕES ARTIFICIAES

VINHO

BI-DIGESTIVO DE

CHASSAING

COM

PEPSINA E COM DIASTASE

Agentes naturaes e indispensaveis da

DIGESTÃO

25 annos de successo

contra as

DIGESTÕES DIFFICEIS
OU INCOMPLETAS
DOENÇAS DO ESTOMAGO
DISPEPSIAS, GASTRALGIAS
PERDA DE APPETITE E DAS FORÇAS
MAGREZA, CONSUMPÇÃO
CONVALESCENÇAS LENTAS
VOMITOS, ETC.

Paris, 6, Avenue Victoria, 6, Paris

A venda em todas as principaes Pharmacias.



A

PHOSPHATINA FALIÈRES

Constitue um alimento completo de sabor agradadel e de facil digestão.

O seu emprego é precioso para as crianças, sobretudo na occasião de desmamal-as.

Facilita a dentição, assegura a bóa formação dos ossos, evita ou faz cessar todos os vicios de crescimento.

Pariz, Avenue Victoria, 6

PRODUCTOS DE ACIDO PHENICO
DO Dor DÉCLAT

O **Glyco-phenico Déclat** é uma mistura de acido phenico **puro,** de glycerina e agua distillada. E muito empregado no curativo das feridas, das queimaduras, arranhaduras, etc. Quando grassa qualquer epidemia, emprega-se' o espalhando-se' o no soalho dos quartos, ou vaporisando-o no quarto dos doentes.

Nas molestias da garganta, gargareja-se com o glyco-phenico na dóse de uma colher, das de chá, para um quarto de copo d'agua. Faz-se tambem com elle, pulverizações nos anthrazes e nos furunculos, etc. Emfim serve para as lavagens quotidianas do rosto, dos dentes, da bocca, etc.

Xarope d'acido phenico Déclat. — Xarope completamente branco, contém 0,10 centigrammas de acido phenico puro, por cada colher *de sopa.*

Prescripto especialmente contra as *molestias das mucosas*, dos *bronchios*, a *tosse*, a *bronchite*, etc.

Xarope sulfo-phenico Déclat; contra a *Tosse chronica*, *molestias da pelle*, *catarrhos.* Poderoso depurativo.

Xarope iodo-phenico Déclat. — *Lymphatismo*, *tuberculose*, *escrophulas*, *tumores*, *syphilis*, etc.

Xarope Phenato de ammoniaco Déclat. — Denominado *Xarope anti-epidemico. Febres* em geral. *Variola*, *cholera*, *coqueluche*, *crup*, *febre typhoide* e *febre amarella.*

Soluções d'estes diversos productos dosadas mathematicamente, para injecções hypodermicas.

Pheno-ferro Déclat. — *Anemia*, *chlorose*, *debilidade*, etc.

DEPOSITO GERAL DOS PRODUCTOS DO Dor DÉCLAT : **6, Avenue Victoria, Pariz.**

Pó toni-digestivo de Royer

DE PEPSINA, PANCREATINA E SUB-CARBONATO DE BISMUTHO

O pó toni-digestivo corresponde á digestão de todos os alimentos que entram no corpo humano (**materias graxas** e **materias feculentas, carnes**).

O medicamentó de alto valor therapeutico contra as **doenças do estomago, as digestões difficeis, as gastrites, as gastralgias, as dyspepsias.**

O snr Royer adoptou a forma de pó por ser ella a que melhor se conserva em todos os climas c principalmente porque : **são os medicamentos preparados sob a forma de pó fino que melhor convem nas molestias gastro-intestinaes** (Dor Reynaud). *Veja-se Vol. II, pag. 1013.*

Hemorrhoidas, Fistulas e Fissuras

DO ANUS

Pomada e Suppositorios ROYER de extracto de millefolio

(EXTRACTO ACHILLÆ)

Por meio da pomada e dos suppositorios de Royer conseguc-se hoje em dia curar as hemorrhoidas, as fisuras, as fistulas e em geral as affecções do anus e do recto sem que o doente se exponha aos soffrimentos que cocasionavam os antigos tratamentos. (*Veja-se Vol. II, pag. 128.*)

Confeitos vermifugos de Royer

Estes confeitos tão preconizados pelos medicos actua infallivelmente, o seu gosto é assaz agradavel, as crianças os chupam sem a menor repugnancia, e até por gosto.

Se bem que preparados para as crianças não obstante servem para os adultos, basta somente augmentar a dóse.

Tem elles a vantagam sobre os outros vermifugos por não ser preciso tomar nenhum purgante, visto que são elles vermifugos e purgativos, podendo serem administrados contra a prisão do ventre que quasi sempre é uma das causas das convulsões das crianças.

Administram-se estes confeitos em jejum, durante tres dias seguidos : 1 confeito para as crianças de meuos de 2 annos de idade; 2 confeitos para as de menos de 5 annos de idade; 4, para as de 6 a t0 annos dc idade; 5, para as de 10 a t5 annos de idade; 6, para os adultos.

COLLARES ROYER

Electro - magneticos, ditos collares anodydos de dentição, preservativos contra as

CONVULSÕES

E PARA FACILITAR A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

As convulsões nas crianças parecem que provém de alguma desigualdade tanto no desenvolvimento do systema nervoso como nos outros systemas, e isto faz cessar a harmonia que deve existir entre todos estes actos e impede que sejam continuos. O susto, a colera, a coçega, o ar muito quente ou muito frio, as digestões difficeis, os vermes, as dores de dentes, são causas determinantes de onde provem as convulsões. As convulsões se declaram principalmente quando os primeiros maxillares começam a sahir. Segundo Hippocrates os signaes precursores são os seguintes : Febre, insomnia, medo, pelle secca, prisão do ventre, as crianças gritam, choram muito, e mudam continuadamente de côr. As convulsões estão prestes a se declararem, se sobrevem, o ranger dos dentes e um tremor dos labios; estes accidentes são mais frequentes no verão. Em duas palavras indicaremos os meios mais rapidos que empregam os medicos, logo que apparecem estes accessos. Banhos, purgantes vermifugos, antispasmodicos, sinapismos nas barrigas das pernas e sobretudo a mudança de regimen, o exercicio e os passeios ao ar livre, etc., etc.

Os collares Royer anti-convulsivos e de dentição já fizeram suas provas; mais de vinte annos de melhor successo o collocaram á frente dos meios empregados para preservar c facilitar o trabalho da dentição.

Segundo a opinião da maior parte dos medicos que teem mandado applical-os, os *Collares Royer* offerecem o meio o mais certo e o mais simples de evitar as convulsões, de facilitar a dentição e de conservar os olhos das crianças no seu estado natural, vantagem immensa sobre todos os meios empregados até hoje. Está provado que a sahida constante do fluido electrico que envolve continuadamente as partes doridas da criança pro luzindo-se sem abalo e de vagar, uma modificação salutar, o trabalho da primeira dentição se faz mais facilmente e evitam-se por isto mesmo as convulsões.

Quanto á dentição, o melhor meio de facilital-a, é de atar no pescoço da criança o Collar Royer; a influencia electrica, lenta mas coutinua que possue este collar, modifica pouco a pouco, sem abalo, as partes doridas, e produz effeitos curativos proporcionados á quantidade limitada de electricidade assim gerada, então a salivação se effectuará mais facilmente, as comichões diminuirão insensivelmente, os espirros serão menos frequentes, e ver-se-ha pela descoloração das faces da criança, que desappareceram os perigos d'esta primeira crise.

TODOS ESTES PRODUCTOS PREPARAM-SE E VENDEM-SE POR ATACADO NA PHARMACIA

de ROYER, A. DUPUY, Successor

225, rua ~~de Faubourg~~ Saint-Martin, 225

PARIZ

PASTILHAS HOUDÉ

DE CHLORYDRATO DE COCAÏNA

Graças a Anesthesia local e facultativa que produzem estas **Pastilhas** alliviam immediatamente e acalmam qualquer dôr nas **Molestias da Garganta;** são uteis contra a **Rouquidão, Aphonia, Laryngite, Pharyngite, Angina, os accessos d'Asthma e o Enjôo.**

O seu uzo faz desapparecer a **Cocega, as picadas** e mais **irritações,** ao mesmo tempo que tonifica as cordas vocaes; são muito uteis para combater as **Molestias do esophago** e do estomago, e facilitam a deglutição.

Cada pastilha encerra 2 milligrammas de Chlorhydrato de Cocaïna.

A dose é de 6 a 8 pastilhas por dia, segundo a idade do doente; basta deixal-as derreter na bocca e tomal-as uma depois de outra, pelo menos uma hora antes de cada refeição.

ELIXIR HOUDÉ

DE CHLORYDRATO DE COCAÏNA

As propriedades anesthesicas que possue este **Elixir** torna-o um poderoso sedativo das nevroses do estomago: alem disto restaurando as forças esgotadas abrevia as convalescenças. E'recommendado para combater as **Gastrites, Gastralgias, Dyspepsias,** os **Vomitos incoerciveis** bem como qualquer perturbação digestiva; acalma igualmente as dôres de estomago procedentes de ulcerações ou affecções cancerosas.

20 *grammas de Elixir conteem* 10 *milligrammas de principio activo.*

Dóse : Um calice de licor depois de cada refeição e na occasião das crises.

XAROPE DE DENTIÇÃO DE HOUDÉ

DE CHLORYDRATO DE COCAÏNA

O **XAROPE de DENTIÇÃO de HOUDÉ** exerce uma ligeira anesthesia sobre **as mucosas da bocca** e das gengivas, sem que se tenha que receiar accidentes; acalma **as dôres da dentição** das crianças e diminue o **prurido dentario** causa principal da comichão, em summa facilita a **sahida dos dentes.**

MODO DE USAR. — Friccione-se as gengivas, pela manhã e á noite, sobretudo na occasião das crises.

CAPSULAS E XAROPE DE HOUDÉ

DE SULFATO DE ESPARTEÏNA

A experimentação physiologica e a observação clinica estão de accordo para demonstrarem que o sulfato de **Esparteïna** exerce uma acção predominante e electiva sobre o coração, cuja energia, duração e persistencia das contracções augmenta, ao mesmo tempo que regularisa o rythmo cardiaco perturbado.

As **CAPSULAS** e o **XAROPE de HOUDÉ** de **Sulfato de Esparteïna** são pois indicados todas as vezes que o myocardio estiver enfraquecido, que o pulso fôr irregular, intermittente, arythmico nos **Ataques de Asystolia,** na **Asthenia Cardiaca, Dyspnéa do Coração** e **Pericardite.**

Nos casos de **Cardiopathia** com **Hydropisia,** associa-se estes preparados á infusão de flores de giesteira como **diuretico.**

DOSAGEM. *As capsulas Houdé de Sulfato de Esparteïna encerra* cada uma *exactamente* 0,02 *centigr. de sal.*

Cada 20 gr. *De Xarope Houdé de Sulfato de Esparteina encerra* 0,04 *centigr. de sal.*

MODO DE USAR. — A dóse quotidiana deste medicamento varia entre 5 e 25 centigrammas.

A GOTA E OS

GRANULOS DE COLCHICINA HOUDÉ

Os dados experimentaes de muitos ensaios clinicos, permittem certa systematização racional concernente ao emprego da **COLCHICINA** na **AFFECÇAO GOTOSA.** e seo modo de acção, o qual teria por base o esfforço eliminatorio gastro intestinal, combinado com a acção vaso-motora localizada.

Os **GRANULOS DE COLCHICINA HOUDÉ** provocam desde as primeiras evacuações, um relaxamento absoluto do **Accesso gotoso** e das dôres agudas que elle occasiona : no ponto de vista therapeutico, estes granulos constituem um medicamento curativo e principalmente preventivo da **Gota.**

MANEIRA DE EMPREGAR. — 1.º **SE A GOTA ESTIVER DECLARADA :** toma-se no 1.º dia, 4 granulos. 1 de 1/4 em 1/4 de hora; no 2.º dia, 3 granulos; no 3.º dia, 2 granulos; no 4.º dia 1 granulo; espera-se 6 a 8 dias. 2.º **No caso preventivo** :logo que se declaram os prodromos : toma-se no 1.º dia, 3 granulos, 1 de hora em hora; no 2.º dia, 2 granulos; no 3.º dia, 1 granulo.

DOSAGEM. — Cada granulo é dosado mathematicamente a 1 milligramma de Colchicina crystallizada.

Deposito Geral : A. HOUDÉ, Pharmaceutico
LAUREADO DA ACADEMIA DE MEDICINA (PREMIO ORFILA)
PARIZ, rua do Faubourg Saint-Denis, 42 — E principaes pharmacias

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).